Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Nuno Tiago Correia de Oliveira

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Volume I)

setembro de 2024

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Volume I)

Nuno Tiago Correia de Oliveira

UMinho | 2024

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Nuno Tiago Correia de Oliveira

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Volume I)

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Arqueologia
Especialidade em Materiais e Tecnologias

Trabalho efetuado sob a orientação das
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt
Professora Doutora Ana Margarida Arruda

setembro de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-Não Comercial- Sem Derivações
CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

AGRADECIMENTOS

O caminho, ao longo dos últimos cinco anos, não foi percorrido sem obstáculos, contratempos e desafios, os quais foram acompanhados por vários momentos de surpresa e novidade. Além disso, considera-se a escrita da tese como uma fase de introspeção e de alguma solidão. Assim foi em alguns momentos, porém, o trabalho que agora se apresenta é, também, fruto de múltiplos contactos, discussão e contínua aprendizagem.

Devo, em primeiro lugar, agradecer à Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt, o apoio, as inestimáveis horas de trabalho, os conselhos, a rapidez e forma pronta nas correções e sugestões que foi fazendo, acompanhado praticamente todos os passos deste trabalho, tornando-o mais sólido e competente. Agradeço-lhe, também, o facto de me ter tornado um investigador mais atento, mais sereno e introspetivo no que às questões interpretativas diz respeito.

Em segundo lugar, agradeço a coorientação deste trabalho à Professora Doutora Ana Margarida Arruda, na qual encontrei um apoio incondicional durante todo o trajeto aqui percorrido. Lembro o apoio compreensivo e atento às minhas dificuldades iniciais na classificação de alguns tipos de materiais que aqui ficam publicados.

Porque sem dados não há conhecimento, foram muitos os arqueólogos que cederam os materiais das suas escavações para que este estudo se concretizasse, possibilitando que este trabalho apresentasse um número significativo de informação inédita. A todos o meu muito obrigado.

Começo por destacar, a empresa ERA Arqueologia S.A., nas pessoas dos Doutores Carlos Valera e José Carvalho e do Dr. Rui Pinheiro que me possibilitaram estudar os materiais arqueológicos das escavações do povoado de S. João. O estudo deste povoado, com metodologias atuais, à foz do Ave, embora não previsto inicialmente neste trabalho, tornou-se muito importante ao permitir perspetivar a dinâmica de ocupação e os materiais existentes nesta região, durante a proto-história.

Ainda no âmbito empresarial refiro a cedência dos materiais arqueológicos de produção local, do povoado de Terronha, escavado pelo Doutor Francisco Reimão Queiroga, então gerente da Empresa *Perennia Monumenta, Serviços Técnicos de Arqueologia Lda.*

Estes dois casos foram um verdadeiro exemplo daquilo que pode ser a ligação entre o mundo da arqueologia empresarial e a investigação produzida em contexto académico.

Neste processo, refiro, também, a Câmara Municipal de Vila do Conde, na pessoa da ex-presidente da autarquia, a Dra. Elisa Ferraz, bem como o Dr. Paulo Costa Pinto, pela cedência dos materiais arqueológicos e documentais relativas ao povoado de S. Paio. O papel do Dr. Pedro Brochado e da Dra. Ana Valentim, do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde, onde o espólio se encontrava, foi também determinante para o sucesso desta tarefa. Sem o contributo destes sítio arqueológicos, este trabalho teria ficado mais pobre.

Destaco, ainda, a cedência de dados por parte da responsável pelas escavações do povoado de Santa Luzia (Citânia), entre 2002 e 2006, a Dra. Sílvia Mendes, a quem agradeço a ajuda na compreensão da realidade arqueológica daquele sítio. Trata-se de um povoado sob a tutela da ex-Direcção Regional da Cultura Norte (DRCN), instituição que concedeu todas as facilidades no acesso e estudo do espólio das referidas escavações arqueológicas. Importantes neste processo foram o Dr. António Ponte, Dra. Anabela Lebre, Dr. Paulo Magalhães e Dra. Margarida Moreira.

Os objetivos deste projeto obrigaram a conhecer coleções arqueológicas encerradas nas reservas de muitos museus e instituições públicas de Portugal. Sem a boa vontade dos responsáveis e técnicos destas instituições este trabalho teria sido muito mais difícil, pelo que fico profundamente grato pela ajuda que sempre encontrei.

Começo por agradecer a toda a equipa do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, em especial à ex-diretora, a Dra. Isabel Silva, que me forneceu uma sala de trabalho e facilidades no acesso ao equipamento do laboratório desta instituição para que pudesse realizar os meus estudos; à Clara Lobo, agradeço toda a ajuda na pesquisa e colagem dos artefactos cerâmicos e pelas longuíssimas conversas de incentivo; à minha amiga Amélia Marques, pelo companheirismo e ajuda na elaboração dos muitos desenhos que se encontram neste estudo; ao "mestre" Dr. Vítor Hugo Torres, agradeço a amizade e toda a ajuda que me deu ao longo destes anos, na consolidação e colagem de objetos cerâmicos e metálicos e na extração e preparação de amostras para as mais diversas análises e no apoio na conservação e restauro dos materiais metálicos de Santa Luzia; à Dra. Isabel Marques, agradeço os trabalhos de conservação e restauro de algumas peças metálicas e cerâmicas; à Doutora Daniela Cardoso, alguns trabalhos de conservação e restauro, bem como os seus conselhos sobre vários aspetos da ciência arqueológica e sobre o contributo da arte rupestre para o estudo da paisagem do norte de Portugal e, por fim, à Dra.

Alexandra Lima, agradeço as palavras de encorajamento. Espero um dia poder retribuir tudo o que aprendi nesta centenária instituição.

Nesse contexto, um agradecimento especial a todos os funcionários do Museu de Caminha, em especial ao Dr. Sérgio Cadilha e ao arqueólogo Nuno Malheiro, pela amizade, confiança e ajuda na revisão dos materiais arqueológicos do Coto da Pena.

Ao Sr. Joaquim Oliveira, responsável pelo Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA) agradeço todas as facilidades concedidas do estudo dos materiais em depósito nessa instituição, nomeadamente os provenientes das escavações do povoado de Santo António. Ao Doutor Horácio Faria, ex-presidente do NAIAA, agradecemos a cedência de imagens pessoais das escavações de Santo António, e Terronha, a par de outras informações arqueológicas daquele local.

Agradeço, ainda, à Câmara de Municipal de Viana do Castelo, nas pessoas da Dra. Salomé Abreu (a Chefe da Divisão da Cultura) e ao Dr. Ricardo Rodrigues, o acesso aos materiais arqueológicos de vários sítios do Noroeste de Portugal, em depósito no Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, bem como todas as facilidades concedidas neste estudo. O nosso agradecimento estende-se ao Dr. Miguel Costa, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo, e ao Dr. Hugo Lopes, da Casa dos Nichos, o apoio prestado relativamente a espólio arqueológico depositado naquelas instituições e proveniente do concelho de Viana do Castelo.

Ao Presidente da Junta de Freguesia de Castelo do Neiva, o Dr. Paulo Torres, agradeço o acesso aos materiais da reserva e das vitrines do núcleo museológico de Castelo de Neiva, onde se encontram os materiais do povoado de Moldes.

Um agradecimento especial ao Gabinete de Arqueologia da Câmara de Barcelos, na pessoa do Mestre Cláudio Brochado, pelo acesso ao espólio cerâmico das antigas escavações do Castro/Castelo de Faria. Agradecemos, neste contexto, a preciosa ajuda oferecida pela Professora Doutora Teresa Soeiro, na contextualização de alguns materiais e na cedência de alguma documentação gráfica que contribuiu para o estudo deste povoado. Agradeço, ainda, à diretora do Museu da Olaria, a Dra. Cláudia Milhazes, por ceder um espaço do museu para a realização dos nossos estudos.

Os agradecimentos estendem-se também ao Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, em especial ao Dr. José Flores e à Dra. Deolinda Carneiro pela partilha de dados e autorização para rever os materiais das escavações antigas do povoado de Terroso e os

seus dados das escavações de 1989 e 1990. Agradeço, ainda, a possibilidade de estudar os materiais inéditos do povoado de S. Félix, aí depositados.

Os agradecimentos estendem-se ao Museu de História Natural da Universidade do Porto, nas pessoas do diretor, Dr. Nuno Ferrand de Almeida e da Dra. Rita Gaspar, curadora das coleções de arqueologia do referido museu, no apoio ao estudo de espólio de variados sítios arqueológicos, existente nas reservas.

Um agradecimento, também, ao Dr. Marco Penajoia, do Museu Municipal da Figueira da Foz, pela autorização para observarmos o espólio de povoados da Idade do Ferro do norte de Portugal, ali existente.

Em Lisboa foi realizada investigação em várias instituições museológicas. Devemos começar pelo Museu Nacional de Arqueologia, agradecendo à pessoa do seu Diretor, o Dr. António Carvalho, e às técnicas Dras. Patrícia Baptista, Raquel Lázaro, Luísa Guerreiro e Mafalda Simões por todo o apoio no estudo de algum espólio depositado nas "infinitas" reservas desta instituição.

Um outro museu onde realizámos investigação foi o Museu Geológico de Lisboa. Agradecemos ao seu Diretor, o Eng. Rubén Dias, e em especial ao Eng. José António Anacleto, a disponibilização do espólio arqueológico de várias estações arqueológicas do norte de Portugal, em particular, o da Cova da Moura (Carreço). Neste âmbito, o nosso obrigado à Doutora Elín Figueiredo, pelas análises realizadas, no LNEG, a alguns artefactos metálicos deste sítio; à Maria Helena Gomes, Mestre em Evolução e Biologia Humanas, a crivagem e análise microscópica dos sedimentos da Cova da Moura para identificação de restos humanos e à Doutora Cláudia Costa, do ICArEHB, o estudo dos ossos de animais.

Os nossos agradecimentos dirigem-se, também, ao Diretor do Museu do Carmo, na pessoa do Dr. José Arnauld, e à Dra. Célia Pereira pela autorização para fotografar algum espólio e, pela tentativa, de localização de material arqueológico de estações do norte de Portugal, nas reservas do museu.

Parte deste trabalho foi realizado durante a pandemia, tendo efetuado vários pedidos de digitalização de bibliografia a diversas bibliotecas. Fui sempre prontamente atendido. Assim, agradeço à Laura Gil, da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a rápida resposta aos diversos pedidos de requisição de livros e de artigos científicos. Agradeço, também, a amabilidade dos técnicos administrativos que me atenderam na seção reservada da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, onde recolhi muita informação e bibliografia importante para o

desenvolvimento deste trabalho. Agradeço ainda a disponibilidade e resposta pronta dos funcionários da Biblioteca Pública de Braga onde passei algumas horas em recolha de bibliografia.

Não posso deixar de agradecer ao Laboratório de Paisagem, Património e Território (Lab2PT), na pessoa da Doutora Alexandra Esteves, toda a ajuda institucional, nomeadamente os subsídios que esta Unidade de Investigação foi concedendo para missões e aquisições de serviço, imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho. Nesta instituição agradeço, ainda, o apoio da Mestre Carla Xavier na pronta resolução de todas as questões burocráticas.

Agradeço, também, o contributo de três empresas na realização das datações de radiocarbono: a *Beta Analytic,* o *ICA* (International Chemical Analysis Inc.) e o *Vilnius Radiocarbon*. Um agradecimento especial à Carolina de Góes, da *Beta Analytic* e ao Dr. Julius Pauzolis, do *Vilnius Radiocarbon* por toda a paciência e forma amável e profissional com que me trataram ao longo de todo este processo. As datações radiocarbónicas agora publicadas foram fundamentais e ajudaram a fortalecer e afinar, cronologicamente, algumas ocupações de alguns povoados e sítios considerados.

Um agradecimento especial ao Doutor Jorge Ribeiro, investigador do Lab2PT, pelos rápidos esclarecimentos sobre materiais de cronologia romana e a cedência de alguma bibliografia; à Doutora Fernanda Magalhães, do Departamento de História da Universidade do Minho, por algumas informações acerca de povoados fortificados do vale do Lima e pela ajuda da análise de algumas fotografias aéreas, efetuadas pela RAF (*Royal Air Force*), nos anos 40 do séc. XX; ao Doutor Luís Gonçalves, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, a ajuda na classificação litológica de muitos artefactos líticos apresentados neste trabalho; ao Doutor Renato Henriques, também, do Departamento de Ciências da Terra, da Universidade do Minho e ao Luciano Vilas-Boas, a ajuda na inventariação, limpeza e interpretação do monumento da Cova da Moura, em Carreço, numa viagem de campo que nunca esquecerei.

Um agradecimento, também, à Doutora Ana Maria Silva, da Universidade de Coimbra, pela análise dos restos humanos de S. João e ao Doutor Amílcar Guerra, da Universidade de Lisboa, a pronta resposta a algumas dúvidas sobre grafitos.

Os meus agradecimentos estendem-se, além-fronteiras. Neste caso à Professora Doutora Josefa Rey Castiñeira, da Universidade de Santiago de Compostela, e à Doutora Cristina Seoane Novo, pela ajuda inicial na identificação de materiais cerâmicos muito típicos na área galega. Com a vossa preciosa ajuda e pelas sugestões e questões levantadas foi possível notar um fenómeno

há muito por explicar e equacionar algumas hipóteses importantes no decorrer desta tese. Para estas verdadeiras *compañeiras de traballo*, muito obrigado por me contagiarem com o vosso saber.

Pela ajuda no tratamento gráfico de vários desenhos agradeço a José Silva e a Telma Leandra. A ti Telma obrigado por emprestares o teu talento a este trabalho e obrigado pelas horas de dedicação e esforço, no que ao desenho técnico e ilustração diz respeito.

Um agradecimento especial ao Presidente da Junta de Freguesia de Carreço, o Dr. João Nuno Pinho, que me indicou o local de implantação do arqueossítio da Cova da Moura, e que me acompanhou numa das visitas ao local, com disponibilidade e entusiasmo e ao Bruno Lopes, habitante de Vila Chã, em Vila do Conde que, numa tarde de outubro, nos mostrou algumas pias salineiras das praias de Angeiras e de Vila Chã. Agradeço-lhe, ainda, a explicação pormenorizada dos fachos (pontos de iluminação que auxiliavam a navegação junto à costa) que me proporcionou uma nova compreensão e me deu novas ideias sobre a importância da topografia na navegação de cabotagem.

Ao Ricardo Oliveira, agradeço a longa amizade e a extraordinária paciência pela forma como implementou a base de dados cartográfica para a produção das dezenas de mapas que compõem este trabalho. Espero poder retribuir um dia todo o seu contributo para este estudo.

Aos vários colegas e amigos, como ao Arnaldo Teixeira, a Sofia Eiras, o Diogo Marinho (a quem agradeço os modelos em 3D de algumas peças) e aos amigos, ainda da licenciatura, o José Moreira, o Belo Marques e o Saúl Sendas, agradece-vos a força que me deram neste caminho e a paciência para me ouvirem. Agradeço o ânimo transmitido pelo Ruben Pinheiro e pelo Daniel Silva e aos múltiplos alunos da licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho, a quem tive a oportunidade de transmitir os meus conhecimentos e que, em várias ocasiões, através das suas dúvidas, me possibilitaram aprender mais (obrigado por me ajudarem mais do que julgam).

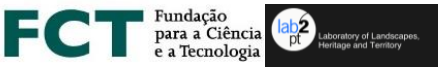
A TODOS com quem me cruzei e cujos nomes se perdem na memória, agradeço, pois, de uma forma ou de outra, encontram-se nas páginas deste trabalho, mesmo que não imaginem o quanto me foram influenciando nos últimos anos.

Agradeço a todos, a força e o ânimo transmitido neste longo percurso, na certeza, porém, que este trabalho não termina nestas páginas e o que melhor ainda está para vir.

Finalmente, agradeço aos meus pais e à minha madrinha o facto de tornarem mais fácil este caminho, com o vosso amor incomensurável, e por estarem sempre presentes a cada passo que dou. Por fim, a ti Raquel por seres a pessoa mais importante da minha vida, cuja paciência

infinita e amor terno tornou tudo isto possível. Agradece-vos, ainda, a ajuda na revisão de texto. Sem vós, nada do que fica escrito, teria valido a pena.

Este trabalho foi financiado pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT, IP), através da concessão de uma bolsa para investigação. Sem este apoio financeiro este estudo não teria sido realizado. A bolsa atribuída foi financiada por verbas do Orçamento de Estado do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e por verbas do Fundo Social Europeu, disponibilizadas ao abrigo do PORTUGAL2020 que enquadrou os apoios estruturais da União Europeia para o período 2014 a 2020, através, nomeadamente, do Programa Operacional do Capital Humano (PO CH), cofinanciado pelos programas NORTE2020 e Portugal2020, de acordo com as disposições regulamentares fixadas para o efeito.







DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

A Idade do Ferro do Litoral Norte de Portugal, entre as bacias dos Rios Minho e Ave. Materialidades, Intercâmbio e Traços de Identidade

Este estudo teve como principal objetivo contribuir para o conhecimento de aspetos materiais, tecnológicos e económicos das populações costeiras e estuarinas que viveram no Noroeste português, durante o I° milénio a.C. Para tal foi efetuada uma análise exaustiva de milhares de fragmentos cerâmicos, entre outros materiais, provenientes de escavações arqueológicas antigas e recentes. Os resultados possibilitaram traçar um novo quadro cronológico-cultural para o litoral, entre os rios Minho e o Onda, e revelaram uma distribuição do povoados que parece refletir interações complexas, influenciadas pela exploração de recursos vários e pela gestão da circulação de pessoas e bens, ao longo dos estuários e da costa. Durante o Bronze Final, foram registadas ocupações em 15 povoados e um contexto sepulcral. Nestes predominou a cerâmica local, mas verificou-se a introdução de novas formas (panela de asa interior), de louça "fina" e de materiais exógenos ou de influência forânea (ornatos brunidos e machados de apêndices) que sugerem contatos irregulares com o sul peninsular e com pouco impacto a nível estrutural e que se verificavam nos estuários. Tal indicia uma economia de oferta, perpetrada pelos fenícios, em viagens, ainda, de reconhecimento. No Ferro Antigo, observaram-se mudanças na distribuição geográfica dos povoados, pouco significativas, mantendo-se ativos muitos povoados anteriores. Na cerâmica local alterou-se o tipo de pasta e absorvem-se influências externas, seletivamente, como a decoração estampilhada, a adoção de engobes e alguns motivos figurativos. Regista-se uma maior presença de materiais exógenos (cerâmicas gregas e púnicas, contas de colar vítreas) e a introdução de novas imagéticas (suásticas, na arte rupestre e bétilos). As populações dos estuários continuam a desempenhar papel importante nas interações, que se verificariam em diferentes povoados e não na lógica da *port-of-trade*. No Ferro Recente, houve um aumento significativo de povoados. Em termos materiais identificaram-se duas grandes áreas oleiras: uma setentrional e outra meridional que parecem assumir carácter identitário. O intercâmbio local e regional está bem patente, bem como o suprarregional, agora mais intenso e com novos agentes - os romanos. Tal resulta numa maior presença de materiais importados e na "democratização" do consumo de determinados produtos alimentares (vinho e derivados, preparados piscícolas, azeite entre outros). Não se confirma o modelo de *port-of-trade* no quadro das interações entre indígenas e "mercadores", sendo nos estuários que estes contactos se verificam preferencialmente.

Palavras-Chave: litoral norte de Portugal, 1° milénio a.C., materiais, tecnologias, intercâmbios.

ABSTRACT

The Iron Age of the Northern Coastal Region of Portugal, between the Minho and Ave River Basins: Materialities, Exchange, and Traces of Identity.

The main aim of this study was to contribute to the knowledge of the material, technological and economic aspects of the coastal and estuarine populations that lived in north-west Portugal during the 1st millennium BC. To this purpose, an exhaustive analysis was carried out of thousands of ceramic fragments, among other materials, from ancient and recent archaeological excavations. The results made it possible to draw up a new chronological-cultural picture for the coast between the Minho and Onda rivers, and revealed a distribution of settlements that seems to reflect complex interactions, influenced by the exploitation of various resources and the management of the movement of people and goods along the estuaries and the coast. During the Late Bronze Age, occupations were recorded in 15 settlements and a burial context. Local ceramics predominated, but there was the introduction of new forms (pots with inner handles), "fine" ware and exogenous or foreign-influenced materials (burnished ornaments and axes with handles) which suggest irregular contacts with the south of the Peninsula with little structural impact, and which took place in the estuaries. This indicates an economy of gift, perpetrated by the Phoenicians on voyages of reconnaissance. In Early Iron Age, there were some changes in the geographical distribution of settlements, which were not very significant, with many settlements from the previous period remaining active. Local ceramics change the type of paste and selectively absorb some external influences, such as stamped decoration, the adoption of engobes and some figurative motifs. There is a greater presence of exogenous materials (Greek and Punic ceramics, glass necklace beads) and the introduction of new imagery (swastikas with straight arms, in rock art, and a betyl). The populations of the estuaries continued to play an important role in the interactions, which took place in different settlements and not in the logic of the *port-of-trade*. In Late Iron Age, there was a significant increase in settlements. In material terms, two major pottery areas were identified: one in the north and the other in the south, which seem to have an identity. Local and regional exchange is evident, as well as supraregional exchange, now more intense and with new agents - the Romans. This results in a greater presence of imported materials and the "democratisation" of the consumption of certain food products (wine, *garum*, olive oil, among others). The *port-of-trade* model is not confirmed in the context of interactions between indigenous people and "merchants", and it is in the estuaries that these contacts preferentially took place.

Key words: north coast of Portugal, 1st millennium BC, materials, technologies, exchanges.

ÍNDICE

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS ii
AGRADECIMENTOS iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE x
RESUMO xi
ABSTRACT xii
ÍNDICE xiii
ÍNDICE DE FIGURAS – VOLUME I xxiv
ÍNDICE DE TABELAS – VOLUME I xxxi
ÍNDICE DE FIGURAS – VOLUME II (Anexo I) xxxii
ÍNDICE DE TABELAS – VOLUME II (Anexo I) xli
ÍNDICE DE FIGURAS – VOLUME III (Anexo II) xlii
ÍNDICE DE TABELAS – VOLUME III (Anexo II) lvii
Lista de abreviaturas e siglas lxii
Introdução 63
PARTE I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS 65
1. Introdução 66
2. História das Investigações 66
2.1. A Idade do Ferro no Noroeste português 66
2.1.1. Primórdios 66
2.1.2. Paradigma Histórico-Culturalista 68
2.1.3. Paradigma Processualista 71
2.1.4. Paradigmas pós-processualistas 94
2.2. A Idade do Ferro entre os vales dos rios Minho e Ave 112
3. Objetivos 116
PARTE II – METODOLOGIA 118
1. Introdução 119
2. Corpo teórico 119
2.1 Breves considerações 119
3. Etapas práticas de trabalho 128
3.1. Trabalho inicial de gabinete 128
3.2. Trabalho de laboratório 129
3.3. Trabalho de campo 134
3.4 Trabalho avançado de gabinete 134

PARTE III – ÁREA GEOGRÁFICA EM ESTUDO: O LITORAL ENTRE OS RIOS MINHO E AVE 137
1. Caracterização genérica 138
2. Caracterização da área de estudo por bacias fluviais e ribeiras litorais 144
2.1 Bacia hidrográfica do rio Minho 144
2.1.1. Hidrografia 144
2.1.2. Subsolo 145
2.1.3. Geomorfologia 146
2.1.4. Litoral 146
2.2. Bacia hidrográfica do rio Lima 147
2.2.1. Hidrografia 147
2.2.2. Subsolo 147
2.2.3. Geomorfologia 149
2.2.4. Litoral 149
2.3. Bacia hidrográfica do rio Neiva 150
2.3.1. Hidrografia 150
2.3.2. Subsolo 150
2.3.3. Geomorfologia 151
2.3.4. Litoral 152
2.4. Bacia hidrográfica do rio Cávado 152
2.4.1 Hidrologia 152
2.4.2. Subsolo 152
2.4.3. Geomorfologia 154
2.4.4. Litoral 155
2.5. Bacia hidrográfica do rio Ave 156
2.5.1. Hidrografia 156
2.5.2. Subsolo 156
2.5.3. Geomorfologia 158
2.5.4. Litoral 159
3. Evolução do litoral do Noroeste português 159
PARTE IV – CRONOLOGIA, POVOAMENTO E INTERCÂMBIO ENTRE O BRONZE FINAL E O FERRO RECENTE DA FACHADA LITORAL DE ENTRE OS RIOS MINHO E AVE ... 162
Introdução 163
1. O QUADRO CRONOLÓGICO E CULTURAL 163
2. ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO, MATERIAIS E INTERCÂMBIO 178
2.1. Introdução 178

2.2. ESTUÁRIO DO RIO MINHO 179
a) IDADE DO BRONZE FINAL 179
Caracterização da amostra 179
Distribuição geográfica e análise espacial dos povoados 179
Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação 181
Materiais cerâmicos locais e metálicos 183
Intercâmbio 184
Lógicas de povoamento 186
b) IDADE DO FERRO ANTIGO 186
Caracterização da amostra 186
Materiais cerâmicos locais, metálicos, líticos e vítreos 187
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 188
Lógicas de povoamento e interpretações 189
c) IDADE DO FERRO RECENTE 191
Caracterização da amostra 191
Distribuição geográfica e análise espacial 191
Materiais cerâmicos locais e metálicos 192
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 196
Lógicas de povoamento e interpretações 201
2.3. ESTUÁRIO DO RIO ÂNCORA 204
a) IDADE DO BRONZE FINAL 205
Caracterização da amostra 205
Distribuição geográfica e análise espacial 205
Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação 205
Materiais cerâmicos locais 206
Intercâmbio 207
Lógicas de povoamento e interpretações 207
b) IDADE DO FERRO ANTIGO 208
Caracterização da amostra 208
Materiais cerâmicos locais 208
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 208
Lógicas de povoamento e interpretações 210
c) IDADE DO FERRO RECENTE 210
Caracterização amostra 210
Distribuição geográfica e análise espacial 211
Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação 212

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos 212
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 216
Lógicas de povoamento e interpretações 218
2.4. INTERFLÚVIO ENTRE O ÂNCORA E O LIMA 218
a) IDADE DO BRONZE FINAL 219
Caracterização da amostra 219
Distribuição geográfica e análise espacial 219
Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação 220
Materiais cerâmicos locais e metálicos 223
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 225
Lógicas de povoamento e interpretações 226
b) IDADE DO FERRO ANTIGO 227
Caracterização da amostra 227
Intercâmbio 228
c) IDADE DO FERRO RECENTE 229
Caracterização da amostra 229
Distribuição geográfica e análise espacial 229
Articulação com recursos naturais 232
Materiais cerâmicos locais, metálicos, vítreos e líticos 234
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 241
Lógicas de povoamento e interpretações 242
2.5. ESTUÁRIO DO RIO LIMA 243
a) IDADE DO BRONZE FINAL 244
Caracterização da amostra 244
Distribuição geográfica e análise espacial dos povoados 244
Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação 245
Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos 247
Intercâmbio 249
Lugares simbólicos 250
Lógicas de povoamento e interpretações 251
b) IDADE DO FERRO ANTIGO 253
Caracterização da amostra 253
Distribuição geográfica e análise espacial 253
Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação 254
Materiais cerâmicos locais, metálicos, lenhosos e líticos 254
Intercâmbio 260

Lugares simbólicos 265
Lógica de povoamento e interpretações 267
c) IDADE DO FERRO RECENTE 268
Caracterização da amostra 268
Distribuição geográfica e análise espacial 269
Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação 270
Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos 272
Intercâmbio 280
Lógica de povoamento e interpretações 287
2.6. ESTUÁRIO DO RIO NEIVA 289
a) IDADE DO BRONZE FINAL 290
Caracterização da amostra 290
Distribuição geográfica e análise espacial 291
Articulação com recursos naturais e com as vias naturais de circulação 292
Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos 293
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 294
Lógica de povoamento e interpretações 295
b) IDADE DO FERRO ANTIGA 295
Caracterização da amostra 295
Distribuição geográfica e análise espacial 296
Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação 297
Materiais cerâmicos locais e metálicos 297
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 299
Lógica de povoamento e interpretações 300
c) IDADE DO FERRO RECENTE 301
Caracterização da amostra 301
Distribuição geográfica e análise espacial 301
Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos 302
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 306
Lógica de povoamento e interpretações 311
2.7. INTERFLÚVIO NEIVA-CÁVADO 312
a) IDADE DO BRONZE FINAL 313
Caracterização da amostra 313
Distribuição geográfica e análise espacial 313
Articulação com recursos naturais e com as vias naturais de circulação 313
Materiais cerâmicos locais e metálicos 314

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 314
Lógica de povoamento e interpretações 315
b) IDADE DO FERRO 316
2.8. ESTUÁRIO DO RIO CÁVADO 316
a) IDADE DO BRONZE FINAL 317
Caracterização da amostra 317
Distribuição geográfica e análise espacial 317
Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação 318
Materiais cerâmicos locais e metálicos 321
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 323
Lógicas de povoamento e interpretações 325
b) IDADE DO FERRO ANTIGO 326
Caracterização da amostra 326
Distribuição geográfica e análise espacial 327
Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação 329
Materiais cerâmicos locais e metálicos 330
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 334
Lógicas de povoamento e interpretações 337
c) IDADE DO FERRO RECENTE 339
Caracterização da amostra 339
Distribuição geográfica e análise espacial 340
Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação 343
Materiais cerâmicos locais, metálicos, vítreos e líticos 346
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 352
Lógicas de povoamento e interpretações 356
2.9. INTERFLÚVIO CÁVADO-AVE 356
a) IDADE DO BRONZE FINAL 358
b) IDADE DO FERRO ANTIGO 358
Caracterização da amostra 358
Distribuição geográfica e análise espacial 358
Articulação com os recursos naturais e com vias naturais de circulação 360
Materiais cerâmicos locais e metálicos 360
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 365
Lógicas de povoamento e interpretações 367
c) IDADE DO FERRO RECENTE 368
Materiais cerâmicos locais e metálicos 368

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 374
Lógicas de povoamento e interpretações 377
2.10. ESTUÁRIO DO AVE 378
a) IDADE DO BRONZE FINAL 378
Caracterização da amostra 378
Distribuição geográfica e análise espacial 379
Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação 381
Materiais cerâmicos e metais locais 383
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 384
Lógicas de povoamento e interpretações 385
b) IDADE DO FERRO ANTIGA 386
Caracterização da amostra 386
Materiais cerâmicos locais, metais e líticos 387
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 392
Lógicas de povoamento e interpretações 393
c) IDADE DO FERRO RECENTE 398
Caracterização da amostra 398
Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação 398
Materiais cerâmicos locais, metais e líticos 399
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 408
Lógicas de povoamento e interpretações 412
2.11. INTERFLÚVIO AVE-ONDA 412
Caracterização da amostra 413
Distribuição geográfica e análise espacial 413
Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação 414
a) IDADE DO BRONZE FINAL 415
Materiais cerâmicos locais e líticos 415
Aspetos funcionais e económicos 417
Lógicas de povoamento e interpretações 418
b) IDADE DO FERRO ANTIGO 419
Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos 419
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 426
Lógicas de povoamento e interpretações 428
c) IDADE DO FERRO RECENTE 428
Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos e vítreos 428
Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio) 432

Lógicas de povoamento e interpretações 433
3. MATERIAIS E INTERCÂMBIO ENTRE O ESTUÁRIO DO MINHO E O ESTUÁRIO DO AVE NA LONGA DIACRÓNICA 433
3.1 Introdução 433
3.2 Bronze Final 434
3.3. Ferro Antigo 447
3.3. Ferro Recente 465
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 514
BIBLIOGRAFIA 523
OS DADOS / BASE EMPÍRICA (Anexo I) 566
1. Introdução 567
2. INVENTÁRIO 567
2.1. Margem sul do estuário do Minho e plataforma litoral 568
2.1.1. Concelho de Caminha 568
2.2. Estuário do Âncora 582
2.2.1. Concelho de Caminha 582
2.3. Bacias hidrográficas de Âncora e Cabanas 590
2.3.1. Concelhos de Caminha e de Viana do Castelo 590
2.4. Bacia hidrográfica de Cabanas 595
2.4.1 Concelho de Viana do Castelo 595
2.5. Estuário do Lima e fachada litoral 603
2.6. Estuário do Neiva e litoral 628
2.6.1. Concelho de Esposende 631
2.7. Estuário do Cávado e área litoral 637
2.7.1. Concelho de Barcelos 641
2.7.2. Concelho de Póvoa de Varzim 644
2.8. Estuário do Ave e litoral 658
2.8.1. Concelho de Póvoa de Varzim 658
2.8.2. Concelho de Vila do Conde 659
3. REVISÕES DE COLEÇÕES ANTIGAS 670
3.1. Nota prévia 670
3.2. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE SANTO ANTÓNIO, VIANA DO CASTELO 671
3.2.1. Historial 671
3.2.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental 673
3.2.3. Contexto arqueológico 676
3.2.4. Escavações 677

3.2.5. Material cerâmico 679
3.2.6. Datações de radiocarbono 703
3.2.7. Cronologia e Fases de ocupação 703
3.2.8. Discussão dos resultados 705
3.3. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE MOLDES, VIANA DO CASTELO 714
3.3.1. Historial 714
3.3.2. Localização, contexto físico e ambiental 721
3.3.3. Contexto arqueológico 725
3.3.4. Escavações 726
3.3.5. Materiais 730
3.3.6. Cronologia e fases de ocupação 767
3.3.7. Área de implantação e organização interna 770
3.3.8. Discussão dos dados 770
3.4. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE BELINHO, ESPOSENDE 777
3.4.1. Historial 777
3.4.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental 778
3.4.3. Contexto arqueológico 779
3.4.4. Escavações 780
3.4.5. Materiais 782
3.4.6. Cronologias e fases de ocupação 792
3.4.7. Discussão dos dados 794
3.5. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE FARIA, BARCELOS 800
3.5.1. Historial 800
3.5.2. Localização, contexto físico e ambiental 803
3.5.3. Contexto arqueológico 806
3.5.4. Contexto do espólio estudado 807
3.5.5. Materiais de importação das escavações de Carlos A. Brochado de Almeida 836
3.5.6. Cronologia e fases de ocupação 843
3.5.7. Discussão dos dados 845
3.6. O MONUMENTO FUNERÁRIO DA COVA DA MOURA, VIANA DO CASTELO 854
3.6.1. Historial 854
3.6.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental 855
3.6.3. Contexto Arqueológico 857
3.6.4. Escavação 858
3.6.5. O montículo 861
3.6.6. Áreas de tumulação no interior do montículo 868

3.6.7. Estudo dos depósitos 873
3.6.8. Espólio cerâmico 874
3.6.9. Espólio lítico 880
Artefactos 880
3.6.10. Espólio metálico 897
3.6.11. Espólio vítreo (?) 900
3.6.12. Restos de fauna 901
3.6.13. Restos de carvões 904
3.6.14. Datações de radiocarbono 905
3.6.15. Discussão dos dados e interpretações 905
4. ESTUDOS MONOGRÁFICOS (Anexo II) 915
4.1. Nota prévia 915
4.2. POVOADO DE SANTA LUZIA, VIANA DO CASTELO 916
4.2.1. Historial 916
4.2.2. Descrição administrativa e localização física e ambiental 923
4.2.3. Contexto arqueológico 927
4.2.4. O povoado de Santa Luzia: estudo monográfico 929
4.2.5. Estruturas, estratigrafia e materiais resultantes de escavações antigas 930
4.2.6. Estruturas, estratigrafia e materiais resultantes das escavações de 2002 a 2006 965
4.2.7. Cronologia e fases de ocupação 1177
4.2.8. Discussão dos dados 1185
4.3. POVOADO DA TERRONHA, VIANA DO CASTELO 1194
4.3.1. Historial 1194
4.3.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental 1194
3.3.3. Contexto arqueológico 1196
4.3.4. Escavações 1199
4.3.5. Cronologia e fases de ocupação 1340
4.3.6. Discussão dos resultados e interpretações 1341
4.4. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE S. JOÃO, VILA DO CONDE 1358
4.4.1. Historial 1358
4.4.2. Localização administrativa, contexto físico e ambiental 1359
4.4.3. Contexto arqueológico 1362
4.4.4. Materiais cerâmicos sem contexto 1366
4.4.5. Escavações 1366
4.4.6. Discussão dos dados 1540
4.5. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE S. PAIO, VILA DO CONDE 1557

4.5.1. Historial 1557
4.5.2. Localização administrativa e contexto físico e ambiental 1559
4.5.3. Contexto arqueológico 1563
4.5.4. Escavações 1574
4.5.5. Datações por radiocarbono 1700
4.5.6. Cronologia e fases de ocupação 1701
4.5.7. Discussão dos dados 1704

ÍNDICE DE FIGURAS – VOLUME I

Fig. 1.1 Tabelas tipológicas das formas para a Fase I, II e III, na bacia superior do rio Coura (Silva, 2006, adaptado). 89
Fig. 1.2 Entrelaçamento (*Entanglement*) na produção de um recipiente cerâmico onde se mostram as relações de dependência e codepêndencia entre os vários atores, os recursos ambientais e do que é imprescindível para que a rede complexa de produção cerâmica se torne real. 124
Fig. 1.3 Tabelas formais da Idade do Ferro Antigo e Recente, segundo M. Martins (1990). 131
Fig. 1.4 Localização da área de estudo na Península Ibérica. 138
Fig. 1.5 Carta Geológica de Portugal (excerto), à escala 1:200000, Folha 1 (SGP) (1982), com a área de trabalho genericamente definida. 140
Fig. 1.6 Bacias hidrográficas de Portugal continental (fonte: SNIRH - Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos) 143
Fig. 1.7 Bacias fluviais e ribeiras costeiras do Minho ao Douro, a partir do mapa anterior (fonte: SNIRH - Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos). 144
Fig. 1.8 Planta cartográfica do litoral norte português, entre o rio Minho e o Ave, de 1648, de João Teixeira I (seg. Cortesão e Mota, 1987, adaptado). 156
Fig. 1.9 Localização de Santa Tecla e do Coto da Pena no estuário do rio Minho. 180
Fig. 1.10 Vista de Santa Tecla ou Tegra (Galiza, Espanha) para o estuário do rio Minho. Observa-se a visibilidade para o povoado do Coto da Pena (assinalado). 180
Fig. 1.11 Vista para nordeste, a partir do Coto da Pena. Observa-se uma parte do estuário do rio Minho e, do lado direito, a foz do rio Coura. 181
Fig. 1.12 Localização das jazidas primárias de estanho da vertente nor-noroeste da Serra d' Arga e povoados com ocupação no Bronze Final e no Ferro Antigo. 182
Fig. 1.13 Localização de Santa Tecla e de vários vestígios arqueológicos de exploração de sal nas suas imediações (Bettencourt *et al.,* 2021, adaptado). 183
Fig. 1.14 Objetos metálicos de Santa Tecla, no Bronze Final: foice de talão; pendentes em forma de campânula e punhal do tipo Porto de Mós (Carballo Arceo, 1994, adaptado). 184
Fig. 1.15 Materiais importados dos finais da Idade do Bronze no Coto da Pena: fíbulas de tipo *Alcores* e *Acebuchal* e pendentes em forma de campânula e de tipo xorcas (Silva, 1986, Est. CI - 1 e 2; C – 10 a 13, adaptado); punhal do Cossourado (F. Silva, 2009, adaptado) 186
Fig. 1.16 Materiais metálicos e líticos relacionados com a produção metalúrgica em Santa Tecla (Carbalho Arceo, 1994, adaptado) (da esquerda para a direita): punhais de antenas; placa rebitada e molde em pedra. 188
Fig. 1.17 Cerâmica importada de Coto da Pena: fragmentos de cerâmica grega; vaso pintado em bandas; possível vaso de cerâmica comum com semelhanças com os tipos anfóricos T-12.1.1.2 (fotografia e desenhos realizados no decurso dos nossos trabalhos). 189
Fig. 1.18 Conta de colar vítrea oculada (Silva, 2009: 328, figura 90, adaptado) 190
Fig. 1.19 Fragmento de um possível *skyphos* de figuras vermelhas em fundo negro (F. Silva, 2009: 409, figura 123, adaptado) 190
Fig. 1.20 Povoados no estuário do rio Minho, no Ferro Recente. 192
Fig. 1.21 Vaso tipo Borneiro B do Coto da Pena. 193
Fig. 1.22 Materiais cerâmicos indígenas do Coto da Pena, onde são nítidas duas tradições: do lado esquerdo decorações e pastas mais similares às do Noroeste português e, do lado direito, decorações e pastas com filiações das rias Baixas Galegas. 194
Fig. 1.23 Decoração compósita, com múltiplos motivos e técnicas: destacamos neste caso os motivos ictifomes. 194
Fig. 1.24 Materiais metálicos do Coto da Pena, datáveis do Ferro Recente (Silva, 1986, Est. CV, n.º 15, XCI n.º 8, 9). 196
Fig. 1.25 *Kalathos* ibérico pintado de Santa Tecla (Peña Santos, 2001: 118, adaptado) 197
Fig. 1.26 Cerâmica itálica de verniz negro A e B de Santa Tecla. A última forma é uma imitação produzida localmente (Naveiro Lopez, 1991: 28, figura 2, adaptado). 198
Fig. 1.27 Tipologias de ânforas de Monte do Crasto (Vilar de Mouros): Dressel 7-11 (da área da Bética); Ovóide 6 (vale do Guadalquivir) e fundo de T-7.4.3.3 (da área de Cádis). 199
Fig. 1.28 Visibilidade dos três povoados mencionados no texto: Santa Tecla (a azul-claro), Vilar de Mouros/Monte do Crasto (vermelho), Coto da Pena (azul-escuro) (visibilidade num raio de 30 km). 202
Fig. 1.29 Territórios prováveis de exploração de 2 horas pedestres do Coto da Pena (a laranja) e de Monte do Crasto (a azul-claro). 203

Fig. 1.30 Imagem de satélite do estuário do Âncora e dos povoados considerados neste trabalho (fonte: *Google Earth*).....204
Fig. 1.31 Posição de Santo Amaro no estuário do Âncora.....205
Fig. 1.32 Mapa geológico com implantação de Santo Amaro e proximidade com os recursos mineiros metálicos. 206
Fig. 1.33 Pote (forma 2) de Santo Amaro.....207
Fig. 1.34 Santo Adrião 2 (painel 1) (Santo Estévez e Bettencourt, 2017: 1066, fig. 4, adaptado).....207
Fig. 1.35 Santuário rupestre do Monte de Novais, nas imediações de Santo Amaro (Cardoso *et al.,* 2018: 149). .209
Fig. 1.36 Sítios com arte rupestre no estuário do Âncora e proximidade a Santo Amaro.....210
Fig. 1.37 Povoados no estuário do Âncora, no Ferro Recente.....211
Fig. 1.38 Intervisibilidade entre Santo Amaro e a Cividade de Âncora (a amarelo a visibilidade de Âncora e a cinzento a visibilidade de Santo Amaro) (visibilidade num raio de 30 km).....212
Fig. 1.39 Elementos arquitetónicos decorados na Cividade de Âncora (Silva, 1986, Est. CXXVI, n.º 1, 4, 6 e 25, adaptado).....216
Fig. 1.40 Forma tipo Vigo da Cividade de Âncora (Silva, 1986, LX, n.º 3, adaptado).....217
Fig. 1.41 Fragmentos anfóricos: Asa de ânfora Haltern 70 da área da Bética, de Santo Amaro; b) Haltern 70, c) Dressel 1b, d) Tarraconense 1, da Cividade de Âncora (Paiva, 1993, adaptado).....218
Fig. 1.42 Povoamento, monumento sepulcral (Cova da Moura) e depósito de Cobidalto.....219
Fig. 1.43 Pias salineiras próximas ao povoado de Santo António e pia salineira amovível encontrada no povoado de Santo António (desenho de Amélia Marques) (Oliveira e Bettencourt, 2021, adaptado).....221
Fig. 1.44 Mapa teórico de exploração de 2 horas pedestres do Alto da Coroa ou Crôa (linhas isocrónicas de 30 minutos).....222
Fig. 1.45 Sítios com ocupação datável do Bronze Final, no interflúvio entre o Âncora e o Lima. 223
Fig. 1.46 Potinho de louça fina; e vaso com reticula brunida do Bronze Final de Santo António.....224
Fig. 1.47 Bojo decorado por decoração brunida e aplicação plástica e foice de talão.....225
Fig. 1.48 Depósito de Cobidalto / Areosa (Bettencourt et al., 2014).....225
Fig. 1.49 Território de visualização de Santo António (a verde), do Alto da Crôa ou Coroa (a vermelho) e a verde-escuro o território que ambos observam (visibilidade num raio de 30 km).....226
Fig. 1.50 Cabeça de fíbula de tipo Santa Luzia (Abel Viana, 1955a: 501, adaptado) e bordo de um pote 1c, encontrados no monumento funerário da Cova da Moura.....227
Fig. 1.51 Barquiforme triangular fechado, da Lage da Churra (seg. Santos, 2014: 87 (adaptado).....228
Fig. 1.52 Arrecada de Carreço (fonte: www.matriznet.dgpc.pt).....228
Fig. 1.53 Lugares com ocupação na Idade do Ferro Recente no interflúvio Âncora - Lima. 229
Fig. 1.54 Visibilidade de 20 km a partir de Santo António. Note-se que a partir desse povoado abarca-se visualmente toda a encosta oeste da serra de Santa Luzia, e a área a sul até Montedor e a Cividade (a norte) (visibilidade num raio de 30 km).....230
Fig. 1.55 Mapa com a visibilidade do Alto da Coroa (a vermelho) ((visibilidade num raio de 20 km). 231
Fig. 1.56 Mapa com visibilidade a partir de Montedor. Ao lado o mesmo mapa com a visibilidade num raio de 30 km: a partir de Montedor era possível observar a foz do Lima, do Neiva e do Cávado e a fachada litoral. 231
Fig. 1.57 Pias salineiras cortadas na rocha de Fornelos, na base da vertente sudoeste de Montedor.....232
Fig. 1.58 Salinas de Canto Marinho com Montedor ao fundo e a vertente oeste da serra de Santa Luzia (fonte: https://www.garranos.pt/pt/pontos-de-interesse/pias-salineiras-do-canto-marinho).....233
Fig. 1.59 Mapa teórico de exploração de 2 horas pedestres de Montedor (linhas isocrónicas de 30 minutos).....233
Fig. 1.60 Potinho/Púcaro de Santo António.....236
Fig. 1.61 Imitação de cerâmica do sul da Ibéria, concretamente do tipo 2 de Lamboglia (fotografia: Manuel Santos (MDDS)).....238
Fig. 1.62 Em cima: colo de um vaso jarra de Tipo Toralla decorado com incisões e impressões de peixes, séries de SSS e ovais. Em baixo: cerâmica decorada, com múltiplas técnicas (brunidos, incisões e impressões) e motivos marinhos e ictimorfos.....238
Fig. 1.63 Possíveis vasos para medição de sal, no povoado de Santo António.....240
Fig. 1.64 Moldes de sítula com decoração geométrica, segundo Silva (1986), adaptado.....240
Fig. 1.65 Cadinhos: em cima cadinho incompleto com escória agregada; em baixo pequeno fragmento cerâmico com escória agregada.....241
Fig. 1.66 Achado monetário de Montedor (imagem nossa, pote e moedas do núcleo expositivo da Casa dos Nichos, Viana do Castelo).....242
Fig. 1.67 Imagem de satélite do estuário do Lima e dos povoados considerados neste trabalho (fonte: *Google Earth*). 243
Fig. 1.68 Povoamento no Bronze Final no estuário do Rio Lima.....244

Fig. 1.69 Intervisibilidade entre Santa Luzia (azul-escuro) e Facha (a vermelho). Note-se que ambos se observam e nenhum deles observa o povoado do Peso (visibilidade num raio de 30 km).....245
Fig. 1.70 Povoados considerados no Bronze Final e recursos minerais metálicos existentes, no estuário do Lima.246
Fig. 1.71 Visibilidade a partir do Povoado do Peso (visibilidade num raio de 30 km).....247
Fig. 1.72 Materiais da Idade do Bronze Final: a) Santa Luzia – forma 2; forma 10; bojo decorado por brunido e vassourado; taças carenadas: b) Facha (Almeida *et al.,* 1981, adaptado); c) Peso (Soeiro, 1981: 100, adaptado). 248
Fig. 1.73 Materiais metálicos: cone de fundição de Santa Luzia e disco perfurado da Facha da Idade do Bronze Final (Almeida et al., 1981, adaptado).....249
Fig. 1.74 Materiais exógenos registados no estuário do Lima: o fragmento cerâmico com ornatos brunidos foi registado em Santa Luzia.....250
Fig. 1.75 Pormenor das gravuras da Breia 5 e 9 (Marinho, 2020, adaptado e Bettencourt e Santos-Estévez, 2018, adaptado).....251
Fig. 1.76 Mapa de intervisibilidade: a azul a partir de Santa Luzia, a vermelho a partir do Peso, a verde a partir da Facha, a castanho-claro a visibilidade mútua de Facha e Peso (visibilidade num raio de 30 km). 253
Fig. 1.77 Fragmentos de um ou mais vasos em madeira de Santo Estevão da Facha datáveis do Ferro Antigo (Almeida et al., 1981, est. VII, 2 a 4, adaptado). 255
Fig. 1.78 Materiais cerâmicos datáveis da Idade do Ferro Antiga: forma 2b, forma 1a, forma 3. 256
Fig. 1.79 Possível lingote ou pia salineira (Almeida *et al.,* 1981, Est. XLIV, adaptado). 257
Fig. 1.80 Estelas de tendência antropomórfica (da esquerda para a direita): de Santa Luzia, da Cova da Moura e do Cúturo (Faria, 1984, adaptado).....258
Fig. 1.81 Territórios de exploração de 2 horas pedestres de Santa Luzia (linhas isócronas a vermelho) e da Facha (linhas isócronas a roxo). 259
Fig. 1.82 Contas de colar datáveis do Ferro Antigo: n.º 6, 7, 9 (conta dupla), 10 e 11 oriundas da Facha (Almeida *et al.,* 1981, adaptado); em baixo, conta de colar oculada deteriorada de Santa Luzia (Gomes, 2012: 426, adaptado). 260
Fig. 1.83 Fragmentos de cerâmica de origem ática: em cima possível forma de Kratêr de Sino (Almeida et al., 1981: 66, adaptado).....261
Fig. 1.84 Conta de colar oculada de Vieito (Gomes, 2012: 446; Silva, 2008, adaptado).....262
Fig. 1.85 Bastões de comando (?) bétilos, amuletos (?): à esquerda artefactos de Conimbriga; à direita possível bétilo ou bastão de comando de Santa Luzia (fotografia do Museu Nacional de Arqueologia).....263
Fig. 1.86 Equídeos e cavalos montados nas gravuras da Breia (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018: 83).....266
Fig. 1.87 Visibilidade de Santa Luzia (a azul) e da Facha (a verde) (visibilidade num raio de 30 km).....267
Fig. 1.88 Visibilidade a partir da Terronha (mancha a azul-claro) (visibilidade num raio de 30 km). 270
Fig. 1.89 Prováveis territórios pedestres de 2 horas de Santa Luzia, Terronha e Facha. Pelo exercício aqui realizado notamos que no espaço de meia hora pedestre a comunidade da Terronha entra nos territórios pedestres de outros dois povoados. 271
Fig. 1.90 Fragmentos decorados por aguada (da esquerda em Terronha, o da direita em Santa Luzia). 273
Fig. 1.91 Formas para confecionar alimentos, na Facha, no Ferro Recente (Almeida *et al.,* 1981, adaptado). 277
Fig. 1.92 Talha do Ferro Recente no povoado do Peso (Almeida *et al.,* 1985, adaptado).....278
Fig. 1.93 Exemplos de cadinhos em cerâmica e um molde de um objeto indeterminado (em baixo à direita), da Terronha e de Santa Luzia. 278
Fig. 1.94 Ponta de lança (Santa Luzia) e foices, faca e ainda um punhal afalcatado, (utensílios em ferro) (Silva, 2012, adaptado).....280
Fig. 1.95 Materiais importados em Vieito: ânforas do tipo Haltern 70, Dressel 1a e Dressel 14; bojo com perfuração incompleto de uma parede de cerâmica itálica de verniz negro B; contas de colar monocromáticas (Vieito, 2012, adaptado).....281
Fig. 1.96 Materiais importados, no Ferro Recente, na Facha: ânfora Haltern 70 e duas contas de colar vítreas (Almeida et al., 1981, adaptado).....282
Fig. 1.97 Cerâmica fina de mesa encontrada em Santa Luzia durante o Ferro Recente: a) potinho ou pote proveniente da Bética; b) uma tigela de produção comum tipo Guadalquivir; c) cerâmica comum oriunda de Cádis. 284
Fig. 1.98 Materiais de origem setentrional no estuário do Lima (em cima do Vieito, em abaixo de Santa Luzia): bordos reforçados tipo Vigo e dois bojos com decoração perlada. 286
Fig. 1.99 Quadro do povoamento no Ferro Recente, no estuário do Lima.....289
Fig. 1.100 Povoados no estuário do Neiva e interflúvio Neiva-Cávado (Imagem: *Google Earth*).....290
Fig. 1.101 Vista da foz do rio Neiva para o povoado de Moldes.....291
Fig. 1.102 Visibilidade do povoado de Moldes (visibilidade num raio de 30 km). 291

Fig. 1.103 Jazidas de estanho, ouro e prata (ponto verde, amarelo e branco) do rio do Neiva. 292
Fig. 1.104 Formas do Bronze Final de Moldes: a) forma indeterminada decorado por incisão; b) taça carenada; c) potinho/púcaro com decoração por espatulado....293
Fig. 1.105 Pequeno recipiente cerâmico reaproveitado....294
Fig. 1.106 Território teórico de exploração de Moldes, de 2 horas pedestres, com linhas isócronas de 30 minutos. 295
Fig. 1.107 Povoados em pleno estuário do rio Neiva, com ocupações da Idade do Ferro Antigo. 296
Fig. 1.108 Visibilidade partir de Belinho (a laranja) (visibilidade num raio de 30 km). 297
Fig. 1.109 Formas do Ferro Antigo no estuário do Neiva: a) potinho (forma 2b); a) pote de bordo em aba horizontal (forma 1c); c) pote de bordo em aba soerguida (forma 1b); d) pote de bordo em aba soerguida (forma 1b); e) panela de asa interior (forma 4). 298
Fig. 1.110 Fíbula publicada por Leite de Vasconcelos (1934, adaptado, sem escala). 298
Fig. 1.111 Território teórico de exploração de Belinho, de 2 horas pedestres, com linhas isócronas de 30 minutos. 299
Fig. 1.112 Territórios teóricos de exploração de Moldes e Belinho (linhas isócronas de 30 minutos)....301
Fig. 1.113 Formas cerâmicas no Ferro Recente, no estuário do Neiva: a) copa (forma 7); b) forma 2a (púcaro); c) forma 2 (potinho); d) pote (forma 1a); e) pote (forma 1b) com agrafo metálico em ferro. 302
Fig. 1.114 Formas cerâmicas no Ferro Recente do estuário do Neiva: a) tigela (forma 3b); b) panela de asa em orelha (forma 6); c) talha (forma 5). 303
Fig. 1.115 Cossoiros datáveis do Ferro Recente: à esquerda discoide de Belinho; à direita cossoiro bulboso de Moldes. 303
Fig. 1.116 Molde de sítula (seg. Almeida, 1982; 1996, adaptado). 303
Fig. 1.117 Pavimento ou reboco de parede decorado de Moldes. 304
Fig. 1.118 Fíbula tipo Ponte 51.1....304
Fig. 1.119 Extremidade de sítula, coador de vinho e machado em ferro (desenhos de Almeida 1980a). 304
Fig. 1.120 Capacetes tipo Mofortino B (Silva, 2007, Est. XCII, 1, adaptado) e copos, em bronze, de tipo Idria (Almeida, 1980a, adaptado). 305
Fig. 1.121 Decorações incisas, e impressas na cerâmica que parecem estar representadas em parte na decoração das abas, espigão e contorno dos capacetes em bronze de Moldes. 306
Fig. 1.122 Cerâmica itálica de verniz negro em Moldes: a) base do tipo de produção A (?) e fragmentos de produção B; b) fragmento de fundo de pé alto de tipo 6, c) fragmento de fundo de pé alto de tipo 7, d) asa de jarro de tipo 10. 309
Fig. 1.123 Materiais importados do povoado de Carmona (fonte: https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=190478). 310
Fig. 1.124 Materiais importados em Moldes: bordos de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo; bordo reforçado tipo Vigo (Rias Baixas, Galiza). 311
Fig. 1.125 Povoados no estuário do Neiva e interflúvio Neiva-Cávado (Imagem: Google Earth)....312
Fig. 1.126 O Monte de Sanfins visto de sudoeste (Cortesia de A. Bettencourt e Guedes, 2023). 313
Fig. 1.127 Fragmento de machado de alvado e pendente em forma de sanguessuga (Bettencourt e Guedes, 2023). 314
Fig. 1.128 Localização genérica da área dos achados em Rio de Moinhos, em Esposende (Sousa, 2022, adaptado em Bettencourt e Sampaio, 2023). Pias salineiras da Praia e Rio de Moinhos (cortesia de Sérgio Monteiro Rodrigues em Bettencourt e Sampaio, 2023). 315
Fig. 1.129 Visibilidade da Cova da Bouça: a azul visibilidade a partir do lugar da Cova da Bouça e a lilás visibilidade a partir do topo do Monte Sanfins (visibilidade num raio de 30 km). 316
Fig. 1.130 Povoados no estuário do Cávado (imagem: *Google Earth*). 317
Fig. 1.131 Recursos mineiros metálicos importantes para a Idade do Bronze, presentes na área do estuário do Cávado. 319
Fig. 1.132 Localização das pias salineiras existentes na área próxima ao estuário do Cávado. 320
Fig. 1.133 Pias salineiras da praia de Rio de Moinhos, Esposende (cortesia de Sérgio Monteiro-Rodrigues, in Bettencourt e Sampaio, 2023) e pia salineira amovível encontrada no povoado de S. Lourenço (Almeida e Almeida, 2015, vol. II: 223, adaptado). 320
Fig. 1.134 Materiais da Idade do Bronze Final de Faria: a) potes; b) potinhos/púcaros e taça carenada; c) panela de asa interior (Bettencourt, 2000c, adaptado). 322
Fig. 1.135 Contas de colar de níveis do Bronze Final de S. Julião (Vila Verde) (Bettencourt, 2000b, estampa CIV, 1, CV, 2, adaptado; fragmento decorado por ornatos brunidos (Bettencourt, 2000c: 176, estampa XVI, 3). 323
Fig. 1.136 Território de exploração potencial de Faria, de 2 horas pedestres (com linhas isócronas de 30 minutos). 324

Fig. 1.137 Território de exploração potencial de São Lourenço, de 2 horas pedestres (com linhas isócronas de 30 minutos).....324
Fig. 1.138 Visibilidade a partir São Lourenço (mancha a azul-claro) (visibilidade num raio de 30 km).....325
Fig. 1.139 Visibilidade a partir de Faria (mancha a roxo) (visibilidade num raio de 30 km). 325
Fig. 1.140 Povoados com ocupação do Ferro Antigo, no estuário do Cávado, jazidas mineiras e vestígios de exploração de sal, descontextualizados. 327
Fig. 1.141 Visibilidade a partir de Faria (mancha roxa) (visibilidade num raio de 30 km). 328
Fig. 1.142 Visibilidade a partir do Alto da Torre (mancha laranja) (visibilidade num raio de 30 km). 328
Fig. 1.143 Visibilidade a partir S. Loureço (mancha azul) (visibilidade num raio de 30 km). 329
Fig. 1.144 Possível local de aportagem de pequenas embarcações em pleno estuário do Cávado. 330
Fig. 1.145 Decoração historiada de um fragmento cerâmico de um provável pote (desenho de Teresa Soeiro, adaptado e sem escala) e fotografia de Nuno Oliveira. 333
Fig. 1.146 Bordo com reforço em argila para restauro. 333
Fig. 1.147 Fíbula tipo Santa Luzia ou Ponte 23 (Silva e Cunha, 1997: 37, adaptado). 334
Fig. 1.148 Materiais de origem grega: em cima, kratêr-de-sino de Faria, apresentando uma possível representação da forma desta peça; em baixo, fragmento de krâter-de-sino em São Lourenço (Ferreira, 2019: 393, adaptado). .335
Fig. 1.149 Material vítreo importado: do lado esquerdo conta oculada de São Lourenço e do lado direito conta de Faria. 337
Fig. 1.150 Conta de colar oculada de formato subcilíndrico e incompleta. 338
Fig. 1.151 Povoados do Ferro Recente, no estuário do Cávado. 339
Fig. 1.152 Vista para o oceano e foz do Cávado a partir do topo do povoado do Senhor dos Desamparados. 340
Fig. 1.153 Outeiro dos Picotos, através de uma ampliação do fotograma n.º 5002, 1946, esc: 1: 33.000 (Morais, 1999: 21, adaptado). Aí podem observar-se vários panos de muralhas para oeste e norte. 341
Fig. 1.154 Visibilidade a partir do povoado do Senhor dos Desamparados (manchas a castanho) (visibilidade num raio de 30 km).....342
Fig. 1.155 Visibilidade de São Lourenço (manchas a azul). Note-se que observa a curso final do rio Cávado e o Outeiro dos Picotos (visibilidade num raio de 30 km).....343
Fig. 1.156 Território provável de exploração de 2 horas pedestres a partir de Faria (linhas isócronas de 30 minutos). 344
Fig. 1.157 Território provável de exploração de 2 horas pedestres a partir de Outeiro dos Picotos (linhas isócronas de 30 minutos). 344
Fig. 1.158 Território provável de exploração de 2 horas pedestres a partir do Senhor dos Desamparados (linhas isócronas de 30 minutos). 345
Fig. 1.159 Base decorada com aguada avermelhada no exterior e grafito de um barquiforme, no interior de São Lourenço (Almeida e Almeida, 2015). 350
Fig. 1.160 Produção cerâmica na Idade do Ferro Recente: (1 e 2) marcas de oleiro em talhas (forma 5) em São Lourenço e de Faria. 351
Fig. 1.161 Forma cerâmica: forma 1b (pote) com “remendos” produzidos em cerâmica para restauro da peça; base de fundo plano alargado com o que resta de um agrafo metálico, em ferro. 351
Fig. 1.162 Alguns exemplares de contas de colar, datáveis do fim da Idade do Ferro, em S. Lourenço, Desamparados e Faria, por esta ordem (Gomes, 2012, adaptado). 355
Fig. 1.163 Povoados localizados no interflúvio Cávado-Ave. Pormenor da proximidade dos povoados entre si e entre eles e o oceano. 357
Fig. 1.164 Visibilidade a partir do povoado de S. Félix/Laúndos, face a alguns povoados dos estuários do Cávado e Ave (visibilidade num raio de 30 km).....359
Fig. 1.165 Visibilidade de Terroso, face a alguns povoados dos estuários do Cávado e do Ave (visibilidade num raio de 30 km). 359
Fig. 1.166 Recursos mineiros metálicos e não metálicos, em torno de S. Félix e de Terroso. 360
Fig. 1. 167 Fragmento de vaso decorado com uma face humana (fotografia do Gabinete de Arqueologia da da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim). 363
Fig. 1.168 Arrecadas do povoado de S. Félix (fonte: www.matriznet.dgpc.pt). 363
Fig. 1.169 Arrecadas na área litoral em estudo (6 e 7 – Laúndos; 9-10 – Tesouro da Estela (Silva, 2007, Est. CXVIII, adaptado). 364
Fig. 1.170 Colar articulado da Estela (Silva, 2007, Est. CXV, nº. 1, adaptado). 364
Fig. 1.171 Fíbulas de tipo Sabroso (Silva, 2007, adaptado) de Terroso. 365
Fig. 1.172 Fíbula de tipo Santa Luzia (Silva, 2007, est. CI, n.º 5, adaptado) de Terroso. 365
Fig. 1.173 Territórios de exploração de 2 horas pedestres (linhas isócronas de 30 minutos) a partir de Terroso (linhas contínuas) e a partir de S. Félix (tracejado).....366

Fig. 1.174 Materiais de importação de Terroso: pequeno vaso de tipo *pithoi* (Silva, 2007, Est. LXXVI, n.º 11, adaptado); ânfora pseudo Mañá A4 (Gomes, 1996, est. XXIX, n.º 8, adaptado) 367
Fig. 1.175 Cadinho cerâmico de Terroso. 369
Fig. 1.176 Territórios de exploração de 2 horas pedestres (linhas isócronas de 30 minutos) a partir de Terroso (linhas contínuas) e a partir de S. Félix (tracejado), com as jazidas de ferro desta área. 375
Fig. 1. 177 Bojo de fabrico e de decoração típica da área das Rias Baixas galegas ao Minho-Âncora. 376
Fig. 1.178 Povoados considerados no estuário do Ave. 378
Fig. 1.179 Visibilidade a partir de Bagunte (a branco) (visibilidade num raio de 30 km). 379
Fig. 1.180 Vista para a foz do Ave, a partir do topo do outeiro onde se implanta o povoado de S. João. 380
Fig. 1.181 Visibilidade a partir de S. João (a azul) (visibilidade num raio de 30 km). 380
Fig. 1.182 Território pedestre de 2 horas a partir de S. João, com linhas isócronas de 2 horas pedestres. 381
Fig. 1.183 Território teórico de exploração de 2 horas pedestres de Bagunte, com linhas isócronas de 30 minutos. 382
Fig. 1.184 Recursos minerais metálicos próximos do estuário do Ave. 382
Fig. 1.185 Taças carenadas e urnas de Bagunte (Almeida *et al.,* 2020, adaptado). 384
Fig. 1.186 Fragmentos de um bordo e de uma base do Bronze Final de S. João. 384
Fig. 1.187 Machado de aletas, fraturado (Monteagudo, 1977, Tafel 52, n.º 854, adaptado) (fotografia nossa, realizada no Museu de História Natural da Universidade do Porto). 385
Fig. 1.188 Territórios teóricos de exploração de 2 horas pedestres (linhas isócronas de 30 minutos): de S. João (tracejado) e de Bagunte (linha contínua). 386
Fig. 1.189 Vista da foz do rio Ave para o povoado de S. João (sobre o qual se construiu o mosteiro de Santa Clara). 387
Fig. 1.190 Peça de formato cilíndrico, feita à mão, de cozedura redutora, com perfuração de S. João. 388
Fig. 1.191 Fragmentos decorados com aguada negra, na superfície externa do povoado de S. João. 391
Fig. 1.192 Rebites e restos de placas metálicas. 391
Fig. 1.193 Fotografia da fíbula tipo Ponte 22a ou 23 (Imagem: ERA, ARQUEOLOGIA S.A., gentilmente cedida). 392
Fig. 1.194 Possível asa de um vaso *pithos*, a partir de uma asa bífida, registado em Bagunte (sem contexto). 393
Fig. 1.195 Conta elipsoidal policromada, sem escala (Silva, 1934; adaptado). 396
Fig. 1.196 Dispersão e diversidade de materiais importados, no Ferro Antigo, no curso inferior e médio da bacia fluvial do Ave. 397
Fig. 1.197 Território de exploração de 2 horas pedestres de Bagunte e S. João (com linhas isócronas de 30 minutos). 398
Fig. 1. 198 Forma 3 decorada por excisão na parte interna. 399
Fig. 1.199 Peças de corpo cilíndrico, com vertedouro de Bagunte. 400
Fig. 1.200 Cadinho em cerâmica com restos de fundição agregados. 403
Fig. 1.201 Fussaiola ou peso. 403
Fig. 1.202 Potinho com reforço ou restauro cerâmico. 404
Fig. 1.203 Fragmento decorado por impressão, incisão e aguada branca (S. João); bordo decorado por aguada negra e avermelhada (Bagunte). 404
Fig. 1.204 Pote em aba soerguida com marca de oleiro meandriforme, de Bagunte. 406
Fig. 1.205 Fragmentos de um recipiente em bronze (sítula?). 408
Fig. 1.206 Cossoiro a partir de um bojo de ânfora (S. João). 409
Fig. 1.207 Materiais finos importados da área meridional da Península Ibérica presentes em S. João (cerâmica cinzenta fina do lado esquerdo (fotografia nossa); taça tipo Peñaflor (fotografia de Isabel Marques, MDDS)). 410
Fig. 1.208 Peça de importação meridional (?). 411
Fig. 1.209 Imagem de satélite do interflúvio Ave-Onda: posições geográficas de S. Paio e do Monte Crasto (fonte: *Google Earth)*. 413
Fig. 1.210 A castanho o território observado a partir de S. Paio (visibilidade num raio de 30 km). 414
Fig. 1.211 Pias salineiras na área de S. Paio. 415
Fig. 1.212 Fragmentos cerâmicos decorados em S. Paio, datáveis do Bronze Final. 416
Fig. 1.213 Moinho manual, dormente (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde). 417
Fig. 1.214 Território teórico de exploração de S. Paio, de 2 horas pedestres, com linhas isócronas de 30 minutos. 418
Fig. 1.215 Sobreposição dos territórios teóricos de 2 horas de S. João (a tracejado) e S. Paio (linhas contínuas). 419
Fig. 1.216 Pote de S. Paio e pormenor da localização e forma das asas. 420
Fig. 1.217 Caldeiros de rebites: do lado esquerdo, o de Lois (H. Schubart 1961, adaptado) e do lado direito, o de Cabárceno (Fernández Manzano e Guerra, 2003, adaptado). 421
Fig. 1.218 Fragmento decorado por aplicação plástica e aguada castanha. 424

Fig. 1.219 Fíbula de tipo Sabroso em S. Paio. 425
Fig. 1.220 Possível bétilo de S. Paio 426
Fig. 1.221 Litoral junto ao povoado de S. Paio (assinalado). Note-se o conjunto de penedos imediatamente a sul do povoado e os afloramentos subaquáticos existentes nesta área. 427
Fig. 1.222 Conta de colar vítrea de S. Paio. 428
Fig. 1.223 Motivos decorativos do Ferro Recente de S. Paio. 430
Fig. 1.224 Materiais líticos de S. Paio: mó rotativa. 431
Fig. 1.225 Pote (cerâmica comum da área da Bética). 432
Fig. 1.226 Contas de colar de S. Paio de contextos da Idade do Ferro Recente (fotografias do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde) 432
Fig. 1.227 Povoados e contexto funerário do Bronze Final. 434
Fig. 1.228 Panelas de asa interior de asa vertical: a) Coto da Pena (Silva, 1986, adaptado); b) Torroso (Peña Santos, 1987, adaptado; c) Cossourado (F. Silva, 2006, adaptado). Panela de asa interior horizontal: d) Faria (Bettencourt, 2000, adaptado). 437
Fig. 1.229 Cadinhos em cerâmica de Santo António e de Torroso (Peña Santos, 1988: 345, adaptado). 439
Fig. 1.230 Cone de fundição de um machado de talão (Santa Luzia), foice de talão (Cova da Moura), machado de alvado e pendente tipo sanguessuga (Monte de Sanfins) (Bettencourt e Guedes, 2023, adaptado); bracelete de ouro (proveniente de Vila do Conde) (fonte: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=110023) 442
Fig. 1.231 Decoração brunida: vaso com retícula brunida de Santo António; fragmento com retícula brunida de Santa Luzia; fragmento decorado com brunido e aplicação plástica do monumento funerário da Cova da Moura; fragmento decorado por brunido da Falperra, Braga (Bettencourt, 2000c:176, estampa XVI, 3). 443
Fig. 1.232 Materiais de importação metálicos: fíbulas tipo Alcores e Acebuchal, pendentes em campânula e em sanguessuga (Coto da Pena) (Silva, 1986, adaptado); machado de aletas (Bagunte) 444
Fig. 1.233 Distribuição de materiais importados no Bronze Final. 445
Fig. 1.234 Povoados e o lugar da Cova da Moura, com ocupação no Ferro Antigo. 448
Fig. 1.235 Representação historiada com equídeos, antropomorfos, armas e motivos abstratos de Faria (esquerda) e face humana de Terroso (direita). 455
Fig. 1.236 Caldeiro de rebites (Santa Tecla), fíbula tipo Santa Luzia (S. Lourenço) e fíbulas tipo Sabroso (tipo 22), de S. Paio e Terroso). 456
Fig. 1.237 Materiais auríferos do Ferro Antigo: arrecadas do povoado de S. Félix (fonte: www.matriznet.dgpc.pt); e colar articulado do Tesouro da Estela (Silva, 2007, Est. CXV, nº. 1, adaptado). 457
Fig. 1.238 Possível bétilo de S. Paio 458
Fig. 1.239 Fragmento de *lekanis* grego de Ermidas (fotografia do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Famalicão). 460
Fig. 1.240 Lugares onde foram registados materiais púnicos (pontos a laranja) e gregos (pontos a negro). Os pontos a laranja de maior dimensão correspondem a mais de fragmentos detetados, o mesmo em relação aos pontos a negro 461
Fig. 1.241 Lugares onde foram registadas contas de colar em pasta vítrea, no Ferro Antigo (círculos a azul). 462
Fig. 1.242 Gravuras rupestres com imagética mediterrânica ou de influência meridional entre o estuário do Âncora e Lima e locais com ocupação do Ferro Antigo. 465
Fig. 1.243 Povoados e lugar da Cova da Moura, com ocupação ou frequência no Ferro Recente. 468
Fig. 1.244 Área de produção oleira que se prolonga das rias baixas galegas até ribeira de Cabanas e inclui o território interior do rio Coura. 470
Fig. 1.245 Fragmentos cerâmicos do povoado de Santo António com decoração por incisão, impressão e brunido. Na base do fragmento do lado esquerdo ocorrem ictiformes; em baixo com representações do que parecem ondas do mar (dada a forma como foram disposto os S) e motivos vegetalistas. 478
Fig. 1.246 Tampas: lisas (S. Paio), decoradas com incisão (Moldes e Faria) e com impressão (Terronha). 484
Fig. 1.247 Cadinho de Terronha (à esquerda) e de Santa Luzia (à direita). 484
Fig. 1.248 Vaso de redução com aderências metálicas de Terronha e de S. João. 485
Fig. 1.249 Forma 1b e base de grandes dimensões com agrafo metálico (Terronha e Faria). 486
Fig. 1.250 Pote 1b com vestígios de "remendos" cerâmicos colocados sobre orifícios preparados para tal (Faria). 486
Fig. 1.251 Potinho com brunido no colo (Terronha). 487
Fig. 1.252 Barroquismo decorativo: do lado esquerdo: parede com decoração plástica, incisão e impressão (Moldes): do lado direito, parede com decoração por incisão, impressão, aplicação plástica e brunido (S. Paio). 487

Fig. 1.253 Materiais decorados com aguadas: a) cor avermelhada em toda a superfície externa de peça (Faria); b) cor negra / lilás (?), em banda, no início da parede (Terroso); c) branco no interior dos círculos concêntricos (S. João). 488
Fig. 1.254 Fragmento decorado com incisão e impressões que parecem aves aquáticas (Terronha). 491
Fig. 1.255 Áreas oleiras: a amarelo, a área setentrional com fortes influências das rias baixas galegas (das rias baixas galegas e baixo Minho até à ribeira de Cabanas) e a castanho a área meridional entre o rio Lima e Onda (a tracejado área de possível fronteira formal e tecnológica). 493
Fig. 1.256 Materiais em bronze que acompanham a indumentária: fíbula tipo Ômega (segundo Silva, 2012, adaptado), fíbula do tipo Fowler Aa (Moldes); fíbula tipo Aucissa (segundo Silva, 2012, adaptado); alfinete de cabelo (segundo Silva, 2012, adaptado); alfinete de cabelo (S. João); alfinete de cabelo (S. Paio) e conta de colar (?) decorada (S. João). 494
Fig. 1.257 Taças de tipo Idria em bronze, sem escala. (Almeida, 1980a; Fabião, 1999, adaptado). 495
Fig. 1.258 Capacetes do povoado de Moldes (Silva, 2007, Est. XCII, 1, adaptado). 495
Fig. 1.259 Materiais em bronze: a) placas dobradas (sítula?) e b) colheres ou espátula (S. João); c) placa rebitada (Santa Luzia). 496
Fig. 1.260 Materiais em ferro: ponta de lança e ponta de projétil (?) (Santa Luzia); punhal afalcatado e foice (Silva, 2012, adaptado). 497
Fig. 1.261 Brinco em ouro (Silva, 2012, adaptado). 497
Fig. 1.262 *Kalathos* ibérico de Santa Tecla (Peña Santos, 2001: 118, adaptado). 505
Fig. 1.263 Cerâmica cinzenta polida e sigillata tipo Peñaflor (S. João). 507
Fig. 1.264 Cerâmica itálica de verniz negro entre o Minho e o Onda (desenhos de Naveiro Lopez (1991, adaptado). 507
Fig. 1.265 Contas de colar no Ferro Recente: a) conta de colar azul-cobalto de S. Paio; b) contas de colar de Santo Estevão da Facha (segundo Almeida *et al.,* 1981, adaptado). 508
Fig. 1.266 Algumas moedas do tesouro de Montedor (Casa dos Nichos, Viana do Castelo). 509
Fig. 1.267 Moeda tipo *caetra* que corresponde a um dupôndio de Augusto, com escudo, duas lanças e uma falcata no reverso. Foi encontrada no povoado de Moldes. 510
Fig. 1.268 Distribuição das ânforas, *kalathos*, materiais de mesa (campaniense e outros tipos) e contas de vidro de importação romana. 512

ÍNDICE DE TABELAS – VOLUME I

Tabela 1.1 Datas de radiocarbono para povoados e contextos funerários 176
Tabela 1.2 Cerâmicas de importação do Ferro Antigo, em povoados interiores da bacia do Coura (F. Silva, 2009: 569, adaptado) 191
Tabela 1.3 Formas cerâmicas do Ferro Recente presentes no estuário do rio Minho 195
Tabela 1.4 Formas do Ferro Recente, para o estuário do Âncora 214
Tabela 1.5 Formas indígenas de produção local, no interflúvio Âncora-Lima 235
Tabela 1.6 Formas indígenas de produção das Rias Baixas e Minho, no interflúvio Âncora-Lima 237
Tabela 1.7 Tabelas de formas indígenas: M. Martins, 1990 (Ferro Recente) para o Cávado e J. Rey Castineira (1991) para as Rias Baixas galegas 237
Tabela 1.8 Motivos da Idade do Ferro Recente no interflúvio entre Âncora e o Lima 238
Tabela 1.9 Materiais importados no Ferro Antigo, no estuário do Lima 265
Tabela 1.10 Formas cerâmicas indígenas de armazenamento do Ferro Recente, no estuário do Lima 274
Tabela 1.11 Formas cerâmicas indígenas destinadas ao uso de mesa do Ferro Recente, no estuário do Lima 275
Tabela 1.12 Formas cerâmicas indígenas para a preparação de alimentos do Ferro Recente, no estuário do Lima 276
Tabela 1.13 Materiais anfóricos de Santa Luzia, no Ferro Recente, segundo produto transportado 283
Tabela 1.14 Materiais anfóricos da Terronha, no Ferro Recente, segundo produto transportado 285
Tabela 1.15 Materiais anfóricos do estuário do Neiva, no Ferro Recente, segundo produto transportado 308
Tabela 1.16 Formas do Ferro Antigo do estuário do Cávado 331

Tabela 1.17 Gramática decorativas do Ferro Antigo, no estuário do Cávado.....332
Tabela 1.18 Materiais de proveniência meridional ou produção púnica.....336
Tabela 1.19 Formas de transporte e armazenamento do Ferro Recente, encontradas no estuário do Cávado.....347
Tabela 1.20 Formas para a confeção de alimentos do Ferro Recente, no estuário do Cávado.....347
Tabela 1.21 Formas do Ferro Recente para uso à mesa, no estuário do Cávado.....348
Tabela 1.22 Gramática decorativa e outras características do Ferro Recente.....349
Tabela 1.23 Contentores anfóricos do Ferro Recente, do estuário do Cávado.....354
Tabela 1.24 Formas cerâmicas no interflúvio Cávado-Ave, no Ferro Antigo.....361
Tabela 1.25 Gramática decorativa do Ferro Antigo no interflúvio Cávado-Ave.....362
Tabela 1.26 Formas exclusivas do interflúvio Cávado-Ave, no Ferro Recente.....370
Tabela 1.27 Formas cerâmicas no interflúvio Cávado-Ave, no Ferro Recente.....370
Tabela 1.28 Gramática decorativa em Terroso, no Ferro Recente.....372
Tabela 1.29 Fíbulas em bronze de Terroso.....374
Tabela 1.30 Contentores anfóricos do Ferro Recente, no interflúvio Cávado-Ave.....377
Tabela 1.31 Formas do Ferro Antigo no estuário do Ave.....389
Tabela 1.32 Gramática decorativa presente no estuário do Ave.....390
Tabela 1.33 Materiais importados no curso médio do rio Este.....395
Tabela 1.34 Formas do Ferro Recente do estuário do Ave.....401
Tabela 1.35 Formas de uso de mesa do Ferro Recente do estuário do Ave.....402
Tabela 1.36 Formas destinadas à confeção de alimentos do Ferro Recente.....402
Tabela 1.37 Gramática decorativa na cerâmica de S. João, no Ferro Recente.....405
Tabela 1.38 Materiais metálicos de uso corporal, em S. João, no Ferro Recente.....407
Tabela 1.39 Materiais metálicos de função desconhecida em S. João, no Ferro Recente.....408
Tabela 1.40 Materiais anfóricos do estuário do Ave, no Ferro Recente.....410
Tabela 1.41 Formas cerâmicas no interflúvio Ave-Onda, no Bronze Final.....416
Tabela 1.42 Organização decorativa da cerâmica do Bronze Final, no interflúvio Ave-Onda.....417
Tabela 1.43 Formas de armazenamento e/ou destinadas a ir ao lume, no Ferro Antigo.....422
Tabela 1.44 Formas para uso à mesa e para preparar alimentos, no Ferro Antigo, no interflúvio Ave-Onda.....422
Tabela 1.45 Formas novas, no Ferro Antigo, no interflúvio Ave-Onda.....423
Tabela 1.46 Motivos decorativos do Ferro Antigo, no interflúvio Ave-Onda.....424
Tabela 1.47 Formas cerâmicas, no Ferro recente, no interflúvio Ave-Onda.....429
Tabela 1.48 Gramática decorativa do Ferro Recente, no interflúvio Ave-Onda.....431
Tabela 1.49 Formas cerâmicas do Bronze Final na área de estudo.....436
Tabela 1.50 Técnicas e motivos decorativos da cerâmica do Bronze Final, na área de estudo.....440
Tabela 1.51 Formas do Ferro Antigo no litoral do Noroeste português.....452
Tabela 1.52 Gramática decorativa no Ferro Antigo (entre o Minho e o Ave).....454
Tabela 1.53 Materiais de origem púnica.....459
Tabela 1.54 Materiais de origem grega.....459
Tabela 1.55 Materiais vítreos de origem púnica.....462
Tabela 1.56 Proposta de tipologia de produção cerâmica de entre Minho e Âncora / Cabanas.....471
Tabela 1.57 Motivos decorativos da cerâmica entre o Minho e o Âncora/Cabanas.....479
Tabela 1.58 Proposta de tipologia de produção cerâmica de entre o Lima e Onda.....482
Tabela 1.59 Organização decorativa da decoração simples no Ferro Recente da área meridional.....489
Tabela 1.60 Organização decorativa da decoração compósita no Ferro Recente da área meridional.....490
Tabela 1.61 Materiais da área oleira setentrional, encontrados entre o estuário do Lima e o Onda498
Tabela 1.62 Tipologias anfóricas detetadas na área de estudo.....500
Tabela 1.63 Ânforas romanas e áreas de proveniência ou fabrico.....501
Tabela 1.64 Formas de mesa importadas entre o estuário do Minho e o Onda.....505

ÍNDICE DE FIGURAS – VOLUME II (Anexo I)

Fig. 2.1 Localização do povoado do Coto da Pena (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, ICE, 1997). 568
Fig. 2.2 Ânforas púnicas de vários tipos publicados por Lopes (2003: 303, adaptado). 570
Fig. 2.3 Ânfora púnica (tipo Pellicer D), e asa de ânfora de tipologia indeterminada (Lopes, 2003, adaptado). 570
Fig. 2.4 Bordo de ânfora T-11.2.1.4 e fundos de cerâmica fina de tradição púnica (Lopes 2003, adaptado). 571
Fig. 2.5 Face externa e interna da base de origem ática do Coto da Pena, classificado por Silva como pré-campaniense (1986: 136). 571
Fig. 2.6 Bojo de ânfora (oriunda de Cádis) com banda de cor vermelho ocre (Inédita). 572
Fig. 2.7 Fundo de ânfora tipo T-7.4.3.3 (Inédito). 573
Fig. 2.8 Tampa de ânfora (opérculo) (inédito). 573
Fig. 2.9 Vaso de cerâmica comum (?) (inédita). 573
Fig. 2.10 Vaso com decoração em bandas pintadas de roxo e avermelhado. 574
Fig. 2.11 Vaso pintado em bandas (forma 5.1.- pote) (inédito). 574
Fig. 2.12 Forma 6 (seg. Aguarod, 1991) (inédito). 575
Fig. 2.13 Tampas de cozinha africana, uma delas com engobe bege (inéditas). 575
Fig. 2.14 Localização do povoado de Vilar de Mouros (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, IGE, 1997). 577
Fig. 2.15 Machado de talão presumivelmente proveniente da base do esporão do Monte de Góios Pequeno, no qual mais tarde se instalou o povoado proto-histórico de Vilar de Mouros (S/A: 1946, lâmina IX, n.º 225). 578
Fig. 2.16 Forma cerâmica de origem setentrional: Tipo Cíes (inédita). 579
Fig. 2.17 Formas cerâmicas: a) bordo de tipo Ovóide 6 (vale do Guadalquivir); b) Dressel 7-11 (da área da Bética); c) asa de ânfora tipo Dressel 7-11 (da área da Bética) (inéditas). 580
Fig. 2.18 Localização do Castro de Cristelo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, ICE,1997). 581
Fig. 2.19 Localização do Castro de Barroca (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, ICE, 1997). 582
Fig. 2.20 Localização de Picoto dos Mouros (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 583
Fig. 2.21 Vista para o Picoto dos Mouros (em cima); em baixo a observação deste sítio para a foz do Âncora. 584
Fig. 2.22 Localização do Castro de Santo Amaro (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 585
Fig. 2.23 Talude a nordeste da capela cortado pelo alargamento da estrada. 586
Fig. 2.24 Fragmento de bordo esvasado, polido (inédito). 587
Fig. 2.25 Bordo de aba soerguida com decoração vassourada na zona externa; e forma 4 (asa de secção circular) (inédito). 587
Fig. 2.26 Ânfora da área do Baixo Guadalquivir tipo Pellicer B/C (inédita). 588
Fig. 2.27 Fragmento de uma asa em orelha (forma 6) (inédito). 588
Fig. 2.28 Fragmentos de época tardo-republicana e imperial romano: a) asa de ânfora Haltern 70 da área da Bética; b) prato (?) de engobe vermelho (inéditos). 589
Fig. 2.29 Vista da acrópole encimada pela capela de Santo Amaro. Em baixo vista do topo do monte de Santo Amaro para oeste. 589
Fig. 2.30 Localização da Cividade de Âncora (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 590
Fig. 2.31 Localização do Cúturo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 592
Fig. 2.32 Diapositivo de Christopher Hawkes, mostrando planta e cortes estratigráficos da escavação do Castro do Cúturo (Queiroga, 2020: 144, adaptado). 593
Fig. 2.33 Fotografias da escavação do povoado do Cúturo. À esquerda, vala de sondagem vendo-se os muros postos a descoberto; à direita, muralha deste povoado (Cardoso *et al.,* 1959, adaptado). 594
Fig. 2.34 Estela antropomórfica, proveniente do povoado do Cúturo, no Museu Municipal de Viana de Castelo (Faria, 1984, adaptado). 595
Fig. 2.35 Localização de Santo António (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 596
Fig. 2.36 Localização do Castro de Agrichouso (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 597
Fig. 2.37 Localização do Monte Castro (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 598
Fig. 2.38 Localização do possível povoado de Montedor (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 600
Fig. 2.39 Tesouro de Montedor (fonte própria, pote e moedas encontram-se expostas na Casa dos Nichos (Viana do Castelo). 601
Fig. 2.40 Arrecada de Carreço (fonte: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118240&EntSep=3#gotoPosition) 603
Fig. 2.41 Localização do Castro da Crôa ou Crastos Velhos (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 604

Fig. 2.42 Materiais do Crasto da Crôa: em cima fragmentos datáveis da Idade do Bronze; e bordo da Forma 1b (pote) datável da Idade do Ferro Recente (inéditos). 605
Fig. 2.43 Localização da Cova da Moura (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997). 606
Fig. 2.44 Localização do povoado do Pego (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 607
Fig. 2.45 Localização do Castro da Cancela da Areosa (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 609
Fig. 2.46 Localização do Povoado de Santa Luzia (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 610
Fig. 2.47 Localização do Castro de Miradoiros do Galo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 613
Fig. 2.48 Localização do Castro de Vieito (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 614
Fig. 2.49 Planta final da escavação do Castro de Vieito (Silva, 2012: 280, adaptado). 615
Fig. 2.50 Material indígena decorado: pintado a negro em bandas ou faixas (Silva, 2012, adaptado). 616
Fig. 2.51 Brinco em ouro (Silva, 2012, adaptado). 616
Fig. 2.52 Moldes de sítula, em cerâmica, com decoração geométrica (Silva, 2012, adaptado). 617
Fig. 2.53 Localização do Castro de S. Silvestre (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). ..618
Fig. 2.54 Estruturas escavadas do Castro de S. Silvestre (fonte:https://www.geoparquelitoralviana.pt/explorar/castro-de-são-silvestre/) 619
Fig. 2.55 Localização do povoado da Terronha (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). ..620
Fig. 2.56 Localização do Castro do Monte Arculo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 621
Fig. 2.57 Localização do Castro de Sabariz (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 622
Fig. 2.58 Localização do Castro de Roques/Santinho (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997). 623
Fig. 2.59 Localização do Castro do Peso (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 41, ICE, 1997). 625
Fig. 2.60 Forma 5 (talha) com inscrição (Soeiro, 1981: 101, adaptado). 625
Fig. 2.61 Localização de Santo Estevão da Facha (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 41, ICE, 1997). 626
Fig. 2.62 Localização da Nossa Senhora do Crasto (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997). 629
Fig. 2.63 Localização do Castro de Moldes (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997). 630
Fig. 2.64 Localização do Povoado de Belinho (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997). 632
Fig. 2.65 Localização do Castro da Cova da Bouça (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997). 634
Fig. 2.66 Machado de alvado (?), em bronze (Bettencourt e Guedes, 2023). 635
Fig. 2.67 Localização do Castro da Nossa Senhora da Paz (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997). 636
Fig. 2.68 Fotografia do litoral a partir do Miradouro de N. Sra. da Paz. 637
Fig. 2.69 Localização do Castro de São Lourenço (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 68, ICE, 1997). 638
Fig. 2.70 Localização do Castro do Senhor dos Desamparados (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 68, ICE, 1997). 639
Fig. 2.71 Localização do Outeiro dos Picotos (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 68, ICE, 1997). 641
Fig. 2.72 Localização do povoado do Alto da Torre (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 69, ICE, 1997). 642
Fig. 2.73 Localização do Castro de Faria (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 69, ICE, 1997). 643
Fig. 2.74 Localização do Castro de Laúndos (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997). 645
Fig. 2.75 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro) (inédito). 646
Fig. 2.76 Forma cerâmica: forma 6 (panela de asa em orelha) (inédito). 646
Fig. 2.77 Vaso de perfil em S, acampanado, (forma 7? – copa) (desenho de Ricardo Severo, 1905-1908: 404, adaptado). 647
Fig. 2.78 Pingo de fundição (desenho de Ricardo Severo, 1905-1908: 405, adaptado). 647
Fig. 2.79 Arrecadas do povoado de S. Félix (fonte: www.matriznet.dgpc.pt). 649
Fig. 2.80 Localização do Castro de Navais (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997). 650
Fig. 2.81 Localização da Cividade de Terroso (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997). 651
Fig. 2.82 Visibilidade a partir do povoado de Terroso. 652
Fig. 2.83 Fotografia área da Cividade de Terroso de 1994 (Arquivo MDDS). 652
Fig. 2.84 Fragmentos cerâmicos de produção datável da Idade do Bronze. 654

Fig. 2.85 Planta da escavação de Terroso (Gomes, 1996), área da estrutura I destacada. 655
Fig. 2.86 Materiais da Idade do Ferro decorados por aplicação plástica e aguada negra na superfície externa, da estrutura VII.....656
Fig. 2.87 Fragmento da área setentrional da Península Ibérica (fotografia gentilmente cedida por José Flores). 657
Fig. 2.88 Fragmento de colo decorado por puncionamento e incisão apresentando um rosto humano algo abstrato, provavelmente de um pote (Gomes, 2020, vol. II: 333), (fotografia do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim).....657
Fig. 2.89 Localização do Castro de Argivai (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997). 658
Fig. 2.90 Localização da Cividade de Bagunte (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 83, ICE, 1997). ...659
Fig. 2.91 Machado de aletas do Monte de Bagunte (Almeida *et al.,* 2020: 88, fig. 14 - 4). 661
Fig. 2.92 Fragmento de asa bífida, de origem púnica, classificada como Dressel 2/4 (Almeida *et al.,* 2020: 81, fig. 7-10, adaptado).....662
Fig. 2.93 Fragmento de origem púnica (asa bífida).....662
Fig. 2.94 Localização do Castro de Santagões (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 83, ICE, 1997). ...663
Fig. 2.95 Localização do povoado de S. João (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 96, ICE, 1997). 664
Fig. 2.96 Localização do Castro da Retorta (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 96, ICE, 1997). 666
Fig. 2.97 Localização do Castro do Boi (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 96, ICE, 1997). 667
Fig. 2.98 Localização do povoado de S. Paio (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 109, ICE, 1997). ...669

Fig. 3.1 Instrumentos encontrados em 1930. A figura da esquerda corresponde a um objeto esteliforme cuja cronologia se desconhece (Arnaud e Fernandes, 2005: 111, adaptado). A figura da direita é composta por um conjunto de objetos vários (adaptado de Viana, 1937).....671
Fig. 3.2 Fotografia da epígrafe (NAIAA) e desenho efetuado por Moreira (1982), adaptado.....672
Fig. 3.3 Moldes de sítula com decoração geométrica, segundo Silva (1986), adaptado. 673
Fig. 3.4 Fotografia de uma placa indicando o nome de um caminho, no sopé do Castro de Santo António. 673
Fig. 3.5 Localização do Povoado de Santo António, excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25000, nº. 27. 674
Fig. 3.6 Localização do Povoado de Santo António, excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50.000, f. 5-A. 675
Fig. 3.7 Povoado de Santo António visto da planície (fotografia: Ana M. S. Bettencourt).....676
Fig. 3.8 a) Fotografia de satélite (fonte: *Google Earth)* do curso inferior da bacia do rio de Afife, com implantação de diversos povoados da Idade do Ferro e da localização de Santo Adrião; b) barquiformes de Santo Adrião (Santos-Estévez e Bettencourt, 2017), adaptado.....677
Fig. 3.9 Fotografias das escavações ocorridas nos anos 70 e 80 do século XX (fonte NAIAA). 678
Fig. 3.10 Fotografias atuais: a de cima muro de contenção (muralha) na vertente norte, próximo do topo; as duas de baixo são as estruturas à vista na vertente oeste. A da esquerda é a mesma estrutura da figura anterior.....678
Fig. 3.11 Total de fragmentos estudados inseríveis na Idade do Bronze Final no Povoado de Santo António. 679
Fig. 3.12 Potinho, (Forma10) muito polido e com decoração incisão, uma canelura na horizontal.....680
Fig. 3.13 Pote com bordo em aba horizontal (forma 1c) com a particularidade de ter decoração brunida a partir do colo; b) Pote da variante 2 com decoração brunida a partir do colo, com várias linhas na vertical; c) Púcaro (forma 10) com asa de seção pentagonal.....681
Fig. 3.14 Base de fundo plano simples e pança decorada com traços brunidos na vertical.....681
Fig. 3.15 Asa com dois sulcos incisos longitudinais.....682
Fig. 3.16 Decoração impressa com pequenos retângulos. 682
Fig. 3.17 Pança toda ela decorada por brunido. 683
Fig. 3.18 Vaso Ovóide com reticulado brunido na pança e a ladear este reticulado temos ainda várias linhas brunidas na horizontal. 684
Fig. 3.19 Base (?) de cadinho com aderências metálicas.....684
Fig. 3.20 Quantidade de fragmentos enquadráveis na Idade do Ferro Recente.....685
Fig. 3.21 Fragmento de bojo decorado, com sulcos incisos, com uma série de SSS estampados e ainda uma estampagem segundo uma matriz tipo floral. 686
Fig. 3.22 Base pé alto.....686
Fig. 3.23 Bases com diâmetros muito reduzidos. 687
Fig. 3.24 Alguns exemplares de asas: a) asa com uma depressão longitudinal (Forma 2a); b) asa de seção circular (Forma 4).....687
Fig. 3.25 Alguns exemplares de asas: a) asa com seção pentagonal e curvatura anelar (forma 2); b) asa com um sulco central, uma asa típica de forma Serra Tipo Toralla (Galiza) (Rey Castiñeira, 1990 – 1991, 1991, 2005)....687

Fig. 3.26 Quantidade de Formas indígenas por formas, de Santo António na Idade do Ferro Recente. 689
Fig. 3.27 Formas para consumo de bebidas - potinhos e púcaros: a) e b) forma 2a; c) forma 2 decorada por incisão. 689
Fig. 3.28 Formas de armazenamento - Potes: forma 1a; forma 1b; forma 1c. 690
Fig. 3.29 Forma para preparação de alimento - panela de asa interior: forma 4. 690
Fig. 3.30 Forma de armazenamento - talha: forma 5. 691
Fig. 3.31 Asa em Orelha, Forma 6. 691
Fig. 3.32 Cossoiro. 691
Fig. 3.33 Tampa. 691
Fig. 3.34 Material importado da região da Rias Baixas: a) vaso com bordo Tipo Vigo; b) Vaso tipo Ciés. 692
Fig. 3.35 Imitação de cerâmica do sul da Ibéria (tipo 2 de Lamboglia). 693
Fig. 3.36 Total de formas inseríveis na Idade do Ferro Recente no Castro de Santo António. 693
Fig. 3.37 Percentagem corresponde de decorações conforme a sua localização na peça. 694
Fig. 3.38 Decoração por incisão (seis sulcos incisos, e duas zonas com incisões cruzadas) de uma forma 2 (Potinho/Púcaro). 695
Fig. 3.39 Bojos decorados com decoração compósita: da esquerda por incisão (canelura incisa) e impressão porque pequenos quadrados formando um triângulo e entre ele dois círculos concêntricos; a da direita por aplicação plástica (cordão aplicado) e incisão (3 pequenas incisões oblíquas). 695
Fig. 3.40 Quantidade de técnicas decorativas em bojos, na Idade do Ferro no Castro de Santo António. 696
Fig. 3.41 Colo de um Vaso Serra Tipo Toralla, decorado. 697
Fig. 3.42 Decoração compósita: aplicação plástica (1 cordão), incisão (5 sulcos incisos, entre a 1º e a 2º sulco e entre a 4º e 5º sulcos, surgem séries de incisões cruzadas). 698
Fig. 3.43 Bojo com decoração compósita: incisão, impressão e brunido. 699
Fig. 3.44 Total de decorações consideradas na Idade do Ferro para o Castro de Santo António. 699
Fig. 3.45 Decoração em bojos: a) apresenta decoração por brunido (vários segmentos na vertical); seguido de 1 motivo entrelaçado inciso; aplicação plástica (1 cordão); seguido de uma incisão (1 canelura) e a mesma sequência repete-se mais 2 vezes; b) apresenta decoração por incisão (4 sulcos incisos) e no meio destas 1 motivo entrelaçado; c) apresenta decoração por brunido (vários segmentos na vertical); aplicação plástica (1 cordão); seguido de uma incisão (1 sulco inciso); seguido de uma série de SSS), esta sequência repete uma vez mais; d) aplicação plástica (pequeno cordão aplicado seguido de 3 pequenos mamilos colocados por cima (imitando rebites?); e) apresenta decoração compósita: impressão (por motivo semicircular); seguido de uma canelura (incisa) muito suave; seguido de uma canelura incisa que culmina numa aplicação plástica (pequeno cordão aplicado seguido de 3 pequenos mamilos colocados por cima (imitando rebites?) e por baixo da canelura incisa uma série de SSS impressos. 700
Fig. 3.46 Vaso Tipo Forca. 701
Fig. 3.47 Fragmento com vestígios de práticas metalúrgicas: a) de cadinho com aderências do que parece minério de ferro; b) fragmento com vestígios de prática metalúrgica. 702
Fig. 3.48 Forma comum romana de pasta micácea. 703
Fig. 3.49 Pias salineiras amovíveis encontradas em Santo António inteiras e partidas. à esquerda em granito de duas micas; a pia inteira é em xisto mosqueado e a da direita é em xisto mosqueado luzente (em depósito no NAIAA). 706
Fig. 3.50 Território teórico de exploração pedestre do Povoado de Santo António, com linhas isócronas de 30 minutos. Foi ainda colocada a existências das pias salineiras junto à costa e dos múltiplos locais com jazidas primárias de estanho, ferro e ouro. 706
Fig. 3.51 Bases com diâmetros muito reduzidos. 707
Fig. 3.52 Cadinho de liga de bronze; cadinho de ferro e moldes de sítula com decoração geométrica, segundo Silva (1986, adaptado). 707
Fig. 3.53 Formas datáveis do Bronze Final, no qual incluímos o vaso de tendência ovóide com ornatos brunidos (reticulado). 710
Fig. 3.54 Formas importadas da área das rias baixas galegas. 710
Fig. 3.55 Fragmentos profusamente decorados em Santo António. 711
Fig. 3.56 Introdução de formas e gostos do mundo meridional. 712

Fig. 4.1 Capacetes cónicos achados no Monte de Castelo de Neiva (Almeida, 1980a), adaptado 715
Fig. 4.2 Três taças em bronze, sem escala. (Almeida, 1980a; Fabião, 1999, adaptado). 716
Fig. 4.3 Dupôndio de Augusto, com escudo, duas lanças e uma falcata no reverso, típica moeda *caetra*. 716

Fig. 4.4 Planta das escavações de 2007: 1ª. Fase – ocupação indígena (Marques, 2012, vol. III: EST. LXXXV, adaptado). 719
Fig. 4.5 Muro da primeira estrutura de cronologia romana e lajeado adjacente (Marques, 2012, Vol. III: EST. XCI). 720
Fig. 4.6 Fotografia de perfil de uma das muralhas, mais exteriores do povoado de Moldes (Marques, 2012, vol. III, EST. LXXXVIII, X, adaptado). 721
Fig. 4.7 Monte de Castelo no qual se nota o caos de blocos à direita. 721
Fig. 4.8 Localização do povoado em excerto da Carta Militar de Portugal, nº. 54, à escala 1:25 000. 722
Fig. 4.9 Localização do povoado na Carta Geológica de Portugal, nº. 5C, na escala 1:50 000. 723
Fig. 4.10 Vista da foz do rio Neiva para o povoado de Monte de Moldes. 724
Fig. 4.11 Observação da foz do rio Neiva a partir do topo Monte de Moldes. 724
Fig. 4.12 Vista para o povoado de Moldes (em primeiro plano) com a Serra de Santa Luzia e a Serra de Arga, em últimos planos, a partir do Santuário de Nossa Senhora da Guia, a sul do Neiva. 725
Fig. 4.13 Planta com a localização das sondagens arqueológicas realizadas (Silva e Marques, 1984, adaptado). 726
Fig. 4.14 Cabana circular e respetiva estrutura de combustão encontrada no Setor A (Silva e Marques, 1982, adaptado). 728
Fig. 4.15 Planta do Setor A (seg. Silva e Marques, 1984). 729
Fig. 4.16 Setor C, momento da escavação em que ainda estavam implantadas as banquetas (Silva, e Marques, 1982, adaptado). Note-se a pendente existente nesta área. 729
Fig. 4.17 Vista de parte do Setor C, no qual se pode observar a casa 4, com uma mó circular no seu interior (Silva e Marques, 1982, adaptado). 730
Fig. 4.18 Relação percentual dos materiais locais e importados no Povoado de Moldes. 731
Fig. 4.19 Formas: a) taça carenada (forma 12); b) potinho / púcaro (forma 10); c) pote (forma 2). 733
Fig. 4.20 Desenho de pequeno recipiente cerâmico reaproveitado. 734
Fig. 4.21 Bordo de forma indeterminada decorado com incisões. 735
Fig. 4.22 Forma 10, decorado por vassourado. 735
Fig. 4.23 Percentagem de fragmentos datável do Ferro Antigo. 736
Fig. 4.24 Bordo de forma indeterminada (Forma 2b?). 738
Fig. 4.25 Formas: a) pote de bordo em aba horizontal (forma 1c); b) pote de bordo em aba soerguida (forma 1b). 738
Fig. 4.26 Bojo decorado por brunido. 739
Fig. 4.27 Bojo com decoração em espinha. 740
Fig. 4.28 Percentagem de fragmentos da Idade do Ferro Recente. 741
Fig. 4.29 Formas 1 (potes): a) forma 1a (decorada no lábio por incisão); b) forma 1b (com resto de agrafo metálico). 743
Fig. 4.30 Forma 1b (pote) com agrafo metálico. 743
Fig. 4.31 Formas: a) púcaro decorado incisa e asa de seção pentagonal; (forma 2b); b) copa (forma 7); c) potinho (forma 2a); d) púcaro, com arranque de asa (forma 2b). 744
Fig. 4.32 Tampa decorada por incisão. 744
Fig. 4.33 Fundo plano simples. 745
Fig. 4.34 Cossoiros (bicónico de cones iguais, bulboso achatado, bulboso esférico). 745
Fig. 4.35 Fragmento decorado por incisão. 747
Fig. 4.36 Decoração por incisão e impressão de série de SSS, horizontais. 749
Fig. 4.37 Decoração por aplicação plástica, incisão e impressão. 750
Fig. 4.38 Formas importadas da área setentrional (Galiza): a) bordo de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo; b) bordo reforçado tipo Vigo. 752
Fig. 4.39 Exemplares de ânforas do tipo T.7.3.4.4. 754
Fig. 4.40 Exemples de ânforas do tipo Dressel 1 e de Dressel 1a. 755
Fig. 4.41 Exemplar de ânfora do tipo Dressel 12. 755
Fig. 4.42 Exemples de ânforas do tipo Haltern 70. 756
Fig. 4.43 Asas da tipologia Haltern 70. 757
Fig. 4.44 Exemplar de ânfora da tipologia Ovóide 1. 757
Fig. 4.45 Exemplar de ânfora da tipologia Ovóide 4. 758
Fig. 4.46 Asa de tipologia indeterminada. 758
Fig. 4.47 Ânfora de produção local? 758
Fig. 4.48 Exemplar de opérculo (tampa de ânfora). 759
Fig. 4.49 Fragmento de itálica de verniz negro A. 760

Fig. 4.50 Fragmentos de cerâmica itálica de verniz negro B: a) asa de jarro tipo 10; fragmento de fundo de pé alto de forma tipo 6; c) fragmento de fundo de pé alto de forma tipo 7. 760
Fig. 4.51 Pavimento cozido decorado por impressão. 762
Fig. 4.52 Pote decorado, presumivelmente tapado por uma pia salineira. 763
Fig. 4.53 Pias salineiras amovíveis que se encontram em depósito no núcleo museológico na Junta de Freguesia de Castelo do Neiva. 764
Fig. 4.54 Fragmento de lintel ou ombreira decorado do Castro de Moldes (em cima) e decoração arquitetónica encontrada no Castro de Sabroso (imagem em baixo) (Silva, 2007: 690), adaptada. 764
Fig. 4.55 Fíbula tipo Ponte 51.1. 765
Fig. 4.56 Aspeto atual dos fragmentos de sítulas e ainda do coador (Núcleo Museológico, Junta de Freguesia de Moldes). 766
Fig. 4.57 Molde de sítula com decoração geométrica (seg. Almeida, 1982; 1996, adaptado). 766
Fig. 4.58 Aspeto em 2007 do setor C do Povoado de Moldes (seg. Almeida, 2008: 170, adaptado). 767
Fig. 4.59 Território teórico de exploração de 2 horas pedestres (com linhas isócronas de 30 minutos). 771
Fig. 4.60 Quantidade percetual dos produtos transportados em ânforas registados no povoado de Moldes. 773

Fig. 5.1 Localização do Povoado de Belinho, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25.000, nº. 54 (IGEOE, 1990). 778
Fig. 5.2 Localização do Povoado de Belinho vista de satélite (fonte: Google Earth). 778
Fig. 5.3 Localização do Povoado de Belinho em excerto da Carta geológica de Portugal, à escala 1:50000, f. 5-C (DGMSG). 779
Fig. 5.4 Um dos panos de muralha do castro de Belinho segundo Sereno e Dordio (1994) (fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1893). 781
Fig. 5.5 Aspeto da área escavada, em 1924. Em baixo: planta da escavação efetuada, em 1924, por José Leite Vasconcelos onde se registam as duas casas referidas no texto e um pano de muralha com enchimento em terra e pedra miúda (E) (Vasconcelos, 1934, adaptada). 782
Fig. 5.6 Cossoiro discoide. 784
Fig. 5.7 Fragmentos decorados por incisão, impressão e por aplicação plástica. 785
Fig. 5.8 Cossoiro em xisto, perfurado. 786
Fig. 5.9 Fíbula publicada por Leite de Vasconcelos (1934, adaptado, sem escala). 786
Fig. 5.10 Bojo decorado por aplicação plástica e puncionamento. 788
Fig. 5.11 De cima para baixo: potinho/púcaro (Forma 2); base de fundo plano alargado; potes da forma 1b e panela de asa interior (forma 4). 789
Fig. 5.12 De cima para baixo: dois potinhos/púcaros (Forma 2) e potes (Forma 1a e 1c). 791
Fig. 5.13 Base de fundo plano alargado. 791
Fig. 5.14 Fragmento de Terra Sigillata. 792
Fig. 5.15 Território teórico de exploração de 2 horas pedestres de povoado de Belinho (com linhas isócronas de 30 minutos). 794
Fig. 5.16 Territórios teóricos de exploração de 2 horas pedestres, de Moldes e Belinho. 796
Fig. 5.17 Pormenor do território teórico de exploração de Moldes e Belinho de 1 hora. 796

Fig. 6.1 Planta das escavações efetuadas por Carlos B. de Almeida (1996, vol. 1: 299; 1997: 108, adaptado). 802
Fig. 6.2 Localização do povoado de Faria, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:250000, nº. 69 (CIGeoE). 804
Fig. 6.3 Localização do povoado de Faria em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1/50000, ... 805
Fig. 6.4 Localização a partir do vale do Cávado, do povoado de Faria. 806
Fig. 6.5 Vista da plataforma litoral a partir do Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, alguns metros mais acima do povoado de Faria, sendo a vista similar. Observa-se, ao fundo, a foz do rio Cávado. 806
Fig. 6.6 Setor C escavado pelo Grupo de Alcaides de Faria e por Brochado de Almeida, nos anos 80, área sensivelmente a este-sudeste do topo. 808
Fig. 6.7 Pote com bordo aba soerguida (Forma 1b) da Idade do Ferro Antiga. Note-se a pasta com biotite e grãos de quartzo e de feldspato. 810
Fig. 6.8 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro). 810
Fig. 6.9 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro), com asa de duas caneluras. 811
Fig. 6.10 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão, perfazendo decoração em espinha sobre cordão disposto na horizontal. 811

Fig. 6.11 Fragmento historiado com dois prováveis equídeos, um elemento humano com lança na mão e ideogramas. 813
Fig. 6.12 Decoração historiada de um colo cerâmico de um provável pote (desenho de Teresa Soeiro, adaptado e sem escala). 813
Fig. 6.13 Tampa (?) muito incompleta com 3 orifícios e asa de seção retangular. 814
Fig. 6.14 Fragmento de vaso: com "agrafo" em cerâmica para restauro de peça. 814
Fig. 6.15 Exemplares de bases: a) base de fundo plano alargado com aguada vermelha na superfície exterior; b) base de pé alto; c) e d) bases de fundo plano alargado 816
Fig. 6.16 Exemplares de asas: a) asa de seção em fita com uma canelura longitudinal; b) asa de seção pentagonal; c) asa de seção retangular; d) asa com duas caneluras longitudinais; e) arranque de bordo e asa com quatro caneluras longitudinais. 816
Fig. 6.17 Quantidade de formas da Idade do Ferro Recente no povoado de Faria. 817
Fig. 6.18 Formas cerâmicas de potes forma 1a forma 1b. 818
Fig. 6.19 Formas de panelas de asa em orelha (forma 6). 818
Fig. 6.20 Talhas (forma 5). Um deles com marca de oleiro na zona interna do bordo. 819
Fig. 6.21 Formas cerâmicas: a) a c) potinhos e púcaros (forma 2a e b); d) a f) copas com asa (forma 7). 820
Fig. 6.22 Forma de preparação e cozedura de alimentos a) tigela (forma 3b); b) panela de asa exterior; c) panela de asa interior (forma 4b). 820
Fig. 6. 23 Tampa decorada por incisão (desenho de Teresa Soeiro, sem escala, adaptado). 821
Fig. 6.24 Possível pega de uma tampa (?) com perfuração central (desenho de Teresa Soeiro sem escala, adaptado) 821
Fig. 6.25 Bojo decorado por incisão com organização decorativa complexa. 822
Fig. 6.26 Bojo decorado com quatro cordões horizontais. 822
Fig. 6.27 Pote (Forma 1b), com aguada ou engobe avermelhado, no exterior. 823
Fig. 6.28 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão efetuada por objeto de ponta romba. 824
Fig. 6.29 Fragmento decorado por impressão, incisão e aplicação plástica (Almeida, 1974a, est. X, nº. 6). 824
Fig. 6.30 Forma cerâmica: a) forma 1b (pote) com "remendos" produzidos em cerâmica para restauro da peça; b) forma 1a (pote), com um agrafo produzidos em cerâmica para restauro de peça. 826
Fig. 6.31 Fragmento de base de fundo plano alargado com o que resta de um agrafo metálico em ferro. 827
Fig. 6.32 Dois fragmentos de bojo de cerâmica grega do Castro de Faria (Ferreira, 2019a: 533, adaptado). 828
Fig. 6.33 Fragmento de produção ática possivelmente da tipologia Kratêr-de-sino (desenho inédito). 828
Fig. 6.34 Conta de colar oculada do povoado de Faria (Gomes, 2012). 829
Fig. 6.35 Tipologias anfóricas: a) indeterminado; b) Dressel 1b; d) Dressel 14 (Lusitânia ocidental). 831
Fig. 6.36 Tipologia Haltern 70 (produção da Bética). 832
Fig. 6.37 Indeterminada (produção de Cádis). 833
Fig. 6.38 Fundos de ânfora: a) fundo Haltern 70 (da área da Bética); b) Ovóide 1 com marca de oleiro (produção do vale do Guadalquivir); c) Ovóide 6 (produção do vale do Guadalquivir). 833
Fig. 6.39 Tipologias anfóricas: exemplares de asa de tipo Haltern 70 (da área da Bética). 834
Fig. 6. 40 Tipologias anfóricas: a) Asa de Haltern 70 (da área da Bética); b) Indeterminada (produção itálica); c) Dressel 7-11 (da área da Bética). 835
Fig. 6.41 Asa de tipo Haltern 70 (?). 836
Fig. 6.42 Planta do Setor A (Almeida, 1997: 134, adaptado). 837
Fig. 6.43 Planta do setor C e cabanas escavadas (Almeida, 1996; 1997: 109, adaptado). 838
Fig. 6.44 Perfil do quadrado LVIII (Almeida, 1996, adaptado). 839
Fig. 6.45 Fragmento de provável vaso de "tipo *pithos*". 840
Fig. 6.46 Fragmentos de base de produção ática, possivelmente da tipologia Kráter-de-sino (inédita). 841
Fig. 6.47 Bordo (?) e arranque de asa (CF 82, Setor C, Quadrado LXXII - LXIII (5). 841
Fig. 6.48 Fundo ou tampa (?) com engobe preto (CF 82, Quadrado LXIV - LXV camada 10). 842
Fig. 6.49 Fundo em ônfalo (CF 82, Setor C, Quadrado LXXXII-LXXXIII camada 4). 842
Fig. 6.50 Bordo com engobe vermelho (CF 81, Setor A, quadrado XI-XII, camada 5). 843
Fig. 6.51 Perfil do sistema defensivo do Ferro Antigo no Setor C, com representação de talude de terra e da muralha M3A (Almeida, 1997: 118, adaptado). 846
Fig. 6.52 Cadinho, a partir de um bordo aberto (CF 82, Quadrados LXXVI/LXXIX, camada 2). 847
Fig. 6.53 Território teórico de exploração de 2 horas do povoado de Faria (com linhas isócronas de 30 minutos). 848
Fig. 6.54 Base de pé alto e base com aguada ou engobe do Ferro recente. Pote da forma 1b com aguada ou engobe avermelhado do Ferro Recente. 849
Fig. 6.55 Comparação entre os motivos do fragmento de fabrico local e cerâmica ibérica, presente num kalathos, descoberto em Cabezo de la Guardia, Alcorisa, Teruel (Olmedo Bellés, 2015: 40). 849

Fig. 6.56 Panelas de asa exterior. 850
Fig. 6.57 Origem dos materiais importados no Ferro Antigo. 851
Fig. 6.58 Origem dos materiais importados no Ferro Recente. 852
Fig. 6.59 Território visível (a cinzento) num raio de 20 km a partir de Faria. 853

Fig. 7.1 Localização da Cova da Moura em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25.000, f. 27 (IGEOE, 1990). 856
Fig. 7.2 Localização da Cova da Moura em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50.000, f. 5A. Viana do Castelo (1970) (DGMSG). 857
Fig. 7.3 Fotografias da fase da exploração: fotografia realizada durante as escavações da vala norte vista de norte (à esquerda; vista da vala norte-sul, desde o interior do monumento para o exterior (a sul) (à direita) (Viana, 1931, adaptado). 860
Fig. 7.4 Alçados do monumento escavado por Abel Viana (Viana, 1955a), adaptado. A legenda refere "Perfis da mamôa Cova da Moura, em Carreço, concelho de Viana do Castelo". 861
Fig. 7.5 Em cima: O montículo visto pelo lado este: Em baixo: montículo visto pelo lado poente com evidências de uma couraça pétrea. 862
Fig. 7.6 Blocos graníticos colocados a nordeste do montículo. 863
Fig. 7.7 Corte transversal do monumento, no sentido N-S (Viana, 1955a, adaptado), onde se pode observar, no centro, o afloramento com a cavidade e, mais a norte, um outro afloramento mais pequeno, ambos cobertos pela parede bem estruturada, até uma certa altura, talvez representando a altura do monumento inicial. 865
Fig. 7.8 Afloramento existente no centro do monumento, do lado oeste, podendo observar-se, no seu topo, os blocos pétreos da parede que lhe passava por cima e parte do montículo. 866
Fig. 7.9 Em cima: em primeiro plano observa-se o grande afloramento existente, sensivelmente, a meio do monumento, seguido de uma área onde a parede oeste foi destruída devido à abertura de uma vala de escavação superficial, orientada a oeste, por Abel Viana. Em último plano nota-se a continuação da parede que se desenvolve para sul, assim como os sedimentos que a colmataram, no momento de encerramento desta construção. Em baixo: Pormenor do aparelho da parede oeste. 867
Fig. 7.10 Em cima: aspeto do abrigo, muito entulhado existente na base do afloramento que foi escavado por Abel Viana. Na fotografia podem ver-se algumas pequenas cavidades naturais do afloramento designadas por *tafoni* (a régua tem 1,5 m de altura). Em baixo: entrada no abrigo (fot. de Renato Henriques). 869
Fig. 7.11 Esquerda: Interior do abrigo existente no centro do monumento e sob um grande afloramento, com murete tapando a entrada norte; Direita: extremidade sul do abrigo. 870
Fig. 7.12 Aspeto final dos trabalhos. Vista de Norte para Sul. Debaixo do penedo que se observa em primeiro plano encontravam-se duas incinerações (fotografia de Abel Viana (1934), adaptado). 872
Fig. 7.13 Perfil este-oeste do monumento segundo Abel Viana (1955a, adaptado.) Como o autor não escavou para o lado este, o que representa como um amontoado de blocos pétreos poderá ser uma estrutura distinta, talvez em rampa. 873
Fig. 7.14 Reconstituição de um pote da forma 2, datável da Idade do Bronze. Dimensões (24,3 cm de diâmetro de boca, 31,5 cm de altura e 14,1 cm de diâmetro de base). 877
Fig. 7.15 Aspeto do fundo do vaso reconstituído (com matéria orgânica na área interior). 877
Fig. 7.16 Bordo ligeiramente esvasado de um pote da forma 1. 878
Fig. 7.17 Bojo decorado por decoração brunida e aplicação plástica. 878
Fig. 7.18 Forma 1c – pote do Ferro Antigo e forma 2 - potinho do Ferro Recente. 879
Fig. 7.19 Fragmentos datáveis do séc. I d.C. (do lado esquerdo fragmento de cerâmica comum romana; do lado direito fragmento de ânfora romana). 880
Fig. 7.20 Núcleo sobre seixo quartzítico. 884
Fig. 7.21 Pesos de rede sobre seixos rolados de quartzito. 884
Fig. 7.22 Pesos de rede sobre seixo rolado. 885
Fig. 7.23 Núcleo de sílex dado como sendo deste local. 885
Fig. 7.24 Lítico com caneluras longitudinais, bifaciais, de função desconhecida (desenho e fotografia): Molde duplo (?). 886
Fig. 7.25 Possível moinho movente com apenas uma das superfícies ligeiramente polidas. 887
Fig. 7.26 Mó partida com a superfície muito polida (desenho e fotografia). 887
Fig. 7.27 Alguns percutores. 888
Fig. 7.28 Possível percutor (desenho e fotografia). 889
Fig. 7.29 Exemplos de líticos esferoides. 890
Fig. 7.30 Fragmentos de cristais de quartzo negro. 891

Fig. 7.31 Calhaus com uma face aplanada ou imperfeitamente esferoidais.....892
Fig. 7.32 Líticos afeiçoados em formato fusiforme.....893
Fig. 7.33 Lítico em formato fusiforme.....894
Fig. 7.34 Estela de tendência antropomórfica (frente e verso).....895
Fig. 7.35 Representação da estela analisada através de fotogrametria. Assinalado com um círculo nota-se a área dos olhos e nariz.....896
Fig. 7.36 Lajes de tendência antropomórfica depositadas no Museu de Viana do Castelo, em 1931 (Viana, 1943: 19, adaptado).....897
Fig. 7.37 Fragmento de foice, fragmentada na extremidade mais aguçada (desenho de Amélia Marques e Nuno Oliveira; e fotografia no lado direito de A. Viana (1955a), adaptado).....898
Fig. 7.38 Análises à foice (Fonte: Relatório interno - LNEG).....899
Fig. 7.39 Cabeça de fíbula (?) encontrada no interior da Cova da Moura (Viana, 1955: 501, adaptado).....900
Fig. 7.40 Condicionamento das amostras de carvões e de sedimentos, existentes no Museu Geológico de Lisboa. 904
Fig. 7.41 Alguns recipientes cerâmicos de várias cronologias, encontrados na Cova da Moura. Em cima e à esquerda: recipientes da Idade do Bronze: à direita: recipiente da Idade do Ferro.....909
Fig. 7.42 Território de 2 horas pedestres a partir do monumento da Cova da Moura (com linhas isócronas de 30 minutos).....911
Fig. 7.43 Visibilidade (de 20 km) a partir da Cova da Moura, a cinzento. 912

ÍNDICE DE TABELAS – VOLUME II (Anexo I)

Tabela 2.1 Formas de importação reclassificadas do Coto da Pena.....572
Tabela 2.2 Calibração realizada em 2022.....628
Tabela 2.3 Data de C14 extraída da última camada da casa VII de Terroso 654

Tabela 3.1 Quantidade de formas da Idade do Bronze em Santo António.....680
Tabela 3.2 Quantidade de Formas indígenas de Santo António na Idade do Ferro Recente.....688
Tabela 3.3 Quantidade de formas típicas da área setentrional em Santo António, na Idade do Ferro Recente.....692
Tabela 3.4 Técnicas e quantidade de fragmentos com decoração compósita.....697
Tabela 3.5 Datação de radiocarbono de vaso Ovóide do povoado de Santo António.....703

Tabela 4.1 Representação por período cronológico das produções cerâmicas estudadas 731
Tabela 4.2 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Bronze Final 732
Tabela 4.3 Formas da Idade do Bronze no Povoado de Moldes.....733
Tabela 4.4 Pequeno recipiente cerâmico reaproveitado.....734
Tabela 4.5 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Ferro Antiga 736
Tabela 4.6 Formas da Idade do Ferro Antiga e suas variantes no Povoado de Moldes.....737
Tabela 4.7 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Ferro Recente 741
Tabela 4.8 Formas da Idade do Ferro Recente e suas variantes do povoados de Moldes 742
Tabela 4.9 Técnicas decorativas na cerâmica da Idade do Ferro Recente no Povoado de Moldes...746
Tabela 4.10 Tipos de SSS no Povoado de Moldes.....748
Tabela 4.11 Técnicas e motivos decorativos na cerâmica da Idade do Ferro Recente, no Povoado de Moldes 751
Tabela 4.12 Tipologias de ânforas enquadráveis no final da Idade do Ferro Recente 753
Tabela 4.13 Conteúdo transportado nos contentores anfóricos.....759
Tabela 4.14 Fragmentos de material de construção em argila cozida da Idade do Ferro do povoado de Moldes.....761
Tabela 4.15 Pias salineiras amovíveis encontradas no povoado de Moldes 763

Tabela 5.1 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Ferro Antiga 787
Tabela 5.2 Tipologia de formas datáveis da Idade do Ferro Antiga 788

Tabela 5.3 Tipos de fragmentos datável da Idade do Ferro Recente 790
Tabela 5.4 Tipologia de formas datáveis da Idade do Ferro Recente 790
Tabela 5.5 Anexo I - Listagem de material em reserva do Museu de História Natural do Porto provenientes de Belinho 797

Tabela 6.1 Quantidade de formas datadas da Idade do Ferro Antiga 809
Tabela 6.2 Quantidade de formas registadas em Faria na Idade do Ferro Recente 817
Tabela 6.3 Decorações simples registadas na Idade do Ferro Recente no povoado de Faria 825
Tabela 6.4 Decorações compósitas registadas na Idade do Ferro Recente no povoado de Faria 826
Tabela 6.5 Quantidade de ânforas registadas no povoado de Faria (coleção Alcaides de Faria) 830

Tabela 7.1 Tipo de fragmentos da Idade do Bronze na Cova da Moura 876
Tabela 7.2 Formas cerâmicas da Idade do Bronze 876
Tabela 7.3 Listagem de artefactos líticos lascados depositados no MSGP 881
Tabela 7.4 Listagem de instrumentos líticos de moagem 887
Tabela 7.5 Percutores da Cova da Moura 888
Tabela 7.6 Listagem dos esferoides 889
Tabela 7.7 Listagem de seixos rolados e de calhaus angulosos 890
Tabela 7.8 Estelas de tendência antropomórfica de paradeiro desconhecido, descritas por Abel Viana (1955a: 489-490) 897
Tabela 7.9 Principais elementos químicos encontrados na foice metálica 899
Tabela 7.10 Restos ósseos encontrada na Cova da Moura 901
Tabela 7.11 Dentes de animais encontrados na Cova da Moura 903
Tabela 7.12 Datas de radiocarbono da Cova da Moura 905

ÍNDICE DE FIGURAS – VOLUME III (Anexo II)

Fig. 8.1 Primeira planta das primeiras intervenções da Comissão Vianense neste povoado (Caldas, 1884, planche IV, adaptado). 917
Fig. 8.2 Reconstituição de duas estruturas circulares, ambas de aparelho helicoidal, uma com vestíbulo e com a cobertura reconstituída, no povoado de Santa Luzia (Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3626). 918
Fig. 8.3 Planta do povoado de Santa Luzia, por Abel Viana (1955d, adaptado). 920
Fig. 8.4 Planta topográfica realizada por Octávio da Veiga Ferreira, em 1974 (adaptada). A legenda das estruturas foi elaborada por Carlos A. Brochado de Almeida, em 1994 (Almeida, 2007: 53). 922
Fig. 8.5 Localização do povoado de Santa Luzia, em excerto da Carta Militar de Portugal à escala 1:25.000, N.º 40, IGEOE, 1990. 923
Fig. 8.6 Vista de satélite do povoado de Santa Luzia (fonte: *Google Earth*). 924
Fig. 8.7 Localização da Citânia de Santa Luzia, em excerto da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50.000, folha 05-A (DGMSG). 925
Fig. 8.8 Localização do povoado de Santa Luzia face ao oceano Atlântico e à foz do Lima (Fonte: Direção Regional de Cultura Norte). 926
Fig. 8.9 Visibilidade desde o povoado de Santa Luzia para montante do rio Lima. 926
Fig. 8.10 Localização de alguns dos povoados fortificados da Idade do Ferro mencionados no texto (Fonte: Go*ogle Earth*). 929
Fig. 8.11 Planta topográfica de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 930
Fig. 8.12 Bairro A definido com tracejado verde sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 931
Fig. 8.13 Núcleo II destacada a vermelho sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 932
Fig. 8.14 Núcleo III destacado a vermelho, sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 934
Fig. 8.15 Núcleo IV destacado a vermelho, sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 935
Fig. 8.16 Núcleo V destacada a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 936
Fig. 8.17 Bairro B destacado a tracejado laranja sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 937
Fig. 8.18 Núcleo VI destacada a vermelho sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 937
Fig. 8.19 Núcleo VII destacado a vermelho sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 938

Fig. 8.20 Núcleo VIII destacado a vermelho sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 939
Fig. 8.21 Núcleo IX destacado a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 939
Fig. 8.22 Núcleo X destacado a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 940
Fig. 8.23 Núcleo XI destacado a vermelho tendo em conta a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 941
Fig. 8.24 Núcleo XII destacado a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.....942
Fig. 8.25 Núcleo XIV destacado a vermelho tendo em consideração a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 942
Fig. 8.26 Bairro C destacada a tracejado roxo tendo como ponto de partida a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 943
Fig. 8.27 Núcleo XV a área destacada a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 944
Fig. 8.28 Planta topográfica de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada, a tracejado vermelho as cabanas mais não relacionáveis com bairros. 945
Fig. 8.29 Sistema defensivo: antiga muralha (a azul), 1ª muralha (a amarelo) e 2ª muralha (a vermelho), com torreão ao centro (a castanho) a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada. 947
Fig. 8.30 Estratigrafia do Sector E, área escavada em 1994, onde se pode observar, do lado esquerdo, um pano da antiga muralha (M2) (Almeida, 2007: 63, adaptado). 948
Fig. 8.31 Bordo esvasado de forma indeterminada (forma 10?). 950
Fig. 8.32 Bordo esvasado – forma 2. 950
Fig. 8.33 Potinhos/púcaros (forma 2) e pote da forma 1a. 951
Fig. 8.34 Púcaro – forma 2a. 952
Fig. 8.35 Formas cerâmicas: a) e b) asa e bordo da forma 6 – panela de asa em orelha, c) Forma 5 – talha. 953
Fig. 8.36 Formas cerâmicas oriundas das Rias Baixas galegas ou do estuário do Minho: a), b) e c) - 3 bordos reforçados de tipo Vigo, decorados; d) fragmento decorado provavelmente de uma peça de bordo reforçado de tipo Vigo. 954
Fig. 8.37 Paredes finas da região da Etrúria. 955
Fig. 8.38 Formas anfóricas: a) Dressel 1 (do vale do Guadalquivir) e b) Haltern 70 (da área da Bética). 955
Fig. 8.39 Fragmentos decorados por aplicação plástica e incisão, de origem setentrional (Almeida, 1990: 226, 235; 2008: 147) 958
Fig. 8.40 Formas: a) Potinho – forma 2b; b) Púcaro – forma 2a, decorado; c) Pote – forma 1b. 961
Fig. 8.41 Ídolo /bétilo (?). 962
Fig. 8.42 Estelas gravadas oriundas do povoado de Santa Luzia (Ferreira et al., 1980, adaptado). 963
Fig. 8.43 Estela de tendência antropomórfica que foi alvo de fotogrametria e levantamento com luz rasante artificial. 964
Fig. 8.44 Novas estruturas descobertas fora do perímetro escavado (Mendes, 2008, adaptado). 966
Fig. 8.45 Planta das escavações realizadas entre 2002 e 2006 (Mendes, 2008, Est. CLXVI, adaptado). 967
Fig. 8.46 Planta das escavações realizadas entre 2002 e 2006 (Mendes, 2008, Est. CLXVI, adaptado), a tracejado o Setor I e II. 968
Fig. 8.47 Planta das escavações realizadas entre 2002 e 2006 (Mendes, 2008, Est. CLXVI, adaptado), a tracejado o Setor III. 970
Fig. 8.48 Ponta de lança, com a ponta partida e com as laterais dobradas (desenho de Amélia Marques). 971
Fig. 8.49 Setor III, sondagem 1 – planta final, com a face externa da muralha 2 e parte do enchimento da mesma (camada 2) (Mendes, 2008, Est. LXVII). 972
Fig. 8.50 Setor III, sondagem 2 – perfil Sul (Mendes, 2008, Est. LXIX). 973
Fig. 8.51 Planta final da sondagem 2 – corte norte (Mendes, 2009, Est. LXX, adaptado). Note-se do lado direito o fosso 1. 973
Fig. 8.52 Setor III, sondagem 3 – perfil Oeste (Mendes, 2008, Est. LXXII, adaptado). 974
Fig. 8.53 Setor III, sondagem 3, planta final (Mendes, 2008, Est. LXXIII, adaptado). 975
Fig. 8.54 Setor III, sondagem 4 – perfil Norte, com muro de sustentação de terraço artificial e fosso 2 (Mendes, 2008, Est. LXXV, adaptado). 976
Fig. 8.55 Setor III, sondagem 4 – planta final (Mendes, 2008, Est. LXXV, adaptado). 977
Fig. 8.56 Setor III, sondagem 5, perfil Norte, com representação do fosso 1 (Mendes, 2008, Est. LXXVII, adaptado). 980
Fig. 8.57 Forma de cerâmica indígena: forma 1a (pote). 982
Fig. 8.58 Forma importada da área setentrional da Península Ibérica: forma de bordo reforçado tipo Vigo. 982
Fig. 8.59 Formas anfóricas: Oberaden 83 (produção do vale do Guadalquivir); fundo de ânfora tipo Ramon T-7.4.3.3 (da área de Cádis). 983

Fig. 8.60 Forma de cerâmica indígena: forma 1b (pote). 985
Fig. 8.61 Forma anfórica: asa de Haltern 70. 986
Fig. 8.62 Fragmento decorado por vassourado e brunido. 987
Fig. 8.63 Fragmentos decorados por incisão (do lado esquerdo) e por aplicação plástica (do lado direito). 989
Fig. 8.64 Forma de cerâmica indígena: bases de fundo plano simples e alargado. 990
Fig. 8.65 Cadinho em cerâmica com vestígios agregados de metal. 991
Fig. 8.66 Forma importada da área setentrional da Península Ibérica: formas tipo Vigo (desenho de Amélia Marques). 991
Fig. 8.67 Forma de cerâmica indígena: formas 1b (potes). 992
Fig. 8.68 Forma de cerâmica indígena: a) - c) forma 2b (potinho); d) forma 5 (talha). 993
Fig. 8.69 Forma cerâmica indígena: forma 2b (potinho) decoada por incisão. 993
Fig. 8.70 Materiais importados: Base (de pé) de cerâmica de importação da área de Cádis; cossoiro ou disco com perfuração central, a partir de um bojo de ânfora. 995
Fig. 8.71 Formas anfóricas: a) Ovóide 4 (vale do Guadalquivir); b) Oberaden 83 (vale do Guadalquivir); c) Haltern 70 (vale do Guadalquivir). 996
Fig. 8.72 Formas anfóricas: asa indeterminada (de produção da baía de Cádis) e fundo de Ovóide 6 (vale do Guadalquivir). 996
Fig. 8.73 Fragmento decorado por retícula brunida da camada 5, de enchimento do fosso. 997
Fig. 8.74 Fragmento decorado por aplicação plástica. 998
Fig. 8.75 Fragmento de asa de seção pentagonal. 999
Fig. 8.76 Formas de cerâmica indígena: forma 1a (pote) e forma 6 (panela de asa em orelha) com vestígios de atividade metalúrgica na zona interior do bordo. 1000
Fig. 8.77 Fragmento decorado por impressão (círculos concêntricos) e aguada. 1000
Fig. 8.78 Opérculo. 1001
Fig. 8.79 Forma de cerâmica indígena: asa subcircular (forma 4). 1003
Fig. 8.80 Forma cerâmicas indígenas: forma 5 (talha), e asa de forma 6 (panela de asa em orelha). 1004
Fig. 8.81 Fundo de Ovóide 1, com restos de resina de revestimento (?) (vale do Guadalquivir). 1005
Fig. 8.82 Forma de importação: cerâmica de paredes finas, base. 1005
Fig. 8.83 Placa de ferro. 1006
Fig. 8.84 Cravo em ferro. 1006
Fig. 8.85 Provável resto de fundição, para a produção de um alfinete em liga de bronze. 1007
Fig. 8.86 Resto de placa rebitada em liga de bronze. 1007
Fig. 8.87 Placa de ferro. 1008
Fig. 8.88 Cravo ou tacha em ferro. 1008
Fig. 8.89 Setor III, sondagem 6 – perfil sul (Mendes, 2008, Est. XCV, 1, adaptado). 1011
Fig. 8.90 Forma cerâmica: forma 3a (malga). 1014
Fig. 8.91 Formas de importação: asa indeterminada (área da Bética). 1015
Fig. 8.92 Opérculo. 1015
Fig. 8.93 Forma cerâmica: forma 1a (pote). 1017
Fig. 8.94 Formas de importação: arranque de asa indeterminada (vale do Guadalquivir). 1018
Fig. 8.95 Formas cerâmicas: forma 2b (potinho) e forma 5 (talha). 1019
Fig. 8.96 Forma cerâmica: forma 4. 1021
Fig. 8.97 Fragmento decorado por aguada negra na superfície. 1021
Fig. 8.98 Disco cerâmico. 1022
Fig. 8.99 Formas de importação: Haltern 70 (área da Bética); fundo de Haltern 70 (vale do Guadalquivir). 1023
Fig. 8.100 Forma cerâmica: forma 6 (asa de panela de asa em orelha). 1024
Fig. 8.101 Formas de importação: asa indeterminada (produzida na área Bética). 1025
Fig. 8.102 Prego em ferro. 1026
Fig. 8.103 Setor III, sondagem 7 – perfil norte do fosso 2 (Mendes, 2008, Est. CI, adaptado). 1027
Fig. 8.104 Setor III, sondagem 8 – perfil sul (Mendes, 2000, Est. CV, adaptado). 1029
Fig. 8.105 Pote (forma 1c). 1031
Fig. 8.106 Fragmentos de um bojo decorado por impressão e incisão, muito bem cozida. 1031
Fig. 8.107 Formas anfóricas: bordo e asa de ânfora tipo Haltern 70 (área da Bética). 1032
Fig. 8.108 Formas cerâmicas indígenas: asa de seção semicircular de uma panela de asa interior (forma 4b) e de um pote (forma 1b). 1033
Fig. 8.109 Tigela (forma 3b). 1034
Fig. 8.110 Pote esvasado (forma 1a) com decoração por espatulado. 1035
Fig. 8.111 Setor III, fosso 2 nos quadrados V52 e V53, perfil este (Mendes, 2008, Est. LXV, adaptado). 1037

Fig. 8.112 Planta das escavações do Setor IV (Mendes, 2008, Est. CLXV, adaptado). 1038
Fig. 8.113 Setor IV, sondagem 1 – planta final (Mendes, 2008, Est. CXI, adaptado). 1043
Fig. 8.114 Setor IV, sondagem 1 – perfil Norte demonstrativo das escavações realizadas no interior da Estrutura C18 (Mendes, 2008, Est. CXIII, 1, adaptado). 1044
Fig. 8.115 Setor IV, sondagem 1 – perfil Sul, entre o exterior da Estrutura C18 e a Muralha 1 (Mendes, 2008, Est. CXIII, 2, adaptado). 1044
Fig. 8.116 Setor IV, sondagem 1 – corte oeste com estratigrafia do interior da Estrutura C18 (Mendes, 2008, Est. CXII, 2, adaptado) 1045
Fig. 8.117 Cadinho com vestígios metalúrgicos. 1046
Fig. 8.118 Bojo com perfuração incompleta. 1047
Fig. 8.119 Base de cerâmica comum oriunda de Cádis. 1049
Fig. 8.120 Bojo decorado por brunido. 1050
Fig. 8.121 Forma cerâmica: Forma 1a (pote). 1051
Fig. 8.122 Fragmento com arranque de asa. 1053
Fig. 8.123 Fragmento decorado por brunido na superfície (Idade do Bronze Final). 1054
Fig. 8.124 Asa de forma 2a (púcaro). 1056
Fig. 8.125 Forma cerâmica: forma 2b (potinho). 1056
Fig. 8.126 Forma cerâmica: tigela (forma 3b). 1060
Fig. 8.127 Fundo plano simples 1060
Fig. 8.128 Forma cerâmica: forma 2 (potinho/púcaro). 1063
Fig. 8.129 Base de fundo plano simples 1064
Fig. 8.130 Formas cerâmicas: forma 1a (pote), forma 5 (talha). 1066
Fig. 8.131 Aro partido em ferro maciço. 1067
Fig. 8.132 Objeto em ferro dobrado. 1068
Fig. 8.133 Setor IV, sondagem 2 com representação do muro 1 sob o qual se encontra uma estrutura retangular definida por vários muros (2, 4, 5, 10 e 11) (Mendes, 2008, Est. CXXVI, adaptado). 1074
Fig. 8.134 Muro 9, sondagem 2, de tendência circular, junto à C16 (Mendes, 2008, Est. CXXVII, adaptado) 1075
Fig. 8.135 Alçado do muro 1 (Mendes, 2008, Est. CXXVIII, adaptado). 1076
Fig. 8.136 Forma cerâmica indígena: forma 2b (potinho). 1078
Fig. 8.137 Ânfora de tipo Ovóide 1 (vale do Guadalquivir). 1079
Fig. 8.138 Fragmento de sigillata com decoração por guilhoché. 1079
Fig. 8.139 Bases: a) fundo plano simples; b) fundo plano alargado. 1080
Fig. 8.140 Cossoiro de tipo discoide. 1081
Fig. 8.141 Formas cerâmicas: a) forma 2b – potinho; b) pote da forma 1a; c) pote da forma 1b. 1082
Fig. 8.142 Forma cerâmica: tigela (forma 3b) ou tampa(?). 1082
Fig. 8.143 Fragmentos decorados: a) fragmento decorado por incisão, com sulcos e decoração espinhada; b) fragmento decorado com impressão por estampagem geométrica; c) fragmento decorado por impressão (estampagem) e aplicação plástica 1083
Fig. 8.144 Tipo anfóricos: a) bordo de ânfora de tipo Ovóide 6 (vale do Guadalquivir); b) Fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis). 1084
Fig. 8.145 Bojo de cerâmica cinzenta fina. 1084
Fig. 8.146 Cerâmica comum (importada da área de Cádis). 1085
Fig. 8.147 Forma cerâmica da Idade do Ferro recente: forma 4b. 1088
Fig. 8.148 Forma cerâmica: púcaro (forma 2a) decorado com dois sulcos incisos horizontais. 1091
Fig. 8.149 Fragmento decorado por incisão. 1092
Fig. 8.150 Fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis). 1093
Fig. 8.151 Base de fundo plano simples. 1094
Fig. 8.152 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente: asa de forma 4 e base de fundo plano alargado. 1096
Fig. 8.153 Agrafo metálico em ferro num bojo. 1096
Fig. 8.154 Cadinho (?), com pingos de fundição. 1097
Fig. 8.155 Fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis). 1098
Fig. 8.156 Formas cerâmicas indígenas: forma 2b; forma 6 e forma 3c. 1100
Fig. 8.157 Cossoiro /Disco perfurado a partir de um bojo. 1100
Fig. 8.158 Tipologias anfóricas: a) Ovóide 1 (área da Bética); b) fragmento de bojo e asa de ânfora tipo Haltern 70 (área da Bética).; e fundos de ânfora: c) de tipo Ovóide 1 (vale do Guadalquivir); d) de tipo Haltern 70 (área da Bética) 1101
Fig. 8.159 Formas cerâmicas: forma 1a (pote) e forma 6 (panela de asa em orelha). 1103
Fig. 8.160 Fundo de ânfora: fundo de ânfora Haltern 70, com grafito. 1105

Fig. 8.161 Sigillata itálica, base de tipo B4.13, com marca de oleiro. 1106
Fig. 8.162 Forma de cerâmica indígena: forma 1a. 1109
Fig. 8.163 Bordo e arranque de asa de ânfora tipo Haltern 70 (produção do Vale do Guadalquivir). 1110
Fig. 8.164 Fragmentos datáveis da Idade do Bronze Final decoradas por brunido. 1111
Fig. 8.165 Forma cerâmica da Idade do Ferro Antiga: forma 3a (malga). 1112
Fig. 8.166 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente: a) e b) forma 2b; c) forma 4b. 1113
Fig. 8.167 Fragmento decorado por incisão e impressão. 1114
Fig. 8.168 Cerâmica: a) Possível disco; b) cossoiro de tipo cónico. 1114
Fig. 8.169 Fundo de ânfora do tipo Rámon T-7.4.3.3 (produzido na área da baía de Cádis). 1115
Fig. 8.170 Tipos anfóricos: bordos de tipo Haltern 70, um deles com arranque de asa. 1116
Fig. 8.171 Cone de fundição de machado de talão, em liga de bronze. 1116
Fig. 8.172 Nódulo de metal fundido (escória). 1117
Fig. 8.173 Ponta de projétil (?). 1118
Fig. 8.174 Aro em ferro muito alterado e aro partido. 1118
Fig. 8.175 Setor IV, sondagem 3 – planta das camadas 3 e 4 (Mendes, 2008, Est. CXLV, adaptado). 1120
Fig. 8.176 Setor IV, sondagem 3 – perfil Sul (Mendes, 2008, Est. CXLVI, adaptado). 1121
Fig. 8.177 Setor IV, sondagem 3 – alçado do muro do arruamento, com estratigrafia anterior à sua construção (Mendes, 2008, Est. CXLVI, adaptado). 1122
Fig. 8.178 Fundo plano alargado. 1124
Fig. 8.179 Setor IV, sondagem 4 – perfil Oeste (Mendes, 2008, Est. CXLVIII, adaptado). 1126
Fig. 8.180 Setor IV, sondagem 4 – planta final: a) quadrados L'62 e 63; b) quadrados I'61 e 62 (Mendes, 2008, Est. CXLIX e CL, adaptado). 1126
Fig. 8.181 Forma cerâmica da Idade do Ferro Antiga. 1127
Fig. 8.182 Base de cerâmica comum romana. 1128
Fig. 8.183 Fragmento asa de ânfora tipo Haltern 70. 1129
Fig. 8.184 Forma cerâmica: forma 1b (pote). 1130
Fig. 8.185 Forma cerâmica: forma 4b (panela de asa interior). 1131
Fig. 8.186 Setor IV, sondagem 5 – planta final (Mendes, 2008, Est. CLI, adaptado). 1133
Fig. 8.187 Fragmento decorado por espatulado. 1136
Fig. 8.188 Forma cerâmica: pote (forma 1b). 1138
Fig. 8.189 Fragmentos decorados por aplicação plástica de uma peça oriunda da área da Galiza ou imitação. 1139
Fig. 8.190 Cerâmica comum produzida na área do vale do Guadalquivir, de tipo tigela. 1140
Fig. 8.191 Pote/Potinho produzido na área da Bética. 1140
Fig. 8.192 Cerâmica de engobe vermelho. 1141
Fig. 8.193 Base de fundo plano alargado. 1142
Fig. 8.194 Formas de potinhos/púcaros – forma 2. 1142
Fig. 8.195 Tipos anfóricos: a) Haltern 70 (área da Bética); Ovóide 1 (área da Bética). 1143
Fig. 8.196 Pote (cerâmica comum oriunda da área da bacia de Cádis). 1143
Fig. 8.197 Potinho/púcaro – Forma 2b. 1144
Fig. 8.198 Setor IV, sondagem 6 – aspeto final da escavação com torreão na parte interna da muralha, piso e alinhamento de pedras perpendicular à muralha (Mendes, 2008, Est. CLVIII, adaptado). 1147
Fig. 8.199 Vista sul da sondagem 6 – Muro 63, muro de sustentação (assinalado a vermelho) que poderá corresponder ao mesmo muro encontrado na sondagem 5 deste setor, (Mendes, 2008, Est. CLIX, adaptado). 1148
Fig. 8.200 Planta final da sondagem 6 do setor IV (Mendes, 2008, Est. CLV, adaptado). 1149
Fig. 8.201 Fragmento decorado por espatulado. 1150
Fig. 8.202 Asa de Haltern 70 (oriunda da Bética). 1155
Fig. 8.203 Possível tacha em ferro. 1157
Fig. 8.204 Setor IV, sondagem 7 – perfil Norte (Mendes, 2008, Est. CLX, adaptado). 1159
Fig. 8.205 Setor IV, sondagem 7 – perfil sul (Mendes, 2008, Est. CLXI, adaptado). 1160
Fig. 8.206 Asa de seção circular pertencente a uma forma 4a – panela de asa interior, típica da Idade do Ferro Antiga. 1162
Fig. 8.207 Panela de asa interior de bordo aberto (forma 4b), típica dos períodos mais recentes da Idade do Ferro. 1163
Fig. 8.208 Fundo de ânfora tipo Haltern 70 (área da Bética). 1164
Fig. 8.209 Formas cerâmicas de fabrico romano: a) tigela (baixo Guadalquivir); b) tigela de cerâmica comum romana. 1165
Fig. 8.210 Cossoiro de tipo discoide, produzido a partir de um bojo. 1165
Fig. 8.211 Vestígios de restos metálicos num bojo cerâmico 1166

Fig. 8.212 Forma cerâmica: forma 3a malga. 1168
Fig. 8.213 Forma cerâmica: forma 1a (pote). 1170
Fig. 8.214 Cadinho com vestígios metálicos agregados no interior. 1172
Fig. 8.215 Formas de cerâmica indígena: a) e b): potinho /púcaros, um deles com perfuração provavelmente para colocação de agrafo metálico; c) púcaro – forma 2c.; d) forma 6 – panela de asa em orelha. 1173
Fig. 8.216 Fundo de cerâmica comum romana. 1174
Fig. 8.217 Pequena escória (?) em liga de bronze. 1174
Fig. 8.218 Planta geral do Setor IV (Mendes, 2008, adaptado): com os locais onde foi registado vestígios ligados com a prática metalúrgica no setor IV. 1176
Fig. 8.219 Planta geral do Setor IV (Mendes, 2008, adaptado), com a representação da quantidade de materiais distribuída por cronologia: Idade do Bronze a verde, Idade do Ferro Antiga a azul, Idade do Ferro Recente a castanho, materiais indígenas de níveis de romanização a amarelo e materiais romanos a vermelho. 1177
Fig. 8.220 Território de teórico de exploração de 2 horas do povoado de Santa Luzia, com linhas isócronas de 30 minutos. 1187
Fig. 8.221 Diversidade dos conteúdos transportados nas ânforas no Ferro Recente. 1188
Fig. 8.222 Diversidade dos conteúdos transportados nas ânforas durante a romanização. 1190
Fig. 8.223 Território observável a partir do Povoado de Santa Luzia (a azul-claro). 1191
Fig. 8.224 Balneário da Idade do Ferro, do Castro de Roques. Fotografia da escavação, onde é visível ao fundo a fornalha, e em primeiro plano o piso do átrio ainda preservado (Fonte: DGPC). 1198

Fig. 9.1 Localização do Povoado da Terronha, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25000, n°. 40 (IGEOE, 1997). 1195
Fig. 9.2 Localização do Povoado da Terronha, em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000, f. 5-A (DGMSG). 1196
Fig. 9.3 Conjunto de três povoados proto-históricos no monte de S. Silvestre: 1. Castro de S. Silvestre; 2. Castro do Monte; 3. Castro da Terronha (Queiroga, 2000, adaptado). 1197
Fig. 9.4 Castro da Terronha na margem direita, e o Castro de Roques, na margem esquerda. Estes dois povoados coetâneos terão tido uma forte relação económica e social, já que se podiam controlar visualmente de forma mútua (Fonte: *Google Earth*). 1199
Fig. 9.5 Planta final da área escavada no povoado de Terronha, com os respetivos setores (Queiroga, 2019, adaptado). 1201
Fig. 9.6 Planta final da área escavada no povoado de Terronha, com os respetivos setores (fonte: Queiroga, 2000; Queiroga, 2019, adaptado). 1202
Fig. 9.7 Perfil Oeste da estrutura C3 (vectorização a partir dos desenhos de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1205
Fig. 9.8 Perfil oeste do vestíbulo da estrutura C5 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1207
Fig. 9.9 Perfil Sul, interior da estrutura C5 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1208
Fig. 9.10 Planta do Setor A (vectorização nossa, adaptado de Queiroga, 2000). 1211
Fig. 9.11 Total de fragmentos estudados para o Setor A. 1212
Fig. 9.12 Formas cerâmicas: a) Púcaro com arranque de asa (Forma 2a); b) asa em orelha (Forma 6). 1213
Fig. 9.13 Formas 1 do setor A: Forma 1a, 1b e 1b com um agrafo metálico. 1218
Fig. 9.14 Formas de mesa: a) forma 2b; b) forma 3b; c) forma 3a, setor A. 1219
Fig. 9.15 Forma cerâmicas: Forma 4; Forma 5; Forma 6 do setor A. 1219
Fig. 9.16 Fragmentos decorados por decoração, com séries de SSS e vários sulcos horizontais. 1220
Fig. 9.17 Cossoiro tipo bicónico de cones iguais. 1221
Fig. 9.18 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do setor A. 1223
Fig. 9.19 Ânfora tipo T- 7.4.3.3. (Queiroga, 2019: 142, adaptado). 1224
Fig. 9.20 Bojo com asa de Ânfora tipo T.4.3.3.3. (Queiroga, 2019: 142, adaptado). 1224
Fig. 9.21 Asa de Ovóide 6 (Queiroga, 2019:140, adaptado). 1225
Fig. 9.22 Perfil do vestíbulo da estrutura C4 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1227
Fig. 9.23 Perfil Sudoeste da estrutura C8 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1228
Fig. 9.24 Perfil Este da estrutura C9 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1229

Fig. 9.25 Planta do setor B (Queiroga, 2000, adaptado). 1230
Fig. 9.26 Total de fragmentos estudados para o Setor B. 1231
Fig. 9.27 Fundo de plano alargado. 1234
Fig. 9.28 Formas 1b: o primeiro com perfuração e agrafo metálico e o terceiro com um sulco inciso no interior. 1234
Fig. 9.29 Formas cerâmicas: forma 6; forma 5; forma 4. 1235
Fig. 9.30 Dimensões dos fragmentos cerâmicos segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008) do Setor B. 1236
Fig. 9.31 Ânfora tipo Ovóide 1 (Queiroga, 2019: 136, adaptado). 1237
Fig. 9.32 Perfil Sudeste do interior na estrutura C6 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1240
Fig. 9.33 Planta do setor C (Queiroga, 2000, adaptado). 1242
Fig. 9.34 Perfil Sul Entre o Setor C e Setor E1 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1243
Fig. 9.35 Quantidade de Fragmentos estudados no setor C. 1244
Fig. 9.36 Fragmentos de asa: a) asa de seção pentagonal (forma 2a); asa de seção tubular (forma 4). 1245
Fig. 9.37 Formas 1 do setor C: forma 1a e forma 1b com uma perfuração para suspensão. 1248
Fig. 9.38 Forma 3a do setor C. 1248
Fig. 9.39 Arranque de asa com decoração compósita: apresenta 2 sulcos incisos horizontais e 5 motivos impressos com a mesma matriz (desenho de Amélia Marques); fragmento decorado de um pote, decorado por aplicação plástica e impressão de SSS. 1249
Fig. 9.40 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor C. 1250
Fig. 9.41 Ânfora tipo Ovóide Lusitana (Queiroga, 2019: 147, adaptado). 1251
Fig. 9.42 Estrutura C12. Forja, encontrada no setor D (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1254
Fig. 9.43 Estrutura C12. Forja, encontrada no setor D (Queiroga, 2000, adaptado 1255
Fig. 9. 44 Planta do setor D (Queiroga, 2000, adaptado). 1258
Fig. 9.45 Quantidade de fragmentos de cerâmica indígena, estudados no setor D. 1259
Fig. 9.46 Asa em Orelha (Forma 6). 1260
Fig. 9.47 Formas cerâmicas indígenas: Forma 2, com bordo em aba soerguida; Forma 1a; Formas 3: malga (forma 3a) e tigela (forma 3b) no setor D. 1265
Fig. 9.48 Forma 5, talha, do setor D. 1266
Fig. 9.49 Fragmentos decorados: a) fragmento decorado por decoração compósita (com incisão e impressão); b) decoração simples (incisão). 1267
Fig. 9.50 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do setor D. 1268
Fig. 9.51 Cabana grosseiramente oval C15 e parte da cabana circular C19, à esquerda (Almeida, 2008: 163, adaptado). 1270
Fig. 9.52 Perfil sudoeste da estrutura C15 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1271
Fig. 9.53 Pilar ou banco de apoio (?) no exterior da estrutura C19. 1273
Fig. 9.54 Pavimento decorado da cabana C23. 1274
Fig. 9.55 Planta do setor E1 (Queiroga, 2000, adaptado). 1277
Fig. 9. 56 Planta do setor E2 (Queiroga, 2000, adaptado). 1281
Fig. 9.57 Quantidade de fragmentos estudados no setor E. 1282
Fig. 9.58 Bases de fundo plano alargado. O último exemplar tem decoração incisa na zona interior. 1283
Fig. 9.59 Asas do setor E: asas de seção retangular com canelura vertical; asa de secção pentagonal e asa tubular. 1284
Fig. 9.60 Asa em orelha. 1284
Fig. 9.61 Cossoiros no setor E, note-se que o cossoiro ou disco à direita é feito em pasta de ânfora. 1285
Fig. 9.62 Formas de potes da variante 1a, do setor E. 1294
Fig. 9.63 Formas de potes das variantes 1b (com decoração incisa no interior) e 1c (este com aba horizontal muito pequena), do setor E. 1295
Fig. 9.64 Forma de potinhos/púcaros da variante 2b, no setor E, com decoração brunida (desenho de Amélia Marques). 1295
Fig. 9.65 Forma de potinhos/púcaros da variante 2c, no setor E. O exemplar de baixo tem um agrafo metálico. 1295
Fig. 9.66 Formas de púcaros (variante 2a), do setor E. O exemplar de cima tem decoração compósita, com sulcos incisos formando uma banda preenchida com traços oblíquos, igualmente incisos. Por baixo do arranque da asa há seis círculos concêntricos. 1296
Fig. 9.67 Formas de magas e tigelas do setor E: forma 3b e forma 3a. 1296

Fig. 9.68 Variantes de panelas de asa interior (formas 4) do setor E: forma 4a (2 exemplares) e forma 4b (1 exemplar - o último). 1297
Fig. 9.69 Formas 6 do setor E. 1297
Fig. 9.70 Forma 8 (?) do setor E 1297
Fig. 9.71 Tampa com sulco horizontal do setor E. 1297
Fig. 9.72 Formas inovadoras, talvez com influência romana do Setor E, em pastas micáceas: em cima, pote e em baixo, um prato simples. 1298
Fig. 9.73 Tampa decorada com 3 círculos concêntricos. 1299
Fig. 9.74 Fragmento decorado por aguada negra. 1300
Fig. 9.75 Exemplares de decoração simples e compósita do setor E: fragmentos com decoração por aplicação plástica (cordões plásticos); por incisão e impressões de pequenos motivos e espinhados 1301
Fig. 9.76 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor E. 1303
Fig. 9.77 Tipos anfóricos: Ovóide 4 (Queiroga, 2019: 137, adaptado); Ovóide 7 (Queiroga, 2019: 140, adaptado). 1304
Fig. 9.78 Tipos anfóricos: Haltern 70 (Queiroga, 2019:140, adaptado); Ovóide 2 (Queiroga, 2019: 136, adaptado). 1304
Fig. 9.79 Molde e cadinho em cerâmica do setor E. 1306
Fig. 9.80 Planta do Setor F (Queiroga, 2000, adaptado). 1309
Fig. 9.81 Quantidade de fragmentos estudados no setor F. 1310
Fig. 9.82 Base de fundo plano alargado com aderências metálicas no interior, pertencente a um cadinho ou a outra forma que foi reaproveitada para tal. 1310
Fig. 9.83 Formas cerâmicas: Formas 1b no setor F; púcaro (forma 2a) com asa em seção pentagonal e decorado com um sulco inciso. 1314
Fig. 9.84 Forma 3a e 3c do setor F. 1314
Fig. 9.85 Forma 5 no setor F. 1315
Fig. 9.86 Cossoiro em cerâmica. 1315
Fig. 9.87 Decorações compósitas: fragmentos com sulcos incisos e séries de SSS, impressos. No fragmento da direita os SS assemelham-se muito a aves aquáticas, com o pescoço pronunciado e o corpo mais espesso. 1316
Fig. 9.88 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor F. 1317
Fig. 9.89 Tipos anfóricos: Ovóide 1 (Queiroga, 2019: 136, adaptado); Ovóide 6 (Queiroga, 2019: 139, adaptado). 1318
Fig. 9.90 Cabana C33, com vestíbulo (Queiroga, 2000, adaptado). 1321
Fig. 9.91 Perfil oeste da estrutura C34, do setor G (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1323
Fig. 9.92 Perfil sul mostrando o muro (estrutura C37) e o muro de contenção de terras do que se designou estrutura 36, do setor G (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado). 1324
Fig. 9. 93 Planta do setor G (Queiroga, 2000, adaptado). 1326
Fig. 9.94 Quantidade de fragmentos estudados no setor G. 1327
Fig. 9.95 Bases de fundo plano alargado. 1328
Fig. 9.96 Formas de potes no setor G: formas 1a (a) e b)), formas 1b (c)) e forma 1c (d). 1333
Fig. 9.97 Formas de potinhos/púcaros do setor G: formas 2b (uma com agrafo metálico); forma 2c (bordo em aba soerguida. 1333
Fig. 9.98 Forma 4: panela de asa interior 1333
Fig. 9.99 Forma 5 (?). 1334
Fig. 9.100 Forma 6. Panela de asa em orelha. 1334
Fig. 9.101 Tampa com perfuração no centro. 1334
Fig. 9.102 Bordo de uma forma 1a decorado por sulcos incisos na zona do lábio. 1335
Fig. 9.103 Bojo com decoração por aplicação plástica (2 cordões). 1336
Fig. 9.104 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor G. 1338
Fig. 9.105 Tipos anfóricos: Ovóide Lusitana (Queiroga, 2019: 146, adaptado); Ovóide 4 (Queiroga, 2019: 137, adaptado). 1339
Fig. 9.106 Tipos anfóricos: Dressel 1C (Queiroga, 2019: 144, adaptado); Dressel 7-11 (Queiroga, 2019: 143, adaptado). 1339
Fig. 9.107 Tipos anfóricos: Ovóide Lusitana (Queiroga, 2019: 147, adaptado); T.7.4.3.3. (Queiroga, 2019: 143, adaptado). 1339
Fig. 9.108 Fotografia aérea do povoado em 2000, após as escavações, adaptado de Queiroga (2000). Colocar o resto da muralha do lado direito em torno do povoado. 1342
Fig. 9.109 Fotografia de um troço da muralha do povoado da Terronha (Queiroga, 2000, adaptado). 1342

Fig. 9.110 Planta final da área escavada no povoado de Terronha, com os respetivos setores (fonte: Queiroga, 2000; Queiroga, 2019, adaptado). 1343
Fig. 9.111 Fragmento incompleto de moinho (dormente) circular. 1346
Fig. 9.112 Diferentes cossoiros e discos de Terronha. 1347
Fig. 9.113 Estruturas associadas à produção metalúrgica. Em cima: estrutura C12, com aproveitamento de abrigo, no setor D (Queiroga, 2000, adaptado). Em baixo: estrutura C15 do setor E (Queiroga, 2000, adaptado). 1348
Fig. 9.114 Cadinho e base de fundo plano alargado com aderências metálicas no interior do Setor F (cadinho?). 1349
Fig. 9.115 Pingos de fundição no interior de um bojo e escória de ferro (?). 1349
Fig. 9.116 Território teórico de exploração de Terronha, com linhas isócronas, com os vários povoados contemporâneos do estuário do Lima, com os pontos a verde a corresponder a jazidas de estanho. Destacamos a jazida de estanho de Folgadouro, sensivelmente a norte de Terronha. 1350
Fig. 9.117 Artefactos metálicos encontradas neste povoado: TERR - DE-727, 732, 726 (Queiroga, 2000, adaptado). 1353
Fig. 9.118 Quantidade percetual dos produtos transportados em ânforas registados em Terronha (Queiroga, 2019, adaptado). 1356

Fig. 10.1 Fotografia de satélite da localização do povoado de S. João, Vila do Conde, à foz do Ave (Fonte: *Google Earth*). 1360
Fig. 10.2 Localização do povoado de S. João, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:250000, nº 96 (IGEOE, 1990). 1361
Fig. 10.3 Localização do povoado de S. João em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000, ... 1362
Fig. 10.4 Vista das estruturas da Idade Moderna e da Baixa Idade Média (fonte: R. Pinheiro (2020: 1090, fotografia adaptada). 1367
Fig. 10.5 Aspeto da área escavada momentos antes de começar a escavação dos níveis da Idade do Ferro (autoria: Era, Arqueologia S.A., adaptado). 1369
Fig. 10.6 Planta final do povoado de S. João. Observa-se as várias fossas registadas, as estruturas em positivo (cabanas) e o fosso do lado esquerdo (fonte: ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1370
Fig. 10.7 Planta da estrutura circular n.º 1 (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1372
Fig. 10.8 Vista sobre a estrutura circular n.º 1 onde se vê o pormenor construtivo das paredes e das fossas no seu interior (fotografia: ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1373
Fig. 10.9 Vista sobre a estrutura circular n.º 1 onde se vê o pormenor construtivo das paredes e das fossas no seu interior e do monólito no seu interior (fotografia: ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1373
Fig. 10.10 Pormenor do monólito de pedra e aglomerado de pequenas pedras no interior da estrutura circular n.º 1; e pormenor do aparelho pétreo desta estrutura (fotografia: ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1375
Fig. 10.11 Formas cerâmicas: forma 2a; forma 4. 1376
Fig. 10.12 Fragmentos de ânfora tipo Haltern 70. 1378
Fig. 10.13 Asa de ânfora (?) da área do vale do Guadalquivir e fragmento de cerâmica comum romana, oriunda da Bética. 1379
Fig. 10.14 Bojo de ânfora com grafito. 1379
Fig. 10.15 Taça de imitação tipo Peñaflor – Forma 1b. 1380
Fig. 10.16 Bojo de ânfora perfurado (disco). 1380
Fig. 10.17 Forma cerâmica: base de fundo plano simples. 1381
Fig. 10.18 Formas cerâmicas: forma 1 a (pote) e base de fundo plano simples. 1382
Fig. 10.19 Formas cerâmicas: a) – c) formas 1a e forma 1 b; d) Forma 2 b (?). 1384
Fig. 10.20 Forma cerâmica: forma 4, com aderências no seu interior. 1384
Fig. 10.21 Fragmento decorado por incisão (decoração em espinha) e fragmento decorado por incisão, aplicação plástica e brunido (?). 1385
Fig. 10.22 Fragmentos de pavimentos ou rebocos em argila. Este parece ter argila vermelha adicionada. 1386
Fig. 10.23 Arco de fíbula decorado. 1389
Fig. 10.24 Fuzilhão de fíbula. 1389
Fig. 10.25 Fíbula de tipo Santa Luzia ou Ponte 23. 1390
Fig. 10.26 Formas cerâmicas: bases de fundo plano alargado, um deles com perfuração para agrafo metálico. 1391
Fig. 10.27 Fragmento com uma perfuração. 1392
Fig. 10.28 Formas cerâmicas: a) forma 1 b decorada por incisão e impressão; b) forma 1 a com decoração incisa; c) forma 2b. 1393
Fig. 10.29 Planta da estrutura circular n.º 2 (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A, adaptado). 1394

Fig. 10.30 Vista sobre as U.E.'s 2061 e 2067. Possível soleira e possível estrutura divisória da estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1395
Fig. 10.31 Vista de SE sobre a sepultura identificada no interior da estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1398
Fig. 10.32 Em cima, vista de Este sobre a estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo: vista de Sul sobre a estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1399
Fig. 10.33 Formas cerâmicas: forma 1a decorada por espatulado; forma 2b; base de fundo plano alargado.....1401
Fig. 10.34 Formas cerâmicas: formas 1a e 1b.....1403
Fig. 10.35 Formas cerâmicas: a) base de fundo plano simples; b) reutilização de fragmento de forma 4 (panela de asa interior).....1405
Fig. 10.36 Formas cerâmicas: forma 2 b; forma 6; forma 3 c e forma 1 b.....1406
Fig. 10.37 Fragmento decorado por aplicação e incisão. Notamos pela existência de fuligem que a peça onde esta decoração figurava terá sido usada ao lume.....1407
Fig. 10.38 Exemplar de Dressel 9 (Bética costeira).....1408
Fig. 10.39 Bases: de fundo plano simples e fundo plano alargado.....1409
Fig. 10.40 Formas de potes 1a e 1b.....1410
Fig. 10.41 Formas cerâmicas de potinhos/púcaros: a) forma 2a decorada por incisão; b) e c) forma 2b (num dos casos decorada por incisão).....1411
Fig. 10.42 Formas cerâmicas: forma 4a.....1411
Fig. 10.43 Fragmento decorado com impressões subcirculares.....1412
Fig. 10.44 Forma cerâmica: forma 2b decorada com aguada negra na superfície interior e exterior.....1412
Fig. 10.45 Fragmento decorado por impressão e incisão.....1414
Fig. 10.46 Possível cadinho ou elemento de iluminação (?) (desenho de Rita D'Alte) e fotografia com pormenor da perfuração existente.....1415
Fig. 10.47 Fragmento decorado por impressão.....1416
Fig. 10.48 Fotografia geral de uma possível estrutura circular n.º 3 (U.E. 2041) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1417
Fig. 10.49 Base de fundo plano simples.....1418
Fig. 10.50 Formas cerâmicas: a) forma 1b; b) forma 1a; c) formas 2b.....1419
Fig. 10.51 Forma cerâmica: forma 4a, tendo as asas desaparecido, talvez devido a deficiências de fabrico.....1419
Fig. 10.52 Fragmento de provável reboco argiloso, queimado.....1420
Fig. 10.53 Planta da estrutura circular n.º 2 (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).....1421
Fig. 10.54 À direita da fotografia, encontra-se o topo do muro curvo que delimitava a cabana circular n.º 4 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1421
Fig. 10.55 Perfis de duas cabanas (2 e 4) e do fosso (dados gentilmente fornecidos por ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).....1422
Fig. 10.56 Vista da cabana n.º 4 numa fase intermédia de escavação. Junto à escala encontra-se a U.E. 2102 (fossa) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1424
Fig. 10.57 Vista sul da cabana n.º 4, na qual se notam várias estruturas em negativo. Algumas delas parecem ser valas de saque de pedra da própria cabana. (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1424
Fig. 10.58 Alçado da estrutura divisória da cabana n.º 4, correspondente à U.E. 2110. Pode ainda observar-se o aparelho interno das paredes da cabana (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).....1425
Fig. 10.59 Asa de seção circular de uma forma 4 (panela de asa interior).....1426
Fig. 10.60 Pote da forma 1c.....1427
Fig. 10.61 Forma cerâmica: forma 3 decorada no interior.....1427
Fig. 10.62 Formas cerâmicas: forma 1a; forma 1b.....1429
Fig. 10.63 Forma cerâmica: forma 1a decorada por brunido.....1429
Fig. 10.64 Fragmento decorado com reticulado inciso.....1430
Fig. 10.65 Fundo de Dressel 2-4 (Bética).....1431
Fig. 10.66 Cabeça de rebite ou prego em bronze.....1432
Fig. 10.67 Forma cerâmica: forma 3b (tigela).....1433
Fig. 10.68 Fragmento decorado por incisão e impressão (desenho de Amélia Marques).....1434
Fig. 10.69 Fragmento decorado por incisão e aplicação plástica (desenho de Amélia Marques).....1435
Fig. 10.70 Bojo decorado por incisão e aguada avermelhada.....1436
Fig. 10. 71 Formas de potinho (forma 2b) e de potes (formas 1b).....1437
Fig. 10.72 Fragmento decorado por incisão e impressão.....1438
Fig. 10.73 Asa de ânfora (pasta africana).....1439

Fig. 10.74 Forma de pote 1b. 1440
Fig. 10.75 Tampa ou peça de jogo. 1440
Fig. 10.76 Potinho da forma 2b. 1441
Fig. 10.77 Forma cerâmica: forma 2b (decorada por brunido). 1442
Fig. 10.78 Rebites e restos de placas metálicas. Caldeiro que sofreu ação do fogo? 1442
Fig. 10.79 Em cima: vista das U.E.'s 1272 e 1273. Topo da colmatação de estrutura (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo: vista da U.E. 2013 que parece corresponder ao enchimento da fossa / cabana (U.E. 2099) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1445
Fig. 10.80 Em cima: vista da U.E. 2021, abatimento de cobertura da fossa / cabana (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo, vista de sudeste do interior da fossa / cabana (U.E. 2099) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A. 1446
Fig. 10.81 Vista de oeste sobre a fossa / cabana (U.E. 2099) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1447
Fig. 10.82 Perfil da estrutura em negativo (U.E. 2099) que pode corresponder a uma cabana em materiais perecíveis (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.). 1447
Fig. 10.83 Base de fundo plano simples. 1448
Fig. 10.84 Formas cerâmicas: Formas 2 e 2b (Potinhos), o quarto decorado por aplicação plástica. 1451
Fig. 10.85 Base de fundo plano simples e asa de seção circular (Forma 4). 1452
Fig. 10.86 Fragmento decorado por incisões horizontais e oblíquas. 1452
Fig. 10.87 Fragmento decorado por aplicação plástica, incisão e impressão. 1453
Fig. 10.88 Pavimento argiloso. 1454
Fig. 10.89 Formas cerâmicas: a) forma 1 a; b) – f) formas 1 b. 1456
Fig. 10.90 Formas cerâmicas: formas 2 b, o primeiro com um agrafo metálico. 1457
Fig. 10.91 Formas cerâmicas: formas 4 b. 1457
Fig. 10.92 Bases de fundo plano alargado. 1457
Fig. 10.93 Forma cerâmica: forma 2b, decorado por incisão e impressão. 1458
Fig. 10.94 Fragmento decorado por impressão, incisão e aguada. 1459
Fig. 10.95 Formas cerâmicas: forma 1a com perfuração. 1459
Fig. 10.96 Base de fundo plano simples com restos de fundição. 1460
Fig. 10.97 Vestígios de aguada negra no exterior, antes da colagem. 1460
Fig. 10.98 Forma provável de importação. 1461
Fig. 10.99 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão. 1462
Fig. 10.100 Formas cerâmicas: base rolada para servir de disco, forma 2b e forma 5. 1464
Fig. 10.101 Fotografia da fíbula tipo Ponte 22a ou 23 (Imagem: ERA, ARQUEOLOGIA S.A. (gentilmente cedida). 1465
Fig. 10.102 Fragmento decorado por aplicação plástica. 1466
Fig. 10.103 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 1 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1467
Fig. 10.104 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 2 assinalada a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1469
Fig. 10.105 Formas cerâmica de potes (forma 1a e formas 1b). 1470
Fig. 10.106 Fragmento decorado por brunido. 1471
Fig. 10.107 Forma 2b (potinho) com argila adicionada para restauro da peça 1471
Fig. 10.108 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 3 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1472
Fig. 10.109 Fragmento decorado por incisão. 1473
Fig. 10.110 Formas cerâmicas: forma 1 a (com canelura interna). 1474
Fig. 10.111 Base de fundo plano alargado. 1475
Fig. 10.112 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão. 1475
Fig. 10.113 Fragmento importado de forma indeterminada. 1476
Fig. 10.114 Conta de colar (?) decorada (desenho de Amélia Marques). 1476
Fig. 10.115 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 4 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1477
Fig. 10.116 Perfil da fossa 4 de S. João (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.). 1477
Fig. 10.117 Formas cerâmicas: a) forma 2a; b) forma 2b; c) forma 1b. 1479
Fig. 10.118 Fragmentos cerâmicos decorados: fragmento decorado por incisão e por brunido. 1480
Fig. 10.119 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 7 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1481
Fig. 10.120 Fragmento decorado por incisão e brunido 1483

Fig. 10.121 Formas cerâmicas: Formas 1b. 1485
Fig. 10.122 Forma cerâmica: a) forma 2a decorada por incisão e impressão; b) forma 2b (com restauro em argila). 1486
Fig. 10.123 Forma cerâmica: forma 4a, com vestígios de agrafos metálicos. 1486
Fig. 10.124 Fundo plano alargado, com "decoração" reticulada ou negativos de um tecido. 1487
Fig. 10.125 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 8 assinalado a vermelho ((plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1489
Fig. 10.126 Forma cerâmica: forma 4b (panela de asa interior). 1490
Fig. 10.127 Bojo decorado por incisão e impressão. 1491
Fig. 10.128 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 11 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1493
Fig. 10.129 Perfil parcial no sentido norte-sul da fossa 11 (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.). 1494
Fig. 10.130 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 12 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1495
Fig. 10.131 Fossa 12 (U.E 1160) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1496
Fig. 10.132 Fossa 12 (U.E 1168) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1497
Fig. 10.133 Formas cerâmicas: forma 1 com asa. 1498
Fig. 10.134 Formas cerâmicas: a) forma 2 b; b e c) forma 1a. 1499
Fig. 10.135 Formas cerâmicas: a) forma 3 b; b) forma 5; c) forma 4 b. 1499
Fig. 10.136 Fragmento decorado por incisão. 1500
Fig. 10.137 Exemplares de ânfora tipo Haltern 70. 1501
Fig. 10.138 Jarro de cerâmica cinzenta polida. 1501
Fig. 10.139 Fragmentos de uma sítula (?) (desenho de Amélia Marques). 1502
Fig. 10.140 Perfil das fossas 13 e 14, no sentido norte-sul (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.). 1503
Fig. 10.141 Planta do povoado de S. João, com a localização das fossas 13, 14 e 15 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1504
Fig. 10.142 Forma cerâmica: forma 1a, com uma perfuração. 1505
Fig. 10.143 Fragmento decorado por incisão e impressão. 1506
Fig. 10.144 Formas cerâmicas: a) e b) formas 2b; c) forma indeterminada; d) forma 5; e) forma 4 b. 1508
Fig. 10.145 Base de fundo plano simples e de fundo concavo alargado. 1508
Fig. 10.146 Fragmentos decorados: por incisão e por aplicação plástica e incisão. 1509
Fig. 10.147 Fragmentos de pavimento da U.E. 2009. 1510
Fig. 10.148 Formas de potes: a - b); forma 1a; c -f) forma 1b; g) – forma 1c. 1512
Fig. 10.149 Formas cerâmicas: formas 2b (potinhos). 1513
Fig. 10.150 Formas cerâmicas: forma 3a (malga); forma 3c (malga/tigela). 1513
Fig. 10.151 Forma cerâmica: forma 4b (panela de asa interior). 1514
Fig. 10.152 Formas cerâmicas: forma 6 (panela de asa em orelha). 1514
Fig. 10.153 Formas cerâmicas: base fundo côncavo e possível base cadinho onde se notam vestígios de atividade metalúrgica no seu interior. 1514
Fig. 10.154 Formas cerâmicas: a) Pote da forma 1a decorado com aplicação plástica, incisão e impressão; b) pote 1a decorado por espatulado; e c) fragmento de bojo decorado por incisão. 1516
Fig. 10.155 Cerâmica: a) Fragmento decorado por brunido, no exterior, com um agrafo metálico; b) Pote da forma 1a com perfuração. 1517
Fig. 10.156 Fragmentos de pavimentos encontrados na U.E. 2015. 1518
Fig. 10.157 Possível alfinete. 1519
Fig. 10.158 Formas cerâmicas: formas 1b. 1520
Fig. 10.159 Fragmento decorado com aplicação plástica e incisão. 1521
Fig. 10.160 Em cima: Fase da escavação da estrutura tipo "fosso", U.E. 949 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo: vista de SW sobre a estrutura tipo "fosso, com paredes ligeiramente oblíquas e o fundo constituído por patamares/socalcos (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1523
Fig. 10.161 Vista de Sul sobre a estrutura tipo "fosso" (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1524
Fig. 10.162 Perfil do "fosso" (desenho gentilmente cedido por ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1524
Fig. 10.163 Materiais da Idade do Bronze: bordo vertical e base de fundo côncavo. 1525
Fig. 10.164 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão. 1526
Fig. 10.165 Fragmento decorado por impressão e incisão. 1527

Fig. 10.166 Disco em pasta de ânfora. 1528
Fig. 10.167 Asa de secção subretangular, de uma forma 2a. 1528
Fig. 10.168 Planta do povoado de S. João, com a localização da estrutura de" hipogeu, assinalada a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1530
Fig. 10.169 Pormenor da câmara da estrutura "tipo hipogeu" vista de sul (fotografia cedida gentilmente por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.). 1530
Fig. 10.170 Vista sobre a estrutura "tipo hipogeu", onde vê, em primeiro plano, a câmara e, em segundo plano, a antecâmara (fotografia cedida gentilmente por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.). 1531
Fig. 10.171 Pormenor da antecâmara da estrutura de "tipo hipogeu", vista de norte (fotografia cedida gentilmente por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.). 1531
Fig. 10.172 Topo da estrutura negativa U.E. 1277. Observa-se a U.E. 1196 (empedrado), o monólito por cima (U.E. 1253), e entre as pedras e a sul por baixo do monólito, o resto de um crânio (U.E. 1253). 1533
Fig. 10.173 Asa de secção circular de panela de asa interior (forma 4a). 1534
Fig. 10.174 Panela de asa em orelha. 1535
Fig. 10.175 Bojo decorado por incisão. 1536
Fig. 10.176 Bordo rolado propositadamente para servir de peso e tampa perfurada. 1537
Fig. 10.177 Possível espátula ou colher, em bronze. 1538
Fig. 10.178 Ânfora tipo Ovóide 1. 1539
Fig. 10.179 Plano final da escavação vista de SW (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.). 1541
Fig. 10.180 Fragmento de pavimento decorado com um sulco circular. 1542
Fig. 10.181 Planta do povoado de S. João com as estruturas em negativo marcadas segundo a sua cronologia (planta geral do povoado, levantamento fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado). 1543
Fig. 10.182 Cadinho ou elemento de iluminação. 1544
Fig. 10.183 Forma 3 decorada no interior. 1547

Fig. 11.1 Fotografia aérea do Povoado de S. Paio, no ano 1967, feita por Fernando Lanhas (Almeida *et al.*, 2001, adaptado). 1557
Fig. 11.2 Vista aérea de drone do Povoado de S. Paio (autor Luís Costa, adaptado). 1559
Fig. 11.3 Localização do povoado de S. Paio, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:250000, nº. 109 (IGEOE, 1990). 1560
Fig. 11.4 Praia de "Os Crastos" hoje conhecida por Praia Pequena Castro de S. Paio. 1561
Fig. 11.5 Perfil da implantação do sítio (seg. Dinis, 1993, estância L, fig. 3), adaptado. 1561
Fig. 11.6 Localização do Povoado de S. Paio, em excerto da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50.000, folha 9C (DGMSG). 1562
Fig. 11.7 Vista de Satélite do Povoado de S. Paio (Fonte: *Google Earth*). 1563
Fig. 11.8 Conjunto de gravuras rupestres situadas em diferentes afloramentos, localizados a sul do povoado (fonte: Panfleto informativo do Povoado de S. Paio, elaborado pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara de Vila do Conde). 1564
Fig. 11.9 Rocha gravada por um sulco terminando numa covinha(?). 1564
Fig. 11.10 Penedo de com depressões provocadas por polimento (fotografia de Lanhas, 1967, *in* Almeida *et al.,* 2001, adaptado). 1565
Fig. 11.11 Em cima: Localização das rochas ou penedos amoladouros (fonte: *Google Earth*). Em baixo: vista para as duas rochas gravadas, na praia, imediatamente a sul do povoado de S. Paio. 1566
Fig. 11.12 Vista geral do topo da rocha 1 (escala de 8 cm). 1567
Fig. 11.13 Rocha 1 - grupos de sulcos naviformes (escala de 8 cm). 1568
Fig. 11.14 Levantamento fotogramétrico da rocha 1. 1569
Fig. 11.15 Rocha 2 – com três sulcos naviformes (escala de 8 cm). 1570
Fig. 11.16 Relação espacial entre o povoado de S. Paio (a norte) e o Monte Castro (a sul) (Imagem de satélite, fonte: *Google Earth*). 1571
Fig. 11.17 Principais povoados da Idade do Ferro, num raio de 10 km em relação a S. Paio (fonte: *Google Earth).* 1573
Fig. 11.18 Planta geral do povoado de S. Paio com implantação da quadrícula, das áreas escavadas e das estruturas recentes, ali existentes (adaptado: Almeida; Pinto, 1994; 1994a, 1996). 1576
Fig. 11.19 Planta da estrutura circular, no quadrado F1 (vectorização nossa, a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994). 1579
Fig. 11.20 Perfil oeste do quadrado F1 (vectorização nossa a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994). 1580

Fig. 11.21 Forma cerâmica: pote (forma 1c). 1581
Fig. 11.22 Formas cerâmicas: forma 1 b e forma 4, com arranque de asa. 1583
Fig. 11.23 Fíbula de tipo Sabroso (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde). 1584
Fig. 11.24 Forma nova: pote com asas na zona interna da aba (desenho de Amélia Marques e Telma Leandra), possível reconstituição. 1586
Fig. 11.25 Forma cerâmica: forma 22 decorada (desenho de Amélia Marques). 1587
Fig. 11.26 Fragmento decorado por aplicação plástica, incisão e impressão (fotografia da superfície externa e da superfície interna, na qual se nota a curvatura da peça). 1588
Fig. 11.27 Quadrado F2 resto de piso, no fundo da sondagem (Arquivo do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde). 1589
Fig. 11.28 Quadrado F2, perfil sul (vectorização nossa, a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). Não há outros perfis deste quadrado registados. 1590
Fig. 11.29 Forma cerâmica: forma 1c (pote). 1591
Fig. 11.30 Rebocos ou pavimentos decorados com vários sulcos oblíquos e curvos. 1592
Fig. 11.31 Asa em fita (forma 2a?) (desenho de Telma Leandra). 1593
Fig. 11.32 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro) e base de fundo plano alargado (decorado com espatulado?). 1593
Fig. 11.33 Método de divisão efetuado na escavação do quadrado D7, segundo Almeida e Pinto (1994, 1994a e 1996). 1597
Fig. 11.34 Quadrado D7-2, perfil norte (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado). 1598
Fig. 11.35 Quadrado D7-4, perfil este (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1600
Fig. 11.36 Quadrado D6, plano 1, onde se encontrou o piso 1 (camada 1) de uma eventual estrutura (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado). 1601
Fig. 11.37 Quadrado D6, plano final. Onde se nota o lajeado, muito destruído, o piso 2 e, ainda, parte de uma lareira decorada (camada 5) (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado). 1602
Fig. 11.38 Quadrado D6, perfil oeste, onde se nota a violação do lajeado (camada 4b) e o resto do piso que se lhe associava (Piso II, camada 5) (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994, adaptado). 1603
Fig. 11.39 Quadrado E6, perfil oeste (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado). 1606
Fig. 11.40 Bojo decorado da Idade do Bronze (desenho de Amélia Marques). 1607
Fig. 11.41 Formas cerâmicas: formas 2a e 1b ((desenhos de Telma Leandra). 1607
Fig. 11.42 Forma cerâmica: forma 1a (pote). 1608
Fig. 11.43 Fragmento de pavimento de argila, decorado e fragmento de argila de revestimento com negativos de ramos (quadrado D6 (camada 1) (desenhos de Amélia Marques)). 1609
Fig. 11.44 Mó circular (Arquivo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde). 1610
Fig. 11.45 Formas cerâmicas: asa de forma 4 (panela de asa interior) e bordo arranque de asa de forma 4. 1612
Fig. 11.46 Formas cerâmicas: forma 2a (púcaro, com arranque de asa), asa de forma 4 (panela de assa interior), forma 1a e forma 1b (potes) (desenho de Telma Leandra). 1615
Fig. 11.47 Formas cerâmicas: forma 2b (potinho). 1616
Fig. 11.48 Fragmento decorado por impressão e incisão. 1617
Fig. 11.49 Formas cerâmicas: forma 2b (potinho) e forma 1a (pote). 1618
Fig. 11.50 Forma cerâmica: forma 10 (potinho). 1619
Fig. 11.51 Bojo decorado por impressão. 1620
Fig. 11.52 Conta de colar do povoado de S. Paio (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia 1621
Fig. 11.53 Forma 2b (potinho). 1622
Fig. 11.54 Bojo decorado com aguada escura. 1623
Fig. 11.55 Forma cerâmica: forma 2b. 1624
Fig. 11.56 Fragmento de reboco com negativos de ramos (?). 1625
Fig. 11.57 Asa de canelura central. 1627
Fig. 11.58 Forma cerâmica: a) forma 2b (potinho) (desenho de Telma Leandra), e b) forma 4a (panela de asa interior). 1627
Fig. 11.59 Bojos decorados por incisão, puncionamento e aplicação plástica. 1628
Fig. 11.60 Forma cerâmica: forma 5 (talha). 1629
Fig. 11.61 Fragmento com decoração espinhada (desenho de Amélia Marques). 1629
Fig. 11.62 Reboco (?) decorado por incisão (desenho de Amélia Marques). 1630
Fig. 11.63 Raspadeira sobre lasca, em sílex, de secção triangular (desenho de Amélia Marques). 1630

Fig. 11.64 Possível polidor. 1631
Fig. 11.65 Forma cerâmica: forma 1a (pote). 1632
Fig. 11.66 Bojo decorado por impressão através de estampagem. 1633
Fig. 11.67 Base de fundo plano alargada decorada por brunido. 1634
Fig. 11.68 Fragmento de asa em orelha (forma 6). 1635
Fig. 11.69 Bojo decorado por impressão, incisão e aguada. 1636
Fig. 11.70 Argila de construção. 1637
Fig. 11.71 Escória. 1638
Fig. 11.72 Quadrado C16-1, plano principal (vectorização a partir dos desenhos de campo de 1641
Fig. 11.73 Quadrado C16-1, perfil sul (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1642
Fig. 11.74 Lâmina de sílex. 1642
Fig. 11.75 Quadrado C16-3. Plano final, onde se nota o lajeado a este do quadrado (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1643
Fig. 11.76 Muro de tendência circular registado neste quadrado (fotografias de arquivo: Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde). 1645
Fig. 11.77 Quadrado D16-1, plano onde foi encontrado um piso sob um lajeado que corresponde à camada 3 (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1646
Fig. 11.78 Quadrado D16-1, Perfil Sul (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1647
Fig. 11.79 Base de fundo plano alargado (desenho de Amélia Marques) e asa com canelura central decorada. . 1648
Fig. 11.80 Forma cerâmica: forma 2b (potinho) decorado. 1649
Fig. 11.81 Fragmento de pavimentos ou rebocos, um deles com restos de pigmentos vermelhos (?). 1650
Fig. 11.82 Quadrado D16-3: alicerces de uma estrutura circular, em pedra (imagens de arquivo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde). 1652
Fig. 11.83 Quadrado D16-3: alicerces de uma possível estrutura circular, em pedra, e arranque de outro muro (pormenor do aparelho) (imagens de arquivo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde). 1652
Fig. 11.84 Quadrado D16-3, plano onde foram encontrados os alicerces de uma estrutura circular, o arranque de outro muro e vestígios de um lajeado (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1654
Fig. 11.85 Asa com sulco central. 1655
Fig. 11.86 Forma cerâmica: forma 10 (potinho/púcaro). 1655
Fig. 11.87 Formas cerâmicas: bordo com vertedouro (forma nova?) (desenho de Amélia Marques) e formas 1b. 1657
Fig. 11.88 Bojo decorado por aplicação plástica e incisão. 1657
Fig. 11.89 Restos de piso em argila cozida (quadrado D16-3 (3)). 1658
Fig. 11.90 Quadrado D16-4, perfil norte (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1660
Fig. 11.91 Quadrado D16-4: cabana circular (fotografia de arquivo: Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde) com pormenor de piso, decorado com círculos (camada 5), no seu interior (Pinto, 2000: 149, adaptado). 1661
Fig. 11.92 Forma cerâmica: forma 3a (malga) (desenho de Telma Leandra) 1663
Fig. 11.93 Base de fundo plano simples decorada com incisões. 1664
Fig. 11.94 Forma cerâmica: forma 2b (potinho) (desenho de Telma Leandra) 1665
Fig. 11.95 Quadrado E16-1, plano final (vectorização a partir dos desenhos de campo (Almeida e Pinto, 1994a). 1667
Fig. 11.96 Quadrado E16-1, onde se observa um piso de barro, muito superficial (imagens de arquivo: Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde) 1668
Fig. 11.97 Forma cerâmica: forma 1b (pote). 1670
Fig. 11.98 Fragmento de pavimento. 1672
Fig. 11.99 Exemplar de moinho manual, dormente (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde). 1672
Fig. 11.100 Quadrado E16-3, plano onde foi encontrado um piso sob um amontoado de pedras que apenas apareceu nos lados noroeste, oeste e sudoeste do quadrado (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). 1674
Fig. 11.101 Quadrado E16-3: amontoado de blocos pétreos. 1675
Fig. 11.102 Fragmento de pavimento decorado com pequenos puncionamentos circulares (desenho de Amélia Marques). 1676
Fig. 11.103 Bojo decorado por aplicação plástica, por um mamilo alongado. 1677

Fig. 11.104 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro) (desenho de Amélia Marques).....1678
Fig. 11.105 Bojos decorados: a) por aplicação plástica e incisão; b) aplicação plástica e aguada. 1679
Fig. 11.106 Formas cerâmicas: tampa, forma 2b e forma 1b. 1680
Fig. 11.107 Bojo decorado por incisão e impressão (desenho de Amélia Marques). 1680
Fig. 11.108 Forma indeterminada.....1681
Fig. 11.109 Forma cerâmica: forma 10 (potinho/púcaro) (desenho de Amélia Marques). 1682
Fig. 11.110 Forma 3a (malga). 1683
Fig. 11.111 Base de fundo plano alargado ((desenho de Telma Leandra). 1683
Fig. 11.112 Fragmento de argila cozida com negativo de ramo, neste caso afiado (desenho de Amélia Marques). 1685
Fig. 11.113 Seixos rolados, em quartzito.....1686
Fig. 11.114 Aspeto da face exterior da muralha de S. Paio. Esta muralha parece ter sido preenchida por sedimentos, blocos e calhaus pétreos. 1688
Fig. 11.115 Aspeto dos derrubes da muralha de S. Paio. À esquerda parece existir, ainda, o alinhamento do que seria a face externa da muralha, já muito destruída.....1688
Fig. 11.116 Pote (cerâmica comum da área da Bética). 1689
Fig. 11.117 Bojo decorado por aplicação plástica (mamilo). 1690
Fig. 11.118 Tampa, Pote da forma 1c com aba horizontal decorado por três fiadas de SSS impressos e talha. ..1692
Fig. 11.119 Bojo decorado por incisão, impressão, brunido e aplicação plástica. 1692
Fig. 11.120 Bojo decorado por incisão e impressão. 1693
Fig. 11.121 Fragmentos de pavimentos decorados por incisão (desenhos Amélia Marques).....1694
Fig. 11.122 Fotografia de peso de rede em quartzito e de outros exemplares de pesos de redes (Desenhos de Rita Mendes). 1695
Fig. 11.123 Desenho um possível pedestal (desenho de Amélia Marques); fotografias do possível pedestal. 1696
Fig. 11.124 Objeto lítico que lembra um pequeno bétilo (desenho de Amélia Marques). 1697
Fig. 11.125 Aspeto das manchas avermelhadas neste objeto lítico. 1698
Fig. 11.126 Alfinetes do povoado de S. Paio (fotografias do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde). 1699
Fig. 11.127 Alguns fragmentos de escória. 1700
Fig. 11.128 Possível pia salineira, de contorno semi-rectangular da praia de Angeiras (inédita). 1706
Fig. 11.129 Possível território teórico de exploração de 2 horas pedestres de S. Paio (com linhas isócronas de 30 minutos).....1712
Fig. 11.130 Intervisibilidade do povoado de S. Paio em relação aos vários povoados. No mapa a negro a área visível a partir de S. Paio.....1713
Fig. 11.131 Povoado de S. Paio (em primeiro plano), litoral da área do Facho (Vila Chã) (em segundo plano) e ao fundo a linha costeira junto à Póvoa de Varzim.....1714

ÍNDICE DE TABELAS – VOLUME III (Anexo II)

Tabela 8.1 Formas da Idade do Ferro Recente.....957
Tabela 8.2 Material em depósito e estudado do Museu de História Natural 958
Tabela 8.3 Formas do Ferro Recente da camada 1 (exterior do fosso), Sondagem 5 (Setor III).....982
Tabela 8.4 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antiga, na camada 4 e 4a, da sondagem 5 (Setor III) 988
Tabela 8.5 Formas cerâmicas indígenas locais, na camada 4 e 4a, da sondagem 5 (Setor III) 992
Tabela 8.6 Formas cerâmicas indígenas da camada 5 e 5a, da sondagem 5 (Setor III).....999
Tabela 8.7 Formas da Idade do Ferro Antiga da camada 6 e 6a, da sondagem 5 (Setor III) 1002
Tabela 8.8 Formas cerâmicas indígenas da camada 6 e 6a, da sondagem 5 (Setor III).....1004
Tabela 8.9 Materiais indígenas na camada 1, sondagem 6 (Setor III) 1014
Tabela 8.10 Formas cerâmicas da camada 3 e 3 a, da sondagem 6 (Setor III) 1017
Tabela 8.11 Formas cerâmicas da camada 5 e 5a, da sondagem 6 (Setor III) 1019
Tabela 8.12 Formas cerâmicas da camada 7 (Qd. P'51), da sondagem 6 (Setor III).....1021
Tabela 8.13 Formas indígenas da camada 2, sondagem 8 (Setor III).....1033
Tabela 8.14 Formas da Idade do Ferro Antiga da camada 3, sondagem 8 (Setor III) 1034
Tabela 8.15 Formas cerâmicas da camada 1, sondagem 1 (Setor IV) 1048
Tabela 8.16 Formas cerâmicas da camada 2, sondagem 1 (Setor IV) 1051

Tabela 8.17 Formas cerâmicas do Piso 1B, sondagem 1 (Setor IV) 1056
Tabela 8.18 Formas cerâmicas na camada 3, sondagem 1 (Setor IV) 1058
Tabela 8.19 Formas cerâmicas da camada 13, sondagem 1 (Setor IV) 1065
Tabela 8.20 Formas de cerâmica indígena na camada 0, sondagem 2 (Setor IV) 1078
Tabela 8.21 Formas indígenas da camada 1, sondagem 2 (Setor IV) 1081
Tabela 8.22 Formas de cerâmica indígena da camada 7 e 11, sondagem 2 (Setor IV) 1091
Tabela 8.23 Formas da Idade do Ferro recente na camada 19, sondagem 2 (setor IV) 1095
Tabela 8.24 Formas indígenas na camada 12, sondagem 2 (Setor IV) 1099
Tabela 8.25 Formas de cerâmica indígena para a camada 38, sondagem 2 (Setor IV) 1107
Tabela 8.26 Formas de cerâmica da Idade do Ferro Recente para a camada 42, sondagem 2 (Setor IV) 1113
Tabela 8.27 Formas indígenas da camada 2, sondagem 4 (Setor IV) 1130
Tabela 8.28 Formas cerâmicas da camada 2, sondagem 5 (Setor IV) 1135
Tabela 8.29 Formas cerâmicas da camada 3, sondagem 5 (Setor IV) 1138
Tabela 8.30 Formas da Idade do Ferro Antiga da sondagem 7 1162
Tabela 8.31 Formas da Idade do Ferro Recente da sondagem 7 (Setor IV) 1163
Tabela 8.32 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente, camada 6, da sondagem 7 (Setor IV) 1167
Tabela 8.33 Formas cerâmicas indígenas no quadrado L'59 (Setor IV) 1172
Tabela 8.34 Decorações da Idade do Bronze Final em Santa Luzia 1178
Tabela 8.35 Tipo e quantidade de formas para a Idade do Ferro Antiga 1179
Tabela 8.36 Decorações na Idade do Ferro Antiga em Santa Luzia 1180
Tabela 8.37 Decorações na Idade do Ferro Recente em Santa Luzia 1182
Tabela 8.38 Tipo e quantidade de formas para a Idade do Ferro recente 1183
Tabela 8.39 Decorações para o final da Idade do Ferro em Santa Luzia 1184
Tabela 8.40 Tipo e quantidade de formas na romanização 1185
Tabela 8.41 Tipologia e quantidade de ânforas 1188
Tabela 8.42 Tipologia e quantidade de ânforas Haltern 70 e Dressel 7-11 1190

Tabela 9.1 Quantidade de formas cerâmicas da estrutura C1 1213
Tabela 9.2 Quantidade de formas da estrutura C2 1214
Tabela 9.3 Quantidade de formas da estrutura C3 1215
Tabela 9.4 Quantidade de formas da estrutura C5 1215
Tabela 9.5 Quantidade de formas da estrutura C10 1216
Tabela 9.6 Quantidade de formas da estrutura C20 1216
Tabela 9.7 Quantidade de formas da área junto à Muralha no Setor A 1217
Tabela 9.8 Formas para Setor A 1217
Tabela 9.9 Quantidade percentual de formas no Setor A 1218
Tabela 9.10 Quantidade de formas para estrutura C4 1232
Tabela 9.11 Quantidade de formas para estrutura C9 1233
Tabela 9.12 Quantidade de formas para Setor B 1233
Tabela 9.13 Quantidade percentual de formas para Setor B 1234
Tabela 9.14 Quantidade de formas para estrutura C6 1245
Tabela 9.15 Quantidade de formas para estrutura C7 1246
Tabela 9.16 Quantidade de formas entre as estruturas C7 e C6 1246
Tabela 9.17 Quantidade de formas para o Setor C 1247
Tabela 9.18 Quantidade percentual de formas para o Setor C 1248
Tabela 9.19 Quantidade de formas na estrutura C11 1260
Tabela 9.20 Quantidade de formas no vestíbulo da estrutura C11 1261
Tabela 9.21 Quantidade de formas na estrutura C12 1261
Tabela 9.22 Quantidade de formas entre as estruturas C11 e C12 1261
Tabela 9.23 Quantidade de formas para a estrutura C13 1262
Tabela 9.24 Quantidade de formas entre as estruturas C13 e C14 1262
Tabela 9.25 Quantidade de formas para a estrutura C14 1263
Tabela 9.26 Quantidade de formas para a estrutura C21 1263
Tabela 9.27 Quantidade de formas para a estrutura C42 1263
Tabela 9.28 Tipos de formas para o Setor D 1264

Tabela 9.29 Quantidade percentual de formas para o Setor D 1264
Tabela 9.30 Quantidade de formas na estrutura C15 1285
Tabela 9.31 Quantidade de formas na estrutura C19 1286
Tabela 9.32 Formas no interior da cabana 23 1287
Tabela 9.33 Formas no vestíbulo da cabana 23 1287
Tabela 9.34 Formas no exterior da cabana 23 1287
Tabela 9.35 Quantidade de formas na cabana 23 1288
Tabela 9.36 Quantidade de formas na estrutura C35 1289
Tabela 9.37 Quantidade de formas na estrutura C16 1289
Tabela 9.38 Quantidade de formas na estrutura C18 1290
Tabela 9.39 Quantidade de formas na estrutura C24 1291
Tabela 9.40 Quantidade de formas na estrutura C17 1292
Tabela 9.41 Quantidade de formas no Setor E1 e E2, junto à Muralha 1292
Tabela 9.42 Quantidade de formas e suas subcategorias identificadas 1293
Tabela 9.43 Quantidade de formas nos Setores E1 e E2 1294
Tabela 9.44 Número de peças de importação por estrutura no Setor E 1305
Tabela 9.45 Quantidade de formas na cabana C28 1311
Tabela 9.46 Quantidade de formas para a cabana C29 1312
Tabela 9.47 Quantidade de formas para a área do murete 1312
Tabela 9.48 Quantidade de formas para o troço da muralha 1313
Tabela 9.49 Quantidade de formas no setor F 1313
Tabela 9.50 Percentagens de formas para o Setor F 1314
Tabela 9.51 Quantidade de formas da cabana C30 1328
Tabela 9.52 Quantidade de formas da cabana C31 1328
Tabela 9.53 Quantidade de formas identificadas para a cabana C33 1329
Tabela 9.54 Quantidade de formas na cabana C34 1330
Tabela 9.55 Quantidade de formas entre as cabanas C33 e C34 1330
Tabela 9.56 Quantidade de formas no recinto ou cabana 32 1331
Tabela 9.57 Quantidade de formas para o Setor G 1332
Tabela 9.58 Quantidade e percentagem de formas por tipos genéricos 1332
Tabela 9.59 Orientação da abertura das cabanas de Terronha 1344
Tabela 9.60 Fragmentos de escória por setores em Terronha 1349
Tabela 9.61 Organização decorativa na cerâmica, do Ferro Recente, no povoado da Terronha 1352
Tabela 9.62 Quantidade de ânforas de Terronha por setor 1354
Tabela 9.63 Cronologia de produção e uso das tipologias das ânforas tardo-republicanas de Terronha, segundo Queiroga (2019: 30-68) 1355
Tabela 9.64 Tipologias anfóricas do Castro da Terronha, por número de fragmentos e o respetivo número de indivíduos (segundo Queiroga, 2019) 1355
Tabela 9.65 Tipologias anfóricas de Terronha, por número de mínimo de indivíduos e a correspondente percentagem (Queiroga, 2019: 60) 1356

Tabela 10.1 Formas cerâmicas datáveis da Idade Ferro Antigo da U.E. 1068 1382
Tabela 10.2 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente da U.E. 1068 1383
Tabela 10.3 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente da U.E. 1110 1391
Tabela 10.4 Formas cerâmicas da Idade do Ferro recente na U.E. 1260 1400
Tabela 10.5 Formas cerâmicas da Idade do Ferro recente na U.E. 1240 1403
Tabela 10.6 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente na U.E. 1242 1405
Tabela 10.7 Formas cerâmicas presentes na U.E. 2030 1409
Tabela 10.8 Formas cerâmicas da Idade do Ferro na U.E. 2033 1415
Tabela 10.9 Formas da Idade do Ferro Recente da U.E. 2035 1418
Tabela 10.10 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2115 1426
Tabela 10.11 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2105 1428
Tabela 10.12 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 983 1435
Tabela 10.13 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2102 1437
Tabela 10.14 Formas cerâmicas do Ferro Antigo da U.E. 2103 1440
Tabela 10.15 Formas cerâmicas do Ferro Antigo da U.E. 2108 1441

Tabela 10.16 Formas cerâmicas do Ferro Antigo da U.E. 1272 e 1273 1449
Tabela 10.17 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 1272 e 1273 1450
Tabela 10.18 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2013 1455
Tabela 10.19 Formas cerâmicas do Ferro antigo da U.E. 2020 1463
Tabela 10.20 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2020 1464
Tabela 10.21 Formas na fossa 2 1470
Tabela 10.22 Formas na fossa 3 1474
Tabela 10.23 Formas registadas na Fossa 4 1478
Tabela 10.24 Formas da Idade do Ferro Recente na U.E. 1276 1482
Tabela 10.25 Formas da Idade do Ferro Antiga na Fossa 7 1484
Tabela 10.26 Formas da Idade do Ferro Recente na Fossa 8 1490
Tabela 10.27 Formas da Idade do Ferro Recente na U.E. 1109 1492
Tabela 10.28 Formas da Idade do Ferro Recente do enchimento da Fossa 12 1498
Tabela 10.29 Formas da Idade do Ferro Antigo da U.E. 2009 1505
Tabela 10.30 Formas da U.E. 2009 1507
Tabela 10.31 Formas na U.E. 2015/2016 1511
Tabela 10.32 Formas na U.E. 2025 1520
Tabela 10.33 Formas registadas na U.E. 1196 (Ferro Recente) 1535
Tabela 10.34 Formas da Idade do Ferro Antigo 1545
Tabela 10.35 Diâmetros das formas no Ferro Antigo 1545
Tabela 10.36 Tamanho dos fragmentos no Ferro Antigo 1546
Tabela 10.37 Formas do Ferro Recente no Povoado de S. João 1547
Tabela 10.38 Decorações no Ferro Antigo em S. João 1549
Tabela 10.39 Decorações do Ferro Recente em S. João 1551
Tabela 10.40 Tamanho dos fragmentos no Ferro Recente 1552

Tabela 11.1 Formas da camada 1, Setor I 1582
Tabela 11.2 Formas da camada 2, Setor I 1591
Tabela 11.3 Materiais de construção do quadrado F2 1592
Tabela 11.4 Fragmentos de materiais de construção em argila 1595
Tabela 11.5 Datação de radiocarbono Setor I 1596
Tabela 11.6 Formas registados na camada 3 (quadrado E6) 1611
Tabela 11.7 Formas cerâmicas do Ferro Antigo, camada 3 (Qd. D6/ D7-2/D7-4) 1614
Tabela 11.8 Escórias 1618
Tabela 11.9 Formas cerâmicas do Ferro Recente, camada 4 (D6 e D7-4) 1624
Tabela 11.10 Materiais de construção 1625
Tabela 11.11 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo, camada 5 (D6, E6, D7-4) 1627
Tabela 11.12 Formas do Ferro Antigo, na camada 4b (E6) 1632
Tabela 11.13 Formas do Ferro Recente, na camada 4b (E6) 1635
Tabela 11.14 Materiais de construção 1636
Tabela 11.15 Materiais de construção 1638
Tabela 11.16 Escória 1638
Tabela 11.17 Materiais de construção 1650
Tabela 11.18 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo 1656
Tabela 11.19 Materiais de construção 1658
Tabela 11.20 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo 1662
Tabela 11.21 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo 1664
Tabela 11.22 Materiais de construção 1666
Tabela 11.23 Materiais de construção 1666
Tabela 11.24 Formas cerâmicas de transição de Idade do Ferro Recente 1670
Tabela 11.25 Materiais de construção da camada 2 1671
Tabela 11.26 Materiais de construção 1675
Tabela 11.27 Formas cerâmicas do Ferro Antigo 1678
Tabela 11.28 Materiais de construção (E16-3 (3) 1681
Tabela 11.29 Formas cerâmicas do Ferro Antigo 1683
Tabela 11.30 Características do material de construção em argila 1684

Tabela 11.31 Seixos rolados de quartzito.....1685
Tabela 11.32 Materiais de construção.....1686
Tabela 11.33 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente.....1691
Tabela 11.34 Grupo de materiais de construção sem contexto do povoado de S. Paio.....1693
Tabela 11.35 Pesos sobre seixos rolados.....1695
Tabela 11.36 Datações de radiocarbono.....1701
Tabela 11.37 Organização decorativa na cerâmica na Idade do Bronze.....1708
Tabela 11.38 Organização decorativa na cerâmica na Idade do Ferro Antigo.....1710
Tabela 11.39 Organização decorativa na cerâmica na Idade do Ferro Recente.....1711

Lista de abreviaturas e siglas

a.C. – Antes de Cristo

BP – Before Present

Calib. – Calibrado

Cam. – Camada

cm – Centímetros

CNS – Código Nacional de Sítio

Compr. – Comprimento

Cont. - Contexto

d.C. – Depois de Cristo

E.N.P – Elementos não plásticos

Espes. - Espessura

Fig. – Figura

Larg. – Largura

m – Metros

MDDS – Museu D. Diogo de Sousa

mm– Milímetros

NMI – Número Mínimo de Indivíduos

N°. Inv. – Número de Inventário

Quad. – Quadrado

Ref. Lab. – Referência laboratorial

Seg. – Segundo

Tab. – Tabela

U.E. – Unidade Estratigráfica

Introdução

Este trabalho encontra-se reunido em três volumes, e estes estão divididos em **4 partes**.

O primeiro volume está dividido em quatro partes: **partes I, II, III** e **IV**. A **parte I** designada *Considerações iniciais,* compreende uma historiografia dos estudos realizados sobre a Idade do Ferro do noroeste peninsular, particularizando as investigações conduzidas nos últimos 100 anos sobre o Noroeste português. Apresenta, também, o estado da arte sobre a Idade do Ferro entre os rio Minho e Ave. E termina com os objetivos deste trabalho.

A **parte II** intitulada *Metodologia* diz respeito à metodologia e ao corpo teórico que dá suporte a esta tese. Nesta parte descrevemos, ainda, todas as etapas do trabalho realizado.

Na **parte III** a que demos o nome de *Área geográfica em Estudo: o litoral entre os rios Minho e Ave*, traçámos o quadro geográfico e geológico da área em que este trabalho foi desenvolvido. Nesta parte ainda se abordou, de forma breve, a temática sobre a evolução do litoral do Noroeste português.

Na **parte IV** apelidada de *Cronologia, povoamento e intercâmbio entre o Bronze Final e o Ferro Recente* sistematizámos e problematizámos os dados reunidos durante todo a investigação, obtendo resultados importantes em termos do estudo das materialidades e intercâmbio da fachada litoral do Norte de Portugal, desde o Bronze Final ao Ferro Recente. Apresentou-se, em primeiro lugar, um novo quadro cronológico-cultural para o povoamento proto-histórico desta área, organizado e sistematizado tendo em conta os dados materiais e de radiocarbono, inéditos, que se apresentaram neste trabalho; em segundo lugar, divulgaram-se resultados sobre povoamento, materialidades e intercâmbio, para cada estuário e interflúvio, tendo por base três fases cronológico-culturais: o Bronze Final, o Ferro Antigo e Ferro Recente. Tal possibilitou, no penúltimo capítulo, sintetizar cada período cronológico-cultural, em toda a área de estudo, obtendo-se novas leituras e interpretações sobre materiais indígenas, materiais de importação e papel do intercâmbio na alteração de hábitos de consumo e na estrutura do povoamento. Foi, também, possível determinar duas áreas com tendências oleiras distintas, possivelmente definidoras de traços identitários, pelo menos, no Ferro Recente. Foi, ainda, realizada uma análise de materiais e do intercâmbio, na longa diacronia. Esta parte termina com o capítulo das considerações finais.

A **base empírica** compilada encontra-se dividida em dois volumes, constituídos pelo **Anexo I** e **Anexo II**. O Anexo I encontra-se no Vol. II e principia com o inventário dos sítios proto-históricos do litoral norte de Portugal, entre os estuários do rio Minho e o interflúvio Ave-Onda e termina com um capítulo sobre a revisão de coleções arqueológicas antigas de quatro povoados e

um monumento funerário. No Anexo II (Vol. III) publica-se estudos monográficos de quatro povoados.

PARTE I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

"O Homem não é uma inutilidade num mundo feito,

mas o obreiro dum mundo a fazer."

O Criacionismo. Esboço de um sistema filosófico.

Leonardo Coimbra (1912: 5)

1. Introdução

Um dos temas mais debatidos em Arqueologia, provavelmente com uma das mais extensas bibliografias existentes, é a Idade do Ferro. Abordar este tema é falar, também, da evolução da ciência arqueológica em território português.

Nesta parte procurou-se referir as obras (teses, capítulo de livros, artigos...) sobre este período, que foram as mais importantes e com maior destaque, ao longo do tempo. Além disso, nos capítulos seguintes e sempre que for necessário irão ser feitas outras referências bibliográficas.

Assim, nos capítulos que se seguem descreve-se, de forma sucinta, o historial das investigações sobre a Idade do Ferro do Noroeste português, tendo em conta os vários paradigmas da Arqueologia onde os diversos investigadores se foram inserindo e as diferentes formas de interpretar os dados segundo esses mesmos paradigmas.

2. História das Investigações

2.1. A Idade do Ferro no Noroeste português

2.1.1. Primórdios

Quando se trata de investigar qualquer temática em Arqueologia deparamo-nos com a tarefa de investigarmos a bibliografia existente. Ora, para o estudo da Idade do Ferro do Noroeste português esta pesquisa confunde-se um pouco com os primórdios da investigação arqueológica desta região.

As primeiras referências para as estruturas e hábitos humanos datáveis deste período surgem cedo, em obras de eruditos, sobretudo dos séculos XVIII e XIX. Os principais autores destas épocas são, ainda hoje, as primeiras fontes que se podem utilizar para localizar sítios arqueológicos, por exemplo. Entre outros autores destacam-se Jerónimo Contador de Argote (1728, 1732), Luís Cardoso (1747-1751, 1758), com as obras "*Dicionario Geographico de Portugal*" e "*Memórias Parochiaes*" e, ainda, A. Carvalho da Costa (1706, 1712) com a obra "*Corographia Portuguesa*".

Contudo, foi sobretudo com o fenómeno de investigação empreendido por Francisco Martins Sarmento, já nos finais do século XIX (1833 - 1899), que se começa a estudar, ou pelo menos, a explorar dois dos grandes povoados fortificados em Portugal, a Citânia de Briteiros e o Castro de Sabroso. Também não é alheia, no desenvolvimento da ciência arqueológica em Portugal, uma

outra figura muito conhecida, sem a qual hoje não existiria o Museu Nacional de Arqueologia. Referimo-nos a José Leite de Vasconcelos (1858 – 1941). De facto, a persistência e curiosidade, aliada a um forte interesse cultural e, sem dúvida, a alguns recursos monetários, constituíram um passo importante para colocar Portugal no mapa da investigação arqueológica europeia. Esse empenho luso na investigação arqueológica ficou expresso, em 1878, pela *Conferência da Citânia* e, em 1880, no *IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas*, que decorreu em Lisboa. Com efeito, o estudo dos "castros" foi colocado no mapa da investigação e muitos foram os investigadores que, entre os anos 20 a 70 do século XX, inventariaram os ditos castros e escavaram povoados inseríveis nesta cronologia.

Ora, é incontornável referir, também, Mário Cardozo (1889 – 1982) como uma das maiores figuras no estudo da Idade do Ferro do noroeste (com publicações desde 1926 até 1977) (Martins, 1989c: 6-10). Este investigador, além de ter dado continuidade aos trabalhos em Briteiros e Sabroso, iniciados por Martins Sarmento, tem vasta bibliografia sobre esta temática, desde problemáticas gerais, à ourivesaria, passando pela cerâmica e os vidros, à metalurgia, a arte ornamental e, ainda, aos monumentos com forno (que hoje se interpretam como balneários pré-romanos). Este autor defendia que a origem da "Cultura Castreja" seria tributária da Idade do Bronze e que as migrações célticas no Noroeste teriam tido uma influência menos importante do que geralmente se pensava (Cardoso, 1953).

Além deste autor, é necessário destacar também Félix Alves Pereira (natural de Arcos de Valdevez e conservador do Museu Etnológico Português) e os seus estudos sobre os castros, nomeadamente sobre a estatuária e habitações "castrejas" (Pereira, 1898, 1902, 1903, 1908, 1910, 1915, 1933); Albano Belino (1909), num artigo póstumo, incide os seus estudos sobre a área de Braga, recolhendo e investigando alguns castros, nomeadamente o de Monte Redondo; Rui de Serpa Pinto que, aproveitando a divulgação dos resultados das escavações de Terroso, faz um balanço sobre o estudo dos castros (Pinto, 1932) e Jorge Dias (1949) cujo trabalho incide sobre a arquitetura dos castros.

Os primeiros inventários a propósito de povoados fortificados foram efetuados por Abel Viana (1932a, 1932b, 1932c), entre muitos outros estudos e trabalhos ao serviço da arqueologia do Norte de Portugal; Leandro Quintas Neves (natural de Viana do Castelo) escreveu um artigo sobre os castros do Norte de Portugal (1965), com enfâse para os do Alto Minho.

Toda a acumulação de dados, nesta época, sobre esta área geográfica tendia para a procura de uma certa homogeneidade da cultura material procurando definir uma área cultural,

generalizando de forma exacerbada as materialidades existentes nestes povoados. Assim, procurava-se relacionar todos os achados encontrados em castros à Cultura Castreja, mesmo aqueles que claramente já seriam de época romana. Surge, assim, a denominada "Cultura dos Castros", ou "Cultura Castreja", com uma visão simplista, sem contextos cronológicos precisos, destacando os dados esteticamente mais interessantes. Esta abordagem deve-se ao facto de ainda não se utilizarem métodos arqueológicos científicos, sendo, além disso, explorações pontuais, não indo além dos níveis superiores de ocupação, dando assim uma perceção errada do passado desses povoados. Esta "Arqueologia dos Castros" surgiu de ideias patrióticas e tradicionalistas, associada ao conceito de "cidades mortas" (Martins, 1993-1994: 47). Nesta primeira fase das investigações, a arqueologia era ainda exercida com amadorismo, com caráter regionalista, como se viu, e visava apenas contribuir para a construção do passado histórico, associado à fundação da portugalidade e da nação portuguesa (Martins, 1993-1994: 48).

2.1.2. Paradigma Histórico-Culturalista

De modo a procurar as origens dos povos de cada país, surge o paradigma histórico-cultural, ao serviço da arqueologia.

Nesse âmbito, a investigação arqueológica da época partia dos seguintes princípios: de que a emergência da civilização, da metalurgia, da arquitetura monumental e da economia produtiva teriam sido inventados apenas uma vez, numa determinada região e, depois, tais invenções ter-se-iam espalhado pelo resto do mundo, para zonas mais periféricas e menos desenvolvidas, através do difusionismo. Este pressuposto estava, ainda, alicerçado num outro que é o facto de se admitir a existência de comunidades superiores a outras, que seriam menos inventivas (Bicho, 2011: 51 e 55).

Assim, procurando identificar a raiz étnica dos povos do Noroeste, a fundação dos "castros" foi explicada através de modelos migracionistas ou invasionistas de povos centro-europeus que, através da aculturação ou do domínio efetivo, teriam contribuído para moldar todo o Noroeste Peninsular sobre uma nova forma de organizar o espaço (Silva, 2007: 54).

Tentando traçar o percurso de forma cronológica, Boch Gimpera (1932: 171-184; 1939, 1945), defende que a Idade do Ferro surgiu devido às invasões célticas, pós-hallstáticas, com início entre 900-570 a.C. Santa Ollala (1941) propôs o início desta cultura entre os séculos VII / V a.C., remetendo novamente para as invasões célticas que teriam introduzido a metalurgia do ferro; López Cuevillas (1953), por outro lado, considera que a cultura castreja do noroeste teria a

sua origem devido à chegada dos Sefes, e estas migrações não ultrapassariam a primeira metade do século VI a.C.. Esta migração explicaria o surgimento de elementos hallstáticos, nos castros.

Um outro investigador português, que se destacou pela sua obra científica e também com alguns textos sobre o Homem Português, e as suas origens, tratando um pouco da "Cultura Castreja", foi o Professor António Mendes Corrêa (1880 – 1960). Sobre esta temática destacam-se dois trabalhos: *Os povos primitivos da Lusitania* (1924) e *A Lusitania Pré-romana* (1928), trabalhos académicos bastante avançados para a época e que se constituíram nos primeiros trabalhos de síntese sobre esta matéria. Na primeira obra de 1924, o autor aceita a profunda antiguidade destes povoados, colocando a sua origem, em certos casos ainda no Calcolítico e na Idade do Bronze (1924: 276). Insiste que, analisando o espólio e as construções da Idade do Ferro do norte do país, "tudo nos castros é pobre, rude e atrasado", não se registando influências mais exóticas em alguns (poucos) povoados, como Briteiros (1924: 293). Segundo António Corrêa (1924: 301-302), a cultura presente nos castros do norte de Portugal antes de ser influenciada pela ocupação romana do território seria "mais ou menos celtizada" e que, tendo em conta os dados arqueológicos, terá ocorrido um movimento de sul para norte, por terra, mas também por via marítima, de povos do "grémio ibero-tartéssico", neste caso os *Turduli Veteres*, do Cabo da Roca ao Douro, que seriam porventura representantes de antigas penetrações de povos de origem celta.

Contra esta posição, puramente exógena, surgem dois investigadores: um deles é J. Eiroa García (1973/1974) que, com a primeira data de radiocarbono do Castro de Borneiro (Corunha), coloca as origens da "cultura dos castros" nos finais da Idade do Bronze e considera que terá ocorrido uma fusão das inovações verificadas no interior da Península com outras de origem atlântica, baseando-se sempre em dados arqueológicos. O outro autor é J. Maluquer de Motes (1973) que defende que o início da Idade do Ferro teve como principal motor as populações endógenas, impulsionadas pela necessidade de adaptação ao meio ambiente.

A partir dos anos 70 do século XX multiplicam-se os investigadores e autores que que se dedicam a desconstruir algumas ideias preconcebidas sobre a "Cultura Castreja", mas é também, nesta época que se dá um salto qualitativo na investigação, já que surgem as primeiras escavações com recurso à estratigrafia. É o caso do inglês, Christopher Hawkes, que escavou vários povoados da Idade do Ferro em Portugal, como a Cividade de Âncora e o Castro do Cútero, em Viana do Castelo, e o Castro de Sabroso, no concelho de Guimarães (1958; 1971; 1984).

Surge, também, nesta altura o primeiro inventário de todos os castros do norte de Portugal, elaborado por Irisalva Moita (1971).

A partir dos anos 80 do século XX o objetivo das investigações passou por descobrir o início da Idade do Ferro no Noroeste português, concentrando-se, sobretudo, em estabelecer as sequências evolutivas, a componente étnica e alguns aspetos da cultura material da "Cultura Castreja".

É neste panorama que surge Carlos Alberto Ferreira de Almeida que, com base nos resultados das escavações em diversos povoados da Idade do Ferro (Santo Estevão da Facha, em Ponte de Lima; Monte Mozinho, em Penafiel; Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira; Faria, em Barcelos; Castro de Fiães, em Vila da Feira; Martim, em Barcelos; Frende, em Baião) e o estudo profundo das suas materialidades (Almeida, 1974a), apresenta uma hipótese de evolução da Cultura Castreja subdividida em cinco fases: Período de formação (século VI – IV a.C.), Castrejo Antigo (finais do século IV a.C. – princípios do século I a.C.); Castrejo Médio (século I a.C.); Castrejo Recente (finais do século I a.C. – I d.C.) e Castrejo Final (época flávia) (Almeida, 1973; 1983). O autor chama a atenção para a necessidade de descobrir as funções de cada espaço e a sua inter-relação com o espaço circundante. Diz a propósito que precisamos de valorizar as diferenças e relacionar os espaços e implantações dos castros com a sua envolvente (Almeida, 1983: 73). Este autor demonstrava já uma visão de futuro para o estudo deste período cronológico. Contudo, continuava a considerar que não deveriam existir grandes diferenças a nível regional.

Em 1986, Armando Coelho Ferreira da Silva com a tese intitulada *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal* divulga novas informações de escavações cientificamente realizadas, como Terroso (Póvoa de Varzim), Coto da Pena (Caminha), Romariz (Santa Maria da Feira), Âncora (Caminha), Sanfins (Paços de Ferreira), Briteiros e Sabroso (concelho de Guimarães) e faz uma primeira síntese sobre a economia, a sociedade, a cerâmica, a metalurgia, a ourivesaria e as soluções construtivas e defensivas da Cultura Castreja do Noroeste. Estabeleceu diversas fases sobre a evolução da Cultura Castreja. Considera que a sua origem se dá durante os finais do Bronze Final (séc. IX a.C.), colocando como causa provável que as novidades de origem hallstática introduzidas no noroeste terão sido provocadas pelas migrações de origem indo-europeias (Túrdulos e Célticos), por volta do século VI a.C. Estas novidades dão-se com a introdução lenta da metalurgia do ferro e transformações técnicas e morfológicas na cerâmica e na ourivesaria.

No mesmo trabalho, publica o primeiro grande inventário dos povoados da Idade do Ferro conhecidos até àquela data e divide a "Cultura Castreja" em três grandes fases. A Fase I,

corresponde ao Bronze Final Atlântico, resultado das relações continentais e mediterrânicas, que subdivide em duas subfases, a Fase IA, entre 900-700/650 a.C., e a Fase IB que começa por volta do séc. VII a.C. e termina nos inícios do séc. IV a.C.; a sua Fase II que corresponde à formação da "Cultura Castreja", fruto dos impulsos pós-hallstáticos e de migrações internas peninsulares (uma perspetiva invasionista), que divide em duas subfases, a Fase IIA, desde o início do século IV a.C. até aos finais do século III a.C., e a Fase IIB, entre 200 a.C. 140 a.C., que ocorre devido aos primeiros contactos romanos evidentes pelas primeiras importações itálicas para o Noroeste Peninsular. Finalmente, a sua Fase III, corresponde ao apogeu e declínio desta cultura e decorre do processo da romanização deste território, com o seu início em 138 - 136 a.C., correspondentes às campanhas de *Decimus Junius Brutus*, até finais da segunda metade do século I d.C. Seria nesta última fase que surgiriam os grandes castros/citânias, com um claro proto-urbanismo, como é evidente nos casos de Sanfins, Briteiros, Terroso ou a Cividade Âncora.

Este trabalho é um marco na bibliografia sobre a Idade do Ferro do Noroeste, sendo, ainda hoje, uma obra de referência.

Na primeira metade dos anos 90, concretamente em 1994, Francisco Calo Lourido, publica em dois tomos, um livro intitulado *"A plástica da cultura castrexa galego-portuguesa"*. Apesar da arquitetura não ser exatamente o nosso objeto de estudo nesta tese, aquele trabalho constitui um marco naquilo que é o estudo a decoração dos elementos construtivos da Idade do Ferro, no seu auge, entre finais do século II a.C. e o séc. I d.C.. Com efeito, este trabalho reproduz, à data, o mais completo *corpus* sobre peças arquitetónicas e estatuária provenientes de 77 povoados e/ou micro-regiões do noroeste da Península Ibérica.

2.1.3. Paradigma Processualista

A partir dos finais dos anos 80 do século XX, surge uma nova perspetiva de estudo para a Idade do Ferro. Quer isto dizer que se começa a partir do pressuposto teórico de que as mutações e alterações nas sociedades do passado se devem não só a mecanismos externos mas também internos, de conflitos sociais e que as diferenças de artefactos devem ser olhadas como reflexo das diversas funções e não apenas como indicadores cronológicos. Era, portanto, uma visão bastante otimista, partindo do princípio que a totalidade do registo possibilita inferir a organização social, económica e ideológica das comunidades.

Com efeito, em Portugal, temos uma primeira investigadora que, na década de 80, elabora uma síntese, na qual estas novas perspetivas de estudo foram implementadas. Trata-se de Manuela Martins (1987, 1990). Para discutir os conceitos processuais de complexidade e de mudança defendia que eram necessárias novas leituras do registo arqueológico que passassem por novas conceções de tempo, espaço e cultura, ou seja, pela "revalorização das continuidades e mudanças" (Martins, 1993-1994: 58-59). Em 1993, a autora problematiza os conceitos operatórios de continuidade e a mudança, dizendo que são produtos do evolucionismo, embora necessários para ultrapassar a etapa narrativa (histórico-cultural) da Arqueologia. Assim, considera que a Idade do Ferro terá surgido não derivada de fatores invasionistas, celtas ou indo-europeus, mas sim como um fenómeno endógeno, de longa duração. Com a sua tese de doutoramento sobre o povoamento proto-histórico e a romanização do curso médio da bacia do rio Cávado, defendida em 1987 e publicada em 1990 (Martins, 1990), vai sustentar, ao contrário de Armando Silva (1986), uma origem endógena para explicar a Idade do Ferro que divide em quatro fases.

A **fase I** datável genericamente da Idade do Bronze Final foi registada em dois dos três povoados escavados (S. Julião e Barbudo), por esta investigadora, apesar de algumas dúvidas estratigráficas e materiais, apontando para o séc. IX a.C. e VII a.C. A **fase II** datável da Idade do Ferro Antigo registada nos três povoados escavados, com dados mais seguros e antigos para S. Julião e Barbudo, apontando para uma cronologia entre o séc. VI a.C. e II a.C. A **fase III** datável do Ferro Recente datável entre o séc. I a.C. e meados do séc. I d.C. A **fase IV** datável da Romanização, registada em S. Julião e Barbudo entre meados do séc. I d.C. até, pelo menos, o séc. II d.C. (Martins, 1990: 112-113).

Aplica, pela primeira vez, metodologias da arqueologia espacial à Idade do Ferro, o que, associado à estratigrafia e aos dados da cultura material dos três povoados que escavou e publicou, monograficamente (S. Julião (1988c), Barbudo (1989a) e Lago (1988a) lhe possibilitou elaborar o primeiro modelo sobre o povoamento proto-histórico do Noroeste ibérico. Assim, no seu modelo de povoamento para essa região, Manuela Martins (1990) divide os povoados proto-históricos em três tipos, A, B e C:

- O Tipo A diz respeito a povoados em altura, construídos entre 230 metros até 490 metros de altitude, sendo desta forma lugares de destaque na paisagem. Seriam povoados de grandes dimensões e aparato defensivo, com mais de duas ou três linhas de muralhas, tendo o seu início na Idade do Bronze Final e perdurado até à romanização. Como exemplo, pode-se referir os povoados de S. Julião (Vila Verde) (Martins, 1988c), do Barbudo (Vila Verde) (Martins, 1989a) e

do Lago (1988a). Alguns destes povoados no Ferro Recente apresentariam já sinais de proto-urbanização estando interligados por laços sociais e económicos com povoados mais pequenos e de vocação meramente exploratória do território, quer em termos de matérias-primas minerais quer de vocação agrícola (Martins, 1990).

- O Tipo B corresponde a povoados instalados em outeiros de média altitude, numa posição estratégica relevante, mas não ultrapassando a cota de 250 metros. Estes tipos de povoados podiam ter até três muralhas, como é o caso de Monte de Facho (Barcelos).

- O Tipo C corresponde a povoados em outeiros de baixa altitude, com apenas uma plataforma de ocupação, defendida por vários fossos e/ou uma muralha. Não ultrapassam a cota dos 250 metros (Martins 1990). Um exemplo deste tipo de povoado é o povoado do Lago (Amares) (Martins, 1988a).

Também interessam os temas e técnicas aplicadas na decoração da cerâmica para cada fase da Idade do Ferro. As tabelas decorativas que foram estabelecidas por M. Martins (1990) também constituem um ponto de partida para o estudo das cerâmicas de outras regiões.

Martins (1990) também explica as estratégias de povoamento, a economia e a função do acervo cerâmico.

Com efeito, defende que durante o Bronze Final, a nível das estratégias de povoamento, regista-se o desaparecimento dos povoados abertos e a progressiva ocupação de povoados em altura e fortificados. Durante o Ferro Antigo, no que às estratégias de povoamento diz respeito, alguns povoados como de S. Julião e Barbudo registam uma ocupação nesta fase. Muitos dos povoados da Idade do Ferro na região do médio Cávado terão emergido nesta fase (Martins 1990: 136-137). Pelos dados reunidos dessas duas estações, a ocupação no Ferro Antigo dá-se em diferentes zonas para cada um desses dois povoados.

Aliás, segundo os dados registados, nesta área do vale do Cávado, à exceção dos três povoados escavados (S. Julião, Barbudo e Lago) que ocupam duas categorias diferentes, observa-se um terceiro grupo de povoados entre os 150 e 250 metros, instalados em colinas que se destacam nas vertentes (Martins 1990: 138-139).

De referir ainda que no final desta fase terá surgido o povoado do Lago, de baixa altitude. A ação romana ou conquista do território no noroeste apenas veio estimular e favorecer a deslocação das populações nos remates de esporão e outeiros de baixa altitude para as zonas de planície, fenómeno que vinha a ocorrer em período anterior à romanização. Desta forma não é possível generalizar a emergência de povoados de vale ou planície apenas durante a romanização deste

amplo território e por isso deve-se ter em conta cada povoado escavado (Martins 1990: 138). Mais, tendo em conta os dados do povoado do Lago, é provável que este tipo de povoado seja ainda anterior ao séc. II a.C. A nível económico parece ter ocorrido uma dispersão e desorganização dos mecanismos da extração e produção metalúrgica e uma forte diminuição de produtos externos ao noroeste, comprovada pela escassez de produtos importados. A nível material regista-se uma queda abrupta na metalurgia do bronze, o fim da cerâmica fina da Idade do Bronze Final e um relativo empobrecimento da cultura material.

Durante o Ferro Recente, quanto às estratégias de povoamento, parece ocorrer um fenómeno de agrupamento de vários grupos humanos que ocupam povoados mais pequenos e que depois migram para locais estratégicos e melhor defendidos devido às campanhas sertorianas (Martins, 1990: 150). Os povoados parecem paulatinamente, a partir do séc. II a.C., implantar-se em zonas de baixa altitude; veja-se o caso dos povoados do Lago e de São João de Rei. Parece que na bacia do Lima tal fenómeno sucede, com povoados que têm a sua ocupação prolongada até bem perto do século II d.C.. uma disseminação da população em toda a bacia do Cávado desde o vale até cotas de 400 metros, o que parece contradizer um pouco aquela tese de que o povoamento se faria sobretudo em lugares estratégicos em castros ou citânias de grandes dimensões como são os casos da Citânia de Briteiros, Sanfins e de Santa Luzia. Em termos tecnológicos registam-se desenvolvimentos interessantes como é o caso do surgimento da roda de oleiro, metalurgia e ainda novas técnicas do trabalho da pedra.

Também nos inícios dos anos 90, Carlos Brochado de Almeida, na sua dissertação de mestrado (1990) preocupa-se com o povoamento entre a Idade do Ferro e a romanização, no curso inferior do vale do rio Lima. Nesse trabalho, que exigiu prospeção e escavação de alguns povoados, publica um inventário de sítios, algumas estruturas e materiais cerâmicos e metálicos, inéditos, provenientes de alguns povoados, como Trás-Cidade (Vitorino de Piães), Vitorino das Donas (Almeida, 1990: 83-98); Eirado (Correlhã) (Almeida, 1990: 100-106); Calvário (Fojo Lobal) (Almeida, 1990: 113-116); Vinhó (Beiral do Lima) (Almeida, 1990: 124-133); Bouça (Refoios do Lima) (Almeida, 1990: 144-145); Castelo de S. Martinho (Nogueira) (Almeida, 1990: 182-183); Cividade de Lanheses (Lanheses) (Almeida, 1990: 189 – 203) e Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo) (Almeida, 1990: 224 –242).

Estabelece um modelo de faseamento e um modelo de povoamento distintos dos de Manuela Martins (1990).

Quanto à evolução da Idade do Ferro, o autor segue de perto a taxonomia de Carlos A. Ferreira de Almeida (Almeida, 1983). Para o início da Idade do Ferro para essa região, tem por base os dados de Santo Estevão da Facha, que corresponderiam ao período Pré-castrejo (séc. VI a.C.) dada a presença de produtos importados, grande trabalho mineiro e ausência de estruturas pétreas. Já o Castrejo Antigo seria datável de entre os séculos V e IV a.C. até I a.C., com o aparecimento das primeiras casas em pedra miúda, materiais de importação púnicos, fíbulas de tipo Santa Luzia e cerâmica local, ainda sem decoração impressa (Almeida, 1990: 267-268).

Já entre o século I a.C. e I d.C. (a partir de Augusto), o autor situa o Castrejo Médio. Aqui, além de Santo Estevão da Facha, ganha preponderância, também, a Citânia de Santa Luzia e a Cividade de Vitorino das Donas (Almeida, 1990: 267). Agora as habitações que continuam redondas possuem vestíbulo, mas feitas com pedras de maior dimensão e com lareira (ao centro ou deslocadas para uma outra zona da habitação). Dá-se nesta fase a introdução da roda de oleiro tendo por base dados de Santo Estevão da Facha (Almeida, 1990: 273). As formas são de perfil em S, algumas decoradas, e vulgarizam-se as panelas de asa em orelha, que talvez representem, também, uma viragem nos hábitos de cozinhar. Além disso, estes oleiros passam também a cozer ímbrex e tégula para cobertura das casas e aplicam a técnica da cozedura oxidante. Quanto à cerâmica importada é necessário ter presente a cerâmica itálica de verniz negro[1], a *sigillata* itálica e hispânica alto-imperais, e as gálicas de engobe branco (Almeida, 1990: 284-285).

A romanização ter-se-ia dado a partir das incursões de *Decimus Junius Brutus* no noroeste, ou seja, em meados do séc. I a.C., num processo algo incerto se de imposição dos vencidos pelas forças romanas ou por um processo mais ou menos pacifico, e que vão descendo para o vale, construindo povoados adaptáveis à planície, dando-se nessa fase o surgimento dos castros agrícolas (Almeida, 1990: 275-276).

Quanto ao modelo de povoamento, que não foi longamente ensaiado refere, que boa parte dos povoados inventariados encontram-se em lugares situados em colinas de média altitude, onde a instalação do habitat e a sua defesa seria mais fácil (Almeida, 1990: 260-261). Estes povoados ditos *castros tradicionais*, em oposição àqueles que o autor defende que surgem em contexto da romanização do vale inferior do Lima, *os castros agrícolas,* privilegiam os pontos mais altos, com condições naturais de defesa, com um sistema de muralha em terra ou pedra e reforçados com taludes ou torres. Considera ainda que o meio físico condicionou em parte este modelo de povoamento, uma vez que, a proximidade de zonas de pastoreia, zonas férteis para agricultura e

[1] Cerâmica campaniense.

a proximidade a bosques terá também pesado na escolha de determinados locais para implantar o seu habitat. Além disso, a necessidade de controlar não só os recursos naturais como o controlo do território do povoado em si deveria ser também um aspeto a considerar (Almeida, 1990: 260-261). Os povoados, na sua maioria, estavam vocacionados para a pastorícia, sobretudo aqueles localizados nos planaltos, já os que se localizam nas zonas de encosta, estariam mais vinculados à agricultura. Em época de romanização parecem surgir os novos povoados, fixados no vale como referimos acima (Almeida, 1990: 270).

De referir que o modelo de povoamento faseado não foi ensaiado pela falta de dados estratigráficos que pudessem dar alguma informação sobre essa matéria.

Em termos de organização dos territórios, a *Gallaecia* estaria organizada em territórios de extensão variável, onde viviam os *populli* sendo divididos em unidades menores, que em época romana apelidariam de *castella* (Almeida, 1990: 277).

Considera que foi já na fase da romanização, com o aparecimento da administração romana, com os magistrados e o fisco, que surgem os castros agrícolas (uma categoria que cria de novo). Esta tipologia seria consequência direta da administração romana e um fenómeno regional expandido a quase todas as bacias hidrográficas do Noroeste (Minho, Lima, Cávado, Ave). Coloca ainda a hipótese destes povoados, de vale, serem terras que teriam sido presenteadas pelas autoridades romanas, como pagamento de serviços prestados, como é o caso do colaboracionismo (Almeida, 1990: 277-278).

Quanto aos fatores de implantação, Almeida (1990) defendia que uma das causas principais da proliferação de povoados na Idade do Ferro foi o desenvolvimento da mineração do estanho e do ouro, tendo presente que o território do vale do Lima, como outros rios do Noroeste, seriam nessas épocas ricos em ouro e estanho (Almeida, 1990: 264). Este último recurso mineral metálico teria sido bastante importante na época, e possibilitou trocas com os mercadores do sul da Península que escoariam esse minério para a área mediterrânica.

Para além dos investigadores já referenciados pode destacar-se A. Peña Santos (1992) que coloca o início da Idade do Ferro entre os séculos VIII a.C. e V a.C., com alterações a três níveis: substituição da agricultura itinerante por uma estável e aumento da atividade metalúrgica do bronze, a nível económico; aparente surgimento de uma sociedade estratificada, com elites que tinham o seu poder no controlo da produção e intercâmbio de artefactos, a nível social, e o surgimento de povoados sedentários e fortificados, com uma fixação sistemática no século V a.C. a nível do povoamento. A origem deste período estaria relacionada, talvez, com os contactos

comerciais estabelecidos devido ao intercâmbio de matérias-primas locais (metais/ligas e não só) que podem ter determinado a chegada de modas, técnicas e bens de prestígio que podem ter provocado uma maior ou menor alteração das sociedades e da cultura material, dependendo do povoado, somando a isso as alterações climáticas dessa fase.

Em 1992, Francisco Queiroga defende a sua tese de doutoramento, intitulada *War and Castros: New Approaches to the Northwestwern Portuguese Iron Age*. Nesse trabalho faz um estudo aprofundado sobre a arquitetura, os sistemas defensivos e a economia das comunidades do noroeste, entre o Bronze Final e os finais do I milénio a.C., apresentando um novo inventário dos sítios arqueológicos destes períodos, para o Noroeste português. Em termos cronológicos, que dos inícios do I milénio a.C. até perto do séc. VII a.C. estaríamos face ao período da Idade do Bronze Final, entre o séc. VII e VI a.C., para o investigador terá sido um período particularmente importante no desenvolvimento da arquitetura em pedra (sobretudo a partir dos dados de Castelo de Matos e Penices) e o aparecimento da típica cerâmica com alta presença de mica, sendo que nesta fase os povoados são relativamente pequenos; a partir do séc. III/II a.C. parece ter ocorrido uma renovação no aparato defensivo dos povoados, com maior cuidado no trabalho da pedra, surgindo nesta fase, mas, de forma mais consistente e generalizada, o vestíbulo das cabanas em pedra, demonstrando talvez um aumento da necessidade de espaço de cada família, e por isso, indicador de um aumento populacional. É nesta fase que surgem os primeiros grandes núcleos populacionais da Idade do Ferro (Queiroga, 1992:46). Deste período até à criação do *conventus* romano, portanto o séc. I d.C., os povoados ainda existentes tornam-se ainda maiores, centralizando as atividades humanas num grande núcleo "urbano", as suas muralhas tornam-se mais imponentes, o que pode ter duas leituras, por um lado um reforço de uma defesa física no terreno mas, por outro lado: "The defensive walls certanly had an important role in the defence of the sites, although this may not have been their exclusive function, since they also served as a means of display of the communities' prestige" (Queiroga, 1992:46).

Não foi objetivo desta tese apresentar um faseamento concreto da evolução da Idade do Ferro, já que o seu objetivo primordial era outro.

O principal objetivo deste autor era o de entender o papel social da guerra e os seus efeitos na população (Queiroga, 1992: 105). Defende que a acrescida centralização das comunidades, a partir do Bronze Final, pode ter a ver com o crescimento não só do aspeto bélico das comunidades, contra a chegada de imigrantes, mas também com a competição das trocas comerciais de longa distância, que incluiriam bens de prestígio (Queiroga, 1992: 106).

Refere que o atraso no desenvolvimento da metalurgia do ferro poderá estar relacionado com limitações internas ou falta de conhecimento técnico para manusear esse metal, já que o contínuo uso de ligas de bronze é visível no registo arqueológico (Queiroga, 1992: 107). Defende ainda, que a multiplicação de povoados e, sobretudo, de castros com traçado proto-urbano, já muito próximos cronologicamente do fenómeno da romanização, se deve ler como uma reorganização da hierarquia dos povoados e da própria sociedade. Assim, para este investigador a antiga hierarquia que se consolidou pela guerra e pelos atos sociais, acumulando prestígio, materializa-se na imagem de guerreiro, contribuindo assim para uma imagem simbólica do guerreiro. O autor defende, também, que a guerra seria conduzida apenas por "comunidades de guerreiros", estando estas, de certa forma, separadas das comunidades principais. Assim, a zona exterior do castro seria dessa comunidade de guerreiros e o interior do resto da população (Queiroga, 1992: 107). Refere que não há dados suficientes para que se possa declarar qual seria o papel das mulheres nestas comunidades e se estariam ligadas também ao fabrico de armas, ou mesmo a atos de guerra (Queiroga, 1992: 107).

Acrescenta que o sistema produtivo ligado à subsistência teria de ser muito bem gerido com os recursos locais, para além de ser autossuficiente. Contudo, refere uma forte ligação com o exterior, manifestada por contactos e trocas comerciais com as regiões do mediterrâneo e atlântico.

Quanto aos aspetos étnicos, o autor defende que as evidências celtas estariam ligadas, não a verdadeiras migrações (massas de populações), mas sim à presença de guerreiros estrangeiros no Noroeste peninsular, durante todo o I milénio a.C. (Queiroga, 1992: 107).

O autor defende que as transformações na "Cultura dos Castros" se devem não só a influências externas, devido ao impacto das políticas expansionistas de Roma e sua posterior aculturação – que não foi particularmente violenta, a não ser na expedição contra os Cantábricos – mas, também, a influências internas, com uma atitude diferente em relação à guerra. Assim, se antes (no fim da Idade do Bronze) havia uma preocupação por parte das elites, para estarem armadas, o que significava possuir produtos de prestígio, na última fase da cultura castreja (genericamente entre o séc. II a.C. e o I d.C.), essa preocupação é substituída por um prestígio social obtido, não com a guerra direta, mas com a ostentação de atributos como os que se mostram nas estátuas de guerreiro. Assim, a guerra e o seu simbolismo ritual estariam relacionadas com a construção de muralhas e com as estátuas de guerreiro, além dos seus balneários (Queiroga, 1992: 108).

Propõe, também, um modelo de povoamento e distribuição dos povoados proto-históricos, tendo em conta o seu contexto geográfico que difere um pouco do modelo de Martins (1990).

Assim, determina os seguintes tipos: Tipo 1A que corresponde a povoados bem destacados na paisagem, localizados no topo de montes, possuindo fossos e plataformas artificiais, ou seja, com grande esforço defensivo. Refere alguns exemplos: Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), Outeiro de Lesenho (Boticas) e Santa Tecla (Vila Nova de Famalicão); os de Tipo 1B, que correspondem a povoados que se situam nos limites dos planaltos, alguns em esporões, portanto, lugares com vista para os vales e planaltos e com ligação entre as diferentes zonas ecológicas, com acesso a variados recursos. Contam-se como exemplos o Castro de Vermoim, o de Eiras e o de Sta. Cristina (todos no concelho de Vila Nova de Famalicão); os povoados de Tipo 1C, correspondem, apenas, aqueles implantados em esporões, com uma localização que propícia a construção de fossos e plataformas, associadas aos muros defensivos. Estariam fortemente ligados ao planalto ou ao vale, com vertentes fortemente vocacionadas para as práticas ligadas à subsistência. Como exemplos refere: Faria (Barcelos), Castroeiro (Mondim de Basto) e Nossa Senhora de Assunção (Monção); os de Tipo 1D seriam semelhantes aos do tipo anterior, mas com algumas variações, devido ao facto de, nestes povoados, as vertentes não terem campos de cultivo, seriam povoados mais ligados ou à pastorícia ou mesmo à extração de minério, mas que controlariam bem as rotas naturais, por terem uma posição privilegiada. Como exemplo aponta o Castro de Álvora (Arcos de Valdevez) e Outeiro dos Mouros (Ribeira de Pena); os povoados de Tipo 2A, também se localizam em esporão, mas com vista para o vale ou para a beira-mar. Teriam fossos e muralhas, portanto um forte aparato defensivo, e amplas oportunidades de exploração e controlo do território (florestas, vales, recursos marinhos). Como exemplos há que referir a Cividade de Âncora (Viana do Castelo/ Caminha), Penices (Vila Nova de Famalicão) ou Coto da Pena (Caminha); os de Tipo 2B, diferem do tipo anterior já que estão próximos ou do vale ou do mar, contudo, a escolha da sua localização passou pelo fácil acesso aos recursos de subsistência em vez de uma localização topográfica vantajosa. Um bom exemplo seria o povoado de S. Paio, Labruge (Vila de Conde).

Finalmente os de Tipo 3, que são os povoados situados junto aos vales aluviais, seriam mais pequenos, com uma estrutura simples, sendo referidos como "castros agrícolas". Normalmente estavam situados em pequenos montes achatados e com declives desnivelados devido à construção de plataformas artificiais e fossos, não oferecendo nenhum exemplo deste tipo de povoados.

Destaca-se, ainda, que este investigador foi o primeiro a escavar os seguintes povoados: Ermidas, Vermoim e Penices. Infelizmente nenhum deles foi publicado monograficamente.

Queiroga (1992: 70-71) faz, ainda, referência ao intercâmbio de longa distância com o Noroeste peninsular, defendendo que este se verifica, sobretudo, na segunda metade do I milénio a.C. Os contactos comerciais e os produtos do Mediterrâneo teriam vindo por mar e as trocas existentes entre a costa, que recebe os produtos, e os povoados do interior seriam efetuadas através dos principais rios, sendo estas as naturais rotas de comunicação. Porém, já em terra e no interior, teriam de existir contactos e rotas terrestres entre as populações, para trocas não só de bens, mas também de ideias. E é neste ponto que entra o papel das vias. Já Caamaño Gesto (1979) tinha defendido que as vias romanas no Noroeste peninsular teriam usado rotas que, provavelmente, já existiam. Neste sentido, Queiroga (1992: 71) considera que o transporte se deveria fazer a cavalo, por não existirem provas de veículos com rodas para o transporte de produtos. Além disso considera que essa atividade (possuir e usar esse tipo de animal) poderia ser também uma forma de afirmação social e política em relação ao resto da sociedade.

Um outro investigador que se debruçou sobre o tema da Idade do Ferro foi Jorge Alarcão (1992: 43). Este apresenta, também, o seu modelo de evolução do povoamento da "Cultura Castreja", defendendo três fases distintas. A Fase **I** (entre os séculos X – VIII a.C. – Bronze Final), (na qual se terá dado uma forte integração política, talvez pela competição dos recursos). A Fase **II,** com início no século VII a.C. e término até finais do século II a.C., caracterizava-se por uma reversão a uma estrutura igualitária com supressão ou amortecimento das trocas e desaparecimento dos chefes; a partir dos finais do séc. II a.C. começa a fase **III** na qual parece surgir novamente uma integração económica e política levada mais longe que a da primeira fase, com evidentes lugares centrais (Alarcão, 1992: 43).

No que diz respeito à rutura evolutiva entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, Jorge Alarcão (1992), defende que a razão terá sido a introdução da metalurgia do ferro no sul da Península Ibérica que terá levado a uma queda progressiva da necessidade de bronze. Ainda assim admite que, mesmo com uma produção importante de ferro, o progresso social da área mediterrânica poderia ter mantido a exigência pelo bronze (Alarcão, 1992: 52-53).

Na Fase III (a partir dos fins do século II a.C. a inícios do séc. I d.C.), dá-se uma nova concentração (com a surgimento de lugares centrais, como Sanfins e Briteiros, o que revela uma grande alteração face aos períodos anteriores), com a formação de etnias.

A partir de Augusto (durante a romanização e progressiva integração administrativa do noroeste no império romano) parece haver uma deserção parcial de muitos povoados, já que parece haver evidências que, em alguns castros, há uma ocupação, com hiatos, até ao século V d.C.

Alarcão (1992: 68) lança, neste trabalho, uma pergunta pertinente que é a se de facto poderíamos falar de uma cultura castreja com mais de 15 séculos de história ou apenas numa forma de habitat que permanece útil, apesar de todas as transformações culturais, sociais e económicas que são visíveis no contexto arqueológico?

Possui também uma postura endógena quanto ao surgimento da Idade do Ferro, apenas colocando a hipótese de invasões no Noroeste Peninsular no século IV a.C. ou na segunda metade do século III a.C.

F. Calo Lourido (1993) escreve um livro em que situa as origens da Idade do Ferro e da Cultura Castreja, no século V a.C. Contudo, ao contrário da corrente histórico-culturalista, ele defende que a Idade do Ferro surge devido a fortes influências externas (tanto mediterrânicas como centro-europeias) sob o substrato indígena e, ainda, devido a alterações climáticas. Para este autor o povoamento altera-se, tanto no interior como nas terras altas, devido a um aumento acentuado do bosque nas áreas de vale o que, por consequência, terá levado a uma expansão das áreas próprias para a agricultura para as áreas de meia encosta ou zonas altas de outeiros, locais onde os solos seriam menos húmidos e pesados.

Pela mesma data, António Pereira Dinis (1993), estuda o povoamento proto-histórico para a bacia do rio Ave, a partir da arqueologia processual, elaborando um modelo de povoamento. O seu modelo é próximo daquele estabelecido por Manuela Martins (1990). Enquadra os povoados em três tipos diferenciados: o Tipo 1 (povoados de altura) contudo subdivide este tipo em quatro diferentes subtipos; o 1A (topo de outeiro em altitude); o 1B (topo de outeiro mas em baixa altitude); o 1C (cabeço no centro ou rebordo de uma rechã, em altitude); o 1D (o mesmo que o anterior mas em baixa altitude); o Tipo 2 (povoado de vertente), também subdividido em três subtipos: o 2A (esporão ou cabeço em altitude); o 2B (esporão ou cabeço a meia encosta); o 2 C (esporão ou cabeço a baixa altitude)); e finalmente o Tipo 3 (povoado de planície) como é o caso do Castro de Labruge (S. Paio, Vila de Conde).

Tendo em conta a periodização que definiu para o 1º. Milénio a.C. na sua Fase I, que corresponde ao Bronze Final (séculos X/IX a.C. até séculos VII/VI a.C.) parece haver uma preferência de ocupação no topo ou na periferia de elevações de média altitude, estando os

povoados implantados entre os 200 m e os 400 m, com algumas exceções, como é o caso do povoado de Santa Marta da Falperra, a uma cota de 500 m (Dinis, 1993: 115). Já na Fase II que corresponde ao Ferro Inicial (entre os séculos VII/VI a.C. e o século II a.C.). O modelo de ocupação caracteriza-se por povoados em altura, ou seja, em lugares com boas condições de defesa e ocupados anteriormente. Contudo existem alguns povoados de baixa altitude, como é o caso de Penices (Vila Nova de Famalicão). Este investigador refere que para esta fase foi complicado obter dados sobre a ocupação (Dinis, 1993: 115).

Finalmente, quanto à sua Fase III (Dinis, 1993: 115) que corresponde já ao Ferro Final (século II a.C. até à segunda metade do século I d.C.) o autor defende que há uma alteração na estratégia de povoamento, surgindo, com grande expressão, os povoados de baixa altitude, sobretudo junto à fachada litoral. Contudo, sublinha que há uma contínua ocupação dos povoados em altura, havendo mesmo um surgimento de novos povoados a altitudes superiores a 400 m.

Ora, o autor remata referindo que boa parte dos povoados estudados situa-se, quase sempre, em posição de domínio sobre os vales fluviais, aproveitando todos os recursos disponíveis a nível agrícola (com o aproveitamento dos solos com boa apetência), florestal e fluvial. Também são visíveis traços e contactos suprarregionais em alguns povoados como é o caso do Castro de Penices, onde surgem, não só, peças em metal como também, cerâmica grega (Dinis, 1993: 178).

Um ano depois, António Manuel Silva (1994) defende a sua dissertação de Mestrado sobre a proto-história e a romanização entre a bacia do Douro e do Vouga litoral, região considerada, por muitos, ocupada pelos *Turduli Veteres*, durante a Idade do Ferro (Silva, 1986; Silva, 1994). Este investigador faz um inventário extenso dos povoados deste período e compila as informações que se detinham até à altura, tendo detetado a existência de 34 povoados. Para tal, teve em consideração também os castros com ocupação em época romana, como são os casos de Cabeço do Vouga (Lamas de Vouga, Águeda), Valinhas (Arouca, Aveiro), Cacia (Aveiro), Fiães (Santa Maria da Feira) e Monte Murado (Vila Nova de Gaia).

Com este trabalho, o investigador confirmou que existiam, já durante o Bronze Final, povoados em altura, fortificados, mas sem grande petrificação das estruturas habitacionais (Silva, 1994: 155). Já no que respeita à Idade do Ferro, o habitat instalado em cumeadas não é muito denso, ao contrário do território entre o Minho e o Cávado, localizando-se os castros entre os meandros dos rios e no litoral. Contudo, uns povoados parecem impor-se aos restantes, de forma notória, talvez pela chegada dos romanos a dado momento, conferindo-lhes uma espécie de

capitalidade com registo arqueológico denso. São os casos de Monte Murado e do Cabeço de Vouga.

Em 1996, Carlos Brochado de Almeida (1996) defende a sua tese de doutoramento sobre o povoamento do litoral minhoto, entre o rio Cávado e o Minho, na Idade do Ferro e na romanização. O autor fez um inventário, bastante completo, dos sítios arqueológicos datados da Idade do Ferro, com especial enfâse para os das bacias dos rios Neiva, Lima, Âncora e Coura. Neste trabalho o autor aplicou alguns princípios da arqueologia processual, aplicando metodologias da arqueologia espacial para efetuar um modelo de povoamento e perceber a evolução e hierarquia do povoamento ao longo da Idade do Ferro e da romanização.

Alicerçou o seu estudo na base de intervenções arqueológicas (sondagens e escavações) e de prospeções. Foram realizadas escavações nos seguintes povoados: Castelo de Faria (Barcelos), Castro de S. Lourenço (Esposende), Castro do Senhor dos Desamparados (Esposende), Castro da Picarreira (Barcelos), Castro do Forte de Lobelhe (Vila Nova de Cerveira), Cidade Velha de Santa Lúzia (Viana do Castelo), Castro de Cadém (Ponte de Lima).

Confrontando novas informações, o autor inventaria 105 povoados da Idade do Ferro, excluindo os que ele apelida de castros agrícolas, (em número de 31) porque os considera já de época romana (Almeida, 1996, 7: 99).

Tal como na sua dissertação de Mestrado, sobre o vale do Lima, volta a defender que os "castros agrícolas" são povoados já iniciados num contexto de romanização, em que a administração romana terá fomentado a deslocação de populações, procurando colocar gente perto de solos aráveis, de modo a controlar, não só o território, como a economia dessas regiões (Almeida, 1996, 7: 174). Refere, ainda, que o surgimento desta tipologia de povoados se deve, também, ao aumento da importância da agricultura. Caracteriza-os como povoados que se situam em solos aráveis de tipo A ou B, ou muito perto destes com reduzida área habitacional e reduzido sistema defensivo: em vez de muralhas de pedra, elaboram-se taludes, fossos e parapeitos (Almeida, 1996: 178).

Defende, ainda, que o surgimento destes povoados pode, também, dever-se às vontades das próprias estruturas sociais indígenas, que a administração romana apenas fomentou e facilitou a ocupação de áreas com grande potencial agrícola que até há pouco tempo seriam zonas consideradas marginais no contexto económico indígena (Almeida, 1996, 7: 176).

Gozariam de certas prerrogativas, tal como os castros tradicionais, estando provavelmente ligados, por laços de sangue e por laços de amizade, com povoados centrais, localizados em zonas

de planalto, erguidos em pontos fulcrais do território e com uma aparente equidistância calculada, de modo que os territórios de cada um destes povoados centrais não interferissem com os restantes (Almeida, 1996, 7: 168). O surgimento destes povoados pode também estar relacionado com o abandono de vários povoados mais pequenos que, por necessidade e pelas incertezas face a um poder político militar mais forte (romano) se foram agrupando em aglomerados maiores.

Ora, esta hierarquização de povoamento também se espelhou, de certo modo, no interior de alguns povoados centrais, o que explica as obras de caráter monumental ou proto urbano, empreendidas em alguns povoados (reformulação de muralhas, implementação de pequenos arruamentos, condutas de água e a construção de balneários).

Já nos finais do século XX, Ana Bettencourt (1999), na sua tese de doutoramento, apesar de essencialmente vocacionada para a Idade do Bronze dos cursos médio e inferior da bacia do Cávado, estabelece uma nova periodização para os inícios da Idade do Ferro (Ferro Antigo), defendendo que deverá ter existido um período de transição entre o Bronze Final e o Ferro Antigo, entre os séculos VII e finais do século V a.C. ou inícios do IV a.C., com base na estratigrafia, datas de C14 e em materialidades, essencialmente cerâmicas, de alguns povoados que escava ou cujos materiais estudou nomeadamente, São Julião, em Vila Verde, São João de Rei, na Póvoa de Lanhoso, Vasconcelos e Falperra, em Braga. Em 2005, esta autora alarga esta periodização ao Noroeste português, baseada em vários sítios escavados, como Santo Estevão da Facha (Ponte de Lima), Coto da Pena (Caminha) e Penices (Vila Nova de Famalicão) (Bettencourt, 2005). Defende que a partir do século IV se verificam alterações significativas que se traduzem, tanto ao nível da reorganização interna dos povoados, com tradições arquitetónicas e artefactuais diferentes, bem como na fundação de outros tantos (Bettencourt, 2005: 29). Também discute o modelo de povoamento elaborado por Martins (1990) para a Idade do Bronze Final, pois encontra povoados deste período em contexto de colinas de vale e com estruturas perecíveis, como é o caso da Santinha, em Amares, demonstrando a coexistência de, pelo menos, dois tipos de povoados durante o Bronze Final. Posteriormente, vai evidenciar, também, a existência de acampamentos sazonais, de altura, durante esse período, no Noroeste (Bettencourt, 2013).

Bettencourt (1999), também trabalha aspetos relacionados com a reconstituição paleoambiental durante a Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro, introduzindo esta temática para a compreensão dos aspetos económicos. Com efeito, se até aos finais do século XX se pensava que o início da Idade do Ferro era marcado por um certo retrocesso económico, uma redução acentuada tanto do intercâmbio suprarregional como também da metalurgia do Bronze

(Martins, 1990; 1993-1994; 1996; Alarcão, 1992; 1996), os novos dados de Bettencourt (1999; 2001), vieram demonstrar, através de estudos polínicos, antracológicos e carpológicos que, na bacia do Cávado, por volta do 2º quartel do I milénio a.C., ocorre uma forte desflorestação, acompanhado pelo surgimento de espécies indicadores de atividades antrópicas que sugerem um sistema pastoril menos extensivo e uma agricultura mais intensiva (Bettencourt, 1999: 1277). Esta intensificação da agricultura terá fundamentado a necessidade do desenvolvimento sistemas de fertilização dos terrenos, baseados na policultura e na rotatividade de cereais e leguminosas, o que implica, por sua vez, uma sociedade organizada e estável que possibilita uma economia de subsistência também ela estável (Bettencourt, 1999: 1278).

Esta intensificação agrícola também encontra explicação nas dinâmicas do povoamento, uma vez que, no Ferro Inicial os povoados estão também inseridos na ecologia do vale e em remates de esporões de baixa altitude com solos agrícolas ótimos para o desenvolvimento da agricultura de forma intensiva (Bettencourt, 1999, 2001: 43). Bettencourt confirma assim, com mais casos de estudo (S. João de Rei, Póvoa de Lanhoso) a proposta de Martins (1990) da existência de povoados de vale com vocação agrícola, já comprovada pela escavação do povoado do Lago, em Amares (Martins, 1988a).

Para esta investigadora (Bettencourt, 2005: 31-32) terá, de facto, existido uma fase de transição entre o Bronze e o Ferro, cujos protagonistas foram as populações indígenas, sendo esta balizada, entre o séc. VII e os finais do V ou inícios do séc. IV a.C. A Idade do Ferro teria os seus inícios, algures no século IV a.C., resultado de fatores sobretudo endógenos, no interior, e de fatores endógenos e exteriores (processos de miscigenação entre as populações indígenas e outras de origem meridional), no litoral, fazendo crer que as migrações para norte, dos *Turduli Veteres* se teria dado neste período.

Na dissertação de Mestrado de Tarcísio Maciel (1997=2003) também foram estudadas as dinâmicas e estratégias de povoamento no vale do Neiva. Neste trabalho, faz-se um inventário bastante rigoroso dos sítios arqueológicos da Idade do Ferro. Para estudar o modelo de povoamento procurou distinguir os povoados, não pela sua localização, mas sim pelo seu tamanho o usando o modelo gravitacional de Alden. É um modelo de interações políticas entre localidades, cuja interação é vista como proporcional à sua separação, partindo do pressuposto que quanto maior o local maior a população aí residente (Maciel, 2003: 203).

Segue a proposta cronológica de Armando Silva (Silva, 1986), com os seus 3 grandes períodos cronológicos, subdivididos em duas fases em cada um desses períodos. A fase I entre

900 a.C. e 500 a.C., sendo esta fase dividida na fase IA que se baliza entre 900 e 700 a.C. e a fase IB entre 700 e 500 a.C.; a fase II entre 500 e 140 a.C., sendo esta dividia entre a fase IIA que se encontra entre 500 a.C. e 200 a.C. e a fase IIB entre 200 a.C. 140 a.C. e, finalmente, a fase III balizada de cerca 140 a.C. à época dos Flávios, dividida entre fase IIIA entre 140 a.C. e finais do séc. I a.C. e a fase IIIB balizada entre os finais do séc. I a.C. e a época dos Flávios.

Na sua fase III (cerca de meados do séc. II a.C. e a época dos Flávios) os lugares centrais, ou povoados principais com outros na sua dependência seriam: Castro Seco ou Castro de Escariz, Citânia da Carmona (Viana do Castelo/Barcelos), o Castro de Roques (Vila de Punhe, Viana do Castelo) e o Castelo do Neiva ou Castro de Moldes (Maciel, 2003: 195). Defende que, nos finais do I milénio a.C., o castro de Moldes, junto à foz do rio Neiva, seria um entreposto. Já os castros de Roques e de Carmona seriam cabeças centrais, politicamente e economicamente importantes, controlando um conjunto de povoados menores (Maciel, 1997=2003).

Quanto ao castro de Moldes, refere que seria um povoado de tamanho assinalável, já que a sua área ocupacional abarcava as vertentes do lado poente e norte. Além disso teria cinco linhas de muralhas, estruturas habitacionais redondas, algumas com vestíbulo, e uma delas com um banco corrido feito com placas de ardósia (Maciel, 2003: 135). Quanto ao espólio recolhido, durante as escavações de 1982/83[2] (Maciel, 2003: 135), aponta para uma cronologia ainda dentro da fase final da Idade do Ferro, ou seja, entre o século I a.C. e o século I d.C.

Defende que terão sido mais os aspetos exógenos que terão levado a mudanças dos assentamentos durante a Idade do Ferro, procurando essa alteração solucionar apenas problemas de defesa anteriores (Maciel, 2003: 217).

Continuando a nossa viagem pelos estudos regionais deparamo-nos com um outro investigador, António Baptista Lopes (2003) que efetuou uma síntese da Idade do Ferro para o Baixo Minho. Este autor procurou apenas sintetizar os conhecimentos obtidos até à data, seguindo a cronologia proposta por Armando Coelho da Silva (1986). O seu trabalho versa sobretudo sobre o estudo da cerâmica encontrada no Coto da Pena (Caminha) e Cividade de Âncora (Viana do Castelo). Relativamente à data de introdução do torno na produção da cerâmica local, refere que tal se verifica em níveis do século V a.C., estando, a partir do séc. III a.C. já vulgarizada (Lopes, 2012: 182-183). Também defende que as decorações estampadas, talvez vindas do sul com os

[2] Foram publicados alguns dados preliminares, por MARQUES, J. M.; SILVA, E. J. (1984a). Escavações no Castro de Moldes, Castelo de Neiva – Viana do Castelo (Notícia Preliminar). *Cadernos Vianenses*, 8: 33 – 48; Silva, E.J., Marques, J.M. (1984b): O Castro de Moldes – Castelo de Neiva, Viana do Castelo. (Primeiros resultados). *II Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. 2, Lugo: 242-265. Contudo, o seu espólio arqueológico nunca foi estudado de forma integral.

motivos decorativos próprios dos povos célticos e túrdulos[3], teriam sido introduzidas em níveis do século V a.C., indo de encontro ao que defendeu Bettencourt (1999: 1284, 1286-1287) referindo que estas são anteriores ao séc. IV a.C., entrando talvez como importações, sendo depois imitadas em pastas mais grosseiras ao longo do Ferro Antigo.

Um outro investigador que analisou o I Milénio a.C. foi Alexandre Valinho (2003). Nesta dissertação de Mestrado, tem o cuidado de fazer um inventário dos sítios arqueológicos datáveis da Idade do Ferro para o Alto Paiva, no que constitui a primeira sistematização dos dados para aquela região, pouco conhecida. Inclui os povoados em dois tipos: A e B (Valinho, 2003: 104). Considera também que se tivesse existido algum tipo de hierarquização do espaço, os povoados de Castro de Daire e do Muro seriam pontos centrais do poder de uma determinada área territorial. Porém, essa preponderância face a outros povoados apenas é denotada a partir de achados epigráficos, já datáveis do período romano (Valinho, 2003).

Em 2006, é publicada a tese de doutoramento de Maria de Fátima Matos da Silva, um estudo denso e aprofundado sobre o povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do rio Coura. Neste âmbito escava três povoados da Idade do Ferro.

A par do estudo das estratégias de povoamento, na longa duração faz também uma análise exaustiva dos povoados que escavou, datados da Idade do Ferro: o Cossourado, Romarigães e Cristelo. Para cada um desses estudos foi feita uma análise exaustiva não só do espólio, mas também das estruturas e macrorrestos[4] registados em cada uma dessas escavações (F. Silva, 2006).

Baseada em algumas datações por radiocarbono, propõe três grandes fases de ocupação para a Idade do Ferro da bacia do Coura. A Fase I, de entre 700 a.C. até por volta de 138/136 a.C. (séculos VIII e II a.C.) pelo que seria, por isso, uma fase de formação, a partir da Idade do Bronze Final. A Fase II partiria de 138/136 a.C. até 20 a.C., informação registada a partir de Cristelo (na sua primeira fase de ocupação) e, finalmente, a sua Fase III ocorreria entre 20 a.C. e o século I d.C. partindo de informação reunida para o povoado de Cristelo (na sua 2ª fase de ocupação) (F. Silva, 2006: 539). Para além das fases de ocupação, graças às análises aos macrorrestos, conseguiu apurar como seria a cobertura vegetal da região, para cada uma das fases (F. Silva, 2006: 540-545).

[3] Rui Centeno e Armando Coelho Silva detetaram um estrato no povoado de Romariz (Santa Maria da Feira), de cerâmica feita à roda.
[4] Estudos antracológicos, carpológicos e zooarqueológicos.

Também faz uma análise do território partindo dos territórios teóricos de exploração e polígonos de Thiessen, defendendo quatro tipos de povoados. O Tipo 1 caracterizado por povoados em áreas de relevo mais acentuado, a cotas superiores ou muito próximas de 400 metros, como são os casos dos povoados do Cossourado e Cristelo. O Tipo 2 constituído por povoados instalados em cotas intermédias, quase que camuflados por outros relevos, a cotas entre 221 e 355 metros de altitude, como são os casos de Madorra e Bustarenga. O Tipo 3 caracterizado pelos povoados de vale, a cotas entre os 180 e 290 metros de altitude, implantados em pequenas colinas, sobretudo na área da margem sul do rio Coura, como é o caso do povoado de Lousado. Finalmente, o Tipo 4 corresponde a um povoado de vale, com uma cota de 228 metros. Neste tipo foi apenas registado um único povoado, o Romarigães (F. Silva, 2006: 174-175).

Quanto à cerâmica que foi analisada, partindo dos três povoados acima referidos, também a separa consoante as suas fases de ocupação. Na fase I a cerâmica é feita manualmente, porém morfologicamente diversificada, com acabamentos alisados, sobretudo alisados com pente, dando assim origem ao que denomina de cerâmica penteada, sendo a qualidade de pastas heterogénea (F. Silva, 2006: 552 – 523). Em termos morfológicos a investigadora separou a produção segundo o seu possível ou expectável uso: panelas com asa de suspensão interna e formas de utilização culinária, potes de armazenamento e de ir ao lume, taças e tigelas (Fig. 1.1).

Na fase II e III na cerâmica surge algumas formas novas, é introduzido o torno lento e, além disso, a cozedura torna-se um pouco melhor. Em termos formais não parece haver grandes alterações nas tipologias cerâmicas. Contudo, as formas de perfil em S tornam-se ainda mais pronunciadas e pode-se referir as panelas de asa em orelha, além do escorredor ou coador, que é uma peça única e que surge apenas na fase III (F. Silva, 2006: 559-562) (Fig. 1.1). Trata, ainda, as formas importadas.

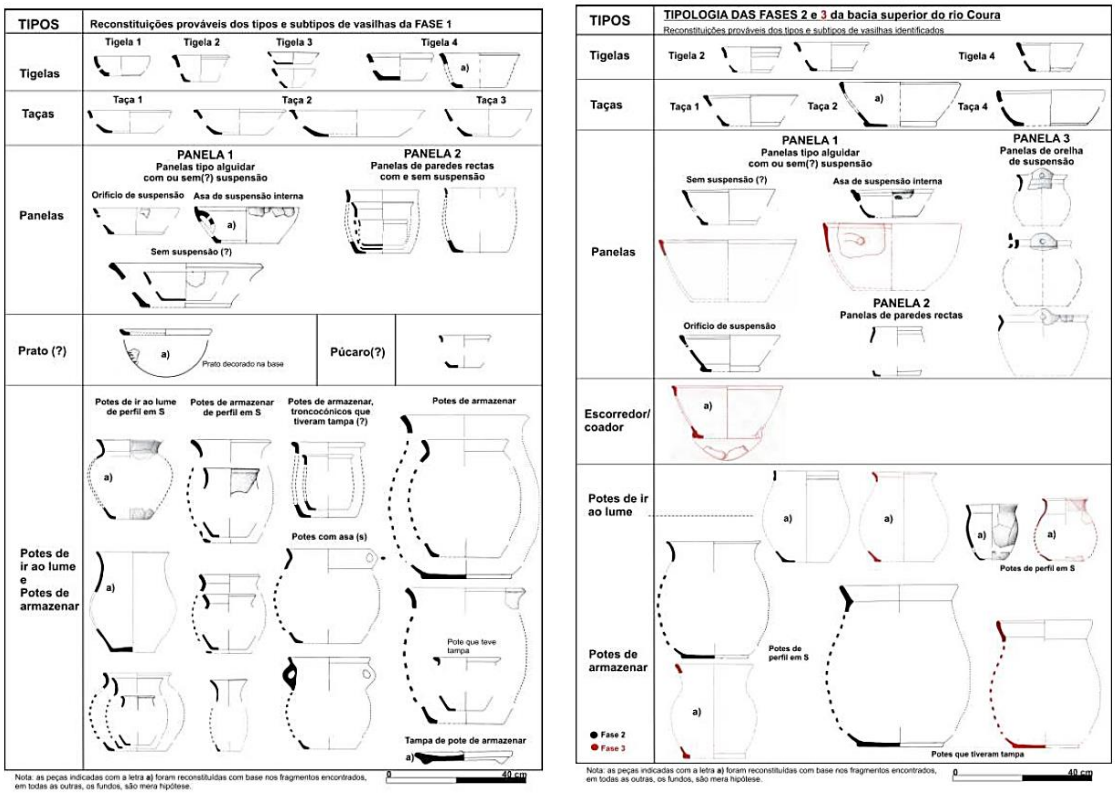


Fig. 1.1 Tabelas tipológicas das formas para a Fase I, II e III, na bacia superior do rio Coura (Silva, 2006, adaptado).

Estabeleceu igualmente para as decorações várias tipologias e sub tipologias, orientadas para cada uma das fases de produção e técnica utilizada. Com efeito, para a Fase I, são poucos os fragmentos decorados (124 fragmentos), e a técnica utilizada é a incisão, a decoração penteada, a decoração com incisão e aplicação plástica e ainda o puncionamento. A autora acrescenta que, pela raridade da ocorrência de decoração, esta deveria conferir determinado prestígio a quem manipularia essas formas decoradas (F. Silva, 2006: 562). Para a Fase II e III, contabilizaram-se apenas 46 fragmentos decorados. As técnicas mais utilizadas são a incisão e aplicação plástica. A incisão encontra-se, normalmente, associada a outras técnicas como a impressão (punção e o pontilhado). À técnica de aplicação plástica está associada também à impressão. Com efeito, nesta fase, a nova técnica decorativa é a impressão. Surgem novos motivos, como é o caso dos SSS, dos ziguezagues e triângulos preenchidos. Mesmo assim a decoração é maioritariamente geométrica, normalmente próxima do bordo ou na zona média da peça. Nota-se que cada povoado teria o seu próprio reportório formal de peças cerâmicas. Finalmente, a Fátima Silva defende, tal como Alarcão (1992), que a olaria seria uma atividade exclusiva das mulheres, havendo assim uma certa coesão nos motivos encontrados entre os povoados estudados, sendo os homens, por outro lado, que se deslocavam de um povoado para

outro, por motivos de casamento, por exemplo, não viajariam com eles esses motivos decorativos (F. Silva, 2006: 562-566).

A autora também se preocupa com os cálculos que se relacionam com o número de indivíduos que poderiam ocupar um povoado. Seguiu para isso o método da *ratio* de *Hill* (Hassan, 1982). Para o Cossourado, por exemplo, partindo da área total coberta (a que foi escavada) e olhando também para alguns dados etnográficos de populações rurais e das suas estruturas, esse sítio poderia albergar cerca de 453 a 604 habitantes (F. Silva, 2006: 582). Além de todos estes temas, reflete e expõe o que foi feito para a conservação destes espaços e para a sua divulgação científica (F. Silva, 2006).

Um outro trabalho sobre o povoamento da Idade do Ferro, mas desta feita sobre a região do Alto Tâmega, é o de Pedro Silva (2010). O seu trabalho intitula-se: "Povoamento Proto-Histórico do Alto Tâmega: as mudanças do I milénio a.C. e a resistência do substrato indígena." Também versa sobre o povoamento e sobre a questão dos lugares centrais, além de alguma pesquisa a nível do substrato indígena dessa região, e dos *populi*. Expõe alguns dados novos, mas de forma superficial, sobre dois castros e os seus sistemas defensivos. É o caso do castro de Carvalhelhos e do Castro de Ribas (Silva, 2010).

Marta Marques (2012) defende uma tese de doutoramento sobre o povoamento litoral da pré-história recente às invasões árabes entre o Cávado e o Lima. Faz uma recolha da bibliografia e dos dados arqueológicos existentes para o litoral entre o Lima e Cávado, desde as primeiras manifestações do neolítico e as suas sepulturas megalíticas, até às invasões árabes no Noroeste português (Marques, 2012).

Refere que há uma aparente marcação deste território litoral na Idade do Ferro, considerando que os habitats seriam hierarquizados, devido às suas localizações estratégicas, pela sua arquitetura de defesa bastante imponente, permitindo a defesa do inimigo bem como a monumentalização e estatuto de alguns povoados como sendo verdadeiros *oppidum*. Revela, ainda, que parece haver no litoral uma grande capacidade de manutenção de contactos comerciais / culturais com regiões longínquas, como é o caso de relações com a cultura mediterrânica (Marques, 2012: 459).

Apresenta novos dados para o estudo de alguns povoados da Idade do Ferro e eventuais *villae* que se desenvolveram em seu redor, explicando que estas resultam do progressivo abandono dos povoados da Idade do Ferro. Refere o caso do Castro do Senhor dos Desamparados, em Esposende e do Castro de S. Mamede, em Barcelos. Realiza ainda escavações fora do perímetro

do povoado de Moldes (que levou ao registo de uma possível *villae*), escavações na *villae* Agra do Relógio e ainda regista novos dados em relação à *villae* em Paço (Vila Cova) (Marques, 2012). Esses trabalhos conduziriam a investigadora a realçar o papel na reorganização do território a partir do séc. I e II d.C. após o abandono dos povoados fortificados na área geográfica sob estudo.

Na tese de doutoramento de João Fonte (2015) procura-se compreender melhor o fenómeno da mineração, sobretudo do estanho e do ouro, tanto na Idade do Ferro como em período de domínio romano, em várias regiões, não só do nordeste português do Alto Tâmega, como também em regiões de Espanha (Verín e Baltar, ambos na Província de Ourense), através das mais recentes tecnologias de Sistemas de Informação Geográfica.

Procura, também, através de análises espaciais, que têm em conta dados arqueológicos, recursos mineiros e prováveis caminhos de circulação e construção das estratégias de povoamento, na longa duração, entre a Idade do Ferro Recente, romanização e ocupação romana na área do Alto Tâmega e Cávado. Defende que poderão ter existido determinados povoados relacionados com zonas mineiras, mas não "mineiros" no sentido das suas populações se terem dedicado, de forma exclusiva, à atividade mineira, durante a Idade do Ferro.

Considera a possibilidade de existirem "castros mineiros", os quais teriam surgido durante a romanização e que rompem com tradições anteriores do povoamento, assinalando assim um processo de reorganização territorial do espaço (Fonte, 2015: 255). Estes seriam, possivelmente, habitados pelos próprios trabalhadores das minas. Aliás, Francisco Sande Lemos (1993), na sua tese de Doutoramento, também ela sobre a região de Trás-os-Montes, defende que estes povoados deveriam ter surgido, apenas, no século I d.C.

Segundo Fonte, as paisagens mineiras começaram a ser moldadas, ainda em época pré-romana, partindo da análise dos padrões locais de organização espacial dos povoados, tendo-se seguramente transformado a partir de época romana. Esse processo de transformação da paisagem terá ainda começado durante o Ferro Recente, por volta dos finais do século II a.C., mas que se intensificou nos inícios do século I d.C. com a forte presença romana na área entre o alto Tâmega e Cávado. Com a presença militar romana, pelo menos a partir de meados/finais do século I a.C., segundo o investigador, poderá mesmo ter implicado a participação de auxiliares indígenas, presença esta que se pode relacionar com um primeiro momento de organização, controlo e exploração do território (Fonte, 2015: 357-358). O investigador defende que não existem dados concretos sobre a relação entre o exército romano e as comunidades indígenas pré-existentes, referindo que: "a relação entre o exército romano e as comunidades indígenas, sendo

que muito possivelmente esta relação seria sancionada através do estabelecimento de pactos. Estes pactos seriam reflexo das relações de poder entre o império romano e as sociedades indígenas, mas, pelo menos na parte Meridional do Noroeste Peninsular, visavam antes a consolidação, e não a criação, de um grupo local dominante que viabilizasse a dominação e exploração imperial (Fonte, 2015: 358). A identidade imperial romana apenas é assimilada a partir dos meados do séc. I d.C. quando são criadas novas centralidades (cidades romanas) no território em apreço, complementada por uma vasta rede de assentamentos abertos nas zonas de vale com grande potencial agrícola, além da construção da rede viária (Fonte, 2015: 358).

Finalmente, ainda nesta região, especialmente no município de Boticas, ocorreram dois grandes projetos de investigação e preservação do património, são eles: o projeto de "Conservação, Estudo, Valorização e Divulgação do Complexo Mineiro do Vale Superior do Rio Terva, Boticas" e o "PoPaTERVA 2013-2016/Povoamentos e Paisagens no Vale Superior do Rio Terva". Este último motivou a publicação de um Atlas da Arqueologia, para essa região. Por ocasião do "Simpósio Internacional: Interações Culturais e Paisagens em Mudança na Europa (séc. 2º a.C./séc. 2º d.C.) " foram atualizados os dados acerca dos povoados fortificados do concelho de Boticas, tendo-se, a propósito do Vale do Terva, analisando os dados sobre a densidade e diversidade de povoados fortificados durante a Idade do Ferro, sobretudo entre os séculos de transição de Era, e colocado enfâse, na hipótese de que a exploração dos recursos auríferos determinou em parte não só a estruturação do povoamento como a transformação da paisagem (Fontes *et al.*, 2013).

Recentemente, Cristina Seoane (2018) apresenta uma tese onde procura estabelecer as relações formais e decorativas entre algumas formas cerâmicas, típicas da região da Galiza (as de bordo reforçado tipo Vigo, as formas setentrionais de perfil globular achatado e os vasos de tradição do "Miño" com perfil suave e bordo esvasado), com os metais (nomeadamente as sítulas) da Idade do Ferro. É, portanto, um trabalho técnico e tecnológico que reflete sobre as funcionalidades das peças imitadas, mas também sobre a questão do que é cópia ou inspiração.

Trata daquilo que se convencionou apelidar de *Esqueomorfismo* (Frieman, 2012: 1), como uma ferramenta interpretativa, criada ao serviço da arqueologia para estudar os processos de transmissão das características de um dado artefacto para um outro, de natureza diferente, mas com forma e decoração semelhante, embora divergentes na matéria-prima. Este processo leva à criação do conceito de *esqueomorfo*s - cópias ou imitações de artefactos de uma dada matéria-prima (ex. metal) feitas em cerâmica, por exemplo, o que implica outro tipo de técnica artesanal.

O *esqueomorfo* pode ser total ou parcial, literal ou adaptado devido às especificidades de algumas técnicas e meios de produzir a nova peça (Seoane Novo, 2018: 453–454).

De forma mais específica procurou encontrar concordâncias ou discordâncias entre as sítulas e as cerâmicas perladas (as de tradição das "Rias Baixas" de bordo reforçado tipo Vigo; as de tradição "Setentrional" de vasos com bordo facetado, e perfil globular; e as de tradição "Miño" com vasos de bordo esvasado e perfil em S suave (Seoane Novo, 2018: 249-272), que coincidem no mesmo território e em termos cronológicos (entre os séculos III a.C. e I d.C. - II Idade do Ferro). Procurou, ainda, perceber se as sítulas se constituíram como uma espécie de protótipos das cerâmicas perladas (Seoane, 2018: 316). Tinha, igualmente, como objetivo perceber o significado social e simbólico dos *esqueomorfos*.

No caso das sítulas, estas transmitem grande valor social e prestígio, real e/ou simbólico[5], sendo usadas em cerimónias de algum tipo ou em banquete. Já as cerâmicas de formas perladas, podendo ser uma imitação das sítulas, estariam num patamar intermédio entre as cerâmicas de uso quotidiano e estes recipientes metálicos (Seoane, 2018: 317), pois compartilham com eles uma cadeia operatória complexa, constituindo-se como cópias adaptadas ou híbridas (Seoane, 2017: 317), partilhando alguns motivos (como fiadas de pérolas ou cordões) e a forma.

Em síntese, em todos estes trabalhos estão patentes as preocupações da Arqueologia Processual relacionadas com o povoamento e, por vezes, a economia, sendo os aspetos sociais e simbólicos, quando abordados, desenvolvidos de forma parcial. Aliados à preocupação económica, surgem, também, os primeiros grandes estudos sobre os paleoambientes, a partir de estudos de antracologia (Figueiral, 1990, 2000; Martín Seijo, 2013 e Martín Seijo *et al.,* 2015; Martín Seijo *et al.,* 2023) e de paleocarpologia (Dopazo Martinez *et al.,* 1996; Oliveira, 2000, Tereso, 2012) entre outros.

A origem da Idade do Ferro deixa de ser explicada por fenómenos de difusão ou migração para se privilegiar a mudança por fatores endógenos, embora não se excluam estímulos externos.

Em termos metodológicos começa a ser sistemático o recurso a dados de escavações arqueológicas, métodos da Arqueologia Espacial e, mais recentemente, a aplicação de Sistemas de Informação Geográfica

Mesmo com todos estes trabalhos científicos, ainda se estará longe de um consenso sobre os inícios da Idade do Ferro para o Noroeste português. Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1983)

[5] Podendo estar, ou não, no espaço doméstico (interior de habitações).

coloca-o nos finais do século IV a.C., Armando Coelho F. Silva (1986) propõe o século VI a.C., Manuela Martins (1990) considera que tal poderá ter ocorrido na transição entre os séculos VI/V a.C., Francisco Queiroga (1992) considera os séculos VII/VI a.C., Jorge Alarcão (1992) aceita o século VII a.C. e Bettencourt (1999; 2005) defende os finais do século V, inícios do IV a.C., após considerar a existência de um período de transição lenta, que teria ocorrido entre os séculos VII e finais do V a.C.

Apesar de ser problemático o início deste período cronológico-cultural para o Norte de Portugal, praticamente todos os investigadores estabelecem, com algum à vontade, o fim da proto-história por volta do século I d.C., já com a romanização em pleno no território do noroeste. Manuela Martins (1990) coloca o fim da Idade do Ferro e a plena Romanização da bacia do Cávado apenas em meados do século I d.C., uma vez que não é somente o aparecimento de alguns fragmentos de cerâmica romana num povoado indígena que possibilita admitir um domínio político e cultural romano nesta região, mas também o surgimento de grandes *villae*, casais e novos aglomerados urbanos e rurais que tornam o noroeste um lugar plenamente dominado pelos romanos.

2.1.4. Paradigmas pós-processualistas

Nos finais dos anos 80 a meados dos anos 90 do século XX começaram a surgir algumas críticas face ao paradigma anterior. Por um lado, muitos arqueólogos advogam que não é possível elaborar leis universais para explicar o devir histórico, realizar modelos generalistas a partir dos dados arqueológicos e que o conhecimento produzido neste âmbito das ciências sociais é sempre subjetivo. Além disso, estas novas correntes de pensamento têm como principal preocupação obter conhecimento sobre o pensamento simbólico das comunidades do passado. Também defendem que cada comunidade, cada ambiente cultural e temporal retém as suas particularidades que merecem ser destacadas e compreendidas, antes de se proceder a generalizações exacerbadas.

Os paradigmas pós-processualistas valorizam os dados em contexto, partindo do pressuposto que só assim se poderá obter conhecimento sobre os seus significados e sobre o pensamento por detrás da produção das materialidades.

Estas novas linhas do pensamento colocam a tónica do conhecimento também no próprio arqueólogo, ou seja, na interpretação dos dados. Assim, o conhecimento está dependente do paradigma ou pressupostos pré-concebidos adotados pelo arqueólogo (Hodder, 1987: 24).

A assimilação destes novos paradigmas vai possibilitar um alargamento das questões colocadas à investigação na Idade do Ferro, começando a surgir alguns trabalhos onde se procura responder a questões sociais, ideológicas e simbólicas do poder, partindo da perspetiva interpretativa do conhecimento.

Referindo publicações que tentam ir um pouco mais além da análise tipológica e cronológica dos materiais arqueológicos, destacamos Lois Ladra (2002) e a Xosé-Lois Armada Pita (2005).

No caso de Lois Ladra (2002), a sua dissertação de mestrado teve como objeto de estudo os torques áureos da segunda Idade do Ferro. O autor considera que estes objetos teriam uma função comunicadora básica, pois, sendo adornos-símbolos transmitiriam informações sobre o seu portador, num código previamente interiorizado pelo portador e pelas pessoas da comunidade onde é usado (Ladra, 2002: 6). Assim, os torques seriam elementos transmissores do *status* socioeconómico do seu utente, bem como emblemas identificadores da condição guerreira do portador, reconhecível por todos. Por esses motivos, esses símbolos de poder seriam, também, de uso restrito a uma minoria. Além disso, o autor tentou relacionar as diferentes produções com os diversos *populi* indígenas, partindo do pressuposto de que eram indicadores de carácter étnico e territorial (Ladra, 2002: 9), mas tal revelou-se impossível pelo facto de os cinco grupos distintos de torques estarem difundidos pelo noroeste, de forma quase arbitrária.

Xosé-Luis Armada Pita, na sua tese de doutoramento, procurou estudar os rituais de banquete no Noroeste peninsular e os instrumentos usados pelas comunidades da Idade do Ferro que serviram para a sua realização (Armada Pita, 2005). Procurou, ainda, interpretar o ritual e a ideologia ligada aos banquetes dos povos proto-históricos do noroeste e da meseta norte da Península Ibérica, tendo em conta o contexto onde os materiais surgem e fontes iconográficas e literárias, como as greco-latinas.

Outro objetivo almejado foi o de relacionar os rituais de banquete com as dinâmicas e estruturas socias. Para o autor, o banquete é o cenário por excelência da negociação das categorias sociais, num espaço que tanto pode gerar tensões, como resolvê-las, dentro do seio de uma comunidade (Armada Pita, 2005: 662).

Armada Pita defende que alguns destes hábitos ritualizados do consumo de carnes ou bebidas poderão ter a sua origem no Bronze Final. Segundo ele, o ato de sacrificar e de consumir carne teria, provavelmente, uma carga ritual e simbólica forte, embora, os ritos de comensalidade e os festins pudessem ser muito variáveis e plurais, no número de participantes ou nas ações

empreendidas naquilo que hoje se pode considerar como banquete, mesmo dentro de uma mesma sociedade (Armada Pita, 2005: 664).

Outro autor que queremos destacar é Alfredo González Ruibal que, em 2006, defende a tese de doutoramento sobre "*Galaicos, Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. - 50 d.C.)",* sistematizando o conhecimento da Idade do Ferro para o Noroeste Peninsular. Este trabalho, bastante denso, resume aquilo que foram os estudos feitos, à data, sobre a Idade do Ferro, propondo outras perspetivas de estudo do registo arqueológico.

O investigador divide a Idade do Ferro em três fases distintas. A fase I, definida como Primeira Idade do Ferro, com três sub fases: Fase Ia – Bronze Final (1000 – 825/800 a.C.); Fase Ib (800 – 400 a.C) e Fase Ic – Transição da Primeira para a Segunda Idade do Ferro (550 – 400 a.C.); a Fase II é datada de 400 – 125/100 a.C. e a Fase III datada de (100 a.C. – 50/75 d.C.), também é subdividida em sub fases*:* Fase IIIa (125 – 30 a.C.), Fase IIIb (30 a.C. – 20 d.C.) e Fase IIIc (20 d. C. – 50/75 d.C. (González-Ruibal, 2006-2007: 61-62).

O período que apelida de Primeira Idade do Ferro terá sido de algumas mudanças importantes. Desde logo, considera o desaparecimento dos depósitos de bronze (depósitos de machados de talão) e o surgimento de povoados monumentalizados que constituem o principal corte com a fase anterior. Ou seja, as elites que deteriam algum poder efetivo sobre o resto das comunidades começam a perdê-lo e o peso do poder recai sobre a comunidade, o que é o mesmo que dizer que recai sobre os povoados fortificados - os castros, já que nestes todos habitam. Como o investigador refere: "... los castros son para todos, la acumulacíon de elementos de prestigio de bronce, previsiblemente, para unos pocos" (González-Ruibal, 2006-2007: 265).

Contudo, não desaparecem as elites, já que no registo arqueológico encontra-se material que revela contactos de longa distância com os Fenícios e, segundo este autor, os portadores / consumidores desses produtos de exceção seriam os membros privilegiados das comunidades. No entanto, a sociedade, nos começos da Idade do Ferro, seria, ao mesmo tempo, hierárquica e igualitária. Com isto quer dizer que a vida em comunidade e a existência ainda de algum tipo de hierarquia levaria a conflitos internos e, portanto, seria o motor de alterações num determinado grupo (González Ruibal, 2006-2007: 265–266). Este investigador defende, ainda, que provavelmente, entre o séc. V e IV a.C., houve um período de mudança, no qual desaparecem alguns povoados, embora outros continuem a ser ocupados, mas já em áreas com morfologias distintas da Primeira Idade do Ferro. Tal como Cunliffe (2001) acrescenta que os séculos que vão desde 700 a 400 a.C. seriam um período de transição que levou ao fim da velha ordem social,

resultante da aproximação do Noroeste peninsular às novidades trazidas da europa mediterrânica e temperada.

Na Segunda Idade do Ferro, o autor refere que parece ter ocorrido uma crescente regionalização do Noroeste peninsular, uma vez que surgem vários grupos étnicos diferenciados, a cultura material diversifica-se e parecem existir sociedades mais desiguais e complexas. Defende que poderão ter existido, pelo menos, três tipos de sociedades distintas: as "sociedades de casa" que funcionariam como sociedades de base territorial, com forte expressão no sul da Península Ibérica, mas também, em todo o noroeste; as sociedades heróicas que estariam implantadas nas áreas setentrionais galaicas e as sociedades campesinas ou segmentárias que estariam, sobretudo, implantadas em zonas montanhosas, como é o caso do interior da Galiza (González Ruibal, 2006-2007: 585). Considera, por isto, que algumas sociedades poderiam ser mais igualitárias do que outras e, por isso, assentar a sua força na gestão coletiva, ao contrário das mais hierarquizadas. O autor defende, ainda, que a mentalidade da sociedade deste período implicaria, necessariamente, fragmentação e divisão (o que se materializa na arquitetura e na cerâmica, onde estão presentes fronteiras ou divisões). Ou seja, a construção de recintos e muralhas que delimitam o espaço habitável, a existência de construções com determinadas funções (casa para viver, curral, zonas de armazenagem e de alimentos) e a cerâmica (com áreas que possuem um cuidado maior na preparação da superfície ou no local onde implantar a decoração), indiciam fragmentação entre o espaço habitado e o resto do mundo, o que corresponde a uma mentalidade campesina, em que há marcadamente uma distinção clara entre aquilo que é a natureza e o que é o espaço construído. O autor acrescenta que este terá sido um período de grandes tensões, tanto no interior das muralhas dos castros, como entre comunidades de diferentes castros, o que poderá estar relacionado com dois aspetos: a progressiva implantação de territórios políticos e o aumento da população. Assim, o motivo do aparecimento de verdadeiros *oppida* não terá muito que ver com o progressivo conflito com Roma (que começava a adensar-se, sobretudo dos finais do século II a.C.), mas com fenómenos de índole europeia, já que é também nessa altura que surgem os grandes *oppida* na europa. Contudo, admite que a chegada do comércio romano e de progressivos conflitos entre comunidades indígenas do Noroeste, também terão levado a uma crescente necessidade de erguer castros maiores e com maior potência defensiva (González Ruibal, 2006-2007: 586). Com efeito, o investigador não nega que a influência próxima de Roma na Península Ibérica tenha, de alguma forma, influenciado o

surgimento de povoados com mais de 2 hectares e acelerado processo de hierarquização social, a partir de meados do século II a.C.

González Ruibal sugere que o aparecimento de formas anfóricas e de algumas formas campanienses, num castro, não é indiciador, nem cronologicamente nem socialmente, da efetiva romanização do espaço. Ou seja, esses artefactos apenas mostram o interesse e a necessidade indígena de fazer trocas comerciais com os romanos. Aliás, só se deve falar de romanização do espaço do Noroeste aquando da concretização da edificação das três cidades fundadas, *ex novo,* por volta dos anos 20 do século I a.C. (*Bracara Augusta*, *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*) (González Ruibal, 2006-2007: 325). Mesmo a assimilação de certos produtos romanos, como o vidro, as moedas, certo tipo de fíbulas e mesmo escrita, já nas primeiras décadas do séc. I d.C. deverá considerar-se apenas o começo da assimilação de elementos culturais que poderão moldar a nova cultura imperial nesta zona. Afirma que a origem dos grandes povoados fortificados pode descobrir-se a partir de dados indiretos, como por exemplo, através da desocupação de certos povoados em torno dos grandes *oppida,* a partir de finais do século II a.C. (como poderá ser o caso de Sabroso em relação a Briteiros). Além disso, refere que alguns desses *oppida* ficam desocupados antes da romanização se fazer sentir, ou seja antes de 20 a.C., enquanto outros começam a ser abandonados a partir do século I d.C. A partir dessa data, o processo de romanização torna-se mais intenso e poucos são aqueles que chegam até ao século II d.C. (González Ruibal, 2006-2007: 322). Por tudo isto, o fenómeno dos grandes povoados fortificados será um processo intrinsecamente indígena, com o seu apogeu, implantação e alterações a nível de estruturas e monumentos e concentração de maior número de habitantes, verificado entre os inícios do século I a.C. até aos finais desse mesmo século (González Ruibal, 2006-2007: 327).

Segundo o autor é na paisagem onde estão implantados os *oppida* que se pode encontrar os indícios do seu significado, considerando que aquelas comunidades que fundam ou alteram os castros e desenvolvem verdadeiros *oppida* queriam renovar a tradição dos habitats fortificados do Bronze Final, criando, dessa maneira, uma nova paisagem de poder, com raízes ancestrais (González Ruibal, 2006-2007: 338). Queriam, igualmente, de um ponto de vista funcional, concentrar população, o que tornaria mais fácil criar alianças, face à crescente ameaça exterior. Também a apropriação de lugares de ocupação antigos - dos antepassados, carregados de história e de simbolismo conferiria, a alguns personagens que habitavam esses espaços, um renovado poder simbólico por possuírem raízes diretamente ligadas àquele espaço. Assim, os grandes *oppida* tornaram-se verdadeiros lugares chave para negociar e ostentar o poder e possibilitar o

surgimento de novos chefes guerreiros ou elites (González Ruibal, 2006-2007: 339). Consequentemente, estes povoados estavam implantados em sítios de destaque, conseguindo controlar um território de mais de 25 km tornando-se, também, importantes lugares centrais, como acontece em todo o litoral atlântico, como é o caso de Santa Trega, Âncora, Santa Luzia, Castelo de Neiva. Além disso, seriam povoados com tradição de intercâmbios a longa distância, desde o Bronze Final (González Ruibal, 2006-2007: 338).

Na sequência da fundação dos *oppida*, aborda a questão dos processos de sinecismo ou de fusão populacional, que terão ocorrido em algumas regiões. Defende que foi esse o processo que levou a que o castro de Vigo aumentasse de importância, sobretudo no século I a.C. Com efeito, esse castro situa-se numa zona ampla com ancoradouros naturais que, desde o século V a.C., serviu os púnicos. Portanto, Vigo tinha uma posição estratégica importante e, por isso, o controlo absoluto das comunicações marítimas. Nota-se que este povoado vem substituir o papel que os castros menores tinham com os púnicos, até essa data. Com efeito, este crescimento como lugar central afetou outros castros em seu redor, como são os casos de Toralla e de Cabo de Mar, por exemplo (González Ruibal, 2006: 328-330). Este segundo povoado seria um pequeno porto de comércio, mas ao serviço do *oppidum* Vigo. Mesmo alguns desses castros em redor de Vigo que se vão desabitando continuam a ser lugares visitados talvez como pontos de controlo comercial e ancoradouros, mas uma boa parte da população em volta de Vigo irá viver para esse renovado *oppidum* (González Ruibal, 2006-2007: 330). Um processo parecido poderá ter ocorrido, por exemplo, com Sabroso e Briteiros. Sendo que o primeiro, já com considerável dimensão, passa para segundo plano, em relação a Briteiros, sendo este último o recetor de grandes contingentes de população e, também por isso, sofrendo grandes ampliações em termos estruturais para poder receber essa população (González Ruibal, 2006-2007: 331).

Este autor preocupa-se, também, com a organização social das sociedades da Idade do Ferro, considerando que são uma "*Société à Maison*", ou seja, muito ligada com a estrutura e a importância fundamental da casa e da família que a habitava, como primeiro e fundamental elemento aglutinador da sociedade (González Ruibal, 2006-2007: 404 – 405). Justifica esta opção através de sete aspetos: o primeiro relaciona-se com a questão do espaço doméstico que possui, cada vez mais importância, e atinge o seu zénite, nos séculos II e I a.C. Na área galaico-portuguesa a construção em pedra generaliza-se e torna-se preponderante nesses mesmos séculos. O segundo aspeto prende-se com os limites que separam cada espaço doméstico e que indiciam uma independência das unidades familiares, o que sobrepõe a grupos individuais (núcleo familiar)

à comunidade, tornando cada conjunto doméstico independente do exterior e apenas permeável à sua influência a partir da entrada para o espaço familiar. O terceiro aspeto, que se relaciona com o segundo, é o facto de o aumento do número das casas com átrio indiciar um aumento de indivíduos que acumulam vários tipos de capital (materializados na construção de vários anexos para a armazenagem ou com fins agropecuários junto à casa principal). O quarto aspeto relaciona-se com a própria construção das casas (algumas de aparelho poligonal ou helicoidal) o que indicia que certas famílias ou indivíduos possuíam mais poder ou capital simbólico, face a outros indivíduos, o que se poderia materializar, não só nas suas casas, como também através da manipulação de relíquias ou objetos de uma passado algo longínquo, o que justificaria o achado, nos grandes *oppida,* de joias, torques ou arrecadas em ouro ou "simples" machados de pedra polida, sendo por isso autênticos objetos de memória, indiciadores de uma sociedade estratificada. O quinto aspeto poderá ser as inscrições em latim referentes a algumas figuras particulares em alguns castros, como é o caso de *Camalus*[6], em Briteiros, que indica a grande importância dada à unidade doméstica, como um lugar de ostentação e de prestígio. A inscrição, em latim, demonstra também um certo estatuto social, entre os demais. O sexto aspeto prende-se com a ausência de necrópoles durante quase todo a Idade do Ferro, ou seja, aparentemente, até aos finais do século I a.C. as referências genealógicas da comunidade não têm, aparentemente, grande importância, não sendo incorporadas no espaço doméstico, pois não foram encontradas, até hoje, espaços próprios para o enterramento dos indivíduos. Estas apenas surgem no quadro do sistema doméstico próximo do tipo romano, como parece ser o caso da Cividade de Âncora. Um sétimo aspeto é a questão do papel das mulheres neste tipo de *Sociétés à Maison* possuindo estas, um papel fundamental no trabalho do povoado (no campo ou na olaria) e no enriquecimento do conjunto familiar, ao contrário das sociedades heróicas onde as mulheres não possuem algum tipo de importância. Nas *Sociétés à Maison* a mulher parece possuir um papel importante na acumulação de capital para a família e, no caso de os homens saírem por temporadas (como por exemplo, lutarem como mercenários), as mulheres teriam as suas responsabilidades e poder de decisão acrescidos dentro do povoado (González Ruibal, 2006-2007: 407).

O autor reflete ainda sobre as etnias e os fenómenos de construção da etnicidade dos diferentes povos do noroeste peninsular. A verdadeira identidade galaica reside, fundamentalmente, no castro e na paisagem política administrada pelos *populi*. Defende, também,

[6] Duas inscrições em duas zonas diferentes do povoado: num lintel elaborado, onde se lê *Coroneri /Camali /Domus* (Casa de Coronero, (filho), de Camalo) (Calo, 1994: 138) e uma outra em três pedras onde se lia *Camali domi /Caturo* (Caturo da Casa Camalo" (Cardozo, 1976: 43).

que existem elementos que unificam, de certa forma, diferentes áreas do noroeste peninsular, como os elementos de caráter suprarregional (reservas simbólicas), encontrados em diversos contextos, tanto para reforço do poder como para a ostentação de identidades diferenciadas ou para a criação de identidades partilhadas (González Ruibal, 2006-2007: 440-441).

Defende que na área portuguesa, ao longo dos rios do noroeste (Minho, Lima, Cávado, Ave e Douro) algumas produções materiais são algo estandardizadas (como é o caso da produção dos guerreiros galaico-lusitanos ou as saunas rituais ou, ainda, o modelo de casa átrio, muito em voga a partir do século II a.C.) podendo adicionar-se a esta crescente estandardização, os aspetos políticos de maior centralização das comunidades e o crescimento dos grandes *oppida,* a partir do séc. II a.C., favorecendo, tanto a integração étnica, como também a criação de identidades partilhadas (González Ruibal, 2006-2007: 441). Sugere, ainda, que as batalhas que se deram contra os romanos, levaram, provavelmente, a uma concentração de guerreiros oriundos de vários *populi* e até de outra etnia (como é o caso dos Lusitanos). Esta provável relação de ajuda levou à formação de uma identidade regional e cultural, visível através da antroponímia e do panteão de deuses.

Um outro autor que se debruçou sobre a Idade do Ferro, nomeadamente sobre os diferentes modelos de exploração do território foi Parcero Oubiña (2002).

O autor tinha como objetivo compreender como as sociedades da Idade do Ferro se organizaram, tendo como pressuposto que o domínio e trabalho dos recursos alimentares e da "propriedade" se foram alterando ao longo do primeiro milénio A.C. (Parcero Oubiña, 2002).

A sua área de estudo é a Galiza que subdividiu em três territórios distintos: interior (Friol – Lugo), litoral (Corunha) e estuarino (Campo Lameiro, em Pontevedra) (Parcero Oubiña, 2002: 26-28).

Este investigador usou os dados da paleocarpologia, da antracologia e dados materiais a partir da bibliografia existente, bem como inúmeras datas de radiocarbono. Privilegiou o tratamento dos dados a partir de mapas de intervisibilidade e de territórios potenciais de exploração, através de Sistemas de Informação Geográfica, fazendo uma análise profunda da paisagem em que se encontravam os povoados fortificados da Idade do Ferro, na área em estudo.

É de referir que este autor propõe três modelos de estruturação sociopolítica da paisagem: o modelo de sociedades campesinas, o modelo das sociedades germânicas que se desenrola num quadro de desigualdade e de relações de parentesco (na qual pressupõe a existência de uma elite que controla, não só o território, como explora, de forma mais ou menos consciente, o povo que

trabalha nesses territórios para deles extrair o seu sustento, a partir de modelos marxistas) e um modelo de sociedades heroicas em que um grupo minoritário, não só controla o território como controla, por via da atividade guerreira, a sociedade onde se insere. Estes grupos teriam chefes e aristocratas heroicos (minoria heroica) que são aceites por uma maioria produtora (Parcero Oubiña 2002: 180-184).

A partir destes modelos teóricos o autor traça o panorama para a primeira e segunda Idades do Ferro, embora tenha a noção que os seus modelos não podem ser aplicados a toda a região galega ou da Península Ibérica (Parcero Oubiña, 2002).

Para Parcero Oubiña, a partir da Idade do Ferro I (genericamente datável entre os séculos VI/V a meados do séc. II a.C.), são lançadas as bases que fazem desaparecer a ordem social primitiva, encaminhando-se a sociedade, progressivamente, para uma maior desigualdade de exploração dos recursos (Parcero Oubiña, 2002: 231). Refere que, nesta fase, não parece haver lugar para acumulação de excedentes, como vinha a acontecer na Idade do Bronze Final (através das grandes fossas de armazenagem). Com efeito, pelas estruturas existentes parece haver maior predomínio do espaço comunitário, uma vez que o espaço familiar é mais alargado. Diz a propósito: "La unidad essencial del espácio de asentamiento parece ser el poblado, pues cada unidad doméstica no es capaz de concentrar la totalidad de funciones necessarias para su reproduccíon; establos, almacenes, etc. Parece predominar com claridad el espácio grupal sobre el familiar" (Parcero Oubiña, 2002: 232). Este é o modelo campesino.

No período de transição para a II Idade do Ferro (situado no séc. IV a.C.), em consequência da estabilização não só dos povoados construídos, como do território explorado em sua volta, há claramente um aumento da produtividade e a generalização, novamente, de grandes fossas para armazenamento. Nesta fase, alguns povoados são abandonados e outros são criados de novo ou reforçados, com cada vez mais população no seu interior. Este incremento parece levar a uma inversão do sistema registado anteriormente. Gradualmente, a estrutura essencial da comunidade passa para o grupo familiar e não para a comunidade, como um todo (Parcero Oubiña, 2002: 233). Os territórios dos povoados dividem-se em parcelas, além dos espaços "comuns". A produção e a exploração torna-se, agora, dependente de cada grupo doméstico, cabendo a cada grupo a sua sobrevivência. Assim, nota-se uma progressiva desigualdade social, manifestada pela presença, não só de bens de prestígio, como de contas de colar ou de cerâmicas tardo-púnicas, mas também da produção, acumulação e armazenamento dos bens de consumo de que necessitam. Assim, nesta fase parece surgir um modelo de sociedade fundamentada numa

maioria de produtores do campesinato, regida por relações económicas e sociais, como as do modo de produção germânico e encabeçada por uma minoria própria de uma sociedade heróica. Com efeito, estas relações de exploração da maioria parecem estar perfeitamente integradas, como refere o autor, em relações parentais e camufladas pela aparente relação de reciprocidade (Parcero Oubiña, 2002: 236).

A partir da II Idade do Ferro (meados do séc. II a.C. até I d.C.) surgem novos povoados, como San Cibran de Las (com mais de 15 hectares), e outros como Briteiros e Sanfins sofrem ampliações ou reformas de grande magnitude, passando ao que se convencionou apelidar de *oppidum*. Além destes, parecem surgir em determinadas áreas do noroeste, povoados de tipo agrícola. Contudo, os povoados de maior dimensão e complexidade ocupam agora, quase sempre, pontos muito destacados e proeminentes, com condições de defesa e visualização do seu território igualmente importantes (Parcero Oubiña, 2002: 237). É nesta fase que surge um reordenamento, quase urbano, dos povoados, com a implementação de ruas pavimentadas e a construção de espaços não habitacionais, como é o caso de grandes recintos com bancos corridos e as estruturas de tipo balneário. Além disso, são reforçadas as muralhas e surgem as estátuas de guerreiros, como materialização da singularidade social de determinados segmentos da população, o que se manifesta, também, através da decoração arquitetónica de algumas estruturas habitacionais e do consumo de produtos exóticos, como o vinho. Parece, nesta fase, existir uma certa exacerbação dos traços sociais, políticos e culturais que se esboçam na fase de transição para a II Idade do Ferro, típicos de uma sociedade de tipo heróica (Parcero Oubiña, 2002: 241).

A partir dos contactos exploratórios com Roma e após a sua efetiva ocupação do território do noroeste, estas comunidades passam de sociedades, ao mesmo tempo de tipo germânicas e heróicas, para sociedades, progressivamente, tributária nas relações entre indígenas e romanos (Parcero Oubiña, 2002: 236).

Com efeito, terá sido relativamente comum que a ação colonizadora romana estivesse mais orientada para a restruturação dos equilíbrios políticos nos grupos colonizados, através da transferência de poder de controlo do território para as mãos de minorias, já destacadas nas comunidades indígenas (Parcero Oubiña, 2002: 239). Assim, o efeito da *romanização* terá de ser visto como uma relação de poder entre o conquistador romano e os interlocutores válidos reconhecidos pelos indígenas, capazes de negociar e tomar decisões relativas ao conjunto de uma comunidade (Parcero Oubiña, 2002: 240).

No espaço de um século (entre finais do séc. I a.C. e meados do séc. I d.C.) dá-se ao mesmo tempo o florescimento e queda do modo social heróico, de forma mais ou menos natural, e não fruto de uma transformação traumática pela conquista romana deste território. O estabelecimento de um novo poder (de Roma) parece ter "transformado" ou "convertido" os membros minoritários da sociedade heróica vigente (por um curto período) em senhores tributários em prol do Estado Romano (Parcero Oubiña, 2002: 241-242). Aliás, essa transformação começa a dar-se também pelo facto de o Estado Romano recrutar guerreiros destas sociedades, para engrossarem as hostes romanas. Desta forma começam a desaparecer os elementos agregadores da sociedade heróica. A partir dessa fase, as sociedades indígenas, começam, lentamente, a abandonar os povoados fortificados típicos da fase anterior e a inserir-se num longo processo de "senhoralização rural" do território, a partir dos meados /finais do séc. I d.C. (Parcero Oubiña, 2002: 242).

Outro investigador que queremos destacar Xurxo Ayán Vila (2012), com um trabalho relacionado, sobretudo, com o estudo da evolução da arquitetura dos povoados fortificados e das casas e a sua relação com a comunidade e o conceito de família. Considera a Idade do Ferro como uma realidade muito complexa, com variados ritmos temporais e muito fragmentada culturalmente, em que a diversidade se opõe à homogeneidade, na sequência de González Ruibal (2006-2007: 14).

Assumindo-se como estruturalista, muitos dos seus modelos são estabelecidos com base em paralelos etnográficos de sociedades pré-modernas ou pré-industrializadas.

O autor defende três grandes fases no que respeita à evolução da Idade do Ferro. A primeira fase (Idade do Bronze Final) decorre entre os sécs. IX/VII ao V a.C.; a I Idade do Ferro ocorre entre os séculos IV e II a.C. e a terceira, II Idade do Ferro (finais do séc. II a.C. I d.C.) onde o fenómeno da *oppidização* ocorre (ainda no século II a.C.) indo até à conquista e ocupação do noroeste pelo império romano (Ayán Vila, 2012: 717).

Na primeira fase constata-se, segundo o autor, uma notável intensificação agrícola assim como a emergência de uma paisagem fortificada, que considera ser um processo endógeno e que pouco se relaciona com os contactos com os navegadores fenícios (Ayán Vila, 2012: 378). Refere que a fixação à terra e ao território, leva a uma estabilização das comunidades que usam ferramentas para agricultura e detêm os elementos básicos para rituais de comensalidade cerimonial, como os caldeiros. Portanto, mais do que os contactos suprarregionais, as alterações sociais verificam-se pelas mudanças nas estratégias empregadas na economia destas comunidades e pela emergência de povoados fortificados em substituem os objetos metálicos

como sancionadores simbólicos do espaço. Os povoados fortificados são os "monumentos" que constroem a paisagem campesina. Estes povoados são, em parte, o culminar do processo de territorialização das comunidades (Ayán Vila, 2012: 378).

A progressiva construção de povoados fortificados seguiu vários ritmos temporais e, dessa forma, o termo "cultura castreja" começa a carecer de operacionalidade uma vez que este fenómeno não ocorre em simultâneo em toda a região do noroeste. É nesta fase que ocorrem os primeiros povoados em altura, ainda durante o séc. X - IX a.C., como são os casos de S. Julião, Coto da Pena ou de Castelo de Matos. A estes primeiros povoados fortificados o autor apelida de "protocastros" (Ayán Vila, 2012, 379-380). Estes povoados em altura possuem artefactos metálicos, como adornos ou armas, que se podem relacionar com rituais comunitários, controlando áreas de produtividade agrícola e grandes vias de circulação e de intercâmbio suprarregional. Para o autor a monumentalidade emergente dos primeiros povoados de altura, no Norte de Portugal, centra-se no aparecimento de sistemas defensivos, em sítios com um domínio visual nos quais se constroem os primeiros parapeitos ou muralhas de terra e as primeiras estruturas em madeira (Ayán Vila, 2012: 382).

Na segunda fase, ou I Idade do Ferro, o autor defende que os povoados fortificados teriam uma pequena dimensão, com menos de um hectare, com uma clara planificação arquitetónica. Teriam, também, um fosso. As cabanas seguiam a morfologia do terreno, se bem que, em alguns casos, teriam existido trabalhos de regularização do terreno. Aqui as estruturas em pedra não partilham muros umas com as outras, encontrando-se bem separadas entre elas o que indicia uma aparente falta de ordenamento das estruturas. Desta forma, parece que cada família que habita uma estrutura procura uma certa independência. Também, não há muitas diferenças quanto à dimensão das estruturas, oscilando estas entre 3 e 4 metros de diâmetro (Ayán Vila, 2012: 399). Para o autor, o surgimento da fortificação constitui uma alteração profunda e radical que rompe com o padrão de residência móvel das sociedades locais nómadas e seminómades. A arquitetura torna-se uma ferramenta fundamental na construção da nova paisagem, passando a existir um incremento da visibilidade da comunidade dentro de uma fortificação, aproveitando-se ao máximo as condições naturais de defesa. A arquitetura surge, assim, como uma ferramenta que modela uma nova paisagem. Se, num pequeno povoado do Bronze Final, já havia uma pequena cerca feita de ramos de árvore, agora há lugar para autênticas paliçadas e muros de contenção, com alguma dimensão (isto é o que se passa com a maioria dos povoados escavados e estudados para o vale do Cávado), em Portugal. Surge, assim, uma nova estratégia de

monumentalização, mas sobretudo, de delimitação do espaço vivido. Ayán Vila (2012: 412) defende que este aparato defensivo, com fossos, muros ou muralhas, são uma resposta a uma necessidade de defesa em tempos de conflito e de guerra, embora a arquitetura seja, também, uma forma e prática ritualizada, já que serviria como mecanismo de coesão dos grupos sociais implicados na construção do castro. Ora, após a construção do povoado, este torna-se, para a comunidade que o erigiu e habita, um referencial na paisagem, uma referência identitária na região e um local que ativa a memória social. Assim sendo, não é por acaso que grandes povoados da Idade do Ferro, monopolizam e atualizam espaços ocupados durante o Bronze Final ou que lugares com arte rupestre são apropriados simbolicamente pelas comunidades, na senda de González-Ruibal (2006-2007). Nesse sentido, a implantação de povoados possui um caráter simbólico e polissémico, carregado de mensagens rituais que influenciaram, de forma determinante, a arquitetura doméstica desta primeira fase, tornando algo invisível (a memória dos lugares) em algo visível e monumental (Ayán Vila, 2012: 413).

Parece realmente começar a existir um padrão, um estilo e regularidade arquitetónica, que forma um padrão de racionalidade concreta. Se por um lado é mantida uma certa tradição anterior, devido ao local onde se situa, o facto é que agora o povoado é mais estável do que antes, porque menos perecível. Deste modo avança-se para uma sedentarização das comunidades, vinculando-as ao meio, criando autênticos monumentos selvagens, materializando um sentido de lugar e de passado, implantando os primeiros castros em sítios já de si emblemáticos (Ayán Vila, 2012: 425).

Ainda refletindo um pouco sobre a simbologia da casa, durante a I Idade do Ferro e apoiando-se em observações etnográficas, Ayán Vila considera que esta é a variável principal da paisagem fortificada. A casa funcionaria como um microcosmo. A casa redonda atuaria como se fosse um espelho da organização espacial do território de uma comunidade, articulada com um modelo de paisagem côncava. Sendo a planta da casa redonda esta espelharia a forma que as muralhas possuem neste período - de tendência redonda ou oval. Neste sentido, o território explorado pelas comunidades seria, também ele, à sua maneira, redondo, funcionando num raio de alcance que integraria os recursos próximos. Esta forma de habitar um espaço redondo aumentaria a coesão social e o sentido de pertença de dada comunidade a um determinado espaço, marcando decididamente o que é exterior do que é o interior do povoado (Ayán Vila, 2012: 426).

Quanto à II Idade do Ferro, este autor defende que parece haver uma alteração a nível da cultura material e da paisagem cultural, fenómeno que ocorre em grande parte da Europa

atlântica, a partir dos séculos V e IV a.C. Defende que é pela arquitetura que irá ser construída uma nova realidade social, mas não uniforme por todo o noroeste. Com efeito, por um lado, intensificam-se os processos agrícolas, porque apesar das espécies serem quase sempre as mesmas a ser cultivadas, inicia-se um processo sem precedentes ao nível da desflorestação, tornando-se a paisagem mais aberta. Nota-se, também, que a produção metalurgia de bronze e do ferro aumentou para fornecer as ferramentas necessárias para a prática agrícola. De referir que estas ferramentas contêm um peso elevado de chumbo devido ao uso de ligas ternárias, a partir de meados do I milénio a.C. (Ayán Vila, 2012: 499-500). Estes instrumentos não servem só a agricultura, mas também potenciam uma maior desflorestação e uma maior artificialização e monumentalização daquilo que são os espaços habitados. Um desses instrumentos para a agricultura será o uso da relha (ponta do arado) em ferro. Nesta fase dá-se a generalização deste metal na produção de ferramentas de trabalho, o que permite multiplicar e aumentar o rendimento dos solos em zonas de vale. Dá-se, assim, uma conquista do vale por parte das comunidades que querem aproveitar o seu sistema agrário e implementá-lo de forma intensiva. Esta população, com melhores condições de subsistência, tende claramente a aumentar de forma exponencial. Ainda nesta fase, o território do povoado torna-se público, no sentido em que as elites começam a fazer a gestão dos recursos que exploram e consomem. Tal torna-se, também, mais visível pela arquitetura, seja pela sucessão de muralhas, seja pela construção de edifícios mais monumentais (balneários, casas de reunião) onde são feitas, de forma implícita e explícita, as transformações a nível de identidade (Ayán Vila, 2012: 502-503). Assiste-se a uma segunda vaga de monumentalização dos povoados, mas, também, da arquitetura doméstica. A casa torna-se um símbolo de uma nova lógica social e transforma-se. Surgem, também, uma série de lugares centrais que poderiam gerar interdependências regionais, já no final do século I a.C.

Com efeito, parece ter havido na II Idade do Ferro uma certa *artificialização* do espaço doméstico, onde surgem, claramente, dentro das casas, áreas com funções distintas. Surgem, também, ampliações do espaço doméstico com o aparecimento das casas com átrio, o que permite afirmar que se verificam alterações, não só na divisão das áreas de trabalho, como uma complexificação crescente no espaço doméstico (Ayán Vila, 2012: 508).

Parece, também, existir uma diferença na escolha do local de implantação dos povoados, face ao momento anterior. De facto, há um novo modelo, para a Idade do Ferro II, pois, ao contrário do que acontece na fase anterior, agora, cada comunidade pretende ser vista e observar o máximo de povoados existentes em seu redor. Para tal, a comunidade constrói novas construções

habitacionais, e não só, aumentando, desta forma, a densidade ocupacional do povoado e ampliando, de forma drástica, o espaço ocupado. Surge, desta forma, uma monumentalização no crescimento dos povoados e dos espaços sociais e comunitários, também devido ao desenvolvimento da cantaria auxiliada por instrumentos em ferro. Dá-se, também, um crescente processo de *oppidização.* Além disso, parece haver uma delimitação concreta das unidades familiares, ao contrário da fase anterior. Agora surgem as casas-pátio ou bairros familiares, espaços próprios das unidades familiares, aparentemente multigeracionais (Ayán Villa, 2012: 659), que integram, aparentemente, além da cabana com vestíbulo onde vive uma família, um pátio empedrado e outras estruturas que poderiam ter funcionado como curral para os animais, silo para armazenamento e / ou outras utilidades, todas ligadas entre si por muros, tornando um espaço uno. A cabana com átrio poderia funcionar, também, como espaço de culto, de reunião ou de santuário doméstico (Ayán Villa, 2012: 662).

A partir desse momento a paisagem próxima do povoado torna-se cada vez mais parcelada. Esta paisagem é composta por várias muralhas (cada vez mais monumentais) e fossos, crescendo não só o espaço controlado de forma efetiva por uma comunidade, mas também o espaço agrário, o que evidencia aumento demográfico (Ayán Villa, 2012: 547-548). Ayán Villa relaciona, ainda, este crescimento populacional e dos povoados, com o processo crescente de militarização.

A construção das muralhas em pedra torna totalmente artificial o espaço vivido. Surgem muralhas, de grande dimensão, ao contrário da construção em negativo (caso dos fossos na Idade do Ferro I). Desta maneira, o povoado emerge na medida em que vai modificando as vertentes, criando muralhas, parapeitos e muros de contenção de terras. O aparato monumental dos castros, nesta fase, cumpre um carácter polissémico e multifuncional, num contexto de diversidade regional, de hierarquização territorial e de divisão social (Ayán Villa, 2012: 548). As muralhas não protegem apenas dos inimigos, mas também desempenham um papel social importante, já que são uma demonstração de poder e um símbolo de prestígio. Torna-se clara a divisão entre o exterior da comunidade e o interior desta e a muralha simboliza e materializa essa dualidade (Ayán Villa, 2012: 556).

A partir da II Idade do Ferro as sociedades encontram-se num processo de consolidação de uma sociedade campesina (Ayán Vila, 2012: 551). Mas, em termos do poder e da sociedade, as alterações materializadas na construção de edifícios comuns / rituais, (como é o caso de grandes casas de banco corrido ou dos monumentos com forno - balneários), são indiciadores que mostram o quão "regrado", mas intencionado era o controlo dos recursos ao serviço do poder.

São um reflexo da emergência de um "*ethos*" de guerreiros, no seio de uma sociedade camponesa (Ayán Vila, 2012: 556). Está presente, no seio dos povoados, segundo o autor, a coexistência destas duas ideologias onde há necessidade de consolidar uma identidade coletiva com a necessidade que cada unidade familiar tem de obtenção de mais poder e importância. Cada família possuiria os seus próprios recursos, contando com espaços e sistemas de armazenamento próprios, no interior ou fora da sua casa. No registo arqueológico, há casas onde a definitiva sedentarização da comunidade e da arquitetura familiar se nota nas sucessivas ocupações, reformas, aumento de espaço e construção de vestíbulo.

Assim, estas sociedades de agricultores, baseadas num "*ethos*" familiar (em volta dos seus espaços e unidades de produção domésticos) seriam encabeçadas por uma minoria de indivíduos com "ethos" de uma sociedade heróica, materializado pela arquitetura defensiva (muralhas) e comunitárias (balneários, grandes casas de reunião). Estas estruturas funcionariam como mecanismos de coesão da própria comunidade, como materialização e prestígio do povoado, face ao exterior, e como elementos fundamentais de defesa (no caso das muralhas) (Ayán Vila, 2012: 558).

Relativamente às entradas dos castros, o autor refere que boa parte deles possuem entrada virada para o nascer do sol, como se de uma metáfora à produção se tratasse, tanto da vida, como do corpo social, podendo, igualmente, constituir-se como elementos de caráter apotropaico, tal como as estátuas de guerreiros, algumas delas vinculadas com as entradas de alguns castros (Ayán Vila, 2012: 617- 618).

Para o investigador, esta nova vaga de monumentalização e construção de grandes povoados, deve-se, sobretudo, a um processo endógeno que já vem da fase anterior, mas que se desenvolve nesta altura.

A ocupação das terras baixas, que já era uma realidade até ao século II a.C., torna mais intensas e importantes as redes de povoamento entre castros, como é o caso dos mais costeiros e dos mais interiores. Dá-se, também, a artificialização dos povoados, mais pequenos, sobretudo a partir do século II a.C. Talvez as pequenas comunidades copiassem os processos, padrões arquitetónicos e tipos de aparelhos que se erguem nos *oppida*. Ou seja, nestes sítios também há investimento nos cenários de poder (Ayán Vila, 2012: 717).

Um outro investigador, que se pode destacar pelo seu trabalho sobre a Proto-História do Noroeste e sobretudo sobre a região do Baixo Minho é Brais Currás (2014). O seu trabalho é bastante amplo, aborda o território de implantação dos castros, a densidade do povoamento dessa

região e, sobretudo, trata das estruturas sociopolíticas e as formas de organização da produção e exploração agrícola e mineira e exploração do sal (Currás, 2014).

Metodologicamente o autor enquadra a sua investigação naquilo que é a arqueologia da paisagem, e inspira-se na antropologia marxista e a sua aplicação na arqueologia. Neste tema específico assume as "vantagens" dessa dialética e da importância do conflito no desenvolvimento e alterações históricas (Currás, 2014: 11).

Defende que a sociedade, durante este período, e na região do Baixo Minho é uma sociedade segmentária e, mesmo tendo em conta a grande variabilidade morfológica e os diferentes padrões de localização dos povoados, parece haver uma única estratégia: o progressivo isolamento de um castro, fechado na sua autonomia e individualização e em oposição com a paisagem. Este seria o modelo de uma sociedade que se manteve relativamente fechada, até à chegada do Império Romano, por volta do século II – I a.C. (Currás, 2014: 434).

Nesta perspetiva, cada povoado teria uma configuração morfológica derivada da sua própria habitabilidade e a paisagem na Idade do Ferro seria estruturalmente homogénea, e possuidora de mecanismos que neutralizariam a inevitável tensão intra-muros (interna) e inter-povoados, que derivavam da própria vulnerabilidade do grande grupo de indivíduos ligados à agricultura (Currás, 2014: 434-435).

Neste tipo de sociedade não haveria espaço para a hierarquia, pelo que a distribuição do povoamento estaria regida, não só por decisões locais, pautadas pela independência de cada comunidade, como pelo respeito territorial. Assim, existiria uma "*...replicacíon de agregados poblacionales equivalentes no jerarquizados entre sí que se disponen en una relación de equidistância en un continuo territorial*" (Currás, 2014: 435).

Refere, ainda, que não existindo hierarquização entre os mais diversos povoados, todos eles possuiriam acesso equivalente aos recursos disponíveis.

Este autor, ainda defende que a guerra e o conflito estariam bem presentes nas comunidades, mas isso não implicaria nem condicionaria a sua estruturação social. Assume que a "paisagem castreja" surge através da fixação no território de uma série de comunidades campesinas que se constituem como grupos independentes e mantêm uma disciplina demográfica, mantendo o que parece ser uma distância social entre os grupos. Esta forma de organização de caráter isolacionista potenciou o antagonismo entre comunidades (Currás, 2014: 587).

Na sua opinião, não existiria uma aristocracia ligada diretamente à arte da guerra, mas sim que todos os adultos poderiam tomar as armas sempre que existissem conflitos. Considera que a região do Baixo Minho não é uma região muito diferenciada do resto do noroeste (Currás, 2014: 899-900). Contudo, a presença do Império Romano e a romanização foi um fator desestabilizador que rapidamente pôs fim a essa estrutura social segmentária. Com efeito, começam a surgir elites dentro das comunidades indígenas, fomentadas pelos conquistadores romanos, como surgem outras comunidades que teriam um estatuto privilegiado na relação com Roma (Currás, 2014: 899–901). Assim, as comunidades existentes deixaram de se relacionar num mesmo plano de igualdade. Dá-se, por consequência, a desestruturação do modelo sociopolítico que tinha vigorado até ao século I a.C. Surgem, assim, os grandes castros, originados pela fusão de pequenas aldeias tornando possível, por consequência, o surgimento de elites e de um desequilíbrio territorial do poder. Surgem, igualmente, novos povoados, desta feita já nos vales dos rios (Currás, 2014). Ou seja, após a contínua ocupação de pequenas aldeias independentes e contrapostas, depois da chegada do mundo romano à região do Baixo Minho, surge uma única entidade político-administrativa, a *civitas* dos *Grovii* (Currás, 2014: 903).

Finalmente, não podemos deixar de nos referir a um estudo recente e que finalmente reúne num só trabalho os conhecimentos que a arqueologia empresarial, e não só, têm permitido acumular para a região do grande Porto (A. Silva, 2021). Esta tese de doutoramento reúne e problematiza todos os dados existentes tanto para a Idade do Ferro, como também todo o longo processos de romanização na área do concelho do Porto e não só. Problematiza e agrupa todos os dados arqueológicos provenientes de escavações numa tentativa de compreender e analisar um complexo processo de etnogénese e construção histórica, que se deu numa área denominada por *Cale* e o seu respetivo povo, os *Callaeci.* Trata-se do primeiro, e único (?) esforço de síntese de escavações, e outros trabalhos sobre uma região densamente escavada, mas que por razões diversas a informação estava dispersa, por múltiplas empresas de arqueologia e gabinetes de arqueologia municipais. Mais do que um trabalho de síntese historiográfica sobre os povos ou povo que terá vivido nessa área, é ainda uma síntese arqueológica de grande monta. Esta área corresponde a uma região tão complexa arqueologicamente, como historicamente diversa. Este esforço na sistematização abre o caminhos antes insondáveis para novas investigações (sejam elas sobre o povoamento, do qual este investigador oferece as suas interpretações, como ao nível das estruturas e materiais arqueológicos) do subsolo portuense e não só.

Em síntese, a aplicação de novas premissas e conceitos veio possibilitar inquirir os dados de forma inovadora, colocando-se, mais frequentemente, a tónica nas questões sociais e nos mecanismos de visualização e negociação do poder.

2.2. A Idade do Ferro entre os vales dos rios Minho e Ave

O conhecimento sobre esta cronologia e para esta vasta área geográfica é bastante extenso. Como vimos no capítulo anterior muitos foram os investigadores que desenvolveram os seus trabalhos neste território. Estes constituíram boa parte daquilo que foi o trabalho inicial de gabinete na inventariação dos sítios ao longo da costa e da compreensão do volume de trabalho durante esta tese. Com efeito, mesmo que o estudo a realizar esteja revestido de grande ineditismo, regista, quase sempre, autores e investigadores que, de uma forma ou de outra, foram já realizando algum estudo sobre a temática a desenvolver.

Ora, parece-nos evidente que neste caso já muito foi discutido, há demasiado tempo que urgia desenvolver e de certa forma "arrumar" os conhecimentos que se detinham sobre algumas zonas desta área geográfica para este período.

Durante o séc. XX vários foram os autores que se debruçaram sobre este período neste território. Devemos referir Félix Alves Pereira pelos seus estudos sobre os castros, nomeadamente sobre a estatuária e habitações "castrejas" (Pereira, 1898, 1902, 1903, 1908, 1910, 1915, 1933). Destacamos, igualmente, Abel Viana (1926, 1932a, 1932b, 1932c) que em dois artigos faz o primeiro inventário dos povoados do Alto Minho. Deste profícuo investigador cabe-nos ainda destacar a escavação da Cova da Moura (1953, 1955a) que serviu de base para uma das monografias apresentadas. Não podemos esquecer os contributos de Leandro Quintas Neves (1965) sobre essa mesma área. Devemos ainda reconhecer os trabalhos sumários, mas importantes, de Ruy de Serpa Pinto sobre Terroso e valorização dos povoados da Idade do Ferro no contexto científico da época (1932). Sobre a área litoral cabe-nos destacar o trabalho de prospeção do vale do Âncora e do litoral, empreendida por Francisco Martins Sarmento (1999). Esta edição de 1999 trata apenas de uma parte dos diários deste pioneiro da arqueologia. Devemos referir que as suas deambulações pelo litoral minhoto foram, e ainda são, uma fonte quase inesgotável de informação.

De valorizar igualmente o contributo de estrangeiros, neste caso de Christopher Hawkes (1958, 1971, 1984), um arqueólogo inglês, pelo seu contributo em vários povoados desta área

geográfica (como do Cútero e Cividade Âncora, ambos no concelho de Viana do Castelo). Deste segundo sítio, cabe-nos mencionar, novamente, as descrições de Abel Viana (1960-61; 1963). Ainda deste autor, devemos mencionar os seus artigos sobre o povoado de Santa Luzia (Viana, 1955b, 1955d; Viana e Oliveira, 1955, 1959), ou sobre os materiais cerâmicos do castro de Vilar de Mouros (Viana, 1955e) e ainda sobre alguns materiais do povoado de Santo António (Afife) (Viana, 1955c).

Com efeito, torna-se claro que para este período cronológico em análise, foram sendo desenvolvidas investigações com caráter cuidado e por vezes bastante pormenorizado, mesmo que deficientes quanto ao conhecimento científico.

Não queremos de forma alguma repetir exaustivamente os autores e os seus trabalhos publicados que referimos longamente no capítulo anterior. Ainda assim, faremos uma breve descrição dos principais trabalhos científicos, os quais se tornaram o ponto de partida para o trabalho desenvolvido. Cada um desses trabalhos situa-se, genericamente, num ou outro paradigma arqueológico que já foi discutido.

Assim, devemos sublinhar que o primeiro contributo verdadeiramente científico sobre a Idade do Ferro para esta área geográfica foi a tese de doutoramento de Armando C. Silva (1986). Daí foram lançadas as bases do estudo científico da proto-história do Noroeste português. Tratou-se, claramente, de um estudo global sobre as temáticas que são mais caras à arqueologia de ontem e de hoje: a evolução cronológica, a organização e desenvolvimento interno dos povoados, o quadro do povoamento, a economia e a sociedade, os materiais[7], a arte e o estudo do mundo dos mortos. Foi a primeira sistematização desta matéria recorrendo ao estudo dos diferentes materiais, dos seus contextos e o uso das datações por radiocarbono para facilitar e ordenar por fases a Idade do Ferro. Alicerçou a sua fundamentação com base em variados sítios por si escavados (Coto da Pena, Cividade de Âncora, Terroso, Citânia de Sanfins, o Castelo de Cidadelhe, o Castro de Sabroso e o Castro da Senhora da Guia (S. Pedro do Sul). De referir que neste trabalho foi publicado o primeiro inventário geral dos povoados com esta cronologia.

No início da década de 90 surgem os primeiros trabalhos de síntese regionais. Estes contribuíram decididamente para um afinar não só de cronologias, para cada bacia hidrográfica, mas também chamam a atenção para as problemáticas do povoamento, classificando os povoados consoante a sua situação geográfica, além de haver um cuidado em estudar as materialidades de forma extensa, em alguns casos.

[7] Aí surge, por exemplo, o primeiro catálogo de formas cerâmicas desde o Bronze Final até ao fim da Idade do Ferro.

Assim, dois anos depois surge o primeiro estudo científico, baseado no estudo sistemático de três povoados da Idade do Ferro, no vale do médio Cávado (Martins, 1990). A partir do estudo monográfico desses sítios (S. Julião, Barbudo e Lago) a investigadora estabeleceu para essa área, em específico, as suas diferentes fases cronológicas associando-as ao tipo de contextos arqueológicos e materiais registados nesses povoados. Classifica, também, os povoados segundo tipos, tendo em conta o seu posicionamento orográfico face ao vale do Cávado. Regista alguns povoados inéditos. Além disso, realiza o primeiro inventário sistemático de povoados da Idade do Ferro e sítios romanos. Destacamos ainda as tabelas de formas da cerâmica para os dois períodos da Idade do Ferro, nesta zona.

No mesmo ano, como referido atrás, surge um estudo sobre o povoamento, mas desta feita para o baixo Lima (Almeida, 1990). Carlos A. B. de Almeida publica um extenso inventário dos povoados existentes nessa área, descrevendo alguns materiais datáveis da Idade do Ferro e do período romano. Registou, ainda, alguns sítios inéditos.

Pouco tempo depois surge um novo trabalho de síntese para todo o noroeste, publicado por Francisco Queiroga (1992). Apesar de ter escavado em alguns locais (como Ermidas, Penices, Vermoim e Castelo de Matos) nunca publicou trabalhos monográficos sobre esses povoados. Apenas publicou alguns artigos e informações breves sobre cada um deles (Queiroga, 1985a; 1985b; 1985c; 1986a; 1986b; 1987; Queiroga e Figueiral, 1989). Trata de todas as problemáticas da Idade do Ferro: desde logo o povoamento, os materiais, o intercâmbio de materiais forâneos, a organização interna dos povoados e a evolução da Idade do Ferro no I milénio a.C., com especial enfoque no papel que a guerra terá tido no desenrolar desse período.

Um ano mais tarde na tese de Mestrado, A. Dinis (1993) realiza o primeiro esforço para o inventário geral dos povoados do baixo Ave. Trata a problemática do povoamento nessa área, realiza a sua própria classificação dos povoados, sistematiza o conhecimento que se tinha à época para os povoados da Idade do Ferro. Publica ainda materiais de algumas estações por si estudadas e estabelece a periodização por fases para a Idade do Ferro.

Em 1996, Carlos A. B. de Almeida na sua tese de doutoramento sobre o litoral minhoto entre o Minho e o Ave, traça o panorama do povoamento em todas as bacias hidrográficas, até 20 a 30 km do estuário para o interior. Trata-se, novamente, de um trabalho de síntese e bastante extenso, no qual descreve os conhecimentos à data para os povoados nessa extensa área. Introduz neste trabalho o tema dos "castros agrícolas", faz uma descrição alongada de algumas escavações conduzidas por si em alguns sítios como é o caso do povoado de Santa Luzia, de S. Lourenço e

de Faria. Descreveu, sucintamente, os materiais que apareceram nesses contextos. Problematiza os possíveis territórios de exploração dos principais povoados em cada bacia hidrográfica, problematiza, também, a influência romana e a sua efetiva ocupação no vasto território do noroeste. Estabelece a periodização por fases para a Idade do Ferro em linha com Armando C. Silva (1986).

Um ano mais tarde, Tarcísio Maciel (1997; 2003) publica uma tese de mestrado sobre o povoamento proto-histórico do vale do Neiva. Este investigador tem o particular cuidado de registar os antecedentes pré-históricos dessa região, sobretudo no que concerne ao megalitismo. Realiza o primeiro inventário específico sobre os povoados da Idade do Ferro. Propõe também o seu modelo de povoamento e tipologias de povoados tendo em conta a sua situação geográfica. Estabelece também uma periodização, por fases, para a Idade do Ferro em linha com Armando C. Silva (1986).

Todos os autores até agora referidos tiveram sempre o cuidado de situar cronologicamente a origem da proto-história para cada área em estudo. Trabalho esse nem sempre fácil, sobretudo nos casos de ausência de estudos monográficos. Consciente dessa problemática Ana Bettencourt, em 1999, publica a sua tese de doutoramento alicerçada em escavações de alguns povoados do vale do Cávado. Além do esforço em sistematizar os conhecimentos existentes para a Idade do Bronze para essa área, as escavações realizadas em alguns povoados trouxeram alguma luz sobre os inícios da Idade do Ferro. Além disso, a preocupação em estudar os materiais vegetais antigos (sementes, carvões, etc.) contribuiu decisivamente para o conhecimento do panorama paleoambiental dessa região. De referir que sistematizou e apresentou a primeira tabela de formas para a Idade do Bronze Final. Propõe uma nova sistematização para o fim da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro.

Como vimos, até ao fim do séc. XX o panorama científico sobretudo para o vale do Cávado encontra-se relativamente bem traçado, tal como para o Lima. Se bem que no segundo caso nos faltem os estudos monográficos que nos dariam uma maior segurança sobre a evolução do povoamento e os restantes dados sobre a Idade do Ferro.

Assim, a partir do séc. XXI surgem outros estudos e estes procuraram sintetizar as problemáticas do povoamento, inventariando, propondo fases evolutivas dos povoados, e dão um outro contributo ao campo dos materiais arqueológicos. Deste rol, destacamos dos já mencionados, o trabalho de 2003 de António Baptista Lopes, que sintetiza os conhecimentos para o baixo Minho. Neste trabalho destacamos o particular interesse do inventário exaustivo de sítios

arqueológicos para essa área e a publicação de alguns materiais inéditos de algumas estações como é o caso do Coto da Pena.

Mais recentemente, cabe-nos destacar os trabalhos de Marta Marques (2012), já mencionados acima. Outros trabalhos de síntese ou monográficos foram sendo realizados ao longo das últimas duas décadas: como é o exemplo de Terroso (Paiva, 1993; Gomes e Carneiro, 2005), ou de S. Lourenço (Almeida e Almeida, 2015); ou para paisagem e romanização da área em torno da Citânia de Sanfins (Maciel, 2018) com a introdução de novas tecnologias de análise espacial (como da intervisibilidade); ou de trabalhos mais genéricos com enfoque nos materiais exóticos na área entre o Minho e o Ave (Pereira, 2011; 2019).

Como vimos, proliferaram os estudos de síntese e povoamento, nuns casos suportados na escavação de diversos povoados (e no consequente estudo dos contextos e materialidades), noutros casos alicerçados em trabalhos teóricos de arqueologia da paisagem, sustentados em modelos teóricos e com atribuições cronológicas a povoados sem a devida atenção aos materiais encontrados. Com efeito, notamos que em algumas zonas urgia realizar o estudo monográfico de alguns povoados que podiam conter algumas respostas a variados níveis (desde logo cronológicos, também económicos, sociais e sobre o intercâmbio), noutros casos era necessário revisitar coleções mais antigas. Consideramos, por tudo isto, pertinente a temática desenvolvida nesta tese: partir da análise dos materiais e dos seus contextos (sempre que disponíveis) numa tentativa de lançar um olhar renovado sobre o povoamento e as atividades económicas, sociais e simbólicas na área costeira e estuarina entre o vale do rio Minho e o Ave.

3. Objetivos

No contexto de todo este conhecimento sobre a Idade do Ferro do Noroeste ibérico, entendíamos que havia espaço para um novo projeto que incidisse sobre o litoral norte português, entre os rios Minho e o sul da bacia do Ave. Trata-se de um território que, apesar das muitas escavações ocorridas, desde o século XX, e dos muitos trabalhos publicados, em termos da arqueologia do povoamento, continua a ser profundamente desconhecido, em termos da cronologia interna dos vários povoados, o que para nós constitui a base para a construção de qualquer conhecimento futuro. Este facto advém da inexistência de monografias sobre a maioria dos sítios escavados. A ausência deste tipo de trabalhos também impediu que se conhecessem os materiais indígenas e o tipo e intensidade de materiais de importação, trazidos por navegadores

externos, entre o Bronze Final e a efetiva conquista romana deste território. Deste modo, desconhece-se o real papel dos diferentes povoados litorais na receção e posterior transmissão interna das novidades e os restantes fatores que contribuíram para a sua localização, numa perspetiva sincrónica e diacrónica. Além disso, a recente escavação de um novo sítio da Idade do Ferro, à foz do Ave, impunha o seu estudo, pela posição geoestratégica que apresenta, no estuário deste rio.

Este projeto teve, assim, como objetivo geral contribuir para alargar o conhecimento do modo de vida das populações litorâneas entre o Minho e o rio Onda, do Bronze Final ao fim da Idade do Ferro, através do estudo dos materiais cerâmicos (entre outros) provenientes de antigas coleções e resultantes de novas escavações arqueológicas desenvolvidas nesta área.

Os objetivos específicos passaram por:

- estabelecer a diacronia de ocupação de muitos dos povoados da área em estudo, através de várias metodologias de análise (crono-estratigrafia dos materiais; características técnicas e formais dos materiais cerâmicos e metálicos indígenas; cronologia de materiais de importação cerâmicos, metálicos, vítreos) e datas de radiocarbono;
- verificar a intensidade, em termos sincrónicos e diacrónicos, das relações de intercâmbio entre as populações do território em estudo com as do mundo meridional e setentrional, através de materiais forâneos, adaptação/imitação de formas alógenas, adaptação de técnicas inovadoras em materiais indígenas, entre outros;
- identificar eventuais contingências entre os materiais dos povoados litorais e os localizados nos estuários dos rios (Minho, Âncora, Lima, Neiva, Cávado e Ave) que possibilitassem interpretações sobre os fatores de implantação, os diferentes modos de exploração do território, o seu impacto na receção das novidades e a sua articulação;
- identificar e relacionar os atributos de cada região e perceber se algumas particularidades (formais ou decorativas) poderiam constituir traços identitários de uma determinada população indígena.

PARTE II – METODOLOGIA

"... à medida que a arqueologia se desenvolve, consegue fazer-se muito mais com muito menos."

Paul Bahn (1997: 26)

1. Introdução

Esta parte compreende dois capítulos. O primeiro sobre o corpo teórico e os conceitos operativos seguidos neste trabalho e o segundo sobre a metodologia prática usada. Este último capítulo foi dividido em quatro grandes subcapítulos: o trabalho inicial de gabinete, o trabalho laboratorial, o trabalho de campo e o trabalho avançado de gabinete.

2. Corpo teórico

2.1 Breves considerações

Neste capítulo procura-se refletir sobre as premissas teóricas e os conceitos operatórios utilizados neste trabalho: nomeadamente, o de paisagem; mudança *versus* evolução; castro e cultura castreja; artefactos como portadores de valor cultural; entrelaçamento ou rede, e decoração na cerâmica como signo e carregada de significado.

Importante é, também, a consciência da formação teórica do investigador e de como esta condiciona a interpretação dos dados e a criação de conhecimento. Ian Hodder (1987: 23) tem uma frase que resume bem esta circunstância: "...os dados são unicamente dados devido ao facto de lhes termos adjudicado um sentido. O significado que lhes damos é em parte social e atual e é por isto que cada época escreve a sua própria História." Todavia, há desde já a necessidade de fazer uma ressalva: irão ser utilizados conceitos e metodologias de alguns dos principais paradigmas pelos quais passou o modo de fazer Arqueologia (processual e contextual), porque se julga que cada paradigma é uma forma de olhar o registo arqueológico de maneira a responder a determinados objetivos e questões. Tal como aponta Alarcão (1996: 65): "definindo objetivos diferentes, estas correntes são compatíveis e completam-se".

Conceito de paisagem

É também necessário discutir um pouco o conceito de paisagem.

Considera-se que a paisagem está relacionada com o resultado da interação entre as sociedades humanas e o meio físico. E é isto que a arqueologia deve estudar, procurando os padrões de ocupação e as representações simbólicas (arte rupestre, por exemplo) que a atividade humana deixa imersa no meio físico.

Para Criado-Boado (1999: 6-7), paisagem é um produto sociocultural, de ação social, tanto de carácter material como imaginário. Conceito com o qual concordamos.

Consideramos, dentro duma perspetiva pós-processual, que a paisagem é constituída por três dimensões: o físico, o social e o simbólico (Criado-Boado, 1999: 6). Muitas vezes, as últimas duas dimensões cruzam-se numa só.

Neste trabalho procura-se contemplar estas três dimensões. Ou seja, importa a situação geográfica e geológica do sítio que foi estudado e o seu contexto regional; importa perceber (se possível), quais seriam as áreas sociais e funcionais, em cada povoado e, finalmente, a partir das formas cerâmicas e da sua decoração, compreender a situação social (ou simbólica) de cada zona de um povoado. Tarefa nem sempre fácil quando se trata de dados antigos.

Entende-se também a paisagem como um documento histórico, como uma acumulação de várias paisagens que foram moldadas no decorrer de cada fase histórica, tal como Ingold (1993) defendeu. Um documento que é necessário saber ler e interpretar.

Partimos dos indícios construídos para perceber que ações humanas e que alterações do meio físico foram realizadas ao longo do tempo. Assim, e tal como refere Derrida (1986) "a arquitetura é como uma espacialização do tempo".

Também foi tido em conta o conceito de arquitetura como uma manipulação antrópica de um espaço, mediante técnicas construtivas que variam ao longo do tempo e que atende a fatores sociais, económicos e culturais de determinado período cronológico (Derrida, 1986). Quer isto dizer que, numa dada cultura é determinado o onde, o como e o que pode ser construído. As próprias técnicas construtivas utilizadas obedeciam, com certeza, a determinados códigos de uso e a uma determinada conceção do espaço e esquema de pensamento (Blanco-Rotea, 2017: 40-41). Neste estudo foi tida em conta a evolução construtiva e a configuração de espaços e a sua transformação ao longo do tempo. Foi tentado compreender as diversas fases construtivas de cada povoado, em cada fase cronológica, sempre que foi possível. Só desta forma foi viável entender as sequências crono-culturais, na longa diacronia do espaço vivido.

Assim, quanto à análise do espaço escavado, partimos do princípio de que os objetos encontrados indiciam as funções de determinado lugar, mas que a posição de determinados objetos, num determinado lugar, pode ser um reflexo não só funcional como também simbólico.

Mudança *versus* evolução

Considerou-se que a evolução de cada época histórica não é linear e igual em todas as regiões e é diferente de povoado para povoado. Com efeito, em vez de se falar de evolução, optou-se pelo conceito operativo de *mudança.* Para Shanks e Tilley (1992: 176):

"a mudança cultural é conjuntural, na medida em que cada episódio particular de mudança depende da convergência ou sobreposição de circunstâncias, ações e acontecimentos que divergem, na forma e na natureza, de caso para caso, em função de diferenças do contexto social".

Além disto, considera-se que múltiplos fatores geram mudança, desde logo pressões demográficas e contactos forâneos ou transformações ambientais e, finalmente, tensões sociais, podem explicar e motivar mudanças. Todos, ou apenas a conjugação de vários fatores, de origem diferente podem levar a mudanças dos traços culturais de dada comunidade.

Tal como referem Shanks e Tilley (1992: 175) "a mudança é esse texto aberto e polissémico".

Castro e cultura castreja

Neste trabalho não aplicámos os conceitos de "castro" (como sinónimo de povoado) e o de "cultura castreja" para as manifestações culturais do I° milénio a.C. Usámos, antes, a designação de Idade do Ferro e de povoado, por serem termos mais neutros e não vinculados a qualquer ideia pré-concebida. Seguimos, desta maneira, alguns das conceções adotadas por Martins (1988d, 1990) e por Bettencourt (1999).

A este propósito, Martins (1988d: 17) refere que pareciam existir diferenças "marcantes" na Idade do Ferro de algumas regiões do norte de Portugal, não só na cultura material, como também nos sistemas de defesa ou ainda na organização dos povoados. Ou seja, mesmo aceitando que poderá existir uma certa unidade ou uniformidade no tipo de habitat tal parece ser insuficiente para definir uma cultura no sentido antropológico do termo, tal como foi sendo realizado até aos anos 90. Refere, ainda, que os diferentes povos, referidos pelos autores clássicos, talvez tenham a sua tradução no registo arqueológico, ou seja, a etnicidade deverá traduzir-se num padrão de comportamento comum a um determinado grupo, a tal ponto que isso se traduz na cultura material (Martins, 1988d: 21).

Martins (1988d: 21) defende, ainda, que "cada povoado possui a sua história própria", pelo que é necessário conhecer, em primeiro lugar, as suas diferentes fases de ocupação e evolução interna, além da sua organização social e económica, ou seja, a sua história à escala microregional, antes de qualquer generalização.

É também importante ter em conta que é necessário conhecer e compreender a relação que os povoados fortificados estabeleceram com o seu território (na exploração dos seus recursos, por exemplo) e com os outros povoados em seu redor, tentando daí compreender o seu papel na

relação com os outros (Carballo Arceo, 1990: 186-187). Este autor também salienta que, durante boa parte do século XX, considerou-se que o fenómeno da construção de povoados em altura, com muralhas, era um fenómeno exclusivamente do I milénio a.C. que, depois, com profundas alterações e acrescentos, em alguns casos, teria evoluído para autênticas cidades[8], conferindo a toda a área geográfica do Noroeste uma unidade cultural. Ora, o que se tem vindo a constatar é que, quando se fazem estudos de tendência regional ou local, esse pré-conceito de um fenómeno igualitário de evolução, não se verifica, já que cada região que se estuda, possui particularidades distintas e levantam novas questões (Carballo Arceo, 1990: 163; Martins, 1990: 37, 33-34, Silva, 2007: 69-70).

Assim, em cada povoado estudado, partir-se-á do estudo tipológico e tecnológico das cerâmicas, em associação com as estruturas e estratigrafia, quando possível, para definir as diferentes fases de ocupação, cronologicamente e espacialmente. Tivemos em conta, além disso, que cada sítio arqueológico estudado tem a sua própria história. Muitos sítios são um *lugar* carregado de *memória*, são locais onde os seres humanos, ao longo dos séculos, percecionaram, moldaram e configuraram o espaço à medida das suas necessidades e formas de ver o mundo, partindo dos mais diversos condicionalismos (geológicos, ambientais, geográficos, construtivos, sociais e ideológicos). Quer isto dizer que partimos do princípio de que cada lugar tem a sua história para contar, pelo que deve, em primeiro lugar, ser analisado à sua escala micro e no seu contexto físico e só depois a uma maior escala de análise (na inter-relação com outros povoados e sítios da mesma cronologia) na procura de definirmos as paisagens da Idade do Ferro.

Artefactos como portadores de valor cultural

No que respeita à transação de bens, foi seguido o que Hodder (1982) refere: "os arqueólogos devem reconhecer que o artefacto tem um valor cultural, do qual depende o efeito social da transação." Acrescenta ainda, em termos gerais, que os objetos trocados têm dois poderes: o emotivo e o ideológico (Hodder, 1982: 152). De certa forma, é necessário ir além daquilo que são os processos e meios de circulação de bens e como estes são levados e produzidos do ponto A para o ponto B. Por conseguinte, além dessa preocupação processualista, procurou-se ir mais longe, ou seja, analisar as transformações que os objetos forâneos poderiam provocar nas atitudes coletivas e nos comportamentos, neste caso, na cerâmica. Tal como defende

[8] Tal como seriam os casos da Citânia de Briteiros, da Cividade de Âncora, da Cividade de Terroso, do Povoado de Santa Luzia, entre outros.

Alarcão (1996: 34), é necessário analisar a forma como o homem atua (abordagem empírica) e porque é que atua (abordagem mais transcendental).

Entrelaçamento / Rede

Para terminar este capítulo é necessário abordar um conceito que será importante ao longo deste trabalho, e que serve de ligação a praticamente todos os conceitos e diretrizes teóricas que se desenvolveu atrás, esse conceito é o de *Entangled* ou se preferirmos *Entrelaçamento*, desenvolvido teoricamente por Hodder (2012: 95).

Este conceito procura explicar as complexas relações recíprocas de dependência entre objetos e o ser humano, que os imagina, realiza, utiliza e descarta.

Hodder (2012: 3) defende que apesar de, muitas vezes, não se ter consciência dessa relação, tudo o que foi criado pelas comunidades do passado (e do presente) depende de uma multiplicidade de critérios, condicionantes, saberes e pensamentos, ou seja, as coisas criadas pelo ser humano não são isoladas. Elas precisam de vários componentes para se tornarem algo. A argila precisa de água para se tornar moldável o suficiente, para então, se criarem recipientes. Para construir uma muralha são necessárias muitas pedras, talhadas e acumuladas umas em cima de outras. Além disso, mais do que o objeto que foi produzido é necessário ter em conta o conhecimento, o *saber-fazer* para o realizar e produzir, ou seja, é preciso ter em conta para que é que ele foi usado e como foi produzido. E compreender essas relações pode ser uma boa forma de compreender o comportamento humano (Hodder, 2012: 6-7).

Com efeito, não se olha para a cerâmica apenas do ponto de vista utilitário, procura-se, tal como preconiza Hodder (2012: 10), compreender as redes de pensamento por detrás da produção, do uso, da manutenção e descarte. Foi necessário seguir os preceitos de utilização das "coisas" tal como aponta Hodder (2012). Inicialmente temos a produção e reprodução, depois a troca, o uso, o consumo, o descarte e, finalmente, a pós-deposição.

Quanto ao descarte e deposição de objetos segue-se neste estudo as propostas de Schiffer (1976), que sugere que o lixo primário é o descarte intencional de *itens* próximo do final da sua vida útil, no local de uso. O lixo secundário é o termo usado para descrever o descarte *de itens* em áreas que não foram utilizadas.

Parte-se também do princípio de que, em muitos casos, pode ser possível, através do fragmento, compreender grande parte do seu processo de fabrico, o modo como foi usado, se foi alvo de restauro e, por fim, que fenómenos deposicionais e pós deposicionais ocorreram até

chegarem a ser encontrados nas escavações arqueológicas. Ou seja, é possível compreender a história dos objetos. Neste ponto, apresenta-se na figura 1.2 o processo (simplificado) de produção de cerâmica, tendo como ponto de partida a obra de I. Hodder (2012).

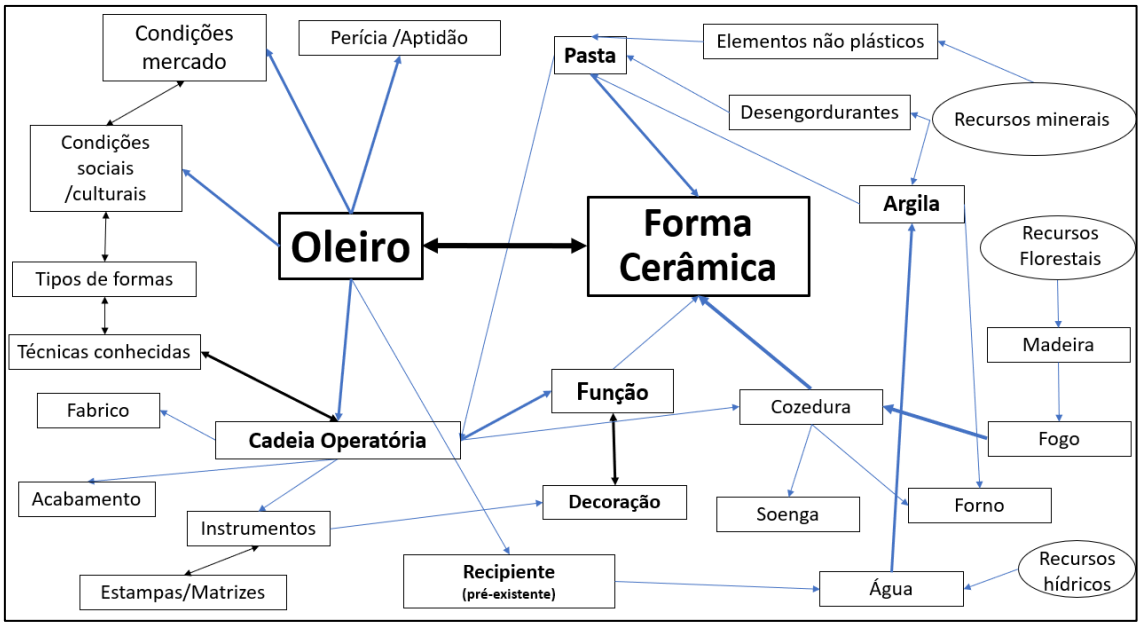


Fig. 1.2 Entrelaçamento (*Entanglement*) na produção de um recipiente cerâmico onde se mostram as relações de dependência e codepêndencia entre os vários atores, os recursos ambientais e do que é imprescindível para que a rede complexa de produção cerâmica se torne real.

Neste esquema chegamos rapidamente à conclusão das várias dependências entre coisas (argila e fogo), a dependência de humanos em relação a coisas (é necessário o oleiro possuir argila suficiente e utensílios necessários para criar um novo recipiente) e a dependência de humanos com humanos, ou seja, é necessário uma corrente de trabalho humano para conseguir, por um lado, extrair argila dos barreiros, ter lenha suficiente para cozer o barro (e para isso é necessário recolhê-la cortando árvores e encontrando ramos). Além disso, a produção dos objetos cerâmicos devia obedecer, não só, às necessidades familiares ou do povoado como, também, obedecer a critérios muito restritos que se plasmam em repetições de uma série de formas, de motivos decorativos e tecnologias utilizada para as produzir.

Assim, o emaranhamento ou entrelaçamento pode ser definido como uma dialética de dependentes e de dependência. Tal como aponta Bennet (2010), as coisas têm vida, e vidas vibrantes e temporalidades e estas vidas dependem umas das outras e dos humanos. Ainda assim, há alguns problemas no estudo das redes complexas de dependência entre coisas e os seres humanos. Até porque, como indica Hodder (2012: 94), em certos contextos e certos momentos históricos, as coisas parecem que dominam a vida, e noutros, é o inverso, pois as redes nas quais

os humanos vivem, são tão simbólicas, significativas, espirituais, religiosas, conceptuais, quanto práticas e técnicas, económicas e sociais (Hodder, 2012: 97). As redes entre coisas e humanos são compostas por pacotes de processos materiais, ecológicos, económicos, sociais, ideológicos, emocionais e cognitivos (Hodder, 2012).

Com este conceito de *entrelaçamento ou rede* compreende-se que não há uma sequência linear de acontecimentos e de temporalidades, mas sim uma série multidirecional de factos e de acontecimentos que dependem uns dos outros para ocorrerem (Hodder, 2012: 217). Este pensamento foi determinante no processo de estudo que aqui se produziu e que reflete um pouco o sentido que este trabalho tomou: "What is determinative is the entanglement itself, the totality of the links which hold and produce individual events, things, humans" (Hodder, 2012: 112).

A decoração cerâmica

Para muitas tipologias cerâmicas, de várias épocas e latitudes, há tratados de evolução e criação artística da cerâmica, podendo em muitos casos saber-se exatamente quem produziu determinado vaso grego ou determinada *sigillata*. Isto porque em ambos os casos, tanto no caso do vaso grego, no qual poderá estar patente uma assinatura tanto do pintor como do oleiro, como no caso da *sigillata,* em que a oficina e o oleiro marcam, por vezes, as peças que são produzidas.

Tal como defende Alarcão (1996: 20) "Os homens não produzem apenas artefactos úteis, mas também objetos simbólicos". Para esta investigação este pensamento é fundamental, no sentido em que as formas que os potes ou talhas possuem não só obedecem a uma forma de fazer como a um modo de pensar e moldar os objetos. Os signos (decorações) que se colocam nas peças, e onde são colocados obedecem também, a uma ordem, a uma forma de pensamento muito próprios (Alarcão, 1996: 20). Com efeito, "Os símbolos têm uma forma, uma função e um significado, embora seja difícil analisar um aspeto sem desenvolver o outro" (Alarcão, 1996: 21). Aliás, como defende Renfrew (1994: 6): "uma componente importante da abordagem processual cognitiva consiste no exame do modo como os símbolos eram usados." Ora, se um dia pudermos alcançar o modo como eram usados, podemos provavelmente chegar ao significado que estes teriam."

Entende-se, tal como Umberto Eco (1990: 27): que um signo "é usado para transmitir uma informação".

Com efeito, a Semiologia da comunicação estuda a linguagem e também os sistemas de comunicação não linguística. A comunicação depende sempre da existência de um emissor e de

um recetor. Contudo, qualquer mensagem é produzida dentro de um contexto, e tem um código próprio (o alfabeto, uma dada mitologia, ou símbolos, compreendidos por dada comunidade). Ora, como refere Alarcão (1996: 21), os objetos pertencentes a uma dada cultura material podem ser produzidos para transmitir uma dada mensagem. Assim, considera-se, tal como Alarcão (1996: 24) que os símbolos funcionam, pelo menos, em dois planos: o social, o das relações entre pessoas, e no semântico, ou seja, no das relações entre as pessoas e os deuses (plano simbólico, ou sobrenatural).

Tal como refere Hodder (1989=2004: 73) um símbolo material possui uma durabilidade considerável, ao contrário da palavra falada. Com efeito, boa parte dos objetos e tipologias estudadas pelos arqueólogos são de longa duração, o que significa que o controle dos símbolos materiais são uma estratégia social eficaz no controle do significado e, portanto, da sociedade. Ainda assim, esse significado pode alterar-se quando ele é movido dos seus contextos de usos para outros contextos de uso, novos.

Na Arqueologia Processual procurava-se já uma explicação no plano social para a decoração. Por exemplo, a ideia de que duas tribos adotam decorações diferentes para se distinguirem uma da outra. Assim, a decoração na cerâmica seria um meio de marcar uma diferença entre duas unidades sociais e, além disso, reforçar a solidariedade interna de um grupo. Assim, a decoração marcava um meio para separar diversas unidades sociais e distâncias entre indivíduos de status diferentes (Alarcão, 1996: 23), a propósito da decoração em vasos no Sudão, refere que estes têm como objetivo distinguir diversos planos de utilização. Com efeito, os vasos decorados servem para as mulheres servirem comida aos homens, já os vasos lisos servem para servir comida entre elas. Portanto, a cultura material tem um caráter ativo naquilo que podem ser os jogos de criação de distâncias sociais (Alarcão, 1996: 38).

O facto de serem ou não produzidas certas decorações, a sua composição e posição no recipiente cerâmico podem denunciar estratégias de diferenciação social e determinadas mensagens de poder. Se, por exemplo, a decoração dos recipientes é algo escassa, se certas formas são produzidas em detrimento de outras, se se prefere uma certa decoração num dado recipiente a outra, então todas estas especificidades – de difícil interpretação – requerem uma certa tradição normativa, que regularia todos estes critérios, com ou sem influências decorativas de outras regiões peninsulares (Silva, 1986: 123-124). O predomínio de certas formas, ou de certos motivos ou técnicas decorativas traduzem *de per si* uma escolha, uma intenção. E se houve uma intenção e escolha, aí podemos falar de algo que intrinsecamente pertence a um dado

indivíduo (oleiro, neste caso), o que dificilmente se aplica à proto-história. Contudo, pode também pertencer a uma comunidade, ou mesmo a determinadas famílias que, por exemplo, optem por determinada decoração, porque as *identifica* e *diferencia* das demais, talvez e sobretudo na fase mais tardia da Idade do Ferro (Silva, 1986: 126-127). Podemos, ainda, pressupor que recipientes ricamente decorados não seriam de uso corrente e que teriam uma outra intencionalidade e função, podendo ser usados apenas por figuras proeminentes em dada comunidade ou em funções mais especiais, como por exemplo, banquetes ou cerimónias. Tudo isto porque o tempo e recursos despendidos para tornar aquele objeto ricamente decorado obrigou a escolhas pré-determinadas (Silva, 1986: 133; Rey Castiñeira e Soto Arias, 2002: 175; González-Ruibal, 2006-2007: 485).

Acrescenta-se ainda que o significado de signo para Tilley (1989=2004: 190) é apenas uma questão de diferença que funciona sempre em relação a outros signos. Com efeito, cada signo deve ser constituído por uma vasta e interminável rede de diferenças, formada por outros signos. Assim, um objeto não tem um significado último ou unitário que possa ser mantido, cada objeto tem significados múltiplos e, por vezes, contraditórios.

Foi tentando perceber de que forma as diferentes dinâmicas sociais e simbólicas se "espelharam" e, simultaneamente, agiram como elementos socialmente ativos, que estudámos as formas e decorações da cerâmica da Idade do Ferro. Privilegiámos determinados *itens* no estudo da decoração: a técnica, a organização decorativa, o sítio da peça onde esta foi colocada e os signos aí expressos. Mas, estudar a natureza dos signos utilizados na cerâmica é algo bastante complexo e tal como Tilley (1989=2004: 190) refere: "On point we can at least be certain, the archaeological pursuit of signs is no easy business."

Mesmo tendo presente que tanto nas formas dadas à cerâmica como nas decorações aí colocadas poderão envolver razões étnicas, sociais e ideológicas. A cultura material é apenas uma fração, um *frame* de toda a imagem que temos do passado (Miller, 1987).

Assim, tal como, Valera (2006: 562), defendemos que a identidade é um fenómeno social onde se organiza significados, preenchidas com muitas e diferentes dimensões em permanente contingência e estruturação. Com efeito, não defendemos um carácter determinista da identidade sendo ela uma essência, estável e inalterável, mas sim algo com infinitas variáveis, em construção e reformulação o que leva alguns autores a afirmarem que não existe um conceito de *identidade* mas sim de *identificação*. Ou seja, as relações que se estabelecem entre indivíduos e entre grupos

de indivíduos possibilita a construção e desconstrução num âmbito de relações contextuais desse mesmo processo de identificação. Com efeito, a identidade é então um processo em construção, relacional e multidimensional, e contextualmente ativa (Valera, 2006: 566). A identidade é um processo fluido e dotado de história que veicula não só as perceções como sentidos e orientações na produção de dada estrutura, objeto ou orientação funerária.

Claro que o processo de identificação é também ele um processo de classificação, já que todo o processo de pensamento e ação humano decorre através do pensamento de opostos e dual. Por conseguinte, a identificação é um processo onde selecionamos e organizamos a informação permitindo a consciência e a vivência social (Valera, 2006: 568).

3. Etapas práticas de trabalho

3.1. Trabalho inicial de gabinete

Durante o trabalho inicial de gabinete foi feita a revisão bibliográfica sobre a Idade do Ferro do Noroeste Ibérico. Isto possibilitou aumentar os conhecimentos gerais sobre esse período e o tipo de abordagens efetuadas, com ênfase para as que determinaram modelos sobre as estratégias de povoamento, a organização interna dos povoados, o estudo da cerâmica e do intercâmbio. Este trabalho baseou-se na análise da documentação (teses, dissertações, monografias, livros, artigos, capítulos de livros, relatórios de escavações) e de cartografia.

Foi efetuada pesquisa bibliográfica adicional, de índole teórico-metodológica, sobre cerâmica e sobre os conceitos a utilizar, como os de cadeia-operatória, estilo, decoração, identidade.

Durante a revisão bibliográfica fomos inventariando os povoados que se encontravam ao longo da linha costeira e no estuário dos rios em estudo, numa extensão, em média, de 11 km da linha costeira, através de uma base de dados, também ela construída nesta etapa.

A produção deste inventário possibilitou verificar, por exemplo, se um determinado povoado tinha dados que proporcionassem a sua integração cronológico-cultural.

Tendo em consideração este último facto, percebemos, a dado momento que, do inventário, constavam sítios com informação muito desigual. Esta primeira abordagem possibilitou encontrar acervos que se podiam rever, no sentido de se estabelecer um quadro crono-tipológico mais detalhado para cada sítio e determinar o impacto que poderiam ter tido no intercâmbio

suprarregional, ao longo do I° milénio a.C. Alguns materiais forneceram, também, informações relevantes sobre parte da economia de alguns povoados.

Este último trabalho efetuou-se no que designámos por trabalho de laboratório.

3.2. Trabalho de laboratório

Optámos, assim, por rever as coleções antigas[9] dos seguintes povoados, de norte para sul: Santo António (Afife, Viana do Castelo), Moldes (Castelo do Neiva, Viana do Castelo), Belinho (Antas, Esposende) e Faria (Barcelos), além dos materiais provenientes do túmulo da Cova da Moura[10] (Carreço, Viana do Castelo) que se publicam no Anexo I deste trabalho.

De seguida, efetuámos o estudo monográfico das coleções provenientes de escavações mais recentes, como as sondagens efetuadas em Santa Luzia (Viana do Castelo), da responsabilidade de Sílvia Mendes, entre 2002 e 2006, a pedido da tutela (Mendes, 2008); as escavações em área da Terronha (Viana do Castelo) realizadas por Francisco Queiroga (2000); de S. João (Vila do Conde) desenvolvidas por Rui Pinheiro, da ERA, ARQUEOLOGIA S.A. (Pinheiro, 2020; Carvalho *et al.,* 2024) e as sondagens de S. Paio (Vila do Conde), da responsabilidade de Paulo Costa Pinto e Carlos Alberto Brochado de Almeida do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde (Pinto e Almeida, 1994, 1994a, 1996) que se publicam no Anexo II.

Foram, ainda, analisadas pequenas coleções de superfície ou resultantes de escavações clandestinas, de vários locais, a saber: povoado de Vilar de Mouros (Caminha); Santo Amaro (Riba de Âncora, Caminha); Alto da Crôa (Carreço, Viana do Castelo) e São Félix (Laúndos, Póvoa de Varzim). Também se efetuaram revisões rápidas de coleções já estudadas e publicadas como as dos povoados do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha), Terroso (Póvoa de Varzim) e Bagunte (Vila do Conde). Os resultados de todos estes estudos incluem-se, apenas, no inventário, mas foram determinantes para estabelecer a cronologia de ocupação de alguns locais e precisar tipologias de materiais de importação.

Sempre que possível o material arqueológico foi estudado nas instalações do Museu D. Diogo de Sousa (MDDS) (Braga). Foi escolhida esta instituição uma vez que possui todas as condições laboratoriais indispensáveis para levar a cabo este trabalho.

O estudo dos elementos cerâmicos recolhidos fez-se, tendo em conta, todos os fragmentos, desde o mais pequeno ao recipiente completo. Foi, ainda, efetuada pesquisa sistemática com o

[9] Muitas vezes dispersas por vários museus.
[10] Cujos materiais encontram-se em depósito no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa.

objetivo de aumentar o número de casos com perfis completos, que possibilitassem colagem[11] e facilitassem a sua classificação tipológica e o seu desenho.

Os recipientes que considerámos como indicadores fundamentais para ilustrar os objetivos e as considerações finais deste trabalho foram desenhados, embora se tenha realizado o registo fotográfico de muitas peças (sobretudo de fragmentos decorados), por forma a ilustrar adequadamente o trabalho. O autor tem formação em desenho arqueológico de materiais e fotografia pelo que esta tarefa foi relativamente simples[12].

Quando se encontraram aderências orgânicas nas pastas cerâmicas, foram efetuadas recolhas para análises de química orgânica, entre outras, com o objetivo de se conhecer, de forma objetiva, a funcionalidade de alguns recipientes[13]. As análises foram enviadas para o laboratório Hércules, em Évora, mas não chegaram a tempo de serem incluídas neste trabalho.

A cerâmica da Idade do Bronze foi estudada tendo em conta a tabela formal de Bettencourt (1999: 123-137). Para o estudo das materialidades locais da Idade do Ferro, recorreu-se, de início, à tabela formal (Fig. 1.3) da Idade do Ferro Antiga e Recente de Martins (1987, 1990), existente para o curso médio do Cávado, que será atualizada, caso seja necessário. Quanto à cerâmica da Idade do Ferro da Galiza destaca-se o trabalho que foi desenvolvido por Carballo Arceo *et al.* (1988: 176) e, sobretudo, por Josefa Rey Castiñeira (1983, 1990-1991, 1991, 1995, 1999, *et al.,* 2013).

No estudo destas cerâmicas seguiram-se dois grandes critérios descritivos: os tecnológicos e os formais. Este estudo não foi isento de dificuldades. Uma delas é o da perceção sobre se as peças foram produzidas à roda ou a torno, já que neste tipo de cerâmica o alisamento que possuem, como acabamento, destrói, praticamente, as evidências de um ou outro tipo de produção (Martins, 1990: 160). Assim, a distinção – bastante comum – que se faz entre roda (para alguns designado por torno lento) e torno rápido é bastante complexa de se aplicar no estudo destas cerâmicas. Neste trabalho optou-se pela classificação por dois grandes grupos: cerâmica manual ou cerâmica à roda/torno, não distinguido o torno lento do rápido.

[11] No que concerne à descolagem (no caso de colagens antigas) e colagem de fragmentos foram utilizados os seguintes passos: retirar a cola antiga com um solvente (Acetona) e ação mecânica; limpar toda a fratura com acetona e por processos mecânicos; nova colagem dos fragmentos com *Paraloid B72*. Para reconstituir a peça e/ou para auxiliar a colagem, em certos pontos mais frágeis, foi usada uma mistura de Pasta *Darwi*, barro e *Sintolit*.

[12] Sempre que necessário, esse trabalho teve a orientação de Amélia Marques, desenhadora do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa.

[13] Para retirar amostras (restos de fuligem ou impregnações da peça), existentes nas superfícies exteriores ou interiores das peças foi utilizado um bisturi esterilizado e a amostra foi colocada em papel de alumínio e devidamente fechada e acondicionada. De seguida, procedeu-se ao registo da amostra, indicando o número de inventário da peça, existente no MDDS e o local de onde foi retirada a amostra (zona exterior, interior, zona do bojo, bordo, base...) e a data.

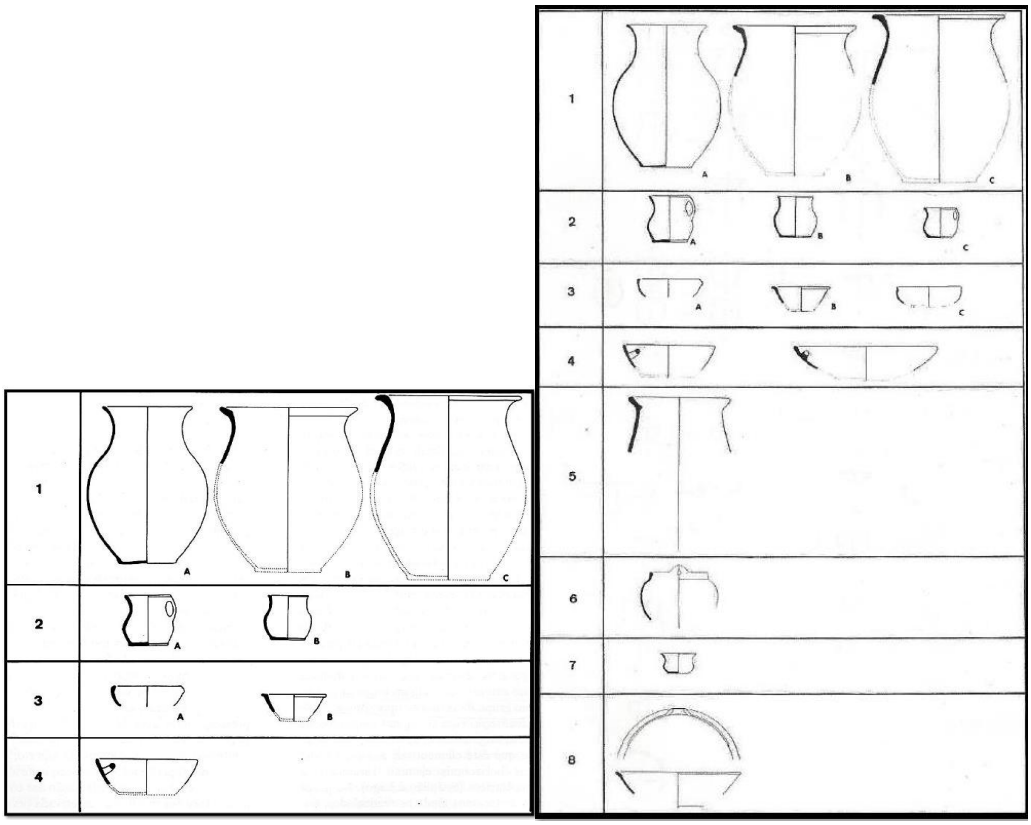


Fig. 1.3 Tabelas formais da Idade do Ferro Antigo e Recente, segundo M. Martins (1990).

No que diz respeito ao estudo dos restantes aspetos tecnológicos, os fragmentos foram analisados segundo os seguintes critérios: cozedura, elementos não plásticos, textura e acabamento.

Foi tido em conta, nos elementos não plásticos, as areias, calcites ou micas (biotite[14] e moscovite[15]) que servem, muitas vezes, como efeito estético (Alarcão, 2004: 43). Um destes casos é a cerâmica da Idade do Ferro do Noroeste português.

Aliás, Martins (1990: 142) admite que a inclusão de micas, em muitos casos, é algo propositado. No nosso entender esta inclusão de micas seria para fazer com que a cerâmica imitasse – de certa forma – o brilho dos metais.

A análise das cozeduras dos objetos determina se são realizadas em ambiente redutor ou oxidante.

Quanto ao acabamento das peças foram detetados ao longo do trabalho alguns fragmentos que possuem uma espécie de cobertura sobre a pasta. Não foi possível atribuir o termo de engobe,

[14] Da classe dos silicatos, e subclasse dos filossilicatos, é um grupo de micas de cor escura.
[15] Da classe dos silicatos, e subclasse dos filossilicatos, é um grupo de micas praticamente transparente e muito brilhante. É um mineral bastante comum nos granitos e por isso um recurso de fácil obtenção no norte de Portugal, já que a natureza granítica dos solos dessa área é bastante recorrente.

porque este termo está relacionado com a cerâmica de prestígio e de luxo romana. Assim, notando esta espécie de cobertura a negro ou a vermelho sobre alguns fragmentos de cerâmica indígena optou-se por utilizar o termo aguada. Trata-se de um tratamento da superfície externa das peças cerâmicas com uma espécie de engobe, de fraca qualidade, talvez aplicada por pincelagem. Quanto à composição destas aguadas serão necessários mais estudos para saber como é realizada.

Julgamos que esta *aguada* sobre algumas formas cerâmicas corresponde a uma imitação do que já se faria no sul da Península Ibérica.

As decorações foram divididas em duas grandes categorias: decorações simples (quando se apresenta apenas uma técnica com um ou vários motivos) e decorações complexas (quando o fragmento apresenta duas ou mais técnicas decorativas).

As formas anfóricas de época púnica foram inseridas na tipologia de Rámon Torres (1995), e para as ânforas da Idade do Ferro Antigo seguimos ainda a tipologia de Pellicer Cátalan (1978), na cerâmica de origem ática foram observadas as tipologias de Sparkes e Talcott (1970), que partiram do estudo das produções cerâmicas da Ágora de Atenas; o material anfórico romano de tipo Dressel foi classificado segundo as tipologias de Peacock (1971) e Peacock e Williams (1986); para as Haltern 70 usaram-se as obras de Tchernia (1980) e Carreras Monfort *et al*. (2004) e os subcritérios de Morais (1998: 45) e Berni, (2011), quando possível; para as Ovóide Lusitana a referência foi Morais (2004c); as Ovóide 1 foram classificadas segundo García Vargas (2012); as Ovóide 4, segundo Fabião (2000), Almeida (2008) e García Vargas (2012); as Ovóide 6 segundo Fabião (2000: 670-671) e García Vargas *et al.* (2011: 228-235); as Oberaden 83 segundo García Vargas *et al*. (2011: 238) e González Cesteros e Almeida (2017: 49-51); já as Dressel 7-11 foram classificadas a partir da obra de García Vargas (2004); as Dressel 1 (produção do Guadalquivir), a partir dos estudos de Molina Vidal (1997) e Fabião (1998); as Dressel 12, a partir de Béltran (1970) e as Dressel 14, a partir de Mayet *et al.* (1996) e Arruda *et al.* (2006a, 2006b).

Quanto à cerâmica comum, proveniente da baía de Cádis, seguimos os preceitos de Sáez Romero (2005), além de termos realizado uma classificação tendo como ponto de partida categorias morfo-funcionais. Para a cerâmica comum produzida na área da Bética foram usadas as tipologias definidas por Colls *et al.* (1977).

As cerâmicas de tipo campaniense romanas foram integradas nas tipologias de N. Lamboglia (1952).

Para a cerâmica comum e fina produzida em cronologia Alto-imperial romana, foram utilizadas as tabelas formais e tipologias descritas por Morais (2004b) e Delgado e Morais (2009). Para cerâmicas finas de importação, como sigillata itálica, foi usada a tabela tipológica de Ettlinger *et al.* (1990) e para a sigillata hispânica de tipo peñaflor foram usados as tipologias definidas por Martinez (1987; 1989).

Os estudos dos níveis de fragmentação e dos índices de erosão dos elementos cerâmicos foram realizados com base nas propostas de Brudenell e Cooper (2008), importantes para estudo dos fenómenos deposicionais e pós-deposicionais num dado sítio arqueológico.

Sempre que foi necessário esclarecer dúvidas sobre a composição das pastas foi utilizada uma lupa binocular. Quando houve necessidade foi feita, também, uma observação microscópica dos fragmentos.

Os vidros pré-romanos estudaram-se a partir da classificação usada por Gomes (2012).

Além dos materiais cerâmicos e de pasta vítrea, foi estudado, por vezes, o espólio metálico encontrado em alguns dos sítios escavados, principalmente quando se encontravam em contexto ou possibilitavam cronologia. Entre estes, identificaram-se ligas de cobre e objetos em ferro.

Na sua maioria os objetos de ferro eram de difícil caracterização por estarem em profundo estado de desagregação. Encontravam-se muito mineralizados, com corrosão ativa, com destacamentos lamelares e deformações e, em alguns casos com perda de material. Assim, previamente ao seu estudo foram sujeitos a várias intervenções quer de consolidação[16] quer de estabilidade estrutural[17], no Laboratório de Restauro do MDDS [18], com o objetivo lhe conferir leitura.

Quanto às ligas de cobre o processo de conservação e restauro foi ligeiramente diferente e mais simples[19].

---

[16] A consolidação passou pelas seguintes etapas: estabilização química e consolidação das matérias; limpezas de zonas deformadas; colagens dos fragmentos e tratamentos de consolidação com produtos químicos como, Benzotriazol e Incralac mateado com Gasil 23D; proteção das peças com Neutra Rust.

[17] Depois desta primeira etapa os objetos foram limpos a jato abrasivo com esferas de vidro, com o objetivo de remover sedimentos e concreções agregadas. A seguir, e por processos mecânicos, e dependendo dos casos, foram utilizados discos abrasivos. De seguida foi efetuada a sua estabilização em vácuo, com hidróxido de sódio a 1,5% (Soda Cáustica) e a sua consolidação com Paraloid B72 e Tanino. Em algumas peças este procedimento foi repetido sempre que se considerou conveniente. Por vezes, depois desta intervenção inicial, o objeto foi levado novamente a uma consolidação com Paraloid B72 e Tanino, em vácuo, por forma a aumentar a sua resistência.
De seguida, procedeu-se, em alguns casos, a eventuais reconstituições volumétricas de lacunas ou reforço de fissuras. Para tal foi utilizada uma pasta composta por Resina Epóxida (Rezosurf 816) e Silica Pirogenada (Gasil 23). Para a proteção das peças aplicou-se, a pincel, uma emulsão acrílico-vinílica contendo taninos (Neutra Rust), frequentemente, apelidado de conversor de ferrugem. Para finalizar o tratamento das peças estas foram mergulhadas numa mistura previamente aquecida, de cera de abelha e de resina colofónia. Finalmente, removeu-se o excesso e minimizaram-se os brilhos na peça.

[18] Um agradecimento especial ao Dr. Vítor Hugo Torres, desta instituição, por toda a ajuda nos trabalhos de conservação e restauro de algumas das peças metálicas.

[19] Inicialmente foi realizada uma estabilização química com uma solução alcoólica de Benzotriazol (3%). De seguida, consolidou-se as peças com Paraloid B72 em Acetona. Posteriormente, estas foram limpas por método mecânico para remoção de depósitos de concreções de corrosão e de solo, em alguns dos casos. A seguir, as peças foram submetidas, novamente a nova estabilização e a nova consolidação, em vácuo e a pincel, sempre que se verificou a sua necessidade. Finalmente, a peça foi protegida com um filme de verniz Incralac mateado com Gasil 23D.

As fíbulas foram classificadas segundo a tipologia de Salete da Ponte (2006) e as terminologias definidas por Silva (1986).

Relativamente aos métodos de datação foram utilizadas datações absolutas, frequentemente realizadas por AMS, dada a exiguidade das amostras (fuligem ou material orgânico nas paredes dos vasos). Estas foram enviadas para os seguintes Laboratórios: *International Chemical Analysis – ICA*, e a *Beta Analytic* nos Estados Unidos da América, e *Vilnius Radiocarbon*, na Lituânia. Estas datações só foram possíveis graças a fundos disponibilizados pela instituição de acolhimento deste trabalho, o Lab2Pt, que foi adjudicando as verbas necessárias para a sua concretização. Estas revelaram-se fundamentais para este projeto.

Porém, uma fonte importante de datação de estratos e estruturas, embora relativa, foi o estudo das características tecnológicas e formais dos materiais cerâmicos. Este método de datação está intimamente ligado com as noções de estratigrafia e os princípios postulados por Harris (1989) mas, também, aos conceitos de tipologia e de seriação. A tipologia assenta na definição de *tipo*. Tal como Thomas (1998: 235) o define: um *tipo* é a unidade básica de classificação arqueológica definido por um conjunto de atributos, acrescentando que são os arqueólogos a criar essas categorias para poder constituir e perceber uma cultura material do passado.

As datações relativas foram também possíveis através do estudo de materiais de importação.

À medida que fomos estudando os materiais fomos, também, preenchendo a base de dados em *Excel*.

3.3. Trabalho de campo

O trabalho de campo focou-se na visita a cada sítio arqueológico que foi estudado, para assim compreendermos melhor as suas condições de implantação, o seu contexto físico local e o seu grau de conservação ou destruição. Foram também observadas algumas estruturas e os seus aparelhos, e foi ainda analisado material de superfície existente.

3.4 Trabalho avançado de gabinete

Na última etapa deste trabalho, foi necessário confrontar a totalidade dos dados estudados e as pesquisas necessárias para dar resposta aos objetivos enunciados.

Cada povoado estudado foi apresentado monograficamente, obedecendo aos seguintes critérios: historial de investigação (descrevendo, detalhadamente, a investigação produzida até ao período inicial desta tese); descrição aturada do contexto administrativo e físico; contexto arqueológico próximo (ou seja, dos povoados da Idade do Ferro, genericamente contemporâneos). A partir deste ponto a organização das monografias difere um pouco entre si. No caso daquelas onde apenas se realizou a **revisão de coleções antigas** (Santo António, em Afife, Viana do Castelo; Moldes, em Castelo do Neiva, Viana do Castelo; Belinho, em Belinho, Esposende, e Faria, em Gilmonde, Barcelos), a descrição dos materiais estudados fez-se sem relações estratigráficas, por não existirem, serem demasiado genéricas ou não estarem disponíveis. Foi ainda integrado neste ponto o estudo do material do monumento funerário da Cova da Moura, em Carreço (Viana do Castelo), por se tratar de um monumento ímpar no Noroeste português e cujo espólio e contexto se encontrava praticamente inédito.

Os **estudos monográficos** de materiais provenientes de escavações mais recentes, como os de Santa Luzia, em Viana do Castelo; da Terronha, em Cardielos, Viana do Castelo; de S. João, em Vila do Conde e de S. Paio, em Labruge, Vila do Conde fez-se em relação estratigráfica, tendo sido realizada uma descrição detalhada dos contextos e estruturas. Em alguns casos, foram acrescentados materiais sem contexto, provenientes destes sítios arqueológicos, em depósito em diversas instituições museológicas e públicas de Portugal, dada a sua importância e ineditismo.

A partir deste ponto, a descrição dos povoados estudados volta a ter a mesma estrutura, em ambos são considerados os *itens*: cronologias e fases de ocupação, discussão dos dados registados e problematização dos resultados à escala local e regional. No fim de cada estudo monográfico foi acrescentada a bibliografia para facilitar futura publicação.

Quanto às análises espaciais para interpretações relacionadas com a exploração dos recursos naturais, no contexto pedestre de 2 h, foi seguida a metodologia de Tobler[20]. Esta metodologia foi aplicada a um MDT (modelo digital de terreno).

Além disso, para se tentar compreender qual seria o controlo visual que teriam as populações a partir dos seus povoados mais próximos, num raio de 15 km ou mais, foi aplicado o mesmo MDT, sendo produzidos vários mapas onde foi problematizada a intervisibilidade entre povoados e a área litoral.

[20] Trata-se de uma função exponencial formulada pelo geógrafo Waldo Tobler (1930-2018), na qual se determina a velocidade da caminhada, tendo em consideração o ângulo de inclinação de determinado relevo.

Foram, ainda, efetuados e publicados artigos em revistas com revisão por pares, apresentadas comunicações e *posters* em congressos nacionais e internacionais, facilitando assim a redação final da tese.

PARTE III – ÁREA GEOGRÁFICA EM ESTUDO: O LITORAL ENTRE OS RIOS MINHO E AVE

"O mar é o mais poderoso factor de relações geográficas remotas. Caminho aberto para todos os lugares do mundo, nas suas cidades-porto no exótico cabe sempre o local."

Portugal, o Mediterrâneo e Atlântico

Orlando Ribeiro (1945: 104)

1. Caracterização genérica

Este capítulo incide sobre as características físicas, ambientais e paleoambientais (disponíveis) para a faixa litoral, entre os rios Minho e Onda, no Noroeste da Península Ibérica, que correspondem aos limites norte e sul deste projeto (Fig. 1.4). A faixa litoral é limitada por orografias mais ou menos proeminentes, a este[21], e pelo oceano Atlântico, a oeste. No entanto, foram igualmente comtemplados os estuários dos principais rios (margem sul do Minho, Âncora, Lima, Neiva, Cávado e Ave), pela sua ligação evidente ao litoral.

A área geográfica em estudo compreende, grosso modo, a antiga província do Entre-Douro-e-Minho, e que hoje em termos administrativos integra a NUT[22] II e III. A área integra, de norte para sul, os distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto.

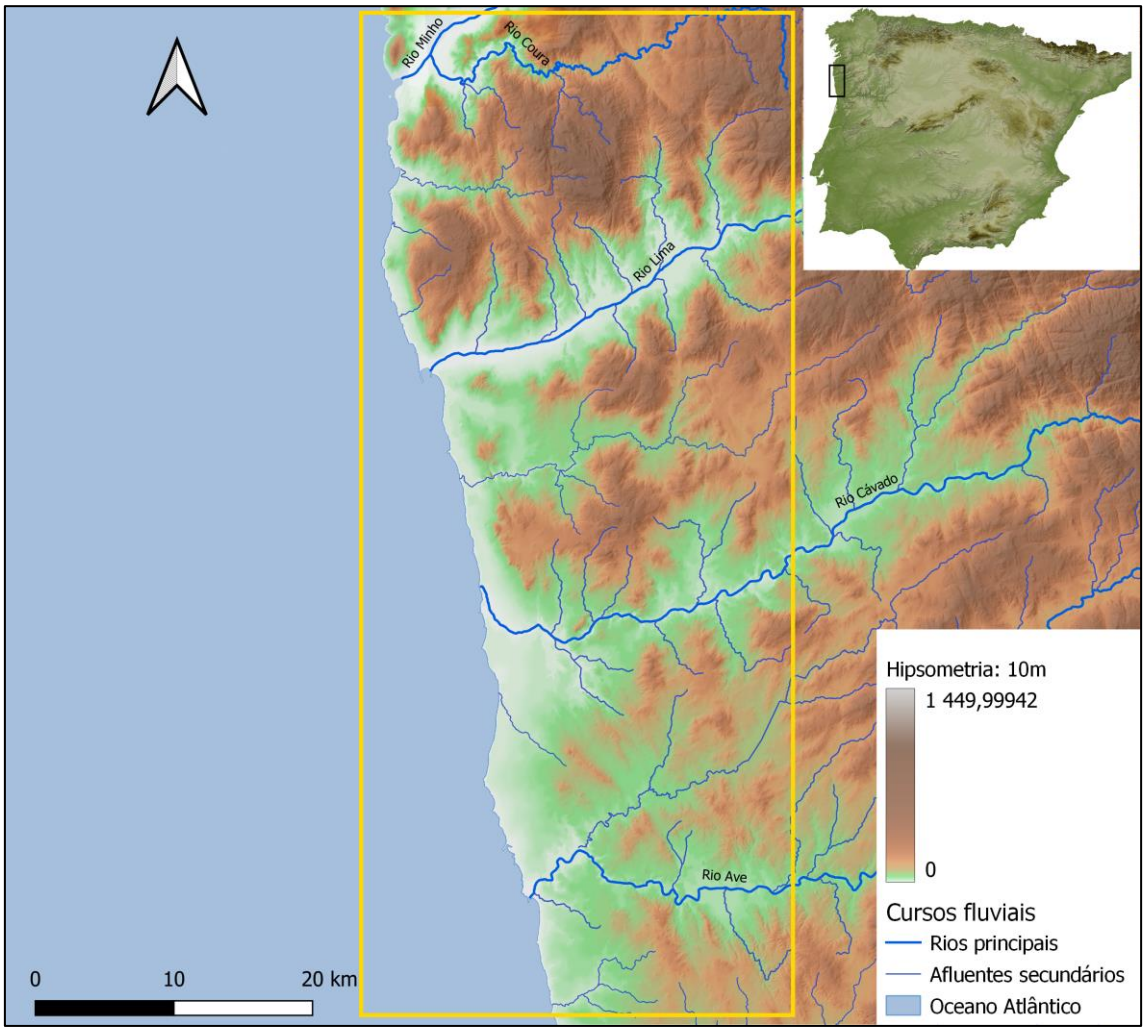


Fig. 1.4 Localização da área de estudo na Península Ibérica.

[21] Como por exemplo, os Montes de Caminha, a Serra de Santa Luzia, a Arriba Fóssil de Esposende, o Monte da Franqueira, o Monte de São Félix, entre outros.
[22] Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins estatísticos.

Toda esta área enquadra-se, litologicamente[23], no chamado Maciço Hespérico peninsular constituído, na sua maioria, por granitos, xistos e quartzitos, existindo ainda formações de cobertura (o caso das aluviões) que datam do Holocénico e do Plio-Plistocénico (no caso dos terraços fluviais) (Leite *et al.,* 2014). Esses terraços, tal como as areias litorais, são de formação geológica mais recente.

Os vales dos rios principais, em algumas áreas dos seus cursos, possuem areno-silto-argilosos e depósitos arenosos. Contudo, ainda é possível observar formações metassedimentares de idade Ante-Ordovícia (Leite *et al.,* 2014: 14).

Ocorrem, ainda, manchas de rochas ígneas que pertencem ao maciço granítico do Minho e das Beiras, além de uma pequena área na zona do "Granito do Grande Porto". Com efeito, este maciço granítico é composto por granitos calco-alcalinos de grão grosseiro, por vezes porfiróide, mas com composições e texturas um pouco diversas. No contacto com esse maciço granítico encontram-se, também, orlas do metamorfismo termal, compostas por corneanas pelíticas e xistos mosqueados, compreendidos entre a Idade Paleozoíca e Ante-Ordovícia (Leite *et al.,* 2014: 14) (Fig. 1.5).

Como resultado das atividades tectónicas, formou-se uma densa rede de fracturação com orientações nos sentidos NW-SE e NE-SW o que marca, de forma indelével, toda a rede de drenagem desta região. Por consequência, e de uma maneira geral, os principais cursos de água (Minho, Âncora, Lima, Neiva, Cávado e Ave) correm no sentido ENE-WSW. Estes cursos de água possuem, junto ao litoral, uma configuração bastaste aberta e larga, enquanto nas áreas montanhosas (que não ficam muito longe do litoral), os rios correm em vales estreitos e muito profundos (Ferreira, 1983; Teles, 2002) (Fig. 1.5).

[23] Esta caracterização geral tem por base a análise das cartas geológicas 1-C (Caminha), 5-A (Viana do Castelo), 5-C (Barcelos) e 9-A (Póvoa de Varzim), além das respetivas notícias explicativas.

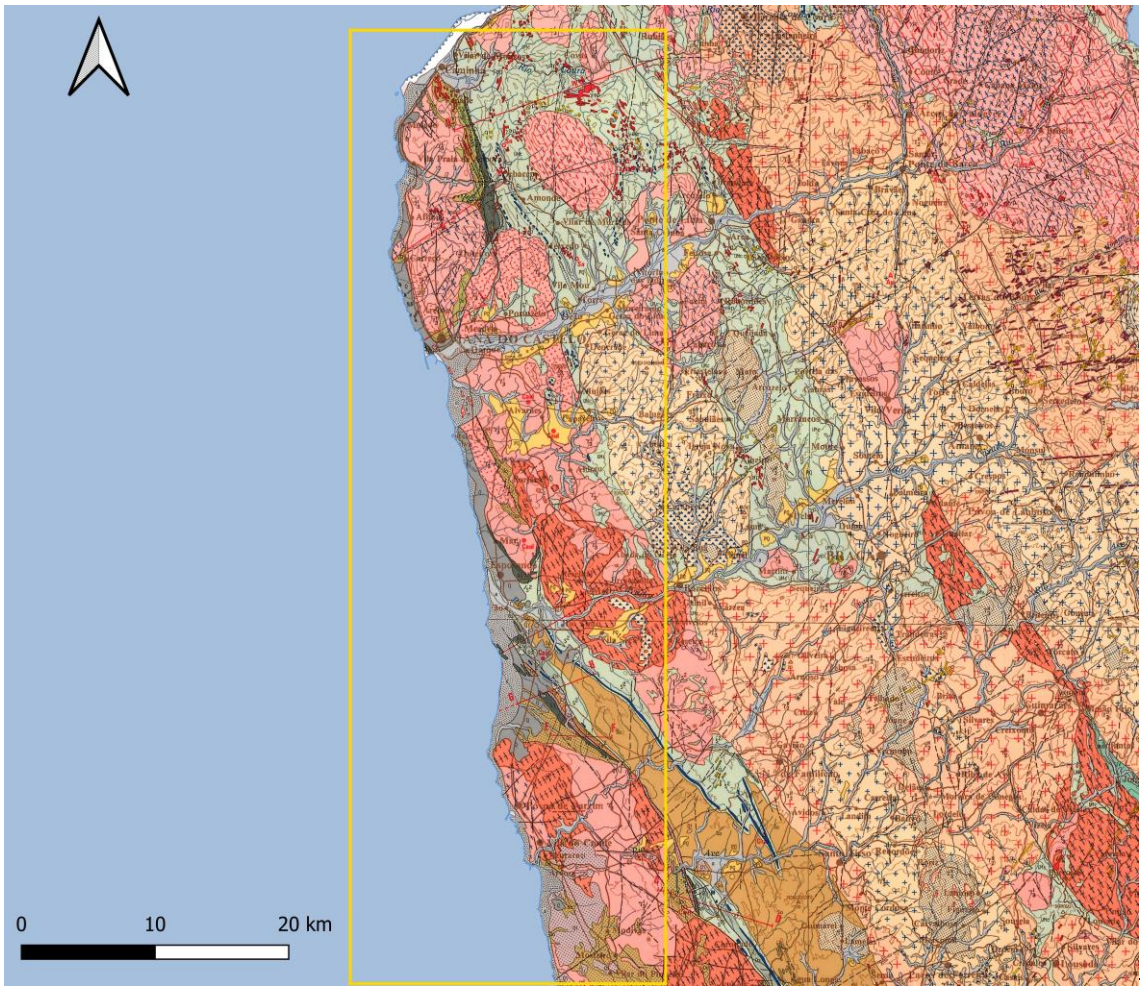


Fig. 1.5 Carta Geológica de Portugal (excerto), à escala 1:200000, Folha 1 (SGP) (1982), com a área de trabalho genericamente definida.

Esta rede de fraturas possibilitou, em termos de litológicos, o aparecimento das mais variadas mineralizações filonianas com grande potencial económico. Destes filões podemos referir os casos do estanho, do volfrâmio, do ouro, do ferro, entre outros. Esta riqueza mineira do noroeste encontra-se referenciada em textos da antiguidade clássica, como por exemplo Estrabão (III, 2, 8-9) e Plínio (XXXIV, 47 *in* A. Guerra (1995)).

A foz do Minho é ladeada por dois montes de grande impressividade, o de Santa Tecla, na Galiza, e o de Santo António, em Portugal, que pertence a um relevo disposto de nordeste para sudoeste, com o seu ponto mais alto a 410 metros de altitude (Espiga) e que se estende até à foz do Âncora. A foz do Minho, na margem sul, tem uma plataforma litoral formada por um grande complexo de dunas, tornando-se mais estreita, embora arenosa, entre Moledo e Vila Praia de Âncora.

De forma geral, em termos topográficos, podemos referir que, na orla litoral, dominam os relevos entre os 10 metros e os 550 metros de altitude, sendo o mais elevado, a Serra de Santa Luzia que se estende de norte para sul, entre os rios Âncora e Lima. Aí, o litoral é estreito, arenoso, apenas pontuado pelo promontório de Carreço (Fig. 1.6).

Entre o Lima e o Neiva a faixa litoral apresenta alguns acidentes orográficos importantes. São eles: o Alto do Galeão, o outeiro de Castelo do Neiva e a elevação da Guilheta, local onde se implanta o Castro de Moldes. Finalmente, atravessando o rio Neiva para a margem esquerda, notamos ainda um outeiro impressivo aplanado e residual, em Belinho, Esposende (local onde se situa o povoado proto-histórico de Belinho). Nesta área os relevos descritos oscilam entre os 126 e os 178 metros de altitude.

A partir do outeiro de Belinho até à Palmeira de Faro notamos uma extensa arriba fóssil que integra todo o concelho de Esposende. Esta arriba fóssil é pontuada por vários pontos elevados, entre 170 e os 233 metros. Este conjunto orográfico forma o planalto de Vila Chã a nascente. Esta arriba fóssil tem as suas vertentes oeste, noroeste e sudoeste voltadas para o oceano. Nessa área a faixa costeira é pequena, muito plana, baixa e arenosa.

Mais para montante, no estuário do Cávado, ainda na margem direita, desenvolve-se a serra do Catulo, na qual fica instalado o povoado proto-histórico do Alto do Torre, no seu esporão a nascente. Esta serra tem 547 metros de altitude máxima. Na margem esquerda do rio Cávado, devemos referir a serra de Franqueira, em pleno estuário, com uma altitude de 296 metros, onde se localizou o povoado da Idade do Ferro de Faria, instalado num remate de esporão a 258 metros. De referir, ainda, a existência de alguns outeiros, no curso final do rio Cávado, na margem esquerda, com uma altitude entre 133 e os 119 metros.

A partir da foz do Cávado, para sul, a faixa costeira torna-se praticamente plana até à foz do Ave, sendo que a linha costeira é baixa, mas, por vezes rochosa, onde se destaca o cabo de Santo André.

Entre a foz do rio Cávado e a foz do rio Ave, além da serra da Franqueira, devemos destacar a serra de Rates, onde se observam várias colinas, por vezes impressivas, como é o caso do Monte de S. Félix (202 metros). No litoral há ainda pequenos relevos residuais, como o outeiro aplanado de S. Salvador (153 metros) onde se implanta o povoado de Terroso.

Sobre o curso final do rio Ave, na margem direita encontra-se um pequeno outeiro residual de 29 metros de altura, local onde se implanta o povoado de S. João. O mesmo acontece a 1 km para oeste com um outro outeiro com 39 metros de altitude.

A sul do Ave, destaca-se a serra de Santa Eufémia e o Monte Grande, local onde se insere o castro de Alvarelhos. Junto à costa, entre o Ave e a foz do Onda, é de notar um pequeno acidente geográfico, com 14 metros de altitude, entre a praia do Castro de S. Paio e a praia de Labruge. Esta pequena elevação é o local onde se instalou o povoado proto-histórico de S. Paio. Com esta exceção, a fachada costeira é arenosa e baixa.

Em termos genéricos, relativamente à linha costeira, podemos referir que assenta sobre as rochas do Maciço Hespérico. Predominam afloramentos de rochas ígneas ou metamórficas que parecem entrar em contacto com o mar. Em algumas zonas a costa apresenta-se com arribas baixas.

Mais de metade do litoral parece corresponder a areias de praia e, marginalmente, a material mais grosseiro, como é o caso de calhaus, cascalho e blocos. Em alguns casos, durante o inverno ou em casos de tempestade, como a cobertura de areias não são muito espessas, revelam-se afloramentos rochosos escondidos sob a cobertura detrítica. Em locais com presença de rochas graníticas e metamórficas mais estáveis, a erosão do mar orientada por fraturas e falhas pode criar alguns entalhes (Araújo, 2016).

A partir de Espinho até à foz do rio Minho a costa é, predominantemente, baixa e rochosa, pouco linear, na qual desaguam os principais rios formando, no geral, vales abertos. A costa é constituída na sua maioria por praias de areias relativamente finas (Araújo, 2016).

Em termos climáticos, o Noroeste português, encontra-se localizado numa zona subtropical do hemisfério Norte, possuindo um clima temperado mediterrâneo. Uma das suas mais importantes características é o seu regime de pluviosidade, devido ao apelidado de barreira de condensação (Daveau *et al.,* 1977). Esta barreira produzida por maciços montanhosos, a cerca de 50 km da costa, conjugada com as superfícies frontais, formando em média precipitação que ronda os 1800mm. Com efeito "do ocidente, vêm massas de ar atlântico que envolvem os cimos de nuvens espessas, o que provoca nevoeiros frequentes e vertentes nebulosas que, aliados a uma insolação relativamente baixa, completam as características do clima da região" (Daveau *et al.,* 1977). Por conseguinte, esta região possui dois tipos de influência, a mediterrânea que se faz sentir, sobretudo, no verão, com temperaturas elevadas e precipitação reduzida, levando a que ribeiros e alguns afluentes sequem, embora o litoral não seja tão afetado devido à influência do oceano; e por outro lado a influência atlântica, que se faz notar sobretudo durante o inverno, com um regime pluviométrico bastante elevado e temperaturas relativamente suaves. Por

consequência Daveau (1985) classifica o noroeste de Portugal como estando localizado na "fachada atlântica", pertencente ao subtipo climático "marítimo".

Como refere Ribeiro (1945: 202) os "campos, matas e prados do Noroeste carregam-se de uma verdura espessa, que evoca ... a Bretanha ou a Irlanda, em oposição a terras tramontanas, por onde a aridez já se pressente e a cujos vales chagam o calor, a secura e uma vestimenta vegetal comuns ao extremo Sul do país".

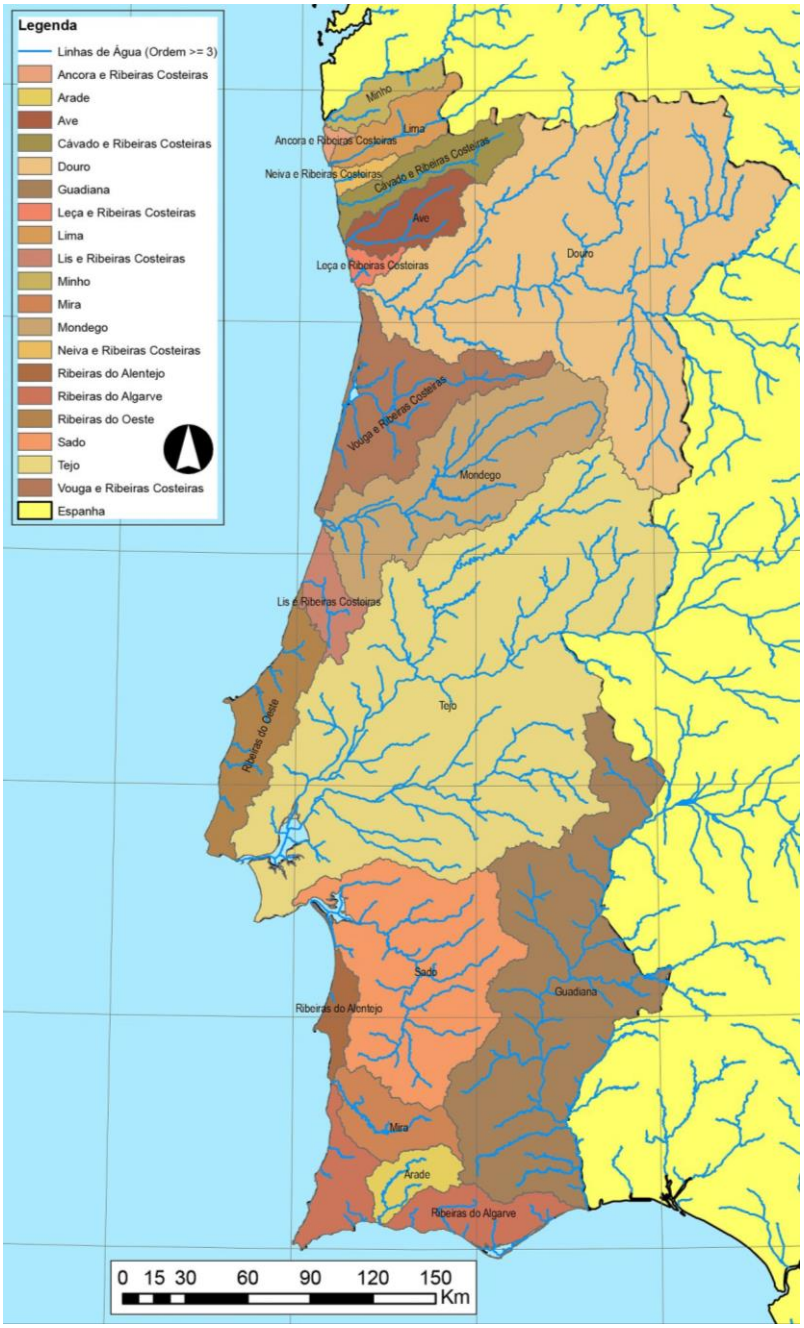


Fig. 1.6 Bacias hidrográficas de Portugal continental (fonte: SNIRH - Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos).

2. Caracterização da área de estudo por bacias fluviais e ribeiras litorais

Os rios na antiguidade seriam uma das principais vias de circulação de pessoas, bens e ideias. Por isso, privilegiámos o enquadramento geográfico deste trabalho segundo as bacias hidrográficas (Fig. 1.7), o que justifica a sua caracterização mais detalhada. No que diz respeito à evolução detalhada e a importância dos rios e estuários portugueses na antiguidade veja-se os trabalhos de S. Daveau (1995) ou Blot (2003), e a importância dos estuários na constituição dos primeiros portos e futuras cidades ribeirinhas.

Como refere Orlando Ribeiro (1945: 219): "Um rio profundo pode constituir, para as relações humanas, um obstáculo ou um limite e, todavia, marcar, num tracto da mesma natureza, apenas um *acidente pouco importante*...pois numa bacia fluvial raras vezes deixam de apresentar-se caracteres comuns a ambas as margens...".

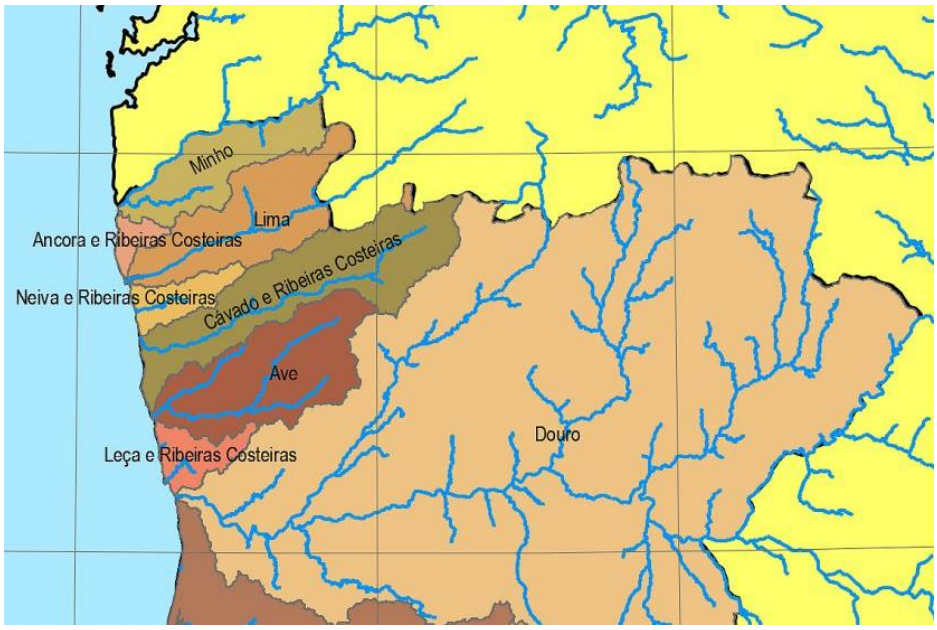


Fig. 1.7 Bacias fluviais e ribeiras costeiras do Minho ao Douro, a partir do mapa anterior (fonte: SNIRH - Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos).

2.1 Bacia hidrográfica do rio Minho[24]

2.1.1. Hidrografia

O rio Minho é um rio internacional cuja nascente se situa a cerca de 750 metros de altitude, na serra de Meira, na Comunidade Autónoma da Galiza, e percorre cerca de 340 km até desaguar no oceano Atlântico, a sul da localidade de A Guarda e a norte de Caminha. Nos últimos 75 km

[24] É caracterizada apenas a margem sul deste rio, ou seja, a área portuguesa.

do seu percurso, entre o concelho de Melgaço e a foz, determina a fronteira entre Espanha e Portugal.

Os principais afluentes da margem esquerda deste rio, portanto do lado português e de oeste para este são: os rios Coura, Gadanha, Mouro e Trancoso (este último faz fronteira com Espanha em Melgaço). O principal afluente, em Portugal, é o rio Coura.

Além dos afluentes e muitos ribeiros, contam-se 14 ilhas em todo o troço do rio Minho. Destas, cinco ilhas são parte integrante do território português, são elas: as ilhas dos Amores, Boega e Lenta, ambas em Vila Nova de Cerveira, e de Conguedo e de São Pedro, em Valença.

A sua bacia hidrográfica possui um total de 17081 km^2, contudo apenas 846 km^2 são em território português. Nas cotas mais baixas é de destacar o escalonamento de alguns terraços fluviais, sobretudo em Valença e em Monção (Pereira *et al.,* 1992).

O vale do rio Minho é amplo e largo no seu curso inferior, pontuado por ilhas fluviais e bancos de areia, cuja formação está associada a uma grande deposição de sedimentos em zonas de correntes muito lentas, devido também a barragens, construídas a montante.

Já no curso superior apresenta um forte encaixe, a partir de Vila Nova de Cerveira, com depressões de fundos largos, que alternam de escarpas abruptas cobertas de mato a afloramentos rochosos.

2.1.2. Subsolo

A área da bacia hidrográfica do rio Minho faz parte da unidade morfoestrutural do Maciço Hespérico (Dias *et al.*, 1998).

Em termos gerais esta região assenta num substrato com rochas predominantemente graníticas com idades entre os 290 e os 296 milhões de anos à exceção dos gnaisses da Gandra, com cerca de 500 milhões de anos, que são por isso as mais antigas da região (Mendes, 2001; Mendes e Dias, 2003).

As rochas sedimentares têm pouca expressão no vale do Minho. Correspondem aos materiais geológicas mais recentes, representados por depósitos de terraços fluviais, depósitos estuarinos, lacustres, marinhos litorais, cordões dunares e alguns depósitos de solifluxão periglaciar (formação areno-pelítica de cobertura) (Pereira *et al.,* 1992).

Em termos de recursos geológicos, os filões de quartzo e os filões aplito-pegmatíticos possuem minerações de estanho, tungsténio, entre outras, que foram sendo exploradas, como é o caso do volfrâmio, explorado nas Minas da Chão do Virialho, em Taião ou o grande número as

explorações de estanho, a sul de Vila Nova de Cerveira e a este de Caminha (Teixeira e Assunção, 1961).

2.1.3. Geomorfologia

A morfologia do Minho é resultado da sua natureza geológica, aliás como refere Ferreira (1986), a singularidade do relevo está associada às suas características litológicas, com predominância de rochas cristalinas e condições favoráveis à alteração, além da tectónica complexa que influencia direta ou indiretamente a morfologia.

Com efeito, a morfologia desta região alterna entre relevos mais acentuados que terminam em planaltos descontínuos, preservados no topo, entre vales. Já os vales são profundos e largos, todavia de fundo aplanado (Pereira *et al.,* 1992).

No estuário o relevo apresenta-se com um declive médio com afloramentos rochosos graníticos. No eixo interior-litoral encontramos na margem sul do rio Minho, a Serra da Gávea (com o ponto mais alto no Alto da Pena, a 638 m), a sudeste de Vila Nova de Cerveira, a Serra de Góis (346 m), a nordeste de Caminha e os contrafortes da Serra de Arga, conhecidos, popularmente, por Montes de Caminha, sensivelmente a su-sudeste de Caminha, acompanhando a plataforma litoral.

2.1.4. Litoral

A área litoral entre a bacia do rio Minho e o rio Lima, não difere muito do que acontece desde o rio Minho até ao Douro, contudo há algumas particularidades.

Segundo as notícias explicativas das Cartas Geológicas de Portugal 1A e 5A (Teixeira, 1956; Teixeira *et al.*, 1972), entre Caminha e Vila Praia de Âncora (onde desagua o rio Âncora), predominam os granitos gnáissicos, entre depósitos de praias antigas e terraços fluviais, além de algumas faixas de xistos andaluzíticos, acompanhadas de filões de granito-aplito-pegmatíticos. A partir de Vila Praia de Âncora até Viana do Castelo, predomina o granito de grão médio a fino, aluviões atuais e areias de duna, junto à foz dos rios, e no contacto com o oceano. A partir de Carreço, área de contacto entre granito porfiroide de grão fino (granito de Santa Luzia) e xistos andaluzíticos, a zona de contacto com o oceano pontua-se por depósitos de praias antigas e de terraços fluviais e aluviões atuais e por algumas manchas com quartzitos.

2.2. Bacia hidrográfica do rio Lima

2.2.1. Hidrografia

O rio Lima é também um curso de água internacional cuja nascente se situa a uma altitude de 975 metros, na Serra de S. Mamede, na província de Ourense, Galiza, Espanha. O rio, que corre de NE – SW, depois de percorrer 41 km em território galego, entra em Portugal, próximo do Lindoso e de Soajo, e atravessa localidades como Ponte da Barca e Ponte de Lima, até desaguar no oceano Atlântico, junto a Viana do Castelo, após percorrer um total de 108 km. Em Portugal, tem um comprimento aproximado de 67 km e uma bacia fluvial de, aproximadamente, 2480 km^2. Destes, 1177 km^2 são em Portugal.

Os afluentes mais importantes em território português são (da nascente para a foz): o rio Cabril, o rio Castro Laboreiro e o rio Vez (dando nome à localidade de Arcos de Valdevez), entre outros.

No seu percurso, corre, em Portugal, desde a serra do Soajo até à serra d'Arga e, desta, até ao oceano Atlântico, passando pelas serras de Perre e de Santa Luzia (a norte), em Viana do Castelo. Pelo lado sul é ladeado pelas serras Amarela, Nora e Faro.

O vale do rio Lima é largo e aberto, na zona final, sobretudo a partir de Ponte de Lima, a partir do qual apresenta uma larga superfície de aluvião. A planície inundável em regime de cheia torna o rio meandroso e serpenteante, formando uma superfície líquida entre Ponte de Lima e a sua foz.

Já a partir de Ponte de Lima o percurso deste rio torna-se mais meandroso e torna-se um rio bastante encaixado.

2.2.2. Subsolo

Entre a zona da Serra Amarela e Beiral do Lima encontramos uma região onde prevalecem os granitos entre o porfiroide de grão grosseiro ou médio a grosseiro, e ainda o granito não porfiroide de grão médio a fino (Teixeira e Medeiros, 1975).

Em termos de rochas do Silúrico, esta ocupa grandes áreas nesta região, onde predominam os xistos e os grauvaques. Uma das faixas xistentas encontra-se entre a Serra de Arga e as Serras de Perre e de Santa Luzia, no curso inferior do rio.

As bancadas grafitosas são em grande número e orientadas no sentido NNW-SSE. Estas rochas encontram-se bastante metamorfizadas. O quartzo é pouco abundante. Esta faixa contacta com o granito da Serra d´ Arga. Em muitos locais, como entre a Facha e Geraz do Lima, em

Agros, ao longo da Ribeira de Fornelos e na Meadela e Serreleis encontram-se afloramentos com alternância de xistos e granitos (Teixeira e Medeiros, 1972).

As rochas com origem no Ordovícico encontram-se, sobretudo, no litoral, junto da Areosa, representadas por bancadas de quartzitos.

O complexo xisto-gruaváquico ante-ordovícico é representado por uma estreita faixa xistente e quarzito-conglomerática, interrompida pelo granito da serra de Santa Luzia, prolongando-se para a região de Caminha. É formada por xistos metamórficos, sobretudo, os xistos andaluzíticos, com conglomerados e quartzitos finos ou grosseiros. Esta faixa aparece novamente em Montedor, no litoral, passando pelo maciço granítico. Entre Viana e Montedor, estes quartzitos ordovícios assentam sobre rochas xistentas que pertencem ao complexo xisto-grauváquico (Teixeira e Medeiros, 1972).

As rochas eruptivas que se encontram em extensas manchas, entre a Serra de Santa Luzia, a Serra d' Arga, a Serra de Perre, a Serra de Antelas e em Refóios do Lima, são constituídas por granitos alcalinos, de duas micas com predomínio de moscovite. Na Serra de Santa Luzia e nas áreas de Geraz do Lima encontra-se granito porfiróide de grão médio ou fino a médio (Teixeira e Medeiros, 1972). Já o granito grosseiro ou médio a grosseiro encontra-se na Serra d´Arga, na área da Vila de Punhe, numa mancha da Serra de Perre e na zona de Vila Franca (Sabariz). Ainda encontramos granito de grão médio a fino, gnaissóide, na área de Paredes, a sul e oeste de Cepões, que vem desde Reboreda à serra da Gávea, já na bacia hidrográfica do Minho.

Relativamente às rochas filonianas devemos referir que são constituídas por massas e filões aplito-pegmatíticos e pegmatíticos. Encontram-se bastante desenvolvidos e encaixados em rochas silúricas. Encontram-se na orla litoral, entre Afife e Gelfa, onde o granito é acompanhado por filões e massas pegmatíticas, além de cristais de feldspatos, moscovite e biotite, na serra de Santa Luzia encontra-se o berilo (Teixeira e Medeiros, 1972).

As aluviões atuais são constituídas por lamas, areias e cascalheiras fluviais, bastante extensos, sobretudo, a jusante de Ponte de Lima, formando veigas agricultadas, entre esta localidade e Viana do Castelo, no curso inferior do rio (Teixeira e Medeiros, 1972).

Nas zonas junto à costa, encontramos uma larga planura litoral de depósitos de calhaus rolados, sobretudo entre Areosa e Vila Praia de Âncora, a norte de Viana do Castelo.

Esta região é uma das zonas geográficas no qual os recursos mineiros têm grande preponderância. De destacar o estanho, que se encontra em filões pegmatíticos e em aluviões. Encontra-se também o volfrâmio, do qual é exemplo a mina da serra de Santa Justa. Regista-se,

além disso, o tantálio, o colômbio, o titânio, o caulino e o ouro, de que é exemplo a mina do Alto da Bouça da Breia (Teixeira e Medeiros, 1972).

2.2.3. Geomorfologia

Apesar de apresentar um relevo mais aplanado, no litoral, podem observar-se locais de cota mais elevada, como a Serra d´ Arga (823 m), a Serra de Sta. Luzia (549 m), a Serra de Perre (474 m) todas com orientação N-S. No curso superior do rio, o relevo apresenta maiores altitudes. Aí destacam-se, com a orientação norte-sul, a Serra de Pernidelo (1255 m), a Serra do Laboreiro (1335 m), a Serra da Peneda (1375 m) e a Serra de Soajo (1416 m), a de maior altitude na região. Depois destacamos, do interior para o litoral, a Serra da Anta (846 m), seguido da Serra da Bolhosa (544 m), a Serra de S. Paio (638m), a Serra do Corno de Bico (887 m), a Serra de Arga (823 m), a Serra de Perre (474m) e finalmente a Serra de Santa Luzia (550m).

Na margem sul, do interior para o litoral, temos a Serra Amarela (1361 m), a Serra do Oural (722m), a Serra da Nora (577 m), a Serra da Padela (oscila entre 400 – 500 m), e a Serra de S. Veríssimo (417 m). Sobranceiro à vila mais antiga de Portugal, temos o Monte do Castelo de Ermida.

A partir da Serra de Santa Luzia (550 m) chega-se à orla litoral através de uma vertente abrupta e rígida, que corresponde a uma arriba fóssil. Esta arriba fóssil limita a plataforma de abrasões marinhas que formam a orla litoral com pequenos acidentes orográficos, como a colinas de Montedor, em Carreço. O monte de Faro de Anha (160 m) que limita o vale do Lima a sul.

2.2.4. Litoral

A área litoral entre a bacia do rio Lima e a bacia da ribeira de Anha, segundo as notícias explicativas das Cartas Geológicas de Portugal 5A e 5C (Teixeira *et al.*, 1972; Teixeira *et al.*, 1969), a costa é constituída por aluviões atuais e areias de duna, sendo que ocorrem, ainda, depósitos de praias antigas do Plistocénico. No raio de 2 km, desde a costa, regista-se o granito de grão médio ou fino a médio. Ocorre, também, o caulino.

A partir desse ponto, até à foz do rio Cávado, a natureza litológica é um pouco mais diversa. A linha costeira é constituída por aluviões atuais e areias de duna, pontualmente acompanhada por xistos argilosos com fósseis. Na área de Castelo de Neiva, ou seja, da foz do Neiva até Belinho, o subsolo é constituído por granito não porfiroide de grão médio e granito de grão grosseiro ou

grosseiro a médio, na qual se encaixa o complexo xisto-grauváquico, ante-ordovícico de xisto e grauvaques, muito metamorfizados. Encontram-se ainda explorações de tungsténio nessa área.

Em Esposende, devido à foz do Cávado, a realidade é um pouco diferente. Aí registam-se xistos argilosos com fósseis, várias manchas de aluviões atuais e areias de duna, acompanhado ainda de xistos andaluzíticos e luzentes.

2.3. Bacia hidrográfica do rio Neiva

2.3.1. Hidrografia

O rio Neiva nasce na vertente sul da Serra de Oural, em Vila Verde, a 721 m de altitude, e desagua na Guilheta, Castelo do Neiva (freguesia situada na margem direita), concelho de Viana do Castelo, e S. Paio de Antas (situada na margem esquerda), concelho de Esposende. O vale onde corre o rio apresenta uma orientação sensivelmente nascente-poente, contudo entre Arcozelo e Vila das Almas corre no sentido sul, voltando, a partir de Vilar das Almas, a correr no sentido original. Muito perto da foz, na área da Barca, inflete o seu curso para norte, nos dias de hoje.

A bacia hidrográfica do rio Neiva possui uma área de 242 km^2 e o rio possui cerca de 46 km de extensão.

Os afluentes mais importantes são, na margem direita, o rio Nevoinho, e o de Pombarinhos. Na margem esquerda há dois afluentes importantes que provém do Monte de São Gonçalo: os ribeiros de Arefe e S. Vicente, nas freguesias de Durrães e de Fragoso. Os restantes afluentes são ribeiros que secam no verão.

Apesar de ser um rio consideravelmente pequeno corre encaixado no curso superior e aberto no curso inferior que se inicia por Alvarães a 6 km da costa, onde forma uma larga depressão resultado da acumulação de areias e leitos de argila formando além disso meandros nesta última parte do rio.

2.3.2. Subsolo

Para caracterização geológica desta bacia hidrográfica recorremos às Cartas Geológicas de Portugal 5-A, 5B e 5-C, à escala 1:50.000, e respetivas notícias explicativas (Teixeira *et al.*, 1972; Teixeira *et al.,* 1975; Teixeira *et al.,* 1969).

Segundo Teixeira *et al.* (1975), o rio Neiva nasce numa área na qual predominam as rochas eruptivas (granito porfiroide de grão grosseiro a médio, e granito não porfiroide de gão fino), do

Silúrico, corneanas e xistos luzentes. Além disso, no momento inicial do seu curso atesta-se a presença de filões de quartzo e de aluviões atuais. Na área de Arcozelo, o curso deste rio atravessa uma área de corneanas, xistos andaluzíticos e luzentes e por rochas eruptivas, constituídas por granito de grão médio ou fino a médio e por granito porfiroide de grão grosseiro a médio, além de aluviões atuais (Teixeira *et al.,* 1972).

A partir da área de Balugães, o Neiva corre em área de rochas eruptivas, compostas por granito de grão médio ou fino a médio e de granodioritos, de grão médio ou médio a fino, frequentemente porfiroide (área de Cossourado, Barcelos). A partir daí, corre para oeste-sudoeste, em substratos geológicos do Silúrico, constituído por corneanas, xistos andaluzíticos e luzentes, e por rochas eruptivas (granito não porfiroide de grão médio). De Alvarães até à foz, o substrato continua a ser maioritariamente granítico (ora não porfiroide de grão médio ora de grão médio e fino, porfiroide). Na área de S. Paio de Antas, Belinho e Castelo do Neiva encontramos uma faixa do Silúrico constituído por corneanas, xistos andaluzíticos e luzentes, e na área de Belinho, conglomerados intercalados, metamorfizados com complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico (Teixeira *et al.,* 1969),

Em termos de recursos mineiros podemos referir como exemplo, a área de Portela das Cabras, na qual existe ouro, prata, estanho e tungsténio. Estes encontram-se em filões quartzosos orientados de nordeste para sudoeste (Teixeira *et al.,* 1975: 52). As jazidas de estanho encontram-se na Serra do Nó e na vertente noroeste da Serra da Padela

Na área de Alvarães é necessário referir que nos depósitos de praias antigas e nos terraços fluviais do Plio-Plistocénico existe abundância de caulino.

De não menosprezar o facto de ainda hoje na toponímia ao longo deste vale existirem topónimos como Oural e Uroso que se ligam com a riqueza mineral da região.

2.3.3. Geomorfologia

Esta bacia hidrográfica encontra-se encaixada entre várias elevações que nunca ultrapassam os 750 m de altitude.

As cotas elevadas encontram-se a montante, onde esta bacia é delimitada pelos montes de Oural (722 m.), de S. Miguel (500 m.) e do Borrelho (495 m). Na margem direita encontra-se, no sentido nascente-poente, os montes de Alto do Castelo (540 m.), da Fonte do Ido (377 m.), da Bouça (487 m.), de Pena Ruiva, na Serra de Padela (406 m.) de Roques (275 m.). Junto à foz temos o Monte do Castelo ou Guilheta (onde se localiza o castro de Moldes, a 125 m.). A sul, esta

bacia é limitada pelo Monte Sobra (226 m.), Alto das Barrosas (249 m.), Serra do Lousado (300 m.), Montes de Alheira e Fonte Grande (Barcelos), Monte de Arefe (406 m.), Monte de S. Gonçalo (488 m.) e o Alto da Maceira (284 m.) em S. Paio de Antas, perto da foz.

2.3.4. Litoral

A área costeira, junto à foz deste rio, e entre este e a foz do Cávado, é baixa e arenosa, constituída por areias de dunas e praias antigas, limitada por uma arriba fóssil (Teixeira *et al.*, 1969). Regista-se, ainda, xistos argilosos com fósseis (do período Ordovícico-Landeiliano) e depósitos de praias antigas do Plio-Pleistocénico.

2.4. Bacia hidrográfica do rio Cávado

2.4.1 Hidrologia

O rio Cávado tem a sua nascente na Serra do Larouco, concretamente na Fonte da Pipa, na Galiza, a uma altitude de cerca de 1520 m e percorre 129 km para desaguar no oceano Atlântico, junto a Esposende.

Possui uma área total de 1589 km^2. Destacamos alguns dos seus mais importantes afluentes: rio Homem, rio Caldo, rio Rabagão, Rio Tamel. Além disso, é de destacar que esta bacia possui uma grande rede de ribeiros, quase todos uma orientação N-S e NW-SE.

Na zona a montante de Amares, o rio Homem e Cávado correm encaixados. No seu percurso médio, os acidentes orográficos não chegam aos 400 m e corre num vale amplo, sobretudo a partir da foz do rio Homem.

Na região terminal do rio, em Fão, ocorre uma inflexão em direção NW, desaguando este no oceano, em Esposende, por um pequeno canal devido à existência de uma faixa de areias de cascalheiras de praia e de rio de formação recente. A foz antiga, durante a época romana, por exemplo, desaguaria mais para sul, em Fão, Esposende (Granja, 2002: 98).

2.4.2. Subsolo

A região da nascente do rio Cávado é diversificada geologicamente. Com efeito, em termos das rochas eruptivas, predomina o apelidado Granito do Gerês, porfiroide e grosseiro a médio. No seu topo, a 1258 metros, nas áreas Minas de Borrageiro, esse granito passa a ser de grão fino, bitotítico. De referir, ainda, o granito de Penedos, leucocrata, de grão médio, com granadas (zona de Lamalonga). Nesta área proliferam os filões de quartzo (Noronha e Ribeiro, 1983).

Relativamente aos granitos antigos, as gnaisses que contactam com a serra do Gerês, como exemplo o granito de Montalegre, que é um granito porfiroide de grão médio a grosseiro de duas micas, contacta também com o granito da Cabreira (granito de grão médio de duas micas) como também com o complexo de paragnaises na região de Fiães do Rio. Esta região de Montalegre é pontuada com metassedimentos do paleozoico, constituída por xistos pelíticos com raros níveis de xistos quartzíticos e com intercalações de rochas calcossilicatadas (Noronha e Ribeiro, 1983), este contacto que se prolonga para a área de Covelo do Gerês e Venda Nova encosta com xistos pelíticos com abundantes níveis de xistos quartzíticos e liditos. Nestas áreas abundam os filões e massas de aplitos e ou pegmatitos. Finalmente, a área da serra da Cabreira apresenta uma grande mancha de granitos, que oscilam entre o Granito de tipo Ruivães e Barroso (granitos de tendência porfiroide, de grão grosseiro, de duas micas), Granito da Cabreira, Granitos biotíticos de Sezelhe, Campos e Borralha e o Granito da Vila da Ponte (granito de grão médio, também de tendência porfiroide de duas micas e biotítico) e ainda o Granito do Telhado (granito de grão médio a fino, moscovítico) (Noronha e Ribeiro, 1983).

No Alto Cávado, dominam quase completamente as rochas eruptivas, às quais pertence o granito. Este granito oscila entre o porfiroide de grão grosseiro, grão médio a fino (granito de Braga) dentro da classe calco-alcalino de duas micas, e o não porfiroide de grão grosseiro a fino dentro da classe dos granitos alcalinos (Medeiros *et al.,* 1975). Além deste grupo, há a registar os xistos luzentes na zona da Portela das Cabras, do período do Silúrico. Dentro do grupo das rochas filonianas, é necessário referir os múltiplos filões de quartzo e filões aplito-pegmatíticos, da serra do Gerês (Medeiros *et al.,* 1975).

Na bacia média do rio Cávado, as rochas graníticas hercínias dominam. Oscilam entre o leucogranito moscovítico-biotitico, de grão fino (Granito de Briteiros), o complexo granítico de Braga, o qual se divide entre o monzogranito de duas micas (Granito de Gonça), monzogranito biotítico, com rara moscovite de grão médio e fino (Granito de Braga) e os granodioritos de grão fino e médio (Ferreira *et al.,* 2000). Na zona de Vila Verde, encontramos o granito de duas micas, de grão médio orientado (Ferreira *et al.,* 2000).

Já na área de Mire de Tibães, o substrato geológico é bastante rico. Por um lado, há a registar metassedimentos do paleozoico, nomeadamente a formação de Sobrado (Grauvaques de Sobrado), com alternância de xistos, silititos e grés, com rochas do Silúrico, nomeadamente quartzofilitos e mecaxistos, e quartzitos e turmalinitos (tudo isto na margem sul) e a unidade da

Vila de Nune, nos quais predominam os micaxistos e migmatitos do Landoveriano (Ferreira *et al.*, 2000).

Há ainda depósitos fluviais atuais, além de, em certos pontos, se registarem depósitos fluviais do quarternário antigo e depósitos fluvio-lacustres (areias e argilas) na área de Prado (margem norte) (Ferreira *et al.*, 2000).

Quanto aos terraços fluviais deste rio, estes são constituídos por argilas, cascalheiras e areias, boa parte na margem direita do rio, embora, a partir do sudoeste de Barcelos, passem a localizar-se com orientação NE – SW, o que poderá relacionar-se com o antigo estuário do Cávado.

O substrato geológico do curso final deste rio não difere muito do seu curso superior e médio. A grande diferença está na quantidade de depósitos de aluviões atuais que formam pequenas praias de rio e nos materiais escorregados de terraços, todos de épocas recentes. De resto, proliferam os substratos graníticos de vários tipos, sendo pontuados, sobretudo na área a norte de Barcelos, em Areias de Vilar e Lama, por rochas do Silúrico, como é o caso das corneanas, xistos andaluzíticos, granatíferos, luzentes (Teixeira *et al.,* 1969). É de salientar, também, que a NE de Barcelos, na margem direita do rio Cávado proliferam os depósitos de praias antigas e terraços fluviais do Plio-Plistocénico, que a partir de Barcelos, Gilmonde e Vila Seca, passam a concentrar-se a SW (Teixeira *et al.,* 1969).

No alto Cávado registam-se alguns recursos metalíferos como é o caso do estanho e do tungsténio. Existem, também, algumas formações auríferas e argentíferas na área de Portela das Cabras e Sobradelo, acompanhando os filões quartzosos de reduzida espessura, no médio Cávado. Também na zona do médio Cávado devemos referir algumas jazidas de estanho na área de Cabanas (Vila Verde) (Teixeira *et al.,* 1969).

Além disso, é de constatar, também, um recurso de certa forma abundante nesta bacia hidrográfica, sobretudo no seu curso médio, que é a argila. Ainda hoje, este recurso de origem mineral da categoria dos filo-silicatos é explorada nos barreiros de Prado/Cabanelas (Vila Verde), mas encontra-se praticamente em todos os terraços fluviais desta região, como em Barcelos.

No baixo Cávado, é de destacar o estanho (em Bogalheiro), o estanho de aluvião, em Milhases (Barcelos), e o volfrâmio no Monte Faro, em Esposende (Teixeira *et al.,* 1969).

2.4.3. Geomorfologia

Na área de nascente deste rio encontramos orografias de altitude como é o caso das Serras da Cabreira e do Gerês, a sul, e pela Serra Amarela, a norte.

A partir do momento em que entra nos concelhos de Vieira do Minho e de Braga, a morfologia do terreno torna-se um pouco diferente. O relevo caracteriza-se, essencialmente, por numerosas colinas, que não ultrapassam, geralmente, os 200 m de altitude. Destacamos, ainda, o que se designa por Serra de Roriz (na margem norte) e por Serra da Franqueira (na margem sul, paralela ao litoral).

Na região terminal do rio as colinas existentes não ultrapassam os 400 m de altitude. Junto a Esposende o rio espraia-se em depósitos de praias antigas do Plio-Plistocénico e por aluviões atuais misturados junto à área de Fão, Fonte Boa, Apúlia e Barqueiros (margem sul) e Gandra e Gemeses (margem norte).

2.4.4. Litoral

A foz do rio Cávado reveste-se de grande complexidade tectónico-geológica e não corresponderá à sua configuração atual, sendo provável que o rio desembocasse para oeste, ou seja, mais para sul do que hoje. De salientar a existência da lagoa da Apúlia, o único ponto do noroeste do litoral português onde ainda se encontra um ambiente lagunar costeiro ativo que fazia parte de um sistema lagunar do holocénico que se mantém em algumas áreas do noroeste (Granja *et al.,* 2009).

Em termos geológicos, como já foi dito, na foz deste rio proliferam, não só os depósitos modernos de aluviões e areias e cascalheiras atuais, como também, depósitos de praias antigas e de terraços fluviais do Plio-Plistocénico. Há, ainda, vestígios de rochas do Silúrico, como é o caso de corneanas e xistos andaluzíticos e luzentes, além de rochas do Ordovícico - os xistos argilosos com fósseis e quartzitos com cruziana e scolithus (Teixeira *et al.,* 1969). Na área da Apúlia as camadas ordovícico-silúricas estão invertidas e as relações entre as diferentes camadas geológicas tornam-se difíceis de compreender, embora os depósitos fluviais existentes entre Barcelos e a Apúlia revelem que este rio terá tido um estuário mais a sul do atual, durante algum período do Quaternário (Teixeira *et al.,* 1969), provavelmente no chamado porto de *Fam* ou de Fão (Granja e Morais, 2010: 66) (Fig. 1.8).

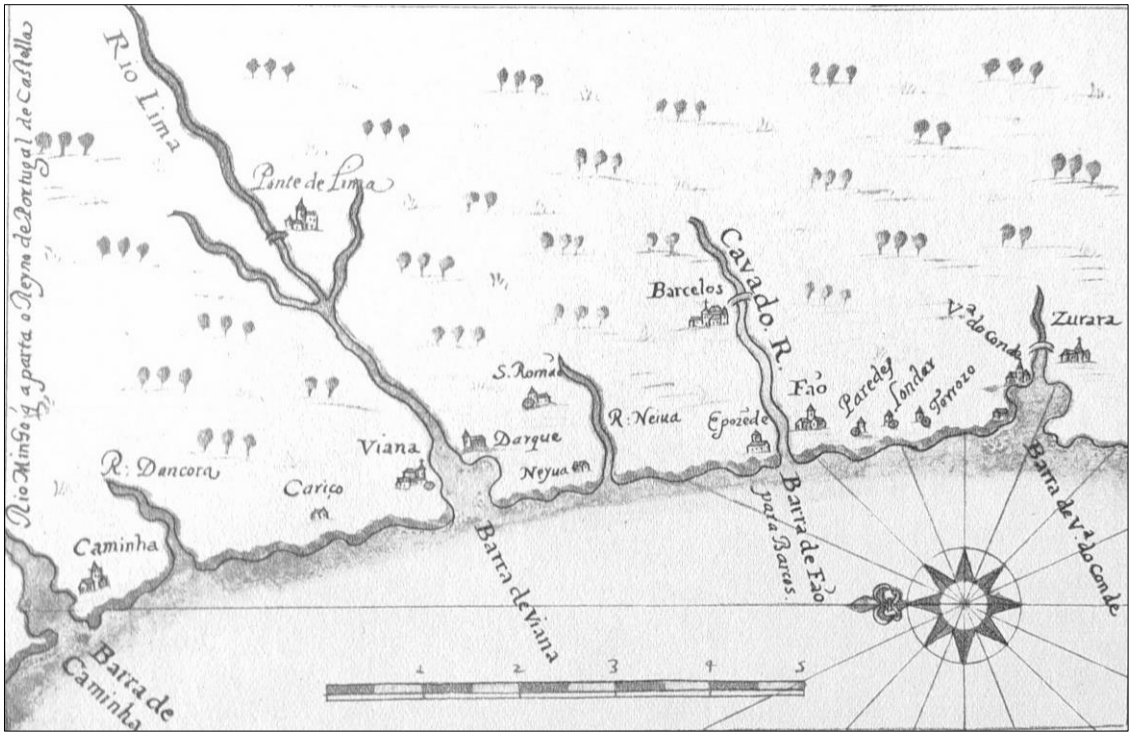


Fig. 1.8 Planta cartográfica do litoral norte português, entre o rio Minho e o Ave, de 1648, de João Teixeira I (seg. Cortesão e Mota, 1987, adaptado).

2.5. Bacia hidrográfica do rio Ave

2.5.1. Hidrografia

O rio Ave nasce na freguesia de Santo Estêvão de Castelões, concelho de Vieira do Minho, na serra da Cabreira (Leal-Ferreira, 1873), a cerca de 1121 metros de altitude. Corre no sentido NE-SO até Santo Tirso, alterando nesse ponto o seu rumo para E-O, até Touguinhó, na confluência com o rio Este, retomando, a partir daí, a sua orientação primária, até desaguar no oceano Atlântico, entre Vila do Conde e Azurara. Percorre, desta forma, 94 km. Este rio hoje é apenas navegável numa curta extensão de apenas 2 km.

Os seus afluentes mais importantes são o rio Este (na margem direita) e o rio Vizela (na margem esquerda), podendo ainda referir-se os rios Pele e Pelhe, na margem direita.

A bacia hidrográfica deste rio tem uma área aproximada de 1390 km². Em termos genéricos, possui uma bacia comparável à do rio Cávado, chegando a ultrapassar a do rio Lima, apenas na área portuguesa.

2.5.2. Subsolo

Nesta área geográfica distinguem-se dois grupos de granitos, um mais jovem e resistente à erosão e de génese alcalina, e outro calco-alcalino com uma grande variabilidade mineralógica e

que apresenta megacristais de quartzo/feldspato, apelidado de "dente de cavalo" (Teixeira *et al.,* 1965).

De acordo com a notícia explicativa da carta geológica 6C à escala 1:50.000 (Ribeiro *et al.*, 2000) o substrato geológico da nascente do rio Ave é de natureza granítica, de grão grosseiro, de duas micas, com predomínio de moscovite. Corre no sentido NE-SW atravessando áreas de granito porfiroide de grão grosseiro e monzogranitos porfiroides de grão médio, até ao Ermal.

Em Braga e Santo Estevão de Briteiros o substrato dominante caracteriza-se por monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão médio (Granito de Agrela). A partir desse ponto contacta com o leucogranito moscovítico-biotitico, de grão fino (Granito de Briteiros) e com o granodiorito, monzogranito, biotítico, porfiroide, de grão médio, com megacristais de feldspato potássico (conhecido por Granito de Sameiro) (Ferreira *et al.,* 2000).

Desse ponto, o seu curso continua para su-sudoeste, cujo substrato onde corre é de granitos monzogranitos biotíticos, porfiroides de grão grosseiro (Granitos de Guimarães e Santo Tirso). Quando passa por Ronfe entra numa pequena faixa de monzogranitos biotíticos, porfiroides de grão médio e em Pedome, onde recebe as águas do Rio Selhe, passando depois por Riba de Ave, entra, novamente, nos Granitos de Guimarães e de Santo Tirso. De seguida, já em Moreira de Cónegos, o rio Ave recebe as águas do rio Vizela e, desse ponto, até Santo Tirso, atravessa o granito de Airão, Aves e Roriz (caracterizado por monzogranitos de grão médio de tendência porfiroide, de duas micas, com predomínio de biotite), além dos granitos de Guimarães e de Santo Tirso. Atravessando Santo Tirso, a este, encontra rochas do Silúrico, nomeadamente, xistos metagrauvaques (Grauvaques de Sobrado), nos quais se encontram orlas de metamorfismo de contacto, como corneanas e xistos mosqueados (Montenegro de Andrade *et al.,* 1986).

Esta mancha de rochas do Silúrico continua até Guidões, onde se encontram faixas do Carbónico continental (com conglomerados, arcoses, xistos com vegetais), e do Devónico (constituídas por xistos argilosos, amarelos) (Teixeira *et al.,* 1965). Na área de Guidões surgem os complexos xisto-grauváquico, ante-ordovicico, e série metamórficas derivadas, como é o caso dos xistos e grauvaques, mais ou menos metamorfizados. A partir desse ponto, até Vila do Conde, tanto na margem norte como no sul, predomina o granito de grão médio ou grosseiro (Granito da Póvoa de Varzim). Na área de Ferreiro, na margem direita, e na região de Bougado, na margem esquerda, encontram-se vários depósitos de praias antigas e de terraços fluviais do Plio-Plistocénico.

Na área próxima da sua, em Azurara, encontramos o Granito da Póvoa de Varzim misturado com terraços fluviais do Plio-Plistocénico, em contacto com o complexo xisto-granito-migmatitico (Teixeira *et al.,* 1965).

Na região do Ave os recursos mineiros caracterizam-se, sobretudo, pela abundância de minério de estanho, em associação com o volfrâmio, que ocorrem, maioritariamente, no concelho de Vila Nova de Famalicão, como são exemplos as minas abandonadas das freguesias de Cavalões, Fradelos e Outiz (Teixeira *et al.*, 1965: 43-44).

Um outro recurso mineiro que marca presença nesta área é o ferro. Surge, sobretudo, em pequenas concentrações de limonite que ocorrem na freguesia de Courel, concelho de Barcelos, e na vertente este da serra de Rates, acompanhando o substrato do Devónico inferior (Teixeira *et al.*, 1965: 44).

De referir que, na freguesia de Laúndos, houve minas de ferro, manganês, além do antimónio (Leal-Ferreira, 1873). Também nessa área um pouco a norte, na zona da Lagoa Negra, assinala-se a presença de um enorme lago ao lado de uma escombreira com algumas dimensões, que pode ser uma evidência da exploração de ouro.

Relativamente à exploração de prata, temos a referência da existência de uma mina, na freguesia de Água Longa, em Santo Tirso, datável do séc. XIX, juntamente com outras de ferro, manganês, chumbo e antimónio (Leal-Ferreira, 1873).

Existiram ainda explorações de grafite e de caulino, nas freguesias de Vilarinho das Cambas e Lousado, no concelho de Vila do Conde, a sul de Barcelos e em Ribeirão e Gondifelos, em Vila Nova de Famalicão.

2.5.3. Geomorfologia

De uma forma geral, no curso inferior do Ave, predominam as baixas altitudes, já que cerca de dois terços do território apresentam altitudes inferiores a 200 metros. Apenas 4% ultrapassam os 400 metros, assinalando-se uma elevada parcela, cerca de 17%, com cotas inferiores a 50 metros (Dinis, 1993: 11).

O curso inferior caracteriza-se por uma planície, bastante extensa, com áreas de baixa altitude que contornam o rio Ave e o rio Este, com razoável penetração para o interior. O curso médio é constituído por uma área vasta e plana, no qual surgem alguns relevos mais impressivos, particularmente o Monte do Facho (265 m), o Monte de S. João de Brufe (236 m) e o Monte da Saia (299 m). No vale superior do rio Ave encontram-se as altitudes mais elevadas,

nomeadamente, a Serra dos Carvalhos, contraforte da Serra da Cabreira, onde se encontram as maiores altitudes, que não chegam a atingir os 600 metros.

2.5.4. Litoral

Na orla costeira da região da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde encontra-se uma faixa de areias de duna, com altitudes consideráveis (Teixeira *et al.,* 1965: 12), diferentemente desenvolvida, entre a área de Vila Chã e de Mindelo.

Já na orla costeira a norte da Póvoa de Varzim e a sul de Vila do Conde, a altitudes diferenciadas, ocorrem depósitos de praias antigas dos quais fazem parte areias e cascalheiras de seixos rolados.

3. Evolução do litoral do Noroeste português

O limite do território estudado, a oeste, é o oceano Atlântico, numa faixa de costa com cerca de 71 km. Esta linha de costa é bastante aplanada devido, em parte, ao impacto abrasivo das variações do nível do mar (variações eustáticas) e de um conjunto de fenómenos de origens oceânica e continental (Araújo, 2002: 87). De origem oceânica são vários os fenómenos: o eustasismo diastrófico, glácio-eustatismo, eustatismo geoidal, eustatismo sedimentar, hidro-isostasia, halo-eustatismo e termo-eustatismo. De origem sedimentar os fenómenos são a isostasia glaciar e a isostasia devida à erosão, compactação e movimentos tectónicos.

Os diferentes impactos destes fenómenos levam a avanços e recuos da linha costeira e como também se relacionam com o fornecimento de areias, na linha de costa. Estas areias, e o seu transporte devido ao fenómeno da deriva litoral[25], protegem a linha costa face à energia das correntes.

Entre 7000-6000 BP, período no qual terá ocorrido o máximo da apelidada transgressão flandriana (Martins *et al.*, 2007; Lantzsch *et al.*, 2009), o mar situar-se-ia num nível ligeiramente mais elevado do que o atual, notando-se, a partir desse momento, um período de certa estabilização embora com pequenas oscilações marinhas (Hoffman, 1989; Dias *et al.*, 2000). Nesta época a fachada costeira seria mais irregular, com amplos estuários e recortes profundos e com um litoral de tipo rochoso (Dias, 2004: 164).

De 5000-3000 BP, segundo Dias *et al.* (1997), o nível de água do mar parece ter-se aproximado daquilo que é a cota de hoje, dando início ao fenómeno apelidado de *histerese da*

[25] Pode variar conforme a ondulação do mar (Araújo, 2002: 76-78).

sedimentação começando os estuários a ser ocupados por areias, e dando origem a restingas arenosas, tornando os estuários ambientes lagunares (Freitas e Andrade, 1998: 66-70). Daí resultou também uma progressiva normalização da linha da costa, havendo também a acumulação de sedimentos arenosos em zonas pronunciadas. Apesar destes dados genéricos, o trabalho de Alves *et al.* (2003) sobre o Lima possibilitou perceber que, em cerca de 5000 BP, a linha da costa estaria mais para oeste do que atualmente, o que se comprova pela localização de vários sítios arqueológicos da Idade do Bronze e do Ferro, que hoje aí se situam, entre o Minho e o Lima (Bettencourt *et al.,* 2021), ficando submersos ou parcialmente submersos, durante as marés altas ou equinociais.

Também Martínez-Cortizas *et al.* (2009) defende que, em 3500 BP, a costa seria mais recortada e lagunar do que hoje. Assim sendo, a Lagoa da Apúlia, seria resquício dessa característica (Carvalho *et al.*, 2003, 2006).

Helena Granja estudou em detalhe o litoral entre os rios Neiva e Ave, incluindo a foz do rio Cávado (Granja, 1990, 1996, 1999, 2002, 2005, 2006; Carvalho e Granja, 2003; Granja, *et al.,* 1999; Carvalho *et al.,* 2006; Granja *et al.*, 2009). Segundo estes trabalhos existem nessa faixa litoral características indiciadoras de um sistema lagunar costeiro, datável de 4470 ± 50 BP, ou seja, globalmente, do 4º milénio AC. Nesse contexto, os estuários do Neiva, Cávado e Ave, seriam mais vastos do que nos dias de hoje (Granja e Morais, 2010).

Cerca de 2400 BP parece ter-se iniciado um novo período de transgressão marítima que continua até aos dias de hoje (Zazo, 2006), tal como documentaram Granja *et al.* (2009) a partir de um depósito que torna evidente que terá ocorrido uma oscilação marítima transgressiva, na Lagoa da Apúlia, numa época anterior a 1780 ± 50BP.

Relativamente ao troço costeiro que aqui nos interessa ter em conta, nomeadamente entre o rio Minho e o rio Onda, é de referir que se trata de um troço rochoso e planáltico, com uma orientação sensivelmente NNW – SSE, caracterizada com o do tipo de costa de levantamento (Ribeiro *et al.*, 1987: 73-87), que hoje alterna entre lanços de praia arenosa, não muito extensos e, nas margens sul de todas as fozes dos rios, possui penedias graníticas ou formações ainda mais antigas (Alves, 1996: 19-21). Ainda assim, é nas margens sul destes rios que se concentram as praias mais extensas, já que devido não só à deriva litoral, mas também à ondulação e vento dominante, ocorre um grande transporte de areias para a margem esquerda da foz de cada rio.

Apesar disso, a costa hoje é relativamente baixa e recortada apenas a uma pequena escala, na qual podemos apontar apenas duas saliências pronunciadas, o promontório de Montedor, a

norte de Viana do Castelo, e outra, o cabo de Santo André, na freguesia de A-Ver-o-Mar, Amorim e Terroso, concelho da Póvoa de Varzim.

Além destas saliências em algumas fozes de rios, temos pequenas ilhotas ou penhascos, como a Ínsua na foz do Minho e os "Cavalos de Fão", em Fão, provavelmente na antiga foz do Cávado.

PARTE IV – CRONOLOGIA, POVOAMENTO E INTERCÂMBIO ENTRE O BRONZE FINAL E O FERRO RECENTE DA FACHADA LITORAL DE ENTRE OS RIOS MINHO E AVE

"O todo é maior do que a mera soma das partes."

Michael Polanyi (1881 – 1976)

Introdução

Esta parte compreende quatro capítulos: o referente ao quadro cronológico e cultural, o referente ao povoamento, materiais, e intercâmbio por períodos cronológicos-culturais e para cada estuário e interflúvio, e o terceiro composto por uma síntese geral por período cronológico-cultural, tendo em consideração os materiais indígenas e o intercâmbio entre o estuário do Minho e o rio Onda. O último capítulo é dedicado às considerações finais.

Tratando-se de uma área geográfica vasta e dinâmica, decidimos abordar, no segundo e terceiros capítulos, os resultados sobre o povoamento e intercâmbio, pelos diferentes períodos cronológicos: o Bronze Final, o Ferro Antigo e o Ferro Recente. Este estudo fez-se, primeiro, para cada estuário e para os respetivos interflúvios. Tendo em consideração que cada estuário e área litoral têm as suas particularidades, os resultados foram depois comparados entre as diferentes áreas de estudo e entre estas e os modelos de povoamento existentes à escala local e suprarregional.

Tal foi possível porque, hoje, dispomos de um volume de informação que nos permite, não só, obter uma leitura horizontal, ou seja, uma visão sincrónica dos dados (que diz respeito às ilações que podemos retirar a partir dos povoados existentes para cada uma das bacias hidrográficas), como também de uma visão vertical, ou seja, uma visão diacrónica para muitos dos sítios estudados. Em muitos casos, esta leitura só foi possível graças à (re)visitação de muitas coleções antigas de materiais arqueológicos, e pelo estudo exaustivo de algumas escavações recentes com possibilidade de integrar os materiais no seu contexto estratigráfico.

O estudo dos materiais tornou-se, nesta perspetiva, uma vez mais o elemento angular de todo o trabalho desenvolvido e por isso merece particular atenção no terceiro capítulo desta parte.

1. O QUADRO CRONOLÓGICO E CULTURAL

No que respeita ao quadro cronológico e cultural no qual nos moveremos nas próximas páginas seguiremos a periodização e taxonomia de M. Martins (1990: 108-113) que propôs a evolução do povoamento proto-histórico do curso médio da bacia do Cávado em quatro grandes fases, que recapitulamos: a **Fase I**, que compreende o período entre os séculos X/IX a.C. ao VII/VI a.C., que corresponde *grosso modo,* à Idade do Bronze Final; a **Fase II**, a primeira etapa de desenvolvimento da Idade do Ferro, que decorre entre os séculos VII/VI a.C. até aos finais do século II a.C. e a **Fase III** que corresponde à etapa de maior pujança e consolidação da Idade do Ferro, nesse território, e que decorre a um período compreendido entre os finais do século II a.C.

e os meados do século I d.C., ou seja, entre as campanhas de *Decimus Junius Brutus* (138-136 a.C.) e os meados do século I d.C.

Após o estudo realizado sobre os materiais da área de trabalho, tendo por base datas de radiocarbono, tabelas tipológicas e materiais de importação registamos os diferentes momentos de ocupação de oito povoados e de um contexto tumular.

Foram sendo reunidos no decurso deste trabalho locais com longas diacronias de ocupação e outros com hiatos. Em alguns casos, foi possível realizar datações de radiocarbono permitindo afinar um pouco melhor a cronologia de dada ocupação. Noutros foram datadas ocupações a partir de datações relativas.

Quando foi possível, balizámos algumas fases cronológico-culturais a partir do material de importação. Nos restantes casos estabelecemos uma cronologia com base nas características técnicas e tipológicas do material indígena. Desta forma conseguimos colmatar, em muitos casos, a falta de dados estratigráficos para alguns dos sítios estudados.

Passemos agora a sintetizar as ocupações que conseguimos apurar para alguns dos povoados existentes na área de estudo. Não quer isto dizer que estes locais não possam ter outras ocupações não detetadas com os dados agora disponíveis.

Santa Tecla (A Guarda, Pontevedra, Espanha). É um dos povoados mais escavados da foz do rio Minho, com intervenções verificadas desde o início do séc. XX até aos dias de hoje (Peña Santos 1986, 2001). Além de muitos artigos e livros de síntese sobre o local, devemos registar que foi realizada, nos anos 90, uma tese de doutoramento sobre a cerâmica de produção local (Rey Castiñeira, 1991). Posteriormente, foram sendo publicados vários catálogos e sínteses de materiais deste sítio arqueológico (Carballo Arceo, 1994; Rey Castiñeira, 1999; Peña Santos, 2001) que completam as referências de Fernández Rodríguez (1955). Recentemente foram publicados materiais de importação de origem meridional atribuíveis ao Ferro Antigo, descobertos nas últimas escavações de 2015-2016 (Rodríguez Martínez, 2018). Este autor também publicou uma série de datações radiocarbono feitas sobre o local, embora não tivesse fornecido a data BP o que inviabiliza a sua nova calibração. Todos estes dados possibilitaram-nos percecionar a longa diacronia de ocupação deste espaço, durante o I milénio a.C.:

Tecla I – Bronze Final

Tecla IIA – Ferro Antigo

Tecla IIB – Ferro Recente

Tecla III – Romanização

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
STA. TREGA M-42 Beta-424830	s/d	-	755-680 670-610 595-405	Area 1
STA. TREGA Muestra 4 (MU-109) Beta-434176	s/d	-	**385-200**	Area 2
STA. TREGA Muestra 5 (MU-110) Beta-434177	s/d	-	**200-45**	Area 4

Coto da Pena (Caminha). Os dados sobre estratigrafia, estruturas e materiais publicados por Silva (1986, 2007), que escavou o local, e os de Paiva (1993) possibilitaram estabelecer quatro fases de ocupação. Para este local, Silva (1986, 2007) publica, também, duas datas de radiocarbono que considera um pouco envelhecidas para os materiais, não obstante ter materiais cerâmicos e metálicos do Bronze Final que poderão integrar-se, perfeitamente, nesta cronologia, de entre os inícios do século XII aos finais/ meados do XI a.C.:

Coto da Pena I – Bronze Final

Cotos da Pena IIA – Ferro Antigo

Coto da Pena IIB – Ferro Recente

Coto da Pena III - Romanização

Além de outras que não são relevantes para este trabalho.

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
UGRA-200	2930±100	**1198-1171 (24.7%)** **1164-1142 (23.3%)** 1130-1112 (20.3%)	**1206-1140 (55.4%)** 1134-1106 (23.8%) 1100-1054 (16.2%)	Sementes de *vicia faba* camada 5
UGRA-220	2920±110	1188-1180 (6.1%) 1156-1148 (6.6%) **1126-1106 (25.2%)** **1098-1078 (17.1%)** 1070-1055 (17.1%)	1199-1171 (14.4%) 1163-1142 (11.8%) **1130-1050 (69.3%)**	Sementes camada 9, do interior da casa 1

Vilar de Mouros / Monte do Crasto (Caminha). Com base nos materiais cerâmicos recolhidos à superfície, em depósito no Museu de Artes Decorativas, em Viana do Castelo, e estudados por nós, foi possível estabelecer uma ocupação do Ferro Recente. De referir, ainda, que este povoado foi escavado em 1998 (Lopes e Martins, 1999), sendo possível identificar que um momento de romanização (com a presença de sigillata e de material de construção romano). Este pequeno outeiro terá sido ocupado, também, na Alta Idade Média:

Vilar de Mouros I – Idade do Ferro Recente

Vilar de Mouros II – Romanização

Vilar de Mouros IIII – Alta Idade Média.

Santo Amaro (Caminha). Apesar de não ter sido escavado, com base nos materiais de superfície estudados neste trabalho (alguns de importação) foi possível estabelecer uma diacronia de ocupação entre o Bronze Final e o Ferro Recente, o que amplia consideravelmente a cronologia que C. A. B. de Almeida (1996, Vol. IV, 33-34) lhe atribuía. Este autor apenas referia uma ocupação genérica da Idade do Ferro para este local:

Santo Amaro I –Bronze Final

Santo Amaro IIA –Ferro Antigo

Santo Amaro IIB – Idade do Ferro Recente

Santo Amaro III – Romanização.

Cividade de Âncora (Caminha/Viana do Castelo), escavada e estudada por A. C. da Silva (1986: 67; 2007: 85) mantém-se a cronologia proposta por este autor que corresponde ao Ferro Recente.

Cividade de Âncora I – Ferro Recente

Santo António (Viana do Castelo). Não existem dados estratigráficos, nem desenhos de campo para poder relacionar espacial e temporalmente as ocupações registadas, apenas tínhamos o espólio existente para nos proporcionar a evolução cronológico-cultural deste povoado. Ainda assim, através não só do estudo dos materiais cerâmicos como da realização de uma datação de radiocarbono, feita à fuligem existente no interior de um vaso ovóide com reticula brunida, foi possível balizar melhor a fase mais antiga da sua ocupação. Com este estudo foi possível alargar o número de ocupações anteriormente propostas por Silva (1986, 2007) e Almeida (1996).

Assim, consideram-se para este local duas ocupações, separadas por um hiato de mais de quase cinco séculos:

Santo António I – Bronze Final – séc. XII a finais do séc. VII a.C.

Santo António II – Ferro Recente – séc. II a.C. - I d.C.

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
Beta Analytic - 594651 - 2018.5207	2470±30	752-682	766-465	Fuligem de vaso com ornatos brunidos

Alto do Cúturo (Viana do Castelo). Foi escavado, em 1959, por Christopher Hawkes, trabalhos estes integrados numa missão inglesa no estudo de alguns povoados da Idade do Ferro do Noroeste português. Os resultados desta missão são parcos em informação, restando-nos apenas um artigo, ainda que alongado, de Mário Cardoso (1959=1994). Foram observados escassos materiais deste povoado, em depósito no Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA), em Afife, pelo que apenas podemos admitir a existência de uma ocupação no **Ferro Recente**.

Alto da Crôa (Viana do Castelo). É um pequeno povoado implantado no patamar da vertente oeste da Serra de Santa Luzia e foi, no contexto deste trabalho, observado algum material cerâmico que se encontra em depósito no Museu de Artes Decorativas, em Viana do Castelo. Foi observado material cerâmico inédito enquadrável, *grosso modo*, na Idade do Bronze Final e, ainda, material cerâmico datável da Idade do Ferro Recente. Dessa forma, e de maneira provisoria avançamos para as seguintes fases de ocupação:

Alto da Crôa I – Bronze Final

Alto da Crôa II – Ferro Recente

Monumento sepulcral da Cova da Moura (Viana do Castelo). A partir da análise dos materiais efetuada neste trabalho e de três datas de radiocarbono foi possível compreender o seu momento inicial de construção e o seu término construtivo ou de reutilização:

Cova da Moura I – Bronze Médio – entre os inícios do séc. XVI a.C. e os inícios do séc. XV a.C. e entre XV e inícios do XIV a.C.

Cova da Moura II – Bronze Final – entre os inícios do XI aos inícios do séc. IX a.C.

Cova da Moura III – Ferro Antigo

Cova da Moura IV – Ferro Recente

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
FTMC-BZ61-3	3261±31	1601-1584 (9,4%) **1544-1497 (51,8%)** 1474-1460 (7%)	**1613-1492 (82,2%)** 1482-1451 (13,1%)	Fragmento de carvão vegetal
FTMC-FU30-4	3174±29	1492-1481 (7,5%) **1451-1398 (60,8%)**	**1499-1383 (85,7%)** 1341-1313 (9,8%)	Matéria orgânica de um recipiente cerâmico
FTMC-BZ61-4	2784±30	**989-899 (68,3%)**	**1010-891 (79,5%)** 882-835 (16%)	Fragmento de carvão vegetal

Santa Luzia (Viana do Castelo). Através do estudo dos materiais, realizado, no âmbito desta tese, pode dizer-se que o local teve uma longa diacronia de ocupação. Parecem ter ocorrido, pelo menos, quatro grandes momentos de ocupação, alguns, provavelmente com hiatos. Apesar de não terem sido efetuadas datações de radiocarbono para afinar as fases cronológicas mais antigas, para as fases mais avançadas da Idade do Ferro foi possível distinguir um momento correspondente ao Ferro Recente e outro a de romanização do povoado. Julgamos ainda que este local terá sido ocupado no contexto da Alta e Baixa Idade Média. Esta longa diacronia, agora evidenciada, distingue-se das propostas cronológicas de Almeida (1990; 1996; 2008) que só considerava a fase mais avançada da Idade do Ferro mesclada com a romanização:

Sta Luzia I – Bronze Final

Sta Luzia IIA – Ferro Antigo

Sta Luzia IIB – Ferro Recente

Sta Luzia III – Romanização

Vieito (Viana do Castelo). Foi escavado recentemente e foi alvo de um estudo monográfico, no qual é defendido que tem uma curta ocupação (Silva, 2012).

Essa ocupação data de entre os finais do séc. I a.C. e a primeira metade do séc. I d.C., no máximo até 70 d.C. (Silva, 2012), portanto, datável do Ferro Recente:

Vieito I – Idade do Ferro Recente

Terronha (Viana do Castelo). O estudo dos contextos e respetivo espólio cerâmico indígena (Queiroga, 2000), efetuado por nós, bem como o trabalho de F. Queiroga (2019) confirmaram que o local teve apenas uma ocupação:

Terronha I – Idade do Ferro Recente – séc. II a.C. – I d.C.

Santo Estevão da Facha (Ponte de Lima). Foi apenas realizada, até hoje, uma escavação (Almeida *et al.,* 1981). Aqui foram registados vários níveis de ocupação datáveis desde o Bronze Final até a Alta Idade Média. Foram realizadas, ainda, duas datações de radiocarbono (Almeida *et al.,* 1981), que aqui foram equacionadas e alvo de recalibração. Devemos acrescentar que os materiais cerâmicos, metálicos e vítreos encontrados oferecem maior segurança (mesmo tratando-se de datações relativas) que as datações de radiocarbono em si, devido ao desvio padrão. Com efeito, foram registadas várias ocupações, aparentemente sem hiatos:

Facha I – Bronze Final

Facha IIA – Ferro Antigo

Facha IIB – Ferro Recente

Facha III – Romanização

Facha IV – Idade Média

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
CSIC-500	2210±50	353-348 (5.7%) **312-284 (34.7%)** 228-206 (27.8%)	360-342 (11.7%) **320-274 (43 %)** 264-242 (8.7%) 235-202 (32.1%)	(Quadrado XXVII - Estrato 8) Sementes carbonizadas
CSIC-499	2160±50	336-326 (22.2%) **197-176 (46.1%)**	344-318 (38.5%) **203-169 (56.9%)**	(Quadrado XIII - camada 10) Carvão vegetal (?)

Castro do Peso (Ponte de Lima). Foi escavado e publicado (Soeiro, 1981; Almeida *et al.*, 1985), tendo sido atribuído a este povoado duas fases de ocupação com hiato entre elas:

Peso I – Bronze Final

Peso II – Ferro Recente.

Citânia de Roques/Santinho (Viana do Castelo). Tem sido alvo de alguns trabalhos de escavação nos últimos anos, das quais destacamos o aparecimento, na base da vertente oeste, de um balneário datável da Idade do Ferro (Silva e Maciel, 2004). De resto, regista-se pouca informação sobre este povoado. Terá tido uma ocupação da Idade do Ferro Recente (Almeida, 1990, 1996), todavia não se conhecem em detalhe os materiais e os contextos estratigráficos. Desta forma, devemos apenas apontar para uma ocupação datável genericamente da Idade do Ferro Recente:

Citânia de Roques/Santinho I – Ferro Recente

Sabariz (Viana do Castelo). No que diz respeito a este povoado e fruto de parcas escavações, sabemos que terá tido pelo menos dois momentos de ocupação (Almeida, 1990, 1996). Estes momentos, segundo as escavações realizadas, possibilitam integrar este povoado na Idade do Ferro Recente e depois na romanização:

Sabariz I – Idade do Ferro Recente

Sabariz II – Romanização.

Moldes (Viana do Castelo). O estudo da coleção antiga realizado por nós, apesar de não termos dados estratigráficos, possibilitou individualizar três momentos de ocupação, com um provável hiato de ocupação entre os dois primeiros, o que altera as propostas cronológicas de C.A.F. Almeida (1980a: 247), C.A.B. de Almeida (1980a, 1980b, 1982), Maciel (2003: 135) e de Marta Marques (2012) que atribuíam duas fases de ocupação, durante a Idade do Ferro. Este *locus* tem ainda outras ocupações depois do término da Idade do Ferro, contudo, não consideramos no nosso trabalho cronologias posteriores:

Moldes I – Bronze Final

Moldes IIA – Ferro Antigo

Moldes IIB – Ferro Recente

Belinho (Esposende). É um dos casos para o qual não temos muitos dados concretos sobre a sua ocupação. As escavações foram realizadas sem recurso a estratigrafia e o espólio cerâmico estudado não é muito diversificado em quantidade ou qualidade. Ainda assim, foram individualizas duas ocupações: uma do Ferro Antigo (anteriormente proposta por Ana Bettencourt, 1999), e uma do Ferro Recente já proposta por C.A.B. Almeida (1996):

Belinho I – Ferro Antigo

Belinho II – Ferro Recente

Cova da Bouça / Monte de Sanfins (Esposende). É um *locus* que, também, nunca foi devidamente escavado. Segundo Almeida (1996, vol. VII, 79), Bettencourt *et al.* (2020), Bettencourt e Guedes (2023) e Vieira (2023) terão existido várias ocupações neste monte. No alto da sua vertente sudeste há uma ocupação cronologicamente inserível no Calcolítico. No topo e parte da vertente noroeste do Monte de Sanfins, há evidências de fragmentos e de materiais metálicos datáveis do Bronze Final. Pelo menos, na base da vertente oeste a noroeste terá existido um povoado da Idade do Ferro Recente:

Cova da Bouça I – Calcolítico

Cova da Bouça II – Bronze Final

Cova da Bouça III – Ferro Recente

São Lourenço (Esposende). É um povoado que foi escavado de forma prolongada, nos últimos 30 anos. Foram registados, ao longo desses trabalhos, vários momentos de ocupação. Foram detetadas sobretudo estruturas datáveis da Idade do Ferro Recente, do período da romanização e da Alta Idade Média (Almeida e Almeida 2015). Foi registada, ainda, cerâmica datável do Calcolítico (Almeida, 1996; Almeida e Almeida, 2015) e da Idade do Bronze Final (Bettencourt, 1999) e material de importação de origem grega (Ferreira, 2019a: 256-257). Com efeito, devemos referir que este *locus* tem uma longa diacronia de ocupação:

Lourenço I – Calcolítico

Lourenço II - Bronze Final

Lourenço IIIA – Ferro Antigo

Lourenço IIIB – Ferro Recente

Lourenço IV – Romanização

Lourenço V – Alta Idade Média

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
-	2520±50	**771 – 756 (31.6%)** 680 – 670 (19.0%) 606 – 596 (17.7%)	**775-751 (34.7%)** 685-666 (23.3%) **635-588 (35%)** 580 -571 (2.4%)	Madeira carbonizada

Senhor dos Desamparados (Esposende). Foi escavado nos finais dos anos 90 e, novamente, em 2002. Foi detetado, pelo menos, um nível da Idade do Ferro Recente (Almeida, 1996; Silva, 2005-2006). Na escavação mais recente encontraram-se várias fossas, cortadas no substrato, que Marques (2012) integrou na Idade do Bronze Final.

Por informações do *Portal do Arqueólogo*[26] terão aparecido fragmentos de ânforas e materiais de construção romanos. Assim, com reservas, estabelecem-se as seguintes ocupações, com hiatos:

Senhor dos Desamparados I (?) – Idade do Bronze

Senhor dos Desamparados II – Ferro Recente

Senhor dos Desamparados III – Romanização

Alto da Torre (Barcelos). A partir dos trabalhos de campo de Carlos Alberto Brochado de Almeida *et al.* (1980: 39-32) e da revisão dos materiais e contextos escavados neste povoado foi possível determinar, pelo menos, dois momentos de ocupação (Bettencourt, 1999: 1014, 2000c: 128-129), com um largo hiato. Apesar de existirem alguns materiais que possam ser considerados, ainda, no Bronze Final, de facto apenas se detetou um momento do Ferro Antigo ou Inicial, datável do séc. IV a.C. Os restantes materiais estudados por C. A. B. Almeida *et al.* (1980: 39-32) datam de forma genérica da romanização:

Alto da Torre I – Ferro Antigo (séc. IV a.C.)

Alto da Torre II – Romanização

Faria (Barcelos). Com bases nos trabalhos de Bettencourt (1999), Almeida (1996, vol. I: 291-403, 1997), Daniela Ferreira (2019a) e estudos de materiais de antigas escavações efetuadas por nós, no âmbito deste trabalho, foi possível compreender um pouco melhor e afinar alguns momentos cronológicos deste *locus*. De facto, pelo estudo agora efetuado definem-se cinco grandes momentos de ocupação, no âmbito da pré-história e da proto-história. Este local foi, ainda, ocupado para além da Idade do Ferro, nomeadamente, durante a Alta e Baixa Idade Média:

Faria I – Calcolítico

Faria II – Bronze

Faria III – Bronze Final

Faria IVA – Ferro Antigo – pelo menos do séc. V a.C. a meados do séc. II a.C.

Faria IVB – Ferro Recente – séc. II a.C. – finais do séc. I d.C.

[26] Consultado em 22/01/2023 - https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=54672

Laúndos ou S. Félix (Póvoa de Varzim). No que respeita a este povoado, houve oportunidade de estudar o material sem contexto que estava depositado no Museu Municipal da Póvoa de Varzim e a possibilidade de ter em conta outros materiais já publicados, nomeadamente de ouro. Referimo-nos, neste caso, ao depósito de Laúndos (que inclui duas arrecadas) e que alguns autores têm colocado nos meados do I milénio A.C. (Severo, 1905-1908; Silva, 2007), ou seja, do Ferro Antigo. Os poucos materiais cerâmicos observados por nós são datáveis da Idade do Ferro Recente. Desta forma podemos propor, provisoriamente, para este povoado duas fases de ocupação:

Laúndos I – Ferro Antigo

Laúndos II – Ferro Recente

Terroso (Póvoa de Varzim). Trata-se de um povoado extensivamente escavado durante o séc. XX, inicialmente sem recurso a estratigrafia e, a partir dos anos 70, com recurso a metodologias científicas (Silva, 1981, 1986; Gomes 1996; Gomes, 2020). Os dados publicados por Paiva (1993) e por Gomes (1996, 2020) fazem com que este último autor tenha proposto várias ocupações desde o Bronze Final até ao Ferro Recente, sem hiatos. No entanto, Bettencourt (2005: 29, nota 3) diz que em escavações realizadas por si e por José Gomes, em 2004, se nota um verdadeiro hiato entre os níveis da Idade do Bronze deste povoado e os inícios da Idade do Ferro que considera ter emergido a partir do séc. IV a.C. Tivemos oportunidade de ver os materiais exumados nesta campanha, assim como ter acesso a duas datas de radiocarbono, realizadas por A.M.S. Bettencourt, que se encontravam inéditas, sendo uma delas absolutamente anómala (ETA - 193645), devendo corresponder a carvões de incêndios de níveis anteriores às ocupações do sítio que por revolvimentos da ocupação da Idade do Ferro vieram à superfície. Assim, com base em todas estas informações propomos a seguinte sequência para Terroso que difere da de Gomes (1996, 2020):

Terroso I – Bronze Médio[27]

Terroso IIA –Ferro Antigo (fins do séc. IV ou III a.C.)

Terroso IIB – Ferro Recente

[27] Devido ao tipo de materiais encontrados (muito fragmentados e rolados) e que se associariam a fragmentos de vasos de bordo horizontal.

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
ETA - 193645	5290±40	4224-4199 (25.2%) 4164-4152 (9.8%) 4146-4128 (15.5%) 4110-4100 (7.5%) 4062-4050 (10.2%)	4229-4196 (28.2%) 4168-4092 (48.7%) 4081-4047 (18.5%)	Carvão vegetal
Arizona NSF - 63059	2221±39	358 -50 (8%) **302-278 (20.3%)** 258-246 (12%) **233-208 (27.9%)**	361-348 (10.7%) **314-204 (84.8%)**	Carvão vegetal

Bagunte (Vila do Conde). Povoado longamente escavado, desde os inícios do séc. XX. A partir dos finais dos anos 90 as escavações passam a ter metodologias científicas de registo (Almeida, 1974b; Silva, 1986; Almeida, 1992; Dinis, 1993; Almeida, 1995). Foi observado algum material cerâmico da Idade do Ferro Recente, no contexto deste trabalho, além de se terem tido em consideração dados de outros autores (Almeida *et al.*, 2020). Na revisão que fizemos ao material publicado neste último artigo detetámos uma forma de importação (asa bífida de tipo púnico) datada do séc. VI ou V a.C., ou seja, do Ferro Antigo. Desta forma, foi possível precisar a cronologia deste povoado, dado como tendo uma ocupação do Bronze Final e outra do Ferro Recente e ainda da romanização (Almeida e Almeida, 2015; Almeida *et al.*, 2020):

Bagunte I – Bronze Final

Bagunte IIA – Idade do Ferro Antigo

Bagunte IIB– Idade do Ferro Recente

Bagunte III – Romanização

São João (Vila do Conde). Os estudos do material em contexto possibilitaram estabelecer quatro ocupações e um hiato de ocupação, entre os dois grandes períodos mais recuados do povoado. De referir que a escavação do sítio seguiu os métodos de escavação adequados, e o espólio rico e diversificado forneceu de forma clara os vários momentos de ocupação:

S. João I – Bronze Final

S. João IIA – Ferro Antigo

S. João IIB – Ferro Recente

São Paio (Vila do Conde). Apesar de ter sido difícil a compreensão da estratigrafia deste sítio, das camadas terem, muitas vezes, intrusões de materiais mais recentes, devido a grandes violações aqui ocorridas e do espólio cerâmico se encontrar, por vezes, muito fragmentado e/ou rolado, devido a fatores pós-deposicionais, foi possível, através do estudo por nós efetuado e de datas de radiocarbono, individualizar três momentos de ocupação. Este faseamento contradiz a proposta de Almeida e Pinto (1996a) e G. Pereira (2011) que consideravam uma ocupação do câmbio de era:

S. Paio I – Bronze Final

S. Paio IIA – Ferro Antigo

S. Paio IIB – Ferro Recente

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto
ICA 20C/1245	2160±30	336 - 326 (22.2%) **197 - 176 (46.1%)**	360-270 36.4%) **260-90 (57%)** 80-50 (2%)	Carvões vegetais (Quad. D7)
ICA 20C/1246	2100±30	150 – 131 (20.4%) **120 – 95 (27.9%)** 73 – 56 (19.9%)	340-330 (0.5%) **200-40 (95%)**	Carvões vegetais (Quad. D6 – lareira)

Em síntese:

Como se pode observar, só em parte dos povoados foi possível estabelecer com segurança níveis de ocupação. Nos restantes (Cristelo, Castro de Barroca, Picoto dos Mouros, Agrichouso, Monte de Crasto, Montedor, Pego, Cancela da Areosa, Castro dos Miradoiros do Galo, Nossa Senhora do Castro, Nossa Senhora da Paz, Outeiro dos Picotos, Navais, Argivai, Boi, Retorta, Santagões, Monte Crasto), não foi possível tal exercício, o que se prende, desde logo, com a falta de escavações e de materiais bem integrados ou em quantidade e diversidade para que deles se possam retirar ilações de ordem técnica, tipológica e cronológica.

Com a observação de materiais, provenientes de escavações arqueológicas antigas e recentes que, em muitos casos, se encontravam praticamente inéditos; com a revisão de outros materiais que pareciam dúbios, apesar de já publicados; com os dados já publicados e com novas datas de radiocarbono para muitos dos sítios estudados, foi possível aumentar, consideravelmente, os conhecimentos pré-existentes sobre a ocupação do litoral, durante a proto-história e precisar o quadro crono-tipológico para muitos locais.

De seguida apresenta-se uma tabela (Tab. 1.1) com as datas de radiocarbono existentes para as estações em estudo, maioritariamente inéditas. As calibrações destas datas foram realizadas através do sítio https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal/OxCal.html, implementado pela *Oxford University*. Foi usada a curva de calibração *IntCal20* (Reimer *et al.,* 2020) e foi tida em consideração a calibragem a 1 e 2 sigmas, pelo método B.

Tabela 1.1 Datas de radiocarbono para povoados e contextos funerários

Ref. Lab.	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma	Contexto	Ref.
Terroso ETA - 193645	5290±40	**4224-4199 (25.2%)** 4164-4152 (9.8%) 4146-4128 (15.5%) 4110-4100 (7.5%) 4062-4050 (10.2%)	4229-4196 (28.2%) **4168-4092 (48.7%)** 4081-4047 (18.5%)	Carvão vegetal	**Inédita**
Cova da Moura FTMC-BZ61-3	3261±31	1601-1584 (9,4%) **1544-1497 (51,8%)** 1474-1460 (7%)	**1613-1492 (82,2%)** 1482-1451 (13,1%)	Carvão vegetal	**Inédita**
Cova da Moura FTMC-FU30-4	3174±29	1492-1481 (7,5%) **1451-1398 (60,8%)**	**1499-1383 (85,7%)** 1341-1313 (9,8%)	Matéria orgânica de um vaso	**Inédita**
Coto da Pena UGRA-200	2930±100	**1198-1171 (24.7%) 1164-1142 (23.3%)** 1130-1112 (20.3%)	**1206-1140 (55.4%)** 1134-1106 (23.8%) 1100-1054 (16.2%)	Sementes de *vicia faba* camada 5	Silva, 1986b: 34; 2007: 88
Coto da Pena UGRA-220	2920±110	1188-1180 (6.1%) 1156-1148 (6.6%) **1126-1106 (25.2%)** 1098-1078 (17.1%) 1070-1055 (17.1%)	1199-1171 (14.4%) 1163-1142 (11.8%) **1130-1050 (69.3%)**	Sementes camada 9, do interior da casa 1	Silva, 1986b: 34; 2007: 88
Cova da Moura FTMC-BZ61-4	2784±30	**989-899 (68,3%)**	**1010-891 (79,5%)** 882-835 (16%)	Carvão vegetal	**Inédita**
São Lourenço (?)	2520±50	**771 – 756 (31.6%)** 680 – 670 (19.0%) 606 – 596 (17.7%)	**775-751(34.7%)** 685-666 (23.3%) **635-588 (35%)** 580 -571 (2.4%)	Madeira carbonizada	Almeida, 1996

Santo António Beta - 594651	2470±30	**746 - 721 (30.8%)** 707 – 689 (21.0%) 652 - 644 (9.2%) 551 – 544 (7.2%)	**750 – 684 (52.6%)** 668 – 635 (15.6%) 622 – 612 (1.8%) 591 – 540 (25.5%)	Fuligem de vaso com ornatos brunidos	**Inédita**
Sta. Trega Beta-424830	(?)	-	755 - 680 670 - 610 595 - 405	Área 1. M-42	Rodríguez Martínez, 2018: 112
Sta. Trega Beta-434176	(?)	-	**385-200**	Area 2 Muestra 4 (MU-109)	Rodríguez Martínez, 2018: 113
Terroso Arizona NSF - 63059	2221±39	358 -50 (8%) **302-278 (20.3%)** 258-246 (12%) **233-208 (27.9%)**	361-348 (10.7%) **314-204 (84.8%)**	Carvão vegetal (madeira)	**Inédita**
Santo Estevão da Facha CSIC-500	2210±50	353-348 (5.7%) **312-284 (34.7%)** 228-206 (27.8%)	360-342 (11.7%) **320-274 (43 %)** 264-242 (8.7%) 235-202 (32.1%)	(Quadrado XXVII - Estrato 8) Sementes carbonizadas	Almeida *et al* 1982, 79
Santo Estevão da Facha CSIC-499	2160±50	336-326 (22.2%) **197-176 (46.1%)**	344-318 (38.5%) **203-169 (56.9%)**	(Quadrado XIII - camada 10) Carvão vegetal (?)	Almeida *et al* 1982, 79
São Paio ICA 20C/1245	2160±30	336 - 326 (22.2%) **197 - 176 (46.1%)**	360-270 36.4%) **260-90 (57%)** 80-50 (2%)	Carvão vegetal Quad. D7	**Inédita**
São Paio ICA 20C/1246	2100±30	150 – 131 (20.4%) **120 – 95 (27.9%)** 73 – 56 (19.9%)	340-330 (0.5%) **200-40 (95%)**	Carvão vegetal (Quad. D6 – lareira)	**Inédita**
Sta. Trega Beta-434177-	(?)	-	200-45	Area 4 Muestra 5 (MU-110)	Rodríguez Martínez, 2018: 114

2. ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO, MATERIAIS E INTERCÂMBIO

2.1. Introdução

Nesta etapa do trabalho tratamos os diversos dados sobre a evolução do povoamento, em cada estuário e interflúvio, entre os rios Minho e Ave, através do I milénio a.C.

Se, para algumas áreas temos bastante informação, para outras, consoante a cronologia, temos poucos dados, pelo que se assume que os resultados obtidos assentam numa grande disparidade arqueológica.

Os resultados serão apresentados por cada estuário e pelos seus respetivos interflúvios, desde o rio Minho ao rio Ave. Explicitaremos os estuários do Minho/Coura[28]; o estuário do rio Âncora e interflúvio sul até ao rio litoral de Cabanas; o estuário do Lima e interflúvios; o estuário do rio Neiva e interflúvios; o estuário do rio Cávado e interflúvios, e ainda, o estuário do rio Ave e interflúvios, até ao pequeno rio litoral conhecido por Onda ou Donda. Em cada uma destas áreas a discussão dos dados e as interpretações fazem-se tendo em conta três grandes períodos cronológico-culturais: o Bronze Final, o Ferro Antigo e o Ferro Recente.

Para cada um destes períodos cronológico-culturais analisa-se a distribuição geográfica e espacial dos povoados existentes em cada área para compreender as estratégias de povoamento ou o modo como as populações que se instalaram em diversos pontos do território se articularam com o meio, no que concerne à exploração dos recursos naturais e às vias naturais de circulação (de pessoas e de matérias-primas).

Discutem-se, também, os dados e sintetizam-se os resultados relativamente aos materiais arqueológicos. Estes serão abordados com base em duas grandes distinções: os indígenas e os importados para, a partir daí, inferir dados técnicos, morfológicos e decorativos, os contactos havidos com outras áreas da Península Ibérica e o impacto desses contactos na estrutura interna das comunidades, em cada período cronológico-cultural.

No que concerne aos materiais indígenas, procurámos encontrar as semelhanças e, sobretudo, as diferenças existentes na cerâmica, tanto técnico-formais como decorativas, para cada uma das bacias hidrográficas, e refletir sobre as razões que levaram a alterações nos materiais produzidos localmente. Quanto aos materiais exóticos, partindo dos dados pré-existentes e de alguns inéditos (que surgiram no decorrer deste trabalho), tentámos interpretar os gostos e opções de consumo das comunidades litorais, bem como as possíveis razões que levaram a que determinados povoados tenham adquirido determinados materiais exóticos e outros não.

[28]Por falta de dados arqueológicos concretos o interflúvio Minho/Âncora não pôde ser tratado.

Tentámos, ainda, embora que de forma não exaustiva, estabelecer que redes de intercâmbio se foram estabelecendo entre os povoados da orla costeira e os mais interiores.

Após o estudo regional foi efetuado um estudo comparativo e de síntese, para cada período cronológico-cultural, tendo em conta a totalidade da área de estudo. Posteriormente, foi elaborada uma comparação diacrónica entre os diferentes períodos existentes ao longo do I milénio AC.

2.2. ESTUÁRIO DO RIO MINHO

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

No estuário do rio Minho foram considerados os povoados de Santa Tecla (La Guardia) e do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha), os únicos onde se conhecem ocupações deste período.

Distribuição geográfica e análise espacial dos povoados

Santa Tecla, a 330 metros de altitude, na margem direita do estuário e da foz do rio Minho, tinha controlo visual para o Oceano Atlântico (noroeste, oeste e sudoeste) e para o interior do estuário, o que se pode considerar uma localização geoestratégica de controlo da navegação oceânica e estuarina (Fig. 1.9).

O povoado do Coto da Pena (situado numa colina de 82 metros de altitude), na margem esquerda da foz do Coura, em pleno estuário do Minho, foi considerado por Bettencourt (2013) um povoado de baixa altitude. Possuía uma posição geográfica muito favorável, quer por se encontrar em local resguardado do estuário do Minho, quer por se localizar na foz do Coura (Fig. 1.10, 1.11). Estes dois povoados avistam-se mutuamente (Fig. 1.9).



Fig. 1.9 Localização de Santa Tecla e do Coto da Pena no estuário do rio Minho.

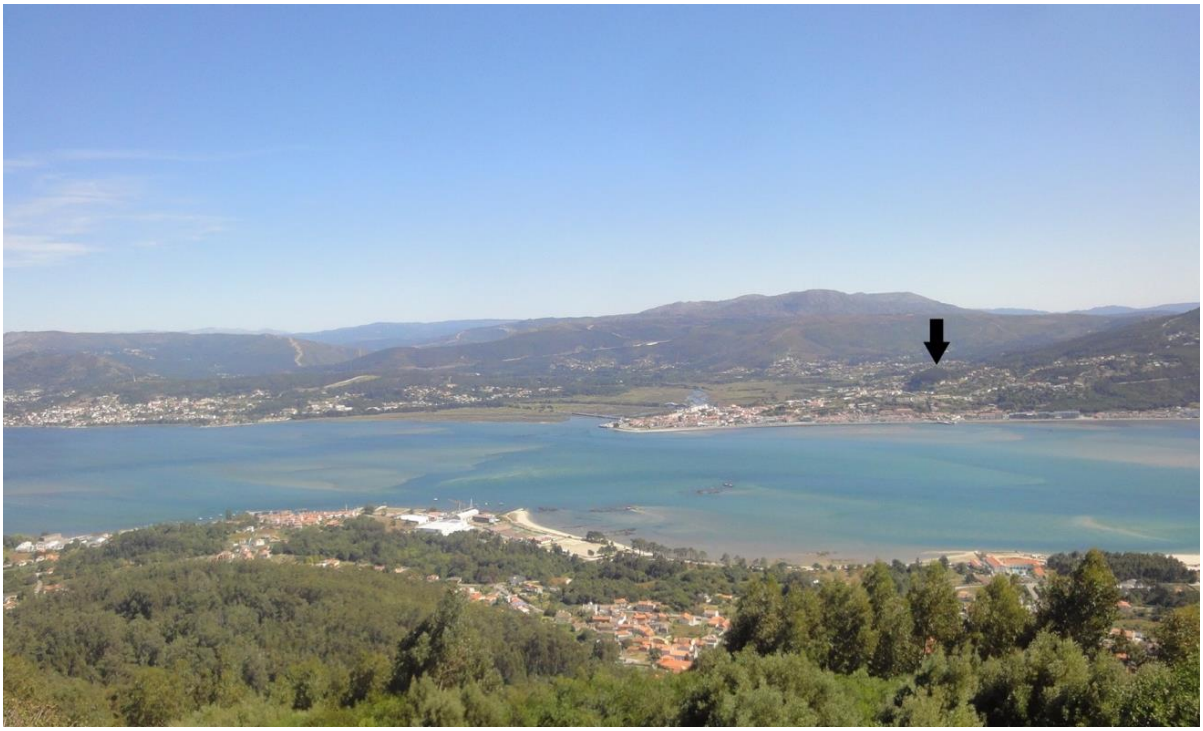


Fig. 1.10 Vista de Santa Tecla ou Tegra (Galiza, Espanha) para o estuário do rio Minho. Observa-se a visibilidade para o povoado do Coto da Pena (assinalado).



Fig. 1.11 Vista para nordeste, a partir do Coto da Pena. Observa-se uma parte do estuário do rio Minho e, do lado direito, a foz do rio Coura.

Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação

Antes de avançarmos é de fazer notar que os grandes rios que fomos tratando são desde logo as grandes e principais vias de acesso e comunicação entre o litoral e o interior, constituindo o oceano uma via de circulação importante no contexto dos intercâmbios suprarregionais. Assim, estes povoados parecem completar-se, sendo o de Santa Tecla o que controla a navegação atlântica e grande parte do estuário do rio Minho e o do Coto da Pena, o que controlaria a foz do Coura, importante afluente do Minho e verdadeira porta de acesso à Serra de Arga (a escassos 4 km a su-sudeste), pautada por inúmeras jazidas de estanho.

Estes dois povoados poderiam, igualmente, captar e acumular recursos metálicos e controlar o seu intercâmbio, nomeadamente do estanho de aluvião, provenientes do rio Coura (Fig. 1.12) e das áreas a montante do rio Minho.

É de destacar a importância deste recurso durante o Bronze Final se tivermos em conta os inúmeros achados avulsos e depósitos encontrados nesta área (Cruz de San Telmo /Sáa, Camposancos (Carballo Arceo, 1989); Aveleira, Vilar de Mouros (inédito); Monte da Sr.ª do Crasto/Monte de Góis Pequeno, Vilar de Mouros (Vieira, 1886: 168); Cavada, Vilar de Mouros (Sarmento, 1987; Monteagudo, 1977: 167).

Há que destacar que a área do Coto da Pena possuía boas condições de atracagem para a navegação marítima e fluvial, junto à foz do Coura.

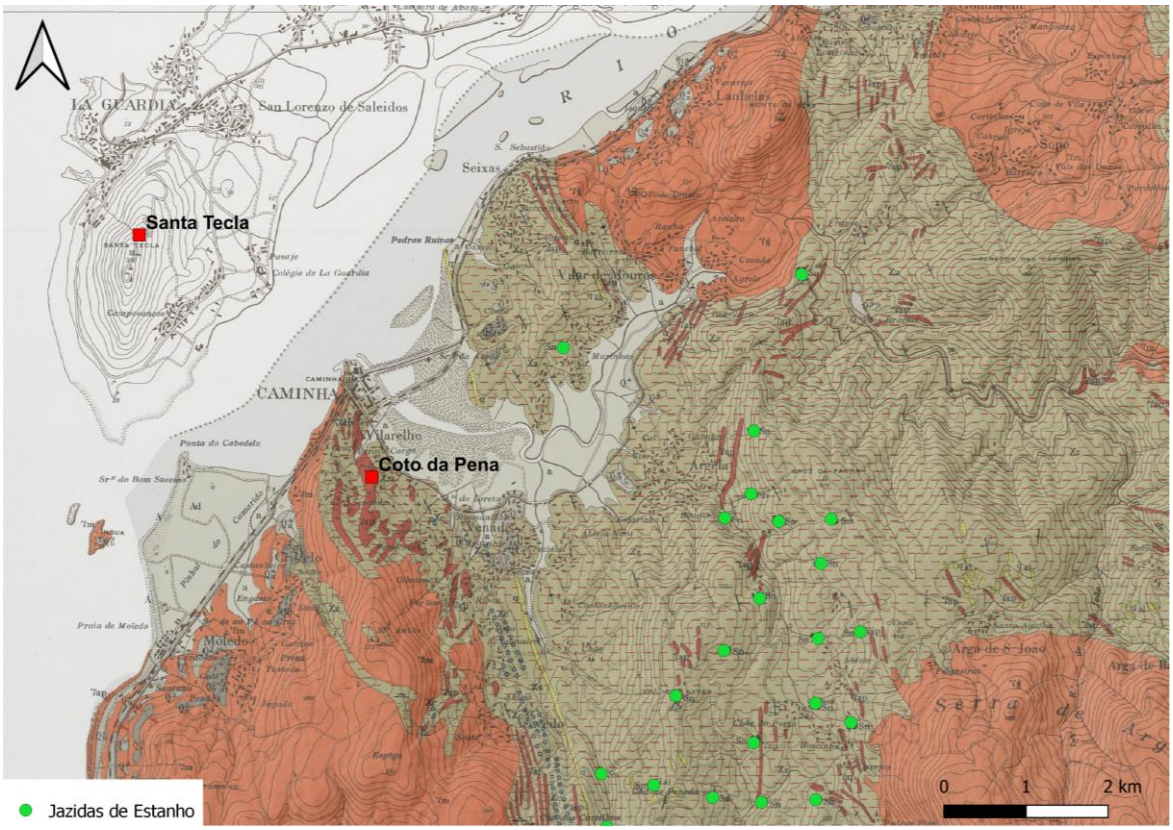


Fig. 1.12 Localização das jazidas primárias de estanho da vertente nor-noroeste da Serra d' Arga e povoados com ocupação no Bronze Final e no Ferro Antigo.

Estes povoados também tinham acesso aos recursos fluviais e marítimos e à combinação de recursos de vale e de monte, o que possibilitaria o desenvolvimento de atividades de recoleção e agro-silvo-pastoris. Tal como defendeu Bettencourt *et al.* (2021), tendo em conta as salinas portáteis e cortadas na rocha que rodeiam o povoado de Santa Tecla, é provável que as populações deste sítio se dedicassem, também, à exploração de sal (Fig. 1.13).

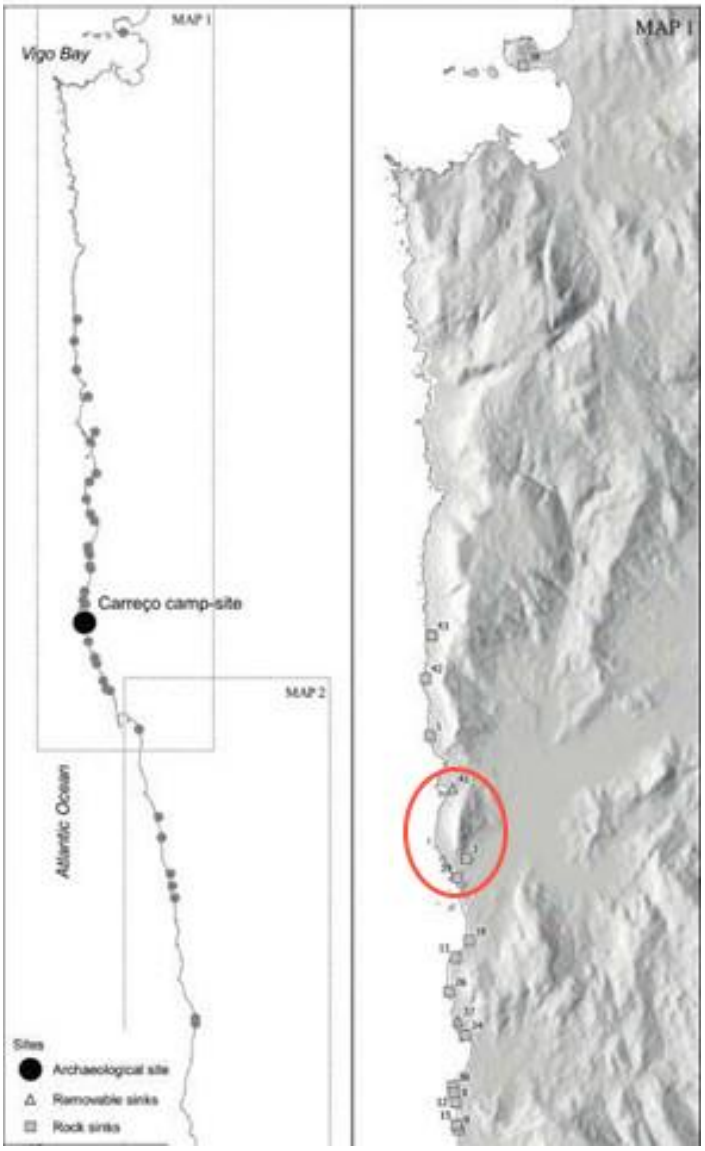


Fig. 1.13 Localização de Santa Tecla e de vários vestígios arqueológicos de exploração de sal nas suas imediações (Bettencourt *et al.,* 2021, adaptado).

Materiais cerâmicos locais e metálicos

O estudo dos materiais cerâmicos desta fase no Coto da Pena está algo sub-representado no trabalho que Silva (1986: 121, nota de rodapé n.º 107, 2007) desenvolveu. Mesmo assim sabe-se que neste local houve formas carenadas, de boa qualidade, e decorações incisas de tipo Baiões, com paralelos no Castro da Nossa Senhora da Guia (Baiões) (Silva, 1986: 118-121), o que revela intercâmbio com áreas do centro de Portugal. No povoado também houve consumo de artefactos de bronze, como é exemplo a foice de talão, fíbulas de tipo *Alcores* e *Acebuchal,*

pendentes em forma de campânula e de tipo xorcas ou sanguessugas (Silva, 1986: 173, 186-187, Est. CI 1 e 2; C 10 a 13, adaptado) (Fig. 1.14).

Quanto aos materiais de Santa Tecla, pouco se conhece desta fase, à exceção de uma foice de talão, em bronze, cuja localização no povoado é desconhecida (Carballo Arceo, 1994: 55-56), cinco punhais do "Tipo Porto de Mós", em bronze (Carballo Arceo, 1994: 44, 47-48; Peña Santos, 2001: 119) e seis pendentes em forma de campânula, também em bronze (Carballo Arceo, 1994: 36-37) (Fig. 1.14).

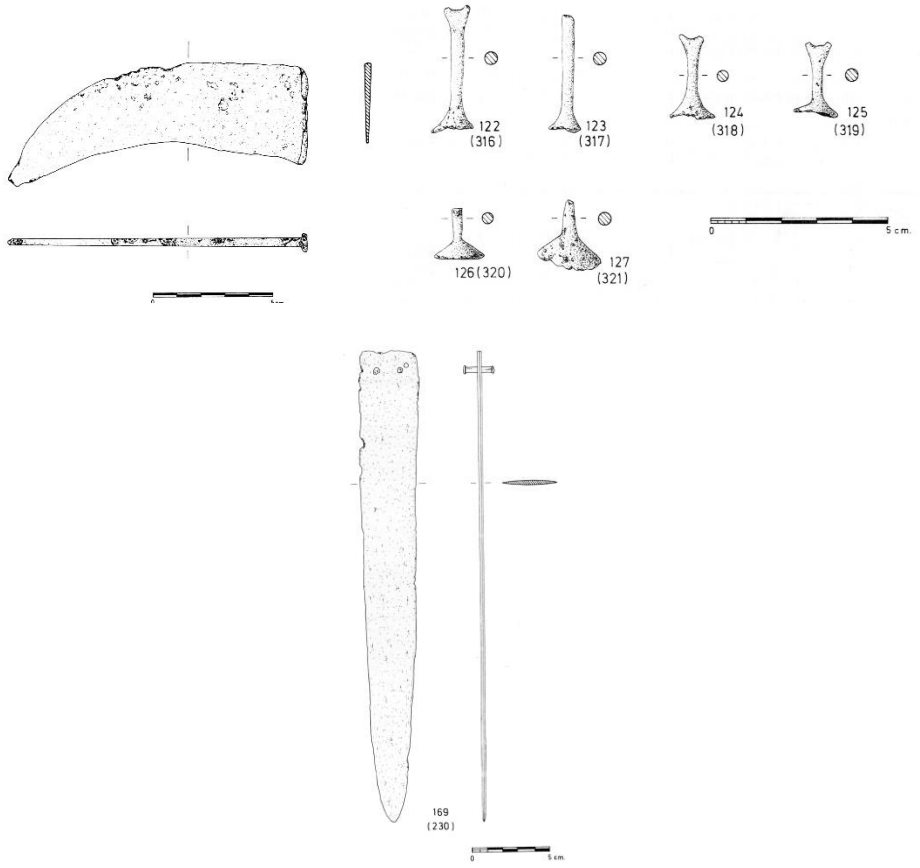


Fig. 1.14 Objetos metálicos de Santa Tecla, no Bronze Final: foice de talão; pendentes em forma de campânula e punhal do tipo Porto de Mós (Carballo Arceo, 1994, adaptado).

Intercâmbio

No que concerne aos materiais indiciadores de intercâmbio, destacamos, desde logo, aqueles encontrados no Coto da Pena. Referimo-nos às cerâmicas com decoração de tipo Baiões, a evidenciar contactos com o Centro de Portugal, e as fíbulas de tipo *Alcores* e *Acebuchal* que Silva (1986: 186-187), considera resultantes de contactos com agentes de áreas meridionais (Fig. 1.15). Estes objetos, representativos de modelos de modos de vestir, terão penetrado por via litoral (Arruda *et al.,* 2022: 92). Os últimos autores consideram que estes objetos que ornamentavam

ou completavam o vestuário, encontram-se quer em ambientes funerários quer em espaços simbólicos ou rituais, embora seja difícil, pela descrição da escavação do Coto da Pena, atribuir-lhes qualquer contexto deste tipo. Arruda *et al.* (2022: 117), tendo em conta o caso das necrópoles analisadas, verificam que as fíbulas de tipo Alcores aparecem associadas apenas a uma tumba feminina e as Acebuchal parecem estar relacionados com tumbas de indivíduos do sexo masculino. Tendo em conta este cenário, a incorporação de hábitos oriundos da área meridional, no Coto da Pena, revelarão, igualmente, a distinção sexual de quem as usa?

Também os pendentes de tipo xorca[29] e em campânula poderão ser de origem local, dada a sua distribuição, maioritariamente, no Noroeste, embora façam lembrar o pendente gravado na estátua-menir de S. João de Ver, em Vila da Feira. Apenas se conhecem nos povoados de Santa Tecla, em La Guardia, de Torroso, em Mós - neste caso, datado de entre os séculos VIII e VI a.C. (Peña Santos, 1987a; 1987b) e do Cossourado, Paredes de Coura, para onde há datas dos fins da Idade do Bronze (entre os séc. IX e fins do VII a.C.) (F. Silva, 2015, 113 - fig. 66A; 243-245) (Fig. 1.15).

De ter em conta, também, a petrificação precoce de estruturas "domésticas", no Bronze Final do Coto da Pena o que pode estar relacionado com a influência mediterrânica trazida pelos fenícios.

Para Santa Tecla, relativamente a esta fase cronológica não temos quaisquer dados disponíveis a nível de estruturas. De facto, a fase mais antiga, até agora atestada por materiais e por estruturas em negativo (fossas e buracos de poste) e com materiais cerâmicos indígenas e importações púnicas, são datáveis do Ferro Antigo (Rodríguez Martínez, 2018: 115).

É possível que os cinco pendentes em forma de campânula e um punhal, registados no Cossourado, Paredes de Coura (F. Silva, 2009: 319-320, 322, figuras 86 e 88), a 17 km do Coto da Pena, para montante da bacia do rio Coura, datem desta fase e revelem intercâmbios locais (Fig. 1.15). Talvez a mesma ilação se possa tirar dos inúmeros materiais metálicos, em bronze, detetados em Torroso, em Mós, Pontevedra, na margem direita do rio Louro, afluente da margem norte do Minho e a cerca de 45 km de Santa Tecla, por via fluvial. Trata-se de um local onde se documentou uma fíbula de dupla mola, um alfinete de cabelo de extremidade enrolada e pendentes de tipo xorca, de inspiração mediterrânica, artefactos de ferro, de importação, além de petrificação precoce de cabanas (Peña Santos, 1992: 25-40, 54).

[29] Para as xorcas ou sanguessugas, leiam-se os trabalhos de Peña Santos (1992) e de Bettencourt *et al.* (2020: 1018).

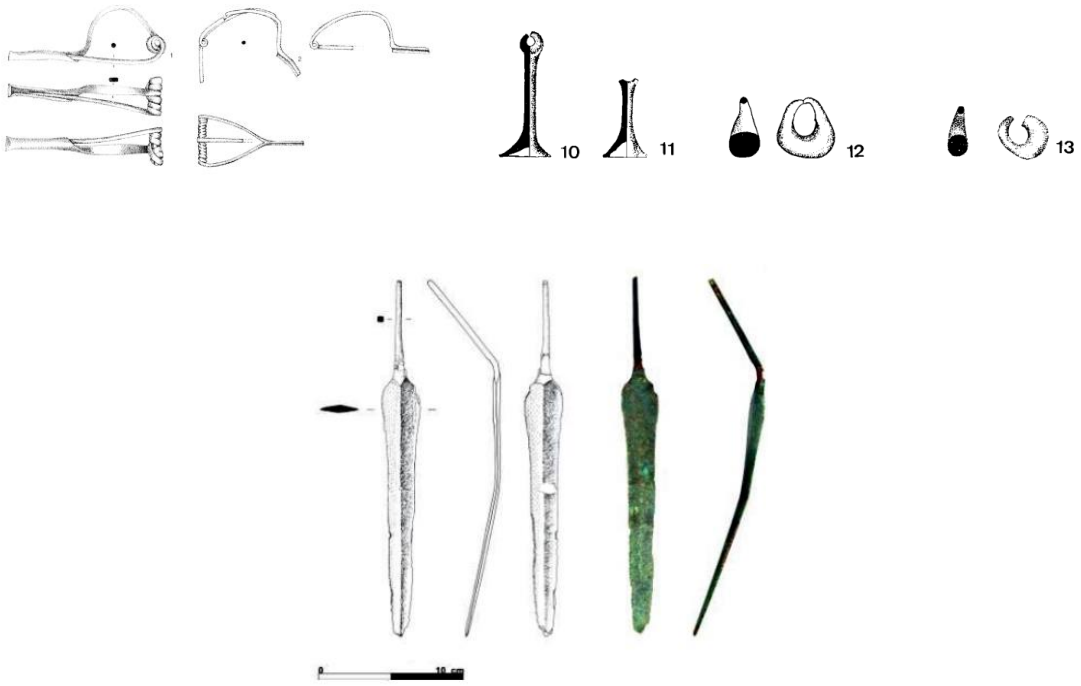


Fig. 1.15 Materiais importados dos finais da Idade do Bronze no Coto da Pena: fíbulas de tipo *Alcores* e *Acebuchal* e pendentes em forma de campânula e de tipo xorcas (Silva, 1986, Est. CI - 1 e 2; C – 10 a 13, adaptado); punhal do Cossourado (F. Silva, 2009, adaptado).

Lógicas de povoamento

A partir dos dados obtidos coloca-se a hipótese de que, durante o Bronze Final, no estuário do rio Minho, existia uma articulação entre os dois povoados genericamente contemporâneos, sendo um de altura, localizado na foz e com controlo do atlântico e do estuário (Santa Tecla), e um de vale (Cota da Pena), localizado já no interior do estuário, com grande capacidade de atracagem nas suas imediações, quer de embarcações marítimas quer fluviais, e capaz de gerir os mais diversos recursos existentes na área, servindo de porta de saída dos recursos metálicos e de porta de entrada de novidades trazidas pelos navegadores fenícios.

b) IDADE DO FERRO ANTIGO

Caracterização da amostra

Nesta fase, registamos ocupação nos mesmos povoados do período anterior: Santa Tecla e Coto da Pena, pelo que os vários campos até ao ponto "Materiais..." são idênticos.

Materiais cerâmicos locais, metálicos, líticos e vítreos

Segundo o que se depreende da publicação de Silva (1986) o acervo cerâmico indígena do Coto da Pena diversifica-se algo em relação ao que se conhece para os restantes povoados do Ferro Antigo do Noroeste português[30], o que revela uma alteração em relação às formas e técnicas existentes no Bronze Final. Segundo este autor, aparecem, neste momento, potes com perfil em S, pratos e malgas, panelas de asa interior (com as respetivas asas com preensão vertical) e potes com asa de secção circular (Silva, 1986).

Foram, ainda, registados, além de cadinhos com pingos de fundição agregados, pelo menos dois moldes cerâmicos indeterminados (Silva, 1986: 168) e uma valva de molde, em granito, para fundição de alfinetes (Silva, 1986: 168). Ainda foram identificados: um cabo de utensílio indeterminado e um outro cabo de espada ou punhal, de secção ovalada com estrias decorativas oblíquas e paralelas, possuindo ainda uma pequena asa de preensão lateral (Silva, 1986, est. LXXXIII, 12).

Apesar de uma quantidade e diversidade interessantes no que respeita aos materiais relacionados com produção metalúrgica, a verdade é que não conhecemos em pormenor o tipo de materiais metálicos existentes neste povoado.

Em Santa Tecla não se conhecem cerâmicas indígenas, publicadas, deste período cronológico-cultural. No entanto, foram encontrados, pelo menos, dois punhais de antenas, um deles com lâmina de ferro (Carballo Arceo, 1987, 1994: 44-46; Peña Santos, 2001: 127-128) que têm sido datados dos inícios da Idade do Ferro (Almagro Gorbea, 1976: 453-477; Ruiz-Gálvez, 1980: 85-112; Silva, 1983-1984: 121-129), embora Carballo Arceo (1987) admita que podem ter longa cronologia. Neste povoado apareceram, ainda, alguns moldes em granito, para produção de varetas ou lingotes (?) (Carballo Arceo, 1994: 60-61), muito similares ao que se encontraram no Coto da Pena e que datam desta fase. No que concerne aos artefactos metalúrgicos devemos mencionar, ainda, um caldeiro de rebites, um registado no Coto da Pena (Silva, 1986, Est. LXXXVII, n.º 6 e 7) e outro encontrado em Santa Tecla (Carballo Arceo, 1994: 64-65) (Fig. 1.16) que poderão ser desta fase, tal como aquele que surgiu em Frijão, Braga (Silva, 2014). Em Santa Tecla foram, ainda, registados vários objetos de adorno pessoal como é o caso de duas fíbulas do tipo Sabroso ou Ponte 22a (Carballo Arceo, 1994: 19-20; Ponte, 2006: 222-225) e fíbulas do tipo Meseta ou Ponte 33 (Ponte, 2006: 285-289), datáveis de entre os finais do séc. VIII a.C. e inícios do séc. V a.C.

[30] Ver a este propósito a tabela de formas de Martins (1990).

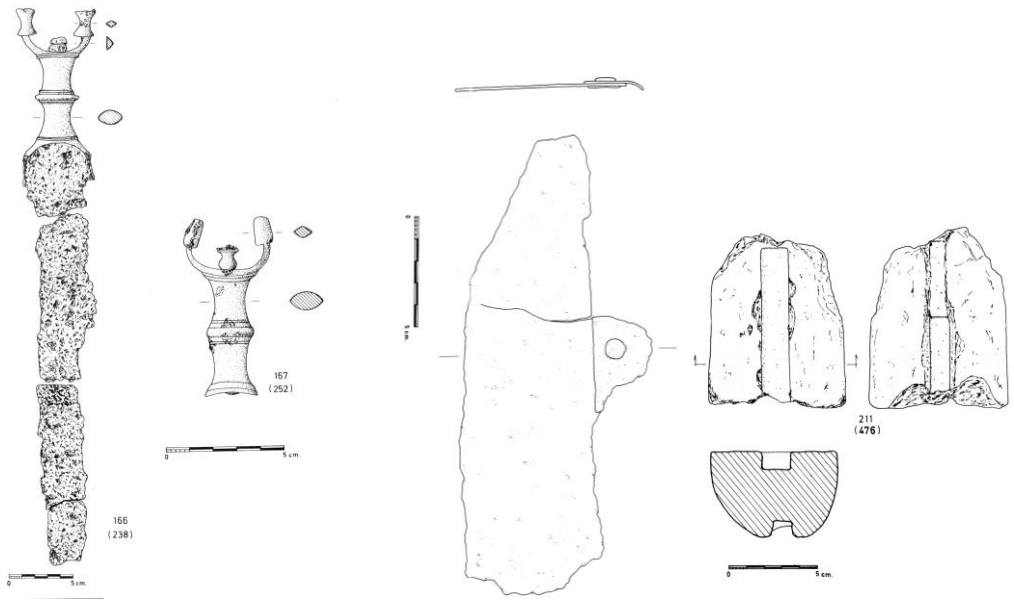


Fig. 1.16 Materiais metálicos e líticos relacionados com a produção metalúrgica em Santa Tecla (Carbalho Arceo, 1994, adaptado) (da esquerda para a direita): punhais de antenas; placa rebitada e molde em pedra.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Nesta fase é nítida a produção metalúrgica no povoado do Coto da Pena. Também se evidencia o aumento do intercâmbio veiculado por agentes oriundos do mediterrâneo ou do sul da Península Ibérica, em ambos os povoados.

No **Coto da Pena** foi registada uma quantidade importante de material importado (16 formas ou NMI), de origem mediterrânica, reavaliados por nós, neste trabalho (fig. 1.17). Estes datam de entre os sécs VI/V a.C. e finais do séc. II a.C. e são de origem ática e de tradição púnica e mesmo do Vale do Guadalquivir.

Não foi possível determinar a forma dos fragmentos de origem ática, mas foi possível reavaliar alguns exemplares de ânforas de tradição púnica e mesmo fenícia ocidental, enquadráveis nas tipologias de Rámon Torres (1995), como as T-10.1.1, T-11.2.1., T- 12.1.1.2 e, ainda, de tipo Pellicer D[31], enquadrável na tipologia de Pellicer Cátalan (1978). Estes materiais (T-10, T-11) serviam, genericamente, de contentores para produtos como conservas de peixe e preparados piscícolas, segundo Sáez Romero (2018) e Rámon Torres (1995).

Devemos, ainda, destacar algumas formas finas, de uso de mesa, das quais salientamos um vaso, com bandas pintadas de várias cores, e vários fragmentos de cerâmica de textura fina, possivelmente orientalizante (Silva, 1986; Lopes, 2003).

[31] De produção do Vale do Guadalquivir.



Fig. 1.17 Cerâmica importada de Coto da Pena: fragmentos de cerâmica grega; vaso pintado em bandas; possível vaso de cerâmica comum com semelhanças com os tipos anfóricos T-12.1.1.2 (fotografia e desenhos realizados no decurso dos nossos trabalhos).

Em **Santa Tecla**, notámos o aparecimento de onze contas de colar vítreas, oculadas, que começam a circular nesta fase, mas que no limite podem ainda ser reutilizadas no Ferro Recente (Carballo Arceo, 1994: 39-40). Destacamos, de igual modo, nesta fase de ocupação do Ferro Antigo, algum material anfórico dado a conhecer por Rodríguez Martínez (2018: 114-115), neste caso, dois exemplares[32] de ânforas de tipo T.8.2., segundo as tipologias de Rámon Torres (1995). Estes contentores serviriam para o transporte de preparados piscícolas, oriundos da área de Cádis (Rámon Torres, 1995: 226).

Lógicas de povoamento e interpretações

Também neste período se pode colocar a hipótese de articulação geoestratégica, no controlo do intercâmbio exógeno, entre os dois povoados genericamente contemporâneos (Santa Tecla e Cota da Pena).

O Coto da Pena parece ter aumentado o seu papel geoestratégico, a nível local, tendo servido de porta de entrada de novidades exógenas para os povoados e as populações mais interiores. Tal evidencia-se na ocupação do Ferro Antigo do povoado do Cossourado, onde apareceu uma conta de colar em pasta vítrea, oculada (F. Silva, 2009: 328, figura 90) (fig. 1.18) e, ainda, alguns fragmentos de panelas, taças, um prato covo e potes de armazenamento ibero-

[32] Infelizmente, não conhecemos desenhos ou fotografias destes materiais.

púnicos (Tab. 1.2) com uma cronologia datável, genericamente, do séc. IV a.C. (F. Silva, 2009: 347).



Fig. 1.18 Conta de colar vítrea oculada (Silva, 2009: 328, figura 90, adaptado).

O mesmo se pode dizer da fase do Ferro Antigo do povoado de Romarigães, em Paredes de Coura, a 2,5 km para montante do rio Coura, onde apareceu um fragmento de um *skyphos,* de figuras vermelhas em fundo preto (Fig. 1.19), (Silva, 2009: 407-409; 441), datável do séc. IV a.C. Este tipo de vaso serviria para beber, provavelmente em lugares de discussão e debate público como os *symposion*, nos seus contextos originais de uso, na área grega, em época clássica (Sparkes e Talcott, 1970: 84-85; Sparkes, 1991: 63; Clark *et al.,* 2002: 145). Neste contexto indígena seria usado em épocas ou em dias muito específicos. Tal como seria usado em contextos muito específicos, aquele vaso pintado em bandas encontrada no Coto da Pena. Seriam todos eles usados como serviço de mesa e para transporte.

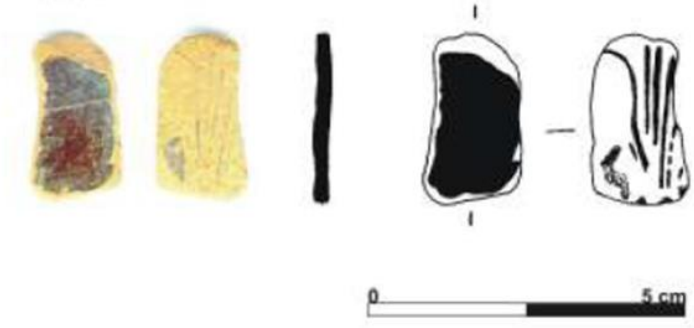
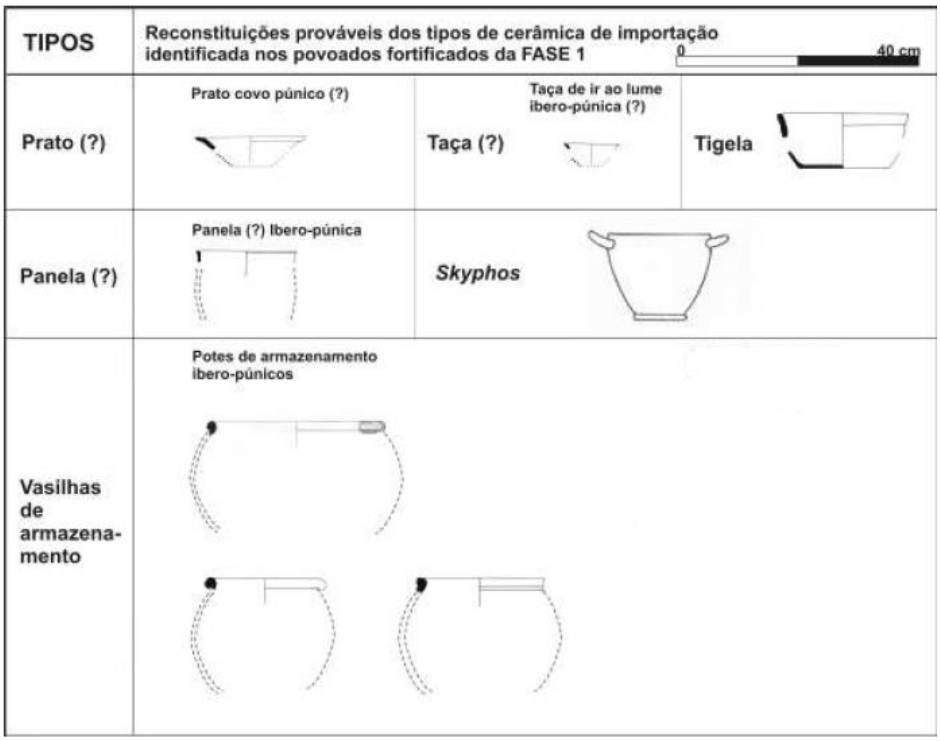


Fig. 1.19 Fragmento de um possível *skyphos* de figuras vermelhas em fundo negro (F. Silva, 2009: 409, figura 123, adaptado)

Tal poderá explicar-se pela riqueza, em toda esta bacia fluvial, de recursos de estanho de aluvião[33], oriundos das inúmeras jazidas primárias existentes na área (Fig. 1.12), podendo, as elites do Coto da Pena ter pressionado a captação do minério e a produção metalúrgica, em troca de *itens* e do consumo de produtos exóticos e de prestígio.

[33] O que chegou ao séc. XX. Há testemunhos locais que afirmam que, após as cheias, as margens do rio Coura ficavam cheias de estanho de aluvião que era preciso retirar para continuar as atividades agrícolas. Tal foi-nos contado na freguesia de Vilar de Mouros.

Tabela 1.2 Cerâmicas de importação do Ferro Antigo, em povoados interiores da bacia do Coura (F. Silva, 2009: 569, adaptado)



c) IDADE DO FERRO RECENTE

Caracterização da amostra

Nesta etapa cronológica, além dos dois povoados anteriores, vemos aparecer, pelo menos, mais um povoado na área do estuário do rio Coura, embora um pouco mais a montante do que o Coto da Pena. Trata-se do Monte do Crasto, em Vilar de Mouros, localizado num esporão de baixa altitude do Monte de Góis Pequeno, num corredor natural de ligação entre os rios Coura e Minho (Fig. 1.20).

Distribuição geográfica e análise espacial

Do povoado do Monte do Crasto, há, também, visibilidade, tanto para o estuário do rio Minho, como para o do rio Coura, com um fácil acesso a estes dois cursos fluviais. Do local não há visibilidade para o oceano, mas existia intervisibilidade para Santa Tecla, onde, como já foi dito, a navegação ou chegada de povos estranhos à região podia ser controlada. Este povoado tinha acesso aos recursos fluviais dos dois rios em questão, aos recursos de vale e de monte e acesso mais direto aos recursos de estanho de aluvião, de que a freguesia de Vilar de Mouros é rica.



Fig. 1.20 Povoados no estuário do rio Minho, no Ferro Recente.

Materiais cerâmicos locais e metálicos

Quanto aos materiais indígenas devemos referir, pelo que observámos pessoalmente, e pelo que foi publicado, que o conjunto de formas e decorações cerâmicas é algo distinto do registado nas restantes baciais fluviais, a sul do Minho. Notam-se, claramente, formas, técnicas e decorações comuns no restante Noroeste português (pastas micáceas, potes de perfil em S), em associação com formas, técnicas e decorações típicas das Rias Baixas Galegas (pastas arenosas, formas globulares ricamente decoradas por aplicação plástica, bordos reforçados, formas em S ricamente decoradas por impressão ou aplicação plástica, etc.) (Fig. 1.22). Tal leva-nos a admitir que estas particularidades são próprias do rio Minho e que correspondem a uma característica cultural desta área.

Face ao Ferro Antigo, aparecem, agora, novas formas (talhas e panelas de asa em orelha), novas tipologias de asas e bordos nas panelas de asa interior. Em ternos técnicos verifica-se o aumento de formas à roda/torno e um grande número de cozeduras oxidantes.

Relativamente às cerâmicas consideradas como típicas das Rias Baixas Galegas, estas são abundantes em **Santa Tecla**. Aí ocorre, pelos trabalhos desenvolvidos por Rey Castiñeira (1991: 339-346), alguma variedade formal: como jarras de tipo Toralla, vasos de tipo Forca e vasos com bordo reforçado triangular de tipo Vigo e, ainda, panelas com asas interiores e exteriores, com cerca de 30 a 40 cm de diâmetro (diâmetros que diferem um pouco da realidade oleira do Ferro

Recente das área do Lima e Cávado) e panelas de asa em orelha, também presentes em todo o Ferro Recente do Noroeste (Tab. 1.3).

Para o **Coto da Pena** não possuímos formas completas. Ainda assim, devemos referir nos fragmentos que observámos, pastas essencialmente arenosas, de cozeduras oxidantes e de cores avermelhadas, com tratamento de superfície quase sempre polido ou mesmo brunido e, normalmente, decoradas com aplicações plásticas (cordões verticais, essencialmente), incisões e impressões de grande barroquismo (Fig. 1.21).

Da observação que fizemos a este acervo, nota-se a existência de, pelo menos, uma peça, antes classificada de tipo I, por Silva (1986: 133, Est. LX, 5) que, na verdade, corresponde a um vaso do tipo Borneiro B, existente na Galiza (Rey Castiñeira, 1991: 70-71; Ródriguez Corral, 2008) datável de entre o séc. VI e II a.C. (fig. 1.21).



Fig. 1.21 Vaso tipo Borneiro B do Coto da Pena.



Fig. 1.22 Materiais cerâmicos indígenas do Coto da Pena, onde são nítidas duas tradições: do lado esquerdo decorações e pastas mais similares às do Noroeste português e, do lado direito, decorações e pastas com filiações das rias Baixas Galegas.

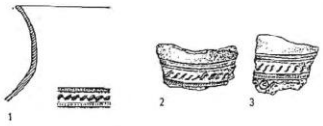
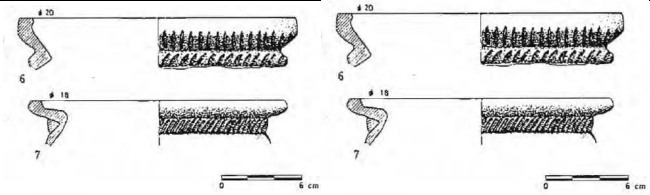
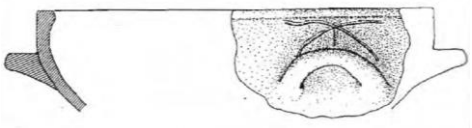
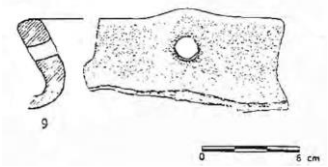
Notámos, também, a existência de decorações ictiformes acompanhadas de outros motivos e técnicas decorativas, temática mais comum a norte do Minho (Rodriguez Puentes, 1986; Rey Castiñeira, 1990-1991; 1991; 1998; Oliveira e Seoane, 2020) (Fig. 1.23).



Fig. 1.23 Decoração compósita, com múltiplos motivos e técnicas: destacamos neste caso os motivos ictifomes.

No povoado do Monte do Castro, apesar do conjunto cerâmico ser pequeno, foi registada, também, uma forma típica das rias Baixas galegas. Trata-se de uma forma de tipo Cíes, datável genericamente do séc. II a.C., ou seja, do Ferro Recente (Tab. 1.3).

Tabela 1.3 Formas cerâmicas do Ferro Recente presentes no estuário do rio Minho

Monte do Crasto (Vilar de Mouros)	
Tipo Cíes	
Santa Tecla[34]	
Jarra de Tipo Toralla	
Vaso de Tipo Forca	
Vasos com bordo reforçado triangular, de tipo Vigo	
Panelas de asa interior ou exterior	
Panelas de asa em orelha	

Devemos ainda mencionar que na área interior do rio Coura, foram registados fragmentos de peças de tipologia similar a vasos com bordo reforçado, triangular, de tipo Vigo[35].

Quanto aos materiais metálicos, são agora mais comuns os objetos em ferro, sendo a metalurgia de bronze usada para inúmeros objetos de adorno pessoal. Quanto aos materiais de

[34] Todas as ilustrações deste sítio arqueológico foram adaptadas da publicação de Josefa Rey Castiñeira (1991).
[35] Observável após visita ao Museu Regional de Paredes de Coura.

Santa Tecla, publicados em Carballo Arceo (1989, 1994: 57), pela falta de contexto de escavação, não é possível a sua inserção neste período cronológico-cultural, concreto. Tal é o caso, por exemplo, da existência de vários anzois, tanto em bronze como em ferro, que tanto podem ser desta fase, como anteriores ou posteriores. No **Coto da Pena** é de referir a existência de dois punhais afalcatados, (Silva, 1986, XCI n.º 8, 9).

Em **Santa Tecla** destacam-se em **bronze**, pelo menos, dois suportes de asas de sítula, decoradas com decoração geométrica[36] (Carballo Arceo, 1994: 64, 135); vários exemplares de fíbulas de tipo transmontano ou Ponte 32 (das variantes a, b e c) (Carballo Arceo, 1994: 23-25; Ponte, 2006: 276-278); oito exemplares de fíbulas do tipo de charneira cilíndrica ou Ponte 39 (variante a e b) (Carballo Arceo, 1994: 19, 21, 22; Ponte, 2006: 319-324); dois exemplares de fíbulas do tipo anular romana ou do tipo Ponte B51.2 (Ponte, 2006: 400-407); todos estes exemplares datam dos finais do séc. III a.C. e inícios do séc. I d.C.. Do **Coto da Pena** há uma fíbula de tipo Aucissa (Silva, 1986: 177-178; 191-192; Est. CV, n.º 15; CVII, n.º 20) e, pelo menos, um exemplar do tipo anular romana ou tipo Ponte B51.2, datável entre os inícios do séc. I d.C. até ao período baixo imperial romano (Ponte, 2006) (Fig. 1.24).

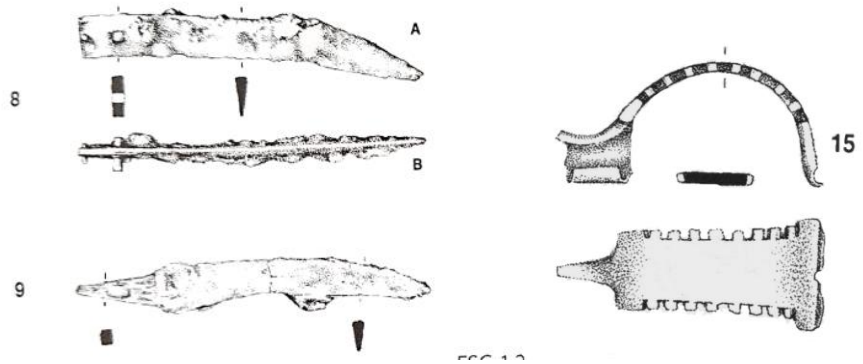


Fig. 1.24 Materiais metálicos do Coto da Pena, datáveis do Ferro Recente (Silva, 1986, Est. CV, n.º 15, XCI n.º 8, 9).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

A produção metalúrgica de Santa Tecla e do Coto da Pena continuam neste período, pelo menos, de artefactos de bronze, evidenciada pelos vários moldes de sítula com decoração geométrica e as próprias armelas ou asas decoradas de sítula, registadas em Santa Tecla. É

[36] Têm sido variadas as propostas cronológicas para este tipo de peças (Carballo Arceo, 1983; Martins, 1988; Rey Castiñeira, 2005a; González-Ruibal, 2006-2007), todas incluem a produção deste tipo de peças durante o Ferro recente, *grosso modo*, entre os finais do séc. II a.C. e todo o séc. I d.C.

natural que a exploração de sal continuasse e aumentasse durante este período, pelo menos, na envolvente de Santa Tecla.

Notamos, ainda, que os três povoados teriam poder económico para adquirir materiais importados de origem romana, quer da área itálica, quer de origem ibérica. Em Santa Tecla há a registar uma peça do tipo *Kalathos,* pintada, ibérica (Naveiro Lopez, 1991: 26, nota de rodapé n.º 7; Peña Santos, 2001: 118) que se pode datar, genericamente, do Ferro Recente (Fig. 1.25). Este tipo de recipiente servia para o transporte de produtos que ainda hoje desconhecemos quais seriam (Conde, 1991).

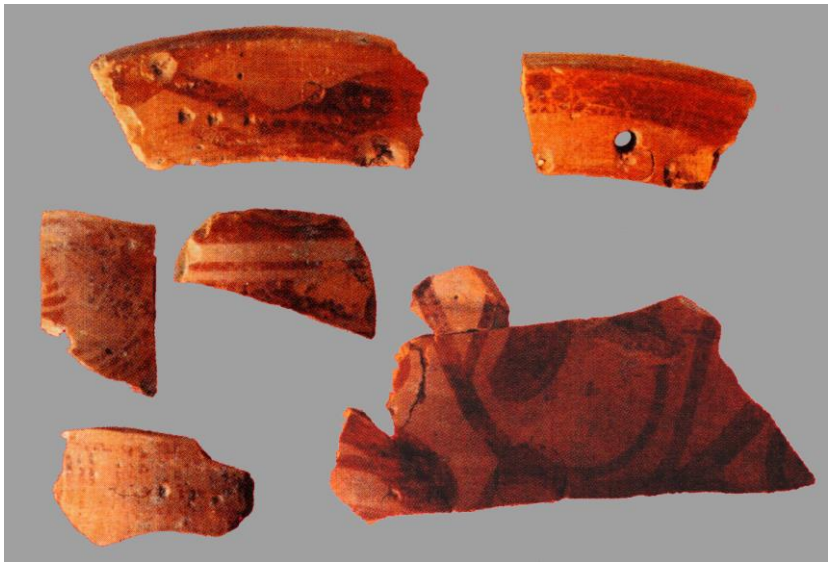


Fig. 1.25 *Kalathos* ibérico pintado de Santa Tecla (Peña Santos, 2001: 118, adaptado).

Devemos referir que em Santa Tecla foram registados vários fragmentos ou vasos de tipo campaniense A e B, além de algumas imitações destes vasos (Peña Santos, 1985-86; Naveiro Lopez, 1991: 27-28, figura 2). No primeiro grupo destacamos as formas de campaniense A de Lamboglia 36 e de campaniense B - formas Lamboglia 5, 7 e 1 (Naveiro Lopez, 1991: 27-28, figura 2) que datam, sensivelmente, de entre meados do séc. II a.C. até à primeira metade do séc. I a.C. (Fig. 1.26).

O facto de se registar cerâmica produzida localmente e que imita formas importadas tem, desde logo, várias leituras, que se complementam: por um lado revelam a vitalidade e capacidade de assimilação de novos fabricos, por parte dos oleiros locais e o facto de que a escassez de materiais deste género faz com que haja a necessidade de os imitar, para consumo das elites locais que adquiriram o gosto do exótico. Estas peças serviam como serviço de mesa. Pelo facto

de serem cerâmicas com verniz negro e de pastas cuidadas é provável que apenas fossem usadas em ocasiões especiais.

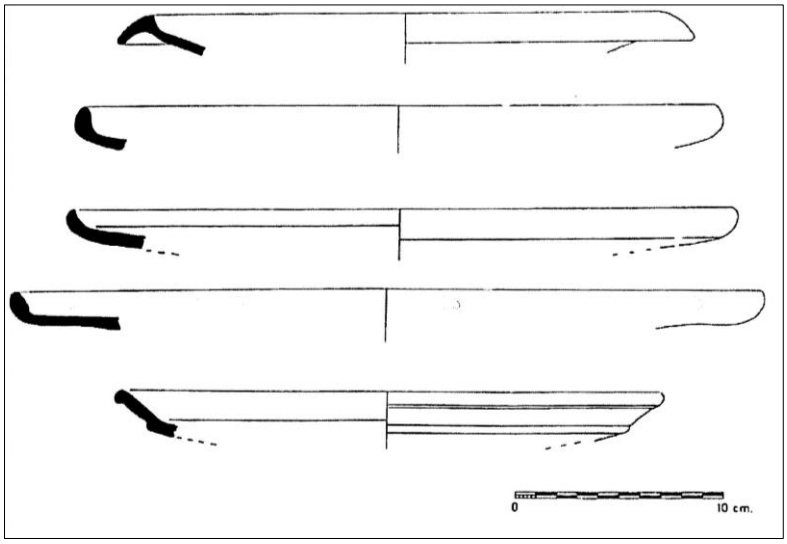


Fig. 1.26 Cerâmica itálica de verniz negro A e B de Santa Tecla. A última forma é uma imitação produzida localmente (Naveiro Lopez, 1991: 28, figura 2, adaptado).

Além desta nova loiça de uso de mesa, como é o caso da cerâmica de tipo campaniense, que altera desde logo o modo de consumir os alimentos, devemos salientar a contribuição dos **contentores anfóricos** tardo-republicanos e imperais romanos que chegam ao estuário do Minho, e que alteram ou intensificam alguns dos produtos consumidos nesta área. Assim, em **Santa Tecla** devemos referir a existência de ânforas tardo-republicanas de tipo Dressel 1, T-7.4.3.3, Ovóide 4, Pellicer D e múltiplas ânforas de tipo Haltern 70 e os tipos Dressel 2-4, Beltran IIB, Dressel 7-11, de época imperial (Naveiro Lopez, 1991: 63-34; Rodríguez Martínez, 2018: 112, 115).

Quer o **Coto da Pena** (Paiva, 1993) quer o **Monte do Crasto** (inéditas), possuem ânforas tardo-republicanas romanas. O repertório apesar de não ser em grande quantidade é, ainda assim, algo diversificado, visto que foram registadas ânforas oriundas de vários centros produtores (da Bética, da área de Cádis, do vale do Guadalquivir e da Península Itálica). Em termos formais, foram registados vários exemplares de Dressel 1a, de Dressel 7-11, Haltern 70 e Ovóide 6 e, pelo menos, um exemplar de ânfora T-7.4.3.3 (Fig. 1.27).

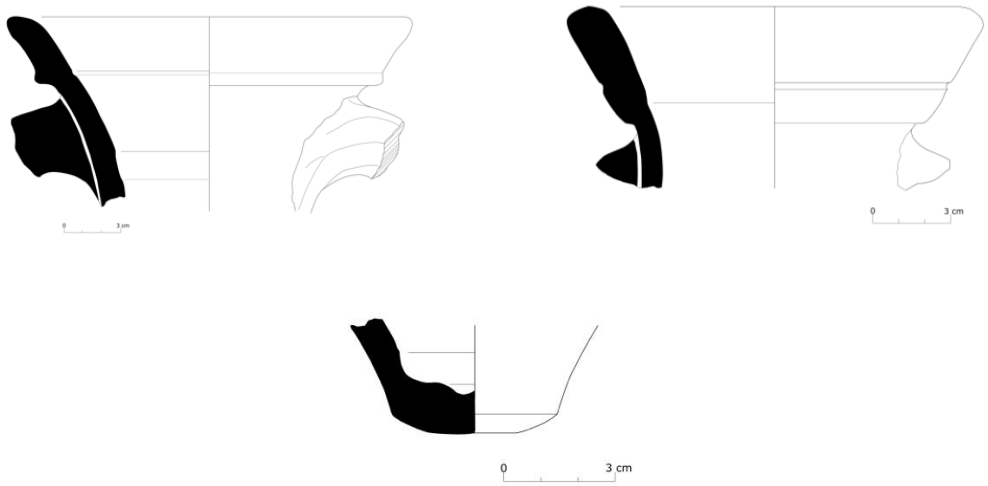


Fig. 1.27 Tipologias de ânforas de Monte do Crasto (Vilar de Mouros): Dressel 7-11 (da área da Bética); Ovóide 6 (vale do Guadalquivir) e fundo de T-7.4.3.3 (da área de Cádis).

Esta diversidade de contentores anfóricos que se encontra no estuário do Minho, transportaram igualmente uma grande variedade de produtos, e em duas fases. Uma primeira, com algumas ânforas que foram introduzindo vinho, azeite e conservas de peixe. Algumas dessas ânforas, por serem consideradas plurifuncionais, não possibilitam saber, com certeza, qual o produto que transportariam, sem análises de conteúdos de química orgânica. Na segunda fase, a partir dos séc. I d.C. os produtos praticamente são os mesmos, mas parecem aumentar as ânforas multifuncionais, como é o caso das ânforas de tipo Dressel 7-11 ou das ânforas de tipo Beltrán IIB, neste último caso, além de vinho (que seria minoritário) transportariam preparados e conservas de peixe (Beltrán, 1970: 444).

Estes tipos de materiais representam um outro interveniente no intercâmbio suprarregional - os mercadores romanos, em explorações ao Noroeste, após a queda de Cartago e de Asdrúbal. Esta cidade foi sitiada, pelo menos por um ano, pelas forças romanas e, a sua frota naval e força terrestre foi destruída por Cipião Emiliano, em 146 a.C., no contexto da terceira e última Guerra Púnica (entre 149-146 a.C.), ou seja, nos meados do séc. II a.C. O mesmo destino teve a cidade de Numância, já na Hispânia, poucos anos depois, em 134 a.C., pelo mesmo protagonista. Esta vitória de Roma sobre a maior potência marítima e comercial da época acelerou, de forma definitiva, os ensejos de conquista dos territórios e conquista da Península Ibérica.

Ainda assim, devemos salientar que a cidade de Cádis tinha desde o fim da segunda guerra púnica firmado um tratado reconhecendo a soberania, fidelidade e apoio a Roma (Neila, 2009: 307-335).

Esta última cidade foi, durante o Ferro Antigo do Noroeste, o principal porto comercial de onde partiam as novidades materiais, hábitos e costumes do mediterrânico para o *mare exteriore* (Ferrer-Albelda, 2019). A partir dos finais do séc. II a.C. a necessidade de conquista por novos recursos e mais território por reclamar, além da necessidade de repor os esforços, no contexto das Guerras Púnicas, leva Roma a expandir os seus domínios para o extremo ocidente do continente europeu. Dessa forma, principia a conquista desses territórios e ao mesmo tempo e de forma competente a absorver os novos povos conquistados (Monteiro, 2020: 198).

Estes novos protagonistas fazem viagens de reconhecimento e campanhas de conquista do noroeste ibérico, em quatro fases, *grosso modo:* a primeira protagonizada por *Decimus Junius Brutus* (138/136 a.C.); a segunda por Crassus (96 a.C.); a terceira por Pompeu (74 a.C.) e a quarta e mais importante, uma vez que é protagonizada pelo futuro imperador, César Augusto (61 a.C.) (Lemos, 1999: 88-89; Tranoy, 1981: 126-132). O reconhecimento dos recursos e das gentes do noroeste e a conquista progressiva, realizada ao longo de mais de um século, condicionará os contactos comerciais e irá introduzir diversas novidades materiais, novas tecnologias, novos produtos, novos costumes entre a população pré-existente junto ao litoral.

Assim, parece ser neste contexto histórico que se inicia, o consumo de novos produtos, como é o caso de vinho, pelo menos de forma mais generalizada, e os seus derivados (mosto, entre outros subprodutos).

Se, no Ferro Antigo, os preparados e conservas de peixe chegam a esta área, noutro tipo de contentores e através de outros agentes (os púnicos), devemos referir que, a partir do Ferro Recente, estes produtos chegam em maior quantidade, o que poderá significar que o consumo é mais generalizado, ou seja, um maior número de indivíduos tem condições sociais e/ou económicas para aceder a estes produtos. Por outro lado, é bom lembrar que, ao nível da forma como se consome, parece haver alterações face ao período anterior. No Ferro Recente surgem formas a verniz negro (cerâmica itálica de verniz negro de tipo A e B) e as suas imitações para serem usadas à mesa, que substituem os raros vasos de cerâmica ática e surgem vasos pintados em banda. Estas formas são usadas em contexto de consumo de alimentos. O que existem são contentores, ora de origem púnica, ora de origem ática, mas em escassa quantidade, o que faz pensar que, no Ferro Antigo, o contacto com os púnicos e as trocas daí decorrentes eram muito esporádicas. Apesar disso, reconhecemos que, no contexto geográfico da bacia do Coura, em povoados como Cossourado e Romarigães parecem existir algumas peças de uso de mesa, oriundas de áreas como Cádis, no Ferro Antigo.

Lógicas de povoamento e interpretações

A distribuição do povoamento implica, mais uma vez, a interação entre estes diferentes tipos de povoados que dominam aspetos distintos do território. As redes e interações propostas para o Bronze Final e o Ferro Antigo parecem manter-se, embora surjam novos intervenientes na paisagem, como é o caso do povoado do Monte do Crasto que não se articula visualmente com o Coto da Pena, mas que controla parte do estuário do Coura para montante e parte do estuário do Minho, avistando, diretamente, Santa Tecla. A interação entre estes três povoados tornaria mais eficaz o controlo da navegação dos mercadores endógenos que certamente aportariam no estuário e não em mar aberto (Fig. 1.28).

A este propósito deve referir-se o aparecimento de várias ânforas no leito do Minho, em frente a Caminha, testemunhando a entrada da barra das embarcações romanas (Diaz Alvarez, 1984).

A localização mais a montante do Monte do Crasto possibilitaria, ainda, um controlo mais efetivo da exploração de recursos de estanho, quer na área onde se implantou, quer como recetor de minérios oriundos de áreas mais interiores da bacia, agindo, também, como difusor das novidades para o interior.

Tal poderia explicar a presença de materiais de importação a 17 km, no povoado do Cossourado, em Paredes de Coura, publicados por F. Silva (2006: 302). Trata-se de alguns fragmentos de ânfora, provavelmente de um só contentor, de tipo Mañá Pascual A4, que esta autora coloca, erradamente, no Ferro Antigo, pois a cronologia de produção deste tipo anfórico situa-se nos inícios do séc. II a.C., ou seja, já durante o Ferro Recente, segundo Rámon Torres (1995: 239).

O intercâmbio local no Ferro Recente, ao longo do rio Minho, também está patente no povoado da Senhora da Graça, em Monção, a cerca de 57 km por via fluvial, para montante, onde ocorre, pelo menos, uma ânfora de tipo Haltern 70 e outra de tipo Dressel 1, a par do "elevado número de fragmentos de escórias de fudição encontrados..." (Marques, 1987: 59).

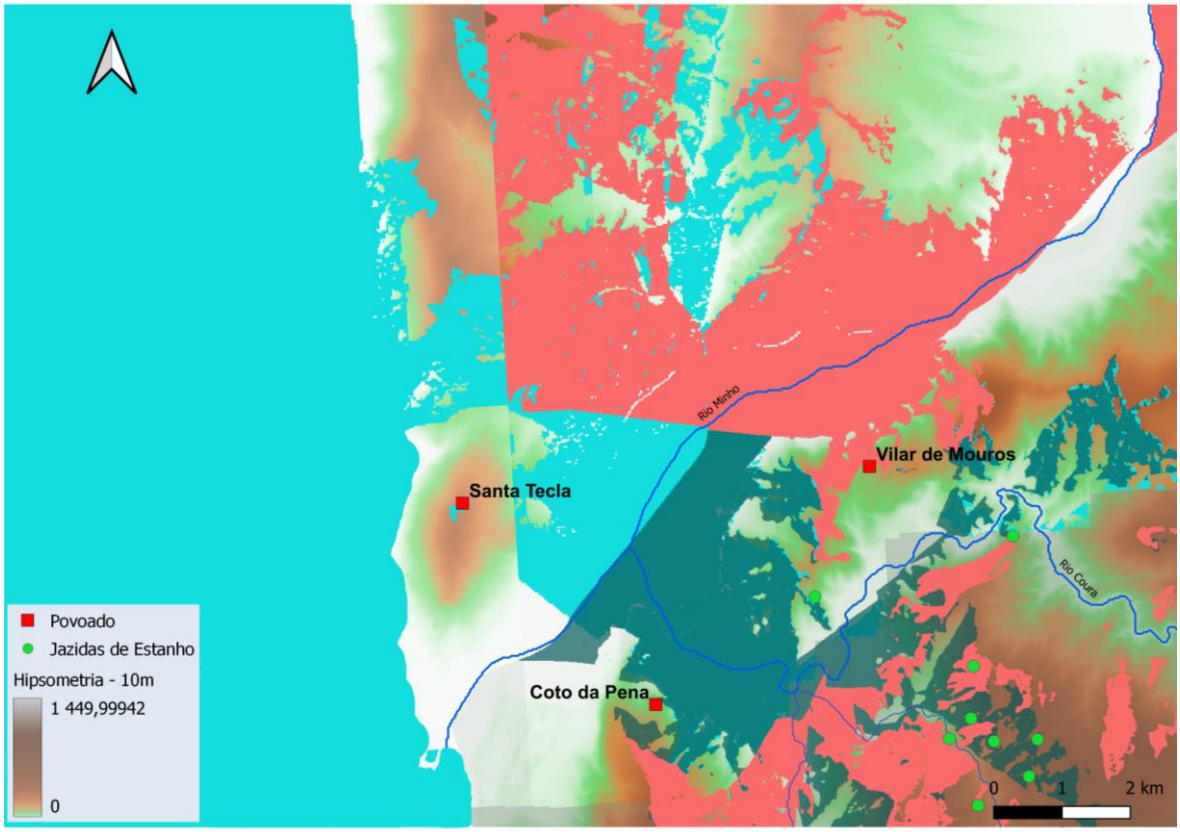


Fig. 1.28 Visibilidade dos três povoados mencionados no texto: Santa Tecla (a azul-claro), Vilar de Mouros/Monte do Crasto (vermelho), Coto da Pena (azul-escuro) (visibilidade num raio de 30 km).

Em termos do que são os territórios prováveis de exploração de 2 horas pedestres do Coto da Pena e do Monte do Crasto, há interseção parcial entre estes dois povoados (Fig. 1.29), demonstrativos da grande área de exploração do conjunto.

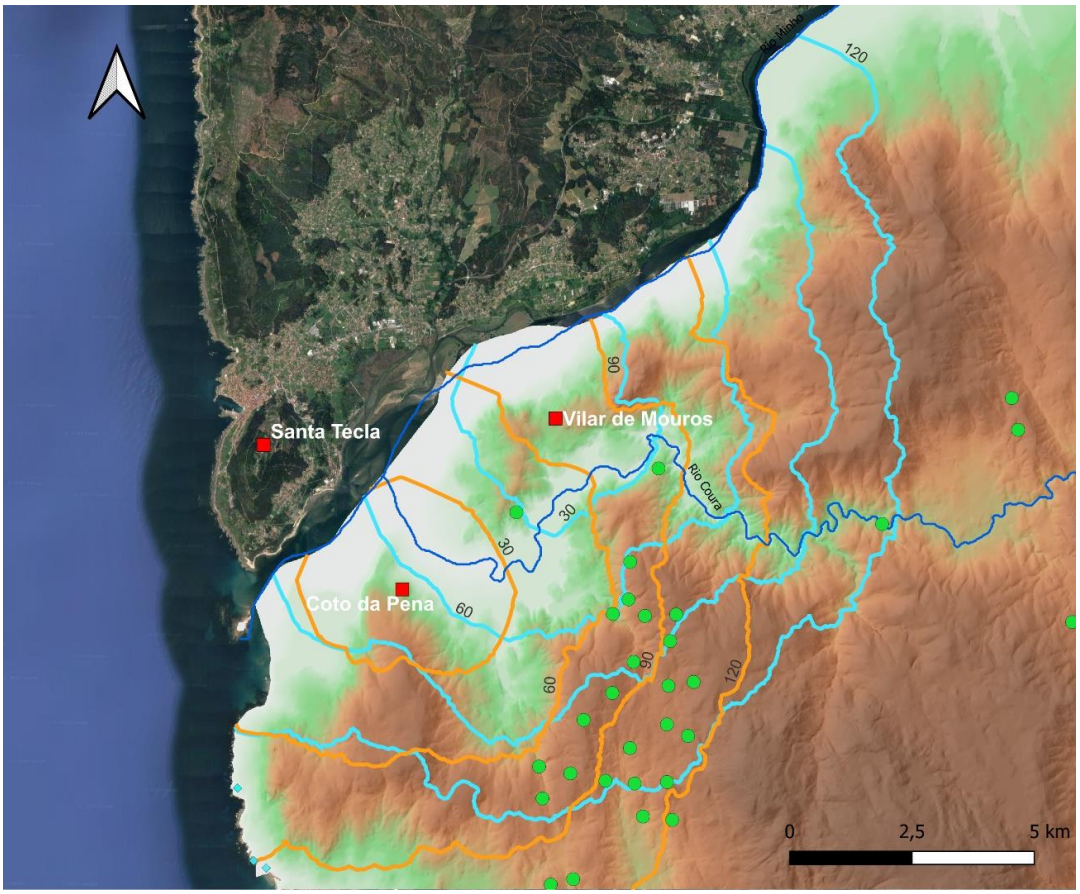


Fig. 1.29 Territórios prováveis de exploração de 2 horas pedestres do Coto da Pena (a laranja) e de Monte do Crasto (a azul-claro).

Nestas relações em rede que papel assumiria cada povoado? Todos têm materiais de importação revelando a existência de elites capazes de intercambiar com populações exógenas e locais e acumular excedentes provenientes de áreas mais interiores do vale. Coto da Pena e Santa Tecla aumentaram e desenvolveram-se em termos urbanísticos. No entanto, não podemos estabelecer um grau de importância maior a Santa Tecla apenas pela sua posição geográfica mais elevada e junto do atlântico. Os povoados com esta posição geográfica têm vindo a considerar-se mais importantes do que os que se localizam em áreas de vales, sendo considerados como povoados centrais ou lugares centrais (Silva, 1986: 43, 1995: 519; Martins, 1989b: 167-169, 1990: 216[37]; Queiroga, 1992: 38-39; Dinis, 1993: 175-176, 179; Almeida, 1996, vol. 7: 93-34; Maciel, 2003: 188-189; González-Ruibal, 2006-2007: 318-328). Mas terá a topografia sido assim tão significante na hierarquia interna dos povoados? Não corresponderá esta diversidade geográfica dos povoados, às necessidades de um controlo efetivo dos estuários e dos perigos reais ou imaginados que os "estrangeiros" poderiam representar, desde os fenício-púnicos aos romanos?

[37] Podendo ou não existir uma interdependência entre os povoados mais a montante do médio Cávado.

Não foi possível elaborar qualquer síntese sobre os povoados litorais, entre os estuários dos rios Minho e Âncora (Cristelo e Barroca), pela falta de dados para estabelecer as suas sequências cronológico-culturais, pelo que o seu papel nas estratégias de povoamento fica por determinar.

2.3. ESTUÁRIO DO RIO ÂNCORA

Neste espaço geográfico devemos integrar quatro povoados, são eles Santo Amaro e o Picoto dos Mouros, na margem direita, e Âncora e Cútero, na margem esquerda. Do segundo povoado não temos qualquer informação cronológica, por falta de trabalhos de escavação (Fig. 1.30).



Fig. 1.30 Imagem de satélite do estuário do Âncora e dos povoados considerados neste trabalho (fonte: *Google Earth*).

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

Pela análise dos materiais de superfície de Santo Amaro devemos colocar a hipótese de que este povoado terá sido fundado, provavelmente, neste período, dado o material de superfície encontrado com características técnicas e formais inseríveis neste período cronológico-cultural.

Distribuição geográfica e análise espacial

Trata-se de um povoado localizado num remate de esporão dos Montes de Caminha, a 114 metros de altitude, sobranceiro ao vale do rio Âncora que se situado a 1 km para sul. Apesar da sua baixa altitude, possui alguma visibilidade para a foz do rio, para o atlântico e, também, para o vale deste rio, a montante (Fig. 1.31).



Fig. 1.31 Posição de Santo Amaro no estuário do Âncora.

Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação

O seu posicionamento geográfico facultaria o acesso, de forma rápida, e o controlo efetivo dos recursos do monte, do vale aluvionar, fluviais e marinhos. Além disso, as suas populações estariam, também, em condições de explorar o estanho de aluvião que, ao longo de milénios, teria sido arrastado das jazidas primárias existentes nas serras de Amonde e d'Arga, onde nasce o rio Âncora. As jazidas primárias mais próximas ficam a cerca de 2 a 3 km para sudeste (na serra de Amonde) e a 7 km para este, na serra de Agra (Fig. 1.32).

Poderiam, igualmente, ter explorado o sal marinho nas inúmeras pias salineiras existentes na costa, encontradas na área do forte da Lagarteira (Bettencourt *et al.*, 2020) e controlado a circulação no vale do Âncora.

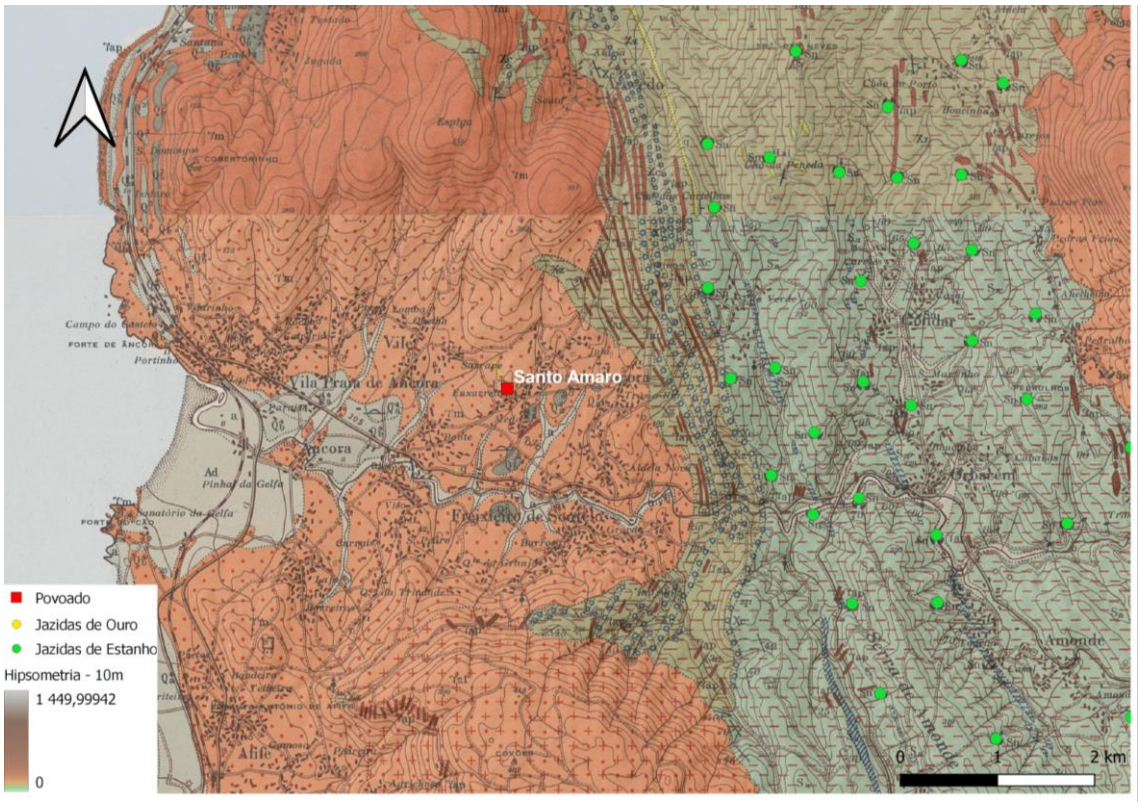


Fig. 1.32 Mapa geológico com implantação de Santo Amaro e proximidade com os recursos mineiros metálicos.

Materiais cerâmicos locais

Quanto aos materiais cerâmicos de superfície, devemos referir que estes correspondem a bojos e bordos com características técnicas[38] e morfológicas que indicia tratar-se de produções datáveis do Bronze Final. Destaca-se a presença de louça fina e de acabamento polido, comum a povoados destes períodos nas bacias do Cávado e Ave (Martins, 1990; Queiroga, 1992; Bettencourt, 1999; Dinis, 1993) e de um pote da forma 2 (Fig. 1.33).

[38] Características que se aproximam das produções oleiras deste período cronológico da área do vale do Cávado (Martins, 1990; Bettencourt, 1999).



Fig. 1.33 Pote (forma 2) de Santo Amaro.

Intercâmbio

Não foram registados materiais ou indícios de intercâmbio durante este período, neste povoado. Apenas trabalhos arqueológicos de maior dimensão poderão trazer mais informação sobre este assunto.

Deve destacar-se, no entanto, a existência de um importante santuário rupestre, em Santo Adrião, Caminha, de onde se avista o estuário e a foz do Âncora. Neste, existe um afloramento gravado com barquiformes muito estilizados (Santo Adrião 2, painel 1 e 2) que Santos-Estévez e Bettencourt (2017: 1060-1061) consideram do Bronze Final por afinidades com embarcações representadas na arte rupestre escandinava. No painel dos barquiformes, parece representar-se uma cena de desembarque, com a embarcação maior e outras duas mais pequenas (Fig. 1.34), talvez representativas de viagens exploratórias a estas paragens extremamente ricas em estanho.

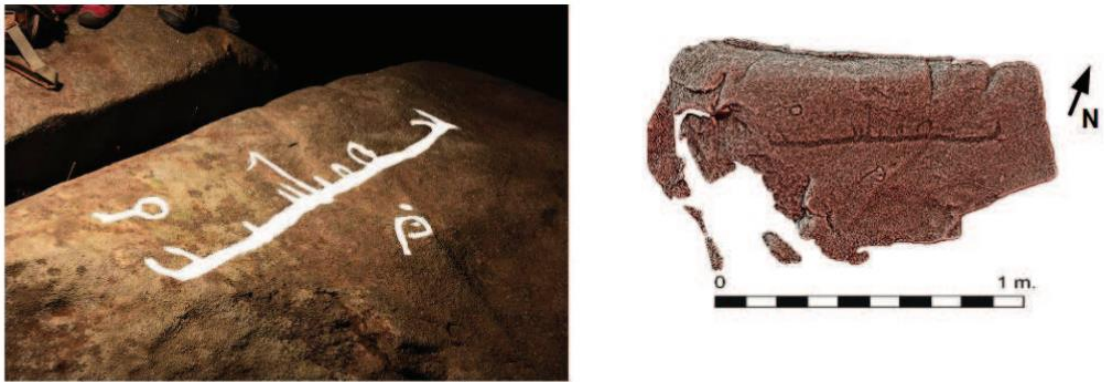


Fig. 1.34 Santo Adrião 2 (painel 1) (Santo Estévez e Bettencourt, 2017: 1066, fig. 4, adaptado).

Lógicas de povoamento e interpretações

Pode considerar-se que esse povoado se encontra relativamente longe da costa para não ser visto do atlântico, mas numa posição geoestratégica que possibilitaria à sua população

controlar a produção, acumulação e distribuição do estanho extraído da bacia do Âncora, bem como diversos recursos relacionados com o rio, o estuário e as atividades agro-silvo-pastoris, que lhe garantiam a subsistência.

Não esquecer, ainda, a existência de salinas proto-históricas nas áreas dos Fortes da Lagarteira e do Cão (Bettencourt *et al.*, 2020), a norte e sul da foz do Âncora, respetivamente, e que estes autores consideram ter sido exploradas desde a Idade do Bronze. Ficam a cerca de 4 e 5 km deste povoado.

b) IDADE DO FERRO ANTIGO

Caracterização da amostra

Nesta fase apenas conhecemos uma ocupação de Santo Amaro, pelo que os vários campos até ao ponto "Materiais..." são idênticos.

Materiais cerâmicos locais

Da análise da recolha de superfície, detetámos alguns materiais cerâmicos que podem ser incluídos nesta cronologia. Detetamos formas de potes e de panelas de asa interior, com fabricos manuais, pastas micáceas e cozeduras redutoras, ou seja, todo um acervo cerâmico que se afasta das formas da Idade do Bronze e que é comum no Ferro Antigo do Noroeste.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Em relação aos recursos existentes pouco podemos acrescentar ao que já ficou dito para o Bronze Final. Devemos, no entanto, sublinhar que durante o Ferro Antigo a comunidade de Santo Amaro estaria integrada em contextos mais vastos a nível do intercâmbio de materiais. É disso prova a existência de materiais de importação. Foram achados vários bojos e um bordo que classificámos como sendo de um contentor anfórico de tipo Pellicer B/C, do Baixo Guadalquivir e fragmentos de cerâmica comum, da mesma área geográfica, que se enquadram entre os séculos IV e III a.C. Não se sabe ao certo que produto era transportado nesta tipologia anfórica.

Deve, ainda, mencionar-se o santuário rupestre do Monte de Novais, onde se gravaram várias suásticas de braços retos que foram considerados por Cardoso *et al.* (2018: 149-150)[39], através de diversos paralelos, como dos finais da Idade do Bronze e inícios do Ferro e representativas de uma ideologia e simbologia introduzidas pelos navegadores ou viajantes fenício-púnicos (Fig. 1.35).

[39] Recentemente ter-se-ão encontrado no mesmo local outro afloramento gravado com a mesma temática, que ainda não visitámos.

Ainda assim reconhecemos a existência desta iconografia noutras latitudes, tanto no mediterrânio (na área Cipriota, na Grécia) ou mesmo no continente europeu.



Fig. 1.35 Santuário rupestre do Monte de Novais, nas imediações de Santo Amaro (Cardoso *et al.,* 2018: 149).

De referir que este santuário se encontra nas proximidades do povoado de Santo Amaro, a menos de 1 km para nordeste, sendo natural que fosse frequentado pelas populações que aqui se estabeleceram (Fig. 1.36)

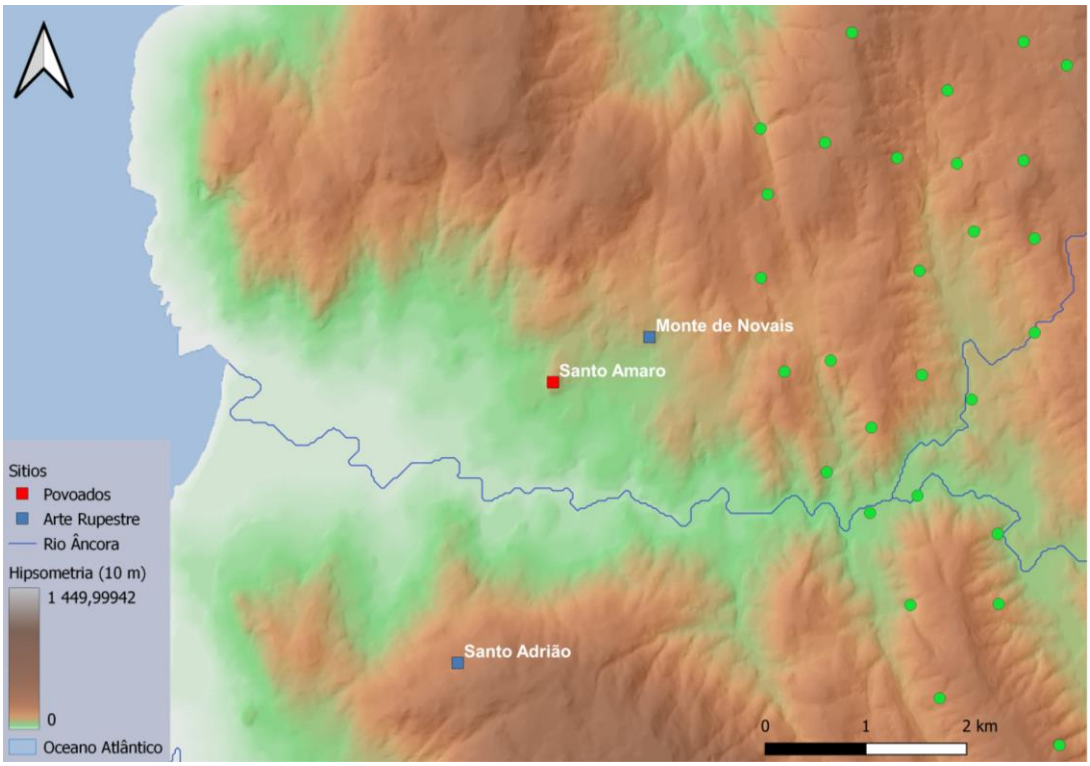


Fig. 1.36 Sítios com arte rupestre no estuário do Âncora e proximidade a Santo Amaro

Lógicas de povoamento e interpretações

Santo Amaro é um povoado recuado no estuário do Âncora (a 3,30 km da foz) e mesmo sendo provável que a foz deste rio tivesse sofrido alterações ao longo do tempo (Maia, 2010), ainda hoje, dado como navegável na área da foz, por embarcações de pequeno calado[40], é provável que nunca tivesse sido navegável até à área do povoado. Nesse sentido, e pensando numa lógica de controlo visual da foz e do oceano, é possível que tivesse existido uma ocupação da Idade do Ferro Antigo em povoados de maior altura e de maior alcance visual sobre o atlântico, neste estuário, como o do Picoto dos Mouros ou o do Cútero. Infelizmente, por falta de escavações, num dos casos, e de acesso aos materiais das escavações, no segundo, não podemos, por ora, confirmar ou infirmar esta hipótese.

c) IDADE DO FERRO RECENTE

Caracterização amostra

Ocupações do Ferro Recente são conhecidas em três povoados deste estuário: Cividade de Âncora, Cútero e Santo Amaro.

[40] Segundo a população local.

Distribuição geográfica e análise espacial

Conhecemos já a situação geográfica de Santo Amaro. Quanto à Cividade de Âncora, esta possui uma situação geográfico algo diferente. Situa-se à foz do Âncora, na sua margem esquerda, com ampla visibilidade para o Atlântico (a noroeste, oeste e sudoeste) e para o estuário do rio. Encontra-se implantado no Monte da Suvidade que corresponde a um esporão da vertente noroeste da serra de Santa Luzia, a 177 m de altitude. O Cútero é também um povoado de altura, localizado um pouco mais a montante do estuário, com ampla visibilidade para o oceano, a foz e o vale do Âncora (Fig. 1.37).

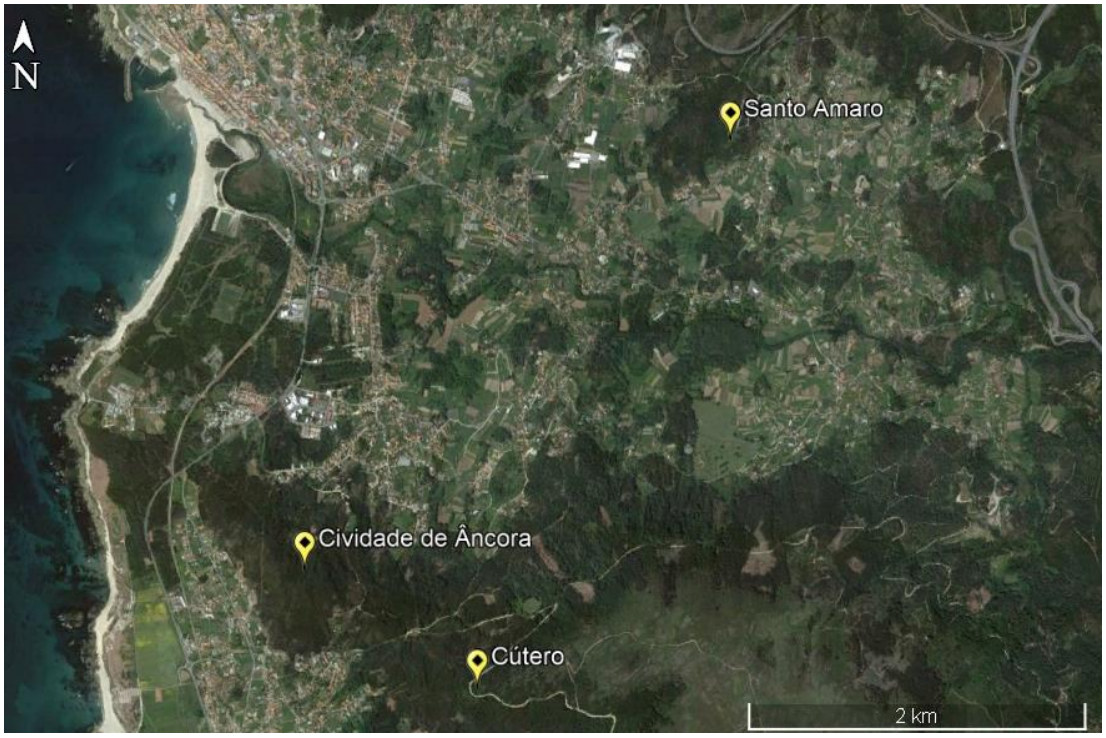


Fig. 1.37 Povoados no estuário do Âncora, no Ferro Recente.

Em termos espaciais estes três povoados intervisualizam-se. Cividade e Cútero controlariam, visualmente, a navegabilidade oceânica, e diferentes partes com maior ou menor intensidade, a foz e estuário do Âncora. Destes três povoados, apenas o de Santo Amaro pode considerar-se um povoado mais vinculado com o vale, sendo o do Cútero um povoado de altitude.

Isto partindo da premissa de alguma solidariedade defensiva e de controlo da paisagem e dos recursos.

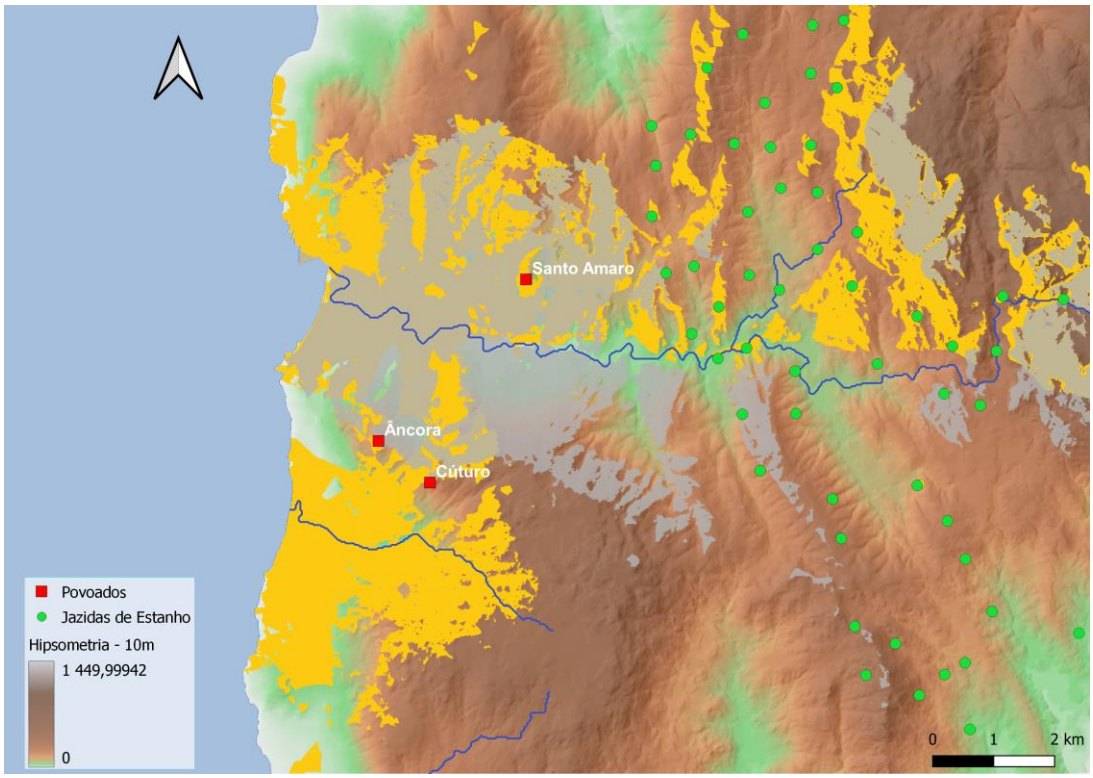


Fig. 1.38 Intervisibilidade entre Santo Amaro e a Cividade de Âncora (a amarelo a visibilidade de Âncora e a cinzento a visibilidade de Santo Amaro) (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação

Quanto aos recursos naturais, as comunidades destes três sítios usufruíam do mesmo tipo de recursos, tanto agro-silvo-pastoris, como marinhos e fluviais (pesca e recolha de moluscos), assim como mineiros. O grande número de pias salineiras existentes nesta área (Bettencourt *et al.*, 2020) indiciam a continuidade da exploração do sal marinho, pelo menos, por parte de Santo Amaro e da Cividade. A existência de um povoado tão alto como o do Cútero é difícil de explicar, este encontra-se longe de recursos minerais metálicos (o mais próximos ficam a 5 km, para nascente) cuja população pudesse explorar, dessa forma a função de um povoado com estas características topográficas pudesse estar relacionado com o controlo visual da linha costeira e do oceano.

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos

Neste período aparecem novas formas, técnicas e decorações cerâmicas face ao período anterior, num conjunto de características que se aproximam muito das alterações verificadas neste período cronológico-cultural para os vales do Lima (Almeida *et al.,* 1981; Oliveira, 2018, 2019a;

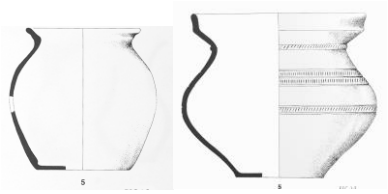
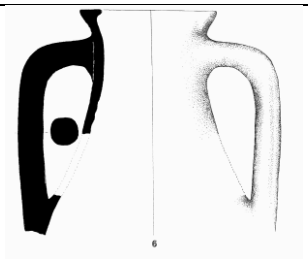
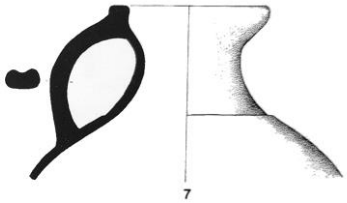
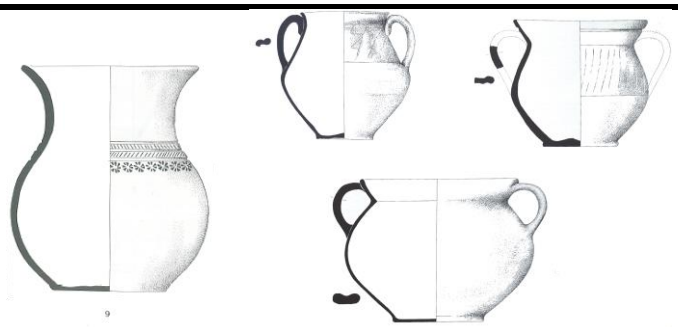
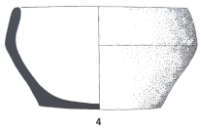
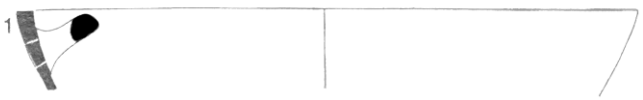
A. Silva, 2012, Oliveira, 2019a), Cávado (Martins, 1988a, 1988c, 1989a; 1990 e Oliveira, 2017) e Ave (Martins, 1990, 1991 e Oliveira, 2019b, 2020).

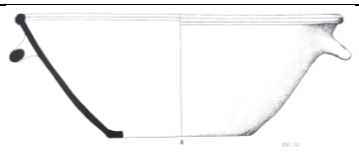
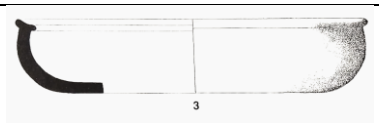
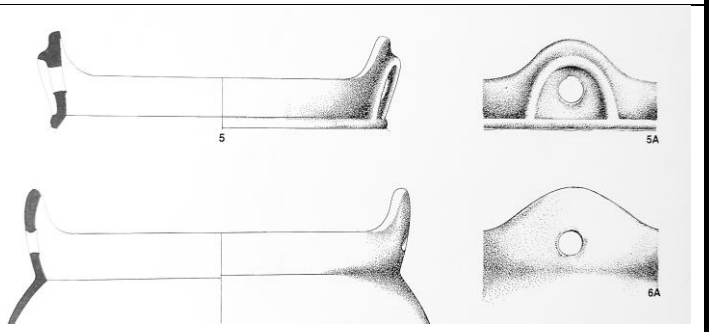
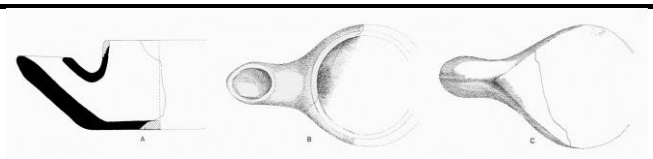
Na Cividade de Âncora (Tab. 1.4) registam-se potes, potinhos[41], potinhos com carena, panelas de asa interior, panelas em asa em orelha[42], copas, anforetas e bilhas (Silva, 1986: Est. XLV, n.º 7; XLVI, n.º 19; XLVII, n.º 5, 6, 12; XLVIII n.º 5; LII n.º 1 e 3; LV n.º 5 e 6; XLV n.º 7, XLVII n.º 6). Estes dois últimos tipos (tipo G) seriam novas formas para armazenamento, por imitação a peças do mundo romano (Silva, 1986: 133).

Registamos ainda a existência de uma variedade de peças destinadas a uso culinário que se distinguem das panelas de asa interior ou exterior, como vimos para o estuário do Minho. Trata-se de formas produzidas maioritariamente a torno, que se traduz numa forma retangular, de paredes baixas inclinadas para o exterior com asas sobrelevadas para continuação das paredes e que A. Silva (1986: 181) apelidada de *assadeira*[43] (tipo E2a2) (Silva, 1986, Est. LII, nº 1). Igualmente, devemos destacar duas outras formas: uma delas trata-se de uma forma alta, também aberta, com asas exteriores de secção em fita, de perfil troncocónico que o mesmo investigador apelida de *caçoila* (tipo E4b) (Silva, 1986: 131, Est. LII, n.º 3); a outra forma é apelidada de *terrina*, com paredes arqueadas, lábio bifurcado, podendo ter, ou não, asas e é feita à roda. É considerada também uma peça de ir ao lume para a confeção de alimentos (Silva, 1986, 131, Est. LI, n.º 3) (Tab. 1.4).

[41] Um exemplar destes potinhos é de cerâmica cinzenta fina com paralelo na cerâmica comum romana. Um desses potinhos foi registado numa das casas com bancos em pedra em redor dos muros (ANC 81 VI, 3; Est. XXVII) (Silva, 1986: 128).
[42] Um dos exemplares registados na Cividade de Âncora continha no seu interior uma grande quantidade de conhas de mariscos (Silva, 1986: 130, nota de rodapé 178).
[43] Forma reconhecida também e Romariz, mas datável da Fase IIa (Silva, 1986: 131).

Tabela 1.4 Formas do Ferro Recente, para o estuário do Âncora

		Variantes	Silva, 1986
Armazenamento	Potes		
		Anforetas	
		Bilhas	
Uso à mesa	Potinhos / Púcaros		
	Potinhos com carena ou Copa		
		Taça	
Confeção de alimentos	Panelas de asa interior		
		Assadeiras	

		Caçoilas	
		Terrina	
	Panela de asa em orelha		
Iluminação		Lamparina	

Devemos ainda destacar uma peça, algo rara nos povoados da Idade do Ferro. Trata-se de uma lamparina (Tab. 1.4) (Silva, 1986: 134) que o autor considera ser uma espécie de cópia de formas reconhecidas ainda no Bronze final, como parece ser o caso de um paralelo com estrutura similar no Castro de las Cogotas (Cabré Aguiló, 1930, Lâmina XXII). Trata-se de uma peça com depósito aberto e bico tubular, dos quais se conhece apenas um exemplar da Citânia de Sanfins e outro da Citânia de Briteiros, todos eles da fase III.

As panelas de asa em orelha também estão presentes em Santo Amaro.

Quanto aos materiais metálicos, na Cividade foram encontradas fíbulas de tipo Aucissa (Silva, 1986).

Devemos ainda referir que ao nível dos elementos arquitetónicos a Cividade de Âncora é ainda um lugar exemplar daquilo que é a expressão decorativa na arquitetura em pedra (Silva 1986, Est. CXXVI, n.º 1, 4 e 6). Além dos lintéis decorados com elementos geométricos e entrançados. Destacamos, ainda, elementos decorativos com símbolos, como é o caso de um trísceles com braços curvos (Fig. 1.39).

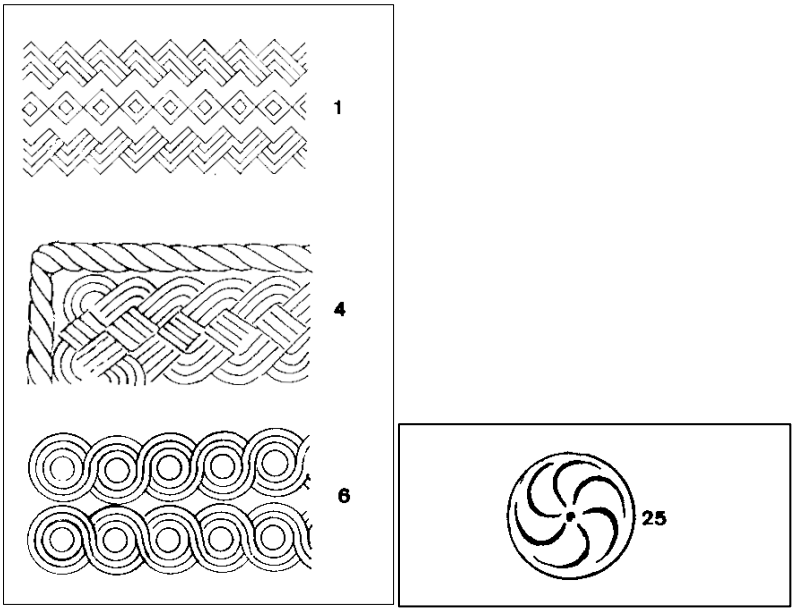


Fig. 1.39 Elementos arquitetónicos decorados na Cividade de Âncora (Silva, 1986, Est. CXXVI, n.º 1, 4, 6 e 25, adaptado).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Na Cividade de Âncora reconhece-se, pelo menos, uma possível oficina metalúrgica numa casa circular, onde se recolheu abundante escória de ferro, um fragmento de cadinho[44] com restos de fundição de bronze, similar ao registados em Coto da Pena e ainda uma agulha também em bronze (Silva, 1986: 50). É presumível, também, o trabalho de extração de pedra e cantaria para a edificação das estruturas e dos seus elementos decorativos.

Quanto ao intercâmbio há evidências de intercâmbio regional e suprarregional. No primeiro caso referimos a importação de recipientes cerâmicos das rias baixas da Galiza (Silva, 1986, LX, 3) ou do Minho de duas formas tipo Vigo, segundo a tabela de formas de Rey Castiñeira (1991). Estes materiais surgem, por ora, apenas na Cividade de Âncora (Fig. 1.40).

Tendo em conta o reduzido número de materiais desta natureza podemos interpretar essa presença como sendo de exceção e provavelmente destinada a um contexto de uso muito específico (ritualístico, simbólico, social?). A presença destes materiais pode indicar acordos comerciais ou sociais entre populações diferentes. Algumas autores galegos referem que este tipo de formas seriam contentores (Rey Castiñeira, 1991; Seoane Novo, 2019: 273).

[44] Não ilustrado.

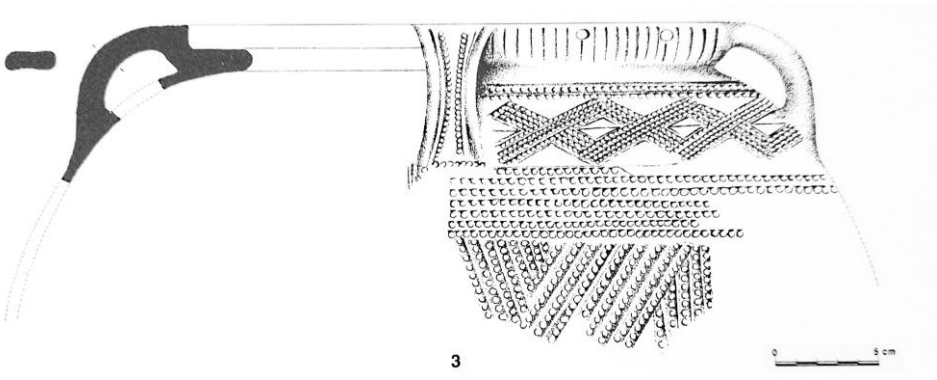


Fig. 1.40 Forma tipo Vigo da Cividade de Âncora (Silva, 1986, LX, n.º 3, adaptado).

Quanto às importações suprarregionais, no sentido sul-norte é perpetrada pelos viajantes ou mercadores romanos, há a assinalar os vários exemplares de ânforas de tipo Haltern 70, Dressel 1b, Dressel 7-11 e Tarraconense 1 da Cividade de Âncora[45] (Silva, 1986: 50 e nota de rodapé 264; Paiva, 1993: 21-22) e de Santo Amaro. Estas ânforas são oriundas, respetivamente, da área da Bética, da Península Itálica, do vale do Guadalquivir e da área costeira de Tarragona. Eram portadoras de vinho (Dressel 1b e Tarraconense 1) ((Berni e Miró, 2013: 65-67), preparados de peixe de rio (Dressel 7-11). O tipo Haltern 70, sendo uma ânfora multiuso poderia transportar vinho, azeite ou outros produtos. É de referir que foram observados por A. Silva (1986: 50) mais de 80 exemplares do tipo Haltern 70, na Cividade de Âncora, o que representa uma quantidade bastante apreciável e uma clara preferência por este tipo de contentores. Desta forma notamos que no Ferro Recente entram nesta região, pelo menos, o vinho e preparados de peixe.



a)

[45] E outros tipos datáveis a partir do séc. II d.C., como por exemplo, Beltrán IV Almagro 51a, Beltrán 52, Keay XXI e XXV e Dressel 30. Além destes contentores anfóricos é necessário referir outros materiais finos de mesa como sigillata itálica e sudgálica, além de uma taça gomada, em vidro, com cronologias próximas do séc. II d.C. (Silva, 1986: 50-51).

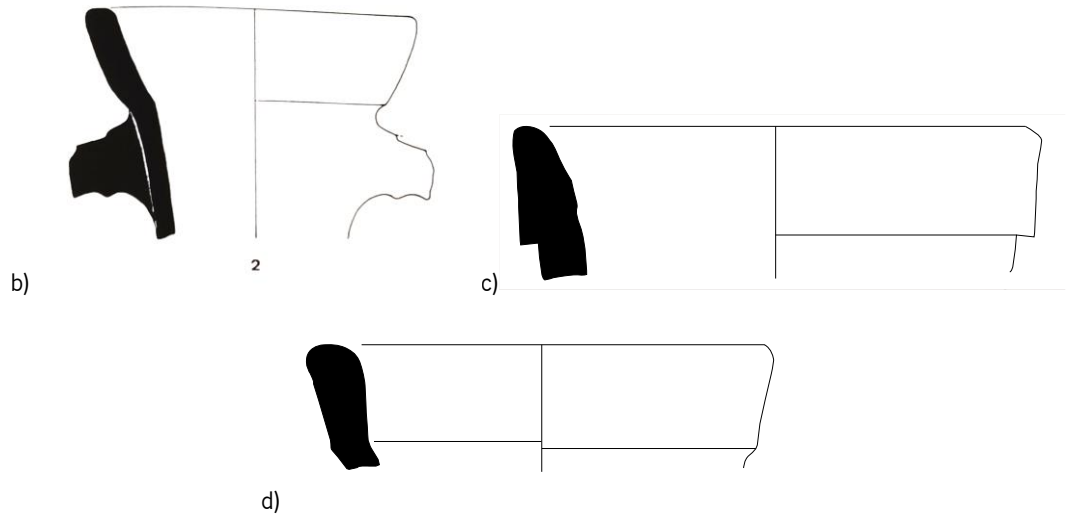


Fig. 1.41 Fragmentos anfóricos: Asa de ânfora Haltern 70 da área da Bética, de Santo Amaro; b) Haltern 70, c) Dressel 1b, d) Tarraconense 1, da Cividade de Âncora (Paiva, 1993, adaptado).

Lógicas de povoamento e interpretações

Durante o Ferro Recente a existência de povoados de altura, sobre a costa/foz do Âncora (Cividade), de altitude (Cútero) e mais vinculados com o vale (Santo Amaro) evidencia uma maior complexidade no povoamento e um aumento populacional, se partirmos do princípio de que teriam coexistido. Estas diferentes lógicas do povoamento evidenciam complementaridade de funções e de atividades que se poderiam desenvolver em rede. No campo do intercâmbio e controlo da navegabilidade estrangeira, a articulação entre estes povoados seria exequível. Apesar de não termos dados materiais, a posição de Santo Amaro seria geo-estrategicamente importante no controlo da exploração e acumulação de metal, nomeadamente de estanho e ouro, de que o rio Âncora era rico, dada a existência de jazidas primárias destes minérios, nas vertentes noroeste, oeste e sudoeste da serra d' Arga e de Amonde. A produção de materiais metálicos a partir destes recursos minerais está documentado, pelo menos, na Cividade de Âncora.

O consumo de materiais e produtos exóticos em povoados de vale e de média altura, evidencia, provavelmente, que em cada um deles, existiriam elites capazes de empreender o intercâmbio.

2.4. INTERFLÚVIO ENTRE O ÂNCORA E O LIMA

Para esta área geográfica há diversos povoados fortificados, de norte para sul, a saber (Fig. 1.42): Santo António, Agrichouso, Montedor, Alto da Coroa / Crastos Velhos e o Pego, além do monumento funerário da Cova da Moura. No entanto, uma vez que não temos informações

precisas sobre as ocupações existentes sobre os povoados de Agrichouso e Montedor, não os podemos incluir nas considerações a efetuar sobre o povoamento, materiais e intercâmbio.



Fig. 1.42 Povoamento, monumento sepulcral (Cova da Moura) e depósito de Cobidalto.

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

Apenas conhecemos ocupações desta fase cronológico-cultural nos povoados de Santo António e do Alto Coroa e no monumento sepulcral da Cova da Moura. Este, com início de construção, ainda no Bronze Médio, comprovada por datações de radiocarbono, continua a ser usado na Idade do Bronze Final (inícios do XI aos inícios do séc. IX a.C.) e posteriormente.

Deste período devemos, ainda, referir o depósito de machados encontrado na plataforma litoral, em Cobidalto, freguesia da Areosa (Monteagudo, 1977; Bettencourt *et al.*, 2014).

Distribuição geográfica e análise espacial

Na foz do rio/ribeiro litoral de Cabanas regista-se o surgimento de um povoado, neste caso o de **Santo António** (a 60 metros de altitude). Localiza-se no topo de um pequeno outeiro residual, no meio da planície e vale da referida Cabanas. Deste local, há amplo controlo sobre esta pequena planície e parte do oceano, a oeste, pois o local encontra-se ladeado pelo Alto da Cividade, a norte e pelo promontório de Montedor a sul. Já o **Alto da Coroa**, situado a 91 metros de altitude, numa plataforma da base da vertente oeste da serra de Santa Luzia, visualizaria uma

parte da plataforma litoral e do oceano, desde oeste-noroeste a sudoeste, ou seja, desde o promontório de Montedor até ao que hoje se chama Veiga da Areosa. Controlaria, ainda, o corredor natural de circulação existente a este do promontório de Montedor, onde se localiza hoje o centro da freguesia de Carreço. O monumento funerário da **Cova da Moura**, localiza-se numa plataforma a meio da vertente oeste da Serra de Santa Luzia. A partir desse lugar é observável, não só o promontório de Montedor, como o povoado do Alto da Coroa, e a plataforma litoral. Trata-se de uma área de difícil acesso a partir da plataforma litoral, pelo menos, pelo lado oeste, podendo a sua localização, entre o vale e o topo do monte, ter uma leitura de carácter simbólico que desenvolveremos adiante.

Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação

O ribeiro da Cabanas parece ter tido papel fundamental na localização do **povoado de Santo António**. Este poderia beneficiar, de forma eficaz, do vale de aluvião e os seus respetivos recursos agro-silvo-pastoris e, ainda, ter acesso aos recursos fluviais e marinhos. Santo António teria, também, possibilidade de exploração de sal, quer através de pias amovíveis encontradas nas praias das cercanias, quer nas pias salineiras escavadas na rocha, nas freguesias de Carreço e Afife (Oliveira e Bettencourt, 2021). Nessa área conhecem-se inúmeras pias escavadas nos afloramentos, consideradas para esse efeito, ao longo da linha da costa (Costa *et al.,* 2012; Bettencourt *et al.,* 2020; 2021). Quanto aos recursos mineiros metálicos, são de registar várias jazidas primárias de estanho, a 13 km para nascente, sendo conhecidas também pela população local algumas explorações de estanho, no alto da Serra de Santa Luzia, embora não registadas na Carta Geológica. Este povoado, estaria protegido, em termos climáticos, por uma espécie de anfiteatro natural entre o monte da Cividade, a norte, a vertente da Serra de Santa Luzia, a este, e o promontório de Montedor, a sul.

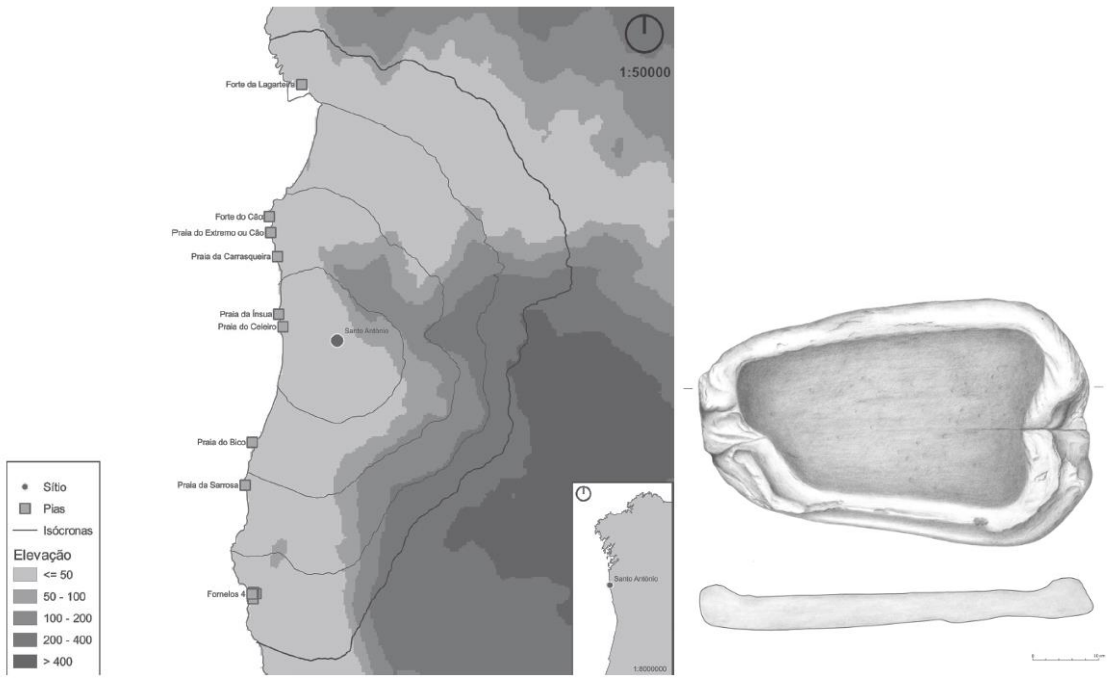


Fig. 1.43 Pias salineiras próximas ao povoado de Santo António e pia salineira amovível encontrada no povoado de Santo António (desenho de Amélia Marques) (Oliveira e Bettencourt, 2021, adaptado).

Um outro local com ocupação da Idade do Bronze, detetada após a revisão que efetuámos do material cerâmico de antigas explorações, é **o Alto da Coroa**. A sua localização na base da serra de Santa Luzia possibilitava a exploração combinada do monte e da planície, assim como dos recursos marinhos, nomeadamente o sal, pois também, nas suas proximidades há evidências de extração de sal, através da presença de pias amovíveis encontradas na praia do Campo do Amo/Moinho da Moca, na freguesia da Areosa e de pias escavadas na rocha encontradas nas praias de Campo do Amo/Moinho do Moca, Gandaral, Corgo e Cobidalto, na freguesia da Areosa, Viana do Castelo (Bettencourt *et al.,* 2020), apenas para citar as mais próximas (Figs. 1.43, 1.44).

O monumento funerário da **Cova da Moura**, está muito mais conectado com o monte do que, com a plataforma litoral, embora visualmente esta última seja dominante a partir deste lugar. Em termos da sua acessibilidade, esta far-se-ia, com mais facilidade, a partir de norte ou de sul, no sentido da plataforma natural existente nesta vertente.

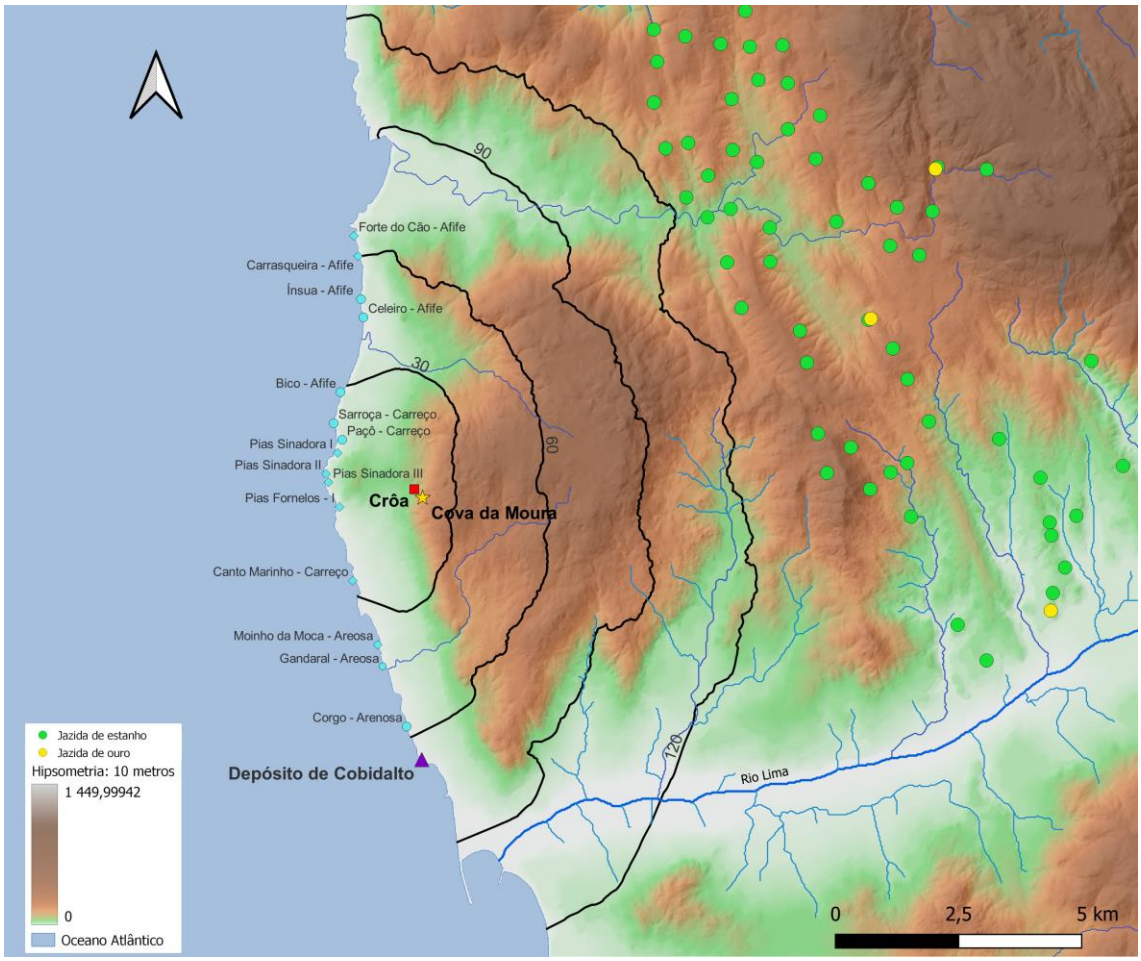


Fig. 1.44 Mapa teórico de exploração de 2 horas pedestres do Alto da Coroa ou Crôa (linhas isocrónicas de 30 minutos).

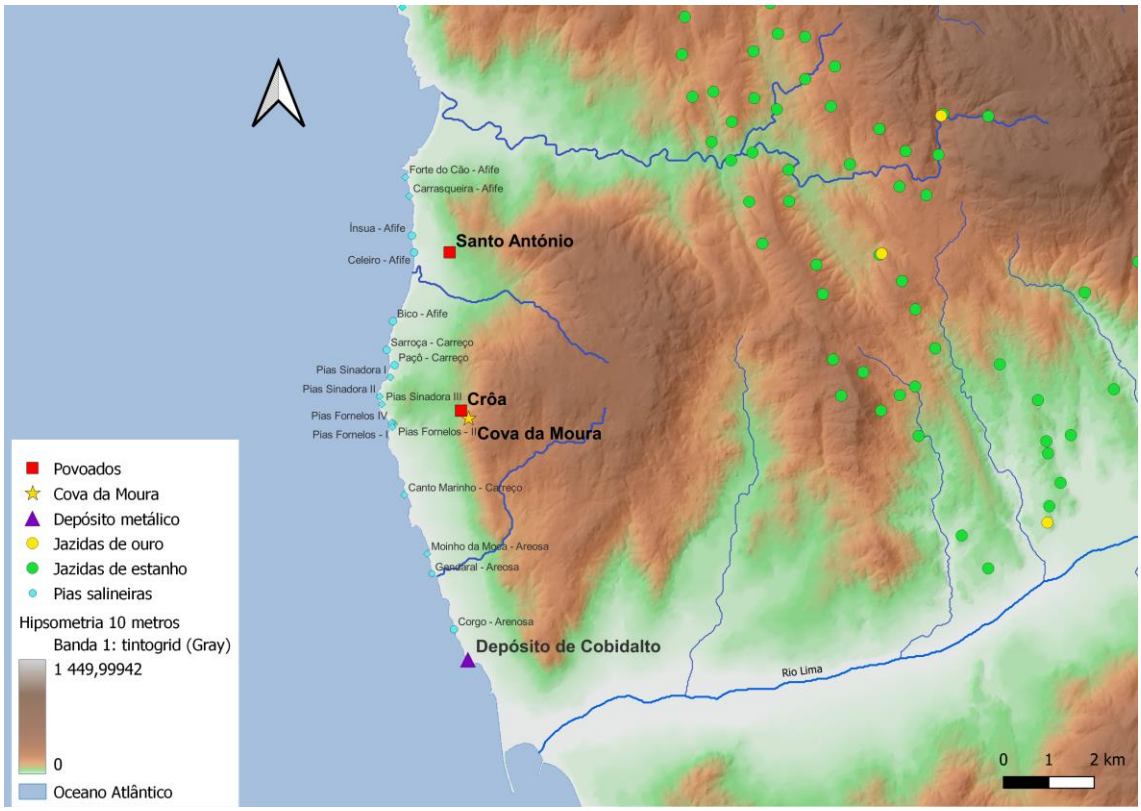


Fig. 1.45 Sítios com ocupação datável do Bronze Final, no interflúvio entre o Âncora e o Lima.

Materiais cerâmicos locais e metálicos

Quanto à caracterização dos materiais cerâmicos estes são de fabrico manual, pastas arenosas, com e.n.p. compostos por quartzos e feldspatos, normalmente de textura grosseira ou mediana, existindo, contudo, em Santo António, alguns fragmentos de recipientes de pasta mais fina e depurada, com acabamento polido, típicos do Bronze Final e similares aos encontrados nas bacias do Cávado e do Ave (Martins, 1987; 1990; Bettencourt, 1999; 2000; Dinis, 1991/1992; Moreira, 2006: 338) (Fig. 1.46).

Quanto às pastas, nesta fase final, verifica-se alguma mica, que parece ser da própria argila. As cozeduras são realizadas em ambiente redutor e as cores de várias tonalidades de castanho e de cinzento, por vezes, com manchas mais escuras, resultantes do processo de cozedura.

Devemos ter em conta as formas registadas no povoado de **Santo António**. De facto, boa parte dos fragmentos guardados pelos escavadores são bordos, tendo sido identificadas formas de armazenamento, transporte e de cozedura em potes (formas 1b, 1c, 2). Há também formas de consumo, neste caso, potinhos, sem vestígios de fuligem (forma 10) (Fig. 1.46).

Contamos com alguns fragmentos e formas esvasadas decoradas por reticula brunida ou por linhas brunidas.

Cabe-nos destacar, ainda, nesta fase o aparecimento de um cadinho, com as características técnicas das demais cerâmicas deste período, pelo que o consideramos como sendo, provavelmente, do Bronze Final (Fig. 1.46).



Fig. 1.46 Potinho de louça fina; e vaso com reticula brunida do Bronze Final de Santo António.

Da **Cova da Moura** há a registar, pelo menos, um fragmento de parede com decoração plástica e ornatos brunidos e um pote (forma 1) e um pote (forma 2). Em termos técnicos as pastas apresentam-se na sua maioria arenosas-micáceas, a cozedura é redutora, a pasta possui elementos não plásticos de calibre médio a pequeno e acabamento polido. Deste monumento, e desta fase devemos ainda referir uma foice de talão, ou de tipo Rocanes, em bronze (Fig. 1.47).

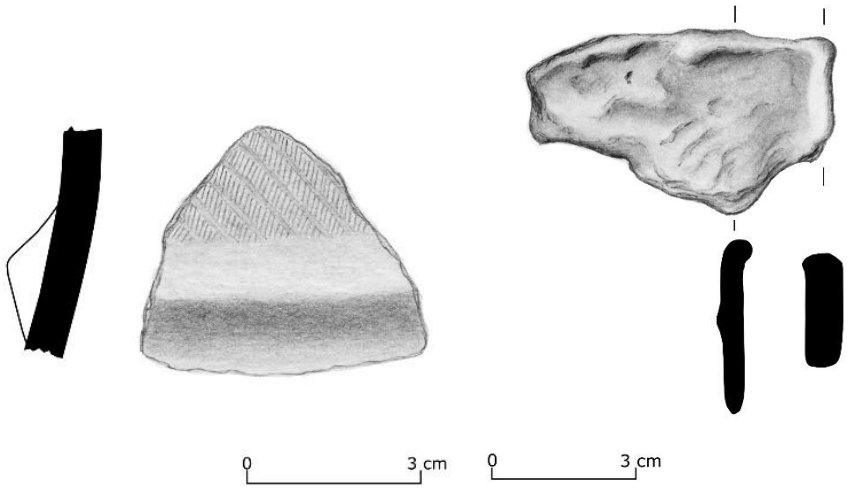


Fig. 1.47 Bojo decorado por decoração brunida e aplicação plástica e foice de talão.

Do Bronze Final, há, ainda, a registar um importante depósito de machados de talão de dupla argola (Fig. 1.48), maioritariamente com cone de fundição, encontrados na plataforma fluvial, numa fenda de um afloramento de xisto. Trata-se do depósito do Cobidalto, referido por Monteagudo (1977) como o depósito da Areosa, a freguesia onde se localiza, mas republicado recentemente (Bettencourt *et al.,* 2014).



Fig. 1.48 Depósito de Cobidalto / Areosa (Bettencourt et al., 2014).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

A par da exploração de uma grande diversidade de recursos, em Santo António, há evidências da produção metalúrgica (Oliveira e Bettencourt, 2021). A existência de cerâmica de ornatos brunidos, similar à encontrada no Centro e Sul de Portugal, datada de entre os séculos XII aos finais do século VII a.C. (Osório, 2013), em Santo António e na Cova da Moura, evidencia que as populações deste interflúvio terão sido recetoras de materiais de origem meridional. No entanto,

o facto de a forma de Santo António não ser conhecida da tabela de formas de Osório (2013), embora se assemelhe à forma T6, poderá evidenciar uma produção local, ou seja, uma imitação de formas importadas, por parte de oleiros locais (Fig. 1.46, vaso ovóide).

Lógicas de povoamento e interpretações

Ambos os povoados do Bronze Final, pela sua localização, controlariam visualmente, embora de forma complementar, o corredor de circulação terrestre que é a plataforma litoral e a navegação oceânica (Fig. 1.49).

De referir que Bettencourt *et al.* (2014: 143), consideram o depósito de Cobidalto como de "margem", na perspetiva de Vilaça (2006), o que se comprova, agora, pela sua localização a 60 minutos do povoado do Alto da Coroa (Figs. 1.44, 1.45). Consideram, ainda, que por se localizar no corredor terrestre e em área de encruzilhada poderia simbolizar, "no plano simbólico, o encontro de diferentes grupos ou indivíduos, materializado pelos diferentes fabricos de machados que celebrariam um lugar deveras significante." Bettencourt *et al.* (2014: 144).

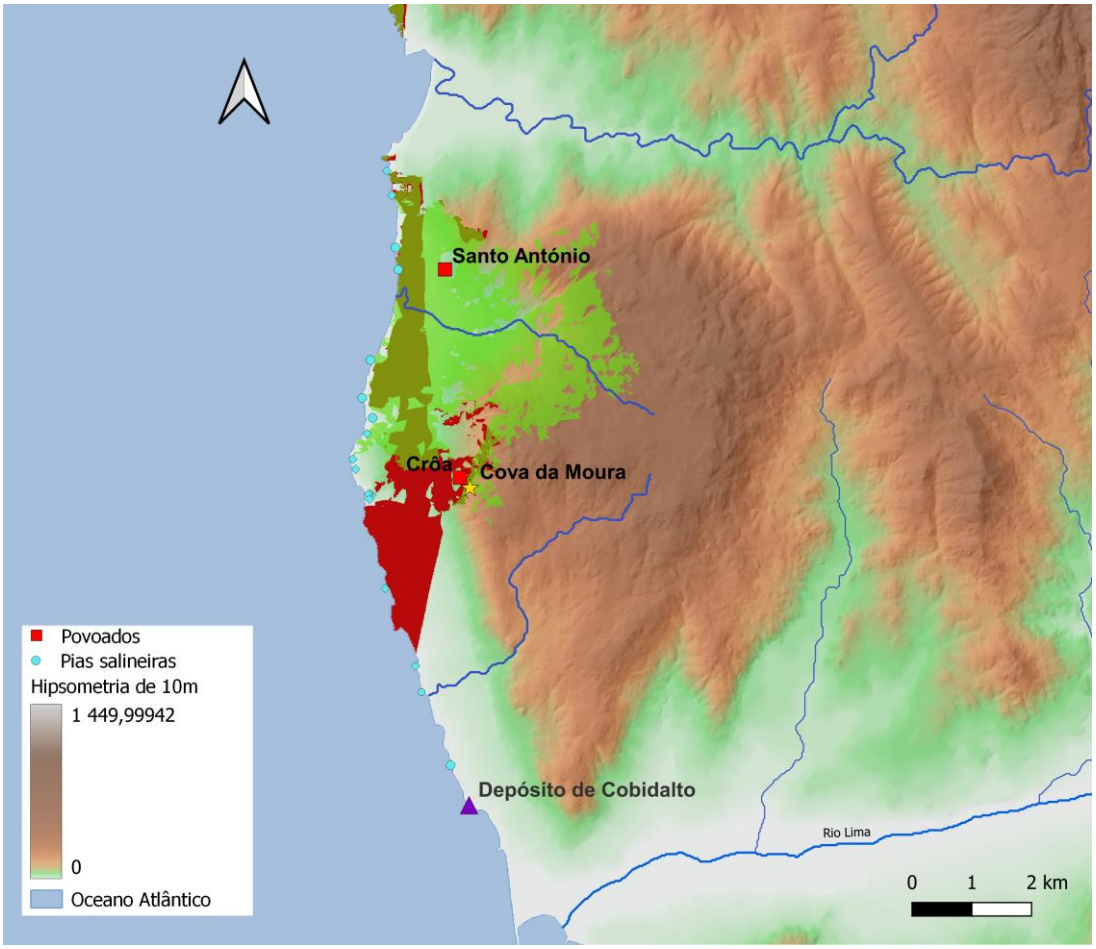


Fig. 1.49 Território de visualização de Santo António (a verde), do Alto da Crôa ou Coroa (a vermelho) e a verde-escuro o território que ambos observam (visibilidade num raio de 30 km).

b) IDADE DO FERRO ANTIGO

Caracterização da amostra

Para este período cronológico não conhecemos grandes evidências arqueológicas, por falta de escavações em vários locais. Conhece-se o achado de um brinco em ouro (Severo, 1905-1908: 406; Cardoso, 1956; Martins, 2008; Silva, 2014), encontrada a 200 m da base da vertente sudeste do povoado de Montedor, mas conhecida como a arrecada de Carreço (Fig. 1.52). Tem sido datada de entre os séculos V e II a.C. (Silva, 2014).

O contexto funerário da **Cova da Moura** também parece ter sido reutilizado durante esta fase, tendo presente vários bojos cerâmicos e um bordo de pote da forma 1c, tecnicamente inseríveis no Ferro Antigo, e a extremidade de uma fíbula de tipo Santa Luzia (Fig. 1.50).



Fig. 1.50 Cabeça de fíbula de tipo Santa Luzia (Abel Viana, 1955a: 501, adaptado) e bordo de um pote 1c, encontrados no monumento funerário da Cova da Moura.

É possível que o grande barquiforme com mastro da Laje da Churra seja, igualmente, deste período, segundo Arruda e Pereira (2017: 197-198), embora Santos (2013) tenha considerado todos os barquiformes deste afloramento da Idade do Bronze e Marinho (2022: 104) tenha percebido a associação de alguns deles com círculos segmentados, no contexto de ontologias da Idade do Bronze (Fig. 1.51).



Fig. 1.51 Barquiforme triangular fechado, da Lage da Churra (seg. Santos, 2014: 87 (adaptado).

Intercâmbio

Perante estes dados pouco se pode concluir deste território. Deve apenas referir-se que a arrecada de Carreço (Fig. 1.52), é considerada como de influência meridional (Martins, 2008: 91) pelo que o intercâmbio suprarregional se terá verificado nesta área, sem que conheçamos os seus interlocutores e onde habitavam. Por isso, urge continuar a investigação e proceder a escavações em alguns povoados para passarmos a ter uma real imagem do povoamento do Ferro Antigo, nesta faixa costeira.



Fig. 1.52 Arrecada de Carreço (fonte: www.matriznet.dgpc.pt).

c) IDADE DO FERRO RECENTE

Caracterização da amostra

Nesta fase, notámos claramente um aumento do número de povoados (Fig. 1.53). Pelo estudo efetuado por nós dos materiais cerâmicos, devemos ter em consideração nessa zona, pelo menos, dois povoados: Santo António, na margem norte do ribeiro de Cabanas e Alto da Coroa, a sul da mesma linha de água e do promontório de Montedor. Já o povoado de Montedor foi considerado deste período pelo aparecimento de um tesouro monetário, datável de entre 74 ou 73 a.C. (Centeno, 1999: 137). Devemos, ainda, considerar, uma reutilização verificada na Cova da Moura.



Fig. 1.53 Lugares com ocupação na Idade do Ferro Recente no interflúvio Âncora - Lima.

Distribuição geográfica e análise espacial

A localização de Santo António e do Alto da Coroa, embora diversa, como já foi referido, relacionam estes dois povoados com a plataforma litoral. Deve destacar-se que, neste período cronológico-cultural, as populações do Santo António (Fig. 1.54), tinham contacto visual com as da Cividade, implantadas no Monte da Suvidade, um esporão da vertente noroeste da serra de

Santa Luzia, bem como com as de Montedor, cuja localização sobre um promontório, possibilitava a visibilidade sobre toda a costa, principalmente para oeste e sudoeste, até ao Monte de Sanfins, em Esposende (Fig. 1.55). Também as populações do Alto da Coroa, tinham visibilidade com as de Montedor, para o corredor de circulação interno da plataforma litoral, entre sul e norte. Para sul desconhecemos outros povoados deste período com quem pudesse estabelecer contacto visual. De um modo geral, seria possível observar todos os movimentos de embarcações endógenas e, sobretudo exógenas, que circulassem ao largo desta região, bem como desembarques ou movimentos populacionais.

Devemos, ainda, referir que entre Santo António e Cividade e entre Montedor e Alto da Coroa, há menos de 2 km entre eles. A distância é um pouco maior, entre Santo António e Montedor, mas na ordem de 4 km, estando por isso, todos, relativamente próximos.

É provável que o povoado do Pego, tenha tido uma ocupação nesta fase, mas tal não está devidamente comprovado. Este povoado tem uma localização interessante visto estar instalado num dos esporões da vertente oeste da Serra de Santa Luzia, com um amplo controlo do ribeiro do Pego, da plataforma litoral e, claro, do oceano.

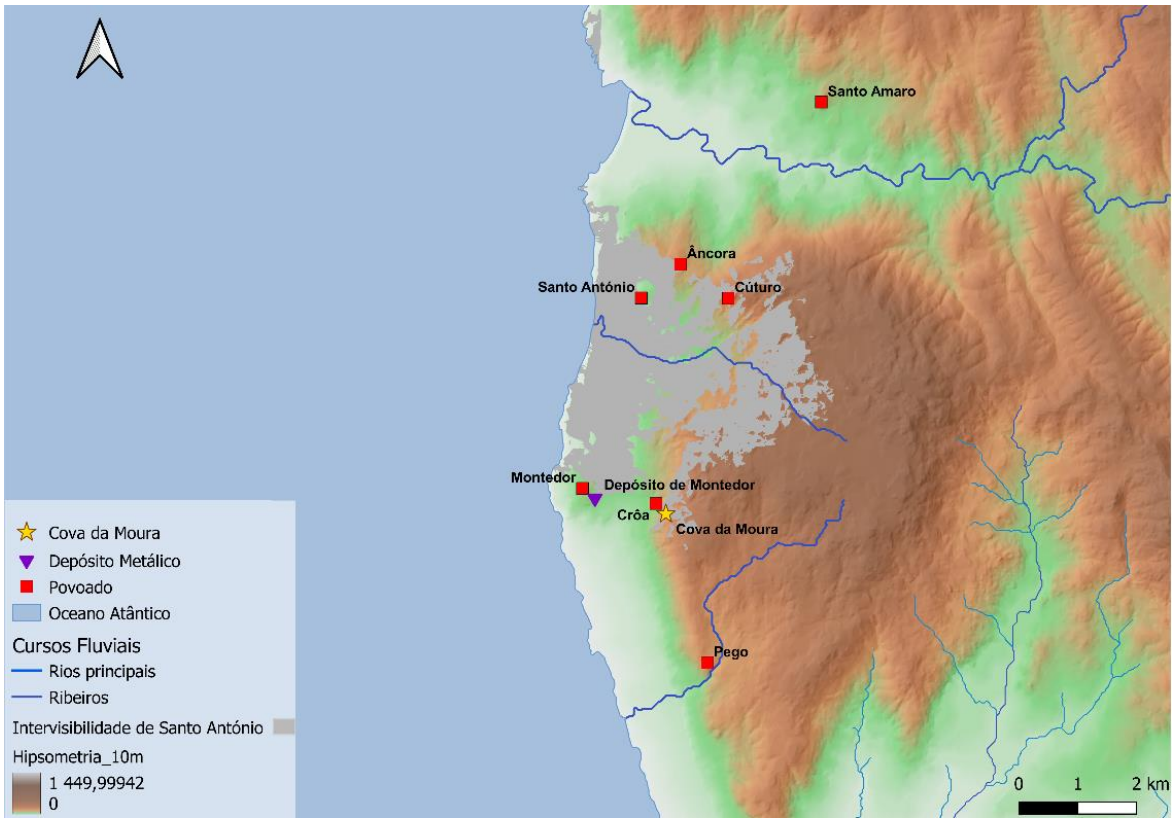


Fig. 1.54 Visibilidade de 20 km a partir de Santo António. Note-se que a partir desse povoado abarca-se visualmente toda a encosta oeste da serra de Santa Luzia, e a área a sul até Montedor e a Cividade (a norte) (visibilidade num raio de 30 km).

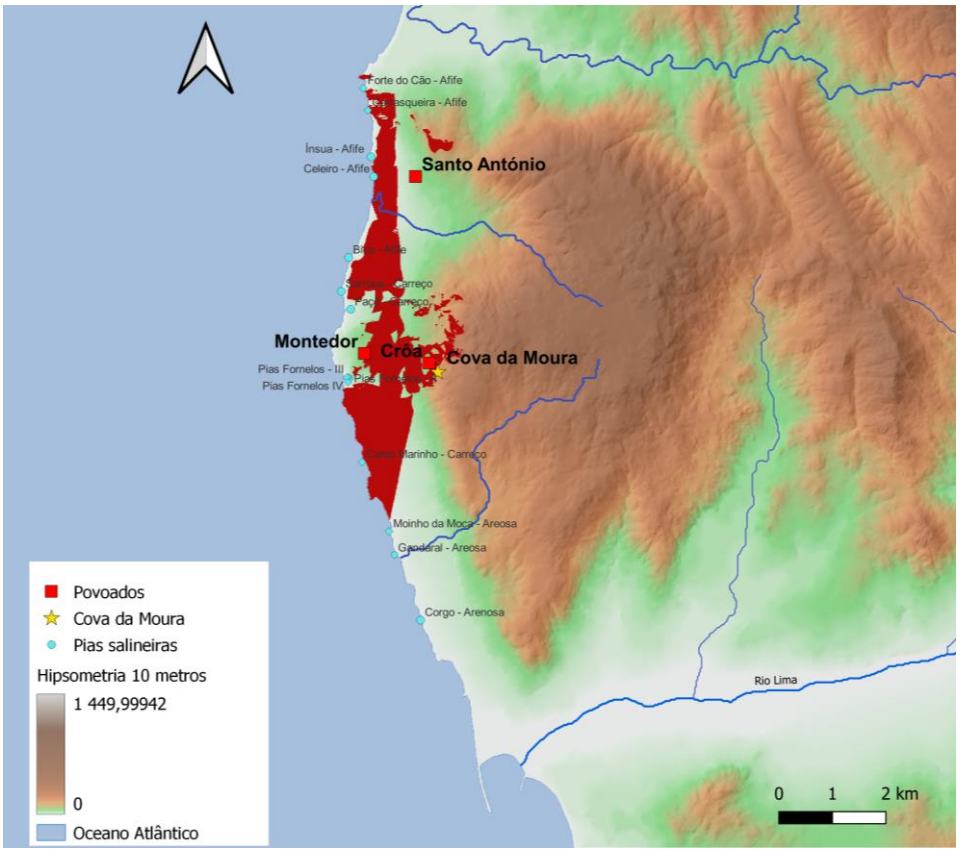


Fig. 1.55 Mapa com a visibilidade do Alto da Coroa (a vermelho) ((visibilidade num raio de 20 km).

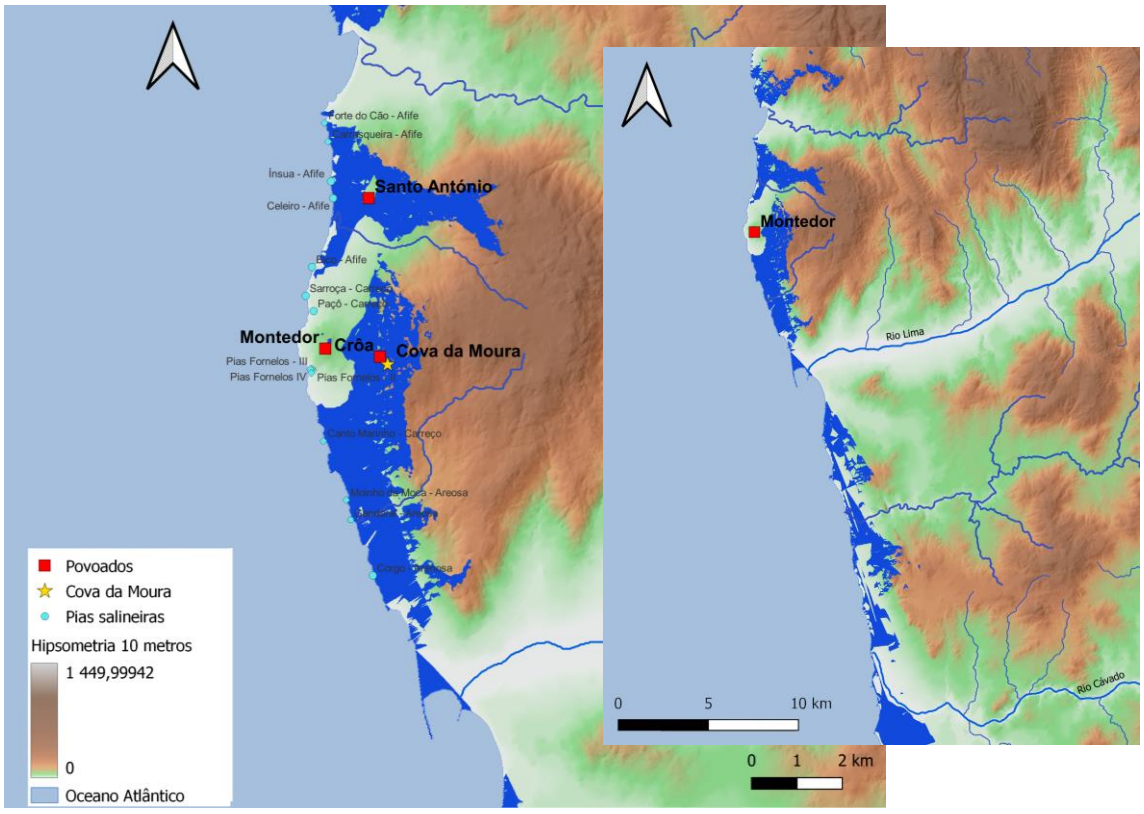


Fig. 1.56 Mapa com visibilidade a partir de Montedor. Ao lado o mesmo mapa com a visibilidade num raio de 30 km: a partir de Montedor era possível observar a foz do Lima, do Neiva e do Cávado e a fachada litoral.

Articulação com recursos naturais

Os recursos naturais (mineiros metálicos e não metálicos), são claramente os mesmos para quase todos estes povoados, já discriminados aquando do Bronze Final. Apenas queremos destacar a proximidade de Montedor com a costa (Fig. 1.57, 1.59), onde há um grande número de pias salineiras cortadas na rocha, na ordem de muitas centenas, que embora pudessem ser feitas anteriormente deveriam estar em funcionamento (Fig. 1.58) (Bettencourt *et* al., 2020, 2021; Costa *et al.,* 2012, 2019).



Fig. 1.57 Pias salineiras cortadas na rocha de Fornelos, na base da vertente sudoeste de Montedor.



Fig. 1.58 Salinas de Canto Marinho com Montedor ao fundo e a vertente oeste da serra de Santa Luzia (fonte: https://www.garranos.pt/pt/pontos-de-interesse/pias-salineiras-do-canto-marinho).

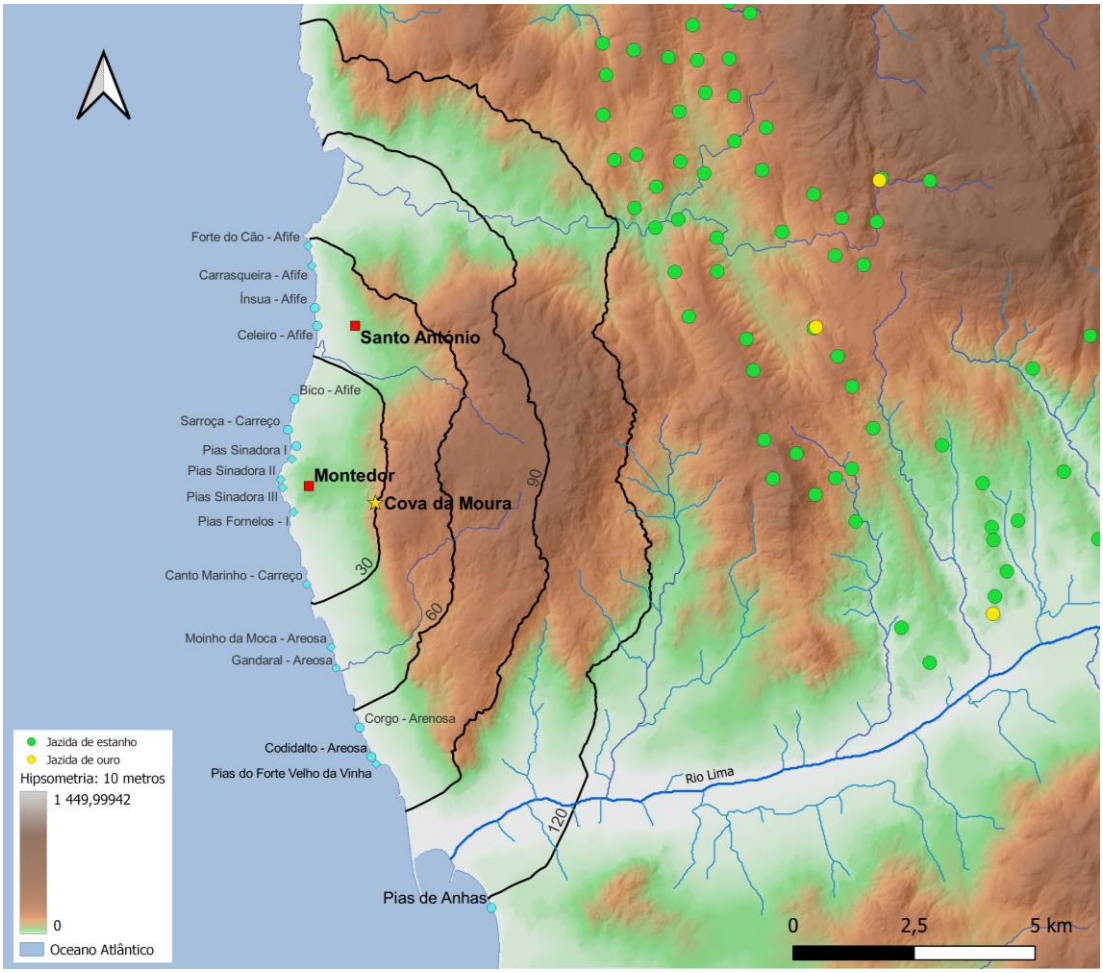


Fig. 1.59 Mapa teórico de exploração de 2 horas pedestres de Montedor (linhas isocrónicas de 30 minutos).

Materiais cerâmicos locais, metálicos, vítreos e líticos

Os materiais cerâmicos indígenas, por nós estudados, têm, em termos técnicos e formais, algumas semelhanças com os encontrados nas bacias do Cávado e Ave, embora apresentem uma série de particularidades que se inscrevem no mundo das cerâmicas da Rias Baixas Galegas e rio Minho. É necessário ter em consideração que nesta área considerámos, apenas, os materiais de Santo António, do Alto da Coroa e da Cova da Moura, estes dois últimos, em pouca quantidade. É verdade que, de todos estes sítios foram considerados materiais sem contexto estratigráfico seguro, pelo que foram atribuídos a este período cronológico-cultural através das suas características técnicas e morfológicas (Tab. 1.5). Em termos técnicos, mantém-se ainda nesta fase um grande percentual de peças produzidas manualmente, contudo uma pequena percentagem já exibe produção a torno. As pastas oscilam entre micáceas e micáceas-arenosas, sendo as primeiras mais comuns. A cozedura das peças permanece, maioritariamente, redutora, havendo peças já com cozeduras oxidantes. A textura das peças, sobretudo em Santo António, é fina ou média e há raras texturas grosseiras, e a maior parte dos fragmentos encontra-se polidos.

Foi possível distinguir três tipos de produção: uma iminentemente indígena e local, típica de outras como do Cávado ou Ave (Martins, 1990; Dinis, 1993), constituída por formas comuns ao ambiente formal do Cávado, com formas para armazenamento e transporte (formas 1 e 5), formas de uso de mesa (formas 2 e 3), formas para a confeção de alimentos (formas 4 e 6). Como vimos, no ponto 3.2, no Anexo I, as formas 3, 5 e 6 são bastante raras, ao contrário das formas 1, 2 e 4. Nesta produção destacamos ainda a existência de uma tampa, não decorada (Fig. 1.60).

Tabela 1.5 Formas indígenas de produção local, no interflúvio Âncora-Lima

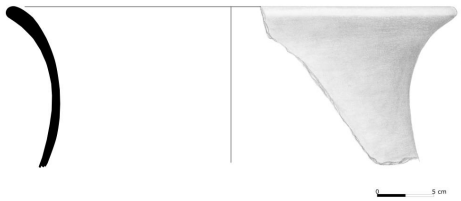
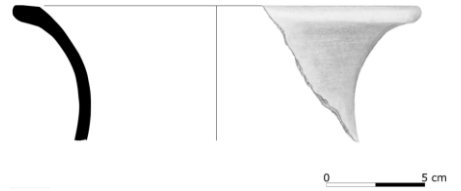
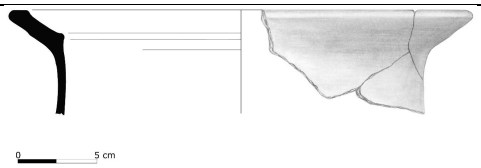
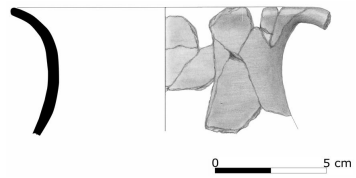
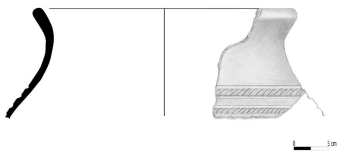
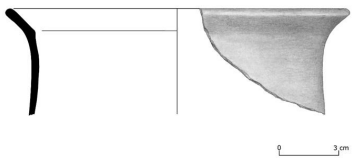
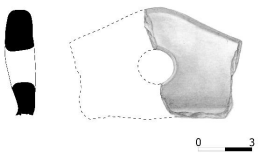
		Santo António	
Formas para armazenamento e transporte	Forma 1 a		**Alto da Coroa/Crastos Velhos**
	Forma 1b		
	Forma 1c		
	Forma 5		
Formas de uso de mesa	Forma 2 a		**Cova da Moura**
	Forma 2b		
Formas para confeção de alimentos	Forma 4		
	Forma 6		



Fig. 1.60 Potinho/Púcaro de Santo António.

Registamos um segundo tipo de produção, também ele indígena, mas da área das Rias Baixas galegas e do rio Minho, representado por poucas formas: dois vasos Tipo Forca, um vaso com bordo reforçado tipo Vigo, um bordo de um vaso globular tipo Ciés e mais alguns fragmentos decorados, três deles podendo ser de vasos Serra tipo Toralla, segundo os critérios formais definidos por Rey Castiñeira (1991) (Tab. 1.6). Mesmo não dispondo dos perfis completos destas peças, consideramos que apenas os vasos tipo Forca e tipo Toralla aproximam-se dos conhecidos perfis em S, típicos da cerâmica local indígena. Quanto às restantes formas, apesar de incompletas teriam um perfil globular e seriam extremamente decoradas (Rey Castiñeira, 1991). Esta realidade formal e decorativa é diferenciadora daquilo que são os aspetos formais da cerâmica local indígena da área do Cávado ou Ave (Tab. 1.7). Esta produção oleira apresenta-se quase sempre a torno, com superfícies extremamente polidas e pastas micáceas-arenosas, com cozeduras ora oxidantes ora redutoras. Uma outra característica é a decoração exibida nas peças, em praticamente toda a superfície externa.

Tabela 1.6 Formas indígenas de produção das Rias Baixas e Minho, no interflúvio Âncora-Lima

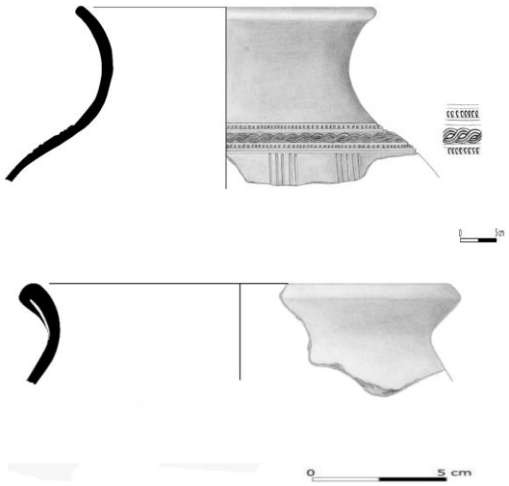
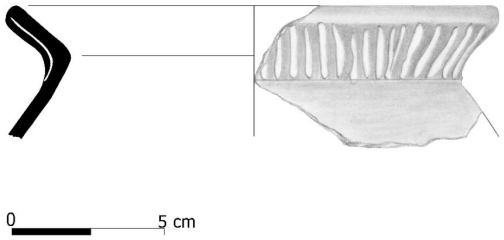
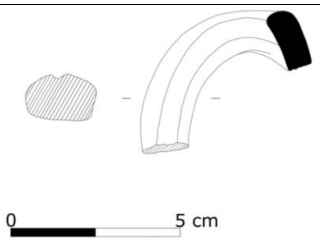
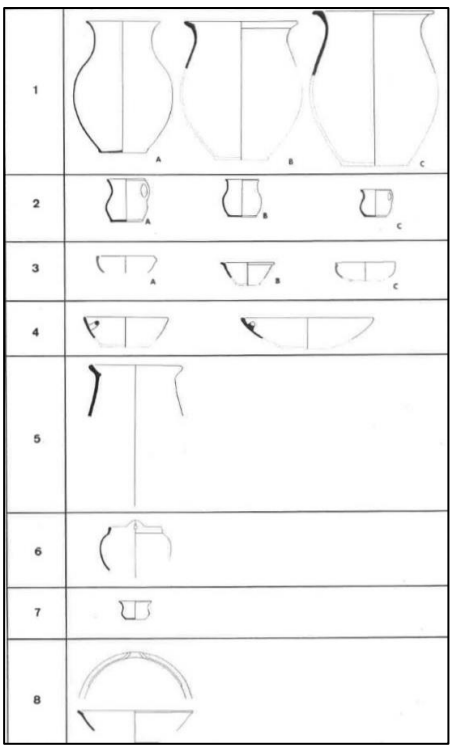
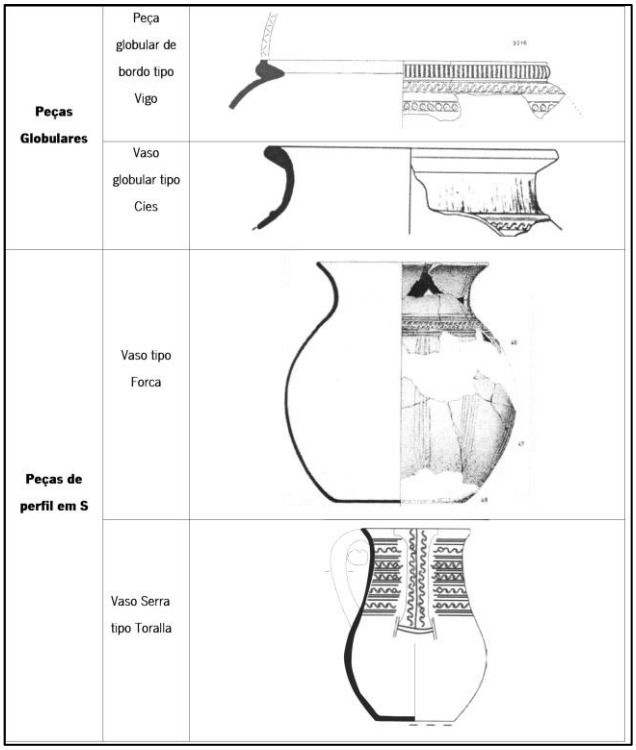
	Santo António	
Vaso Tipo Forca		
		Tipo Toralla
Vaso com bordo Tipo Vigo		

Tabela 1.7 Tabelas de formas indígenas: M. Martins, 1990 (Ferro Recente) para o Cávado e J. Rey Castineira (1991) para as Rias Baixas galegas





Finalmente, o terceiro tipo de produção encontra-se representado por uma imitação de uma forma do tipo 2 de *Lamboglia* (Lamboglia, 1952), com aguada negra, na superfície externa. Esta imitação da forma típica do sul da Ibéria é em pasta de tradição indígena local (Fig. 1.61).

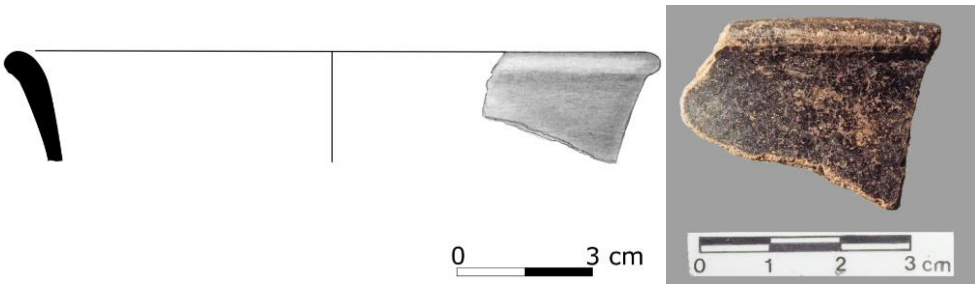


Fig. 1.61 Imitação de cerâmica do sul da Ibéria, concretamente do tipo 2 de Lamboglia (fotografia: Manuel Santos (MDDS)).

De todos estes sítios considerados, devemos realçar, uma vez mais, a quantidade de cerâmica decorada em Santo António. A qualidade do material decorado e diversidade de motivos apresentados é diferenciadora relativamente ao restante espólio estudado no contexto deste trabalho. De facto, em Santo António, por razões que talvez estejam relacionadas com contactos suprarregionais (para norte e para sul), notamos um invulgar número de fragmentos cerâmicos decorados e, sobretudo, o uso de várias técnicas decorativas (Tab. 1.8), no mesmo fragmento (Fig. 1.62).

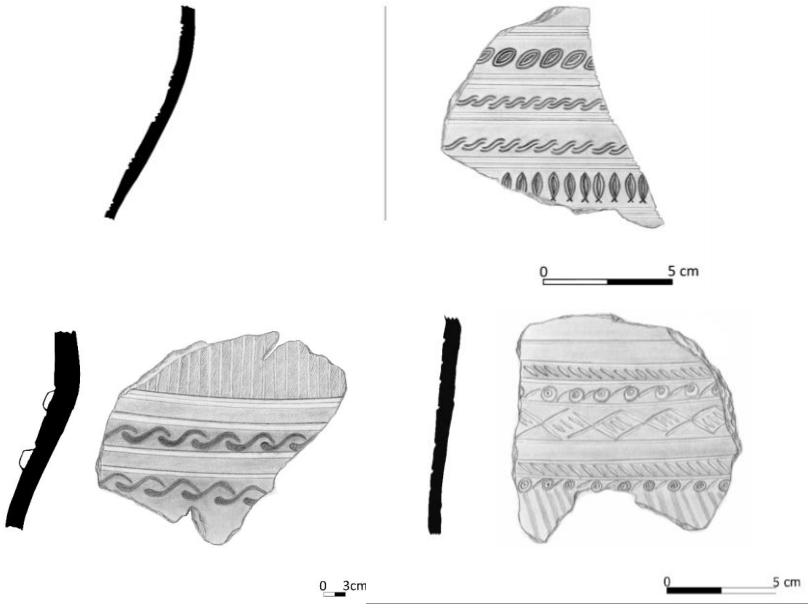
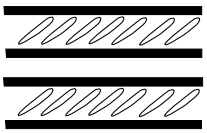
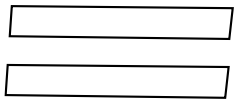
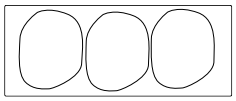
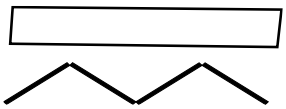
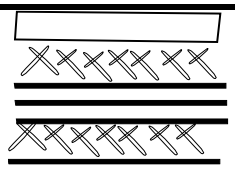
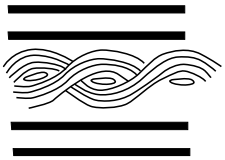
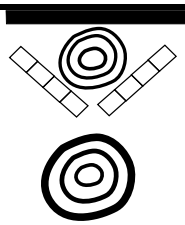
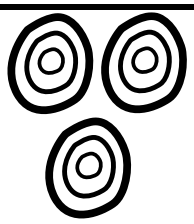
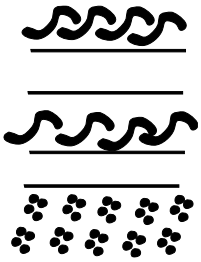
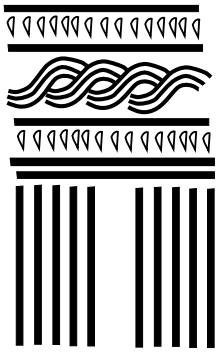
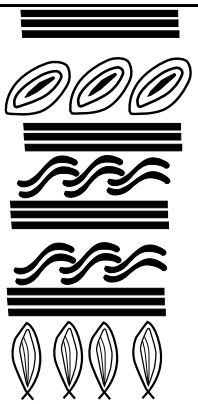
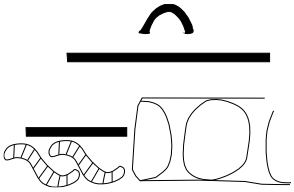
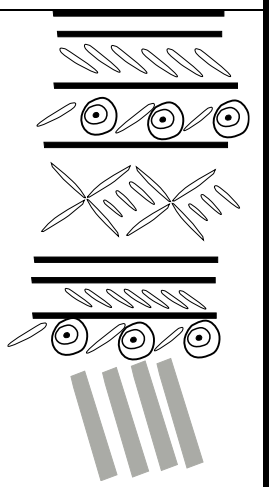
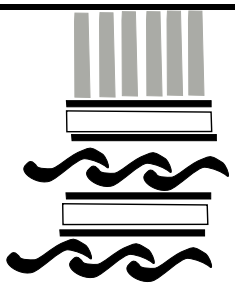
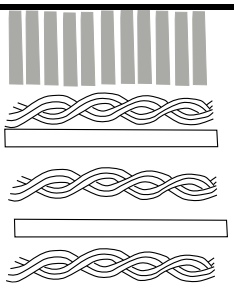


Fig. 1.62 Em cima: colo de um vaso jarra de Tipo Toralla decorado com incisões e impressões de peixes, séries de SSS e ovais. Em baixo: cerâmica decorada, com múltiplas técnicas (brunidos, incisões e impressões) e motivos marinhos e ictimorfos.

Tabela 1.8 Motivos da Idade do Ferro Recente no interflúvio entre Âncora e o Lima

Incisão			
Aplicação plástica			
Aplicação plástica e incisão			
Incisão e impressão			
			**Incisão, brunido e impressão**
Incisão, aplicação plástica e impressão			
Incisão, brunido, aplicação plástica e impressão			

O aparecimento de pequenos vasos cerâmicos, um deles feito a torno e os outros de forma manual, em Santo António, um povoado muito próximo de inúmeras salinas, faz-nos colocar a hipótese de que poderiam ter sido usados para a medição de sal marinho, presumindo que, neste período, este produto se trocasse com outras populações (Fig. 1.63). No entanto, só análises de química orgânica poderão confirmar esta hipótese.

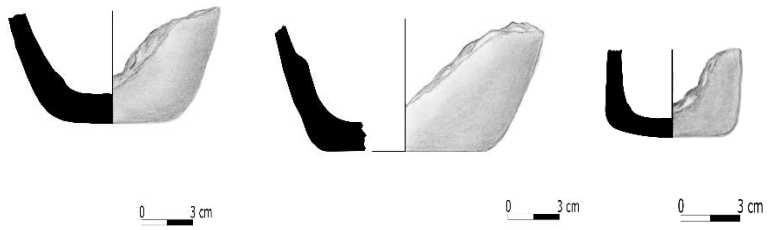


Fig. 1.63 Possíveis vasos para medição de sal, no povoado de Santo António.

Apesar de não termos testemunhos diretos de materiais metálicos, temos ainda assim testemunho indireto da sua produção, como são exemplo os cadinhos cerâmicos (Oliveira e Bettencourt, 2020) e moldes de sítula, em cerâmica, com decoração geométrica (Silva, 1986), detetados em Santo António (Fig. 1.64).



Fig. 1.64 Moldes de sítula com decoração geométrica, segundo Silva (1986), adaptado.

E fruto deste trabalho realizados, individualizamos em Santo António dois cadinhos cerâmicos com vestígios de prática metalúrgica (Fig. 1.65). Estes dois cadinhos são de pequena dimensão, sendo o primeiro mais completo que o segundo já que temos parte do bordo conservado.



Fig. 1.65 Cadinhos: em cima cadinho incompleto com escória agregada; em baixo pequeno fragmento cerâmico com escória agregada.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Todos os povoados aqui considerados teriam a possibilidade de desenvolver uma economia do mar, através da exploração do sal, da recoleção e pesca dos seus múltiplos recursos alimentares. Tinham, ainda, acesso a uma planície bem irrigada e a terras e bosques, no monte, o que possibilitaria o desenvolvimento de atividades agro-silvo-pastoris. O granito local é abundante e aflora à superfície, pelo que a extração de pedra e o seu trabalho seria outra atividade importante destas populações.

A atividade metalúrgica está evidenciada em Santo António, apesar das jazidas de estanho e ouro, reconhecidas, serem um pouco longínquas. No entanto, o minério podia ser "adquirido" através do intercâmbio local, no vale do Âncora, ou explorado nas minas de estanho do Chã de Carreço, no alto da serra de Santa Luzia, reconhecidas, ainda hoje, pela população local.

No entanto, nesta fase, os agentes que vinculam estas novidades, materiais e os novos hábitos de consumo, são de origem romana ou viajantes indígenas. Em Santo António há evidências de contactos suprarregionais, mas em escassa quantidade. Apenas se conhece um fragmento anfórico de Haltern 70 e um exemplar de forma 2 de tipo *Lamboglia* (Lamboglia, 1952) produzido em material indígena, mas que imita uma forma de produção meridional.

Outras evidências do intercâmbio ou de viagens de populações locais é o tesouro de Montedor (Fig. 1.66), com 38 moedas republicanas, 8 denários ibéricos e 920,5 gramas de prata, depositadas numa forma indígena, um púcaro de pasta micácea e perfil em S, datável de entre 74 ou 73 a.C. (Centeno, 1999:137). Segundo Centeno (1999:137) o facto de boa parte das moedas se encontrarem partidas ao meio o que, segundo Estrabão (*Livro III,* 3,7), era um modo

de utilização de moeda por parte de alguns povos do norte da Hispânia, coloca em evidência o uso não monetário desta moeda. Além disso, a presença dos denários ibéricos, possibilitou a este autor colocar a hipótese de que o achado teria pertencido a um habitante do povoado de Montedor que terá integrado as forças romanas na região norte da Meseta e, com o fim do conflito militar, em meados do séc. I a.C., terá trazido consigo o pagamento pelos seus serviços (Centeno, 1999: 137).

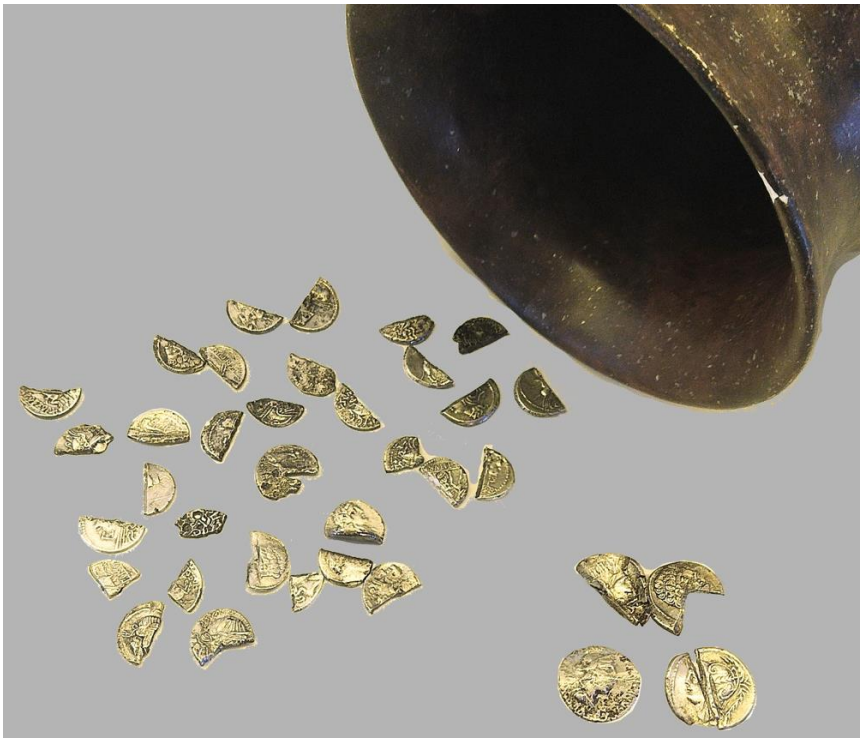


Fig. 1.66 Achado monetário de Montedor (imagem nossa, pote e moedas do núcleo expositivo da Casa dos Nichos, Viana do Castelo).

Lógicas de povoamento e interpretações

Quanto à lógica de povoamento é interessante perceber que apesar das diferenças de localização, estes povoados têm, em comum, a complementaridade da visualização do oceano e da plataforma litoral, num momento de instabilidade, provocada pela conquista romana do sul da Península Ibérica e das incursões deste povo para norte, quer militares, quer mercantis (Silva, 1986: 65; Alonso Troncoso, 1996; Gomes, 2017). Também é de destacar que esse controlo da costa se completa com a visibilidade que era obtida a partir do povoado sobranceiro à foz do Âncora, ou seja, a Cividade.

Com os dados obtidos, ainda escassos, parece notar-se que, apesar da sua posição costeira, estes povoados não estariam tão inseridos nas redes de intercâmbio suprarregional, face ao verificado, por exemplo, no estuário do Âncora.

Se atendermos às sobreposições dos seus territórios teóricos de exploração de 2 h pedestres, mais nítidas entre a Cividade e Santo António e entre Montedor e Alto da Coroa, há que colocar a hipótese de existir, efetivamente, um caráter de complementaridade entre estes povoados, que seria geostratégica no controlo do território, mas também, económica na exploração dos mais diversos recursos.

As populações residentes nesta região, provavelmente as do Alto da Coroa ou Montedor conheciam o monumento funerário da Cova da Moura, edificado pelos seus antepassados, que recorrentemente parecem ter visitado para deposições. Seriam estas de carácter funerário?

2.5. ESTUÁRIO DO RIO LIMA

Nesta região devemos integrar 11 povoados, contudo apenas temos dados concretos para a Citânia de Santa Luzia, o Castro de Vieito, o povoado da Terronha, o povoado de S. Silvestre (na margem direita), e sobre a Facha, o Peso, Roques e Sabariz (na margem esquerda) (Fig. 1.67). Quanto aos possíveis povoados da Cancela da Areosa, Miradoiros do Galo e Alto do Galeão não dispomos de informação passível de ser interpretada nas diversas fases de ocupação, e partir desse ponto para a possível análise à lógica de povoamento.

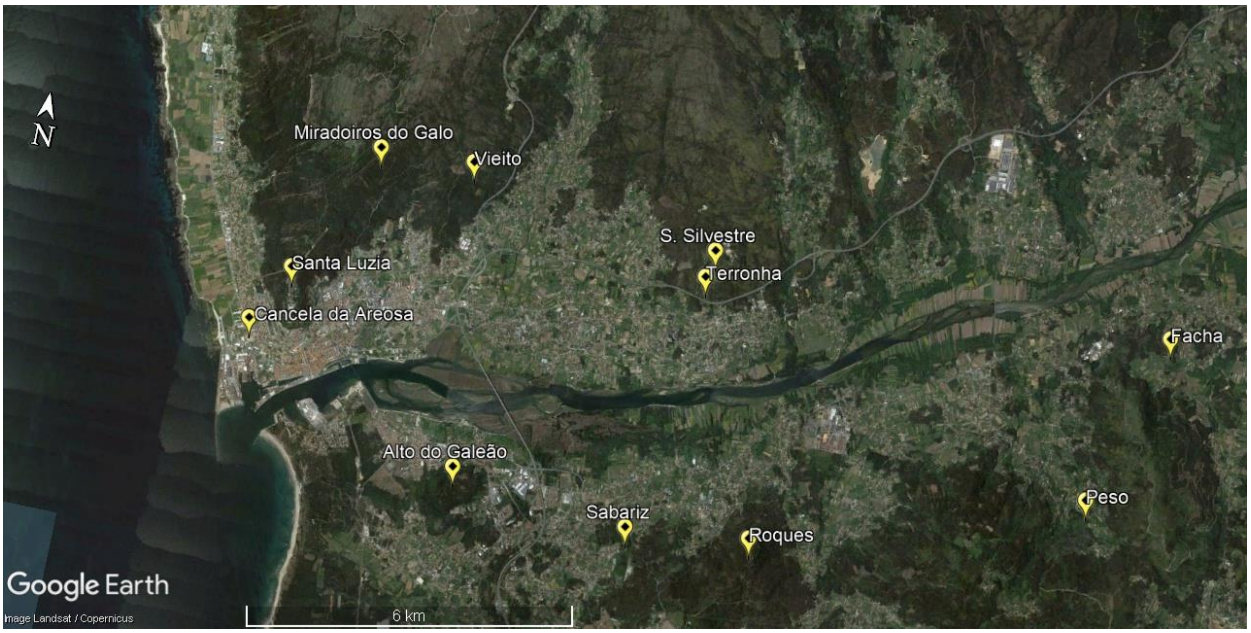


Fig. 1.67 Imagem de satélite do estuário do Lima e dos povoados considerados neste trabalho (fonte: *Google Earth*).

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

No estuário do Lima foram detetados três habitats cuja génese data do Bronze Final (Fig. 1.68). Foram considerados os povoados de **Santa Luzia** (Viana do Castelo), **Santo Estevão da Facha** (Facha, Ponte de Lima) (Almeida *et al.,* 1981) e o **Peso** (Geraz do Lima, Viana do Castelo) (Soeiro, 1981; Almeida, 1990: 42-45). Todos eles com ocupação desta fase.

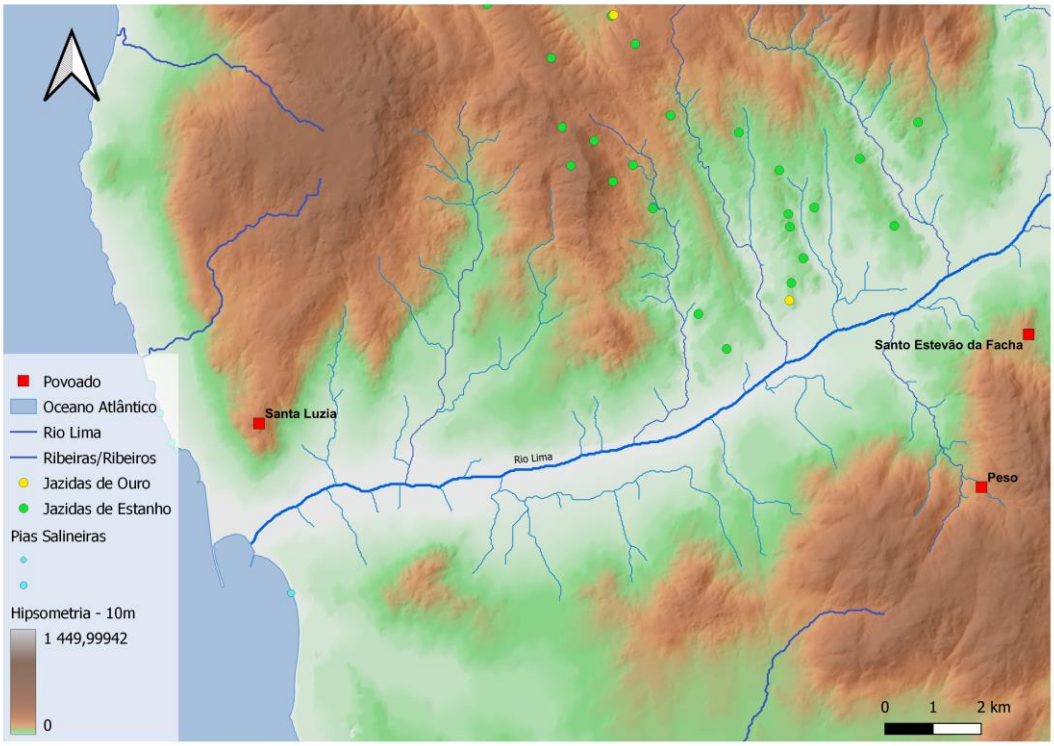


Fig. 1.68 Povoamento no Bronze Final no estuário do Rio Lima.

Distribuição geográfica e análise espacial dos povoados

Desde logo, atestamos, pela primeira vez, a ocupação desta fase em **Santa Luzia** (situado a 226 metros de altitude). Trata-se de um povoado de altura, de montanha, a 2 km da faixa costeira, e à mesma distância do estuário do Lima, com ótimas condições de controlo do oceano e do estuário. Desse povoado avistar-se-ia **o povoado do Peso** (a 183 metros de altitude). Este fica localizado num esporão de altitude e a cerca de 3 km (em linha reta). Desse ponto para nor-nordeste situa-se **Santo Estevão da Facha** (a 142 metros de altitude), um povoado instalado no interior do estuário do Lima. Fica localizado no topo de uma colina de baixa altitude, porém protegido por uma outra colina a norte, com 152 metros de altitude. Estes últimos dois povoados não se observam mutuamente, mas ambos possuíam um controlo visual e físico importante do estuário.

Como vemos, apenas as comunidades de Santa Luzia e Santo Estevão da Facha se observariam mutuamente (Fig. 1.69).

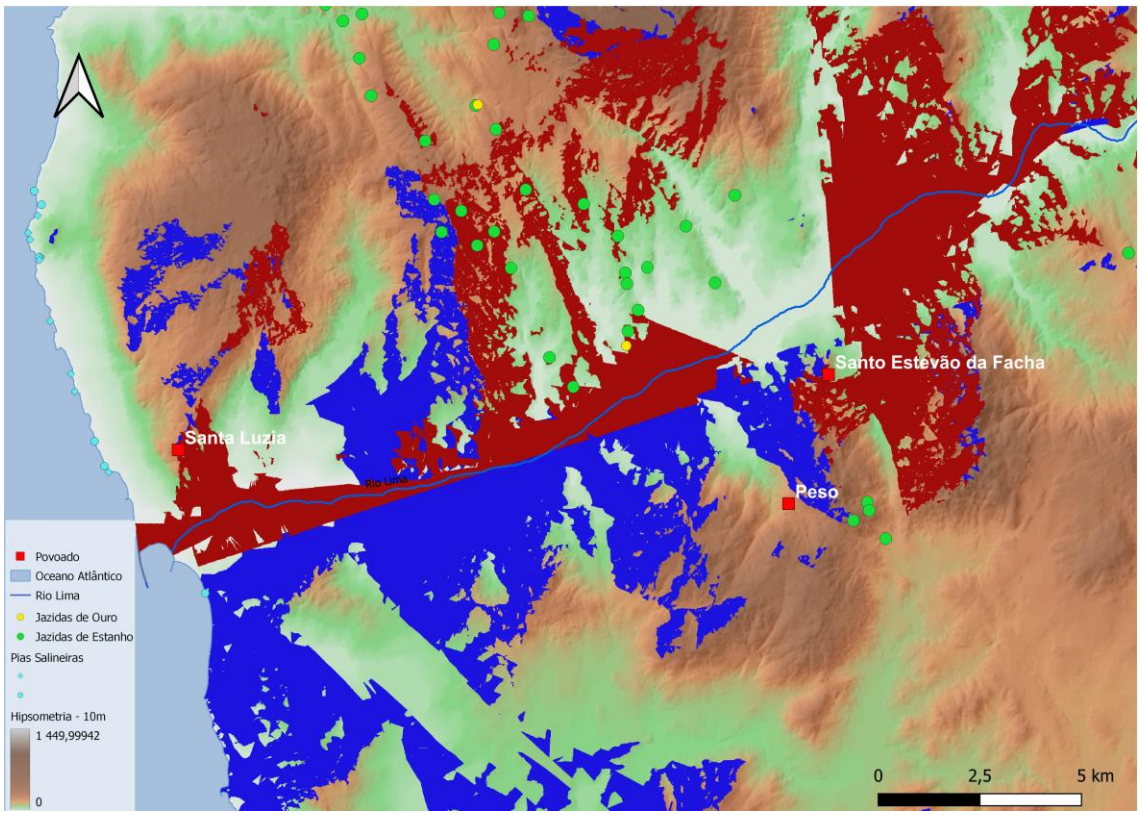


Fig. 1.69 Intervisibilidade entre Santa Luzia (azul-escuro) e Facha (a vermelho). Note-se que ambos se observam e nenhum deles observa o povoado do Peso (visibilidade num raio de 30 km).

Reparamos igualmente que, neste período, aparentemente a localização dos povoados faz-se em lugares destacados na paisagem, mas ao mesmo tempo, algo escondidos no interior do estuário. Mesmo a localização da comunidade em Santa Luzia, que teria uma importante relação de controlo e visualização do estuário e da linha costeira, para sul, oeste e nor-noroeste, encontra-se em parte fora daquilo que seria um corredor natural de passagem. Neste caso esse corredor seria o vale.

Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação

Contrariamente a outras regiões consideradas neste estudo, o vale do Lima e o respetivo estuário é possivelmente um dos mais ricos ao nível dos recursos minerais metálicos (Fig. 1.70). De facto, na Serra de Agra e pelo leito dos seus aluviões e ribeiras registam-se ainda hoje minerais metálicos sobretudo ouro e algum estanho. Devemos referir que pela quantidade de jazidas de estanho presentes na área interior do estuário, esta poderá ter contribuído para o surgimento

precoce de dois povoados (mesmo que na margem esquerda do Lima). De ressaltar que efetivamente na vertente sul surgiram vários povoados, porém, pelos dados existentes, são habitats apenas datáveis da Idade do Ferro.

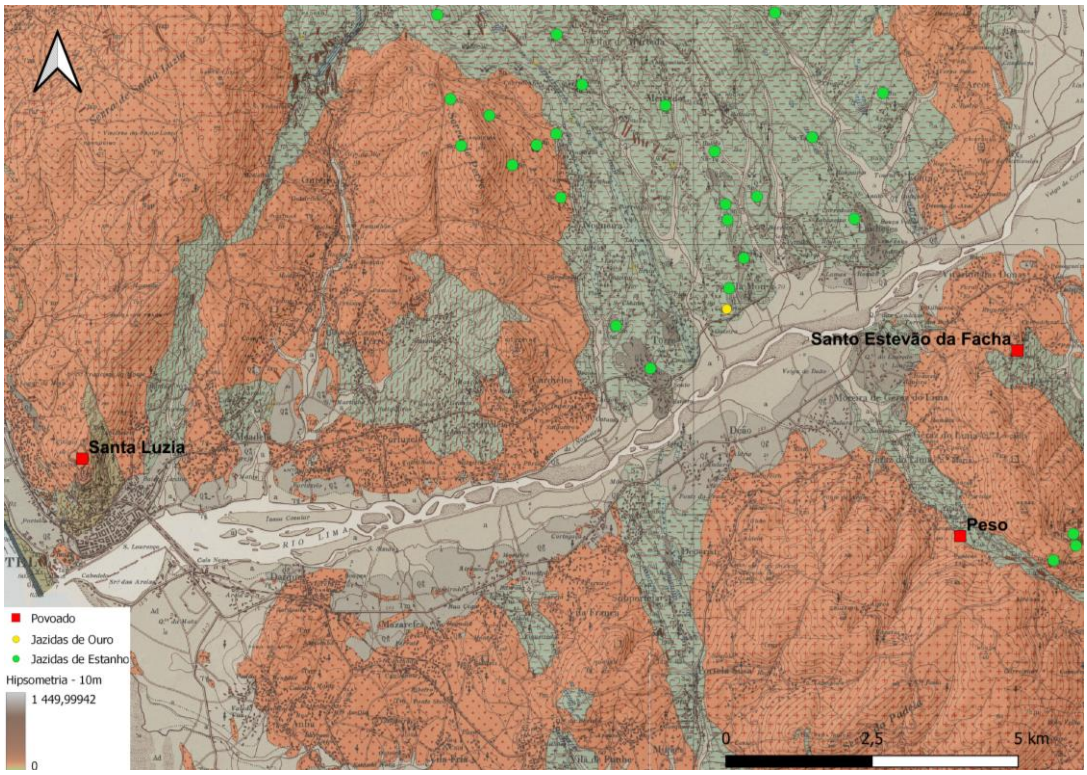


Fig. 1.70 Povoados considerados no Bronze Final e recursos minerais metálicos existentes, no estuário do Lima.

Além dos recursos de vale que as duas comunidades que habitavam a bordadura do rio poderiam aproveitar, a pesca no meio fluvial seria também um fator importante para sobrevivência destes habitats. Obviamente, o vale seria um corredor de circulação tanto por meios terrestres como por meios aquáticos, por pequenas embarcações ainda que rudimentares.

Estes povoados comunicariam entre si, provavelmente, através da bordadura e vale aluvionar do rio e pelo próprio curso de água existente, através de embarcações pequenas feitas em madeira.

Na zona da foz, provavelmente, a comunidade de Santa Luzia exploraria com maior interesse além dos recursos alimentares, os recursos mineiros não metálicos, como é caso do sal marinho, através das várias pias salineiras escavadas na rocha mais próximas, como as pias de Anhas, ou do Forte Velho da Vinha (Fig. 1.69).

No estuário do rio Lima, nesta época, no potencial povoado em altura de **Santa Luzia I**, a sua população exploraria os recursos de montanha, aproveitando para atividades silvo-pastoris. Além destas atividades, recorreriam às jazidas estaníferas da serra de Perre, a cerca de 10 km a

nascente, e teriam facilidade no acesso ao estanho e ouro de aluvião, no desenvolvimento de atividades metalúrgicas. O ouro poderia ser explorado também no Alto da Bouça da Breia. Quanto aos povoados do **Peso** e da **Facha** teriam um grande potencial de exploração de recursos fluviais, agro-silvo-pastoris, mas também de estanho de aluvião.

É de notar que da comunidade do Peso se conseguia observar e controlar visualmente as jazidas de estanho existentes na vertente sul da Serra de Agra (Fig. 1.71).

Devemos referir que pelo menos na Facha teriam atividades ligadas com a tecelagem, a julgar pelo aparecimento de um cossoiro.

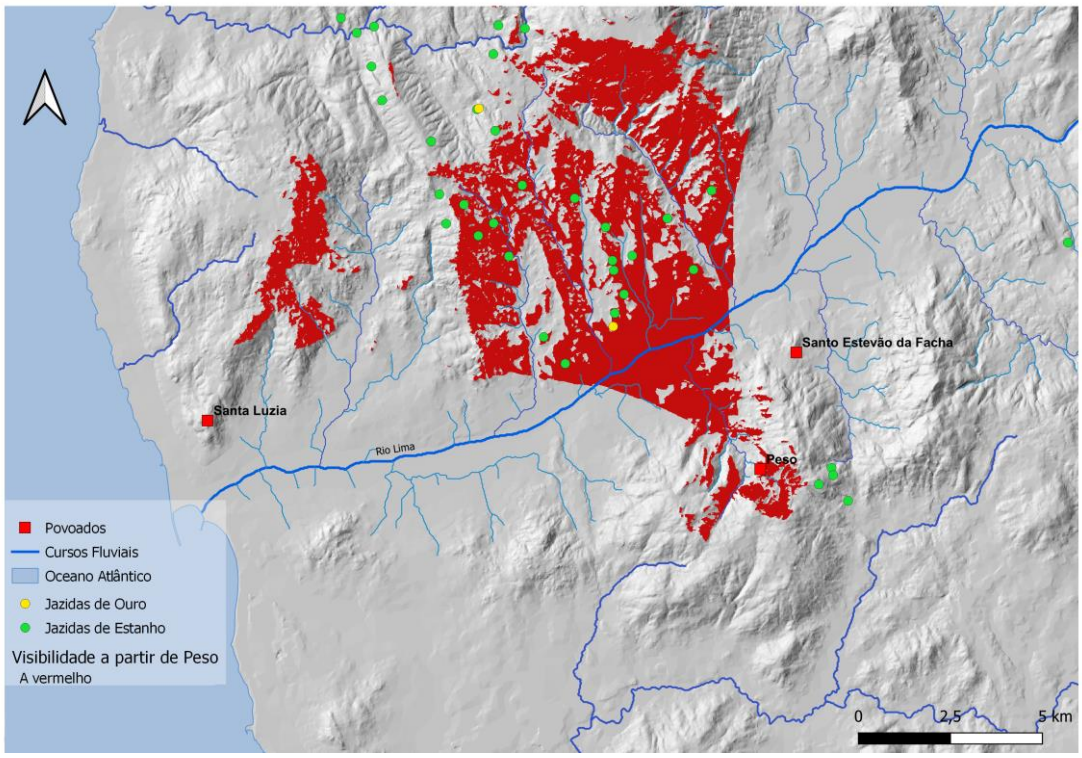


Fig. 1.71 Visibilidade a partir do Povoado do Peso (visibilidade num raio de 30 km).

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos

No que diz respeito aos materiais cerâmicos poucos foram os fragmentos que foi possível classificar como sendo da Idade do Bronze Final, em Santa Luzia. Neste povoado observamos, fruto do estudo do espólio de escavações antigas e de escavações recentes, as formas 2 (potes), forma 10 (?) (potinho/púcaros) e decorações por brunido e/ou brunido e vassourado e alguns exemplares decorados por espatulado (Fig. 1.72, a)).

Devemos mencionar que foram considerados os materiais desta fase, tanto no Peso como na Facha (Fig. 1.72, b, c)). Em termos formais e tecnológicos, as formas e a composição das pastas aproximam-se muito daquelas que encontramos no vale do Cávado (Bettencourt, 1999).

De referir que, também se registam vasos troncocónicos e cerâmica decorada por mamilos, além das taças carenadas.

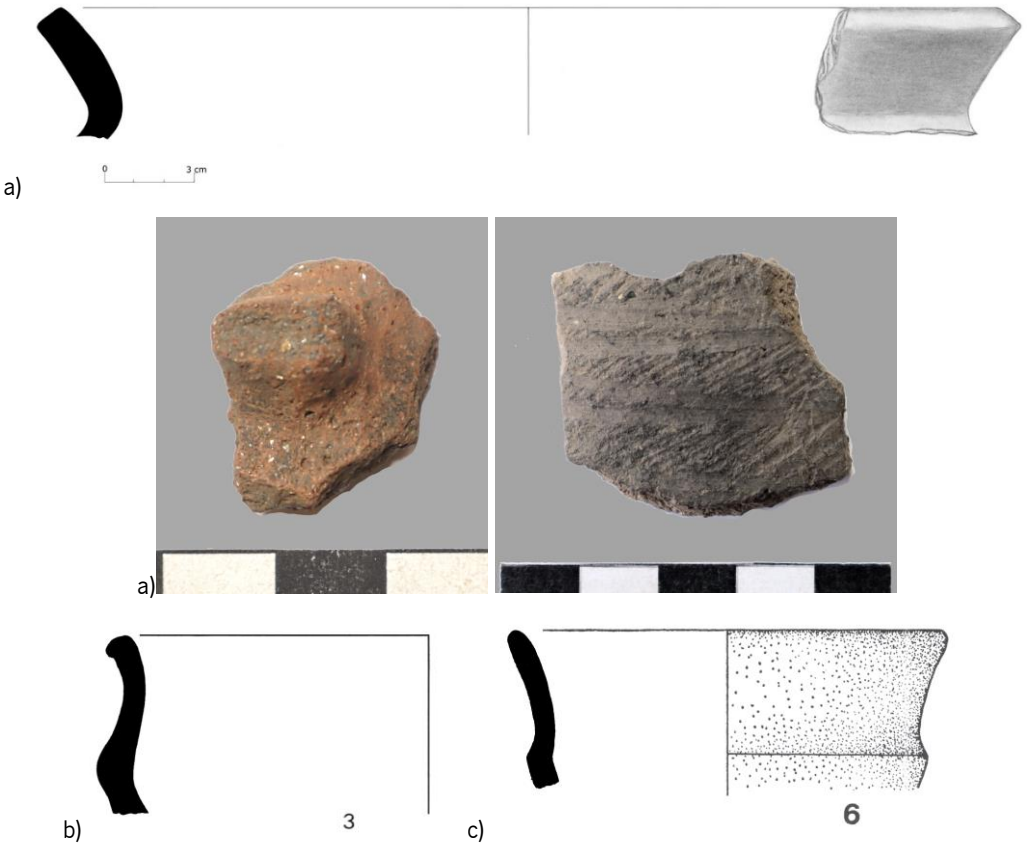


Fig. 1.72 Materiais da Idade do Bronze Final: a) Santa Luzia – forma 2; forma 10; bojo decorado por brunido e vassourado; taças carenadas: b) Facha (Almeida *et al.,* 1981, adaptado); c) Peso (Soeiro, 1981: 100, adaptado).

Quanto referir que, quanto aos materiais metálicos, tanto Santa Luzia como a Facha, situados no limite poente e nascente da área em apreço, possuem materiais metálicos em bronze. Desses materiais destacamos o jito ou cone de fundição de um machado de talão, o que significa que a dado momento no topo e esporão sul da Serra de Santa Luzia foram realizadas atividades metalúrgicas, neste período. Em relação a Santo Estevão da Facha, destacamos aquilo que parece ser um disco solar, produzido em liga de bronze que pode ser datável da Idade do Bronze final, mas que aparece em contextos datáveis entre séc. VI e V a.C. (Almeida *et al.,* 1981: 63) (Fig. 1.73). Foi ainda registado, na Facha, um cossoiro produzido a partir de seixo e um machado em xisto (Almeida *et al.,* 1981: 80-81).

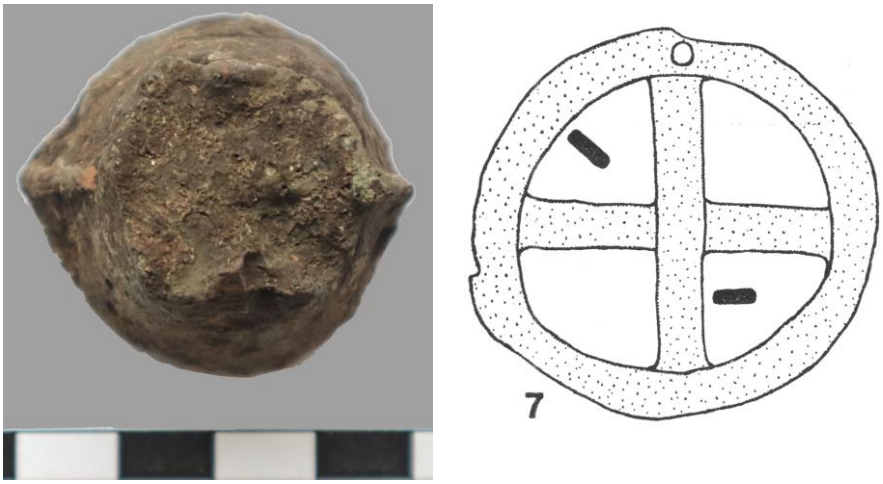


Fig. 1.73 Materiais metálicos: cone de fundição de Santa Luzia e disco perfurado da Facha da Idade do Bronze Final (Almeida et al., 1981, adaptado).

Intercâmbio

Quanto a materiais indicativos de intercâmbio regional ou suprarregional registado nesta região durante o Bronze Final, possuímos agora alguns dados indicadores, depois da realização deste trabalho.

Em Santa Luzia foram estudados dois fragmentos de cerâmica com ornatos brunidos (Fig. 1.74). Estes fragmentos apresentam características técnicas e morfológicas muito próximas àquelas identificadas em Santo António (Afife). Trata-se de materiais claramente introduzidos por agentes suprarregionais. E o facto de estes dois povoados em áreas distintas (Santo António e Santa Luzia), mas próximas, receberem ou adquirirem o mesmo tipo de material demonstra um gosto similar por este tipo de materialidades.

Ainda na zona do Lima, em Viana do Castelo, há o registo de um machado de apêndices (Monteagudo, 1977: 142, Tafel 52, n.º 855) (Fig. 1.74), cuja proveniência exata é desconhecida. Este machado será um objeto trocado, comercializado ou oferecido às populações indígenas por parte de outras populações do sul da Península Ibérica, já que estes tipos de machados são típicos das áreas meridionais do território peninsular. Trata-se de uma produção diferente daquela habitual no Noroeste português.



Fig. 1.74 Materiais exógenos registados no estuário do Lima: o fragmento cerâmico com ornatos brunidos foi registado em Santa Luzia.

Não temos quaisquer dados sobre as importações para as áreas mais interiores do estuário, tanto no Peso como para a Facha, nesta fase. Esta situação parece alterar-se substancialmente no Ferro Antigo. Assim, parece que durante o Bronze Final, os possíveis navegadores oriundos do meio mediterrânico apenas trocavam ou comercializam os seus produtos em determinados locais do território do litoral, parecendo certo que não se aventuram pelo interior dos estuários. Por consequência parece justificar-se que apenas alguns povoados nesta fase possuam alguns materiais importados, sendo esses implantados junto à costa. De notar que são efetivamente poucos os indícios desses contactos. Isto demonstra, uma vez mais, o carácter meramente exploratório e de reconhecimento das gentes exógenas face a um noroeste longínquo e praticamente desconhecido.

Lugares simbólicos

Na margem norte devemos dar particular destaque ao complexo das Gravuras da Breia, no sopé do Monte de S. Silvestre (Cardielos), na margem norte do Lima (Bettencourt, 2013a; Bettencourt e Santos-Estévez, 2018). Além de existirem gravuras anteriores à Idade do Bronze, devemos destacar que possivelmente deste período serão os círculos segmentados e estes podem relacionar-se com uma nova imagética nesta fase cronológica, relacionando-a com os símbolos solares como tem sido defendido para outros locais da Europa continental e atlântica (Bettencourt, 2017a; 2017b) (Fig. 1.75). Aliás, recentemente esta temática foi desenvolvida por Diogo Marinho

(2022), na qual defende que nesta fase criaram-se novos lugares significantes no território, referindo que ter sido o caso destas gravuras, nomeada das gravuras da Breia 1 e 5 (Marinho, 2020: 132). Seguindo a interpretação postulada por A. Bettencourt (Bettencourt, 2017a; 2017b; 2019), a qual defendeu que a adoção do culto do cavalo solar, característico da Idade do Bronze nórdica, no qual o equídeo é responsável por transportar o sol durante o dia e durante a noite, sendo que o sol é representado pelos círculos segmentados materializando os segmentos os solstícios e equinócios durante o ano (Marinho, 2020: 131-132) (Fig. 1.75).

Com esta cronologia podem ainda estar relacionados os múltiplos zoomorfos, sobretudo equídeos, registados em várias rochas na área da Breia e podendo também ser de cronologia da Idade do Ferro, as cenas com cavalos e cavaleiros (nas gravuras da Breia 1, 5 e 9) (Bettencourt e Santos Estévez, 2018: 84).

Assim, parece-nos importante colocar a hipótese de que pelo menos na margem norte do rio Lima os percursos, as atividades económicas e mesmo simbólicas terão ocorrido, numa área aparentemente despida de comunidades permanentes, mas com um fundo simbólico e com uma importância económica importante. É nesta região que se localizam os principais acessos a matérias-primas metálicas como o estanho e o ouro.

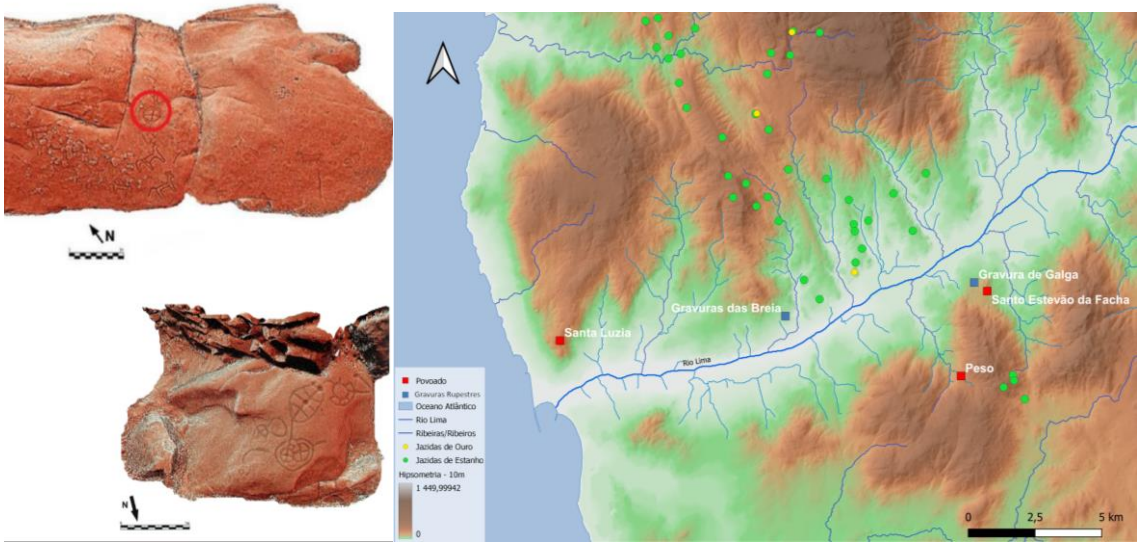


Fig. 1.75 Pormenor das gravuras da Breia 5 e 9 (Marinho, 2020, adaptado e Bettencourt e Santos-Estévez, 2018, adaptado).

Lógicas de povoamento e interpretações

Pelos dados reunidos, neste trabalho como em publicações existentes, durante o **Bronze Final** ocorreram ocupações ou momentos de ocupação em Santa Luzia, Peso e Santo Estevão da Facha.

A possível ocupação de Santa Luzia não teve até hoje evidências físicas (cabanas, buracos de poste...) contudo parece-nos evidente que, com os dados registados, a génese deste povoado, e a sua importância, durante este período, terá sido maior do que se julgava. O seu papel no controlo da paisagem e o controlo dos recursos auríferos de aluvião e dos recursos do vale e montanha terá sido fulcral no seu próprio desenvolvimento e no iniciar de contactos com outras regiões peninsulares. Além disso, o facto de desde cedo produzir materiais metálicos parece-nos importante naquilo que seria a sua dinâmica e importância social e económica entre o Bronze Final e o início da Idade do Ferro.

Quanto aos materiais líticos como vimos, na Facha surgiu um pequeno cossoiro sobre seixo polido, não sabemos se até que ponto não seria por exemplo um botão ou mesmo uma conta de colar lítica.

Quanto aos povoados do Peso e da Facha, ambos situam-se no topo de pequenos cabeços, e não se observam mutuamente, mas ambos observam o leito do rio Lima, e controlariam os recursos do vale.

A ligação entres as comunidades de Santa Luzia e da Facha parece ter-se iniciado nesta fase: enquanto a **comunidade de Santa Luzia** controlaria o acesso e entrada no estuário de pessoas, mercadorias ou novas ideias, por outro a Facha e a comunidade do povoado do Peso, talvez, focassem a sua economia na exploração dos recursos mineiros na margem oposta. É curioso verificar que não temos dados sobre qualquer povoado na zona com maior disponibilidade em termos de jazidas metálicas. Portanto, depreendemos que seria recorrente a exploração destas jazidas metálicas para benefício próprio como vimos para a Facha, mas também de contactos com a comunidade mais litoral, neste caso Santa Luzia. Cabe-nos perguntar desta forma se os círculos segmentados e alguns daqueles equídeos ou zoomorfos serão a representação destes **contínuos percursos**, como meio de simbolicamente marcar a paisagem física, nessa aérea, do monte de S. Silvestre?

Finalmente, deixamos o quadro da visibilidade das comunidades durante a Idade de Bronze Final (Fig. 1.76). Pelo exercício de SIG realizado compreendemos que o estuário seria observado em praticamente 20 km de extensão por dois povoados; Santa Luzia e Facha. Além disso, a partir de Santa Luzia esta comunidade observaria a região de Montedor e a Facha observaria com o povoado do Peso toda a área sul da Serra de Agra. Quanto ao território que observam e controlam (?), parece que os povoados na Idade do Bronze Final, de certa forma se complementam naquilo que é a exploração dos recursos disponíveis e na gestão da paisagem.

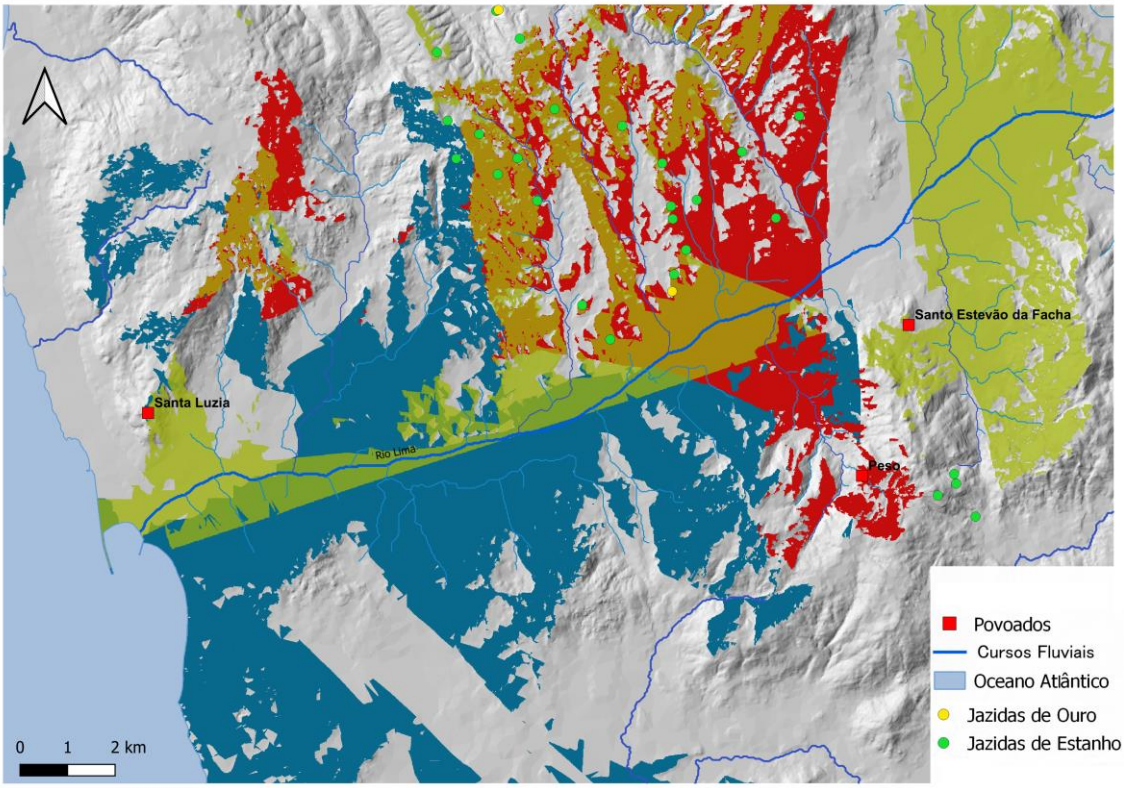


Fig. 1.76 Mapa de intervisibilidade: a azul a partir de Santa Luzia, a vermelho a partir do Peso, a verde a partir da Facha, a castanho-claro a visibilidade mútua de Facha e Peso (visibilidade num raio de 30 km).

b) IDADE DO FERRO ANTIGO

Caracterização da amostra

Durante o Ferro Antigo, devido ao estudo agora realizado podemos acrescentar um outro povoado a esta fase. Inicialmente, apenas contávamos com a **Facha** (Almeida *et al.,* 1981) neste período, com especial protagonismo e pujança social e económica (que discutiremos em seguida) e agora devemos assumir **Santa Luzia** como tendo uma ocupação nesta fase.

Distribuição geográfica e análise espacial

Quanto à distribuição geográfica e análise espacial, parece ter ocorrido um pequeno esvaziamento de população nesta área, a partir dos dados de que dispomos. Quanto ao posicionamento geográfico destas duas comunidades apenas podemos supor que terá aumentado de dimensão o povoado em si. Para a Facha temos essa confirmação (Almeida *et al.,* 1981: 56-57). No entanto, mesmo após o exaustivo trabalho de estudo dos contextos em Santa Luzia que permaneciam inéditos, verificámos que estes materiais encontram-se na área nascente do povoado.

Na Facha foram registadas, pelo menos, quatro cabanas circulares constituídas por pedra bastante miúda e com pisos em barro e saibro finos (Almeida *et al.,* 1981: 64-65).

Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação

Pouco podemos acrescentar sobre as vias naturais de circulação que parece que terão sido sensivelmente as mesmas face à realidade anterior. O acesso aos recursos naturais deverá ter-se mantido nos mesmo níveis que na fase anterior.

A verdadeira novidade introduzida no Ferro Antigo terá sido, talvez, a exploração de uma única jazida de Ferro existente no estuário do Lima a cerca de 5 km a nor-noroeste da Facha, a escassos 2 km das gravuras da Breia e a 10 km a poente a partir da jazida até Santa Luzia.

A partir do momento em que se domina a tecnologia do ferro, a produção de ferramentas para a extração de minério torna-se bastante mais facilitada, incrementando a quantidade extraída nas jazidas primárias. Terá a proximidade e conhecimento das comunidades da Facha sido o principal contributo para o seu desenvolvimento económico e, sobretudo, o seu incremento na aquisição de materiais importados?

Por um lado, este raciocínio parece ser relativamente lógico, por outro, notando o posicionamento geográfico de Santa Luzia, podemos supor que controlaria de forma efetiva a entrada e saída de recursos e sobretudo de agentes exteriores ao Lima. Portanto, a entrada de emissários ou comerciantes no interior do estuário teria que passar, julgamos nós, pelo crivo da comunidade de Santa Luzia. Mas é de referir que em Santa Luzia não temos a qualidade e quantidade de materiais importados que temos na Facha. Talvez, novas escavações em Santa Luzia possam elucidar a respeito do poder em adquirir materiais importados nesta fase, visto que para o Ferro Recente este problema está plenamente respondido.

Materiais cerâmicos locais, metálicos, lenhosos e líticos

Quanto aos materiais cerâmicos desta fase em Santa Luzia, em termos formais e tecnológicos não se afastam da tecnologia oleira existente no vale do Cávado (Martins, 1990). Em termos decorativos devemos chamar atenção para a prevalência de decoração por brunido, algo incomum nessa área geográfica. Entre a ribeira de Cabanas e no vale do Lima parece que este gosto decorativo parece manter-se nesta fase.

Quanto aos materiais da Facha limitamo-nos a referir que os níveis do Ferro Antigo parecem encontrar-se com os níveis mais antigos deste povoado, uma vez que essa fase poderá ter feito

desaparecer os vestígios de ocupação da fase mais antiga. Ainda assim, notamos a existência de potes, potinhos, panelas de asa interior e testos (Almeida *et al.*, 1981: 67-69). Foi ainda recolhido o que poderá ser um vaso em madeira (Almeida *et al.,* 1981: 70-71) (Fig. 1.77). A este propósito conhecemos um possível vaso em madeira também na estação de Frijão (Silva, 2014), datável do Ferro Antigo.

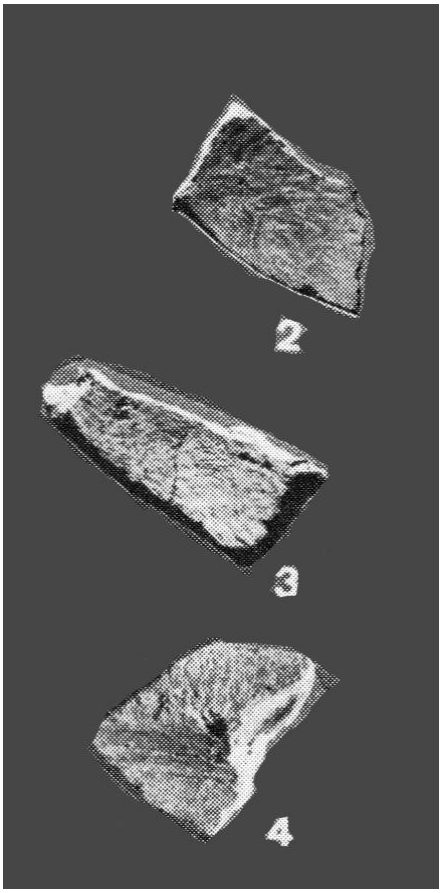


Fig. 1.77 Fragmentos de um ou mais vasos em madeira de Santo Estevão da Facha datáveis do Ferro Antigo (Almeida et al., 1981, est. VII, 2 a 4, adaptado).

Foi detetado material cerâmico em algumas sondagens, num ou noutro nível, mas estes materiais encontram-se muito rolados e as estruturas pétreas mais antigas foram destruídas para dar lugar a um novo ordenamento do povoado na fase seguinte. Foram registados no total pouco mais de 300 fragmentos e cerca de três dezenas de formas enquadráveis na tabela formal existente para o Ferro Antigo de M. Martins, para o vale do Cávado (Fig. 1.78).



Fig. 1.78 Materiais cerâmicos datáveis da Idade do Ferro Antiga: forma 2b, forma 1a, forma 3.

Sobre a metalurgia, voltamos na Facha a ter dados. Neste caso devemos referir o aparecimento de três fragmentos de um cadinho ainda com restos de metal agregado (Almeida *et al.*, 1981: 70). No mesmo *locus* foi registado aquilo que foi interpretado como um molde para lingote em xisto (Almeida *et al.*, 1981: 70, Est. XLIV) (Fig. 1.79). Pelo tamanho e forma de objeto, e mesmo não sendo observado, talvez lhe possamos atribuir uma outra função. Neste caso, é possível que seja uma pia salineira amovível, como vimos por exemplo para Santo António ou Moldes. Os autores referem que esta peça estava "muito calcinada" e as superfícies bem alisadas.

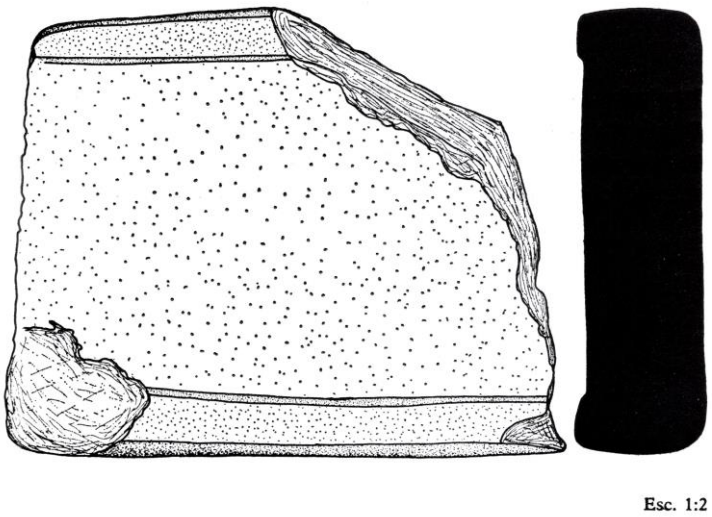


Fig. 1.79 Possível lingote ou pia salineira (Almeida *et al.,* 1981, Est. XLIV, adaptado).

Devemos ainda mencionar um artefacto lítico que pela sua forma e provável função devemos destacar. Trata-se de uma peça proveniente de Santa Luzia, encontrada no decurso das primeiras escavações do povoado de Santa Luzia. Devido à falta de contexto, a cronologia é algo discutível, mas, por paralelos locais, tendemos a colocar esta peça ainda no Ferro Antigo. Recordemos a estela pseudo-antropomórfica (Ferreira *et al.,* 1980) (Fig. 1.80). Esta estela de tendência antropomórfica, de granito, encontra-se gravada com caracteres desconhecidos. Pela sua forma e características talvez possamos propor que se trate de um artefacto votivo ou simbólico, que foi reutilizado na parede de uma das estruturas perto da acrópole (Ferreira *et al.,* 1980). Pela dimensão e peso que esta peça possui devemos propor que esta estaria num local em posição vertical, servindo dessa forma de marcador físico para algum tipo de espaço social. Devemos a este propósito lembrar que a escassos quilómetros, na zona costeira a noroeste, tanto no monumento da Cova da Moura, como no povoado do Cúturo, foram registadas igualmente estelas de tendência antropomórfica (Fig. 1.80). Com efeito, no caso da Cova da Moura as estelas aí depositadas poderão ser efetivamente desta fase ou até mais antigas. Infelizmente, só chegou até hoje uma delas. No caso do Cúturo não observamos a peça em causa[46], mas por imagens e pela descrição julgamos tratar-se do mesmo tipo de peça. Apesar disso, devemos notar que no Cúturo só se conhecem materiais do Ferro Recente.

[46] De paradeiro desconhecido.

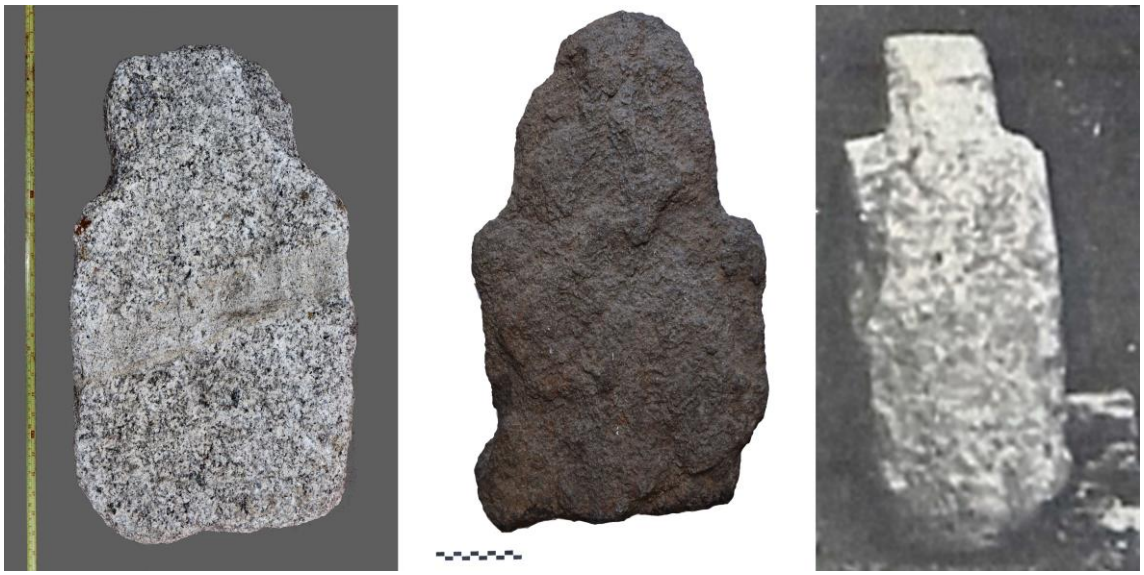


Fig. 1.80 Estelas de tendência antropomórfica (da esquerda para a direita): de Santa Luzia, da Cova da Moura e do Cúturo (Faria, 1984, adaptado).

Estas peças representarão seres mitológicos, humanos deificados, elementos com um alto valor social dentro de uma comunidade? Serão estas peças os primórdios das estátuas de guerreiro, tão problematizadas, da Idade do Ferro Recente? Deverão ser efetuadas novas escavações em sítios como estes na procura deste tipo de artefactos *in situ*. Assim, estas peças ficam para já sem uma explicação cabal, contudo consideramos que o facto de aparecerem várias numa área geográfica tão pequena denota um certo regionalismo na produção e na idealização deste tipo de peças.

Em termos económicos, parece que nesta fase, Santa Luzia perdeu um pouco a sua exposição a materiais exógenos e o seu poder económico. Julgamos ainda assim que esta perda de importância e pujança económica será apenas aparente e futuros trabalhos poderão demonstrar isso. Claramente que, este povoado terá continuado a explorar os recursos em seu redor, desde logo os agro-silvo-pastoris tanto de vale como, e sobretudo, os de montanha, e os recursos alimentares fluviais e o sal marinho junto à costa. Talvez possamos colocar a hipótese de que o possível povoado da Cancela da Areosa seja apenas uma extensão de Santa Luzia, sendo um pequeno núcleo piscatório, tal como já referiu C.A.B. de Almeida (1990: 224).

Nesta fase, o protagonismo passa para o interior do estuário, no qual a Facha revela o seu poder de aquisição de materiais exógenos. Dessa forma, podemos até supor que os mercadores e exploradores da área meridional circulariam até à Facha para aí realizarem as suas trocas. Possivelmente, na Facha seriam trocados materiais metálicos acabados ou mesmo lingotes como

nos faz crer o único molde de xisto para lingotes de metal registado nesta área (Almeida *et al.*, 1981, Est. XLIV). Os materiais exóticos registados na Facha revelam uma variedade importante (tanto cerâmicas como vidros foram registados) com funções diferentes (desde cerâmica de uso de mesa, contentores e ainda elementos de uso pessoal como as contas de colar vítreas e um pequeno vaso talvez um *aryballos*). Curiosamente, não registamos materiais importados de origem meridional em Santa Luzia, o que acontece na fase anterior.

Finalmente, quanto ao território provável de exploração dos dois povoados em análise (Fig. 1.81) observamos que Santa Luzia se encontra um pouco longe das principais jazidas de estanho, apesar deste recurso poder ser recolhido nas areias do rio Lima. Por outro lado, a Facha no espaço/tempo de 60 minutos a pé, conseguia aceder a estes recursos minerais metálicos de uma forma mais facilitada.

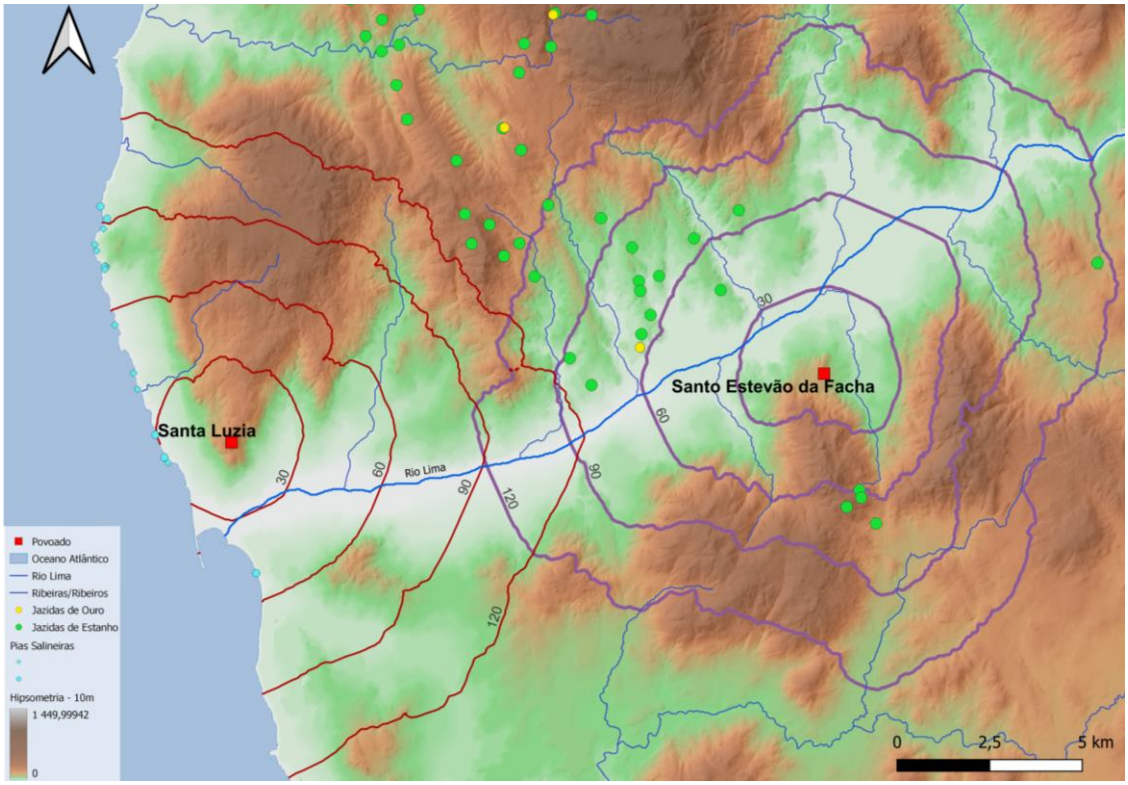


Fig. 1.81 Territórios de exploração de 2 horas pedestres de Santa Luzia (linhas isócronas a vermelho) e da Facha (linhas isócronas a roxo).

A comunidade de Santa Luzia, no espaço de 30 a 60 minutos a pé, exploraria as várias pias salineiras na costa entre o rio Lima e o ribeiro do Pego. Notámos que os territórios de exploração destes povoados se tocam, a partir da hora e meia de distância a pé. Isto pode ou não significar que a determinado ponto estas comunidades teriam de gerir ou competir (?) pelos recursos existentes.

Intercâmbio

No que diz respeito ao intercâmbio através de contactos com agentes provavelmente púnicos, oriundos do mediterrânico devemos mencionar uma conta oculada muito danificada (Fig. 1.82) em Santa Luzia (Gomes, 2012: 111-112). O autor defende que esta conta apresenta os "olhos" estratificados. Encontramos o seu paralelo para sítios como o Crasto de Tavarede (Figueira da Foz), e outros locais com materiais importados de origem mediterrânica, como são os casos de Santa Olaia (Figueira da Foz), ou da Alcáçova de Santarém (em níveis do séc. VII-V a.C.) (Arruda, 1993: 200); e encontramos, também, várias necrópoles do sul de Portugal, como a necrópole da Idade do Ferro de Cerro do Ouro ou Necrópole de Fernão Vaz (ambas em Ourique) (Arruda, 2001: 251) datáveis genericamente entre o séc. VIII e IV a.C. Com base nestes paralelos podemos supor que esta conta poderá datar, pelo menos, do séc. IV/V a.C. Em Santa Luzia, até hoje, não foram registados materiais cerâmicos de origem ática ou meridional.

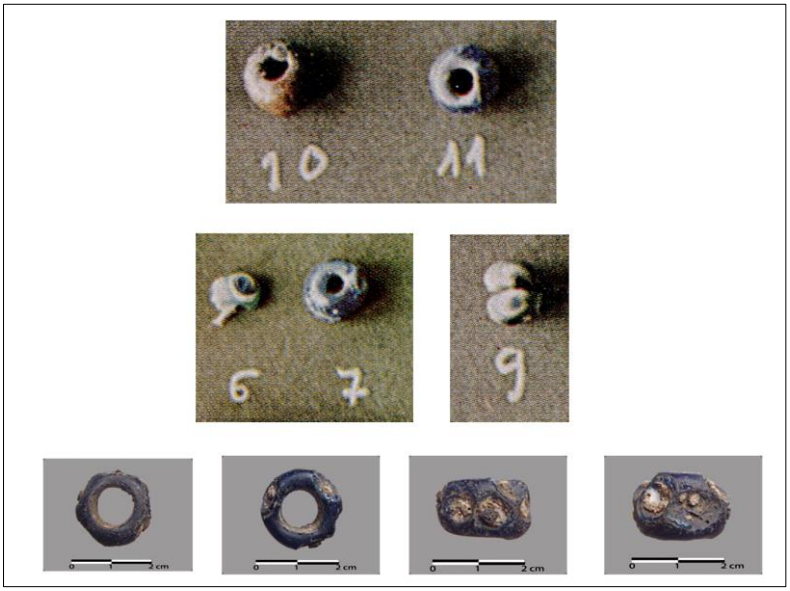


Fig. 1.82 Contas de colar datáveis do Ferro Antigo: n.º 6, 7, 9 (conta dupla), 10 e 11 oriundas da Facha (Almeida *et al.,* 1981, adaptado); em baixo, conta de colar oculada deteriorada de Santa Luzia (Gomes, 2012: 426, adaptado).

O cenário é mais animador, neste capítulo do intercâmbio e consumo de materiais meridionais e mediterrânicos no povoado da Facha (Almeida *et al.,* 1981). Este povoado apresentou até hoje um dos mais importantes conjuntos de materiais gregos no Noroeste português. Estes materiais foram já amplamente debatidos (Almeida *et al.,* 1981; Arruda, 1997: 91-92; Pereira, 2011: 128; Ferreira, 2019) e aqui apenas relembramos que são todos de origem ática (Almeida *et al.,* 1981: 66, classificação realizado por Ricardo Olmos). Foram verificados 32 fragmentos. Deste conjunto foram classificados três fragmentos de um *kratêr-de-sino* de figuras

vermelhas (Fig. 1.83), dois fragmentos correspondendo a uma *pelike*, igualmente de figuras vermelhas, quatro fragmentos de taças e 23 fragmentos de figuras vermelhas, de pequeníssima dimensão, correspondendo a formas indeterminadas (Ferreira, 2019: 258-259). Esta autora considera que estamos perante produções da 1ª metade do século IV a.C. As datações radiométricas realizadas por Ana Arruda (1997: 82) dos estratos onde se recolheram estes materiais exóticos não foram suficientemente precisas para afinar a cronologia.

Nesta coleção foi, ainda, considerado um cossoiro realizado a partir de um fragmento cerâmico exógeno (Almeida *et al.,* 1981: 66-75).

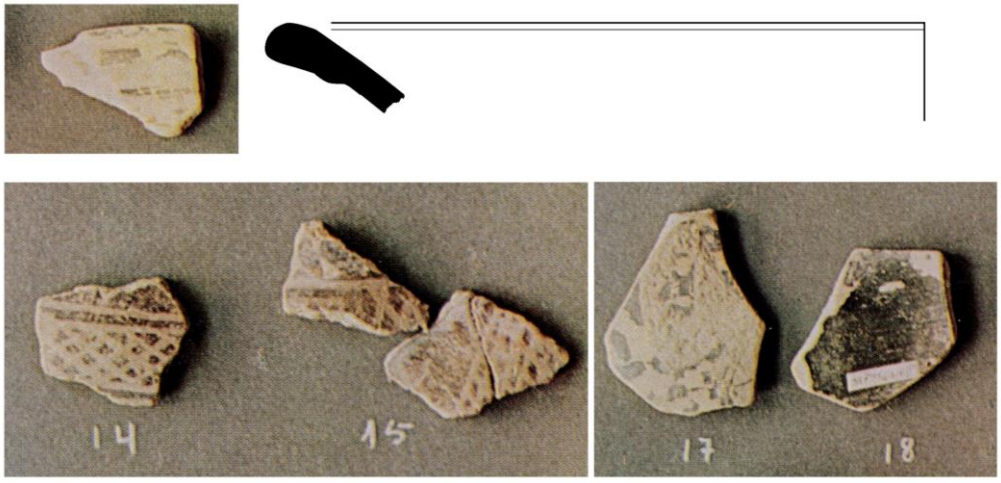


Fig. 1.83 Fragmentos de cerâmica de origem ática: em cima possível forma de Kratêr de Sino (Almeida et al., 1981: 66, adaptado).

Também na Facha foram recolhidas cinco de contas de colar vítreas das quais destacamos três oculadas, uma dessas contas é uma conta dupla (Fig. 1.82).

Devemos mencionar que no povoado de Vieito (Silva, 2008; Silva, 2012) no qual foram registadas três contas de colar oculadas, uma delas de fundo amarelo opaco (Fig. 1.84), algo incomum nas produções deste tipo. Sabemos pela análise à arquitetura e materiais deste povoado, que este não terá registado uma ocupação anterior ao séc. II a.C. Porém, tendo em conta o aparecimento destes artefactos importados podemos colocar duas hipóteses: ou terá existido uma ocupação da Idade do Ferro Antigo e esta desapareceu do registo arqueológico[47] ou, por outro lado, estas contas de colar têm uma larga diacronia de utilização, passando de geração em geração numa dada família ou povoado.

[47] Visto que o povoado foi escavado, praticamente, na sua totalidade.



Fig. 1.84 Conta de colar oculada de Vieito (Gomes, 2012: 446; Silva, 2008, adaptado).

A outra peça que queremos destacar apesar da falta de contexto é o possível bético ou ídolo que registamos em Santa Luzia.

Recordamos, a propósito, um pequeno estudo, em forma de síntese, de Maria Pereira (Pereira, 1970) no qual chama a atenção para várias peças líticas registadas entre a bacia do rio Tejo (no seu curso superior) e em Conímbriga (Fig,1.85) (Pereira, 1970: 275-305). Até aquela data, e desconhecemos novos elementos noutras zonas do país, foram registados 10 líticos com uma forma em tudo similar ao artefacto de Santa Luzia. Esta dezena de líticos são decorados na zona distal, uns fraturados intencionalmente, outros fraturados por fenómenos erosivos.

Deste tipo de materiais devemos ainda mencionar o bastão achado no Vale de Grou, na freguesia dos Envendos, o bastão de Castelo Velho de Caratão (este de formato octogonal, não decorado) e o bastão da Quinta da Ribeiro da Nata com inscrição em latim *ALLIANI* nos parece dar a sugestão que estes materiais possam ser de época republicana ou imperial romana. Todos estes bastões foram encontrados no concelho de Mação.

Estes bastões têm a mesma natureza geológica: são todos anfibolitos. E boa parte deles possuem sensivelmente o mesmo tamanho e são decorados pela mesma técnica e quase todos com a mesma gramática. A autora, tomando como exemplo o bastão de Chaveira, refere que este tipo de peças poderia estar associado ao mobiliário de sepulturas. Algo que neste assunto merece destaque é que em todas os locais onde se achou este tipo de peças, todos eles estão vinculados a atividades metalúrgicas e ao longo dos grandes rios ibéricos (Pereira, 1970: 302).

Quanto à função refere que estes bastões terão uma natureza votiva ou simbólica, talvez associado a atributo fálico estilizado. A autora indica uma cronologia provisória entre os sécs. III a.C. e I d.C., mas sem conotação com a romanização (Pereira, 1970).

Desse conjunto, estudado por M. Pereira (1970) destacamos três exemplares encontrados em Conímbriga, em contextos imprecisos (Ponte, 1984: 545) (Fig. 1.85). Julgamos, assim, pela

forma, decorações, "contextos históricos" semelhantes e matéria-prima utilizada na peça de Santa Luzia, que se tratará de um artefacto proveniente dessa área geográfica.



Fig. 1.85 Bastões de comando (?) bétilos, amuletos (?): à esquerda artefactos de Conimbriga; à direita possível bétilo ou bastão de comando de Santa Luzia (fotografia do Museu Nacional de Arqueologia).

O facto de uma peça com estas características surgir aparentemente fora do local de produção (no Alto Minho, em Santa Luzia) que parece situar-se no completo xisto-grauváquico das Beiras, parece-nos indicar que este tipo de objetos, votivos e carregados de significado, circulariam pelos rios mais relevantes da Península Ibérica, partilhando sentidos e formas de pensamento. Estes seriam utilizados, aparentemente, em rituais e deposições funerárias, que para Santa Luzia não conhecemos, nem na época romana nem para períodos anteriores. Cabe-nos apenas realçar que de facto em Santa Luzia, após o estudo aqui conduzido, o papel no controlo dos recursos metalúrgicos e a produção metalúrgica que surge no registo arqueológico desde o Bronze Final continua nos períodos seguintes. Deixamos ainda assim em aberto o papel deste tipo de bastão votivo neste lugar, assumindo que poderá ter a mesma cronologia que os demais objetos encontrados na área do Tejo.

Ficamos, ainda na dúvida se será esta peça o resto de um bétilo típico da área mediterrânica, carregado de significado para mercadores púnicos? Ou, por outro lado, se será um bastão de comando ou um objeto votivo datável da Idade do Ferro, da área centro do país que terá chegado a Santa Luzia por meio de viagens internas efetuadas por indígenas? O facto do objeto achado no povoado do Alto Minho estar partido, em ambas as extremidades, e não se conhecer o seu contexto original, torna muito difícil a sua interpretação.

Assim, e de forma a sintetizar os nossos conhecimentos sobre os materiais importados, fruto de intercâmbio suprarregional que se registaram nos vários locais em foco neste período, devemos referir alguns aspetos (Tab. 1.9).

O primeiro aspeto a realçar é a diversidade do tipo de materiais que são adquiridos. Registamos materiais cerâmicos (em maior quantidade e diversidade, formal e funcional), vítreos e até líticos. Quanto aos materiais cerâmicos importados, tratam-se, na sua maioria, de peças de origem ática, de figuras vermelhas, nas quais sobressai, pelo menos uma Kratêr-de-sino e uma *Pelike* e ainda uma ou duas taças. Quanto ao primeiro objeto serviria em contexto cultural grego, para misturar água e vinho, seria um vaso de boca ampla e corpo profundo com afunilamento na parte inferior, e com duas asas (Moore e Philippides, 1986: 31-33; Clark *et al.,* 2002: 104-105; Ferreira, 2019: 368). Já a segunda forma serviria para o transporte de vinho ou azeite ou mesmo como urnas funerárias (Moore, 1997: 12). As *pelikai* são de formas com alguma variabilidade quanto à forma, tamanho e composições decorativas (Ferreira, 2019: 406). Pela quantidade de peças devemos considerar que estes materiais terão, provavelmente, chegado a este local apenas numa única viagem e num ato de intercâmbio, uma vez que, em termos cronológicos datam genericamente do mesmo período. Pela introdução destas cerâmicas exóticas e sobretudo pelo seu conteúdo (pelo menos da *Pelike*) podemos talvez supor a introdução do vinho ou mesmo do azeite, neste período, no sítio da Facha e dessa forma no estuário do Lima. Consideramos que à exceção das taças que podiam ser usadas em contextos relativamente similares àqueles na área grega, já estas duas formas áticas podiam ser usadas em situações mais especiais, mesmo que apenas decorressem no dia, ou dias, durante e após a aquisição destes produtos.

Quanto aos materiais vítreos, nesta área geográfica apenas contamos com algumas contas, todas oculadas, em três sítios com grande variabilidade quanto à sua situação geográfica: Santa Luzia no topo de uma serra, Facha no interior do estuário e ainda Vieito. Os contornos cronológicos e âmbito de introdução da conta achada em Vieito é passível de discussão, como referimos atrás.

Assim, notamos que chegam, não só materiais cerâmicos que podem ser manipulados em vários âmbitos sociais, tendo provavelmente várias utilidades; esses materiais cerâmicos introduzem novos produtos na sociedade (como o vinho ou azeite) criando assim novas necessidades (?), mas também temos a chegada de pequenos objetos vítreos (contas de colar) que por se tratar de objetos de uso pessoal, provavelmente, nem todos os indivíduos numa dada comunidade poderiam ostentar.

Quanto aos materiais líticos consideramos que o possível bétilo ou ídolo poderá ser uma introdução exógena. Consideramos problemático, não só o contexto do achado como a cronologia e função que ainda hoje se encontra em debate. E por isso, deixamos a interpretação deste objeto em aberto.

Tabela 1.9 Materiais importados no Ferro Antigo, no estuário do Lima

	Formas	**Função em contexto original**	**Função em meio indígena (?)**
Cerâmica ática	Krâter-de-sino	Misturar vinho com água	Contentor (?)
	Pelike	Transporte ou conservação (vinho ou azeite)	Mobiliário de mesa (?)
	Taças (?)	Mobiliário de mesa	Mobiliário de mesa
Contas de colar	Oculadas	Uso pessoal	Uso pessoal
Objetos de culto (?)	Ídolo (bétilo?)	Funerário	Religioso /Funerário

Um outro aspeto que consideramos relevante é o facto de, à exceção da Facha, o restante estuário parece estar arredado destes contactos, o que nos parece estranho, visto que a comunidade de Santa Luzia avistaria a entrada de agentes no interior do estuário. Teria esta comunidade algum acordo com estes agentes exógenos à região para poderem entrar no estuário?

Finalmente, consideramos essencial escavar os níveis mais antigos de Santa Luzia e de outros povoados, uma vez que, pode dar-se o caso de se encontrar mais cerâmica de importação de origem meridional ou mesmo ática. É estranho que numa região tão vasta como é o estuário do Lima, a Facha parece demonstrar o monopólio dos contactos externos nesta fase, pelos dados que dispomos hoje.

Lugares simbólicos

Durante a Idade do Ferro Antigo é possível que algumas das rochas da Breia, no sopé do monte de S. Silvestre, tenham sido gravadas ou mesmo avivadas (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018).

Quanto aos motivos gravados, nesta fase, é provável que os motivos se tenham tornado mais ou menos naturalistas ou esquemáticos (no caso dos equídeos) presentes nas gravuras da Breia 5 e 8, reticulados e além disso cervídeos e antropomorfos (Breia 9) (Fig. 1.86). Devemos

ainda referir, por exemplo, dois serpentiformes na Breia 1. Aliás, é uma das rochas mais extensivamente gravadas.

Segundo os investigadores, à exceção das gravuras de equídeos da Breia 1, todas as outras quase que obrigam o olhar do observador a dirigir-se para as vertentes íngremes e para o caos de blocos do Alto da Serra de Perre e do Monte de São Silvestre, como que relacionando esses motivos com os meios mais acidentados e serranos (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018: 83).

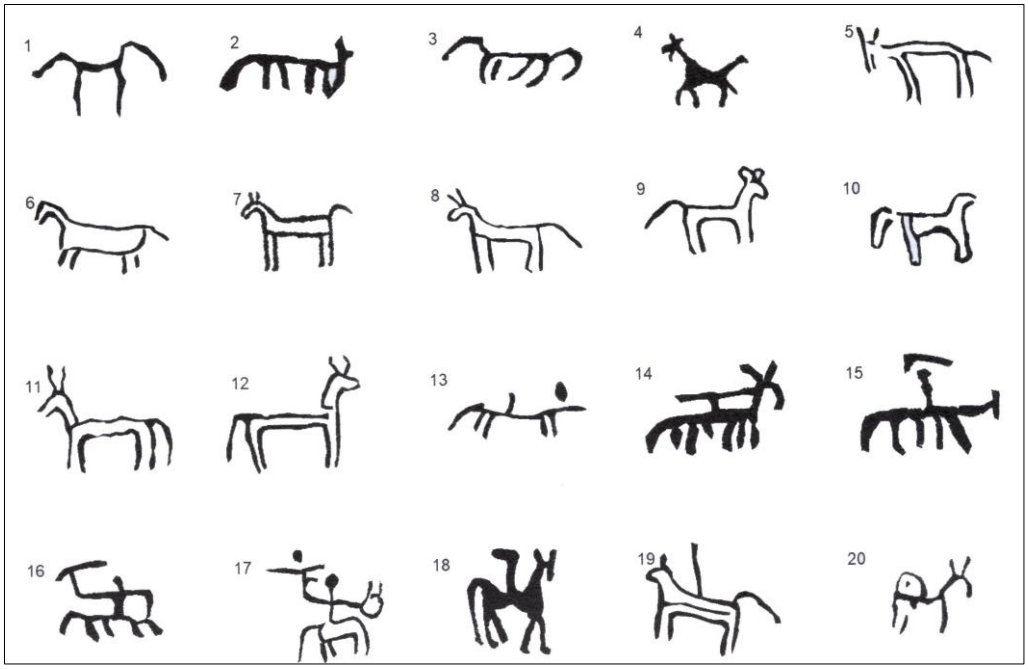


Fig. 1.86 Equídeos e cavalos montados nas gravuras da Breia (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018: 83).

Consideram que as gravuras de cavaleiros e lanças como que encerram um longo ciclo de gravação na vertente este e sudeste do Monte de São Silvestre tendo por base outras cenas registadas no nordeste transmontano como nas gravuras do Vale da Casa o da Vermelhosa (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018: 84; Baptista, 1983; 1999).

Nesta fase de gravação parece ocorrer uma certa orientação para registar narrativas, talvez cenas de equitação, cenas de caça ou guerra ritualizada, com auxílio de arcos ou lanças, parecem materializar histórias de heróis míticos ou reais e ritos de passagem durante a Idade do Ferro (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018: 90).

Lógica de povoamento e interpretações

Quanto ao povoamento neste período, pelos dados adquiridos, parece registar-se um vazio populacional, tal como acontece no interflúvio entre o Lima e o rio Âncora, a norte. Parece-nos claro que este vazio é apenas aparente.

Os dois povoados em análise conseguiam observar-se mutuamente além de controlarem visualmente todo o estuário. A partir de Santa Luzia a comunidade poderia controlar também a foz e o litoral, sobretudo para sul[48] (Fig. 1.87).

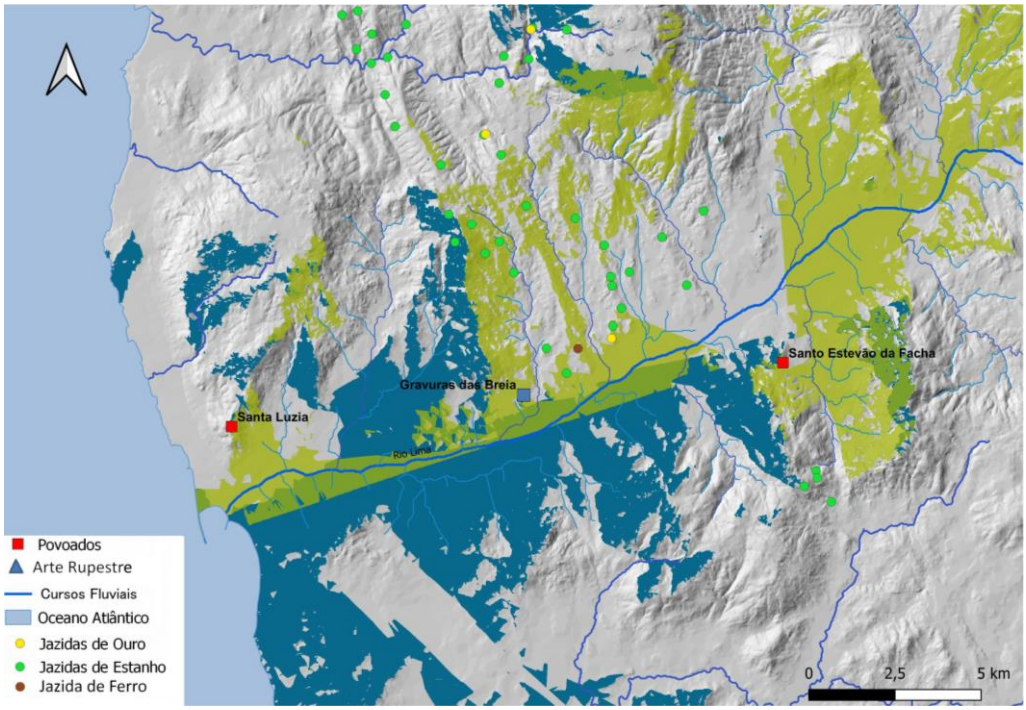


Fig. 1.87 Visibilidade de Santa Luzia (a azul) e da Facha (a verde) (visibilidade num raio de 30 km).

Estas duas comunidades estuarinas cumpririam, talvez, papéis diferentes neste controlo do território, por estarem em zonas opostas no estuário. Por um lado, como vimos, é possível que a comunidade da Facha controlasse de forma efetiva os recursos mineiros em ambas as margens no seu território de controlo, enquanto a comunidade de Santa Luzia cumpriria o papel de controlar os recursos lenhosos de montanha, das áreas de pastagem na montanha e eventualmente exploraria os recursos metálicos de aluvião, não explorando diretamente as jazidas de estanho e ouro, a montante.

Voltamos, aparentemente, a ter uma repetição quanto ao povoamento no Ferro Antigo, à semelhança do que parece acontecer no rio Minho. Ora, neste período temos um povoado em

[48] Tendo em conta a deslocação dentro do povoado de Santa Luzia, a visibilidade muda. Porém, para este exercício teríamos de colocar o ponto de visualização na área mais alta possível dentro do povoado.

altura (Santa Luzia), na margem norte com o papel de observador e controlador da costa, enquanto temos um povoado de baixa altitude, muito próximo da linha de água ribeirinha, na margem sul, a Facha.

O acesso privilegiado aos recursos minerais metálicos por parte da Facha e a produção metalúrgica deste povoado terá levado a uma tentativa ou efetivo monopólio da exploração e transformação de minerais metálicos (estanho e ouro) e produção de materiais metálicos em bronze.

Falta-nos tentar explicar o processo de entrada dos materiais exógenos pelo estuário do Lima sem que haja registo destes materiais em Santa Luzia. Os agentes externos trocariam materiais e estabeleceriam os seus contactos diretamente com o consumidor final, neste caso com a comunidade da Facha? A ser assim, os mercadores teriam de se aventurar pelo estuário até encontrar esta comunidade. Diga-se que esta comunidade não é muito visível, no percurso fluvial, encontra-se até algo escondida. Isto pode pressupor contactos prévios com estes agentes comerciais. Se não foi desta forma, tendo em conta os dados que temos, alguns indivíduos teriam de se deslocar, provavelmente, por embarcações, neste caso de pirogas[49], em direção à foz do Lima numa área próxima para estabelecer essas trocas.

Estas viagens entre comunidades e no seio do leito fluvial terá contribuído para o reforço dos momentos ou mesmo circuitos económicos, sociais e até simbólicos destas comunidades e dos quais temos o seu retrato simbólico na arte rupestre em algumas gravuras da Breia, nas quais parece haver a necessidade registar narrativas rituais, simbólicas e talvez reais do quotidiano social das comunidades que circulavam e imprimiam as suas ideias e mesmo rituais nestas áreas.

Pouco mais podemos acrescentar ao que já foi referido. Devemos salientar que é possível que tenham existido outros povoados com uma ocupação do Ferro Antigo, que deverão surgir no futuro com outras intervenções, seja em povoados que já conhecemos como noutros para os quais não temos praticamente informação como é o caso do Alto do Galeão junto à costa e defronte para Santa Luzia.

c) IDADE DO FERRO RECENTE

Caracterização da amostra

Neste período consideramos um total de oito povoados, são eles: **Santa Luzia**, **Vieito**, **S. Silvestre**, **Terronha** (na margem norte do Lima) e **Sabariz**, **Roques**, **Peso** e **Facha** (na

[49] Uma das pirogas encontradas é datada do séc. IV a.C. (Alves e Reith, 2007).

margem sul). Este aumento no número de povoados considerados, nesta fase, deve-se fundamentalmente, a publicações e pelos dados reunidos por nós.

Foram observados por nós os materiais e contextos em **Santa Luzia** e em **Terronha.** Os restantes povoados são contribuição de outros investigadores (Almeida *et al.,* 1980, Soeiro, 1981; Almeida, 1990, 1996).

Ainda assim, devemos referir quanto a Sabariz e para Roques a informação que temos sobre estratigrafia e materiais é muito reduzida. Como referimos, no início desta Parte, consideramos que estes dois povoados teriam uma ocupação do Ferro Recente. Todavia, não temos dados concretos para podermos dissertar sobre a importância ou papel destes povoados no contexto do povoamento no Ferro Recente no Lima.

Distribuição geográfica e análise espacial

A proliferação de sítios com ocupação do Ferro Recente levou claramente a vários posicionamentos geográficos para cada um dos assentamentos.

No que diz respeito aos novos sítios, devemos que referir que apesar de tudo, quase todos encontram-se em posições relativamente destacadas na paisagem: em remates de esporão ou ocupando vertentes de serras proeminentes na região ou mesmo o seu topo. Desta forma, devemos referir que Vieito e o Peso estão implantados em área de vertente, em remates de esporão. Os povoados de Terronha, Sabariz e outros estão implantados no topo de acidentes orográficos importantes na zona, como são os casos de Santa Luzia, S. Silvestre e Roques.

Apesar destes povoados apresentarem alguma diversidade no seu posicionamento orográfico, a verdade é que praticamente todos se observam mutuamente. Neste aspeto cabe-nos destacar, um dos povoados estudados por nós, que é o caso da Terronha. Este povoado observa quase todos os povoados desta região, com a exceção de S. Silvestre e observaria, na margem sul e de frente o povoado de Roques. De referir que a comunidade de Terronha observa de forma clara todo o estuário (Fig. 1.88).

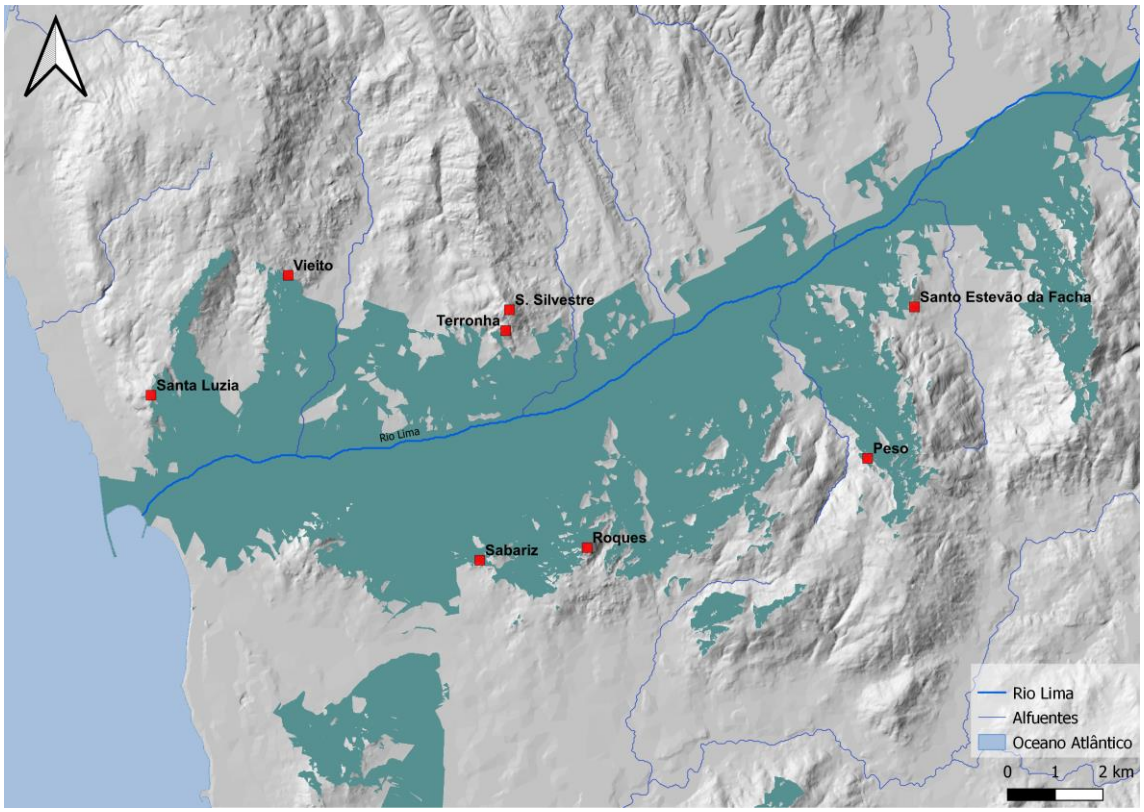


Fig. 1.88 Visibilidade a partir da Terronha (mancha a azul-claro) (visibilidade num raio de 30 km).

O povoado da Facha e do Peso encontram-se em posições menos destacadas. Estes não se observam mutuamente, mas possuem uma posição de controlo importante face ao vale do rio Lima.

Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação

Relativamente aos recursos naturais, a existência de mais povoados terá pressionado o uso e a sua exploração nesta área geográfica. Desta forma, consideramos que, provavelmente, o território teórico de exploração seria, efetivamente, o de uma hora a uma hora e meia pedestre, visto que rapidamente uma comunidade poderia entrar no território de exploração de outra. Não temos como saber qual seria o território potencial de cada povoado, sobretudo numa região como esta que aparentemente se encontrava bastante povoada, nesta fase (Fig. 1.89).

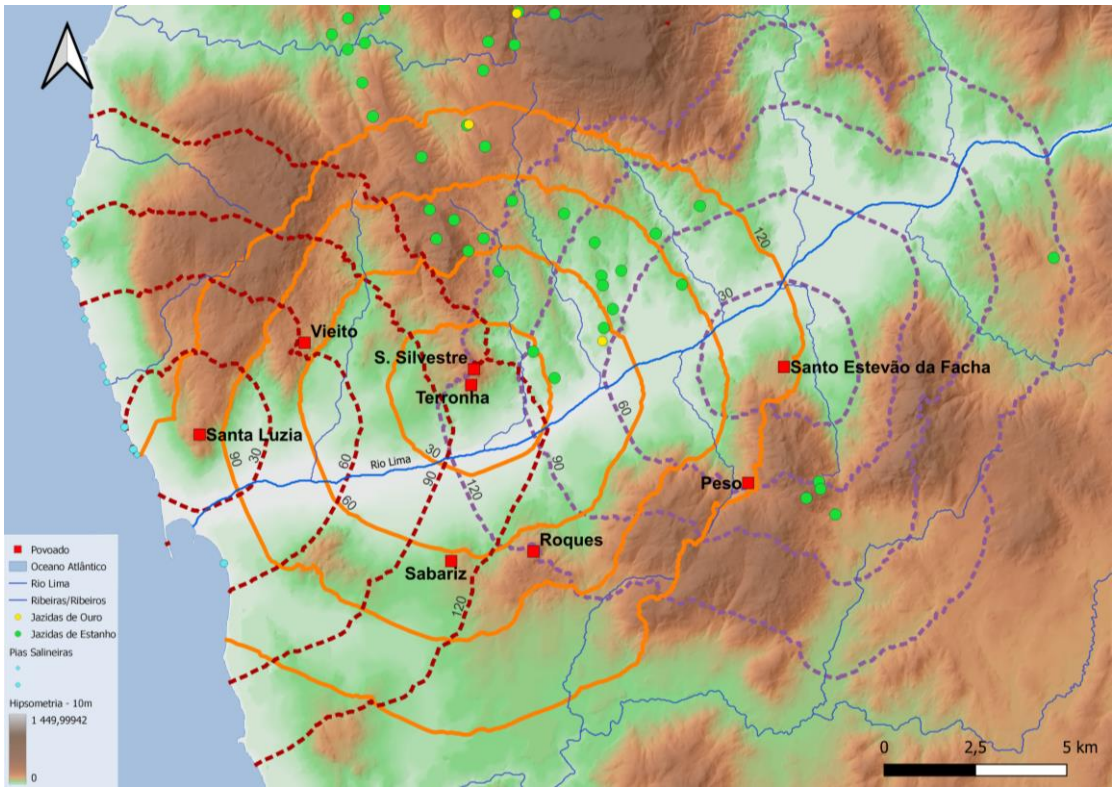


Fig. 1.89 Prováveis territórios pedestres de 2 horas de Santa Luzia, Terronha e Facha. Pelo exercício aqui realizado notamos que no espaço de meia hora pedestre a comunidade da Terronha entra nos territórios pedestres de outros dois povoados.

Tendo em conta o índice elevado de povoados nesta área, os circuitos económicos e sociais ter-se-ão multiplicado nesta região sobretudo na área de vale e, claro, o próprio curso fluvial terá sido um dos principais corredores de circulação interna entre as comunidades, uma das principais fontes de alimento e ainda o corredor primordial na receção de novidades: seja de materiais seja de ideias.

Apesar da forte competição ou dependência entre comunidades, no estuário do Lima, a exploração do seu território imediato, melhor ou pior, os recursos agro-silvo-pastoris. Destacamos que no caso de Santa Luzia, e mesmo Vieito, poderiam ainda explorar o território de montanha para pastagens.

Nas regiões junto ao vale, por serem campos provavelmente mais irrigados, seriam mais férteis e daí a exploração agrícola desse território. Neste caso, devemos supor que as comunidades da Facha, do Peso e Sabariz por se situarem junto à bordadura do vale, aproveitaram com maior eficácia esses territórios de exploração agrícola.

Em todos os povoados para os quais temos dados apresentam artefactos ligados com a moagem de cereais ou outro tipo de frutos secos (como a bolota). A dieta destas comunidades

estuarinas deveria estar, também, intrinsecamente, ligada com a pesca fluvial e talvez com a pesca junto ao oceano (neste último caso, talvez Santa Luzia e Vieito).

Este povoado demonstra, nesta fase, uma forte vocação metalúrgica e dinamismo económico vinculado com a importação.

Por último, e provavelmente destacado face às outras atividades, e de outras áreas geográficas, notamos uma forte vocação metalúrgica nos povoados, nesta fase. Em alguns casos, esta vocação vem de uma tradição já com vários séculos (é o caso da Facha e de Santa Luzia).

Se até ao Ferro Antigo registamos essa produção metalúrgica, mas como uma atividade rara e destinada à produção de tipo de artefactos mais relacionados com o adorno pessoal do que de uso coletivo. No Ferro Recente notamos uma grande diversidade de artefactos produzidos (tanto em ferro como em bronze). Registamos agora objetos de índole utilitária e social (sítulas rebitadas), outros mais relacionados com indumentária pessoal (contas metálicas, fíbulas ou mesmo alfinetes), até talvez armamento militar indígena (punhal afalcatado) e romano (como lanças e tachas em ferro) entre outros elementos, que não é possível caracterizar por se encontrarem, não raras vezes, muito deteriorados. Apesar de não tratarmos concretamente o tipo de aparelho em estruturas, notamos, em alguns casos, como em Santa Luzia e em Vieito, que o aparelho das estruturas pétreas (cabanas e outras estruturas) são trabalhadas a pico metálico (neste caso de ferro).

Quanto a Terronha, como fizemos notar na monografia respetiva, foram analisados, além de vários cadinhos e escória, o aparecimento de duas forjas, o que denota uma forte vocação deste povoado em relação a práticas metalúrgicas. Como referimos é muito provável que a produção metalúrgica tenha sido um dos motivos para o forte grau de aquisição de ânforas e os seus respetivos produtos.

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos

No que diz respeito aos materiais cerâmicos indígenas as características, tanto técnicas como formais são muito próximas das do Cávado (Martins, 1990). As pastas são micáceas ou micáceas-arenosas, a cozedura é tendencialmente oxidante, as pastas possuem texturas finas ou médias e os desengordurantes são de tamanho pequeno ou médio. Em termos formais, as formas que surgem em Santa Luzia são as mesmas que surgem no vale do Cávado com a exceção da forma 7 (copa) (Tabs. 1.10, 1.11, 1.12).

Existem, no entanto, três características que devemos salientar. Em primeiro lugar as formas 5 (talhas) são normalmente de textura média e possuem diâmetros um pouco mais reduzidos do que aqueles produzidos na área do Cávado. Em segundo lugar, notamos a ocorrência, em Terronha, em Santa Luzia, e em Vieito (Silva, 2012, photo 2.31) de fragmentos datáveis desta fase decorados com aguada, negra ou avermelhada (Fig. 1.90). Esta característica decorativa parece surgir ao longo da faixa litoral em estudo, como vimos em Faria, S. João e S. Paio[50]. Esta utilização de aguadas poderá indiciar que as populações queriam imitar certos produtos de importação tardo-republicanos, por exemplo cerâmica fina campaniense. Este tipo de cerâmica ou pela sua raridade ou pelo facto de ser difícil de adquirir, pode ter levado a que os oleiros indígenas imitassem esta forma decorativa da maneira que conseguissem. De resto, em termos decorativos, tanto os motivos como as técnicas, são comuns para outras áreas geográficas.



Fig. 1.90 Fragmentos decorados por aguada (da esquerda em Terronha, o da direita em Santa Luzia).

Em terceiro lugar, devemos referir a quantidade de panelas de asa em orelha (forma 6) registadas nestes povoados: 58 exemplares em Terronha, 19 exemplares em Santa Luzia e 10 exemplares na Facha (Almeida *et al.,* 1981: 47). Esta quantidade muitas vezes quase que suplanta

[50] E para outros povoados como é o caso de Terroso e Bagunte. No caso de S. Paio este gosto decorativo parece ainda surgir em contextos mais antigos da Idade do Ferro.

as panelas de asa interior, pelo menos em Terronha. Aliás, uma outra característica interessante é que em Terronha apuramos o único almofariz neste estuário. Tratando-se de uma forma bastante rara neste contexto geográfico, tal como no Cávado, no qual apenas no povoado do Lago (Martins, 1988a) foi registada esta forma (Tabs. 1.10, 1.11, 1.12).

Tabela 1.10 Formas cerâmicas indígenas de armazenamento do Ferro Recente, no estuário do Lima

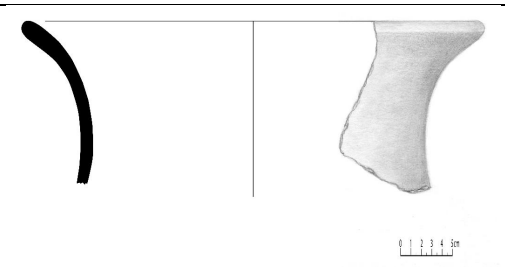
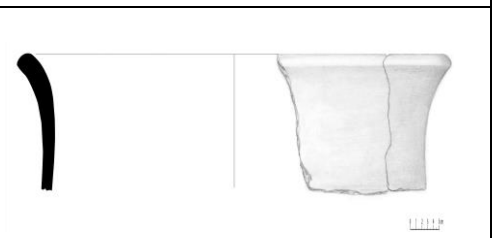
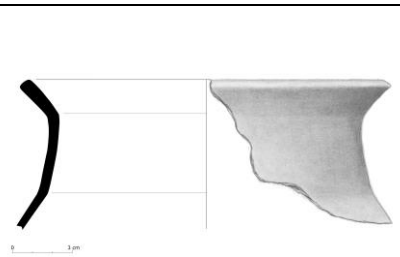
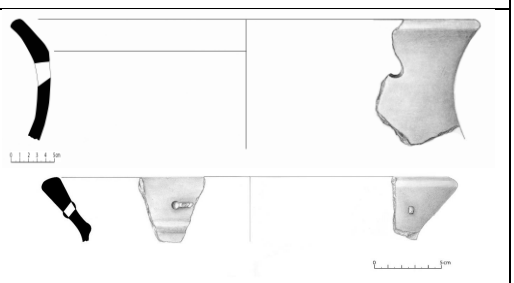
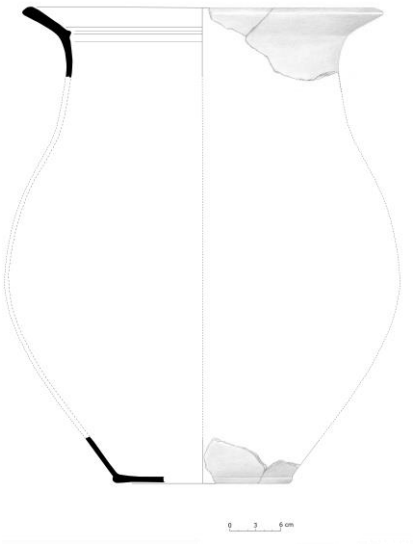
		Santa Luzia	Terronha
Formas destinadas ao transporte e armazenamento de alimentos	Forma 1a		
	Forma 1b		
	Forma 1c		
	Forma 5		

Tabela 1.11 Formas cerâmicas indígenas destinadas ao uso de mesa do Ferro Recente, no estuário do Lima

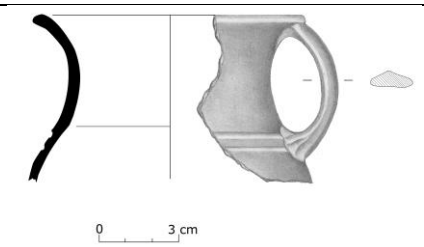
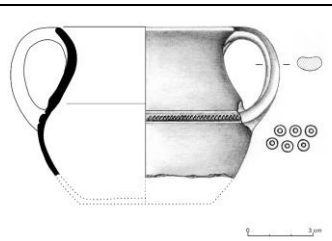
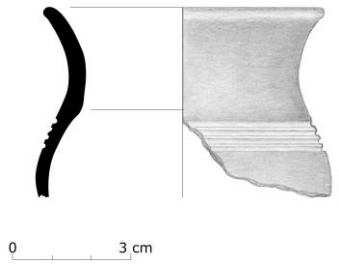
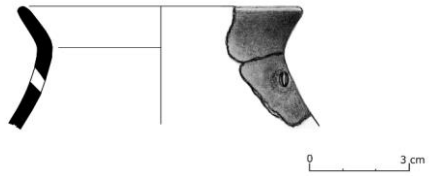
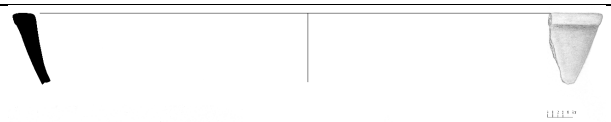
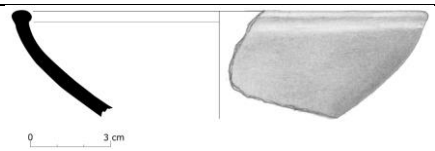
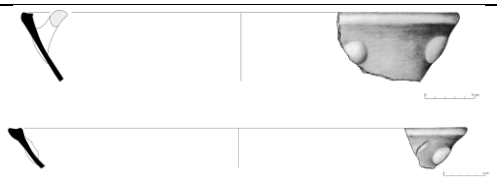
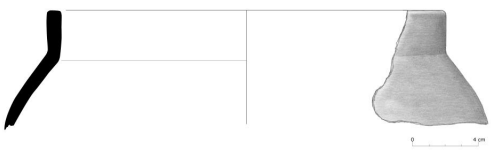
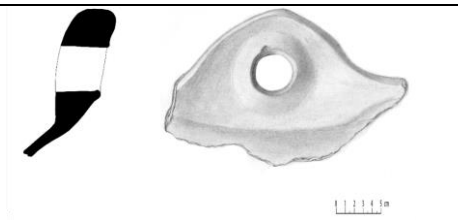
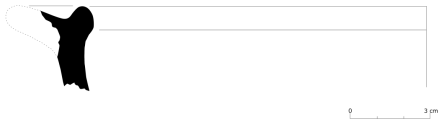
		Santa Luzia	Terronha
Formas destinadas ao uso de mesa	Forma 2a		
	Forma 2b		
	Forma 2c		
	Forma 3 a		
	Forma 3b		
	Forma 3c		

Tabela 1.12 Formas cerâmicas indígenas para a preparação de alimentos do Ferro Recente, no estuário do Lima

		Santa Luzia	Terronha
Formas para a preparação de alimentos	Forma 4		
	Forma 6		
			
	Forma 8 (?)		

No que diz respeito aos níveis do Ferro Recente, na Facha (que corresponde ao Horizonte Castrejo I B) (Almeida *et al.,* 1981: 45-50) em termos formais e tecnológicos a realidade é relativamente igual aos outros dois povoados já referidos. Salientamos a ausência de almofarizes e a existência daquilo que os autores classificaram como sendo "pratos", que pelos desenhos existentes correspondem, grosso modo, à forma 3 (malgas/tigelas) (Almeida *et al.,* 1981: 47, Est. XXVI, 2 e 3). Os restantes repertórios formais e decorativos mantêm-se nas talhas, potinho/púcaros, potes e panelas de asa em orelha e interiores (a que os autores chamam de tachos), com a secção em fita, ou de secção em "D" (Almeida *et al.,* 1981: 47) (Fig. 1.91).

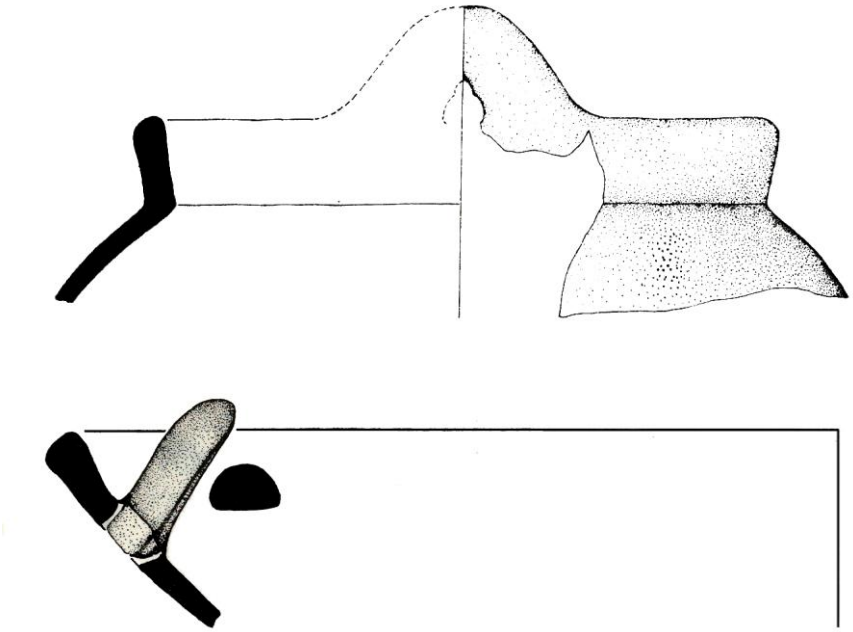


Fig. 1.91 Formas para confecionar alimentos, na Facha, no Ferro Recente (Almeida *et al.,* 1981, adaptado).

Devemos ainda referir que nestas três estações foram registados cossoiros em cerâmica e de testos (em quantidades pequenas e alguns decorados).

Em Vieito notamos a mesma realidade material, quanto às formas e tecnologia, mesmo no que diz respeito à decoração a qual encontramos alguns fragmentos decorados por aguada negra (Silva, 2012).

Relativamente aos outros povoados considerados no povoamento desta fase, não existindo monografias torna-se difícil tentar alguma perspetiva comparativa entre os vários habitats a nível do material cerâmico. Ainda assim, quanto a Sabariz (Almeida, 1990: 31-32), Roques e S. Silvestre, temos alguma informação. Devemos referir que no caso Roques e S. Silvestre os materiais indígenas encontrados datarão sobretudo desta fase. Foram ainda recuperados em ambos os casos materiais de construção romana e outro material comum romano (Almeida, 1990: 35, 183-184).

No que diz respeito ao povoado do Peso (Soeiro, 1981; Almeida *et al.*, 1985). Temos algumas informações sobre o espólio cerâmico. Foram registadas algumas peças e cerâmica datável desta fase, dos quais destacamos alguns potes e potinhos e ainda um exemplar de talha (Fig. 1.92).

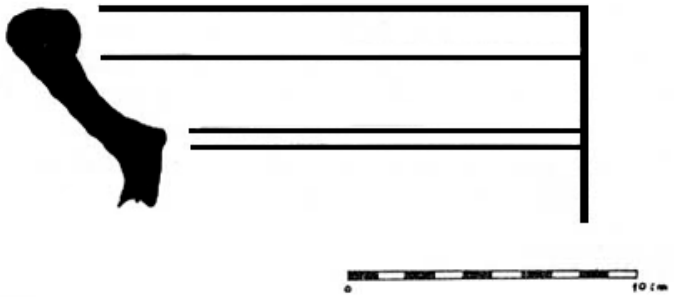


Fig. 1.92 Talha do Ferro Recente no povoado do Peso (Almeida *et al.,* 1985, adaptado).

No que diz respeito aos materiais metálicos e à produção metalúrgica em si, tendo em conta o volume de dados existentes devemos necessariamente referir que se trata de uma das áreas, neste estudo, com maior diversidade no que concerne a este tipo de materiais.

Assim, devemos começar por referir que em Santa Luzia, em Vieito e na Terronha foram registados vários cadinhos (Fig. 1.93) usados na fundição e transformação do mineral em metal. O que revela o *know-how* destas comunidades na prática metalúrgica.

Aliás, em Vieito, além de cadinhos, devemos sublinhar a existência de moldes de sítula com decoração geométrica, algo que não encontramos em Santa Luzia ou em Terronha (Fig. 1.93).

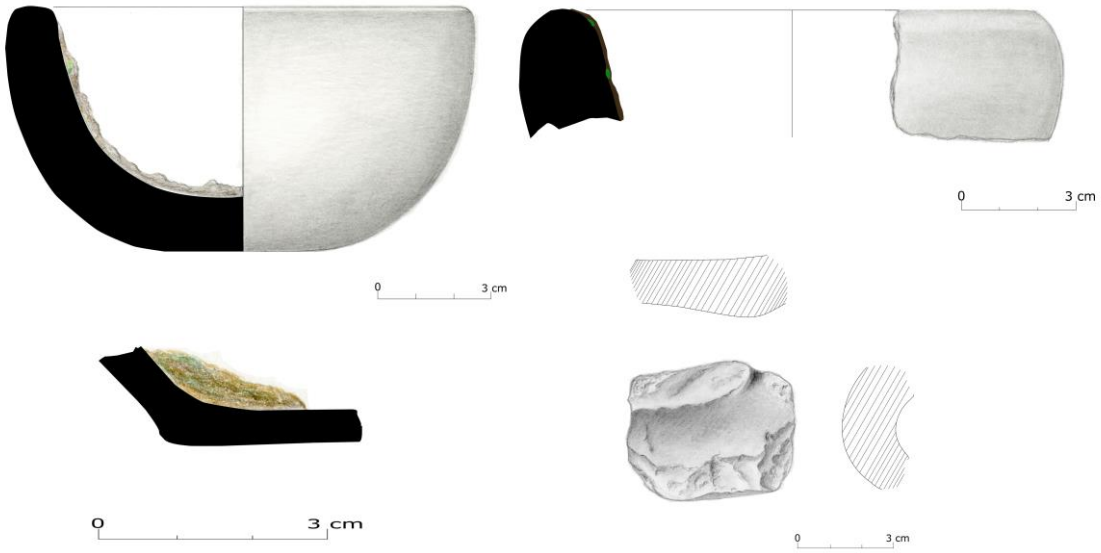


Fig. 1.93 Exemplos de cadinhos em cerâmica e um molde de um objeto indeterminado (em baixo à direita), da Terronha e de Santa Luzia.

Em Santa Luzia foram registados outros tipos de materiais metálicos que, não sendo estudados por nós, devemos referir, como são os casos de fíbulas algo recuadas no tempo como as fíbulas tipo 23 (ou fíbulas tipo de Santa: 442; Silva 1986: 219, Est. CIV, n.º 1), datáveis

genericamente de entre meados do séc. VII e finais do séc. IV a.C.; ou por exemplo fíbulas tipo *Aucissa* (datáveis sensivelmente da Idade do Ferro Recente) (Almeida, 1990: 237) e fíbulas tipo "Ômega" já com uma cronologia mais avançada (sensivelmente desde do séc. I a.C. até ao baixo império romano) (Ponte, 2006: 488). Ainda no âmbito dos adornos pessoais e de vestuário devemos mencionar a existência de uma conta em bronze, decorada com meandros simétricos ladeando um segmento de reta (Silva, 1986, Est. C n.º 19). Além de vários pregos em ferro e ainda alguns alfinetes em bronze (Almeida, 1990: 236-237), destacamos ainda, do que foi o nosso estudo, uma ponta de lança em ferro, de perfil triangular que julgamos ser ainda deste período (Fig. 1.94). Deste período, ou datando já da romanização, talvez possamos datar as várias tachas, e alguns possíveis pregos. Teremos obrigatoriamente de nos questionar, se esta lança em ferro será já um remanescente e um vestígio indelével da presença de soldados romanos em povoados e comunidades endógenas.

Em Vieito, além do que já referimos, foram registados vários artefactos relacionados com atividades económicas (como é o caso de foices e facas), e devemos destacar ainda um punhal afalcatado, este relacionado com atividades sociais, rituais e/ou guerreiras (Fig. 1.94). Estes instrumentos são em ferro. Destacamos também o aparecimento de vários tipos de fíbulas como são os casos dos tipos de Santa Luzia, Sabroso[51], e Fowler A e tipo Ponte B51 (Silva, 2012, figure 3.7). No capítulo dos materiais metálicos em ferro cabe ainda destacar o aparecimento em Santa Luzia de uma ponta de lança de período republicano romano (podendo ou não ter sido produzida neste povoado).

[51] Sendo que os tipos de Santa Luzia e Sabroso são de cronologia mais antiga (Ponte, 2006).

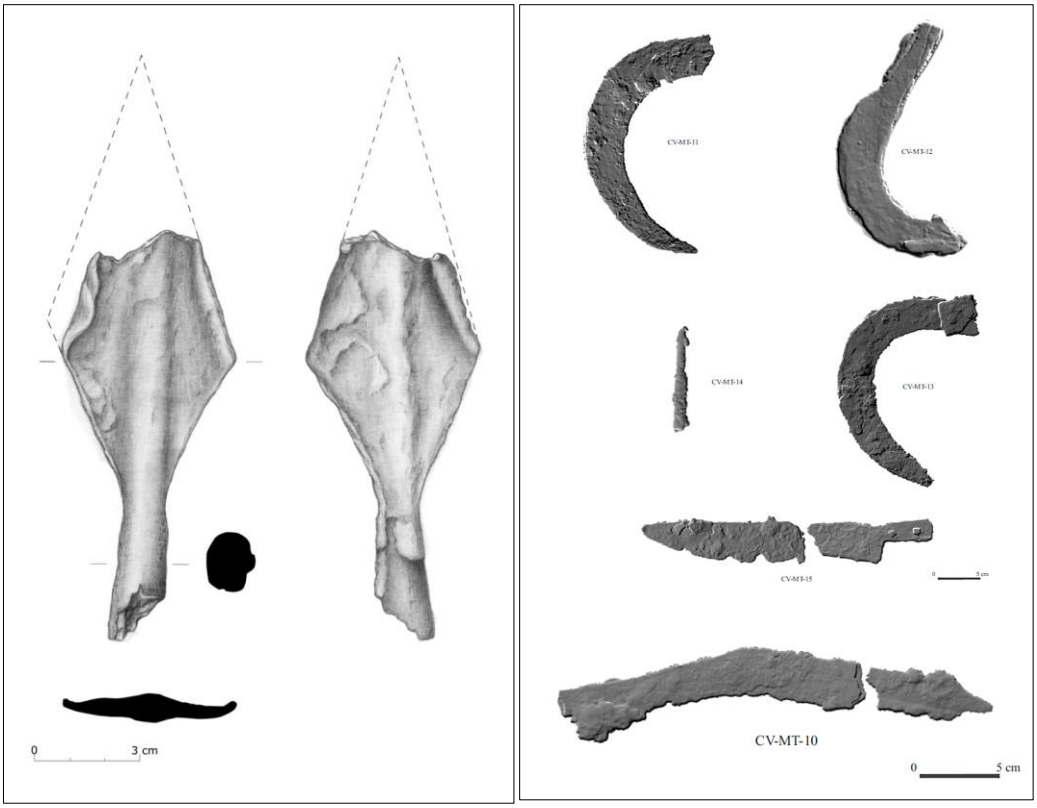


Fig. 1.94 Ponta de lança (Santa Luzia) e foices, faca e ainda um punhal afalcatado, (utensílios em ferro) (Silva, 2012, adaptado).

Finalmente, na Facha, cabe-nos destacar um brinco de tipo sanguessuga que pode ser ainda da fase anterior e, sobretudo, devemos realçar o aparecimento de uma possível sítula rebitada (Almeida *et al.,* 1981: 51) e ainda de um pendente maciço em bronze.

No que diz respeito aos líticos, Santa Luzia (Almeida, 1990: 237), Vieito e Terronha possuem mós rotativas. Além disso, foram recuperados, pelo menos, em Vieito (Silva, 2012, figure 3.16), e em Santa Luzia, pesos de rede produzidos a partir de seixos rolados de quartzito.

Intercâmbio

Tendo em conta os dados de que dispomos face o estudo realizado, julgamos que a capacidade de aquisição de materiais importados, com várias proveniências, estará diretamente relacionada com as práticas metalúrgicas. Observamos isto em Santa Luzia, em Terronha, e ainda em Vieito.

Em relação a Vieito sobressai a quantidade ingente de formas de ânforas tipo Haltern 70 (com origem na Bética), num total de 2775 indivíduos, ao qual devemos ainda referir as ânforas de tipo Dressel 1 (de origem itálica) e de tipo Dressel 14 A (de produção da Lusitânia) (Silva, 2012,

Table 3.8). Estas últimas ânforas já de produção mais tardia. Neste habitat, além dos contentores e os seus produtos chegaram ainda, por exemplo, materiais finos de uso de mesa, como é o caso de duas peças de tipo campaniense B, o que corresponde a produções algo raras que chegam a esta área do noroeste (Silva, 2012: 35 e 99). Em Vieito, igualmente, devemos referir a existência de várias contas de colar vítreas de cor azul-cobalto, monocromáticas que poderão ser desta fase (Silva, 2012, photo 3.10). Estas contas vítreas serão veiculadas pelos mesmos agentes que comercializam as ânforas, navegadores e mercadores romanos (Fig. 1.95).

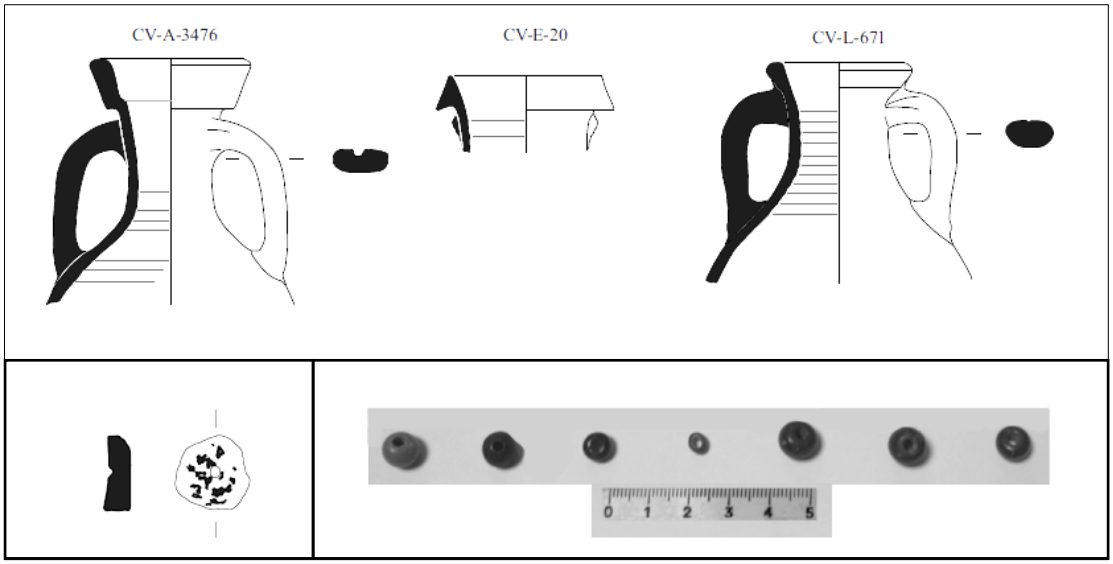


Fig. 1.95 Materiais importados em Vieito: ânforas do tipo Haltern 70, Dressel 1a e Dressel 14; bojo com perfuração incompleto de uma parede de cerâmica itálica de verniz negro B; contas de colar monocromáticas (Vieito, 2012, adaptado).

Relativamente a Santo Estevão da Facha, os únicos dados que temos relativamente a materiais de importação é a existência da tipologia de ânfora vinária Dressel 1B (Almeida *et al.,* 1981: 48) e de quatro contas azul-marinho translucidas de tamanhos desiguais (Almeida *et al.,* 1981: 51) (Fig. 1.96).

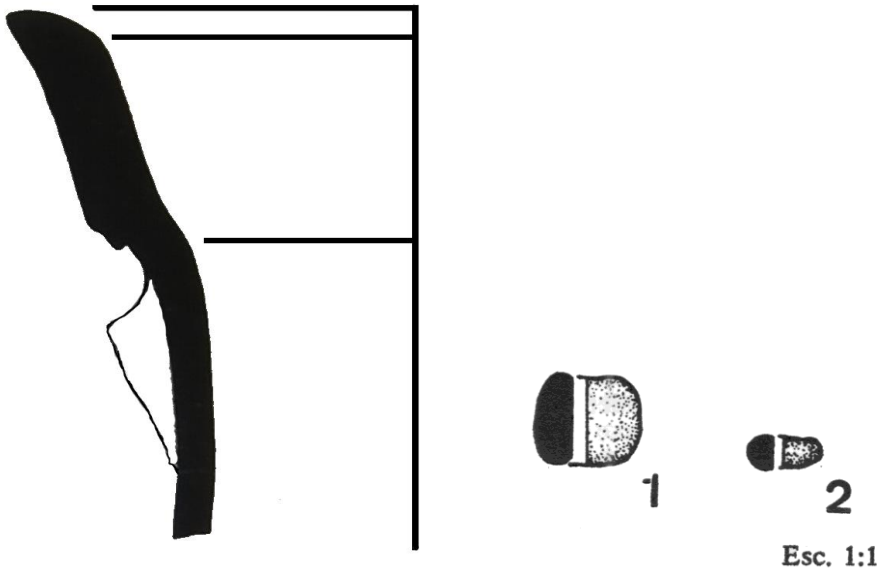


Fig. 1.96 Materiais importados, no Ferro Recente, na Facha: ânfora Haltern 70 e duas contas de colar vítreas (Almeida et al., 1981, adaptado).

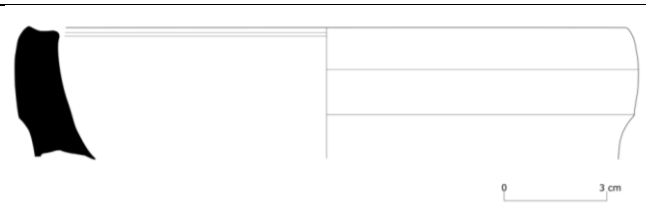
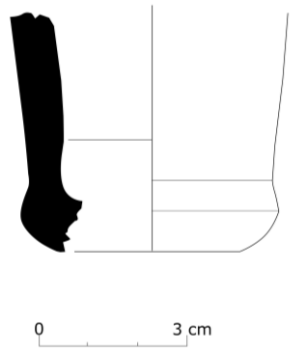
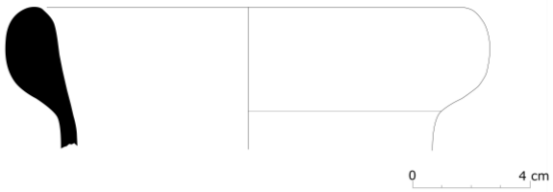
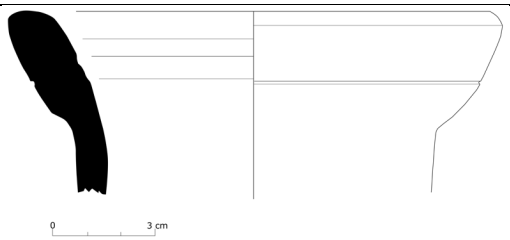
Em Santa Luzia e em Terronha (Queiroga, 2019), como foi observado neste trabalho foi registada uma grande diversidade de contentores anfóricos, de várias proveniências, transportando alguma variedade de produtos. Além destes materiais, em Santa Luzia, também foram registados materiais cerâmicos de textura fina de uso de mesa com várias proveniências, ao contrário de Terronha. Neste segundo caso não foram registados materiais finos de importação.

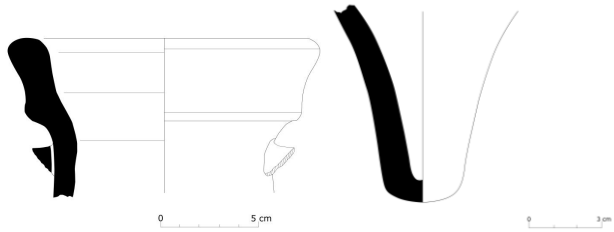
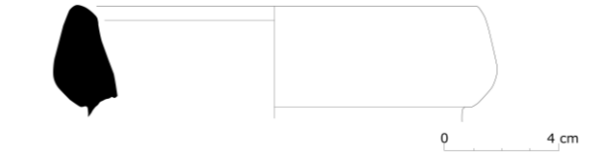
Em Santa Luzia foram registadas oito tipologias diferentes, datáveis do Ferro Recente, a saber: o tipo Dressel 1, o tipo T-7.4.3.3, Oberaden 83 e Ovóide 1, 4, e 6. Estes tipos transportavam vinho (tipo Dressel 1), preparados piscícolas (o tipo T-7.4.3.3), azeite (o tipo Oberaden 83 e talvez o tipo Ovóide 6) e ânforas multiuso, ou seja, podiam transportar vários tipos de produto (Ovóide 1 e Ovóide 4). Devemos ainda acrescentar uma quantidade apreciável de ânforas tipo Haltern 70 (ânfora multiuso) e menos de uma dezena de exemplares do tipo Dressel 7-11 (ânfora multiuso, mas normalmente associada a preparados de peixe de rio (Carreras, 2000)) (Tab. 1.13).

Neste povoado além dos contentores anfóricos também a *forma de consumir* parece alterar-se um pouco durante o Ferro recente e romanização. Com efeito, registamos alguma cerâmica de mesa de luxo ou exótica como: um pote ou potinho produzido na área da Bética, um pote de cerâmica comum e uma base, oriundos da área de Cádis e uma tigela de produção comum do vale do Guadalquivir (Fig. 1.97). Esta cerâmica terá sido vinculada por comerciantes romanos na mesma fase comercial que se regista a entrada de alguns dos contentores anfóricos.

Quanto a Terronha, F. Queiroga (2019) detetou uma grande diversidade de contentores anfóricos, contudo não foram registados no nosso estudo materiais de uso à mesa importados, ao contrário do que acontece para Santa Luzia. Destacamos em Terronha o elevado número de ânforas vinárias (Dressel 1), de ânforas que transportavam preparados piscícolas (T-7.4.3.3), de ânforas oleicas como é o caso do tipo Ovóide 6 e ainda o elevado número de ânforas multiusos como é o caso do tipo Ovóide 4. Registam-se ainda outros tipos como, Ovóide 1, Ovóide 5, Haltern 70, Dressel 7-11, Ovóide Lusitana, ou Tipo 7 (da Lusitânia) (Tab. 1.14).

Tabela 1.13 Materiais anfóricos de Santa Luzia, no Ferro Recente, segundo produto transportado

Produto transportado	**Ânforas**	
Vinho ou derivados	Dressel 1	
Preparados Piscícolas	T-7.4.3.3	
Azeite	Oberaden 83	
	Ovóide 6 (?)	

Multiuso	Haltern 70	
	Ovóide 1	
	Ovóide 4	

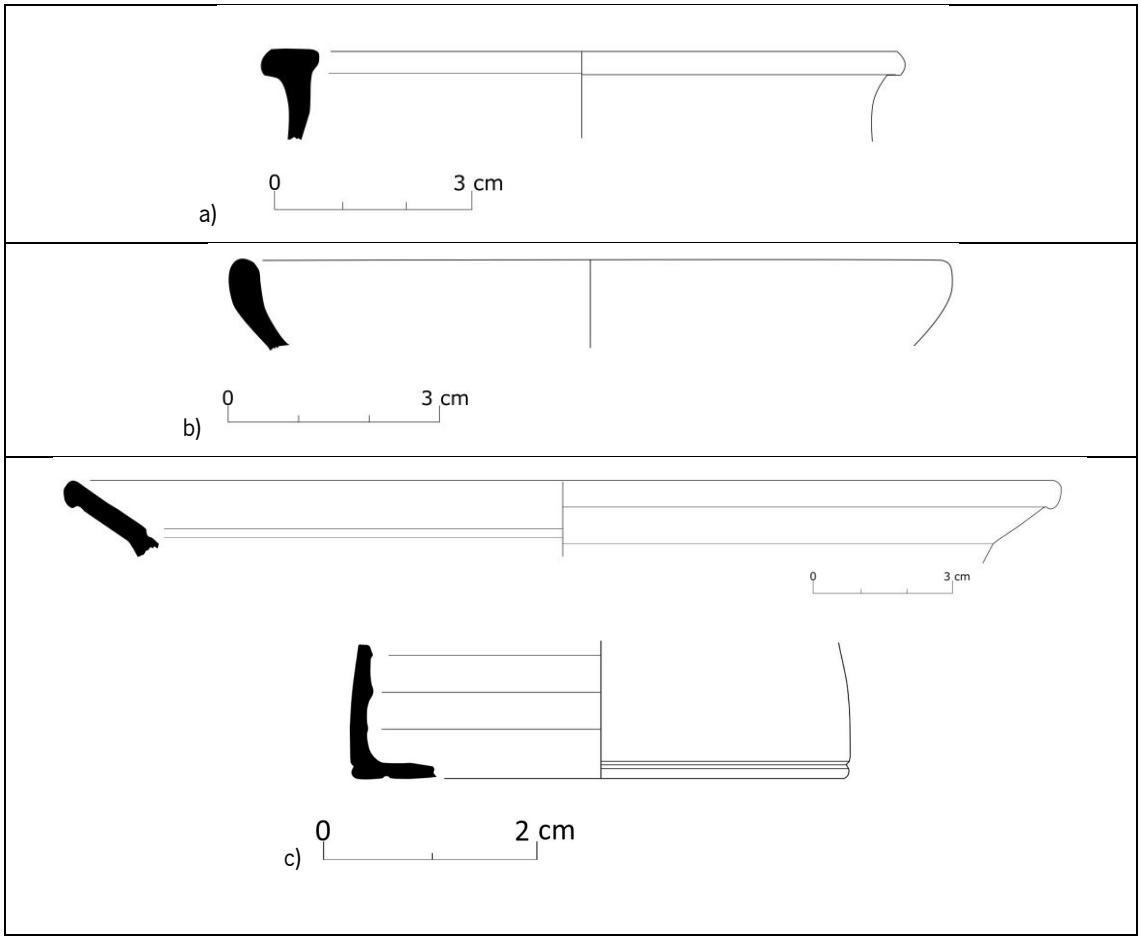
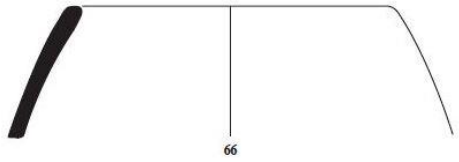
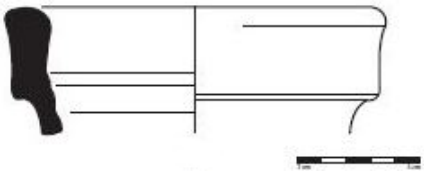
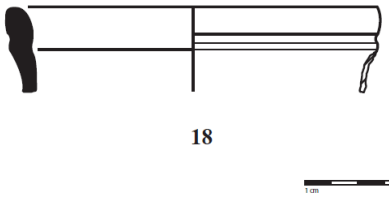
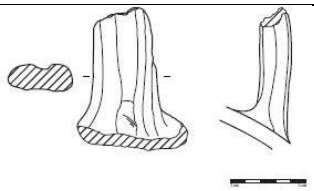
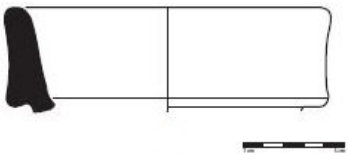
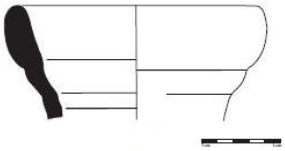


Fig. 1.97 Cerâmica fina de mesa encontrada em Santa Luzia durante o Ferro Recente: a) potinho ou pote proveniente da Bética; b) uma tigela de produção comum tipo Guadalquivir; c) cerâmica comum oriunda de Cádis.

Tabela 1.14 Materiais anfóricos da Terronha, no Ferro Recente, segundo produto transportado

Produto transportado	Ânforas	
Vinho ou Azeite (?)	Tipo 7	
Preparados piscícolas	T-7.4.3.3	
	Ovóide Lusitana	
	Dressel 7-11	
	T - 9.1.1.1	
Azeite	Ovóide 6	
Multiuso	Haltern 70	
	Ovóide 1	
	Ovóide 4	

Até este ponto tratamos de materiais que foram conduzidos por agentes romanos (sejam eles mercadores ou por legionários que circulavam pelo noroeste). Porém, de facto, em Santa Luzia e em Vieito foram registados materiais importados da área setentrional. Em Vieito foram registados menos de 10 exemplares do tipo Vigo e em Santa Luzia foram estudados 10 exemplares deste mesmo tipo (Fig. 1.98). Estes materiais terão chegado a esta área através de contactos realizados por meio marítimo com as populações produtoras deste tipo de materiais, na zona das Rias Baixas galegas[52].

Relativamente ao alcance deste tipo de materialidades setentrionais apenas temos registos destas na área litoral. Na zona interior deste estuário não existem informações disponíveis. Por isso, devemos colocar a questão que nos parece pertinente: qual o grau de aceitação que estas peças tinham em relação, por exemplo, às ânforas romanas? Estes tipos de peças possuem alguma semelhança das talhas, por exemplo, e por isso poderiam ter como função armazenar alimentos.



Fig. 1.98 Materiais de origem setentrional no estuário do Lima (em cima do Vieito, em abaixo de Santa Luzia): bordos reforçados tipo Vigo e dois bojos com decoração perlada.

[52] De referir que se reconhecia, desde 1991, a existência de material desta área no norte de Portugal (Rey Castiñeira, 1991).

Lógica de povoamento e interpretações

Como acabamos de observar, no Ferro Recente, multiplica-se o número de povoados no estuário do Lima. Com efeito, surge Vieito (com um século de existência, no câmbio de Era), Terronha (estes na margem norte) e na margem sul o povoado do Peso volta a ser ocupado, tal como a Facha e surge, nesta fase, o povoado de Roques e Sabariz.

As comunidades de Santa Luzia e Terronha observavam-se mutuamente e, portanto, deviam estar articulados em rede no controlo da circulação no estuário do Lima. Este povoado estaria fortemente relacionado com a exploração e transformação metalúrgica. O mesmo aconteceria com Vieito e com o povoado de Roques (este último com ocupação que perdura até, pelo menos, ao séc. II d.C.).

Sublinhe-se que o povoado de Vieito como o de Terronha estariam vinculados com a exploração e transformação dos recursos metálicos, provenientes das serras de Agra e Perre, o que lhes conferia talvez algum poder económico para adquirir produtos de consumo alimentar de luxo. Apesar de observarmos uma maior diversidade de produtos na área junto ao litoral do que nas zonas mais interiores (Fig. 1.99).

Devemos ainda problematizar o surgimento da Terronha, tão perto do castro de S. Silvestre (Almeida, 1990, 1996). Estes dois povoados situam-se a menos de 1 km em linha reta. Face a esta proximidade de dois povoados muralhados, julgamos pertinente supor que estes dois estariam relacionados. Aliás, podemos até supor que se trataria da mesma comunidade e que Terronha funcionaria com uma espécie de bairro metalúrgico desta comunidade. Ou seja, Terronha podia ser uma extensão, muito importante, deste povoado situado no topo do monte de S. Silvestre. De notar que, também a 1 km se situam as gravuras da Breia que poderão ter sido frequentadas também neste período. É, claramente, muito difícil provar esta relação, restando-nos referir que ambos têm uma ocupação nesta fase e, para já, apenas desta fase. Desta forma, estes dois povoados coexistiam, talvez do topo (Castro de S. Silvestre) se controlasse visualmente o vale do Lima e a comunidade aproveitaria para explorar os recursos metálicos da Serra de Perre e em Terronha procediam à sua transformação e à receção de produtos de importação tardo-republicanos romanos.

Nesta fase, a proliferação de povoados com esta cronologia leva-nos a colocar duas hipóteses relativamente à lógica do povoamento: por um lado, alguns dos povoados poderiam estar articulados entre si na aquisição de materiais exógenos e ao mesmo tempo cooperavam entre si na aquisição de matérias-primas minerais metálicas para depois as transformarem e daí

o seu poderio económico, sobretudo na margem norte; por outro lado, é relativamente claro que quanto mais população existe num local, maior é a necessidade de usar os recursos disponíveis nessa área. Esta interpretação leva-nos claramente para uma situação de competição pelos recursos disponíveis, por uma certa rivalidade (não sabemos se amigável ou de outra índole) entre os povoados.

Quanto à navegação neste estuário, a mesma seria realizada provavelmente através de pirogas (Alves e Reith, 2007), mas, provavelmente, neste período também embarcações pequenas, mas de fabrico romano, deveriam circular. Pela quantidade de ânforas existentes, esta circulação deveria ser até bastante habitual.

Finalmente, quanto à quantidade, qualidade e diversidade de material veiculado pelos romanos, em período tardo-republicano e inícios do império romano, leva a uma questão que nos parece relevante. Esta aceitação de materiais importados, com origem numa força hostil, este consumo reiterado de alimentos e outros produtos considerados exóticos, associados a materiais finos de importação, parece ser um processo de aquisição relativamente pacífico. Não vemos destruição de comunidades e observamos pelo contrário a manutenção de sítios, a sua expansão a nível demográfico, vemos um forte empenho naquilo que parece ser o motor de desenvolvimento destas comunidades, neste caso a metalurgia. Assim, cabe-nos perguntar se a conquista do noroeste por parte das forças romanas não terá sido muito mais através de contactos comerciais e progressiva "aculturação" das populações indígenas? Situação que nos parece algo inversa ao que acontece em fase anterior.

Do conjunto de habitats, por falta de informação cronológica, material e estratigráfica optamos por não incluir três destes povoados: Cancela da Areosa, Miradoiros do Galo e na margem sul do rio Lima o possível povoado de Alto do Galeão. Também não incluímos o povoado de Roques, uma vez que, não foram até agora dadas a conhecer nem a estratigrafia/estruturas nem materiais e por isso, apenas pelos parcos dados que existem sabemos que terá tido uma ocupação nesta fase.

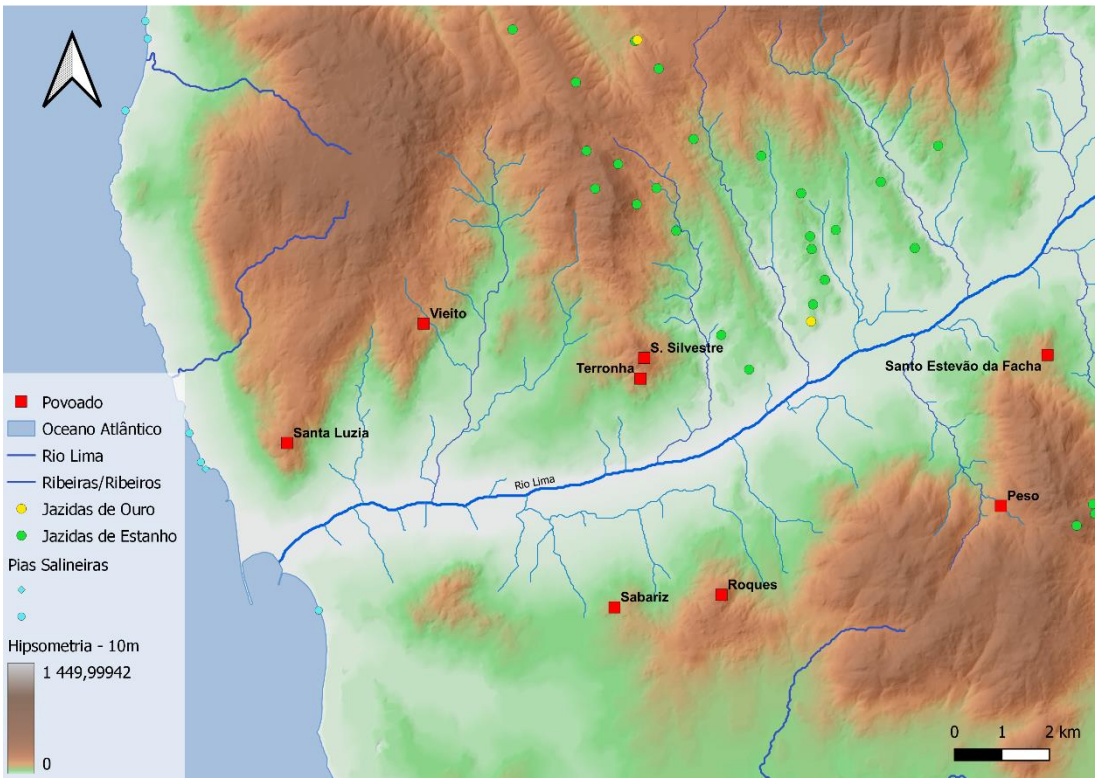


Fig. 1.99 Quadro do povoamento no Ferro Recente, no estuário do Lima.

Não foi possível elaborar qualquer síntese sobre os povoados litorais, entre os estuários dos rios Lima e Neiva (Senhora do Crasto), pela falta de dados para estabelecer a sua sequência cronológico-cultural, pelo que o seu papel nas estratégias de povoamento fica por determinar.

2.6. ESTUÁRIO DO RIO NEIVA

Nesta área devemos assinalar a presença de dois povoados: de Moldes e o de Belinho (Fig. 100).



Fig. 1.100 Povoados no estuário do Neiva e interflúvio Neiva-Cávado (Imagem: *Google Earth*).

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

No estuário do Neiva apenas se conhece ocupação do Bronze Final, no povoado de Moldes (Fig. 1.101).



Fig. 1.101 Vista da foz do rio Neiva para o povoado de Moldes.

Distribuição geográfica e análise espacial

Este povoado está perto da foz do Neiva, num outeiro impressivo, sobranceiro ao rio. Daqui pode observar-se a foz do rio, o vale e, ainda, a linha costeira, até além da foz do Cávado e grande parte do interflúvio Neiva-Lima. Também se visualiza o interior do vale do Neiva e o Monte de Sanfins, com ocupação do Bronze Final (Fig. 1.102).

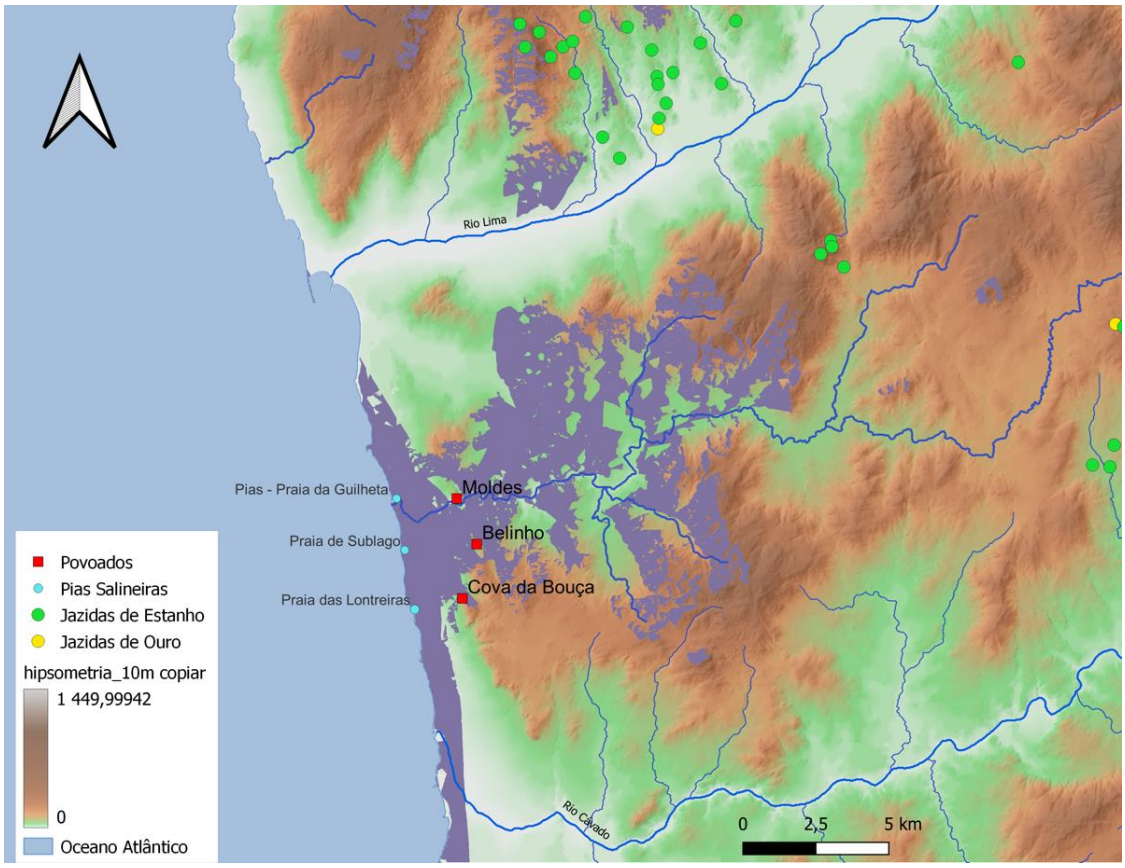


Fig. 1.102 Visibilidade do povoado de Moldes (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com recursos naturais e com as vias naturais de circulação

Esta área em termos dos recursos mineiros metálicos, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000, folha 5-C (Teixeira *et al.,* 1969: 44), o minério de estanho, ouro e prata, ocorrem em formações áureo-argentíferas em Portela das Cabras, Sobradelo e Duas Igrejas, em Vila Verde, e a sul do Monte do Castelo / Serra da Nó, em Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Teixeira *et al.*, 1972). Também há notícias de explorações de prata e antimónio, na freguesia de Cossourado (Azevedo, 1897: 234), possibilitando a escorrência de estanho, ouro e prata nas aluviões do rio Neiva (Fig. 1.103). Ou seja, de um modo geral, a área mais rica em minérios corresponde ao curso médio e superior do Neiva e do seu afluente.

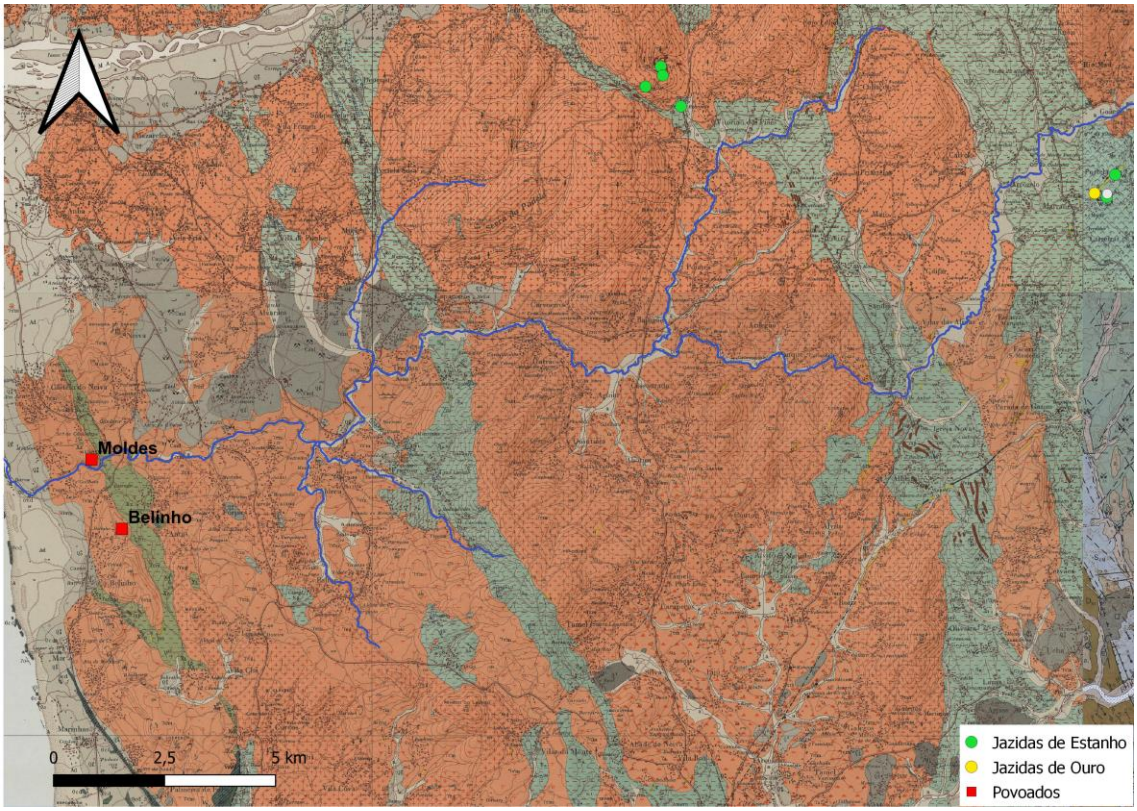


Fig. 1.103 Jazidas de estanho, ouro e prata (ponto verde, amarelo e branco) do rio do Neiva.

A plataforma litoral possibilitaria, desde a Idade do Bronze, a exploração de sal marinho. A este propósito, devemos referir as pias salineiras amovíveis da margem esquerda da foz do rio Neiva e, ainda, as pias amovíveis das praias de Sublago e Lontreiras (Bettencourt *et al.,* 2020). De referir as de Rio de Moinhos, datadas do Bronze Final (Sousa, 2022; Bettencourt e Sampaio, 2023).

Seria, ainda, possível a exploração de solos de vale e de monte, de reservas de bosque, de prados, entre outros recursos fluviais e marinhos.

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos

No que concerne aos materiais, foi observado um conjunto de materiais cerâmicos consentâneos com as características técnicas e morfológicas típicas do Bronze Final dos vales do Cávado e Ave (Martins, 1990; Bettencourt, 1999; 2001; Dinis, 1993).

Aqui foram registadas taças carenadas (forma 12), além de formas de armazenamento e serviço de mesa, relacionado com o consumo de bebidas ou alimentos (forma 2 e 10, respetivamente) (Fig. 1.104).

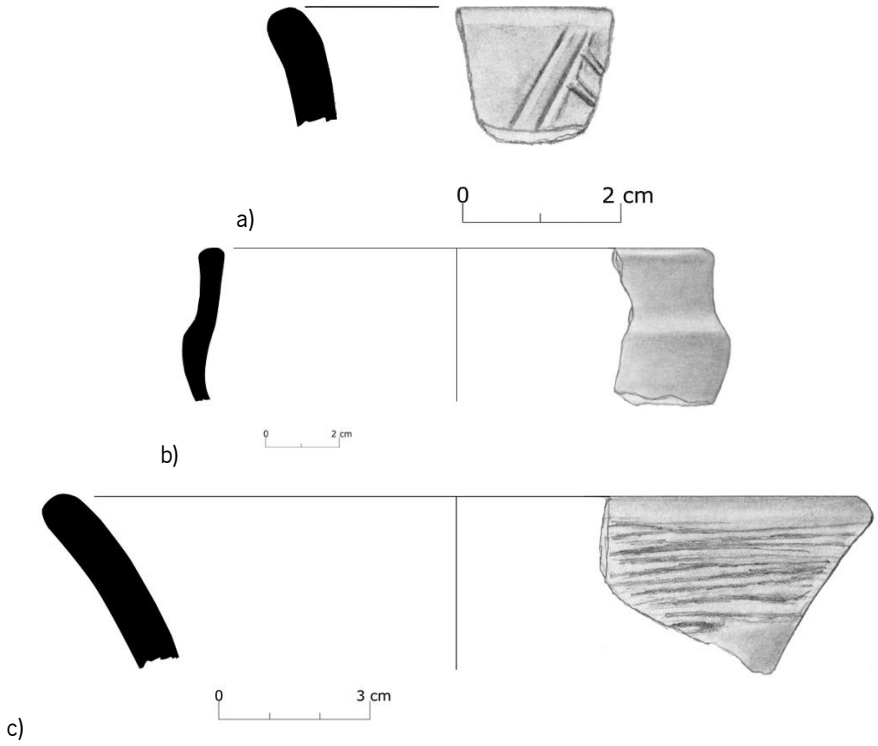


Fig. 1.104 Formas do Bronze Final de Moldes: a) forma indeterminada decorado por incisão; b) taça carenada; c) potinho/púcaro com decoração por espatulado.

Registamos, ainda, uma peça cuja forma é complicada de definir (Fig. 1.105). Poderá ser um recipiente de forma de exceção, à semelhança, por exemplo, da forma 16 (vasos geminados) (Martins, 1990: 127-129; Bettencourt, 1999: 1095-1097). Como esta peça se encontra muito deteriorada fica em aberto a sua possível forma e utilidade.



Fig. 1.105 Pequeno recipiente cerâmico reaproveitado.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Os dados de que dispomos são bastante incipientes para traçar de forma extensa os aspetos funcionais e económicos das comunidades desta área geográfica. Ainda assim, de forma muito genérica, é possível que tivessem explorado sal (devido à proximidade de sítios onde têm ocorrido pias salineiras) (Fig. 1.106) e dedicado a aspetos agro-silvo-pastoris. Não temos dados sobre o intercâmbio.

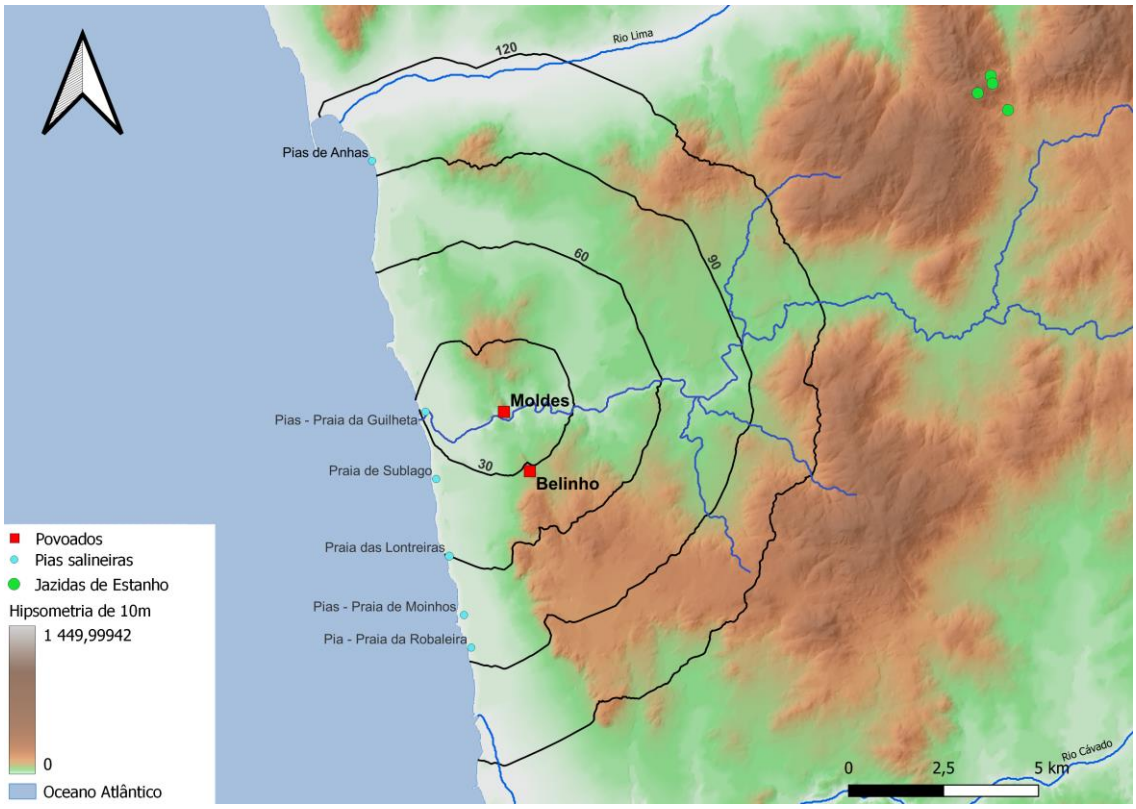


Fig. 1.106 Território teórico de exploração de Moldes, de 2 horas pedestres, com linhas isócronas de 30 minutos.

Lógica de povoamento e interpretações

Estando Moldes na foz do Neiva e tendo visibilidade para o Monte de Sanfins, onde terá havido consumo de artefactos metálicos ou de metal em bruto, é provável que existisse, entre Moldes e o interior e entre Moldes e Sanfins, intercâmbio local, pelo menos de estanho. O cobre viria, provavelmente, por via marítima. Deste modo, admite-se uma complementaridade de funções entre estes dois sítios, no controlo da chegada dos recursos de estanho ao litoral e no controlo da navegação externa, ainda que incipiente.

b) IDADE DO FERRO ANTIGA

Caracterização da amostra

Quanto ao período do Ferro Antigo temos a registar o aparecimento de contextos desta cronologia em Moldes e Monte da Suvidade / Belinho (1.107).

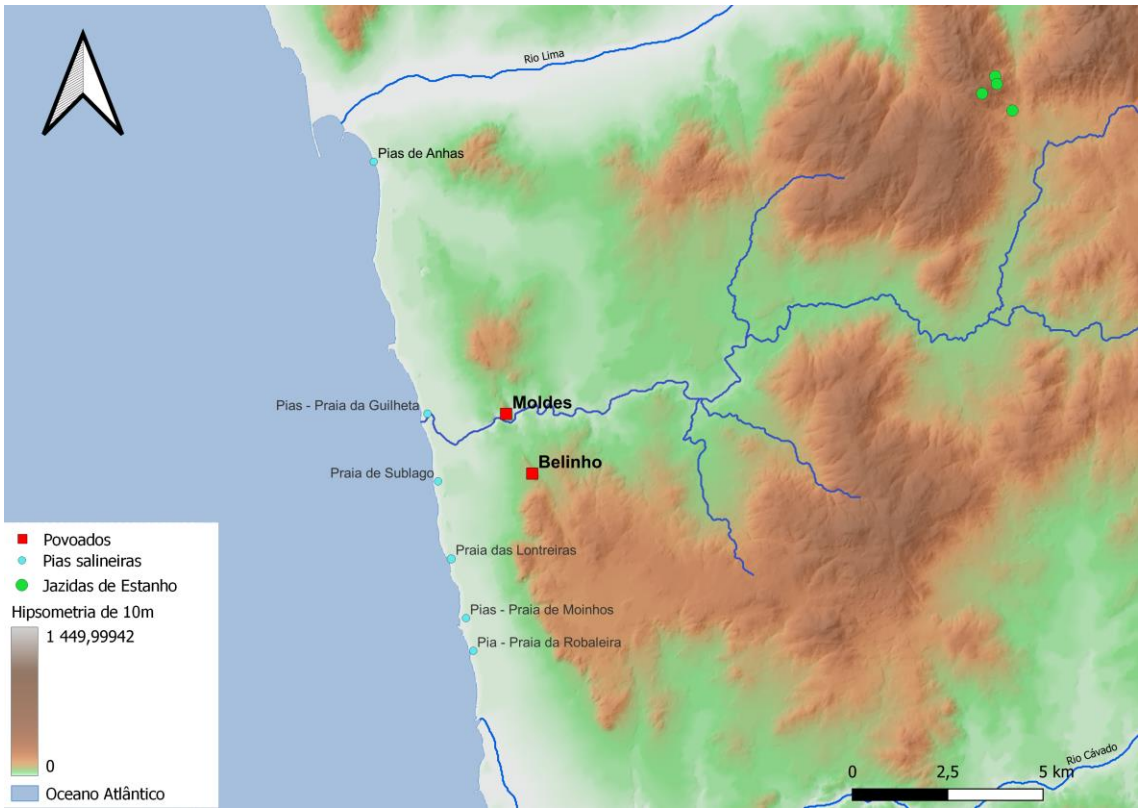


Fig. 1.107 Povoados em pleno estuário do rio Neiva, com ocupações da Idade do Ferro Antigo.

Distribuição geográfica e análise espacial

No que diz respeito a este capítulo não é possível acrescentar mais ao que já se referiu para a Idade do Bronze Final, em relação a Moldes. Para o Monte da Suvidade / Belinho, localizado numa colina de baixa altitude, a aproximação em relação ao litoral e ao rio Neiva é uma realidade. Tem maior visibilidade para o curso interior do Neiva e para o oceano a noroeste, do que Moldes, mas menor para sudoeste. Ambos controlam, visualmente, as plataformas litorais existentes a norte e sul do Neiva e a foz do Neiva (Figs. 1.107, 1.108).

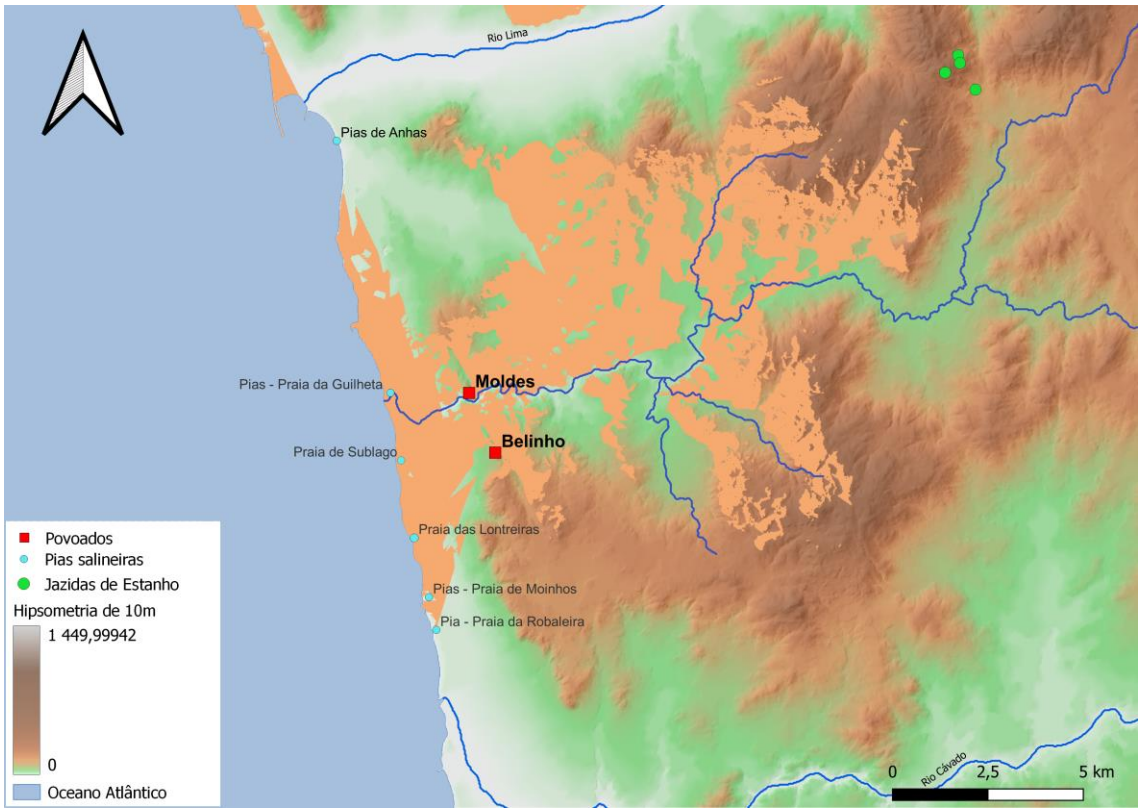


Fig. 1.108 Visibilidade partir de Belinho (a laranja) (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com recursos naturais e as com vias naturais de circulação

Tal como já observámos para Moldes, os recursos metálicos de estanho, ouro e prata encontram-se mais para o interior da bacia do Neiva embora não fosse impossível que as aluviões do estuário tivessem algum minério de aluvião. Ambos dominam a foz do Neiva, o oceano e os corredores naturais de circulação pedestre, como a plataforma litoral.

Materiais cerâmicos locais e metálicos

No que diz respeito aos materiais cerâmicos notamos que estes possuem as características típicas da cerâmica deste período existentes na área dos vales do Cávado e Ave (Martins, 1990; Bettencourt, 2021).

Em termos técnicos o material cerâmico é de fabrico manual, com cozedura redutora, as pastas são apenas micáceas com desengordurantes de calibre grande.

Foram observadas várias formas relacionadas com o armazenamento e uso de mesa, como potes, potinhos/púcaros e panelas de asa interior (formas 1, 2 e 4), não havendo no registo malgas ou tigelas (Fig. 1.109).

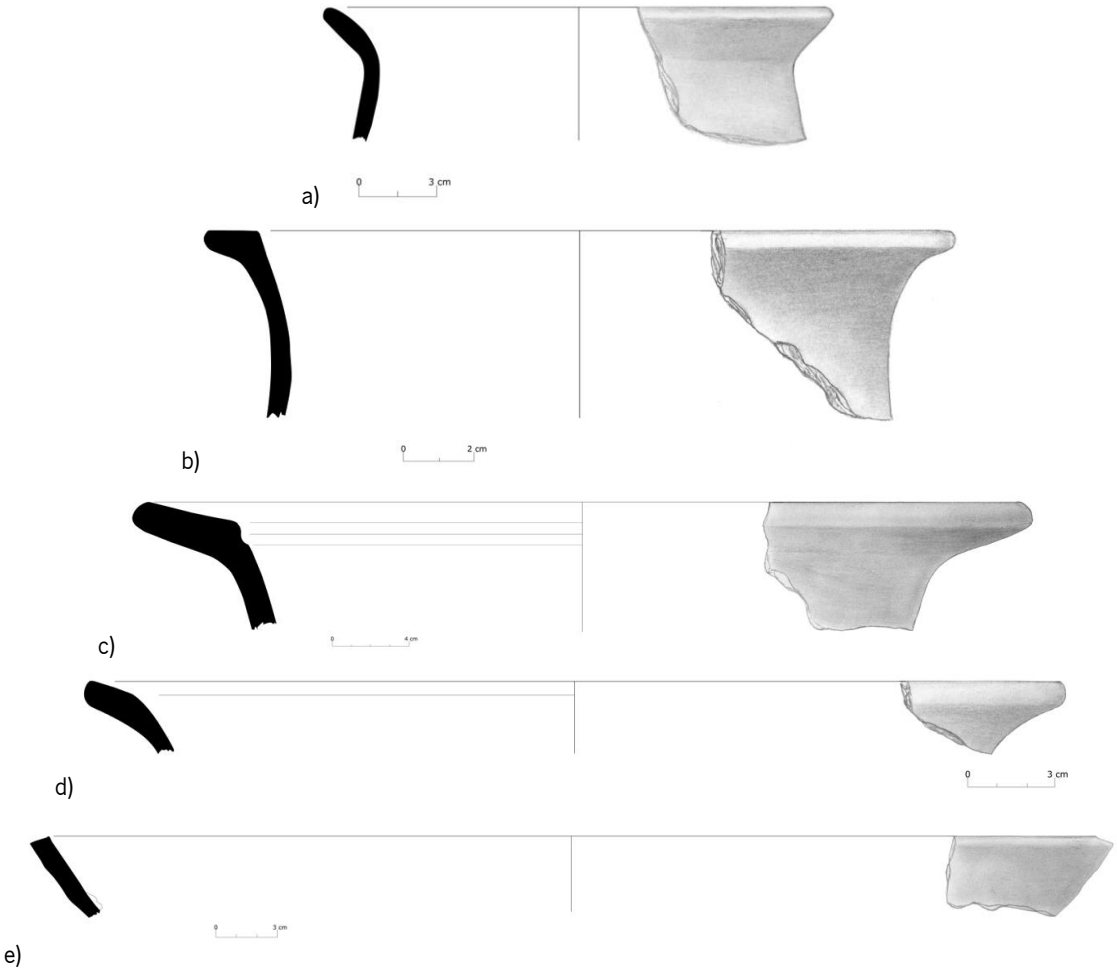


Fig. 1.109 Formas do Ferro Antigo no estuário do Neiva: a) potinho (forma 2b); a) pote de bordo em aba horizontal (forma 1c); c) pote de bordo em aba soerguida (forma 1b); d) pote de bordo em aba soerguida (forma 1b); e) panela de asa interior (forma 4).

Destacamos, quanto aos materiais metálicos, em Monte da Suvidade/ Belinho, o aparecimento de uma fíbula Ponte 22a, datável do século VII até meados do V/III a.C. (Fig. 1.110).

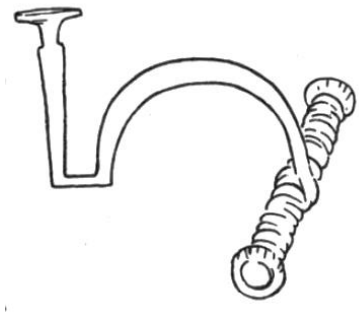


Fig. 1.110 Fíbula publicada por Leite de Vasconcelos (1934, adaptado, sem escala).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

No Monte da Suvidade / Belinho a exploração de sal deveria ter sido uma atividade comum, no dia-a-dia destas comunidades (Fig. 1.111), tal como em Moldes (Fig.1.106), no interior do qual, foram encontradas pias salineiras amovíveis (Marques, 2012, vol. II: 146-147).

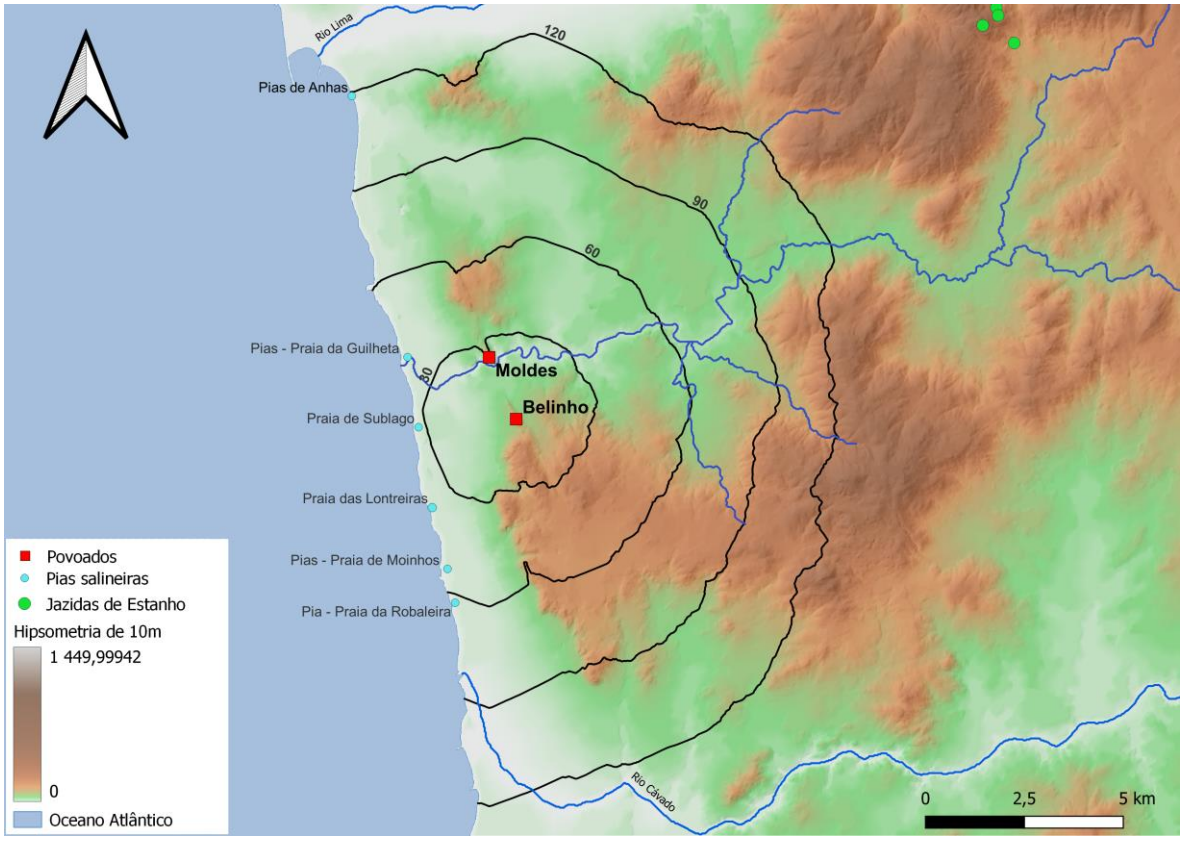


Fig. 1.111 Território teórico de exploração de Belinho, de 2 horas pedestres, com linhas isócronas de 30 minutos.

Hipoteticamente, pelas suas localizações geoestratégicas, estes povoados poderiam acumular minério oriundo do interior da bacia, quer para consumo interno, quer para trocas com comunidades locais litorâneas e externas. Naturalmente, nesta equação, o sal, seria o produto mais importante, na troca com os minérios do interior.

Ambos tinham a possibilidade de desenvolvimento de atividades agro-silvo-pastoris (dado a sua proximidade com terras de vale e de monte), além de atividades relacionadas com os recursos fluviais e marinhos, como a pesca e a recoleção.

A presença de uma fíbula de tipo Ponte 22a, no Monte da Suvidade / Belinho, permite colocar a hipótese da existência, no estuário do Neiva, de produção metalúrgica ou de que esta fíbula possa ter chegado por meio do intercâmbio regional.

Lógica de povoamento e interpretações

Na Idade do Ferro Antiga parece que nesta área apenas dois povoados dominariam, cada um deles, diferentes margens do rio Neiva, na zona do estuário. Assim, a proximidade destes dois povoados, pode compreender-se, pela sua complementaridade no domínio visual e no controlo da navegação oceânica, bem como dos diferentes corredores de circulação terrestres e da exploração de sal, em diferentes margens (Fig. 1.112).

Para a área mais interior do vale do Neiva apesar de sabermos que foram realizadas escavações em Carmona (Maciel, 2003)[53], não conhecemos as estruturas, a estratigrafia e os materiais deste povoado, pelo que não sabemos se houve circulação de matérias-primas de materiais exógenos, entre outros, entre o litoral e o interior.

[53] https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50738 As escavações neste local datam dos inícios do séc. XXI.

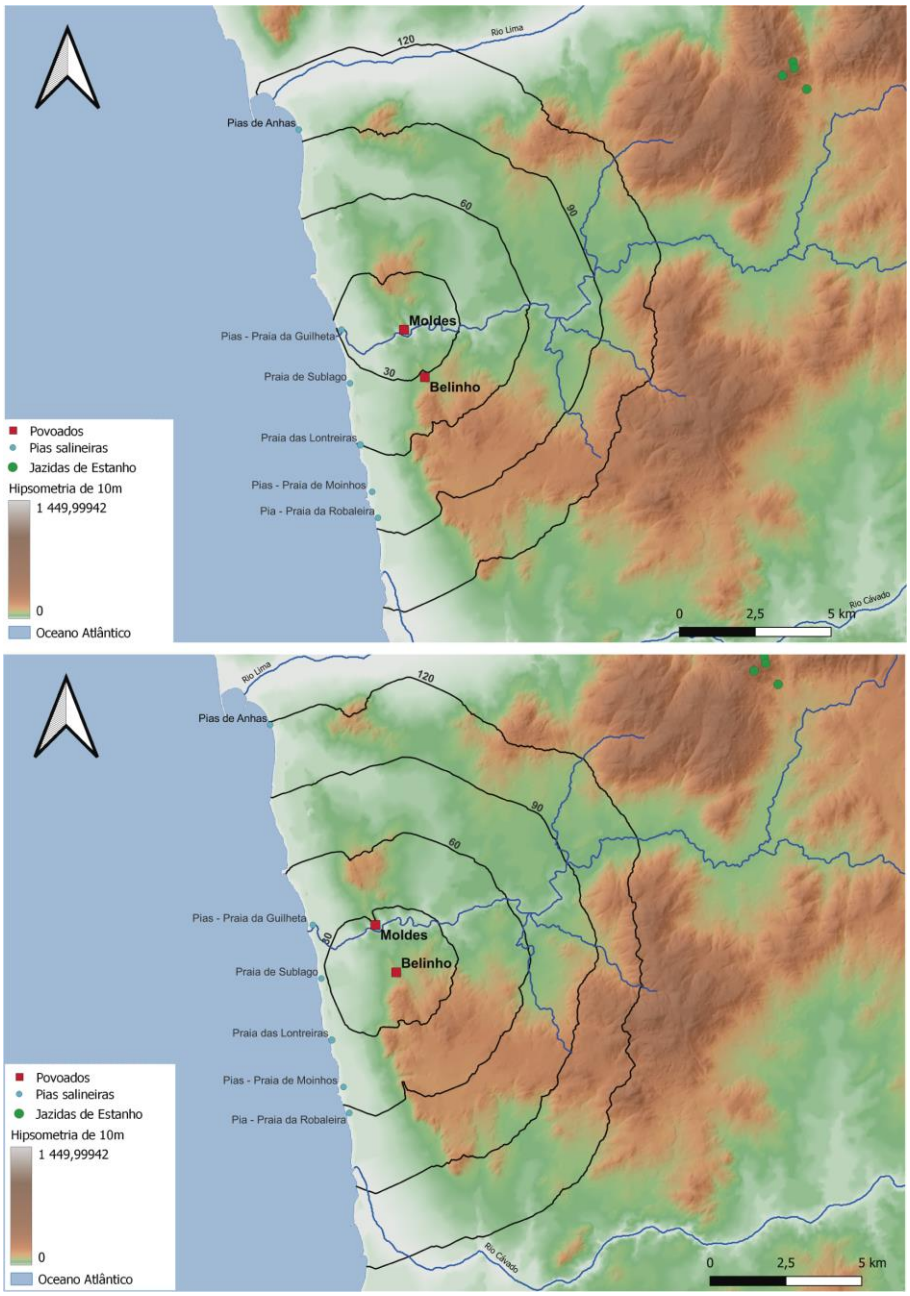


Fig. 1.112 Territórios teóricos de exploração de Moldes e Belinho (linhas isócronas de 30 minutos).

c) IDADE DO FERRO RECENTE

Caracterização da amostra

No Ferro Recente continuam a existir ocupações em Moldes e no Monte da Suvidade / Belinho (Fig. 1.112) Devemos ainda considerar o depósito tardo-republicano romano, registado em Moldes.

Distribuição geográfica e análise espacial

Todas as características deste *item* até ao ponto "Materiais cerâmicos..." já foram discriminados nos pontos relativos ao Bronze Final e ao Ferro Antigo.

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos

Os materiais cerâmicos indígenas possuem características próximas daquelas da mesma cronologia para o vale do Cávado e Ave (Martins, 1990, 1991; Dinis, 1993) (Fig. 1.113).

A cerâmica neste período apresenta-se, essencialmente, com fabrico a torno, as pastas permanecem micácea, os elementos não plásticos são de menor tamanho e a maior parte da textura das peças são médias a finas.

Destacamos em Moldes uma forma 7 (copa), algo raras no contexto litoral, se bem que mais frequentes nas bacias do Cávado e Ave. Trata-se de formas para uso de mesa. No restante material arqueológico, em Moldes, as atividades relacionadas com atividades de cozinha e de armazenagem e transporte, parecem ter tido um papel de destaque, tendo em conta a quantidade de potes, potinhos e púcaros registados. De referir também a existência de tampas que nunca são muito comuns. Nesta fase surgem ainda as formas 5 (talhas), destinadas ao armazenamento, e formas 6 (panelas de asa em orelha) destinadas a atividades de cozinha (Figs. 1.113, 1.114(.

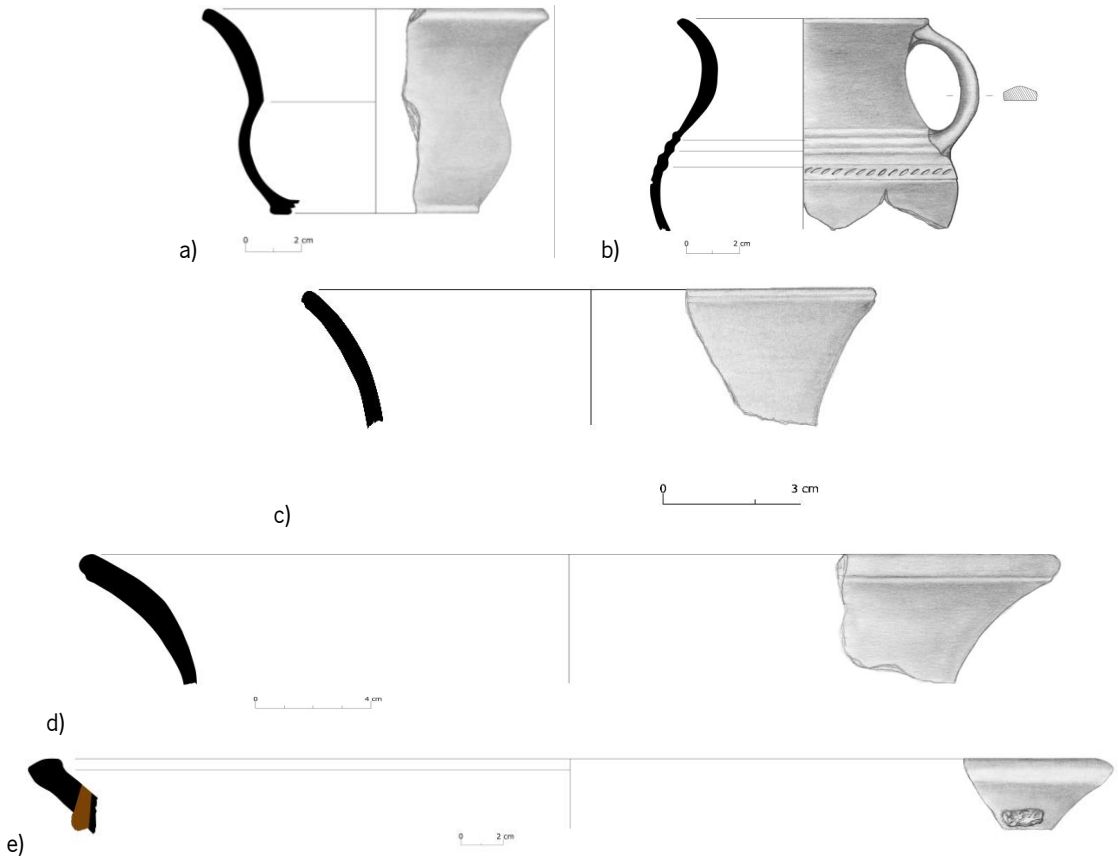


Fig. 1.113 Formas cerâmicas no Ferro Recente, no estuário do Neiva: a) copa (forma 7); b) forma 2a (púcaro); c) forma 2 (potinho); d) pote (forma 1a); e) pote (forma 1b) com agrafo metálico em ferro.

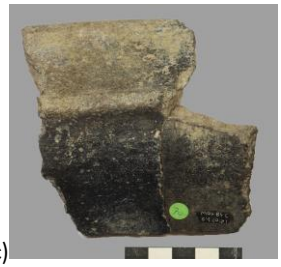
a)  b)  c) 

Fig. 1.114 Formas cerâmicas no Ferro Recente do estuário do Neiva: a) tigela (forma 3b); b) panela de asa em orelha (forma 6); c) talha (forma 5).

Notámos, tanto em Belinho, como em Moldes, o aparecimento de cossoiros discoides e bulbosos achatados, em cerâmica (Fig. 1.115).



Fig. 1.115 Cossoiros datáveis do Ferro Recente: à esquerda discoide de Belinho; à direita cossoiro bulboso de Moldes.

Foram, ainda, registados moldes de sítula com decoração geométrica (Fig. 1.116).

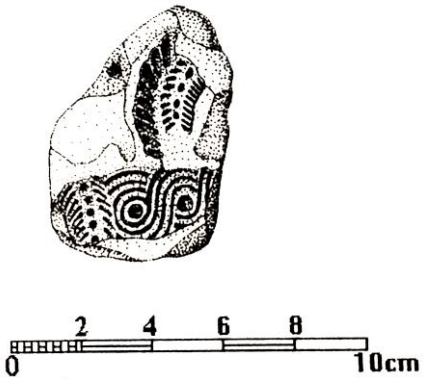


Fig. 1.116 Molde de sítula (seg. Almeida, 1982; 1996, adaptado).

Quanto a materiais de construção, cabe-nos destacar o fragmento de pavimento ou reboco de parede, em argila, decorado, com impressões, registado em Moldes (Fig. 1.117).

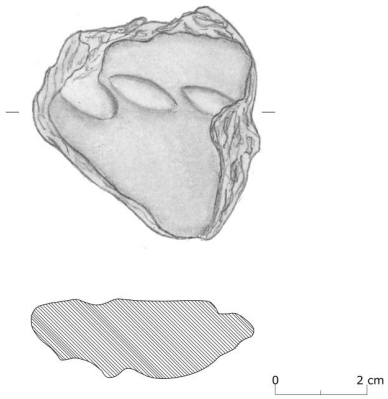


Fig. 1.117 Pavimento ou reboco de parede decorado de Moldes.

Quanto aos materiais metálicos temos de referir várias fíbulas, algumas indeterminadas, outras de tipo 50.1a ou Fowler, datáveis genericamente do séc. II a.C., registadas em Moldes (Fig. 1.118).



Fig. 1.118 Fíbula tipo Ponte 51.1.

Há, também, restos de sítulas e coador de vinho, em bronze, todos datáveis genericamente desta fase (Fig. 1.119).



Fig. 1.119 Extremidade de sítula, coador de vinho e machado em ferro (desenhos de Almeida 1980a).

Ainda no que respeita aos materiais metálicos merece natural destaque a existência de uma deposição ou esconderijo, em Moldes (Almeida, 1980a). Neste, encontravam-se dois capacetes de tipo Monfortino B (Silva, 1986, 2007) (Fig. 1.120), duas asas de sítula, praticamente intactas, um machado de ferro e, nas proximidades, três copos de tipo Idria (Fabião, 1999) (Fig. 1.120), entre material anfórico. De referir que as decorações presentes nesses capacetes, com motivos comuns na cerâmica indígena (Silva, 1986: 181-182), demonstram que terão sido realizados, se não neste povoado, pelo menos, no Noroeste português (Almeida 1980a: 248). O significado desde achado é problemático. Será um esconderijo devido a instabilidade relacionada com conflitos militares (Almeida 1980a, 1980b, entre outros), material para refundição (Almeida 1980a), resultado de saques (Fabião, 1999: 172), deposição estruturada ligada com o mundo ideológico destas comunidades após a celebração de atos de importância coletiva ou depósitos funerários, como era costume na Península Itálica, tal como nos lembra Fabião (1999).

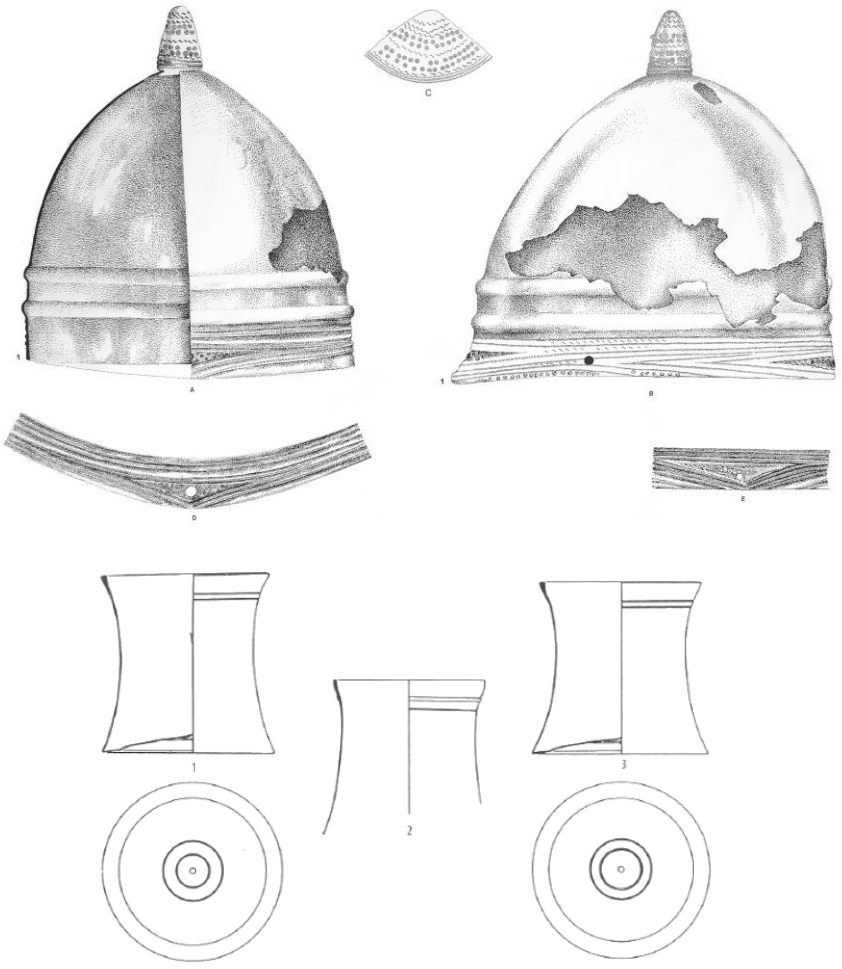


Fig. 1.120 Capacetes tipo Mofortino B (Silva, 2007, Est. XCII, 1, adaptado) e copos, em bronze, de tipo Idria (Almeida, 1980a, adaptado).

Quanto aos materiais líticos devemos referir a existência de mós rotativas, em Moldes.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Em termos económicos, o estudo dos materiais dos povoados considerados é muito útil para compreender o alcance e a diversidade económica dos mesmos.

Desde logo, registamos uma grande variedade de formas cerâmicas neste período o que parece conduzir a uma certa especialização das peças produzidas. Neste âmbito, devemos destacar os cossoiros que denotam a existência da atividades ligadas com a tecelagem, registada tanto em Moldes como no Monte da Suvidade / Belinho.

A existência de mós rotativas permite-nos a ligação a atividades de subsistência das comunidades, neste caso a moagem de cereais e/ou de frutos secos. Também as talhas indiciam a necessidade de grandes contentores para guardar excedentes.

Deverá ter continuado a exploração do sal marinho, documentada no período anterior, pela presença de pias salineiras em Moldes.

O consumo de produtos em metal, em Moldes, terá sido levada ao seu expoente máximo, pela diversidade funcional dos artefactos: coador de vinho, sítulas, capacetes, copos/taças. Quanto à função dos capacetes, altamente decorados e de textura fina (entre 0,4 e 0,6 cm), não parecem terem servido como elementos defensivos, mas sim, como elementos de ostentação e demonstrativos de poder, prestígio e de identidade, já que a decoração ostentada relaciona-se diretamente com a decoração existente na cerâmica indígena, segundo Almeida (1980a e 1980b; Silva, 1986: 181, entre outros). Tal ilação relaciona-se com o facto de que o que designamos por "decoração" nunca o é, no sentido atual do termo, devendo ser encarada com uma linguagem de símbolos altamente significantes, tal como defende Renfrew (1994), Hodder (1989=2004), Alarcão (1996), entre outros (Fig. 1.121).



Fig. 1.121 Decorações incisas, e impressas na cerâmica que parecem estar representadas em parte na decoração das abas, espigão e contorno dos capacetes em bronze de Moldes.

Quanto aos copos de tipo Idria, raros no contexto do Noroeste português, a dúvida que persiste é a de sabermos se são produções locais ou importações meridionais. Pela sua raridade, talvez sejam de origem meridional, podendo ter sido introduzidos através do intercâmbio ou resultarem de um saque (Fabião, 1999: 172). A este propósito, recorda Fabião (1999: 184) que estas peças têm uma cronologia tardia, entre 15 e 9 a.C., com paralelos ao conjunto de Dangsrerten e, reconhecidamente, tidos como objetos residuais (Feugére, 1991b: 55). A utilização deste tipo de peças poderia ser realizada em contextos cerimoniais, tal como refere Fabião (1999: 194) e como descreve Estrabão (Livro III, cap. 3, 6 e 7, conforme Deserto e Pereira, 2016: 63-64)[54].

Esta cronologia é concordante com a moeda do tipo *caetra,* registada nas terras revolvidas deste depósito, que também será de importação.

Notamos em Moldes, dois tipos de materialidades importadas: as de carácter supra-regional, como os contentores anfóricos, tardo-republicanos romanos e o material fino, de uso de mesa, de tipo campaniense, veiculados por agentes romanos (mercadores, viajantes ou mesmo militares que percorriam esta área geográfica, no sentido de trocarem produtos endógenos ou produções locais, por produtos comestíveis transportados em ânforas) e as de carácter regional, com materiais oriundos de entre as Rias Baixas Galegas e o rio Âncora.

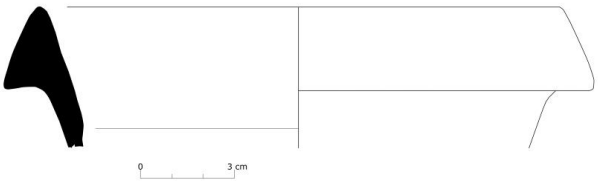
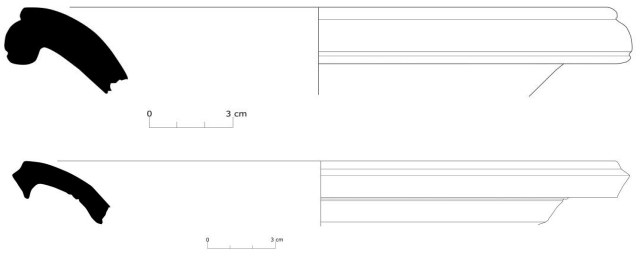
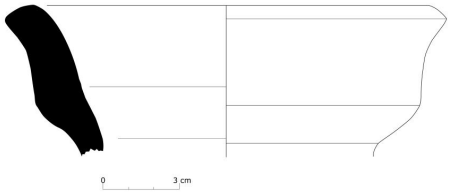
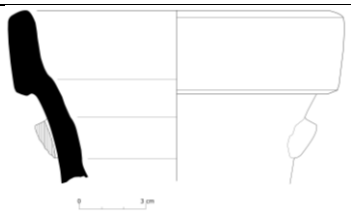
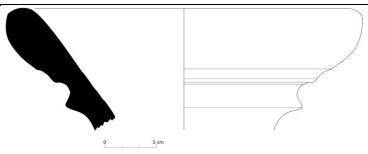
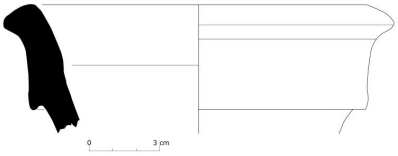
No primeiro caso, ao contrário de outras zonas estudadas neste trabalho, não são apenas novos costumes alimentares que parecem começar a fazer parte da dieta destas comunidades, mas também a forma de os consumir. Notamos assim, em Moldes, o aparecimento de materiais finos de mesa (produzidos na área da Campânia), como é o caso de taças e jarros com engobe negro, relativamente raros no contexto litoral da região em estudo.

Ao nível dos contentores cerâmicos devemos destacar as formas mais antigas, como as T.7.3.4.4. (T-7.4.3.3) (de produção da baía de Cádis), segundo Rámon Torres (1995). Após o estudo que realizámos aos materiais anfóricos deste sítio, identificámos seis tipologias diferentes de contentores, com várias proveniências (Península itálica, área de Cádis, Bética e vale do Guadalquivir). Porém, o que nos interessa é sabermos os diversos produtos que estes contentores continham, porque tal permite conhecer a introdução de novidades alimentares e de novos hábitos e comportamentos, adotados pelas populações indígenas dos finais da Idade do Ferro regional. Assim, os diferentes tipos de contentores anfóricos transportavam vinho (tipo Dressel 1),

[54] Utilizamos uma das últimas traduções de Estrabão, para português, realizada por Jorge Deserto e Susana Pereira, e editada pela Impresa da Universidade de Coimbra, em 2016.

preparados piscícolas (tipo T-7.4.3.3), vários tipos de produto em ânforas multiuso (Ovóide 1 e Ovóide 4). Devemos, ainda, acrescentar uma quantidade apreciável de ânforas de tipo Haltern 70 (uma tipologia de ânfora multiuso, normalmente relacionada com o transporte de vinho). O tipo Dressel 12 (oriundo da Bética costeira) transportaria, também, preparados piscícolas (González Cesteros, 2012) (Tab. 1.15).

Tabela 1.15 Materiais anfóricos do estuário do Neiva, no Ferro Recente, segundo produto transportado

Produto transportado	Ânforas	
Vinho ou derivados	Dressel 1	
Preparados Piscícolas	T-7.4.3.3	
	Dressel 12	
Multiuso	Haltern 70	
	Ovóide 1	
	Ovóide 4	

Quanto aos materiais finos de mesa destacamos, em Moldes, quatro fragmentos de campaniense de dois tipos de fabrico: campaniense A e B. No primeiro fabrico, incluímos o tipo 34a. No segundo fabrico, incluímos as tipologias 10 e bases dos tipos 6 e 7 (segundo Lamboglia, 1952). De referir que Marques (2012) já tinha alertado para a existência deste tipo de material, mas o estudo agora efetuado veio elevar a quantidade de amostra conhecida anteriormente (Fig. 1.122).



Fig. 1.122 Cerâmica itálica de verniz negro em Moldes: a) base do tipo de produção A (?) e fragmentos de produção B; b) fragmento de fundo de pé alto de tipo 6, c) fragmento de fundo de pé alto de tipo 7, d) asa de jarro de tipo 10.

Além do intercâmbio perpetrado por navegadores, entre outros viajantes, a existência dos capacetes e da moeda romana, ainda datável do séc. I a.C., possibilita equacionar a hipótese de que, de Moldes, poderiam ter partido alguns elementos da comunidade para adensar as tropas romanas em diferentes incursões na Península Ibérica, o que poderia justificar o aparecimento de

materiais de grande simbolismo e prestígio, como os capacetes, a moeda e os vasos. Tal poderia, ainda, explicar o gosto por determinados produtos exóticos de mesa, raros noutras áreas do Noroeste português.

Tendo em conta os dados agora tido em conta, parece-nos evidente que Moldes, pelo menos nesta faixa costeira, terá sido um dos principais, se não mesmo, o protagonista na receção e difusão de materiais exógenos, provavelmente com o papel de distribuição dessas novidades alimentares e materiais pela restante bacia do Neiva.

Apesar da falta de publicações já referidas sobre as escavações ocorridas no povoado de Carmona, a 12 km de Moldes, para o interior do vale do Neiva, aí apareceram materiais de importação romanos, nomeadamente contentores anfóricos[55] (Fig. 1.123), como, pelo menos, uma asa de Haltern 70 oriunda da Bética, o que parece comprovar esta hipótese.



Fig. 1.123 Materiais importados do povoado de Carmona (fonte: https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=190478).

Além do intercâmbio local, no sentido oeste-este, as populações do estuário do Neiva, parecem ter estado implicadas no intercâmbio local com comunidades litorais mais a norte. Tal evidencia-se na presença de materiais cerâmicos típicos de entre as Rias Baixas Galegas e o rio

[55] https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=190478

Âncora. Referimo-nos bordos de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo e a do bordo reforçado de tipo Vigo (Fig. 1.124).

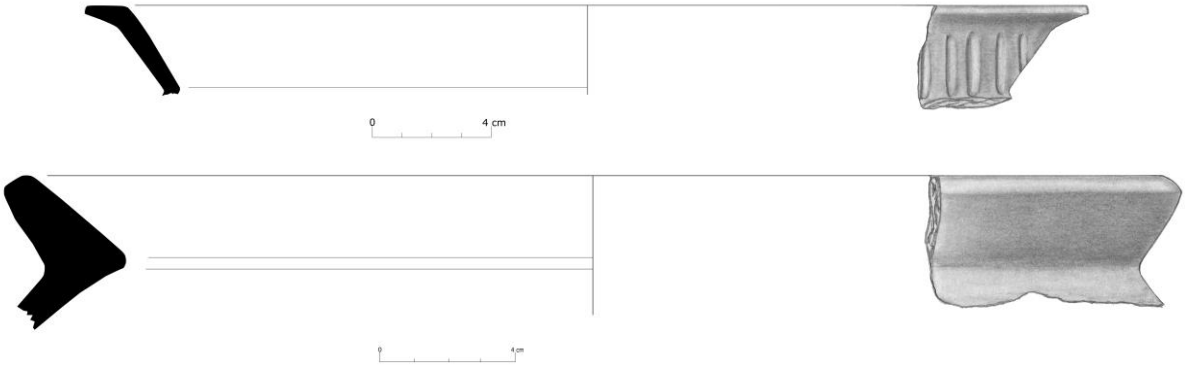


Fig. 1.124 Materiais importados em Moldes: bordos de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo; bordo reforçado tipo Vigo (Rias Baixas, Galiza).

Terminamos este capítulo referindo que, numa segunda fase de intercâmbio, já no fim da Idade do Ferro, surgem materiais finos de mesa de terra *sigillata,* tanto em Belinho como em Moldes, o que denuncia que estes dois povoados foram frequentados e partilhavam uma relativa importância económica, que permaneceu para o período imperial romano.

Lógica de povoamento e interpretações

Se, por um lado, temos pouca informação ao nível dos vários povoados existentes, no estuário do Neiva, por outro, a quantidade e qualidade de informação que temos para Moldes demonstra que, pelo menos, este povoado foi relevante neste período.

Parece que a comunidade fixada em Moldes se terá destacado, quer no seu desenvolvimento económico, quer nos contactos estabelecidos com outras áreas interiores e exteriores, servindo como ponto fulcral na troca de produtos oriundos do litoral norte e do interior (estanho, ouro, prata) e as novidades do mundo meridional, trazidas por navegadores e viajantes romanos, ou ao serviço dos romanos estabelecidos no sul.

Apesar de temos pouca informação para o Monte da Suvidade, a partilha do seu território pedestre de 120 minutos com Moldes, e a sua intervisibilidade poderão indiciar que continua a existir complementaridade económica entre os dois locais e complementaridade no controlo e exploração de recursos das duas margens do Neiva, hipótese que é necessário confirmar no futuro com novas investigações neste povoado.

O aumento dos contactos e do consumo e ostentação de materiais e alimentos exóticos, em Moldes e provavelmente Monte da Suvidade / Belinho indiciam o desenvolvimento de elites e poderão relacionar-se com o número de muralhas (cinco[56] em Moldes e três em Belinho), o que lhes conferia monumentalidade e os tornava muito bem defendidos

Estarão as sítulas e as cerâmicas finas de mesa, com os seus possíveis múltiplos usos de Moldes, associados a cerimónias de comensalidade ou ao uso restrito de elites locais? Esta é uma questão que continua em aberto.

2.7. INTERFLÚVIO NEIVA-CÁVADO

Neste interflúvio conhecem-se dois povoados: o da Cova da Bouça / Monte de Sanfins e o da Nossa Senhora da Paz. Porém, apenas temos alguns cronológico-culturais para o Monte de Sanfins.

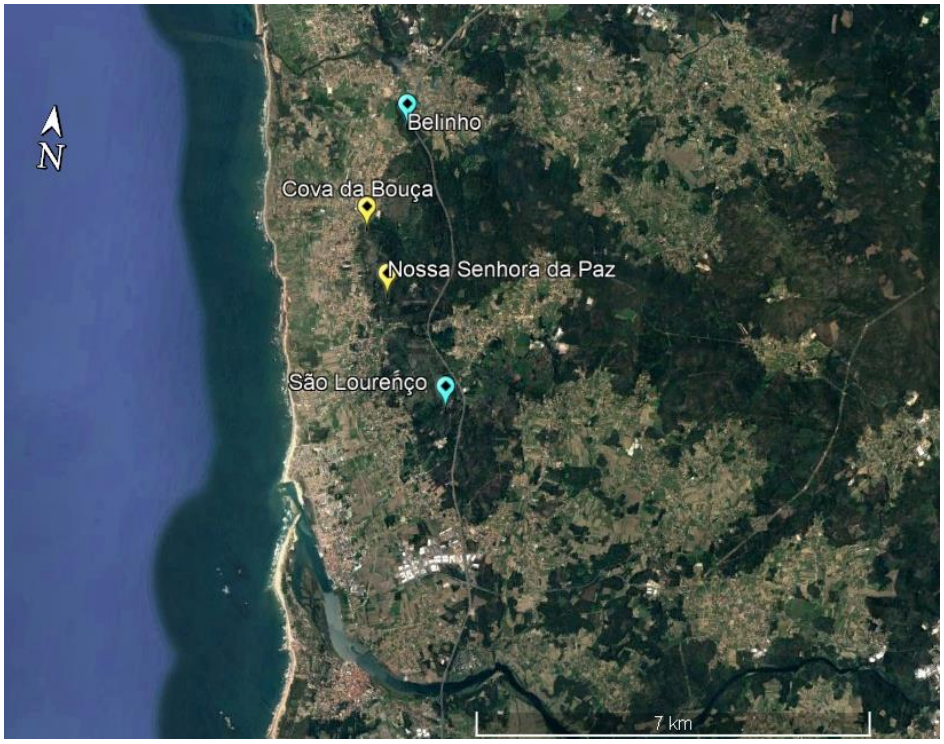


Fig. 1.125 Povoados no estuário do Neiva e interflúvio Neiva-Cávado (Imagem: Google Earth).

[56] Alguns destes panos de muralha podem ser já da Idade Média.

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

Os achados que indiciam a ocupação indiscutível do Monte de Sanfins no Bronze Final são muito recentes e relativos a achados metálicos e de alguns fragmentos cerâmicos encontrados na escorrência de um caminho do alto da vertente Noroeste, em área onde existem taludes (Bettencourt e Guedes, 2023).

Distribuição geográfica e análise espacial

O Monte de Sanfins implanta-se num relevo dominante da arriba fóssil de Esposende, sendo amplamente visível deste o oceano (isto para os navegantes ou para quem circulasse na plataforma litoral) e desde Santa Luzia e de Moldes (localizados nas fozes do Lima e Neiva), assim como desde sul. Trata-se, como afirmam Bettencourt e Guedes (2023) de "um verdadeiro marcador espacial na paisagem costeira" (Fig. 1.126). A partir deste local observar-se-iam as movimentações existentes no oceano e na plataforma litoral.



Fig. 1.126 O Monte de Sanfins visto de sudoeste (Cortesia de A. Bettencourt e Guedes, 2023).

Articulação com recursos naturais e com as vias naturais de circulação

As populações deste povoado poderiam articular-se com os recursos de vale, de monte e marinhos, bem como controlar duas importantes vias de circulação: a marítima e a da plataforma litoral. Devemos salientar que, pelos achados metálicos do Bronze Final do Monte de Sanfins denota-se que alguns recursos minerais metálicos (como o estanho) deviam circular, de forma

mais ou menos genérica, entre áreas mais interiores dos cursos do Neiva e do Cávado e daí, pela plataforma litoral. A possibilidade de exploração de sal era real neste período.

Materiais cerâmicos locais e metálicos

No que concerne aos materiais apenas se conhecem alguns fragmentos cerâmicos de superfície, consentâneos com as características técnicas da Idade do Bronze, bem como um fragmento de um machado de alvado, em bronze e de um pendente em forma de sanguessuga ou xorca (Bettencourt e Guedes, 2023) (Fig. 1.127).

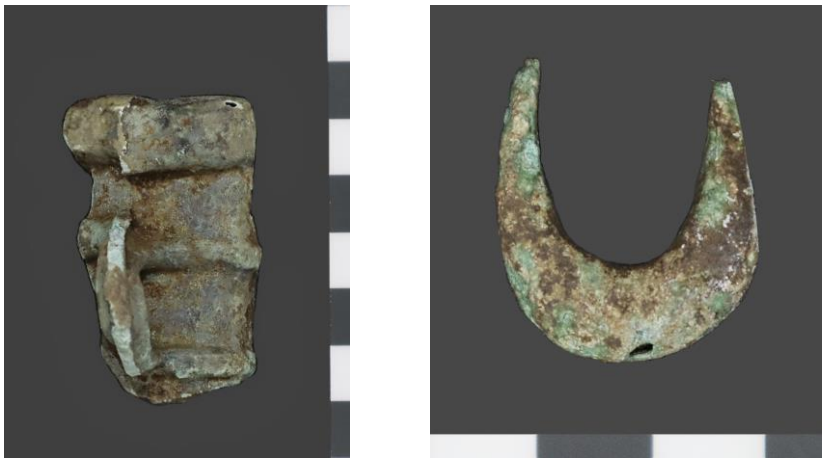


Fig. 1.127 Fragmento de machado de alvado e pendente em forma de sanguessuga (Bettencourt e Guedes, 2023).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Os dados de que dispomos são bastante incipientes para traçar de forma extensa os aspetos funcionais e económicos desta comunidade. Ainda assim, de forma muito genérica, podemos referir que teria possibilidades de estar ligada a uma multiplicidade de recursos marítimos, fluviais e de vale e monte, estando, provavelmente, inserido no intercâmbio local com o interior, o que lhe permitiu acesso aos materiais metálicos ou ao minério para os fazer.

É ainda provável que explorasse o sal em pias amovíveis, no litoral, como o indiciam as novas datas de radiocarbono, dos inícios do Bronze Final, associadas a pias salineiras amovíveis encontradas na praia de Rio de Moinhos (Sousa 2022; Bettencourt e Sampaio, 2023), a cerca de 1 km para sudoeste deste povoado (Fig. 1.128).



Fig. 1.128 Localização genérica da área dos achados em Rio de Moinhos, em Esposende (Sousa, 2022, adaptado em Bettencourt e Sampaio, 2023). Pias salineiras da Praia e Rio de Moinhos (cortesia de Sérgio Monteiro Rodrigues em Bettencourt e Sampaio, 2023).

Lógica de povoamento e interpretações

Bettencourt e Guedes (2023) defendem que este povoado corresponde a um local "de encontro entre populações locais e exógenas" e que estaria articulado, provavelmente, com a estátua-menir, implantada na plataforma litoral, a oeste do povoado (Bettencourt *et al.,* 2020). É importante também referir o seu amplo domínio sobre o litoral, e a sua possibilidade de articulação com outros povoados do Neiva e até da foz do Lima no controlo visual da navegação marítima (Fig. 1.129).

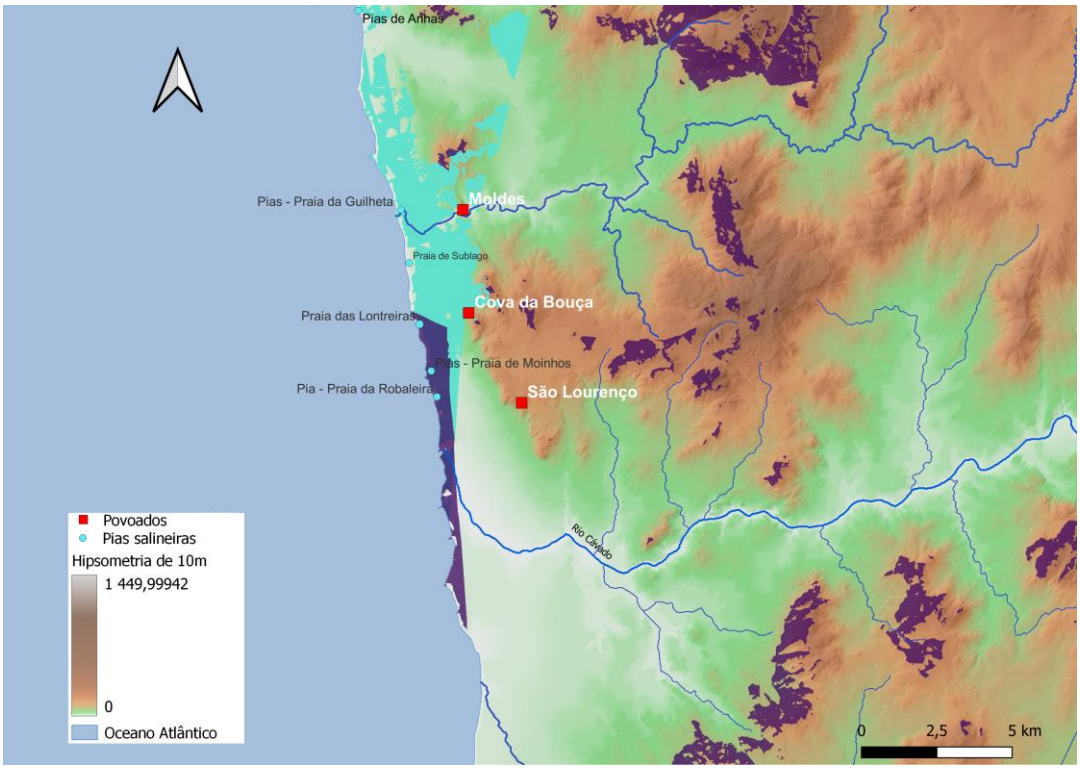


Fig. 1.129 Visibilidade da Cova da Bouça: a azul visibilidade a partir do lugar da Cova da Bouça e a lilás visibilidade a partir do topo do Monte Sanfins (visibilidade num raio de 30 km).

b) IDADE DO FERRO

Certamente que este povoado teve uma importância estratégica no controlo do oceano e na circulação da plataforma litoral, entre as fozes do Neiva e do Cávado, durante a Idade do Ferro, mas não sabemos a sua cronologia específica, durante este período genérico o que dificulta uma análise pormenorizada.

2.8. ESTUÁRIO DO RIO CÁVADO

No âmbito geográfico do estuário do Cávado tivemos em consideração um total de quatro povoados: São Lourenço, Senhor dos Desamparados, Alto da Torre e Faria (Fig. 1.130).



Fig. 1.130 Povoados no estuário do Cávado (imagem: *Google Earth*).

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

Devemos ter em conta dois povoados com ocupação do Bronze Final, são eles: **Faria** (Bettencourt, 1999, 2000c) e **São Lourenço** (Almeida, 1996; Almeida e Almeida, 2015). De destacar uma sepultura em cista, no Lugar da Igreja (Padaria), em Curvos, onde foi depositada uma taça carenada de superfícies polidas que Bettencourt (1997, 1999, vol. 2a: 269) considerou deste período cronológico-cultural. Há ainda a referir as pias salineiras da Praia de Rio de Moinhos, Marinhas (Sousa, 2022) datadas pelo radiocarbono deste período (Bettencourt e Sampaio, 2023).

Distribuição geográfica e análise espacial

No que concerne à implantação geográfica de Faria, este encontra-se num remate de esporão do Monte da Franqueira de onde observaria plenamente a foz do Cávado e o seu estuário. Pela altitude a que se situa, observaria, também, São Lourenço e parte do litoral, até à serra de

Rates, embora fique a uma distância considerável do litoral (12 km). O outro povoado é o de São Lourenço que, pela sua posição, tem uma visão privilegiada sobre o oceano, com grande visibilidade para sudoeste (nomeadamente para o povoado de São Félix), oeste e para noroeste, embora com menor ângulo. Deste, também se controla, visualmente, a plataforma litoral, que seria a foz antiga do rio e o estuário (Fig. 1.130).

Quanto à configuração da foz do Cávado, sabemos que, entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, parece provável que a sua foz se situasse mais para sul do que atualmente (Teixeira *et al.,* 1969; Granja e Morais, 2010: 66). De salientar, ainda, a existência da lagoa da Apúlia, o único ponto do noroeste do litoral português, onde ainda se encontra um ambiente lagunar costeiro ativo. Este ambiente fazia parte de um sistema lagunar holocénico que existiu, a norte e a sul deste rio, e que esteve presente, de forma muito evidente, até à época romana (Granja *et al.,* 2009).

Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação

Quanto aos recursos mineiros metálicos, explorados na Idade do Bronze, devemos mencionar o estanho de aluvião (na freguesia de Milhazes) (Teixeira *et al.,* 1969), a 2 km para sudoeste de Faria, e uma importante jazida de ouro (na área de Lagoa Negra, freguesia de Estela, concelho da Póvoa de Varzim) (Teixeira *el al.,* 1965), a 7 km a sudoeste de Faria e a 23 km de S. Lourenço (Fig. 1.131). No entanto, nas cercanias de S. Lourenço conhecem-se várias jazidas primárias de volfrâmio, referidas em Teixeira *et al.* (1969).

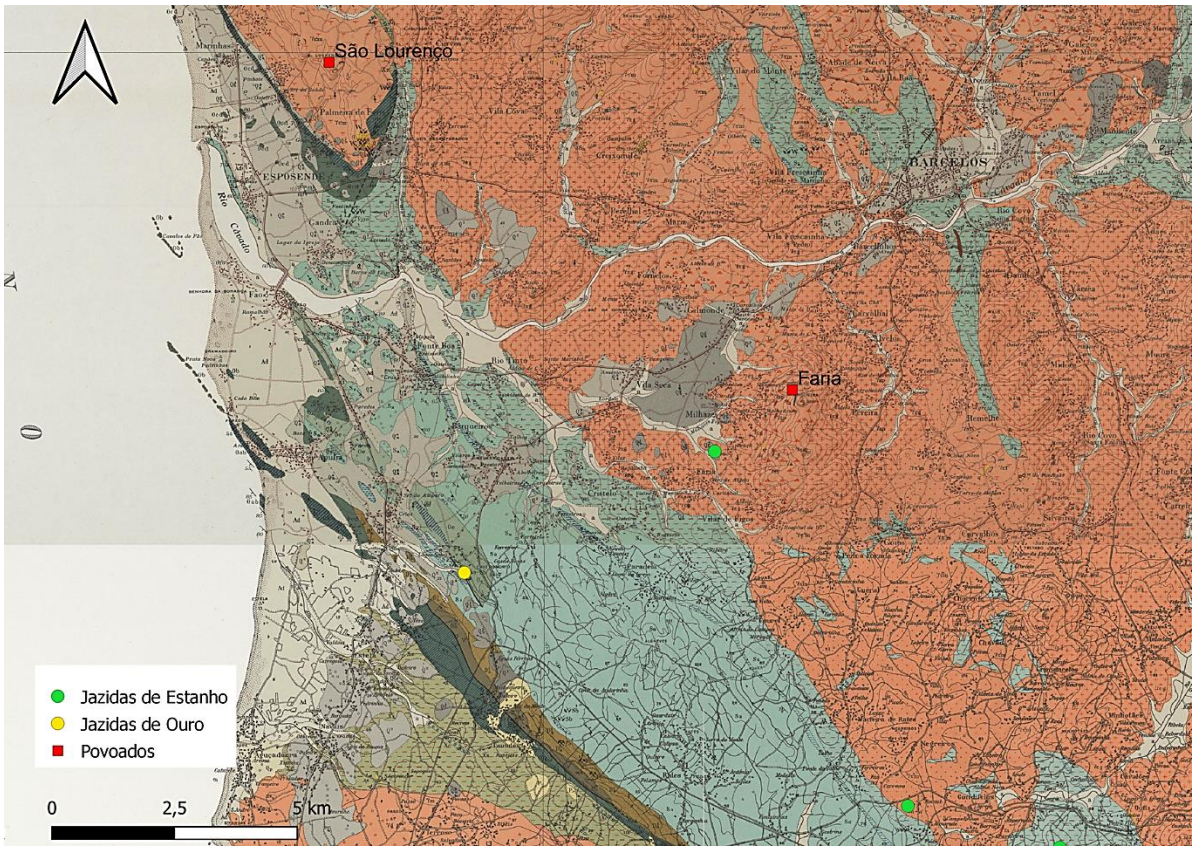


Fig. 1.131 Recursos mineiros metálicos importantes para a Idade do Bronze, presentes na área do estuário do Cávado.

Quanto aos recursos mineiros não metálicos, destacamos a possibilidade de exploração de sal na costa. São várias as pias salineiras, descontextualizadas, encontradas em diversas praias do concelho de Esposende, consideradas por (Bettencourt *et al.,* 2020, 2021), como da Idade do Bronze. A norte do Cávado referimos as praias de Cepães (inédita)[57], Robaleira (Bettencourt *et al.,* 2020, 2021) e praia de Rio de Moinhos (Sousa, 2022; Bettencourt e Sampaio, 2023), estas datadas do Bronze Final, por radiocarbono, por Sérgio Monteiro Rodrigues (Bettencourt e Sampaio, 2023), a 2,8 km para oeste e 3 km para noroeste de São Lourenço. Na margem sul da foz do rio Cávado, destacam-se as pias salineiras das praias da Apúlia e da Estela (Bettencourt *et al.,* 2020, 2021), a cerca de 9 km a sul de S. Lourenço. De referir que em São Lourenço foram registadas várias pias amovíveis no topo do povoado e na zona T (Almeida e Almeida, 2015, vol. I: 102, vol. II: 223) já em contextos cronológico-culturais mais recentes, provavelmente reaproveitadas (Fig. 1.132). De referir que de fronte para São Lourenço foram registados, recentemente, três sítios com pias salineiras, na praia da Robaleira, Moinhos e Lontreiras (Bettencourt *et al.,* 2020), que

[57] Agradecemos esta informação a Ana M. S. Bettencourt.

seriam exploradas, provavelmente, por essa comunidade, dada a sua proximidade (Figs. 1.132, 1.133).

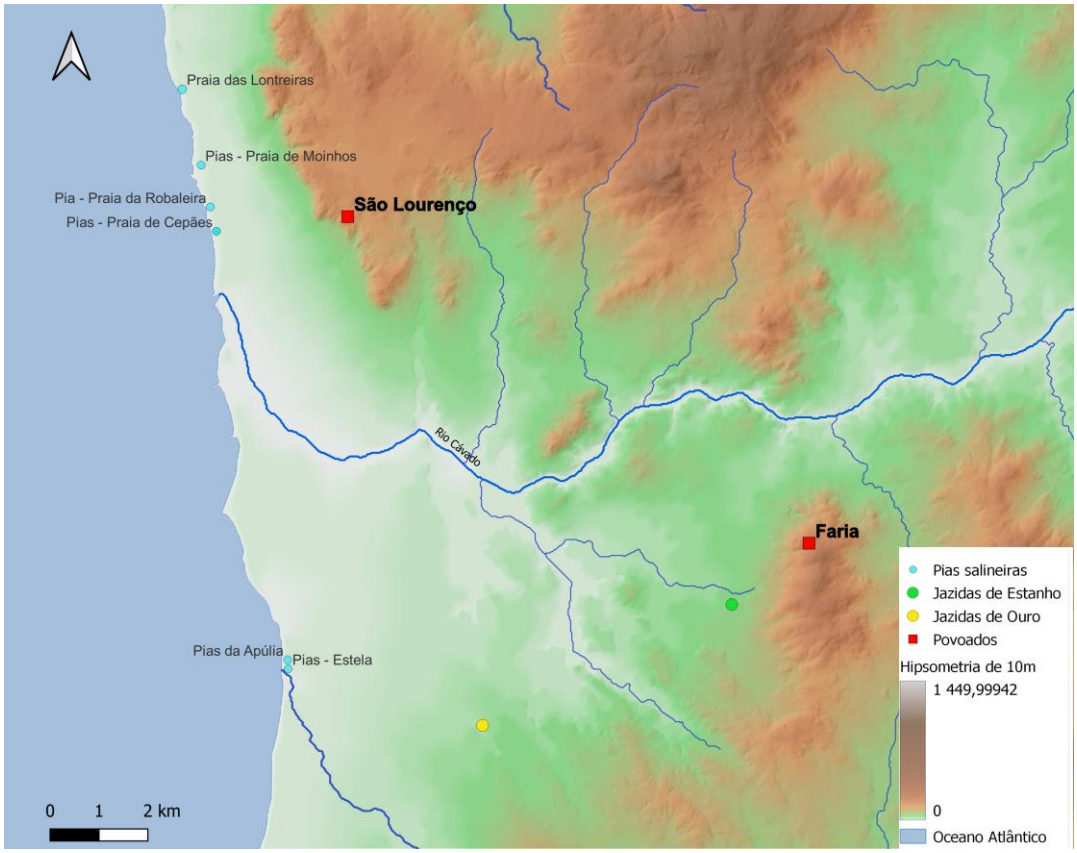


Fig. 1.132 Localização das pias salineiras existentes na área próxima ao estuário do Cávado.



Fig. 1.133 Pias salineiras da praia de Rio de Moinhos, Esposende (cortesia de Sérgio Monteiro-Rodrigues, in Bettencourt e Sampaio, 2023) e pia salineira amovível encontrada no povoado de S. Lourenço (Almeida e Almeida, 2015, vol. II: 223, adaptado).

A plataforma litoral a norte e a sul do rio, bem como o Cávado, permitiriam, com facilidade, a circulação de pessoas e matérias-primas, por meio terrestre e fluvial, respetivamente. O rio podia ser navegável, por navios de grande porte, até 6 km a partir da foz até Vilar de Frades. Seria, também, navegável por pequenas embarcações até à Afurada, freguesia de Pousa (Barcelos), como promovam documentos do séc. XVIII (Castelo-Branco, 1979: 304; Losa, 1983: 101; Bettencourt, 1999, vol. I: 171).

Materiais cerâmicos locais e metálicos

Quanto ao material cerâmico no que diz respeito a São Lourenço são de referir alguns materiais datáveis, genericamente, do Bronze Final[58] (Almeida, 1996, vol. IV: 46-122; Almeida e Almeida, 2015), que Bettencourt (1999, vol. 2a: 284) refere que provém de uma plataforma da encosta norte e contígua à acrópole e da vertente oeste, admitindo que possa ter existido uma ocupação nesta fase na plataforma superior. Entre os materiais destaca exemplares da forma 1 e 10.

Em Faria, a par de estruturas perecíveis nos sectores A e C foi estudada uma coleção, de cerca de 800 fragmentos datáveis genericamente do Bronze Final, pelas suas características técnicas e morfológicas (Bettencourt, 1999, vol. 2a: 361-389; 2000c: 47-84). Este conjunto corresponde a produções de fabrico manual, pasta arenosa ou arenosa-micácea, de textura grosseira ou fina, cozeduras redutoras e de cores acastanhadas, por vezes com manchas mais escuras. Os acabamentos são alisados e polidos, ocorrendo estes na chamada "louça fina" deste período, o que é uma característica do Bronze Final, segundo Martins (1990) e Bettencourt (1999, 2000c). Registou-se, ainda, uma variedade formal interessante: potes (formas 1 e 2), taças carenadas (formas 12), potinhos/púcaros (formas 10), malgas (forma 22) e, ainda, dois exemplares de panelas de asa interior (forma 18), em pasta arenosa, que Bettencourt (1999, 2000c: 50-51) considerou do Bronze Final (Fig. 1.134).

[58] Os materiais de São Lourenço carecem ainda de estudo detalhado para este período cronológico-cultural.

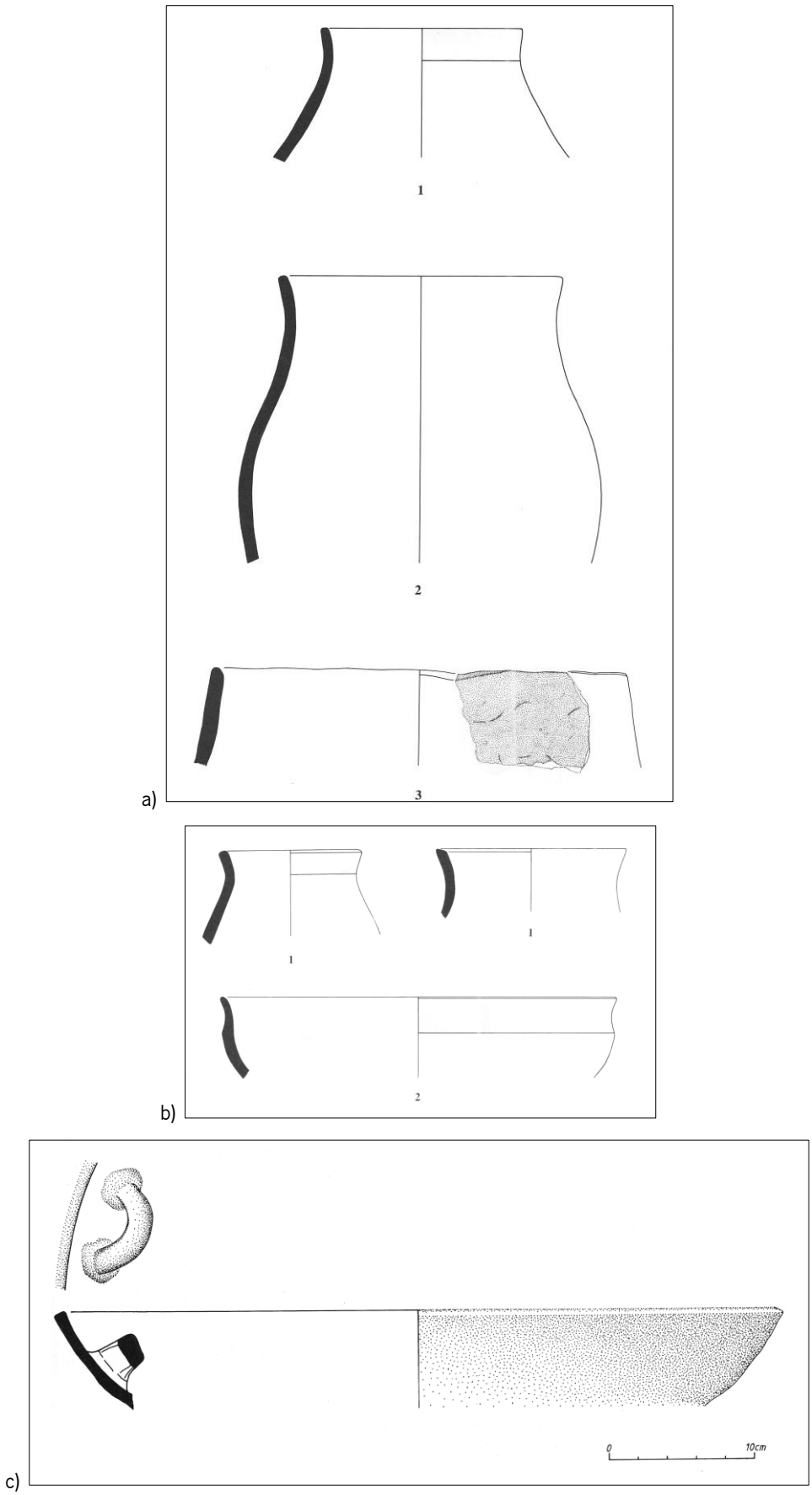


Fig. 1.134 Materiais da Idade do Bronze Final de Faria: a) potes; b) potinhos/púcaros e taça carenada; c) panela de asa interior (Bettencourt, 2000c, adaptado).

Quanto a materiais metálicos sabemos que, em Faria, apareceu um pendente em forma de "sanguessuga" ou xorca e um provável coto de lança, em bronze, materiais que confirmam a ocupação do Bronze Final deste povoado, embora não se conheça o seu paradeiro (Bettencourt, 2000c: 48).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Em termos económicos é certo que as comunidades que aqui se estabeleceram explorariam os recursos agro-silvo-pastoris proporcionados pelo vale e pelo monte, em Faria, e pelo planalto e monte em São Lourenço. Os recursos fluviais deveriam ter sido explorados por ambos os povoados, devido ao seu posicionamento geográfico. De referir que a comunidade de Faria poderia ter explorado as jazidas de estanho, a cerca de 30 minutos pedestres, e de ouro, a menos de 2 horas pedestres (Fig. 1.136). Por outro lado, a comunidade de São Lourenço deveria ter-se dedicado, também, à exploração de sal marinho, entre outros recursos marinhos e lagunares (Fig. 1.137).

Quanto ao intercâmbio suprarregional não temos quaisquer dados que o comprovem, já que mesmo os brincos tipo sanguessuga ou xorca podem revelar algum grau de intercâmbio regional (como vimos para o estuário do Minho), mas o estudo dos materiais deste período ainda está por fazer para S. Lourenço.

No curso médio do Cávado encontramos, em S. Julião (Bettencourt, 1999; 2000b: 34, 37), duas contas de colar de pasta vítrea, uma amarelada e outras duas contas de colar de níveis da Idade do Bronze Final. Na estação da Falperra (Braga) (Bettencourt, 1999, 2000c: 147) foi encontrado um pequeno fragmento decorado por ornatos brunidos o que nos parece ser, uma vez mais, um indicador de influências meridionais no interior do vale do Cávado.

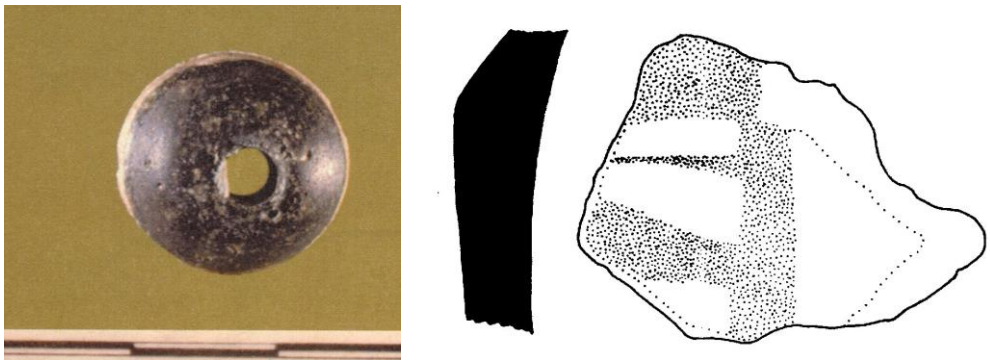


Fig. 1.135 Contas de colar de níveis do Bronze Final de S. Julião (Vila Verde) (Bettencourt, 2000b, estampa CIV, 1, CV, 2, adaptado; fragmento decorado por ornatos brunidos (Bettencourt, 2000c: 176, estampa XVI, 3).

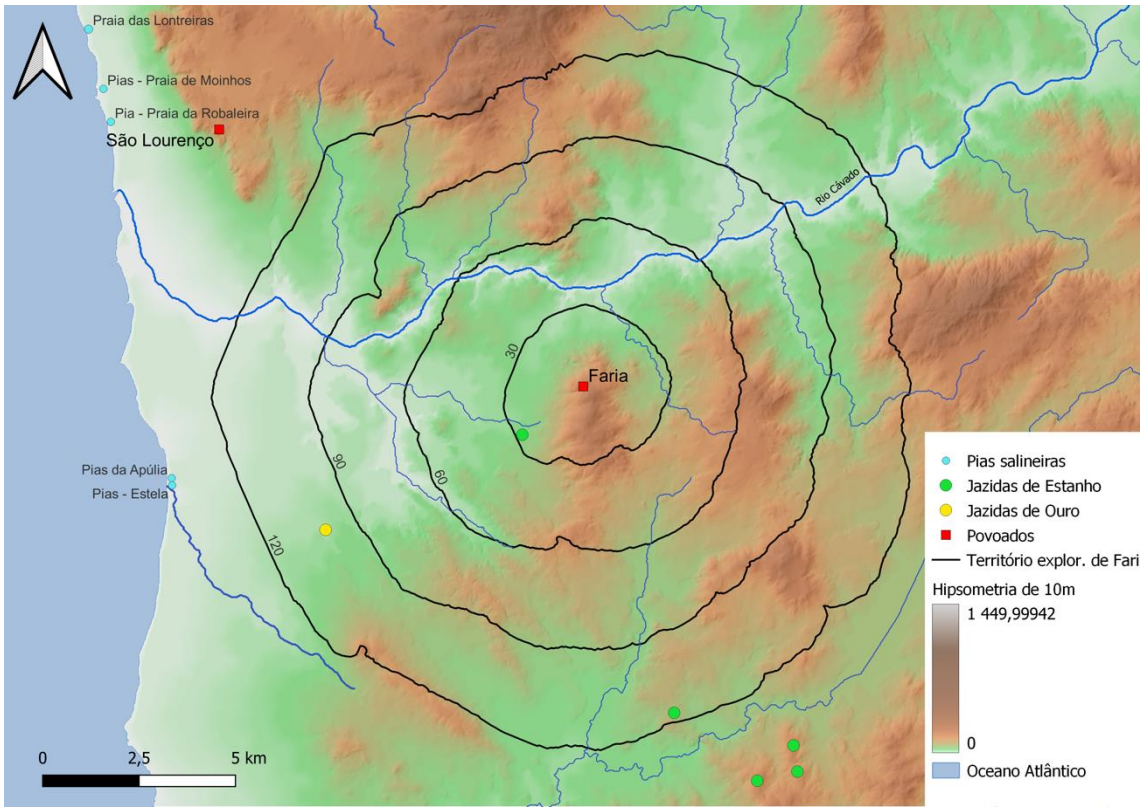


Fig. 1.136 Território de exploração potencial de Faria, de 2 horas pedestres (com linhas isócronas de 30 minutos).

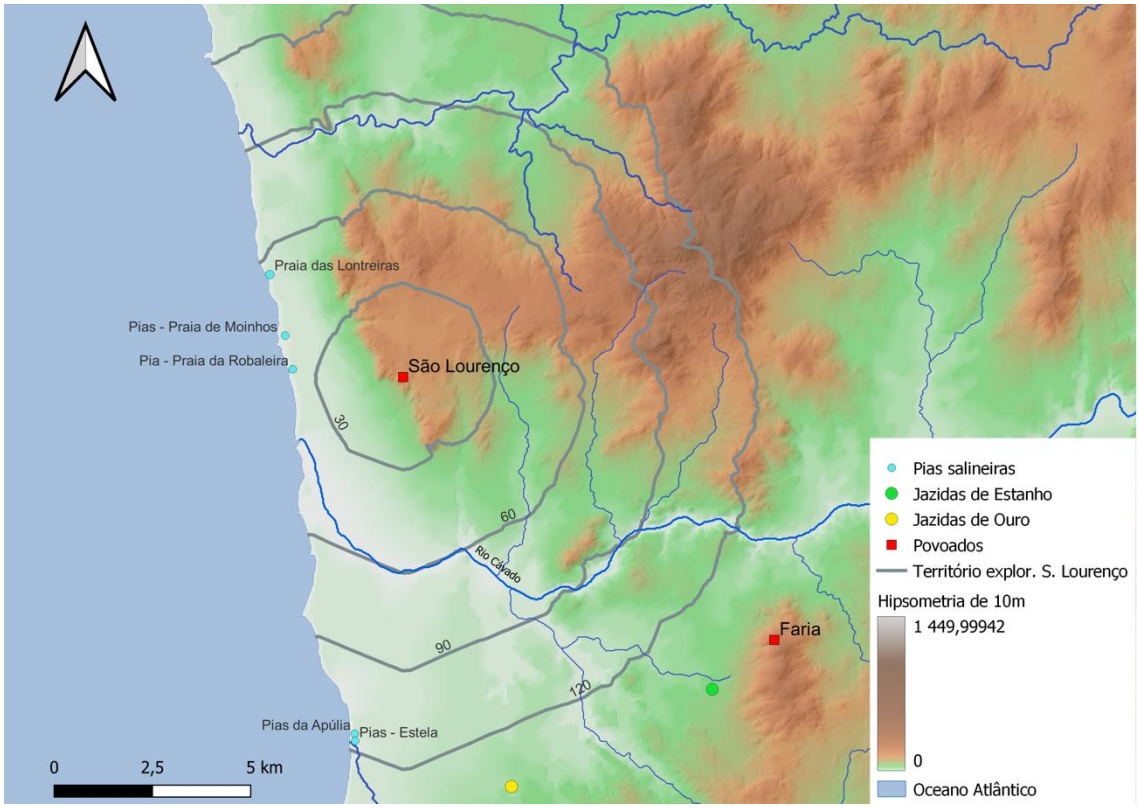


Fig. 1.137 Território de exploração potencial de São Lourenço, de 2 horas pedestres (com linhas isócronas de 30 minutos).

Lógicas de povoamento e interpretações

Apesar de São Lourenço e Faria estarem separados por uma distância considerável (11,5 km) e em margens opostas do Cávado, estes dois povoados controlariam, visualmente, e mutuamente, uma grande área do estuário e o litoral oceânico, embora a proximidade da costa, no caso de S. Lourenço, possibilitasse um controlo costeiro mais efetivo (Fig. 1.138). Já Faria domina o estuário e o território para montante do Cávado, numa posição geoestratégica, entre o litoral e o interior (Fig. 1.139).

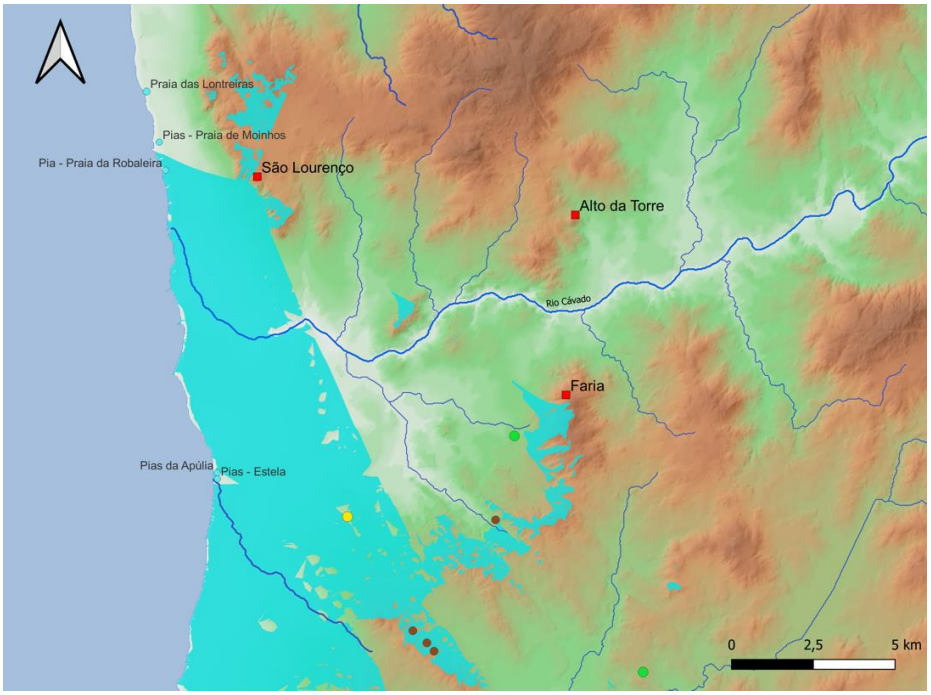


Fig. 1.138 Visibilidade a partir São Lourenço (mancha a azul-claro) (visibilidade num raio de 30 km).

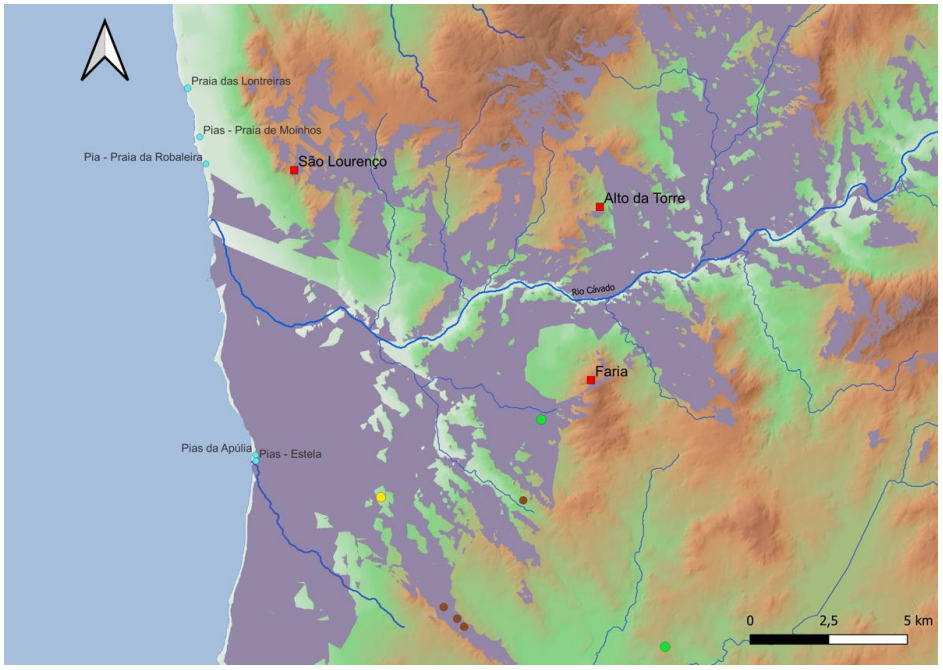


Fig. 1.139 Visibilidade a partir de Faria (mancha a roxo) (visibilidade num raio de 30 km).

Se tivermos em conta que estes dois povoados se observavam mutuamente e que os seus territórios de exploração teórica se intercetavam parcialmente, sobretudo a partir dos 60 minutos, é possível que estivessem articulados em rede e fossem complementares, por estarem em margens opostas, por terem acesso a diferentes recursos (minérios de estanho e ouro *versus* sal) e ao controlo de diferentes áreas geográficas que se entrelaçam.

b) IDADE DO FERRO ANTIGO

Caracterização da amostra

Para esta etapa ou período cronológico registámos mais um povoado, relativamente à fase anterior, o do Alto da Torre, em Barcelos, e a manutenção dos dois mencionados na fase precedente: Faria e São Lourenço (Fig. 1.140).

Para Faria os materiais que atestavam esta fase, previamente ao nosso estudo, estavam apenas relacionados com materiais de importação. Quanto a São Lourenço esta fase é comprovada pela presença de materiais de origem ática e por uma data de radiocarbono que, a 2 sigma, coloca uma das ocupações deste povoado, entre os inícios do séc. VIII e os inícios do V a.C. (Almeida, 1996). Em S. Lourenço, Bettencourt (1999: 285) também observou:

"cerâmicas de fabrico manual, de pasta micácea e de cozedura redutora. Neste encontrámos potes das formas 1, 1b, 1c e 2, potinhos/púcaros, panelas de asa interior e bases de fundo plano ou plano alargado curto, com paralelos nas fases IIA de S. Julião e Barbudo...".

Relativamente ao Alto da Torre, a escavação desde povoado decorreu em 1978 (Almeida *et al.,* 1980), embora apenas tenhamos dados pormenorizados, para a fase mais antiga que Bettencourt (1999: 1014; 2000c: 128-129), considerou do Ferro Antigo, após ter estudado estes materiais.

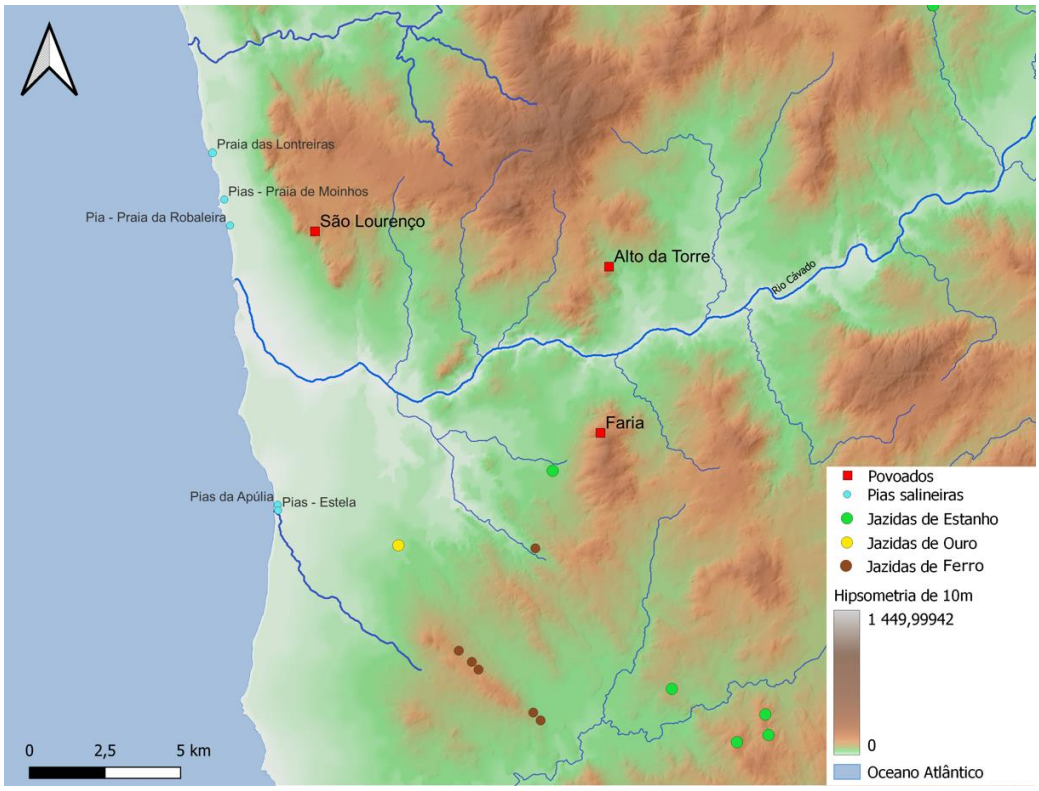


Fig. 1.140 Povoados com ocupação do Ferro Antigo, no estuário do Cávado, jazidas mineiras e vestígios de exploração de sal, descontextualizados.

Distribuição geográfica e análise espacial

Já nos referimos à posição geográfica de São Lourenço e de Faria no *item* prévio. Devemos, por isso, dar destaque ao Alto da Torre. Este fica localizado num remate de esporão da vertente nascente do Monte de Catulo, na margem norte do Cávado e a 2 km deste rio. Do seu topo, há visibilidade, essencialmente para este, sudeste, nomeadamente para o interior da bacia hidrográfica do Cávado, bem como para sul, o que lhe possibilita observar Faria (Fig. 1.142). Estes dois povoados estão a poucos quilómetros um do outro (5 km), observando e controlando todo o estuário. De referir que São Lourenço não observa o povoado do Alto da Torre e vice-versa (Figs. 1.141, 1.142, 1.143), embora os três se completem em termos do controlo do estuário e da área mais a montante da bacia deste rio.

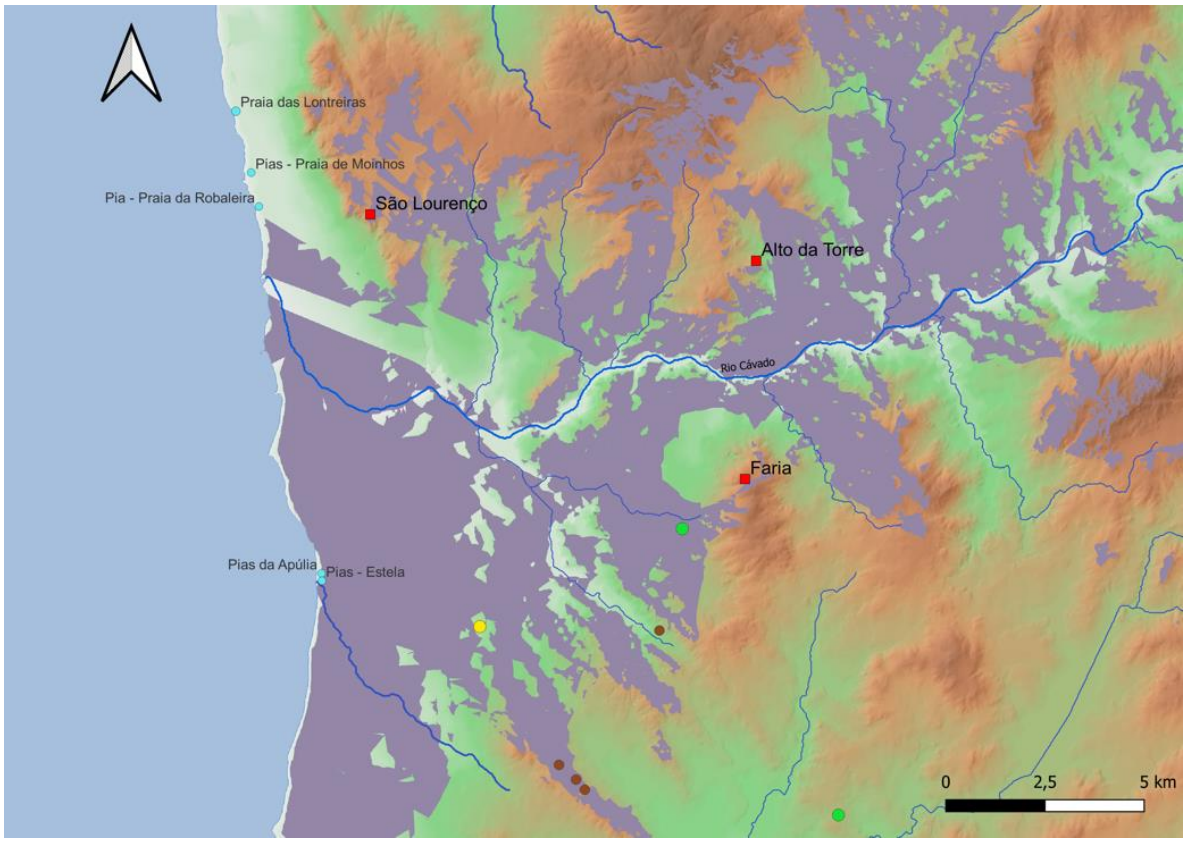


Fig. 1.141 Visibilidade a partir de Faria (mancha roxa) (visibilidade num raio de 30 km).

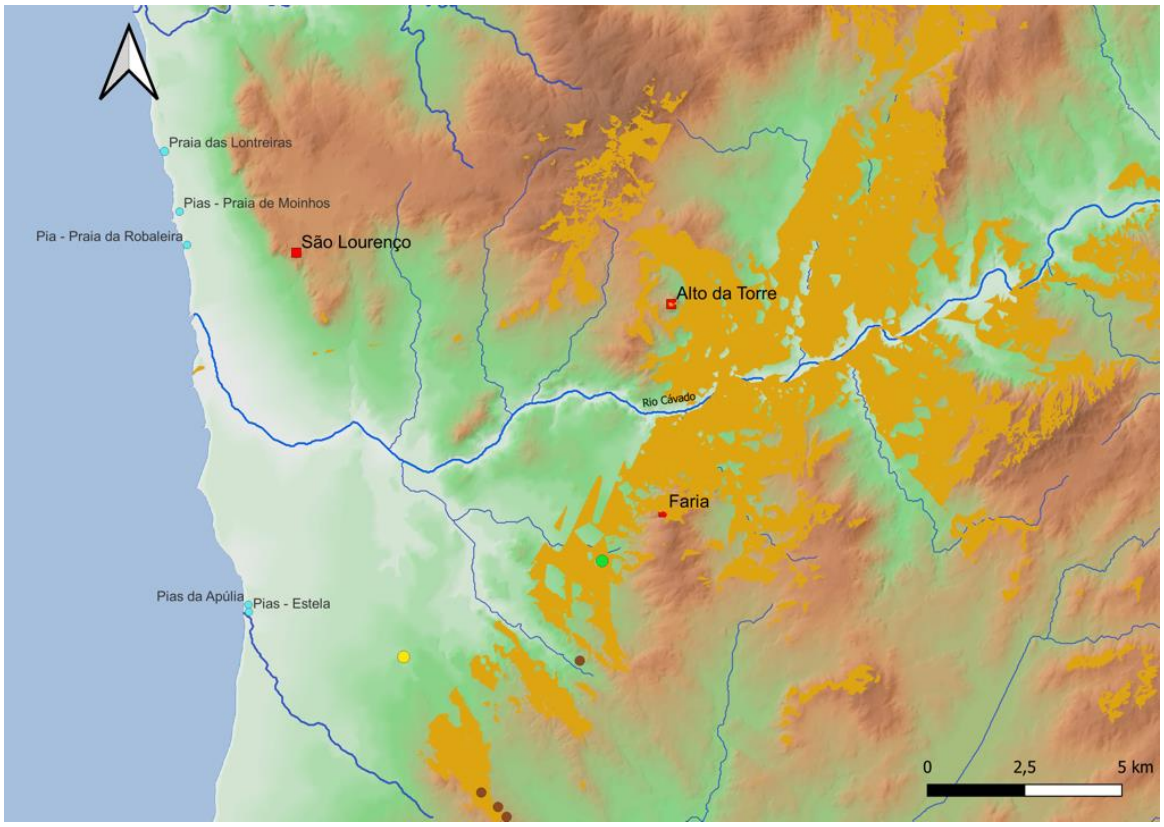


Fig. 1.142 Visibilidade a partir do Alto da Torre (mancha laranja) (visibilidade num raio de 30 km).

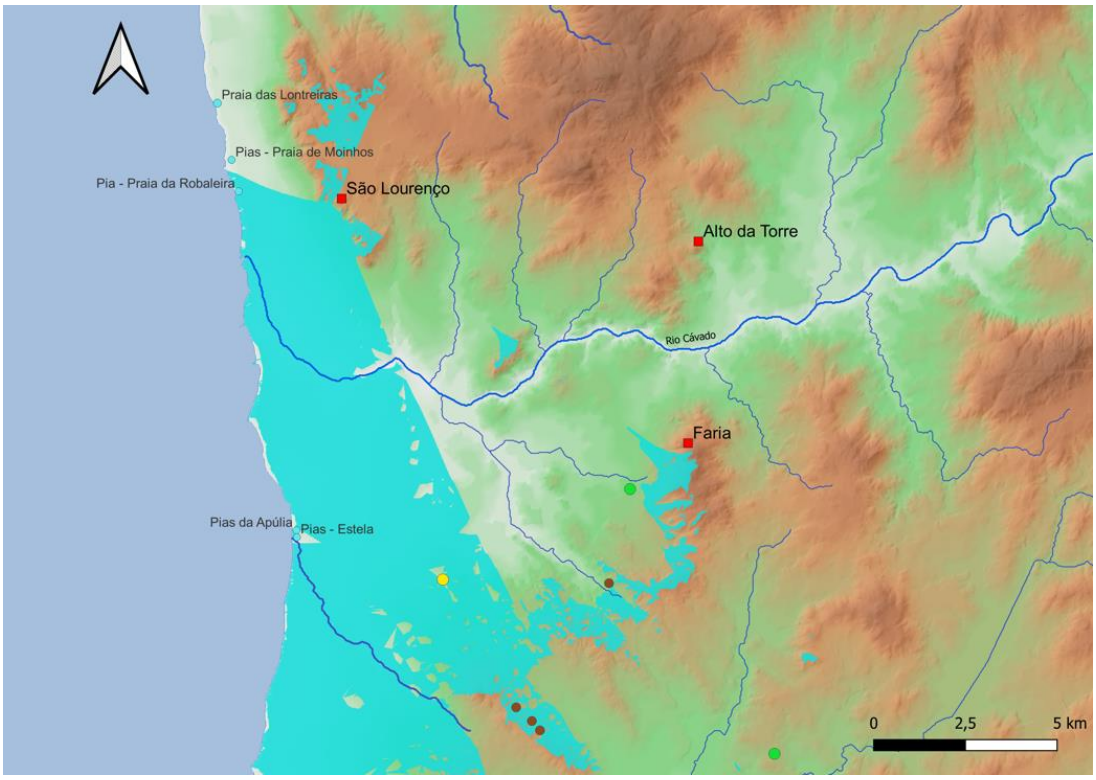


Fig. 1.143 Visibilidade a partir S. Loureço (mancha azul) (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação

Este *item* já foi referido para Faria e S. Lourenço, com possibilidades de exploração de recursos de estanho, de ouro e sal. Quanto ao Alto da Torre, este local teria acesso a recursos de vale, de monte e fluviais. É curioso verificar que este local está nas imediações de jazidas de volfrâmio exploradas no séc. XX, numa mancha de xistos andaluzíticos e granatíferos luzentes (Teixeira *et al.,* 1969).

No que concerne às vias de comunicação o rio e o vale onde este corre, assim como a plataforma litoral, continuariam a ser o principal eixo de circulação. O rio seria navegável até Barcelos, como vimos para a Idade do Bronze, pelo que o poderia ter sido em épocas mais remotas, quer por embarcações indígenas quer externas.

Existiria um lugar, sensivelmente a meio caminho, entre S. Lourenço e os povoados mais a montante do estuário, onde se localizasse um pequeno ancoradouro, para abastecimento e lugar de trocas de materiais exóticos? Poderia tal ter ocorrido junto ao Outeiro dos Picotos? Apesar de não possuirmos quaisquer dados arqueológicos que possibilitem atribuir este povoado ao Ferro Antigo, por falta de escavações, observamos que este lugar é praticamente equidistante, entre o litoral e o interior, localiza-se junto ao rio Cávado e num lugar tradicional de passagem e de desembarque de pessoas e bens até ao séc. XX, tendo sido lugar importante de passagem no séc.

XVI (Fonseca, 1948) (Fig 1.144). Apenas escavações no local poderão contribuir para dar resposta a estas questões.

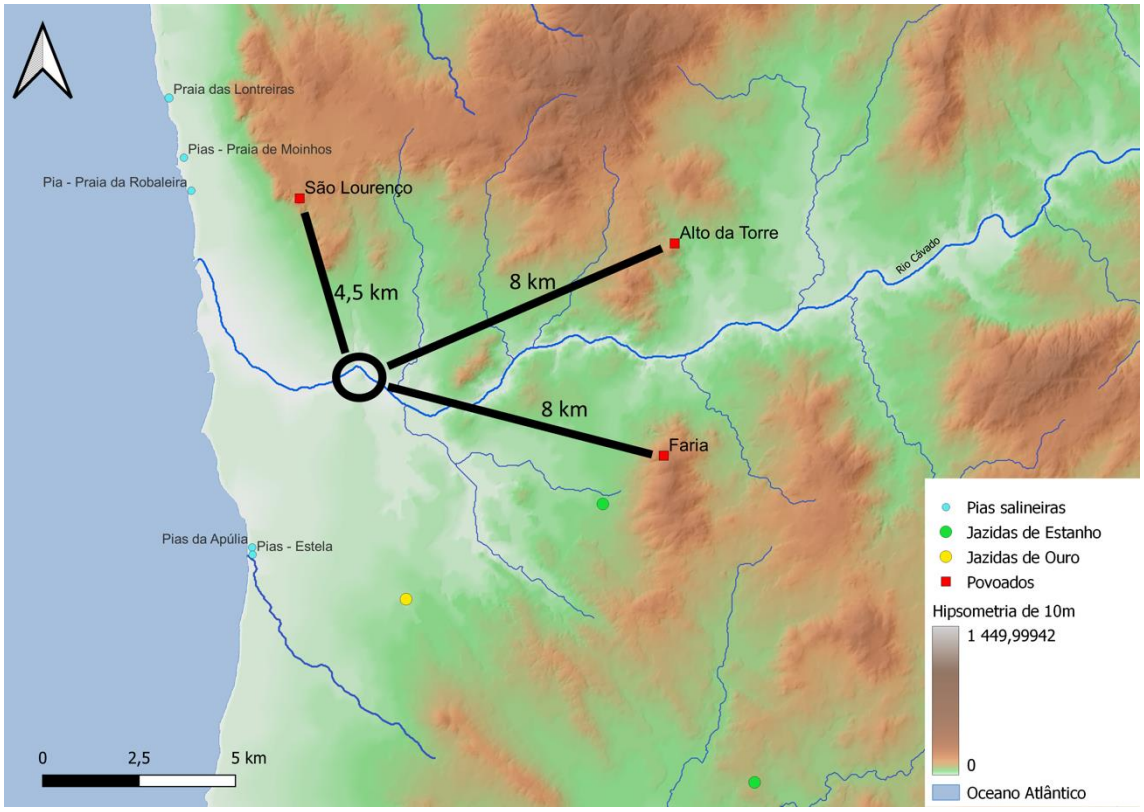


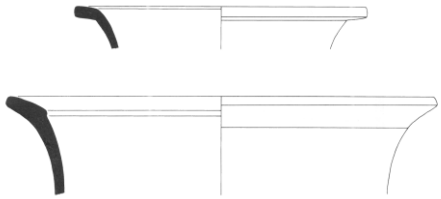
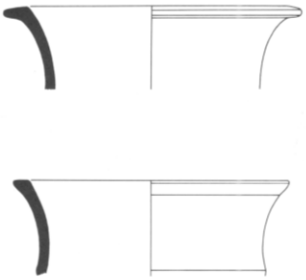
Fig. 1.144 Possível local de aportagem de pequenas embarcações em pleno estuário do Cávado.

Materiais cerâmicos locais e metálicos

Os materiais cerâmicos do Alto da Torre (Bettencourt, 2000c: 128-129) e de Faria, apresentam fabrico manual, cozedura, na sua maioria, redutora e pasta tendencialmente micácea, sendo algumas (raras micáceas-arenosas.) Os desengordurantes, nomeadamente as micas (biotite ou moscovite) são de grande calibre. As superfícies são alisadas e a textura dos recipientes oscila entre a grosseira e a média. Em termos formais, contam-se potes (formas 1a, 1b, 1c, potinhos/púcaros (forma 2), panelas de asa interior (forma 4)[59] e raras formas de consumo de alimentos, como são os casos das formas 3 (tigelas e malgas) (Tab. 1.16).

[59] Não ilustrada.

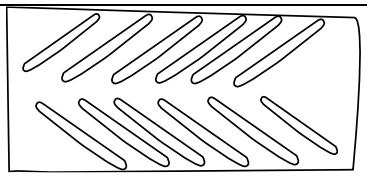
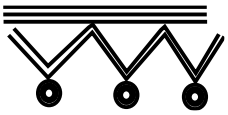
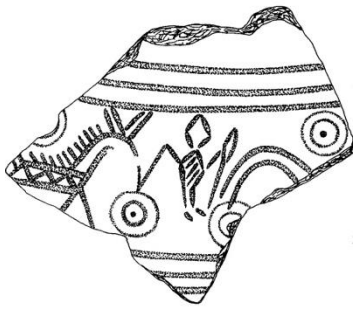
Tabela 1.16 Formas do Ferro Antigo do estuário do Cávado

	Alto da Torre[60]	Faria
Potes Formas 1c e 1b		
Potinhos/Púcaros Formas 2		 
Malgas Forma 3b		

Pelos dados que dispomos, as decorações são, essencialmente, feitas através de incisões e do brunimento. Há raros fragmentos com decoração compósita, ora por incisão e aplicação plástica ora por incisão e impressão (Tab. 1.17). Devemos sublinhar que a decoração compósita surge apenas em Faria. E não temos dados quanto ao Alto da Torre embora a amostra do Alto da Torre não seja grande. Os motivos vão desde os triângulos preenchidos, incisões simples de sulcos verticais e horizontais; decoração espinhada sobre cordão; incisões em zigue-zague e círculos concêntricos impressos. De destacar o fragmento historiado, que trataremos a seguir (Tab. 1.17).

[60] Segundo Bettencourt (2000c), desenhos adaptados.

Tabela 1.17 Gramática decorativas do Ferro Antigo, no estuário do Cávado

Incisão		
Incisão e aplicação plástica		
Incisão e impressão		

Quanto ao fragmento de um início de pança com decoração historiada, apesar de já ter sido noticiado em 1948 por Santa Ollala, carece de um estudo detalhado. É de fabrico manual, pasta arenosa-micácea, cozedura redutora e de cor castanha. Apresenta, ainda, algumas manchas de fuligem na sua superfície exterior. Pelas dimensões poderá pertencer a uma forma de pote. Está decorado com incisões e impressões que se inscrevem numa banda, delimitada por três sulcos horizontais na parte superior e inferior. No interior da banda, foram gravados dois cavalos em movimento, o que é sugerido pelos membros dianteiros de um dos equídeos. Pelas orelhas duplas e crina levantada, parece que estariam engalanados, o que lhes confere maior porte. Sobre a zona lombar um dos cavalos tinha um pano ou espécie de teliz decorada com motivos geométricos, nomeadamente triângulos. Na base de cada cauda e cabeça, assim como sobre o dorso encontra-se um círculo concêntrico de duas voltas, motivo comum na gramática decorativa da Idade do Ferro. Entre os cavalos, um guerreiro, armado de lança com a ponta em losango, e com um traje decorado (túnica?), segura num eventual arreio do cavalo e no círculo concêntrico que jaz sob a cabeça do animal. Pela disposição dos motivos e o cuidado demostrado no equipamento associado ao animal e ao guerreiro, parece que se representa uma parada, uma procissão ou um desfile, onde se associa o guerreiro ao cavalo e a um símbolo circular (o sol?) (Fig. 1.145). Trata-se de uma decoração figurativa, rara em contextos da Idade do Ferro do Noroeste português, pelo que nos questionamos se a cena representada seria um acontecimento histórico ou um relato mitológico, à semelhança do que acontece em muitos vasos gregos que circulam pelo

mediterrâneo e ocidente do atlântico, trazidos pelos púnicos. Ao ser assim este vaso representaria um processo de inculturação, o que traduz contactos suprarregionais com populações meridionais.

Tal estaria de acordo com outros materiais encontrados em Faria, reveladores de intercâmbio, neste caso de ideias, e que trataremos no *item* seguinte.



Fig. 1.145 Decoração historiada de um fragmento cerâmico de um provável pote (desenho de Teresa Soeiro, adaptado e sem escala) e fotografia de Nuno Oliveira.

Além da decoração, notámos que, em Faria, alguns fragmentos apresentavam características relacionadas com o uso dos recipientes e o seu desgaste. Tal é o caso do recurso a argila para o restauro de peças fissuradas (Fig. 1.146).

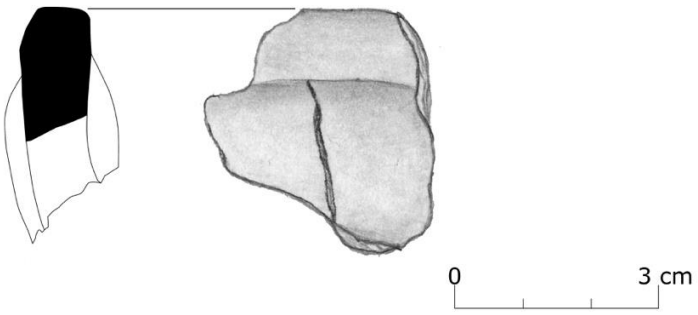


Fig. 1.146 Bordo com reforço em argila para restauro.

Quanto aos materiais metálicos apenas devemos referir uma fíbula, do tipo Ponte 23 (Ponte, 2006: 224-229) ou de Santa Luzia (Almeida e Cunha, 1997: 37), em São Lourenço. Não conhecemos o contexto do achado e se foi ou não produzida neste povoado (Fig. 1.147). Pela sua tipologia, data de entre os meados dos séculos VII a finais do IV a.C., o que concorda com a cronologia dos materiais de importação e com a datação radiométrica.

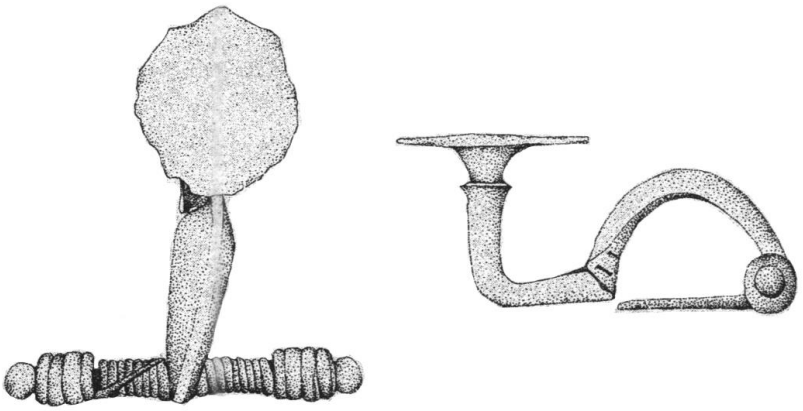


Fig. 1.147 Fíbula tipo Santa Luzia ou Ponte 23 (Silva e Cunha, 1997: 37, adaptado).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

O aumento de povoados no Ferro Antigo parece revelar que as populações teriam os seus problemas de subsistência equilibrados.

Se, no Bronze Final, os contactos com os mercadores ou exploradores da área meridional ou do Mediterrâneo, são indiretos, durante o Ferro Antigo esses contactos são inegáveis e traduzem-se em artefactos exóticos e em alterações técnicas e decorativas nos repertórios locais.

Tanto a São Lourenço como a Faria chegam materiais cerâmicos exóticos, como é o caso de cerâmicas de origem ática, mas não só. Quanto ao material de origem ática devemos destacar, em Faria, um bordo e o fundo de uma forma tipo Kratêr-de-sino, sendo que os restantes fragmentos áticos estudados poderão ser desta peça (Ferreira, 2019: 256-257) (Fig. 1.148). Em São Lourenço apenas há evidência de um fragmento de cerâmica ática (tipo krâter-de-sino do tipo 2), da primeira metade do séc. IV a.C. (Almeida, 1996; Ferreira, 2019: 256-257) (Fig. 1.48).

Ainda assim, ambos os povoados apenas ostentam uma ou duas peças, com esta origem.

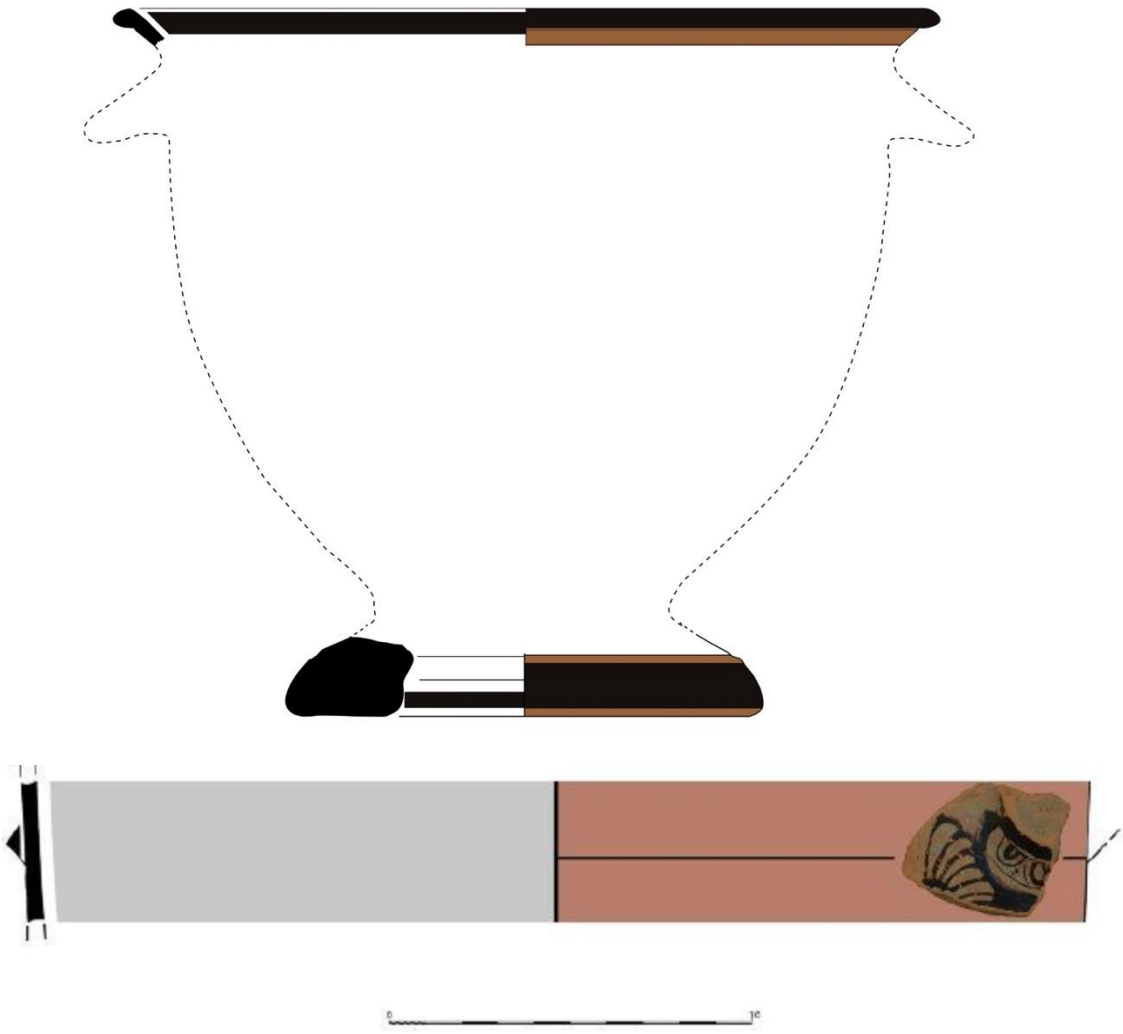


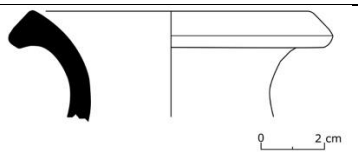
Fig. 1.148 Materiais de origem grega: em cima, kratêr-de-sino de Faria, apresentando uma possível representação da forma desta peça; em baixo, fragmento de krâter-de-sino em São Lourenço (Ferreira, 2019: 393, adaptado).

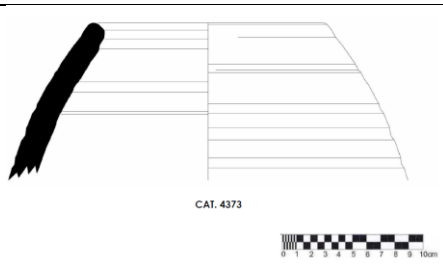
Devemos referir que em Faria, ao contrário do que parece ter acontecido com São Lourenço, a comunidade aí residente manipulou, ainda, uma série de outros materiais cerâmicos de origem meridional, pelas suas características técnicas (pastas muito depuradas, cores entre o rosado claro, a amarelada e o alaranjado com aguada negra na superfície e cerâmicas com engobes de cor avermelhada). Há, ainda, a registar um vaso de "tipo *pithos"* (com uma cronologia entre o séculos VI-V a.C.) de origem meridional e um fragmento que pode ser uma imitação de uma forma grega, neste caso um *lekanis* (Tab. 1.18). Destacamos, ainda, vários exemplares que, pelo seu diminuto tamanho não possibilitam atribuição formal, mas que são produções da área meridional, como um fundo em ônfalo ou um pequeno bordo com engobe vermelho. Por estas razões é muito difícil tentar qualquer interpretação quanto à forma e menos ainda quanto à sua função utilitária, com a exceção da pequena forma de "tipo *pithos"* que servia para conter e transportar bebidas.

Devemos ainda ter em conta, os tipos anfóricos produzidos na área de Cádis, neste caso um fragmento de uma ânfora tipo Mañá Pascual A4 (Silva, 2005-2006: 47) (Tab. 1.18), encontrada em São Lourenço.

Assim, nesta fase, os materiais importados resumem-se, em primeiro lugar, a contentores ou cerâmica de transporte/armazenamento (kráter-de-sino e Mañá Pascual A4). Se, no primeiro caso, sabemos que em princípio este recipiente serviria para misturar água com vinho, não temos a certeza se este recipiente continha à sua chegada o dito produto. No segundo caso, os produtos transportados seriam preparados piscícolas segundo Rámon Torres (2008). Em segundo lugar, temos os materiais de uso de mesa, algo diversificados, quanto à forma e em alguns casos procurando imitar formas de origem grega (Tab. 1.18).

Tabela 1.18 Materiais de proveniência meridional ou produção púnica

	Proveniência meridional / púnica (Tipologia)		**Possível função**
Uso de mesa ou uso de transporte	*Vaso "tipo Pithos"*		Conter líquidos (vinho?)
	Imitação de *Lekanis*		Tampa?
	Fundo em ônfalo		Indeterminado
	Forma indeterminada com engobe vermelho		Indeterminado

Transporte e armazenamento	Mañá Pascual A4[61]		Contentor

Destacamos, ainda, neste período o aparecimento de contas vítreas oculadas (Fig. 1.149), uma em Faria e duas em São Lourenço (Gomes, 2012, ficha inventário 261 e 262). A conta oculada de São Lourenço apresenta um formato sub-triangular e é de vidro amarelo com três oculados, formados por um centro azul com anéis brancos (Gomes, 2012, ficha inventário 261).

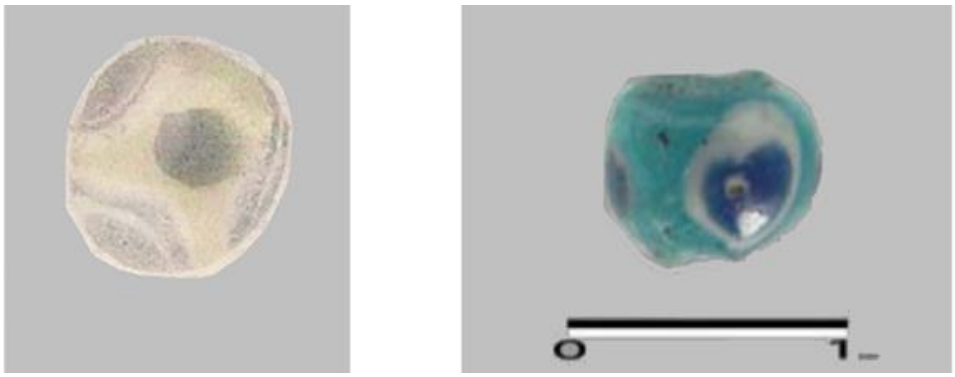


Fig. 1.149 Material vítreo importado: do lado esquerdo conta oculada de São Lourenço e do lado direito conta de Faria.

Para o Alto da Torre não conhecemos materiais de importação.

Em síntese, os produtos de importação são recipientes cerâmicos que introduzem novos produtos e novas formas de consumo, bem como artefactos de ornamentação. Também é provável que tivessem introduzido novos modos de representação do mundo ideológico das comunidades locais, se pensarmos no fragmento com um friso historiado.

Lógicas de povoamento e interpretações

Nesta fase, notamos um maior número de povoados. É interessante notar que, no interior do estuário, Faria e o Alto da Torre, em frente um do outro, controlam mutuamente e, em cada margem do Cávado, a entrada de novidades (materiais exógenos e novos hábitos de consumo) e a saída de materiais endógenos (lingotes de estanho ou de ouro), de proveniência local ou de

[61] Desenho de Luís Silva (2005-2006, Vol. II, 84, adaptado).

áreas mais interiores, entre outros produtos agrícolas e água potável. Também, é provável que fossem responsáveis pela transmissão de algumas novidades, no interior. São Lourenço, controlaria o oceano e a entrada na foz e, provavelmente, os recursos de sal necessários para abastecer embarcações e populações mais interiores.

Esta lógica de povoamento revela um controlo visual e físico complementar da foz e estuário do Cávado, além de que os materiais de importação são mais evidentes no interior do estuário do que na foz. Tal, permite colocar a hipótese de que estes povoados deveriam cooperar entre si, quer no controlo dos seus recursos diferenciados, quer no controlo dos viajantes estranhos à região, o que implica relações sociais de complementaridade e articuladas em rede.

A cerca de 32 km da foz do rio Este, registamos o aparecimento de uma conta de colar, em pasta vítrea, oculada, com os "olhos" estratificados (Fig. 1.150), no balneário proto-histórico de Braga (Bettencourt, 2003: 140, 148, fig. 7; Lemos *et al.*, 2003; Gomes, 2012, n.º 348). Quanto ao povoado da Falperra (Cunha, 1954; Sousa, 1970; S/A, 1953-1954)[62] nada se sabe sobre materiais de importação deste período. Apenas num contexto de projeto, com alguma dimensão será possível organizar e estudar o espólio das escavações antigas realizadas nesse povoado.



Fig. 1.150 Conta de colar oculada[63] de formato subcilíndrico e incompleta.

[62] Por ocasião do III Congresso Espanhol de Arqueologia, nas sessões realizadas em Braga foi produzida uma exposição com materiais arqueológicos de vários sítios arqueológicos do norte de Portugal. Uma das vitrinas tinha espólio do povoado da Falperra. Pelas descrições meramente indicativas e algo simplistas notamos a ausência de materiais importados. O que não significa que não existam.

[63] Imagem gentilmente cedida por Manuel Santos (Arquivo do MDDS).

Em povoados mais interiores, como S. Julião, Barbudo ou Lago (Martins, 1988a, 1988c, 1889a, 1990) não encontramos testemunhos concretos de materiais importados, seja de que natureza for, nesta fase.

c) IDADE DO FERRO RECENTE

Na Idade do Ferro Recente registamos um total de três povoados. São eles Faria, Desamparados e São Lourenço. Talvez o Outeiro dos Picotos se possa integrar nesta fase.

Caracterização da amostra

Tendo presente as ocupações do Ferro Antigo podemos considerar que o número de povoados é idêntico. Se parece existir continuidade de ocupação de alguns deles (São Lourenço e Faria) noutros parece haver descontinuidade (como é o caso do Alto da Torre), embora tal tenha sido compensado pelo aparecimento de outros, como o povoado de Senhor dos Desamparados e, talvez, o Picoto dos Mouros (Fig. 1.151). A sua inclusão neste período cronológico-cultural tem por base materiais de superfície observados por Almeida (1996) que diz ter o local sido ocupado desde a Idade do Ferro até ao fim do império romano, talvez devido à estrada romana que ligaria o Porto ao norte da Península Ibérica, pela costa, com travessia do rio Cávado na Barca do Lago (Almeida, 1968; Almeida, 1996; Morais, 2005: 66-69).

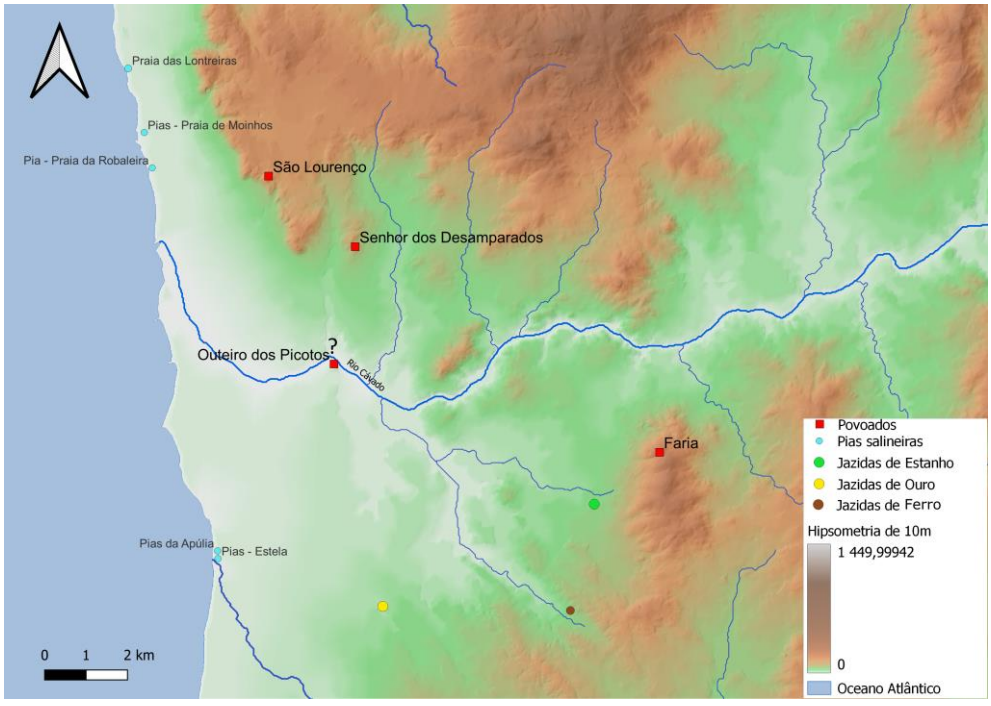


Fig. 1.151 Povoados do Ferro Recente, no estuário do Cávado.

Distribuição geográfica e análise espacial

Se S. Lourenço e Faria já foram analisados resta-nos analisar o Senhor dos Desamparados e o Outeiro dos Picotos, na margem norte e sul do estuário, respetivamente. A pouco mais de 2 km para sudoeste de São Lourenço, encontra-se o povoado do Senhor dos Desamparados, numa colina de baixa latitude, em pleno estuário do Cávado e com boa visibilidade para a foz deste curso fluvial e para o vale aberto do curso inferior deste rio (Fig. .1.152). Daqui não se avista S. Lourenço, apenas o Outeiro dos Picotos e Faria (Fig. 1.154). Trata-se de um povoado de pequenas dimensões, com apenas uma muralha e com uma ocupação deste período (Marques, 2012).



Fig. 1.152 Vista para o oceano e foz do Cávado a partir do topo do povoado do Senhor dos Desamparados.

O povoado do Outeiro dos Picotos encontrava-se implantado numa colina de baixa altitude (Fig. 1.153), sobranceira a uma curva acentuada do rio Cávado, em local tradicional de travessia do rio, por barca, a Barca do Lago, como já foi referido. Controla, visualmente, o curso inferior e médio do estuário e a plataforma litoral.

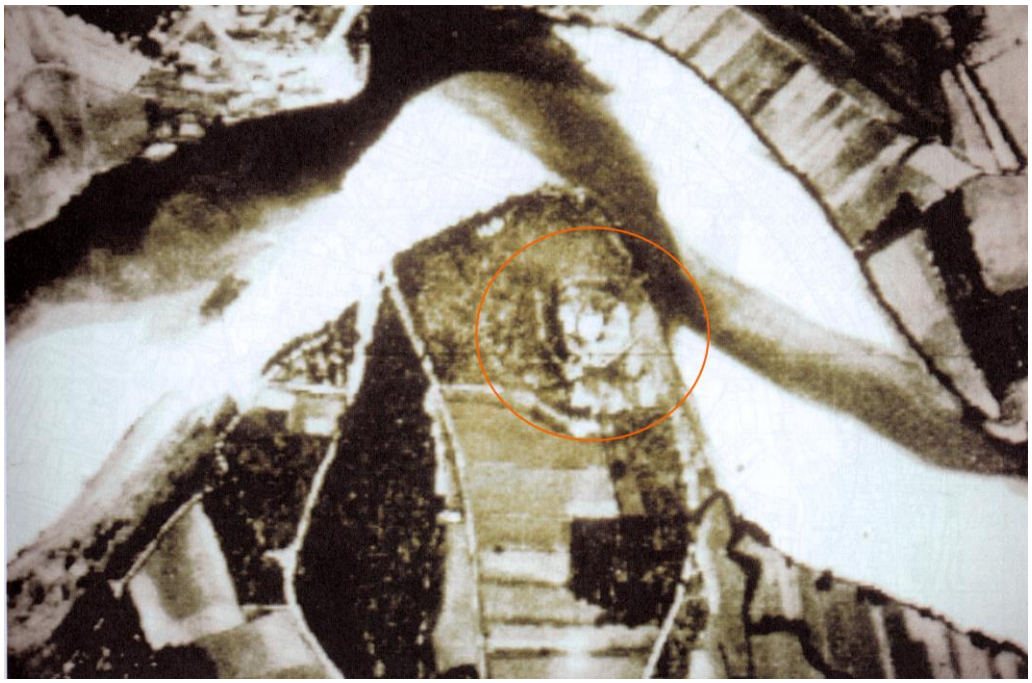


Fig. 1.153 Outeiro dos Picotos, através de uma ampliação do fotograma n.º 5002, 1946, esc: 1: 33.000 (Morais, 1999: 21, adaptado). Aí podem observar-se vários panos de muralhas para oeste e norte.

Notamos que os povoados desta fase observam-se uns aos outros, ou seja, a comunidade de Faria conseguia observar o Outeiro dos Picotos e este, por sua vez, avistaria o Senhor dos Desamparados e S. Lourenço (Figs. 1.154, 1.155).

Será nesta fase que tanto São Lourenço como Faria parecem atingir uma maior pujança arquitetónica e provavelmente económica (Almeida, 1996; Almeida e Almeida, 2015, vol. II: 250-252; 259-260).

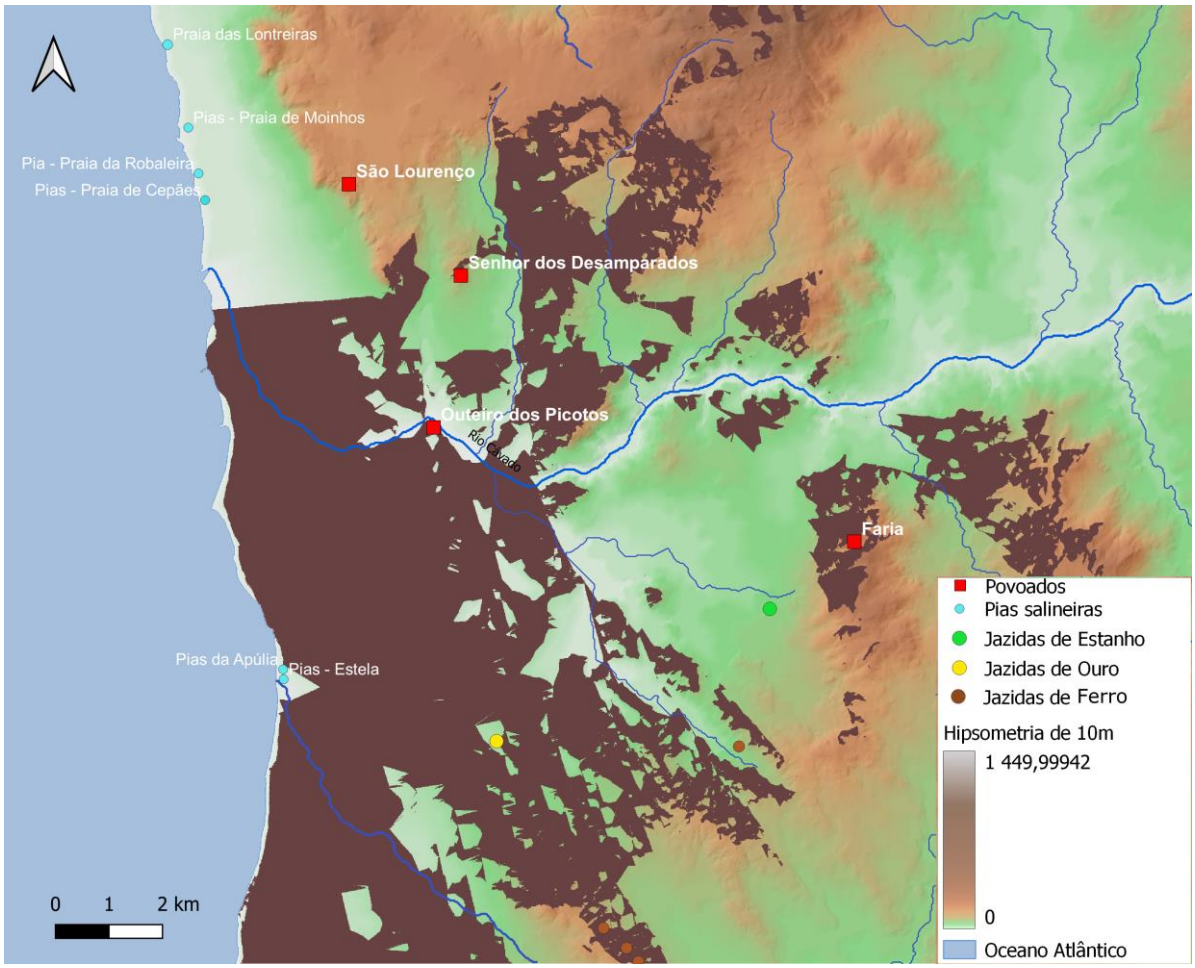


Fig. 1.154 Visibilidade a partir do povoado do Senhor dos Desamparados (manchas a castanho) (visibilidade num raio de 30 km).

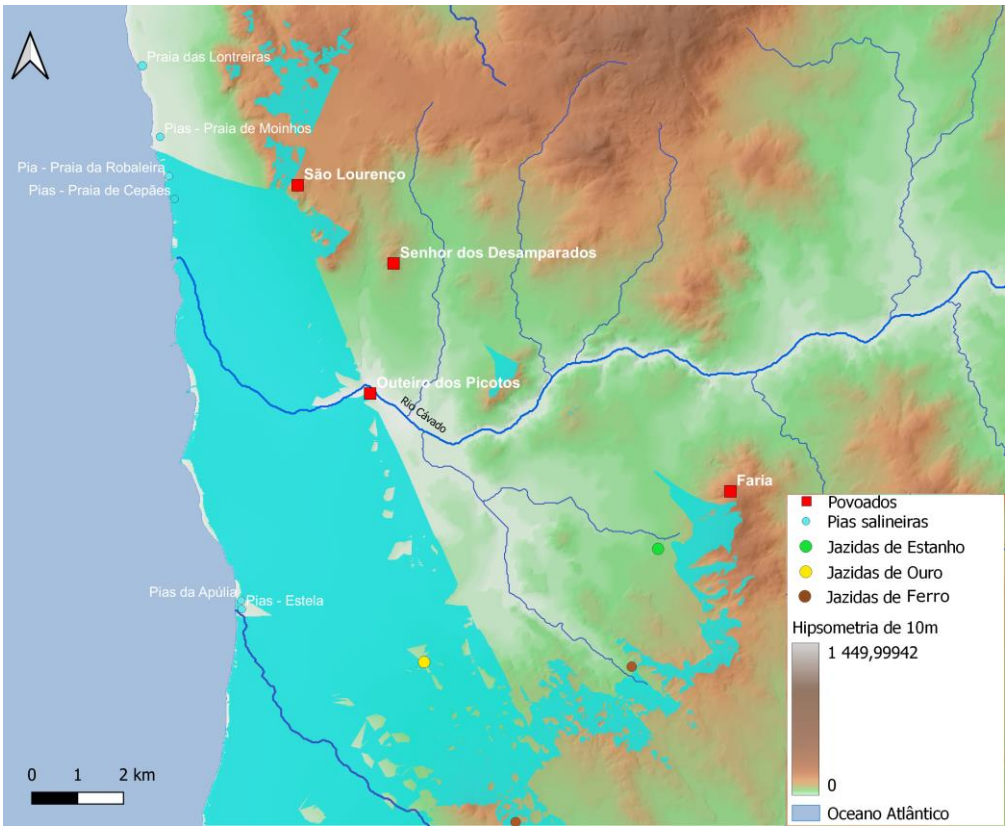


Fig. 1.155 Visibilidade de São Lourenço (manchas a azul). Note-se que observa a curso final do rio Cávado e o Outeiro dos Picotos (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com recursos naturais e com vias naturais de circulação

Provavelmente, nesta fase, as jazidas de estanho, de ouro e de ferro terão sido amplamente exploradas pelas populações do povoado de Faria, sendo provável que a exploração de ouro e ferro também pudesse ser efetuada, pelas populações do Outeiro dos Picotos (Figs. 1.156, 1.157), que, hipoteticamente, também poderiam ter explorado o sal marinho nas áreas de Estela e Apúlia.

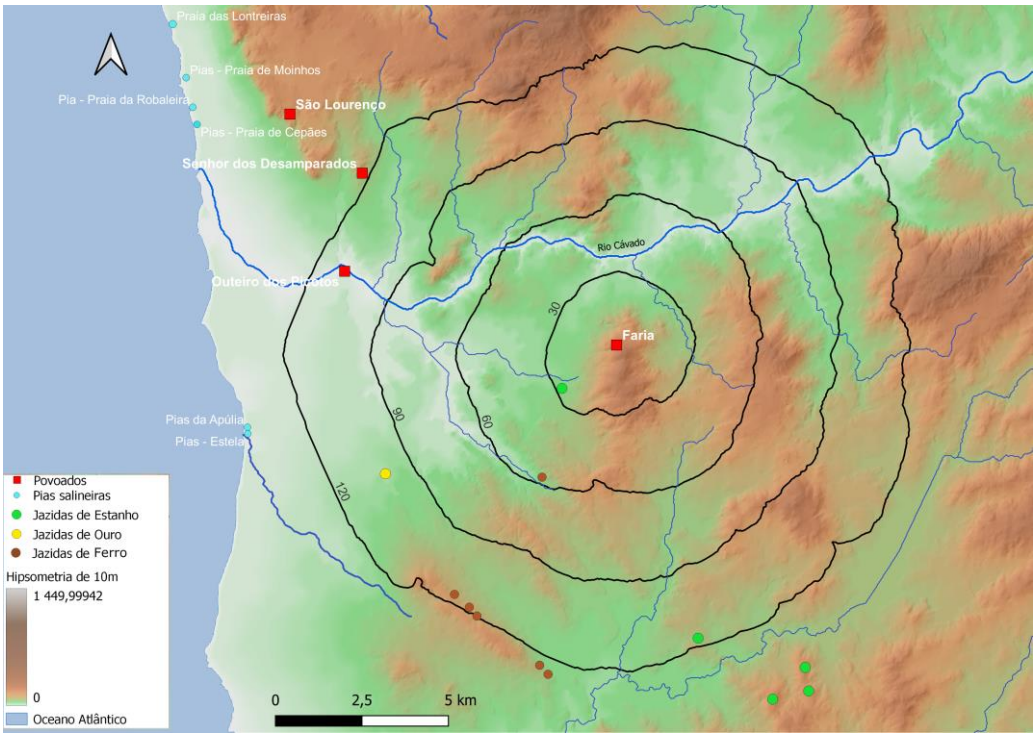


Fig. 1.156 Território provável de exploração de 2 horas pedestres a partir de Faria (linhas isócronas de 30 minutos).

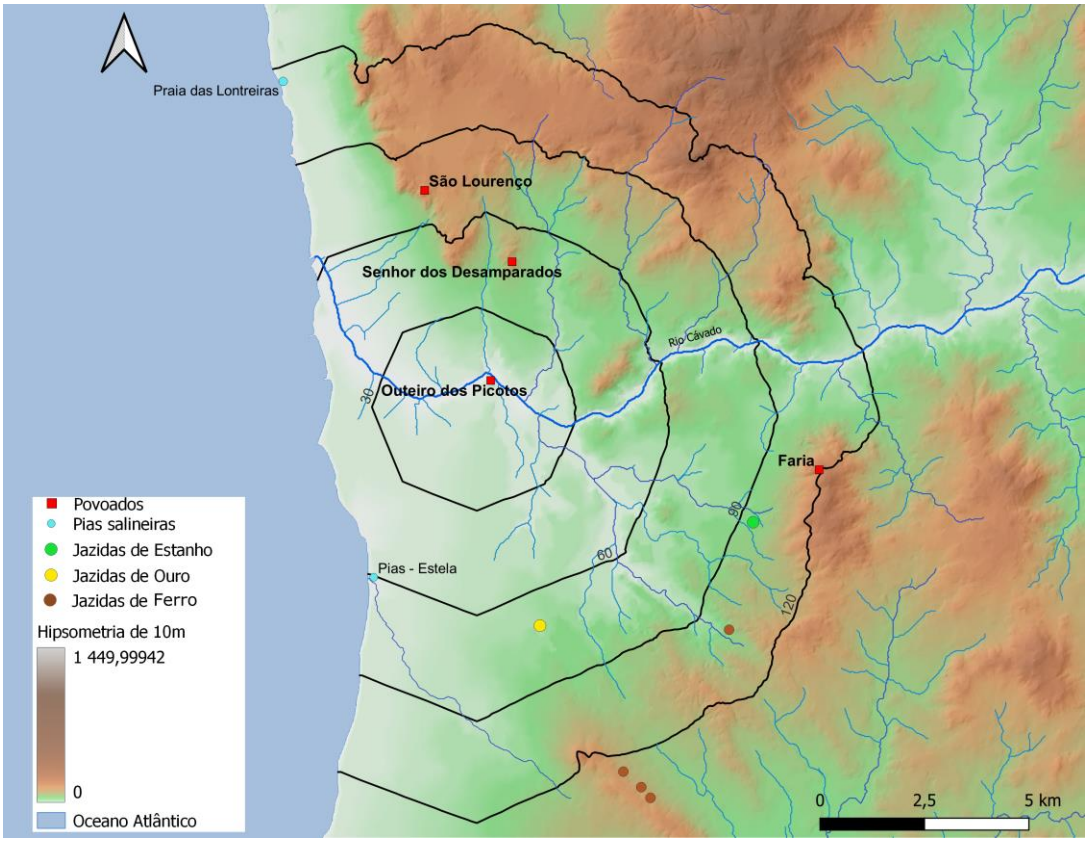


Fig. 1.157 Território provável de exploração de 2 horas pedestres a partir de Outeiro dos Picotos (linhas isócronas de 30 minutos).

São Lourenço teria acesso aos recursos já referidos. Quanto às populações dos Desamparados, estas teriam acesso a recursos de vale, de monte e do rio (Fig. 1.158). É de salientar que este local está nas imediações de jazidas de volfrâmio, exploradas no séc. XX, numa mancha de numa mancha de xistos andaluzíticos e granatíferos luzentes (Teixeira *et al.,* 1969).

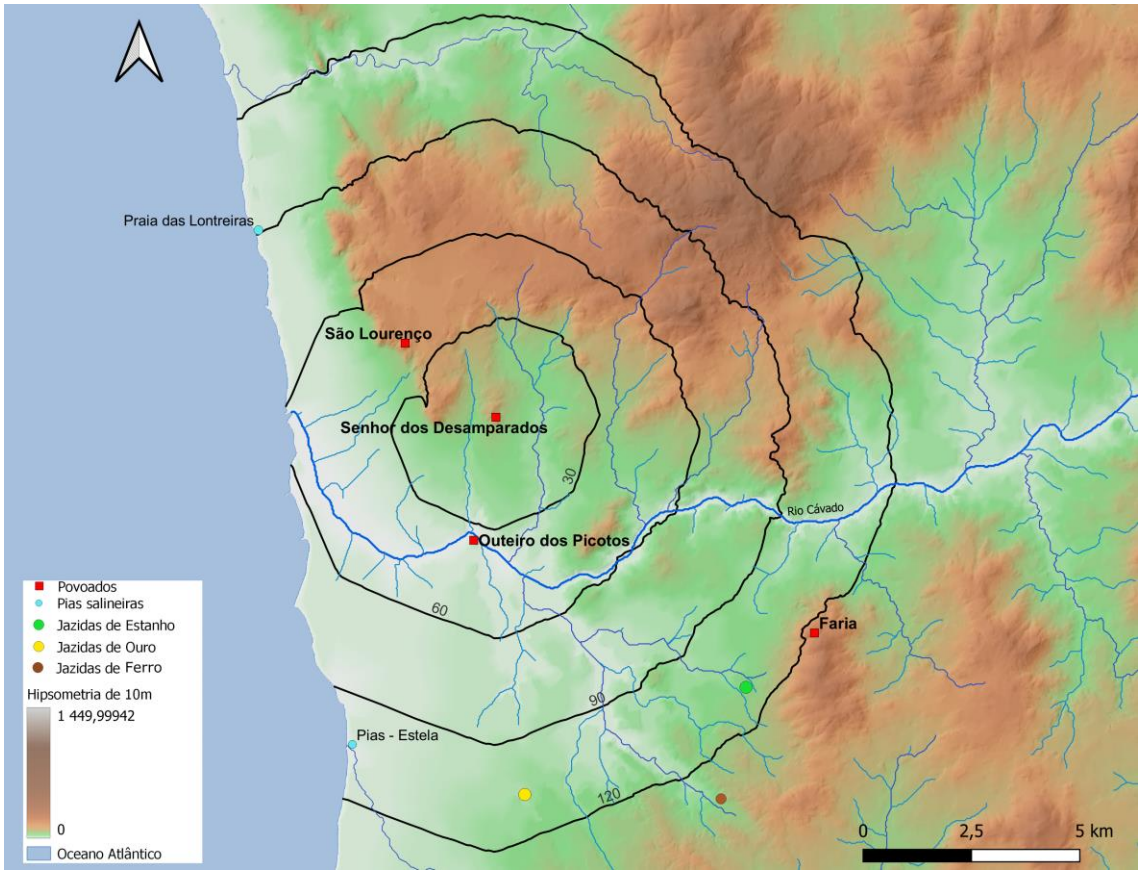


Fig. 1.158 Território provável de exploração de 2 horas pedestres a partir do Senhor dos Desamparados (linhas isócronas de 30 minutos).

Se São Lourenço controla o oceano e a foz do rio, o Outeiro dos Picotos, sobranceiro ao Cávado, controlaria a navegação fluvial e a travessia sul-norte. Localiza-se na Barca do Lago e no que se tornou, em época romana, uma via secundária conhecida por *per loca marítima* que fazia a ligação de norte para sul, pelo litoral[64].

Terá existido nas cercanias do Outeiro dos Picotos um porto ou ancoradouro para que pequenas embarcações romanas (secundárias) desembarcassem os seus contentores anfóricos, entre outros materiais, e os trocassem por recursos endógenos? A navegação costeira romana (no

[64] A importância económica e comercial deste sítio é visível, na fase subsequente ao Ferro Recente comprovada por diversos materiais de superfície (Almeida, 1996: 304; Morais, 1998: 21).

séc. I a.C.), a norte do Cávado está comprovada pela descoberta recente de um possível naufrágio, na praia de Rio de Moinhos, de um navio do período de Augusto (Ferreira, 2013: 237-245; Morais, 2013: 309-333).

Materiais cerâmicos locais, metálicos, vítreos e líticos

Devemos, desde já destacar que, quanto às cerâmicas dos povoados de São Lourenço e do Senhor dos Desamparados a informação de que dispomos é apenas bibliográfica (Almeida e Almeida, 2015; Marques, 2012). Já as de Faria foram observadas.

Em termos gerais, as características técnicas da cerâmica indígena do estuário do Cávado não diferem daquelas encontradas no curso médio deste curso fluvial, em povoados como S. Julião, Lago, Barbudo e S. João de Rei (Martins, 1988a, 1988c, 1989a; Oliveira, 2017). As produções começam a ser a torno/roda, as pastas são micáceas, a textura oscila entre a grosseira, média ou fina, consoante o tipo e o uso que as peças têm, as cozeduras são de melhor qualidade, sendo na maior parte dos casos oxidantes, com cores claras. A gramática decorativa é agora mais complexa.

Registam-se formas de armazenamento e de transporte, como potes (formas 1a, 1b e 1c) e talhas (formas 5) presentes em Faria, Desamparados e São Lourenço (Tab. 1.19). Registam-se, igualmente, formas de mesa ou de preparação de alimentos, como os potinhos/púcaros (formas 2) e as malgas/tigelas (formas 3) (Tab. 1.20). Estão presentes as copas (formas 7) detetadas apenas em Faria (Tab. 1.21). Foram encontradas formas destinadas à confeção de alimentos, como panelas de asa interior ou exterior e de asa em orelha (formas 4 e 6), em todos os povoados de que temos dados (Tab. 1.20).

Tabela 1.19 Formas de transporte e armazenamento do Ferro Recente, encontradas no estuário do Cávado

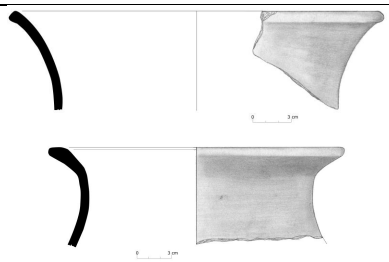
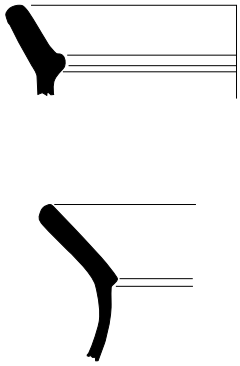
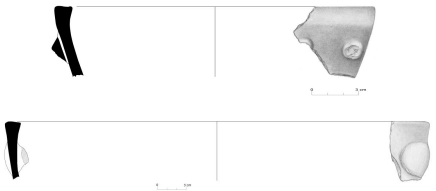
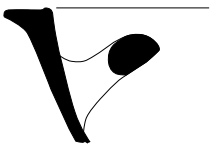
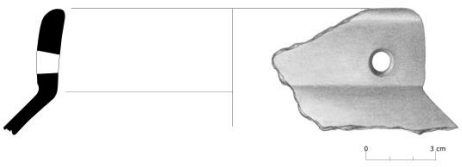
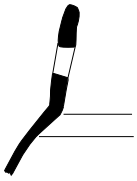
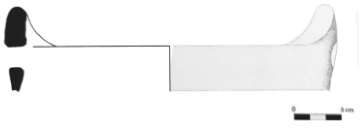
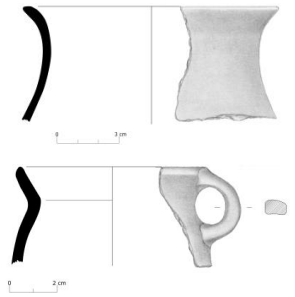
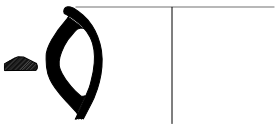
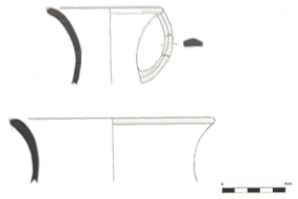
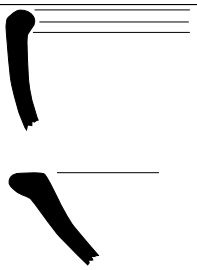
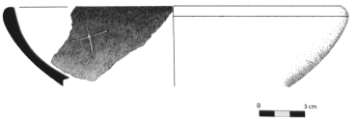
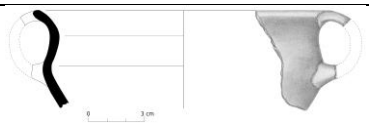
		Faria	Sr. dos Desamparados[65]	São Lourenço[66]
Transporte e armazenamento	**Potes (Formas 1)**			
	Talhas (forma 5)			

Tabela 1.20 Formas para a confeção de alimentos do Ferro Recente, no estuário do Cávado

		Faria	Sr. Dos Desamparados[67]	São Lourenço[68]
Uso na confeção dos alimentos	**Panelas de asa Interior ou exterior (Forma 4)**			
	Panela de asa em orelha (Forma 6)			

[65] Todos os desenhos dos materiais deste povoado são da autoria de Marta Marques (2012) e foram adaptados neste trabalho.
[66] Todos desenhos dos materiais deste povoado são da autoria de Ana Paula Almeida e Carlos A. B. de Almeida (2015), embora adaptados a este trabalho.
[67] Ver nota 63.
[68] Ver nota 64.

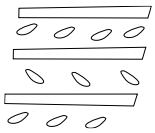
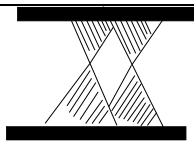
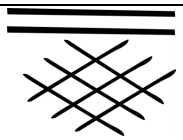
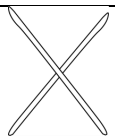
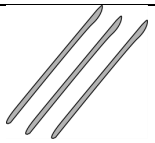
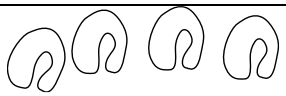
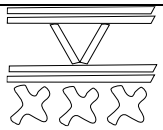
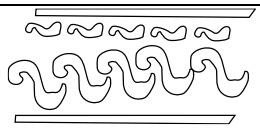
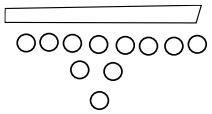
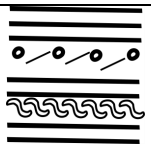
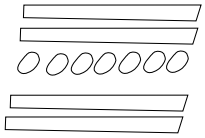
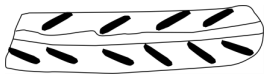
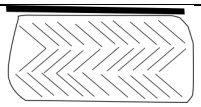
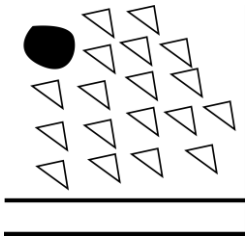
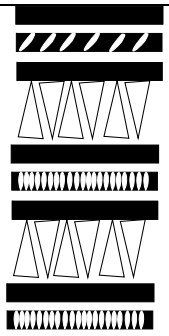
Tabela 1.21 Formas do Ferro Recente para uso à mesa, no estuário do Cávado

		Faria	Sr. dos Desamparados[69]	São Lourenço[70]
Uso de mesa	**Potinhos/Púcaros (Formas 2)**			
	Malgas/Tigelas (Formas 3)			
	Copa (Forma 7)			

A diferença entre as cerâmicas indígenas deste estuário e as de áreas mais interiores, verifica-se na existência de panelas de asa exterior e no uso de aguadas e de incisões (sulcos horizontais) em algumas das formas 4 (panelas de asa interior). Além disso, a variedade e a multiplicidade de motivos e técnicas decorativas presentes, sobretudo nos povoados do Senhor os Desamparados e de Faria, demonstra um gosto litoral pelo barroquismo decorativo, face a decorações mais discretas do interior do Cávado, conforme se poderá verificar em Martins (1990) e Oliveira (2017) (Tab. 1.22).

[69] Ver nota 63.
[70] Ver nota 64.

Tabela 1.22 Gramática decorativa e outras características do Ferro Recente

Incisão			
			
	**Aplicação plástica**		
Insisão de ponta romba ou espatulado		**Brunido**	
Impressão			
Incisão e impressão			
			
Incisão e aplicação plástica			
Incisão, aplicação plástica e impressão			

Algumas cerâmicas decoradas com aguada, neste caso com tons avermelhados, (Fig. 1.159) talvez correspondam a imitações de recipientes de luxo de origem romana, como *sigillata*.

De salientar, uma base de São Lourenço, com aguada avermelhada, no exterior, e a gravação de um barquiforme, no interior (Fig. 1.159) que talvez seja desta época. Tal denota bem

a presença na vida quotidiana dos indígenas, a importância e a novidade das embarcações do período romano que circulavam por estas áreas.

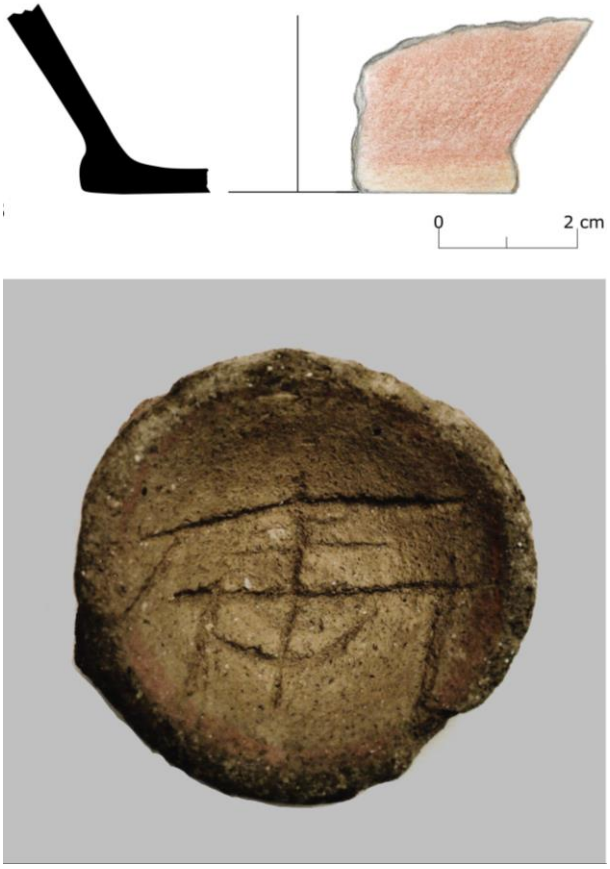


Fig. 1.159 Base decorada com aguada avermelhada no exterior e grafito de um barquiforme, no interior de São Lourenço (Almeida e Almeida, 2015).

Um outro aspeto que podemos destacar na produção oleira é a introdução, nesta fase, de marcas de oleiro. Neste caso devemos dar destaque, claramente, a uma talha de S. Lourenço (Almeida, 1996, Almeida e Almeida, 2015), gravada com um antroponímico de CAUTRU, que tem a mesma raiz linguística, neste caso CATURO que nas línguas célticas traduz a ideia de luta ou guerra (Silva, 2007: 377; Almeida e Almeida, 2015, vol. I: 104-105). Temos igualmente exemplos dessas marcas em Faria (Fig. 1.160).

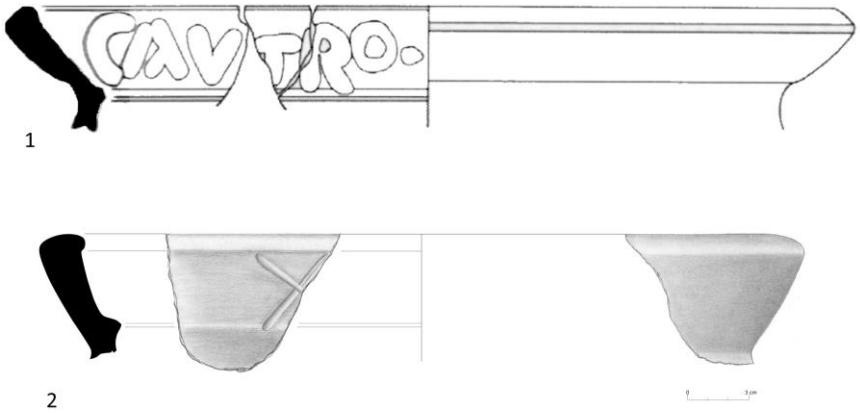


Fig. 1.160 Produção cerâmica na Idade do Ferro Recente: (1 e 2) marcas de oleiro em talhas (forma 5) em São Lourenço e de Faria.

Notou-se, igualmente, que as peças que rachavam, devido ao uso ou cozedura, foram restauradas, não só através de adição de argila nas áreas frágeis, como de agrafos metálicos, o que é bem notório em Faria e revelador da importância de algumas peças de maior porte e da cerâmica, por si só (Fig. 1.161).

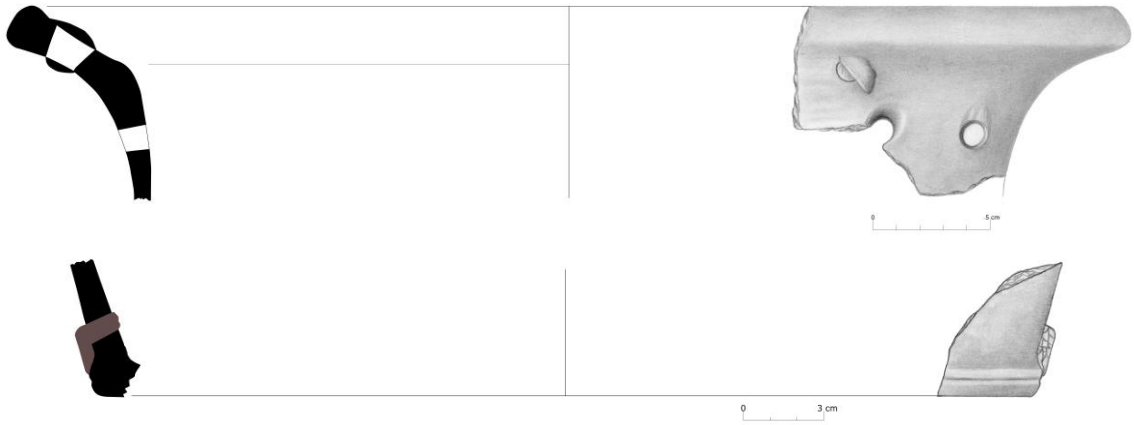


Fig. 1.161 Forma cerâmica: forma 1b (pote) com "remendos" produzidos em cerâmica para restauro da peça; base de fundo plano alargado com o que resta de um agrafo metálico, em ferro.

Quanto aos metais, conhecemos múltiplas escórias de ferro, em São Lourenço, não só na zona T (a mais romanizada do povoado) (Almeida e Almeida, 2015, vol. II: 220) como noutras áreas, contudo em contextos entre o final da Idade do Ferro e a romanização. Em Faria, reconhecemos a existência de cadinhos de fundição, contudo estes foram analisados de forma breve por nós, sendo necessário um estudo mais aprofundado de todos os níveis das escavações deste povoado.

Em termos de material lítico, devemos mencionar que, pelo menos em S. Lourenço e Senhor dos Desamparados, foram achados moinhos rotativos e manuais (Almeida, 1996; Almeida e Almeida, 2015; Marques, 2012: 323), registadas em níveis do Ferro Recente. Neste último povoado também apareceram moinhos manuais[71].

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Os cadinhos de Faria e as escórias de ferro de S. Lourenço, que podem ser deste período evidenciam as atividades mineiras; os moinhos manuais e rotativos, as atividades agrícolas e os cossoiros do Senhor dos Desamparados, [72] a fiação, atividade indicadora quer da pastorícia quer do cultivo do linho.

É presumível pensar que todos os povoados explorariam os recursos agro-pastoris, lenhosos e marítimo-fluviais. Quanto aos recursos minerais não metálicos (sal marinho) parece-nos evidente que nesta fase cada povoado continuou a explorar os recursos existentes. Não sabemos até que ponto, no Ferro Antigo, as jazidas de ferro (Teixeira *el al.,* 1965) existentes na Serra de Rates, seriam ou não exploradas por Faria, uma vez que se situam no limite do território provável de duas horas pedestres.

O intercâmbio está bem patente, nesta área, durante o Ferro Recente através de uma grande quantidade e diversidade de contentores anfóricos, de período tardo-republicano romano. Estes contentores são de várias proveniências, a saber: Península itálica, área de Cádis, Bética e vale do Guadalquivir.

A comunidade de São Lourenço, recebe uma quantidade apreciável de materiais de importação de origem romana, já evidenciada por vários autores (Silva, 2005-2006; Almeida e Almeida, 2015) (Tab. 1.25). Devemos destacar a grande quantidade de ânforas de fabrico Bético, como é o caso do tipo Haltern 70 (285 exemplares) e dos tipos Dressel 7-11 e Dressel 14, além de múltiplos tipos registados que são mais tardios e dessa forma não se incluem neste estudo. De fabrico itálico salientamos as Dressel 1 (Silva, 2005-2006). Da área de Cádis temos de referir uma das produções mais antigas que chegaram a este povoado. Trata-se de um fragmento de ânfora de tipo T-7.4.3.3 (Silva, 2005-2006: 48-49) com uma produção entre os inícios do séc. II a.C. e finais do séc. I a.C. (Molina Vidál, 1997: 26).

[71] Segundo informação do Portal do Arqueólogo (https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=54672). É provável, igualmente, que este tipo de moinhos exista também em Faria.
[72] Segundo a fonte anterior.

Em Faria, a amostra de material exótico não é, efetivamente, de grande dimensão[73], ainda assim, há contentores anfóricos dos tipos Haltern 70, Dressel 7-11, Dressel 1, Ovóide 1 e Ovóide 6 (Tab. 1.23).

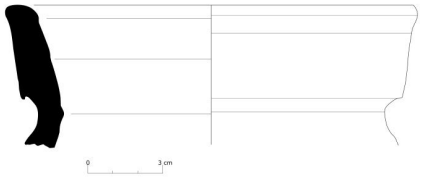
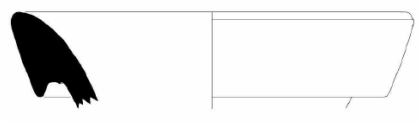
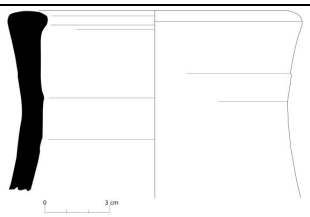
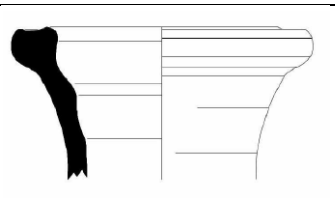
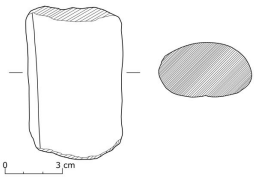
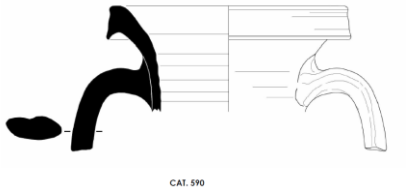
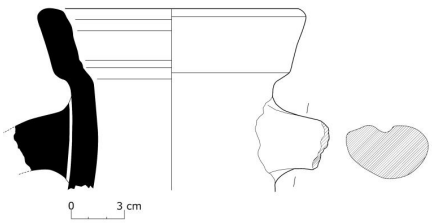
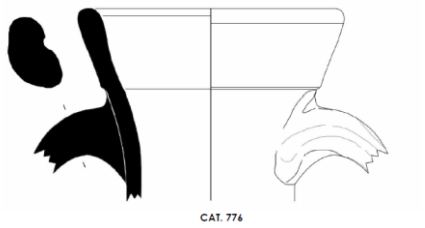
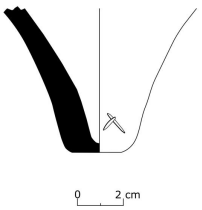
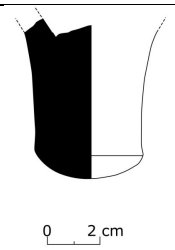
Quanto aos subprodutos o vinho podia ser transportado nas ânforas de tipo Dressel 1, os preparados piscícolas nos o tipo T-7.4.3.3, Dressel 7-11 e Dressel 14 (Étienne, 1990; Fabião e Guerra, 1993) e o azeite no tipo Ovóide 6. As ânforas multiusos (Haltern 70 e Ovóide 1) podiam transportar vários tipos de produtos, embora as Haltern 70 estejam, normalmente, relacionadas com o transporte de vinho.

No Senhor dos Desamparados sabemos, pela bibliografia, da existência de um exemplar de tipo tardo-púnico, o tipo T-7.4.3.3, com origem na área de Cádis (Silva, 2005-2006, vol. I: 45, nota de rodapé 282)[74], associada a preparados piscícolas e de ânforas de tipo Haltern 70[75]. É provável que este povoado tenha outros tipos anfóricos, mas a sua monografia, a editar pela Câmara Municipal de Esposende, tarda em ser publicada[76].

A introdução destes contentores anfóricos e dos seus vários produtos que introduziam (vinho, *garum*, azeite) demonstra bem a entrada de novos hábitos alimentares, nos povoados costeiros, como é o caso de São Lourenço (Almeida e Almeida, 2015) e de Faria e, aparentemente, em menor escala, no Senhor dos Desamparados.

[73] Lembramos que apenas foram observados os materiais de importação do Ferro Antigo das escavações com estratigrafia, por uma questão de tempo não foram observados os materiais de importação datáveis de níveis mais recentes, dessas escavações.
[74] Todavia, esta não se encontra ilustrada.
[75] No Portal do Arqueólogo, informações das escavações de 1998 (https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=2539396
[76] No Portal do Arqueólogo há a informação de que os fragmentos de ânfora eram escassos (https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=54672)

Tabela 1.23 Contentores anfóricos do Ferro Recente, do estuário do Cávado

Produto transportado	Ânforas	Faria	São Lourenço[77]
Vinho ou derivados	Dressel 1 (e variantes)		 CAT. 4831
Preparados Piscícolas	T-7.4.3.3		 CAT. 4138
	Dressel 14		 CAT. 3557
	Dressel 7-11		 CAT. 590
Multiuso	Haltern 70		 CAT. 776
	Ovóide 1		
	Ovóide 6		

[77] Os desenhos destes contentores são da autoria de Jorge Guedes Silva (2005-2006, vol. II) mas foram adaptados.

Como resultante do intercâmbio suprarregional incluímos, ainda, 49 contas de colar, de diminuta dimensão, de cor azul-cobalto, provenientes de Faria (Gomes, 2012). Em São Lourenço foram identificadas, pelo menos, 27 contas de vidro contendo ouro no seu interior, e oito contas vítreas monocromáticas, datáveis do fim deste período (Gomes, 2012). Também do Senhor dos Desamparados (Fig. 1.162), se conhece uma conta de colar vítrea, de cor azul, de pequena dimensão (Gomes, 2012: 322).



Fig. 1.162 Alguns exemplares de contas de colar, datáveis do fim da Idade do Ferro, em S. Lourenço, Desamparados e Faria, por esta ordem (Gomes, 2012, adaptado).

O papel do estuário na divulgação das novidades exógenas com outros povoados da bacia do Cávado está patente, nos materiais encontrados em Roriz, em Barcelos (Martins, 1990: 77; Almeida e Soeiro, 1980; Almeida, 1997: 130), no Castro Máximo, em Braga (Oliveira, 2023)[78]; no Lago, em Amares (Martins 1988; Martins, 1990: 172); no Barbudo e em S. Julião, em Vila Verde (Martins, 1990: 173).

Em todos eles, os laços de intercâmbio notam-se pela presença de ânforas do tipo Haltern 70, de fabrico Bético. De salientar a presença de um *kallathoi* de produção da área da Catalunha, com uma cronologia entre 175 – 50 a.C. vinculado pela presença romana nas proximidades à futura cidade de *Bracara Augusta*. Terá chegado ao povoado do Castro Máximo pela circulação de tropas romanas na região, fruto prováveis de incursões de reconhecimento, antes da incursão empreendida *Decimus Junius Brutus*.

No curso médio do Cávado, devemos mencionar o aparecimento de apenas alguns bordos de ânfora tipo Haltern 70, em dois povoados: em Barbudo (Martins 1989a: 31 e 44) e em S. Julião (Martins, 1988c: 21). Não se conhecem tipos anfóricos para o povoado do Lago (Martins, 1988a: 141), porém durante as escavações aí conduzidas foram recolhidos fragmentos de ânfora.

[78] Oliveira, N. (2023). "A propósito de uma peça de importação mediterrânica do Castro Máximo, Braga." poster apresentado nos *Encontros de Arqueologia, Comemoração dos* 25 anos da Licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho, Braga, 20 de setembro de 2023 (disponível em https://hdl.handle.net/1822/87664). De referir que existem outros materiais cerâmicos, com e sem contexto estratigráfico, que nunca foram convenientemente estudados.

Lógicas de povoamento e interpretações

A existência de um maior número de povoados, em princípio, reflete um aumento considerável de população que habitava o estuário do Cávado, durante o Ferro Recente, o que terá levado a uma maior compartimentação e racionalidade da exploração dos diferentes recursos disponíveis, indicador de um povoamento em rede e complementar.

Os povoados que parecem receber mais novidades, no âmbito do intercâmbio suprarregional, veiculadas pela mundividência romana, são: São Lourenço e Faria, em partes opostas do estuário, isto é, na foz e no interior. Tal demonstra bem, pelos territórios distintos que ambos controlam, a complementaridade que devia existir no controlo deste intercâmbio e destes navegantes de origem meridional.

De lembrar que o Cávado era navegável (segundo Estrabão III, 3,4; Alarcão, 1990: 433; Morais, 2005: 66-69) nesta fase, até bem perto de Braga, na zona de Areal de Caíde (Morais, 1998: 19), na freguesia de Areias de Vilar, concelho de Barcelos, a montante de Faria. O que falta saber é até onde vinham as embarcações romanas e o que seria da responsabilidade da navegação local.

2.9. INTERFLÚVIO CÁVADO-AVE

Nesta área geográfica devemos apenas ter em conta dois povoados: Laúndos ou S. Félix e Terroso (Fig. 1.163). Considerámos, ainda, o Tesouro da Estela. Quanto ao possível povoado de Navais, não temos informação suficiente sobre ele para o integrar em qualquer um dos períodos cronológicos aqui considerados.



Fig. 1.163 Povoados localizados no interflúvio Cávado-Ave. Pormenor da proximidade dos povoados entre si e entre eles e o oceano.

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Apesar do que consta habitualmente na bibliografia (Gomes, 1996, 2020) não temos dados seguros para atribuir ao povoado de Terroso uma ocupação deste período cronológico-cultural. Os materiais da Idade do Bronze, aí existentes, além de estarem muito rolados, o que indicia terem estado sujeitos a agentes erosivos durante um longo período, associam-se a fragmentos de vasos de bordo horizontal, publicados por José Fortes (1905-1908d: 663-665) e a várias decorações plásticas, sobre a forma de cordões, conjunto que devemos incluir no Bronze Médio[79].

b) IDADE DO FERRO ANTIGO

Caracterização da amostra

Tanto Terroso como Laúndos, ambos na Póvoa do Varzim, parecem ter sido ocupados no Ferro Antigo. Em **Terroso** há estruturas, diversos materiais e uma data de radiocarbono desta fase, de entre os séculos IV e inícios do II a.C. Já em **Laúndos** reconhecemos esta fase pela presença das arrecadas em ouro, encontradas no topo do monte de S. Félix, lugar onde se implantou este povoado.

Distribuição geográfica e análise espacial

Estes dois povoados situam-se em plena plataforma litoral. O povoado de Terroso localiza-se numa colina residual, de baixa altitude, e o povoado de Laúndos, numa colina impressiva e de perfil cónico, a cerca de 200 metros de Terroso. Os dois povoados observam-se mutuamente e controlariam visualmente toda a faixa costeira, entre os estuários do Cávado e do Ave e para além deles ((Figs. 1.164, 1.165).

De Laúndos é possível observar a costa desde o Cabo de Santo André até, praticamente, à foz do rio Neiva. Em dias limpos é possível avistar a costa até à foz do rio Lima, para norte e, para sul, a foz do Ave. Deste povoado seria possível estabelecer contacto visual com S. Lourenço e Faria, no estuário do Cávado, e com Bagunte e S. João, no estuário do Ave (Fig. 1.164)

De Terroso observa-se a foz do rio Cávado, a nor-noroeste e a do rio Ave, a su-sudoeste. Este povoado observaria, ainda, uma comunidade importante localizada no estuário do Cávado, a de Faria e duas no estuário do Ave: Bagunte e S. João (Fig. 1.165).

[79] Sobre a cronologia de vasos de bordo horizontal consultar Bettencourt (1997, 1999, 2010) e Sampaio (2014). Sobre cerâmicas do Bronze Médio consultar Bettencourt (2000a), Bettencourt e Fonseca (2011) e Bettencourt e Sampaio (2014).

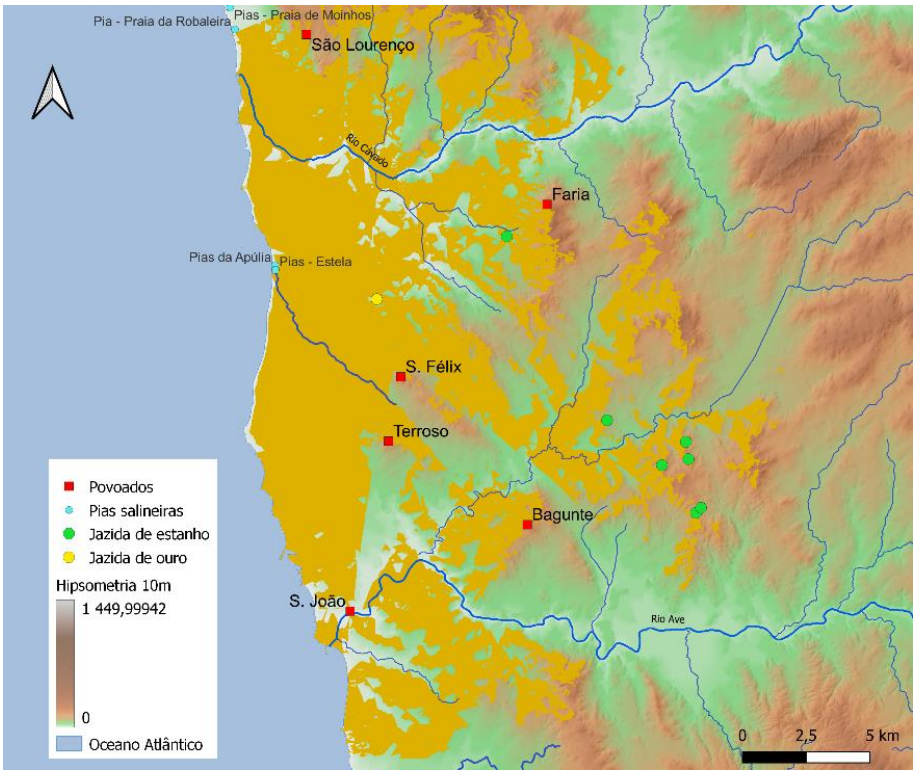


Fig. 1.164 Visibilidade a partir do povoado de S. Félix/Laúndos, face a alguns povoados dos estuários do Cávado e Ave (visibilidade num raio de 30 km).

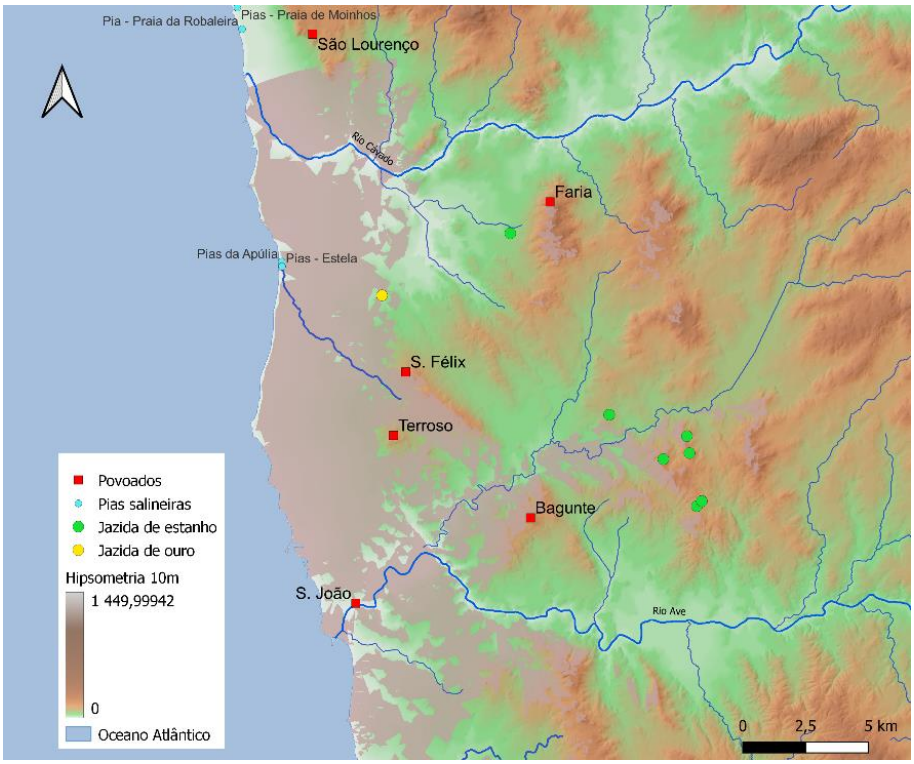


Fig. 1.165 Visibilidade de Terroso, face a alguns povoados dos estuários do Cávado e do Ave (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com os recursos naturais e com vias naturais de circulação

Os recursos naturais nesta área são bastante diversos e ricos (Fig. 1.166). Desde logo, próximo de S. Félix, a 3 km para norte, ocorre a jazida de ouro da Lagoa Negra (Teixeira *et al.,* 1965).

Não esquecemos a existência de pias salineiras, junto à costa, nas praias da Apúlia e da Estela (Bettencourt *et al.*, 2020) perto da foz do rio Alto, pequena ribeira litoral, que passa a sul e sudoeste de S. Félix.

A costa era lagunar, pelo menos até à época romana, restando ainda, desse ambiente, a lagoa da Apúlia (Granja *et al.,* 2009).

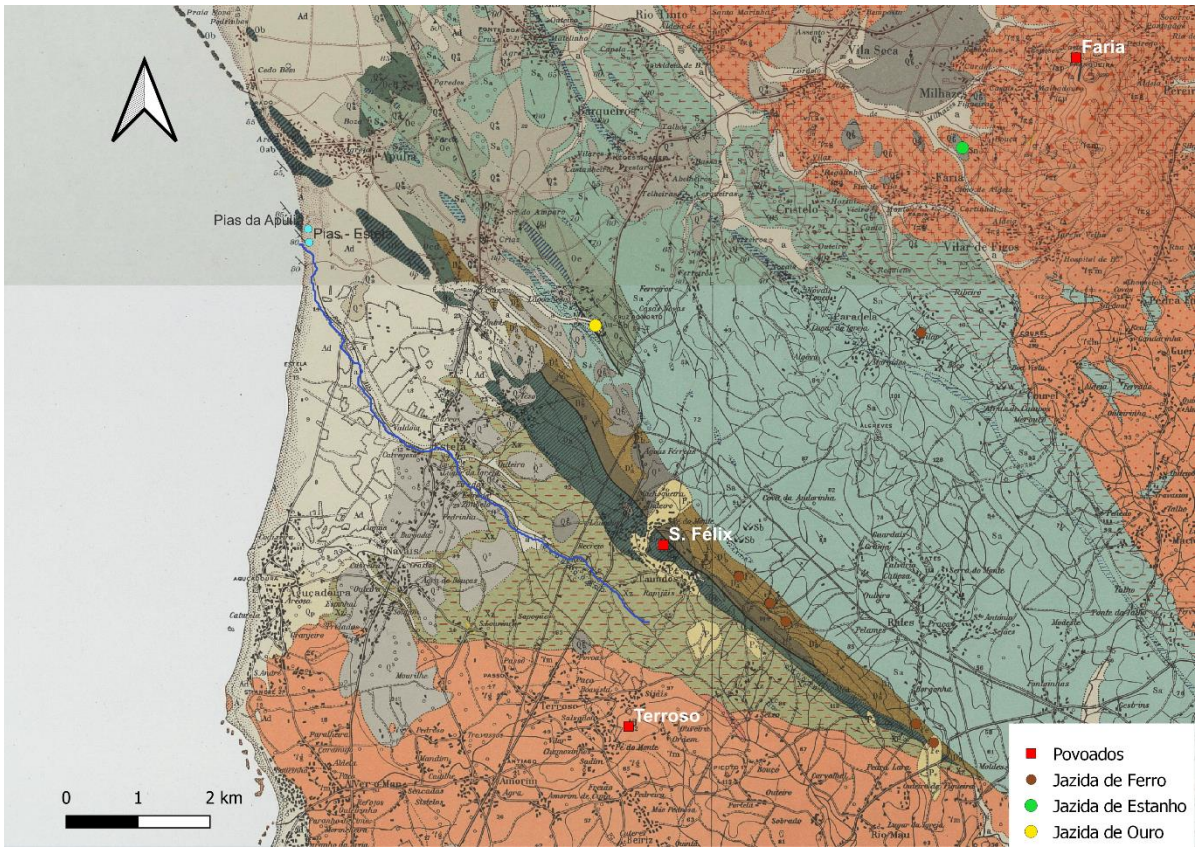


Fig. 1.166 Recursos mineiros metálicos e não metálicos, em torno de S. Félix e de Terroso.

Materiais cerâmicos locais e metálicos

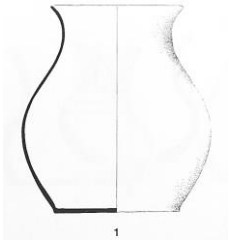
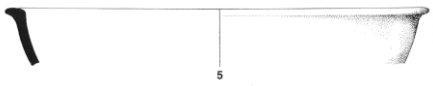
Os materiais cerâmicos de S. Félix são muito escassos, ao contrário do que acontece para Terroso, publicados por Silva (1986, 2007).

Com efeito, em Terroso observam-se alguns exemplares de potinhos (Silva, 2007, est. XLII, n.º 1 e 4), potes (Silva, 2007, est. XLIII, n.º 1), malgas (Silva, 2007, est. XLVII, n.º 5) e dois exemplares de tampas (Silva, 2007, est. LVIII, n.º 1 e 2) (Tab. 1.24). Além destes materiais, na breve análise efetuada por nós, a alguns materiais das escavações mais recentes, de Armando

Silva e José Gomes (1989, 1990 e 1991) notámos a existência de panelas de asa interior, com asa de seção circular, típicas desta fase cronológica e usadas na confeção de alimentos (Tab. 1.24). Trata-se de materiais de fabrico manual, pastas micáceas ou arenosas-micáceas, cozeduras redutoras, com cores acastanhadas e as superfícies alisadas ou espatuladas.

De S. Félix identificámos um púcaro (forma 2a) (Tab. 1.24) de fabrico manual, pasta micácea, cozedura redutora, de cor acastanhada e superfície alisada, com vestígios de fuligem na superfície exterior, atribuível a esta fase. A variedade formal e utilitária é algo simples, como aliás nos restantes povoados do Ferro Antigo das bacias do Cávado e do Ave[80].

Tabela 1.24 Formas cerâmicas no interflúvio Cávado-Ave, no Ferro Antigo

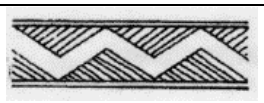
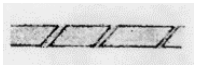
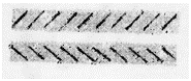
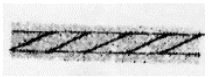
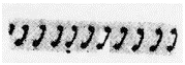
	Terroso	S. Félix
Armazenamento e transporte		
Uso de mesa ou outros	 	
Confeção de alimentos		

Quanto à gramática decorativa temos pouca informação. Os dados de que dispomos dizem respeito apenas a Terroso (Silva, 1986, 2007). As técnicas mais comuns são a incisão e a aplicação plástica em associação com a incisão ou impressão. Há bandas de triângulos incisos,

[80] A este propósito ver Martins (1990) e Martins (1991).
[81] A fuligem exterior deste fragmento pode indiciar que tenha sido usado sobre o lume.

preenchidos com incisões oblíquas, perfazendo ziguezagues entre eles. A aplicação plástica e a incisão manifestam-se através de pequenos sulcos incisos sobre cordões aplicados (formando, por vezes, uma decoração espinhada) (Tab. 1.25).

Tabela 1.25 Gramática decorativa do Ferro Antigo no interflúvio Cávado-Ave

Incisão			
Aplicação plástica e incisão			
Aplicação plástica e impressão			

Destacamos, em Terroso, vários fragmentos da mesma peça que exibem, esquematicamente, uma face humana (Gomes, 2020, vol. II: 333), delineada com incisões de ponta romba e os olhos feitos com duas impressões circulares (Fig. 1.167). O modo como a boca está representada, sugere que a figura teria barba. Trata-se de um motivo figurativo, inédito, nos contextos da Idade do Ferro. O que representaria? Uma personagem real ou mítica? Alguma divindade? Será uma imitação grosseira das faces representadas nas cerâmicas gregas de importação?



Fig. 1. 167 Fragmento de vaso decorado com uma face humana (fotografia do Gabinete de Arqueologia da da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim).

De S. Félix, ainda desta cronologia, há a registar um depósito, composto por duas arrecadas de ouro, associadas a um "bolo" em liga de prata e cobre, que estavam dentro de um vaso cerâmico, tapado com uma laje de xisto (Severo, 1905-1908: 404; Silva, 1986: 241-243; Martins, 2008: 89-90; Silva, 2014) (Fig. 1.168). Trata-se de um depósito intencional, colocado no subsolo. Seria funerário? O bolo seria um lingote? Não tivemos acesso a esta peça.



Fig. 1.168 Arrecadas do povoado de S. Félix (fonte: www.matriznet.dgpc.pt).

De salientar, ainda, o designado "tesouro da Estela" encontrado em Vila Mendo, na freguesia da Estela (Fortes, 1905-1908c; Silva, 1986: 252-253; Martins, 2008), a cerca de 6 km para noroeste do povoado de S. Félix, na plataforma litoral e a cerca de 2,5 km para sudoeste das jazidas de ouro da Lagoa Negra, em Barqueiros (Fig. 1.169). É composto por um colar articulado, com pendentes, de ouro, além de mais duas arrecadas, também em ouro, similares às de S. Félix (Fortes, 1905-1908c; Silva, 1986: 252-253) (Fig. 1.170). Desconhecemos o contexto desta deposição.

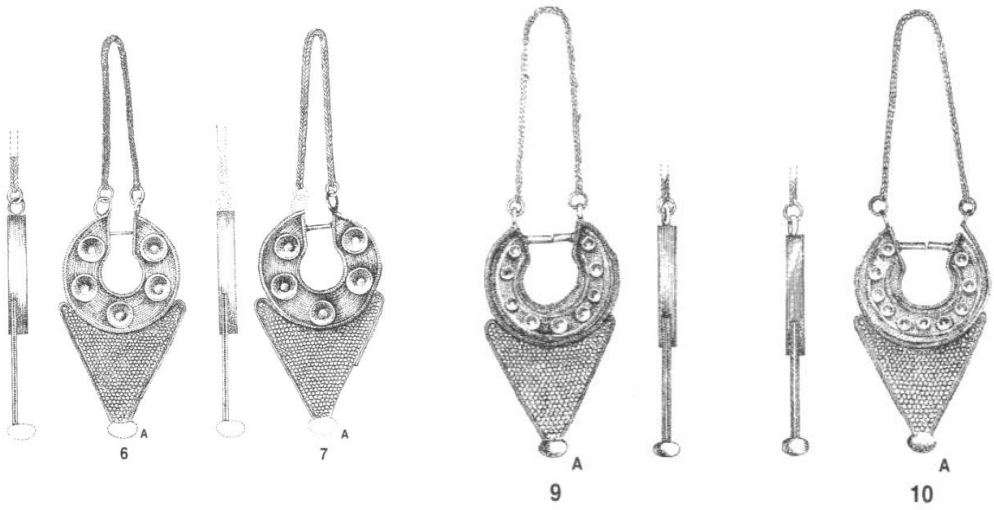


Fig. 1.169 Arrecadas na área litoral em estudo (6 e 7 – Laúndos; 9-10 – Tesouro da Estela (Silva, 2007, Est. CXVIII, adaptado).



Fig. 1.170 Colar articulado da Estela (Silva, 2007, Est. CXV, nº. 1, adaptado).

Quanto a materiais em bronze (Figs. 1.171, 1.172) devemos mencionar o aparecimento, em Terroso, de uma fíbula de tipo Santa Luzia, datável entre o séc. VII a.C. e IV a.C. (Silva, 1986, 2007, est. CI, n.º 5; Ponte, 2006: 225) e de algumas de tipo Sabroso ou Ponte 22 (Ponte, 2006: 223) com uma cronologia entre os finais do séc. VIII a.C. a meados do séc. VI /V a.C.

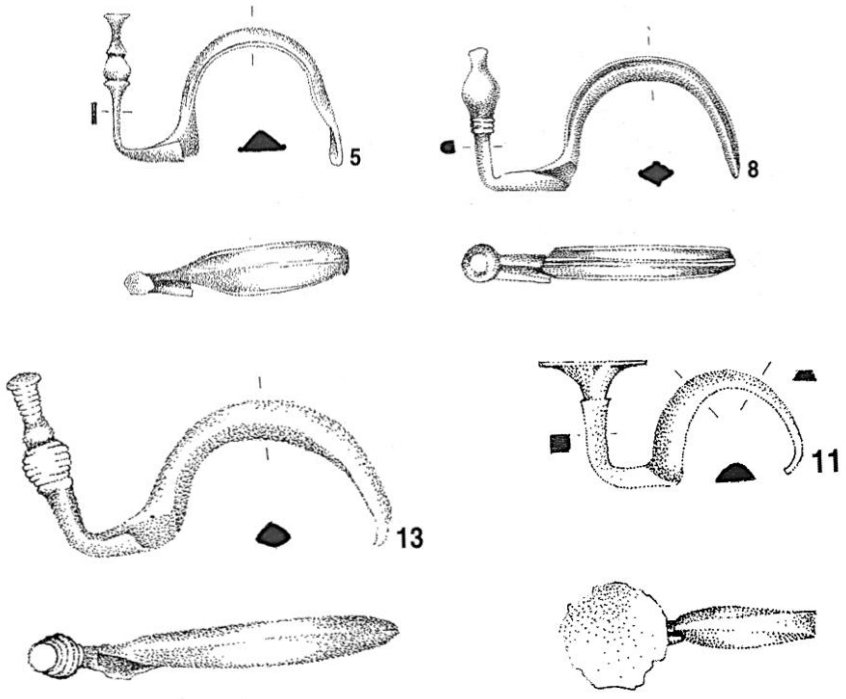


Fig. 1.171 Fíbulas de tipo Sabroso (Silva, 2007, adaptado) de Terroso.

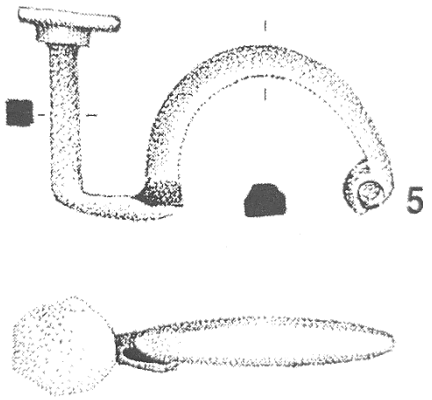


Fig. 1.172 Fíbula de tipo Santa Luzia (Silva, 2007, est. CI, n.º 5, adaptado) de Terroso.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Os escassos dados de que dispomos permitem, ainda assim, algumas considerações.

Tendo em conta o território teórico de 2 horas pedestres de S. Félix (Fig. 1.173) a proximidade da mina de ouro da Lagoa Negra deve ter proporcionado às populações que aqui residiram a sua exploração, durante o Ferro Antigo, o que talvez explique a existência das arrecadas de ouro deste povoado e do tesouro de Vila Mendo, na Estela, também inserido no território teórico de exploração de S. Félix (num espaço de circulação menor de 1 hora) (Fig. 1.173). O que é um facto é que as populações de Terroso também tinham acesso, em pouco mais de 1 hora, às mesmas jazidas. A gestão pacífica deste acesso só se poderá compreender-se se tiver existido uma gestão integrada deste território por parte de um grupo social que tutela vários povoados com funções complementares e integrados em rede. A premissa da coexistência pacífica entre estes dois sítios prende-se com o facto de ambos terem coexistido até ao Ferro Recente. As populações de S. Félix e Terroso, também tinham acesso a terrenos bem irrigados, a recursos fluviais e marinhos (sal, entre outros) e a jazidas de estanho, para nordeste e nascente, mas nota-se ausência de cadinhos e moldes, pelo menos no Ferro Antigo (Fig. 1.173).

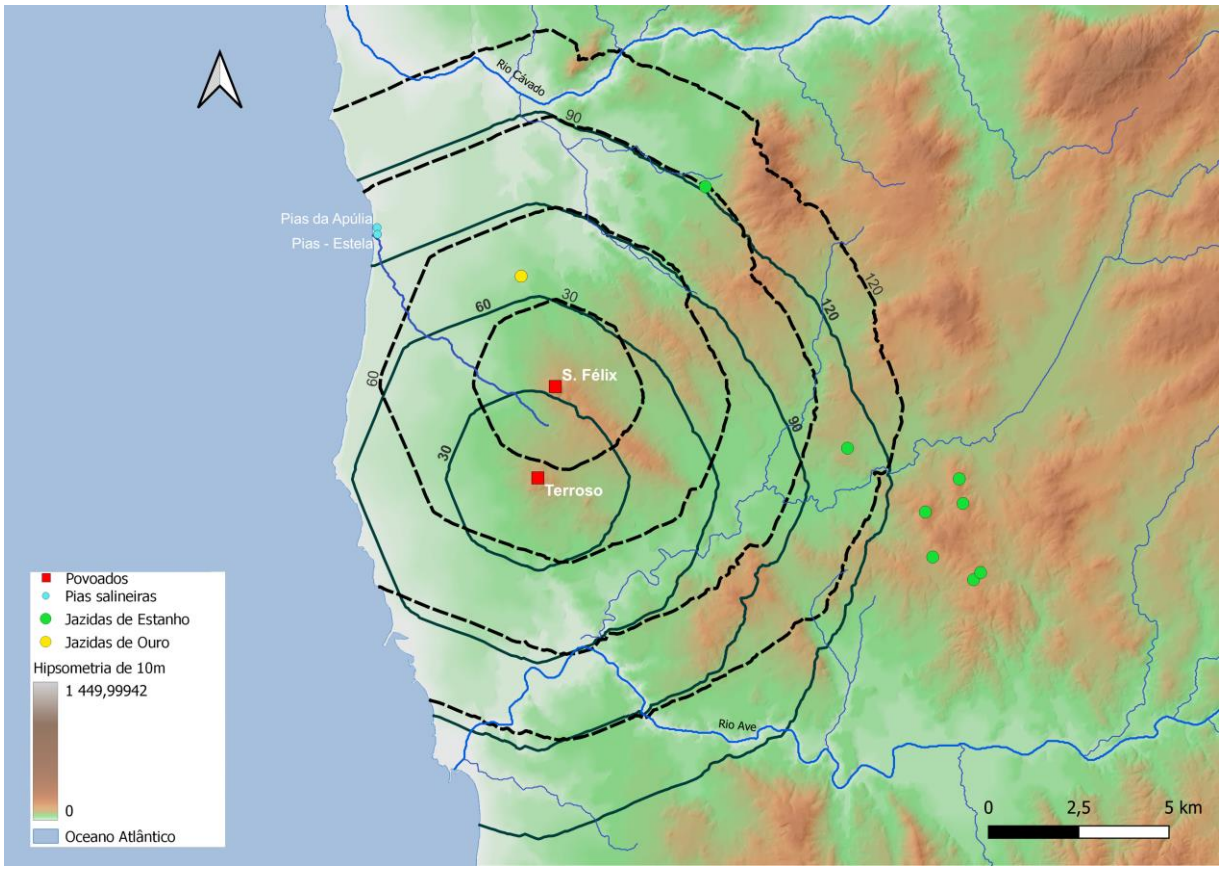


Fig. 1.173 Territórios de exploração de 2 horas pedestres (linhas isócronas de 30 minutos) a partir de Terroso (linhas contínuas) e a partir de S. Félix (tracejado).

No entanto, a riqueza de recursos mineiros deste interflúvio, não parece ter proporcionado, para esta área, um intercâmbio suprarregional significativo. Em Terroso, povoado extensivamente escavado, apenas foi encontrado um pequeno vaso de "tipo *pithos"* que Silva (2007: 239) descreve nestes termos: "bordo espessado rematado por uma superfície externa plana e oblíqua com lábio vincado na parte inferior, a pasta é homogénea de cor laranjada-clara, porosa, friável e depurada, superfície realizadas com engobe bege, feita a roda e cozedura boa". O seu diâmetro de bordo é de 10,6 cm (Fig. 1.174). Este bordo pertenceria, provavelmente, a uma peça de serviço de mesa. Data do séc. V/IV a.C. Foi ainda registada, por José Flores Gomes (1996: 118), uma outra peça com características formais similares às ânforas Mañá A4 (Molina Vidal, 1997) de origem meridional, de produção provável de Cádis[82]. Este exemplar deverá datar entre o séc. III e II a.C.

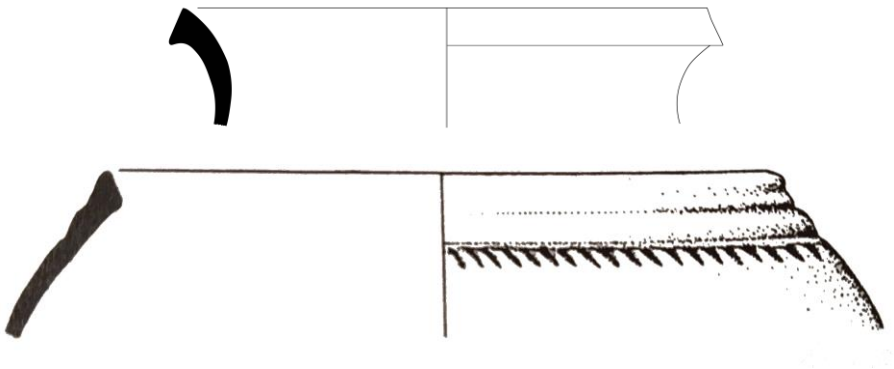


Fig. 1.174 Materiais de importação de Terroso: pequeno vaso de tipo *pithoi* (Silva, 2007, Est. LXXVI, n.º 11, adaptado); ânfora pseudo Mañá A4 (Gomes, 1996, est. XXIX, n.º 8, adaptado)

Por outro lado, a influência de gentes externas parece ter-se dado na decoração dos materiais auríferos produzidos pela população sidérica, como parecem revelar o depósito de arrecadas de Laúndos e o tesouro / depósito de Vila Mendo o que, indiretamente, evidencia contacto com materialidades ou gentes exógenas. Talvez o mesmo se possa admitir para o fragmento com decoração de uma face humana, encontrado em Terroso.

Lógicas de povoamento e interpretações

De S. Félix ou Laúndos, estando a uma posição mais elevada relativamente a Terroso, tinha provavelmente, um papel mais preponderante no controlo não só da plataforma litoral, como

[82] Provável porque não tivemos acesso a esta peça para estudo.

das fozes dos dois rios mais próximos, o Cávado e o Ave. Além disso, analisando atentamente a localização dos povoados com ocupação do Ferro Antigo, notamos que as comunidades de S. Félix e de São Lourenço se observavam mutuamente e poderiam controlar a navegação de povos exógenos à região e controlariam sobretudo a entrada no estuário do Cávado.

Já Terroso não se conectaria visualmente com os povoados do Cávado, mas sim com S. Félix e os do Ave, numa complementaridade no controlo da costa. Tal evidencia, uma vez mais, a intencionalidade das localizações destes sítios por forma a ter acesso a multiplicidade de recursos, mas também de controlo de vastas áreas do território.

c) IDADE DO FERRO RECENTE

Continuam a existir apenas dois povoados no interflúvio Cávado-Ave. Os povoados são os mesmos que foram ocupados no Ferro Antigo: S. Félix e Terroso, sendo a ocupação de S. Félix detetada no decorrer deste estudo. A distribuição espacial, a análise espacial e a articulação com os recursos naturais mantêm-se inalterados.

Materiais cerâmicos locais e metálicos

Quanto aos materiais cerâmicos notamos uma evolução na sua técnica de fabrico: a produção é agora à roda ou torno, as cozeduras são oxidantes, as cores mais amareladas ou alaranjadas e as peças de maior dimensão com um aparente crescendo na especialização. Observamos isto, sobretudo em Terroso, onde a amostra é visivelmente superior (Silva, 1986, 2007; Gomes, 1996), embora os materiais de S. Félix se encaixem nestas características genéricas.

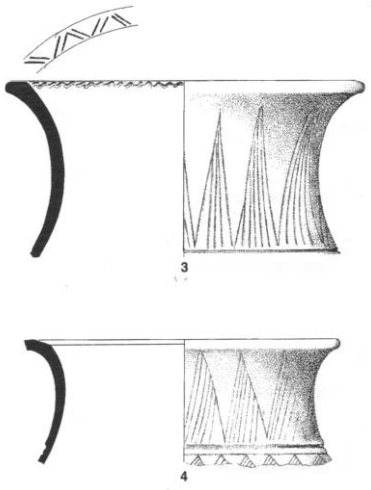
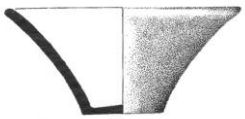
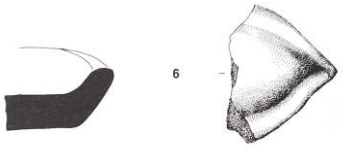
Notamos em Terroso a existência do denominado tipo C (Silva, 1986, 2007) que se traduz em vários tipos de peças, potes, potinhos e inclusivamente panelas destinadas à atividade culinária, que o autor relaciona com os processos de aculturação com o mundo romano (Silva, 1986: 128) e que correspondem às formas 1, 2, 3 e 4 de Martins (1990). Existem peças do tipo B, que se traduzem em pequenos potinhos, rebaixados, com perfil carenado (Silva, 1986: 127), com equivalência à forma 7 de Martins (1990); peças do tipo A1l que são pequenas taças para beber sem equivalência em Martins (1990). Verifica-se a existência do tipo E4a – caçoila destinada à confeção de alimentos (Silva, 1986: 130), equivalente à forma 3 de Martins (1990) e, ainda, de um tipo cerâmico denominada de cântaro, tipo G2 (Silva, 1986: 133), que poderia ter uma ou duas asas, e serviria para conter água ou para depósito de líquidos, aparentado com as talhas ou

dolia, mas de menor dimensão e com colo alto (que são aparentados com as formas 1b e 1c (Martins, 1990), contudo sem exibir decoração na zona do colo, e lábio. Devemos referir que os cântaros são profusamente decorados (Tab. 1.26). Persistem as tampas (tipo O2b1) e as panelas de asa interior para o uso na confeção de alimentos (Silva, 1986: 128-129) (forma 4 de Martins, 1990). Ainda no que diz respeito à produção cerâmica existem cadinhos com aderências metálicas para produção metalúrgica (Fig. 1.175). Na obra de José F. Gomes (1996) detetamos uma grande variedade formal, mas que não se afasta da realidade do vale do Cávado, no Ferro recente. Neste universo formal destacamos peças como: frigideiras e pratos covos (Gomes, 1996: 137) que são aparentados das formas 3 (malgas e tigelas) de M. Martins (1990), e as bacias com asas exteriores cujas formas se podem relacionar com as formas 4 (panelas de asa interiores) de M. Martins (1990).



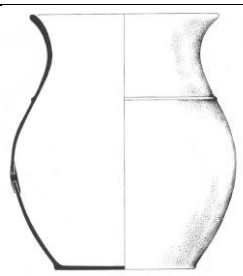
Fig. 1.175 Cadinho cerâmico de Terroso.

Tabela 1.26 Formas exclusivas do interflúvio Cávado-Ave, no Ferro Recente

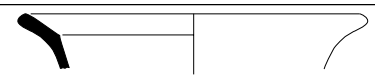
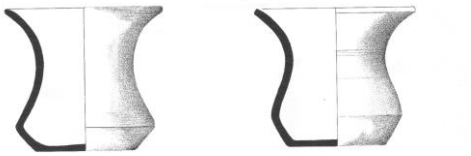
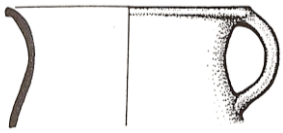
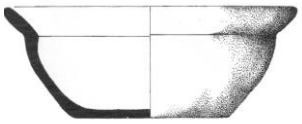
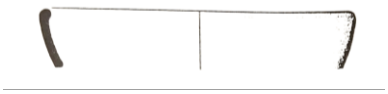
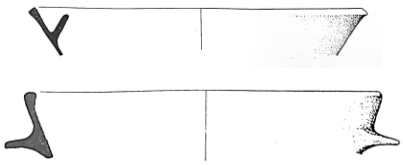
Transporte de alimentos ou água	
Uso indeterminado	
Produção metalúrgica	

Em S. Félix, registámos potes (das formas 1a e 1b), potinhos (forma 2b), uma panela de asa interior (forma 4b), talhas (forma 5) e uma panela de asa em orelha (forma 6). Armando C. Silva (2007, Est. XLVI, n.º 5) registou uma taça do tipo A1j, desta fase, que é o equivalente à forma 3 de Martins (1990). Estas formas são, em parte, similares às encontradas noutras bacias hidrográficas, como é o caso do Cávado (Tab. 1.27).

Tabela 1.27 Formas cerâmicas no interflúvio Cávado-Ave, no Ferro Recente

Funcionalidade	Forma	**Terroso**[83]	**Laúndos / S. Félix**
Armazenamento e transporte	Forma 1a		

[83] Desenhos de Armando Coelho da Silva (1986) e Gomes (1996).

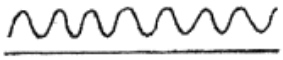
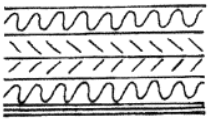
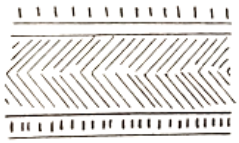
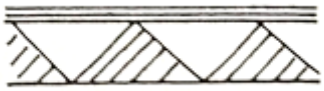
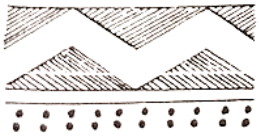
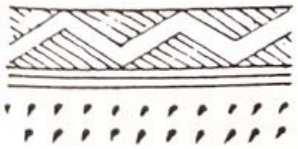
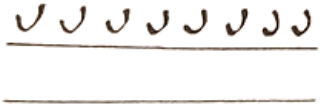
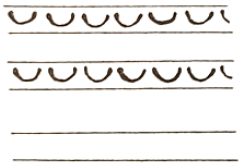
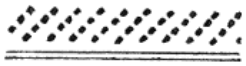
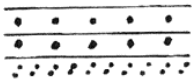
	Forma 1b		
Uso de mesa ou outros	Copas		
	Púcaro com asa		
	Taça		
	Prato Covo		
Confeção e cozedura de alimentos	Frigideira		
	Caçoila		
	Panela de asa inteiror ou exterior		
	Panela (de asa em orelha)		

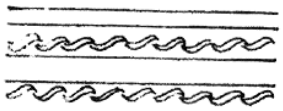
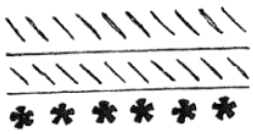
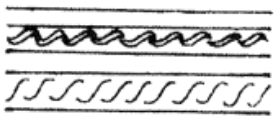
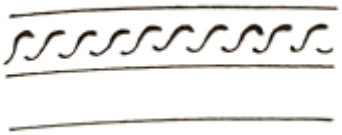
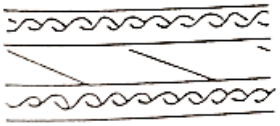
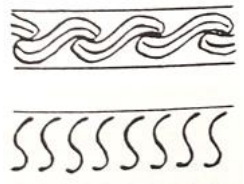
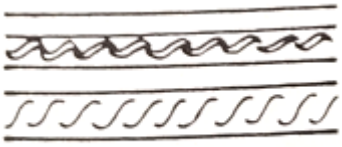
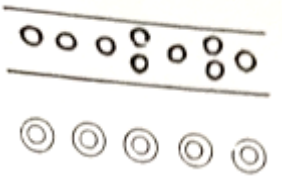
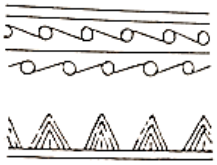
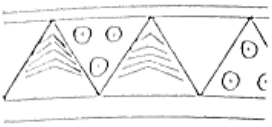
O panorama formal desta área parece ser um pouco mais diverso do que no Cávado, por exemplo, talvez devido à litoralidade, originalidade e permeabilização a formas exógenas.

Em Terroso, encontramos formas cerâmicas (sobretudo de uso à mesa) que diferem de outras bacias hidrográficas estudadas, como é o caso das pequenas taças para uso de mesa (A1l, de Silva, 1986), por exemplo e pelo número interessante de copos (forma 7) registadas. Ao mesmo tempo, em S. Félix, a escassos quilómetros de Terroso, deparamo-nos com uma tradição típica da área do Cávado. É de sublinhar que o espólio deste sítio é muito diminuto, pelo que teremos de encarar qualquer generalização com cuidado.

Quanto à gramática decorativa apenas temos dados para o povoado de Terroso. Neste, a decoração é algo diversificada, não só quanto às técnicas, como na distribuição espacial da decoração sobre a peça. Apesar disso, há alguns motivos que não diferem da fase anterior, como as bandas definidas por sulcos incisos horizontais, preenchidos com motivos em zigue-zague, triângulos preenchidos e alguns cordões dispostos na horizontal. Os novos motivos passam por um uso, quase excessivo, de sulcos ondulados incisos (ondas do mar?); pequenas impressões de quadrados, em série; séries de SSS, uns mais estilizados do que outros; impressões de motivos mais naturalistas (estrelas-do-mar ou rosáceas?); impressões ovais (Tab. 1.28). Ainda neste capítulo temos de referir a existência de alguns fragmentos que exibem decoração por aguadas castanho-escuras ou negras (Tab. 1.28). Esta técnica tem aparecido noutros povoados estuarinos, como Santa Luzia, Faria, S. João e S. Paio.

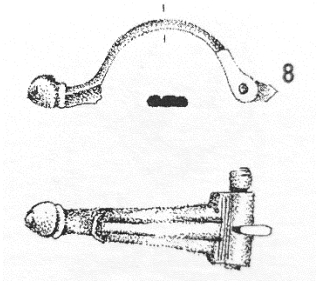
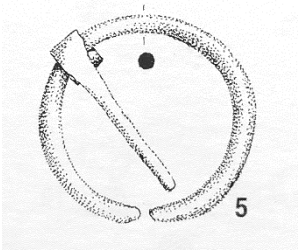
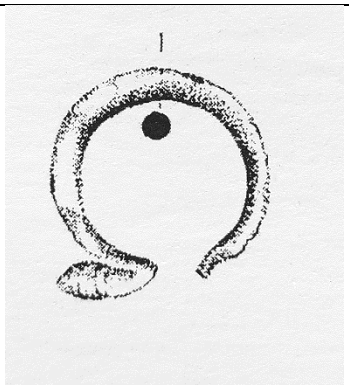
Tabela 1.28 Gramática decorativa em Terroso, no Ferro Recente

Incisão		
		
		
		
		
		
Impresão e incisão		
		

		
		
		
		
		
Decoração plástica, com restos de aguada		

Quanto aos materiais <u>metálicos</u> destacamos a presença de várias fíbulas de tipo Aucissa e Fowler (Silva, 1986, 2007; Gomes, 1996), em Terroso. Estes tipos encontram-se já na fase final da Idade do Ferro e da transição para a época romana, entre os finais do séc. I a.C. e sobretudo a partir do séc. I d.C. (Tab. 1.29). Regista-se em Terroso, dois anzois, em ferro (Gomes, 1996, est. LVIII, n.º 7 e 8) cuja cronologia poderá ser do Ferro Recente.

Tabela 1.29 Fíbulas em bronze de Terroso

Tipologia	Desenho	Fonte
Aucissa		Silva, 2007, Est. CII, n.º 8
Fowler A		Silva, 2007, Est. CIII, n.º 5
Fowler A1		Silva, 2007, Est. CIII, n.º 26
Fowler B1a		Silva, 2007, Est. CIV, n.º 6

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Nesta fase está atestada a produção metalurgia de estanho, em Terroso. A partir dessa fase é provável que ambos os povoados tenham explorado os recursos de ferro, nos seus territórios prováveis de exploração de 30 e 60 minutos (S. Félix e Terroso, respetivamente) (Fig. 1.176).

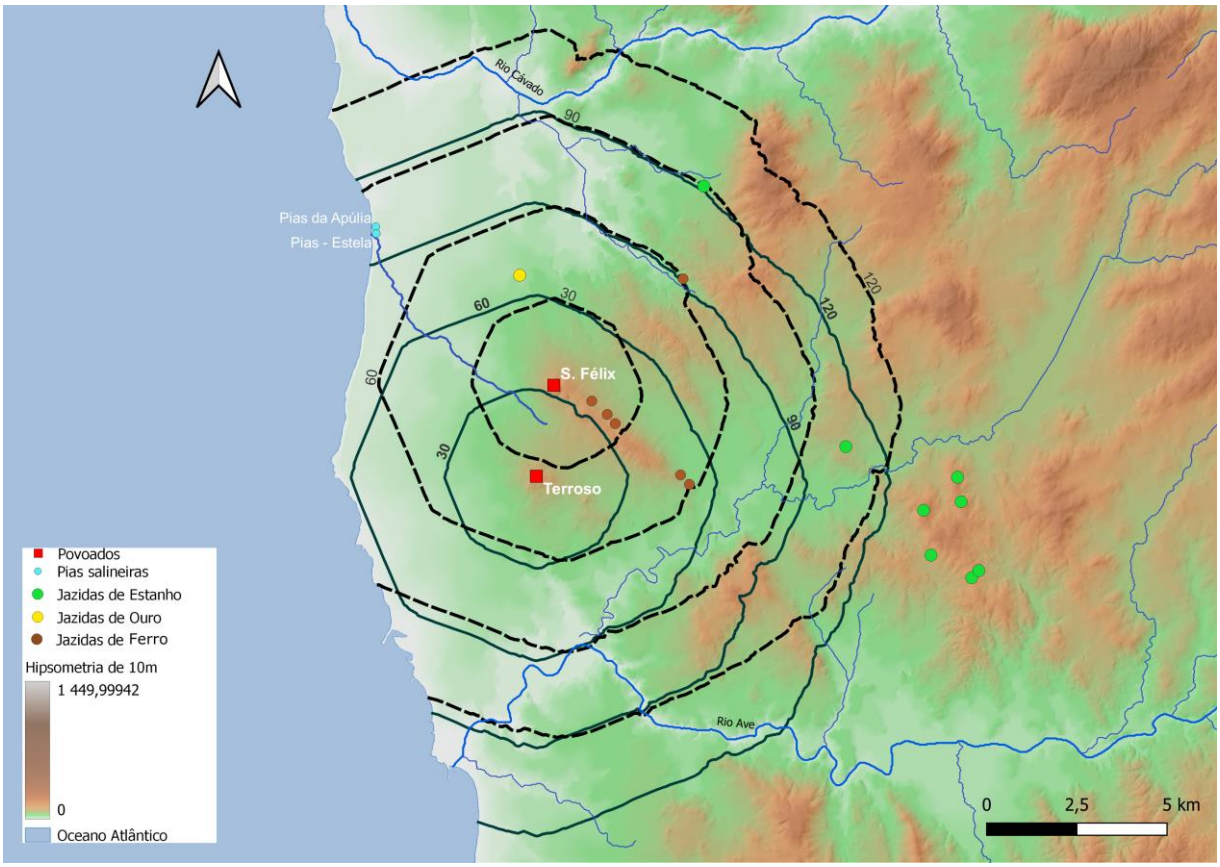


Fig. 1.176 Territórios de exploração de 2 horas pedestres (linhas isócronas de 30 minutos) a partir de Terroso (linhas contínuas) e a partir de S. Félix (tracejado), com as jazidas de ferro desta área.

Também aumentaram as evidências do intercâmbio regional e suprarregional, independente de quem o efetua (populações locais, outras?), mas sempre com pouca expressão, tendo em conta as evidências materiais.

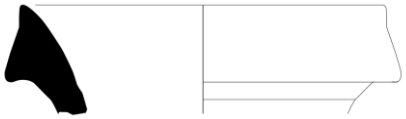
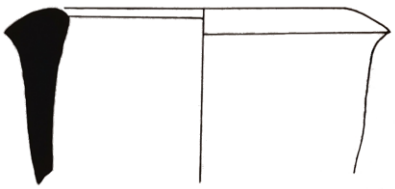
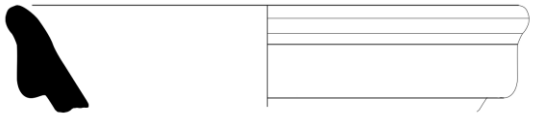
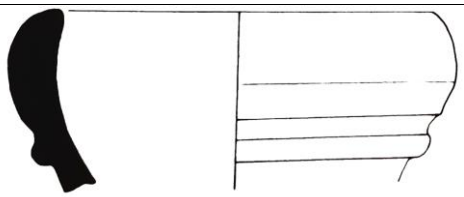
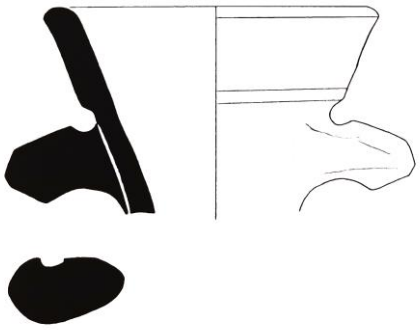
O intercâmbio regional, com áreas mais setentrionais (do sul da Galiza ao Minho-Âncora) infere-se através de um fragmento de bojo, inédito, decorado com aplicações plásticas, apelidadas de decoração perlada (Fig. 1.177) e pela presença da forma denominada cântaro, profusamente decorada nos lábios, colos e início dos bojos. A decoração do lábio e do colo é algo invulgar nas produções típicas do Noroeste português, sendo provável que correspondam a importações, prováveis, da forma serra tipo Toralla e bordos reforçados tipo Vigo (Rey Castiñeira, 1991) ou de imitações destas mesmas peças, mas em pasta típica do Noroeste português, micácea ou micácea arenosa.



Fig. 1. 177 Bojo de fabrico e de decoração típica da área das Rias Baixas galegas ao Minho-Âncora.

Os contentores anfóricos, promovendo a entrada de novos hábitos de consumo de origem meridional, estão presentes em Terroso, embora em escassa quantidade. Estes foram estudados por Maria Paiva (1993). Com base neste trabalho pode dizer-se que há contentores de várias proveniências, sobretudo da área da Bética, do Vale do Guadalquivir e itálicos. O maior número de exemplares são de Haltern 70 (Paiva, 1993: 76-77), sendo, relativamente poucos, exemplares de outra tipologia. Ainda assim, foram classificadas ânforas dos seguintes tipos: Dressel 1a e 1b, Dressel 2-4, Dressel 7-11 e Classe 67 (Paiva, 1993: 76-81). Alguns tipos anfóricos transportavam vinho (tipo Dressel 1, Dressel 2-4), segundo García Vargas (2004) e preparados piscícolas (Dressel 7-11) (Tab. 1.30). As ânforas de tipo Haltern 70 são multiusos, mas normalmente relacionadas com o transporte de vinho. O tipo Classe 67 (de produção gaditana) transportaria azeite (García Vargas *et al.*, 2011: 214).

Tabela 1.30 Contentores anfóricos[84] do Ferro Recente, no interflúvio Cávado-Ave

Produto transportado	Ânforas	Terroso
Vinho ou derivados	Dressel 1 (e variantes)	
	Dressel 2-4	
Preparados Piscícolas	Dressel 7-11	
	Classe 67	
Multiuso	Haltern 70	

Lógicas de povoamento e interpretações

A persistência de dois povoados com um território teórico de exploração que se intersecta a partir dos 30 minutos indicia, mais uma vez, cooperação entre povoados, num sistema de povoamento complementar e em rede. A sua importância geoestratégica, na exploração das jazidas de ferro e de ouro também deve ser considerada, assim como no controlo da navegação marítima, em articulação entre eles e entre eles e os estuários do Cávado, a norte, e do Ave, a sul.

[84] A partir dos desenhos de Paiva (1993), adaptados.

No entanto, a pouca expressão de peças de exportação, indicia que não seriam os interlocutores diretos com os comerciantes, papel que deveria caber às populações localizadas nos estuários dos rios.

Também é provável que S. Félix tenha servido como ponto de referência, a partir do mar e da plataforma litoral, para os navegadores e viajantes, tanto nesta como noutras fases cronológico-culturais, pois localiza-se num monte impressivo, perto do Cabo de Santo André, sensivelmente a su-sudoeste de S. Félix.

2.10. ESTUÁRIO DO AVE

Nesta área devemos incluir os povoados de Bagunte e de S. João (Fig. 1.178). Não foram considerados os povoados genericamente proto-históricos de Argivai, Santagões, Retorta e Boi, pelas diminutas informações que dispomos sobre eles.



Fig. 1.178 Povoados considerados no estuário do Ave.

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Caracterização da amostra

Para este período cronológico-cultural foi possível definir ocupações em dois povoados: Bagunte e S. João.

Distribuição geográfica e análise espacial

Relativamente à sua distribuição geográfica, Bagunte encontra-se no alto de um monte, algo impressivo, sobranceiro quer ao rio Ave, quer ao rio Este, afluente do primeiro. A partir dele é possível, ainda, observar o oceano atlântico, a plataforma litoral e o estuário do Ave até à foz do rio Este (Fig. 1.179) O povoado de S. João (a 7 km para sudoeste), o povoado de Terroso (a 6 km para nor-noroeste) e o Laúndos (a 7 km para noroeste) são observáveis a partir de Bagunte.

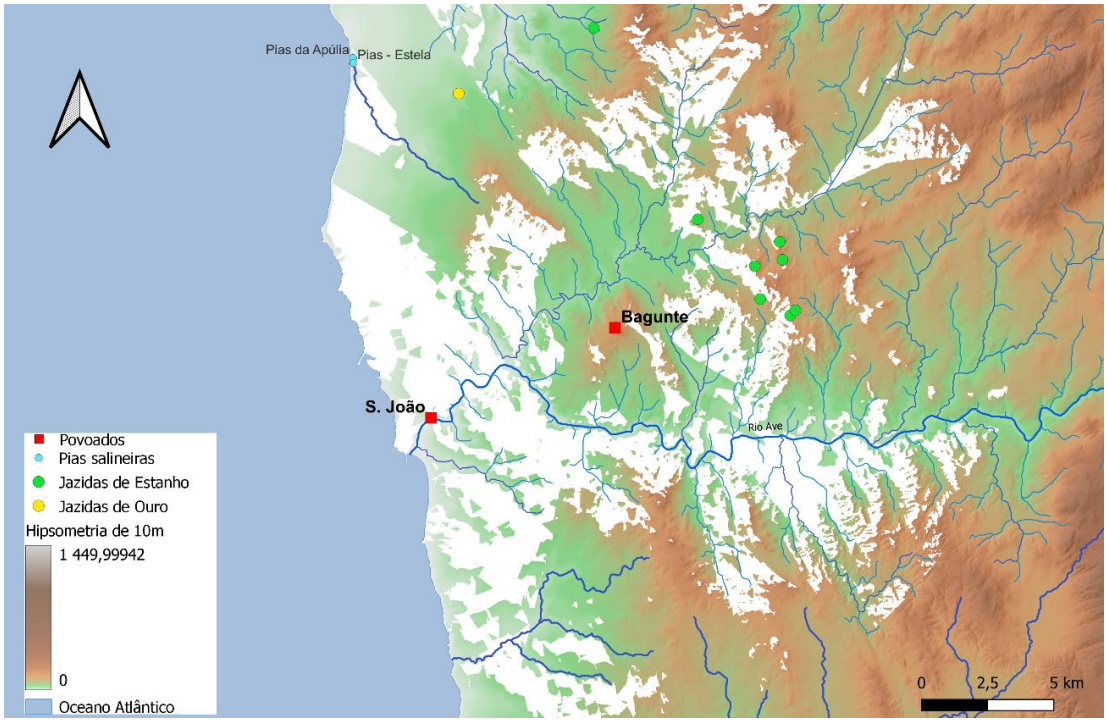


Fig. 1.179 Visibilidade a partir de Bagunte (a branco) (visibilidade num raio de 30 km).

Nesta área, a plataforma litoral é relativamente plana, pontuada com algumas colinas e outeiros de baixa altitude. É disso exemplo, na foz do Ave e na margem direita, o pequeno outeiro (com 29 metros de altitude), onde se localiza o povoado de S. João. Este fica a apenas a 1,5 km da foz do Ave que observa de forma clara, podendo controlar a entrada e saída de pessoas, ideias, matérias-primas e artefactos (Fig. 1.180).



Fig. 1.180 Vista para a foz do Ave, a partir do topo do outeiro onde se implanta o povoado de S. João.

De referir que o outeiro onde se implanta S. João, por ser aplanado, tem fraca visibilidade para norte (Fig. 1.181). Porém, ainda visualiza os povoados de Terroso e o povoado de Bagunte, a nordeste, alem do estuário do Ave até à confluência com o rio Este.

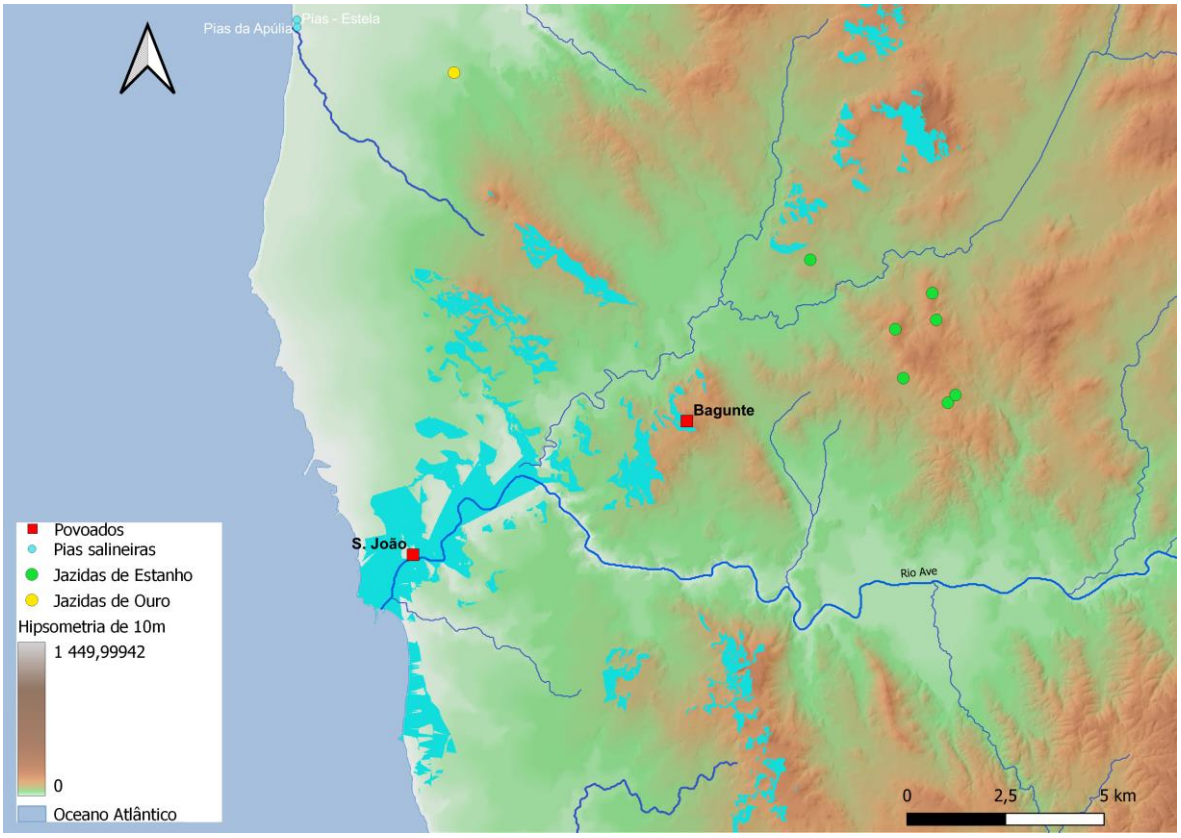


Fig. 1.181 Visibilidade a partir de S. João (a azul) (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação

Quanto aos recursos naturais disponíveis, devemos destacar a extensa planície, bem irrigada e agricultável existente, sobretudo a norte do rio Ave e ao longo das suas margens. Bagunte teria acesso facilitado aos recursos de monte, propício para a prática de pastorícia, para a agricultura de cevada e a exploração dos recursos lenhosos.

Ambos disporiam de recursos fluviais e S. João poderia, ainda, ter acesso a recursos marinhos.

Quanto à exploração do sal marinho é provável que a comunidade de S. João explorasse esse recurso. Infelizmente, não temos dados mais concretos da existência desta exploração em áreas próximas. As pias salineiras mais próximas que se conhecem são aquelas encontradas nas praias da Estela e da Apúlia (Bettencourt *et al.,* 2020), a mais de 2 horas de distância pedestre deste local (Fig. 1.182).

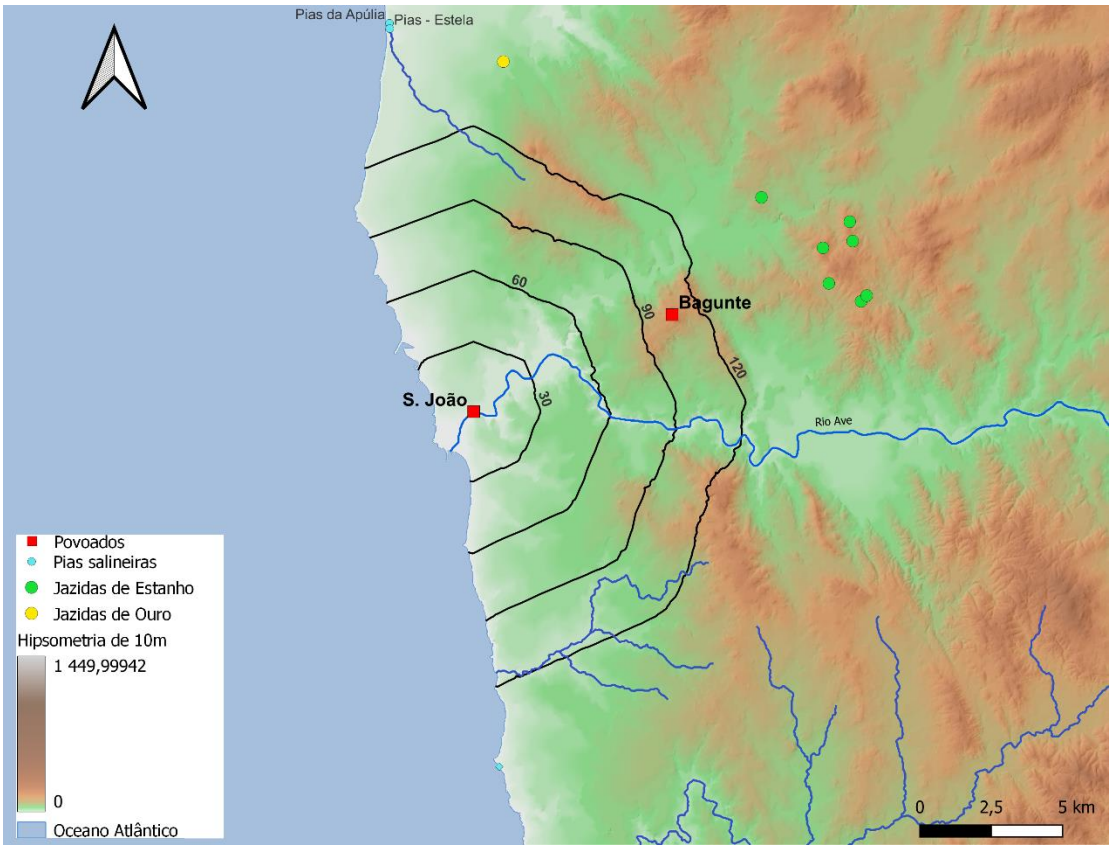


Fig. 1.182 Território pedestre de 2 horas a partir de S. João, com linhas isócronas de 2 horas pedestres.

Quanto a Bagunte, é de salientar a sua proximidade com os recursos mineiros metálicos de estanho de Gondifelos e Vilarinhos da Cambas (Famalicão), a 1h 30 de distância pedestre (Teixeira *et al.,* 1965) (Figs 1.183, 1.184). No entanto, é muito provável que existisse estanho de aluvião,

quer no rio Este quer no Ave, que pudesse ter sido explorado, com facilidade, pelas populações de ambos os povoados.

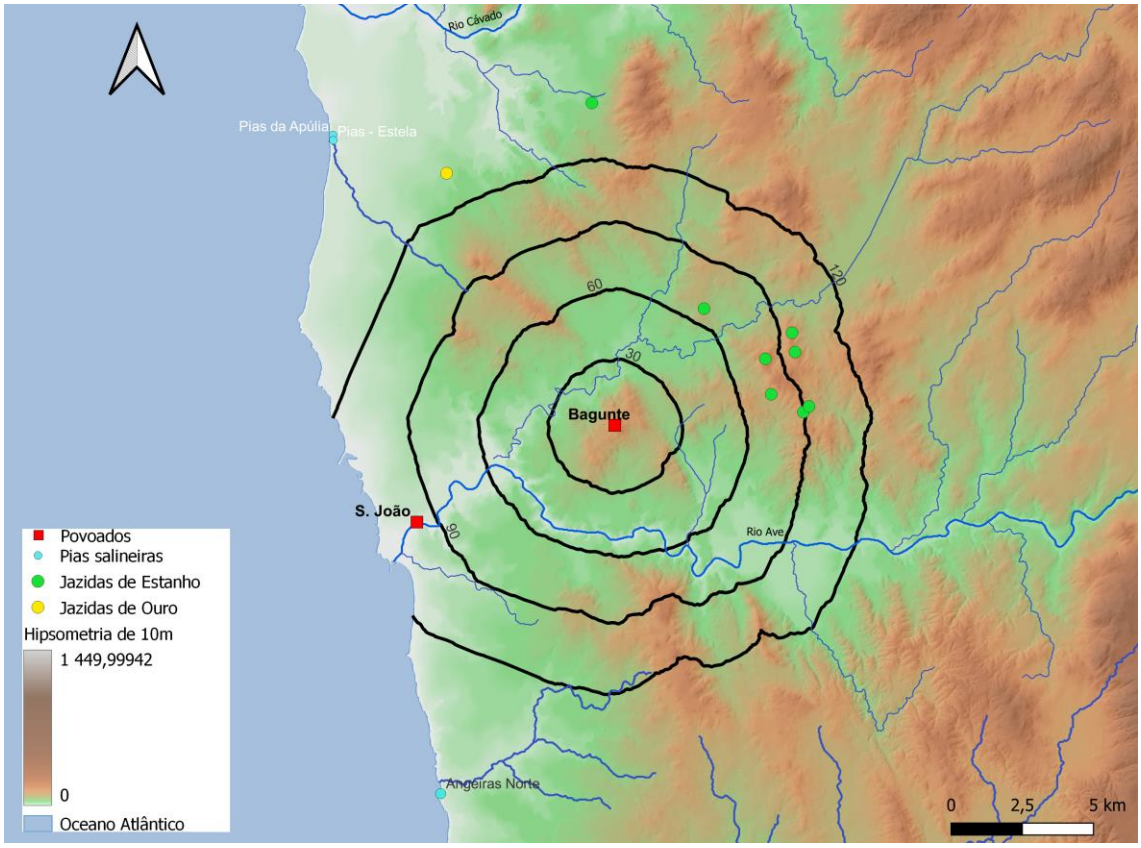


Fig. 1.183 Território teórico de exploração de 2 horas pedestres de Bagunte, com linhas isócronas de 30 minutos.

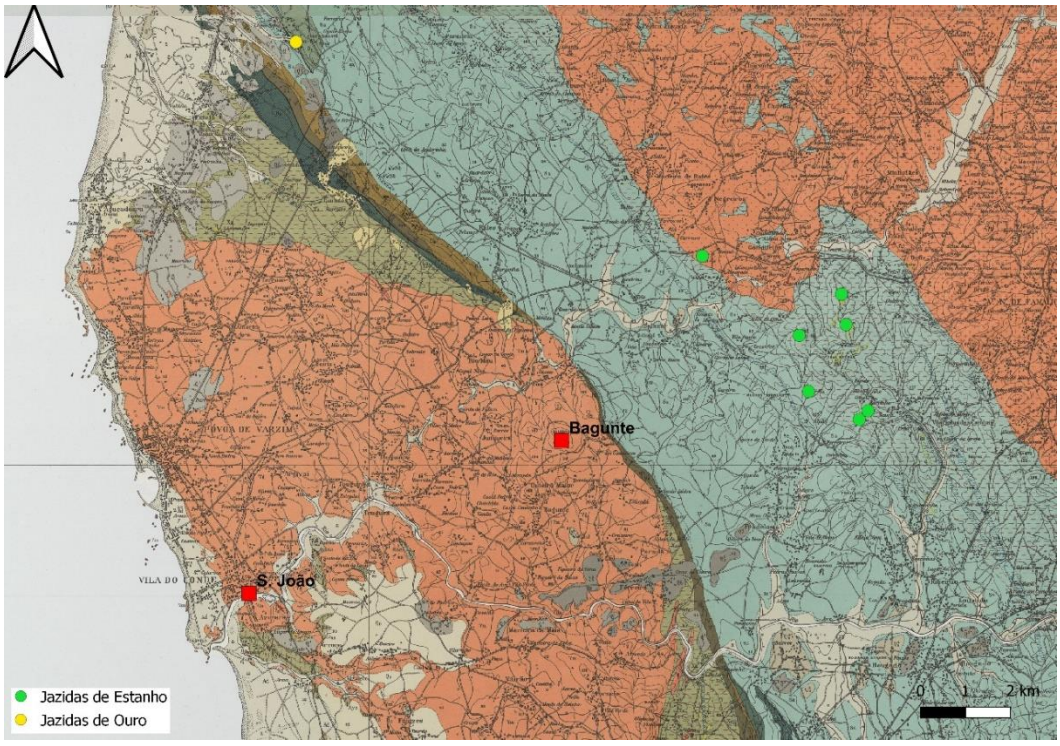


Fig. 1.184 Recursos minerais metálicos próximos do estuário do Ave.

Materiais cerâmicos e metais locais

Quanto aos materiais cerâmicos, em S. João estes são escassos, não tendo sido possível discernir qualquer forma, pois o nível de ocupação deste período não foi encontrado. Estas cerâmicas são reveladoras de fabricos manuais, pastas arenosas, com desengordurantes de médio e grande calibre e de texturas médias e grosseiras (Fig. 1.186). Os acabamentos são alisados e polidos (base de fundo plano simples) e as cozeduras redutoras. Quanto a Bagunte, também são raros os fragmentos cerâmicos desta fase. Devemos, ainda assim, referir alguns materiais existentes em depósito, no Museu de História Natural do Porto, publicadas por Almeida *et al.* (2020), deste último povoado. Nessa pequena coleção observam-se várias taças carenadas (forma 12) com decoração brunida, datáveis dos finais da Idade do Bronze (Almeida *et al.,* 2020) (Fig. 1.185) e urnas (forma 15), também deste período cronológico-cultural[85]. Estas peças, pelo cuidado e forma, poderão estar destinadas ao serviço de mesa, no entanto Bettencourt defendeu que este tipo de peças possam ter um uso provável em atividades rituais que implicariam o uso do fogo[86] (Bettencourt, 1999: 131). As pastas são arenosas, embora com algumas micas que poderão ser da argila, com desengordurantes pequenos e pasta muito depurada. Aliado a este facto, a qualidade do polimento que sofreram denota uma grande qualidade, como é comum nas cerâmicas finas do Bronze Final do Cávado e Ave mais interior (Martins, 1990; Bettencourt, 1999, 2000c).

Quanto aos materiais metálicos cabe-nos destacar um bracelete de ouro maciço[87] (Vasconcelos, 1905: 448; Parreira-Pinto, 1980: 14, n.º 58; Silva, 1986: 255; Silva, 1987; Armbruster e Parreira 1993: n.º 49; Dinis, 1993: 113; Sousa, 2004: 44) proveniente, genericamente, de Vila do Conde e que datará desta fase cronológica.

[85] Estas formas correspondem à tabela de Bettencourt (1999) para o estudo das cerâmicas da Idade do Bronze.
[86] Apenas no futuro com novas escavações e estudo deste tipo de formas em contexto saberemos mais sobre o seu potencial uso.
[87] Pelos dados disponíveis, sabemos que este bracelete foi adquirido por Leite de Vasconcelos ao ourives Moniz, da Rua do Ouro em Lisboa que o havia comprado em Vila do Conde, de onde lhe disseram que provinha, em 24 de outubro de 1904. Fonte: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=110023

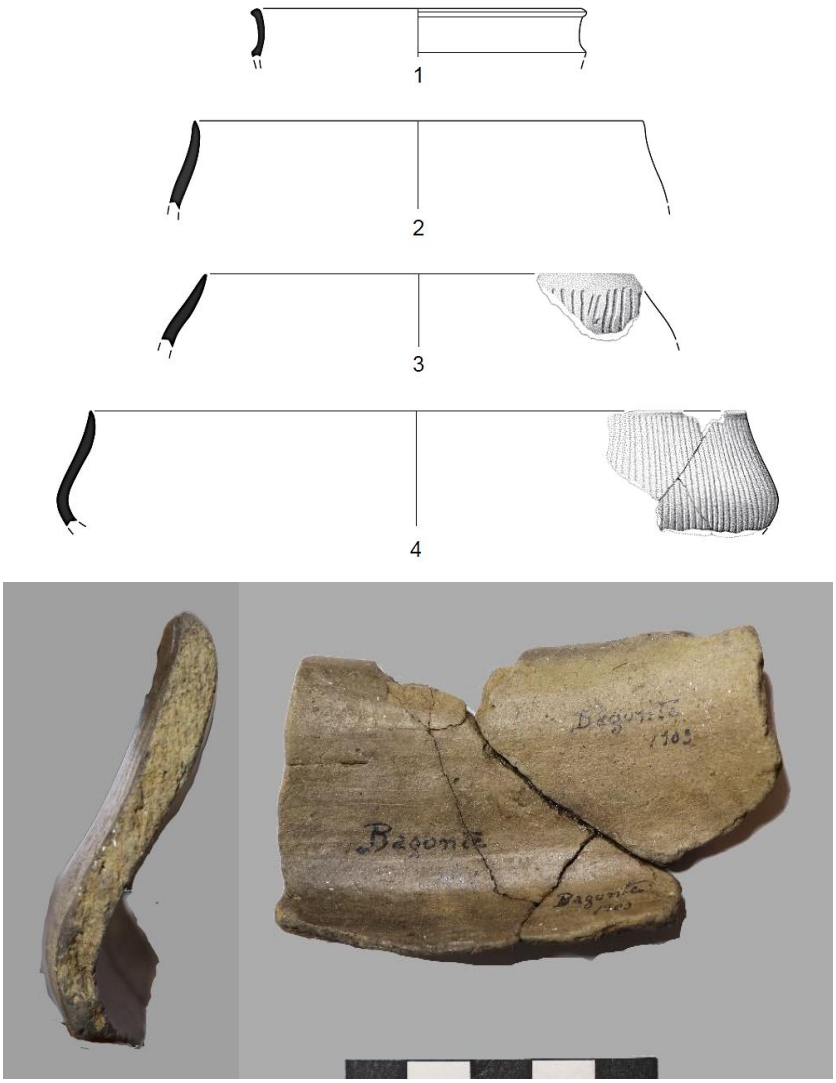


Fig. 1.185 Taças carenadas e urnas de Bagunte (Almeida *et al.,* 2020, adaptado).



Fig. 1.186 Fragmentos de um bordo e de uma base do Bronze Final de S. João.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Embora não tenhamos grandes dados sobre aspetos funcionais, devemos referir que houve, nesta região, contactos com povos meridionais. Estes contactos revelam-se através de um

machado produzido no sul da Península Ibérica, encontrado em Bagunte, na área do povoado, segundo Monteagudo (1977: 142) e Almeida, *et al*. (2020). Trata-se de um machado de aletas, sem contexto preciso, fraturado em parte do gume (Fig. 1.187).

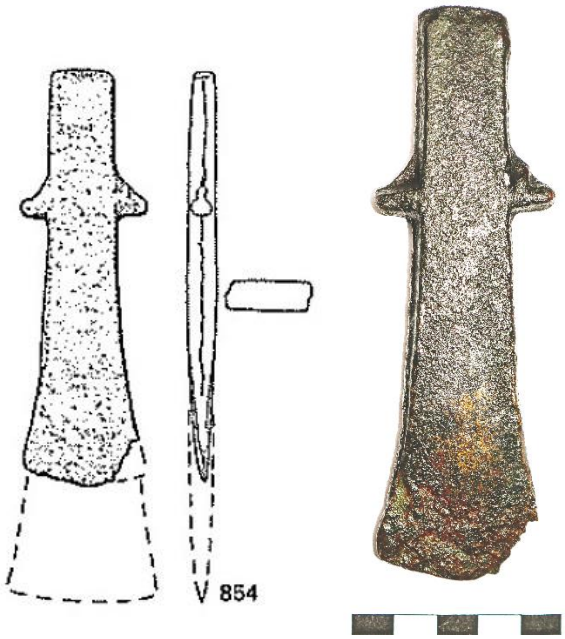


Fig. 1.187 Machado de aletas, fraturado (Monteagudo, 1977, Tafel 52, n.º 854, adaptado) (fotografia nossa, realizada no Museu de História Natural da Universidade do Porto).

Lógicas de povoamento e interpretações

Como vimos, foram observados dois povoados: um interior (Bagunte e de altura) e outro litoral (S. João, a baixa altitude), o que revela, provavelmente, complementaridade de recursos e do controlo territorial, sendo provável que existisse entre eles articulação em rede, quer no controlo da circulação no estuário e no litoral, quer das minas de estanho, mais interiores.

Assumimos que nesta fase a exploração do estanho para produção de peças metálicas poderia ser efetuada pela comunidade de Bagunte, entre outras mais interiores, como Penices, segundo Queiroga (1992: 66) e Dinis (1993: 65). Dessa forma, esta matéria-prima metálica poderia estar disponível para outras comunidades do litoral. Esta circulação de matérias-primas seria realizada através de embarcações indígenas navegando pelo rio Ave ou por via terrestre, através dos vales do Ave e do Este. De notar que Bagunte e S. João se intercetam a pouco mais de 90 minutos pedestres (Fig. 1.188). O que é de notar é que o machado de aletas apareceu em Bagunte, pelo que, nesse circuito de trocas, o povoado de S. João terá tido um papel que ainda desconhecemos

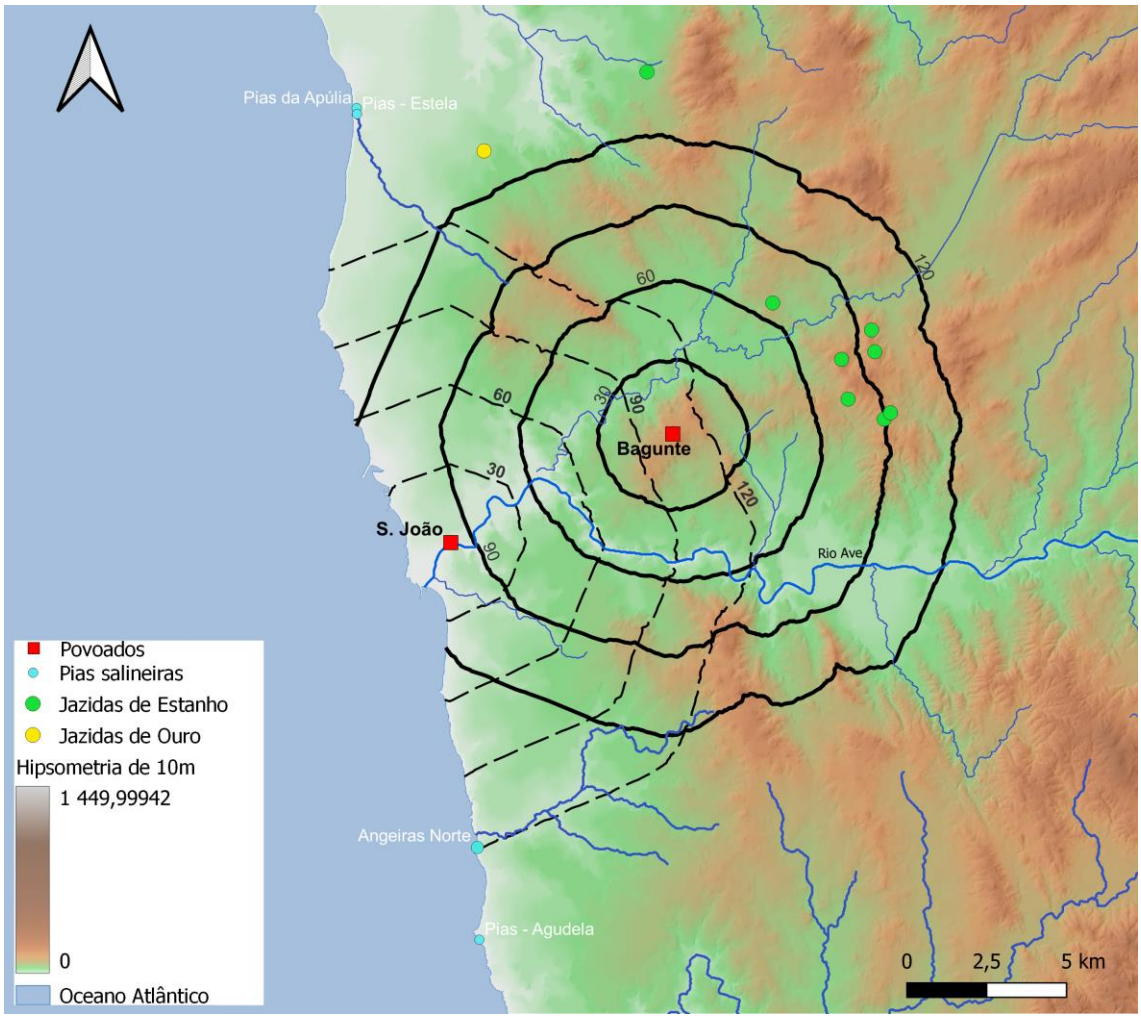


Fig. 1.188 Territórios teóricos de exploração de 2 horas pedestres (linhas isócronas de 30 minutos): de S. João (tracejado) e de Bagunte (linha contínua).

b) IDADE DO FERRO ANTIGA

Caracterização da amostra

O quadro do povoamento manteve-se inalterado neste período, conhecendo-se, apenas, dois povoados: S. João e Bagunte. São desta fase as primeiras cabanas em pedra, algumas fossas e o fosso do povoado de S. João (Fig. 1.189). Relativamente ao povoado de Bagunte temos pouca informação. Deste modo os *itens* sobre "Distribuição geográfica e análise espacial" e "Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação" são os mesmos do ponto anterior.



Fig. 1.189 Vista da foz do rio Ave para o povoado de S. João (sobre o qual se construiu o mosteiro de Santa Clara).

Materiais cerâmicos locais, metais e líticos

Nesta fase reconhecemos a existência de materiais cerâmicos, metálicos e líticos.

Quanto à cerâmica local de S. João, em termos técnicos, as pastas oscilam entre as micáceas e as micáceas-arenosas, com desengordurantes de calibre médio a grosseiro, cozeduras redutoras, cores escuras e superfícies alisadas e polidas, estas últimas em quantidade significativa. A forma de produção parece ser algo diferente face a outras áreas geográficas, já que detetámos, a par de fabricos manuais, alguns recipientes produzidos à roda. A introdução desta tecnologia terá sido uma das novidades trazidas por gentes do sul da Península Ibérica.

Apesar desta inovação tecnológica não existem grandes diferenças formais nas cerâmicas deste povoado, em relação às da bacia do Cávado. Conhecem-se as formas 1 (potes), formas 2 (potinhos/púcaros), formas 3[88] (malgas/tigelas) e formas 4 (panelas de asa interior) (Tab. 1.31), bastante comuns. Devemos ainda destacar uma peça, inédita na região, feita à mão, com corpo cilíndrico e um orifício sob o bordo, num dos lados, provavelmente para ser usada em suspensão. É de difícil classificação, mas que poderá ser um elemento de iluminação, tendo em conta paralelos disponíveis, tais como dois pequenos vasos provenientes de Bagunte (Silva, 1986: 159), se bem que estes de uma cronologia mais recente (Fig. 1.190). No entanto a ausência de fuligem, implica prudência na atribuição da sua funcionalidade. Porém, reconhecemos que, como as suas

[88] Estas devido à sua pequena dimensão não foram ilustradas.

congéneres da fase seguinte (registadas em Bagunte) (Silva, 1986: 134) terá sido submetida a altas temperaturas, mas não possui fuligem.



Fig. 1.190 Peça de formato cilíndrico, feita à mão, de cozedura redutora, com perfuração de S. João.

A decoração da produção cerâmica local (Tab. 1.32) demonstra uma grande variedade, não só de técnicas decorativas (incisão, aplicação plástica, brunido, impressão e decorações compósitas), como de motivos. Estes são múltiplos e variados: sulcos incisos horizontais, triângulos preenchidos, reticulados; séries de SSS e de círculos concêntricos (por vezes formando triângulos) e de ovais impressas; cordões plásticos (aplicados na horizontal), normalmente associados com outros motivos e técnicas decorativas (como sulcos incisos na diagonal ou espinhados).

Tabela 1.31 Formas do Ferro Antigo no estuário do Ave

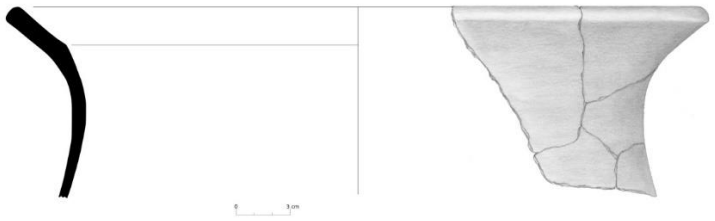
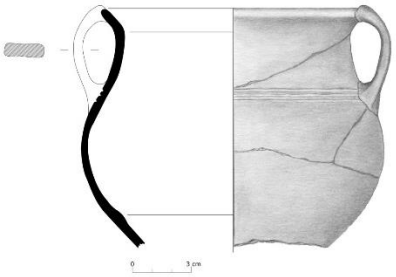
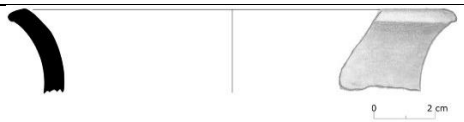
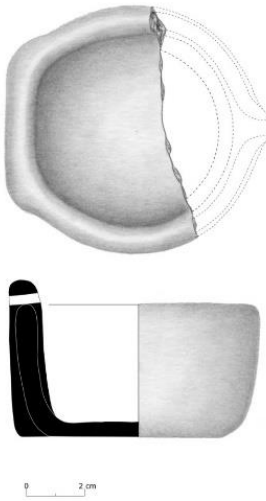
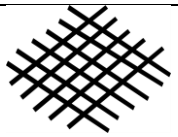
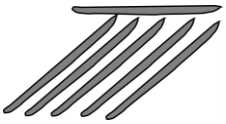
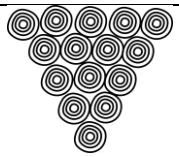
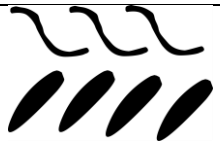
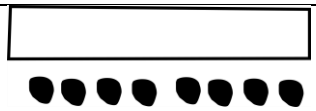
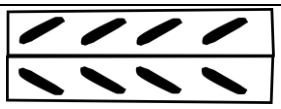
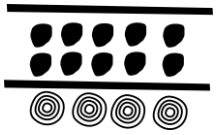
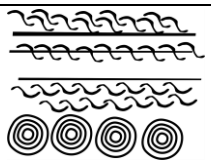
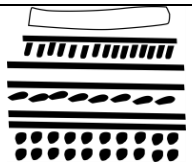
Função	Forma	Povoado de S. João
Formas de armazenamento e transporte	Forma 1a	
	Forma 1b	
Formas de uso de mesa	Forma 2a	
	Forma 2b	
Formas para a confeção de alimentos	Forma 4	
Forma de iluminação (?)		

Tabela 1.32 Gramática decorativa presente no estuário do Ave

Incisão		
		
		
Aplicação plástica	**Brunido**	
		
Impressão		
		
		
Aplicação plástica e impressão	**Aplicação plástica e incisão**	
		
Impressão e incisão		
	**Aplicação plástica, incisão e impressão**	

Sublinhamos em S. João a existência de fabricos locais com aguadas negras e avermelhadas, nas superfícies exteriores (Fig. 1.191). Neste povoado, foram registados vários fragmentos metálicos que parecem ser placas metálicas, algumas com rebites (corresponderão a um caldeiro de rebites?) (Fig. 1.192).



Fig. 1.191 Fragmentos decorados com aguada negra, na superfície externa do povoado de S. João.



Fig. 1.192 Rebites e restos de placas metálicas.

Foi, ainda, registada uma possível fíbula também do tipo Sabroso ou Ponte 22 que pode datar desta fase (Fig. 1.193).



Fig. 1.193 Fotografia da fíbula tipo Ponte 22a ou 23 (Imagem: ERA, ARQUEOLOGIA S.A., gentilmente cedida).

Em Bagunte, apenas conhecemos uma fíbula de tipo Ponte 22 ou de tipo Sabroso (Ponte, 2006: 225). Quanto aos materiais cerâmicos locais não temos quaisquer dados.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Embora continuemos a não ter grandes dados sobre aspetos funcionais e de subsistência a proximidade do litoral e do rio proporcionaria atividades como a pesca e recoleção fluvial e marinha. A agricultura também seria uma atividade desenvolvida, assim como a pastorícia e a exploração dos recursos lenhosos.

A mineração de estanho seria possível e pode ter servido como elemento de troca por materiais exógenos aos mercadores púnicos ou de origem meridional pois este tipo de materialidades foi registado em Bagunte, através de um fragmento que, pela sua pasta, desengordurante, engobe muito deteriorado de cor castanho-escura e forma, parece tratar-se de um *pithos*, que podemos apelidar de produção fenícia ocidental (Fig. 1.194).



Fig. 1.194 Possível asa de um vaso *pithos*, a partir de uma asa bífida, registado em Bagunte (sem contexto).

Consideramos que a comunidade de S. João teria um papel relevante naquilo que poderiam ser as trocas de bens, técnicas e ideias, entre o que chega do exterior e o que se produz um pouco mais a montante (nomeadamente estanho) sendo de estranhar a falta de material de importação. Esta premissa resulta do facto de existirem materiais de importação quer em Terroso, no interflúvio Cávado-Ave, quer no interior do rio Este, o maior afluente no curso inferior da bacia do Ave. Mesmo assim, a influência externa nota-se na adoção de novas técnicas, no fabrico da cerâmica local, como as aguadas e no aparecimento de uma nova forma (luminária?).

Lógicas de povoamento e interpretações

Em termos daquilo que parece ser a organização do povoamento, nesta fase, pouco podemos adiantar face ao que referimos para o Bronze Final. Aqui, talvez o importante seja salientar os possíveis papeis desempenhados por cada um destes povoados, sobretudo num contexto mais amplo dos contactos suprarregionais, por um lado, e o desenvolvimento da atividade metalúrgica, por outro. Assim, parece possível que Bagunte, pela proximidade a jazidas de estanho, pudesse, quer explorar diretamente esse recurso, quer acumular este tipo de recurso explorado mais a montante, na área do povoado de Penices, por exemplo. Já S. João, junto à foz do rio Ave e implantado sobre a planície costeira, teria um papel de vigilância, de controlo do espaço físico e da circulação marítima e terrestre. Seria expectável que fosse recetor e difusor importante das novidades oriundas de sul, dada a sua localização geoestratégica[89], no que consideramos uma complementaridade de funções, numa estratégia de povoamento em rede.

[89] Neste sentido, a ausência de materiais de importação em S. João, instalado perto da foz do Ave, talvez se deva explicar pela pequena área escavada, pela sua localização na vertente e por uma observação mais abrangente dos materiais deste local (que não foi efetuada por questões de finalização deste trabalho e porque o local continuou em escavação, após o término do nosso estudo).

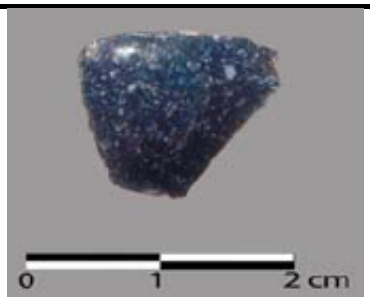
Seja como for, o que parece seguro é que o estuário do Ave foi frequentado por mercadores de origem meridional, durante o Ferro Antigo, tal como atestam os materiais importados encontrados em povoados mais interiores da bacia hidrográfica do Ave. Referimo-nos ao caso de Ermidas e de Penices (Silva e Pinto, 2001: 233-235, 238; Pereira, 2011: 129; Ferreira, 2019a: 250-253) com cerâmicas de origem ática, entre outros materiais, ambos na margem sul do rio Este.

Estes teriam ali chegado por intercâmbio local, efetuado entre populações do litoral e do interior.

Considerando uma série de materiais cerâmicos e vítreos, de origem meridional ou mediterrânica que existem ao longo do curso final do rio Este (Tab. 1.33), destacamos, a pouco mais de 5 km para nor-nordeste, o povoado de Penices (Queiroga, 1987, 1992) no qual foi registado um fragmento de cerâmica ática, de tipo indeterminado, datável genericamente de entre os sécs. V e IV a.C. (Ferreira, 2019a: 214, 250), uma conta vítrea, oculada (Queiroga, 1987) e, ainda, sete contas de colar monocromáticas, de formato oblato e anular, que foram incluídas no Ferro Antigo (Gomes, 2012). Possuem cores diversas, entre o azul-cobalto, muito escuro, o azul translúcido e o verde-amarelado (Gomes, 2012: n.º 315-320 e 322)

Um pouco mais para nordeste encontramos o povoado de Ermidas (Queiroga, 1985b, 1985c, 1986b) no qual foram registados um fragmento de *lekanis* (revestido de verniz negro), datável do séc. V a.C. (Dinis, 1993: 59; Ferreira, 2019a: 252-253), uma conta de pasta de vidro com uma incrustação horizontal branca (Gomes, 2012, n.º 328) um fragmento de *arybalos* com asa bífida, de pasta amarela (Gomes, 2012, n.º 329), com uma cronologia entre o séc. IV e III a.C. e um fragmento de pança de um objeto em pasta vítrea, azul-escura e opaca, de uma forma indeterminada, que foi incluída no Grupo II de Harden (Harden, 1981), com uma cronologia estimada entre os sécs. VI e IV a.C. (Silva e Pinto, 2001: 234-235; Queiroga, 1990: 46; Gomes, 2012, n.º 327) (Tab. 1.33, Fig. 1.196). Para Norte, em Terroso, como já vimos, apareceu também um vaso de tipo *pithoi.*

Tabela 1.33 Materiais importados no curso médio do rio Este

Materiais	Sítio	Tipologia		Bibliografia
Cerâmica ática	Ermidas	*Lekanis*		Ferreira, 2019a: 564, estampa XXXIV, ERM/001, sem escala, adaptado
Recipientes vítreos	Ermidas	*Amphoriskos* ou *aryballos*		Gomes, 2012, n.º 327 (adaptado)
	Ermidas	*Aryballos*		Gomes, 2012, n.º 329 (adaptado)
Contas de colar	Ermidas	Contas oblatas com banda horizontal branca		Gomes, 2012, n.º 328 (adaptado)
	Penices			Gomes, 2012, n.º 321 (adaptado)

Mais a montante da bacia do Ave, temos mais dois exemplos importantes de povoados com importações deste período. São eles: Briteiros e Sabroso. No primeiro encontraram-se duas contas em pasta vítrea, uma delas de forma cilíndrica alongada, policromada, de cor castanha e com uma espiral branca (Gomes, 2012, n.º 291) e a outra globular, oculada, de cor verde e "olhos" com três cores intercaladas (branca, azul e branca) (Gomes, 2012, n.º 294). De Sabroso conhece-se uma conta de colar elipsoidal, em pasta vítrea, policromada, com 3,7 cm de

comprimento, por 2,45 cm de espessura máxima e com orifício de 3,5 mm de diâmetro" (Silva, 1934: 36). Está em paradeiro incerto pelo que usamos a descrição de Silva (1934: 36-37):

"... a camada vítrea exterior é azul, um pouco transparente seguindo-se sucessivamente uma camada branca opaca, uma vermelha escura opaca, uma segunda camada branca opaca, uma verde-carregado, outra branca e finalmente uma camada esverdeada que forma o tubo central. Apresenta dois topos com seis facetas. Um orifício longitudinal, aberto ao longo da primeira camada exterior de vidro branco opaco..." (Fig 1.195).

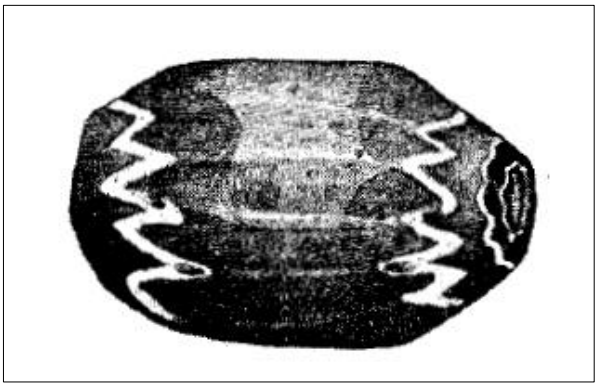


Fig. 1.195 Conta elipsoidal policromada, sem escala (Silva, 1934; adaptado).

Pela forma, tamanho e decoração, esta conta de colar será datável, pelo menos, da Idade do Ferro Antigo do Noroeste, por paralelos com contas de necrópoles datáveis da Idade do Ferro do sul de Portugal, nomeadamente com um exemplar procedente da necrópole do Pêgo (Dias *et al.,* 1970: 219; Gomes, 2020: 103-104) com uma cronologia de entre os séculos VI e V e, talvez, inícios do IV a.C., por F. B. Gomes (2020: 103-104). Isto, tendo em consideração contas de produções vítreas pré-romanas, do Mediterrâneo, com os inícios da produção do Grupo Mediterrâneo 1 de Poul Fossing (1940), Donald Harden (1981) e David Grose (1989).

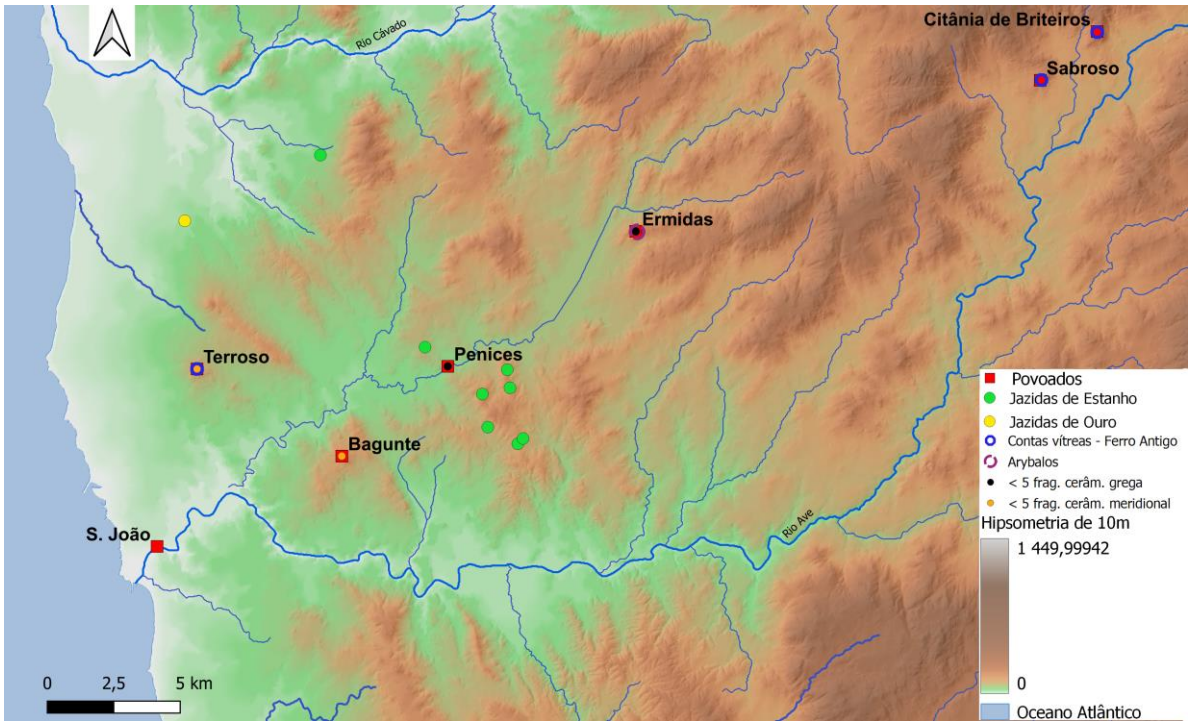


Fig. 1.196 Dispersão e diversidade de materiais importados, no Ferro Antigo, no curso inferior e médio da bacia fluvial do Ave.

O conjunto de materiais importados, se bem que em quantidades reduzidas, revela um novo padrão de consumo, relativamente à época anterior pois, nesta fase, surgem objetos destinado a conter/transportar bebidas, não se sabendo exatamente de que tipo (*phitoi*), objetos que transportavam perfumes ou óleos corporais (*aryballos)* ou artefactos que tinham como função albergar joias ou unguentos (*lekanis)* (Sparkes e Talcott, 1970, n.º 1240-1241; Ferreira, 2019a: 563) (Tab. 1.33). Se associarmos estes objetos ao crescente número de contas de colar, verifica-se que se trata de objetos ligados ao uso pessoal do que a um uso generalizado ou coletivo, o que talvez revele a introdução de novos hábitos, ainda que incipientes e pouco generalizados.

Estes contactos suprarregionais vão-se tornando mais frequentes do que no período anterior e podem ter influenciado, igualmente, alguns aspetos tecnológicos na ourivesaria e na cerâmica. No primeiro caso, referimos as decorações das arrecadas de Laúndos e do "tesouro" da Estela consideradas por Silva (Silva, 1986: 237-238, 261-262; 252) e Martins (2008: 89-90) de origem meridional. No segundo caso, há a referir a introdução das aguadas para acabamento de algumas peças cerâmicas, algumas formas originais, e, provavelmente, a roda de oleiro. Apesar destas alterações, estes contactos não parecem interferir com as dinâmicas internas de povoamento, nem provocar mudanças estruturais na sociedade.

c) IDADE DO FERRO RECENTE

Caracterização da amostra

Nesta fase mantem-se a ocupação dos povoados de S. João e de Bagunte. Quanto aos povoados da Retorta ou do Boi/Santo Ovídio, é provável que tenham surgido nesta fase. Porém, os indícios materiais são muito escassos para uma atribuição cronológico-cultural segura, pois são lugares que nunca foram escavados.

Dado que não há alterações no *item* "Distribuição geográfica e análise espacial dos povoados", passamos de imediato para o ponto seguinte.

Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação

Além dos aspetos já referidos para o Bronze Final e Ferro Antigo deve acrescentar-se, agora, a possibilidade da exploração de recursos de ferro, existentes na serra de Rates, a nor-noroeste de Bagunte e a partir do seu território de exploração teórico de entre 30 a 120 minutos. Também as populações de S. João teriam possibilidade de explorar este recurso existente para nordeste, a partir dos 90 minutos pedestres (Fig. 1.197).

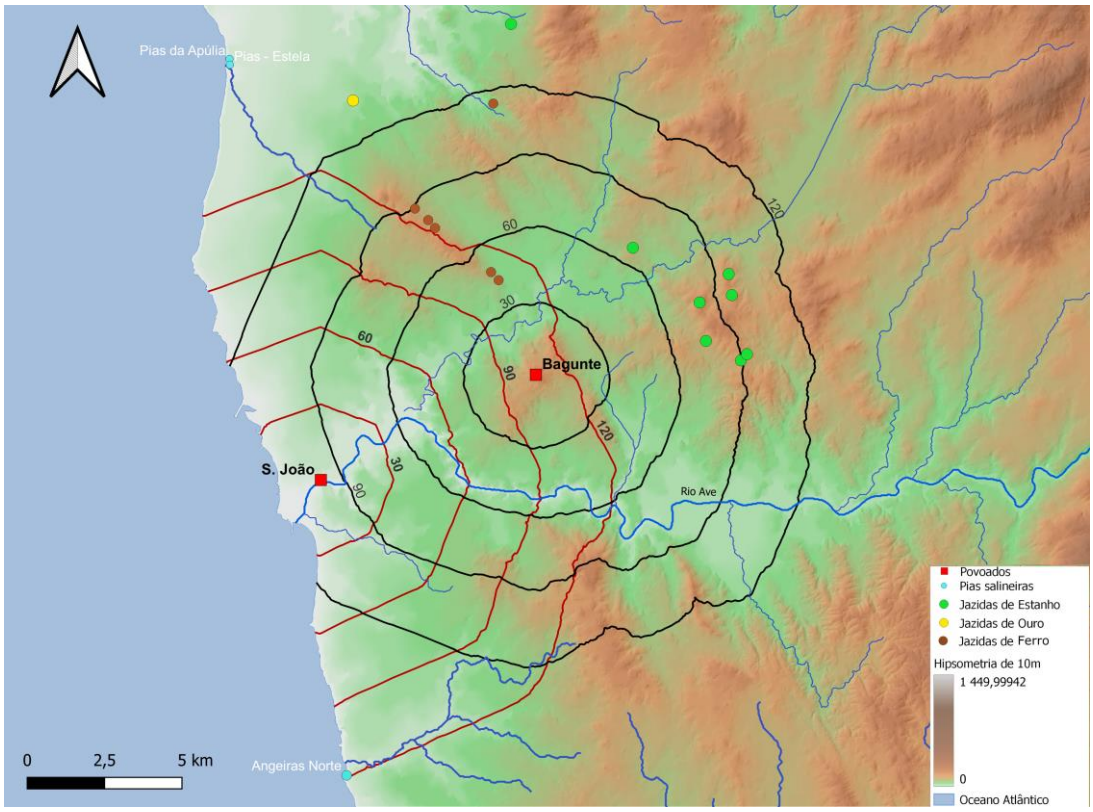


Fig. 1.197 Território de exploração de 2 horas pedestres de Bagunte e S. João (com linhas isócronas de 30 minutos).

Materiais cerâmicos locais, metais e líticos

Em termos cerâmicos, as características técnicas são muito próximas daquelas registadas na bacia do Cávado. Caracterizam-se por: fabricos à roda/torno; pastas micáceas, micáceas-arenosas (raras) e arenosas, com desengordurantes de pequeno e médio calibre; cozeduras, maioritariamente, oxidantes, originando peças mais amareladas e alaranjadas, embora persista a cozedura redutora que origina cores escuras. As superfícies são alisadas e polidas, na maioria dos casos, embora também ocorram aguadas.

Em termos formais, não dispomos de desenhos dos materiais de Bagunte, mas ainda assim, tal como em S. João, notámos a existência de formas típicas para a bacia do médio Cávado, em povoados com a mesma cronologia, como S. Julião, Lago ou S. João de Rei (Martins, 1988c 1988a; Oliveira, 2017), apesar de algumas particularidades.

As formas identificadas são potes (formas 1a, 1b e 1c), potinhos e púcaros (formas 2), malgas e tigelas (formas 3), panelas de asa interior ou exterior (forma 4), talhas (forma 5) e panelas de asa em orelha (forma 6).

As novidades registam-se na forma 3 (malgas/tigelas) aparecendo algumas decoradas na zona interna da peça, algo muito raro em toda a área estudada (Fig. 1.193).



Fig. 1. 198 Forma 3 decorada por excisão na parte interna.

Destacamos, ainda, um exemplar da forma 1, com uma asa com duas caneluras horizontais (Tab. 1.34), o que é incomum, apenas registamos a existência deste tipo de asas com caneluras, nestas formas, em S. João e em Faria, neste trabalho.

Algumas formas de potes possuem perfurações na zona do bordo (sobretudo em bordos esvasados), o que também constitui novidade. Talvez tal aspeto servisse para manter estes recipientes suspensos.

Há também que acrescentar uma forma nova. Ocorre em Bagunte e encontram-se publicadas. São dois vasos de paredes retas, com vertedouro e asa, considerados do tipo L ou como "em forma de jarra" (Silva, 1986: 159) (Fig. 1.199). Estes recipientes foram sendo interpretados como cadinhos ou relacionados com a atividade metalúrgica, nomeadamente para o "depósito de misturas de limalha utilizadas na soldagem ou decoração de objetos preciosos"

(Silva, 1986: 134). No entanto, no seu interior, não existem indícios de qualquer resto de fundição ou massa metálica agregada. Salientamos que são objetos únicos até agora, apenas registados nesta área. Assemelha-se a uma peça identificada em S. João, mas datável do Ferro Antigo. A interpretação para estes objetos é difícil, sem mais dados ou análises de química orgânica.

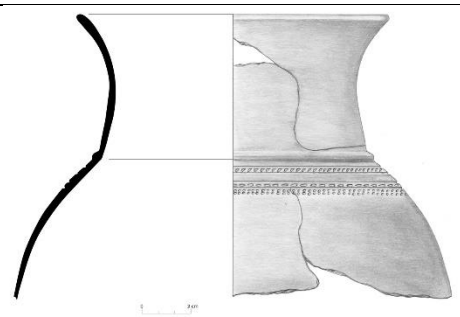
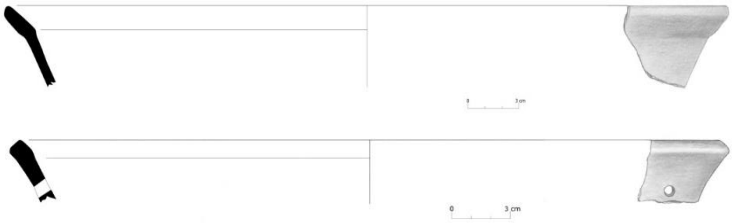
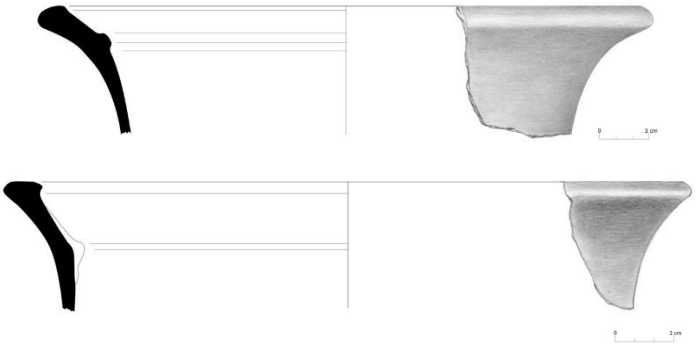


Fig. 1.199 Peças[90] de corpo cilíndrico, com vertedouro de Bagunte.

As formas mais comuns foram subdivididas, tendo em conta a sua eventual função: formas para transporte e armazenamento (as formas 1 e 5), formas de uso de mesa e de preparação de alimentos (formas 2 e 3) e formas destinadas à confeção de alimentos (formas 4 e 6). Apesar desta generalização, a presença de fuligem externa nas paredes de algumas formas 2, nomeadamente potinhos, indiciam outros usos, para além do consumo de alimentos ou líquidos (Tabs. 1.34, 1.35, 1.36).

[90] Estas peças encontram-se em depósito no Museu de História Natural da Universidade do Porto.

Tabela 1.34 Formas do Ferro Recente do estuário do Ave[91]

Formas de armazenamento e transporte	Forma 1a	
	Forma 1b	
	Forma 1c	
	Forma 1 com asa	
	Forma 5	

[91] As formas desenhadas são apenas de S. João, por não possuirmos desenhos das cerâmicas de Bagunte, apesar de termos realizado um breve estudo sobre os materiais deste povoado (Oliveira, 2019b).

Tabela 1.35 Formas de uso de mesa do Ferro Recente do estuário do Ave

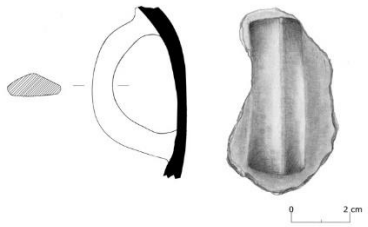
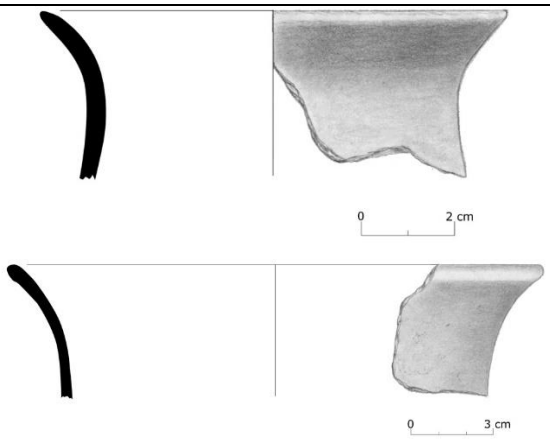
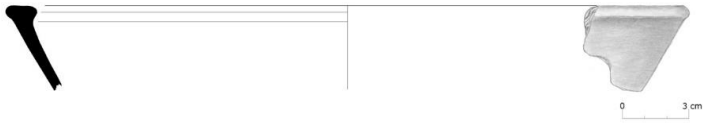
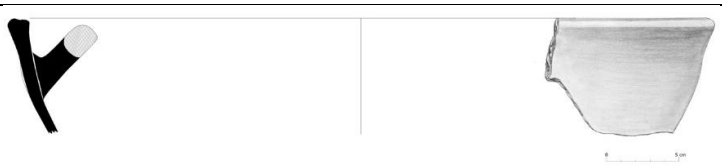
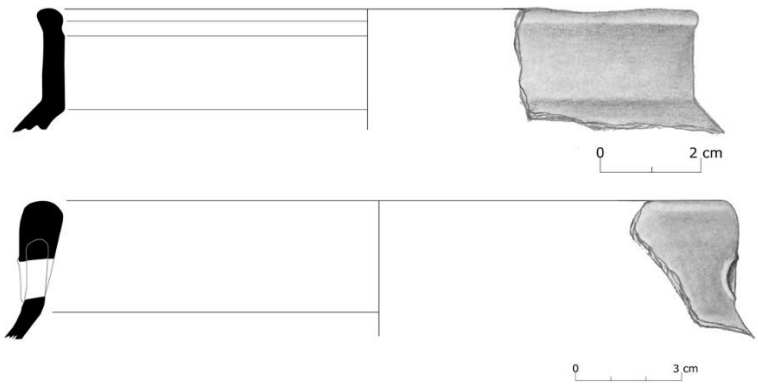
Formas de uso de mesa e de preparação de alimentos	Forma 2a	
	Forma 2b	
	Forma 3a	
	Forma 3c	

Tabela 1.36 Formas destinadas à confeção de alimentos do Ferro Recente

Formas para confeção de alimentos	Forma 4 b	
	Forma 6	

Também se detetaram cadinhos, em cerâmica, com restos de fundição agregados (S. João) (Fig. 1.200).



Fig. 1.200 Cadinho em cerâmica com restos de fundição agregados.

Devemos, ainda, salientar a existência de uma possível fussaiola ou peso, feito a partir de um fragmento de uma panela de asa interior, tendo as suas extremidades sido boleadas intencionalmente para lhe dar uma forma subcircular (Fig. 1.201).

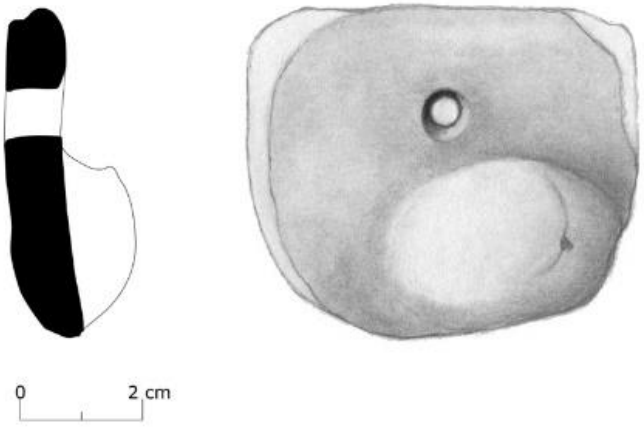


Fig. 1.201 Fussaiola ou peso.

Quanto às soluções para o reaproveitamento das peças cerâmicas referimos o uso de "agrafos", em cerâmica, para restauro de peças que partiam ou rachavam, durante a cozedura ou o uso (S. João) (Fig. 1.202).

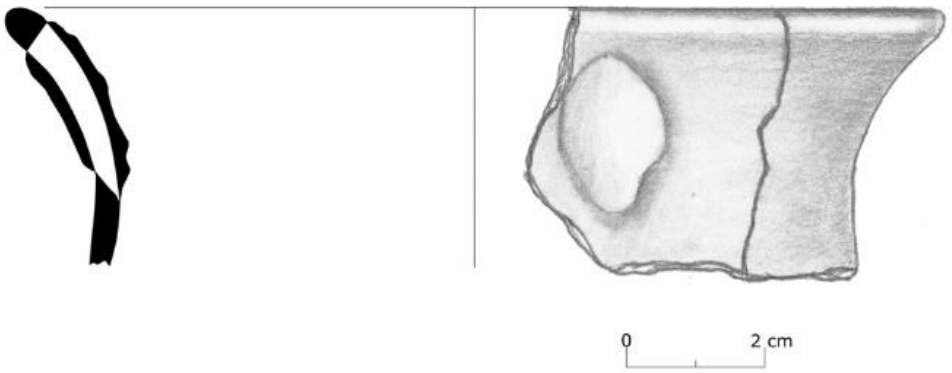


Fig. 1.202 Potinho com reforço ou restauro cerâmico.

Em relação aos aspetos decorativos salientamos que, tanto em Bagunte como em S. João há materiais cerâmicos decorados por aguada, de várias cores, ora vermelha, ora de tons escuros (entre o castanho e o preto) ou de cor branca (Figs. 1.203). A aguada raramente está associada a outra técnica decorativa, havendo naturalmente exceções, associada a incisões ou impressões (Fig. 1.203).

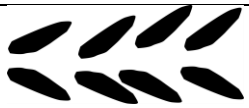
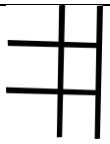
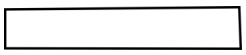
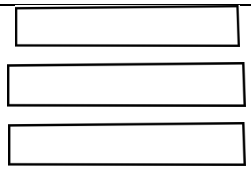
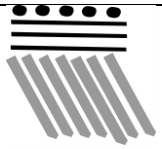
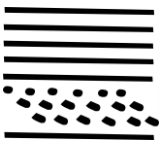
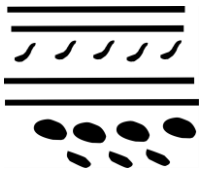
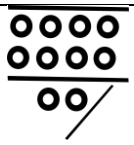
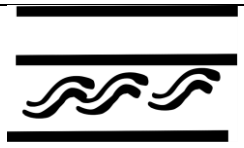
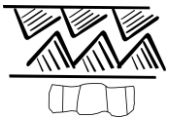


Fig. 1.203 Fragmento decorado por impressão, incisão e aguada branca (S. João); bordo decorado por aguada negra e avermelhada (Bagunte).

Notámos, ainda, alguns materiais decorados por incisão, impressão e aplicação plástica e a mistura de várias técnicas decorativas, que é predominante. A gramática decorativa é bastante diversa (Tab. 1.37). As incisões encontram-se associadas a impressões, as aplicações plásticas (cordões aplicados na horizontal) estão, por vezes, associadas a sulcos incisos e impressão de

motivos geométricos ou a séries de SSS. As impressões de círculos estão quase sempre relacionadas com sulcos incisos horizontais ou oblíquos.

Tabela 1.37 Gramática decorativa na cerâmica de S. João[92], no Ferro Recente

Incisão		
		
Aplicação plástica		
Impressão		
Impressão, Incisão e Brunido		
Impressão e incisão		
		
Aplicação plástica e incisão		

Em Bagunte, notámos eventuais marcas de oleiro na zona interior dos potes em aba soerguida e nas talhas, neste caso meandriformes (Oliveira, 2019b) (Fig. 1.204), tal como

[92] Destacamos apenas os materiais de S. João, visto que o universo de materiais estudado de Bagunte é muito reduzido.

acontece, por exemplo, em Sanfins (Silva, 1986, Est. LXIII, n.º 2), datando dos finais da Idade do Ferro, sendo já uma tendência da romanização a operar-se.



Fig. 1.204 Pote em aba soerguida com marca de oleiro meandriforme, de Bagunte.

No que diz respeito aos artefactos metálicos devemos ter em consideração o conjunto de cinco torques de prata, registados em Bagunte (Cuevillas, 1951: 38; 1953: 268; Silva, 2007: 333, Est. CXII; Ladra, 2001, 2002). Estes possuem formas algo diferenciadas entre si, mas o facto mais relevante é a utilização de prata, em vez do ouro, no fabrico destas peças. Datam da fase IIIA de Armando C. Silva (1986, 2007: 333-335), ou seja, entre as campanhas de De*cimus Junius Brutus* (138-136 a.C.) e a 2ª metade do séc. I d.C., *grosso modo,* datáveis do Ferro Recente (Martins, 1990).

Quanto a S. João, registam-se várias fíbulas de dois tipos: uma eventual Ponte 22 (tipo Sabroso) e outra de tipo Ponte 23 (Santa Luzia), que foram registadas em contextos desta etapa cronológico-cultural. Seriam persistências de fabrico ou peças que se guardaram de geração e geração? De notar que a sua origem se encontra no Ferro Antigo. Foram, ainda, encontrados, uma possível conta de colar, decorada, em bronze, e o resto de um alfinete de cabelo. Trata-se de peças usadas como ornamentos (Tab. 1.38). Neste povoado ainda registámos um pequeno prego ou rebite, em bronze, (Tab. 1.39) alguns fragmentos de um recipiente, em bronze, talvez uma sítula, e ainda dois instrumentos de pequena dimensão que poderão ser colheres, cuja função é desconhecida (Fig. 1.205).

Tabela 1.38 Materiais metálicos de uso corporal, em S. João, no Ferro Recente

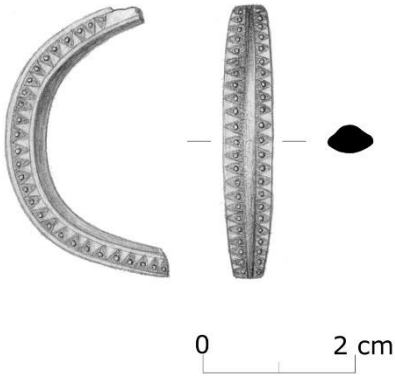
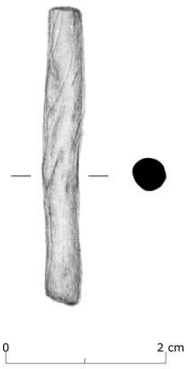
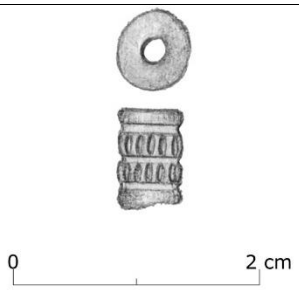
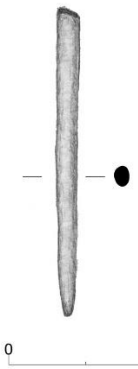
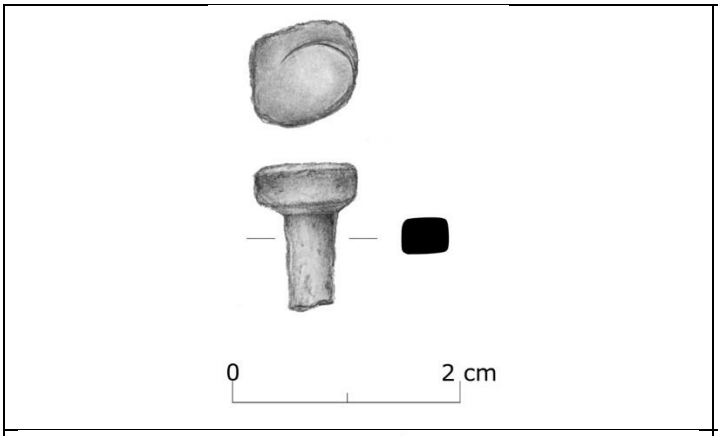
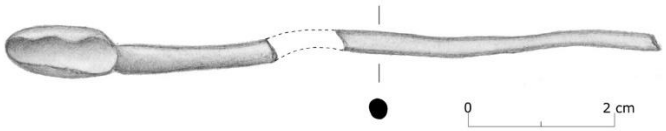
	Fíbula 22 (?)
	Fíbula 23
	Fuzilhão de fíbula (?)
	Conta de colar (?)
	Alfinete

Tabela 1.39 Materiais metálicos de função desconhecida em S. João, no Ferro Recente

	Rebite ou Prego (?)
	Colher (?)

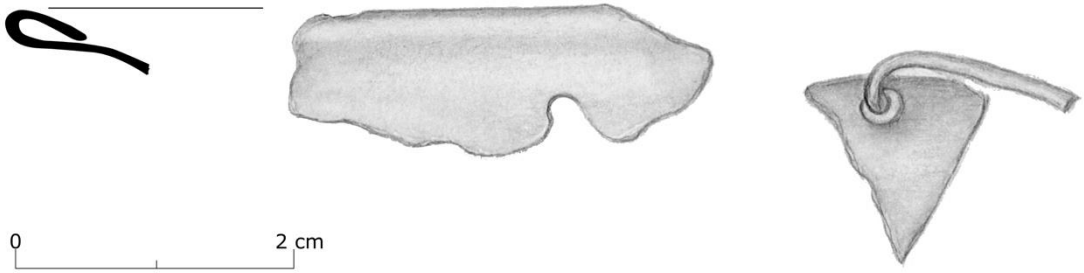


Fig. 1.205 Fragmentos de um recipiente em bronze (sítula?).

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Para além dos aspetos referidos para o Ferro Antigo, há agora evidências da produção metalúrgica, em S. João, através da existência de um cadinho, com restos do que, macroscopicamente, parece ser bronze[93]. Assim, o estanho teria de ter vindo da área a montante, na região de Gondifelos (Teixeira, *et al.,* 1965) que poderia ter sido explorado pelas populações de Penices ou Bagunte e transportado para S. João, embora o cobre tivesse de ser transportado por barco, da área meridional.

As talhas revelam, indiretamente, excedentes de produção agrícola.

A prática de tecelagem seria uma realidade, a julgar pelos cossoiros de S. João, produzidos a partir de fragmentos de cerâmica local e de ânfora, o que revela, indiretamente a criação de gado e ou a produção de linho (Fig. 1.206).

[93] Este cadinho foi analisado por Carlo Bottaini para se determinar a composição química dos metais. Aguardamos pelos resultados.



Fig. 1.206 Cossoiro a partir de um bojo de ânfora (S. João).

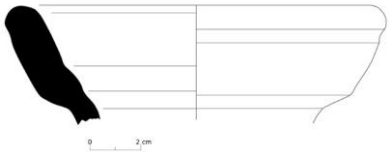
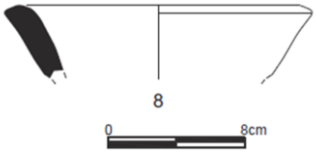
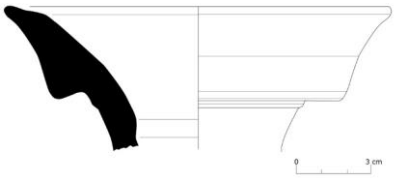
O que se destaca, nesta fase, é o aumento de vários materiais de importação, a revelar o aumento do intercâmbio suprarregional com o mundo romano que dominava administrativamente o sul da Península Ibérica.

São disso prova os vários contentores anfóricos de proveniências diversificadas (Bética costeira, Bética, vale do Guadalquivir, área de Cádis e Norte de África - uma asa indeterminada) de que são exemplos tipologias como Haltern 70 (vários contentores) e Dressel 9 (Tab 1.40) Há, ainda, cerâmica fina de mesa de cronologia tardo-republicana romana, tudo de S. João (Fig. 1.207).

No que concerne a Bagunte apenas sabemos da existência de um exemplar de tipo Haltern 70 (Almeida *et al.*, 2020), porém, o estudo da maioria das cerâmicas deste povoado não está efetuado.

Os contentores que foram identificados transportariam uma grande variedade de produtos, desde vinho, *garum*, azeite, entre outros, que alterariam a dieta e os consumos de produtos alimentares das populações costeiras. Pelas quantidades existentes destes materiais, a introdução e consumo destes produtos não parece ter tido um carácter paulatino, mas, antes, revelar um intercâmbio mais intenso e o gosto pelo consumo destes produtos, por parte das populações endógenas. Além disso, vimos que parte da comunidade de S. João, terão consumido os novos produtos em materiais finos, oriundos da área meridional ou sudoeste da Península Ibérica, aproximando os seus hábitos de mesas aos do mundo romano. Nesta fase os principais agentes e mercadores seriam populações já romanizadas do sul da Península Ibérica.

Tabela 1.40 Materiais anfóricos do estuário do Ave, no Ferro Recente

Produto transportado	Ânforas	S. João	Bagunte[94]
Multiuso	Haltern 70		
	Dressel 9		

Em relação aos materiais finos de mesa, devemos destacar, em S. João, uma taça de sigillata hispânica tipo Peñaflor (forma 1b), segundo Martinez (1987; 1989) datável do câmbio de Era e única nesta área geográfica. Além desta peça devemos mencionar um jarro de cerâmica cinzenta fina, polida que, pelos paralelos conhecidos, incluímos no grupo 5a de Sousa (2014) (Fig. 1.207). Trata-se novamente de uma produção única nesta área geográfica. Devemos ainda referir o aparecimento de cerâmica comum de produção Bética.

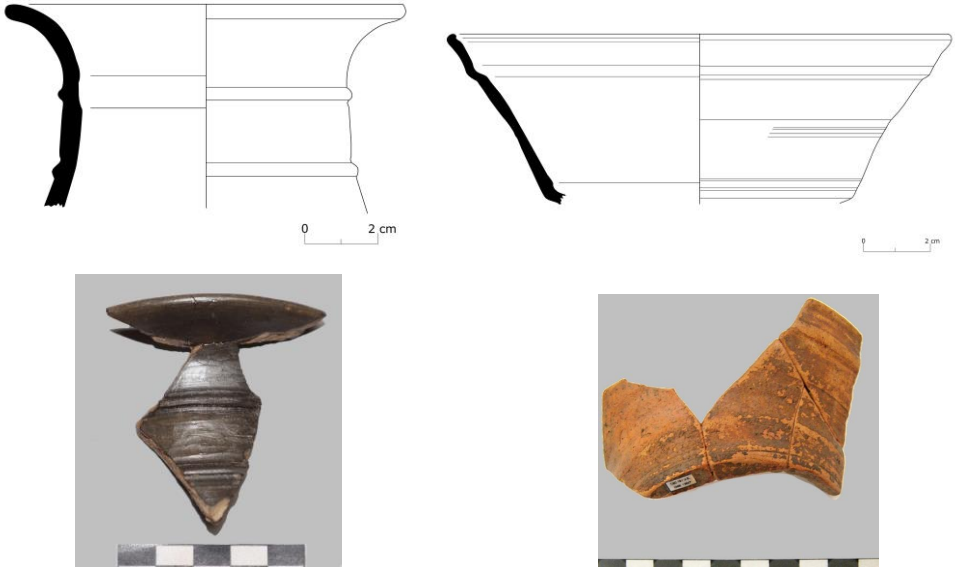


Fig. 1.207 Materiais finos importados da área meridional da Península Ibérica presentes em S. João (cerâmica cinzenta fina do lado esquerdo (fotografia nossa); taça tipo Peñaflor (fotografia de Isabel Marques, MDDS)).

[94] Este desenho foi adaptado, a partir de Almeida *et al.* (2020).

Quanto ao intercâmbio de materiais, devemos destacar um fragmento de bordo esvasado (um potinho?) que possui pasta arenosa, muito depurada, cozedura oxidante, textura fina e aguada negra, na passagem do bordo para o colo, no exterior (Fig. 1.208). Não temos paralelos para esta peça, nem a nível formal nem a nível técnico, no noroeste peninsular, pelo que poderá ser de importação meridional.

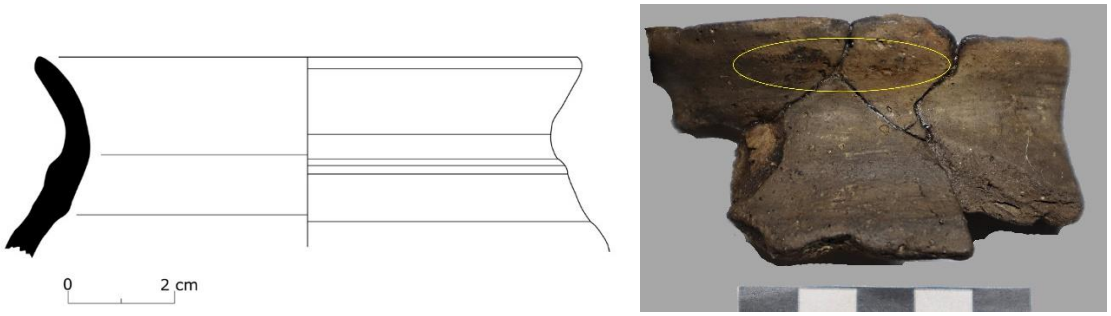


Fig. 1.208 Peça de importação meridional (?).

Devemos ter ainda em conta a existência de cerâmica de tipo campaniense[95], de tipo A ou B, no interior do rio Este, em Penices (Dinis, 1993: 51-52) e em Ermidas (Queiroga, 1985c: 5-43; Dinis, 1993: 59) a revelar que as importações chegam a áreas mais a montante desta bacia fluvial. Curiosamente, nestes dois povoados não há notícia[96], na bibliografia disponível, de ânforas tardo-republicanas, imperais ou mais tardias.

Do povoado da Falperra[97] sabemos da existência de ânforas cronologicamente muito tardias, e que por isso não entram neste estudo (Barroca *et al.,* 2018: 139). De Santo Ovídio I, em Fafe, localizaram-se alguns bordos de ânforas de tipo Haltern 70 (Martins, 1991: 87)

Quanto aos povoados mais interiores, no rio Ave, como é o caso de Sabroso e Briteiros temos poucos dados. Quanto ao primeiro povoado, não se conhecem, até hoje, materiais de importação anfóricos. No segundo caso, sabemos da existência de um elevado número materiais de importação anfóricos, contudo não foi possível estudá-los no contexto deste trabalho[98].

[95] Poderão datar do período tardo-republicano romano.
[96] Será necessário encetar um estudo aturado do espólio destas duas estações para avaliar a quantidade e tipologia de materiais importados que surgem nestas áreas mais interiores.
[97] Tivemos a oportunidade de começar a rever os materiais desta estação, e notamos a existência de alguns bojos de ânfora inclassificáveis. A quantidade de materiais disponíveis é de grande volume e por isso ficou para outra oportunidade. Consideramos que um estudo completo obrigará a vários meses, se não mesmo a anos de trabalho, dada a quantidade e diversidade de espólio para estudar.
[98] Agradecemos o acesso às reservas da Sociedade Martins Sarmento pela parte do arqueólogo responsável, Gonçalo Cruz, a quem agradecemos. Por falta de tempo, e também devido ao facto do nosso estudo se concentrar mais na área litoral e estuarina, ficou para uma outra oportunidade o estudo dessa coleção.

Lógicas de povoamento e interpretações

Durante o Ferro Recente o número de povoados manteve-se face às épocas anteriores, face aos dados de que dispomos hoje. É natural que povoados como da Retorta, em frente a S. João, o de Santagões, mais a montante do Ave, ou mesmo o do Boi, fossem ocupados nesta fase.

O crescimento dos povoados neste período não deverá ser alheio às suas excelentes localizações com acesso a amplitude de recursos. Também neste estuário se nota a intensificação, a partir do séc. II a.C., do intercâmbio com os romanos que se tornaram os protagonistas das navegações marítimas, sobretudo a partir da incursão, ao norte, de *Decimus Junius Brutus* (a partir de 138-136 a.C.).

Os novos materiais que aqui chegam, sobretudo a S. João, demonstram um relativo poder económico e social desta comunidade na foz do Ave. Parece-nos que esta comunidade costeira terá sido influenciada, não só ao nível da alimentação (com a introdução de novos alimentos como o vinho e os preparados piscícolas), como também, na forma de os consumir, chegando cerâmicas finas de uso de mesa, como vimos. Estas alterações no modo de consumir alimentos parece-nos bastante relevante, mas a sua fraca expressão denota que nem todos teriam acesso ao uso este tipo de material exótico.

Ter-se-ão invertido os papéis no controlo e circulação de recursos endógenos e de materiais exógenos, neste período? No Ferro Recente, parece ser S. João que detém o monopólio das novidades no estuário do Ave, enquanto nas fases cronológicas anteriores parece ser claramente o interior (Bagunte e áreas a montante no rio Este) que detêm protagonismo, na aquisição de novidades.

O povoado de S. João e Bagunte partilhariam de forma articulada a circulação de materiais exógenos no estuário? Pelos dados arqueológicos que temos, tal não se confirma, mas, como referimos, os materiais de Bagunte não estão suficientemente estudados. Ainda assim, a circulação de pessoas ou de matérias-primas metálicas e outras, podiam ser articuladas entre estes dois povoados: um na foz, com controlo desta parte do estuário e outro, mais a montante, com controlo do oceano e geograficamente com possibilidades de ter funcionado como ponto de encontro entre o interior e o litoral.

2.11. INTERFLÚVIO AVE-ONDA

Nesta área geográfica (Fig. 1.209) registamos apenas um povoado: o de S. Paio. Este situa-se junto à costa. Na margem esquerda do rio Onda encontrar-se o povoado do Monte Crasto

(Matosinhos). Este povoado como nunca foi escavado não será estudado, motivo pelo qual os *itens* Caracterização da amostra, Distribuição geográfica e análise espacial e Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação, só será tratado uma vez.



Fig. 1.209 Imagem de satélite do interflúvio Ave-Onda: posições geográficas de S. Paio e do Monte Crasto (fonte: *Google Earth)*.

Caracterização da amostra

Graças a análise dos contextos e dos materiais inéditos de S. Paio observámos uma ocupação desta fase, que foi corroborada por uma datação de radiocarbono.

Distribuição geográfica e análise espacial

Este povoado é dos poucos, no Noroeste português, que se situa a escassos metros do oceano.

Apesar de localizado num outeiro de pouca altitude, em plena plataforma litoral, o povoado de S. Paio tem, nas suas imediações, um caos de blocos graníticos que o torna impressivo, se visto do mar. Daqui obtém-se uma vista importante sobre a plataforma litoral e a linha costeira, e estabelece contacto visual para Bagunte (12 km). Observa este povoado no estuário do Ave, como

também observa, os já distantes, povoados de Terroso e S. Félix, no interflúvio Cávado-Ave (Fig. 1.210).

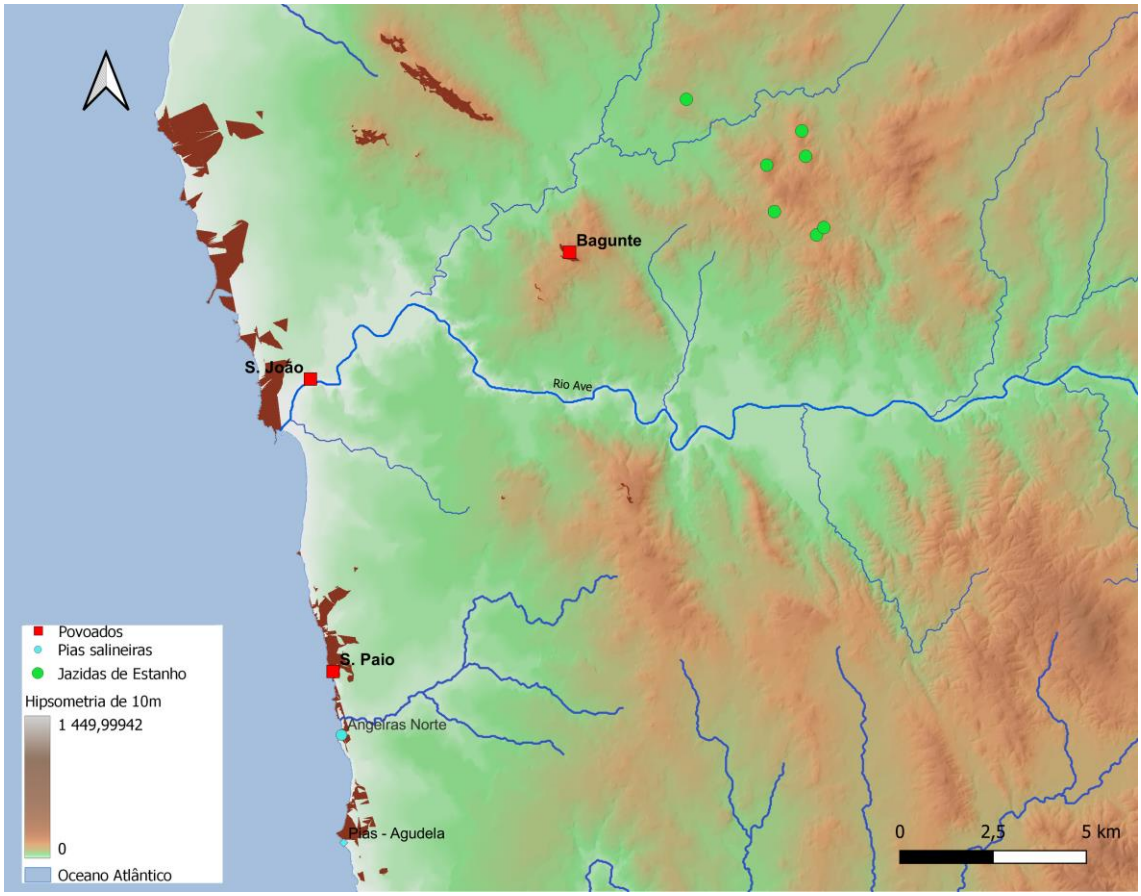


Fig. 1.210 A castanho o território observado a partir de S. Paio (visibilidade num raio de 30 km).

Articulação com recursos naturais e as vias naturais de circulação

As populações deste povoado não tinham acesso próximo a recursos mineiros metálicos, como o estanho e o ouro, que distam a mais de 15 km (Fig. 1.211). No entanto, tinham possibilidade de acesso a recursos marinhos e fluviais, eventualmente à exploração de sal (de notar a presença de pias salineiras cortadas na rocha nas praias de Angeiras e Agudela) e a solos irrigados que possibilitavam o desenvolvimento de práticas agrícolas.

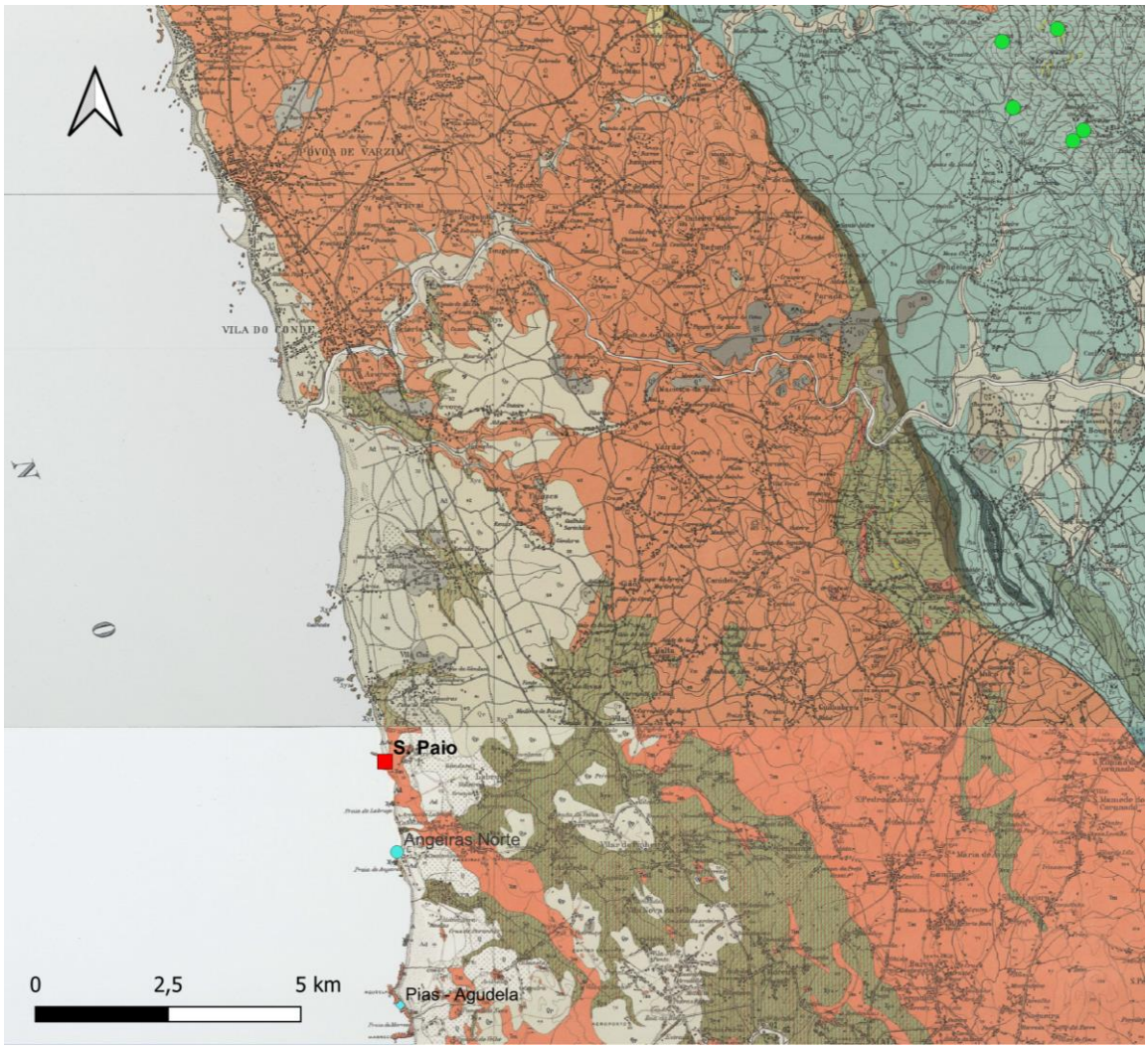


Fig. 1.211 Pias salineiras na área de S. Paio.

a) IDADE DO BRONZE FINAL

Materiais cerâmicos locais e líticos

Em S. Paio registámos alguns fragmentos cerâmicos datáveis desta fase cronológica-cultural. Em termos técnicos a cerâmica é de fabrico manual e apresenta-se com pastas arenosas ou arenosas-micáceas, cozeduras redutoras, cores castanhas e superfícies alisadas e polidas, neste caso, em pastas mais depuradas, atribuíveis às cerâmicas, ditas finas, do Bronze Final (Martins, 1990; Bettencourt, 1999). Registámos algumas formas que não se afastam das que conhecemos para a área do Cávado (Martins, 1990; Bettencourt, 1999) e do médio Douro (Dinis, 1991/1992). As formas registadas resumem-se à forma 10 (potinhos/púcaros) para o uso de mesa, transporte ou cozinha, pois alguns apresentam fuligem no exterior, formas de potes para cozinha (forma 1b e 1c), armazenamento e transporte e formas abertas, nomeadamente a 22 (malga) para preparação ou consumo de alimentos, entre outros (Tab. 1.41). As decorações usam

as técnicas da aplicação plástica (mamilos e cordões), a incisão, a impressão e brunido, por vezes combinados (Fig. 1.212, Tab. 1.42).



Fig. 1.212 Fragmentos cerâmicos decorados em S. Paio, datáveis do Bronze Final.

Tabela 1.41 Formas cerâmicas no interflúvio Ave-Onda, no Bronze Final

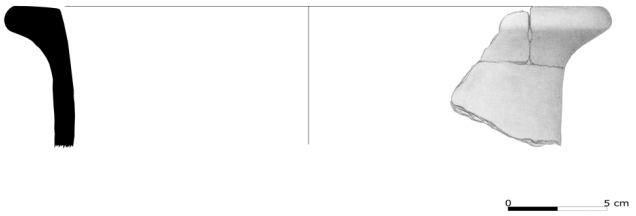
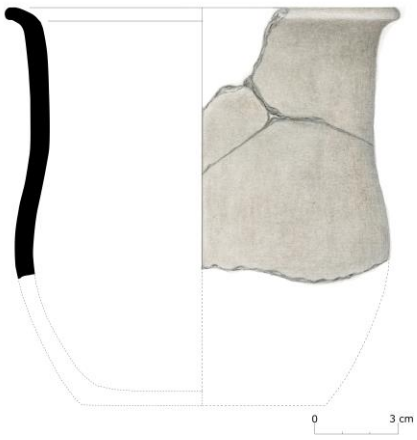
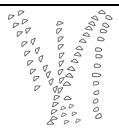
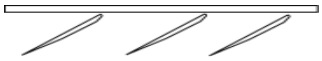
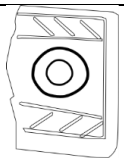
Formas/função	Povoado de S. Paio
Forma 1c (uso para cozinhar alimentos)	
Forma 10 (o uso de mesa, transporte ou cozinha)	
Forma 22 (preparação ou consumo de alimentos)	

Tabela 1.42 Organização decorativa da cerâmica do Bronze Final, no interflúvio Ave-Onda

Aplicação plástica	
Brunido	
Impressão	
Aplicação plástica e incisão	
Incisão	
Aplicação plástica, incisão e impressão	

Quanto ao material lítico, detetamos a presença de algumas mós de sela ou de vaivém (Fig. 1.213).



Fig. 1.213 Moinho manual, dormente (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

Aspetos funcionais e económicos

A presença de mós de sela indicia a prática da agricultura. A proximidade do mar e das pias salineiras da praia de Angeiras-norte, a sensivelmente 1,5 km para sul do povoado (no território provável de exploração pedestre, de menos de 30 minutos), assim como das pias salineiras da praia da Agudelas (no território de 60 minutos pedestres), indica a exploração do sal marinho (Fig.

1.214). Não se encontraram materiais de exportação, pelo que, na primeira ocupação deste espaço, a comunidade parece estar afastada das redes de troca suprarregionais.

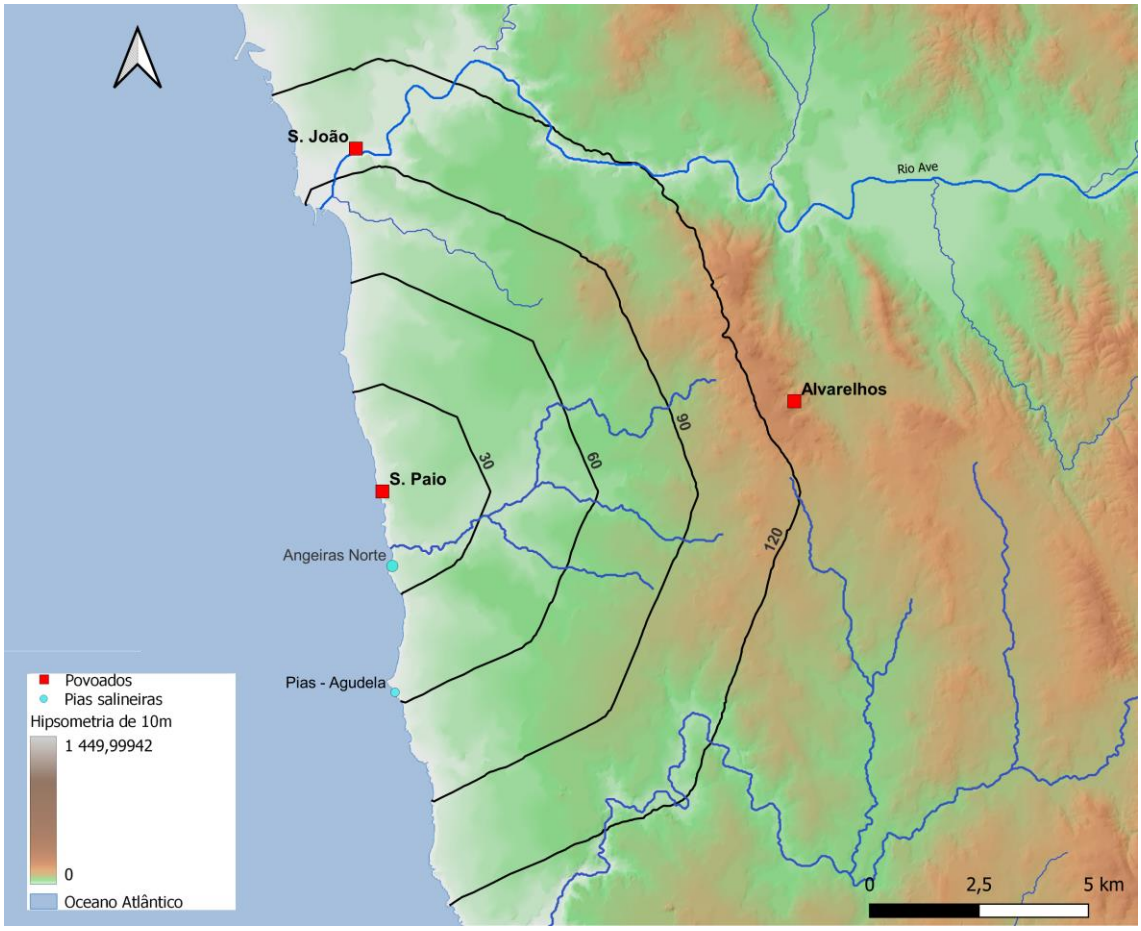


Fig. 1.214 Território teórico de exploração de S. Paio, de 2 horas pedestres, com linhas isócronas de 30 minutos.

Lógicas de povoamento e interpretações

Para realizarmos essas interpretações julgamos importante analisar os territórios teóricos de 2 horas pedestres de S. Paio e de S. João, no estuário do Ave. Aqui notamos uma sobreposição nos territórios pedestres de exploração teórica e que ficam equidistantes um do outro, entre os 90 e 120 minutos pedestres (Fig. 1.215). Tendo em conta este fenómeno fica a questão de saber como se relacionariam estes dois povoados costeiros. Competiam entre si pelos recursos ou, por outro lado, seriam complementares, na vigilância da linha costeira e nos corredores de circulação da área a sul do Ave, por exemplo? Porém, é necessário referir que estes dois povoados não se observam mutuamente. Ainda assim, ambos observam claramente a linha costeira e a foz do rio Ave.

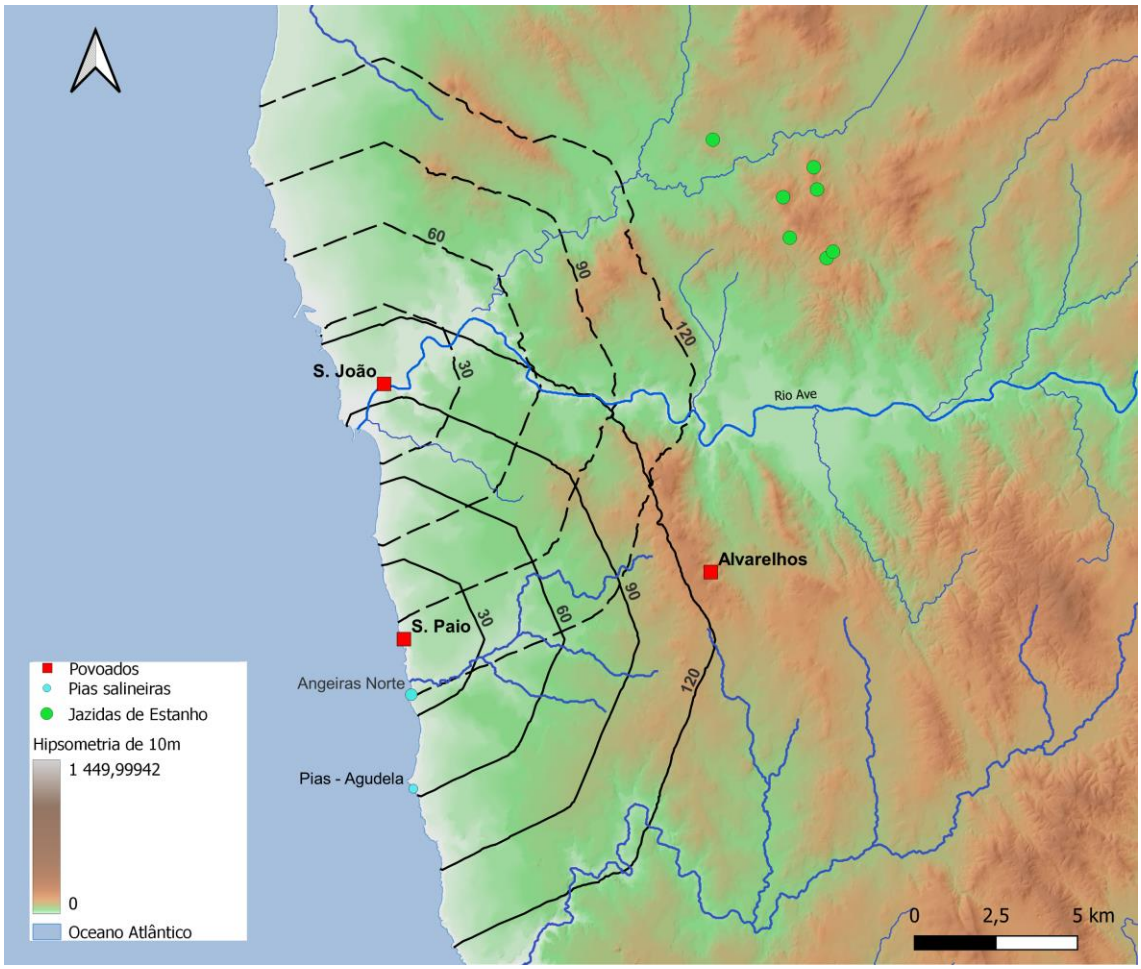


Fig. 1.215 Sobreposição dos territórios teóricos de 2 horas de S. João (a tracejado) e S. Paio (linhas contínuas).

b) IDADE DO FERRO ANTIGO

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos

A mudança neste período é patente nos materiais cerâmicos. Em termos técnicos, a cerâmica passa a ser de pastas apenas micáceas, embora o fabrico continue a ser manual e as cozeduras, na sua maioria, redutoras, com os recipientes a apresentarem cores escuras.

Em termos formais, há uma multiplicação de formas disponíveis (Tab. 1.43, 1.44), tanto de uso de mesa (formas 2), de confeção de alimentos (formas 3 - malga), como de novas formas para uso ao lume, como é o caso das panelas de asa interior (forma 4). Persistem, contudo, alguns potes com fuligem/gordura o que indicia que estas formas, seriam ainda usadas sobre o lume. Os potes podem ser das formas 1a, 1b e 1c. Devemos destacar a existência de uma forma original Trata-se de um pote, com aba soerguida de onde saem, pelo menos, duas asas de preensão horizontal e de seção circular (Tab. 1.45, 1.216). Pela dimensão e forma, é possível que tivesse

como função ser suspensa sobre o lume, apesar não sabermos se tinha fuligem, para além de ter sido alvo de restauros recentes.

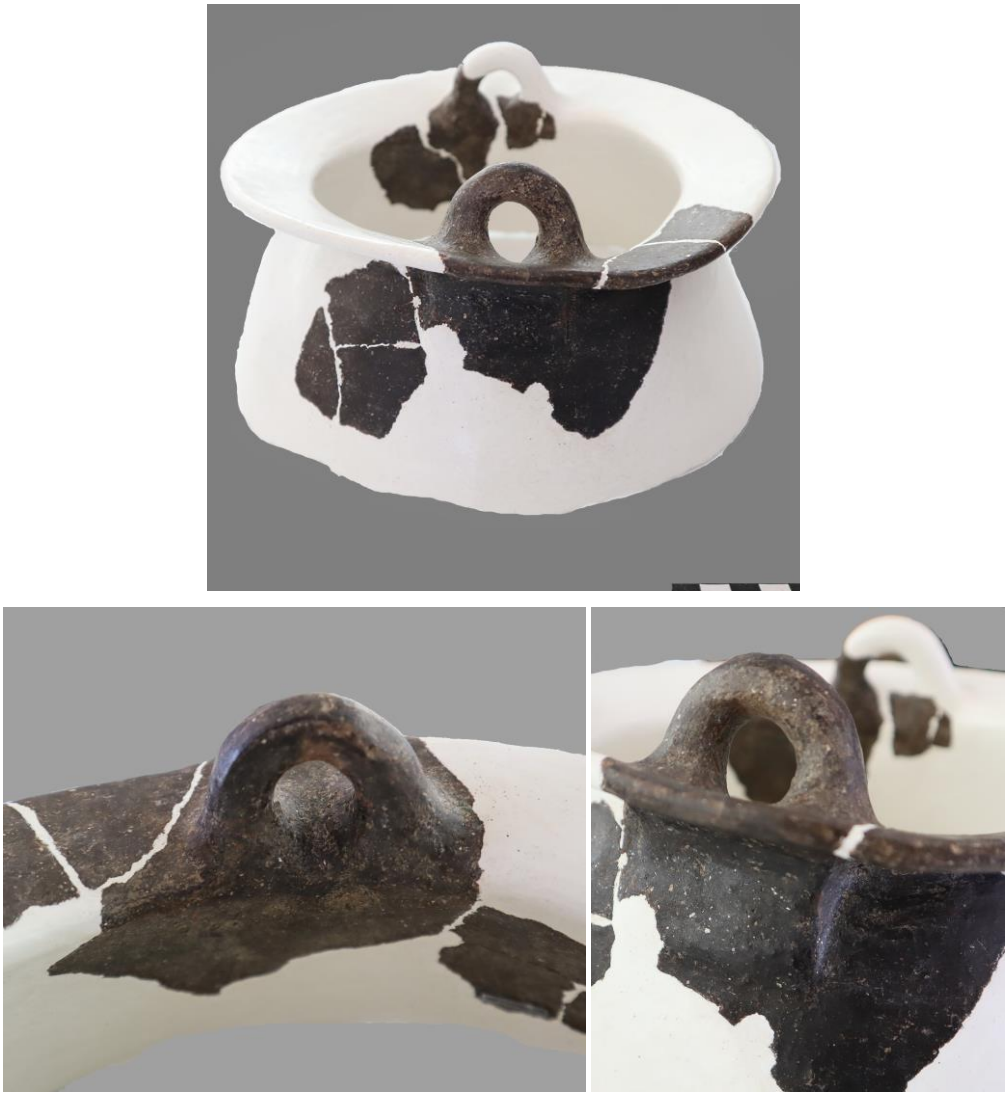


Fig. 1.216 Pote de S. Paio e pormenor da localização e forma das asas.

Apesar de não conhecermos paralelos em cerâmica para esta peça, o seu contorno formal indicia que se trate de uma peça que imita uma forma metálica, talvez um caldeiro um caldeiro de rebites que sabemos terem persistido do Bronze Final para o Ferro Antigo (Bettencourt, 2001a; Silva, 2013).

Com efeito, esta forma assemelha-se, por exemplo, a dois caldeiros de rebites, em bronze, datáveis do Bronze Final (Fig. 1.217). Um deles é o caldeiro de Cabárceno (Penagos, Santander, Espanha) (Fernández Manzano e Guerra, 2003) e o outro é o caldeiro de Lois (Crémenes, Leão, Espanha) (Schubart, 1961; Fernández Manzano, 1986: 18). A raridade desta forma poderá indiciar um uso excecional e talvez a sua função não estivesse longe das suas congéneres metálicas

usadas para ritos de comensalidade. Devemos referir um outro aspeto que nos parece importante, estes caldeiros possuem um diâmetro de boca entre os 50 e 60 cm (Armada Pita, 2005: 130 e 137), o que contrasta com os 24 cm que a peça de S. Paio possui de diâmetro de boca. Além disso, como se encontra incompleta é impossível calcular a sua capacidade aproximada. Quanto à capacidade destes caldeiros, apenas reconhecemos que o caldeiro de Cabárceno teria uma capacidade aproximada de 70 litros (Armada Pita, 2005: 130).

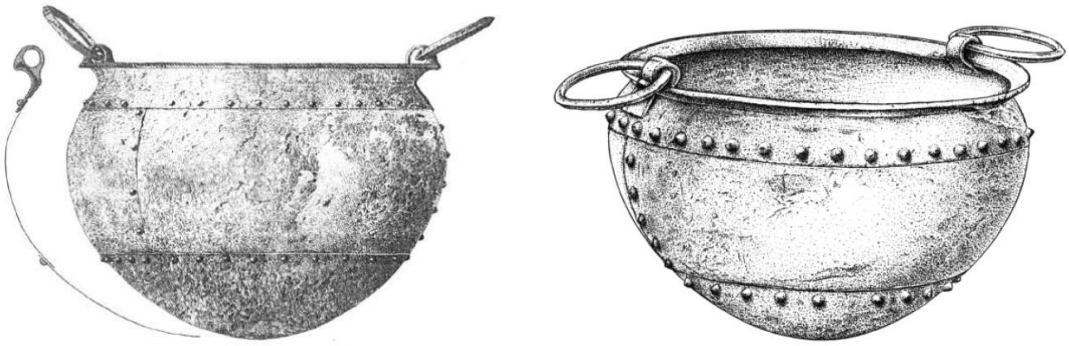


Fig. 1.217 Caldeiros de rebites: do lado esquerdo, o de Lois (H. Schubart 1961, adaptado) e do lado direito, o de Cabárceno (Fernández Manzano e Guerra, 2003, adaptado).

Recordemos, num contexto geograficamente próximo, o sítio de Frijão, em Braga onde se encontrou o que restou de um caldeiro de rebites, do Ferro Antigo, em contexto que aponta para cerimónias de comensalidade. O uso deste tipo de objetos tem sido amplamente debatido (Schubart, 1961; Armada Pita, 2002, 2005, 2011; Armada Pita e Vilaça, 2016, entre outros), embora os autores concordem que foi usado para "rituales de comensalidad y el banquete incorporarían la bebida como elemento ritual con similar estatuto simbólico, fomentador de prácticas sociales de airmación identitaria o de poder. En este sentido, quedaron fuera de nuestro análisis otras realidades materiales (recipientes cerámicos y, tal vez, de madera) que serían igualmente manipuladas en el transcurso de acciones simbólicas pautadas por el consumo ritual de alimentos, sólidos y líquidos" (Armada Pita e Vilaça, 2016: 143).

Devemos, também, referir um outro bordo, cujo diâmetro não foi possível registar e que possui uma pequena depressão na zona do lábio, talvez realizada como forma de reutilizar o recipiente (Tab. 1.45). Não são muito comuns, para a Idade do Ferro formas com vertedouro e por isso, trata-se, de uma peça inédita embora desconheçamos ao certo a sua função.

Tabela 1.43 Formas de armazenamento e/ou destinadas a ir ao lume, no Ferro Antigo

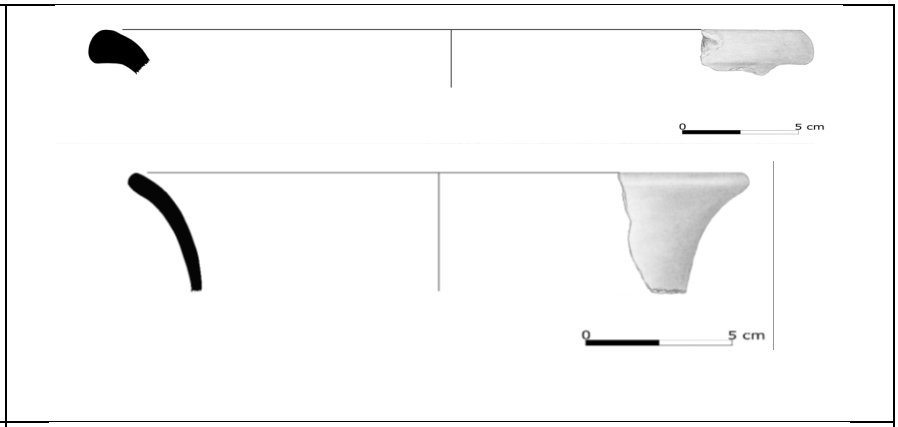
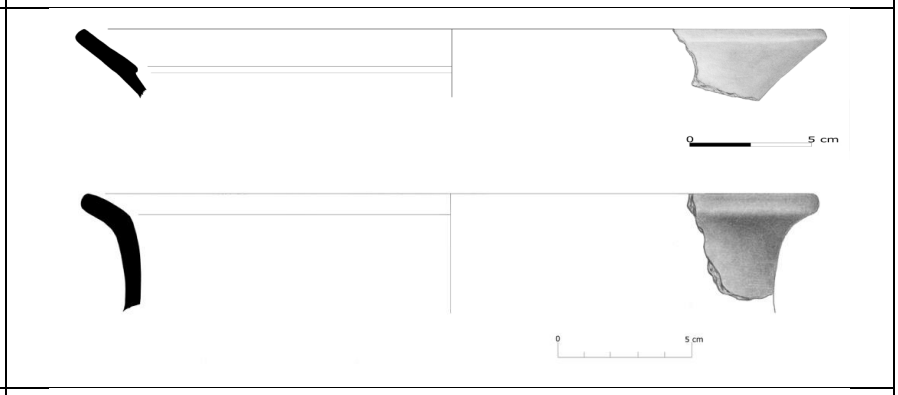
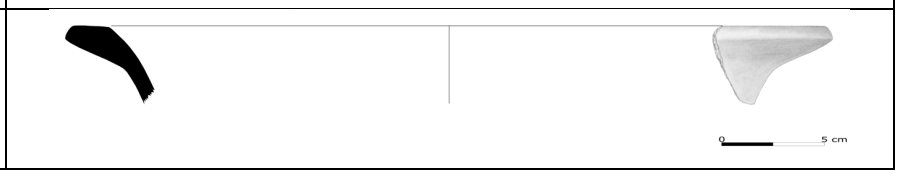
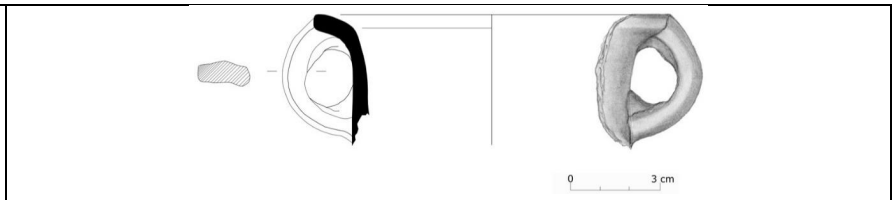
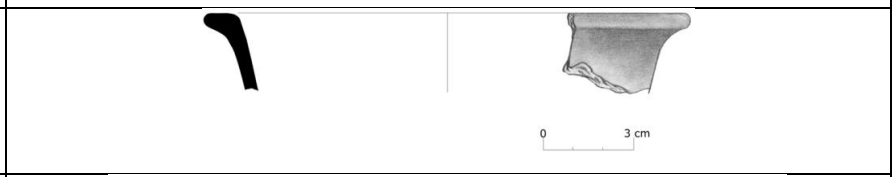
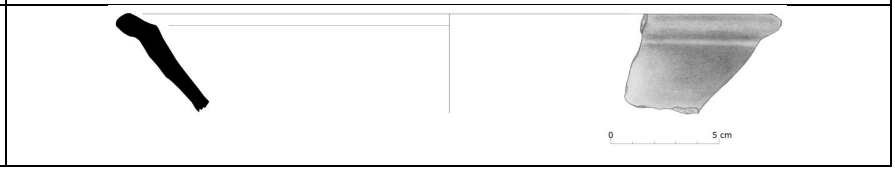
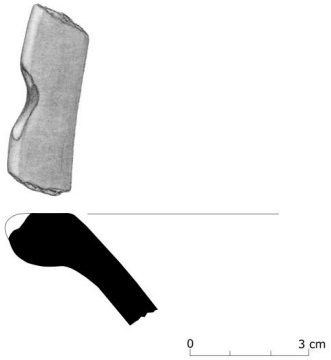
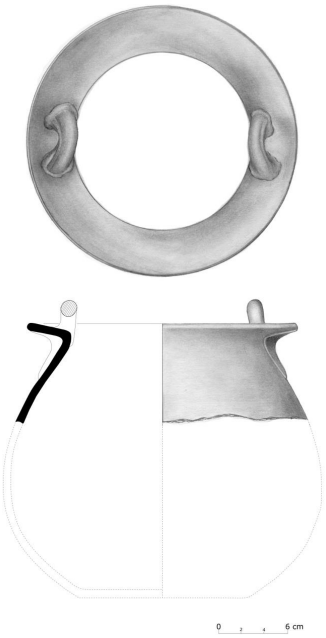
Formas destinadas ao armazenamento e/ou à cozedura de alimentos	Forma 1a	
	Forma 1b	
	Forma 1c	

Tabela 1.44 Formas para uso à mesa e para preparar alimentos, no Ferro Antigo, no interflúvio Ave-Onda

Formas para uso à mesa	Forma 2 a	
	Forma 2b	
	Forma 3a	

Formas para a confeção de alimentos	Formas 4	

Tabela 1.45 Formas novas, no Ferro Antigo, no interflúvio Ave-Onda

Novas formas	Pote ou potinho com vertedouro	
	Pote com asas na aba	

Quanto à gramática decorativa, esta é agora mais variada e complexa do que na fase anterior. Além da incisão e aplicação plástica que ocorria de forma rara nas peças do Bronze Final, no Ferro Antigo estas técnicas, além da impressão, começam a ser mais recorrentes. O brunido é também uma técnica que se mantém nesta fase. Surgem, também, o espatulado e a decoração por aguada ou engobe. A aguada aparece em vários recipientes, acompanhada, por vezes, de

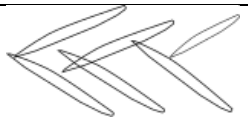
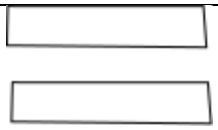
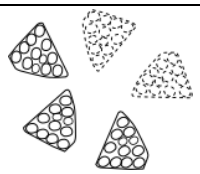
outras técnicas decorativas. Esta é colocada apenas na superfície externa da peça e possui uma coloração escura, por vezes negra, acastanhada ou avermelhada (Fig. 1.218).

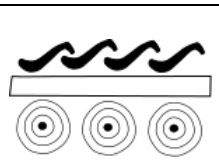
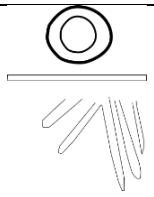
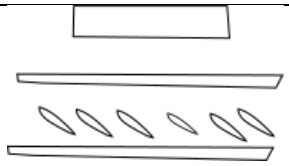
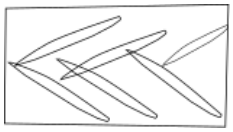


Fig. 1.218 Fragmento decorado por aplicação plástica e aguada castanha.

A grande novidade, quanto à gramática decorativa, é que no Ferro Antigo os motivos estão organizados e misturam-se com outras técnicas, complexificando a decoração dos potes e potinhos (Tab. 1.46).

Tabela 1.46 Motivos decorativos do Ferro Antigo, no interflúvio Ave-Onda

Incisão		
Aplicação plástica		
Espatulado		
Brunido		
Impressão		

Impressão e incisão		
Aplicação plástica e incisão		

A impressão e a incisão são muitas vezes usadas no mesmo objeto, tal como como a aplicação plástica e a incisão. As séries de SSS, e os círculos concêntricos começam a ser comuns, e estão normalmente associados a outros motivos incisos. Os cordões aplicados na horizontal estão, por vezes, sobrepostos por sulcos incisos na vertical, horizontal ou originando um motivo em espinha.

Quanto ao material metálico de S. Paio devemos referir uma fíbula fora do seu contexto original, que pela sua tipologia (tipo Sabroso ou Ponte 22) deve inclui-se nesta fase (Fig. 1.219).



Fig. 1.219 Fíbula de tipo Sabroso em S. Paio.

Cabe-nos referir ainda que os *itens* metálicos, tal como a conta de colar vítrea importada, que veremos a seguir, são peças de adorno excecionais. Pela quantidade tão diminuta é provável que fossem usados por certas famílias ou apenas por alguns indivíduos com estatuto social ou ideológico distinto.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Em termos económicos, não terá havido grande alteração ao nível das atividades relacionadas com a subsistência da comunidade: a pesca e a agricultura seriam a base da sua sobrevivência. A existência de moinhos de sela indicia a prática da moagem de cereais.

O que distingue esta fase do período anterior, é a sua introdução nas rotas do intercâmbio inter-regional, através da presença de um bétilo e de uma conta em pasta vítrea, o que demonstra o caráter modesto destes contactos, que seriam esporádicos ou episódicos.

No Ferro Antigo, o povoado de S. Paio poderá ter sido um lugar de paragem ou de referência na paisagem litoral para os mercadores púnicos, por motivos religiosos. As razões para equacionarmos esta hipótese, prendem-se com a existência de um possível bétilo (Fig. 1.220), que teria sido, aparentemente, pintado[99].



Fig. 1.220 Possível bétilo de S. Paio.

Este tipo de objeto cerimonial ligado às crenças religiosas das populações púnicas ou meridionais, segundo Rodríguez Corral (2008), tem paralelos na Punta de Muiño de Vento, em Vigo (González-Ruibal, 2006; González-Ruibal *et al.,* 2010-2011). É possível que se relacione com

[99] Não possui contexto. Tem um contorno ligeiramente oval, encontra-se polido intensionalmente e é de granito de grão fino.

a posição estratégica de S. Paio, no contexto costeiro, servindo como uma espécie de ponto de referência para a navegação marítima desta altura (visto ser uma espécie de promontório composto por um caos de blocos graníticos, bem visível do mar) (Fig. 1.221) mas com capacidade de desembarque na praia, por pequenas embarcações.



Fig. 1.221 Litoral junto ao povoado de S. Paio (assinalado). Note-se o conjunto de penedos imediatamente a sul do povoado e os afloramentos subaquáticos existentes nesta área.

Outro exemplo de intercâmbio meridional é uma conta de colar vítrea de cor azul-cobalto (Fig. 1.222), encontrada num contexto selado, datável desta fase cronológica.



Fig. 1.222 Conta de colar vítrea de S. Paio.

Um outro exemplo, desta feita, indireto da influência meridional é a presença de aguadas em algumas cerâmicas indiciando imitações de recipientes meridionais.

Lógicas de povoamento e interpretações

A lógica de povoamento deste povoado no espaço não parece estar dependente do intercâmbio suprarregional, devendo a sua localização relacionar-se com o que foi apontado para o período anterior, apesar das evidências esporádicas de contacto com os púnicos.

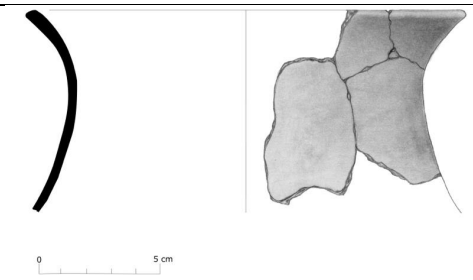
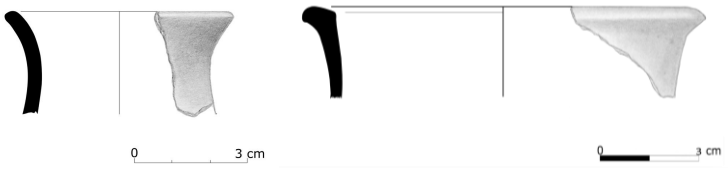
c) IDADE DO FERRO RECENTE

Materiais cerâmicos locais, metálicos e líticos e vítreos

No que concerne aos materiais cerâmicos, em termos técnicos observamos alterações significativas: fabricos ao torno ou à roda e algumas cozeduras oxidantes, com recipientes com colorações amareladas ou rosadas. As pastas são micáceas ou arenosas, e possuem textura grosseira ou fina com superfícies, ora alisadas ora polidas. Em termos formais, as formas, no geral, são iguais àquelas que se registam no Cávado e no Ave (Martins, 1990, 1991; Moreira, 2009: 73, nota de rodapé 64) (Tab. 1.47). Pelo facto de o material estar muito rolado e fraturado, poucas formas foram observadas. Identificaram-se potes (forma 1a, b) e talhas (forma 5) destinados ao transporte e armazenamento; algumas formas de mesa, como potinhos/púcaros (formas 2) e de preparação de alimentos, como malgas/tigelas (forma 3); assim como panelas de

asa interior e de asa em orelha (formas 4 e 6) destinadas a uso de cozinha. Algumas destas formas não foram ilustradas. Destacamos ainda alguns exemplares de tampas.

Tabela 1.47 Formas cerâmicas, no Ferro recente, no interflúvio Ave-Onda

Formas de armazenamento	Forma 1a	
	Forma 1b	
	Forma 5	
Formas de uso à mesa	Forma 2b	
Formas destinadas à confeção de alimentos	Forma 6	

A gramática decorativa é agora ainda mais complexa e variada do que na fase anterior (Tab. 1.48), embora os motivos e técnicas sejam, genericamente, os mesmos. Todavia, parece ter ocorrido um certo aumento do número de decorações aplicadas numa só peça.

As técnicas decorativas mais comuns são a incisão, a aplicação plástica, e, sobretudo, a mistura de técnicas como a impressão e incisão ou a aplicação plástica e impressões. O espatulado persiste, tal como o brunido. Este último normalmente associado à incisão ou aplicação plástica.

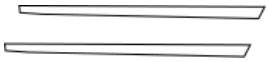
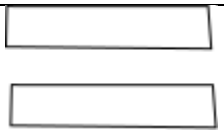
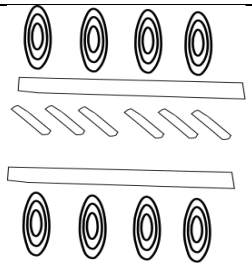
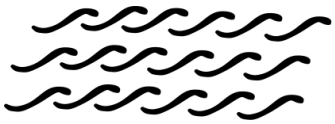
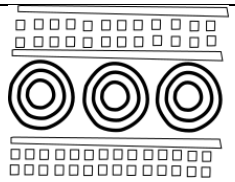
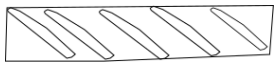
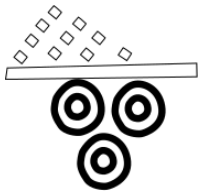
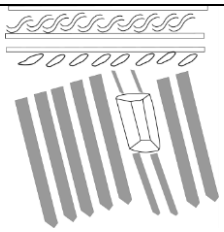
A aguada continua a ser usada neste período. Esta técnica está sempre associada ou à incisão ou a impressão (ou a ambas) (Fig. 1.223).

Destacamos, também, que a impressão surge em áreas das peças, inexistentes noutras regiões, como na zona interna de bordos em aba horizontal, nomeadamente com motivos em SSS, impressos (Fig. 1.223). Ainda no contexto das impressões destacamos a existência de círculos ou ovais e concêntricas (Fig. 1.223).



Fig. 1.223 Motivos decorativos do Ferro Recente de S. Paio.

Tabela 1.48 Gramática decorativa do Ferro Recente, no interflúvio Ave-Onda

Incisão		**Aplicação plástica**	
Espatulado		**Aplicação plástica, incisão e impressão**	
Impressão			
Impressão e incisão		**Aplicação plástica e incisão**	
Impressão, incisão e aguada		**Aplicação plástica, incisão e impressão**	

Quanto à metalúrgica, apareceram vários pingos de fundição, contudo como os contextos de achado são de difícil compreensão não sabemos se são datáveis do Ferro Recente ou anteriores a esta fase. Quanto aos materiais líticos devemos sublinhar que durante as escavações foi encontrada uma grande mó (movente) rotativa, em granito (Fig. 1.224).

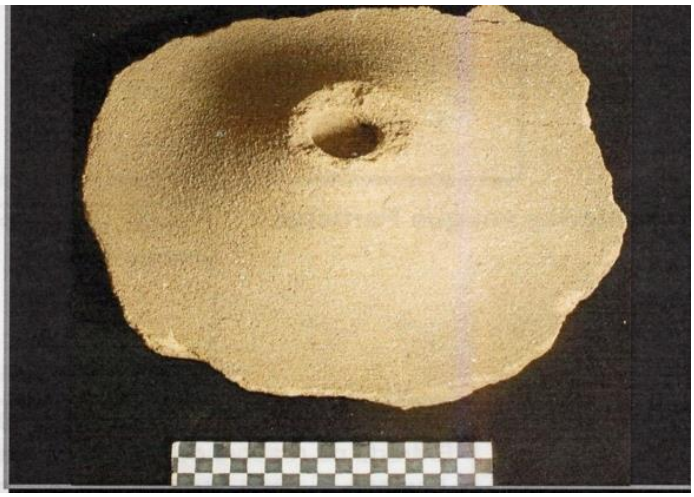


Fig. 1.224 Materiais líticos de S. Paio: mó rotativa.

Os múltiplos pesos de rede, produzidos a partir de seixos rolados, podem ser deste período, como de períodos anteriores à Idade do Ferro.

Aspetos funcionais e económicos (intercâmbio)

Os materiais de importação com o mundo meridional existem, apesar de continuarem escassos. Foram registados menos de uma dezena de fragmentos de ânfora inclassificáveis. Devemos mencionar, ainda, um pote, oriundo da Bética (Fig. 1.225), com uma cronologia dos finais do séc. I a.C. e o séc. I d.C. (Pinto e Morais, 2007)

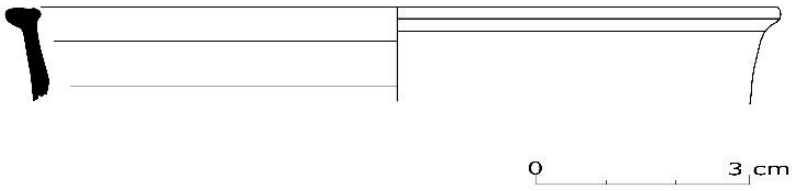


Fig. 1.225 Pote (cerâmica comum da área da Bética).

Foram ainda registadas outras duas contas de colar vítreas, de cor azul-cobalto que podem ser desta fase de ocupação do povoado (Fig. 1.226).



Fig. 1.226 Contas de colar de S. Paio de contextos da Idade do Ferro Recente (fotografias do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

Dada a escassez destes materiais, parece claro que a comunidade de S. Paio estava afastada dos grandes centros e troca suprarregional, sendo a base da sua economia a atividade de subsistência, ligadas com a agricultura (sobre este último aspeto devemos salientar a presença de uma mó rotativa de grande dimensão que serviu para a moagem de cereal), com os recursos fluviais do estuário do Onda e com o mar (pesca e recoleção). É provável que durante este período se desenvolvessem atividades metalúrgicas.

Lógicas de povoamento e interpretações

No Ferro Recente nota-se uma maior abertura ao exterior, por parte desta comunidade, embora a receção de produtos exóticos não parece ser efetuada diretamente, mas através do intercâmbio local com as comunidades dos estuários. Os seus fatores de povoado serão assim, globalmente, os dos períodos anteriores, talvez com um papel mais ativo. Além disso, devemos naquilo que seria a vigilância e controlo da circulação do litoral e da navegação oceânica. Mesmo que não tivesse controlo visual com o povoado de S. João, no estuário do Ave, rapidamente, através de uma viagem a cavalo, a distância entre S. Paio e S. João, de cerca de 8 km, em linha reta, seria percorrida, em menos de 1 h podendo as populações do estuário estarem preparadas para a receção das embarcações romanas.

3. MATERIAIS E INTERCÂMBIO ENTRE O ESTUÁRIO DO MINHO E O ESTUÁRIO DO AVE NA LONGA DIACRÓNICA

3.1 Introdução

Neste capítulo dão-se a conhecer os materiais locais e de importação usados pelas populações da faixa costeira do norte português, entre os estuários do Minho e do Ave e os interflúvios que os intercalam, até ao Ave-Onda, desde o Bronze Final ao Ferro Recente.

A análise dos materiais locais permitiu conhecer particularidades tecnológicas, tipológicas e decorativas, em cada período cronológico-cultural, bem como alterações verificadas na longa duração.

O estudo dos materiais exógenos possibilitou identificar a origem e a frequência dos contactos suprarregionais, assim como a tipologia do que foi importado, permitindo inferências sobre padrões de consumo.

Não sendo este trabalho vocacionado para o estudo do povoamento, foi impossível ignorar o papel dos povoados estuarinos e litorais, no âmbito do intercâmbio suprarregional, nomeadamente em aspetos como a receção e difusão das novidades e a vigilância e controlo da circulação marítima e estuarina, tendo em conta que os protagonistas do intercâmbio por mar, eram povos estranhos à região, por vezes com políticas de expansão efetivas, como é o caso dos romanos.

3.2 Bronze Final

Para o Bronze Final foram identificadas ocupações em **15** povoados (11 estuarinos e quatro costeiros) e **um** contexto tumular. Destacamos os povoados do Coto da Pena e de Santa Tecla, no estuário do Minho; o povoado de Santo Amaro, no estuário do Âncora; os povoados de Santo António, Alto da Coroa e o túmulo da Cova da Moura, no interflúvio entre os rios Âncora e Lima; os povoados de Santa Luzia, Santo Estevão da Facha e Peso, no estuário do Lima; o povoado de Moldes, no estuário do rio Neiva; o povoado de Sanfins, no interflúvio Neiva-Cávado; os povoados de S. Lourenço e Faria, no estuário do Cávado; os povoados de S. João e Bagunte, no estuário do Ave e o povoado de S. Paio, no interflúvio Ave-Onda[100] (Fig. 1.227). O contexto tumular, com características inéditas, no contexto peninsular, é o da Cova da Moura, no interflúvio Âncora-Lima, iniciado no Bronze Médio, mas com continuidade de uso e prováveis remodelações e acrescentos no Bronze Final.

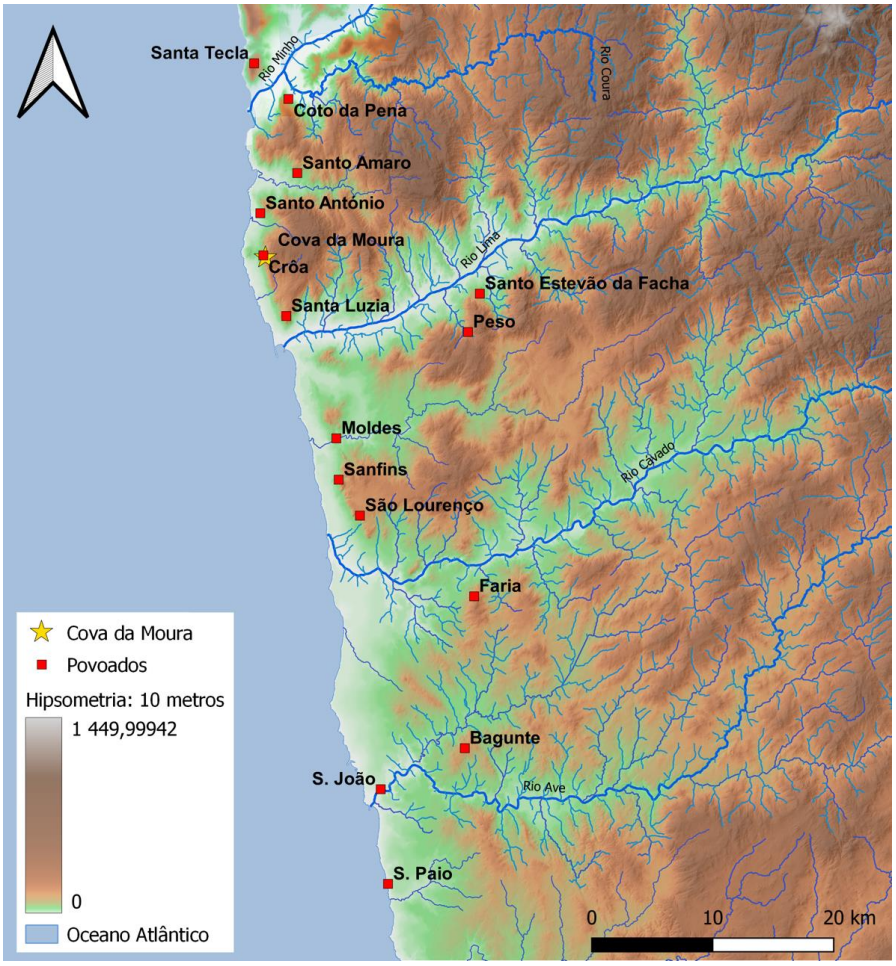


Fig. 1.227 Povoados e contexto funerário do Bronze Final.

[100] Apesar de Gomes (1996: 75-76) assumir que em Terroso (entre Cávado e Ave), houve uma ocupação de Bronze Final, uma análise detalhada das características técnicas e formais do espólio publicado e a observação dos fragmentos em depósito no Gabinete de Arqueologia da Póvoa da Varzim, indiciam que este local teve uma ocupação do Bronze Médio, sem continuidade para o Ferro Antigo do local que emerge entre os séculos séc. V/IV a.C. (tendo em conta os materiais de importação, materiais locais e a data de radiocarbono publicada neste trabalho).

Pela distribuição topográfica do povoamento, com povoados de altura e de vale, parece-nos claro que a sua localização não é arbitrária, podendo existir o que Bettencourt (2013: 161) considerou como uma rede de interações complexas entre eles.

Sendo este trabalho, essencialmente vocacionado para o estudo dos materiais e do intercâmbio, se tivermos em conta os materiais de importação, podemos, desde logo, afirmar que os indicadores de contactos suprarregionais com populações de origem mediterrânica, são muito ténues, não parecendo ter alterado, estruturalmente, o modo de vida das populações dos últimos momentos do Bronze Final. Talvez se possa abrir uma exceção para o Coto da Pena, onde se destaca uma petrificação precoce, em associação com materiais metálicos importados (Silva, 1986: 35-37) o que poderá resultar de processos de grande dinamismo económico e social, devidos a contactos de origem mediterrânica. De qualquer modo, os fatores de implantação e a diversidade topográfica dos povoados devem procurar-se numa multiplicidade de fatores, como o controlo visual e físico (nalguns casos) do território, da circulação de pessoas e de matérias-primas, ao longo de três corredores: o do atlântico (com circulação de gente exógena à região); o da plataforma litoral (com circulação de populações, essencialmente, endógenas) e o estuarino (com circulação de populações endógenas e exógenas). Para além destes fatores devem acrescentar-se outros, nomeadamente os que proporcionam as atividades agrícolas e pastoris, os recursos do bosque, o acesso a recursos mineiros metálicos (estanho e ouro) e não metálicos (sal) e os recursos fluviais e marinhos.

Materiais locais

A maioria dos materiais locais são os cerâmicos, seguidos dos metálicos[101].

As cerâmicas caracterizam-se, em termos técnicos, por fabricos manuais, pastas essencialmente arenosas, embora apareçam alguns recipientes com micas bem visíveis que, pelo seu pequeno calibre, parecem resultar das características da própria argila. Esta especificidade foi reconhecido em povoados dos cursos médios da bacia do Cávado (Martins, 1990: 127; Bettencourt, 1999: 120) e do Ave (Sampaio, 2014: 244-246; 326-331).

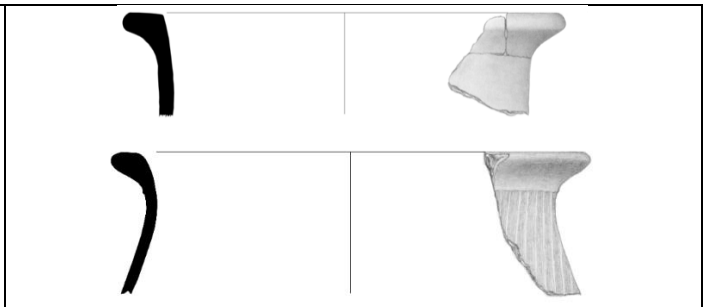
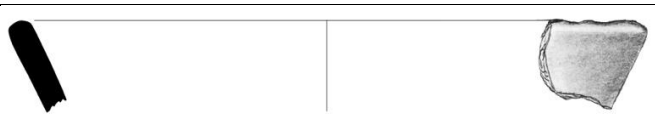
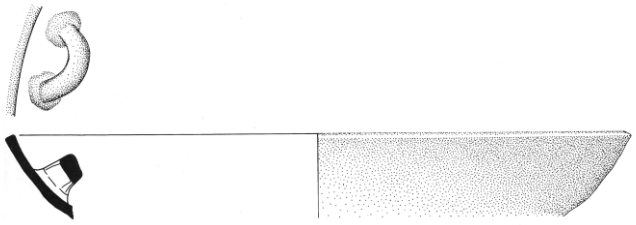
Notam-se, igualmente, dois tipos de fabrico em relação ao calibre e textura das pastas: um mais grosseiro, com desengordurantes de calibres médios, grosseiros e muito grosseiros, nos quais se elabora a maioria das formas de potes e de potinhos/púcaros, e um "fino" com

[101] Devido à descontextualização de vários conjuntos cerâmicos encontrados em povoados com longa diacronia de ocupação, tornou-se difícil estudar o material lítico, tendo em conta que muito dele persiste durante a Idade do Ferro.

acabamentos normalmente polidos onde se inserem alguns potinhos/púcaros e outras formas muito específicas (como taças carenadas). A propósito deste grupo, Martins (1987: 48, 1990: 127) colocou a hipótese de terem sido efetuadas através de moldes. As cozeduras são redutoras, normalmente de média e boa qualidade e as cores em vários tons de castanho.

Em termos formais ocorrem as seguintes formas da tabela de Bettencourt (1999: 124-134): potes (formas 1, 1b, 1c e 2); potinhos/púcaros (forma 10); taças carenadas (forma 12); panelas de asa interior de asas, quase sempre, de preensão vertical (forma 18) e malgas (forma 22) (Tab.1.49).

Tabela 1.49 Formas cerâmicas do Bronze Final na área de estudo

Forma 1 (variante 1c)	
Forma 2	
Forma 10	
Forma 12	
Forma 18	
Forma 22	

Cabe destacar o aparecimento de panelas de asas interiores, com asas normalmente de preensão vertical, embora existam raros exemplos com asas horizontais (forma 18). Bettencourt (1999: 132; 2000c: 50-51) tinha identificado esta forma, apenas, no estuário do Cávado, no povoado de Faria. No entanto, no contexto deste trabalho, percebe-se que este é um fenómeno mais abrangente, que ocorre, pelo menos, deste o estuário do Cávado até ao do Minho e áreas um pouco mais interiores, nomeadamente nos povoados de Torroso (Peña Santos, 1987a, 1987b) e Cossourado (F. Silva, 2006 :557), nos finais do Bronze Final (Fig. 1.228). Trata-se de uma forma que apresenta pastas arenosas, fabricos manuais, cozeduras redutoras, acabamentos alisados, com características técnicas similares às dos outros recipientes cerâmicos dos povoados onde se inserem. Normalmente têm fuligem nas paredes exterior.

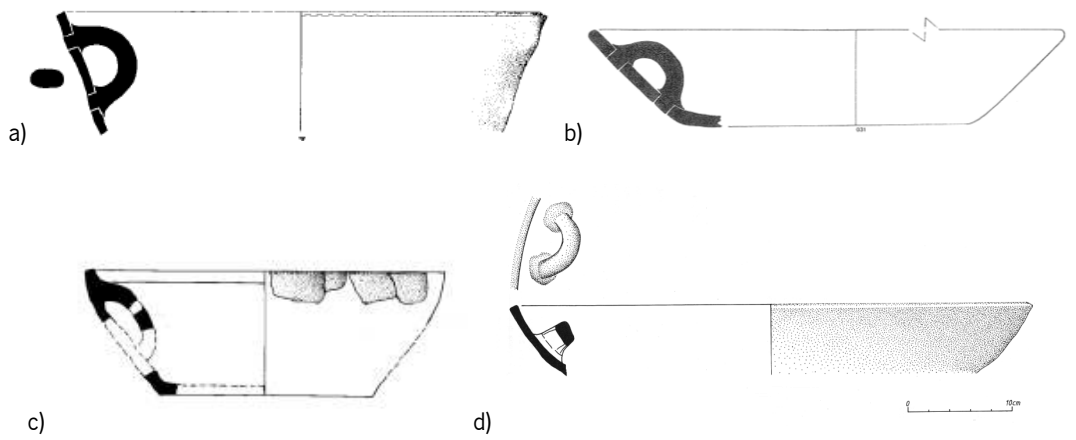


Fig. 1.228 Panelas de asa interior de asa vertical: a) Coto da Pena (Silva, 1986, adaptado); b) Torroso (Peña Santos, 1987, adaptado; c) Cossourado (F. Silva, 2006, adaptado). Panela de asa interior horizontal: d) Faria (Bettencourt, 2000, adaptado).

É de questionar a sua origem e as práticas que lhe são inerentes. Atendendo à cronologia em que emergem (fim da Idade do Bronze) colocamos a hipótese de poderem ser inspirações de recipientes meridionais, mas feitas em pastas locais. A este propósito referimos que esta forma é conhecida na zona Centro, no denominado horizonte Baiões-Santa Luzia, tendo sido encontrada no povoado de Canedotes, em Vila Nova de Paiva, distrito de Viseu, entre os meados do séc. X e o final do séc. IX a.C. (Canha, 2002: 170), ou seja, em cronologia mais antiga do que as ocupações onde foram encontradas no Noroeste. Aí, foi designada como forma 14A, por Canha (2002: 208), e considerada pouco apropriada para conter líquidos, devido à porosidade das suas pastas, pelo que foi interpretada como podendo ter servido, quer como recipiente para torrefação, quer como tampa de recipientes de armazenagem (Canha, 2002: 209).

Esta forma também foi encontrada no povoado da Sr.ª da Guia, em São Pedro do Sul, distrito de Viseu, tendo sido inserida na tipo IIIA de Lopes (1993: 157-158). Este autor considera-a relacionada com a produção metalúrgica porque, aí, foram detetadas aderências de metal no seu interior, o que Canha (2002: 2009) considera apenas uma reutilização e não uma utilização primária.

Atendendo à cronologia de Canedotes a forma terá chegado à fachada litoral do Noroeste de Portugal e sul da Galiza, mais tarde, e através de contactos suprarregionais, tendo sido adotada, de forma sistemática, apenas durante o Ferro Antigo.

Quanto às bases são sempre de fundo plano simples com diâmetros entre os 12 cm e os 26 cm. Devemos ainda referir a este respeito que tendo em conta a grande fragmentação dos materiais desta fase foram registadas poucos fundos ou bases que permitissem calcular o seu diâmetro.

Segundo as funcionalidades propostas por Martins (1990: 127) e Bettencourt (1999: 124-134) as formas mais representadas são de armazenamento, de transporte e de cozedura de alimentos (formas 1, 1b e 1c e 2[102]); seguidas das formas de uso à mesa e/ou de preparação de alimentos (formas 10 e 22 – potinhos/púcaros e malgas). O aparecimento de fuligem externa em alguns potes e alguns potinhos leva a colocar a hipótese de que poderiam ter sido usados para a preparação de alimentos, o que aliás já o foi defendido por Martins (1990: 127-128) e Bettencourt (1999: 127). Esta última autora, também considera, com base num potinho achado no interior de uma estrutura cistóide, no povoado da Santinha (Bettencourt, 1997, 1999, 2001a) a possibilidade do seu uso funerário. Tendo em conta o aparecimento de potes das formas 1 e 2 no contexto funerário da Cova da Moura, coloca-se a hipótese de que, também estas formas poderiam ter uma multiplicidade de funções. Deste modo, percebe-se que a atribuição de funcionalidades cerâmicas através de paralelos é relativa, sendo fundamental o conhecimento dos seus contextos e de análises de química orgânica aos seus resíduos, para o conhecimento de, pelo menos, a última utilização dos recipientes, numa história que pode ter sido múltipla e complexa.

As taças carenadas, pela sua qualidade, seriam para uso excecional, podendo estar associadas a cerimónias de caráter familiar ou coletivo, já que estas formas são de textura média, não apresentam fuligem, e seriam usadas para beber líquidos ou consumir alimentos não gordurosos. Pelo cuidado estético e técnico que apresentam e pelo diminuto número, deviam ser

[102] De referir que as formas 2 (potes esvasados), destinados ao armazenamento e transporte, mas têm fraca representatividade, tendo o corrido em Santa Luzia e Moldes.

usadas em contextos mais restritos ou em determinados contextos ou atos cerimoniais ou religiosos, em que este vaso seria partilhado entre todos (Bettencourt, 1999: 1249-1250).

A panela de asa interior (forma 18) é uma forma para utilizar em suspensão, provavelmente sobre uma fogueira. Peña Santos (1992: 23), a propósito o seu aparecimento em Torroso, considerou que o seu uso poderia estar associado à torrefação de bolotas ou de cereais, hipótese que Canha (2002: 2009) adotou, parcialmente. Martins (1987: 54; 1990: 147), considerou-a como tendo servido para a preparação de alimentos, devido à distribuição da fuligem nas superfícies exteriores, embora se esteja a referir à Idade do Ferro, momento em que esta forma se torna comum por todo o Noroeste português. A propósito do seu aparecimento em Faria, em contexto do Bronze Final, Bettencourt (1999: 132) equacionou a hipótese de se estar perante uma tímida introdução de novos hábitos e recipientes para cozinhar, face aos anteriores – os potes[103].

O aumento de sítios com esta forma, entre o Cávado e o Minho, parece evidenciar, de facto, a introdução, ainda que lenta e gradual, de alterações nas formas de cozinhar ou de torrefação, nos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro.

Cabe ainda referir o aparecimento de, pelo menos, um cadinho em Santo António e cinco cadinhos em Torroso (Peña Santos, 1988, 1992) (Fig. 1.229).

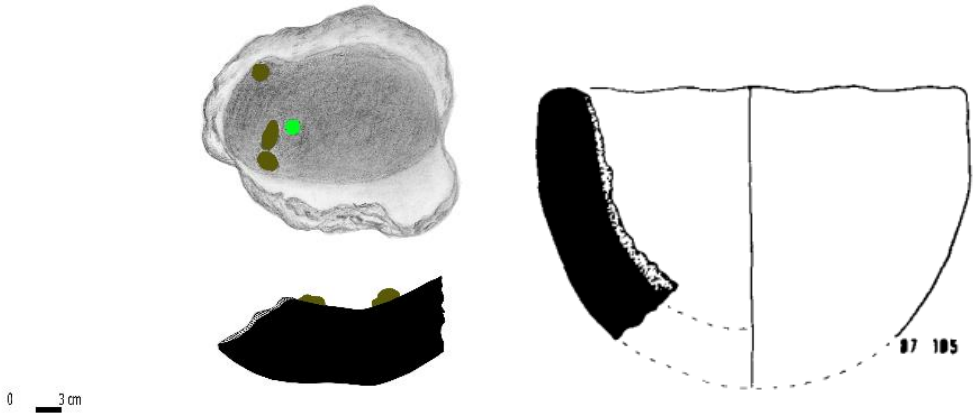


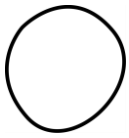
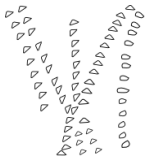
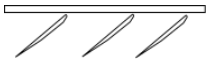
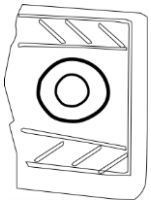
Fig. 1.229 Cadinhos em cerâmica de Santo António e de Torroso (Peña Santos, 1988: 345, adaptado).

As decorações são escassas, durante este período. As técnicas decorativas usadas são a incisão, a aplicação plástica, o espatulado, o brunido e a impressão (em casos raros). Devemos acrescentar que existem alguns recipientes em que são usadas duas técnicas (como a incisão e a aplicação plástica) e, num caso, três técnicas (a incisão, a impressão e a aplicação plástica).

[103] O que é defendido por Martins (1990: 125, 127) e Bettencourt (1999: 124-125).

No litoral, em povoados costeiros, como Santo António e S. Paio, a decoração mais comum é feita por incisão (sulcos horizontais ou oblíquos), seguida da brunida (com linhas na vertical e horizontal). O espatulado surge na zona externa dos bordos ou em bases. A aplicação plástica manifesta-se por meio de cordões, aplicados na horizontal, e por raros mamilos sobre as panças A decoração por impressão, através de matrizes geométricas (ovais, retângulos e o círculo concêntrico - num caso), é muito rara. (Tab. 1.50).

Tabela 1.50 Técnicas e motivos decorativos da cerâmica do Bronze Final, na área de estudo

Aplicação plástica		**Brunido**		
				
Impressão		**Incisão**		
				
Espatulado		**Aplicação plástica, incisão e impressão**		
				

Materiais metálicos

Neste capítulo referimos os vários artefactos em bronze e os raros em ferro, encontrados, quase sempre em contexto dos estuários. Nos estuários do Minho e Lima e no interflúvio, Âncora-Lima, detetaram-se evidências de práticas metalúrgicas em Terroso, Santa Luzia e Santo António, respetivamente. Estas manifestam-se através de cadinhos, lingotes, restos de fundição, sucata e moldes.

O estuário do Minho é aquele onde há mais evidências de consumo de artefactos metálicos, nomeadamente em Torroso e no Coto da Pena. No primeiro aparecem armas (punhal de tipo Porto de Mós, ponteira e pontas de lança), artefactos (machados de talão e de alvado), objetos de

adorno (alfinetes de cabeça, bracelete e cinturão, conta de colar, vários pendentes e fíbulas) e utensílios cerimoniais (caldeiros de rebites) (Peña Santos 1992). No Coto da Pena foram encontrados utensílios (foice de talão), artefactos de adorno (pendentes vários e fíbulas) e restos de um caldeiro de rebites (Silva, 1986: 172-173, 186, 196).

No estuário do Lima destaca-se, em Santa Luzia, um cone de fundição de um machado de talão (revelador do acabamento de uma peça ou de sucata), o que, em ambos os casos, indicia a prática da metalurgia, de modo indireto (Fig. 1.230). Em Santo Estevão da Facha há um pendente em forma de disco segmentado, um motivo muito reproduzido na arte rupestre do Noroeste (Marinho, 2022).

No estuário do Cávado, e em Faria sabemos da existência de um pendente em forma de "sanguessuga" ou xorca e um provável coto de lança, em bronze, cujo paradeiro é desconhecido (Bettencourt, 2000c: 48).

Lembrarmos neste tema um bracelete de ouro maciço (Vasconcelos, 1905: 448; Parreira-Pinto, 1980: 14, n.º 58; Silva, 1986: 255; Silva, 1987; Armbruster e Parreira 1993: n.º 49; Dinis, 1993: 113; Sousa, 2004: 44) proveniente de Vila do Conde, e data desta fase cronológica (Fig. 1.230).

No interflúvio Âncora-Lima, há a referir a foice de talão do contexto funerário da Cova da Moura, alterada pela ação do fogo (Fig. 1.230). No interflúvio Neiva-Cávado apareceram artefactos de bronze no Monte de Sanfins, como um fragmento de um machado de alvado e um artefacto de adorno (Fig. 1.230).



Fig. 1.230 Cone de fundição de um machado de talão (Santa Luzia), foice de talão (Cova da Moura), machado de alvado e pendente tipo sanguessuga (Monte de Sanfins) (Bettencourt e Guedes, 2023, adaptado); bracelete de ouro (proveniente de Vila do Conde) (fonte: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=110023).

Materiais de importação

Os materiais de importação, apesar de escassos, são diversificados e podem subdividir-se entre cerâmicos e metálicos.

Entre as cerâmicas destacam-se os raríssimos recipientes com decorações de tipo Baiões (Coto da Pena) materiais de importação do Centro ou Centro-Norte.

Aumentam, no entanto, as decorações com ornatos brunidos. Até à data, apenas se conhecia um fragmento com este tipo de decoração, nomeadamente no povoado da Falperra, em Braga (Bettencourt, 1999: 442, 445-446; 2000c: 147), na bacia do Ave. Estes aparecem agora, no interflúvio Âncora-Lima (no povoado de Santo António e no monumento funerário da Cova da Moura); no estuário do Lima (no povoado de Santa Luzia) e no interflúvio Ave-Onda (no povoado de S. Paio) (Fig. 1.231). Alguns parecem ser fragmentos de importação (pela diversidade das pastas), outros imitações locais, mas faltam análises de composição de pastas, para avaliar melhor este tema. Seja como for, revelam contactos meridionais.



Fig. 1.231 Decoração brunida: vaso com retícula brunida de Santo António; fragmento com retícula brunida de Santa Luzia; fragmento decorado com brunido e aplicação plástica do monumento funerário da Cova da Moura; fragmento decorado por brunido da Falperra, Braga (Bettencourt, 2000c:176, estampa XVI, 3).

Entre os artefactos metálicos que normalmente se consideram de importação, conhecem-se as fíbulas de tipo Alcores e de tipo Acebuchal, encontradas no Coto da Pena (Silva, 1896: 173, 186-187) (Fig. 1.232); os pendentes em campânula (Stª Tecla, Coto da Pena e Torroso) e os

pendentes em sanguessuga (Torroso e Faria[104]), de contextos cronológicos entre os séculos VIII e finais do séc. VI a.C.

Devemos ainda referir dois machado de aletas, um em Viana do Castelo (Lima) e o outro em Bagunte (Ave) que comprovam o intercâmbio com áreas meridionais, visto tratar-se de uma forma de machado típica do sul da Península Ibérica (Monteagudo, 1977, estampa 136, B) (Fig. 1.232).

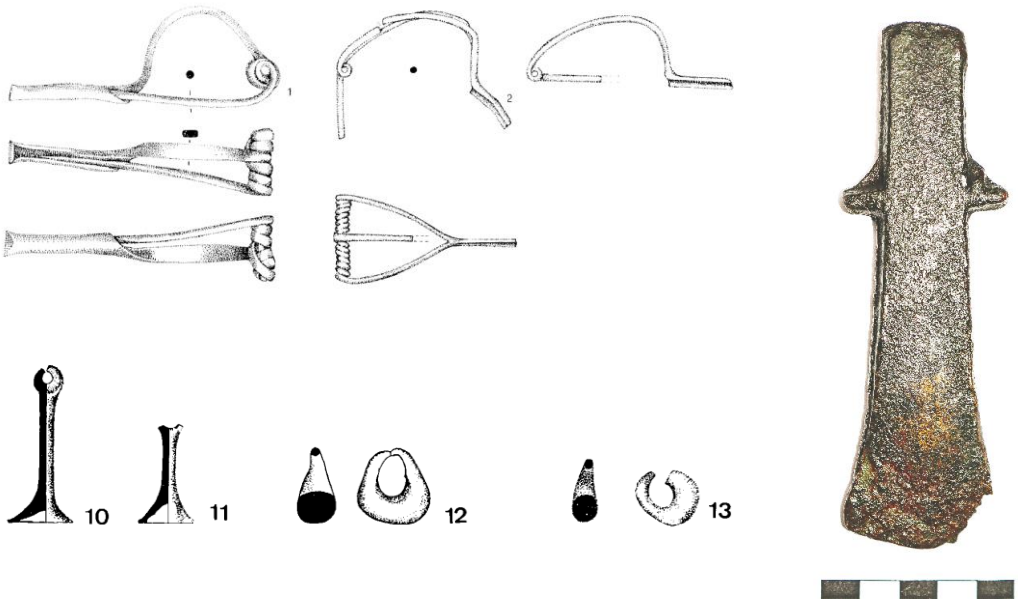


Fig. 1.232 Materiais de importação metálicos: fíbulas tipo Alcores e Acebuchal, pendentes em campânula e em sanguessuga (Coto da Pena) (Silva, 1986, adaptado); machado de aletas (Bagunte).

A distribuição geográfica dos materiais de importação demonstra, ainda, que os povoados que os recebem são os localizados nos estuários (com exceção de Stº António, muito próximo da foz do rio Âncora, que atinge no seu território de circulação pedestre de 2 h), pelo que teria sido no âmbito destes que se teria efetuado o contacto entre os mercadores/viajantes/exploradores e as populações indígenas.

O papel das populações estuarinas na transmissão de novidades para montante, através do intercâmbio local e regional, está bem patente nas evidências de materiais de origem meridional que chegaram aos cursos médios das diferentes bacias fluviais (Fig. 1.233), como é o caso de Torrroso, em Mós (rio Louro, afluente do Minho), do Cossourado, em Paredes de Coura[105] (rio

[104] Dos quais não dispomos de imagens.
[105] Que segundo datas de radiocarbono, calibradas recentemente, teria tido uma ocupação do Bronze Final, entre finais dos séc. IX inícios do VIII a.C.

Coura, bacia hidrográfica do Minho), onde apareceram pendentes em campânula; de São Julião, em Vila Verde, e Santinha, em Amares (na bacia do Cávado) onde apareceram contas de colar em pasta vítrea e formas cerâmicas inovadoras e raras, como os pratos (talvez imitações de formas meridionais) e da Falperra (bacia do Ave), com cerâmica de ornatos brunidos. Quanto aos restantes povoados com ocupações do Bronze Final da bacia do Ave, a falta de estudos monográficos e publicações acerca dos materiais de povoados como Penices, Ermidas ou Vermoim torna difícil conhecer o seu papel na "aquisição" destas materialidades.

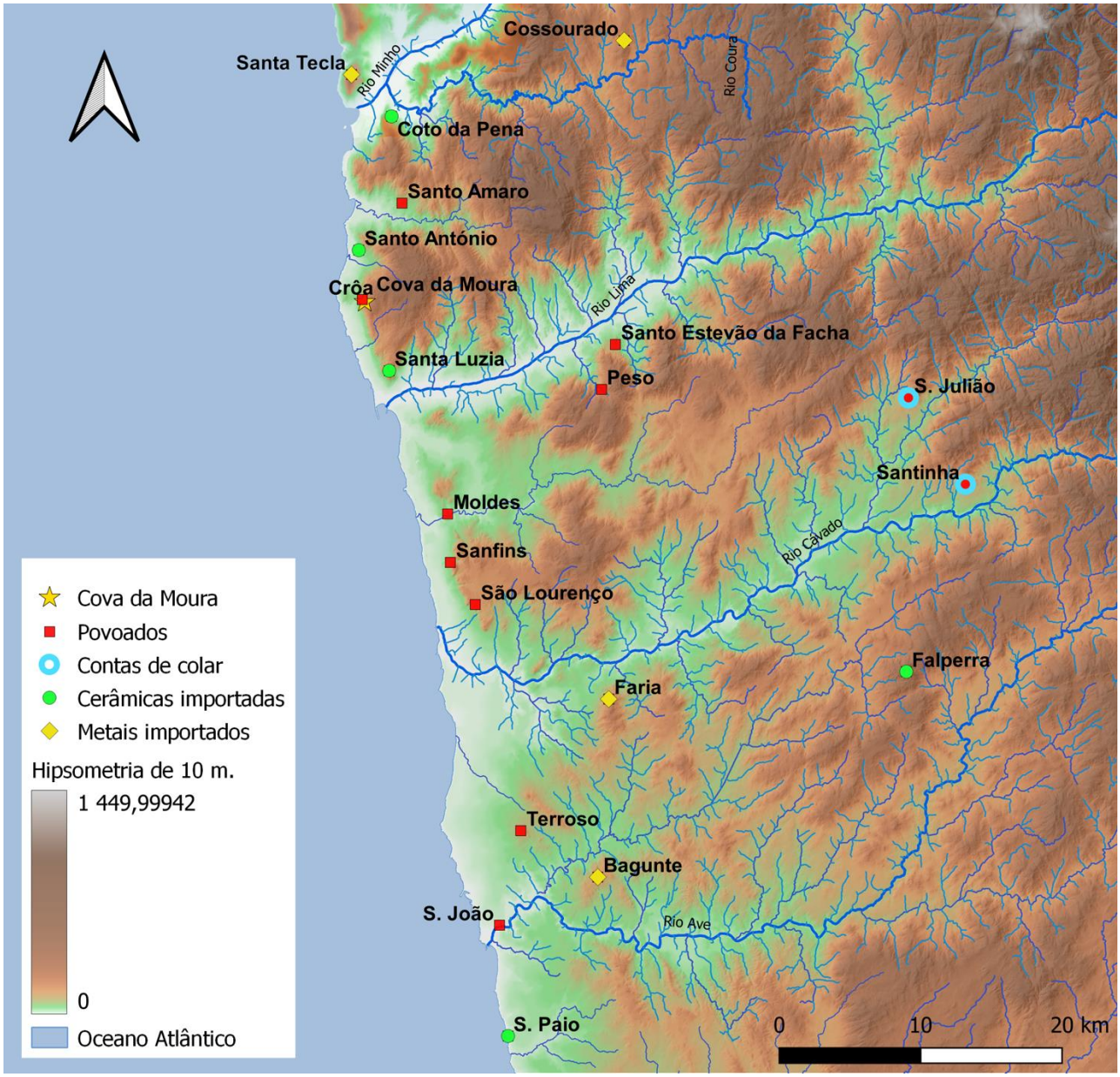


Fig. 1.233 Distribuição de materiais importados no Bronze Final.

De uma forma geral o **tipo de materiais que circulam** nas redes de intercâmbio são **raras formas cerâmicas** (insuficientes para atestar a introdução recorrente ou generalizada de novos costumes ou consumos) muito embora, a emergência de panelas de asas interiores, em contexto da Idade do Bronze, em quatro povoados[106] (Torroso, Coto da Pena, Cossourado e Faria) indicie, pelo menos, a introdução de uma nova forma de preparar ou torrar os alimentos que diverge da tradição anterior. Circulam, ainda, **objetos ornamentais**, como fíbulas, pendentes, sanguessugas (em bronze) e contas de colar (em pasta vítrea) que funcionariam como novos indicadores de poder ou de prestígio, por parte de quem os usa. Os dois machados de apêndice, ambos encontrados no litoral, não parecem ter sido adotados pelas populações do litoral, produtoras de machados de talão e, provavelmente, de alvado. Finalmente, tendo em conta o tipo de objetos metálicos veiculados nesta fase, e sobretudo a difusão de certas tipologias e decorações presentes na cerâmica e a alteração nos hábitos e práticas culinárias parecem estar relacionadas com a esfera feminina é de questionar o papel da exogâmico nesta mobilidade regional, com laços que podem ter sido criados entre indivíduos femininos vindos de outras áreas.

Com os dados disponíveis podemos colocar a hipótese de que, nesta área costeira do Noroeste de Portugal e sudoeste da Galiza, os contatos com os mercadores fenícios foram **esporádicos** e não terão alterado, estruturalmente, as comunidades indígenas, embora o seu impacto no estuário do Minho pareça ter sido maior, através da petrificação precoce de estruturas domésticas de contorno ovalar do Coto da Pena e do Cossourado, já no interior do rio Coura. Apesar disso concordamos com Ana Arruda (2019: 383) que a navegação do atlântico, pelo menos até ao cabo Mondego está mais do que demonstrada não só na iconografia naval em suporte cerâmico quer em representações como coroplásticas (em cerâmicas de engobe vermelho e não só da área do estuário do Tejo), quer pelas condições oceanográficas da 1ª metade do 1º milénio a.C.

Além disso, os materiais considerados de importação tendem a concentrar-se no termo dos estuários (Coto da Pena, Santa Luzia, Bagunte) e em certos pontos dos interflúvios (Santo António).

Estes dados estão de acordo com o facto das viagens fenícias, nesta data, se poderem considerar também elas exploratórias e esporádicas do território (Naveiro Lopez, 1991: 130; Cunliffe, 2019: 243-244, 286-288), além de que estas poderiam ser realizadas *ao largo*, tendo em consideração as dificuldades em navegar para norte do Cabo de São Vicente (Fernández

[106] Em Santa Tecla, apenas temos conhecimento deste tipo de formas em contextos do Ferro Recente (Peña Santos, 1986, fig. 10, 11 e 12; Rey Castiñeira, 1991: 343-344), tal como para o castro de Vigo (Rey Castiñeira, 1991: 296).

Jurado, 2000: 50, 60) para alcançar a foz de alguns dos rios principais da costa portuguesa, o Sado e o Tejo (Mederos Martin e Ruiz Cabrero, 2003: 380) e porque não os estuários dos principais rios do noroeste peninsular.

3.3. Ferro Antigo

Para o Ferro Antigo foi identificado o mesmo número de povoados que na fase anterior, nos interflúvios, embora tenham surgido novos povoados nos estuários. Verifica-se, ainda, a manutenção do contexto funerário da Cova da Moura.

Em termos gerais, foram identificados **15** povoados. Destes, apenas os de Terroso e de S. Paio estão instalados em interflúvios. Os restantes localizam-se nos estuários. No do Minho, tanto os povoados de Santa Tecla como do Coto da Pena mantêm ocupação. O mesmo podemos dizer de Santo Amaro, no estuário do Âncora; de Santa Luzia e da Facha, no estuário do Lima; de Moldes no estuário do Neiva; de S. Lourenço e Faria, no estuário do Cávado e de Bagunte[107] e de S. João, no estuário do Ave (Fig. 1.234).

A este conjunto devemos acrescentar os povoados de Belinho, no estuário do Neiva, e do Alto da Torre, no Cávado e, talvez, o de S. Félix, no interflúvio Cávado-Ave. Este último povoado no qual se encontrou, no início do séc. XX, um conjunto de objetos de adorno, em ouro, inseríveis neste período cronológico-cultural.

Como é possível observar, e tendo em conta os dados disponíveis, notamos, desde logo, um ligeiro decréscimo de povoamento na área do litoral entre o interflúvio de Cabanas e o estuário do Lima que, provavelmente, resulta da falta de escavações nos povoados dessa área. Por outro lado, a manutenção do monumento funerário da Cova da Moura e a existência de uma arrecada, em ouro, proveniente de Carreço, leva a crer que nesta área haverá um ou mais povoados com ocupação desta fase, contudo serão necessários trabalhos de escavação em alguns deles para atestar esta hipótese.

Ao mesmo tempo, notamos a manutenção de quase todos os povoados existentes na fase anterior, o que poderá significar que o modelo ou as estratégias do povoamento entre o Bronze Final e o Ferro Antigo não se terão alterado significativamente.

[107] Assumimos a ocupação o Ferro Antigo neste povoado, com base no aparecimento de materiais importados desta cronologia genérica, como foi referido no inventário.

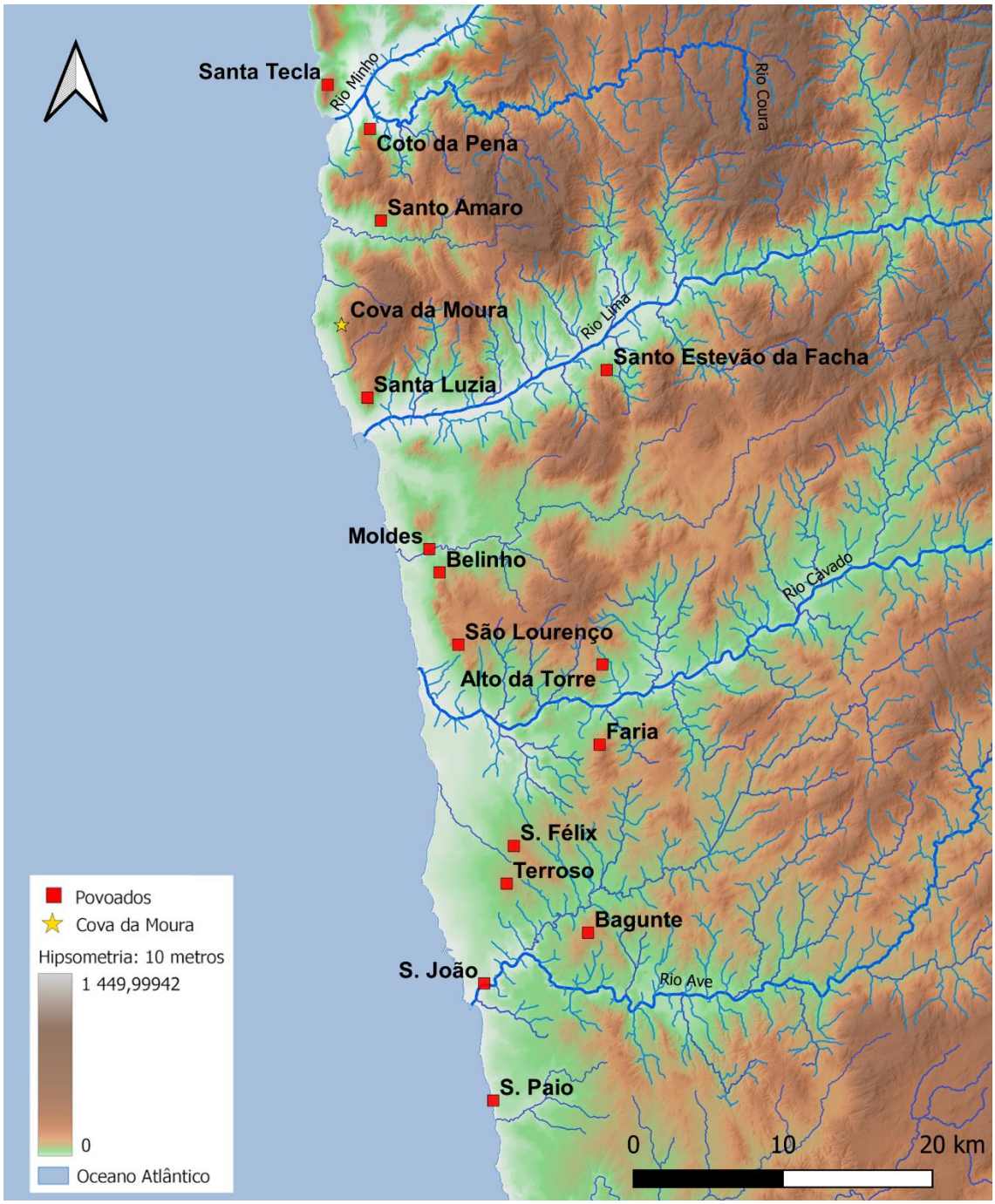


Fig. 1.234 Povoados e o lugar da Cova da Moura, com ocupação no Ferro Antigo.

Tal como no período anterior, nos estuários notamos a presença de dois ou três povoados, encontrando-se um deles, perto da foz do rio, normalmente em altitude, com amplo controlo visual sobre o oceano, a foz do rio e o estuário para montante. Os restantes localizam-se no interior do estuário, muitas vezes a 10 ou 20 km da foz, e a uma altitude que não parece ultrapassar os 350 metros, normalmente, na margem sul do rio. Estes têm ampla visibilidade para o estuário e para o povoado que fica na foz.

Esta estratégia não pode ser verificada, de momento, no estuário do Âncora onde apenas se conhece um povoado com ocupação nesta fase.

Os fatores que terão levado a esta estratégia de povoamento não serão muito distintos dos referidos para o Bronze Final.

Não julgámos que o principal fator de implantação ou manutenção dos povoados esteja, exclusivamente, relacionado com as relações de intercâmbio com populações meridionais, como se pode depreender da pouca quantidade de materiais relativos a estes intercâmbios. Porém, não sendo um fator primordial, este poderá ter pesado, significativamente, na manutenção de alguns povoados.

Além disso, parece-nos claro que era muito importante para estas comunidades o controlo visual e físico do oceano e do estuário. Este controlo deveria ser partilhado e planeado em conjunto, por forma a garantir o conhecimento prévio da chegada ao estuário das embarcações estrangeiras e o controlo efetivo do intercâmbio local e com exógeno aí existente. Este controlo concertado parece-nos ainda mais evidente quando percebemos, sem grandes exceções, que os materiais de importação são adquiridos, não junto à foz ou nas suas proximidades, mas sim no interior do estuário, em lugares abrigados das correntes e ventos atlânticos, onde pequenas embarcações poderiam aportar de forma segura. Observamos este fenómeno no Minho, no Âncora, no Lima, no Cávado e no Ave.

Poderemos relacionar, também, a manutenção destes povoados com o controlo e exploração dos recursos mineiros metálicos (ouro e estanho). Nesta fase, o acesso a esses recursos e a possibilidade de os explorar para consumo interno e para a troca de materiais de importação pode ter sido importante. O mesmo se poderá dizer em relação à exploração de sal, que deveria ter sido efetuada pelas populações dos povoados costeiros ou da foz, uma matéria-prima de grande valor na troca de minérios, mais explorados pelos povoados interiores, talvez com exceção de S. Félix e Terroso, com fácil acesso a ouro, existente na plataforma litoral. A existência de uma canoa, em madeira, datada do séc. IV a.C. (Alves e Reith, 2007), no estuário do Lima, comprova a navegabilidade das populações locais.

Notamos, uma vez mais, **um povoamento em rede**, em que as comunidades estuarinas parecem partilhar, entre si, não só o controlo do território e dos seus recursos, mas também a entrada ou saída de novidades veiculadas por estrangeiros.

Materiais locais

Quanto aos materiais cerâmicos, e focando-nos nos aspetos técnicos, podemos afirmar que há alterações nos tipos de pastas com a quase substituição de pastas arenosas por pastas micáceas, frequentemente com a adição de moscovite, embora a biotite não esteja ausente. Esta característica possibilita uma quantidade significativa de recipientes menos espessos do que os do período anterior e uma maior fragmentação. Sobre este tipo de pastas, que se generalizam por toda a Idade do Ferro Antigo do Noroeste português, Martins (1990: 142-143, 148) afirma que tecnicamente são de pior qualidade do que as arenosas pelo que não constituem um avanço tecnológico (Martins, 1990: 142, 145). O aparecimento desta produção, que genericamente se distribui por todo o Noroeste português, é ainda de difícil explicação. Alguns autores como Armando C. Silva (1986: 122) relacionam o aparecimento desta produção com os movimentos de populações meridionais e do comércio púnico nesta região que terá trazido novidades a níveis formais, e decorativos, nomeadamente com a introdução da estampagem ou impressão (1986: 123). Porém, é necessário lembrar que estes contactos com gentes exógenas seriam casuais e limitados no tempo. Além disso, mesmo admitindo que parte de uma população tenha migrado para esta região, esta população teria de deter uma tal importância política, económica e social para conseguir impor e mudar de forma indelével uma tradição cerâmica de uma região inteira. Finalmente, consideramos, tal como Ana M. S. Bettencourt (2005: 30) que a invenção da cerâmica micácea será fruto da inovação e invenção indígena.

Se tivermos em conta que a dimensão tecnológica da cerâmica é mais difícil de transformar, tendendo a perdurar no tempo, porque reflete "padrones de identidad más estructurales, no conscientes y passivos" (Rodríguez Corral, 2008: 213), e que o uso de desengordurantes e de determinados fabricos se baseiam em gestos especializados e aprendidos, resistentes à mudança (Nicklin, 1971; Arnold, 1981, entre outros), podemos admitir uma rotura entre os dois períodos cronológico-culturais, nomeadamente na alteração de desengordurantes, embora mitigada pela persistência de outros traços tecnológicos, como o fabrico.

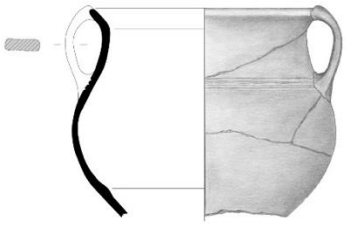
As cozeduras permanecem redutoras, sendo predominantes, nessa consequência, as cores castanhas, embora, no fim deste período, pelo séc. III a.C., se nota o aparecimento de algumas cozeduras em ambiente oxidante, normalmente de má qualidade, proporcionando cores amareladas. O fabrico é manual, mas no fim do período há a introdução da roda/torno, o que é percetível em S. João, na foz do Ave.

Trata-se de uma característica inédita na produção da cerâmica do Ferro Antigo, entre o Minho e o Ave. Não sabemos se esta introdução se poderá relacionar, diretamente, com os contactos meridionais a que esta área (estuário do Ave) foi sujeita no Ferro Antigo, a qual também parece ter sido aplicada no trabalho da ourivesaria, registada no interflúvio Cávado-Ave que, segundo A. Silva (1986) e C. Martins (2008: 89-90) e outros, é de influência meridional.

Formalmente, há muitas semelhança com as formas cerâmicas deste período, encontradas no curso médio do Cávado (Martins, 1990). Desaparecem os potes de tipo 1 (de bordo vertical) e as formas das cerâmicas finas do Bronze Final, como as taças carenadas (forma 12), as urnas (forma 15), os pratos (forma 17), os vasos trigeminados (forma 16) embora o desaparecimento destas formas se pareça verificar, na totalidade, só a partir do séc. VII ou VI a.C., sobretudo as formas 15 e 17 (Bettencourt, 1999: 131-132). Perduram os potes de bordo esvasado e em aba (forma 1 e variantes), os potinhos/púcaros (forma 2 e variantes), as malgas/tigelas (forma 3 e variantes) e as panelas de asa interior (forma 4). Estas duas últimas generalizam-se e aumentam de tamanho (Tab. 1.51). Ainda assim, a este fundo comum, observamos outras formas, na área mais meridional. Tal é o caso do estuário do Ave, onde, no povoado de S. João, ocorreu uma forma aberta, de bordo vertical, lábio arredondado, paredes retas, base de fundo plano e de pequenas dimensões, de fabrico manual, pasta micácea e cozedura redutora (Tab. 1.51) e do interflúvio Ave-Onda, onde, no povoado de S. Paio, registámos uma forma fechada, com bordo em aba soerguida, lábio boleado, com, pelo menos, duas asas interiores, de preensão horizontal, na parte interna da aba. Trata-se de uma peça de colo muito proeminente e de parede ovóide (Tab. 1.51). Ambas as peças poderão considerar-se experiências sem aceitação pois não foram replicadas, pelo menos com os dados obtidos, até à data.

As bases são de fundo plano simples e alargado. Estas últimas surgem durante este período. Em termos gerais, as bases de fundo plano alargado, que são mais raras, normalmente têm diâmetros maiores, entre 20 e 30 cm. Tal poderá corresponder a uma solução técnica que garanta a estabilidade de formas mais altas e de maiores dimensões. Os fundos plano simples têm um diâmetro entre 6 e 30 cm.

Tabela 1.51 Formas do Ferro Antigo no litoral do Noroeste português

Forma 1a	
Forma 1b	
Forma 1c	
Forma 2a	
Forma 2b	
Forma 3a	
Forma 4a	
Forma 4b	
Forma nova	
Forma nova	

Funcionalidades

Segundo as funcionalidades propostas por Martins (1990: 147-148) as formas mais representadas são as formas de uso à mesa (formas 2), seguidas das de armazenamento e de transporte (formas 1a, 1b e 1c), e finalmente, e em menor quantidade que as anteriores as formas de preparação e cozedura de alimentos (formas 3 e 4), respetivamente.

Há alguns potinhos e potes com fuligem exterior pelo que poderão ter sido usados para múltiplas funções (culinária, funerária). Na Cova da Moura, em contexto funerário, foi depositado um pote (forma 1c) que usualmente tem sendo interpretado como uma forma de armazenamento de alimentos, pelo que estas formas também poderiam ter múltiplas funções.

A generalização da panela de asa interior (forma 4), quase sempre com fuligem nas paredes exteriores, indicia bem o seu uso sobre o lume e a sua função ligada à culinária, podendo esta ser naturalmente múltipla (torrefação de bolotas e cereais) conforme Peña Santos (1992: 23, 54) ou preparação de outros alimentos (Martins, 1990: 147). Pode, assim, considerar-se que a forma de cozinhar se alterou substancialmente em relação à maioria dos sítios do Bronze Final, embora, como se verificou, este processo terá sido iniciado ainda nos finais do Bronze Final.

A forma nova, subcilíndrica, talvez possa ser considerada como uma luminária, contudo Silva (1986: 134) tendo em consideração os paralelos existentes em Bagunte, datáveis do Ferro Recente, relaciona a utilização destas peças para depósito de misturas de limalha utilizadas na soldagem, e por isso relacionadas com atividades metalúrgicas. Porém, deixa em aberto a sua possível funcionalidade.

Para a forma com asas de preensão horizontal sobre a aba, desconhecemos a sua funcionalidade, por falta de paralelos.

Devemos, ainda, referir o aparecimento de cadinhos, moldes cerâmicos e valva de molde em granito no Coto da Pena (Silva, 1986) e restos de um cadinho na Facha (Almeida *et al.,* 1981: 70).

Em termos decorativos as técnicas não se afastam muito das conhecidas para o médio Cávado, sendo as mais usadas, a incisão, a aplicação plástica e a impressão. Ocorre ainda, o puncionamento, o espatulamento, o brunido e a aguada. Uma técnica que é inovadora no litoral e que ocorre no estuário do Ave, em S. João, e no interflúvio Ave-onda, no povoado de S. Paio, é a aguada. Não se trata de verniz ou engobe como conhecemos na cerâmica grega e, mais tarde, na cerâmica romana. Trata-se uma aguada pouco espessa de cor vermelha, castanho-escura ou

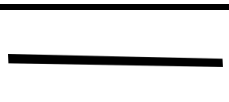
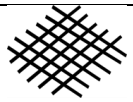
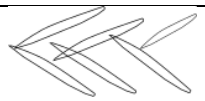
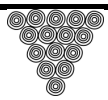
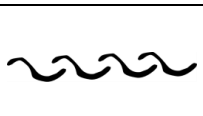
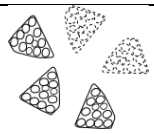
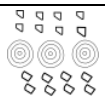
branca que, normalmente, é colocada sob a zona externa da peça e em associação com outros motivos, como a incisão, aplicação plástica ou impressão.

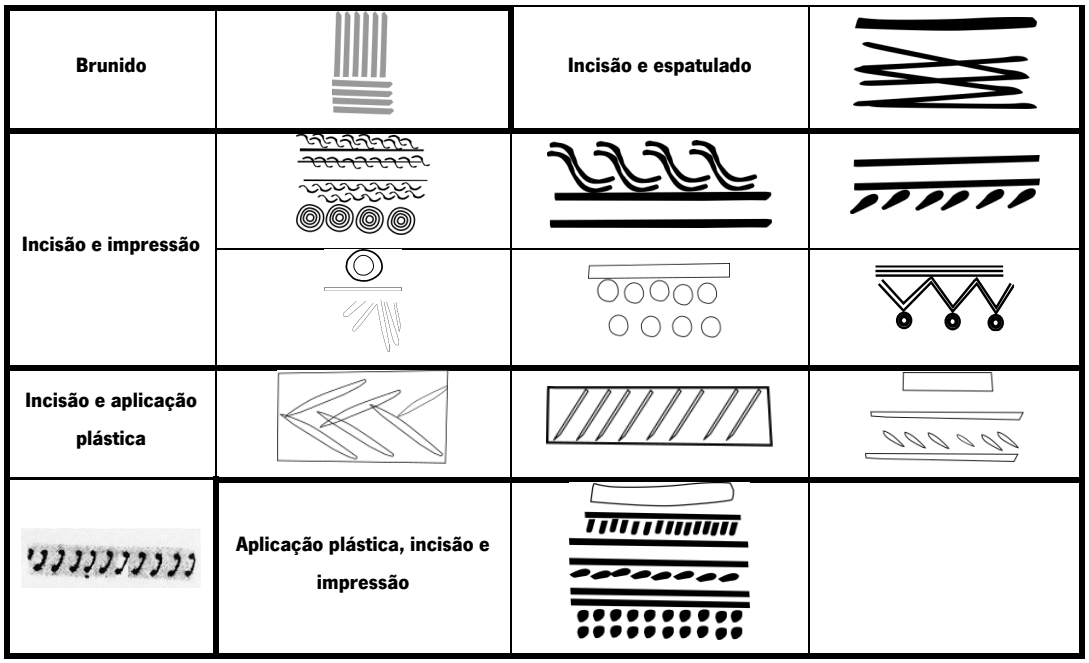
Além disso, sublinhamos que é comum, a partir dessa fase, a mistura de várias técnicas numa só peça. Notamos a insistência do uso do brunido e espatulado, que já era habitual em época anterior.

Quanto aos motivos decorativos: na incisão mantêm-se os sulcos paralelos e horizontais (em grupos de dois, três ou mais), os reticulados, mas aumentam, em relação à Idade do Bronze, os triângulos preenchidos com sulcos oblíquos, por vezes em duas séries, possibilitando a formação de um motivo em ziguezague, entre elas. Mantem-se, também, a decoração em espinha. Quanto à aplicação plástica, ocorrem os cordões aplicados na horizontal, frequentemente sobrepostos por motivos espinhados ou oblíquos, numa combinação que se torna muito frequente neste período, embora fosse conhecida no Bronze Final. Os motivos brunidos, são usados em motivos horizontais e verticais, frequentemente invasores ou totais, face aos restantes que se distribuem no início das paredes, logo abaixo do colo.

A impressão surge através da aplicação de matrizes de círculos, de círculos concêntricos, de séries de SSS (dispostos em várias orientações), de motivos triangulares, entre outros. As bandas de impressões são, quase sempre, delimitadas por sulcos incisos. Há, também, motivos triangulares incisos rematados por impressões de círculos concêntricos (Tab. 1.52).

Tabela 1.52 Gramática decorativa no Ferro Antigo (entre o Minho e o Ave)

Incisão			
			
Aplicação plástica			
Impressão			
			
		**Espatulado**	



Além destes cabe-nos destacar os motivos figurativos (raros e inéditos no contexto do Ferro Antigo), que representam, num caso, uma face humana e noutro, uma cena historiada. Estes motivos são produzidos por incisão de ponta romba e puncionamento ou por incisão e impressão (Fig. 1.235). Foram registados no povoado de Faria e no de Terroso, ou seja, no estuário do Cávado e no interflúvio Cávado-Ave, respetivamente. Trata-se de motivos de peças de inspiração mediterrânica, na medida em que parecem retratar cenas ou personagens de grande importância, tal como acontece nas cerâmicas gregas trazidas para o Noroeste, pelos púnicos. No entanto parece, apenas, adotar-se a ideia para traduzir cenas locais, num processo de aculturação formal.



Fig. 1.235 Representação historiada com equídeos, antropomorfos, armas e motivos abstratos de Faria (esquerda) e face humana de Terroso (direita).

Metálicos

Nos artefactos metálicos, quase exclusivamente de bronze, notam-se muitas diferenças em relação ao Bronze Final, com o fim da produção de artefactos e armas típicas deste período. Perduram, no entanto, alfaias de importância coletiva, como os caldeiros de rebites, punhais ou espadas de antenas e objetos de adorno, que se diversificam e intensificam, nomeadamente as fíbulas (Fig. 1.236).

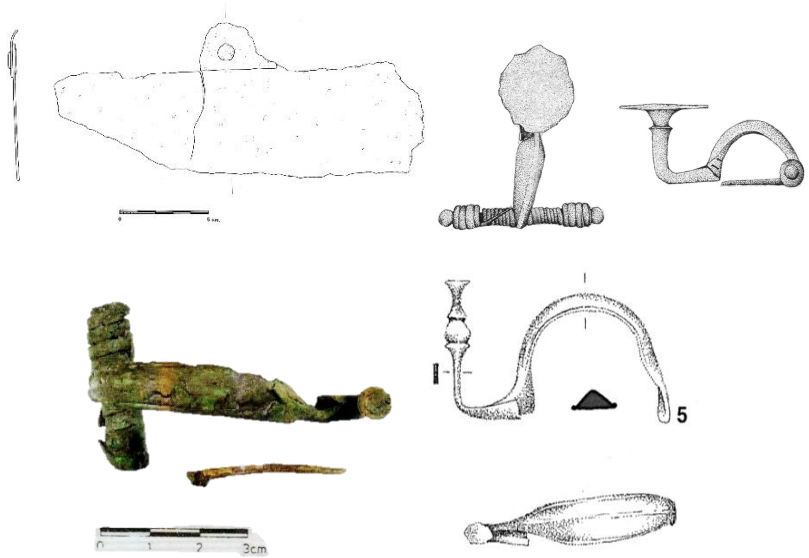


Fig. 1.236 Caldeiro de rebites (Santa Tecla), fíbula tipo Santa Luzia (S. Lourenço) e fíbulas tipo Sabroso (tipo 22), de S. Paio e Terroso).

Na ourivesaria também ocorrem modelos novos, face ao Bronze Final. Referimo-nos às arrecadas em ouro de Carreço (interflúvio Cabanas e Lima), de S. Félix e ao tesouro da Estela (interflúvio Cávado-Ave), composto por colar articulado, com pendentes, de ouro, além de mais duas arrecadas, também em ouro (Fortes, 1905-1908c; Silva, 1986: 252-253) (Fig. 1.237). Estas peças são consideradas como tendo uma certa "contaminação" ou inspiração meridional, no que se relaciona com os aspetos decorativos, uma vez que, parecem ter como protótipo motivos decorativos oriundos das áreas da Mesopotâmia de forma genérica datável do IV milénio a.C. e do próximo Oriente (Suméria) datável do II milénio a.C., apresentando decoração de tipo granulado, no caso das arrecadas, e decoração por contas bitroncocónicas típicas de áreas mediterrânicas, no caso do colar articulado (Silva, 1986: 238), como parece ser o caso de elementos de joalharia da tumba 9 de La Joya, de ambiente etrusco datável, grosso modo, do séc. VII a.C. (Martinez Blázquez *et al.,* 1979).



Fig. 1.237 Materiais auríferos do Ferro Antigo: arrecadas do povoado de S. Félix (fonte: www.matriznet.dgpc.pt); e colar articulado do Tesouro da Estela (Silva, 2007, Est. CXV, nº. 1, adaptado).

Materiais de importação

Os materiais de importação, apesar de escassos são diversificados e podem subdividir-se entre os cerâmicos e os vítreos.

No caso dos materiais cerâmicos de importação devemos sublinhar a existência de duas categorias principais, conforme a sua origem púnica ou grega. Em ambos os casos, os materiais são introduzidos, provavelmente, a partir de Gadir que, durante o séc. VI a.C., tendo em conta a crise que se abateu face à queda de Tiro, a saturação de prata nos mercados do Mediterrâneo oriental, a quebra de contactos com o mundo grego e a crescente instabilidade dos mercados de origem mediterrânea, reorienta as suas necessidades de metal e encontra no noroeste ibérico[108]

[108] Cujo litoral, era conhecido, na bibliografia antiga, como as "ilhas de estanho" ou as Estrímnides ou Cassitérides (Estrabão, Geografia, III, 5, 11 (Deserto e Pereira, 2016: 52, 93); Avieno, Ora Marítima, (Ferreira, 1985: 113-119)).

um mercado ideal para estabelecer pontos de troca de materiais produzidos em áreas mediterrânicas por minérios metálicos, como o estanho e o ouro (Sousa, 2014: 307; Sáez Romero, 2018; Ferrer-Albeda *el al.*, 2019; Sousa, 2019: 514-517).

A navegação marítima para esta área seria de *cabotagem* (Naveiro Lopez, 1991) e lugares costeiros como S. Paio, Monte de Sanfins, Serra de Santa Luzia e Montedor poderiam ter servido de referência. Sublinhamos, uma vez mais, a existência de um possível bétilo, de produção local, existente em S. Paio, no interflúvio Ave-Onda, e o possível ídolo, em Santa Luzia (estuário do Lima) que indiciam que estes locais poderiam ter sido, a dado momento, considerados como lugares de culto pelos agentes púnicos que circulariam nesta área (Fig. 1.238).



Fig. 1.238 Possível bétilo de S. Paio.

No âmbito dos materiais de origem púnica distinguimos duas funções: os contentores anfóricos e o material fino de mesa.

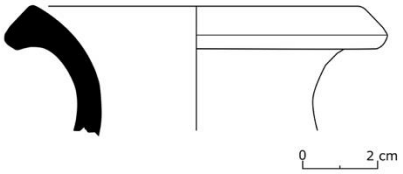
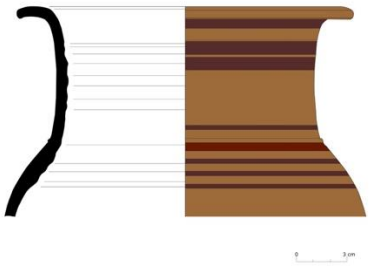
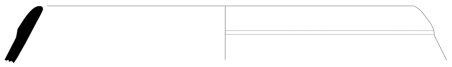
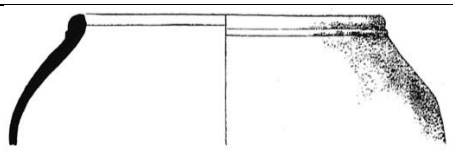
Nos primeiros, registámos ânforas dos tipos Rámon Torres e Pellicer (tipo T-10, T-11, T-12 (?), Pellicer B/C) (Tab. 1.53). Estes apareceram no Coto da Pena, Santo Amaro e, talvez, Terroso.

A sua fraca representatividade não indicia alterações nos hábitos alimentares das populações litorais e estuarinas.

Quanto ao material fino, de mesa, destacamos formas que lembram *pithoi* e ainda vasos pintados com bandas vermelhas e roxas, entre outros tipos, como um pequeno fragmento que

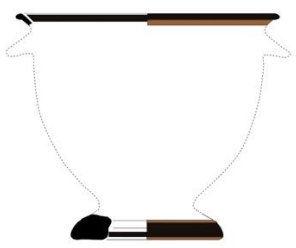
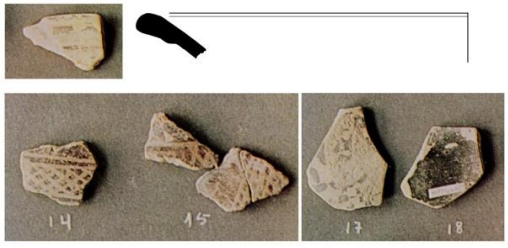
poderá ser uma imitação de um *lekanis,* de origem grega (Sparkes e Talcott, 1970). Contudo, a grande fragmentação com que nos chegam estas peças torna difícil mais detalhes formais sobre as mesmas (Tab. 1.53). Estes são provenientes do Coto da Pena, Faria, Terroso. Também se encontram materiais importados de origem púnica, no Cossourado, um povoado mais interior da bacia do Coura (subsidiária do Minho) evidenciando o intercâmbio regional.

Tabela 1.53 Materiais de origem púnica

Material de luxo de uso de mesa	
	
Contentores	
	

Na contexto da cerâmica grega os escassos exemplares de que dispomos (inferiores a 50 fragmentos) indiciam a existência de apenas três tipos: o krâter de sino; um exemplar de *pelikai* e um exemplar de *lekanis*. Ambos de verniz negro e de figuras vermelhas (Tab. 1.54).

Tabela 1.54 Materiais de origem grega

Estes tipos de krâter destinar-se-iam ao transporte de alimentos (bebidas essencialmente) e as *lekanis* teriam funções relacionadas com a cosmética (Sparkes e Talcott, 1970). Destacamos que o maior número de fragmentos provém do povoado de Santo Estevão da Facha, no estuário do Lima, com mais de 30 fragmentos, seguido dos 10 fragmentos de Faria, no estuário do Cávado. Os restantes apareceram nos povoados do Coto da Pena, no estuário do Minho; no povoado de S. Lourenço na foz do Cávado e no estuário deste em Faria (Tab. 1.54).

O difusão destes materiais por povoados mais interiores, como o de Romarigães, no vale do Coura (subsidiário do Minho), e no vale do Este (subsidiário do Ave), em povoados como Penices e Ermidas (Fig. 1.239), demonstram bem o papel da populações do estuário do Ave na difusão das novidades para o interior, provavelmente no contexto do intercâmbio local e regional e na demanda por estanho.



Fig. 1.239 Fragmento de *lekanis* grego de Ermidas (fotografia do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Famalicão).

É necessário neste ponto aferir o seguinte: as formas finas de mesa de origem púnica, como as formas gregas que encontramos no noroeste, podem ter tido funções distintas daquelas a que se destinavam nos seus contextos originais, pois após o consumo do produto que traziam, podem ter sido usadas para outros consumos, ou seja, estes objetos podem ter tido histórias de vida com múltiplos consumos ou funções (Fig. 1.240).

Provavelmente, pelo seu ineditismo e historial de introdução, deveriam ter sido usados em contextos sociais específicos.

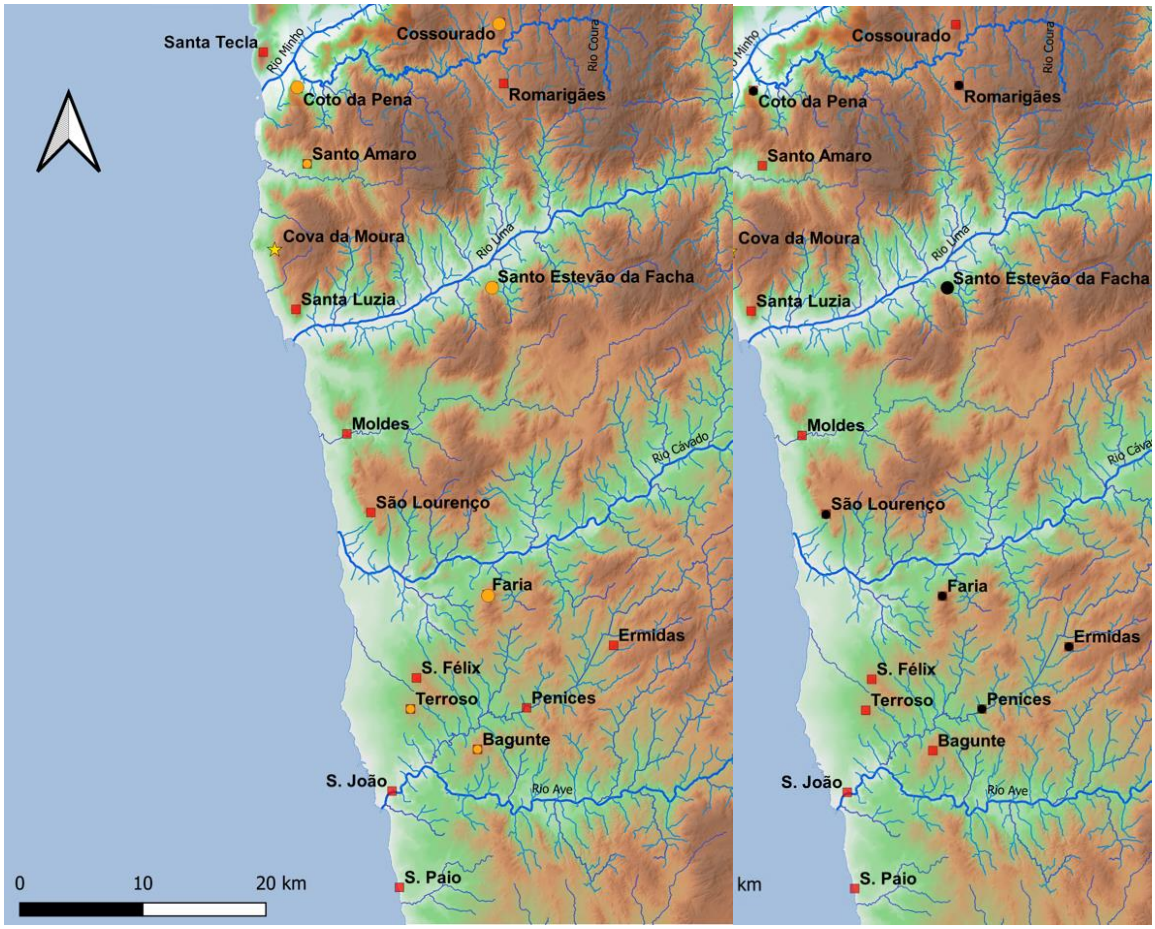
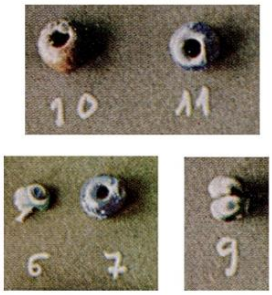


Fig. 1.240 Lugares onde foram registados materiais púnicos (pontos a laranja) e gregos (pontos a negro). Os pontos a laranja de maior dimensão correspondem a mais de fragmentos detetados, o mesmo em relação aos pontos a negro.

Os materiais vítreos, também podem separar-se em duas categorias: contas de colar (oculadas e não oculadas) pequenos contentores (como os *aryballos*) que transportariam óleos ou perfumes (Tab. 1.55).

Estes aparecem nos estuários do Lima, Cávado e nos interflúvios Cávado-Ave e Ave-Onda. No entanto, a sua dispersão pelo interior das bacia do Minho, Cávado e Ave é relevante e indicia que terão sido introduzidas, pelo menos, nos estuário mais importantes da área de estudo, bem como circulado, no contexto de intercâmbios locais e regionais, do litoral para o interior (Fig. 1.241).

Tabela 1.55 Materiais vítreos de origem púnica

Contas de colar	
Recipientes	

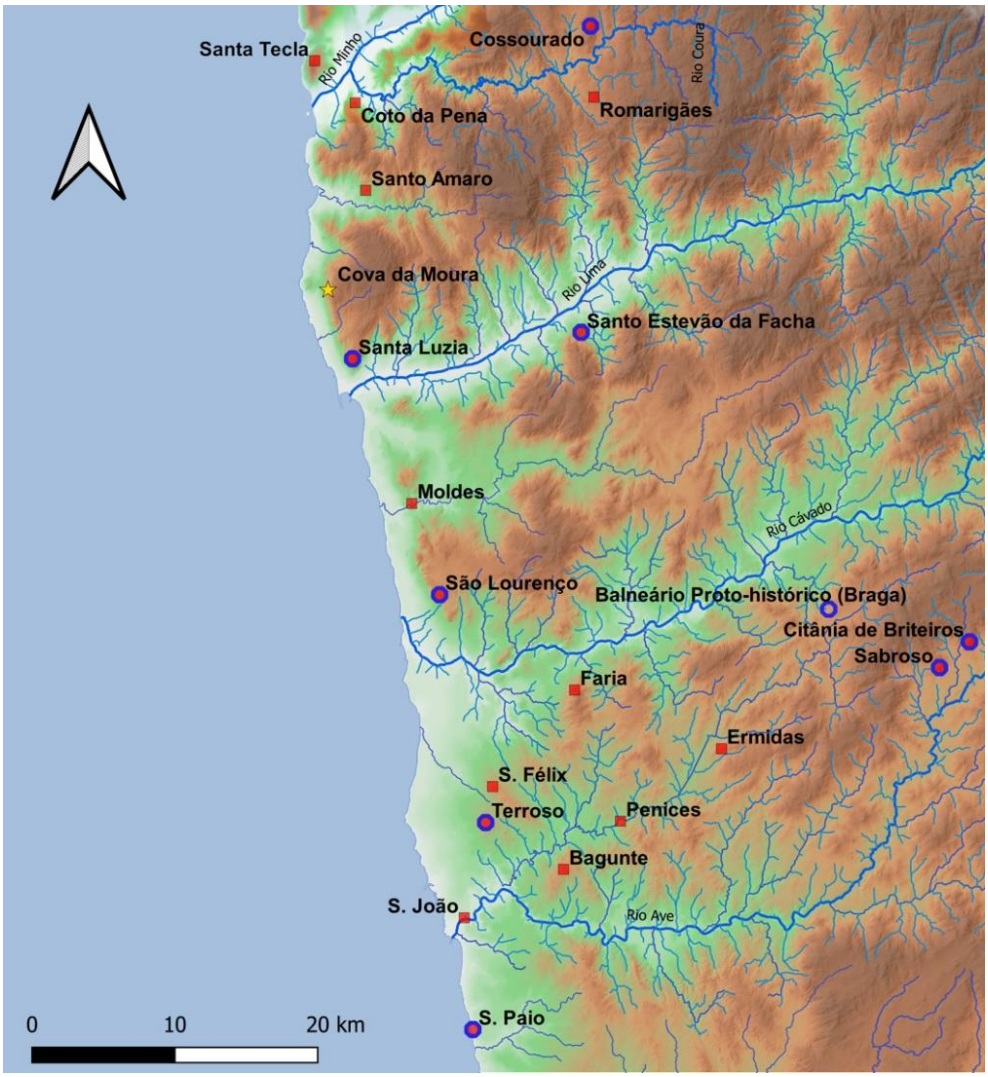


Fig. 1.241 Lugares onde foram registadas contas de colar em pasta vítrea, no Ferro Antigo (círculos a azul).

Impactos dos contactos com populações mediterrânicas

Tendo em conta a dispersão dos materiais de importação, essencialmente nos estuários, e quase sempre em vários povoados, parece claro que o intercâmbio e o desembarque de populações estrangeiras se deva ter verificado nos estuários, com melhores condições de abrigo (Daveau, 1995; Blot, 2003, Flemming, 1980), para os visitantes, e de segurança para as populações locais que controlariam estes navegantes desde a costa e das fozes dos rios, pelo heterogéneo e intervisual sistema de povoamento.

Quem teria contacto com os estrangeiros? Apenas as populações de um povoado estuarino ou várias? Silva e Pinto (2001) e González-Ruibal (2004; 2006-2007) defendem a hipótese de que apenas um povoado (os *port-of-trade*) receberia todas as novidades e que, a partir deste, estas seriam difundidas para outros povoados. No entanto, sendo a chegada de uma embarcação estrangeira um acontecimento que seria conhecido por todos os que controlavam o percurso da embarcação, é possível que se verificasse a reunião de populações provenientes de vários povoados (ou de grupos restritos desses povoados) para receber a comitiva, independentemente do local preciso onde esta ocorresse. Deste modo, o conceito de *port-of-trade* parece redutor para explicar a complexidade das ações necessárias para receber populações estrangeiras.

Com efeito, os materiais exógenos chegaram a determinados povoados, onde seriam trocados por lingotes de estanho e / ou de ouro, que eram os materiais procurados pela população púnica. Mas como é que tal se processou? Será possível, com um número tão reduzido de importações, falar de comércio? Teriam as populações locais noção do real valor dos recursos mineiros? Não seria mais adequado, face aos dados arqueológicos, defender a existência de uma economia de oferenda[109] onde a reciprocidade seria cultivada entre os agentes estrangeiros e as populações locais estuarinas? Por sua vez, as populações estuarinas replicariam este modelo com as populações dos interflúvios e de áreas mais interiores, onde, no contexto de uma economia de ofertas, introduziam as novidades e recebiam mais estanho e ouro. Tal parece evidente na bacia do Coura, muito rica em recursos de estanho e onde, as populações dos povoados interiores de Romarigães e Cossourado manipulam materiais de importação. O mesmo parece ter ocorrido no rio Este, onde os povoados interiores de Penices e de Ermidas, localizados nas imediações de importantes recursos metálicos, apresentam materiais importados (Tab. 1.55, Fig. 1.241).

[109] Sobre a *gift economy* leia-se Malinowsky (1922) e Mauss (1970).

Se bem que o impacto do intercâmbio ou do sistema de ofertas, pareça maior do que no Bronze Final, não se parecem verificar grandes alterações estruturais no seio destas populações. Os consumos de novos produtos seriam esporádicos e só raramente se verificam alterações formais e decorativas nas cerâmicas locais. Em termos formais, as novas formas que aparecem são peças únicas, sem adoção comunitária. Em termos decorativos, aparecem as aguadas, mas nunca tendo sido generalizadas a todos os povoados costeiros ou mesmo no seio dos povoados onde ocorrem. A imagética figurativa é, também, absolutamente pontual.

Na ourivesaria, nomeadamente nas arrecadas e no colar articulado parece haver parece haver uma certa influência meridional (Silva, 1986, Martins, 2008), mas estas são raras e localizadas, com maior expressão no interflúvio Cávado-Ave, onde existiu uma importante jazida de ouro.

No entanto, devemos chamar à atenção para a incorporação, na arte rupestre, de alguns motivos exógenos que são introduzidos neste período, a par de outros que parecem resultar destes contactos.

No primeiro caso, devemos referir o santuário rupestre do Monte de Novais (Cardoso *et al.,* 2018), nas imediações do povoado de Santo Amaro, no estuário do Âncora (Fig. 1.242), onde a presença exclusiva de suásticas de braços retos, indiciam uma ideologia e simbologia que pode ter sido introduzida por viajantes de origem mediterrânica (Cardoso *et al.,* 2018: 149-150), e talvez mesmo efetuada por eles.

Outro caso curioso é a regravação de uma grande embarcação com mastro, na Laje da Churra (Santos, 2014), no interflúvio Âncora-Lima (Fig. 1.242), talvez representando uma embarcação de origem meridional e relatando uma história de passagem ou desembarque, segundo Arruda e Pereira (2017: 196-198).

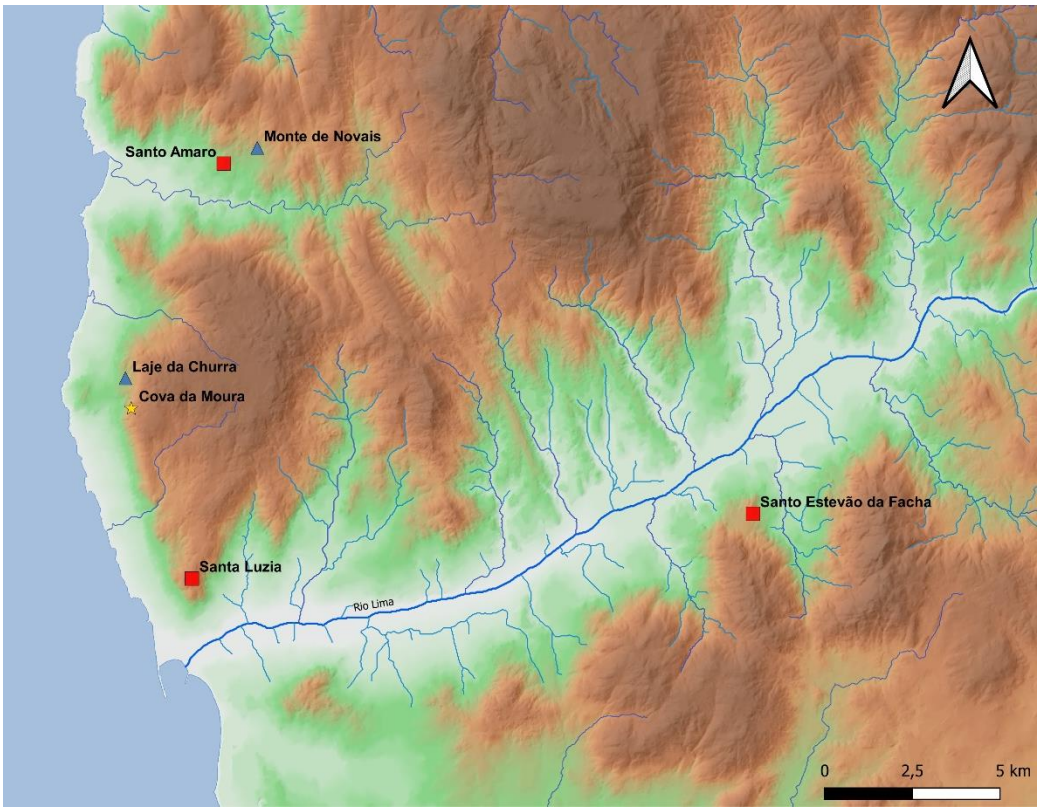


Fig. 1.242 Gravuras rupestres com imagética mediterrânica ou de influência meridional entre o estuário do Âncora e Lima e locais com ocupação do Ferro Antigo.

Apesar das influências meridionais expressas, resultantes de contactos esporádicos com populações estranhas à região, o desenvolvimento das comunidades da Idade do Ferro, parece dever-se mais a fatores internos do que externos. Mesmo assim, não se deve ignorar o impacto da aparente migração de pequenos grupos oriundos do sul peninsular, sendo possível que alguns se possam ter fixado na região a norte do Douro, por volta do séc. VI a.C. (Silva, 1986: 37) ou do séc. IV a.C. (Alarcão, 1996a), misturando-se com o substrato indígena e originando um "complexo e, ainda, pouco conhecido processo de miscigenação entre populações indígenas e outras, de origem meridional, talvez apenas existente na faixa mais litoral" (Bettencourt, 2005: 31).

3.3. Ferro Recente

Nesta fase cronológico-cultural há um aumento considerável de povoados, tendo sido contabilizados **27**, além da frequência de um **lugar sepulcral**. Os povoados localizam-se quer no estuário dos rios, quer nos interflúvios. Nota-se, também, uma maior densidade do povoamento do Cávado para norte, embora tal se possa associar ao histórico da investigação nessas áreas.

No estuário do Minho mantêm-se ocupações nos povoados de Santa Tecla e Coto da Pena e o aparecimento do povoado de Monte do Crasto, de baixa altitude. No estuário do Âncora persiste o de Santo Amaro, mas surgem os povoados da Cividade (à foz do rio e de altitude) e do Cútero/Cúturo, quase em frente a Santo Amaro, mas a grande altitude. No interflúvio Âncora-Lima emerge Montedor[110] (de baixa altitude) e, após um hiato ocupacional no Ferro Antigo, voltam a ocupar-se os povoados de Santo António e do Alto da Coroa (Crôa) (ambos de baixa altitude). O monumento funerário da Cova da Moura mantêm-se ativo, com novas deposições. No estuário do Lima, continuam ocupados os povoados de Santa Luzia e da Facha, mas assistimos ao surgimento de outros, como o do Vieito, de Terronha e de Sabariz (de baixa altitude) e o de Roques (de altitude). Volta a ocupar-se o povoado do Peso, localizado, também, a grande altitude. No estuário do Neiva persistem os povoados de Moldes e de Belinho. Já no estuário do Cávado, além da manutenção de S. Lourenço e de Faria, surgem os povoados do Senhor dos Desamparados e do Outeiro dos Picotos (ambos de baixa altitude). No interflúvio Cávado-Ave, nota-se a manutenção dos povoados de S. Félix e de Terroso e no estuário do Ave dos povoados de Bagunte e de S. João. Devemos, ainda, acrescentar a este conjunto, a manutenção do povoado de S. Paio, no interflúvio Ave-Onda (Fig. 1.243).

Assim, além dos povoados quase se terem duplicado, face ao Ferro Antigo, estes continuam a estar, maioritariamente, localizados nos estuários. É curioso verificar que, nos estuários do Âncora e do Lima, o número de povoados no Ferro Recente, triplicou face ao Ferro Antigo. Também o interflúvio Âncora-Lima está agora mais ocupado (Fig. 1.243).

Se o aumento do povoamento se deve a fatores internos, associados a melhores condições de subsistência, como vários autores já defenderam (Martins, 1990; Parcero Oubiña, 2002; González-Ruibal, 2006-2007: 161-162; Ayán Vila, 2012), nomeadamente à introdução do centeio (Seabra *et al.,* 2018, 2023) não deve descurar-se, no litoral, a função de vigilância dos mares e dos estuários, por onde poderiam entrar os mercadores e o exército romano que, desde o séc. II a.C., assola a região.

De lembrar que a primeira campanha de conquista do Noroeste, protagonizada por *Decimus Junius Brutus*, se verificou entre 138/136 a.C. e chega até à região do Minho; a segunda foi comandada por Públio Crasso em 96 a.C.; a terceira por Pompeu, em 74 a.C. e a quarta, protagonizada pelo futuro imperador, César Augusto, em 61 a.C. (Tranoy, 1981: 126-132; Lemos,

[110] Se é que não teve ocupação anterior, dado o aparecimento de uma arrecada, na base de uma das suas vertentes, de cronologia anterior.

1999: 88-89; Deserto e Pereira, 2016[111]). A partir de meados do séc. I a.C., primeiro com Públio Crasso, mas sobretudo com Augusto, as campanhas militares com vista a conquistar o território mais a norte da Península Ibérica (a Cantábria), começam a ser realizadas por mar, com expedições navais realizadas até à costa da Galiza, talvez a partir de Cale (Porto) segundo Tranoy (1981: 131) ou de *Olisipo* (Alarcão, 1988; Fabião, 1989; Alarcão, 1990; Fabião, 1993).

Como se pode verificar, há uma nítida intervisibilidade entre os povoados que controlam o oceano e a plataforma litoral, a partir dos interflúvios, com os localizados nas fozes dos rios. Estes, por sua vezes, interconectam-se, visualmente, com os que se localizam no interior do estuário, numa lógica bem organizada de vigilância das embarcações marítimas, mas também, da circulação pedestre ou a cavalo efetuada através da plataforma litoral (de fácil circulação).

[111] Obra, mais recente, que traduz o livro III da *Geografia* de Estrabão.

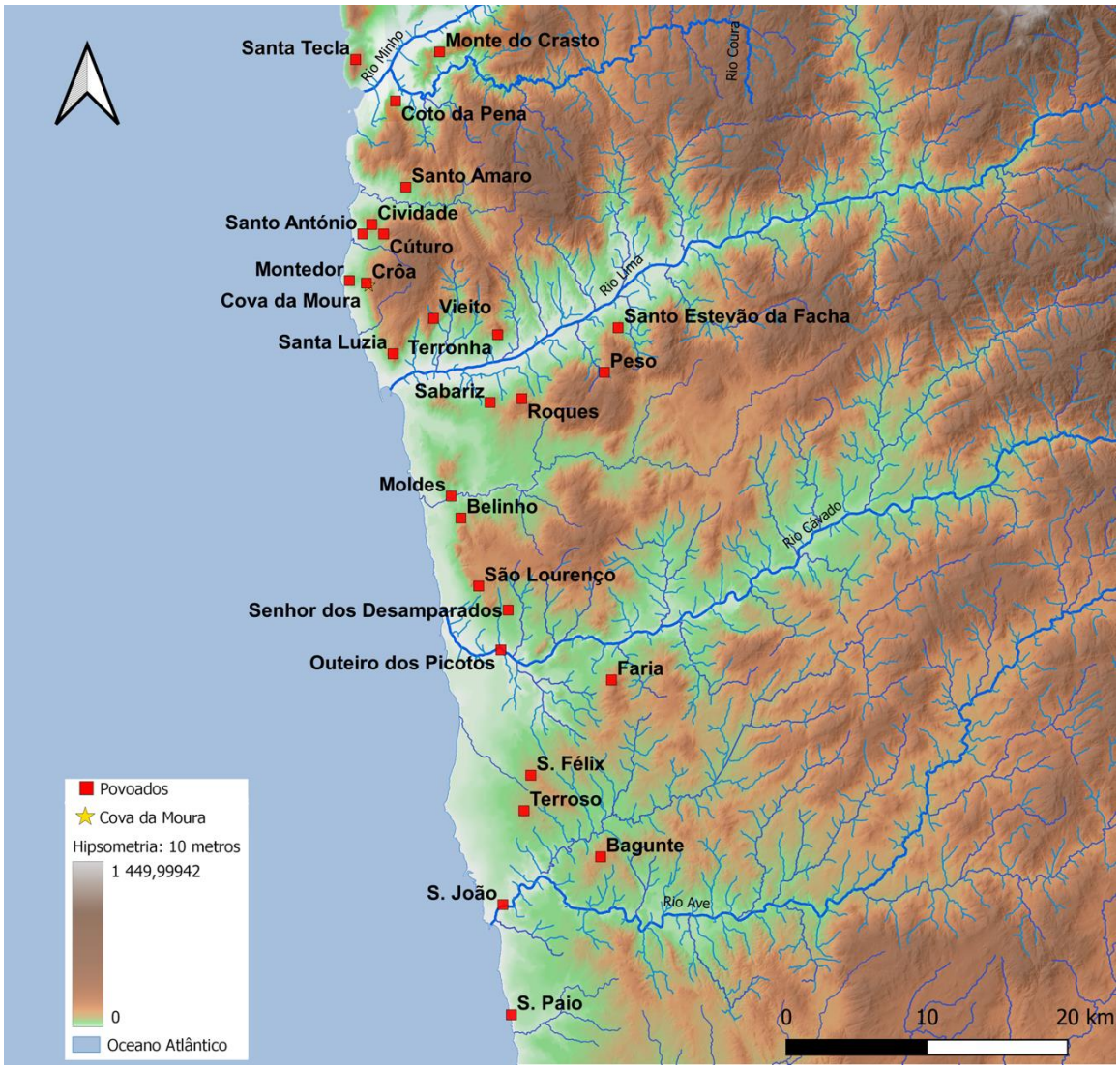


Fig. 1.243 Povoados e lugar da Cova da Moura, com ocupação ou frequência no Ferro Recente.

Materiais cerâmicos locais

Notamos alguma semelhança nas formas cerâmicas que surgem neste período com aquelas que encontramos no curso médio da bacia do Cávado (Martins, 1990: 156-158), sobretudo ao nível das formas mais tradicionais que consideramos de fundo comum e que correspondem aos potes (formas 1 e variantes), potinhos e púcaros (formas 2 e variantes), malgas e tigelas (formas 3 e variantes), formas 4 (panelas de asa interior), forma 5 (talha) e forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 1.56). Já as formas 7 (copa) e 8 (almofariz), detetadas naquele território, são muito raras ou inexistentes no litoral e estuários, como é o caso da última.

No entanto, em áreas mais específicas, como é o caso de entre o Minho e o estuário do Âncora / Cabanas há um grupo considerável de formas inovadoras, que se individualizam do fundo

comum e para as quais tivemos de usar as tipologias de Silva (1986), de Rey Castiñeyra (1986-1987, 1990-1991, 1991; 2014) e, ainda, de Alba Rodríguez Nóvoa (2019) para a sua classificação.

Entre estes recipientes inovadores, encontramos uma quantidade razoável de formas e decorações consideradas das Rias Baixas galegas, que Rey Castiñeira (1991, 2014) já considerava comum às duas margens do Minho, como é o caso das jarras de tipo Toralla, dos vasos de bordo tipo Vigo, do vaso tipo Ciés, do vaso de tipo Borneiro B e da vasilha de tipo Forca. Na verdade, estas formas pela frequência com que aparecem no Coto da Pena (Silva, 1986), no Monte do Crasto, no rio Coura[112] (neste trabalho), em Santo António, no interflúvio Âncora-Lima (Oliveira e Bettencourt, 2020, 2021 e neste trabalho) (Fig. 1.244), parecem traduzir uma produção oleira comum[113] à das rias Baixas Galegas, mas numa área territorial mais abrangente. Tal evidencia uma identidade comum, se tivermos em conta que as formas e decorações (entendidas como símbolos) transmitem um significado apenas inteligível para um determinado grupo humano que conhece a linguagem dos símbolos, embora possam, ainda, funcionar como um meio para individualizar o status entre indivíduos e funcionar como estratégias eficazes de controle social (Silva, 1986: 123-124; Hodder 1989=2004; Eco, 1990; Alarcão, 1996).

[112] Estas produções também ocorrem em povoados mais interiores da bacia do Minho, como o de Cristelo, no vale do Coura, onde surge, pelo menos, um vaso de bordo tipo Vigo (Silva, 2006: 489).
[113] Hipótese também já colocada por Rey Castiñeira (1990-1991; 1991: 411-413; 421-424) e González-Ruibal (2006-2007: 456-459).

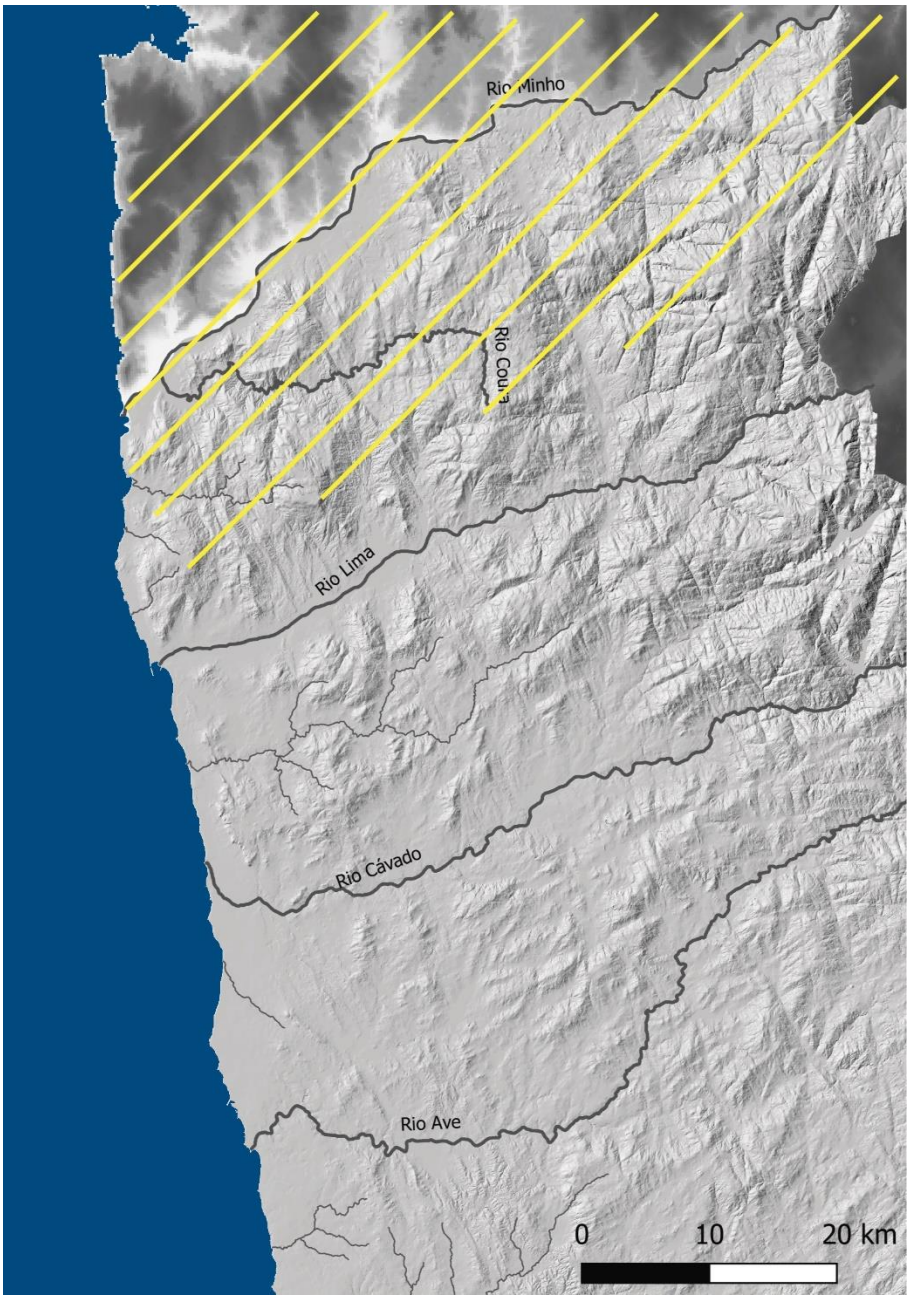


Fig. 1.244 Área de produção oleira que se prolonga das rias baixas galegas até ribeira de Cabanas e inclui o território interior do rio Coura.

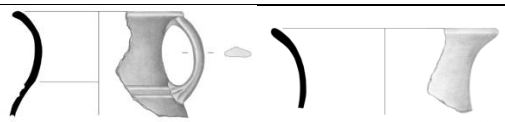
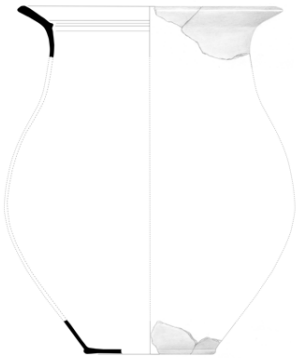
A estas duas produções (de fundo comum[114] e específicas desta região), vêm juntar-se outras, muito raras e ocasionais, que parecem corresponder a imitações locais de produções romanas, tendo em conta as formas de cerâmica comum romana conhecidas para a região

[114] Que também aparecem nas rias baixas galegas e a norte do Minho, segundo as tipologias e publicações de Rey Castiñeira (1986-1987, 1990-1991, 1991), e sobretudo de Rodríguez Nóvoa (2019: 502-610) como as panelas de asa em orelha, panelas de asa interior, alguns potes e potinhos de perfis em S, copas e malgas/ tigelas.

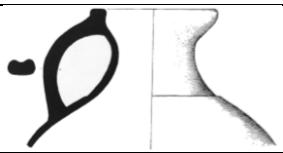
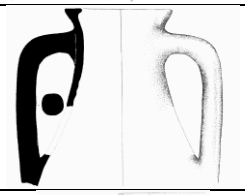
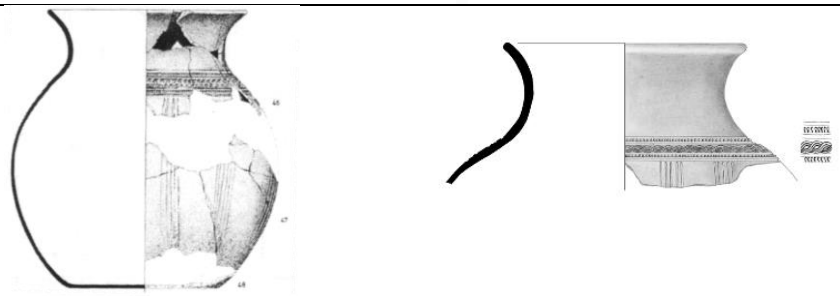
(Morais, 2004b; Delgado e Morais, 2009). Referimo-nos às anforetas, assadeiras, bilhas, lamparinas, taças e terrinas, da tipologia de Silva (1986).

Dadas as especificidades, consideramos que seria pertinente[115] a proposta de uma nova tipologia para esta área, a usar em trabalhos futuros (Tab. 1.56).

Tabela 1.56 Proposta de tipologia de produção cerâmica de entre Minho e Âncora / Cabanas

Formas 1a, 1b, 1c Potes	
Formas 2a, 2b Potinhos/púcaros	
Forma 2c Jarra de tipo Toralla	
Forma 3a, 3b e 3c Malga / Tigela	
Forma 4a, 4b Panela de asa interior	
Forma 5 Talha	
Forma 6 Panelas de asa interior	

[115] Os desenhos apresentados nesta tabela correspondem a formas estudadas no decurso deste trabalho, a formas publicados por Silva (1986), provenientes desta área geográfica, bem como desenhos publicados por Rey Castiñeira (1991) de recipientes oriundos do sul da Galiza, úteis na medida que possibilitam perceber melhor as formas referidas, tendo em conta o facto de não as termos completas na área de estudo.

Forma 7 Taças	
Forma 8a, 8b Assadeira / Terrina	
Forma 9 Bilha	
Forma 10 Anforeta	
Forma 11 Lamparina	
Forma 12 Vaso com bordo reforçado tipo Vigo	
Forma 13 Vaso de Tipo Ciés	
Forma 14 Vasilha de tipo Forca	
Forma 15 Vaso de tipo Borneiro B	

As formas 1a, 1b, 1c (potes) e 2a e 2b (potinho /púcaros) descrevem-se segundo os critérios adotados por Martins (1990: 156-157), apesar de, na forma 2, incluirmos aquilo que Silva (1986: 158) designa por cântaros, com diâmetros entre os 10 e 20 cm e profusamente decorados.

Segundo Martins (1990: 157), a forma 1 caracteriza-se por ser uma peça de perfil em S, de dimensão média, com diâmetros de bordo entre os 31-40 cm e com três variantes: a variante

a, com bordo esvasado; a variante b, com o bordo em aba soerguida e a variante c, com bordo em aba horizontal. A mesma investigadora considera que os potes em aba horizontal desparecem, nesta fase, na bacia do médio Cávado, mas esta forma perdura, nesta área geográfica.

Já a forma 2 é caracterizada por registar, nesta fase, mais uma variante, a variante 2c que corresponde a potinhos/púcaros com bordo em pequena aba horizontal ou esvasado. Esta compreende as jarras de tipo Toralla, caracterizadas por terem diâmetros de boca de entre 8 e 16 cm, perfis em S, uma ou duas asas e decoração profusa no colo e na asa, por incisão e impressão, encontrando-se normalmente alisadas ou polidas (Rey Castineira, 1991: 349-352). Nesta forma há dois tipos de fabricos. Um deles, mais cuidado, com pastas arenosas e de textura homogénea, relacionado com o uso de mesa, e outro mais grosseiro, com pastas micáceas e com sinais de uso ao lume o que significa que podiam ser usado ao lume para aquecer bebidas ou alimentos, segundo Martins (1990: 157). A forma 2c, inscreve-se nesta primeira categoria.

Para as formas 3 (malga / tigela), 4 (panela de asa interior), 5 (talha) e 6 (panelas de asa em orelha) mantêm-se os critérios de Martins (1990: 156-158), mas adicionando-se uma nova variante à forma 3: a variante 3c, constituída por peças com paredes mais ou menos oblíquas e bordo em aba interior, ou aberto com lábio retilíneo e com diâmetros entre 20 cm e 38 cm.

A forma 4 é descrita como panela ou tacho de asa interior. Comparativamente à fase anterior nota-se um aumento na sua capacidade, tendo agora diâmetros entre os 35 e mais de 50 cm (Martins, 1990: 157). Têm quase sempre quatro asas, embora só os recipientes completos permitam atestar corretamente esta hipótese.

A forma 5 é, nitidamente, uma influência dos *dolium* romanos (Silva, 1986: 131), sendo uma forma altamente especializada e destinada à armazenagem. Possui pasta grosseira, com alta percentagem de mica, tem perfil em S, com bordo em aba soerguida de dimensões consideráveis, ombros altos e quase direitos (Martins, 1990: 158) e altura igual ou superior às dos potes (forma 1).

A forma 6, a panela de asa em orelha, é caracterizada por Martins (1990: 158) como uma forma usada, especialmente, na cozinha, que ficaria suspensa sobre o lume com o auxílio de duas asas em orelha, repuxadas a partir do bordo ou colocadas sobre o mesmo, em todo o Ferro Recente. Para Rey Castiñeira (2020: 429) o seu uso sobre o fogo só se verifica, no câmbio de era, em áreas mais setentrionais. É uma produção grosseira a média, com bordos verticais e pança esférica.

A forma 7 (taça) caracteriza-se por ser uma forma fechada, de parede em carena alta, bordo reentrante, com 10 cm de diâmetro (Silva, 1986: 142).

A forma 8 corresponde à súmula de duas formas de Silva (1986:156): a assadeira (forma 8a) e a terrina (forma 8b), ambas baixas, de paredes mais ou menos retas. As assadeiras têm um diâmetro de cerca de 20 cm e pequenos mamilos ou linguetas, no exterior, com a função de pegas. As terrinas são bastante baixas, têm paredes tendencialmente retas, mas arqueadas na inflexão para a base, bordos em pequenas abas, simultaneamente exteriores e interiores (para a colocação de uma tampa), com diâmetros entre os 20 e os 30 cm (Silva, 1986: 156).

A forma 9 (bilha) registada na Cividade de Âncora, caracteriza-se por ser uma peça fechada, com colo estrangulado, bordo muito esvasado e lábio espessado e reto. Tem, na parte superior, entre o bordo e o colo, uma asa de preensão vertical e secção em fita. A pasta é homogénea e a superfície alisada (Silva, 1986: 158).

A forma 10 (anforetas), também registada na Cividade de Âncora, caracteriza-se por ser uma forma fechada, de colo alto, com bordo em aba horizontal para o interior, provida de duas asas de preensão vertical, localizadas entre o colo e parte da parede, com secção circular. Possui pasta homogénea, com engobe exterior, castanho-alaranjando, disposto no sentido vertical da peça (Silva, 1986: 158). Estas duas formas (9 e 10) são, também, inspirações de cerâmica comum romana (Morais, 2004b; Delgado e Morais, 2009).

Registaram-se, ainda, raras lamparinas (forma 11) muito semelhantes às lucernas, romanas que Silva (1986: 160) descreve como tendo um *infundibulum* aberto e alto, com provavelmente bico tubular em carena, na parte inferior, e com abertura em plano horizontal. A pasta é rosada e homogénea e com muita mica, apresentando fuligem na parte superior do *infundibulum*. Esta forma encontra-se representada apenas na Cividade de Âncora.

A forma 12 (vaso de tipo Vigo) é uma forma fechada, de perfil globular, com ausência de colo, pois o bordo, em aba, intersecta diretamente no fim da parede. O bordo é, ainda, reforçado por uma aplicação plástica, originando uma posição favorável para o encaixe de uma tampa. Este é, quase sempre, decorado por incisão ou impressão, no exterior, embora possam existir peças com o bordo decorado, também, no interior. Possui diâmetros entre os 12 e os 48 cm, sendo, normalmente, formas bastante grandes. Pode ter várias asas exteriores, de preensão vertical, localizadas a partir do bordo ou da parede, até ao número máximo de oito. É, ainda, uma forma, profusamente decorada na superfície exterior (Rey Castiñeira, 1991: 390-393).

A forma 13 (vaso de tipo Ciés), também é uma forma fechada, de perfil globular, colo curto e bordo esvasado, mas reforçado, na sua parte exterior. Possui diâmetros muito diversos, entre os 15 e os 50 cm. É também decorada de modo invasor, a partir do início da parede, com incisões, aplicações plásticas e impressões. Possui superfícies, normalmente, muito polidas ou brunidas (Rey Castiñeira, 1991: 371-374).

A forma 14 (vasilha de tipo Forca) é uma forma fechada, de perfil em S, bordo esvasado e colo bem desenvolvido e elevado, com fundo plano simples. Os seus diâmetros oscilam entre os 12 e 24 cm, sendo esta forma profusamente decorada, desde o colo ao fim da parede, com impressões (sobretudo por séries de SSS entrelaçados) e incisões. A superfície externa é normalmente bem polida.

A forma 15 (vaso tipo Borneiro B), é uma forma fechada, de perfil tendencialmente globular, com diâmetro de bordo entre 14 e 37 cm, normalmente com base de pé alto, e extremamente decorado, em toda a superfície desde o colo até à base, o que demonstra uma grande preocupação decorativa nestas peças. A decoração é sempre por aplicação plástica acompanhada de incisão, com cordões de grande dimensão, seja na vertical, horizontal ou em losango e botões aplicados (Rey Castiñeira, 1991: 70-77).

Em termos técnicos, a maioria das peças pequenas e de médias dimensões, é de fabrico à roda/torno, cozeduras oxidantes e de cores entre o castanho-claro, amarelado e levemente rosado, embora ainda persistirem recipientes castanho ou cinzentos com cozeduras redutoras. Já as forma grandes e muito grandes, resultam de um fabrico, simultaneamente, manual e à roda, por impossibilidade de serem fabricadas de uma vez só[116], tendo de ser fabricadas por partes que se unem (Martins, 1990: 159-160). Tal verifica-se bem nas vasilhas de tipo Borneiro B, segundo e Rodríguez Corral (2008).

As pastas são também variadas. Grande parte das formas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 são de pasta micácea, com adição de desengordurantes, de médio e grande calibre, compostos, normalmente, por moscovite (se bem que a biotite possa estar presente) e acabamentos alisados. No entanto, há recipientes da forma 2 (de todas as variantes) que foram fabricados com pastas arenosas, desengordurantes de pequeno calibre, pastas depuradas, bem cozidas e com acabamentos polidos.

Quanto à forma 2c, apesar de Rey Castiñeira não ter detetado marcas de roda/torno nas jarras tipo Toralla no litoral galego (1991: 350-351), a verdade é que a peça que detetamos neste

[116] A roda só permite o fabrico de formas da altura do braço do oleiro.

trabalho foi produzida a torno. A sua cozedura é oxidante, a pasta é arenosa e os elementos não plásticos são de diminuta dimensão, sendo a textura desta peça média a fina. As cores registadas são entre o castanho e o avermelhado.

A forma 7 é feita à roda/torno, tem pasta micácea-arenosa, homogénea e apresenta uma boa cozedura, talvez redutora, devido à cor castanha das suas superfícies. A superfície externa é rugosa e a interna alisada, ambas escurecidas[117] (Silva, 1986: 142).

As formas 8 possuem fabricos à roda/torno, pasta arenosas-micáceas, com desengordurantes pequenos, mas em grande quantidade, cozedura oxidante, com cores rosadas ou cinzento-amareladas. Estas peças são alisadas (Silva, 1986: 156). A forma 8b pode exibir desengordurantes de diminuta dimensão e pouca mica (Silva, 1986: 156).

A forma 9 é realizada à roda/torno, de pasta com desengordurantes pequenos, cozedura oxidante, de boa qualidade, exibindo cores claras (Silva, 1986: 158).

A forma 10 é de fabrico à roda/torno, com desengordurantes pequenos e cozedura oxidante, com cores, usualmente, de tons alaranjados. A superfície externa é alisada e apresenta engobe castanho alaranjado, espatulado no sentido vertical (Silva, 1986: 158).

A forma 11 é feita de fabrico manual, pasta micácea e com grande quantidade de mica visível. A cozedura é oxidante e homogénea, apresentando cores entre o rosado ou os tons de cinzento. As superfícies externas são alisadas (Silva, 1986: 160).

Relativamente à forma 12, estas peças são de grande dimensão e extremamente decoradas. Pelos exemplares que dispomos são realizados à roda/torno e por partes que vão sendo aglutinadas umas às outras. A peça teria um bordo original, no prolongamento da parede, quase sempre reentrante. Posteriormente, é-lhe adicionado um reforço (Rey Castiñeira, 1991: 390), através de um cordão ou rolo que é "espalmado", formando uma espécie de aba, frequentemente decorada. Pelos exemplares de que dispomos, a pasta é, tendencialmente, arenosa, podendo ser em alguns casos arenosa-micácea, com desengordurantes que variam entre os de pequeno e médio calibre. A cozedura é, essencialmente, redutora, apesar de ser de boa qualidade e bastante uniforme, podendo em alguns casos ser oxidante. Tendo em conta a cozedura, as cores destas peças oscilam entre o cinzento-escuro, o castanho ou o avermelhado vivo. A sua textura oscila entre a média e a grosseira. As superfícies, ora são polidas, ora são alisadas.

No que concerne às formas 13, estas foram claramente produzidas à roda/torno possuem um pequeno reforço na parte terminal do bordo (Rey Castiñeira, 1991: 371). A pasta é micácea-

[117] Como não observamos diretamente esta peça não sabemos exatamente o que "escurecidas" significa.

arenosa, a cozedura é oxidante e a coloração castanha, embora algo irregular. A peça que pudemos analisar apresentava vestígios de fuligem na zona externa, junto ao bordo e colo. A superfície é cuidada, apresentando polimento intenso na zona do bordo e colo (em ambas as superfícies). Exibe, na superfície externa, elementos não plásticos de pequena dimensão (Rey Castiñeira, 1991: 371).

Quanto à forma 14, devido ao cuidado como é realizada, devemos referir que terá sido feita à roda/torno, mas cujas marcas não se notam (Rey Castiñeira, 1991: 358). A pasta é arenosa, com raras micas adicionadas, os desengordurantes são de pequeno calibre e a cozedura, apesar de tendencialmente redutora, é de boa qualidade e bastante uniforme. A coloração desta peça encontra-se entre o cinzento-escuro e castanho-escuro. As superfícies externa e interna são polidas.

A forma 15 será realizada de forma manual, maioritariamente por modelação e por partes, mas a zona do bordo notam-se, frequentemente, marcas de torno. Esta peça tem frequentemente um metro de altura e um diâmetro de 24 cm (Rodríguez Corral, 2008: 289). Estas formas possuem tons a vermelhados na superfície e no cerne, contudo estes tons vermelhos não se apresentam uniformes pela peça (Rey Castiñeira, 1991: 71). No exemplar por nós observado a cor encontra-se nos tons cinzentos-claros e a superfície é alisada. Contudo, Rodríguez Corral (2008: 292) refere que estes recipientes seriam brunidos, numa tentativa de imitar os brilhos dos recipientes em metal.

Nesta área o barroquismo decorativo é nítido (como no Coto da Pena e em Santo António), além de existir um maior número de fragmentos decorados. Tendo em consideração os dados do povoado de Santo António verifica-se que 36% dos fragmentos cerâmicos deste povoado são decorados, o que é bastante diferenciador de outras áreas mais meridionais. Se compararmos[118] este povoado com resultados obtidos para outros dos cursos médios do vale do Cávado e do Ave, há de facto diferenças significativas, pois aí os fragmentos decorados descem para menos de 10%. Tal é o caso do Lago, cuja percentagem de decoração é de 6% (Martins, 1988a: 125); de S. Julião onde é de 3% (Martins, 1988c: 209); do Barbudo, com 6% (Martins, 1989a: 112); de S. João de Rei, com 3% (Oliveira, 2017: 215) e de Santo Ovídeo, com 1% (Martins 1991: 97). No caso do povoado da Terronha (no Lima) qui estudado, a percentagem de fragmentos decorados também é baixa, entre os 2 e 3% (Oliveira, 2018, 2019a).

[118] Devemos ter em consideração um aspeto: a coleção de materiais de Santo António corresponde a uma quantidade bastante diminuta, em comparação com outros povoados estudados não só neste trabalho como outros publicados nas outras bacias hidrográficas. Dessa forma a comparação aqui operada é meramente indicativa. Ainda é clara a quantidade e a diferença entre materiais decorados em comparação com outros povoados interiores.

A gramática decorativa é bastante diversificada e mais complexa do que no Ferro Antigo.

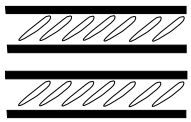
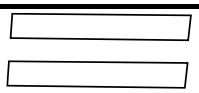
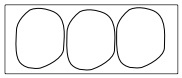
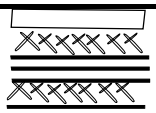
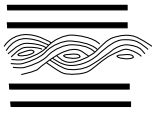
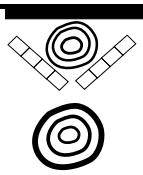
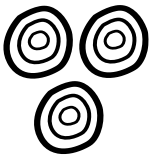
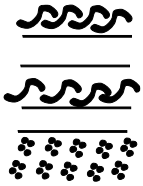
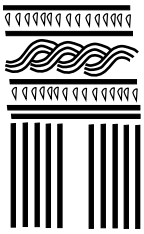
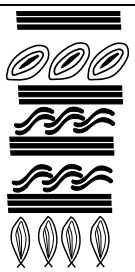
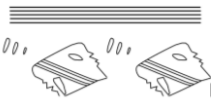
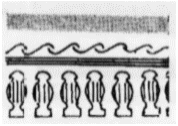
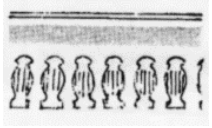
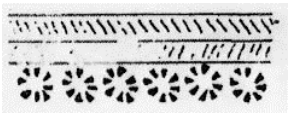
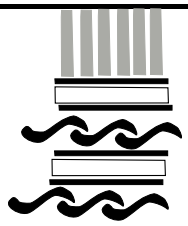
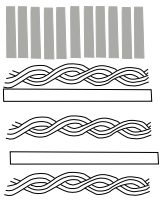
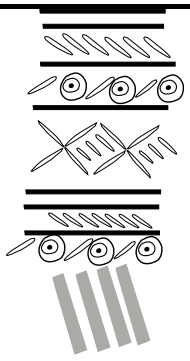
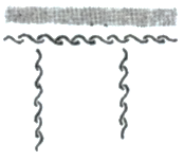
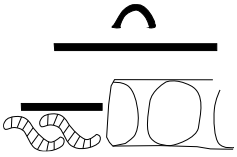
As técnicas mais usadas continuam a ser a incisão, seguida da impressão e da aplicação plástica, mas, nota-se, sobretudo, a associação de várias técnicas como a incisão, impressão e a aplicação plástica. Registámos, também, em vários casos a incisão e a impressão num mesmo fragmento e, ainda, alguns casos onde o brunido, se associa a outras técnicas (Tab. 1.57). De referir a presença esporádica de aguadas.

Nesta área, além de motivos frequentes nas área do Lima, Cávado, Neiva e Ave, como é o caso das impressões de séries de SSS e círculos concêntricos (entre outros motivos impressos) (Fig. 1.245); de sulcos, retículas ou triângulos preenchidos (incisos) e de cordões aplicados na horizontal (aplicações plásticas), notámos a existência de materiais decorados com motivos figurativos, nomeadamente marinhos ou fluviais (como ictiformes, conchas e o que parecem ondas) e vegetalistas, todos eles, típicos das Rias Baixas galegas (Fig. 1.245).



Fig. 1.245 Fragmentos cerâmicos do povoado de Santo António com decoração por incisão, impressão e brunido. Na base do fragmento do lado esquerdo ocorrem ictiformes; em baixo com representações do que parecem ondas do mar (dada a forma como foram disposto os S) e motivos vegetalistas.

Tabela 1.57 Motivos decorativos da cerâmica entre o Minho e o Âncora/Cabanas

Incisão			
	**Aplicação plástica**		
Aplicação plástica e incisão			
Incisão e impressão			
			
			
Incisão, brunido, aplicação plástica e impressão			
Incisão, brunido e impressão		**Aplicação plástica e impressão**	
Incisão, aplicação plástica e impressão			

No que diz respeito à funcionalidade das formas cerâmicas, apesar dos constrangimentos já referidos para o Ferro Antigo, assumimos o posicionamento de M. Martins (1990: 156-163) para as formas da tipologia que estabeleceu e que se repetem nesta região, embora com nuances. Assim, as formas 1 e 5 seriam destinadas, tendencialmente, ao armazenamento; a forma 2 ao uso de mesa (para beber ou transportar pequenas quantidades de líquidos) podendo, em alguns casos, ter sido usada para aquecer certos alimentos ou bebidas. A propósito da jarra de tipo Toralla (variante 2c), relativamente frequente, Rey Castineira (1991: 350) defende, dada a ausência de vestígios de fogo e da sua capacidade estimada de 2 litros, que estas parecem ter sido usadas como vasilhas de mesa, apropriadas para conter líquidos, com uma morfologia apropriada para servi-lo ou para o seu consumo. Rey Castiñeira (2019: 438-440) refere que análises cromatográficas realizadas aos conteúdos de três jarras deste tipo evidenciam uma utilização relacionada com bebidas fermentadas, com conteúdos lácteos e com preparados vegetais, numa multifuncionalidade de usos, pelo que não se pode considerar a sua vinculação automática a banquetes, tal como foi proposto por González-Ruibal *et al.* (2010: 593) e Ayán Villa (2012: 629).

A propósito da funcionalidade de alguns potes e potinhos/púcaros, devemos ainda referir que o aparecimento destas formas, na **Cova da Moura**, suscitam uma nova funcionalidade para estes recipientes, nesta fase. Se para os potes já tínhamos essa informação para o Ferro Antigo, para este mesmo contexto, no Ferro Recente verifica-se a existência de um pote (neste caso a forma 1b), e ainda uma forma 2. Por consequência, para além do uso comumente atribuído para o uso à mesa, pode neste caso de exceção, ter um uso funerário ou simbólico/ritual.

A forma 3 teria sido usada para preparar, transportar ou consumir alimentos e as formas 4 e 6 para cozinhar alimentos.

Quanto à funcionalidade das taças (forma 7), estas poderiam ter sido usadas, também, para o consumo de bebidas (Silva, 1986: 127). As assadeiras e terrinas (forma 8a e 8b) estariam destinadas à confeção de alimentos, segundo Silva (1986: 131); as bilhas e anforetas (formas 9 e 10) seriam usadas no transporte de grandes quantidades de alimentos líquidos, à semelhança das ânforas romanas (Silva 1986: 133). Devemos referir, ainda, a existência de vasos que podem ter sido usados para a iluminação (forma 11), à semelhança das lucernas romanas, segundo Silva (1986: 134).

Quanto à forma 12, de tipo Vigo, pela sua dimensão considerável e quantidade e posição das asas, pode ter sido propícia para a suspensão, mas a sua função é desconhecida.

Já a forma 13 (de Tipo Ciés) poderia ter sido destinada ao transporte ou armazenamento de bebidas fermentadas, quer seja vinho ou cerveja, tendo sido realizados, em substituição de vasilhas de madeira consideradas pouco importantes, segundo Estrabão (Rey Castiñeira, 2019).

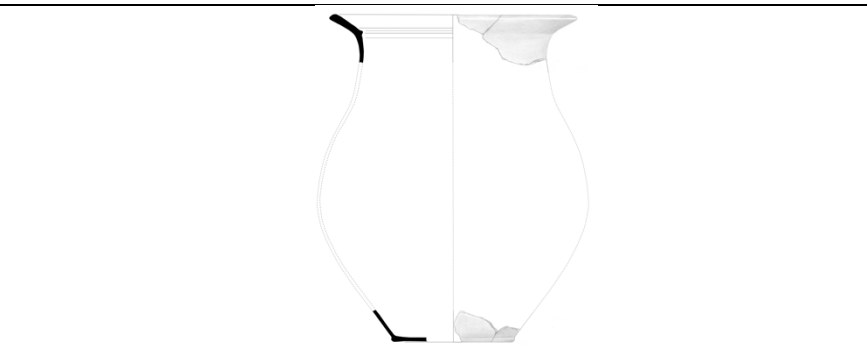
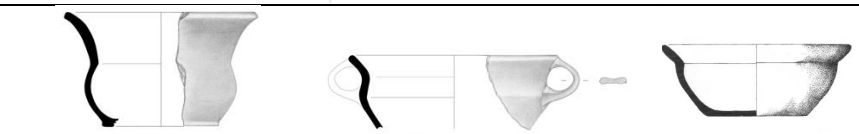
A forma 14 (tipo Forca) como é referido por Rey Castineira (1991) encontra-se algumas vezes com fuligem. Ainda assim, esta investigadora refere que tendo em conta o cuidado estético posto na elaboração destas peças, as decorações que exibem e o seu perfil pode colocar-se a hipótese que não terão sido usada na confeção de alimentos, embora a sua funcionalidade permaneça desconhecida (Rey Castiñeira, 1991: 358).

A forma 15 tendo em conta a complexidade da sua produção requeria especiais cuidados, e gastos importantes na sua execução (Rodríguez Corral, 2008: 292). Alguns autores como Rey Castiñeira (2003), Rodríguez Corral (2008), e mais recentemente Cristina Seoane Novo (2018), apontam para a hipótese de que esta forma fosse uma tentativa de cópia dos caldeiros metálicos. Estas formas, segundo Rodríguez Corral (2008: 295) funcionariam como "imitación de una sítula, funciona como marcador de prestigio para quien la posee. Por su parte, en el nivel menos visible del estilo tecnológico la pieza marca la vinculación de la comunidad a una tradición característica del área septentrional en esos momentos. Borneiro B materializa la identidad social de la comunidad que la produjo...". Assim, pela singularidade desta forma concordamos que se em termos formais se aproxima a uma sítula, a função não estaria muito longe daquela utilizada nos recipientes metálicos que queria imitar, servindo, provavelmente, em determinadas ocasiões, mais especiais da comunidade ou de uma família, como vaso para a preparação e para cozinhar alimentos.

Em relação ao território mais meridional, do estuário do Lima ao interflúvio Ave-Onda, há também formas inovadoras em relação ao fundo comum e para as quais tivemos de usar as tipologias de Silva (1986) e de Gomes (1996) (Tab. 1.58). No entanto, estas formas são pouco expressivas em quantidade e resultantes de atividades específicas ou de fenómenos de imitação de produções romanas resultantes de uma maior intensidade dos contactos com agentes meridionais.

Mesmo assim considerámos útil a revisão da tipologia de Martins (1990: 156-157) propondo uma que abarque a diversidade de formas encontrada nesta área.

Tabela 1.58 Proposta de tipologia de produção cerâmica de entre o Lima e Onda [119]

Formas 1a, 1b, 1c Potes	
Formas 2a, 2b, 2c Potinhos/púcaros /cântaro	
Forma 3a, 3b, 3c Malga / Tigela/ Caçoila	
Forma 4a, 4b Panela de asa interior	
Forma 5 Taças	
Forma 6 Panelas de asa interior	
Forma 7a, 7b Copa alta/ copa baixa	
Forma 8 Vaso troncocónico	
Forma 9a e 9b Pratos covos / prato simples	

As formas 1 a 6 são as da tabela formal de Martins (1990: 156-157), já descritas na tabela efetuada para a região do Minho ao Âncora/Cabanas, com exceção da forma 2c. Esta, não sendo

[119] Devemos referir que para ilustrar as formas desta área usámos desenhos publicados neste trabalho e de Gomes (1996, Est. XXIV, 3, adaptado) e de Silva (1986, Est. L, 5, 6; LII, 6; LIX, 3, 4; adaptados).

uma jarra de tipo Toralla, é igualmente uma forma de louça mais depurada, com tendência para ter uma decoração invasora no corpo da peça, podendo, esta, ocorrer no colo e na aba. Foi designada de cântaro por Silva (1986: 158).

Na forma 3 de Martins (1990: 156-158), incluímos as caçoilas, assim classificada por Silva (1986: 156), que se insere bem na variante 3c de Martins (1990: 157) recipiente caracterizado por ter paredes oblíquas e altas, diâmetros entre 20 e 30 cm, podendo ou não possuir asas no exterior.

Na forma 7 inserimos as taças definidas por Silva (1986: 142) e criámos variantes. A variante 7a corresponde às copa alta, descritas por Martins (1990: 158) e a variante 7b às copa baixa descrita como tendo um perfil sinuoso, bordo espessado em aba soerguida, fabrico à roda, boa cozedura e superfícies alisadas (Silva, 1986: 142). Esta forma só foi identificada em três povoados, a saber: Vieito (estuário do Lima) (Silva, 2012, figura 3.30), Moldes (estuário do Neiva) e em Faria (estuário do Cávado).

A forma 8, aqui designada por troncocónico, corresponde ao que Silva (1986: 142) e Gomes (1996: 136) denominaram de taça pequena. É uma forma de perfil muito aberto, bordo aberto e paredes oblíquas. Tem, ainda, uma base de fundo plano simples. É uma forma pequena, de 13 cm de diâmetro de bordo por 3,4 cm de diâmetro de base e 4,3 cm de altura. Apareceu apenas em Terroso.

Na forma 9 (pratos) distinguimos duas variantes: a variante 9a que corresponde aos pratos covos de Gomes (1996: 136), caracterizados por serem peças abertas, de paredes oblíquas, bordos abertos, lábios espessados e fundos plano simples. Têm diâmetros de boca de entre 18 e 20 cm. A variante 9b, designada por pratos simples, tem perfil aberto, paredes oblíquas, mas arredondadas perto da base. É uma forma muito baixa, mas com diâmetros de bordo considerável. A do desenho da tabela x tem 27,8 cm. Aparecem apenas em Vieito (Silva, 2012, figura 3.30) e em Terroso (Gomes, 1996, est. XXIV, n.º 2 e 3).

Para as duas áreas oleiras, registamos bases de fundo plano simples, de fundo plano alargado e de pé alto. As bases de fundos de plano simples têm um diâmetro entre 6 e 25 cm e as de fundo plano alargado têm diâmetros entre 20 e 40 cm, correspondendo a formas maiores. Aliás, a parte alargada da base, poderá ter servido para potenciar maior sustentabilidade à peça. As raras bases de fundo de pé alto têm um diâmetro entre 8 e 28 cm de diâmetro. Registamos ainda bases de fundo plano simples, inferiores a 6 cm, de formas indeterminadas, registadas mais a norte, no povoado de Santo António.

As tampas, sempre raras, são de contorno circular. Têm diâmetros que variam entre os 10 e os 26 cm. Atendendo a estas dimensões poderiam tapar potinhos, púcaros e potes. Algumas têm perfuração no centro, talvez para colocação de uma pega em material perecível. Outras têm pega cerâmica de formato que não conseguimos determinar. Existem tampas lisas e decoradas com incisões ou impressões (Fig. 1.246).

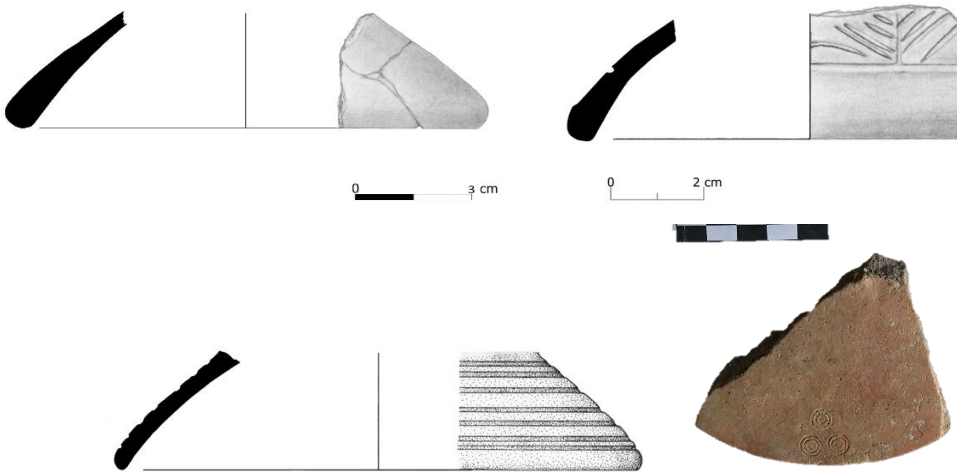


Fig. 1.246 Tampas: lisas (S. Paio), decoradas com incisão (Moldes e Faria) e com impressão (Terronha).

Devemos ainda destacar os cadinhos e aquilo que podemos apelidar de vasos de redução (Bottaini, 400-401, 403-404), associados à prática metalúrgica (Fig. 1.247).

Os cadinhos, de contorno circular ou com um vertedouro, têm paredes convexas e fundos de base plana. Apresentam diâmetros de boca que não oscilam muito, mantendo-se entre os 12 e os 14 cm.

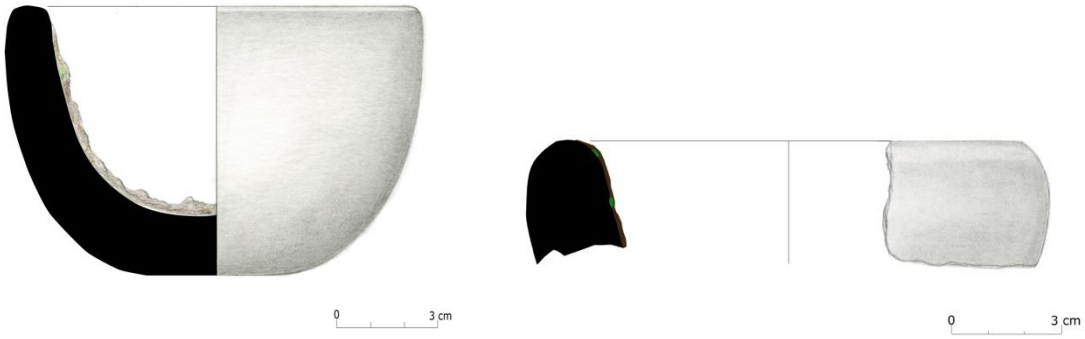


Fig. 1.247 Cadinho de Terronha (à esquerda) e de Santa Luzia (à direita).

Os vasos de redução apresentam bases de fundo plano e paredes oblíquas, tendo dimensões superiores aos cadinhos, o que se subentende pelo diâmetro das bases, embora não tenhamos nenhum inteiro (Fig. 1.248).

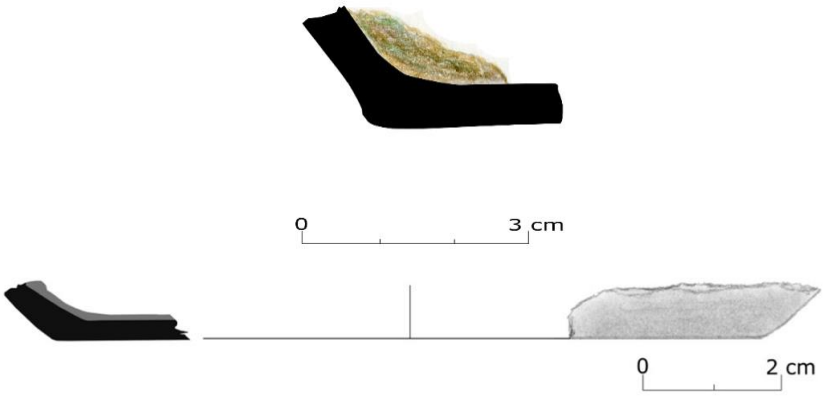


Fig. 1.248 Vaso de redução com aderências metálicas de Terronha e de S. João.

Em termos técnicos, quanto aos fabricos, verificam-se as mesmas caraterísticas apontadas para a área mais setentrional. As pastas podem ser micáceas, com adição de desengordurantes compostos por moscovite ou biotite, de médio e grande calibre, e acabamentos alisados ou polidos (formas 7a), ou arenosas, com desengordurantes de pequeno calibre, pastas depuradas, bem cozidas e acabamentos polidos (algumas formas 2).

A forma 7b (taça) de fabrico à roda/torno, apresenta uma pasta micácea, homogénea, com desengordurantes de pequeno calibre e superfícies alisadas com engobe[120] castanho (Silva, 1986: 142).

Relativamente à forma 8, esta é única no contexto litoral. Tem pasta micácea (com uma grande percentagem de mica), de calibre médio a grosseiro. Tem coloração acinzentada, vestígios de alisamento no interior da peça e engobe avermelhado no exterior.

A forma 9 possui duas variantes. A variante 9a (prato covo) de fabrico a torno, possui pasta micácea-arenosa, pasta com tons cinzentos e vestígios de engobe ou aguada alaranjada, no exterior (Gomes, 1996: 136). A variante 9b (prato simples) possui pasta micácea-arenosa, com desengordurantes de pequeno calibre, cozedura oxidante, apresentando uma coloração bege ou castanho-clara, com a superfície alisada.

Uma outra particularidade técnica de cerâmica indígena, em toda a área de estudo, é a presença de agrafos metálicos e de "remendos" cerâmicos, como meio para restaurar e consolidar peças que começavam a rachar ou se mostravam frágeis. Tal ocorre, quase sempre, em formas de maiores dimensões, como nas abas de alguns potes da forma 1b e das talhas (forma 5), nas

[120] A partir desta descrição talvez o termo correto seja o de aguada, tal como foi surgindo noutros povoados, neste trabalho.

paredes das panelas de asa interior (forma 4) e em determinadas bases de grandes dimensões (Fig. 1.249).

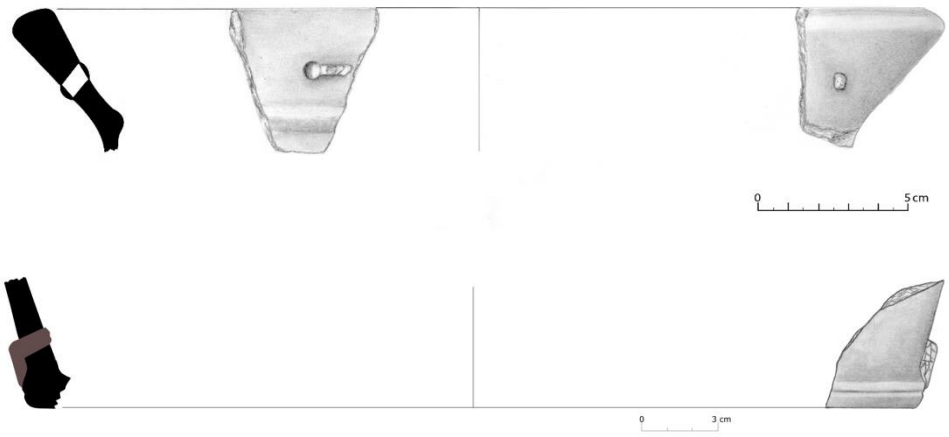


Fig. 1.249 Forma 1b e base de grandes dimensões com agrafo metálico (Terronha e Faria).

Se os agrafos metálicos são comuns em área mais interiores da bacia do Cávado ou do Ave (Martins, 1990; Silva, 2014; Oliveira, 2017), os "remendos", efetuados com argila, são uma inovação só agora detetada (Fig. 1.250). Esta técnica foi observada em certos povoados litorais, com maior incidência do estuário do Cávado para sul, com especial preponderância em povoados como Faria, Terroso e S. João, embora tenha sido detetada em povoados mais interiores da bacia hidrográfica do rio Cávado, nomeadamente no Castro Máximo, em Braga[121].

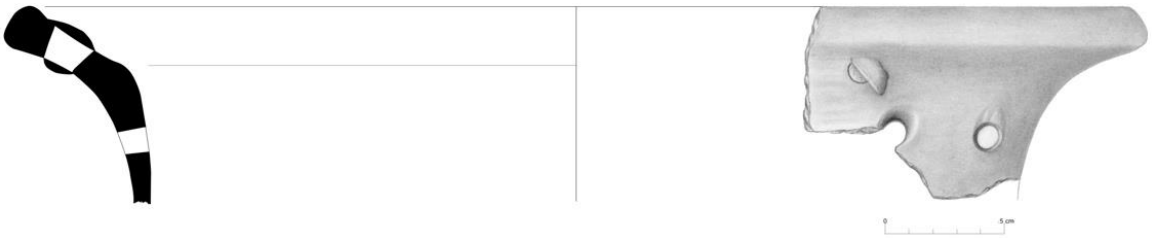


Fig. 1.250 Pote 1b com vestígios de "remendos" cerâmicos colocados sobre orifícios preparados para tal (Faria).

Em termos decorativos, a área meridional parece apresentar menor barroquismo do que a setentrional, embora os povoados costeiros de Terroso e de S. Paio, tenham um grande número de decorações invasoras.

[121] Detetada através da observação de alguns materiais desta estação, em depósito no MDDS.

As técnicas mais usadas continuam a ser a incisão, seguida da impressão e da aplicação plástica. Os brunidos (Fig. 1.251) persistem em alguns povoados, como Santa Luzia, Terronha e S. Paio.

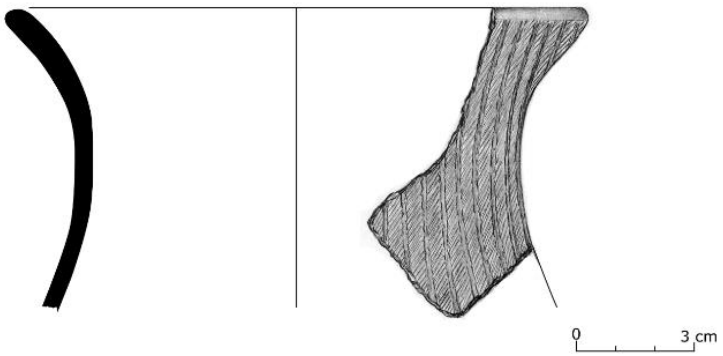


Fig. 1.251 Potinho com brunido no colo (Terronha).

Continua a notar-se a associação de várias técnicas (duas, três ou quatro) num só fragmento, como a incisão e a impressão; a incisão, impressão e aplicação plástica e a incisão, impressão, aplicação plástica e brunido (Fig. 1.252).



Fig. 1.252 Barroquismo decorativo: do lado esquerdo: parede com decoração plástica, incisão e impressão (Moldes): do lado direito, parede com decoração por incisão, impressão, aplicação plástica e brunido (S. Paio).

Cabe-nos destacar uma técnica recorrente e exclusiva em toda a fachada litoral e estuarina, mas muito mais comum na área meridional do que setentrional. Trata-se da presença de cerâmica decorada com aguadas (Fig. 1.253), detetadas no decorrer deste trabalho. Esta distribui-se, quer de modo invasor[122], quer em bandas (em locais específicos da peça). Ocorre, normalmente, em

[122] De notar que não temos peças inteiras que comprovem a totalidade do seu uso por toda a peça.

formas de perfil em S, como potes ou potinhos/púcaros. A cor destas aguadas oscila entre o preto, o castanho, o vermelho e o branco. Podem aparecer em associação com outras técnicas decorativas, como a aplicação plástica, a incisão e a impressão. Trata-se de uma técnica decorativa que surge no Ferro Antigo, mas que persiste nesta fase. No Ferro Antigo relacionámos o uso de aguadas negras ou vermelhas com formas gregas ou púnicas, pelo que é provável que a técnica tenha persistido. No entanto, não podemos excluir que a "moda" tenha sido readotada a partir da chegada de cerâmicas finas de mesa como as formas campanienses ou *terra sigillata*.

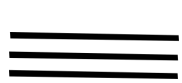
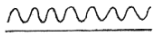
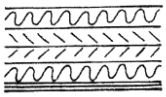
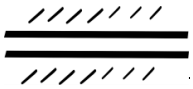
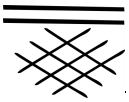
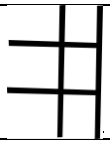
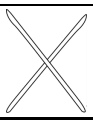
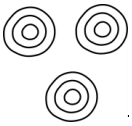
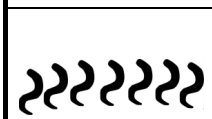
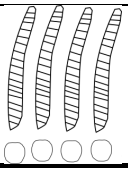
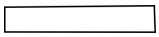
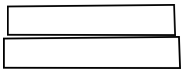
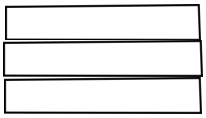
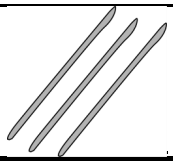


Fig. 1.253 Materiais decorados com aguadas: a) cor avermelhada em toda a superfície externa de peça (Faria); b) cor negra / lilás (?), em banda, no início da parede (Terroso); c) branco no interior dos círculos concêntricos (S. João).

Quanto aos motivos (Tab. 1.59, 1.60), ocorrem impressões de séries de SSS (dispostos na vertical, oblíqua ou horizontal), círculos, círculos concêntricos, motivos triangulares e ovalares,

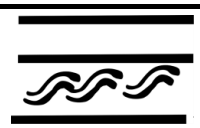
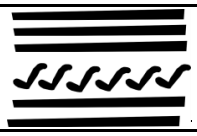
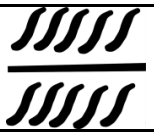
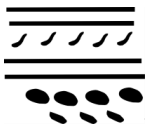
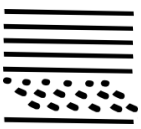
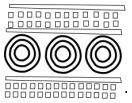
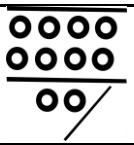
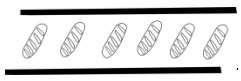
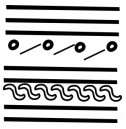
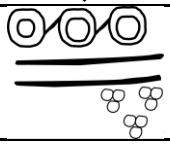
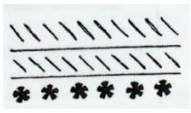
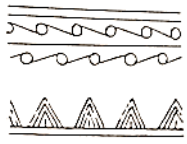
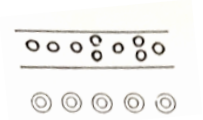
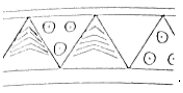
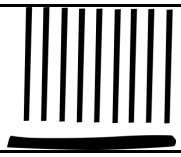
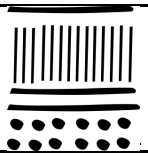
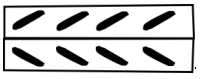
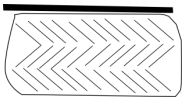
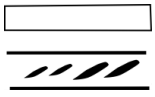
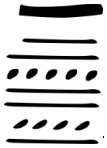
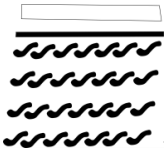
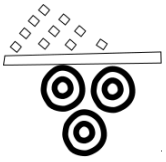
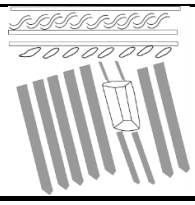
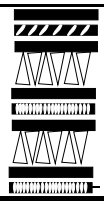
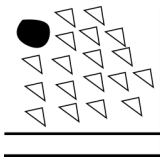
entre outros; incisões expressas por sulcos, reticulados ou triângulos preenchidos e aplicações plásticas (sobre a forma de cordões na horizontal, de mamilos e de pequenas pastilhas).

Tabela 1.59 Organização decorativa[123] da decoração simples no Ferro Recente da área meridional

Incisão				
				
				
				
Impressão				
				
				
Aplicação plástica			Brunido	Espatulado
				

[123] Utilizamos alguns motivos dos trabalhos de Silva (1986) e Gomes (1996).

Tabela 1.60 Organização decorativa[124] da decoração compósita no Ferro Recente da área meridional

Incisão e impressão				
				
				
				
				
Incisão e aplicação plástica				
				
				
Impressão e Aplicação Plástica			Aplicação plástica, incisão e impressão	Impressão, incisão e aguada
				
Aplicação plástica, incisão e impressão				
				

[124] Utilizamos alguns motivos dos trabalhos de Silva (1986), Gomes (1996) e Marques (2012).

Os motivos figurativos são absolutamente residuais. Apenas se conhece um fragmento de parede de um recipiente de Terronha, com impressões que parecem representar ornitomorfos, provavelmente patos (Fig. 1.254).

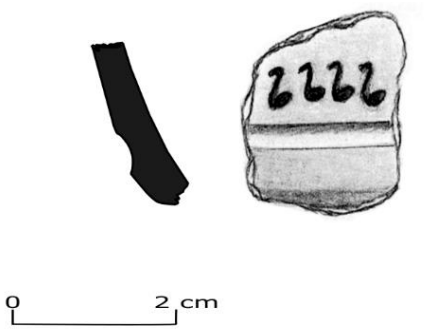


Fig. 1.254 Fragmento decorado com incisão e impressões que parecem aves aquáticas (Terronha).

Funcionalidade

Para as formas 1 a 7 foram atribuídas as funcionalidade já descritas para a área setentrional. Quanto às formas novas, nomeadamente a 8, talvez esta se possa relacionar com atividades associadas ao sal, por paralelismos encontrados com moldes para a produção de pães de sal, desde o 3º milénio a.C., no Sul de Portugal, nomeadamente no Monte da Quinta 2, em Benavente (Valera *et al.,* 2006). Vasos similares também se associam à mesma atividade na costa atlântica francesa (Weller e Ard 2024, f. 2).

Quanto às formas 9, estas parecem imitações de formas romanas, podendo ter funcionalidades associadas à preparação (variante 9a) ou ao consumo de alimentos (variante 9b). No caso dos pratos covos não foi registada fuligem (Gomes, 1996: 136) e no caso dos pratos simples as dimensões são consideráveis, fazendo lembrar os pratos de cerâmica fina ou comum de mesa romana.

Síntese sobre as cerâmicas locais

A partir do esforço de sistematização empreendido neste trabalho, foi possível contribuir com novos dados para a determinação dos limites geográficos de áreas oleiras, já enunciados por outros autores (Rey Castiñeira, 1990-1991; 1991: 411-413, 421-424; González-Ruibal, 2006-2007: 456-459). Assim, tendo em consideração a bibliografia disponível e o estudo dos acervos cerâmicos de vários povoados, por nós realizado, foi possível definir de forma mais precisa duas grandes zonas oleiras, no Noroeste português: uma setentrional e outra meridional (Fig. 1.255).

A área oleira setentrional partilha formas e tecnologia com o sul da Galiza, nomeadamente com a produção conhecida como das rias baixas galegas e encontra o seu limite sul, na ribeira litoral de Cabanas, muito próxima do estuário do Âncora.

A área oleira meridional parece compreender a região entre o Lima e prolonga-se pelo menos, pelo interflúvio Ave – Onda.

Estas áreas oleiras, contemplam, não só, a faixa litoral, como a faixa estuarina os cursos fluviais em estudo, e até áreas mais interiores, como é o caso da bacia do médio Lima, Cávado e talvez do Ave.

Notamos, nesta fase, uma grande diversidade formal e funcional dos objetos cerâmicos parecendo existir um maior cuidado na produção e das superfícies, além de uma clara proliferação de técnicas, motivos e organizações decorativas. Nesta fase, como na anterior, as formas decoradas continuam a ser as formas 1 e 2 (e as suas múltiplas variantes), além das jarras de tipo Toralla e dos vasos de tipo Vigo, Ciés, Forca e Borneiro B (na região setentrional), com raras exceções, como algumas asas de panelas de asa em orelha ou tampas.

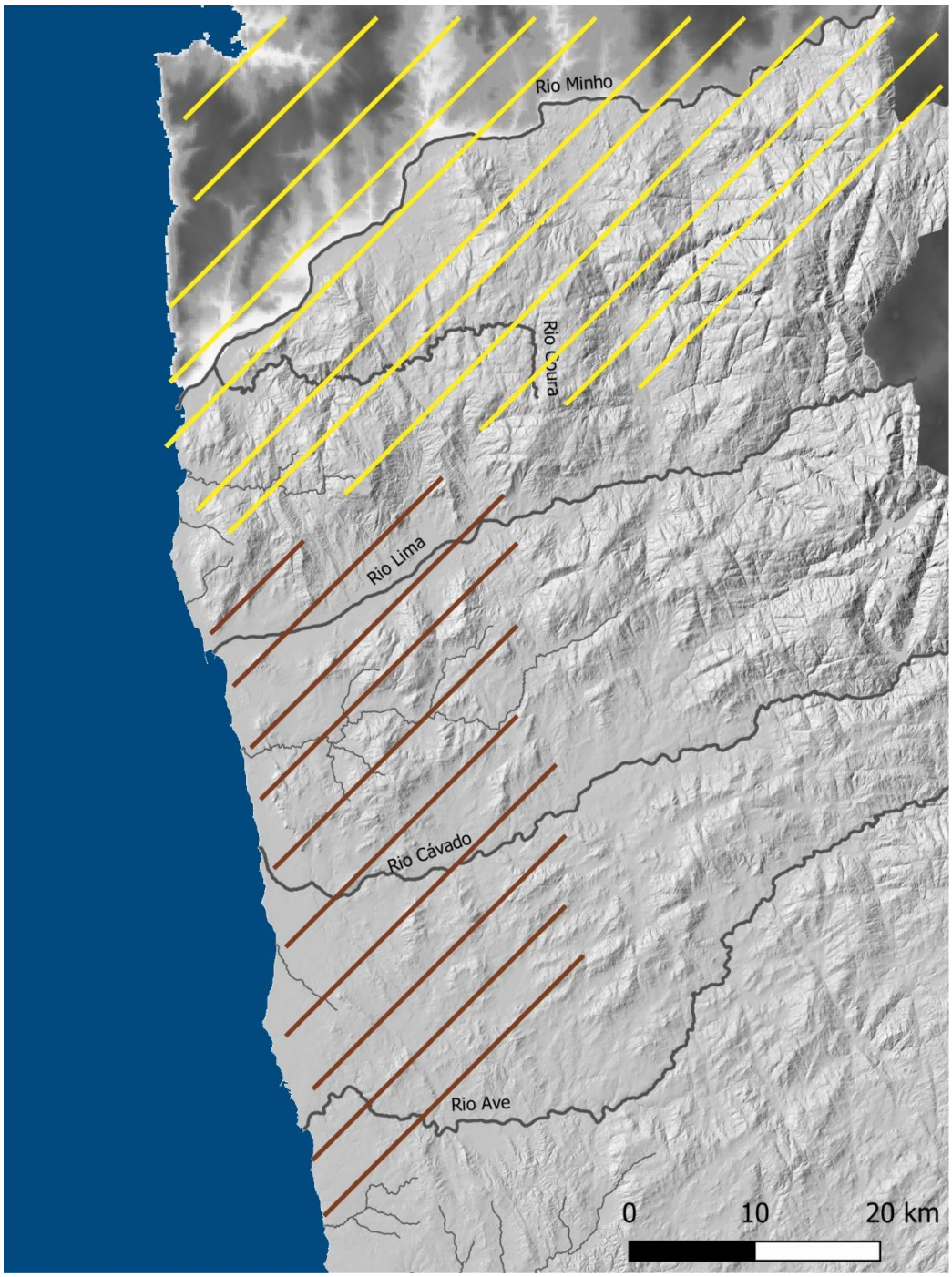


Fig. 1.255 Áreas oleiras: a amarelo, a área setentrional com fortes influências das rias baixas galegas (das rias baixas galegas e baixo Minho até à ribeira de Cabanas) e a castanho a área meridional entre o rio Lima e Onda (a tracejado área de possível fronteira formal e tecnológica).

Materiais metálicos

Quanto aos materiais podemos dividi-los em três tipos de produção: bronze, ferro e ouro.

Em bronze destacamos os elementos de ornamentação para uso pessoal, como é o caso de várias formas de fíbulas: de tipo Anular, Aucissa, Fowler e do tipo Ômega (registadas em Moldes, Santa Luzia, Vieito e em S. João); dos alfinetes de cabelo (Vieito, S. João e S. Paio) e de uma conta de colar decorada (em S. João) (Fig. 1.256).



Fig. 1.256 Materiais em bronze que acompanham a indumentária: fíbula tipo Ômega (segundo Silva, 2012, adaptado), fíbula do tipo Fowler Aa (Moldes); fíbula tipo Aucissa (segundo Silva, 2012, adaptado); alfinete de cabelo (segundo Silva, 2012, adaptado); alfinete de cabelo (S. João); alfinete de cabelo (S. Paio) e conta de colar (?) decorada (S. João).

Ligado a consumos de grande significação social ou de carácter religioso, registamos as baixelas de mesa (taças de tipo Idria) e o caso do coador do povoado de Moldes (Fig. 1.257).

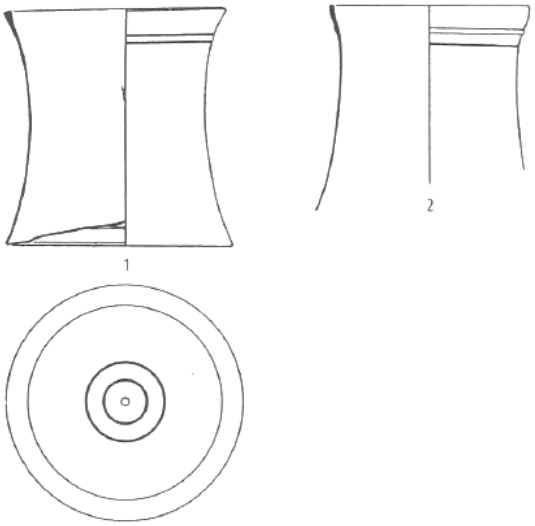


Fig. 1.257 Taças de tipo Idria em bronze, sem escala. (Almeida, 1980a; Fabião, 1999, adaptado).

Associados à simbologia do poder, destacamos os dois capacetes (Fig. 1.258), parcialmente decorados com motivos indígenas, de Moldes, que podem ter sido usados como elementos de prestígio e de diferenciação social (Silva, 1986; González-Ruibal, 2006-2007).

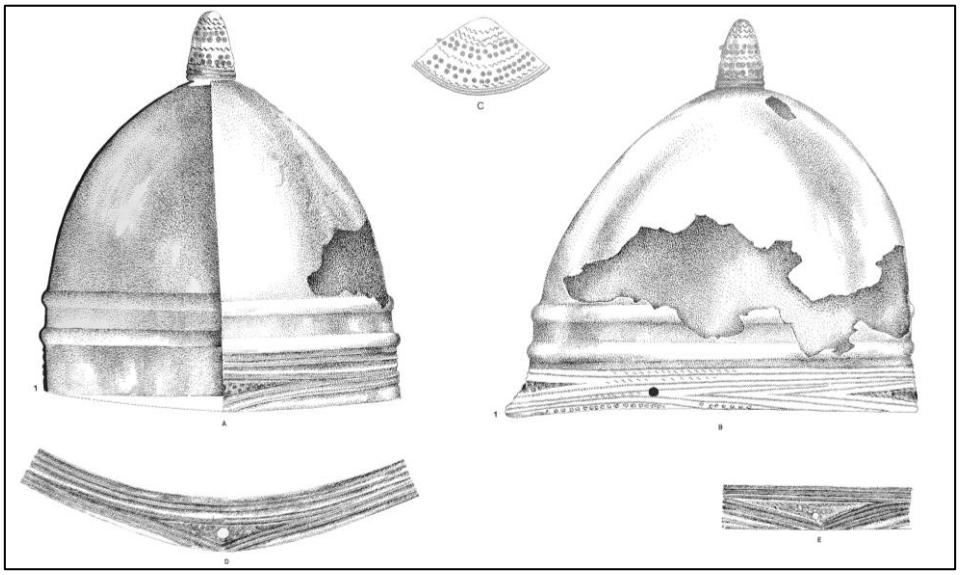


Fig. 1.258 Capacetes do povoado de Moldes (Silva, 2007, Est. XCII, 1, adaptado).

Noutros povoados, registámos, também, restos de rebites ou pregos em bronze, placas dobradas e rebitadas (caldeiros, sítulas?), que ocorrem em S. João e em Santa Luzia, e, ainda, pequenas espátulas ou colheres (povoado de S. João) indiciadores de atos de comensalidade e, talvez, do uso de cosméticos, no caso das últimas peças (Fig. 1.259).

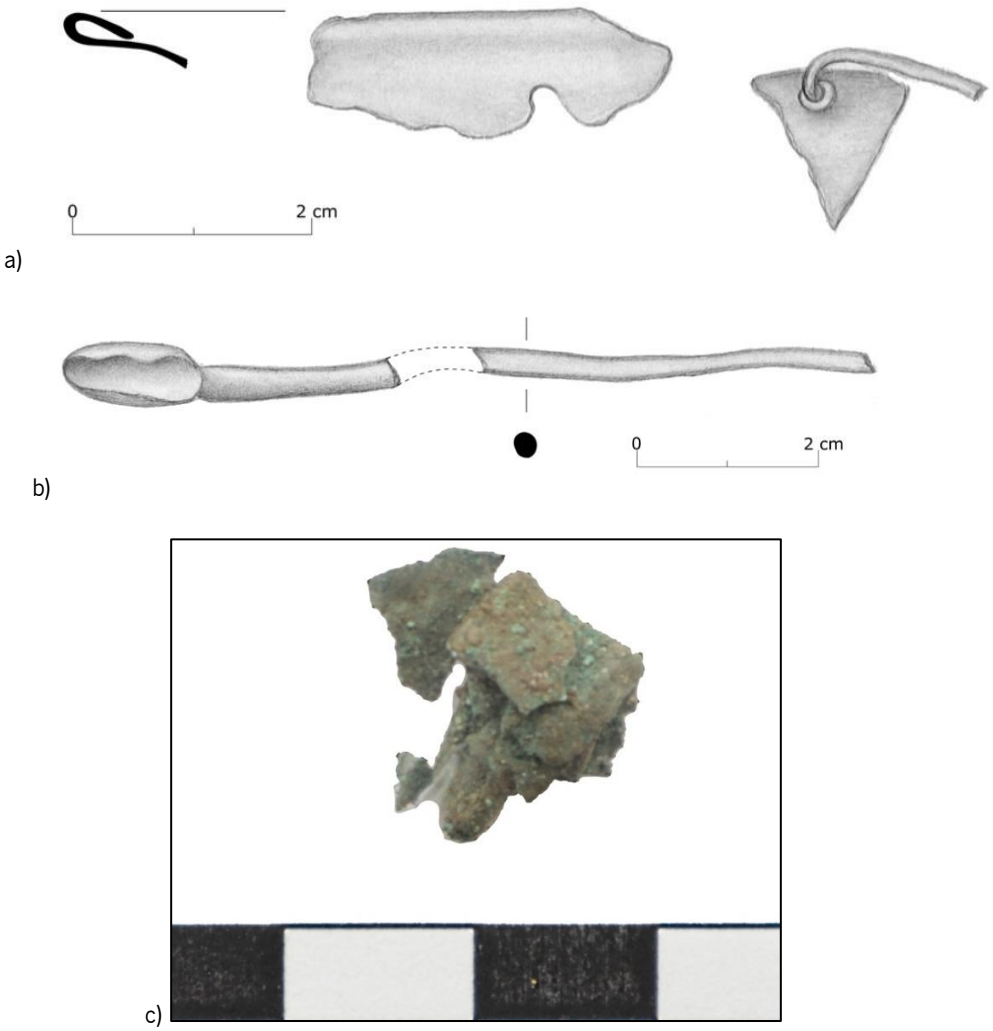


Fig. 1.259 Materiais em bronze: a) placas dobradas (sítula?) e b) colheres ou espátula (S. João); c) placa rebitada (Santa Luzia).

Na produção de materiais em ferro registámos alguns pregos, cavilhas, tachas, aros e placas (sobretudo em Santa Luzia e Vieito), cuja função desconhecemos. No Vieito registaram-se, ainda, duas foices. Este tipo de artefactos são algo raros. Seriam utensílios de uso quotidiano ou, pela sua singularidade e matéria-prima, usados em cerimónias especiais de carácter religioso relacionadas com as colheitas?

Apareceram, ainda, materiais relacionados com atividades bélicas ou que teriam funcionado como elementos de prestígio e de diferenciação social, por parte de quem os usou. Tal é o caso de uma ponta de lança e de pontas de projétil, registadas em Santa Luzia, bem como do punhal afalcatado, registado no Vieito (Fig. 1.260).

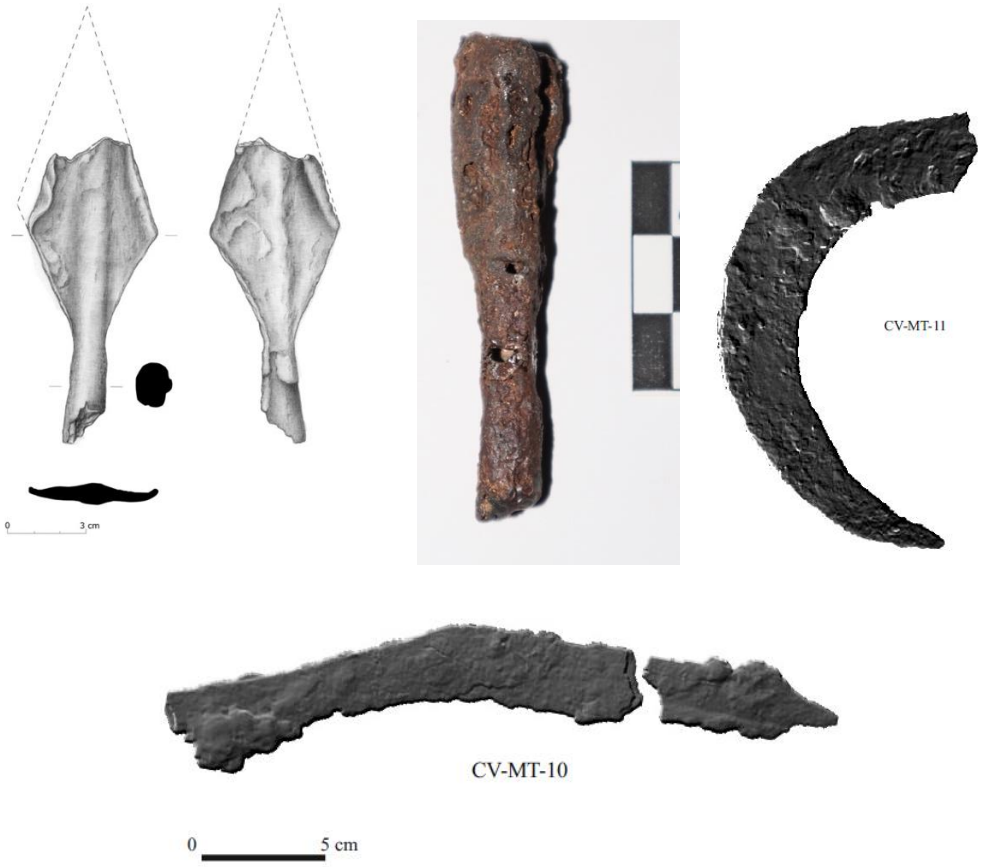


Fig. 1.260 Materiais em ferro: ponta de lança e ponta de projétil (?) (Santa Luzia); punhal afalcatado e foice (Silva, 2012, adaptado).

Em ouro destacamos um brinco encontrado no Vieito e que pode ser ainda desta fase cronológica (Fig. 1.261), que tendo em conta a riqueza aurífera do estuário do Lima, podemos colocar a hipótese de ser uma produção local.

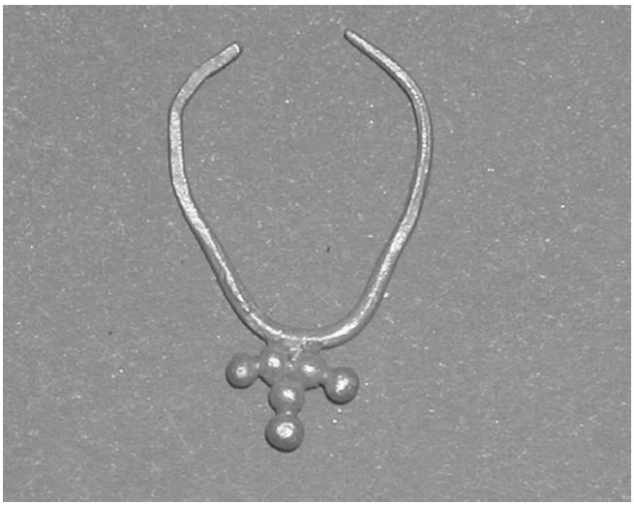


Fig. 1.261 Brinco em ouro (Silva, 2012, adaptado).

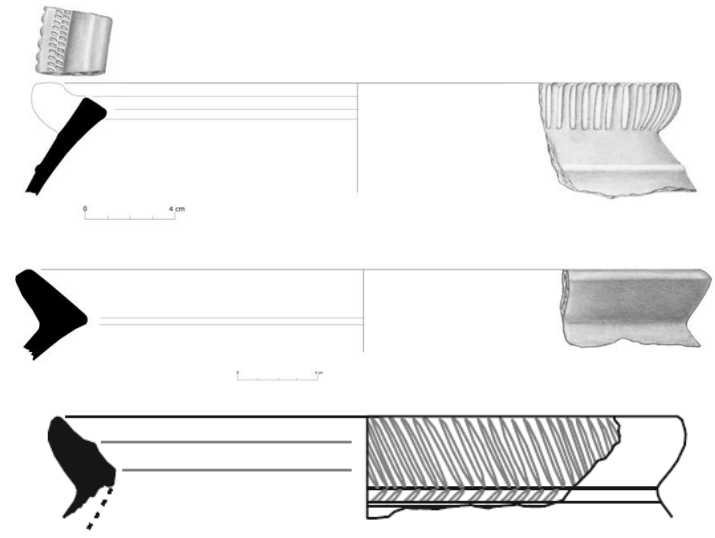
Materiais de importação

Os materiais de importação, são agora muito mais comuns do que na Idade do Ferro Antigo e resultantes, quer de contactos entre indígenas de diferentes regiões, (trocas regionais) quer de contactos entre os indígenas e populações romanas ou romanizadas (intercâmbio suprarregional).

Trocas regionais

Notámos a existência de alguns fragmentos de recipientes cerâmicos provenientes da área setentrional (Tab. 1.61), nomeadamente de vasos de bordo reforçado de tipo Vigo, bordos de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo, no estuário do Lima, nomeadamente nos povoados de Santa Luzia e do Vieito, sem consequências nas decorações de recipientes locais de produção micácea. Verificámos, ainda, que nos povoados de Terronha, a 8 km da foz do Lima, de Santo Estevão da Facha, Roques, Sabariz ou Peso[125] não há qualquer fragmento deste tipo, pelo que as formas de origem setentrional ocorrem, apenas, nos povoados mais próximos da foz. Pela quantidade reduzida, podemos admitir que se trata de aquisições" fortuitas, de um ou dois recipientes, cuja explicação pode ser múltipla (ofertas no âmbito de acordos, dotes, etc.). Tal acontece, igualmente, nos povoados de Moldes (à foz do Neiva) e de Terroso, no interflúvio Cávado-Ave.

Tabela 1.61 Materiais da área oleira setentrional, encontrados entre o estuário do Lima e o Onda



Bordos de formas tipo Vigo

bordos de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo



Decoração perlada

[125] Dos três últimos povoados não existem monografias sobre os materiais encontrados nas escavações, e dessa forma a informação que temos é bastante diminuta.

Trocas suprarregionais

Quanto aos materiais reveladores de intercâmbio suprarregional tivemos em consideração vários aspetos: as suas tipologias (anfóricos, peças finas, outras); origens e produtos (alimentos) que teriam sido introduzidos e consumidos no seio das comunidades indígenas. Importou, igualmente, compreender o impacto destes consumos e de que modo estes estão na base da alteração de hábitos de mesa.

Quanto às tipologias dos materiais cerâmicos importados, notamos que chegam as primeiras ânforas de tipo Dressel 1 (de origem itálica) e de tipo T-7.4.3.3 (com origem em Cádis) aos povoados de Moldes (à foz do Neiva) e a Terronha (no estuário do Lima).

No que diz respeito aos restantes contentores anfóricos a amostra que detemos é bastante alargada, não se cingindo a uma ou duas tipologias, mas sim a uma grande variedade delas. Isto está bem patente no estuário do Lima, desde a foz até áreas mais interiores do estuário (povoados de Santa Luzia, Vieito e Terronha), embora também ocorra no estuário do Neiva (povoado de Moldes) e no do Cávado (povoado de Faria). Contemplamos, ainda, os dados de outros povoados da área estudada, como é o caso das ânforas tardo-republicanas, registadas no Vieito (Silva, 2012) e em Terronha (Queiroga, 2019), no estuário do Lima, em São Lourenço e Senhor dos Desamparados (Silva, 2005-2006), no estuário do Cávado, e em Terroso (Paiva, 1993), no interflúvio Cávado-Ave.

Sabemos, ainda, da existência de materiais anfóricos na Facha, no Peso e noutros povoados da área em estudo, todavia, na falta de estudos pormenorizados, é difícil contabilizar os tipos encontrados.

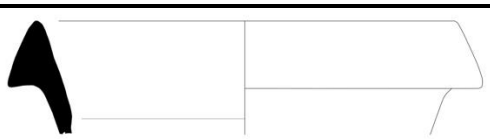
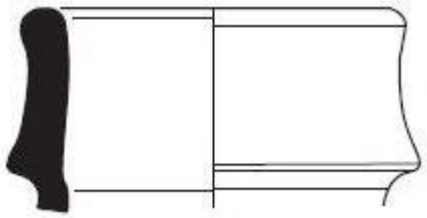
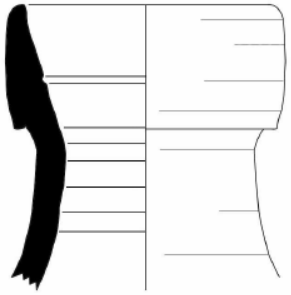
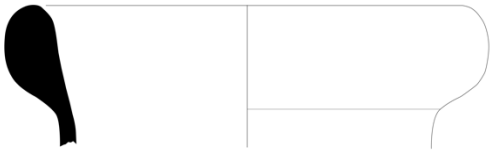
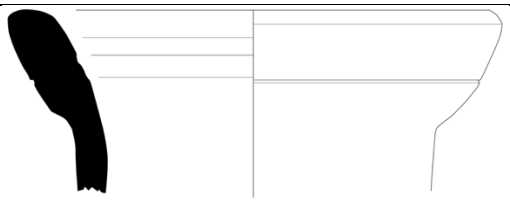
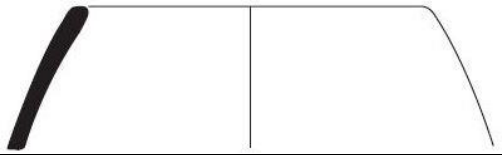
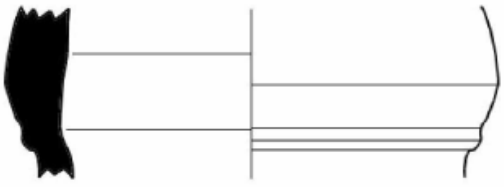
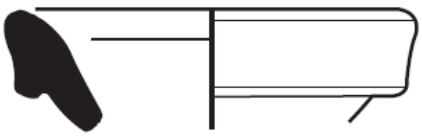
No cômputo geral (Tab. 1.62, 1.63) verificámos que 85,19% do total dos materiais anfóricos são da tipologia Haltern 70, seguidos das ânforas Dressel 14 (8,99%), do tipo Dressel 1 (itálica) (1,59%), dos tipos Dressel 7-11 (1,40%), do tipo T-7.4.3.3 (0,70%), das Ovóide 6 (0,40%), das Ovóides 4 (0,38%) e, finalmente, das Ovóides 1 e 7 (0,30%) e (0,24%), respetivamente. Destacamos, ainda, existência de raros tipos de produção da Gália, como é o caso do tipo Gaulesa 3 e de fabricos da área do nordeste da Península Ibérica, como é o caso do tipo Pascual 1.

Tabela 1.62 Tipologias anfóricas detetadas na área de estudo

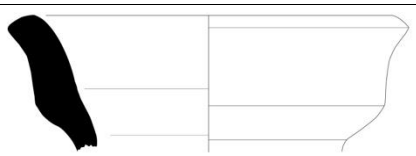
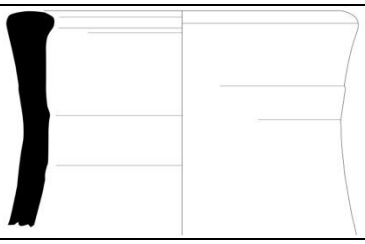
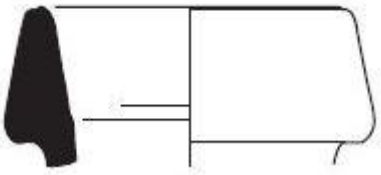
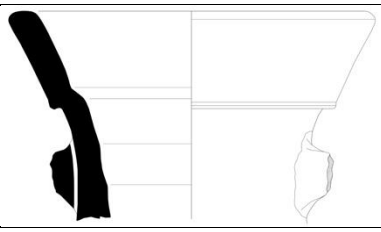
Tipologia	NMI	%
Dressel 1 itálica	**59**	**1,59 %**
Dressel 1 citerior	2	0,05 %
Dressel 1 ulterior	3	0,08 %
Haltern 70	**3164**	**85,19 %**
T-7.4.3.3	**26**	**0,70 %**
T-9.1.1.1 (Ulterior)	1	0,03 %
Dressel 7-11	**52**	**1,40 %**
Tripolitana Antiga	1	0,03 %
Dressel 12	3	0,08 %
Dressel 14	**334**	**8,99 %**
Dressel 9	1	0,03 %
Dressel 2-4	2	0,05 %
Oberaden 83 / Ovóide 7	9	0,24 %
Ovóide 1	**11**	**0,30 %**
Ovóide 2	1	0,03 %
Ovóide 4	14	0,38 %
Ovóide 5	1	0,03 %
Ovóide 6	**15**	**0,40 %**
Lusitana Antiga	6	0,16 %
Tipo 7 Lusitania	1	0,03 %
Fabião 67	2	0,05 %
Pascual 1	1	0,03 %
Gaulesa 3	5	0,13 %
Total	**3714**	**100%**

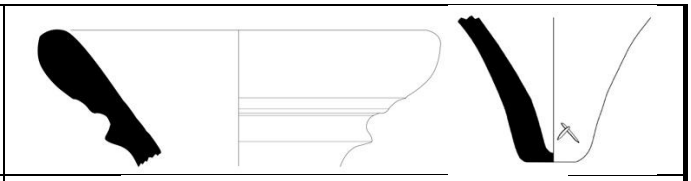
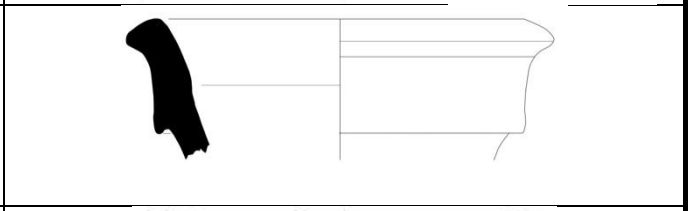
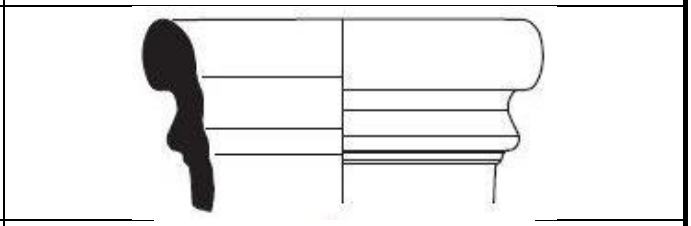
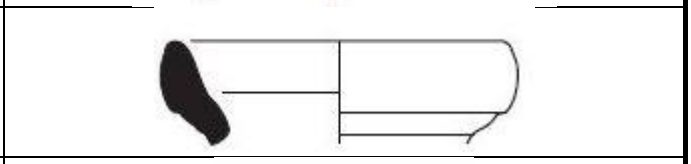
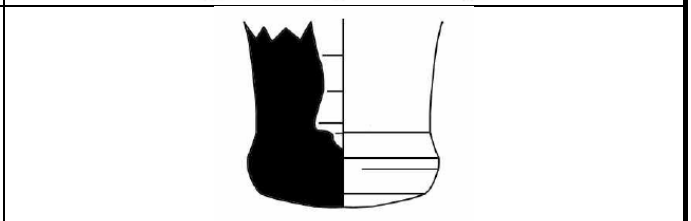
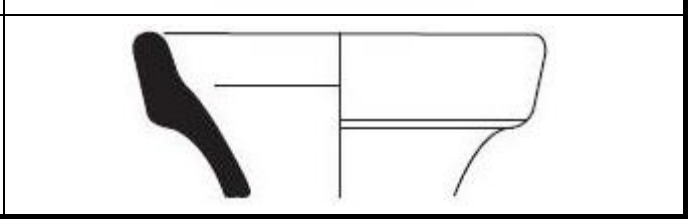
Os tipos são tão diversos como a sua proveniência, com produções de Cádis, da Bética, do Guadalquivir, itálicas e lusitanas, africanas, entre outras, como referimos (Tab. 1.63).

Tabela 1.63 Ânforas romanas e áreas de proveniência ou fabrico[126]

Vinho e derivados	Dressel 1 (produção itálica)	
	Dressel 1 (produção citerior)	
	Pascual 1 (?) (fabrico hispânico)	
Azeite	Oberaden 83 /Ovóide 7 (fabrico vale do Guadalquivir)	
	Ovóide 6 (?) (fabrico gaditano)	
	Tipo 7 (?) (fabrico da Lusitânia)	
	Classe 67 (fabrico gaditano)	
	Tripolitana Antiga (fabrico africano)	

[126] Alguns dos desenhos aqui ilustrados encontram-se nos trabalhos de Queiroga (2019) e Silva (2005-2006).

Preparados Piscícolas	Dressel 12 (fabrico da Bética costeira)	
	Dressel 14 (fabrico da Lusitânia meridional)	
	T-7.4.3.3 (fabrico gaditano)	
	Dressel 7-11 (fabrico bético)	
	T-9.1.1.1.1 (fabrico gaditano)	
	Dressel 1 (fabrico da hispânia ulterior)	
Multiuso	Dressel 9 (fabrico Bética costeira)	
	Haltern 70 (Bética, vale do Guadalquivir)	

	Ovóide 1 (produção vale do Guadalquivir)	
	Ovóide 4 (fabrico Bética costeira e vale Guadalquivir)	
	Ovóide 5 (fabrico vale do Guadalquivir)	
	Ovóide 2 (fabrico vale do Guadalquivir)	
	Dressel 2-4 (fabrico Bético)	
	Lusitana Antiga (fabrico Lusitano)	

Os produtos transportados podem aferir-se, genericamente, pela tipologia das ânforas. Deste modo é possível afirmar que há predominância de ânforas que transportam vinho, azeite e variedades de preparados piscícolas, o que matiza a hipótese, genericamente aceite (Morais, 1998; Carreras Monfort *et al.*, 2004; Morais e Carreras Monfort, 2005), de que os indígenas do noroeste consumiam muito vinho[127] nos finais da Idade do Ferro (Lemos, 2009: 165; Morais, 2004b).

O acervo anfórico aqui registado não permite excluir que pudessem consumir muito vinho, mas indica-nos que consumiam, com certeza, outros produtos.

[127] Ideia, aliás, reforçada por fontes escritas antigas, neste caso por Estrabão (Estrabão (III. 2. 6), que refere a exportação em grandes quantidades dos vinhos da Turdetânia, muito provavelmente transportados nas Haltern 70, afinal a única ânfora vinária daquela região exportada em grandes quantidades (Filipe, 2019: 409).

Hoje sabe-se que as ânforas de tipo Haltern 70 transportariam outros produtos além do vinho, *strito sensum,* como é o caso de subprodutos, como o *defructum* (líquido doce obtido pela cozedura do mosto), o *mulsum* (vinho cozido misturado com mel) e sapa (vinho cozido de uso comum na cozinha), para além de oliva *ex defructo* (azeitonas negras em conserva) e *oliva dulcis* (azeitonas preservadas num produto doce derivado do vinho) (Fabião, 1998: 179; Morais, 2004b: 545-546). De facto, os números de ânforas vinárias, a que se pode juntar o tipo Haltern 70 (Fabião, 2001: 668; Morais, 2004b; Tchernia, 1986: 142) é maioritário nos povoados desta área de trabalho, como em Santa Luzia, Vieito, Terronha, Moldes e Faria. Porém, registámos outros tipos, como é o caso de ânforas que transportavam salmouras e preparados piscícolas, como é o caso do tipo T-7.4.3.3, por exemplo, com 0,70%, mas que corresponde a 26 exemplares, o que é bastante importante tendo em conta a amostra. Podemos destacar, ainda, os tipos Dressel 14 ou Dressel 7-11 que transportam preparados piscícolas (Molina Vidal, 1997: 70; García Vargas, 1998: 199-206; Morais, 1998) e representam 10,39% do total considerado.

Quanto à dispersão de material anfórico este encontra-se disseminado por todos os povoados da área estudada, sendo praticamente impossível discernir um gosto particular por qualquer produto transportado. No entanto a Haltern 70, como outros autores já têm referido (Naveiro Lopez, 1991: 69; Morais, 1998; Morais, 2004b: 219; Carreras Monfort *et al.,* 2004; Silva, 2006: 44-45; González-Ruibal, 2006-2007: 522-523; Morais, 2010: 219) é a tipologia de ânfora mais comum nos povoados do Ferro Recente do noroeste peninsular. Aliás, este tipo encontra-se amplamente distribuído desde o mediterrânio ocidental, até à Grã-Bretanha, França, Itália e, sobretudo, pelo Noroeste português e galego (Carreras Monfort *et al.,* 2004; Berni Millet, 2011: 97-105).

Assim sendo, podemos referir que, globalmente, existe uma grande aceitação dos produtos veiculados pelo mundo romano, durante o Ferro Recente, com consequente alteração de alguns hábitos na sua dieta, situação bastante distinta da que foi possível aferir para o Ferro Antigo, onde o consumo de produtos exógenos seria, aparentemente, reservado a uma parcela pequena de população.

Já no Ferro Recente, a grande diversidade e quantidade de materiais anfóricos presentes nos povoados e o acesso aos produtos que traziam (azeite, azeitonas, preparados piscícolas, vinho e derivados) parece ter sido mais abrangente em termos populacionais. A este propósito devemos referir que em praticamente todos os sectores e quase em todas as cabanas do povoado da Terronha há ânforas.

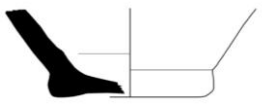
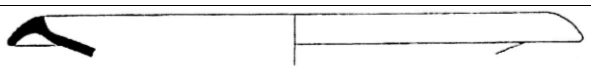
A esta área do noroeste chegam ainda, outros produtos importados, como, hipoteticamente, o mel, a púrpura e também *garum* (Imperial, 2022). Estes poderiam ter sido trazidos nos *kalathoi ibéricos,* registados em Santa Tecla (Naveiro Lopez, 1991: 26, nota de rodapé n.º 7; Peña Santos, 2001: 118) (Fig. 1.262). Recentemente foi encontrado um outro, no Castro Máximo, em Braga (Oliveira, 2023), no curso médio da bacia do Cávado.



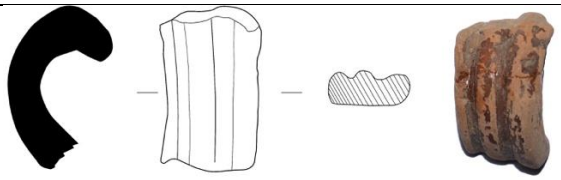
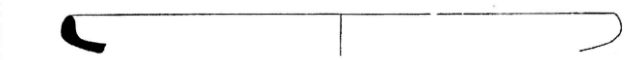
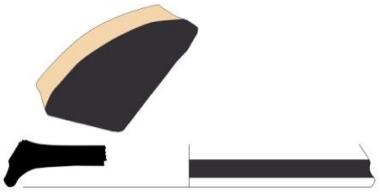
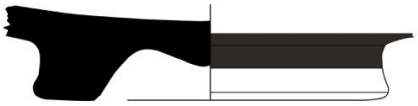
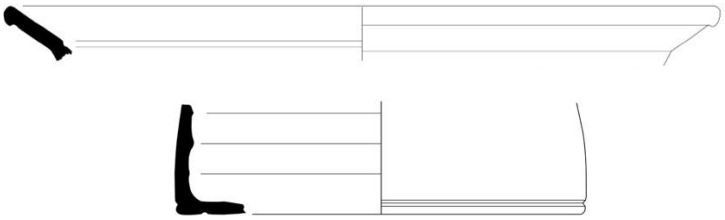
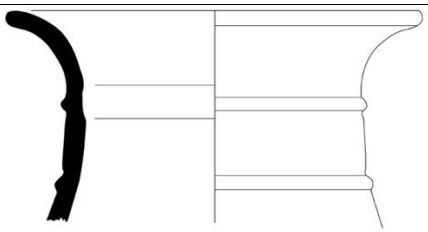
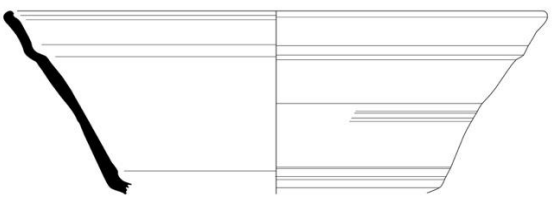
Fig. 1.262 *Kalathos* ibérico de Santa Tecla (Peña Santos, 2001: 118, adaptado).

A par destes contentores, que são fonte direta do consumo de novos alimentos, as populações indígenas (pelo menos alguns elementos) vão adquirindo o gosto por peças finas de mesa, nomeadamente cerâmica itálica de verniz negro (Tab. 1.64, Fig. 1.264), imitações de cerâmica itálica de verniz negro, cerâmica comum das áreas da Bética e de Cádis, cerâmica cinzenta polida e *terra sigillata* tipo Peñaflor (Tab. 1.64).

Tabela 1.64 Formas de mesa importadas entre o estuário do Minho e o Onda[128]

Cerâmica itálica de verniz negro - A	Tipo 34a	
	Tipo 36	

[128] Alguns desenhos são de Naveiro Lopez (1991), que foram adaptados, nomeadamente, o tipo 36 de campaniense A e tipo 5 de campaniense B.

Cerâmica itálica de verniz negro B	Tipo 2 (imitação)	
	Tipo 6	
	Tipo 5	
	Tipo 7	
	Tipo 10	
Cerâmica fina (Bética)	Pote/ Potinho	
Cerâmica fina (Guadalquivir)	Tigela	
Cerâmica fina (Cádis)		
Cerâmica cinzenta fina polida	Grupo 5a	
Terra Sigillata Tipo Penãflor	Forma 1b	

A cerâmica cinzenta polida e a *terra sigillata hispânica*, tipo Peñaflor, são dois tipos inéditos, no contexto do Noroeste português (Fig. 1.263).



Fig. 1.263 Cerâmica cinzenta polida e sigillata tipo Peñaflor (S. João).

Tendo em conta a fraca representatividade destes recipientes de luxo, parece que o seu uso não seria tão usual ou tao disseminado pela população indígena, como as ânforas. Este tipo de peças seriam usadas por um grupo pequeno de indivíduos e/ou em momentos especiais no seio da atos comunitários. Assim, apesar do consumo de novos produtos ser, aparentemente, mais generalizado nesta fase, os hábitos de mesa não parecem ter-se alterado de modo estrutural.

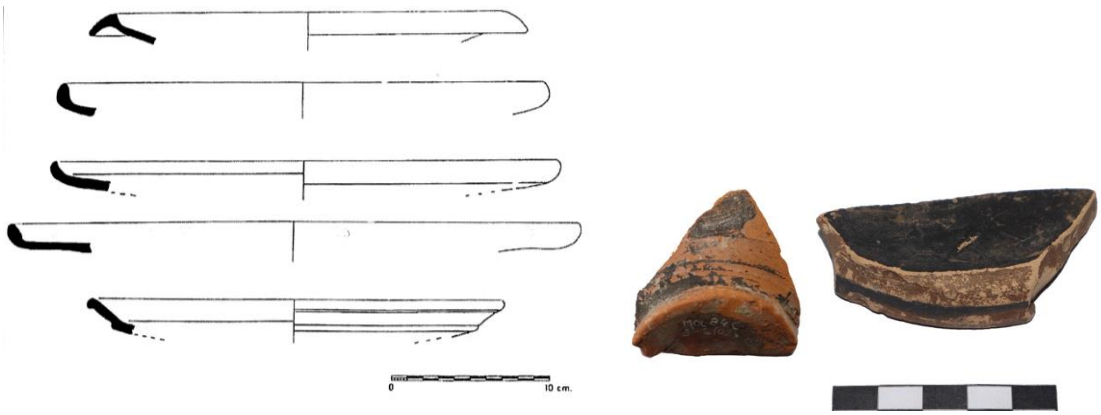


Fig. 1.264 Cerâmica itálica de verniz negro entre o Minho e o Onda (desenhos de Naveiro Lopez (1991, adaptado).

Este tipo de materiais observa-se, em maior número, em Santa Tecla (à foz do Minho) e em Moldes (à foz do Neiva). Em menor número ocorrem em Santa Luzia e Vieito (foz e início do

estuário do Lima) e em S. João (perto da foz do Ave). São todos povoados estuarinos e instalados muito próximos das fozes dos rios.

No entanto, o aparecimento de formas de mesa de luxo (fragmentos de cerâmica itálica de verniz negro B) em área mais interiores da bacia do Ave, como em Penices e Ermidas (Dinis, 1993: 59, 146; Queiroga, 1985c, 1992, fig. 51), indicia intercâmbio local e regional, provavelmente entre os indígenas.

Quanto ao material vítreo apenas reconhecemos a existência de contas de colar, quase sempre monocromáticas e de cor azul. Aparecem no Vieito e na Facha (no estuário do Lima), em S. Lourenço e em Faria (no estuários do Cávado) e em S. Paio (no interflúvio Ave - Onda) (Fig. 1.265).

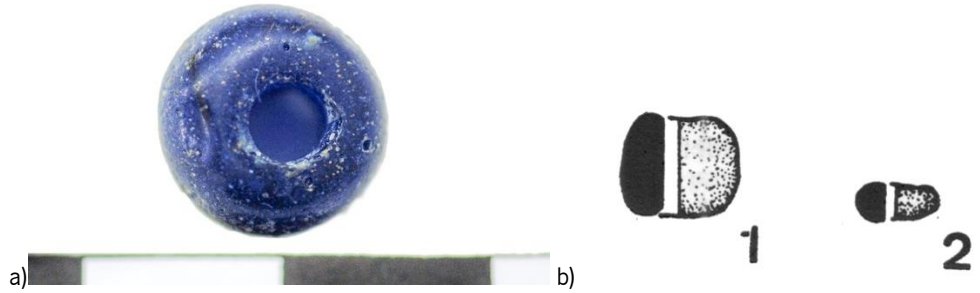


Fig. 1.265 Contas de colar no Ferro Recente: a) conta de colar azul-cobalto de S. Paio; b) contas de colar de Santo Estevão da Facha (segundo Almeida *et al.,* 1981, adaptado).

Em relação ao material metálico, devemos destacar o tesouro de Montedor (Carreço), no qual foram encontradas 38 moedas republicanas, em prata e 8 denários ibéricos, ainda, 113 peças (lingotes, bolas, chapas), também em prata (Centeno, 1999). Este tesouro é datável de meados do séc. I a.C. (Fig. 1.266). A boa representação de moedas ibéricas levou o mesmo investigador a apontar para ao facto de este conjunto monetário possa ter sido reunido fora do noroeste, talvez na região norte da meseta. Embora as razões para a deposição ou ocultação deste conjunto possam ser discutíveis, este parece associar-se a uma viagem de regresso, realizada por uma habitante desta área que terá, possivelmente, integrado as forças de Sertório (80-72 a.C.) e que de regresso terá trazido o resultado do pagamento dos seus serviços (Centeno, 1999), ou seja, demonstra, igualmente, a integração das populações indígenas do Ferro Recente, no contexto do mundo romano.



Fig. 1.266 Algumas moedas do tesouro de Montedor (Casa dos Nichos, Viana do Castelo).

Em liga de bronze cabe-nos, ainda, destacar um exemplar de moeda de tipo *caetra*, encontrada em Moldes, moeda esta relativamente comum no litoral do Noroeste português (Pérez González, *et al.,* 1995) (Fig. 1.267). A existência deste tipo de numismas tem sido alvo de extenso debate (Grant, 1946; Gil Farres, 1966; Pérez González, *et al.* 1995; Höck, 2003; García-Bellido, 2010; Rodríguez Colmenero e Ferrer Sierra, 2014) quanto ao lugar de cunhagem e sobretudo o motivo pelo qual eram realizados. Autores defendem que esta série de moedas seria uma das medidas para as autoridades romanas responder à necessidade divisionária para transações de menor valor (Centeno, 2019: vol. I. 105), e que defende que esta moeda seria produzida em ambiente militar, defendendo que poderia existir uma espécie de casa da moeda itinerante, desconhecendo-se, por isso, os lugares de cunhagem. Já outros autores como Pérez González, *et al.* (1995: 203), Rodríguez Colmenero e Ferrer Sierra (2014: 35) e Magarinhos Iglesias (2019, vol. II: 124-125) têm defendido que apesar de uma grande dispersão destes numismas no litoral do Noroeste português e na área de Lugo, seria provável que um dos centros de cunhagem seria a cidade de Lugo. Aí teriam sido encontrados dois discos não cunhados e uma grande quantidade de numismas deste tipo, com pelo menos 50 exemplares.

A existência desta moeda e do tesouro de Montedor comprova a existência e circulação monetária anterior ao séc. I d.C., por razões ainda por explicar completamente.

Esta circulação monetária poderia estar relacionada com os pagamentos a soldados romanos pela guerra contra os galaicos (ocorrida em meados do séc. I a.C.) ou pela sua participação nas Guerras Cantábricas (García-Bellido, 2010) ou, ainda, durante as campanhas de

Carisio (já em finais do séc. I a.C.) (Pérez González *et al.,* 1995). Como não conhecemos um sistema monetário para a Idade do Ferro do Noroeste, a presença de moedas tardo-republicanas pode ser fruto da circulação entre militares romanos ou da aquisição destas moedas, como *itens* de prestígio, por parte de chefes ou indivíduos com elevado prestígio social, na sociedade indígena (González-Ruibal, 2006-2007: 523). Tal como sucede com as moedas do tesouro de Montedor, as moedas de tipo *caetra* podiam, igualmente, servir como resultado de pagamento a indígenas contratados para combater ao lado dos hostes romanas.



Fig. 1.267 Moeda tipo *caetra* que corresponde a um dupôndio de Augusto, com escudo, duas lanças e uma falcata no reverso. Foi encontrada no povoado de Moldes.

Síntese

Em relação ao Ferro Antigo, pode considerar-se que aumentam, consideravelmente, as importações de âmbito suprarregional na região em estudo. Os materiais importados encontram-se presentes, em quase todos os povoados com ocupação do Ferro Recente, com grande concentração nos dos estuários, embora os localizados nos interflúvios também tenham produtos importados (Fig. 1.268).

Os dados disponíveis, apontam para uma maior concentração de produtos exógenos nos estuários do Minho e do Lima, seguidos do Cávado e do Ave, o que talvez se possa relacionar com a intensidade de recursos mineiros, como o estanho, o ferro e o ouro, existente nestes contextos.

As ânforas tardo-republicanas, entre outras do séc. I d.C. encontram-se em quase todos os povoados considerados, em grandes quantidades, sobretudo junto às fozes dos principais rios do noroeste, nomeadamente no Lima, no Neiva e no Cávado.

Quanto aos materiais finos de mesa, devemos separá-los em dois grupos: o da cerâmica itálica de verniz negro que se encontra em povoados estuarinos do Lima e Neiva (Vieito e Moldes), como também em lugares mais interiores da bacia do Ave (Ermidas e Penices), pressupondo que teriam entrado pelo estuário deste rio, e o grupo da cerâmica fina, de origem meridional, de produção da bética ou gaditana que, apenas, surge em contextos de interflúvios e junto às fozes dos rios, como é o caso de Santa Tecla, (à foz do Minho), de Santo António (no interflúvio Âncora-Lima), em Santa Luzia, (à foz do Lima) e em S. João (à foz do Ave). Mas a ocorrência de uma forma de tipo *kalathoi*, com origem na área da Catalunha, num povoado interior da bacia do Cávado (Castro Máximo), possibilita colocar a hipótese da importância deste estuário na entrada e na difusão deste tipo de cerâmicas. Isto é, a distribuição litoral e estuarina destes materiais indicia que chegam ao Noroeste por via marítima.

As contas de colar, em pasta vítrea, encontram-se dispersas pela área em estudo, com concentração nos povoados do estuário do Lima, embora também estejam presentes no estuário do Cávado e no interflúvio Ave-Onda.

Como e com quem se teria processado este intercâmbio?

Pelos vestígios de naufrágios existentes no rio Minho (Díaz Álvarez, 1984), sabe-se que as embarcações romanas entravam e fundeavam no estuário deste rio, pelo que é possível que o fizessem noutros estuários, menos assoreados do que hoje, ou que fundeassem no mar alto, mas que fizessem uso de embarcações de menor calado para chegar ao interior dos estuários. A quantidade significativa de ânforas do povoado mineiro de Terronha, a 8,6 km da foz do Lima, indicia que estes produtos chegaram até ali diretamente, onde teriam sido trocados por estanho e ouro, dada a proximidade destes recursos mineiros com este povoado. Também no Vieito, a 6 km da foz, no mesmo estuário, se verifica uma situação similar relativamente a Faria, no estuário do Cávado, a 12,6 km da foz, tendo nas suas imediações de minas de estanho.

Assim, a distribuição dos materiais de importação (Fig. 1.268), parece confirmar a hipótese, já colocada para o Ferro Antigo, de que o contacto com os navegadores, mercadores ou viajantes romanos se verificou, em mais do que um povoado estuarino, no contexto de uma "aquisição partilhada" e não, no contexto de um *port-of-trade,* tal como defendem Silva e Pinto (2001) e González-Ruibal (2004; 2006-2007).

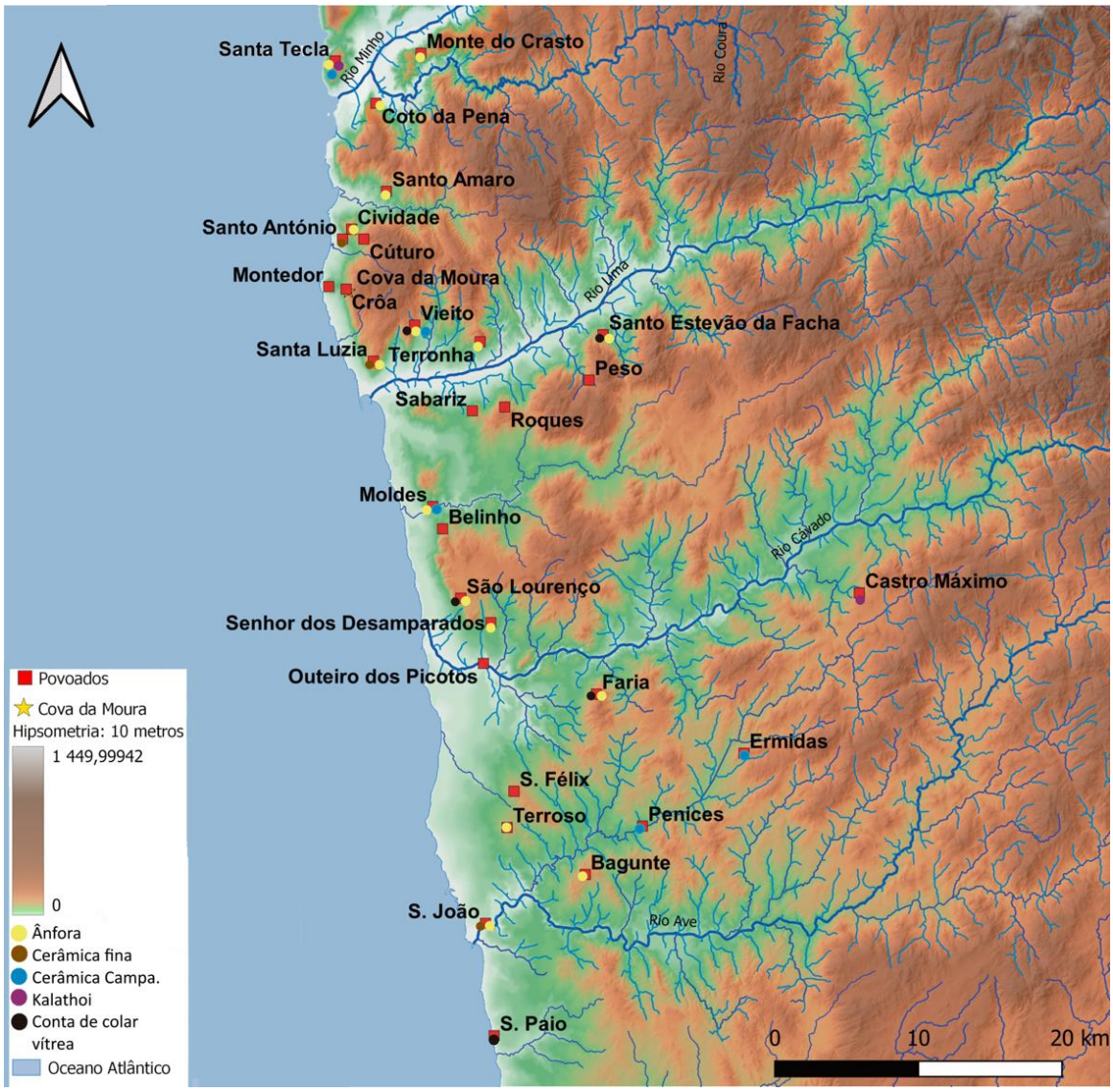


Fig. 1.268 Distribuição das ânforas, *kalathos*, materiais de mesa (campaniense e outros tipos) e contas de vidro de importação romana.

Impactos dos contactos com populações mediterrânicas

Os materiais que chegam nesta fase estão, portanto, relacionados com o mundo romano que, desde os finais do séc. I a.C., domina política e administrativamente o sul e o centro peninsular, com o controlo e passagem de *Olisipo* (Lisboa) a *municipium civium romarum* (Faria, 1999: 37), embora o controlo dessa área fosse já evidente, desde *Decimus Junius Brutus*, quando utiliza o vale do Tejo como principal eixo de apoio da sua campanha militar (Fabião, 1989). A verdade é que entre o episódio da primeira grande campanha militar, rumo ao norte, conduzida por *Decimus Junius Brutus* e a campanha de Públio Crasso, entre 96-94 a.C., o conhecimento

sobre os potenciais lugares (áreas geográficas como o rio Lima, a serra de Agra, por exemplo) com riqueza aurífera e estanífera que valeriam a pena explorar no noroeste eram pouco conhecidos constituindo nesta fase quase como um segredo bem guardado pelo mercadores e navegadores gaditanos (Alarcão, 1988; Fabião, 1989; Filipe, 2019: 21-22).

Ainda assim, parece claro que o estabelecimento paulatino dos romanos no sul da Península Ibérica e posterior conquista do noroeste peninsular terá sido realizada por duas vias: a conquista militar e a conquista económica, promovida pelos múltiplos contactos "comerciais" com as populações indígenas, ao longo de mais de 200 anos (Tranoy, 1981: 130-132; Martins, 1990: 166-168; Redentor, 2017: 54). Além disso, como González-Ruibal (2006-2007: 527) dá nota provavelmente até meados do séc. I a.C. seria provável que o comércio inter-regional fosse realizado ainda por famílias gaditanas de origem ibero-púnica e isso seria também mais uma razão para essas expedições, com o fim de controlarem as áreas costeiras do noroeste peninsular.

É certo que, a partir de *Olisipo* e, mais tarde, com o apoio de *Scallabis* (Arruda e Almeida, 1998; Arruda e Almeida, 2001; Arruda *et al.*, 2005; Almeida, 2008), as campanhas militares do período de Augusto são, também, realizadas por via marítima através de expedições navais, tal como a que foi efetuada à costa da Galiza (Alarcão, 1988, 1990; Fabião, 1989, 1993). Mas seriam essas campanhas puramente militares ou estariam aliadas a uma forte componente de pesquisa e de conhecimento dos recursos da região, através da interação com os indígenas, com o objetivo de promover uma "conquista económica" e a abertura de um novo mercado que possibilitasse o acesso aos recursos mineiros endógenos do Noroeste?

Sobre este assunto, Almeida (1996, vol. VII: 163-164, 166-167; Martins, 1990: 166-167), tendo em conta a quantidade de material importado (mormente ânforas e cerâmicas finas de mesa) existente no litoral do Noroeste português, durante todo o séc. I a.C., defende que este território parece encontrar-se relativamente "pacificado", como resultado de uma clara estratégica de consolidação de hábitos do mundo romano no seio das populações indígenas. Aliás, M. Martins (1990: 151, 216), ou Blásquez Martinez (1977: 81) defendem que a romanização não foi intensa no sentido cultura (vida urbana ou arte monumental) mas sim no sentido da exploração económica, que poderá ter facilitado numa integração mais pacifica, face à orbita do mundo romano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo contribuir para o incremento do conhecimento das populações litorâneas e estuarinas do Noroeste português, durante o Bronze Final e a Idade do Ferro, através do estudo dos materiais e do intercâmbio. No entanto, não pudemos deixar de aproveitar os dados que lográmos reunir sobre o povoamento. Tal possibilitou-nos traçar, um renovado quadro da evolução do povoamento, entre o Bronze Final e o término da Idade do Ferro, na faixa litoral e estuarina, entre o rio Minho e a foz do rio Onda.

Rapidamente observámos que para tentar cumprir o objetivo seria necessário rever materiais (parcialmente publicados), estudar coleções inéditas (resultantes de antigas escavações), e estudar coleções entretanto exumadas. Isto implicou o estudo, não só, de materiais com contexto preciso, como com contextos desconhecidos ou muito incompletos. Nestes últimos casos, os critérios de inserção cronológica passaram pela combinação de características técnicas e morfológicas (com todas as vicissitudes daí decorrentes), por vezes, complementados com datas de radiocarbono ou com materiais de importação.

Desta forma, os objetivos neste trabalho foram sendo cumpridos, conseguindo-se rever a cronologia interna de inúmeros povoados, perspetivar o povoamento e os materiais para cada fase cronológico-cultural e, posteriormente, efetuar análises diacrónicas sobre o povoamento, sobre as características dos materiais indígenas e exógenos e discutir o papel dos impactos dos contactos externos, ao longo do mais de mil anos, no território em estudo.

No que concerne à Idade do Bronze Final conseguimos traçar um renovado quadro do povoamento. Notámos, que desde este período, a existência de uma distribuição topográfica dos povoados que sugere uma rede de interações complexas entre eles, influenciada por fatores associados à exploração de múltiplos recursos (agro-silvo-pastoris e mineiros, como o estanho, ouro e sal), bem como o controlo da circulação de pessoas e de matérias-primas ao longo de corredores estuarinos, litorâneos e fluviais. Com efeito, a maior parte dos povoados instalam-se em posições de destaque, quer de altura quer em colinas de vale, mas com ampla visibilidade para o oceano e/ou o curso fluvial onde se inserem.

Os materiais cerâmicos locais são predominantes, face aos metálicos e aos líticos. A cerâmica desta fase é de fabrico manual e as formas (potes, potinhos/púcaros, taças carenadas e panelas de asa interior) podem subdividir-se em dois grupos: produções mais grosseiras, com desengordurantes de grande e médio calibre, sempre alisadas, e produções finas, feitas a molde (?) com pastas mais homogéneas e acabamentos polidos. Se as primeiras têm antecedentes

locais, segundo o que pudemos observar para o que se conhece para o Bronze Inicial e Médio (Bettencourt 1999, 2000a; Bettencourt e Fonseca, 2011; Sampaio, 2014), as segundas surgem apenas no Bronze Final (Martins, 1990: 127; Bettencourt, 1999: 1094, 1103) sempre em menor número, e fabricam-se, apenas, sob a forma de potinhos/púcaros e de taças carenadas[129]. Trata-se de uma produção que circula por todo o noroeste ibérico, mas também, na Beira Interior, segundo Vilaça (1994) e na Estremadura portuguesa[130] (Cardoso *et al.,* 1986; Cardoso, 2007: 359-306), sendo uma cerâmica de ampla expressão geográfica, provavelmente reveladora de intercâmbios suprarregionais.

No grupo das cerâmicas grosseiras, a litoralidade da expansão espacial das panelas de asa interior foi uma surpresa, revelando alterações precoces, mas incipientes, na alteração das formas de cozinhar, provavelmente resultantes de contactos com o Centro-Norte, onde ocorrem mais cedo. Outro indicador de contactos com o Centro-Norte é a introdução da decoração de tipo Baiões / Santa Luzia, no Coto da Pena. Dos contactos com populações ou materiais da área mais meridionais da península serão as cerâmicas decoradas com ornatos brunidos que, apesar de raras, são mais comuns na área litoral (sobretudo entre Cabanas e o Lima) do que no interior, onde apenas se conhece um caso de Falperra (Bettencourt, 2000c). De destacar o facto desta técnica decorativa parecer ter sido replicada pelos oleiros locais, como, por exemplo, em Santo António.

Do sul peninsular serão, também, os dois machados de apêndices, encontrados em Viana do Castelo e em Vila do Conde, que não parecem ter aceitação. Do sul viria, igualmente, o cobre, que possibilitou a produção metalurgia do bronze do Noroeste, embora na área de estudo sejam desconhecidos os lingotes deste material.

Quem seriam os introdutores dos materiais exógenos? Provavelmente várias comunidades locais e regionais, unidas por interesses comuns, no contexto de rotas terrestres de intercâmbio, existentes antes do séc. IX e VIII a.C., momento, a partir do qual o protagonismo parece a via marítima, percorrida por mercadores da área mediterrânea (fenícios?), com impacto maior no litoral, nomeadamente nos estuários. No entanto, estes contactos parecem ter sido esporádicos e com pouca capacidade para alterarem, estruturalmente, as comunidades indígenas, talvez com exceção do Coto da Pena, onde se nota uma petrificação precoce. Os seus objetivos seriam, ainda,

[129] Com os dados que possuímos para a região em estudo, embora se conheçam outras formas mais para o interior.
[130] Apesar de nesta área existam, também, taças carenas de fabrico grosseiro.

compreender a território costeiro atlântico e, claro, mapear os recursos estaníferos e auríferos desta área.

Após o estabelecimento de um novo quadro cronológico para os povoados do litoral foi possível individualizar um número considerável de ocupações para o Ferro Antigo, muito distinta do que se conhecia anteriormente. A distribuição geográfica destes povoados reflete algumas mudanças, mas também algumas continuidades em relação à fase anterior. As mudanças são, desde logo, um pequeno decréscimo no povoamento, na área litoral entre Cabanas e o estuário do Minho, e ao mesmo tempo a visita à Cova da Moura com deposição de materiais no seu interior. A manutenção de povoados nas fozes e nos estuários indica uma estratégia clara de controlo territorial e de exploração de vários recursos agro-silvo-pastoris e mineiros (como o sal, o estanho e o ouro).

No acervo das cerâmicas indígenas, dá-se a generalização das pastas micáceas, com origens no Bronze Final (Martins, 1990: 127; Bettencourt, 1999: 1103; 2005) e o desaparecimento das pastas arenosas e das produções ditas finas, bem como das suas formas mais específicas. Em termos formais desaparece, ainda, uma dos tipos de pote, o de bordo vertical. A panela de asa interior generaliza-se, como forma para cozinhar. Ocorre a decoração impressa por estampilha, tal como no interior, onde se conhecia apenas para S. Julião (Bettencourt, 2000b), sendo relativamente comum no litoral. Deste modo, pode afirmar-se que terá entrado no Noroeste, a partir do litoral. Notamos, ainda, o aparecimento esporádico, e que não se repetirá no Ferro Recente, de cerâmicas locais com decorações figurativas (por vezes narrativas), certamente experiências baseadas em protótipos de recipientes de origem mediterrânica. Também o aparecimento de aguadas, na olaria local, será resultado do manuseamento de produções mediterrânicas, demonstrativo da vitalidade dos oleiros locais.

A metalurgia do bronze persiste, sobretudo em objetos de adorno (alguns deles formalmente distintos do período anterior, como as novas formas de fíbulas); em algumas armas (punhais de antenas com antecedentes no Bronze Final) e nos caldeiros de rebites (também com antecedentes no Bronze Final).

Devemos, ainda, salientar a produção da ourivesaria, neste caso de arrecadas do modelo Estela/Laúndos (Silva, 2007: 368-369), e de colares articulados que parecem, em termos decorativos, imitar tecnologias e decorações da área mediterrânica (Silva, 1986: 252-253; Martins, 2008: 89-90).

A presença de cerâmica importada, de origem púnica e grega, assim como contas de colar oculadas, em pasta vítrea, é uma realidade nos estuários, e implica contactos e trocas, mais intensos a norte do rio Cávado, com especial ênfase para os estuário do Minho e, também, do Âncora, ambos muito ricos em recursos de estanho. Apesar do número de peças reveladoras de importação, serem limitadas, esta atividade poderá ter sido mais intensa, se pensarmos que os navegadores trariam minério de cobre, necessário para alimentar a metalurgia do bronze. A presença de navegadores e viajantes mediterrânicos no território em estudo poderá, ainda, ter promovido o aparecimento de santuários rupestres com motivos de âmbito mediterrânico (como as suásticas de braços retos), que aparecem no Monte de Novais, no estuário do Âncora, e no Alto do Castro, no estuário do Minho (Cardoso *et al.,* 2018) ou a deposição de um bétilo, no povoado litoral de S. Paio, no interflúvio Ave-Onda.

Pela variedade tipológica dos materiais cerâmicos exógenos (vasos do tipo *pithoi,* vasos gregos, nomeadamente de tipo *Lekanis*, *Pelike,* Krâter-de-sino, vasos pintados em bandas, além de outros vasos de tipologia indeterminada e contentores anfóricos). Os produtos introduzidos por esses contentores seriam os preparados piscícolas. Sublinhamos ainda a existência de pequenos recipientes vítreos, como é o caso de um fragmento de *aryballos* registado no povoado de Ermidas que poderia introduzir óleos e perfumes. Mas até que ponto sugerem a introdução de novos hábitos de consumo? Dada a sua exiguidade é possível que tenham apenas sido consumidos esporadicamente, talvez no âmbito do encontro entre a população local e a exógena, no que parece ser uma economia de oferta. Os locais onde este intercâmbio se teria processado é também passível de análise, mas para tal só temos a distribuição espacial dos povoados onde este ocorre.

Nota-se que os materiais exógenos se localizam, essencialmente, em áreas mais interiores dos estuários, pelo que o intercâmbio parece ter sido efetuado preferencialmente com as populações aí residentes e onde seria mais fácil e seguro atracar as embarcações. Tal poderia ter ocorrido em vários povoados e em lugares neutrais, como nos santuários rupestres do Âncora e do Minho, mas para se confirmar ou infirmar esta última hipótese, seria necessário uma investigação mais detalhada em redor destes locais. De qualquer forma, parece ter existido uma organização complexa no quadro das interações entre indígenas e estrangeiros, pois disso é demonstrativa a rede de povoamento.

Porém, estes contactos não parecem ter tido grandes consequências a nível ideológico ou cultural sob as populações sidéricas. Em termos de impacto cultural, parece que as influências externas foram absorvidas de forma seletiva, com poucas mudanças significativas na produção

cerâmica local (com exceção do uso de aguada negras ou avermelhadas) ou na organização social. Isso sugere que as comunidades locais mantiveram a sua identidade e adaptaram as novas influências de acordo com suas próprias necessidades e práticas.

No que respeita à Idade do Ferro Recente nota-se um aumento significativo no número de povoados, relativamente ao Ferro Antigo. Estes povoados estão distribuídos nos estuários dos rios e nos interflúvios, com uma maior densidade observada a partir do estuário do Cávado para norte, nomeadamente nos estuários do Âncora e do Lima.

O aumento de povoados costeiros e dos interflúvios revelam o contínuo incremento da vigilância dos mares e dos estuários, visando o controlo e a antecipação das incursões romanas que começaram no século II a.C. e se foram intensificando, por mar, a partir do século I a.C. Tal seria efetuado através da intervisibilidade entre os povoados costeiros e aqueles localizados nas fozes dos rios, e entre estes e os dos estuários, sugerindo uma organização eficiente para a vigilância marítima e terrestre.

Se, em termos das características internas dos povoados, não foi possível individualizar diferenças vincadas entre a organização dos povoados litorais e dos mais interiores (por não ser este o objetivo deste trabalho), foi possível, através do estudo dos materiais cerâmicos, comprovar a existência de duas grandes áreas oleiras: uma setentrional e outra meridional. A área oleira setentrional, com o seu limite a sul do estuário do Âncora (interflúvio Âncora-Lima), compartilha características com a produção cerâmica do sul da Galiza, especialmente das rias baixas galegas. Já a área oleira meridional abrange um território entre a bacia do Lima até, pelo menos, o interflúvio Ave-Onda. Essas áreas oleiras englobam não apenas a faixa litoral e estuarina, mas também áreas mais interiores dos cursos fluviais em estudo, ainda mal definidas. Para cada uma destas áreas oleiras foi efetuada uma proposta tipológica que organiza, sistematiza e revela duas realidades técnicas, formais e decorativas diferentes, mas ainda assim, com um fundo regional comum.

Neste contexto a produção metalúrgica parece ter-se potenciado. Com efeito, a quantidade de cadinhos, moldes e forjas pressupõe a existência de povoados "metalúrgicos", do qual Terronha parece ser um bom exemplo. Ainda assim, em quase todos os povoados estudados encontrámos pingos de fundição e cadinhos, o que demonstra bem a capacidade metalúrgica das populações locais e a abundância de minério. Quanto aos materiais metálicos locais, em bronze, nota-se uma maior diversidade de peças de ornamentação (vários tipos de fíbula, alfinetes, capacetes) e o

aparecimento das sítulas, em substituição dos caldeiros de rebite. A manutenção da ourivesaria é discreta no registo arqueológico.

Nesta fase, fruto dos contactos mais ou menos pacíficas, com os romanos, começam a surgir, em múltiplos povoados, materiais de importação que refletem produções e usos bem distintos: os contentores anfóricos (de múltiplas proveniências e com variedade de subprodutos transportados: vinho e seus derivados, azeite e preparados piscícolas) e materiais finos de mesa. Surgem, também, contentores metálicos exógenos, como os copos de tipo Idria e contas de colar vítreas, na sua maioria de cor azul-cobalto e de pequena dimensão, registadas em múltiplos povoados, tanto litorais como interiores.

Por consequência, podemos afirmar que os contactos com os materiais importados foram contínuos e tiveram, ao contrário dos períodos anteriores, um impacto mais efetivo nas populações locais, pelo menos nas populações mais litorais e estuarinas do território em análise, numa lógica de contacto com o mundo romano que não parece ter sido impositiva ou destrutiva. Continuam a existir evidências de intercâmbio efetuado nos estuários e, provavelmente, com populações de vários povoados, numa lógica de interações distintas do conceito de *port-of-trade*.

Pelo número de importações de alguns povoados e pela distribuição dos materiais anfóricos no interior dos povoados (Terronha, St Luzia, Vieito, Faria, Terroso e S. João) o acesso a estes novos produtos alimentares estaria disponível para um número elevado de indivíduos. Quanto à manipulação de materiais finos de mesa, é provável que o seu uso fosse reservado a contextos sociais mais específicos, visto não serem muitos os exemplares registados.

Além das trocas suprarregionais, introduzidas pelos romanos, foi possível assinalar a presença de um intercâmbio regional, feito entre indígenas, onde circularam determinados contentores cerâmicos (vasos de tipo Vigo e bordos de tipo monofacetado, com decorações típicas das formas de tipo Vigo) entre a região oleira setentrional e a meridional, a revelar pactos e ofertas ocasionais entre populações distintas, cujo enquadramento simbólico e social ainda não é possível explicar cabalmente. A distribuição de contas de colar e de outros recipientes importados de origem romana, poderá, ainda, ter-se difundido para povoados mais interiores, através do intercâmbio local e regional protagonizado pelos indígenas.

Neste trabalho, obtivemos respostas para muitas das questões previamente levantadas, mas outras foram surgindo com o avançar da investigação que ficam em aberto para novos projetos e investigações.

Devemos, por fim, assinalar algumas dificuldades sentidas ao longo deste trajeto, que foram sendo ultrapassadas, mas que condicionaram o trabalho e aumentaram o esforço empreendido nesta tarefa.

Não podíamos deixar de mencionar a pandemia, provocada pelo coronavírus-Covid-19. Esse acontecimento global condicionou o trabalho durante meses, já que museus e laboratórios estiveram fechados, o que fez com que a investigação laboratorial atrasasse. Por esse motivo, o rol de povoados inicialmente propostos para serem alvo de estudo, teve de ser reduzido. Estes constrangimentos acabaram por ser resolvidos com a integração das coleções dos povoados de S. João e de S. Paio, no concelho de Vila do Conde. Ao incluirmos estes sítios, a área inicial de estudo acabou por ser alargada, com todas as consequências que isso implicou.

Além disso, o trabalho sobre um território vasto e com coleções arqueológicas de natureza tão distinta (achados isolados, materiais provenientes de escavações realizadas há mais de 40 anos e sem contexto preciso e materiais com contexto estratigráfico seguro e proveniente de escavações recentes), obrigou-nos a um grande esforço de sistematização e de organização. Com efeito, cada arqueossítio estudado representou, quase sempre, um verdadeiro desafio, porque a cada etapa, as condições em que se estudaram os materiais e o local onde foram realizados esses estudos foi variando bastante. Além disso, cada coleção estava organizada de forma diferente, pelo que o esforço de uniformizar critérios foi grande.

Foi, também, necessário lidar com várias instituições públicas e empresas privadas de arqueologia o que não deixou de representar um grande desafio, não só de planeamento e de capacidade de trabalho, mas em alguns casos – felizmente raros – de um verdadeiro teste à paciência. Todavia, reiteramos um aspeto essencial: este trabalho não teria sido realizado sem a colaboração de muitos profissionais de arqueologia que dispuseram dos dados das escavações, por eles realizadas, para puderem ser integradas neste projeto.

Apesar de tudo, julgamos que este trabalho vem trazer novas perspetivas sobre a Idade do Ferro: por um lado, tivemos a ousadia de tentar "pôr ordem na casa", ao estudarmos os materiais de inúmeros sítios e ao propormos um novo quadro cronológico-cultural, para a maioria dos povoados do território em estudo, o que possibilitou encontrar ocupações insuspeitas. Por outro, ao estudarmos as produções oleiras do Bronze Final e do Ferro Antigo encontrámos especificidades importantes no litoral, face ao interior, além de termos efetuado propostas sobre o modo como se verificaram as importações de origem mediterrânica neste território e sobre o

seu impacto. Para estes períodos integrámos alguns sítios de arte rupestre que se consideraram contemporâneos e que foram devidamente problematizados, bem como um contexto funerário monumental inédito.

Para o Ferro Recente, foi possível estabelecer duas grandes áreas oleiras locais, alargando, consideravelmente, a área de produção das cerâmicas ditas das Rias Baixas Galegas, no que pensamos corresponder a um fenómeno que traduz uma identidade comum. O material de importação desta fase também foi estudado o que possibilitou estabelecer novas hipóteses relativas ao modo como se processou este fenómeno, e a sua intensidade. Além do intercâmbio suprarregional, foi valorizada a existência de um intercâmbio local e regional.

Esperamos, assim, que este trabalho possa, eventualmente, servir de alicerce a novas investigações.

"*O viajante volta já*.

A viagem acabou.

Não é verdade. A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: «Não há mais que ver», sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre."

José Saramago*, Viagem a Portugal* (2010: 391-392)

BIBLIOGRAFIA

A

ABÁSOLO, J. A.; PÉREZ RODRIGUEZ, F. (1980). "El casco céltico de Gotorrita (Vallalodid)." *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 46, pp. 93-114.

AGUAROD, C. (1991). *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense.* Institución "Fernando el Católico", Zaragoza.

AIRA RODRÍGUEZ, M.; RAMIL-REGO, P.; ALVAREZ NUÑEZ, A. (1990). "Estudio paleocarpológico realizado en el Castro de Penalba (Campolameiro, Pontevedra. España)." *Botânica Complutensis*, 16, pp. 81-89.

ALARCÃO, J. (1988). *O domínio romano em Portugal*. 2.ª Edição. Mem-Martins: Europa-América.

ALARCÃO, J. (1990) (Dir.). O Domínio Romano. In MARQUES, O., SERRÃO, J. (Dir.), *Nova História de Portugal,* vol. I, Portugal das Origens à Romanização. Lisboa: Editorial Presença. pp. 342 - 441.

ALARCÃO, J. (1992). "A evolução da Cultura Castreja." *Conímbriga*, Coimbra,31, pp. 39-71.

ALARCÃO, J. (1995). "As *Civitates* do Norte de Portugal." *Cadernos de Arqueologia,* Série 2, 12-13, Braga, pp. 25-30.

ALARCÃO, J. (1996). *Para uma conciliação das Arqueologias.* Edições Afrontamento.

ALARCÃO, J. (1996a). "O primeiro milénio a.C." *De Ulisses a Viriato. O Iº Milénio a.C.* Ed. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 15-30.

ALARCÃO, J. (2000). "Sobre os cantões proto-históricos do Noroeste de Portugal". *Santo Tirso Arqueológico,* 2/3, 2ª série, pp. 45-50.

ALARCÃO, J. (2004). *Introdução ao estudo da tecnologia romana,* Cadernos de Arqueologia e Arte, 7. Coimbra: Instituto de Arqueologia/FLUC.

ALARCÃO, J. (2017). *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a.C. ao séc.VI d.C..* Edição Universidade de Coimbra, Coimbra.

ALARCÃO, J., ALARCÃO, A. M. (1963). "Quatro pequenas colecções de vidros romanos." *Revista de Guimarães*, 73 (3-4), pp. 367-390.

ALMAGRO GORBEA, M. (1976). "La espada de Entrambasaguas. Aportación a la secuencia de las espadas del Bronce en el Norte de la Península Ibérica". En XL *Aniversario del Centro de Estudios Montañeses*, 3, pp. 453-477.

ALMEIDA, B. P., ÁLVARO, E., CHAVES, J. M., FERNANDES, J., GUEDES, F., LANHAS, F., MOUTINHO, J. V., PINHARANDA, J. (org.) (2001). *Fernando Lanhas*. Museu de Arte Contemporânea de Serralves. Porto: Edições Asa e Fundação Serralves.

ALMEIDA, C. A. B. (1980). "Via Veteris – Antiga estrada romana." *Actas do Seminario de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 3, Guimarães, pp. 151-170.

ALMEIDA, C. A. B. (1982a). "Castelo de Faria. Campanha de escavações de 1981." *Barcelos – Revista*, 1 (1), Barcelos, pp. 79-88.

ALMEIDA, C. A. B. (1982b). "Castelo do Neiva", *Boletim Cultura de Esposende.* 1, Esposende, pp. 13-33

ALMEIDA, C. A. B. (1985). "Barcelos. Castelo de Faria 1982-1983". *Informação Arqueológica*, 5, pp. 50-52.

ALMEIDA, C. A. B. (1986). "Carta Arqueológica do concelho de Esposende." *Boletim Cultural de Esposende*. 9 - 10, Esposende, pp. 53 - 55, nº 32.

ALMEIDA, C. A. B. (1987). "Carta Arqueológica do Concelho de Esposende." *Boletim Cultural de Esposende*. 11-12, Esposende, pp. 93-110.

ALMEIDA, C. A. B. (1990). *Proto-História e Romanização da bacia Inferior do Lima*. *Estudos Regionais,* 7/8, Viana do Castelo.

ALMEIDA, C. A. B. (1990). Proto-História e Romanização da bacia Inferior do Lima. Estudos Regionais, 7/8, Viana do Castelo, pp. 224 – 237.
ALMEIDA, C. A. B. (1992). *Introdução ao P.D.M. de Vila do Conde – Relatório de Arqueologia* (policopiado).
ALMEIDA, C. A. B. (1995). *A romanização no concelho de Vila do Conde.* Câmara Municipal de Vila do Conde.
ALMEIDA, C. A. B. (1996). *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho.* Vol. I a VII. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
ALMEIDA, C. A. B. (1997). "Barcelos, Sul do Cávado: Inventário Arqueológico." *Barcelos Património* nº. 5, vol. II, pp. 99 - 155, Edição Câmara de Municipal de Barcelos.
ALMEIDA, C. A. B. (1998). "Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho Esposende." *Boletim Cultural de Esposende*, 20, Esposende, pp. 55-171.
ALMEIDA, C.A.B. (2003). *Povoamento romano do litoral minhoto entre Cávado e o Minho.* 3 vols. Porto: edição de autor.
ALMEIDA, C. A. B. (2005). "A exploração do sal na costa portuguesa a Norte do Rio Ave. Da Antiguidade Clássica à Baixa Idade Média." *I Seminário Internacional sobre o sal português,* Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, pp. 137-170.
ALMEIDA, C. A. B. (2007). "Para a história da "Cidade Velha" de Santa Luzia. Sondagens arqueológicas realizadas na década de 90 do séc. XX." *Cadernos Vianenses*, 40, Viana do Castelo, pp. 43 – 57.
ALMEIDA, C. A. B. (2008). *Sítios que fazem história. Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo. I. Da Pré-História à Romanização.* Edição Câmara Municipal de Viana do Castelo.
ALMEIDA, C. A. B.; SOUSA, O. (1988). "Castelo de Faria." *Arqueologia*, 17, pp. 215-216.
ALMEIDA, C.A.B.; ALMEIDA, A. P. (2015). *Memórias Arqueológicas do Castro de S. Lourenço.* Vols. II. Edição Câmara Municipal de Esposende.
ALMEIDA, C. A. B., ALMEIDA, P. B., MORAIS, R., FILIPE, A. R. (2020). "Materiais arqueológicos da Cividade de Bagunte presentes no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto." *Portvgalia*, Nova Série, 41, Universidade do Porto, Porto, pp. 51-90 DOI: https://doi.org/10.21747/09714290/port41a4
ALMEIDA, C. A. F. (1968). "Vias medievais de Entre-Douro-e-Minho." Porto: FLUP.
ALMEIDA, C. A. F. (1969). *Romanização das terras da Maia.* Maia: Câmara Municipal da Maia, 4.
ALMEIDA, C. A. F. (1972). "A Póvoa de Varzim e o seu Arno na Antiguidade". *Póvoa de Varzim, Boletim Cultural*, 9, Póvoa de Varzim, pp. 5-34.
ALMEIDA, C. A. F. (1973). "Influências meridionais na cultura castreja." *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Série História)* 4, Porto, pp. 197-207.
ALMEIDA, C. A. F. (1974a). "Cerâmica Castreja." *Revista Guimarães*, 84 (1-4), Guimarães, pp. 171-197.
ALMEIDA, C. A. F. (1974b). "Necrópole galaico-romana de Vila do Conde." *Revista da Faculdade de Letras*, 45, Porto, pp. 209-222.
ALMEIDA, C. A. F. (1980a). "Dois capacetes e três copos, em bronze, de Castelo de Neiva", *Gallaecia,* 6, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 245-255.
ALMEIDA, C. A. F. (1980b). "Importantes objetos em bronze de Castelo de Neiva", *Arqueologia,* Edição G.E.A.P., Porto, 2, pp. 45-49.
ALMEIDA, C. A. F. (1983). "Cultura castreja. Evolução e problemática." *Arqueologia*, 8, pp. 70-74.
ALMEIDA, C. A. F. (1986). "Arte castreja" *Arqueologia*, 13, Especial Jean Rocha – II, Edição G.E.A.P., Porto, pp. 161-172.
ALMEIDA, C. A. F., SOEIRO, T. (1980). "Sondagens nos castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978). *Actas do Seminário de Arqueologia*, Guimarães, pp. 29-35

ALMEIDA, C. A. F., ALMEIDA, C.A.B., SOEIRO, T., BAPTISTA, A. J. (1981). *Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha.* Arquivo de Ponte de Lima, n.º 3, Ponte de Lima.

ALMEIDA, P. B., ARAÚJO, M. A., ABRUNHOSA, M. J., TEIXEIRA, J., CRUZ, V. (2015). *S. Paio, Centro de Interpretação*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde.

ALMEIDA, R. R. (2008). *Las Ánforas del Gualdalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Aportación al Conocimiento de Los Tipos Minoritarios. Colleció Instrumenta* 28, Publications de la Universitat de Barcelona, Barcelona.

ALONSO TRONCOSO, V. (1996). "Primeras etapas en la conquista romana de Gallaecia." *Militaria: revista de cultura militar.* Nº. 8, Madrid, Servicio de Publicaciones Universidad Complutense, pp. 53-66.

ALVES, A. M. C., ALVES, M. I. C., PEREIRA, D. I., GONÇALVES, M. C. (2003). *Aluviões de Bertiandos (Ponte de Lima): estudo preliminar para a reconstituição ambiental holocénica no Entre-Douro-e-Minho*. "Ciências da Terra" [CD-ROM]. nº especial V, A1-A4. ISSN 0254-055X.

ALVES, A.M.C. (1996). *Causas e Processo da Dinâmica Sedimentar na Evolução Actual do Litoral do Alto Minho.* Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.

ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A. M. M., & MORENO-GARCÍA, M. (2011). "Hipogeos funerarios del Bronce Pleno en Torre Velha 3 (Serpa, Portugal)." *Zephyrvs*, 66, Universidade de Salamanca, pp. 133–153. https://revistas.usal.es/uo/index.php/0514-7336/article/view/7980

ALVES, F., REITH, E. (2007). *As pirogas 4 e 5 do rio Lima. Trabalhos do CNANS* (Centro Naiconal de Arqueologia Náutica e Subaquática), 21, Ministério da Cultura, Lisboa.

ALVES, L. (1989). *A Comenda de Santa Maria de Carreço. Monografia.* Viana do Castelo: Junta de Freguesia de Carreço.

AMORIM, M. (1988). "A Antiga Colegiada de Vila do Conde." *Vila de Conde*, Nova Série, 2, pp. 11.

AMORIM, M. (2002). "O Litoral Poveiro." *In* Inês Amorim, Amélia Polónia, Helena Oswald, *O Litoral em perspectiva histórica (sécs. XVI a XVIII) Um ponto de situação historiográfica*. Edição: Instituto de História Moderna e Centro Leonardo Coimbra, Porto, pp. 21-40.

ARAÚJO I. (1980). "Castros, outeiros e crastos na paisagem de Entre-Douro-e-Minho." *Minia*, 2ª Série, 3 (4), Braga, p. 105.

ARAÚJO, M. A. (s/d). *Alguns aspetos geomorfológicos da área do S. Paio (Labruge, Vila do Conde).* Porto: Departamento de Geografia da Faculdade de Letras do Porto.

ARAÚJO, M. A., (1991). *Evolução geomorfológica da plataforma litoral da região do Porto.* Porto: Edição de autor.

ARAÚJO, M. A.; GOMES, A. T. (2013). "A área do S. Paio (Labruje, Vila do Conde): o seu interesse geomorfológico e a criação do centro interpretativo". *V Jornadas do Quaternário – APEQ. Livro de resumos*. APEQ: Porto, pp. 92–93.

ARAÚJO, M.A. (2002). "Relative sea level, diastrophism and coastal erosion: the case of Espinho (Portuguese NW coast)," *Actas do Congresso "Littoral 2002*", Associação Eurocoast-Portugal, Vol. 2, pp. 125-132.

ARAÚJO, M. A. (2016). "Sea level data for the Iberian Peninsula." Climate Change: Science and Geoethics, Conference in Conway Hall, Red Lion Square, London, setembro 8 e 9 de 2016, pp. 51-54.

ARGOTE, J. (1728). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani.* Lisboa

ARGOTE, J. (1732). *Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*. Lisboa.

ARMADA PITA, X.-L. (2005). *Formas y rituales de banquete en la Hispania indoeuropea*. Tesis Doctoral. Universidade da Coruña.

ARMADA PITA, X.-L. (2008). "¿Carne, Drogas o Alcohol? Calderos y Banquetes en el Bronce Final de la Península Ibérica". *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada,* 18. Universidade de Granada: Departamento de Prehistoria y Arqueología, Granada, pp. 125-162.

ARMADA PITA, X.-L. (2011). "Feasting Metals and the ideology of power in the Late Bronze Age". Em Aranda Jiménez, G., Montón-Subías, S. e Sánchez Romero, M. (eds.) *Guess Who's Coming To Dinner: Feasting Rituals in the Prehistoric Societies of Europe and the Near East.* Oxbow Books, pp. 158-183.

ARMADA PITA, X.-L., VILAÇA, R. (2016). "Rituales de comensalidad en el Bronce Final de la Iberia atlántica: artefactos metálicos, contextos e interpretación." Vilala, R. e Serra, M. (editores) In *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas. Edição Instituto de Arqueologia*, Secção de Arqueologia, Universidade de Coimbra, pp. 127-157.

ARMBRUSTER, B.; PARREIRA, R. (Coord.) (1993). *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Colecção de Ourivesaria. 1.º vol: "Do Calcolítico à Idade do Bronze"*, Lisboa, Instituto Português de Museus: Museu Nacional de Arqueologia.

ARNAUD J. M., FERNANDES, C. V. (2005). *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo.* Edição da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, pp. 111.

ARNOLD, D. (1981). "A model for identification of non-local ceramic distribution: view from the present." *In* H. Howart y E. Morris (eds.) *Production and Distribution. A ceramic viewpoint.* BAR International Series 120, Oxford, pp. 31-44.

ARRUDA, A. M. (1993). "A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular." *Estudos Orientais,* 4, Lisboa, pp. 193-214.

ARRUDA, A. M. (1997). *As Cerâmicas Áticas do Castelo de Castro Marim.* Colibri: Lisboa

ARRUDA, A. M. (1999-2000). *Los fenícios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.), Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 5-6. Barcelona: Laboratorio de Arqueología/ Universidad Pompeu Fabra.

ARRUDA, A. M. (2001). "A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo." *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4, 2, Lisboa, pp. 207-291.

ARRUDA, A. M. (2019). "Portugal na Rota das Estrímnidas: evidências marítimas." *In* E. Albelda Ferrer (ed.) *La ruta de las Estrímnides*, Monografás de GAHIA, 4, Alcalá de Henares, Sevilla, pp. 371 – 385.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1998). "As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (Campanhas de 1983-1991)." *Conímbriga*. Coimbra. 37, pp. 201-231.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (2001). "Importação e consumo de vinho bético na colónia Romana da Scallabis (Santarém, Portugal)." *In Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, pp. 703-715.

ARRUDA, A. M., VIEGAS, C. (2002). "As cerâmicas de "engobe vermelho pompeiano" da Alcáçova de Santarém." *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5(1), Lisboa, pp. 221-238.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2005). "As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém." *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 279-297

ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2006a). "Ânforas Lusitanas da Alcáçova de Santarém", *Setúbal Arqueológica*, vol. 13, pp. 233-252.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. Y PEREIRA, R. (2006b). "A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana", *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica - Homenagem a Françoise Mayet* (Setúbal, Maio 2004), *Setúbal Arqueológica* 13, Setúbal, pp. 153-176.

ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C. (2010). "Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época Romano-Republicana." *XELB 10: Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, 22, 23 e 24 de Outubro de 2009), Câmara Municipal de Silves, pp. 695 - 716.

ARRUDA, A. M., PEREIRA, G. (2017). "Boats carved on the atlântic coast of the iberian peninsula. Landscape, symbols and people." In Ana M. S. Bettencourt, Manuel Santos Estevez, Hugo A. Sampaio e Daniela Cardoso (eds). *Recorded Places, experienced places – The holocen rock art of iberian atlantic northwest,* BAR Internacional Series, 2878, Oxford, pp. 193 – 207.

AYÁN VILA, X. M. (2012). *Casa, familia y comunidad en la edad del hierro del NW.* Tese de Doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela.

AYRES, C. (1896). *Historia do Exercito Portuguez*, *Lisboa, Imprensa Nacional,* pp. 386.

AZEVEDO, P.A. (1897). "Extractos archeologicos das "Memorias Parochiaes de 1758", *O Arqueólogo Português*, 2: pp. 177-192; 262-264.

AZEVEDO P.A. (1902). "Extractos arqueológicos das Memórias Parochiaes de 1758." *O Arqueológo Português,* vol. II, 1986; vol. III, 1897; vol. IV, 1898, vol. VII, 1902, p. 74-75.

B

BAHN, P. (1997). *Archaeology: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, New York.

BAPTISTA, L. (2013). "A Idade do Bronze no concelho de Serpa: um primeiro esboço de um conhecimento em construção", *Actas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, em 4 e 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz).

BAPTISTA, L., PINHEIRO, R., RODRIGUES, Z. (2012). "Espacialidades dos cadáveres em Montinhos 6: contributos para uma compreensão das práticas funerárias da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular", *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Novembro de 2010, Câmara Municipal de Almodôvar, pp. 149-170.

BARKER, P. (1989). *Techniques of archaeological excavation.* 2.ª Edição Londres: Taylor and Francis.

BARROCA, M., AREZES, A., MORAIS, R. (2018). "A basílica paleocristã e o edifício palatino de Sta. Marta das Cortiças (Falperra): as escavações de F. Russell Cortez e de J. J. Rigaud de Sousa." *Revista de História de Arte,* 6, Revista de História da Arte do Instituto de História da Arte - FCSH/UNL, pp. 103-122.

BELINO, A. (1902). "A Cidade Velha de Santa Luzia." *Aurora do Lima*, Viana do Castelo, 19-09-1902.

BELINO, A. (1909). "Cidades Mortas." *O Arqueólogo Português*, 14, Lisboa, pp. 1 – 28.

BELTRÁN LLORIS, M. (1970). *Las ánforas romanas de España*. Institución Fernando el Católico, Zaragoza.

BENNET, J. (2010). *Vibrant Matter: a Political Ecology of Things.* Duke University Press, Durham.

BERNAL CASASOLA, D. (2008). "Vinos tarraconenses más allá de las Columnas de Hércules. Primeras evidencias en la Baetica, Lusitania y Tingitana." In *La producció i el comerç de las àmfores de la Provincia Hispania Tarraconensis. Homenatge a Ricard Pascual i Guasch*. 84 Monografies del Museu d'Arqueologia de Catalunya, Barcelona, pp. 319-352.

BERNAL CASASOLA, D.; ARÉVALO GONZÁLEZ, A.; ROSELLÓ IZQUIERDO, E. (2007). "Un ejemplo de conservas de pescado baelonenses en el siglo II a.C." In ARÉVALO GONZÁLEZ, A., BERNAL CASASOLA, D. (Eds.), *Las cetariae de Baelo Claudia. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio industrial (2000-2004),* Monografías de Arqueología, Junta de Andalucía, Sevilla, pp. 355-374.

BERNI, P. (2011). "Tipología de la Haltern 70 bética." *in* C. Carreras, R. Morais e E. González Fernández (coords.), *Ánforas romanas de Lugo*, Traballos de Arqueoloxía 3, Lugo, pp. 80-107.

BERNI, P.; MIRÓ, J. (2013). "Dinámica socioeconómica en la Tarraconense Oriental a finales de la República y comienzos del Imperio. El comercio del vino a través de la epigrafía anfórica", In: *Tarraco Biennal. Actes del 1er Congrès Internacional d'Arqueologia i Món Antic. Govern i societat a la Hipània Romana. Novetats epigràfiques. Homenatge a Géza Alföldy (J. López Ed.)*, Tarragona, pp. 63-83.

BETTENCOURT, A. M. S. (1988). "Novos achados metálicos do Bronze Final na bacia do médio Cávado." *Cadernos de Arqueologia,* 5, Braga, pp. 9-22.

BETTENCOURT, A. M. S. (1995). "Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal." In: I. Silva (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder.* Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 110-115.

BETTENCOURT, A.M.S. (1997). "Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular." *In* R. Balbín, P. Bueno (eds.), *II° Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo II. Neolítico, Calcolítico y Bronce*, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 621-632.

BETTENCOURT, A. M. S. (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC.* 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento – policopiada).

BETTENCOURT, A.M.S. (2000a). *O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal. Cadernos de Arqueologia – Monografias 9*, Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais, Braga

BETTENCOURT, A. M. S. (2000b). *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro. Cadernos de Arqueologia – Monografias 10*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000c). *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal). Cadernos de Arqueologia – Monografias 11*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000d). "O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais." *Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do III° Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto 1999. Porto: ADECAP, pp. 79-93.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000e). "O mundo funerário da Idade do Ferro do Norte de Portugal: algumas questões, *Proto-História da Península Ibérica*. *Actas do III° Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, pp. 43-60.

BETTENCOURT, A. M. S. (2001a). *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. *Cadernos de Arqueologia – Monografias 12.* Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A. M. S. (2001b). "Aspectos da metalurgia do bronze no Entre-Douro-e-Minho, no quadro da Proto-História do Noroeste Peninsular." *Arqueologia,* 26, pp. 13-40.

BETTENCOURT, A. M. S. (2001c). "Considerações em torno de alguns aspectos económicos do Ferro Inicial no Noroeste português." *Arqueologia*, 26, pp. 41-55.

BETTENCOURT, A. M. S. (2005). "O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do

Ferro?" *Actas do Colóquio Internacional Castro, um lugar para habitar. Cadernos do Museu 11*. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, pp. 25-40.

BETTENCOURT, A.M.S. (2009a). "A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze." *Minho. Traços de Identidade*, edição Universidade do Minho, pp. 70 – 118.

BETTENCOURT, A. M. S. (2009b). "Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na pré-história da faixa costeira entre o Minho e o Lima (NW português)." *In* A. M. S. Bettencourt e L. B. Alves (eds.), *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM, APEQ, pp. 131-162.

BETTENCOURT, A. M.S. (2010). "La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias." *Trabajos de Prehistoria*. 67, (1), pp. 139-173.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013a). "The rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo/As gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo", in A.M.S. Bettencourt (coord.). *The Prehistory of the Northwestern Portugal*, *Territórios da Pré-história em Portugal*, vol. 2, Braga/Tomar: CEIPHAR/CITCEM, pp. 207-215.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013b). "O Bronze Final no Noroeste português. Uma rede complexa de lugares, memórias e ações." *Estudos Arqueológicos de Oeiras,* 20, Câmara Municipal de Oeiras, pp. 157-172.

BETTENCOURT, A.M.S.; FONSECA, J. (2011). *O povoado da Idade do Bronze de Lavra, Matosinhos. Contributos para o estudo do Bronze Médio no litoral Norte.* Lavra: Centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória – CITCEM, Porto.

BETTENCOURT, A.M.S.; COMENDADOR REY, B.; SIMÕES, P.P.; ALVES, M.I.C. (2014). "O depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização e interpretação." *In* A.M.S. Bettencourt, B. Comendador Rey, H.A. Sampaio, E. Sá (eds.), Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze. Braga: APEQ, CITCEM, pp. 131-142.

BETTENCOURT, A.M.S.; SANTOS-ESTÉVEZ, M.; GONÇALVES, L.; PIMENTA, P. (2020). "A Estátua-Menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, Noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado", in J.M. Arnaud; C. Neves; A. Martins (eds.), Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos, pp. 1001-1014. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa72

BETTENCOURT, A.M.S.; LUZ, S.; OLIVEIRA, N.; SIMÕES P.P.; ALVES, MIC; ABAD-VIDAL. E. (2020). "Produção de sal marinho na Idade do Bronze do Noroeste Ibérico. Alguns dados para uma reflexão", in J.M. Arnaud; C. Neves; A. Martins (eds.), Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos, pp. 987 - 1000. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa71

BETTENCOURT, A.M.S.; LUZ, S.; SIMÕES, P.P.; ALVES, M.I.C.; ABAD-VIDAL. E. (2021)."Bronze Age sea salt production in Northwest Iberian Peninsula, in C. Marcigny, C. Mordant (eds.), Bronze 2019: 20 ans de recherches (Suppléments n° 7 au Bulletin de de l'Association pour la Promotion des Recherches sur l'Âge du Bronze - l'APRAB), Nonant: OREP, pp. 409-420.

BETTENCOURT, A.M.S. (2011). "Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular.", in P. Bueno, A. Gilman, C. Martín Morales & F.J. Sánchez-Palencia (eds.) *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje*: *estudios sobre Prehistoria reciente, Protohistoria y transición al mundo romano en homenaje a Mª Dolores Fernández Posse.* Bibliotheca Praehistorica Hispana 28. Madrid, CSIC, pp. 115-140.

BETTENCOURT, A.M.S; SILVA, I.; ALVES, M. I. C.; SIMÕES, P. P; SANTOS-ESTEVÉZ, M. (2017). Where do the horses run? A dialogue between signs and matter in the rocha carvings of Fornelos (Viana do Castelo, North-western Portugal). In A.M.S BETTENCOURT, M. SANTOS-

ESTEVÉZ, H.A. SAMPAIO, D. CARDOSO (Eds.) *Recorded places, Experienced places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest,* British Archaeological Reports – BAR Archeopress, Oxford, pp. 167-178.

BETTENCOURT, A.M.S; SANTOS-ESTÉVEZ, M. (2018). *A Geografia Mágica do Monte de São Silvestre através da Arte Rupestre.* Braga: Lab2PT.

BETTENCOURT, A.M.S.; LUZ, S.; SIMÕES, P.P.; ALVES, M.I.C.; ABAD-VIDAL. E. (2021).“Bronze Age sea salt production in Northwest Iberian Peninsula, in C. Marcigny, C. Mordant (eds.), Bronze 2019: 20 ans de recherches (Suppléments n° 7 au Bulletin de de l’Association pour la Promotion des Recherches sur l’Âge du Bronze - l’APRAB), Nonant: OREP, pp. 409-420.

BETTENCOURT, A. M. S., SAMPAIO, H. (2023). “Património arqueológico e alterações climáticas. O caso da exploração de sal no litoral norte de Portugal entre o 2o e o 1 milénios a.c.” poster apresentado no evento Alterações Climáticas. Comemorações do 46o aniversário do ICS, ICS, Braga, 7 de junho de 2023. DOI: 10.13140/RG.2.2.33312.97288; https://www.researchgate.net/publication/371609163

BETTENCOURT, A.M.S.; GUEDES, J. (2023). “Achados metálicos do Bronze Final do Monte de Sanfins, Esposende”, poster apresentado nos Encontros de Arqueologia. Comemorações dos 25 anos dos Cursos de Arqueologia da Universidade do Minho, Departamento de História e Lab2PT, Braga, 21 e 22 de setembro de 2023."

BICHO, N. (2011). *Manuel de Arqueologia Pré-Histórica.* Edições 70, 2ª Edição.

BISHOP, M.C., COULSTON J.C.N. (2006). *Roman Military Equipment From the punic wars to The Fall of Rome.* Oxbow books, Reino Unido, Oxford, 2ª edição.

BLANCO-ROTEA, R., (2017). “Arquitectura y paisaje. Aproximaciones desde la arqueología”, *Arqueología de la Arquitectura*, 14, pp. 1-49, e051, doi: http:// dx.doi.org/10.3989/arq.arqt.2017.007.

BLÁSQUEZ MARTINEZ, J. M. (1977). ”La Romanizacíon del NO de la Península Ibérica.” *Bimilenário de Lugo,* Lugo, pp. 65-81.

BLOT, M. L. P. (2003). *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal. Trabalhos de Arqueologia, 28*, IPA, Lisboa.

BOCH GIMPERA, P. (1932). *Etnología de la Península Ibérica.* Barcelona.

BOCH GIMPERA, P. (1939). *Two celtic waves in Spain.* Proccedings of the British Academy*,* Londres.

BOCH GIMPERA, P. (1945). *El poblamiento antíguo y la formación de los poeblos de España.* México.

BOTTAINI, C. (2012). *Depósitos metálicos no Bronze Final (sécs. XIII.VII a,C,) do centro e norte de Portugal. Aspetos sociais e arqueometalúrgicos*. Tese de doutoramento em História, especialidade Arqueologia, apresentada à Universidade de Coimbra.

BONIFAY, M. (2004). *Etudes sur la céramique romaine tardive d’Afrique.* BAR Internacional Series 1301, Oxford, Inglaterra.

BORGES, M. O. (2017). “Aspectos de militarização e defesa costeira no Garb al-Ândalus: o caso de Cascais”, *Revista Universitaria de Historia Militar*, Vol. 6, N° 11, pp. 172-196.

BRUDENELL, M. & COOPER, A. (2008). “Post.middenism: depositional histories on Later Bronze Age settlements at broom, Bedfordshire.” *Oxford Journal of Archaeology*, 27, pp. 15 – 36.

C

CAAMAÑO GESTO, J. M. (1979). “Posible reutilizacion de caminos prerromanos en época romana.” *Gallaecia* (3/4), pp. 281-285.

CABRÉ AGUILÓ, J. (1930). *Excavaciones de Las Cogotas – Cardeñosa (Ávila), 1. El castro.* Memoria de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid.

CALO LOURIDO, F. (1983). "Arte, decoración, simbolismo e outros elementos da cultura material castrexa. Ensaio de síntese." *In* Pereira -Menaut (ed.): Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago -IEGPS. do CSIC, pp. 159 -185.

CALO LOURIDO, F. (1993). "Arte, decoración, simbolismo e outros elementos da cultura material castrexa. Ensaio de síntese. *In* Gerardo Pereira Menaut (coord.) *Estudos de cultura castrexa e de Historia antiga de Galicia: Limiar homenaxe a D. F. López Cuevillas e a D. R. Otero Pedrayo*, pp. 159-185.

CALO LOURIDO, F. (1994). *A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa* (2 vols.), La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa.

CANHA, A. J. (2002). *Canedotes, Povoado do Bronze Final do Alto Paiva.* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

CARANDINI, A. (1997). *Historias en La Tierra. Manual de Excavación Arqueológica. Barcelona,* Edição Crítica.

CARBALLO ARCEO, L.X. (1983). "Aportacion al estúdio de las sítulas en el occidente de la Peninsula Iberica." *Cuadernos de Estudios Gallegos, XXIV*, 19, pp. 7-32.

CARBALLO ARCEO, L.X. (1987). "Avance aos estudos dos materiais arqueolóxicos do Castro de Santa Trega." in *Atas do Seminário Luso-Galaico. Comemorativo do VII Centenário do Foral de Caminha*. *Lucerna*, 2ª série, 2, pp. 95-117.

CARBALLO ARCEO, L. X. (1989). *Catálogo dos materiais arqueolóxicos do Museu do Castro de Santa Trega*. Deputacion de Pontevedra.

CARBALLO ARCEO, L. X. (1990). "Los castros de la cuenca media del río Ulla y sus relaciones com el medio físico." *Trabajos de Prehistoria,* 47, Madrid, pp. 161-199.

CARBALLO ARCEO, L. X. (1994). *Catálogo dos materiais arqueolóxicos do Museu do Castro de Santa Trega: Idade do Ferro*. A Guarda.

CARBALLO ARCEO, L. X.; NAVEIRO LOPEZ, J. L.; CASTINEIRAS J. R. (1988). "Problemas de compartimentación espacial do Castrexo Galaico." In *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia,* 28, Fasc. 3-4 Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, pp. 167–183.

CARDOSO, D.; BETTENCOURT, A.M.S.; OLIVEIRA, N. (2018). "Suásticas gravadas no Norte de Portugal. Reflexões sobre a arte rupestre da Idade do Ferro." *Férvedes*, 9, Vilalba pp. 145-153.

CARDOSO, F. (1897). "Penedo com insculturas, nos arredores de Vianna do Castelo." *O Arqueólogo Português*, vol. 3, Lisboa, pp. 170 – 172.

CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T. (2013). "O casal agrícola da Idade do ferro de Gamelas 3 (Oeiras)." *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série V, 2, Lisboa, pp. 353-398.

CARDOSO, L. (1747-1751). *Diccionario geográfico de Portugal ou noticia história de todas as cidades, villas, lugares, e aldeias, rios, ribeiros, e serras dos reinos de Portugla e Algarve com todas as cousas raras que nelle se encontrão, assim antigas como modernas.* 2 Vols, Lisboa, Regia, Off. Sylviana.

CARDOSO, J. L. (2007). *Pré-História de Portugal.* Editorial Verbo, Lisboa.

CARDOSO, J. L., RODRIGUES, J. S., MONJARDINO, J. CARREIRA, J. R. (1986). "A jazida da Idade do bronze final da Tapada da Ajuda." *Lisboa, revista municipal,* 2, 15, Edição Câmara Municipal de Lisboa, pp. 3-18.

CARDOSO, L. (1758). *Memórias Paroquiais do padre Luís Cardoso ou Dicionário Geográfico.*

CARDOSO, M. (1953). "Alguns problemas do Idade do Ferro no Norte de Portugal." *Revista de Guimarães*, 63 (34), Guimarães, pp. 666-683.

CARDOSO, M. (1959). "2.ª Campanha de escavações arqueológicas em castros do Norte de Portugal (Cividade de Ancora e Monte do Cútero)." *Revista de Guimarães*, 69 (3-4), pp. 522-546.

CARDOSO, M. (1994). "2.ª Campanha de Escavações Arqueológicas em Castros do Norte de Portugal. (Cividade de Âncora e Monte do Cútero". *Obras de Mário Cardozo.* Edição Fundação Eng. António de Almeida, Vol. II, pp. 266-267; 274.

CARDOSO, M.; NEVES, L. Q. (1959). "2.ª Campanha de escavações arqueológicas em castros do Norte de Portugal. Cividade de Âncora e Monte do Cútero." *Revista de Guimarães,* vol. 69 (3-4), pp. 521-546.

CARRERAS, C. M., AGUILERA, A., BERNI, P., GARROTE, E., MARIMON, P., MORAIS, R., MOROS, J., NIETO, X., PUIG, A., REMESAL, J. ROVIRA, R., VIVAR, G. (2004). *Culip VIII i les àmfores Haltern 70.* Girona.

CARRERAS MONFORT, C.; BERNI, P. (2003). "Ánforas." Maria Teresa Amaré Tafalla (Eds), In *Astorga IV: Lucernas y Ánforas, Universidad de Leon, pp.* 635-673.

CARRETERO POBLETE, P. (2004). "Las producciones cerámicas de ánforas tipo «Campamentos Numantinos» y su origen en San Fernando (Cádiz): los hornos de Pery Junquera." In BERNAL, D., LAGÓSTENA, L. (Eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - IV d.C.)*, BAR International Series, vol. 1266, Oxford, pp. 427-439.

CARVALHO, G., GRANJA, H.M. (2003). "As mudanças da zona costeira pela interpretação dos sedimentos plistocénicos e holocénicos (a metodologia aplicada na zona costeira do NO de Portugal)." *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I série, vol. XIX, Porto, pp. 225-236.

CARVALHO, G., GRANJA, H.M. (2006). "Late Pleistocene and Holocene environmental changes int the coastal zone of Northwestern Portugal." *Journal of Quarternary Science,* 21, pp. 859-877.

CARVALHO, H. P. A. (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis.* Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. (Tese de Doutoramento) (Policopiada).

CARVALHO, J., PINHEIRO, R., NÓBREGA, T., COSTA, F. (2024). *Trabalhos arqueológicos no Convento de Santa Clara de Vila do Conde no âmbito da sua transformação numa unidade hoteleira. Relatório Final.* ERA-Arqueologia SA. Lisboa (no prelo).

CASTELO-BRANCO, F. (1979). "A economia bracarense e o tráfego comercial do Cávado." *Bracara-Augusta*, 33, (75-76), Braga, pp. 303-324.

CENTENO, R. (1999). "Notas sobre o início da circulação da moeda no Noroeste Peninsular: os denários do tesouro de Montedor (Portugal)." *In* Centeno, R., García-Bellido, M., Mora, G. (eds.) *Rutas, ciudades y moneda en Hispania* (Actas del II Congreso Peninsular de Numismática Antigua – Porto, Março de 1997), Anexos de *AespA*, XX, pp. 135-138.

CENTENO, R. (2019). "Cronologias e mundos de transição na cultura castreja: os achados monetários." *In* R. Centeno; R. Morais; T. Soeiro; D. Ferreira (eds.), *Cultura Castreja: Identidade e Transições*. Vol. I. Santa Maria da Feira: Museu Convento dos Lóios/Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, pp. 93-105.

CLARK, A. J. ELSTON, M., HART. M. L. (2002). *Entendendo os Vasos Gregos* (Los Angeles: J. Paul Getty Trust.

COELHO, D. (2014). *(Re)Interpretar o Convento de Santa Clara de Vila do Conde, do Estudo à Representação*. Guimarães: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado. Escola de Arquitetura da Universidade do Minho).

COFFYN, A. (1983). "La fin de l'âge du Bronze dans le centre – Portugal." *Arqueólogo Português*, Série, IV, 1, pp. 169 – 196, Lisboa.

COFFYN, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique.* Centre Pierre, Paris, C.N.R.S., nº. 11, Paris.

COIMBRA, L. (1912). *O Criacionismo. Esboço de um sistema filosófico*. Renascença Portuguesa, Porto.

COLLS, D., ÉTIENNE, R., LEQUÉMENT, R., LIOU, B. Y MAYET, F. (1977), "L'Épave de Port-Vendres II et le Commerce de la Bétique à L'Époque de Claude." *Archaeonautica* 1. Paris, Editions du CNRS.

CONDE, M. J. (1991)."Les produccions de kálathoi d'Empúries il a seva difusió mediterrânia (segles II-I a.n.e.)",*Cypsela*, 9, pp.141-168.

CORRÊA, A. A. M. (1924). *Os povos primitivos da Lusitânia.* Lisboa.

CORRÊA, A. A. M. (1928). *A Lusitania Pré-romana. In* P. Damião (Dir.) *História de Portugal,* 1, pp. 77-214.

CORTESÃO, A., MOTA, A. T. (1987). *Portugaliae - Monumenta Cartographica* (7 vols).

COSTA, A. C. (1706). *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo I, 1º Edição, Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes.

COSTA, A. C. (1868-1869). *Corografia Portuguesa portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo III, 2ª Edição, Braga.

COSTA, A. C. (1872). *Corografia Portuguesa portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo II, *2ª* Edição, Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes.

COSTA, A.; FARIA, A.; CARVALHO, J. (1980). "Sondagens arqueológicas no concelho de Barcelos – Abade de Neiva, Faria e Roriz." *Actas do Seminário de Arqueologia*, 2, Guimarães, pp. 5-28.

COSTA, C.; BAPTISTA, L. (2014). "The inclusion of faunal remains in Bronze Age funerary practices in Southern Portugal. Montinhos 6—A case study." Detry, C., Dias, R., (Eds.) *In Proceedings of the first Zooarchaoelogy Conference*, Lisbon, Portugal, 8–9 Março 2012, *Archaeopress*: Oxford, Reino Unido, pp. 33–46.

COSTA, M., MACHADO, J., LOPES, H., ALMEIDA, T. (2012). "Pias Salineiras da Praia do Canto Marinho: Inventário Arqueológico." *Cadernos Vianenses,* 46, Viana do Castelo, pp. 95 – 111.

COURAÇAS, P. A. (1919). "Fenis Viannesa ou Vianna Renascida em o átrio." *Lusa*, 3 (4).

CRIADO-BOADO, F. (1999). "Del terreno al espacioplanteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje." *CAPA: cadernos de arqueoloxía e património*, n.º 6, pp. 1-82.

CRUMMY, N. (1995). *Colchester Archaeological Report 2: The Roman small finds from excavations in Colchester 1971-9.* Colchester Archaeological Trust Ltd.

CRUZ, D. (2000). *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais durante a Pré-História recente.* (Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra).

CUNHA, A. R. (1954). "Escavações no «oppidum» de Santa Marta". *Bracara Augusta*, V, Braga: Câmara Municipal de Braga, pp. 241-243.

CUNLIFFE, B. (2001). *Facing the Ocean. The Atlantic and its Peoples. 8000 BC – AD 1500.* Oxford University Press, Oxford.

CURRÁS REFOJOS, BRAIS X. (2014). *Transformaciones sociales y territoriales en el Baixo Miño entre la edad del hierro y la integración en el imperio romano.* Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela.

D

DAVEAU, S. (com a colaboração de C. Coelho, V. Costa, L. Carvalho) (1977). *Reparution et Rythme des Précipitations au Portugal*. *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*, 3, Lisboa.

DAVEAU, S. (1985). *Mapas Climáticos de Portugal: Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes térmicos.* Lisboa: Universidade de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica.

DAVEAU, S. (1995). *Portugal geográfico*. Edições Sá da Costa.

DELGADO, M.; MORAIS, R. (2009). *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

DERRIDA, J. (1986). "La metáfora arquitectónica", trad. de Architetture ove ildesiderio può abitare, entrevista de Eva Meyer en febrero de 1986, Domus, 671, pp. 16-24, [en J. Derrida, *No escribo sin luz artificial*. Cuatro ediciones, Valladolid, pp. 133-140. https://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/textos/arquitectura.html

DESBAT, A.; DANGREAUX, B. (1997). "La production d'amphores a Lyon." In DESBAT, A. (Eds.) *Les ateliers de poitiers antiques a Lyon. 2e partie: les ateliers du Ier siécle après J.C.. Gallia* 54, pp. 73-104.

DESBAT, A.; LEMAÎTRE, S.; MAZA, G. (1998). "Les amphores du site du "sanctuaire de Cybèle" à Lyon. Étude preliminaire", In: *SFECAG Actes du Congrés d'Istres*, Marseille, pp. 49-60.

DESERTO, J., PEREIRA, S. H. M. (2016). *Estrabão, Geografia. Livro III. Introdução, tradução do grego e notas* Imprensa da Universidade de Coimbra, acessível em https://hdl.handle.net/10316/44662

DESSE-BERSET, N.; DESSE, J. (2000). "Salsamenta, garum et autres préparations de poissons. Ce qu'en disent les os." In *Mélanges de l'École française de Rome*. *Antiquité*, 112 (1), pp. 73-97 doi: https://doi.org/10.3406/mefr.2000.2116

DIAS, J. (1949). "O problema das casas redondas castrejas." *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 12 (1-2), Porto, pp. 126-168.

DIAS, J.M.A. (1985). "Registos da migração da linha de costa nos últimos 18 000 na plataforma continental portuguesa setentrional." *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, I, Lisboa, pp. 281-295.

DIAS, J.M.A. (1987). *Dinâmica Sedimentar e Evolução Recente da Plataforma Continental Portuguesa Setentrional.* Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Lisboa.

DIAS, J. M. A. (2004). "A história da evolução do litoral português nos últimos milénios." *In* Tavares, A. A., Tavares, M. J. F., Cardoso, J.L., *Evolução Geohistórica do Litoral Português e Fenómenos Correlativos: Geologia, História, Arqueologia, e Climatologia.* Lisboa, pp. 157-170.

DIAS, J. M. A., RODRIGUES, A., MAGALHÃES, F. (1997). "Evolução da linha de costa, em Portugal, desde o último máximo glaciário até à actualidade: síntese dos conhecimentos." *Estudos do Quaternário*, 1, APEQ/Colibri, Lisboa, pp. 53-66.

DIAS, J. M. A., BOSKI, T., RODRIGUES, A., MAGALHÃES, F., (2000). "Coastline evolution in Portugal since the Last Glacial Maximum until presente – A synthesis. *Marine Geology*, n°. 170, pp. 177-186.

DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L. (1971). "Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo -Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar)." *O Arqueólogo Português.* 3:4, pp. 175 -219.

DÍAZ ÁLVAREZ, P. (1984). *Ânforas romanas em el eje atlántico galaico-lusitano*. Vigo: Camino de la Mina, 7.

DINIS, A. (1991-92). "Cerâmicas do Bronze Final de Castelo de Matos (Baião)." *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, pp. 119-142.

DINIS, A. (1993). *Ordenamento do território do Baixo Ave no I Milénio a.C.* Porto: Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

DINIS, A. (1999). "Povoamento do Baixo Ave no 1 milénio A.C." in R. de Balbín Berhmann, P. Bueno Ramírez (Eds). *Actas do 2º Congresso de Arqueologia Peninsular, Zamora, 1996.* Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques. Tomo III, pp. 37-48.

DINIS, A. P. (2001). *O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto), Norte de Portugal.* Cadernos de Arqueologia, Monografias – 13, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

DINIZ, S. (2009). "O Convento de Santa Clara de Vila do Conde: Cento e Seis Anos de Memórias." In *AA VV – Arquitetura de Serviços Públicos em Portugal: os internatos na justiça de menores, 1871-1978.* Lisboa: Direção Geral da Reinserção Social – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

DOPAZO, M., A.; FERNÁNDEZ RODRIGUEZ, C.F. & RAMIL, R. (1996). "Arqueometria aplicada a yacimientos galaico-romanos del NW peninsular: Valorizacion de la actividad agricola y ganadera." *In* P. Ramil Rego, C. Fernández Rodríguez, M. Rodríguez Guitián (coord.) *Biogeografia Pleistocena – Holocena de la Peninsula Ibérica*, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 317 – 332.

ECO, U. (1990). *Os Limites da interpretação.* Editora Perspetiva, Lisboa.

EIROA GARCÍA, J. J. (1973/1974). "Sobre la edad del Bronce en el Noroeste de la Península hispánica." *Caesaraugusta*, 37-38, pp. 25-123.

ETTLINGER, E.; HERDINGER, B.; HOFFMAN, B.; KENRICK, P.M.; PUCCI, G.; ROTH-RUBI, K.; SCHNEIDER, G.; VON SCHNURBEIN, S.; WELLS, C.M. & ZABEHLICKY-SCHEFFENEGGER, S. (1990). *Conspectus formarum Terrae Sigillatae italico modo confectae. Materialen zur römishgermanischen Keramik 10*. Bonn: R. Halbelt.

F

FABIÃO, C. (1989). *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil).* Lisboa. UNIARQ/INIC.

FABIÃO, C. (1993). "O passado Proto-Histórico e Romano." *In* MATTOSO, J. (ed.), *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I, pp. 77-201.

FABIÃO, C. (1998). "O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico." *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 169-198.

FABIÃO, C. (1999). "A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular," *Revista Portuguesa da Arqueologia*, 2, Lisboa, pp. 163-198.

FABIÃO, C. (2000). "Sobre as mais antigas ânforas romanas da Baetica no Ocidente Peninsular." In: *Actas del Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, Aceite y Vino de la Bética en el Império Romano* (Écija-Sevilha 1998), Écija, pp. 665 - 682.

FARIA, A. M. (1999). "Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos." *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 2:2, pp. 29-50.

FARIA, H.J. B. (1994). *Estação Arqueológica do Cutro, que futuro? Relatório do Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife*. (Edição policopiada).

FERNANDES, J.O.; BETTENCOURT, A.M.S.; COMENDADOR REY, B.; ALVES, M.I.C. (2011). "O depósito metálico da Bandeira, Viana do Castelo (Norte de Portugal) no contexto dos depósitos do Bronze Médio do curso inferior do Lima". *Estudos do Quaternário*, 7, APEQ, Braga, pp. 31-37.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. (2008). "Cerámicas del mundo castrexo del NO Peninsular. Problemática y principales producciones." *In Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión. (*coord. por Darío Bernal Casasola, Albert Ribera i Lacomba, pp. 221-244.

FERNÁNDEZ JURADO, J. (2000). "Cómo, cuándo y para qué vinieron los fenicios a Tartessos." *Historiar,* 5, pp. 46-60.

FERNÁNDEZ MANZANO, J. (1986). *Bronce Final en la Meseta norte española: el utillaje metálico.* Junta de Castilla y León, Soria.

FERNÁNDEZ MANZANO, J. y GUERRA DOCE, E. (2003). "El caldero de Cabárceno", *La Arqueología de la Bahía de Santander* (tomo I) (Fernández Ibáñez, C. y Ruiz Cobo, J., eds.), Fundación Marcelino Botín, Santander, pp. 335-349.

FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, M. (1955). "Excavaciones en la Citania de Santa Tecla, años 1952-54." *El Museo de Pontevedra*, 9, Pontevedra, pp. 19-30.

FERREIRA, A. B. (1983). "Problemas de evolução geomorfológica quaternária do Noroeste de Portugal", *Cuadernos do Laboratório Xeológica de Laxe*, A Coruña, pp. 311-330.

FERREIRA, D. (2019). *A Cerâmica Grega na fachada atlântica da Península Ibérica.* Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Geografia e História, Universidade Complutense de Madrid.

FERREIRA, D. (2019a). "Cerâmica grega do Noroeste de Portugal." *In* E. Albelda Ferrer (ed.) *La ruta de las Estrímnides*, Monografás de GAHIA, 4, Alcalá de Henares, Sevilla, pp. 521 – 548.

FERREIRA, D. (2022). *A Cerâmica Grega na Fachada Atlântica da Península Ibérica*. Editora Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto.

FERREIRA, J. A. (1906). "Ferreira, Monsenhor J. Augusto, Villa do Conde. Notas históricas", *O Arqueólogo Português*, 11, pp. 264.

FERREIRA, J. A. (1923). *Villa do Conde e seu Alfoz.* Porto: Edições Ilustradas Marques Abreu.

FERREIRA, N., DIAS, G., MEIRELES, C., BRAGA, M. A. S. (2000). *Notícia explicativa da folha 5D, Braga. Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000.* Departamento de Geologia, Instituto Geológico Mineiro, Lisboa.

FERREIRA, O. V. (1958). "Acerca da presença de *Purpura haemastoma* e *Purpura lapillus* Linné nas estações pré-históricas portuguesas." *Revista de Guimarães*, 68 (3-4), Guimarães, pp. 377-382.

FERREIRA, O. V., FERREIRA, S. V., FERREIRA, F., DURÃO, S. (1980). "Novas insculturas pré-históricas descobertas na Povoado de Santa Luzia (Viana do Castelo), *Callaecia*, 6, Santiago de Compostela, pp. 217 – 227.

FERRER-ALBELDA, E., GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J., SÁEZ ROMERO, A. M., RODRÍGUEZ-CORRAL, J., ALBUQUERQUE, P. (2019). "A Rota do Estanho: Gadir e o Comércio Fenício no Noroeste da Ibéria (Séculos IV – II a.C.)." *In* Alexandre Santos de Moraes, Adriene Baron Tacla, Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, Talita Nunes Silva Gonçalves (editores), *Hélade*, vol. 5, n.° 2, Universidade Federal Fluminense, pp. 83 – 117.

FEUGÈRE, M. (1991b). "Les gobelets". *In* Feugére, M., Rolley, C. (eds.) *La vasisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990).* Dizon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Grèco-Romaines, 13), pp. 53-59.

FIGUEIRAL, I. (1990). *Le nord-ouest du Portugal et les modifications de l'ecosystème, du Bronze final à l'époque romaine, d'áprés l'antracoanalyse de sites archéologiques.* Universidade de Montpellier II (Tese de Doutoramento – Policopiada).

FIGUEIRAL, I. (2000). "O povoado de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso): o contributo da antracologia." In A. M. Bettencourt (ed.), *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal), Cadernos de Arqueologia* – Monografias 11. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga, pp. 250 – 251.

FIGUEIRAL, I. (2008). "O Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal): a exploração dos recursos vegetais durante o III/inícios do II° milénio AC e entre o I° milénio AC e o séc. II° DC". In M. J. Sanches (ed.): O Crasto de Palheiros - Fragada do Crastro - Murça Portugal. Murça, pp. 79-108.

FILIPE, V. (2019). *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado.* (2 vols.) Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

FLEMMING, N. (1980). "Cities under the mediterranean." *In* Muckleroy, K. (ed.). *Achaeology under Water. An Atlas of the world's submerged sites.* Londres: McGraw – Hill Book Company, pp. 167-177.

FONSECA, T. (1936). *Espozende e o seu concelho.* Esposende, pp. 201 - 202

FONSECA, T. (1948). *O concelho de Barcelos aquém e além Cávado.* Barcelos

FONTE, J. (2015). *Paisagens em mudança na transição entre a Idade do Ferro e a época Romana no alto vale do Tâmega e Cávado.* Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela.

FONTES, L., OSÓRIO, B., ALVES, M. (2013). "O projeto PAVT (Boticas, Portugal): estudo, valorização e divulgação de uma paisagem cultural." *In* Arnaud, José Morais, Martins Andrea, Neves César (coord.) *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Edição da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 213-217 (https://hdl.handle.net/1822/26833).

FORTES, J. (1905-1908a). "As Fibulas no Noroeste da Peninsula.", *Portvgália*, 2, Porto Imprenza Portuguesa, pp. 110-111

FORTES, J. (1905-1908b). "Vasos em forma de chapéu invertido (V. Conde)". *Portvgália*, 2, 1-4, Porto Imprenza Portuguesa, pp. 662-665.

FORTES, J. (1905-1908c). "Ouros protohistóricos da Estella (Póvoa de Varzim)." *Portvgália*, 2, 1-4, Porto Imprenza Portuguesa, pp. 605-618.

FOSSING, P. (1940). *Glass vessels before glass blowing.* Copenhaga.

FREITAS, E. (1949). "Santa Marinha da Retorta." *Douro Litoral*, 3, (5), Porto, pp. 20-27.

FREITAS, E. C. (2001). *Vila do Conde. História e Património*. 2. Vila do Conde. Câmara Municipal de Vila do Conde.

FREITAS, M.C.; ANDRADE, C.; ROCHA, F.; TASSINARI, C.; MUNHÁ, J.M.; CRUCES, A.; VIDINHA, J.; SILVA, C. M. (2003). "Lateglacial and Holocene environmental changes in Portuguese coastal lagoons: 1. The sedimentological and geochemical records of the Santo André coastal area (SW Portugal)." *The Holocene,* 13(3):433-446. DOI: 10.1191/0959683603hl636rp

FRIEMAN, C. (2012). *Innovation and imitation: stone skeuomorphs of metal from 4th-2nd millennia BC Northwest Europe*. British Archaeological Reports, International Series, 2365, Archaeopress. Oxford.

G

GARCÍA ROLLÁN, M. (1971). "Memoria de la excavación arqueológica de Castromao (Caeliobriga). *Archivo Español de Arqueologia* (44), Madrid pp. 175-211.

GARCÍA VARGAS, E. (1996). "La producción anfórica en la Bahía de Cádiz durante la República como indice de romanización." *Habis*, 27, pp. 49-57.

GARCÍA VARGAS, E. (1998). *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II A.C. - IV D.C.)*. Ecija: Gráficas Sol.

GARCÍA VARGAS, E. (2004). "Las ánforas del vino bético altoimperial: formas, contenidos y alfares a la luz de algunas novedades arqueológicas.", In: Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y

producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a. C. - VII d. C.), BAR, vol. 1266, Oxford, pp. 507 – 514.

GARCÍA VARGAS, E. (2010). "Ánforas béticas de época augusteo-tiberiana. Una retrospectiva", Ana María Niveau de Villedary y Martiñaas (coord.), In *Homenaje a José Francisco Sibón Olano*, Cádiz, Universidad de Cádiz, pp. 581-624.

GARCÍA VARGAS, E. (2012). "Producciones anfóricas tardorrepublicanas y tempranoaugusteas del valle del Guadalquivir. Formas y ritmos de la romanización en Turdetania a través del artesanado cerámico." BERNAL CASASOLA, D., RIBERA I LACOMBA, A. (Eds.), *Cerámicas hispanorromanas II Producciones regionales*. Cádiz, pp. 177-205.

GARCÍA VARGAS, E. (2016a). "Amphora Circulation in the Lower Guadalquivir Valley in the Mid Imperial Period: the Lusitana 3 Type." In PINTO, I. V., ALMEIDA, R., MARTIN, A. (Eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10, Archaeopress Series, pp. 285-298.

GARCÍA VARGAS, E. (2016b). "Ánfora Ovóide gaditana de época tardorrepublicana." In Fernández Fernández, A., Barciela Garrido (Coords.), *Emporium. Mil anos de comercio en Vigo*. Rede de Museos/Concello de Vigo, pp. 62-63.

GARCÍA VARGAS, E.; de ALMEIDA, R.; GONZÁLEZ CESTEROS, H. (2011). "Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a. C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización", *SPAL (Homenaje al Prof. Dr. Manuel Bendala Galán, vol. I)*, vol. 20, pp. 185-283.

GARCÍA VARGAS, E; ALMEIDA, R.; GONZÁLEZ CESTEROS, H. (2016). Ovoid 5 (Guadalquivir Valley). In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (http://amphorae.icac.cat/amphora/ovoid-5-guadalquivir-valley).

GARCÍA VUELTA, O.; PEREA CAVEDA, A. (2001). "Las diademas-cinturón castreñas: el conjunto con decoración figurada de Moñes (Villamayor, Piloña, Asturias)." *Archivo Español de Arqueología*, 74, pp. 3-23.

GARCÍA-BELLIDO, M.P. (2010). "Etnias y armas en Hispania: los escudos", *Gladius*, 30, Madrid, pp. 155-170.

GIL FARRES, O. (1966). *La moneda hispânica en la Edad Antigua.* Madrid: Altamira.

GÓIS, D. (2001). *Descrição da cidade de Lisboa.* Lisboa: Livros Horizonte, 2ª ed.

GOMES, F. B. (2020). "O conjunto vítreo da nerópole da Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos). *OPHIUSSA*, Volume 4, Lisboa, pp. 71-116.

GOMES, F. B., ARRUDA, A. M. (2013). "A cerâmica pintada da II Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim." *Revista Onoba*, 1, Huelva, pp. 19-54.

GOMES, H. (2012). *O Vidro Pré-Romano no Norte de Portugal*. Porto: Universidade Fernando Pessoa (Dissertação de Mestrado).

GOMES, J. (1996). *Cividade de Terroso e Vila Mendo. Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto.* Tese de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

GOMES, J. (2020). "Cividade de Terroso: evolução da produção cerâmica." *In* R. Centeno; R. Morais; T. Soeiro; D. Ferreira (eds.), *Cultura Castreja: Identidade e Transições*. Vol. II. Santa Maria da Feira: Museu Convento dos Lóios/Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, pp. 319-334.

GOMES, J.; CARNEIRO, D. (1999). *Cividade de Terroso*. Póvoa de Varzim: Edição Câmara Municipal

GOMES, J., CARNEIRO, D. (2005). *Subtus Montis, Terroso. Património Arqueológico no Concelho da Póvoa de Varzim.* Edição Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

GOMES, J. P. B. (2017). *À conquista da Hispânia: análise histórico-arqueológica da campanha de Décimo Júnio Bruto, o Galaico*. Dissertação de Mestrado, especialidade História Antiga, Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, A.A.H.B.; CRUZ, D.J. (1994). "Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real)." *Estudos Pré-históricos,* 2, pp. 171-232.

GONZÁLEZ CESTEROS, H. (2012). "Scomber gaditano en Éfeso. Una Dressel 12 con titulus encontrada en la "Casa aterrazada 2" de Éfeso", *Dialogues d´Histoire Ancienne*, vol. 38 (1), pp. 111-124.

GONZÁLEZ CESTEROS, H., ALMEIDA, R.R. (2017). "Amphorae from the West: Hispania (Spain and Portugal). Las ánforas de aceite de oliva Béticas. De las Oberaden 83 hasta las Dressel 20 en el Kops Plateau de Nimega, in C." Carreras Monfort e J. Van den Berg (eds) *Amphorae from the Kops Plateau (Nijmegen): trade and supply to the Lower-Rhineland from the Augustan period to AD 69/70*. (Archeopress Roman Archaeology 20): Archaeopress, Oxford, pp. 47-60.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. G. (2006-2007). *Galaicos Poder Y Comunidad En El Noroeste de La Península Ibérica (1200 a.C - 50 d.C.)*, Brigantium, 18, A Coruña: Museu de Santo Anton.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. G., RÓDRIGUEZ, R. M., AYÁN, X. M. (2010). "Buscando a los Púnicos en el Noroeste". *Maninake* XXXII, 1, pp. 577-600.

GRANJA, H. (1990). *Repensar a geodinâmica da zona costeira: o passado e o presente, que futuro? (O Minho e Douro Litoral)*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho, Braga.

GRANJA, H. (1993). "Os conhecimentos actuais sobre o holocénico do Noroeste de Portrugal". *O quaternário em Portugal, Balanço e Perspetivas.* Ed. Colibri, Lisboa, pp. 43-49.

GRANJA, H. (1996). "A laguna de Aveiro no contexto da Evolução da zona costeira do Noroeste de Portugal nos últimos milhares de anos. *Seminário sobre lagunas costeiras e ilhas: Barreira da zona costeira de Portugal.* Aveiro: Eurocoast-Portugal, pp. 87-106.

GRANJA, H. (1999). "Evidence for late Pleistocene and Holocena sea-level, neotectonic and climate control in the coastal zone of northwerstern Portugal: Geologia en Mijjbouw, 77, pp. 233-245.

GRANJA, H. (2002). "Reconstituição paleoambiental da zona costeira, a Norte da Laguna de Aveiro, desde da Idade Média até à actualidade." *Actas dos Seminário O litoral em Perspectiva História (séc. XVI-XVIII).* Instituto de História Moderna, Porto, pp. 93-109.

GRANJA, H. (2005). "Evolution of the coastal zone of NW Portugal (Minho-Mondego) since late glacial times." *Iberian Coastal Holocene Paleonveromental Evolution – Coastal Hope – Procedings*, pp. 76-78.

GRANJA, H. (2006). "The Evolution of the Northern end of the Aveiro Lagoon System." *In* Ramos Pereira A., Trindade J., Neves M. (coords). *Portugal: Coastal Dynamics,* Associação Portuguesa de Geomorfólogos, pp. 15-18.

GRANJA, H., MORAIS, R. (2010). "Diálogo entre ciências: estudo preliminar em torno dos estuários dos rios Cávado e Ave." *In* Bettencourt, A.M.S., Alves, M.I.C., Rodrigues, S. M. (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*, pp. 61-70

GRANJA, H., RIBEIRO, I., CARVALHO, G.S., MATIAS, M.S. (1999). "Some neotectonic indicators in Quaternary formations of the northwestern coastal zone of Portugal." *Phis. Chem. Earth, Parte A: Solid Earth Geodesy, 24,* pp. 323-336.

GRANJA, H., ROCHA, F., MATIAS, M., MOURA, R., CALDAS, F., MARQUES, J., TARECO, H. (2009). "Lagoa da Apúlia: A residual lagoon form the late Holocene (NW coastal zone of Portugal)." *Quarternary Internacional*, pp. 1-12.

GRANT, M. (1946). *From imperium to auctoritas: a historical study of aes coinage in the Roman Empire, 49 BC- AD 14.* Cambridge: University Press.
GUERRA, L. F. (1900). "Lima e Brutóbriga", *O Arqueólogo Português*, n.º 5, Lisboa, pp. 2 – 7
GUERRA, L. F. (1900). "Vestigios Romanos no Concelho de Viana do Castelo", *O Arqueólogo Português*, n.º 5, Lisboa, pp. 2-7
GUERRA, L. F. (1900). "Vestigios Romanos no Concelho de Viana do Castelo", O Arqueólogo Português, n.º 5, Lisboa, pp. 2-7
GUERRA, L. F. (1909). "O Castro da Aresosa*." O Archeólogo Portugues.* vol 12, Lisboa, p. 59 - 60.

H
HARDEN, D. (1981). *Catalogue of Greek and Roman Glass in the British Museum*. Volume 1, *Core - and rod -formed vessels and pendants and Mycenaean cast objects*. Londres.
HARRIS, E. C. (1989). *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London and San Diego: Academic Press, (2.ª Edição).
HARRIS, E. C. (1991). *Principios de estratigrafia arqueológica.* Barcelona, Edição Crítica.
HARTMANN, A. (1971) "Análises de alguns objectos pré-históricos de ouro, procedentes do Norte de Portugal." *Revista de Guimarães*, 81, 1-2, Guimarães, pp. 129-138.
HAWKES, C. (1958). "Escavações no Castro Sabroso (Abril de 1958)." *Revista de Guimarães*, 68 (3-4), Guimarães, pp. 446-453.
HAWKES, C. (1971). "North-western castros: excavation, archaeology and history." *Congresso Nacional de Arqueologia* II, 1, Lisboa, pp. 283-238.
HAWKES, C. (1984). "The castro cultura of the peninsular Nort-West: fact and inference." *Papers in Iberian Archaeology*, BAR-IS, 193 (1), Oxford, pp.187-190.
HERCULANO, A. (2010=1851). *Lendas e Narrativas*. (Revisão de Pedro Ernesto Ferreira) Lisboa: Edição Círculo de Leitores, 2.ª Edição. pp. 129-134.
HIDALGO CUÑARRO, J.M. (1984-85). "Tipología de la cerámica del castro de la isla de Toralla (Vigo)." *Cuadernos de Estudios Gallegos, Galiza: Xunta de Galicia,* 35 (100), pp. 63-70.
HÖCK, M. (2003). "Os guerreiros lusitano-galaicos na história da investigação, a sua datação e interpretação. Cultura castreja e celtas", *Madrider Mitteilungen*, 44, pp. 51-66.
HODDER, I. (1982). *Symbols in Action.* Cambridge University Press, Cambridge.
HODDER, I. (1987). *The Archaeology of contextual meanings*. Cambridge University Press, New York.
HODDER, I. (1989=2004). "Post-modernism, post-structuralism and prost-processual archaeology." In I. Hodder (Ed.), *The Meaning of Things. Material Culture and Symbolic Expression, One World Archaeology,* 6, Edição Routledge, pp. 64-78.
HODDER, I. (2012). *Entangled. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things.* John Wiley & Sons, Ltd., Publication, West Sussex.
HOFFMAN, G. (1989). "Estratigrafia holocénica da linha de costa nos vales dos rios Sizandro (Portugal) e Guadiana (Portugal e Espanha)." *Geolis* (1/2), pp. 137-143.

I
IMPERIAL, F. (2022). "O sítio arqueológico de Arruelas (Maiorca, Figueira da Foz, Portugal) no contexto da Conquista Romana do Ocidente Peninsular." *Ophiussa*, 6, pp. 105-125.
INGOLD, T. (1993). "The Temporality of the Landscape." *World Archaeology,* Vol. 25, No. 2, Conceptions of Time and Ancient Society, Ed. Taylor & Francis, Ltd. pp. 152-174

K

KALB, P. (1980). "O "Bronze Atlântico" em Portugal." *Actas do seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular,* Vol. 1. *Revista de Guimarães*, Guimarães, pp. 113-120.

L

LADRA, X. L. (2001). *Estudo contextual e cronolóxico da ourivería castrexa. O caso dos cmadados torques ártabros.* Trabalho de investigação inédito apresentada ao Departamento de Historia I da Universidade de Santiago de Compostela.

LADRA, X. L. (2002). "Achega ao estudo contextual da ourivesaría castrexa." *Gallaecia*, Santiago de Compostela, 21, pp. 177-192.

LAMBOGLIA, N. (1952) - "Per una Classificazione preliminare della cerâmica campana". In Atti del *I° Congr. Intern. Di Studi Liguri* (Bordighera, 1950), Bordighera, pp. 139-206.

LAMBOGLIA, N. (1955). "Sulla cronologia delle anfore romane di etá repubblicane (II-I secolo a.C.). *Rivista di Studi Liguri*." Bordighera. 22, pp. 241-270.

LANHAS, F. (1969). "As Gravuras Rupestres de Montedor." *Revista de Etnografia*, 8 (2), Porto, pp. 367-386.

LANHAS, F., BRANDÃO, D. P. (1969). "Inventário de objetos e lugares com interesse arqueológico." *Revista de Etnologia,* 12 (2), Porto, pp. 295-344.

LANTZSCH, H., HANEBUTH, T. J. J., BENDER, V. B., KRASTEL, S. (2009). "Sedimentary architecture of a low-accumulation shelf since the Late Pleistocene (NW Iberia)." *Marine Geology*, 259(1-4), pp. 47-58, https://doi.org/10.1016/j.margeo.2008.12.008

LEAL, A. P. (1886). *Portugal Antigo e Moderno*, 11. Lisboa.

LEAL, A. PINHO; FEREIRA, A. (1873). *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa, XI, pp. 691-692

LEAL, P. (1875). *Portugal Antigo e Moderno.* Vol. 6, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.

LEITE, F.F., BENTO GONÇALVES, A. J., VIEIRA, A., COSTA, F. S., LOURENÇO, L. (2014). "II. O Noroeste de Portugal." In S/A *(coord.) III Congresso Internacional, I Simpósio Ibero-Americano, VIII Encontro Nacional de Riscos, Viagem de estudo: "Manifestação de riscos no NW de Portugal"*, pp. 13-55.

LEMOS, F. S. (1993). *Povoamento Romano de Trás-os-Montes oriental.* Tese de Doutoramento, Instituto Ciências Sociais, Universidade do Minho.

LEMOS, F.S. (1989). "A destruição da cividade de Belinho, Esposende", *Fórum*, 5, Braga, pp. 116-117.

LEMOS, F. S. (2009). "A Cultura Castreja no Minho. Espaço Nuclear dos Grandes Povoados Proto-Históricos do Noroeste Peninsular." *In* PEREIRA, P. (coord.) *Minho: Traços da Identidade*. Edição: Universidade do Minho, Braga, pp. 122-211.

LIMA, M.F.D.L. (2006). *Caracterização e estratégias de valorização sustentável de ocorrências geológicas com importância patrimonial.* Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

LOPES, A. B. (1993). *A cerâmica do Castro da Senhora da Guia (Baiões): tecnologia e morfotipologia.* (Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

LOPES, A. B. (2003). *Proto-história e romanização: o Baixo Minho.* Tese de Doutoramento de apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (https://hdl.handle.net/10216/10856)

LOPES, A. B. MARTINS, C. (1999a). *Senhora do Crasto, Vilar de Mouros (Caminha, Viana do Castelo). Relatório.* Porto.

LOPES, A. B. MARTINS, C. (1999b). "Ocupação Proto-Histórica nas margens do Minho. Senhora do Crato, Caminha. *Revista de Guimarães, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia,* Guimarães, pp. 453-466.

LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1951). *Las joyas castreñas.* Madrid.

LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1953). *La Civilización céltica en Galicia.* Santiago de Compostela.

LOSA, A. (1983). "Relação da Villa de Espozende, *Boletin Cultural de Esposnde,* 4, Esposende, pp. 99 – 103.

LOURENÇO, M. (2012). *Objetos do quotidiano de Bracara Augusta.* (Relatório de Estágio – Mestrado em Arqueologia), Universidade do Minho, Braga.

M

MACHADO M.A.F. (1951). *Esposende: monografia do concelho.* Esposende.

MACIEL, S. (2018). *A Paisagem na Idade do Ferro e Romanização da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. Análise macro espacial.* Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

MACIEL, T. (1997). *O povoamento proto-histórico do Vale do Neiva.* Dissertação de mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MACIEL, T. (2003). *O Povoamento Proto-histórico do Vale do Neiva.* Edição: Rio Neiva (Associação de Defesa do Ambiente), Viana do Castelo.

MAIA, R. (2010). Estudo hidráulico e fluvial dos rios Âncora, Coura e Neiva, apresentação efetuada nos *Encontros do Litoral*, Viana do Castelo, 21 de novembro de 2010, disponível em https://pt.slideshare.net/mjosee/estudohidraulico-fluvial-rioscouraancoraneiva-32143893

MALINOWSKY, B. (1922). *Argonauts of the Western Pacific.* London. (em linha: https://archive.org/details/in.gov.ignca.15655/page/n11/mode/2up)

MALUQUER DE MONTES, J. (1948). "A proposito de unhas ceramicas procedentes del castro de Faria", *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, 1 (1), Barcelos, pp. 33-38.

MALUQUER DE MOTES, J. (1973). "La originalidade de la cultura castreña." *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 22 (3), Porto, pp. 335-342.

MAGARINHOS IGLESIAS, L. (2019). "Identificações, símbolos e alteridades dos Callaeci da Antiguidade: a caetras do labirinto e as suas representações." *In* R. Centeno; R. Morais; T. Soeiro; D. Ferreira (eds.), *Cultura Castreja: Identidade e Transições*. Vol. il. Santa Maria da Feira: Museu Convento dos Lóios/Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, pp. 124-125.

MANTAS, V. G. (2009). "Navegação e Portos no Algarve Romano." *Al-'ulyà, Revista do Arquivo Municipal de Loulé,* n.º 16, Câmara Municipal de Loulé, pp. 25-51.

MANIATIS, Y., JONES, R. E.; WHITBREAD, I. K. ; KOSTIKAS, A.; SIMOPOULOS, A.; KARAKALOS , CH.; WILLIAMS, C. K. (1984). "Punic amphoras found at Corinth, Greece: na investigation of their origin and tecnology." *Journal of Field Arhcaeology*, 11-2, Boston, pp. 205-222.

MARINHO, D. (2022). *Círculos segmentados gravados do Noroeste de Portugal: inventário, estudo e interpretação.* Braga Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.

MARQUES, J. A. T., SILVA E.J.L (1985). "Viana do Castelo. Castro de Moldes (Guilheta) 1982", *Informação arqueológica*, 5, Lisboa, p. 138.

MARQUES, J. A. T., SILVA E.J.L. (1986). "Viana do Castelo. Castro de Moldes (Guilheta)", *Informação Arqueológica*, 6, Lisboa, p. 73.

MARQUES, J.A.M. (1987). Sondagens Arqueológicas no Castro da Srª da Graça (Badim/Sá-Monção), in *Atas do Seminário Luso-Galaico. Comemorativo do VII Centenário do Foral de Caminha*, *Lucerna*, 2ª série, 2, Porto, pp. 41-65.

MARQUES, M. S. A. M. (2012). *Povoamento litoral entre o Cávado e o Lima: das origens às invasões árabes.* (3 Vols.) Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto.

MARTÍN SEIJO, M. (2013). *A xestión do bosque e do monte dende a Idade do Ferro á época romana no noroeste da península Ibérica: consumo de combustibles e produción de manufacturas en madeira.* Tese de Doutoramento da Universidade de Santiago de Compostela. http://hdl.handle.net/10347/7516

MARTÍN SEIJO, M., SILVA, V. M. F., BETTENCOURT, A.M.S. (2015). "Carbonised wooden objects and wood charcoal from an Iron Age feasting context in North-western Iberia: The case study of Frijão (Braga, Portugal)." *Journal of Archaeological Science*: Reports 2, pp. 538-550.

MARTÍN-SEIJO, M., OLIVEIRA, N., BETTENCOURT, A. M.S. (2023). "El manejo de los recursos leñosos por las comunida des de la Edad del Hierro en el Noroeste de Iberia: el asentamiento de São João de Rei (Portugal)", Spal, 32.1, pp. 110-126. https://dx.doi.org/10.12795/spal.2023.i32.04

MARTINEZ BLÁZQUEZ, J. M., RUIZ MATA, D. REMESAL SADARA, J., CLAUSS, K. (1979). *Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva). Campaña de 1977. Excavaciones Arqueologicas en España.* Direccion General del Patrimonio Artistico, Archivos, y Museus. Ministerio da Cultura, Madrid.

MARTÍNEZ CORTIZAS A.; COSTA-CASAIS M.; LOPEZ-SAEZ J. A. (2009). "Environmental change in NW Iberia between 7000 and 500 cal. BC." *Quaternary International*, 200, p. 77-89.

MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, F. (1987). *Análysis y personalizacíon de un grupo cerâmico de barniz rojo de imitación própio de la Bética romana. (Memória de Licenciatura).* Sevilla

MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, F. (1989). "Las cerámicas béticas de imitación tipo Peñaflor: bases para el estudio de un nuevo grupo cerámico de época altoimperial." *Boletín de la Associación Española de amigos de la Arqueología*. 26: 60 -65.

MARTINS, C. (2008). *As influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal*. Ediciones EDAR: Barcelona. Colección Monografías EDAR

MARTINS, M. (1987). "A cerâmica proto-histórica do vale do Cávado: tentativa de sistematização". *Cadernos de Arqueologia*, 4, 2ª série, pp. 217 – 230.

MARTINS, M. (1988a). *O Povoado fortificado do Lago, Amares.* Cadernos de Arqueologia – Monografias 1. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

MARTINS, M. (1988b). "Moldes de sítulas com decoração geométrica." *Cadernos de Arqueologia*, 5, 2ª série, pp. 23 – 33.

MARTINS, M. (1988c). *A Citânia de S. Julião, Vila Verde.* Cadernos de Arqueologia – Monografias 2. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.

MARTINS, M. (1988d). "A arqueologia dos castros no Norte de Portugal: balanços e perspectivas de investigação." *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto, pp. 11-35.

MARTINS, M. (1989a). *O Castro de Barbudo, Vila Verde.* Cadernos de Arqueologia - Monografias 3. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

MARTINS, M. (1989b) "Algumas perspectivas da evolução do povoamento do Vale do Cávado entre o 1.º Milénio A.C. e a Romanização*." Cadernos do Noroeste*, Volume II, 2-3, Universidade do Minho, Braga, pp. 155-177.

MARTINS, M. (1989c). "Mário Cardoso – Breves Apontamentos sobre a sua obra arqueológica." *Arqueologia,* 20, Porto, pp. 3-10.

MARTINS, M (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado.* Cadernos de Arqueologia - Monografias 5. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.

MARTINS, M. (1991). *O Povoado de Santo Ovídio (Fafe). Resultados dos trabalhos realizados entre 1980-1984.* Cadernos de Arqueologia – Monografias 6. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.

MARTINS, M. (1993-1994). "Continuidade e mudança no I milénio a.C., no Noroeste português." *Cadernos de Arqueologia*, 2ª série, 10-11, pp. 41 – 64.

MARTINS, M. (1996). "Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a.C.", *In* J. Alarcão, A. I. P. Santos (coord.), *De Ulisses a Viriato*, ed. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 118 – 133.

MARTINS, M., RIBEIRO, J., MAGALHÃES, F. BRAGA, C. (2012). "Urbanismo e Arquitetura de *Bracara Augusta.* Sociedade, Economia e Lazer" *in* RIBEIRO, M. C., MELO, A. S. (Coord.) *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia.* Edição: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Braga, pp. 29-67.

MARTINS, V., DUBERT, J., JOUANNEAU, J. M., WEBER, O., SILVA, E. F, PATINHA, C., DIAS, J. M., ROCHA, F. (2007). "A multiproxy approach of the Holocene evolution of shelf-slope circulation on the NW Iberian Continental Shelf." *Marine Geology*, 239, pp. 1-18.

MARTINS, V., DUBERT, J., JOUANNEAU, J. M., WEBER, O., SILVA, E. F, PATINHA, C., DIAS, J. M., ROCHA, F. (2007). "A multiproxy approach of the Holocene evolution of shelf-slope circulation on the NW Iberian Continental Shelf." *Marine Geology*, 239, pp. 1-18.

MATEO CORREDOR, D. (2013). "*Quintus Fabius Arisim*. Un comerciante de origen púnico en la Bética." *Spal*, 22, pp. 187-197.

MAUSS, M. (1970). *The Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies*. London: Cohen & West.

MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996). *Les amphores du Sado (Portugal): prospection des fours et analyse du matériel*. París.

MCCULLOUGH, T. J. (2014). *Metal to clay: "recovering" Middle Minoan metal vessels from Knossos and Phaistos through their ceramic skeuomorphs*. University of Pennsylvania, Scholarly Commons. History of Art, Architecture, and Archaeology Commons. Publicly Accessible Penn Dissertations. Philadelphia. http://repository.upenn.edu/edissertations/1363 (último acesso: 24/03/2021).

MEDEIROS, A.C., TEIXEIRA, C., LOPES, J.T., PEREZ, T.P. (1975). *Notícia explicativa da folha 5B, Ponte da Barca. Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000.* Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

MEDEROS MARTÍN, A.; RUIZ CABRERO, L. A. (2003). "Un Atlántico mediterráneo; fenicios en el litoral portugués y galego." *Byrsa. Rivista dí Studi Punici*, Roma, 3, pp. 351-409.

MEIRA, A.R. (1945) *Monografia de Afife*. Junta de Freguesia, Afife.

MEIRELES, J. (1992). *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto (Portugal) no seu contexto cronoestratigráfico e paleoambiental.* Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento – Policopiada).

MENDES, A. C., DIAS, G. (2003). "Composição isotópica Sr-Nd de granitos subalcalinos ferro.potássicos: o maciço granítico de Peneda-Gerês (NW Península Ibérica)." *In Actas do* CONGRESSO IBÉRICO DE GEOQUÍMICA, 4, Coimbra, pp. 93-95.

MENDES, A.C. (2001). *Geocronologia e petrogénese do maciço granítico pós-tectónico de Peneda-Gerês* (ZCI, Norte de Portugal e Galiza). Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho (Braga).

MENDES, S. (2008). *Estudo e Valorização da Povoado de Santa Luzia - Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos – 2002 - 2006.* (Relatório policopiado).

MILLER, D. (1987). *Material cultural and Mass Consumption.* Blackwell, Oxford

MIRANDA, M. (1998). *Vila do Conde*. Lisboa: Editorial Presença.

MOITA, I. (1971). "Povoados, redutos e santuários castrenses (Ensaio de classificação)." *Congresso Nacional de Arqueologia* II, 1, pp. 271-281.

MOLINA VIDAL, J. (1997). *La dinâmica comercial romana entre Itália e Hispânia Citerior (ss.II a.C.-II d.C.),* Universidade de Alicante, Universidade Complutense de Madrid, Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, Ed. Espagrafic, Alicante.

MOLINA VIDAL, J. (2001). Las primeras exportaciones béticas en Mediterráneo Occidental. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, pp. 637-645.

MONTEAGUDO, L. (1955). "Los Castros Celtas de la zona Coruña-Betanzos." *III Congreso Nacional de Arqueologia.* Galicia 1953, Zaragoza: pp. 404-405.

MONTEAGUDO, L. (1977). *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Verlag: BECK, C.H., MUENCHEN.

MONTEIRO, J. G. (2020). "6. Expansão do Mediterrâneo 6.1. Guerras Púnicas." *In* José Luís Brandao e Francisco de Oliveira (coord.) *História da Roma Antiga. Das Origens à Morte de César* (Vol. I). Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 145-200. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0954-6_6.1

MONTENEGRO DE ANDRADE, M.; NORONHA, F.; ROCHA, A.; LIMA, J.; ÁVILA MARTINS, J. (1986). *Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000, n.º 9-B,* sem notícia explicativa.

MOORE, M. (1997). *Attic red-figured and white-ground pottery. The Athenian Agora, Results of excavations conducted by The American School of Classical Studies at Athens, vol. XXX*. Princeton, New Jersey.

MOORE, M., PHILIPPIDES, M.Z.P. (1986). *Attic Black-Figured Pottery (Athenian Agora) Volume XXIII. American School of Classical Studies;* Volume XXIII edição.

MORAIS, R. (1998). *As ânforas da zona das Carvalheiras. Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Bracara Augusta. Cadernos de Arqueologia – 8,* Universidade do Minho, Braga.

MORAIS, R. (2004a). "Bracara Augusta: um pequeno'' testaccio'' de ânforas Haltern 70. Consideraçoes e problemáticas de estudo." In *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II aC-VII dC)*. https://hdl.handle.net/10216/148880

MORAIS, R. (2004b). "Problemátiques i noves prespectives sobre les àmphores Ovóides tardo-republicanes. Les àmphores Ovóides de producció Lusitana." *Culip VIII i les àmfores Haltern 70.* Monografies del Casc. 5. Girona, pp. 36-40.

MORAIS, R. (2004b). *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial.* (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho), Vol. 2.

MORAIS, R. (2004c). *Bracara Augusta*: um pequeno "testaccio" de ânforas Haltern 70. Considerações e problemáticas de estudo. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerâmicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, pp. 545-565.

MORAIS, R. (2005). *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta: contribuição para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Bracara Augusta, Escavações arqueológicas 2. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga.

MORAIS, R. (2010). "Bracara Augusta." (Coord.) Cèsar Carreras Monfort, Rui Morais, *In The Western Roman Atlantic Façade: A study of the economy and trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate. BAR Internacional Series 2162*, Oxford, Reino Unido pp. 213-222.

MORAIS, R. (2013). "Um naufrágio bético, datado da época de Augusto, em Rio de Moinhos (Esposende, Norte de Portugal)" In Morais, R., Granja, H. Morillo Cerdán, A. (eds.) O Irado Mar Atlântico o Naufrágio Bético Augustano de Esposende (Norte de Portugal), Braga, pp. 309-334.

MORAIS, R. E CARRERAS, C. M. (2004). "Geografia del consum de les Haltern 70." In C. Carreras *et al.* (eds.) *Culip VIII i les àmfores Haltern 70.* Girona, pp. 93-116.

MORAIS, R. DELGADO, M. (2009). Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta. CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar – Cultura, Espaço e Memória) Braga.

MORAIS, R.; FILIPE, V. (2016). Ovoid Lusitan (Western Lusitania). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (http://amphorae.icac.cat/amphora/ovoid-lusitan- western-lusitania).

MOREIRA, A. B. (2009). *Castellum Madiae: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave.* Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento).

MOREIRA, M. A. F. (1982). "A romanização do Alto Minho", *Caminiana* 6, pp. 31-96.

MOTA, N., PIMENTA, J. e SILVA, R.B. (2014). "Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70". *Cira-Arqueologia*, 3, pp.149-177.

N

NAVEIRO LÓPEZ, J. L. (1991). *El Comercio antiguo en el NW peninsular: lectura histórica del registro arqueológico*. Monografías Urgentes do Museu, 5, Museo Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón. A Coruña.

NEILA, J. R. (2009). "Los Cornelios Balbos: política y mecenazgo entre Gades y Roma", in D. Bernal e A. Arévalo (eds.), *El Theatrum Balbi de Gades*. Cádis: 307-333.

NEIVA, M.A.P (1987). *Esposende.* Esposende.

NEVES, J. (1982). *O Convento de Santa Clara de Vila do Conde (Pequena crónica de um grande Convento).* Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Vila do Conde.

NEVES, L. Q. (1946). "Na Citânia de Roques. A Boca da Serpe", *Arquivo do Alto Minho*, 2, s.l., Viana do Castelo, pp. 56-61.

NEVES, L. Q. (1959). "O castro do "Santinho" ou Roques no termo de Viana do Castelo." *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1, Lisboa, pp. 381-387.

NEVES, L. Q. (1965). "Os castros do norte de Portugal." *Lucerna*, 4, Porto, pp. 172-180.

NEVES, L. Q. (1969). "Achegas para um possível e necessário rol dos achados da "Idade do Bronze" no distrito de Viana do Castelo." *Trabalhos de Antropologia e Etnologia,* Tomo 21, Porto, pp. 273-280.

NICKLIN, K. (1971). "Stability an innovation in pottery manufacture." *World Archaeology*, 3 (1), Reino Unido, pp. 13-48.

NIÓN-ÁLVAREZ, S. (2023). "Una aproximación al talón de Aquiles de la Edad del Hierro galaica (s. IX-I a.C.): el registro funerario." *Complutum,* 34 (1), pp. 107-132.

NOVO SEOANE, C. (2018). *Interaccións entre olería e metalurxia na cultura castrexaSítulas de bronce e as súas analoxías cerâmicas.* Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela.

NORONHA, F., RIBEIRO, M.L. (1983). *Notícia Explicativa da. Folha 6A – Montalegre*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

O

OLIVEIRA, C., BETTENCOURT, A.M.S.; ARAÚJO, A.; GONÇALVES, L.; KUŹNIARSKA-BIERNACKA, I.; COSTA, A.L. (2017). "Integrated analytical techniques for the study of colouring materials from two NW Portuguese megalithic barrows", *Archaeometry*, 59 (6): 1065-1081 Doi: 10.1111/arcm.12298

OLIVEIRA, G. (2000). *O registo paleocarpológico do Noroeste Peninsular entre o III e o I milénios a.C. Contributo para o estudo da alimentação Pré e Proto-história*. Braga, Universidade do Minho. (Dissertação de Mestrado – Policopiada).

OLIVEIRA, N. (2017). *O Povoado de São João de Rei, na Idade do Ferro Recente (Póvoa de Lanhoso, NW de Portugal).* Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/48015).

OLIVEIRA, N. (2018). "Contributos para o estudo do povoamento da Idade do Ferro no Rio Lima: Resultados nas escavações dos setores A-D do Povoado da Terronha, Viana do Castelo (Portugal)." *Férvedes Revista de Investigacíon,* 9, Vilalba, pp. 87-96.

OLIVEIRA, N. (2019a). "The Iron Age Settlement of Terronha (Viana do Castelo, Northwestern Portugal): Analysis of Ceramic and Lithic Materials in Context" *Heritage* 2, no. 1: pp. 56-71. https://doi.org/10.3390/heritage2010005

OLIVEIRA, N. (2019b). *Relatório sobre o estudo de materiais cerâmicos indígenas da Cividade de Bagunte (2009, 2011, 2015).* Braga*:* Relatório Policopiado.

OLIVEIRA, N.; BETTENCOURT, A.M.S. (2020). "O povoado proto-histórico de Santo António (Afife, Viana do Castelo): dados e reflexões sobre as suas materialidades", *In* R. Centeno; R. Morais; T. Soeiro; D. Ferreira (eds.), *Cultura Castreja: Identidade e Transições*. Vol. I. Santa Maria da Feira: Museu Convento dos Lóios/Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, pp. 215 – 240. http://hdl.handle.net/1822/68283

OLIVEIRA, N; NOVO SEOANE, C. (2020). Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: Inventário, cronologias e significado. *In* J. M. Arnaud, C. Neves; A. Martins (coords.) *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 1153-1161.

OLIVEIRA, N.; BETTENCOURT, A.M.S. (2021). "O povoado de Santo António (Afife, Viana do Castelo), na Idade do Bronze Final". *Estudos Regionais,* Viana do Castelo, Série II, N.º 15, pp. 13-23.

OLIVEIRA, N. (2023). "A propósito de uma peça de importação mediterrânica do Castro Máximo, Braga." poster apresentado nos Encontros de Arqueologia, Comemoração dos 25 anos da Licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho, Braga, 20 de setembro de 2023 (disponível em https://hdl.handle.net/1822/87664).

OLMEDO BELLÉS, S. (2015). *La Cerámica en las Culturas Ibéricas.* Trabalho de fim de Grau. Faculdade de Filosofía y Letras, Universidade de Zaragoza.

OSÓRIO, A. B. (2013). *Gestos e materiais: abordagem interdisciplinar sobre cerâmicas com decorações brunidas do Bronze Final / I Idade do Ferro.* 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento (https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23778).

OSÓRIO, A.B., SILVA, S., FERNANDES, D., SERRA, M., PORFÍRIO, E., VIEIRA, T. & VILAÇA, R. (2013). "Atrás dos gestos: as cerâmicas decoradas do Outeiro do Circo (Mombeja, Beja, Portugal) e a ênfase nas decorações brunidas." *In* JIMÉNEZ AVILA, J., BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, M., GARCÍA CABEZAS, M. (Coords). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular.* Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, Villafranca de los Barros, pp. 941 - 974.

OSÓRIO, A.B., SILVA, S., FERNANDES, D., SERRA, M., PORFÍRIO, E., VIEIRA, T. & VILAÇA, R. (2013). "Atrás dos gestos: as cerâmicas decoradas do Outeiro do Circo (Mombeja, Beja, Portugal) e a ênfase nas decorações brunidas." In JIMÉNEZ AVILA, J., BUSTAMANTE-

ÁLVAREZ, M., GARCÍA CABEZAS, M. (Coords). VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, Villafranca de los Barros, pp. 941 - 974.

P

PARREIRA, R.; PINTO, C. V. (1980). *Tesouros da Arqueologia Portuguesa no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura: Instituto Português do Património Cultural: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

PEÑA SANTOS, A. (1988). "Metalurgia galaica de la transición Bronce-Hierro: el Castro de Torroso." *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie I, *Prehistoria,* T. I, pp. 339-360.

PAÇO, A., QUESADO, A.P. (1956). Digressões arqueológicas pelo Alto Minho. *Arquivo do Alto Minho* 6 (2). pp. 168-179.

PAIVA, M. (1993). *As ânforas romanas dos castros da fachada atlântica do Norte de Portugal.* Tese de mestrado apresentada à Universidade do Porto.

PARCERO OUBIÑA, C. (2002). *La construccíon del paisaje scial en la Edad del Hierro del Noroeste Ibérico. ORTEGALIA (Monografias de Arqueoloxía, Historia e Patrimonio),* n.º 1, Instituto de Estudios Galegos Padre Sarmiento (CSIC – Xunta de Galicia).

PARCERO OUBIÑA, C., BLANCO ROTEA, R., MÉDEZ FERNÁNDEZ, F. (1999). *El registro de la información en intervenciones arqueológicas. CAPA: cadernos de arqueoloxía e patrimonio*, 9, (Exemplar dedicado: El registro de la información en intervenciones arqueológicas), pp. 1-75.

PARREIRA, R. (1980). *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*. Lisboa.

PASCUAL BERLANGA, G.; RIBERA I LACOMBA, A. (2002). "Las ánforas tripolitanas antiguas en el contexto del Occidente Mediterráneo. Un contenedor poco conocido de la época republicana." In *Vivre, produire, échanger: reflets méditerranéens, Mélanges offerts à Bernard Liou*. Archéologie et Histoire Romaine, 8, pp. 303-318.

PASCUAL BERLANGA, G.; RIBERA I LACOMBA, A. (2013). "El material más apreciado por los antiguos. Las ánforas." In RIBERA, A. (Ed.), *Manual de cerámica romana. Del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Madrid, pp. 215-289.

PEACOCK, D. P. S. (1971) "Roman amphorae in pre-Roman Britain." The Iron Age and its Hill Forts, pp. 161-188.

PEACOCK, D. P. S. (1977). *Pottery and Early Commerce: Characterization and Trade in Roman and Later Ceramics.* Academic Press.

PEACOCK, D.P.S.; WILLIAMS, D.F. (1986). *Amphorae and the Roman Economy*. Longman Edition. Londres.

PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1991). Amphorae and the Roman Economy: An Introductory Guide. Longman Archaeology Series.

PELLICER CATALÁN, M. (1978). "Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla)." *Habis*, 9. pp. 365-400.

PEÑA SANTOS, A. (1986). *Yaciemento galaico-romano de Santa Tegra. Campana 1983. Arqueoloxia/Memórias, 5,* La Coruña.

PEÑA SANTOS, A. (1987a). "El castro de Torroso (Mos, Pontevedra). Resumen de tres años de excavaciones." *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27, 1-4, Porto, pp. 113-136.

PEÑA SANTOS, A. (1987b). "Castro de Torroso (Mos), campaña de excavaciones de 1987." *El Museo de Pontevedra*, 41, Pontevedra, pp. 77-96.

PEÑA SANTOS, A. (1992). *Castro de Torroso (Mos, Pontevedra) - síntesis de las memorias de las campañas de excavaciones 1984-1990.* Junta de Galicia.

PEÑA SANTOS, A. (2001). *Santa Trega: un poblado "castrexo"-romano.* Ourense.

PERDIGONES MORENO, L.; MUÑOZ VICENTE, A. (1990). "Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta. San Fernando, Cádiz." *Anuario Arqueológico de Andalucía/1988*. Sevilla, 3, pp. 106-112.

PEREIRA, E.; CARVALHO, G.S.; NORONHA, F.N; MONTEIRO, J.; RIBEIRO, A. (1992). *Carta Geológica de Portugal na escala 1: 200000. Notícia explicativa da folha 1*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

PEREIRA, F. A. (1898). "O castello de S. Miguel-o-Anjo." *Arqueólogo Português*, 4, Lisboa, pp. 231-238.

PEREIRA, F. A. (1902). "Um passeio arqueológico no concelho de Arcos de Valdevez." *Arqueólogo Português,* 7, Lisboa, pp. 193-209.

PEREIRA, F. A. (1903). "Machados de duplo anel." *Arqueólogo Português,* 8, Lisboa, pp. 135.

PEREIRA, F. A. (1908). "Novo material para o estudo da estatuária e arquitectura do Alto Minho." *Arqueólogo Português,* 13, Lisboa, pp. 202-244.

PEREIRA, F. A. (1910). "As habitações castrejas do norte de Portugal. Uma hipótese da sua reconstituição", *Limia*, 1 (1), Viana do Castelo, pp. 1 – 25.

PEREIRA, F. A. (1914). "Habitações castrejas do norte de Portugal." *in* Estudos do Alto Minho. Viana do Castelo: Tip. Modelo, (Estudos do Alto Minho, 1ª série, 14), p. 17.

PEREIRA, F. A. (1915). "Novas figuras de guerreiros lusitanos descobertas pelo Dr. L. de Figueiredo da Guerra." *Arqueólogo Português*, 20, Lisboa, pp. 1-16.

PEREIRA, F. A. (1933). "Os vestígios das habitações citanienses." *Homenagem a Martins Sarmento,* Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 27-30.

PEREIRA, G. (2011). *Dinâmicas culturais e influências meridionais no NW peninsular.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

PEREIRA, G. (2019). "Artefactos, encuentros e ideias: reflejos meridionales en la protohistoria del noroeste de Portugal." Ferrer-Albelda, E. (ed.) *La ruta de las Estrímnides. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antiguedad.* Monografías de Gahia, 4, pp. 449-497.

PEREIRA, M. A. H. (1968). "Indústria lítica protohistórica Notícia de protótipo enigmático e de seus congéneres." *O Arqueólogo Português,* 3ª série: 2, Lisboa, pp. 25 - 38.

PEREIRA, S., SASTRE, J. C., GASPAR, R., ESPÍ, I., PEREIRA, J. A., MATEOS, R., LARRAZABAL, J. (2015). "O Povoado da Quinta de Crestelos (Meirinhos, Mogadouro, Portugal): Fortificação e controlo de um território." Óscar Rodríguez Monterrubio, Raaquel Portilla Casado, José Carlos Astre Blanco e Patricia Fuentes Melgar *(coord.) Forticaciones en la Edad del Hierro Control de los Recursos y el Territorio,* Editora Glyphos Publicaciones, Espanha, pp. 277-298.

PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ILLAREGUI GÓMEZ, E.; MORILLO CERDÁN, A. (1995). "Reflexiones sobre las moendas de la caetra procedentes de Herrera de Pisuerga (Palencia)", *La moneda Hispânica, ciudad y território* (Anejos del Archivo Español de Arqueologia, 14). Madrid: CSIC, pp. 199-206.

PÉREZ OUTEIRIÑO, B. (1989). "Orfebreria Castreña". In GARCIA CASTRO, Juan Antonio (Dir.) – *El Oro en la España Prerromana*. "Revista de Arqueologia", Madrid: Zugarta Ediciones, 1989, pp. 90-107.

PIMENTA, J. (2005). *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005). Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: A intervenção da Rua de São João da Praça. In Arruda, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa. Vol. 2, pp. 724-735

PIMENTA, J., MENDES, H. E MADEIRA, F. (2010). "O povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13, Lisboa, pp. 25-56.

PIMENTA, J., GASPAR, A., GOMES, A., MOTA, N., MIRANDA, P. (2014a). "O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n. 16-20) – Lisboa". *Cira Arqueologia*, 3. pp. 122-147.

PIMENTA, J., CALADO, M. e LEITÃO, M. (2014b). "Novos dados sobre a ocupação pre-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça". Em A.M. Arruda (ed.): *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos* (Lisboa, 2005). UNIARQ. Lisboa: pp. 724–735.

PINHEIRO, R. (2020). "Do Castro de S. João ao Convento de Santa Clara: Notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde", In Arnaud, J. M., Neves, C. e Martins, A., In *Arqueologia em Portugal – 2020 Estado da Questão*, Lisboa: AAP, pp. 1083 - 1094. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa78

PINHO, J. (2009). *O I^{o} milénio a.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa.

PINTO, I. V., MORAIS, R. (2007). "Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português", In *Actas del Congresso, Cetariae. Salgas y Salazones de Pescado en Occidente durante la Antigüedad (Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005)*, BAR International Series, vol. 1686, Oxford, 235-254.

PINTO, P. C. (2000). "Vila do Conde Arqueológica." *Al-madan,* 2ª série, 9, pp. 147-150.

PINTO, P. C., ALMEIDA, C.A.B. (1994) *Relatório da escavação do Castro Sampaio, Moreiró, Labruge, Vila do Conde.* Relatório Policopiado.

PINTO, P. C., ALMEIDA, C.A.B. (1994a) *Relatório de escavações, campanha de 1994, Castro de S. Paio. Labruge, Vila do Conde.* Relatório Policopiado.

PINTO, P. C., ALMEIDA, C.A.B. (1996) *Relatório de escavações, campanha de 1995, Castro de S. Paio. Labruge, Vila do Conde.* Relatório Policopiado.

PINTO, R. S. (1932). "A cividade de Terroso e os castros do Norte de Portugal." *Revista de Guimarães*, 42, 1-2, Guimarães, pp. 81-91.

PONTE, S. (1981). "Quatro fíbulas da Citânia "Santa Luzia". *Minia*, 2.ª série, 4 (5), Braga, pp. 149-152.

PONTE, S. (1984). *Coleções do Museu Monográfico de Conimbriga.* Gráfica de Coimbra. Coimbra.

PONTE, S. (2006). *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal. Edição Caleidoscópio*, Lisboa.

PORFÍRIO, E. (2014). "Arquiteturas e práticas funerárias da Idade do Bronze no concelho de Serpa: O caso de Torre Velha 3." Soares Lopes, S. (coord.) *In A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas, Antrope,* Série Monográfica n.º 1, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, pp. 251 – 268.

Q

QUEIROGA, F. (1985a). "Vila Nova de Famalicão, Castro de Vermoim, 1982." *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 56.

QUEIROGA, F. (1985b). "Vila Nova de Famalicão. Castro das Ermidas (1983)." *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 56-57.

QUEIROGA, F. (1985c). "Escavações Arqueológicas no Castro das Ermidas – A Campanha de 1983." *Boletim cultural – Vila Nova de Famalicão,* 6, pp. 5-43.
QUEIROGA, F. (1986a). "Vila Nova de Famalicão, Castro de Vermoim – 1984." *Informação Arqueológica*, 6, p. 35.
QUEIROGA, F. (1986b). "Vila Nova de Famalicão. Castro das Ermidas – Jesufrei – 1984." *Informação Arqueológica*, 6, p. 35.
QUEIROGA, F. (1987). "Corte estratigráfico no Castro de Penices." *Boletim cultural – Vila Nova de Famalicão*, 7, pp. 3-22.
QUEIROGA, F. (1992). *War and Castros. New approaches to the northwetern portuguese Iron Age*, Oxford: PhD thesi – Policopiada).
QUEIROGA, F. (2000). *Castro da Terronha: relatório da intervenção arqueológica* (policopiado).
QUEIROGA, F. (2005). "Materiais e Técnicas Construtivas da Cultura Castreja no Entre-Douro-e-Minho." *Cadernos do Museu,* nº 11, Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, pp. 155-166.
QUEIROGA, F. (2019). *As ânforas romanas tardo-republicanas do Castro da Terronha (Cardielos, Viana do Castelo).* (Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia, apresentado à Universidade do Porto).
QUEIROGA, F. (2020). "Contributo das arqueociências para a investigação da cultura castreja, no último quartel do século XX." *In* R. Centeno; R. Morais; T. Soeiro; D. Ferreira (eds.), *Cultura Castreja: Identidade e Transições*. Vol. II. Santa Maria da Feira: Museu Convento dos Lóios/Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, pp. 131-149.
QUEIROGA, F. (2021). "O património dos Castros. Algumas considerações sobre os Castros do Alto Minho." CAMPELO, A. (coord.) *Viagem no Tempo História e Património Cultural do Alto Minho*. Edição Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, Viana do Castelo, pp. 79-90.
QUEIROGA, F., FIGUEIRAL, I. (1989). "Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos." *Boletim cultural – Vila Nova de Famalicão*, 9, pp. 67-69.
QUESADA SANZ, F. (2008). "Armamento romano y ibérico en Urso (Osuna): testimonio de una época". *Cuadernos de los Amigos de los Museus de Osuna*, 10, pp. 13-19.

R

RÁMON TORRES, J. (1995). *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y ocidental. Vols. 2,* Consell Insular d'Eivissa i Formentera, Conselleria de Cultura, Educació i Patrimoni, Barcelona.
RÁMON TORRES, J. (2008). "El comercio púnico en Occidente en época tardorrepublicana (siglos -II/-I). Una perspectiva actual según el tráfico de productos envasados en ánforas", In: Uroz, J. & Noguera, J.M.& F. Coarelli (eds.). *Iberia e Italia: modelos romanos de integración territorial*, Murcia.
REDENTOR, A.J.M. (2011). *A cultura epigráfica no conventvs Bracaravgvstanvs (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana.* 2 Vols. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
REIMER P.J., AUSTIN, W.E.N., BARD, E, *et al.* (2020). "The IntCal20 Northern Hemisphere Radiocarbon Age Calibration Curve (0–55 cal kBP)." *Radiocarbon*, 62(4), pp. 725-757. doi:10.1017/RDC.2020.41
REIS, P. B. (1950). "Raridades numismáticas achadas no histórico castelo de Faria", *Boletim do Grupo Alcaides de Faria, Barcelos,* 2, pp. 25-31.
RENFREW C., BAHN P. (2016). *Archaeology. Theories, Methods and Practice*. 7.ª Londres: Thames & Hudson,
RENFREW, C. (1994). *The Ancient Mind. Elements of congnitive archaeology.* Cambridge University Press, Cambridge.

REY CASTIÑEIRA, J. (1983). "Dos hitos cronológicos en la cerámica castreña." XIV Congreso Nacional de Arqueología, Cartagena 1982, Zaragoza, pp. 443-450.

REY CASTIÑEIRA, J. (1986-1987). "Algunas consideraciones sobre cerámica castreña." *Zephyrus: Revista de prehistoria y arqueología*, 39-40, Universidade de Salamanca, pp. 185-192.

REY CASTIÑEIRA, J. (1990-1991). "Cerámica indigena de los castros costeros de la Galicia Occidental Rías Bajas. Valoración dentro del contexto general de la cultura castreña." *Castrelos: revista do Museo Municipal "Quiñones de León",* 3-4, pp. 141-163.

REY CASTINEIRA, J. (1991). *Yacimientos castreños de la vertiente atlántica. Análisis de la cerâmica indígena.* Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento – Policopiada).

REY CASTINEIRA, J. (1995). "Cuestiones de tipo territorial en la cultura castreña." Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología: Vigo, Vol. 2, págs. 165-172.

REY CASTIÑEIRA, J. (1998). "Cerámica castrexa decorada." *In* FÁBREGAS VALCARCE, R.; CARBALLO ARCEO, L. X.; ACUÑA CASTROVIEJO, F. (coords.). *Prehistoria. Arte Castrexa. Arte da Romanización*. A Nosa Terra, Vigo, pp. 225-240.

REY CASTIÑEIRA, J. (1999). "Secuencia cronológica para el castreño meridional galaico los castros de Torroso, Forca y Trega." *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antigüidade*, 18, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 157-178.

REY CASTIÑEIRA, J. (2005a). "A cerámica castrexa." In J. M. Hidalgo Cuñarro, (coord.). *Artee culturadeGalicia e norte de Portugal. Arqueoloxía, 2*, Marina Editores, Setúbal, pp. 84-108.

REY CASTIÑEIRA, J. (2005b). "La metalurgia castreña*"* In J. M. Hidalgo Cuñarro, (coord.). *Artee cultura de Galicia e norte de Portugal. Arqueoloxía, 2*, Marina Editores, Setúbal, pp. 57-83.

REY CASTIÑEIRA, J. (2014). "A olaria castreja de tradição Minho." In *As Produções cerâmicas de imitação na Hispania* (coord.) R. Morais, A. F. Fernández, M. J. Sousa, vol I., Braga, pp. 289-302.

REY CASTIÑEIRA, J. (2019). "Cultura Castrexa. Territorios, Tiempos y Aculturaciones." In E. Ferrer Albelda (ed.) *La ruta de las Estrímnides. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberiaen la Antigüedad*. Madrid: Universid Alcalá de Henares, pp. 423-447.

REY CASTIÑEIRA, J., SOTO ARIAS, P. (2002). "Estudio preliminar del análisis Físico-Químico aplicado a la cerámica castreña: Vertiente Atlántica gallega." *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antigüidade*, 21, Santiago de Compostela, pp. 169-176.

REY CASTIÑEIRA, J.; MARTÍN SEIJO, M.; TEIRA BRIÓN, A.; ABAD VIDAL, E.; CALO RAMOS, N.; CARBALLO ARCEO, L.; COMENDADOR, REY, B.; PICÓN PLATAS, I.; VARELA MONTES, A. (2011). "CastroBYTE. Un modelo para a xestión da información arqueolóxica". *Gallaecia* 30, pp. 67-106.

REY CASTIÑEIRA, J., TEIRA BRIÓN, A. M., CALO RAMOS, N., RODRÍGUEZ CORRAL, J., LÓPEZ GONZÁLEZ, T. (2013). "Cámaras de cocción móviles de la Edad del Hierro del NO peninsular una propuesta de reconstrucción experimental." (Coord.) Antoni Palomo Pérez, Raquel Piqué, Huerta, Xavier Terradas Batlle, *Experimentación en arqueología: estudio y difusión del passado*, Vol. 2, pp. 453-462.

RIBEIRO, A. I. (2006). *Miguel Ventura Terra. A arquitectura enquanto projeto de vida.* Edição: Câmara Municipal de Esposende.

RIBEIRO, M., MARTINS, H.C., ALMEIDA, A., NORONHA, F. (2000). *Notícia explicativa da folha 6C (Cabeceiras de Basto).* Carta Geológica de Portugal 1:50 000, Departamento de Geologia Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa

RIBEIRO, O. (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.* Coimbra, Coimbra Editora.

RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H., DAVEAU, S. (1987). *Geografia de Portugal.* Editora João Sá da Costa, Lisboa.

RIBEIRO, V. (1722). "Fenis Viannesa, ou Vianna Renascida." *O Átrio*, Vol. III, p. 43.

RICCI, A. (1985). Ceramica a pareti sottili. *Atlante delle Forme Ceramiche*. Vol. II. Roma: Instituto della Enciclopedia italiana.

ROBINSON, H. R. (1975). *The armour of imperial Rome. Londres*

RODRIGUES, J.M.C. (2005). *Relatório do inventário dos sítios e achados castrejos na região do Minho.* Viana do Castelo. (Relatório apresentado ao IPPAR (Instituto Português do Património Arquictetónico).

RODRIGUES, M., PIMENTA, J., SOUSA, E., MENDES, H., ARRUDA, A.M. (2019). "A cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos, Portugal)". *Cira Arqueologia*, 7, pp. 32-58.

RODRIGUES, Z., BAPTISTA, L., GOMES, S. (2013) - "Contextos de inumação da Idade do Bronze da Torre Velha 12", Actas do *VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, em 4 e 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz).

RODRÍGUEZ COLMENERO, A.; FERRER SIERRA, S. (2014). *Augusto na Finisterra ibérica: entre a vitoria cântabra e os albores do culto imperial.* Lugo: Servizo de Municipal de Arqueoloxía.

RODRÍGEZ CORRAL, J. (2008). "Identidad y estilo tecnológico en el contexto castrexo." In E. Ramil Rego (Ed.) 1º. Congreso Internacional de Arqueoloxia de Vilalba*, Férvedes*, 5, Vilalba, pp. 287-296.

RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, R. M. (2018). "Re-excavando Santa Trega (A Guarda, Pontevedra). Nuevos datos y conclusiones del Barrio Mergelina." *Férvedes*, *Revista de Investigacíon*, 9, Vilalba, pp. 107-116.

RODRÍGUEZ NÓVOA, A. A. (2019). *Yacimientos castrexos de la cuenca del Miño. Análisis de la cerámica indígena.* Tese de Doutoramento (Universidade de Santiago de Compostela).

RODRIGUEZ PUENTES, E. (1986). *La cerâmica estampillada castreña. (Aportácion a su estúdio).* Tese para obtenção do grau de licenciado, apresentada à Universidade de Santiago de Compostela (policopiado).

ROUILLARD, P. (1975). *Les coupes attiques à Figures Rouges du IV s. en Andalusie.* Paris: Melanges de la Casa de Velazquez.

ROUILLARD R. (1991). *Les Grecs et la péninsule ibérique du VIIIe au IVe siècle avant Jésus-Christ.* Paris: Diffusion de Boccard.

RUANO RUIZ, E. (1996). *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Ibiza: *Treballs del Museu Arqueológic d'Eivissa y Formentera*, vol. 36.

RUSSELL CORTEZ, F. (1946). "O castro de Argifonso (Vila do Conde)." *Arquivo Espanhol de Arqueologia,* 19, pp. 149-155.

RUSSELL CORTEZ, F. (1948). "*Actividade Arqueológica em Portugal durante 1947." Archivo Español de Arqueologia,* Vol. XXI (72) Madrid, pp. 269-281.

RUIZ, A.; MOLINOS, M. (1993). *Los Íberos. Análisis arqueológico de un proceso histórico",* Critica, Barcelona.

RUIZ-GÁLVEZ, M. L. (1980). "Consideraciones sobre el origen de los puñales de antenas gallego-asturianos". *In* n *Actas Seminario de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, vol. I, pp. 85-112.

S

S/A (1946). Museu Nacional Soares dos Reis – Machados e Outros Objetos de Bronze. Imprensa Moderna, Porto.

S/A (1953-54). "III Congresso Espanhol, de Arqueologia". *Bracara Augusta*, V, 1-3 (26-28), pp. 215-234. Braga: Câmara Municipal de Braga.

SÁEZ ROMERO, A. M. (2005), "Aproximación a la tipología de la cerámica común púnico-gadirita de los ss. III-II", *Spal*, 14, pp. 145 - 177.

SÁEZ ROMERO, A. M. (2008). *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos - III/-I)*. BAR International Series, vol. 1812, Oxford.

SÁEZ ROMERO, A. M. (2018). "Apuntes sobre las dinámicas comerciales de *Gadir* entre los siglos VI y III a.C.", *Gerión:* Revista de Historia Antigua 36 (1), pp.11-40. https://doi.org/10.5209/geri.60292

SAMPAIO, H. A. (2014). *A Idade do Bronze na bacia do Rio Ave (Noroeste de Portugal).* Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho.

SAMPAIO, H. A., BETTENCOURT, A. M. S. (2014). "Between the valley and the hill top. Discoursing on the spatial importance of Pego's Broze Age necropolis, Braga (Northwest of Portugal)." Estudos do Quaternário, 10, Braga, pp. 45-57.

SAMPAIO, J. M. (1934). "Um sinete interessante.", *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Associação dos Arqueólogos Portugueses e Junta da Educação Nacional,* Vol. 1, Lisboa, pp. 49-57.

SANAVIA, A. (2013). «Circolazione e consumo di exotica nella Creta dei Primi Palazzi: alcune observazioni sul vasellame in metallo prezioso e di imitazione metallica nel rituale funerario delle élites emergenti». *In* BALDACCI, G.; CIAMPINI, E.M.; GIROTTO, E.; MASARO, G. (eds.). *Percorsi identitari tra Mediterraneo e Vicino Oriente Antico. Contributi del dottorato in Storia Antica e Archeologia*. Scuola Dottorale di Ateneo; Dipartimento di Studi Umanistici, Università Ca' Foscari Venezia. S.A.R.G.O.N. Editrice e Libreria. Padua, p. 181-198.

SANTA OLLALA, J. M. (1948). "El fragmento cerâmico celtico." *Boletim do Grupo Alcaides de Faria,* 1 (1), Barcelos, pp. 21-28.

SANTA-OLALLA, J. M. (1941). "Esquema paletnológico de la Península hispánica." In J. MARTÍNEZ SANTA-OLALLA (ed.), *Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria dedica a sus mártires*. I. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 141-166.

SANTOS, A. (2013). *A Laje da Churra (Paçô, Carreço, Viana do Castelo). Estudo monográfico de um lugar gravado.* Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.

SANTOS-ESTÉVEZ, M., BETTENCOURT, A.M.S. (2017). "O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal). Embarcações, armas, cavalos e ex-votos." In J. MORAIS ARNAUD e A. MARTINS (coord.) *Arqueologia em Portugal 2017 - Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 1069-1084.

SARMENTO, F. M. (1883-1884). "A propósito de castros." *O Panorama Contemporâneo,* 1883-1884, Coimbra, pp. 9, 17, 25.

SARMENTO, F. M. (1933). *Dispersos. Colectânea de Artigos Publicados, desde 1876 a 1899, sôbre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pre- Historica.* Edição Imprensa da Universidade de Coimbra.

SARMENTO, F. M. (1987). "Antíqua, Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmento. Informes, reconhecimentos e prospeções". *Revista de Guimarães*, 97-98, pp. 5-40.

SARMENTO, F. M. (1999). *Antiqua – Apontamentos de Arqueologia.* Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

SAVORY, H. N. (1974). *Espanha e Portugal.* Editorial Verbo, Lisboa.

SCHIFFER, M. B. (1976). *Behavioral Archaeology.* Academic Press, New York.

SCHUBART, H. (1961). "Atlantische Nietenkessel von der Pyrenäenhalbinsel", *Madrider Mitteilungen* 2, pp. 35-54.

SEABRA, L. (2015). *Estudo Paleoetnobotânico do povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Noroeste de Portugal)*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.

SEABRA, L. (2023). *Agricultural and storage choices, environmental conditions and human dynamics from the Iron Age to the Early Medieval period in Northern Portugal.* Porto: Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

SEABRA, L: TERESO, J; BETTENCOURT, AMS; DINIS, A (2018). "Crop diversity and storage structures in the settlement of Crastoeiro (Northwest Iberia): new approaches." *Trabajos de Prehistoria* 75 (2), pp. 361-378. https://doi.org/10.3989/tp.2018.12221

SEABRA, L.; TERESO, J.P.; BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A. (2018a). "Evidências arqueobotânicas e de armazenagem de cereais no povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)", *Cadernos do GEEvH,* 7 (2), pp. 69-94.

SEABRA, L.; TERESO, J.; BETTENCOURT, A. M. S.; DINIS, A. (2018b). "Diversidad de cultivos y estructuras de almacenaje en el poblado de Crastoeiro (Noroeste de la Península Ibérica): nuevos enfoques." *Trabajos De Prehistoria*, *75* (2), pp. 361–378. https://doi.org/10.3989/tp.2018.12221

SERENO I.; DORDIO, P. (1994). Cividade de Belinho / Estação Arqueológica Cidade de Belinho. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1893 (Acedido em 18/05/2020).

SEVERO, R. (1905-1908). "As arrecadas d'ouro do Castro de Laundos." *Portvgalia*, 2, Porto Imprenza Portuguesa, pp. 403-412.

SEVERO, R., CARDOSO, A. e SARMENTO, F. M. (1886). "Notícias archeológicas sobre o Monte da Cividade." *Revista de Guimarães*, 3 (3), pp. 137-145.

SHANKS, M., TILLEY, CH. (1992). *Re-constructing archaeology. Theory and practice. Londres*

SILVA, A. (2014). *Leituras sobre Ourivesaria Arcaica Portuguesa. Brincos, Contextos e Expressão Territorial.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização em Arqueologia Proto-histórica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SILVA, A. C. F. (1983). "As *tesserae hospitales* do Castro da Senhora da Sa+ude ou Monte Murado (Pedroso, Vila Nova de Gaia)." *Gaya*, 1, Vila Nova da Gaia, pp. 9-26.

SILVA, A. C. F. (1983-1984): "A Cultura castreja no noroeste de Portugal. Habitat e cronologias". *In* Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste. Homenagem a Rui de Serpa Pinto. *Portugália*, 4-5. Porto, pp. 121-129.

SILVA, A. C. F. (1984). "Ourivesaria Pré-Romana do Norte de Portugal". In REAL, Manuel Luís (Coord.) *Ourivesaria do Norte de Portugal: Exposição.* Porto: Associação Regional de Protecção do Património Cultural e Natural / Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte, 1987, pp. 73-87.

SILVA, A. C. F. (1986). *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.

SILVA, A. C. F. (1995). "A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no noroeste de Portugal durante o I milénio a.C." *Revista da Faculdade de Letras,* II, série XII, Porto, pp. 505-547.

SILVA, A. C. F. (2007). *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal. 2.º edição.

SILVA, A. C. F.; MACIEL, T. (2004). "Balneários castrejos do Noroeste peninsular. Notícia de um novo monumento do Castro de Roques." *Portugália*, 225, pp. 115-131.

SILVA, A. J. M. (2009), *Vivre au delá du fleuve de l'Oubli. Portrait de la communauté vilLajeoise du Castro do Vieito, au moment de l'intégration du NO de la péninsule ibérique dans l'orbis romanum (estuaire du Rio Lima, NO du Portugal).* Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SILVA, A. J. M. (2012). *Vivre au-delà du fleuve de l'oubli: portrait de la communauté vilLajeoise du Castro do Vieito au moment de l'intégration du NO de la péninsule ibérique dans l'orbis Romanum: estuaire du Rio Lima, NO du Portugal.* Oxford: British Archaeological Reports (BAR), International Series 2342.

SILVA, A. M. S. P (2021). *Cale e os Callaeci. Territórios e comunidades na foz do rio Douro entre a Proto-história e a Romanidade.* (Tese de Doutoramento em Estudos Culturais: Memoria, Identidade, Território e Linguagem) (http://hdl.handle.net/10347/28874).

SILVA, A. M. S. P. (1994). *Proto-História e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral: elementos para uma avaliação crítica.* Porto, (Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada na F.L.U.P., policop.).

SILVA, A.C.F., PINTO, J.M. (2001). "Comércio Púnico com o Noroeste", *In* António Augusto Tavares, *Os Púnicos no Extremo Ocidente*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 229–238.

SILVA, C. T.; CABRITA, M. G. (1966). "A utilização dos moluscos durante o Eneolítico português." *Revista de Guimarães*, 76 (3-4), pp. 307-338

SILVA, E. J. L (1986). *Relatório da Escavação da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) –1ª Campanha*. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, E. J. L (1988a). *Relatório da Escavação da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) –3ª Campanha* Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte. Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, E. J. L (1988b). "A Mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação." *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 28:1-2, pp. 127-132

SILVA, E. J. L (1989). *Relatório da Escavação da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) –4ª Campanha*. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte. Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, E. J. L. (1987). *Relatório da Escavação da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) –2ª Campanha*. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, E. J. L. (1989b) – "Escavação da Mamoa de Aspra. Vila Praia de Âncora (Caminha)". *Revista de Ciências Históricas*, 4, Porto, pp. 13-38.

SILVA, E. J. L. (1991). "Descobertas recentes de arte megalítica no Norte de Portugal." *Cadernos Vianenses,* 15, Viana do Castelo, pp. 31-45.

SILVA, E. J. L. (1994). "Megalitismo do Norte de Portugal: O litoral minhoto." Domingos Cruz (Ed.) *In Actas do Seminário sobre o Megalitismo do Centro de Portugal,* Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992, Viseu, pp. 157-169

SILVA, E.J.L., MARQUES, J.A.M. (1984). "O Castro de Moldes : Castelo de Neiva, Viana do Castelo: (primeiros resultados)", *In* Actas del II 2 Colóquio Galaico-Minhoto / *Colóquio Galaico-Minhoto*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Vol. II, p. 241-272

SILVA, E.J.L., MARQUES, J.A.T.M. (1984a). "Escavações no Castro de Moldes. Castelo de Neiva - Viana do Castelo (Notícia Preliminar)", *Cadernos Vianenses*, 8, Viana do Castelo, pp. 33-48.

SILVA, F. M. (2006). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia superior do rio Coura: Estudo, Musealização e Divulgação.* Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia e Letras, Departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Granada.

SILVA, F. M. (2015). *Montes, pedras e gente: a ocupação proto-histórica do vale superior do Coura.* Edição Idioteque.

SILVA, L. G. (2005-2006). *Ânforas do Castro de S. Lourenço Vila-Chã – Esposende*. Trabalho de Seminário de projeto no âmbito da Licenciatura em Arqueologia, Universidade do Porto.

SILVA, M. F. M., OLIVEIRA, P. C. P. (1999). "Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa)". Revista de Guimarães, Vol. Esp., II, pp. 633 – 659.

SILVA, M.A.D.; BETTENCOURT, A.M.S.; SILVA, A.M.S.P. (2020). "O Castro do Muro (Vandoma/Baltar, Paredes). Notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média", in J.M. Arnaud; C. Neves; A.Martins (eds.), Ar*queologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa:* AA, 1015-1030 - https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa14

SILVA, M.F.M., OLIVEIRA, P.C.P. (1999). Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa). *Revista de Guimarães*, Vol. Esp. II, pp. 633-659.

SILVA, P. (1877). "Monte de Santa Luzia (Viana de Castelo)." *Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Archeólogos Portugueses*, 2.ª série, Vol. 2 (3), Lisboa, pp. 27 - 30.

SILVA, P. (2010). *Povoamento Proto-Histórico do Alto Tâmega: as mudanças do I milénio a.C. e a resistência do substrato indígena.* Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto.

SILVA, R. (1934). "Conta de vidro polícromo encontrada no Castro de Sabroso." R*evista de Guimarães*, 44, Guimarães, pp. 35-38

SILVA, V.M.F. (2013). "Caldeiro de rebites do sítio arqueológico do Frijão (Braga, Noroeste de Portugal". *Estudos do Quaternário*, 9, Braga, pp. 15-21.

SILVA, V.M.F. (2014). *A estação arqueológica da Idade do Ferro do Frijão (Braga, Norte de Portugal).* Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30452

SKIBO, J. M. (1992). *Pottery function: A use-alteration perspective*. New York: Plenum.

SMITH, M. (1988). "Function form Whole vessel shape: a method and na application to Anasazi Black Mesa – Arizona." American Anthropologist, 90, 4, pp. 912-923.

SOARES, F. (2018). "A mamoa de Eireira (Afife, Viana de Castelo): um esboço monográfico preliminar." *Antrope*, 8, Coimbra, pp. 17 – 47.

SOARES, F. (2021). "Os novos motivos de arte megalítica descobertos na Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo)". *Al-Madan,* 24 (1), Almada, pp. 10-21.

SOEIRO, T. (1981). "Castro do Peso em Sta. Leocádia de Geraz do Lima", *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 99-102.

SOEIRO, T. (1988). "A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende". *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura*, 2, Esposende, pp. 35-62.

SOUSA, B. (2022). *Estudo tecno-Bipológico da indústria lítica holocénica da Praia de Rio de Moinhos, Esposende (NO, Portugal).* Porto: Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

SOUSA, E. (2014). *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias 7). Lisboa: UNIARQ.

SOUSA, E. (2019). "O comércio na costa atlântica portuguesa durante a segunda metade do 1.º milénio a.C." Ferrer-Albelda, E. (ed.) *La ruta de las Estrímnides. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antiguedad.* Monografías de Gahia., n.º 4, pp. 499-520.

SOUSA. E. (2021). "A cerâmica cinzenta do estuário do Tejo durante a Idade do Ferro: algumas precisões sobre a sua cronologia, tipologia, produção e consumo." *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*, 47 (1), pp. 127-167.

SOUSA, E.; PIMENTA, J. (2014). "A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro." In MORAIS, R., FERNÁNDEZ, A. E SOUSA, M. J. (Eds.), *As produções cerâmicas de*

imitação na Hispania. Monografias Ex Officina Hispana II (Actas do II Congresso da Sociedade de Estudos da Cerâmica Antiga da Hispânia – SECAH / Braga, 4-6 Abril 2013). Vol. I. Porto, pp. 303-316

SOUSA, J. J. R. (1970). "A Estação Arqueológica da Falperra. Notas para a sua história". *Arquivo de Beja*, XXV-XXVII. Beja: Câmara Municipal de Beja.

SOUSA, M. J. (2004). O Património arqueológico na longa duração: *Ourivesarias Antiga e Tradicional Actual no Norte de Portugal.* Dissertação de Mestrado em Património e Turismo, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

SOUSA, M. J. C. (1994). *A arte do ouro*. *Póvoa de Lanhoso*: Pelouro da Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Póvoa de Lanhoso.

SOUSA, O. C. F. (1994). *Estatuária antropomórfica pré e proto-histórica do Norte de Portugal.* Porto (Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto).

SPARKES, B. A. (1991). *Greek Pottery: An Introduction.* Manchester University Press, Inglaterra.

SPARKES, B. A., & TALCOTT, L. (1970). *The Athenian Agora, volume XII. Black and plain pottery of the 6th, 5th and 4th centuries B.C.* (vol. 12) Princeton: The American School of Classical Studies at Athens.

SUÁREZ OTERO, J., SINGUL, F. (2004d). "Cipo de Toralla e posible altar púnico de Alcabre", *Ata os Confins do Mundo*. *Diálogos entre Santiago e o Mar* (Vigo), Vigo: Xunta de Galicia, pp. 40 e 280-81.

T

TARCÍSIO, M. (1997). *O Povoamento Proto-histórico do Vale do Neiva.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

TARCÍSIO, M. (2003). *O Povoamento Proto-histórico do Vale do Neiva.* Viana do Castelo: Associação Rio Neiva.

TCHERNIA, A. (1980): "Quelques remarques sur le commerce du vin et des amphores", in J. H. D'Arms e E. C. Kopff (eds), *Memoirs of the American Academy in Rome*, pp. 305-312, Universidade do Michigan, EUA.

TCHERNIA, A. (1986). *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores*. Paris: De Boccard.

TEIXEIRA C. (1956). *Notícia explicativa da folha 1A (Valença).* Carta Geológica de Portugal na escala 1: 50000. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

TEIXEIRA, C., ASSUNÇÃO, C. T. (1961). *Notícia explicativa da folha 1C (Caminha).* Carta Geológica de Portugal 1:50 000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa

TEIXEIRA, C., PERDIGÃO, J. C. (1962). *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000, folha 1c (Caminha).* Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

TEIXEIRA, C., MEDEIROS, A., (1965). *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000 : notícia explicativa da folha 9-A, Póvoa de Varzim.* Serviços Geológicos de Portugal.

TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. CÂNDIDO; ASSUNÇÃO, C. T. (1965). *Carta Geológica de Portugal (1/50.000). Notícia Explicativa da folha 9-A, Póvoa de Varzim*, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

TEIXEIRA, C., MEDEIROS, A., ASSUNÇÃO, C., (1965). *Carta Geológica de Portugal, na escala 1/50 000, Noticia Explicativa da Folha 9-A, Póvoa de Varzim*. Lisboa: DGMSG, Serviços Geológicos de Portugal.

TEIXEIRA, G., MEDEIROS, A. C., ASSUNÇÃO, C. T. (1965). *Notícia Explicativa da folha 9-A (Póvoa de Varzim)*, Carta Geológica de Portugal (1/50.000). Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

TEIXEIRA, C., MEDEIROS, A.C., ALVES, C. A. M., MOREIRA, M. M. (1969). *Notícia explicativa da folha 5C (Barcelos).* Carta Geológica de Portugal 1:50 000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

TEIXEIRA, C.; MEDEIROS A. C.; LOPES, J. R. (1969). *Carta Geológica de Portugal (1/50.000), f. 5-C, Notícia Explicativa da Carta Geológica.* Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

TEIXEIRA, C. MEDEIROS, A., COELHO, P.A. (1972). *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 5-A – Viana do Castelo. Lisboa (DGMSG).*

TEIXEIRA, C., MEDEIROS, A. (1972). *Notícia explicativa da folha 5A (Viana do Castelo).* Carta Geológica de Portugal 1:50 000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

TELES, V. (2002). "Quando os rios galgam as margens, Um breve retrato das cheias de 5 de janeiro de 2001 nos concelhos de Braga e de Guimarães." *Territorium*, n°. 9, Coimbra, pp. 75-88.

TERESO, J. P. (2012). *Environmental change, agricultural development and social trends in NW Iberia from the Late Prehistory to the Late Antiquity.* Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

TERESO, J. P.; RAMIL-REGO, P.; ÁLVAREZ GONZÁLEZ, Y.; LÓPEZ GONZÁLEZ, L.; Almeida-da-Silva, R. (2013b). "Massive storage in As Laias/O Castelo (Ourense, NW Spain) from the Late Bronze Age/Iron Age transition to the Roman period: a palaeoethnobotanical approach." *Journal of Archaeological Science,* 40 (11), pp. 3865-3877. DOI: 10.1016/j.jas.2013.05.007

THOMAS, D. H. (1998). *Archaeology.* Orlando: Harcout Brace &Company.

TILLEY, C. (1989=2004). "Interpreting Material Culture." *In* I. Hodder (Ed.), *The Meaning of Things. Material Culture and Symbolic Expression*, *One World Archaeology,* 6, Edição Routledge, pp. 185-194.

TORRES, J. (1978-79). *Tesouro monetário do castro de Alvarelhos. Estudo numismático - Seriação cronológica e histórica*. *Boletim Cultural de Santo Tirso*, vol. I, n.° 2-3, Santo Tirso.

TRANOY, A. (1981). *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité.* Paris: Diffusion de Boccard.

V

VALERA, A. (2006). *Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na bacia do Alto Mondego: Estruturação e Dinâmica de uma Rede local de Povoamento.* Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto.

VALERA, A.; TERESO, J.P.; REBUJE, J. (2006). "O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico Final / Calcolítico do estuário do Tejo." *In* Bicho, N. ; Veríssimo, H. (eds.) *Do epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004*). (Promontória Monográfica 4), pp. 291-305.

VALERA A., COELHO, M. D. (2013). "A necrópole de hipogeus da Sobreira Cima (Vidigueira, Beja). Enquadramento, arquitecturas e contextos." *ERA – Monográfica 1*, pp. 11 – 39.

VALERO APARISI, J. S. (1950). "Restos del Castro de Faria", *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, 2 (2), pp.11-16.

VALINHO, A. (2003). *A ocupação humana no alto Paiva no I Milénio a.C.: uma abordagem espacial.* Dissertação de mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

VALVERDE, X.F. (1973). "Ouro nos Castros." *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol.22 (3), p. 322.

VASCONCELOS, J. C. (1950). "Cereais e leguminosas do Castelo de Faria", *Boletim do Grupo Alcaides de Faria, Barcelos, Portugal, 2,* pp. 37-38.
VASCONCELOS, J. L. (1900). "Extractos da correspondência de Francisco Martins Sarmento (1881-1883)". *Revista de Guimarães*, Volume especial, 17a, Guimarães, pp. 83-96.
VASCONCELOS, J. L. (1903). "Cidade Velha de Santa Luzia." *O Arqueólogo Português*, 8, Lisboa, pp. 15 – 23.
VASCONCELOS, J. L. (1905). *Religiões da Lusitania.* Tomo II, Lisboa.
VASCONCELOS, J. L. (1913) *Religiões da Lusitania*. Tomo III, Lisboa.
VASCONCELOS, J. L. (1917). "Coisas Velhas." *O Arqueólogo Português*, 22, Lisboa, p. 117.
VASCONCELOS, J. L. (1934). "Castros lusitanos II. Castro de Belinho". *O Arqueólogo Português*, 29, Lisboa, pp. 45 – 49.
VIANA, A. (1926). "Através do Minho II – A exploração metódica dos nossos castros." *Gente Minhoto,* 6, pp. 88-90, 7, Viana do Castelo, pp. 111-113.
VIANA, A. (1932a). "Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da arqueologia do Alto Minho. III. Carta Pré e Proto-Histórica do distrito de Viana do Castelo." *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, 6 (1), Viana do Castelo, pp. 1-24.
VIANA, A. (1932b). "Justificação para um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho." *Anuário do distrito de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: [s.n.]. Vol. I, pp. 11-34.
VIANA, A. (1932c). "Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto-Minho". *Anuário do distrito de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: [s.n.]. Vol. I, pp. 154-167.
VIANA, A. (1932d). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - IX, *Noticias de Viana. – n.º 240,* pp. 2.
VIANA, A. (1932e). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - X, *Noticias de Viana. – n.º 241,* pp. 2
VIANA, A. (1932f). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - XI, *Noticias de Viana. Ano V – n.º 243,* pp. 2
VIANA, A. (1932g). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - XII, *Noticias de Viana. Ano V – n.º 246,* pp. 2
VIANA, A. (1932h). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - XIII, *Noticias de Viana. Ano V – n.º 250,* pp. 2
VIANA, A. (1932i). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - XIV, *Noticias de Viana. Ano V – n.º 252,* pp. 2
VIANA, A. (1932j). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - XV, *Noticias de Viana. Ano V – n.º 253,* pp. 2
VIANA, A. (1932k). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - XVI, *Noticias de Viana. Ano V – n.º 263,* pp. 2 e 6
VIANA, A. (1932l). "Cova da Moura". Exploração de um monumento tumular, pre-histórico na freguesia de Carreço, concelho de Viana-do-Castelo - XVII, *Noticias de Viana. Ano V – n.º 266,* pp. 2

VIANA, A. (1937). "Achados arqueológicos no Monte de Santo António: Afife, Viana do Castelo: Pedra Estiliforme" *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 3,* pp. 75-83.
VIANA, A. (1943). "Paleolítico no Baixo-Alentejo". *Memórias e Comunicações*, *Congresso Luso-Espanhol* de 1942, Tomo VIII, pp. 78-94.
VIANA, A. (1953). "A Propósito de uma espada do Museu de Beja." *Revista de Guimarães*, 63 (1-2), pp. 183-191.
VIANA, A. (1955a). "A Cova da Moura", *III Congreso Arqueologico Nacional.* Crónica edicíon de la sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico y la Secretaría General de los Congressos Nacionales Zaragoza, pp. 481-497.
VIANA, A. (1955b). "Sobre a Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo)." *III Congresso Nacional de Arqueologia*, *Galicia, 1953).* Sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico", Secretaría General de los Congressos Nacionales, Zaragoza, pp. 541-551.
VIANA, A. (1955c). "Um *lapidarius* de Afife (Viana do Castelo) (Portugal)". In *III Congresso Arqueológico Nacional*, *(Galicia, 1953).* Sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico", Secretaría General de los Congressos Nacionales, Zaragoza, pp. 525-528.
VIANA, A. (1955d). "Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo, Portugal." *Zephyrus*, 6, pp. 61-88.
VIANA, A. (1955e). "Notas sobre a cerâmica do Castro de Vilar de Mouros (Caminha, Portugal)." *III Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 529-534.
VIANA, A. (1960-61). "Cividade de Âncora. Notícia sobre a actividade do II Campo Internacional de Trabalho arqueológico promovido em 1960 pela Associação Académica de Coimbra." *Conímbriga,* 2-3, pp. 247-270.
VIANA, A. (1962). *Algumas noções de Arqueologia prática.* Edição de Autor, Beja.
VIANA, A. (1963). "Cividade de Âncora: sua importância. Explorações de 1960-1961." *Lucerna*, 3, pp. 167-178.
VIANA, A., OLIVEIRA, M. S. (1954). "Cidade Velha" de Santa Luzia", *Revista de Guimarães*, 64 (1-2), pp. 40 – 72.
VIANA, A., OLIVEIRA, M. S. (1955). "Sobre a Povoado de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal)." Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa*,* pp. 541 – 551.
VIANA, T. S. (1935 – 1938). "A Árula de Santa Luzia", *Alto Minho*, 1, pp. 36 – 37.
VIEIRA, J. A. (1886). *O Minho Pitoresco.* Tomo I, Lisboa.
VILAÇA, R. (1994). *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze.* (3 vols.) Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra.
VILLA, Á. (2009). "Puñal de antenas. Chao Samartín". In Villa, Á.: *Museo Castro de Chao Samartín. Catálogo. Oviedo*: Gob. Principado de Asturias, pp. 174-175.
VITORINO, P. (1917-1918). "Notas artísticas e arqueológicas- exploração arqueológica". *Lusa*, 1, p. 156.
VITORINO, P. (1929). "Cidade Velha de Santa Luzia (Viana do Castelo)." *Portucale*, 2, pp. 4 – 48.

W

WELLER, O; ARD, V. (2024). *Prehistoric salt production: Technological approach in ceramic studies. Journal of Archaeological Science: Reports, 53 104379. Doi:* https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2024.104379

Z

ZAZO, C. (2006). "Cambio Climático y nível del mar: la Península Ibérica en el contexto global." *Revista C&G*, 20 (3-4), pp. 115-130.

Fontes antigas

Avieno - séc. IV d.C.

FERREIRA, J. R. (1985). *Orla Marítima*. Avieno. *Introd., versão do latim e notas de...* Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica; Universidade de Coimbra.

Estrabão – séc. I a.C. – I d.C.

DESERTO, J., PEREIRA, S. H. M. (2016) *Estrabão, Geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Plínio, O Velho – séc. I d.C.

GUERRA, A. (1995) [Naturalis Historia] *Plínio-o-Velho e a Lusitânia. [trad. e comentários]* Lisboa, Colibri.

Cartografia

Cartas Militares de Portugal, à escala 1:25.000, Continente, Série M888 (Serviços Cartográficos do Exército)

Folha 14 – Caminha

Folha 27 – Vila Praia de Âncora (Caminha)

Folha 40 – Viana do Castelo

Folha 41 – Geraz do Lima (V. do Castelo)

Folha 54 – Castelo do Neiva (V. do Castelo)

Folha 68 – Esposende

Folha 69 – Barcelos

Folha 82 – Póvoa de Varzim

Folha 83 – Vila Nova de Famalicão

Folha 96 – Vila do Conde

Folha 109 – Lavra (Matosinhos)

Carta Geológica de Portugal, à escala 1:200.000, Folha 1 (Serviços de Geologia de Portugal)

Carta Geológica de Portugal, à escala 1.50.000:

Folha 1-C – Caminha (1962)

Folha 5-A – Viana do Castelo (1970)

Folha 5-C – Barcelos (1969)

Folha 9-A – Póvoa de Varzim (1965)

Folha 9-C – Porto (1957)

Webgrafia

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1102 – SERENO, Isabel (1994). «Igreja do Convento de Santa Clara». Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA). IHRU. Consultado em 30/07/2023.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21308

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3626

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4980 [consultado em 11 janeiro 2020].

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5135

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74301

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/10394622/

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=54672

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2596548

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50441

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=190478

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=120270

https://www.geoparquelitoralviana.pt/explorar/castro-de-são-silvestre/)

https://www.youtube.com/watch?v=wxy4c0AShD4

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=120270

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118240&EntSep=3#gotoPosition

https://ominho.pt/vai-ser-assim-o-empreendimento-que-esta-a-ser-construido-na-antiga-somartis-em-viana/

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Nuno Tiago Correia de Oliveira

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Anexo I - Volume II)

setembro de 2024

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Anexo I, Volume II)

Nuno Tiago Correia de Oliveira

UMinho | 2024

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Nuno Tiago Correia de Oliveira

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Anexo I - Volume II)

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Arqueologia
Especialidade em Materiais e Tecnologias

Trabalho efetuado sob a orientação das
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt
Professora Doutora Ana Margarida Arruda

setembro de 2024

OS DADOS / BASE EMPÍRICA (Anexo I)

"...os dados são unicamente dados
devido ao facto de lhes termos adjudicado um sentido."
Ian Hodder
(1987: 23)

1. Introdução

Esta parte encontra-se organizada em três capítulos: no primeiro é apresentado o inventário dos povoados da área de estudo; no segundo segue-se a revisão dos materiais arqueológicos de quatro povoados, e de um sítio arqueológico, provenientes de coleções antigas, e no último capítulo são desenvolvidos os estudos monográficos de quatro sítios que foi possível estudar de forma mais ou menos pormenorizada.

No primeiro capítulo inventariam-se os povoados, depósitos e lugares com ocupação entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, existentes ao longo do litoral, bem como outros sítios considerados deste período (um contexto funerário). Os locais são apresentados de norte para sul, segundo as seguintes bacias hidrográficas: do Minho, de Âncora, de Cabanas, do Lima, do Cávado, do Neiva e do Ave. Não foi incluído o estuário norte da bacia do Minho, por se tratar de território espanhol e por questões de tempo[131].

Após este inventário, segue-se a apresentação de quatro povoados onde foi efetuado o estudo e a revisão das coleções antigas (essencialmente cerâmicas), depositadas em vários museus de Portugal. Os povoados incluídos nesse capítulo são: o de Santo António (Afife, Viana do Castelo), o de Moldes (Castelo do Neiva, Viana do Castelo), o de Belinho (Belinho, Esposende) e o de Faria (Gilmonde, Barcelos). Foi ainda considerado o monumento funerário da Cova da Moura (Carreço, Viana do Castelo).

Os estudos monográficos foram realizados sobre quatro povoados: o de Santa Luzia, (Viana do Castelo), o da Terronha (Cardielos, Viana do Castelo), o de S. João (Vila do Conde) e o de S. Paio (Labruge, Vila do Conde).

2. INVENTÁRIO

Neste inventário, para cada sítio tratado observa-se o preenchimento, quando possível, dos seguintes descritores: topónimo; o código nacional de sítio (CNS); coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84; a altitude; inserção administrativa; contexto físico e ambiental; o historial e uma breve descrição de materiais arqueológicos relevantes para este trabalho, por vezes inéditos. Finalmente, apresenta-se a bibliografia para cada um desses locais.

[131] Para a inserção dos dados à escala regional, foram considerados as publicações relativas a povoados proto-históricos, dessa área, com a exceção do povoado de Santa Tecla.

2.1. Margem sul do estuário do Minho e plataforma litoral

2.1.1. Concelho de Caminha

1. Coto da Pena / Castro de Vilarelho (CNS 51)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°51'59.72"N Long. 8°50'6.41"W; Alt. 82 metros.

Freguesia de Vilarelho, concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo.

Situa-se num pequeno outeiro a uma altitude de 82 metros. Possui ampla visibilidade para parte interior do estuário do rio Minho e controla visualmente a norte e nordeste a foz do rio Coura. Elevação esta com declives abruptos (Fig. 2.1).

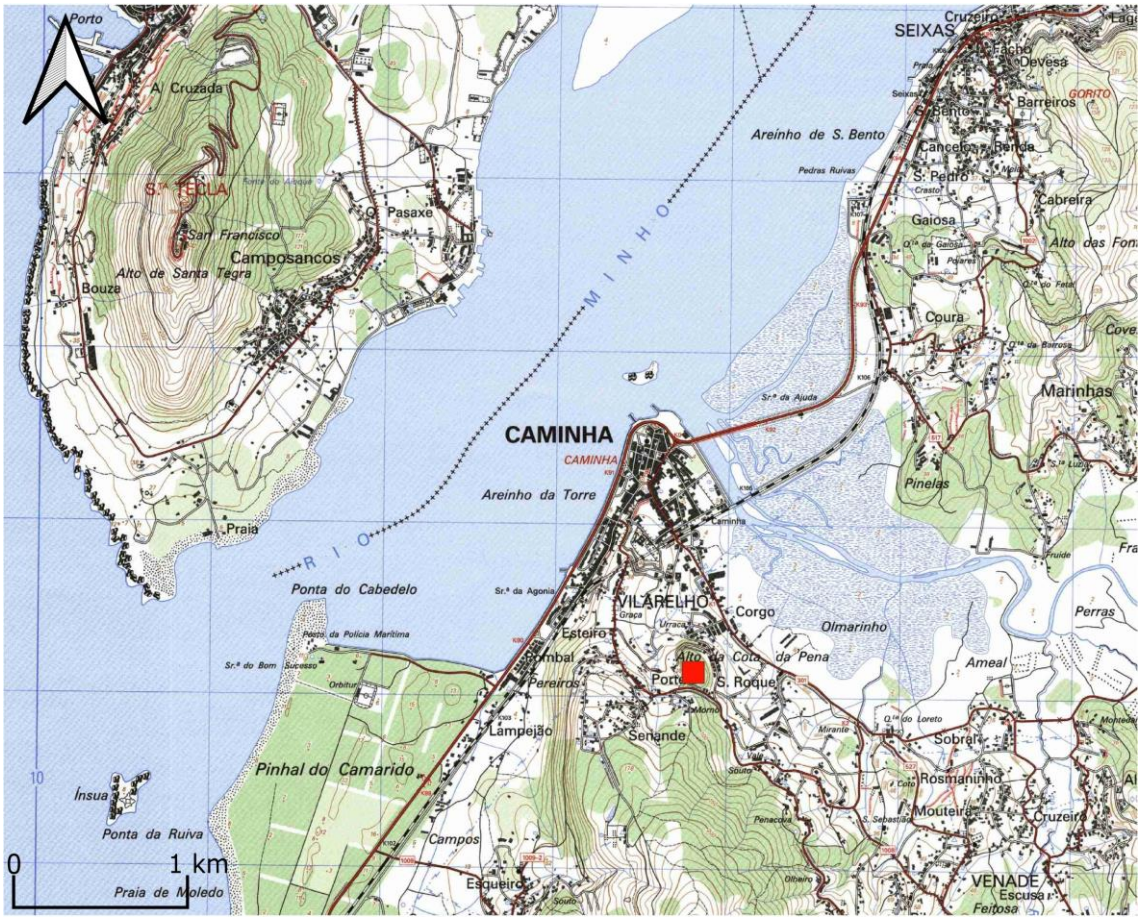


Fig. 2.1 Localização do povoado do Coto da Pena (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, ICE, 1997).

Este povoado encontra-se no inventário de quatro teses de doutoramento, a de Armando C. Silva (1986, n.º 1), de Francisco Queiroga (1992, n.º 288), de A. Baptista Lopes (2003, 2, n.º 4.19) e ainda de Helena Paula Carvalho (2008, vol. 2: 93).

Foi escavado por Armando C. Silva, entre 1980 e 1985. Tem uma ampla diacronia de ocupação, desde o Bronze Final até aos finais da Idade do Ferro, com perduração durante a Idade Média (Silva, 1986, 2007).

O espólio desta estação revelou materiais importados de origem mediterrânica durante a Idade do Ferro Antigo, cerâmica de tradição púnica e cerâmica grega (Silva, 1986, 2007).

Além disso, é de referir a inserção cultural desta área geográfica no que se chamam as Rias Baixas galegas, pois aqui, além de uma forma tipo Vigo com decoração perlada (Rey Castiñeira, 1991, vol. I, p. 391), apareceram muitas outras formas e decorações típicas dessa região que observámos no Museu de Caminha e que estão por publicar, embora algumas tenham sido desenhadas por Silva (1986: 133) que as considera do seu tipo I (vasos de tipo *dolium* mas com carácter votivo) e H (vasos de suspensão mas não destinadas ao lume).

Aquando da leitura bibliográfica respeitante a este sítio, notámos, desde logo, a qualidade e diversidade de espólio importado da etapa mais antiga da Idade do Ferro, publicados por Armando C. Silva (1986), por António Baptista (2003) e por D. Ferreira (2019a). Por esse motivo, foi efetuada uma revisão aos materiais importados desse povoado, o que resultou numa reclassificação de algumas peças estudadas por Silva (1986, 2007) e A. Baptista Lopes (2003) e na descoberta de materiais inéditos.

No que respeita aos materiais publicados por A. Baptista Lopes (2003: 303, 304, 307, nº. 1., 2, 6), após a nossa observação e reavaliação dos materiais podemos referir que foram recuperados três exemplares de ânforas fenícias ocidentais de tipo T-10.1.1.1; um exemplar de uma ânfora púnica de tipo T-12.1.1.2; um exemplar de asa de ânfora gaditana de tipo T-8.2.1.1. todos inseríveis nas tipologias de Rámon Torres (1995) (Fig. 2.2). Foram ainda observados dois exemplares de ânfora de tipo Pellicer D, tipologias de Pellicer Cátalan (1978) (Fig. 2.3). Estes materiais anfóricos estavam publicados como "ânforas de tradição púnica", tanto por Silva (2007) como por Lopes (2003) (Fig. 2.4, Tab. 2.1).

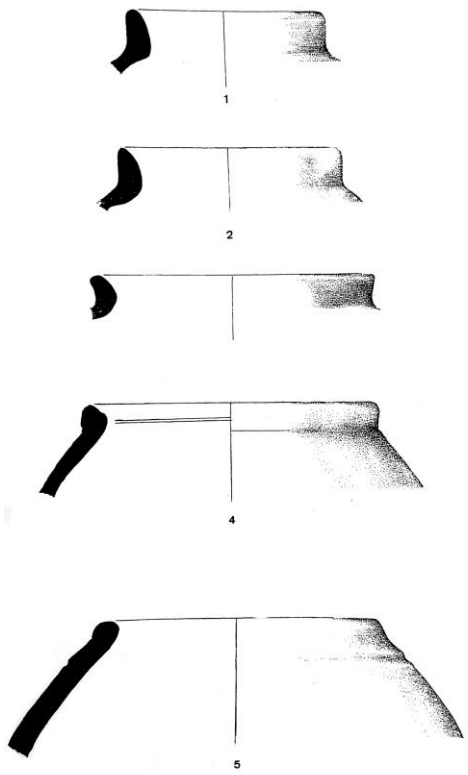


Fig. 2.2 Ânforas púnicas de vários tipos publicados por Lopes (2003: 303, adaptado).

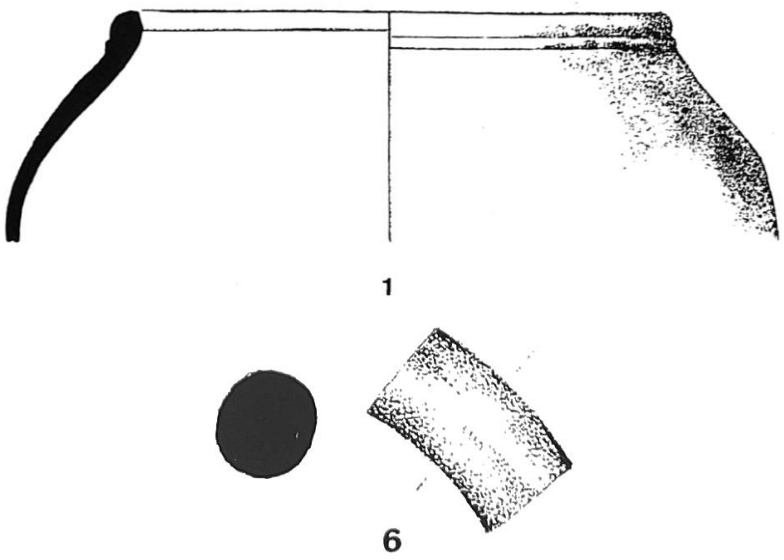


Fig. 2.3 Ânfora púnica (tipo Pellicer D), e asa de ânfora de tipologia indeterminada (Lopes, 2003, adaptado).

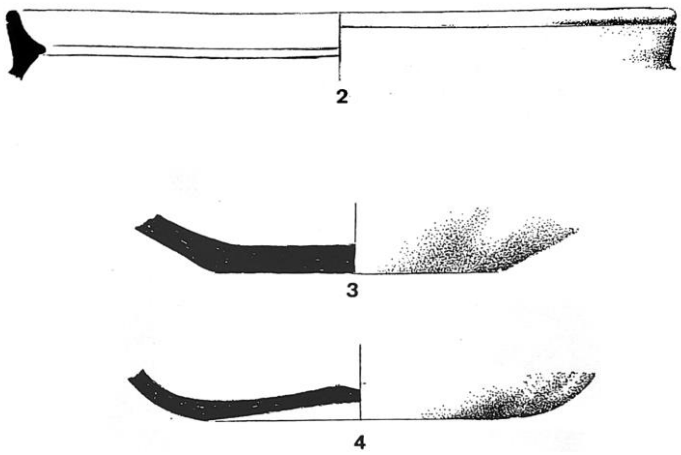


Fig. 2.4 Bordo de ânfora T-11.2.1.4 e fundos de cerâmica fina de tradição púnica (Lopes 2003, adaptado).

Ainda sobre os dados publicados é necessário referir o fragmento, de fundo em toro circular e de pé alto, de cerâmica grega, com verniz negro em todo o interior, além de uma faixa na zona externa. Segundo D. Ferreira (2019a: 263) este vaso poderia ser de figuras vermelhas.

Durante a nossa investigação foram encontrados mais dois exemplares de bojos de cerâmica grega, já muito rolados. Um deles, ainda, com verniz negro, cuidado, e outro bojo cujo verniz desapareceu (Fig. 2.5).



Fig. 2.5 Face externa e interna da base de origem ática do Coto da Pena, classificado por Silva como pré-campaniense (1986: 136).

Tabela 2.1 Formas de importação reclassificadas do Coto da Pena

Reclassificação	Silva (1986)	Lopes (2003)	Revisão neste trabalho[132]	Total
Ânfora Fenícia Ocidental - T-10.1.1.1 (Lopes, 2003: 303, n.º 1-3)		3		3
Ânfora pré-romanas - T-12.1.1.2, T-11.2.1.4 (Lopes, 2003: 303, n.º 5; 371, n. º2)		2		2
Ânfora pré-romanas -T-11 (Silva, 2007, LXXV, n.º 7; Lopes, 2003: 307, n.º 1)	1		1[133]	2
Ânfora pré-romanas -Pellicer D (Lopes, 2003: 303, n.º 4, 304, n.º 1)		2		2
Fragmentos de origem ática	1		2	3
Jarro e tigela de tradição púnica (Silva, 2007, LXXVI, n.º 9 e 10)	2			2
Fundos de cerâmica fina púnica (Lopes, 2003: 307, n.º 3 e 4)	2			2
Total	**6**	**7**	**2**	**16**

De destacar, ainda, um conjunto de peças inéditas. Trata-se de contentores anfóricos que foi possível dividir em várias áreas de produção, consoante as características das pastas: 55 exemplares de bojos produzidos na área de oriundas da área de Cádis, que são de cor, entre o bege e o rosa-claro, algo porosas e muito depuradas. Em alguns casos, estes fragmentos apresentam-se decorados por faixas pintadas de vermelho ocre (Fig. 2.6). De referir ainda dois fragmentos de asa de ânfora de tipo Maña Pascoal A4 (com uma cronologia entre os sécs. V e III a.C. e dois fundos de ânfora C2B (Rámon Torres, 1995) e um fragmento de tampa de ânfora, com uma cronologia entre o último terço do séc. II a.C. e o séc. I a.C. (Fig. 2.7; Fig. 2.8).

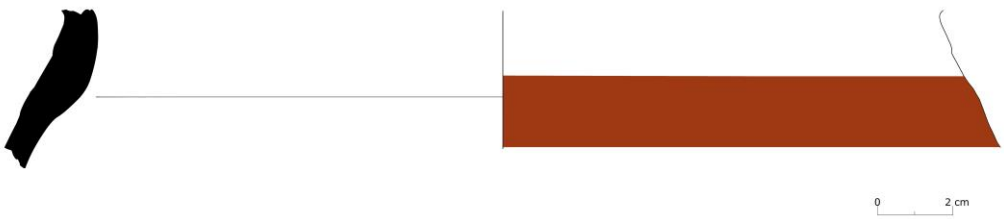


Fig. 2.6 Bojo de ânfora (oriunda de Cádis) com banda de cor vermelho ocre (Inédita).

[132] Dados inéditos neste trabalho.
[133] Trata-se da mesma peça republicada por Lopes (2003).

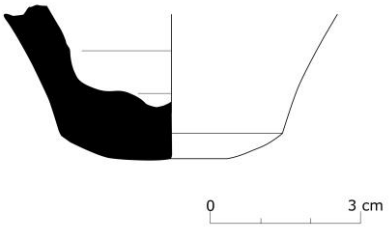


Fig. 2.7 Fundo de ânfora tipo T-7.4.3.3 (Inédito).

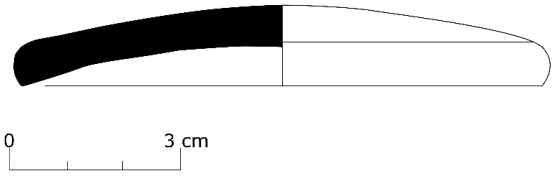


Fig. 2.8 Tampa de ânfora (opérculo) (inédito).

Destacamos, ainda, uma produção de tons muito avermelhados, depurados, e pouco porosos, com desengordurantes de tamanho diminuto. Nesta incluímos um fragmento de bordo de um possível vaso de cerâmica comum com semelhanças com os tipos anfóricos T-12.1.1.2, tipologia de Rámon Torres (1995) e 25 fragmentos de bojo com as mesmas características. Estas peças poderão ter uma cronologia entre os sécs. III a.C. e II a.C. (Fig. 2.9).

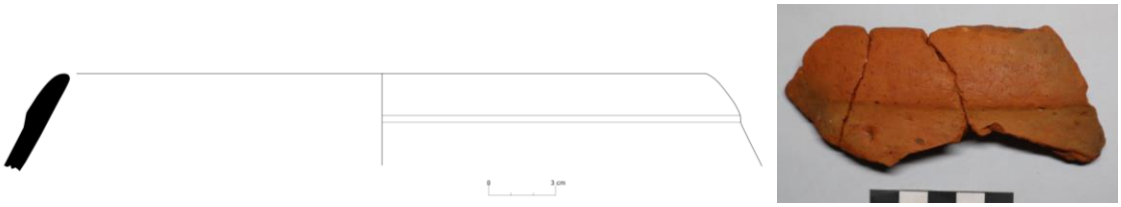


Fig. 2.9 Vaso de cerâmica comum (?) (inédita).

Foram, também, contabilizados 20 fragmentos relativamente finos (por isso ainda cerâmica fina de mesa), com pastas que oscilam entre o bege muito claro e o alaranjado muito vivo, acompanhados de bandas pintadas de roxo e avermelhado (Fig. 2.10). Parece tratar-se de fragmentos de uma peça apenas, de um vaso pintada em bandas de tipo orientalizante, provavelmente com uma cronologia datável do Ferro Antigo, entre os sécs. VI e V a.C., portanto, de cronologia um pouco mais recuada tendo em consideração as ânforas tardo-púnicas referidas atrás.



Fig. 2.10 Vaso com decoração em bandas pintadas de roxo e avermelhado.

Dentro deste grupo destacamos um vaso de perfil incompleto (Fig. 2.10; Fig. 2.11), com pasta muito porosa de cor avermelhada, que parece ser parte daquele apresentado por Silva (1986: LXXIX, nº. 9) e (Lopes, 2003: 305, nº. 3), mas ao qual pudemos acrescentar o restante perfil (faltando parte do bojo e a base), possivelmente orientalizante. O bordo também se encontra pintado, em banda, na zona inicial do colo (Fig. 2.11). Temos como paralelos algumas formas de cerâmica pintada em banda do Castelo Castro Marim (Gomes e Arruda, 2013), nos quais podemos incluir este vaso como sendo uma forma 5.1. (Pote) (Gomes e Arruda, 2013: 38, 42).



Fig. 2.11 Vaso pintado em bandas (forma 5.1.- pote) (inédito).

Destacamos, uma tigela de bordo vertical, de pasta bege escura, porosa alisada no exterior e extremamente polida no interior. Possui engobe vermelho pompeiano já muito erodido e a pasta é aparentemente de fabrico itálico (da área da Campânia), uma vez que possui raras micas,

algumas aparentes calcites e sobretudo um volume importante de partículas negras. Assim podemos classificar a pasta como de fabrico 1 (Peacock, 1977). Quanto à forma é forma 6 de Aguarod (1991), com uma cronologia entre finais do séc. II a.C. e último quartel do séc. I d.C. (Fig. 2.12), a partir de paralelos registados na Alcáçova de Santarém (Arruda e Viegas, 2002: 229).

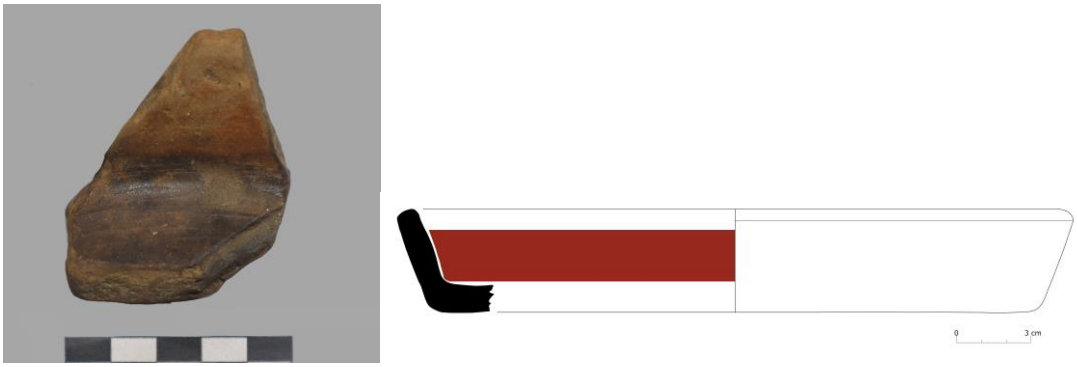


Fig. 2.12 Forma 6 (seg. Aguarod, 1991) (inédito).

Apesar de não ser objeto deste trabalho estudar materiais cronológica inseríveis após o séc. II d.C. devemos referir que foram registados 27 fragmentos: 14 fragmentos com pastas finas, com vestígios de engobe bege claro, a pasta é de cor alaranjada, pouco depuradas e algo porosas e 13 fragmentos com pastas avermelhadas e bem depuradas. Aparentemente, três exemplares, ainda inéditos, possuem o que parecem ser restos de engobe bege claro (Fig. 2.13). Trata-se de formas, nesse caso tampas de cozinha, de cozinha africana datável entre o séc. II e III d.C., a tipologia é Hayes 182, variante C (Bonifay, 2004), segundo paralelos registados em Monte Molião (Pereira, 2015).

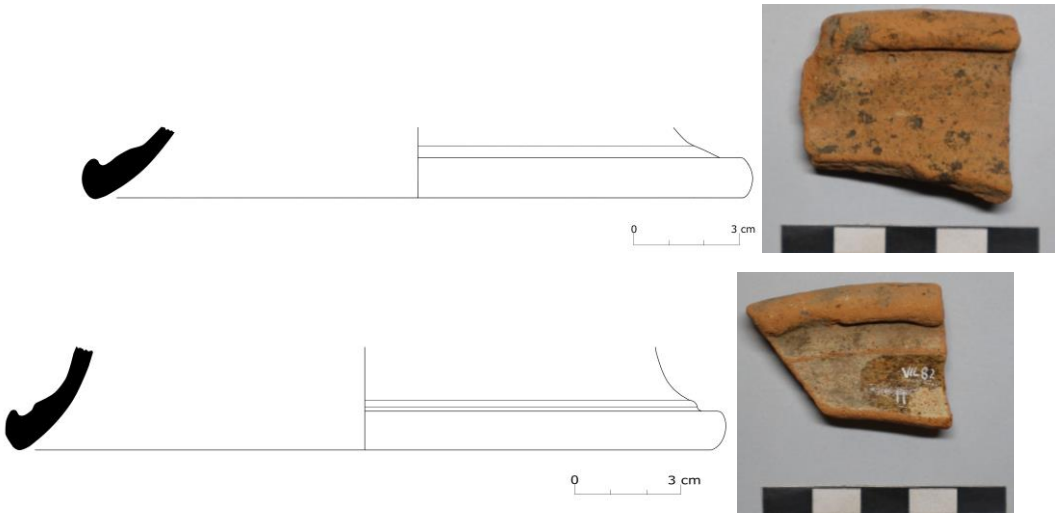


Fig. 2.13 Tampas de cozinha africana, uma delas com engobe bege (inéditas).

Devemos ainda destacar algumas ânforas tardo-republicanas romanas (Paiva, 1993: 53 – 55) do qual destacamos três exemplares de Dressel 1a e cinco exemplares de Haltern 70.

Em síntese: após o estudo deste conjunto de materiais exógenos, datáveis genericamente de entre o séc. VI a.C. e o I d.C., e de uma breve análise aos materiais cerâmicos, encontrados nas escavações do Coto da Pena, devemos tecer algumas considerações.

Em primeiro lugar, no que respeita aos aspetos formais e decorativos, o material indígena deste povoado, durante a Idade do Ferro, distingue-se do que são as produções típicas da Idade do Ferro das bacias do Lima, do Cávado e do Ave. A quantidade da cerâmica similar às das rias baixas galegas e da Idade do Ferro da Galiza, estudada por Rey Castineira (1991), é notável. Pela breve análise destes materiais, esta ultrapassaria mais de 50 % da amostra. Isto significa que não fará muito sentido considerar estas produções como sendo exógenas, mas sim, como pertencendo à mesma realidade técnico-formal e, provavelmente, identitária. Tal como afirma Jorge de Alarcão (2017: 215), a área a definida como *civitas* no período dos Flávios (entre 69 e 98 d.C.), decalcaria de certa forma o lugar do povo *Grovii* (Gróvios), cuja capital da *civitas,* recém-formada seria *Tude* (Tuy, Galiza) situada na margem direita do rio Minho. Alarcão coloca a hipótese de que na margem esquerda desse rio estaria o mesmo povo. Tendo em conta a realidade técnico-formal dos materiais indígenas parece-nos que esta hipótese é válida.

Em segundo lugar, trata-se de um povoado no estuário do Minho e foz do Coura, com um grande número de importações meridionais, trazidas pelos púnicos, demonstrativas da sua posição geoestratégica no intercâmbio suprarregional.

Bibliografia: Peacock, 1977; Pellicer Cátalan, 1978; Silva, 1986; Aguarod, 1991; Rey Castiñeira, 1991; Queiroga, 1992; Paiva, 1993; Rámon Torres, 1995; Arruda e Viegas, 2002; Lopes, 2003; Bonifay, 2004; Silva, 2007; Carvalho, 2008; Gomes e Arruda, 2013; Pereira, 2015; Alarcão, 2017; Ferreira, 2019a; **dados inéditos**.

2. Castro de Vilar de Mouros / Monte do Crasto (CNS 11741)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS84: Lat. 41°53'53.21"N Long. 8°47'52.19"W; Alt. 105 metros.

Freguesia de Vilar de Mouros, concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo.

Situado entre os vales dos rios Minho e do Coura, com ampla visibilidade para o vale do Minho, fica localizado num remate de esporão do Monte de Góios. No cimo deste esporão situa-se uma

pequena plataforma (esporão do Monte de Góios pequeno), em que se encontra uma pequena capela dedicada à Sra. do Crasto, com origens na Idade Média (Fig. 2.14).

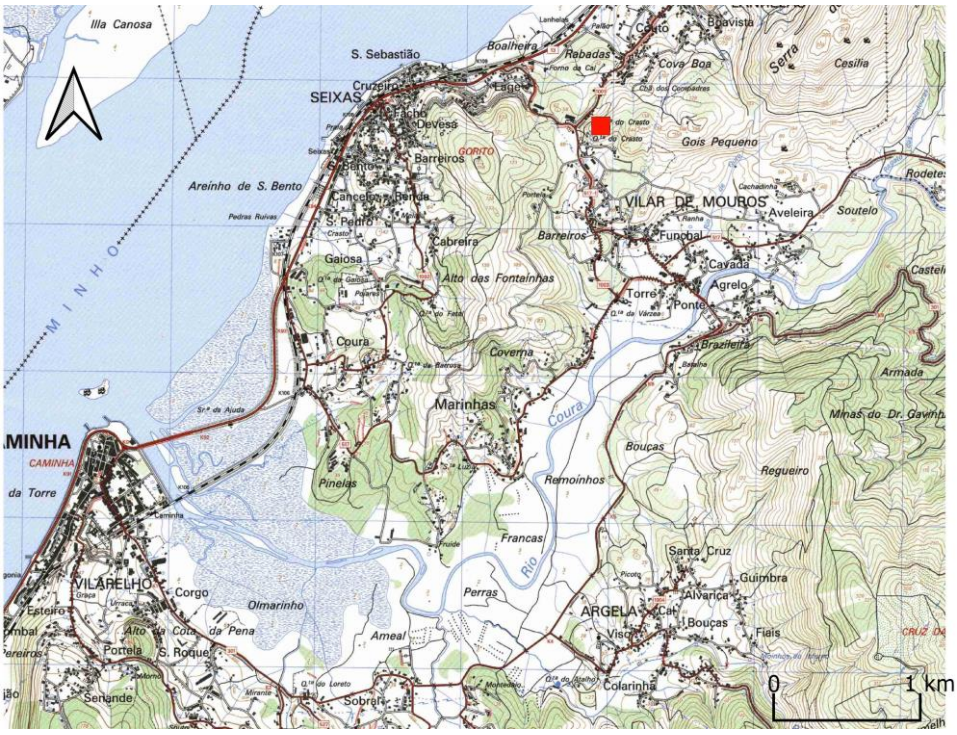


Fig. 2.14 Localização do povoado de Vilar de Mouros (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, IGE, 1997).

Encontra-se inventariado nas teses de doutoramento de Armando C. Silva (1986, n.º 11), de Francisco Queiroga (1992, n.º 280), Almeida (1996, 6, n.º 20: 43-44), A. Baptista Lopes (2003, 2, n.º 5.33) e ainda de Helena Paula Carvalho (2008, vol. 2: 93).

Nos finais do séc. XIX, foram achados, na base deste local, um conjunto de machados de bronze e outras peças, entre as quais joias e armas, aquando do corte de pedra para a construção da ponte de Valença (Lopes e Martins, 1999: 5). A maioria dos objetos encontrados foram destruídos através da fundição e os outros dispersos pelas mãos de colecionadores, apenas se salvando um machado, que foi oferecido a Francisco Martins Sarmento, através de um amigo (Sarmento, 1933: 158). No artigo de Martins Sarmento é referido o seguinte: "Que saibamos, de há anos para cá, é este o segundo achado da mesma espécie. Por informações que temos, aliás muito vagas, o primeiro, feito em Vila de Mouros (concelho de Caminha) pouco mais haverá... Falava-se em duzentas peças de bronze, de formas variadas, entre joias e armas; mas uma grande parte dos objetos teria sido fundida pelos achadores, outra dispersada por colecionadores particulares" (Sarmento, 1933: 158). É ainda referido que um machado de talão terá sido

oferecido à Sociedade Martins Sarmento. Esse machado teria apenas uma asa. O machado que apresentamos de seguida trata-se de um outro, com a mesma proveniência e que se encontra desde em meados do séc. XX, no Museu Soares dos Reis (S/A: 1946: 77 – 79) (Fig. 2.15).

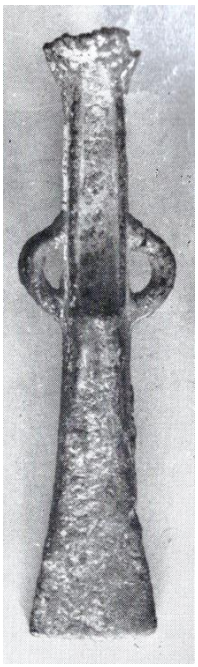


Fig. 2.15 Machado de talão presumivelmente proveniente da base do esporão do Monte de Góios Pequeno, no qual mais tarde se instalou o povoado proto-histórico de Vilar de Mouros (S/A: 1946, lâmina IX, n.º 225).

Luis Montegaudo publica um total de cinco machados de talão, provenientes deste sítio arqueológico, enquadrados na sua tipologia 29A e 29B (1977: 167 e 170, Tafel 54, n.º 999-1002; Tafel 68, n.º 1035).

No que concerne aos materiais deste povoado, Abel Viana (1955e: 520) publica um pequeno artigo sobre a cerâmica aí encontrada em contexto de recolha de superfície. Nesse trabalho, apresenta materiais que podemos incluir formalmente na Idade do Ferro Recente[134] e da romanização, e ainda, algumas asas de ânforas desse período. Este povoado é, posteriormente, referenciado nos inventários de várias teses de doutoramento; de Silva (1986, n.º 11), Queiroga (1992, n.º 287) e Almeida (1996, 6: 246).

Recentemente foram conduzidas escavações arqueológicas no topo deste esporão (Lopes e Martins, 1999). Nestes trabalhos foram detetadas várias estruturas da Idade do Ferro ou da romanização. Destaca-se um possível forno de fundição, onde surgiu uma rilheira acompanhada de uma área coberta de carvões e sedimentos cinzentos (Lopes e Martins, 1999: 8). De notar que

[134] É o caso de algumas panelas de asa em orelha e de uma talha (Viana, 1955e, fotografias 11 e 12 e desenho 23).

o topo deste povoado sofreu uma forte romanização, através da observação do espólio exumado por Lopes e Martins (1999: 9).

Na área sudeste deste povoado é possível observar um pano de muralha, inserível talvez na Idade do Ferro, ou da fase da romanização do povoado, com cerca de 2 metros de largura. Foi, ainda, encontrada a base de uma muralha datável da Alta Idade Média. Esta muralha já se encontra muito comprometida devido ao aproveitamento da sua pedra para a construção da ponte de Valença.

Finalmente, cabe-nos referir quatro fragmentos cerâmicos, inéditos, que se encontram em depósito no Museu de Artes Decorativas (antigo Museu Municipal de Viana do Castelo) que estudámos, todos sem contexto estratigráfico conhecido.

Trata-se de um bordo decorado, produzido a torno, com cozedura oxidante, de pasta micácea arenosa, de textura média e desengordurantes de tamanho médio. Este bordo encontra-se decorado por incisão e estampagem, na zona exterior, com três sulcos incisos horizontais, seguido de uma série de estampagens (Fig. 2.16). Em termos formais trata-se de uma forma tipo Cíes, com lábio esvasado com transição flexionada, segundo a tipologia de Rey Castiñeira (1991: 332, Lám. CCXCIV N.º 7), datado genericamente desde o séc. III a.C. até próximo do séc. I a.C., ou seja, muito provavelmente do Ferro Recente.



Fig. 2.16 Forma cerâmica de origem setentrional: Tipo Cíes (inédita).

Foram ainda estudados três exemplares de ânfora, dois bordos e uma asa. Dois destes fragmentos são provenientes da Bética e apenas um do vale do Guadalquivir. Os bordos correspondem a uma forma de tipo Ovóide 6 (Almeida, 2008) e a uma forma de tipo Dressel 7-11 (García Vargas, 1998; Morais, 1998). A asa poderá ser, também, de uma ânfora de tipo Dressel 7-11 (Fig. 2.17).

Com todos estes dados trata-se de um povoado, com pelo menos, uma ocupação que remonta ao Ferro Recente, tendo sido ocupado na romanização e na Idade Média, provavelmente com hiatos.

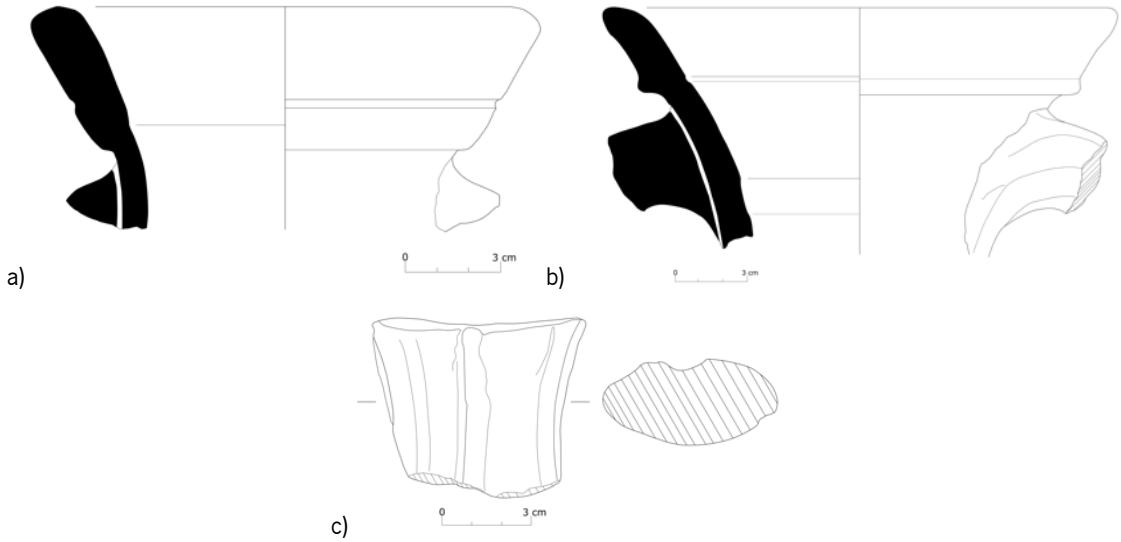


Fig. 2.17 Formas cerâmicas: a) bordo de tipo Ovóide 6 (vale do Guadalquivir); b) Dressel 7-11 (da área da Bética); c) asa de ânfora tipo Dressel 7-11 (da área da Bética) (inéditas).

Bibliografia: Sarmento, 1883-1884, 1933; Viana, 1926, 1932, 1955e; S/A, 1946; Queiroga, 1992; Monteagudo, 1977; Silva, 1986; Almeida, 1996; Morais, 1998; Lopes e Martins 1999a; Lopes e Martins, 1999b; García Vargas, 1998; Almeida, 2008; Lopes, 2003; Carvalho, 2008, **dados inéditos**.

3. Cristelo (CNS 24990)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°51'10.02"N Long. 8°50'38.81"W; Alt. 132 metros.

União das freguesias de Moledo e Cristelo, concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo. Localiza-se perto da aldeia de Cristelo, num remate de esporão dos Montes de Caminha, com ampla visibilidade sobre o oceano, para oeste e noroeste, e para a foz do Minho (Fig. 2.18).

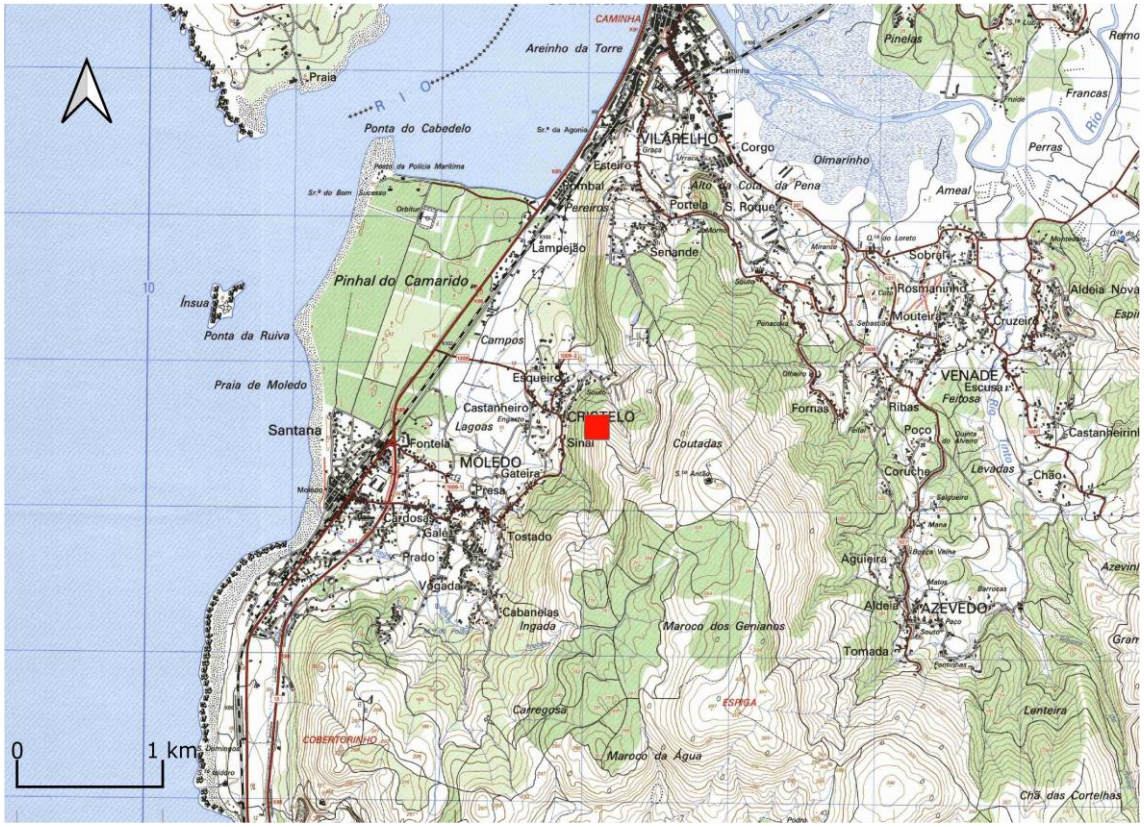


Fig. 2.18 Localização do Castro de Cristelo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, ICE,1997).

Encontra-se referenciado em vários inventários gerais de povoados da Idade do Ferro (Silva, 1986, nº. 2; Almeida, 1996, 6, nº 8: 19-20; Lopes, 2003, nº. 5.36). Porém, nunca foi alvo de escavações. Não se conhece, por isso, a cronologia da sua ocupação.

Bibliografia: Silva, 1986; Almeida, 1996; Lopes, 2003.

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2596548

4. Castro de Barroca (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lati: 41°50'51.27"N Long: 8°50'45.15"W; Alt. 167 metros.

Lugar da Gateira, na freguesia de Moledo, concelho de Viana do Castelo. Fica instalado na meia vertente virada a oeste dos Montes de Caminha. Situa-se entre os dois braços do ribeiro de Lagoas (Fig. 2.19).

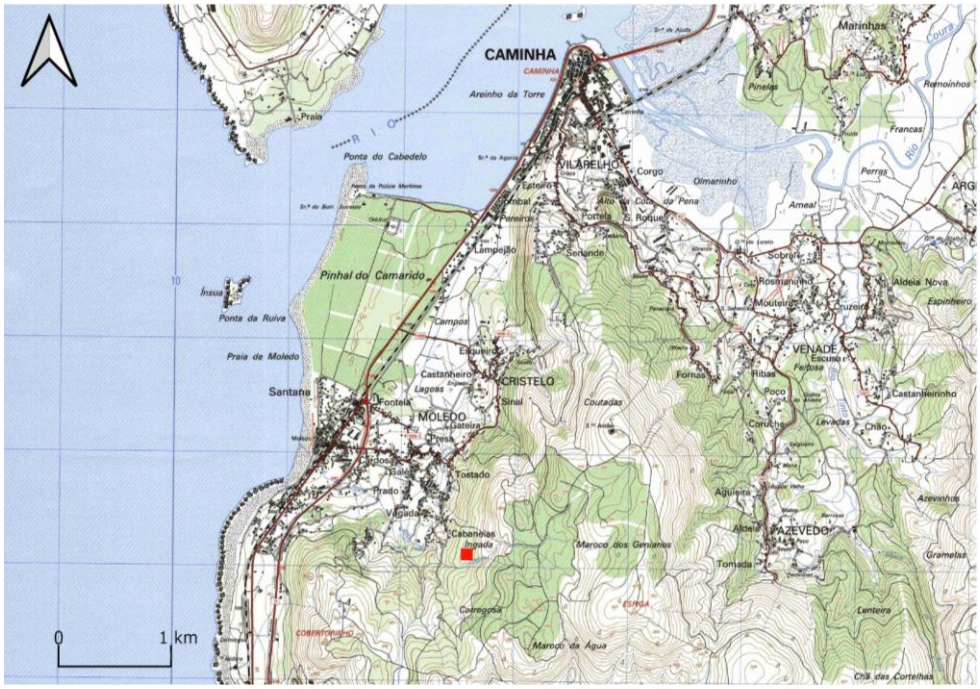


Fig. 2.19 Localização do Castro de Barroca (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 14, ICE, 1997).

Encontra-se no inventário de povoados de Carlos B. de Almeida (1996, 6, n.º 12: 27-28), Armando C. Silva (2007: 104, n.º 4) e de António B. Lopes (2003, n.º 5.44).

Seria um pequeno povoado, caracterizado por pequenos patamares construídos artificialmente. Em termos defensivos aparenta possuir apenas um fosso bastante fundo que contornava todo o povoado. A coroa é pequena, aplanada e ocupada com algumas estruturas, já no período da romanização a julgar pelos vestígios materiais de *tegullae.* Foram ainda encontrados materiais cerâmicos indígenas e cerâmica comum romana (Almeida, 1996, vol. VI: 27 – 28).

Bibliografia: Almeida, 1996; Lopes, 2003; Silva, 2007.

2.2. Estuário do Âncora

2.2.1. Concelho de Caminha

5. Castro de Picoto dos Mouros (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°49'21.24"N Long. 8°49'28.01"W; Alt. 256 metros.

Freguesia de Riba de Âncora, virado para o vale do rio Âncora.

Localiza-se no Picoto dos Mouros, um monte cónico, a sul dos Montes de Caminha, a noroeste da capela de S. Pedro de Varais (Almeida, 1996: vol. VI: 32), com ampla visibilidade para o oceano Atlântico, a sudoeste, bem como para o estuário do rio Âncora (Fig. 2.20; Fig. 2.21).

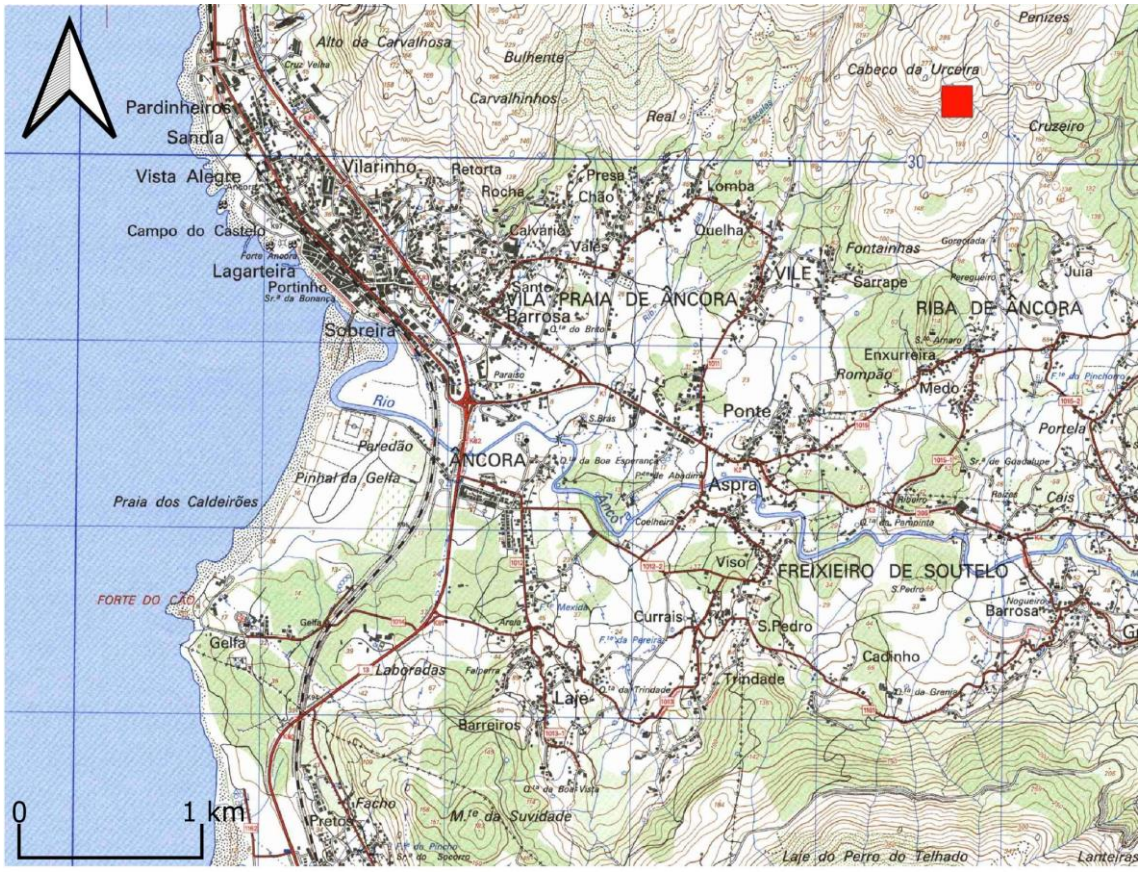


Fig. 2.20 Localização de Picoto dos Mouros (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

Foi referenciado pela primeira vez por Martins Sarmento (1999: 97), que diz:

"É um antigo forte, conhecendo-se o cordão de terra que encobre as muralhas, e a existência delas. Vê-se também, em parte, pedra solta. Esta parte tem duas curiosidades: 1º Uma espécie de construção circular, de pedras grosseiramente coladas (uma fiada só) ... 2º o morro é todo em terra. Este morro é o mais saliente e terá cento e cinquenta passos... Nem cacos, nem sinais em lajes."

Posteriormente, foi referenciado em vários inventários gerais de povoados da Idade do Ferro (Silva, 1986, nº. 4; Queiroga, 1992, nº289 e Lopes, 2003, n.º 5.50). Encontra-se, também, no inventário geral de Helena Paula Carvalho (2008, vol. 2: 93).

No local, é possível vislumbrar duas muralhas em pedra e ainda um fosso de consideráveis dimensões. Seria um povoado de pequenas dimensões. O seu espólio indicia, pelo menos, uma

ocupação da romanização (com o aparecimento de materiais de construção romano) (Almeida, 1996: vol. VI: 33). Devemos acrescentar que após visita ao lugar não encontramos materiais arqueológicos à superfície.



Fig. 2.21 Vista para o Picoto dos Mouros (em cima); em baixo a observação deste sítio para a foz do Âncora.

Bibliografia: Sarmento, 1999; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1996; Lopes, 2003; Carvalho, 2008.

6. Castro de Santo Amaro (CNS 10394)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WG84: Lat. 41°48'40.67"N Long. 8°49'32.02"W; Alt. 114 metros.

Freguesia de Âncora, concelho de Caminha, do distrito de Viana de Castelo.

Desenvolve-se num esporão de baixa altitude, das vertentes sul dos Montes de Caminha, entre dois afluentes do rio Âncora e com vista privilegiada para os Montes de Caminha, a norte, a Serra

d'Arga, a nascente, a serra de Santa Luzia e a sul, a foz do rio Âncora e o oceano Atlântico, a oeste (Fig. 2.22). No seu topo foi edificada a capela a Santo Amaro (Fig. 2.29).

Uma das primeiras referências a este povoado é de Martins Sarmento, que o descreve do seguinte modo:

"Era um lugar fortificado, e uma excelente posição, bem que o não pareça de baixo. O planalto regulará pelo recinto circular de Sabroso, mas parece ter tido mais que uma ordem de muralhas. A sul (da capela), a coroa das muralhas é muito visível, mas em toda a volta conhece-se bem o cordão de terra que a cobre" (Sarmento, 1999: 114).

Posteriormente, foi incluído no inventário de teses de doutoramento de Armando C. Silva (1986, n.º 5) e de Francisco Queiroga (1992, n.º 285) e descrito sumariamente por Almeida (1996), encontra-se no inventário de Lopes (2003, n.º 4.13) e no de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 92).

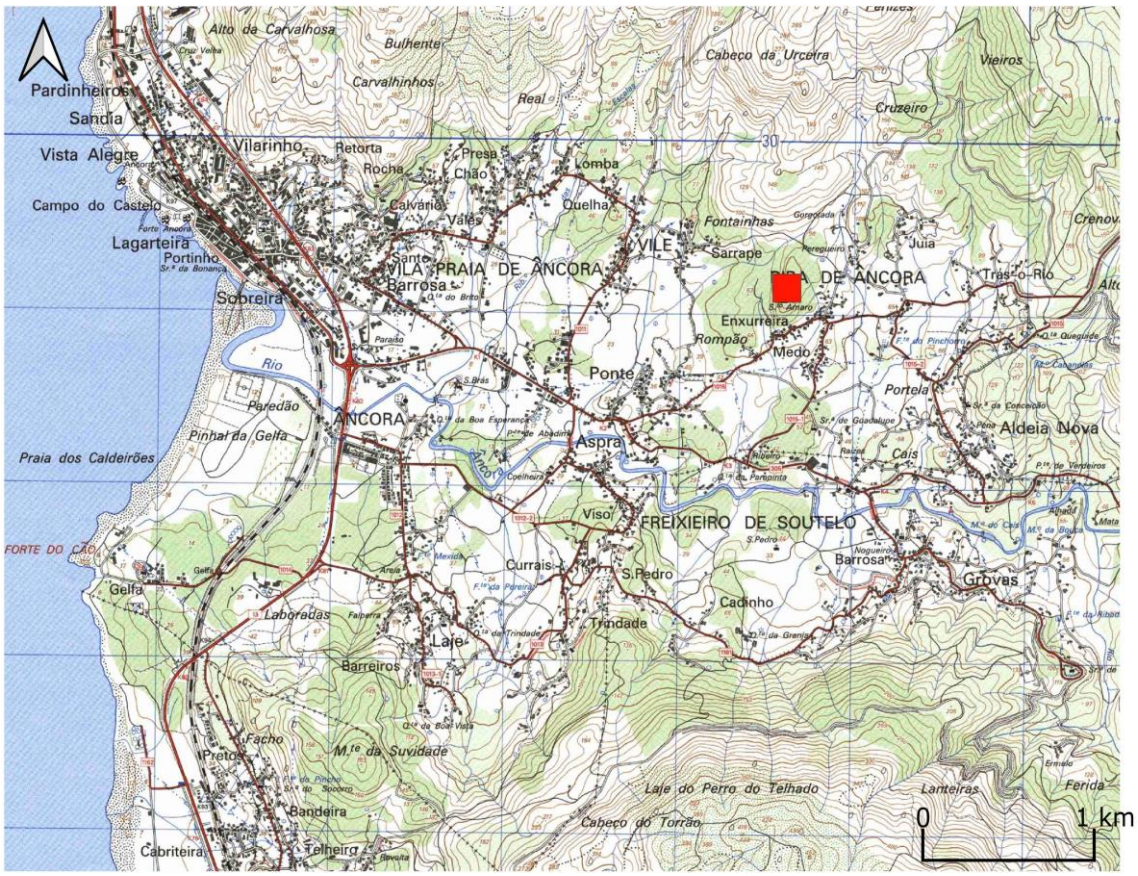


Fig. 2.22 Localização do Castro de Santo Amaro (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

As estruturas habitacionais encontram-se distribuídas pela coroa deste outeiro, além das áreas a nascente e poente (Almeida, 1996, vol. VI: 33). Possui três patamares aplanados

indiciadores de muralhas. Há evidências de um fosso a nascente e norte. Defensivamente este povoado beneficiava ainda de um torreão a norte (Almeida, 1996, vol. VI: 34).

Em 2021, aquando da abertura de uma estrada e pavimentação até ao topo deste local, foram recolhidos por nós inúmeros fragmentos cerâmicos e observadas algumas estruturas, com a existência de um grande talude, a nordeste da capela, cortado pelo alargamento da estrada que aí foi realizado. Trata-se de uma estrutura em terra, de grandes dimensões, onde se podem observar vários muros duplos de sustentação de terras (Fig. 2.23).



Fig. 2.23 Talude a nordeste da capela cortado pelo alargamento da estrada.

O estudo dos fragmentos possibilitou identificar vários momentos de ocupação pois estes balizam-se, genericamente entre o Bronze Final e a romanização. Trata-se de materiais de superfície e sem contexto estratigráfico conhecido, mas ainda consideramos pertinente o seu estudo, que se justifica porque não se conhecem materiais deste povoado. Destacamos, ainda, o aparecimento de escória metálica.

Quanto aos materiais cerâmicos encontrados, regista-se a presença de um conjunto (sete exemplares) de produção manual, de pastas tendencialmente arenosas e arenosas-micáceas, de cozeduras redutoras, de texturas grosseira e acabamentos alisados, tecnicamente inseríveis na Idade do Bronze. Um deles, um bordo de um pote (forma 2) é de textura mais fina e polido, com paralelos na louça fina do Bronze Final da bacia do Cávado (Fig. 2.24).



Fig. 2.24 Fragmento de bordo esvasado, polido (inédito).

Foram registados ainda dois conjuntos de cerâmica micácea distinta. Uma ainda produzida à mão, com pastas micáceas, desengordurantes de grande calibre, cozeduras redutoras e superfícies alisadas (76 exemplares). Neste conjunto registou-se, ainda um fragmento decorado por vassourado. Em termos formais existem potes da forma 1 e panelas de asa interior (forma 4). Pelas características gerais e da forma 4, este grupo pode incluir-se na Idade do Ferro Antigo (Fig. 2.25).



Fig. 2.25 Bordo de aba soerguida com decoração vassourada na zona externa; e forma 4 (asa de secção circular) (inédito).

Do mesmo período, devemos incluir alguns materiais de importação. De referir a existência de 10 fragmentos de ânforas da área meridional da Península Ibérica e ainda cinco fragmentos de cerâmica comum da área de Cádis. Estes fragmentos são apenas bojos. Serão materiais enquadráveis da ocupação do séc. IV - II a.C. Foi ainda registado um exemplar de ânfora do Baixo Guadalquivir tipo Pellicer B/C (inédita) (Pellicer Cátalan, 1978) (Fig. 2.26). É de referir que se trata de uma forma sem contexto estratigráfico, fruto de recolha de superfície.

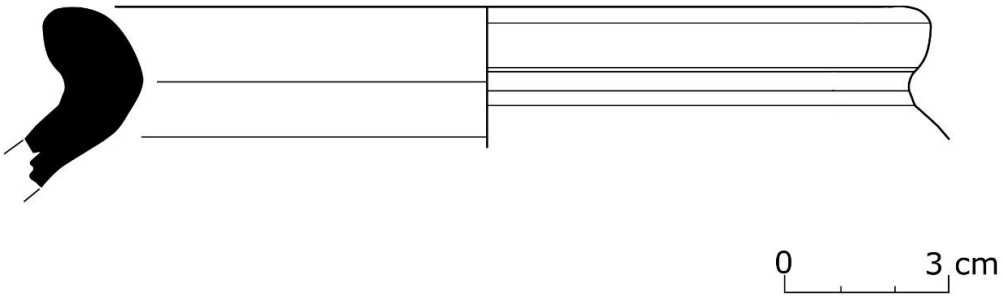


Fig. 2.26 Ânfora da área do Baixo Guadalquivir tipo Pellicer B/C (inédita).

O outro conjunto é efetuado à roda/torno, com desengordurantes micáceos e arenosos, de pequeno calibre e superfícies alisadas e polidas (118 exemplares). Numa destas peças existe um agrafo metálico. Há, ainda, a registar um exemplar de arranque de asa. Em termos formais ocorrem formas 1 (potes), 2 (potinhos/púcaros), 3 (malgas/tigelas), 4 (panelas de asa interior) e 6 (panelas de asa interior) (Fig. 2.27).



Fig. 2.27 Fragmento de uma asa em orelha (forma 6) (inédito).

De salientar a grande quantidade de tégula e material de construção romano que permite adiantar que este povoado terá tido uma ocupação, pelo menos, até aos finais do séc. I d.C. De referir, ainda, a presença de pastas anfóricas romanas do período alto imperial, da qual destacamos um fragmento de ânfora de tipo Haltern 70 (Fig. 2.28, a)). Regista-se, também, material comum romano e um bordo de engobe vermelho de tipo pompeiano (Fig. 2.28, b)). Há, ainda, algum material cerâmico de época medieval.



Fig. 2.28 Fragmentos de época tardo-republicana e imperial romano: a) asa de ânfora Haltern 70 da área da Bética; b) prato (?) de engobe vermelho (inéditos).

Partindo da breve análise da materialidade encontrada à superfície, este povoado terá tido uma ocupação com alguma longevidade, pelo menos, desde a Idade do Bronze Final até, pelo menos, ao séc. I d.C.



Fig. 2.29 Vista da acrópole encimada pela capela de Santo Amaro. Em baixo vista do topo do monte de Santo Amaro para oeste.

Bibliografia: Sarmento, 1999; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1996; Lopes, 2003; Carvalho, 2008 e **dados inéditos**.

2.3. Bacias hidrográficas de Âncora e Cabanas

2.3.1. Concelhos de Caminha e de Viana do Castelo

7. Cividade de Âncora (CNS 11)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WG84: Lat. 41°47'10.62"N Long. 8°51'15.33"W; Alt. 154 metros.

Na freguesia de Âncora, concelho de Caminha, e no limite norte da freguesia de Afife, concelho de Viana do Castelo.

Implantado no Monte da Suvidade, um esporão da vertente noroeste da serra de Santa Luzia, entre a bacia do Âncora e do rio de Cabanas, com ampla visibilidade para o estuário do rio Âncora, a bacia de Cabanas e o oceano Atlântico, a noroeste, oeste e sudoeste (Fig. 2.30).



Fig. 2.30 Localização da Cividade de Âncora (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

Este povoado encontra-se em vários inventários de várias teses de doutoramento, de Queiroga (1992, n.º 290), de C.A.B. Almeida (1996, 6, n.º 16: 33-34), A. Baptista Lopes (2003, n.º 5.62) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 91).

Foi alvo de várias intervenções ao longo do séc. XX. Os trabalhos foram inaugurados por uma missão inglesa em Portugal, liderada por Christopher Hawkes (Hawkes, 1971). Esta primeira intervenção resultou na descoberta de três muralhas, de desenho concêntrico. Sendo que, a muralha intermédia é a que circunda boa parte das construções e da ocupação do local.

Possibilitou, ainda, a escavação parcial de uma cabana circular e a descoberta de espólio variado, entre cerâmica, metais e vidros (Viana, 1960-1961: 253, 1963). Mais tarde, durante os anos 70 e parte dos anos 80 do séc. XX, este *locus* foi novamente escavado, no contexto dos estudos conducentes ao doutoramento de Armando C. Silva (1986). Estes trabalhos puseram a descoberto não só parte do sistema defensivo (Silva, 1986: 33) como arruamentos e áreas habitacionais, que Silva (1986: 48-51) organizou em três grandes núcleos compostos por casas circulares, algumas com vestíbulo. Um deles tinha uma construção de planta subretangular com um forno no seu interior e uma cisterna ou fontes; o outro tinha um recinto considerado de uso funerário e o terceiro, dois pequenos recintos em torno de um pátio comum (Silva, 1986: 48-49). Isolada deste conjunto e todos os núcleos existe, ainda, uma construção de planta alongada que não parece ter uma função uso familiar (Silva, 1986: 48).

Segundo Silva (1986: 50-51), esta área escavada do povoado corresponderia a uma fase de ocupação, entre os inícios do séc. II a.C. e os meados do século I d.C., ou seja, do Ferro Recente, devido à descoberta de grande número de materiais de importação, desde logo ânforas de tipo Haltern 70, além de *sigillata* itálica, sudgálica, uma taça gomada em vidro, uma fíbula tipo Aucissa e um denário de Nero (cunhado em Roma entre 41 e 45 d.C.), que concorda com a cerâmica comum romana encontrada (Silva, 1986: 50-51). Silva (1986: 50, nota de rodapé 290) admite, ainda, uma reocupação, datável da primeira metade do século II d.C., já da romanização (devido à ocorrência de uma ânfora de tipo Dressel 28). Ainda no que diz respeito aos materiais importados devemos mencionar alguns exemplares de ânforas tardo-republicanas romanas identificadas por Paiva (1993: 55 – 76), é o caso de Dressel 1b, Haltern 70 (vários exemplares, Tarraconense 1 e Dressel 7-11 (vários exemplares).

Finalmente, devemos referir que, durante as escavações de Christopher Hawkes teria sido encontrado um pendente, de tipo sanguessuga, em bronze (informação do Portal do Arqueólogo[135]). Esta peça não se encontra referida por Silva (1986). Se foi aí encontrada em contexto de escavação, nesse caso é provável que este povoado tivesse uma ocupação mais antiga, durante o Ferro Antigo, ou até antes. A questão permanece em aberto.

Bibliografia: Viana, 1960-1961, 1963; Hawkes, 1971; Silva, 1986; Paiva, 1993; Almeida, 1996; Lopes, 2003; Carvalho, 2008.

[135] https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=120270

8. Cúturo / Cútero (CNS 2621)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°46'54.22"N Long. 8°50'37.14"W; Alt. 250 metros.

Freguesias de Âncora (Caminha) e Afife, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Localiza-se numa elevação, na extremidade noroeste da serra de Santa Luzia, a cota mais elevada do que o Monte da Cividade. Do local avista-se o oceano Atlântico para diferentes quadrantes, o estuário do Âncora e a bacia de Cabanas (Fig. 2.31).

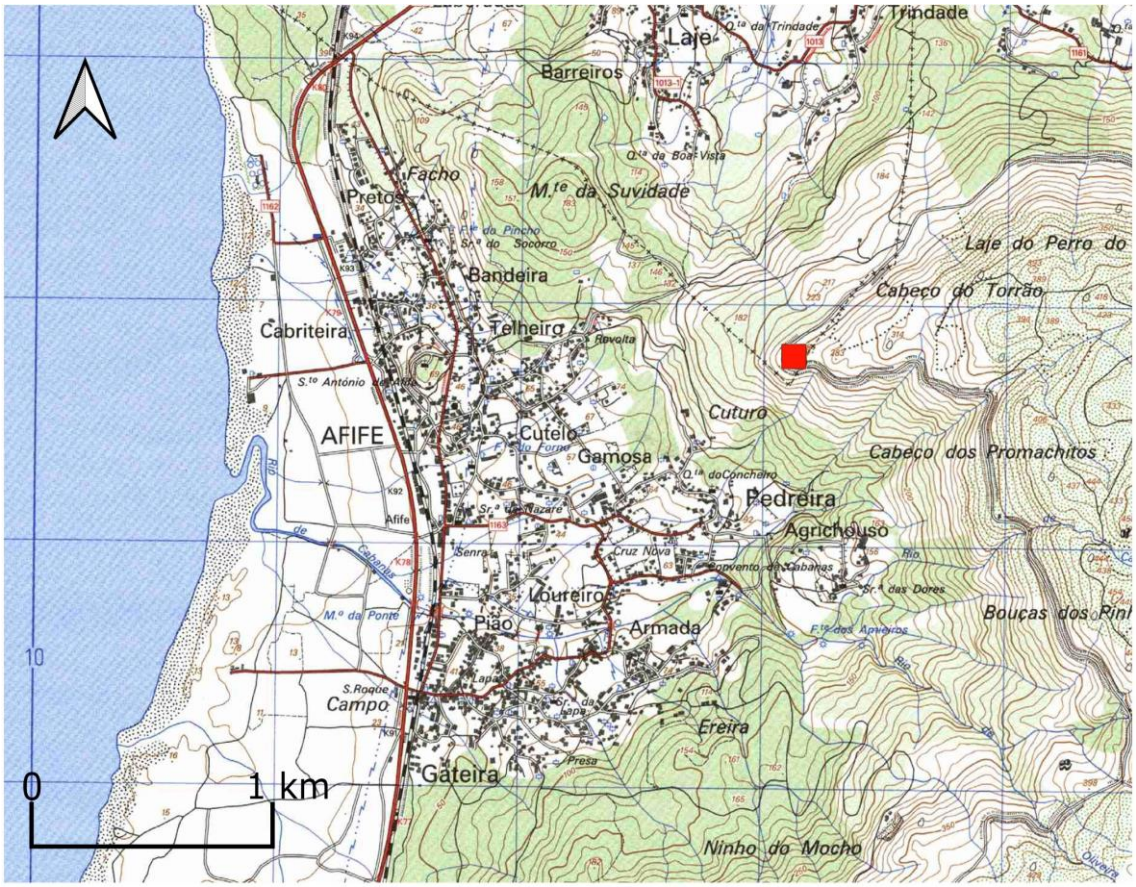


Fig. 2.31 Localização do Cúturo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

A primeira notícia sobre este povoado data de setembro de 1959, quando Mário Cardoso, a propósito da missão inglesa de Christopher Hawkes, faz um breve relato sobre os trabalhos aí efetuados.

Este autor refere, a propósito destes trabalhos, o seguinte:

"As escavações tiveram início numa vala aberta no sentido N.-S., que atingiu bastante profundidade, perpendicularmente à muralha. No decorrer da abertura desta vala encontraram-se interiormente três muros, o primeiro dos quais, a seguir à muralha e aparelhado a este, terra

lançada entre as duas, com o fim de aumentar a sua espessura e resistência. O segundo muro encontrado na mesma vala, um pouco mais largo que os outros, mostra, num bloco natural, uma cavidade circular, de pequena profundidade, semelhante às destinadas ao giro das couçoeiras de certo tipo de portas e cancelas. O terceiro muro, ligeiramente curvo, e que se prologa numa outra escavação aberta ao lado, mostra correndo paralelamente à base da sua face externa, uma fiada de pedras postas de cutelo, formando como que um estreito canal, onde certamente correriam as águas pluviais, que se pretendesse desviar do interior da construção" (Cardoso *et al.*, 1959: 544-545).

Nestas sondagens, pela descrição sumária e pelas plantas, percebemos que foi registada uma muralha, e, pelo menos, três cabanas circulares (Fig. 2.32; Fig. 2.33).

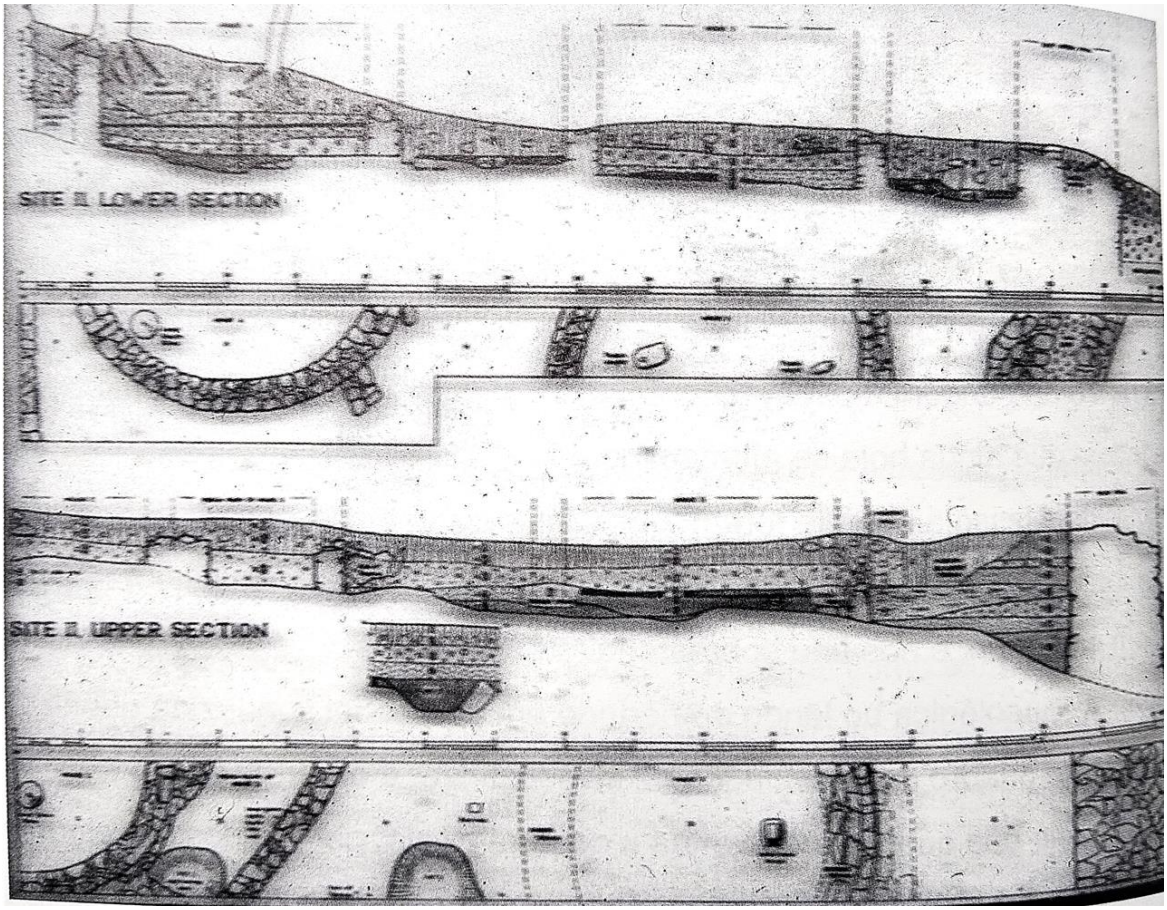


Fig. 2.32 Diapositivo de Christopher Hawkes, mostrando planta e cortes estratigráficos da escavação do Castro do Cúturo (Queiroga, 2020: 144, adaptado).



Fig. 2.33 Fotografias da escavação do povoado do Cúturo. À esquerda, vala de sondagem vendo-se os muros postos a descoberto; à direita, muralha deste povoado (Cardoso *et al.,* 1959, adaptado).

Este povoado encontra-se nos inventários gerais de doutoramento dos seguintes investigadores: Silva (1986, n.º 9), Queiroga (1992, n.º 291), Almeida (1996, 6, n.º 2: 13-15), Lopes (2003, n.º 4.4) e de e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 91).

Almeida (1996, 2: 13-14) refere que este local possui, pelo menos, duas muralhas e que os materiais dessas escavações foram recolhidos no Museu Regional de Viana do Castelo, hoje, Museu de Artes Decorativas onde não se encontram. Apenas estão depositados alguns fragmentos no NAIAA (Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife) que observámos e que se podem atribuir, tecnologicamente, ao Ferro Recente.

Devemos destacar uma peça que foi encontrada no decurso dessas escavações, na altura depositada no Museu Municipal de Viana do Castelo, mas que, aparentemente, terá ficado em Vila Praia de Âncora, no último sítio onde foi exposta. Trata-se de uma estela de tendência antropomórfica que, segundo Faria (1984: 8), possui 61 cm de altura, 27 cm de largura e 10 cm de espessura (Fig. 2.34).



Fig. 2.34 Estela antropomórfica, proveniente do povoado do Cúturo, no Museu Municipal de Viana de Castelo (Faria, 1984, adaptado).

Bibliografia: Cardoso *et al.*, 1959; Faria, 1984; Hawkes, 1971; Silva, 1986; Queiroga, 1992, 2020; Almeida, 1996; Lopes 2003; Carvalho, 2008; **dados inéditos**.

2.4. Bacia hidrográfica de Cabanas

2.4.1 Concelho de Viana do Castelo

9. Santo António (CNS 2619)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°46'52.88"N Long. 8°51'42.76"W; Alt. 60 metros.

Freguesia de Afife, concelho e distrito de Viana Castelo.

Implantado numa colina de baixa altitude da planície do rio de Cabanas, com visibilidade para a cividade de Âncora, Cúturo, Agrichouso e Montedor e para o oceano a oeste (Fig. 2.35).

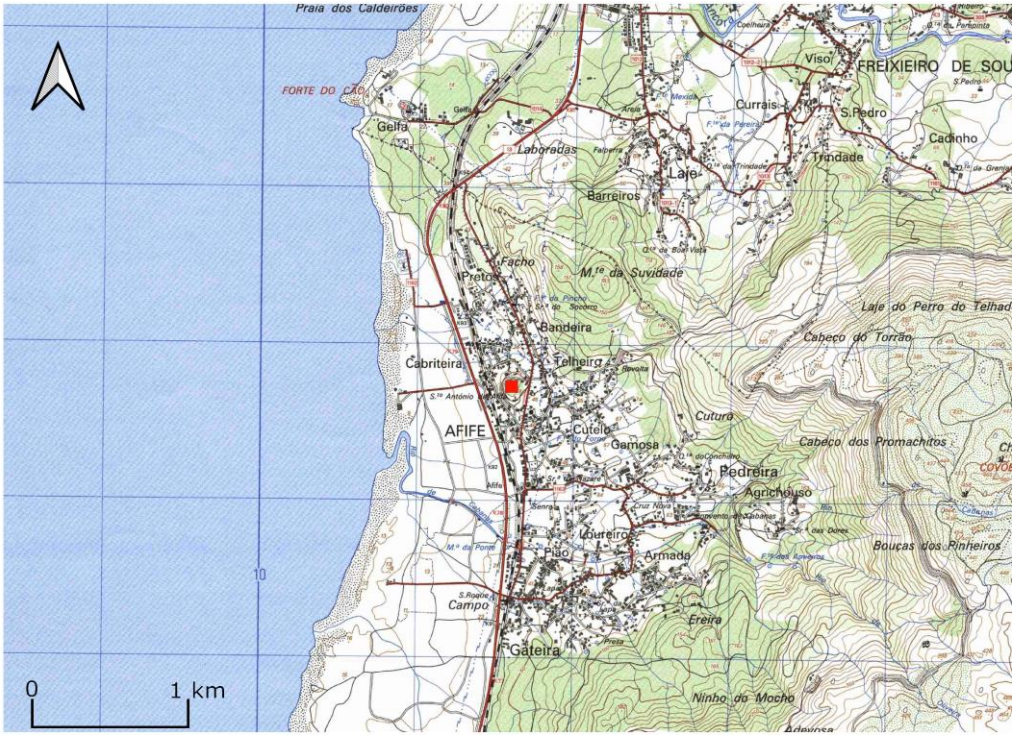


Fig. 2.35 Localização de Santo António (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

Encontra-se inventariado nas teses de doutoramento de Armando C. Silva (1986, n.º 88), de Francisco Queiroga (1992, n.º 414), Almeida (1996, 2, n.º 2: 22-23), de A. Baptista Lopes (2003, 2, n.º 5.191) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 130). As primeiras recolhas de material arqueológico deste povoado foram realizadas em 1973 e em 1978 aquando da queda de uma árvore e da abertura de uma fossa de apoio a um bar amovível, que aí construíram no topo[136].

No final dos anos 70, no contexto dos trabalhos realizados a propósito da tese de doutoramento Armando Coelho da Silva e aquando das escavações da Cividade de Âncora, este sítio foi limpo e escavado parcialmente, sobretudo na área onde a queda de diversas árvores tinha posto a descoberto várias estruturas e bastante cerâmica decorada, além de moldes de sítula com decoração geométrica. Não se conhece a estratigrafia nem publicações sobre este sítio. O espólio das escavações e de superfície foi depositado no NAIAA (Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife) embora existam artefactos no Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa.)

O estudo efetuado por nós destes materiais, assim como datas de radiocarbono (Oliveira, Bettencourt, 2020, 2021) possibilitaram identificar duas ocupações: um dos finais da Idade do

[136] Estas informações foram gentilmente fornecidas pelo Eng. Horácio Faria, antigo diretor do NAIAA (Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife), a quem agradecemos.

Bronze e outra do Ferro Recente. Um estudo mais desenvolvido deste sítio e seus materiais encontra-se no *item* 3.2, da Anexo I, volume II, desta tese.

Bibliografia: Silva 1986; Almeida, 1996; Lopes 2003; Carvalho, 2008; Oliveira e Bettencourt, 2020, 2021; e **dados inéditos**.

10. Castro de Agrichouso (CNS 2620)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°46'21.71"N Long. 8°50'24.94"W; Alt. 153 metros.

Lugar da Agrichousa, freguesia de Afife, concelho e distrito de Viana Castelo. Fica implantado num esporão da vertente noroeste da serra de Santa Luzia, sobre o pequeno vale do rio de Cabanas, na margem direita, a sudoeste da Capela de Agrichousa (Fig. 2.36).

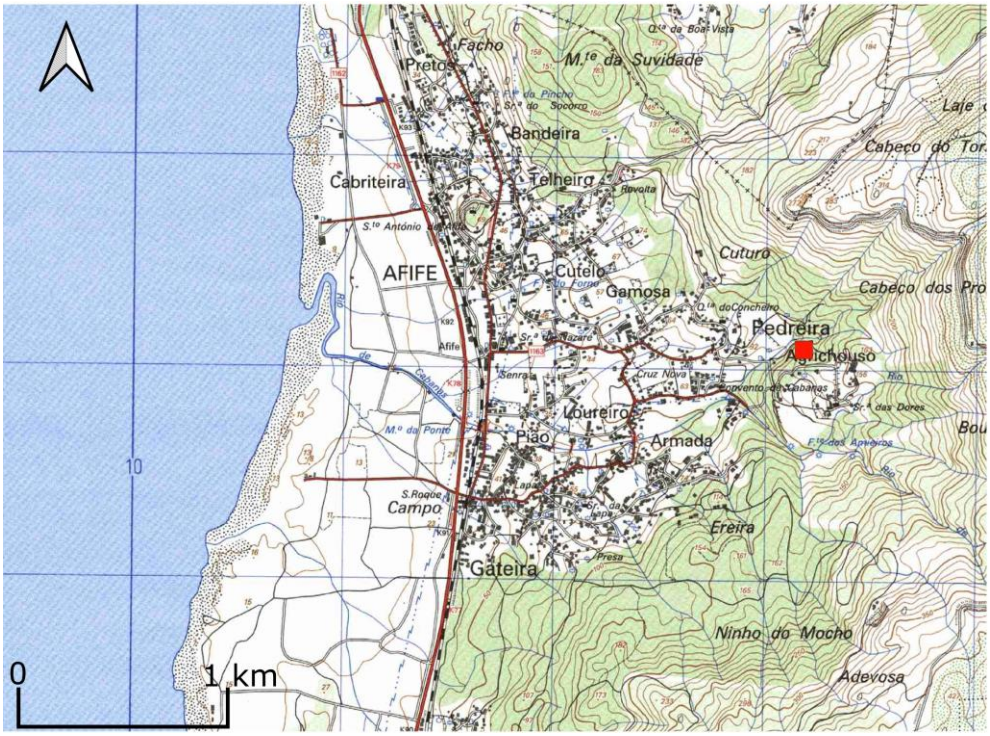


Fig. 2.36 Localização do Castro de Agrichouso (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

Afonso do Paço e Paço Quesado (1956: 172) foram dos primeiros a mencionar a existência deste povoado, fazendo alusão apenas aos seus aspetos defensivos e ao modo de implantação das habitações. Posteriormente, foi referido por Silva (1986, n.º 68), Queiroga (1992, n.º 413), Almeida (1990: 220-222; 1996, 2, n.º 21: 59-62) e ainda por Lopes (2003, n.º 5.192).

Segundo Almeida (2008), o sítio possui uma imponente muralha, reforçada por um torreão constituído por grandes blocos de pedra, rodeada por um largo fosso que a acompanha em toda

a sua extensão. A área habitacional, aparentemente, distribuía-se por vários patamares artificiais. Prospeções recentes permitiram detetar três muralhas[137]. Ainda assim não conseguimos afinar a cronologia de ocupação deste povoado.

Bibliografia: Paço e Quesado, 1956; Silva, 1986; Almeida 1990, 1996, 2008; Lopes, 2003.

11. Monte do Castro (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41° 46'22 N Long. 8° 50'26 W; Alt. 150 metros.

Freguesia de Afife, concelho e distrito de Viana do Castelo. Este povoado, fica de frente para capela de Nª Sª das Dores, localiza-se entre duas linhas de água, o rio de Cabanas e um pequeno afluente que o cerca pelo lado sul (Fig. 2.37).

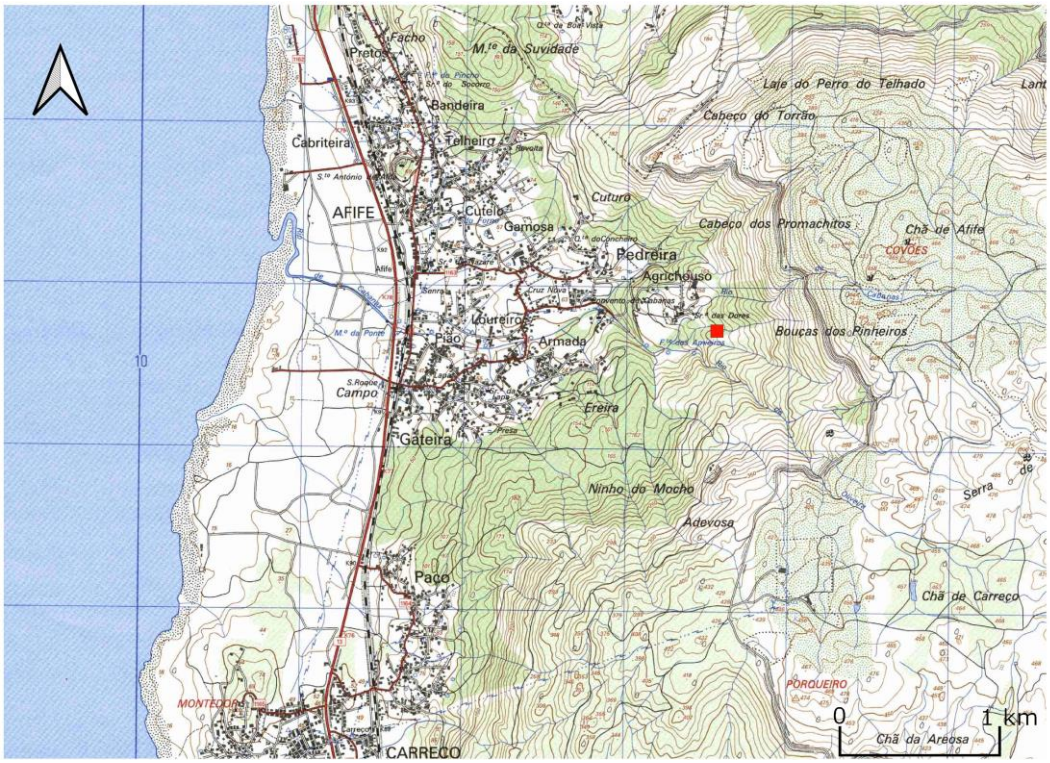


Fig. 2.37 Localização do Monte Castro (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

A primeira referência ao local é feita por Paço e Quesado (1956: 173) que referem que em 1955 ainda se observavam restos de muralhas, a dimensão do povoado seria relativamente pequena, acrescentando ainda que não foi observado espólio à superfície. Posteriormente, foi

[137] Informação do portal do arqueólogo: https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50441

inventariado na obra de Silva (1986, n.º 69), de Queiroga (1992, n.º 415), Almeida (1996, 2, n.º 3: 28-29) e Lopes (2003, n.º 5.192).

Segundo Almeida (2008: 156), observam-se no seu espaço de implantação vários blocos de pedra, afeiçoada e cortada em blocos, o que denota cuidado nas construções aí existentes. Em termos defensivos nota-se um torreão, situado no topo nascente. Não se observam cerâmicas da Idade do Ferro, pelo que talvez este local seja cronologicamente muito posterior a esse período (Almeida, 2008: 156).

Bibliografia: Paço e Quesado, 1956; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1996, 2008; Lopes, 2003.

12. Castro de Montedor (CNS 36334)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°45'5.80"N Long. 8°52'24.25"W; Alt. 77 metros.

Freguesia de Carreço, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Localizado sobre o topo do promontório de Montedor, onde hoje se encontra o farol, com ampla visibilidade para a bacia do rio de Cabanas, para o oceano Atlântico, a noroeste, oeste e sudoeste e para a plataforma litoral, a sul (Fig. 2.38).

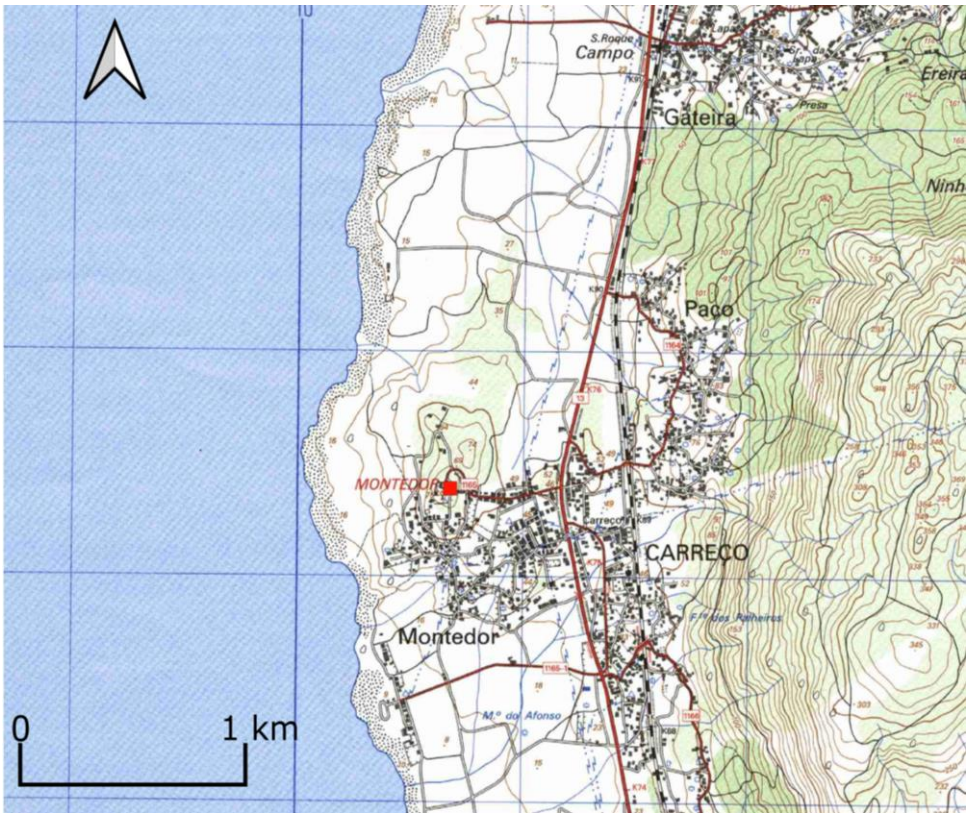


Fig. 2.38 Localização do possível povoado de Montedor (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

Uma das descrições mais recuadas que temos sobre este local é de Martins Sarmento (1999: 98-99) que descreve de forma pormenorizada o que encontrou:

"Subi-o, na direcção de poente para nascente. (...) Subindo o outeiro no trilho do carro, vi que o rodado tinha posto a descoberto uma aresta de muro, que terá dois palmos de largo, mas que ligava por dentro uma faixa de pedregulho de mais de seis, e com esta faixa coincidia um cordão de terra da mesma largura. Era visivelmente uma muralha, que seria fácil de pôr a descoberto. Segui-a em quase toda a volta do monte. Do lado do norte, por onde o terreno é mais acessível, pareceu-me que os cortes na terra eram antigos fossos. Fragmentos de cacos antigos não são raros."

Consta do inventário de Silva (1986, n.º 70), Queiroga (1992, n.º 422), Almeida (1990: 220-222; 1996, 2, n.º 21: 59-62), Lopes (2003, n.º 5.205) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 133).

Almeida (2008: 165-166) refere que este povoado teria duas muralhas e um fosso exterior, em parte visíveis na área norte e nascente.

Em termos de materiais, Almeida (1996, vol. II, 59-62) refere; cerâmica à roda, mós manuais e materiais de construção romanos. Em 1999, Centeno publica o achado de um conjunto

considerável de moedas romanas (um entesouramento de denários de prata), aparecidas em 1990, aquando da abertura de valas para o saneamento de Montedor. Foram encontradas 38 moedas republicanas além de 920,5 gramas de prata, repartidos em 113 peças (lingotes, bolas, chapas). Estavam dentro de um púcaro de pasta micácea e perfil em S. As características deste achado permitiram datá-lo entre 74 ou 73 a.C. (Centeno, 1999: 137) (Fig. 2.39).

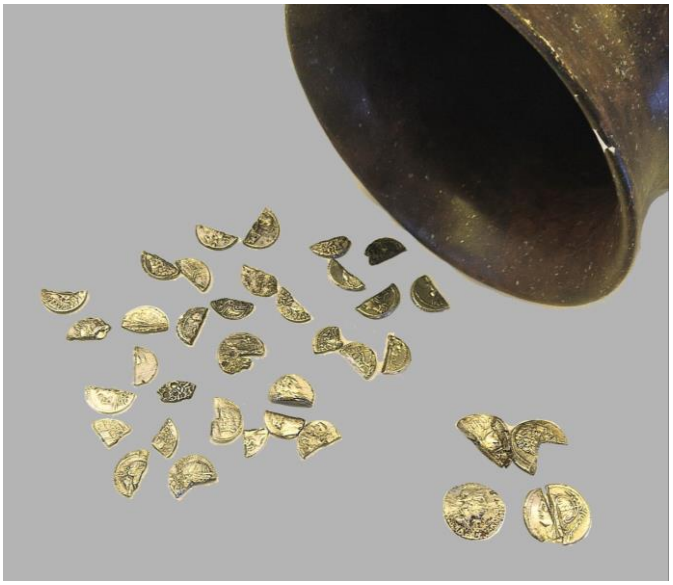


Fig. 2.39 Tesouro de Montedor (fonte própria, pote e moedas encontram-se expostas na Casa dos Nichos (Viana do Castelo).

Uma outra característica interessante é o facto de que, boa parte das moedas, encontravam-se partidas ao meio o que, segundo Estrabão (Livro III, 3,7), era um modo de utilização de moeda por parte de alguns povos do norte da Hispânia. Este facto, como refere Centeno (1999: 136), coloca em evidência o uso não monetário da moeda, pelo que este achado seria um tesouro de ocultação ou uma acumulação de capital, não podendo, por isso, ser considerado um "esconderijo de ourives". Além destas caraterísticas, deve referir-se que o achado continha 8 denários ibéricos o que possibilitou a Centeno (1999: 137) defender que este teria pertencido a um habitante do povoado de Montedor, que terá integrado as forças romanas na região norte da Meseta e, com o fim do conflito militar, em meados do séc. I a.C., terá trazido consigo o pagamento pelos seus serviços.

Cabe ainda referir o aparecimento de uma arrecada de ouro, nas proximidades da Igreja paroquial de Carreço[138]. Esta igreja fica a cerca de 850 m do topo de Montedor e a cerca de 200

[138] Segundo Leite de Vasconcelos afirma no verbete nº 24 (de Ourivesaria): Foi achado próximo da Igreja de Carreço, Concelho de Viana do Castelo, segundo me informou Serafim da Neves, professor da Escola Industrial de Viana do Castelo, que foi quem mo vendeu após 3 anos de negociações. (fonte:http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118240&EntSep=3#gotoPosition)

m da base da vertente sudeste deste promontório, pelo que é natural que o achado seja proveniente deste monte e associado às comunidades que ali terão habitado. Esta peça, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, desde 1905, tem sido incluída em vários estudos (Severo, 1905-1908: 406; Cardoso, 1956: 453; Valverde, 1973: 322; Parreira, 1980: 17; Pérez Outeiriño, 1989: 10).

Em 2008, Carla Martins na sua tese de Mestrado sobre as influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal, procede ao inventário desta arrecada, referindo que esta arrecada data de um período entre o séc. V e II a.C. (Martins, 2008: 91), notando que a decoração presente nesta arrecada tem como protótipo motivos decorativos[139] oriundos das áreas da Mesopotâmia de forma genérica datável do IV milénio a.C. e do próximo Oriente (Suméria) datável do II milénio a.C.

Esta arrecada foi inserida no tipo A de A. Silva (2014), com uma cronologia entre os séculos V e II a.C., ou seja, do Ferro Antigo Regional (Fig. 2.40).

Em visita ao local detetámos raríssimos fragmentos de cerâmica micácea, muito rolados, num caminho de terra batida existente na vertente sul, imediatamente por baixo da área do farol. Este conjunto de dados permite equacionar a hipótese da existência de várias ocupações para Montedor: uma provável do Ferro Antigo, outra do Ferro Recente e uma da romanização.

Bibliografia: Severo, 1905-1908; Sarmento, 1999; Valverde, 1973; Parreira, 1980; Silva, 1986; Pérez Outeiriño, 1989; Queiroga, 1992; Almeida, 1996, 2008; Centeno, 1999; Carvalho, 2008; Martins, 2008; Silva, 2014.

[139] Decoração com placas preenchidas com granulado e fios entrelaçados.



Fig. 2.40 Arrecada de Carreço (fonte: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118240&EntSep=3#gotoPosition)

.

2.5. Estuário do Lima e fachada litoral

13. Crastos Velhos / da Crôa ou Coroa (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°44'58.83"N Long. 8°51'31.92"W; Alt. 91 metros

Freguesia de Carreço, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Localizado num esporão da base da vertente oeste da Serra de Santa Luzia. Daí podia avistar-se Montedor e o oceano Atlântico, essencialmente para oeste e sudoeste (Fig. 2.41).

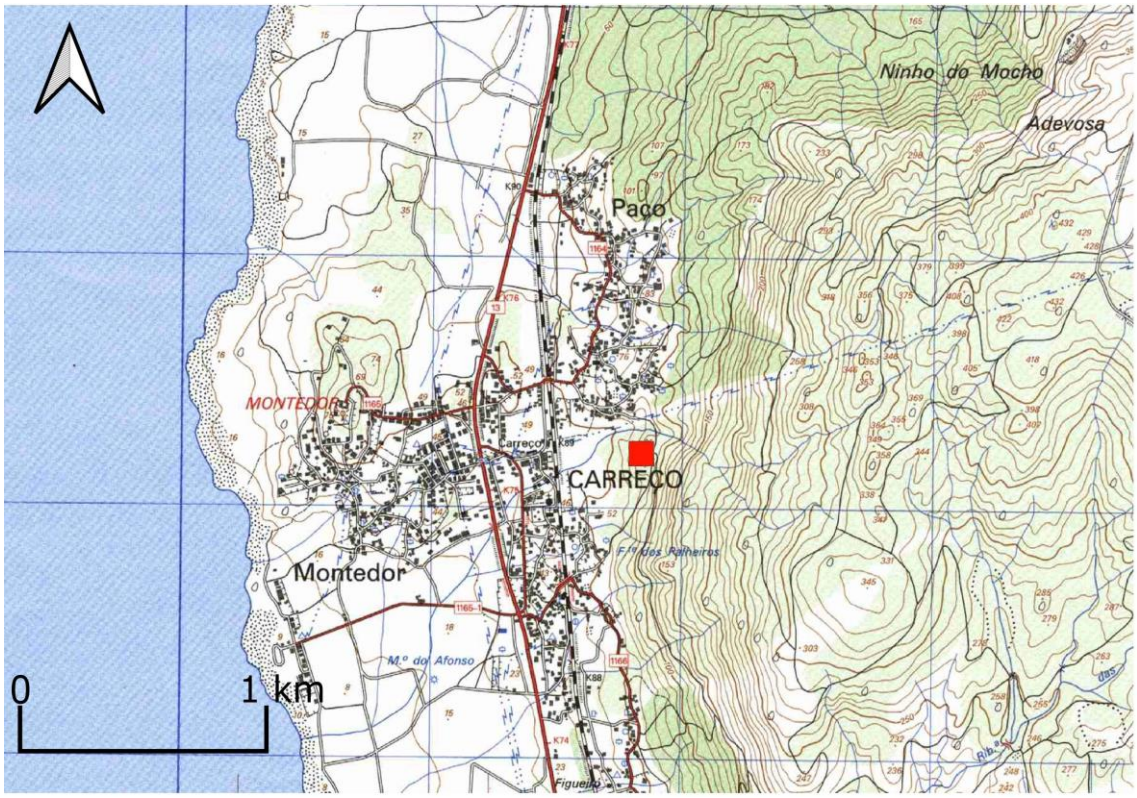


Fig. 2.41 Localização do Castro da Crôa ou Crastos Velhos (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

Uma das primeiras referências a este povoado é de Martins Sarmento (1999: 99-100), referindo-se a ele desta forma: "O Crasto dos Mouros... os muros estão escondidos sob um cordão de terra, e pedra em montão apenas se vislumbra aqui ou ali. O morro mais alto é também, se não em terra, abundante de terra, e mostra seus cacos."

Este povoado encontra-se nos inventários de Silva (1986, n.º 71) e Queiroga (1992, n.º 421), Almeida (1996, 2, n.º 20: 57-59), Lopes (2003, n.º 5.207) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 133).

Almeida (2008: 164) descreve-o como tendo uma imponente muralha constituída por dois poderosos muros e o interior preenchido por terra. Esta muralha rodeia todo povoado com uma entrada (artificial e feita com uso de máquinas) voltada a nascente. A muralha é, ainda, reforçada por um talude e fosso. Regista-se ainda o aparecimento de cerâmica da Idade do Ferro e material de construção romano.

Foram observados alguns fragmentos cerâmicos provenientes deste povoado, depositados no Museu de Arte Decorativas de Viana. Pudemos distinguir dois grupos tecnológicos. Um atribuível à Idade do Bronze, com cerâmicas de fabrico manual, pastas arenosas, de textura algo groseira, com cozeduras redutoras, cores acastanhadas e acabamentos alisados. Um segundo

grupo caracteriza-se por cerâmica de fabrico a torno ou roda, com cozeduras redutoras, de pastas micáceas e de cor castanha e acabamentos polidos, materiais estes datáveis da Idade do Ferro Recente (Fig. 2.42).

Deste modo este local teve, pelo menos, uma ocupação da Idade do Bronze e uma da Idade do Ferro Recente. Foram ainda observados dois fragmentos que indiciam ser da Idade do Ferro Antigo, mas pela sua diminuta dimensão e por estarem um pouco rolados tornou difícil a sua inserção cronológica mais precisa. Apesar desta classificação ser baseada apenas nas formas e nos aspetos tecnológicas dos fragmentos reconhecemos os problemas cronológicos que se deparam em casos destes, em que apenas temos materiais de superfície, mas uma vez mais uma análise atenta à forma e tecnologia patentes neste fragmentos mais pequenos (da Idade do Bronze) têm não só similitudes com materiais datados por radiocarbono, como é no caso da Cova Moura (ver vol. II, ponto 3.6) como por outros materiais da mesma cronologia do Vale do Cávado (Martins, 1990; Bettencourt, 1999).



Fig. 2.42 Materiais do Crasto da Crôa: em cima fragmentos datáveis da Idade do Bronze; e bordo da Forma 1b (pote) datável da Idade do Ferro Recente (inéditos).

Bibliografia: Sarmento, 1999; Silva, 1986 Queiroga, 1992; Almeida, 2008; Lopes, 2003; Carvalho, 2008; **dados inéditos**.

14. Cova da Moura / Mamoa de Carreço (CNS 4335)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°44'52.10"N Long. 8°51'25.60"W; Alt: 186 metros.

Lugar da Mata, freguesia de Carreço, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Num patamar a meio da vertente oeste da Serra de Santa Luzia, num local de ampla visibilidade para os povoados da região, com os da Crôa e Montedor, por exemplo, e para o oceano Atlântico (Fig. 2.43).

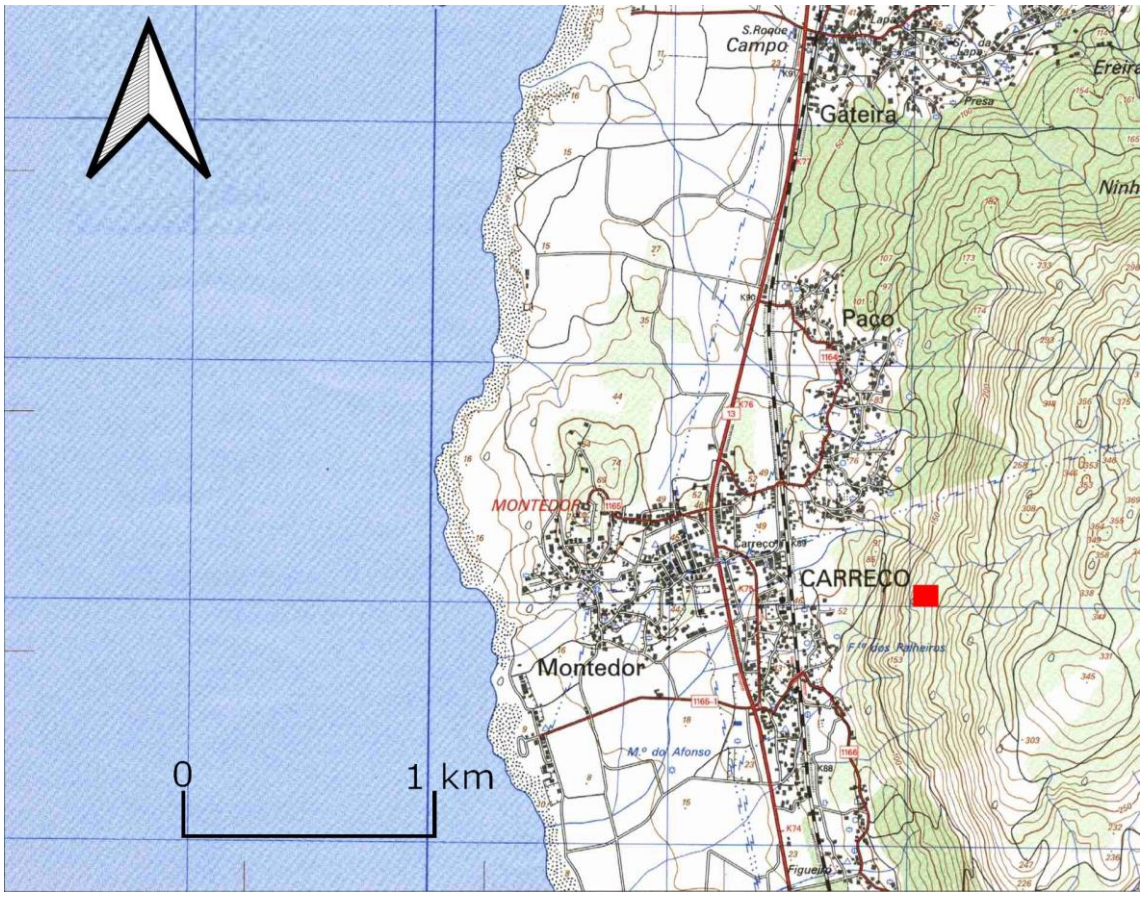


Fig. 2.43 Localização da Cova da Moura (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 27, ICE, 1997).

Também é conhecido na bibliografia arqueológica como Mamoa de Carreço (Viana, 1943; 1955a).

Abel Viana escavou este monumento entre 20 de agosto e 10 de outubro de 1931, tendo descrito esses trabalhos de forma detalhada. Este monumento possui 48 m de comprimento por 28 m de largura e com cerca de 8 m de altura na área a norte e 11 m pela área a sul (Viana, 1955a: 482), com evidências claras de couraça pétrea, preservada no lado poente.

A partir da revisão efetuada sobre os dados de Abel Viana, das visitas ao local, do estudo do espólio e de datas de radiocarbono realizadas (ver *item* 3.6, Anexo I, volume II) é possível

colocar a hipótese de que este montículo final corresponde a um projeto arquitetónico construído na longa diacronia, em volta de alguns afloramentos e um abrigo natural, entre o Bronze Médio até aos finais da Idade do Ferro. Trata-se de um sítio único no contexto do litoral norte português.

Bibliografia: Viana, 1943, 1955a; **dados inéditos**.

15. Castro do Pego (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°43'29.61"N Long. 8°50'53.10"W; Alt. 168 metros.

Freguesia da Areosa e concelho de Viana do Castelo.

Localiza-se num dos esporões da base da vertente oeste da Serra de Santa Luzia, na margem do ribeiro do Pego, com ampla visibilidade para o oceano Atlântico (Fig. 2.44).

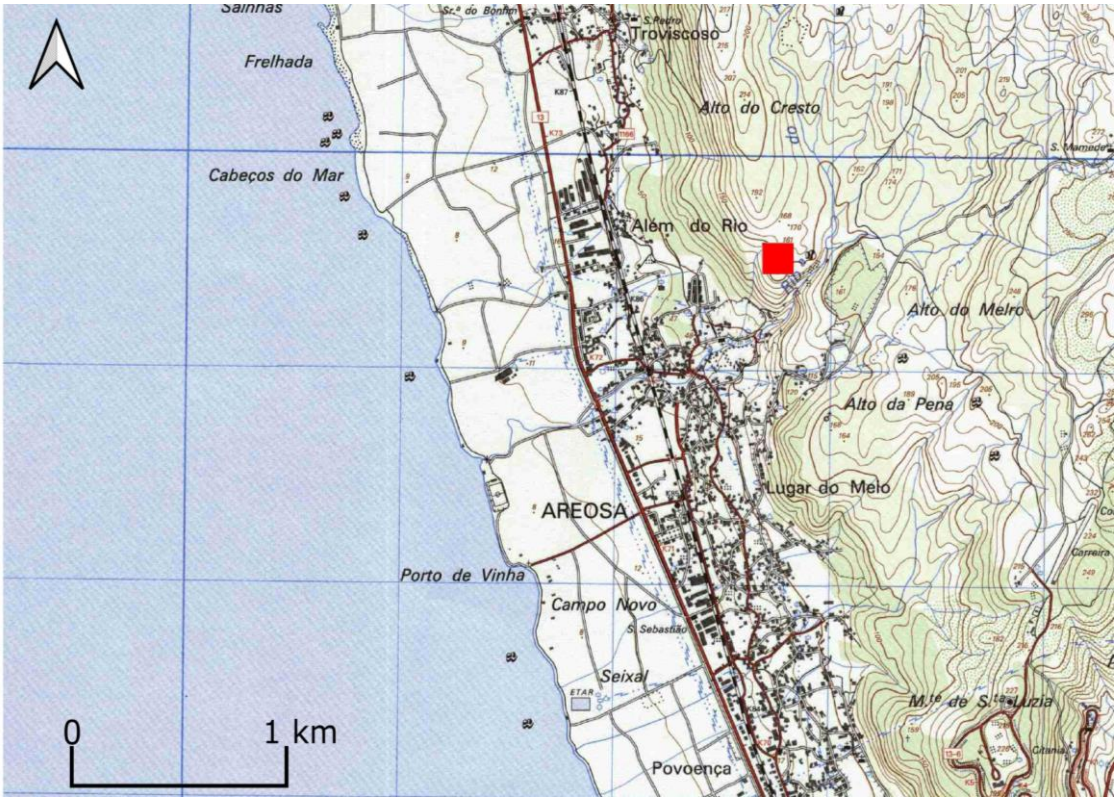


Fig. 2.44 Localização do povoado do Pego (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

A primeira referência a este povoado data de 1884 e é de Martins Sarmento que apenas o refere num pequeno artigo sobre os castros. Em 1909, Figueiredo Guerra (1909: 59-60) descreve um pouco as suas características, dizendo que seria circundado por três muralhas que possuía um contorno oval, cujo eixo maior media 150 metros e o menor 80 metros, no recinto exterior. Diz ainda que "..., dono da quinta limítrofe guarda muitos restos de cerâmica ornamentada, rodelinhas e contas de barro, pequenas mós de pedra..." (Guerra, 1909: 60).

Abel Viana (1926, 1932a e 1932b) volta a referir a existência desde povoado nos seus inventários.

Foi, também, inventariado por Silva (1986, n.º 72), Almeida (1990: 223; 1996, 2, n.º 13: 46-49), Queiroga (1992, n.º 419), Lopes (2003, n.º 5.202) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 132).

Segundo Almeida (2008: 158-159) observam-se, no interior da coroa alongada deste esporão, várias estruturas circulares, achando-se, à superfície e com relativa facilidade, material de construção romano, cerâmica feita a torno, cerâmica sigillata de tipo *Dragendorf* 37 decorada, cerâmica comum romana e paredes de ânfora. Segundo este autor seria um povoado eminentemente costeiro e, por isso, também ligado à exploração salineira e ao controlo da pequena enseada que lhe fica em frente, conhecida pelo topónimo de "Porto da Vinha" (Almeida, 2008: 160).

Pelos dados obtidos trata-se de um povoado que, pelo menos, na sua última fase de ocupação, foi romanizado.

Bibliografia: Sarmento, 1884; Guerra, 1909; Viana, 1926, 1932a, 1932b; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996, 2008; Carvalho, 2008.

16. Castro da Cancela da Areosa (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°41'41.49"N Long. 8°50'35.38"W; Alt. 10 metros.

União das freguesias de Viana do Castelo e Meadela, concelho de Viana do Castelo.

Localizava-se na plataforma litoral, a cerca de 700 m do litoral (Fig. 2.45). Segundo testemunhos de Viana e Oliveira (1954: 47) numa colina próxima à via de caminho-de-ferro existia:

"uma mancha de mato onde se viam restos de casas circulares e fragmentos de tegullae e bordos de dolia....e todo este material teria desaparecido quando vedaram o terreno com a pedra extraída no ponto em que assentavam os alicerces das referidas casotas".

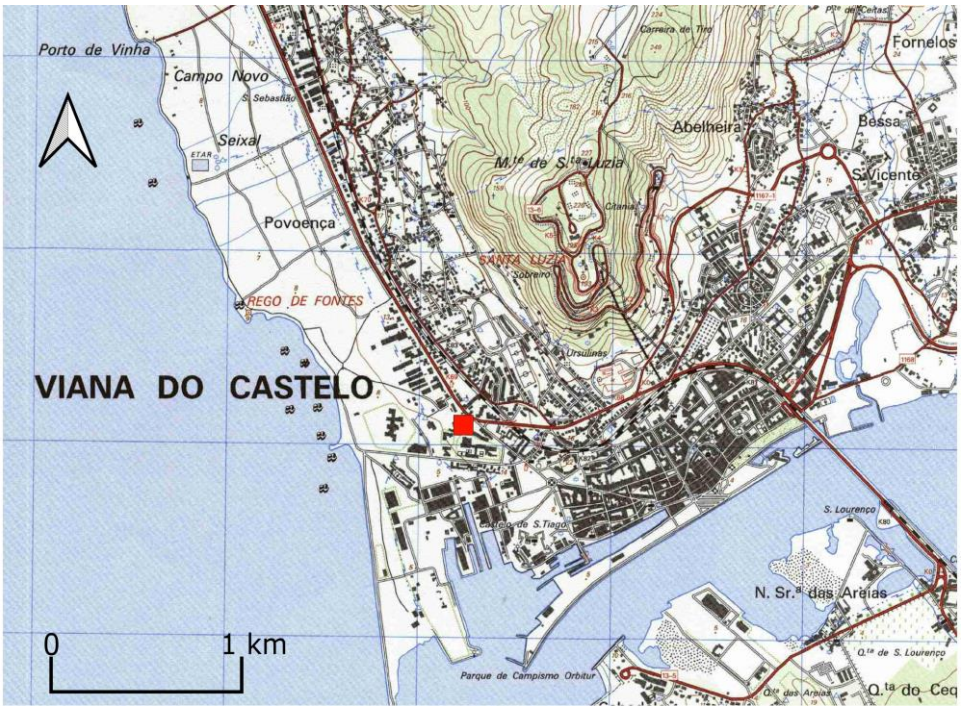


Fig. 2.45 Localização do Castro da Cancela da Areosa (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Alguns anos depois, Abel Viana refere novamente este povoado, a propósito do povoado de Montedor que não mostrava mais do que uns vestígios de casas circulares sem muralha de proteção, algo parecido com o que "existiu por detrás da Fábrica de Tecidos, cerca da Cancela de Areosa, em Viana do Castelo..." (Viana, 1960-61: 251). Este sítio encontra-se, também, inventariado por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 131).

Almeida (1996: 143) defende que este povoado terá sido uma extensão do de Santa Luzia e que o seu surgimento terá tido alguma relação com a exploração do sal na orla litoral, junto à foz do rio Lima. Mais tarde, coloca a hipótese de se tratar de um povoado de tipo agrícola ou para controlo de rotas terrestes ou marítimas ou da exploração de sal (Almeida, 2008: 160).

Em dezembro de 2021, foi demolida a antiga Fábrica de Tapetes Somartis, para dar lugar a um projeto de requalificação urbanística que prevê a instalação de um hotel, um estabelecimento de venda a retalho e um restaurante[140]. Não sabemos se foi efetuado algum acompanhamento arqueológico.

Pelos dados, escassos, pode admitir-se, pelo menos, uma ocupação durante a romanização.

Bibliografia: Guerra, 1909; Viana e Oliveira, 1954; Viana, 1960-1961; Almeida, 1990, 1996, 2008; Carvalho, 2008.

[140] https://ominho.pt/vai-ser-assim-o-empreendimento-que-esta-a-ser-construido-na-antiga-somartis-em-viana/ - em linha no dia 19/01/2022

17. Povoado de Santa Luzia (CNS 243)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°42'16.86"N Long. 8°50'8.10"W; Alt. 226 metros.

União das freguesias de Viana do Castelo e Meadela, concelho de Viana do Castelo.

Fica situado no topo do Monte de Santa Luzia, no extremo sul da serra com o mesmo nome, sobranceiro à cidade de Viana de Castelo. Localiza-se a cerca de 2 km da faixa costeira, na margem direita do rio Lima, e a cerca de 1,62 km deste leito fluvial. Pela sua situação orográfica encontra-se implantado num local com ótimas condições de visibilidade para o oceano Atlântico e para o estuário do Lima (Fig. 2.46).

Trata-se de um dos povoados da Idade do Ferro mais citados, escavados e discutidos da bacia hidrográfica do rio Lima.

O seu estudo passou por quatro grandes fases, nas quais participaram, direta ou indiretamente, os principais pioneiros da investigação arqueológica em Portugal.

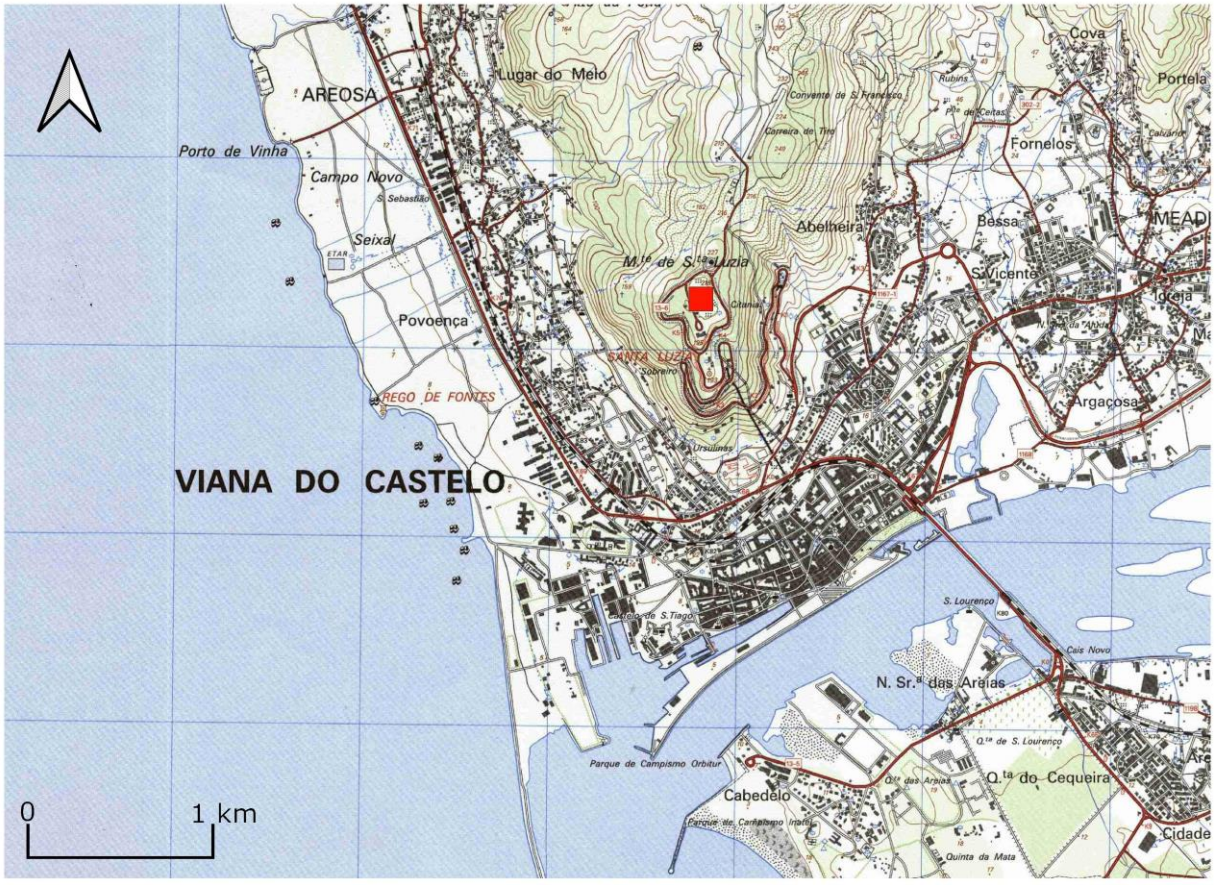


Fig. 2.46 Localização do Povoado de Santa Luzia (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

A primeira grande fase começa, ainda, no séc. XIX com as primeiras escavações em 1876 e 1977, sob a direção de Manuel José Felgueiras e de Possidónio da Silva (Sarmento, 1999: 61), sendo os resultados publicados em 1877 (Silva, 1877).

As escavações prosseguiram nos anos seguintes sob a coordenação da Comissão Vianense e o espólio encontrado foi sendo depositado no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo. No decorrer destes trabalhos os responsáveis foram Pedro Couraças e, mais tarde, José Caldas. É dessa época a primeira planta do sítio. Na sequência desses trabalhos, na década de 20 do séc. XX, o sítio é classificado como monumento nacional, através do decreto nº. 11, 454, DG, 1.ª série nº. 35, em 19 de fevereiro 1926.

Em 1935, ocorre a segunda grande fase da investigação, com a Direção de Monumentos Nacionais a efetuar trabalhos de limpeza e de recuperação das estruturas que estavam degradadas. De seguida, verificam-se novas intervenções arqueológicas, em 1953 e 1954, da responsabilidade de Abel Viana e de Sousa Oliveira dos quais resultaram algumas publicações, com o estudo genérico (o primeiro) dos materiais das antigas escavações aí realizadas até à data (Viana e Oliveira, 1954; 1955).

A terceira grande fase de trabalhos principia em 1974 pela mão de Octávio da Veiga Ferreira, que elabora um novo levamento topográfico do sítio (Ferreira *et al.*, 1980).

Durante os anos 80 inicia-se o projeto "Estudo e Salvaguarda da Povoado de Santa Luzia", pela tutela. No entanto, a primeira grande descrição das suas estruturas e de algum espólio, dá-se no contexto de uma dissertação de mestrado, publicada em 1990 (Almeida, 1990). Este autor refere vários panos de muralhas, que podem ser de épocas diferentes, e um conjunto de cabanas, que serão habitacionais e inscritas em pequenos bairros, estruturados de forma quase ortogonal.

Almeida (1990: 269, 283) defende que a forma estrutural do povoado, a construção das muralhas e a divisão em núcleos familiares, apenas terá ocorrido a partir do séc. I a.C. Durante os anos 90 fizeram-se, também, escavações científicas em algumas áreas deste povoado, cujos resultados foram publicados (Almeida, 1996, 2: 167 – 221). Nesse trabalho, destacam-se as estruturas inscritas em bairros, com a presença de aparelho helicoidal que datam da primeira metade do séc. I d.C. (Almeida, 1996, 2: 219). Defende-se, também, que o espaço que hoje vemos é fruto de uma reorganização entre o séc. I a.C. e I d.C., acrescentando-se que poderá datar do reinado de Octávio e da governação de Cláudio (Almeida, 1996, 2: 216).

Este povoado encontra-se nos inventários de várias teses de doutoramento: Silva (1986, n.º 73), Queiroga (1992, n.º 439), Lopes (2003, n.º 5.200) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 140).

A partir de 2001, este povoado fica enquadrado num novo projeto que contemplou, não só a escavação de áreas ainda pouco conhecidas do povoado, como também da musealização e

limpeza do mesmo. Esse projeto foi realizado, entre maio de 2002 e maio de 2006, por Sílvia Loureiro, a pedido da tutela, embora nada tenha sido publicado. Foram os dados destas intervenções que foram estudadas pelo signatário deste trabalho e que se apresentam no *item* 4.2 Anexo II, no volume III.

O estudo que efetuámos dos materiais das escavações antigas e das do séc. XXI possibilitaram a identificação de vários níveis de ocupação a saber: Bronze Final; Ferro Antigo, Ferro Recente e romanização. Foi observado material de várias instituições museológicas de Portugal: Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, Museu de História Natural do Porto e Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

Bibliografia: Sarmento, 1999; Silva, 1877; Cardoso, 1897; Viana e Oliveira, 1954; 1955; Ferreira *et al.,* 1980; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996, 2008; Carvalho, 2008 e **dados inéditos**.

18. Castro de Miradoiros do Galo (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°43'35.53"N Long. 8°49'17.36"W; Alt. 289 metros.

União das freguesias de Viana do Castelo e Meadela, concelho de Viana do Castelo.

Encontra-se estrategicamente implantado num dos muitos esporões da vertente sul da serra de Santa Luzia, a nordeste do povoado de Santa Luzia, com visibilidade para o estuário do Lima (Fig. 2.47).

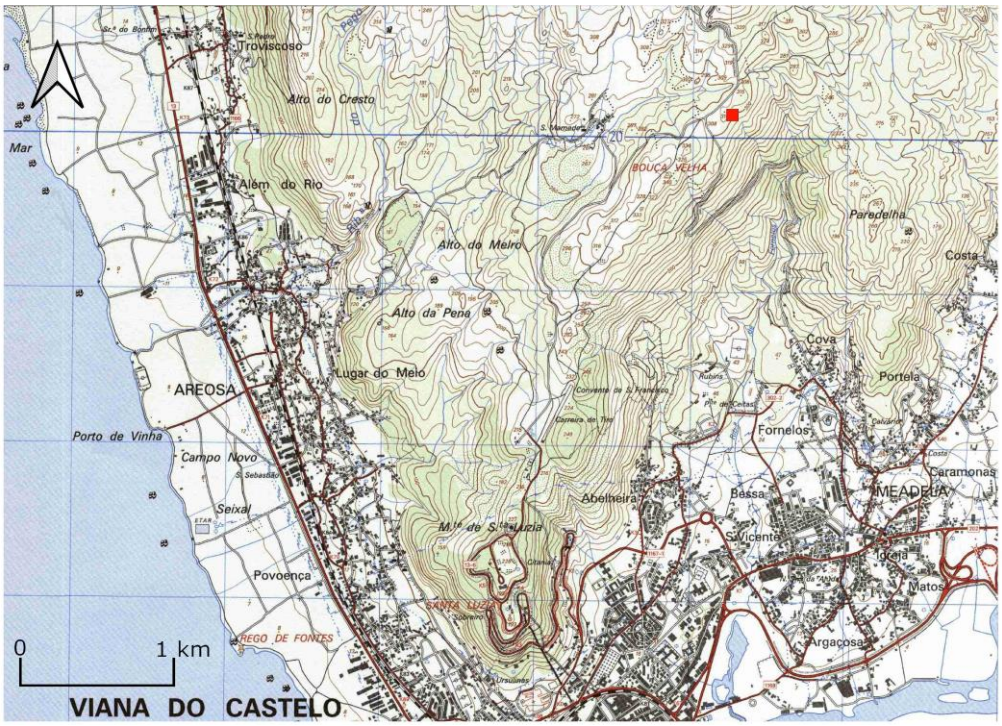


Fig. 2.47 Localização do Castro de Miradoiros do Galo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Foi inventariado por Silva (1986, n.º 77), Almeida (1990: 221-222; 1996, 2, n.º 58: 126-127), Queiroga (1992, n.º 438), Lopes (2003, n.º 5.235) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 138). Almeida (1990: 221) considera-o de pequena dimensão, com apenas uma muralha. Aí teriam sido recuperados alguns materiais da Idade do Ferro e romanos, incluindo fragmentos de tégula, contudo a romanização deste povoado é difícil de compreender (Almeida, 1990: 222).

Bibliografia: Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996; Lopes 2003; Carvalho, 2008.

19. Castro de Vieito (CNS 2613)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS84: Lat. 41°43'38.69"N Long. 8°48'4.36"W; Alt. 147 metros.

Lugar de Vieitos, freguesia de Perre, no concelho de Viana do Castelo.

Localizado na margem direita do rio Lima, num esporão da base da vertente sudeste da serra de Santa Luzia, com ampla visibilidade para o estuário do Lima (Fig. 2.48).

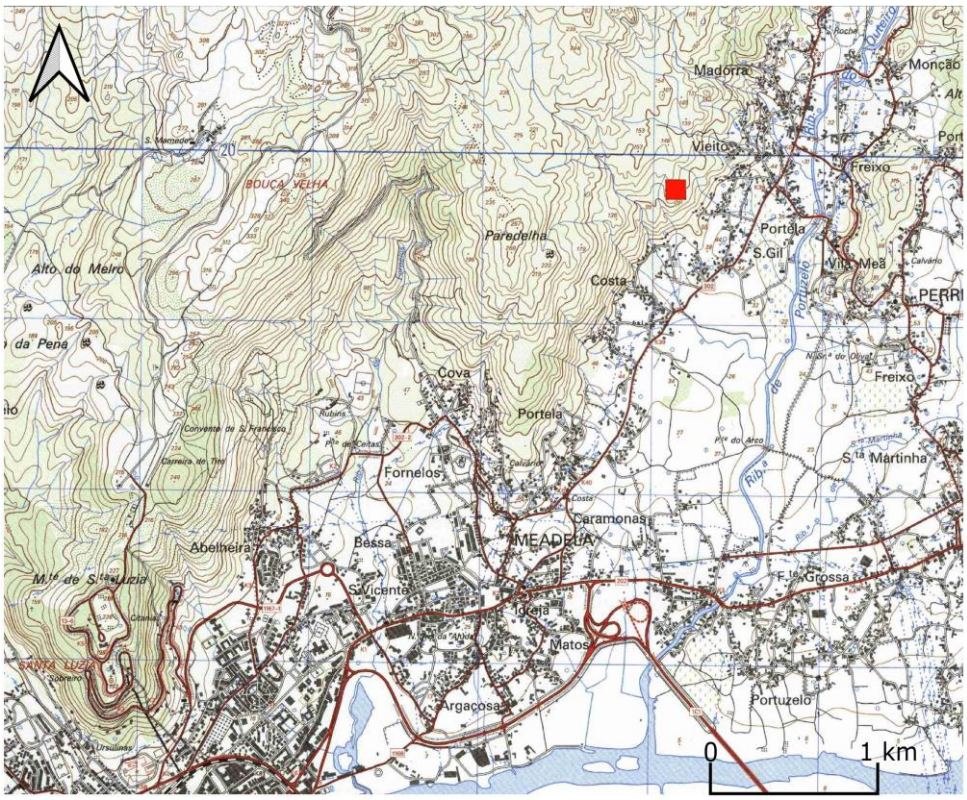


Fig. 2.48 Localização do Castro de Vieito (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Este povoado era já sobejamente conhecido da bibliografia arqueológica, já que se encontra no inventário de Silva (1986, n.º 76), Queiroga (1992, n.º 435), Almeida (1990: 217-218; 1996, 2, n.º 59: 128-129), Lopes (2003, n.º 5.232) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 138).

Este povoado, hoje parcialmente destruído, foi alvo de escavações de emergência entre julho de 2004 e julho de 2005, por parte da empresa de arqueologia AMS - Análise e Consultadoria Arqueológica Ld.ª, sob a direção científica de António Marques da Silva, devido à construção da autoestrada A28.

Aqui escavou-se cerca de 15 000 m^2 o que corresponde, sensivelmente, a um volume de terra movimentado de cerca de 12 000 m^3. A este volume de trabalho corresponde outro tanto de materiais arqueológicos, cerca de 14 toneladas de fragmentos cerâmicos, mais de 1000 artefactos líticos e muito material metálico e vítreo.

Com grande parte destes dados foi elaborada uma tese de doutoramento sobre o *locus,* por António Marques da Silva (2009; 2012). Este autor defende que a ocupação deste povoado terá sido de apenas um século, com o momento inicial nos finais do séc. I a.C. e com término, no máximo, até 70 d.C. (Silva, 2012: 125). Ou seja, será um povoado dos finais do Ferro Recente

com inícios de romanização. Refere, ainda, que durante as escavações não foram encontradas estruturas que pudessem ser anteriores a esta cronologia.

Destaca a existência de, pelo menos, três muralhas. Numa delas foi encontrada uma possível entrada de carácter monumental. Foram, ainda, registadas várias cabanas redondas com vestíbulo, organizadas em pequenos bairros, estando boa parte deles, lajeados. Foi ainda registada uma estrutura circular de grandes dimensões que se supõe ser um edifício comunal (Fig. 2.49).

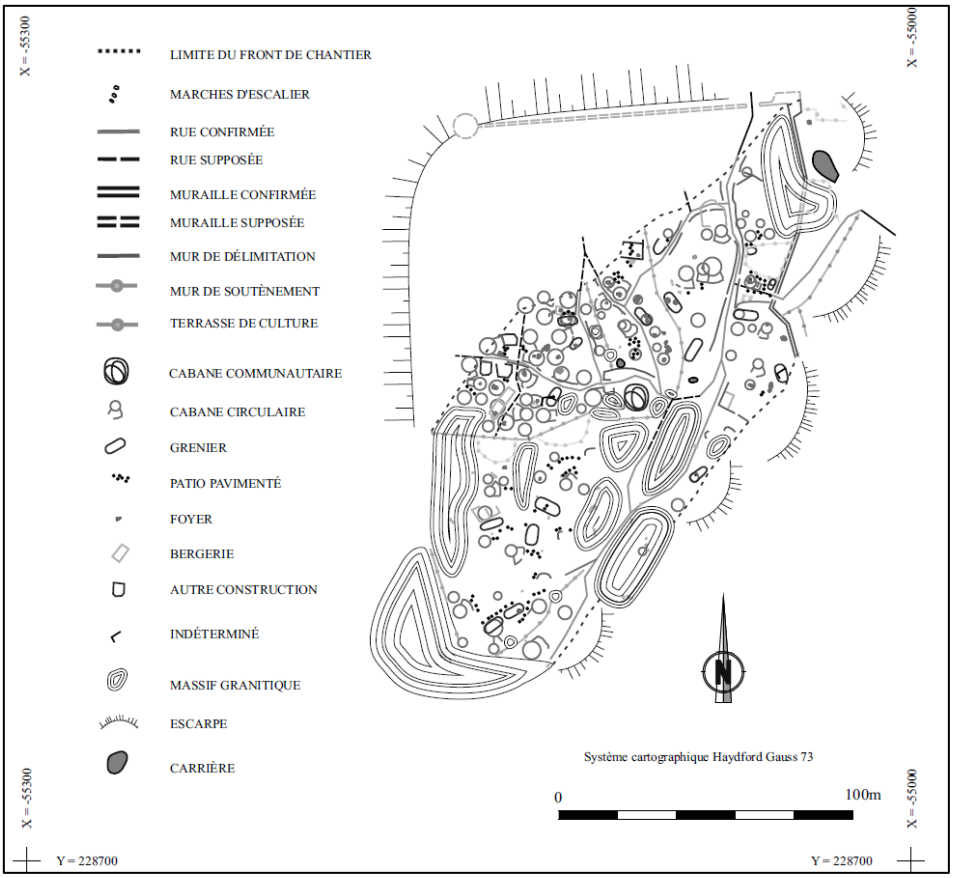


Fig. 2.49 Planta final da escavação do Castro de Vieito (Silva, 2012: 280, adaptado).

No que respeita ao espólio cerâmico, foram detetados materiais indígenas com forte representação, nomeadamente, fragmentos decorados com pintura a negro, de influência mediterrânica (Fig. 2.50) e alguns fragmentos de bordos de tipo Vigo.



Fig. 2.50 Material indígena decorado: pintado a negro em bandas ou faixas (Silva, 2012, adaptado).

Neste capítulo das importações devemos referir que neste povoado se encontrou o MNI (número mínimo de indivíduos) de ânforas de tipo Haltern 70, num total de 2775. De referir que este número representa mais do que o dobro do registado em *Bracara Augusta*, capital de *conventus* romano. De importação destacamos, também, vários tipos de ânfora provenientes da área Lusitânia, e mesmo da Península Itálica. Além destes materiais identificaram-se algumas moedas imperais, de prata, alguns materiais finos, como terra sigillata e paredes finas. Em vidro, há fragmentos de taças *millefiori* e pedras de anel. Registaram-se, também, artefactos em bronze (alfinetes de cabelo e fíbulas) e um brinco em ouro (Fig. 2.51).

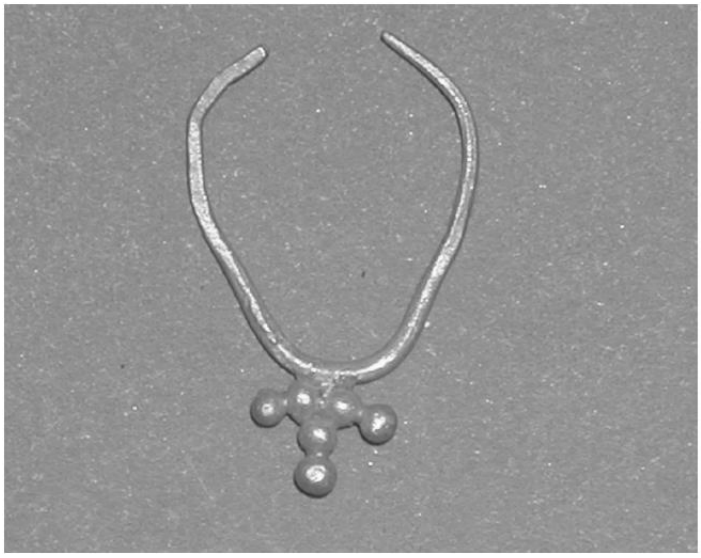


Fig. 2.51 Brinco em ouro (Silva, 2012, adaptado).

No que respeita à produção metalúrgica destacamos ainda dois moldes de sítula com decoração geométrica (Fig. 2.52). Além de terem sido recuperados, em ferro, alguns utensílios ligados com a exploração metalúrgica (como por exemplo: espada afalcatada, foices e facas). De referir ainda a existência de uma forja relacionada com práticas metalúrgicas (Silva, 2012: 277 – 279).



Fig. 2.52 Moldes de sítula, em cerâmica, com decoração geométrica (Silva, 2012, adaptado).

Como se nota através dos materiais encontrados o contacto com materiais importados, de origem meridional, demonstra a importância económica e social deste povoado no contexto do estuário do rio Lima.

Bibliografia: Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida 1990, 1996; Silva, 2009, 2012; Lopes 2003; Carvalho, 2008.

20. Castro de S. Silvestre (CNS 15783)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS84: Lat. 41°43'13.34"N Long. 8°44'48.28"W; Alt. 234 metros.

União das freguesias de Cardielos e Serreleis, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Localizava-se no topo e parte das vertentes do esporão meridional da Serra de Perre, mais precisamente no Monte de S. Silvestre, com excelente visibilidade para o oceano Atlântico e para o estuário do Lima quer a jusante, quer a montante (Fig. 2.53).

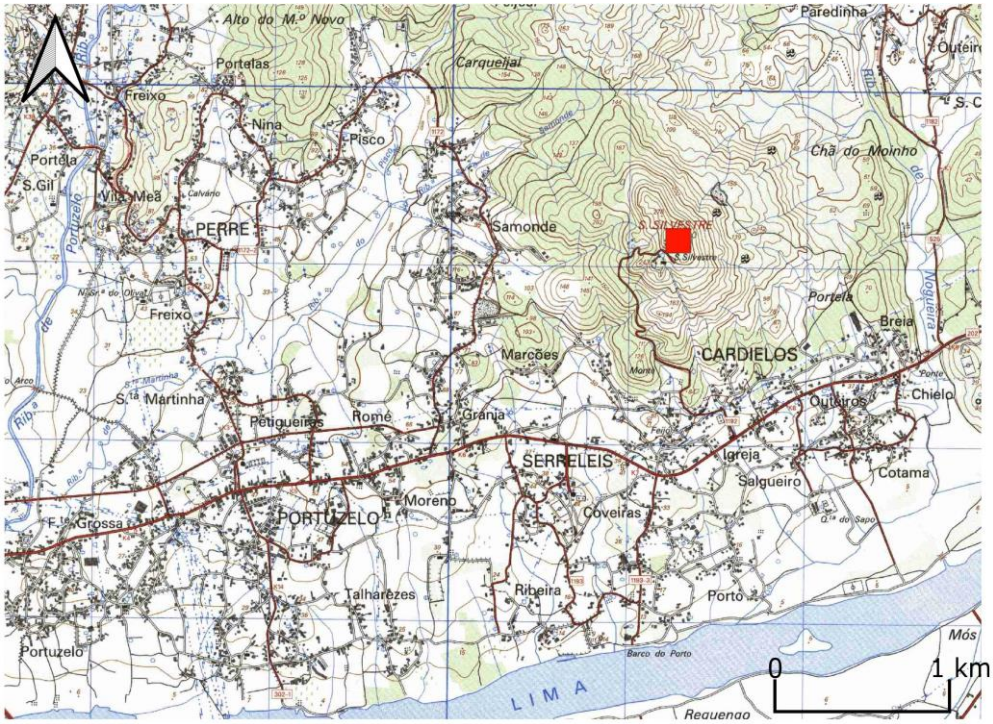


Fig. 2.53 Localização do Castro de S. Silvestre (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Foi inventariado por Silva (1986, n.º 80), Almeida (1990: 184; 1996, 2, n.º 17: 52-54), Queiroga (1992, n.º 420), Lopes (2003, n.º 5.203) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 132).

Segundo Almeida (1990: 183-184), o local estava rodeado por três panos de muralha, onde foram encontradas, por intervenções amadores, várias cabanas circulares e de planta retangular e área com restos de lajeado.

O sítio foi alvo de limpezas e de escavações, em 2016, por parte do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo, sob a direção científica de Jorge Machado e Miguel Costa. Não se conhecem os resultados dessas intervenções, embora a ficha de sítio do Portal do Arqueólogo, no campo "resultados", da responsabilidade dos arqueólogos responsáveis, diga o seguinte:

" A intervenção permitiu identificar, de forma clara um núcleo familiar, composto por três edifícios e delimitado por, pelo menos 2 muros. Foi identificado um arruamento no sentido SE-NW, que parece organizar o povoado, no sector agora intervencionado. Ainda que de forma preliminar, podemos afirmar que o momento de abandono do núcleo intervencionado terá sido provocado por um violento incêndio, cujas evidências estratigráficas são claras. Esta afirmação é corroborada pelo nível de ocupação das várias superfícies se encontrar selado, preservando o recheio dos edifícios. A maioria do espólio foi recolhido na camada de ocupação, tendo sido acompanhado pela recolha de carvões e amostras de terra para futuras análises. Entre os carvões

recolhidos sobre o pavimento da C1 encontram-se inúmeras sementes de cereal, que em conjugação com os inúmeros fragmentos de dolium, parecem apontar para o armazenamento de víveres neste edifício"[141]

Segundo ficha do sítio do Geoparque Litoral de Viana do Castelo[142], foi possível visualizar uma cabana oval (Fig. 2.54). Também aí se refere o grande número de cerâmica indígena (de fabrico à roda), cerâmica romana e tégulas e imbrex, encontrado.

A existência de estruturas retangulares e de alguma cerâmica demonstra a existência de um nível de romanização no local.



Fig. 2.54 Estruturas escavadas do Castro de S. Silvestre
(fonte:https://www.geoparquelitoralviana.pt/explorar/castro-de-são-silvestre/)

Bibliografia: Silva, 1986; Almeida, 1990, 1996; Queiroga, 1992; Lopes, 2003; Carvalho, 2008.

21. Terronha (CNS 15751)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS84: Lat. 41° 43' 01.33'' N Long. 8° 44' 45.01'' W; Alt. 145 metros.

[141] https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=3370439.
[142] https://www.geoparquelitoralviana.pt/explorar/castro-de-são-silvestre/

Lugar do Monte, na união de freguesias de Cardielos e Serreleis, no concelho e distrito de Viana do Castelo.

Situa-se num pequeno e pouco destacado remate de esporão, à cota de 145 m de altitude máxima, na base da vertente su-sudeste do Monte de São Silvestre, sobranceiro ao rio Lima, pelo lado norte (Fig. 2.55).



Fig. 2.55 Localização do povoado da Terronha (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Carlos A. Brochado de Almeida defendeu que o Castro da Terronha seria uma provável extensão do Castro de S. Silvestre e que teria, talvez, uma forte vocação agrícola, pelo que o apelida de "castro agrícola" (Almeida, 1996: 138-139). Este sítio encontra-se inventariado na tese de doutoramento de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 132).

Este povoado foi alvo de uma escavação de emergência, na sequência da construção de um troço da autoestrada A27, no ano 2000. As escavações foram conduzidas por Francisco Queiroga (Queiroga, 2000).

Em 2017, o material cerâmico, encontrado neste sítio, foi depositado no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, onde o começámos a sua análise para estudo monográfico (Oliveira, 2018; 2019a), apresentado nesta tese (*item* 4.3, do Anexo II, volume III), com exceção das ânforas, entretanto, estudadas por Francisco Sá Queiroga (Queiroga, 2019).

Trata-se de um povoado com apenas um nível de ocupação, do Ferro Recente, embora as populações possam ter persistido no local até ao séc. I d.C., já durante a romanização.

Bibliografia: Almeida, 1996; Queiroga, 2000; 2021; Carvalho, 2008; Oliveira, 2018, 2019a; Queiroga, 2019 e **dados inéditos**.

22. Castro do Monte Arculo/ do Galeão (CNS 13514)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°40'43.24"N Long. 8°47'30.18"W; Alt. 169 metros.

Na freguesia de Darque, concelho de Viana do Castelo.

Este povoado está localizado no Monte Galeão, muito perto da atalaia medieval do Alto do Galeão, a norte do Alto do Galeão, na margem sul do rio Lima, com vertentes rochosas e declives bem pronunciados na área voltada a norte, ou seja, para a foz do mesmo rio. Do local há ampla visibilidade para o estuário desse rio, quer a jusante, quer a montante (Fig. 2.56).



Fig. 2.56 Localização do Castro do Monte Arculo (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Encontra-se no inventário de Silva (1986, n.º 91), Almeida (1990: 27-29; 1996, 2, n.º31: 81-83), Queiroga (1992, n.º 481), Lopes (2003, n.º 5.214) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 134).

Possuí uma acrópole de pequenas dimensões e uma área habitacional com arruamentos, no interior de um sistema defensivo algo imponente, onde existem três muralhas que se unem numa só na área junto à acrópole e a poente dela. A segunda muralha, que é a que se encontra relativamente bem conservada, possui cerca de 3,5 metros de largura e é constituída por um aparelho relativamente horizontal, o que faz colocar a hipótese de que seja datável do séc. I d.C. A terceira muralha encontra-se já a meia da vertente nascente e o seu aparelho é considerado ciclópico, dada a sua construção com grandes blocos graníticos. Encontra-se à superfície muito material cerâmico, micáceo e mal cozido (Almeida, 2008: 174). Infelizmente não foi observado material arqueológico desta estação.

Bibliografia: Silva, 1986; Almeida, 1990; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996, 2008; Lopes, 2003; Carvalho, 2008.

23. Castro de Sabariz (CNS 188)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°40'26.03"N Long. 8°45'8.76"W; Alt: 110 metros

União de freguesias de Mazarefes e Vila Fria, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Este povoado fica implantado num pequeno cabeço da vertente oeste do Monte de Roques. Pela sua posição geográfica controla a extensa planície do vale do Lima (Fig. 2.57).

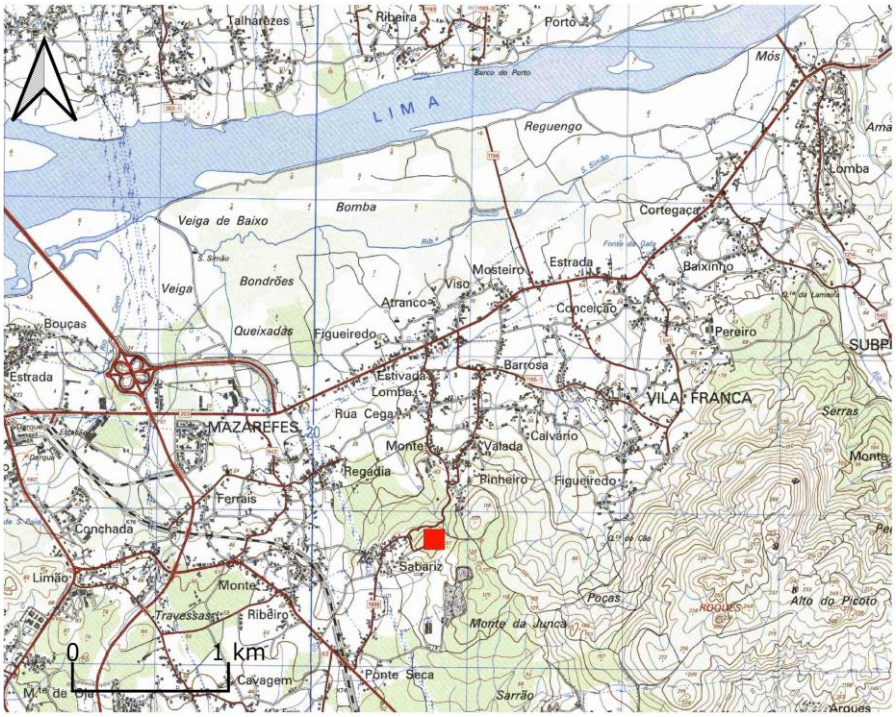


Fig. 2.57 Localização do Castro de Sabariz (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Povoado inventariado por Silva (1986, n.º 92), Almeida (1990: 31-32; 1996, 2, n.º 157-158), Queiroga (1992, n.º 443), Maciel (2003, n.º 24: 131-132), Lopes (2003, n.º 5.241) e e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 141-142). Segundo Almeida (1990: 31-32) a sua área habitacional é pequena, abarcando apenas a acrópole. Em termos defensivos possui duas muralhas, reforçadas na área oeste com um fosso. Os materiais resumem-se a fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro até à época romana.

Bibliografia: Silva, 1986; Almeida, 1990; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996; Maciel, 2003; Lopes, 2003; Carvalho, 2003.

24. Castro de Roques / Santinho (CNS 169)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°40'35.06"N Long. 8°43'31.80"W; Alt. 269 metros.

União das freguesias de Subportela, Deocriste e Portela Susã e freguesias de Vila de Punhe, Mujães e Vila Franca, concelho de Viana do Castelo.

Fica localizado no topo do Monte de Roques, a 269 metros de altitude, na margem sul do rio Lima, com ampla visibilidade para o estuário do Lima e para o oceano Atlântico, a oeste (Fig. 2.58).

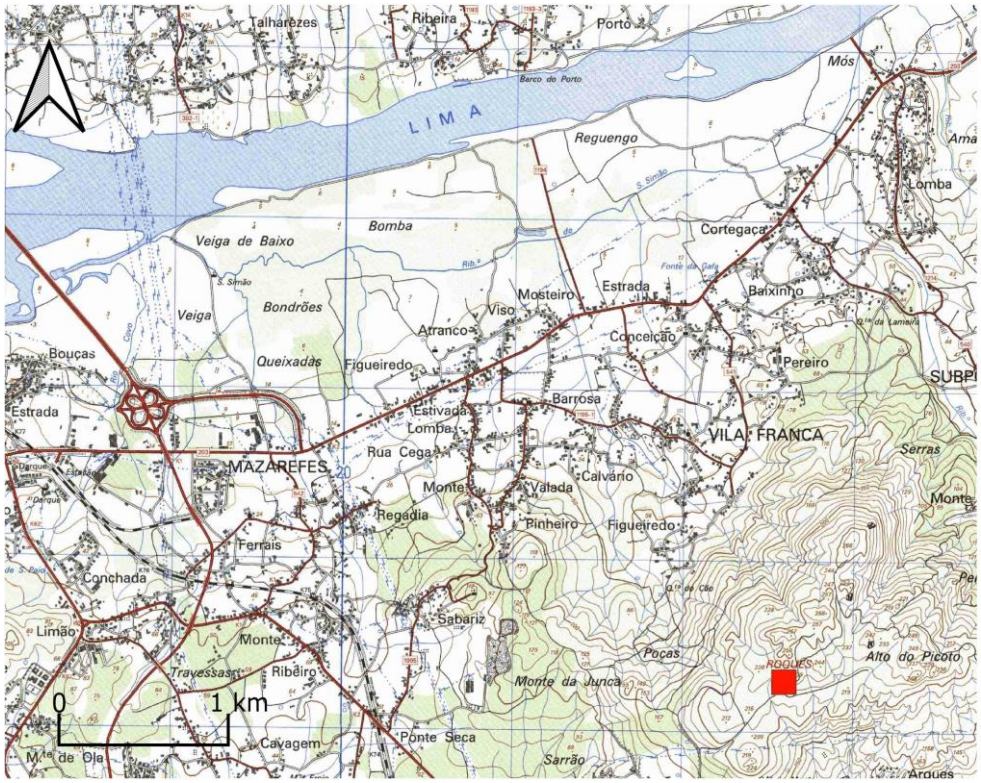


Fig. 2.58 Localização do Castro de Roques/Santinho (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 40, ICE, 1997).

Foi inventariado por Silva (1986, n.º 93), Almeida (1990, n.º 7; 1996, n.º 51: 114-118), Queiroga (1992, n.º 442), Maciel (2003: 125-127), Lopes (2003, n.º 5.245) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 137).

Este povoado, de planta sensivelmente ovalada, ocupa cerca de 10 hectares, pelo que foi considerado por Almeida (1996, 7: 139), o maior povoado na margem sul da bacia do rio Lima. Possui três muralhas. Aí são visíveis várias cabanas de planta circular e um arruamento lajeado com conduta lateral para a água.

Aí foram encontrados materiais cerâmicos, como panelas de asa interior e em orelha, vasilhas feitas a torno. Tem sido identificada, também, cerâmica comum romana além de materiais de construção dessa fase cronológica. É de referir ainda materiais de importação como ânforas e cerâmicas finas de mesa romanas (terra sigillata) (Maciel, 2003: 127).

A vertente este, no local denominado como Fonte da Serpe foi alvo de escavação, em 2006, um balneário (Silva e Maciel, 2004). Este foi atribuído ao período da romanização.

Este povoado antigo encontra-se hoje em vias de classificação de Monumento Nacional.

Bibliografia: Silva, 1986; Almeida, 1990; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996; Maciel, 2003; Lopes, 2003; Silva e Maciel, 2004; Carvalho, 2008.

25. Castro do Peso (CNS 884)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°41'37.05"N Long. 8°39'17.78"W; Alt. 183 metros.

União das Freguesias de Geraz do Lima (Santa Maria, Santa Leocádia e Moreira) e Deão, concelho de Viana do Castelo. Este povoado fica localizado num pequeno cabeço de baixa altitude, no lugar da Coutada, a nascente da ribeira do Lourinhal. Encontra-se entre vários ribeiros e com visibilidade para o vale do Lima (Fig. 2.59).

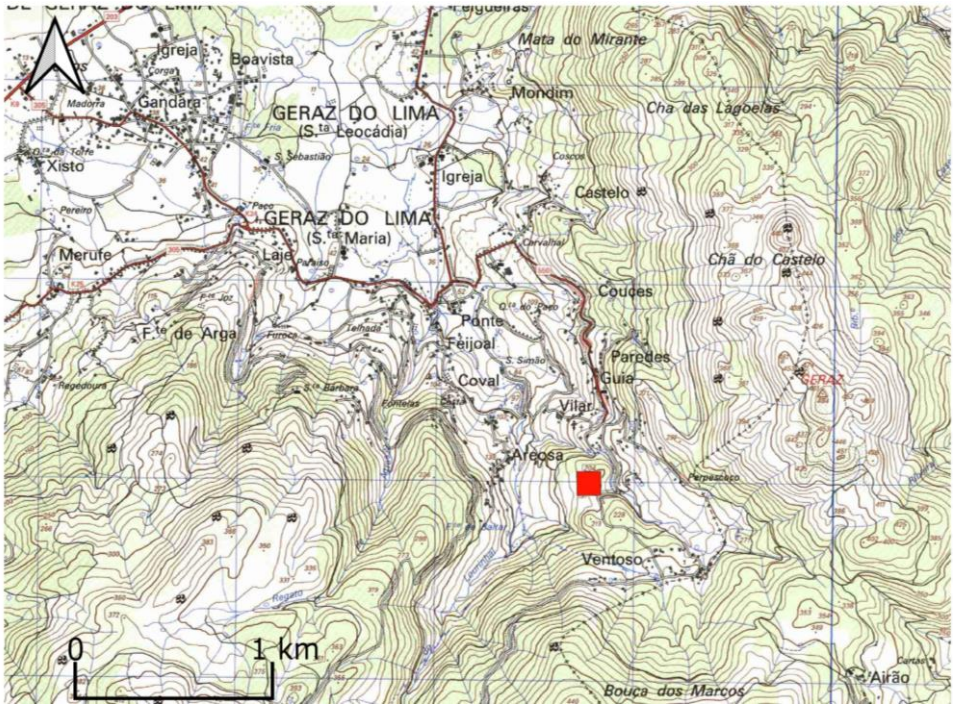


Fig. 2.59 Localização do Castro do Peso (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 41, ICE, 1997).

Foi inventariado por Silva (1986, n.º 96), Almeida (1990: 43; 1996, n.º 66: 137-141) e Queiroga (1992, n.º 427) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 139).

A primeira notícia sobre este povoado refere-se a trabalhos de escavação/prospeção por parte de dois párocos das freguesias onde este povoado se situa (Soeiro, 1981: 99-102). Neste primeiro trabalho sobre o espólio registado, Teresa Soeiro identifica materiais como taças carenadas e potes ainda da Idade do Bronze final e materiais datáveis da Idade do Ferro Recente. Estes materiais foram recolhidos na vertente nascente (Soeiro, 1981: 100-101). Cabe-nos destacar um fragmento de talha (forma 5) com uma inscrição latina (?) (Fig. 2.60).



Fig. 2.60 Forma 5 (talha) com inscrição (Soeiro, 1981: 101, adaptado).

Devemos ainda referir que a área a sul surge cerâmica romana do qual se destaca um fragmento de prato de cerâmica bracarense (Soeiro, 1981: 99). Estes materiais descritos não

possuem contexto estratigráfico, mas são recolhas de superfície, apesar da pequena sondagem que foi realizada pela equipa de Teresa Soeiro e Carlos A. B. de Almeida (Almeida, 2008: 194).

Almeida (1990: 42 – 44) volta a referir no seu inventário este povoado, acrescentando o aparecimento de cossoiros.

O mesmo investigador (Almeida, 1996, 2008: 193-194) em publicações mais recentes refere que este povoado durante a Idade do Ferro e sua fase final, a sua defesa era composta por uma dupla muralha em pedra, e que terá existido uma estrutura de planta retangular de fase posterior (romana). Refere ainda a existência de materiais de construção como tégula.

Pela análise da bibliografia parece que este povoado terá tido uma longa diacronia, talvez com hiatos, desde o Bronze Final até à romanização.

Bibliografia: Silva, 1986; Soeiro, 1981; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996, 2008; Carvalho, 2008.

26. Santo Estevão da Facha (CNS 1173)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°43'20.15"N Long. 8°38'36.18"W; Alt: 142 metros.

Freguesia da Facha, no concelho de Ponte de Lima. Localiza-se a nordeste do Monte de Santo Estevão, junto a uma capela (Fig. 2.61).

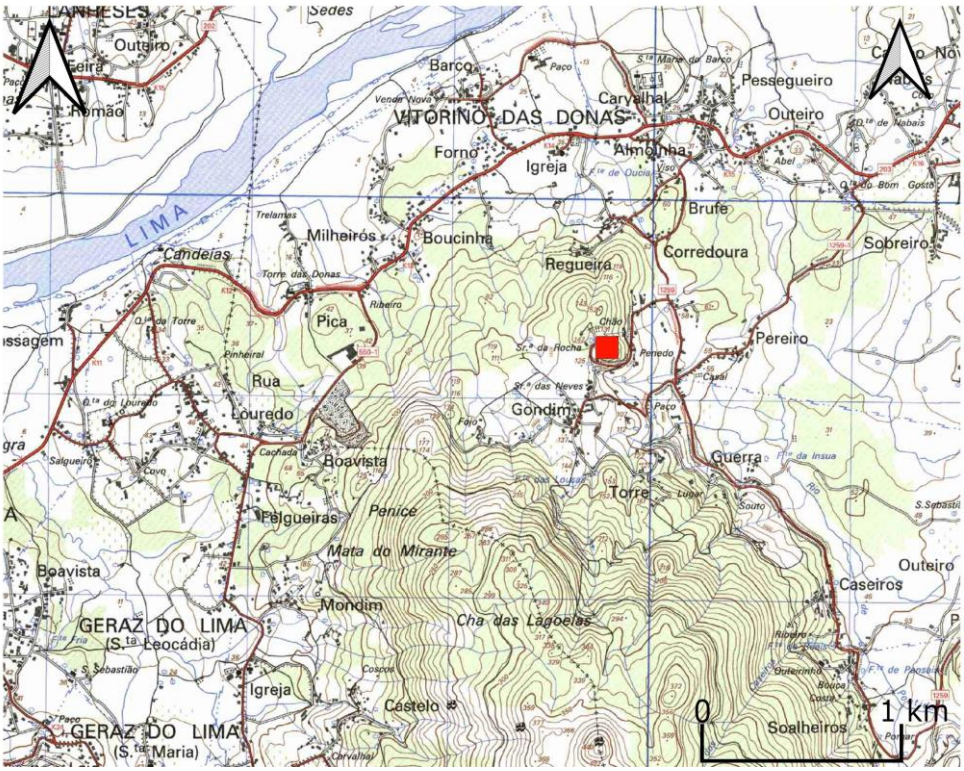


Fig. 2.61 Localização de Santo Estevão da Facha (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 41, ICE, 1997).

Este povoado encontra-se no inventário de Silva (1986, n.º 181), Almeida (1990: 53-58; 1996, 2, n.º 59: 115-118), de Queiroga (1992, n.º 358), Lopes (2003, n.º 5.142) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 113).

Trata-se de um dos locais paradigmáticos no estudo da Idade do Ferro do Noroeste português. Foi alvo de escavações uma única vez, sob a direção de Carlos Alberto Ferreira de Almeida e os seus resultados foram publicados, ainda nos anos 80 do séc. XX (Almeida *et al.*, 1981).

Nestas escavações foram registados vários níveis de ocupação desde o Final da Idade do Bronze até à Idade Média.

De facto, a partir dos dados materiais foi possível individualizar uma ocupação datável genericamente com a presença de taças carenadas, datáveis do Bronze Final, a que se segue as primeiras construções em pedra miúda acompanhadas de materiais mediterrânicos, neste caso, cerâmica ática de figuras vermelhas pertencentes à tipologia *krâter* (23 fragmentos) e ainda uma *pelike* (Almeida, 1990: 55), que datam do séc. IV a.C. Nos mesmos níveis foram ainda encontrados uma conta azul-turquesa e oculada de iris branca, um disco solar, em bronze, para uso ornamental e uma asa de um vaso em vidro, de tipo *arybalos.*

Os elementos materiais importados aqui achados foram considerados à época, e ainda hoje, fulcrais no estudo da presença de materiais exóticos mediterrânicos presentes no noroeste peninsular.

Devemos realçar ainda que, passados mais de 40 anos da publicação dos resultados das escavações deste povoado, julgámos pertinente fazer uma calibração às datas de radiocarbono, publicadas em 1982 (Almeida *et al.,* 1982). As datações foram revistas através do sítio implementado pela *Oxford University.* Foi usada a curva de calibração *IntCal20* e foi tido em consideração a calibragem a 1 e 2 sigmas. De notar que as amostras foram recolhidas no seguinte contexto: "A amostra 1 constava de diversos carvões e bastante sementes carbonizadas no nível 8..." e "Recordamos que este nível era coberto por um piso de habitação – o estrato 7 – e que por cima deste havia uma camada com carvão e bastantes restos de cerâmica, dentre as quais diversos fragmentos de cerâmica ática, pintada de figuras vermelhas" (Almeida *et al.,* 1982: 79). A Amostra 2 veio do estrato 10, do Quadrado XIII, de um conjunto de carvões aparecidos num recanto talvez "proveniente de arranque de pedra e cobertos por lareira" (Almeida *et al.,* 1982: 79).

A datação dada para cada uma das amostras, respetivamente, foi: amostra 1 – 260 a.C. e amostra 2 – 210 a.C. (Almeida *et al.,* 1982: 79) (Tab. 2.2). Olhando criticamente para estas datações e o seu contexto notamos um claro desfasamento relativamente à realidade.

Com efeito, a partir das mesmas datações calibradas, o resultado revelou-se coerente face aos materiais indígenas e importados encontrados (Tab. 2.2). Com uma cronologia (ainda que dilatada) entre finais do séc. IV a.C. e meados do séc. II a.C. (Amostra 1) e, provavelmente, entre séculos III e II a.C. (Amostra 2).

Tabela 2.2 Calibração realizada em 2022

Amostra	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma
Amostra 1	2210±50	362-341(9.9%) **323-200(58.4%)**	**393–151 (94,5%)** 131–121 (0,9%)
Amostra 2	2160±50	**352-286 (26.1%)** 228-218(2.8%) **210-107 (39.3%)**	**362–88 (89,4%)** 82–53 (6,0%)

Bibliografia: Almeida *et al.,* 1981, 1982; Silva, 1986; Almeida, 1990; Queiroga, 1992; Almeida, 1990, 1996; Lopes, 2003; Carvalho, 2008.

2.6. Estuário do Neiva e litoral

27. Nossa Senhora do Castro (?) (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°43'20.15"N Long. 8°38'36.18"W; Alt. 106 metros.

Freguesia de S. Romão do Neiva, concelho e distrito de Viana do Castelo. Situa-se no topo de uma colina, sobranceira ao antigo convento beneditino de S. Romão, com ótima visibilidade para o oceano Atlântico a oeste e noroeste (Fig. 2.62).

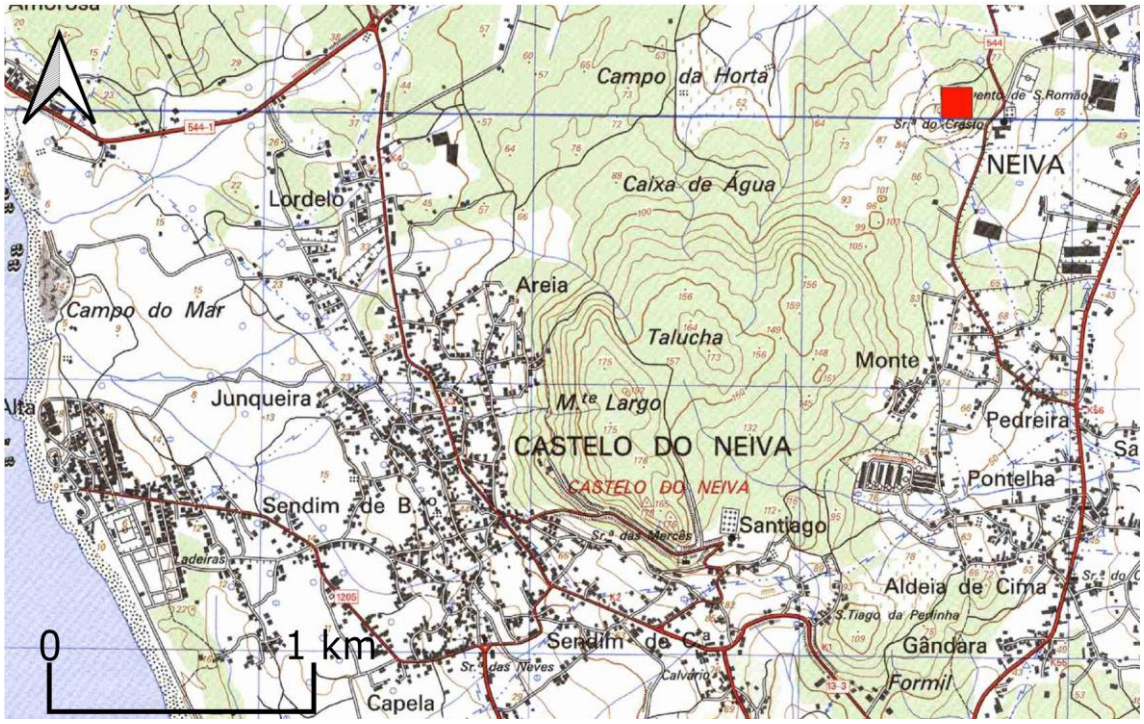


Fig. 2.62 Localização da Nossa Senhora do Crasto (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997).

Registam-se algumas referências a este local, como é o caso da visita de Martins Sarmento, em 1880 referindo a propósito: "a ocorrência de cacos antigos, mas não de muralhas" (Sarmento, 1999: 202). O local foi inventariado por Almeida (1982: 32), Silva (1986, n.º 94), Queiroga (1992, n.º 426), Maciel (2003, n.º 25: 132-133), Lopes (2003, n.º 5.212) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 93).

A construção de uma capela no topo deste local e escadórios tornam difícil compreender a sua verdadeira dimensão. Tarcísio Maciel (2003: 133) aponta para este sítio uma cronologia entre as suas Fases II e III que correspondem ao Ferro Antigo (fase II – 500 – 200 a.C.) e Recente (138-136 a.C. e I d.C.) (Maciel, 2003: 172-173).

Após visita ao local, em duas ocasiões não encontramos materiais à superfície, contudo a vertente voltada a oeste encontra-se intocada e notam-se alguns patamares artificiais. Seria importante que este local fosse escavado no futuro já que pela sua posição geográfica em pleno interflúvio Lima-Neiva poderia ser um local com alguma importância nesta área.

Bibliografia: Sarmento, 1999; Silva, 1986; Almeida, 1990; Queiroga, 1992; Almeida, 1982; Maciel, 2003; Lopes, 2003; Carvalho, 2008.

28. Castro de Moldes / do Monte do Castelo (CNS 877)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41° 36' 53'' N Long. 8° 20' 47'' W; Alt. 126 metros.

Freguesia de Castelo do Neiva, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Este sítio arqueológico encontra-se implantado numa colina residual do estuário do Neiva e da plataforma litoral (Monte do Castelo), dominando visualmente a foz e o curso mais a montante deste rio e o oceano Atlântico para noroeste, oeste, sudoeste (Fig. 2.63).

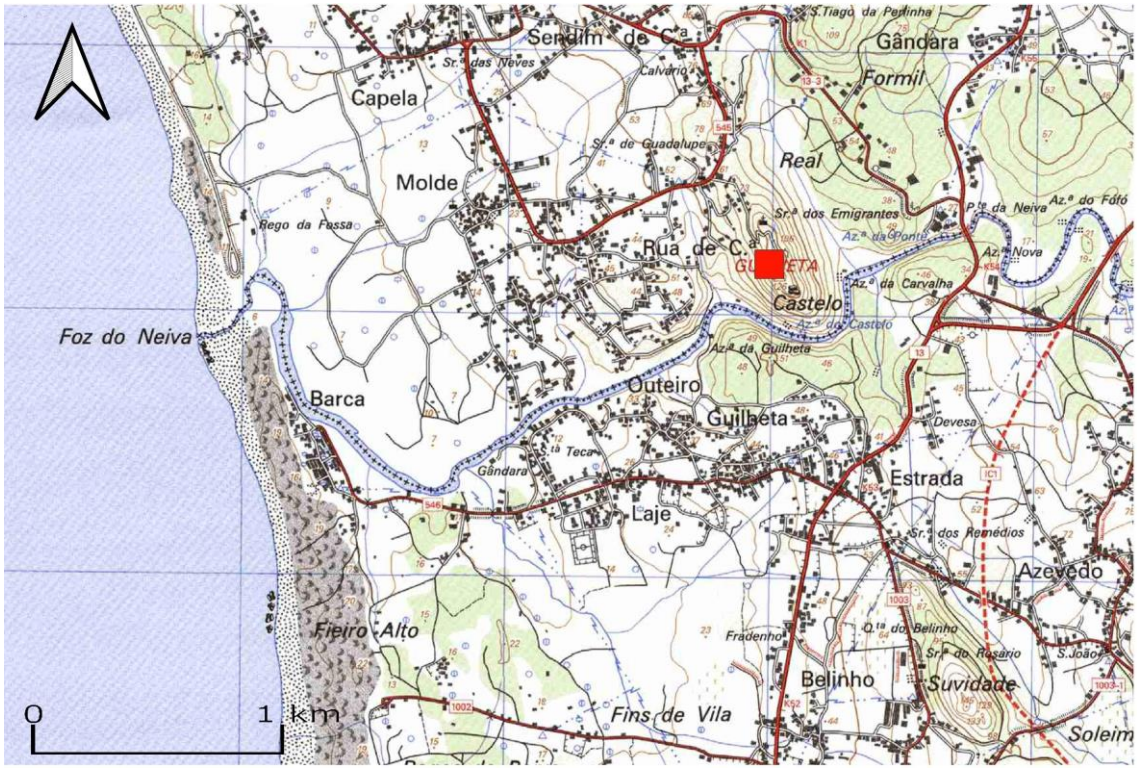


Fig. 2.63 Localização do Castro de Moldes (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997).

Francisco Martins Sarmento visitou este local, tendo encontrado várias telhas e bastante cerâmica (Sarmento, 1999: 198-199). Este sítio foi, também, mencionado de forma breve por Abel Viana (1932c: 154 -167) que considera ser um povoado da Idade do Ferro.

Encontra-se nos seguintes inventários sobre povoados da Idade do Ferro: Silva (1986, n.º 97), Queiroga (1992, n.º 424), Maciel (2003, n.º 26: 133-135), Lopes (2003, n.º 5.226) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 133).

A descoberta, nos finais dos anos 70 do séc. XX, na sequência de uma obra, dois capacetes cónicos, em bronze, três copos de bronze, um machadinho duplo ou bipene, um fragmento de molde de sítula de cerâmica, uma moeda da época de Augusto, alguns exemplares de mós manuais e material cerâmico (Almeida, 1980a, 1980b, 1982), marca de forma determinante o

estudo deste povoado que foi escavado em 1982/83, por Eduardo Jorge Lopes da Silva e Augusto Maia Marques (Silva e Marques, 1984). Mais tarde, em 2007 foram realizadas novas escavações na base norte do Monte de Castelo, nas quais se achou o resto de um pano de muralha da Idade do Ferro além de um edifício romano. Foi registado vário espólio integrado de forma genérica da Idade do Ferro recente e de época romana (Marques, 2012, Vol. I: 378-384).

Os resultados obtidos nestas campanhas em termos de estruturas e dos artefactos possibilitaram a Almeida (1982), Silva e Marques (1984), Maciel (2003: 135) defender que aí teria existido uma ocupação do séc. I a.C. ao séc. I d.C., ocupação alargada a uma fase mais recente já da romanização, entre o séc. I e III d.C. (Marques, 2012, Vol. I: 378-384), e instalada já fora do povoado de Moldes.

Os materiais deste povoado foram revistos no contexto deste projeto de doutoramento (*item* 3.3 da Anexo I, volume II), depositados no Núcleo Museológico na junta de freguesia Castelo do Neiva (Viana do Castelo), tendo sido possível determinar ocupações da fase mais antiga do povoado, ou seja, materiais da Idade do Bronze, da Idade do Ferro antiga, e ainda do Ferro recente (com especial enfoque nos materiais de importação).

Bibliografia: Sarmento, 1999; Viana, 1932c; Almeida, 1980a, 1980b, 1982; Silva e Marques, 1984; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Maciel, 2003; Lopes, 2003; Carvalho, 2008; Marques, 2012 e **dados inéditos**.

2.6.1. Concelho de Esposende

29. Povoado de Belinho/Suvidade de Belinho (CNS 1318)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°35'58.85"N Long. 8°46'35.59"W; Alt. 127 metros.

Lugar de Belinho, freguesia de Antas, concelho de Esposende, distrito de Braga

Localizado numa colina da plataforma litoral de Esposende, com a designação de Suvidade, repleto de afloramentos graníticos. Tem ampla visibilidade para o estuário do Neiva, para o Castro de Moldes, e para o oceano Atlântico a noroeste, oeste e sudoeste (Fig. 2.64).



Fig. 2.64 Localização do Povoado de Belinho (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997).

No decorrer do séc. XX, variados autores e investigadores nacionais e estrangeiros foram produzindo algumas notas sobre este povoado, que foi sendo, também, referido, brevemente, nos inventários gerais de povoados da Idade do Ferro (Vitorino, 1917-1918; Fonseca, 1936; Machado, 1951; Araújo, 1980; Silva (1986, n.º 181); Almeida (1986); Queiroga (1992, nº. 58); Almeida, 1996, Vol. VI: 10-11; Maciel, 2003: 154-155; Marques, 2012; e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 37).

Destaca-se, nesse rol de referências mais antigas o artigo de Leite de Vasconcelos que relata os resultados da escavação do proprietário do terreno, o poeta lírico A. Correia de Oliveira (Vasconcelos, 1934). Diz sobre elas: "O monte tem alguns aterros grandes, e parece que várias muralhas, de que vi duas... É possível que o que chamei de duas muralhas corresponde apenas a duas partes de uma única; A casa A é subretangular e a casa B oval. As pedras que formam as paredes estão juntas entre si por argamassa. Para a casa A aproveitou-se como alicerce a rocha natural... Uma das casas, no seu estado atual, tem 1,50 metros de altura, desde o fundo até o nível mais elevado das paredes; outra é menos alta. Em nenhuma d'elas há vestígios de portas, o que prova que se entrava com escada exterior, por alguma abertura que existia um tanto acima do solo" (Vasconcelos, 1934: 45-46).

Já na passagem para o séc. XXI, várias são as publicações científicas que fazem nova referência a este local. Bettencourt (1999: 280-281) analisa as cerâmicas guardadas no interior

da Quinta de Belinho e considera que a necrópole existente na aba norte deste local é do Bronze Médio. Refere, ainda, ter visto cerâmicas da Idade do Ferro Antigo, provenientes das antigas escavações. Maciel (2003: 154-155) refere que pelo escasso espólio publicado aponta para uma ocupação da sua fase II e fase III, do Ferro Antigo (fase II de 500 – 200 a.C.) e Recente (138-136 a.C. e I d.C.).

Carlos A. B. de Almeida e Marta Marques referem que os habitantes deste povoado terão mais tarde em época romana transitado para a *Villa* romana de Agra do Relógio, na freguesia de Antas, que se situa a poucas centenas de metros deste povoado (Almeida, 1996, vol. VI: 10-12; Almeida, 1998: 17-18; Marques, 2012, vol. II: 168).

Tivemos a oportunidade de estudar algumas cerâmicas deste povoado, depositados no Museu de História Natural da Universidade do Porto e de outros (*item* 3.4, do Anexo I, volume II) que possibilitaram aferir ocupações do Ferro Antigo, do Ferro Recente e da romanização.

Bibliografia: Vitorino, 1918; Vasconcelos, 1934; Fonseca, 1936; Araújo, 1980; Almeida, 1986, 1998; Machado, 1951; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Bettencourt, 1999; Maciel, 2003; Carvalho, 2008; Marques, 2012 e **dados inéditos**.

30. Castro da Cova da Bouça ou do Monte de Sanfins (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°34'58.41"N Long. 8°46'56.25"W; Alt. 120 metros.

Lugar de Carreira Cova, Freguesia de S. Bartolomeu-do Mar, concelho de Esposende, distrito de Braga. Este povoado está localizado num esporão da base da vertente nor-noroeste do Monte Crasto ou de Sanfins sobre o lugar de Carreira Cova (Fig. 2.65).

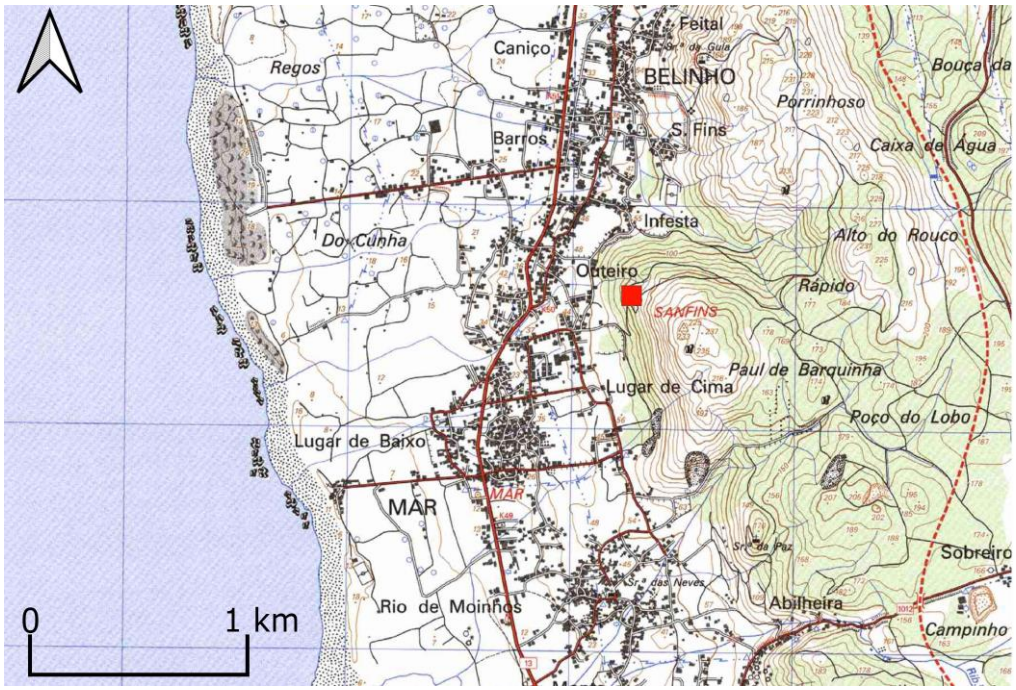


Fig. 2.65 Localização do Castro da Cova da Bouça (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997).

Este sítio arqueológico encontra-se nos inventários de Silva (1986, nº. 182), Queiroga (1992, nº. 61), Almeida (1987: 94-95; 1996, 7: 79; 1998: 31-32; Marques, 2012, vol. II, p. 175).

São ainda visíveis algumas construções circulares e vestígios de uma muralha, com aparelho composto com grandes blocos graníticos, mal aparelhados (Marques, 2012, vol. II, p. 175).

Almeida (1996, 7: 79) considera como provável que esta ocupação date da última fase da Idade do Ferro.

No topo do Monte parece ter existido uma ocupação do Bronze Final, tendo em conta o achado recente e inédito de um fragmento de um eventual machado de alvado, em bronze, e de fragmentos cerâmicos de pasta arenosa e cozedura redutora, achados no início da vertente oeste deste monte, por baixo do marco geodésico que ali existe, num caminho de terra batida[143] (Bettencourt e Guedes, 2023) (Fig. 2.66).

[143] Agradecemos esta informação a Jorge Guedes. O local teve ainda uma ocupação Calcolítica (Bettencourt, 2013) na vertente este e foi alvo de um depósito ou campo de depósitos durante o Bronze Inicial (Bettencourt *et al.,* 2020).



Fig. 2.66 Machado de alvado (?), em bronze (Bettencourt e Guedes, 2023).

Na base do monte, na denominada "Cova da Moura", entre penedos, foram, ainda, encontrados alguns machados planos de bronze, além de uma espada de rebites que datará do II milénio a.C. (Bettencourt, 1995: 110-115).

Bibliografia: Silva, 1986; Almeida, 1987, 1990, 1996, 1998; Bettencourt, 1995, 2013; Marques, 2012; Bettencourt, *et al.,* 2020, Bettencourt e Guedes, 2023.

31. Castro da Nossa Senhora da Paz (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lati. 41°34'21.93''N Long. 8°46'34.25''W; Alt: 161 metros.

Freguesia de Marinhas, concelho de Esposende, distrito de Braga. Localiza-se na vertente oeste da Arriba Fóssil, onde se encontra a capela da N. Sra. da Paz, com ampla visibilidade para o oceano Atlântico, desde a foz do Neiva até à foz do Cávado (Fig. 2.67; Fig. 2.68).

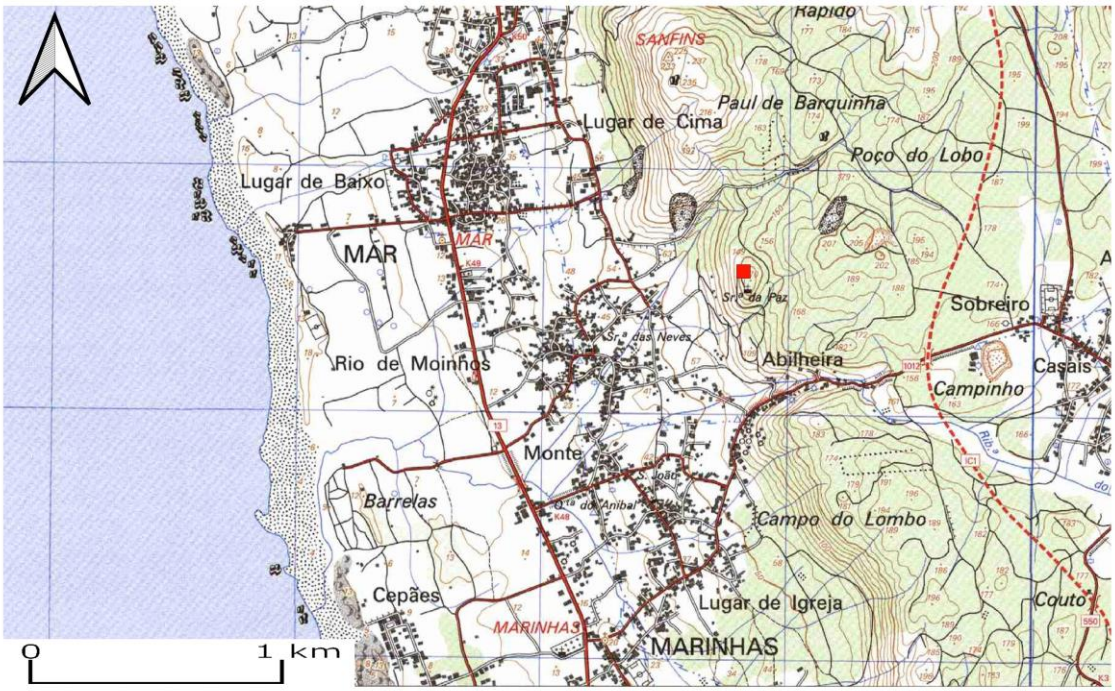


Fig. 2.67 Localização do Castro da Nossa Senhora da Paz (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 54, ICE, 1997).

Este sítio arqueológico encontra-se em vários inventários de povoados da Idade do Ferro; no de Silva (1986, n.º 183), de Queiroga (1992, n.º 62) e de Almeida (1996, 4: 34-35).

Possuiria, pelo menos, 2 muralhas e um fosso, este último ainda observável na área a norte e a nascente. Segundo o mesmo investigador observa-se à superfície cerâmica da Idade do Ferro, quer manual quer à roda. Mais tarde, este arqueólogo coloca a hipótese de que este povoado nem sequer tenha integrado o fenómeno da romanização e que a população que aqui residia terá sido incluída na população do Castro de S. Lourenço (Almeida, 1996, 7: 169).

A construção da capela e do arranjo urbanístico, além das várias pedreiras em volta, parecem ter destruído qualquer vestígio deste povoado (Marques, 2012, vol. II, p. 281).



Fig. 2.68 Fotografia do litoral a partir do Miradouro de N. Sra. da Paz.

Bibliografia: Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1987, 1996; Marques, 2012.

2.7. Estuário do Cávado e área litoral

32. Castro de São Lourenço (CNS 3178)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°33'22.27"N Long. 8°45'39.43"W; Alt. 201 metros.

Freguesias de Marinhas e de Vila Chã, concelho de Esposende, distrito de Braga. Localiza-se no Monte de São Lourenço, um esporão a oeste da arriba fóssil, numa posição privilegiada em termos defensivos marcada por vertentes escarpadas e pedregosas (Fig. 2.69).

Do local existe uma excelente vista para o estuário do Cávado, e para o oceano Atlântico a oeste e sudoeste, avistando-se daqui o Monte de S. Félix, na Póvoa de Varzim, onde existiu o castro de Laúndos.

Este povoado encontra-se inventariado em várias teses de doutoramento: Silva (1986, n.º 185), Queiroga (1992, n.º 64), Almeida (1996, 4: 46-52) e por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 38).

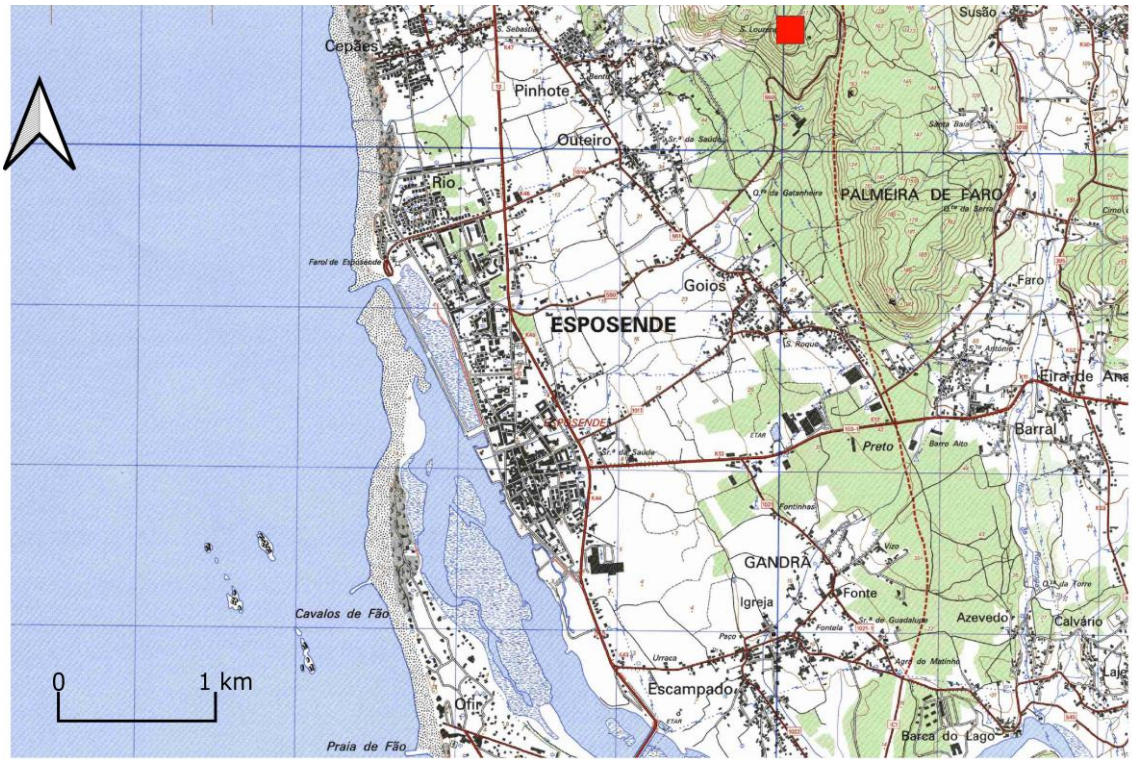


Fig. 2.69 Localização do Castro de São Lourenço (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 68, ICE, 1997).

Este sítio arqueológico está a ser escavado e estudado, desde a década de 80 do século passado. Primeiro por Carlos A. Brochado de Almeida e, mais recentemente, pela arqueóloga Ana Brochado de Almeida, do Gabinete de Arqueologia da Câmara de Esposende. É um dos poucos povoados fortificados litorais estudados monograficamente (Almeida, 1996; Marques, 2012; Almeida e Almeida, 2015).

Em termos cronológicos este povoado terá tido uma ocupação datável provavelmente do III milénio a.C., uma vez que foram encontrados fragmentos cerâmicos com decoração incisa metopada (Almeida, vol. IV: 46-122). Esta ocupação prolongou-se pelo Bronze Final (Bettencourt, 1999: 1014-1015) e Ferro antigo, com uma datação de radiocarbono, datável, a 2 sigmas, entre 798 a.C. e 484 a.C. (Almeida, 1996), além de um machado de talão (com paradeiro desconhecido).

A partir da Idade do Ferro foram registadas quatro fases de ocupação: uma do Ferro Antigo, outra do Ferro Recente; uma da romanização e, por fim, uma da Idade Média (Almeida e Almeida, 2015).

Do Ferro Antigo, é necessário destacar o espólio de importação encontrado neste povoado. Desde logo, a cerâmica de origem grega, neste caso particular uma *kráter* de sino, de tipo 2, datável genericamente da primeira metade do séc. IV a.C. (Ferreira, 2019a: 256-257).

Mais tarde, já durante o séc. I a.C. ou seja, no Ferro Recente, e, por influência romana, multiplica-se a quantidade do material importado, desde logo, ânforas republicanas, um tesouro de denários republicanos, datado de entre 104 e 27 a.C. (Centeno, 1987) e de período imperial romano: cerâmica cinzenta fina romana, sigillata hispânica e sud-gálica.

O povoado perdurou até ao fim do império romano e Alta Idade Média (séc. V), tendo, posteriormente sido ocupado de forma pontual entre os séculos XII e XIV (Almeida e Almeida, 2015).

Bibliografia: Centeno, 1987; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1990/92, 1996; Bettencourt, 1999; Carvalho, 2008; Almeida e Almeida, 2015; Marques, 2012; Ferreira, 2019a.

33. Castro do Senhor dos Desamparados[144] (CNS 12090)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lati. 41°32'27.44"N Long. 8°44'8.62"W; Alt. 126 metros.

União das freguesias de Palmeira de Faro e Curvos, no concelho de Esposende, distrito de Braga. Situa-se numa colina, sobranceira ao lugar de Terroso, no lugar da Eira d'Ana. Do seu topo regista-se uma ampla visibilidade para a foz do rio Cávado. Está protegido, a norte pelo planalto de Vila Chã e a poente, pelo Monte de Faro (Fig. 2.70).

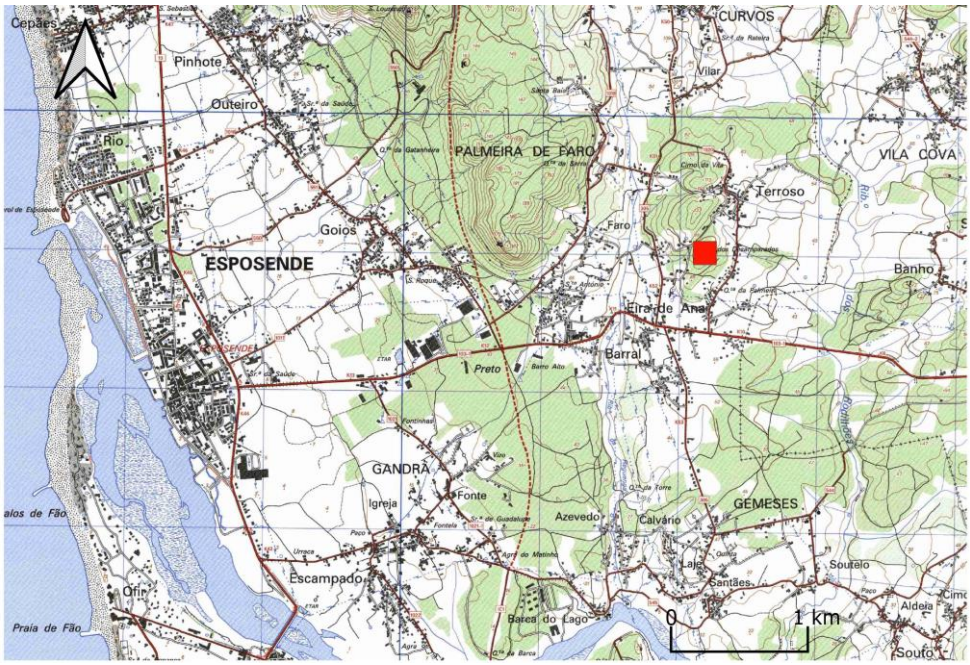


Fig. 2.70 Localização do Castro do Senhor dos Desamparados (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 68, ICE, 1997).

[144] Irá ser publicado brevemente uma monografia sobre as campanhas de escavação realizadas neste povoado. Não foi possível observar as cerâmicas exumadas neste local.

Encontra-se inventariado por Silva (1986, n.º 184), Almeida (1987: 98; 1996, 6: 111-112), Queiroga (1992, n.º 63) e Marques (2012: 210).

Foi escavado sob a direção de Carlos A. Brochado de Almeida entre 1996 e 1999 no qual foram registadas várias estruturas circulares e material cerâmico datável entre o Bronze final (datável talvez por cerâmica manual) e a Idade do Ferro, no qual se destacam materiais anfóricos, cerâmica comum romana, e mais recentemente com acompanhamento da Câmara Municipal de Esposende entre 2001 e 2007 da arqueóloga Ana Brochado de Almeida (Marques, 2012, 1: 327-328 e 2: LVI). Conhecemos da bibliografia existente, um fragmento de uma ânfora de tipo tardo-púnico, o tipo T-7.4.3.3 produzida na área de Cádis, reconhecida por Jorge Silva (Silva, 2005-2006: vol. I: 45, nota de rodapé 282).

É de pequenas dimensões, todavia possui um sistema defensivo composto por duas muralhas, sendo estas reforçadas a norte e a poente por um fosso, seguido de um talude, em terra. Foi classificado por Almeida (1996) como sendo um castro agrícola. Terá, pelo menos, uma ocupação da Idade do Ferro Recente (Marques, 2012: 210). Os materiais encontram-se em depósito no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende.

Bibliografia: Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1987; 1996; 1998; Silva, 2005-2006; Marques, 2012.

34. Outeiro dos Picotos (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°30'34.70"N Long. 8°44'43.73"W; Alt. 23 metros.

Freguesia de Fonte Boa, concelho de Esposende, distrito de Braga.

Situa-se na margem esquerda do rio Cávado, numa curva acentuada do rio, de frente para a Barca do Lago, que é um local tradicional de travessia do rio, por barca (Fig. 2.71).

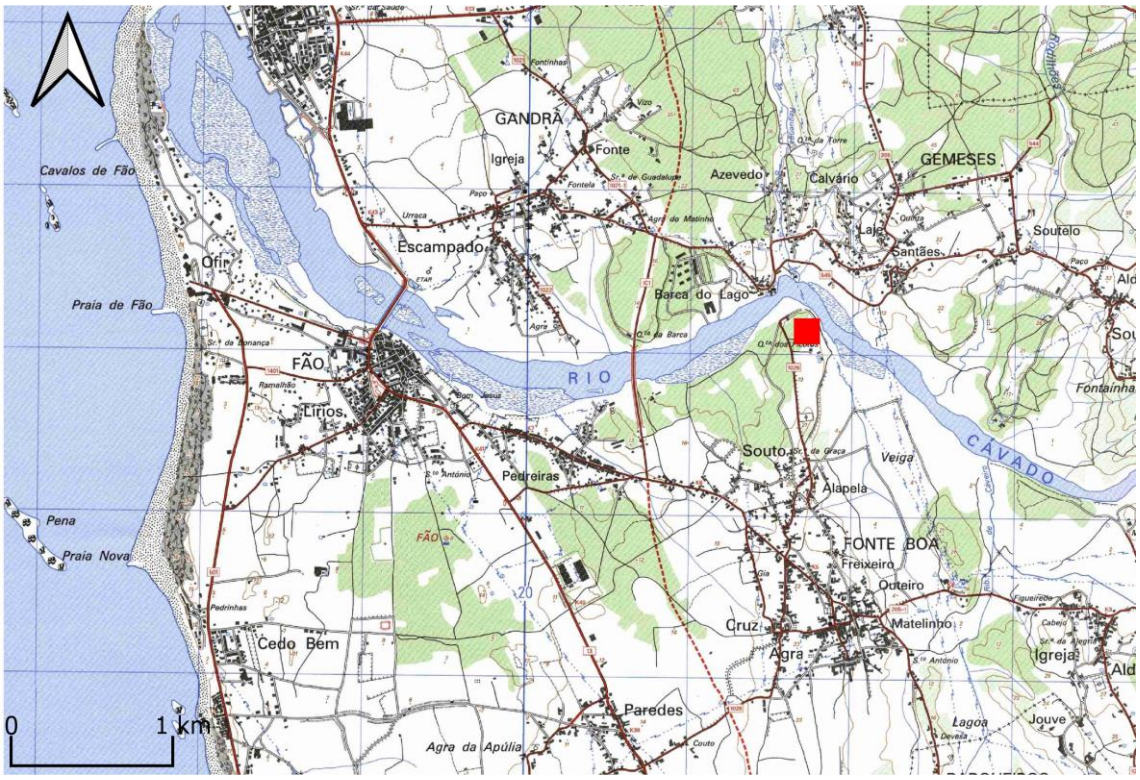


Fig. 2.71 Localização do Outeiro dos Picotos (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 68, ICE, 1997).

Almeida (1988: 32-33) alude que o local está muito alterado por ter sido transformado, ao longo do tempo, para terrenos agrícolas. Refere, também, que à superfície surgem fragmentos da época final da Idade do Ferro, acompanhados por cerâmica comum romana e moedas romanas. Defende, ainda, que a ocupação deste povoado se prolongaria até ao fim do império romano, talvez devido à manutenção e utilização de uma estrada romana que ligaria o Porto ao norte da Península Ibérica, pela costa, com travessia do rio Cávado na Barca do Lago (Almeida, 1980, 1988: 33). Segundo este autor este povoado seria o que chama de "castro agrícola".

O povoado também consta dos inventários de Silva (1986, n.º 186), Queiroga (1992, n.º 60) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 37).

Bibliografia: Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida 1980, 1988; Carvalho, 2008.

2.7.1. Concelho de Barcelos

35. Alto da Torre (CNS 6702)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°32'42.00"N Long. 8°38'43.28"W; Alt. 233 metros.

Freguesia de Abade no Neiva, concelho de Barcelos, distrito de Braga.

Este sítio fica localizado no lugar da Torre, num remate de esporão na vertente nascente do monte de Catulo. Possuía uma ampla visibilidade do vale do Cávado e dos seus recursos, contudo a partir dele não se observa o oceano. Deste povoado era possível observar o povoado de Faria, no monte da Franqueira (Fig. 2.72).

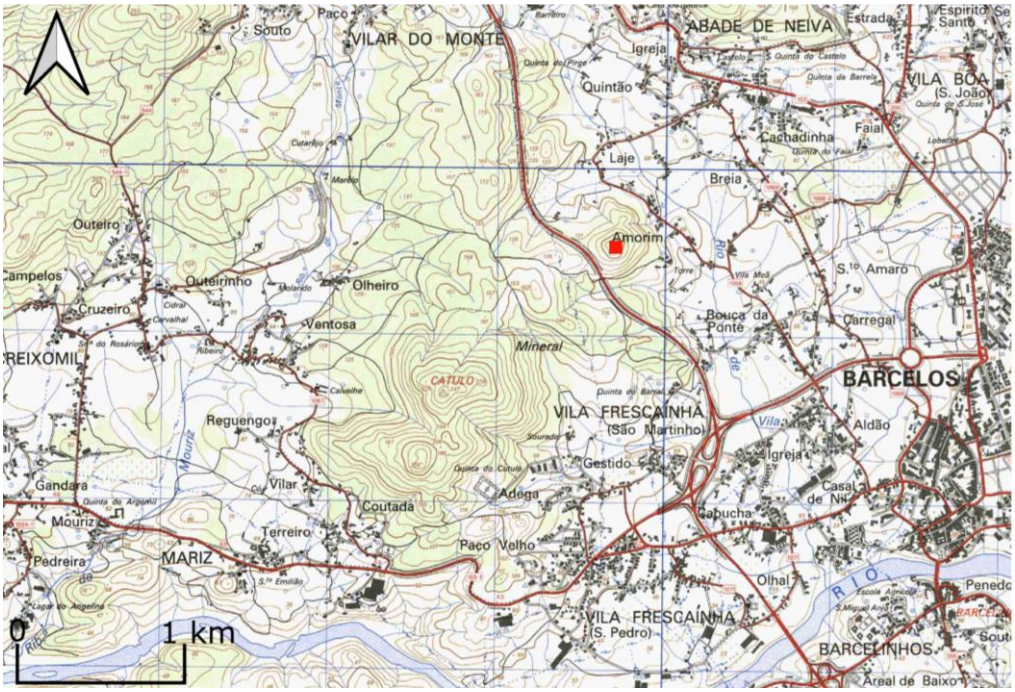


Fig. 2.72 Localização do povoado do Alto da Torre (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 69, ICE, 1997).

Este povoado encontra-se inventariado em várias teses de doutoramento: Silva (1986, n.º 201), Martins (1990: 72), Queiroga (1992, n.º 14), Almeida (1996, 3, n.º 1: 35-36), Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 13-14).

Este povoado foi escavado apenas em 1978 sob a direção de Carlos A. Brochado de Almeida, cujos resultados preliminares e sumários foram publicados pouco depois (Almeida *et al,* 1980; Costa *et al.,* 1980). Esta intervenção localizou uma nascente entre a terceira e quarta muralha.

Pelo estudo efetuado por Ana M. S. Bettencourt das camadas mais profundas da sondagem aberta (camadas 8, 9 e 10) denotam poucos materiais cerâmicos que técnico-tipologicamente devem ser inseridos ainda no Ferro Antigo. Porém, é muito provável que este povoado tenha conhecido uma ocupação dos finais da Idade do Bronze, passando por momentos de transição entre a Idade do Bronze para a Idade do Ferro e, posteriormente, uma ocupação datável da fase da romanização (séc. I a.C.) (Bettencourt, 1999: 1014; 2000c: 128-129).

Bibliografia: Almeida *et al.,* 1980; Costa *et al.,* 1980; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1996; Martins, 1990; Bettencourt, 1999; 2000c; Carvalho, 2008.

36. Castro de Faria (CNS 212)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°29'47.15"N Long. 8°38'47.41"W; Alt. 233 metros.

União de freguesias de Milhazes, Vilar de Figos e Faria, concelho de Barcelos e distrito de Braga.

Localiza-se num esporão da vertente noroeste do Monte da Franqueira, na margem esquerda do rio Cávado com ampla visibilidade para o estuário do Cávado e para o oceano Atlântico a oeste (Fig. 2.73).

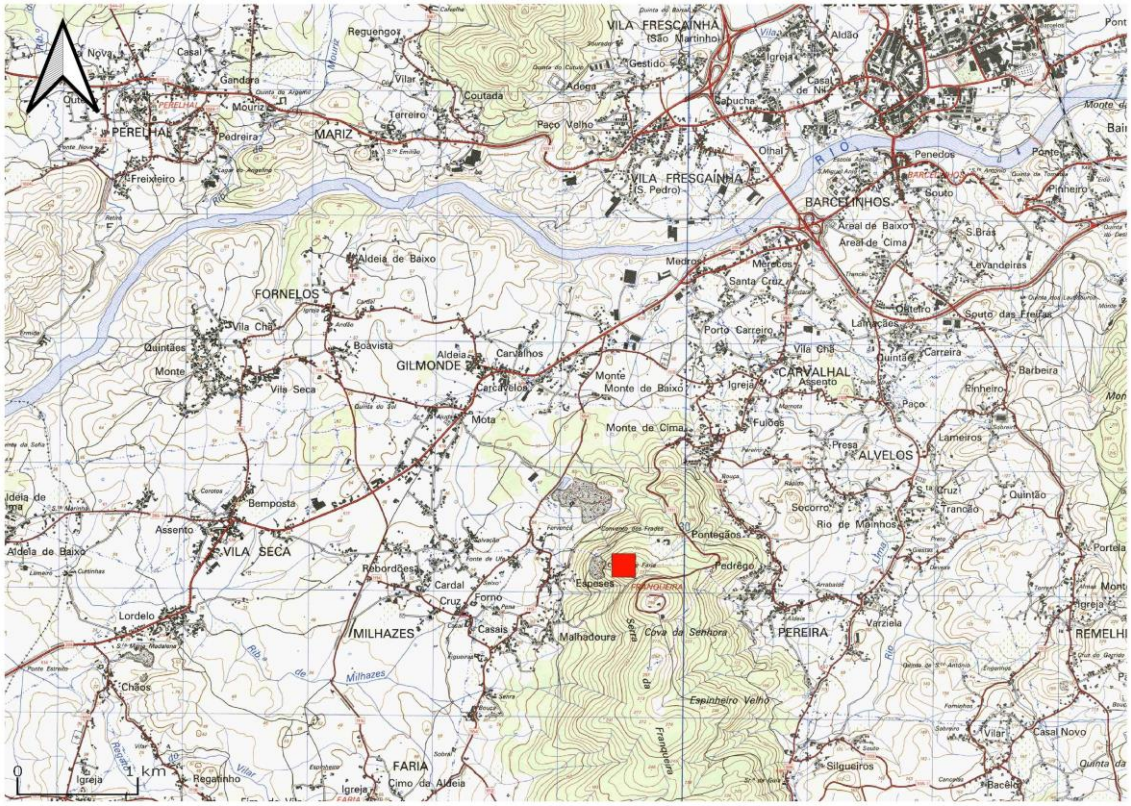


Fig. 2.73 Localização do Castro de Faria (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 69, ICE, 1997).

Este povoado encontra-se inventariado em várias teses de doutoramento: Silva (1986, n.º 206), Martins (1990: 75), Queiroga (1992, n.º 27), Almeida (1996, 3, n.º 36: 291-388) e de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 20).

Foi objeto de algumas escavações entre 1929 e 1949 pelo grupo dos Alcaides de Faria. Nos primeiros anos da década de 80 (1981-1984) foi escavado sob a orientação de Carlos A. Brochado de Almeida. Aí foi encontrado espólio com grande amplitude cronológica, desde o

Calcolítico até é época medieval, passando pelo Bronze Médio (?), Final e pelo Ferro Antigo e Recente (Almeida 1996, vol. I: 291-403, 1997; Martins, 1990: 75; Bettencourt, 1999, 2000c: 50-51).

Os materiais das antigas escavações dos Alcaides de Faria e de importação, das escavações dos anos 80, foram estudados no contexto deste projeto (*item* 3.5 do Anexo I, do volume II).

Bibliografia: Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida 1982a, 1985b, 1996, 1997; Martins, 1990; Bettencourt 1999, 2000; Carvalho, 2008 e **dados inéditos**.

2.7.2. Concelho de Póvoa de Varzim

37. Castro de Laúndos / Castro de São Félix (CNS 3760)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS84: 41°26'6.78"N 8°42'55.69"W; Alt. 195 metros.

Freguesia de Laúndos, concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto.

Este povoado está localizado no Monte de São Félix, uma colina residual da plataforma litoral, que atinge os 200 metros. Do local há ampla visibilidade para o oceano Atlântico a noroeste, oeste e sudoeste. A noroeste é visível o castro de S. Lourenço, em Esposende e o Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo. Para sudoeste avista o povoado de Terroso (Fig. 2.74).

Nos inícios do séc. XX, verificaram-se trabalhos arqueológicos, iniciados por Rocha Peixoto, em 1907, durante três meses, os quais não deram grandes resultados.



Fig. 2.74 Localização do Castro de Laúndos (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997).

A única descrição dos trabalhos de escavação está diretamente relacionada com o achado de arrecadas de ouro, referida nestes termos por Ricardo Severo (1905-1908: 404): "Verifica-se que era ahi *o sitio de uma casa de planta circular, sobre a qual se levante actualmente um moinho cylindrico.* Do entulho fazem parte muitos fragmentos de telhas, tijolos de rebordo, restos de louça e carvões."

Pela descrição parece tratar-se de derrubes de uma cabana circular, cuja cobertura (exterior?) seria em material de construção romano.

Apenas se achou ao longo dos tempos, alguns fragmentos cerâmicos, uma conta de colar vítrea, de cor azul (Almeida, 1972) e um par de arrecadas em ouro. Este sítio encontra-se mencionado no inventário de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 80).

No decurso deste estudo foi analisada uma pequena coleção de materiais (17 exemplares) que se encontra em depósito no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim[145]. Entre eles, foi registado um exemplar, que tecnicamente e formalmente, devemos incluir na Idade do Ferro Antigo. Em termos formais trata-se de um púcaro (forma 2a) (Fig. 2.75) de fabrico manual, pasta micácea, cozedura redutora de cor acastanhada e superfície alisada. Contem vestígios de fuligem na parede exterior.

[145] Agradecemos ao arqueólogo, Dr. José Gomes, a autorização e todo o apoio para observar este pequeno conjunto de materiais.



Fig. 2.75 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro) (inédito).

Em termos técnicos e formais foram registados 16 fragmentos da Idade do Ferro Recente, a saber: quatro exemplaras de potes (Forma 1a), um exemplar de pote de bordo de aba soerguida (Forma 1b), seis exemplares de potinhos (forma 2b), um exemplar de panela de asa interior (forma 4b), três exemplares de talhas (forma 5) e, ainda, um exemplar de panela de asa em orelha (forma 6) (Fig. 2.76).



Fig. 2.76 Forma cerâmica: forma 6 (panela de asa em orelha) (inédito).

Devemos ainda referir um exemplar de almofariz (Gomes e Carneiro, 2005: 209), proveniente deste povoado, que estaria no rol de materiais do Museu Municipal do Porto[146].

A ocupação no Ferro Antigo reforça-se, também, pelo aparecimento, em 1907, de duas arrecadas em ouro, associadas a um "bolo" em liga de prata e cobre. Estas peças foram encontradas quando: "abrindo alicerces para um moinho, encontrou as arrecadas de ouro; diz

[146] Foi pedido, mas não se encontrou nos registos do agora Museu de História Natural da Universidade do Porto.

que estavam á profundidade de quatro palmos, dentro de uma púcara de barro que se quebrou, no meio de entulho de terra e pedras; a púcara estava debaixo d'uma lamina de shcisto negro e assentava sobre telha ou tijolo, que ao achado parecia de lareira." (Severo, 1905-1908: 404) (Fig. 2.77, Fig. 2.78).



Fig. 2.77 Vaso de perfil em S, acampanado, (forma 7? – copa) (desenho de Ricardo Severo, 1905-1908: 404, adaptado).

Além do vaso e das arrecadas no seu interior foi ainda registado um "bolo de prata", com a seguinte descrição de Ricardo Severo (1907: 405): "tem realmente a forma de calote ou bôlo de contorno irregular e oval, secção lenticular, com uma face aproximadamente plana... Cobre-a uma patina verde-escuro com manchas e pontuações verde-claro".

Este pingo de fundição, pela descrição fornecida parece-nos tratar não de um pingo de fundição de prata como refere Ricardo Severo, mas sim um pingo, talvez, de bronze.

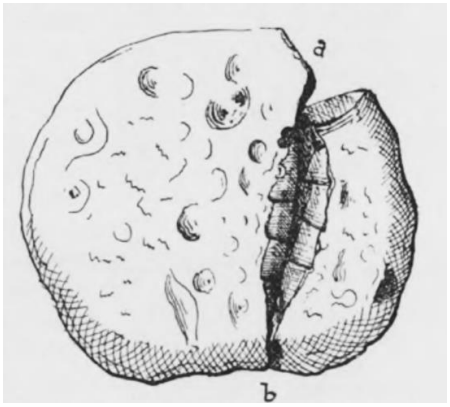


Fig. 2.78 Pingo de fundição (desenho de Ricardo Severo, 1905-1908: 405, adaptado).

As arrecadas foram depositadas no Museu Municipal do Porto (Severo, 1905-1908: 404, nota 2), que mais tarde integrou o Museu Sorares dos Reis (Porto).

Entretanto estas arrecadas foram sendo alvo de vários estudos durante todo o séc. XX (Valverde, 1973: 322; Savory, 1974; Silva,1986: 243; 343 e 369; 1988: 77 e 84; Pérez-Outeiriño, 1989: 101; Sousa, 1994: 7).

Estas duas arrecadas foram alvo de análises para saber qual a composição das ligas e metais presentes nas peças. Estas análises foram realizadas por Axel Hartmann (1971) e no que diz respeito a estas duas arrecadas a quantidade de prata é muito próxima entre elas e a corrente da arrecada possui uma considerável presença de estanho, ao contrário das arrecadas em si (1971: 134).

Silva (1986: 243) classifica estas duas arrecadas no seu tipo A3, cronologicamente inseríveis na sua fase II (entre 500 a.C. e 200 a.C.)

Em 2008, Carla Martins realiza um estudo sobre as influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal, no qual faz o inventário destas duas arrecadas, referindo que estas arrecadas datam de um período entre o séc. V e II a.C. (Martins, 2008: 89-90), notando que a decoração presente nestas arrecadas e na de Carreço têm como protótipo motivos decorativos oriundos das áreas da Mesopotâmia de forma genérica datável do IV milénio a.C. e do próximo Oriente (Suméria) datável do II milénio a.C.

Finalmente, na tese de mestrado de A. Silva (2014), estas peças voltam a ser classificadas, neste caso inserem-se no seu tipo A, datáveis de entre os séculos V e II a.C., ou seja, do Ferro Antigo (Fig. 2.79). Além destas arrecadas devemos fazer menção que próximo de Laúndos, na freguesia da Estela surgiu um outro tesouro - o Tesouro da Estela - (Fortes, 1905-1908c: 608-610; Silva, 1986: 237-238, 261-262; 252), do qual faz parte um colar articulado, um terminal de torques, e duas arrecadas em ouro).



Fig. 2.79 Arrecadas do povoado de S. Félix (fonte: www.matriznet.dgpc.pt).

Bibliografia: Valverde, 1973; Savory, 1974; Hartmann, 1971; Almeida, 1972; Silva, 1986, 1988; Pérez-Outeiriño, 1989; Queiroga, 1992; Sousa, 1994; Gomes e Carneiro, 1999, 2005; Carvalho, 2008; Martins, 2008; Silva, 2014 e **dados inéditos**.

38. Castro de Navais (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lati. 41º 26'01 N Long. 8º 45'31'' W; Alt. 26 metros.

Freguesia de Navais, concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto. Situava-se numa pequena elevação, atravessada pela EN13, na zona de Navais (Fig. 2.80).

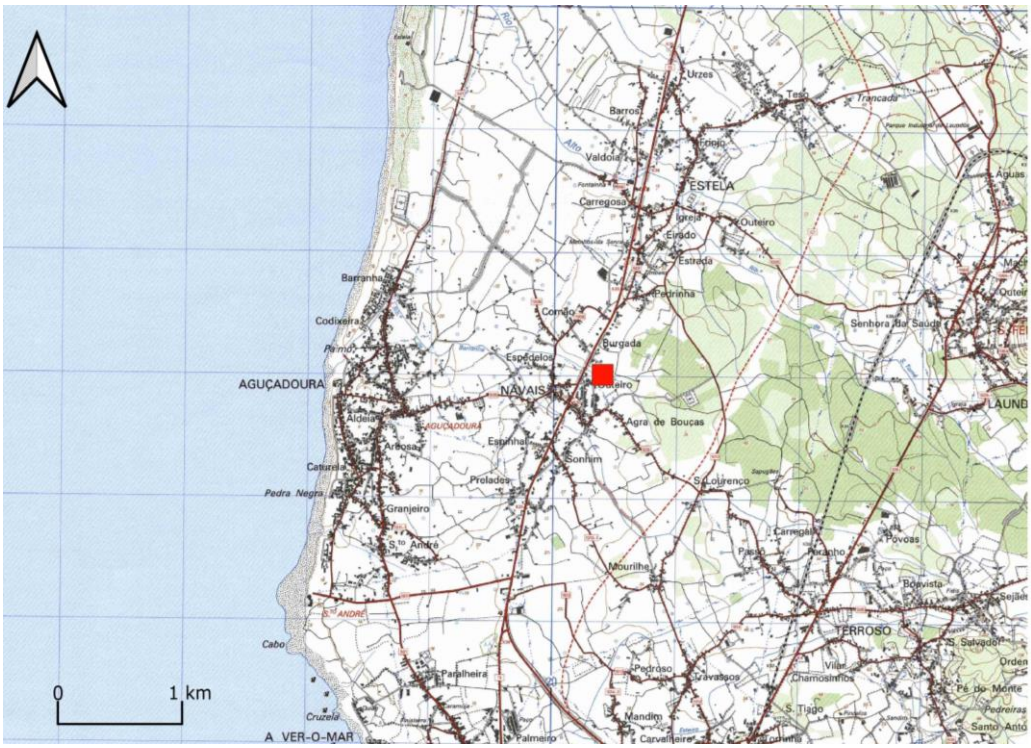


Fig. 2.80 Localização do Castro de Navais (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997).

A primeira menção é feita por Martins Sarmento, numa carta a Leite de Vasconcelos, na qual refere que: "Há tambem dois castros – um em Nabaes que já vi – um outeiro pequeno com vestígios que prestem, e ao pé a Fonte do Castro, notável por ser de abobada e, segundo creio, muito antiga" (Vasconcelos, 1900: 94).

Este povoado encontra-se inventariado em Silva (1986, n.º 321), Queiroga (1992, n.º 238), Gomes e Carneiro (2005: 209).

Nos dias de hoje, com o desenvolvimento desta pequena aldeia, todos os vestígios terão desaparecido deste povoado.

Bibliografia: Vasconcelos, 1900; Almeida, 1972; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Gomes e Carneiro, 2005.

39. Cividade de Terroso (CNS 27)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°24'45.03"N Long. 8°43'15.72"W; Alt. 152 metros.

União das freguesias de Terroso, A-Ver-o-Mar e Amorim, concelho da Póvoa de Varzim.

Fica no topo do pequeno Monte de São Salvador, uma colina residual da plataforma litoral, a cerca de 5 km da costa, com visibilidade para o oceano Atlântico e para a plataforma litoral, em todas as direções (Fig. 2.81; Fig. 2.82; Fig. 2.83).



Fig. 2.81 Localização da Cividade de Terroso (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997).

Trata-se de um dos povoados que conta com trabalhos de escavação, desde o dealbar do séc. XX. No estudo deste povoado estiveram envolvidos grandes vultos da arqueologia portuguesa, nomeadamente, Martins Sarmento, Francisco Santos Graça, Rocha Peixoto e José Fortes.

Mesmo com a morte de Rocha Peixoto, ainda nos anos 20, Ruy de Serpa Pinto publicará uma série de estudos e artigos, tanto na imprensa local como em revistas "científicas" da época, mostrando a diversidade e qualidade do espólio exumado, sobretudo cerâmico e metálico (Pinto, 1928; 1932).

Entre os anos 50 e 60, vários grupos de escuteiros vão realizando "explorações" e limpezas, sem qualquer metodologia científica, e das quais não chegou até nós qualquer registo. Estes atos continuaram mesmo depois do local ser classificado como Imóvel de Interesse Público, em 1961.



Fig. 2.82 Visibilidade a partir do povoado de Terroso.



Fig. 2.83 Fotografia área da Cividade de Terroso de 1994 (Arquivo MDDS).

Em 1972, Carlos Alberto Ferreira de Almeida publicar um pequeno artigo sobre os povoados da Idade do Ferro, os vários depósitos metálicos no concelho da Póvoa de Varzim. Os materiais de Terroso são também mencionados. Ainda assim os materiais dessas intervenções foram-se dispersando por várias instituições, sendo que o Museu de História Natural da Universidade do

Porto ficou com a maioria do espólio metálico das escavações de Rocha Peixoto (Gomes e Carneiro, 1999: 32-36).

A partir dos anos 80 iniciaram-se escavações com metodologias científicas em Terroso, sob a direção de Armando Coelho Silva e co-direção de José Flores Gomes e Deolinda Carneiro. Com resultados interessantes quanto à cronologia e evolução construtiva deste povoado, as escavações puseram em evidência: uma muralha que atinge 5,6 metros de espessura e uma estrutura retangular, de ângulos arredondados e paredes oblíquas, que foi interpretada como sendo um elemento defensivo complementar (Silva, 1986: 30).

Terroso possui, ainda, uma organização espacial com particularidades, por se ter formado pela sobreposição e aproveitamento dos níveis de ocupação mais antigos. A plataforma central deste povoado possui, também, um arruamento lajeado, axial, que se desenvolve no sentido E-O (Silva, 1986: 64) que este autor atribui à sua fase III, ou seja, aos finais do séc. II a.C. e a 2.ª metade do séc. I d.C.

Para o conhecimento das várias fases de ocupação, deste povoado, foram efetuadas algumas sondagens no interior de algumas estruturas circulares (Silva, 1986: 39). Com base nos dados recolhidos, Silva (1986: 67) considerou que os inícios da ocupação da Idade do Ferro se verificaram a partir da segunda metade do séc. VI a.C., tendo em consideração a existência de material púnico. Destacamos, ainda, que no decurso das escavações da estrutura I (Fig. 2.85), camada 8, foi encontrado o único fragmento de cerâmica púnica[147] encontrada até hoje neste povoado (Silva, 1986: 164, LXXX, nº. 11).

Em 1996 Gomes defende que o sítio foi ocupado desde o Bronze Final, tendo em conta materiais de fabrico manual e de cozedura redutora encontrados nas escavações antigas (Gomes, 1996: 75-76). Este sítio encontra-se no inventário de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 80).

Em dezembro de 2002 e janeiro de 2003, Bettencourt efetuou uma sondagem no interior da casa VII. Para determinar se existia de facto um nível de ocupação do Bronze Final com continuidade para a Idade do Ferro, tendo em conta as cerâmicas genericamente da Idade do Bronze encontradas no povoado. A datação pelo Carbono 14, obtida no Laboratório da Universidade do Arizona, a partir de um carvão vegetal de um ramo de pequeno porte, extraído da última camada do povoado, encontrado nessa sondagem (onde existiam negativos de buracos de

[147] Não encontramos este fragmento no depósito do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

poste e cerâmicas micáceas de cozedura redutora), foi de fins do séc. IV a fins do III a.C.[148] (Tab. 2.3) ou seja, muito mais recente do que defendeu Silva (1986: 67).

Tabela 2.3 Data de C14 extraída da última camada da casa VII de Terroso

Ref.	Data BP	1 Sigma[149]	2 Sigma
Arizona NSF-63059	2221±39	362-348 a.C. (8%) **312-206 a.C.** (60.3%)	**387-194 a.C.** (93.6%) 186-178 a.C. (1.8%)

Assim, quanto à Idade do Bronze há a dizer que, de facto, nunca se observou uma ocupação deste período contextualizada, aparecendo os fragmentos nos níveis antigos da Idade do Ferro, misturados com cerâmicas deste período. Os fragmentos da Idade do Bronze estão frequentemente muito rolados e são pequenos (Fig. 2.84).



Fig. 2.84 Fragmentos cerâmicos de produção datável da Idade do Bronze.

Se associarmos estas características aos restos de vasos de bordo horizontal publicados por José Fortes (1908: 662-665), oriundos deste sítio, o mais provável é que a ocupação da Idade do Bronze de Terroso seja do Bronze Médio, e sem continuidade para a Idade do Ferro.

Finalmente, através do estudo realizado por Paiva (1993), foi possível determinar as tipologias anfóricas tardo-republicanadas e imperais importadas, presentes em Terroso. São elas: Dressel I Ia e Ib, Haltern 70, Fabião 67, Dressel 7-11, Dressel 12, Almagro 51b e Dressel 30. Ou

[148] Agradecemos a A.M.S. Bettencourt a cedência desta data, que se encontrava inédita.
[149] As datações foram calibradas através do sítio https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal/OxCal.html implementado pela *Oxford University*. Foi usada a curva de calibração *IntCal20* e foi tido em consideração a calibragem a 1 e 2 sigmas.

seja, várias tipologias e de várias proveniências, desde a área itálica, do vale do Guadalquivir, da área da Bética e Bética costeira. Esta última tipologia alarga a cronologia de ocupação deste sítio, visto que tem um período de produção e de consumo até, pelo menos, ao séc. II e, talvez, IV d.C.

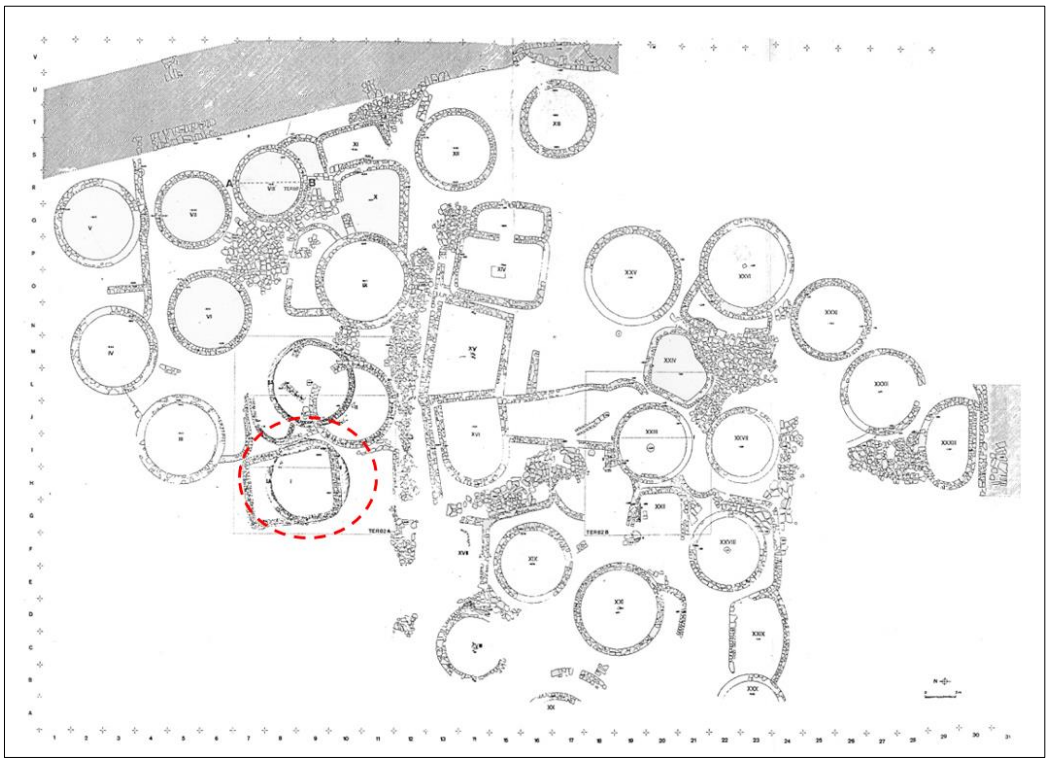


Fig. 2.85 Planta da escavação de Terroso (Gomes, 1996), área da estrutura I destacada.

Além dos dados apresentados por vários autores nos últimos 30 anos (Silva, 1986; Paiva, 1993; Gomes, 1996; Gomes e Carneiro, 2005), julgámos necessário rever alguns materiais das estruturas VII e VIII[150], escavadas em profundidade. Nada foi encontrado de material de importação, nas camadas do Ferro Antigo (entre a 5 e 16). Apenas nas camadas 4 e 3 aparece material de fabrico à roda / torno, de pastas mais depuradas e de cozeduras que ainda oscilam entre a redutora e a oxidante. Aqui apareceram alguns fragmentos indígenas com aguada a negro, na superfície externa (Fig. 2.86), talvez imitando cerâmicas meridionais.

[150] Agradecemos novamente ao Dr. José Flores, arqueólogo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, toda a ajuda prestada e o acesso às reservas do material escavado desde 1906, até às últimas escavações conduzidas na Cividade de Terroso. Agradecemos em especial o acesso aos materiais cerâmicos de 1906-1907 e de 1989 a 1991.

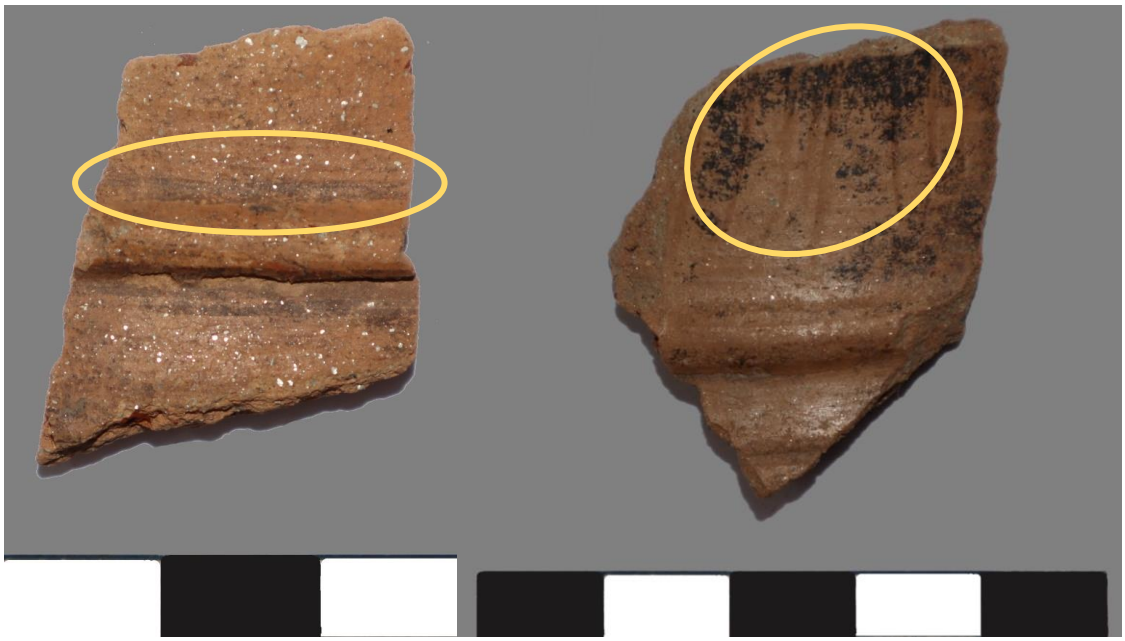


Fig. 2.86 Materiais da Idade do Ferro decorados por aplicação plástica e aguada negra na superfície externa, da estrutura VII.

Nas camadas 2 a 1 encontra-se apenas material indígena do Ferro Recente em termos formais e tecnológicos, acompanhado por materiais anfóricos romanos.

Além da revisão destes contextos, notámos, na existência de materiais descontextualizados, da coleção de 1906-07, de dois fragmentos cerâmicos que se destacam. O primeiro (Fig. 2.87), inédito, é o de um pequeno fragmento de bojo (o tamanho do fragmento < de 4 cm), de produção a torno, cozedura oxidante, pasta micácea-arenosa, com elementos não plásticos de pequeno calibre, textura fina, superfície alisada e decorada. A decoração apresenta-se com aplicação plástica, através de dois cordões dispostos na horizontal e que formam bandas onde existe decoração de tipo perlado (pequenos mamilos aplicados, ligeiramente pontiagudos) e que imita de certa maneira os recipientes metálicos ou sítulas (REY CASTIÑEIRA 2005a: 89-90 e REY CASTIÑEIRA 2005b: 78). Trata-se de um fragmento importado da área setentrional, da bacia do Minho ou das Rias Baixas galegas, segundo de Rey Castiñeira (1991).



Fig. 2.87 Fragmento da área setentrional da Península Ibérica (fotografia gentilmente cedida por José Flores).

O segundo fragmento é um bojo decorado de produção indígena. Foi publicado por Gomes (2020, vol. II: 333) mas merece destaque pelo seu ineditismo no contexto do Noroeste português. Trata-se de um fragmento, talvez, datável da Idade do Ferro Antigo com a representação de um rosto humano ou de uma personagem mitológica (Fig. 2.88). Corresponderá a uma imitação de olaria meridional ou de uma peça metálica?



Fig. 2.88 Fragmento de colo decorado por puncionamento e incisão apresentando um rosto humano algo abstrato, provavelmente de um pote (Gomes, 2020, vol. II: 333), (fotografia do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim).

Bibliografia: Fortes, 1905-1908a; Pinto, 1928, 1930, 1932; Almeida, 1972; Silva, 1981, 1986; Rey Castiñeira, 1991; Queiroga, 1992; Dinis, 1993; Paiva, 1993; Gomes, 1996, 2020; Gomes e Carneiro, 2005; Carvalho, 2008 e **dados inéditos**.

2.8. Estuário do Ave e litoral

2.8.1. Concelho de Póvoa de Varzim

40. Castro de Argivai (CNS 15073)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°22'37.37"N Long. 8°43'26.79"W; Alt. 52 metros.

União das freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai, no concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto. Situado junto ao cruzamento do IC1, em direção a Vila do Conde, numa pequena elevação da freguesia do mesmo nome (Fig. 2.89).

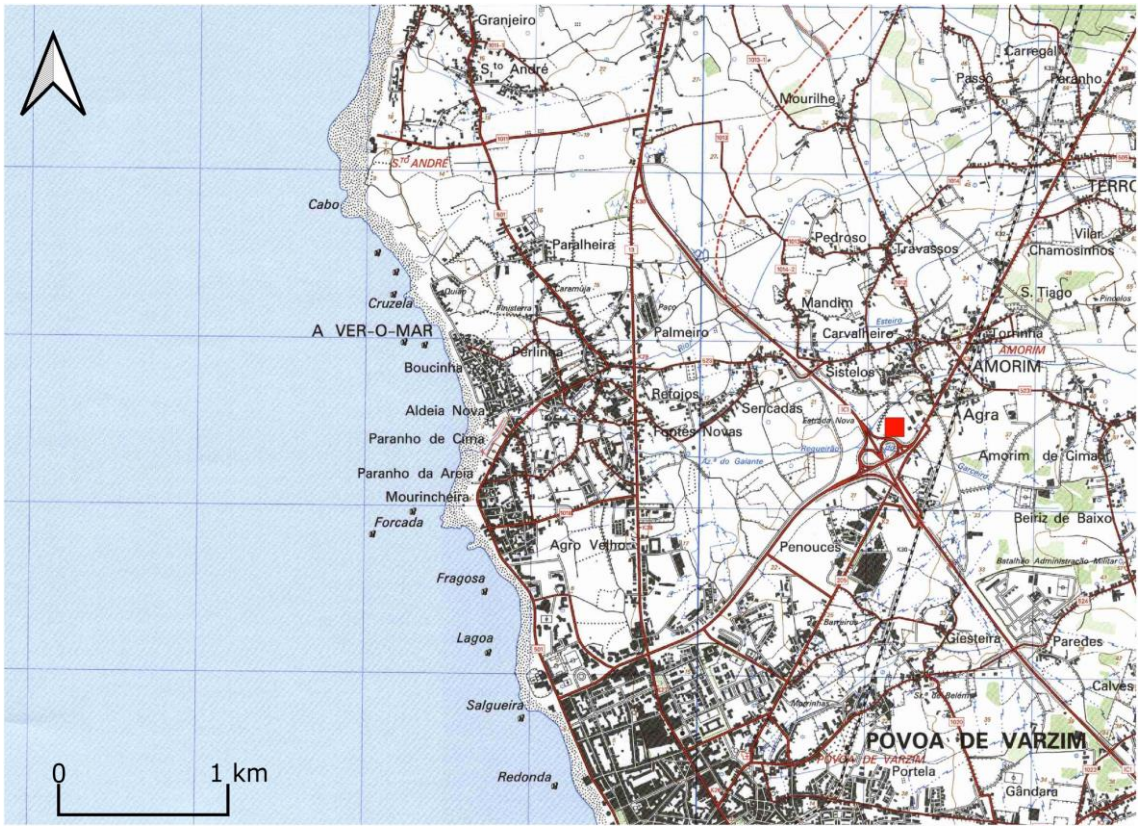


Fig. 2.89 Localização do Castro de Argivai (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 82, ICE, 1997).

Esse espaço encontra-se degradado, e as recolhas de superfície são difíceis devido ao grande manto vegetal que aí esse encontra.

Ainda assim, foi possível recolher não só alguns fragmentos de cerâmica micácea, como também de tégula. Será, provavelmente, um povoado romanizado (Gomes, 1996; Gomes e Carneiro, 2008).

Bibliografia: Gomes, 1996; Gomes e Carneiro, 2008.

2.8.2. Concelho de Vila do Conde

41. Cividade de Bagunte (CNS 184)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°22'59.85"N Long. 8°39'20.32"W; Alt. 205 metros.

União das freguesias de Bagunte, Ferreiró, Outeiro Maior e Parada, concelho de Vila do Conde, distrito do Porto. Situa-se numa colina com uma altitude preponderante na planície e faixa litoral, na margem direita do rio Ave, distando deste curso fluvial cerca de 4 km, mas com ampla visibilidade para o oceano Atlântico e linha costeira (Fig. 2.90).

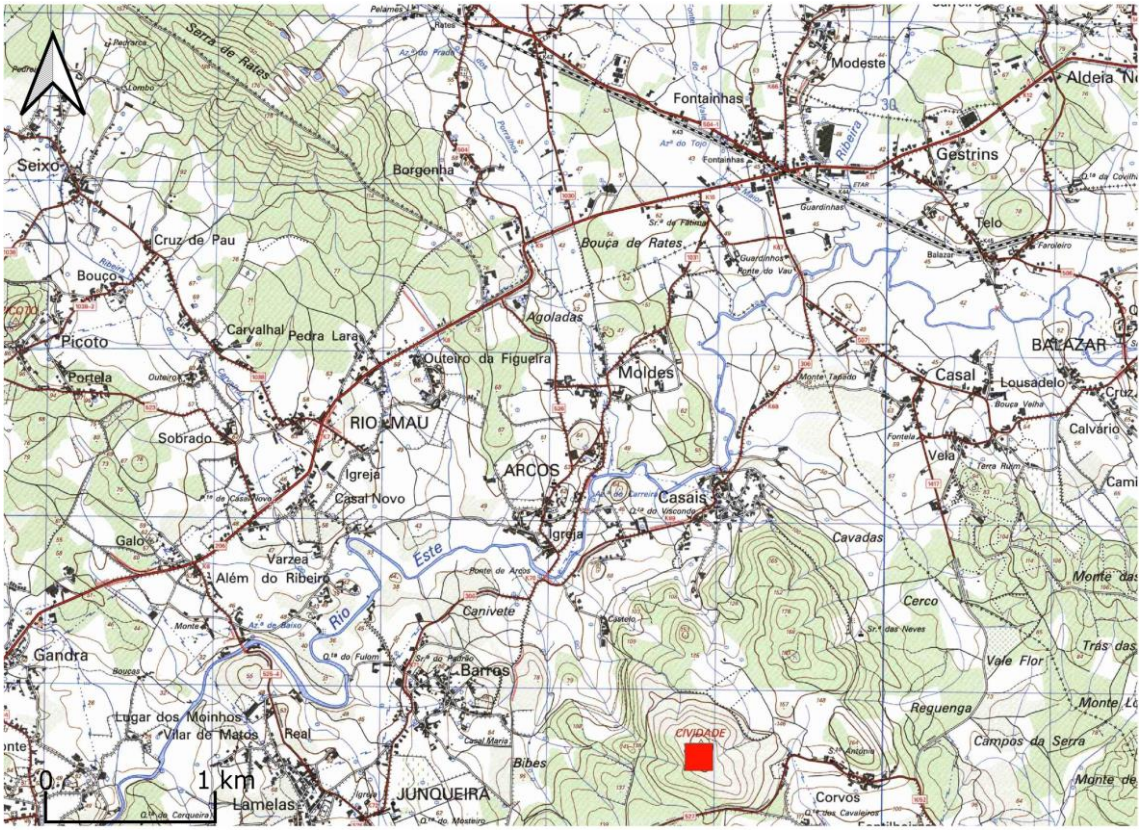


Fig. 2.90 Localização da Cividade de Bagunte (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 83, ICE, 1997).

Segundo Contador de Argote este povoado é referido num documento medieval que indica, no monte da Cividade, ruínas de uma cidade antiga (Argote, 1744). No século XVIII, o padre Carvalho da Costa, na Corografia Portuguesa, volta a referir-se este local dizendo que: "... acima da Ponte de Arcos estão vestígios de fortificação, (...) a que inda chamão a cividade, as mostrão qual seria sua fortaleza" (Costa, 1868: 322). A partir dos finais do séc. XIX, com a visita de Martins Sarmento, em 1883 (com dados publicados apenas em 1899 e, postumamente, em 1999), este povoado começa a tornar-se mais conhecido. Apenas dois anos depois, Ricardo Severo e Arthur

Fonseca Cardoso lideram a primeira campanha de escavação no local, cujo relatório é publicado no ano subsequente (Severo e Cardoso, 1896). Na sequência destes trabalhos, o local, em 1910, é classificado como monumento nacional.

Em 1915, Mendes Corrêa terá realizado ali uma sondagem (Almeida *et al.*, 2020) e entre 1944 e 1947, as campanhas de escavação sucederam-se, desta feita dirigidas por Fernando Russel Cortez. Estas campanhas permitiram reconhecer a real dimensão e a importância deste local. No entanto, os resultados e interpretações das estruturas e do espólio encontrado só serão publicados com maior detalhe, entre os anos 70 e 90 do séc. XX, (Almeida, 1974a; Silva, 1986, 2007: 200; Almeida, 1992; Dinis, 1993; Almeida, 1995). Este sítio encontra-se, também, no invetário de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 84).

Entre os anos 80 e 90 do século XX foram iniciadas campanhas de limpeza da vegetação, com o apoio da Câmara Municipal de Vila do Conde. Finalmente, em 2009, foram retomadas as escavações, criando-se o "Projeto Arqueológico da Cividade de Bagunte". Estas permitiram uma redefinição da extensão do povoado, que será bastante mais ampla do que o espaço que foi classificado em 1910.

As campanhas de escavações realizadas a partir dessa data foram dirigidas por Paulo Costa Pinto e Pedro Brochado de Almeida, arqueólogos do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila de Conde, no âmbito de um protocolo com uma *field-shcool* da Universidade Austin (Texas, E.U.A) liderado por Maria de Fátima Wade (Almeida e Wade, 2009, 2011, 2015; Almeida e Almeida, 2015). Além das campanhas de escavações, tem sido feito um importante trabalho no que respeita à consolidação e preservação das estruturas já escavadas. Os materiais estudados, até 2020, colocavam este local entre o Ferro Recente (a partir do séc. II a.C.) e a Idade Média e as estruturas escavadas na década de 40 e 50, datavam-se, genericamente, do séc. I a.C. a I d.C., considerado o período de maior expansão do povoado (Almeida e Almeida, 2015: 61).

Entretanto, em 2020, é dada à estampa um artigo no qual são apresentados alguns materiais inéditos que se encontram em depósito do Museu de História Natural da Universidade do Porto (Almeida *et al.,* 2020). Com base nos materiais estudados (taças carenadas), os autores consideram a existência de ocupações do Bronze Final embora lhes tenham dado uma cronologia algo arbitrária e mais recente do que aquelas atribuídas pelo radiocarbono em vários povoados do Noroeste[151], que recuam estas peças, pelo menos, ao séc. X a.C. (Martins, 1987, 1990; Bettencourt, 2000c, 2001, entre outros). Aliás já Kalb (1980: 25-115), Monteagudo (1977: 142,

[151] Como S. Julião, em Vila Verde, Santinha, em Amares, entre outros.

Tafel 52, n.º 854) e Silva (1986: graf. 4, nº 50) tinham referido a existência de um machado de aletas proveniente desse monte (Fig. 2.91), que é novamente publicado, embora se desconheça de que área do povoado indígena ou se proveniente de algum depósito este machado terá sido encontrado. Possui ainda vestígios de rebarbas junto das aletas. Nesse mesmo artigo identificam-se, também, vários materiais da Idade do Ferro Antigo e Recente e materiais romanos que precisam o período de romanização do povoado.

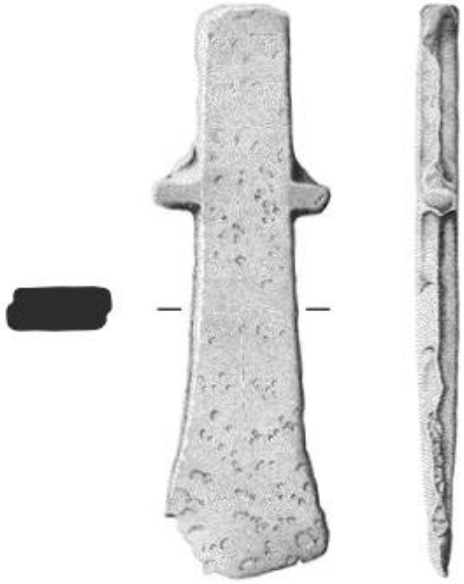


Fig. 2.91 Machado de aletas do Monte de Bagunte (Almeida *et al.,* 2020: 88, fig. 14 - 4).

Destacamos, entre esse material, um fragmento de asa que observámos, dada como pertencente a uma asa de ânfora de tipo Dressel 2/4 com cronologia dos finais do séc. I a.C. e da 1ª metade do séc. I d.C., segundo Almeida *et al.* (2020: 55, 61). Trata-se, de facto de uma asa bífida, de pasta muito depurada, de tonalidade rosada, sem desengordurantes visíveis, além de parecer possuir um engobe espesso tanto no interior como no exterior da peça, que poderia pertencer a uma forma de *Pithos* e que, em termos cronológicos, se deverá colocar, com algumas reservas, entre os séculos VI e V a.C.. Trata-se de uma forma fenícia ocidental (Fig. 2.92; Fig. 2.93). Relembramos, uma vez mais, que se trata de uma coleção sem contexto estratigráfico seguro, pelo que a cronologia agora proposta é meramente indicativa.

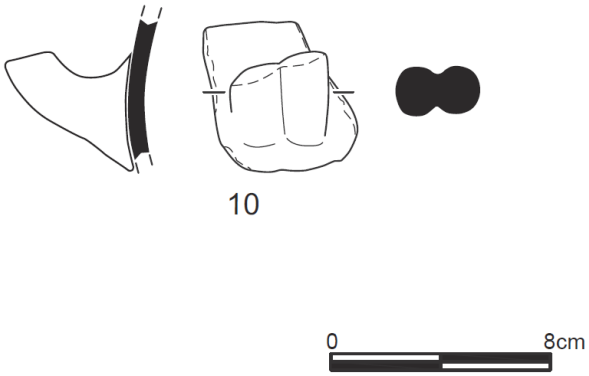


Fig. 2.92 Fragmento de asa bífida, de origem púnica, classificada como Dressel 2/4 (Almeida *et al.,* 2020: 81, fig. 7-10, adaptado).



Fig. 2.93 Fragmento de origem púnica (asa bífida).

De destacar, ainda o achado dos cinco torques de prata, de várias tipologias e com diversidade tecnológica (Cuevillas, 1951: 38; 1953: 268; Silva, 2007: 333, Est. CXII.; Ladra, 2001), aqui encontrados, durante os trabalhos de Russel Cortez, e expostos no Centro de Memória (Vila do Conde). Ladra (2001: 120) considera que "os paralelos ...mais diretos...abrangem datas de fabrico e uso compreendidos entre os séculos VIII e I a.C., com contextos deposicionais tardios, à volta dos séculos III, II e I a.C." o que reforça a ampla diacronia desse povoado.

Bibliografia: Argote, 1744; Severo *et al.,* 1886; Costa, 1868; Cortez, 1946, 1948; Cuevillas, 1951, 1953; Monteagudo, 1977; Kalb, 1980; Silva, 1986, 2007; Queiroga, 1992; Dinis, 1993; Almeida, 1974a, 1992, 1995; Martins, 1987, 1990; Ladra, 2001; Bettencourt, 2000c, 2001;

Almeida e Wade, 2009, 2011, 2015; Carvalho, 2008; Almeida, e Almeida, 2015; Almeida, *et al.,* 2020 e **dados Inéditos**.

42. Castro de Santagões (CNS -)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°21'31.98"N Long. 8°41'4.07"W; Alt. 63 metros.

Lugar de Santagões, união das Freguesias de Bagunte, Ferreiró, Outeiro Maior e Parada, concelho de Vila do Conde, distrito do Porto. Numa colina, sobranceiro à margem direita do rio Ave, em local de curva acentuada deste rio com visibilidade para o vale deste rio a jusante e o oceano Atlântico (Fig. 2.94).

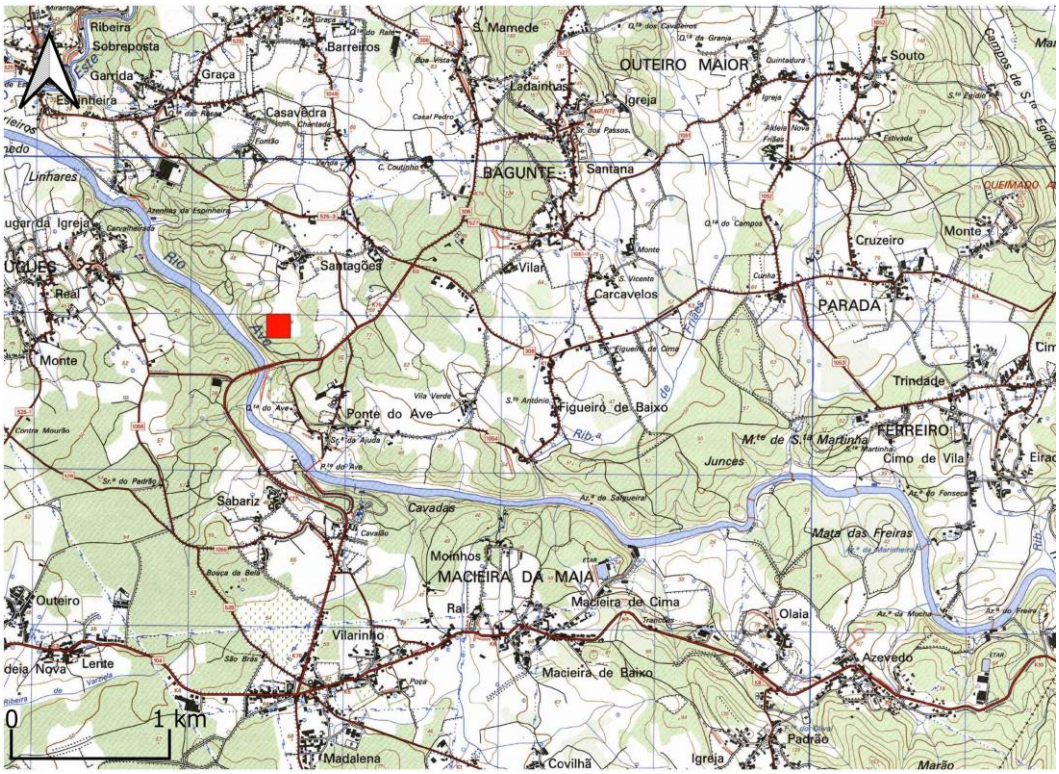


Fig. 2.94 Localização do Castro de Santagões (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 83, ICE, 1997).

Trata-se de um pequeno povoado, muito alterado pela plantação de eucaliptos. Encontrava-se defendido por uma muralha em talude, que Russel Cortez (1949: 273) considerou como sendo um acampamento romano.

Este provável povoado encontra-se nas listagens de povoados da Idade do Ferro (Silva 1986, n.º 328; Queiroga 1992, n.º 250; Carvalho, 2008, vol. 2: 84).

Almeida (1992: 55) ao encontrar aí um fragmento de "cerâmica castreja" considera-o um "castro agrícola".

António Pereira Dinis (1993: 42-43) refere que nos anos 90 ainda se observavam pelo menos uma muralha ou talude e um fosso. Quanto a estruturas no interior do provável povoado não se encontrou qualquer derrube ou muro. Acrescenta apenas que encontrou materiais de período romano.

Recentemente foi publicado um artigo no qual se refere a existência de um machado de pedra polida, depositado no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, daí proveniente (Almeida *et al.*, 2020).

Bibliografia: Cortez, 1949; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Almeida, 1992; Carvalho, 2008; Almeida, *et al.,* 2020.

43. Castro de S. João (CNS 40369)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°21'8.23"N Long. 8°44'18.45"W; Alt. 30 metros.

Freguesia e concelho de Vila do Conde e distrito do Porto.

Numa colina residual sobranceira à margem norte do Ave, com ampla visibilidade para a foz e estuário deste rio e para o oceano Atlântico a noroeste, oeste e sudoeste (Fig. 2.95).



Fig. 2.95 Localização do povoado de S. João (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 96, ICE, 1997).

Este povoado encontra-se referenciado desde, pelo menos, o ano 953, numa carta de venda que refere: "... ecclesia quae est fundata in castro vocitato Santo Johanne..." (Ferreira, 1923: 11). Aparece, posteriormente em várias listagens de povoados da Idade do Ferro (Silva, 1986, n.º 324 e 2007, n.º 407; Dinis, 1993: 100; Queiroga, 1992: 170, nº. 255; Carvalho, 2008, vol. 2: 86), mas julgava-se irremediavelmente destruído pela construção da igreja, do convento de Santa Clara e pelo aqueduto.

Foi no âmbito de trabalhos arqueológicos, entre 2019 e 2020, relacionados com a construção de um hotel, no Convento de Santa Clara, que se procederam a escavações no início da vertente este deste povoado, tendo aí sido descobertas várias estruturas circulares, em pedra, bem como estruturas em negativo, associadas a materiais da Idade do Bronze, do Ferro Antigo e Recente. Esses trabalhos foram efetuados pela empresa ERA Arqueologia, sob a direção científica de Rui Pinheiro, que deles dá uma primeira notícia (Pinheiro, 2020).

Parte dos dados resultantes das escavações foram estudados no contexto deste projeto de doutoramento (*item* 4.4, Anexo II, no volume III).

Bibliografia: Ferreira, 1923; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Dinis, 1993; Carvalho, 2008; Pinheiro, 2020 e **dados inéditos**.

44. Castro da Retorta (CNS 3598)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°21'29.51"N Long. 8°43'25.70"W; Alt. 34 metros.

União das freguesias da Retorta e Tougues, no concelho Vila do Conde, distrito do Porto.

O povoado encontra-se implantado sobre uma colina sobranceira ao rio Ave, com uma configuração topográfica que lhe confere favoráveis condições de defesa naturais, particularmente do lado voltado para o rio, onde se desenvolve uma escarpa bastante acentuada. Do local existe ampla visibilidade para o povoado de S. João (a oeste), e para a Cividade de Bagunte a nor-nordeste. Usufrui ainda de acesso privilegiado ao rio Ave a norte, porém não observa a sua foz (Fig. 2.96).



Fig. 2.96 Localização do Castro da Retorta (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 96, ICE, 1997).

É referido por Martins Sarmento, em 1883, numa carta dirigida a Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1901: 46-47). Severo e Cardoso (1886: 179-180) cartografam-no. Nos anos 40 Eugénio Freitas (1949) faz corresponder este povoado ao *Castro Celoria,* referido em documentos medievais. Referindo que nos anos 40 do séc. XX ainda eram visíveis duas muralhas pétreas (Freitas, 1949: 21). Poderá ter sido escavado, mas desconhece-se o responsável por essas escavações.

Alarcão e Alarcão (1963: 197) publicam vários objetos de vidro romano, aí encontrados, datados de entre os séculos I e IV d.C.

Este povoado foi, posteriormente, inventariado por Silva (1986, n.º 325), Queiroga (1992, n.º 253) e Dinis (1993). Segundo Dinis (1993: 93-94): "O Castro da Retorta possui forma ovalada tendo o seu eixo maior orientação Noroeste-Sudeste. É neste último lado, aliás, que se conseguem ver alguns poucos indícios do seu sistema defensivo que deveria ser composto por duas muralhas pétreas e um fosso". À superfície recolhe-se abundante material cerâmico da Idade do Ferro e romano, assim como são visíveis abundantes vestígios de materiais de construção (Moreira, 2009: 324). Encontra-se atualmente bastante destruído, pois parte tem utilização agrícola permanente, o que tem levado ao revolvimento das camadas arqueológicas. Este sítio encontra-se ainda no inventário de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 85).

Bibliografia: Sarmento, 1883-1884= 1933; Severo-Cardoso, 1886; Vasconcelos, 1901; Freitas, 1949; Alarcão e Alarcão 1963; Almeida 1969, 1992; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Dinis, 1993; Carvalho, 2008; Moreira, 2009.

45. Castro do Boi / Castro de Santo Ovídio (CNS 3634)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°19'43.69"N Long. 8°40'4.52"W; Alt. 120 metros.

União das freguesias de Fornelo e Vairão, concelho de Vila do Conde, distrito do Porto.

Encontra-se implantado no Monte de Santo Ovídio, que se destaca na planície costeira, sensivelmente a sudoeste do mosteiro de São Bento de Vairão, controlando também a foz do rio Ave. Esta pequena elevação confere-lhe desde logo uma ampla visibilidade para a área marítima (Fig. 2.97).

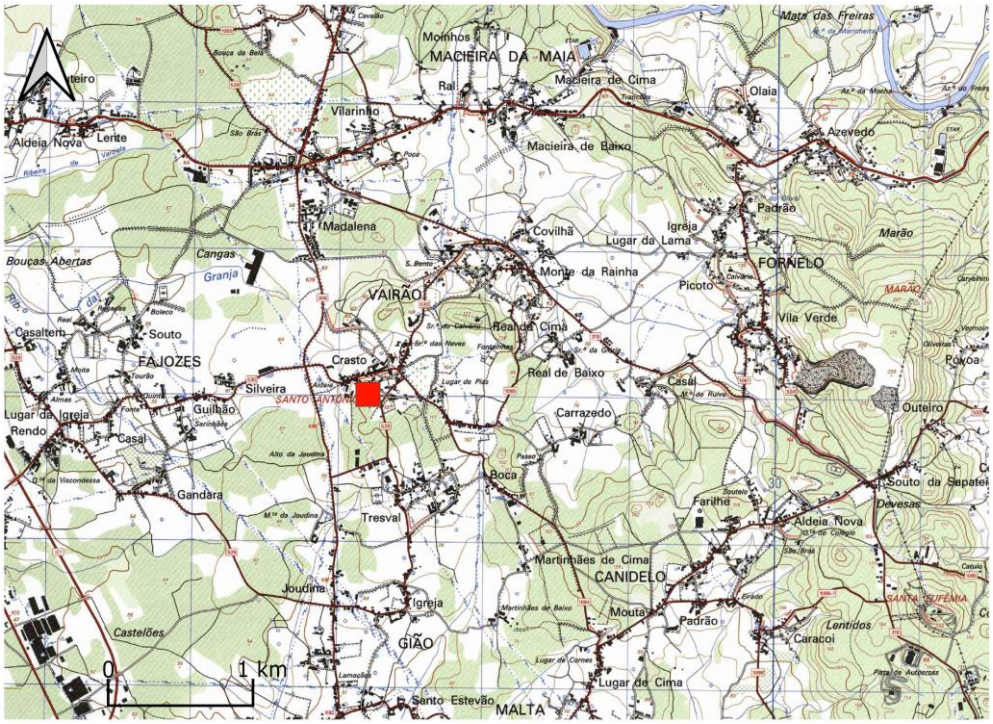


Fig. 2.97 Localização do Castro do Boi (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 96, ICE, 1997).

Almeida (1969: 34) faz referência ao aparecimento de alicerces de estruturas redondas, da Idade do Ferro, e de material de construção romano, nomeadamente *ímbrices*. Posteriormente foi inventariado por Silva (1986, n.º 333), Queiroga (1992, n.º 254) e Dinis (1993: 94-95) que o descreve do seguinte modo:

"Tanto quanto se consegue perceber, através de alguns poucos indícios, tinha forma sub-circular, com uma plataforma central, provavelmente circundada por uma muralha, e pelo menos mais

uma plataforma envolvente, cujo talude se consegue vislumbrar, entre a densa vegetação, do lado Sudoeste que, mesmo assim, é o que melhor se conservou. Entre os poucos fragmentos de cerâmica micácea recolhidos à superfície pudemos identificar alguns pertencentes a grandes vasos de contenção".

Seria, ainda, um sítio com extrema importância estratégica, no período medieval, conforme o acervo documental, composto por mais de quarenta diplomas, que integram o *Portugaliae Monumeneta Historica* que a ele se referem, variando a sua denominação entre *castellum* de *bove*; Castro de *Bove* e *Kastro* de *bove* (Moreira, 2009: 325). Este sítio encontra-se ainda no inventário de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 85).

Encontra-se muito descaracterizado pelo edificado religioso (capela de Santo Ovídeo, entre outras construções).

Trata-se, provavelmente, de um povoado com uma ocupação do Ferro Recente, posteriormente, romanizado e terá permanecido ativo durante a Idade Média.

Bibliografia: Almeida, 1969; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Dinis, 1993; Carvalho, 2008; Moreira, 2009.

46. Castro de S. Paio (CNS 3560)

Coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84: Lat. 41°16'54.36"N Long. 8°43'50.02"W; Alt. 14 metros.

Freguesia de Labruge, concelho de Vila do Conde, distrito do Porto.

Este pequeno povoado encontra-se a escassos metros do oceano e dessa forma é o único povoado da Idade do Ferro marítimo, alguma vez escavado, no norte de Portugal (Fig. 2.98).

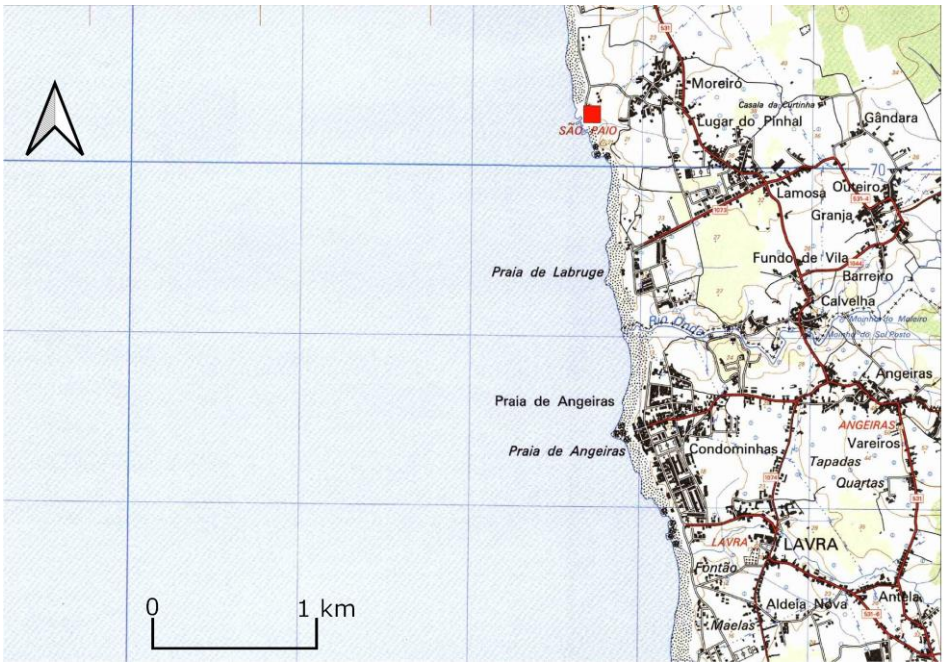


Fig. 2.98 Localização do povoado de S. Paio (Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, fl. 109, ICE, 1997).

Foi descoberto em 1959 (Lanhas e Brandão, 1969) mas apenas alvo de escavações científicas, na década de 1990 do séc. XX. Estes trabalhos foram realizados num contexto de salvamento de estruturas, já muito destruídas e/ou violadas, durante os anos 70, por parte de estudantes e arqueófilos que, de forma organizada e orientados por Adriano Vasco Rodrigues, foram procedendo a abertura de valas com vista a encontrar material arqueológico e estruturas.

Foi inventariado por Silva (1986, n.º 334), Queiroga (1992, n.º 252) e Dinis (1993: 101-102), que publica, pela primeira vez, uma planta do povoado e faz breves considerações quanto ao material encontrado. Este sítio encontra-se ainda no inventário de Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 85).

O objetivo das novas intervenções era, na época, o de salvaguardar o povoado da sua eminente destruição, pois era previsível a abertura duma estrada marginal que facilitasse o acesso à praia e a uma futura urbanização no local. Com efeito, as escavações decorreram entre 1993 e 1996, com a orientação dos arqueólogos Paulo Costa Pinto e Carlos Alberto Brochado de Almeida (Pinto e Almeida, 1994, 1994a, 1996), do município de Vila do Conde.

Os materiais encontrados ficaram em reserva no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde. Foram estudados e incluídos neste trabalho (ver *item* 4.5, Anexo II, no volume III).

Bibliografia: Lanhas e Brandão 1969; Silva, 1986; Queiroga, 1992; Dinis, 1993; Pinto e Almeida 1994, 1994a, 1996 e **dados inéditos**.

3. REVISÕES DE COLEÇÕES ANTIGAS

3.1. Nota prévia

Foram realizados estudos a antigas coleções de quatro povoados a saber: Santo António e Moldes, ambos no concelho de Viana do Castelo; Belinho, no concelho Esposende e Faria, no concelho Barcelos.

Quanto à natureza destas coleções, estas são, na sua maioria, descontextualizadas ou sem relação estratigráfica possível. Apenas foi considerado material devidamente marcado. Muitos foram os casos em que no rol de materiais surgiram fragmentos que não estavam marcados ou cuja marcação não era legível, e por essa razão não foram considerados. No caso do povoado de Moldes sabemos que decorreram escavações nos anos 80, do séc. XX, todavia os dados estratigráficos, desenhos de campo e fotografias eram muito parcos para podermos, com segurança, integrar os materiais nos seus devidos contextos. Ainda assim, o facto de considerarmos este povoado para estudo aumentou consideravelmente os nossos conhecimentos sobre a área da foz do rio Neiva, sobretudo nos finais da Idade do Ferro, mas não só. O estudo do material desta estação foi realizado na Junta de Freguesia de Castelo do Neiva.

O estudo dos materiais do povoado de Belinho foi realizado no Museu de História Natural da Universidade do Porto. Quanto ao estudo dos materiais do povoado proto-histórico de Faria foi efetuado no Museu da Olaria (Barcelos).

A este grupo deve adicionar-se os materiais e contexto da estrutura tumular da Cova da Moura, em Viana do Castelo. O estudo deste arqueossítio foi executado no Museu Geológico de Portugal.

Apesar dos constrangimentos, esta revisão dos materiais, muito deles inéditos, tornou-se muito importante, pois conseguimos, não só, alargar o nosso conhecimento sobre as diferentes fases de ocupação de cada povoado, como estudar materiais de importação, alguns inéditos, que nos proporcionaram dados sobre a importância destes sítios no intercâmbio suprarregional e na adoção de novos costumes, bem como identificar o desenvolvimento de algumas atividades económicas.

3.2. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE SANTO ANTÓNIO, VIANA DO CASTELO

3.2.1. Historial

As primeiras referências existentes sobre este povoado remontam aos inícios do séc. XVIII, pelo padre Carvalho da Costa, na Corografia Portuguesa (1706: 195), referindo que em Santa Christina de Fife (hoje Afife): "Perto da Igreja està hum monte não grande, mas com elevada subida, em cujo cume tem húa Ermida, & em roda vestigios de forte antigo."

Durante o século XIX Christovão Ayres (1896: 386) na sua História do exército português traça também um retrato de povoado: "Na planície, entre a cordilheira mencionada e o mar, ha ainda o Monte de Santo António, em Afiife (...) um castro em ruinas...". Francisco Martins Sarmento (1987: 8; 1998:94) também menciona este povoado nas suas divagações pelo Entre-Douro-e-Minho, onde sugere a existência de duas muralhas no Monte de Santo António. Já no início do século XX, Abel Viana (1937) faz um pequeno relato do aparecimento, na vertente sul deste monte, de uma estrutura circular (cabana?) já muito destruída e alguns instrumentos líticos (Fig. 3.1).

Na primeira metade do século XX, por Meira (1945), sabemos que a partir de 1925 foi construída uma escadaria monumental, em pedra, na vertente nascente do outeiro o que terá destruído boa parte dos vestígios arqueológicos existentes neste lugar (Fig. 3.4).



Fig. 3.1 Instrumentos encontrados em 1930. A figura da esquerda corresponde a um objeto esteliforme cuja cronologia se desconhece (Arnaud e Fernandes, 2005: 111, adaptado). A figura da direita é composta por um conjunto de objetos vários (adaptado de Viana, 1937).

Já na segunda metade do século XX, mais precisamente em 1953, quando se realizava a abertura de uma estrada apareceu uma inscrição, na vertente ocidental deste monte (Viana,

1955c: 526; Moreira, 1982: 56). Esta inscrição (Fig. 3.2) não sabemos se estaria integrada, por exemplo, num pano de muralha, ou se estaria no interior do povoado. Em 2011, Armando Redentor, especialista em epigrafia, interpreta esta epígrafe como sendo um provável cipo (2011: 209 – 210).

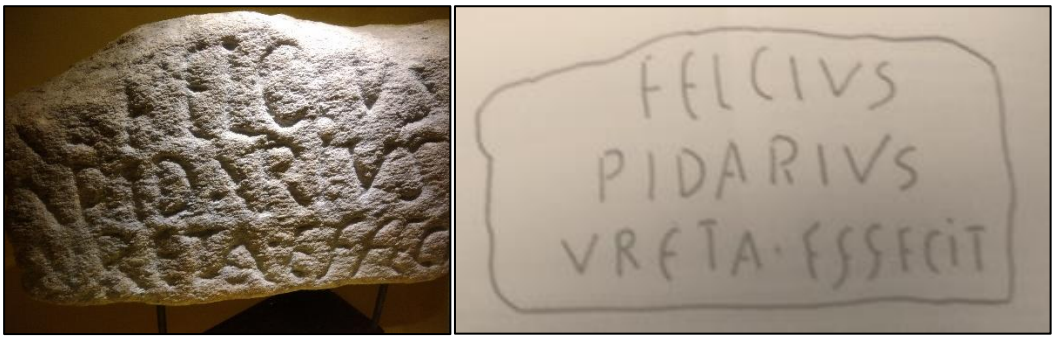


Fig. 3.2 Fotografia da epígrafe (NAIAA) e desenho efetuado por Moreira (1982), adaptado.

Em 1956, os investigadores Paço e Quesado referem que a abertura e construção de uma estrada de acesso ao topo do monte revelou um pano de muralha, uma estrutura circular e algum espólio. Sabemos que a partir dos anos 70, nomeadamente entre 1978 e 1982[152], terão ocorrido escavações arqueológicas no início das vertentes noroeste, oeste e sudoeste deste pequeno outeiro. Este informe é concordante com várias etiquetas que surgem, tanto no material cerâmico como em fotografias, que se encontram em depósito no Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA). Das estruturas encontradas e que ainda hoje são visíveis trataremos mais à frente.

Na década de 80 do século XX, o arqueólogo Armando Coelho F. da Silva publica dois moldes de sítula achados neste local (Fig. 3.3). Insere-os na sua fase IIIA (entre os séculos II a.C. e I a.C.). Em 1986 publica, também, dois recipientes cerâmicos encontrados em 1978: um púcaro, que insere na sua fase II (entre os séculos VI a II a.C.), e uma panela, que insere na fase III, sem outros dados mais concretos, ou seja, entre os séculos II a.C. a I d.C.

[152] Informação transmitida pelo Sr. Engenheiro Horário Faria, fundador do NAIAA.



Fig. 3.3 Moldes de sítula com decoração geométrica, segundo Silva (1986), adaptado.

Avançando no tempo, em 2003, Carlos Brochado de Almeida (2003:141) menciona que poderão ter existido nesse espaço atividades ligadas à metalurgia do bronze, porque tem em conta, não só os moldes de sítula já publicados por Armando Silva (1986: 134), mas como também atividades relacionadas com a comercialização e produção de sal, devido à sua proximidade litoral. Admite, até, a existência de 3 muralhas (Almeida 2008: 155). Este povoado volta a ser mencionado por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 130).

Em 2013, Ana M. S. Bettencourt, após observação atenta de alguns fragmentos cerâmicos, procedentes deste sítio, deteta aí uma possível ocupação da Idade do Bronze Final. Em 2015, após trabalhos de prospeção de José Rodrigues foram encontradas várias mós. Sabe-se que estas se encontram em depósito no NAIAA, contudo, não estão identificadas.

O estudo agora realizado compreende a análise total da cerâmica proveniente deste sítio, que se encontra em depósito no NAIAA[153]. Na carência de contextos estratigráficos, e desenhos de campo, o estudo aqui apresentado contempla um estudo com base nas características técnicas, formais e decorativas, estabelecendo comparações e paralelos com materiais de outros povoados devidamente contextualizados.



Fig. 3.4 Fotografia de uma placa indicando o nome de um caminho, no sopé do Castro de Santo António.

3.2.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental

Este povoado situava-se numa pequena colina implantada na planície da ribeira de Cabanas, na freguesia de Afife, concelho e distrito de Viana do Castelo. As suas coordenadas geográficas

[153] Agradecemos à direção o Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA) que possibilitou o estudo deste espólio e cedeu fotografias e outros dados documentais.

decimais no sistema WGS 84 são: 41° 46'52.88''N 8° 51'42.76'' W. Fica a uma altitude máxima de 69 metros e a pouco mais de 700 metros da costa (Fig. 3.5).

Em termos toponímicos, assinalámos que num dos caminhos, empedrados, que circundam o Monte de Santo António tem como nome "Caminho do Crasto", (Fig. 3.4) o que indicia, uma vez mais, a existência deste povoado como marco na paisagem desta área geográfica.

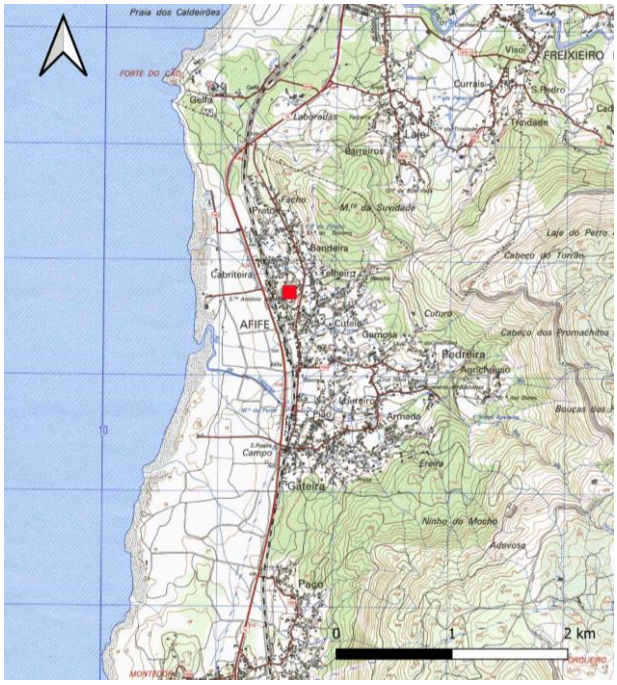


Fig. 3.5 Localização do Povoado de Santo António, excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25000, nº. 27.

Deste lugar existe uma ótima visibilidade para toda a planície aluvial e para o oceano Atlântico, em todo o quadrante oeste. Em termos geológicos (Fig. 3.6) este povoado está implantado numa colina residual de substrato granítico-alcalino, de grão médio a fino. Encontra-se ainda sobranceiro a depósitos de praias antigas ou de terraços fluviais do Pleistocénico.



Fig. 3.6 Localização do Povoado de Santo António, excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50.000, f. 5-A.

Quanto aos recursos mineiros metálicos, existem jazidas primárias de estanho a 13 km para este (Teixeira *et al.,* 1972), sendo, no entanto, conhecidas pela população local inúmeras explorações de estanho, no alto da serra de Santa Luzia. Relativamente aos recursos mineiros não metálicos, chamamos à atenção para a possibilidade de exploração de sal, isto porque, na freguesia de Carreço e em Afife, se conhecem inúmeras pias escavadas nos afloramentos, ao longo da linha da costa consideradas para esse efeito e inseríveis na proto-história. Como caso exemplificativo, temos o caso das pias da praia de Canto Marinho, em Carreço (Costa *et al.,* 2012).

Quanto aos recursos hidrológicos; encontra-se a cerca de 700 m de uma baía, com ligação direta ao oceano Atlântico, e aos seus recursos; a norte corre rio; Âncora a cerca de 2 km e a cerca de 3 km a noroeste encontra-se o seu estuário; a sul corre também a pequena ribeira de Cabanas, com origem na serra de Arga, a cerca de 1 km. Este povoado, situa-se numa espécie de arco natural entre dois promontórios. O promontório sul apelidado de Montedor[154] e no promontório norte situa-se um forte da Idade Moderna chamado de Forte do Cão. Esta localização permite a quem habitasse este povoado ver todo este arco, desde Montedor até ao estuário do rio Âncora. A atual cobertura vegetal neste pequeno outeiro é predominantemente arbustiva e composta, pontualmente por pinheiros-bravos, pinheiros-mansos e carvalhos.

[154] Neste promontório há a referência da existência de um povoado fortificado A. Silva (1986). Desconhece-se a cronologia deste povoado por falta de estudos sistemáticos. Contudo, consideramos que seria um povoado merecedor de escavações e com certeza com fortes relações a este micro região que aludimos.

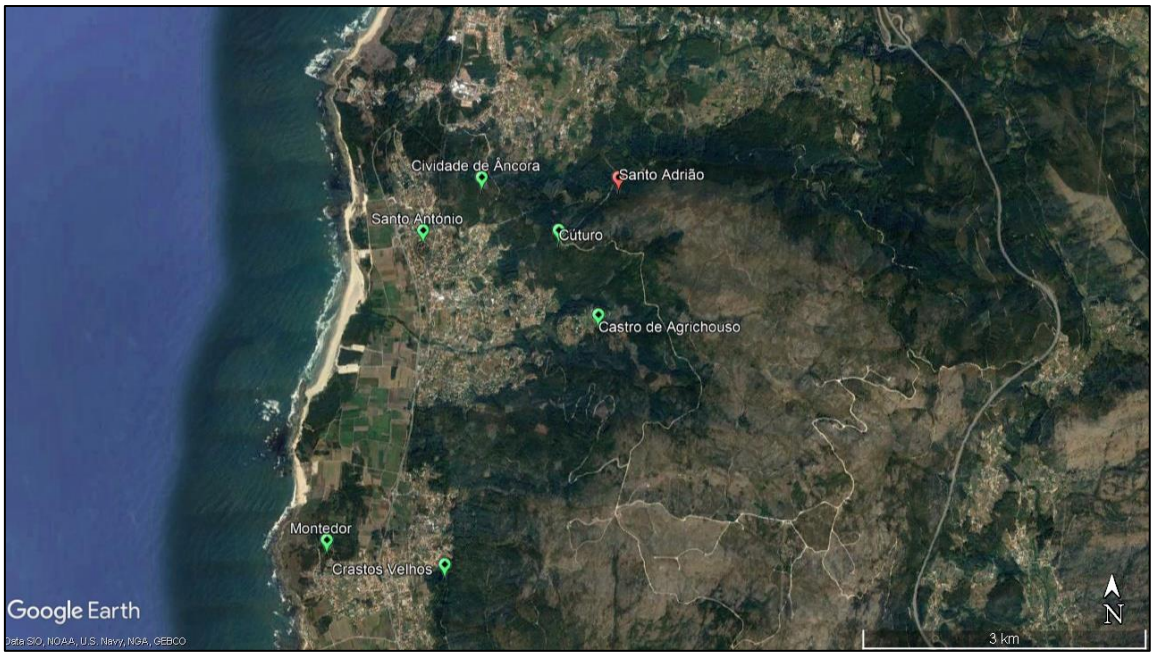
Hoje, o lugar encontra-se fortemente antropizado, não só pela construção da capela de Santo António, mas também da escadaria de acesso ao topo (Fig. 3.7). Além disto, a pequena estrada de acesso ao monte – como já se mencionou atrás – terá destruído parte das evidências arqueológicas, tal como o casario implantando nas suas vertentes nordeste, sul e sudeste.



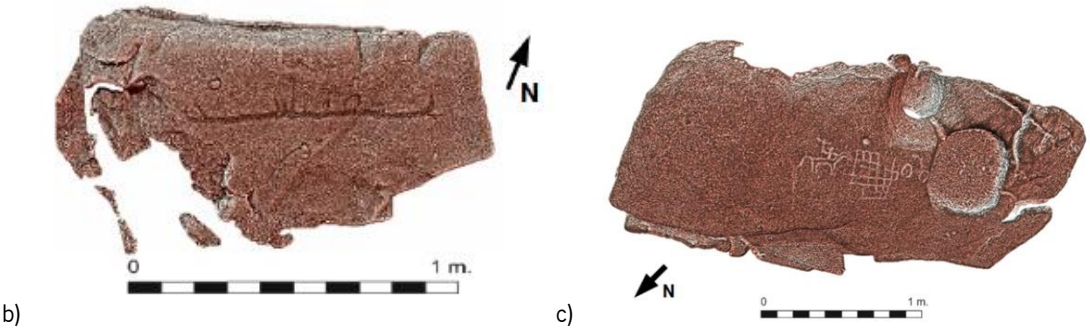
Fig. 3.7 Povoado de Santo António visto da planície (fotografia: Ana M. S. Bettencourt).

3.2.3. Contexto arqueológico

Em termos arqueológicos este povoado situa-se num território com inúmeros vestígios arqueológicos desde a Pré-história até à época romana. No período da Idade do Bronze há referências ao achado de um machado de talão, de local incerto (Meira, 1945), e às gravuras rupestres com representações de barquiformes, armas, cavaleiros armados e equídeos de Santo Adrião, em Âncora (Santos-Estévez e Bettencourt, 2017) (Fig. 3.8, b) e c)). Na Idade do Ferro há a registar diversos povoados, como o da Cividade de Afife/Âncora, o do Cúturo, Montedor (Silva, 1986), Crastos Velhos e Castro de Agrichouso (Almeida, 2008) (Fig. 3.8, a)). Todos eles a diferentes cotas e que delimitam o vale de Afife, de norte a sul, respetivamente, além de gravuras rupestres inclusas nesta cronologia, como as da Praia de Fornelos (Bettencourt *et al.,* 2017).



a)



b) c)

Fig. 3.8 a) Fotografia de satélite (fonte: *Google Earth)* do curso inferior da bacia do rio de Afife, com implantação de diversos povoados da Idade do Ferro e da localização de Santo Adrião; b) barquiformes de Santo Adrião (Santos-Estévez e Bettencourt, 2017), adaptado.

3.2.4. Escavações

As escavações conduzidas terão sido efetuadas até à rocha, como pode ser observado na última fotografia da figura seguinte (Fig. 3.9). Contudo, não se conhecem os relatórios, nem o arqueólogo responsável por estes trabalhos.

Como se observa pelas fotografias, estas escavações puseram a descoberto boa parte das estruturas existentes neste povoado. Ainda hoje, estas estruturas são observáveis sob a vegetação, no topo das vertentes norte, oeste e sudoeste. Reportamos, por exemplo, a existência de um muro de contenção ou resto de muralha, com cerca de 50 cm de espessura, isto na vertente norte e ainda uma casa redonda; na vertente oeste podemos visualizar (em 2018) várias casas redondas e uma de contorno oval que será fruto de um acrescento à estrutura circular (Fig. 3.10).

Devemos ainda acrescentar que existem vestígios de taludes, tanto na vertente norte, como este e oeste. A única vertente que poderá ainda estar conservada é a vertente este e no seu início.

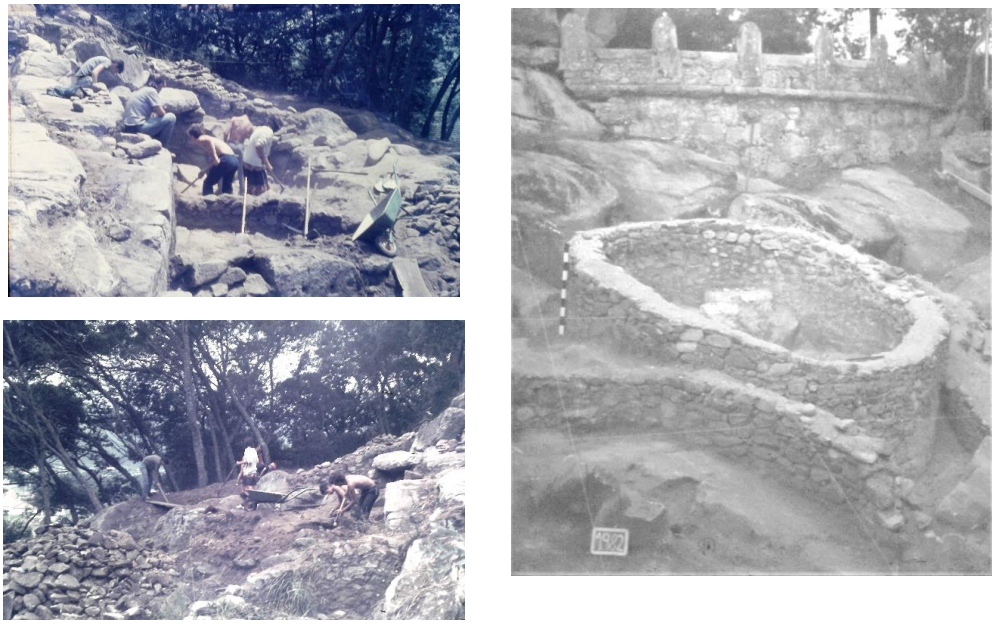


Fig. 3.9 Fotografias das escavações ocorridas nos anos 70 e 80 do século XX (fonte NAIAA).



Fig. 3.10 Fotografias atuais: a de cima muro de contenção (muralha) na vertente norte, próximo do topo; as duas de baixo são as estruturas à vista na vertente oeste. A da esquerda é a mesma estrutura da figura anterior.

3.2.5. Material cerâmico

O material que foi estudado foi o proveniente dos locais onde foram encontradas as estruturas que estão a descoberto. Por consequência, os fragmentos analisados terão a sua origem nas vertentes norte e do meio da vertente sudoeste e oeste do monte. Contudo, e como já se referiu não possuímos contexto estratigráfico para estes materiais. Foi efetuado apenas um estudo técnico e morfológico dos fragmentos.

Como já foi possível publicar parte deste trabalho num artigo[155] (Oliveira e Bettencourt, 2020) foram considerados na altura um total de 326 fragmentos cerâmicos. Após o estudo completo do espólio disponível aumentou o valor total dos fragmentos para 447.

3.2.5.1. Idade do Bronze Final

Quanto aos fragmentos enquadráveis nesta cronologia foram contabilizados um total de 114. Destes fragmentos apuramos 14 bordos, 14 bases, 74 bojos (dos quais 28 são decorados) e ainda 12 asas e arranques de asa (Fig. 3.11).

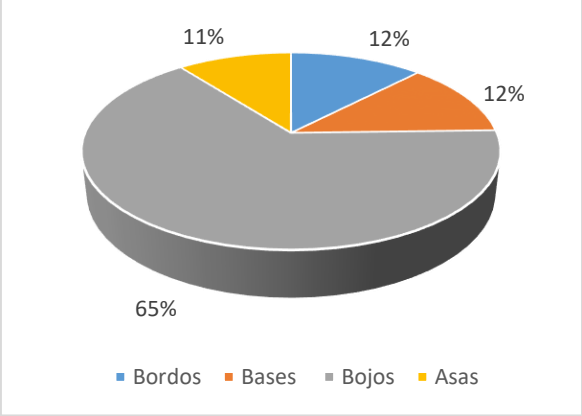


Fig. 3.11 Total de fragmentos estudados inseríveis na Idade do Bronze Final no Povoado de Santo António.

Os fragmentos apresentam apenas fabricos manuais, sendo as pastas arenosas (86%) e arenosas-micáceas (14%). As cozeduras são totalmente redutoras conferindo cores escuras aos recipientes, entre o castanho-escuro e o cinzento.

Quanto aos elementos não plásticos (E.N.P) a maioria, cerca de 98% é de pequena dimensão e o restante é de média dimensão. Os elementos não plásticos existentes resumem-se sobretudo a areias e alguma mica (sobretudo moscovite). Relativamente à textura dos fragmentos,

[155] Oliveira, N; Bettencourt, A.M.S. (2020). "O Povoado de Santo António (Afife, Viana do Castelo): dados e reflexões sobre as suas materialidades." Centeno, R.; Morais, R.; Soeiro, T.; Ferreira, D. (Coord.) *Congresso Internacional da Cultura Castreja. Identidade e Transições*. Actas do Congresso Cultura Castreja: Identidade e Transições, Edição Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

boa parte é de textura média 71%, a seguir a textura fina 23% e finalmente de textura grosseira apenas 6%. No que diz respeito ao tratamento das superfícies, estes são na sua maioria polidas (57%) e (43%) alisadas.

Foram identificados 15 bordos, dos quais 11 são esvasados (Fig. 3.12), 2 são em aba horizontal e 2 indeterminados.



Fig. 3.12 Potinho, (Forma10) muito polido e com decoração incisão, uma canelura na horizontal.

Foi possível identificar diversas formas indígenas: potes cuja variante 1b apresenta dois exemplares, a forma 1c (um exemplar), a forma 2 – pote (um exemplar), a forma 10 – potinhos / púcaros (Fig. 3.12; Fig. 3.13, c)) foram registados um total de nove exemplares (Fig. 3.13, a) e b)). Finalmente, registamos ainda a registar um recipiente, quase completo, que não possui bordo, de corpo Ovóide e base de fundo plano simples, que não existe na tabela tipológica de Bettencourt (1999; 2000). Há ainda um bordo cuja forma não se conseguiu apurar (Tab. 3.1).

Tabela 3.1 Quantidade de formas da Idade do Bronze em Santo António

Forma	NMI	%
Forma 1b	2	13,3 %
Forma 1c	1	6,7 %
Forma 2	1	6,7 %
Forma 10	9	60 %
Forma Ovóide	1	6,7 %
Indeterminado	1	6,7 %
Total	**15**	**100%**

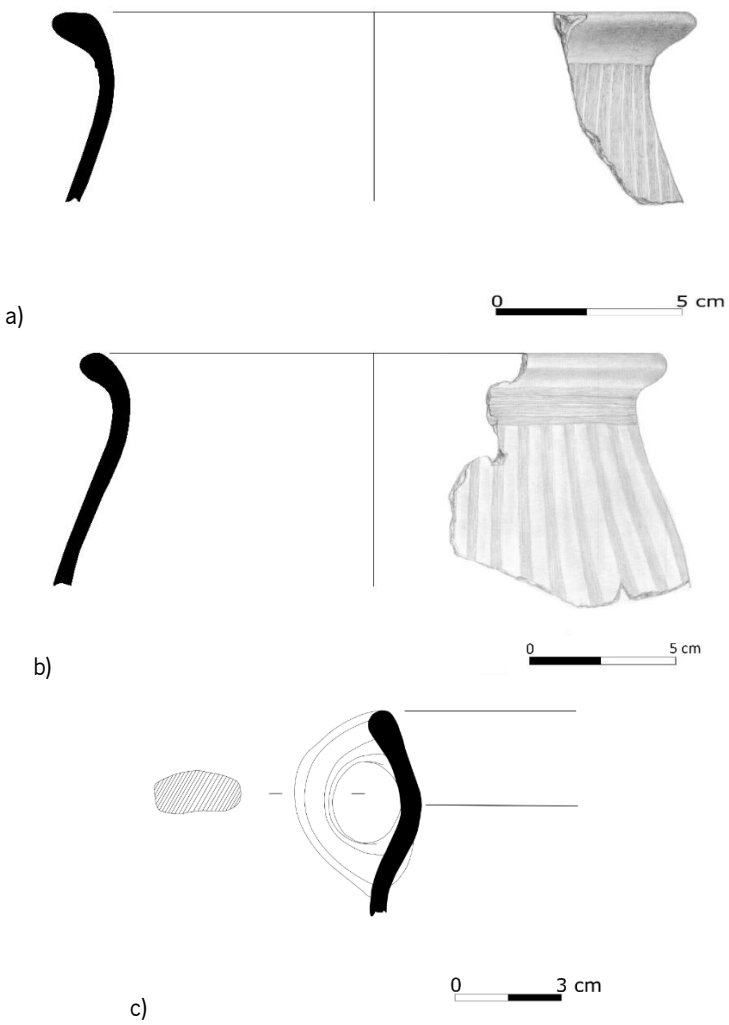


Fig. 3.13 Pote com bordo em aba horizontal (forma 1c) com a particularidade de ter decoração brunida a partir do colo; b) Pote da variante 2 com decoração brunida a partir do colo, com várias linhas na vertical; c) Púcaro (forma 10) com asa de seção pentagonal.

Quanto às bases foram identificados 14 fragmentos. Destes, 13 são de fundo plano simples (Fig. 3.14) e um indeterminado.

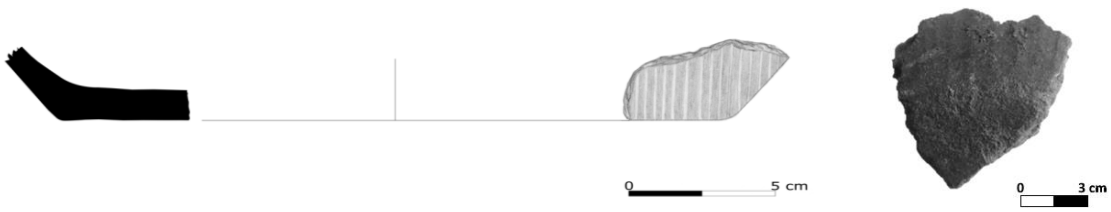


Fig. 3.14 Base de fundo plano simples e pança decorada com traços brunidos na vertical.

Relativamente aos fragmentos de asa, foram registados quatro bordos com arranque de asa onde não foi possível perceber a sua secção. Além destes quatro arranques foram estudadas

quatro asas de seção em fita e preensão vertical, uma asa secção pentagonal (Fig. 3.13, c) e ainda um arranque de asa, mas sem bordo.



Fig. 3.15 Asa com dois sulcos incisos longitudinais.

Quanto ao uso da cerâmica foi possível identificar 39 fragmentos (34%) com fuligem devido ao uso sobre o fogo, sendo registados nos potes e potinhos (formas 1 e 10)

No que diz respeito à decoração foram estudados 28 fragmentos. Entre eles 5 fragmentos são bordos decorados: 3 com a técnica do brunido, 1 com incisão, outro com uma perfuração, neste caso uma perfuração com origem num agrafo metálico de união entre fragmentos que terão partido. Os motivos são, no caso do brunido com linhas, tanto partindo do colo na zona exterior (Fig. 3.17), como brunido dentro da própria peça. A incisão apresenta-se com um sulco na horizontal no fim do colo.

Os restantes 23 fragmentos apresentam várias técnicas decorativas. Desse universo; 13 fragmentos apresentam incisões, 6 fragmentos brunidos (Fig. 3.13, a) e b); Fig. 3.18), 3 fragmentos com aplicação plástica, 1 fragmento apresenta espatulado e 1 apresenta estampagem. O espatulado encontra-se representado por múltiplas linhas em várias direções e, finalmente, a estampagem encontra-se por motivo retangular (Fig. 3.16).



Fig. 3.16 Decoração impressa com pequenos retângulos.

Quanto aos motivos, as incisões manifestam-se com sulcos na horizontal em número de 3 a 7 e na vertical 5, sulcos na vertical. A aplicação plástica manifesta-se com 1 a 2 cordões na horizontal, o brunido surge sobretudo em múltiplas na vertical e, em apenas um caso, foram

observadas várias linhas na horizontal e 4 na vertical. Destacamos ainda a peça Ovóide com ornatos brunidos (Fig. 3.18).

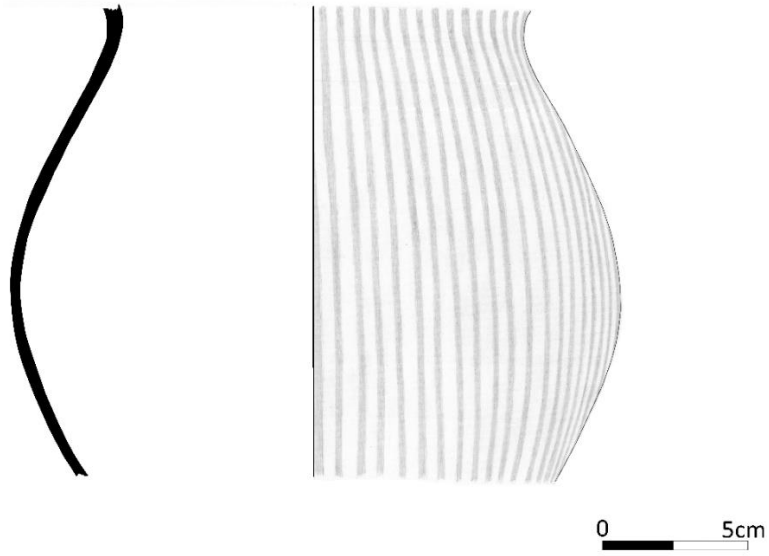


Fig. 3.17 Pança toda ela decorada por brunido.

Além dos aspetos puramente técnicos, foi também preocupação deste estudo observar as questões deposicionais e pós-deposicionais dos fragmentos. Apesar de neste caso específico não existirem contextos estratigráficos precisos, foi possível, ainda assim, notar algumas características deposicionais e de uso da cerâmica.

Com efeito, menos de metade dos fragmentos considerados estavam rolados (43%), o que indicia, apesar de tudo, um fraco índice de erosão e transporte sobre os fragmentos.

Já no que concerne ao tamanho dos fragmentos, observam-se os seguintes dados: 48 fragmentos < de 4 cm, 40 fragmentos com um tamanho entre 4 e 8 cm, e, finalmente, 26 fragmentos >8 cm. Além disso, muitos fragmentos colavam entre si[156] o que é mais um indício de que mesmo o local tendo sido perturbado nos finais do século XIX e durante a primeira metade do século XX, permite verificar que os níveis de ocupação e derrube, em certas áreas deveriam estar praticamente intocados, tendo em conta os preceitos de Brudenell e Cooper (2008).

[156] Além de duas peças das quais falaremos mais adiante.

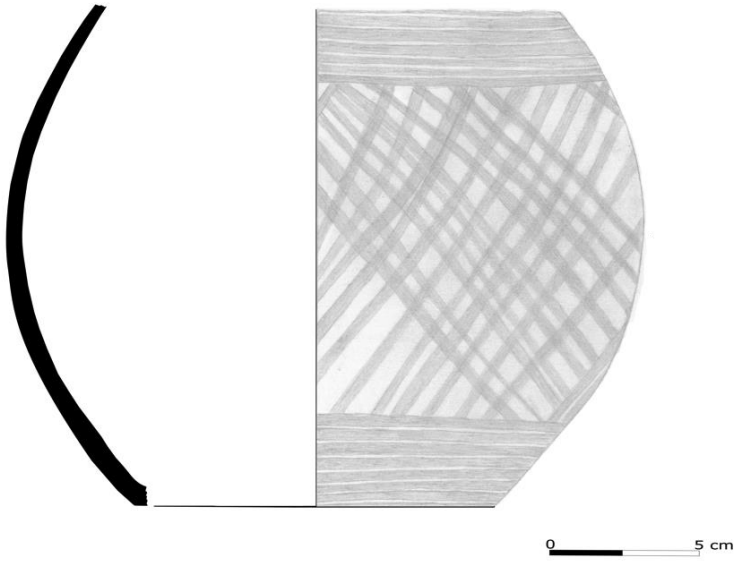


Fig. 3.18 Vaso Ovóide com reticulado brunido na pança e a ladear este reticulado temos ainda várias linhas brunidas na horizontal.

Prática metalúrgica

Durante o estudo deste espólio foi registado ainda um fragmento de cadinho que poderá ser deste período, cuja pasta é muito arenosa pelo que se aproxima das cerâmicas deste conjunto. Ainda assim não há certeza quanto à sua cronologia. Além disso, apresenta aderências metálicas (Fig. 3.19).

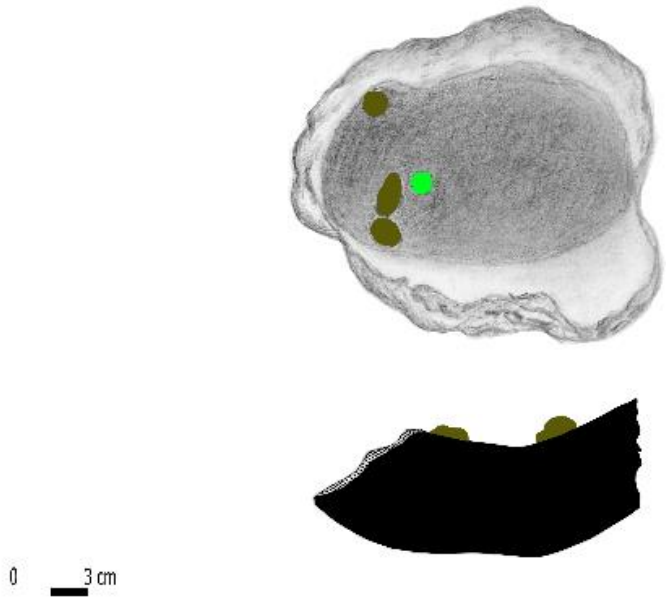


Fig. 3.19 Base (?) de cadinho com aderências metálicas.

3.2.5.2. Idade do Ferro Recente

No que diz aos fragmentos que podemos inserir nesta cronologia, foram estudados um total de 333 fragmentos. Deste universo, foram estudados 59 bordos, 30 bases, 227 bojos (destes 105 são decorados) (Fig. 3.21), 15 asas (incluindo bordos com arranques de asa) e ainda um fragmento de molde e um fragmento de bojo com aparentes restos de metalurgia (Fig. 3.20).

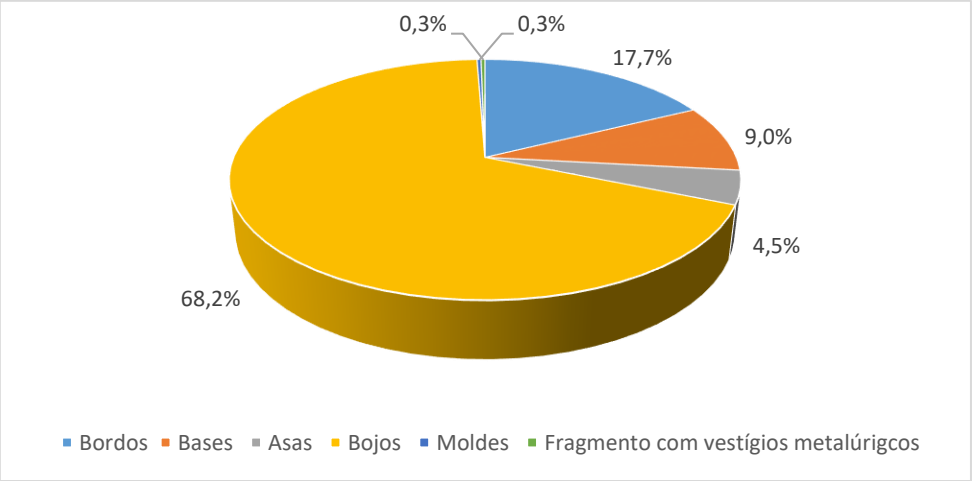


Fig. 3.20 Quantidade de fragmentos enquadráveis na Idade do Ferro Recente.

Os fragmentos estudados apresentam dois tipos de fabrico, um manual (88%) que corresponde a 292 fragmentos e os restantes 41 fragmentos são a torno (12%). Quanto às pastas, estas apresentam-se na sua maioria micáceas (91%) que corresponde a 302 fragmentos e os restantes 9% correspondem a 31 fragmentos micáceo-arenosos. No que diz respeito à cozedura, os fragmentos apresentam na sua maioria uma cozedura redutora (254 fragmentos) que totaliza 76% do total da amostra, e a cozedura oxidante apenas se constatou em 79 fragmentos, ou seja, nos restantes 24%. As cores dos fragmentos oscilam entre o castanho-claro, o bege e o vermelho-escuro.



Fig. 3.21 Fragmento de bojo decorado, com sulcos incisos, com uma série de SSS estampados e ainda uma estampagem segundo uma matriz tipo floral.

No que concerne aos elementos não plásticos (E.N.P) a sua maioria é de pequena dimensão (55%), de média dimensão apresenta-se em 39% dos fragmentos e de grande dimensão apenas se apresenta 6% do total considerado. Estes elementos não plásticos oscilam entre as micas (moscovite e biotite) e algumas areias que fazem parte da própria peça. Quanto à textura dos fragmentos, a sua maioria é de textura fina (187 fragmentos) com 56% do total, de textura média (134 fragmentos) representando 40% e, finalmente, grosseira (12 fragmentos) que apresenta apenas 4%. O tratamento das superfícies que foi possível observar é na sua maioria polida, correspondendo a 201 fragmentos – 60% e os restantes 132 fragmentos – 40%.

Foram identificados 59 bordos, dos quais 29 são esvasados, 16 são em aba soerguida, 13 são abertos e um indeterminado.

Relativamente às bases, foram registadas um total de 30 exemplares. Destas, 10 são de fundo plano alargado, 8 são de fundo plano simples e finalmente 3 são de pé alto (Fig. 3.22). Temos de destacar três pequenas bases de fundo plano simples (Fig. 3.23) cuja utilização iremos discutir mais à frente neste capítulo.

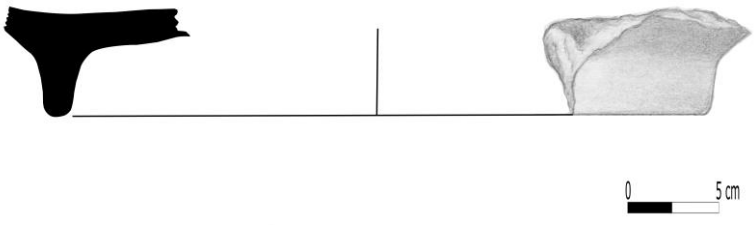


Fig. 3.22 Base pé alto.

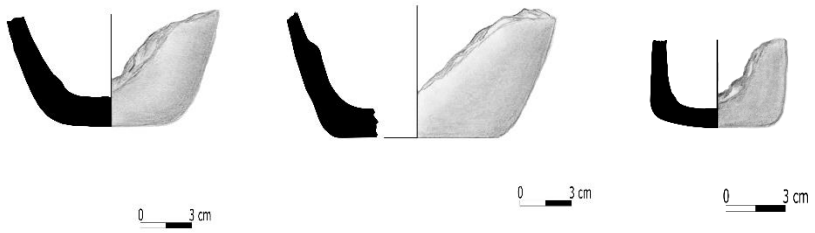
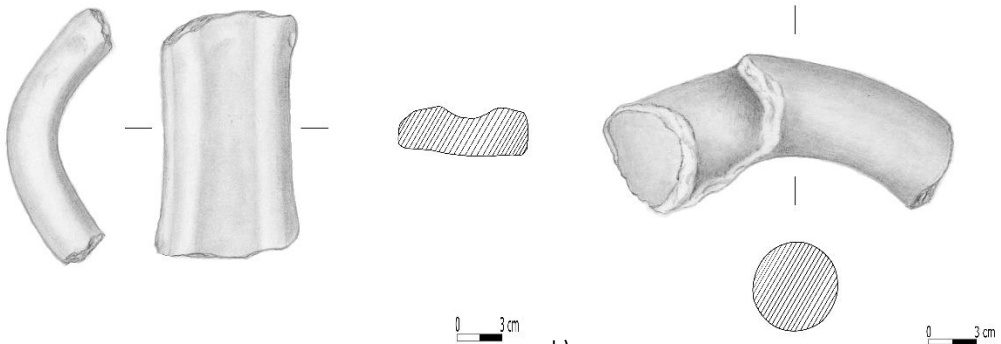


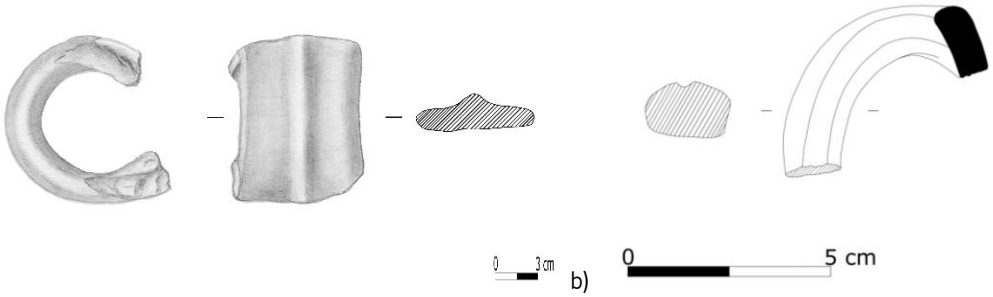
Fig. 3.23 Bases com diâmetros muito reduzidos.

Quanto às asas, estas subdividem-se em vários tipos de secção, nomeadamente, 4 exemplares são de secção pentagonal, 2 exemplares são de asa em orelha (correspondem à forma 6, referida atrás), temos ainda um exemplar de secção oval, outro de secção subcircular, outro de seção circular, outro em fita, um exemplar plano com uma depressão longitudinal, um exemplar com uma canelura central (Fig. 3.24; Fig. 3.25) e finalmente um outro exemplar com duas caneluras longitudinais.



a) b)

Fig. 3.24 Alguns exemplares de asas: a) asa com uma depressão longitudinal (Forma 2a); b) asa de seção circular (Forma 4).



a) b)

Fig. 3.25 Alguns exemplares de asas: a) asa com seção pentagonal e curvatura anelar (forma 2); b) asa com um sulco central, uma asa típica de forma Serra Tipo Toralla (Galiza) (Rey Castiñeira, 1990 – 1991, 1991, 2005).

Aqui, devemos considerar **3 produções distintas**: uma primeira e, na sua maioria representada por produções locais indígenas, onde as formas são em grande parte similares às

produzidas no vale do Cávado, na Idade do Ferro; uma segunda, em quantidade muito reduzida, mas ainda assim representativa, constituída por alguns casos de produções setentrionais[157], com origem nas Rias Baixas (Ria de Vigo) e foz do rio Minho, sendo por isso importações; finalmente, apenas se regista um caso de *imitação* de uma forma de cerâmica cinzenta fina, do sul da Península Ibérica.

Assim, no que diz respeito às **produções locais indígenas** podemos dividi-las em: Forma 1 (pote) 1 exemplar, Forma 1a (pote) 8 exemplares, Forma 1b (pote com bordo em aba soerguida) 12 exemplares (Fig. 3.28), Forma 2 (potinho/ púcaro) 11 exemplares, Forma 2a (púcaro) 6 exemplares (Fig. 3.27), Forma 2 c (púcaro com bordo em aba soerguida) um exemplar, Forma 3 (Malga/ Tigela) um exemplar, Forma 3 b (tigela) 2 exemplares, Forma 3 c (malga) um exemplar, Forma 4 (Panela de Asa interior) 10 exemplares, Forma 4 b (Panela de Asa interior com mais de 40 cm de diâmetro) (Fig. 3.29) um exemplar, Forma 5 (Talha) um exemplar (Fig. 3.30), Forma 6 (Panela de Asa em Orelha) (Fig. 3.31) dois exemplares[158] (Tab. 3.2; Fig. 3.26).

Tabela 3.2 Quantidade de Formas indígenas de Santo António na Idade do Ferro Recente

Tipologia	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	2 %
Forma 1 a (pote)	8	14 %
Forma 1b (pote)	12	21 %
Forma 2 (potinho/púcaro)	11	19 %
Forma 2 a (púcaro)	6	10 %
Forma 2 c (púcaro)	1	2 %
Forma 3 (malga/tigela)	1	2 %
Forma 3b (tigela)	2	3 %
Forma 3c (malga/tigela)	1	2 %
Forma 4 (panela de asa interior)	10	18 %
Forma 4 b (panela de asa interior)	1	2 %
Forma 5 (talha)	1	2 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	2	3 %
Total	**57**	**100%**

[157] Agradecemos a Josefa Rey Castiñeira e a Cristina Seoane Novo a ajuda na identificação estas produções setentrionais.
[158] Desta forma foram consideradas também as asas em orelha.

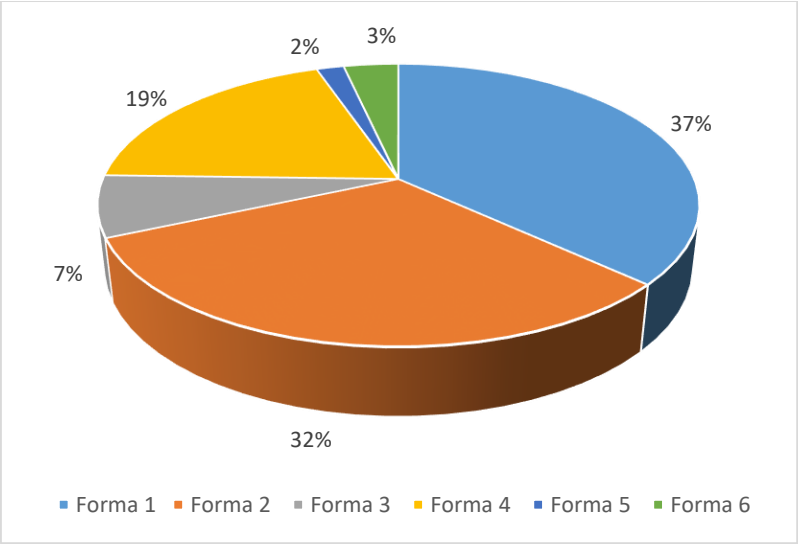


Fig. 3.26 Quantidade de Formas indígenas por formas, de Santo António na Idade do Ferro Recente.

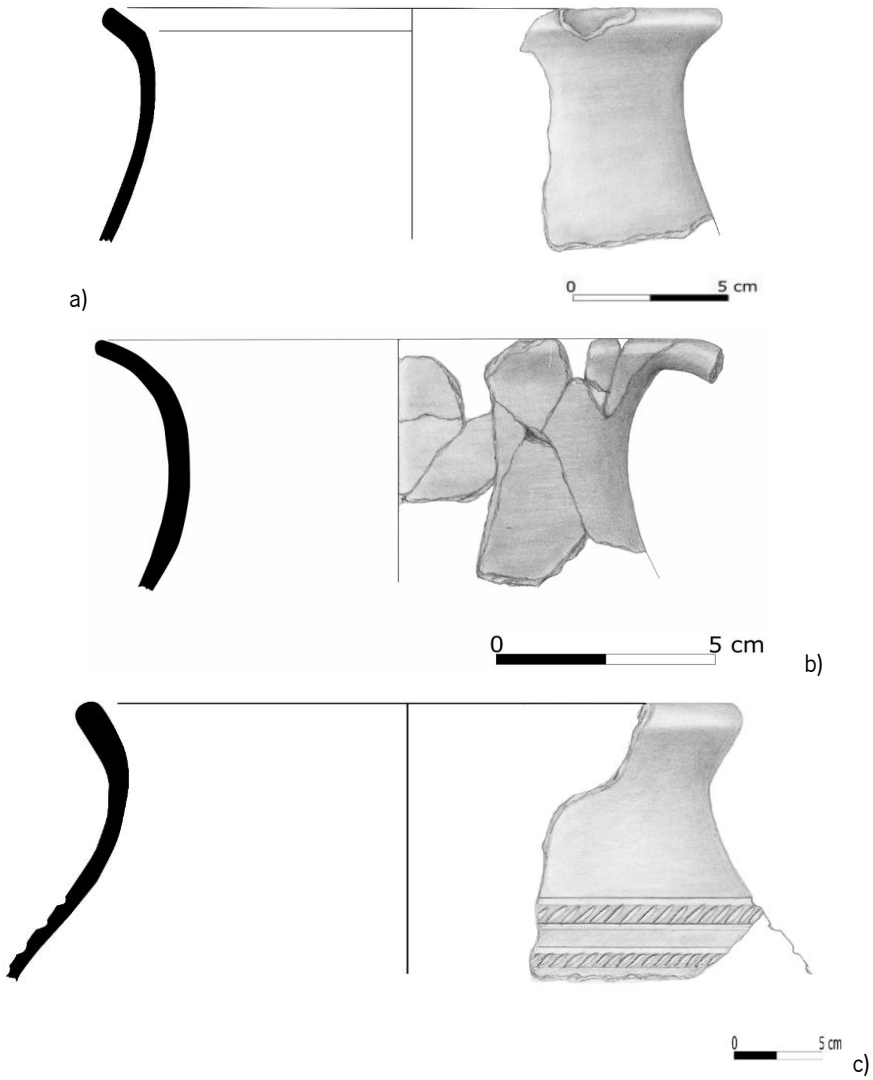


Fig. 3.27 Formas para consumo de bebidas - potinhos e púcaros: a) e b) forma 2a; c) forma 2 decorada por incisão.

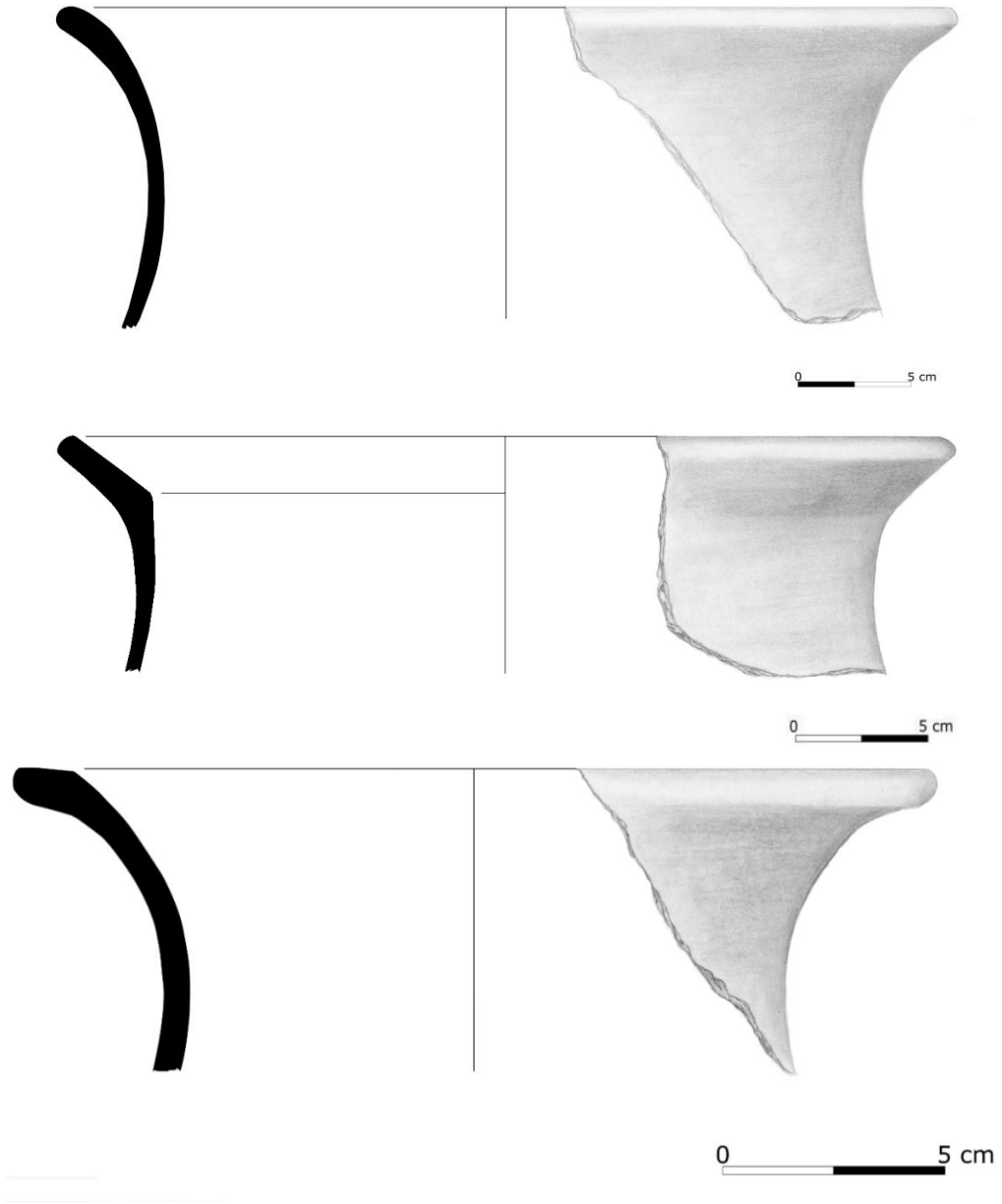


Fig. 3.28 Formas de armazenamento - Potes: forma 1a; forma 1b; forma 1c.



Fig. 3.29 Forma para preparação de alimento - panela de asa interior: forma 4.

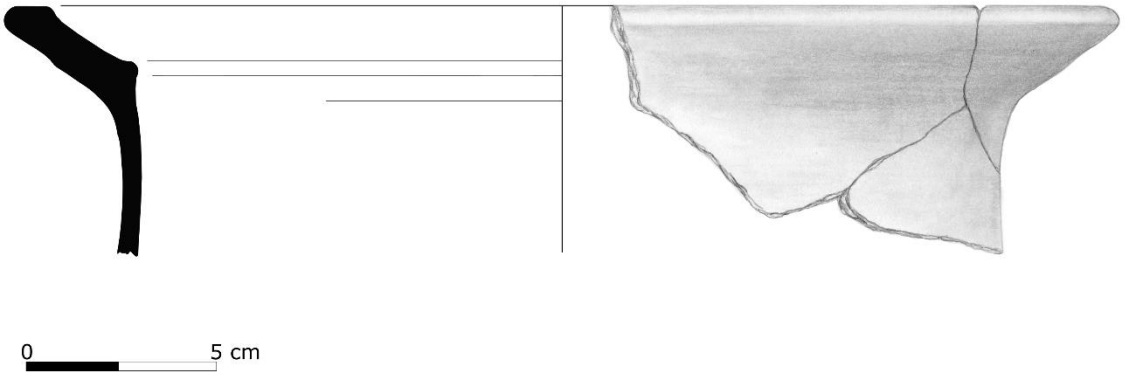


Fig. 3.30 Forma de armazenamento - talha: forma 5.

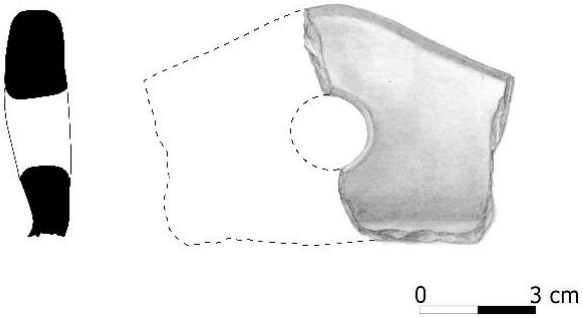


Fig. 3.31 Asa em Orelha, Forma 6.

Algumas das formas aqui apresentadas não foram apenas identificadas a partir dos bordos como também a partir de asas. Finalmente, em dois fragmentos que incluímos neste tipo de produção não foi possível determinar a sua forma devido ao seu tamanho diminuto. Foram ainda registados um cossoiro e uma tampa (Fig. 3.32; Fig. 3.33).

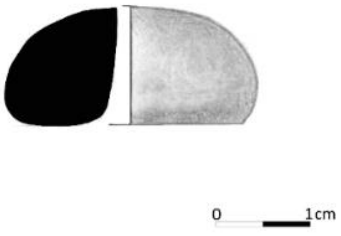


Fig. 3.32 Cossoiro.

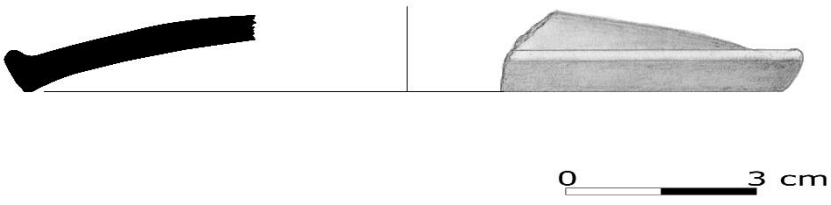


Fig. 3.33 Tampa.

Quanto às formas **típicas das Rias Baixas galegas** (Carballo Arceo, *et al*, 1988; Rey Castiñeira, 1990 – 1991, 1991), e partindo dos estudos cerâmicos elaborados por J. Rey Castiñeira (1991), nos quais explana as diferentes produções cerâmicas da Idade do Ferro na Galiza, podemos incluir neste estudo as seguintes formas[159]: vaso globular Tipo Ciés (um exemplar), vasilha de Tipo Forca (um exemplar), jarras de Tipo Toralla (dois exemplares) e ainda um exemplar de um bordo que podemos inserir vasos de bordo tipo Vigo (Tab. 3.3; Fig. 3.34).

Tabela 3.3 Quantidade de formas típicas da área setentrional em Santo António, na Idade do Ferro Recente

Tipologia	N.M.I.	%
Tipo Cíes	1	20 %
Tipo Forca	1	20 %
Tipo Toralla	3	40 %
Tipo Vigo	1	20 %
Total	**4**	**100%**

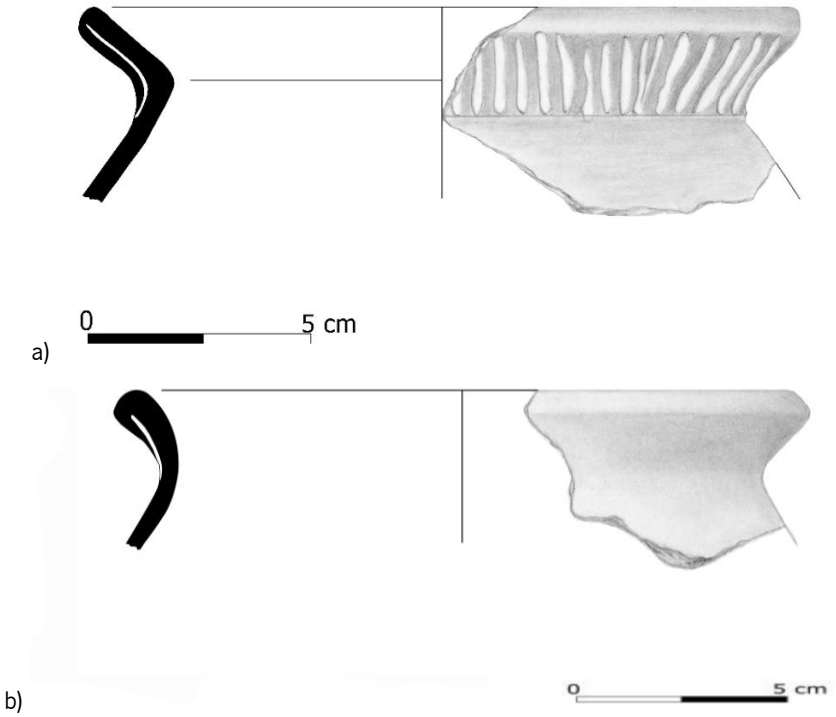


Fig. 3.34 Material importado da região da Rias Baixas: a) vaso com bordo Tipo Vigo; b) Vaso tipo Ciés.

No que diz respeito à **imitação** destacamos um bordo esvasado (Fig. 3.35), com pasta micácea de produção local, mas com uma aguada ou espécie de engobe negro que, pela forma,

[159] Partindo não só de bordos como também de fragmentos decorados.

parece uma imitação de cerâmica cinzenta fina, do sul da Ibéria, tendo por base **o tipo 2 de** *Lamboglia* (Lamboglia, 1952), datadas dos séculos II / I a.C.

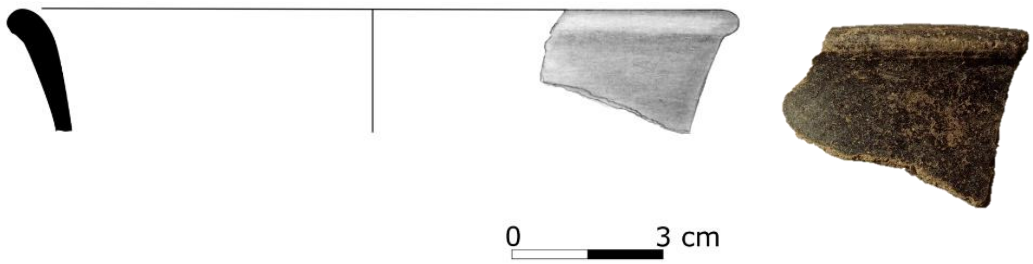


Fig. 3.35 Imitação de cerâmica do sul da Ibéria (tipo 2 de Lamboglia).

Finalmente, quanto ao uso da cerâmica foi possível identificar 82 fragmentos (25%) com fuligem devido ao uso sobre o fogo. Surgem sobretudo em formas indígenas, como formas 1, 2 e 4. Surge também fuligem devido ao uso em formas importadas como é o caso das formas Tipo Cíes e Vaso Tipo Forca.

Quanto às formas individualizadas, foram contabilizadas um total de 63 formas partindo não só da análise de bordos, como também de asas e decorações (Fig. 3.36).

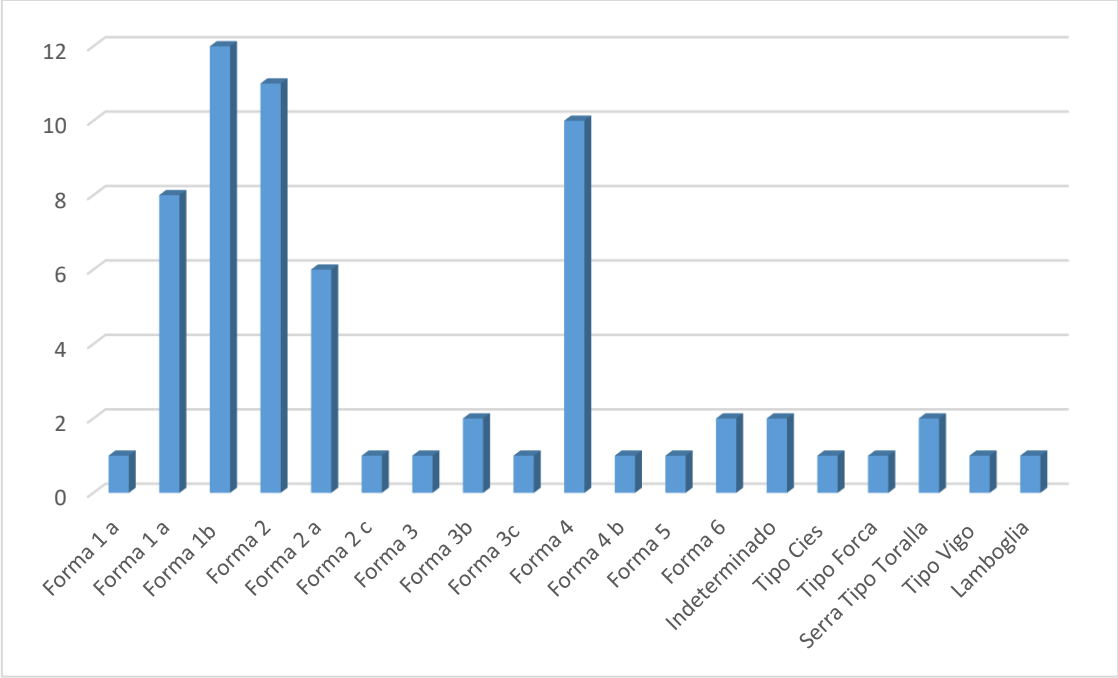


Fig. 3.36 Total de formas inseríveis na Idade do Ferro Recente no Castro de Santo António.

Dos 333 fragmentos estudados e inseríveis nesta cronologia foram estudados um total de **119 fragmentos decorados**, o que corresponde a **36%** do total considerado.

Deste universo decorativo de 119 fragmentos, 13 destes foram encontrados em bordos, uma base encontrava-se decorada e 105 bojos encontravam-se decorados (Fig. 3.37; Fig. 3.40). Na sua maioria não foi possível depreender qual a forma a que determinada decoração podia pertencer, isto porque boa parte dos fragmentos são tamanho diminuto.

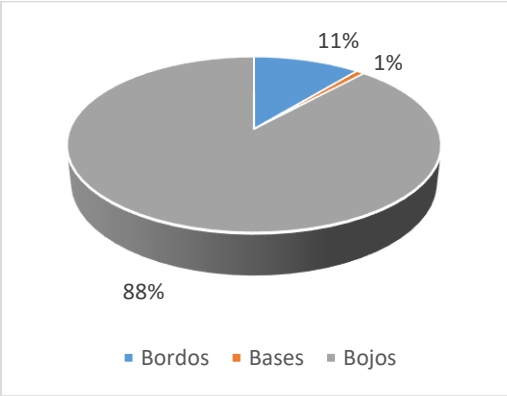


Fig. 3.37 Percentagem corresponde de decorações conforme a sua localização na peça.

No que diz respeito aos bordos, foram registados um total de 5 exemplares com brunido, que se manifesta por vários sulcos incisos na vertical e horizontal.

No caso do bordo aberto com duas perfurações estas encontram-se junto ao bordo. No caso dos sulcos incisos, estas manifestam-se em conjuntos de 1 ou 4 sulcos incisos na horizontal, a partir do colo e, em alguns casos, com múltiplos sulcos oblíquas também incisas em direção ao bojo. Há apenas um caso em que as incisões são feitas sobre a parte externa do colo com um estilete e com dimensão variável. Este é o caso da Forma Tipo Vigo (Fig. 3.34, a)) Há, como já se disse atrás, um bordo com uma espécie de aguada ou engobe negro podendo tratar-se de uma imitação de uma forma do sul da Ibéria.

Quanto a bases com decoração apenas foi estudado um exemplar. Este com uma decoração incisa, com motivos de apenas duas linhas incisas que se cruzam.

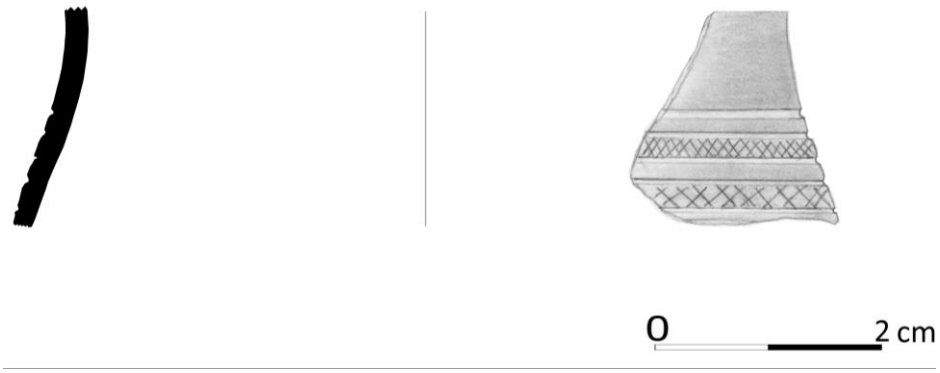


Fig. 3.38 Decoração por incisão (seis sulcos incisos, e duas zonas com incisões cruzadas) de uma forma 2 (Potinho/Púcaro).

Foram estudados, em termos de decorações simples: 36 fragmentos incisos (Fig. 3.38), 7 fragmentos com aplicação plástica, 5 fragmentos por brunido, 4 fragmentos com estampagem e 1 fragmento com impressões (dedadas). Quanto aos motivos aplicados com a técnica da incisão temos, normalmente, 1 a 4 sulcos incisos na horizontal, e paralelas; noutros casos 3 sulcos incisos ou 2 sulcos incisos horizontais, seguidas de bandas com sulcos incisos paralelas na oblíqua; outros casos há em que se nota 2 a 4 sulcos incisos na vertical sob o bojo. Há ainda o registo de um fragmento com 6 sulcos incisos feitos de forma leve (riscada), seguida de 3 incisões formando um motivo oblíquo. Quanto à aplicação plástica esta manifesta-se sob um ou dois cordões na horizontal. No que respeita ao brunido, ele surge sobretudo com vários sulcos, tanto na horizontal como vertical sobre os fragmentos, e são feitos provavelmente com um seixo. A estampagem surge através de círculos concêntricos ou de séries de SSS (Fig. 3.39).

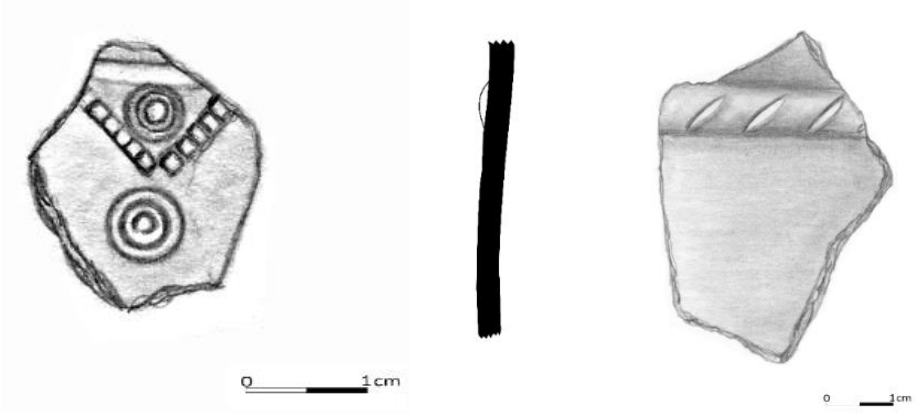


Fig. 3.39 Bojos decorados com decoração compósita: da esquerda por incisão (canelura incisa) e impressão porque pequenos quadrados formando um triângulo e entre ele dois círculos concêntricos; a da direita por aplicação plástica (cordão aplicado) e incisão (3 pequenas incisões oblíquas).

Ainda assim, em termos de técnicas utilizadas, temos uma multiplicidade e variada mistura de técnicas. Com efeito, foram estudados em termos de decorações compósitas 54 fragmentos, os quais estão representados na seguinte figura (Tab. 3.4; Fig. 3.40).

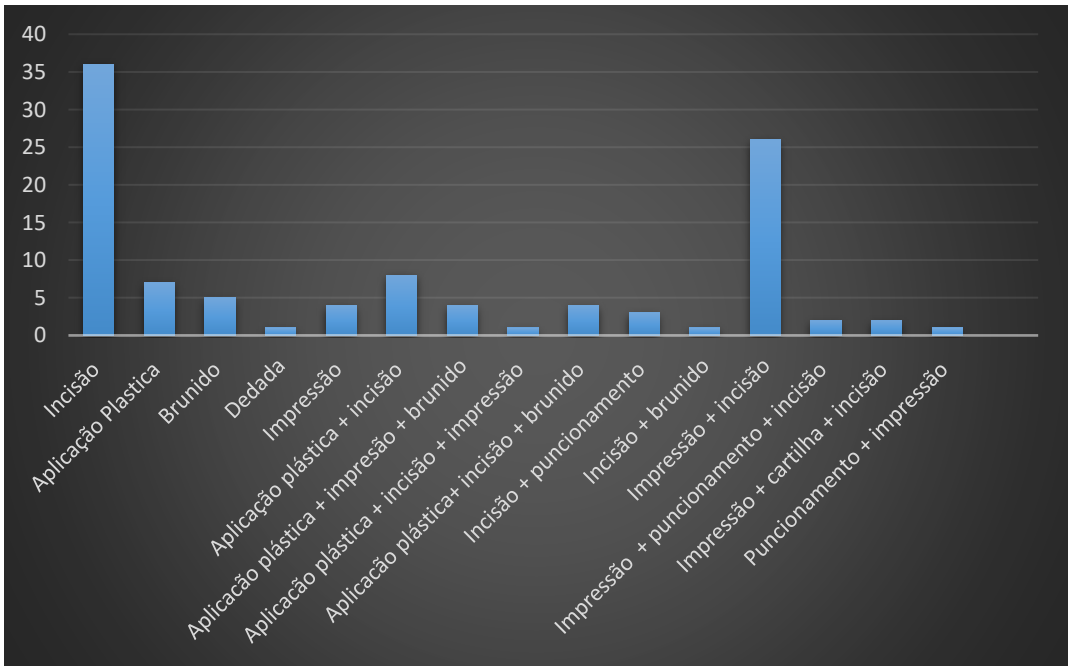


Fig. 3.40 Quantidade de técnicas decorativas em bojos, na Idade do Ferro no Castro de Santo António.

Quanto aos motivos por decoração compósita, e iniciando pelos motivos feitos através da **estampagem e incisão** (Fig. 3.39) num mesmo fragmento ocorre, sobretudo, em conjugação de sulcos incisos com estampagem de séries de SSS, muitas vezes com intervalos entre os sulcos incisos, 2 e 3 séries de SSS. Surgem também motivos vegetalistas, motivos triangulares, motivos retangulares, entrelaçados, círculos concêntricos, todos estes alternados por sulcos incisos. Há ainda a destacar um fragmento de Serra Tipo Toralla (Rey Castiñeira, 1990 – 1991, 1991, 2005) (Fig. 3.41): 3 sulcos incisos horizontais, seguida de um motivo floral ou marinho, estampado, depois 3 sulcos incisos, uma série de SSS, seguida de 3 sulcos incisos, uma nova série de SSS, seguida de 3 sulcos incisos e finalmente uma série de figuras piscícolas com cabeça para cima.

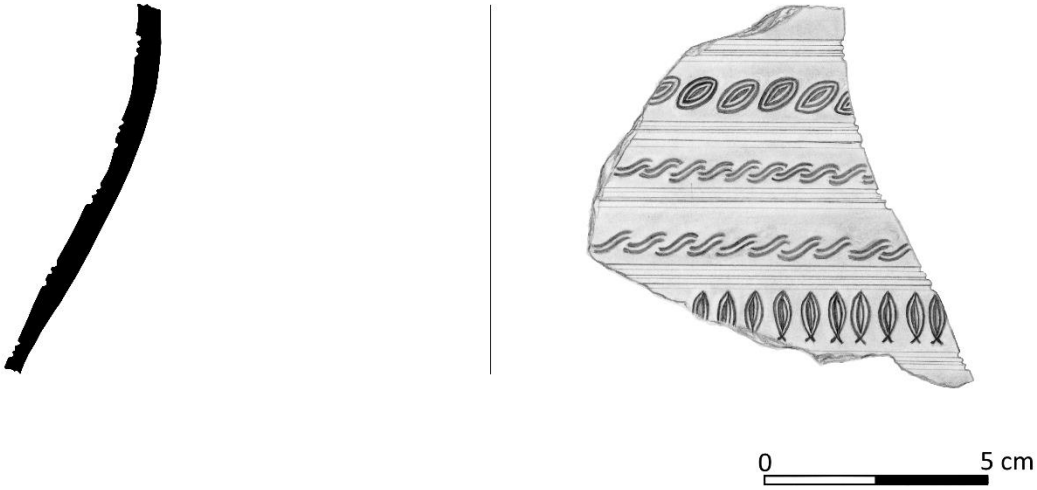


Fig. 3.41 Colo de um Vaso Serra Tipo Toralla, decorado.

Tabela 3.4 Técnicas e quantidade de fragmentos com decoração compósita

Decoração compósita	Nº. Frag.
Aplicação plástica e incisão	8
Aplicação plástica e impressão e brunido	4
Aplicação plástica e incisão e impressão	1
Aplicação plástica e incisão e brunido	4
Incisão e puncionamento	3
Incisão e brunido	1
Impressão e incisão	26
Impressão e puncionamento e incisão	2
Impressão e cartilha e incisão	2
Puncionamento e impressão	1
Total	**52**

No que concerne aos motivos produzidos por **puncionamento e impressão** apenas se registam dois. Nestes casos temos uma linha puncionada e uma série de SSS e noutro caso temos um puncionamento formando pequenos retângulos seguidos de uma serie de SSS.

No que respeita aos fragmentos produzidos por **puncionamento e incisão** temos 4 fragmentos que apresentam apenas dois sulcos incisos, seguida de uma banda com pequenos quadrados.

Relativamente à **aplicação plástica e incisão** registam-se várias modalidades, desde 4 sulcos incisos horizontais, e um cordão entre a 3ª e 4ª linha, ou uma linha incisa e cordão na horizontal, por vezes duas. Regista-se também um exemplar com um cordão horizontal, duas bandas formadas por dois sulcos incisos que no seu interior possui incisão cruzada e no meio destas duas bandas estão outras dois sulcos incisos horizontais (Fig. 3.42).

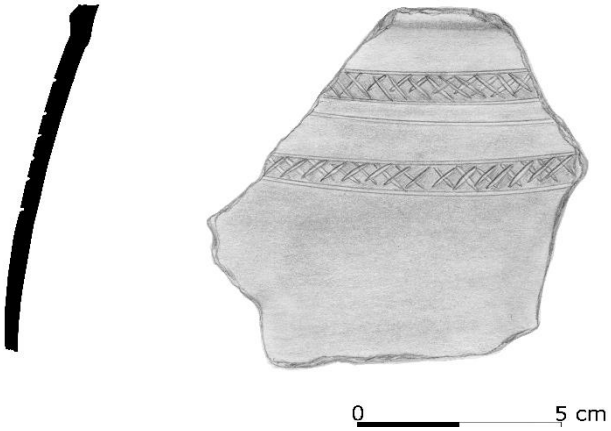


Fig. 3.42 Decoração compósita: aplicação plástica (1 cordão), incisão (5 sulcos incisos, entre a 1º e a 2º sulco e entre a 4º e 5º sulcos, surgem séries de incisões cruzadas).

No que respeita aos fragmentos produzidos por **puncionamento, incisão e impressão** apenas se apresenta dois casos. Num caso temos 6 sulcos incisos, uma delas preenchidas com pequenos puncionamentos, seguida de uma serie de SSS estampados e pelo menos 4 sulcos verticais, que partem do 4º sulco horizontal verificada na peça. Outro fragmento apresenta uma linha incisa, seguida de uma linha com puncionamento e uma serie de SSS estampados.

Apenas se regista um fragmento com **brunido, incisão e aplicação plástica ou com impressão** (Fig. 3.43). Nesse caso o brunido apresenta-se com sulcos horizontais em toda a superfície, há um cordão aplicado na horizontal, seguido de sulcos incisos obliquas formando um ziguezague.

Registam-se dois casos com **brunido, aplicação plástica e impressão.** São praticamente idênticos, contudo, num primeiro caso são mesmo séries de SSS, já no outro caso é uma espécie de entrelaçado[160] e ocorre três vezes na peça. A sua descrição é parecida: é composto por várias sulcos brunidas no colo na vertical, dois cordões na horizontal que aquando da colocação deve ter sido feita uma espécie de marcação porque ainda hoje se encontram uma espécie de sulcos incisos por cima e por baixo dos cordões, e entre o segundo cordão estão duas séries de SSS impressos (Fig. 3.45, a), b), c), e)).

[160] Como aqueles que ocorrem, por exemplo, na escultura arquitetónica da Idade do Ferro, nos umbrais das portas.

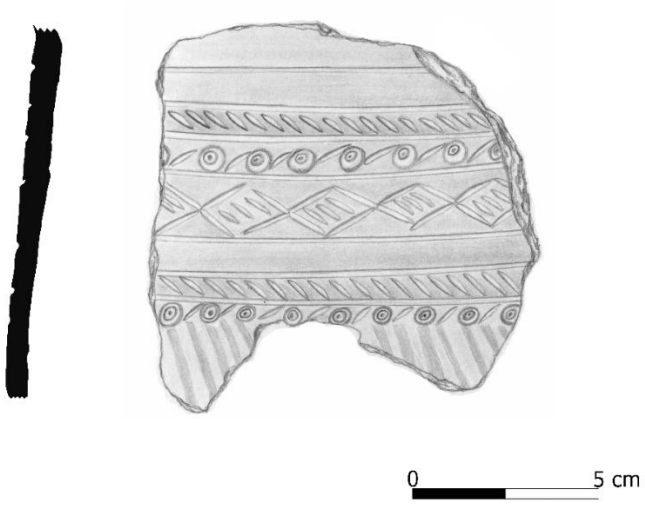


Fig. 3.43 Bojo com decoração compósita: incisão, impressão e brunido.

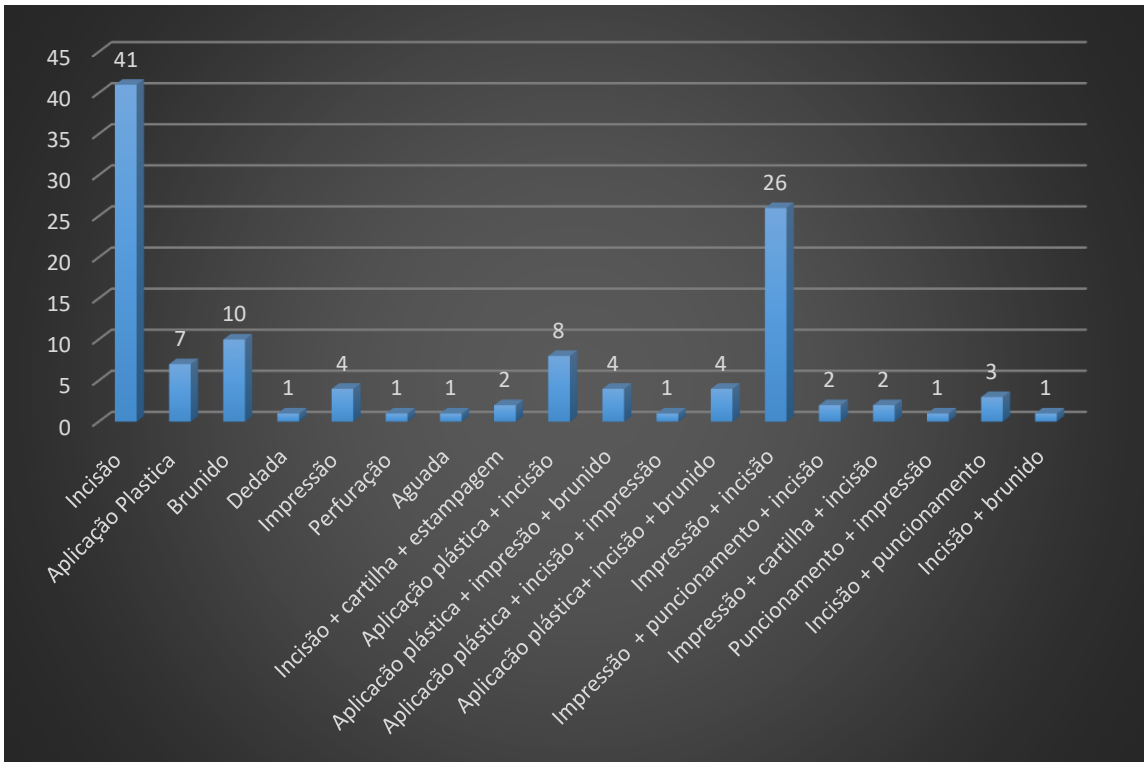


Fig. 3.44 Total de decorações consideradas na Idade do Ferro para o Castro de Santo António.

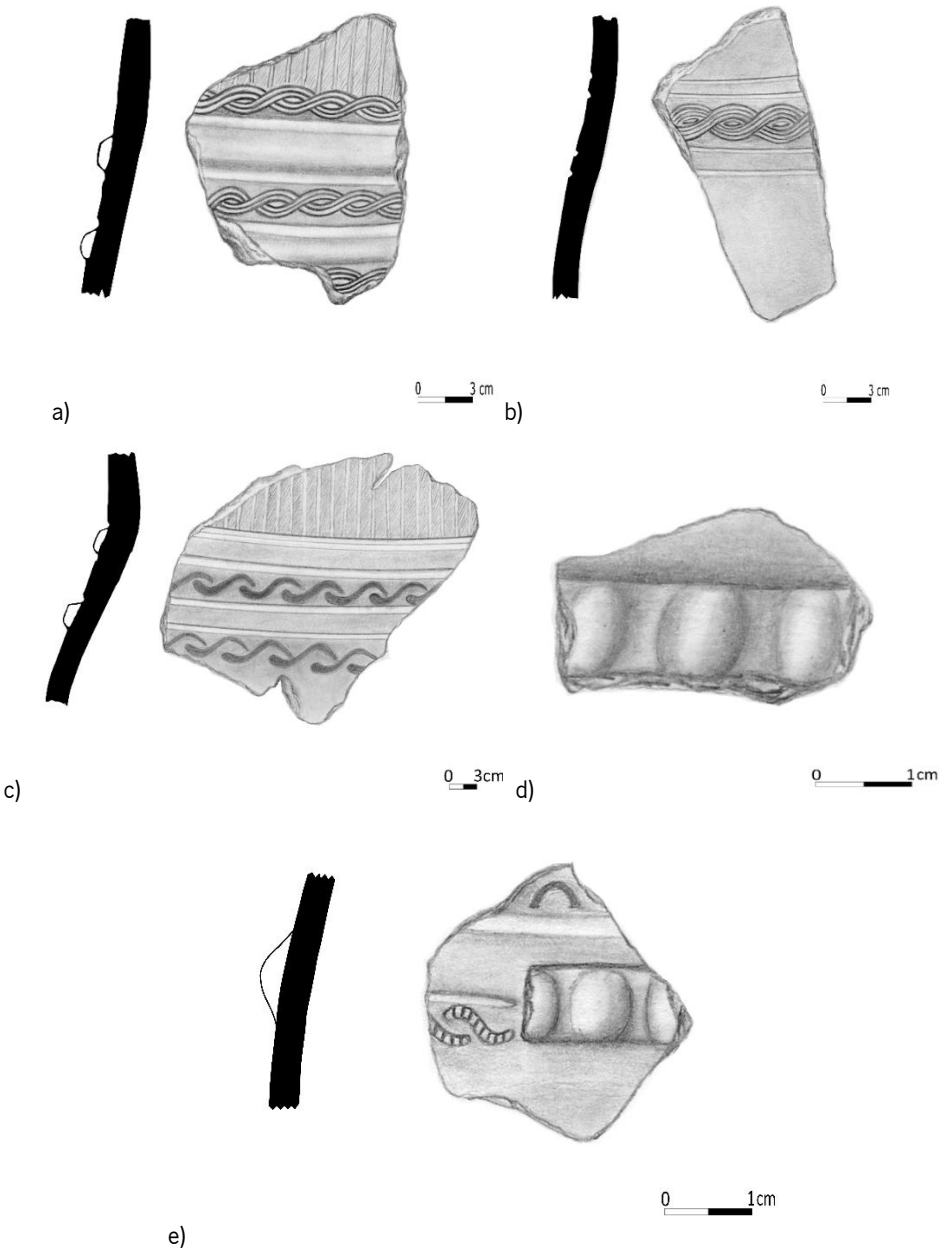


Fig. 3.45 Decoração em bojos: a) apresenta decoração por brunido (vários segmentos na vertical); seguido de 1 motivo entrelaçado inciso; aplicação plástica (1 cordão); seguido de uma incisão (1 canelura) e a mesma sequência repete-se mais 2 vezes; b) apresenta decoração por incisão (4 sulcos incisos) e no meio destas 1 motivo entrelaçado; c) apresenta decoração por brunido (vários segmentos na vertical); aplicação plástica (1 cordão); seguido de uma incisão (1 sulco inciso); seguido de uma série de SSS), esta sequência repete uma vez mais; d) aplicação plástica (pequeno cordão aplicado seguido de 3 pequenos mamilos colocados por cima (imitando rebites?); e) apresenta decoração compósita: impressão (por motivo semicircular); seguido de uma canelura (incisa) muito suave; seguido de uma canelura incisa que culmina numa aplicação plástica (pequeno cordão aplicado seguido de 3 pequenos mamilos colocados por cima (imitando rebites?) e por baixo da canelura incisa uma série de SSS impressos.

Finalmente, temos ainda a considerar a forma Vaso Tipo Forca (Fig. 3.46) (Carballo Arceo, *et al*, 1988; Rey Castiñeira, 1990 – 1991, 1991, 2005), no qual existe meio perfil, e cuja

decoração possui uma linha incisa, uma linha em cartilha formando uma depressão com pequenos quadrados, seguido de uma serie de SSS, ou mesmo entrelaçados, formando em alguns casos uma pequeno circulo lembrando os círculos concêntricos das sítulas em bronze, também desta época, seguido novamente de uma linha em cartilha, formando uma depressão com pequenos quadrados, seguida de dois sulcos incisos; e na última canelura temos grupos de 5 sulcos incisos na vertical em direção ao bojo. Esta decoração com **cartilha** apresenta-se em vários fragmentos todos da mesma peça.

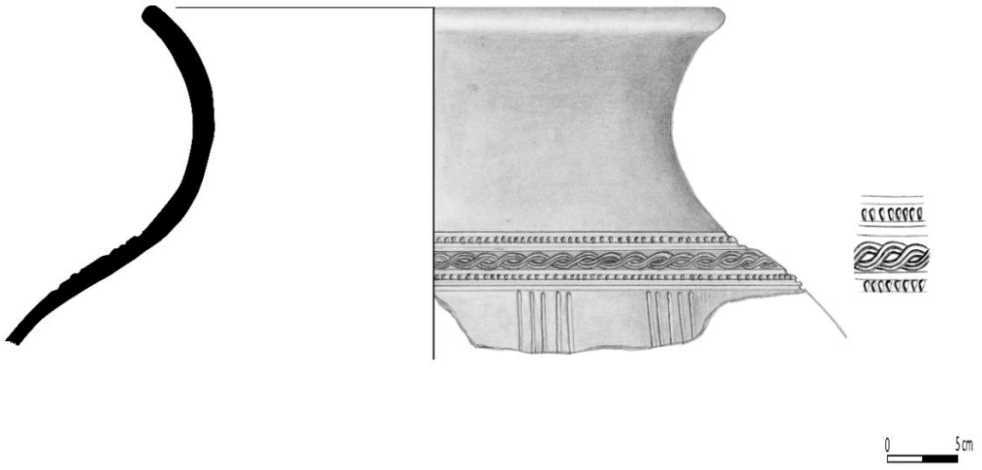


Fig. 3.46 Vaso Tipo Forca.

No que respeita a estes fragmentos aqui estudados foram também analisados os aspetos que se relacionam com as questões deposicionais e pós-deposicionais dos fragmentos. Notamos, tal como para o período anterior, algumas características interessantes quanto a essas questões.

Por conseguinte, mais de metade dos fragmentos considerados estavam rolados (51%), o que indicia que os níveis estratigráficos superiores possuíam um considerável índice de erosão e transporte dos fragmentos.

Quanto ao tamanho dos fragmentos observa-se os seguintes resultados: 195 fragmentos < de 4 cm, 121 fragmentos com um tamanho entre 4 e 8 cm, e, finalmente, 17 fragmentos <8 cm. Deve dizer-se que alguns fragmentos, sobretudo bojos e bases, eram bastante pequenos. Apesar disso, boa parte dos fragmentos estarem rolados, muitos foram os casos em que foi possível fazer colagens e / ou se verificavam colagens mais antigas. Isto permite colocar a hipótese de que os níveis de ocupação e derrube, em certas áreas, deveriam estar praticamente intocados, seguindo os conceitos de Brudenell e Cooper (2008).

Durante o estudo deste espólio foi registado ainda um fragmento de um cadinho que poderá ser deste período, cuja pasta é muito arenosa pelo que se aproxima das cerâmicas deste conjunto. Ainda assim não há certeza quanto à sua cronologia. Além disso, apresenta aderências metálicas que na sua aparência parece escória de ferro (Fig. 3.47). Foi ainda estudado um outro fragmento com vestígios de metalurgia, mas muito diminuto.

Foi ainda encontrado, no local de depósito, alguns nódulos de metal fundido talvez de ferro.

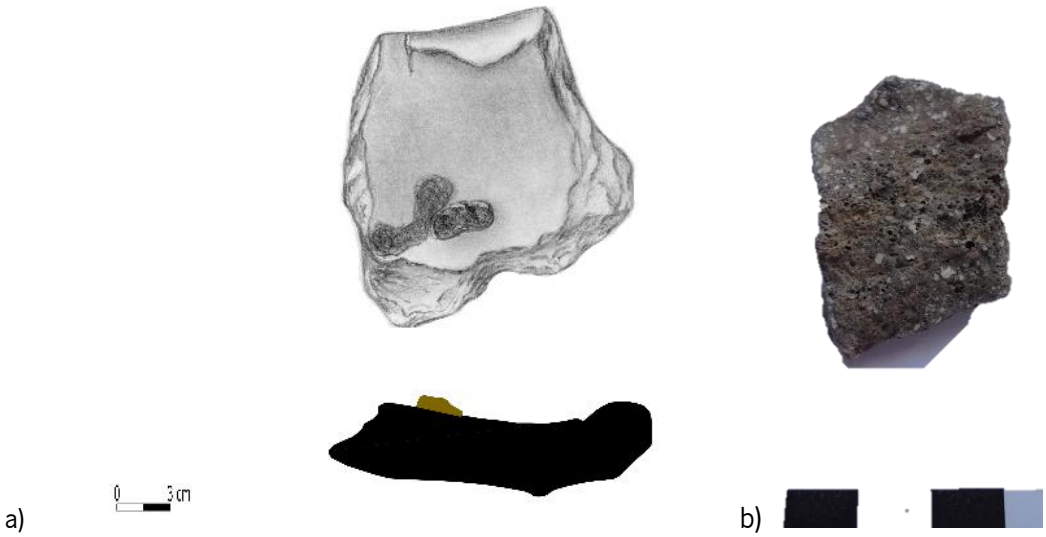


Fig. 3.47 Fragmento com vestígios de práticas metalúrgicas: a) de cadinho com aderências do que parece minério de ferro; b) fragmento com vestígios de prática metalúrgica.

3.2.5.3 Romanização[161]

Foram ainda estudados materiais de influência romana que correspondem a um total de 30 fragmentos. De forma sucinta, foi registada uma asa de ânfora de tipo Haltern 70, um fragmento de cerâmica fina tipo bracarense; um bordo, realizado a torno, mas com pasta micácea que parece ser uma imitação de uma forma de cerâmica comum romana (Fig. 3.48). Há ainda a registar materiais de construção, como escassos fragmentos de tégula.

É de referir que, tal como acontece na cerâmica que pode ser produzida por oficinas itinerantes, o trabalho da pedra também poderia ser realizado dessa forma por oficinas. Portanto, poderiam existir oficinas de pedreiros que desenvolveriam o seu trabalho em diversos locais (Naveiro, 1991a). Esta questão é suscitada aqui devido à inscrição de que já se tratou no início deste trabalho e que revela em contexto da romanização (séc. I / II d.C.) (Redentor, 2017: 210,

[161] Agradecemos ao Dr. Jorge Ribeiro (UAUM) pelo apoio no que diz respeito a estes fragmentos.

vol. II), que em Santo António terão estado pedreiros na reconstrução (?) da muralha deste povoado, conforme atesta essa informação epigráfica.

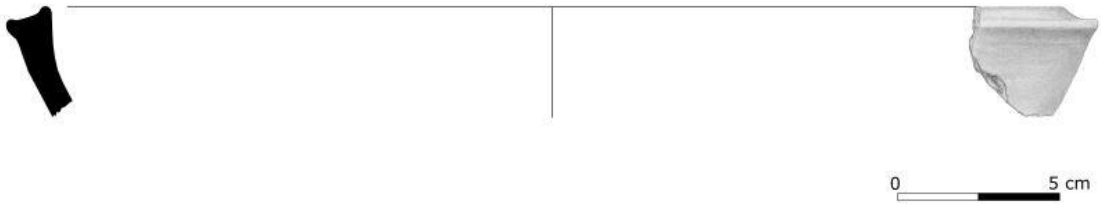


Fig. 3.48 Forma comum romana de pasta micácea.

3.2.6. Datações de radiocarbono[162]

Foi realizada uma datação de radiocarbono à forma cerâmica de tendência Ovóide decorado por reticula brunida. Foi retirada fuligem no interior dessa forma (Tab. 3.5).

Tabela 3.5 Datação de radiocarbono de vaso Ovóide do povoado de Santo António

Ref. Lab.	**Contexto**	**Datação BP**	**Calib. 1 sigma** (68.3%)	**Calib. 2 sigma** (95.4%)
Beta Analytic - 594651 - 2018.5207	Fuligem de vaso com ornatos brunidos	2470 +/- 30 BP	**752-682 (28.8%)** 592-539 (20.2%)	**766-465 (93.4%)** 436-422 (2.1%)

A 2 sigma a probabilidade aumenta para 93,4% desta datação seja entre meados do séc. VIII a.C. e meados do séc. V a.C. é aquela que mais e adequa à data destas cerâmicas no sul da Península Ibérica.

3.2.7. Cronologia e Fases de ocupação

Com base nos dados aqui apresentados foi possível estabelecer, pelo menos dois momentos de ocupação cronológico-culturais, ainda que distanciados no tempo. Estes dois com bastante importância tendo em conta o que foi estudado. Com efeito, uma primeira ocupação será datada da Idade do Bronze Final e uma outra já na Idade do Ferro Recente, com contactos regionais e suprarregionais e com os primórdios da romanização nesse território.

[162] O financiamento desta datação por C14 ficou a cargo do Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Paisagens, referência UID/04509/2020, através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a quem agradecemos todo o apoio.

3.2.7.1 Santo António I

A ocupação mais antiga poderá datar-se pela presença de um recipiente decorado com ornatos brunidos, nomeadamente reticula brunida. Poderá tratar-se de uma imitação de uma forma exógena, típica do centro e sul de Portugal, datada de entre os séculos XII aos finais do século VII a.C. (Osório, 2013; Almeida, 2014; Osório *et al.,* 2013).

De notar que este é o segundo povoado da região onde aparecem cerâmicas deste tipo, já que apenas é conhecido um fragmento de cerâmica com ornatos brunidos nos níveis antigos da Falperra, em Braga (Bettencourt, 2000c).

Além disso, o material indígena aqui encontrado é enquadrável com o encontrado no vale do Cávado. Além dos materiais, as estruturas que foram escavadas e se encontram à vista não são passíveis de se relacionar com este material.

Assim, tendo em conta este objeto de retícula brunida e o resto do espólio, a primeira ocupação datar-se-á entre os **séculos XII aos finais do século VII a.C.**

3.2.7.2 Santo António II

A segunda ocupação é provável que se tenha iniciado, pelo menos, na **Idade do Ferro Recente (séculos II a.C. e I d.C.)**, persistindo pelos inícios da romanização. Contudo, de forma pouco expressiva, dada a fraca representatividade de material datável após o séc. I d.C. Além disso, assiste-se à ausência de casas de planta quadrada ou retangular conhecidas neste povoado, apenas se notam casas circulares. De notar que Martins (1990: 169) coloca os inícios da romanização efetiva do Norte de Portugal, ou pelo menos no Vale do Cávado, apenas a partir de meados do século I d.C.

Apesar do fraco índice representativo de material enquadrável no mundo romano, regista-se sobretudo materiais cuja tecnologia e ambiente formal tem origem nas Rias Baixas galegas e da área do rio Minho (na zona galega) (Carballo Arceo, *et al*, 1988; Rey Castiñeira, 1990 – 1991, 1991, 2005). Apesar de admitirmos que algumas das formas registadas (tipos Toralla e Forca) possam ter o seu início de produção ainda no Ferro Antigo (séc. IV-II a.C.), tendo em conta que o conjunto de materiais e formas indígenas (típicas da área do Cávado) claramente produzidas já no Ferro recente, e não no Ferro Antigo, parece-nos evidente que estas peças que teriam a sua origem nas Rias Baixas galegas e rio Minho teriam surgido no repertório formal da Idade do Ferro Recente e não antes.

Além disso, regista-se um fragmento de bordo esvasado com aguada ou engobe negro que imita uma forma típica do sul da Península Ibérica.

3.2.8. Discussão dos resultados

O povoado à escala local

As comunidades que viveram em Santo António tinham boas condições espaciais para o desenvolvimento de múltiplas atividades a saber: agro-silvo-pastoris, recoleção e pesca, produção de sal e metalurgia, dada a sua pouca altitude e sua localização numa planície de aluvião, nas faldas da serra de santa Luzia e nas proximidades dos estuários dos rios de Cabanas/Afife e Âncora.

Se não existem dados diretos que evidenciem estas as primeiras atividades, o aparecimento de fusos evidencia a tecelagem, pelo menos durante a Idade do Ferro, atividade transformadora resultante ou da pastorícia ou do cultivo de linho.

Outro aspeto documentado é a produção de sal, desde, provavelmente, a Idade do Bronze Final (Bettencourt *et al.,* 2020; Oliveira e Bettencourt, 2020; 2021: 20). Num primeiro momento esta atividade deveria ter sido explorada através de pias amovíveis produzidas a partir de blocos em granito ou em xisto ou de algumas pias cortadas na rocha sem sinais de pico (Fig. 3.49), que se encontram no povoado e na costa, a menos de 15 e 30 minutos pedestres de Santo António (Fig. 3.50), com é o caso das pias da Praia da Ínsua, e do Celeiro, estas imediatamente de fronte ao povoado; a norte as da Para da Carrasqueira, também na praia do Extremo e as pias na zona do Forte do Cão e finalmente, para sul, destacamos as pias da praia do Bico, Sarrosa e Paçô em Carreço para citar as mais próximas.

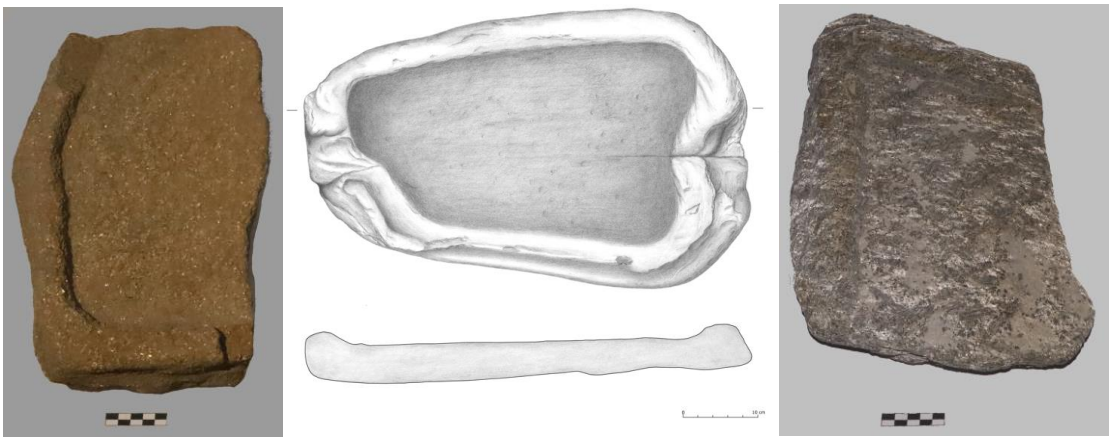


Fig. 3.49 Pias salineiras amovíveis encontradas em Santo António inteiras e partidas. à esquerda em granito de duas micas; a pia inteira é em xisto mosqueado e a da direita é em xisto mosqueado luzente (em depósito no NAIAA).

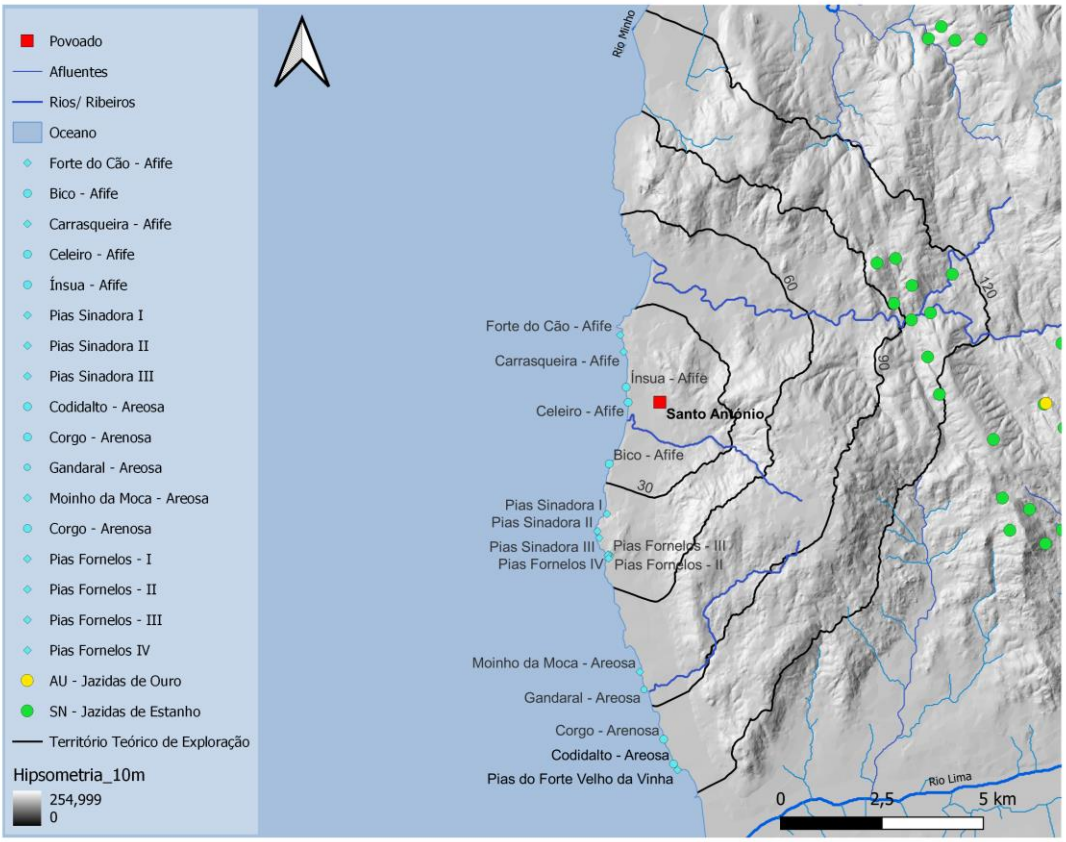


Fig. 3.50 Território teórico de exploração pedestre do Povoado de Santo António, com linhas isócronas de 30 minutos. Foi ainda colocada a existências das pias salineiras junto à costa e dos múltiplos locais com jazidas primárias de estanho, ferro e ouro.

Como hipótese de trabalho é provável que os pequenos vasos encontrados, de que só restam as bases, de diâmetros entre os 0,4 cm e os 1,5 cm, possam ter servido como medidas para sal[163] (Fig. 3.51).

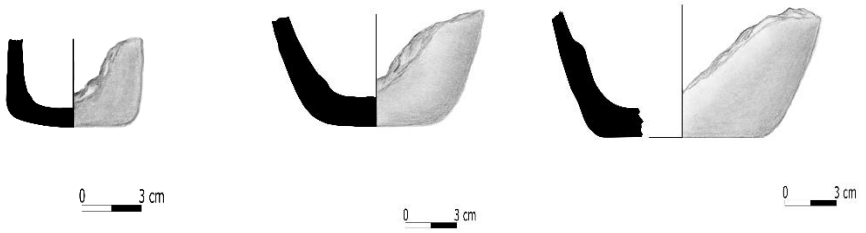


Fig. 3.51 Bases com diâmetros muito reduzidos.

As atividades metalúrgicas deveriam ter também importância revelante já que se documentam, não só moldes de sítula com decoração geométrica como, também cadinhos (com restos de metalurgia agregados). Se o molde de sítula e os cadinhos maiores (Fig. 3.52) remetem para a segunda fase de ocupação do povoado, os cadinhos mais pequenos, de pastas arenosas que serviram para fundir ligas de cobre, poderão ser da primeira fase de ocupação.

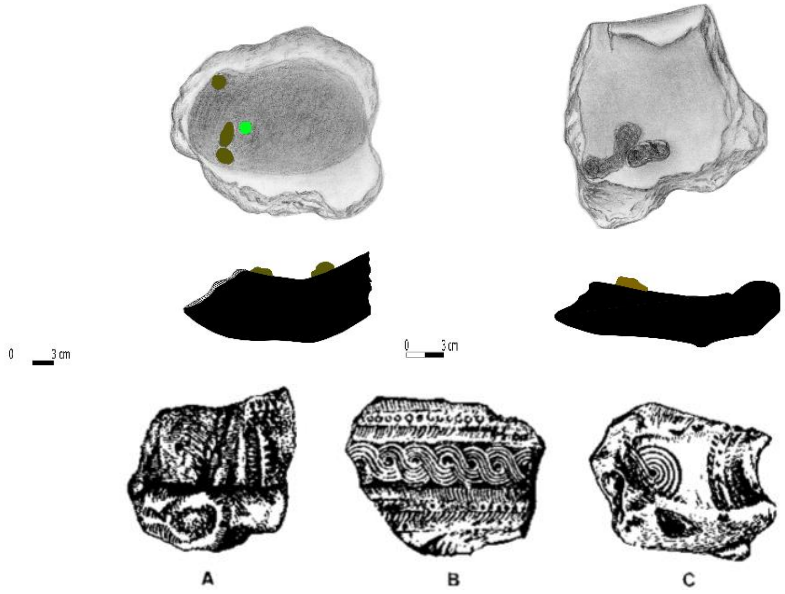


Fig. 3.52 Cadinho de liga de bronze; cadinho de ferro e moldes de sítula com decoração geométrica, segundo Silva (1986, adaptado).

Se as jazidas primárias de estanho referenciadas na bibliografia e cartografia se situem a cerca de 15 km para nordeste, na serra de Agra, e para sudeste, na serra de Perre (Teixeira *et al.,*

[163] Estas bases não registam qualquer vestígio de terem sido manipuladas sobre o fogo, pelo que não serviriam de moldes para pães de sal. Também não têm evidências de restos de metalurgia pelo que o seu uso como cadinhos seria improvável.

1972), no séc. XX foi extraído estanho no topo da serra de Santa Luzia, como já se referiu no início deste trabalho. Há ainda que ter em conta que o estuário do rio Âncora, que nasce na serra de Arga e que fica nas proximidades do povoado de Santo António (cerca de 3 km para norte), teria grande quantidade de estanho de aluvião, de fácil extração, tendo em conta o número de jazidas primárias deste minério compreendidos por todo o seu percurso (Teixeira *et al.,* 1972).

Durante o Bronze Final não conhecemos outros povoados genericamente contemporâneos de Santo António que partilhassem com ele de intervisibilidade. Já durante a Idade Ferro Recente, num aro geográfico próximo, e de intervisibilidade, existem os povoados da Cividade de Âncora/Afife[164] e do Cúturo[165]. Tal permite colocar a hipótese de que, pelo menos, nessa época, Santo António estaria articulado, em rede, com outros dois sítios que, curiosamente, detêm visibilidades distintas, mas complementares para o oceano, num período de grande pressão romana sobre os povos do Noroeste. Assim, do topo da Cividade de Âncora e do Cúturo[166], a visibilidade e "controlo" sobre o mar seria enorme, desde o sudoeste ao noroeste, ficando, deste modo, as populações do povoado de Santo António, a cota mais baixa, e de fácil acesso através da plataforma litoral, protegidas em caso de incursões, pois teriam tempo de se protegerem se avisadas atempadamente. De notar que, apesar das alterações da linha da costa, a proximidade de Santo António a uma baía natural, com clara possibilidade de ter sido usada para desembarque e que, ainda na época moderna, era protegida por fortalezas em cada uma das suas extremidades (Forte de Paçô e forte do Cão, a sul e norte respetivamente), tornaria este local muito exposto se não se articulasse com outros sítios vizinhos na organização da receção do desembarque dr viajantes, por exemplo.

O povoado à escala regional

As boas condições de navegabilidade e provavelmente de ancoragem na baía em frente de Santo António terão promovido, desde o Bronze Final o intercâmbio suprarregional

Apesar de serem raras no Bronze Final as evidências de contatos com povos meridionais, entre os meados do séc. VIII aos finais do séc. VII a.C. os fenícios, nas suas viagens exploratórias para norte, terão entrado em contacto com as populações de Santo António, aqui deixando um conjunto significativo de cerâmicas com reticulas e outros ornatos brunidos (Fig. 3.53).

[164] Escavado por A. C. Silva (1986), que o integra a sua Fase IIIA, ou seja, no Ferro Recente.
[165] Com base nos escassos materiais observados no NAIAA, este povoado teve uma ocupação do Ferro Recente.
[166] Com base nos escassos materiais observados no NAIAA, este povoado teve uma ocupação do Ferro Recente.

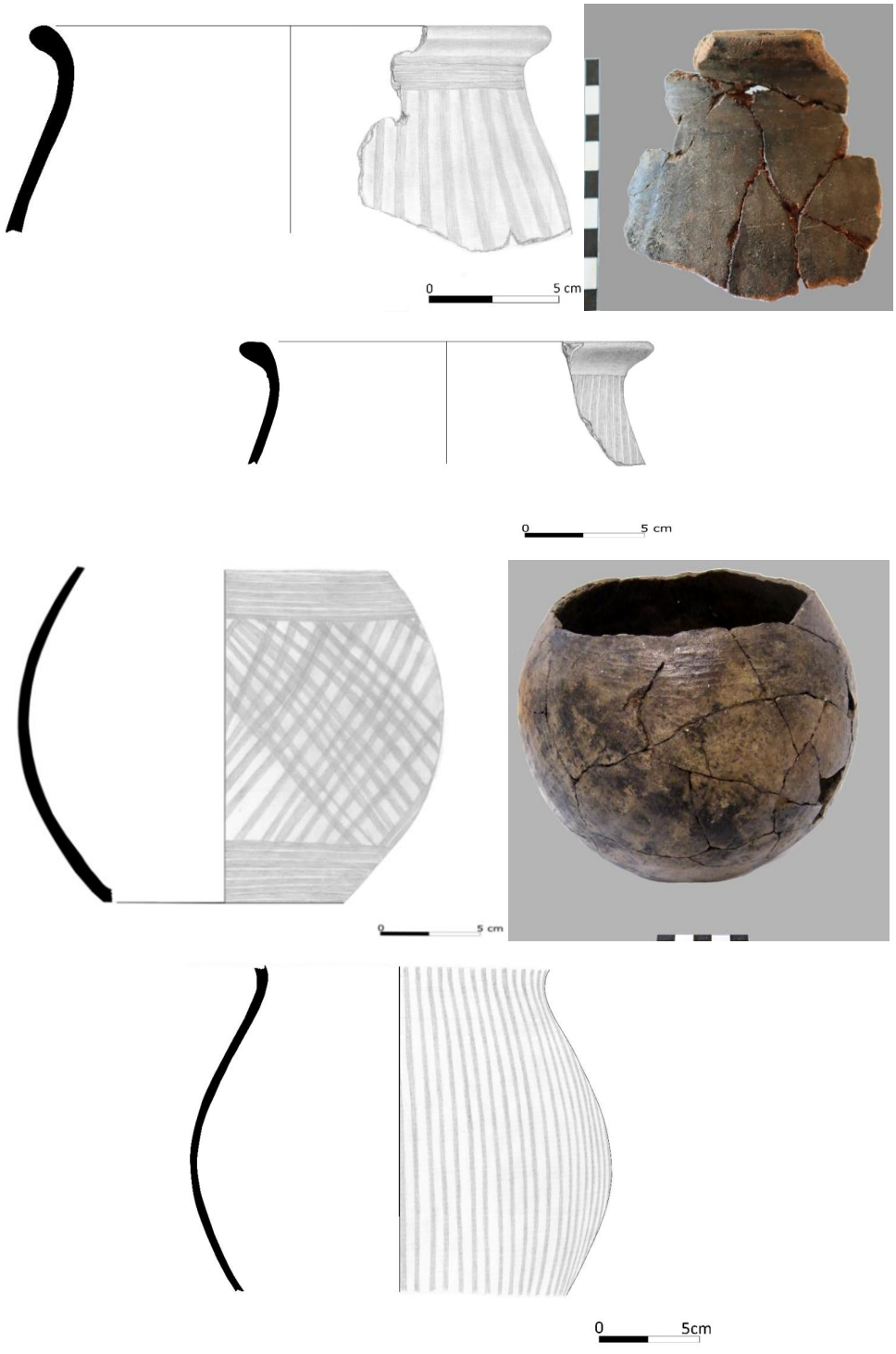

0
5 cm
0
5 cm
0
5 cm
0
5cm



Fig. 3.53 Formas datáveis do Bronze Final, no qual incluímos o vaso de tendência ovóide com ornatos brunidos (reticulado).

Depois de um hiato de ocupação o local volta a ser ocupado durante o Ferro Recente e os inícios da romanização, tendo neste período, assumido um papel importante no intercâmbio suprarregional, quer com populações contemporâneas de áreas mais meridionais, quer mais setentrionais (como as da bacia do rio Minho e as das Rias Baixas galegas).

Depois de um hiato de ocupação o local, este volta a ser ocupado durante o Ferro Recente e nos inícios da romanização, tendo neste período, integrado, provavelmente, no seu repertório formal e decorativo as produções das Rias Baixas galegas. Em primeiro lugar, destacam-se o que parecem importações de recipientes de jarra de tipo Toralla (séculos III a I a.C.), de tipo Forca (séculos III a II a.C.) ou de formas com bordos reforçados de tipo Vigo (séculos I a.C. a I d.C.) (Fig. 3.54).

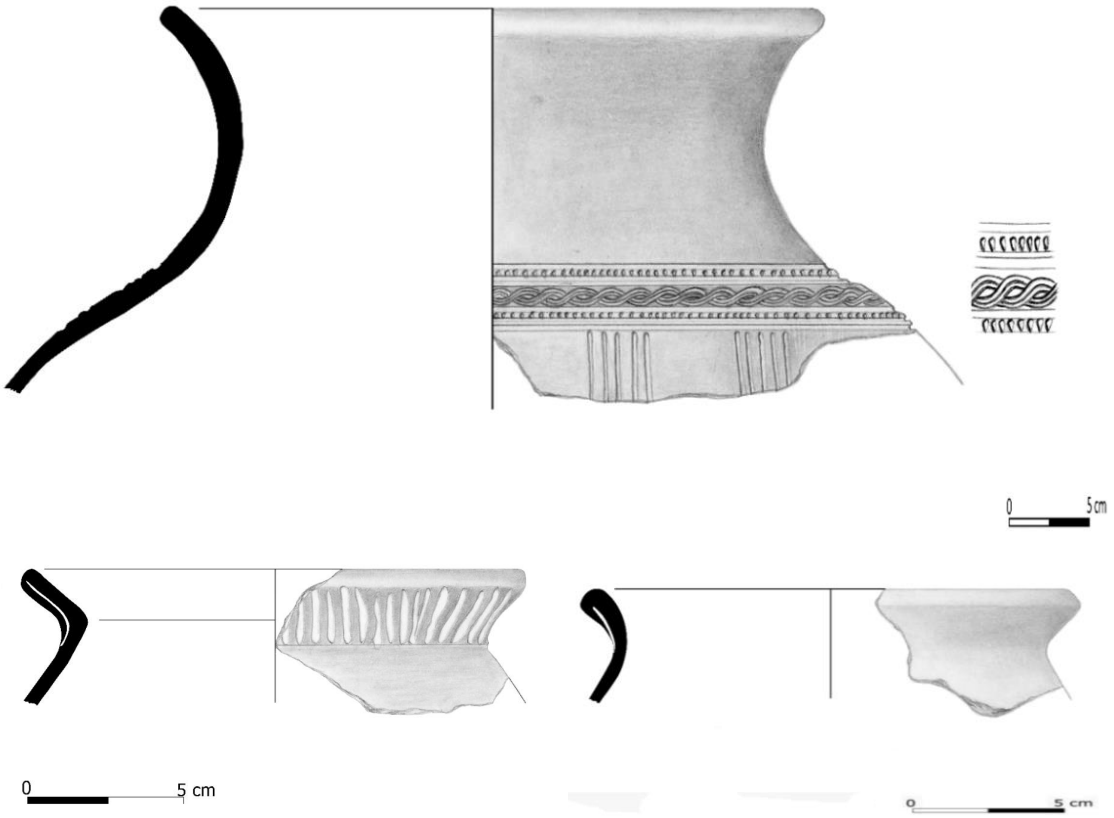


Fig. 3.54 Formas importadas da área das rias baixas galegas.

Podemos, aliás, referir que esta incorporação de técnica, formal e decorativa de formas setentrionais, acabou por influenciar a olaria típica de áreas mais a sul e interiores do Noroeste português (da área do Cávado, por exemplo). Em segundo lugar, nota-se um claro barroquismo decorativo na olaria desta fase de ocupação do povoado (Fig. 3.55), o que é muito típico das zonas setentrionais galegas, onde a decoração de algumas formas cerâmicas é bastante densa. Em termos decorativos, a cerâmica decorada neste povoado corresponde a 36%[167] do total estudado.

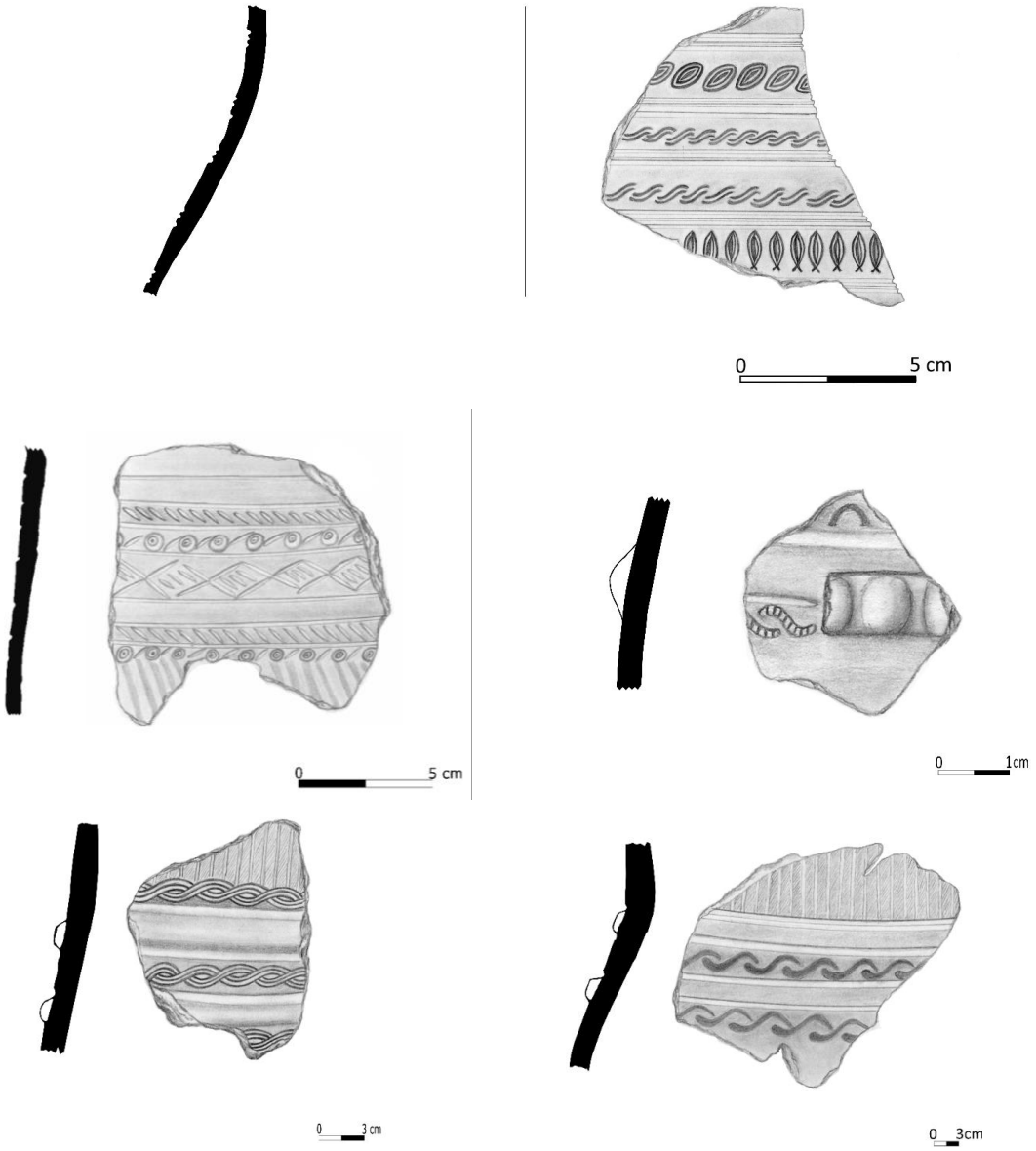


Fig. 3.55 Fragmentos profusamente decorados em Santo António.

[167] Há que referir que a quantidade de espólio estudado é bastante reduzida. Mesmo assim é interessante observar a quantidade de fragmentos decorados, comparativamente com outros povoados, tanto da mesma área geográfica como de outras bacias hidrográficas próximas.

Com base neste dado, e confrontando-o com outros povoados publicados de forma detalhada para o vale do Lima, como, por exemplo, o caso da Terronha, a percentagem de decorações é apenas de 2 a 3% (Oliveira, 2018, 2019a). Para o vale do Cávado e do Ave, as percentagens de fragmentos decorados, em fases idênticas, nunca atingem mais de 6%. No caso do povoado do Lago, a percentagem é de 6% (Martins, 1988a: 125); no caso de S. Julião é de 3% (Martins, 1988c: 209); no caso do Barbudo, Martins (1989a: 112) indica 29 fragmentos decorados, o que corresponde a 6% e no caso de Santo Ovídeo, registam 81 de fragmentos decorados, o que corresponde a 1% do total estudado (Martins 1991: 97). Quanto a S. João de Rei III os fragmentos decorados datados da Idade do Ferro Recente correspondem a 3% do total (Oliveira, 2017: 215).

Os contactos com o mundo meridional, e sobretudo setentrional, e a introdução de formas (Fig. 3.56) e, provavelmente, de produtos e novos consumos atesta-se pelo aparecimento de ânforas de tipo Haltern 70, e por imitações de formas exógenas, como parecem indiciar a base de pé alto e o recipiente de produção local, mas com uma aguada ou engobe negro que, pela forma, parece uma imitação de cerâmica cinzenta fina, do sul da Ibéria, nomeadamente da forma 2 de tipo *Lamboglia* datada dos séculos II / I a.C. (Lamboglia, 1952). Tal mostra, também, a vitalidade dos oleiros locais.

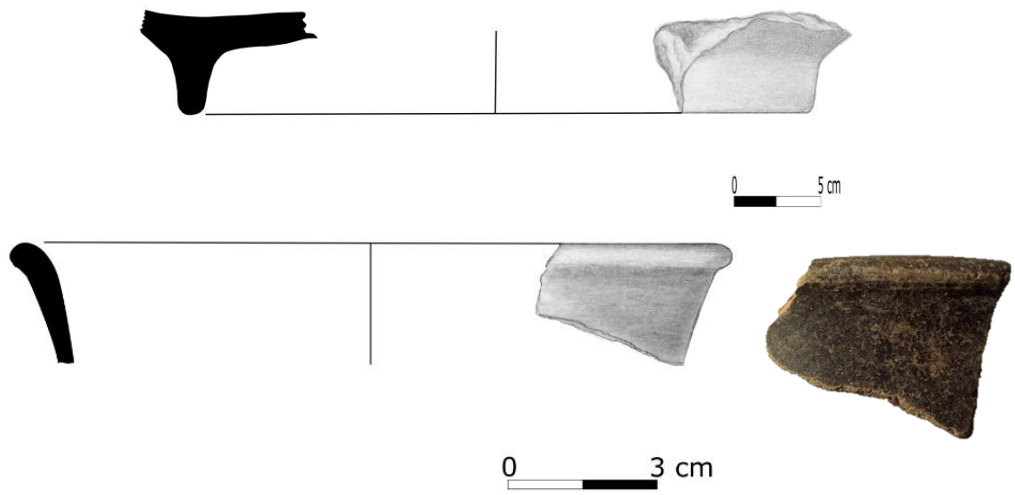


Fig. 3.56 Introdução de formas e gostos do mundo meridional.

À macro escala de análise, este lugar terá sido um centro recetor de materiais exógenos e de influências regionais e suprarregionais (setentrionais e meridionais), com percetível influência sobre as produções cerâmicas indígenas, onde parece ocorrer o fenómeno da hibridização, tal

como foi notado noutros contextos e na hibridização de peças cerâmicas para peças metálicas em contextos como, na área da Grécia (durante a Idade do Bronze) e na zona da Galiza (durante a Idade do Ferro) (Sanavia, 2013: 185; McCoullough, 2014: 87-91; Seoane Novo, 2018).

Desde o Bronze Final, estes contactos com populações e materiais exógenos, sendo marítimos, encontram-se expressos e eternizados por algumas gravuras rupestres de barquiformes com e sem mastro, existentes em Santo Adrião (Santos-Estévez e Bettencourt, 2017), a cota superior a Santo António.

A "moeda de troca", no contexto do intercâmbio suprarregional, poderá ter sido a produção e distribuição de produtos metálicos (tanto em bronze como em ferro), e o fornecimento de sal.

3.3. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE MOLDES, VIANA DO CASTELO

3.3.1. Historial

Uma das primeiras referências a este local encontra-se nas Memórias Paroquiais de 1758, cujo relato da existência deste povoado Pedro Azevedo tratou de extrair (1902: 194): "o monte que chamarão o monte de Castello tem em cima delle sobre Rio vestígios inde de cal e tijolo que dizem foi couza de Mouros". Em 1872, Carvalho da Costa, no tomo I da sua *Corografia Portugueza*, página 306, descreve nestes termos este local:

> "não de outro inexpugnável posto em hum penhascô sobre o mar, perto do rio, que nelle fe mete com tam limitada boca por entre rochas, que mal pode entrar barco, mas muitas lampreas, relhos, trutas, bogas, & escalhos, muitas azenhas de moer pão. Fica legoa & meya de Viana para o Sul, & foy fundação dos Gregos muito antes da vinda de Christo com nome de Nevis, hoje Neyva".

Pinho Leal (1875: 32) faz também uma pequena referência a este sítio dizendo que "Esta povoação terá sido fundada pelos gregos, quando edificaram o castello do Neiva".

Francisco Martins Sarmento, nos finais do séc. XIX, escreveu: "Castelo do Neiva. Formidável posição, ainda que não pareça de longe. Os muros aparecem aqui e ali um pouco a descoberto. Os taludes claros. A cerâmica abundante, entre ela telha romana..." (Sarmento, 1999: 198-199). Abel Viana (1932c: 154-167) no seu inventário de sítios, considerou este local como um povoado da Idade do Ferro.

Apesar de todas estas notícias foi só na segunda metade do séc. XX que se dá o início de investigações de forma científica, neste local, tendo em conta a descoberta, nos finais dos anos 70 do séc. XX, de vários achados ocasionais, nomeadamente de um conjunto de dois capacetes cónicos de bronze, três copos de bronze, duas sítulas e uma moeda da época de augusto, além de material cerâmico, na vertente noroeste do monte (Almeida, 1980a; Almeida, 1980b). Além

desses copos e capacetes (Fig. 4.1) apareceram alguns bordos de ânforas de tipo Dressel 1 e bastantes fragmentos de vasos de fabrico manual e a torno, da Idade do Ferro, que Almeida (1980a: 247) considerou de entre os finais do séc. I a.C. à primeira metade do séc. I d.C.

Já os capacetes, com a guarda-nuca decorada com motivos típicos da plástica da Idade do Ferro do Noroeste, foram considerados por Almeida (1980a: 248) como sendo de fabrico local, com paralelos nos capacetes encontrados nos castros de Briteiros e de Lanhoso, inserindo-os no tipo B, de Robinson (1975) e Abásolo e Pérez (1980).

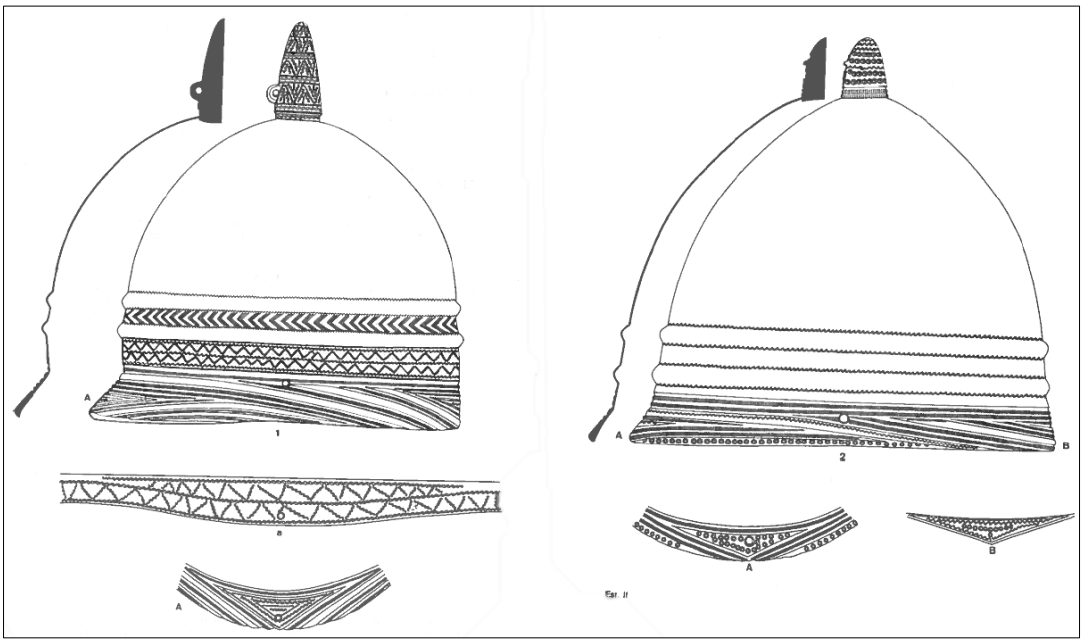


Fig. 4.1 Capacetes cónicos achados no Monte de Castelo de Neiva (Almeida, 1980a), adaptado

Também Armando Coelho Silva (1986: 181-182) considera-os como de fabrico autóctone pelo facto de serem distintos dos seus modelos de origem mediterrânica (os capacetes de tipo Monfortino B) e por evidenciarem uma decoração por estampagem de matrizes e incisão, com intensa relação com a cerâmica indígena. Relativamente aos copos (Fig. 4.2), que não foram encontrados junto com estes capacetes, mas:

> "a cerca de dois palmos a norte, e um pouco mais fundo, ... depois de buscas manuais, outro conjunto de objetos que constava de restos de duas sítulas e três copos de bronze. ... aparecia depois uma machada de ferro, um fundo de coador e um dupôndio..." (Almeida, 1980a: 245).

Através de paralelos com dois exemplares itálicos de Parma, similares à forma 3 da Campaniense B e C, foram considerados um produto itálico datáveis da segunda metade do séc.

I a.C., podendo ter sido ocultados na época de Augusto e antes dos capacetes (Almeida, 1980a: 250).

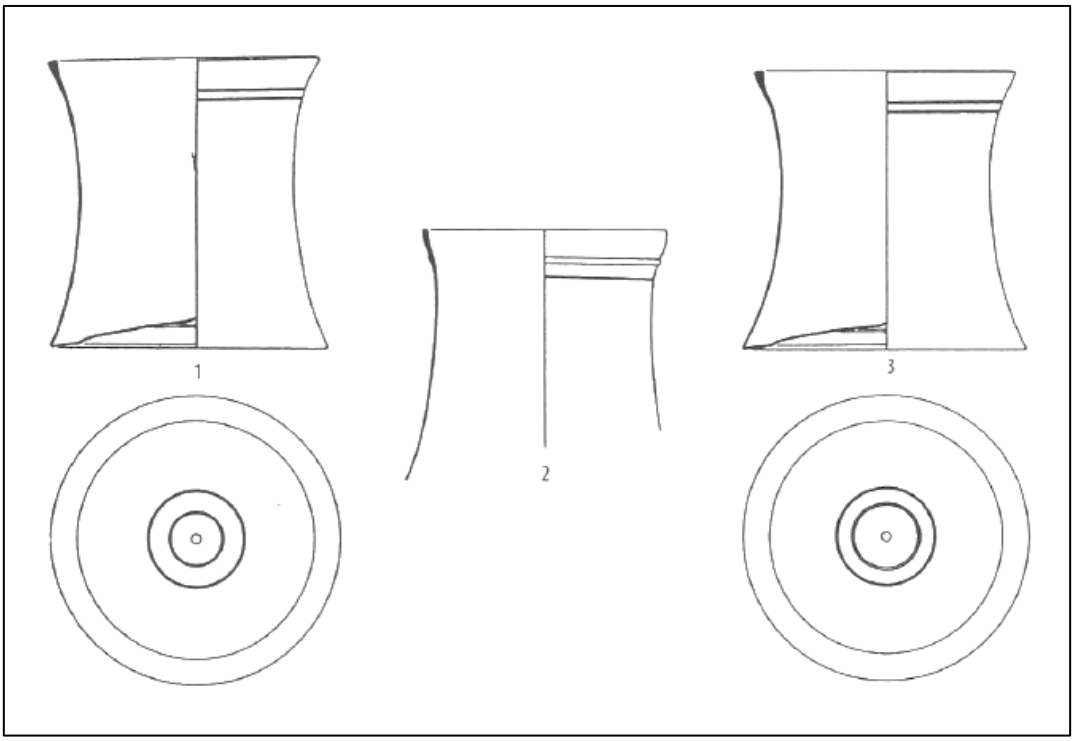


Fig. 4.2 Três taças em bronze, sem escala. (Almeida, 1980a; Fabião, 1999, adaptado).

A moeda é da fase de Augusto e datável de entre os anos 26 e 25 a.C. (Almeida, 1980a: 251) (Fig. 4.3).



Fig. 4.3 Dupôndio de Augusto, com escudo, duas lanças e uma falcata no reverso, típica moeda *caetra*.

A par da terra que fazia acompanhar o achado dos capacetes e dos copos em bronze vinha, também, um importante machadinho duplo ou bipene[168], além de um fragmento de molde de sítula

[168] Mais há frente trataremos deste assunto com maior pormenor.

em cerâmica[169] e, ainda, alguns exemplares de mós manuais (Almeida, 1982: 22). Além destes materiais este autor refere, também, a existência de fragmentos de ânforas de tipo Dressel 1 e 21/22, fragmentos de terra sigillata hispânica (Drag. 24/25), dois fundos de Drag. 15/17 e alguma cerâmica datável da Idade do Ferro, como púcaros, potes, panelas de asa interior e de orelha (Almeida, 1982).

Estas descobertas possibilitaram que este local fosse, na década de 70 do séc. XX, classificado como *Imóvel de Interesse Público,* segundo o Decreto 251/70, de 30 de Junho.

Num artigo datado de 1982, Carlos Alberto Brochado de Almeida faz uma súmula dos conhecimentos existentes sobre este povoado. Aí refere a existência de cinco muralhas. Refere, ainda, relativamente ao sistema defensivo que, no lado poente, essas muralhas se encontravam muito destruídas; que na área a norte o casario mais recente ia sepultando os diversos panos de muralha e que as do lado nascente seriam de época romana.

Entre 1982 e 1985 verificam-se as primeiras escavações arqueológicas no local, inseridos no plano de atividades do Grupo de Investigação Arqueológica do Norte (GIAN), com o apoio do Instituto Português do Património Cultural e da Câmara Municipal de Viana do Castelo, além do Instituto de Arqueologia da Universidade Livre do Porto, da qual faziam parte os dois arqueólogos responsáveis pelas escavações: Eduardo Jorge Lopes da Silva e José Augusto Maia Marques. Destas resultaram algumas publicações (Silva e Marques, 1984; 1984a; 1985) e o espólio em depósito no Núcleo Museológico de Castelo do Neiva e Junta de Freguesia de Castelo de Neiva, em parte inédito e que foi revisto e estudado neste trabalho.

Estes trabalhos põem a descoberto estruturas no tabuleiro superior do monte e nas vertentes oeste e noroeste do mesmo.

Em 2003, Tarcísio Maciel (2003) publica o primeiro inventário de sítios proto-históricos do vale do Neiva. Neste trabalho faz uma breve introdução histórica a este sítio, considerando-o um *lugar central* no vale inferior deste rio, na sua Fase III (finais do séc. II a.C. – até à segunda metade do séc. I d.C.), com vários povoados na sua dependência, como Nossa Senhora do Castro, Crasto e Suvidade de Belinho (Maciel, 2003: 197, 245). Contudo, admite que a formação deste povoado terá ocorrido na Fase II (entre 500 e 200 a.C.). Portanto, seria um povoado com, pelo menos, dois a três períodos de ocupação, uma do Ferro Antigo, outra do Ferro Recente e, finalmente, uma já em contexto da plena ocupação romana deste território (Maciel, 2003:135).

[169] Quanto a este machadinho duplo e fragmento de molde de sítula decorado não se encontram no núcleo museológico de Castelo do Neiva. Dessa forma não foi possível estudar com maior pormenor estes artefactos.

Este sítio volta a ser referido no inventário de sítios arqueológicos do concelho de Viana do Castelo, da autoria de Carlos A. B. Almeida (2008: 169-173) onde assume que este pequeno monte teve, sobretudo, duas grandes ocupações: uma datada da Idade do Ferro e uma outra de época medieval, onde se teria implantado um castelo. As referências a este castelo, que poderá ter servido como cabeça de Castelo do Neiva, surgem no séc. XIII, devendo ter sido construído em madeira (Almeida, 1982; Almeida, 2003). Este povoado é ainda referido por Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 133).

Mais recentemente, no decurso dos trabalhos de doutoramento de Marta Marques (2012), este local foi algo de intervenções arqueológicas, em 2007. Estas, implantadas numa ampla plataforma agrícola, na base norte do Monte de Castelo, tinham como objetivos o reconhecimento da linha de muralha mais exterior, já percetível no terreno, e verificar se existiam eventuais estruturas habitacionais do povoado na área de intervenção (Marques, 2012, Vol. I: 377). De facto, registou-se parte de um pano de uma muralha, de construção simples, com paredes exteriores compostas por pedra de médio porte e miolo preenchido por sedimentos que se encontrava a cerca de 150 m das habitações do povoado. Associado a esta muralha foi encontrado um lajeado composto por lajes graníticas de formas irregulares (Fig. 4.4). Pela escavação realizada a interpretação a que se chegou é que a muralha aqui encontrada foi implantada sobre o lajeado. E este lajeado terá existido até ao momento da construção do edifício romano. Foi ainda detetado sobre os muros da construção romana restos de uma estrutura circular da Idade do Ferro, visto que aqui se encontraram cerâmicas indígenas feitas à roda e polidas e potes de perfil em S (Marques, 2012, vol. III: XCIX e C).

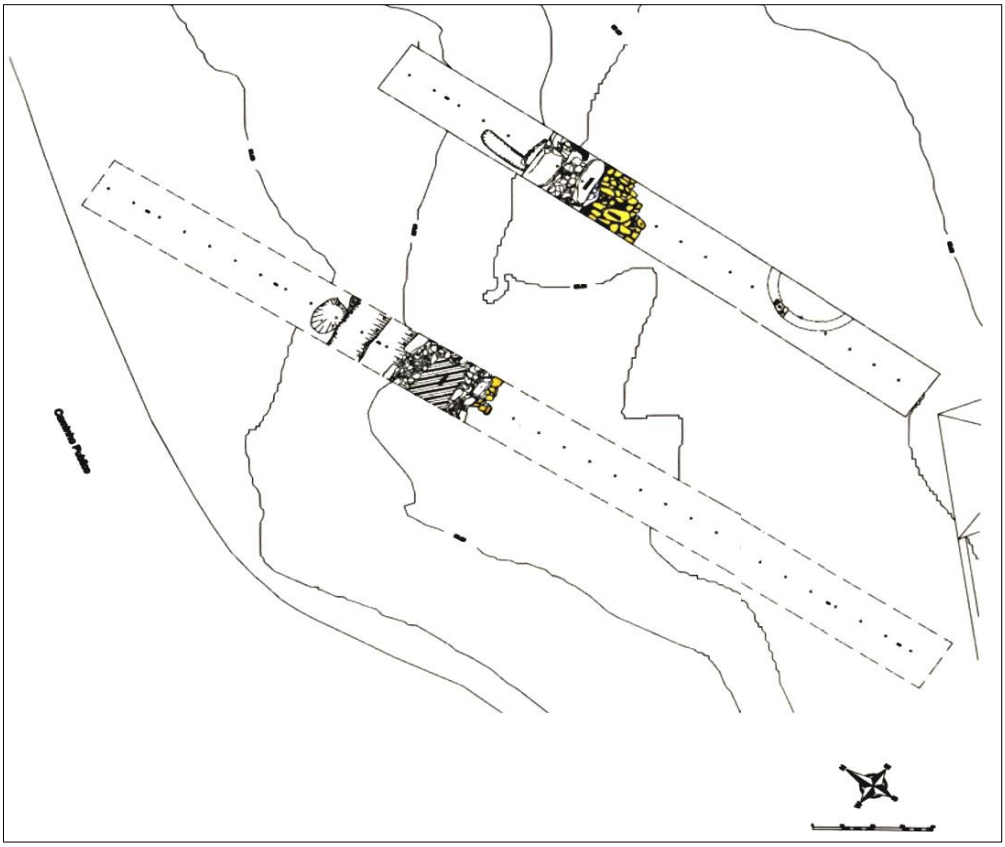


Fig. 4.4 Planta das escavações de 2007: 1ª. Fase – ocupação indígena (Marques, 2012, vol. III: EST. LXXXV, adaptado).

Encostado a esta muralha, pelo lado exterior foi registado um muro de boa qualidade construtiva que foi considerado como pertencente a um edifício de tipo *casal,* onde se encontrou uma pavimentação lajeada pelo exterior (Marques, 2012, Vol. I: 232). A muralha primitiva terá sido reformulada antes do câmbio de Era.

As remodelações foram no sentido de engrossar as paredes da estrutura, com a utilização de silhares graníticos de grande porte, sendo o seu enchimento de terra substituído por pedras de média e pequena dimensão (Marques, 2012: 232-233). No decurso desses trabalhos evidenciou-se, também, que as muralhas da vertente nascente estavam reforçadas em alguns pontos, por torrões. A sul já não eram visíveis esses torreões (Marques, 2012: 231).

Com efeito, além do pano de muralha foi identificada uma grande estrutura habitacional romana. Este situava-se no sopé deste povoado indígena, beneficiando da exposição solar e da proximidade dos recursos agrícolas e hídricos (Marques, 2012). Assim, Marques considera que nessa intervenção, foram identificar três momentos de ocupação: a ocupação indígena, correspondente à Fase III com uma cronologia entre séc. I a.C. e I d.C. (Marques, 2012, vol. III: EST. C), materializada por uma muralha (Fig. 4.6); a ocupação romana relacionada com a

construção de um edifício e, finalmente, uma terceira fase construtiva, correspondente à reformulação arquitetónica do edifício romano, com uma cronologia, provável do séc. I – III d.C. Isto partindo da presença de materiais de importação (Haltern 70 e Dressel 7-11) e das cerâmicas de produção local de tipo bracarense entre outras produções com engobe do tipo vermelho pompeiano (Marques, 2012, Vol. I: 378-384; Marques, 2012, Vol. III: Est. CII). Foi ainda encontrada uma reformulação deste edifício datável já do Baixo-Império (Marques, 2012) (Fig. 4.5).



Fig. 4.5 Muro da primeira estrutura de cronologia romana e lajeado adjacente (Marques, 2012, Vol. III: EST. XCI).

Segundo esta autora, em termos defensivos este sítio encontra-se numa posição geográfica imponente, com um total de cinco muralhas concentradas no lado nascente do monte e complementadas por torreões. A poente possuiria menos muralhas e a sul não possui qualquer muralha já que a vertente do Monte do Castelo é praticamente vertical, conferindo assim uma defesa natural (Marques, 2012, vol. III). As muralhas de época proto-histórica terão sido remodeladas e aproveitadas durante a construção do reduto Medieval.



Fig. 4.6 Fotografia de perfil de uma das muralhas, mais exteriores do povoado de Moldes (Marques, 2012, vol. III, EST. LXXXVIII, X, adaptado).

3.3.2. Localização, contexto físico e ambiental

Situa-se no lugar da Guilheta[170], no Monte do Castelo ou de Moldes, na freguesia de Castelo de Neiva, no concelho e distrito de Viana do Castelo. As coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS84 são: 41° 36' 53'' N; 8° 20' 47'' O, a uma altitude máxima 126 m (Fig. 4.7).



Fig. 4.7 Monte de Castelo no qual se nota o caos de blocos à direita.

[170] Topónimo local, cujo significado nos escapa.

O povoado de Moldes localiza-se num relevo residual da plataforma litoral em cujo topo sul existe um impressivo caos de blocos, sobretudo para quem o visualiza pelo lado sul. Para norte deste caos de bloco há uma plataforma aplanada onde se localizou parte do povoado da Idade do Ferro. As suas vertentes este, sudeste, sul e sudoeste são muito ingremes sendo o seu acesso facilitado pelos restantes lados. Fica sobranceiro a um meandro do rio Neiva que corre a sul, a cerca de 2,2 km da foz desse rio (Fig. 4.8).

Possui uma visibilidade total da faixa litoral, e da foz do rio Neiva a oeste, avista-se Barca do Lago, a sul e até Viana do Castelo, a norte.

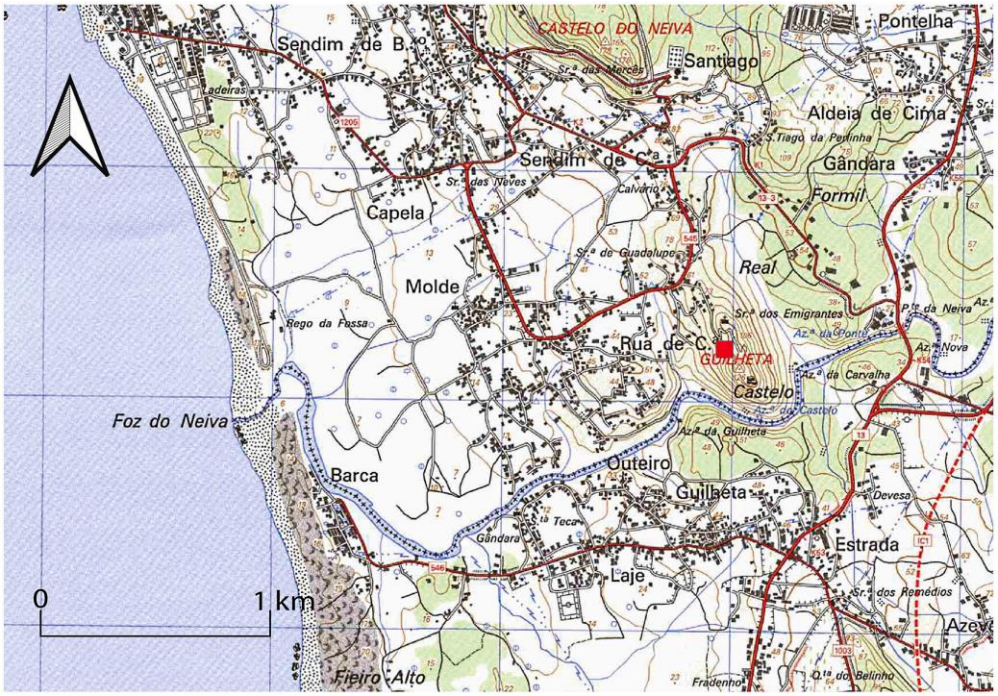


Fig. 4.8 Localização do povoado em excerto da Carta Militar de Portugal, nº. 54, à escala 1:25 000.

Em termos geológicos, segundo a Carta Geológica de Portugal, nº. 5C (escala 1:50 000), esta área encontra-se numa zona de contacto entre os complexos de granitos não porfiroides de gão médio, com xistos e grauvaques metamorfizados. De referir, ainda, a existência de terraços fluviais e de depósitos de praias antigas, a oeste deste local, do período do Plio-plistocénico, e junto à linha costeira, aluviões autuais e areias de duna (Teixeira *et al.,* 1969). Na foz do rio Neiva é de registar xistos argilosos com fósseis, do período do Ordovício (Fig 4.9).

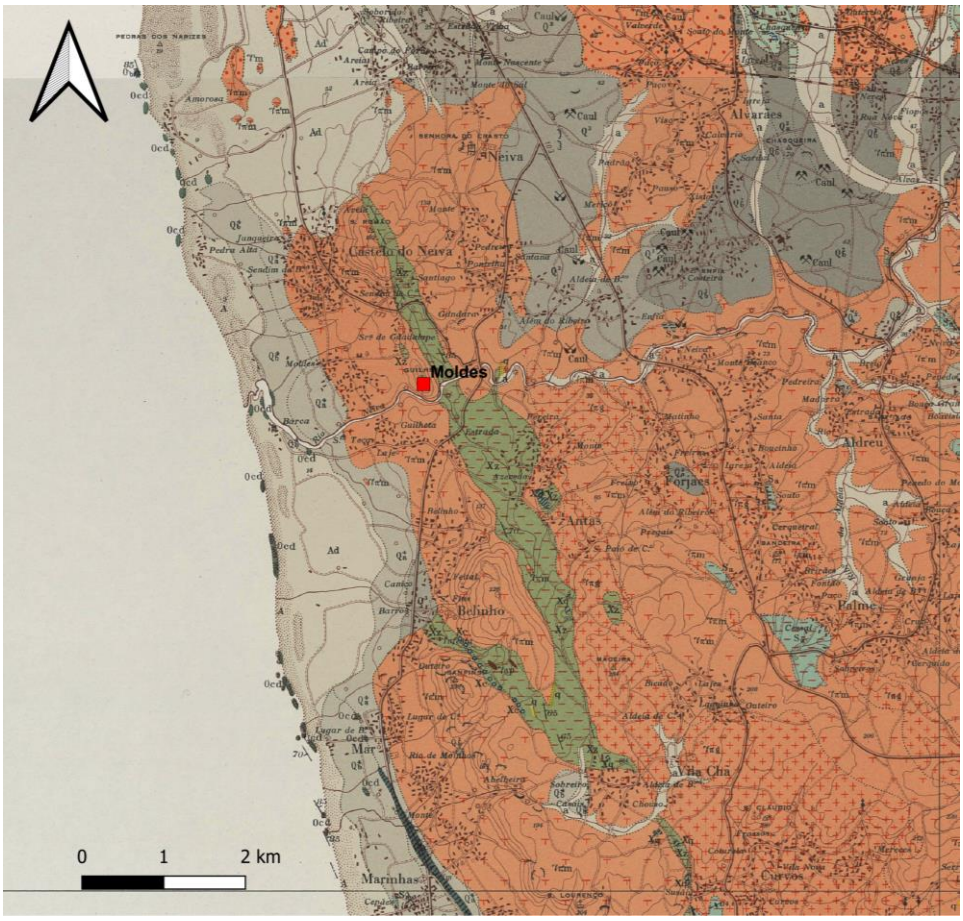


Fig. 4.9 Localização do povoado na Carta Geológica de Portugal, nº. 5C, na escala 1:50 000.

Em termos daquilo que são os recursos minerais não metálicos destacamos a quantidade de jazidas de caulino, presentes a montante do rio Neiva. De referir também a possibilidade de produção de sal marinho, a qual discutiremos mais à frente. Quanto a recursos minerais metálicos apenas é de estacar algumas jazidas de tungsténio já na área a sul deste povoado, junto à foz. E uma jazida de estanho a cerca de 3km a Oeste na margem direta do rio Neiva (Fig. 4.10).

O local em redor deste povoado encontra-se hoje fortemente antropizado, no topo desta elevação a norte encontra-se uma pequena capela, e na base deste monte, sobretudo nas vertentes poente e norte contam-se várias construções recentes.

Atualmente este monte está completamente arborizado por eucaliptos, contudo no topo deste monte encontram-se espécies autóctones, tais como pinheiros e carvalhos. Além disso, destacam-se áreas com grande quantidade de tojo e urze.



Fig. 4.10 Vista da foz do rio Neiva para o povoado de Monte de Moldes.

Este pequeno relevo residual, impressivo no curso final do rio Neiva, domina por completo a foz deste rio e o oceano Atlântico a noroeste, oeste e sudoeste, sendo visível observar a noroeste, o porto natural de Pedra Alta, junto à costa, onde hoje existe um porto de pesca (Fig. 4.11; Fig. 4.12). Para norte seria possível avistar o Monte Largo, em S. Romão do Neiva, onde Maciel (2003: 134) coloca um povoado da Idade do Ferro. Para sul avista-se o Monte da Suvidade onde se localiza o povoado de Belinho e o povoado de Sanfins ou da Cova da Bouça e, para este, grande parte do vale do Neiva.



Fig. 4.11 Observação da foz do rio Neiva a partir do topo Monte de Moldes.



Fig. 4.12 Vista para o povoado de Moldes (em primeiro plano) com a Serra de Santa Luzia e a Serra de Arga, em últimos planos, a partir do Santuário de Nossa Senhora da Guia, a sul do Neiva.

3.3.3. Contexto arqueológico

No mesmo monte onde se localizou este povoado há outros vestígios arqueológicos. Salientamos dois, situados na vertente este: a Cadeira do Rei e o Penedo das Chaves. A Cadeira do Rei situa-se no enfiamento da quarta muralha e foi cortado um penedo., possui 2 metros de comprimento, e 60 cm de largura e na área do "assento" possui duas pequenas cruzes (Almeida, 1982: 21). Admite-se que esta "estrutura" possa ter servido de suporte para um dos torrões medievais que terão existido neste local (Silva e Marques, 1984; 1984a).

Em termos daquilo que é a rede do povoamento deste período, é destacar os povoados proto-históricos mais próximos como o de Belinho, também conhecido por Suvidade, na freguesia de S. Paio de Antas, em Esposende; e o de Sanfins ou Cova da Bouça, na freguesia de Belinho, concelho de Esposende. Um outro povoado, relativamente perto, é a Nossa Senhora do Castro, situado na região oposta a Moldes (localiza-se a nor- nordeste), que Tarcisio Maciel (2003) aponta com tendo uma cronologia entre as suas Fases II e III que correspondem a (Fases II entre cerca de 500 a.C. e 200 a.C.; e a Fase III que corresponde aos finais do séc. II a.C. – até à segunda metade do séc. I d.C.. Um outro povoado mais longínquo e interior localiza-se num dos esporões da vertente norte do Monte de S. Gonçalo, a sul do rio Neiva, Trata-se do Castelo dos Mouros que,

segundo Maciel (2003: 151) terá uma ocupação do que designa por fase II (de forma genérica datável do Ferro Antigo).

3.3.4. Escavações

As primeiras escavações arqueológicas que ocorreram no local foram efetuadas na primeira metade dos anos 80, em sucessivas campanhas, como já foi referido.

Estas concentraram-se em patamares do alto da vertente oeste - noroeste, onde se individualizaram três sectores (A, B e C) e na extremidade sul da acrópole, perto do caos de blocos intitulado Guilheta, onde foi aberto o sector D[171], num total de 364 m². No setor A foram escavados 168 m², no setor B foram escavados 24 m² e finalmente, no setor C foram escavados 172 m² (Silva e Marques, 1983, 1984, 1984a, 1985) (Fig. 4.13; Fig. 4.53).

Os sectores A e B foram escavados em 1982, ano em que se iniciou a escavação do sector C. Este continuo a ser escavado em 1983 e foi terminada no ano1984, sendo aquele em que os esforços da escavação foram os mais intensos. Em 1985 foi aberto o setor D no topo do monte (Silva e Marques, 1986: 88-89).

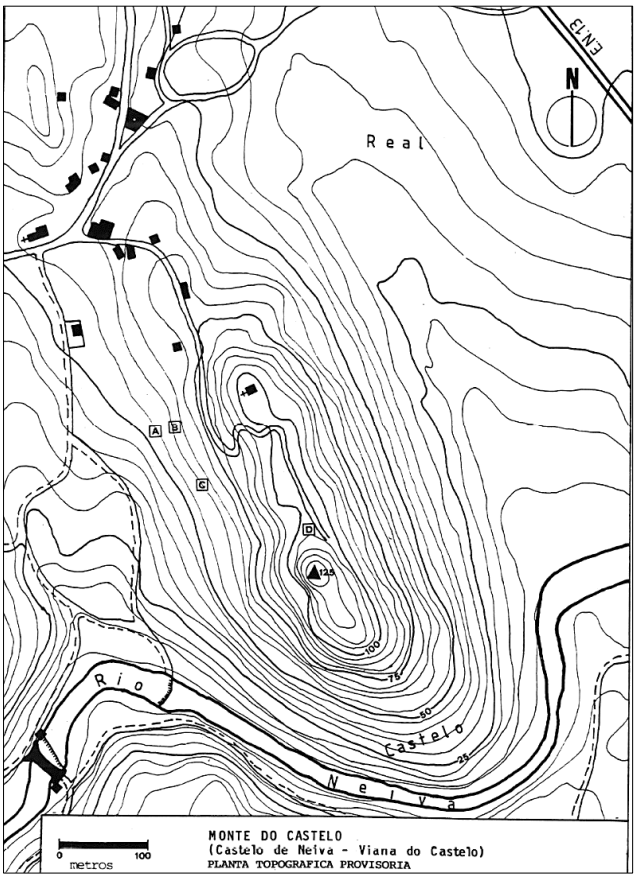


Fig. 4.13 Planta com a localização das sondagens arqueológicas realizadas (Silva e Marques, 1984, adaptado).

[171] Do qual não temos qualquer dado estratigráfico ou do espaço escavado.

2.3.4.1. Estruturas

O **Setor A** foi aberto no lugar no qual foram efetuados os achados dos dois capacetes e outros materiais metálicos referenciados por Almeida (1980a; 1980b). Aqui foi descoberta uma casa redonda de 5,90 m de diâmetro, com uma lareira central constituída por: "uma pedra de granito, afeiçoada de forma sensivelmente retangular, apresentando, no centro, um orifício quadrangular de 0,11 m de lado e 0,04 m de profundidade. Contígua a esta, implantava-se uma outra, de cutelo com uma altura, acima do nível do solo, de 0,40 m. e uma outra horizontal com orifício para inserção de um recipiente cerâmico. Aí foram recuperados, ainda, um grande número de fragmentos de ossos[172], em redor desse ponto (Silva e Marques, 1984; 1984a). Esta estrutura apresentou um banco corrido de pedra adossado à face interior da parede que estaria coberto por uma fiada de ardosias justapostas. De referir ainda que nessa área foram encontrados pingos de fundição e alguma escória. No interior desta estrutura existia um lajeado (Fig. 4.14; Fig. 4.15).

Setor B ficou localizado a 14 metros a nordeste do Setor A, a cerca de 60 metros de altitude.

Setor C, aberto a sul dos dois setores anteriores tinha um forte pendor topográfico. Aí, foram escavados 43 quadrados de 2 m x 2 m. Foram postas em evidência um conjunto de cinco cabanas circulares, separadas por alguns lajeados em granito. Uma delas tinha vestíbulo e uma outra apresentava-se em sobreposição. Existiam, também, remodelações. As casas foram construídas com aparelhos compostos por grandes blocos pétreos, associada a pedra miúda. Não foram encontradas as entradas das casas. Como este setor situa-se em plena vertente as estruturas existentes foram realizadas de modo a adaptarem-se às condições do terreno e da topografia (Silva e Marques, 1984a; 1986: 73;). Os pisos no interior das casas eram em saibro bem calçado (Almeida, 2008: 171-172). Entre as casas existiam lajeados. Segundo os arqueólogos responsáveis foi registado apenas um único nível de ocupação, seguido por uma destruição atestada por um nível e derrube e incêndio, isto no Setor C (Fig. 4.16; Fig. 4.17).

[172] Não foram encontrados no Depósito no Centro interpretativo do Castro de Moldes da Junta de Freguesia de Castelo do Neiva esses materiais osteológicos.

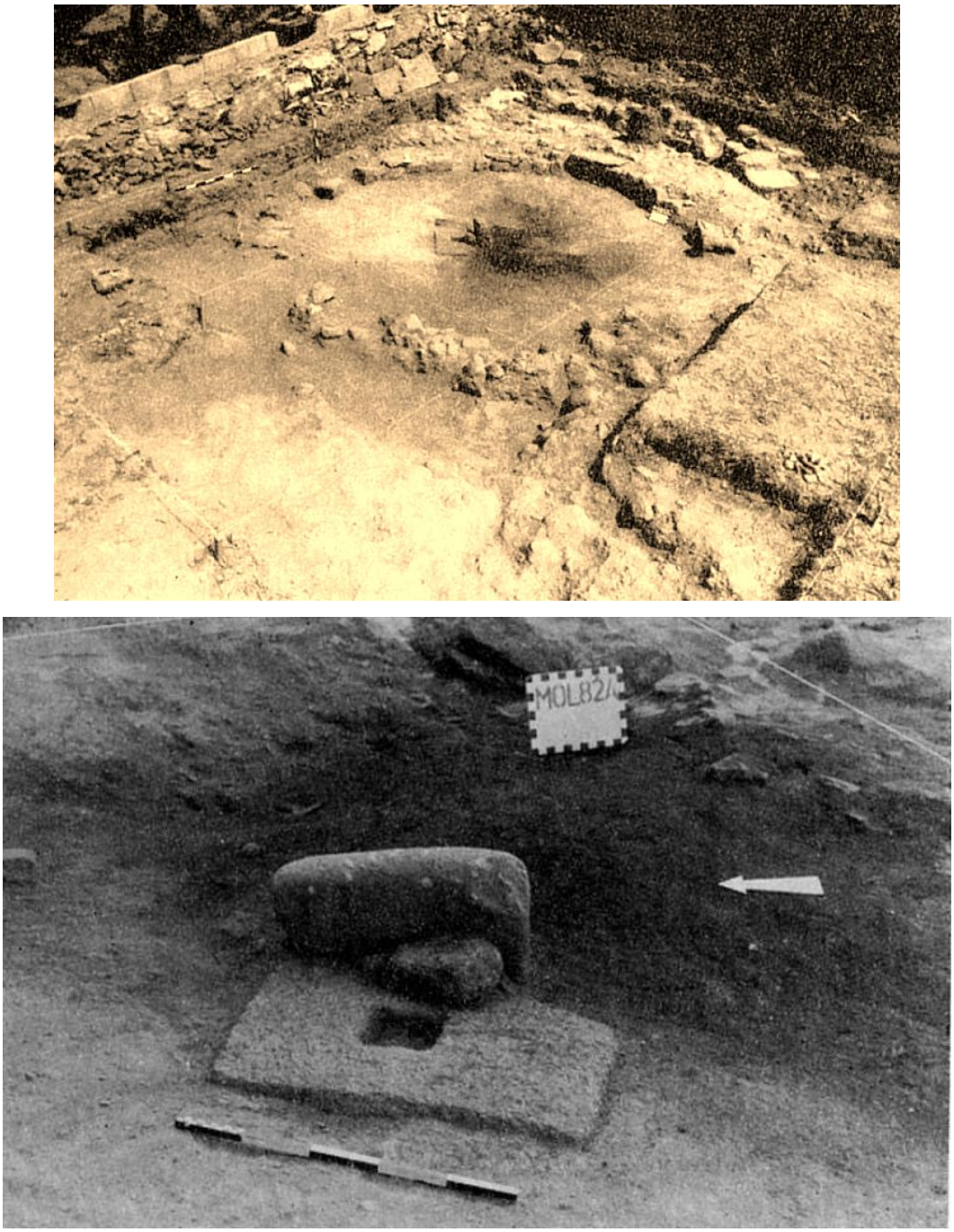


Fig. 4.14 Cabana circular e respetiva estrutura de combustão encontrada no Setor A (Silva e Marques, 1982, adaptado).



Fig. 4.15 Planta do Setor A (seg. Silva e Marques, 1984).



Fig. 4.16 Setor C, momento da escavação em que ainda estavam implantadas as banquetas (Silva, e Marques, 1982, adaptado). Note-se a pendente existente nesta área.



Fig. 4.17 Vista de parte do Setor C, no qual se pode observar a casa 4, com uma mó circular no seu interior (Silva e Marques, 1982, adaptado).

Em termos daquilo que é a rede do povoamento deste período, é destacar os povoados proto-históricos mais próximos como o de Belinho, também conhecido por Suvidade, na freguesia de S. Paio de Antas, em Esposende; e o de Sanfins ou Cova da Bouça, na freguesia de Belinho, concelho de Esposende. Um outro povoado, relativamente perto, é a Nossa Senhora do Castro, situado a norte de Moldes.

Um outro povoado mais longínquo e interior localiza-se num dos esporões da vertente norte do Monte de S. Gonçalo, a sul do rio Neiva. Trata-se do Castelo dos Mouros que, segundo Maciel (2003: 151) terá uma ocupação apenas durante a sua fase II (500 a 200 a.C.).

Foram, ainda, detetados vestígios de cinco linhas de muralha, localizando-se sobretudo na área nascente do povoado.

Finalmente, a 3.ª campanha arranca em 1985, com apenas 10 dias de escavação, período no qual foram abertos cinco novos quadrados de 2 m x 2 m com a abertura de um novo setor no cimo da elevação e o alargamento do setor C[173].

3.3.5. Materiais

Até esta data apenas uma ínfima parte do material e dos contextos estratigráficos destas intervenções foram publicados, carecendo o seu conjunto de um estudo sistemático. Todo o material foi observado apesar deste estudo se focar num dos setores escavados – o setor C, por

[173] Notícia do jornal *Primeiro de Janeiro* 19/07/1984.

ser este que oferecia maior documentação, número de peças e uma maior amplitude cronológica de materiais. Para os restantes sectores não existia informação contextual suficiente ou a quantidade de material era diminuta não alterando as conclusões deste estudo.

Foram observados, 610 fragmentos cerâmicos de produção local (88%) e ainda quanto a materiais de importação 83 fragmentos (12%) (Fig. 4.18).

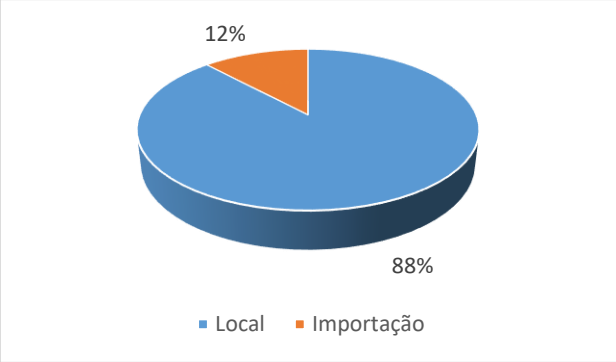


Fig. 4.18 Relação percentual dos materiais locais e importados no Povoado de Moldes.

Em termos cronológicos foi possível caracterizar as produções de vários períodos (Tab. 4.1). Da Idade do Bronze Final (?) foram estudados nove fragmentos, da Idade do Ferro Antiga foram estudados 148 fragmentos e da Idade do Ferro Recente foram estudados 453 fragmentos de produção local e ainda com a mesma cronologia materiais de importação de origem meridional e setentrional (83 fragmentos, que representam nas produções cerâmicas desse período apenas 15%).

Tabela 4.1 Representação por período cronológico das produções cerâmicas estudadas

Cronologia	N.º Fragmentos	%
I. Bronze Final	9	1%
I. Ferro Antigo	148	22%
I. Ferro Recente	536	77%
Total	**693**	**100%**

Na ausência de dados estratigráficos a opção metodológica foi o de os classificar pelas suas características técnicas e formais, inserindo-os nas tabelas de formas de Bettencourt (1999) e Martins (1990), consoante os períodos cronológico culturais.

Deste modo foi possível individualizar uma coleção inserível na Idade do Bronze Final, outra da Idade do Ferro Antiga, uma terceira do Ferro Recente, uma quarta de época romana e a última

da época medieval, ao contrário do defendido por Almeida, (1982), Silva e Marques (1982; 1984) e T. Maciel (2003), sobretudo no que diz respeito às fases mais antigas (Idade do Bronze Final e Ferro Antigo).

Foi ainda observado material de importação (nomeadamente cerâmicas finas e material anfórico) posterior ao séc. II d.C. e que não foram alvo de estudo detalhado.

3.3.5.1. Idade do Bronze Final (?)

No que diz respeito a material enquadrável técnica e morfologicamente na Idade do Bronze foram estudados um total de nove fragmentos cerâmicos provenientes do Setor C e de camadas superficiais (camadas 1 a 4). Estes correspondiam a quatro bordos e cinco bojos (Tab. 4.2).

Tabela 4.2 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Bronze Final

Tipos de Fragmentos	N.º de fragmentos
Bojos	4
Bordos	5
Total	**9**

Todos os fragmentos são de fabrico manual e de pastas arenosas, com elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo e de feldspato que se observavam macroscopicamente. Existe alguma moscovite de pequeno calibre que parece ser da composição da argila.

Relativamente à textura da peça com base no calibre dos e.n.p. seis fragmentos são de textura grosseira e os restantes 3 fragmentos são de textura média

As cozeduras são totalmente redutoras conferindo cores escuras aos recipientes, entre o castanho-escuro e o cinzento. No que diz respeito ao tratamento das superfícies estes são, na sua maioria, alisados (sete exemplares) e as restantes polidas (dois exemplares).

Foram identificados quatro bordos, dois dos quais esvasados, o outro vertical e outro algo indeterminado. No que concerne às formas foi registado um exemplar de potinho / púcaro (forma 10), com vassourado sob o bordo, um exemplar de pote da forma 2, com diâmetro de boca de 18,3 cm e um bordo indeterminado. Um outro bordo, pelas dimensões e carena média sobre o bojo corresponde a uma taça carenada (forma 12), segundo a tabela de formas de Bettencourt (1999, 2000c) (Tab. 4.3, Fig. 4.19). Trata-se, ainda, de um recipiente polido.

Tabela 4.3 Formas da Idade do Bronze no Povoado de Moldes

Tipo de Forma	Número de fragmentos	%
Forma 2 (pote)	1	25%
Forma 10 (potinho/púcaro)	1	25%
Forma 12 (taça carenada)	1	25%
Indeterminada	1	25%
Total	**4**	**100%**

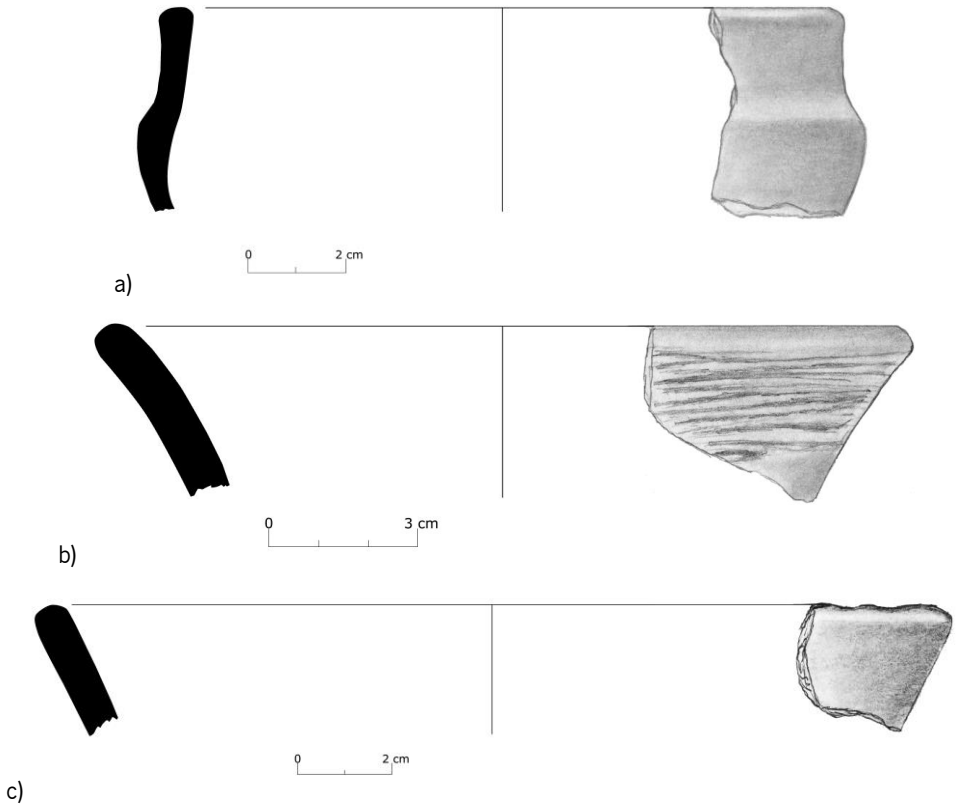


Fig. 4.19 Formas: a) taça carenada (forma 12); b) potinho / púcaro (forma 10); c) pote (forma 2).

Foi identificada, ainda, um fragmento de bojo de peça cuja forma e função são difíceis de apurar. É de pasta arenosa, grosseira, com alguma mica, feita à mão e de cozedura redutora que poderá pertencer a este momento antigo de ocupação. Trata-se de um recipiente muito pequeno, de base de fundo plano simples que seria provido de uma asa de secção oval, pois notam-se os dois arranques desta. Foi alisado pelo exterior, mas é rugoso no interior. Parece ter sido alvo de reutilização, após fratura da asa, tendo sido alisada a área da fratura inferior da asa, bem como escavado e polido em parede da parede peça, correspondente à área superior de inserção da asa,

originando uma espécie de bico na fratura que não contacta plenamente com o exterior (Fig. 4.20; Tab. 4.4). Não possui qualquer vestígio de ter sido usado como cadinho.

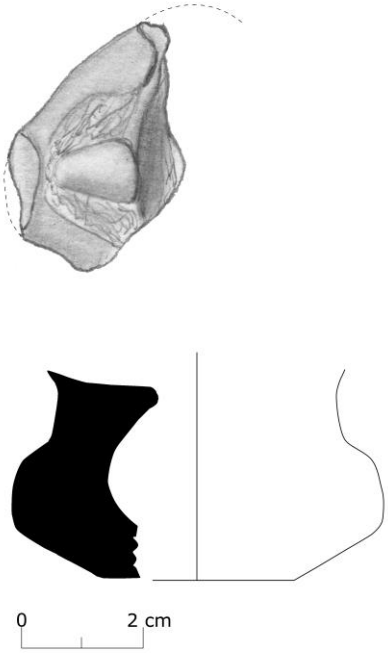


Fig. 4.20 Desenho de pequeno recipiente cerâmico reaproveitado.

Tabela 4.4 Pequeno recipiente cerâmico reaproveitado



Foi encontrado um fragmento de um bordo com decoração incisa sob o bordo, numa organização decorativa indeterminada (Fig. 4.21). A decoração foi realizada antes da cozedura não se tratando de cerâmica de tipo Baiões. Há, ainda, o potinho / púcaro com uma banda de vassourados, também sob o bordo, que não parece acabamento, mas decoração (Fig. 4.22).

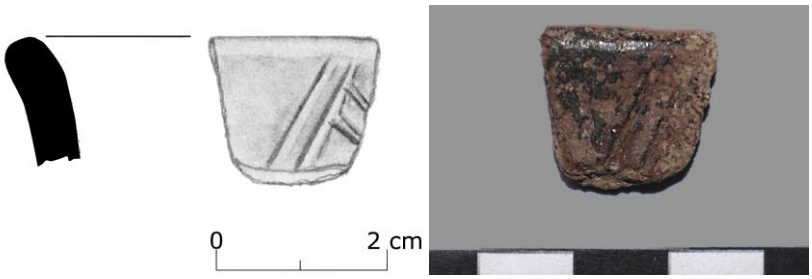


Fig. 4.21 Bordo de forma indeterminada decorado com incisões.

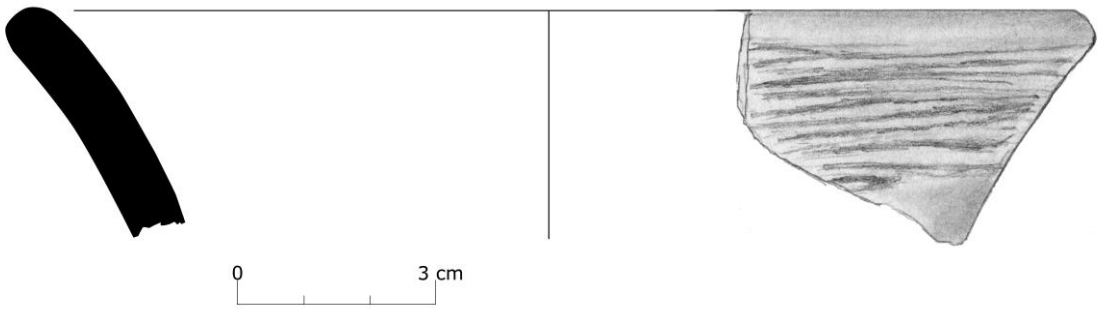


Fig. 4.22 Forma 10, decorado por vassourado.

Quanto ao uso da cerâmica apenas três fragmentos apresentam fuligem devido ao seu uso sobre o fogo, um deles o fragmento de bordo com decoração incisa.

Durante este estudo houve, também, a preocupação de observar os índices de fragmentação e de erosão indicadores de questões sobre deposição e pós-deposição dos fragmentos.

No que concerne ao tamanho dos fragmentos observa-se os seguintes dados: quatro fragmentos eram < de 4 cm e cinco fragmentos <8 cm, o que indicia alguma fragmentação.

Quanto ao índice de erosão, com efeito, menos de metade dos fragmentos estavam rolados (33%) o que indicia alguma erosão.

O conjunto destes indicadores podem revelar algum transporte deste material e ação de agentes erosivos sobre os mesmos, pelo que é provável que estivessem deslocalizados, tendo em conta os conceitos de Brudenell e Cooper (2008).

3.3.5.2. Idade do Ferro Antiga

No que diz respeito a material cerâmico enquadrável na Idade do Ferro Antiga foram estudados um total de 148 provenientes do setor C e B (das camadas 1 a 5, com enfoque nas camadas 3 de vários quadrados). Neste conjunto individualizámos 19 bordos, nove bases, seis asas e arranque de asa, 114 bojos, sendo, 17 decorados (12% do conjunto) (Tab. 4.5; Fig. 4.23).

Tabela 4.5 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Ferro Antiga

Tipos de Fragmentos	N.º de fragmentos
Bojos	114
Bordos	19
Bases	9
Asas	6
Total	**148**

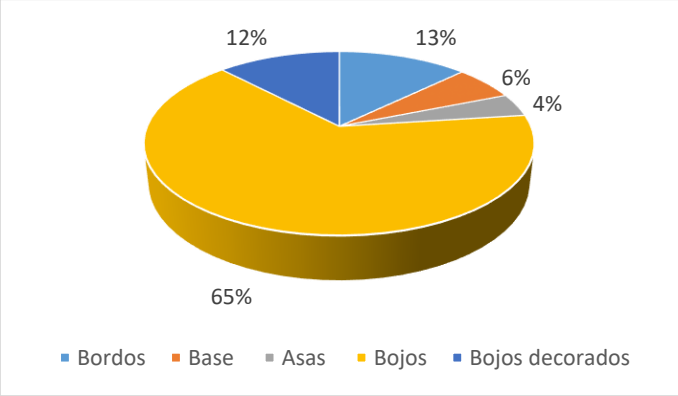


Fig. 4.23 Percentagem de fragmentos datável do Ferro Antigo.

Os fragmentos apresentam-se apenas com fabricos de produção manual.

No que respeita às pastas, na sua maioria são micáceas, isto é, com palhetas de moscovite e de alguma biotite adicionadas como elementos não plásticos (e.n.p). Apenas 1% são arenosas. Os e.n.p. são, na sua maioria, de médio calibre (52%), seguidos dos de grande calibre (31%) e, finalmente, dos pequenos (17%).

A cozedura é, essencialmente redutora (93 %) e apenas 7% apresentam uma cozedura oxidante. Isto confere cores heterogéneas ao conjunto, entre o castanho-escuro, castanho-claro e o cinzento.

Relativamente à textura dos fragmentos a maioria é média (67%), seguido de fina (26%) e finalmente 5% de grosseira.

No que diz respeito ao tratamento das superfícies estes são na sua maioria alisados, neste caso 87 fragmentos (59%) e as restantes fragmentos (61 exemplares) possuem as superfícies polidas (41%).

Foram identificados 19 bordos dos quais nove esvasados, sete em aba soerguida, três em aba horizontal.

Foram também estudados um conjunto de nove bases, das quais seis exemplares são de fundo plano simples, um exemplar é de fundo plano alargado e ainda dois muito rolados e, por isso, indeterminados.

Relativamente aos fragmentos de asa (cinco ex.) e arranque de asa (um ex.), três apresentam seção pentagonal, uma seção em fita e outra seção sub-retangular.

Quanto às formas cerâmicas identificáveis a partir de asas e bordos individualizaram-se apenas formas de potes e de potinhos/púcaros (Tab. 4.6).

Tabela 4.6 Formas da Idade do Ferro Antiga e suas variantes no Povoado de Moldes

Tipo de Forma	N.º de fragmentos	%
Forma 1 (total)	**18**	**52 %**
Forma 1a (pote)	3	(9 %)
Forma 1b (pote)	6	(17 %)
Forma 1c (pote)	1	(3 %)
Forma 2 (total)	17	**48 %**
Forma 2a (púcaro)	4	(24%)
Total	**35**	**100%**

Os potes eram diversificados: oito da forma 1[174] (três da forma 1a (esvasados); seis da forma 1b (em aba soerguida); um da forma 1c (em aba horizontal) (Fig. 4.25).

Quanto aos potinhos/púcaros existem 13 exemplares da forma 2 (potinhos) e quatro da forma 2a (púcaros). Finalmente, devido ao tamanho dos bordos cinco são indeterminados.

[174] Referimos genericamente a forma 1, devido ao facto de não ser possível apurar que subtipologia (Forma 1a, 1b e 1c).

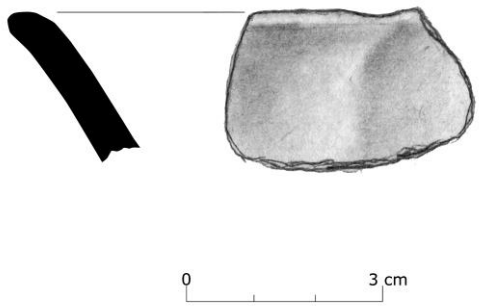


Fig. 4.24 Bordo de forma indeterminada (Forma 2b?).

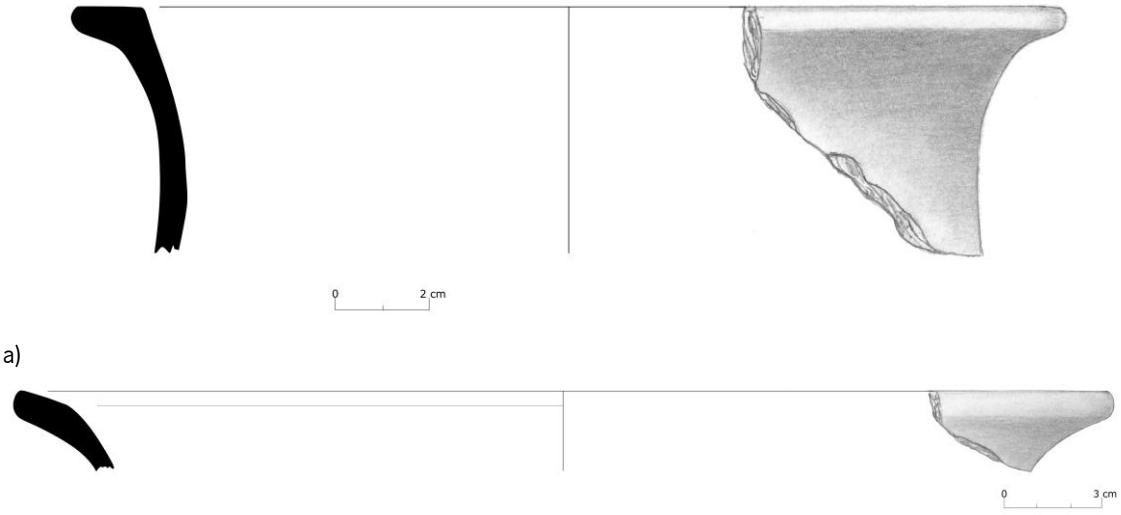


Fig. 4.25 Formas: a) pote de bordo em aba horizontal (forma 1c); b) pote de bordo em aba soerguida (forma 1b).

Quanto ao uso da cerâmica foi possível identificar 31 fragmentos (21%) com fuligem devido ao uso sobre o fogo, sobretudo nas formas 1 e 2. A fuligem surge apenas no exterior dos fragmentos considerados, e não no cerne. Este facto pode indiciar que talvez algumas destas formas (sobretudo no caso dos potes) serviriam para cozer alimentos.

Em termos decorativos as produções cerâmicas deste período apresentam, na sua maioria, decoração por incisão (11 fragmentos). Os restantes cinco fragmentos apresentam decorações muito heterogéneas: um fragmento com brunido; dois com incisão e impressão; um com aplicação plástica e incisão; e um com aplicação plástica, incisão e impressão.

Os motivos aplicados nos bojos são, frequentemente, conjuntos de dois a quatro sulcos incisos e horizontais. Surgem, também, conjuntos de dois sulcos incisos horizontais seguidas, de sulcos na oblíqua; um exemplar com quatro sulcos incisos na horizontal e entre o segundo e terceiro sulco encontram-se vários triângulos incisos preenchidos com incisões oblíquas, formando um ziguezague; um exemplar com quatro sulcos oblíquos, talvez um triângulo preenchido, seguido

de mais dois sulcos incisos; um outro exemplar apresenta dois sulcos e um conjunto em série de pequenos sulcos, em forma vegetalista.

O brunido apresenta-se na superfície de um bojo formando várias linhas cruzadas (retícula brunida) (Fig. 4.26).



Fig. 4.26 Bojo decorado por brunido.

A aplicação plástica seguida de incisão consubstancia-se por aplicação de cordão seguido de várias incisões, formando decoração em espinha (Fig. 4.27).



Fig. 4.27 Bojo com decoração em espinha.

A incisão e impressão representa-se através dos motivos como sulco inciso seguido de pequenas punções circulares. Um outro exemplar apresenta-se com quatro sulcos incisos intercaladas com pequenos sulcos em forma de gota (efetuado por impressão) orientados ora para um lado, ora para o outro

A aplicação plástica, incisão e impressão surge através de um cordão disposto na horizontal, dois sulcos incisos paralelos e série de impressões circulares, seguida de dois sulcos incisos e horizontais e, ainda, um novo cordão.

Quanto aos índices de erosão 45 % dos fragmentos (67 ex.) estavam rolados.

No que diz respeito ao tamanho dos fragmentos observa-se que 106 fragmentos (71 %) têm um tamanho < de 4 cm, 38 fragmentos (25 %) têm entre 4 e 8 cm e apenas 6 (4 %) têm >8 cm.

Este conjunto de dados permite, no que concerne aos aspetos deposicionais e pós deposicionais, considerar que houve alguma erosão e transporte destes materiais do seu contexto original de deposição, encontrando-se, provavelmente descontextualizados, isto segundo os preceitos de Brudenell e Cooper (2008).

3.3.5.3. Idade do Ferro Recente

No que diz respeito a material cerâmico enquadrável na Idade do Ferro Recente foram estudados 453 fragmentos provenientes do setor C (de várias camadas). Neste conjunto apuramos 166 bordos, 33 bases, 38 asas e arranque de asa e 216 bojos (59 decorados) (Tab. 4.7, Fig. 4.28).

Tabela 4.7 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Ferro Recente

Tipos de Fragmentos	N.º de fragmentos
Bojos	216
Bordos	166
Bases	33
Asas	38
Total	**453**

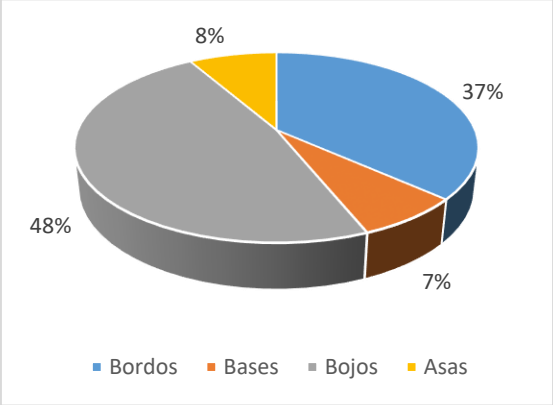


Fig. 4.28 Percentagem de fragmentos da Idade do Ferro Recente.

Os fragmentos apresentam fabricos, essencialmente, a torno (74 %), sendo os restantes de produção manual (26 %). No que respeita às pastas, estas são exclusivamente micáceas. Quanto aos elementos não plásticos (e.n.p.) estes são compostos por algumas micas (biotite e moscovite) e são, na sua maioria, pequenos (46 %), médios (40 %) e grandes (14 %), o que possibilita texturas médias (64 %), finas (27 %) e grosseiras (9 %) dos recipientes.

As cozeduras são em 46 % dos casos oxidantes, sendo as restantes redutoras. Isto confere cores heterogéneas como o castanho-escuro, o castanho-claro, além de cores avermelhadas e alaranjadas.

No que diz respeito ao tratamento das superfícies, estas são na sua maioria polidas (52%), sendo as restantes alisadas (48%).

Os 166 bordos apresentam-se diversificados, sendo 101 esvasados, 40 em aba soerguida, 5 em aba horizontal, 12 abertos, sete verticais e um indeterminado.

Dos 37 fragmentos de asas individualizaram-se 12 de asa em orelha, 10 de seção pentagonal, sete de seção em fita, três de seção com canelura central, três e secção circular e um de seção sub-retangular. Foram, ainda, registados dois arranques de asas.

Quanto às formas cerâmicas individualizadas a partir de asas e bordos contam-se potes (formas 1a, 1b e 1c), potinhos / púcaros (forma 2), malgas / tigelas (forma 3), panelas de asa interior (forma 4), panelas de asa em orelha (forma 6), talhas (forma 5) e uma copa (forma 7) (Tab. 4.8).

Tabela 4.8 Formas da Idade do Ferro Recente e suas variantes do povoados de Moldes

Forma	N.º de fragmentos	%
Forma 1 (total)	**52**	**30%**
Forma 1a (pote)	37	21%
Forma 1b (pote)	12	6,80%
Forma 1c (pote)	3	1,70%
Forma 2 (total)	**76**	**43,10%**
Forma 2 (potinho / púcaros)	49	27,80%
Forma 2a (púcaro)	15	8,50%
Forma 2b (potinho)	8	4,50%
Forma 2c (potinho)	4	2,30%
Forma 3 (total)	**10**	**6,00%**
Forma 3 (malga/tigela)[175]	3	1,70%
Forma 3a (malga)	6	3,40%
Forma 3c (tigela)	1	0,50%
Forma 4 (panela de asa interior)	**15**	**8%**
Forma 5 (talha)	**9**	**5,00%**
Forma 6 (panela de asa em orelha)	**13**	**7,00%**
Forma 7 (copa)	**1**	**0,50%**
Total	**176**	**100 %**

Verifica-se que um grande número de fragmentos (42%) pertence a formas relacionadas com transporte e armazenagem de produtos onde se podem incluir os potes (Fig. 4.29), as talhas e as panelas de asa em orelha que, pelo facto de estarem suspensas, teriam servido, igualmente, para guardar algum produto específico.

[175] Há algumas peças cujos fragmentos do bordo não possibilitam distinguir a variante desta forma, sendo classificados, apenas como forma 3.

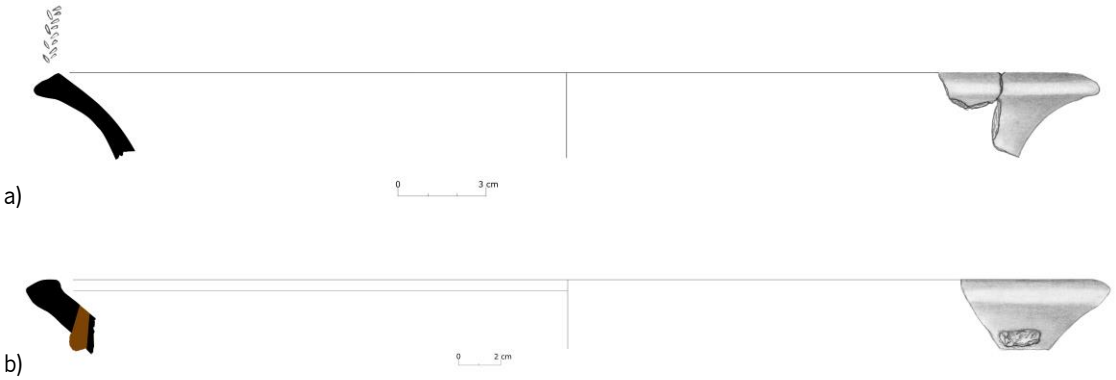


Fig. 4.29 Formas 1 (potes): a) forma 1a (decorada no lábio por incisão); b) forma 1b (com resto de agrafo metálico).

Em segundo lugar encontram-se representadas formas mais pequenas que indiciam consumo de bebidas ou de alimentos para sorver, como os potinhos, púcaros e a copa (40,60%), embora os púcaros possam ter sido usados para transportar alguma quantidade de líquidos, a partir de recipientes maiores (Fig. 4.31).

Em terceiro lugar aparecem as panelas de asa interior (8%), consideradas por Martins (1990: 147) e Armando Coelho da Silva (1986: 130) como formas para cozinhar alimentos devido às suas dimensões e à frequência de fuligem na sua parte exterior. As formas para consumo e ou preparação de alimentos são as menos representadas (15%), mas é provável que pudesse existir consumo de alimentos diretamente das panelas de asa interior.

A existência de agrafos metálicos em potes e talhas (Fig. 4.30) demonstra bem a importância da cerâmica durante este período e da necessidade de prolongar o seu tempo de vida.



Fig. 4.30 Forma 1b (pote) com agrafo metálico.

Há 10 exemplares com um cordão na zona interior da peça, na junção da aba e do colo, para reforço da aba e para facilitar a colocação de tampas, nas formas 5 (talha) (nove exemplares encontram-se num bordo e um exemplar é constituído por um bojo com cordão no interior).

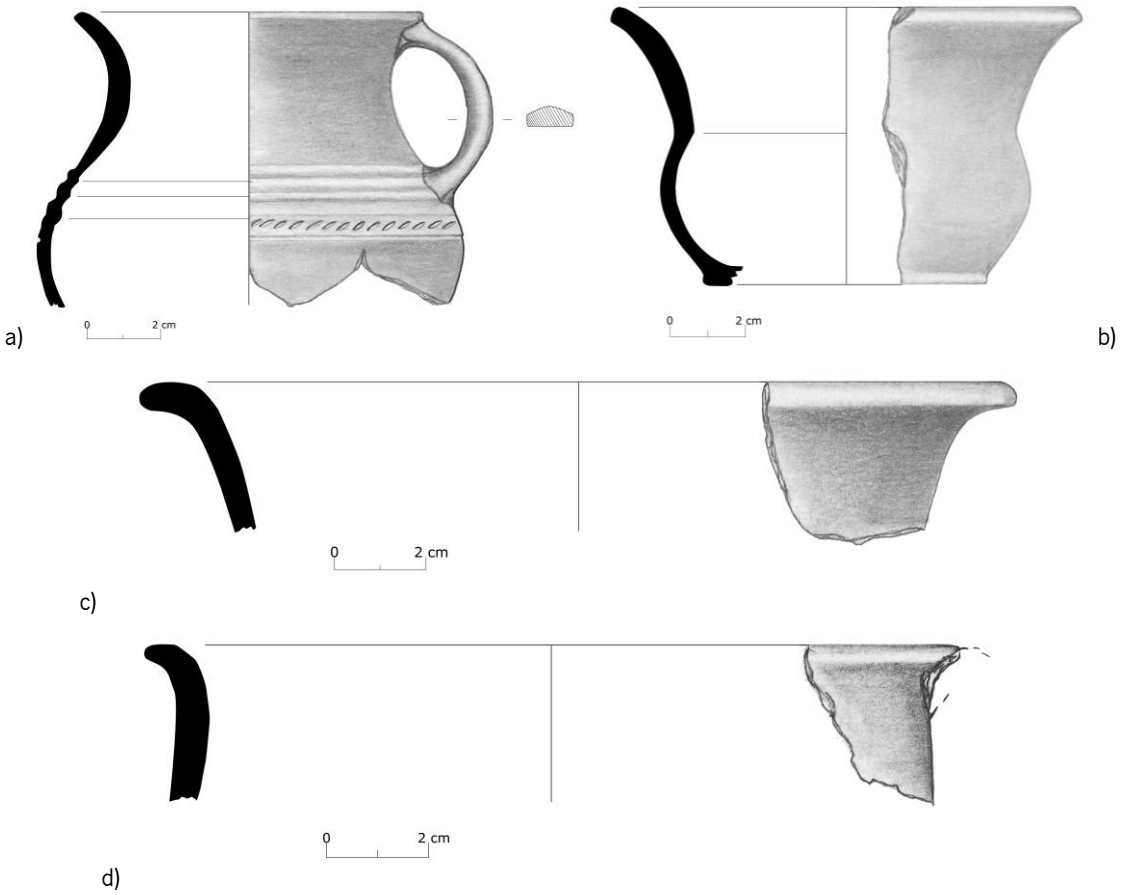


Fig. 4.31 Formas: a) púcaro decorado incisa e asa de seção pentagonal; (forma 2b); b) copa (forma 7); c) potinho (forma 2a); d) púcaro, com arranque de asa (forma 2b).

De salientar ainda a existência de uma tampa de 10,7 cm diâmetro, decorada (Fig. 4.32), que, pelas suas dimensões, poderá ter servido para tapar alguma tigela, principalmente os de aba soerguida (neste caso foram estudados quatro exemplares).

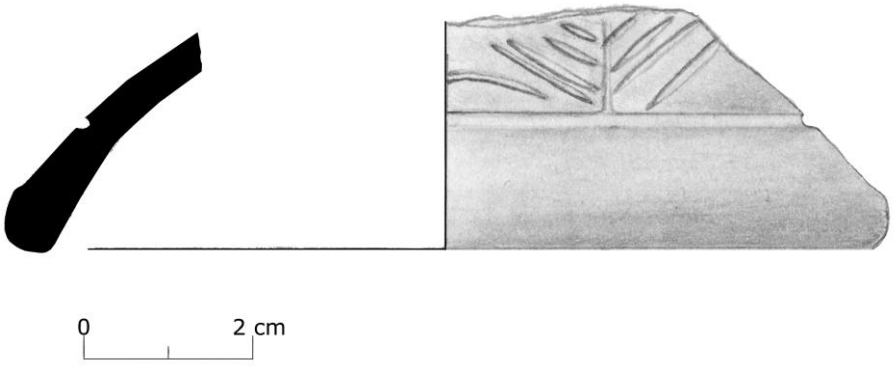


Fig. 4.32 Tampa decorada por incisão.

As bases são, essencialmente, de fundo plano alargado (27 exemplares), seguidas das de fundo plano simples (quatro exemplares) (Fig. 4.33). Há um exemplar de pé alto e um indeterminado.

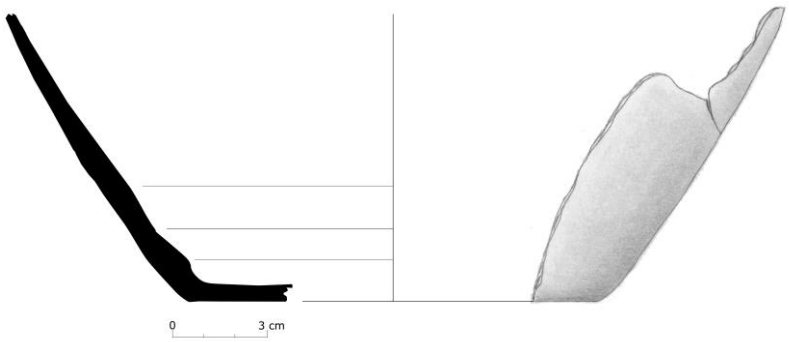


Fig. 4.33 Fundo plano simples.

Foram ainda estudados três cossoiros, de tipologias diferentes: um exemplar bicónico de cones iguais, um exemplar bulboso achatado, um exemplar bulboso esférico e dois discos perfurados (Fig. 4.34). Estes materiais estão bem cozidos e as cores oscilam castanho e castanho-claro, e os desengordurantes são pequenos.

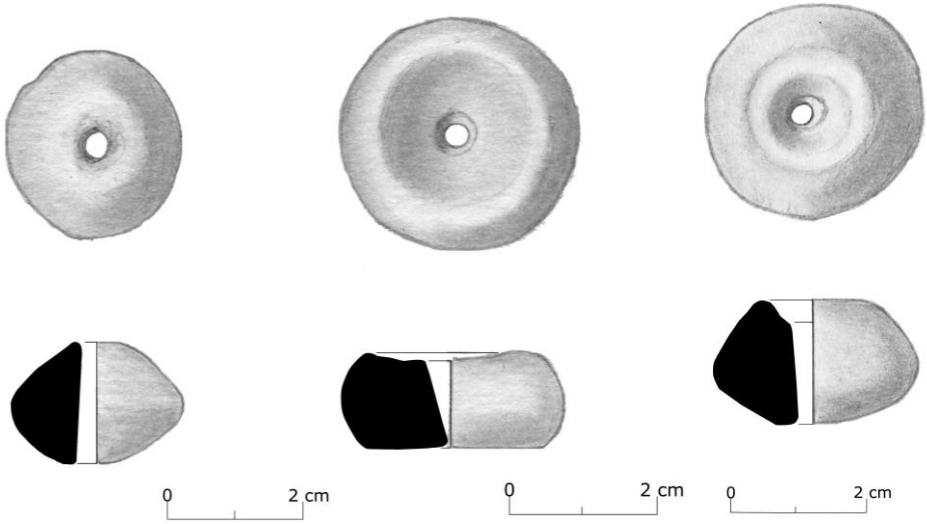


Fig. 4.34 Cossoiros (bicónico de cones iguais, bulboso achatado, bulboso esférico).

Quanto ao uso da cerâmica, foi possível identificar 91 fragmentos com fuligem no exterior e/ou interior (20%) devido ao uso sobre o fogo. Deste conjunto de materiais 51 bojos possuem fuligem no exterior.

O restante conjunto (40 exemplares) considerado foi registado oito exemplares de asa (sobretudo em orelha) que possuíam fuligem no exterior. Destacamos o grande número de formas 2 (19 exemplares) que possuíam fuligem no exterior e em dois casso no interior o que sugere que em muitos casos estas formas estariam mesmo que por breves momentos sobre o fogo (para

aquecer alimentos ou bebidas). Também alguns exemplares da forma 1b (potes) e, naturalmente as formas 4 (panelas de asa interior) possuem fuligem no exterior.

Foi registado ainda um exemplar de forma 5 no exterior e interior o que pode indiciar que partiu e esteve sobre lume.

São 87 os fragmentos decorados: destes 58 são bojos, 28 bordos e uma base (Tab. 4.9; Tab. 4.11).

Em termos decorativos, as produções cerâmicas deste período apresentam na sua maioria decoração por incisão (34 fragmentos, o que corresponde a (39,1%).

Contam-se, ainda, 22 fragmentos com aplicação plástica (25,3%), quatro exemplares (4,6%) com a técnica do espatulado, dois com a técnica de brunido (2,3%), dois fragmentos com engobe (2,3%), dois fragmentos com impressões (2,3%), e com decoração compósita (com duas ou mais técnicas decorativas) 21 exemplares (24,1%). Destes destacamos a decoração por aplicação plástica, incisão e impressão com 12 exemplares (13,8%), seguido de aplicação plástica e incisão quatro exemplares (4,6%), por incisão e impressão três exemplares (3,4%) e apenas dois exemplares por aplicação plástica e impressão (2,3%).

Tabela 4.9 Técnicas decorativas na cerâmica da Idade do Ferro Recente no Povoado de Moldes

Técnica decorativa	Quantidade
Incisão	34
Aplicação Plástica	22
Brunido	4
Espatulado	2
Engobe ou Aguada	2
Impressão	2
Aplicação plástica e incisão	4
Aplicação plástica e impressão	2
Incisão e impressão	3
Aplicação plástica, incisão e impressão	12
Total	**87**

Organizações decorativas com motivos incisos

Os motivos efetuados apenas por incisão resumem-se a sulcos dispostos na horizontal desde um a um conjunto de cinco. Em alguns casos encontram-se dois sulcos no interior dos bordos, localizados junto ao lábio, ou ainda sulcos agrupados de três em três na oblíqua com um

sulco por cima destes. Foi registado ainda quatro fragmentos com decoração por incisão com ponta romba, cujos motivos são várias linhas na horizontal ou vertical.

Foram identificados fragmento com vários sulcos incisos dispostos obliquamente no corpo do recipiente (alguns talvez correspondentes a triângulos preenchidos); um com várias incisões na vertical, na área do colo e um com dois sulcos incisos seguidos de um motivo reticulado (Fig. 4.35). Foi registado ainda fragmentos com um sulco inciso na horizontal e entre esse sulco surge decoração em espinha.

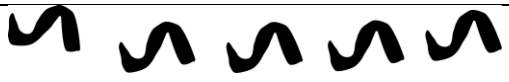
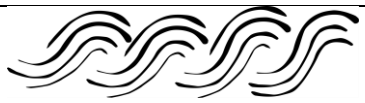


Fig. 4.35 Fragmento decorado por incisão.

Organizações decorativas com motivos impressos

Vários são ainda os fragmentos decorados, que apresentam impressões pequenas em forma de gota ou apenas série de SSS impressos. As orientações e formas das séries de SSS são variadas, as mais comuns são os que estão orientados verticalmente. Ainda assim, surgem outros casos de série de SSS na horizontal (algo raros), outros na diagonal, sendo que os que têm esta última orientação, em alguns casos entreligam-se fazendo um motivo dinâmico. As séries de SSS orientadas verticalmente por vezes fazem lembrar motivos zoomorfos (patos ou serpentes) (Tab. 4.10).

Tabela 4.10 Tipos de SSS no Povoado de Moldes

Vertical	
Horizontal	
	
Entrelaçados	
	

Organizações decorativas com motivos por aplicação plástica

No que respeita à decoração por aplicação plástica, os cordões aplicados podem surgir isolados, ou em conjunto de dois e três.

Decorações compósitas

Os restantes fragmentos podem ser inseridos na decoração compósita (com várias técnicas utilizadas). As combinações que ocorrem subdividem-se em 4 categorias: com motivos plásticos e incisos (quatro exemplares), motivos plásticos e impressão (dois exemplares); aplicação plástica com incisão e impressão (três exemplares) e incisão e impressão (12 exemplares)

Com efeito, os motivos na decoração compósita surgem de variadas formas e misturas de técnicas:

Aplicação plástica e incisão

Registaram-se 3 exemplares: um deles com decoração em espinha sobre dois cordões, noutro caso por cima dos cordões surge cruciformes incisos e noutro caso banda de sulcos incisos em formato de gota.

Incisão e impressão

Registaram-se dois sulcos incisos horizontais, e séries de impressões semicirculares logo abaixo da canelura; vários outros cassos que surge depois de sulcos incisos e surgem impressões em forma de gota. Noutros casos regista-se círculos concêntricos impressos ligados entre si, seguido de dois sulcos incisos e no fim 3 conjuntos de escudetes, com 3 círculos pequenos no interior.

Vários são os exemplares em que surgem séries de SSS estampados (Fig. 4.36) com dois a três sulcos na zona superior e / ou inferior dos fragmentos, noutros casos foi ainda acrescentado uma série de pequenos sulcos de tipo vegetalista, noutros casos ainda surgem vários sulcos na oblíqua tipo gota, ou motivos indeterminados e ainda uma série de besantes ou escudos. Casos há em que além de triângulos preenchidos por sulcos incisos surgem ainda círculos concêntricos impressos



Fig. 4.36 Decoração por incisão e impressão de série de SSS, horizontais.

Incisão, impressão e aplicação plástica

No que respeita a fragmentos decorados por aplicação plástica, incisão e impressão é de registar 2 fragmentos: com cordões aplicados, com sulcos incisos horizontais e num caso com pequenas impressões subretangulares e noutro uma série de SSS. Foi ainda registado um fragmento possui 1 cordão aplicado e 3 sulcos incisos horizontais, seguido de uma série puncionamentos indeterminados (Fig. 4.37).



Fig. 4.37 Decoração por aplicação plástica, incisão e impressão.

Outras decorações

Foram examinados ainda dois fragmentos com uma espécie de aguada/engobe negro bastante espesso nas superfícies exteriores nestas produções locais (que talvez denotem um gosto decorativo exógeno).

Foi estudado ainda um fragmento com várias linhas de brunido na horizontal no colo, e várias a partir do meio colo na vertical. De registar ainda um fragmento com vassourado, produzindo várias incisões muito leves sobre a superfície exterior do fragmento.

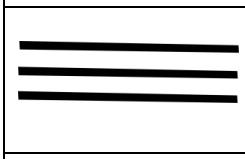
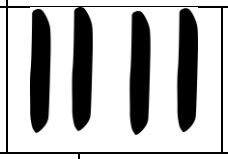
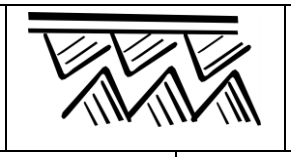
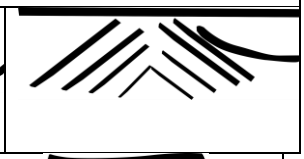
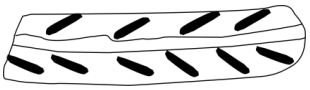
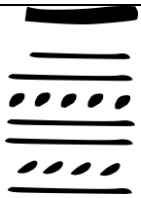
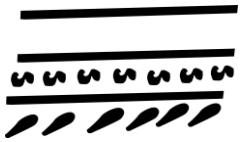
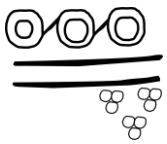
Relativamente a aspetos intencionais que surgem na cerâmica, destacamos um exemplar com um agrafo metálico ainda existente na peça para, de certa forma, a "restaurar". Regista-se nesta mesma linha duas perfurações também devido a esses agrafos metálicos para unir peças partidas.

No que concerne aos aspetos deposicionais e pós deposicionais dos fragmentos, integrados nesta cronologia, consideramos que 25% dos fragmentos estavam rolados, o que revela alguma erosão e transporte dos mesmos.

Já no que diz respeito ao tamanho dos fragmentos observam-se o seguinte: 169 fragmentos têm dimensões < de 4 cm, 205 fragmentos têm um tamanho entre 4 e 8 cm e apenas 80 fragmentos tem dimensões >8 cm. Tal significa que o nível de fragmentação não é muito elevado, já que 63% do total representado possui um tamanho superior a 4 cm o indicia não só pouco transporte dos fragmentos como também os níveis da Idade do Ferro Recente não foram muito

perturbados devido a fenómenos deposicionais ou pós deposicionais, isto tendo em conta os preceitos de Brudenell e Cooper (2008).

Tabela 4.11 Técnicas e motivos decorativos na cerâmica da Idade do Ferro Recente, no Povoado de Moldes

Incisão				
				
Aplicação Plástica				
Espatulado				
Aplicação Plástica e Incisão				
Incisão Impressão e Aplicação Plástica				
Incisão e Impressão				
				
				

3.3.5.3.1. Materiais importados

Quanto aos materiais importados devemos referir dois grupos de importações, todas elas datadas da Idade do Ferro Recente.

O primeiro grupo corresponde a importações da área setentrional da Península Ibérica (área da Galiza e das Rias Baixas). Estas peças são consideradas de importação por aparecerem sempre em escassa quantidade e serem portadoras macroscopicamente de formas e pastas diferentes das que são usadas no fabrico da cerâmica local.

O segundo a importações de origem meridional da Península Ibérica (material anfórico tardo-púnico, ânforas e material fino de época tardo-republicana romana), além de algum material de imitação de engobe vermelho.

Importações de origem setentrional

Com efeito, da zona setentrional da Península Ibérica registam-se dois bordos o que equivale a 3% da totalidade da amostra de materiais importados (Fig. 4.38).

Um deles, pela orientação do bordo e tipo de lábio, produzido a torno, com cozedura redutora e decoração incisa e exterior, imediatamente sob o bordo, insere-se nos bordos de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo e tem paralelos no Castro de Santa Trega/Tecla, Galiza, como se poderá observar em Rey Castiñeira (1991, estampa CCCLXXVIIa, nº. 8 e 9). O outro, pela orientação do bordo, produzida a torno, com cozedura redutora, parece tratar-se de uma forma de bordo reforçado, de tipo Vigo, com paralelos no Castro de Vigo, Galiza (Rey Castiñeira, 1991, estância CCCXI, nº. 2). Apesar desta forma ser normalmente decorada com incisões ou estampagens, na zona do lábio e no exterior do bordo, neste caso isso não sucede, ainda assim não devemos considerar como sendo uma imitação, mas sim uma peça importada.

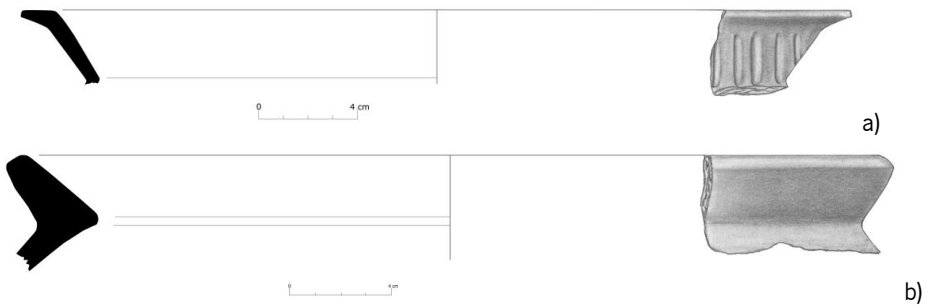


Fig. 4.38 Formas importadas da área setentrional (Galiza): a) bordo de tipo monofacetado, com decoração típica das formas de tipo Vigo; b) bordo reforçado tipo Vigo.

Importações de origem meridional

Neste grupo foram estudados materiais anfóricos de várias proveniências e cerâmicas finas de mesa.

Materiais anfóricos

Existem algumas referências aos contentores anfóricos de época tardo-republicana romana no povoado de Moldes. C.A.B. Almeida refere a existência de exemplares de ânforas vinárias Dressel 1 e Dressel 21/22, (Almeida, 1982: 22). Outra investigadora, Marta Marques (2012, vol. II: 261) alude também a existência de ânforas do tipo Dressel 1 e Dressel 8 e de Haltern 70.

Este conjunto de materiais, em número de 81 foram estudados tendo em conta bojos (45 exemplares), fundos (duas exemplares), asas (sete exemplares) e bordos (18 exemplares) que pelas suas características técnicas (pastas cerâmicas) e morfológicas desta coleção possibilitaram identificar várias proveniências (Tab. 4.12) e cronologias. Foram ainda estudados nove exemplares de opérculos (tampas para ânfora).

Além de 45 fragmentos de bojos de ânfora de várias proveniências, nomeadamente, do vale do Guadalquivir, da Bética e da Bética Costeira, de produções itálicas e da baía de Cádis.

Quanto aos bordos foram considerados 11 exemplares que possibilitaram a sua classificação tipológica (Tab. 4.12). Quantos aos exemplares de asa, três deles são da tipologia Haltern 70, um é indeterminado (?) e três exemplares indeterminados. Quanto aos fundos os dois são apenas da tipologia T-7.4.3.3.

Tabela 4.12 Tipologias de ânforas enquadráveis no final da Idade do Ferro Recente

Tipologia	NMI	%
T-7.4.3.3	6	30 **%**
Dressel 1	3	15 **%**
Dressel 12	1	5 **%**
Haltern 70	7	35 **%**
Ovóide 1	2	10 **%**
Ovóide 4	1	5 **%**
Total	**20**	**100%**

Registam-se seis exemplares (quatro bordos e dois fundos) da forma T.7.3.4.4. (de produção da baía de Cádis), segundo Rámon Torres (1995) com uma cronologia balizada entre meados do séc. II a.C. e finais do séc. I a.C. (Fig. 4.39).

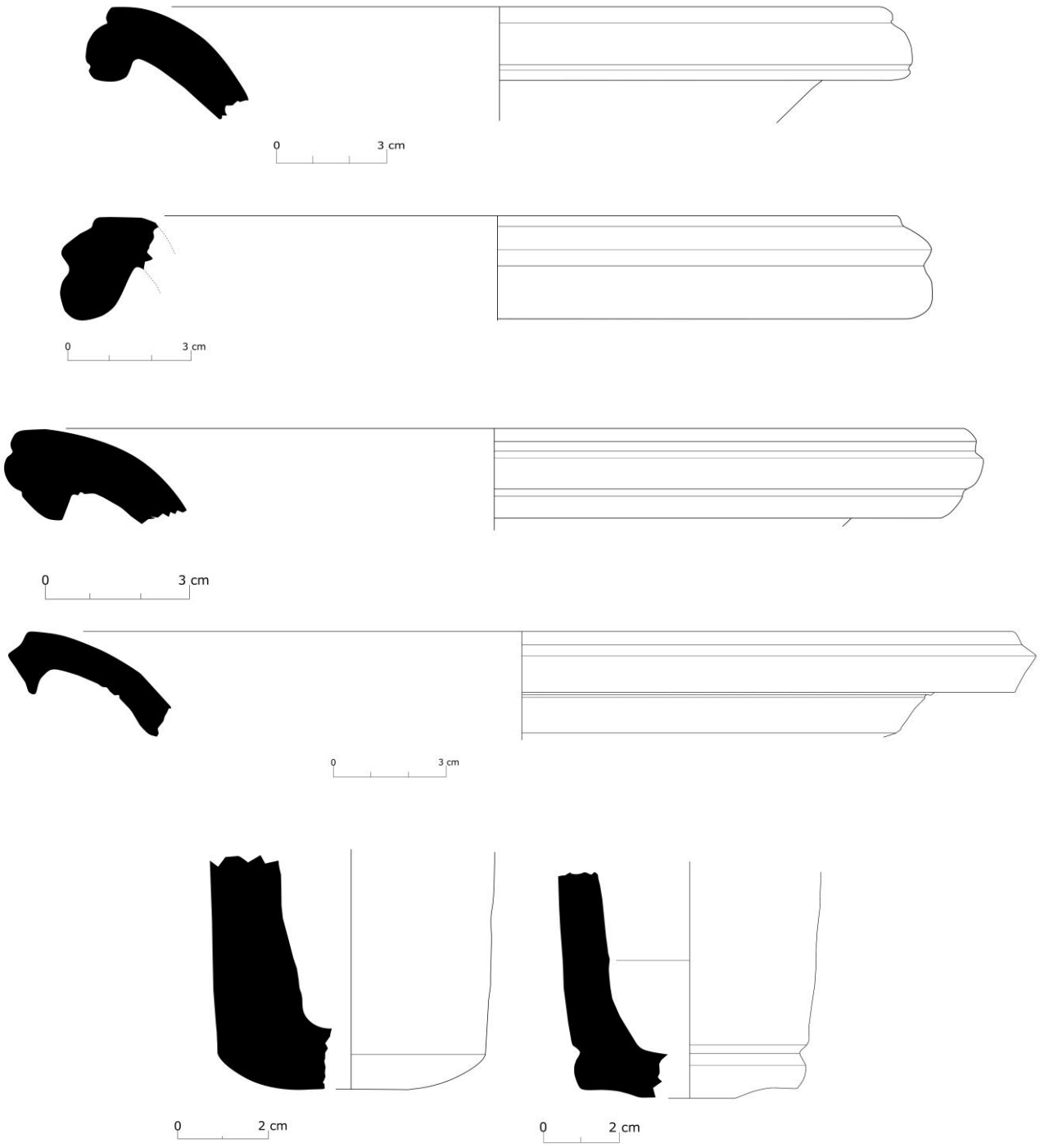


Fig. 4.39 Exemplares de ânforas do tipo T.7.3.4.4.

Foi registado um exemplar da tipologia Dressel 1 e dois exemplares de Dressel 1a (ambos de produção itálica) segundo Peacock (1971) e Peacock e Williams (1986), da segunda metade séc. II a.C. até à primeira metade do séc. I d.C. (Fig. 4.40).

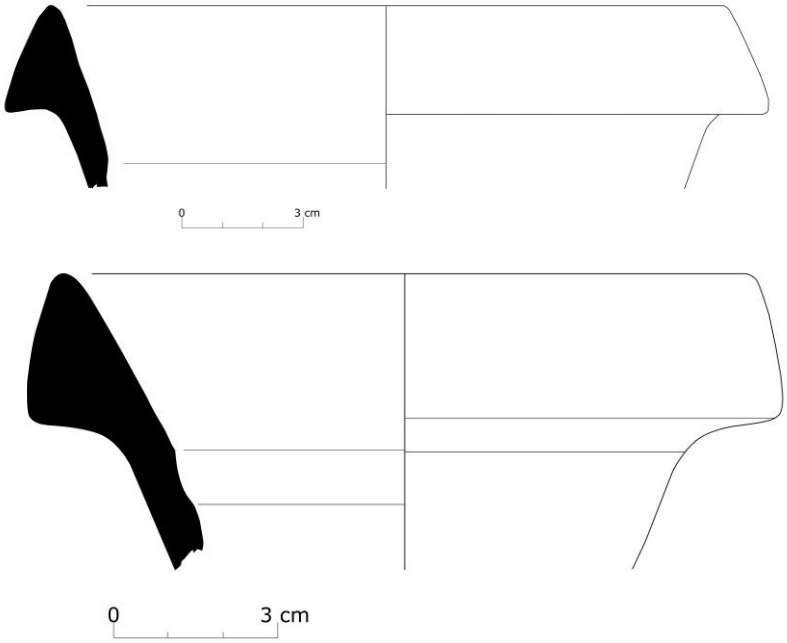


Fig. 4.40 Exemples de ânforas do tipo Dressel 1 e de Dressel 1a.

Registamos, ainda, um exemplo da tipologia Dressel 12 (com produção da Bética costeira) (Fig. 4.41), cuja atribuição cronológica é a do terceiro quartel do séc. I a.C. até ao último quarto do séc. I d.C., segundo Béltran (1970). Este contentor poderia transportar *garum* ou preparados piscícolas (González Cesteros, 2012).

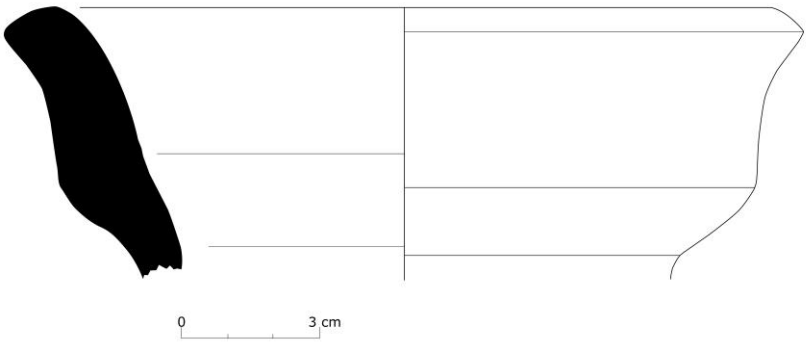


Fig. 4.41 Exemplar de ânfora do tipo Dressel 12.

Foram identificados, também, sete bordos e seis exemplares de asas de tipologia Haltern 70 da área da Bética (Fig. 4.42; Fig. 4.3) cuja atribuição cronológica entre os meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. segundo Tchernia (1980) e Carreras Monfort *et al.* (2004), e Morais (1998: 45).

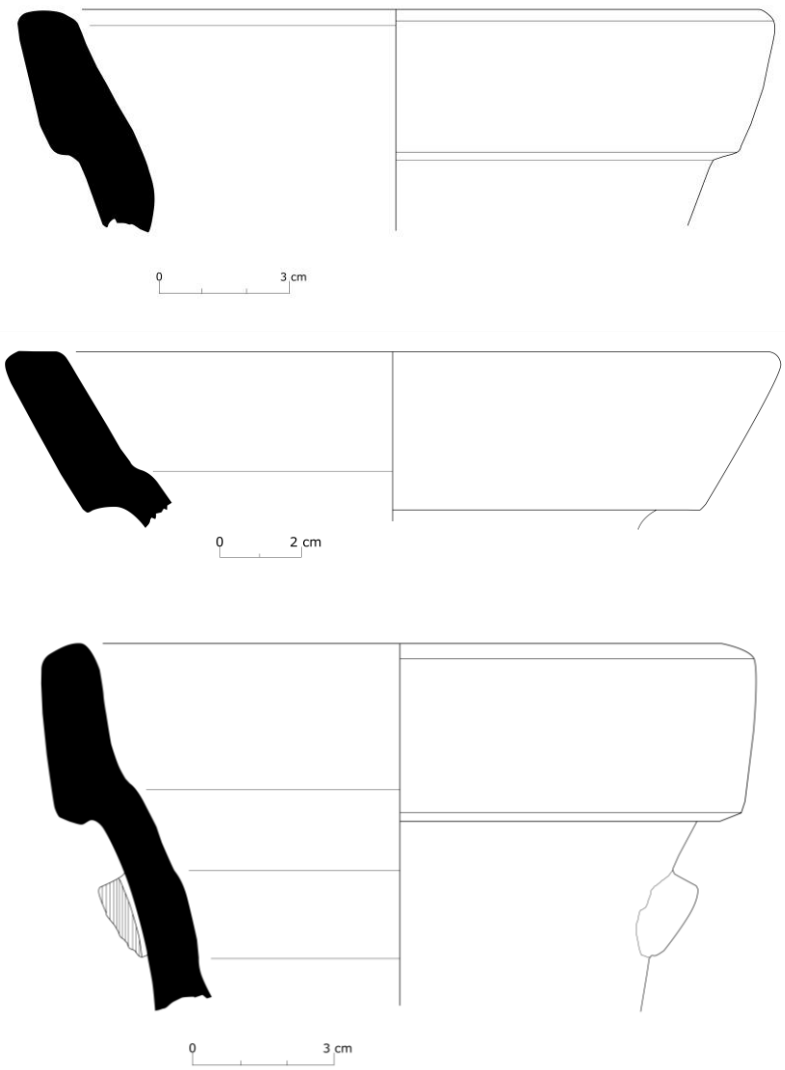


Fig. 4.42 Exemples de ânforas do tipo Haltern 70.

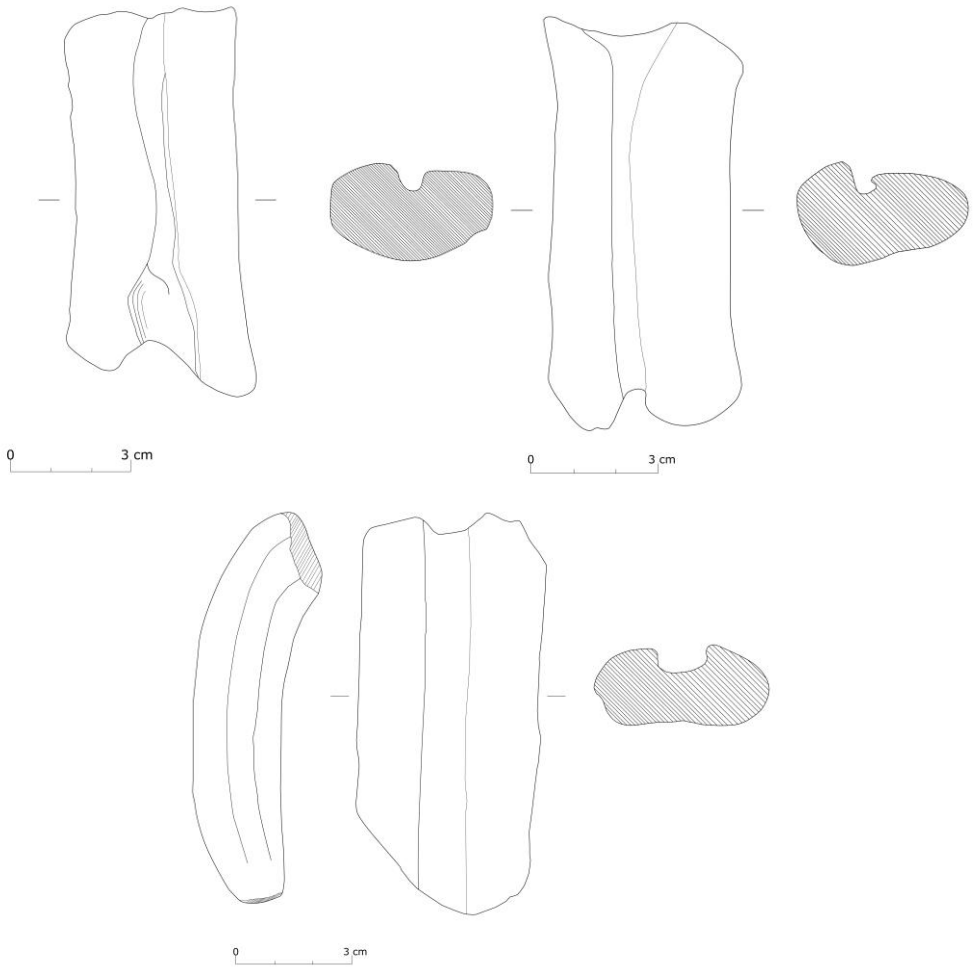


Fig. 4.43 Asas da tipologia Haltern 70.

Foram registados, dois exemplares de Ovóide 1 (Fig. 4.44) (produção do vale do Guadalquivir) com uma cronologia curta entre 70 a.C. e os inícios do séc. I d.C., segundo García Vargas (2012); e ainda um bordo ânfora Ovóide 4 (Bética costeira) com uma cronologia dos finais do séc. I a.C., segundo García Vargas (2012) e C. Fabião (2000) (Fig. 4.45).

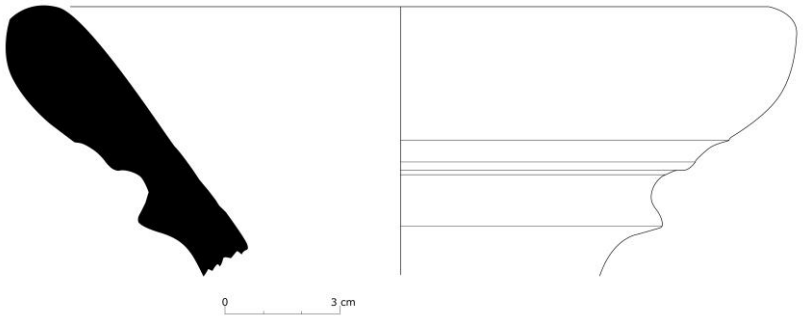


Fig. 4.44 Exemplar de ânfora da tipologia Ovóide 1.

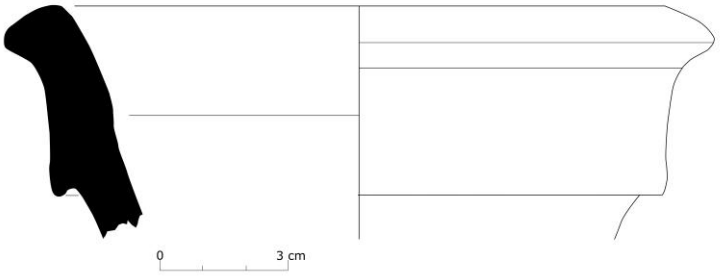


Fig. 4.45 Exemplar de ânfora da tipologia Ovóide 4.

Foi também identificado um exemplar de asa de ânfora produzida na área da Bética costeira (Fig. 4.46).

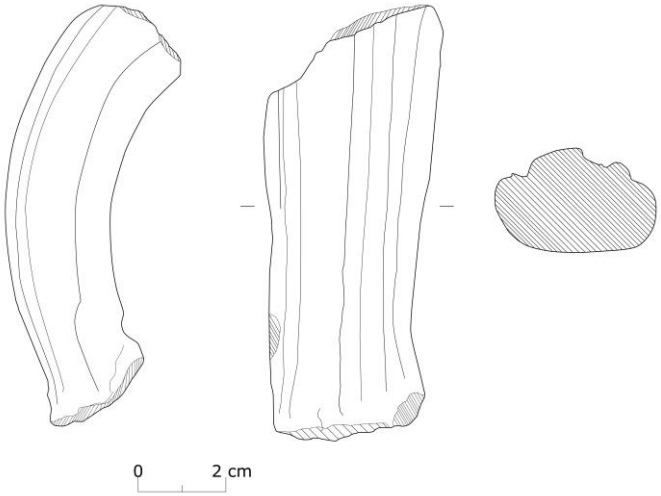


Fig. 4.46 Asa de tipologia indeterminada.

Devemos ainda destacar um exemplar de ânfora talvez de origem local, do qual temos um exemplar similar em *Bracara Augusta* (Morais, 2004b; Delgado e Morais, 2009: 100, Estampa 309), com uma cronologia alargada entre o séc. II d.C. e IV d.C. (Fig. 4.47)

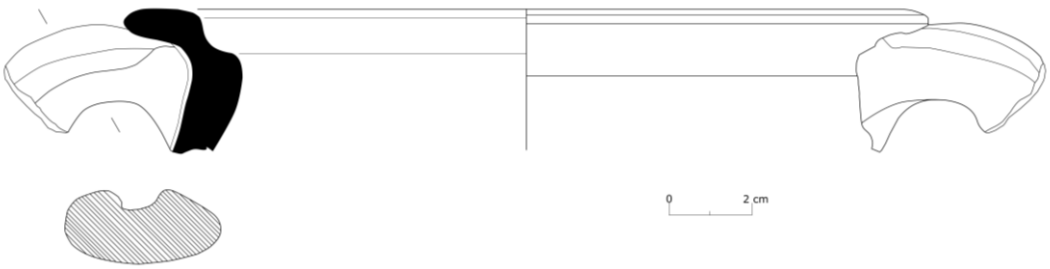


Fig. 4.47 Ânfora de produção local?

De registar ainda 9 exemplares de opérculos de ânforas cujos exemplares de produção Bética (Fig. 4.48).



Fig. 4.48 Exemplar de opérculo (tampa de ânfora).

Tendo em conta as tipologias anfóricas encontradas devemos sublinhar as variadas proveniências dos contentores anfóricos registados, desde aa Bética costeira até à área itálica. Devemos ainda referir a variedade de produtos transportados nestes contentores, desde vinho, preparados piscícolas, e azeite (Tab. 4.13). A maior quantidade de contentores com propósito multiuso é o mais preponderante no conjunto estudado.

Tabela 4.13 Conteúdo transportado nos contentores anfóricos

Conteúdo transportado	Quantidade	%
Azeite	2	10 %
Preparados piscícolas	7	35 %
Multiusos (inclui contentores que transportariam vinho)	10	50 %
Indeterminados	1	5 %
Total	**20**	**100 %**

Cerâmicas finas

A investigadora M. Marques (2012) faz menção a um fragmento de base de cerâmica itálica de verniz negro B, com decoração por palmetas. Durante o estudo foram registados quatro fragmentos de cerâmica fina de importação tardo-republicana.

Com efeito, foi estudado um possível fragmento de campaniense A e ainda existem três fragmentos de cerâmica itálica de verniz negro B. O fragmento de campaniense (apesar de diminuto tamanho) dataria meados do séc. II a.C. e os fragmentos de campaniense B datariam do primeiro quartel do século II a.C. Seguimos as tipologias inicialmente estabelecidas por N. Lamboglia (1952).

Quanto à base de cerâmica itálica de verniz negro A devemos incluí-la no tipo 34a (Lamboglia, 1952) (Fig. 4.49). Os vários fragmentos cerâmica itálica de verniz negro B devemos incluí-los, nas seguintes tipologias: a asa de jarro tipo 10 (Lamboglia, 1952); e as bases no tipo 6 e tipo 7 (Lamboglia, 1952) (Fig. 4.50). Estes parcos fragmentos são ainda assim importantes indicadores económicos acerca deste povoado.

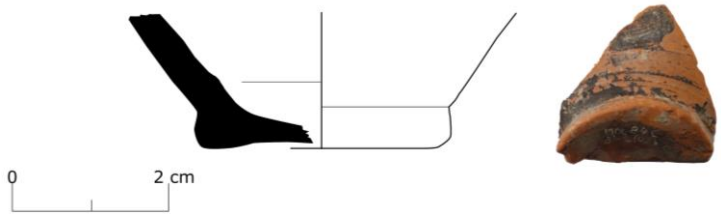


Fig. 4.49 Fragmento de itálica de verniz negro A.



Fig. 4.50 Fragmentos de cerâmica itálica de verniz negro B: a) asa de jarro tipo 10; fragmento de fundo de pé alto de forma tipo 6; c) fragmento de fundo de pé alto de forma tipo 7.

2.3.5.3. Material de construção em cerâmica

Foram, ainda, registados vários fragmentos de pavimentos / rebocos cozidos de argila, provenientes quase todos da mesma área, do setor C, não sabemos ao certo de que estrutura circular. Pelo diminuto tamanho da maior parte dos fragmentos apenas admitimos que serão datáveis da Idade do Ferro (Tab. 4.14).

Tabela 4.14 Fragmentos de material de construção em argila cozida da Idade do Ferro do povoado de Moldes

Setor	Quadrado	Camada	Fragmentos	Comp. máx.	Larg. máx.	Esp. máx.	Mais info.
C	B0	3	Fragmento de piso	3,6 cm	2,4 cm	1,6 cm	Piso de circulação
C	B0	3	Fragmento de piso	2,9 cm	3,1 cm	1,7 cm	Piso de circulação
C	B0	3	Fragmento de piso	3,2 cm	3,7 cm	1,3 cm	Piso de circulação
C	B0	3	Fragmento de piso	6,1 cm	4,7 cm	1,9 cm	Piso de circulação
C	B0	3	Fragmento de piso	3,7 cm	3,4 cm	2 cm	Piso de circulação
C	B0	7	Fragmento de piso decorado	5,1 cm	4,9 cm	1,8 cm	Piso decorado
C	-	Lareira (5)	Fragmento de piso decorado	4,2 cm	4,1 cm	0,9 cm	Decorada incisa ou excisa

São fragmentos de piso ou rebocos de parede relativamente bem cozidos, alguns com decoração (Fig. 4.51).

Possuem alguns elementos não plásticos, como pequenos seixos e areias, além de micas.

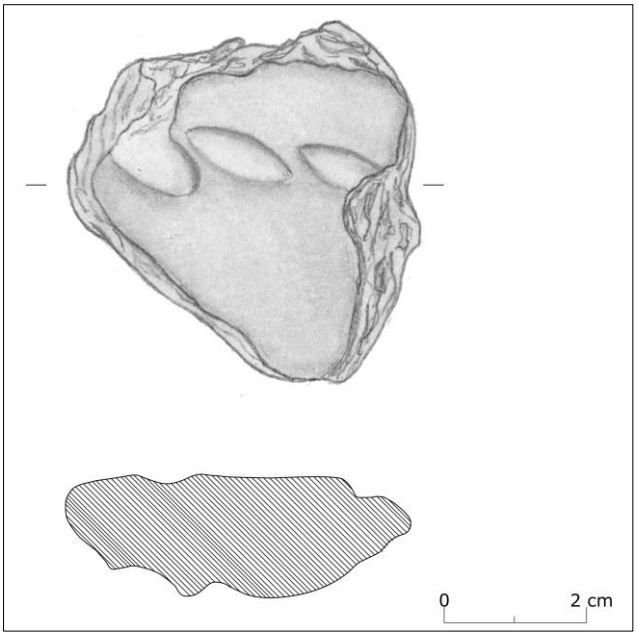


Fig. 4.51 Pavimento cozido decorado por impressão.

Além destes materiais, foram ainda registados cerca de 15 fragmentos de *tegullae*.

3.3.5.4. Material lítico

No que respeita ao material lítico, é necessário referir a quantidade de material em xisto aproveitado, seja para produzir pequenas placas perfuradas para uso ornamental face à qualidade e cuidado das peças, outros terão funcionado como peso de tear ou como peso de rede e, finalmente, foram estuados alguns exemplares de placas de xisto que, pelo peso e tamanho, poderão ter funcionado como pesos de cobertura. Este material não foi estudado pela ausência de contexto e de cronologia.

Referimos, contudo, a existência de moinhos e de pias salineiras. Quanto aos moinhos, destacamos a existência de um exemplar de mó de sela e dois exemplares de moinhos rotativos. Devemos referir que a mó de sela ou manual pode ser um pouco mais antiga. Poderá datar do Ferro Antigo ou até ainda do Bronze Final, como foi registado, por exemplo, no Povoado de S. Julião (no vale do Cávado) (Bettencourt, 2000b).

As pias salineiras são duas: uma quase completa e um fragmento de uma outra, ambas efetuadas em xisto local (Tab. 4.15 e Fig. 4.52; Fig. 4.53).

Tabela 4.15 Pias salineiras amovíveis encontradas no povoado de Moldes

Objeto	Comp. máx.	Larg. máx.	Espes. máx.	Profundidade da zona de uso	Forma	Contexto
Pia Salineira	61,5 cm	35,3 cm	3,5 cm	0,2 cm	Contorno sob retangular, está incompleta e partida	Quadrado A'0 "por cima do vaso"
Pia salineira	21,7 cm	18,2 cm	3,5 cm	1,7 cm	Incompleta e partida	Achado pelo Sr. Domingos em 1984. (Localização desconhecida)

No caso da pia salineira do qual temos algum contexto, devemos referir que estaria no interior de uma das estruturas circulares, e estaria a tapar um vaso com pelo menos 35 cm de altura. Trata-se de um pote (forma 1), com cozedura oxidante e decorado por impressão, incisão e aplicação plástica. Trata-se de um recipiente do Ferro Recente (Fig. 4.52). É possível que esta pia estivesse a servir de tampa a este vaso, e devido ao facto de estar enterrado devemos assumir que se trataria de um vaso para armazenamento. Já a pia amovível estaria pousada em cima da boca do vaso, num contexto já de reutilização.



Fig. 4.52 Pote decorado, presumivelmente tapado por uma pia salineira.



Fig. 4.53 Pias salineiras amovíveis que se encontram em depósito no núcleo museológico na Junta de Freguesia de Castelo do Neiva.

Em termos de materiais construtivos, as estruturas habitacionais e muralhas foram construídas com o material lítico local, o granito não porfiroide de gão médio, neste caso com biotite. Um caso particular de decoração arquitetónica é o resto de lintel ou ombreira de porta achado neste povoado. Este possui decoração geométrica com semicírculos concêntricos e o que parece ser um triângulo preenchido (Fig. 4.54). Podemos encontrar um paralelo para esta decoração no Castro de Sabroso (Silva, 2007: 690) datável do Ferro Recente ou da Fase III de Armando C. Silva (1986: 60).

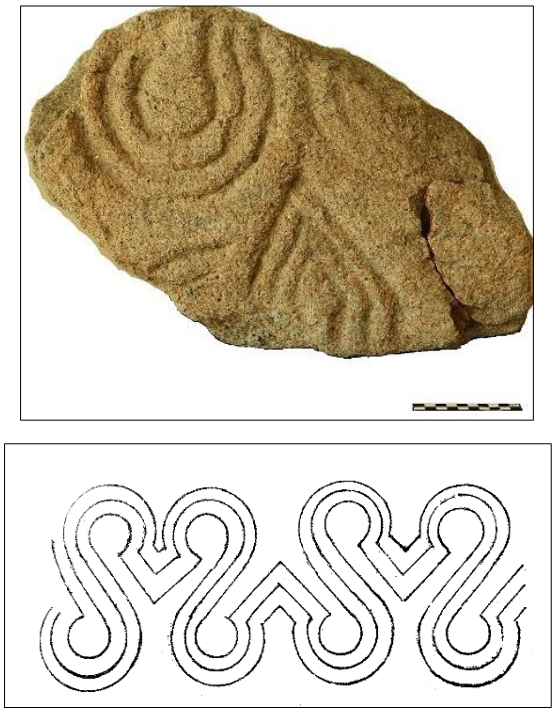


Fig. 4.54 Fragmento de lintel ou ombreira decorado do Castro de Moldes (em cima) e decoração arquitetónica encontrada no Castro de Sabroso (imagem em baixo) (Silva, 2007: 690), adaptada.

3.3.5.5. Material metálico

Além do material metálico proveniente do achado fortuito que foi referido no historial do Castro de Moldes, há outros materiais que estão expostos nas vitrinas do centro interpretativo sobre este sítio arqueológico, na Junta de Freguesia de Castelo do Neiva.

Foram estudadas duas fíbulas em liga de bronze, de aro aberto, sem remates nem terminais e virados para o exterior. O fuzilhão é de seção circular (Fig. 4.55). Este material associado à indumentária da Idade do Ferro, foi já considerado por M. Marques (Marques, 2012, vol. I: 299-300).



Fig. 4.55 Fíbula tipo Ponte 51.1.

Apenas nos cabe referir que a partir do corpus de fíbulas proto-históricas e romanas de Salete da Ponte (2006: 394-409) podemos incluir duas fíbulas como sendo do tipo Ponte 50.1a ou tipo Fowler Aa, datadas de entre o séc. IV a.C. e II a.C., o que concorda com os materiais cerâmicos importados e de origem local estudados neste trabalho. Tem como paralelo uma fíbula, aparecida no Castro de Sabroso (Ponte, 2006: 485).

Além destes materiais, é de referir as duas asas sítulas que foram encontradas a par dos capacetes e de um coador (Fig. 4.56) segundo Almeida (1980a: 250) datados de segunda metade do séc. I a.C. Foram descobertos no sopé do lado ocidental do outeiro onde se implantava o povoado de Moldes. Juntamente ao diverso espólio metálico encontraram-se alguns vasos da Idade do Ferro e bordos de ânfora tipo Dressel 1 (Almeida, 1980a: 245).

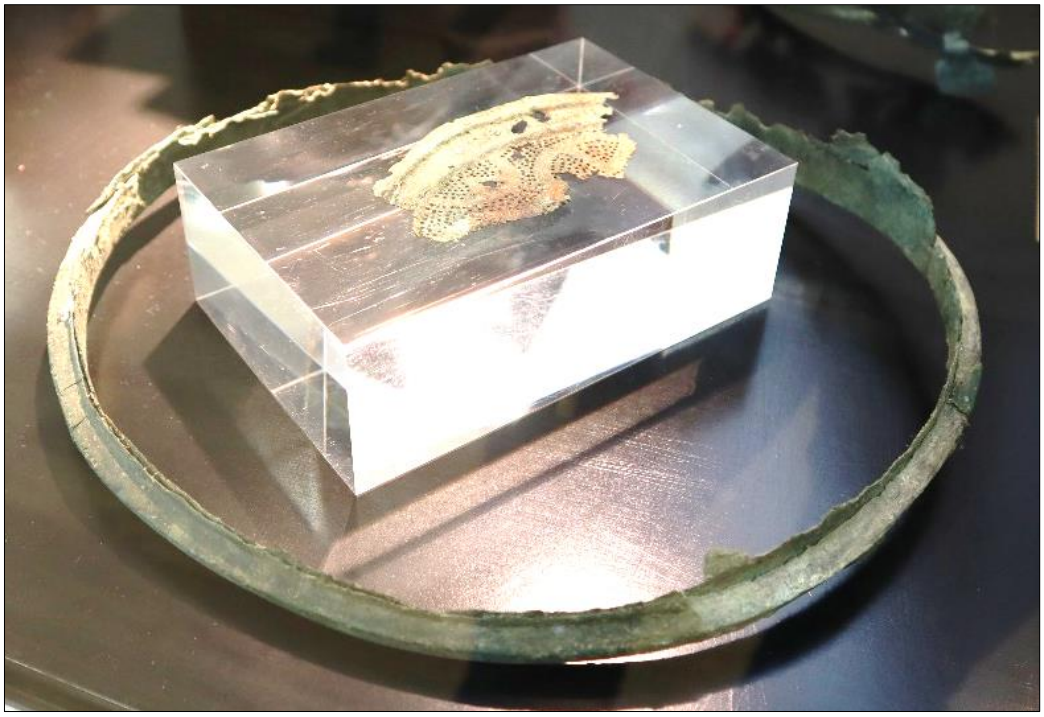


Fig. 4.56 Aspeto atual dos fragmentos de sítulas e ainda do coador (Núcleo Museológico, Junta de Freguesia de Moldes).

De referir que, segundo C.A.B. Almeida (1982: 22), dos sedimentos movimentados do local onde surgiram os capacetes e restante espólio, sublinhamos ainda a existência de um molde cerâmico[176] de sítula, com decoração geométrica (Fig. 4.57).

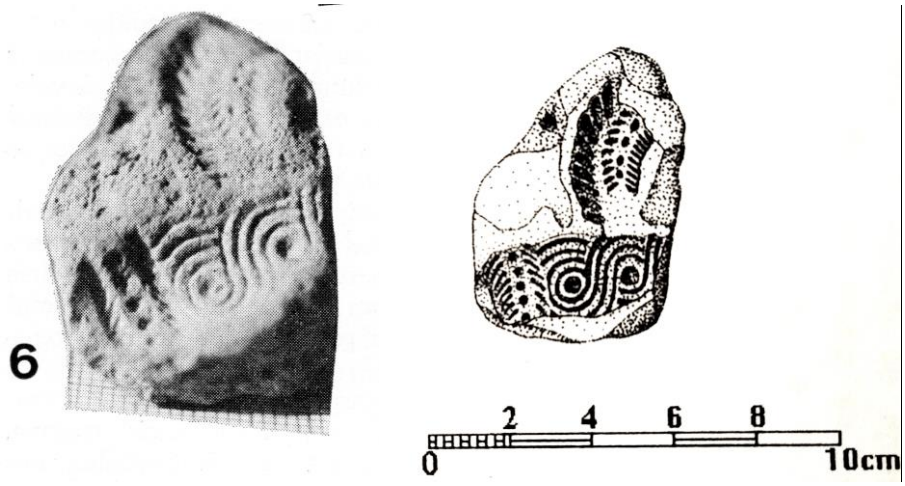


Fig. 4.57 Molde de sítula com decoração geométrica (seg. Almeida, 1982; 1996, adaptado).

[176] Não tivemos oportunidade de estudar este objeto porque não se encontra no espólio depositado na Junta de Freguesia de Castelo de Neiva.



Fig. 4.58 Aspeto em 2007 do setor C do Povoado de Moldes (seg. Almeida, 2008: 170, adaptado).

3.3.6. Cronologia e fases de ocupação

A cronologia e fase de ocupação deste povoado é possível com base no estudo espólio cerâmico devidamente marcado[177] (indígena e de importação) e metálico. Este revela, desde logo, que estamos na presença de distintas etapas cronológicas, presenciando assim uma longa diacronia de ocupação deste espaço geográfico. Porém, não foi possível apurar os níveis de ocupação, *in situ*, por variadas razões. Desde logo, o carácter muito incompleto do registo arqueológico (desenhos ou fotografias) não possibilitando compreender os estratos de ocupação e ou abandono; depois, o setor que foi amplamente escavado (Setor C), situado numa pendente com algum declive tornou difícil a compreensão estratigráfica dos estratos aos próprios responsáveis pela escavação. Segundo estes, raramente se encontraram níveis de ocupação com estruturas e os níveis encontrados estavam bastante revolvidos (Silva, 1982; Silva e Marques, 1984).

Mesmo assim conseguiu-se estabelecer-se cinco momento de ocupação: um na Idade do Bronze Final; dois na Idade do Ferro, um durante a romanização e um outro na Idade Média que designados por numeração romana.

[177] Nem todos os fragmentos estavam marcados com a zona respetiva, mas apenas com a indicação de serem do Castro de Moldes.

Moldes I – Idade do Bronze Final

Deste período foram considerados alguns fragmentos que, em termos técnicos e tipológicos, devemos datar genericamente na **Idade do Bronze Final**, dada a presença da forma 12 (taça carenada) muito típica desta cronologia no Noroeste segundo os trabalhos de M. Martins (1990; 1989a; 1989b) e de Bettencourt (1999, 2000b, 2000c, 2001). Não se conhecem níveis ocupação ou estruturas datáveis deste período. Apenas foi possível apurar que esta ocupação se situou no topo do monte. Esta ocupação não foi reconhecida por Armando C. Silva (1986), C.A.B. Almeida (1982; 2008), T. Maciel (2003) e M. Marques (2012).

Moldes II – Idade do Ferro

Relativamente à ocupação durante a Idade do Ferro, temos algumas informações que são relevantes. De facto, a ocupação deste local torna-se evidente, desde logo pela construção de cinco muralhas que abarcava, cerca de mais de meio hectare. Não sabemos se foram erigidas em várias fases e em determinados momentos da ocupação, já que a maior parte não foi alvo de escavações. Aceitamos que esta ocupação devia atingir, pelo menos, o topo do monte e duas das suas vertentes: a oeste (virada ao mar e foz do rio Neiva) e a norte. Pelo estudo dos materiais foi possível distinguir dois momentos de ocupação na Idade do Ferro: um atribuível ao Ferro Antigo e outro ao Ferro Recente. A existência de uma cronologia faseada para a Idade do Ferro ainda não tinha sido determinada por Armando C. Silva (1989), C.A.B. Almeida (1982; 2008), M. Marques (2012), e T. Maciel (2003: 187) apenas refere que este povoado terá tido a sua fundação durante a sua fase II (a partir de 500 a.C.), mas sem apresentar evidências sobre essa ocupação.

Moldes IIA – Idade do Ferro Antiga

Quanto à etapa da Idade do Ferro Antiga os materiais que surgiram tanto no **setor A**, como no **setor C**[178] (na vertente oeste do monte) permitem considerar que esta se desenvolveu entre os séculos **V/IV a.C. a meados do séc. II a.C.,** tal como indiciam características técnicas e formais de alguma cerâmica indígena.

A este período deverá atribuir-se, hipoteticamente, pelo aparelho, a casa encontrada do setor A. Assim é notório que, pelo menos na vertente oeste do monte houve uma ocupação do Ferro Antigo.

[178] Neste caso poderão ser fruto de fenómenos pós-deposicionais.

Moldes IIB – Idade do Ferro Recente

Esta etapa da Idade do Ferro está mais bem caracterizada que a anterior. A julgar pelas estruturas do **Setor C** e apoiados pelos materiais cerâmicos locais e de importação, além dos materiais metálicos aí achados, permite-nos colocar esta ocupação entre os **finais do séc. II a.C. e finais do séc. I d.C.** São bem exemplificativos deste período **os capacetes, as sítulas (**em liga de bronze) e os exemplares de ânfora de **variados centros produtores e que transportariam diversos tipos de produtos,** além da cerâmica fina de mesa**, sobretudo a cerâmica itálica de verniz negro,** algo rara nos povoados da Idade do Ferro do Noroeste português.

Moldes III – Ocupação romana

Apesar de extravasar os limites cronológicos estabelecidos para este trabalho fica, ainda assim a nota, da existência de uma ocupação alto-imperial, comprovada por cerâmica fina e sigillata hispânica e sud-gálica, além de cerâmica comum romana, fíbulas e algumas moedas, cuja contextualização no povoado oferece algumas dificuldades (Almeida, 2008: 173).

A escavação arqueológica levada a cabo em 2007, por Carlos A. Brochado de Almeida e Marta Marques, possibilitaram identificar uma ocupação deste período na vertente norte-noroeste do povoado fortificado. Foram abertas duas sondagens, no sentido noroeste-sudeste e possível encontrar a muralha, talvez, mais exterior do povoado da Idade do Ferro, com duas fiadas de blocos graníticos aparelhados de consideráveis dimensões, preenchidos com terra. Além desta estrutura foram encontradas estruturas habitacionais datáveis do Baixo-império. Esta área escavada fica relativamente mais abaixo do Setor A (Marques, 2012, vol II: 261-263). Deste período coloca-se a hipótese da existência de um casal com algumas posses já na área exterior do povoado, já que se encontram além de cerâmica de produção local, uma grande quantidade de ânforas, e ainda cerca de duas dezenas de pesos de tear (Marques, 2012, vol II: 264).

Moldes IV – Idade Média (séc. XII – XIV)

Da Idade Média, além de alguma cerâmica por nós observada proveniente de contextos de superfície e da documentação histórica, em termos arqueológicos, esta ocupação esta ocupação está comprovada pelas marcas do assentamento do travejamento da torre de menagem do castelo e por um lagar que poderá remontar a esta época (Almeida, 1982; Almeida, 2008: 171; Marques,

2012). A primeira ocupação medieval será datável dos finais de 1127 prolongando-se a sua ocupação, como fortificação, até pelo menos os finais do séc. XIV (Almeida, 1982: 17).

3.3.7. Área de implantação e organização interna

Conforme foi sendo referido nas páginas anteriores, as escavações fizeram-se sobre a forma de sondagens tendo-se concentrado, sobretudo, na vertente oeste do monte do Castelo e no topo, e por isso, as informações sobre as áreas de ocupação tornam-se muito difíceis de definir. No entanto é de admitir que o povoado teria ocupado grande parte da plataforma superior, com exceção do amontoado de caos graníticos existente a sul, e parte da vertente oeste atá à cota de 25 metros. De notar que a vertente sul além de pedregosa é muito íngreme, bem como a leste. As muralhas concentravam-se na área a norte deste outeiro. Este sistema defensivo é composto por 5 muralhas (Almeida, 1982, 2008; Marques, 2012, vol. II: 260) reforçadas em alguns locais por torreões. Não há dados suficientes para discernir se são todas da mesma fase (Idade do Ferro) ou se foram erigidas em várias etapas evolutivas. O facto de apenas nessa área se localizar este aparato defensivo e não em torno do povoado deve-se sobretudo à configuração deste outeiro.

Existiu uma área habitacional na vertente oeste onde foram erguidas possíveis habitações circulares (sendo que apenas uma tinha vestíbulo), algumas delas com lajeados. Devemos ainda acrescentar que nessa área, fortemente ravinada, pelo que deu a compreender pela escavações, em alguns casos foi notada uma solução arquitetónica que se prende com o seguinte: alguns afloramentos graníticos foram talhados para estabelecer um espaço contíguo a algumas casas, além de alguns espaços serem lajeados (Silva e Marques, 1982, 1984). No topo não temos quaisquer informações, uma vez que, nunca foram publicados quaisquer registos dessa escavação.

Teriam existido edifícios de maior investimento, como o indicia o fragmento de lintel ou ombreira decorado, mas não há dados sobre a sua localização exata. A lareira decorada e os rebocos, apenas foram encontrados no setor C, o que é mais um indício do cuidado construtivo das estruturas da Idade do Ferro neste povoado.

3.3.8. Discussão dos dados

O povoado à escala local

Após os dados que foram sendo apontados é necessário fazer uma pequena síntese dos conhecimentos até aqui reunidos sobre este povoado instalado na foz do rio Neiva. Pela sua

localização (a cerca de 2 km da linha da costa e da foz do rio), com pleno controlo visual para sudoeste, oeste, noroeste, sobre o oceano, e, ainda com controlo visual para este, sobre o vale do Neiva, as comunidades deste local controlariam qualquer movimento de pessoas e de bens na costa, na foz do rio, na plataforma litoral e em parte do vale mais interior do Neiva. De referir a existência, na área final do rio Neiva, do topónimo "Barca" que pode indiciar um local de atracagem fluvial de pequenas embarcações. De destacar, também, neste capítulo da navegabilidade, a área designada hoje como "Pedra Alta" onde existe um porto natural possibilitado pela existência de um canal natural no seio da costa intensamente rochosa, o que teria, em época mais recuada (Idade do Ferro) possibilitado a atracagem de embarcações, não só no estuário do rio Neiva, como também numa área próxima da foz.

O acesso a recursos marinhos e de estuário e à diversidade de solos (litorais, de vale e de monte), no espaço de 2 horas pedestres (Fig. 4.59) terão possibilitado o desenvolvimento de atividades agro-silvo-pastoris, de recoleção de moluscos e crustáceos, de pesca e de produção de sal, atividade que existia na costa minhota deste o Bronze Médio, segundo Bettencourt *et al.* (2020b; 2021)

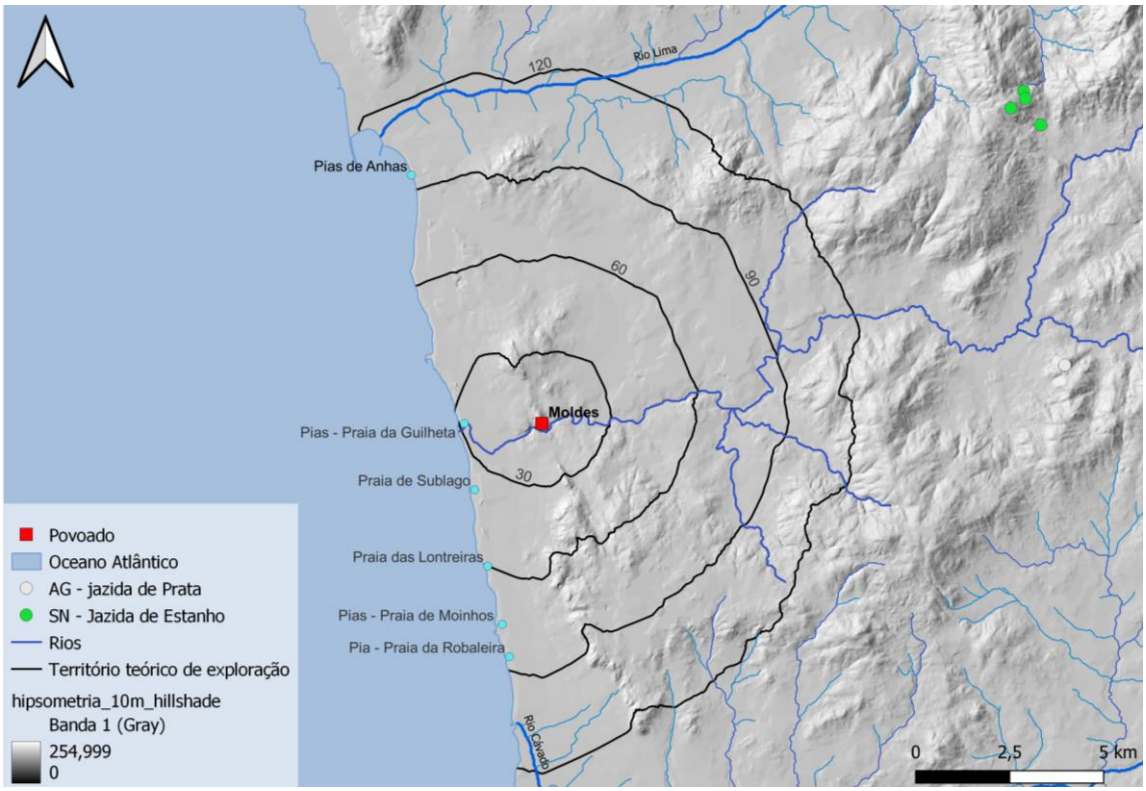


Fig. 4.59 Território teórico de exploração de 2 horas pedestres (com linhas isócronas de 30 minutos).

Esta diversidade de recursos e a localização estratégica deste local poderá justificar a sua longa diacronia de ocupação.

Os achados de moinhos circulares atestam a produtividade agrícola e a presença de cossoiros atividades de fiação e de confeção de vestuário durante o período da Idade do Ferro. Destacamos a existência de pelo menos um moinho manual que poderá datar ainda do Bronze Final.

Os achados de pias salineiras amovíveis, em contexto provável de reutilização, na Idade do Ferro, indiciam que as comunidades, pelo menos nesse período ou no Bronze Final, ter-se-ão dedicado, à produção de sal, o que também está documentado noutros povoados litorais da Idade do Ferro, como é o caso de Santo António, na costa norte de Viana do Castelo (Oliveira e Bettencourt, 2020) e em São Lourenço, em Esposende (Almeida, 2005). De referir que também que na foz do rio Neiva foram encontradas, pelo menos, quatro pias salineiras, completas, produzidas igualmente sobre xisto (Marques, 2012: vol. II, p. 146). Também na praia de Guilheta, em São Paio de Antas, Esposende[179], na margem sul da foz do Neiva, num complexo de pias e canais em xisto postas a descoberto nas marés equinociais, provavelmente de época romana ou medieval se verificou a reutilização de algumas pias amovíveis, na construção dos canais ali existentes[180] sendo, portanto estas, mais antigas.

Para a ocupação do Ferro Recente, há mais dados sobre o modo de vida das populações deste povoado. Além de poderem ter exercido todas as atividades referidas sabe-se que exerceram a produção metalúrgica através da existência de um molde de sítula com decoração geométrica. A cronologia destes objetos (moldes de sítula) balizava-se entre o séc. II a.C. e II d.C. (Carballo Arceo, 1983), contudo o aparecimento de vários moldes já em contexto pós-deposicional em Bracara Augusta permite afinar um pouco a cronologia destes objetos, entre meados do séc. I a.C. e até finais do séc. I d.C. (Martins, 1988b).

A presença de materiais importados e, por consequência, dos produtos a que estavam associados, são reveladores de intercâmbio com mercadores entre outros viajantes, provavelmente romanos, demonstram a importância dos contactos suprarregionais.

Os costumes e usos quotidianos chegam a estes locais na costa do Noroeste português, através das campanhas lusitanas e, sobretudo da expedição de *Decimus Junius Brutus* de 136 a.C., época na qual se torna intenso os contactos pelo menos comerciais entre esses dois mundos

[179] Segundo a Carta Arqueológica, anexa ao PDM de Esposende, este local encontra-se inventariado com o número 1.5. Este local foi dado a conhecer em vários órgãos de comunicação social: https://www.publico.pt/2021/04/11/local/noticia/mar-voltou-dar-prendas-passado-esposende-continua-engolirlhe-costa-1957888; https://ominho.pt/descobertos-vestigios-arqueologicos-em-praia-de-esposende/.

[180] Agradecemos esta informação à Prof.ª Ana Bettencourt que as viu, fragmentadas e em contexto de reutilização, em 2019.

culturais reforçada com as campanhas de Crasso em 96/94 e de César em 60 a.C. (Naveiro López, 1991: 131). E estes produtos possuem um canal privilegiado pela via marítima. Seria por essa via que se dariam os contactos comerciais com as populações locais, terão contribuído para alterar hábitos indígenas, seja através da introdução de preparados piscícolas ou outros e, sobretudo do vinho. Tal comprova-se pelo aparecimento de contentores anfóricos para transporte de vinho e de *garum*, mas também, pelo aparecimento de cerâmica fina, como é o caso da cerâmica itálica de verniz negro, o que revela que também se altera a forma de consumir, escolhendo-se, agora, recipientes finos importados a par da cerâmica indígena local. Importa sublinhar que, além da introdução de consumos novos durante a Idade do Ferro Recente, a manipulação destes produtos e dos novos recipientes importados poderia ser reservada a uma restrita parte da população desta comunidade litoral. De notar que o número de cerâmica de importação sendo significativa não é muito elevada.

Aliás, a incorporação em alguns povoados fortificados do Noroeste português, de ânforas vinárias e a cerâmica de importação campaniense (itálica), deve-se comércio produzido a partir da costa para o interior, tal como defendido por Naveiro López (1991: 63-66), neste período final da Idade do Ferro.

A partir das tipologias anfóricas sabemos que estas transportariam produtos diversos. Com efeito, nota-se um grande predomínio do transporte do vinho (Dressel 1 e Haltern 70), depois de preparados piscícolas (T-7.4.3.3 e Dressel 12), e ainda, diversos produtos alimentares, como bivalves, frutos secos e azeitonas (Ovóide 1; Haltern 70, mas menos recorrente). No caso das tipologias Ovóide 4 não sabemos exatamente qual seria o produto transportado pelo que no gráfico de produtos consumidos, correspondem à categoria de produtos desconhecidos (Fig. 4.60).

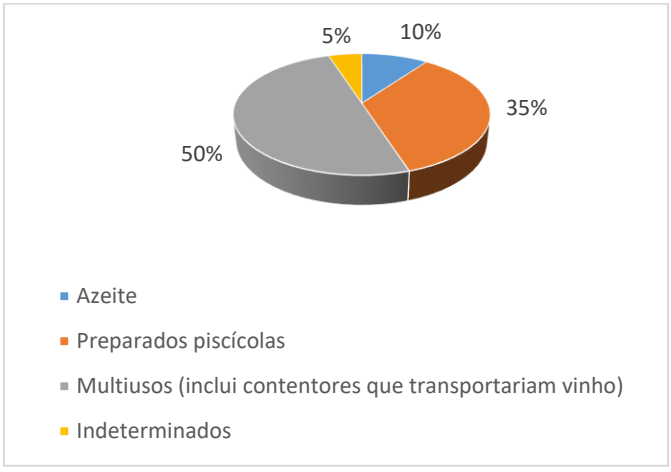


Fig. 4.60 Quantidade percetual dos produtos transportados em ânforas registados no povoado de Moldes.

O intercâmbio suprarregional também se comprova pelo aparecimento de uma *caetra,* em conjunto com os capacetes e demais espólio, o que nos faz refletir sobre os contextos e aparecimento deste tipo de numismas. Muito se têm discutido sobre o seu lugar de cunhagem tendo alguns autores apontado para Lugo (Höck, 2003; Rodríguez Colmenero e Ferrer Sierra, 2014: 35), já que aí o número de moedas encontradas é relativamente grande face ao restante território do Noroeste. Este tipo de moeda, que neste momento conta com mais de 200 exemplares registados, entre o Norte de Portugal e a região de Lugo são datados na sua generalidade da primeira metade do séc. I a.C. A questão, neste caso, coloca-se em saber de que forma este tipo de moedas circulava pelo Noroeste, no decurso da romanização. Alguns autores (Grant, 1946: 131-123; García-Bellido, 2010: 164) têm defendido que esta emissão de moeda serviria para remunerar os soldados romanos pela guerra contra os povos galaicos em meados do séc. I a.C. e depois nas Guerras Cantábricas. Outros autores referem que a emissão desta moeda dever-se-á às campanhas de Carisio (já em finais do séc. I a.C.) no Noroeste (Gil Farres, 1966: 236, 245, 263; Pérez González, *et al.,* 1995: 202). Curiosamente, num mapa produzido pelos últimos autores é notável o surgimento deste tipo de numismas na área litoral entre o rio Lima e área costeira das Rias Baixas galegas.

Todavia, o facto de estes elementos estarem ocultados, a par dos três copos tipo Idria (Fabião, 1999), permitiu colocar a hipótese de estarem relacionados com movimentos militares nessa área (Almeida, 1980a, 1980b, 1982; Silva, 1986, p. 174). Para Fabião (1999) estes materiais, encontrados de forma furtuita, podem reforçar uma ideia já expressa por Ferreira de Almeida, a de que se trataria de material destinado a refundição (Almeida, 1980a: 45). Fabião (1999: 172) também admite que possa tratar-se de despojos provenientes de um saque, empreendido em paragens meridionais, interpretação que tem sido aventada para outras presenças exóticas em contexto de "tesouro" (Fabião, 1999: 172). Não obstante, a existência de restos de sítulas e de um coador em associação, sugerem um outro objetivo para esta deposição propositada - a de que poderia indiciar uma festividade ou rito importante da comunidade que, após o seu término, teria culminado na deposição, ao mesmo tempo, das formas metálicas onde se prepararam (machado de ferro), confecionaram (sítula e coador) e consumiram alimentos (copos) e vinho (Dressel 1, contentor para transporte de vinho) hipótese também colocada por Armada Pita (2005: 442-443), contudo o autor admite que é algo complexa a explicação para este

contexto referindo que: "...la presencia de las dos sítulas y del molde para fundir soportes de asa probablemente tenga una razón de ser derivada de su afinidade o complementariedad funcional."

Desta fase são um número de casas circulares com vestíbulo e em alguns casos lajeadas, existentes na vertente oeste, algumas delas associadas a moinhos circulares. É provável que seja deste período o aumento do número de muralhas, tornando este reduto **muito bem defendido** com, pelo menos, cinco muralhas, o que lhe conferia monumentalidade.

O povoado à escala regional

A inserção das elites deste povoado no intercâmbio regional e suprarregional (necessário para a metalurgia do bronze) e para o consumo e ostentação de materiais e artefactos exóticos e de exceção, assim como as evidências de uma arquitetura mais elaborada (de que é prova o fragmento de lintel ou padieira gravada), indiciam a importância deste povoado no contexto regional durante o Ferro Recente.

Deste modo, e tendo em conta a proposta de modelo de povoamento para a bacia do Cávado, elaborada por M. Martins (1990) devemos inserir este povoado como sendo de tipo B – aqueles que se caracterizam por outeiros de média altitude, numa posição estratégica relevante, mas não ultrapassando quotas absolutas de 250 metros. Estes tipos de povoados podem ter até 3 muralhas. Contudo, no caso do Povoado de Moldes, este possui 5 muralhas, tem a sua origem ainda na Idade do Bronze Final e à escala regional este povoado deveria ser um lugar central no povoamento do vale do Neiva[181], sobretudo teria um dinamizador da economia regional durante o Ferro Recente. Estas características correspondem a povoados de tipo A segundo as tipologias elencadas por M. Martins (1990).

Seria, por isso, um lugar central no contexto do curso inferior da bacia do Neiva e nesta área do litoral norte. Esta posição é aliás, concordante com a proposta apresentadas por T. Maciel (2003: 194-195) ao considerar este povoado na sua Fase III (correspondente aos finais séc. II a.C. até à segunda metade do séc. I d.C.), como sendo um lugar central no povoamento da Idade do Ferro da bacia do rio Neiva.

Com efeito, é provável que desempenhasse um papel importante na rede de povoamento regional deste o Ferro Recente, podendo ser considerado como um local, simultaneamente, **recetor e consumidor** de **materiais tardo republicano-romanos** (cerâmica fina e ânforas),

[181] Algo sublinhado já por T. Maciel (2003).

dos subprodutos e costumes a eles associados, chegados por via marítima e, provavelmente, agindo como **difusor dos mesmos** para comunidades localizadas em áreas mais interiores da bacia hidrográfica do Neiva ou para outros povoados da fachada litoral que se articulariam em rede com o de Moldes. Esta articulação em rede parece verificar-se, por exemplo, com o povoado de Belinho, em Esposende, a cerca de 1,7 km de Moldes, na margem sul do Neiva, que pela sua localização se pode considerar um povoado de vocação agrícola, de tipo C, segundo a proposta de Martins (1990) e que, segundo o material observado, parece ter estado fora dos grandes eixos de intercâmbio suprarregionais. Esta rede regional poderá ainda inferir-se com o povoado de Carmona, situada entre Balugães – Barcelos / Carvoeiro – Viana do Castelo, ou seja, a cerca de 12 km de Moldes, no interior da bacia do Neiva, um povoado de tipo A, onde foram encontradas algumas dezenas de estruturas circulares (com pedra aparelhada) e vias com lajeado. O sistema defensivo é importante, sendo constituído por três panos de muralha, com bom aparelho e ainda uma quarta muralha, mais interior. Este aparato defensivo ou monumental é ainda reforçado por dois fossos. Foi registado ainda na área mais elevada, junto ao vértice geodésico, uma edifício de planta retangular, local no qual se encontrou uma das duas aras romanas registadas no povoado. Este edifício pode estar relacionado com atividades de caracter social ou religioso (Maciel, 2003: 116 – 119). Com estes dados, o autor defende que seria um lugar central na bacia média do rio Neiva, pela monumentalidade do povoado, qualidade construtiva dos aparelhos pétreos pelos edifícios de carácter social (seja aquele de planta retangular ou outro de planta circular mais de tamanho superior às restantes identificadas (Maciel, 2003: 118, nota de rodapé 99).

Em síntese, deve salientar-se a longa diacronia de ocupação deste local, desde a Idade do Bronze Final até à baixa Idade Média. Uma ocupação com hiatos, muito provavelmente ligada ao domínio dos múltiplos recursos existentes em seu redor e que, a partir da **Idade do Ferro Recente** se parece ter tornado um centro de receção de novidades meridionais, devido às múltiplas incursões de mercadores e soldados romanos, a que não deve ser alheia também o aparecimento dos capacetes (de índole social e simbólica e de ostentação do poder por parte de elites que se afirmam agora em contexto regional). Aliás, simbólicos e plenas de significados serão as sítulas e as cerâmicas finas de mesa, com os seus possíveis múltiplos usos, sempre associados a cerimónias de comensalidade.

3.4. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE BELINHO, ESPOSENDE

3.4.1. Historial

Este povoado que, desde os finais do séc. XVI, este outeiro pertence à família Cunha de Sottomayor, os antepassados de Correia de Oliveira, tem sido referenciado pelo menos, desde os finais do séc. XIX. Martins Sarmento (1999: 202) terá passado perto dele, deixando-nos, apenas, uma pequena nota "vi-o da estrada mas não fui lá. De baixo, o monte não indica nada. É alto, sim, mas coalhado de penedos, sem corte, num patamar".

No decorrer do séc. XX variados investigadores foram referindo-o brevemente nos seus inventários sobre povoados da Idade do Ferro (Vitorino, 1918: 156; Fonseca, 1936: 201-202; Machado, 1951: 52; Araújo, 1980:105). Destaca-se, nesse rol, Leite de Vasconcelos (1934) que relata os resultados da escavação realizada pelo poeta A. Correia de Oliveira, seu proprietário, na primeira metade da década de 20 do século XX.

Nos anos 80 do século passado (Almeida (1986: 53-54; 1998: 17-19) refere que Belinho será um povoado de pequenas dimensões, de baixa altitude e com uma cronologia lata da Idade do Ferro. No mesmo ano, é editada uma das publicações de referência sobre a temática da Idade do Ferro do Noroeste português – a tese de Armando Coelho Ferreira da Silva, intitulada "A Cultura Castreja No Noroeste de Portugal", surgindo este povoado inventário geral (Silva, 1986: 77, nº. 181; Silva, 2007: 120, nº. 220).

Na passagem para o séc. XXI, várias são as publicações científicas que fazem referência a este povoado (Bettencourt, 1999: 280-281; Maciel, 2003: 154-155; Marques, 2012: 168-169; Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 37). A primeira autora refere ter observado cerâmicas do Ferro Antigo provenientes das antigas escavações, na coleção privada da família Correia de Oliveira. Os restantes autores consideram-no da Idade do Ferro Recente e com vestígios incipientes de romanização. Carlos A. B. de Almeida e Marta Marques referem que este povoado terá tido uma importante ocupação romana e que, provavelmente, a *Villa* romana de Agra do Relógio, na freguesia de Antas, a escassas centenas de metros deste povoado terá sido fundado com os habitantes provenientes deste local (Almeida, 1996, vol. VI: 10-12; Almeida, 1998: 17-18; Marques, 2012, vol. II: 168).

3.4.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental

Este sítio arqueológico fica localizado na freguesia de S. Paio de Antas, no concelho de Esposende, distrito de Braga. As suas coordenadas no sistema WGS84 são: 41°35'58.85"N, 8°46'35.59"W, situando-se a uma altitude máxima de 127 metros (Fig. 5.1; Fig. 5.2).

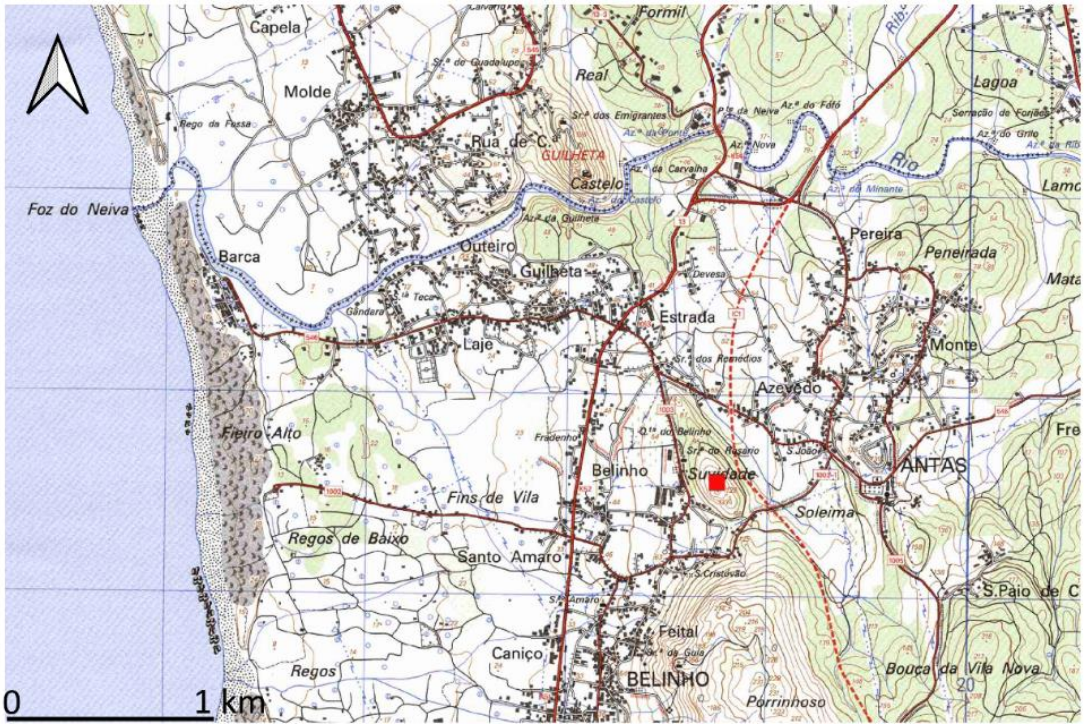


Fig. 5.1 Localização do Povoado de Belinho, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25.000, n°. 54 (IGEOE, 1990).



Fig. 5.2 Localização do Povoado de Belinho vista de satélite (fonte: Google Earth).

Este povoado situa-se numa colina da plataforma litoral, na margem esquerda do estuário do Neiva. As vertentes este e oeste deste monte são escarpadas, sendo as vertentes norte e sul as que possuem declives mais suaves.

Em termos geológicos, encontra-se numa área de granitos não porfiroides de grão médio, que afloram abundantemente. Nas imediações existem xistos grauvaques, depósitos de praias antigas e fluviais e, ainda, areias de duna atuais (Teixeira *et al.,* 1969) (Fig. 5.3). Em termos de recursos mineiros existia a possibilidade de exploração de sal, para oeste. A existência de recursos de volfrâmio a cerca de 7 km a sul deste povoado poderá indiciar a presença de estanho, que é comum nestas jazidas.

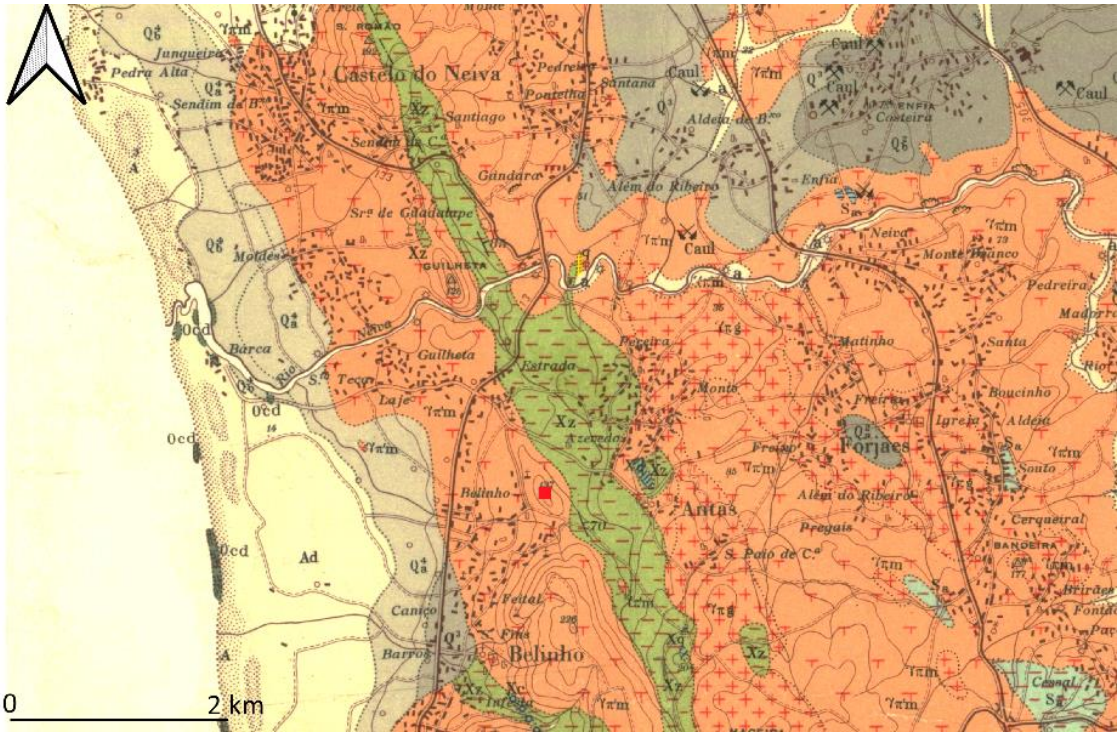


Fig. 5.3 Localização do Povoado de Belinho em excerto da Carta geológica de Portugal, à escala 1:50000, f. 5-C (DGMSG).

Durante os anos 80 o local terá sido alvo de terraplenagens com vista a sua florestação (Lemos, 1989) e hoje encontra-se repleto de pinheiros e, também, de eucaliptos e de vegetação arbustiva.

3.4.3. Contexto arqueológico

Num raio de 10 km, de norte para sul, é vasto o número de povoados da Idade do Ferro. Contam-se 11 sítios arqueológicos desta cronologia, embora os mais próximos e com o qual teria bom contacto visual, sejam o Castro de Moldes, em Castelo do Neiva (Viana do Castelo), com ocupação genericamente contemporânea e o Castro da Cova da Bouça, localizado na base da vertente noroeste do Monte de Sanfins ou do Crasto, a sudoeste de Belinho que, segundo Almeida (1996, vol. VII: 79) é provavelmente datável da última fase da Idade do Ferro. Porém, é de salientar

que no Monte de Sanfins foram encontradas cerâmicas do período do Calcolítico e, ainda, da Idade do Bronze Final (Almeida, 1998, 31-32; Bettencourt, 2013).

3.4.4. Escavações

As únicas intervenções arqueológicas realizadas neste local foram as de A. Correia de Oliveira. Estes trabalhos de escavação terão sidos efetuados nos inícios da década de 1920, já que as fotografias de José Leite Vasconcelos (1934) sobre o local datam de 1924. Em 1928 são depositados alguns materiais arqueológicos no Museu de História Natural, no Porto, e, em 1924 (?), no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

3.4.4.1. Estruturas

Durante essas "escavações" foram descobertas, pelo menos, duas muralhas, sendo que uma delas pode ser apenas um muro de contenção de terras. No entanto, prospeções arqueológicas mais recentes realizadas por Sereno e Dórdio (1994[182]) apontam para a existência de três panos de muralha, nomeadamente na área norte e a nascente (Fig. 5.4).

Segundo estes autores o local corresponde a um:

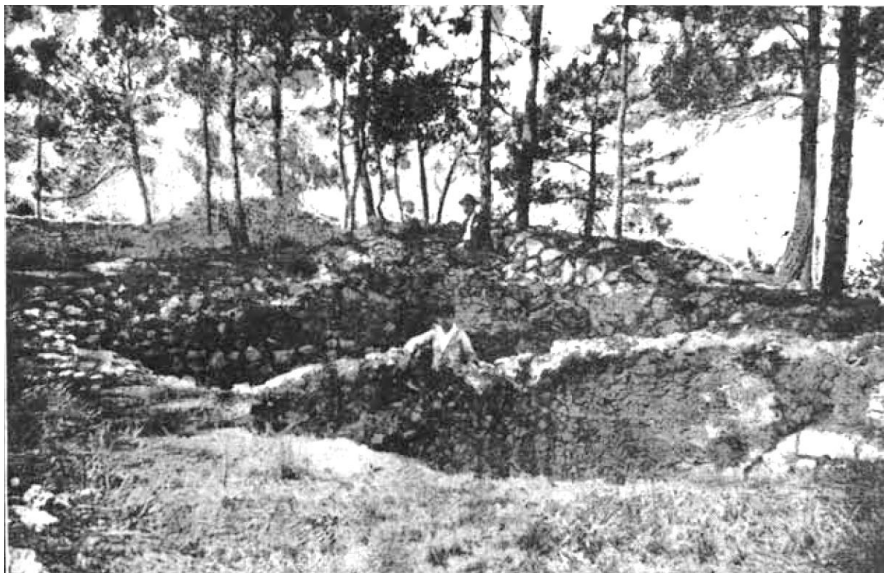
> "Povoado fortificado, de reduzidas dimensões, com um sistema defensivo constituído por três linhas de muralhas dos lados a norte e nascente, enquanto dos lados sul e poente, com declives mais pronunciados, tem apenas uma linha de muralha, a mais interior. As duas exteriores têm uma técnica de construção bastante simples e igual. Com uma largura que ronda os 3,5 m, são formadas, exteriormente, por grandes blocos de pedra mal desbastados e o interior cheio à base de pedra miúda e terra. A mais interior, que envolve na totalidade a coroa do monte, tem uma configuração oval e um aparelho de mamposteria. As escavações de 1924 puseram aqui a descoberto, a norte, um bairro habitacional, com casas ovais e sub-rectangulares, um troço de muralha com 2 m de largura e, do lado exterior, um muro que terá funcionado como reforço daquela. A sudeste, num ponto onde o terreno é menos acidentado e permite uma aproximação à coroa sem dificuldade de maior, é visível uma das entradas tendo o sistema defensivo sido reforçado na muralha interior com pequenas asas".

[182] http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1893



Fig. 5.4 Um dos panos de muralha do castro de Belinho segundo Sereno e Dordio (1994) (fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1893).

Dos trabalhos realizados foram, ainda, postas a descoberto duas estruturas habitacionais, a norte, uma de contorno retangular de cantos arredondados e uma outra de contorno oval, segundo Vasconcelos (1934). A sub-retangular possuía cerca de 4,5 m de comprimento por cerca de 2 m de largura e a oval possuía cerca 3,60 m de diâmetro (Vasconcelos, 1934) (Fig. 5.5) Sereno e Dordio falam de um bairro, porém não existe registo fotográfico ou gráfico para compreender esta realidade. Pelas etiquetas do material depositado no Museu Nacional de Arqueologia fica-se com a ideia de que teriam sido postas a descoberto vestígios de sete casas.



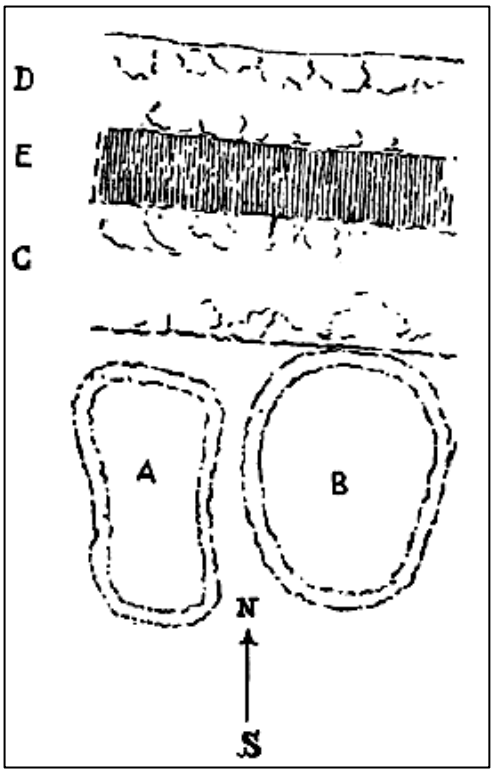


Fig. 5.5 Aspeto da área escavada, em 1924. Em baixo: planta da escavação efetuada, em 1924, por José Leite Vasconcelos onde se registam as duas casas referidas no texto e um pano de muralha com enchimento em terra e pedra miúda (E) (Vasconcelos, 1934, adaptada).

3.4.5. Materiais

Os materiais encontrados neste povoado encontram-se depositados em várias instituições do país e em coleções particulares, a saber: Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, Museu de História Natural, no Porto e Quinta de Belinho, em Esposende.

O material existente no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) é o mesmo publicado por José Leite Vasconcelos (1934) mas, ainda assim, foi revisto por nós. A fíbula publicada por Vasconcelos (1934) e dada como estando neste museu, não se encontra nas reservas. Além deste espólio, verificámos, ainda, a existência de um vaso de largo bordo horizontal, que deverá ser um dos publicados por Soeiro (1988) e dado como encontrado na aba norte do local. Como Soeiro (1988), Bettencourt (1999: 278; 2010) e Sampaio (2014) inserem este tipo de vasos na Idade do Bronze, nomeadamente no Bronze Médio (Bettencourt, 1999: 278; 2010; Sampaio, 2014), não foram estudados no âmbito deste trabalho.

A coleção do Museu de História Natural (Porto), por se encontrar inédita, foi estudada.

Por informação de Ana M. S. Bettencourt[183] sabemos que existem materiais cerâmicos da Idade do Ferro, na Quinta de Belinho, propriedade de família Correia de Oliveira e Sottomayor, informação também corroborada por Marques (2012, Vol. II, p. 168) que, além de fragmentos cerâmicos, refere mós manuais e prisões de gado. Apesar de solicitada autorização para o seu estudo não obtivemos resposta.

3.4.5.1. Coleção do Museu Nacional de Arqueologia

Foram apenas estudados cinco fragmentos cerâmicos, um objeto lítico e uma fíbula depositados neste Museu que, apesar de publicados por Leite de Vasconcelos (1934), mereceram a nossa atenção. Estes materiais podem incluir-se na **Idade do Ferro Antiga e Recente**. A referência ao local concreto do achado destes materiais é a seguinte: "...já fóra (das casas), encontrou o Poeta vários objetos, ou fragmentos de objetos..." (Vasconcelos, 1934: 46).

3.5.5.1.1. Material cerâmico

Em termos técnicos são, na sua maioria, produzidos à roda (quatro exemplares), com cozedura redutora (três fragmentos) e oxidante (dois fragmentos). Todos são de pastas micáceas, com palhetas de mica na sua maioria de tamanho pequeno (quatro exemplares) e médio (um exemplar). Na sua generalidade apresentam paredes de textura média ou fina (quatro e um exemplares, respetivamente). A maior parte destes fragmentos possuem a superfície polida (quatro exemplares), sendo o restante, alisado.

Em termos formais apenas foi possível classificar um cossoiro de tipo discoide com perfuração central, de pasta micácea (Fig. 5.6), pois os restantes fragmentos pertenciam a bojos.

[183] A quem gentilmente agradecemos.



Fig. 5.6 Cossoiro discoide.

A decoração ocorre em 4 fragmentos. Esta incide nos colos ou inícios dos bojos. Num dos fragmentos é apenas realizada por incisão. Num outro exemplar é realizado por incisão e aplicação plástica, noutro com aplicação plástica e incisão e num quarto exemplar com aplicação plástica, incisão e impressão (Fig. 5.7).

O bojo com aplicação plástica e incisão é composto por uma canelura incisa e asa mamilar disposta na vertical. Trata-se de um fragmento de cozedura redutora.

O bojo com decoração por incisão é composto por vários sulcos horizontais existindo, no seu interior de alguns, séries de incisões pequenas e oblíquas.

O bojo decorado por incisão e aplicação plástica é composto por dois sulcos incisos horizontais, seguido de triângulos incisos preenchidos com pequenos sulcos oblíquos, a que depois se seguem dois sulcos incisos também eles horizontais. Sobre eles foi aplicado o que podemos apelidar de asa mamilar disposta na vertical.

Finalmente, o bojo com aplicação plástica, incisão e impressão é composto por um cordão aplicado na horizontal seguido de dois sulcos incisos horizontais e, por baixo, uma série de SSS, rematados por outro sulco inciso por baixo.



Fig. 5.7 Fragmentos decorados por incisão, impressão e por aplicação plástica.

Quanto aos níveis de fragmentação e de erosão destes fragmentos, é necessário referir que possuem os seguintes tamanhos: < de 4 cm (um exemplar), entre 4 e 8 cm (3 exemplares) e >8 cm (1 exemplar). Nenhum destes fragmentos se encontrava com as arestas roladas. Segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008) as suas dimensões e índice de erosão indiciam um fraco transporte deste material.

2.4.5.1.2. Material lítico

Foi registado um possível cossoiro em xisto, tendencialmente circular. Mede cerca de 4,7 cm de largura e 0,7 cm de espessura máxima. O orifício central é circular e mede cerca de 0,5 cm (Fig. 5.8)



Fig. 5.8 Cossoiro em xisto, perfurado.

2.4.5.1.3. Material metálico

A fíbula registada por L. Vasconcelos (1934) insere-se no tipo Ponte 22a (Ponte, 2006: 218-224) sendo uma fíbula de apêndice caudal ou de pé alto, com uma cronologia a partir do século VII até meados do V/III a.C. (Fig. 5.9).

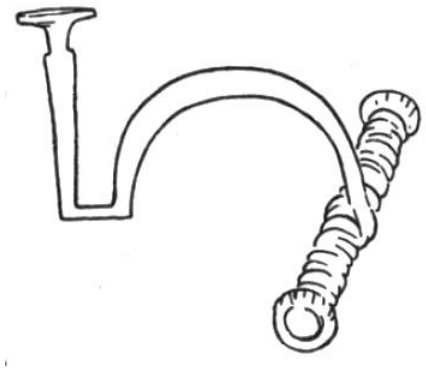


Fig. 5.9 Fíbula publicada por Leite de Vasconcelos (1934, adaptado, sem escala).

3.4.5.2. Coleção do Museu de História Natural[184] (Porto)

O material que foi estudado em depósito neste museu resulta de várias recolhas feitas por diversas pessoas, algumas delas ligadas à arqueologia outros por indivíduos que vivem ou viveram

[184] Antigo Museu Mêndes Correa, Pólo do Antigo Museu de História Natural do Porto.

nas imediações deste sítio arqueológico ou no concelho de Esposende. Resume-se a material cerâmico.

Trata-se de uma coleção pequena, com um total de 78 fragmentos (Tab. 5.5.) Pelas suas características técnicas e formais, pudemos repartir as produções em várias cronologias: Idade do Ferro Antiga; Idade do Ferro Recente; Romanização e Idade Média.

Os materiais que são datáveis da **Idade do Ferro Antiga** resumem-se a 22 fragmentos. Pelas etiquetas e marcações nos fragmentos foi possível apurar que foram encontrados nas casas 1 e 2 e na casa 6.

Em termos técnicos são todos de fabrico manual, com cozeduras redutoras (21 fragmentos), existindo apenas um de cozedura mais oxidante. Todos eles são de pastas micáceas, com palhetas de mica na sua maioria de tamanho médio (12 exemplares) e pequeno (cinco exemplares). Na sua generalidade as pastas apresentam texturas média ou fina (12 e 8 exemplares, respetivamente). A maior parte destes fragmentos possuem a superfície polida (16 exemplares).

Em termos formais foram individualizados 11 bojos (destes, um decorado), 7 bordos (1 esvasado, 4 em aba soerguida e 1 em aba horizontal) e 3 bases (Tab. 5.1).

Tabela 5.1 Tipos de fragmentos datáveis da Idade do Ferro Antiga

Tipos de Fragmentos	N.º de fragmentos
Bojos	11
Bordos	7
Bases	3
Total	**21**

Com base nos bordos foram individualizados potes, potinhos/púcaros e uma panela de asa interior. Os potes são de dois tipos a saber: forma 1a (1 exemplar), forma 1b (4 exemplares), forma 2 a (púcaro) e ainda um bojo decorado que pela sua curvatura e elementos técnicos/formais podermos referir que deveria tratar-se forma 2b (Potinho). Os diâmetros dos bordos oscilam entre 14 e os 38 cm. De referir ainda que os diâmetros das formas 1a e 1b oscilam entre 28 e 34 cm, o que permite defender que seriam formas (neste caso, potes) para armazenamento (Tab. 5.2; Fig. 5.11).

Tabela 5.2 Tipologia de formas datáveis da Idade do Ferro Antiga

Forma	Número de fragmentos	%
Forma 1a (pote)	1	12,5 %
Forma 1b (pote)	4	50 %
Forma 2a (púcaro)	1	12,5 %
Forma 2b (potinho)	1	12,5 %
Forma 4a (panela de asa interior)	1	12,5 %
Total	**9**	**100 %**

Quanto às bases foi estudado um exemplar de fundo plano simples e dois exemplares indeterminados. O único diâmetro que foi possível apurar, media 11 cm. Há ainda a registar um arranque de asa num dos bordos.

Em termos decorativos, há a registar um fragmento decorado. Este é composto por um cordão aplicado na horizontal, sobre o qual se efetuaram impressões oblíquas (Fig. 5.10).



Fig. 5.10 Bojo decorado por aplicação plástica e puncionamento.

Três exemplares apresentam fuligem, devido a contacto com o fogo. Provavelmente de formas 2 (Potinhos/Púcaros) e a forma 4 (panela de asa interior.).

Quanto aos índices de fragmentação e de erosão devemos referir que, na sua maioria, os fragmentos são maiores de 8 cm (nove exemplares – 41%), seguido dos fragmentos menores de 4 cm (oito exemplares – 36%) e, finalmente, os fragmentos com tamanho entre 4 e 8 cm (cinco

exemplares – 23%). Apenas 9 exemplares se encontram rolados. Segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008), tal revela que não teriam sido alvo de grande transporte.

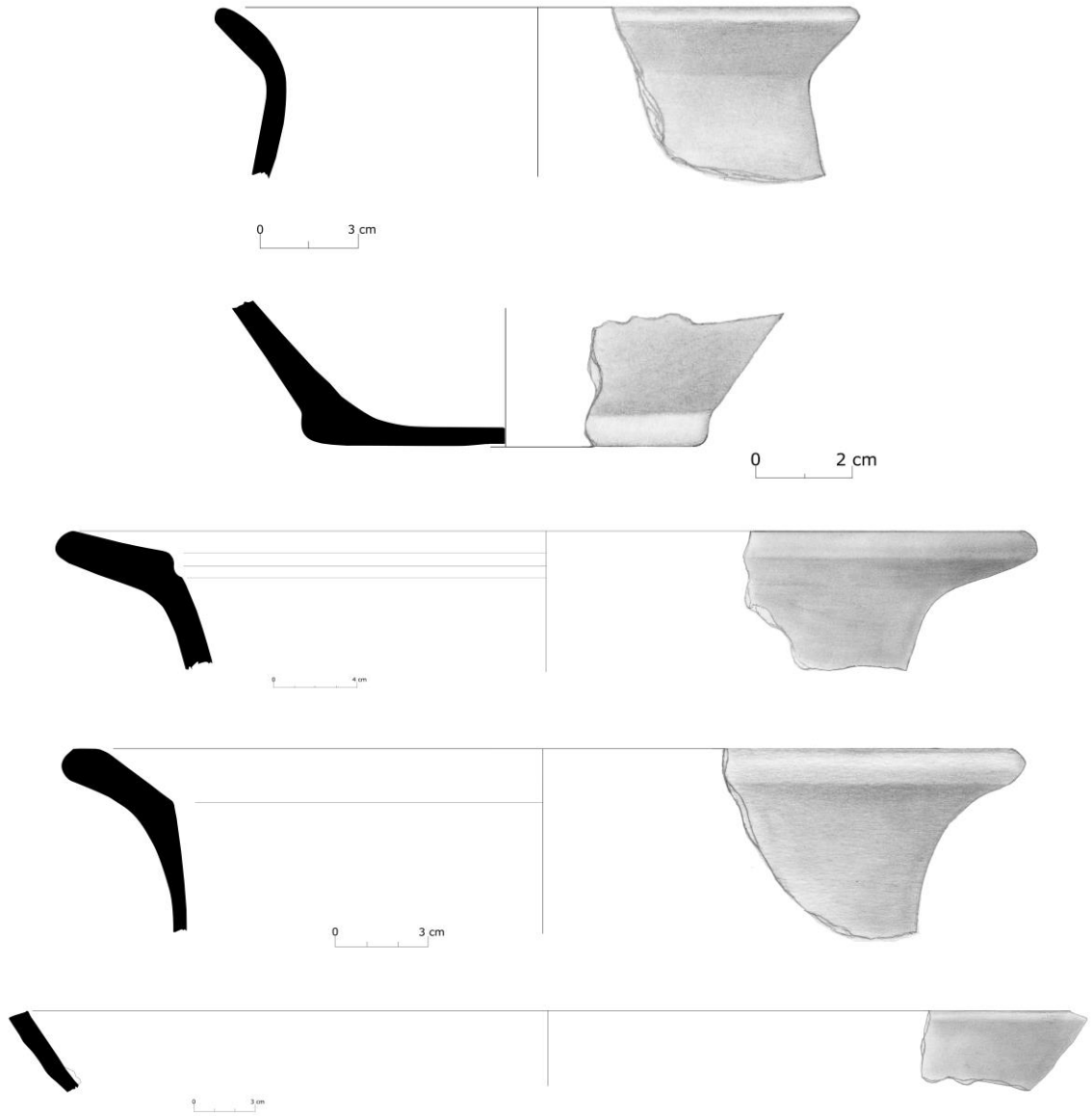


Fig. 5.11 De cima para baixo: potinho/púcaro (Forma 2); base de fundo plano alargado; potes da forma 1b e panela de asa interior (forma 4).

Os materiais datáveis da **Idade do Ferro Recente** resumem-se a 45 fragmentos. Pelas etiquetas e marcações dos fragmentos foi possível apurar que foram recolhidos nas casas 1, 2, 4, 5, 7 e na zona sul.

Em termos técnicos, são, na sua maioria, ainda produzidos à mão (34 fragmentos), sendo os restantes à roda (11 fragmentos). Também apresentam, na sua maioria, cozeduras redutoras (25 fragmentos) sendo os de cozedura oxidante em número de 20. Estes apresentam pastas

micáceas, com palhetas de micas de tamanho médio (22 exemplares) e pequeno (18 exemplares). Na sua maioria a textura é média ou fina, em 31 e 13 exemplares, respetivamente. As superfícies são polidas (36 exemplares) e alisadas (nove exemplares).

Em termos formais foram contabilizados 22 bojos, 17 bordos (10 em aba soerguida, seis esvasados e um aberto) e seis bases (Tab. 5.3).

Tabela 5.3 Tipos de fragmentos datável da Idade do Ferro Recente

Tipos de Fragmentos	N.º de fragmentos
Bojos	22
Bordos	17
Bases	6
Total	**45**

As formas atribuíveis a este período correspondem a potes, potinhos/púcaros, malgas/tigelas e talhas (Tab. 5.4; Fig. 5.12). Os potes correspondem a três variantes: forma 1a (3 exemplares), forma 1b (4 exemplares) e forma 1c (1 exemplar). Os diâmetros de boca oscilam entre 14 e 42 cm. No que diz respeito às formas de potes os diâmetros oscilam entre 27 e 38 cm o que permite uma vez mais defender a sua utilização para armazenagem.

Tabela 5.4 Tipologia de formas datáveis da Idade do Ferro Recente

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	3	16,7 %
Forma 1b (pote)	4	22,2 %
Forma 1c (pote)	1	5,6 %
Forma 2 (potinhos/púcaros)	4	22,2 %
Forma 3 (malgas/tigelas)	1	5,6 %
Forma 5 (talha)	5	27,8 %
Total	**18**	**100 %**

De registar que as talhas apresentam uma aplicação plástica no interior do fragmento, na junção da aba com o colo. Não parece tratar-se de um elemento decorativo, mas de uma solução técnica para suportar o peso das abas que são grandes. Serviriam, também, para suportar a colocação de uma tampa. Além disso, foram contabilizados 4 bordos que integram esta tipologia e ainda um bojo com esta aplicação plástica no interior do fragmento, na junção da aba com o colo. Perfazendo, desta forma, o total de 5 fragmentos de talha.

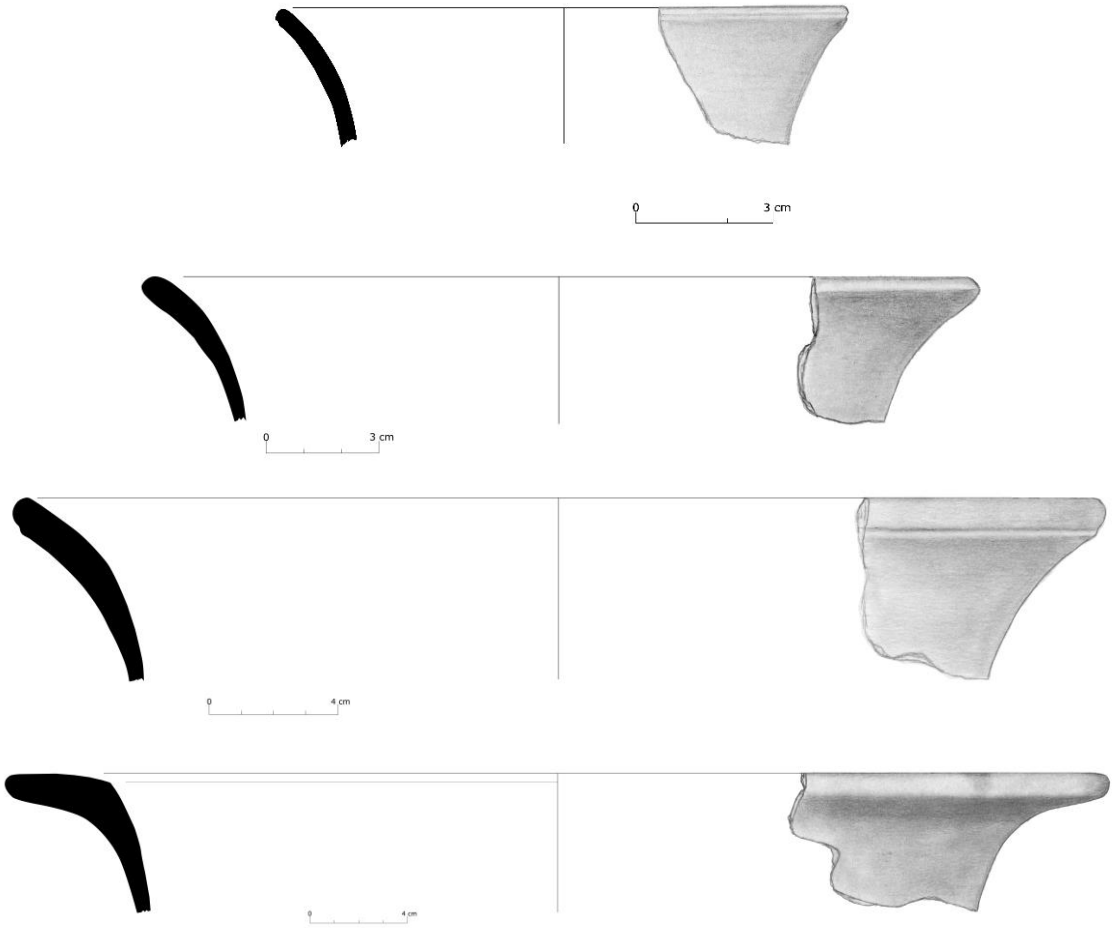


Fig. 5.12 De cima para baixo: dois potinhos/púcaros (Forma 2) e potes (Forma 1a e 1c).

As bases são de fundo plano alargado (3 exemplares) e indeterminadas (3 casos). Os seus diâmetros oscilam entre 10 e 17 cm (Fig. 5.13).

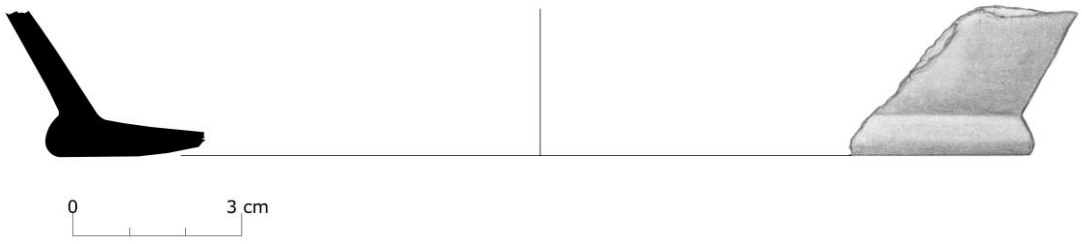


Fig. 5.13 Base de fundo plano alargado.

Em termos decorativos, há um exemplar decorado por aplicação plástica, através da aplicação de um cordão na horizontal.

Há ainda três exemplares que apresentam fuligem. São fragmentos de formas 1 (Potes forma 1a e 1b) e de formas 2 (Potinhos/Púcaros).

Quanto aos índices de fragmentação e erosão é necessário referir que os fragmentos possuem os seguintes tamanhos: < de 4 cm (12 exemplares – 27%), entre 4 e 8 cm (23 exemplares – 51%) e > 8 cm (10 exemplares – 22%), o que, segundo os critérios Brudenell e Cooper (2008), permite colocar a hipótese de que terá havido algum transporte pósdeposicional deste material, o que pode estar de acordo com 11 exemplares (24%) rolados.

Os materiais que são datáveis da **Romanização ou de contacto com o mundo romano** resumem-se a sete fragmentos. Pelas etiquetas e marcações nos fragmentos foi possível apurar que foram exumados nas áreas das casas 1, 2 e 3.

Destes destacamos três bojos de ânfora, sem forma definível, dois bojos de cerâmica comum, um deles fina, dois fragmentos de material de construção (tégula) e um fragmento de terra sigillata (Fig. 5.14), com uma cronologia a partir do séc. I d.C., ou seja, possivelmente dos finais da Idade do Ferro.



Fig. 5.14 Fragmento de Terra Sigillata.

Por fim, foi ainda tido em conta um fragmento de bordo e pança que se pode atribuir à época **medieval.**

3.4.6. Cronologias e fases de ocupação

Com base no estudo dos materiais cerâmicos e metálicos foi possível determinar que este povoado teve várias ocupações, ao contrário do que foi defendido por C.A.B. Almeida (1990;

1996). A mais antiga corresponde ao Ferro Antigo, existindo outra do Ferro Recente e, ainda, um momento que tanto pode ser do Ferro Recente como dos inícios da romanização. O sítio não foi profundamente romanizado.

Belinho I - Idade do Ferro Antiga

O topo do monte do povoado terá sido ocupado, pela primeira vez, no 1º milénio a.C. A partir do material cerâmico estudado e pelo registo de uma fíbula de tipo Ponte 22a, podemos colocar a hipótese de uma ocupação datável de entre os séculos VII ao III a.C., ou seja, do Ferro Antigo. Tal concorda, genericamente, com as características técnicas e morfológicas de algum do material cerâmico em depósito no Museu de História Natural e do observado por Ana Bettencourt na Quinta de Belinho (Bettencourt, 1999).

Porém, apesar da indicação de que foram encontrados nas casas 1, 2 e 6, não é óbvio que estas estruturas sejam desta cronologia pois desconhecemos a estratigrafia e se as escavações foram abaixo dos pavimentos e alicerces das casas. A visita ao local não possibilitou qualquer esclarecimento porque este se encontra com inúmera vegetação arbustiva.

Belinho II - Idade do Ferro Recente

A análise do material cerâmico, através das suas características técnicas e morfológica, tornou possível identificar, neste local, uma fase de ocupação do Ferro Recente, datada de entre o séc. II a.C. até meados do séc. I d.C. Tal comprova-se, essencialmente, pelos fabricos à roda, cozeduras oxidantes e pelo aparecimento das formas de talha.

Apesar das indicações de que parte deste material foi recolhido nas casas 1, 2, 4, 5, 7 e na zona sul, não há dados estratigráficos. Dada a característica das casas é possível que algumas das estruturas tenham sido construídas durante este período, bem como as muralhas.

Belinho III – Romanização (?)

pesar dos escassos indicadores romanos que impossibilitam perceber se correspondem a materiais de importação, oriundos do sul, durante o Ferro Recente da região, foram contabilizados alguns fragmentos de material de construção, nomeadamente de cobertura tipicamente romana. É o caso da tégula, que só ocorre a partir do século I d.C. Esta presença permite colocar a hipótese de uma romanização fruste. Essa ocupação não será alheia à existência de uma via romana secundária que atravessava o rio Cávado, no lugar da Barca do Lago, e que passaria pelo sopé deste povoado segundo Brochado de Almeida (1996, vol. VII: 194).

3.4.7. Discussão dos dados

Pela sua altitude e contexto físico, pode inserir-se nos povoados agrícolas ou de tipo C da classificação de Martins (1990: 205-209). Tal confirma a hipótese desta autora e alarga a área geográfica deste tipo de povoados no Ferro Antigo, para a bacia do Neiva, contrapondo-se ao que tem sido defendido por Almeida (1990a: 277-278; 1996, vol. VII: 174) que defende que este tipo de povoados emerge no Ferro Recente ou já do decurso da romanização.

Pelo espólio estudado, apesar de escasso, é necessário destacar, no Ferro Antigo, a presença de uma fíbula, o que indicia importância social de alguns dos seus ocupantes.

A sua localização, na plataforma litoral, nas imediações do rio Neiva e do oceano Atlântico e com fácil acesso a solos de planície e de monte, teria possibilitado boas condições para a prática de atividades agro-silvo-pastoris, de recoleção, pesca e eventualmente, produção de sal. O e controlo dos vários corredores naturais de circulação, como o pedestre (entre o Cávado e o Neiva), o fluvial (Neiva) e o marítimo são fatores a ter em conta na sua implantação (Fig. 5.15). Aliás, a importância da plataforma litoral como um bom corredor de circulação comprova-se pela existência de uma via romana posterior que, atravessando o rio Cávado na Barca do Lago, seguia, desde o Porto até Caminha, sempre pelo litoral (Almeida, 1996, Vol. VII: 194).

Durante o Ferro Recente, podemos colocar a hipótese de que aqui se praticou a tecelagem e se efetuaram atividades de armazenagem, comprovadas pela presença das talhas.

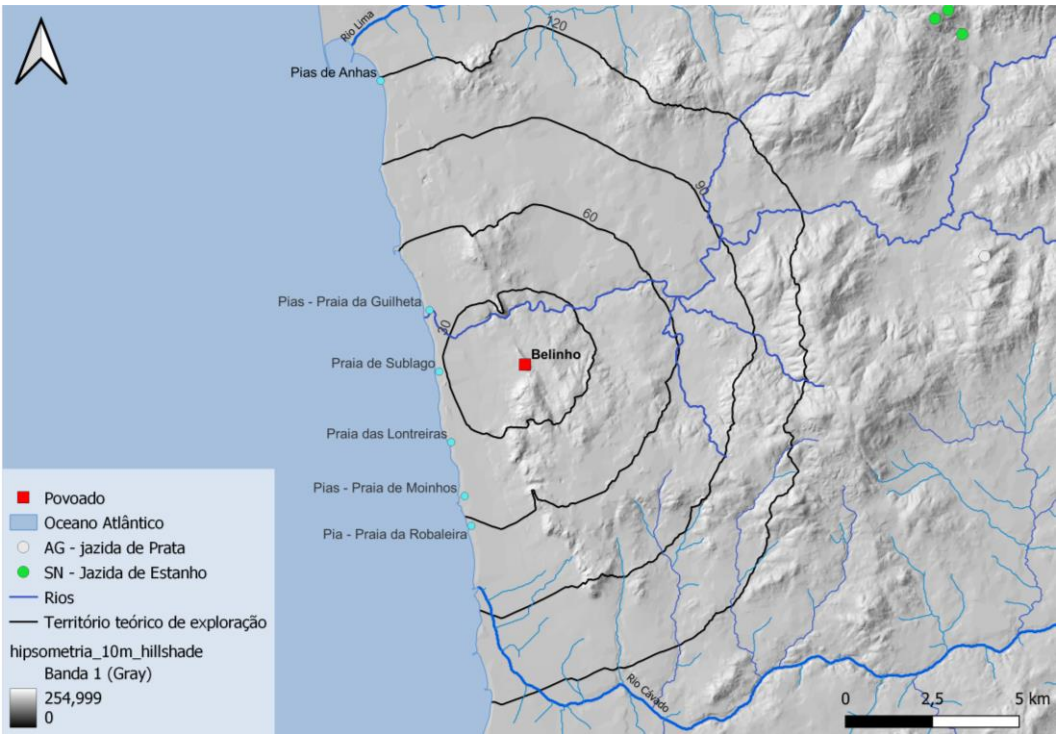


Fig. 5.15 Território teórico de exploração de 2 horas pedestres de povoado de Belinho (com linhas isócronas de 30 minutos).

A impossibilidade de identificar e datar os materiais anfóricos e a terra sigillata, não permite perceber se este povoado se inseriu nas redes de intercâmbio suprarregional existentes com o mundo meridional, durante o Ferro Recente. No entanto, o aparato de uma das suas muralhas poderá revelar a sua importância na fase final da Idade do Ferro.

A sua posição de controlo de vários corredores naturais de circulação, em associação com o Castro de Moldes, na margem norte, genericamente contemporâneo, terá sido, provavelmente, um dos fatores da sua emergência nos Inícios da Idade do Ferro e da sua continuidade para o Ferro Recente.

Apesar dos indicadores de ocupações desde o Ferro Antigo até à romanização, desconhece-se se houve hiatos ou continuidade de ocupação neste povoado e o momento em que foi abandonado. Também se desconhece a data do início da sua petrificação.

Durante o Ferro Recente, momento em que se admite a existência de um povoamento hierarquizado Martins (1990: 168) defende que este fenómeno se deve ao próprio desenvolvimento regional e local dos povoados ou de certos povoados, enquanto Almeida (1990a; 1996) e Maciel (2003: 188-195) defendem que esse desenvolvimento e o surto de novas aglomerações proto urbanas, com atividades de ordem defensiva e político-administrativas, se deve aos contactos com o mundo romano neste território.

Com efeito, cabe-nos perguntar se este povoado estaria articulado com outro de maior altitude e com maior dominância visual. Tendo presente que o Castro da Cova da Bouça, a sul do Neiva, também é de baixa altitude, seria o Castro de Moldes o povoado mais importante e central, na rede de povoamento local? Maciel (2003: 195) considera-o um possível local central, na orla marítima, mas não considerou Belinho um castro agrícola, o que na nossa perspetiva não nos parece correto. De facto, tudo aponta para que se possa considerar Belinho como um povoado agro-silvo-pastoril, aparentemente fora dos grandes eixos de intercâmbio, existentes durante o 1º milénio a.C. Aliás, parece bem possível que estes dois locais se articulassem, se não em contexto de hierarquia, pelo menos em rede, no contexto do Ferro Antigo (?) e do Ferro Recente. Apesar da proximidade pelo exercício de SIG efetuado notamos que ambos estão a pouco mais de 30 minutos pedestre um do outro (Fig. 5.16; Fig. 5.17).

Apenas novas escavações arqueológicas poderão ajudar a dar resposta às muitas questões deixadas em aberto.

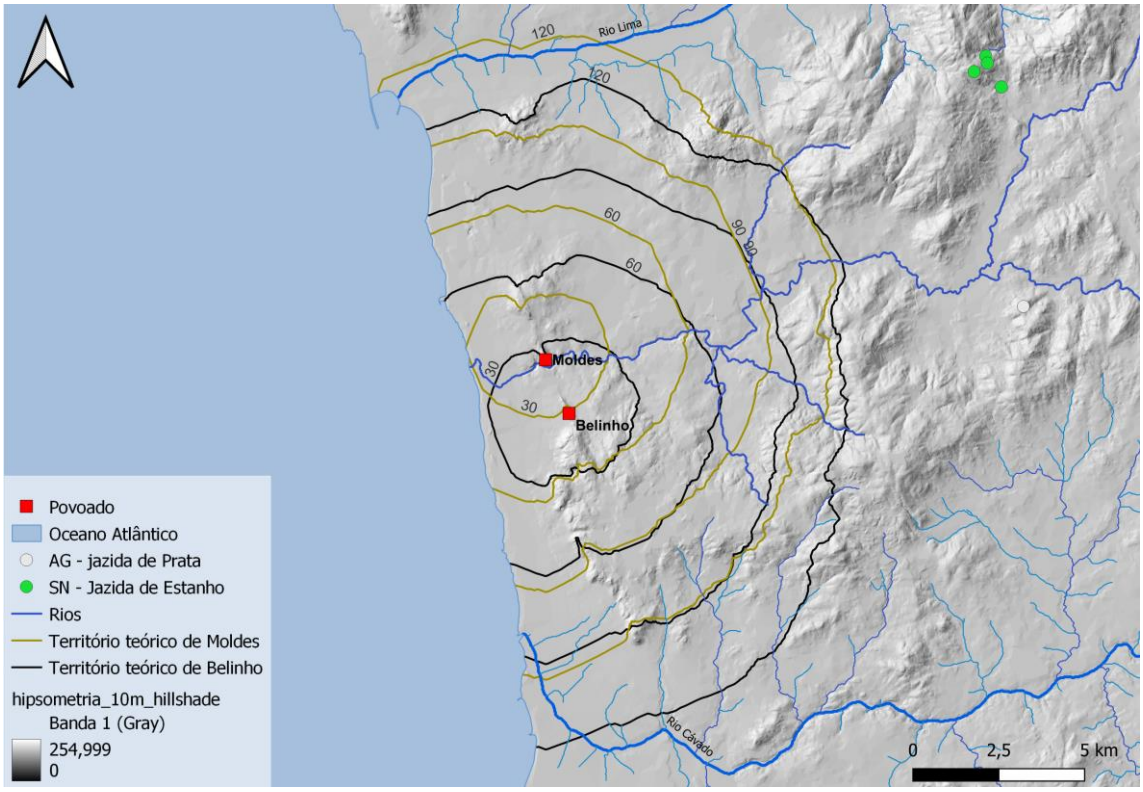


Fig. 5.16 Territórios teóricos de exploração de 2 horas pedestres, de Moldes e Belinho.

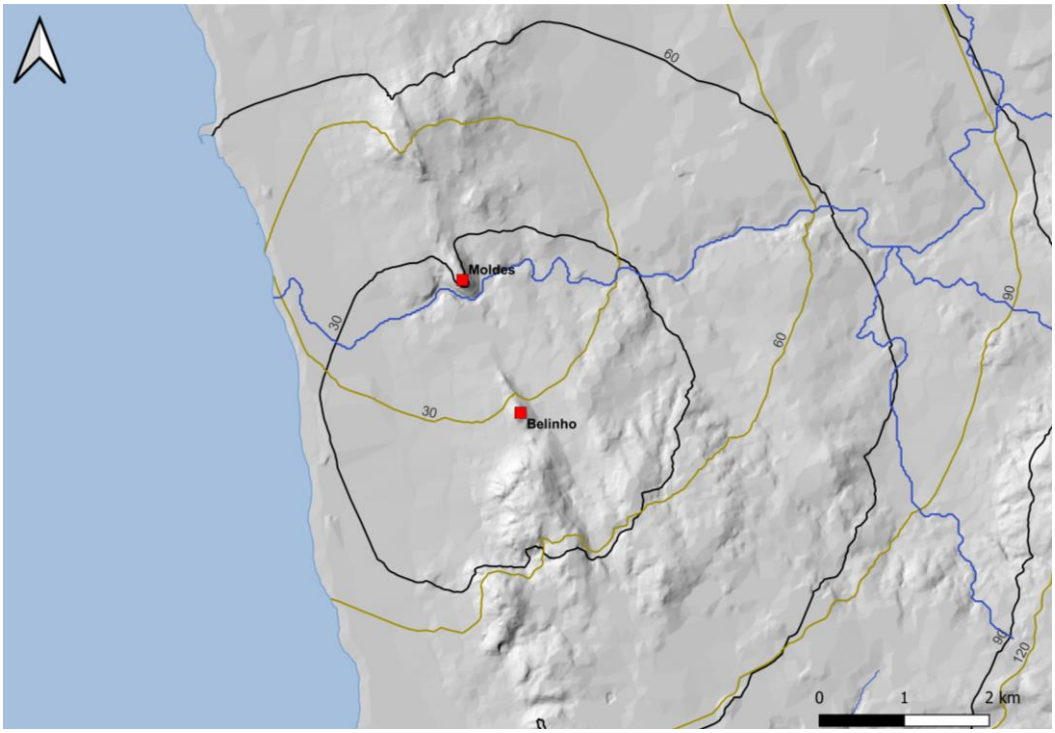


Fig. 5.17 Pormenor do território teórico de exploração de Moldes e Belinho de 1 hora.

Tabela 5.5 Anexo I - Listagem de material em reserva do Museu de História Natural do Porto provenientes de Belinho

Instituição	Nº inventário	Recolhido	Ano da recolha	Contexto[185]
MHN	171269	Santos Júnior	1928	Desconhecido
MHN	171271	Santos Júnior	1928	Desconhecido
MHN	171270	Santos Júnior	20-02-1928	Desconhecido
MHN	171273	Santos Júnior	20-02-1928	Desconhecido
MHN	171284	Santos Júnior	30 de Agosto 1928	Desconhecido
MHN	171199	Maria Barros	1961	Desconhecido
MHN	171244	-	1961	Zona sul
MHN	171246	-	1961	Zona sul
MHN	171246	-	1961	Zona sul
MHN	171247	-	1961	Zona sul
MHN	171248	-	1961	Zona sul
MHN	171253	Maria Barros	1961	Desconhecido
MHN	171255	Maria Barros	1961	Desconhecido
MHN	171256	Maria Barros	1961	Desconhecido
MHN	171257	Maria Barros	1961	Desconhecido
MHN	171262	Maria Barros	1961	Desconhecido
MHN	171268	Maria Barros	1961	Desconhecido
MHN	171274	-	1961	Casa 1
MHN	171275	Maria Barros	1961	Casa 6?
MHN	171276	Maria Barros	1961	Casa 6
MHN	171180	Maria Barros	Setembro de 1961	Desconhecido
MHN	171181	Maria Barros	Setembro de 1961	Desconhecido
MHN	171184	Maria Barros	Setembro de 1961	Desconhecido
MHN	171196	Maria Barros	Setembro de 1961	Desconhecido
MHN	171197	Maria Barros	Setembro de 1961	Desconhecido
MHN	171203	Maria Barros	Setembro 1961	À beira das casas 1 e 2
MHN	171249	-	Setembro de 1961	Junto casa 4
MHN	171250	-	Setembro de 1961	Junto casa 3
MHN	171251	-	Setembro de 1961	Junto casa 5
MHN	171252	-	Setembro de 1961	Junto casa 2
MHN	171254	Maria Barros	1963	Desconhecido
MHN	171258	Maria Barros	1963	Desconhecido
MHN	171259	Maria Barros	1963	Desconhecido

[185] Os contextos aqui explicitados constam das marcações encontradas nos fragmentos.

MHN	171260	Maria Barros	1963	Desconhecido
MHN	171261	Maria Barros	1963	Desconhecido
MHN	171265	Maria Barros	1963	Desconhecido
MHN	171267	Maria Barros	1963	Desconhecido
MHN	171179	-	-	Desconhecido
MHN	171182	-	-	Desconhecido
MHN	171182	-	-	Desconhecido
MHN	171183	-	-	Desconhecido
MHN	171185	-	-	Desconhecido
MHN	171186	-	-	Desconhecido
MHN	171187	-	-	Desconhecido
MHN	171188	-	-	Desconhecido
MHN	171189	-	-	Desconhecido
MHN	171190	-	-	Desconhecido
MHN	171191	-	-	Desconhecido
MHN	171193	-	-	Desconhecido
MHN	171194	-	-	Desconhecido
MHN	171195	-	-	Desconhecido
MHN	171198	-	-	Desconhecido
MHN	171200	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171201	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171202	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171204	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171205	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171207	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171208	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171210	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171211	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171212	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171213	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171234	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171235	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171236	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171237	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171238	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171239	-	-	À beira das casas 1 e 2
MHN	171240	-	-	Casa 7

MHN	171241	-	-	Casa 7
MHN	171242	-	-	Casa 7
MHN	171243	-	-	Casa 7
MHN	171263	-	-	Desconhecido
MHN	171264	-	-	Desconhecido
MHN	171266	-	-	Desconhecido
MHN	171272	Santos Júnior	-	Desconhecido
MHN	171285	-	-	Desconhecido
MHN	Sem Número	-	-	À beira das casas 1 e 2

3.5. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE FARIA, BARCELOS

3.5.1. Historial

O local onde ficava implantado o povoado da Idade do Ferro de Faria é conhecido desde o séc. XIV. Sobre ele, trata, Alexandre Herculano, em 1851, na sua obra "Lendas e Narrativas" relacionando-o com a defesa deste ponto do território, a partir de fontes anteriores, nomeadamente de Fernão Lopes (Herculano, 1851=2010: 129-134). Segundo Herculano, ainda durante o século XVII se viam alguns vestígios deste castelo, tendo, mais tarde, as pedras sido usadas para a construção de um convento, no sopé do Monte da Franqueira (Herculano, 1851=2010: 132).

Os trabalhos arqueológicos neste local iniciam-se na primeira metade do século XX, mais concretamente entre 1929 e 1949, de forma não constante, sob a responsabilidade e patrocínio do Grupo dos Alcaides de Faria Pró-Franqueira. Estes trabalhos foram sendo publicados em esparsas notas, pouco pormenorizadas, no *Boletim do Grupo Alcaides de Faria* (Sampaio, 1934; Maluquer de Montes, 1948; Santa Ollala, 1948, Valero Aparisi, 1950; Reis, 1950; Vasconcelos, 1950). Em sua consequência, resultou a descoberta de vestígios de ocupações proto-históricas (Idade do Ferro) e medievais, na acrópole (zona ocupada na Idade Média) e na vertente sudeste. É neste período que se publica o conhecido fragmento cerâmico da Idade do Ferro, com um friso "historiado" no qual está representada uma figura humana, apeada. A figura humana possui na mão esquerda uma lança e com a direita conduz um cavalo. Parece ter à sua frente outro equídeo (Santa Ollala, 1948: 23).

É de referir, ainda, algumas menções a materiais cerâmicos deste povoado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (Almeida, 1974a) que os atribui de forma genérica entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, mencionando ainda o fragmento historiado atribuindo-o ao estilo B (datável do Ferro Antigo, de forma genérica) (Almeida, 1974a: 186). Menciona, ainda, algumas decorações e asas torsas datáveis genericamente do Ferro recente. Sobre materiais de importação o mesmo investigador faz nota num artigo anterior (Almeida, 1973: 201, nota de rodapé nº 15, de que foram registados em Faria três fragmentos de cerâmica grega.

Pierre Rouillard (1975, p. 42, nota de rodapé nº 31; 1991: 123, 126, 432) publica estes fragmentos de cerâmica de origem mediterrânica, datáveis do século IV a.C. denunciando desta forma a existência de níveis da Idade do Ferro Antiga.

Nos finais dos anos 70 do séc. XX, mais concretamente, em 1978, são realizados novos trabalhos arqueológicos neste local da responsabilidade de Abílio Américo de Faria, que abriu uma

sondagem "...entre a segunda e terceira muralha, na vertente norte-sul, em terreno levemente inclinado..." e cujos resultados foram, parcialmente, publicados (Costa *et al.*, 1980: 22), mas sem qualquer planta da escavação. Bettencourt (2000c: 47, nota 2) conseguiu apurar que estas sondagens se verificaram a noroeste da acrópole parecendo corresponder ao sector B.

Na década de 80, verificam-se novas escavações no local, dirigidas por C. A. B. de Almeida, entre 1981 e 1984. Este investigador incide os trabalhos arqueológicos no setor A, a sudoeste da acrópole e início da vertente sudoeste, em área contígua às escavações de 1978 (Almeida, 1996)[186], e no setor B a escassos 28 metros do anterior, já no início da vertente nor-noroeste, junto à muralha 2. Em 1984 escava também, na acrópole (Fig. 6.1).

Destas escavações publicam-se alguns dados estratigráficos e descrições de material, de forma sucinta (Almeida *et al.,* 1980; Almeida, 1982a; 1985b, 1990, 1996, 1997) dando-se nota de algumas cerâmicas de "tipo Penha" e da Idade do Bronze Final. Este autor, refere, ainda, a existência de uma ocupação da Idade do Ferro, datável dos séculos VII e VI a.C. (Almeida, 1990: 55, 344) e da romanização. Também publica uma planta com a localização das áreas escavadas (Almeida 1996, vol. I: 299, 1997: 108). A este propósito faremos nossas as palavras de Bettencourt (2000c: 48):

"Apesar destas informações e das recolhidas em C.A.B. de Almeida (1996), continuámos a ter dificuldades em enquadrar espacialmente todo o material observado, por falta de uma planta do povoado com a implantação das quadrículas..."

A escavação em profundidade dos espaços disponíveis revelou uma sucessão de construções e de pisos de, em barro e lareiras, às vezes decoradas (Almeida, 1996, vol. I: 302, 1997: 110).

[186] Tal como refere Bettencourt (2000c: 48, nota 3) este autor diz ter escavado a nordeste do povoado, por lapso.

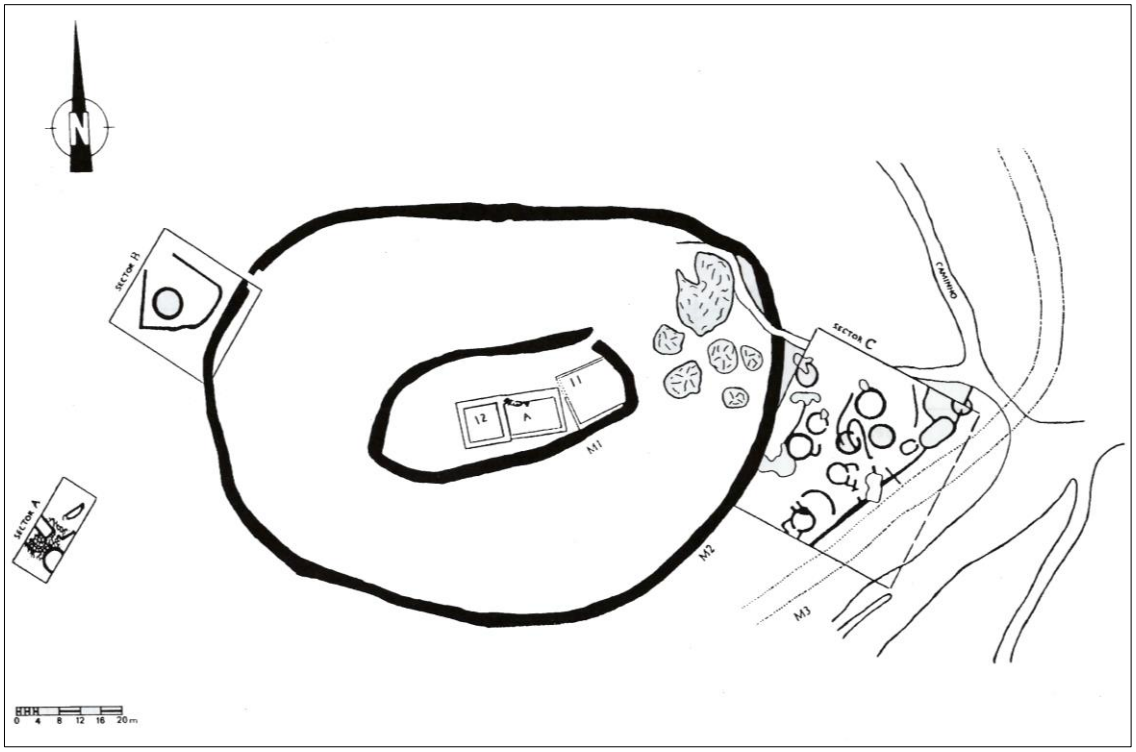


Fig. 6.1 Planta das escavações efetuadas por Carlos B. de Almeida (1996, vol. 1: 299; 1997: 108, adaptado).

Segundo M. Martins (1990: 75-76) o povoado da Idade do Ferro teria, pelo menos, que três linhas de muralha e dois fossos, e vestígios de construções, concentrados na vertente este do monte onde se reconhecem alguns muros de cabanas circulares, por vezes com vestíbulo, e pavimentos lajeados (Martins, 1990: 75-76).

Ana Bettencourt (1999, 2000c) procede ao estudo dos materiais da Idade do Bronze, encontrados durante as escavações realizadas por Abílio Américo de Faria e Carlos A. Brochado de Almeida na plataforma superior, na vertente sudoeste (setor A) e na vertente noroeste (setor B), além de estudar alguns materiais de superfície ou descontextualizados (Bettencourt, 2000c: 50-51). A partir do material cerâmico estudado defende que a plataforma superior deste povoado teria três momentos de ocupação: a mais recente seria da Idade Média, associadas a estruturas pétreas aí postas a descoberto; um outro momento seria datável da Idade do Ferro Recente ou da Romanização e o terceiro do Bronze Final, não existindo indicadores de uma ocupação datável do Ferro Antigo. Regista, ainda, uma ou várias ocupações da Idade do Bronze na vertente noroeste e indicadores de ocupação deste período nas vertentes este e sul (Bettencourt, 2000c: 50-51).

Esta investigadora defende, também, que terá existido uma ocupação, atribuível ao Calcolítico, talvez localizada, nas vertentes este e sul (Bettencourt, 2000c: 51). Finalmente, Helena

P. Carvalho (2008, vol. 2: 20), refere este povoado no seu inventário geral do *conventus bracaraugustanus.*

Apesar dos vários estudos publicados sobre este povoado ainda há uma quantidade elevada de material arqueológico inédito. Assim, o objetivo deste trabalho centrou-se no estudo do material cerâmico e vítreo, encontrado nas primeiras campanhas de escavações, realizadas pelo Grupo de Alcaides de Faria e em depósito nos serviços do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos. Também foram observados os materiais depositados no Museu de História Natural do Porto[187] que se pensa serem provenientes destas escavações mais antigas dada a antiguidade do depósito, ou seja, de 1933. Os materiais depositados são da coleção privada de António Mendes Correia[188].

Além destas coleções foi estudado o material importado da Idade do Ferro, proveniente das escavações dos anos 80, dirigidas por Brochado de Almeida, muito dele, inédito[189], apesar dos já publicados por Roulliard (1975), proveniente das antigas escavações do Grupo de Alcaides de Faria, e por Ferreira (2019, 2019a, 2022).

Tal possibilitou afinar a cronologia de ocupação deste local durante a Idade do Ferro e perceber o seu papel no âmbito do intercâmbio suprarregional na longa diacronia.

3.5.2. Localização, contexto físico e ambiental

Este povoado encontra-se na freguesia de Gilmonde, concelho de Barcelos, distrito de Braga. Localiza-se num imponente maciço montanhoso, o chamado Monte da Franqueira. Desenvolve-se, sobretudo, na vertente noroeste desse monte, sobranceiro ao rio Cávado.

Possui as seguintes coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS84: 41°29'47.15"N e 8°38'47.41"W e desenvolve-se a uma altitude máxima de 233 metros (Fig. 6.2).

[187] Agradecemos toda a atenção da Dra. Rita Gaspar curadora da coleção de Arqueologia do Museu de História Natural do Porto, pela disponibilidade e anuência ao pedido para estudar a coleção deste sítio que se encontra em reserva.

[188] Agradecemos a informação à Dra. Rita Gaspar.

[189] O nosso agradecimento vai para o Dr. Cláudio Brochado, Arqueólogo da Câmara Municipal de Barcelos, pelo acesso e todas a facilidades concedidas no estudo deste material. Estes agradecimentos estendem-se à equipa do Museu da Olaria, em especial à sua Diretora, a Dra. Cláudia Milhazes que prontamente disponibilizou um espaço para o estudo do espólio deste povoado. Finalmente, um especial agradecimento à Doutora Teresa Soeiro pelas informações prestadas sobre as escavações dos anos 80 além da disponibilização dos desenhos de algumas peças por ela elaborados.

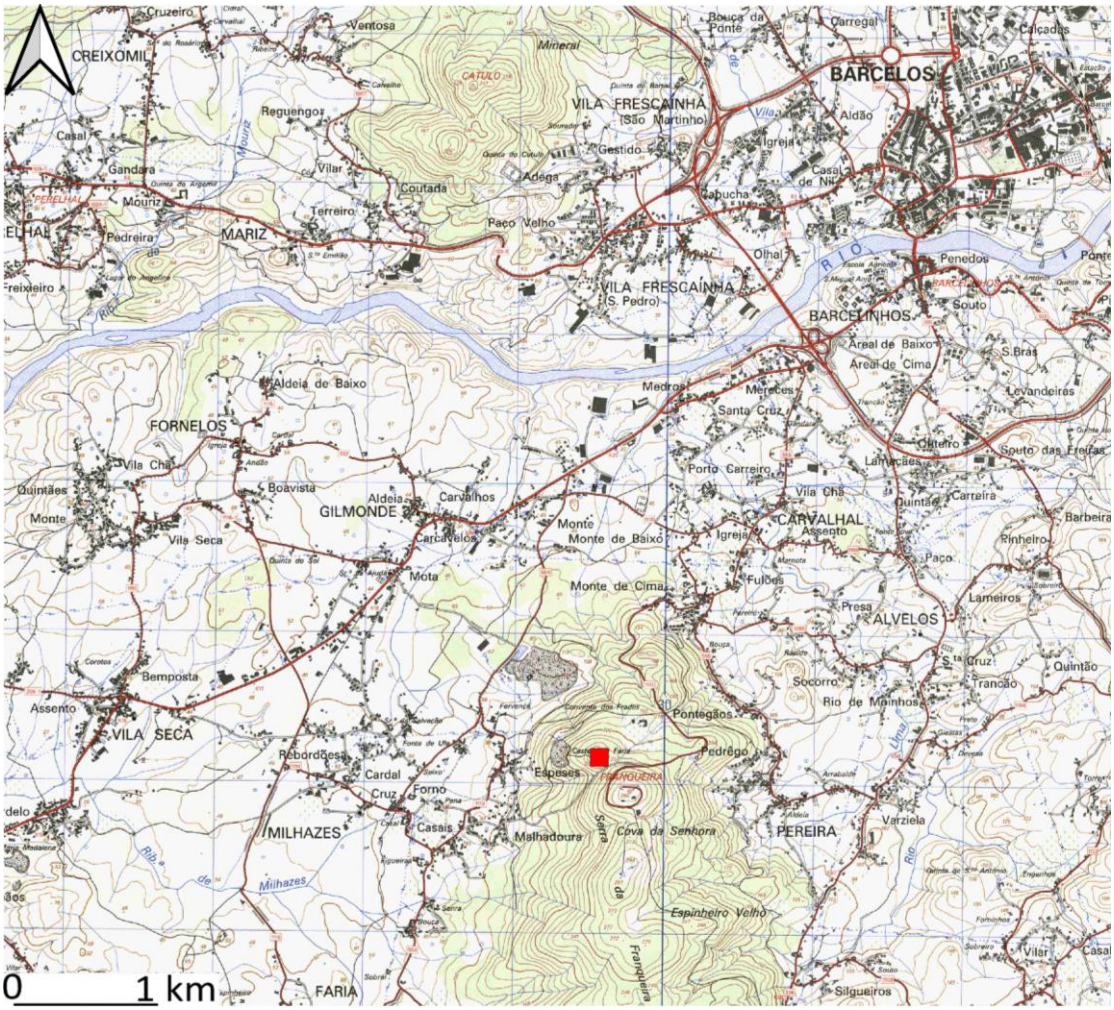


Fig. 6.2 Localização do povoado de Faria, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:250000, nº. 69 (CIGeoE).

Este povoado tem como substrato geológico granito não porfiroide, de grão médio e, por vezes, grosseiro, e granodiorito de grão médio a fino, frequentemente porfiroide (Teixeira *et al.,* 1969). Fica sobranceiro a duas linhas de água que nascem no cume do Monte da Franqueira e que correm no sentido este-oeste, em direção às freguesias de Milhazes e de Vila Seca. Estes dois pequenos cursos de água desaguam no Cávado passando por depósitos de praias antigas e de terraços fluviais antigos do Plistocénico (Fig. 6.3).

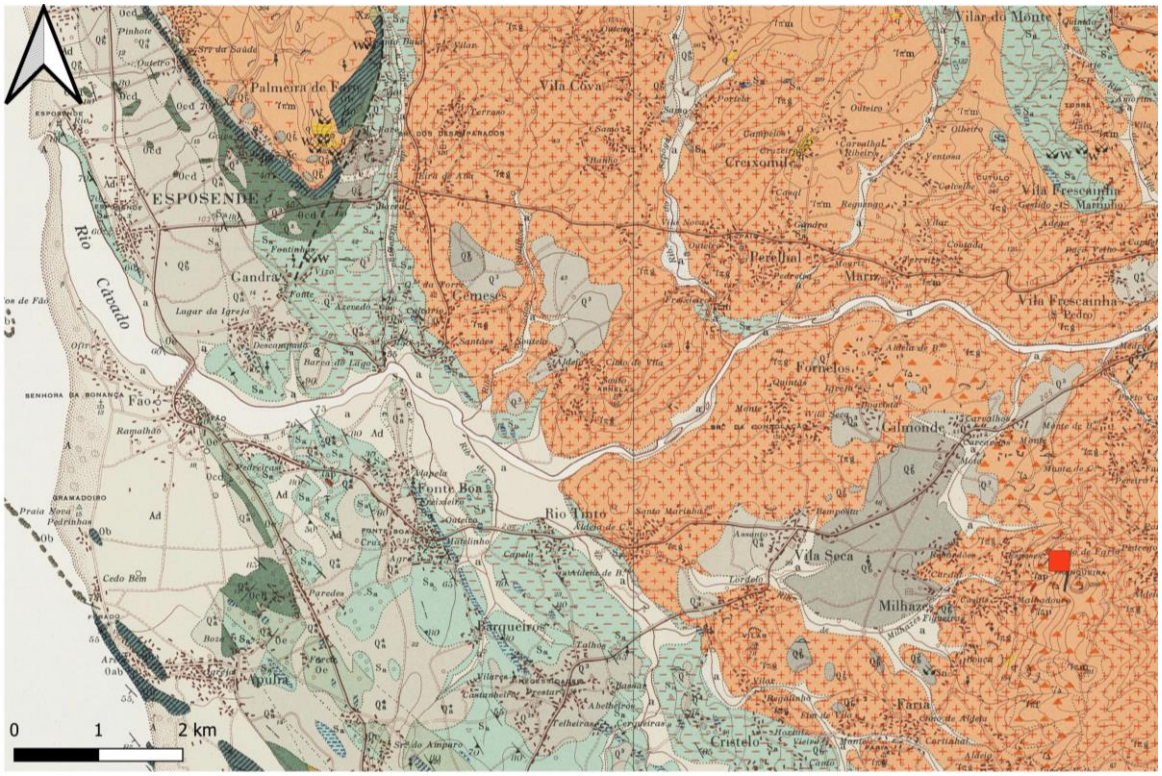


Fig. 6.3 Localização do povoado de Faria em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1/50000,

Em termos de recursos minérios metálicos, existe, a 7 km para sudoeste do Monte da Franqueira, uma jazida de ferro, além da existência de estanho de aluvião em Milhazes, a cerca de 2 km também para sudoeste. Para norte também estão assinalados recursos de volfrâmio (frequentemente associados a estanho), nomeadamente em Vila Friscaínha. Todos as jazidas primárias de estanho ao longo da bacia hidrográfica do Cávado terão favorecido o estanho de aluvião ao longo das suas margens, principalmente a jusante.

O local onde se implantou este povoado possui uma ampla visibilidade para o curso inferior do rio Cávado, estando a cerca 2,5 km em linha reta, a sul deste rio, e a cerca de 11 km da foz e do oceano. Por esse motivo tem pleno controlo sobre a plataforma litoral, para sudoeste e oeste. Pela sua localização estratégia controlaria, visualmente, vários povoados da Idade do Ferro coevos num espaço de 10 km para quase todos os pontos cardiais, à exceção da área a sudeste, completamente tapada pelo cume do Monte da Franqueira (Fig. 6.4; Fig. 6.5).

Nos dias de hoje a cobertura florestal caracteriza-se, sobretudo, por um vasto eucaliptal, pontuado, na área das escavações arqueológicas por carvalhos (Fig. 6.6).



Fig. 6.4 Localização a partir do vale do Cávado, do povoado de Faria.



Fig. 6.5 Vista da plataforma litoral a partir do Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, alguns metros mais acima do povoado de Faria, sendo a vista similar. Observa-se, ao fundo, a foz do rio Cávado.

3.5.3. Contexto arqueológico

Relativamente a sítios que serão genericamente coevos da Idade do Ferro do povoado de Faria, temos: o povoado do Outeiro dos Picotos, para oeste, considerado por Almeida (1968, 1980,

1996), como sendo genericamente datável entre a Idade do Ferro recente e a romanização. Para norte o povoado do Alto da Torre, com ocupações talvez dos finais da Idade do Bronze até à romanização, passando por momentos de transição entre a Idade do Bronze para a Idade do Ferro e ainda por um momento ainda datável do Ferro Antigo (Almeida *et al,* 1980; Costa *et alii,* 1980; Bettencourt, 1999: 1014; 2000c: 128-129) ambos em Barcelos (Martins, 1990; Bettencourt, 1999). Já próximo do litoral, na margem direita do rio Cávado, a oeste-noroeste, o povoado do Senhor dos Desamparados, de baixa altitude, com um momento ou início de ocupação ainda no Bronze Final, com todos os indícios materiais e arquitetónicos datáveis da Idade do Ferro Recente (Almeida, 1987, pp. 104-105. Almeida, 1996: Marques, 2012, vol. I: 327-328; vol. III: LVI) e o de São Lourenço (Bettencourt, 1999: 1014 - 1015; Almeida e Almeida, 2015), com ocupações do Bronze Final, Ferro Antigo, Ferro Recente, entre outras.

3.5.4. Contexto do espólio estudado

Os materiais aqui estudados são oriundos de dois momentos muito distintos de intervenção neste povoado. Os materiais cerâmicos que foram encontrados nas "escavações" do Grupo de Alcaides de Faria, correspondem, apenas, a fragmentos de bordos, bases, asas e bojos decorados, numa lógica de escavação que hoje é acientífica. Estão marcados com o acrónimo *CF MAF* ou apenas *MAF*, com e sem número de inventário. Em alguns casos existe um número, embora não se tenham encontrado as fichas do catálogo correspondentes a esse número. Estas siglas significam Castelo de Faria e Movimento (?) dos Alcaides de Faria, respetivamente. Não existe qualquer indicação estratigráfica, embora saibamos que as escavações efetuadas por este grupo se localizaram no topo, na plataforma este-sudeste (no que hoje se considera o sector C), e ao longo de vários panos de muralhas. Grande número destes materiais encontra-se em depósito no Gabinete de Arqueologia da Câmara de Municipal de Barcelos (379 fragmentos). Alguns, poucos (19 fragmentos), estão depositados no Museu de História Natural do Porto, dentro de um contentor que indicava Castelo de Faria e o CNS deste local. Os materiais encontravam-se dentro de um saco plástico com uma etiqueta em papel que tem um número de inventário, relativo ao conjunto das cerâmicas. Os fragmentos cerâmicos não têm etiqueta ou qualquer marcação antiga, mas apenas um número de inventário dado, recentemente, pelo museu.

Foi estudado, ainda, um segundo grupo de materiais que correspondem, apenas, a materiais cerâmicos de origem meridional provenientes das escavações de Carlos Alberto

Brochado de Almeida, entre 1982 a 1984. Este material foi encontrado no Setor A e C[190], com maior preponderância na segunda área (Fig. 6.1). Parte deles encontram-se inéditos e com a referência estratigráfica que nos foi facultada. Estes materiais estão siglados com o acrónimo C.F., o ano, o quadrado e a camada entre parêntesis, por exemplo: CF82 LXVIII (7)



Fig. 6.6 Setor C escavado pelo Grupo de Alcaides de Faria e por Brochado de Almeida, nos anos 80, área sensivelmente a este-sudeste do topo.

3.5.4.1. Materiais cerâmicos das escavações do Grupo dos Alcaides de Faria

Esta coleção corresponde a 398 fragmentos cerâmicos.

Pelas características técnicas e morfológicas dos fragmentos foi possível dividir este acervo em dois grandes períodos cronológico-culturais: a Idade do Ferro Antiga e Idade do Ferro Recente.

3.5.4.1.1. Idade do Ferro Antiga

Foram registados 54 os fragmentos que podemos enquadrar neste período cronológico-cultural.

Em termos técnicos estes apresentam, todos, fabrico manual e cozeduras na sua maioria redutoras (apenas quatro fragmentos apresentam cozeduras oxidantes, mas de má qualidade,

[190] Informação gentilmente cedida pela Professora Doutora Teresa Soeiro.

pelo que poderão corresponder a recipientes mal cozidos). No que concerne à pasta utilizada na produção, esta revela-se, na sua maioria, micácea (51 exemplares) sendo que apenas três exemplares possuem pasta micácea-arenosa. Quanto aos elementos não plásticos, estes resumem-se a palhetas de micas (moscovite e biotite) de grande e pequeno calibre e, por vezes, grãos de feldspato e quartzo. Os seus calibres originam texturas grosseiras (40 exemplares) e médias (14 exemplares). As superfícies destes fragmentos são alisadas (29 exemplares) e polidas (25 exemplares).

Em termos formais podemos dividir os fragmentos registados em: bordo (22 exemplares); bases (nove exemplares); asas (15 exemplares, entre bordos com asa, fragmentos de asa isolados e arranque de asa) e bojos (oito: um carenado).

Podemos classificar os 22 bordos em: esvasados (oito exemplares); em aba soerguida (oito exemplares); em aba horizontal (três exemplares); aberto (um); fechado (um) e indeterminado (um). De registar que quatro exemplares dos bordos possuem também arranques de asa.

Em termos formais, partindo dos bordos e seus diâmetros das asas e dos bojos decorados, individualizamos um total de 41 peças cerâmicas, entre elas a forma 1a (pote com bordo esvasado), a forma 1b (pote em aba soerguida), a forma 2a (púcaro), a forma 2b (potinho), a forma 3a (tigela), a forma 4a (panela de asa interior) e um exemplar de uma possível tampa com asa de secção sub-retangular no topo e três pequenos orifícios. Há, ainda, duas formas indeterminadas (Tab. 6.1; Fig. 6.7; Fig. 6.8; Fig. 6.9). Os diâmetros dos bordos oscilam entre os 7 e os 38 cm. Os potes possuem um diâmetro, em média, de 26,5 cm, os potinhos/púcaros 14,3 cm e a tigela 13 cm.

Tabela 6.1 Quantidade de formas datadas da Idade do Ferro Antiga

Forma	**NMI**	**%**
Forma 1a – pote	4	10 %
Forma 1b - pote	5	12 %
Forma 2a - púcaro	10	29 %
Forma 2b - potinho	12	24 %
Forma 3 - tigela	2	5 %
Forma 4 - panela de asa interior	5	12 %
Tampa (?)	1	3 %
Indeterminado	2	5 %
Total	**41**	**100 %**



Fig. 6.7 Pote com bordo aba soerguida (Forma 1b) da Idade do Ferro Antiga. Note-se a pasta com biotite e grãos de quartzo e de feldspato.

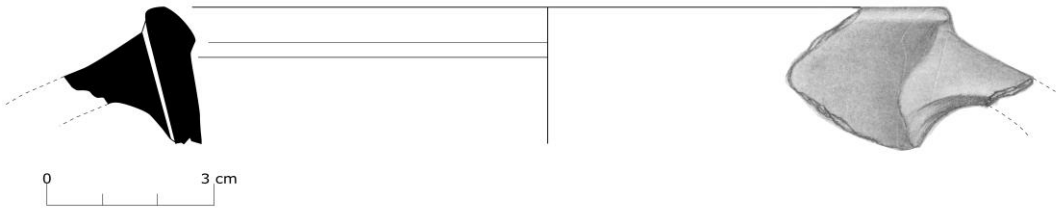


Fig. 6.8 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro).

As bases, em número de nove, são de fundo plano simples (cinco exemplares) e de fundo plano alargado (quatro exemplares).

No que respeita às asas, foram estudadas: um arranque de asa, cinco exemplares de asas com seção circular (de panelas de asa interior) e quatro exemplares de asas com seção sub-retangular, provavelmente de púcaros (Fig. 6.9).



Fig. 6.9 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro), com asa de duas caneluras.

Em termos decorativos foram analisados sete fragmentos: dois fragmentos decorados por incisão; um por brunimento; e dois por decorações compósita (incisa e impressa e plástica e incisa).

No caso das incisões registam-se sulcos pequenos na vertical e um sulco na horizontal.

Em termos das decorações compósitas regista-se um bojo decorado por aplicação plástica e incisão, no qual se observa um cordão aplicado na horizontal, sobre o qual se efetuou uma decoração em espinha feita por incisão (Fig. 6.10).



Fig. 6.10 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão, perfazendo decoração em espinha sobre cordão disposto na horizontal.

Devemos ainda mencionar o fragmento historiado já publicado (Santa Ollala: 1948; Almeida, 1996) mas que entendemos descrever de novo. Numa banda no início do bojo, definida por três sulcos incisos dispostos na horizontal, quer na parte superior quer na inferior, gravaram-se equídeos com as orelhas e cauda bem pronunciadas, pelo menos um antropomorfo e vários círculos concêntricos de duas voltas, com covinha central, impressos. O dorso e o costado do animal apresenta uma decoração incisa formada por motivos triangulares o que indicia que estaria coberto com um tecido ou pele decorado(a). A crina, representada por sulcos oblíquos, prolonga-se sobre o dorso. Estaremos face a um penteado? Os membros, representados em V invertido indiciam que o animal está em movimento. Sobre o dorso dos equídeos existem círculos concêntricos, bem como à frente dos membros anteriores e posteriores. O que representarão? Movimento? O disco solar? Pelo menos um dos equídeos é transportado por um antropomorfo que o segura pelo que parece uma corda. O antropomorfo está de pé, tendo a cabeça e o corpo representados em forma de hexágono. No corpo existem incisões na diagonal dando ideia de que o vestuário é decorado. Na mão direita segura uma lança. Estamos assim face a uma decoração historiada que narra uma espécie de parada onde são intervenientes elementos de exceção, como o equídeo engalanado e um indivíduo portador de uma lança seguidos ou orientados por círculos concêntricos, um ideograma (Fig. 6.11; Fig. 6.12).

Pela singularidade e iconografia desta peça esta terá um valor social de exceção. Não sendo comuns elementos figurativos nas decorações cerâmicas indígenas cabe, ainda perguntar, se não estaremos face a uma imitação ou adaptação indígena de padrões existentes em cerâmicas de origem na meseta e interior peninsular, talvez relacionável com a cerâmica ibérica. O fragmento apresenta, ainda, fuligem pelo exterior, tendo estado em contacto com o lume.



Fig. 6.11 Fragmento historiado com dois prováveis equídeos, um elemento humano com lança na mão e ideogramas.

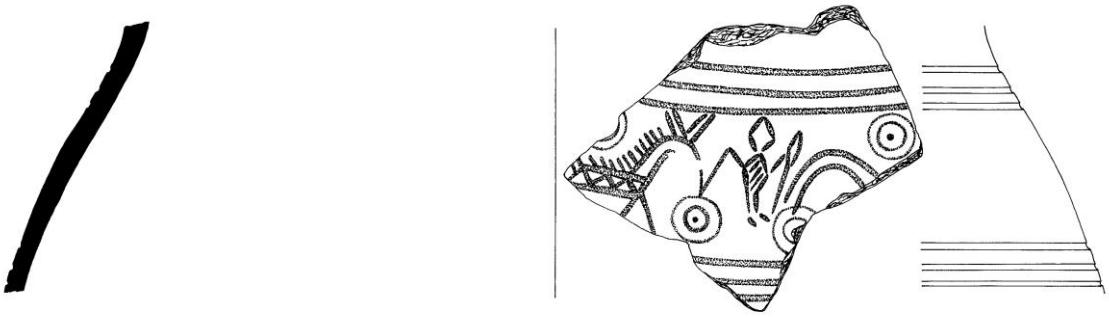


Fig. 6.12 Decoração historiada de um colo cerâmico de um provável pote (desenho de Teresa Soeiro, adaptado e sem escala).

Finalmente em termos de outras características intencionais, devemos referir dois fragmentos com perfurações: uma tampa com asa que possui três pequenas perfurações, talvez para arejamento do que se cobria e um fragmento com uma pequena perfuração talvez relacionável com um agrafo metálico (Fig. 6.13).



Fig. 6.13 Tampa (?) muito incompleta com 3 orifícios e asa de seção retangular.

Existe, ainda, um fragmento de um recipiente que apresenta um acrescento cerâmico que teria funcionado como uma espécie de agrafo, para restauro da peça, a evidenciar a importância de preservar as peças cerâmicas e a demonstrar o seu valor (Fig. 6.14).

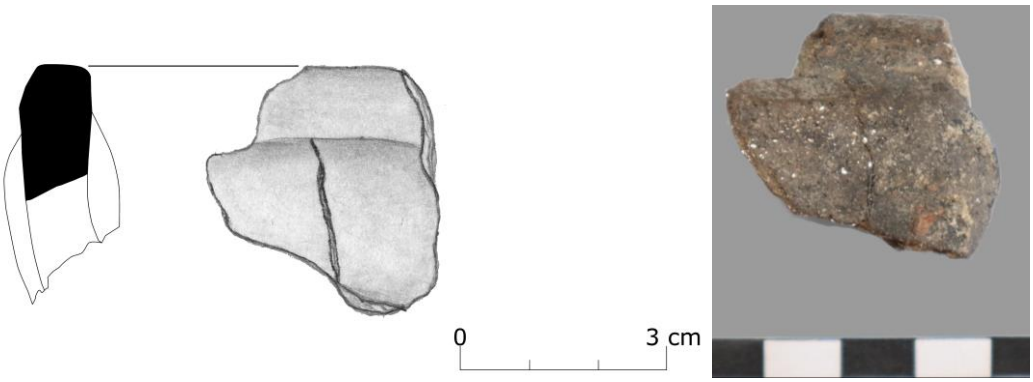


Fig. 6.14 Fragmento de vaso: com "agrafo" em cerâmica para restauro de peça.

Quanto ao tamanho dos fragmentos, estes apresentam-se, na sua maioria, entre 4 cm e 8 cm (43 exemplares), maiores do que 8 cm (seis exemplares) e menor do que 4 cm (quatro exemplares). Segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008), tal indicia alguma fragmentação deste material, o que pode relacionar-se com as suas características técnicas. O facto de nove (17% do total considerado) estarem rolados indicia que sofreram transporte pós-deposição podendo estar descontextualizados.

3.5.4.1.2. Idade do Ferro Recente

Os fragmentos da coleção de Alcaides de Faria que podemos enquadrar na Idade do Ferro Recente são 287. Do Museu de História Natural do Porto, são apenas 10 fragmentos o que totaliza 297 fragmentos.

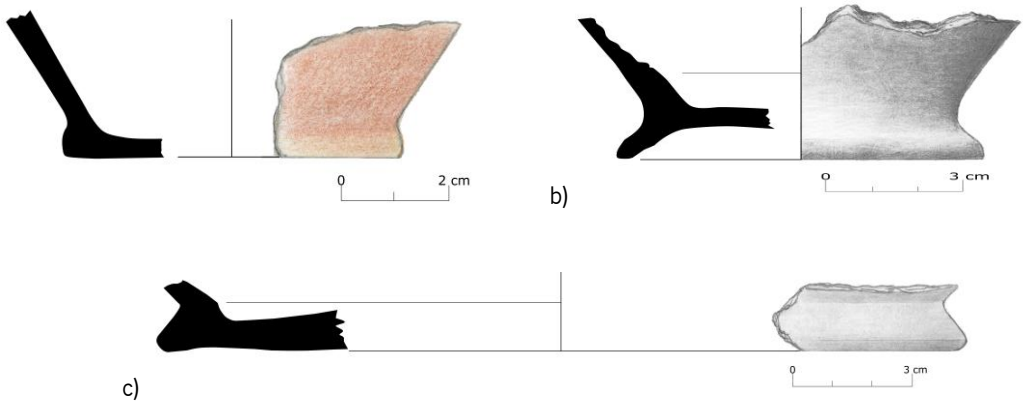
Em termos técnicos estes fragmentos, na sua maioria, parecem ter sido produzidos à roda (254 fragmentos). Os restantes 43 fragmentos foram feitos manualmente. As cozeduras apresentam-se oxidantes em 159 fragmentos e redutoras nos restantes casos (138 fragmentos). Quanto às pastas, a produção é na sua esmagadora maioria micácea (289 exemplares). Registam-se seis exemplares com pasta micácea e arenosa e apenas dois exemplares com pasta arenosa. Quanto aos elementos não plásticos, estes caracterizam-se, maioritariamente, por palhetas de micas de grande (31 exemplares), média (144 exemplares) e pequena dimensão (122 exemplares). De acordo com o calibre dos e.n.p. a textura da maior parte dos recipientes é média (231 exemplares), seguida de textura grosseira (36 exemplares) e de textura fina (30 exemplares).

Os acabamentos das superfícies são na sua maioria alisados (180 exemplares), sendo os restantes 117 exemplares, polidos.

Em termos formais podemos dividir os fragmentos registados em vários tipos, nomeadamente bordos (199 exemplares), bases (43 exemplares), asas incompletas e completas (18 exemplares) e bojos decorados ou com outra característica intencional (37 exemplares). Esta coleção não tem bojos lisos.

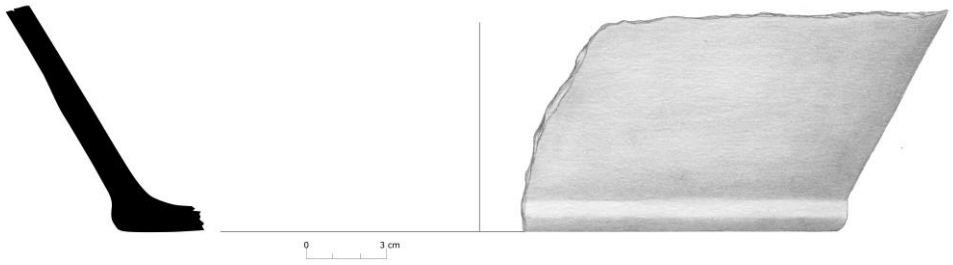
No que concerne a bordos foram estudados 96 exemplares em aba soerguida, 72 exemplares esvasados, 17 exemplares abertos, nove exemplares em aba horizontal, dois exemplares fechados, dois exemplares verticais e ainda um exemplar indeterminado.

Quanto às bases (Fig. 6.15) foram estudados 23 exemplares de fundo plano alargado, 17 exemplares de fundo plano simples e ainda três exemplares de pé alto (Fig. 6.15, b)).



a) b)

c)



d)

Fig. 6.15 Exemplares de bases: a) base de fundo plano alargado com aguada vermelha na superfície exterior; b) base de pé alto; c) e d) bases de fundo plano alargado

No que diz respeito às asas ou arranques de asa (Fig. 6.16) foram considerados quatro exemplares de seção pentagonal, dois exemplares com seção com um sulco longitudinal, dois exemplares com uma seção com dois sulcos longitudinais, dois exemplares de asa em orelha, dois exemplares de seção em fita, um exemplar de seção com 3 caneluras longitudinais, um exemplar com seção com duas molduras e no meio destas uma canelura longitudinal, um exemplar de seção retangular, um exemplar de seção circular, e ainda um exemplar de seção sub-retangular.

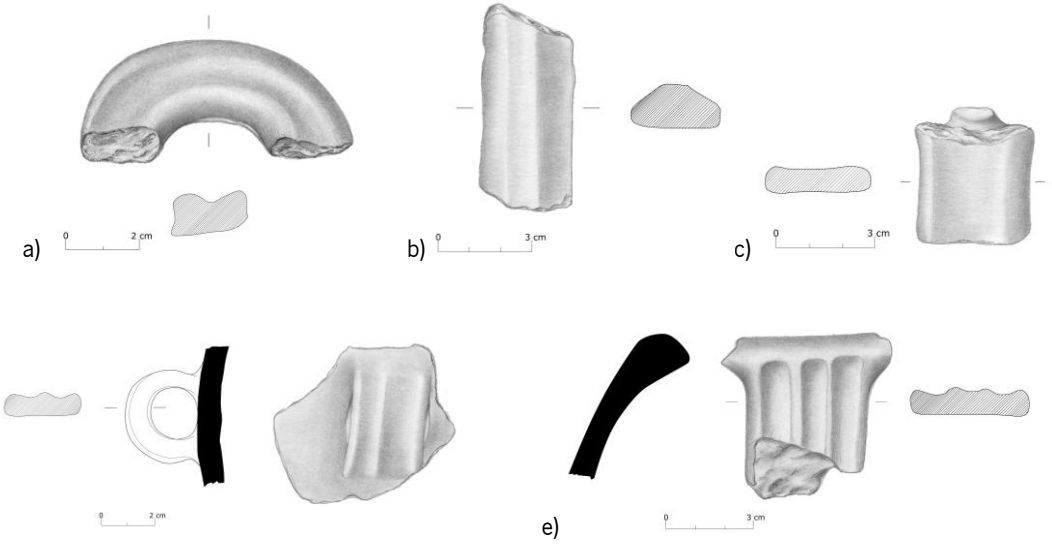


Fig. 6.16 Exemplares de asas: a) asa de seção em fita com uma canelura longitudinal; b) asa de seção pentagonal; c) asa de seção retangular; d) asa com duas caneluras longitudinais; e) arranque de bordo e asa com quatro caneluras longitudinais.

Em termos formais, analisando os bordos mas também os bojos decorados individualizámos um total de 213 formas, entre elas: forma 1 (pote); forma 1b (pote em aba soerguida); forma 1c (pote em aba horizontal); forma 2 (potinho/púcaro), forma 2a (púcaro), forma 2b (potinho); forma 2c (púcaro/potinho com aba soerguida); forma 3 (malga/tigela), forma 3a (malga), forma 3b (tigela), forma 4 (panela de asa interior), forma 5 (talha), forma 6 (panela de

asa em orelha), forma 7 (copa); tampas (dois exemplares) e, ainda uma forma indeterminada (Tab. 6.2; Fig. 6.17). Os diâmetros de bordo oscilam entre 8 e 45 cm.

Tabela 6.2 Quantidade de formas registadas em Faria na Idade do Ferro Recente

Forma	MNI	%
Forma 1a - pote	41	19,20 %
Forma 1b - pote	36	16,9 %
Forma 1c - pote	7	3,3 %
Forma 2a - potinho/púcaro	22	10,4 %
Forma 2b - púcaro	29	13,6 %
Forma 2c - potinho/púcaro de bordo em aba	1	0,5 %
Forma 3a - malga	2	0,9 %
Forma 3b - tigela	1	0,5 %
Forma 4 - panela de asa interior	14	6,6 %
Forma 5 - talha	43	20,2 %
Forma 6 - panela de asa em orelha	12	5,6 %
Forma 7 - copa	2	0,9 %
Tampa	2	0,9 %
Indeterminada	1	0,5%
Total	**213**	**100 %**

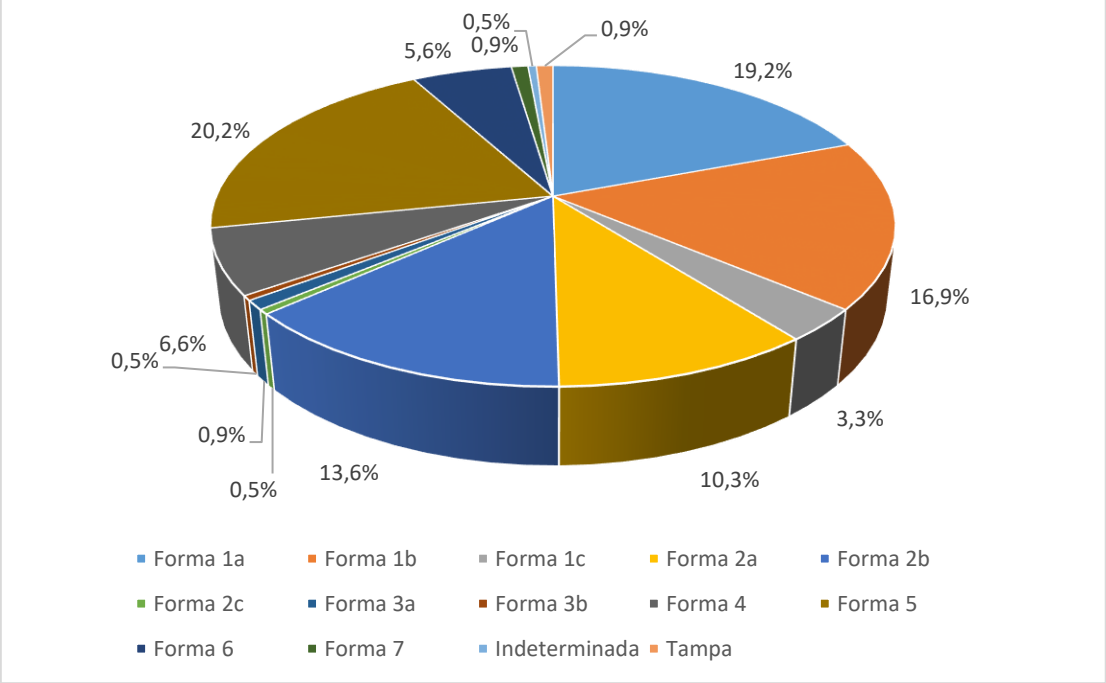


Fig. 6.17 Quantidade de formas da Idade do Ferro Recente no povoado de Faria.

Assim verifica-se que estão presentes formas de armazenagem, transporte, consumo e preparação de alimentos em grande quantidade. As formas de armazenagem (talhas e alguns potes) e transporte (alguns potes) correspondem (59,6 %) da amostra ainda formas para o uso ao lume (forma 6 – panelas de asa em orelha) (Fig. 6.18; Fig. 6.19; Fig. 6.20).

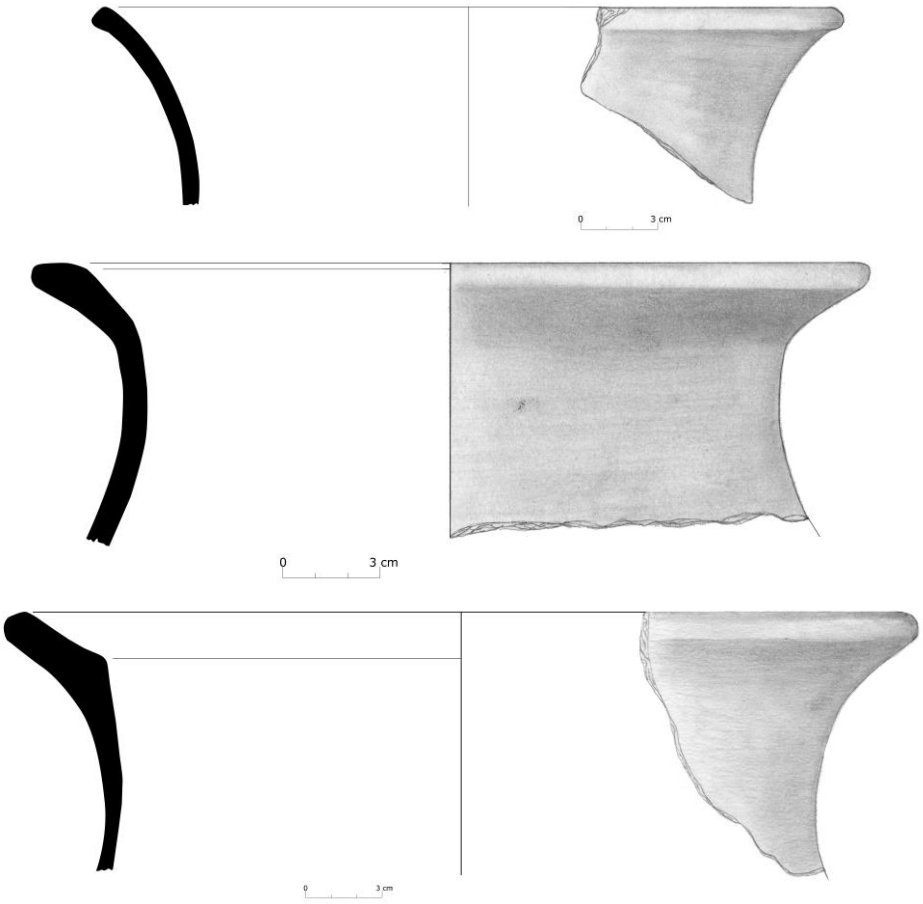


Fig. 6.18 Formas cerâmicas de potes forma 1a forma 1b.

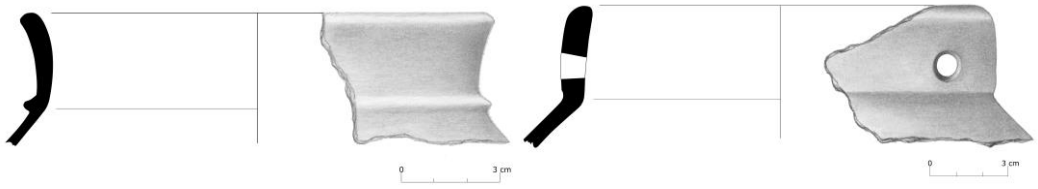


Fig. 6.19 Formas de panelas de asa em orelha (forma 6).

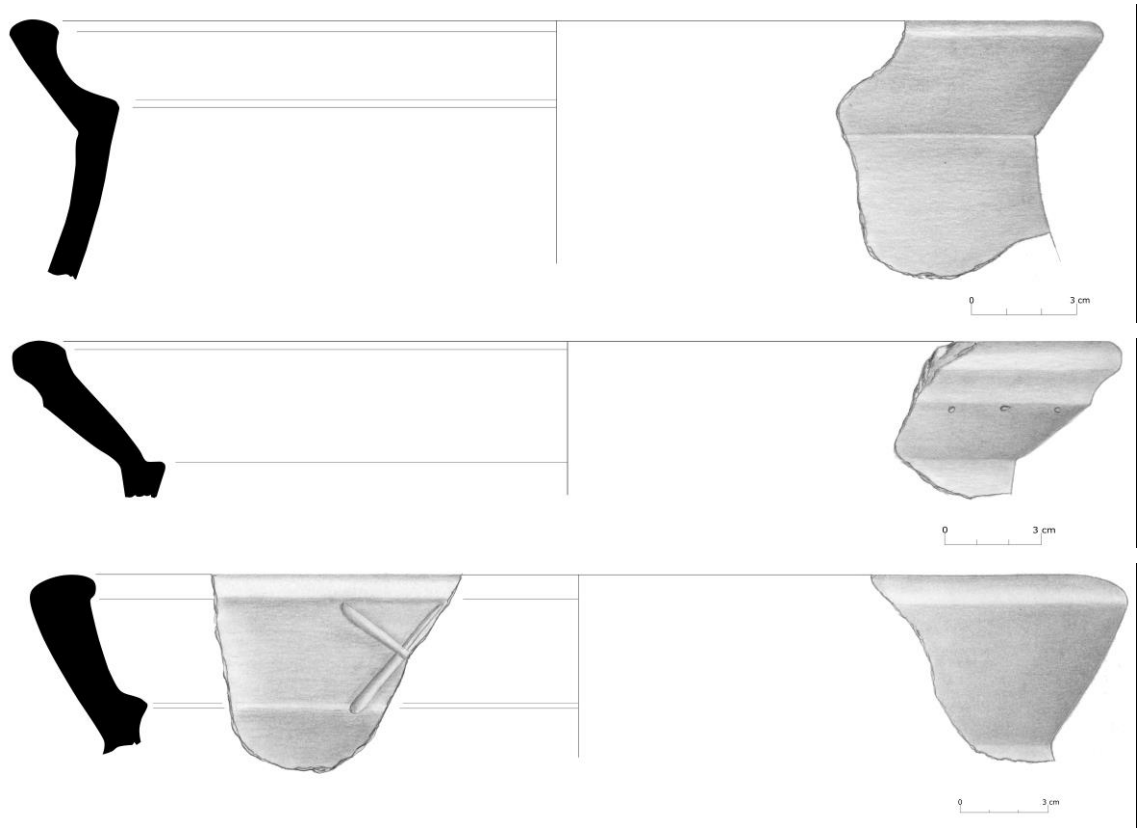


Fig. 6.20 Talhas (forma 5). Um deles com marca de oleiro na zona interna do bordo.

As talhas com marcas alfabéticas ou analfabéticas são algo comuns em Briteiros e Sanfins (Silva, 1986: Est. LVI, 2, LXIV), mas vão surgindo noutros povoados costeiros, como em Vieito e S. Lourenço (Silva, 2012; Almeida e Almeida, 2015: 105) em níveis datáveis do final da Idade do Ferro. Estas marcas de oleiro surgem também em formas 5 em S. Julião (Vila Verde) (Silva, 1896: Est. LXIV, 21), neste caso trata-se de um povoado interior. Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1974: 190) refere que estas formas pertencem ao seu estilo E, e seria um sintoma da clara romanização do povoado e seriam essas formas datáveis da segunda metade do séc. I d.C.. Também A. C. Silva se debruça sobre este tipo de cerâmica *doliar* (1986: 131-133), datando-as de meio século antes, ou seja, de meados do séc. II a.C.

As formas pequenas de mesa, segundo Martins (1990: 157) (potinhos/púcaros e copas), provavelmente associadas ao consumo de bebidas, podendo não ser de uso exclusivo (Fig. 6.21). Aquelas que possuem fabricos grosseiros e com fuligem (raramente surgiram neste contexto) podem ainda ser utilizadas sobre o lume (Martins, 1990: 157) correspondem a 25,4 %.

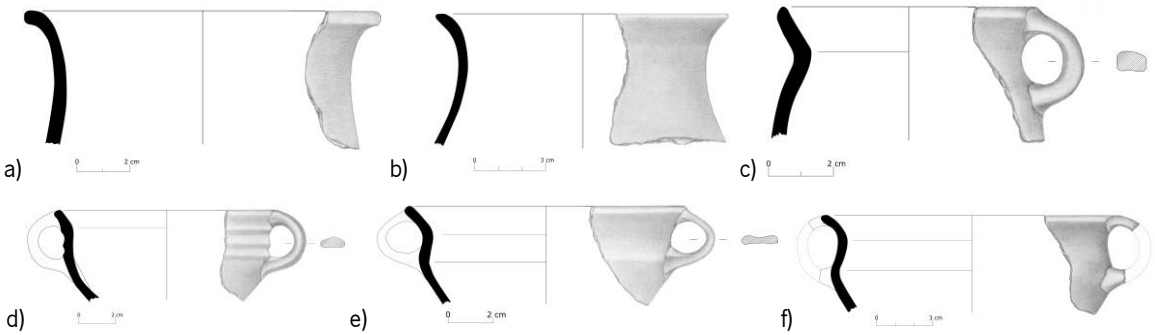


Fig. 6.21 Formas cerâmicas: a) a c) potinhos e púcaros (forma 2a e b); d) a f) copas com asa (forma 7).

Com percentagens pequenas encontram-se as formas associadas à preparação e cozedura de alimentos (malgas/tigelas - 1,4 % e panelas de asa interior - 6,6 %) (Fig. 6.22) o que permite duas hipóteses: a da permanência da preparação de alimentos em pote (apenas três fragmentos tem fuligem exterior) ou a de que a área escavada correspondia, essencialmente, a um local de armazenagem e de consumo.

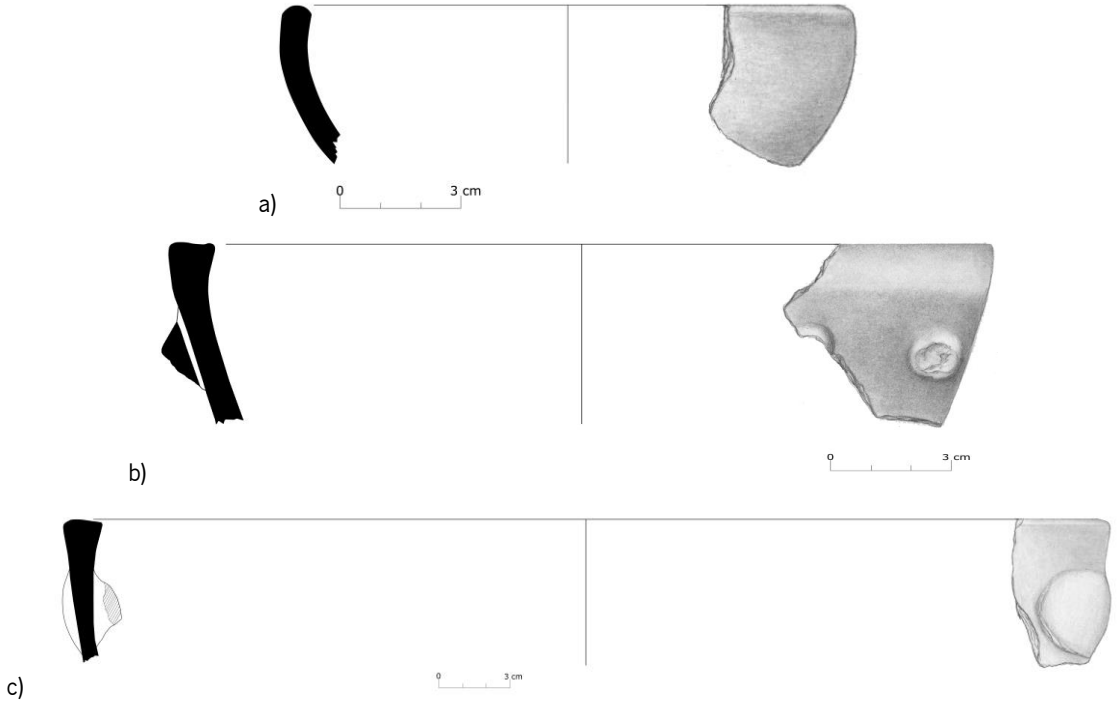


Fig. 6.22 Forma de preparação e cozedura de alimentos a) tigela (forma 3b); b) panela de asa exterior; c) panela de asa interior (forma 4b).

As tampas são duas. Uma tem de diâmetro 19 cm e é decorada com incisões. A outra está incompleta, existindo apenas a pega (Fig. 6.23; Fig. 6.24).



Fig. 6. 23 Tampa decorada por incisão (desenho de Teresa Soeiro, sem escala, adaptado).



Fig. 6.24 Possível pega de uma tampa (?) com perfuração central (desenho de Teresa Soeiro sem escala, adaptado)

Quanto às decorações devemos separá-las por decoração simples, apenas com uma técnica, maioritária (105 fragmentos), e as decorações compósitas, ou seja, com duas ou mais técnicas.

Quanto às decorações devemos separá-las por decoração simples, apenas com uma técnica, maioritária (105 fragmentos), e as decorações compósitas, ou seja, com duas ou mais técnicas.

No que concerne às decorações simples a técnica mais utilizada é a incisão, neste caso com um total de 24 exemplares, com motivos diversos. Regista-se um fragmento com uma espécie de grafito formando uma cruz, na área interior do bordo de uma talha (Fig. 6.20; Tab. 6.3).

Ora surgem sulcos horizontais (entre 1 a 8), na oblíqua ou cruzados. Também há exemplares com decoração em espinha. Surgem, pequenos triângulos preenchidos com sulcos

incisos na diagonal inscritos em bandas definidas por sulcos horizontais. Em alguns casos há diversos motivos na mesma peça, mas sempre ocupando o início da pança (Fig. 6.25).

A decoração incisa efetuada com objeto de ponta romba, ou seja, o espatulamento foi registado em cinco exemplares. Os vários sulcos podem formar sulcos paralelos, na horizontal ou sulcos cruzados.



Fig. 6.25 Bojo decorado por incisão com organização decorativa complexa.

As aplicações plásticas foram identificadas em 11 exemplares. Estas caracterizam-se por cordões aplicados na horizontal (entre 1 a 4), também no início do bojo, formando uma decoração a que Martins (1990: 160) designa de moldura (Fig. 6.26).



Fig. 6.26 Bojo decorado com quatro cordões horizontais.

No que concerne a fragmentos pintados ou com uma espécie de engobe destacam-se dois exemplares que apresentam a superfície com engobe ou pintura avermelhada (Fig. 6.27). Tal característica é raríssima, pelo que colocamos a hipótese de se tratar de formas indígenas que pretendem imitar formas exógenas de origem meridional.



Fig. 6.27 Pote (Forma 1b), com aguada ou engobe avermelhado, no exterior.

No que concerne a fragmentos pintados ou com uma espécie de engobe destacam-se dois exemplares que apresentam a superfície com engobe ou pintura avermelhada. Tal característica é raríssima, pelo que colocamos a hipótese de se tratar de formas indígenas que pretendem imitar formas exógenas de origem meridional.

De registar também três exemplares com decoração brunida. Num dos casos apenas existiam alguns sulcos brunidos no colo. Há um exemplar que foi totalmente polido, com intensidade.

No que concerne às decorações compósitas foram registados seis fragmentos: três com incisão e aplicação plástica (Fig. 6.20); dois com incisão e impressão, estando presentes, nesta técnica, os pequenos círculos e as séries de "S" (Tab. 6.4) e um com incisão, impressão e aplicação plástica e outro com aplicação plástica e aguada ou pintura. Destacamos o exemplar com três cordões aplicados na horizontal, seguidos de motivos circulares atravessados por um sulco oblíquo que os ultrapassa (Fig. 6.28).

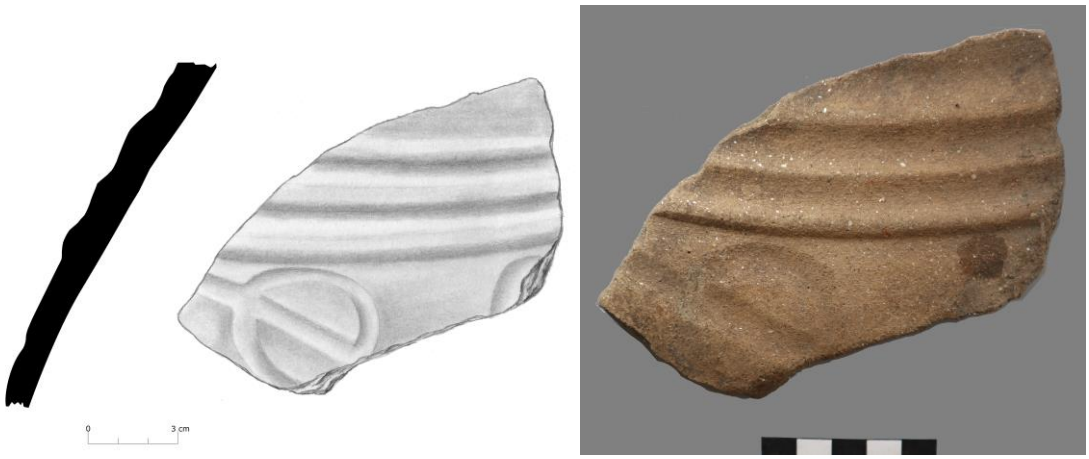


Fig. 6.28 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão efetuada por objeto de ponta romba.

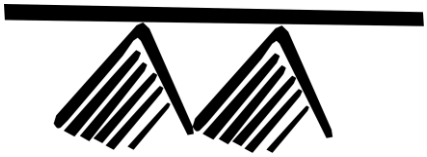
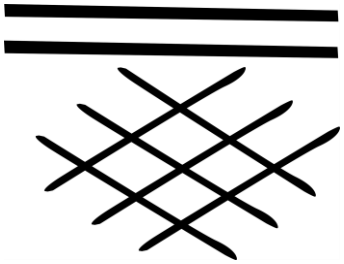
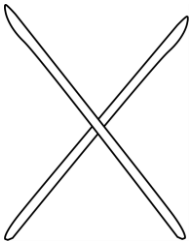
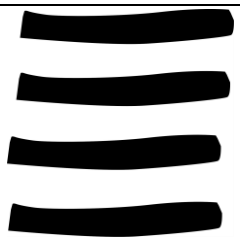
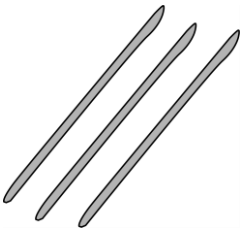
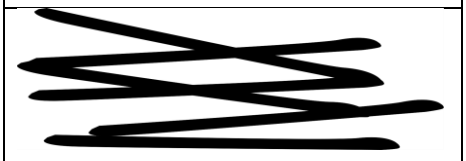
Destaca-se, ainda, o exemplar decorado por incisão, impressão e aplicação plástica, que apresenta um pequeno mamilo circular que dá início a uma banda com impressões triangulares pequenas, rematadas por dois sulcos incisos (Fig. 6.29).



Fig. 6.29 Fragmento decorado por impressão, incisão e aplicação plástica (Almeida, 1974a, est. X, nº. 6).

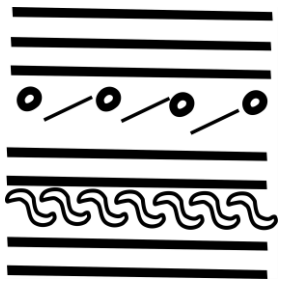
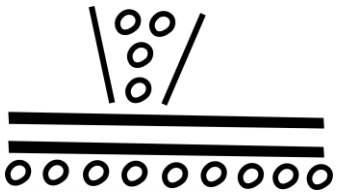
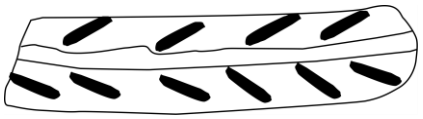
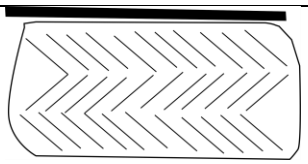
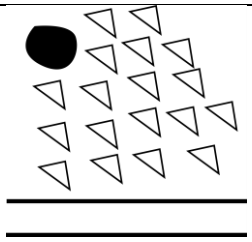
O fragmento com aplicação plástica e aguada apresenta um cordão no interior na zona entre o bordo e o colo, na horizontal e uma espécie de engobado ou pintura avermelhada (Fig. 6.27) com aguada ou engobe avermelhado, no exterior.

Tabela 6.3 Decorações simples registadas na Idade do Ferro Recente no povoado de Faria [191]

Incisão		
		
		
Aplicação plástica		
		
Brunido		
		
Espatulado		
		

[191] Não se fez tabela para o engobe ou aguada por não organizarem estilos.

Tabela 6.4 Decorações compósitas registadas na Idade do Ferro Recente no povoado de Faria

Incisão e impressão	
	
Incisão e aplicação plástica	
	
Aplicação plástica, incisão e impressão	
	

Em termos de outras características é necessário referir dois exemplares que apresentam "remendos" em cerâmica, provavelmente para unir peça frágeis ou estaladas (Fig. 6.30).

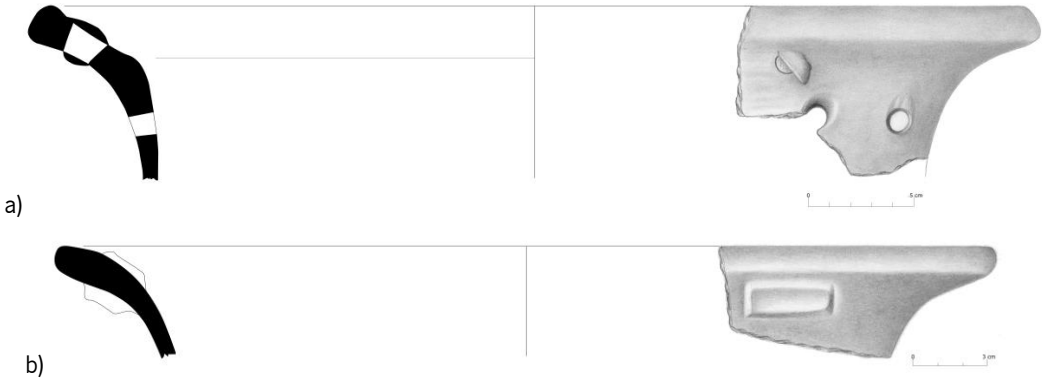


Fig. 6.30 Forma cerâmica: a) forma 1b (pote) com "remendos" produzidos em cerâmica para restauro da peça; b) forma 1a (pote), com um agrafo produzidos em cerâmica para restauro de peça.

Foi ainda registada uma perfuração relacionada com um agrafo metálico (Fig. 6.31).

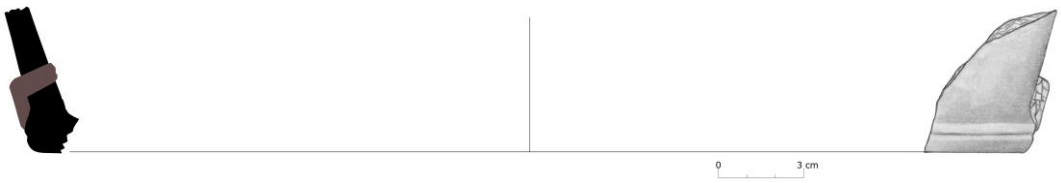


Fig. 6.31 Fragmento de base de fundo plano alargado com o que resta de um agrafo metálico em ferro.

Quanto ao tamanho dos fragmentos, estes apresentam, na sua maioria, entre 4 cm e 8 cm de tamanho (217 exemplares), seguidos dos maiores de 8 cm (67 exemplares) e pelos menores de 4 cm (13 exemplares). Segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008) tal indicia um baixo índice de fragmentação deste material, o que pode indicar que se encontraria *in situ.* A corroborar esta ilação, apenas 19 % do total considerado (56 exemplares) estavam rolados, pelo que a descontextualização e exposição da amostra aos agentes atmosféricos parece ter sido fraca, após o abandono.

3.5.4.2. Materiais de origem meridional

3.5.4.2.1. Materiais de importação de origem grega

Foram encontrados no decorrer das escavações do Grupo dos Alcaides de Faria alguns fragmentos de cerâmica grega. Pierre Rouillard (1975: 42; 1991), como ficou dito é o primeiro investigador a estudar esta cerâmica exótica em Faria. Estuda estes fragmentos, separando-os em dois grupos: um primeiro grupo de quatro fragmentos descrevendo-os como sendo todos eles de uma possível taça de figuras vermelhas (não descrevendo aspetos formais); e um segundo grupo constituído apenas por um medalhão, possivelmente com uma figura. Desta forma perfaz um total de 5 fragmentos de produção grega. Hoje nem o medalhão, nem os quatro fragmentos foram encontrados.

Sabemos que estes materiais terão sido mostrados por Carlos Alberto Ferreira de Almeida a Rouillard (Rouillard, 1975: 42, nota de rodapé nº 31) e provêm de uma antiga escavação mencionada no Boletim dos Amigos dos Alcaides de Faria[192].

O estudo agora efetuado acabou por registar uma realidade algo diferente, já em boa parte aduzida por Ferreira (2019: 254-255, 400; 2019a: 532-533; 2022: 150). Desta fase das

[192] Não ocorre na bibliografia antiga relacionada com os trabalhos promovidos pelo Grupo de Alcaides de Faria qualquer referência ao ano ou local onde se encontraram estes materiais. É sempre referido de forma genérica a escavações, promovidas por este grupo.

escavações encontra-se registado no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos um total de três fragmentos.

Foram considerados dois bojos muito rolados, de pasta depurada e de cor alaranjada e com verniz de boa qualidade já algo desparecido. Um deles possuía na zona externa, dois pequenos traços de verniz negro, interpretados como sendo a representação de um manto (Ferreira, 2019a: 532) (Fig. 6.32).

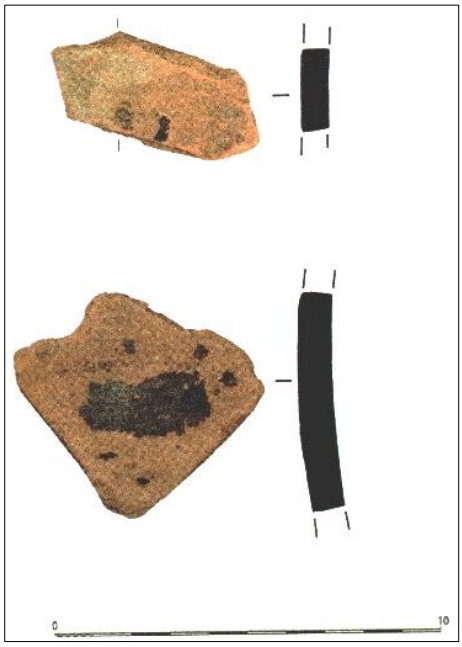


Fig. 6.32 Dois fragmentos de bojo de cerâmica grega do Castro de Faria (Ferreira, 2019a: 533, adaptado).

Foi finalmente registado um bordo esvasado, de lábio saliente e espessado, com uma canelura na zona exterior, abaixo do lábio. De referir que este exemplar possuía verniz tanto na zona do lábio como na zona interior do fragmento. Tendo por base o reduzido tamanho destes materiais é possível que pertençam a uma forma tipo Kratêr-de-sino (Fig. 6.33), da qual teremos o fundo[193]. A descrição e interpretação do fundo trataremos mais à frente, uma vez que possui contexto estratigráfico, como outros fragmentos do mesmo fabrico.



Fig. 6.33 Fragmento de produção ática possivelmente da tipologia Kratêr-de-sino (desenho inédito).

[193] Ferreira (2019a: 532) também o descreve, mas por lapso não coloca o setor e camada de onde provém.

Cabe-nos, perante este cenário colocar questão: serão estes os fragmentos que Pierre Rouillard menciona, ou estes agora trazidos à coação serão outros provenientes das escavações antigas de Faria? Isto porque apesar do bordo estudado ser relativamente pequeno para tentar inferir a forma, concordamos com a classificação de Ferreira (2019a: 532), em que este bordo pertenceria a uma forma de kratêr e não a uma taça.

Isto coloca um outro problema: desta forma seriam oito, e não apenas cinco os fragmentos encontrados pelo Grupo de Alcaides de Faria no decorrer das suas escavações. Mencionamos acima que foi o Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida que terá mostrado fragmentos gregos ao investigador francês, mas haveriam outros que ele não mostrou por qualquer razão?

2.5.4.2.2. Materiais de importação de origem púnica

Desta fase das escavações do Grupo dos Alcaides de Faria foram encontradas várias contas de colar vítreas com origem meridional. Destacamos nesta parte a única conta que possui uma cronologia datável do Ferro Antigo.

Trata-se de uma conta de colar gomada, oculada, de meia conta turquesa, globular, com motivo oculada a azul-escuro (pupila) e branco no contorno (Fig. 6.34). A pupila apresenta-se em forma de coração (Gomes, 2012: 101 e 295; n.º inv. 197). Este tipo de conta de colar possui uma cronologia ampla, desde o séc. V até III a.C.

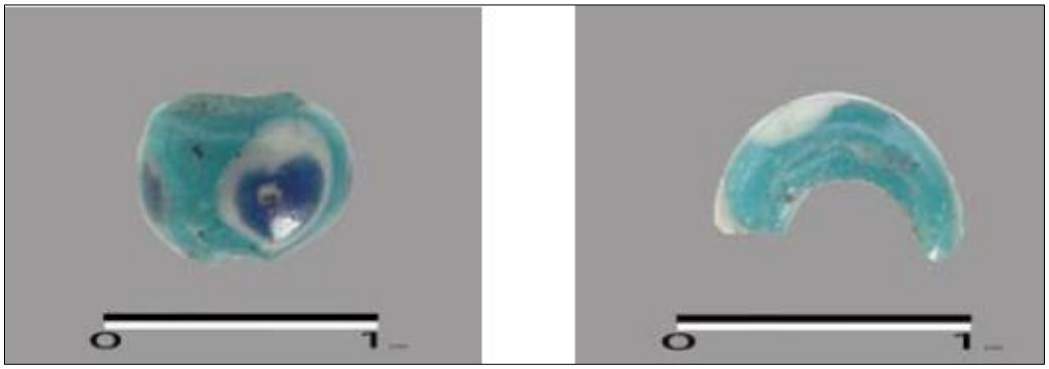


Fig. 6.34 Conta de colar oculada do povoado de Faria (Gomes, 2012).

3.5.4.3. Materiais de importação de origem romana

Também se identificaram materiais de importação de origem romana (séc. II a.C. a séc. II d.C.), provenientes das escavações dos Alcaides de Faria. Trata-se de uma amostra muito pequena daquilo que serão os produtos importados nesta época, mas ainda assim, muito representativa[194]. Foram identificados e estudados um total de 23 fragmentos inéditos (Tab. 6.5).

[194] Por uma questão de términos deste trabalho não foi possível estudar os materiais provenientes das escavações posteriores.

Resumem-se a cerâmicas de transporte de vários produtos, nomeadamente ânforas, todas elas do período republicano e inícios do império romano, o que corresponde à Idade do Ferro Recente do noroeste, ao que vulgarmente se chama câmbio de Era.

Pelas características técnicas e morfológicas foi possível separar quatro fabricos de produção: um com origem na Bética; outro da área da Lusitânia ocidental, um terceiro de Cádis e finalmente da Bética costeira.

No fabrico da Bética ou vale do Guadalquivir inserimos: 11 exemplares de ânforas de tipo Haltern 70 [entre os meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C., segundo Tchernia (1980), Carreras Monfort *et al.* (2004) e Morais (1998)] (Fig. 6.36) e um exemplar de Dressel 1b [com uma cronologia desde o terceiro quartel do séc. II até metade do século I a.C. (García Vargas, 1998)]. Quanto aos fundos foram contabilizados um exemplar de Ovóide 1 [com uma cronologia curta, entre 70 a.C. e os inícios do séc. I d.C., segundo García Vargas (2012)], com marca de oleiro de produção Guadalquivir; um exemplar de Ovóide 6 (com uma cronologia 70 e 60 a.C. e 20 a.C., segundo García Vargas *et al*. (2011) e, ainda, um exemplar de fundo de tipo Haltern 70. Foi ainda tido em conta uma ânfora de forma indeterminada (Fig. 6.35, a)).

De fabrico da Bética costeira foi ainda considerado um fundo de Dressel 7-11, [datados de meados do séc. I a.C. e o séc. I d.C., segundo García Vargas (2004)] (Fig. 6.40, c)).

Do fabrico da Lusitânia meridional registamos um exemplar de bordo de Dressel 14 ([datada entre meados do séc. I d.C. até finais do séc. II (Mayet *et al*, 1996; Arruda *et al*, 2006)] (Fig. 6.35, d)).

Do fabrico de Cádis apenas se reconheceu um fragmento de ânfora indeterminado (Fig. 6.37).

Tabela 6.5 Quantidade de ânforas registadas no povoado de Faria (coleção Alcaides de Faria)

Tipologia	**MNI**	**%**
Haltern 70	11	61 %
Dressel 7-11	1	5,5 %
Dressel 1b	1	5,5 %
Dressel 14	1	5,5 %
Ovóide 1	1	5,5 %
Ovóide 6	1	5,5 %
Indeterminado	2	11,5 %
Total	**17**	**100%**

Como se pode verificar, todas as peças têm uma cronologia enquadrável entre os meados ou finais do séc. II a.C. e o séc. I d.C. E apenas num caso apenas poderá atingir o séc. II d.C. (Dressel 14).

O número de contentores multiusos ultrapassa claramente o restante considerado (Fig. 6.36; Fig. 6.38; Fig. 6.39; Fig. 6.40, a) e b)). Em termos genéricos, as tipologias que poderiam transportar diversos produtos são as ânforas tipo Haltern 70 e Ovóide 1. Os contentores tipo Ovóide 6 transportariam azeite. Os contentores anfóricos que transportariam preparados piscícolas são as tipologias Dressel 7-11 e Dressel 14. Finalmente, os contentores que transportariam vinho seriam as Dressel 1.

De notar que no decorrer das escavações de Carlos A. Brochado de Almeida (1996; 1997: 130) surgiram também exemplares de ânforas de tipo Haltern 70 e Dressel 7-11.

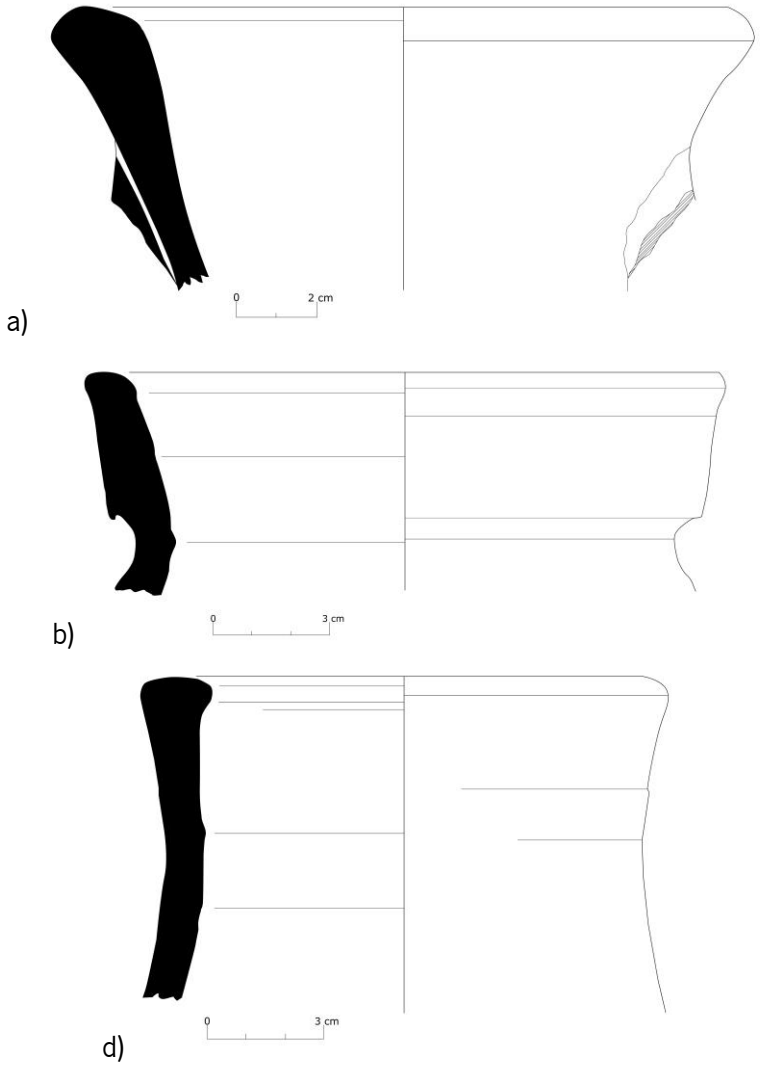


Fig. 6.35 Tipologias anfóricas: a) indeterminado; b) Dressel 1b; d) Dressel 14 (Lusitânia ocidental).

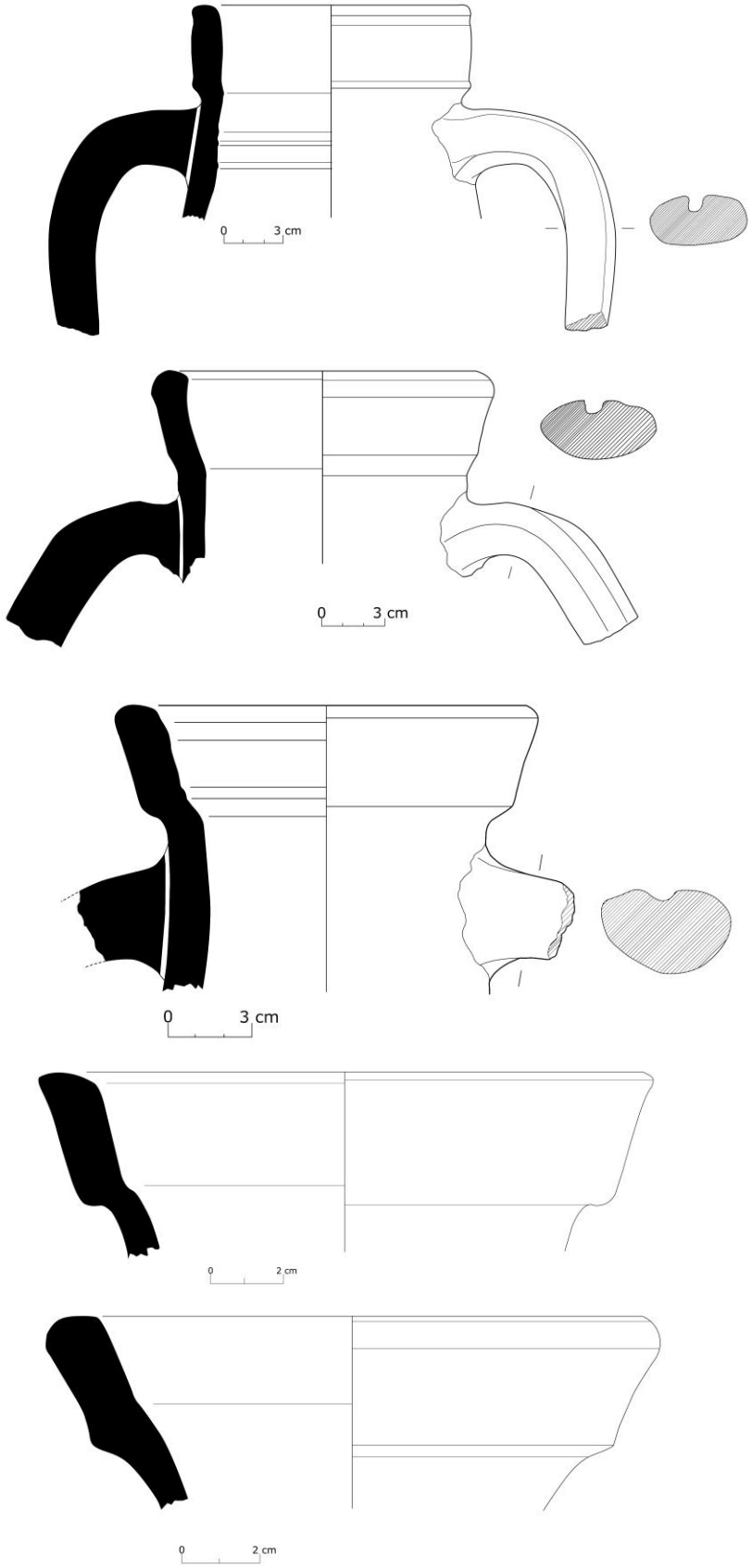


Fig. 6.36 Tipologia Haltern 70 (produção da Bética).

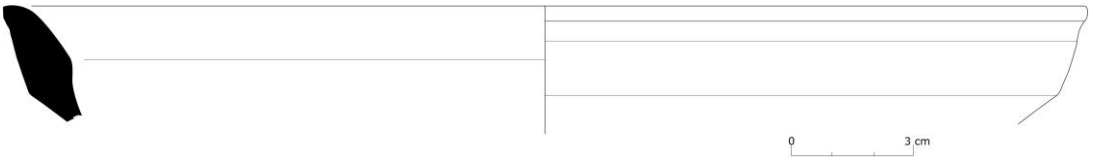


Fig. 6.37 Indeterminada (produção de Cádis).

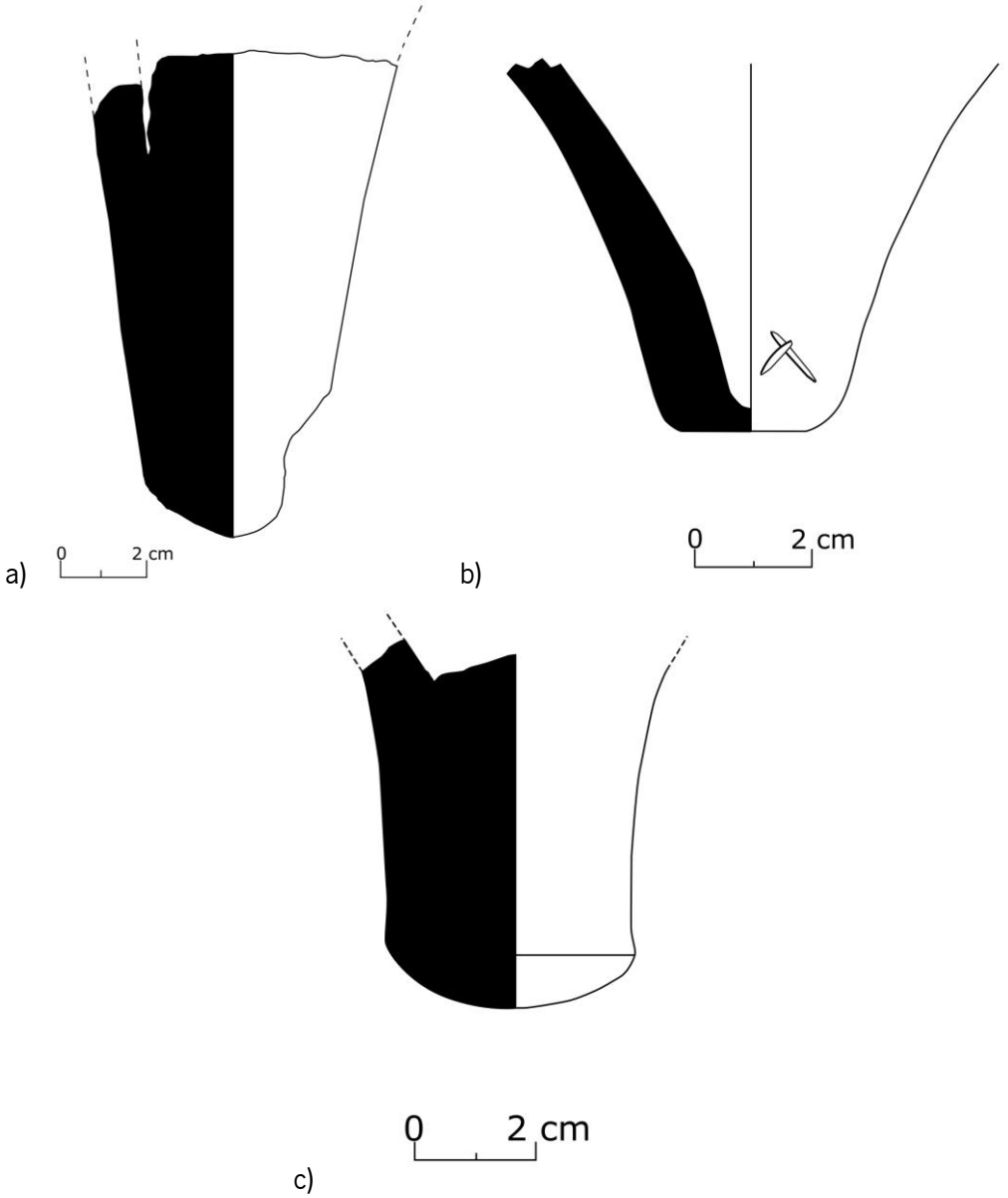


Fig. 6.38 Fundos de ânfora: a) fundo Haltern 70 (da área da Bética); b) Ovóide 1 com marca de oleiro (produção do vale do Guadalquivir); c) Ovóide 6 (produção do vale do Guadalquivir).

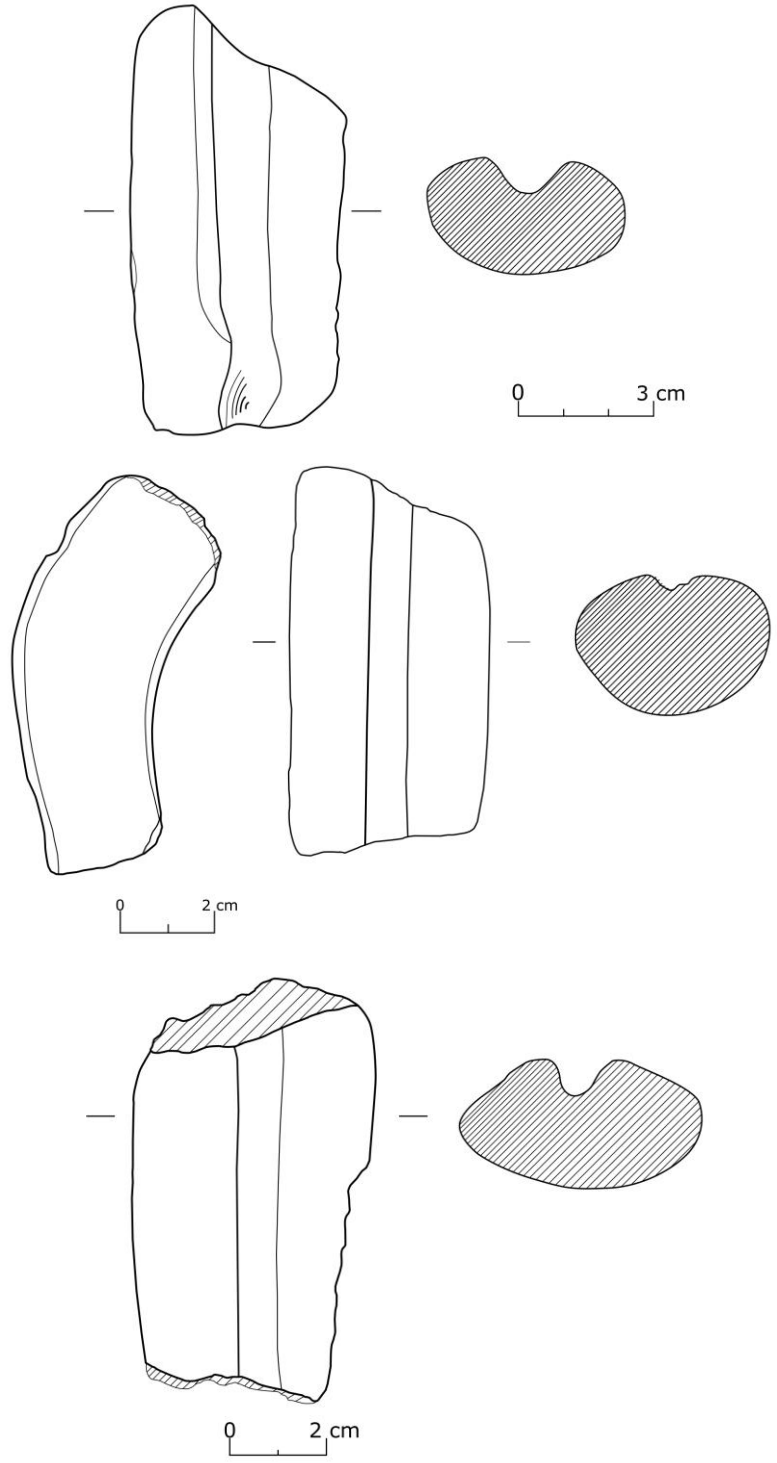


Fig. 6.39 Tipologias anfóricas: exemplares de asa de tipo Haltern 70 (da área da Bética).

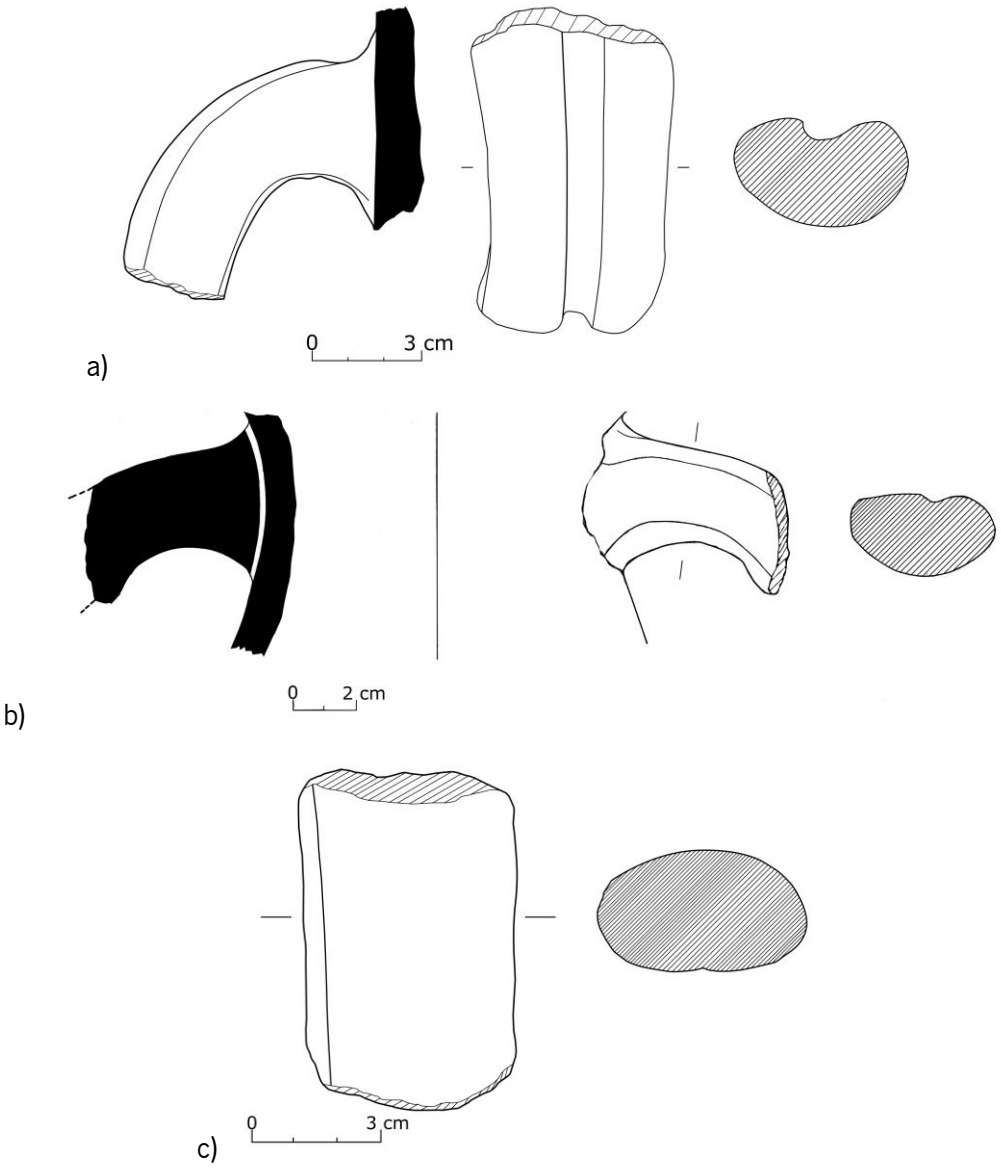


Fig. 6. 40 Tipologias anfóricas: a) Asa de Haltern 70 (da área da Bética); b) Indeterminada (produção itálica); c) Dressel 7-11 (da área da Bética).

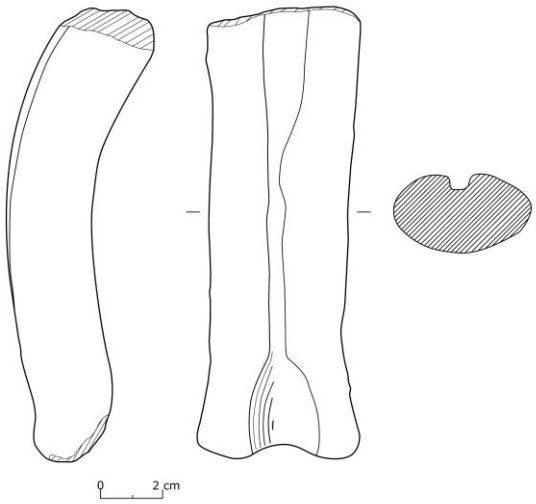


Fig. 6.41 Asa de tipo Haltern 70 (?).

Conhecem-se, ainda, materiais vítreos importados que se incluem neste período, como é o caso das 48 contas de colar, a maior parte de cor azul-cobalto (Gomes, 2012: 196-246). Estes materiais poderão ser, também, um testemunho de influências e intercâmbios meridionais.

3.5.5. Materiais de importação das escavações de Carlos A. Brochado de Almeida

Mais do que estudar o material de importação apenas pela sua natureza exógena – foi importante compreender o contexto estratigráfico em que se inseria. Para o efeito, tendo nós acesso ao material escavado nos anos 80 do século passado, este foi observado genericamente, numa tentativa de o interrelacionar.

De modo a facilitar a compreensão do material estudado este foi separado por setores, quadrados e camadas.

3.5.5.1. Contexto genérico

Estes materiais detetaram-se nos sectores A e C que se localizam em plataformas superiores a sudoeste e este do topo do monte, respetivamente (Fig. 6.1).

No setor A (Fig. 6.42), foi encontrado apenas um bordo com caráter de importação, nos quadrados XI-XIII (camada 5). A camada 5 corresponde a um piso de circulação da casa 1 (Almeida, 1996, vol. I: 330-334). A camada 4, anterior, dataria a primeira ocupação desta estrutura, antes de ser reformulada, com materiais indígenas produzidos a torno, tais como panelas de asa em orelha.

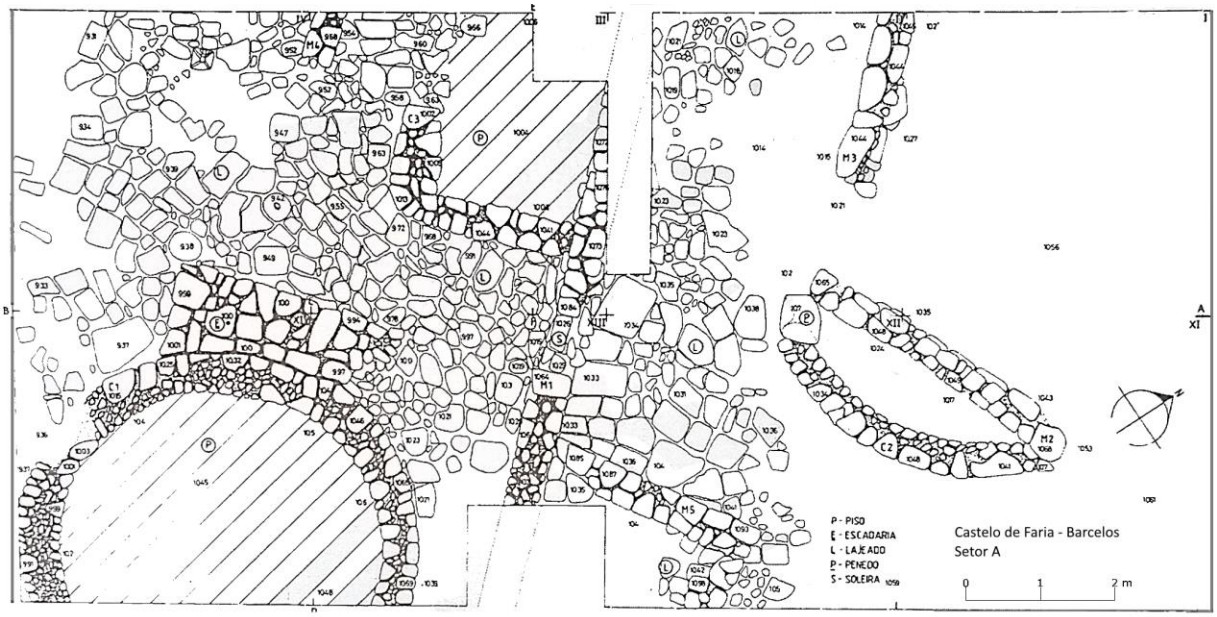


Fig. 6.42 Planta do Setor A (Almeida, 1997: 134, adaptado).

No **sector C** (Fig. 6.43) os materiais de importação exumaram-se nos quadrados LVIII (camadas 6, 8, 10, 12); nos quadrados LXXII – LXXIII, (camada 6 E 7); dos quadrados LXXI - LXXIII (camadas 5 e 6), dos quadrados LXXIV-LXXIV (camada 2), nos quadrados LXVIII–LXXXVIII (camada 2), nos quadrados LXVIII (camada 2, 3, 7, 16), nos quadrados XXVI–XVII (camada 2), LXIV–LX (camada 5) e quadrado XLIX (camada 9).

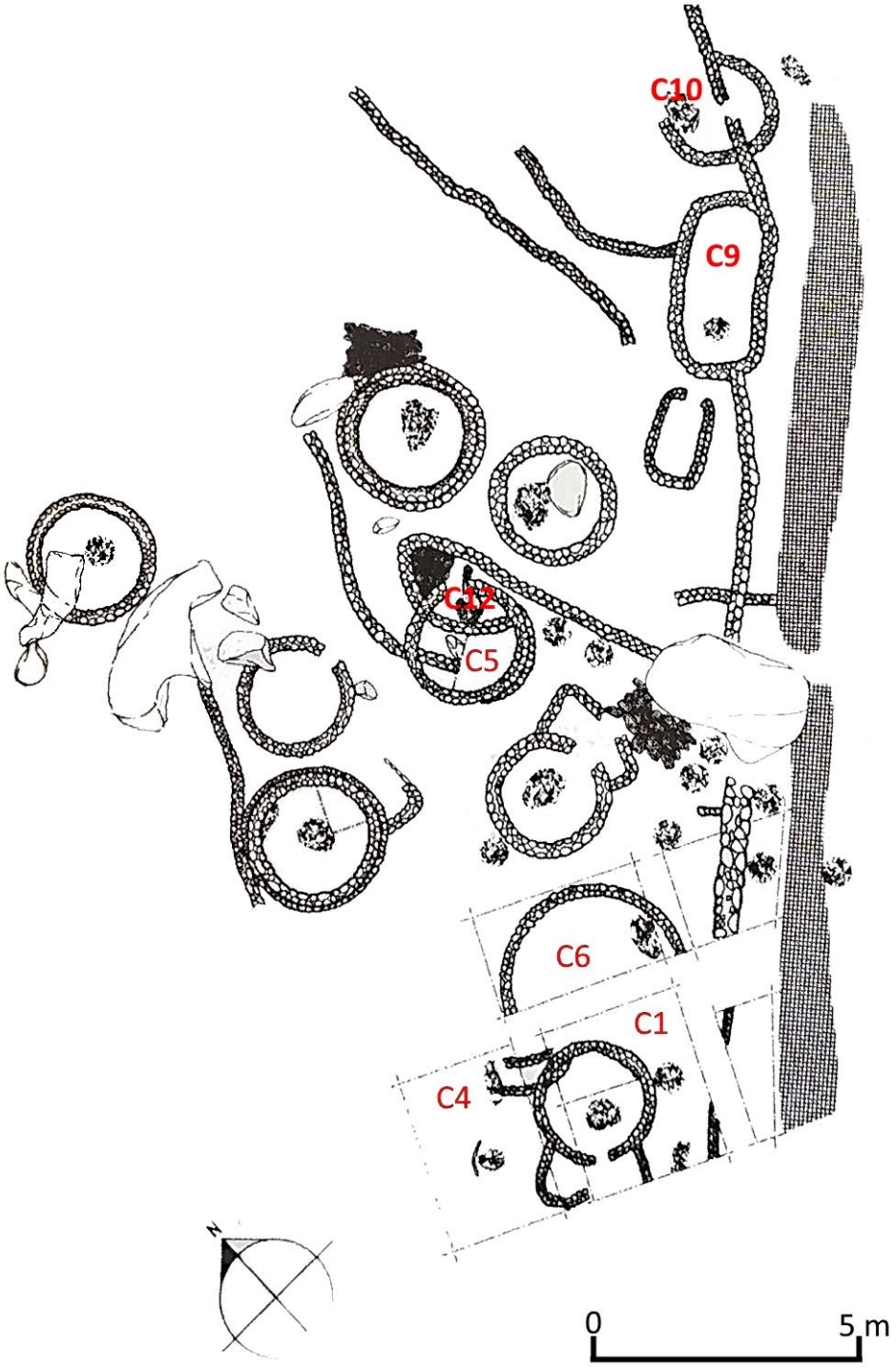


Fig. 6.43 Planta do setor C e cabanas escavadas (Almeida, 1996; 1997: 109, adaptado).

Em termos da sua correlação com material indígena pode dizer-se que, no **quadrado LVIII,** foram identificadas 28 camadas (Almeida, 1996, vol. I: 315-317; 1997: 119-123). Da observação efetuada, as camadas 8, 10 e 12 apresentam material indígena cronologicamente inserível na **Idade do Ferro Antiga**, o que está de acordo com as cerâmicas de importação aí encontradas. Segundo o perfil publicado é possível verificar os níveis de ocupação da muralha (M3a) que corresponderão a níveis datáveis, também, da Idade do Ferro Antiga. Relativamente a este

quadrado é possível afirmar que as camadas 14 e 15 possuem, ainda, material do Ferro Antigo, e as camadas 17 e 18 possuem material cerâmico de transição entre o Ferro Antigo e o Bronze Final ou já do Bronze Final (Fig. 6.44).

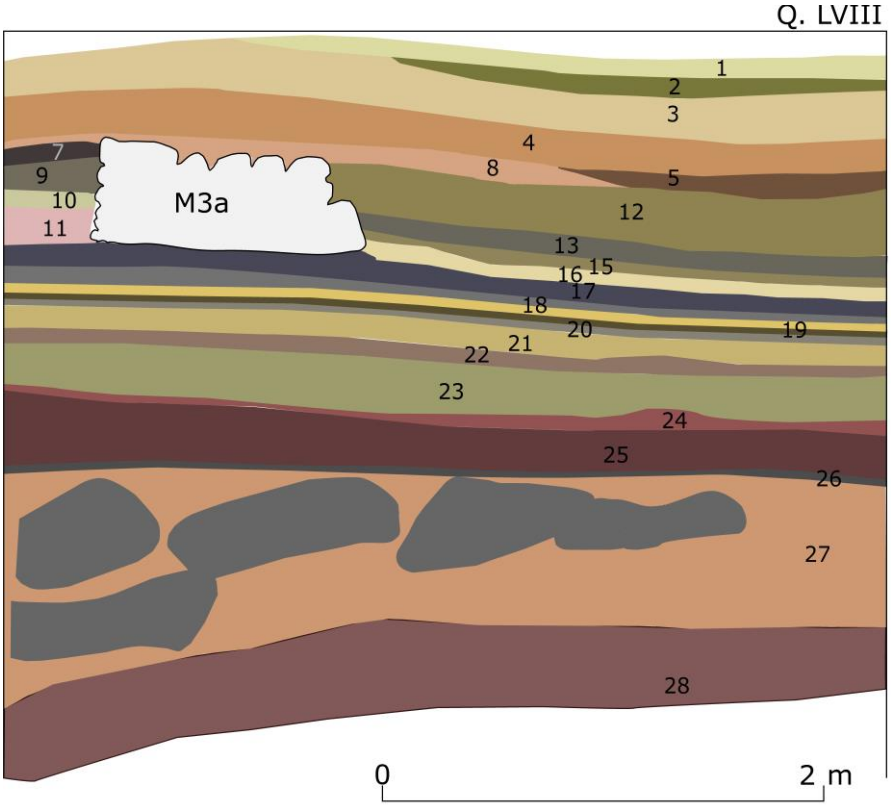


Fig. 6.44 Perfil do quadrado LVIII (Almeida, 1996, adaptado).

Também no **quadrado LXVIII**, as camadas 2, 3, 16, com materiais importados muito rolados e pequenos (só bojos), apresentam apenas material da Idade do Ferro Antiga. Também foi possível apurar que, no **quadrado XLIX**, a camada 9 possui apenas material da Idade do Ferro Antiga.

3.5.5.2. Materiais de importação de origem púnica

O material de importação, deste período pode ser subdividido em cinco grupos tendo em conta o tipo de pasta[195], cozedura e decoração.

O **primeiro** grupo, que constitui a maioria, corresponde a 16 fragmentos. Ocorreram nos seguintes contextos: CF81 Setor A, quadrado XI-XII camada 5; CF82 Setor C, quadrados LVIII

[195] A partir de análises macroscópicas.

(camadas 6, 8, 10, 12), CF82 LXXIV-LXXIV (camada 2), CF82 LXVIII-LXXXVIII (camada 2), CF82 LXVIII (camada 2, 3, 16), CF82 XXVI-XVII (camada 2), CF82 LXIV-LX (camada 5).

Possuem pastas amareladas, porosas, com algumas inclusões de pequenas micas (moscovite) e de areias de tamanho diminuto, sendo apenas constituídas, em termos formais, por colos e bojos, algo rolados.

São importações de origem meridional, mas desconhecemos a sua tipologia.

O **segundo grupo**, que se traduz em dois fragmentos, um deles de bordo, presumivelmente da mesma peça. Tem uma pasta cor-de-rosa, um pouco porosa, sem verniz. Parece ser de um vaso de influência meridional e reproduzir uma forma grega de "tipo *Pithos"* (Fig. 6.45). Poderia ser um cântaro ou bilha destinada a conter água. É uma importação meridional do séc. VI -V a.C. Foi encontrado em 1982 (CF82, LXXII-LXXIII, camada 6).

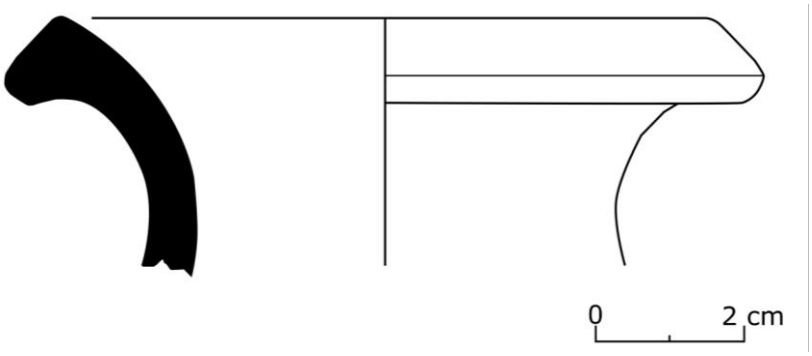


Fig. 6.45 Fragmento de provável vaso de "tipo *pithos"*.

Um **terceiro grupo** de materiais importados destas escavações com estratigrafia foram registados 5 fragmentos, todos eles de **cerâmica ática**. Desta forma perfaz um total de oito fragmentos no cômputo geral.

De referir que três fragmentos de cerâmica grega surgiram em 1982 LXXI-LXXIII, camadas 5 e 6 e, também, no quadrado LXXVIII, camada 7. Registou-se, ainda, um fragmento deste tipo de cerâmica, no quadrado XLIX, camada 9 das escavações de 1982.

Existe, ainda, uma base que se estuda neste trabalho. Esta foi encontrada em 1982, no quadrado LXXII-LXXXIII, camada 6. Poderá tratar-se de um pé possivelmente da tipologia Kráter-de-sino, de perfil anelar, possuindo ainda uma canelura (Ferreira, 2019a: 532) com vestígios de verniz negro, tanto no interior como no exterior. Este verniz encontra-se muito deteriorado (Fig. 6.46).

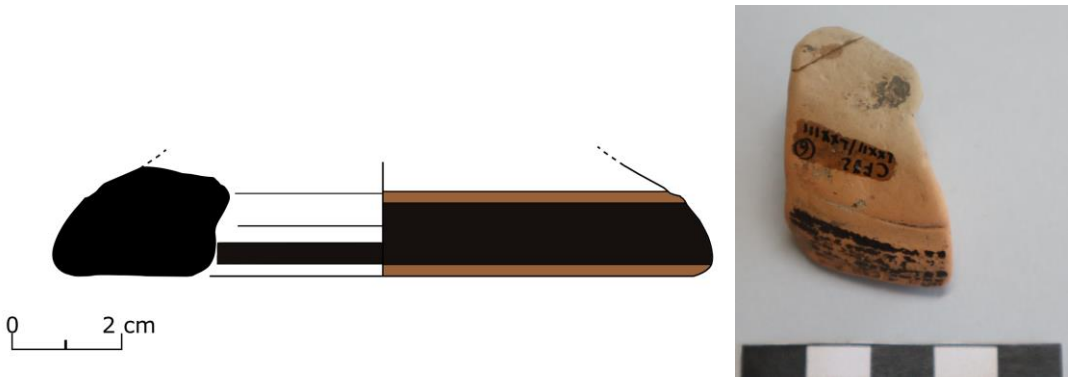


Fig. 6.46 Fragmentos de base de produção ática, possivelmente da tipologia Kráter-de-sino (inédita).

Talvez pertença à mesma peça identificada por Ferreira, como sendo, presumivelmente um Krâter, datável do século V a.C., que a investigadora assume tendo em conta a recorrência com a forma surge em contextos sidéricos do Noroeste Peninsular (Ferreira, 2019a: 532; 2022: 150).

No **quarto grupo** inserimos três outros exemplares de cerâmica de importação que, por diversos motivos, que não se enquadram nos três anteriores. Estavam todos inéditos.

Um corresponde a um bordo (?) indeterminado, com arranque e asa horizontal com pasta arenosa, muito depurada e de cor alaranjada, muito semelhante à da cerâmica grega. Tem resto de pintura ou verniz muito deteriorado na superfície externa e interna. Por se encontrar muito rolado, não é classificável formalmente (Fig. 6.47). Foi encontrado em 1982 (CF 82, Setor C, Quadrado LXXII - LXIII (5). Poderá ser uma produção do sul peninsular.



Fig. 6.47 Bordo (?) e arranque de asa (CF 82, Setor C, Quadrado LXXII - LXIII (5).

O exemplar com a referência CF 82, Quadrado LXIV - LXV camada 10, poderá ser uma reprodução de uma tampa de um *lekanis* com verniz negro. (Fig. 6.48). Em termos formais ficamos algo na dúvida se será um fundo ou uma tampa mas não se trata de uma produção ática, embora pareça inspirada nesse tipo de produções. A pasta é bastante porosa, possui

pequeníssimos desengordurantes (pequenas areias de cor avermelhada) e parece que possuía um engobe ou verniz negro para superfície externa e um engobe avermelhado na superfície interna.



Fig. 6.48 Fundo ou tampa (?) com engobe preto (CF 82, Quadrado LXIV - LXV camada 10).

Finalmente, destacamos ainda uma base com fundo em ônfalo, que, será uma produção meridional. Parece ter resto de pintura esbranquiçada ou engobe. A forma é indeterminada (CF 82, Setor C, Quadrado LXXXII-LXXXIII camada 4) (Fig. 6.49).



Fig. 6.49 Fundo em ônfalo (CF 82, Setor C, Quadrado LXXXII-LXXXIII camada 4).

No **quinto grupo**, podemos incluir um bordo que pode corresponder a uma forma aberta, talvez esvasado, de pasta castanho-clara, depurada, e não porosa, bem polida e com engobe de boa qualidade, de cor avermelhada, em toda a peça (CF 81, Setor A, quadrado XI-XII, camada 5). Parece ser uma forma inspirada nas cerâmicas de engobe vermelho provenientes do sul, porém, pelo seu reduzido tamanho é de tipologia indeterminada (Fig. 6.50).

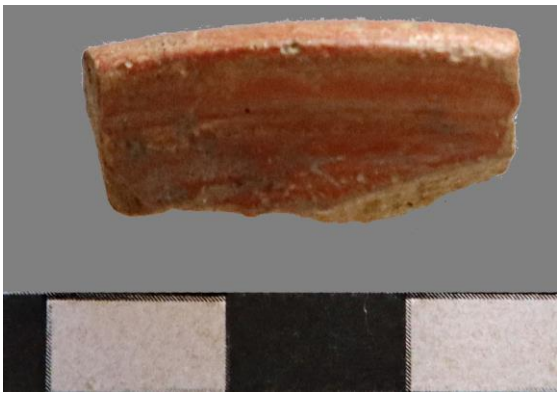


Fig. 6.50 Bordo com engobe vermelho (CF 81, Setor A, quadrado XI-XII, camada 5).

3.5.6. Cronologia e fases de ocupação

Tendo em conta os materiais inéditos estudados e informações bibliográficas relativas a peças cerâmicas ou vítreas publicadas (Almeida,1982a, 1985b, 1985c, 1990, 1996, 1997; Bettencourt, 2000c: 47-85; Rouillard, 1975: 42, 1991; Ferreira, 2019a: 532-533; Gomes, 2012: 101, 295) é possível definir as diferentes fases de ocupação deste povoado, embora a localização e expansão espacial de cada uma seja muito mal conhecida.

Faria I – Calcolítico

Esta ocupação é referida por Bettencourt (1999: 1012; 2000c: 50-51) que admite que possa ter ocorrido no topo (Almeida, 1997: 148) e nas vertentes este e sul do monte da Franqueira, embora refira que não se conhecem contextos de ocupação ou estruturas deste período. Integra esta ocupação entre os fins do IV e os fins do III milénio a.C.

Faria II – Idade do Bronze Médio e Final

Bettencourt (2000c: 51) refere que a descoberta de fragmentos cerâmicos de tipo "Cogotas I", com decoração bouquique, e um possível vaso troncocónico, possibilita que se admita uma ocupação datável do **Bronze Médio**.

Tendo em conta um conjunto de cerâmicas, como taças carenadas, vários tipos de potes (1, 1b, 1c, 2 e 7), de potinhos/púcaros e panela de asa interior atípica, Bettencourt (1999: 1012; 2000c: 51) identifica uma ocupação do **Bronze Final**, ou seja, entre finais do II milénio e inícios do segundo quartel do I milénio a.C. (Bettencourt, 2000c: 51). Esta parece ter-se verificado na acrópole e no início das vertentes este-sudeste, sudoeste e noroeste.

Faria III - Idade do Ferro

A ocupação deste período ter-se-á desenvolvido, sobretudo no topo das várias vertentes de Faria, uma vez que a existência de múltiplas estruturas circulares e várias renovações (Almeida, 1996) apontam para uma intensa ocupação desse espaço e que corresponde ao **Setor C**, localizado numa plataforma no topo da vertente nor-nordeste.

Faria IIIA – Idade do Ferro Antiga

Com uma cronologia hoje mais fácil de precisar devido ao facto de ter sido possível identificar inúmera cerâmica de importação de origem meridional, a par da cerâmica grega. Foram também tidos em conta fragmentos cerâmicos de produção local ou indígena que correspondem, tipologicamente e tecnicamente ao Ferro Antigo, por paralelos com outros conjuntos encontrados em povoados datados pelo radiocarbono, como S. Julião e Barbudo, em Vila Verde (Martins, 1990). A existência de uma conta de colar oculada, em pasta vítrea (Gomes, 2012) também indicia esta cronologia. Esta ocupação não parece existir na acrópole, mas apenas no sector C e de forma mais efémera no setor A, ou seja, no início das vertentes nordeste e oeste. Em termos de cronologia mais precisa este local esteve ocupado, pelo menos, entre o séc. V/IV a.C. e os meados do séc. II a.C.

Faria IIIB – Idade do Ferro Recente

Com base no estudo tecnológico e tipológico dos materiais de origem local, através de paralelos com outros conjuntos encontrados em povoados datados pelo radiocarbono, como S. Julião e Barbudo, em Vila Verde (Martins, 1990), Santo Ovídeo, em Fafe (Martins, 1991) ou São João de Rei, na Póvoa de Lanhoso (Oliveira, 2017) e materiais de importação anfóricos, cronologicamente inseríveis nessa época, podemos referir que a ocupação do Ferro Recente se situará entre meados do séc. II a.C. aos finais do séc. I d.C. Esta ter-se-á localizado de forma mais concentrada no setor C, e de forma menos relevante no Setor A.

Faria IV - Romanização e Período Romano

Pela observação efetuada dos materiais encontrados pelo Grupo dos Alcaides de Faria, podemos referir que houve ocupação, pelo menos, **a partir do séc. II d.C.**

Faria V - Época Medieval (XII – XIV)

A ocupação medieval deste local situa-se no topo do esporão onde se desenvolveram as ocupações anteriores. As construções deste período terão afetado estruturas da Idade do Ferro e da Idade do Bronze. O castelo desse período, do qual restam ainda paredes, é exemplo da arquitetura militar da época. Materiais cerâmicos desse período foram encontrados em todos os setores, particularmente na acrópole e no setor C (nos níveis de superfície). Estes são de cronologia bastante lata, ou seja, entre séculos XI/XII e XIV.

Desconhecemos se houve hiatos entre o Calcolítico e as diferentes ocupações da Idade do Bronze e entre o Bronze Final e os inícios da Idade do Ferro Antiga. A partir dos séculos V/IV a.C. a ocupação parece contínua até, pelo menos, o séc. I d.C.

3.5.7. Discussão dos dados

O povoado à escala local

A partir dos dados que aqui foram sendo estudados, o Monte de Faria possui uma longa diacronia de ocupação, iniciada, ainda, no Calcolítico, passando pelas Idades do Bronze Médio e Final, Ferro Inicial e Recente, Romanização, além de ocupação medieval.

Quanto aos aspetos construtivos há evidências de estruturas perecíveis dos períodos anteriores. Contudo, as escavações até hoje levadas a cabo só deram conta da presença de arquiteturas pétreas a partir da Idade do Ferro (Almeida, 1996).

Para a Idade do Bronze Final conhece-se, no Sector C, um piso em argila, no qual foram identificados buracos de poste (Almeida, 1997: 141).

Relativamente às estruturas da Idade do Ferro, estas conhecem-se com base no que foi posto a descoberto e estudado nos setores C e A.

No setor C, foi possível verificar, pelos trabalhos efetuados por C. A. B. Almeida, entre 1982 e 1984 (Almeida, 1997: 117-119), três panos defensivos de cronologia e tipologia diferentes (Fig. 6.51). O autor refere uma primeira muralha que será contemporânea da primeira fase da Idade do Ferro neste povoado, cuja estrutura é apenas constituída por sedimentos amontados, do tipo mota (Almeida, 1997: 119). Aliás, acrescenta que serão desta época os pisos em terra batida encontrados no interior das cabanas C1, C4 e C6. Posteriormente, "A esta primeira muralha em terra segue-se uma muralha em pedra, cujo alicerce assentaria na parte superior da antiga defesa de terra (Almeida, 1997: 119)." Esta segunda muralha (M3A) parece ter sido construída com sedimentos de várias origens e em cargas sucessivas, preenchidas com pedra miúda. A terceira

muralha (M3), posta a descoberto anteriormente pelo Grupo de Alcaides de Faria, é mais monumental e funcional e teria ainda um caminho de ronda (Almeida, 1997: 119). Esta última muralha será datável já da Idade do Ferro Recente.

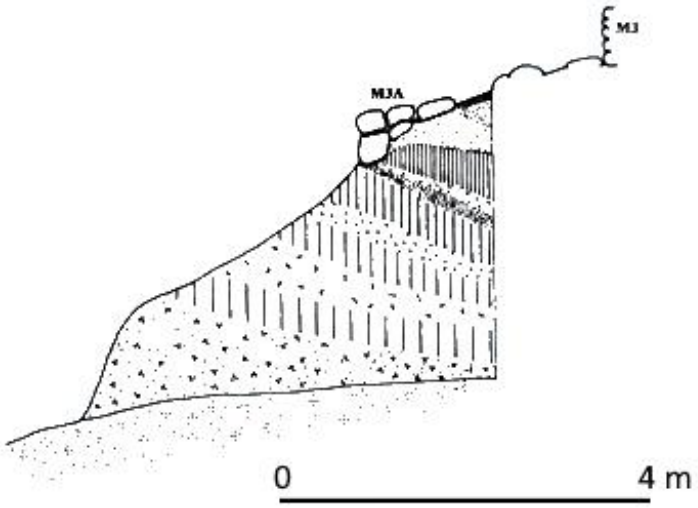


Fig. 6.51 Perfil do sistema defensivo do Ferro Antigo no Setor C, com representação de talude de terra e da muralha M3A (Almeida, 1997: 118, adaptado).

Quanto às restantes estruturas do Setor C foram detetadas várias cabanas, de contorno circular e oblongo do Ferro Antigo e Recente, uma vez que C. A. Brochado de Almeida (1997: 130) admite que a ocupação romana deste *locus* não estaria localizado no Setor C, mas sim nas zonas a norte e poente.

De destacar, que a primeira fase de construção da cabana C1, correspondente às camadas 7, 8 e 10, deverá datar-se da Idade do Ferro Antiga, pela associação com material cerâmico, indígena, produzido à mão. Ao Ferro Recente, corresponde uma remodelação desta estrutura C1 à qual se soma ainda a construção de um vestíbulo, em pedra. O mesmo ocorreu com a cabana C4, construídas ainda no Ferro Antigo e depois remodelada na fase seguinte. Também a estrutura C6 terá sido construída no Ferro Antigo mas usada em épocas posteriores. A cabana C12 só teria estado em uso, durante o Ferro Antigo.

A estrutura C10 será datável apenas do Ferro Recente, uma vez que foi, posteriormente, abandonada e destruída, com a construção de um arruamento. Segundo Almeida (1997: 124) nos momentos finais do Ferro Recente (séc. I a.C. a I d.C.), todo o setor C, terá sido alvo de remodelações para a construção de lajeados.

Praticamente todas as estruturas relacionáveis com o Ferro Antigo foram edificadas com aparelhos pétreos de fraca construção, mas associados a piso de barro, bem compacto.

No **Setor A**, nos primeiros níveis, encontra-se evidências da romanização. Quanto a estruturas diretamente datáveis da Idade do Ferro é de referir que a estrutura C1 continha no seu interior níveis mais antigos, associado a pavimentos argilosos já muito alterados mas com materiais do Ferro Antigo (camadas 9 e 8) e entre dois pisos, a camada 4 deveria ser já do Ferro Recente a julgar pelos materiais encontrados.

Em **termos económicos**, a posição geoestratégica deste povoado no estuário do Cávado, com acesso a diversidade de solos, a recursos fluviais e marítimos e a estanho de aluvião, terá proporcionado o desenvolvimento de inúmeras atividades, como as agro-silvo-pastoris, as metalúrgicas, o intercâmbio e o controlo do estuário do rio.

Se não temos dados de antracologia, da carpologia e da arqueozoologia para falar das primeiras atividades, um aspeto que está documentado é a produção metalúrgica, pois foram encontrados restos de cadinhos com metal agregado, nas escavações de 1982, quadrados LXXVI/LXXIX, camada 2 que talvez se possa atribuir genericamente à Idade do Ferro (Fig. 6.52).



Fig. 6.52 Cadinho, a partir de um bordo aberto (CF 82, Quadrados LXXVI/LXXIX, camada 2).

A presença deste tipo de artefacto permite considerar a produção de objetos metálicos neste povoado, algo perfeitamente possível, tendo em conta os recursos estaníferos e auríferos existentes no território teórico de 2 h pedestre de Faria (Fig. 6.53).

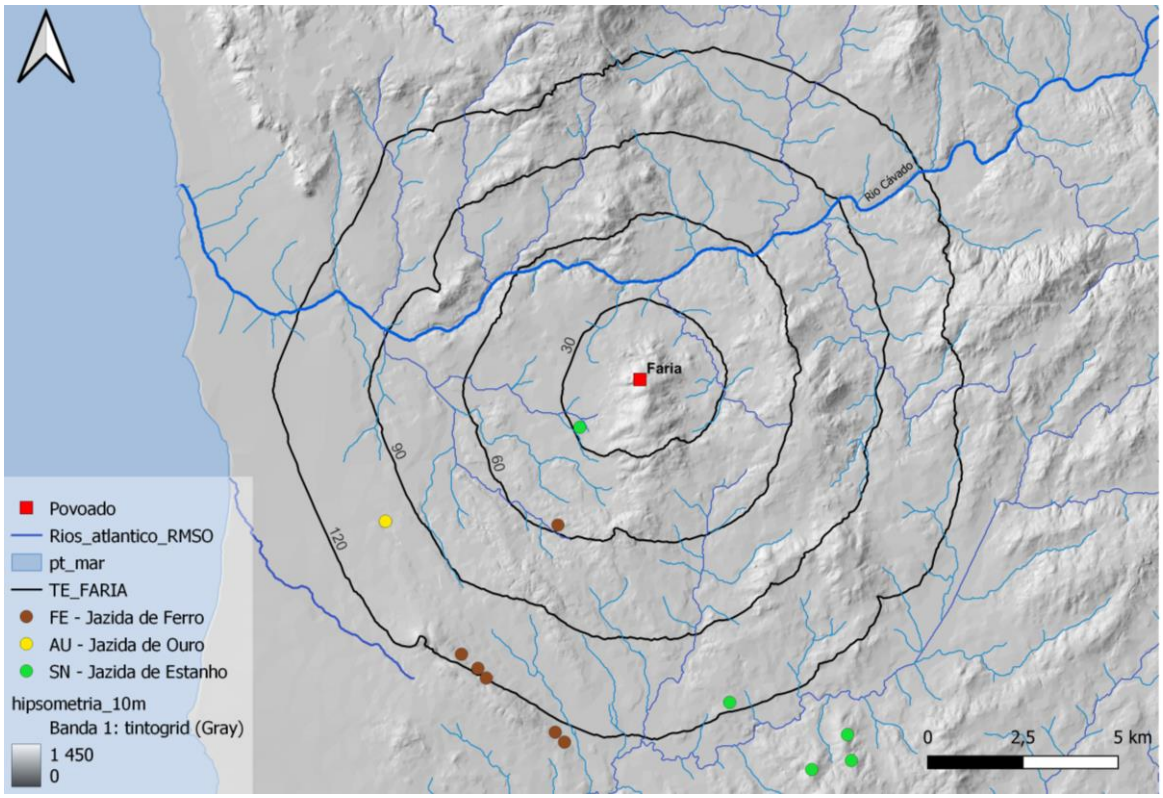


Fig. 6.53 Território teórico de exploração de 2 horas do povoado de Faria (com linhas isócronas de 30 minutos).

Outro aspeto documentado é a produção cerâmica, quer pela quantidade de olaria recolhida nas escavações quer pela existência de peças que traduzem a assimilação de influências meridionais, quer formais, quer técnicas. Referimo-nos às bases de pé-alto, do Ferro Antigo, raras no contexto da Idade do Ferro, parecendo imitar formas exógenas (Fig. 6.54, a)) e a peças decoradas por aguada ou engobe avermelhado, em pastas e formas locais, quer do Ferro Antigo como do Recente (Fig. 6.54, b) e c)). Estas decorações podem estar relacionadas com habilidades que se adquirem através do intercâmbio e da chegada a Faria de cerâmica importada. A utilização deste tipo de decoração ocorre também em cerâmicas de outros povoados estuarinos e costeiros, como são os casos de Santo António, Santa Luzia, Terroso, Bagunte, S. João e S. Paio.

Neste âmbito podemos ainda referir-nos ao recipiente com friso historiado onde são intervenientes equídeos, antropomorfos e círculos concêntricos, em pastas locais, fazendo lembrar decorações pintadas da cerâmica ibérica do período Ibérico Pleno, datáveis entre o séc. IV e III a.C. (Ruiz e Molinos, 1993) (Fig. 6.55).

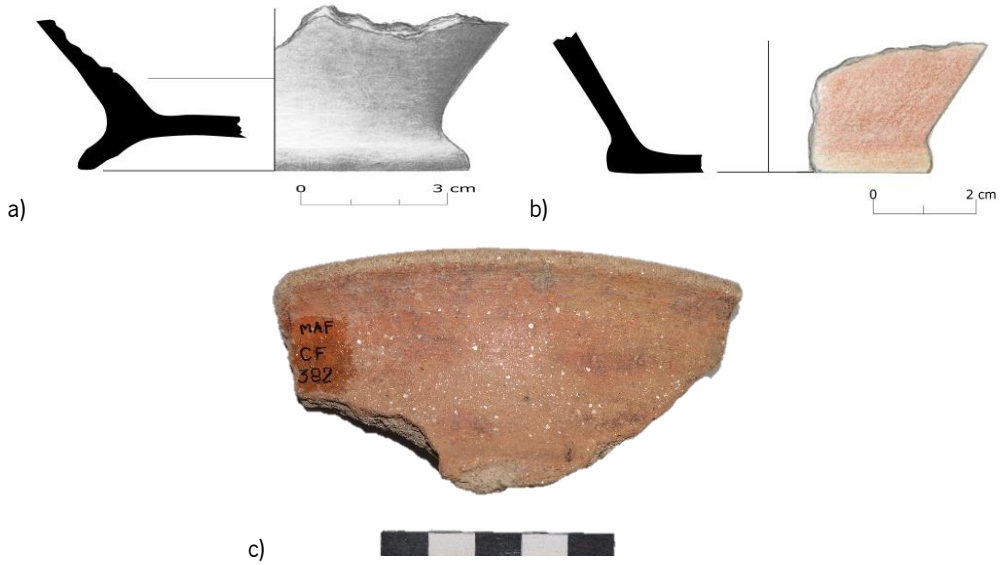


Fig. 6.54 Base de pé alto e base com aguada ou engobe do Ferro recente. Pote da forma 1b com aguada ou engobe avermelhado do Ferro Recente.



Fig. 6.55 Comparação entre os motivos do fragmento de fabrico local e cerâmica ibérica, presente num kalathos, descoberto em Cabezo de la Guardia, Alcorisa, Teruel (Olmedo Bellés, 2015: 40).

No Ferro Recente, também se verificaram alterações técnicas na produção cerâmica, como a introdução da roda de oleiro, da cozedura oxidante e a possibilidade de fabrico de grandes peças, como as talhas, tal como Martins (1990: 158, 160, 163) verificou noutros povoados da bacia do Cávado.

Introduziram-se, igualmente, formas novas, como as copas[196] e as panelas de asa em orelha[197], sempre raras em contextos mais interiores. Quanto às copas (forma 7), parecem ser mais recorrentes no litoral, aparecendo, além de Faria, em Terroso (Silva, 1986) ou em Penices (Queiroga, 1992, fig. 47). Serão estas copas imitações de vasos metálicos, em prata, das áreas helenísticas segundo defendeu Lois Ladra (2002: 183).

Em Faria, a vitalidade dos oleiros locais também está presente numa maior diversidade formal que, aparentemente, não ocorre em povoados mais interiores do Ferro Recente. Tal é o caso de panelas de asa interior decoradas, ou com asa decorada, além do aparecimento de "panelas" com asas exteriores (Fig. 6.56).



Fig. 6.56 Panelas de asa exterior.

[196] Que apenas surgem no povoado do Lago (dois exemplares – 0,5% do total), segundo Martins (1988b: 111; 1990: 158, 163).
[197] Quanto a esta forma, em S. Julião foram registados nove exemplares o que corresponde a 5% do total (Martins 1988a: 186); em Barbudo foram registados sete exemplares – 3% (Martins, 1989: 98); no Lago foram registados 14 exemplares, o que corresponde a 2% do total (Martins 1988b: 111).

Tendo em conta a quantidade de material importado, de origem meridional, quer no Ferro Antigo quer Recente, inclusivamente uma peça de origem ática, datável do séc. V a.C., devemos considerar este povoado como um centro recetor de materiais exógenos (além de cerâmica, também de contas de colar) e um ponto de paragem nas viagens para norte dos exploradores ou mercadores púnicos e romanos. A ampla visibilidade e proximidade da costa e da foz do rio Cávado[198] (a cerca de 11 km) fez com que este povoado, se tornasse um local privilegiado para trocas ou intercâmbio de bens ou produtos, tendo sido possível aportar nas suas imediações, na margem do Cávado, rio que foi navegável até à Idade Média (Castelo-Branco, 1979: 311; Losa, 1983: 101). Também é possível que a existência de estanho de aluvião nas suas imediações fosse um dos recursos a trocar, no âmbito do intercâmbio suprarregional.

Com base nas características técnicas e tipológicas dos materiais de importação podemos concluir que, pelo menos durante o Ferro Antigo, chegaram a Faria variados tipos de produtos importados e produzidos, quer em distintas áreas meridionais da Península Ibérica, quer do aro mediterrânico mais vasto (cerâmica ática) (Fig. 6.57). Isto apesar dos fragmentos de importação se encontrarem muito fragmentados, rolados e serem diminutos (o que tornou difícil a sua classificação).

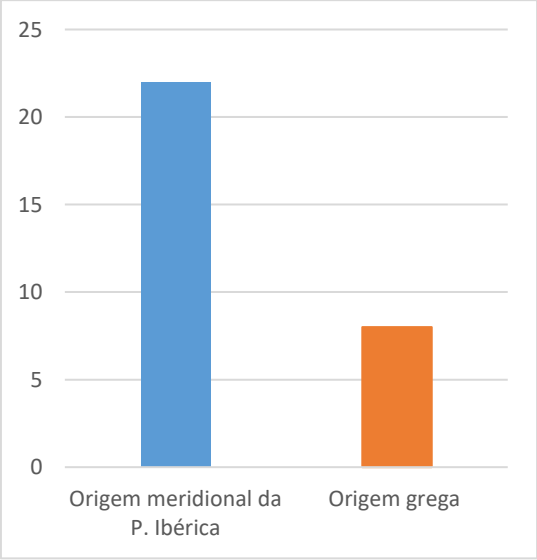


Fig. 6.57 Origem dos materiais importados no Ferro Antigo.

Quanto às formas, registamos, pelo menos, um vaso grego (um exemplar de kratêr-de-sino) e eventuais imitações de vasos gregos (de um *lekanis*). Destacamos, além disso, um possível vaso

[198] Que teria outros contornos do que nos dias de hoje (Dias, 1985, 1987; Granja, 1993: 44; Meireles, 1992: 156, 200).

de "tipo *pithos"* de origem meridional. Em termos cronológicos sabe-se que estas importações enquadram-se no que corresponde à Idade do Ferro Antiga do noroeste.

Durante o Ferro Recente as importações, agora trazidas por mercadores e viajantes romanos ou de origem romana parecem manter-se. Porém, apenas um estudo mais aturado de todos os contextos poderá oferecer uma imagem mais completa da importância e pujança económica e social deste povoado, nesta fase. Estas caracterizam-se, essencialmente, por materiais anfóricos e seus conteúdos, de distintas produções, como da Bética e vale do Guadalquivir, da Bética costeira, da Lusitânia ocidental e de Cádis (Fig. 6.58), bem como ornamentos em pasta vítrea.

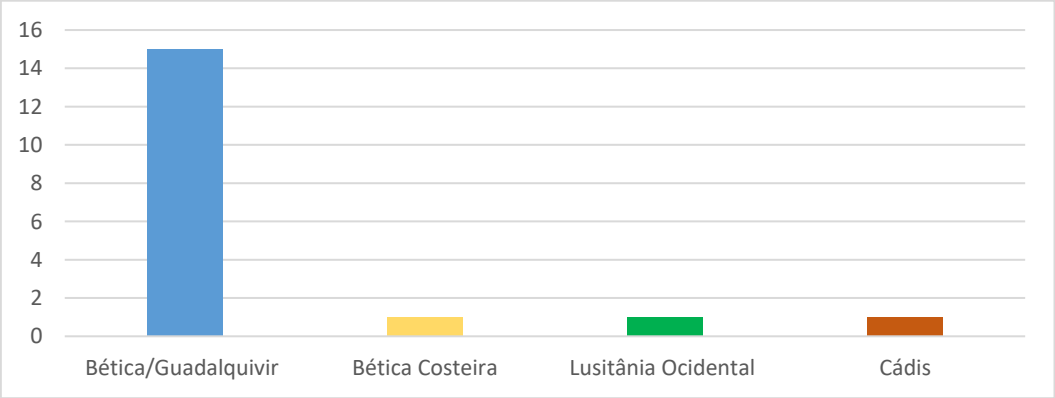


Fig. 6.58 Origem dos materiais importados no Ferro Recente.

As importações de Faria, desde o Ferro Antigo, indiciam também a introdução de novos costumes e produtos cujo modo de assimilação desconhecemos. Devemos referir que o possível krâter-de-sino, em contextos mediterrânicos e, sobretudo, no mundo grego, serviria para misturar água e vinho. O mesmo podemos referir relativamente ao possível vaso de "tipo *pithos"* registado.

A partir das ânforas sabemos que, no Ferro Recente, se consumiu em Faria vinho, azeite e preparados piscícolas, de origem meridional, o que seria acompanhado pelo gosto em usar novos ornamentos, como contas em pasta vítrea.

O modo de utilização destes produtos seria, com certeza, diferente daquele efetuado no contexto de origem das peças, pelo que devemos considerar que o seu consumo seria manuseado em contexto de exceção e acessível, apenas, para uma parte da população residente, aquela que controla o intercâmbio e os recursos.

O povoado à escala regional

À escala regional de análise, este povoado estaria integrado nas rede de povoamento do curso inferior do Cávado, tendo provavelmente contactos com povoados mais a montante como a jusante do estuário, nomeadamente aqueles com quem tinha visibilidade, como por exemplo com S. Lourenço, Senhor dos Desamparados, Alto da Torre e ainda o Outeiro dos Picotos (Fig. 6.59).

Manuela Martins (1990: 207) no seu modelo processual de povoamento considerou-o de tipo A, o que significa que é um povoado situado a mais de 200 metros de altitude, com uma posição de destaque no vale, que se terá traduzido num crescimento da coesão e estratificação social, fatores estes que poderão ter justificado a sua sobrevivência durante o Alto império. Almeida (1996, 1997) aceita esta hipótese. De qualquer modo é possível que, desde o Bronze Final, este povoado tivesse assumido um papel em rede com povoados coetâneos, mais do que de domínio.

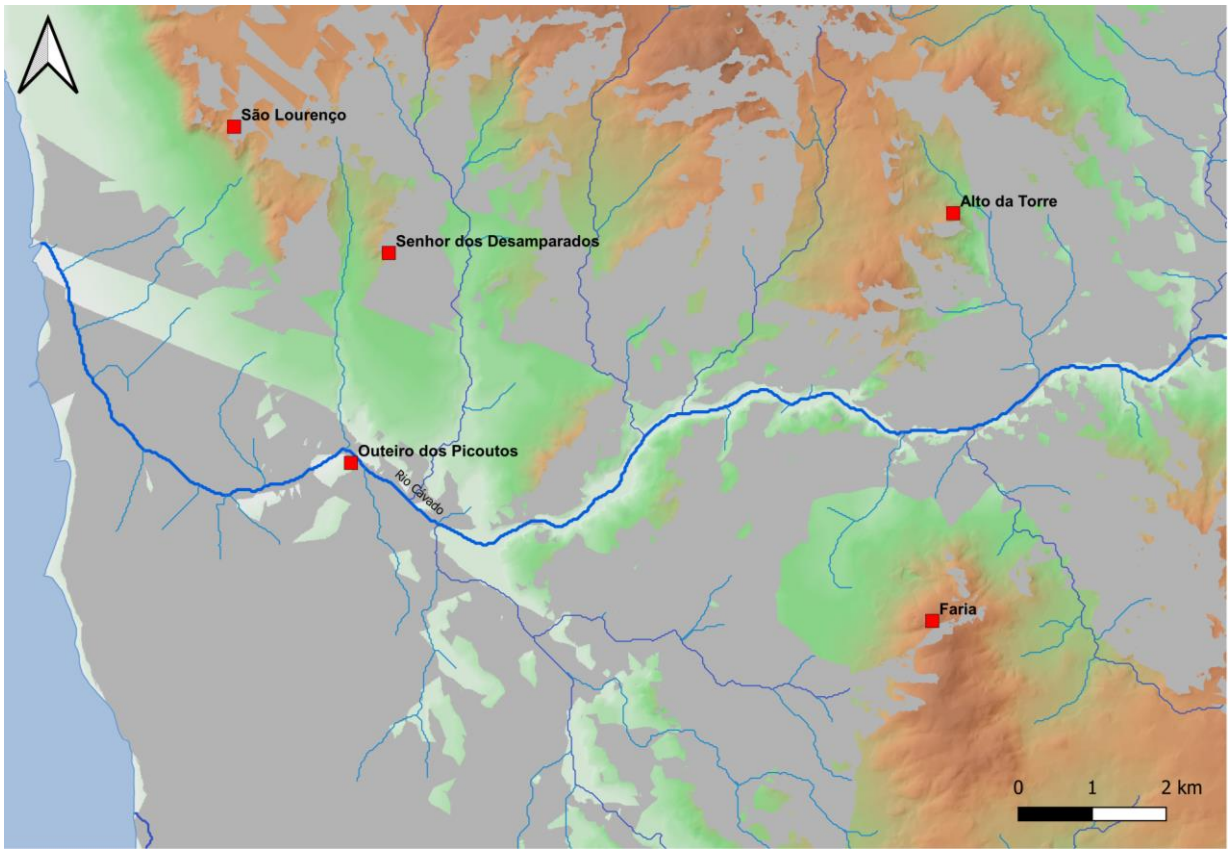


Fig. 6.59 Território visível (a cinzento) num raio de 20 km a partir de Faria.

3.6. O MONUMENTO FUNERÁRIO DA COVA DA MOURA, VIANA DO CASTELO

3.6.1. Historial

Este sítio arqueológico, conhecido na bibliografia como Mamoa de Carreço e inventariado no Portal do Arqueólogo com o CNS 4335, foi referido, pela primeira vez, pelo Padre Manuel José Gonçalves, no séc. XIX. Segundo Abel Viana (1932d: 2) ao transcrever os apontamentos do referido padre:

"em julho de 1893, nesta freguesia de Carreço, de que sou pároco colado desde princípios de junho deste ano, encontrei no alto da mata do Sr. Tomé Valadoiro, no sítio denominado Cova da Moura, sem explorar, uma formidável mamoa, contendo de certo alguns túmulos ou anta. A mamoa está coberta de pinheiros e pelos buracos ou princípios de exploração vê-se que é composta de terra e de pedregulho. Ao nascente veem-se vestígios de parede ou muralha, mostrando como que pretendendo cercar o cume da mamoa. Para o lado norte tem uma entrada para o interior, sendo apenas de dois ou três metros de comprido de certo foi feita por alguém que pretendeu explorá-la, mas não chega ao interior desta formidável mamoa, a maior que tenho visto. (...) É pois esta mamoa um monumento importantíssimo que me parece não ter sido visitado pelo notável arqueólogo Dr. Martins Sarmento, de Guimaraes, explorador de monumentos congéneres na ribeira do Ancora – e pena é não haver um explorador arrojado que empreendesse a tarefa de devassar os segredos deste notável monumento".

Coube a Abel Viana escavar este monumento, em 1931. Publicou os resultados desse trabalho em 1943 e em 1955 (Viana, 1943, 1955a). Todavia, é interessante o volume de informação que este pioneiro da arqueologia foi dando, ao longo do ano de 1931 e, sobretudo, durante o ano de 1932, nos diferentes artigos de divulgação que publicou no jornal "Notícias de Viana" (Viana, 1932d, 1932f, 1932g, 1932h, 1932i, 1932j, 1932k, 1932l).

Nos seus trabalhos vai mostrando fotografias do monumento e fotografias e desenhos dos materiais exumados, que vai descrevendo. Num artigo publicado em 1953, a propósito de alguns achados em liga de bronze, classifica a pequena faca ou foicinha, encontrada neste monumento, como sendo do tipo Castropol (Viana, 1953: 185) e, mais tarde, refere a laje de tendência antropomórfica que se encontra no Museu Geológico de Lisboa, considerando-a feminina (Viana,

1962). É nesta instituição que está depositado todo o espólio da escavação, bem como amostras de sedimentos e de carvões retirados na altura dos trabalhos.

Na década de 60 do século XX, é dada à estampa um pequeno artigo sobre a fauna malacológica achada neste local (Silva e Cabrita, 1966: 315).

Em 2008, numa obra de caráter generalista sobre os sítios arqueológicos no concelho de Viana do Castelo, Almeida (2008) refere que este local seria do Calcolítico, sem qualquer explicação adicional e dá-o como estando destruído.

Em 2013, Bettencourt, num artigo sobre a Idade do Bronze Final do Noroeste, refere-se à existência, embora discreta, de deposição de artefactos metálicos em alguns contextos funerários, dando para isso o exemplo da foice encontrada na Cova da Moura, inserindo-o, portanto, neste período (Bettencourt, 2013b: 165). Em 2014, A. Santos (2014) também insere, igualmente, este sítio arqueológico no Bronze Final (Santos, 2014: 45), referindo que se situa num patamar intermédio da vertente oeste da serra com prováveis incinerações do Bronze Final (Santos, 2014: 118; Bettencourt, 2010).

Apesar da grande monumentalidade e do resultado das escavações, os materiais deste sítio arqueológico nunca foram revistos na íntegra, pelo que considerámos importante estudá-lo no âmbito deste trabalho, tanto mais que algumas descrições de fragmentos cerâmicos, efetuada por Viana (1955a: 495), indiciavam que podiam ser da Idade do Ferro.

Neste estudo beneficiámos do contributo de vários investigadores de diferentes áreas científicas[199], contudo, este não foi tão exaustivo quanto seria desejável, por motivos alheios à nossa vontade. Um facto que o condicionou foi a impossibilidade de levantar as amostras de carvões para estudos de antracologia, tendo sido solicitado um seguro "faraónico" para tal. Outro aspeto que condicionou este estudo foi o facto de não ter sido possível, em tempo útil, ter acesso ao arquivo pessoal de Abel Viana, para consulta de fotografias, desenhos e cadernos de campo que estão no Museu de Beja, mas indisponíveis ao público.

3.6.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental

As suas coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos, no sistema WGS 84, são: 41°44'53.18"N latitude e 8°51'24.54"W de longitude, a uma altitude de cerca de 186 metros (Fig. 7.1).

[199] Referimo-nos a geólogos, arqueozoólogos e a uma técnica do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG), a quem agradecemos.

Este sítio arqueológico, conhecido por Cova da Moura, situa-se no lugar da Mata, num patamar a meio da vertente oeste da Serra de Santa Luzia, profusamente irrigado e com profusão de afloramentos.



Fig. 7.1 Localização da Cova da Moura em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25.000, f. 27 (IGEOE, 1990).

Segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 5A – Viana do Castelo, de 1970, e respetiva notícia descritiva (Teixeira *et al.*, 1972) a área onde se implanta este sítio arqueológico tem um substrato geológico granítico de grão fino (granito da Serra de Santa Luzia) e ainda granito de grão médio a fino que aflora no local, nomeadamente a nor-nordeste e a su-sudoeste do monumento, através de imponentes caos de blocos.

A menos de 1 km para nordeste há uma pequena mancha de xistos andaluzíticos (Fig. 7.2)

O monumento encontra-se no seio de um eucaliptal denso, sendo, ainda visível a vala de exploração efetuada por Abel Viana, em parte derrubada, mas não destruída como afirmou Almeida (2008: 71-72).

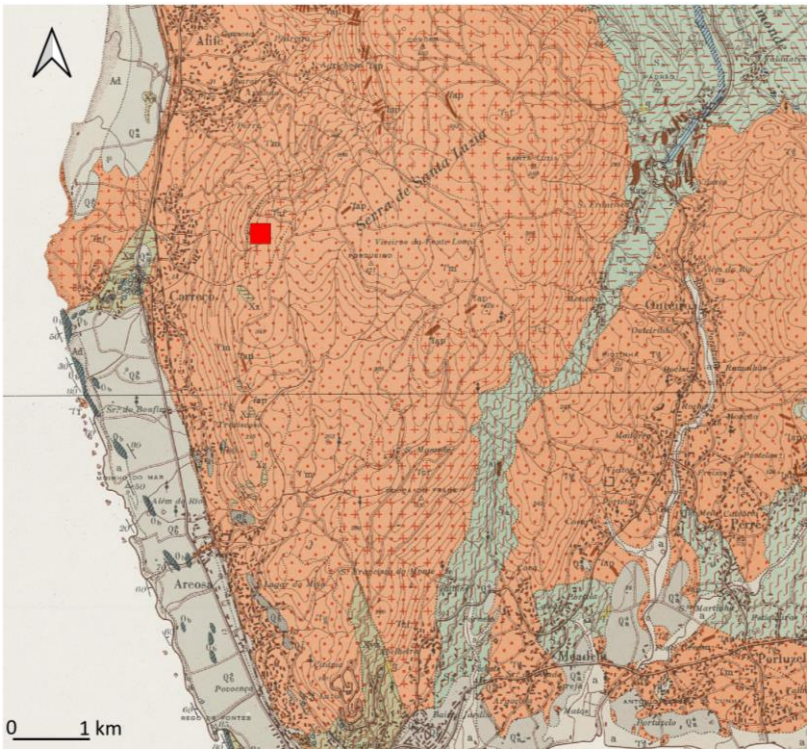


Fig. 7.2 Localização da Cova da Moura em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50.000, f. 5A. Viana do Castelo (1970) (DGMSG).

3.6.3. Contexto Arqueológico

Segundo Abel Viana (1955: 481) existiam outros montículos artificiais nas proximidades da Cova da Moura. A este propósito refere:

"A cerca de 14 metros para o Nascente vê-se uma série de montículos, nitidamente uns quatro, o maior com 14 metros de comprimento e 3 de largura, não excedendo qualquer deles a altura de 2 metros. Do lado Sul, encostado à base do maciço de penedos, notam-se outros amontoados de pedras, mais ou menos cobertos de terra. A parte mais elevada da Mata era, pois, uma necrópole pre-historica, na qual explorei o túmulus principal, a que o povo chama "Cova da Moura" (Viana 1932d: 2).

Refere, ainda, a existência de dois lugares com gravuras rupestres, na vertente oeste da Serra de Santa Luzia, os locais são o Alto do Mior (um miradouro natural) e Calvo[200]. De referir que

[200] Ambos registados de forma inédita no *Corpus Virtual de Arte Rupestre* (*CVARM*): http://www.cvarn.org/; http://www.obiut.org/cvarn/pdf/g_215.pdf;http://www.obiut.org/cvarn/pdf/g_575.pdf; http://www.obiut.org/cvarn/pdf/g_027.pdf (acedido em 4 janeiro de 2021).

estes sítios possuem gravados motivos círculos concêntricos, zoomorfos e um possível antropomorfo e ainda covinhas. Destes locais é possível observar o monumento da Cova da Moura.

Na área, há a registar topónimos referidos por Viana (1932; 1932b: 2) que indiciam outros monumentos sobre montículos de seixos, na plataforma litoral, como é o caso da área da Veiga se situar a Veiga da Anta, Veiga de Mámoa e Veiga das Medorras, assim como a Mamoa da Veiga de Paçô, em Carreço (Soares, 2018), a Mamoa de Aspra (Silva, 1989b; Soares, 2018), na freguesia de Carreço, a Mamoa da Ereira, na freguesia de Afife (Silva, 1986; 1987; 1988a,1988b, 1989, 1991; Soares, 2018, 2021; Oliveira *et al.*, 2017), e de referir ainda a na mesma freguesia, mas neste caso já no topo aplanado da Serra de Santa Luzia (Soares, 2018).

Da Idade do Bronze, conhece-se o povoado de Santo António, em Afife (Bettencourt, 2009a; Oliveira e Bettencourt, 2020, 2021), a ocupação mais antiga do Castro da Crôa ou Castros Velhos, em Carreço (inédita), muitos dos motivos gravados na Laje da Churra (Santos, 2013), em Figueiró I e II (Marinho, 2022) e, talvez, em Fornelos, todos em Carreço (Bettencourt *et al.,* 2017). Relativamente à Idade do Ferro torna-se necessário referir os vários povoados dessa cronologia que se encontram nas imediações do sítio. Na freguesia de Carreço, são conhecidos da bibliografia os Castros Velhos ou da Crôa e o do Monte da Gandra ou de Montedor (Viana, 1932a, 1932b; 1960, Cardoso e Neves, 1959; Lanhas, 1969; Baptista, 1985, 1986; Alves, 1989; Silva 1991; Almeida, 2008). O primeiro tem ocupação do Ferro Recente e o segundo é indeterminado. Na freguesia de Afife evidenciam-se os povoados de Santo António, com ocupação da Idade do Bronze Final e do Ferro Recente (Silva, 1986; Almeida, 1996; Oliveira e Bettencourt, 2020), a Cividade de Âncora (Silva, 1986), com ocupação do Ferro Recente; o povoado de Cúturo (Silva, 1986), com uma ocupação datável da Idade do Ferro (sem maior precisão) e o Castro da Agrichouso (Silva, 1986; Almeida, 1996, vol. II: 21) com uma ocupação datável da Idade do Ferro.

3.6.4. Escavação

As escavações arqueológicas foram efetuadas, entre 20 de agosto e 10 de outubro de 1931. O monumento, contudo, já tinha sido alvo de, pelo menos, de duas tentativas de violação, uma "por volta de 1880 e em 1901". As primeiras, a este, sobre o montículo, ainda hoje percetíveis pelas depressões aí existentes e representadas nos perfis desenhados por Viana (1955a: 482) não atingiram os níveis arqueológicos. A de 1901 verificou-se pelo lado norte, tendo-se escavado cerca de 4 m, desde a periferia para o interior do monumento. Nessa altura foi posta a descoberto "o

começo de uma parede que se internava na mamoa". Sobre esta violação diz-nos Viana (1955a: 482):

"A primitiva escavação fora até 4 metros em direcção ao centro da mamoa, por menos de um metro de largura. No primeiro metro de avanço, abriram vala de alto a baixo. Daí por diante, tentaram cavar sob as pedras que, podendo erroneamente levar à suspeição de uma cúpula, não passavam de simples calçada de pedras a esmo. Estas, porém, desabavam, pelo que, os violadores abandonaram o intento".

Atendendo à preexistência dessa vala de exploração, Abel Viana vai dar-lhe continuidade, explicando os seus objetivos do seguinte modo:

"... Parti do princípio que mamoa de tal grandeza devia conter um dólmen, e em vista da colossal quantidade de terra e pedras a remover, tornava-se conveniente atacar o montículo pela presumível entrada do dólmen. (...) Resolvi-me pela abertura do lado norte, a que o Padre Gonçalves aludia. Essa era também o caminho da misteriosa entrada, indicada pelo vulgo. Segundo este, no interior da mamoa achava-se a "sala da moura" e respetivo "pote" cheio de libras - o ambicionado ouro, companheiro inseparável das decantadas mouras. Não faltava quem asseverasse que fulano e sicrano, em rapazes, se haviam introduzido por essa abertura do norte e logrado chegar à famosa sala, provocando cuidados e reprimendas... tudo isto são asserções menos verdadeiras, como provaram as escavações" (Viana, 1932e: 2).

3.6.4.1. Metodologia

A. Viana (1955a) diz-nos que o início dos seus trabalhos correspondeu ao desentulhamento da área violada, a norte, numa extensão de 6 metros, tendo, posteriormente, avançado até, ao centro do montículo, o que para ele correspondia à parte mais elevada.

Quase na área central desta estrutura, alargou a escavação para oeste, demolindo parte da parede ou muro de sustentação de terras que aí existe, com o objetivo de perceber se o grande penedo que aí existia era natural, tendo comprovado que sim. Esta vala não atingiu a base do monumento. Iniciou, também, a escavação de uma nova vala para este, que foi pouco invasiva.

Refere, ainda, que o centro da mamoa foi sendo escavado de cima para baixo, pelo que atualmente o montículo já não tem a sua altura máxima que "antes da demolição" seria de 8 m Viana (1955: 482). Sobre a escavação da vala central diz-nos o seguinte: "A maneira como a

mamoa foi construída obrigava a explorá-la por meio de vala muito rampada. À medida, portanto, que esta se ia internando, era necessário arrasar os planos superiores, fazendo corte em degrau".

Este autor deixou-nos, ainda, algumas fotografias (Fig. 7.3), desenhos (Fig. 7.4), e descrições da estratigrafia, das estruturas encontradas e algumas referências, ainda, que parcas, sobre o contexto dos achados.

A área de escavação foi de cerca de um quarto do volume da mamoa.

Em visita ao local pudemos observar a existência da vala primitiva da escavação, aberta de norte para sul, com menos de 1 m de largura na entrada, tornando-se mais larga à medida que a escavação prosseguiu para a área central. Verificou-se, ainda, que a vala este foi pouco invasiva e que a parede oeste, registada por Abel Viana, ainda se encontra relativamente bem preservada, com exceção da área ao lado de um grande afloramento, onde abriu a vala oeste.

Tiraram-se, ainda, medidas da cavidade existente sobre o afloramento central, e fizeram-se observações sobre técnicas construtivas, bem como sobre a matéria-prima com que foram construídos muros e couraças. Os sedimentos do montículo também foram observados[201].

Para completar o nosso registo, fotografamos alguns detalhes (Fig. 7.5).



Fig. 7.3 Fotografias da fase da exploração: fotografia realizada durante as escavações da vala norte vista de norte (à esquerda; vista da vala norte-sul, desde o interior do monumento para o exterior (a sul) (à direita) (Viana, 1931, adaptado).

[201] Agradece-se a sua descrição a Renato Henriques, do Departamento de Geologia da Universidade do Minho.

3.6.5. O montículo

Pela descrição de Viana trata-se de um montículo de : "*...45 de comprimento no sentido N-S e 28 no sentido E-W. Tem de altura 8 metros até ao nível de base, pela banda norte e 11 da banda Sul*" (Viana 1932d: 2) (Fig. 7.4) Mais tarde o autor afirma que o monumento tem 48 m de comprimento (Viana, 1955a: 482).

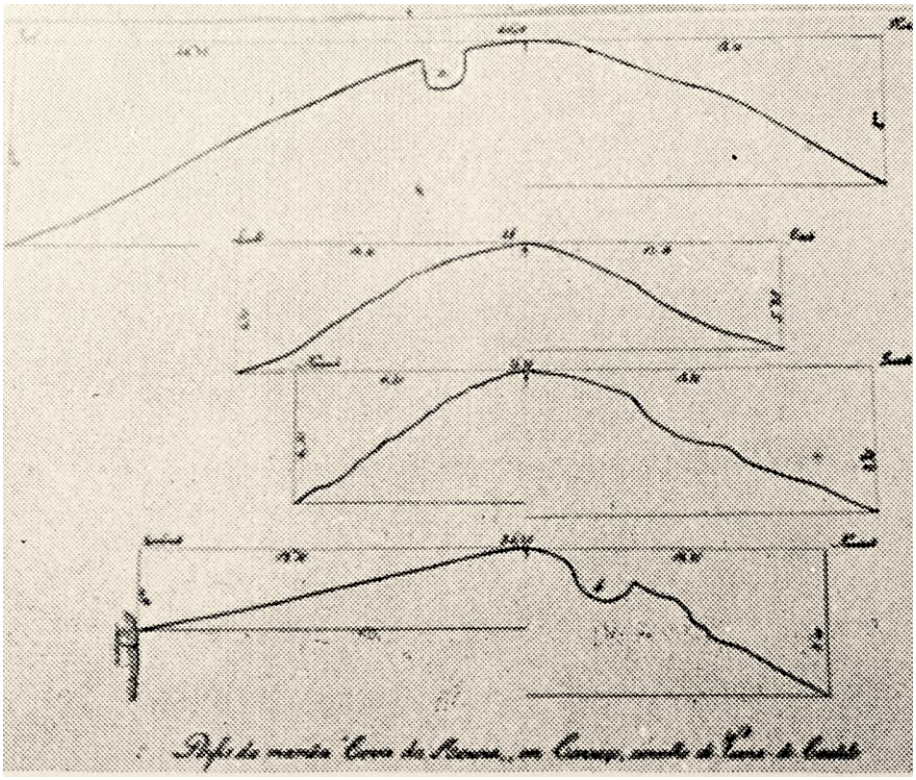


Fig. 7.4 Alçados do monumento escavado por Abel Viana (Viana, 1955a), adaptado. A legenda refere "Perfis da mamõa Cova da Moura, em Carreço, concelho de Viana do Castelo".

As observações efetuadas *in situ* possibilitaram perceber que, apesar de coberto por eucaliptos, se trata de um montículo muito bem preservado por todos os quadrantes, com exceção do lado norte, local onde foram abertas a violação de 1901 e as escavações de Abel Viana (Fig. 7.3). Pelo lado oeste pode observar-se uma couraça pétrea bem imbricada, de grande espetacularidade, constituída por blocos pétreos, maioritariamente de granito. Abel Viana não a refere, pelo que poderia estar parcialmente tapada por sedimentos humosos que, entretanto, sofreram um processo de lixiviação devido à erosão (Fig. 7.3). Todo este montículo seria rodeado por um espessamento pétreo feito com blocos de dimensões consideráveis, capazes de suster os sedimentos do montículo.



Fig. 7.5 Em cima: O montículo visto pelo lado este: Em baixo: montículo visto pelo lado poente com evidências de uma couraça pétrea.

A nordeste do montículo registam-se a dois grandes blocos graníticos que parecem ter sido colocados, intencionalmente, como se delimitassem um corredor de circulação por esse lado (Fig. 7.6). Não foi possível verificar se existiam outros blocos similares em redor do monumento, pelo quadrante este. De destacar que pelos lados oeste e sudoeste os limites do monumento coincidem com um desnível natural muito acentuado.



Fig. 7.6 Blocos graníticos colocados a nordeste do montículo.

Segundo as descrições de Abel Viana, os seus desenhos e as observações de campo agora efetuadas coloca-se a hipótese de o montículo final não corresponder a um projeto arquitetónico pensado de uma só vez, mas sim do resultado de várias fases construtivas, principalmente de dois grandes momentos. O primeiro teria sido o do lado oeste com o objetivo de cobrir o grande afloramento que se encontrava quase no centro e que continha uma cavidade (leia-se abrigo) aberto a leste[202] (Fig. 7.8). Para colmatar toda esta cobertura, ter-se-ia construído uma parede de contenção de sedimentos e blocos pétreos, virada a este, de alvenaria, com blocos de granito e de xisto. Em frente desta parede foram efetuados vários depósitos e ou cremações *in situ*, até

[202] Pela vala aberta a oeste Abel Viana percebe que este afloramento se prolongava "cinco metros para poente (...) metendo-se depois sob outros rochedos grandes cujas dimensões ficaram por averiguar, visto não se ter escavado mais nesse sentido" (Viana, 1955a: 484).

cerca de 2 m de altura. Finalizado o uso da parte frontal do primeiro montículo, o local foi tapado pela construção do montículo nascente, constituído por rampas de blocos pétreos, até ao topo do murete existente do lado oeste e, posteriormente, por sedimentos (Fig. 7.7). Abel Viana (1955a: 487-488) diz a propósito:

"Havia no local, como ainda hoje, um grupo de rochedos, apresentando fendas e cavidades relativamente espaçosas: Nessas anfractuosidades foram lançadas as cinzas das primeiras incinerações. Cobertas as cinzas com lajes a pedregulho, outros depósitos se foram adicionando por cima, até dos ou dos metros e meio de altura, a partir do nível do solo. À medida que o *tumulus* se ia alteando, foram erguendo uma parede de suporte, também de defesa das tumulações. O monumento apresentaria então uma forma aproximadamente, semicircular, com o seu diâmetro orientado no sentido N.-S., e voltado para nascente.

[...]. Quando a metade ocidental estava assim formada, as tumulações continuaram junto à base da parede, ao nível do solo, onde a base natural não permitiu que se aprofundasse, e abaixo desse nível, em outros pontos. A seguir, foram encostando pedregulhos à parede, quer dizer, de encontro à metade do montículo já formado pelo modo atrás exposto, e assim se construiu a outra metade, a oriental (...). Altearam a camada de pedras até atingir a altura de cinco metros em um ponto que ficava à distância de 10 metros e meio, a contar da periferia da mamoa, no lado Norte, em direção ao centro; desse ponto, a camada de pedras descia subitamente para quatro metros, e nesse nível ficou até ao centro da mamoa.

Sobre esta camada de pedregulho assentaram outra de cascalho miúdo e terra vegetal. É provável que esta camada de pedras miúdas e terra escura seja devida a uma longa exposição ao tempo, antes, de terem completado a cobertura da mamoa. Na parte central, foi encontrada, sobre esta camada de cascalho e terra vegetal, uma fila de pedras maiores, regular e horizontalmente dispostas. Sobrepunha-se a isto uma camada de saibro, aqui e além, misturado com barro fino, cuja espessura ia crescendo, desde as abas do montículo, onde mede alguns centímetros, até atingir três metros, no centro".

Noutro ponto do seu texto relata o seguinte sobre a parede oeste (Fig. 7.9):

"Até ao centro da mamoa eram 18 metros e 70 centímetros de caminho a percorrer. O lado direito desta vala (*de escavação*), ou seja, o do Poente, era formado por pequenas pedras cuidadosamente sobrepostas, como parede de alvenaria (....) mais ou menos em forma de

paralelepípedo, assentes em terra amassada e em alguns pontos muito bem travada entre si (...). A referida parede galgava um volumoso penedo nativo (...). A parede continuava segundo quase a meio da mamoa, no sentido do eixo maior do *tumulus*, não se notando do lado de Nascente outra parede que lhe correspondesse, mas somente blocos sobrepostos, formando, por assim dizer, uma pilha de calhaus que até certa altura da base podia considerar-se vertical e daí para cima inclinada para o lado da parede Poente, indo encontrar-se com esta obliquamente" (Viana 1955a: 482, 483).



Fig. 7.7 Corte transversal do monumento, no sentido N-S (Viana, 1955a, adaptado), onde se pode observar, no centro, o afloramento com a cavidade e, mais a norte, um outro afloramento mais pequeno, ambos cobertos pela parede bem estruturada, até uma certa altura, talvez representando a altura do monumento inicial.



Fig. 7.8 Afloramento existente no centro do monumento, do lado oeste, podendo observar-se, no seu topo, os blocos pétreos da parede que lhe passava por cima e parte do montículo.



Fig. 7.9 Em cima: em primeiro plano observa-se o grande afloramento existente, sensivelmente, a meio do monumento, seguido de uma área onde a parede oeste foi destruída devido à abertura de uma vala de escavação superficial, orientada a oeste, por Abel Viana. Em último plano nota-se a continuação da parede que se desenvolve para sul, assim como os sedimentos que a colmataram, no momento de encerramento desta construção. Em baixo: Pormenor do aparelho da parede oeste.

3.6.6. Áreas de tumulação no interior do montículo

Pela bibliografia são, pelo menos, oito as áreas de eventuais depósitos funerários, sete deles na vala norte-sul e um na vala oeste.

3.6.6.1. Vala norte-sul

A vala de direção norte - sul foi a única em que as escavações chegaram à base, ou seja, ao substrato, pelo que foi aqui que se encontraram as deposições mais antigas, nomeadamente as existentes no interior de um abrigo granítico, as que jaziam sob uma grande laje que tapava fendas graníticas e as que ocorreram no interior de uma pequena estrutura contígua a esta última.

O **abrigo,** localizado perto do centro do monumento, tinha entrada a nascente. Era muito irregular e de altura variada, sendo mais elevado a este e a norte, cabendo aí "uma dúzia de pessoas agachadas" (Viana, 1955a: 486). Apesar de se encontrar muito obstruído ainda foi possível entrar neste que espaço (Fig. 7.10) tendo-se verificado a existência de outra entrada, a norte, que foi colmatada por um murete de pedra solta que se encontra sob o montículo oeste (Fig. 7.11). Mede sensivelmente 5 m no sentido norte-sul e cerca de 3,2 m no sentido este-oeste.





Fig. 7.10 Em cima: aspeto do abrigo, muito entulhado existente na base do afloramento que foi escavado por Abel Viana. Na fotografia podem ver-se algumas pequenas cavidades naturais do afloramento designadas por *tafoni* (a régua tem 1,5 m de altura). Em baixo: entrada no abrigo (fot. de Renato Henriques).

Em termos estratigráficos continha duas camadas, sendo a inferior a arqueológica. Abel Viana (1955: 483-484) diz que ele estava cheio "...de terra negra queimada, sendo a camada superficial constituída por terra muito fina, cor de café, sem mistura de pedras, carvões ou qualquer outra coisa. A camada interior era formada por terra negro-cinzenta, com muitos pedacitos de carvão à mistura". Aí foram encontrados alguns esferoides de granito, "um seixo de quartzite, lascado (calhau-raspador), e outras pedras" (Viana, 1955: 484).



Fig. 7.11 Esquerda: Interior do abrigo existente no centro do monumento e sob um grande afloramento, com murete tapando a entrada norte; Direita: extremidade sul do abrigo.

No **exterior do abrigo**, embora encostada ao seu canto sul, já no centro do montículo, foi colocado um grande bloco paralelepípedo, com 2,45 m de comprimento, 1,40 m de largura e 0,80 m de espessura, orientado de nascente para poente. Cobria uma fenda natural "em forma de retângulo muito regular (...) literalmente cheia de cinzas e carvões" (Viana, 1955: 486), com 0,25 m de profundidade por 0,15 m de largura.

Na extremidade este deste bloco, a fenda foi prolongada artificialmente, pelo lado este, através de duas lajes dispostas na vertical sobre uma terceira, também cobertas com cinzas e carvões. Estas lajes não excediam os 0,80 cm de dimensão máxima. Daqui foram exumados dois artefactos (seixos) de pedra lascada, não determinados pelo escavador.

Na área central, que se escavou de cima para baixo, a cotas superiores, registaram-se, pelo menos, mais quatro deposições.

Uma delas apareceu a 10 m a sul do início da vala, e após a retirada de uma "cobertura de pedras soltas" que nesta área atingia o máximo de altura. Sobre esta refere Abel Viana (1955a: 485):

"(...) apareceu uma laje aproximadamente triangular (1m,20 X 0m,90), colocada a prumo sobre o lado mais extenso e fazendo ângulo muito fechado com a parede, à qual encostava um dos vértices. Por baixo, enchendo completamente fendas naturais dos rochedos nativos, surgiu a costumada terra cor de café e, sob esta camada, a terra cinzenta com pedazitos de carvão. Na fenda mais profunda, entre cinzas, carvões e terra calcinada, achava-se o instrumento de pedra lascada, infalível nos pontos onde havia cinzas".

Aqui apareceram igualmente, quatro pequenos fragmentos cerâmicos. Pela descrição e localização é possível que tapasse, parcialmente, parte do afloramento com *tafoni* voltados a nascente, que existe sobre o abrigo.

Outra deposição jazia a 2,5 m acima da base do monumento, ao retirar-se a "cobertura de calhaus". Esta caracterizava-se por cinzas e carvões e pelo achado de "uma quartzite lascada, alguns fragmentos de vasilha de barro, de grande tamanho, uma pequenina foice de bronze e uma pequena conta esférica, perfurada e preta (...) queimada" (Viana, 1955a: 485).

A cota incerta, mas localizada "no ângulo do penedo atrás citado"[203] regista-se nova deposição sob uma laje de forma irregular, com cerca de 1 m de comprimento. "Levantada esta, deparou-se-nos uma camada de terra negro-cinzenta, igual às duas tumulações atrás cotadas, tendo também, no meio fragmentos de carvão vegetal e um seixo trabalhado" (Viana, 1955a: 484).

Uma deposição mais superficial, embora Abel Viana não refira o aparecimento de cinzas e carvões, ter-se-ia verificado nas demolições "da cobertura de saibro", já a cota bastante elevada, pois foi aí encontrada o que parece o pé de uma fíbula.

3.6.6.2. Vala oeste

Um **outro local de deposição**, posterior ao primeiro, pelas condições estratigráficas em que se encontrava, foi localizado aquando da abertura da vala oeste, a 4 m da parede e a cerca de 2 m "acima do plano em que estabelecemos a escavação (aparentemente o nível médio da

[203] Trata-se do grande afloramento existente perto do centro do montículo, com abrigo na base.

base da mamoa)" (Viana, 1955a: 484), ou seja, inserido no montículo. Caracterizava-se por "uma camada de pedra miúda, entremeada de barro, terra negro-cinzenta e carvões" (Viana, 1955a: 484), a que se associava espólio. A escavação deste sítio não foi finalizada (Fig. 7.12).

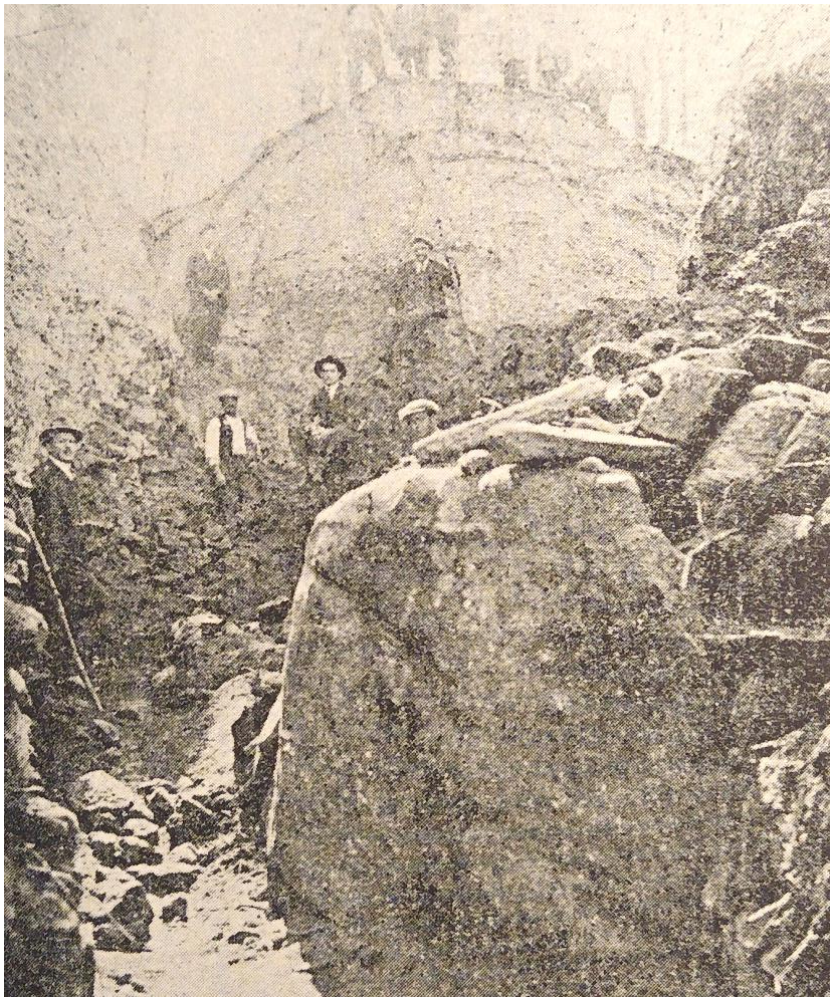


Fig. 7.12 Aspeto final dos trabalhos. Vista de Norte para Sul. Debaixo do penedo que se observa em primeiro plano encontravam-se duas incinerações (fotografia de Abel Viana (1934), adaptado).

3.6.6.3. Síntese

A maioria das deposições reladas parecem encontrar-se na base do monumento, tendo, posteriormente, existido outras, a cerca de 2 m e 2,5 m e, duas delas, por baixo da cobertura de "calhaus" que irá construir-se em frente ao muro oeste (Fig. 7.13). Também nos níveis posteriores, já na cobertura de sedimentos, existente na parte superior do montículo, parecem ter existido reutilizações.

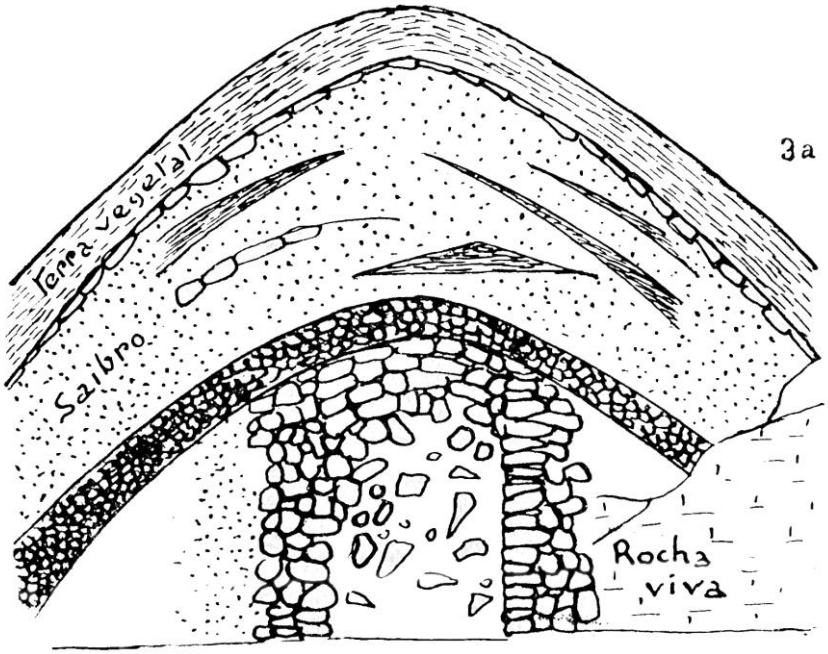


Fig. 7.13 Perfil este-oeste do monumento segundo Abel Viana (1955a, adaptado.) Como o autor não escavou para o lado este, o que representa como um amontoado de blocos pétreos poderá ser uma estrutura distinta, talvez em rampa.

3.6.7. Estudo dos depósitos

Viana (1955a) deixou-nos alguns dados sobre o contexto do material exumado. Em termos do material proveniente do abrigo central, sabe-se que ali foram encontrados vários fragmentos de líticos esferoides, de granito, e um seixo de quartzito, ligeiramente lascado. Ainda no seu interior, sob o bloco paralelepípedo de orientação este-oeste existente na camada mais profunda da cavidade, foram encontrados *"dois instrumentos de pedra lascada"* (Viana, 1955a: 485-486).

Sabe-se, ainda, que, por baixo da laje de tendência triangular, colocada a prumo (ou seja, na vertical) existente um pouco a norte do centro se "*registaram não só, vestígios de incineração e o qual também surgiram alguns fragmentos de cerâmica (4 fragmentos pequenos)"* (Viana, 1955a: 485).

No centro da mamoa, talvez na área em frente à cavidade, foram descobertas, igualmente, porções de cinzas e carvões, como restos de vasos cerâmicos, uma pequena "foicinha" de bronze, uma conta esférica, perfurada, preta, além de um pequeno "fragmento de cobre ou de bronze" (Viana, 1955a: 485). Sobre esta área, em concreto, diz-nos Viana (1955a: 489):

"Somente na camada descoberta no centro, na qual estavam a conta e o foicinho de cobre, a porção de cacos era maior, avultando aquele que corresponde a um fundo de vasilha; mas

igualmente pequenos e escassos são os fragmentos que se podem atribuir à pança e o bordo apenas uma porção limitadíssima".

No que respeita ao material arqueológico que está em depósito no Museu Geológico, em Lisboa, é de destacar que, apesar de escasso, é diverso. Aí encontram-se fragmentos cerâmicos, espólio lítico (como artefactos talhados e polidos, entre depósitos de seixos), uma estela, artefactos metálicos e vítreos (?), restos osteológicos de mamíferos e fauna malacológica. Existem, ainda, amostras de uma quantidade relevante de carvões e de vários tipos de sedimentos. Todos estes materiais foram, em parte, publicados por Abel Viana (1955) mas sem os critérios hoje exigidos. A fauna malacológica foi estudada em meados do séc. XX por Silva e Cabrita (1966).

No estudo feito, no âmbito deste trabalho, notámos a falta de algum material arqueológico no referido Museu. Referimo-nos a uma das peças metálicas que Viana referiu como sendo um pequeno fragmento de cobre ou de bronze e à conta vítrea.

O estudo dos restos de mamíferos foi realizado por Cláudia Costa *do Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour* (ICArEHB), da Faculdade das Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. O estudo da composição química, do único artefacto metálico disponível, foi realizado por Sofia Soares, do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG). As aderências orgânicas existentes na base de um recipiente cerâmico, além de alguns de carvão, foram analisados para datação por AMS, no laboratório *Vilnius Radiocarbon,* do Center for Physical Sciences and Technology, na Lituânia.

Não foi possível o estudo de antracologia e dos sedimentos por ser impossível trazer as amostras para o CIBIO (Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources) e para o Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, em Braga, onde estes estudos seriam realizados, respetivamente.

O estudo dos materiais foi realizado de dois modos distintos por categoria da matéria-prima, e posteriormente, por contexto (quando existente).

3.6.8. Espólio cerâmico

É necessário referir que assumimos que todo o material analisado foi retirado do interior deste monumento tendo por base as informações de Abel Viana, que nos refere alguns pormenores interessantes sobre o seu estado de conservação. Sobre isso diz-nos:

"...os bocados de vasos que apareceram dão a entender que parte das cinzas foram encerradas em urnas funerárias. Não se encontrou nenhuma intacta nem sequer em cada camada de cinzas o número de fragmentos que chegasse para formar uma porção de cacos era maior, avultando aquele que corresponde ao fundo de vaso... Muitos fragmentos são pouco maiores que um grão de milho. É de crer que tais vasos fossem colocados debaixo das lajes, onde as havia, sem nenhuma disposição que lhes favorecesse a conservação, [204](como se viu em alguns outros pontos, fossem mal protegidos por pequenas pedras) em consequência de tudo o que ficou esmagado sob o formidável peso da cobertura" (Viana, 1955a: 489).

O estudo dos materiais encontrados foi realizado tendo em conta as características técnicas e formas com o objetivo de os classificarmos em termos cronológico-culturais. Assim, foi possível isolar, num conjunto de 58 fragmentos cerâmicos, 14 pertencentes à mesma peça e, ainda, quatro fragmentos menores do que 2 cm e, portanto, inclassificáveis

A partir da análise técnico-tipológica fomos capazes de dividir este acervo cerâmico em três grupos cronológicos: um inserível na Idade do Bronze; outro no Ferro Antigo e um terceiro no Ferro Recente.

Cerâmica da Idade do Bronze

Registámos um total de 31 bojos, um colo, quatro bordos e duas bases, cujas características técnicas e formais se enquadram nesta cronologia (Tab. 7.1; Tab. 7.2). Existem, ainda, pelo menos, mais cinco fragmentos de bojos (?), muito rolados e pequenos, que também se parecem incluir nesta cronologia.

Todos os 43 fragmentos são de fabrico manual, de cozedura redutora e cores entre o castanho-escuro e o cinzento. Vinte e quatro são de pastas arenosa, com elementos não plásticos de calibre médio, textura média e acabamento alisado ou indeterminado (cinco casos), por estarem rolados. Dezanove têm pastas arenosas-micáceas, com mica que parece da composição da argila, com elementos não plásticos de calibres médio e pequenos e acabamento polido ou muito rolados (sete fragmentos). As pastas são de cores muito escuras: entre o castanho-escuro e castanho e algum avermelhado e não homogéneas.

[204] Parêntesis do autor.

Tabela 7.1 Tipo de fragmentos da Idade do Bronze na Cova da Moura

Tipologia	Nº. Fragmentos	%
Bordos	4	9%
Bases	2	5%
Bojos	36	84%
Colo	1	2%
Total	**43**	**100%**

Pela diferença de pastas, texturas, colorações e bordos foi possível aferir que deviam existir, dentro desta estrutura, um total de quatro ou cinco recipientes distintos.

No que respeita à fuligem, apenas o vaso que foi possível reconstituir possuía fuligem por fora e por dentro. Quanto aos restantes fragmentos não possuíam fuligem no exterior.

De acrescentar que foi possível reconstituir uma forma embora, após longa pesquisa, efetivamente os fragmentos, sendo do mesmo vaso, não colavam entre si. Estes possuíam fraturas frescas o que pode significar que nem todos os fragmentos foram recolhidos na época da exploração do monumento ou que, após a cremação, apenas alguns fragmentos dos vasos-oferendas foram recolhidos. Trata-se de uma forma de pote 2, de perfil em S, segundo a tabela de formas de Bettencourt (1999: 1054) com bordo esvasado, lábio arredondado e boleado para o interior, com bojo Ovóide, base de fundo plano simples e acabamento alisado (Fig. 7.19). Este vaso possuía aderências no interior do fundo de onde se retirou uma amostra para datação de radiocarbono. Parece ser este o recipiente que se associava à conta de colar e à dita foicinha encontrada no centro do monumento.

Tabela 7.2 Formas cerâmicas da Idade do Bronze

Tipologia	NMI	%
Forma 1	1	50%
Forma 2	1	50%
Total	**2**	**100%**

Há, ainda, um bordo ligeiramente esvasado, de lábio semiplano de um pote da forma 1, segundo a tabela de formas de Bettencourt (1999: 1039-1054). O diâmetro do bordo mede 37,8 cm (Fig. 7.16). As bases eram ambas de fundos planos simples.

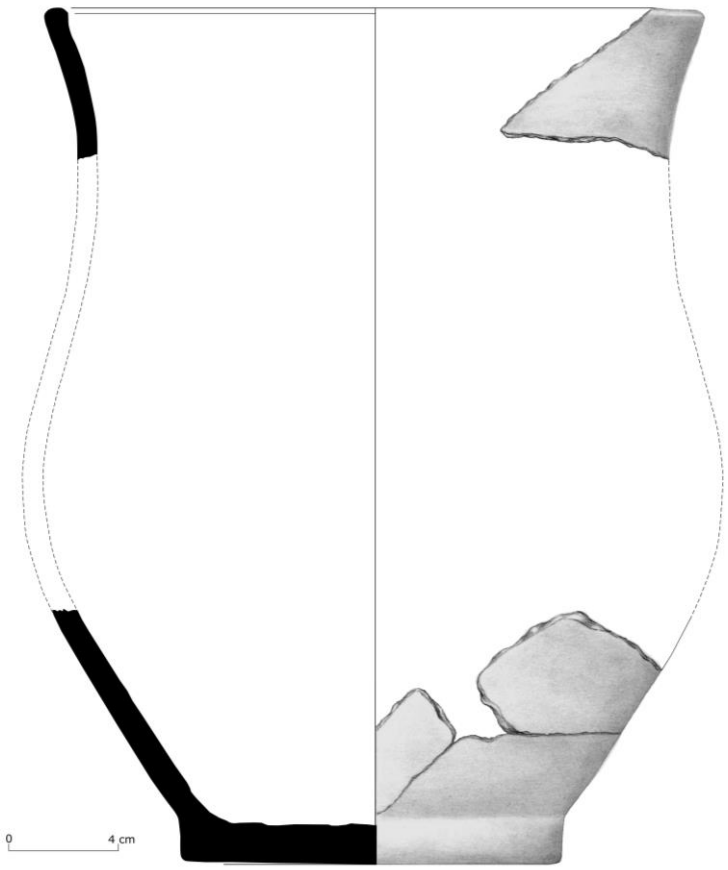


Fig. 7.14 Reconstituição de um pote da forma 2, datável da Idade do Bronze. Dimensões (24,3 cm de diâmetro de boca, 31,5 cm de altura e 14,1 cm de diâmetro de base).



Fig. 7.15 Aspeto do fundo do vaso reconstituído (com matéria orgânica na área interior).

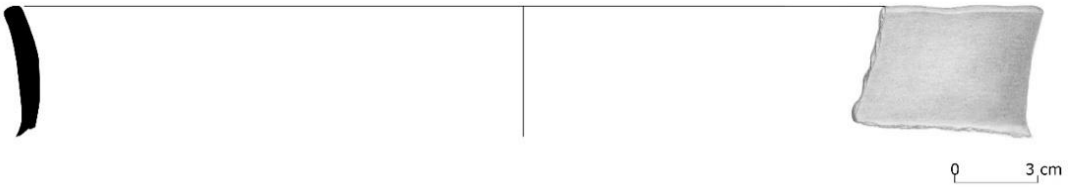


Fig. 7.16 Bordo ligeiramente esvasado de um pote da forma 1.

Um dos bojos é decorado com um cordão aplicado na horizontal, na área de contacto entre o colo e a parede. Sobre o colo tem várias linhas brunidas na diagonal, paralelas entre si, preenchidas com outras linhas brunidas na diagonal, mas em sentido contrário (Fig. 7.17). Trata-se de um fragmento de cerâmica de ornatos brunidos.

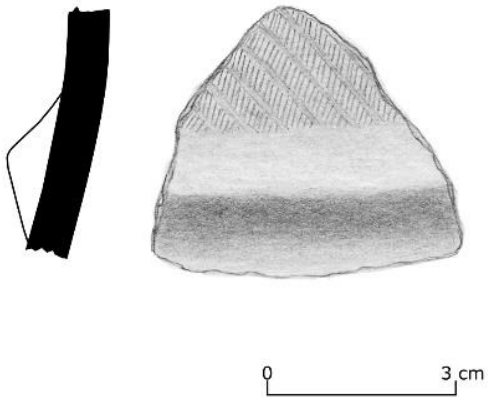


Fig. 7.17 Bojo decorado por decoração brunida e aplicação plástica.

Cerâmica da Idade do Ferro

Este grupo é constituído por dois tipos de fabricos, cozeduras e formas distintas que correspondem a dois momentos da Idade do Ferro a saber: Ferro Antigo e Ferro Recente (Fig. 7.18).

O grupo considerado do Ferro Antigo é composto por fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pasta micácea, cozedura redutora e acabamento alisado. Nele foram incluídos seis bojos e um bordo, num total de sete fragmentos. O bordo é em aba horizontal, correspondente a uma forma de pote (forma 1c) segundo a tabela de formas de Martins (1990: 143-148). Finalmente um fragmento de bojo possui uma grande quantidade de fuligem no exterior.

O grupo considerado do Ferro Recente é composto apenas por dois bordos de diâmetros distintos. Ambos são produzidos à roda, de pastas de que tipo micácea, com elementos não

plásticos de pequeno calibre, cozeduras oxidantes, e de cor castanho-clara e acabamentos polidos. Um desses bordos possuía fuligem no exterior.

Um dos bordos é em aba soerguida, o qual não foi possível achar o diâmetro devido ao seu diminuto tamanho, enquadrável, provavelmente, na forma 1b – pote, de Martins (1990: 155-163) e o outro na forma 2 - potinho/púcaro, em aba soerguida, com diâmetro de boca de 17,3 cm, segundo a mesma tabela de formas.

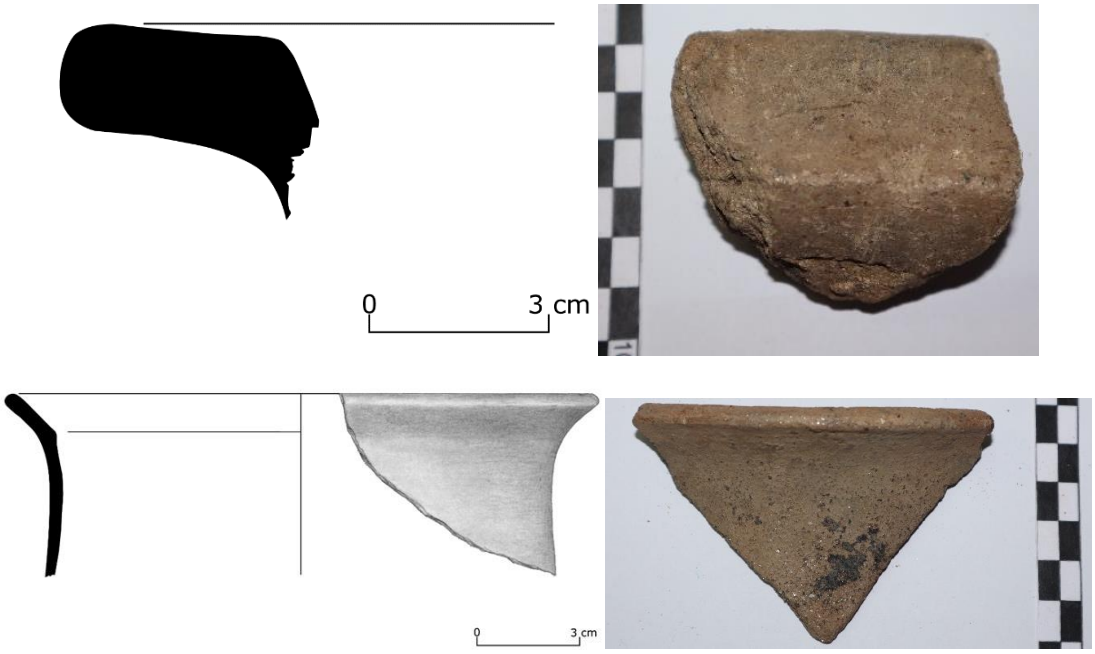


Fig. 7.18 Forma 1c – pote do Ferro Antigo e forma 2 - potinho do Ferro Recente.

Cerâmica romana

Finalmente, de referir ainda um bojo de ânfora (da área da Bética). Neste caso poderá ser do período final da Idade do Ferro, apesar de persistirem até ao período alto-imperial. Foi ainda estudada uma base de fundo plano simples de cerâmica comum romana, de produção a torno, de cozedura oxidante, de pasta arenosa, de acabamento alisado e com pequenos elementos não plásticos de tipo micáceos (Fig. 7.19).



Fig. 7.19 Fragmentos datáveis do séc. I d.C. (do lado esquerdo fragmento de cerâmica comum romana; do lado direito fragmento de ânfora romana).

3.6.9. Espólio lítico

O material lítico recolhido por Abel Viana pode subdividir-se em artefactos e outras recolhas. O grupo dos artefactos pode subdividir-se em artefactos lascados, afeiçoados e ainda polidos (Tab. 7.3). A estes adiciona-se, ainda, uma estela.

Em termos da origem da matéria-prima, com exceção de um núcleo, em sílex, todos os elementos analisados foram produzidos ou talhados a partir de rochas locais (granito, quartzito e xisto).

Artefactos

No grupo dos artefactos líticos lascados identificámos cinco sobre seixos rolados de quartzito: um núcleo; um seixo com talhe bifacial, pontiagudo, muito irregular; um seixo com talhe bifacial (já bastante rolado) e dois pesos de rede. Neste grupo cabe, ainda, uma lasca de seixo quartzítico, retocada e um núcleo de sílex.

Este material é descrito por Abel Viana (1955a: 493-494) que reconhece 14 artefactos sobre seixos rolados (dois bifaces imperfeitos que classifica como paleolíticos; cinco seixos retocados unifacialmente, antigos, que teriam sido reaproveitados durante o seu uso no monumento; dois raspadores antigos; um seixo retocado tendo servido de percutor na outra extremidade (este sem número de inventário); dois seixos retocados na periferia que considera tampas de vasilha[205] e dois pesos de rede).

[205] Poderão ser o que se classifica como núcleos.

Reconhece, também, artefactos sobre lascas e lascas sem retoque, num total de sete (duas lascas com indícios de uso; uma raspadeira, sobre lasca triangular; um raspador; uma lasca afeiçoada em ponta triangular e retocada lateralmente e duas lascas lisas).

Tabela 7.3 Listagem de artefactos líticos lascados depositados no MSGP

Nº. Inv.	Tipologia	Tipo de rocha	Comp. (cm)	Larg. (cm)	Espes. (cm)	Peso (gr.)	Fotografia
261.1	Seixo rolado, talhado bifacialmente	Quartzito	23,6	13,1	4,2	253	
261.2	Núcleo residual	Sílex	3,6	3,6	2,4	56	
261.40	Peso de rede	Quartzito	6,2	4,3	1,6	78,3	
261.36	Lasca sobre seixo rolado, retocada	Quartzito	11,1	7,2	2,8	278	
261.42	Núcleo sobre seixo rolado	Quartzito	10	7,2	4,9	423	

261.43	Raspador sobre seixo rolado	Quartzito	7,1	4,6	2,7	125,9	
261.44	Núcleo sobre seixo rolado	Quartzito	9,6	8,6	4,4	365	
261.45	Núcleo sobre seixo rolado	Quartzito	9,8	8,9	4,4	378	
261.47	Núcleo (?)	Quartzito	11,6	10,5	6,4	758	
261.48	Núcleo sobre seixo rolado	Quartzito	12,6	9,9	6,2	968	
261.49	Núcleo sobre seixo rolado	Quartzito	10,7	10,6	5,5	655	
261.50	Núcleo sobre seixo rolado	Quartzito	9	9,2	5,3	490	
Sem número	Seixo rolado, retocado bifacialmente ou núcleo	Quartzito	8.5	5.6	3.2	124	

261.60	Peso de rede (?)	Granito	7,3	7,7	2,7	206	
261.98	Lasca afeiçoada em ponta triangular e retocada lateralmente, sobre seixo rolado	Quartzito	5,3	4,1	2,4	26	
261.99	Lasca de quartzito	Quartzito	3,3	2,4	1,2	8	
261.125	Núcleo sobre seixo rolado	Quartzito	9,1	8,8	4	359	

Se alguns destes objetos (seixos talhados, núcleo sobre seixo e lasca retocada) (Fig. 7.20) podem ter sido recolhidos na plataforma litoral, juntamente com os sedimentos que compõem o montículo, e serem mais antigos, o que poderá explicar o rolamento de um deles, não se pode descartar a hipótese de alguns poderem ter sido talhados durante as fases de construção e uso deste monumento.

Alguns foram recolhidos *in situ*, nas cavidades e fendas que continham carvões e cinzas, dois nos "desentulhos" dos primeiros 6 m da vala norte e um (grande lasca talhada em forma de ponta de lança de base côncava, muito rudimentar[206]) na área dos sedimentos do montículo onde ocorreu o pé de fíbula e fragmentos cerâmicos.

[206] Que não identificámos.



Fig. 7.20 Núcleo sobre seixo quartzítico.

Foram, ainda, exumados dois pesos de rede sobre seixos quartzíticos, rolados, com truncaturas de ambos os lados (Fig. 7.21; Fig. 7.22).



Fig. 7.21 Pesos de rede sobre seixos rolados de quartzito.

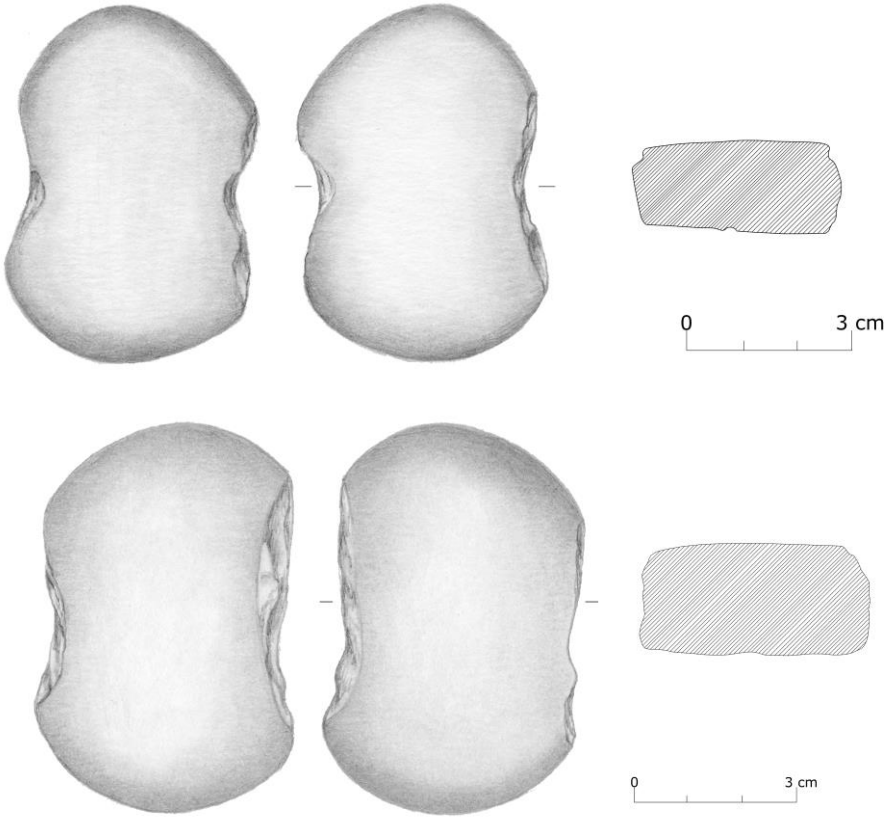


Fig. 7.22 Pesos de rede sobre seixo rolado.

O núcleo de sílex opaco (Fig. 7.23), de cor castanho-clara ou bege, é residual. Abel Viana não o refere na sua bibliografia pelo que se coloca a questão de poder não ser proveniente deste local, encontrando-se esta peça trocada.

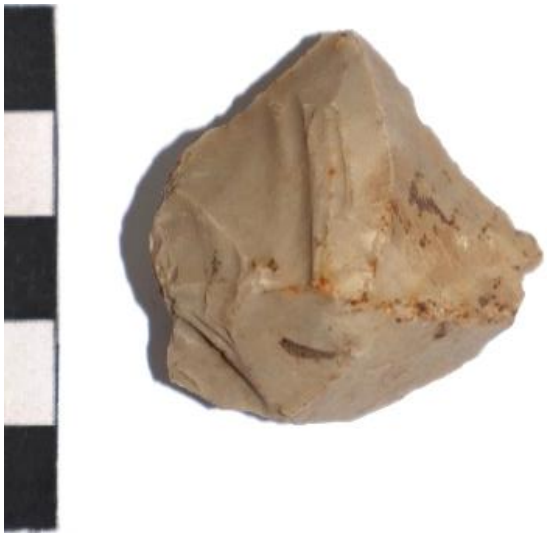


Fig. 7.23 Núcleo de sílex dado como sendo deste local.

No grupo dos artefactos em pedra polida foi registado um objeto feito num calhau de granito de duas micas, de grão médio, fragmentado nas duas extremidades e polido em todas as

faces (n.º invent. 261.56). Possui 12,3 cm de comprimento, 8,3 cm de largura e 5,9 cm de espessura. Em ambas as faces, aplanadas, foi aberto um sulco de secção em U, com 2,1 cm de largura, 2,4 cm de profundidade, sem qualquer tipo de desgaste. Estaremos face a um molde duplo de barras? (Fig. 7.24).



Fig. 7.24 Lítico com caneluras longitudinais, bifaciais, de função desconhecida (desenho e fotografia): Molde duplo (?).

Abel Viana (1955a: 483) refere, ainda, um grupo de moinhos. Um deles é descrito como uma "pedra semi-esfeirodal" com "uma face achatada e muito polida" que teria servido de moinho movente. Foi recolhido nos entulhos dos primeiros 6 m da vala norte. Refere um outro moinho de granito "com indícios de utilização prolongada em uma das faces" (Viana, 1955a: 483) (Tab. 7.4; Fig. 7.25; fig. 7.26).

Tabela 7.4 Listagem de instrumentos líticos de moagem

Nº. Inventário	Tipologia	Tipo de Rocha	Compr. (cm)	Larg. (cm)	Espes. (cm)	Peso (gr.)
261.34	Fragmento de moinho movente	Granito de grão fino	12,6	10	5,8	1341
261.128	Moinho com uma face muito polida	Granito de grão fino	15,1	11,4	6,5	1173



Fig. 7.25 Possível moinho movente com apenas uma das superfícies ligeiramente polidas.



Fig. 7.26 Mó partida com a superfície muito polida (desenho e fotografia).

Outras recolhas líticas

A. Viana refere, também, sete possíveis percutores, dois de xisto, um de granito alterado com "indícios de regularização" e outro "de grés micáceo" (Viana 1955a: 491-492). De facto, à exceção, dos percutores em xisto e de granito alterado, os restantes são em granito de fino (Tab. 7.5; Fig. 7.27; Fig. 7.28).

Tabela 7.5 Percutores da Cova da Moura

Nº. Inv.	Tipologia	Tipo de Rocha	Comp. (cm)	Larg. (cm)	Espes. (cm)	Peso (gr.)
261.26	Percutor pontiagudo	Granito de grão fino	12,7	5,7	3,1	317
261.27	Percutor	Xisto	12,8	5,8	3,2	401
261.28	Percutor	Granito de grão fino	13	5,6	2,3	279
261.30	Percutor	Xisto	12,7	6,7	3,8	467
261.31	Percutor	Granito de grão fino (alterado)	11,2	6,9	2,6	269
261.32	Percutor	Granito de grão fino	11,2	7,2	3,2 cm do gume - 0,6 cm	352
261.33	Percutor alongado	Granito de grão fino	9,8	5,9	3,9	307



Fig. 7.27 Alguns percutores.

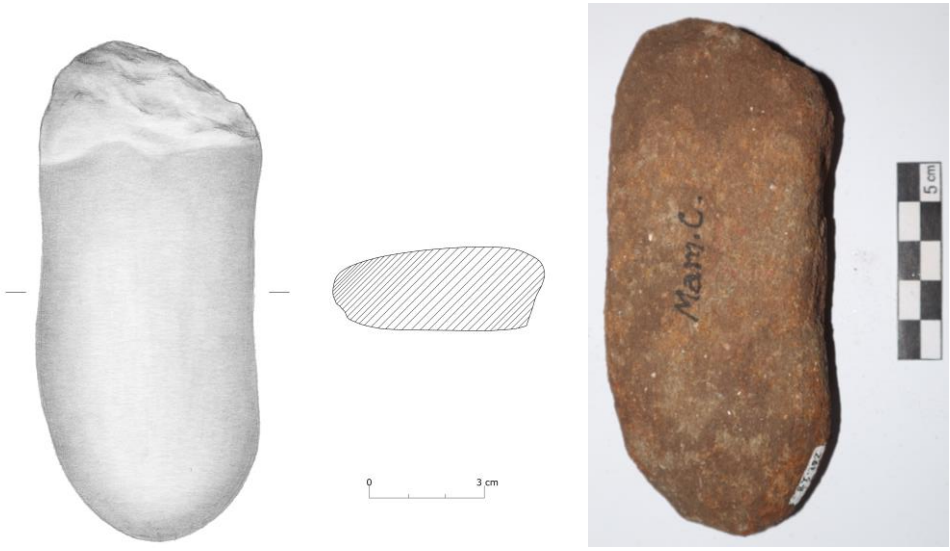


Fig. 7.28 Possível percutor (desenho e fotografia).

Destacamos, ainda, a quantidade de esferoides, em granito, depositadas no MSGP (10 exemplares) recolhidos neste monumento. Têm formas ligeiramente ovais ou arredondadas. São de pequenas dimensões e de peso variado, entre os 15,2 e os 188,3 gramas (Tab. 7.6; Fig. 7.29). Trata-se de formas naturais podendo ser originárias da densidade de fracturação do granito da região[207], embora tenham sido usadas intencionalmente pelos construtores da Cova da Moura. Farão parte dos nove líticos, ligeiramente esferoides, algumas delas partidos, em granito, de função é desconhecida (Viana, 1955a: 483 e 491).

Tabela 7.6 Listagem dos esferoides

Nº. Inventário	Compr. (cm)	Larg. (cm)	Peso (Gr.)
261.102	3,3	2,7	36,9
261.103	3,9	2	15,2
261.104	5	3,9	85,4
261.105	5,4	3,9	97,4
261.106	4,7	4,9	81,2
261.107	6,2	3,4	145,5
261.108	5,4	5,2	185,7
261.109	6,4	4,8	188,3
261.110	6,2	4,5	159,3
261.111	6,2	3,9	174,4

[207] Esclarecimento dos geólogos Sofia Soares do LNEG e José António Anacleto, do Museu dos Serviços Geológico de Portugal, a quem agradecemos.



Fig. 7.29 Exemplos de líticos esferoides.

Identificaram-se, ainda, no museu, três seixos rolados de quartzito, de pequeníssimas dimensões (Tab. 7.7) (com menos de 2 cm de comprimento); um seixo rolado de granito muito fino; dois pequenos calhaus angulosos de quartzo de dois tipos: hialino e leitoso (entre translúcido e ligeiramente branco opaco) e um calhau anguloso de quartzito. Alguns dos quais farão parte dos cinco seixos rolados de pequenas dimensões referidos por Viana (1955: 495).

Tabela 7.7 Listagem de seixos rolados e de calhaus angulosos

Nº. Inv.	Tipologia	Tipo de rocha	Comp. (cm)	Larg. (cm)	Espes. (cm
261.19	Seixo rolado	Quartzito	<2	-	-
261.19	Seixo rolado	Quartzito	<2		
261.18	Seixo rolado	Quartzito	<2	-	-
261.18	Seixo rolado	Granito de grão muito fino	6,1	4,3	1,4
261.100	Calhau anguloso	Quartzo leitoso com incrustações de feldspato	2,5	1,7	1
261.101	Calhau anguloso	Quartzo hialino	2,4	1,5	0,7
261.99	Calhau anguloso de contorno triangular, ligeiramente pontiagudo	Quartzito	3,2	2,4	1,1

Em nota de rodapé Abel Viana (1955: 497) diz que neste monumento apareceram, também, entre as cinzas "fragmentos de cristais de quartzo negro (turmalina)" e um inteiro (Fig. 7.30).



Fig. 7.30 Fragmentos de cristais de quartzo negro.

Há, ainda, a referir "as pedras imperfeitamente esferoidais e com sinais de terem sofrido a ação do fogo" mencionadas por Viana (1955: 483 e 485-486), e que se recolheram nos entulhos dos primeiros 6 metros da vala norte e se depositaram no abrigo, existente no centro do monumento, além de um conjunto de nove exemplares líticos, que possuem uma das faces aplanadas ou semi-aplanadas. O objetivo da inclusão deste tipo de objetos líticos neste monumento é desconhecido (Fig. 7.31).



Fig. 7.31 Calhaus com uma face aplanada ou imperfeitamente esferoidais.

Estão ainda, no MSGP, um conjunto, relevante de blocos graníticos e de xisto, num total de seis peças (Fig. 7.32). Segundo Viana (1955a: 483) eram:

"alongadas e regularmente afeiçoados, uns triangulares; outros fusiformes, que se nos afiguram intencionalmente regularizados, embora de modo extremamente grosseiro. Medem entre 20 e 25 centímetros e comprimento por 7 a 9 de largura e 4 de espessura máxima, termo médio".

Alguns, de forma triangular, grosseiramente afeiçoados, parecem elementos de paredes. Os fusiformes são blocos foram trabalhados pelo homem[208] (Fig. 7.32; Fig. 7.33).



Fig. 7.32 Líticos afeiçoados em formato fusiforme.

Não sabemos o seu significado, apenas sabemos que foram recolhidas "no desentulho dos primeiros seis metros" (Viana 1955a: 483) da vala norte, sendo que quatro desses metros já tinham sido explorados em 1901, pelo que muitas destas lajes estariam descontextualizadas.

[208] Esclarecimento prestado pelo geólogo Pedro Pimenta (Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho), a quem agradecemos.

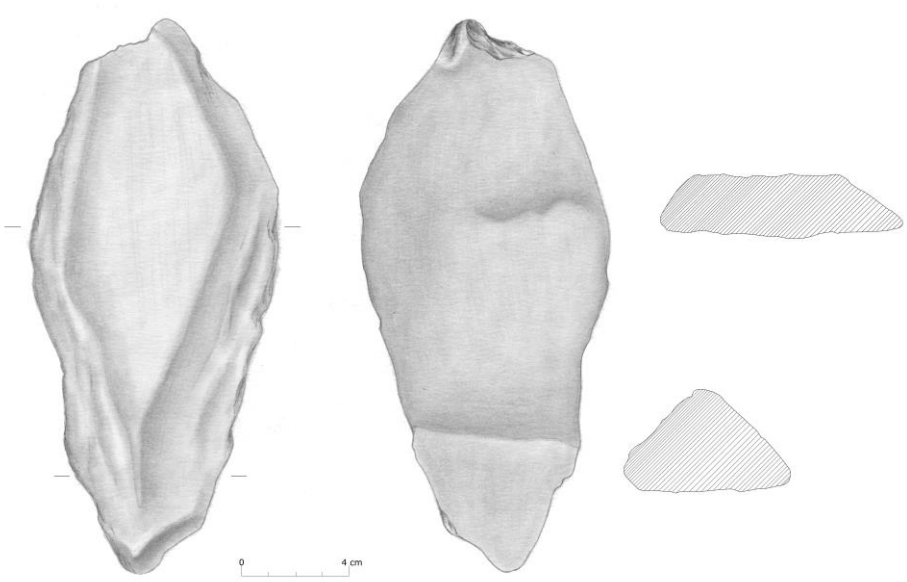


Fig. 7.33 Lítico em formato fusiforme.

Estela e outras lajes de tendência antropomórfica

Além de todos estes líticos recolhidos, é de destacar uma estela de tendência antropomórfica, feita em xisto andaluzítico, típico da região, e exumada na vala norte, "ao fundo desta parte já revolvida por precedentes exploradores..." (1955a: 483).

Abel Viana (1962: 63) descreve-a da seguinte forma:

"Laje antropomorfa, de gneisse, grosseiramente afeiçoado no contorno da cabeça e ombros. As faces da pedra não foram alisadas mas em uma delas nota-se a indicação, extremamente rude, dos olhos, nariz e da boca, assim como dos braços fletidos e com as mãos junto à altura do seio esquerdo e ainda do sexo (feminino)".



Fig. 7.34 Estela de tendência antropomórfica (frente e verso).

Mede 56,2 cm de altura, cerca de 31,9 cm de largura e cerca de 10 cm de espessura. A área que corresponde à cabeça tem um total 24,2 cm de comprimento e 24,5 cm de largura máxima (Fig. 7.34; Fig. 7.35). Os ombros medem 3,2 cm. Além disso, foi possível notar, pelo menos, um olho gravado, neste caso o direito. Tem cerca de 5 cm de comprimento por 5,5 cm de largura. O nariz com cerca 7 cm. Os sulcos dos olhos e nariz foram efetuados por incisão seguida de abrasão, com um sulco pouco profundo e pouco percetível. Os braços foram grosseiramente esculpidos, motivo pelo qual esta peça pode considerar-se uma proto-estátua. Aliás conclusões que o próprio Abel Viana retirou do estudo desta peça.

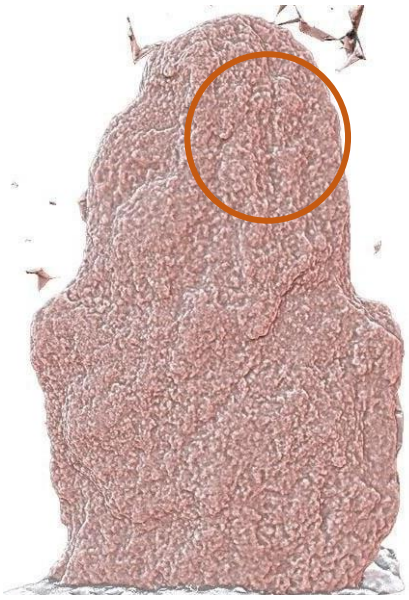


Fig. 7.35 Representação da estela analisada através de fotogrametria. Assinalado com um círculo nota-se a área dos olhos e nariz.

Esta peça teria sido recolhida juntamente com outra, mais perfeita, também com a forma de "busto humano", mas da qual se encontraram apenas três fragmentos que se perderam (Viana, 1955: 438). Abel Viana (1955a: 490) refere mais oito lajes de gneiss, de "sentido antropomorfo", três das quais, de forma subtriangular, foram encontradas "com o vértice para baixo nos pontos em que se descobriram montes de cinzas e carvões, de mistura com esferóides de pedra, instrumentos de pedra lascada, etc." (Fig. 7.36; Tab. 7.8).

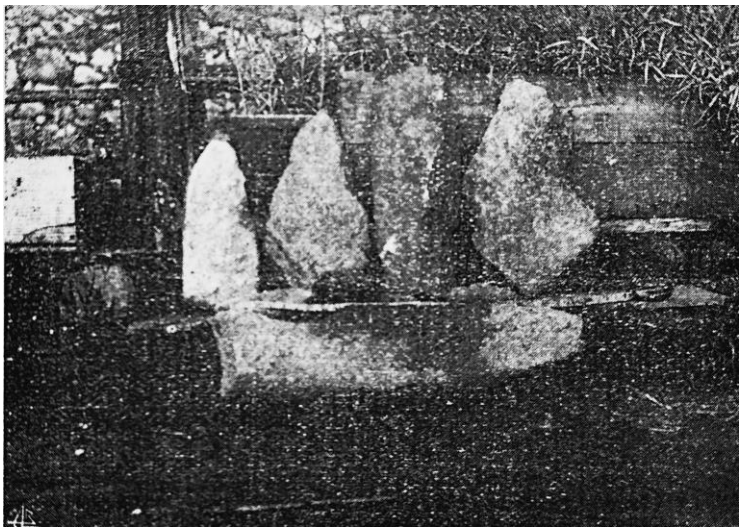


Fig. 7.36 Lajes de tendência antropomórfica depositadas no Museu de Viana do Castelo, em 1931 (Viana, 1943: 19, adaptado).[209]

Tabela 7.8 Estelas de tendência antropomórfica de paradeiro desconhecido, descritas por Abel Viana (1955a: 489-490)

Formato	Compr. (cm)	Larg. (cm)	Espes. (cm)
Subtriangular	37,5	17	0,87
Subtriangular	21,5	10,4	0,53
Subtriangular	20	13	0,55
Subtriangular	46	23	0,62
Losângico	54	21	12
Poligonal irregular	50	29	11
De secção rectangular	72	20,5	0,77
De secção rectangular	33,3	15,3	0,68

3.6.10. Espólio metálico

No que respeita a metais, apenas se encontra no Museu Geológico, parte do que podemos considerar como uma foice de talão ou de tipo Rocanes. Este artefacto encontra-se fragmentado na extremidade mais aguçada, possuindo 6,4 cm de comprimento máximo, 3,7 cm de largura máxima e cerca de 0,3 cm de espessura. No entanto ao tempo da sua recolha encontrava-se inteiro (Fig. 7.37). Encontra-se, ainda, em estado de degradação e em plena corrosão ativa, motivo pelo qual quase não se percebe o talão.

Abel Viana (1955a: 495) descreve-a do seguinte modo:

[209] Não se encontram no referido museu.

"... com nervura central a todo o comprimento, em ambas as faces, e com resto de alvado. Pouco tempo após a sua extracção da mamoa, a extremidade oposta à base desfez-se completamente. Comprimento primitivo: 0,80 cm; larg. máx.: 0,3 cm."

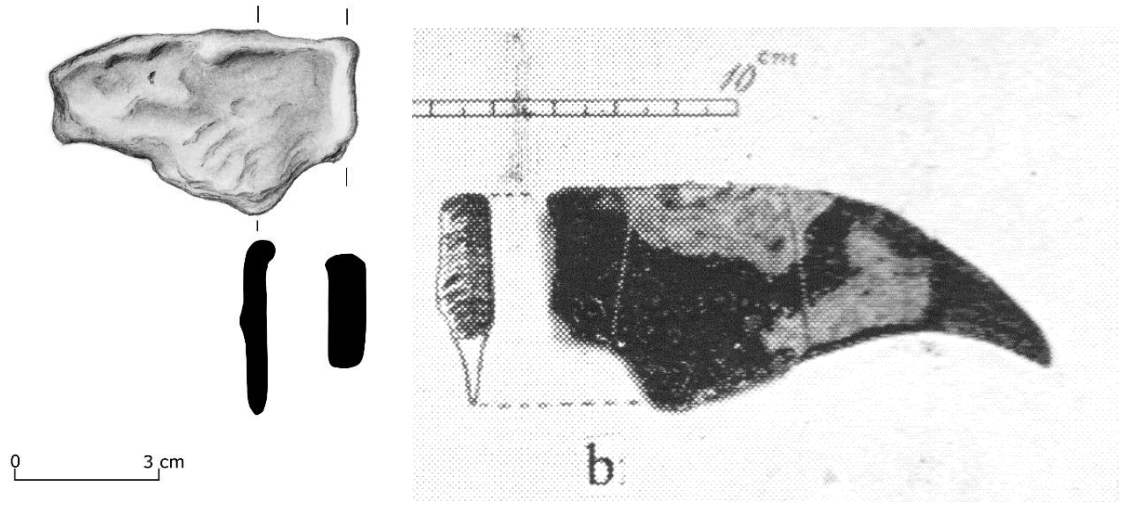


Fig. 7.37 Fragmento de foice, fragmentada na extremidade mais aguçada (desenho de Amélia Marques e Nuno Oliveira; e fotografia no lado direito de A. Viana (1955a), adaptado).

Esta peça foi, ainda, alvo de análise à sua composição química, no âmbito deste projeto, por parte de Doutora Elín Figueiredo, do LNEG[210]. Essas análises foram efetuadas pelo equipamento FRXP da Hitachi, série X-MET8000, e utilizado o método Mining LE-FP (light elements fundamental parameter), para se apurar a composição dos metais presentes (Fig. 3.38). Devemos assumir que a análise realizada revelou apenas a presença clara de cobre e estanho, em valores bastante relevantes[211].

[210] A quem agradecemos.

[211] Ainda assim quanto aos restantes elementos químicos que estão presentes não é possível uma leitura completa visto que o software existente no equipamento utilizado não é efetivamente o mais adequado na caracterização de ligas metálicas. (Fonte: Relatório interno da Dra. Elín Figueiredo, do LNEG).

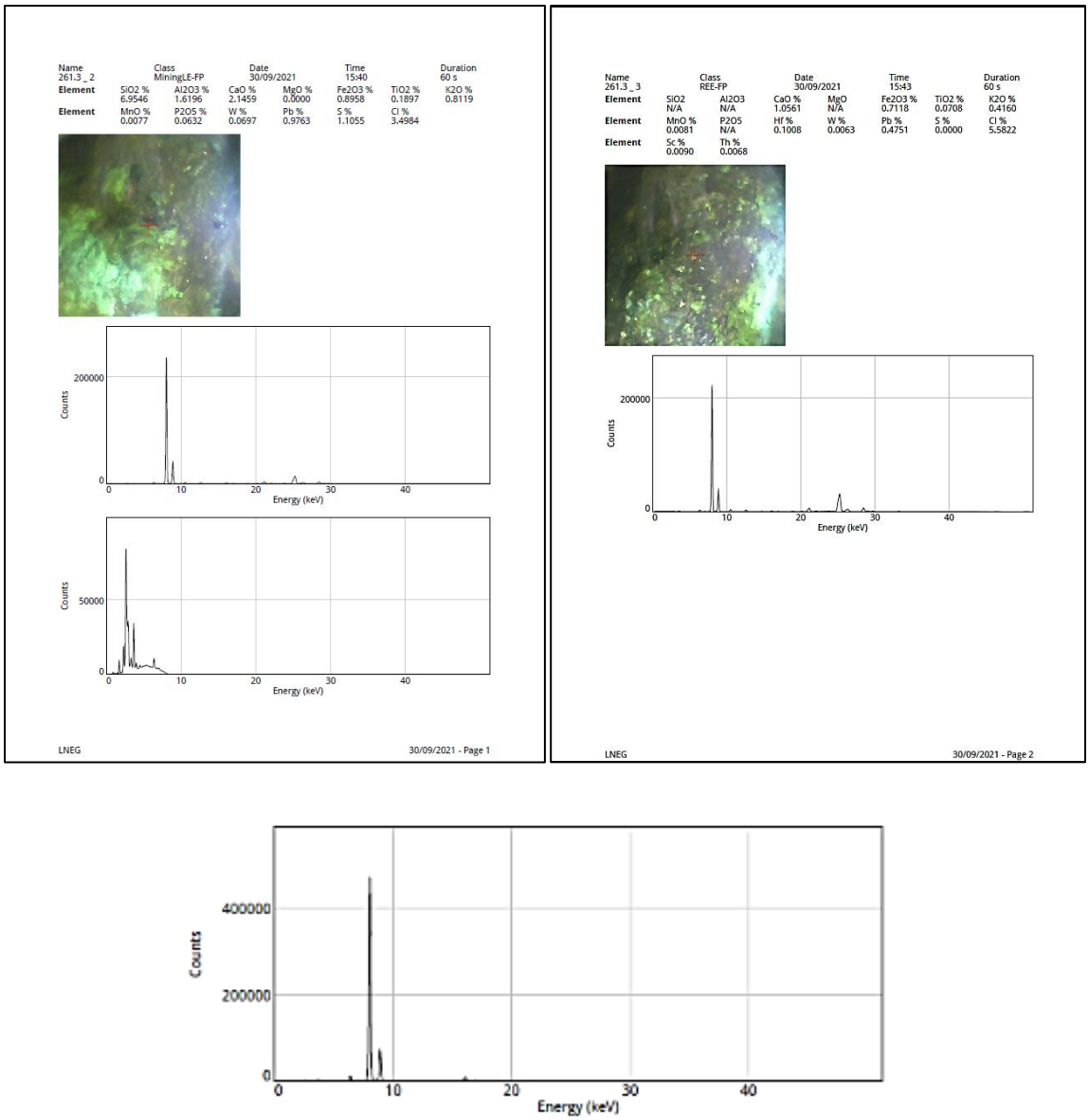


Fig. 7.38 Análises à foice (Fonte: Relatório interno - LNEG).

Segundo estas análises e tendo em conta a margem de erro obteve-se os resultados que se encontram no quadro seguinte (Tab. 7.9), além de outros elementos, como chumbo, silício, ferro e tungsténio, entre outros elementos vestigiais. Trata-se, efetivamente de uma liga de cobre com baixa percentagem de estanho.

Tabela 7.9 Principais elementos químicos encontrados na foice metálica

Si **Silício**	**Cl** **Cloro**	**Ca** **Cálcio**	**Fe** **Ferro**	**Cu** **Cobre**	**Sn** **Estanho**	**W** **Tungsténio**	**Pb** **Chumbo**
3.2513	3.4984	1.5339	0.6264	**55.0056**	**4.8482**	0.0697	0.9763

Foi, ainda, registado por Viana (1955a: 501) um outro objeto metálico que não se encontra em depósito no Museu[212]. Trata-se de:

"... um cravo (?) de cabeça quadrada, dobrado em ângulo reto. A cabeça mede 11x12 milímetros. O comprimento da peça de 20 milímetros. A grossa camada de verdete não deixa ver outras particularidades. Parece que, do lado para o qual se dobra, tem uma canelura, a todo o comprimento" (Viana, 1955: 495).

Pelo desenho de Viana (1955a: 501, estância V, n.º 2a) pode tratar-se da extremidade de uma fíbula de tipo Santa Luzia, atribuível ao Ferro Antigo (Fig. 7.39).

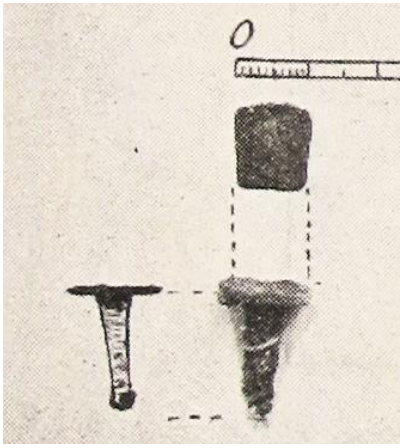


Fig. 7.39 Cabeça de fíbula (?) encontrada no interior da Cova da Moura (Viana, 1955: 501, adaptado).

3.6.11. Espólio vítreo (?)

Há, também, notícia de uma conta de colar, que teria aparecido junto à foice e a alguns fragmentos cerâmicos. Esta não se encontra depositada no Museu dos Serviços Geológicos. Era, segundo a descrição de A. Viana: "achatada nos polos em que se abriu o furo que a atravessa de lado a lado. Media 8 milímetros de diâmetro, entre os dois pontos perfurados, e 9 milímetros no sentido transverso. A superfície era preta, polida e luzidia. Uma parte da superfície estalou, permitindo observar o interior, de cor preta e de aspeto esponjoso, como se houvesse derretido sob ação do fogo intenso" (Viana, 1932i: 2; 1955a: 495).

[212] Verificou-se se estaria no Museu de Beja, mas não consta do acervo desse museu.

3.6.12. Restos de fauna

Restos ósseos de mamíferos[213]

Foi registado um total de cinco fragmentos de ossos de animais e três dentes que foram estudados pelo Doutora Cláudia Costa[214]. Foram encontrados "disseminados pelas terras da mamoa" (Viana 1955a: 495). Estes correspondem todos a animais domésticos, como de bovino (*Bos* sp.), ovino (*Ovis sp.*), ovino/caprino e porco (*Sus* sp). Todos os restos ósseos se encontravam fragmentados e dois deles aparentam ter estado com contacto direto com o fogo, por se encontrarem calcinados (Tab. 7.10).

Tabela 7.10 Restos ósseos encontrada na Cova da Moura

Fragmento de úmero distal de ovino/caprino	
Fragmento de diáfise de osso longo calcinado	
Fragmento distal de tíbia (talvez de ovino/caprino) Calcinada	

[213] Fotografias de Museu Geológico de Portugal (Dr. José António Anacleto).
[214] A quem agradecemos.

3ª falange de *Bos* sp. completa	
Articulação de crânio – macrofauna	
Articulação de crânio – macrofauna	
Fragmento de úmero distal ovino	
Falange de *Bos* sp. Falange III	

No caso do fragmento de diáfise de osso longo calcinado, notavam-se alguns entalhes, contudo não são marcas de corte, mas sim marcas de escamação próprias do processo de calcinação e da perda de elasticidade do osso.

Tabela 7.11 Dentes de animais encontrados na Cova da Moura

Molar inferior de *Bos* sp.	
Molar inferior de *Sus* sp.	
Molar inferior de ovino/caprino	

Fauna malacológica

A classificação dos moluscos recolhidos por Abel Viana (1955a: 495) aquando da escavação "nas diversas camadas de terras da mamoa" foi efetuada por Silva e Cabrita (1966: 315). Estes autores classificaram-nos desta forma: 9 exemplares de conchas de *Patella vulgata*, 6 exemplares de conchas *Patella litórea*, 4 exemplares de conchas de *Trochocochlea colubrina*, 1 de *Purpura lapillus*, 4 exemplares de conchas de litorina litórea e 1 exemplar de concha de *Mytilus edulis*.

No mesmo trabalho os autores referem um artigo de Octávio da Veiga Ferreira (1958), sobre a importância da *Purpura lapillus,* dando ênfase ao facto de a partir dessa concha ser possível a extração da tinta púrpura.

3.6.13. Restos de carvões

Abel Viana recolheu uma quantidade apreciável de carvões. Estes não foram analisados devido a constrangimentos burocráticos.

Amostras de sedimentos

Quanto às amostras de sedimentos há a referir dois aspetos relevantes (Fig. 7.40). O primeiro é que não se conhecem os seus contextos de proveniência. O segundo é que, estão contaminados[215], já que não estavam devidamente embalados. Ainda assim, achamos pertinente crivá-los[216]. Esperávamos encontrar restos animais ou humanos, mas tal não sucedeu. A crivagem manual foi realizada com crivos pequenos de 50 cm^2, por sucessivas malhas: 1 mm, 500 uμ, 250 uμ, 180 uμ, 63 uμ de espessura. Foi também efetuada uma observação microscópica, a cargo da Mestre Maria Helena Gomes[217].

Tendo em conta a cor dos sedimentos podemos colocar a hipótese de que, pelo menos, os de cor negra serão provenientes das áreas de depósito das cremações. Foram, por isso, retiradas amostras desses sedimentos. Os restantes, pela sua cor, compacidade, inclusões de raízes e pequenos seixos poderão ser das camadas superiores do montículo.



Fig. 7.40 Condicionamento das amostras de carvões e de sedimentos, existentes no Museu Geológico de Lisboa.

[215] Foi encontrada o resto de uma unha humana.
[216] Estes crivos foram fornecidos pelo Dr. José Anacleto (Museu Geológico de Portugal) a quem agradecemos.
[217] Mestre em Evolução e Biologia Humanas, pela Universidade de Coimbra, a quem agradecemos os trabalhos realizados em sede do Museu Geológico de Portugal.

3.6.14. Datações de radiocarbono

Foram efetuadas três datações de radiocarbono, no Laboratório *Vilnius Radiocarbon,* do Center for Physical Sciences and Technology, na Lituânia. Foram datados dois conjuntos de materiais orgânicos vegetais, carbonizados e aderências orgânicas existentes no pote que foi reproduzido através do desenho, no item 4.4.1.1. deste trabalho (Tab. 7.12).

A primeira datação, a mais antiga (3261±31 BP), data a primeira ocupação do local do final do séc. XVI aos inícios do séc. XV a.C., ou seja, ao Bronze Médio. Um pouco mais recente, é a datação dos resíduos orgânicos contidos no recipiente, também da segunda metade do II milénio AC, entre os inícios/meados do séc. XV e os inícios do séc. XIV AC, um intervalo que se pode considerar igualmente, do Bronze Médio. A datação obtida adequa-se às características técnicas e formais do recipiente de onde foi extraída a amostra.

Finalmente, a terceira amostra, considerando a maior probabilidade a 2 sigma, data um terceiro momento de ocupação, dos fins do séc. XI aos inícios do séc. IX AC, sendo provavelmente do séc. X AC, ou seja, da Idade do Bronze Final.

Tabela 7.12 Datas de radiocarbono da Cova da Moura

Calibração efetuada através do sítio https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal/OxCal.html , implementado pela *Oxford University*, tendo sido usada a curva de calibração *IntCal20*

Ref. Lab	**Contexto**	**Data BP**	**Calib. 1 sigma** (68,3%)	**Calib. 2 sigma** (95,4%)
FTMC-BZ61-3	Fragmento de carvão vegetal	3261 +/- 31	1601 – 1584 A.C. (9,4%) **1544 – 1497 A.C. (51,8%)** 1474 – 1460 A.C. (7%)	**1613 - 1492 A.C. (82,2%)** 1482 – 1451 A.C. (13,1)
FTMC-FU30-4	Matéria orgânica no fundo de um recipiente cerâmico	3174 +/- 29	1492–1481 A.C. (7,5%) **1451–1398 A.C. (60,8%)**	**1499–1383 A.C. (85,7%)** 1341–1313 A.C. (9,8%)
FTMC-BZ61-4	Fragmento de carvão vegetal	2784 +/- 30	**989 – 899 A.C. (68,3%)**	**1010 – 891 A.C. (79,5%)** 882 – 835 A.C. (16%)

3.6.15. Discussão dos dados e interpretações

Após o estudo deste sítio verificamos, desde logo, à microescala de análise, que a Cova da Moura, também conhecida como Mamoa de Carreço, não é um monumento megalítico, tendo em conta as suas características arquitetónicas, pautadas pela ausência de câmara funerária

megalítica. Apesar da existência de um montículo artificial, trata-se de um monumento peculiar e absolutamente inédito no contexto do ocidente da Península Ibérica, pelo facto do montículo cobrir afloramentos com *tafoni* e cavidades que serviram de câmara funerária e pela própria morfologia do *tumulus*, de contorno ligeiramente oval e de grandes dimensões "120 metros de perímetro na base, 48 de comprimento no eixo N-S e 28 no de E-W... A altura era... de 8 metros, desde no nível da base, pela banda do Norte, e de 11 pela banda do Sul..." (Viana, 1955a: 482).

Em termos cronológicos, os materiais analisados e as datas de radiocarbono permitem colocar a hipótese de que a origem deste monumento se terá dado, nos meados do II milénio AC, embora pareça ter sido usado e alvo de reformulações construtivas durante vários momentos da segunda metade do II milénio AC, no contexto do Bronze Médio. Permaneceu ativo durante o Bronze Final, na transição do II para o I milénio AC, e ao longo da Idade do Ferro, ou seja, foi um sítio visitado e revisitado por mais de um milénio.

Durante o Bronze Final, esteve em uso, como o comprovam a foice de talão[218], a cerâmica de ornatos brunidos e a eventual conta de pasta vítrea. Estas duas últimas peças são materiais de importação e de origem meridional que atestam o contacto com populações fenícias no litoral norte de Portugal, durante este período.

A visita e possível reconstrução deste monumento, durante o Ferro Antigo, comprova-se pelos fragmentos de cerâmica indígena encontrados e pelo que se pensa ser o pé de uma fíbula de tipo Santa Luzia, com paralelos datáveis entre o séc. VII e IV a.C. (Ponte, 2006: 228), conhecidos em vários povoados, como é o caso de Citânia de Sanfins e Citânia de Santa Luzia. Sabe-se que a peça metálica foi encontrada a cota superior do montículo, nos sedimentos de "saibro", o que comprova a sua reutilização.

O sítio esteve, ainda em uso, durante o Ferro Recente, até ao séc. I a.C. ou I d.C., como se pode verificar pelo depósito de cerâmica indígena e de uma ânfora de tipo indeterminado, de produção da área da Bética.

Este contínuo uso e acesso ao monumento fica comprovado não só pelas datações de radiocarbono como pelos materiais arqueológicos aí encontrados.

[218] No Noroeste português foram encontrados apenas três outros exemplares de foices deste tipo: uma procedente do Coto de Pena, Caminha (Silva, 1986: 172, Est. LXXXVI, n°. 1), que o classifica como sendo de alvado, outro do depósito de Figueiredo das Donas, Vousela (Coffyn, 1985: 393, n.° 235) e uma terceira encontrada em Santa Tecla (La Guardia, Pontevedra) (Carballo Arceo, 1994: 55-56). De referir ainda um molde em pedra deste tipo de foice, proveniente do Castro de Álvora, Arcos de Valdevez (Bettencourt, 1988: 155-162). Os restantes exemplares deste tipo de foice são usualmente encontrados nas áreas mais meridionais e no sul da península ibérica, área aliás que seria o principal centro produtor deste tipo de foicinha. Finalmente, em termos cronológicos a sua produção baliza-se nos finais da Idade do Bronze. O exemplar registado no Coto da Pena provem de um nível atribuível à segunda metade do séc. VIII a.C. (Silva, 1986: 172-173).

Pela descrição e desenhos de Abel Viana e pela observação geológica dos sedimentos do montículo, ainda hoje visíveis, fica-se com a perceção de que este foi sendo construído, remodelado ou consolidado, ao longo de várias etapas, provavelmente de muitos anos, o que poderá explicar a sua grande altura. Interpretação que Abel Viana também efetuou aquando das escavações que conduziu (Viana, 1943: 13). De qualquer modo, o comprimento, contorno e parte da altura deste monumento, estará intimamente relacionado com a conceção de construir um imóvel de grande envergadura, para perdurar e ser visto de longe.

Cabe perguntar se os primeiros momentos de ocupação implicaram, desde logo, a construção do montículo monumental ou se este se foi construindo pelas populações locais, durante o I milénio AC, por influência exógena, tendo presente protótipos de monumentos funerários fenícios existentes no sul peninsular.

Uma outra questão que nos parece muito importante é **a questão das tumulações** ou **das práticas funerárias** desta estação arqueológica. Desde logo e pelas informações reunidas à época das escavações, Abel Viana (1932f:2) afirma que, no interior da Cova da Moura, se praticaram cremações[219]. A este propósito refere:

"Na Cova da Moura..., as camadas de cinzas contendo restos de vasos funerários, ficavam ora por baixo de lajes colocadas na horizontal e diretamente sobre elas, ora nas fendas e cavidades naturais de rochedos, ora possivelmente resguardadas por pequenos blocos de pedra, em tudo idênticos aos que compunham a camada geral de cobertura. Neste último caso só uma pequena parte das cinzas estaria assim protegida, provavelmente as que se encerravam nas urnas, porque como já disse, as cinzas espalhavam-se em redor das pedras, parecendo, pelo aspeto destas, que a incineração se fez diretamente sobre elas".

Com base nestas informações, na análise dos materiais depositados e da observação *in situ,* parece possível equacionar que o monumento da Cova da Moura foi uma necrópole de cremação, onde teria ocorrido o depósito de restos humanos cremados, por vezes, com oferendas e restos de carvões.

Abel Viana fala da hipótese de cremações *in situ*, devido ao número de carvões encontrados nalguns contextos, mas tal é difícil de admitir num espaço que seria fechado, segundo as suas

[219] Abel Viana usa o termo incineração, mas preferimos manter o de cremação, pois é esta técnica que ao não destruir completamente os restos humanos, possibilita a recolha e deposição dos seus restos em urna ou outros contentores, ou mesmo diretamente sobre o solo.

descrições e desenhos. A sua presença pode ter várias explicações. Estes podiam resultar de lareiras feitas no interior do monumento, para diversos fins, ou do facto de a pira funerária (o *ustrinum)* não estar longe do monumento, possibilitando a recolha dos restos cremadas em associação com carvões.

Quanto à organização do espaço funerário no interior do monumento podem colocar-se as seguintes hipóteses:

- que os restos cremados teriam sido depositadas em "fendas" (provavelmente nos *tafoni* que caracterizam os afloramentos graníticos cobertos pelo montículo) e nas "cavidades naturais de rochedos", nomeadamente sob a grande cavidade que se encontra na parte inferior de um grande afloramento existente a meio do monumento;

- que os restos cremados teriam sido depositadas, quer sob lajes colocadas na horizontal, quer sobre elas. Neste caso é possível que algumas das lajes de granito e xisto que se encontram depositadas no Museu dos Serviços Geológicos, tivessem servido para esse fim;

- que os restos cremados se depositaram em estruturas feitas com blocos pétreos, pouco definidas;

- que os restos cremados teriam sido depositados no interior de recipientes cerâmicos, o que levanta algumas dúvidas pois nunca foi encontrado um recipiente inteiro. Poderiam os restos cerâmicos resultar de oferendas que acompanharam o cadáver no momento da cremação, motivo pelo qual se depositavam fraturados e com fragmentos que não colam entre si?

O tipo de recipientes cerâmicos encontrados, se bem que de vários períodos cronológicos, são formas comuns, usadas em diferentes contextos, como por exemplo, nos povoados. São quase sempre formas de potes, potinhos e uma ânfora[220] (Fig. 7.41).

[220] Não se conhece a forma do recipiente de ornatos brunidos.

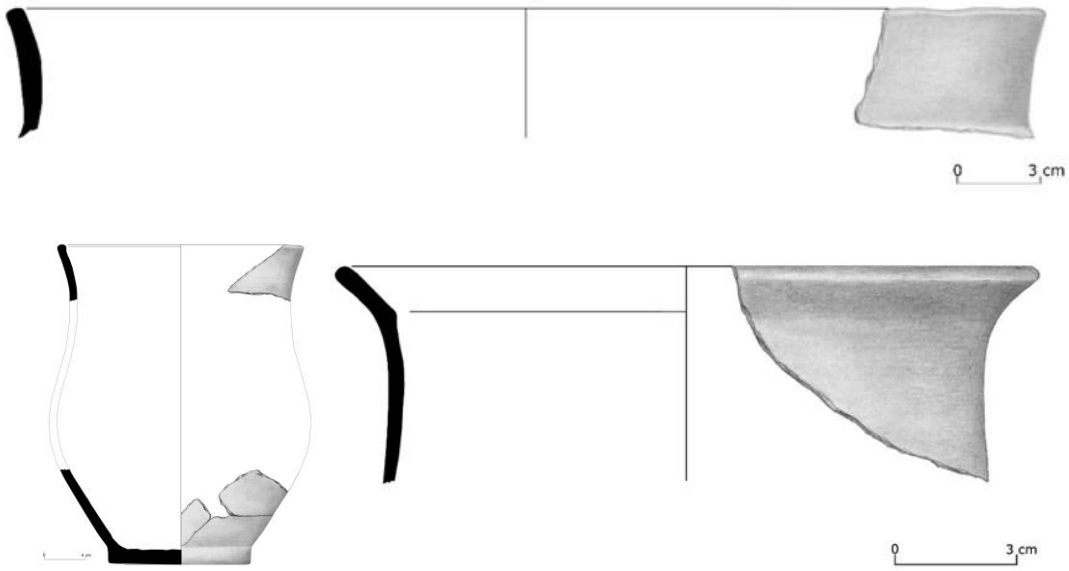


Fig. 7.41 Alguns recipientes cerâmicos de várias cronologias, encontrados na Cova da Moura. Em cima e à esquerda: recipientes da Idade do Bronze: à direita: recipiente da Idade do Ferro.

No Bronze Final as **oferendas** incluem objetos metálicos, como é o caso da foice de talão. Saber se a composição química se poderá ter alterado pela ação do fogo.

Depositaram-se, também, pesos de rede, de ampla cronologia no Noroeste (Idade do Bronze e Idade do Ferro), além de um eventual molde de barras, artefacto que pode ser de qualquer um destes períodos. Já a deposição de seixos rolados de quartzito, de seixos angulosos de quartzo e de esferoides de granito são práticas ancestrais que remontam, pelo menos, ao Neolítico[221] (Cruz, 2000: 364, 369-70), mas que perduram, pelo menos, em contextos da Idade do Bronze (Bettencourt, 2011)[222].

Não conhecemos o contexto dos artefactos sobre seixos rolados, pelo que não sabemos se seriam oferendas ou elementos construtivos. Com exceção de um, muito erodido, que poderá ser um objeto antigo, recolhida nos terraços do litoral, alguns poderiam ter sido talhados durante as fases de construção e uso deste monumento. O que é significativo é que, quer sejam relíquias ou novos artefactos, participaram ativamente nas ações que se desenrolaram na Cova da Moura. O mesmo se poderá dizer do núcleo de sílex, que poderá ser da Idade do Bronze ou do Ferro, se pensarmos que o sílex era necessário para criar faíscas e iniciar o fogo.

Embora não se conheça a cronologia dos restos de bovinos, suínos e ovino-caprinos, assim como a de fauna malacológica estes fizeram, igualmente, parte das diversas práticas funerárias

[221] Como parece ser o caso da Orca de Castonairas 1, Orca dos Juncais, ou ainda na Mamoa do Outeiro, Serra da Aboreira (Cruz, 307-308).
[222] De ter em conta que os contextos da Idade do Ferro do Noroeste Ibérico e de Portugal são praticamente desconhecidos (Silva, 1986; Bettencourt, 2000d; González Ruibal, 2006-2007).

ocorridas na Cova da Moura. Se é possível colocar a hipótese de que corresponderiam a restos de atos de comensalidade praticados em momentos de festividade ou de celebração, também não se pode descartar a hipótese de serem oferendas alimentares posteriores ao mesmo, num contexto de culto dos mortos. Alguns destes restos encontram-se calcinados, pelo que poderão ter sido cremados conjuntamente com os cadáveres.

Já os objetos de adorno são discretos. Conhece-se uma conta de colar atribuível à Idade do Bronze e um provável fragmento de fíbula, da Idade do Ferro.

Ambos podem considerar-se objetos de prestígio que teriam sido usados por personagens de estatuto social importante no contexto das cremações efetuadas neste monumento.

Indicadores de um estatuto social elevado de alguns cremados, ao longo do tempo, são, também, a foice e o recipiente de ornatos brunidos do Bronze Final, transição Ferro Antigo, o eventual molde de cronologia desconhecida, a estela ou proto-estátua, presumivelmente da Idade do Ferro[223], e a ânfora de tipo indeterminado e de cronologia genericamente atribuível do séc. I d.C. Pelas restantes oferendas ou ausência delas, é possível que aqui se tivessem depositado indivíduos de diferentes estatutos sociais.

A Cova da Moura no contexto arqueológico local

Em termos geográficos este sítio encontra-se numa área onde são conhecidos povoados da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. Desde a bacia do rio de Cabanas até à foz do rio Lima, contam-se, pelo menos, dois povoados com ocupação da Idade do Bronze e nove da Idade do Ferro. Com ocupação da Idade do Bronze contamos com os povoados da Crôa ou Castros Velhos, em Carreço (com materiais ainda inéditos) e o de Santo António, em Afife (Bettencourt, 2009a; Oliveira e Bettencourt, 2020, 2021).

No que respeita à Idade do Ferro devemos referir os povoados de Castros Velhos ou Castro da Crôa, Monte da Gandra ou de Montedor (Viana, 1932a; 1960; 1960-61, Cardoso e Neves, 1959; Lanhas, 1969; Baptista, 1985, 1986; Alves, 1989; Silva 1991; Almeida, 2008), de Santo António (Silva, 1986; Almeida, 1996; Oliveira e Bettencourt, 2020), da Cividade de Âncora (Silva,

[223] Trata-se de uma peça que tem alguns paralelos existentes no Norte de Portugal, principalmente na área geográfica de entre o Âncora e o Lima. Referimos a uma achada na citânia de Santa Luzia (Ferreira *et al.*, 1980), no interior de uma habitação da Idade do Ferro e a outra encontrada no povoado do Cútero (Viana, 1962; Faria, 1994: 9), localizados a 5 km e a 4 km, respetivamente, em relação à Cova da Moura (Fig. 7.42). Todas têm uma configuração antropomórfica, com a cabeça destacada dos ombros e um corpo estilizado, além de dimensões similares, o que lhes dá um ar de família. Todas são provenientes de povoados da Idade do Ferro, embora existam problemas na sua integração cronológica mais precisa.

1986), do Cúturo (Silva, 1986), da Agrichouso (Silva, 1986; Almeida, 1996, vol. II: 21), do Pego (Silva, 1986; Almeida, 1990, 1996, 2008) e, ainda, o possível povoado da Cancela da Areosa (Silva, 1986; Almeida, 1990; 2008).

Num território teórico de 2 horas pedestres (Fig. 7.42) a partir do exercício aqui efetuado notamos que a partir da Cova da Moura, em menos de meia hora, se alcançaria os povoados da Crôa e de Gandra/Montedor, o primeiro com ocupações da Idade do Bronze e do Ferro Recente. No território de 1 hora pedestre seria possível alcançar os povoados de Santo António[224] (Bronze Final e Ferro Recente), Agrichouso, Cúturo (pelo menos Ferro Recente) e Âncora (Ferro Recente) e Pego, e entre uma hora e 90 minutos seria possível alcançar o povoado de Santa Luzia, com ocupações desde o Bronze Final. No território de 2h pedestres é possível alcançar o povoado de Santo Amaro, com ocupações desde o Bronze Final até à romanização.

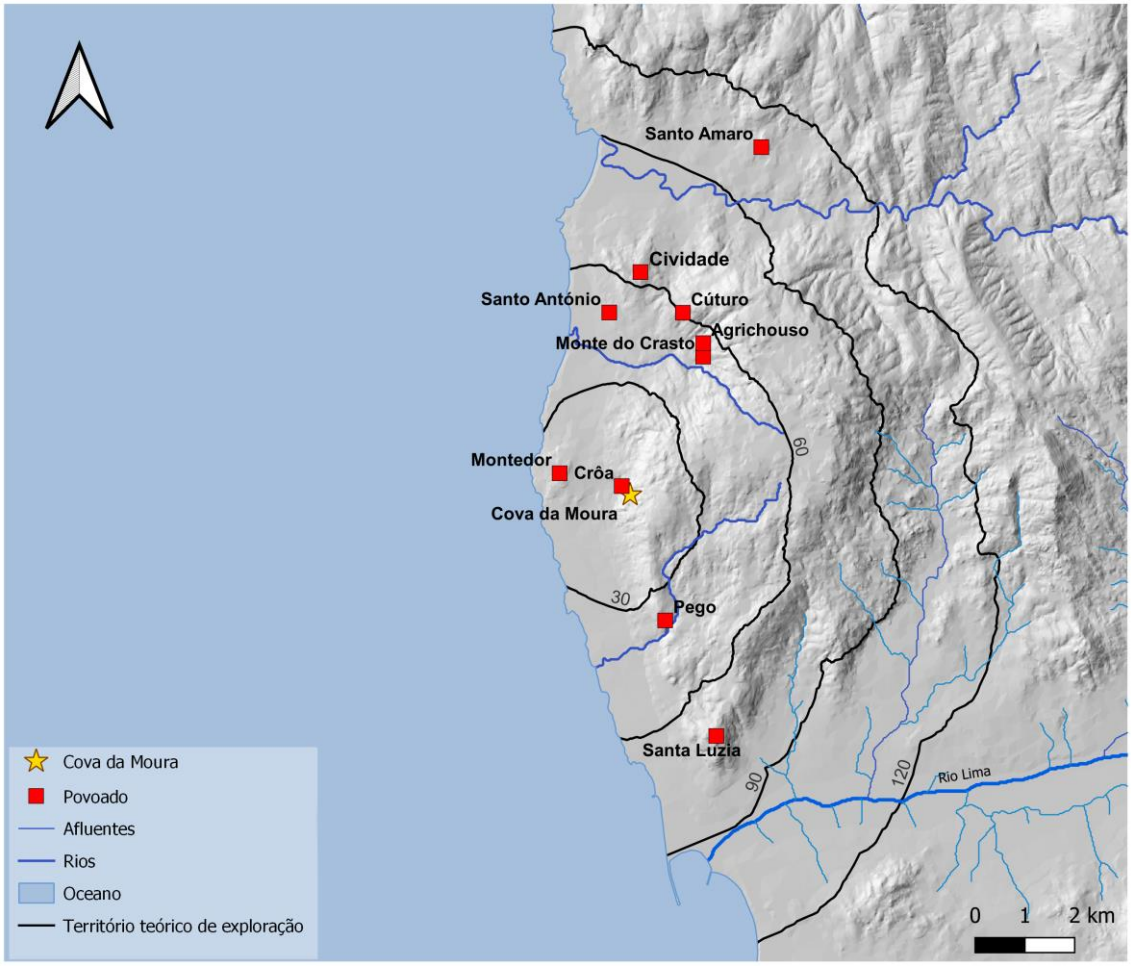


Fig. 7.42 Território de 2 horas pedestres a partir do monumento da Cova da Moura (com linhas isócronas de 30 minutos).

[224] Para mais informações sobre as ocupações mais antigas dos povoados de Santo António, de Santa Luzia (ver a monografia desses povoados nesta tese) e de Santo Amaro (ver Inventário desta tese).

Do monumento da Cova da Moura, através do exercício de visibilidade implementado no programa *QGIS* foi possível verificar que, num raio de 15 km (Fig. 7.43) a partir deste monumento, se avistam vários povoados, desde logo o da Crôa, o da Gândara / Montedor (a oeste) e o de Santo António (a norte).

Concluindo, sabíamos de antemão que estudar uma estação arqueológica como esta apresentaria as suas dificuldades, já que o registo dos trabalhos se resume a um artigo (ainda que bastante desenvolvido) e a algumas notícias de jornal. Porém, achámos pertinente o seu estudo, quer pela informação inovadora que introduz no mundo funerário da proto-história do litoral Norte de Portugal, quer pelas muitas questões que suscita.

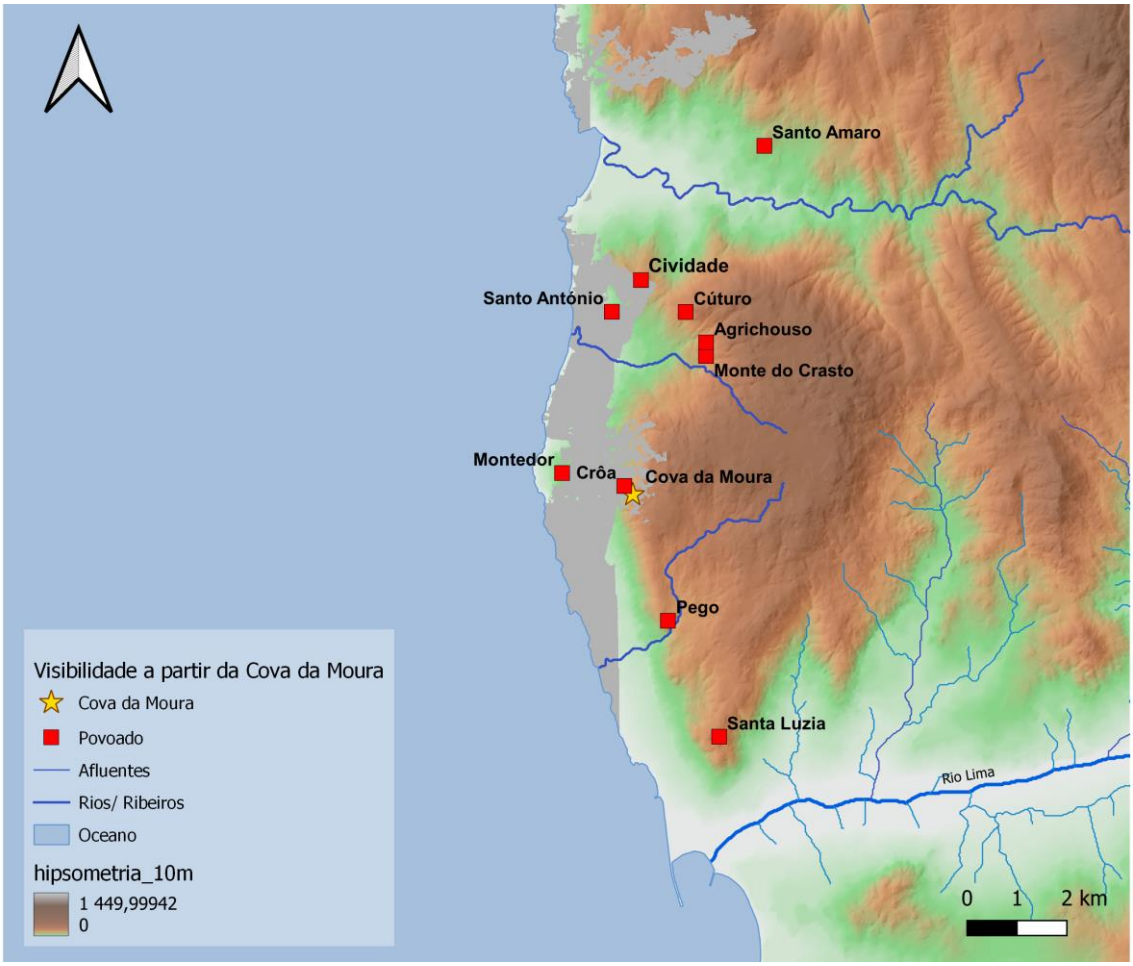


Fig. 7.43 Visibilidade (de 20 km) a partir da Cova da Moura, a cinzento.

Desta forma resta apenas referir como nota final que este *locus* parece ter sido construído e reconstruído, e dessa forma revisitado, pelas populações que habitaram a faixa litoral entre a bacia hidrográfica de Âncora e do Lima. Esta área encontra-se, também, repleta de sítios com arte rupestre, alguns deles com gravações que têm sido consideradas das Idades do Bronze e do Ferro,

como armas, barquiformes e equídeos, por vezes contando narrativas. Os barquiformes de Santo Adrião, em Âncora, Caminha (Santos-Estévez e Bettencourt, 2017) e da Laje da Churra (Santos, 2013) ambos em Carreço, Viana do Castelo, sugerem que esta área poderá ter sido um ponto de referência na navegação marítima desde a Idade do Bronze.

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Nuno Tiago Correia de Oliveira

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Anexo II - Volume III)

setembro de 2024

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Anexo II, Volume III)

Nuno Tiago Correia de Oliveira

UMinho | 2024

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Nuno Tiago Correia de Oliveira

A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Anexo II - Volume III)

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Arqueologia
Especialidade em Materiais e Tecnologias

Trabalho efetuado sob a orientação das
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt
Professora Doutora Ana Margarida Arruda

setembro de 2024

4. ESTUDOS MONOGRÁFICOS (Anexo II)

4.1. Nota prévia

Neste volume são tratados, de forma monográfica, quatro sítios arqueológicos, escavados em diferentes épocas e com distintas metodologias, todos eles inéditos ou insuficientemente publicados.

Foi realizada a articulação da estratigrafia e estruturas com os materiais para os povoados de Santa Luzia (das escavações dos anos 2002-2006) e Terronha, ambos em Viana do Castelo, e para os povoados de S. João e de S. Paio, os dois em Vila do Conde.

Os materiais apresentados nesta parte foram estudados no MDDS, em Braga e no Centro Interpretativo da Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo). Incluímos, no estudo do povoado Santa Luzia, materiais que estavam dispersos por vários museus de Portugal.

Apesar de algumas limitações, foram conseguidos dados importantes sobre cada uma destas estações, nomeadamente sobre as suas fases de ocupação, sobre a organização interna, alguns aspetos económicos (como a exploração dos recursos naturais, atividades artesanais e inclusão em redes de intercâmbio suprarregionais), sociais e simbólicos.

4.2. POVOADO DE SANTA LUZIA, VIANA DO CASTELO

4.2.1. Historial

A primeira referência ao povoado de Santa Luzia data do séc. XVIII, o povoado é mencionado, pelo padre António Carvalho da Costa referindo que a bela vila de Viana foi:

"...fundada pelos Gallos Celtas (em) 296 anos antes da vinda de Christo em hum alto monte para a parte do Norte, onde hoje està a Ermida de Santa Luzia, de que se mostraõ ainda ruínas de edifícios, & casas nobres..." (Costa, 1706: 189).

Ainda nesse século Pedro de Almeida Couraças (em 1722) faz uma breve referência a este povoado, neste modo:

"A muralha tinha do lado de Poente um lanço rectilíneo, orientado de N-S, e outro igualmente rectilíneo, na direcção de E-W, formando com aquele um canto em ângulo recto, a Nordeste. Da outra extremidade deste segundo lanço", que era o setentrional, vinha a muralha correndo para o Ocidente, e, a meio deste terceiro lanço, estava a única porta de entrada no castro. Do cabo deste terceiro lanço, a Poente, a muralha, descrevendo uma curva, terminava no começo do lanço em primeiro lugar citado...havia alicerces de pequenas casas..."

Dois séculos mais tarde, Francisco Martins Sarmento (1999: 60-61, 105-106, 117-118, 128) faz algumas descrições deste sítio que visitou. As primeiras descrições são de 1877 e de 1879, portanto depois das primeiras escavações da Comissão Vianense, narrando a seu modo o seguinte:

"As ruínas ficam para nordeste. O local pareceu-me mau, e pouco defensável. Segue-se muito visivelmente uma ordem de muralhas de 2,10 metros de grossura; mas, como em Sabroso, esta muralha num grande lanço do nordeste parece ter sido emendada como uma folha exterior. De quando em quando, este circuito de muros como que destaca um laço, para apanha algum acidente de terreno que se presta à defesa; mas em geral a povoação era muito compreensiva. ...tudo mais é nu de arvoredo e a escavação fácil. A escavação... pôs a descoberto umas quinze a vinte casas." (1999: 105)

"Em cerâmica, vi fragmentos de tégula (uma com rebordo), de imbrex, de ânforas. Louça grosseira com mica branca; um fragmento com cordão de relevo (liso), outro, que trouxe, com uma espécie de S em relevo. Na vertente sudoeste do monte em que fica a capela de Santa Luzia, e fora já do circuito dos muros, não faltam fragmentos de louças." (1999: 106)

Faz, ainda, breves descrições de material cerâmico indígena, moedas romanas, algum material de construção romano. Tendo levado para o seu Museu pessoal algum material (Sarmento, 1999: 105).

Em 1876 e 1877 começam os trabalhos de "exploração arqueológica" de Santa Luzia, sob a direção de Manuel José Felgueiras e de Possidónio da Silva (Comissão Vianense) (Silva, 1877; Sarmento, 1999: 61), com publicação dos resultados em 1877 (Silva, 1877). As escavações prosseguiram nos anos seguintes sob a coordenação da Comissão Vianense, sendo responsáveis pelos trabalhos Pedro Couraças e, mais tarde, José Caldas. O primeiro terá efetuado a primeira planta topográfica do sítio e o segundo terá feito uma retificação dessa planta (Fig. 8.1) (Almeida, 2008: 203).

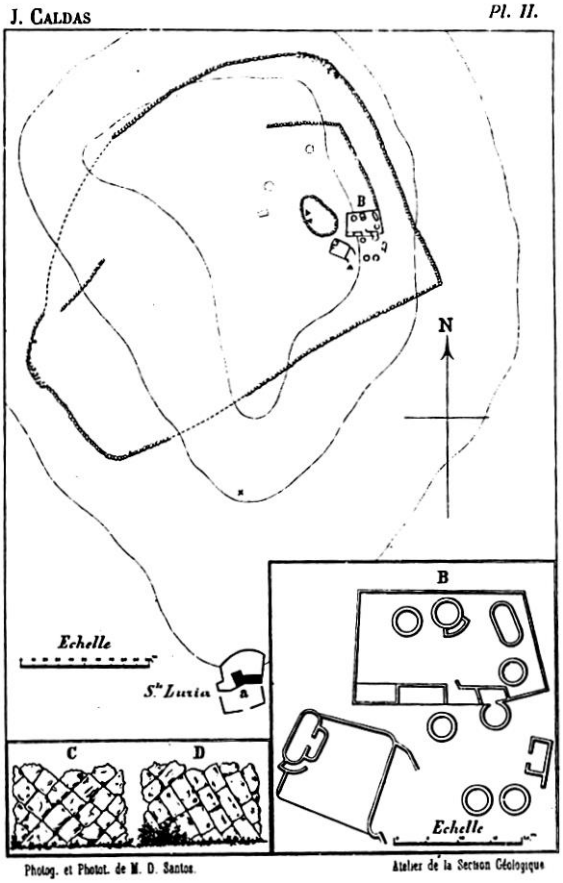


Fig. 8.1 Primeira planta das primeiras intervenções da Comissão Vianense neste povoado (Caldas, 1884, planche IV, adaptado).

Estes trabalhos arqueológicos têm continuidade nos inícios do séc. XX, em 1902, sob a orientação de Albano Belino. Nessa época são colocadas à vista várias estruturas pétreas, como cabanas, muros de divisão de espaços e, ainda, panos de muralha. Essas informações foram sendo publicadas no jornal *Aurora do Lima* (Belino, 1903). Estas descobertas levaram a que Félix Alves Pereira faça duas visitas às ruínas de Santa Luzia, uma em 1903 e outra em 1910, momento em que aproveita para realizar, num conjunto de estruturas circulares (as casas 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 78) um programa de reconstituição ou reconstrução. Este programa, pelo extraordinário trabalho de pedra e de aparelho então realizado (Pereira, 1914; Almeida, 2003), levou vários investigadores a pensarem que as ruínas se tinham conservado assim (Fig. 8.2).



Fig. 8.2 Reconstituição de duas estruturas circulares, ambas de aparelho helicoidal, uma com vestíbulo e com a cobertura reconstituída, no povoado de Santa Luzia (Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3626).

Também em 1903 o interesse por este sítio arqueológico leva José Leite Vasconcelos a publicar um artigo sobre o local, n' *O Arqueológo Português* (Vasconcelos, 1903). Este trata do sistema defensivo do povoado e das tipologias das suas habitações, mas também faz uma breve menção ao espólio cerâmico e metálico ali recolhido, referindo-se às denominadas fíbulas de tipo Santa Luzia e a uma pequena árula, em bronze. Este investigador solicitou, ainda, que fossem

doadas algumas peças para o Museu Nacional de Etnografia de Arqueologia, que estava a fundar em Lisboa[225] e que ainda lá se encontram.

Entretanto, em 1900, a sul do povoado iniciam-se as obras para a construção dos acessos do que viria a ser o Hotel de Santa Luzia, obra esta que durou cerca de 10 anos. Nessa altura, iniciam-se, também, as obras para a construção de um novo templo, concebido por Ventura Terra, a pedido da Confraria de Santa Luzia, o que se verifica, com grande intensidade, em 1925, ano em que o discípulo de Ventura Terra, Miguel José Nogueira assegurou a continuidade do projeto (Ribeiro, 2006: 160-161), tendo-se, neste âmbito, destruído, em 1926, a pequena capela que tinha sido construída nas proximidades do povoado. A totalidade destas obras originaram a destruição significativa da área sul do povoado.

Ainda na década de 20 do séc. XX, o 1.º Governo da Ditadura Militar classifica a povoado de Santa Luzia como monumento nacional, através do decreto nº. 11, 454, DG, 1.ª série nº. 35, em 19 de fevereiro 1926. Culmina nesta época a primeira grande fase de investigação da citânia.

Apenas em 1935, começa *grosso modo*, a segunda grande fase da investigação deste sítio. Com efeito, a então Direção de Monumentos Nacionais compreendeu a necessidade de limpar e de recuperar aquele local, que à época se encontrava em rápido estado de degradação. Este trabalho e algumas escavações foram atribuídas a Tomás Simões Viana, que as realizou entre 1935 e 1939 (Viana e Oliveira, 1954, 1955; Viana, 1955d, 1962; Vitorino, 1929).

Entre 1953 e 1954 Abel Viana e Sousa Oliveira conduziram uma série de trabalhos arqueológicos neste local, que acabariam por resultar em dois dos artigos mais conhecidos e citados sobre este sítio arqueológico (Viana e Oliveira, 1954, 1955; Viana, 1955d). Analisaram o sistema defensivo e a distribuição espacial das 74 estruturas habitacionais encontradas e materiais das novas e antigas escavações. Publicam inclusivamente uma planta (Fig. 8.3), tornando-se à data na mais completa. Infelizmente, por motivos profissionais, Abel Viana teve de abandonar os trabalhos neste local.

Até este período (entre finais do séc. XIX e quase primeira metade do séc. XX) a maior parte das publicações sobre o decorrer dos trabalhos de escavação deste sítio, ele é referido por "monte de Santa Luzia" ou "Cidade Velha de Santa Luzia." Este segundo epíteto relaciona estes vestígios proto-históricos à origem da cidade de Viana do Castelo. A verdade é que a partir de meados do séc. XX a designação deste povoado passa a ser outra, neste caso passa a ser designada, genericamente como, Citânia de Santa Luzia. Adotando-se desta maneira algumas ideias e

[225] Foram observadas no âmbito deste trabalho.

vocábulos preconizados sobretudo por Martins Sarmento (1933, 1999) e depois por Mário Cardoso, aquando das suas escavações em Briteiros e Sabroso.

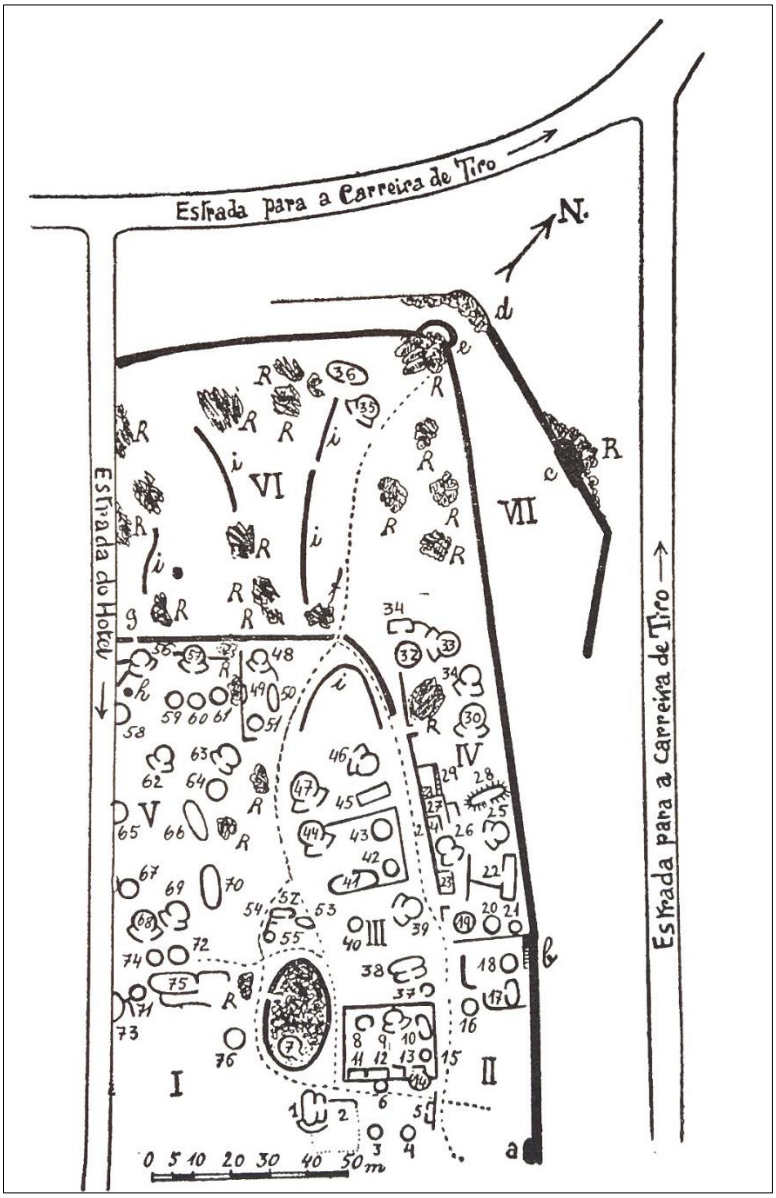


Fig. 8.3 Planta do povoado de Santa Luzia, por Abel Viana (1955d, adaptado).

A partir dos registos existentes na Direção Geral de Monumentos Nacionais, entre 1940 e 1978, foram efetuados vários tipos de trabalhos neste local, a saber: obras de conservação das ruínas, em 1940; continuação das obras de restauro das ruínas, em 1941; implantação, no terreno, de sete marcos de sinalização do local, em 1946; trabalhos de limpeza e de consolidação das ruínas, entre 1955 e 1957; limpeza, em 1969; construção de uma casa-armazém no povoado, entre 1973 e 1974 (permanecendo aí até à primeira década do século XXI) (Mendes, 2008: 4). Ficou desta forma encerrada esta fase de trabalhos neste sítio arqueológico.

A terceira grande fase de trabalhos principia em 1974 quando, Octávio da Veiga Ferreira, após uma pequena escavação e observação de antigos entulhos, elabora um novo levantamento topográfico do local (Ferreira *et al.*, 1980), ainda hoje utilizado quando se realizam trabalhos no local (Fig. 8.4). No artigo, entre outros assuntos, dá a conhecer uma série de cinco blocos ou estelas, em granito de grão grosseiro, gravadas com vários motivos, sendo dois deles tendencialmente antropomórficos.

Entre 1976 e 1978 verificam novos trabalhos de prospeção, limpeza e conservação do local, por parte da Direção Geral de Monumentos Nacionais (Mendes, 2008: 4) e entre 1981 e 1989, desenvolve-se o projeto "Estudo e Salvaguarda da Citânia de Santa Luzia", da responsabilidade, em primeiro lugar, do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e, a partir de 1985, do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR). Este teve como objetivos, a limpeza da vegetação existente e a colocação de uma vedação em torno do povoado (Mendes, 2008: 4).

No ano de 1991 e com o apoio de fundos comunitários, através do Programa INTERREG, surge um novo programa apelidado "Projeto de Valorização da Citânia de Santa Luzia". Os objetivos deste novo projeto passavam pela recuperação das estruturas arqueológicas, o controlo da vegetação além de uma definição de um percurso de visita e a produção de material de apoio ao visitante (Mendes, 2008: 4).

A partir de 1994 foram realizadas várias sondagens arqueológicas em sítios considerados importantes com a direção científica de Miguel Rodrigues e com o apoio da Escola Profissional de Arqueologia (E.P.A.), promovidas pelo extinto IPPAR. Os resultados desses trabalhos foram publicados, em parte, por Carlos A. Brochado de Almeida (Almeida, 1996, vol II: 167-221; 2007, 2008) que apresenta, sumariamente, a cronologia deste povoado, publica os primeiros dados estratigráficos, refere que o espaço que é possível observar resulta de uma reorganização efetuada entre o séc. I a.C. e I d.C. e refere que as estruturas delimitadas por bairros, com a presença de aparelho helicoidal, datarão da 1ª metade do séc. I d.C.



Fig. 8.4 Planta topográfica realizada por Octávio da Veiga Ferreira, em 1974 (adaptada). A legenda das estruturas foi elaborada por Carlos A. Brochado de Almeida, em 1994 (Almeida, 2007: 53).

A partir de 2001 e após a candidatura apresentada à medida 3.9 – Cultura, do Programa Operacional da Região Norte do III QAC, o extinto Instituto Português do Património Arquitetónico inicia-se um novo projeto de valorização, preservação, musealização e divulgação da Povoado de Santa Luzia (Mendes, 2008: 5). Este foi executado entre maio de 2002 e maio de 2006, em várias fases e com trabalhos distintos a saber: construção do edifício de receção ao visitante, com gabinete e espaço de apoio aos trabalhos arqueológicos; construção de um edifício de apoio aos arranjos exteriores; iluminação exterior do monumento; reparação do percurso da visita; consolidação estrutural das ruínas; elaboração de uma ZEP (Zona Especial de Proteção) e intervenções arqueológicas de investigação e minimização das obras a realizar.

As intervenções arqueológicas e acompanhamentos foram realizados sob a direção de Sílvia Mendes[226]. É sobre os materiais recolhidos nestas intervenções arqueológicas que este trabalho incide. No entanto, não foi realizado o estudo total do espólio da área escavada devido à quantidade do mesmo e a constrangimentos temporais deste projeto.

4.2.2. Descrição administrativa e localização física e ambiental

Em termos administrativos este sítio arqueológico localiza-se na união de freguesias de Viana do Castelo e Meadela, concelho e distrito de Viana do Castelo. As suas coordenadas geográficas, no sistema WGS84 são: 41° 42' 17.27" N e 8° 50' 8.19" W, a uma altitude máxima de 226 metros. Localiza-se a cerca de 2 km da faixa costeira, na margem direita da foz do rio Lima, a cerca de 1,62 km do leito fluvial, no Monte de Santa Luzia, no extremo sul da serra com o mesmo nome, sobranceiro à cidade de Viana de Castelo. Encontrava-se, também próximo de uma fonte de água potável, neste caso da ribeira de Fornelos, que corre a cerca de 1,5 km para oeste (Fig. 8.5; Fig. 8.6).

O povoado parece ter sido implantado de forma a aproveitar o declive natural desse topo aplanado da Serra de Santa Luzia.



Fig. 8.5 Localização do povoado de Santa Luzia, em excerto da Carta Militar de Portugal à escala 1:25.000, N.° 40, IGEOE, 1990.

[226] Agradecemos toda a ajuda prestada no estudo destes materiais e acesso aos mesmos, não só à arqueóloga Sílvia Mendes, mas também ao Drs. António Ponte e Anabela Lebre, da Direção Regional da Cultura Norte.



Fig. 8.6 Vista de satélite do povoado de Santa Luzia (fonte: *Google Earth*).

Este povoado está localizado numa área de encontro entre graníticos de grão grosseiro a médio e o complexo xisto-granítico-migmatítico (Teixeira e Medeiros, 1972). Na faixa costeira próxima a este povoado encontra-se vários depósitos de praias antigas e de terraços fluviais (Fig. 8.7). Os recursos mineiros metálicos (estanho e volfrâmio) existem, apenas, a cerca de 10 km, para este, sobretudo nas áreas da Serras de Perre e Arga. Além destas jazidas é necessário fazer referência à mina do Alto da Bouça da Breia onde se registou a exploração de ouro (Teixeira, *et al.*, 1972). Sendo esta uma das regiões extramente ricas em recurso de estanho e de ouro as aluviões do Lima seriam ricas em pepitas destes minérios. Tal comprova-se, por exemplo, nas análises sedimentológicas efetuadas nas aluviões da foz da ribeira de Bertiandes, na margem norte do Lima (Alves *et al.*, 2003). Em termos de recursos minerais não metálicos este povoado, poderia controlar e produção de sal marinho comprovada por pias escavadas na rocha no litoral da Areosa, por exemplo (Bettencourt *et al.,* 2020, 2021) e na praia de Canto Marinho, em Carreço (Costa *et al.,* 2012).

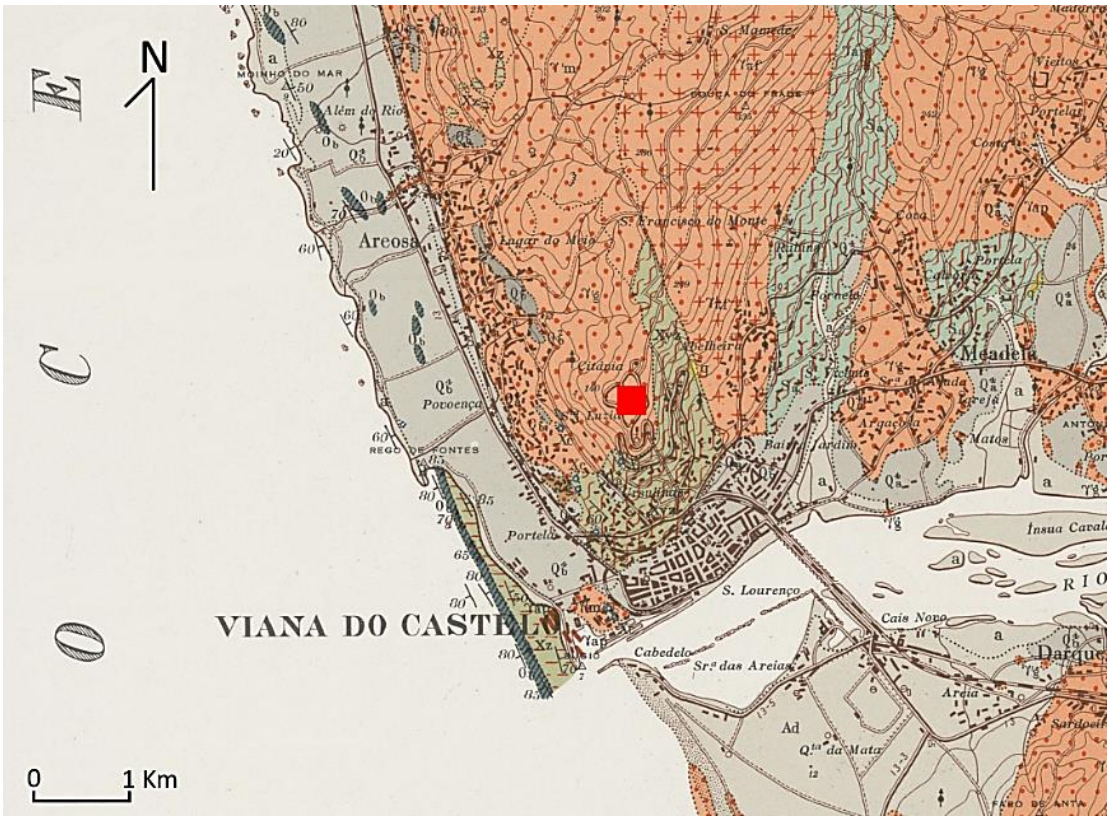


Fig. 8.7 Localização da Citânia de Santa Luzia, em excerto da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50.000, folha 05-A (DGMSG).

Este povoado encontra-se num local com ótimas condições de visibilidade para o oceano e para o estuário do Lima (Fig. 8.8; Fig. 8.9). Desde logo destaca-se o controlo costeiro para noroeste, oeste e sudoeste. É possível observar também o rio Lima, em direção a este, até Geraz do Lima (que dista 13 km).



Fig. 8.8 Localização do povoado de Santa Luzia face ao oceano Atlântico e à foz do Lima (Fonte: Direção Regional de Cultura Norte).



Fig. 8.9 Visibilidade desde o povoado de Santa Luzia para montante do rio Lima.

A construção do Hotel e do Santuário de Santa Luzia (e acessos) a sul deste povoado destruiu não só várias estruturas circulares como linhas de muralha existentes, como também rochas que possuíam arte rupestre gravada (nomeadamente covinhas e outros motivos gravados) (Cardoso, 1897; Almeida, 2007: 46; Almeida, 2008: 202). Ter-se-á destruído desta forma,

provavelmente, ¼ do povoado. Além disso, na área imediatamente a oeste, a estrada de acesso ao hotel destruiu parte de uma das muralhas e de outras estruturas. Para poente, como se trata de terrenos da propriedade da unidade hoteleira, não é possível proceder a escavações, até porque também nesse local se encontram estruturas lúdicas e de apoio ao hotel.

Esta serra e a área envolvente ao povoado, a norte e oeste encontra-se extensivamente perturbada por infestantes. A espécie predominante não é autóctone (o eucalipto) contudo, em certas áreas ainda subsistem algumas espécies nativas como é o caso de pinheiros-bravos, além de vegetação arbustiva.

4.2.3. Contexto arqueológico

Relativamente aos contextos genericamente coetâneos de Santa Luzia (Fig. 8.10) e que lhe ficariam próximos há a registar, na margem norte do rio: o povoado de Miradoiros do Galo (a 3 km a nordeste da Citânia). Este terá sido de pequena dimensão, o qual se encontra estrategicamente implantado num dos muitos esporões da serra de Santa Luzia (Almeida, 1990: 221). Teria apenas uma muralha. Aí foram encontrados à superfície fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro, mas também fragmentos de tégula, contudo a romanização deste povoado é difícil de compreender (Almeida, 1990: 222).

Outro povoado da Idade do Ferro, próximo de Santa Luzia, é o povoado da Cancela da Areosa, na Areosa (Almeida, 1990: 224). De localização difícil de precisar, nos dias de hoje, talvez se tenha localizado na área da antiga fábrica da Cancela da Areosa (Almeida, 1990: 224). Seria o que se designa por "castros agrícolas" ou devido à sua proximidade com o oceano, poderia ser um núcleo piscatório (Almeida, 1990: 224).

Um pouco mais longe situa-se o povoado do Pego (Guerra, 1909: 59-60; Almeida, 1990: 223). Encontra-se a cerca de 3 km a nor-noroeste de Santa Luzia. Possui uma muralha que envolve a coroa do Monte Castro, na Areosa. A área norte e nascente possuía ainda um fosso. Existem vestígios de estruturas circulares e algum espólio cerâmico, à superfície, fruto de escavações de amadores. Foram encontrados, também, alguns fragmentos de ânfora, tégula e imbrex nesta área, seria por isso um povoado a ter conta no que respeita ao contacto com a romanidade.

No que diz respeito a povoados um pouco mais longínquos mas possuindo uma cronologia próxima à de Santa Luzia há que registar vários, num raio de 10 km, nomeadamente: a Cividade de Afife/Âncora, a 9,4 km, com ocupação do Ferro Recente (Silva, 1986); o povoado do Cúturo, a 8,55 km, com ocupação mal conhecida, mas com uma fase do Ferro Recente (Silva, 1986), o

povoado de Montedor, a 6,24 km com, pelo menos, uma ocupação da Idade do Ferro indeterminada (Silva, 1986), o povoado de Santo António, a cerca de 8,87 km, com ocupações do Bronze Final ou Transição da Idade do Ferro e Ferro Recente (Silva, 1986; Oliveira e Bettencourt, 2020, 2021); o povoado de Crastos Velhos, a 5,43 km, com ocupação da Idade do Bronze e do Ferro Recente[227] e Castro de Agrichouso, a 7,70 km com ocupação genericamente atribuível à Idade do Ferro (Almeida, 1996, 2008).

Para oeste, localizam-se, também, vários povoados, nomeadamente o de Vieito, de grande dimensão e localizado a cerca de 3,80 km, a sudeste de Santa Luzia (Silva, 1986: Almeida, 1987: 201-206, 1990: 217-218; Queiroga, 2000; Silva, 2012). Foi-lhe atribuída uma cronologia da Idade do Ferro Recente, ou seja, do séc. I a.C. a I d.C. (Silva, 2012). Um outro povoado é o de Cardielos (Almeida, 1990; Queiroga, 2000; Almeida, 2003), a este de Santa Luzia, com ocupação, pelo menos, da romanização. De referir, ainda, o Castro da Terronha com ocupação do Ferro Recente. Este último terá tido uma ocupação entre séc. II a.C. e o século I d.C. (Queiroga, 2000; Oliveira, 2018, 2019a; Queiroga, 2019).

Na margem esquerda do Lima, destacamos a existência do povoado de Roques, com, pelo menos, uma ocupação do Ferro Recente (Almeida, 1990: 32-35; 2003; Silva e Maciel, 2004), o do povoado do Pego, a sudeste, com ocupação do Bronze Final, da Idade do Ferro Recente, e romana (Soeiro, 1981; Almeida, 1990: 42-43) e o de Santo Estevão da Facha, também a sudeste, com ocupações da transição do Bronze / Idade do Ferro, Ferro Antigo e Ferro Recente (séc. I a.C.) (Almeida *et al.,* 1980).

Quase de fronte para a Santa Luzia, destacamos o Alto do Galeão (na freguesia de Darque), povoado com uma cronologia, pelo menos, do séc. I a.C. – I d.C. (Almeida, 1996, 2008: 174).

[227] Segundo observações de materiais no âmbito deste trabalho.

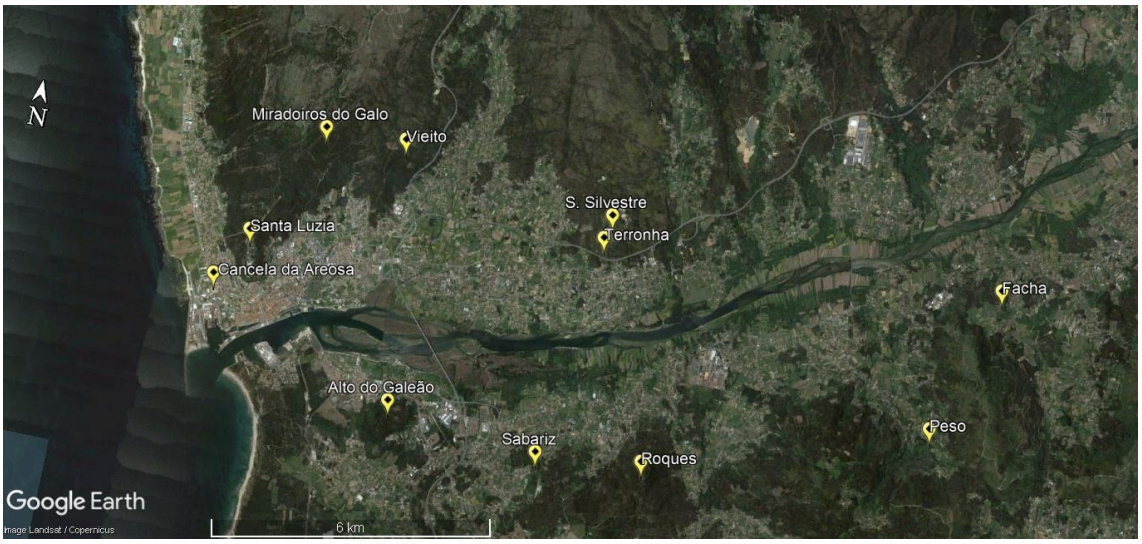


Fig. 8.10 Localização de alguns dos povoados fortificados da Idade do Ferro mencionados no texto (Fonte: Go*ogle Earth*).

4.2.4. O povoado de Santa Luzia: estudo monográfico

Antes de se apresentarem os resultados do estudo das estruturas e materiais referentes às escavações realizadas entre 2002 e 2006 neste povoado, é imprescindível fazer uma descrição detalhada das estruturas encontradas até aos anos 90 do século XX. Esta foi efetuada com base nas publicações sobre o local (Posidónio, 1877, Guerra, 1879, Caldas, 1884: 348-351, Viana e Oliveira, 1954, 1955, Viana, 1955d, Alves, 1980, Almeida, 1990, 1996, 2007, 2008; Bettencourt, 2009b) e usando, como referência espacial, o mapa topográfico de Octávio Veiga Ferreira que se foi adaptando sempre que necessário (Fig. 8.11). Este povoado encontra-se ainda no inventário geral de Helena P. Carvalho, quanto aos povoados da Idade do Ferro do Noroeste português (2008, vol. 2: 140).

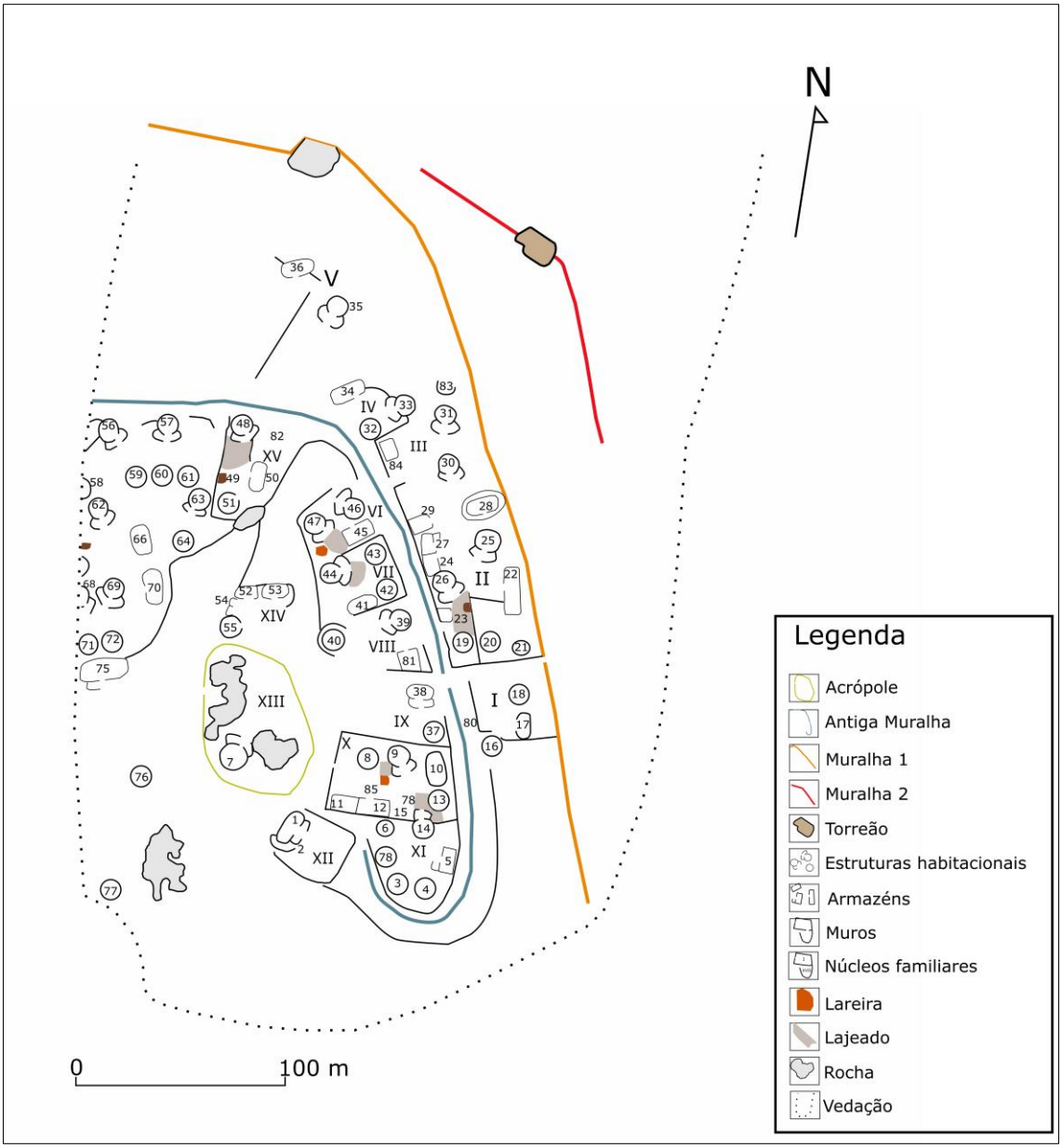


Fig. 8.11 Planta topográfica de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

Foi, também, efetuado um estudo genérico dos materiais das antigas escavações, depositados no Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, no Museu de História Natural do Porto e no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa que possibilitaram precisar a cronologia das estruturas posta a descoberto ao longo do tempo.

4.2.5. Estruturas, estratigrafia e materiais resultantes de escavações antigas

4.2.5.1 Estruturas e estratigrafia

No topo pode observar-se uma **acrópole (Núcleo XIII)** que Bettencourt (2009b: 143) considerou ser um local de culto, por ser exíguo e estar rodeado por uma poderosa "muralha"

que rodeia um aglomerado de afloramentos. No interior deste recinto, aberto a noroeste, existe apenas uma casa com vestíbulo (C7) orientado para nordeste, além de restos de lajeado entre os afloramentos.

Não se sabe se esta estrutura é contemporânea da "muralha" de configuração elipsoidal que rodeia a acrópole ou se é anterior (Almeida, 2008: 220). A sondagem realizada nos anos 90, possibilitou encontrar uma espécie de caixa semi-trapezoidal, formada pela parede da casa e por dois penedos, um dos quais muito afeiçoado e com uma ranhura que poderia ter servido para apoiar uma tampa, interpretada como possivelmente funerária (Almeida, 2007: 54). Não se detetaram dados para uma avaliação cronológica.

Em redor da acrópole, em pequenas plataformas, há, pelo menos, três **bairros ou unidades supra-familiares.** O espaço entre a muralha nº 1 e a única via existente parece separar dois prováveis bairros: o **Bairro A** e o **Bairro B** (Almeida, 2008: 209). Já o **Bairro C** situa-se a poente do **Bairro B** e é separado deste por um muro de uma primeira muralha, mais antiga do que a muralha nº 1, e do espaço arruado que existia no seu exterior (Almeida, 2008: 218). Dentro de cada bairro as cabanas foram numeradas sequencialmente.

No **Bairro A** detetaram-se três núcleos de construções: núcleo I, II e III (Fig. 8.12).



Fig. 8.12 Bairro A definido com tracejado verde sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

Do núcleo I fazem parte as estruturas pétreas C16, C17, 18. A estrutura C17 é a única que não é circular, mas sim oval e possui entrada voltada para oeste (Almeida, 2008: 209) (Fig. 8.13).

Nas escavações de 1994 foi encontrado, ao escavar parte da rua, uma estrutura pétrea que lhe passava por baixo (C80), o que significa que foi desativada para ser implementado o sistema de arruamento calcetado. Esta estrutura seria anterior a disposição mais atual. Neste núcleo habitacional foi encontrada, também, uma pequena escada de pedra, de acesso à muralha.

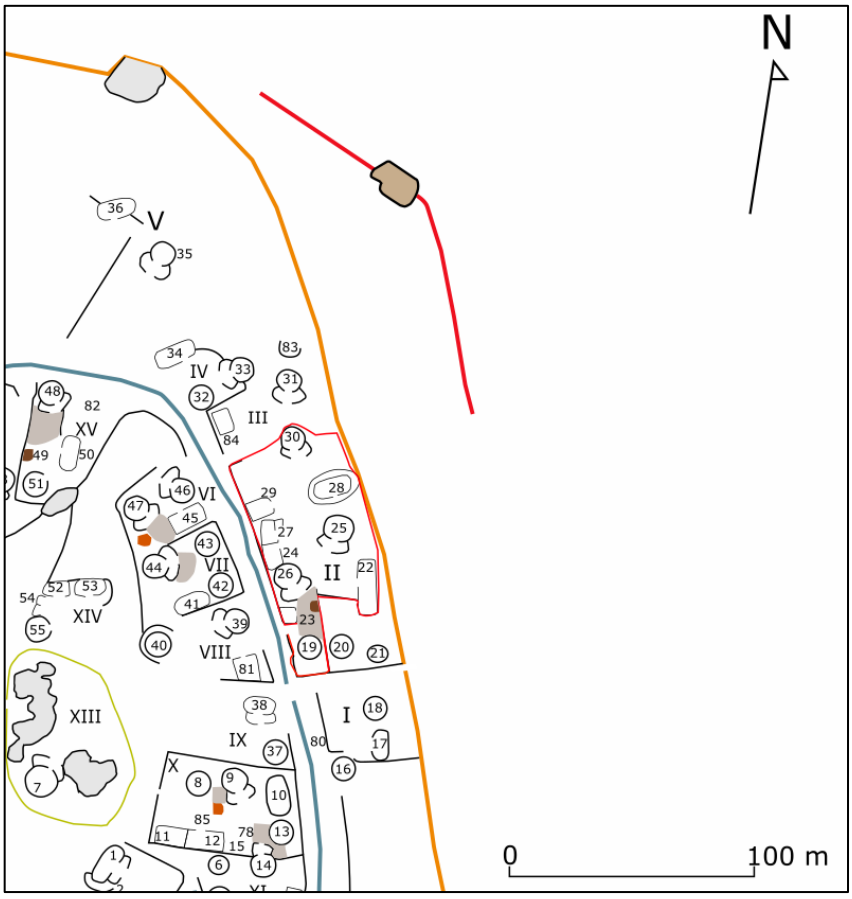


Fig. 8.13 Núcleo II destacada a vermelho sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O núcleo II é um dos conjuntos construídos mais complexos deste povoado, quer pela quantidade de estruturas encontradas, quer pela estrutura 23, e cabanas C24, C25, C26, C27, C28, C29, C30 (Fig. 8.13). Além das estruturas circulares, retangulares e ovais, registou-se, ainda, parte de um lajeado, logo na entrada deste núcleo. Regista-se, ainda, a existência de um muro que envolve todo o espaço (Fig. 8.13). Com efeito, para mais fácil compreensão pode dividir-se este complexo núcleo **em quatro** zonas (Fig.8.14): as zonas 1, 2, 3 e 4.

A **zona 1** corresponde à entrada do núcleo II, com lajeado, estruturas pétreas **C19**, C23 e C26 e, ainda, um forno. As estruturas C19 e C23 são circulares, esta última com onde está localizado um pequeno banco encostado à parede. No centro deste vestíbulo foi encontrado um

bloco de pedra, paralelepipédico, onde provavelmente se apoiaria o poste para segurar a cobertura. Do forno apenas restam as pedras que serviam de base (Almeida, 2008: 211).

Na **zona 2** pode incluir-se a estrutura pétrea C20 e C21, estando limitada, a sul, por um muro divisório.

A **zona 3** inclui a estrutura C22 (talvez um silo-armazém), a estrutura C25 (com vestíbulo), a C24 e a C27. Estas duas últimas poderiam ser apenas currais ou armazéns, pelas suas dimensões. As entradas destas estruturas estão todas voltadas para a entrada da cabana 25.

A **zona 4** corresponde às estruturas C29, C28 e C30 (esta com vestíbulo). Destaca-se aqui a estrutura C28, já que tem contorno oval e encontra-se rodeada por um valado, talvez para escoar as águas para os "esgotos", instalados na área mais a sul deste núcleo. Além dessa estrutura, a estrutura C29, que possui todas as características de um forno, poderá, pela sua dimensão, servir os diversos núcleos existentes neste local. Além disso possui no seu exterior, um banco (Almeida, 2008: 221).

Do Núcleo III fazem parte as estruturas C31, C84, C83 (Fig. 8.14). Duas delas são circulares, sendo uma com vestíbulo. Há, ainda, uma terceira estrutura (C84), junto à parede da rua, que é de contorno retangular e não foi totalmente escavada. É um núcleo consideravelmente bem delimitado já que se encontra definido pelo muro do núcleo seguinte, sensivelmente a noroeste deste. Além disso, provavelmente a área em frente ao vestíbulo da C31 seria lajeado já que se localizaram várias lajes junto ao vestíbulo. Dentro deste vestíbulo poderá ter existido um forno (Almeida, 2008: 213).

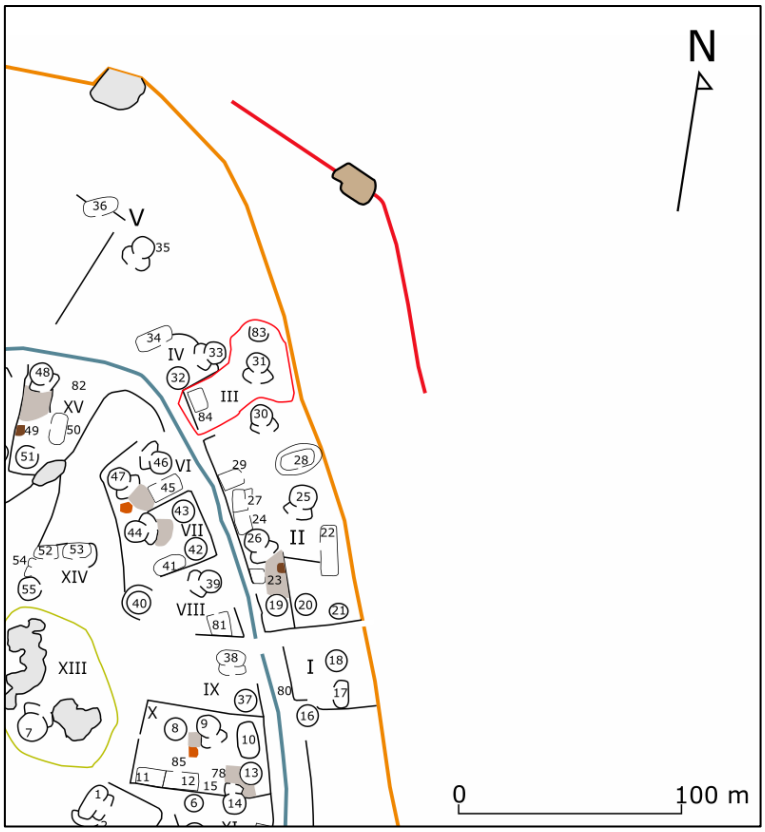


Fig. 8.14 Núcleo III destacado a vermelho, sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

Do Núcleo IV fazem parte as estruturas C32, C33, C34 (Fig. 8.15). Este núcleo é definido por dois muros que fecham o espaço entre a estrutura C33 e C34, e um outro muro que delimita o espaço entre as estruturas C32 e C33. Estas duas estruturas são circulares. A segunda, com vestíbulo, tem parede dupla com espessura de 0,45 m (Almeida, 2008: 58). A estrutura C34 possui um contorno sub-retangular. As entradas estão todas viradas para o espaço central, que seria lajeado. Segundo os dados de Carlos A. Brochado de Almeida (2008: 214), após a intervenção arqueológica de 1994, verificou-se que as cabanas C33 e C34 foram construídas numa zona sem ocupação anterior, enquanto a C32, tinha, logo abaixo do seu piso, alicerces de uma estrutura circular anterior (Almeida, 2007: 57). A estrutura C34, de contorno retangular, terá funcionado como silo-armazém. Surgiram, na escavação da estrutura C32, além de cerâmicas de produção indígena, feitas a torno, ânforas de tipo Haltern 70 e Dressel 7-11, cerâmica comum de época romana e alguns fragmentos, mais tardios, aos quais se pode atribuir a época visigótica (Almeida, 2007: 58).

Após estes trabalhos de escavação concluiu-se que a cronologia de ocupação desta pequena área seria da segunda metade do séc. I d.C. tendo por base o espólio aí encontrado (Almeida, 2008: 60).

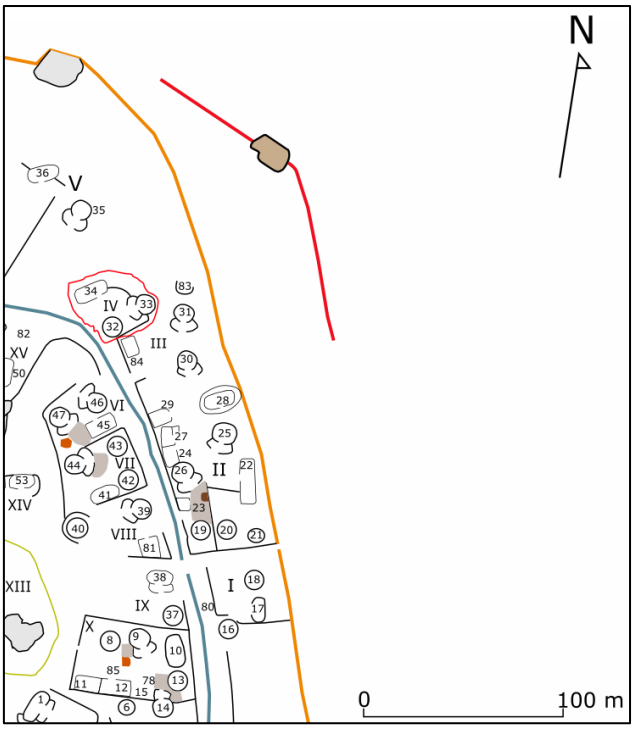


Fig. 8.15 Núcleo IV destacado a vermelho, sobre planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo V corresponde ao núcleo habitacional mais setentrional do povoado. É composto pelas estruturas C35 e C36 (Fig. 8.16). Esta área também foi alvo de escavações em 1994. A primeira estrutura é circular, com vestíbulo. A segunda tem um contorno Ovóide e, no seu interior, possui um banco corrido, e o que parece ser um forno.

Segundo Carlos A. Brochado de Almeida (2007: 55) a soleira da porta da estrutura C35 foi realizada com 3 lajes razoavelmente aplanadas, sem vestígio dos orifícios onde encaixassem os gonzos da porta. Foram realizadas duas sondagens: uma no interior da estrutura e a outra no seu vestíbulo. A partir da leitura estratigráfica destas áreas o investigador defende que esta cabana terá sido erigida no local anteriormente livre, sendo que a vala de fundação corta uma antiga camada de nivelamento. Recolheu cinco fragmentos, mas não os descreve, por ser cerâmica "tipologicamente imprecisa" (Almeida, 2007: 56-57).

Em termos gerais estas construções seguiram normas construtivas, usuais neste tipo de cabanas, sendo portadoras de uma vala de fundação que cortar uma antiga camada de nivelamento e tendo um piso composto por sedimentos de saibro, que cobrem o interior e o vestíbulo (Almeida, 2007: 57).

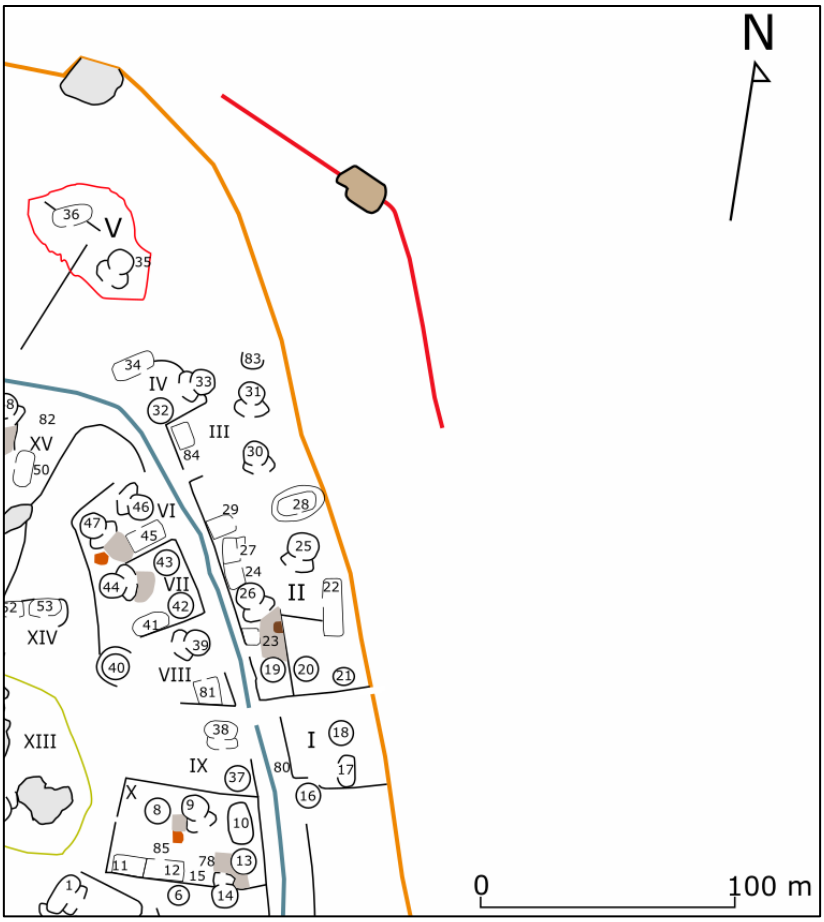


Fig. 8.16 Núcleo V destacada a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O **Bairro B** situa-se mais próximo da acrópole, de frente para uma nova rua que delimita e organiza o espaço do povoado, depois de se entrar na antiga muralha (assinalada a azul). Tendo em conta o traçado da antiga muralha e seguindo o traçado do arruamento, parece existir um total de 13 núcleos, razoavelmente definidos, são eles: os núcleos VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII e XIV. Existem dúvidas sobre a existência do núcleo XIV (Fig. 8.17).

Ao Núcleo VI pertenceriam as estruturas C45, C46 e C47 (Fig. 8.18). Este núcleo encontra-se delimitado a noroeste e oeste por um muro. A estrutura C46 tem a entrada voltada a norte tal como a C45, ao contrário da C47 com entrada voltada a su-sudeste. Segundo Carlos A. Brochado de Almeida (2008: 214) tal pode indiciar dois núcleos distintos. No entanto pensamos que poderão existir outras explicações, como funções distintas. É de sublinhar, ainda, a existência de lajeados entre as estruturas C45 e C47. As duas estruturas C46 e C47 são circulares e possuem vestíbulo, ao passo que a estrutura C45 possui uma planta retangular com ângulos arredondados e poderá ter sido um silo-armazém (Almeida, 2008: 214).

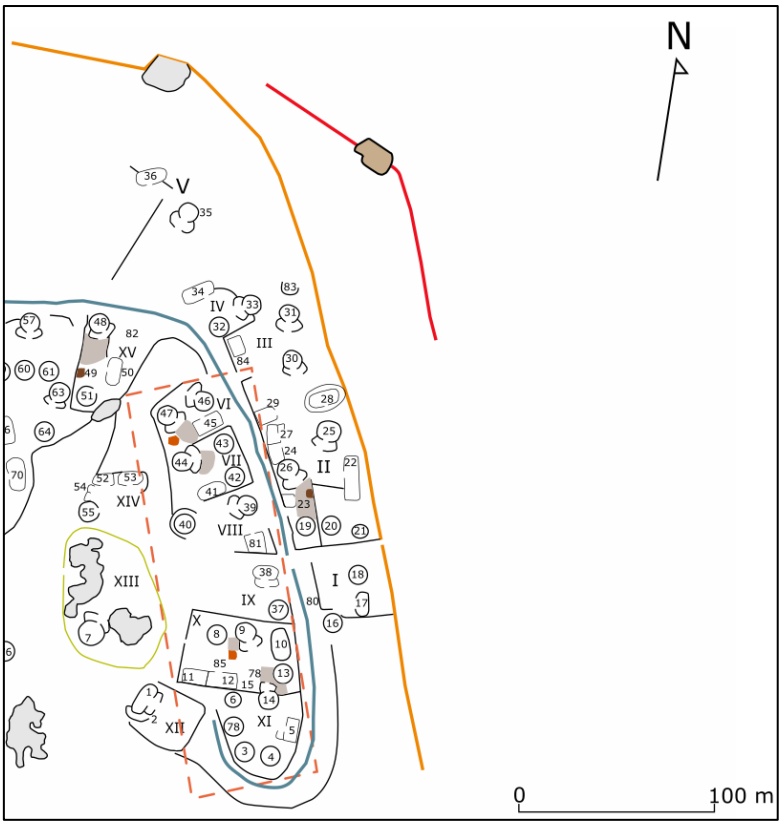


Fig. 8.17 Bairro B destacado a tracejado laranja sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.



Fig. 8.18 Núcleo VI destacada a vermelho sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo VII é rodeado por um muro com exceção da área a poente local onde é feita a entrada para este espaço habitacional. É composto pelas estruturas C41, C42, C43, C44 (Fig. 8.19). Esta última possui um vestíbulo voltado para nascente, dando acesso a um lajeado interior.

De salientar que a estrutura C41 tem planta elíptica. Este núcleo é um dos mais bem conservados que ocorre de todo o povoado (Almeida, 2008: 215).

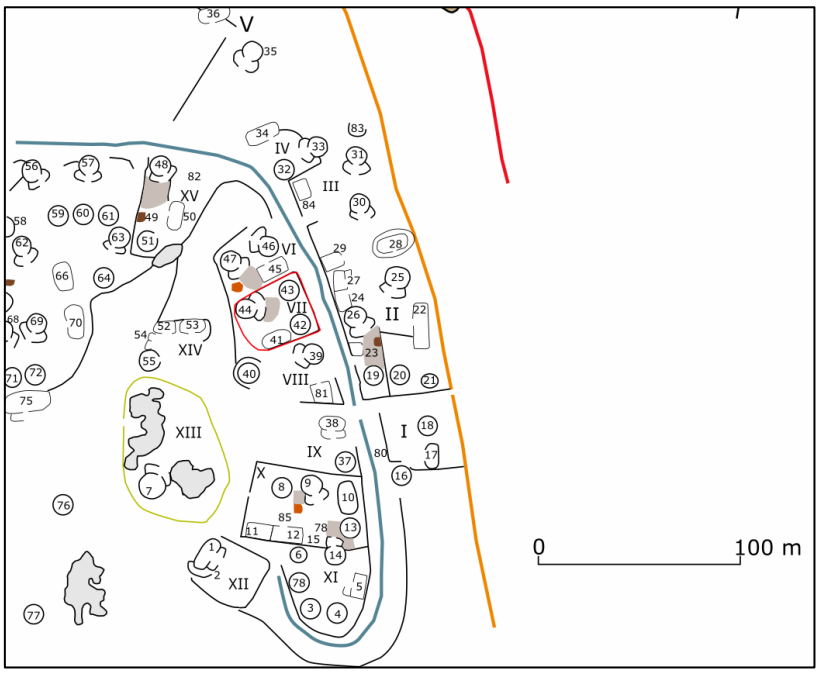


Fig. 8.19 Núcleo VII destacado a vermelho sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo VIII é composto pelas estruturas C39, C40 e C81 (Fig. 8.20). Os seus limites são um pouco incertos. Contudo, a norte conserva-se o muro do núcleo VII, a oeste existe o muro que percorre os dois núcleos anteriores. A estrutura C39 é circular e possui vestíbulo voltado a ponte. A estrutura 40 é circular e encontra-se em parte circundada pelo que poderá ser um muro de uma construção anterior (Almeida, 2008: 215). Finalmente, a estrutura C81 possui uma forma sub-retangular e tem uma entrada virada para a frente da C39.



Fig. 8.20 Núcleo VIII destacado a vermelho sobre a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo IX é composto pelas estruturas C38 e C37 (Fig. 8.21). Poderiam ter existido mais estruturas neste núcleo, tendo em conta o espaço existente para poente. Os limites encontram-se definidos, pelo menos a sul e sudeste. Destaca-se, neste espaço, a estrutura C38 que possui uma planta elíptica e um vestíbulo com o mesmo contorno, algo que não é raro neste povoado, mas incomum em termos regionais. A entrada desta estrutura está voltada para sul (Almeida, 2008: 215).



Fig. 8.21 Núcleo IX destacado a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo X corresponde ao espaço mais densamente construído de todo o conjunto arqueológico. É também o espaço melhor conservado já que foi reconstruído nos inícios do séc. XX. Aí, foram encontradas as seguintes estruturas: C8, C9, C10, C11, C12, C13, C14, C15, C78 e C85 (Fig. 8.22). Todo o espaço encontra-se rodeado por um muro delimitador. Com feito, contam-se duas estruturas circulares com vestíbulo (C9 e C14), duas estruturas circulares sem vestíbulo (C8 e C13), uma estrutura elítica (C10) e ainda três estruturas adjacentes ao muro da área sul, de planta retangular e quadrangular (C11, C12 e C15). No interior a escavação pôs a descoberto vestígios de uma ocupação anterior. Disso são os casos da estrutura C78, onde é visível, ainda, um lajeado que se encontrava em frente à porta de entrada dessa estrutura que, entretanto, foi apensada como vestíbulo à C14; algo parecido, pelo menos em parte, terá sucedido com a estrutura C85, já que parte da sua planta circular foi aproveitada como parte do pequeno vestíbulo da C11.

No interior do núcleo não se encontro qualquer camada arqueológica, sobretudo os níveis de nivelamento, onde assentaria o lajeado que ainda se encontra visível, junto ao vestíbulo da C9 (Almeida, 2008: 217). A entrada para este conjunto poderia ser feita a poente ou nascente onde e encontrariam os espaços comuns de circulação.



Fig. 8.22 Núcleo X destacado a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo XI é rodeado por um muro que circunda todo o espaço e que a norte faz a divisão com o núcleo X. É composto pelas estruturas C6, C5, C4, C3 e C78 (Fig. 8.23). Encontram-se todas viradas para um espaço central com uma entrada a noroeste. São todas circulares, à exceção da C5, que é retangular.

Esta área também foi alvo de escavações em 1994. Com efeito, foram efetuadas sondagens na estrutura C5 (Almeida, 2007: 64) que confirmou o que já há algum tempo de suspeitava, isto é, que teria existido, pelo menos, uma reformulação no interior do povoado e que algumas destas casas haviam construídas sobre ruínas de outras. Esta estrutura tem planta retangular provida de um meio braço de um eventual alpendre ou segundo Almeida (2007: 65) de uma outra habitação. Esta cabana tinha um piso de saibro, bem calçado, só que a vegetação tem vindo a desagregá-lo. Por debaixo deste havia um outro piso que funcionou como lareira, por estar avermelhado e com sinais de ter sido queimado, na parte superior (Almeida, 2007: 65).

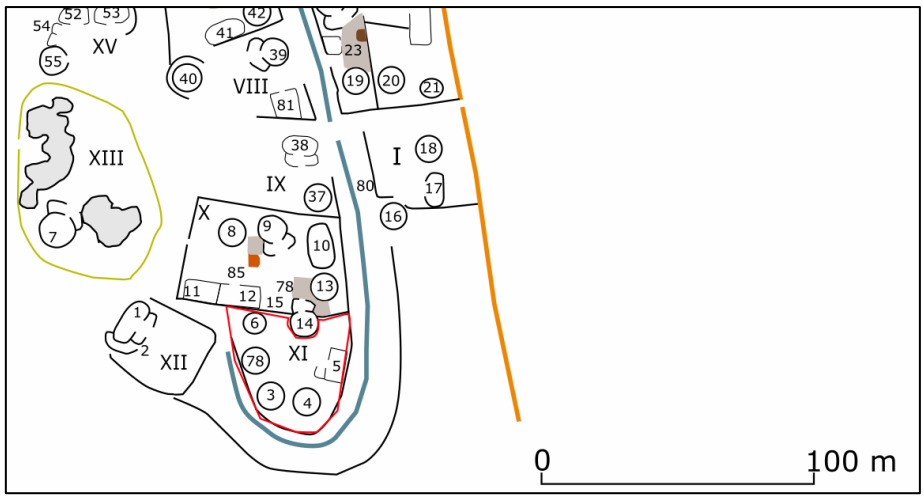


Fig. 8.23 Núcleo XI destacado a vermelho tendo em conta a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo XII é composto pelas estruturas C1 e C2 (Fig. 8.24). Este espaço encontra-se perfeitamente delimitado por muro à exceção da área a poente. Verifica-se que a estrutura C1 possui uma forma elítica com um amplo vestíbulo e ainda um pequeno anexo (C2) na área sul desta estrutura. Poderão existir mais espaços construídos no amplo espaço em frente à estrutura C1 (Almeida, 2008: 218).

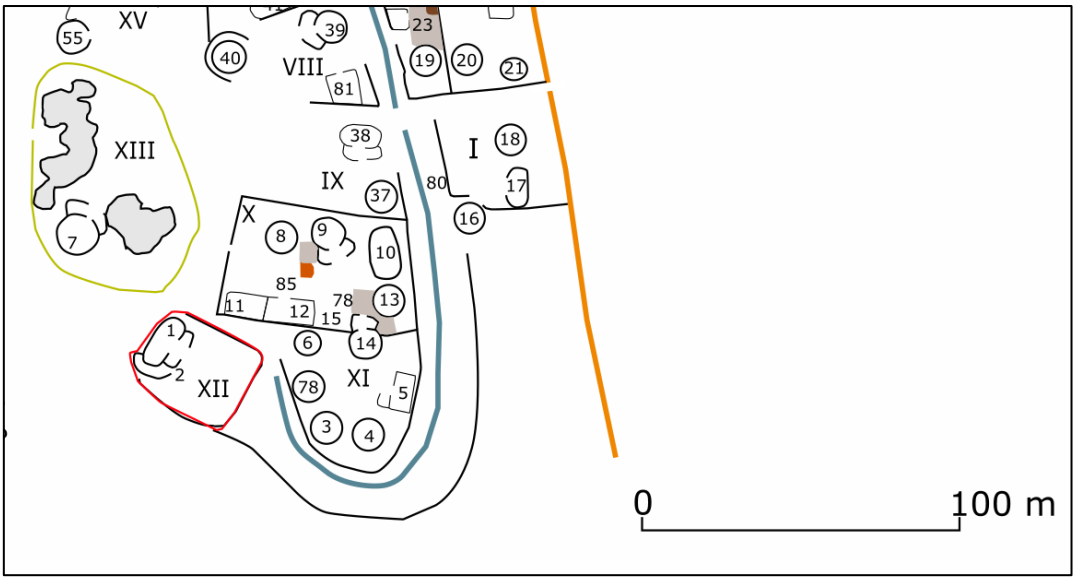


Fig. 8.24 Núcleo XII destacado a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo XIV é composto pelas estruturas C52, C53, C54 e C55 (Fig. 8.25) e encontra-se, em parte delimitado, a poente e a norte, por muro ou pelas próprias construções, pois os edifícios que o compõem parecem dispor-se em semicírculo. A estrutura de maior dimensão é a C53, com planta elíptica, seguindo-se a estrutura C52 com uma planta sub-retangular que parece aproveitar a parede de uma anterior casa circular. Junto a esta encontra-se, ainda, uma pequena estrutura (C54) e a cerca de 2 m uma outra estrutura circular C55 com entrada virada a nascente.



Fig. 8.25 Núcleo XIV destacado a vermelho tendo em consideração a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O **Bairro C,** hipotético, situa-se a noroeste e oeste da acrópole e a noroeste do bairro anterior. Apesar do número de cabanas, apenas se considerou a existência de um núcleo, o XV, na extremidade este do bairro (Fig. 8.26).

Este bairro é delimitado por um muro que o cerca a sul e sudeste e pela muralha antiga que o cerca a norte. À exceção das estruturas encontradas no núcleo XV, todas as outras parecem organizar-se de forma algo anárquica na área a oeste (poente). Deste conjunto, aparentemente confuso e anárquico, fazem parte as estruturas: C56, C57, C62, C63, C69 e C68 (circulares com vestíbulo); C59, C60, C61, C64, C71 e C72 (circulares sem vestíbulo); C66 e C70 (elíticas) e, ainda, a C75 (elítica com parte de vestíbulo). Esta última estrutura aproveita o muro sul deste bairro e possui a entrada virada a sul. Aliás, todas as restantes estruturas com vestíbulo desta área estão voltadas a sul.

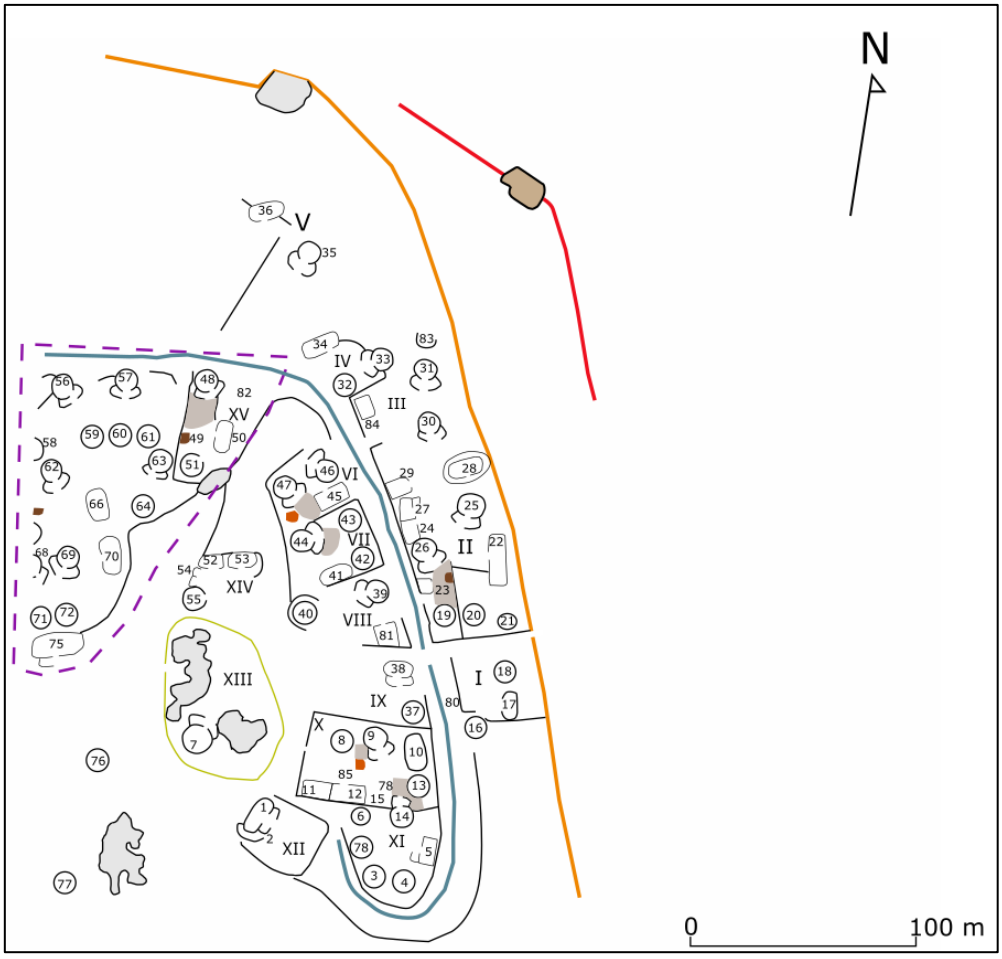


Fig. 8.26 Bairro C destacada a tracejado roxo tendo como ponto de partida a planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

O Núcleo XV é composto pelas estruturas C48, C49, C50, C51 e C82 (Fig. 8.27). Este espaço encontra-se delimitado a poente e a sul, que se vai adossar a um afloramento granítico. A

estrutura C48, de planta circular, possui um vestíbulo. Seria a estrutura familiar de dormida e talvez cozinha. Salienta-se, ainda, a estrutura C49 por se tratar de um eventual forno (?) com cerca de 1,70 m por 1m, encontrando-se junto à parede divisória deste núcleo, do lado poente. A estrutura C50, de planta elíptica, poderia ser o silo-armazém deste núcleo (Almeida, 2008: 219). Resta ainda uma estrutura circular (C51) a sul deste conjunto, com a entrada virada a nordeste.

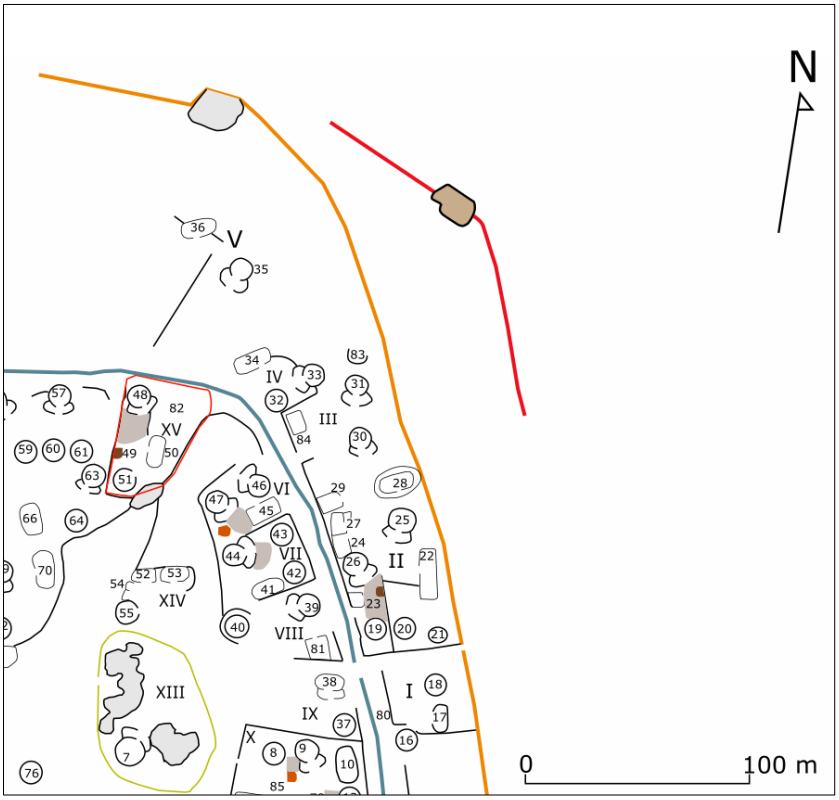


Fig. 8.27 Núcleo XV a área destacada a vermelho a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

No **bairro C** há ainda um número considerável de estruturas pétreas, maioritariamente de planta circular (C58, C59, C60, C61, C64, C71, C72), algumas delas com vestíbulo (C56, C57, C62, C63, C69, C68 e C75). A estas adicionam-se duas de planta elíptica (C66 e C70) (Fig. 8.26). Algumas destas estruturas foram escavadas apenas em parte, uma vez que, o caminho que se abriu de acesso para o hotel delapidou de forma irreversível estas estruturas. Estas estruturas são C58 e C68.

A sudoeste da acrópole há **estruturas pétreas dispersas**, de planta circular. São elas as estruturas C76 e C77 (Fig. 8.28).

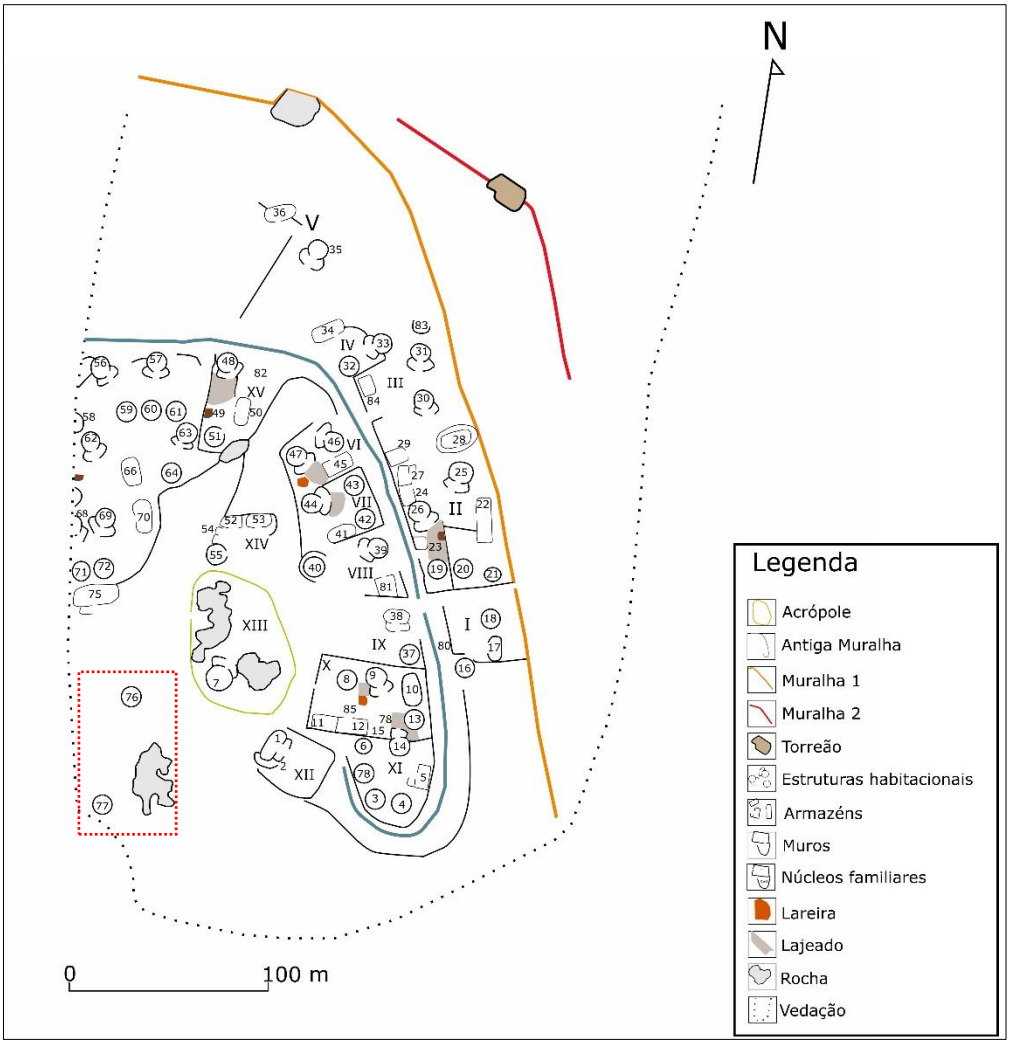


Fig. 8.28 Planta topográfica de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada, a tracejado vermelho as cabanas mais não relacionáveis com bairros.

Como foi sendo referido ao longo da descrição de cada bairro parece ter existido, durante o Ferro Recente, nomeadamente entre os sécs. I a.C. e I d.C., uma grande reformulação urbanística deste povoado, aspeto defendido por vários autores (Silva, 1986; Martins, 1990; Almeida, 1990, 1996). Com efeito, pouco se conhece da organização do povoado em cronologias anteriores. Porém, parece ser interessante, como ponto de partida, tomar como referência boa parte do **Bairro C,** que não parece organizar-se em núcleos, como provável indicador duma antiga forma de habitar em comparação com o que acontece em alguns povoados na fase seguinte da Idade do Ferro, em que parece organizar-se arruamentos e bairros (Silva, 1986: 43 – 46; 1995: 517 – 519, 523 - 524). Esta grande alteração na organização interna de alguns povoados terá sido fruto das primeiras incursões de *Decimus Junius Brutus* a esta região em meados do séc. II a.C., que pode ter provocado em alguns casos a destruição total de um povoado, como arqueologicamente

parece ser caso de Terroso (Silva, 1986: 43). De referir que aqui no caso de Santa Luzia, surgem nesta área mais "anárquica" estruturas com vestíbulo que poderão ser datadas de uma fase anterior ao Ferro Recente (Silva, 1995: 516) e seriam de certa forma as precursoras para a fase seguinte da formação de bairros ou casas-pátio.

Da fase mais recente serão todos os núcleos com pátios interiores, muitos deles com lajeados e delimitados por muros evidenciando o espaço privado de cada família. A este período corresponderão, também, alguns **corredores de circulação**. Em Santa Luzia, o único espaço de circulação **(primeira via)** do qual se tem uma ideia clara é aquele que possui um traçado quase retilíneo e de largura pouco variável que, de certa forma, divide o Bairro A do Bairro B, possibilitando o acesso a cada um dos seus núcleos.

Um **segundo corredor de circulação** poderia ter-se instalado, a partir do traçado da antiga muralha que funcionaria, não só como muro de suporte ao **Bairro B**, mas como corredor, um pouco mais alto do que o outro o que facilitava, sobretudo, o acesso às habitações para lá do núcleo XV (Almeida, 2008: 209). Esta hipótese de Almeida (2008) levanta alguns problemas de circulação de pessoas e de animais, enquanto desgastariam a muralha com alguma celeridade, o que certamente não seria positivo.

No que diz respeito a **aparato defensivo** deste povoado há, desde logo, a necessidade de distinguir, pelo menos, duas fases. Segundo Almeida (2008: 205), teria existido uma primeira muralha que atravessaria o povoado no sentido norte-sul. Esta seria sido o que resta da antiga cerca da plataforma mais elevada do povoado, da qual parece fazer parte uma boa parcela do Bairro C.

As restantes talvez fossem mais recentes, e se tivessem. Segundo Viana e Oliveira (1955: 66), após a reformulação "urbanística" que o povoado sofreu, na sua última fase de ocupação, aí teriam existido, pelo menos, três muralhas e dois fossos. Estas muralhas parecem envolver todo o povoado. A 3.ª muralha, que seria a mais exterior, desapareceu com as várias construções existentes no local (Fig. 8.29).

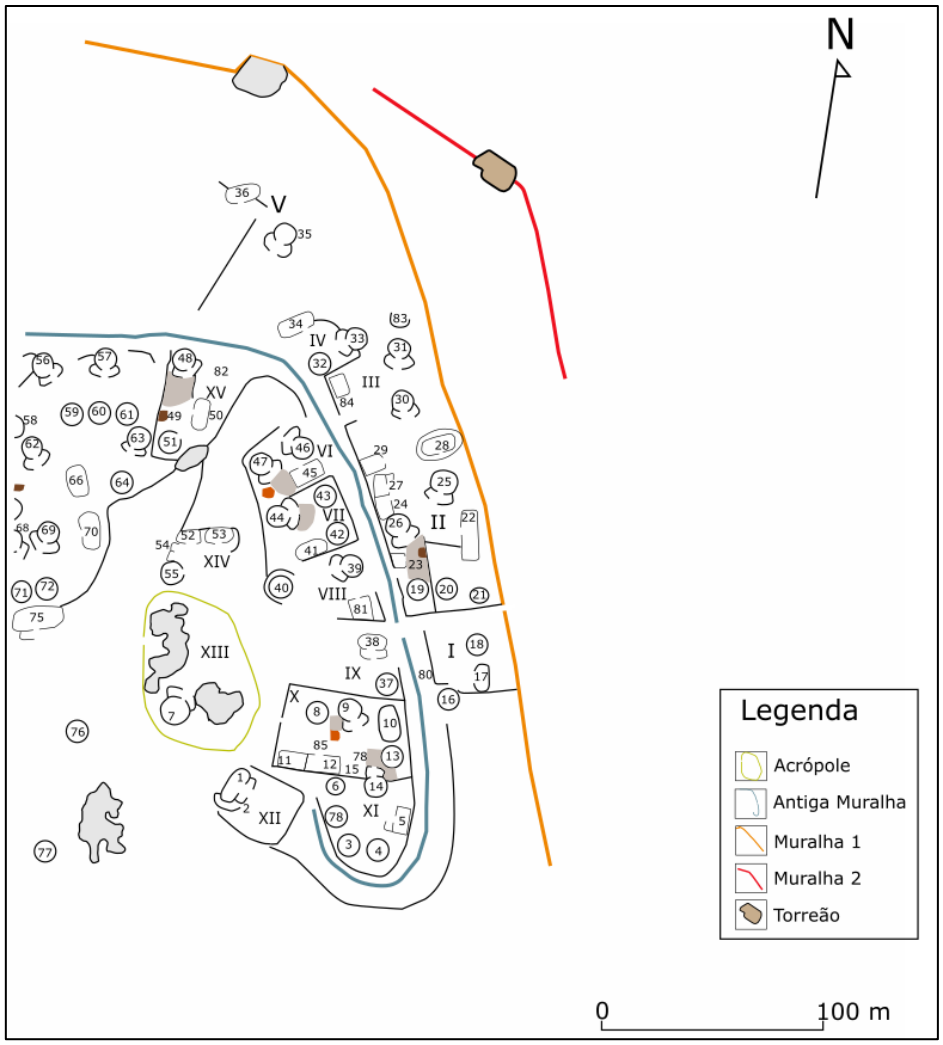


Fig. 8.29 Sistema defensivo: antiga muralha (a azul), 1ª muralha (a amarelo) e 2ª muralha (a vermelho), com torreão ao centro (a castanho) a partir da planta de Octávio Veiga Ferreira, de 1974, adaptada.

Com efeito, a muralha que ainda hoje se conserva em melhor estado é a muralha nº. 1. É bem visível a norte e este, com uma extensão de cerca de 231 m. Não possui largura uniforme, alternando entre 1,80 m e 2,60 m. O traçado que possui assimila a penedia que se encontra no local. É possível, ainda hoje, verificar uma série de canais de esgoto entre algumas estruturas redondas deste povoado para onde eram encaminhadas as águas pluviais, por canais de "esgoto" que atravessam esta estrutura defensiva (Almeida, 2008: 206). Canais estes comuns em povoados com características de proto urbanização, como é o caso das citânias de Sanfins e Briteiros (Silva, 1986).

Uma pequena escavação, realizada em 1994, junto a esta muralha, pôs em evidência restos de uma antiga muralha que terá existido antes desta. Encontrava-se a sudeste, a escassos 20

metros da muralha que hoje se vê (Fig. 8.30). Foi possível perceber que a sua face exterior teria a largura de 1,50 m (Almeida, 2007: 63; Almeida, 2008: 206).

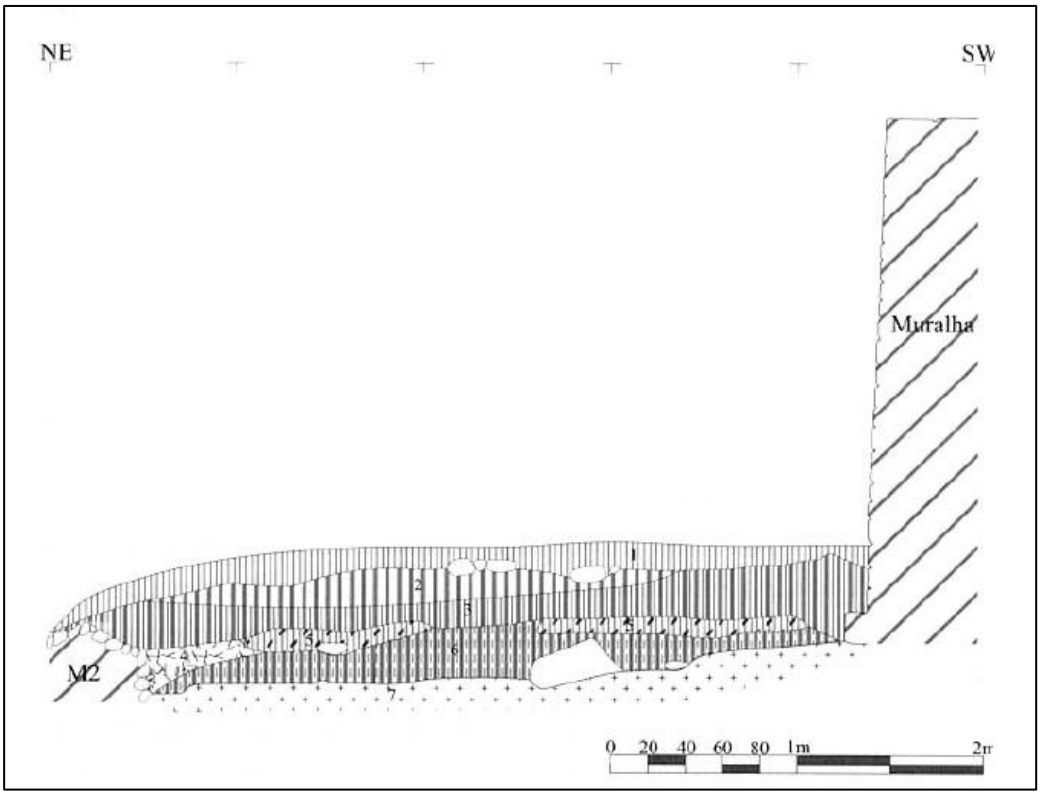


Fig. 8.30 Estratigrafia do Sector E, área escavada em 1994, onde se pode observar, do lado esquerdo, um pano da antiga muralha (M2) (Almeida, 2007: 63, adaptado).

A 2ª muralha situa-se a escassos 16 m para norte da 1ª muralha, e possui, ainda, cerca de 80 m de comprimento. Inserido nesta estrutura estaria o que parece ser um torreão. Este possui cerca de 10 m de comprimento por 5,50 m de largura. Trata-se de uma estrutura rara em povoados desta cronologia, o que levou Almeida (2008: 206) a propor que fosse já do Baixo-Império romano ou mesmo da Alta Idade Média, tendo em conta que apareceram em contexto de escavação algumas cerâmicas dessa cronologia. No entanto, existiram torreões em povoados da Idade do Ferro, como o de São Julião, Vila Verde, datado por Martins (1990: 152) da Idade do Ferro recente. Este reforço dos sistemas defensivos resulta, também, em certa medida, de uma crescente monumentalidade e robustez (Martins, 1990: 152). Os materiais associados a esta estrutura provenientes das escavações de Mendes (2008), que observámos, possibilitaram precisar a datação desta estrutura, o que se discutirá no ponto seguinte deste trabalho.

Relativamente aos **fossos**, dado que foram alvo de escavação recente, o material aí encontrado foi estudado no decorrer deste trabalho, pelo que as suas cronologias será assunto que se discutirá ponto seguinte deste trabalho.

4.2.5.2. Breve análise de materiais dispersos

Como era hábito, durante os primeiros anos do séc. XX, vários estudiosos, investigadores e os primeiros arqueológos portugueses, como Francisco Martins Sarmento, Mário Cardozo, Abel Viana, José Leite Vasconcelos, entre muitos outros, iam "trocando" materiais das escavações que faziam, e enviando para outras instituições alguns exemplares, representativos de cada estação arqueológica que iam investigando. Posteriormente, alguns destes museus foram desativados, passando as coleções para outros, o que aumentou a dispersão do espólio. É, por esse motivo, que há espólio de Santa Luzia em diversas instituições nacionais, como: o Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, a Casa dos Nichos, em Viana do Castelo, o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo, o Museu de História Natural da Universidade do Porto, do Porto, o Museu Solar Condes de Resende, em Vila Nova de Gaia, o Museu dos Serviços Geológicos, em Lisboa (4 fragmentos) e o Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

O estudo destes materiais foi efetuado apenas de modo genérico dado o tempo disponível para a realização deste trabalho. Incidiu sobre os materiais depositados no Museu de Artes Decorativas[228], em Viana do Castelo; no Museu de História Natural do Porto; no Museu Nacional de Arqueologia, de Lisboa e uma peça do **Centro de Interpretação da Citânia de Santa Luzia**.

4.2.5.2.1. Materiais do Museu de Artes Decorativas

Pela recolha bibliográfica sabia-se da existência de material arqueológico nesta instituição, uma vez que esta é a fiel depositária do espólio proveniente do antigo Museu Municipal de Viana do Castelo. Este primeiro museu, criado em 1920, foi recebendo espólio diverso, desde coleções relacionadas com o quotidiano e poderes municipais, até às coleções provenientes dos trabalhos exploratórios efetuados em Santa Luzia, entre os anos 20 e os 90 do séc. XX. Porém, os materiais que hoje se encontram em depósito no Museu de Artes Decorativas deverá corresponder a uma ínfima parte do total que foi descoberto, dado o reduzido número de fragmentos cerâmicos com indicação deste sítio, que se fez através da sigla STA LUZIA (com ou sem número de inventário).

Dada a descontextualização arqueológica deste espólio, a opção metodológica foi a de seriar os materiais cerâmicos em termos tecnológicos e tipológicos por forma a individualizar grandes

[228]Material de escavações antigas decorridas no séc. XX.

momentos cronológicos. Assim, foi possível observar três grandes momentos de ocupação: um da Idade do Bronze, outro do Ferro Antigo e outro do Ferro Recente.

I. Materiais cerâmicos da Idade do Bronze

Foram apenas registados dois fragmentos cerâmicos integráveis nesta cronologia. Em termos técnicos, ambos são de fabrico manual, possuem cozedura redutora e são de coloração acastanhada. Um deles possui pasta arenosa e o outro pasta arenosa-micácea, com desengordurantes de grande e médio calibre o que originou pastas de textura média/grosseira.

Em termos formais correspondem a dois bordos esvasados, de lábio reto. Quanto a forma apenas é possível referir que um dos bordos poderá pertencer a pote da forma 2 (pote) da tabela formal de Bettencourt (1999, 2000c) (Fig. 8.32). O outro é de tipologia indeterminada, todavia pelas suas dimensões poderá pertencer a uma forma 10 (potinho/púcaro) segundo a mesma tabela formal (Fig. 8.31). Ambos possuem as superfícies alisadas e um deles possui fuligem (a forma indeterminada). Um dos fragmentos possui menos de 4 cm e outro, entre 4 e 8 cm, encontra-se bastante rolado.

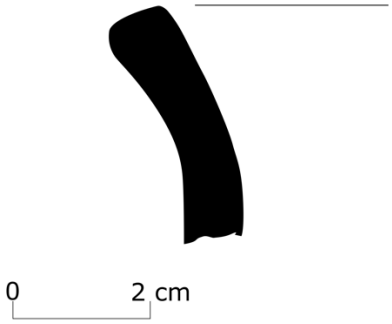


Fig. 8.31 Bordo esvasado de forma indeterminada (forma 10?).



Fig. 8.32 Bordo esvasado – forma 2.

II. Materiais cerâmicos da Idade do Ferro Antiga

Foram registados três exemplares inseríveis nesta cronologia. Em termos técnicos ambos são de fabrico manual e possuem cozedura redutora. Dois deles possuem pasta micácea-arenosa

e o outro possui pasta micácea, com desengordurantes de médio calibre e de textura média. Dois destes fragmentos possuem superfície polida e outro, alisada.

Em termos formais dois bordos são esvasados e um é em aba soerguida. Quanto a tipologia foi possível individualizar um exemplar da forma 1a (pote) e dois exemplares da forma 2 (potinho/púcaro) (Fig. 8.33). Dois deles possuem fuligem e correspondem à forma 2.

Os três exemplares possuem entre 4 e 8 cm, encontrando-se dois deles bastante rolados o que indicia alguma descontextualização.

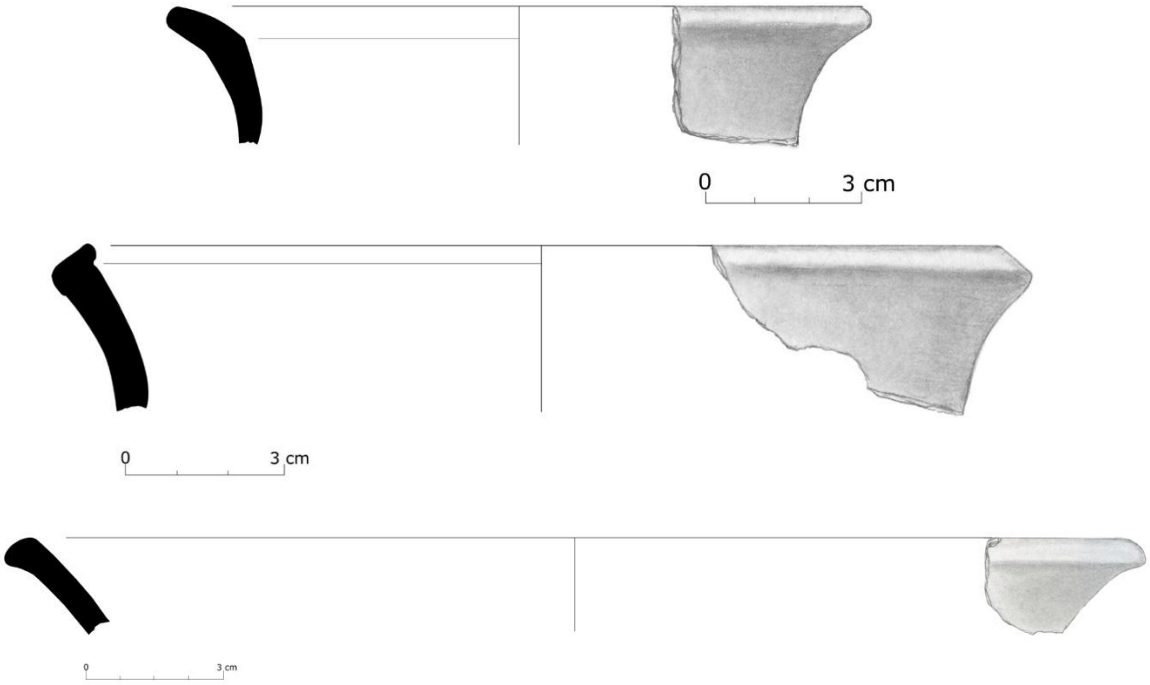


Fig. 8.33 Potinhos/púcaros (forma 2) e pote da forma 1a.

III. Materiais cerâmicos da Idade do Ferro Recente

Foram registados cinco exemplares de cerâmica indígena desta cronologia, além de quatro fragmentos de recipientes com origem nas Rias Baixas Galegas ou no estuário do Minho e de seis fragmentos de recipientes de importação do período tardo-republicano.

4.1.2.1.3.1. Cerâmica indígena

Em termos técnicos, dos quatro fragmentos individualizados, dois foram realizados manualmente e os restantes à roda. A cozedura é, na sua maioria, redutora, à exceção de um exemplar com cozedura oxidante. As pastas destes fragmentos são apenas micáceas. Os desengordurantes possuem calibre médio a pequeno. A maioria dos fragmentos possuem textura

média à exceção de um exemplar de textura fina. Apenas 1 fragmento é polido e os restantes possuem as superfícies alisadas.

Em termos formais foram individualizados três bordos (um exemplar em aba soerguida, um exemplar esvasado, com uma asa de secção pentagonal, e um exemplar vertical). Foi ainda individualizada uma asa em orelha de uma forma 6 que se encontra decorada com uma aplicação plástica e com incisões. A decoração na asa em orelha consubstancia-se pela aplicação de um pequeno cordão, por cima do orifício, e por vários sulcos incisos, de pequena dimensão que também o rodeiam. Este apresenta sinais de desgaste, na parte superior, pelo facto de a peça ter sido suspensa (Fig. 8. 35, b)).

Foram identificadas três formas: um exemplar da forma 2a (púcaro); um exemplar da forma 5 (talha); dois exemplares da forma 6 (panela de asa em orelha) (Fig. 8.34; Fig. 8.35). Dois possuem fuligem, respetivamente, a forma 2a e forma 6, por terem estado em contacto com fogo.

Relativamente aos tamanhos dos fragmentos, três exemplares possuem dimensões entre 4 e 8 cm, um possui um tamanho < a 4 cm e outro é > a 8 cm. Dois deles encontram-se bastante rolados.

Este conjunto poderá datar-se, por paralelos com cerâmicas da bacia do Cávado, de entre os séculos II a.C. e I d.C.

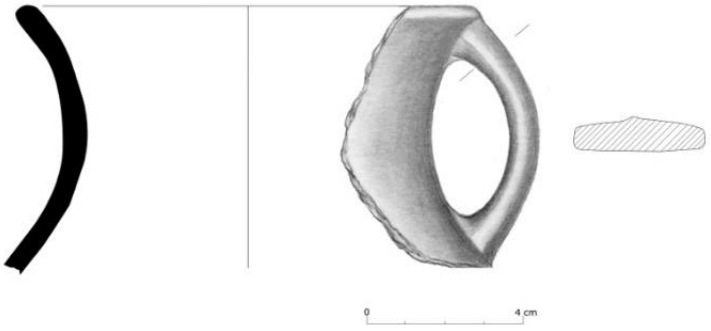


Fig. 8.34 Púcaro – forma 2a.



a)

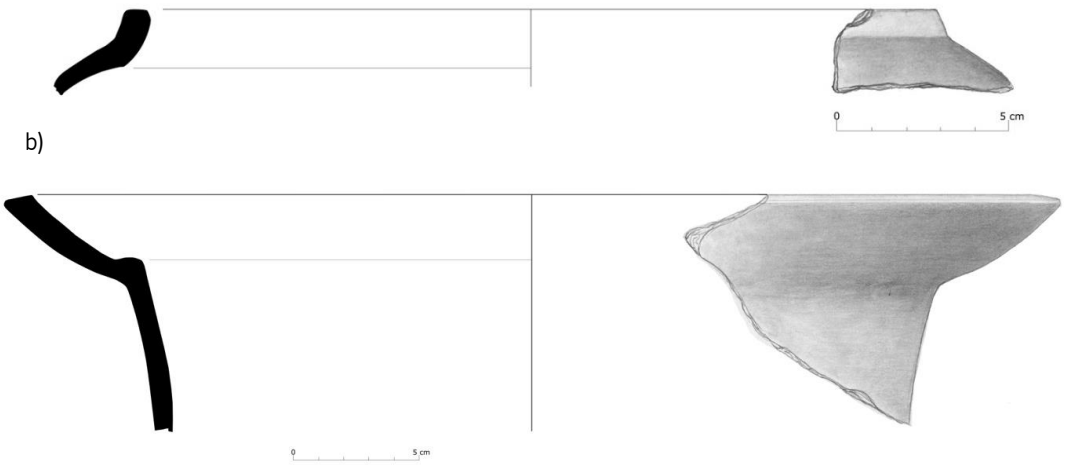


Fig. 8.35 Formas cerâmicas: a) e b) asa e bordo da forma 6 – panela de asa em orelha, c) Forma 5 – talha.

4.1.2.1.3.2. Cerâmica de importação setentrional

No que diz respeito aos materiais com origem na área das Rias Baixas galegas ou no estuário do Minho, foram considerados quatro fragmentos (Fig. 8.36).

Em termos técnicos três foram realizados à roda e um manualmente. A cozedura é redutora e oxidante (dois exemplares cada). As pastas são micácea-arenosa e arenosa (dois exemplares cada). Os seus desengordurantes possuem calibre pequeno com uma exceção, que possui grande calibre, o que originou texturas médias grosseiras. Apenas um fragmento é polido. Os restantes possuem as superfícies alisadas.

Em termos formais foram estudados três bordos (dois fechados e um em aba soerguida) e um bojo decorado. São todos enquadráveis na tipologia de vasos de bordo reforçado de tipo Vigo, segundo Rey Castiñeira (1991).

Um destes exemplares possui fuligem na zona exterior do lábio.

Todos os fragmentos possuem decoração. Dois exemplares possuem decoração por aplicação plástica e incisão, um exemplar possui decoração por aplicação plástica, incisão e impressão e um outro possui decoração por impressão.

As aplicações plásticas manifestam-se por cordões horizontais ou por mamilos alongados. Em todos os casos o bordo exterior tem incisões ou impressões dispostas na vertical. Por vezes a aba interior tem pequenas impressões.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, dois exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e regista-se dois exemplares com um tamanho superior a 8 cm. Apenas um exemplar

encontra-se rolado. Estas cerâmicas datam-se do câmbio era, ou seja, do séc. I a.C. – I d.C. (Rey Castiñeira, 1991: 391-392).

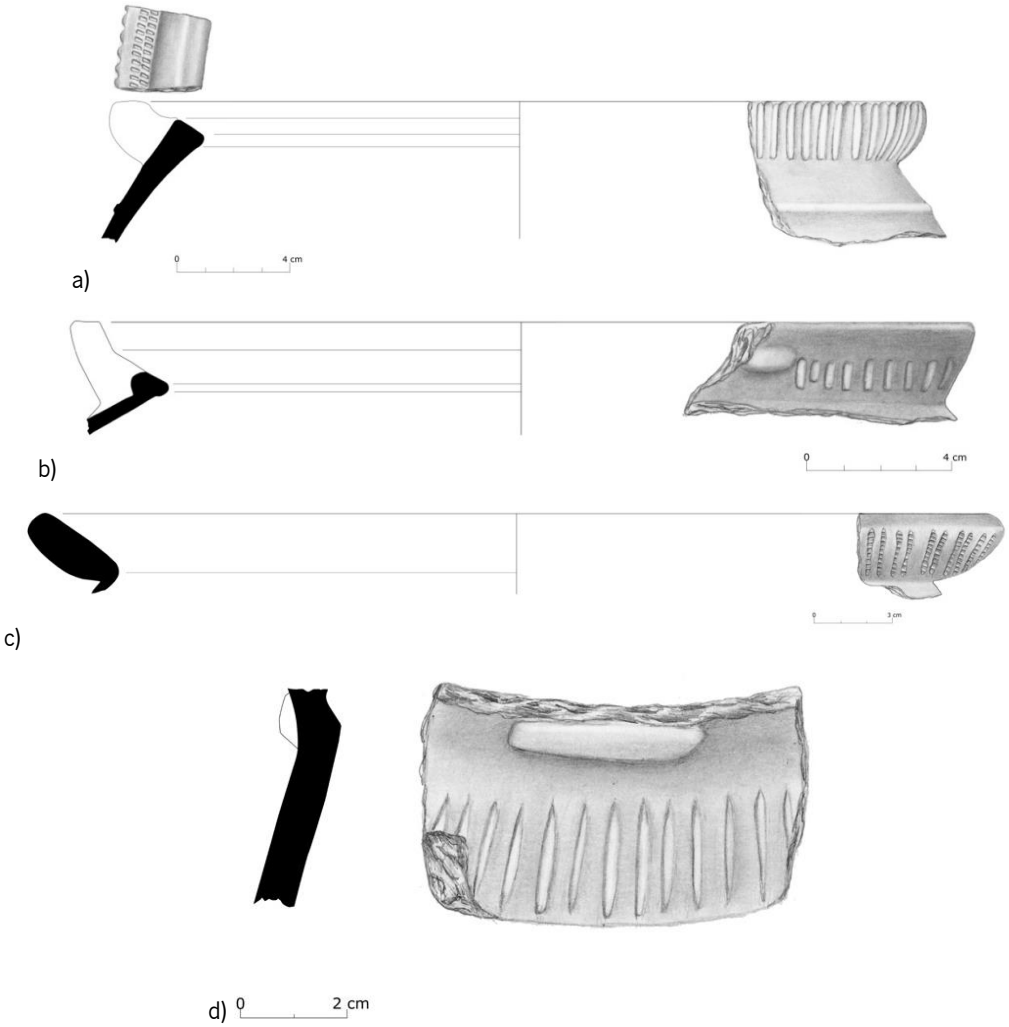


Fig. 8.36 Formas cerâmicas oriundas das Rias Baixas galegas ou do estuário do Minho: a), b) e c) - 3 bordos reforçados de tipo Vigo, decorados; d) fragmento decorado provavelmente de uma peça de bordo reforçado de tipo Vigo.

IV. Materiais de importação meridional do período Republicano

Foram considerados dois fragmentos de paredes finas, com origem na Etrúria, do período de Augusto, isto é, dos finais do séc. I a.C. e inícios do séc. I d.C. (Fig. 8.37) (Ricci, 1985).



Fig. 8.37 Paredes finas da região da Etrúria.

O material importado anfórico, composto por quatro exemplares, corresponde a um exemplar de ânfora de tipo Haltern 70 (Fig. 8.38, b)) (com uma cronologia entre os meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. (García Vargas, 1998; Morais, 1998: 45)), um exemplar do tipo Dressel 7-11 de produção do vale do Guadalquivir (com uma cronologia entre meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. (García Vargas, E. 2004)) e dois exemplares do tipo Dressel 1 de produção do vale do Guadalquivir (com uma cronologia bastante lata, entre finais do séc. II a.C. e o último decénio de do séc. I a.C. (Molina Vidal, 1997; C. Fabião, 1998: 179; 2000: 667)) (Fig. 8.38, a)). Exemplares anfóricos que cronologicamente se enquadram entre a segunda metade séc. II a.C. e finais do séc. I d.C.

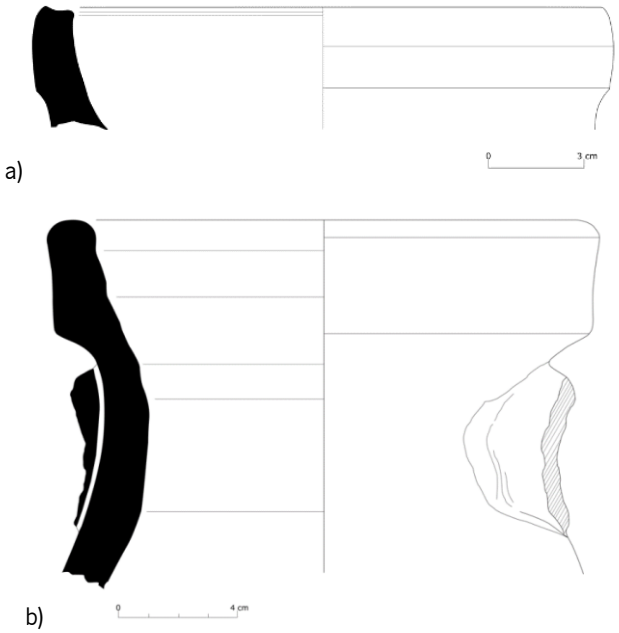


Fig. 8.38 Formas anfóricas: a) Dressel 1 (do vale do Guadalquivir) e b) Haltern 70 (da área da Bética).

4.2.5.2.2. Materiais no Museu de História Natural do Porto

Os materiais existentes em depósito neste museu são provenientes de recolhas feitas por várias pessoas ao longo da primeira década do séc. XX que se individualizam pela sigla e número de inventário atribuído pelo referido museu. Encontrava-se cada fragmento individualizado num pequeno saco. Todos os fragmentos desta estação estavam depois no interior de um saco maior, e num contentor (com indicação da estação arqueológica na parte exterior) (Tab. 8.2).

No total estão em depósito nesta instituição um total de 63 fragmentos cerâmicos. Destes, são de época tardo republicana e romana 32 fragmentos (a maior parte fragmentos de tégula de bojos de ânfora e cerâmica comum), de época genericamente atribuível à época medieval 2 fragmentos e ainda uma telha moderna. Alguns fragmentos de época romana e da Idade do Ferro foram, anteriormente, estudados, sucintamente, por C.A.B. Almeida (1990: 234).

Foram considerados um conjunto de 22 fragmentos cerâmicos de um total de 28 que se inserem genericamente no Ferro Recente pelas suas características técnicas e tipológicas

Em termos técnicos são, na sua maioria, produzidos à roda (19 exemplares), sendo os restantes manuais. As cozeduras são, maioritariamente, redutoras (19 fragmentos), sendo oxidante apenas em três casos. As pastas dividem-se entre micáceas (18 exemplares), micácea-arenosa (um exemplar) e arenosa (um exemplar). As palhetas de mica dos desengordurantes possuem, na sua maioria, pequeno (13 exemplares) e médio calibre (9 exemplares). As textura são na generalidade média (19 casos) e finas (um caso) A maioria dos fragmentos possuem superfície polida (11 exemplares), sendo os restantes, alisado.

Em termos formais foram identificados 15 bordos (12 esvasados e três abertos), um exemplar de asa em orelha, dois exemplares de arranques de asa, um exemplar de base (de fundo plano simples) e ainda quatro exemplares de bojos decorados. Quanto as tipologias foram estudados dois exemplares da forma 1a (pote de bordo esvasado); sete exemplares da forma 2b (potinho/púcaro); um exemplar da forma 2a (púcaro); dois exemplares da forma 4b (panela de asa interior), um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha). Há, ainda dois exemplares indeterminados (Tab. 8.1).

Tabela 8.1 Formas da Idade do Ferro Recente

Forma	NMI	%
Forma 1a	2	13,3 %
Forma 2b	7	46,7 %
Forma 2c	1	6,7 %
Forma 4b	2	13,3 %
Forma 6	1	6,7 %
Indeterminada	2	13,3 %
Total	**15**	**100 %**

No que diz respeito aos fragmentos decorados há decorações por aplicação plástica (um caso), por aplicação plástica e incisão (um caso), por incisão e impressão (um caso) e por incisão, impressão e aplicação plástica (um caso).

O fragmento decorado por aplicação plástica apresenta um cordão no interior de um bojo. A decoração compósita por incisão, impressão e aplicação plástica contém um cordão aplicado na horizontal, seguido de dois sulcos incisos horizontais e, finalmente, uma série de SSS impressos.

O fragmento decorado por aplicação plástica e incisão apresenta os seguintes motivos decorativos: 1 cordão aplicado no início do bordo, 11 pequenos sulcos incisos na vertical, seguidos de caneluras horizontais formadas por dois cordões horizontais. Sob estes encontra-se um banda com séries de inúmeras aplicações de pequenos círculos (mais conhecidas como pérolas, *perladas* ou ainda botões cónicos (Rey Castiñeira, 1991: 297), seguidas de um cordão horizontal, muito típicos de formas setentrionais (Rey Castinêira, 1991) (Fig. 8.39).

Um exemplar de bojo apresenta várias incisões de ponta romba, na parte superior e inferior de uma banda preenchida por uma série de semicírculos impressos, dispostos de modo intercalado (Fig. 8.39). Trata-se de fragmentos de origem setentrional, ou seja, da área das Rias Baixas galegas (Rey Castiñeira, 1991) ou foz do Minho, devido às suas características técnicas, e sobretudo decorativas. Estes fragmentos já tinham sido mencionados por Viana e Oliveira (1954) e por C.A.B. Almeida (1990: 226, Est. XVI, 235, Est. XLVIII; 2008: 147).



Fig. 8.39 Fragmentos decorados por aplicação plástica e incisão, de origem setentrional (Almeida, 1990: 226, 235; 2008: 147).

Em termos do que são as características deposicionais e pósdeposicionais apenas dois fragmentos encontram-se rolados. Além disso, 12 exemplares possuem um tamanho entre 4 e 8 cm, cinco exemplares possuem um tamanho >8 cm e os restantes cinco possuem um tamanho < de 4 cm, indiciando serem materiais de contextos pouco alterados.

Foram ainda identificados quatro exemplares de ânforas do período tardo-republicano romano: dois exemplares de Dressel 1, do vale do Guadalquivir, um exemplar de Haltern 70, da Bética costeira, tal como um exemplar de tipo Oberaden 83, do vale do Guadalquivir.

Tabela 8.2 Material em depósito e estudado do Museu de História Natural

Nº inventário MHNP	Recolha de	Ano de depósito
196829	Joaquim Santos	1942
196830	Joaquim Norberto Rodriques	1941
196831	Joaquim Norberto Rodriques	1941
196832	Indeterminado	
196843	Indeterminado	
196856	Indeterminado	1991
196857	Indeterminado	
196859	Indeterminado	1937/15

196864	Indeterminado	1941
196864	Indeterminado	1948
196865	Indeterminado	
196866	Indeterminado	1937/6
196868	Indeterminado	1937/14
196869	Indeterminado	1937/9
196871	Indeterminado	
196877	Indeterminado	1937
196878	Indeterminado	
196879	Indeterminado	
196879	Ricardo Severo	
196880	Indeterminado	
196881	Indeterminado	1937/15
196885	Ricardo Severo	
196862	Indeterminado	
196855	Indeterminado	
196867	Indeterminado	1937/8
196882	Indeterminado	

4.2.5.2.3. Materiais no Museu Nacional de Arqueologia

Neste organismo estavam em depósito cinco fragmentos cerâmicos, uma peça cerâmica restaurada e ainda três objetos líticos que são provenientes deste povoado.

Segue-se a descrição de cada uma das peças em causa:

- Nº. 11831/1008: fragmento de bordo em aba soerguida, de fabrico manual, de cozedura redutora, de pasta micácea, com e.n.p. de pequeno calibre, de textura média e de acabamento polido. Possui um tamanho entre 4 e 8 cm, não está rolado nem possui fuligem. Diâmetro de bordo: 24 cm. Datável **da Idade do Ferro Antiga**, forma 1 b – Pote (Fig. 8.40, c)).
- Nº. 11831/1054: fragmento de asa de preensão vertical, de seção com canelura longitudinal, de fabrico manual, cozedura redutora, pasta micácea, com e.n.p. de pequeno calibre, textura fina e acabamento alisado. Possui um tamanho entre 4 e 8 cm, não está rolado nem possui fuligem. Datável da **Idade do Ferro Recente**, asa de forma 2a – Púcaro.
- Nº. 11831/1053: fragmento de bordo aberto, de fabrico à roda, de cozedura oxidante, de pasta micácea, com e.n.p. de pequeno calibre, de textura média e acabamento polido.

Possui um tamanho menor de 4 cm, não está rolado nem possui fuligem. Diâmetro: não registado. Datável da **Idade do Ferro Recente**, Forma 6 – Panela de Asa em Orelha.

- Nº. 11831/1044: fragmento de bojo decorado, de fabrico manual, cozedura oxidante, pasta micácea com e.n.p. de pequeno calibre, textura média e acabamento alisado. Possui um tamanho entre 4 e 8 cm, não está rolado nem possui fuligem. É decorado através de aplicações plásticas, cujos motivos são dois cordões dispostos na horizontal. Datável da **Idade do Ferro Recente**.
- Fragmento de perfil completo (nº. 11831/Contentor 954/Vol.5): bordo ligeiramente esvasado, peça de perfil em S e base de fundo plano simples (?). De fabrico a torno, cozedura redutora, de pasta micácea, de textura média, com e.n.p. pequenos, o seu acabamento é alisado, possui um tamanho entre 4 e 8 cm, não está rolado nem possui fuligem. Diâmetro: 9 cm. Datável da **Idade do Ferro Recente**, forma 2b – Potinho. (Fig. 8.40 a)).
- Nº. 11831/55/79: forma de perfil completo e restaurada, com bordo esvasado, asa de preensão vertical, de seção com canelura longitudinal, bojo de perfil em S e base de fundo plano alargado. Tem fabrico à roda, de cozedura oxidante, de pasta micácea-arenosa, com e.n.p. de pequeno calibre, textura média e acabamento alisado. Possui um tamanho maior de 4 cm, não está rolado nem possui fuligem. A decoração é incisa e os motivos decorativos caracterizam-se por dois sulcos incisos horizontais paralelos na zona de passagem do colo para o bojo. Diâmetro: 16 cm. Datável da **Idade do Ferro Recente**, Forma 2a – Potinho/Púcaro (Fig. 8.40 b)).

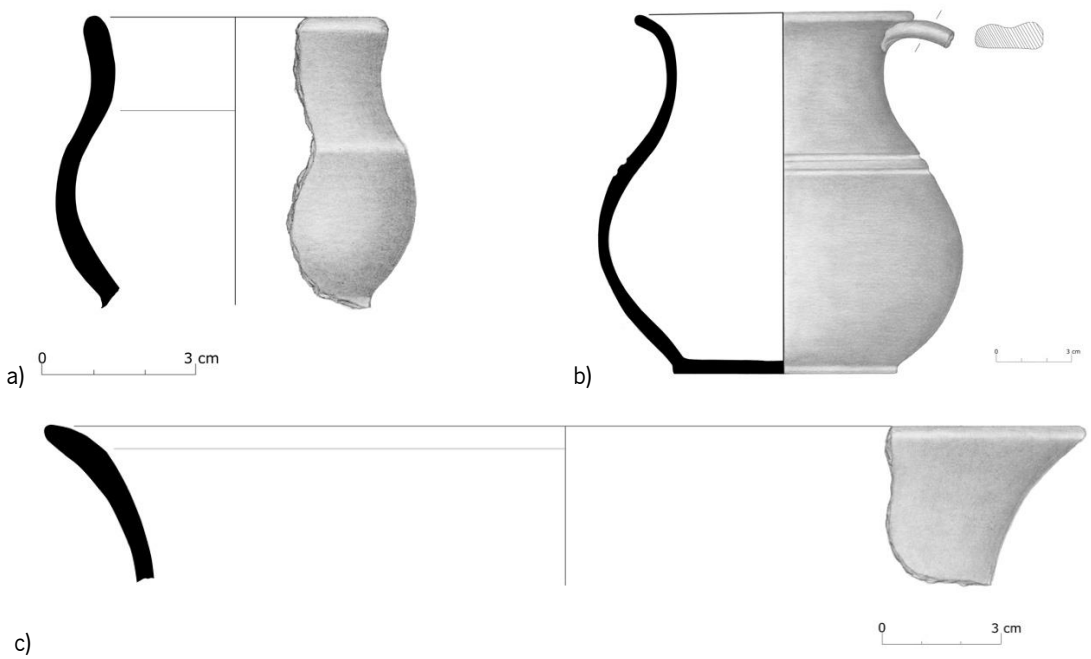


Fig. 8.40 Formas: a) Potinho – forma 2b; b) Púcaro – forma 2a, decorado; c) Pote – forma 1b.

Quanto aos líticos contabilizaram-se três (dois deles – uma espécie de pilão e uma placa perfurada, sem cronologia específica) e um objeto que mereceu especial atenção. Esta peça tinha já sido mencionada por Maria Pereira (1968: 29-30).

Trata-se da peça com o Nº. 11842. Corresponde a um seixo de anfibolito, polido em todas as extremidades, com uma forma ligeiramente troncocónica. Encontra-se partido, em ambas as extremidades, mas pode observar-se que foi gravado na parte superior com um sulco horizontal (com 0,3 cm de profundidade) que rodeia grande parte da peça. Deste sulco sai um outro, na vertical, numa das faces laterais da peça. No topo de uma das faces mais alargadas o sulco horizontal é interrompido por uma depressão, polida. Na base desta mesma face há outra depressão muito alargada, de seção em U, disposta na vertical com uma das extremidades arredondadas, desconhecendo-se como terminaria na base da peça por esta se encontrar fraturada nesse local. Na base da outra face alargada também há uma depressão similar à descrita, mas menos alta. Apesar de fraturada em ambas as extremidades, a peça mede 15,6 cm de comprimento máximo, por 6,3 cm de largura máxima e 5,3 cm de espessura. Pesa cerca de 4 kg (Fig. 8.41).

Não sabemos ao certo a sua utilidade, mas trata-se de um objeto para ser visto na vertical. O facto de se encontrar "decorado" e de ter uma forma e atributos que lembram o pénis coloca-se a hipótese de poder ser uma espécie de ídolo (fálico?) ou de um bétilo. Esta hipótese será discutida no ponto da discussão dos dados.



Fig. 8.41 Ídolo /bétilo (?).[229]

4.2.5.2.4. Materiais líticos do Centro de Interpretação da Citânia de Santa Luzia[230]

No Centro de Interpretação da Citânia de Santa Luzia foi encontrado, num canto sem qualquer etiqueta, uma das estelas publicadas por Ferreira *et al.* (1980), nomeadamente, a do lado esquerdo da fotografia (Fig. 8.42). Segundo esta publicação a estela foi encontrada na parede da casa 69, localizada na plataforma imediatamente a noroeste da acrópole.

[229] Fotografia gentilmente cedida pelos serviços do Museu Nacional de Arqueologia.
[230] Material de escavações antigas decorridas no séc. XX.

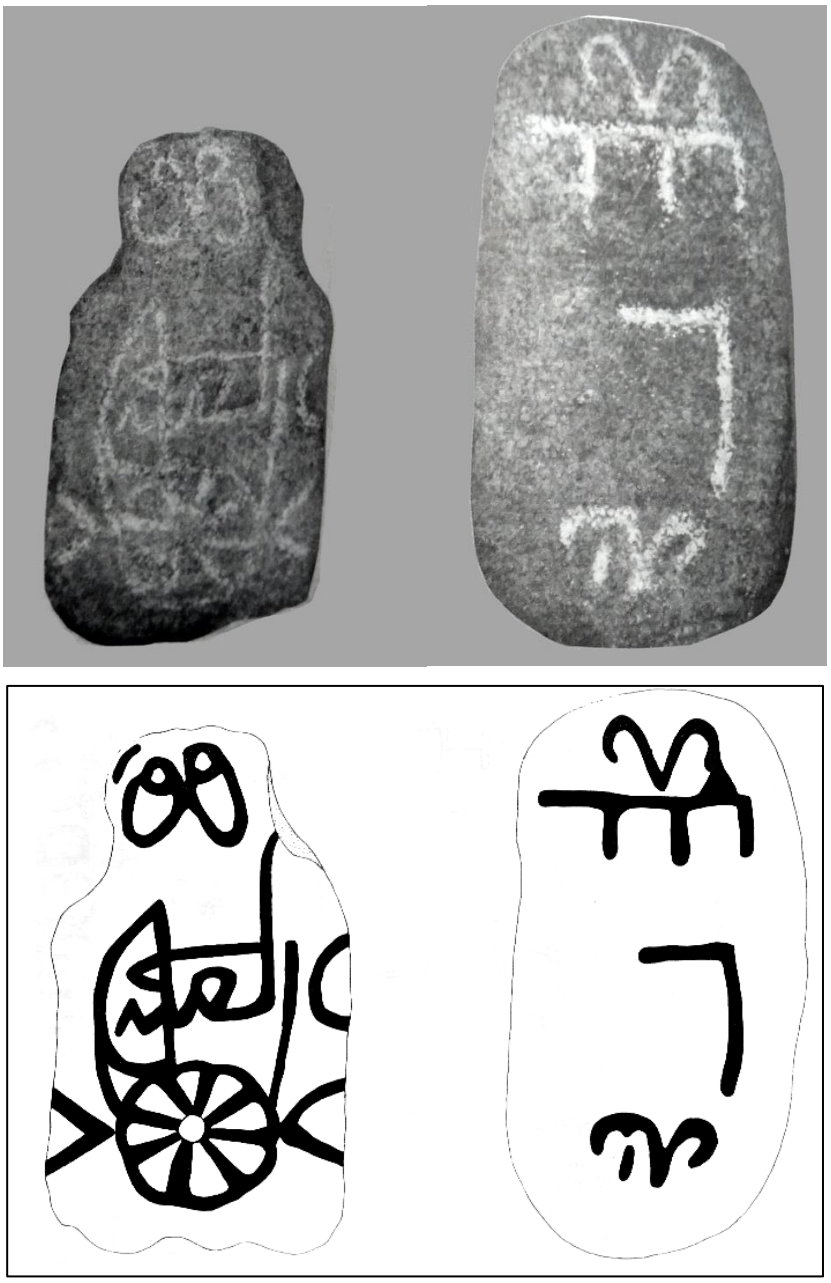


Fig. 8.42 Estelas gravadas oriundas do povoado de Santa Luzia (Ferreira et al., 1980, adaptado).

Trata-se de uma peça em granito de duas micas, de grão grosseiro a médio, e com megacristais de quartzo, com uma configuração algo antropomórfica, onde se notam entalhes laterais que indiciam ombros e um estreitamento intencional, na parte superior, na área da cabeça. Mede 48,6 cm de altura, 29,8 cm de largura máxima e cerca de 30 cm de espessura. A largura entre os ombros é de 30,1 cm. O comprimento máximo da cabeça é de 10,4 cm e a sua largura é de 19,5 cm. A superfície gravada encontra-se um pouco polida e a restante peça não possui acabamento, sendo por isso rugosa.

Segundo o desenho de Ferreira *et al.* (1980) esta estela encontra-se gravada desse a cabeça ao corpo, pelo menos, numa das faces.

Foi alvo de levantamento de fotogramétrico e de decalque, cujo resultados apresentamos. Efetivamente, após análise dos resultados da aplicação destas metodologias, verificámos a existência, apenas, de alguns motivos apresentados no artigo referido. Estes localizam-se apenas no corpo da peça e apresentam-se mais simples do que os publicados. Os motivos gravados são constituídos apenas por alfabetiformes que parecem recentes (um A, um F invertido e um I), além de um meio círculo. A gravação é produzida por pico metálico perfazendo uma secção em V (Fig. 8.43).

Perante estes dados é difícil continuar a aceitar a proposta "decorativas" de Ferreira *et al.* (1980), podendo ser considerada estela pela sua configuração.



Fig. 8.43 Estela de tendência antropomórfica que foi alvo de fotogrametria e levantamento com luz rasante artificial.

Em síntese, o estudo destes materiais confirma a ocupação, em Santa Luzia, de três momentos cronológico-culturais genéricos a saber: Idade do Bronze, Ferro Antigo e Ferro Recente. O material de importação de origem setentrional e meridional possibilitam precisar que, parte dessa ocupação, se verificou entre o séc. II a.C. e o séc. I d.C., o que é concordante com muitas das estruturas encontradas e com o proto-urbanismo conhecido no povoado.

A confirmar-se a existência de um bétilo que se baliza entre o séc. V a.C. e III a.C., teríamos uma ocupação do local nesse intervalo, o que é coincidente com algumas cerâmicas observadas.

4.2.6. Estruturas, estratigrafia e materiais resultantes das escavações de 2002 a 2006

4.2.6.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos realizados entre 2002 e 2006 incluíram sondagens arqueológicas, de caráter preventivo, na área a ser afetada pela construção do novo edifício da receção ao visitante e pelos arranjos paisagísticos, além de outras áreas, e o acompanhamento arqueológico da vala de saneamento, aberta aquando da construção do novo edifício de receção. Finalmente, foram levadas a cabo algumas prospeções arqueológicas em torno do povoado de Santa Luzia com o objetivo de avaliar o potencial arqueológico da sua área de expansão com a meta de ser criada uma Zona Especial de Proteção para esta estação arqueológica (Fig. 8.44). Estes trabalhos estiveram a cargo de Sílvia Mendes que entregou à tutela um relatório circunstanciado dos trabalhos (Mendes, 2008).

4.2.6.2. Prospeções arqueológicas

Os trabalhos de prospeção sob a direção de Sílvia Mendes possibilitaram ampliar a área do povoado, pois surgiram várias estruturas construídas, como muros que poderão ser defensivos, a norte, entre outros muros nas vertentes nor-noroeste, sudoeste e sudeste. Descobriram-se, ainda, várias estruturas circulares a sul e sudeste da acrópole (Fig. 8.44).



Fig. 8.44 Novas estruturas descobertas fora do perímetro escavado (Mendes, 2008, adaptado).

4.2.6.3. Sondagens arqueológicas

4.2.6.3.1. Introdução

As sondagens arqueológicas foram realizadas no interior e exterior da primeira linha de muralha (M1), na área onde passaria também a segunda muralha (M2), bem como pelo seu hipotético lado exterior, o que incluiu o local de construção das novas estruturas de apoio. Com estes trabalhos pretendia-se obter elementos de datação, devidamente contextualizados da construção destas estruturas e novos conhecimentos sobre o povoado.

Quanto à metodologia, a área foi dividida em quatro setores, com uma quadrícula comum a todos eles. O Setor I foi implantado no local onde está construído o edifício de receção a visitantes, sensivelmente no extremo nor-nordeste do povoado; os Setores II e III situaram-se no exterior da muralha 1 e na área da muralha 2, e o Setor IV ficou situado já no espaço interior da muralha 1, correspondendo *grosso modo* ao **núcleo habitacional I** e espaços adjacentes a sudeste (Mendes, 2008, Est. CLXVI). Estas áreas intervencionadas eram áreas que seriam afetadas por estruturas metálicas para os visitantes e pelo arranjo paisagístico (Mendes, 2008: 27) (Fig. 8.45).



Fig. 8.45 Planta das escavações realizadas entre 2002 e 2006 (Mendes, 2008, Est. CLXVI, adaptado).

Os quadrados abertos tinham 2 x 2 m e a escavação foi efetuada por decapagem de camadas naturais. O espólio cerâmico (> 4 cm) e restante espólio lítico e metálico foi referenciado tridimensionalmente, o que beneficiou a interpretação dos espaços estudados. Foram, também, recolhidas amostras de carvão vegetal para datações por radiocarbono e de sedimentos, para análises antracológicas e palinológicas.

Nos Setores I e II a estratigrafia era praticamente inexistente pelo que não se recolheram materiais arqueológicos relevantes para este estudo (Fig. 8.46). O Setor I forneceu apenas 24 fragmentos cerâmicos. Quanto ao Setor II apenas foram registados dois fragmentos cerâmicos (Mendes, 2008: 54-55). Tendo em conta este cenário, optou-se por não fazer qualquer estudo detalhado dos materiais provenientes destas áreas.



Fig. 8.46 Planta das escavações realizadas entre 2002 e 2006 (Mendes, 2008, Est. CLXVI, adaptado), a tracejado o Setor I e II.

No que diz respeito aos Setores III e IV, os níveis arqueológicos encontravam-se mais bem preservados e com quantidade e qualidade de materiais. Ainda assim, as sondagens 1 a 4, do Setor III não foram tidas em consideração já que não forneceram materiais arqueológicos relevantes para este trabalho (Fig. 8.47; Fig. 8.100). Apenas foram tidos em conta neste Setor III as sondagens 5, 6, 8 e um artefacto metálico de relevância para a diacronia deste povoado no quadrado M'38.

Relativamente ao Setor IV todas as sondagens foram tidas em consideração.

Os dados materiais serão apresentados da seguinte forma: em primeiro lugar as materialidades cerâmicas, depois os metálicos e, quando existem, os líticos.

4.2.6.3.2. Estruturas, estratigrafia e materiais

1) Sector III

Neste setor, implantado segundo o traçado sul e sudeste, ficando entre a primeira linha de muralha e a atual vedação do sítio arqueológico foram abertos um total de 13 quadrados (destacamos o quadrado M'38) e ainda oito sondagens (Fig. 8.47). As sondagens 1, 2, 3 e 4 localizam-se de forma genérica na área nordeste deste povoado e foram estudadas de forma genérica, apenas com identificação das estruturas descobertas. Na sondagem 1 foi encontrada a face externa da muralha 2, já muito destruída, e na sondagem 2 foi descoberto parte do fosso 1. Na sondagem 3 foi descoberto aquilo que pode ser um terraço artificial sustentado por muro de contenção já muito destruído. Na sondagem 4 foi descoberto um outro muro de sustentação de um terraço artificial e ainda foi registado o fosso mais exterior (fosso 2) (Mendes, 2008: 32-33). Esta área encontrava-se muito afetada. Nestas sondagens foi registado um pequeno número de materiais que não foram considerados pelo seu diminuto tamanho.



Fig. 8.47 Planta das escavações realizadas entre 2002 e 2006 (Mendes, 2008, Est. CLXVI, adaptado), a tracejado o Setor III.

Quadrado M'38

Neste pequeno quadrado que não faz parte de nenhuma das principais sondagens, foi estudado um objeto metálico de um conjunto de três. Todos eles foram encontrados em níveis superficiais.

Destacamos, na camada 1 (Mendes, 2008: 28-29), uma ponta de lança[231], em ferro, de folha em seção de losango, com ambas as extremidades partidas e as laterais da folha parcialmente dobradas. Este objeto possui 17,7 cm de comprimento, 5,5 de largura e 1,4 cm de espessura e pesa cerca de 7,8 gramas.

Esta ponta de lança devemos classificar como tendo um perfil aparentemente triangular e é produzido em época romana (Fig. 8.48). A sua cronologia é neste caso uma datação genérica. Será talvez do final do período republicano (período de conquista desta área peninsular) com uma cronologia genérica entre a segunda metade do séc. II a.C. e provavelmente a primeira metade do

[231] Número de inventário do MDDS: 2021.5018.

séc. I a.C., segundo Quesada Sanz (2008). Formalmente esta ponta de lança parece-se um pouco com uma outra achada na área de Numância, no período republicano romano (Bishop e Coulston, 2006: 54, fig. 24, 6) ou de Cáceres (Bishop e Coulston, 2006: 54, fig. 24, 5).

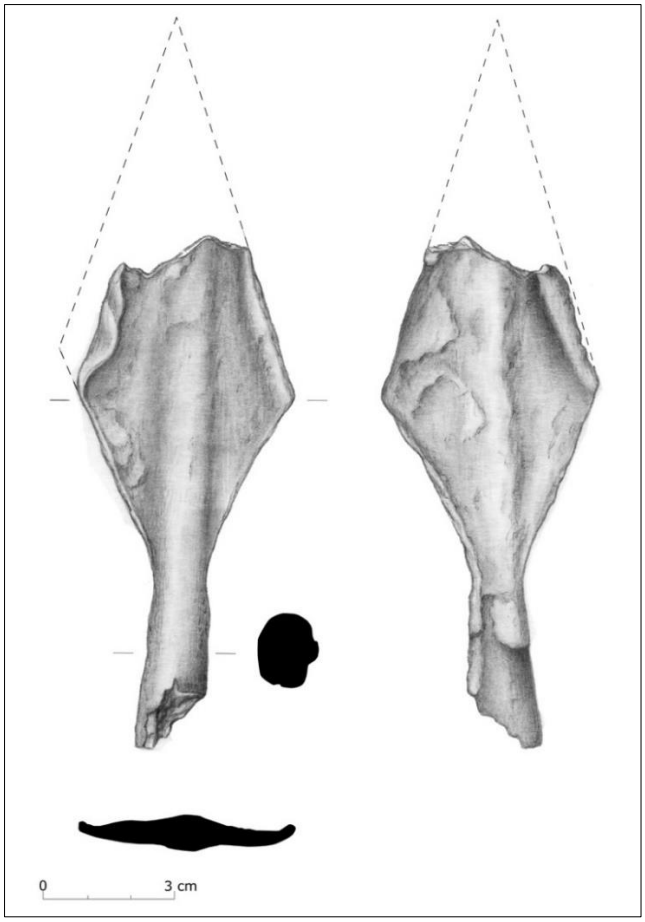


Fig. 8.48 Ponta de lança, com a ponta partida e com as laterais dobradas (desenho de Amélia Marques).

Sondagem 1

Foi implantada na área S/SE, junto ao passadiço metálico, para se verificar se a segunda linha defensiva se expandia para SE (Mendes, 2008) (Fig. 8.49). Esta sondagem contemplava os quadrados H'27 e H'28, I'27 e I'28. Com a escavação do local foi descoberta a face externa da muralha 2, embora, muito destruída, bem como o enchimento desta estrutura (Mendes, 2008: 30).

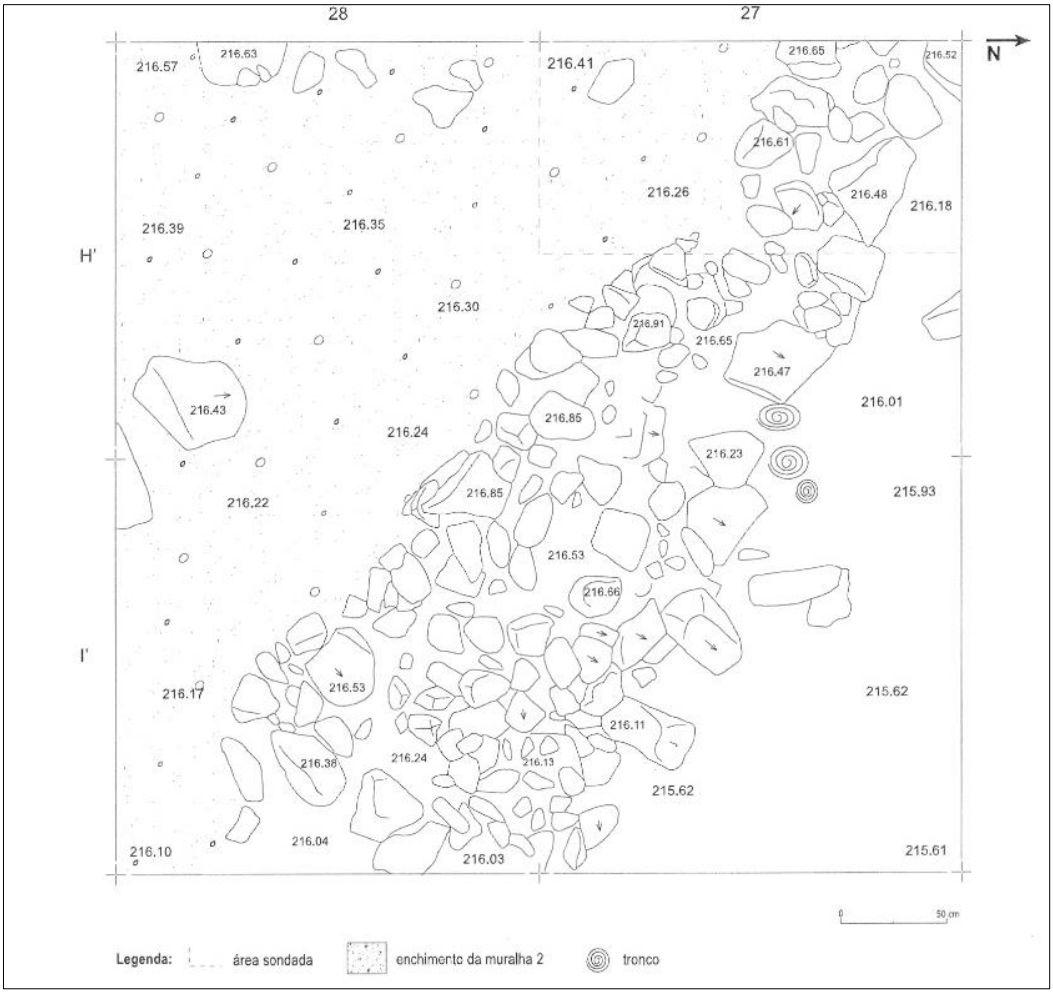


Fig. 8.49 Setor III, sondagem 1 – planta final, com a face externa da muralha 2 e parte do enchimento da mesma (camada 2) (Mendes, 2008, Est. LXVII).

Sondagem 2

A Sondagem 2, localizada a sudeste da Sondagem 1, expôs a existência do fosso 1, uma estrutura em negativo que parece desenvolver-se paralelamente à estrutura defensiva (Fig. 8.50; Fig. 8.51).

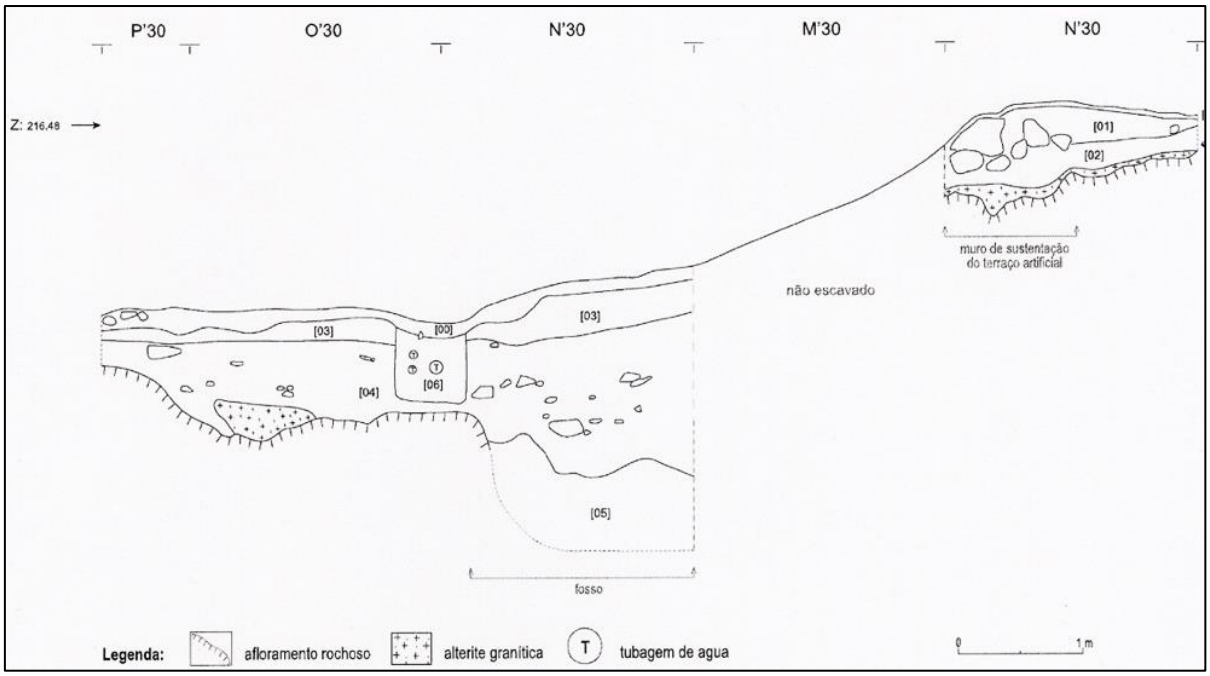


Fig. 8.50 Setor III, sondagem 2 – perfil Sul (Mendes, 2008, Est. LXIX).



Fig. 8.51 Planta final da sondagem 2 – corte norte (Mendes, 2009, Est. LXX, adaptado). Note-se do lado direito o fosso 1.

Sondagem 3

A Sondagem 3 corresponde aos quadrados J' a N'35 e L'36, e equivale a uma vala de 8 metros, aberta no sentido oeste-este, entre o que hoje corresponde ao passadiço e o paramento externo da segunda linha de muralha (Mendes, 2008: 31).

Não foi encontrada a face interna desta segunda linha de muralha, mas sim uma parcela de terreno nivelado de forma intencional, criando um terraço. Na camada superficial foi registado um nível de blocos alinhados e sobrepostos, mas muito destruído do qual aparenta restar a base. A partir das características do terreno e pela escavação realizada, é provável que este muro tivesse como função conter os sedimentos deste terraço artificial (Mendes, 2008: 31-32) (Fig. 8.52; Fig. 8.53).

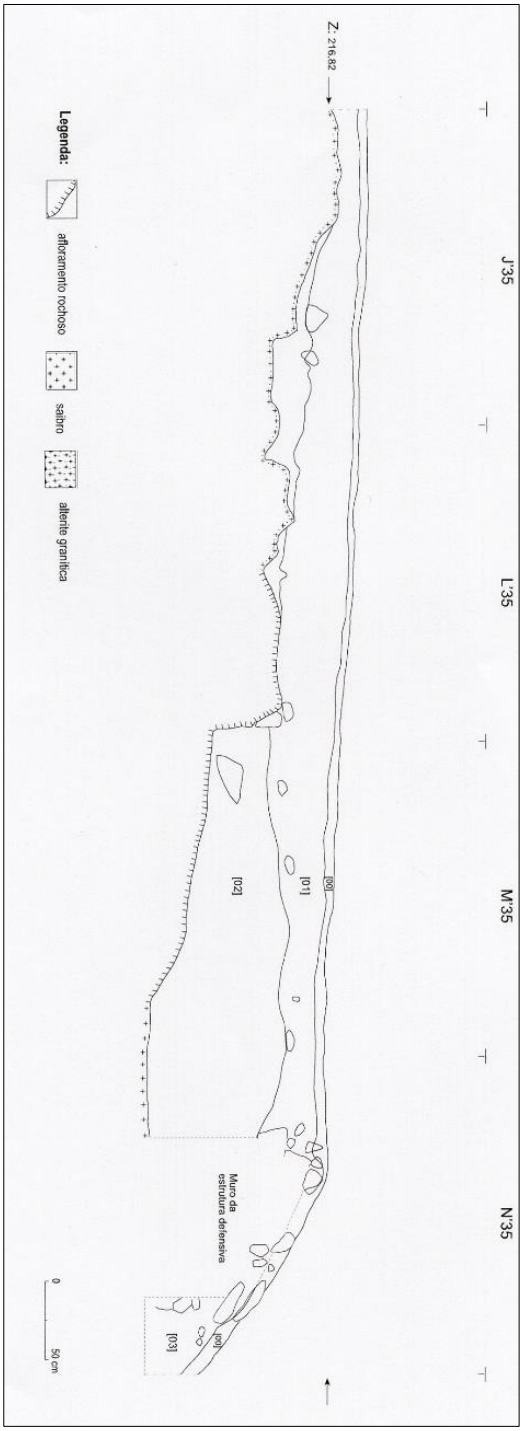


Fig. 8.52 Setor III, sondagem 3 – perfil Oeste (Mendes, 2008, Est. LXXII, adaptado).



Fig. 8.53 Setor III, sondagem 3, planta final (Mendes, 2008, Est. LXXIII, adaptado).

Sondagem 4

A Sondagem 4 contemplou os quadrados O´ a Q´39, e correspondeu a um corte no sentido este-oeste, efetuado na estrutura defensiva mais exterior, por forma a se tentar compreender a sua continuidade para sul e a sua relação com o segundo fosso (Mendes, 2008: 32) (Fig. 8.54). Nesta área foi descoberto um muro de sustentação de um terraço artificial e o fosso mais exterior (fosso 2) (Mendes, 2008: 32-33). Esta área encontrava-se muito afetada pela implantação de uma vala recente para canalizações de água (Fig. 8.55).

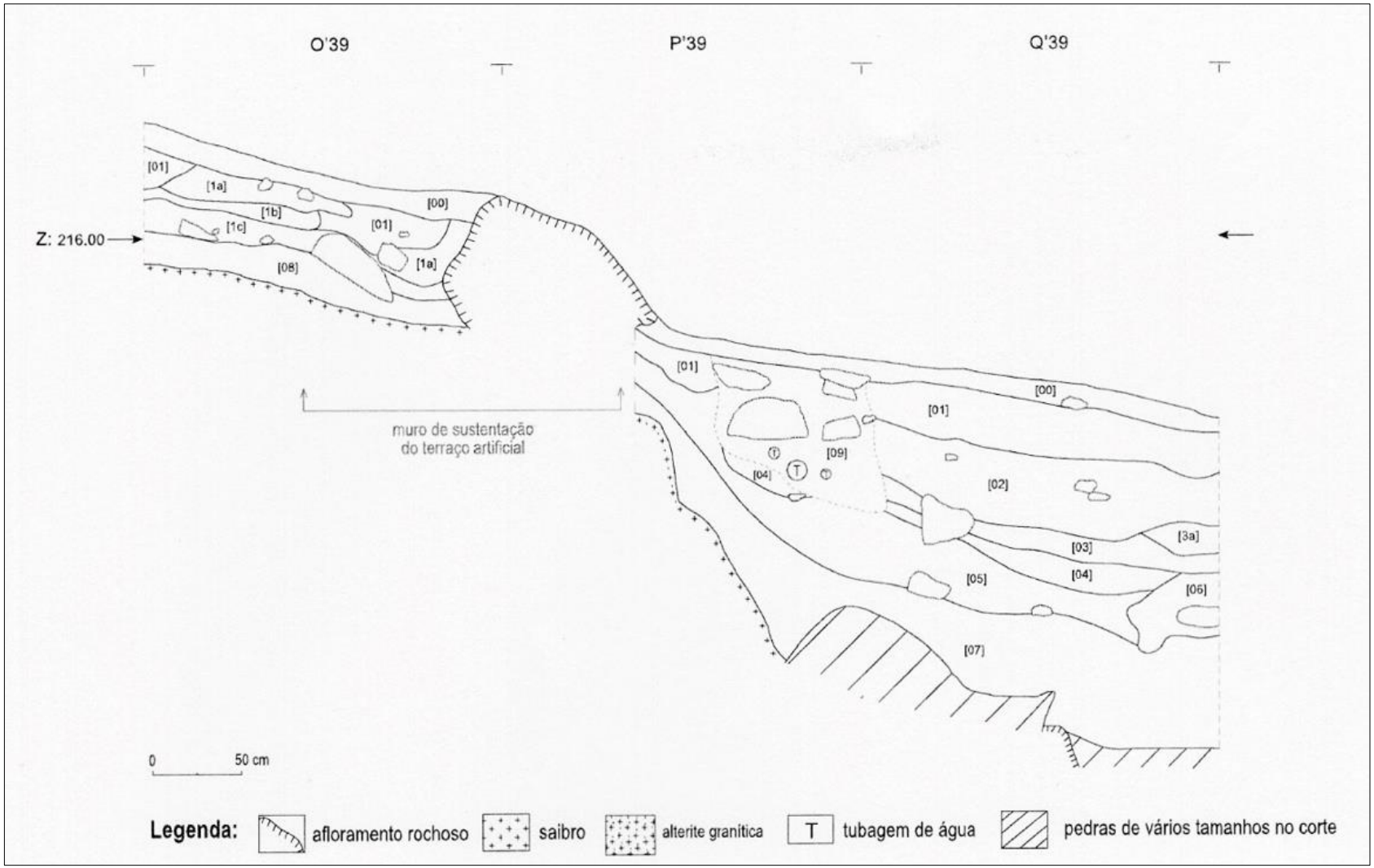


Fig. 8.54 Setor III, sondagem 4 – perfil Norte, com muro de sustentação de terraço artificial e fosso 2 (Mendes, 2008, Est. LXXV, adaptado).



Fig. 8.55 Setor III, sondagem 4 – planta final (Mendes, 2008, Est. LXXV, adaptado).

Sondagem 5

a. Estruturas e estratigrafia

A sondagem 5 compreende os quadrados L´45 a 47 e M´46 e 47, e foi implantada a sul, próximo da muralha 1. Os quadrados L´ e M'47 não foram escavados na totalidade (Mendes, 2008: 33) (Fig. 8.56). Esta sondagem possibilitou confirmar a existência de um fosso, mais interior, o fosso 1, que se desenvolve entre as duas linhas da muralha (M1 e M2), no sentido noroeste-sudeste, aproximadamente. Esta estrutura, escavada no saibro, tem cerca de 1,90 m de altura, pelo lado oeste, e cerca de 1,30 m de altura, pelo lado este. A base mede cerca de 1,20 m de largura e a abertura superior cerca de 2 m de largura (Mendes, 2008: 33).

Esta sondagem revelou as seguintes camadas estratigráficas:

00 – manto vegetal;

01 – sedimentos de cor castanho, muito humosos, com raízes e soltos. Contém pedras de vários tamanhos;

1b - bolsas de terra de cor castanho-escura, com raízes e pouco compactas;

02 - sedimentos de cor castanha muito escura (quase negra), muito carbonosas e de media compacidade. Integra um nível de pedras, de pequeno a grande porte, possivelmente decorrente do derrube de parte da estrutura defensiva (Muralha 1);

03 - sedimentos de cor amarelada e castanho-claro, muito saibrosas e granulosas e pouco compactas. Este nível só foi registado no corte oeste nos quadrados L`46 e 47;

04 - sedimentos de cor castanho-escura, compactas e de textura argilosa, integrando algumas bolsas de areia de espessura fina. Estas bolsas estão identificadas por meio de uma letra minúscula. Integrada nesta camada e junto à parede este do fosso, foi registada uma bolsa de saibro, provavelmente decorrente da sua degradação. Este nível representa o início do enchimento do fosso;

4a - bolsas pequenas de areia de grão medio e grosseiro que surgem no interior da camada 04, esta pequena bolsa faz parte do enchimento do fosso;

4b - bolsa que se insere na camada 04, sendo constituída por pedras pequenas e restos de quartzo. Regista-se apenas no canto NE do quadrado L´45 e faz parte do enchimento do fosso;

4c – bolsa de sedimentos de cor castanho, pouco compactas, com alguma gravilha e pequenos nódulos de saibro. Este nível regista-se apenas sob a camada 3 nos quadrados L`46 e 47, no corte Oeste;

4d - bolsas de terra de cor castanha muito escuro, de textura argilosa e muito compactas. Distingue-se da camada 04 por não conter bolsas de areão e faz parte do enchimento do fosso;

05 - sedimentos castanhos, muito arenosos, com pedras pequenas e pouco compactas. Este nível só foi registado nos cortes Oeste e Norte do quadrado L`45;

5a - bolsa de areia de grão médio a grosseiro que surgem no interior da camada 05;

06 - sedimentos castanho acinzentado, de textura argilosa e compactas. Integra pequenas bolsas de areia e saibro. Estas bolsas estão identificadas por meio de uma letra minúscula, faz parte do enchimento do fosso;

Substrato natural: saibro.

O perfil Norte dos quadrados L` e M`46 apresenta a seguinte sequência estratigráfica (Fig. 8.56).

00 - camada vegetal;

01 – sedimentos de cor castanha, muito humosos, com raízes. Contém pedras de vários tamanhos;

1b - sedimentos de cor castanha, com raízes e pouco compactas;

02 - sedimentos de cor castanha muito escura (quase negros), muito carbonosos e de média compacidade. Integra um nível de pedras de pequeno a grande porte, possivelmente decorrente do derrube de parte da estrutura defensiva (Muralha 1).

04 - sedimentos de cor castanho-escura, compactos e de textura argilosa, integrando algumas bolsas de areia de espessura fina. Estas bolsas estão identificadas por meio de uma letra minúscula. Integrada nesta camada, e junto à parede este do fosso, foi registada uma bolsa de saibro, provavelmente decorrente da sua degradação, integrando o enchimento do fosso;

4a - bolsa pequena de areia de grão médio a grosseiro que surge no interior da camada 04, fazendo parte do enchimento do fosso;

4c - bolsa de sedimentos de cor castanho, pouco compactas, com alguma gravilha e pequenos nódulos de saibro. Este nível regista-se apenas sob a camada 3 nos quadrados L` 46 e 47, no corte oeste. Faz parte do enchimento do fosso;

06 - sedimentos de cor castanha acinzentada, de textura argilosa e compactas. Integra pequenas bolsas de areia e saibro. Estas bolsas estão identificadas por meio de uma letra minúscula (6a, 6b, 6c e 6d). Trata-se do último nível do enchimento do fosso;

Substrato natural: saibro.

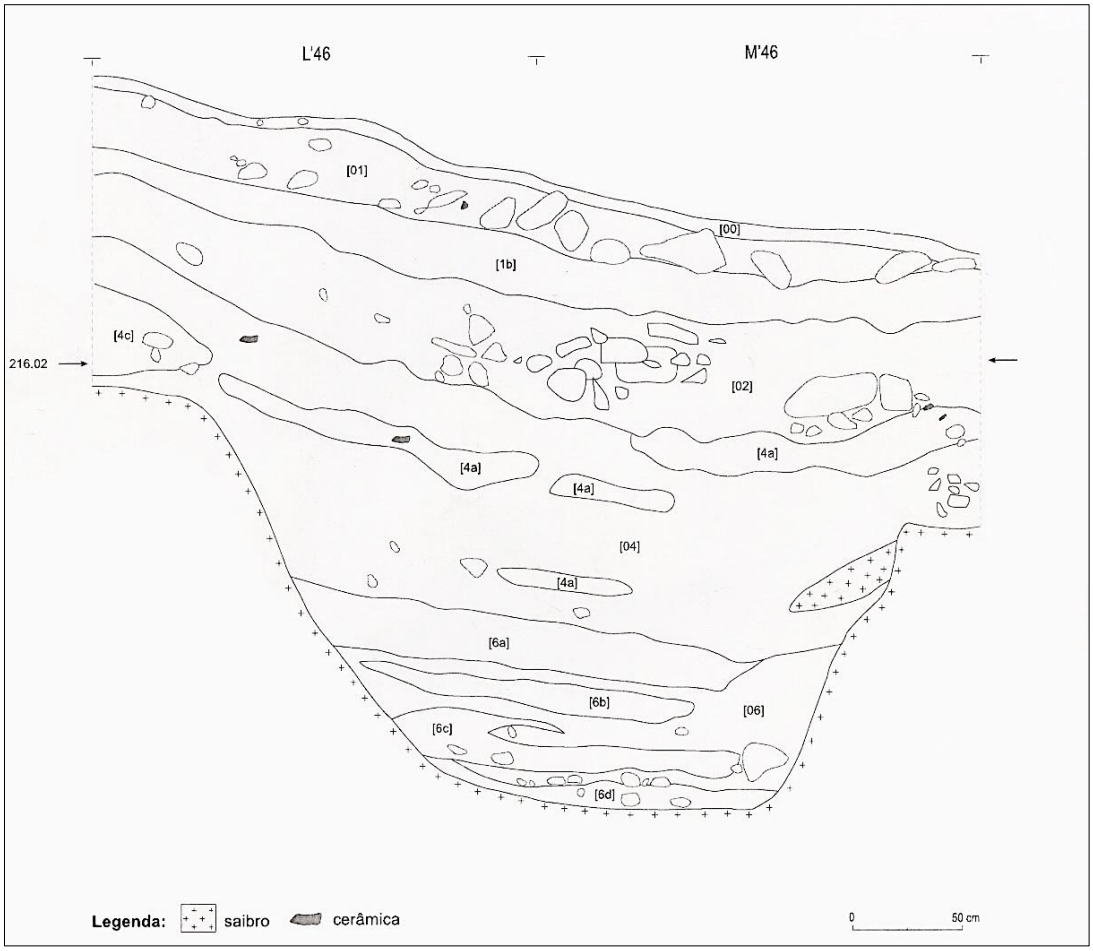


Fig. 8.56 Setor III, sondagem 5, perfil Norte, com representação do fosso 1 (Mendes, 2008, Est. LXXVII, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

Tendo em conta que o enchimento de um fosso implica o revolvimento de camadas e de eventuais ocupações pré-existentes, o estudo dos materiais que constituem o seu enchimento, bem como os níveis mais recentes, foram significativos. Assim, verificou-se que existiam materiais tecno-tipologicamente inseríveis na Idade do Bronze Final (nas camadas 5 e 6a); no Ferro Antigo (nas camadas 1, 2, 4, 4a, 4b, 4c, 5 e 6) e no Ferro Recente (em todas as camadas), bem como material datável do séc. I a.C. em diante, já da romanização.

Exterior do fosso

Nesta área e cobre do fosso, nas camadas superficiais foi registada uma grande quantidade de materiais do período da romanização do povoado, além de materiais mais recentes. Ainda assim foram identificados materiais mais antigos, mas em pequenas quantidades e bastante rolados.

Camada 1

Nesta camada foi registado um total de 153 fragmentos cerâmicos, sendo 150 deles do período da romanização e os restantes cerâmica indígena e algumas intrusões de material cerâmico com características técnicas do Ferro Antigo.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados três fragmentos. Os materiais deste período possuem fabrico manual, a pasta é micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura destes materiais é média e os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio e apenas um fragmento possui e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maioria alisados e apenas um fragmento polido.

Em termos formais foram registados dois bojos e um bordo esvasado. Este bordo pode corresponder a um exemplar da forma 2 (potinho/púcaro).

Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão entre < de 4 cm (dois exemplares) e entre 4 e 8 cm (um exemplar), além de se encontrarem rolados. Isto demonstra mais uma vez, os elevados índices de fragmentação nesta área do povoado, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Colocando à parte os materiais mais antigos, a percentagem de cerâmica indígena datável dos finais da Idade do Ferro Recente nesta camada é de apenas 6% e o restante corresponde ao material romano (94%) produzido localmente ou importado.

Idade do Ferro Recente e material de importação setentrional

Foram registados 10 fragmentos. Os materiais deste período possuem na sua maioria fabrico à roda e apenas dois exemplares possuem fabrico manual. A pasta é micácea e a cozedura, na sua maioria, é oxidante e apenas três exemplares possuem cozedura redutora. A textura destes materiais é na sua maioria média e apenas dois exemplares possuem textura fina. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno, seguido dos de calibre médio (três exemplares) e três fragmentos possuem e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maior a alisados e apenas três fragmentos polidos.

Em termos formais foram estudados quatro bojos, dois exemplares de bases (um de fundo plano alargado e uma indeterminada) e quatro exemplares de bordo (dois exemplares esvasados e dois exemplares em aba soerguida).

Estes bordos correspondem a um exemplar da forma 1a (pote) e uma forma 6 (panela de asa em orelha) e uma forma indeterminada (Tab. 8.3; Fig. 8.57). Além disso, foi considerado um

exemplar de uma forma de origem setentrional, da área galega, uma forma de bordo reforçado tipo Vigo, algo evolucionada (Rey Castiñeira, 1991), com decoração simples (constituído por faixas impressas verticais na zona exterior do bordo e por baixo destas faixas impressas pequenas impressões ovais) (Fig. 8.58). Estas peças tem uma cronologia entre finais do séc. I a.C. e o séc. I d.C. (Rey Castiñeira, 1991: 391-392). Apenas dois bojos possuem fuligem.

Tabela 8.3 Formas do Ferro Recente da camada 1 (exterior do fosso), Sondagem 5 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 1a (Pote)	1	50 %
Forma 6 (Panela de asa em orelha)	1	50 %
Total	**2**	**100 %**

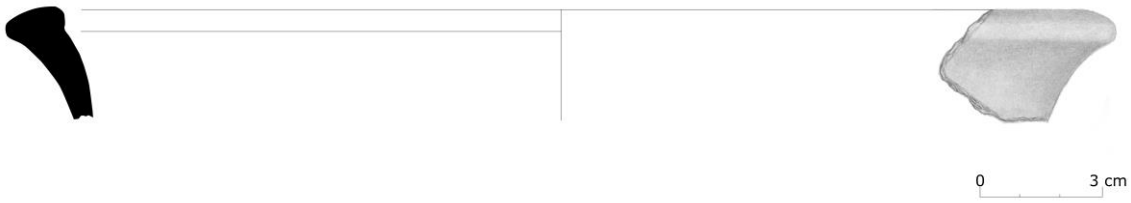


Fig. 8.57 Forma de cerâmica indígena: forma 1a (pote).

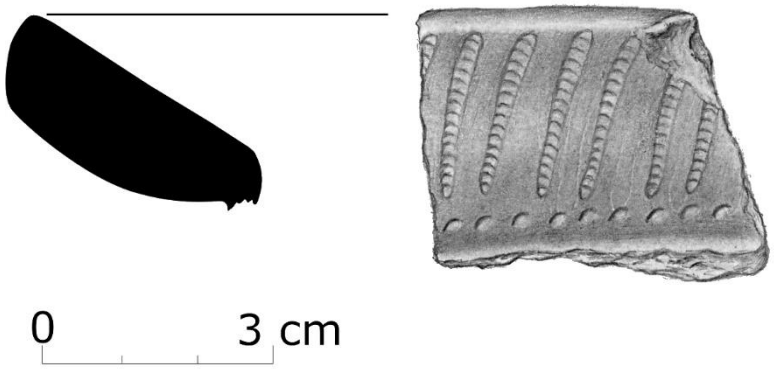


Fig. 8.58 Forma importada da área setentrional da Península Ibérica: forma de bordo reforçado tipo Vigo.

Em termos decorativos foi registado um colo e um bojo decorados, além daquele bordo importado. As técnicas são a incisão e a aplicação plástica. Os motivos decorativos da incisão são 3 sulcos incisos horizontais e da aplicação plástica é um cordão aplicado na zona interior do colo.

Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão de < de 4 cm (sete exemplares) e uma dimensão entre 4 e 8 cm (três exemplares), além de se encontrarem rolados.

Cerâmica de importação

Foram registado um total de 10 fragmentos de ânfora, um deles de um bordo de ânfora tipo Oberaden 83 de produção do vale do Guadalquivir, e com uma cronologia entre os finais do séc. I a.C. e o início do séc. I d.C. (García Vargas *et al.*, 2011: 238; González Cesteros e Almeida, 2017: 49-51) e um fundo ânfora tipo Ramon T-7.4.3.3 (da área de Cádis) com uma cronologia de meados do séc. II a.C. até finais do séc. I a.C. (Ramón Torres, 1995: 635; Arruda e Almeida, 1998: 212). E oito bojos, todos eles de produção da área da Bética (Fig. 8.59).

A cronologia destes materiais é ainda concordante com a cronologia daquele fragmento de importação setentrional, ou seja, do entre o séc. I a.C. e I d.C.

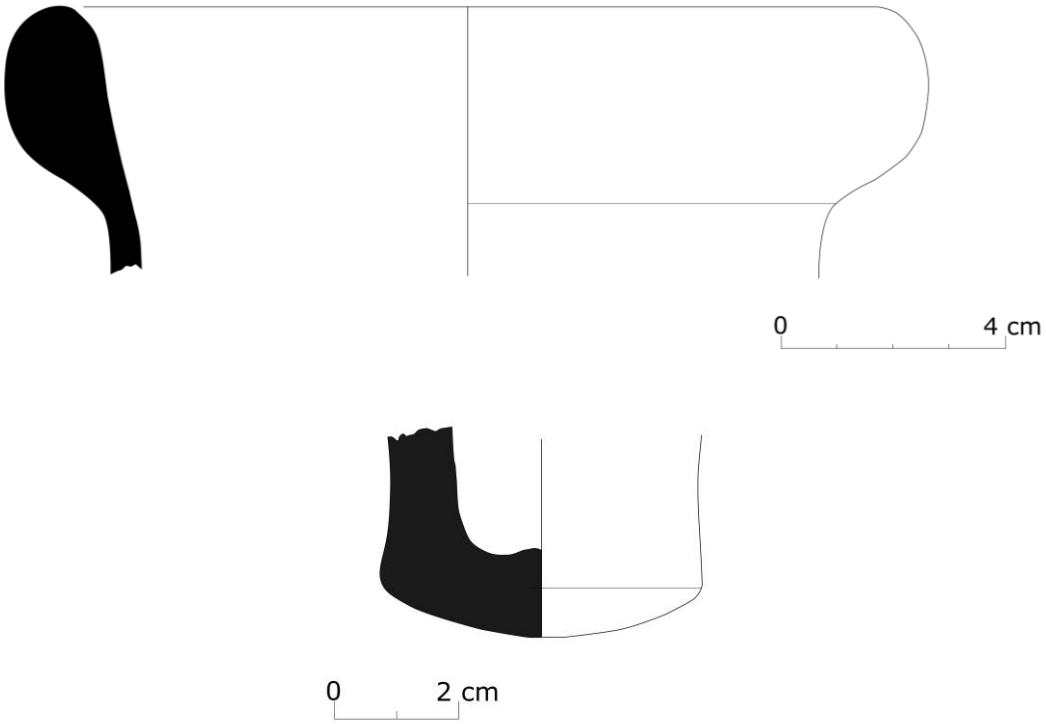


Fig. 8.59 Formas anfóricas: Oberaden 83 (produção do vale do Guadalquivir); fundo de ânfora tipo Ramon T-7.4.3.3 (da área de Cádis).

Cerâmica de fabrico local romano

Nesta camada foram ainda considerados materiais de fabrico local romano, num total de 121 fragmentos. Devemos referir, desde logo, que foram registados dois fragmentos de material de construção romana (tégula). Denunciando desde logo que esta camada é de facto dos níveis mais recentes de ocupação deste povoado. Desde conjunto foi ainda considerado 119 fragmentos de cerâmica comum romana. Partimos do princípio de que estas produções locais começam a ser

comuns e difundidas por todo o noroeste a partir do séc. I d.C., com a chegada e efetiva ocupação deste território (Delgado e Morais, 2009). Produção esta que se prolonga até inícios do séc. IV.

Outos materiais cerâmicos

Foram ainda estudados cinco fragmentos de época moderna, provavelmente fruto de intrusões.

Tendo em conta o material aqui considerado podemos talvez assumir que esta camada seria **datada entre o séc. I a.C. e I d.C.**, com intrusões de materiais mais recentes da época da romanização.

Camada 2

Nesta camada foi registado um total de 73 fragmentos cerâmicos, sendo 69 deles do período da romanização e os restantes cerâmica indígena e algumas intrusões de material com características técnicas do Ferro Antigo.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados quatro fragmentos. Os materiais deste período possuem fabrico manual, a pasta é micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura destes materiais é média e apenas um fragmento possui uma textura grosseira. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio e apenas um fragmento possui e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maioria alisados e apenas um fragmento polido.

Em termos formais foram registados três bojos e um bordo esvasado. Este bordo pode corresponder a um exemplar da forma 1a (pote).

Um dos bojos é decorado com a técnica espatulado através seis linhas na horizontal.

Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão entre < de 4 cm (dois exemplares) e entre 4 e 8 cm também dois exemplares, além de se encontrarem rolados.

Nível de romanização

Colocando à parte os materiais mais antigos, a percentagem de cerâmica indígena nesta camada é de 37% e o restante 63% corresponde a material romano produzido localmente ou importado.

Cerâmica indígena

Foram registados 31 fragmentos. Os materiais deste período possuem na sua maioria fabrico manual e apenas 11 exemplares possuem fabrico à roda. A pasta é micácea e a cozedura, na sua maioria, é oxidante e apenas 11 exemplares possuem cozedura redutora. A textura destes materiais é na sua maioria média, 14 fragmentos possuem textura fina e ainda um fragmento possui textura grosseira. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequenos, seguido dos de calibre médio (oito exemplares) e apenas cinco fragmentos possuem e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maior a alisados e apenas 11 fragmentos polidos.

Em termos formais foi identificado, além de 26 bojos, um exemplar de base (fundo plano simples) e quatro exemplares de bordo (dois exemplares esvasados, um exemplar aberto e um indeterminado).

Estes bordos correspondem apenas a um exemplar da forma 1b (pote) (Fig. 8.60) e a três formas indeterminadas.

Apenas três bojos possuem fuligem.

Em termos decorativos foi observado um bojo com decoração por aplicação plástica e incisão. Os motivos são dois sulcos incisos horizontais seguido de um cordão aplicado na horizontal.

Um dos bojos possuía ainda aquilo que parece ser vestígios de metal fundido.



Fig. 8.60 Forma de cerâmica indígena: forma 1b (pote).

Este pequeno conjunto de materiais possui, na sua maioria uma dimensão de < de 4 cm (28 exemplares) e uma dimensão entre 4 e 8 cm apenas três exemplares, além de se encontrarem 19 fragmentos rolados (61%). Estes valores, tanto do tamanho como a percentagem de fragmentos rolados indiciam elevados índices de fragmentação segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica da romanização

Neste capítulo foram registados 38 exemplares de cerâmica comum romana. Foram também estudados 14 fragmentos de ânfora. Na sua maioria bojos (12 exemplares) e o restante diz respeito a uma asa do tipo Haltern 70 de produção da Bética (Fig. 8.61), e com uma cronologia entre os meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. (García Vargas, 1998; Morais, 1998: 45) e um bordo de ânfora indeterminada. Estes materiais são na sua maioria provenientes da área da Bética e apenas quatro exemplares são oriundos do vale do Guadalquivir.

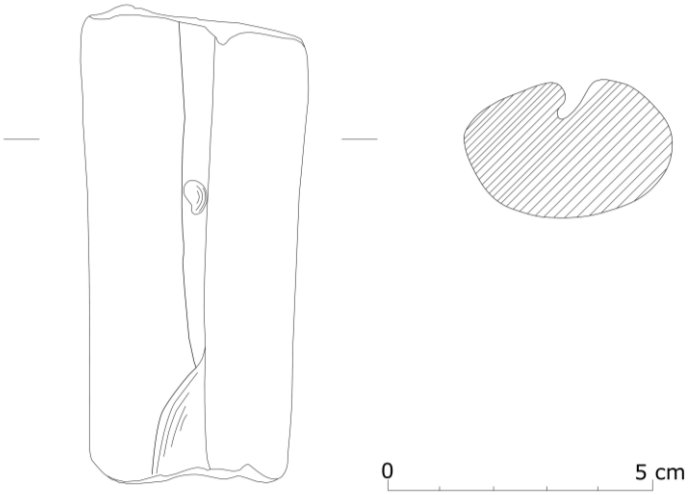


Fig. 8.61 Forma anfórica: asa de Haltern 70.

Outos materiais cerâmicos

Foram ainda observados dois fragmentos de época moderna, provavelmente fruto de intrusões.

Camada 3

Esta camada apresentava muitos fragmentos que foi possível podemos separar em dois grupos técnico-cronológicos, mas o seu diminuto tamanho não permite uma descrição mais aturada.

Devemos ainda assim referir que se trata apenas de bojos, algo rolados e com um tamanho < de 4 cm. Além disso, devemos referir em termos comparativos é de assinalar o equilíbrio entre cerâmica indígena (151 fragmentos) e cerâmica produzida ou importada romana (146 fragmentos), respetivamente, 49% e 51%.

Interior do fosso 1

Continua a registar-se algum material de construção romana (tégula) entre outros materiais comuns e de importação, na camada 4, mas nos seguintes níveis isso não ocorre.

Finalmente, é de referir que nesta área registou-se alguns dos materiais mais antigos do setor, além de se observar uma maior quantidade e qualidade de materiais.

Camada 4 e 4a

Idade do Bronze Final

Foi considerado apenas um bojo com decoração. Este fragmento é de fabrico manual, a pasta é micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura é média. Os e.n.p. são de calibre médio. Este exemplar encontra-se alisado. Possui decoração por vassourado, seguido de brunido (por linhas na horizontal (Fig. 8.62).

Este fragmento possui uma dimensão < de 4 cm e encontra-se rolado.



Fig. 8.62 Fragmento decorado por vassourado e brunido.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados 25 fragmentos. Deste conjunto, 13 fragmentos são bojos (três deles decorados), sete bordos, três bases e duas asas.

Os materiais deste período possuem fabrico manual, a pasta é na sua maioria micácea-arenosa 4 exemplares possuem uma pasta micácea e a cozedura é redutora.

A textura destes materiais é na sua maioria média (18 exemplares) e apenas sete fragmentos possuem uma textura fina. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio, 10

exemplares possuem um e.n.p. pequeno e quatro exemplares possuem e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maioria polidos e 11 exemplares encontram-se alisados.

Em termos formais além dos bojos registados, foram estudados sete bordos, um deles com arranque de asa (quatro exemplares esvasados e três em aba soerguida), as bases são de fundo plano simples. Quanto às asas foi registado um exemplar de secção circular e ainda um arranque de asa.

Foram registados em termos formais de cerâmicas um total de nove formas: dois exemplares da forma 1a (pote), um exemplar da forma1b (pote), um exemplar da forma 2a (púcaro), três exemplares da forma 2b (potinho) e a partir de uma asa de secção circular e arranque de asa interior dois exemplares da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 8.4).

Foram observados dois bojos com fuligem na superfície exterior.

Tabela 8.4 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antiga, na camada 4 e 4a, da sondagem 5 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	2	22 %
Forma 1b (pote)	1	11 %
Forma 2a (púcaro)	1	11 %
Forma 2b (potinho)	3	34 %
Forma 4 (panela de asa interior)	2	22 %
Total	**9**	**100 %**

Quanto à decoração foram encontrados três fragmentos decorados. As técnicas são variadas: um exemplar possui decoração por incisão (dois sulcos incisos horizontais), outro por espatulado (com várias linhas na horizontal) e ainda outro bojo decorado por decoração compósita por brunido e aplicação plástica cujos motivos são várias linhas brunidas na vertical seguido de 3 cordões aplicados na horizontal (Fig. 8.63).



Fig. 8.63 Fragmentos decorados por incisão (do lado esquerdo) e por aplicação plástica (do lado direito).

Este pequeno conjunto de materiais possui na sua maioria uma dimensão < de 4 cm (17 exemplares), de seguida seis exemplares com uma dimensão entre 4 e 8 cm e ainda dois exemplares com uma dimensão >8 cm. Foram ainda registados 15 fragmentos rolados (63%).

Nota-se novamente que estes materiais estiveram muito tempo sujeitos aos agentes erosivos e daí o alto grau de erosão e fragmentação, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Nível de romanização

Nesta camada superior do fosso foi estudado um elevado número de materiais indígenas misturados com muito material de produção e importação romana. Devido a esta mistura é difícil apontar claramente para uma fase ainda da Idade do Ferro Recente, visto que tecnologicamente os materiais são idênticos em muitos aspetos àqueles produzidos já em plena romanização. E dessa forma tratamos a cerâmica claramente de fabrico indígena como cerâmica indígena, separando da produção local romana.

Desta forma devemos referir que, em termos percentuais, os materiais indígenas correspondem a 42% (214 fragmentos) e os materiais romanos produzidos localmente ou importados corresponde a 58% (295 fragmentos).

Cerâmica indígena e de importação setentrional

Foram registados 214 fragmentos. Deste conjunto, 152 fragmentos são bojos, 35 bordos, 15 bases e 11 asas. E ainda um possível cadinho em cerâmica.

Os materiais deste período possuem na sua maioria fabrico à roda e 45 fragmentos são produzidos manualmente. A pasta é na sua maioria micácea e apenas dois fragmentos possuem pasta arenosa e a cozedura é na sua maioria oxidante e 37 fragmentos possuem cozedura redutora.

A textura destes materiais é na sua maioria média (56 exemplares), 35 fragmentos possuem uma textura fina e apenas um fragmento possui textura grosseira.

Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno, 27 exemplares possuem e.n.p. médios e cinco exemplares possuem e.n.p de calibre grande. Os fragmentos estão na sua maioria polidos e 34 destes encontram-se alisados.

Em termos formais além dos bojos registados, foram estudados 35 bordos (23 esvasados, seis em aba soerguida, cinco abertos e um vertical). Quanto às bases foram estudados 15 fragmentos (sete de fundo plano alargado, seis de fundo plano simples e duas indeterminadas) (Fig. 8.64). Relativamente às asas foram registados 11 exemplares (cinco de seção retangular, um exemplar de seção pentagonal, dois arranques de asa e ainda dois exemplares de asa em orelha).

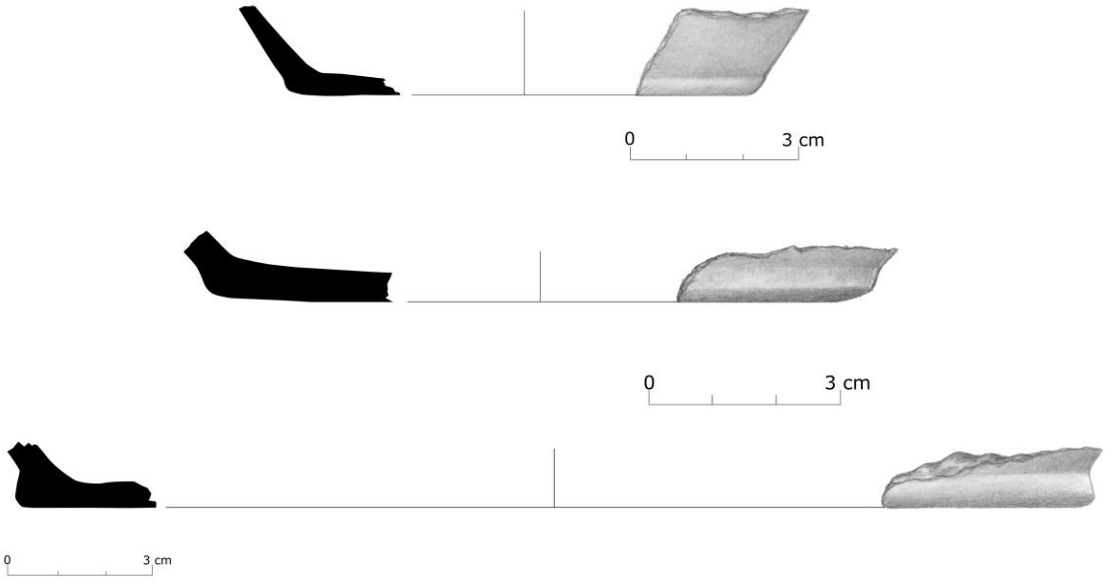


Fig. 8.64 Forma de cerâmica indígena: bases de fundo plano simples e alargado.

Foram individualizadas em termos formais um total de 38 formas: cinco exemplares da forma 1a (pote), dois exemplares da forma1b (pote), sete exemplares da forma 2a (púcaro), 12 exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3a (malga), três exemplares da forma 3b (tigela), dois exemplares da forma 5 (talha), três exemplares da forma 6 (panela em orelha). Foram observadas três tampas e uma forma indeterminada (Fig. 8.67; Fig. 8.68; Tab. 8.5). Foi ainda registado um possível cadinho com vestígios ou restos de fundição (Fig. 8.65).

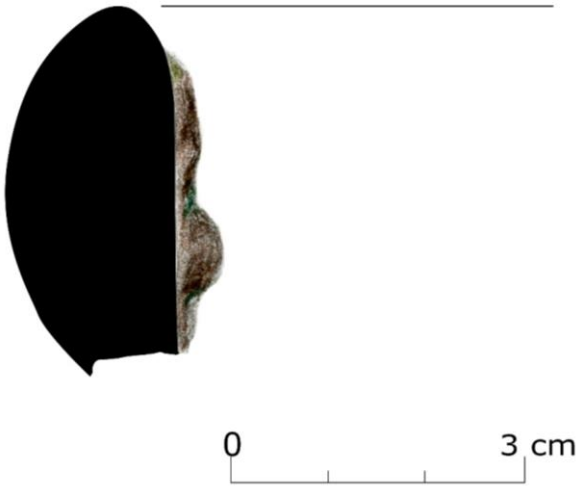


Fig. 8.65 Cadinho em cerâmica com vestígios agregados de metal.

Registamos ainda um exemplar de uma forma de origem setentrional, na área galega (Rey Castiñeira, 1991), uma forma de bordo tipo vigo, com decoração compósita (aplicação de cordão de grande dimensão sobre a zona exterior do bordo, e seguido impressões verticais nesse cordão por fora e na zona superior deste bordo surge várias impressões quadrangulares (Fig. 8.66). Estas peças tem uma cronologia entre os finais do séc. I a.C. e o séc. I d.C. (Rey Castiñeira, 1991: 391-392).

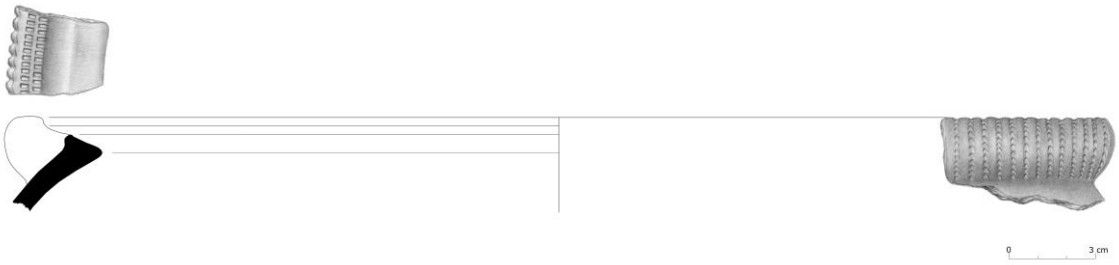


Fig. 8.66 Forma importada da área setentrional da Península Ibérica: formas tipo Vigo (desenho de Amélia Marques).

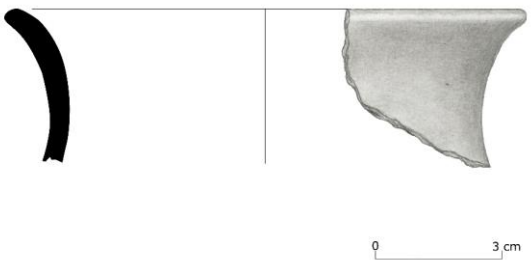
Consideramos 37 fragmentos com fuligem, registada em formas de potes, potinhos, nas panelas de asa em orelha e tampas.

Tabela 8.5 Formas cerâmicas indígenas locais, na camada 4 e 4a, da sondagem 5 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 1a (Pote)	5	13 %
Forma 1 b (Pote)	2	5 %
Forma 2 a (Púcaro)	7	18 %
Forma 2 b (Potinho)	12	31 %
Forma 3a (Malga)	1	2 %
Forma 3 b (Tigela)	3	8 %
Forma 5 (Talha)	2	5 %
Forma 6 (Panela de Asa interior)	3	8 %
Tampa	3	8 %
Indeterminado	1	2 %
Total	**39**	**100 %**



Fig. 8.67 Forma de cerâmica indígena: formas 1b (potes).



a)

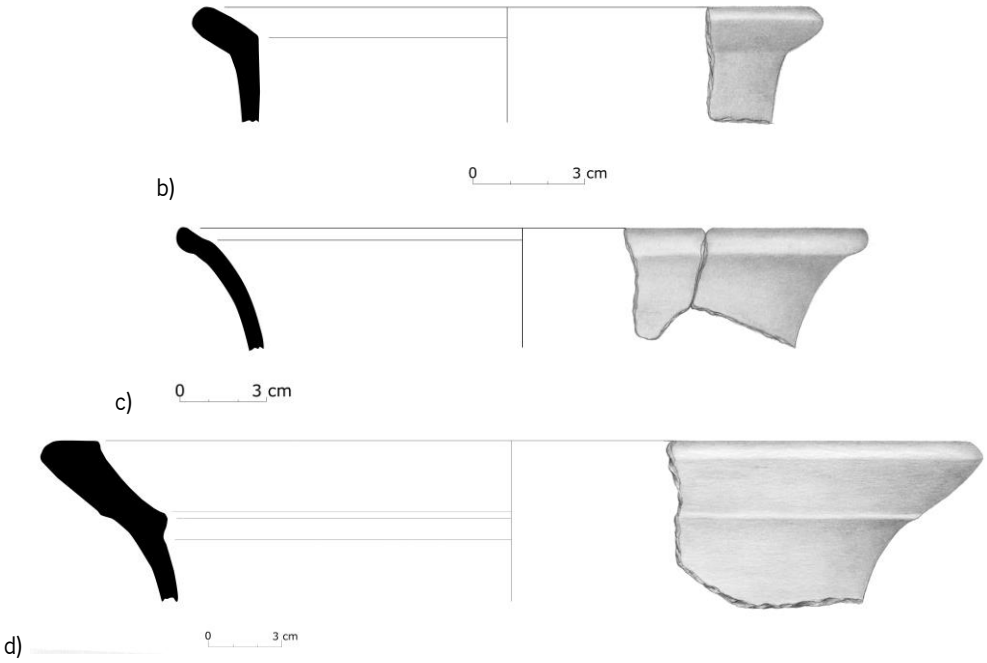


Fig. 8.68 Forma de cerâmica indígena: a) - c) forma 2b (potinho); d) forma 5 (talha).

Quanto à decoração foram considerados 16 exemplares com decoração simples: sete exemplares decorados por aplicação plástica, igualmente sete por incisão e dois por espatulado. A aplicação plástica resume-se a um cordão aplicado na horizontal, ora por dentro no caso dos bordos (3 casos) ora por fora no caso dos bojos. A incisão oscila entre um sulco e 4 sulcos incisos horizontais (Fig. 8.69) e num caso formando pequenos triângulos incisos. O espatulado surge duas vezes com várias linhas, ora por dentro ora por fora dos fragmentos.

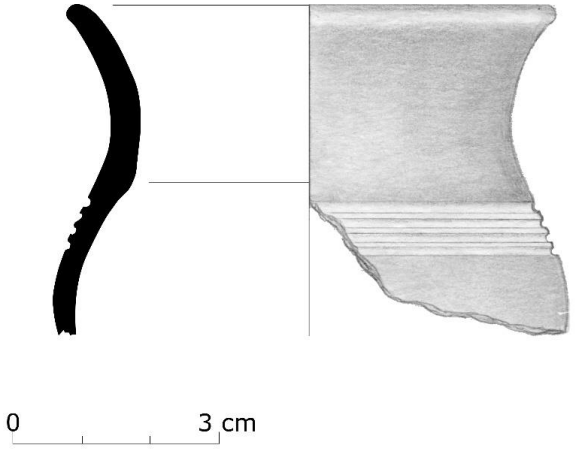


Fig. 8.69 Forma cerâmica indígena: forma 2b (potinho) decoada por incisão.

Foram observados três exemplares com decoração compósita por incisão e aplicação plástica: ora surgem pequenos sulcos por cima de um cordão, ora apare primeiro um ou dois sulcos incisos e por baixo um cordão aplicado na horizontal. Foi registado um exemplar decorado

por aplicação plástica e impressão. Esta decoração compósita faz parte de um bordo importado da área setentrional da Península Ibérica, que descrevemos atrás.

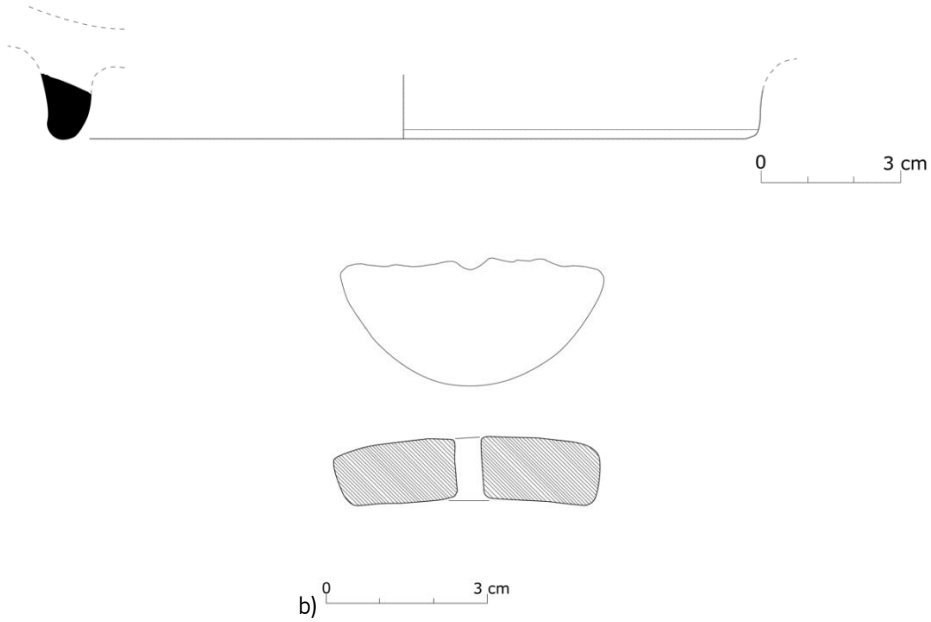
Este conjunto de materiais possui na sua maioria uma dimensão < de 4 cm (178 exemplares), de seguida 32 exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e ainda quatro exemplares com uma dimensão >8 cm. Foram ainda vistos 138 fragmentos rolados (64%). Tendo em conta o tamanho dos fragmentos e o número de materiais rolados estes materiais estiveram algum tempo sujeitos aos fenómenos deposicionais e por isso possuem um elevado grau fragmentação nesta área do povoado, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica produzida ou de importação romana

Nesta camada foram ainda considerados um total de 327 fragmentos de produção e importação romana. Na sua maioria este conjunto é composto por cerâmica comum romana (263 fragmentos), sendo ainda registado sete fragmentos de tégula e imbrex.

Quanto a cerâmica não local e por isso importada foi observado um total de 54 fragmentos de ânforas. Deste universo, foram estudados 33 bojos de ânfora, na sua maioria de produção da área da Bética e vale do Guadalquivir e sete fragmentos de produção de Cádis. Foi ainda observado uma asa de ânfora indeterminada de produção de Cádis, dois arranques de asa (oriundos da Bética), um fundo de ânfora do tipo Ovóide 6 de produção do vale do Guadalquivir e com uma cronologia entre 70 e 60 a.C. e 20 a.C. (Fabião, 2000: 670-671; García Vargas *et al.*, 2011: 228-235). Foram estudados nove bordos de ânfora, destes: um exemplar de Ovóide 4 de produção do vale do Guadalquivir e com uma cronologia entre meados do séc. I a.C. e os finais do séc. I a.C. (Almeida, 2008: 100; García Vargas *et al.*, 2016b), um exemplar do tipo Oberaden 83 e um exemplar do tipo Haltern 70 e o restante é indeterminado. Foi tido em consideração um disco perfurado ou cossoiro produzido a partir de pasta de ânfora (de Cádis) (Fig. 8.70, b); Fig. 8.71; Fig. 8.72).

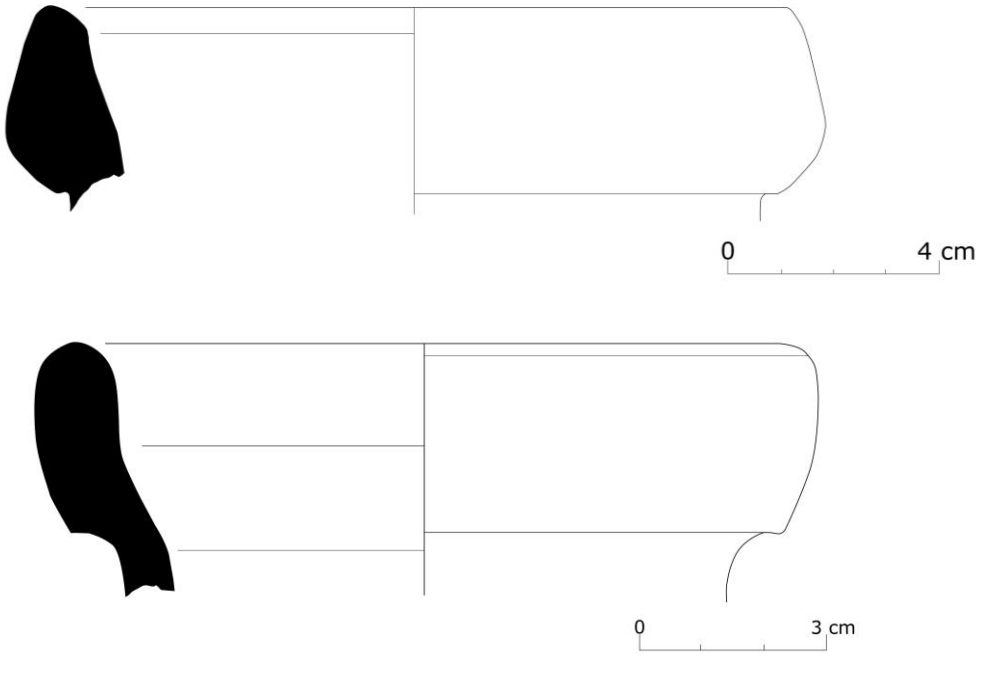
Foram ainda registados dois fragmentos com engobe vermelho. E ainda um possível base de uma forma importada oriunda da baía de Cádis (Fig. 8.70, a)).



a)

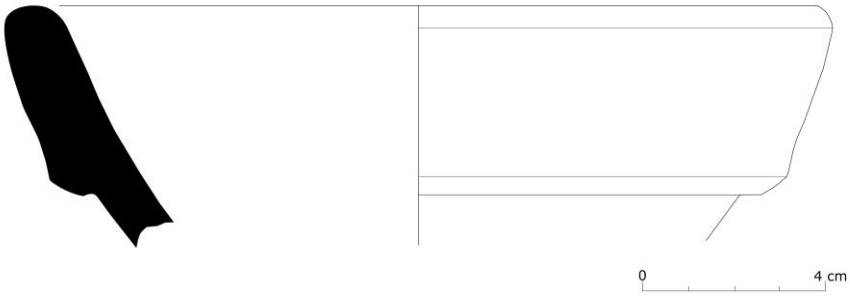
b)

Fig. 8.70 Materiais importados: Base (de pé) de cerâmica de importação da área de Cádis; cossoiro ou disco com perfuração central, a partir de um bojo de ânfora.



a)

b)



c)

Fig. 8.71 Formas anfóricas: a) Ovóide 4 (vale do Guadalquivir); b) Oberaden 83 (vale do Guadalquivir); c) Haltern 70 (vale do Guadalquivir).

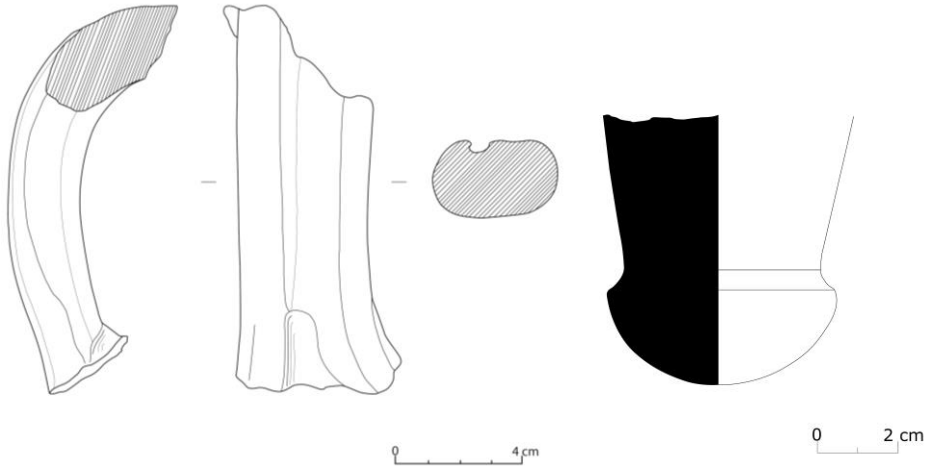


Fig. 8.72 Formas anfóricas: asa indeterminada (de produção da baía de Cádis) e fundo de Ovóide 6 (vale do Guadalquivir).

Tendo em consideração os materiais observados nesta camada devemos ter em consideração que o topo do fosso não poderá datar de um período anterior ao séc. I a.C.

Camada 5 e 5a

Idade do Bronze Final

Foram observados dois bojos decorados.

Estes fragmentos são de fabrico manual, a pasta é micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura é média. Os e.n.p. são de calibre médio. Este exemplar encontra-se polido.

Estes fragmentos possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e encontram-se rolados.

A decoração é por brunido, neste caso os motivos são a reticula brunida (Fig. 8.73).

A presença de cerâmica com ornatos brunidos enquadra-se, no sul e centro, no fim do 1º milénio a.C., entre os séculos XII aos finais do século VII a.C., segundo Osório (2013) e Osório (*et al.,* 2013), pelo que estas peças serão dessa cronologia, tendo, provavelmente, sido transportadas, no âmbito das trocas fenícias.



Fig. 8.73 Fragmento decorado por retícula brunida da camada 5, de enchimento do fosso.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados sete fragmentos. Deste conjunto, cinco fragmentos são bojos e dois exemplares de bases.

Os materiais deste período possuem fabrico manual, a pasta é na sua maioria micácea-arenosa e um exemplar possui uma pasta micácea e a cozedura é redutora.

A textura destes materiais é na sua maioria média (cinco exemplares) e apenas dois fragmentos possuem uma textura fina. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio e um exemplar possui e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maioria alisado e três exemplares encontram-se polidos.

Em termos formais além dos bojos registados, foram estudados dois exemplares de bases (um exemplar de fundo plano simples e um indeterminado). Foi registado uma base com fuligem.

Quanto à decoração foi vistos três fragmentos decorados. Foram estudados dois exemplares decorados por incisão (entre um ou dois sulcos incisos horizontais) e um exemplar por aplicação plástica (um exemplar com dois cordões aplicados na horizontal) (Fig. 8.74).



Fig. 8.74 Fragmento decorado por aplicação plástica.

Este pequeno conjunto de materiais possui na sua maioria uma dimensão < de 4 cm (cinco exemplares), de seguida um exemplar possui uma dimensão entre 4 e 8 cm e ainda um exemplar com uma dimensão >8 cm. Foram ainda registados três fragmentos rolados.

Nível de romanização

Nesta camada foi observado um elevado número de materiais indígenas misturados com algum material de produção e importação romana.

Desta forma devemos referir que, em termos percentuais, os materiais indígenas correspondem a 84% (343 fragmentos) e os materiais romanos produzidos localmente ou importados corresponde a 16% (66 fragmentos).

Cerâmica indígena

Foram registados 343 fragmentos. Deste conjunto, 318 fragmentos são bojos, 14 bordos, sete bases e 4 asas.

Os materiais deste período possuem na sua maioria fabrico à roda e 60 fragmentos são produzidos manualmente. A pasta é apenas micácea e a cozedura é na sua maioria oxidante e 81 fragmentos possuem cozedura redutora.

A textura destes materiais é na sua maioria fina (211 fragmentos), 120 fragmentos possuem uma textura média e apenas 12 fragmentos possuem textura grosseira. Os e.n.p. são na sua

maioria de calibre pequeno, 152 exemplares possuem e.n.p. médios e 30 exemplares possuem e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maioria alisados e 138 exemplares encontram-se polidos.

Em termos formais além dos bojos registados, foram estudados 14 bordos (nove esvasados, dois em aba soerguida um vertical e dois indeterminados), quanto às bases foram estudados sete exemplares (três de fundo plano simples, um de fundo plano simples e três indeterminadas). Quanto às asas foram registados quatro exemplares (quatro exemplares de seção pentagonal) (Fig. 8.75).

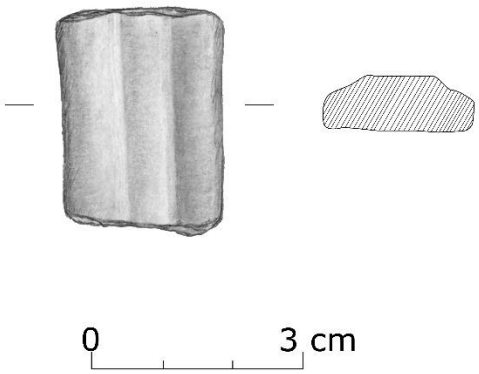


Fig. 8.75 Fragmento de asa de seção pentagonal.

Foram registados em termos formais de cerâmicas um total de 18 formas: seis exemplares da forma 1a (pote), quatro exemplares da forma 2a (púcaro), cinco exemplares da forma 2b (potinho) e um exemplar da forma 6 (panela em orelha). Ainda foram observadas duas formas indeterminadas (Fig. 8.76, Tab. 8.6). Foram registados 72 fragmentos com fuligem, observável também em formas potinhos (formas 2b) e na panela de asa em orelha (forma 6).

Tabela 8.6 Formas cerâmicas indígenas da camada 5 e 5a, da sondagem 5 (Setor III)

Forma	**NMI**	**%**
Forma 1a (pote)	6	33 %
Forma 2a (Púcaro)	4	37 %
Forma 2b (Potinho)	5	28 %
Forma 6 (Panela de asa em orelha)	1	6 %
Indeterminado	2	11 %
Total	**18**	**100** %

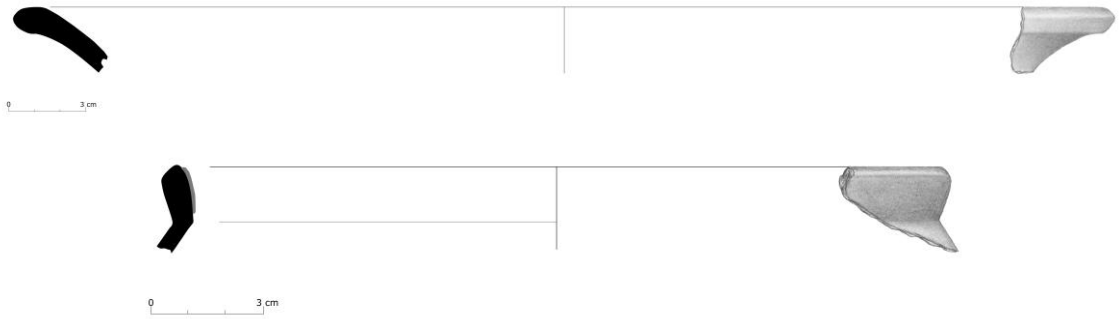


Fig. 8.76 Formas de cerâmica indígena: forma 1a (pote) e forma 6 (panela de asa em orelha) com vestígios de atividade metalúrgica na zona interior do bordo.

Quanto à decoração foram considerados seis exemplares decorados.

Destes, três exemplares possuem decoração simples, neste caso, aguada, ora negra ora avermelhada na superfície exterior dos fragmentos.

Foram registados três exemplares com decoração compósita: um por impressão e aguada (fig. 8.77), outro por incisão e aguada e um terceiro por incisão e impressão.

Com efeito, o bojo decorado por impressão e aguada possui uma aguada avermelhada na superfície exterior e 3 círculos concêntricos impressos; o bojo decorado por incisão e aguada possui dois sulcos incisos horizontais seguido de aguada negra por cima; e finalmente, os motivos num bojo decorado por incisão e impressão são os seguintes um sulco inciso horizontal e uma série de SSS.



Fig. 8.77 Fragmento decorado por impressão (círculos concêntricos) e aguada.

Neste conjunto de materiais foi ainda observada uma perfuração num bojo (talvez de um agrafo metálico) e foram observados restos ou pingos metalúrgicos em três bojos.

Estes materiais possuem na sua maioria uma dimensão < de 4 cm (315 exemplares) e 28 exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm. Notamos 209 fragmentos rolados (61%).

Tendo em consideração este cenário e tendo por base os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) é notar que estes materiais além de estarem profundamente rolados a sua diminuta dimensão revela que estiveram sujeitos aos fenómenos pós deposicionais durante muito tempo.

Cerâmica produzida ou de importação romana

Nesta camada foram ainda registados um total de 66 fragmentos de produção e importação romana. Na sua maioria este conjunto é composto por cerâmica comum romana (43 fragmentos).

Quanto a cerâmica não local e por isso importada foi observado um total de 23 fragmentos de ânforas. Deste universo, foram observados 18 bojos de ânfora, na sua maioria de produção da área da Bética e sete bojos oriundos do vale do Guadalquivir. Foi ainda estudada uma asa de ânfora de forma indeterminada, um bordo de ânfora indeterminada (ambos oriundos do vale do Guadalquivir) e três exemplares de opérculos (Fig. 8.78).

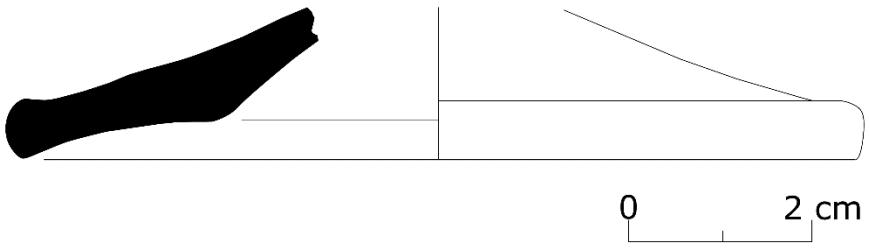


Fig. 8.78 Opérculo.

Camada 6 e 6a

Idade do Bronze Final

Foram vistos apenas dois bojos.

Estes fragmentos são de fabrico manual, a pasta é micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura é média. Os e.n.p. são de calibre pequeno. Um dos exemplares encontra-se polido e o outro alisado. Ambos os fragmentos possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e encontram-se rolados.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados seis fragmentos. Deste conjunto, três fragmentos são bojos, dois são exemplares de bordos e um exemplar pode ser um cossoiro.

Os materiais deste período possuem fabrico manual, a pasta é micácea-arenosa e a cozedura é redutora.

A textura destes materiais é na sua maioria média (cinco exemplares) e apenas um fragmento possui uma textura grosseira. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio, dois exemplares possuem e.n.p de calibre pequeno e um exemplar possui calibre grande. Os exemplares encontram-se com a superfície polida.

Em termos formais além dos bojos registados, foram estudados dois exemplares de bordos (um exemplar esvasado e outro aberto). Foi ainda estudado um possível cossoiro.

Foram registados em termos formais de cerâmicas um total de uma forma 2b (potinho) e um exemplar da forma 3a (malga) (Tab. 8.7).

Tabela 8.7 Formas da Idade do Ferro Antiga da camada 6 e 6a, da sondagem 5 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 2b (Potinho)	1	50 %
Forma 3a (Malga)	1	50 %
Total	**2**	**100** %

Todos os bojos estudados encontram-se decorados por decoração simples. As técnicas são a aplicação plástica (dois exemplares) e a impressão. A aplicação plástica surge por meio de um cordão nos dois casos, aplicado na horizontal. A impressão surge num fragmento através da uma série de SSS impressos.

Estes materiais possuem na sua maioria uma dimensão < de 4 cm (cinco exemplares) e um exemplar possui uma dimensão entre 4 e 8 cm. Foram observados quatro fragmentos rolados e ainda um com fuligem.

Nível de romanização

Nesta camada sendo o fundo deste fosso continua a registar-se uma mistura entre materiais indígenas com algum material de produção e importação romana.

Desta forma devemos referir que, em termos percentuais, os materiais indígenas correspondem a 80% (136 fragmentos) e os materiais romanos produzidos localmente ou importados corresponde a 20% (37 fragmentos).

Cerâmica indígena

Foram registados 136 fragmentos. Deste conjunto, 129 fragmentos são bojos, seis bordos, e um exemplar de asa.

Os materiais deste período possuem na sua maioria fabrico à roda e 35 fragmentos são produzidos manualmente. A pasta é apenas micácea e a cozedura é na sua maioria oxidante e 24 fragmentos possuem cozedura redutora.

A textura destes materiais é na sua maioria média (102 exemplares), 22 fragmentos possuem textura grosseira e apenas 12 fragmentos possuem uma textura fina. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio, 52 exemplares possuem e.n.p. pequenos e 19 exemplares possuem e.n.p de calibre grande. Os exemplares estão na sua maioria alisados e 52 exemplares encontram-se polidos.

Em termos formais além dos bojos registados, foram estudados 6 bordos (três esvasados, um em aba soerguida e dois verticais, e destes ainda preservava uma asa em orelha). Quanto às asas foi registado um fragmento de secção subcircular (Fig. 8.79).

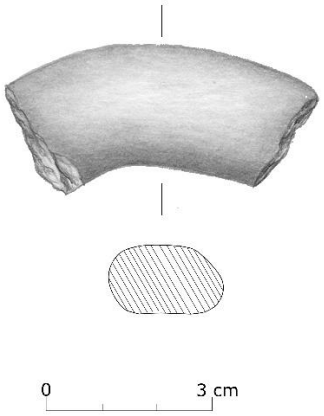


Fig. 8.79 Forma de cerâmica indígena: asa subcircular (forma 4).

Foram registados em termos formais de cerâmicas um total de sete formas: dois exemplares da forma 1a (pote), um exemplar da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 4 (panela de asa interior), um exemplar da forma 5 (talha) e dois exemplares da forma 6 (panela em orelha) (Fig. 8.80; Tab. 8.8). Foram observados 17 fragmentos com fuligem. Esta fuligem estava presente nas formas 1 (potes), 2 (potinhos/púcaros) e 6 (panelas de asa em orelha) o que significa que poderiam ser usadas sobre o lume.

Tabela 8.8 Formas cerâmicas indígenas da camada 6 e 6a, da sondagem 5 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 1 a (Pote)	2	29 %
Forma 2 b (Potinho)	1	14 %
Forma 4 (Panela de asa interior)	1	14 %
Forma 5 (Talha)	1	14 %
Forma 6 (Panela de asa em orelha)	2	29 %
Total	**7**	**100 %**

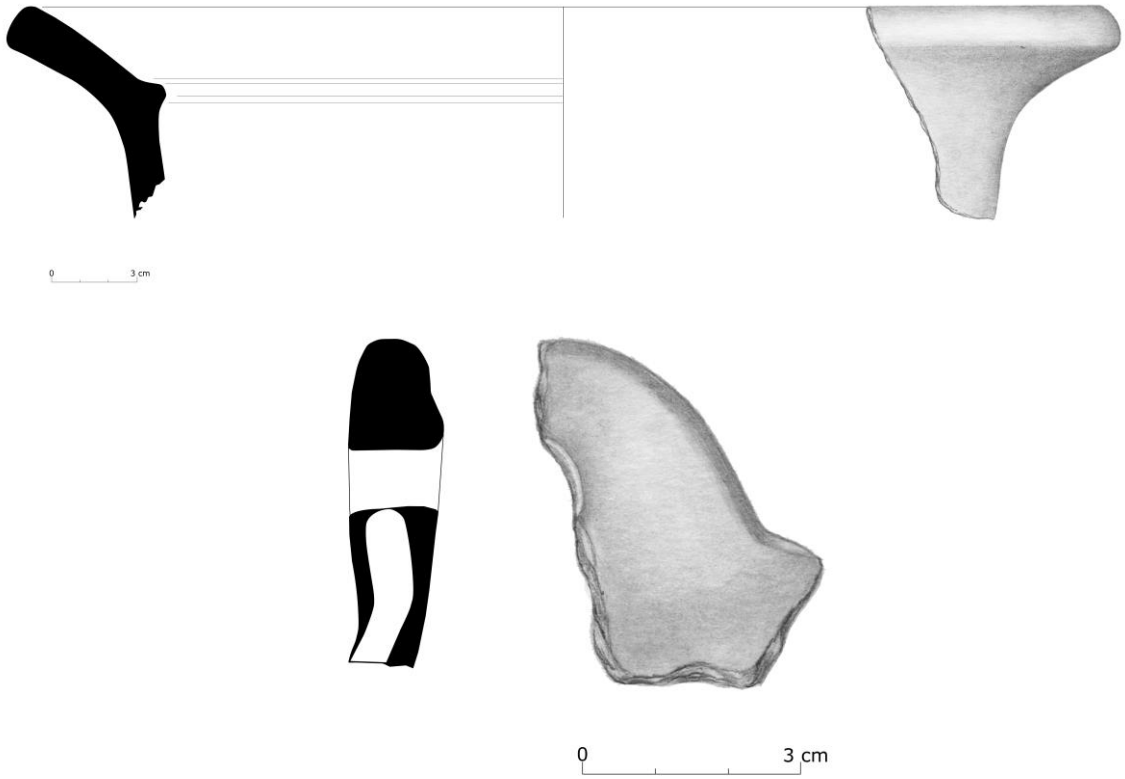


Fig. 8.80 Forma cerâmicas indígenas: forma 5 (talha), e asa de forma 6 (panela de asa em orelha).

Os fragmentos decorados resumem-se a um bordo decorado por aplicação plástica (possui um cordão entre o colo e o bordo no interior do fragmento.

Foram ainda observados dois bojos com vestígios de metalurgia.

Estes materiais possuem na sua maioria uma dimensão < de 4 cm (130 exemplares), quatro exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e dois possuem uma dimensão >8 cm. Foram ainda registados 102 fragmentos rolados (72%). A percentagem, manifestamente elevada dos materiais aqui registados é um claro indício que esta área do povoado encontra-se muito sujeita aos fenómenos pósdeposicionais, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica produzida ou de importação romana

Nesta camada foram ainda registados um total de 37 fragmentos de produção e importação romana. Na sua maioria este conjunto é composto por cerâmica comum romana (29 fragmentos). Quanto a cerâmica não local e por isso importada foi observado um total de seis fragmentos de ânforas. Deste universo, foram encontrados quatro bojos de ânfora de produção da área da Bética. Foi ainda estudado um fundo do tipo Ovóide 1 com produção na área do vale do Guadalquivir e com uma cronologia entre 70 a.C. e os inícios do séc. I d.C. (Fabião, 2000: 672; García Vargas *et al.*, 2011: 212-213) e um exemplar de opérculo (Fig. 8.81) Finalmente, devemos ainda referir um fundo de cerâmica de importação fina, talvez oriunda da Etrúria, do séc. I d.C. (Ricci, 1985) (Fig. 8.82).

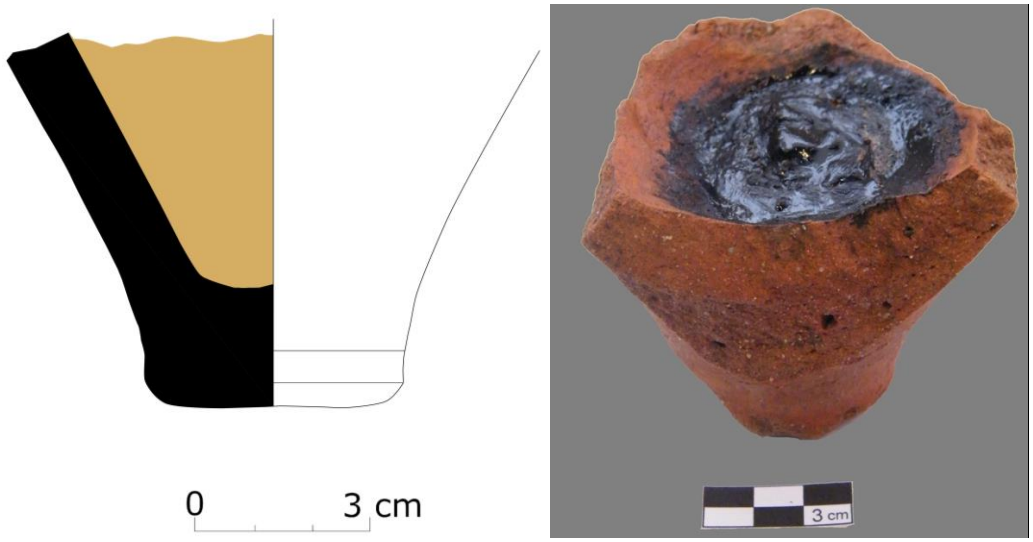


Fig. 8.81 Fundo de Ovóide 1, com restos de resina de revestimento[232] (?) (vale do Guadalquivir).

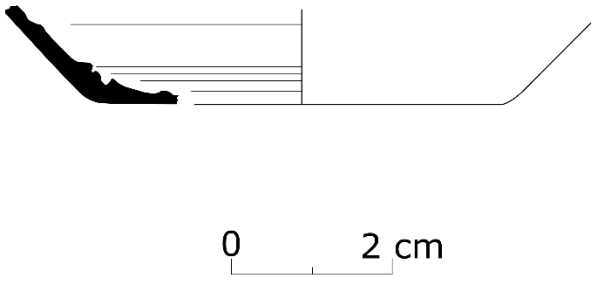


Fig. 8.82 Forma de importação: cerâmica de paredes finas, base.

[232] Foi retirada uma amostra desta resina de revestimento para compreender a sua composição. Foi entregue ao Dr. César Oliveira (químico). Os resultados dessas análises ainda estão a ser realizadas.

c. Materiais metálicos

Nesta sondagem foram registados um total de 10 objetos metálicos. Deste conjunto três objetos foram encontrados na camada 0.

Foi registado entre os quadrados L'45 e LM'46 uma pequena placa[233] em ferro. Possui 5,9 cm de comprimento, 1,5 cm de largura, 0,3 cm de espessura e um peso de 6,1 gramas (Fig. 8.83).



Fig. 8.83 Placa de ferro.

No quadrado L'45 foi registada também uma placa[234] em ferro. Possui 5,3 cm de comprimento, 4 cm de largura, 1 cm de espessura e um peso de 32,2 gramas.

Ainda no quadrado M'46 foi estudado um cravo[235]. Possui 1,4 cm de largura, 1,5 cm de altura e um peso de 1,4 gramas (Fig. 8.84).



Fig. 8.84 Cravo em ferro.

Foi registado na sondagem 5, quadrado L'47, camada 2 um pequeno disco (?) partido[236]. Este objeto possui 1,35 cm de diâmetro, 0,8 cm de largura, 0,3 cm de espessura e um peso de

[233] Número de inventário do MDDS: 2021.5020.
[234] Número de inventário do MDDS: 2021.5021.
[235] Número de inventário do MDDS: 2021.5034.
[236] Número de inventário do MDDS: 2021.5035.

cerca de 1,2 gramas. Poderá ser também de restos de fundição para produção de um pequeno alfinete em liga de bronze (Fig. 8.85).

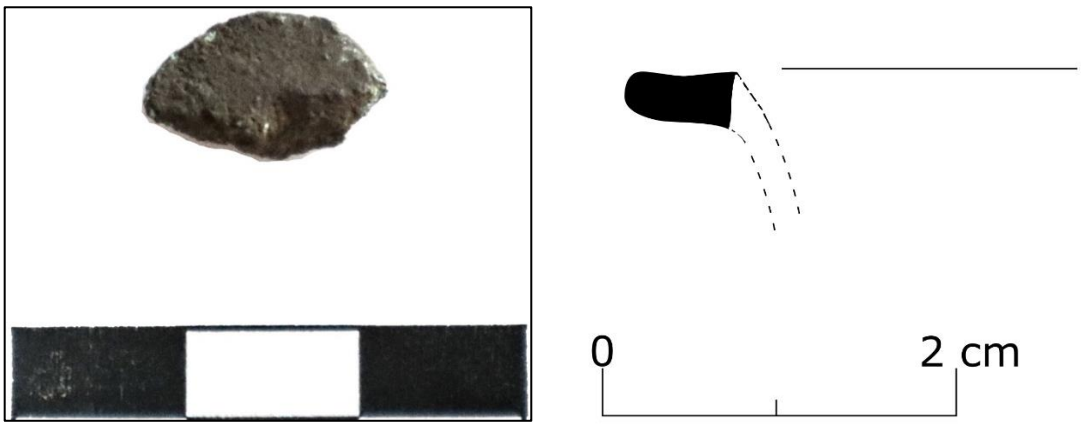


Fig. 8.85 Provável resto de fundição, para a produção de um alfinete em liga de bronze.

Foi estudada na sondagem 5, quadrado L'46, camada 2 aquilo que parece ser uma placa rebitada[237], em liga de bronze, dobrada que poderia pertencer a algum recipiente (caldeiro rebitado ou sítula) (Fig. 8.86). Possui 1,3 cm de comprimento, 1 cm de largura, 0,05 cm de espessura e pesa 0,9 gramas.



Fig. 8.86 Resto de placa rebitada em liga de bronze.

Na mesma camada 2, mas no quadrado L'46, foi registado um objeto em ferro de forma indeterminada[238]. Possui 3,6 cm de comprimento, 0,9 cm de largura, e 1 cm de espessura e um

[237] Número de inventário do MDDS: 2021.5037.
[238] Número de inventário do MDDS: 2021.5038.

peso de 7,7 gramas. Nesta camada e no quadrado L'45, foi registado um objeto em ferro de forma indeterminada[239]. Possui 3,2 cm de comprimento, 0,8 cm de largura, e 0,6 cm de espessura e um peso de 2,7 gramas.

Nesta sondagem, mas camada 4 e 4c foram registados dois objetos, também eles em ferro. 2021.5064

Assim, no quadrado L'45 foi estudado uma placa em ferro[240], com 7,2 cm de comprimento, 1,7 cm de largura e 0,5 cm de espessura e pesa 7,8 gramas (Fig. 8.87).



Fig. 8.87 Placa de ferro.

No quadrado L'46 foi estudado uma pequena tacha ou cravo[241], com 1,9 cm de largura e uma altura de 1,6 cm e com um peso de 1,7 gramas (Fig. 8.88).



Fig. 8.88 Cravo ou tacha em ferro.

[239] Número de inventário do MDDS: 2021.5049.
[240] Número de inventário do MDDS:2021.5064.
[241] Número de inventário do MDDS: 2021.5036.

Finalmente, na camada 6a foi estudado um objeto em ferro de forma indeterminada[242]. Possui 9,5 cm de comprimento, 2,8 cm de largura e 1,4 cm de espessura e um peso de 27,9 gramas.

d. Síntese da sondagem 5

Em **síntese,** após o estudo do material proveniente das camadas estratigráficas da **sondagem 5**, compreendemos que o fosso 1 terá sido aberto, provavelmente, durante a Idade do Ferro Recente, em virtude das incursões dos invasores romanos, e colmatado durante a romanização, nomeadamente nos séc. I ou II d.C., tendo em conta o material do período tardo republicano e imperial romano, aí encontrado. Apesar dos materiais importados (ânforas) no que diz respeito à sua cronologia de produção, datam do séc. I a.C. e terminam em meados do séc. I d.C., em alguns casos até finais dessa centúria.

Os materiais que colmatavam o interior do fosso correspondiam a um considerável número de materiais indígenas (64%) associados a uma quantidade considerável de materiais produzidos (localmente ou importados) de época romana (36%). É de assinalar a persistência de formas tradicionais como talhas, malgas e panelas de asa em orelha.

Os materiais metálicos pouco acrescentam na afinação da cronologia desta área. Apenas devemos salientar a existência de uma possível sítula ou caldeiro rebitado

Uma outra questão que nos parece relevante é o facto de, no interior do fosso, não raras vezes, se identificarem, materiais cerâmicos com vestígios de metalurgia agregados. Trata-se de cadinhos e de um recipiente de fundo plano com vestígios de fundição.

Existiria, próximo desse fosso, uma oficina metalúrgica datável desta última fase ocupação do povoado?

Sondagem 6

a. Estruturas e estratigrafia

A sondagem 6 que corresponde aos quadrados L` a U`51, Q` e R`50, revelou a existência do fosso 2 implantado a partir da face externa da primeira linha de muralha. Revelou, ainda, nos quadrados U'51 e T'51 um muro de contenção do talude aí registado. Devemos referir que estes quadrados não apresentaram qualquer material. Dessa forma não foi possível datar este muro de

[242] Número de inventário do MDDS: 2021.5022.

contenção. Mas é provável que date da mesma época do fosso aí escavado (Mendes, 2008: 34 - 35) (Fig. 8.89).

No corte sul desta sondagem verifica-se a seguinte sequência estratigráfica (Mendes, 2008: 35 - 37):

00 - camada vegetal;

01 - sedimentos de cor castanha, humosas, soltas e com raízes. Contém pedras de pequeno e médio porte;

02 - sedimentos de cor cinzento-escuro (quase negras), com muitos elementos carbonosos, soltas e com raízes pequenas. Integra um nível de pedras de vários tamanhos. Este nível faz parte do enchimento do fosso;

2a - bolsas de terra de cor cinzento-claro, muito saibrosas, soltas e com gravilha. Este nível integra o enchimento do fosso;

03 - bolsa de sedimentos de cor bege e amarelado, muito saibrosos e com gravilha e pedras pequenas e médias, muito soltas (saibro);

04 - bolsa de sedimentos de cor castanho-clara com nódulos de saibro, muito solta e saibrosa e com gravilha. Este nível faz parte do enchimento do fosso;

05 - sedimentos de cor castanho-escura com nódulos de saibro, muito granulosa e compacta. Este nível como os seguintes 5a, b, c, d fazem parte do enchimento do fosso;

5a - bolsa de argila de cor castanho-escura e compacta;

5b - bolsa de sedimentos de cor cinzenta, arenosas e pouco compactas;

5c - bolsa de sedimentos de cor amarelada, muito compactas, saibrosas e com pedras pequenas;

5d - bolsa de sedimentos de cor castanho-escuro, pouco compactas e de textura homogénea, por vezes argilosas;

06 - bolsa de sedimentos de cor bege e amarelado, muito saibrosos e com gravilha e pedras pequenas e médias, muito soltas (saibro), camada de enchimento do fosso ;

07 - sedimentos de cor amarelo, compactas e arenosas (saibro). Camada de transição para a base do fosso;

08 - sedimentos de cor castanha escura, compactas e de textura homogénea, com algumas pedras pequenas na base da camada. Esta camada corresponde ao solo original que antecede o substrato;

09 - sedimentos saibrosos de cor castanha-amarelada e compactas (saibro) de transição para o substrato;

10 - sedimentos de cor castanha acinzentada, muito soltas, com muitas raízes, pedras pequenas e gravilha. Enchimento da vala para passagem de tubos modernos (vala 1);

11 - sedimentos de cor castanha acinzentada, muito soltas, com muitas raízes, pedras pequenas e gravilha. Enchimento da vala para passagem de tubos modernos (vala 2);

12 - sedimentos associadas ao muro de sustentação do talude, de cor castanho-clara amarelada, humosas, desagregadas e com muitas raízes;

13 - sedimentos de cor amarelada, saibrosas, pouco compactas e com raízes;

Substrato natural: saibro, alterite granítica e afloramento.



Fig. 8.89 Setor III, sondagem 6 – perfil sul (Mendes, 2008, Est. XCV, 1, adaptado).

Nos cortes oeste e norte dos quadrados Q` e R`50 e 51 regista-se a seguinte sequência estratigráfica associada ao interior da saibreira:

00 - terra vegetal;

01 - sedimentos de cor castanha, humosos, soltos e com raízes. Contém pedras de pequeno e médio porte.

02 - sedimentos de cor cinzento-escuro (quase negras), com muitos elementos carbonosos, soltas e com raízes pequenas. Integra um nível de pedras de vários tamanhos. Esta camada encontra-se, também no quadrado Q'51 já no interior do fosso;

2a - sedimentos de cor castanho-escura, humosos e com alguma compacidade;

2b - sedimentos de cor castanho, humosas, pouco compactas e com raízes pequenas;

03 - sedimentos de cor castanho-clara, saibrosas e granulosas, soltas e com pedras pequenas e raízes pequenas;

3a - sedimentos de cor castanho-clara acinzentada, granulosas e saibrosas, soltas e com pedras pequenas;

As camadas seguintes (4, 4a, 5, 5a, 5b, 5c, 5d, 6 e 7) localizam-se no interior do fosso.

04 - sedimentos de cor amarelada, muito desagregadas e com muita gravilha e restos de afloramento partido (saibro);

4a – bolsa de sedimentos muito saibrosas, de tons acinzentados, granulosas e soltas (saibro);

4b - bolsa de sedimentos de cor cinzento-claro, com alguns elementos carbonosos, pouco compactas e saibrosas (saibrosa)

05 - sedimentos de cor castanho-escuro, compactas e de textura homogénea, com algumas pedras pequenas na base da camada. Esta camada corresponde ao **solo antigo** que antecede o substrato rochoso.

06 - sedimentos saibrosos de cor castanha-amarelada e compactas (Saibro) de transição para o substrato rochoso;

7a - bolsa de sedimentos de cor castanho-escuro, compactos e de textura argilosa;

08 - sedimentos saibrosos de cor castanha-amarelada e compactas (saibro) de transição para o substrato rochoso;

8a - bolsa muito fina de sedimentos negros, carbonosos e humosos;

Substrato natural: saibro.

b. Materiais cerâmicos

Os materiais foram estudados por contextos, sendo que o primeiro foi composto pelo material existente nas camadas exteriores ao fosso (camadas 8, 9, 10 e 13) ou que o cobriam (camadas 1, 2 e 3) e o segundo, pelo material do interior do fosso (camadas 4, 5, 6 e 7). Os materiais das camadas 10 e 11 por corresponderem a aterros de valas recentes não foram estudados. Quanto às camadas 8 e 13 não foram registados materiais nestes níveis fora do fosso. Aliás, apenas a camada 8 situada no interior do fosso possuía materiais, em número muito reduzido. Foi ainda considerado o material da camada 5 e 7 no exterior deste fosso, apesar destes níveis não surgirem no corte sul (Fig. 8.89).

Exterior do fosso

Camada 1

Neste nível foram observados materiais de cerâmica de produção indígena e materiais de produção ou importação de época da romanização do povoado.

Nível da romanização

Do total de 83 fragmentos, 45 (54 %) correspondem a cerâmica indígena e 38 (46 %) a cerâmica de importação e produção romana.

Cerâmica indígena

Foram registados 45 fragmentos enquadráveis neste tipo de produção cerâmica. Destes três exemplares são bordos e o restante são bojos.

Quanto ao fabrico a maior foi produzido a torno e 21 fragmentos foram produzidos manualmente, a pasta micácea e a cozedura é na sua maioria oxidante e apenas 13 fragmentos possuem cozedura redutora.

Os desengordurantes são na sua maioria de calibre médio (19 exemplares), seguido de 21 exemplares pequenos e ainda cinco exemplares grandes. A textura destes fragmentos é na sua maioria média (33 fragmentos), seguido de textura fina (11 fragmentos) e ainda um fragmento de textura grosseira. O acabamento das superfícies é na sua maioria alisado (28 exemplares) e o restante encontra-se polido.

Em termos formais, como se disse, foram registados três exemplares bordos: um exemplar de cada forma: aberto, esvasado e ainda indeterminado.

Com efeito, foram estudados um total de duas formas cerâmicas: um exemplar da forma 1a (pote) e forma 3b (malga) (Tab. 8.9; Fig. 8.90). Foi ainda contabilizado uma forma indeterminada.

foram ainda registados dois fragmentos com fuligem, um deles no bordo (forma 3a).

Tabela 8.9 Materiais indígenas na camada 1, sondagem 6 (Setor III)

Forma	MNI	%
Forma 1a (Pote)	1	50 %
Forma 3a (Malga)	1	50 %
Total	**2**	**100 %**

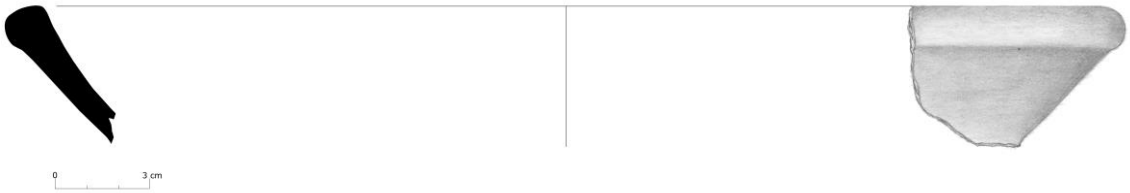


Fig. 8.90 Forma cerâmica: forma 3a (malga).

Quanto ao tamanho dos fragmentos foram registados 43 fragmentos < de 4 cm e apenas dois fragmentos possuem um tamanho entre 4 e 8 cm. Foram considerados 25 fragmentos rolados (56% do total).

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) o nível de fragmentação e material rolado aqui registado é evidência clara que estes materiais estiveram em contacto com os agentes erosivos durante muito tempo.

Material de importação e de produção romana

Foi registado neste nível, ainda, materiais de época da romanização do povoado. Foi registado 32 exemplares de bojos de cerâmica comum romana e quatro exemplares de bojos de ânfora da área de produção da Bética, um arranque de asa da área do Guadalquivir (Fig. 8.91) e ainda uma tampa de ânfora (opérculo) (Fig. 8.92).

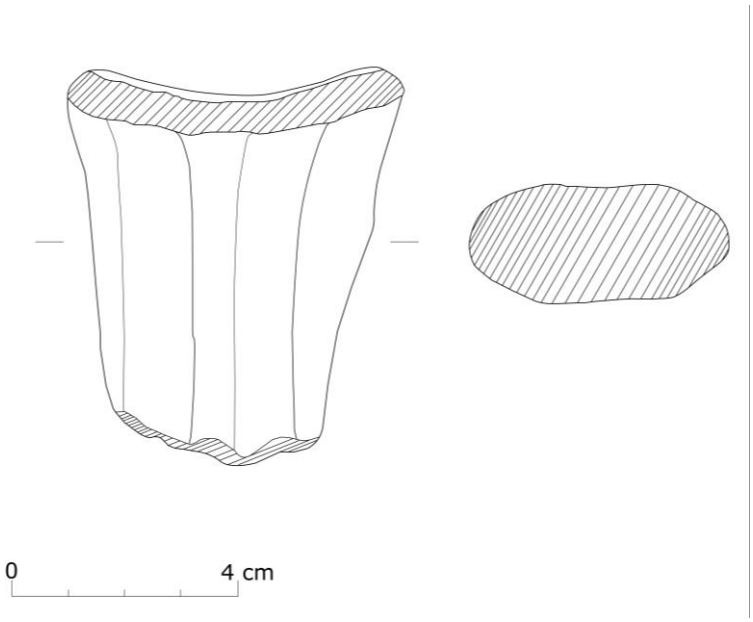


Fig. 8.91 Formas de importação: asa indeterminada (área da Bética).

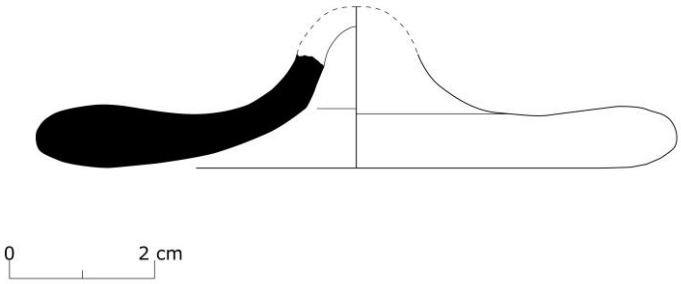


Fig. 8.92 Opérculo.

Camada 2

Neste nível foram observados materiais de cerâmica de produção indígena e materiais de produção ou importação de época da romanização do povoado.

Nível da romanização

Do total de 52 fragmentos, 21 (40%) correspondem a cerâmica indígena e 31 a cerâmica de importação e produção romana (60%).

Cerâmica indígena

Foram registados 21 fragmentos enquadráveis neste tipo de produção cerâmica. Destes três exemplares são bordos e o restante são bojos.

Quanto ao fabrico a maior foi produzido a torno e nove fragmentos foram produzidos manualmente, a pasta micácea e a cozedura é na sua maioria oxidante e apenas oito fragmentos possuem cozedura redutora. A textura destes fragmentos é na sua maioria média (16 exemplares), seguido de textura fina (3 exemplares) e ainda um exemplar de textura grosseira.

Os desengordurantes são na sua maioria de calibre pequeno (12 exemplares) e nove exemplares de tamanho pequeno. O acabamento das superfícies é na sua maioria alisado (15 exemplares) e o restante encontra-se polido.

Em termos formais foram registados três bordos esvasados.

Um dos bojos estudados é decorado. A técnica usada foi a impressão e os motivos são dois círculos concêntricos impressos.

Foi visto apenas um exemplar da forma 1a, e dois exemplares indeterminados.

Quanto ao tamanho dos fragmentos foram registados 19 fragmentos < de 4 cm e apenas dois fragmentos possuem um tamanho entre 4 e 8 cm. Foram encontrados 10 fragmentos rolados (48% do total). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) o nível de fragmentação e material rolado não é tao elevado como na camada 1 mas ainda assim estes materiais estiveram em contacto com os agentes erosivos durante muito tempo.

Material de importação e de produção romana

Neste nível foram registados nove fragmentos de cerâmica comum romana. E ainda foram estudados um total de 22 bojos de ânfora. Destes, 14 são de produção do Guadalquivir, dois exemplares são da área da Cádis e o restante é oriundo da área da Bética.

Camada 3 e 3a

Nível da romanização

Do total de 135 fragmentos, 49 (36%) correspondem a cerâmica indígena e 86 a cerâmica de importação e produção romana (64%).

Cerâmica indígena

Foram registados 49 fragmentos enquadráveis neste tipo de produção cerâmica. Destes dois exemplares são bordos, um exemplar é de asa e o restante são bojos.

Quanto ao fabrico a maior foi produzido a torno e 11 fragmentos foram produzidos manualmente, a pasta micácea e a cozedura é na sua maioria oxidante e apenas um fragmento possui cozedura redutora. A textura destes fragmentos é na sua maioria média (41 exemplares) e o restante de textura fina (oito exemplares).

Os desengordurantes são na sua maioria de calibre médio (38 exemplares), sete exemplares de tamanho pequeno e quatro exemplares de tamanho grande. O acabamento das superfícies é na sua maioria alisado (36 exemplares) e o restante encontra-se polido.

Foram registados dois exemplares de bordos esvasados, e uma asa em orelha.

Com efeito, foram considerados em termos formais: um exemplar da forma 1 a (pote) (Tab. 8.10; Fig. 8.93) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha). E ainda um exemplar é indeterminado.

Foram registados três fragmentos com fuligem (dois bojos e a asa em orelha).

Tabela 8.10 Formas cerâmicas da camada 3 e 3 a, da sondagem 6 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 1a (Pote)	1	50 %
Forma 6 (Panela de asa em orelha)	1	50 %
Total	**2**	**100%**

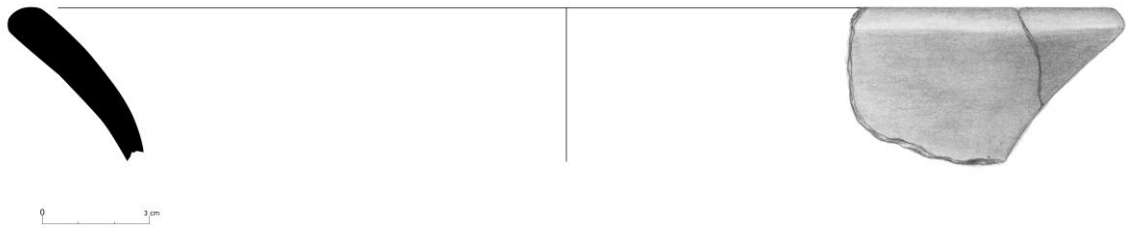


Fig. 8.93 Forma cerâmica: forma 1a (pote).

Estes fragmentos possuem na sua maioria uma dimensão < de 4 cm (47 fragmentos) e apenas dois fragmentos possuem um tamanho entre 4 e 8 cm e 23 fragmentos encontram-se rolados (47% do total). Nota-se aqui uma vez mais o forte transporte, e ação pós quebra destes materiais sobretudo no que diz respeito à sua dimensão, segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008).

Material de importação e de produção romana

Neste contexto foram contabilizados um total de 75 bojos de cerâmica comum romana.

Ainda foi registado 10 bojos de ânfora e um arranque de asa (Fig. 8.94), neste caso sete bojos da área da Bética e o restante da área do Guadalquivir.

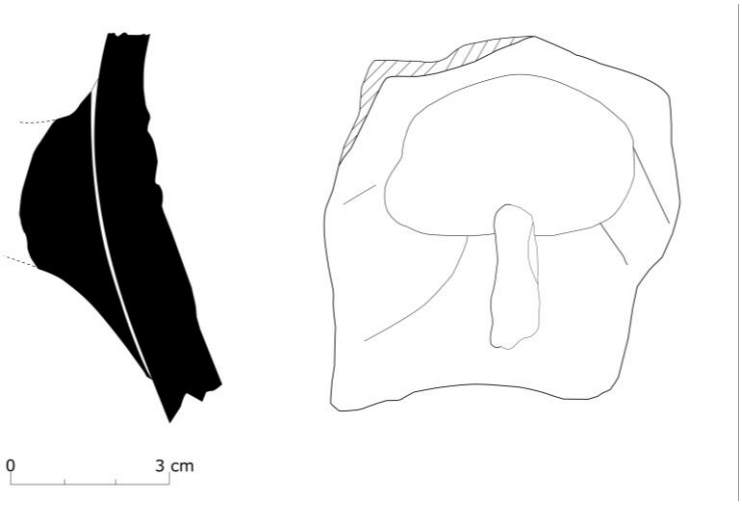


Fig. 8.94 Formas de importação: arranque de asa indeterminada (vale do Guadalquivir).

Camada 5 e 5a

Nesta camada no exterior do fosso foi considerado um conjunto de fragmentos com características tecno-tipológicas diferentes.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foi registado apenas seis fragmentos atribuíveis à Idade do Ferro Antiga. Trata-se de quatro bojos (três decorados), um exemplar de base e ainda um exemplar de bordo.

São todos de fabrico de manual, pasta micácea e cozedura redutora. Os desengordurantes são de calibre médio (cinco exemplares) e apenas um de calibre pequeno. A textura é na sua maior parte é média, e apenas dois exemplares possuem textura fina. O acabamento da superfície é na sua maioria polido e apenas um exemplar é alisado.

O bordo registado é esvasado, a base é de fundo plano simples. Estes materiais não se encontram rolados e apenas três bojos possuem fuligem.

Os três bojos decorados possuem decoração por aplicação plástica, sendo aplicado um cordão na superfície exterior do fragmento.

Em termos formais foi possível identificar apenas uma forma, a forma 2 (potinho/púcaro).

Na sua maioria os fragmentos aqui referidos possuem uma dimensão < de 4 cm e apenas um tem uma dimensão > 8 cm.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Nesta camada foram também registados 50 fragmentos desta cronologia.

Trata-se de 46 bojos, uma base e ainda três exemplares de bordo (um deles decorado).

Em termos técnicos a maior parte possui produção à roda e apenas seis fragmentos foi produzido de forma manual, na maioria a cozedura é oxidante e apenas quatro fragmentos possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. A textura é na sua maior parte média, 12 exemplares possuem textura fina e dois exemplares possuem textura grosseira.

Os desengordurantes são na sua maioria de calibre médio (32 exemplares), seguido de 16 exemplares com calibre pequeno e finalmente de calibre grande dois exemplares. O acabamento da superfície é na sua maioria polido e apenas um exemplar é alisado.

Os bordos registados foram: dois exemplares em aba soerguida e um indeterminado e a base é de fundo plano alargado. O bordo decorado possui decoração por aplicação plástica, através de um cordão aplicado na horizontal na zona interior na passagem do bordo para o colo.

Em termos formais foi possível identificar apenas duas formas, a forma 2b (potinho) e forma 5 (talha) (Tab. 8.11; Fig. 8.95). Além de se ter registado uma forma indeterminada. Foram observados 4 fragmentos com fuligem.

Tabela 8.11 Formas cerâmicas da camada 5 e 5a, da sondagem 6 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 2b (Potinho)	1	50 %
Forma 5 (Talha)	1	50 %
Total	**2**	**100 %**

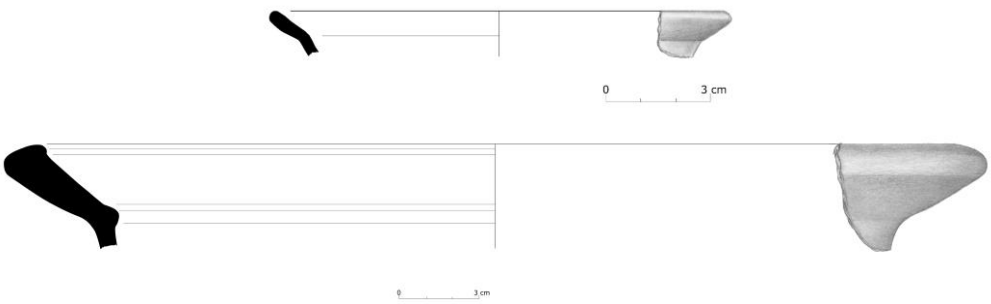


Fig. 8.95 Formas cerâmicas: forma 2b (potinho) e forma 5 (talha).

Quanto às dimensões dos fragmentos considerados, 26 exemplares possuem uma dimensão >4 cm, 23 exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm, ainda um exemplar com um tamanho >8 cm. Foram registados ainda 33 exemplares rolados (66% do total). Nesta camada nota-se de forma clara o alto índice de ação dos agentes erosivos para com estes materiais que foram rolando ao longo de um período longo de tempo, segundo os índices de fratura de Brudenell e Cooper (2008). Apesar de que neste caso concreto parece existido menor intensidade nas ações de quebra e pós-quebra.

Material de importação e de produção romana

Neste contexto foram ainda registados 17 bojos de cerâmica comum romana e ainda 19 bojos ânforas, destes 11 exemplares são oriundos da área da Bética, e o restante é da área da Guadalquivir.

Camada 7

Esta camada foi registada tanto no fundo do fosso registado como fora dele, nesta fase tratamos apenas dos materiais registados no quadrado P'51. Pelas características técnicas dos materiais cerâmicos registados enquadram-se entre a Idade do Ferro Antiga e Recente.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foi registado apenas um bojo atribuível à Idade do Ferro Antiga.

É fabrico de manual, de pasta micácea e cozedura redutora. Os desengordurantes são de calibre médio e a textura é média. O acabamento da superfície é alisado.

O fragmento possui um tamanho < de 4 cm. Este fragmento não se encontra rolado e possui fuligem.

Idade do Ferro Recente

Nesta camada foram também registados 19 fragmentos desta cronologia.

Trata-se de 16 bojos (um deles decorado), dois exemplares de bordo e ainda um pequeno disco.

Em termos técnicos a maior parte possui produção à roda e apenas três fragmentos foi produzido de forma manual, a cozedura é oxidante. A pasta é micácea. A textura é na sua maior parte média e dois exemplares possuem textura fina.

Os desengordurantes são na sua maioria de calibre pequeno (16 exemplares), seguido de dois exemplares com calibre pequeno e finalmente de calibre grande um exemplar. O acabamento da superfície é na sua maioria polido e apenas um exemplar é alisado.

Os bordos registados foram: um exemplar esvasado e um exemplar aberto. Como se disse foi encontrado um disco.

Quanto à decoração foi estudado um fragmento decorado por aguada negra sobre a superfície exterior (Fig. 8.97).

Em termos formais foi possível identificar apenas duas formas, a forma 1a (pote) e forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 8.12; Fig. 8.96). Além de um pequeno disco (Fig. 8.98). Foram observados seis bojos com fuligem.

Tabela 8.12 Formas cerâmicas da camada 7 (Qd. P'51), da sondagem 6 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 1a (Pote)	1	50 %
Forma 4 (Panela de asa interior)	1	50 %
Total	**2**	**100 %**



Fig. 8.96 Forma cerâmica: forma 4.



Fig. 8.97 Fragmento decorado por aguada negra na superfície.

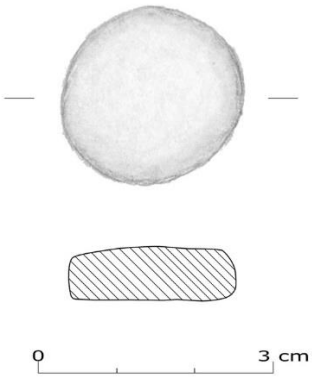


Fig. 8.98 Disco cerâmico.

Quanto às dimensões dos fragmentos registados, 11 exemplares possuem um tamanho >4 cm e oito exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm. Foram registados ainda sete exemplares rolados.

Interior do fosso 1 (camadas 4, 4a 5, 5a, 7 e 8)

O interior deste fosso encontra-se no **quadrado Q'51** da sondagem 6. Foi ainda considerada a camada 8 nesta parte. Apesar deste nível não surgir nos desenhos de campo é descrito na estratigrafia como fazendo parte tanto do enchimento do fosso, como da zona exterior a ele. A camada 6 neste contexto não apresentou materiais.

Nesta parte tratamos dos materiais que colmatam este fosso que apresentam várias cronologias.

Camadas 4 e 4a

Idade do Ferro Recente

Nestas camadas foram apenas detetados cinco bojos atribuíveis a esta cronologia. Estes fragmentos possuem um fabrico manual e apenas dois fragmentos foram produzidos à roda. A pasta é micácea. A textura é na sua maioria média, e dois fragmentos possuem textura fina, sendo os desengordurantes, na sua maioria pequenos e apenas dois fragmentos possuem desengordurantes de média dimensão. O acabamento é polido em todos os fragmentos. Estes fragmentos possuem na sua maior uma dimensão < de 4 cm e apenas um fragmento possuía uma dimensão entre 4 e 8 cm. Apenas dois fragmentos estão rolados.

Cerâmica de importação de fabrico romano

Neste contexto foram registados três fragmentos de ânfora, mais concretamente um bojo, um fundo e um bordo do tipo Haltern 70 (bordo de produção da Bética, fundo de produção do vale do Guadalquivir) (Fig. 8.99).

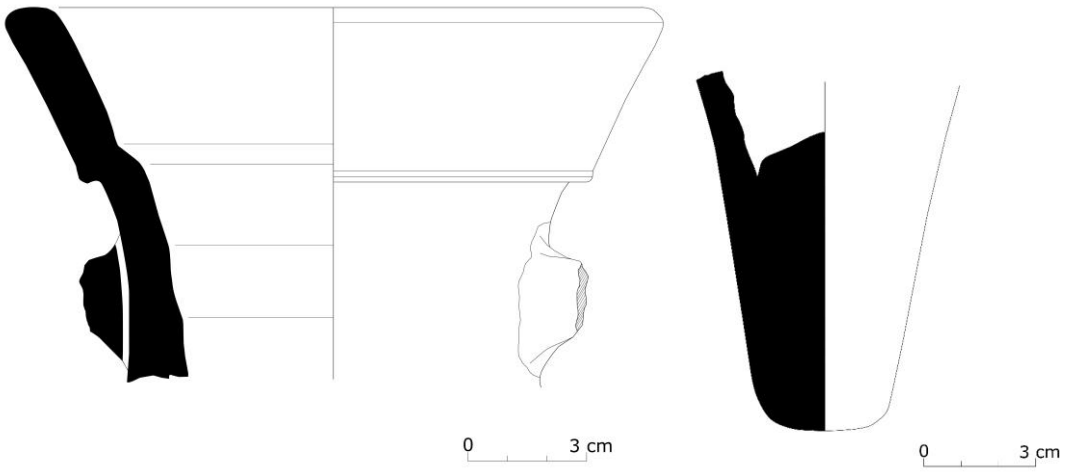


Fig. 8.99 Formas de importação: Haltern 70 (área da Bética); fundo de Haltern 70 (vale do Guadalquivir).

Camadas 5 e 5a

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram considerados sete fragmentos atribuíveis ao Ferro Recente. Foram registados dois bordos e cinco bojos. Em termos técnicos estes materiais foram produzidos à roda, a cozedura é oxidante, a pasta é micácea, a textura oscila entre média (dois exemplares) e fina (cinco exemplares). As superfícies são na sua maioria polidas (cinco) e as restantes alisadas. Os dois bordos são esvasados pertentem à mesma peça.

Foi registada uma forma, neste caso a forma 1a (pote).

Deste conjunto, seis fragmentos possuem um tamanho entre 4 e 8 cm e apenas um possui um tamanho < de 4 cm. Estes fragmentos não se encontram rolados.

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Neste nível foi ainda considerado um bojo de ânfora de fabrico da área da Bética.

Camadas 7

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foi registado um fragmento atribuível à Idade do Ferro Antiga. Trata-se de um bojo atribuível a esta cronologia. É de fabrico manual, de cozedura redutora, pasta micácea, de

textura média e desengordurantes grandes. Possui um acabamento polido. Tem uma dimensão >8 cm, encontra-se rolado e tem fuligem.

Idade do Ferro Recente

Nesta camada foi registado um fragmento atribuível à Idade do Ferro recente. Trata-se de uma asa em orelha. É produção manual, cozedura oxidante, pasta micácea, textura média e desengordurantes de tamanho médio. A superfície deste fragmento é alisada.

Assim, foi registada apenas uma forma, neste caso, a forma 6 (panela de asa em orelha) (Fig. 8.100). Este fragmento possuía uma dimensão entre 4 e 8 cm e não se encontra rolado e tem fuligem.

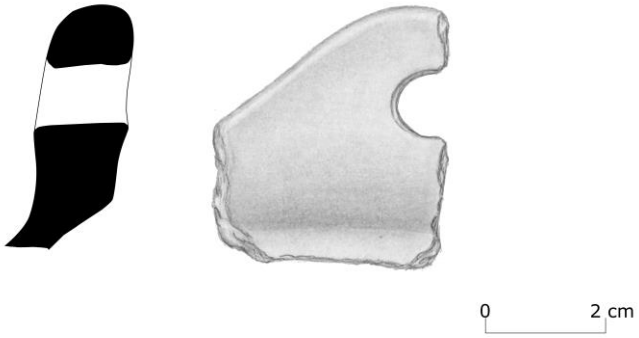


Fig. 8.100 Forma cerâmica: forma 6 (asa de panela de asa em orelha).

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Foi registado um fragmento de asa de tipologia indeterminada pertencente a uma ânfora (área produtora do Guadalquivir) (Fig. 8.101).

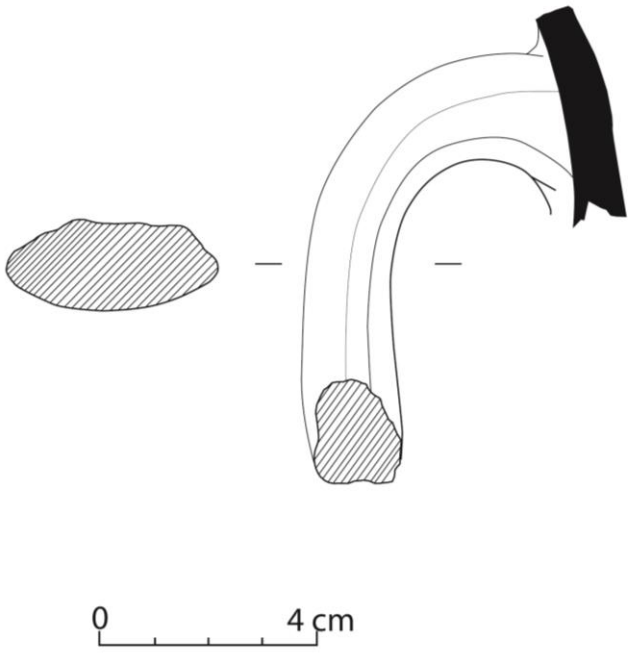


Fig. 8.101 Formas de importação: asa indeterminada (produzida na área Bética).

Camada 8

Idade do Bronze

Nesta camada foi registado apenas um fragmento atribuível à Idade do Bronze. Trata-se de um bojo de fabrico de manual, pasta arenosa e cozedura redutora. Os desengordurantes são de calibre médio, assim como a textura. O acabamento das superfícies é polido. Tem uma dimensão < de 4 cm e não se encontrava rolado.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foi registado apenas um fragmento atribuível à Idade do Ferro Antiga. Trata-se de um bojo de fabrico de manual, pasta micácea e cozedura redutora. Os desengordurantes são de calibre médio, assim como a textura. O acabamento da superfície é alisado. Tem uma dimensão < de 4 cm e não se encontrava rolado.

Cerâmica de importação e fabrico romano

Neste nível foram ainda registados dois bojos de cerâmica comum romana e um bojo de ânfora de produção da Bética.

Metais da sondagem 6

Foi registada nesta sondagem dois objetos metálicos em ferro. Mais precisamente dois pregos.

Com efeito, um[243] destes pregos foi achado no quadrado P'51 camada 2a. Possui 1,5 cm de altura, 1,7 cm de largura e ainda 0,3 cm de espessura e um peso de 1,5 gramas. O outro prego[244] foi encontrado no quadrado Q'51 na camada 2. Possui 1,2 cm de altura, 1,4 cm de largura e um peso de 1,5 gramas (Fig. 8.102).



Fig. 8.102 Prego em ferro.

c. Síntese da sondagem 6

Em **síntese na sondagem 6** as camadas 1, 2 e 3 pertencem à romanização e as camadas 8 e 13 a níveis mais antigos que foram interpretados como níveis de circulação do povoado não revelando, por isso, quaisquer materiais. Desta forma é impossível datá-los. Apenas podemos apontar para que esta área do povoado só terá sido habitada a partir dos finais da Idade do Ferro Recente.

O fosso foi preenchido ao longo da romanização. O material cerâmico encontrado no seu interior (quadrado Q'51) pertence a várias cronologias, em todas as camadas, embora seja, maioritariamente época da romanização.

Fora do fosso, é de referir que na camada 7 (quadrado P'51) foi registado material da Idade do Ferro Antiga e do Ferro Recente, indiciando a existência de um nível mais antigo perturbado no Ferro Recente.

Sondagem 7 – Fosso 2 e vala de drenagem

A sondagem 7 (quadrados: S`47 e 48 e T`47 e 48), situada a cerca de 4 m para norte da sondagem 6 possibilitou exumar um muro recente, associado a uma vala para canalização de tubos de água, que destruiu parte da face externa do muro de sustentação de um terraço artificial.

[243] Número de inventário do MDDS: 2021.5032.
[244] Número de inventário do MDDS: 2021.5033.

Sob estas tubagens foi registada parte do traçado do fosso 2 escavado no saibro (Mendes, 2008: 37). O fosso 2 desenvolveu-se no sentido sudeste-noroeste ao longo da área de sondagem (Fig. 8.103). A vala é perpendicular àquele, estando orientada a nordeste. A base do fosso mede cerca de 1,20 m de largura e a abertura superior cerca de 2 m.

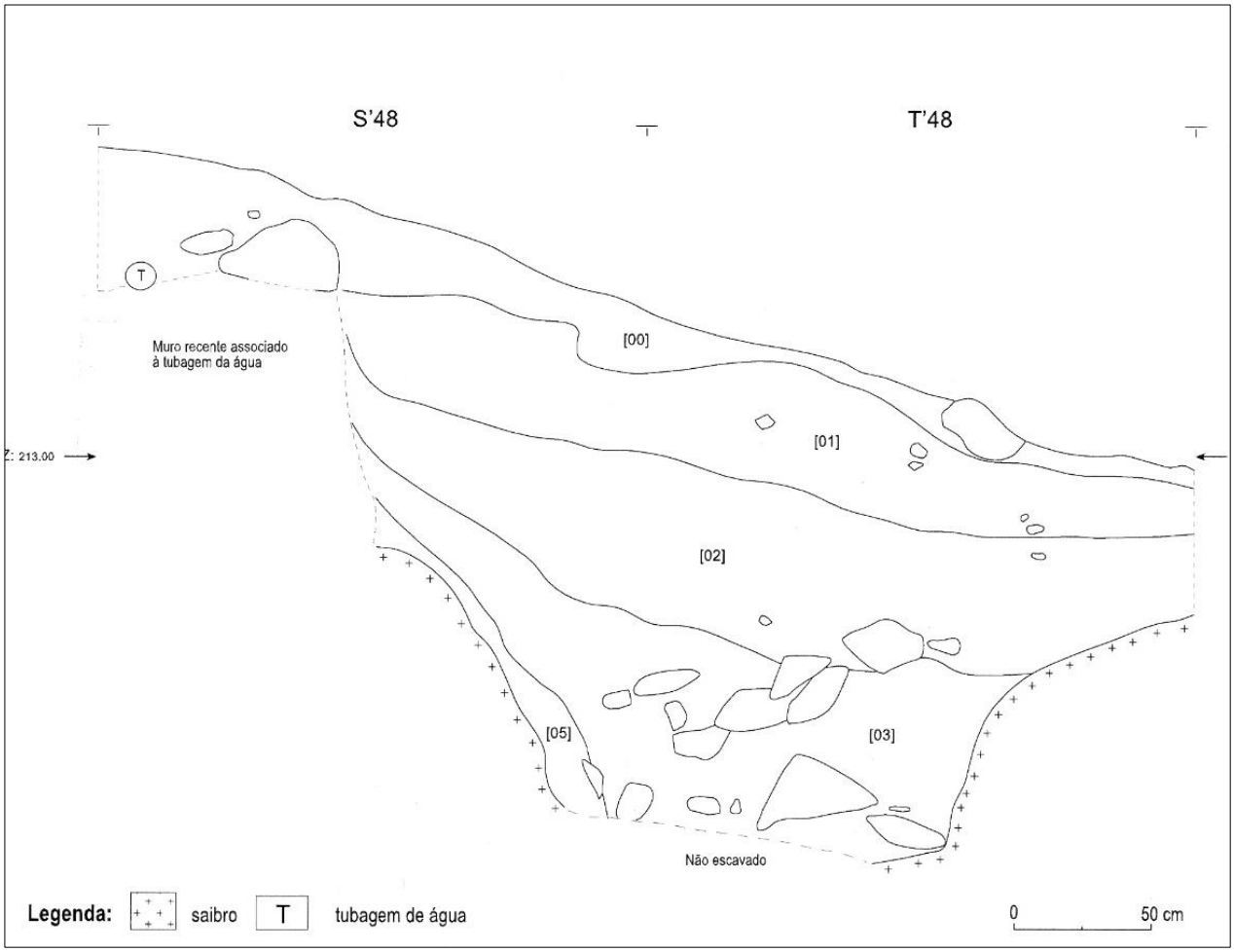


Fig. 8.103 Setor III, sondagem 7 – perfil norte do fosso 2 (Mendes, 2008, Est. CI, adaptado).

Não foram estudados os materiais desta sondagem porque se trata de uma amostra muito reduzida. Na base foi registado um fragmento de cerâmica de fabrico indígena de tamanho muito reduzido, e na camada 3 foi registado dois fragmentos de cerâmica comum romana.

Sondagem 8

A sondagem 8 (quadrados: B'35, A35, A'35, B' a F'34 e B' e F35), situada a oeste da sondagem 3 possibilitou identificar um possível terraço artificial, em que espaçadamente surge um muro de sustentação de sedimentos (Mendes, 2008: 38) (Fig. 8.104).

No corte sul verificam-se as seguintes camadas:

00 – camada vegetal;

00a – camada de sedimentos de cor cinzenta, muito arenosas, soltas e com raízes pequenas. Esta camada foi registada nos quadrados B'35, A'35, A35 e B35 e corresponde a revolvimentos de antigos trabalhos arqueológicos;

01 – camada de sedimentos de cor castanho-clara amarelado, com muitas raízes, e com pedras muito pequenas. Esta camada foi registada nos quadrados B'35, A'35, A35 e B35;

02 – camada de sedimentos de cor castanho-escuro, quase negras, muito humosas, pouco compactas, com pedras de pequeno porte e com raízes e fragmentos de granito em desagregação. Esta camada foi registada nos quadrados B'35, A'35, A35 e B35;

03 – camada de sedimentos de cor castanho-clara acinzentada, com muitas raízes, pouco compactas e com algumas pedras de uma possível estrutura;

04 – camada de sedimentos de cor castanha, com raízes de compacidade média e de textura granulosa. Esta camada regista-se no quadrado F'35 e integra pedras de vários tamanhos que correspondem provavelmente ao derrube da parede do muro;

Substrato natural: afloramento, alterite granítica e saibro.

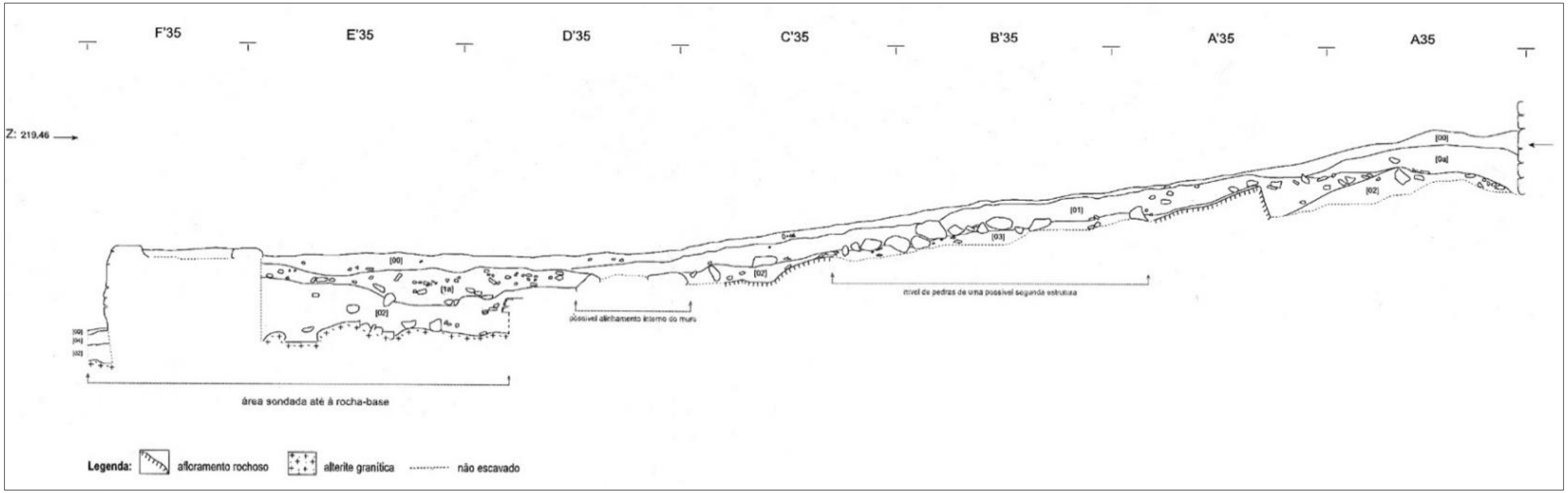


Fig. 8.104 Setor III, sondagem 8 – perfil sul (Mendes, 2000, Est. CV, adaptado).

a. Materiais cerâmicos

Todas as camadas forneceram material arqueológico, sendo estudado camada a camada.

Camada 1

Nesta camada foi registado um total de 84 fragmentos cerâmicos, sendo 74 deles do período da romanização e os restantes cerâmica indígena e algumas intrusões de material com características técnicas do Ferro Antigo.

Idade do Ferro Antiga

Os materiais deste período correspondem a 10 bojos, de fabrico manual, pastas exclusivamente micáceas e cozeduras redutoras. Os fragmentos são na sua maioria de textura média (oito exemplares) e grosseira (dois exemplares). Quanto ao acabamento de superfícies três exemplares encontram-se alisados e sete exemplares encontram-se polidos.

O conjunto possui dimensões < de 4 cm o que demonstra grande fracturação e descontextualização, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008). Dois fragmentos têm fuligem na superfície exterior.

Nível de romanização

Do total de 74 fragmentos, 47 (64 %) correspondem a cerâmica indígena e 27 a cerâmica de importação e fabrico romano (36 %).

Cerâmica indígena

Os 47 fragmentos subdividem-se em 46 bojos e um bordo. São de fabrico manual (26 casos) e a torno (21 exemplares). Na sua maioria a cozedura é oxidante (25 exemplares), sendo 22 exemplares de cozedura redutora. As pastas são exclusivamente micáceas, compostas por e.n.p, na sua maioria de médio calibre (35 exemplares). Há, ainda, oito exemplares com desengordurantes de pequeno calibre e dois exemplares de grande calibre. Os fragmentos são na sua maioria de textura média (22 exemplares), seguidos dos de textura fina (19 exemplares). Há, ainda, seis exemplares de textura grosseira.

Em termos de acabamento das superfícies, 5 exemplares encontram-se alisados e 42 exemplares polidos.

Foi identificado um bordo de um pote da forma 1c (Fig. 8.105) e dois bojos decorados. Há, também, 10 bojos com fuligem na superfície exterior.

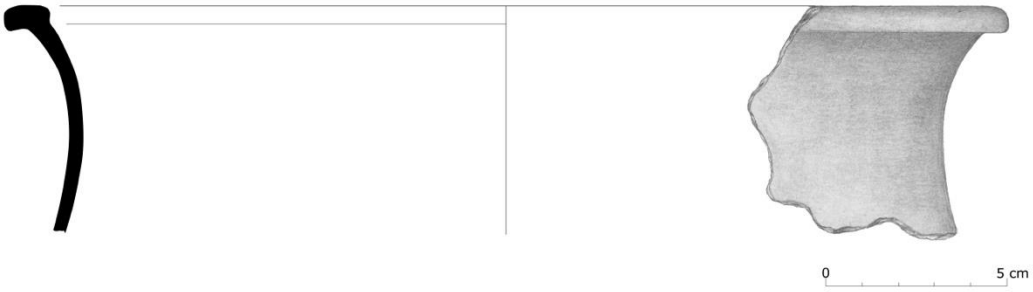


Fig. 8.105 Pote (forma 1c).

Ambos são decorados por incisão e impressão. Um dos bojos apresenta uma decoração composta por uma série de SSS impressos, seguidos de vários triângulos incisos (Fig. 8.106). O outro bojo possui uma incisão efetuada por ponta romba e uma série de SSS impressos.



Fig. 8.106 Fragmentos de um bojo decorado por impressão e incisão, muito bem cozida.

Estre material parece estar muito deslocado da sua posição de quebra original, pois 40 exemplares possuem dimensões < de 4 cm e, apenas 7, possuem dimensão entre 4 e 8 cm, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008). De notar, também, um índice de erosão significativa, com 10 exemplares (22%) rolados.

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Destacamos 21 bojos de cerâmica comum romana, 4 bojos de ânforas da área do vale do Guadalquivir, um fragmento de asa de ânfora de tipo Haltern 70 (da área da Bética) e um bordo da mesma tipologia (Fig. 8.107).

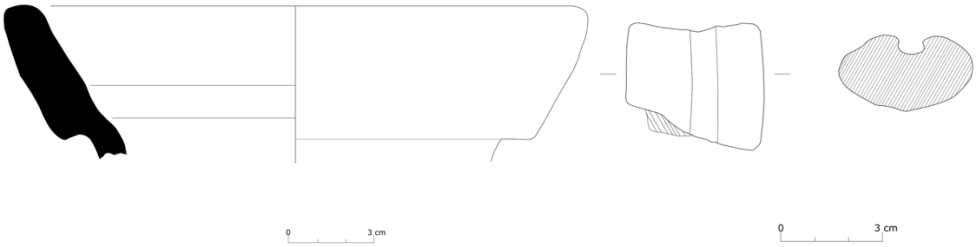


Fig. 8.107 Formas anfóricas: bordo e asa de ânfora tipo Haltern 70 (área da Bética).

De uma forma geral os materiais de importação e de produção local enquadram-se entre **os séculos I a.C. e I d.C.**

Camada 2

Nesta camada foi registado um total de 30 fragmentos cerâmicos, sendo 27 do período da romanização e três intrusões de material com características técnicas do Ferro Antigo.

Idade do Ferro Antiga

Os materiais deste período correspondem apenas a três fragmentos de bojos, de fabrico manual, cozedura redutora, pastas exclusivamente micáceas, com desengordurantes de pequeno calibre, de textura fina e média e acabamentos alisados e polidos. Três exemplares possuem dimensões < de 4 cm. Não se encontram rolados.

Nível de romanização

Do total de 24 fragmentos, 9 (33%) correspondem a cerâmica indígena e 18 a cerâmica de importação ou de fabrico romano (67%).

Cerâmica indígena

Os nove fragmentos indígenas correspondem a um bordo, sete bojos e uma asa, de fabrico manual (cinco exemplares) ou com marcas de torno (quatro exemplares).

As pastas são exclusivamente micáceas com desengordurantes pequeno (cinco exemplares), médio (três exemplares) e grande calibre (um exemplar), originando texturas médias (sete exemplares), finas e grosseiras. Na sua maioria a cozedura é oxidante (cinco casos) e mas quatro possuem cozedura redutora. Em termos de acabamento das superfícies, quatro exemplares encontram-se alisados e seis polidos.

No que respeita a formas cerâmicas o bordo é de um exemplar de pote da forma 1b (bordo esvasado) e, a partir da asa, foi possível identificar um exemplar de uma panela de asa interior (forma 4b) (Tab. 8.13 e Fig. 8.108).

Tabela 8.13 Formas indígenas da camada 2, sondagem 8 (Setor III)

Forma	MNI	%
Forma 1b (Pote)	1	50 %
Forma 4b (Panela de asa interior)	1	50 %
Total	**2**	**100 %**

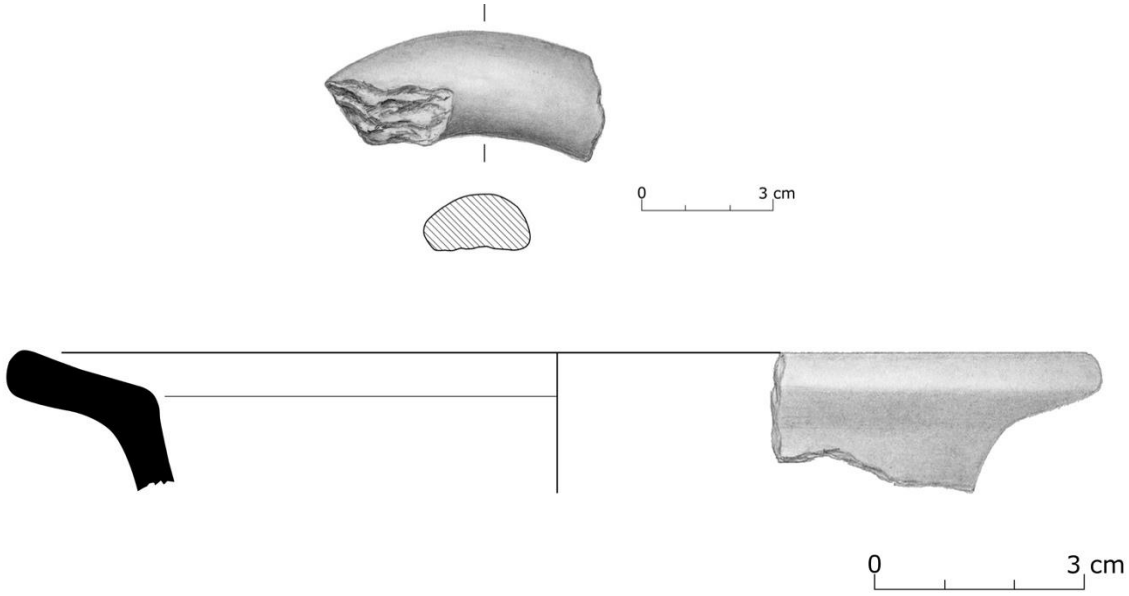


Fig. 8.108 Formas cerâmicas indígenas: asa de seção semicircular de uma panela de asa interior (forma 4b) e de um pote (forma 1b).

Este conjunto de materiais encontra-se bastante quebrados aparentando ter estado algum tempo sujeito aos fenómenos pós deposicionais, pois oito exemplares possuem dimensões < de 4 cm e, apenas um exemplar possui dimensão entre 4 e 8 cm. De notar, também, um índice de erosão significativa, com oito exemplares rolados, segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

No que respeita a materiais de importação ou de fabrico romano destacamos 16 bojos de cerâmica comum romana, um bojo de ânfora da área da Bética costeira e, ainda, um fragmento de tégula e um fragmento de imbrex.

Trata-se de material inserível, genericamente entre **os séculos I a.C. e I d.C.**

Camada 3

Nesta camada foi registado um total de 247 fragmentos cerâmicos, sendo 236 do período da romanização e 11 intrusões com características técnicas do Ferro Antigo.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foram registados um total de 11 fragmentos, constituído por nove bordos e dois bojos, de fabrico manual, pastas exclusivamente micáceas com desengordurantes de pequeno (nove exemplares), médio (um exemplar) e grande calibre (um exemplar), de texturas médias (10 casos) e finas (um caso) e cozeduras redutora. Apenas um fragmento possui cozedura oxidante.

Em termos de acabamento estes dividem-se entre polidos (seis fragmentos) e alisados (cinco fragmentos).

Foram estudados nove exemplares de bordos: esvasados, um aberto e um em aba soerguida.

No que respeita às formas cerâmicas foram registados dois exemplares da forma 1a (pote), seis exemplares da forma 2 (potinho) e um exemplar da forma 3b (tigela) (Tab. 8.14; Fig. 8.109).

Tabela 8.14 Formas da Idade do Ferro Antiga da camada 3, sondagem 8 (Setor III)

Forma	NMI	%
Forma 1a (Pote)	2	22 %
Forma 2b (Potinho)	6	67 %
Forma 3b (Tigela)	1	11 %
Total	**9**	**100 %**

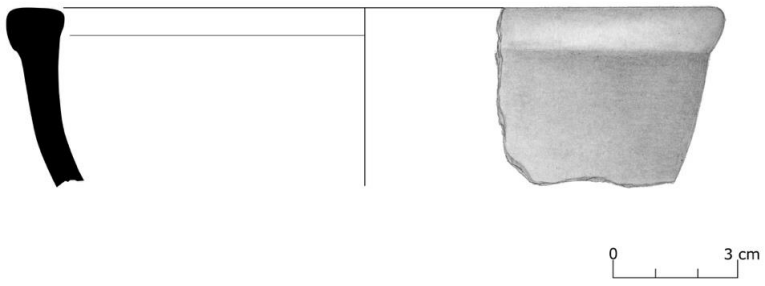


Fig. 8.109 Tigela (forma 3b).

Apenas se registou um fragmento de bojo decorado, com decoração por aplicação plástica, que se consubstancia através de um cordão aplicado na horizontal. Ambos os bojos possuem fuligem.

É de referir que seis exemplares possuem uma dimensão < de 4 cm e os restantes cinco possuem uma dimensão entre < de 4 cm e 8 cm, revelando um índice de fracturação que revela

algum transporte, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008). De salientar que nove exemplares estão rolados, o que revela que estiveram sujeitos a agentes erosivos por longo tempo.

Nível de romanização

Do total de 236 fragmentos, 111 (47%) correspondem a cerâmica indígena e 125 a cerâmica de importação ou de fabrico romano (53%).

Cerâmica indígena

Dos 111 fragmentos de cerâmica indígena, 107 fragmentos são de bojos, e quatro de bordos.

Os fragmentos são na sua maioria de fabrico a torno (82%), sendo apenas 20 de fabrico manual (18%).

Na sua maioria a cozedura é redutora (58%), embora 47 exemplares possuem cozedura oxidante (42%). As pastas são exclusivamente micáceas com desengordurantes de médio (67 exemplares), pequeno (40 exemplares) e grande (quatro exemplares) calibre, originando texturas médias (63 exemplares) e finas (48 exemplares).

Em termos de acabamento das superfícies, 41 exemplares encontram-se alisados e 70 encontram-se com a superfície externa ou interna polida.

Neste conjunto foram estudados quatro bordos (todos eles esvasados - um deles decorado), um bojo decorado e, ainda, 106 bojos lisos.

Os bordos são todos da forma 1a (pote) (Fig. 8.110). Foram registados 22 fragmentos com fuligem, no exterior dos fragmentos.



Fig. 8.110 Pote esvasado (forma 1a) com decoração por espatulado.

O bordo decorado possui espatulamentos na horizontal, junto ao bordo e colo, e na vertical, no bojo (Fig. 8.110).

O fragmento de bojo decorado apresenta aplicação plástica através de um cordão na horizontal, na zona exterior do bojo.

É de referir que 100 exemplares (90%) possuem dimensões < de 4 cm e 11 dimensões entre 4 e 8 cm, indiciando cerâmica que sofreu transporte após quebra inicial segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008). Em termos da análise da fratura existente nos fragmentos, 41 encontram-se rolados (37%), o que parece indiciar que estiveram sujeitos a agentes erosivos.

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

No que respeita a materiais de importação ou de fabrico romano destacamos 108 bojos de cerâmica comum romana, 13 bojos de ânfora da área da Bética costeira e do vale do Guadalquivir, três fragmentos de asa de ânfora, muito rolados, de forma indeterminada e, ainda, um fragmento de bordo de ânfora tipo Haltern 70 da área do vale do Guadalquivir.

Trata-se de material inserível, genericamente entre **os séculos I a.C. e I d.C.**

b. Síntese da sondagem 8

Em **síntese a sondagem 8** revelou níveis que pertencem, todos eles, à última fase de ocupação, neste caso concreto, a uma fase do séc. I d.C. ou seja, da romanização. Aqui registou-se, algum material de construção (imbrex e tégula), grande quantidade de cerâmica comum romana e materiais indígenas. De salientar que surgem, uma vez mais, nestes níveis superficiais materiais tecnologicamente e formalmente mais antigos (da Idade do Ferro Antiga) que só podem ser interpretados como estando fora do seu contexto original.

Quadrados V52 e V53 – Fosso 2

Neste sector, foram ainda abertos os quadrados V`51 (1 x 2 m) e V`52 e V`53 (4 x 2m), junto à vedação existente a sudeste. A sua escavação revelou um novo troço do fosso 2, relacionado com a segunda linha defensiva, com uma orientação nordeste-sudoeste, aproximadamente (Fig. 8.111). Mede cerca de 1,30 m de altura por 60 cm de largura na base, e cerca de 1,70 m de abertura na boca. Esta estrutura torna-se de menores dimensões neste local (Mendes, 2008: 39). O quadrado V`51 não forneceu qualquer tipo de informação, uma vez que o saibro surgiu a cerca de 10 cm de profundidade.

Por impossibilidade de estudar a totalidade do espólio desta escavação, os materiais desta sondagem, em pequeno número, não foram estudados. No entanto, numa observação, verificámos que são apenas da romanização.

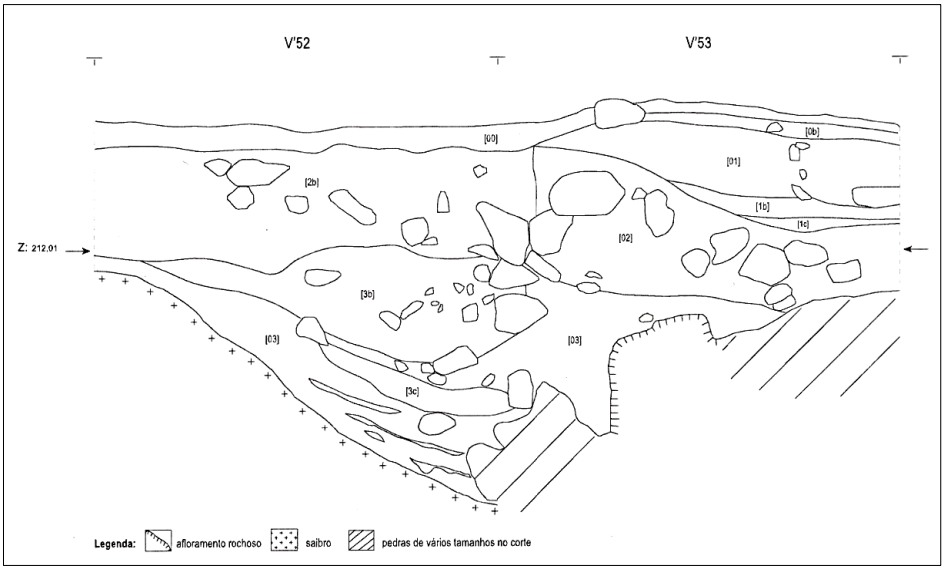


Fig. 8.111 Setor III, fosso 2 nos quadrados V52 e V53, perfil este (Mendes, 2008, Est. LXV, adaptado).

Síntese do Setor III

Através da análise dos materiais em articulação com as estruturas estudadas percebemos que as construções que aqui se encontram teriam sido construídas, apenas, durante a romanização. Do mesmo modo pode admitir-se que esta área do povoado só foi ocupada, durante este período.

As intrusões de materiais cerâmicos do Bronze Final e do Ferro Antigo, sempre em pequena quantidade, não parecem resultar, assim, de ocupações anteriores que foram destruídas durante a fase mais recente. Antes, parecem ser provenientes de uma área a cota superior onde poderia ter existido uma ocupação efetiva deste período. Também é possível verificar que estes materiais estiveram, em parte, sujeitos aos agentes erosivos pelo que se coloca a hipótese de um hiato ocupacional entre o Ferro Antigo e a romanização, pelo menos em algumas partes deste povoado.

2) Setor IV

Este setor implantado situa-se naquilo que foi apelidado de Núcleo I, e corresponde à área das estruturas **C16**, **C17**, **C18**, já no interior da Muralha 1.

Foi aberto um total de 8 sondagens nesta área, tendo sido estudos os materiais das sondagens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e Quadrado L'59 (Fig. 8.112).



Fig. 8.112 Planta das escavações do Setor IV (Mendes, 2008, Est. CLXV, adaptado).

Sondagem 1

a. Estruturas e estratigrafia

Esta sondagem foi implantada no interior do Núcleo I, entre a estrutura C18 e a face interna da Muralha 1. O objetivo era tentar compreender a relação cronológica entre a Muralha 1 e a área habitacional (Fig. 8.113). Contemplava os quadrados G' a L'50, 51 e 52 (Mendes, 2008: 40). Logo após a remoção das camadas superficiais (00, 01 e 02) foi encontrado um piso que se estendia em torno da **cabana 18 ou estrutura C18,** até à face interna da Muralha 1. Abaixo deste piso foram encontradas várias camadas que foram considerados níveis de preparação do mesmo. Estas camadas assentavam sobre níveis de terra e saibro que parecem ter servido para nivelar a irregularidade e inclinação do terreno original (camadas 16, 17 e 18) (Mendes, 2008: 40).

Na área onde piso estava mais destruído a escavação foi até ao substrato geológico, tendo-se identificado a vala de fundação da muralha sob um nível de sedimento compactado (camada 07). Era um nível com cerca de 80 cm de largura e que se desenvolvia paralelamente à face interna da Muralha 1. Esta assenta sob a camada 19, que seria o antigo solo vegetal, tendo a vala de fundação cerca de 80 cm de profundidade.

Além disso, foi efetuado um corte estratigráfico no interior da estrutura C18 que corresponde a uma cabana de contorno circular. Aí foi encontrado, logo abaixo da camada vegetal, um piso compacto e endurecido, em saibro, que cobria todo o interior da casa, embora a uma cota superior ao piso exterior. Sob este piso foram encontrados os níveis de preparação do mesmo. Finalmente, penetrando no que seria a antiga camada vegetal, surgiu a vala de fundação desta estrutura. A vala é pequena, com cerca de 40 cm de profundidade, e assenta sobre o substrato geológico. Não foi possível encontrar a entrada da habitação (Mendes, 2008: 40).

Quanto à estratigrafia encontrada é necessário separá-la em duas partes: uma correspondente à área fora da cabana (C18) e outra ao seu interior da estrutura (Fig. 8.113; Fig. 8.114; Fig. 8.115).

Estas camadas foram registadas no exterior da **estrutura C18** e podem descrever-se desta forma:

00 – camada vegetal;

01 – sedimentos de cor castanho-escura, pouco compacta, por vezes, argilosa e com raízes. Esta camada integra restos de piso;

02 –sedimentos de cor castanha, soltas e com raízes e pedras pequenas;

Piso 1 – piso de sedimentos de cor cinzento-escura e saibro muito compactadas. No interior contém pedras muito pequenas, areias e pequenos fragmentos de quartzo, assim como fragmentos pequenos de cerâmica e carvões;

Piso 1a – piso de terra batida. Sedimentos de cor cinzento-escura e castanho-escura, compactada e de textura um pouco arenosa. Continha raízes pequenas;

Piso 1b – argila compactada. Prolongamento do piso de terra batida mas com uma textura mais argilosa e de maior compacidade;

Piso 1c – nível intermédio entre nível B e D;

03 – sedimentos de cor cinzenta, de textura argilosa, compactos, com carvões pequenos, areias e micas. Nível de preparação do piso do exterior da estrutura C18;

3a –sedimentos de cor castanha, compactos e argilosas, com pequenas bolsas de areia e bolsas de cinza e carvão e com alguma gravilha. Nível de preparação do piso do exterior da estrutura C18;

04 –sedimentos de cor castanho-escura / cinzento-escura, muito granulosas, muito compactos e com alguma gravilha;

4a –sedimentos de cor castanho-escura / cinzento-escura, compactos, com pequenas micas e alguma gravilha;

4b – sedimentos de cor castanho-escura, de textura argilosa, humosas, e pouco compactos;

4c – sedimentos de cor castanha acinzentada, pouco compactos, com pequenas raízes, granulosas e restos de saibro;

4d – camada de saibro;

05 – sedimentos de cor amarelada, granulosos e saibrosos, compactos e com pedras muito pequenas. Nível de preparação do piso exterior da estrutura C18;

05a – sedimentos de cor amarelada, granulosos e saibrosos, compactos e com pedras pequenas e raízes. Nível de preparação do piso exterior da estrutura C18;

05b – sedimentos de cor castanha, com raízes pequenas e pedras pequenas, saibrosas e pouco compactos. Nível de preparação do piso exterior da estrutura C18;

06a – sedimentos de cor castanha acinzentada, arenosas e compactos;

07 – sedimentos de cor cinzento-escura, muito compactos (terra batida, criando um piso duro), com alguma gravilha e micas grandes que sobressaem. Parece corresponder a um caminho existente ao longo da muralha;

7a – sedimentos de cor castanho-clara e amarelado, saibrosas e pouco compactos e com pedras pequenas. Nível de preparação do piso do caminho correspondente à 07;

7b – sedimentos de cor castanha, saibrosos e pouco compactos. Nível de preparação do piso do caminho correspondente à 07;

7c – sedimentos de cor castanho-escura, granulosos, pouco compactos, com carvões e resto de granito desagregado. Enchimento da vala da fundação da muralha.

7d – sedimentos de cor castanho-escuro, pouco compactos, humosas e com algumas pedras pequenas e nódulos de saibro. Enchimento da vala da fundação da muralha;

09 – sedimentos com manchas de diferentes tonalidades, de textura arenosa e desagregada. Integra também manchas de sedimentos de cor castanho-escura, humosas

argilosas e manchas de areia. Sedimentos depositados no local para regularização do terreno original;

10 – sedimentos de cor castanho-escura / cinzento-escuro, de textura arenosa, humosas e pouco compactos. Sedimentos depositados no local para regularização do terreno original;

11 – sedimentos com manchas de diferentes tonalidades, de textura arenosa e desagregada. Integra também manchas de sedimentos de cor castanho-escura, humosas argilosas e manchas de areia;

12 – sedimentos de cor castanho-escuro / cinzento-escuro, de textura arenosa, humosas e pouco compactos;

13 – sedimentos de cor castanho-escura com pequenos nódulos mais claros, granulosa, com pedras pequenas e carvões pequenos e com nódulos de argila de cor castanha alaranjada e de compacidade média;

14 – camada de saibro;

15 – sedimentos de cor castanho-escura, quase negras, compactos de textura granulosas e por vezes argilosa, com carvões e algumas pedras pequenas;

16 – sedimentos de cor castanho-escura, quase negras, com cinza e carvões, compactos, granulosas e com pequenas raízes. Antigo solo vegetal que cobria o substrato natural;

17 – sedimentos de cor castanha alaranjada, compactos e com pedras de vários tamanhos. Antigo solo vegetal que cobria o substrato natural;

18 – camada de transição para o substrato natural;

Substrato natural: com saibro e alterite granítica.

No que diz respeito à sondagem no interior da estrutura C18, a estratigrafia é a seguinte (Fig. 8.116):

19 – camada vegetal;

20 – sedimentos de cor castanho-clara amarelada, saibrosas, soltas e com raízes. Esta camada possuía ainda nódulos de argamassa;

21 – Piso constituído por sedimentos saibrosas compactadas e endurecidas pelo fogo de cor cinzento-claro e amareladas, com areias de grão pequeno e médio. Tem em média 15 cm de espessura e contém pequenos carvões;

22 – saibro muito arenoso e desagregado;

23 – sedimentos amareladas, saibrosas e com gravilha;

24 – sedimentos de cor castanho-clara, humosas, pouco compactos e com raízes pequenas;

25 –sedimentos de cor cinzento-escura, compactos, com pequenos nódulos de sedimentos mais escura e pequenas pedras com vestígios de terem estado sob ação de fogo;

26 – sedimentos de transição para o substrato;

Substrato rochoso: saibro.

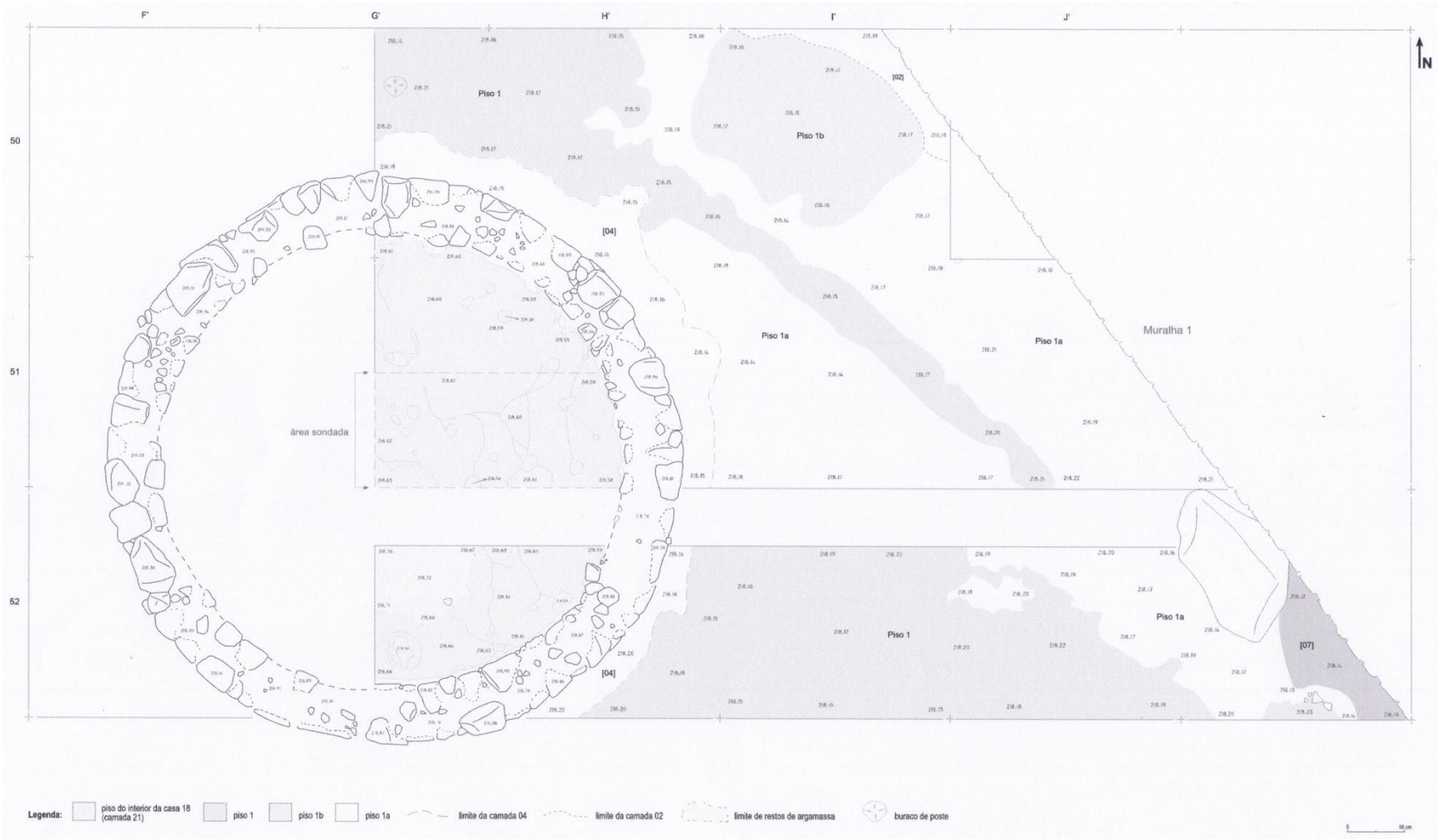


Fig. 8.113 Setor IV, sondagem 1 – planta final (Mendes, 2008, Est. CXI, adaptado).

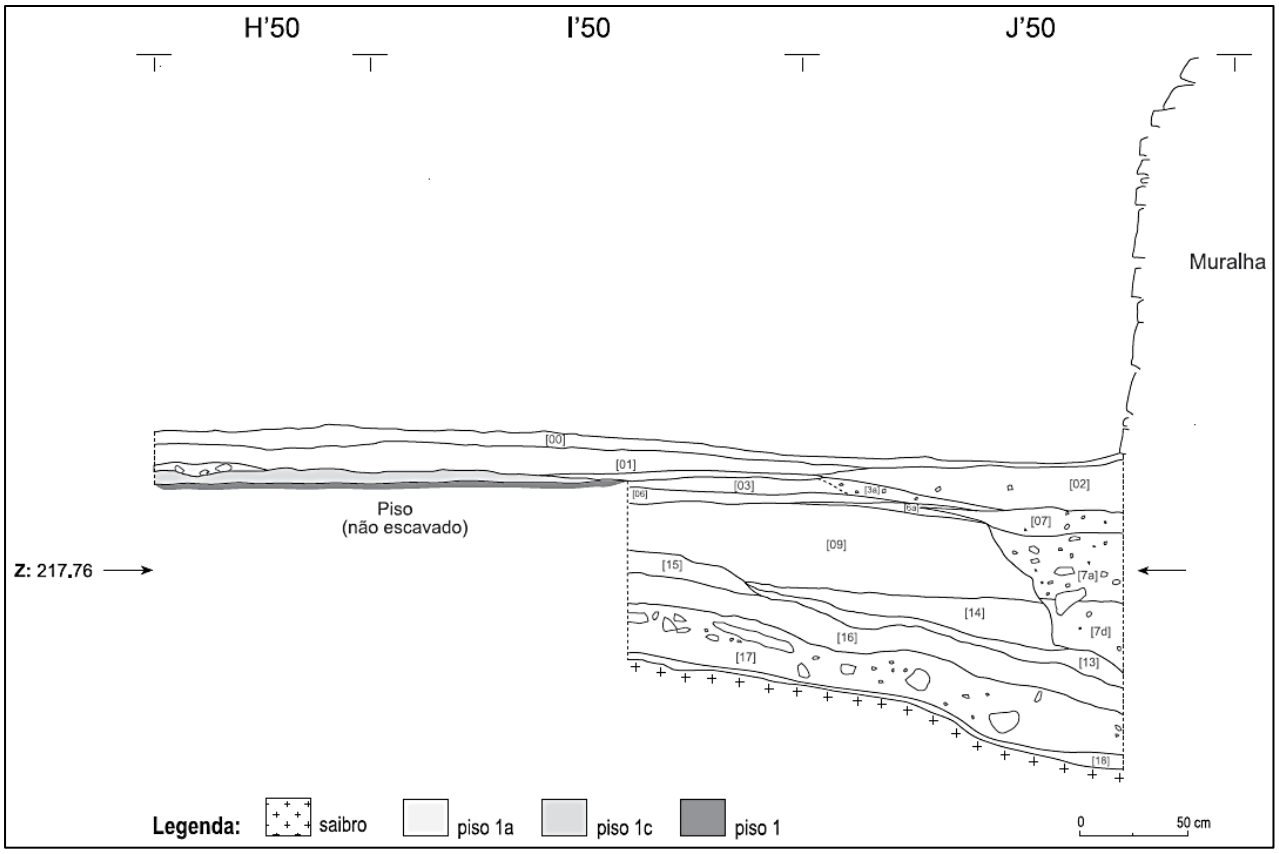


Fig. 8.114 Setor IV, sondagem 1 – perfil Norte demonstrativo das escavações realizadas no interior da Estrutura C18 (Mendes, 2008, Est. CXIII, 1, adaptado).

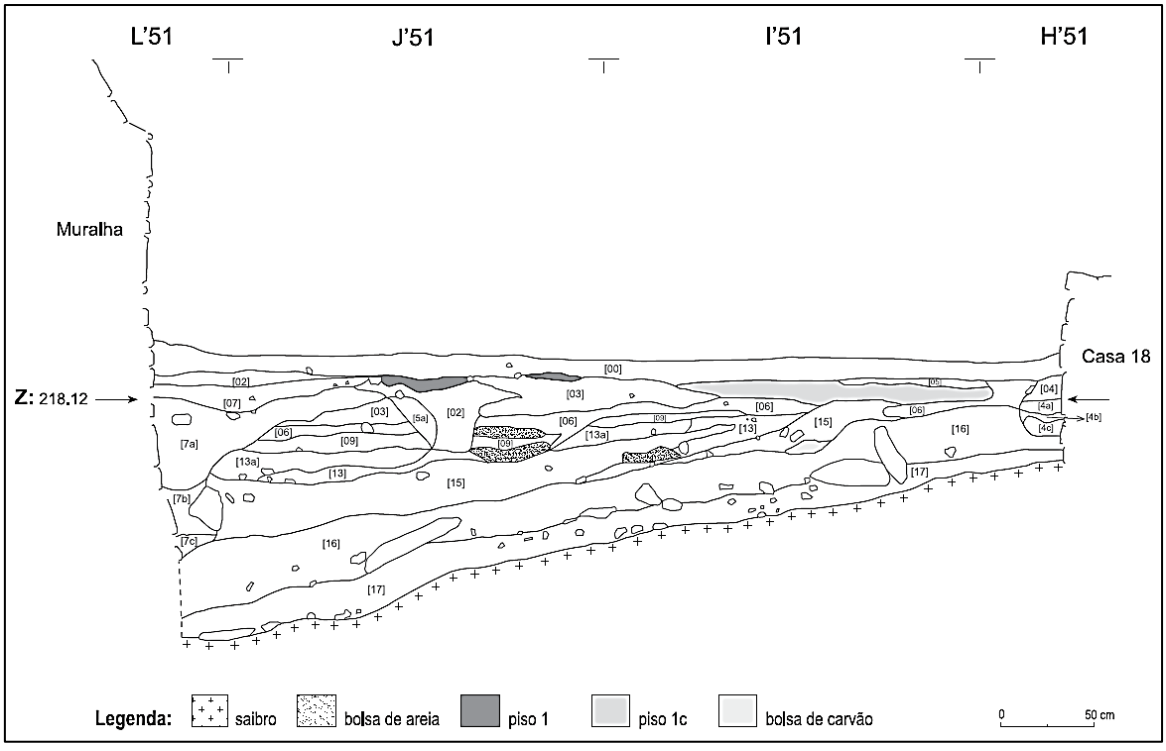


Fig. 8.115 Setor IV, sondagem 1 – perfil Sul, entre o exterior da Estrutura C18 e a Muralha 1 (Mendes, 2008, Est. CXIII, 2, adaptado).

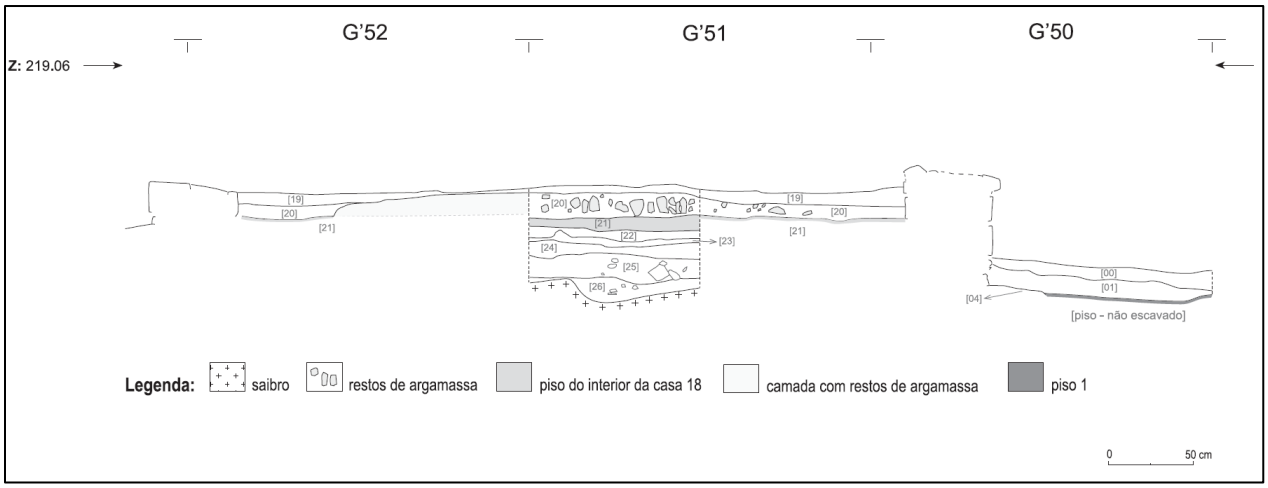


Fig. 8.116 Setor IV, sondagem 1 – corte oeste com estratigrafia do interior da Estrutura C18 (Mendes, 2008, Est. CXII, 2, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

Foram observados os materiais de todos os pisos registados, e das camadas 0, 1, 2, 3, 4, 4a, 7, 7a, 9, 10, 11, 12, 13, e 13b. Genericamente foram registados um total de 421 fragmentos cronologicamente balizados entre a Idade do Bronze Final e a romanização.

Camada 0

Neste contexto apenas tivemos em consideração um bordo devido à sua provável funcionalidade.

Cerâmica indígena

Como se disse foi registado um fragmento de cerâmica indígena, provavelmente datado da Idade do Ferro Recente.

Foi produzido de forma manual, possui cozedura redutora, a pasta é micácea, a textura é grosseira e os e.n.p. são pequenos.

Trata-se de um bordo fechado e parece corresponder a um cadinho, ainda com vestígios de uso para a metalurgia agregados (Fig. 8.117). Possui uma dimensão entre 4 e 8 cm e encontra-se rolado.

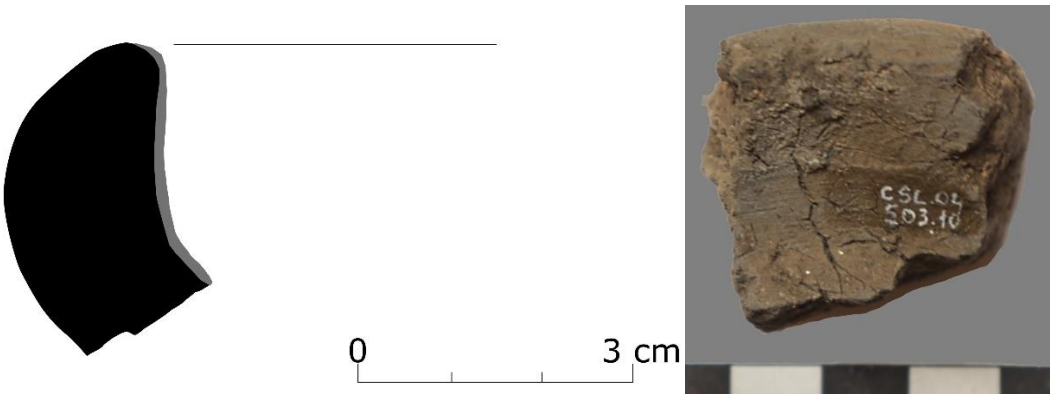


Fig. 8.117 Cadinho com vestígios metalúrgicos.

Camada 1

Nesta camada foram estudados um total de 173 fragmentos. Deste grupo de materiais, 30 fragmentos são atribuíveis da Idade Ferro Antigo e 143 fragmentos datáveis entre o Ferro Recente e a romanização.

Idade do Ferro Antiga

Foram estudados 30 fragmentos, destes 29 são bojos e foi estudado um exemplar de asa atribuíveis tecnicamente à Idade do Ferro Antiga.

Estes são de fabrico manual e de cozedura, maioritariamente, redutora à exceção de três fragmentos com cozedura oxidante. As pastas são exclusivamente arenosas-micáceas, com desengordurantes de calibre pequeno (15 exemplares), de calibre médio (13 exemplares) e grande calibre (dois exemplares). Os fragmentos são na sua maioria de textura média (22 fragmentos), seguido de textura fina e grosseira (quatro fragmentos cada).

Em termos de acabamento das superfícies, 24 fragmentos encontram-se alisados e seis polidos. Nove bojos têm fuligem.

A asa possui um sulco central, pertencendo a uma forma indeterminada.

Num dos bojos foi detetado ainda uma tentativa de perfuração (Fig. 8.118).

Todos os exemplares possuem uma dimensão < de 4 cm e 24 encontram-se rolados

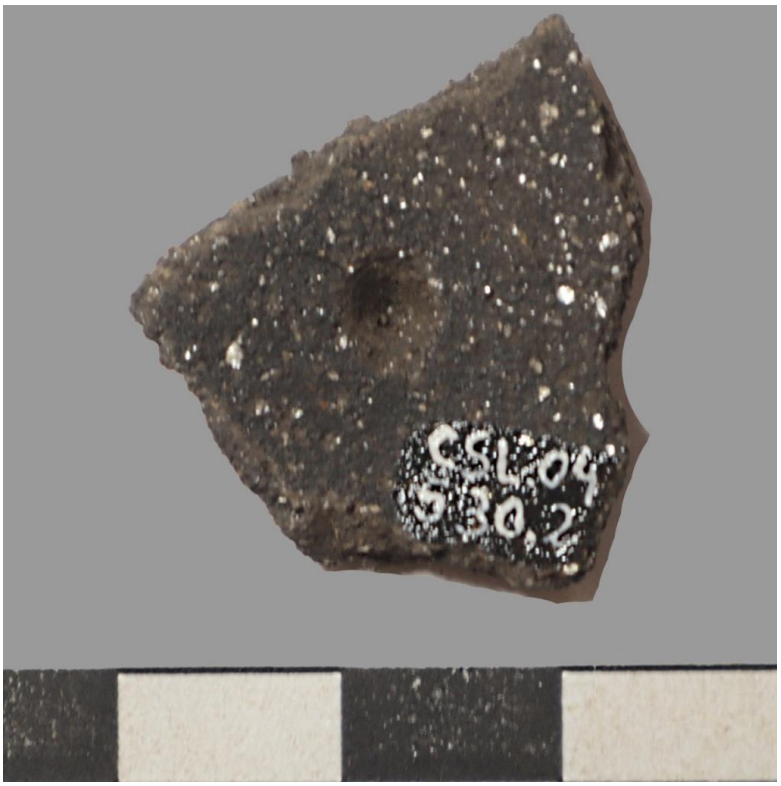


Fig. 8.118 Bojo com perfuração incompleta.

Nível de romanização

Neste contexto, foram considerados como se disse 75 fragmentos de cerâmica datável do Ferro recente ou romanização (52%) e foram ainda estudados 68 fragmentos de cerâmica de produção romana (68%).

Cerâmica indígena

Foram estudados 75 fragmentos, destes 68 são bojos e foi estudado cinco exemplares de bordo e dois exemplares de base.

Estes fragmentos são à roda na sua maioria (50 exemplares) e o restante de fabrico manual e de cozedura, maioritariamente, oxidante à exceção de 27 fragmentos com cozedura redutora. As pastas são micáceas, com desengordurantes de calibre pequeno (38 exemplares), médio (30 exemplares) e grande calibre (seis exemplares). Os fragmentos são na sua maioria de textura fina (39 fragmentos), seguido de textura média (26 fragmentos) e grosseira (10 fragmentos).

Em termos de acabamento das superfícies, 41 exemplares encontram-se alisados e 34 polidos.

Quanto aos aspetos formais, foram estudados cinco bordos (quatro exemplares esvasados e um indeterminado), duas bases (um exemplar de fundo plano simples e um indeterminado).

A partir dos bordos foram identificadas três formas: um exemplar da forma 1a (pote) e dois exemplares da forma 2b (potinho) (Tab. 8.15). Foram registados 12 fragmentos com fuligem.

Tabela 8.15 Formas cerâmicas da camada 1, sondagem 1 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	33 %
Forma 2 b (potinho)	2	67 %
Total	**3**	**100 %**

Foram estudados três bojos decorados, dois deles por incisão e outro por vassourado. As incisões revelam-se através de 3 sulcos incisos horizontais e o espatulado surge por várias linhas horizontais paralelas.

Quase todos os exemplares possuem uma dimensão < de 4 cm e apenas um exemplar tem uma dimensão entre >4 cm e <8 cm. Registaram-se 59 (79% do total) exemplares encontram-se rolados. Através destes dados da fragmentação desta camada, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) notamos o alto grau de fragmentação e erosão dos fragmentos aqui registados, o que denota que estes estiveram sujeitos a fenómenos pós deposicionais.

Cerâmica de produção romana

Neste contexto foi ainda observado 43 fragmentos de cerâmica comum romana (63%). Destes fragmentos, três exemplares tratam-se de cerâmica comum fina, esta última com uma cronologia lata a partir do séc. I d.C. (Delgado e Morais, 2009: 71).

Considerou-se ainda, 25 fragmentos de importação (37%): foram registados 21 bojos de ânfora, quase todos oriundos do vale do Guadalquivir e apenas cinco exemplares oriundos da Bética costeira, dois bordos, um deles de tipo Ovóide 6 (oriunda do vale do Guadalquivir, com uma cronologia de produção entre os anos 70 do séc. I a.C. e segundo decénio do séc. I a.C. (García Vargas, *et al.*, 2011), o outro bordo tem a mesma proveniência mas é indeterminado e um arranque de asa do tipo Haltern 70 (do vale do Guadalquivir). Foi ainda estudada uma base de cerâmica comum, mas oriunda de Cádis (Fig. 8.119).



Fig. 8.119 Base de cerâmica comum oriunda de Cádis.

Camada 2

Nesta camada foram estudados um total de 104 fragmentos. Deste conjunto de materiais, dois fragmentos podemos atribuir tecnicamente à Idade do Bronze Final, igualmente dois podemos atribuir técnico-formalmente à Idade do Ferro Antiga e 91 fragmentos datáveis entre o Ferro Recente e a romanização.

Idade do Bronze Final

Foram estudados dois fragmentos atribuíveis tecnicamente à Idade do Bronze Final.

Estes são de fabrico manual e de cozedura redutora. As pastas são exclusivamente arenosas, com desengordurantes de médio calibre. Os fragmentos são de textura média. Em termos de acabamento das superfícies estes exemplares encontram-se alisados.

Estes dois bojos encontram-se decorados por brunido, nos quais se observa duas linhas brunidas (Fig. 8.120). Estes exemplares tem uma dimensão < de 4 cm e encontram-se rolados.



Fig. 8.120 Bojo decorado por brunido.

Idade do Ferro Antiga

Foram estudados dois fragmentos atribuíveis tecnicamente e formalmente à Idade do Ferro Antiga. Foram registados um bojo e um bordo.

Estes são de fabrico manual e de cozedura redutora. As pastas são exclusivamente arenosas-micáceas, com desengordurantes de pequeno (um exemplar) e médio calibre (um exemplar). Os fragmentos são de textura média. Em termos de acabamento das superfícies oscilam entre alisado e polido (um exemplar cada).

O bordo é esvasado. Este bordo corresponde a um exemplar da forma 1a (pote). Quanto à dimensão dos fragmentos, um deles tem uma dimensão < de 4 cm e outro tem uma dimensão entre 4 e 8 cm. Os exemplares não se encontram rolados.

Nível de romanização

Neste contexto, foram considerados como se disse 56 fragmentos de cerâmica datável do Ferro recente ou romanização (46%) e foram ainda estudados 71 fragmentos de cerâmica de produção romana (56%).

Cerâmica indígena

Foram estudados 56 fragmentos, destes 45 fragmentos são bojos, foram ainda estudados oito exemplares de bordos e três exemplares de base.

Estes fragmentos são à roda na sua maioria (30 exemplares) e o restante de fabrico manual e de cozedura, maioritariamente, oxidante à exceção de 16 fragmentos com cozedura redutora.

As pastas são micáceas, com desengordurantes de calibre pequeno (32 fragmentos), de calibre médio (18 fragmentos) e grande calibre (seis fragmentos). Os fragmentos são na sua maioria de textura média (31 exemplares), seguido de textura fina (19 exemplares) e grosseira (seis exemplares). Em termos de acabamento das superfícies, 37 exemplares encontram-se alisados e 19 polidos.

Quanto aos aspetos formais, foram estudados oito bordos (cinco exemplares esvasados, dois abertos e um indeterminado) e três bases (dois exemplares de fundo plano simples e um exemplar de fundo plano alargado).

A partir dos bordos foram registadas sete formas: três exemplares da forma 1a (pote) (Fig. 8.121), dois exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3a (malga) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 8.16). Foram ainda registados oito fragmentos com fuligem, dois deles em bordos na forma 2 e 6 o que indiciam que seriam formas de ir ao lume.

Tabela 8.16 Formas cerâmicas da camada 2, sondagem 1 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	3	43 %
Forma 2 b (potinho)	2	29 %
Forma 3a (malga)	1	14 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	14 %
Total	**7**	**100 %**



Fig. 8.121 Forma cerâmica: Forma 1a (pote).

Foram estudados dois bojos com decoração incisa, um deles com sulco inciso horizontal, e o outro bojo possui vários sulcos formando uma espinha.

Quanto à dimensão dos fragmentos, 51 fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm e cinco fragmentos tem uma dimensão entre 4 e 8 cm. Foram registados 40 fragmentos (78% do total) rolados, o que revela que os materiais estiveram muito tempo sujeitos aos agentes erosivos, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica de produção romana

Neste contexto foi ainda observado 41 fragmentos de cerâmica comum romana (77%). Destes fragmentos, 14 são de cerâmica comum fina.

Considerou-se ainda, 16 fragmentos de importação (23%): foram registados 13 bojos de ânfora, genericamente da área da Bética. Foram registados três bordos, dois deles indeterminados, e um exemplar de tipo Haltern 70 (cuja proveniência é da área da Bética).

Em síntese, estas primeiras três camadas (0, 1, 2) providenciaram materiais de variadas cronologias, em alguns casos materiais muito rolados e fragmentados. Os materiais mais antigos não se podem relacionar com as estruturas desta área mas sim serão fruto de intrusões e materiais rolados de outras zonas do povoado. A existência à superfície de um cadinho permite colocar a questão de que nesta zona, de forma genérica pode ter estado relacionada com a prática metalúrgica.

Piso 1A

Neste piso foram registados três fragmentos: um fragmento de cerâmica da Idade do Bronze Final, um fragmento da Idade do Ferro Antiga e um fragmento de importação romana.

Idade do Bronze Final

Deste período foi observado um fragmento. Trata-se de um bojo com arranque de asa, produzido de forma manual, de cozedura redutora, de pasta arenosa-micácea, de textura grosseira de e.n.p. de calibre médio. A superfície encontra-se alisada. Possui um arranque de asa talvez de seção retangular. Pode tratar-se de uma forma 10 (potinho/púcaro) (Fig. 8.122). Possui uma dimensão < de 4 cm e não se encontra rolado.



Fig. 8.122 Fragmento com arranque de asa.

Idade do Ferro Antiga

Foi registado apenas um fragmento, neste caso um bojo decorado. Foi produzido de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é micácea-arenosa. A textura é grosseira e os e.n.p. são de calibre pequeno. Este fragmento é alisado. É decorado por incisão, cujos motivos são três sulcos incisos. Este fragmento tem uma dimensão entre 4 e 8 cm e encontra-se rolado.

Cerâmica de importação

Foi registado um bojo de ânfora produzido na área do vale do Guadalquivir.

Piso 1C

Foram registados nesta camada um total de 11 fragmentos, datáveis entre a Idade do Ferro Antiga e Recente.

Idade do Ferro Antiga

Foi registado três fragmentos. Trata-se de bojos. Foram produzidos de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é micácea-arenosa. A textura é média e os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio e um exemplar possui e.n.p. de calibre pequeno. Estes fragmentos são na sua maioria alisados e um exemplar encontra-se polido. Estes fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm e apenas um fragmento encontra-se rolado.

Idade do Ferro Recente

Foi registado um total de 8 fragmentos. Foram observados apenas bojos.

Estes foram produzidos na sua maioria à roda e apenas três exemplares de forma manual, a cozedura é na sua maioria oxidante e apenas três exemplares possuem cozedura redutora.

Quanto à textura dos fragmentos, cinco exemplares têm textura média, dois exemplares de textura grosseira e um exemplar de textura fina. Quanto aos e.n.p. são na sua maioria de calibre médio (quatro exemplares), e partilhado calibre grande e pequeno (dois exemplares cada).

Estes fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm e sete fragmentos encontram-se rolado.

Piso 1

Neste piso foram registados 13 fragmentos de várias cronologias.

Idade do Bronze Final

Deste período foi observado um fragmento. Trata-se de um bojo decorado, produzido de forma manual, de cozedura redutora, de pasta arenosa, de textura média, de e.n.p. de calibre pequeno. A superfície encontra-se polida.

Encontra-se decorado por brunido, neste caso com duas linhas brunidas. Possui uma dimensão < de 4 cm e está rolado (Fig. 8.123).



Fig. 8.123 Fragmento decorado por brunido na superfície (Idade do Bronze Final).

Idade do Ferro Antiga

Foi registado três fragmentos (três bojos). Foi produzido de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é micácea-arenosa. A textura destes fragmentos é média e os e.n.p. são de calibre médio, na sua maioria, e de calibre pequeno foi registado um exemplar. Foram registados dois fragmentos polidos e um exemplar é alisado. Estes fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm e encontram-se todos rolados.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foi registado nove fragmentos (bojos) de cerâmica indígena.

Na sua maioria foram produzidos à roda e apenas um fragmento de forma manual, a cozedura é na sua maioria oxidante e o restante possui cozedura redutora (dois exemplares), a pasta destes fragmentos é micácea. A textura é na sua maioria média (sete exemplares) seguido de textura fina (dois exemplares), e quanto aos e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno e apenas dois exemplares possuem e.n.p. de calibre médio.

Estes fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm e oito exemplares encontram-se rolados.

Cerâmica de importação

Foram registados dois bojos de cerâmica comum romana. E foi registado um bojo de ânfora oriundo da área da Bética.

Piso 1B

Nesta camada foram estudados 43 fragmentos cerâmicos. Destes 25 são de produção indígena (58%) e 18 fragmentos de fabrico romano (42%).

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foram registados um total de 25 fragmentos, destes foram considerados 20 bojos, três bordos, um exemplar de base e um exemplar de asa.

Na sua maioria foram produzidos à roda e apenas nove fragmentos de forma manual, a cozedura é na sua maioria oxidante e o restante possui cozedura redutora (oito exemplares), a pasta destes fragmentos é micácea.

A textura é na sua maioria média (13 exemplares), seguido de textura fina (nove exemplares), e finalmente, de textura grosseira (três exemplares) e quanto aos e.n.p. são na sua maioria de calibre médio (15 exemplares), cinco exemplares de calibre pequeno e cinco possuem e.n.p. de calibre grande.

Foram registados três bordos (um esvasado, um aberto e um indeterminado) e foi estudado um exemplar de base indeterminado e uma asa de seção pentagonal (Fig. 8.124).

Tendo em conta os bordos e asa, foram observadas três formas: um exemplar da forma 2a (púcaro), um exemplar da forma 2b (potinho) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 8.17; Fig. 8.125).

Tabela 8.17 Formas cerâmicas do Piso 1B, sondagem 1 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 2a (púcaro)	1	33,3 %
Forma 2b (potinho)	1	33,3 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	33,3 %
Total	**3**	**100 %**

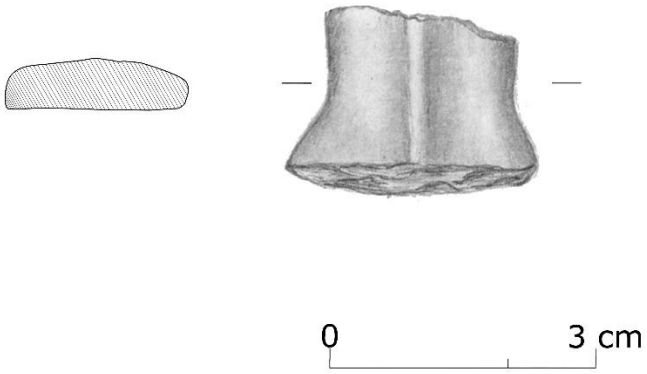


Fig. 8.124 Asa de forma 2a (púcaro).

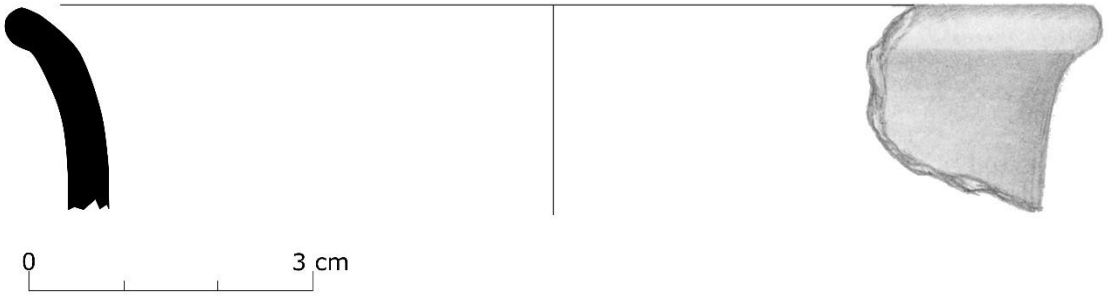


Fig. 8.125 Forma cerâmica: forma 2b (potinho).

Estes fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm e 14 exemplares encontram-se rolados e dois possuem fuligem.

Cerâmica de importação

Foram estudados oito bojos de cerâmica comum romana. Foi considerado ainda 10 exemplares de cerâmica importada: um bordo de ânfora e uma asa muito roladas (talvez de uma

ânfora de tipo Haltern 70) e sete bojos de ânfora (oriundos da área do vale do Guadalquivir) e um dos bojos é oriundo da Bética costeira.

Piso 1D

Foram registados apenas três fragmentos.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foram estudados dois bojos. Foram produzidos à roda, a cozedura é oxidante e a pasta destes fragmentos é micácea.

A textura destes fragmentos é média e quanto aos e.n.p. oscilam entre calibre médio e pequeno (um exemplar cada). Estes fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm e os dois exemplares encontram-se rolados.

Cerâmica de importação

Foram registados dois bojos de ânfora oriundos do vale do Guadalquivir.

Síntese

Todos os pisos possuem materiais cronologicamente de um ambiente da Idade do Ferro recente, da sua fase final) ou mesmo transição para a romanização (sécs. I e II d.C.).

Devemos assinalar a existência de materiais mais antigos, o que neste contexto pode reforçar a antiguidade da ocupação nesta zona.

Camada 3

Nesta camada foram encontrados 131 fragmentos cerâmicos, entre os quais 66 de cerâmica indígena e 65 de fabrico romano.

Idade do Ferro Antiga

Foram detetados cinco fragmentos de bojos, intrusivos, atribuíveis tecnicamente à Idade do Ferro Antiga. Estes são de fabrico manual e de cozedura, maioritariamente, redutora à exceção de um fragmento com aparente cozedura oxidante. As pastas são exclusivamente arenosas-micáceas, com desengordurantes de pequeno (três exemplares) e médio calibre (dois exemplares). Os fragmentos são de textura média (dois exemplares) fina (três exemplares). Em termos de acabamento das superfícies, três exemplares encontram-se alisados e dois polidos.

Todos os cinco exemplares possuem uma dimensão < de 4 cm e dois encontram-se rolados.

Cerâmica indígena

Idade do Ferro Recente

Foram registados 61 fragmentos de cerâmica tecnologicamente e tipologicamente datáveis quer do Ferro Recente quer da romanização. Foram contabilizados seis bordos, 2 bases, 52 bojos e um exemplar de asa.

Em termos técnicos 31 fragmentos registam marcas de fabrico manual e os restantes 31 foram realizados a torno. As cozeduras são, na sua maioria, oxidantes, embora 29 exemplares fossem redutora. As pastas são apenas micáceas com desengordurantes de médio (34 fragmentos), pequenos (25 fragmentos) e grande calibre (dois fragmentos).

A maioria dos fragmentos possuem textura média (40 exemplares), embora 19 exemplares possuam textura fina e dois de textura grosseira. As superfícies dos fragmentos apresentam-se alisadas (34 exemplares) e polidas (27 exemplares).

Em termos formais foram classificados tipologicamente seis bordos (quatro exemplares esvasados, um exemplar aberto e um em aba soerguida) e dois exemplares de fundo plano alargado). A asa possui uma seção pentagonal.

Quanto a forma é possível referir que foram identificadas várias formas cerâmicas a saber: três exemplares da forma 1a (pote com bordo esvasado), dois exemplares da forma 2b (potinho/púcaro), um exemplar da forma 2c (púcaro), um exemplar da forma 3a (malga) e um exemplar da forma 5 (talha) (Tab. 8.18). Neste contexto foram contabilizados 14 exemplares com fuligem. Deste conjunto cinco exemplares (dois bojos e três bordos das formas 1 e 2) possuem fuligem no cerne e no interior. No caso dos potes se for só interior e exterior sem ser cerne indicia que são de formas de ir ao lume.

Tabela 8.18 Formas cerâmicas na camada 3, sondagem 1 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	3	37,5%
Foram 2b (potinho)	2	25%
Forma 2c (púcaro)	1	12,5%
Forma 3a (malga)	1	12,5%
Forma 5 (talha)	1	12,5%
Total	**8**	**100%**

Foi registado um fragmento decorado: um bojo. A técnica usada foi a incisão, através de dois sulcos incisos na horizontal.

Em termos técnicos destaca-se o uso de um cordão que se aplicou na horizontal, por dentro da peça, para ajudar a suportar uma tampa.

Relativamente aos tamanhos dos fragmentos, 50 exemplares são < de 4 cm, 8 exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e três exemplares possuem um tamanho >8 cm, o que, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) indicia transporte dos fragmentos. Foram detetados 25 fragmentos rolados (41%), o que indicia, também, que os fragmentos estiverem muito expostos a agentes erosivos após quebra.

Cerâmica de produção romana local e importada

No que respeita a materiais datáveis a partir do séc. I a.C. destacamos, desde logo, 30 fragmentos de cerâmica comum romana, 13 bojos de ânfora (um bojo de ânfora com proveniência da área da baía de Cádis e 12 bojos de ânfora cuja proveniência é do vale do Guadalquivir). Também destacamos nove fragmentos de cerâmica comum fina.

Em síntese, o conjunto de materiais indicia que se está face a um nível de romanização datado dos finais do séc. I a.C. e finais do séc. I – II d.C. com intrusões de uma ocupação anterior da Idade do Ferro Antiga.

Camadas 4 e 4a

Nas camadas 4b e 4c não apareceu material. Foram apenas considerados os materiais das camadas 4 e 4a. Estas correspondem a camadas sob os níveis de preparação do piso exterior da estrutura C18 com indícios de uma ocupação anterior. De notar a existência de um piso a que Mendes (Mendes, 2008: 42) deu a nomenclatura de **piso 1** - não escavado (Fig. 8.113). Aí encontraram-se 14 fragmentos cerâmicos tecno-tipologicamente do **Ferro Antigo**.

Neste conjunto foram registados um bordo, um exemplar de base e 12 bojos.

Os fragmentos são de fabrico manual com apenas dois exemplares produzidos à roda. A cozedura é redutora. As pastas são exclusivamente arenosas-micáceas com desengordurantes de pequeno (sete exemplares), médio (cinco exemplares) e grande calibre (dois exemplares) e de texturas entre média (12 exemplares) e finas (2 exemplares). E o acabamento das superfícies é na maioria dos casos polido (oito exemplares) e o restante é alisado (seis exemplares)

Neste caso foi estudado um bordo (aberto) e uma base (de fundo plano simples) (Fig. 8.127). O bordo corresponde à forma 3b (tigela) (Fig. 8.126).



Fig. 8.126 Forma cerâmica: tigela (forma 3b).



Fig. 8.127 Fundo plano simples

Apenas foi registado um fragmento decorado de um bojo. A técnica usada é o espatulado, formando várias linhas paralelas.

Dois exemplares de bojo possuem fuligem no exterior.

Os 14 exemplares possuem dimensões < de 4 cm e sete encontram-se rolados. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) tal indicia transporte, mas neste caso a associação dos materiais a um piso e a característica horizontalizada da camada faz-nos colocar a hipótese de que o índice de quebra também poderá relacionar-se com o tipo de desengordurante usado (as palhetas de mica) e a fraca espessura das peças, o que facilmente provoca quebra.

Em síntese tem em conta os materiais registados parece-nos evidente que podemos propor uma cronologia de fundação desta estrutura circular: a **Idade do Ferro Antiga**. Parece-nos também claro que várias foram as remodelações no exterior e interior desta estrutura C18. O que mostra a especial importância desta estrutura ao longo de vários séculos. Infelizmente, no

interior da estrutura circular não foram detetados materiais, mas nos pisos fora dessa estrutura foram analisados e pelos materiais registados trata-se de vários pisos produzidos numa mesma época, neste caso da fase final do Ferro Recente ou da romanização.

Camadas 7 e 7a

Na camada 7d não apareceu material. Foram apenas considerados os materiais das camadas 7 e 7a. Estas correspondem ao enchimento da fundação da Muralha 1 que cortou as camadas 3, 6, 9, 13, 13a e 15, sendo reveladoras de ocupações anteriores à construção da muralha. A camada 15 não forneceu materiais.

Idade do Ferro Antiga

Nestas duas camadas foram registados apenas cinco fragmentos de bojos tecnicamente atribuíveis à Idade do Ferro Antiga. Estes são de fabrico manual, pastas exclusivamente arenosas-micáceas, desengordurantes de pequeno (dois exemplares) e médio calibre (três exemplares) e textura média. A cozedura é na maioria redutora e apenas um fragmento tem uma cozedura algo oxidante. O acabamento destes fragmentos é polido.

Um exemplar possui fuligem no interior do fragmento. Em termos daquilo que são as condições deposicionais e sobretudo pósdeposicionais dos fragmentos aqui encontrados, é de referir que todos eles possuem uma dimensão < de 4 cm o que parece revelar algum transporte, segundos os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008). Um exemplar encontra-se rolado.

Em síntese, pelos materiais agora estudados nestas camadas que correspondem ao enchimento da Muralha 1, temos condições para apontar que esta muralha que hoje se observa e que com certeza terá tido reforçada em períodos posteriores poderá ter tido a sua fundação ainda no Ferro Antigo.

Camada 9

Nesta camada foram registados 15 fragmentos cerâmicos todos eles de cerâmica indígena.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados dois bojos datáveis desta cronologia. Em termos técnicos foram produzidos de forma manual, a cozedura é redutora e as pastas são micácea-arenosas. Os desengordurantes (e.n.p.) são de médio calibre. Estes fragmentos possuem textura média e a superfície é polida.

Relativamente ao tamanho do fragmento, estes têm uma dimensão < de 4 cm. Apenas um fragmento encontra-se rolado.

Idade do Ferro Recente

Foram identificados 13 fragmentos datáveis deste período. Foram estudados 12 bojos e um exemplar de base.

Em termos técnicos a maioria dos fragmentos foram produzidos à roda e o restante de forma manual (cinco exemplares). A cozedura é na sua maioria oxidante e apenas dois fragmentos possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. Os desengordurantes (e.n.p.) são na sua maioria de pequeno calibre (nove fragmentos), seguido de médio calibre (três fragmentos) e de grande calibre (um fragmento). Estes fragmentos possuem na sua maioria textura média (oito exemplares) e o restante possui textura fina. A superfície destes fragmentos oscila entre alisada (seis exemplares) e polida (sete exemplares). Foi registada uma base indeterminada. Foram registados 12 fragmentos rolados e dois possuem fuligem. Um deles, a base encontra-se com fuligem no cerne o que parece denunciar que este fragmento partido esteve em contacto direto com o fogo.

Relativamente à dimensão dos fragmentos, a maioria possui um tamanho < de 4 cm (12 exemplares) e apenas um exemplar tem um tamanho entre 4 e 8 cm.

Em síntese, parece estarmos perante um nível datável do Ferro Recente. Esta camada encontra-se logo abaixo do piso 1, e encontra-se algo misturada com outras camadas (observável no corte Sul) o que tendo em consideração os materiais registados parece-nos que esta área foi apenas ocupada durante o Ferro Recente. Esta camada, como outras nesta área, faz parte de depósitos sucessivos que foram colmatando esta zona.

Camada 10

Nesta camada foram detetados 10 bojos com um tamanho <3 cm que apenas foi possível separar por tipo de produção: seis fragmentos de produção indígena ou micácea, mas cuja cronologia não é possível afinar e ainda quatro fragmentos de produção romana.

Além disso foi registado um bordo, produzido de forma manual, de cozedura redutora, de pasta micácea-arenosa, a textura é media, a e.n.p. são pequenos e encontra-se polido. Trata-se de um bordo esvasado (Fig. 8.128). Este bordo parece corresponder a uma forma 2 (potinho/púcaro). Este fragmento possui um tamanho < de 4 cm e encontra-se rolado. Este bordo parece-nos ser datável do Ferro Antigo.



Fig. 8.128 Forma cerâmica: forma 2 (potinho/púcaro).

Em síntese, esta camada possui materiais com um tamanho e quantidade muito reduzida.

Devido a este facto torna-se muito difícil precisar cronologicamente esta camada. Conseguimos apesar disso pelos tamanhos dos fragmentos e segundo os critérios Brudenell e Cooper (2008) que se trata de uma camada profundamente revolvida cujos materiais estiveram muito tempo sujeitos aos agentes erosivos, e por isso, talvez estes sedimentos aqui depositados tenham uma proveniência não relacionada com a ocupação este espaço. É de referir que este nível não surge nos cortes estratigráficos efetuados.

Foram observados materiais de produção romana o que permite colocar a hipótese que no **decorrer do séc. I d.C. ou II d.C**. estes sedimentos tenham sido aqui depositados.

Camada 11

Nesta camada foram individualizados dois fragmentos com a mesma cronologia.

Idade do Ferro Recente

Foram identificados dois fragmentos datáveis deste período. Foram considerados um bojo e um exemplar de base.

Em termos técnicos um dos fragmentos foi produzido à roda e o outro fragmento de forma manual. A cozedura oscila entre oxidante e redutora (um exemplar cada). A pasta é micácea. Os desengordurantes (e.n.p.) são de pequeno calibre. Quanto à textura oscila entre média e fina (um exemplar).

A superfície destes fragmentos oscila-se entre alisada e polida (um exemplar cada). Foi registado uma base de fundo plano simples (Fig. 8.129).



Fig. 8.129 Base de fundo plano simples

Relativamente à dimensão dos fragmentos, um deles possui um tamanho < de 4 cm e o outro exemplar tem um tamanho entre 4 e 8 cm. Foi registado um fragmento rolado.

Camada 12

Nesta camada foi apenas registado dois fragmentos datáveis do Ferro Antigo.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados dois bojos datáveis desta cronologia. Em termos técnicos foram produzidos de forma manual, a cozedura é redutora e as pastas são micácea-arenosas. Os desengordurantes (e.n.p.) oscilam entre médio e pequeno calibre (um exemplar cada). Estes fragmentos possuem textura média e a superfície é alisada.

Relativamente ao tamanho do fragmento, estes têm uma dimensão < de 4 cm. Os dois fragmentos estão rolados.

Camada 13 e 13b

Neste nível foram registados um total de 10 fragmentos. Destes, seis são claramente de produção indígena e foram ainda observados materiais de importação e produção local romana.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foram individualizados seis fragmentos: três bordos, uma base, uma asa e um bojo.

Em termos técnicos a maioria dos fragmentos foi produzido manualmente e o restante foi realizado à roda. A cozedura oscila entre oxidante e redutora (três exemplares cada). A pasta é micácea. Os desengordurantes (e.n.p.) são na maioria de pequeno calibre (três exemplares), de médio calibre (dois exemplares) e de grande calibre (um exemplar).

Quanto à textura quatro fragmentos possuem textura média, um exemplar possui textura fina e um exemplar possui textura grosseira.

A superfície destes fragmentos é polida.

Foram registados três bordos (um esvasado, um em aba soerguida e um indeterminado), a base é de fundo plano simples e a asa é de seção pentagonal.

A partir dos bordos e asa analisados foi possível apurar três formas: um exemplar da forma 1a (pote), um exemplar da forma 2a (púcaro) e um exemplar da forma 5 (talha) (Tab. 8.19; Fig. 8.130). E uma forma indeterminada devido ao reduzido tamanho do bordo.

Tabela 8.19 Formas cerâmicas da camada 13, sondagem 1 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	33,3 %
Forma 2a (púcaro)	1	33,3 %
Forma 5 (talha)	1	33,3 %
Total	**3**	**100 %**

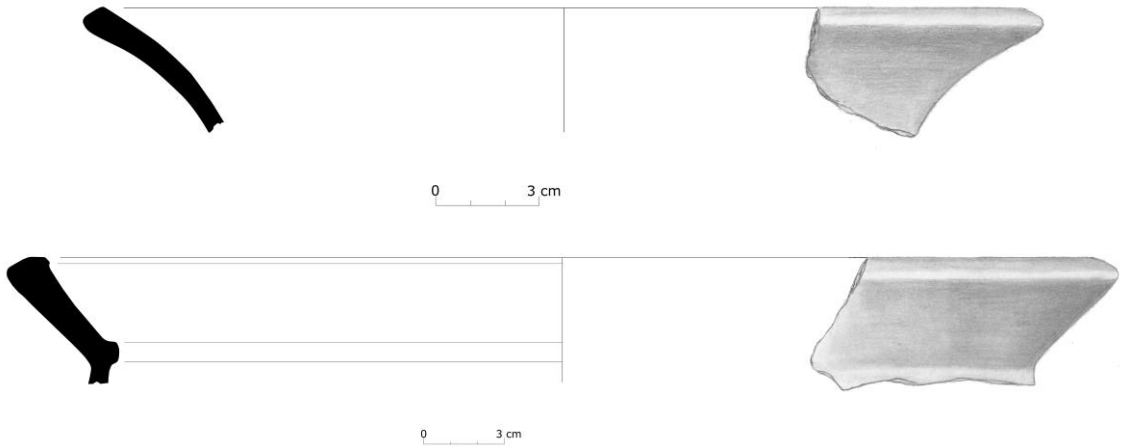


Fig. 8.130 Formas cerâmicas: forma 1a (pote), forma 5 (talha).

Relativamente à dimensão dos fragmentos, três deles possui um tamanho < de 4 cm, dois exemplares têm um tamanho entre 4 e 8 cm e um exemplar tem uma dimensão >8 cm. Foram registados três fragmentos rolados.

Cerâmica de produção local romana e de importação

Foram individualizados três exemplares de cerâmica comum romana e um bojo de ânfora oriundo da área da Cádis.

Síntese das camadas 9 a 13

A partir do pouco material existente nestas camadas, todas elas da zona exterior à estrutura C18 pouco podemos adiantar em termos cronológicos. Apesar de aparentemente estas camadas não fornecerem em si grande diversidade cronológica, devemos ter em conta os aspetos pós deposicionais destes materiais e destas camadas em particular. Todas elas parecem ser uma mistura, ou se preferirmos um enchimento da zona entre a Muralha 1 e a estrutura circular (C18) em apreço nesta área que cortou as camadas fundacionais da Muralha 1.

Os materiais aqui presentes possuem um tamanho pequeno (80% - têm um tamanho < de 4 cm), e estão muito rolados (80% da amostra) o que tendo em conta os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) parece-nos evidente que estes depósitos parecem demonstrar por um lado que esta área não teve uma ocupação muito intensa, e por outro, que estas camadas não revelam em si uma ocupação, mas sim apenas deposição de materiais numa época sensivelmente **datável do séc. I d.C**. Ao contrário do que parece acontecer nas camadas de fundação da estrutura 18 e da Muralha 1, nesta área, estas sim aparentemente seladas.

c. Materiais metálicos

Foram registados 11 objetos em ferro, na sua maioria indeterminados. Excluímos três fragmentos em ferro dos quais não conseguimos compreender o que seja, pelo seu diminuto tamanho e nível de alteração.

Na camada 1 foram registados dois objetos em ferro. Foi estudado um pequeno aro[245] de função indeterminada, que mede 2,7 cm de comprimento, 1 cm de largura e 0,7 cm de espessura e tem 3,5 gramas.

Foi também estudada uma pequena placa[246] indeterminada que mede 2,2 cm de comprimento, 1,1 cm de largura e 0,6 cm de espessura e tem 1,4 gramas.

Na camada 2 foram considerados também dois objetos metálicos, sendo também uma placa em ferro[247] que não é escória. Mede 2,4 cm de comprimento, 1,4 cm de largura e 0,6 cm de espessura e tem 2,8 gramas. E foi encontrado um aro pequeno[248] e fraturado, em ferro maciço (Fig. 8.131). Mede 2,2 cm de comprimento, 1,2 cm de largura e 0,6 cm de espessura e tem 2,7 gramas.



Fig. 8.131 Aro partido em ferro maciço.

No piso 1D foi registado também uma placa em ferro[249] que mede 7,7 cm de comprimento, 1 cm de largura, 0,7 cm de espessura, tem 3,7 gramas.

[245] Número de inventário do MDDS: 2021.5023.
[246] Número de inventário do MDDS: 2021.5028.
[247] Número de inventário do MDDS: 2021.5054.
[248] Número de inventário do MDDS: 2021.5052.
[249] Número de inventário do MDDS: 2021.5045.

Na camada 3 foi registo um pequeno fragmento em ferro[250] mas muito danificado e alterado. Na camada 3a foi estudado um possível prego[251] que mede 2,8 cm de comprimento, 1,1 cm de largura e 0,6 cm de espessura e tem 2,6 gramas.

Na camada 8 foi registado um objeto indeterminado em ferro[252] que mede 2,8 cm de comprimento, 1,1 cm de largura e 0,6 cm de espessura e tem 1,6 gramas.

Na camada 13 foi registo um objeto em ferro dobrado[253], que mede 2,9 cm de comprimento, 1,6 cm de largura e 0,4 cm de espessura e tem 2,5 gramas (Fig. 8.132).



Fig. 8.132 Objeto em ferro dobrado.

d. Síntese da Sondagem 1

Podemos considerar que os materiais encontrados nas camadas 0, 1 e 2, que são camadas superficiais, contêm materiais de várias épocas e talvez sem relação com as estruturas aí registadas. Os materiais das camadas 4, 4a, 4b, 4c (presentes no quadrado H'51) e situados na zona exterior de uma cabana identificada como estrutura C18, contêm, apenas, materiais do Ferro

[250] Número de inventário do MDDS: 2021.5029.
[251] Número de inventário do MDDS: 2021.5031.
[252] Número de inventário do MDDS: 2021.5053.
[253] Número de inventário do MDDS: 2021.5055.

Antigo, indiciando uma ocupação deste período neste local. De notar que se relacionam com um piso em terra batida que não foi escavado (Fig. 8.113).

Pelos materiais cerâmicos avaliados nas camadas 7, 7a, 7d, que passam por baixo da muralha 1, podemos propor que aqui também existiu uma ocupação do Ferro Antigo. Os materiais das camadas 9 a 13 são datáveis dos finais do Ferro Recente e inícios da romanização. Sendo que estas camadas parecem apenas corresponder a sedimentos colocados aqui para nivelar o terreno, numa fase tardia da ocupação desta área.

Quanto aos vários pisos argilosos aí registados, tendo em conta os materiais encontrados vale a pena referir que estes pavimentos, todos eles na zona exterior da estrutura C18, parecem ter sido produzidos no decorrer da romanização e serão contemporâneos desta cabana. É de notar que no interior da estrutura C18 foi efetuada uma vala que forneceu várias camadas (19 a 26), inclusive um piso (Fig. 8.116), mas estas não possuem materiais arqueológicos que pudessem elucidar a cronologia de ocupação anterior à construção desta estrutura da romanização.

Em termos genéricos e observado apenas os materiais tidos em conta em relação ao seu tamanho, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) parece existir uma grande fragmentação, visto que 95,1% dos fragmentos têm um tamanho inferior a 4 cm e 75% do total considerado encontra-se rolado. Isto significa claramente que a maior parte dos materiais aqui depositados estiveram sujeitos a um grande índice de erosão havendo claramente transporte de materiais por fenómenos pós-deposicionais.

Sondagem 2 – Muro 1, Muro 9 e estrutura retangular

a. Estruturas e estratigrafia

Esta sondagem foi implantada no interior do Núcleo I, na área do muro 1 e contempla os quadrados C'53 a 57, D'53 e E'53 a 58, F'56 e G'56 e 57 (Mendes, 2008: 43). Teve como objetivo primordial compreender a funcionalidade deste muro e dos vestígios de outros muros visíveis à superfície. Além disso, era urgente perceber se aí existia uma cabana, de planta circular, numerada com o nº. 80 por C. Brochado de Almeida (1996: 200; 2008).

Os trabalhos de escavação permitiram confirmar que não existia e que o acesso a este conjunto habitacional, composto pelas estruturas C16, C18 e C17 (as duas primeiras serão cabanas de planta circular e terceira de planta oval) se faz através de, pelo menos, duas entradas:

uma delas a norte, junto ao muro 2 do núcleo habitacional II, e a outra, a sul, junto da estrutura C16 (Mendes, 2008: 44) (Fig. 8.133; Fig. 8.134).

Nesta área e sobre uma estrutura, aparentemente retangular que iremos descrever, encontrava-se, ainda, aquilo que podemos definir como sendo um grande amontoado de pedras provocado por antigos trabalhos de limpeza e de escavação deste povoado.

Foi registado, ainda, a estrutura 1, definida a norte e oeste, por um muro constituído por argamassa, saibro e ainda restos de reboco (muro 10) que se une a este a outro muro (muro 11). Esta estrutura encontrava-se por baixo dos níveis de derrube do muro 1. Observaram-se ainda muros pertencentes a esta estrutura (muro 2, 4 e 5), que definiam, aparentemente, um vestíbulo. Pelo que nos é dado compreender esta estrutura possuiria uma planta retangular com um vestíbulo a norte (Mendes, 2008: 45).

A última camada escavada nesta sondagem (camada 42) concentrava-se do lado poente e no interior desta estrutura, caracterizando-se por restos de um lajeado e restante pavimento e um degrau, possuindo sedimentos compactos, com carvões, de coloração cinzento-escura (Fig. 8.135).

Em termos estratigráficos esta sondagem apresenta a seguinte sequência:

00 - sedimentos de cor castanha, soltas, por vezes saibrosas e com muitas raízes e matéria orgânica;

01 - sedimentos de cor castanho-clara, saibrosas, de textura arenosa, de compacidade média e com raízes;

02 - sedimentos de cor castanha, humosas, soltas e muito granulosas. Esta camada parece corresponder às camadas de derrube acumuladas entre o muro 2 (Quadrado D'55) e as pedras grandes tombadas do muro 1;

03 - saibro compactado, sendo que esta camada surge associada aos muros 2 e 3 desta sondagem;

04 - piso de saibro compactado de cor amarelada e acinzentada, integra alguns fragmentos de cerâmica e carvões. Este nível regista-se já no interior da Estrutura 1 e entre esta e o muro 3.

05 - restos de piso agregados ao afloramento;

06 - sedimentos de cor cinzenta ou castanho acinzentado, pouco compactas, homogéneas e de textura argilosa;

07 - sedimentos de cor castanha com pequenas manchas mais claras, saibrosas, de textura arenosa e pouco compactas – trata-se de um nível de preparação do piso (04);

08 - sedimentos de cor cinzento-claro, saibrosas, muito compactas e com pedras pequenas;

09 - sedimentos de cor cinzento-claro, arenosas e compactas, esta camada antecede o afloramento nos quadrados C' e E'55;

10 - sedimentos de cor castanho-escura, com pequenas manchas de saibro, pouco compactas e com muitas raízes pequenas;

11 - sedimentos de cor castanha com manchas mais claras e integra pedras pequenas e saibro compactado;

11a - sedimentos de cor castanho-clara amarelada, muito saibrosas, com pedras pequenas e muito compactas. Trata-se de um nível de preparação do piso (04);

12 - sedimentos de cor castanha acinzentada, compactas, e de textura argilosa e com raízes;

12a - sedimentos de cor castanho-escura pouco compactas e com raízes. Estas camadas registam-se sob manto vegetal nos quadrados C' e D'56, no exterior do muro 1;

13 - sedimentos de cor castanha acinzentada, com raízes pequenas, humosas, de textura argilosa e pouco compactas;

14 - sedimentos de cor castanha acinzentada, muito arenosas de compacidade média;

15 - sedimentos de cor castanha acinzentada, com raízes pequenas, humosas, de textura argilosa e pouco compactas;

16 - sedimentos de cor castanho-escura acinzentado, muito arenosas, de compacidade média e com pedras pequenas;

17 - sedimentos de cor castanha acinzentada, humosas, de textura argilosa, pouco compactas e com pedras pequenas;

As camadas 13 a 17 registadas na área sondada destes quadrados (E'53 e E'54) corresponde a sedimentos depositados intencionalmente para regularização do substrato, que terá sido cortado para extração de saibro;

18 - sedimentos de cor castanha de textura arenosa, com muitas raízes pequenas e compactas. Contem pedras de pequeno e medio porte, com restos de afloramento e fragmentos de quartzo;

19 - sedimentos de cor castanha muito escura, com pequenas manchas de saibro e de textura arenosa. Possui pedras de pequeno e médio porte;
20 - sedimentos de cor castanho-escura amarelado, saibrosas de granulometria média, com muitas raízes, compactas. Possui pedras de médio e grande porte. Camada registada nos quadrados C'56 e D'56, e 57, no exterior do muro 1;

21 - sedimentos de cor castanha acinzentada, com raízes pequenas, humosas, de textura argilosa e pouco compactas;
22 - sedimentos de cor amarelo, com pequenas manchas castanhas, muito compacta e com pedras de pequeno porte;
23 - sedimentos de cor amarelada, saibrosas e pequenas manchas castanhas, pouco compactas;

Estas camadas (21 a 23) registadas na área dos quadrados E'53 e E'54 correspondem a sedimentos depositados para regularização do substrato, que terá sido cortado para extração de saibro.
24 - sedimentos de cor amarelada, muito granulosas e compactas. Esta camada foi assinalada no quadrado D'57, e encontra-se relacionada com os níveis de derrube do muro 1 e do muro 6;
25 - sedimentos de cor castanha, com pequenas manchas de saibro, compactas e com pedras pequenas. Esta camada foi registada nos quadrados E'53 e 54, integra os sedimentos depositados regularização do substrato, que terá sido cortado para extração de saibro;
26 - sedimentos de cor castanha, saibrosas, com manchas de argamassa compactas e muitas pedras pequenas;
26a - camada de sedimentos de cor castanha saibrosa, com manchas de argamassa pouco compactas. Esta camada foi assinalada no quadrado D'56 - 57, e encontra-se relacionada com os níveis de derrube do muro 1 existente a poente;
27 - sedimentos de cor castanho-escura, compactadas, de textura argilosa. Esta camada foi encontrada nos quadrados D' e E'57, a poente do muro 1, e corresponde a um piso de terra compactada. Este piso é o mesmo registado com número 31, nos quadrados D' e E'58;

28 - sedimentos de cor castanho-escura, de textura argilosa, por vezes humosas, com muitas raízes e compactas. Este estrato nos quadrados D' e E'58 a norte do muro 7 e está associada ao deposito de pedras grandes que cobria esta área e que supõe ter sido ali depositadas aquando das antigas escavações;

29 - sedimentos de cor castanha, granulosas e compactas. Estrato registado no quadrados D'56 apenas junto de pedras grandes encostadas ao muro 1 e integra o conjunto de sedimentos decorrentes do derrube deste muro;

30 - sedimentos de cor amarelada, saibrosas e granulosas com gravilha. Este estrato regista-se por baixo das camadas (27, 28, e 31) e pode corresponder à camada de preparação do piso de terra batida (camada 27 e 31);

31 - sedimentos de cor castanho-escura, de textura argilosa e compactas. Esta camada regista no quadrado D' e E'58 a poente do muro 1, e corresponde a um piso de terra compactada. É o mesmo registado com o nº 27 nos quadrados D' e E'57;

32 - sedimentos de cor castanha, humosa, desagregadas e muitas raízes e pedras pequenas, assinalada na metade Este do quadrado E'58;

33 - sedimentos de cor castanha, de textura arenosa, saibrosa, com raízes pequenas e de compacidade média. Este estrato regista-se nos quadrados C' e D'56, por baixo da camada 12, e integra ainda pedras do derrube do muro 1;

34 - sedimentos de cor castanha acinzentada, arenosa, compacta, com raízes pequenas, registada no quadrado C'56;

35 – sedimentos de cor castanho-claro amarelado, com raízes pequenas e muito compacta. Este estrato regista-se nos quadrados H'56 e 57, entre as duas faces do muro 9. Pode corresponder a um nível de circulação;

36 – sedimentos de cor castanho-claro, com pedras pequenas e de compacidade média. Este estrato foi registado nos quadrados H'56 e 57 (muro 9);

37 – sedimentos de cor bege e cinzento-claro, de textura saibrosa e compactada. Este estrato está associado ao muro 9 e corresponde a um piso;

38 – sedimentos de cor castanha, granulosas, muito compactas, com pequenas manchas de saibro e com pedras muito pequenas. Este estrato regista-se nos quadrados D' e E'58, no lado sul do muro 7 e pode corresponder ao resta do nível de circulação;

39 – sedimentos de cor castanha acinzentada, arenosas, compactas e com raízes pequenas e pedras pequenas com restos de argamassa as pedras. Esta camada assinala-se nos quadrados C' e D'56;

40 – sedimentos de cor castanho-escuro, de compacidade média e com pedras de pequeno porte. Este estrato regista-se no canto sudeste no quadrado E'58;

41 – camada de sedimentos de cor cinza-escuro, de textura arenosa, compacta e com alguma plasticidade. Regista-se nos quadrados D' e E'57, por baixo da camada 30 junto ao muro 6;

42 –sedimentos de cor cinza-escuro, compactas, saibrosas, com carvões muitos nódulos de argamassa e pedras de pequeno e médio porte. Alguns destes nódulos de argamassa e algumas pedras estão queimadas. Poderá corresponde a um nível de incêndio? Este estrato encontra-se nos quadrados C' e D'56 e D'57, entre o muro 1 e o muro de saibro a norte e sobre o piso de saibro compactado e pode corresponder um nível de destruição da estrutura.

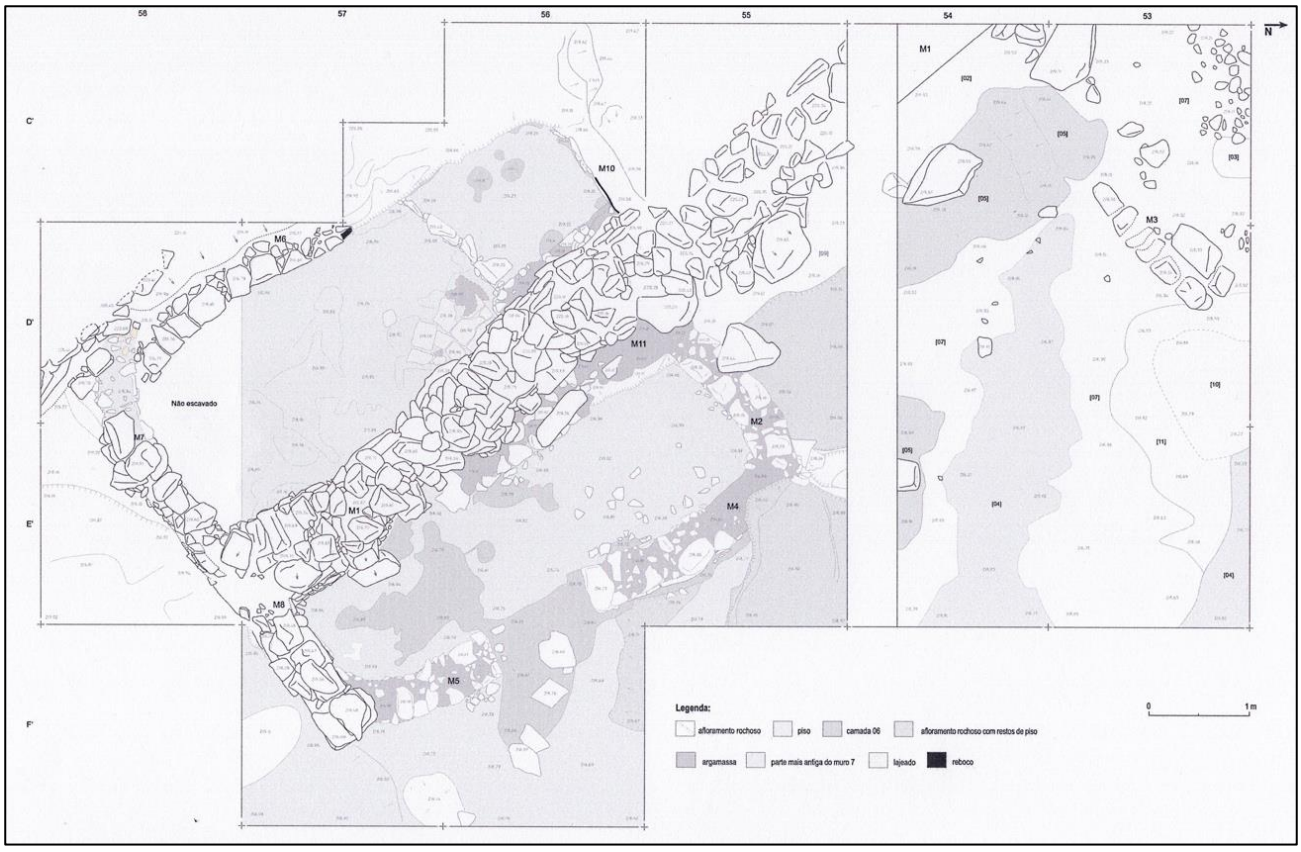


Fig. 8.133 Setor IV, sondagem 2 com representação do muro 1 sob o qual se encontra uma estrutura retangular definida por vários muros (2, 4, 5, 10 e 11) (Mendes, 2008, Est. CXXVI, adaptado).

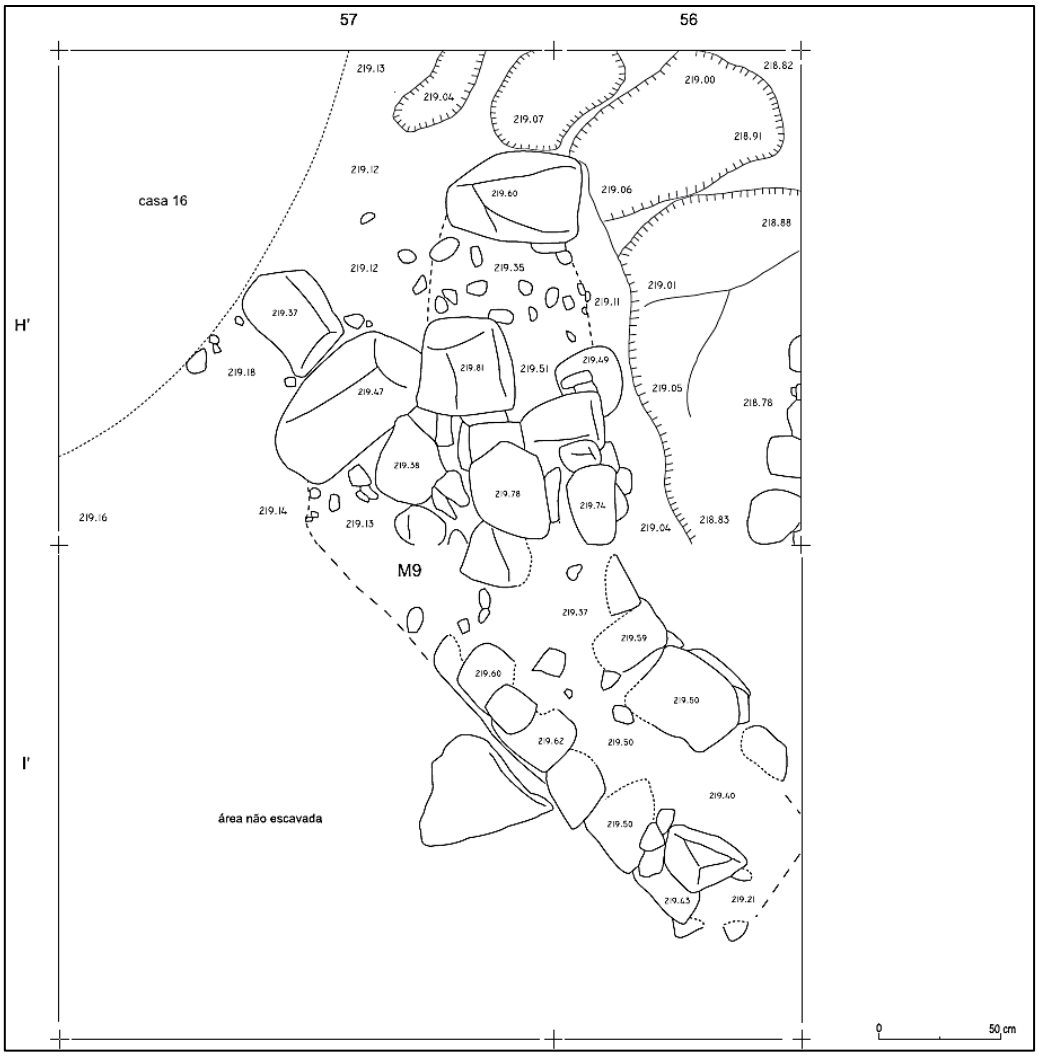


Fig. 8.134 Muro 9, sondagem 2, de tendência circular, junto à C16 (Mendes, 2008, Est. CXXVII, adaptado).

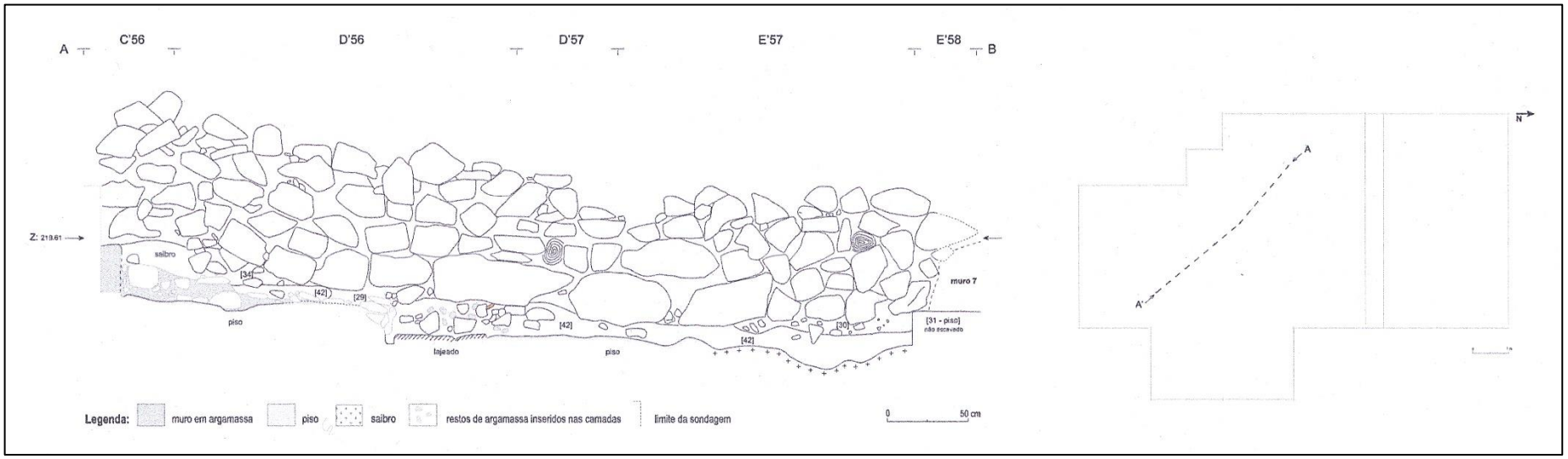


Fig. 8.135 Alçado do muro 1 (Mendes, 2008, Est. CXXVIII, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

Tendo em consideração a complexidade desta sondagem devemos dividir o estudo dos materiais aí encontrados em quatro grandes subdivisões: desde logo o material da camada 0 e 1; o material encontrado junto ao muro 9, o material da estrutura 2 e, finalmente, o da estrutura 1. Foram observadas sumariamente as camadas 4 e 18 devido ao facto de possuíram poucos materiais e diminuta dimensão e sem forma não sendo por isso considerados.

Camada 0 (dos quadrados C'53 a 57, de D'53 a 58, de E'53 a 58 e F' 56 a 57)

Foram observados materiais datáveis entre a Idade do Ferro Antiga e a romanização. Foram registados 13 fragmentos datáveis do Ferro Antigo, 20 fragmentos datáveis do final da Idade do Ferro (Ferro recente) e ainda 29 fragmentos de produção romana (local e importada). Esta camada estava presente em toda a área desta sondagem.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram estudados 13 fragmentos tecnicamente inseríveis neste período. Foram individualizados cinco bordos, quatro bases e quatro bojos.

Estes materiais foram produzidos de forma manual e a cozedura é maioritariamente redutora com a exceção de dois fragmentos com cozedura oxidante. A pasta é micácea-arenosa.

A textura destes fragmentos é maioritariamente média (11 exemplares), seguido de grosseira (dois exemplar). Os e.n.p. são de médio calibre na maioria (seis fragmentos), seguido de pequeno calibre (cinco fragmentos) e de grande calibre (dois fragmentos).

A superfície destes fragmentos apresenta-se na sua maioria polida e o restante (cinco exemplares) encontram-se alisados.

Em termos formais foram identificados cinco bordos (quatro esvasados e um indeterminado) e quatro bases, duas de fundo plano simples e duas de fundo plano alargado.

Tem em conta os bordos foram individualizados duas formas: dois exemplares da forma 2b (potinho), e três formas indeterminadas, devido ao tamanho diminuto dos bordos.

Quanto à dimensão destes fragmentos, nove exemplares têm um tamanho < de 4 cm e quatro exemplares tem entre 4 e 8 cm de tamanho. Foram registados nove exemplares rolados e um fragmento possui fuligem.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foram registados 20 fragmentos datáveis desta cronologia. Foram estudados nove bordos, nove bojos e duas bases.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria a torno e apenas sete fragmentos foram produzidos manualmente, a maioria possui cozedura oxidante, e apenas sete exemplares possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na sua maioria média e apenas três exemplares possui textura fina, e os e.n.p. oscilam entre pequeno calibre (12 exemplares), médio calibre (sete exemplares) e grande calibre (um exemplar). As superfícies destes fragmentos são maioritariamente alisadas e apenas seis encontram-se polidas.

Foram registados nove bordos, quatro esvasados, dois abertos, um vertical, um fechado e um indeterminado. Quanto às bases uma é de fundo plano alargado e a outra indeterminada. Tendo em conta os bordos foram registados sete formas: quatro exemplares da forma 2b (potinho), dois exemplares da forma 3b (tigela) e um exemplar da forma 6 (panela de asa interior) (Tab. 8.20; Fig. 8.136).

Tabela 8.20 Formas de cerâmica indígena na camada 0, sondagem 2 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 2b potinho)	4	57 %
Forma 3b (tigela)	2	29 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	14 %
Total	**7**	**100 %**

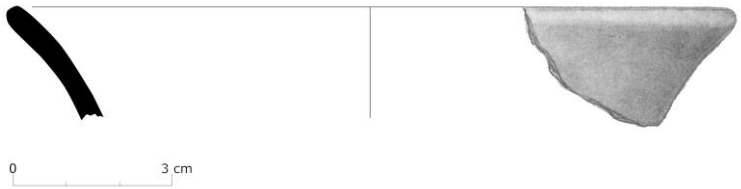


Fig. 8.136 Forma cerâmica indígena: forma 2b (potinho).

Quanto aos aspetos decorativos foram registados seis bojos decorados, dois por incisão, dois por aplicação plástica, um fragmento por aguada e ainda um por incisão e impressão.
A decoração por incisão encontra-se através de dois sulcos horizontais e num outro caso por um sulco horizontal e outro oblíquo. A aplicação plástica através de um cordão aplicado na horizontal. A aguada de cor avermelhada encontra-se na superfície do fragmento. A decoração por incisão e

impressão regista-se através de um sulco inciso horizontal e três pequenos traços oblíquos produzidos por matriz (impressão).

Quanto à dimensão destes fragmentos, a maior parte tem um tamanho < de 4 cm (13 exemplares), com um tamanho entre 4 e 8 cm contam-se seis exemplares e com um tamanho >8 cm registamos um fragmento. Foram registados sete fragmentos rolados e três com fuligem.

Cerâmica de produção romana

Registamos 27 fragmentos de material de construção romana (entre tégula e imbrex).

Registamos ainda um bordo de ânfora de tipo Ovóide 1 (cuja proveniência de produção é o vale do Guadalquivir) (Fig. 8.137).

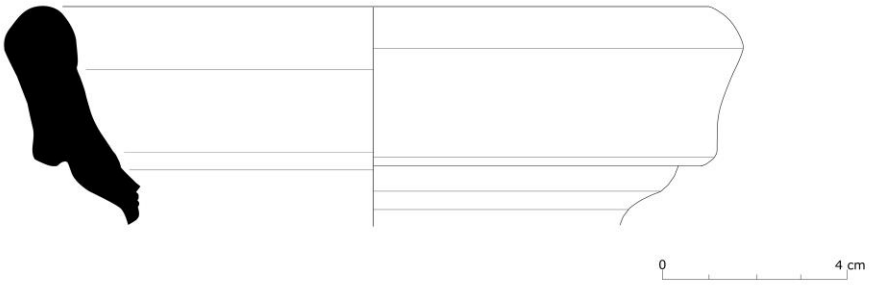


Fig. 8.137 Ânfora de tipo Ovóide 1 (vale do Guadalquivir).

Referimos ainda um fragmento decorado, muito rolado de pasta depurada e cor alaranjada, um fragmento de terra sigillata itálica, com decoração por guilhoché, podendo corresponder a uma taça ou prato (Fig. 8.138). Em termos cronológicos estas produções importadas datam do séc. I d.C.



Fig. 8.138 Fragmento de sigillata com decoração por guilhoché.

Camada 1

Foram registados 342 fragmentos cerâmicos, sendo 140 de cerâmica indígena e 52 de cerâmica de fabrico romano[254].

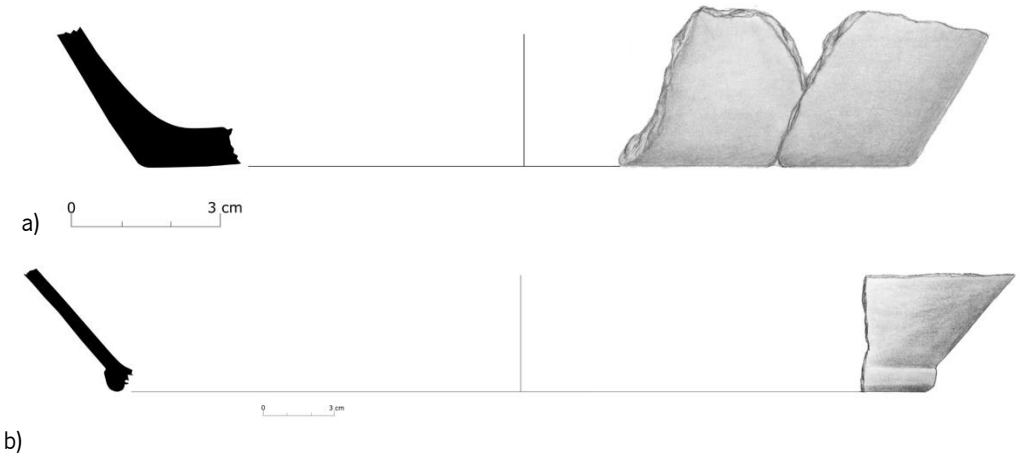
Cerâmica indígena

Dos 140 fragmentos passíveis de estudo identificámos 19 bordos, 116 bojos e quatro bases e ainda um cossoiro.

Em termos técnicos 82 fragmentos registam marcas de torno e os restantes 59 foram realizados manualmente. A cozedura é na sua maioria redutora, e 65 exemplares com cozedura oxidante. As pastas são apenas micáceas com desengordurantes de pequeno (86 casos), médio (52 casos) e grande calibre (2 casos). A maioria dos fragmentos possuem textura fina (68 fragmentos), seguidos dos de textura média (65 fragmentos) e de textura grosseira (fragmentos). As superfícies dos fragmentos apresentam-se alisadas (47 exemplares) e polidas (93 exemplares).

Em termos formais foram registados 19 bordos (11 esvasados, quatro fechados, dois em aba soerguida e ainda dois indeterminados).

Registam-se quatro bases: um exemplar de fundo plano alargado, dois exemplares de fundo plano simples e um exemplar indeterminado (Fig. 8.139). Foi ainda registado um cossoiro produzido a partir de um bojo (Fig. 8.140).



a)

b)

Fig. 8.139 Bases: a) fundo plano simples; b) fundo plano alargado.

[254] É de referir ainda que não foram estudados 150 fragmentos desta camada por apresentarem um tamanho inferior de 3 cm e não possibilitarem uma identificação correta.

Quanto às formas foi possível identificar: seis exemplares da forma 1a (pote de bordo esvasado), dois exemplares da forma 1b (pote de bordo em aba soerguida), sete exemplares da forma 2b (potinho), três exemplares da forma 3a (tigela), dois exemplares da forma 3b (tigela) (Tab. 8.21; Fig. 8.141; Fig. 8.142).

Neste conjunto foram individualizados 18 fragmentos que apresentam fuligem, tanto no exterior como no cerne. Isto aponta para um incêndio em que estes fragmentos estiveram em contacto.

Tabela 8.21 Formas indígenas da camada 1, sondagem 2 (Setor IV)

Forma	**NMI**	**%**
Forma 1a (pote)	6	30 %
Forma 1b (pote)	2	10 %
Forma 2b (potinho)	7	35 %
Forma 3a (malga)	3	15 %
Forma 3b (tigela)	2	10 %
Total	20	**100 %**

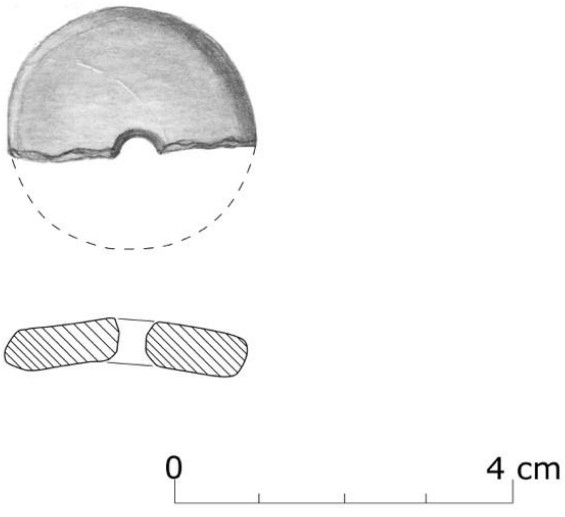


Fig. 8.140 Cossoiro de tipo discoide.

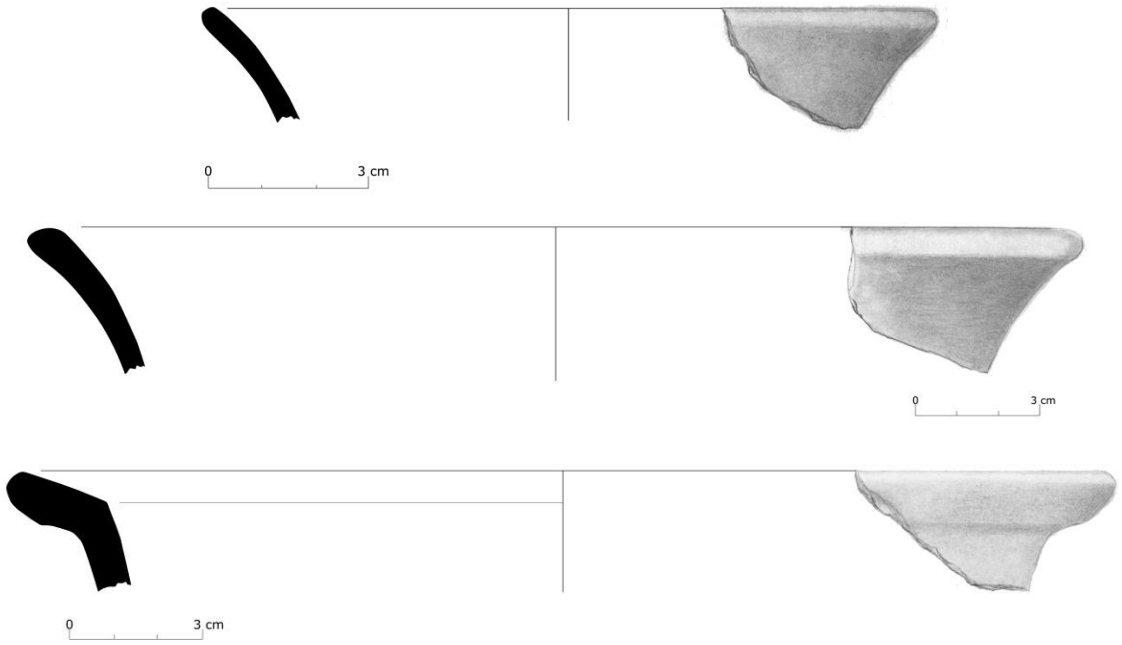


Fig. 8.141 Formas cerâmicas: a) forma 2b – potinho; b) pote da forma 1a; c) pote da forma 1b.

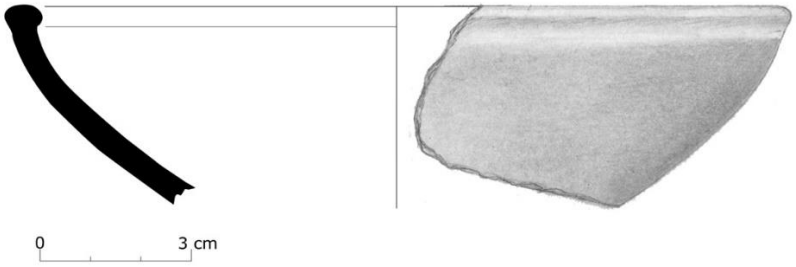


Fig. 8.142 Forma cerâmica: tigela (forma 3b) ou tampa(?).

Foram registados 10 fragmentos decorados: quatro com incisões, três por aplicação plástica, um com impressão por estampagem, um por aguada negra, e um por impressão por estampagem e aplicação plástica.

Os fragmentos decorados por incisão apresentam: num dos casos, um sulco inciso na horizontal e quatro sulcos pequenos na vertical; noutro caso dois sulcos incisos, paralelos e horizontais, além de incisões oblíquas formando uma decoração espinhada, e o terceiro exemplar possui um sulco inciso horizontal seguindo de incisões obliquas formando decoração espinhada (Fig. 8.143, a)). Os fragmentos decorados por aplicação plástica oscilam entre um e dois cordões aplicados na horizontal. O fragmento decorado por estampagem surge num bojo onde se notam fiadas de motivos geométricos (Fig. 8.143, b)). E finalmente, o bojo decorado por impressão e por

aplicação plástica encontra se num bojo com um conjunto de três círculos concêntricos unidos (2 em baixo e 1 em cima) e seguido de aplicação plástica 1 cordão na horizontal (Fig. 8.143, c)).



Fig. 8.143 Fragmentos decorados: a) fragmento decorado por incisão, com sulcos e decoração espinhada; b) fragmento decorado com impressão por estampagem geométrica; c) fragmento decorado por impressão (estampagem) e aplicação plástica.

Relativamente aos tamanhos dos fragmentos, 111 exemplares possuem um tamanho < de 4 cm (80 %), 19 exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e, ainda, 9 exemplares têm uma dimensão >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) trata-se de material muito perturbado e provavelmente fora de contexto. Foram, ainda, detetados 35 fragmentos rolados (25%).

Cerâmica de fabrico romano

No que respeita a materiais datáveis a partir do séc. I a.C. destacamos oito bojos de cerâmica comum romana; 39 fragmentos de bojos de ânfora (área do vale do Guadalquivir) além

de um bordo de ânfora (um exemplar de tipo Ovóide 6, da área de produção do vale do Guadalquivir) e um fragmento de asa de ânfora indeterminada. Regista-se, também, um fundo de tipo Rámon T-7.4.3.3 (produzido na área da baía de Cádis). Foi estudado ainda um fundo de cerâmica comum, também da baía de Cádis e, por isso, trata-se de uma forma importada, mas indeterminada (Sáez Romero, 2005). Estes materiais balizam-se têm uma cronologia entre meados do séc. II a.C. e finais do séc. I a.C. (Fig. 8.144; Fig. 8.146).

Foi ainda registado um fragmento diminuto de cerâmica cinzenta fina polida com uma canelura datável do período alto imperial, do séc. I e II d.C. (Delgado e Morais, 2009: 21) (Fig. 8.145).

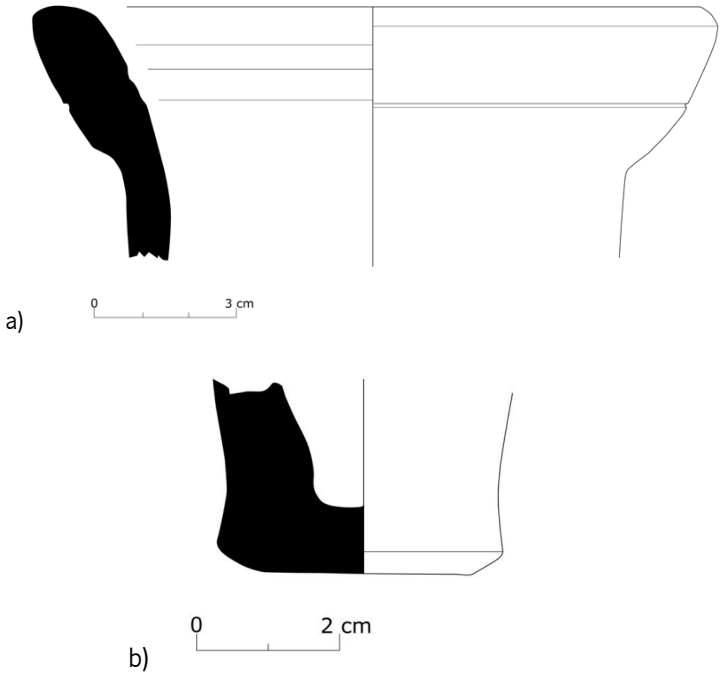


Fig. 8.144 Tipo anfóricos: a) bordo de ânfora de tipo Ovóide 6 (vale do Guadalquivir); b) Fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis).



Fig. 8.145 Bojo de cerâmica cinzenta fina.

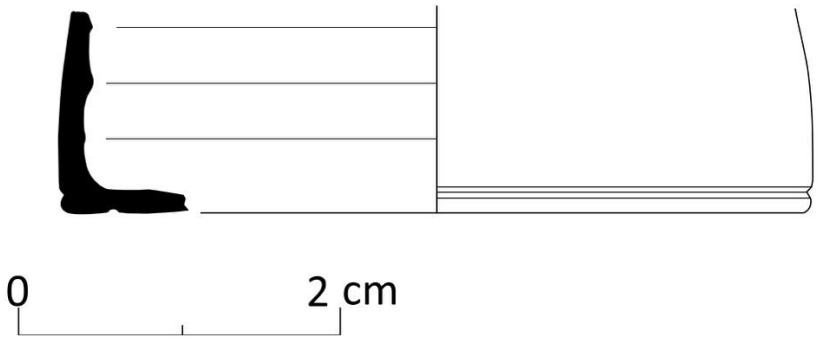


Fig. 8.146 Cerâmica comum (importada da área de Cádis).

Em **síntese**, podemos considerar que o conjunto destes materiais indiciam que a última ocupação /abandono desta área do povoado se pode balizar entre meados do séc. II a.C. e o séc. I ou II d.C., ou seja, são materiais algo misturados, datados desde o Ferro recente até à romanização.

Muro 9

Este muro 9, de tendência circular (?), já muito destruído, talvez corresponda a um muro delimitador do vestíbulo da casa 16, associavam-se a esta estrutura poucos materiais. Foram estudados os materiais das camadas de ocupação e derrube. Esta zona, que corresponde aos quadrados H' e I' 56 e 57, foram estudadas as camadas 0, 1, 35, 36 e 37.

Camada 0

Nesta camada foram registados 8 fragmentos, dois deles inseríveis na Idade do Ferro Antiga e os restantes seis no Ferro Recente.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados dois fragmentos enquadráveis neste grupo, nomeadamente, um bordo e uma base. Estes materiais foram produzidos de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é micácea-arenosa. A textura destes fragmentos é média e os e.n.p. são de pequeno calibre. A superfície destes fragmentos apresenta-se polida.

O bordo é esvasado e a base é de fundo plano simples. O bordo é de uma forma indeterminada.

Quanto à dimensão destes fragmentos, estes exemplares têm um tamanho < de 4 cm. Foi registado um fragmento rolado.

Idade do Ferro Recente

Foram registados seis fragmentos enquadráveis neste período. Foram registados apenas seis bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria de forma manual, e apenas dois exemplares foram produzidos à roda, a cozedura oscilam entre redutora e oxidante (três exemplares cada), e a pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria é média (cinco exemplares) e um exemplar é de textura fina e os e.n.p. são na maioria de médio calibre e apenas dois exemplares de pequeno calibre. A superfície destes fragmentos apresenta-se na maioria polida e dois exemplares possuem a superfície alisada.

Quanto à dimensão destes fragmentos, estes exemplares têm um tamanho < de 4 cm. Foi registado três fragmentos rolados e um exemplar com fuligem.

Cerâmica de importação

Foram registados dois bojos de ânfora (de fabrico da área da Bética).

Camada 1

Foi apenas registado quatro fragmentos datáveis da Idade do Ferro Recente.

Idade do Ferro Recente

Foram registados quatro fragmentos enquadráveis neste período. Foram registados apenas quatro bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria à roda, e apenas um exemplar foi produzidos de forma manual, a cozedura é na sua maioria redutora e apenas um exemplar possui cozedura oxidante e a pasta é micácea. A textura destes fragmentos oscila entre média e fina (dois exemplares cada) e os e.n.p. são na maioria de pequeno calibre e apenas um exemplar de médio calibre. A superfície oscila entre alisada e polida (dois exemplares cada).

Quanto à dimensão destes fragmentos, estes exemplares têm um tamanho < de 4 cm. Foi registado um bojo rolado.

Camada 35

Foram individualizados 14 fragmentos datáveis da Idade do Ferro Recente e ainda três fragmentos de importação.

Idade do Ferro Recente

Foram registados 14 fragmentos enquadráveis nesta cronologia. Foram individualizados 13 bojos e um bordo.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria de forma manual e apenas seis exemplares foram produzidos à roda, a cozedura é na sua maioria oxidante e apenas seis fragmentos possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria média e apenas seis fragmentos são de textura fina. Os e.n.p. oscilam entre pequeno calibre (nove exemplares) e médio calibre (cinco exemplares). A superfície destes fragmentos apresenta-se na maioria polido (oito fragmentos) e o restante alisado (seis exemplares).

O bordo é aberto e corresponde a um exemplar da forma 3a (malga).

Quanto à dimensão destes fragmentos, 13 exemplares têm um tamanho < de 4 cm e um exemplar tem um tamanho entre 4 e 8 cm. Foram registados cinco fragmentos rolados e quatro com fuligem.

Materiais de importação

Foram registados três bojos de ânfora (de fabrico do vale do Guadalquivir).

Camada 36

Nesta camada foram registados apenas dois bojos (cronologicamente de dois períodos diferentes): entre o Bronze Final e da Idade do Ferro Antiga.

Idade do Bronze Final

Foi estudado um bojo decorado que tecnicamente podemos incluir nesta cronologia.

Estes materiais foram produzidos de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é arenosa. A textura é média e os e.n.p. são de pequeno calibre. A superfície destes fragmentos apresenta-se polido.

O bojo é decorado por incisão e brunido foram registadas duas linhas brunidas e dois sulcos incisos oblíquos.

Quanto à dimensão deste fragmento é de tamanho < de 4 cm. Este fragmento está rolado.

Idade do Ferro Antiga

Foi estudado apenas um bojo.

Este bojo foi produzido de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é micácea-arenosa. A textura é média e os e.n.p. são de pequeno calibre. Este bojo encontra-se polido. Quanto à dimensão deste fragmento tem um tamanho < de 4 cm. Este fragmento não está rolado.

Camada 37

Foi aqui registado um fragmento de sigillata (?) muito frágil e erodida.

Síntese Muro 9

Segundo Mendes (2008: 48) a camada 35 corresponderia a um nível circulação e tendo em conta os materiais aqui registados devemos propor uma cronologia de ocupação deste espaço do séc. I a.C. (do Ferro recente).

Camada 2

Nesta camada foram registados 18 fragmentos cerâmicos, a maior parte datável do Ferro recente e 7 fragmentos são de importação.

Idade do Ferro Recente

Foram registados nove bojos e um bordo enquadrável nesta cronologia. Estes materiais foram produzidos na sua maioria à roda e apenas cinco fragmentos foram produzidos de forma manual, a maioria possui cozedura oxidante, e apenas três fragmentos possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na sua maioria média e apenas dois exemplares possui textura fina, e os e.n.p. oscilam entre médio calibre (seis exemplares) e pequeno calibre (cinco exemplares). A superfície destes fragmentos são na maioria polidas e apenas um bojo encontra-se alisado.

O bordo registado é aberto, e corresponde a um exemplar da forma 4b (panela de asa interior) (Fig. 8.147).

Quanto à dimensão destes fragmentos, a maior parte tem um tamanho entre 4 e 8 cm (seis exemplares) e um tamanho < de 4 cm apenas se regista cinco exemplares. Foram registados três fragmentos rolados e dois com fuligem.



Fig. 8.147 Forma cerâmica da Idade do Ferro recente: forma 4b.

Cerâmica de importação

Foram registados sete bojos de ânfora (de fabrico cinco deles da área da Bética costeira e o restante do vale do Guadalquivir).

Síntese da camada 2

Esta camada parece ser apenas datável do Ferro Recente tendo em conta os materiais registados.

Camada 3

Nesta camada foi individualizado um bojo decorado datável do Ferro Recente.

Idade do Ferro Recente

Foi registado um bojo decorado. Este bojo foi produzido à roda, a cozedura é oxidante e a pasta é micácea. A textura deste fragmento é média e os e.n.p. são de médio calibre. A superfície deste fragmento é polida.

Este bojo encontra-se decorado por aplicação plástica, no qual encontra-se um cordão aplicado na horizontal na parte interior do bojo.

Esta decoração na zona interior do bojo parece indiciar que poderia tratar-se de uma forma 5 (talha).

Quanto à dimensão deste fragmento, este exemplar têm uma dimensão entre 4 e 8 cm. Não está rolado nem com fuligem.

Síntese da camada 3

Esta camada encontrava-se na zona entre o muro 2 e 3. Assim tendo em conta as características técnicas e decorativas podemos propor que esta zona teria uma cronologia entre o do Ferro Recente.

Camada 7, 10, 11, 11a

Estas camadas correspondem à preparação da camada 4 registada nesta sondagem e que corresponde a um piso. E dessa forma faz sentido aglutinar os dados reunidos nestas camadas.

Na camada 10 foram registados alguns materiais, mas pela sua diminuta dimensão (<3 cm) não foi possível estudá-los. Na camada 11a não surgiram materiais arqueológicos.

Ainda assim foram registados 17 fragmentos datáveis do Ferro Antigo, 60 fragmentos de cerâmica de produção indígena e 31 fragmentos de produção romana (local e importada).

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram estudados 17 fragmentos tecnicamente inseríveis neste período. Foram identificados 17 bojos.

Estes materiais foram produzidos de forma manual e a cozedura é maioritariamente redutora com a exceção de dois fragmentos com cozedura oxidante.

A pasta é maioritariamente micácea, e apenas oito exemplares possuem pasta micácea-arenosa. A textura destes fragmentos é média (oito exemplares), seguido de fina (oito exemplares) e grosseira (um exemplar). Os e.n.p. são de médio calibre na maioria (10 exemplares), seguido de pequeno calibre (seis exemplares) e de grande calibre (um exemplar).

A superfície destes fragmentos apresenta-se na sua maioria polida e o restante (sete exemplares) encontram-se alisados.

Quanto à dimensão destes fragmentos, 15 exemplares têm um tamanho < de 4 cm, um exemplar tem entre 4 e 8 cm e finalmente um exemplar possui um tamanho >8 cm. Foram registados quatro exemplares rolados e quatro fragmentos possuem fuligem.

Nível de romanização

Nestas camadas foram registados como se disse 60 fragmentos de cerâmica indígena e 31 fragmentos de cerâmica romana, o que corresponde a 66% e 34%, respetivamente.

Cerâmica indígena

Foram registados 60 fragmentos enquadráveis neste grupo. Foram individualizados sete bordos, um deles com arranque de asa, uma asa e 52 bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria de forma manual apenas 24 exemplares foram a torno, a cozedura é na sua maioria oxidante e 24 fragmentos possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria fina e 16 fragmentos são de textura fina. Os e.n.p. oscilam entre pequenos (37 casos) e de médio calibre (23 casos). A superfície dos fragmentos na sua maioria encontra-se polido (42 fragmentos) e o restante é alisado (18 fragmentos).

Em termos formais foram individualizados sete bordos (um aberto, quatro esvasados e um esvasado com arranque de asa de seção pentagonal) e ainda uma asa de seção pentagonal. Tendo em conta os bordos e asa foram identificadas seis formas: um exemplar da forma 1a (pote), dois exemplares da forma 2a (púcaro), um exemplar da forma 2b (potinho) (Fig. 8.148), um exemplar da forma 3a (malga) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 8.22).

Foram observados nove fragmentos com fuligem (dois deles pertencem à forma 2 e 6) o que mostra que seriam formas de uso sobre o lume. Em quatro casos a fuligem encontra-se também no cerne o que poderá denunciar que estes fragmentos estiveram partidos e em contacto direto com fogo.

Tabela 8.22 Formas de cerâmica indígena da camada 7 e 11, sondagem 2 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	16,7 %
Forma 2a (púcaro)	2	33 %
Forma 2b (potinho)	1	16,7 %
Forma 3a (malga)	1	16,7 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	16,7 %
Total	**6**	**100 %**

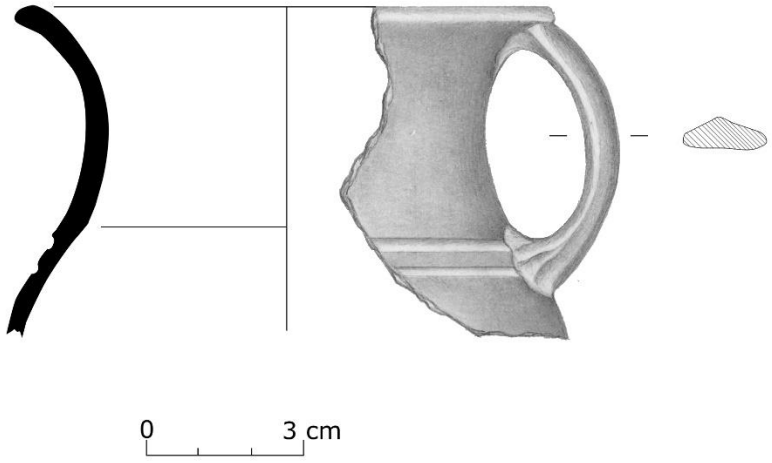


Fig. 8.148 Forma cerâmica: púcaro (forma 2a) decorado com dois sulcos incisos horizontais.

Foram ainda registados três fragmentos (bojos) todos eles decorados por incisão, com um ou dois sulcos incisos horizontais (Fig. 8.149). E um bordo com asa decorado por incisão com dois sulcos horizontais (Fig. 8.148).



Fig. 8.149 Fragmento decorado por incisão.

Quanto à dimensão destes fragmentos, 53 exemplares têm um tamanho < de 4 cm, seis exemplares têm entre 4 e 8 cm e apenas um exemplar possui um tamanho >8 cm. Foram registados 22 fragmentos rolados (37%). Apesar de poucos fragmentos estarem rolados, a maior parte destes encontra-se com uma tamanho inferior a 4 cm o que demonstra que estes materiais encontram-se muito fragmentados e mostra um elevado nível de fragmentação segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica de produção romana local e importada

Neste contexto foram estudados ainda 13 exemplares de cerâmica comum romana (entre eles cinco exemplares de textura fina, ou cerâmica fina). Foi registado ainda 16 fragmentos de ânfora. Destes 14 são bojos (oriundos de várias áreas de produção: nove da área do vale do Guadalquivir, três de Cádis e dois da área da Bética), dois fragmentos do mesmo fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis) e duas tampas ou opérculos (Fig. 8.150). Tendo em conta que apenas o fundo a cronologia teríamos de atribuir uma cronologia do Ferro recente, ou seja, do séc. II a I a.C., contudo a existência de materiais comuns romanos permite alargar a cronologia deste conjunto para uma época posterior.

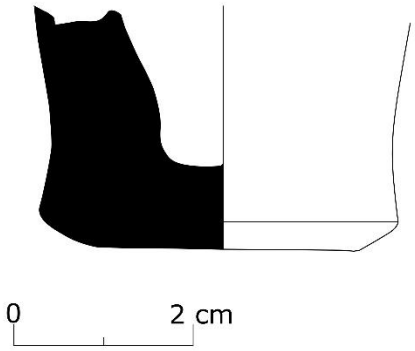


Fig. 8.150 Fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis).

Síntese das camadas 7 a 11

Apenas devemos referir que esta preparação do piso (camada 4) deverá datar pela diversidade cronológica de materiais deverá datar pelo menos do séc. I d.C.

Camadas 13, 14, 15, 16, 17 e 21, 22, 23 e 25

Estas camadas foram registadas nos quadrados E'53/54 e correspondem a sedimentos depositados intencionalmente para regularização do substrato natural dessa zona. E dessa forma faz sentido agrupar os dados registados nestas camadas. A camada 15 não forneceu material.

O material registado aqui é bastante homogéneo a nível cronológico. Foram identificados 21 fragmentos de cerâmica indígena (13% do total) e 144 fragmentos de cerâmica de produção romana (87% do total).

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foram registados 20 bojos e uma base (Fig. 8.151). Estes bojos foram na sua maioria produzidos à roda e apenas nove exemplares foram produzidos de forma manual. A cozedura é na sua maioria redutora e 10 exemplares possuem cozedura oxidante e a pasta é micácea.

A textura é média na sua maioria, oito exemplares possuem textura fina e um exemplar possui textura grosseira e os e.n.p. são de médio calibre na sua maioria, e apenas seis fragmentos registam e.n.p. de pequeno calibre. A base registada é de fundo plano simples. Quanto à dimensão destes fragmentos a maior parte possui um tamanho < de 4 cm (18 exemplares) e apenas três exemplares possuem um tamanho entre 4 e 8 cm. De referir que seis fragmentos encontram-se rolados e seis possuem fuligem.

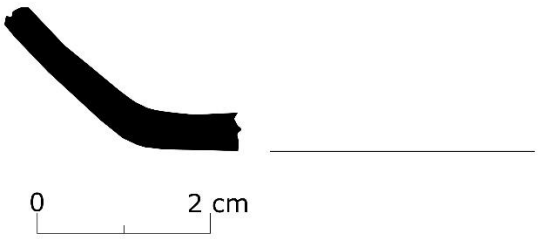


Fig. 8.151 Base de fundo plano simples.

Cerâmica romana (de produção local e importada)

Neste contexto foram registados um total de 144 fragmentos enquadráveis neste tipo de produção. Foram individualizados 66 fragmentos de cerâmica comum romana e 64 de cerâmica comum fina. Foram ainda estudados 13 fragmentos de ânfora (oriundos do vale do Guadalquivir) e ainda um fragmento de construção romana (um fragmento de tégula).

Síntese das camadas 13, 14, 15, 16, 17 e 21, 22, 23 e 25

O espólio associado a estas camadas que são um conjunto de sedimentos depositados intencionalmente para regularização do substrato que teria sido cortado para extração de saibro (Mendes, 2008: 47) será datável do séc. I /II d.C. e tendo em conta os materiais não podemos afinar melhor a cronologia. Mas podemos referir que a extração de saibro nesta área terá ocorrido provavelmente no séc. I d.C.

Camada 19

Foram registados um total de 160 fragmentos enquadráveis cronologicamente entre o Ferro Antigo e o Ferro Recente.

Foram estudados três fragmentos do Ferro Antigo, 140 fragmentos do Ferro Recente e ainda 17 fragmentos importados de produção romana.

Idade do Ferro Antiga

Foi estudado três bojos que podemos incluir nesta fase cronológica.

Estes bojos foram produzidos de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é micácea-arenosa. A textura é média e os e.n.p. oscilam entre médio calibre (dois exemplares) e de pequeno calibre (um exemplar). Um dos bojos encontra-se com a sua superfície externa polida e os outros

dois encontram-se alisados. Estes fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm. Dois destes fragmentos estão rolados.

Idade do Ferro Recente

Foram identificados nesta cronologia um total de 140 fragmentos. Deste universo foram estudados seis bordos, quatro bases, três asas e 127 bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria à roda e apenas 59 exemplares foram produzidos de forma manual, a cozedura é na sua maioria redutora e 61 fragmentos possuem cozedura oxidante. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria média, 40 fragmentos de textura fina e seis exemplares de textura grosseira. Os e.n.p. oscilam entre pequenos (68 exemplares), médio calibre (60 exemplares) e de grande calibre (12 exemplares). A superfície dos fragmentos na sua maioria encontra-se alisada (84 fragmentos) e o restante é polido (56 fragmentos).

Foram estudados seis bordos (três em aba soerguida, um esvasado e um aberto e um vertical) e as bases são as quatro de fundo plano alargado e as asas, duas são de secção em fita e uma é em orelha.

Tendo em conta os bordos e asas foi identificado: um exemplar da forma 2a (púcaro), dois exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 4 (panela de asa interior), um exemplar da forma 5 (talha) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 8.23; Fig. 8.152). Foi ainda registada uma tampa.

De fazer notar ainda que 43 fragmentos possuíam fuligem, e destes 6 possuem fuligem também no cerne o que indicia que estiveram expostos a um incêndio após a quebra. Os fragmentos de formas 6 possuíam fuligem o que indicia que seriam recipientes para colocar sobre o lume.

Tabela 8.23 Formas da Idade do Ferro recente na camada 19, sondagem 2 (setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 2a (púcaro)	1	14 %
Forma 2b (potinho	2	29 %
Forma 4 (panela de asa interior)	1	14 %
Forma 5 (talha)	1	14 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	2	29 %
Total	**7**	**100 %**

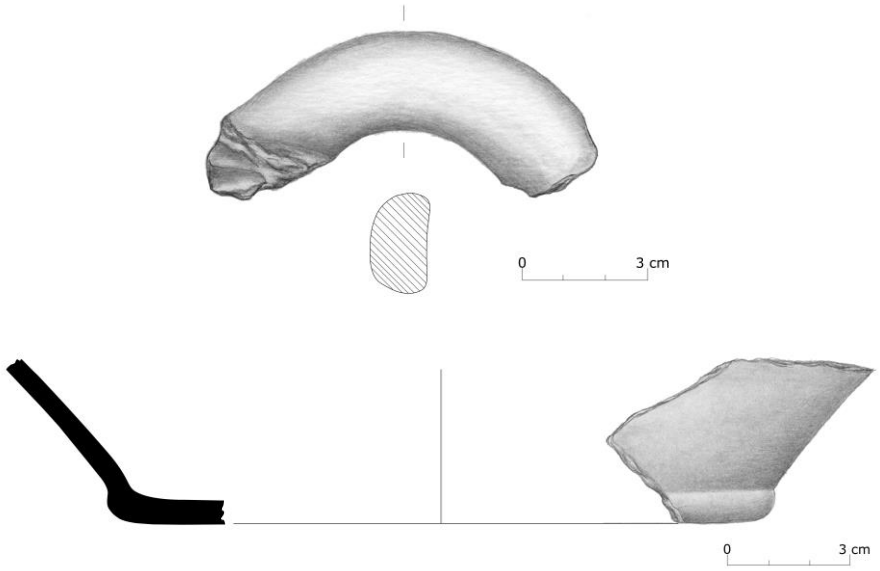


Fig. 8.152 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente: asa de forma 4 e base de fundo plano alargado.

Em termos decorativos foram registados dois bojos descaros por aplicação plástica, um deles possui m cordão no exterior do fragmento e outro no exterior, sendo desta forma considerado parte de uma forma 5 (talha).

Registamos ainda um bordo com um pequeno orifício de agrafo metálico (Fig. 8.153). De referir que três bojos possuíam ainda vestígios agregados de metalurgia. Num dos casos os vestígios agregados de escória são bem evidentes (Fig. 8.154).



Fig. 8.153 Agrafo metálico em ferro num bojo.



Fig. 8.154 Cadinho (?), com pingos de fundição.

Quanto à dimensão dos fragmentos, estes têm na sua maioria um tamanho < de 4 cm (99 exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (37 fragmentos) e um tamanho >8 cm (apenas quatro fragmentos). Deste universo de fragmentos, 45 fragmentos encontram-se rolados (32% do total). Apesar do fraco transporte dos materiais, nota-se que estes estiveram algum tempo sujeitos à erosão e aos fenómenos pósdeposicionais segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica importação romana

Foram neste contexto registados ainda 13 bojos ânfora (oito deles de produção da área de Cádis e o restante do vale do Guadalquivir). Foi estudado ainda um fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis) (Fig. 8.155).

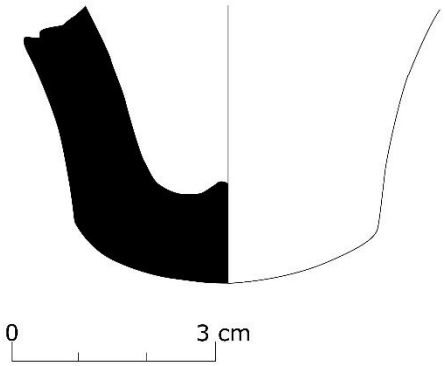


Fig. 8.155 Fundo de ânfora tipo Rámon Torres T-7.4.3.3 (da área de Cádis).

Síntese Camada 19

Pelos materiais identificados, inclusivamente os de importação colocam esta camada na Idade do Ferro Recente. Além disso, cabe-nos colocar a hipótese que nesta área terá existido, provavelmente datável já nos fins da Idade do Ferro uma oficina metalúrgica, a julgar pelo possível cadinho encontrado.

Estrutura 2 – Muro 1

Foi observado o material cerâmico das camadas de ocupação/derrube desta estrutura que colmatou e desativou a estrutura mais antiga aí existente (camadas 12, 12a, 20, 24, 26, 26a, 29 e 30). Estes níveis correspondem aos níveis de derrube do **muro 1**, e por isso foram agrupados dessa maneira. Ainda assim estudamos camada a camada. Foram observados um total de 404 fragmentos (3 fragmentos do Ferro Antigo – 0,7%; 150 fragmentos do Ferro Recente – 37,1%; quanto à cerâmica da fase da romanização foram observados 251 fragmentos – 62,2%).

A camada 30 não foi estudada uma vez que não tinha materiais.

Camada 12 e 12a

Nesta camada foram registados 50 fragmentos de cerâmica indígena e 165 fragmentos de produção romana (local e importada).

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Enquadrado neste tipo de produção foram identificados um total de 50 fragmentos. Deste universo foram estudados sete bordos, uma base, e 42 bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria à roda e apenas 24 exemplares foram produzidos de forma manual, a cozedura é oscila entre redutora e oxidante (25 fragmentos cada). A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria média, 10 fragmentos de textura fina e dois exemplares de textura grosseira. Os e.n.p. oscilam entre médio calibre (25 casos), pequeno calibre (20 casos) e de grande calibre (cinco casos). A superfície dos fragmentos na sua maioria encontra-se polido (26 fragmentos) e o restante é alisado (24 fragmentos).

Foram estudados sete bordos (quatro esvasados, um aberto, um aberto, um vertical e um adelgaçado convexo); a base é de fundo plano alargado.

Tendo em conta os bordos foi contabilizado um total de sete formas: três exemplares da forma 1a (pote), dois exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3c (malga) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 8.24; Fig. 8.156)).

De fazer notar ainda que seis fragmentos possuíam fuligem, e destes dois deles são da forma 1 e 6, o que indicia que estariam em contacto direto com fogo, para preparação de alimentos.

Foi ainda registado um possível cossoiro a partir de um bojo (Fig. 8.157).

Tabela 8.24 Formas indígenas na camada 12, sondagem 2 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	3	43 %
Forma 2b (potinho)	2	29 %
Forma 3c (malga)	1	14 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	14 %
Total	**7**	**100 %**

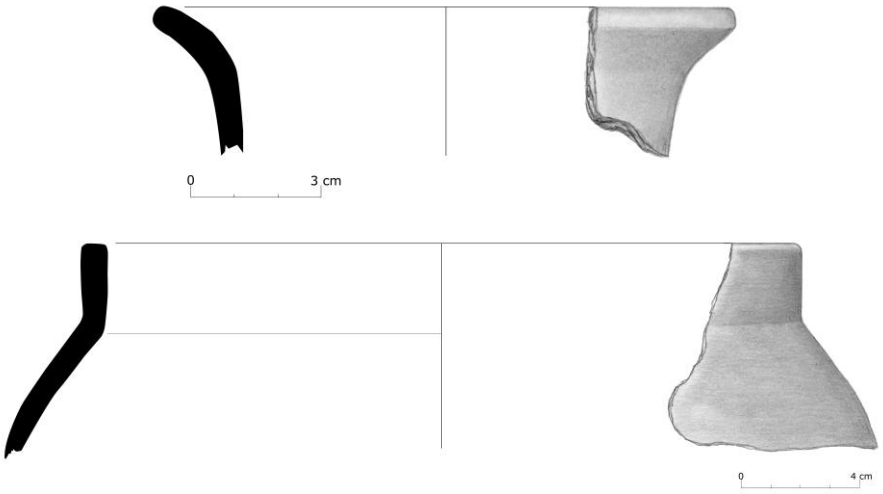




Fig. 8.156 Formas cerâmicas indígenas: forma 2b; forma 6 e forma 3c.

Quanto à dimensão dos fragmentos, estes têm na sua maioria um tamanho < de 4 cm (32 exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (13 fragmentos) e um tamanho >8 cm (apenas cinco fragmentos). Deste universo de fragmentos, 18 fragmentos encontram-se rolados (36% do total). Além do fraco transporte dos materiais, nota-se que estes estiveram pouco tempo sujeitos à erosão não se encontrando muito fragmentados, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

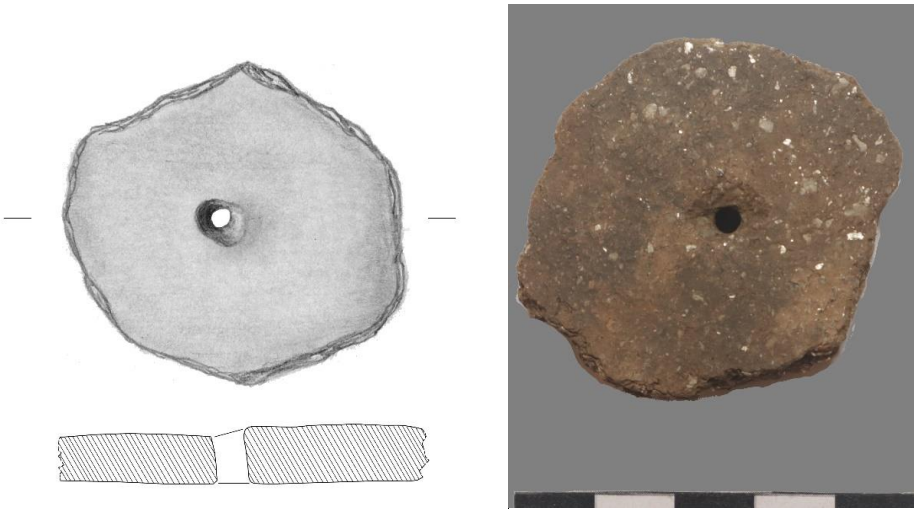


Fig. 8.157 Cossoiro /Disco perfurado a partir de um bojo.

Cerâmica romana (local e importada)

Foram ainda registados 165 fragmentos produzidos pelo mundo romano. Destes 48 fragmentos são de produção comum (29%), e foram ainda registados dois fragmentos de tégula (1%). Quanto ao material importado romano, foram registados 115 fragmentos de ânfora (70%). Destes 104 fragmentos de bojos (de várias produções, desde da Bética e vale do Guadalquivir, da Bética costeira e Cádis). Foi ainda registado três fragmentos de bordos de ânfora (um do tipo Haltern 70 (do vale do Guadalquivir), um exemplar de Ovóide 1 e um indeterminado (da área do Guadalquivir) (Fig. 8.158, a), c)). Foram registados ainda 4 fragmentos de fundo de ânfora (um deles da área da Bética do tipo Haltern 70, e um tipo Ovóide 1 da área de produção do vale do Guadalquivir, e o restante é indeterminado) e três exemplares de asa (um deles de tipo Haltern

70, da área do vale do Guadalquivir; um arranque de asa de forma indeterminada) (Fig. 8.158). Tendo em conta estes materiais registados podemos apenas sugerir uma cronologia do séc. I d.C.

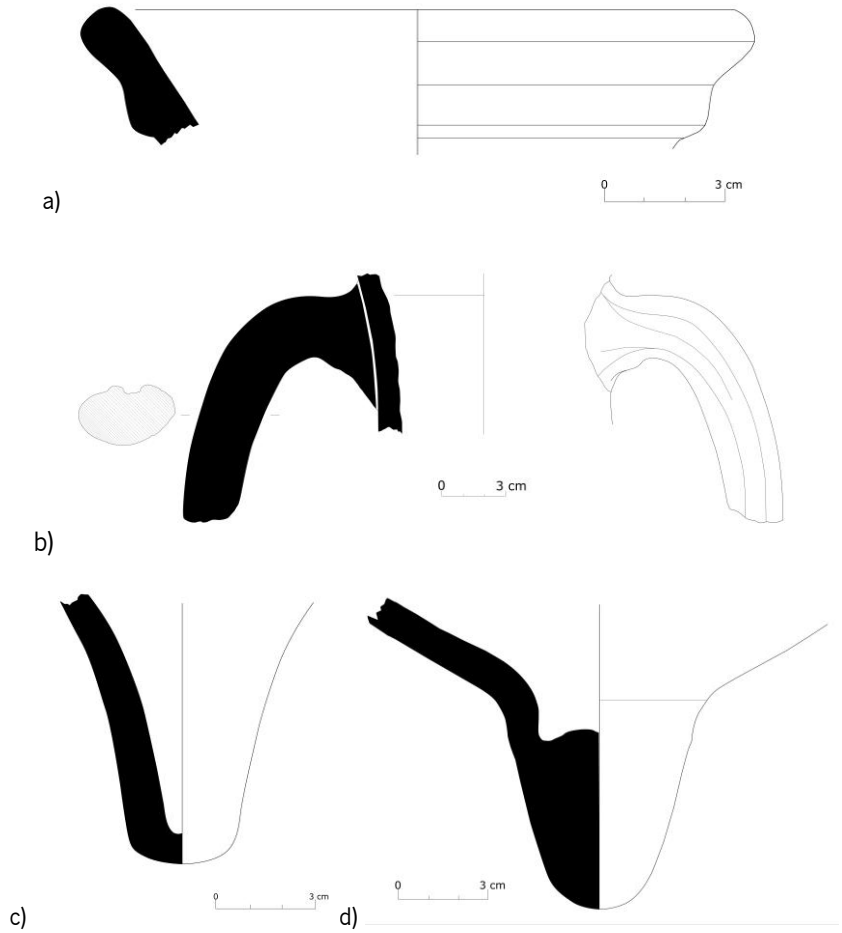


Fig. 8.158 Tipologias anfóricas: a) Ovóide 1 (área da Bética); b) fragmento de bojo e asa de ânfora tipo Haltern 70 (área da Bética).; e fundos de ânfora: c) de tipo Ovóide 1 (vale do Guadalquivir); d) de tipo Haltern 70 (área da Bética).

Camada 20

Foram registados três fragmentos de cerâmica indígena, e 4 fragmentos de cerâmica de produção romana.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foram registados três bojos. Estes bojos foram na sua maioria produzidos a torno e apenas um exemplar foi produzido de forma manual. A cozedura é na sua maioria oxidante e um exemplar possui cozedura redutora e a pasta é micácea.

A textura é na sua maioria fina e um exemplar possui textura grosseira e os e.n.p. são de pequeno calibre. Quanto à dimensão destes fragmentos a maior parte possui um tamanho < de 4

cm (dois exemplares) e apenas um exemplar possui um tamanho entre 4 e 8 cm. Não se encontram rolados nem com fuligem.

Cerâmica romana (local e importada)

Foram registados nesta camada 2 bojos de cerâmica comum romana e dois bojos de ânfora cuja proveniência de produção é do vale do Guadalquivir.

Camada 24

Cerâmica romana

Foi registado um bojo de cerâmica comum romana.

Síntese da camada 24

Apenas com um fragmento de cerâmica comum romana não torna possível uma datação mais concreta, talvez, do séc. I d.C., sendo que esta camada se apresenta como derrube do muro 1 e do muro 6 (Mendes, 2008: 47).

Camada 26 e 26a

Foram individualizados um total de seis fragmentos de cerâmica datável do Ferro recente além de três fragmentos de importação

Idade do Ferro Recente

Enquadráveis nesta cronologia foram registados um total de seis fragmentos. Deste universo foram estudados dois bordos e quatro bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria à roda e apenas dois exemplares foram produzidos de forma manual, a cozedura é na sua maioria oxidante e dois fragmentos possuem cozedura redutora. A pasta é micácea.

A textura destes fragmentos é na maioria média, um fragmento de textura fina e um exemplar de textura grosseira. Os e.n.p. oscilam entre pequenos (quatro exemplares) e médio calibre (dois exemplares). A superfície dos fragmentos na sua maioria encontra-se alisada (quatro fragmentos) e o restante é polido (dois fragmentos).

Foram estudados dois bordos: um vertical e um esvasado. Tendo em conta os bordos foram identificadas as seguintes formas: um exemplar da forma 1a (pote) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Fig. 8.159).



Fig. 8.159 Formas cerâmicas: forma 1a (pote) e forma 6 (panela de asa em orelha).

Quanto à dimensão dos fragmentos, estes têm na sua maioria um tamanho < de 4 cm (três exemplares) seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (dois fragmentos). Deste conjunto de fragmentos, um fragmento encontra-se rolado e um fragmento possui fuligem.

Cerâmica importação romana

Foram neste contexto registados 3 bojos ânfora (cujo fabrico é da área da Bética).

Síntese da camada 26

Estas camadas, como refere Mendes (2008: 47) foram encontradas nos quadrados C' e D'56 e D'57 e parecem corresponder a derrubes do muro 1, a poente. Tendo em conta os poucos materiais devemos referir que estes derrubes continuam em si materiais da Idade do Ferro Recente e de importação romana.

Camada 29

Foi recuperado um bojo de cerâmica indígena, quatro fragmentos de material de importação e um fragmento de tégula.

Cerâmica indígena

Foi registado um bojo deste tipo de cerâmica. Este fragmento foi produzido de forma manual, a cozedura é redutora. A pasta é micácea. A textura deste fragmento é grosseira e os

e.n.p. são de calibre grande. A superfície deste fragmento é alisada. Quanto à dimensão do fragmento, este tem um tamanho < de 4 cm. Encontra-se rolado.

Cerâmica de importação e produção romana

Foram registados quatro bojos de ânfora (oriundos do vale do Guadalquivir). E um fragmento de material de construção (tégula).

Síntese da camada 29

Foi registado no quadrado D'56 junto a pedras encostadas ao muro 1 e integra o conjunto de sedimentos decorrentes do derrube deste muro (Mendes, 2008: 48). Dos poucos materiais identificados a provável construção deste muro será datável já da romanização do povoado (de pelo menos dos meados do séc. I d.C.).

Camada 33

Foram registados quatro fragmentos de cerâmica datável do Ferro Recente, e 11 fragmentos de cerâmica de importação.

Idade do Ferro Recente

Foram registados quatro bojos. Estes bojos foram produzidos a torno e de forma manual (dois exemplares cada).

A cozedura oscila entre oxidante e redutora (dois exemplares cada) e a pasta é micácea.

A textura é na sua maioria média e um exemplar possui textura fina e os e.n.p. oscilam entre calibre pequeno e médio calibre (dois exemplares cada). Quanto à dimensão destes fragmentos todos têm um tamanho < de 4 cm. Foram registados dois fragmentos rolados e dois com fuligem.

Cerâmica importada

Foram registados nesta camada 11 bojos de ânfora (com duas proveniências de produção: o vale do Guadalquivir (sete exemplares) e da Bética (quatro exemplares).

Síntese da Estrutura 1

Apesar de se registar alguns materiais mais antigos, nota-se pelo material que esta área e sobretudo esta estrutura seria um espaço datável do séc. I a.C., com um grande número de

material da romanização ou mesmo romano a maior parte datável dos finais do séc. I a.C., e sobretudo a partir do séc. I d.C.

Camada 30

Foi recuperado um bojo de cerâmica indígena, oito fragmentos de material de importação.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foi registado um bojo deste tipo de cerâmica. Este fragmento foi produzido de forma manual, a cozedura é redutora. A pasta é micácea. A textura deste fragmento é media e os e.n.p. são de calibre pequeno. A superfície deste fragmento é polida. Quanto à dimensão do fragmento, este tem um tamanho < de 4 cm. Encontra-se rolado.

Cerâmica de importação

Foram registados sete bojos de ânfora de várias proveniências/ produções (dois da área da Bética, quatro do vale do Guadalquivir, dois da Cádis). E ainda foi estudado um fundo de uma ânfora tipo Haltern 70 (com pasta do vale do Guadalquivir) com grafito (Fig. 8.160).

Foi ainda individualizado um fundo de cerâmica fina, neste caso sigillata itálica, de fundo tipo B4.13 (Ettlinger *et al.*, 1990). Esta peça encontra-se ainda a marca de oficina, no seu interior. Neste caso trata-se de E R O S - E N N I. A cronologia de produção datará da primeira metade do séc. I d.C. (Fig. 8.161).

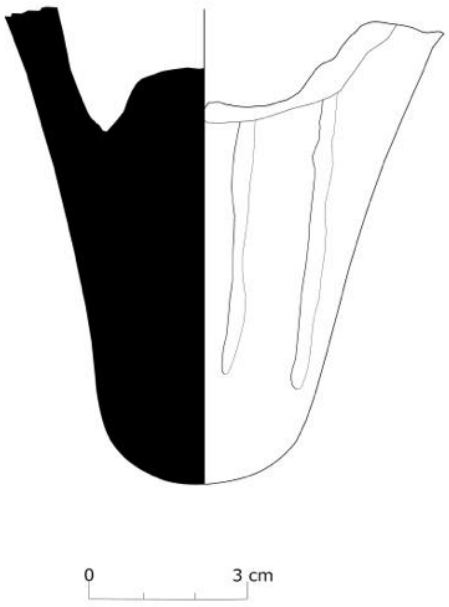


Fig. 8.160 Fundo de ânfora: fundo de ânfora Haltern 70, com grafito.

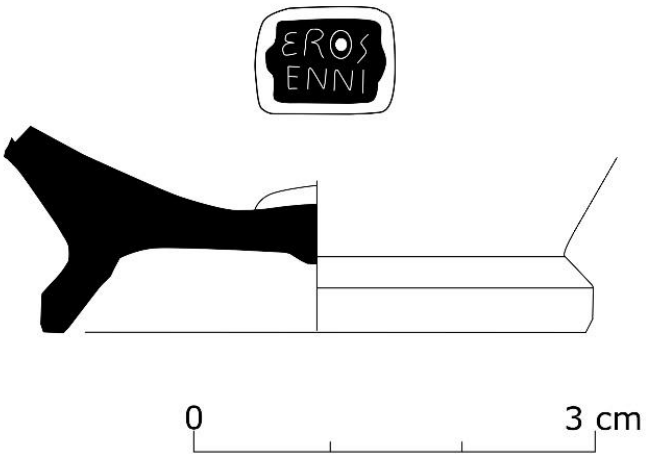


Fig. 8.161 Sigillata itálica, base de tipo B4.13, com marca de oleiro.

Síntese da camada 30

Esta camada corresponde à preparação do piso de terra batida (camadas 27 e 31) e (Mendes, 2008: 48) datará pelo menos de meados do séc. I d.C. uma vez que a cerâmica fina de importação, pela sua proveniência e tipologia possui essa cronologia de produção. Desta forma o piso acima data do mesmo período.

Estrutura 1 – Cabana retangular

Como referido anteriormente foi observado o material cerâmico das camadas de ocupação/derrube da estrutura 2 (cabana retangular) (**38, 40 e 42**) talvez a mais antiga nesta zona do povoado. Foram observados os materiais camada a camada.

Camada 38

Nesta camada foram considerados 18 fragmentos do Ferro Antigo, 34 fragmentos de cerâmica indígena e 19 de produção romana.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram estudados 18 fragmentos tecnicamente inseríveis neste período. Foram individualizar 17 bojos e uma base.

Estes materiais foram produzidos de forma manual e a cozedura é redutora. A pasta é maioritariamente micácea, e apenas sete exemplares possuem pasta micácea-arenosa. A textura destes fragmentos é na maioria média (10 exemplares), seguido de fina (seis exemplares) e

grosseira (dois exemplares). Os e.n.p. são de médio calibre na maioria (12 casos), seguido de pequeno calibre (quatro casos) e de grande calibre (dois casos).

A superfície destes fragmentos apresenta-se na sua maioria polida e o restante (seis fragmentos) encontram-se alisado.

A base registada de fundo plano simples.

Quanto à dimensão destes fragmentos, oito exemplares têm um tamanho < de 4 cm, 10 exemplares têm entre 4 e 8 cm. Foram registados dois exemplares rolados e dois bojos têm fuligem.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Foram registados 34 fragmentos enquadráveis neste grupo. Foram registados dois bordos, uma base, uma asa e 30 bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria a torno e apenas 16 exemplares foram produzidos de forma manual, a cozedura é na sua maioria oxidante e 22 fragmentos possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria média, 12 fragmentos de textura fina e dois exemplares de textura grosseira. Os e.n.p. oscilam entre pequenos (16 fragmentos), médio calibre (14 fragmentos) e de grande calibre (quatro fragmentos). A superfície dos fragmentos na sua maioria encontra-se polido (24 casos) e o restante é alisado (10 casos).

Foram estudados dois bordos (um esvasado e um aberto), uma base de fundo plano simples e uma asa de seção em fita. Tendo em conta os bordos e asa foram identificados: um exemplar da forma 1a (pote), um exemplar da forma 2a (púcaro) e um exemplar da forma 3b (tigela) (Tab. 8.25). Foram observados seis fragmentos com fuligem (dois deles pertencem a formas 1 e 2).

Tabela 8.25 Formas de cerâmica indígena para a camada 38, sondagem 2 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	33,3 %
Forma 2a (púcaro)	1	33,3 %
Forma 3b (tigela)	1	33,3 %
Total	**3**	**100 %**

Quanto à dimensão destes fragmentos, 26 exemplares têm um tamanho < de 4 cm e oito exemplares têm entre 4 e 8 cm. Foram registados 18 fragmentos rolados (53%). Tendo em conta quantidade de materiais rolados e o diminuto tamanho dos fragmentos trata-se de um nível cujos materiais estiveram sujeitos aos efeitos da erosão, tendo em conta os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica de produção romana local e importação

Foram ainda registados, neste grupo de materiais, 19 fragmentos.

Deste grupo, cinco exemplares são de cerâmica comum romana (26% do total considerado). Quanto ao material de importação foi registado 14 fragmentos (que representa 74% neste grupo de materiais), foram registados 13 bojos de ânfora (de produção da Bética) e um bordo e arranque de asa de uma ânfora tipo Haltern 70 (da área da Bética).

Camada 39

Nesta camada foram registados seis exemplares de cerâmica indígena e 18 exemplares de cerâmica romana de produção local e de importação.

Cerâmica indígena

Foram registados seis fragmentos enquadráveis neste grupo. Foram registados seis bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria a torno e apenas dois exemplares foram produzidos de forma manual, a cozedura é na sua maioria redutora e apenas dois fragmentos possuem cozedura oxidante. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria média e apenas dois fragmentos são de textura fina. Os e.n.p. oscilam entre médio calibre (dois exemplares) e pequeno calibre (quatro exemplares). A superfície destes fragmentos apresenta-se entre alisado e polido (três exemplares cada). Quanto à dimensão destes fragmentos, três exemplares têm um tamanho < de 4 cm e três exemplares têm entre 4 e 8 cm. Foram registados dois fragmentos rolados.

Cerâmica de produção romana local e importação

Foram ainda registados, neste grupo de materiais, 18 fragmentos. Deste grupo, três exemplares de cerâmica comum romana exemplares (18% do total considerado) e um fragmento de tégula. Quanto ao material de importação foi registado 14 fragmentos (que representa 82%

neste grupo de materiais), sendo identificados 13 bojos de ânfora (de produção do vale do Guadalquivir) e um arranque de asa de tipologia indeterminada.

Camada 40

Nesta camada foram registados nove exemplares de cerâmica indígena e 79 exemplares de cerâmica romana.

Cerâmica indígena

Foram registados nove fragmentos enquadráveis neste grupo. Foram registados quatro bordos, dois exemplares de bases e três bojos.

Estes materiais foram produzidos na sua maioria de forma manual, e quatro exemplares foram produzidos a torno (quatro exemplares), a cozedura é na sua maioria redutora e apenas quatro fragmentos possuem cozedura oxidante. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria média e apenas um fragmento é de textura grosseira. Os e.n.p. oscilam entre médio calibre (cinco exemplares) e pequeno calibre (quatro exemplares). A superfície destes fragmentos apresenta-se na sua maioria polido e o restante (quatro exemplares) encontra-se alisado.

Foram individualizados três bordos esvasados e um indeterminado, e as duas bases são indeterminadas. Tendo por base os bordos registados foram contabilizados dois exemplares da forma 1a (pote). Um dos bordos, pelo seu tamanho diminuto não foi possível verificar qual a sua forma.

Um dos bordos registados possui aguada negra na superfície exterior (Fig. 8.162).

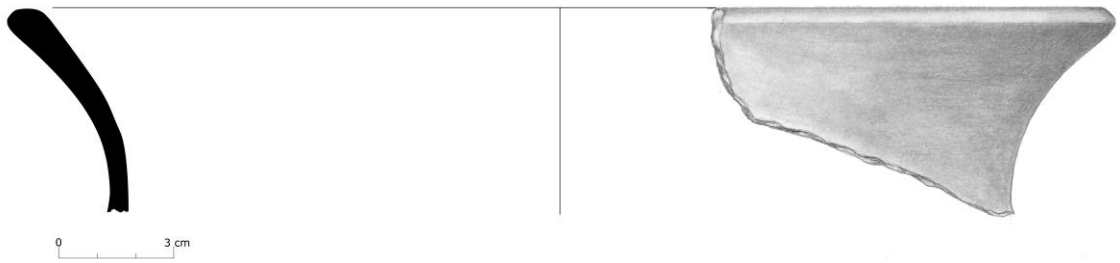


Fig. 8.162 Forma de cerâmica indígena: forma 1a.

Os dois bojos são decorados por incisão com um ou dois sulcos incisos horizontais

Quanto à dimensão destes fragmentos, quatro exemplares têm um tamanho < de 4 cm e cinco exemplares têm entre 4 e 8 cm. Foram registados três fragmentos rolados.

Cerâmica de produção romana local e importação

Foram ainda registados, neste grupo de materiais, 80 fragmentos. Deste grupo, 28 exemplares são de cerâmica comum romana, e dois exemplares de cerâmica comum fina (38%).

Quanto ao material de importação (que representa 62% neste grupo de materiais), foram registados 49 bojos de ânfora e deles seis são da área de Cádis e o restante da área de produção da Bética e um bordo Haltern 70 (Fig. 8.163). A partir do estudo efetuado apresentamos uma baliza cronológica algo lata entre meados do séc. I a.C. e o séc. I d.C.

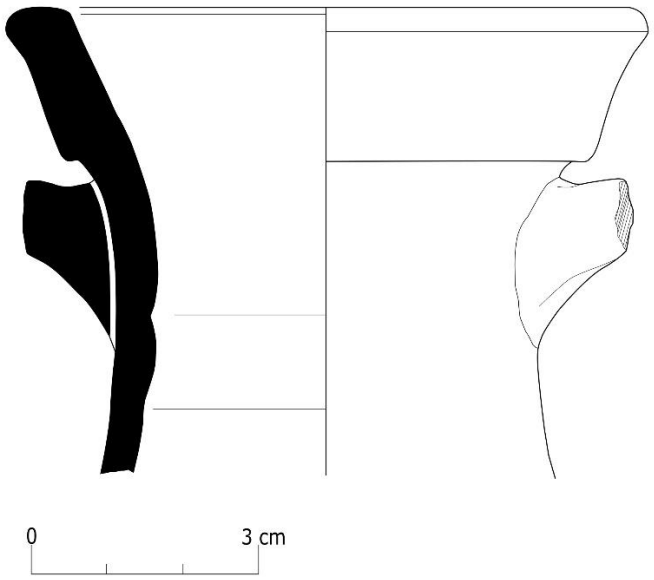


Fig. 8.163 Bordo e arranque de asa de ânfora tipo Haltern 70 (produção do Vale do Guadalquivir).

Camada 42

Nesta camada foram individualizados quatro fragmentos do Bronze Final, 54 fragmentos do Ferro Antigo, sete fragmentos do Ferro recente e 63 fragmentos de importação.

Idade do Bronze Final

Como foi referido foram registados apenas quatro bojos (decorados). Estes materiais foram produzidos de forma manual, a cozedura é redutora e a pasta é arenosa. A textura é média e os e.n.p. oscilam entre médio (três fragmentos) e pequeno calibre (um fragmento). A superfície destes fragmentos apresenta-se alisada.

A decoração nestes exemplares é brunida. Na superfície exterior dos fragmentos encontra-se várias linhas verticais brunidas (Fig. 8.164).



Fig. 8.164 Fragmentos datáveis da Idade do Bronze Final decoradas por brunido.

Quanto à dimensão destes fragmentos, dois exemplares têm um tamanho < de 4 cm, um exemplar tem entre 4 e 8 cm e um exemplar tem um tamanho >8 cm. Estes materiais não estão rolados nem possuem fuligem.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram estudados 54 fragmentos tecnicamente inseríveis neste período. Foram identificados um bordo, duas bases e 51 bojos (quatro deles decorados).

Estes materiais foram produzidos de forma manual, a cozedura é na sua maioria redutora e apenas nove fragmentos possuem uma cozedura oxidante. A pasta é maioritariamente micácea, e apenas sete exemplares possuem pasta micácea-arenosa. A textura destes fragmentos é na maioria média, seguido de fina e grosseira (cinco exemplares cada). Os e.n.p. são de médio calibre na maioria (29 fragmentos), seguido de pequeno calibre (18 fragmentos) e de grande calibre (oito fragmentos). A superfície destes fragmentos apresenta-se na sua maioria alisada e o restante (27 exemplares) encontram-se polidos.

O bordo é aberto e as bases pela sua diminuta dimensão são de tipo indeterminado. O bordo corresponde a um exemplar da forma 3a (malga) (Fig. 8.165).

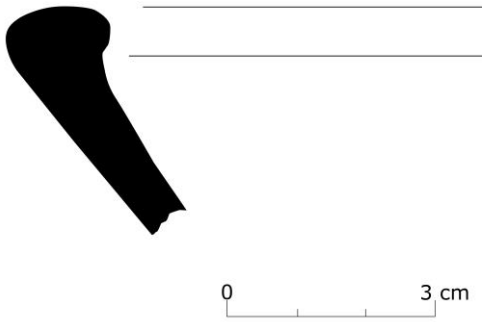


Fig. 8.165 Forma cerâmica da Idade do Ferro Antiga: forma 3a (malga).

Quanto à decoração, foram encontrados quatro exemplares. Foram registados: um exemplar por espatulado, um exemplar por brunido, um por incisão e impressão e ainda um exemplar por espatulado e incisão.

A decoração por espatulado são várias linhas na vertical paralelas. A decoração por brunido regista-se por uma linha horizontal brunida.

A decoração por brunido e incisão possui como motivo: duas linhas brunidas e pequenos sulcos incisos oblíquos. A decoração por incisão e impressão possui: dois sulcos incisos e na oblíqua entre estes sulcos encontram-se várias impressões com o mesmo estilete, em formato de gota.

Quanto à dimensão destes fragmentos, 32 exemplares têm um tamanho < de 4 cm, 19 exemplares têm entre 4 e 8 cm e quatro exemplares têm >8 cm. Foram registados 19 exemplares rolados e 24 fragmentos possuem fuligem.

Tendo em conta estas características pós deposicionais e segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) devemos referir que os materiais nesta camada sofreram algum transporte, apesar de tudo não muito significativo tendo em conta outras áreas (35% dos fragmentos encontra-se rolado) o que revela fraco transporte dos materiais. Além disso é de notar que 42% dos fragmentos possuem um tamanho entre 4 cm e mais de 8 cm o que parece mais uma vez reforçar o fraco transporte destes materiais e fraca ação dos agentes erosivos.

Idade do Ferro Recente

Foram registados oito fragmentos enquadráveis nesta cronologia: três bordos, uma base, dois bojos decorados, um possível disco ou peça de jogo e ainda um possível cossoiro datável desta cronologia (Fig. 8.168).

Estes materiais foram produzidos maioritariamente à roda e o restante de forma manual (dois exemplares), a cozedura é na sua maioria redutora e apenas dois fragmentos possuem uma cozedura oxidante. A pasta é micácea. A textura destes fragmentos é na maioria média e apenas um fragmento é de textura fina. Os e.n.p. oscilam entre pequeno calibre (três exemplares) e médio calibre (cinco exemplares). A superfície destes fragmentos apresenta-se na sua maioria polido e o restante (um exemplar) encontra-se alisado.

Foram identificados dois bordos esvasados, um aberto e a base é de fundo plano alargado. Tendo por base os bordos foram contabilizados: dois exemplares da forma 2b (potinho) e um exemplar da forma 4b (panela de asa interior) (Tab. 8.26; Fig. 8.166).

Tabela 8.26 Formas de cerâmica da Idade do Ferro Recente para a camada 42, sondagem 2 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 2b (potinho)	2	67 %
Forma 4b (panela de asa interior)	1	32 %
Total	**3**	**100 %**

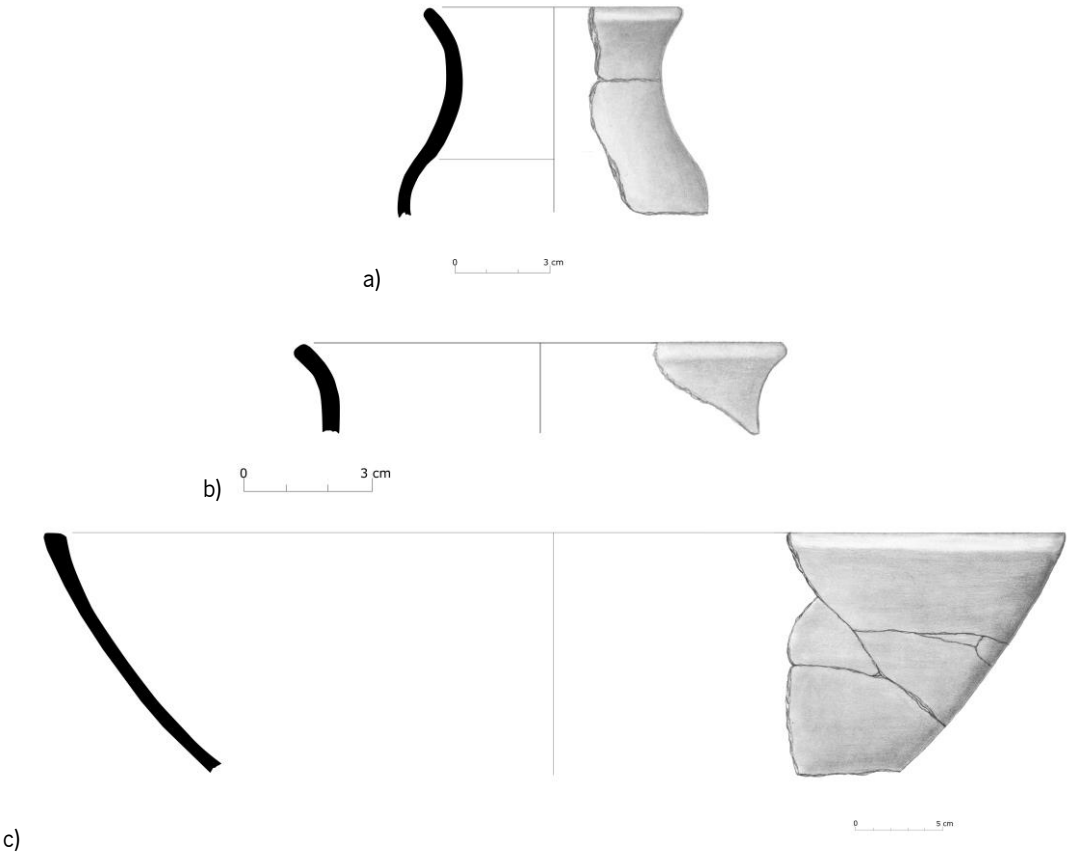


Fig. 8.166 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente: a) e b) forma 2b; c) forma 4b.

Os dois bojos registados possuem decoração. Um deles por aplicação plástica através de dois cordões aplicados na horizontal. E o outro por incisão e impressão surge no exterior de um fragmento da seguinte forma: dois sulcos incisos e na oblíqua entre elas estão várias impressões com o mesmo estilete, e por baixo uma série de impressões em formato de gota (Fig. 8.167).



Fig. 8.167 Fragmento decorado por incisão e impressão.

Quanto à dimensão destes fragmentos, quatro exemplares têm um tamanho < de 4 cm, dois exemplares têm entre 4 e 8 cm e dois exemplares têm um tamanho >8 cm. Não foram registados fragmentos rolados ou com fuligem. Tendo em conta estas características pós deposicionais e segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) devemos referir que que os materiais nesta camada se mantiveram algo inalterados no tempo visto que se encontram pouco fraturados, não rolados e que permitem colagem entre fragmentos.

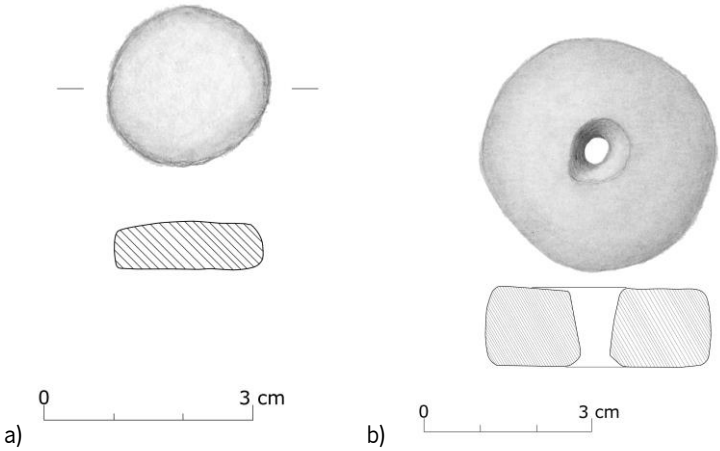


Fig. 8.168 Cerâmica: a) Possível disco; b) cossoiro de tipo cónico.

Cerâmica de importação

Quanto ao material de importação foram registados 43 bojos de ânfora (19 da área da Bética, 7 da área da Bética costeira, e o restante da área do vale do Guadalquivir), um bordo e arranque de asa (do tipo Haltern 70 da área do vale do Guadalquivir), três bordos da mesma tipologia e área de produção e ainda um fundo de tipo Rámon T-7.4.3.3 (produzido na área da baía de Cádis) (Fig. 8.169; Fig. 8.170). Tendo em conta os materiais aqui registados, devemos incluir entre os meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C.

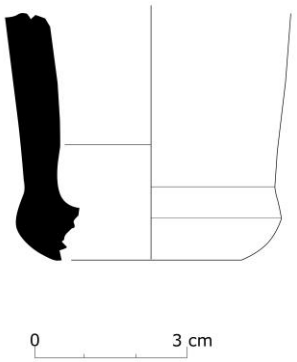
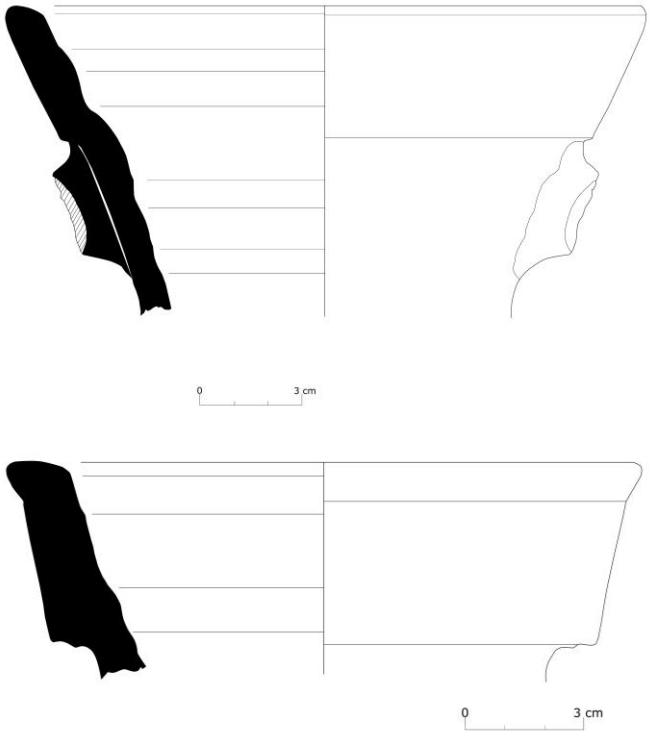


Fig. 8.169 Fundo de ânfora do tipo Rámon T-7.4.3.3 (produzido na área da baía de Cádis).



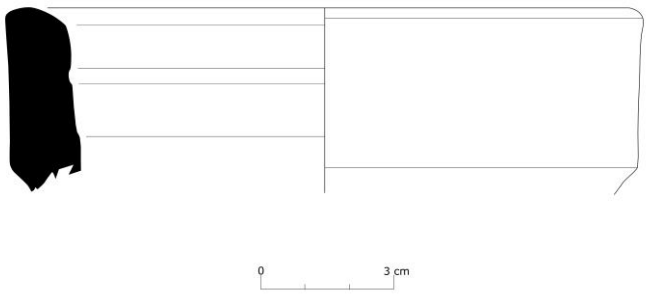


Fig. 8.170 Tipos anfóricos: bordos de tipo Haltern 70, um deles com arranque de asa.

Síntese camada 42

Tendo em conta os materiais observados nesta camada, atesta a hipótese levantada por Mendes (2008: 49) de que esta camada se trataria, efetivamente, de uma camada relacionada com a ocupação desta estrutura 2. Assim, e a partir da análise dos materiais indígenas e importados teremos de propor uma cronologia para esta estrutura como sendo do Ferro recente, provavelmente com uma cronologia entre o séc. I a.C. e I d.C.

c. Materiais metálicos

Em termos genéricos neste setor foram encontrados um maior número de materiais metálicos. Destacamos, desde logo, a presença em contextos revolvidos (sondagem 2 quadrado D'34, camada 0), de um cone de fundição de um machado de talão datável da Idade do Bronze Final. Tem 3,7 Cm de largura por 2,3 cm de altura e pesa 107,1 gr[255]. Apresenta, ainda, as rebarbas de fundição (Fig. 8.171).

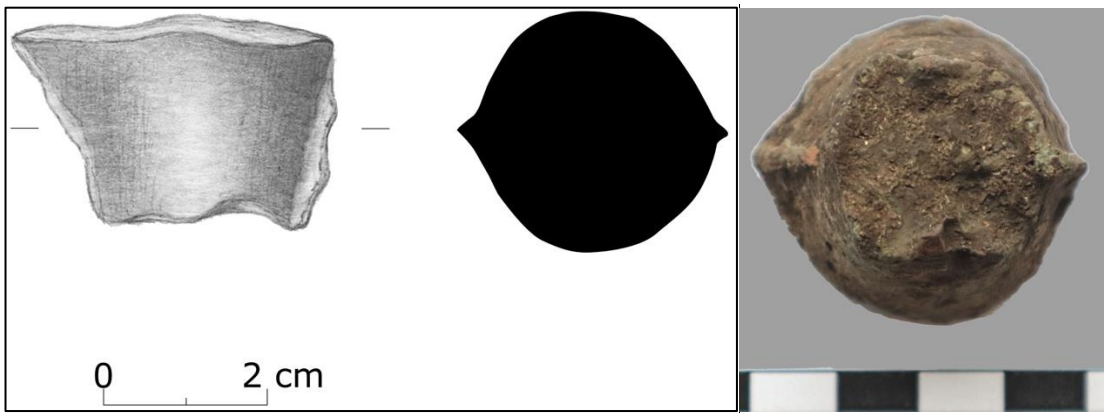


Fig. 8.171 Cone de fundição de machado de talão, em liga de bronze.

[255] Número de inventário do MDDS: 2021.5027.

Na camada 0 além do cone de fundição, foi encontrado quatro artefactos em metal. Foi estudado um artefacto em ferro indeterminado[256] (quadrado D'53), com 17,5 cm de comprimento, 1,2 cm de largura e 1 cm de espessura e 44,7 gr. Registamos também um artefacto em ferro indeterminado[257] (quadrado D'53), com 14,5 cm de comprimento, 0,6 cm de largura e 0,7 cm de espessura e 18,8 gr. Registamos ainda a presença de um prego em ferro[258] (quadrado E'53), com 2,6 cm de altura, 0,6 cm de largura e 1 cm de espessura e 2 gr. Na camada 7 foi registado dois artefactos em ferro e um elemento de escória em ferro[259]. Um dos artefactos[260] trata-se de uma cabeça de prego em ferro (registado no quadrado D'53), com 1,3 cm de comprimento, 0,8 cm de largura e 0,7 cm de espessura, possui um peso de 1,1 gr.

O outro exemplar trata-se de um prego em ferro[261] (registado no quadrado E'53) com 2,5 cm de comprimento, 1,1 cm de largura e 0,9 cm de espessura, possui um peso de 2,7 gr.

Na camada 12 (quadrado C'56) foi registado um elemento de escória em ferro[262] (Fig. 8.172).



Fig. 8.172 Nódulo de metal fundido (escória).

Na camada 19 (quadrado E'53) foi registado talvez uma ponta de projétil[263] em ferro, sem alvado, com 7 cm de comprimento, 2,6 cm de largura e 1,8 cm de espessura, possui um peso de 27,7 gr. (Fig. 8.173)

[256] Número de inventário do MDDS: 2021.5065.
[257] Número de inventário do MDDS: 2021.5066.
[258] Número de inventário do MDDS: 2021.5062.
[259] Número de inventário do MDDS: 2021.5043.
[260] Número de inventário do MDDS: 2021.5048.
[261] Número de inventário do MDDS: 2021.5046.
[262] Número de inventário do MDDS: 2021.5042.
[263] Número de inventário do MDDS: 2021.5041.



Fig. 8.173 Ponta de projétil (?).

Na camada 32 (quadrado E'58) foi registada uma pequena argola em ferro[264] possui 3,2 cm de comprimento, 1 cm de largura e 1,4 cm de espessura, possui um peso de 4,4 gr (Fig. 8.174).

Na camada 40 (quadrado E'58) foi registado um objeto em ferro indeterminado[265] possui 4 cm de comprimento, 1,2 cm de largura e 1,1 cm de espessura, possui um peso de 3,6 gr.

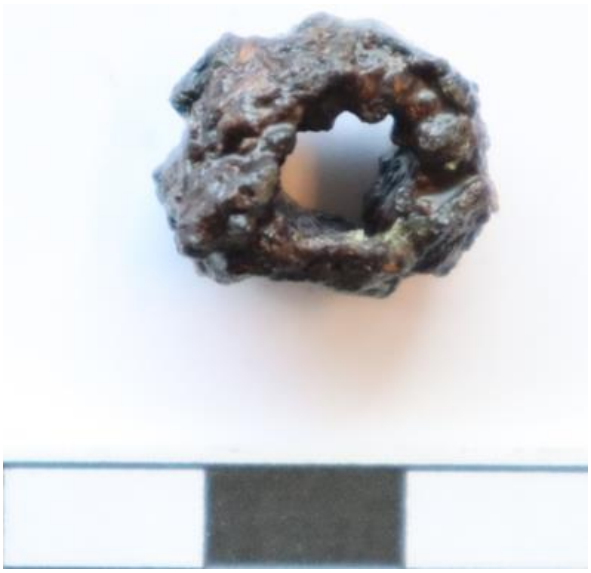


Fig. 8.174 Aro em ferro muito alterado e aro partido.

d. Síntese da Sondagem 2

Tendo em consideração os materiais encontrados nesta área as várias estruturas serão, genericamente, da mesma época, ou seja, provavelmente da Idade do Ferro Recente. Defendemos

[264] Número de inventário do MDDS: 2021.5058.
[265] Número de inventário do MDDS: 2021.5063.

esta interpretação porque os materiais encontrados nas camadas 38, 40 e 42, de derrube e ocupação da estrutura 1 (cabana retangular) (a mais antiga registada nesta sondagem) possuem as mesmas características técnico-morfológicas do que os das camadas de ocupação e derrube da estrutura 2, construída por cima da estrutura mais antiga. Colocamos a hipótese de que a construção da estrutura 2 se deve, provavelmente, a uma reestruturação da estrutura existente, destruída, provavelmente, devido a um incêndio que se terá verificado nesta área.

Tendo em consideração que, na camada 12, foram registados nódulos de metal fundido (escórias) e restos de cadinhos com aderências metálicas é possível considerar que, junto do muro 1, se tenha desenvolvido uma área relacionada com a produção metalúrgica.

Além disso, é necessário referir que boa parte do material das estruturas 1 (cabana retangular) e 2 (muro 1) colava entre si, nas diversas camadas de derrube de cada estrutura. São materiais que em termos cronológicos enquadram-se entre os meados do séc. II a.C. e, pelo menos, até aos finais do séc. I d.C. embora com intrusões de poucos fragmentos do Bronze Final e da Idade Ferro Antigo, indiciadores de que nesta área terão existido ocupações, deste período, ainda não individualizadas.

Quanto ao tamanho e índice de erosão dos fragmentos analisados devemos referir que nesta sondagem, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) não se regista um grande transporte de materiais, isto porque apenas 55% dos materiais têm um tamanho inferior a 4 cm, e 56% dos materiais estavam rolados o que mostra algum índice de erosão dos materiais, mas não transporte e atividade pós-quebra. Dessa forma naquilo que às camadas de derrube e ocupação diz respeito parece que os vários momentos de construção e reconstrução das estruturas existentes foram algo contínuos no tempo, não havendo entre eles um hiato de ocupação.

Sondagem 3

a. Estruturas e estratigrafia

Esta sondagem contemplou os quadrados I´65 e I'66, J'65 e J'66 e H'65 (Mendes, 2008: 49) e revelou uma sequência estratigráfica simples. Aí foi possível verificar as camadas existentes entre o muro 29 até à rocha de base, sendo percetíveis várias camadas anteriores à sua construção, como as 03 e 05. O muro aí registado (muro 29) poderá corresponder a uma estrutura de sustentação da plataforma onde assentam os núcleos X e XI. Este muro possui 1,40 m de altura e a face visível possui um aparelho irregular com blocos de vários tamanhos, inclusivamente

de grandes dimensões. Esta estrutura parece tratar-se de um muro de sustentação da plataforma onde se localizam os núcleos familiares X e XI. Segundo Mendes (2008: 49) a camada 03 corresponde ao antigo vegetal (Fig. 8.176).



Fig. 8.175 Setor IV, sondagem 3 – planta das camadas 3 e 4 (Mendes, 2008, Est. CXLV, adaptado).

O acesso à zona sul deste povoado faz-se sobre este muro, e entre ele e o muro de visão do núcleo X, correspondendo ao prolongamento do arruamento principal. Esta estrutura tem a cerca de 1,40 m de altura e a face visível tem um aparelho irregular constituído por calhaus e blocos de vários tamanhos (Mendes, 2008: 50).

Em termos estratigráficos esta sondagem apresenta a seguinte sequência (Fig. 8.177; Fig. 8.178):

00 – camada vegetal;

01 – sedimentos de cor castanha, humosas, soltas granulosas e com raízes;

02 – sedimentos de cor castanho-escura, de textura argilosa, pouco compactas e com raízes;

03 – sedimentos de cor castanho-escura e manchas avermelhadas, de textura granulosa pouco compactas e com muitas raízes. Integra um nível de pequenos fragmentos de granito em decomposição;

04 – sedimentos de cor castanho-escura, de textura argilosa, compactas e com pedras muito pequenas;

05 – sedimentos de cor castanha-amarelada, muito saibrosas, pouco compactas e com pequenos nódulos de saibro. Integra pedras muito pequenas;

Substrato natural: saibro e afloramento.

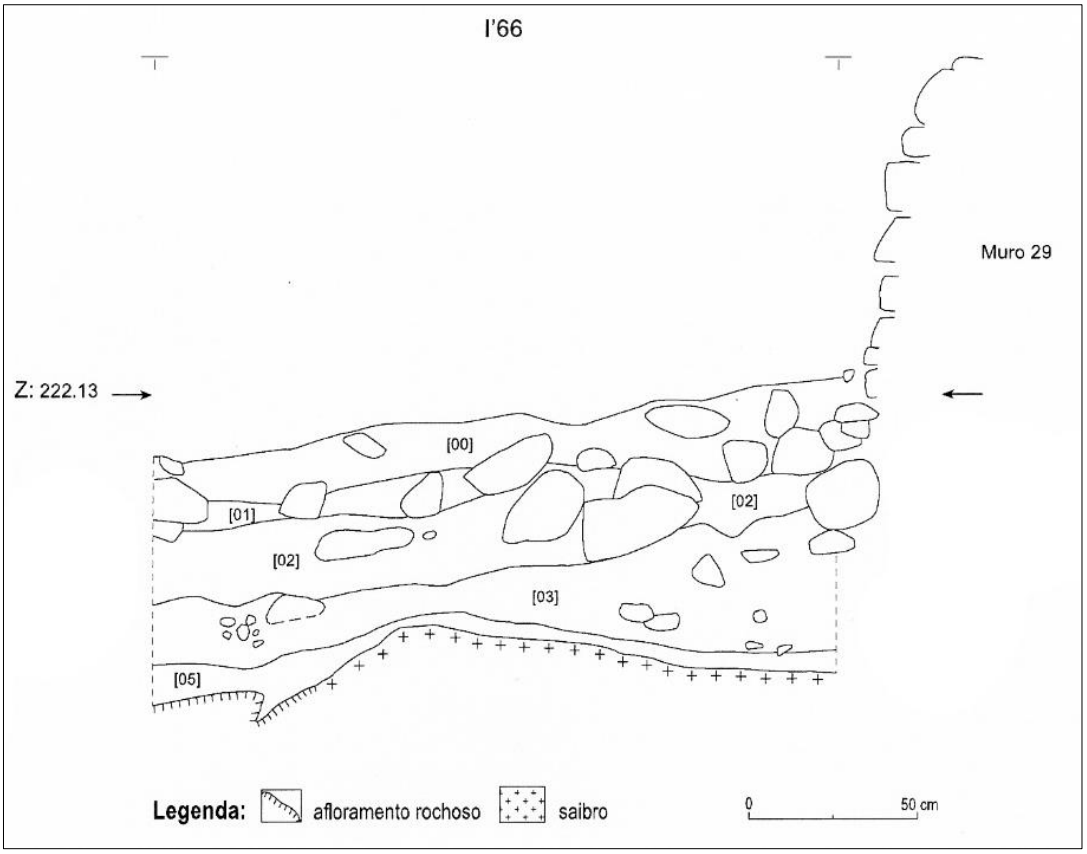


Fig. 8.176 Setor IV, sondagem 3 – perfil Sul (Mendes, 2008, Est. CXLVI, adaptado).

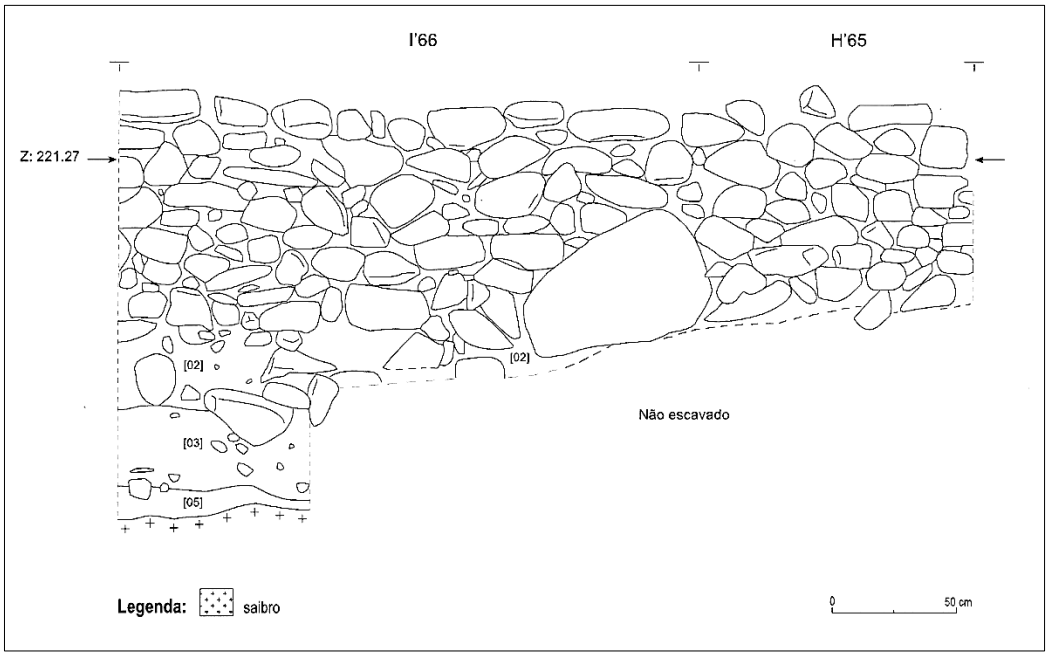


Fig. 8.177 Setor IV, sondagem 3 – alçado do muro do arruamento, com estratigrafia anterior à sua construção (Mendes, 2008, Est. CXLVI, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

Nesta sondagem forma registados um pequeno conjunto de materiais nas camadas 1, 2, 3 e 4. Na camada 5 não foram encontrados quaisquer materiais. De referir ainda que os materiais cerâmicos estavam muito fragmentados.

Camada 1

Foram estudados nesta camada apenas quatro fragmentos.

Cerâmica indígena

Enquadráveis nesta cronologia foram identificados dois fragmentos. Neste caso dois bojos.

Os materiais deste período um dos bojos possui fabrico à roda e outro é produzido manualmente. A pasta é micácea e a cozedura é redutora

Estes materiais possuem textura fina e os e.n.p. oscilam entre calibre pequeno e médio. Um dos exemplares encontra-se alisado e o outro polido

Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão de < de 4 cm (além de se encontrarem rolados).

Cerâmica de fabrico romano

Foi ainda registado nesta camada um fragmento de cerâmica comum romana e um bojo de ânfora (oriunda da área da Bética).

Camada 2

Nesta camada foram estudados cinco fragmentos dois deles de cerâmica indígena e três bojos de fabrico romano.

Cerâmica indígena

Nesta cronologia foram individualizados dois fragmentos. Foram estudados dois bojos.

Os materiais deste período um dos bojos possui fabrico à roda e outro é produzido manualmente. A pasta é micácea e a cozedura é redutora

Estes materiais possuem um deles textura média e outro textura fina e os e.n.p. oscilam entre calibre pequeno e médio. Os dois fragmentos são alisados.

Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão de < de 4 cm (além de se encontrarem rolados).

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Foram ainda registados nesta camada dois bojos de cerâmica comum romana e um bojo de ânfora (de fabrico da área da Bética).

Camada 3

Esta camada como a camada 4 foram as que forneceram mais material num total de 29 fragmentos. Nesta camada praticamente todos os fragmentos são bojos e regista-se apenas uma base.

Cerâmica indígena

Nesta cronologia foram identificados 11 fragmentos, que corresponde a: 10 bojos e uma base.

Os materiais deste período possuem manual e apenas cinco nota-se o fabrico à roda. A pasta é micácea e a cozedura oscila entre redutora (oito exemplares) e oxidante (três exemplares).

Estes materiais na sua maioria possuem textura média e cinco possuem textura fina e os e.n.p. oscilam entre calibre pequeno (sete casos) e médio (quatro casos). Os dois fragmentos são na sua maioria alisados e apenas três são polidos.

A base é de fundo plano alargado (Fig. 8.179).

Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão, na sua maioria, de < de 4 cm (nove exemplares) e dois exemplares têm uma dimensão entre 4 e 8 cm (dois exemplares).

Estes materiais, à exceção da base, encontram-se rolados e dois possuem fuligem.



Fig. 8.178 Fundo plano alargado.

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Foram estudados nesta camada dois bojos de cerâmica comum romana e um bojo de ânfora (de fabrico da área do vale do Guadalquivir).

Camada 4

Foram registados 15 fragmentos cerâmicos.

Cerâmica indígena

Foram registados 14 fragmentos. Os materiais deste período possuem na sua maioria fabrico manual e apenas dois exemplares possuem fabrico à roda. A pasta é micácea e a cozedura, na sua maioria, é redutora e apenas três exemplares possuem cozedura oxidante. A textura destes materiais é na sua maioria fina e apenas cinco exemplares possuem textura média. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno, seguido dos de calibre médio (três exemplares). Os exemplares estão na sua maioria a polidos e apenas cinco fragmentos estão polidos.

Em termos formais foram identificados, além de bojos, um bordo esvasado.

Este bordo corresponde a um exemplar da forma 2 (potinho/púcaro). Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão de < de 4 cm (além de se encontrarem rolados oito exemplares).

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Nesta camada foi ainda individualizado um bojo de cerâmica comum romana.

c. Síntese da sondagem 3

Globalmente devemos referir que foram registados 37 fragmentos cerâmicos, 29 deles de cerâmica indígena (76%) e oito de fabrico romano (24%). Em termos gerais relativamente aos tamanhos dos fragmentos, 27 exemplares (93%) possuem um tamanho < de 4 cm e dois uma dimensão entre 4 e 8 cm. Foram detetados 22 fragmentos rolados (58%). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) tais índices indiciam um forte transporte de materiais dos seus contextos originais e um elevado índice de pós-quebra dos materiais registados.

Após a análise dos materiais e da estratigrafia encontrada nesta área podemos datar a construção do muro 29 e, talvez a construção do arrumamento aí descoberto, do final do Ferro Recente, inícios da romanização (séc. I d.C.).

Sondagem 4

a. Estruturas e estratigrafia

Esta sondagem foi realizada com o objetivo de confirmar a existência, extensão e funcionalidade dos restos de um muro, em elevado estado de destruição, existente a sul do núcleo habitacional I, visível entre blocos de afloramento (Fig. 8.181). Aí foram abertos os quadrados I´61 e I'66, J'61 e J'62 e L'62 e L'63 (Mendes, 2008: 50).

Em termos estratigráficos esta sondagem apresenta a seguinte sequência (Fig. 8.180):

00 – camada vegetal com sedimentos de cor castanho-clara amarelada, granulosas, muito desagregadas e com muitas raízes;

01 – sedimentos de cor castanha, humosas, soltas, granulosas e com raízes;

02 – sedimentos de cor castanha-escura, humosas, de textura argilosa, pouco compactas e com raízes. Esta camada na metade oeste e está relacionada com nível de pedras maiores. Pode corresponder a um nível de destruição;

03 – sedimentos de cor castanha avermelhada, de textura granulosa, e pouco compactas, e com pedras pequenas e com muitas raízes;

Substrato natural: afloramento rochoso, alterite granítica e saibro.

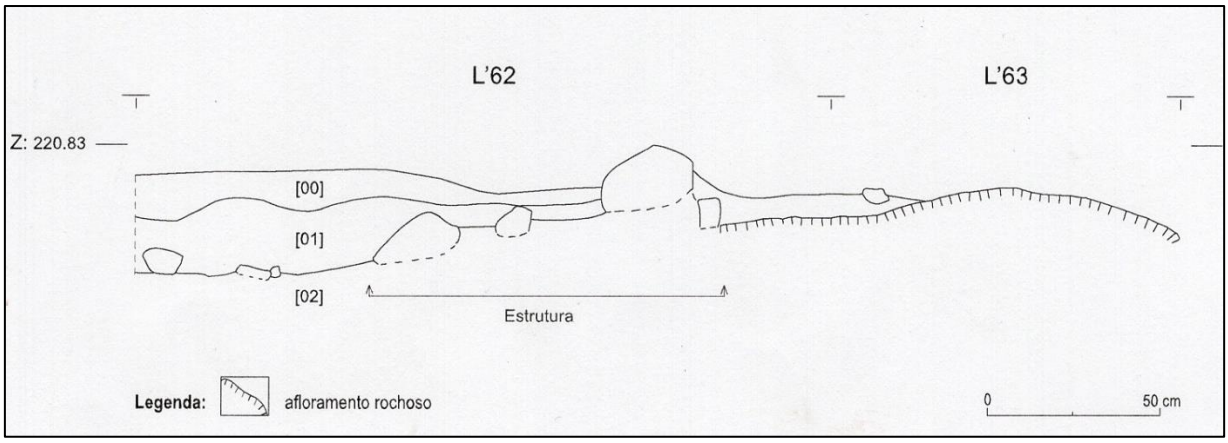


Fig. 8.179 Setor IV, sondagem 4 – perfil Oeste (Mendes, 2008, Est. CXLVIII, adaptado).

a)



b)



Fig. 8.180 Setor IV, sondagem 4 – planta final: a) quadrados L'62 e 63; b) quadrados I'61 e 62 (Mendes, 2008, Est. CXLIX e CL, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

Foram registados materiais nas camadas 1, 2 e 3.

Como se verificou esta sondagem não revelou grande valor estratigráfico. Em termos daquilo que seriam as possíveis estruturas aí existentes não foram identificadas nem datar com precisão. As camadas detetadas revelaram material algo rolado com uma cronologia entre a Idade do Ferro Antiga e do período da romanização. Apresentaremos em seguida os materiais por camada.

Camada 1

Nesta camada além de materiais datáveis da romanização que podemos separar em cerâmica indígena (cinco fragmentos – 22%) e de produção romana (17 fragmentos - 74%), foi registado ainda um fragmento (4%) datável da Idade do Ferro Antiga. Tendo em consideração este nível da romanização e excluindo o material mais antigo a % sobre ligeiramente (cerâmica indígena 23% e 77% produção romana).

Idade do Ferro Antiga

Foi apenas registado um fragmento enquadrável nesta cronologia. Corresponde a um bordo, de produção manual, sendo a pasta micácea e a cozedura redutora. A textura deste fragmento é média e os e.n.p. são de calibre grande. O acabamento deste exemplar é alisado.

Em termos formais trata-se de um bordo aberto.

Este bordo corresponde poderá corresponder a uma forma 3 (malga/tigela) (Fig. 8.182). Este pequeno fragmento possui uma dimensão entre 4 e 8 cm (além de se encontrar rolado).



Fig. 8.181 Forma cerâmica da Idade do Ferro Antiga.

Cerâmica indígena

Foram registados cinco fragmentos. Foram apenas estudados bojos.

Os materiais possuem na sua maioria fabrico manual e apenas dois exemplares foram produzidos à roda. A pasta é micácea e a cozedura é oxidante.

A textura destes materiais é na sua maioria fina e apenas dois exemplares possuem textura média. Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno, seguido dos de calibre médio (um exemplar). Os exemplares estão na sua maioria polidos e apenas dois fragmentos alisados.

Este pequeno conjunto de materiais possui uma dimensão de < de 4 cm além de se encontrarem todos eles rolados. E apenas um fragmento possui fuligem.

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Nesta camada foram ainda identificados seis bojos e uma base (Fig. 8.183) de cerâmica comum romana.

Quanto a material importado foram observados 10 fragmentos de ânfora, 6 deles com pasta da área da Bética e os restantes do vale do Guadalquivir. Destacamos um fragmento de asa de uma ânfora tipo Haltern 70 (Fig. 8.184). Tendo em conta estes materiais este nível datará do séc. I d.C.

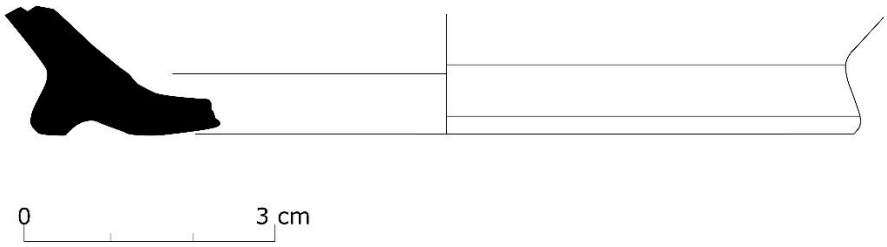


Fig. 8.182 Base de cerâmica comum romana.



Fig. 8.183 Fragmento asa de ânfora tipo Haltern 70.

Camada 2

Nesta camada além de materiais datáveis da romanização que podemos separar em cerâmica do Ferro Recente (12 fragmentos – 34%) e de produção romana (20 fragmentos – 57%), foi registado ainda três fragmentos (9%) datáveis da Idade do Ferro Antiga.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados três bojos datáveis desta cronologia.

A produção destes bojos é manual, a pasta é micácea-arenosa e a cozedura redutora.

A textura destes fragmentos oscila entre grosseira (um exemplar) e média (dois exemplares). Os e.n.p. são de calibre médio. O acabamento destes exemplares é alisado.

Quanto à dimensão dos fragmentos dois eles possuem um tamanho < de 4 cm e apenas um fragmento possui uma dimensão entre 4 e 8 cm. Todos os fragmentos encontram-se rolados.

Idade do Ferro Recente

Foram registados 12 fragmentos que correspondem a oito bojos, dois bordos e duas asas.

Este pequeno grupo de materiais foi produzido na sua maioria de forma manual, e três exemplares exibem marcas de roda. A pasta é micácea e a cozedura divide-se entre redutora e oxidante (seis exemplares cada). As texturas destes fragmentos oscilam entre média e fina (seis exemplares cada). Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio e apenas dois exemplares são de calibre pequeno. O acabamento destes exemplares é na sua maioria polido e três exemplares encontram-se alisados.

Um dos bordos é esvasado e o outro em aba soerguida. As duas asas possuem seção pentagonal.

Tendo em consideração os bordos e asas registadas, foram contabilizados um exemplar da forma 1b (pote), dois exemplares da forma 2a (púcaro) e um exemplar da forma 2b (potinho). (Tab. 8.27; Fig. 8.185).



Fig. 8.184 Forma cerâmica: forma 1b (pote).

Tabela 8.27 Formas indígenas da camada 2, sondagem 4 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1b (pote)	1	25
Forma 2a (púcaro)	2	50
Forma 2b (potinho)	1	25
Total	**4**	**100**

Quanto à dimensão dos fragmentos 11 deles possuem um tamanho < de 4 cm e apenas um fragmento possui uma dimensão entre 4 e 8 cm. Deste pequeno conjunto apenas cinco fragmentos se encontram rolados e um possui fuligem.

Cerâmica de importação ou de fabrico romano

Nesta camada foi observado apenas material importado romano. Foi estudado um total de 20 fragmentos de ânfora.

Foi registado um fundo indeterminado, dois arranques de asa, um deles de tipo Haltern 70, e o restante são bojos. As pastas oscilam entre a área da Bética e do vale do Guadalquivir (13 fragmentos e sete fragmentos, respetivamente).

Camada 3

Idade do Ferro Recente

Nesta camada apenas foram identificados dois fragmentos datáveis genericamente da Idade do Ferro Recente, uma vez que não há outro material de importação ou produção com mais cronologia precisa.

Foram observados dois fragmentos: um bordo e um bojo. Um deles foi produzido manualmente e outro foi produzido à roda. A pasta é micácea e a cozedura oscila entre redutora e oxidante (um fragmento cada).

A textura destes fragmentos é média. Os e.n.p. são de calibre médio. O acabamento destes exemplares oscila entre alisado e polido (um fragmento cada).

O bordo registado é aberto e possui arranque de asas. Tendo em consideração estas características devemos considerar que se trata de um exemplar da forma 4b (panela de asa interior) (Fig. 8.186).

Quanto à dimensão dos fragmentos um deles possui um tamanho < de 4 cm e o outro fragmento possui uma dimensão entre 4 e 8 cm. Estes fragmentos não se encontram rolados.

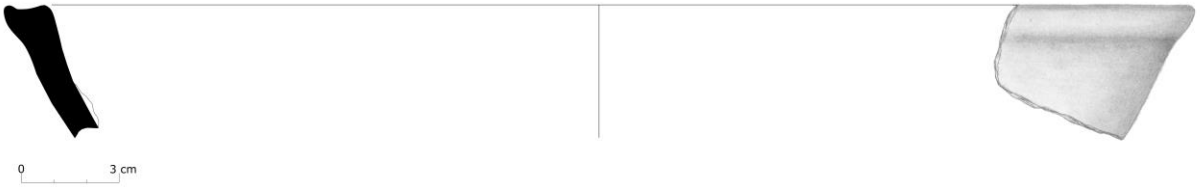


Fig. 8.185 Forma cerâmica: forma 4b (panela de asa interior).

c. Síntese da Sondagem 4

O momento da destruição da estrutura identificada nesta sondagem (um muro) ter-se-á dado, ainda, na Idade do Ferro Recente, já que a camada 3 apenas apresenta materiais dessa cronologia. As restantes camadas acima correspondem já ao nível da romanização do povoado (séc. I a.C. – I d.C.), cujos materiais de importação (Haltern 70) poderão corroborar. Sublinhamos, também, a presença vestigial de materiais do Ferro Antigo, fruto de fenómenos pós deposicionais e por isso sem contexto. Regista-se, uma vez mais, uma grande fragmentação e transporte dos materiais segundos critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), visto que nesta área 53% do material indígena encontra-se rolado e no que respeita à sua dimensão, 89% desta amostra os fragmentos têm uma dimensão < de 4 cm.

Sondagem 5

a. Estruturas e estratigrafia

Esta sondagem que contemplava os quadrados N'63 e 64, O'62, 63, 64 e 65 (foi implantada a sul do Núcleo I, entre a cabana 18 (C18) e a face interna da Muralha 1 (Mendes, 2008: 50).

Foi verificado que o extenso nível de pedras que se encontravam aqui não era fruto de derrubes, mas sim parte de um muro de sustentação de sedimentos da plataforma que se desenvolve para sul. Esta estrutura possui cerca de 4,50 m de comprimento e cerca de 2,50 m de largura, estando assente sobre a camada 03.

No quadrado N'63 foi efetuada uma escavação integral até ao substrato geológico, para avaliar cronologicamente esta área. Com efeito, sob este muro de sustentação podem ter existido estruturas de cronologia anterior, já que foi encontrado um alinhamento pétreo de configuração semicircular elaborado de forma rudimentar estando este associado a materiais cerâmicos, (Mendes, 2008: 51) (Fig. 8.187).

Em termos estratigráficos esta sondagem possuía esta sequência de camadas (Mendes, 2008: 50-51):

00 – camada vegetal;

01 – sedimentos de cor castanha, humosas, pouco compactas e com muitas raízes;

02 – sedimentos de cor castanho-escuras, humosas, de textura argila, pouco compactas e com raízes. Esta camada está associada à estrutura de pedras grandes, talvez seria um muro de sustentação;

03 –sedimentos de cor castanha, granulosas, com pedras pequenas e humosas;

04 –sedimentos de cor castanha acinzentada, muito granulosas e pouco compactas. Contém raízes pequenas e manchas esbranquiçadas provavelmente decorrentes da desagregação do granito;

04a – sedimentos de cor castanho-clara, muito granulosas e arenosas, com pedras pequenas e de compacidade média;

04b – sedimentos de cor castanho-clara, com pequenas manchas de sedimentos cinzentos e manchas de sedimentos mais claros, de textura arenosa e com pedras pequenas e de compacidade média;

05 – sedimentos de cor castanha avermelhadas, de textura granulosa, pouco compactas, com pedras pequenas e restos de granito em desagregação;

Substrato natural: saibro e afloramento.

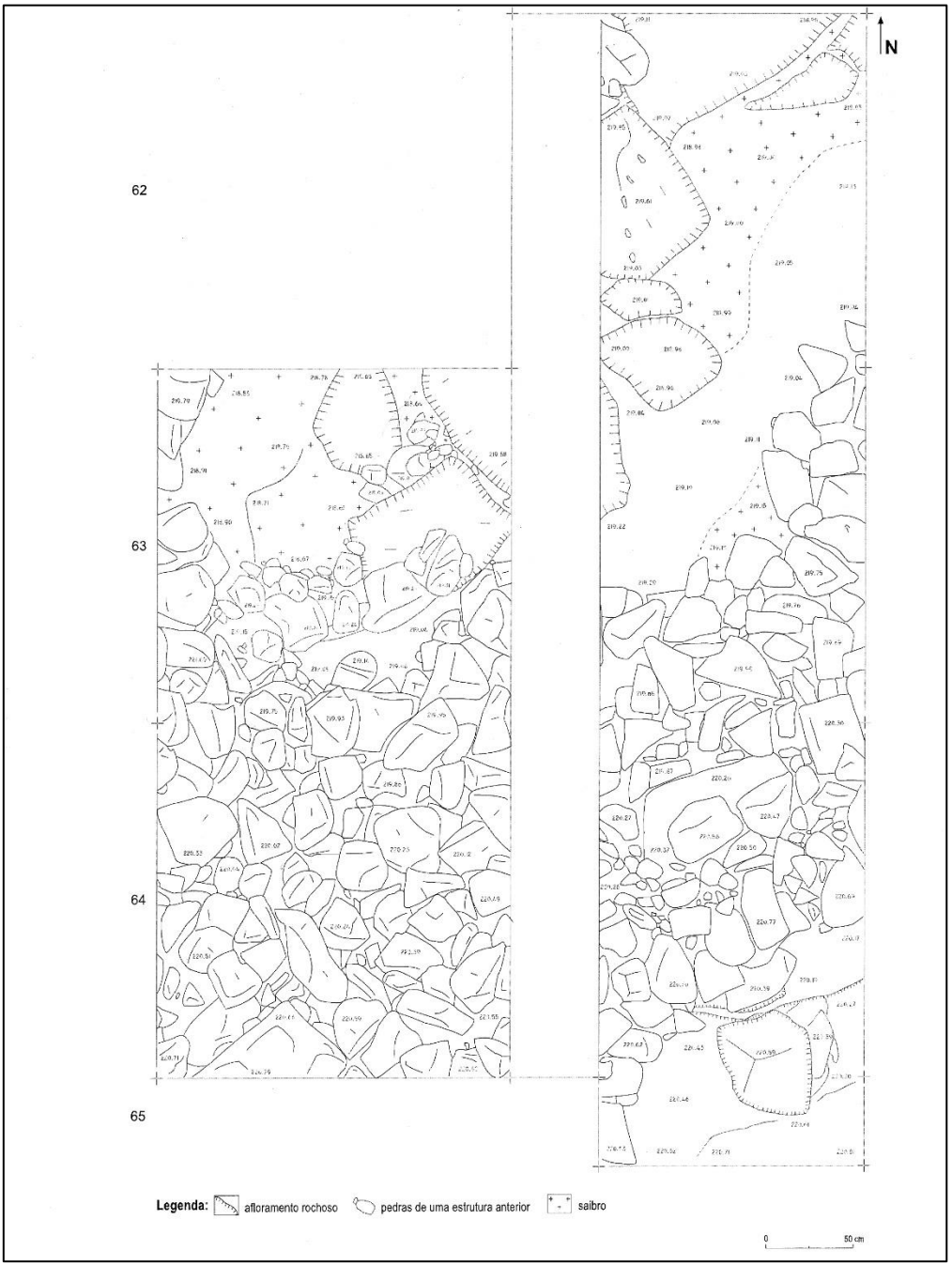


Fig. 8.186 Setor IV, sondagem 5 – planta final (Mendes, 2008, Est. CLI, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

No que diz respeito ao estudo do espólio cerâmico encontrado aqui, devemos referir que, ao contrário de outras zonas escavadas, esta encontra-se relativamente preservada (Mendes, 2008: 51). Devemos ainda referir que não foram registados materiais na camada 5.

Camada 1

Nesta camada foram observados sete fragmentos cerâmicos.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Nesta camada foi observado um fragmento que podemos incluir neste âmbito de cerâmica indígena. Foi estudado um bojo, de produção manual, de cozedura redutora e pasta micácea.

A textura deste fragmento é fina. Os e.n.p. são de calibre médio. O acabamento deste exemplar é alisado.

Quanto à dimensão do fragmento, este possui um tamanho < de 4 cm e encontra-se rolado.

Cerâmica de importação e produção local romana

Neste contexto foi individualizado um bojo de cerâmica comum romana, e cinco bojos de ânfora (de produção do vale do Guadalquivir).

Camada 2

Nesta camada foram observados um total de 94 fragmentos, dos quais 14 fragmentos são datáveis do Ferro Antigo, e o restante diz respeito a cerâmica indígena (36 fragmentos) e o restante são materiais romanos produzidos localmente e importados, correspondentes a um nível de romanização.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foram identificados 14 fragmentos atribuíveis a esta cronologia, que correspondem a 12 bojos, uma base e um bordo.

Estes fragmentos foram produzidos de forma manual, a pasta é na sua maioria micácea e apenas quatro exemplares com pasta micácea-arenosa, e a cozedura é na sua maioria redutora (13 exemplares) e o restante é oxidante (um fragmento). A textura destes fragmentos é na sua maioria média (oito casos), seguido de textura grosseira (seis casos).

Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio (nove exemplares), seguido de calibre pequeno (três exemplares) e finalmente de calibre grande (dois exemplares). O acabamento destes exemplares é na sua maioria alisado (nove exemplares) e o restante é polido.

O bordo registado é em aba soerguida e a base é de fundo plano alargado.

Tendo em conta o bordo registado devemos talvez atribuir a uma forma 2 (potinho/púcaro).

Quanto à dimensão dos fragmentos todos eles possuem um tamanho < de 4 cm. Foram registados 10 fragmentos rolados e apenas um fragmento tem fuligem.

Nível de romanização

Foram identificados 36 fragmentos de cerâmica indígena (45%) e 44 fragmentos de cerâmica de produção e importação romana (55%).

Cerâmica indígena

Nesta camada foram registados 36 fragmentos de cerâmica indígena atribuível desta fase. Foram identificados 30 bojos, três bordos, duas bases e um exemplar de asa.

Estes fragmentos foram produzidos na sua maioria de forma manual e 12 exemplares foram produzidos a torno, a pasta é na sua maioria micácea e apenas um exemplar com pasta micácea-arenosa, e a cozedura é na sua maioria oxidante (19 exemplares) e o restante é redutora (11 fragmentos).

A textura destes fragmentos é na sua maioria fina (16 exemplares), seguido de textura média (14 exemplares). Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno (17 exemplares), seguido de calibre médio (oito exemplares) e finalmente de calibre grande (cinco exemplares). O acabamento destes exemplares é na sua maioria polido (19 exemplares) e o restante é alisado.

Foram registados três bordos: dois esvasados, e um aberto; duas bases de fundo plano alargado e uma asa de seção pentagonal.

Tendo em conta os bordos e asa registada foi possível apurar: um exemplar da forma 2a (púcaro) e dois exemplares da forma 2 b (potinho). Foi possível apurar ainda uma tampa (Tab. 8.28).

Tabela 8.28 Formas cerâmicas da camada 2, sondagem 5 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 2a (Púcaro)	1	25 %
Forma 2b (Potinho)	2	50 %
Tampa	1	25 %
Total	**4**	**100 %**

Os fragmentos decorados são dois, por incisão, um deles possui um sulco inciso horizontal e noutro caso possui 8 sulcos leves horizontais.

Quanto à dimensão dos fragmentos 23 fragmentos possuem um tamanho < de 4 cm e apenas sete exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm. Foram registados 16 fragmentos rolados (53%) e apenas quatro bojos tem fuligem.

Cerâmica de importação e produção local romana

Dentro deste universo de materiais foram contabilizados 17 fragmentos de cerâmica comum romana e 27 fragmentos importados.

Do conjunto de materiais importados, foram observados 14 bojos oriundos do vale do Guadalquivir e o restante da área da Bética.

Camada 3

Idade do Bronze Final

Nesta camada foi registado um bojo decorado.

Este fragmento foi produzido de forma manual, a pasta é micácea-arenosa, e a cozedura é na sua maioria redutora. A textura deste fragmento é média. Os e.n.p. são de calibre médio. O acabamento deste exemplar é polido.

Este fragmento encontra-se decorado por espatulado, com três linhas espatuladas (Fig. 8.188).

Quanto à dimensão do fragmento, este possui um tamanho < de 4 cm. Encontra-se rolado.



Fig. 8.187 Fragmento decorado por espatulado.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foram registados três exemplares atribuíveis a esta cronologia: um bojo, um bordo e uma base.

Estes fragmentos foram produzidos de forma manual, a pasta é micácea-arenosa, e a cozedura é redutora. A textura destes fragmentos é média, e os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio, seguido de calibre grande (um exemplar).

O acabamento destes exemplares é na sua maioria polido e o restante é alisado (um exemplar).

O bordo registado é esvasado e a base é de fundo plano simples.

Tendo em conta o bordo registado devemos talvez atribuir a uma forma 2 (potinho/púcaro).

O bojo aqui registado encontra-se decorado por espatulado, através de várias linhas verticais.

Quanto à dimensão dos fragmentos todos eles possuem um tamanho < de 4 cm. Não foram registados materiais rolados ou com fuligem

Nível de romanização

Foram individualizados 158 fragmentos de cerâmica indígena, dois deles importados da área setentrional (52%) e 107 fragmentos de cerâmica de produção e importação romana (48%).

Cerâmica indígena

Nesta camada foram registados 158 fragmentos de cerâmica indígena atribuível desta fase. Foram identificados 147 bojos, nove bordos, um exemplar de base e um exemplar de asa.

Estes fragmentos foram produzidos na sua maioria de forma manual e 62 exemplares foram produzidos a torno, a pasta é micácea, e a cozedura é na sua maioria oxidante (105 exemplares) e o restante é redutora (53 fragmentos).

A textura destes fragmentos é na sua maioria fina (81 exemplares), seguido de textura média (76 exemplares) e ainda um exemplar grosseiro.

Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno (91 casos), seguido de calibre médio (59 casos) e finalmente de calibre grande (oito casos). O acabamento destes exemplares é na sua maioria polido (95 exemplares) e o restante é alisado.

Foram registados nove bordos: cinco esvasados, dois abertos e ainda dois indeterminados Quanto à base é de fundo plano simples e uma asa de seção pentagonal.

Tendo em conta os bordos e asa registada foi possível apurar oito formas: dois exemplares forma 1a (pote), um exemplar da forma 2a (púcaro), três exemplares da forma 2 b (potinho) e

dois exemplares da forma 3a (malga) (Tab. 8.29; Fig. 8.189). Foram ainda registados dois exemplares de forma indeterminada, devido ao seu diminuto tamanho.

Tabela 8.29 Formas cerâmicas da camada 3, sondagem 5 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1a (Pote)	2	25 %
Forma 2a (Púcaro)	1	12 %
Forma 2b (Potinho)	3	38 %
Forma 3a (Malga)	2	25 %
Total	**8**	**100 %**

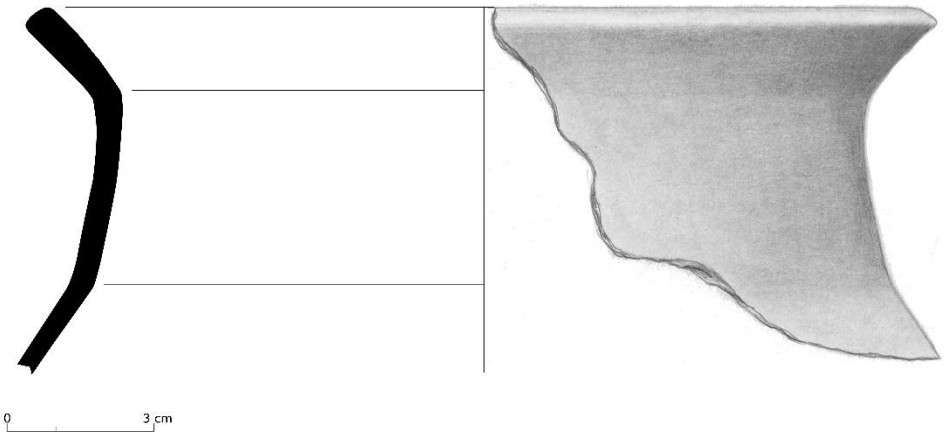


Fig. 8.188 Forma cerâmica: pote (forma 1b).

Foram registados cinco fragmentos decorados. Dois deles talvez com uma origem setentrional da área galega, que diz respeito a decoração *perlada* (que se traduz em vários cordões aplicados na horizontal e pequenas mamilos aplicados (pérolas)), daí a designação *perladas* (Rey Castiñeira, 1991) (Fig. 8.190).



Fig. 8.189 Fragmentos decorados por aplicação plástica de uma peça oriunda da área da Galiza ou imitação.

Foram ainda registados dois exemplares decorados por incisão e dois por aplicação plástica. A decoração incisa oscila entre um sulco na horizontal e um sulco horizontal seguido e alguns traços oblíquos (provavelmente perfazendo decoração espinhada). A aplicação plástica apresenta por 1 a 3 cordões aplicados na horizontal.

Quanto à dimensão dos fragmentos 130 fragmentos possuem um tamanho < de 4 cm, 27 exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e um exemplar >8cm. Foram registados 50 fragmentos rolados (32%) e apenas 23 bojos possuem fuligem na superfície no exterior.

Apesar do índice de erosão ser relativamente diminuto o tamanho dos fragmentos é também, nesta zona, maioritariamente, inferior a 4 cm o que revela uma grande fragmentação dos materiais, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica de importação e produção local romana

Foram registados com estas características 107 fragmentos. Um pouco mais antigas parece ser a produção comum do vale do Guadalquivir, que neste caso se apresenta por um exemplar, já rolado, de um exemplar de tigela (Sáez Romero, 2005), com uma cronologia entre finais do séc. II a.C. e inícios do séc. I a.C. (Fig. 8.191). Foi ainda individualizado um bordo de uma forma tipo pote ou potinho produzida na área da Bética (Colls *et alii* 1977: 115-116, n.º 32) datada dos inícios do séc. I d.C. (Fig. 8.192). Aliás junto a Esposende, no naufrágio bético, de período Augusto, em rio de Moinhos (Morais, 2013: 309-334) regista-se também este tipo de material.

Foram registados 39 fragmentos de cerâmica comum romana e três fragmentos demonstram engobe vermelho na superfície (Fig. 8.193). Esta produção é datada de todo o período imperial, portanto, a partir do séc. I d.C. (Delgado e Morais, 2009: 47), e não conseguimos ser mais específicos quanto ao grupo de produção pelo diminuto tamanho dos fragmentos e sobretudo por terem o seu engobe muito danificado.

Foram ainda identificados 64 fragmentos de contentores anfóricos: 59 bojos (destes 51 são de produção do vale do Guadalquivir, cinco são oriundos da Bética e três oriundos de Cádis); três fragmentos de asa, um deles do tipo Haltern 70 e igualmente um bordo desta tipologia e ainda um fundo indeterminado (todos da área de produção do vale do Guadalquivir).



Fig. 8.190 Cerâmica comum produzida na área do vale do Guadalquivir, de tipo tigela.

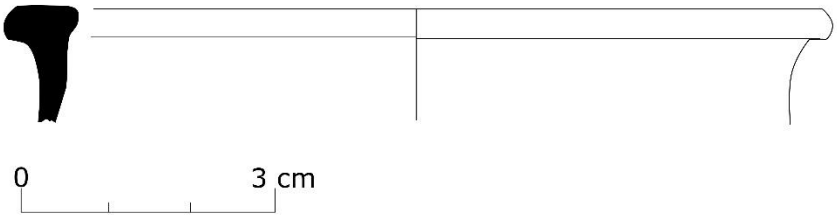


Fig. 8.191 Pote/Potinho produzido na área da Bética.



Fig. 8.192 Cerâmica de engobe vermelho.

Outros materiais

Foi ainda identificado um bojo de época medieval.

Camada 4

Foram estudados 22 fragmentos cerâmicos, oito de fabrico indígena e 14 de fabrico romano.

Nível de romanização

Cerâmica indígena

Dos oito fragmentos indígenas foram contabilizados dois bordos, dois bojos, três bases e uma asa.

Em termos técnicos três fragmentos registam marcas de torno e os restantes cinco eram de fabrico manual. As pastas destes fragmentos apresentam-se apenas micáceas com desengordurantes de grande (um exemplar), médio (quatro exemplares) e pequeno calibre (três exemplares). A maioria dos fragmentos possuem textura fina (cinco exemplares), seguidas de média (três exemplares). A cozedura é redutora (cinco casos) e oxidante (três exemplares). As superfícies apresentam-se alisadas (três exemplares) e polidas (cinco exemplares).

Foram registados dois exemplares com fuligem na superfície exterior.

Em termos formais foram identificados dois bordos (um exemplar esvasado e um exemplar em aba soerguida). Registam-se três bases, neste caso duas de fundo plano alargado (Fig. 8.194) e um indeterminado. Regista-se um exemplar de asa, de seção indeterminado. Quanto à forma identificámos dois exemplares de potinho/púcaros (forma 2) (Fig. 8.194).

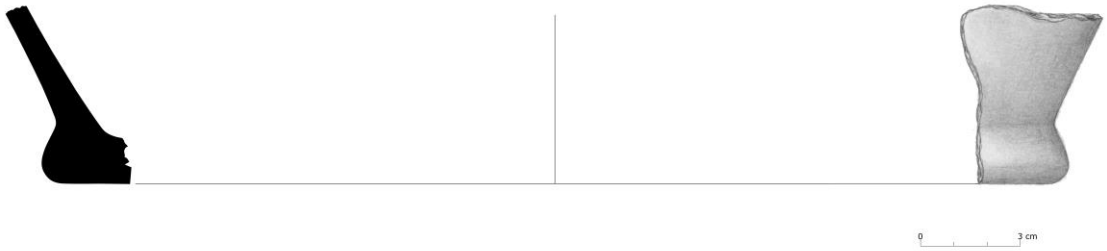


Fig. 8.193 Base de fundo plano alargado.

Relativamente ao tamanho, dois exemplares possuem um tamanho < de 4 cm, quatro uma dimensão entre 4 e 8 cm e dois são >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) o material parece ter sido pouco transportado sendo detetado um fragmento rolado.

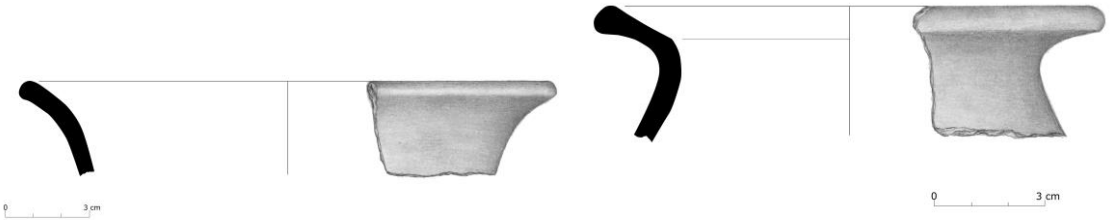
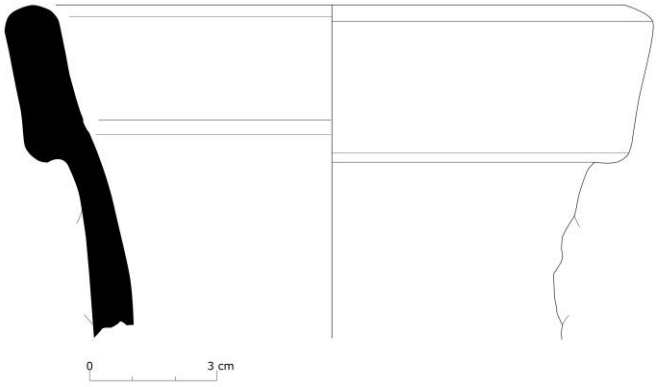


Fig. 8.194 Formas de potinhos/púcaros – forma 2.

Cerâmica de importação romana

Foram estudados 11 bojos de ânfora (com centro produtor na área do vale do Guadalquivir), dois bordos de ânfora (um de Haltern 70 e um de Ovóide 1, o primeiro de produção da Bética e o segundo da área do vale do Guadalquivir). Destacamos, ainda, um pote de cerâmica comum, oriundo da área de Cádis (Sáez Romero, 2005) (Fig. 8.195; Fig. 8.196).



a)



b)

Fig. 8.195 Tipos anfóricos: a) Haltern 70 (área da Bética); Ovóide 1 (área da Bética).

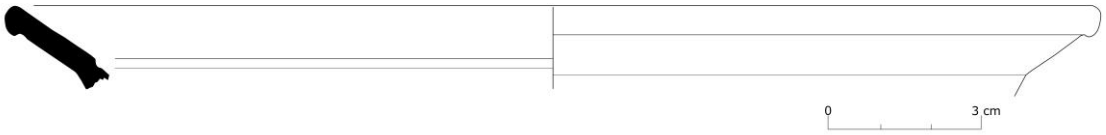


Fig. 8.196 Pote (cerâmica comum oriunda da área da bacia de Cádis).

Em síntese, pelo material de fabrico romano, datado do séc. I a.C. a I d.C. nesta camada e na camada 3 pode considerar-se que o muro terá sido construído entre o séc. I a.C. e I d.C. Este muro é o Muro 63 identificado com o n.º 63 na planta geral do sítio, encontra-se também na sondagem 4 e na sondagem 6.

Camada 4a / 4b

Nestas camadas que se estudam associadas por todo o material registado possuía uma grande homogeneidade e os quatro bojos de ânfora seriam neste ponto intrusões de uma outra realidade estratigráfica. Registraram-se 42 fragmentos todos de cerâmica indígena.

Idade do Ferro Antiga

Foram contabilizados 40 exemplares de bojos, um bordo e uma base.

Em termos técnicos, todos os fragmentos foram realizados manualmente, com pastas micáceas e com desengordurantes de grande (quatro exemplares), médio (22 exemplares) e pequeno calibre (16 exemplares). A maioria dos fragmentos possuem textura média (24

exemplares), seguido dos de textura fina (18 exemplares). A cozedura é redutora, sendo todos os fragmentos de coloração escura.

As superfícies apresentam-se polidas (23 exemplares) e alisadas (19 exemplares). Foram registados 11 exemplares com fuligem presente no cerne dos fragmentos, o que parece indiciar um incêndio.

Em termos formais identificámos um bordo em aba soerguida de uma forma 2b (potinho/púcaro) (Fig. 8.197) e uma base de fundo plano alargado.

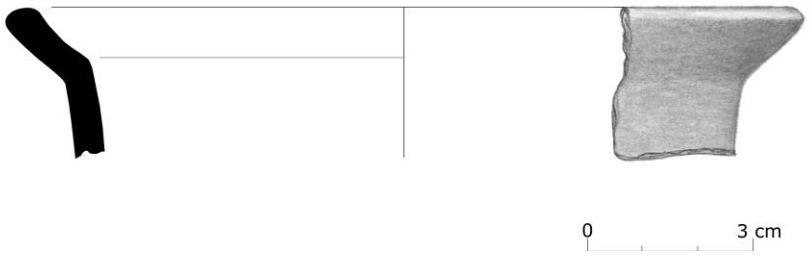


Fig. 8.197 Potinho/púcaro – Forma 2b.

Relativamente aos tamanhos dos fragmentos, 37 (88%) são < de 4 cm e cinco possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm. Segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008) o material parece ter sofrido algum transporte, o que é normal em casos de hiato ocupacional. Foi detetado 15 (36%) fragmentos rolados o que revela que ficaram expostos aos agentes erosivos após quebra e abandono.

c. Síntese da sondagem 5

Em **síntese**, nesta **sondagem 5** podemos considerar que, os materiais associados à estrutura semicircular rudimentar em pedra (cabana?), pelas suas características técnico-morfológicas, são datáveis do Ferro Antigo. Já o muro de sustentação da plataforma sul (camadas 0 a 4) datará da final da Idade do Ferro Recente (dado o material de importação de várias proveniências).

Assim sendo terá existido um hiato entre esta ocupação e a mais recente, nesta área do povoado, evidenciado, também, pelo índice de fragmentação dos materiais mais antigos (camadas 4a/4b), com 88% com tamanho inferior a 4 cm.

Sondagem 6 – Torreão 2

a. Estruturas e estratigrafia

Esta sondagem que contemplou os quadrados S'62 e 63, T'62 e 63, T'64 e U'64, foi implantada a este da sondagem 5, junto à face interna da Muralha 1 (Mendes, 2008: 51).

Após os trabalhos realizados apurou-se que a Muralha 1 possuía, nesta área, um torreão, apenas no lado interno. Esta estrutura apresenta-se com uma forma semicircular adossada à face interna da muralha, com cerca de 1,20 m de comprimento por 1,60 m de largura e é constituída por blocos de médio e grande porte e por pequenos calhaus a servir cunhas. Esta estrutura adossada parece assentar, em parte, no substrato. Possui hoje uma altura de cerca de 40 a 70 cm. O seu interior não foi escavado, porém foi possível verificar que o seu enchimento seria constituído por calhaus e blocos de pequeno e médio porte e sedimentos. Com base nestes dados, é possível apontar a data da sua construção como contemporânea da Muralha 1, já que as duas construções se unem e não se verifica qualquer mudança de aparelho (Mendes, 2008: 52).

Foi ainda registado um muro ou murete de só uma face, perpendicular à base da muralha. E um pouco acima deste muro foi ainda registado, aquilo que foi interpretado como sendo a continuação do Muro 63 (muro de sustentação) (Fig. 8.198; Fig. 8.199) encontrado na sondagem 5, deste setor (Mendes, 2008: 52).

Nesta área, existia, ainda, restos de sedimentos compactados compatíveis com a existência de um piso de terra batida.

Relativamente a esta área sondada foi registada a seguinte estratigrafia (Fig. 8.200):

00 – camada vegetal;

01 – sedimentos de cor castanha, de textura arenosa, pouco compactas e com muitas raízes;

02 – sedimentos de cor castanho-escura, humosas, pouco compactas e com raízes. Esta camada estava a associada ao muro de sustentação registado na sondagem 5 (muro 63);

03 – sedimentos de cor castanha, de textura argilosa, humosas, com raízes pequenas e pouco compactadas;

04 – sedimentos de cor castanho-escura, granulosas, pouco compactas e com pedras de pequeno e médio porte. Esta camada está relacionada com a vala de fundação do alinhamento de pedras que se une à muralha;

05 – sedimentos de cor castanha-amarelada, saibrosas e de granulometria média. Esta camada situava-se junto da muralha estando muito compactas o que poderá ser parte do caminho identificado na sondagem 1 deste setor;

Piso 1 – sedimentos de cor cinzenta compactados sobre a camada 06. Apenas surgiram pequenos restos deste piso;

06 – sedimentos de cor castanho-clara amarelada, saibrosas e pouco compactas, com pedras muito pequenas. Esta camada corresponde à preparação do piso em terra batida que foi registado no quadrado T'64;

07 – sedimentos de cor castanha com manchas acinzentadas (provavelmente de cinza e carvão), muito compactas e com pedras muito pequenas. Esta camada corresponde a primeiro nível de preparação do piso em terra batida;

08 – sedimentos de cor cinzento-escura, de textura argilosa e compactas. Esta camada apenas se regista no corte Oeste dos quadrados T' e U'64 e poderia corresponder ao antigo vegetal;

Substrato geológico e saibro.



Fig. 8.198 Setor IV, sondagem 6 – aspeto final da escavação com torreão na parte interna da muralha, piso e alinhamento de pedras perpendicular à muralha (Mendes, 2008, Est. CLVIII, adaptado).



Fig. 8.199 Vista sul da sondagem 6 – Muro 63, muro de sustentação (assinalado a vermelho) que poderá corresponder ao mesmo muro encontrado na sondagem 5 deste setor, (Mendes, 2008, Est. CLIX, adaptado).



Fig. 8.200 Planta final da sondagem 6 do setor IV (Mendes, 2008, Est. CLV, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

Foi identificado um fragmento datável do I. Bronze Final na camada 1.

Foram registados fragmentos Idade do Ferro Antiga nas camadas 1, 2, 4 e 6.

Foi ainda registado os materiais da romanização em quase todas as camadas. Nas camadas 6 e 7 surge apenas alguns fragmentos do Ferro Antigo e Recente acompanhados de materiais de importação anteriores ao séc. I d.C.

A camada 8 não forneceu materiais.

Camada 1

Foi registado nesta camada, um fragmento datável do Bronze Final (2%), 12 fragmentos de cerâmica que devemos assumir como de produção indígena (22%) e 44 fragmentos de produção romana (77%).

Idade do Bronze Final

Foi registado apenas um fragmento de cerâmica datável da Idade do Bronze Final. Este fragmento é um bojo decorado.

Em termos técnicos este fragmento é realizado manualmente. A cozedura é redutora. A pasta destes fragmentos é micácea arenosa. Os desengordurantes possuem são de calibre médio. O fragmento possui textura média. Este fragmento apresenta-se polido.

Este fragmento é um bojo decorado.

A decoração presente neste fragmento apresenta 2 verticais e 8 horizontais produzidos por espatulado (Fig. 8.201).



Fig. 8.201 Fragmento decorado por espatulado.

Relativamente ao tamanho do fragmento este possui um tamanho < de 4 cm, este fragmento encontra-se muito rolado e não possui fuligem.

Nível de romanização

Nesta camada foram observados materiais que devemos separá-los em produção local ou indígena (12 fragmentos – 21%) e o restante de produção romana local e de importação (44 fragmentos – 79%).

Cerâmica indígena

Foram registados nesta camada 12 fragmentos. Destes foram estudados 10 bojos e dois bordos.

Este pequeno grupo de materiais foi produzido na sua maioria de forma manual, e quatro exemplares exibem marcas de roda. A pasta é micácea e a cozedura é na maioria redutora (sete fragmentos) e o restante é oxidante (cinco fragmentos). A textura destes fragmentos é na sua maioria média entre média (nove casos) e o restante é de textura fina (três casos). Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno, seguido de cinco exemplares de calibre médio e um exemplar possui calibre grande. O acabamento destes exemplares divide-se entre alisado e polido (seis exemplares de cada).

Os dois bordos são esvasados.

Tendo em consideração os bordos, foram contabilizados um exemplar da forma 1a (pote) e um exemplar indeterminado.

Quanto à dimensão dos fragmentos nove exemplares possuem um tamanho < de 4 cm e o restante uma dimensão entre >4 cm e <8 cm. Apenas três fragmentos se encontram rolados.

Cerâmica importada ou produzida local romana

Foram identificados nesta camada 19 fragmentos de cerâmica comum romana (57%) e 25 fragmentos de ânfora romana (43%). Deste quase todos são bojos, à exceção de um arranque de asa de tipologia indeterminada. Quanto à área de produção grande maioria foi tem como origem a área da Bética e nove fragmentos o vale do Guadalquivir.

Camada 2

Foram registados poucos materiais nesta camada, num total de 33 fragmentos. Destes um fragmento é cronologicamente (Ferro Antigo) mais distante dos restantes (31 fragmentos).

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foi individualizado um fragmento com esta cronologia. Trata-se de um fragmento de base. A base é de fundo plano simples.

Foi produzido de forma manual. A pasta é micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura é média e os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno. O acabamento é polido. Quanto à dimensão do fragmento, este possui um tamanho < de 4 cm. Este não se encontra rolado nem possui fuligem.

Nível romanização

Nesta camada foram observados materiais que devemos separá-los em produção local ou indígena (11 fragmentos – 34%) e o restante de produção romana local e de importação (21 fragmentos – 66%).

Cerâmica indígena

Foram identificados nesta camada 11 fragmentos: 10 bojos e um bordo.

Este pequeno grupo de materiais foi produzido na sua maioria de forma manual, e dois exemplares foram produzidos à roda. A pasta é micácea e a cozedura é na maioria redutora (seis exemplares) e o restante é oxidante (cinco exemplares). A textura destes fragmentos é na sua maioria fina (sete exemplares) e o restante é de textura média (quatro exemplares). Os e.n.p. são na sua maioria de calibre pequeno, seguido de quatro exemplares de calibre médio e três exemplares possuem calibre grande. O acabamento destes exemplares é na maioria alisado (seis exemplares) e polido (cinco exemplares).

O bordo é aberto.

Tendo em consideração o bordo foi contabilizado um exemplar da forma 3 (malga/tigela).

Quanto à dimensão dos fragmentos seis exemplares possuem um tamanho < de 4 cm e o restante uma dimensão entre 4 e 8 cm. Foram registados cinco exemplares rolados.

Cerâmica de produção comum e importada

Foram identificados nesta camada 7 fragmentos de cerâmica comum romana (33%) e 14 fragmentos de ânfora romana (67%). Deste universo todos são bojos. Quanto à área de produção são todos de fabrico Bético.

Em síntese, esta camada estando associada ao muro 63, tendo em conta o material encontrado, dataria do séc. I a.C. – I d.C.

Camada 3

Idade do Ferro Recente

Foram registados nesta camada 13 fragmentos. Destes foram estudados 12 bojos e um bordo.

Este pequeno grupo de materiais foi produzido equitativamente de forma manual e à roda. A pasta é micácea e a cozedura é na maioria oxidante (sete exemplares) e o restante é redutora (cinco exemplares). A textura destes fragmentos é na sua maioria fina (sete exemplares) e o restante é de textura média (cinco exemplares). Os e.n.p. são na sua maioria de calibre médio e seguido de três exemplares de calibre pequeno. O acabamento destes exemplares é na maioria alisado (cinco exemplares) e polido (sete exemplares).

O bordo é esvasado que corresponde a um exemplar da forma 2b (potinho). Em termos decorativos foi registado um bojo, decorado para aplicação plástica, no qual foi aplicado um cordão na horizontal.

Quanto à dimensão dos fragmentos nove exemplares possuem um tamanho < de 4 cm e o restante uma dimensão entre 4 e 8 cm. Foram registados cinco exemplares rolados e ainda dois fragmentos possuem na superfície fuligem.

Materiais importados romanos

Foram registados nesta camada 11 bojos ânfora todos da área da Bética.

Tendo em conta as características dos materiais individualizados, tanto os de importação como os de produção local pouco podemos aferir quanto à cronologia, mas datará em torno do séc. I a.C.

Camada 4 e 4a

Foram registados um total 28 fragmentos, datáveis entre o Ferro Antigo e o Ferro Recente, incluindo materiais de importação romana.

Idade do Ferro Antiga

Nestas camadas foram registados três fragmentos (bojos) enquadráveis nesta cronologia. Em termos técnicos foram produzidos de forma manual, possuem pasta micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura é na sua maioria média e um exemplar possui textura fina, os e.n.p. são de pequeno calibre. No que diz respeito ao acabamento, dois fragmentos encontram-se polidos e um encontra-se alisado.

Quanto à dimensão destes exemplares, todos possuem um tamanho < de 4 cm, e apenas um fragmento encontra-se rolado.

Idade do Ferro Recente

Foram registados neste contexto sete fragmentos enquadráveis nesta etapa cronológica. Foram estudadas duas bases e cinco bojos.

Em termos técnicos na sua maioria foram produzidos à roda apenas dois foram produzidos de forma manual. Estes fragmentos possuem pasta micácea e a cozedura é na sua maioria oxidante e apenas dois fragmentos possuem cozedura redutora. A textura destes exemplares oscila entre média e fina (3 exemplares de cada). Os e.n.p. oscilam também entre médio e pequeno calibre (3 exemplares de cada). No que diz respeito ao acabamento quatro fragmentos encontram-se alisados, e apenas dois exemplares encontram-se polidos.

As bases registadas são de fundo plano alargado.

Quanto à dimensão destes exemplares, quatro exemplares possuem < de 4 cm, um exemplar possui um tamanho entre 4 e 8 cm e um exemplar >8 cm. Foi registado três exemplares encontram-se rolados.

Cerâmica importada romana

Foram registados 18 fragmentos de anfórica. Foram estudados 15 bojos, oito deles oriundos da Bética, um de cádis e o restante do vale do Guadalquivir. Foram registadas ainda duas asas, uma delas da tipologia Haltern 70 (produzida na Bética) e outra indeterminada. Foi registado um bordo de ânfora, cuja tipologia é de Haltern 70 produzido do vale do Guadalquivir com uma cronologia, entre meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. (Fig. 8.202).

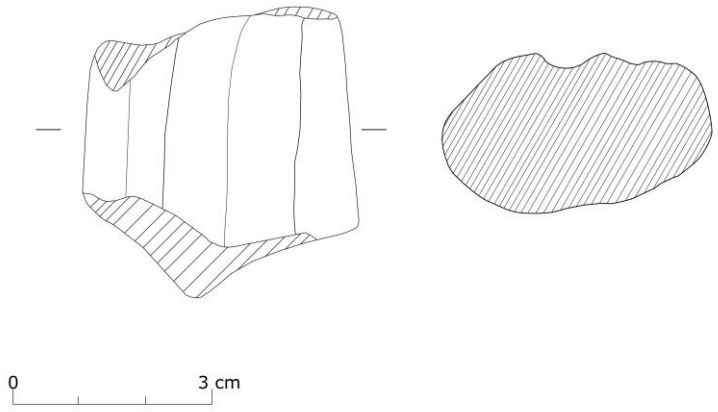


Fig. 8.202 Asa de Haltern 70 (oriunda da Bética).

Nesta camada como temos materiais que nos oferecem uma cronologia mais fina devemos trataremos com maior cuidado na síntese desta sondagem.

Camada 5

Foram registados quatro fragmentos da mesma fase cronológica.

Nível de romanização

Foi registado um fragmento de produção indígena e três bojos de produção romana.

Cerâmica indígena

Nesta camada foi registado apenas um bojo produzido de forma manual, possui pasta micácea e a cozedura é oxidante. A textura destes fragmentos é média e os e.n.p. são de calibre pequeno. O acabamento deste exemplar é alisado.

Quanto à dimensão deste exemplar, este possui um tamanho entre 4 e 8 cm. Não se encontra rolado.

Cerâmica importada ou local romana

Foram registados dois bojos de cerâmica comum romana. E um bojo de ânfora cuja proveniência pela análise da pasta é da área do vale do Guadalquivir.

Camada 6

Foram registados quatro fragmentos cronologicamente diversos.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foi registado apenas um bojo produzido de forma manual, possui pasta micácea-arenosa e a cozedura é redutora. A textura destes fragmentos é média e os e.n.p. são de calibre grande. O acabamento deste exemplar é alisado.

Quanto à dimensão deste exemplar, este possui um tamanho < de 4 cm. Encontra-se rolado.

Cerâmica importada romana

Foram registados três bojos ânfora com a produção com origem na Bética.

Camada 7

Idade do Ferro Recente

Nesta camada foi registado apenas um bojo produzido de forma manual, possui pasta micácea e a cozedura é oxidante. A textura destes fragmentos é fina e os e.n.p. são de calibre pequeno. O acabamento deste exemplar é polido.

Quanto à dimensão deste exemplar, este possui um tamanho < de 4 cm. Encontra-se rolado.

c. Materiais metálicos

No contexto da sondagem 6 foram identificados dois objetos metálicos. Foi registada uma moeda[266] recente e por isso não foi considerada neste estudo e foi encontrada na camada 0.

Desta forma apenas foi tido em consideração um artefacto em ferro que talvez corresponda a uma tacha[267], que surgiu no quadrado S'65, camada 2. Possui 1,6 cm de comprimento, 1,5 cm de largura e 0,8 cm de espessura e pesa 2 gramas (Fig. 8.203).

[266] Número de inventário do MDDS: 2021.5057.
[267] Número de inventário do MDDS: 2021.5044.



Fig. 8.203 Possível tacha em ferro.

d. Síntese da Sondagem 6

Tendo em conta a análise dos materiais cerâmicos efetuada nesta sondagem, devemos referir que a camada 2 (que parece estar associada ao muro 63, que vem da sondagem 5) dataria, genericamente, do séc. I d.C.

Já a camada 4 parece corresponder à vala de fundação do muro perpendicular ao torreão. Existindo material de várias cronologias devemos talvez datar esta estrutura pelos tipos anfóricos do tipo Haltern 70 registados, (a única tipologia registada). Ou seja, uma cronologia entre meados do séc. I a.C. e os finais do séc. I d.C.

Tal como tem ocorrido noutras sondagens, a mistura e grande transporte de materiais é algo que acontece também nesta área. Mesmo com estruturas defensivas imponentes que podiam de alguma forma minorar esse transporte e os fenómenos deposicionais dos fragmentos a verdade é que nesta sondagem, regista-se algum transporte do material cerâmico. Foi registado material da Idade do Bronze Final, do Ferro Antigo, Ferro Recente e ainda do período da romanização do povoado. Quanto aos materiais mais antigos, do Bronze Final e do Ferro Antigo, como tem acontecido noutras áreas do povoado, estes estarão fora do seu contexto original, portanto sem estruturas com que se possam relacionar.

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) os índices de fragmentação demonstram forte transporte de materiais dos seus contextos originais, pois relativamente aos tamanhos dos fragmentos, 33 exemplares (69%) possuem um tamanho < de 4 cm.

Sondagem 7

a. Estruturas e estratigrafia

Esta sondagem foi implantada a sul da sondagem 6 com o objetivo de avaliar a existência de estruturas neste local, já que eram observáveis alguns alinhamentos de pedras (Mendes, 2008: 53). Contemplou os quadrados R'65 e S'65 e S'66.

Apesar de existir ainda um pequeno alinhamento de pedras no sentido E/O junto ao corte sul da sondagem, não se encontrou estruturas bem preservadas.

Esta zona também se apresentou muito confusa em termos estratigráficos. Com efeito, as camadas 01, 02, 03 e 04 parecem ser o resultado de uma acumulação recente, talvez relacionada com antigos trabalhos de limpeza e das escavações ou mesmo de trabalhos de exploração de pedra (Mendes, 2008: 53).

No quadrado S'66, corte sul foi ainda registado o que parece ser o que resta de um possível muro já muito destruído (Mendes, 2008: 53), mas que forneceu materiais na sua vala de fundação (Fig. 8.204).

Relativamente à área sondada foi registada a seguinte estratigrafia entre os quadrados R'65 e S'65:

00 – camada vegetal;

01 – sedimentos de cor castanha, de textura arenosa, pouco compactas e com muitas raízes;

02 – sedimentos de cor castanho-escura, humosas, pouco compactas e com raízes;

03 – sedimentos de cor cinzenta, granulosas e compactas;

04 – sedimentos de cor castanho-clara, de textura argilosa, pouco compactas, com pequenas manchas esbranquiçadas;

Substrato natural: afloramento rochoso.

No quadrado S'66 foi registada a seguinte sequência estratigráfica (Fig. 8.205):

00 – camada vegetal;

01 – sedimentos de cor castanho-clara amarelada, de textura arenosa de grão médio a grosseira, pouco compactas e com muitas raízes e pedras pequenas;

02 – sedimentos de cor castanha, de textura argilosa, pouco compactas e com raízes;

03 – sedimentos de cor castanho-escura acinzentada, de textura argilosa e compactas;

04 – sedimentos de cor castanha-amarelada, arenosas, soltas, com raízes "argamassa";

05 – sedimentos de cor cinzenta, de textura argilosa e por vezes um pouco arenosas, de grão fino e de compacidade média;

06 –sedimentos de cor castanha acinzentada, pouco compactas, de textura argilosa;

07 – sedimentos de cor castanha-amarelada, saibrosas e de textura um pouco argilosa;

08 – sedimentos de cor cinzenta, saibrosas, de granulometria média e pouco compactas;

09 – sedimentos de cor cinzento-escura e com pequenas manchas castanhas, carbonosas, de textura argilosa, compactas e com pedras pequenas;

10 – sedimentos de cor castanha acinzentada, arenosas, soltas e integra duas bolsas de areão;

11 – sedimentos de cor castanho-escura acinzentada, de textura argilosa e pouco compactas;

Substrato natural: afloramento rochoso.

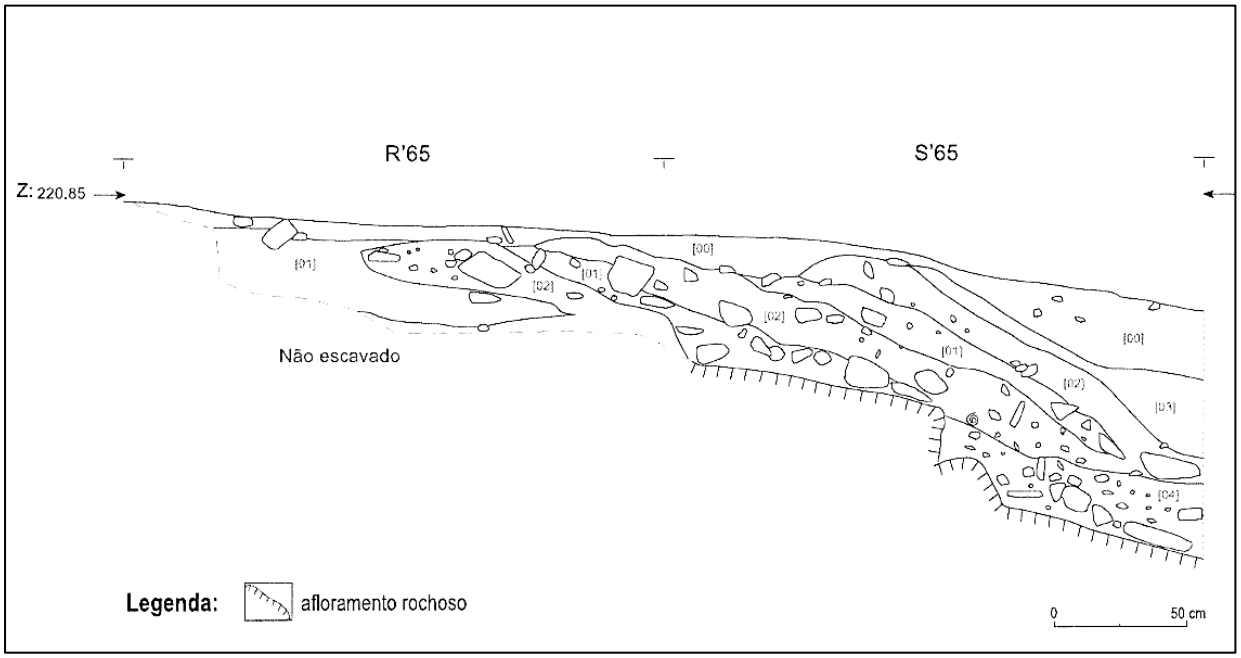


Fig. 8.204 Setor IV, sondagem 7 – perfil Norte (Mendes, 2008, Est. CLX, adaptado).

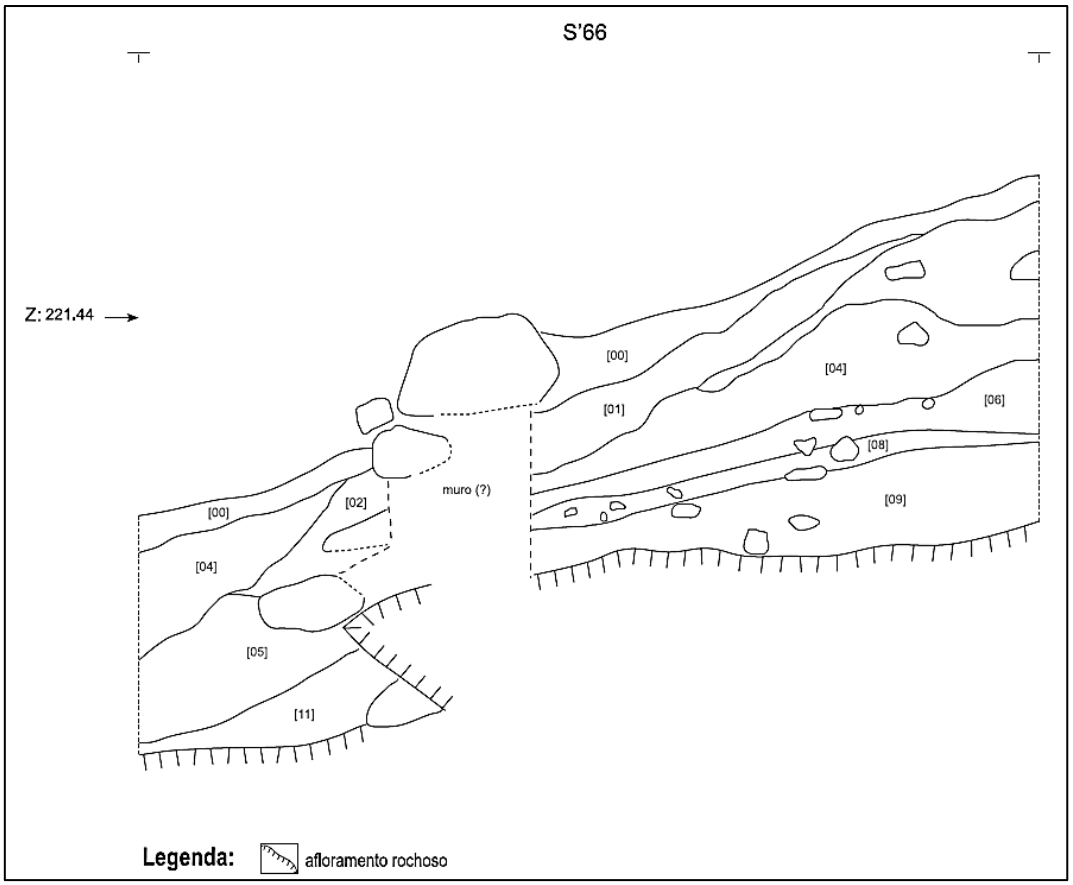


Fig. 8.205 Setor IV, sondagem 7 – perfil sul (Mendes, 2008, Est. CLXI, adaptado).

b. Materiais cerâmicos

Os materiais aqui apresentados são oriundos de depósitos recentes provenientes de antigas escavações. Por isso o seu contexto original ou deposicional está alterado. Ainda assim foram estudadas as camadas 1, 2, 3 e 4 da área entre os quadrados R'65 e S'65. E ainda foram observados os materiais da camada 5 a 10 do quadrado S'66.

Pelo seu estado de revolvimento das camadas 1 a 4 não fez sentido estudar o material camada a camada, mas sim observar, pelos aspetos técnicos e formais que ocupações teriam existido na área. Assim, distinguimos materiais do Bronze Final e do Ferro Antigo, bem como materiais de importação meridional importantes para precisar cronologias.

Devemos ainda referir que todo o espólio desta área estava bastante rolado, e que na camada 11, as últimas registadas encontravam-se alguns fragmentos, mas que pelo seu tamanho diminuto (<3 cm) não foram tidos em consideração.

Devemos ainda acrescentar que os materiais das camadas 5 a 10 do quadrado S'66 encontravam-se bastante rolados, mas foi possível propor a cronologia da construção do muro aqui detetado.

Camadas 1, 2, 3 e 4

Nestas camadas foi registado um total de 330 fragmentos de várias cronologias.

Idade do Bronze Final

Foi registado apenas um fragmento de cerâmica tecnologicamente datável da Idade do Bronze Final. Este fragmento é um bojo decorado, realizado manualmente, com pasta arenosa-micácea e cozedura é redutora. Os desengordurantes são de pequeno calibre. O fragmento possui textura média e apresenta-se polido. A decoração caracteriza-se pela existência de várias linhas brunidas na horizontal apenas e no meio do fragmento tem várias incisões oblíquas. Não se tratando por isso de reticula brunida como noutros casos. Possui um tamanho < de 4 cm.

Idade do Ferro Antiga

Foram registados 31 fragmentos de cerâmica datável da Idade do Ferro Antiga, entre eles dois bordos, 28 bojos e um exemplar de asa.

Os 31 exemplares foram realizados manualmente. A cozedura é redutora. As pastas destes fragmentos são oscilam entre micáceas-arenosas e micáceas (28 exemplares micáceos e o restante micácea-arenosa).

Os desengordurantes presentes nas pastas, em termos de tamanhos variam entre grande calibre (dois fragmentos), médio calibre (20 fragmentos) e pequeno calibre nove exemplares. A maioria dos fragmentos possuem textura média (23 casos), seguidamente os que possuem textura fina (sete casos) e ainda textura grosseira (um caso). As superfícies dos fragmentos apresentam-se alisadas (16 exemplares) e polidas (15 exemplares).

Em termos formais foram individualizados dois bordos esvasados. O fragmento de asa possui seção tubular.

Foram identificadas três formas cerâmicas enquadráveis nesta cronologia, pelos bordos e por uma asa. Com efeito, foi registado um exemplar da forma 1a (pote), um exemplar da forma 2b (potinho/púcaro) e um exemplar da forma 4b (panela da asa interior) (Tab. 8.30; Fig. 8.206). Do conjunto considerado apenas oito exemplares possuem fuligem na superfície. Num dos exemplares esta fuligem encontra-se na superfície da asa da forma 4.

Tabela 8.30 Formas da Idade do Ferro Antiga da sondagem 7

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	33,3 %
Forma 2b (potinho)	1	33,3 %
Forma 4a (panela de asa interior)	1	33,3 %
Total	**3**	**100 %**

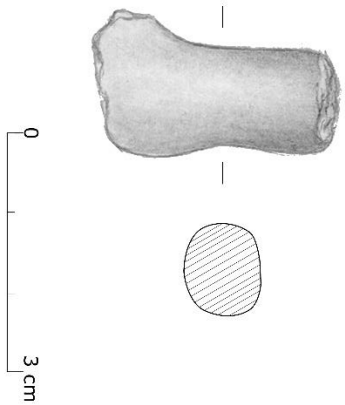


Fig. 8.206 Asa de seção circular pertencente a uma forma 4a – panela de asa interior, típica da Idade do Ferro Antiga.

Relativamente aos tamanhos dos fragmentos, 28 são < de 4 cm e três 3 possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm.

O facto de não ocorrer fragmentos rolados, ainda assim parece registar uma forte fragmentação dos materiais sendo que a maior parte apresenta um tamanho inferior ou igual a 4 cm, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Cerâmica indígena

Foram registados 130 fragmentos de cerâmica datável do final do Ferro Recente ou da romanização: cinco bordos, 108 exemplares de bojos, seis exemplares de bases e, ainda, um fragmento indeterminado.

Em termos técnicos 60 fragmentos registam marcas de torno e os restantes 72 exemplares foram realizados manualmente. A cozedura é na sua maioria oxidante, e 77 exemplares com cozedura redutora.

As pastas são apenas micáceas. Os desengordurantes variam entre os de grande calibre (dois casos), médio calibre (58 casos) e pequeno calibre (72 casos). A maioria dos fragmentos

possuem textura fina (65 fragmentos) e os restantes textura média. As superfícies apresentam-se alisadas (59 exemplares) e polidas (73 exemplares).

Em termos formais foram individualizados 15 bordos (seis abertos, cinco esvasados, um exemplar vertical, um fechado, e ainda dois indeterminados). Registam-se 6 exemplares de bases, neste caso quatro de fundo plano alargado e dois de fundo plano simples.

Foram identificadas 15 formas cerâmicas a saber: um exemplar da forma 1a (pote de bordo esvasado), seis exemplares da forma 2b (potinho), dois exemplares da forma 3a (malga), três exemplares da forma 3b (tigela), um exemplar da forma 4b (panela da asa interior) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 8.31; Fig. 8.207).

De notar ainda que foi identificada uma tampa e duas formas indeterminadas já que não foi possível verificar o tipo de bordo em causa pelo seu diminuto tamanho.

Tabela 8.31 Formas da Idade do Ferro Recente da sondagem 7 (Setor IV)

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	6,5 %
Forma 2b (potinho)	6	40 %
Forma 3a (malga)	2	14 %
Forma 3b (tigela)	3	20 %
Forma 4b (panela de asa interior)	1	6,5 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	6,5 %
Tampa	1	6,5 %
Total	**15**	**100 %**



Fig. 8.207 Panela de asa interior de bordo aberto (forma 4b), típica dos períodos mais recentes da Idade do Ferro.

Foram registados fragmentos com decoração em quatro casos. Dois exemplares decorados por incisão e dois por aplicação plástica.

A decoração por incisão apresenta-se através de um sulco inciso, num dos bojos, e cinco sulcos incisos horizontais, noutro bojo. A decoração plástica apresenta-se através de um cordão, aplicado na horizontal (nos dois exemplares).

Foram registados 18 exemplares com fuligem na sua superfície externa. Destacamos a presença de fuligem em recipientes das formas 4 (panela de asa interior) e 6 (panela de asa em orelha), indicadores de que estas eram usadas para cozinhar.

De registar um exemplar de bojo com perfuração incompleta, talvez para colocação de agrafo metálico.

Relativamente ao tamanhos dos fragmentos, 104 (80%) são < de 4 cm, 25 exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e um exemplar é >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) tal índice de quebra evidencia grande revolvimento, o que está de acordo com as observações de Mendes (2008: 53) sobre a descontextualização destas camadas. Foram, ainda, detetados 56 (57%) fragmentos rolados demonstrando que estiveram sujeitos a agentes erosivos após abandono.

Cerâmica de importação

Foi ainda registado um fundo e duas asas de ânfora da tipologia Haltern 70 (da área da Bética) datável entre meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. (Fig. 8.208).

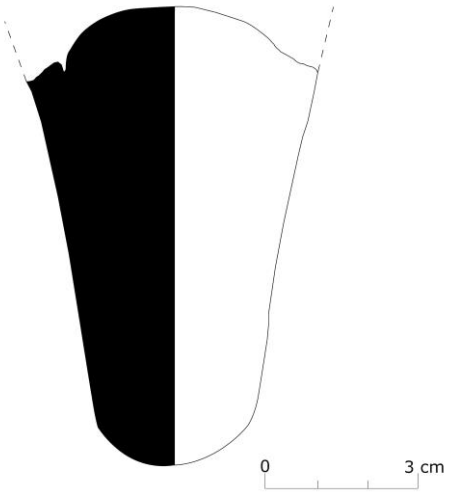


Fig. 8.208 Fundo de ânfora tipo Haltern 70 (área da Bética).

Cerâmica da romanização

Destacamos 56 bojos de cerâmica comum romana, 59 bojos de ânfora da área do vale do Guadalquivir, 50 bojos de ânfora da área da Bética. Foi registada um exemplar de tigela da área do baixo Guadalquivir, e um exemplar de uma tigela de cerâmica comum romana (Fig. 8.209). De

notar ainda o aparecimento de um fragmento de tégula. No que respeita a estes materiais, se quanto aos bojos de ânfora pouco podemos referir já o material de construção romano e a cerâmica de importação da área do baixo Guadalquivir serão já materiais datáveis do séc. I d.C. ou II d.C.

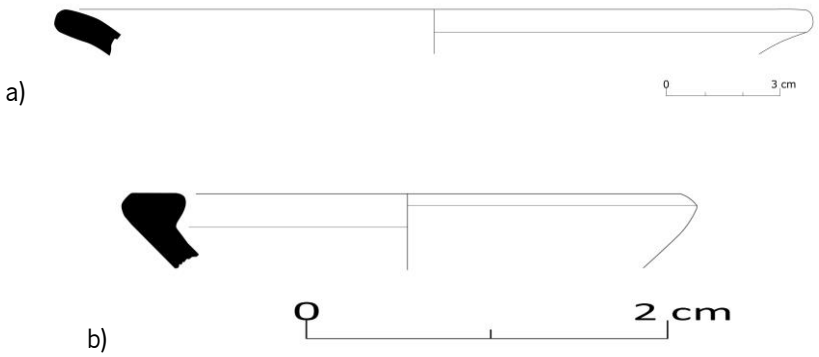


Fig. 8.209 Formas cerâmicas de fabrico romano: a) tigela (baixo Guadalquivir); b) tigela de cerâmica comum romana.

Em síntese, nestas camadas superficiais, apesar de descontextualizadas é possível admitir que nas proximidades, teriam existido ocupações da Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro. A última ocupação é da romanização, provavelmente dos finais do séc. I a.C. e todo o séc. I, e inícios do II d.C. como o indiciam os materiais de construção, e os de importação e comum do baixo Guadalquivir a que se associam as estruturas.

Foram, ainda, identificados dois cossoiros de tipo discoide, cuja inserção cronológica é difícil de determinar, pelas suas características técnicas. Foram efetuados sobre bojos, num visível aproveitamento de vasilhas fragmentadas (Fig. 8.210).

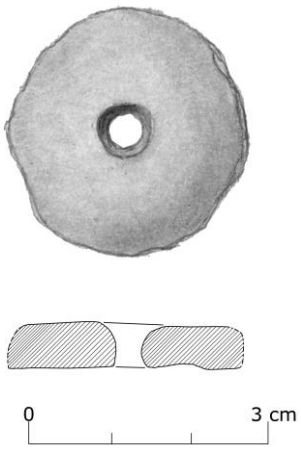


Fig. 8.210 Cossoiro de tipo discoide, produzido a partir de um bojo.

Também de inserção cronológica difícil é o fragmento de possível cadinho de fundição com restos metálicos (Fig. 8.211).



Fig. 8.211 Vestígios de restos metálicos num bojo cerâmico

Quadrado S'66

Camada 5

Nesta camada foram apenas estudados cinco fragmentos. Dois deles, tipicamente indígenas, e três fragmentos de produção romana.

Cerâmica indígena

Foram registados dois bojos de cerâmica datável da Idade do Ferro Recente ou da romanização.

Em termos técnicos um deles regista marcas de torno e outro foi produzido de forma manual. A cozedura é oxidante. A pasta é apenas micácea. Os desengordurantes variam entre médio calibre (um exemplar) e pequeno calibre (um exemplar). Estes fragmentos possuem fragmentos possuem textura média. As superfícies apresentam-se ora alisadas ora polidas (um exemplar, cada).

Relativamente aos tamanhos dos fragmentos, um deles possui < de 4 cm e o outro possui uma dimensão entre 4 e 8 cm. Estes fragmentos encontram-se rolados.

Cerâmica da romanização local e importada

Foram individualizados três exemplares. Dois são de ânforas (um bojo e um arranque de asa muito rolado) da área do vale do Guadalquivir. E ainda foi identificado um bojo de cerâmica comum romana.

Camada 6

Nesta camada foram observados 17 fragmentos. Neste particular devemos referir que a cerâmica de produção indígena tem características da Idade do Ferro Recente e apenas dois bojos serão de importação romana.

Idade do Ferro Recente

Foram registados 15 fragmentos datáveis desta cronologia. Foram estudados quatro bordos, duas bases e nove bojos.

Em termos técnicos a maior é produzida à roda e os restantes seis exemplares de forma manual. A cozedura é na sua maioria oxidante e a restante redutora (três exemplares).

A pasta é apenas micácea. Os desengordurantes (e.n.p.) variam entre médio calibre (sete casos), pequeno calibre (seis casos) e grande calibre (dois casos). Estes fragmentos possuem na sua maioria textura média (nove exemplares), seguido de textura fina (quatro exemplares) e textura grosseira (dois exemplares). As superfícies apresentam-se na maioria polida (10 fragmentos) e o restante alisado (cinco fragmentos).

Em termos formais foram observados quatro bordos (dois esvasados, dois em aba soerguida e um exemplar aberto. Registaram-se também dois exemplares de bases de fundo plano alargado.

Foi possível a partir dos bordos individualizar um total de quatro formas: um exemplar da forma 1 b (pote), um exemplar da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3a (malga) e um exemplar da forma 5 (talha) (Tab. 8.32; Fig. 8.212).

Tabela 8.32 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente, camada 6, da sondagem 7 (Setor IV)

Forma	NMI	%
Forma 1b (pote)	1	25 %
Forma 2b (potinho)	1	25 %
Forma 3a (malga)	1	25 %
Forma 5 (talha)	1	25 %
Total	**4**	**100**

Foi observado ainda um bojo decorado por aplicação plástica (com um cordão aplicado na horizontal).

Relativamente aos tamanhos dos fragmentos, oito exemplares têm um tamanho < de 4 cm, seis exemplares possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e um exemplar possui uma dimensão >8 cm. Apenas quatro exemplares encontram-se rolados e dois possuem fuligem.



Fig. 8.212 Forma cerâmica: forma 3a malga.

Cerâmica de importação

Foram registados neste contexto dois bojos de ânfora (oriundos do vale do Guadalquivir).

Camada 7

Nesta camada foi registado um fragmento da Idade do Ferro Antiga, um bojo da Idade do Ferro recente e seis fragmentos datáveis da romanização.

Idade do Ferro Antiga

Foi registado um bojo datável desta cronologia. Em termos técnicos é produzido de forma manual. A cozedura é redutora. A pasta é micácea-arenosa. Os desengordurantes (e.n.p.) são de médio calibre. Este fragmento é de textura média. A superfície é alisada.

Relativamente ao tamanho do fragmento, este possui um tamanho < de 4 cm. Encontra-se rolado.

Idade do Ferro Recente

Foi registado um bojo datável desta cronologia. Em termos técnicos é produzido de forma manual. A cozedura é oxidante. A pasta é micácea. Os desengordurantes (e.n.p.) são de médio calibre. Este fragmento é de textura média. A superfície é alisada.

Relativamente ao tamanho do fragmento, este possui um tamanho < de 4 cm. Encontra-se rolado.

Cerâmica romana e de importação

Foram registados dois bojos de cerâmica comum romana, e um fragmento de tégula. Foi ainda registado três bojos de ânfora do vale do Guadalquivir.

Camada 8

Nesta camada foram registados quatro fragmentos da Idade do Ferro Antiga e três bojos da Idade do Ferro recente.

Idade do Ferro Antiga

Foram estudados quatro bojos datáveis desta cronologia. Em termos técnicos é produzido de forma manual. A cozedura é redutora. A pasta é micácea-arenosa. Os desengordurantes (e.n.p.) são na sua maioria de pequeno calibre e um bojo possui desengordurantes de médio calibre. Este fragmento é de textura média. A superfície destes fragmentos é polido.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, dois deles possuem um tamanho < de 4 cm e outros dois um tamanho entre 4 e 8 cm. Foram registados três fragmentos rolados e um possui fuligem.

Idade do Ferro Recente

Foram estudados três bojos datável desta cronologia.

Em termos técnicos foram produzidos na sua maioria à roda, e apenas um fragmento foi produzidos de forma manual. A cozedura é oxidante. A pasta é micácea. Os desengordurantes (e.n.p.) são na sua maioria de médio calibre e um bojo possui desengordurantes de pequeno calibre. A textura destes fragmentos é fina. A superfície destes fragmentos é na sua maioria polido e um bojo possui a superfície alisada.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem um tamanho < de 4 cm. Encontra-se todos rolados.

Camada 9

Nesta camada além de material da Idade do Ferro Antiga, foram ainda estudados seis fragmentos de ânfora, tratando-se por isso de cerâmica de importação. Esta camada parece ser corresponder à zona de implantação do possível muro já muito destruído.

Idade do Ferro Antiga

Foram estudados oito bojos e um bordo datáveis desta cronologia.

Em termos técnicos é produzido de forma manual. A cozedura é redutora. A pasta é micácea-arenosa. Os desengordurantes (e.n.p.) são na sua maioria de médio calibre e quatro exemplares possuem desengordurantes de pequeno calibre. A maioria dos fragmentos possuem textura média e três exemplares possuem textura grosseira. A superfície destes fragmentos é na sua maioria alisado e o restante é polido.

O bordo estudado é esvasado. Este bordo corresponde a uma forma 1a (pote) (Fig. 8.213).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, seis deles possuem um tamanho < de 4 cm e outros três têm um tamanho entre 4 cm e 8 cm. Foram registados quatro fragmentos rolados e dois possuem fuligem, inclusivamente a forma 1a.



Fig. 8.213 Forma cerâmica: forma 1a (pote).

Cerâmica de importação

Foram estudados seis bojos de ânfora, três deles da área de Cádis e o restante oriundo do vale do Guadalquivir.

Camada 10

Nesta camada foi apenas detetado material da Idade do Ferro Antiga.

Idade do Ferro Antiga

Foram estudados seis bojos datáveis desta cronologia.

Em termos técnicos é produzido de forma manual. A cozedura é redutora. A pasta é micácea-arenosa. Os desengordurantes (e.n.p.) são na sua maioria de médio calibre e quatro exemplares possuem desengordurantes de pequeno calibre. A maioria dos fragmentos possuem textura média e um exemplar possui textura grosseira. A superfície destes fragmentos divide-se entre alisado e polido (três exemplares cada).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes seis fragmentos têm um tamanho < de 4 cm. Foram registados cinco fragmentos rolados e três possuem fuligem.

c. Síntese da Sondagem 7

Em síntese parece-nos lícito supor que as camadas superiores (1, 2, 3, 4) seriam de revolvimentos recentes. Já as camadas do quadrado S'66 parecem corresponder a uma realidade mais antiga. Aliás, os materiais encontrados nas camadas 9 e 10 apenas retratam uma realidade estratigraficamente datável da Idade do Ferro Antiga, pelo que podemos talvez supor que um murete de uma só face (de contenção de terras?), aí localizado, fosse datável, genericamente, desse período.

Esta zona parece evidenciar um índice de quebra preponderante, tendo os materiais cerâmicos, observados nas camadas do quadrado S'66, tamanho < de 4 cm, em 68% dos casos, mas apenas 29% de materiais rolados. Assim, e segundos os critérios de Brudenell e Cooper (2008), os fragmentos registados, neste quadrado, sofreram, apenas, um transporte parcial e não estiveram sujeitos a muitos agentes erosivos, após abandono da ocupação.

Quadrado L'59

a. Estruturas e estratigrafia

Trata-se de uma sondagem de 2 m^2, numa área que se encontra entre o muro sul do núcleo I e a Sondagem 5. Serviu para avaliar a potência estratigráfica do local. Todavia, registou-se apenas uma camada estratigráfica – a camada 01.

01 - sedimentos de cor castanho-escura, humosos, soltos, granulosos e com raízes.

Neste local o substrato natural é composto por saibro. Ainda assim foram registados vários fragmentos cerâmicos (Mendes, 2008: 51).

b. Materiais cerâmicos

Camada 1

Esta camada forneceu 55 fragmentos cerâmicos, 36 (65%) de fabrico indígena e 19 (35%) de fabrico romano.

<u>Cerâmica indígena</u>

Foram registados 36 fragmentos de cerâmica indígena. Foram contabilizados cinco bordos, 30 exemplares de bojos e um exemplar de base. Em termos técnicos 20 fragmentos registam

marcas de torno e os restantes 16 foram realizados manualmente. As pastas são apenas micáceas com desengordurantes de grande calibre grande (13 fragmentos), seguido de calibre médio (13 fragmentos) e pequeno calibre (10 fragmentos). A maioria dos fragmentos possuem textura fina (27 casos) e os restante, textura média. A cozedura é na sua maioria redutora, mas há 13 exemplares com cozedura oxidante. As superfícies dos fragmentos apresentam-se alisadas e polidas (18 exemplares, cada).

Em termos formais foram registados cinco bordos (dois exemplares esvasados, um exemplar em aba soerguida c/asa de seção com canelura central, um exemplar vertical e um exemplar reentrante). Regista-se, ainda, um exemplar de base de fundo plano alargado.

Quanto às formas foi possível identificar um exemplar da forma 1a (pote), um exemplar da forma 2b (potinho/púcaro), um exemplar da forma 2c (púcaro com bordo em aba soerguida com asa) e um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 8.33 e Fig. 8.215). Foi ainda registado um exemplar de cadinho (com bordo reentrante) ainda com vestígios metálicos agregados no seu interior (Fig. 8.214).

Tabela 8.33 Formas cerâmicas indígenas no quadrado L'59 (Setor IV)

Formas	NMI	%
Forma 1a (Pote)	1	20 %
Forma 2b (Potinho)	2	40 %
Forma 2c (Púcaro)	1	20 %
Forma 6 (Panela de asa em orelha)	1	20 %
Total	**5**	**100 %**

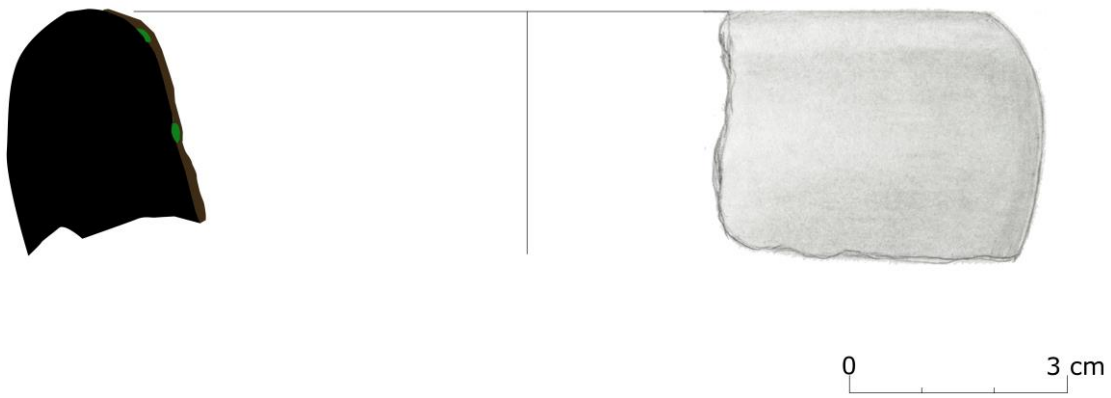


Fig. 8.214 Cadinho com vestígios metálicos agregados no interior.

Apenas 10 exemplares possuem fuligem. Destacamos fuligem no exterior, no interior e no cerne do exemplar de panela de asa em orelha (forma 6) o que significa que, após quebra, esteve em contacto direto com fogo, não se tratando aqui de uma característica funcional.

Um dos bojos e num bordo de um potinho/púcaro registaram-se pequenas perfurações indiciadoras da existência de agrafos metálicos.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 28 possuem um tamanho < de 4 cm, seis possuem uma dimensão entre 4 e 8 cm e dois são >8 cm, o que, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) indicia transporte ou alteração de contextos originais. Foram detetados, ainda, 18 fragmentos rolados o que está de acordo com as observações interiores.

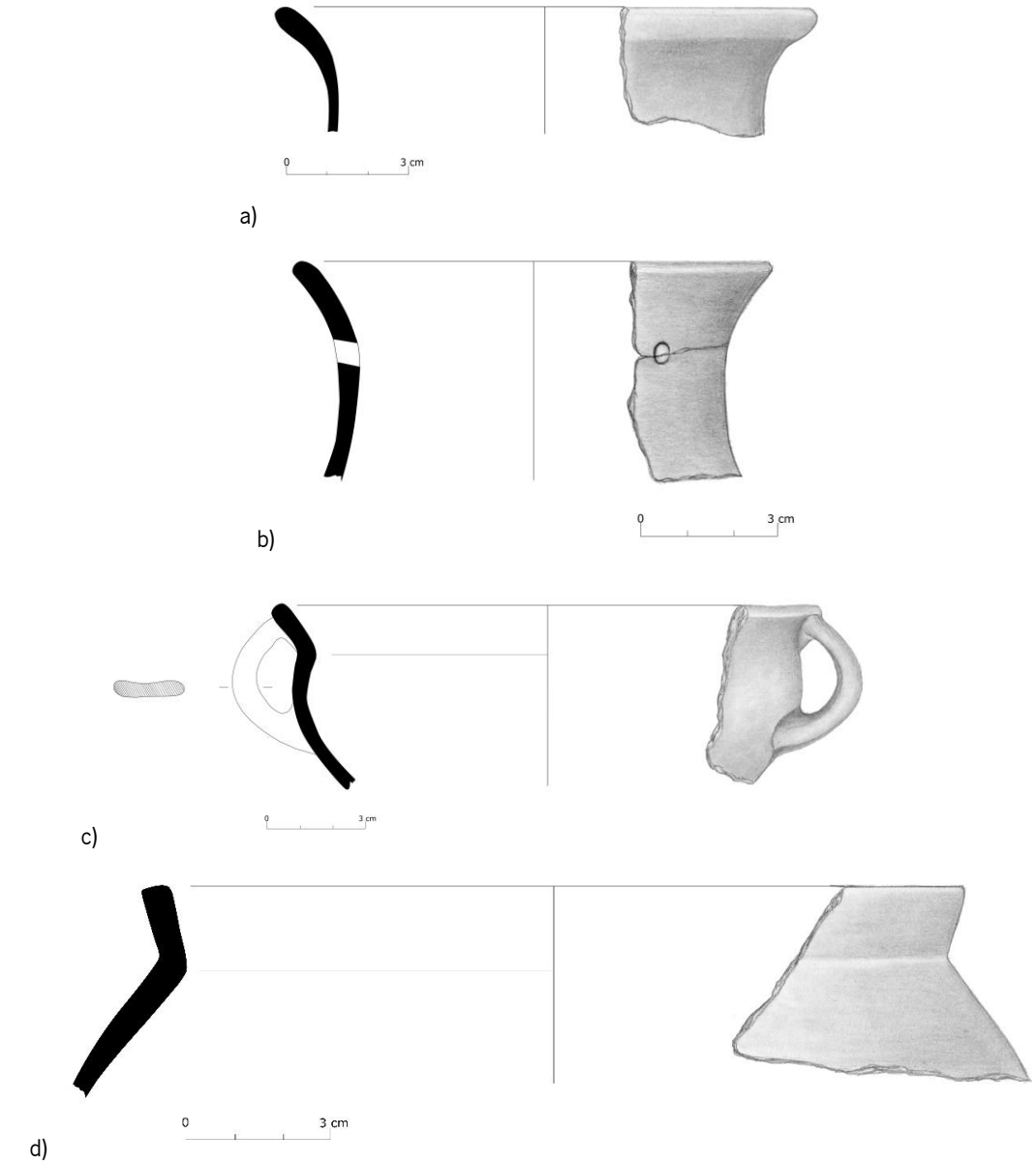


Fig. 8.215 Formas de cerâmica indígena: a) e b): potinho /púcaros, um deles com perfuração provavelmente para colocação de agrafo metálico; c) púcaro – forma 2c.; d) forma 6 – panela de asa em orelha.

Cerâmica de fabrico romano

Foram contabilizados ainda 15 bojos de ânfora produzidos da área do Guadalquivir, dois bordos de ânfora, muito rolados. Foram observados, ainda, um bojo e um fundo de cerâmica comum romana (Fig. 8.216).

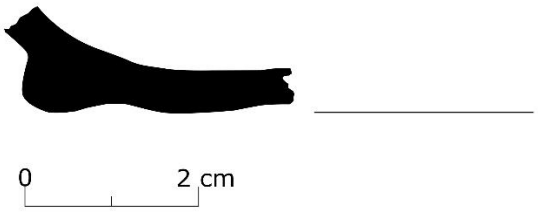


Fig. 8.216 Fundo de cerâmica comum romana.

c. Materiais Metálicos

Neste quadrado foi ainda registado na camada 1 foi registado um pequeno objeto indeterminado, em liga de bronze, muito rolado e impossível de caracterizar. Pode ser inclusivamente escória. Possui 0,03 cm de comprimento, e 0,01 cm de espessura e pesa 0,2 gramas (Fig. 8.217).

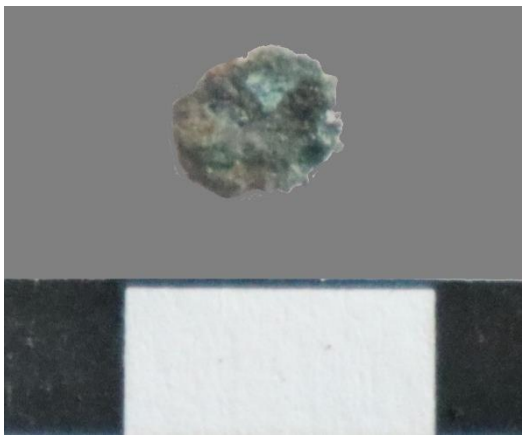


Fig. 8.217 Pequena escória (?) em liga de bronze.

d. Síntese do Quadrado L'59

Em **síntese,** a cerâmica é muito uniforme dando ideia de que se trata de um nível de romanização, apesar de revolvido. Relevante é o fragmento de cadinho com restos de fundição o que permite inferir que nesta área teria existido produção metalúrgica.

Síntese do Setor IV

Em termos cronológicos, esta área do Monte de Santa Luzia, parece ter sido ocupada, pelo menos, desde o Ferro Antigo à romanização, provavelmente com hiatos, embora uma ocupação

não identificada do Bronze Final pareça ter existido, tendo presente a quantidade de materiais deste período encontrados nas sondagens 2 e 6.

Do **Ferro Antigo** conhece-se um piso, da sondagem 1; um pequeno muro rudimentar (de cabana?), surgido na sondagem 5 e um murete, encontrado na sondagem 7, indicadores de uma ocupação efetiva deste período, neste local pelo estudo dos materiais associados. É possível que tenha existido um hiato entre a ocupação do Ferro Antigo e a do Ferro Recente, nesta área.

Já a ocupação do **Ferro Recente** parece ter continuidade para os inícios da romanização, sendo difícil a sua individualização neste sector. Pela análise dos materiais, devemos referir que toda esta área parece ter tido, numa fase avançada da Idade do Ferro e já em plena romanização, uma grande alteração estrutural. Desde logo verifica-se a abertura de arruamentos (sondagem 3), a delimitação de bairros residenciais (núcleo I das sondagens 1 e 2) e a construção do torreão 2 (sondagem 6).

Apesar da dificuldade de isolar o Ferro Recente do início da romanização, dada a amplitude de materiais de importação, na sondagem 2 parece registar-se, uma possível cabana datável ainda deste período. Tem vestíbulo e lajeado que devido a um incêndio terá sido desativado dando lugar a uma outra estrutura, mais simples, datável já do período entre o séc. I a.C. e I d.C. ou mesmo da romanização. Também a estrutura (um muro muito destruído) identificada na sondagem 4, como o muro de sustentação de uma plataforma, encontrado na sondagem 5, datarão da Idade do Ferro Recente.

Em termos funcionais, parece-nos que esta área terá tido alguma relação com a prática metalúrgica, visto nas sondagens 1, 2, 7 e quadrado L'59 terem sido encontrados cadinhos cerâmicos e escória (Fig. 8.218).

As importações com o mundo meridional e setentrional são vastas e de ampla cronologia e que devemos separar cronologicamente entre aqueles que circulam no Ferro Recente e aqueles genericamente datáveis da romanização e de época imperial romana (Fig. 8.219).

Na Idade do Ferro Recente circulam formas setentrionais nomeadamente formas tipo Vigo e ânforas tardo-republicanas romanas como é o caso do tipo Ramon T-7.4.3.3, Haltern 70, Ovóide 1, Ovóide 4 e Ovóide 6. A acompanhar estas importações de contentores parecem chegar nesta fase também produções finas de mesa, neste caso, cerâmica comum de várias proveniências: da área de Cádis e do vale do Guadalquivir. A maior parte destes materiais datam dos finais da Idade do Ferro recente.

De época imperial romana registamos a alguns fragmentos de sigillata itálica, cerâmica fina da Etrúria, a cerâmica comum romana (fina e grosseira), cerâmica cinzenta fina, cerâmica de engobe vermelha e alguns materiais de importação como cerâmica comum com origem na área da Bética datáveis, genericamente, entre o séc. I e II d.C.

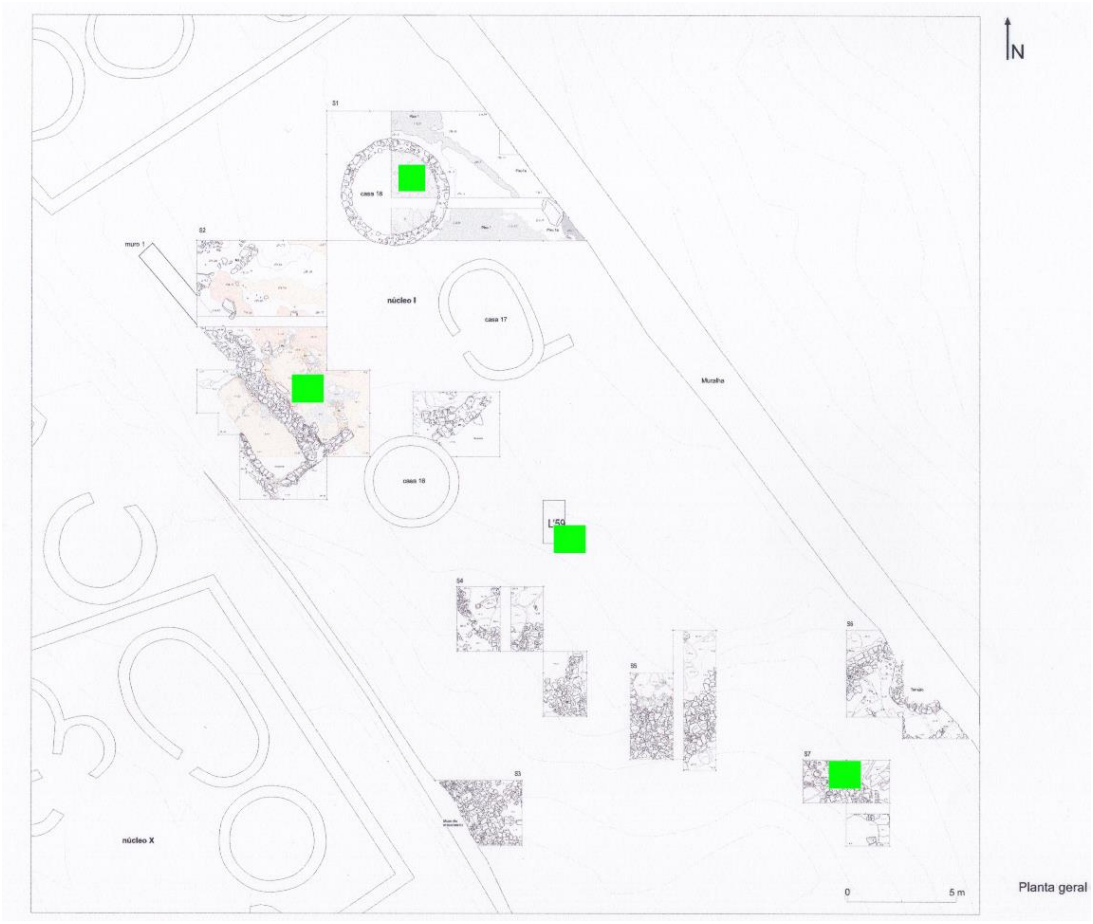


Fig. 8.218 Planta geral do Setor IV (Mendes, 2008, adaptado): com os locais onde foi registado vestígios ligados com a prática metalúrgica no setor IV.

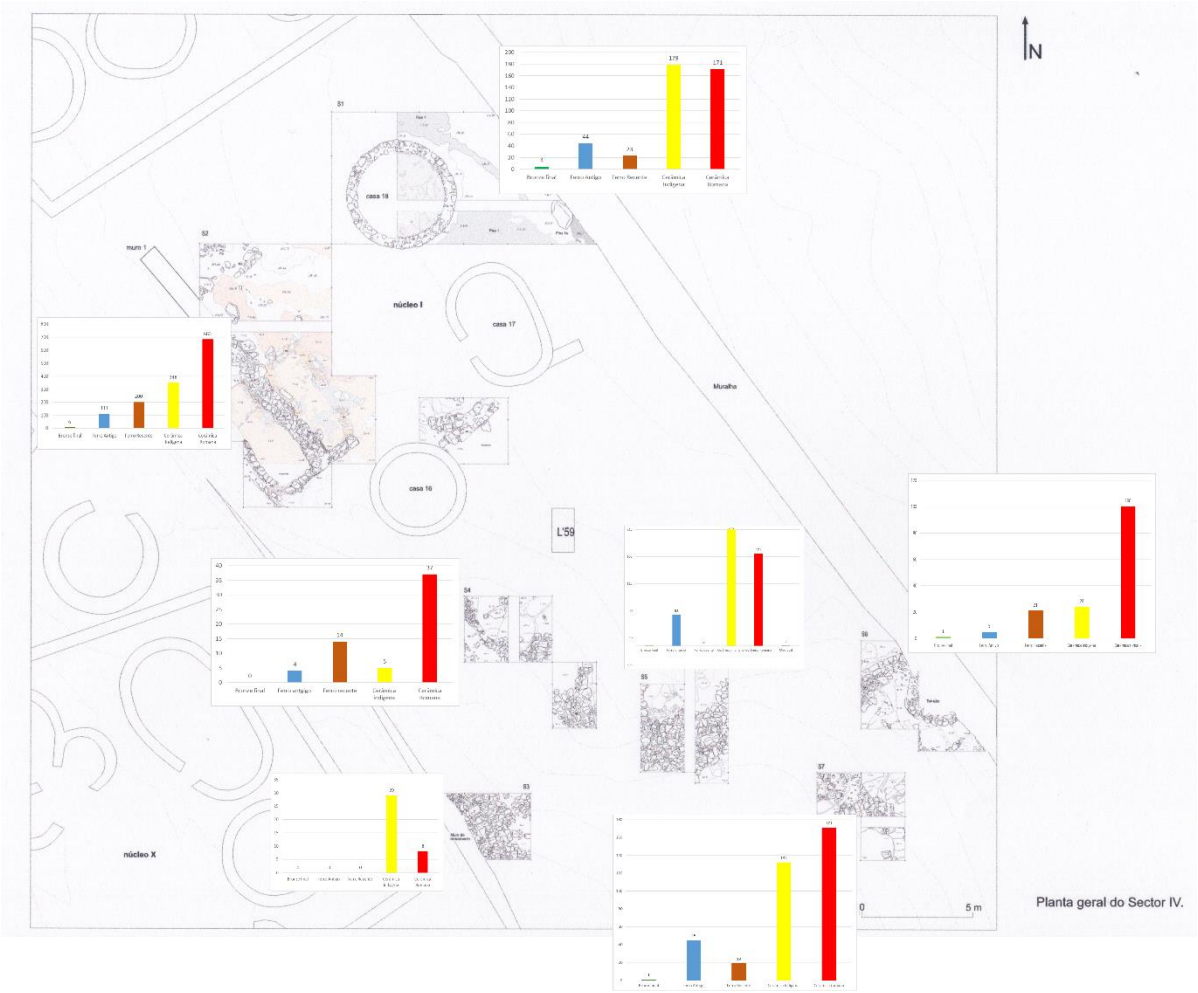


Fig. 8.219 Planta geral do Setor IV (Mendes, 2008, adaptado), com a representação da quantidade de materiais distribuída por cronologia: Idade do Bronze a verde, Idade do Ferro Antiga a azul, Idade do Ferro Recente a castanho, materiais indígenas de níveis de romanização a amarelo e materiais romanos a vermelho.

4.2.7. Cronologia e fases de ocupação

Com base nos dados das antigas escavações e das efetuadas entre 2002 e 2006 foi possível estabelecer, pelo menos, quatro momentos de ocupação em Santa Luzia. O mais antigo seria do Bronze Final (Sta Luzia I), seguido de dois momentos da Idade do Ferro (Sta Luzia IIa e IIb) e de uma ocupação da romanização (Sta Luzia III). Frequências do sítio em períodos mais recentes são apontadas por Almeida (2008: 227), mas não parecem ser muito efetivas.

Esta cronologia precisa e amplia as várias fases de ocupação propostas por Almeida (1990, 1996, 2008) e Mendes (2008).

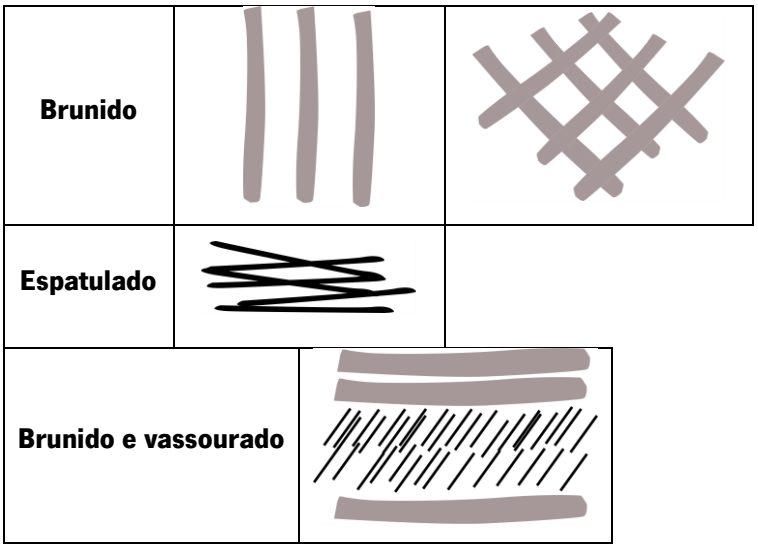
Sta Luzia I – Idade do Bronze Final

Em termos genéricos os dados que possuímos sobre a ocupação desta época são reduzidos. Limitam-se sobretudo a 20 fragmentos cerâmicos (dois bordos, 17 bojos e um arranque de asa) e a um objeto metálico (cone de fundição) localizados de modo algo disperso por várias áreas do local. Estes materiais são produzidos de forma manual, com pastas em arenosas e arenosas-micáceas, com desengordurantes grandes a médios e com cozedura redutora. Estes materiais em alguns casos possuem decoração, normalmente por brunido e vassourado, além de dois casos com decoração por incisão e brunido (Tab. 8.34). Quanto às formas foram apenas registados em contexto de escavação uma possível forma 10 (potinho/púcaro), e sem contexto um exemplar da forma 2 e um exemplar da forma 10 (da tabela formal de A. Bettencourt, 1999, 2000c). Destacamos ainda a existente de dois fragmentos com decoração por ornatos brunidos indiciadora de contactos suprarregionais.

Estes materiais foram encontrados tanto dentro como fora do recinto murado (da Muralha 1), mas em níveis de revolvimento e sem conexão com qualquer estrutura. No setor III foram encontrados em níveis algo profundos da sondagem 5 e 6 mas no setor IV foram registados em camadas de superfície, e não só, nas sondagens 1, 2, 5, 6 e 7.

Deste modo coloca-se a hipótese da existência de uma ocupação deste período, que ainda não foi encontrada *in situ*[268].

Tabela 8.34 Decorações da Idade do Bronze Final em Santa Luzia



[268] Apesar de ser necessário um maior número de escavações para que se possa precisar a cronologia de construção destas estruturas.

Sta Luzia IIA – Idade do Ferro Antiga (séc. ? a III a.C.)

Em termos genéricos pouco podemos referir no que concerne às estruturas desta fase. Na ausência de cerâmicas de importação púnicas é, sobretudo, com base nos dados mais recentes do Setor III, da sondagem 5, 6, e 8 e no Setor IV, e sondagem 1, 2, 4, 5, 6 e 7 que podemos tecer algumas considerações.

Com efeito, devemos referir que as camadas 7, 7a e 7b (Setor IV, sondagem 1) que se encontram por baixo da muralha 1 que pode ter tido a sua fundação ainda no Ferro Antigo, pelos materiais aí registados. Ainda nesta sondagem registamos naquilo que parece ser a fundação da estrutura C18 materiais desta cronologia apenas.

O mesmo sucede, em relação a um muro tosco, encontrado na sondagem 5, cujas suas fundações (camada 4a e 4b) possuem materiais passíveis de se colocar nesta faixa cronológica. Porém, este muro seria de uma estrutura cujas dimensões e função desconhecemos por estar efetivamente muito destruída.

Desta ocupação destacamos um total de 376 fragmentos, e destes apenas 21 decorados, o que representa 6% do total registado. A produção é ainda de fabrico manual, as pastas oscilam entre micácea e arenosa-micáceas, com desengordurantes micáceos (micas de grande ou médio calibre), cozedura redutora e superfícies alisadas e polidas. Foram individualizadas um total de 36 formas que se incluem potes, potinhos, malgas e tigela, e panelas e asa interior (Tab. 8.35).

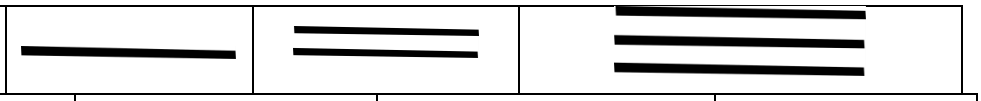
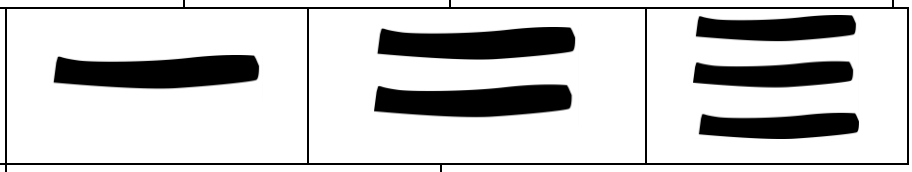
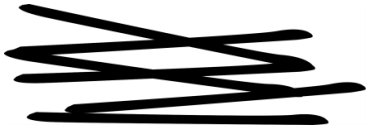
Tabela 8.35 Tipo e quantidade de formas para a Idade do Ferro Antiga

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	7	19 %
Forma 1b (pote)	1	3 %
Forma 2 (potinho/púcaro)	5	14 %
Forma 2a (púcaro)	1	3 %
Forma 2b (potinho)	14	39 %
Forma 3 (malga/tigela)	1	3 %
Forma 3a (malga)	2	5,5 %
Forma 3b (tigela)	2	5,5 %
Forma 4a (panela de asa interior)	3	8 %
Total	**36**	**100 %**

Em termos decorativos foi identificada alguma variedade quanto às técnicas e motivos: entre incisão, aplicação plástica, espatulados e brunidos e alguns casos com decoração compósita como é o caso de espatulado acompanhado por aplicação plástica e incisão e impressão (Tab. 8.36).

As panelas de asa interior têm os bordos abertos e a secção das asas circulares, o que é típico deste período noutros contextos, nesta cronologia, nomeadamente na bacia do Cávado (Martins, 1990; Bettencourt, 1999, 2000c: 239) e do Ave (Silva, 2014).

Tabela 8.36 Decorações na Idade do Ferro Antiga em Santa Luzia

Incisão	
Aplicação Plástica	
Espatulado	
Brunido	
Espatulado e aplicação plástica	
Incisão e Impressão	

Sta Luzia IIB – Idade do Ferro Recente (meados do séc. II a.C. – I a.C.)

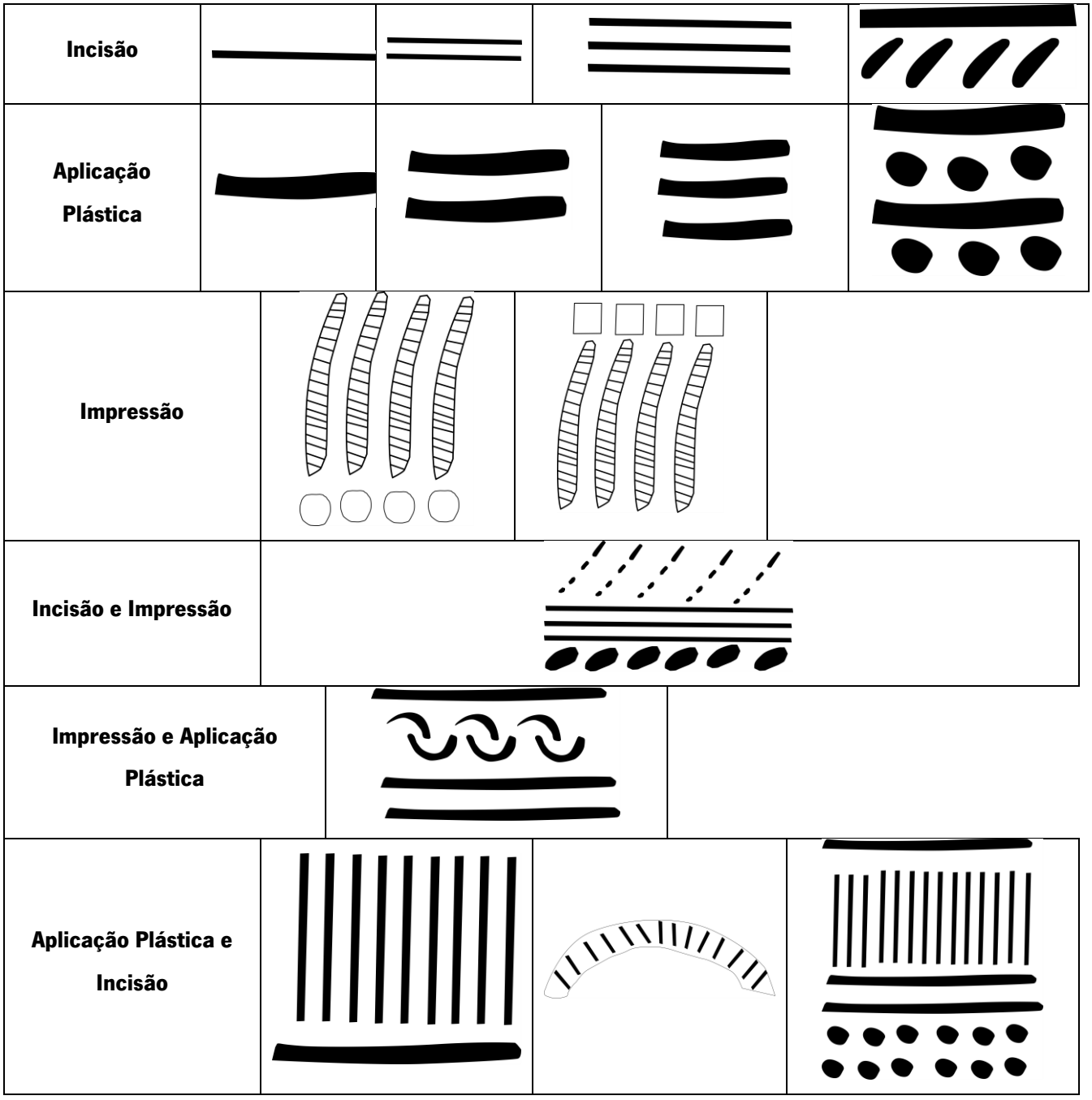
Nesta fase da vida deste povoado, com as escavações mais recentes obteve-se algumas novidades, no que à organização defensiva diz respeito. De facto, tendo em conta os materiais estudados podemos referir que, neste período, se verificou a implantação de um sistema defensivo em negativo constituído, pelo menos, por dois fossos e várias linhas de muralha que indiciam uma clara monumentalização deste povoado, que pelo estudo dos materiais poderá ainda terem sido erigidos nesta fase, nos seus momentos finais. Sendo que os fossos terão sido colmatados pouco tempo depois.

É provável que também desta fase se tenham construído terraços artificiais, como é o caso do detetado na sondagem 5 do Setor IV, associado a materiais da Idade do Ferro Recente

Materiais deste período são as formas bordo reforçado de tipo Vigo, datáveis de entre os séculos I a.C. e I d.C., encontradas nas antigas e novas escavações. A estas formas associam-se também os níveis de ocupação da estrutura 1 (camada 42 – Sondagem 2), a camada 1 (setor III, sondagem 5), a camada 4 (setor IV, sondagem 5) e materiais de antigas escavações com a presença de ânforas de tipo Dressel 1, T-7.4.3.3, Oberaden 83, Ovóide 1, Ovóide 4, Ovóide 6, que não ultrapassam os meados/finais do séc. I a.C. além de algum material de importação de cerâmica comum (como é o caso de cerâmica comum oriunda de Cádis e do vale do Guadalquivir). De salientar o achado de uma ponta de lança, romana, de perfil triangular que datará genericamente do final desta fase.

Desta ocupação destacamos um total de 369 fragmentos, e destes apenas 12 decorados, o que representa 3% do total registado. Neste aspeto é de referir a diversidade de técnicas, e mistura de técnicas e de motivos utilizados. Tivemos em conta também as decorações de materiais importados e indígenas. Desta forma, a decoração por incisão e aplicação plástica continua a ocorrer, surge ainda motivos por impressão. Surgem nesta fase decorações compósitas diferentes da fase anterior, neste caso alguns exemplos por incisão e impressão, incisão e aplicação plástica e ainda impressão e aplicação plástica (Tab. 8.37). Pela primeira vez registamos um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) decorada por aplicação plástica e incisão (Fig. 8.35, a)).

Tabela 8.37 Decorações na Idade do Ferro Recente em Santa Luzia



É de referir que tanto nesta fase, como na seguinte, a decoração por aguada negra ou avermelhada surge nas produções indígenas. As pastas encontradas apresentam já marcas de uso de roda, a pastas é micácea, com desengordurantes micáceos (micas de médio ou pequeno calibre), a cozedura oscila já entre cozedura redutora e oxidante as superfícies oscilam, também, entre alisadas e polidas. Foram identificadas um total de 36 formas que se incluem potes, potinhos, malgas, talhas, panelas asa interior e ainda panelas de asa em orelha (Tab. 8.38). Foi

ainda identificado um possível cossoiro. É de notar que as formas como talhas, e panelas de asa em orelha são típicas deste período no vale do Cávado (Martins 1990; Oliveira, 2017).

Tabela 8.38 Tipo e quantidade de formas para a Idade do Ferro recente

Forma	MNI	%
Forma 1 a (pote)	7	19 %
Forma 1 b (pote)	2	6 %
Forma 2 a (púcaro)	3	8 %
Forma 2 b (potinho)	6	17 %
Forma 2 c (púcaro)	1	3 %
Forma 3 a (malga)	3	8 %
Forma 4 b (panela de asa interior)	5	14 %
Forma 5 (talha)	4	11 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	5	14 %
Total	**36**	**100 %**

Sta Luzia III – Romanização (séc. I a.C. a II d.C.)

A esta época deve corresponder a atual disposição e organização interna do povoado. Tal comprova-se pela estrutura C18 e outras estruturas de planta retangular, no bairro II (C22), bairro III (C84), ou no bairro VI (C45) e em sobretudo nas camadas de derrube da sondagem 1, 2 (Setor IV) que datam desta fase.

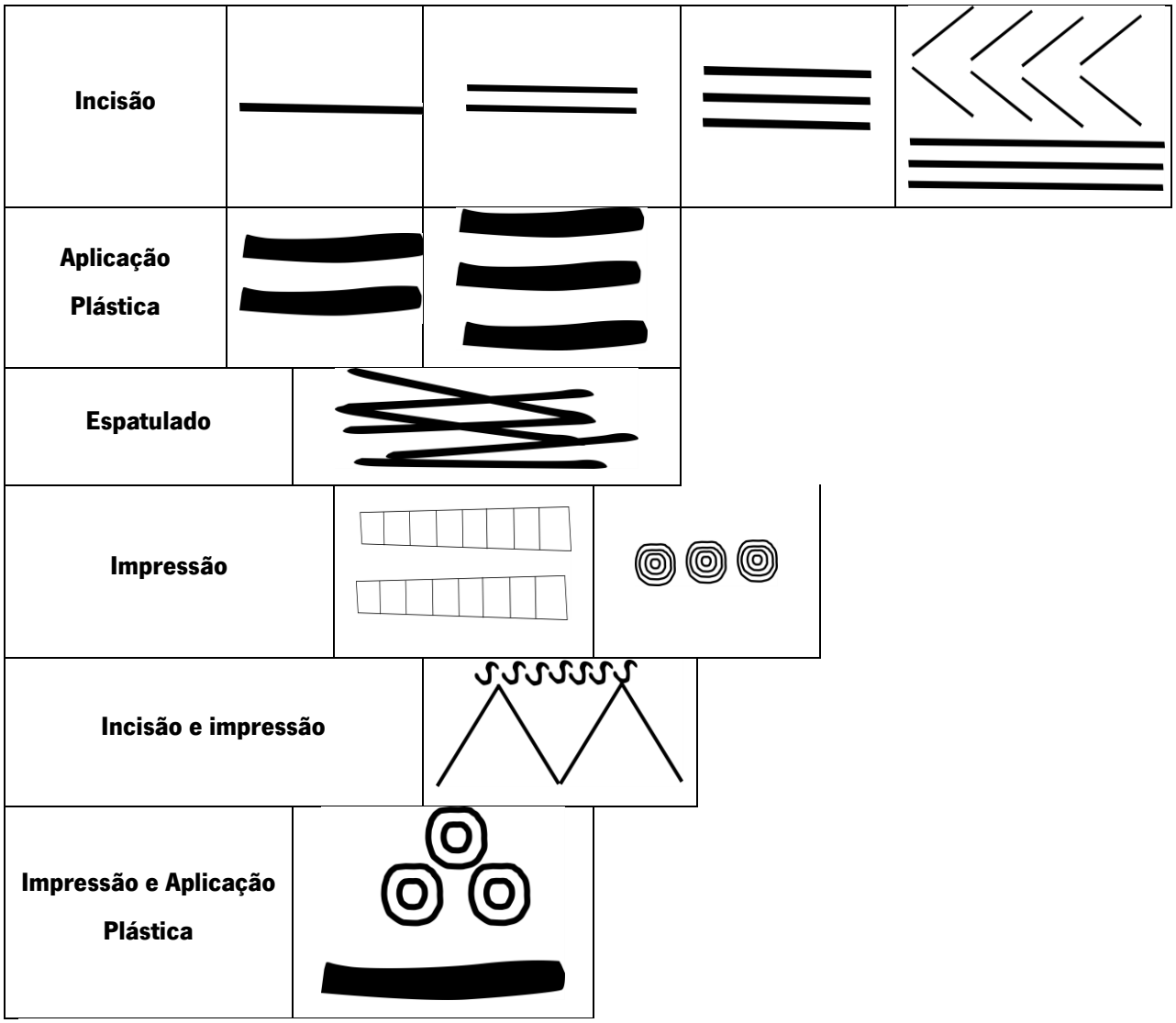
Quanto aos aspetos defensivos deste povoado, desta fase datará talvez o torreão 2 (sondagem 6, setor IV), a muralha 2 e talvez a muralha 1. Em termos defensivos devemos ainda mencionar os fossos que tinham sido abertos, provavelmente no final da Idade do Ferro e terão sido fechados nesta fase.

Desta época é de referir presença de muita cerâmica romana, alguns fragmentos de sigillata itálica e de um grande número de ânforas, nomeadamente as de tipo Haltern 70 (em contexto) e Dressel 7-11 (sem contexto), além de materiais de construção, como tégulas. São também desta fase cerâmica comum fina e cinzenta fina polida, além de cerâmica de engobe vermelho, entre outros materiais comuns oriundos de outras zonas da Hispânia (da Bética).

Este material data-se entre os meados do séc. I a.C. e pelo menos até ao séc. II d.C. pelo que a romanização do povoado se terá prolongado um pouco, além do séc. II d.C.

Desta fase ainda devemos salientar o elevado número de materiais indígenas num total de 1996, e destes apenas 65 fragmentos são decorados (3%). Apesar da reduzida quantidade de materiais decorados, é de assinável a variedade decorativa (tecnicamente e gramaticamente) que continua nesta fase: entre incisão, aplicação plástica, espatulado e incisão. Nesta fase regista-se também decorações compósitas algo semelhantes à fase anterior. Nesta fase registamos decoração compósita por incisão e impressão e aplicação plástica e impressão (Tab. 8.39).

Tabela 8.39 Decorações para o final da Idade do Ferro em Santa Luzia



As pastas encontradas apresentam na sua maioria clara produção a torno, as pastas são micáceas, com desengordurantes micáceos (de pequeno calibre, na sua esmagadora maioria), a cozedura é na sua maioria oxidante, as superfícies são sobretudo alisadas.

Foram registadas um total de 155 formas que se incluem potes, potinhos, malgas e tigelas, talhas, panelas asa interior e ainda panelas de asa em orelha (Tab. 8.40).

Tabela 8.40 Tipo e quantidade de formas na romanização

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	36	23,4 %
Forma 1b (pote)	5	3,2 %
Forma 2 (potinho/púcaro)	1	0,6 %
Forma 2a (púcaro)	17	11 %
Forma 2b (potinho)	49	31,6 %
Forma 2c (púcaro)	2	1,3 %
Forma 3 (malga/tigela)	1	0,6 %
Forma 3a (malga)	12	7,7 %
Forma 3b (tigela)	9	5,8 %
Forma 4b (panela de asa interior)	3	1,9 %
Forma 5 (talha)	6	3,9 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	14	9 %
Total	**155**	**100 %**

Em formais, comparativamente à fase anterior, parece haver uma maior diversidade d formas de diferentes e uma maior quantidade de panelas de asa em orelha (9% do total) em detrimento das panelas de asa interior (1,9 % do total).

4.2.8. Discussão dos dados

O povoado à escala local

Tendo em conta os novos dados agora reunidos é possível dar algumas pistas sobre as atividades económicas deste povoado e importância deste no estuário do rio Lima, ao longo das várias etapas de ocupação.

Quanto ao momento cronologicamente inserível na **Idade do Bronze Final**, não foi encontrada nenhuma ocupação *in situ*. Como se disse, apenas se registaram fragmentos cerâmicos e metálicos nos setores 3 e 4 escavados no início da plataforma nor-nordeste deste sítio, indiciando que a ocupação efetiva não estaria longe, muito embora possa ter sido destruída pelas ocupações posteriores.

Destacamos o achado de um cone de fundição de um machado de talão, o que permite avançar a hipótese da existência neste período de atividades metalúrgicas. De notar que o vale do

Lima é muito rico em estanho sendo possível que as aluviões na base do povoado tivessem este tipo de minério de fácil recolha.

O material cerâmico decorado por reticula brunida, indicia, igualmente, a importância deste sítio no intercâmbio suprarregional de origem meridional, dado a sua localização na foz do Lima, com extensa visibilidade para o oceano Atlântico e o estuário.

A localização deste povoado, com acesso a solos diversificados do vale, da plataforma litoral, e de monte, teria possibilitado o desenvolvimento de atividades agrícolas e pastoris, bem como fluviais e marinhas, nomeadamente a exploração de sal no litoral, nas diversas pias amovíveis registadas nas praias de Campo do Amo / Moinho da Moca (Areosa) ou nas pias cortadas na rocha de Canto Marinho (Carreço) para citar apenas as mais próximas (Bettencourt *et al.,* 2020; 2021). Através do exercício efetuado através de programas de informação geográfica (QGIS) observamos que seria extenso o território teórico de exploração pedestre de 2 horas para Santa Luzia (Fig. 8.220). Como já referimos estão muito próximas e no território pedestre de 30 minutos algumas pias salineiras que seriam exploradas pela população deste povoado. Nessa faixa de tempo a foz do rio Lima fica também ao alcance da população de Santa Luzia, cuja área controlaria de forma efetiva. Curiosamente, apenas além do território de 2 horas acediam às múltiplas jazidas de estanho, ferro e ouro encontradas na vertente oeste da Serra de Agra (Fig. 8.220).

Para o **Ferro Antigo** foram encontradas duas zonas com material em contexto de deposição primária, ambos nas escavações dos inícios da vertente este do monte. Além disso, devemos registar que aparecem materiais descontextualizados deste período em 5, 6, e 8 do setor III e em todas as sondagens do setor IV, desta vertente revelando que a ocupação se estenderia por uma área considerável, embora muito destruída por níveis posteriores, tal como evidenciam os índices de fragmentação da cerâmica.

As atividades económicas desenvolvidas por estas populações poderão ser as mesmas do Bronze Final.

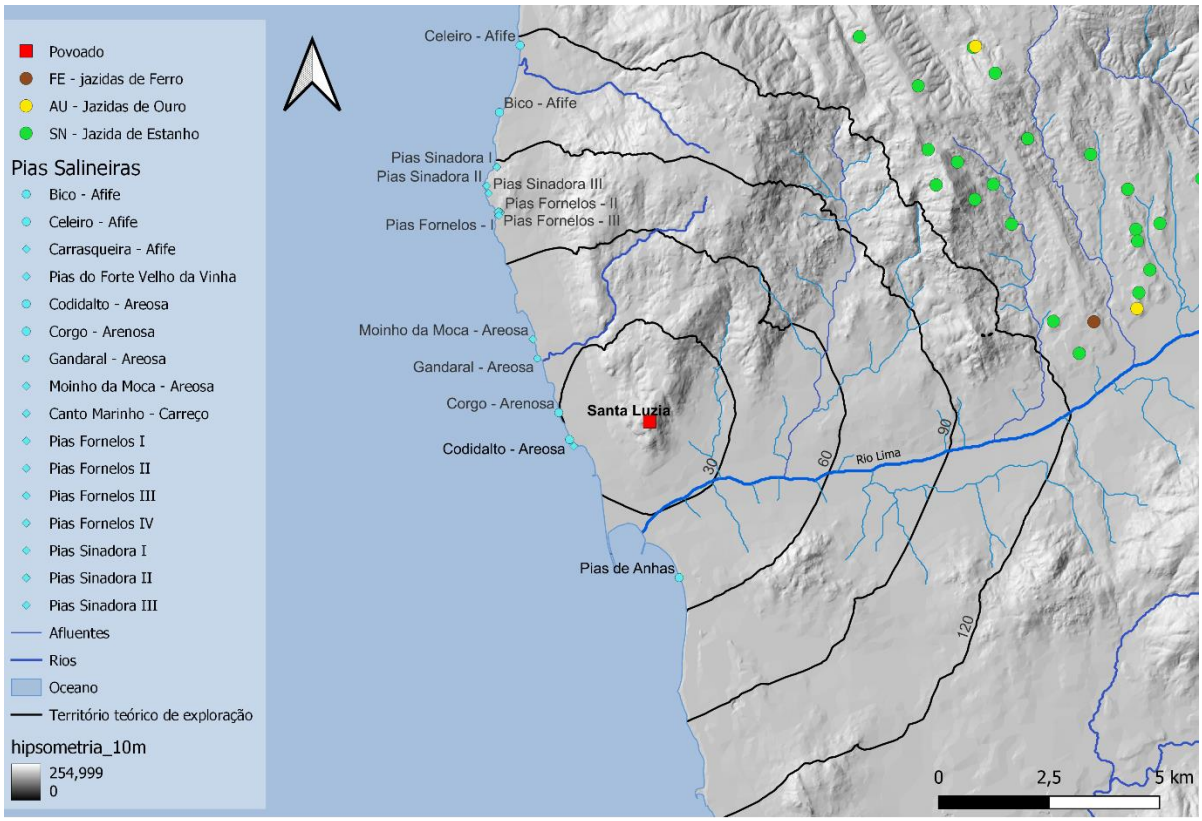


Fig. 8.220 Território de teórico de exploração de 2 horas do povoado de Santa Luzia, com linhas isócronas de 30 minutos.

Com exceção de um possível bétilo, que associaria esta fase do povoado ao intercâmbio e à adoção de novas ideias de foro religioso, provenientes talvez do mundo púnico, no acervo cerâmico não se conhecem materiais de importação que indiciam a importância deste povoado no contexto do intercâmbio suprarregional.

É no **Ferro Recente** que o povoado se parece desenvolver consideravelmente, em termos construtivos, provavelmente por motivos internos, históricos (incursões romanas ao noroeste) e relacionados com o intercâmbio suprarregional com populações romanas ou romanizadas, do sul da península.

As atividades de subsistência deveriam ser similares às desenvolvidas nos períodos anteriores. De mencionar um possível cadinho de um nível talvez datado do Ferro Recente (camada 19, sondagem 2, setor IV).

O intercâmbio meridional materializa-se nos diferentes tipos de ânforas a partir de bordos, asas e fundos, Rámon Torres T-7.4.3.3 (cinco exemplares), Dressel 1 (um exemplar), Oberaden 83 (dois exemplares), Ovóide 1 (quatro exemplares), Ovóide 4 (um exemplar), Ovóide 6 (três exemplares), e, eventualmente, algumas Haltern 70 e no consumo dos produtos que traziam,

como preparados piscícolas, vinhos e os seus derivados (como *defructum*), e azeite (Tab. 8.41; Fig. 8.221). A acompanhar estes contentores chegam ainda alguns materiais comuns oriundos de Cádis e do vale do Guadalquivir datáveis entre meados do séc. II a.C. e finais do séc. I a.C.

Tabela 8.41 Tipologia e quantidade de ânforas

Tipologia	NMI	%
Dressel 1	1	6 %
T-7.4.3.3	5	31 %
Oberaden 83	2	13 %
Ovóide 1	4	25 %
Ovóide 4	1	6 %
Ovóide 6	3	19 %
Total	**16**	**100 %**

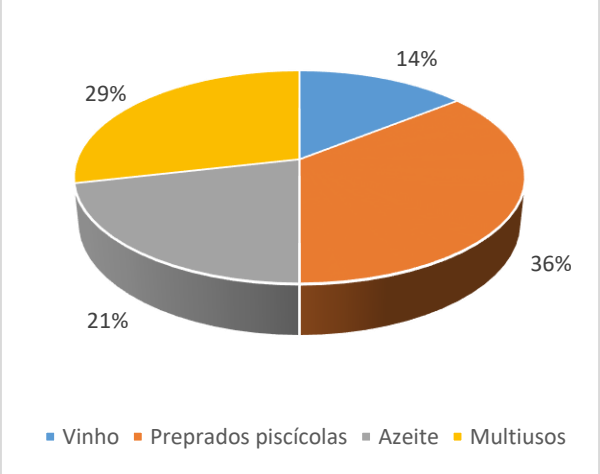


Fig. 8.221 Diversidade dos conteúdos transportados nas ânforas no Ferro Recente.

É também, neste período que há evidências com contactos com o litoral setentrional, nomeadamente com as Rias Baixas, área de onde são provenientes as cerâmicas de Tipo Vigo que se encontram em 10 exemplares. Acrescenta-se que estas cerâmicas, intensivamente decoradas, têm sido relacionadas como recipientes de uso social ou ritual (González-Ruibal, 2006-2007: 495).

O material anfórico de importação faz antever mudanças de consumo e na economia deste povoado. A diversidade dos contentores anfóricos é também ela clara naquilo que seria os conteúdos que estes transportariam. Com efeito, a partir do séc. I a.C. o consumo de produtos, como o vinho, o azeite e ainda preparados piscícolas, torna-se evidente, tal como acontece noutros

povoados com a mesma cronologia, como por exemplo, na Terronha (Queiroga, 2019) e Vieito, em Viana do Castelo (Silva, 2012).

Com base nestes dados podemos claramente afirmar que, a partir do séc. I a.C., a comunidade ou parte dela, que vivia neste povoado foi alterando o que consumia.

Em termos da cerâmica indígena estas presentes as novas formas que ocorrem neste período, um pouco por todo o Noroeste português, como as talhas, as panelas de asa em orelha e alterações nas panelas de asa interior.

Em termos metálicos destacamos a presença de uma ponta de lança datável do final deste período, em ferro, que parece ter sido reutilizada.

Durante os inícios da **romanização,** a partir de I d.C., ter-se-á verificado a continuidade de ocupação de estruturas domésticas, os arranjos que conhecemos hoje, nos diferentes bairros, a colmatação dos fossos abertos no período anterior, a construção de mais estruturas de planta quadrada e alterações no que respeita à cobertura de algumas construções, com a introdução da telha romana.

Quanto às atividades económicas do povoado é de salientar, desde logo, a possibilidade da continuação da exploração dos recursos marinhos (sal), a par de muitas outras atividades, como a metalurgia de ligas de cobre. Nesta época revela-se a existência, não só de cadinhos de forma tradicional, mas do uso de outras formas cerâmicas para a fundição do metal, com é o caso da forma 6 (panela de asa em orelha).

Destacamos, ainda, a quantidade de material anfórico tardo-republicano e imperial encontrado, além de cerâmica fina e comum, romana, indiciado uma efetiva romanização das populações indígenas.

No respeitante a ânforas, destacamos de forma genérica quatro grandes centros produtores: do vale do Guadalquivir, da Bética, da Bética costeira e, ainda, da baía de Cádis. Com efeito, foram registados 442 bojos de ânforas do vale do Guadalquivir, 464 bojos da área da Bética, 22 da Bética costeira e 54 bojos de ânforas, oriundos da baía de Cádis.

Estes fragmentos possibilitaram apurar as seguintes quantidades de tipologias anfóricas, nesta fase (a partir de bordos, asas e fundos), alguns exemplares da tipologia Haltern 70 e quatro exemplares de tipo Dressel 7-11 (Tab. 8.42; Fig. 8.222). Trata-se de material inserível entre os meados do séc. I a.C. aos finais do I d.C.

Tabela 8.42 Tipologia e quantidade de ânforas Haltern 70 e Dressel 7-11

Tipologia	NMI	%
Haltern 70	28	87 %
Dressel 7-11	4	13 %
Total	**32**	**100 %**

De forma geral, tendo em conta a tipologia das ânforas os conteúdos consumidos eram preparados piscícolas, azeite e vinho. Com base neste número de contentores, notámos que aqueles que seriam multiusos ultrapassam claramente os restantes considerados (Fig. 8.222).



Fig. 8.222 Diversidade dos conteúdos transportados nas ânforas durante a romanização.

No que respeita a estes contentores é de notar a existência, ainda, de 38 fragmentos indeterminados, quatro tampas ou opérculos, um disco e um cossoiro feito a partir de um bojo de ânfora. Destacamos ainda dois exemplares de asas de ânfora indeterminadas.

Destacamos, também, a existência de três fragmentos de engobe vermelho, talvez enquadráveis já no séc. I d.C.

Na cerâmica de uso de mesa destacamos um pote ou potinho produzida na área da Bética datada dos inícios do séc. I d.C.

Salientamos, também, 32 fragmentos de cerâmica de paredes finas, do séc. I a III d.C., e uma base de paredes finas com origem na Etrúria (sensivelmente do séc. I d.C.) além da cerâmica fina de mesa, neste caso terra sigillata itálica (dois fragmentos), inseríveis genericamente no séc. I d.C., tal como o fragmento de base de terra sigillata itálica, com marca *E R O S E N N I.*

Também do séc. I d.C. ou meados do séc. I d.C. devemos talvez colocar o material comum romano, que ascende a 1254 fragmentos, da qual se destaca um fundo e uma tigela.

A cerâmica indígena sofre algumas alterações tecnológicas, passando a apresentar cozeduras oxidantes de melhor qualidade e colorações mais avermelhadas.

O uso de todo este tipo de materiais cerâmicos demonstra bem as mudanças de consumo por parte das populações de Santa Luzia e grande aculturação dos costumes romanos.

Como ficou patente, além de algumas questões que há muito se levantavam sobre a origem deste povoado, e que em parte foram respondidas, muitas outras se levantaram. Essas questões estão, sobretudo, relacionadas com as suas ocupações mais antigas, cujo conhecimento passará por novas sondagens arqueológicas, em profundidade.

6.2. O povoado à escala regional

À escala regional de análise, este povoado, localizado na foz do Lima, estaria integrado nas redes de povoamento do curso inferior deste rio, tendo contactos com povoados mais a montante do estuário, provavelmente aqueles com quem mantinha contacto visual (Fig. 8.223). Mantinha contacto visual com Terronha, S. Silvestre, Sabariz, Roques, e com o povoado da Facha, a uma distância de 16 km. Observaria ainda o possível povoado e promontório de Montedor.

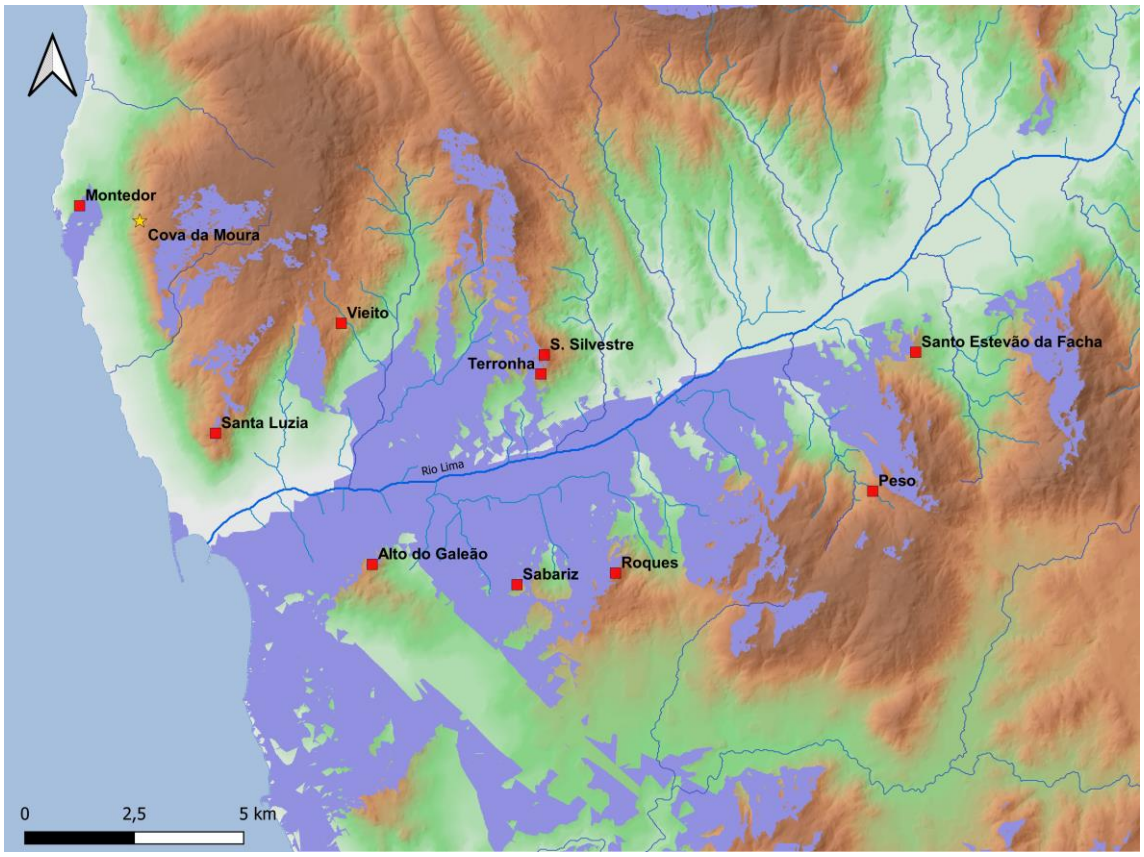


Fig. 8.223 Território observável a partir do Povoado de Santa Luzia (a azul-claro).

No modelo de povoamento de Manuela Martins (1990: 207) este podia classificar-se como sendo um povoado de tipo A, pelo contexto geográfico que ocupa e o domínio visual sobre o oceano Atlântico e o estuário do Lima. Seria, por isso um povoado central segundo Almeida (1996, vol. VII: 145).

De qualquer modo é possível que, desde o Bronze Final até ao Ferro Recente, este povoado tivesse assumido um papel em rede com povoados coetâneos, mais do que de domínio, sobretudo face às incursões fenício-púnicas, até ao séc. III a.C. e, posteriormente, às incursões romanas. Nesta perspetiva, cada povoado poderia ter funções específicas que se completariam.

Se tivermos em conta o Ferro Antigo, nota-se que haveria certamente inter-relações entre Santa Luzia que controla o oceano e a foz do Lima com Santo Estevão da Facha, a montante do rio e em área navegável, e onde parece ter existido uma maior vocação para o desenvolvimento de intercâmbio suprarregional, pelo facto de o povoado se localizar perto do Lima e de áreas de fácil aportagem. Neste caso a localização de ambos os povoados parecem completar-se no que concerne ao controlo da navegação de povos estranhos à região. Em termos económicos as comunidades de Santa Luzia poderiam controlar os recursos marinhos e o sal enquanto Santo Estevão poderia controlar recursos de estanho por se encontrar mais próxima das jazidas primárias deste minério, situadas a 3 km a sul, em Vitorino de Piães (Teixeira, *et al.* 1972).

Também é de referir a existência de um provável bétilo que faria de Santa Luzia um local de culto, nesta época, talvez relacionado com a importância e o sucesso das viagens marítimas.

No Ferro Recente a articulação entre povoados parece aumentar exponencialmente, com Santa Luzia a controlar o oceano e os recursos marinhos e Terronha, que fica a 7,5 km a nascente, por exemplo, a controlar os recursos metálicos e a transformá-los (Oliveira, 2018, 2019a; Queiroga, 2019. Esta produção metalúrgica poderia servir de **moeda de troca com outros produtos**, nomeadamente **anfóricos** do **período tardo-republicano romano** (Queiroga, 2019: 74). Em Santa Luzia, além desse material de importação destacamos ainda alguma cerâmica fina de mesa, como terra sigillata e alguma oriunda da Bética. O poderio económico ou importância económica deste povoado nota-se também por algumas incorporações (neste caso importação) de **cerâmicas produzidas na área galega**.

Do mesmo modo, outros povoados de baixa altitude, como o Vieito, a nor-nordeste e a 3,8 km de Santa Luzia, parece ter grande importância na aportagem e contacto com os povos provenientes do exterior, por se encontrar em áreas mais a montante e abrigadas do estuário. A navegação em pequenas embarcações no estuário entre diferentes povoados está comprovada

pelo aparecimento de, pelo menos, uma canoa monóxila n.º 5, datada do séc. IV a.C.[269] (Alves e Reith, 2007: 42).

[269] Baseado na datação convencional: 2280±50 BP (Alves e Reith, 2007: 42). Foi alvo de calibração, no sítio https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal/OxCal.html implementado pela *Oxford University* à curva *IntCal20*.

4.3. POVOADO DA TERRONHA, VIANA DO CASTELO

4.3.1. Historial

O Castro da Terronha foi, pela primeira vez, referido em publicações científicas por Carlos A. Brochado de Almeida (1996) no âmbito da sua tese de doutoramento. Este investigador defendeu, então, que o este povoado seria uma provável extensão do Castro de S. Silvestre de Cardielos, localizado no topo do Monte de S. Silvestre. Considerou-o, ainda, pela sua cota de implantação, como um povoado de forte vocação agrícola, pelo que o apelida de "castro agrícola" (Almeida, 1996: 138-139).

No ano de 2000, foi alvo de escavações arqueológicas conduzidas por Francisco Queiroga (Queiroga, 2000). Estes trabalhos foram realizados em contexto empresarial e no âmbito das obras de construção da A27, o que originou, posteriormente, aos trabalhos, boa parte da sua destruição.

Em 2008, Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 132) refere este povoado de forma breve mencionado a existência de muito material anfórico ou de importação romana.

Em 2017, o material arqueológico proveniente destes trabalhos é depositado no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga. A partir dessa data, e com a devida autorização do arqueólogo responsável, foi realizado o estudo do material cerâmico indígena deste povoado, parte dele publicado em dois artigos (Oliveira, 2018; 2019a).

Em 2019, Francisco Sá Queiroga, defende o seu Relatório de Mestrado em Arqueologia, que versou sobre o estudo anfórico deste povoado (Queiroga, 2019). Esse estudo foi de suma importância, já que possibilitou confrontar os dados que se detinham sobre o povoado, podendo desta forma complementar aquilo que são as produções cerâmicas indígenas com o que parece ser o poder económico da população deste lugar, durante os finais da Idade do Ferro. Recentemente, Francisco Reimão Queiroga (2021: 83-84, 89) volta a referir Terronha que terá uma ocupação entre o séc. III a.C. e meados do séc. I d.C. referindo que a produção metalúrgica seria um dos principais motivos para a existência de comércio por via marítima nesta costa.

4.3.2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental

Em termos da localização administrativa este povoado localizava-se no lugar do Monte, na união de freguesias de Cardielos e Serreleis, no concelho e distrito de Viana do Castelo.

As coordenadas geográficas, em graus minutos e segundos, no sistema WGS 84, são: 41º 43' 01.33'' N e 8º 44' 45.01'' O (Fig. 9.1).

Este povoado encontrava-se implantado num pequeno e pouco destacado remate de esporão, à cota de 145 m de altitude máxima, na base da vertente su-sudeste do Monte de São Silvestre. Fica sobranceiro ao vale do rio Lima e nas imediações de dois cursos de água que desaguam no Lima. Encontra-se num local repleto de afloramentos graníticos de alguma dimensão, o que permitiu a exploração de pedra para construir as habitações e a muralha que aqui se encontraram.



Fig. 9.1 Localização do Povoado da Terronha, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25000, nº. 40 (IGEOE, 1997).

Segundo a Carta Geológica de Portugal, à escala 1/50.000, o substrato local é composto pelo complexo xisto-granítico-migmatítico (Fig. 9.2) e por rochas eruptivas de granito caulino, de grão grosseiro ou médio a grosseiro, que afloram com abundância. Porém, há, nas proximidades do povoado uma área de xistos micáceos, assim como aluviões no vale do Lima. Em termos de recursos mineiros, a menos de 3 km para norte, noroeste e este, há inúmeras jazidas de estanho. Já as jazidas de ferro não existem na região, pelo menos num raio de 25 km.

No período das escavações a vegetação, em redor do povoado, era essencialmente arbustiva e composta, também, por árvores de médio porte, como os eucaliptos e os pinheiros-bravos e mansos.

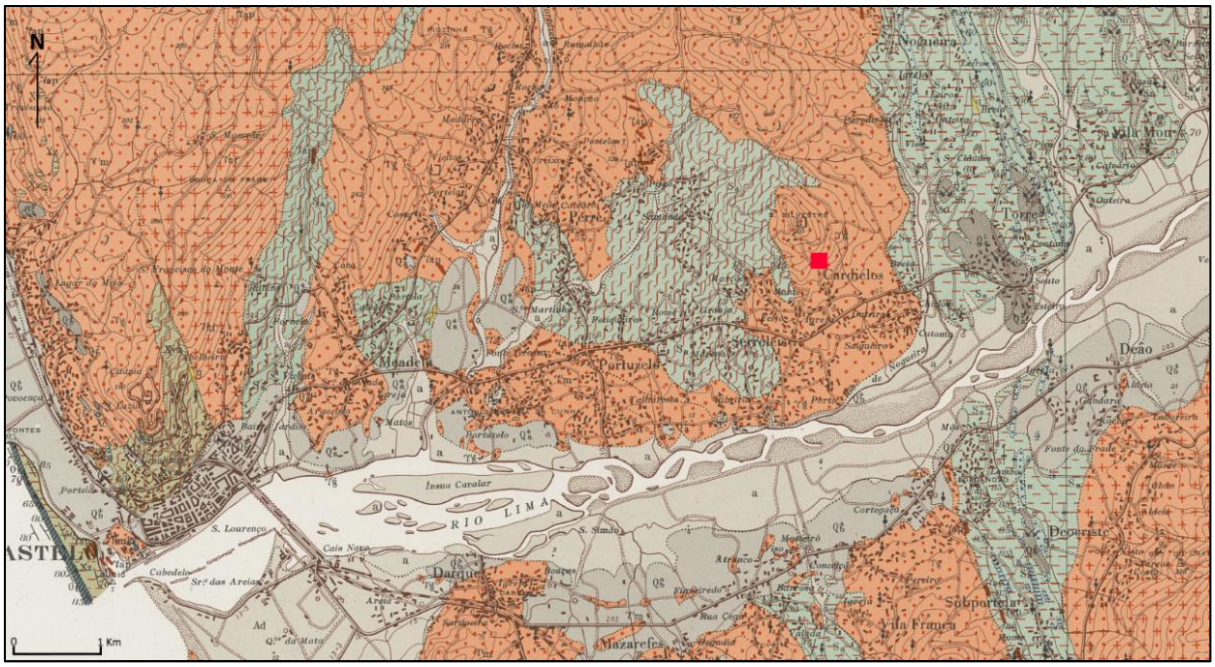


Fig. 9.2 Localização do Povoado da Terronha, em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000, f. 5-A (DGMSG).

3.3.3. Contexto arqueológico

O povoado de Terronha, não é o único povoado existente neste monte. No seu topo, e a cerca de 1 km a norte de Terronha, encontra-se o Castro de S. Silvestre (Almeida 1996: 138-139; Queiroga, 2000) e, num esporão a cerca de 300 m para nordeste da Terronha, e a 130 m de altura, encontra-se o Castro do Monte (Fig. 9.3).

Esta concentração de povoados fortificados num espaço relativamente pequeno permitiu a Queiroga (2000), colocar a hipótese, de que provavelmente o Castro da Terronha seria uma plataforma inferior do Castro do Monte, como refere

Além destes três povoados da Idade do Ferro, neste monte encontram-se, também, gravuras rupestres tanto nas vertentes sudeste como este. Trata-se das gravuras da Breia 1, 2 e 3 (Bettencourt, 2013a) e da Breia 4 a 10 (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018). Registam-se motivos que foram considerados da Idade do Ferro, nomeadamente, equídeos e cavaleiros.

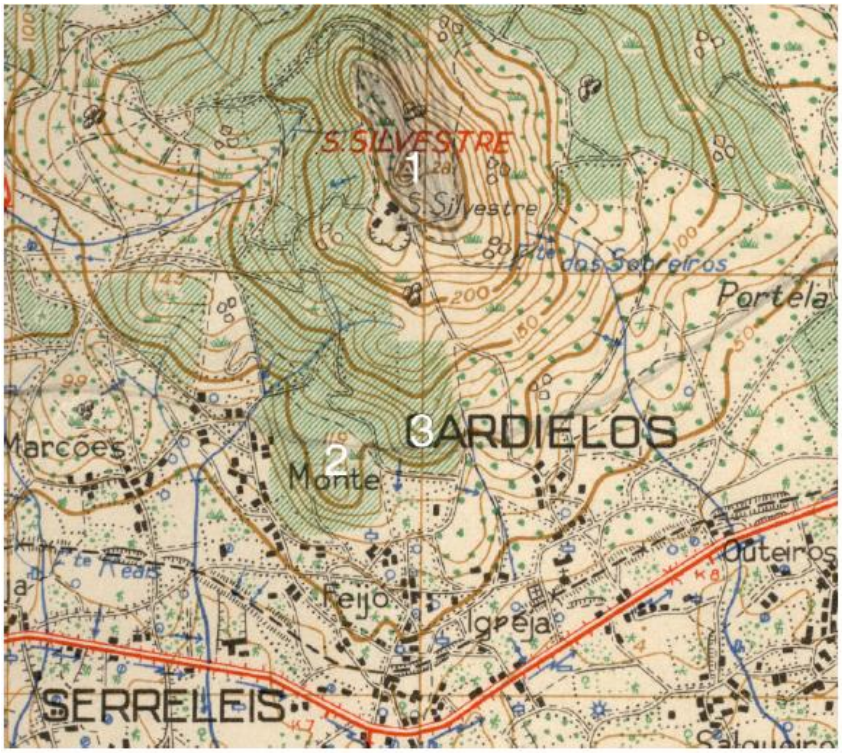


Fig. 9.3 Conjunto de três povoados proto-históricos no monte de S. Silvestre: 1. Castro de S. Silvestre; 2. Castro do Monte; 3. Castro da Terronha (Queiroga, 2000, adaptado).

Sensivelmente a 4 km para noroeste, já na freguesia de Perre, destacamos um povoado datado dos finais da Idade do Ferro. Trata-se do Castro do Vieito que possuía dimensões consideráveis (Almeida C.A.B., 1990: 217-218; Queiroga, 2000; Silva, 2012). Tem uma cronologia do câmbio de era, ou seja, do séc. I a.C. ao séc. I d.C. (Silva, 2012).

Para leste resta referir três povoados fortificados: o Castro (Vilar de Murtela), o Castelo de S. Martinho (Nogueira) e Lanheses[270] que é definido como sendo um castro agrícola (Almeida, 1990: 189-203).

Ainda no capítulo dos povoados fortificados, sublinhamos a existência de um, a cerca de 5 km, a su-sudeste, já na margem esquerda do rio Lima, que é o povoado do Santinho ou de Roques (Sarmento, 1999=1881: 207-209; Pinho Leal, 1886: 11; Leite de Vasconcelos, 1917: 117; Viana, 1932a; Cunha, 1945: 264-268; Neves, 1946; Neves, 1959: 381-387; Neves, 1965: 179; Moreira, 1982: 54; Almeida, 1990: 32-35; Almeida, 1996; Silva e Maciel, 2004)

[270] Na sua tese de mestrado desenvolve um pouco o estudo deste sítio já que o escavou. Aí foi encontrado um fragmento de campaniense B, pertencente à primeira ocupação do local, uma imitação de campaniense com engobe quase inexistente, mas negro (Almeida, 1990: 198). Este investigador admite três fases de ocupação distintas: a mais antiga dos meados do séc. I a.C.; a segunda fase, do séc. I d.C. e a terceira fase já nos finais do séc. I a.C. (Almeida, 1990: 203).

Este de planta sensivelmente ovalada, seria constituída por um total de três muralhas, ocupando assim cerca de 6 hectares. Seria, por isso, um grande povoado fortificado, considerado por Carlos B. de Almeida (1996: 139), como o maior povoado da bacia sul do rio Lima, o que serviu para o considerar como um possível lugar central (Almeida, 1996: 171-173) tal como, a Citânia de Santa Luzia e S. Silvestre (Cardielos). Dominava visualmente a foz do rio Lima, e muito do curso inferior e médio desse rio. Foram encontradas várias casas de planta circular, com pavimentos de terra batida e fogueira central, e um arruamento lajeado com conduta lateral para a água. Também foi encontrado um balneário (Fig. 9.4) típico da Idade do Ferro do Noroeste português, com fornalha, câmara, antecâmara, átrio e sistemas de drenagem, com espólio caracterizado por fragmentos de cerâmica micácea, cerâmica comum e material de construção romana (Silva e Maciel, 2004: 124) o que evidencia o seu uso em já em plena romanização, do qual destacamos ainda uma forma de sigillata hispânica do tipo Drag. 27, recolhida no estrato de ocupação do átrio, com uma cronologia do séc. II d.C.



Fig. 8.224 Balneário da Idade do Ferro, do Castro de Roques. Fotografia da escavação, onde é visível ao fundo a fornalha, e em primeiro plano o piso do átrio ainda preservado (Fonte: DGPC).

Exatamente em frente deste povoado, na margem direita do rio Lima, está o povoado da Terronha e o de S. Silvestre (Cardielos) (Almeida, 1990; Queiroga, 2000; Oliveira, 2018, 2019a; Queiroga, 2019) (Fig. 9.5). Em relação ao de S. Silvestre, escavações recentes a cargo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo, apenas detetaram um nível de romanização avançada com estruturas retangulares e tégula.



Fig. 9.4 Castro da Terronha na margem direita, e o Castro de Roques, na margem esquerda. Estes dois povoados coetâneos terão tido uma forte relação económica e social, já que se podiam controlar visualmente de forma mútua (Fonte: *Google Earth*).

4.3.4. Escavações

O sítio arqueológico foi redescoberto no momento em se procedia à terraplanagem para a construção da autoestrada A27. Alertadas as entidades competentes, no caso o ICOR e o IPA, foram de imediato suspensos os trabalhos e definida uma estratégia de trabalho, partindo da avaliação do seu potencial arqueológico. Esse trabalho foi aprovado pelo ICOR, no dia 11 de fevereiro de 2000. Os trabalhos foram iniciados, no dia 16 de fevereiro de 2000 pela empresa *Perennia Monumenta, Serviços Técnicos de Arqueologia Lda.*

A intervenção arqueológica do sítio teve início com a decapagem da vegetação e a definição da metodologia a implementar.

Optou-se pela implantação de um sistema de escavação diferente do habitual, tendo em conta as particularidades do terreno, bem como a extensão da área a intervencionar. Assim, foi efetuada a marcação de um conjunto de pontos, em triangulação, implantados nos afloramentos graníticos que serviram como pontos de referência (Queiroga, 2000: 3).

Após a decapagem inicial, concluiu-se que muitos afloramentos rochosos definiam, por si só, áreas do povoado, o que serviu como divisória para a delimitação de vários setores, sendo estas unidades escavadas, uma a uma, e identificadas de forma isolada umas das outras (Queiroga, 2000: 3-4).

A escavação do local fez-se segundo o método da decapagem por camadas naturais, com observação estratigráfica direta e obtenção de cotas e de registo fotográfico e gráfico, por meios manuais.

Quanto às plantas, há apenas uma para cada setor e os cortes estratigráficos foram reduzidos em número, sendo apenas usados na contextualização de determinados setores.

A escavação ficou concluída a 31 de maio de 2000, sendo este facto consignado em reunião com representantes do ICOR e do IPA, da qual foi lavrada uma ata (Queiroga, 2000: 3).

Foram escavados um total de sete setores, nomeados de A a G, num total de 4,398 m^2 (Fig. 9.6; Fig. 9.7).

Todos os setores escavados apresentam uma primeira camada em que são manifestas as alterações provocadas por fenómenos naturais de erosão de um passado próximo. A esta camada segue-se uma outra, de blocos pétreos, provenientes de derrube de muros, localizadas à superfície, e sujeitos também a movimentações às quais não serão alheios os sucessivos roubos de pedra que serviram para a construção de residências ou muros.

Sob esta camada, é ainda comum à maioria do terreno, uma camada de derrube e sucessiva ocupação, composta por pedras e saibro provenientes de estruturas (Queiroga, 2000, 6).

Nesta monografia os dados irão ser apresentados do seguinte modo: apresenta-se o material cerâmico para cada setor, separando o material indígena/local (estudo efetuado neste contexto de investigação) do material importado tardo-republicano estudado por F. Queiroga (2019), embora nas sínteses finais se procurasse a articulação dos dois tipos de materialidades.

Além disso, foi tido em conta o material cerâmico nos seus contextos de ocupação, tanto no interior como no exterior das estruturas, o que permite problematizar as suas funcionalidades.

Como foi possível observar pela descrição estratigráfica de cada estrutura, regista-se apenas uma camada de ocupação/abandono que se subdivide, por vezes, em várias camadas estratigráficas, nomeadamente os níveis de ocupação (pisos e lareiras) e os de derrube.

O estudo o espólio cerâmico indígena foi apresentado da seguinte forma: foram considerados como um todo os dados relativos aos aspetos técnicos, morfológicos e os aspetos

deposicionais e pósdeposicionais de forma global para cada setor; já, em termos das tipologias e do estudo sobre os aspetos decorativos, esses foram apresentados estrutura por estrutura para se obter uma melhor leitura sobre a provável funcionalidade de cada estrutura.

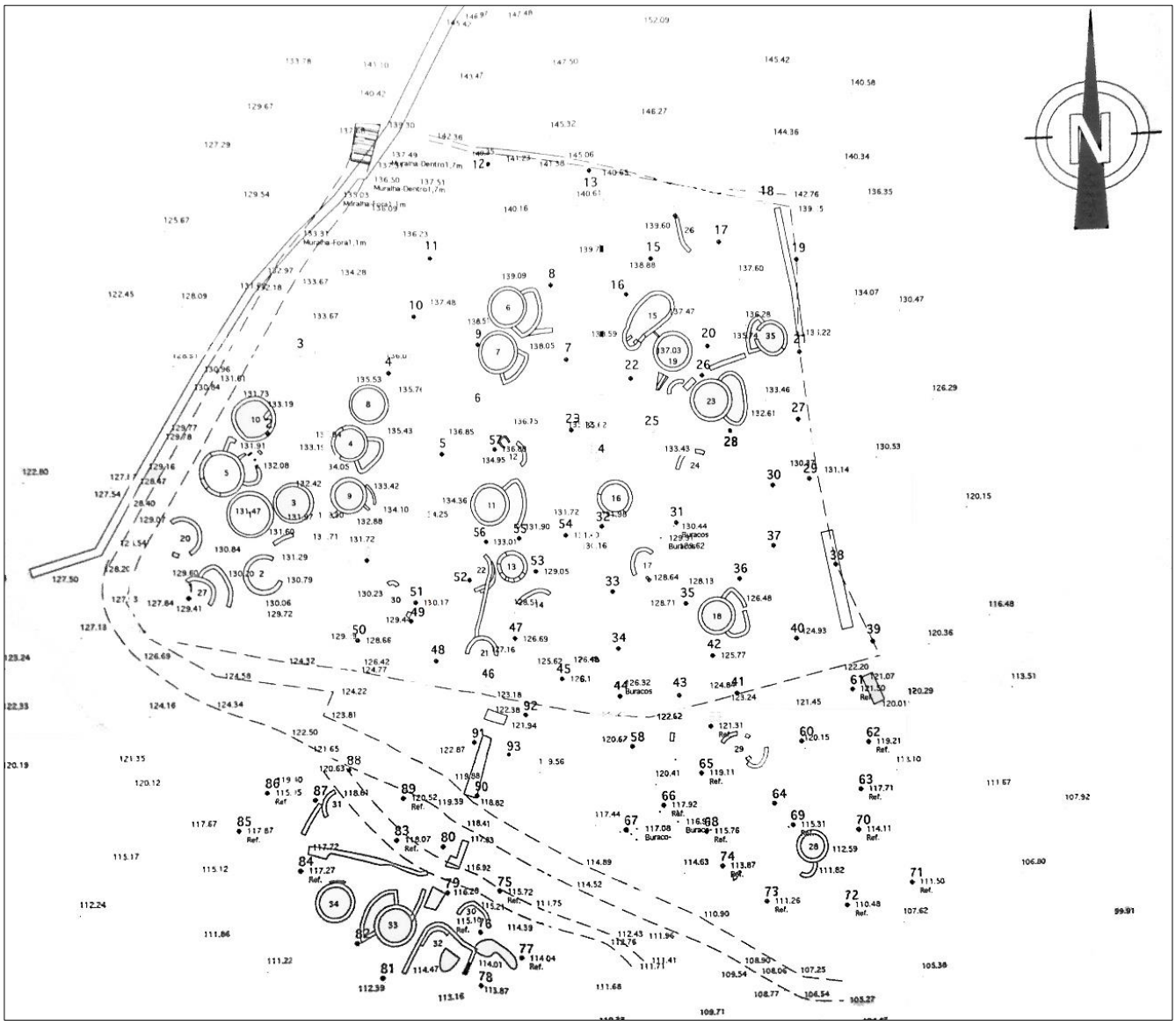


Fig. 9.5 Planta final da área escavada no povoado de Terronha, com os respetivos setores (Queiroga, 2019, adaptado).

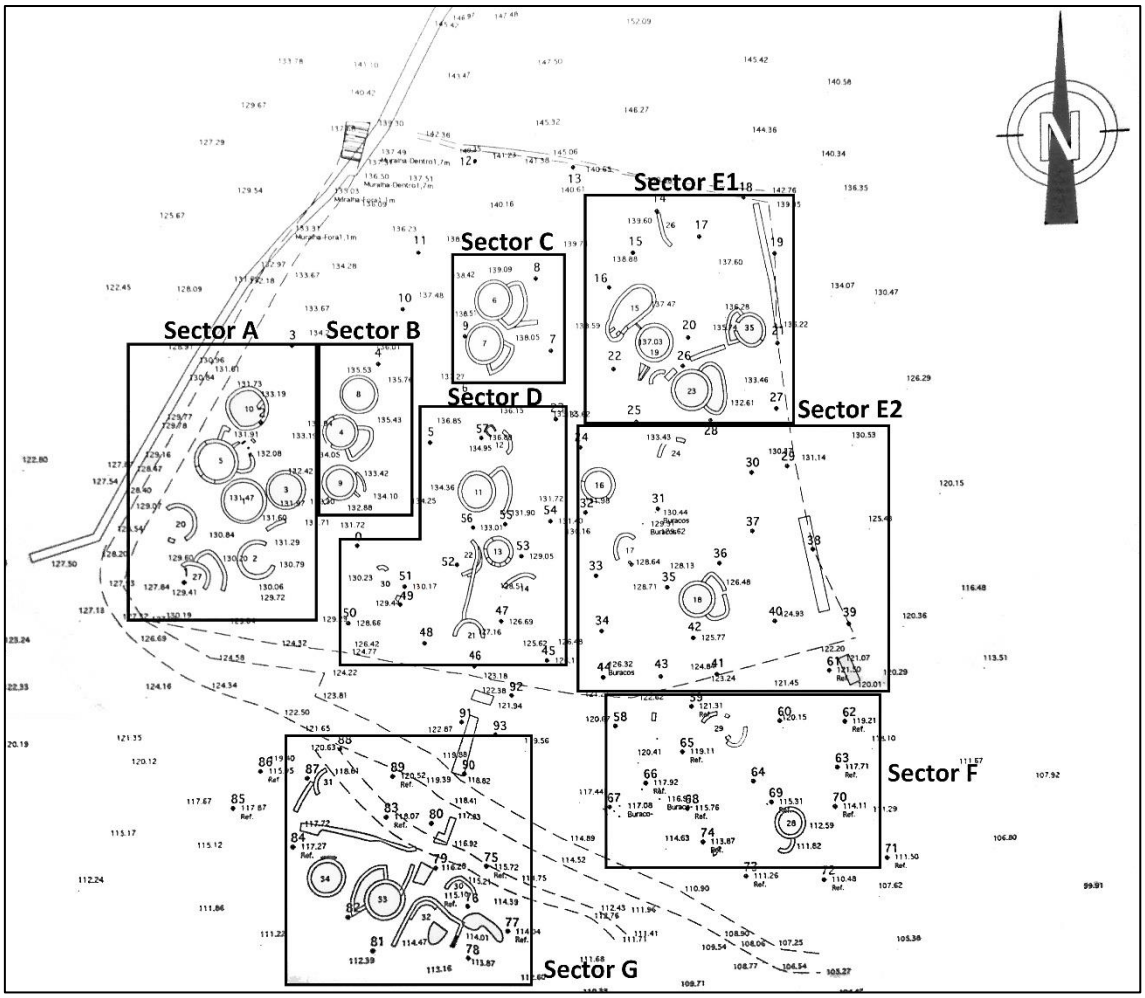


Fig. 9.6 Planta final da área escavada no povoado de Terronha, com os respetivos setores (fonte: Queiroga, 2000; Queiroga, 2019, adaptado).

4.3.4.1. Setor A

Estruturas e estratigrafia

Este setor corresponde a uma área de escavação de 512 m² (Fig. 9.11).

Foram descobertas várias estruturas circulares, provavelmente habitacionais, num total de sete, e ainda parte do pano da muralha, provavelmente a única do povoado.

Deve-se referir que as estruturas circulares têm uma média de 5,50 metros de diâmetro. Algumas delas estão assentes na rocha, possuem vestíbulo e contêm vestígios de lareiras no seu interior.

Quanto à muralha, foi posta a descoberto uma área de cerca de 85 metros de comprimento. Esta tinha uma largura irregular entre 1,2 e 1,5 metros e foi construída com blocos pétreos de grande e médio calibre, cujo aparelho é de duas faces e os espaços foram colmatados por seixos

angulosos (Queiroga, 2019: 22). O relatório não menciona qual o enchimento do aparelho defensivo.

De seguida, são apresentados os dados referentes para cada estrutura neste setor. Todos os dados apresentados partem das informações fornecidas no relatório da intervenção arqueológica (Queiroga, 2000).

Estrutura C1

Esta estrutura é formada por um muro circular, com cerca de 6 metros de diâmetro, e cerca de 70 centímetros de espessura. O seu aparelho é formado por blocos graníticos, grandes, em posicionamento vertical, as quais arrancam do alicerce, alternando com outras blocos de médio e pequeno tamanho que preenchem os espaços, formando assim um aparelho de aspeto bastante irregular. Os blocos, sobretudo os de maiores dimensões, apresentam vestígios de afeiçoamento por pico. O muro estava ligado por uma argamassa de argila e terra.

No canto oeste desta cabana aparece, sobre a rocha de base, uma zona com argamassa, contemporânea da sua construção, o que indica estar o chão de ocupação ao nível do rochedo, aquando da construção da casa. O nível de ocupação desta estrutura está documentado por restos de piso em saibro compactado. Não foi observado nenhum vestígio de entrada.

Registaram-se as seguintes camadas estratigráficas:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 4 – Camada de sedimentos, preta, que encosta à estrutura;

Camada 6 – Piso, camada de saibro compacto;

Camada 7 – Entre as camadas (4) e (6) apareceu uma camada fina cinza bastante argilosa encostando à estrutura;

Camada 16 – Camada com sedimentos pretos com alterite, bastante compacta que encosta ao muro.

Estrutura C2

Esta estrutura possuía aparelho irregular, com muro curvo com cerca de 50 cm de espessura e 5,40 m de diâmetro. Parece trata-se de restos de uma cabana redonda, muitos destruída pelo lado sul e cujo alicerce assenta sobre a rocha de base. Não apresentando já vestígios do nível de ocupação ou da entrada.

Interior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 - Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 16 – Camada de sedimentos preta, com alterite, que encosta ao muro.

Estrutura C3

Esta estrutura era composta por um bom aparelho, contrastando o tamanho médio e bastante regular dos blocos da face exterior com a irregularidade e pequeno tamanho dos seixos que compõem a face interior (Fig. 9.8). No interior da estrutura, pelo lado sul, junto à parede, encontra-se um pequeno alinhamento pétreo, talvez destinado a facilitar a drenagem das águas que se infiltrariam do exterior, o que nos sugere que o nível exterior de ocupação, pelo lado norte, teria cota superior à do piso. Quanto a este piso, os restos que se encontraram indiciavam que seria em saibro cru, sendo a lareira, já muito degradada, feita com pasta de argila, mais cuidada e calcinada.

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 25 – Camada de sedimentos castanho-escuros que encosta ao muro;

Camada 10 – Camada de saibro compacto que encosta também ao muro da estrutura;

Camada 8 – Lareira, sedimento alaranjado, argiloso e compacto;

Camada 6 – Piso;

Camada 15 – Camada de sedimentos escuros, com inclusões de carvões, que encosta ao muro;

Camada 16 – Camada de sedimentos escuros, com alterite, que cobre toda a área desta estrutura e encosta ao muro.

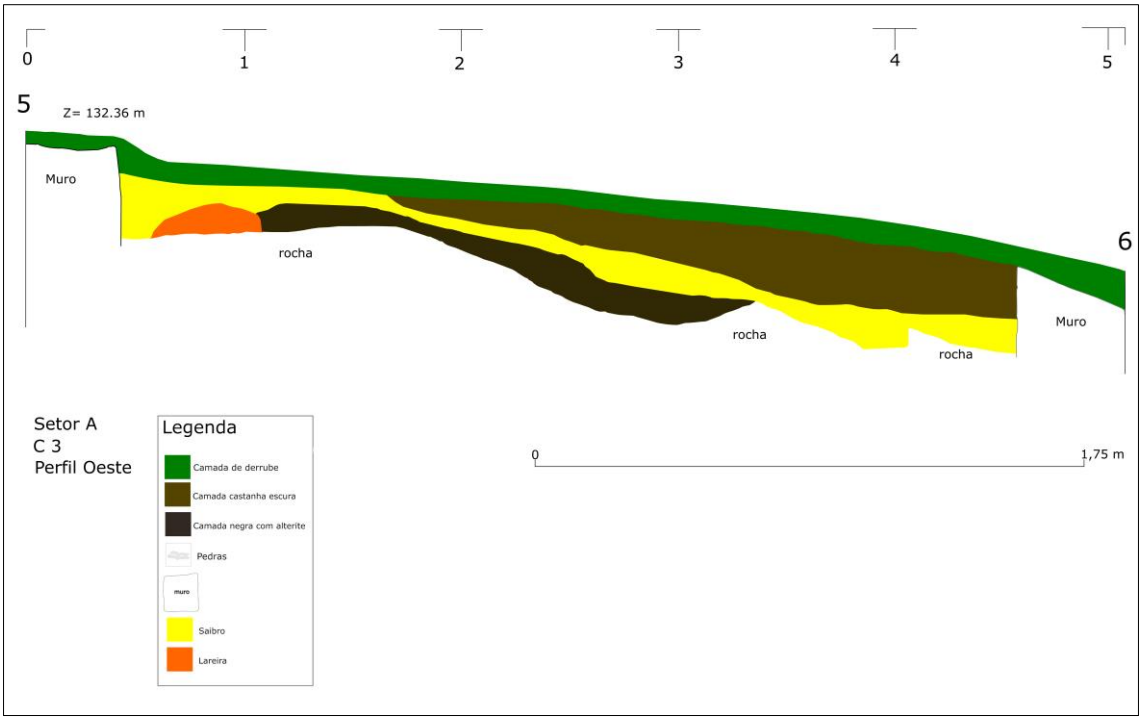


Fig. 9.7 Perfil Oeste da estrutura C3 (vectorização a partir dos desenhos de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Estrutura C5

Esta estrutura é formada por um muro circular, com cerca de 5,50 m diâmetro e 50 cm de espessura. Adossado, pelo lado norte ao leste, existe um vestíbulo definido por um muro com cerca de 50 cm de espessura, que delimitada um espaço com 1,50 m de largura por 6 m de comprimento (Fig. 9.9; Fig. 9.10). No alinhamento da falha do muro, que corresponderia à entrada, nota-se um conjunto de entalhes no rochedo, os quais poderiam corresponder ao alicerce do vestíbulo, a prumos de ombreira ou a gonzos de porta. Defronte da entrada, já no exterior, existe uma pequena fossa alongada, que nos parece ter sido um bebedouro para pequenos animais (Queiroga, 2000).

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 4 – Camada de sedimentos negros;

Camada 7 – Entre a estrutura e esta camada surge uma camada de sedimentos cinza;

Camada 41 – Camada de sedimentos castanho-claros, argilosos, com manchas;

Camada 42 – mancha de sedimentos de cor preta, junto ao local de entrada;

Camada 16 – Camada de sedimentos preta, com alterite.

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 24 – Camada de sedimentos castanha com blocos pétreos de média dimensão;

Camada 6 – Camada de saibro compacto (piso);

Camada 15 – Mancha de sedimentos negra, com carvões e cerâmica. Foi localizada no canto sul do vestíbulo e encostando ao muro;

Camada 7 – Camada cinzenta que encosta aos muros;

Camada 16 – Camada de sedimentos negros, com alterite.

Norte **do vestíbulo**:

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 2 – Camada vegetal;

Camada 26 – Lajes de xisto alinhadas;

Camada 7 – Camada cinzenta;

Camada 21 – Camada castanha argilosa;

Camada 25 – Camada castanho-escura.

Exterior da C5

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 14 – Camada de sedimentos castanho-escura que encosta aos muros da casa e do vestíbulo;

Camada 13 – Camada de saibro que encosta à casa e ao vestíbulo.

Estrutura C10

A estrutura tem um muro circular com cerca de 5,70 m de diâmetro e 50 cm de espessura, caracterizado por um aparelho algo irregular, onde predominavam blocos e seixos de média e pequena dimensão. No interior, do lado Nordeste, arrancava do muro um murete com cerca de 1 m de comprimento, alinhado na direção do centro. Este murete, é contemporâneo do único nível

de ocupação, documentado por uma camada de saibro. Parece corresponder a uma divisória interna. Ao centro existe um bloco afeiçoado, de formato sub-quadrangular, que talvez servisse de apoio ao poste que suportaria a cobertura. Do lado exterior, a Sudoeste, arranca um novo murete que alinha com a aba do vestíbulo da C5, ao qual deveria ligar quando estava completo. Talvez este muro ajudasse a formar uma plataforma entre as estruturas C10 e C5.

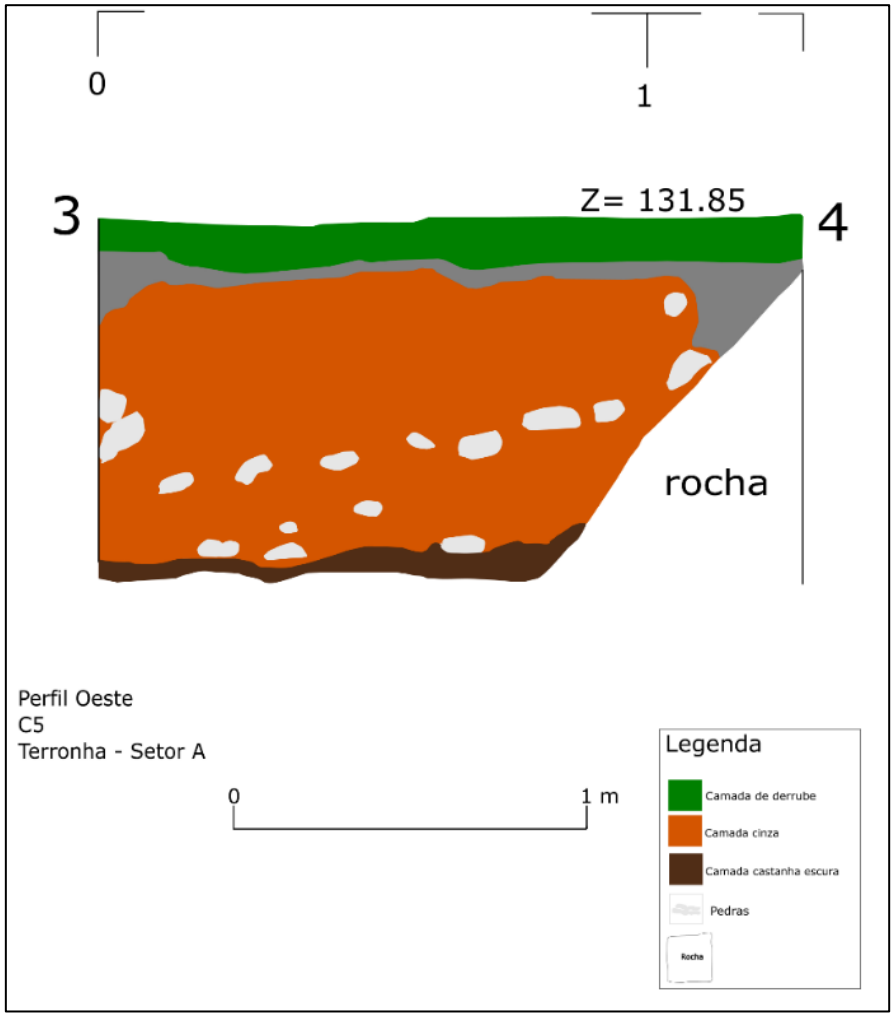


Fig. 9.8 Perfil oeste do vestíbulo da estrutura C5 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

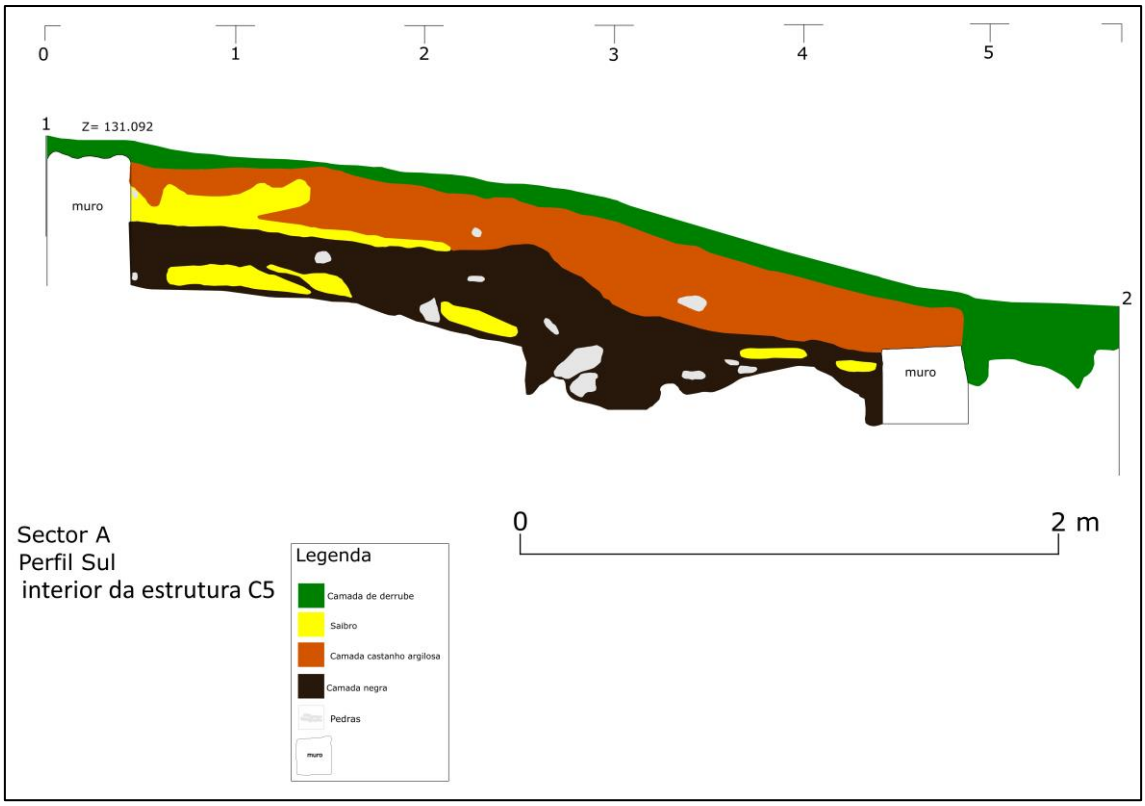


Fig. 9.9 Perfil Sul, interior da estrutura C5 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Interior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 7 – Camada cinzenta que encosta ao muro da estrutura;

Camada 23 – Camada de saibro que encosta à casa no lado Sul. Sob a camada de saibro;

Camada 24 – Camada de sedimentos castanha com blocos fragmentados;

Camada 16 – Camada negra, com alterite.

Exterior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 14 – Apenas no lado NE, uma camada de sedimentos castanho-escuros.

Estrutura C20

Esta estrutura era composta por um muro circular com cerca de 4,30 m de diâmetro e 40 cm de espessura. Trata-se dos restos muitos destruídos de uma casa, de aparelho fruste e composto por seixos pequenos, cujos alicerces assentam sobre a rocha.

Interior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 4 – Camada de sedimentos negros que encosta à estrutura.

Camada 23 – Camada de saibro encostado à estrutura;

Camada 7 – Camada cinzenta encostado à estrutura.

Exterior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostada à estrutura;

Camada 14 – Camada de sedimentos castanho-escura que encosta à estrutura;

Camada 12 – Posteriormente, aparece uma camada cinza que também encosta à estrutura.

Estrutura C27

Esta estrutura é formada por um muro circular que assenta na maioria sobre a rocha. Este tem cerca de 50 cm de espessura e está adossado a um vestíbulo, a leste. O vestíbulo assenta, na maior parte da sua área, sobre terra, criando um espaço com cerca de 1,5 m de largura. O seu aparelho apresenta-se irregular, sendo constituído por pedra de médio e pequeno tamanho. Não foi detetado qualquer vestígio de entrada ou nível da ocupação desta cabana.

Interior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 11 – Camada de sedimentos castanho-clara;

Camada 15 – Junto ao muro a norte surge esta camada, constituída por uma mancha de sedimentos pretos, com carvões;

Camada 16 – Camada de sedimentos negros, com alterite.

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial, encostando à estrutura;

Camada 11 – Camada de sedimentos castanho-claro;

Camada 16 – Camada de sedimentos com alterite.

Muralha

No seu extenso pano, a muralha apresenta uma largura irregular que estreita a Norte, local onde foi refeita a face interna. O seu aparelho era bastante homogéneo nas duas faces, sendo constituído por blocos de médio e grande calibre, e os espaços entre estas eram colmatados por pedra miúda. A Sul, o seu alinhamento inflete para Oeste, formando um ângulo[271], terminando, de forma abrupta, num rochedo superficial e com grande declive.

[271] Não sabemos se em ângulo reto ou outro.

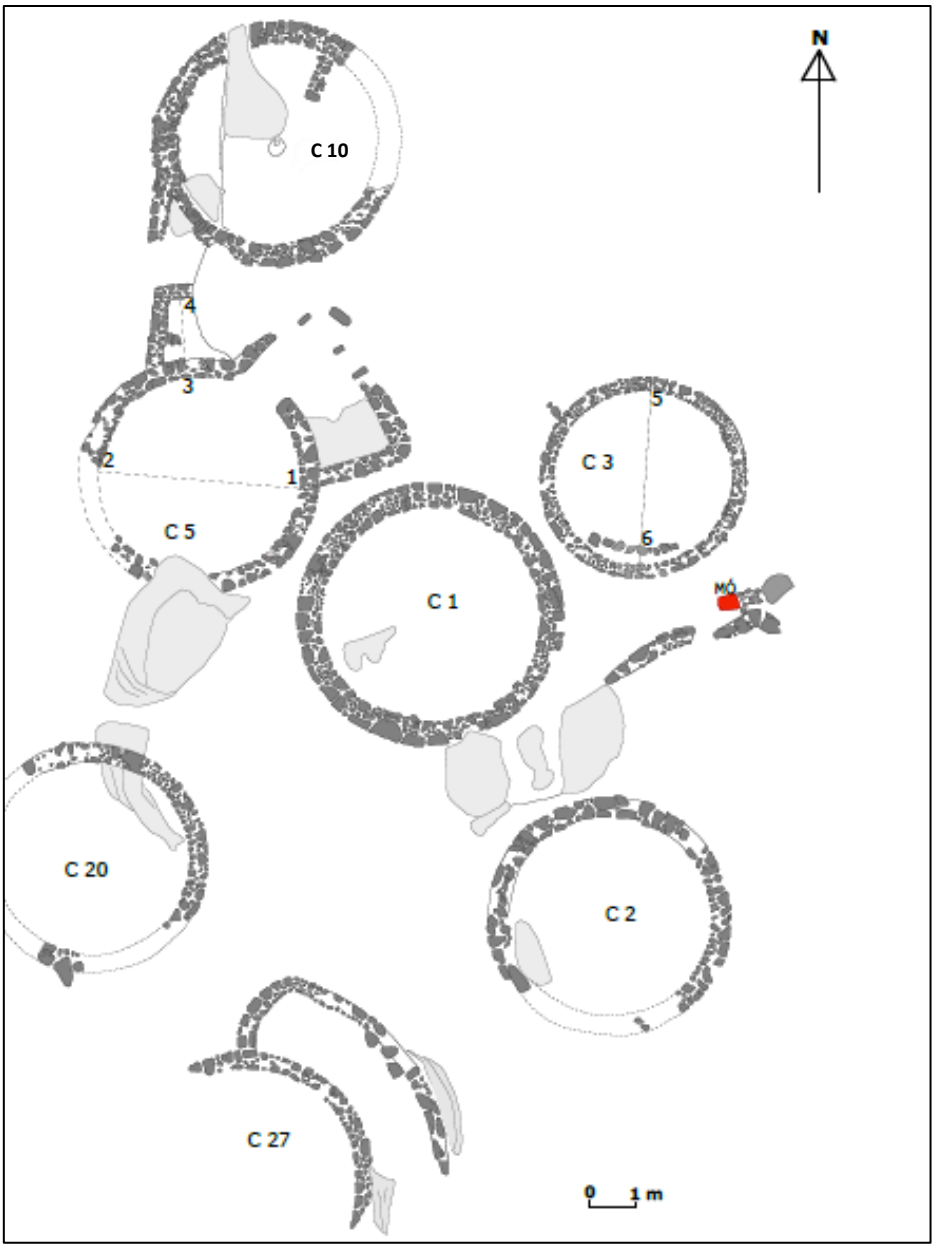


Fig. 9.10 Planta do Setor A (vectorização nossa, adaptado de Queiroga, 2000).

Materiais

Neste setor foi considerado o espólio cerâmico, encontrado nas camadas 3, 4, 7, 11, 14, 15, 16, 21, 24 e 41. Todas elas são camadas de derrube ou de ocupação das estruturas. Em cada uma das estruturas foram individualizadas as tipologias das formas para se tentar determinar as funcionalidades das mesmas.

A. Material cerâmico indígena

Quanto aos fragmentos enquadráveis nesta tipologia cerâmica foram contabilizados um total de 1171 fragmentos de cerâmica indígena. Destes fragmentos foi registado um total de 152

bordos, 91 bases, 918 bojos e ainda nove asas/arranques de asa e apenas um cossoiro (Fig. 9.12).

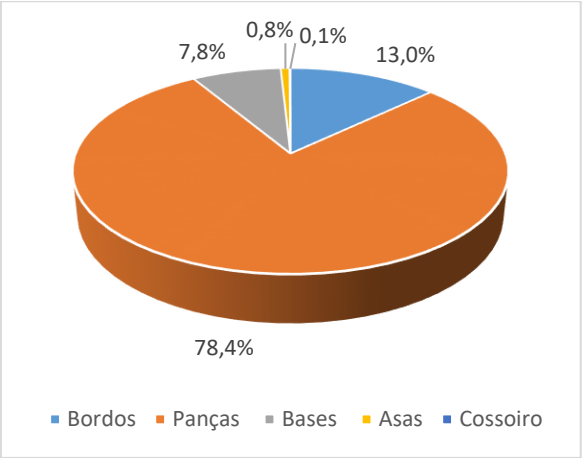


Fig. 9.11 Total de fragmentos estudados para o Setor A.

Aspetos técnicos e morfológicos

Os fragmentos apresentam dois tipos de fabrico, sendo de fabrico manual o maioritário (95%) e os restantes à roda ou torno (5%). A maioria das pastas apresentam-se micáceas (96%) e as restantes são arenosas, representando apenas 4%. As cozeduras apresentam-se redutoras (84%) e oxidantes (16%) conferindo cores aos recipientes, entre o castanho-escuro, o castanho-claro, avermelhado e bege.

Quanto aos elementos não plásticos (e.n.p.) foi possível separá-los em grandes (13%), médios (36%) e, maioritariamente, pequenos (51%). Nos elementos não plásticos existentes contam-se, sobretudo, areias e alguma mica (sobretudo moscovite e biotite). A textura dos fragmentos é média (49%), fina (45%) e grosseira (6%).

No que diz respeito ao tratamento das superfícies estes são, na sua maioria, alisados (62%), seguidas dos polidos (38%).

Foram identificados, como já se disse, 152 bordos, dos quais 87 são esvasados, 25 são abertos, 26 são em aba soerguida, dois são em aba horizontal e 12 indeterminados.

Quanto às bases foram identificados 91 fragmentos. Destes, 40 são de fundo plano simples, 15 são de fundo plano alargado e 36 indeterminados.

Relativamente às asas foram individualizados nove fragmentos. Destas, quatro possuem secção circular, duas são de asa em orelha (Fig. 9.13), uma é de secção pentagonal, uma de secção subcircular e uma em fita.

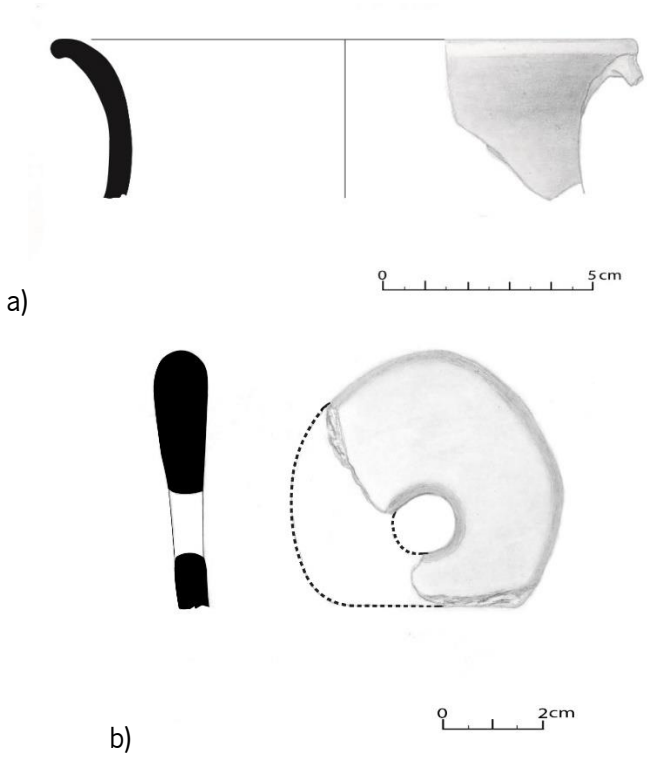


Fig. 9.12 Formas cerâmicas: a) Púcaro com arranque de asa (Forma 2a); b) asa em orelha (Forma 6).

Formas cerâmicas

Relativamente às formas cerâmicas indígenas individualizadas apresentam-se os dados estrutura a estrutura. No que diz respeito à estrutura C27 (cabana circular com vestíbulo) não foram registadas quaisquer formas. Quanto à estrutura C1 (cabana circular sem vestíbulo, camadas 3, 4 e 7) foram indidualizadas um total de 32 formas a partir do estudo dos bordos e das asas aí registadas (Tab. 9.1). Nota-se a grande percentagem de potes e de púcaros e ausência de formas de cozinha, como as panelas de asa interior, em orelha e malgas. Também estão ausentes grandes formas de armazenagem, como as talhas. Foram registadas as seguintes formas: potes [forma 1a (11 exemplares), da forma 1b (sete exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (dois exemplares), forma 2a (um exemplar), forma 2b (nove exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3 (dois exemplares).

Tabela 9.1 Quantidade de formas cerâmicas da estrutura C1

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	**11**	**35%**
Forma 1b (pote)	**7**	**22%**
Forma 2 (potinho/púcaro)	2	6%
Forma 2a (púcaro)	1	3%

Forma 2b (potinho)	**9**	**28%**
Forma 3 (malga/tigela)	2	6%
Total	**32**	**100%**

Quanto à estrutura C2 (cabana circular sem vestíbulo, camada 3) foram registadas um total de 19 formas além de um cossoiro já mencionado (Tab. 9.2). Nota-se a grande percentagem de potinhos /púcaros (45%) e de potes (35%). As formas de preparação e cozedura de alimentos existem, mas em pequena quantidade. De destacar a atividade de fiação nesta estrutura. As formas registadas foram: potes [forma 1a (sete exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2a (quatro exemplares), forma 2b (três exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3 (dois exemplares), forma 3b (dois exemplares), forma 3c (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (um exemplar)]. Além de se registar um cossoiro.

Tabela 9.2 Quantidade de formas da estrutura C2

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	**7**	**35%**
Forma 2 (púcaro/potinho)	2	10%
Forma 2a (púcaro)	4	20%
Forma 2b (potinho)	3	15%
Forma 3 (malga/tigela)	2	10%
Forma 4a (panela de asa interior)	1	5%
Cossoiro	1	5%
Total	**20**	**100%**

Quanto à estrutura C3 (cabana circular sem vestíbulo, 3, 15 e 25) foram registados um total de oito formas (Tab. 9.3). Nesta estrutura, notam-se, de forma mais equilibrada, os potes e as formas de cozinha, com um ligeiro aumento de potinhos/púcaros e de formas de preparação de alimentos (malgas). Nesta cabana foram registadas as seguintes formas: potes [forma 1a (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (um exemplar), forma 2b (três exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3 (dois exemplares)] e panelas de asa interior [forma 4 (um exemplar)].

Tabela 9.3 Quantidade de formas da estrutura C3

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	12,4%
Forma 2 (potinho/púcaro)	1	12,4%
Forma 2b (potinho)	**3**	**38%**
Forma 3 (malga/tigela)	**2**	**24,%**
Forma 4a (panela de asa interior)	1	12,4%
Total	**9**	**100%**

Quanto à estrutura C5 (cabana circular com vestíbulo, camada 3, 4, 7, 14, 21 e 24) foram identificadas 27 formas (Tab. 9.4). Esta cabana apresenta a particularidade de ter muitas formas de potes (60,5%) e de preparação de alimentos (16,5%). Dessa forma foram registados: potes [forma 1a (14 exemplares), da forma 1b (quatro exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (um exemplar), forma 2a (um exemplar), forma 2b (dois exemplares)] e malgas/tigelas [forma 3a (quatro exemplares), forma 3b (um exemplar)].

Tabela 9.4 Quantidade de formas da estrutura C5

Formas	NMI	%
Forma 1 a (pote)	**14**	**52%**
Forma 1b (pote)	**4**	**15,00%**
Forma 2 (potinho/púcaro)	**1**	**3%**
Forma 2a (púcaro)	1	4%
Forma 2b (potinho)	2	7%
Forma 3a (malga)	**4**	**15,00%**
Forma 3b (tigela)	**1**	**4%**
Total	**27**	**100%**

Relativamente à estrutura C10 (cabana circular sem vestíbulo, camadas 3 e 7, além do exterior, camada 14) foram registadas um total de 25 formas cerâmicas (Tab. 9.5). Mantêm-se muitas formas de armazenagem e transportes de produtos (potes e talhas) (84%) e de preparação de alimentos (13%), além de uma forma de cozedura de alimentos. Nesta cabana foram individualizadas as seguintes formas: potes [forma 1a (sete exemplares), da forma 1b (quatro exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2b (nove exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3a (três exemplares)]; panelas de asa interior [forma 4a (um exemplar)]; talhas [forma 5 (um exemplar)].

Tabela 9.5 Quantidade de formas da estrutura C10

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	**7**	**28%**
Forma 1b (pote)	**4**	**16%**
Forma 2b (potinho)	**9**	**36%**
Forma 3a (malga)	3	13%
Forma 4a (panela de asa interior)	1	4%
Forma 5 (talha)	1	4%
Total	**25**	**100%**

Relativamente à estrutura C20 (cabana circular sem vestíbulo, camada 3, 4 e 23) foram registadas um total de 25 formas cerâmicas (Tab. 9.6). De notar uma grande percentagem de formas de potes (60%) e formas de preparação de alimentos, neste caso, panelas de asa em orelha (11%). Foram registadas as seguintes formas nesta cabana: potes [forma 1a (11 exemplares), da forma 1b (cinco exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2b (um exemplar)]; malgas/tigelas [forma 3 (um exemplar), forma 3a (dois exemplares), forma 3c (dois exemplares)]; e panelas de asa em orelha [forma 6 (três exemplares)].

Tabela 9.6 Quantidade de formas da estrutura C20

Formas	NMI	%
Forma 1a	**11**	**44%**
Forma 1b	**5**	**20%**
Forma 2b	1	4%
Forma 3	1	4%
Forma 3a	2	8%
Forma 3c	2	8%
Forma 6	**3**	**12%**
Total	**25**	**100%**

Finalmente, relativamente à área encontrada do **tramo da muralha** (camada 3) neste setor foram registadas um total de 13 formas (Tab. 9.7), com franco predomínio de potes (69%). Neste contexto foram registadas as seguintes formas: potes [forma 1a (cinco exemplares), da forma 1b (quatro exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2b (dois exemplares)] e malgas/tigelas [forma 3a (um exemplar), forma 3b (um exemplar)].

Tabela 9.7 Quantidade de formas da área junto à Muralha no Setor A

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	**5**	**38%**
Forma 1b (pote)	**4**	**31%**
Forma 2b (potinho)	**2**	**15%**
Forma 3a (malga)	1	8%
Forma 3b (tigela)	1	8%
Total	**13**	**100%**

Com efeito, foram individualizadas um total de 149 formas cerâmicas, além de um cossoiro cerâmico. Foram registados 56 exemplares da forma 1a (pote), 24 exemplares da forma 1b (pote com aba soerguida), seis exemplares da forma 2 (potinho/púcaro), seis exemplares da forma 2a (púcaro), 29 exemplares da forma 2b (potinho), sete exemplares da forma 3 (malga/tigela), 10 exemplares da forma 3a (malga), dois exemplares da forma 3b (tigela), dois exemplares da forma 3c (malga/tigela), três exemplares de forma 4 (panela de asa interior), um exemplar de forma 5 (talha) e finalmente três exemplares da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 9.8; Fig. 9.14; 9.15; 9.16). Foram ainda contabilizados outras 11 formas indeterminadas.

Em termos gerais, 54% das formas contabilizadas são do tipo pote, 28% são do tipo potinho/púcaro, 14% são de tipo malga/tigela, 2% são panelas de asa interior, 2% são panelas de asa em orelha e 1% são talhas (Tab. 9.8; Tab. 9.9).

Tabela 9.8 Formas para Setor A

Formas	MNI	%
Forma 1a	56	38%
Forma 1b	24	16%
Forma 2	6	4%
Forma 2a	6	4%
Forma 2b	29	19%
Forma 3	7	5%
Forma 3a	10	7%
Forma 3b	2	1%
Forma 3c	2	1%
Forma 4a	3	2%
Forma 5	1	1%
Forma 6	3	2%
Total	**148**	**100%**

Tabela 9.9 Quantidade percentual de formas no Setor A

Formas	MNI	%
Forma 1	80	54%
Forma 2	41	27%
Forma 3	21	14%
Forma 4	3	2%
Forma 5	1	1%
Forma 6	3	2%
Total	**69**	**100%**

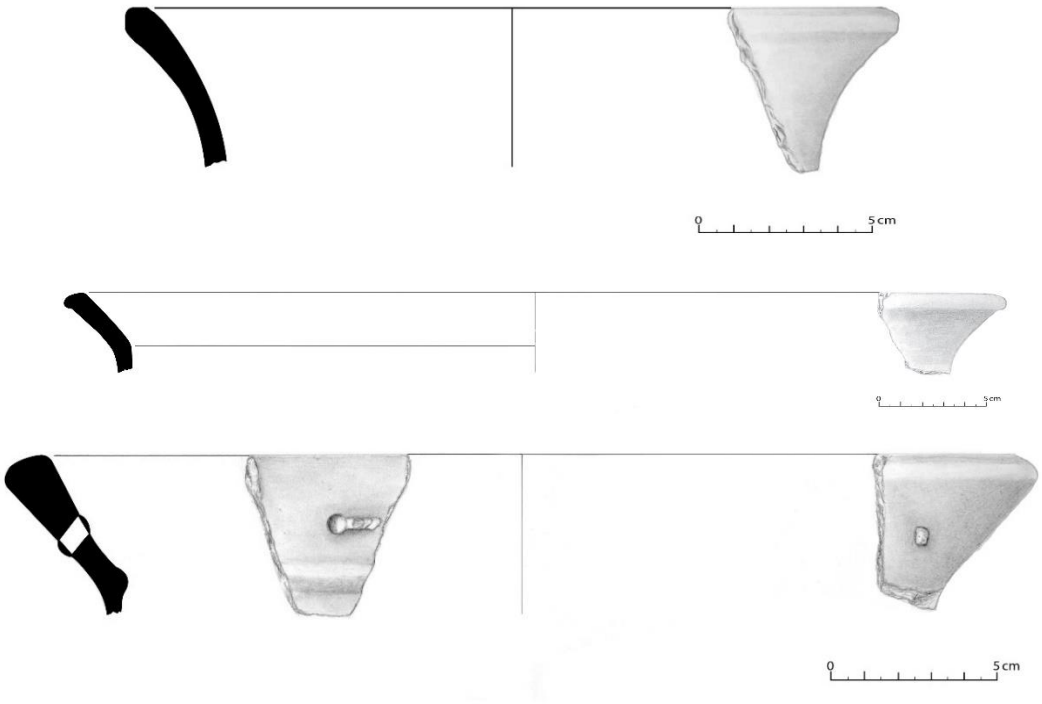


Fig. 9.13 Formas 1 do setor A: Forma 1a, 1b e 1b com um agrafo metálico.

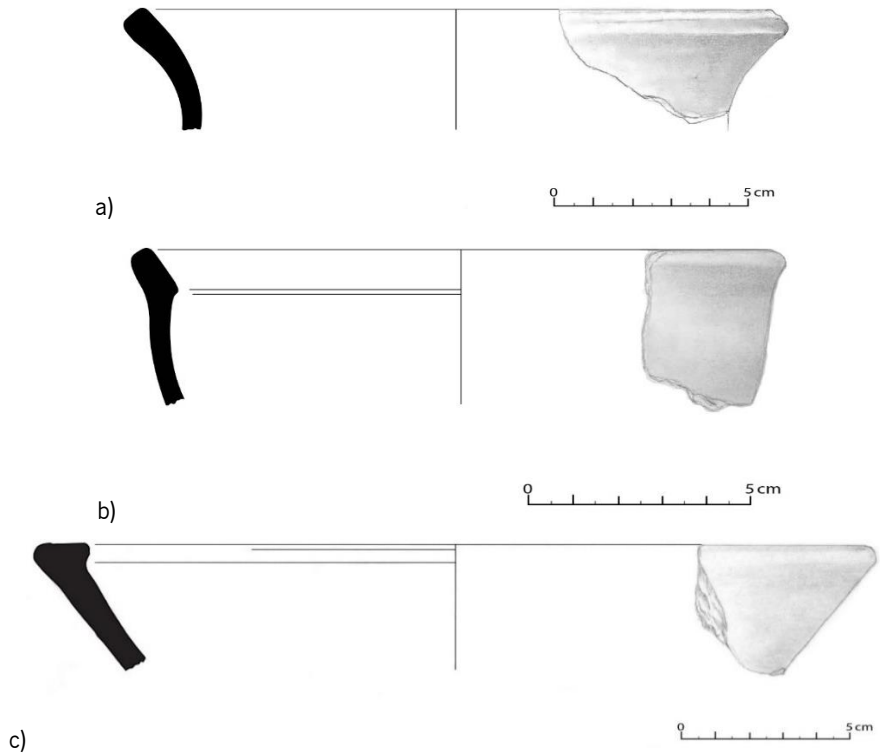


Fig. 9.14 Formas de mesa: a) forma 2b; b) forma 3b; c) forma 3a, setor A.

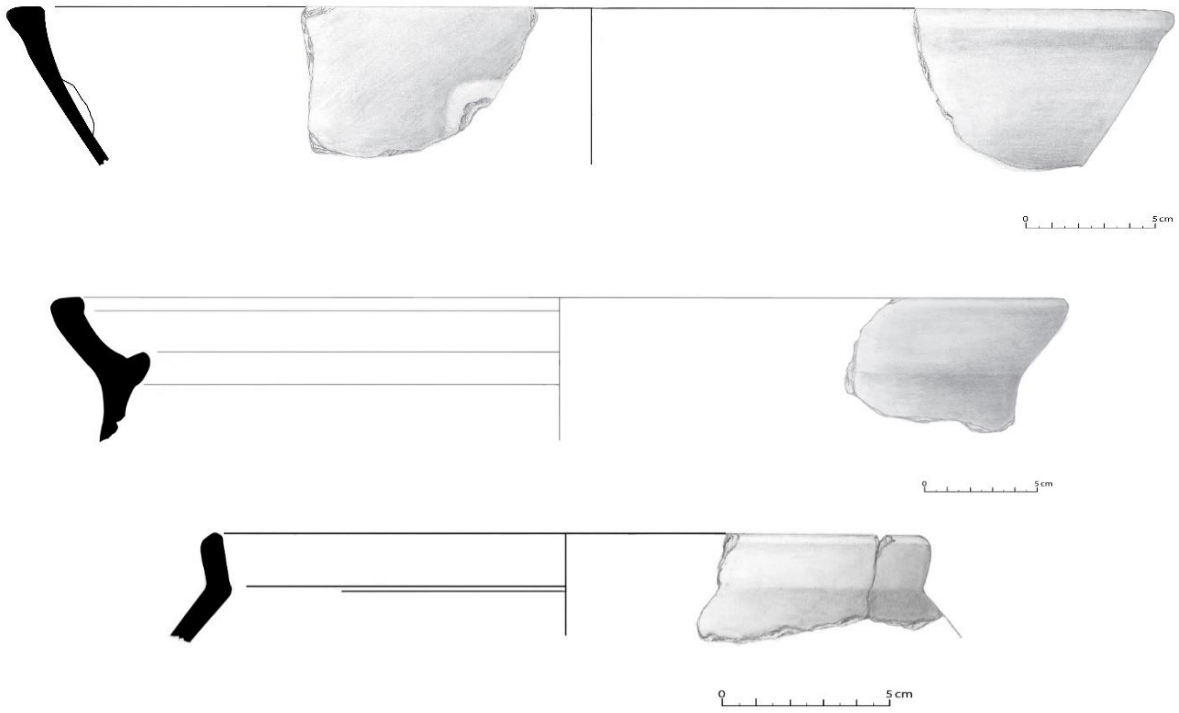


Fig. 9.15 Forma cerâmicas: Forma 4; Forma 5; Forma 6 do setor A.

Aspetos decorativos

Dos 1171 fragmentos deste setor 37 fragmentos possuem decoração, representando apenas 3% do total considerado.

Na estrutura C1 foram registados 7 fragmentos decorados. Quanto aos bordos em termos técnicos apresentam-se 2 casos com aplicação plástica, 1 caso de impressão, 1 caso de espatulado e ainda 1 de perfuração. Quanto aos motivos, a aplicação plástica manifesta-se por 1 cordão na horizontal, a impressão manifesta-se por uma série de SSS, na zona interior do bordo (Fig. 9.17), o espatulado manifesta-se por dois sulcos oblíquos na zona exterior do bordo. No que diz respeito aos bojos foram registados 3 casos com aplicação plástica, e 1 caso de decoração compósita por a incisão e impressão. Com efeito, a decoração por aplicação plástica manifesta-se por 1 a 3 cordões, na horizontal, e a decoração por incisão e impressão encontra-se sob a forma de 7 sulcos incisos incisas e no centro uma série de SSS (Fig. 9.17).



Fig. 9.16 Fragmentos decorados por decoração, com séries de SSS e vários sulcos horizontais.

Na estrutura C2 foram registados 2 fragmentos decorados. Estes dois fragmentos pertencem a dois bojos. A técnica aplicada é a incisão e os motivos baseiam-se em 2 a 3 linhas horizontais. Além disso foi registado um cossoiro de tipo bicónico de cones iguais (Silva e Oliveira, 1999) decorado com 4 pequenos círculos puncionados, na zona superior (Fig. 9.18).

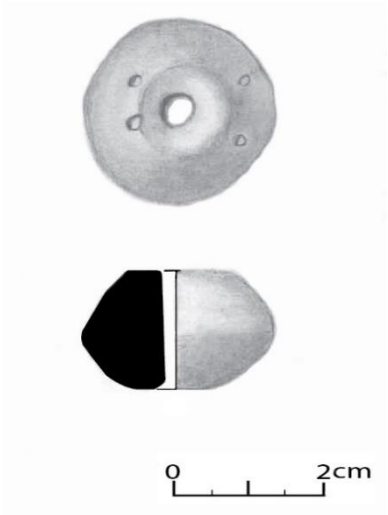


Fig. 9.17 Cossoiro tipo bicónico de cones iguais.

Na estrutura C3 foram registados 2 fragmentos decorados. Sendo que destes exemplares 1 encontra-se num bordo e os restantes 3 surgem em bojos. Quanto aos bojos apresentam-se com duas técnicas diferentes: a aplicação plástica e a perfuração. São dois os casos com aplicação plástica cujos motivos são cordões (entre 1 a 3).

Na estrutura C5 foram registados 3 fragmentos decorados. Sendo que destes exemplares 1 encontra-se num bordo e os restantes 2 surgem em bojos. No que diz respeito ao bordo, em termos técnicos manifesta-se pela técnica de incisão. O motivo é um sulco inciso na zona do lábio. Quanto aos bojos apresentam-se com uma técnica diferente, apenas a incisão. Esta técnica manifesta-se por sulcos incisos horizontais (1 a 3 sulcos).

Na estrutura C10 foram registados 5 fragmentos decorados. Apenas um é referente a um bordo, o restante é referente a bojos. Quanto ao bordo, a decoração manifesta-se pela técnica da incisão com um sulco inciso sob o lábio. Nos restantes bojos a decoração manifesta-se por duas técnicas: a incisão e a aplicação plástica. A aplicação plástica manifesta-se em 3 exemplares sob a forma de 1 cordão, na horizontal, e o 4º bojo decorado possui dois sulcos incisos na horizontal.

Na estrutura C20 não foi registado material decorado.

Na estrutura C27 não foi registado material decorado.

Em suma, não se regista nenhuma cabana com um maior número de recipientes decorados significativo, apenas fazemos notar um maior número de fragmentos decorados em cabanas sem vestíbulo do que com a presença desse elemento arquitetónico.

No tramo da Muralha foram encontrados 4 fragmentos com decoração. Um destes casos é um bordo, onde foi utilizada a técnica da incisão e esta manifesta-se pelo motivo de um sulco inciso ao longo do bordo. Os restantes 3 fragmentos são bojos decorados com dois tipos de

decoração: a incisão e o espatulado. A incisão manifesta-se em 2 fragmentos através de um a dois sulcos incisos na horizontal e de um caso com 7 sulcos incisos na oblíqua. A impressão manifesta-se em apenas um fragmento de bojo, com uma série de SSS.

Evidências de uso

Quanto ao uso da cerâmica foi possível identificar 334 fragmentos (29%) com fuligem exterior, devido ao uso sobre o fogo. Esta fuligem foi identificada, além de em alguns bojos Tratam-se das formas 1 (potes), 2 (potinhos/púcaros), 4 (panela de asa interior) e 6 (panela de asa em orelha), que são utilizadas, nos dois primeiros casos para servir e preparar alimentos e a terceira e a quarta forma servem para preparar alimentos.

Devemos ainda referir que a produção cerâmica denota ainda uma particularidade interessante. Em alguns casos notam-se perfurações nas peças que estarão relacionadas com a aplicação de grampos metálicos para o restauro para serem depois reutilizadas. Foram encontrados vestígios destes grampos e ainda um caso em que o grampo está ainda preservado. Foi registado um bordo com uma perfuração na cabana 1, um bojo e um bordo (no qual se preserva o grampo metálico na cabana 3, e ainda um bojo com estas características na cabana 20.

Considerações deposicionais e pósdeposicionais

Foram também observados aspetos relativamente às questões deposicionais e pósdeposicionais dos fragmentos. Foi possível notar algumas características deposicionais e de uso da cerâmica. Com efeito, apenas 23% estavam rolados, o que indicia um fraco índice de erosão e transporte sobre os fragmentos.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos observa-se os seguintes dados: 449 fragmentos tinham < de 4 cm (38%), 609 (52%) fragmentos tinham entre 4 cm e 8 cm e 113 (10%) fragmentos <8 cm, pelo que, pelos preceitos de Brudenell e Cooper (2008), houve pouca alteração pósdeposicional após quebra dos fragmentos (Fig. 9.19).

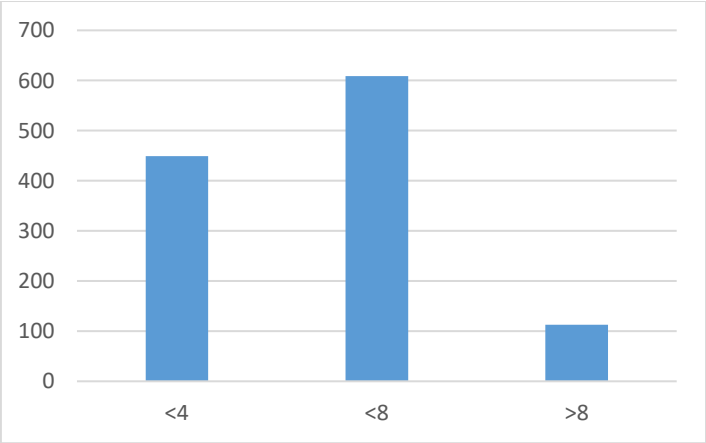


Fig. 9.18 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do setor A.

Com efeito, com base nestes dados deposicionais e pósdeposicionais pode referir-se que não existiu um grande transporte dos fragmentos já que se observou uma pequena percentagem de fragmentos rolados e o tamanho dos fragmentos encontra a sua maioria em termos de tamanho, entre 4 e os 8 cm, o que indicia uma vez o mais fraco transporte, não estando muito sujeitos a fenómenos pósdeposicionais.

B. Material cerâmico importado tardo-republicano

Neste capítulo sintetiza-se aquilo que foi estudado por F. Queiroga (2019) sobre as ânforas tardo-republicanas.

Para este setor foram detetadas 31 formas anfóricas (Fig. 9.20; Fig. 9.21; Fig. 9.22) e ainda 12 indeterminadas (Queiroga, 2019: 67).

Este investigador forneceu dados sobre a distribuição anfórica por cada estrutura pelo que é possível tirar ilações. Em todas foram registadas estas tipologias na zona exterior de cada uma das estruturas.

Com efeito, na estrutura C1 foram registados quatro exemplares anfóricos. Foram individualizados dois exemplares de Ovoíde Lusitana, um exemplar de Ovoíde 7 e ainda um exemplar de T – 7.4.3.3.

Quanto à estrutura C2 foi apenas registado um exemplar. Este exemplar é uma Ovoíde 7.

Quanto à estrutura C3 foram registadas três restos de ânforas: um exemplar Ovoíde 1, 1 exemplar de Ovoíde Lusitana e ainda um exemplar de ânfora Tipo 7.

A estrutura C5 foi a que registou maior número de ânforas (nove): quatro exemplares de ânfora T-7.4.3.3, dois exemplares de Ovoíde 1, dois exemplares de Dressel 1 e um exemplar de Dressel 1C.

A estrutura C10, que fica nas proximidades da C5 registou oito tipologias anfóricas: três exemplares de ânforas T-7.4.3.3, três exemplares de Dressel 1, um exemplar de Ovoíde 7 e, ainda, um exemplar de Ovoíde Lusitana.

Relativamente à estrutura C20 foi registado apenas um exemplar de Ovoíde 6.

Finalmente, a estrutura C27 foi registado um exemplar de Ovoíde Lusitana. Foram ainda registados um total de 12 tipos indeterminados.

Esta área é a segunda onde se concentram mais produtos importados relativamente às outras áreas do povoado.

Esta tipologia de materiais, sendo contentores é importante compreender os tipos de produtos que transportariam para dessa forma compreender o que a população deste povoado consumia. Com efeito, no que diz respeito à tipologia T – 7.4.3.3., esta transportaria produtos piscícolas (*garum*), mas talvez outros produtos como a azeitona ou moluscos (Bernal Casasola *et al.*, 2007a; Sáez Romero, 2008a), a tipologia Dressel 1 trata-se de um contentores que transportaria uma grande variedade de produtos mas está muitas vezes associada ao transporte de vinho (Peacock e Williams, 1991); a tipologia de ânfora Tipo 7 transportaria talvez azeite ou vinho (Sousa e Pimenta, 2014); a tipologia anfórica Ovoíde Lusitana transportaria preparados de peixe (Morais *et al.*, 2016); a tipologia anfórica Ovoíde 1 seria uma ânfora multiusos (Fabião, 2000, Molina Vidal, 2001); a tipologia anfórica Ovoíde 6 transportaria exclusivamente azeite (Fabião, 1989: 74; García Vargas *et al.*, 2016d) e finalmente a tipologia anfórica Ovoíde 7/Oberaden 83 transportaria também vários produtos (Almeida, 2008).



Fig. 9.19 Ânfora tipo T- 7.4.3.3. (Queiroga, 2019: 142, adaptado).

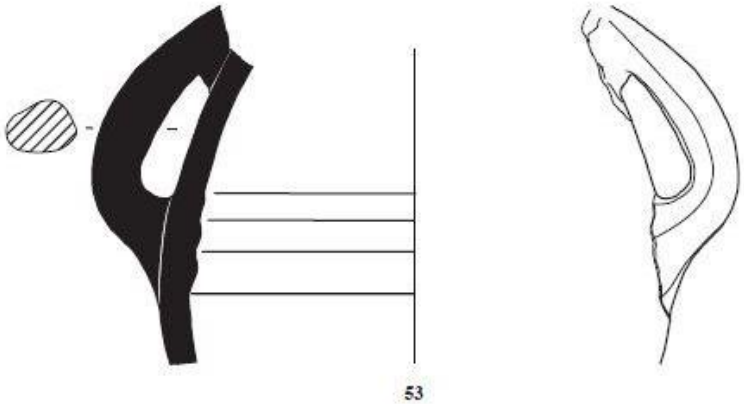


Fig. 9.20 Bojo com asa de Ânfora tipo T.4.3.3.3. (Queiroga, 2019: 142, adaptado).

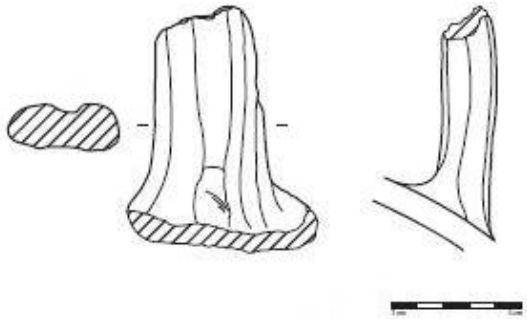


Fig. 9.21 Asa de Ovóide 6 (Queiroga, 2019:140, adaptado).

C. Interpretação e funcionalidade das estruturas

A estrutura C1 revela não só um grande número de formas 1 (potes) que indicariam que seria um local privilegiado para armazenamento de alimentos, mas a existência de um grande número de potinhos/púcaros e um número interessante de malgas e tigelas podemos talvez vincular o uso deste espaço mais ligado ao consumo de alimentos.

Destaca-se ainda que, apenas na **estrutura C10** foi detetado uma forma destinada exclusivamente ao armazenamento (forma 5). Aliado a isto acrescenta-se o facto de que também nesta estrutura foram detetadas muitas formas de armazenamento (forma 1 - pote) o que poderá indiciar que esta estrutura poderá ter funcionado como um armazém. Observando os dados das importações anfóricas e reunindo os dados de que se dispõe relativamente às produções indígenas podemos dizer que provavelmente além da **estrutura C10,** também a **estrutura C5** possui um considerável número de ânforas e a uma grande diversidade de produtos, tendo em conta as tipologias anfóricas registadas: desde vinho, preparados piscícolas, azeite, *garum* entre outros produtos. Logo estas duas estruturas podiam estar ligadas com o armazenamento ou, por outro lado, com o poder económico das unidades familiares.

A inexistência de materiais com forma (apenas foram observados bojos) na **estrutura C27** poderá indiciar que seria um espaço pouco utilizado, apesar de ter vestíbulo. Seria uma cabana armazém, visto ai se terem registado várias tipologias anfóricas? Nesta estrutura foi só identificada uma tipologia (Ovóide Lusitana) que transportaria preparados piscícolas ou vinho. Devemos acrescentar que talvez a **estrutura C20** tivesse o mesmo propósito no qual temos poucas formas de relacionadas com o consumo de alimentos, mas um grande número de potes.

Relativamente à **estrutura C20** foram contabilizados três exemplares de panela de asa em orelha (forma 6) o que poderá indicar que nessa área era privilegiada, mas não exclusiva na

produção de alimentos. Com efeito, nas **cabanas 2, 3 e 10** encontramos um exemplar em cada de uma panela de asa interior.

Finalmente, parece-nos que neste setor as **cabanas C2, C3, e talvez C1** poderão ser estruturas de carácter habitacional.

Na zona da **muralha** que nesta área foi escavada devemos referir a quantidade relevante de potes aí restados pelo que nessa área seria também uma zona de armazenamento de alimentos ou bebidas.

4.3.4.2. Setor B

Estruturas e estratigrafia

Foi escavada apenas uma área de cerca de 160 m² (Fig. 9.26).

Aqui foram descobertas várias estruturas circulares, provavelmente habitacionais, num total de três. Deve referir-se que as estruturas circulares têm uma média de 5 metros de diâmetro.

Estrutura C4

A estrutura possuía um muro circular com cerca de 5,50 m de diâmetro e 50 centímetros de espessura, cujo aparelho bastante irregular, apresentava uma face externa com blocos pétreos de grande e média dimensão (Fig. 9.23). Tem um vestíbulo, adossado a este muro, pelo lado este, apresentando cerca de 40 cm de espessura, com 1,10 m de largura por 5,40 m de comprimento, sendo possível detetar a entrada pelo lado sudeste. A estrutura assenta, na maioria, sobre rocha ou saibro natural. O nível de ocupação é documentado por uma camada cinza que apareceu, sobretudo, na zona norte da estrutura.

Estratigrafia interior

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – Camada de sedimentos preta;

Camada 7 – Camada cinzenta;

Camada 89 – Entre a camada cinza e o penedo, registou-se uma camada de sedimentos pretos, com alterite.

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – Camada de sedimentos negros;

Camada 23 – Camada de saibro, encostado à estrutura;

Camada 22 – Entre as camadas 4 e 23, há manchas de sedimentos de cor cinza, encostadas à estrutura.

Exterior das estruturas C4 e C9

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 19 – Camada de sedimentos castanho-clara que encosta às estruturas C4 e C9;

Camada 12 – Camada cinza que encosta, igualmente, às estruturas.

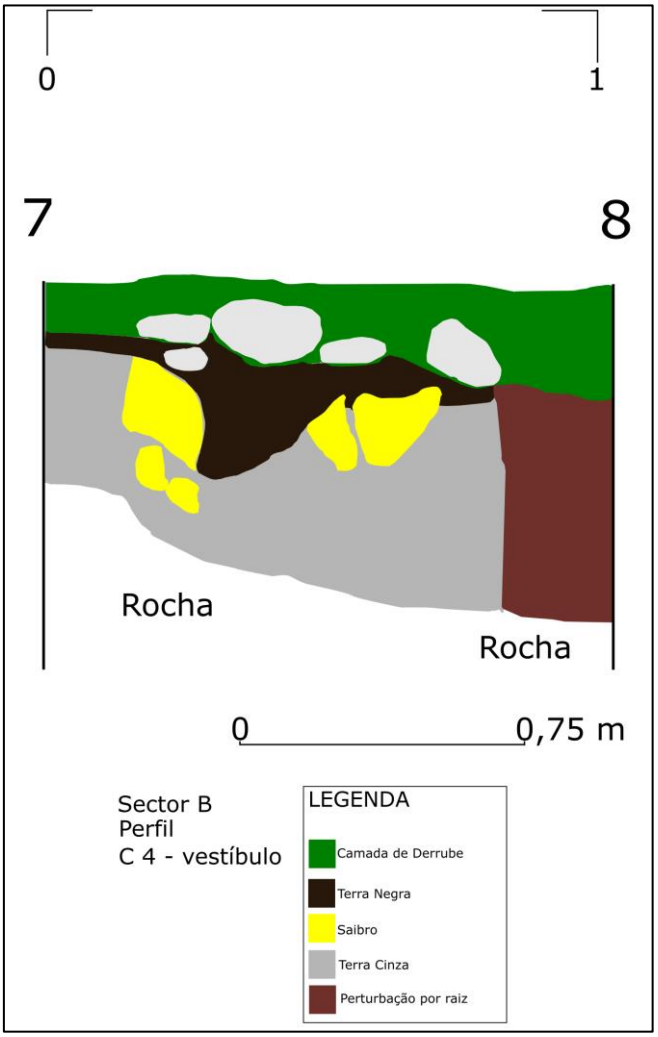


Fig. 9.22 Perfil do vestíbulo da estrutura C4 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Estrutura C8

A estrutura é delimitada por um muro circular com cerca de 5,50 m de diâmetro e 50 cm de espessura. O aparelho é homogéneo, composto por blocos e seixos de média e pequena dimensão, bem encaixadas com argamassa, apresentando vestígios de um pequeno friso de reforço, no interior sul desta construção (Fig. 9.24). A parede está bastante destruída, restando apenas duas fiadas, as quais se encontram abaixo do nível de ocupação interior, não sendo por isso possível detetar a entrada da estrutura.

Interior da estrutura 8

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 24 – Camada com derrube, de cor castanha;

Camada 43 – Mancha no centro da estrutura de cor preta;

Camada 6 – Piso, constituído por saibro e encostado ao muro;

Camada 16 – Camada com sedimentos negros, com alterite.

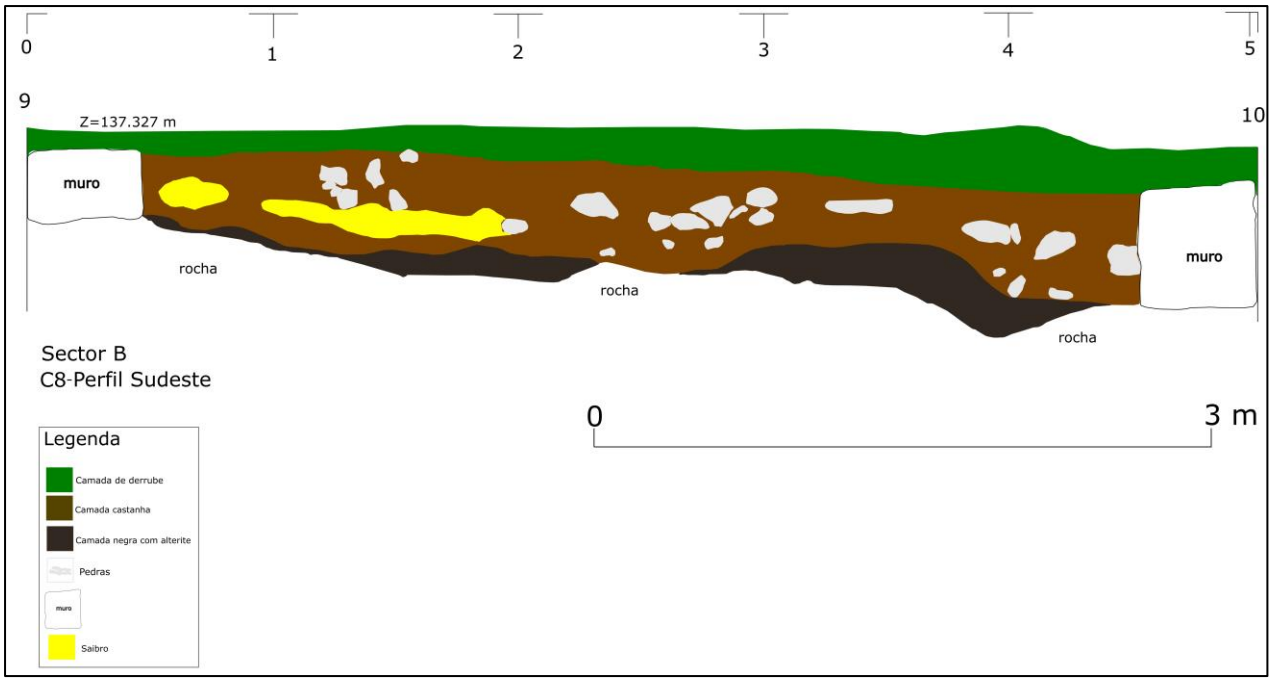


Fig. 9.23 Perfil Sudoeste da estrutura C8 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Estrutura C9

A estrutura é formada por um muro circular com cerca de 4,10 m de diâmetro e 40 cm de espessura, apresentando um aparelho bastante irregular e destruído, com blocos maiores na face externa, do lado este (Fig. 9.25).

Pelo lado exterior, a nordeste, existe um pequeno muro de suporte de terras, com uma única face voltada para a casa, cuja função seria a de provocar resguardo, criando aqui um talude, cuja função desconhecemos. Junto ao murete e ao afloramento rochoso existiam algumas fossas abertas no saibro, cuja função poderá ser múltipla.

Na parte sudoeste existe um murete associado à casa, com cerca de 30 cm de espessura e 1,50 m de comprimento. Apesar de se ter detetado um nível de ocupação, sem piso, não foram encontrados vestígios da entrada da estrutura.

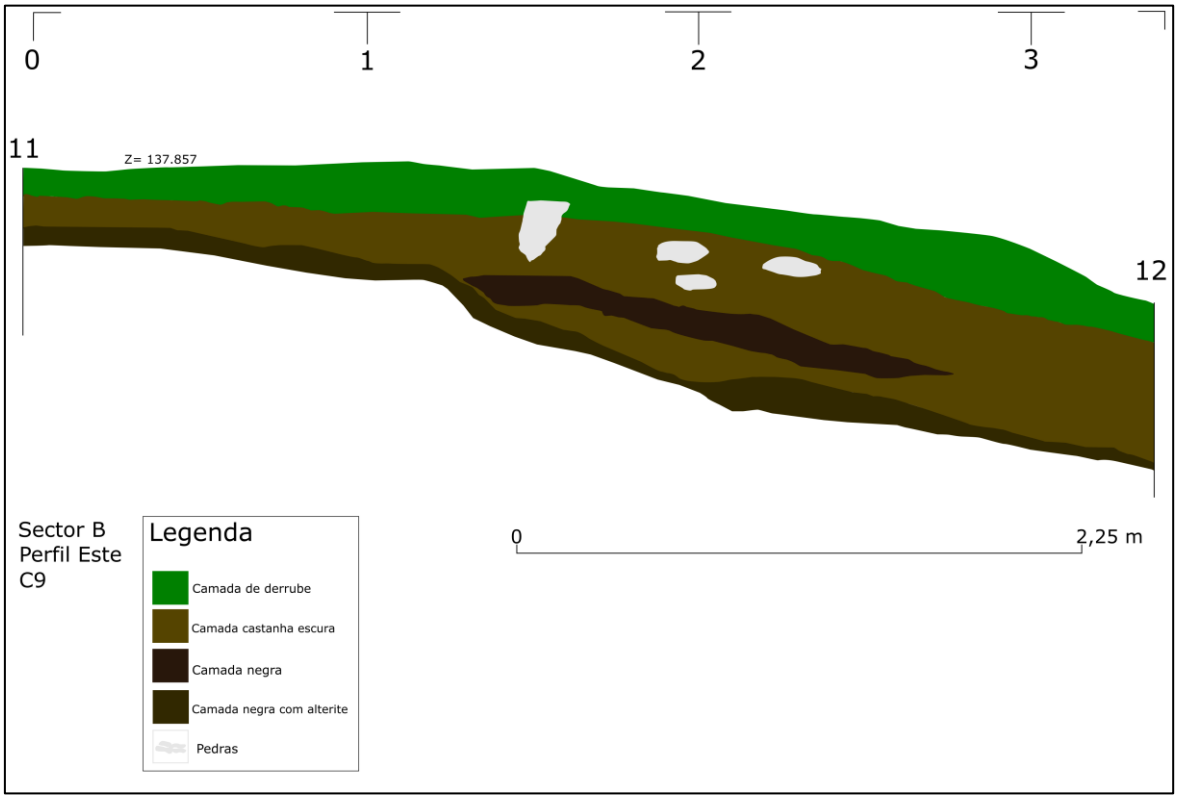


Fig. 9.24 Perfil Este da estrutura C9 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Interior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – Camada de cor preta;

Camada 11 – No centro da camada anterior, surge esta camada de cor castanho-clara e que encosta à camada 4;

Camada 25 – Mancha de sedimentos castanho-escura, misturada ainda com restos de piso (6) que encostam à estrutura;

Camada 6 – Piso;

Camada 16 – Camada uma mancha de sedimentos com alterite.

Exterior da estrutura (este)

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 19 – Camada de sedimentos de cor castanho-clara;

Camada 12 – Camada cinzenta na qual se definiu um murete paralelo ao muro da casa. A camada 12 encosta ao murete e a 19 passa por cima.

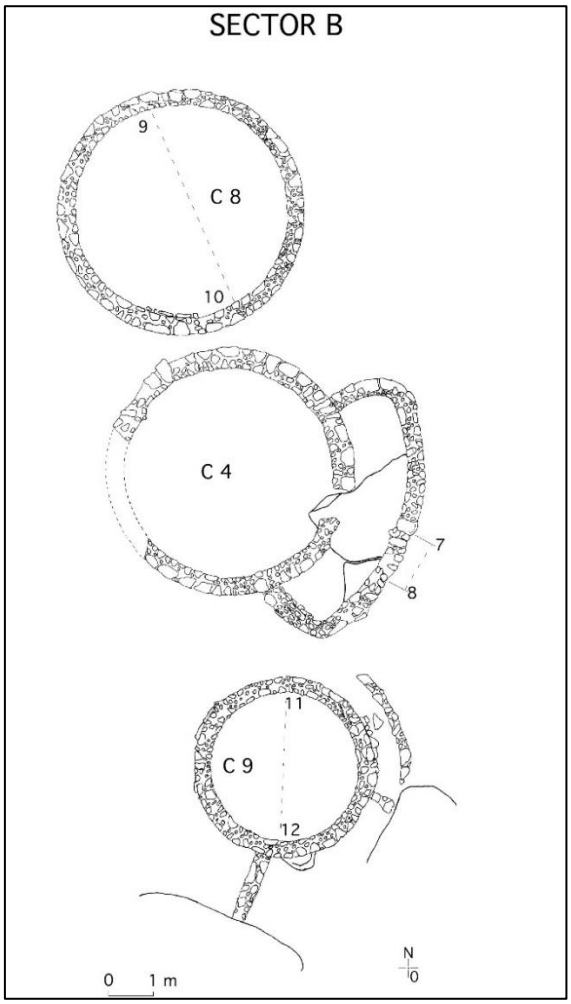


Fig. 9.25 Planta do setor B (Queiroga, 2000, adaptado).

A. Material cerâmico indígena

Neste setor foi considerado o espólio encontrado nas camadas: 3, 4, 7, 16, 19, 22, 24 e 25. Todas elas de derrube ou ocupação das estruturas. Cada estrutura foi também estudada, individualmente, com objetivo de determinar eventuais distinções funcionais entre cada uma das casas circulares e entre as casas simples e as de vestíbulo.

Foram contabilizados um total de 238 fragmentos enquadráveis nesta categoria., entre eles: 43 bordos, 20 bases e 175 bojos (Fig. 9.27).

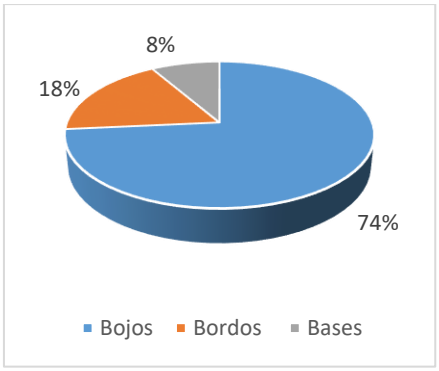


Fig. 9.26 Total de fragmentos estudados para o Setor B.

2) Aspetos técnicos

Estes fragmentos são, na sua maioria, produzidos de forma manual (215 exemplares– 90%), com pastas essencialmente micáceas (221 exemplares – 93%) e cozidas em ambiente redutor (171 exemplares – 72%) o que lhe confere cores castanho-escuro, o castanho-claro e o avermelhado, quando sujeitas a cozedura oxidante.

Os elementos não plásticos, compostos por mica (sobretudo moscovite) e algumas areias, são grandes (6%), médios (40%) e pequenos (54%) originando pastas de textura média (51%), fina (44%) e grosseira (5%.)

A superfície é geralmente alisada (126 fragmentos – 53%) mas também há fragmentos polidos (112 fragmentos – 47%).

3) Aspetos morfológicos

No que diz respeito aos 43 bordos foram contabilizados, 18 esvasados, 11 abertos, 3 em aba horizontal, 6 em aba soerguida e, ainda, 5 indeterminados.

Relativamente às bases estas dividem-se em 10 exemplares de fundo simples e quatro de fundo alargado. Há ainda seis exemplares indeterminados.

Relativamente às formas cerâmicas indígenas identificadas apresentam-se os dados estrutura a estrutura.

Para a estrutura C4 (cabana circular com vestíbulo, camadas 3, 4 e 19) foram registadas um total de 10 formas cerâmicas indígenas e duas indeterminadas (Tab. 9.10), notando-se uma maioria de potes (33%), principalmente do tipo 1a, mas igual número de potinhos/púcaros e de panelas de asa interior (17%), logo seguido de malgas. A ausência de talhas faz pensar que nesta cabana não se guardavam grandes provisões, estando mais presentes pequenas formas de armazenagem e transporte, cozinha e consumo de alimentos. É curioso verificar a ausência de formas de cozinha tradicionais, como as panelas de asa interior. Desta forma foram estudadas as seguintes formas: potes [forma 1a (três exemplares), da forma 1c (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (dois exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3a (um exemplar), forma 3b (um exemplar)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (dois exemplares)].

Tabela 9.10 Quantidade de formas para estrutura C4

Formas	MNI	%
Forma 1a (pote)	**3**	**30%**
Forma 1c (pote)	1	10%
Forma 2 (potinho/púcaro)	**2**	**20%**
Forma 3 a (malga)	1	10%
Forma 3b (tigela)	1	10%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	**2**	**20%**
Total	**10**	**100%**

Quanto à estrutura C8 (cabana circular sem vestíbulo, camadas 3 e 24) foram identificadas um total de quatro formas, todas elas inseríveis na forma 2 (potinhos/púcaros).

Quanto à estrutura C9 (cabana circular sem vestíbulo, camadas 3, 4, 19, 25) foram individualizadas um total de 24 formas identificáveis e três formas indeterminadas (Tab. 9.11). Nota-se, também, a maioria de potes de armazenagem e transporte, seguidos de potinhos/púcaros e de malgas e tigelas. Nota-se, ainda, o aparecimento de formas tradicionais de cozedura de alimentos como as panelas de asa interior e aqui surge a única talha (forma5) neste setor. Nesta cabana foram registadas as seguintes formas: potes [da forma 1a (seis exemplares), da forma 1b (quatro exemplares), da forma 1c (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (cinco exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3a (dois exemplares), forma 3b (três exemplares)]; panelas de asa interior [forma 4 (dois exemplares)]; talhas [forma 5 (um exemplar)].

Tabela 9.11 Quantidade de formas para estrutura C9

Formas	MNI	%
Forma 1a (pote)	**6**	**25 %**
Forma 1b (pote)	4	17 %
Forma 1c (pote)	1	4 %
Forma 2 (potinho/púcaro)	**5**	**21 %**
Forma 3a (malga)	2	8 %
Forma 3b (tigela)	**3**	**13 %**
Forma 4 (panela de asa interior)	2	8 %
Forma 5 (talha)	1	4 %
Total	**24**	**100%**

No total deste setor foram contabilizadas 41 formas cerâmicas indígenas, na sua maioria potes e potinhos/púcaros (formas 1 e 2) (Tab. 9.12). Ainda foram registadas cinco formas indeterminadas. Foram individualizados nove exemplares da forma 1a (pote), quatro da forma 1b (pote com aba soerguida), dois da forma 1c (pote com aba horizontal), 11 da forma 2 (potinho/púcaro), três da forma 3a (malga), quatro da forma 3b (tigela), dois da forma 4 (panela de asa interior), uma forma 5 (talha) e dois da forma 6 (panela de asa em orelha). Parece existir uma grande variedade de tipologias de potes (Tab. 9.13; Fig. 9.28; Fig. 9.29; Fig. 9.30). Inversamente a quantidade e diversidade de formas 2 (potinhos/púcaros) e 3 (malgas/tigelas) é algo reduzida. Estão presentes duas formas de cozedura de alimentos: panelas de asa em orelha e de asa interior. M. Martins (1990: 158) defende que estas panelas de asa em orelha poderão ser uma introdução em contextos tardios da idade do Ferro ou se quisermos próximos da romanização, o que parece ser o caso neste povoado.

Tabela 9.12 Quantidade de formas para Setor B

Formas	MNI	%
Forma 1a (pote)	9	**22%**
Forma 1b (pote)	4	10%
Forma 1c (pote)	2	5%
Forma 2 (potinho/púcaro)	11	**27%**
Forma 3a (malga)	6	**14%**
Forma 3b (tigela)	4	**10%**
Forma 4 (panela de asa interior)	2	5%
Forma 5 (talha)	1	2%

Forma 6 (panela de asa em orelha)	2	5%
Total	**41**	**100%**

Tabela 9.13 Quantidade percentual de formas para Setor B

Formas	MNI	%
Forma 1	**15**	**40%**
Forma 2	**11**	**29%**
Forma 3	**7**	**18%**
Forma 4	2	5%
Forma 5	1	3%
Forma 6	2	5%
Total	**41**	**100%**

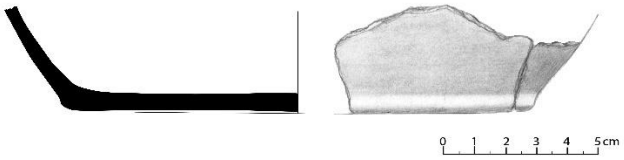


Fig. 9.27 Fundo de plano alargado.

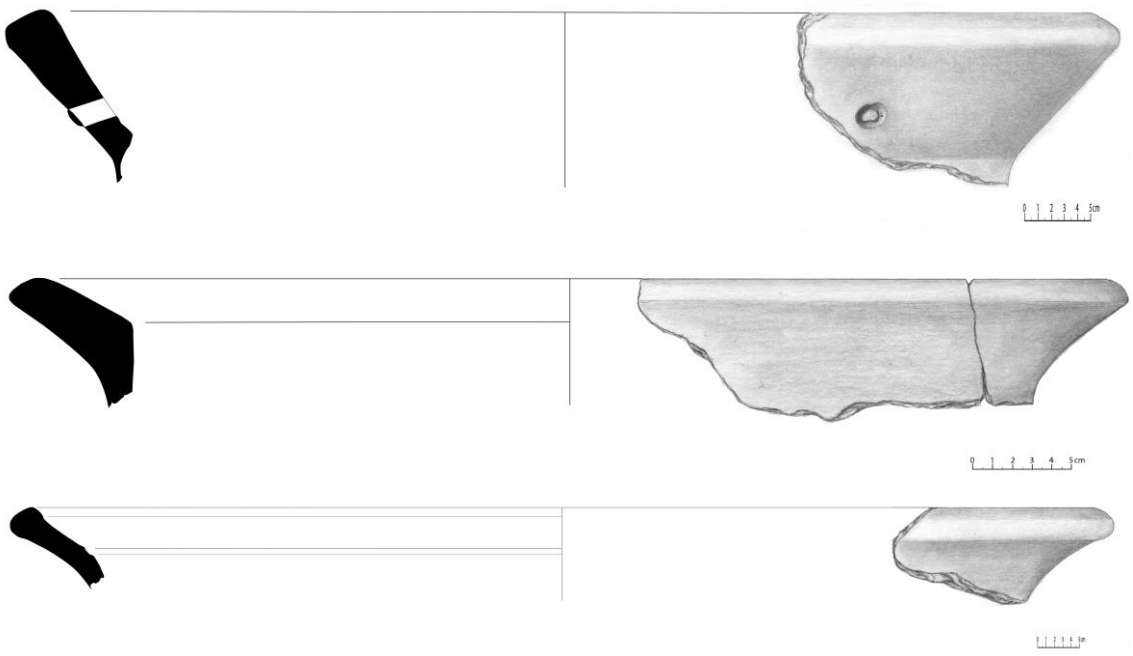


Fig. 9.28 Formas 1b: o primeiro com perfuração e agrafo metálico e o terceiro com um sulco inciso no interior.

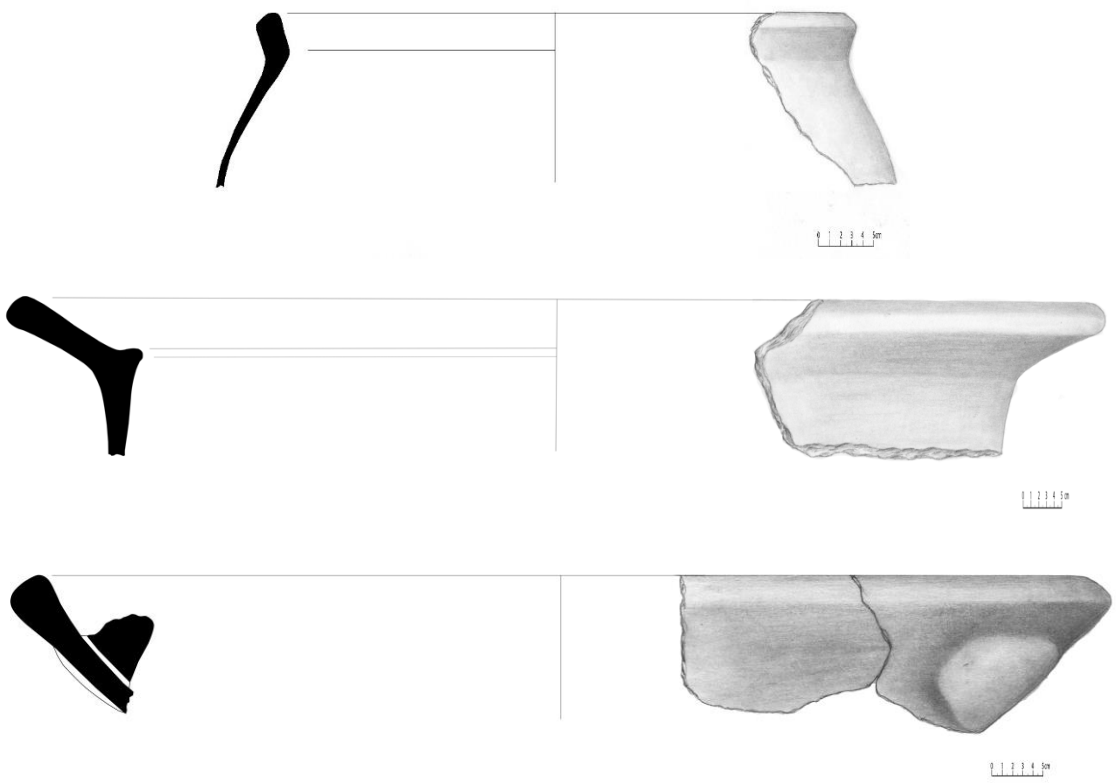


Fig. 9.29 Formas cerâmicas: forma 6; forma 5; forma 4.

Aspetos decorativos

Dos 238 fragmentos deste setor foram registados 11 com decoração e com características intencionais, representando apenas 5% do total considerado.

Com efeito, na estrutura C4 foram registados apenas dois fragmentos com decoração. São, nos dois casos, aplicações plásticas cujo motivo é um cordão horizontal.

Relativamente à estrutura C8 não foram registados fragmentos decorados.

Quanto à estrutura C9 foram identificados nove fragmentos decorados ou com características intencionais em quatro bordos e cinco bojos. Nesta estrutura foi identificado um bordo que no início do seu colo está decorado com a técnica da incisão, cujo motivo é um sulco inciso.

A decoração em bojos ocorre em cinco exemplares. Estes bojos seriam de potes e de potinhos/púcaros. As técnicas decorativas não são muito variadas, havendo três exemplares com aplicações plásticas, um exemplar com incisão e um exemplar com decoração compósita com duas técnicas: a incisa e a impressa. Quanto aos motivos registados de forma decrescente na peça são: a aplicação plástica manifesta-se por 1 cordão na horizontal, a incisão manifesta-se por

dois sulcos incisos horizontais, e 10 sulcos oblíquos, e a decoração compósita manifesta-se com um sulco inciso e 3 séries de SSS impressos.

Evidências de uso

Quanto à estrutura C9, foi registado em alguns bordos, características intencionais. Foi estudado um bordo com arranque de asa (e dessa forma percebemos a que forma pertenceria), dois bordos com 1 perfuração, que num dos casos corresponde a um agrafo metálico, mas do qual apenas nos resta a perfuração onde ele se encontra, e finalmente ainda um bordo que possui uma perfuração para suspender a peça sob o fogo.

A fuligem ocorre sobretudo em formas de potinhos, de malgas e de panelas de asa interior e em orelha. Foram registados um total de 93 fragmentos (39%) com fuligem nas áreas exterior e interior dos fragmentos.

4) Considerações deposicionais e pósdeposicionais

O tamanho dos fragmentos são, na sua maioria, menor de 4 cm (62% - 147 exemplares) o que indica um índice de fragmentação elevado nesta área do povoado (Fig. 9.31). Além disso, o número de fragmentos rolados ou erodidos é de 90 casos (62%). Pode colocar-se a hipótese de que este setor assistiu a fenómenos pósdeposicionais algo elevados, após o abandono e quebra dos materiais, algo diferente do que aconteceu no Setor A.

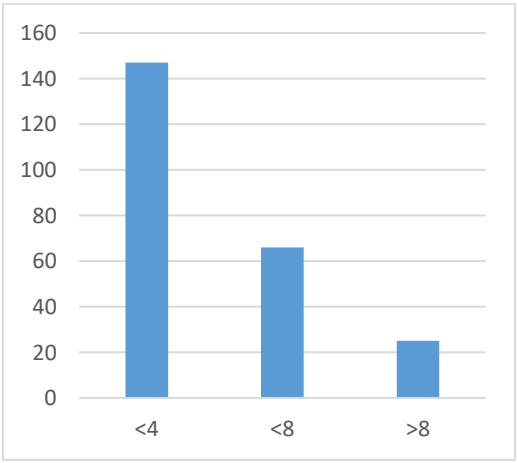


Fig. 9.30 Dimensões dos fragmentos cerâmicos segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008) do Setor B.

B. Material cerâmico importado tardo-republicano

Neste setor foram encontrados, em todas as estruturas, material anfórico, contudo apenas foram valorizadas aquelas tipologias definidas.

Com efeito, para a estrutura C4 (cabana circular com vestíbulo, camadas 3 e 19) há o registo de um exemplar da tipologia T-7.4.3.3 na área norte do vestíbulo e um exemplar T-7.4.3.3 e de Ovóide 1, na zona exterior entre a estrutura C4 e C9 (Fig. 9.32).

No que respeita à estrutura C8, situados na zona exterior da estrutura foram considerados 9 fragmentos de tipologia indeterminada.

Quanto à estrutura C9 (cabana circular sem vestíbulo, camada 3 e 19) há cinco exemplares da tipologia T-7.4.3.3 e um exemplar de Dressel 1 (Queiroga, 2019: 68). Foram ainda encontrados fragmentos de 16 formas indeterminadas. É curioso ser a cabana mais pequena a que apresenta maior número de importações, registadas na área exterior.

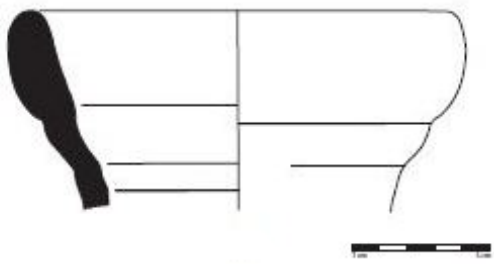


Fig. 9.31 Ânfora tipo Ovóide 1 (Queiroga, 2019: 136, adaptado).

Estas ânforas, nomeadamente a Dressel 1 é de transporte de vários produtos (portanto é multiusos), estando muitas vezes associada ao transporte de vinho (Peacock e Williams, 1991; Desbat, 1998; Pimenta, 2005), a tipologia T-7.4.3.3 está associada a produtos piscícolas (*garum*), mas também a outros produtos como azeitona ou moluscos (Bernal Casasola *et al.*, 2007a; Sáez Romero, 2008a), e a Ovóide 1 é uma ânfora que transporia uma grande diversidade de produtos (Fabião, 2000; Molina Vidal, 2001).

C. Interpretação e funcionalidade das estruturas

Quanto à distribuição das formas foi possível perceber que boa parte dos potinhos/púcaros, malgas/tigelas e potes estariam no interior das habitações. No que diz respeito às panelas de asa em orelha, foram encontrados alguns exemplares no vestíbulo da estrutura C4. Portanto, neste caso a preparação dos alimentos far-se-ia no exterior da habitação.

Quanto à fuligem detetada nos fragmentos, como não se conhecem dados sobre eventuais incêndios nesta área em específico, esta característica será de valorizar, em termos funcionais.

Quanto ao material importado nesta área observa-se uma grande quantidade de formas T - 7.4.3.3, sobretudo na estrutura C9, na zona exterior. Isto poderá indiciar algum poder nesta unidade familiar ou a existência de complementaridade de funções entre as cabanas 9 e 4, a mais pequena. Destacamos que na cabana 9 há o maior número e diversidade de formas existentes nesta área. De referir ainda que é nessa cabana que se situa a única talha existente. Assim, além de na zona exterior se situar as ânforas, a talha aqui registada talvez possamos vincular o uso desta estrutura com o armazenamento de produtos alimentares. Porém, a presença de potinhos/púcaros, malgas e tigelas tornam provável o uso desta área para o consumo de alimentos, tal como parece ser o caso da cabana C4.

A cabana 8 apenas regista quatro potinhos/púcaros o que não permite valorizar em termos funcionais este espaço.

4.3.4.3. Setor C

Estruturas e estratigrafia

Neste setor foi escavada uma área de cerca de 132 m^2 (Fig. 9.34; Fig. 9.35). Aí, foram encontradas duas casas circulares com vestíbulo e com entradas viradas a sudeste e su-sudeste.

Estrutura C6

A estrutura C6 tem cerca de 5,04 m de diâmetro e uma espessura de paredes de 40 cm. Possui um vestíbulo que encosta pelo lado este. A norte, o muro da casa assenta na terra, estando a base do muro ao nível da lareira, descoberta no seu interior (Fig. 9.33). A entrada desta estrutura fica orientada para sudeste.

O vestíbulo, bastante destruído, é delimitado por um muro com aparelho irregular, com cerca de 40 cm de espessura. Tem de comprimento 5 m e 1,5 m de largura.

A norte da entrada, o muro da cabana 6 assenta em terra, estando a base do muro ao nível da lareira, no centro da casa. Idênticas circunstâncias notam-se no vestíbulo desta construção. Apresenta ao nível de ocupação poucos centímetros acima da rocha base, a qual se encontra em estado de deterioração. Esta casa está bastante mais destruída no lado voltado ao declive, no lado da entrada. Em todos os lados houve uma convergência intencional das paredes. No exterior da

estrutura apareceu um murete que arrancava do lado sudeste do muro do vestíbulo, talvez uma tentativa incipiente de sustentar algumas terras, neste local que tem algum pendor, através de um alinhamento fruste de blocos pétreos existente entre dois afloramentos graníticos.

Interior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 45 – Camada de sedimentos negros com alguma pedra;

Camada 11 – Camada de sedimentos castanho-clara;

Camada 8 – Lareira;

Camada 6 – Ao mesmo nível da lareira surge esta camada de piso fragmentado;

Camada 15 – Mancha de sedimentos negros com carvões e cerâmica;

Camada 10 – Camada de saibro à volta da estrutura.

Exterior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Na sanja do alicerce do muro **(camada 221)** que sai do vestíbulo desta casa, em direção a um penedo, apareceu um núcleo de cerâmica numa camada de carvões soltos e com cor acinzentada e saibrosa (**camada 17**).

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – Camada de sedimentos, castanho-clara;

Camada 7 – Camada de cor cinza, que encosta à estrutura do vestíbulo e à da estrutura;

Ainda há uma camada de "saibro natural" que serviu de alicerce a esta estrutura.

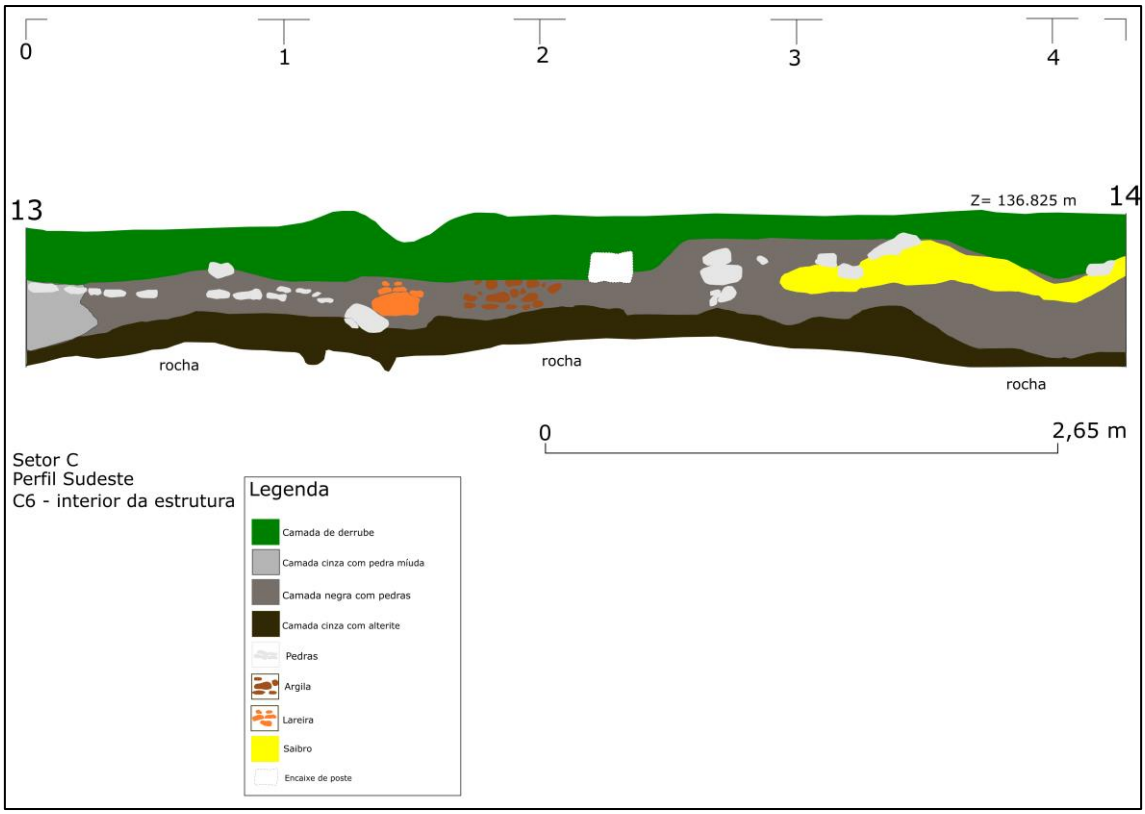


Fig. 9.32 Perfil Sudeste do interior na estrutura C6 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Estrutura C7

A estrutura C7 possui um diâmetro de cerca de 5,20 m e muros com uma espessura irregular, mas com 50 cm de largura máxima. O seu aparelho é irregular e elaborado com blocos pétreos de grandes e médios dimensões. Tem adossado um vestíbulo, voltado a este, com cerca 1,10 metros de largura. A soleira da entrada da casa é definida por um alinhamento de lajes graníticas, dispostas na horizontal, e voltada para su-sudeste.

Interior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Ao mesmo nível, surgem **três camadas**: a **camada 4,** de sedimentos negros, a **camada 11**, de cor castanho-clara, a que se sucede um afloramento granítico, e a **camada 9**, de cor cinzenta com manchas de saibro;

Camada 10 – Saibro compacto;

Camada 8 – Lareira, que se apoia a camada 4. Nesta surge um aglomerado de escória.

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – Camada de sedimentos de cor castanha mais clara do que a camada vegetal;

Camada arenosa, de saibro natural, que pode ser o início do alicerce desta estrutura.

Exterior da estrutura

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 31 – Camada de sedimentos negros com derrubes;

No exterior desta cabana apareceu um "murete" que arrancava de um dos lados exteriores do muro da casa mais a nordeste;

Junto com o derrube do murete, do lado sul, apareceu a **camada 13**, de saibro, enquanto do lado norte, o derrube aparece misturado com a **camada 31,** de sedimentos negros.

Nova camada 13 - Camada de saibro com sedimentos iguais ao do derrube. É igual ao que aparece no interior da casa, a um nível mais baixo do que o piso que, por sua vez, aparece a um nível mais baixo da zona que podemos apelidar de lareira.

No exterior da cabana, no lado noroeste, aparece: a **camada 14,** de sedimentos castanho-escuros e a **camada 33,** de sedimentos de cor cinzenta, muito compacta e que encosta ao muro.

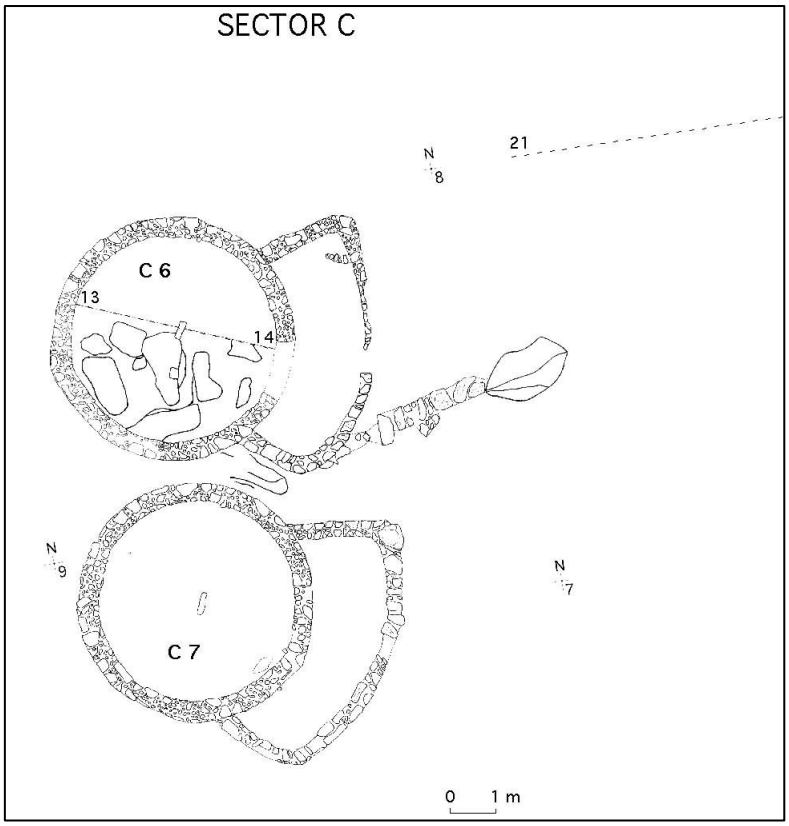


Fig. 9.33 Planta do setor C (Queiroga, 2000, adaptado).

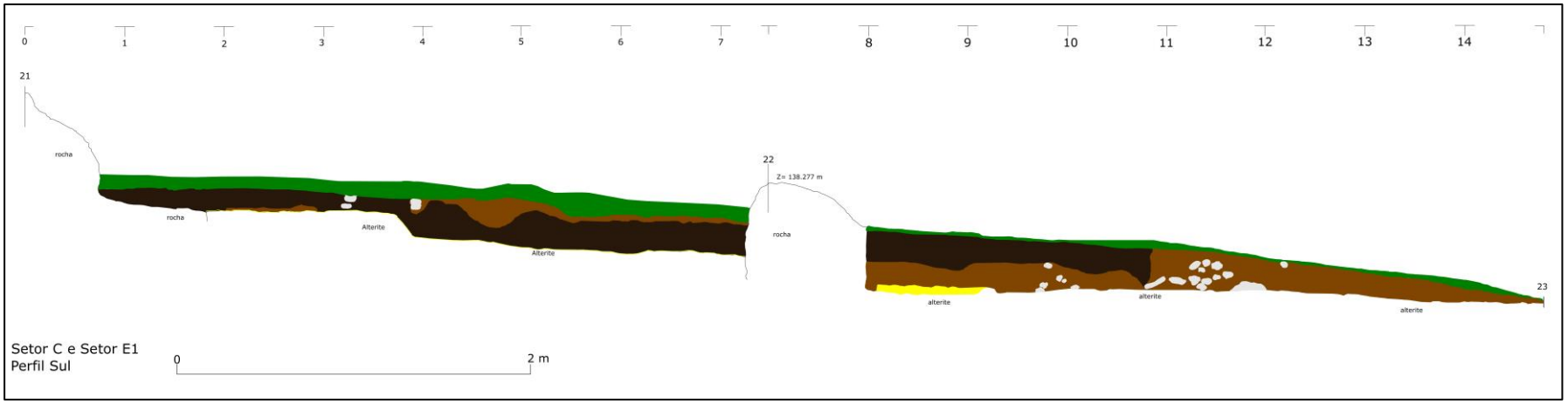


Fig. 9.34 Perfil Sul Entre o Setor C e Setor E1 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Neste setor foi considerado o espólio encontrado nas camadas: 3, 4, 7, 9, 11, 14, 15, 31, 33 e 45. Todas elas de derrube ou ocupação das estruturas. Os materiais das estruturas foram também estudados em separado.

A. Material cerâmico indígena

O conjunto cerâmico em análise é composto por 283 fragmentos. Estes correspondem a 207 bojos, 44 bordos, 28 bases e quatro asas (Fig. 9.36). Dos 207 bojos, sete exemplares são decorados.

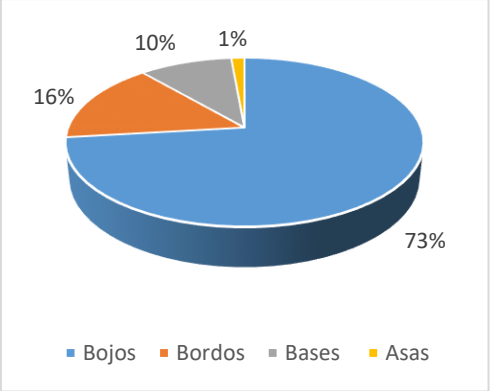


Fig. 9.35 Quantidade de Fragmentos estudados no setor C.

Aspetos técnicos e morfológicos

Estes fragmentos são, na sua maioria, realizados de forma manual (263 casos – 93%) e possuem pastas exclusivamente micáceas, compostas por palhetas de micas (sobretudo moscovite).

As peças foram cozidas, maioritariamente, em ambiente redutor (210 casos – 74%) o que originou recipientes entre o castanho-escuro e o cinzento. No que diz respeito aos elementos não plásticos (e.n.p.) foi possível separá-los em grandes (10%), médios (32%) e pequenos (58%), sendo as texturas quase só médias (132 casos – 47%) e finas (130 casos – 46%), sendo a grosseira apenas de 7%. O acabamento da superfície é polido (158 fragmentos - 56%) e alisado (125 fragmentos - 44%).

Quanto aos bordos, podem ser divididos em esvasados (29 exemplares), abertos (11 exemplares) e em aba soerguida (quatro exemplares).

Relativamente às bases, foram estudados 14 fragmentos de fundo plano alargado, sete de fundo plano simples e, ainda, 7 indeterminados.

Finalmente, as asas e arranques de asa correspondem a quatro exemplares: dois destes são asas, cujas seções apresentam dois tipos, a subcircular e em orelha. Os outros dois correspondem a arranques de asas de seções triangulares e de fita (Fig. 9.37).

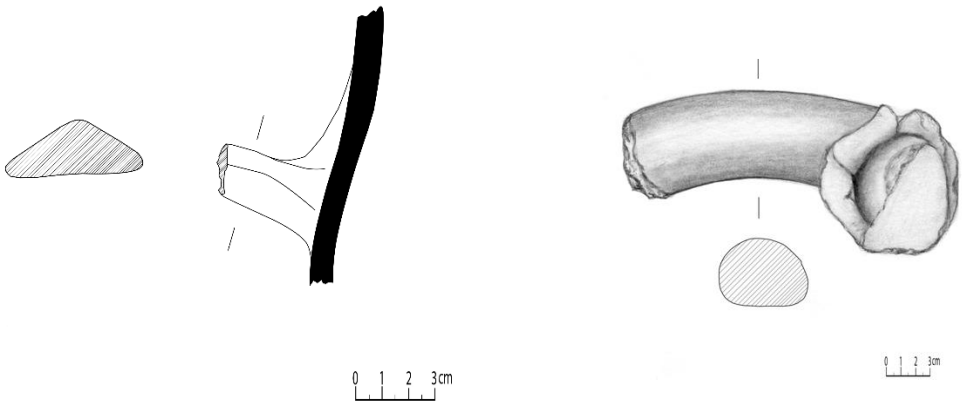


Fig. 9.36 Fragmentos de asa: a) asa de seção pentagonal (forma 2a); asa de seção tubular (forma 4).

Formas cerâmicas

Relativamente às formas cerâmicas indígenas identificadas apresentam-se os dados estrutura a estrutura.

A estrutura C6 (cabana circular com vestíbulo, camadas 3, 4, 9 11, 15 e 45) regista apenas um exemplar para as seguintes tipologias: potes [forma 1 (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (um exemplar)]; malgas/tigelas [forma 3 (um exemplar)] e panela de asa interior [forma 4 (um exemplar)] (Tab. 9.14).

Tabela 9.14 Quantidade de formas para estrutura C6

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	25%
Forma 2 (potinho/púcaro)	1	25%
Forma 3 (malgas/tigelas)	1	25%
Forma 4 (panela de asa interior	1	25%
Total	**4**	**100%**

Na estrutura C7 (cabana circular com vestíbulo, camadas 3, 4, 9, 11 e 31) foram registados potes [da forma 1a (quatro exemplares), da forma 1b (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (três exemplares), forma 2a (um exemplar), forma 2b (três exemplares)]; malgas/tigelas [forma

3a (dois exemplares), forma 3b (um exemplares)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (dois exemplares)] (Tab. 9.15). Ou seja, surgiram muitos potes de duas formas (29%) que são formas de armazenagem e transporte; inúmeras formas de potinhos/púcaros (41%), alguns certamente destinados ao consumo de bebidas e alimentos, formas de preparação de alimentos, como malgas e tigelas (18%) e formas inovadores de preparação de alimentos (panelas de asa em orelha) (12%), pelo que esta cabana teria sido lugar de preparação e consumo de alimentos.

Tabela 9.15 Quantidade de formas para estrutura C7

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	**4**	**23%**
Forma 1b (pote)	1	6%
Forma 2 (potinho/púcaro)	**3**	**17,5%**
Forma 2a (púcaro)	1	6%
Forma 2b (potinho)	3	17,5%
Forma 3a (malga)	**2**	**12%**
Forma 3b (tigela)	1	6%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	**2**	**12%**
Total	**17**	**100%**

Entre as duas estruturas, foram ainda documentadas, um maior número de formas, no total de 27 a saber: potes [forma 1a (13 exemplares), da forma 1b (dois exemplares))]; potinhos/púcaros [forma 2a (três exemplares), forma 2b (dois exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3 (um exemplar), forma 3a (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (dois exemplares)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (um exemplar)] (Tab. 9.16). Nota-se o predomínio de formas de transporte e armazenagem, como potes (56%), embora estejam presentes potinhos/púcaros, malgas/tigelas; panelas de asa interior e panelas de asa interior. Talvez este espaço fosse coberto e servisse, em grande parte para armazenagem.

Tabela 9.16 Quantidade de formas entre as estruturas C7 e C6

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	**13**	**48%**
Forma 1b	2	8%
Forma 2 (potinho/púcaro)	**3**	**11%**
Forma 2a (púcaro)	2	7%

Forma 2b (potinho)	2	7%
Forma 3 (malga/tigela)	1	4%
Forma 3a (malga)	1	4%
Forma 4 (panela de asa interior)	2	7%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	4%
Total	**27**	**100**

Na totalidade deste setor foram identificados um total de 48 formas cerâmicas indígenas, tais como: potes das formas 1, 1a e 1b (mais uma vez estão ausentes os potes da forma 1c); potinhos/púcaros; malgas/tigelas; panela de asa interior e de asa em orelha (Fig. 9.38; Fig. 9.39). Em termos gerais, 44% das formas contabilizadas são do tipo pote, 31% das formas são do tipo potinho/púcaro, 13% das formas são de tipo malga/tigela, apenas 6% das formas são panelas de asa interior e outros 6%, panelas de asa em orelha (Tabela 9.17; Tab. 9.18).

Tabela 9.17 Quantidade de formas para o Setor C

Formas	**NMI**	**%**
Forma 1 (pote)	1	2%
Forma 1a (pote)	**17**	**36%**
Forma 1b (pote)	3	7%
Forma 2 (potinho/púcaro)	**7**	**13%**
Forma 2a (púcaro)	3	6%
Forma 2b (potinho)	5	11%
Forma 3 (malga/tigela)	1	2%
Forma 3a (malga)	4	9%
Forma 3b (tigela)	1	2%
Forma 4 (panela de asa interior)	3	6%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	3	6%
Total	**48**	**100%**

Tabela 9.18 Quantidade percentual de formas para o Setor C

Formas	MNI	%
Forma 1 (potes)	**21**	**44%**
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**15**	**31%**
Forma 3 (malgas/tigelas)	6	13%
Forma 4 (panela de asa interior)	3	6%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	3	6%
Total	**48**	**100%**

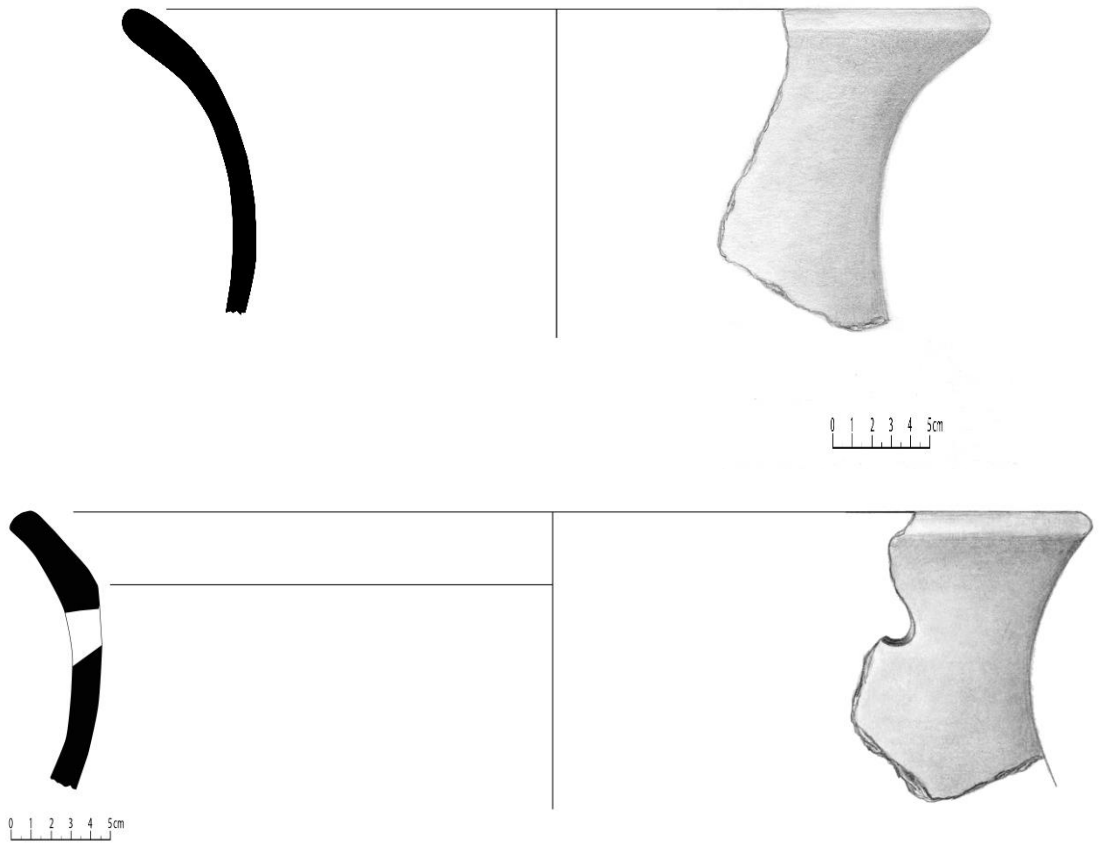


Fig. 9.37 Formas 1 do setor C: forma 1a e forma 1b com uma perfuração para suspensão.

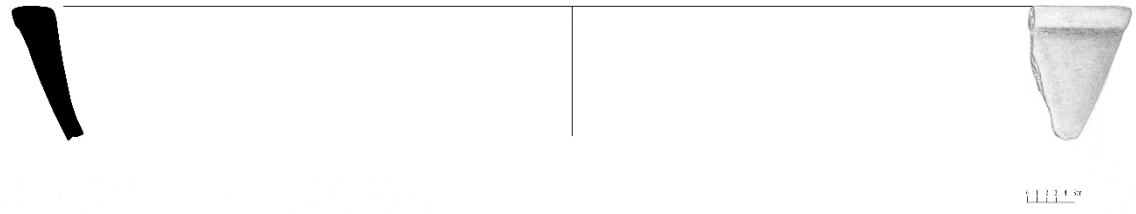


Fig. 9.38 Forma 3a do setor C.

Aspetos decorativos

Dos 283 fragmentos deste setor foram registados oito decorados e com características intencionais, representando apenas 3% do total considerado.

Relativamente à estrutura C6 foi apenas indentificado um fragmento de bojo decorado. Este bojo apresenta decoração compósita com três tipos de técnicas: a aplicação plástica, a incisão e a impressão ou estampagem. Quanto aos motivos, estes são compostos por um cordão na horizontal, seguido de um sulco inciso horizontal e de uma série de SSS (Fig. 9.40, b)).

Quanto à estrutura C7 foram contabilizados dois fragmentos decorados, correspondendo a dois bojos. Os bojos apresentam decoração por aplicação plástica, através de um cordão, e por incisão, através de dois sulcos horizontais. No que concerne aos bordos, a decoração apresenta apenas duas técnicas que surgem em fragmentos diferentes: a técnica da aplicação plástica (um exemplar) e o brunido (um exemplar). Os motivos são 1 cordão (um exemplar), no bojo e o bordo tem com decoração brunida apresenta motivos semicirculares entre o colo e bojo.

Na zona entre as cabanas C6 e C7, quanto aos bojos, as técnicas registadas foram a aplicação plástica (um exemplar), cujo motivo é um cordão na horizontal; a incisão (um exemplar), cujos motivos são dois sulcos incisos; a aplicação plástica e incisão (um exemplar – com decoração compósita) com dois sulcos incisos horizontais e, no meio destes, um motivo estampado com uma matriz vegetalista (Fig. 9.40, a)).

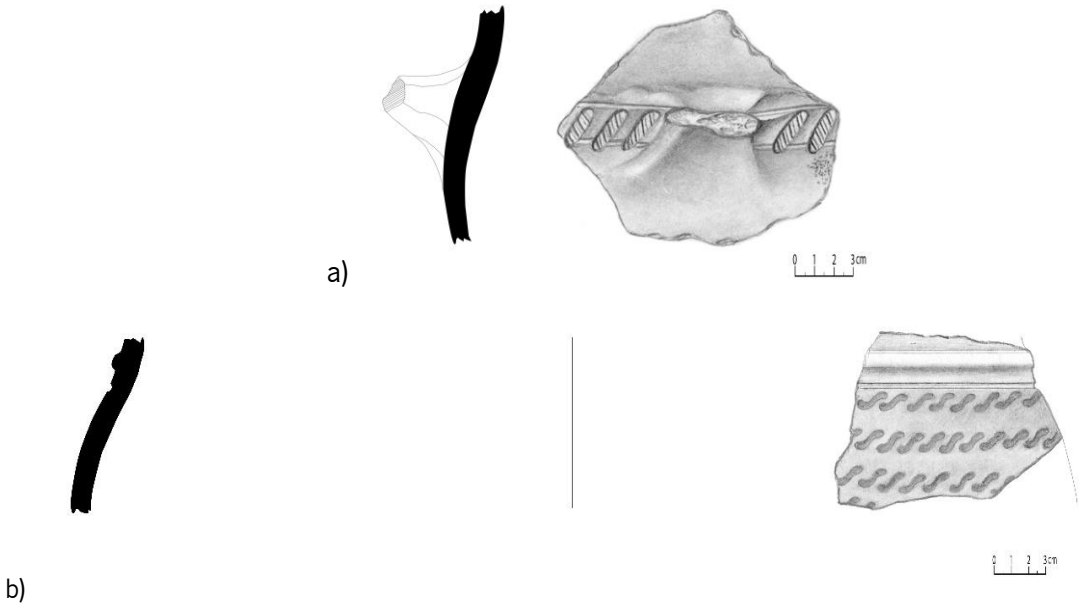


Fig. 9.39 Arranque de asa com decoração compósita: apresenta 2 sulcos incisos horizontais e 5 motivos impressos com a mesma matriz (desenho de Amélia Marques); fragmento decorado de um pote, decorado por aplicação plástica e impressão de SSS.

Evidências de uso

Na cabana C6 foi registado um bordo com característica intencional com uma perfuração para suspensão, este bordo corresponde a uma forma 1b (pote com bordo em aba soerguida).

Na cabana C7 foi registado dois arranques de asa na parte interior da pança correspondendo a formas 4 (panelas de asa interior).

Quanto ao espaço entre as estruturas C6 e C7, quatro bordos, dois bojos e uma base possuem decoração. A base possui uma perfuração, talvez relacionável com um agrafo metálico que já desapareceu. O bordo possui um arranque de asa no interior tratando-se por isso de uma forma 4. E os bojos um deles possui um arranque de asa em fita e outro com arranque de asa de seção circular.

Quanto à fuligem, esta apresenta-se em 97 fragmentos (34%) e encontra-se em potes, púcaros e panelas de asa interior e de asa em orelha, devido ao seu uso sob o fogo.

Considerações deposicionais e pósdeposicionais

No que diz respeito ao índice de fragmentação, este é idêntico ao do setor B, com 58% dos fragmentos analisados menores do que 4 cm, 33% com uma dimensão entre 4 e 8 cm e 9% com uma dimensão superior a 8 cm (Fig. 9.41).

Relativamente aos fragmentos rolados, 87 (32%) apresentavam as suas arestas boleadas. O conjunto de dados revela algum (pouco) revolvimento dos sedimentos e dos fragmentos devido a fenómenos pósdeposicionais, segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008).

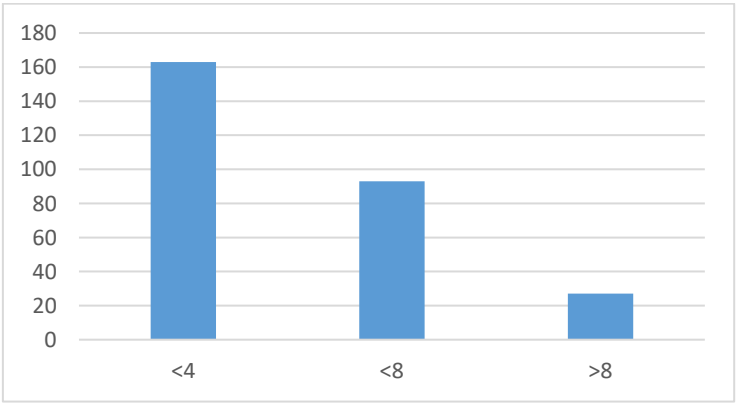


Fig. 9.40 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor C.

B. Material cerâmico importado tardo-republicano

O material anfórico, neste setor, foi apenas encontrado na estrutura C7 (cabana com vestíbulo, camada 3 e 35). Aí registou-se um exemplar da tipologia T-7.4.3.3, na área norte do

vestíbulo, um exemplar de Ovóide 6, no exterior da estrutura e, ainda, uma ânfora de tipo Ovóide Lusitana, no interior da estrutura (Fig. 9.42) (Queiroga, 2019: 69). Foi, também, registado um exemplar indeterminado. Como já referimos atrás, a tipologia T – 7.4.3.3., transportaria produtos piscícolas e outros como a azeitona ou moluscos; a tipologia anfórica Ovóide 6 transportaria exclusivamente azeite e a tipologia anfórica Ovóide Lusitana transportaria preparados de peixe (Morais *et al.*, 2016).

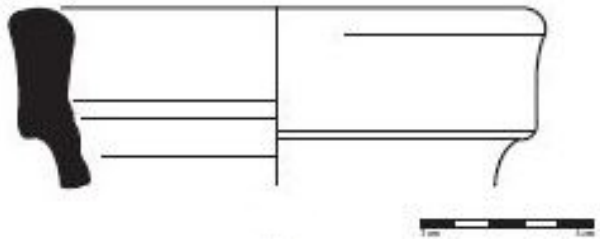


Fig. 9.41 Ânfora tipo Ovóide Lusitana (Queiroga, 2019: 147, adaptado).

C. Interpretação e funcionalidade das estruturas

Quanto à distribuição das formas foi no interior das habitações que surgiram os potinhos, os púcaros e as malgas/tigelas, além de apenas três exemplares de panelas de asa interior e em orelha, respetivamente.

Quanto ao exterior das habitações, no vestíbulo, e entre elas, num espaço talvez coberto, encontraram-se formas de maior dimensão, provavelmente de armazenamento (potes e ânforas) e sobretudo as formas destinadas à confeção de alimentos, como são os casos das panelas de asa interior e as panelas em orelha.

Sem grandes informações ao nível das importações e limitando assim a interpretação considera-se que estas duas estruturas seriam de caráter habitacional, sendo que o espaço exterior, talvez coberto, seria também espaço importante de atividades importantes. Devemos ainda acrescentar que a cabana C7 possui uma maior diversidade de formas que a cabana C6 por razões que desconhecemos.

4.3.4.4. Setor D

Estruturas e estratigrafia

Neste setor foi escavada uma área de cerca de 592 m^2 (Fig. 9.45). Aqui foram encontradas seis estruturas (C11), (C12), (C13), (C14), (C21), (C22). Três delas pertenciam a cabanas

circulares, de diferentes dimensões e características (C11, C13 e C21). Uma delas, a C11 tem vestíbulo. As cabanas C13 e C21 são circulares e sem vestíbulo. Há, ainda a registar dois segmentos de muros semicirculares que poderão pertencer também a cabanas circulares muito destruídas (C14 e C22).

A estrutura C12 corresponde a uma construção, em forma de ferradura, que aproveita um abrigo granítico e que Queiroga (2000: 47) interpretou como uma forja.

Estrutura C 11 (cabana com vestíbulo)

A estrutura C11 possui cerca de 4,07 m de diâmetro e um muro com espessura, algo irregular, mas que ronda os 40 cm. Possui um vestíbulo voltado a este, com cerca de 6,1 m de comprimento, por 1,20 m de largura. O aparelho desta habitação é irregular e é composto por blocos pétreos de grande dimensão. Já o aparelho do vestíbulo é mais regular. Os alicerces assentam na rocha, a sul, e no saibro, a norte. Apenas se detetou um nível de ocupação junto ao muro, do lado norte. Esta estrutura encontrava-se muito destruída.

Aqui, registaram-se as seguintes camadas **do interior da cabana**, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 7 – Zona norte desta estrutura surgiu uma camada cinzenta;

Camada 10 – Camada de saibro com cerâmica;

Camada 16 – Camada negra com alterite granítica.

Do **vestíbulo** desta cabana registaram três camadas:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 7 – Camada de sedimentos cinzenta;

Camada 23 – Camada de saibro.

Todas as camadas encostam ao vestíbulo.

Do **exterior desta cabana** registaram-se, pelo **lado Este,** sob a camada (3), a **camada 5,** com sedimentos negros que encostam à estrutura, seguindo-se uma camada de saibro natural. **Do lado Oeste** e sob a camada (3) surgem as **camadas 12** com sedimentos cinza **e a camada 13,** de saibro. Todas as camadas encostam às paredes da cabana.

Estrutura C12 (forja[272])

Esta estrutura é uma pequena construção, em forma de ferradura, aproveitando uma concavidade sob um afloramento que forma um abrigo (Fig. 9.43; Fig. 9.44). Do lado Leste, para o qual se inclina o rochedo, existe um pequeno murete de pouca altura, alinhado no sentido NNE-SSE, o qual define o espaço interior desta dependência. Este murete, na sua parte NNE- SSE, inflete para oeste, em ângulo algo apertado, indo unir à rocha. Pelo lado sul, como de resto era visível pela interrupção do muro, situava-se a entrada, posição que, de resto, é confirmada pela orientação da abertura do forno (Fig. 9.44). Este encaixa-se na extremidade do abrigo e encosta-se a uma parede de "saibro" natural, protegido pelo rochedo que, nesta zona, servia como cobertura natural da estrutura (Queiroga, 2000: 12). Este era construído por um muro com uma simples face, com cerca de meio metro de altura, tendo na entrada duas pequenas padieiras e uma espessa compactação na base, feita com blocos de xisto e argila.

Apareceram nesta zona alguns fragmentos de escória.

Desta forma, Queiroga (2000: 12) admitiu que o muro teria uma altura de cerca de 50 cm acima da atual. O murete exterior, de aparelho muito simples, teria, por isso, uma reduzida altura. Na **área interior** a esta estrutura, registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – Camada de sedimentos castanho-clara, onde surgiram uma série de placas de xisto **(estrato 38)**, perto do forno;

Camada 32 – Camada de sedimentos negros, compacta;

Camada 18 - Camada de sedimentos de cor cinza, com carvões;

Camada 11 – Camada que cobre a C12 e que encosta ao forno.

No **forno** a estratigrafia é a seguinte:

Camada 11 – Camada de cor castanha, que cobria o forno onde foram encontradas placas de xisto, queimadas, estando estas unidas por argila dura e vermelha;

Camada 38 – Placas de xisto, sobre estas, estavam outras mais pequenas e finas, sobrepostas, também unidas por argila muito compacta;

Camada 39 – Saibro, misturado com carvões e pedra miúda, além de cerâmica;

Camada 38 – Nova série de placas de xisto queimadas, niveladas e assentes em saibro depurado;

[272] Entenda-se forja como local de trabalho do ferreiro.

Camada 39 – Camada de saibro, com carvões;

Camada 40 – Camada de argila vermelha, bem cozida e que faz rebordo junto das paredes.

No **Exterior da estrutura** registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 19 – Camada de sedimentos de cor castanho-clara. No fundo desta camada há saibro natural.

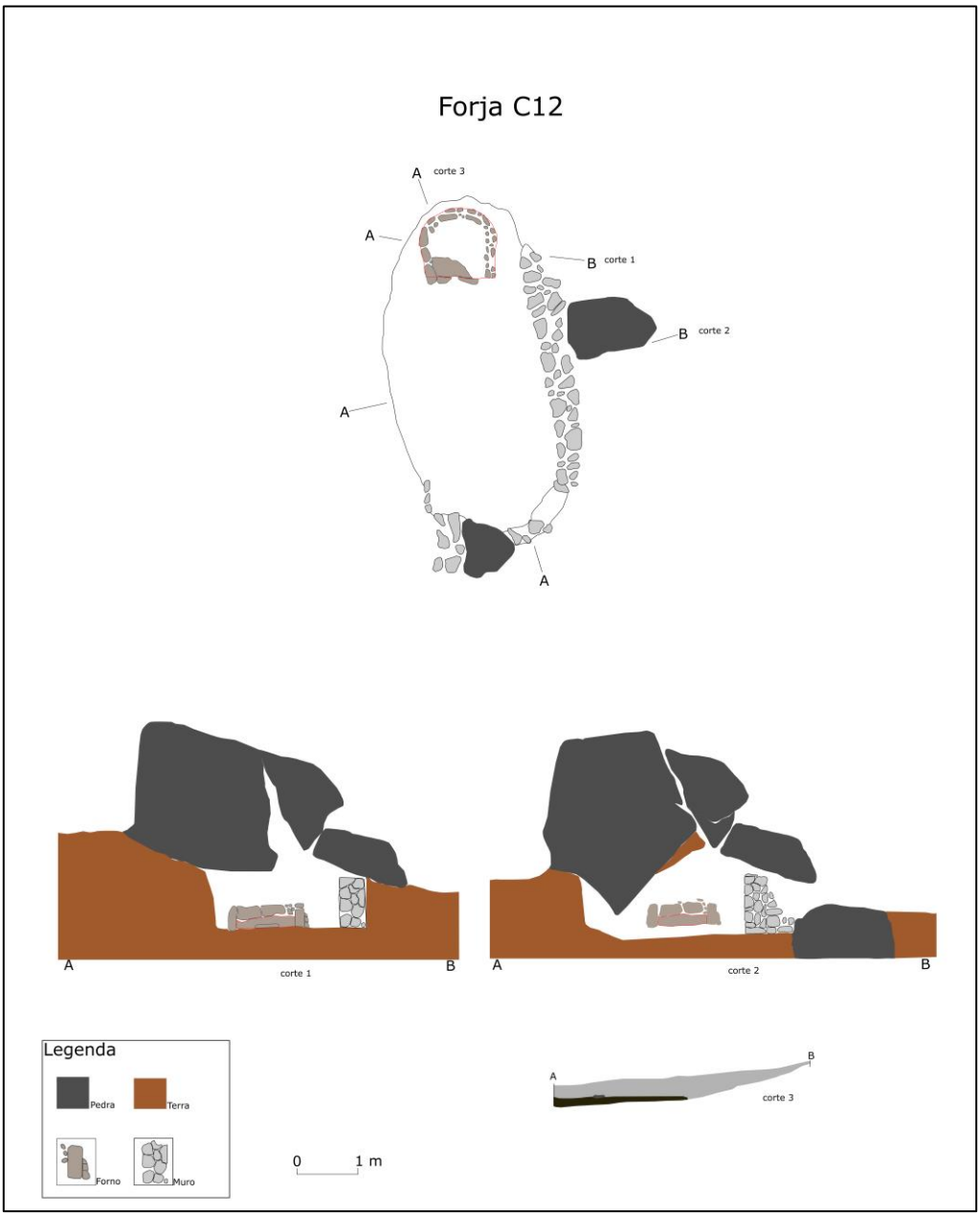


Fig. 9.42 Estrutura C12. Forja, encontrada no setor D (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).



Fig. 9.43 Estrutura C12. Forja, encontrada no setor D (Queiroga, 2000, adaptado

Estrutura C13 (cabana sem vestíbulo, pequeno)

Esta cabana possui 3,50 m de diâmetro e paredes com espessura de 40 cm. O aparelho encontrava-se bastante destruído e é irregular, composto por duas fiadas de blocos. Os seus alicerces assentam diretamente na rocha. Não se detetaram vestígios da entrada. Foi encontrado apenas um nível de ocupação.

Aqui registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – Camada de derrube, com saibro e alteração superficial;

Camada 6 – Camada de saibro, que terá servido como piso;

Camada 16 – Camada de sedimentos negros, com alterite.

Estrutura C14 (muro curvo de cabana?)

Esta estrutura corresponde ao resto do muro de uma cabana, muito destruído, do qual apenas restou um pequeno alinhamento de blocos, assentes na rocha, tendo o muro uma espessura de 40 cm. Nestas circunstâncias, não foram encontrados vestígios de nível de ocupação nem do local de entrada.

Aqui registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 16 – Camada de sedimentos negros com alterite. Na área sul desta estrutura, entre essas duas camadas, surge a **Camada 7**, compostas por sedimentos cinzento-escuros.

Estrutura C21 (cabana circular sem vestíbulo?)

A estrutura C21 é constituída por um muro semicircular, cuja projeção daria uma estrutura com cerca de 5 m de diâmetro, com paredes de 40 cm espessura. Tal como boa parte das estruturas deste povoado, os seus alicerces, encontram-se, também, assentes na rocha. Não foram localizados níveis de ocupação, nem entrada nesta estrutura.

Aqui, registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 16 – Camada de sedimentos de cor negra misturada com alterite.

Estrutura C22 (cabana?)

Esta estrutura tem um muro circular com uma espessura que ronda os 50 cm, com um aparelho irregular e cujo alicerce assenta sobre rocha. A entrada da estrutura não foi detetada, nem qualquer nível de ocupação no interior. Sobre esta estrutura apareceu um muro (C42) que se prolongava para sudoeste, ligando à C21 no lado norte. Este muro tinha um comprimento de 12,5 m e cerca de 50 cm de espessura. Presumimos que tenha tido a função de dividir as unidades familiares.

Nesta área encontrou-se a seguinte estratigrafia:

Camada 4 – Camada de sedimentos negros;

Camada 28 – Na zona exterior surgiu o enchimento da vala de fundação com sedimentos cinzentos.

Muro C42

Esta estrutura localiza-se na parte exterior, da C13, a oeste, e passa por cima da C22, indo unir-se à C21, a su-sudoeste. Registaram-se, as seguintes camadas, na zona oeste, pela seguinte ordem:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – Camada de sedimentos negros;

Do meio desta construção até ao fim, segue-se uma camada de saibro (camada 10). Esta camada encosta à estrutura C22.

Ao nível do saibro e encostando ao muro, surge a **Camada 28** que representa o enchimento da vala de fundação com sedimentos de cor cinza. No lado este, desta estrutura, encontram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – Camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – Camada de sedimentos negros;

Camada 10 – Camada de saibro que encosta ao muro C42 e que fica ao mesmo nível da camada 28;

Camada 28 – Enchimento da vala de fundação com sedimentos cinza.

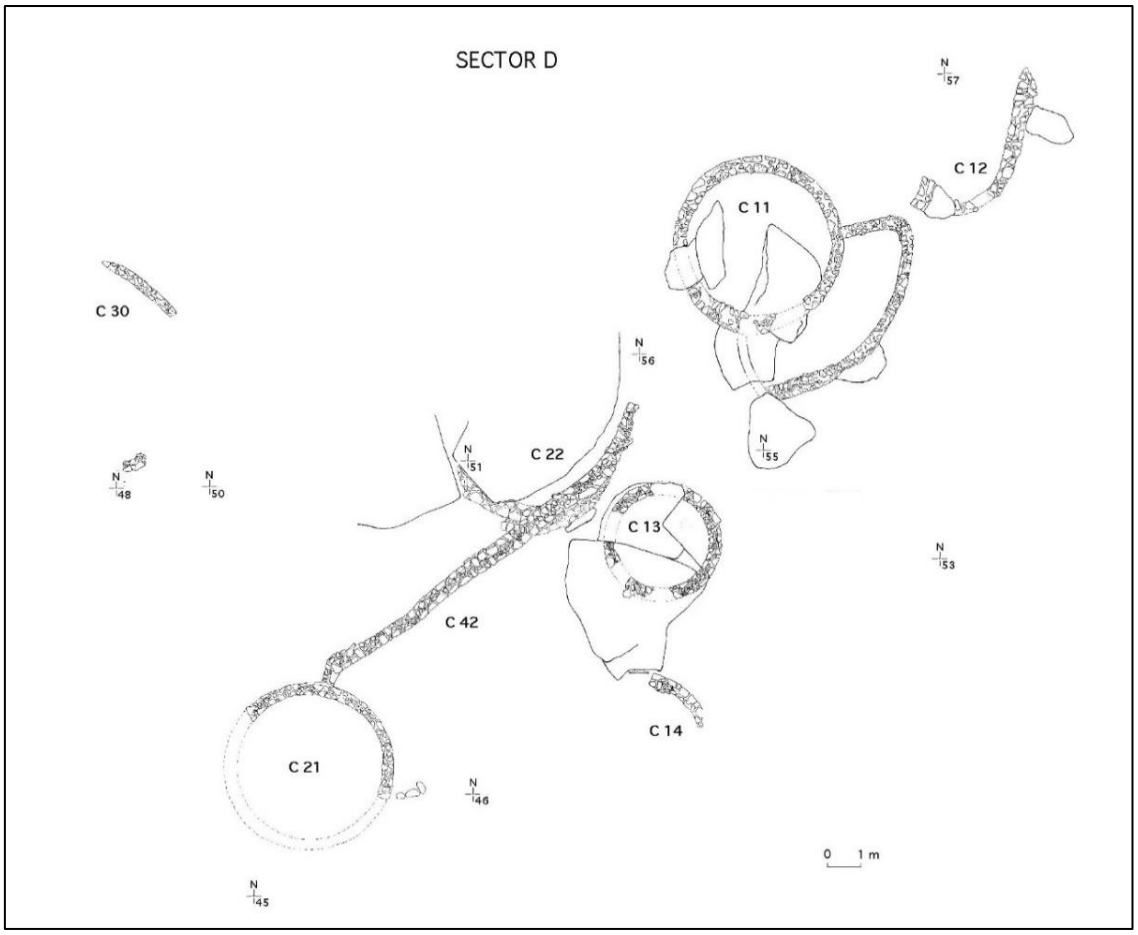


Fig. 9. 44 Planta do setor D (Queiroga, 2000, adaptado).

Materiais

Neste setor foi considerado o espólio encontrado nas camadas 3, 4, 5, 7, 11, 16, 18, 19, 28 e 35. Todas elas de derrube e/ou ocupação das estruturas. Os materiais também foram estudados por estrutura para determinação das funcionalidades das mesmas.

A. Material cerâmico indígena

Do conjunto cerâmico estudado foram individualizados um total de 510 fragmentos. Destes contabilizam-se 408 bojos, 62 bordos, 35 bases e cinco asas ou arranques de asa (Fig. 9.46).

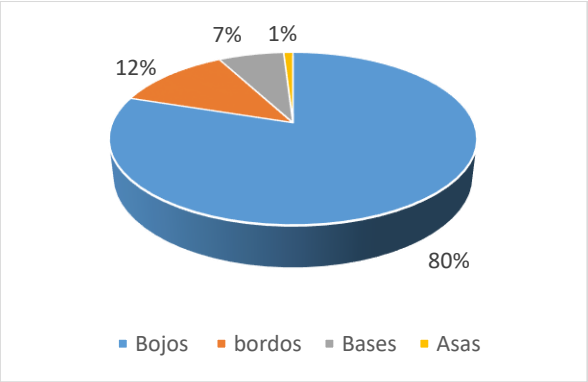


Fig. 9.45 Quantidade de fragmentos de cerâmica indígena, estudados no setor D.

1) Aspetos técnicos

Na sua maioria as peças cerâmicas foram fabricados de modo manual (487 fragmentos – 95%) e com cozedura redutora (445 fragmentos – 87%). A pasta é micácea (com adição, sobretudo, de moscovite, embora exista alguma biotite). Estes elementos não plásticos são de grande (20%), médio (39%) e pequeno (57%) calibre, originando peças de várias texturas, sendo a grosseira (34 fragmentos – 7%) relacionável com talhas (Forma 5) e potes de grandes dimensões (Forma 1) e a média (245 fragmentos – 48%) e fina (231 fragmentos – 49%) relacionadas com potinhos/púcaros (Forma 2), malgas/tigelas (Forma 3) e panelas de asa interior (Forma 4) e de asa em orelha (Forma 6). Relativamente ao tratamento das superfícies, estas são, na sua maioria, polidas (278 fragmentos – 53%), seguidas das alisadas (232 fragmentos – 45%).

2) Aspetos morfológicos

Relativamente à quantidade de bordos, estes podem ser divididos em esvasados (30 exemplares), abertos (20 exemplares) e em aba soerguida (12 exemplares).

Quanto às bases foram identificados 16 fragmentos de fundos planos simples, 11 de fundos planos alargados, um de pé alto e sete indeterminados.

As asas, em número de cinco, são de secções em orelha (um exemplar) (Fig. 9.47), de fita (um exemplar), pentagonal (um exemplar) e tubulares (dois exemplares). Foram, ainda, detetados dois arranques de asa de uma forma 4 (panela de asa interior).

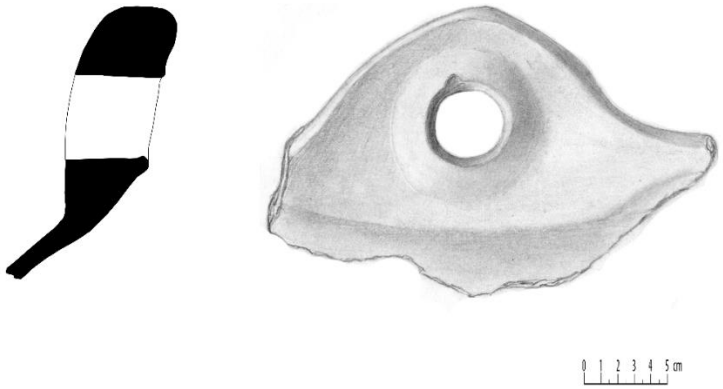


Fig. 9.46 Asa em Orelha (Forma 6).

3) Formas cerâmicas

Relativamente às formas cerâmicas indígenas identificadas, apresentam-se os dados por estrutura. Com efeito, foi possível saber que formas se localizavam no interior e no vestíbulo da cabana C11, entre esta cabana e a forja (estrutura C12), no interior da forja, no interior da cabana C13, entre as cabanas C13 e C14, e interior da cabana 21 e ainda junto ao muro C42. Não se registaram formas na zona da cabana C22.

No que diz respeito ao interior da cabana C11 foram identificadas um total de 10 formas caracterizadas por: potes [forma 1a (três exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (quatro exemplares)]; panelas de asa interior [forma 4 (um exemplar)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (dois exemplares)] (Tab. 9.19).

Tabela 9.19 Quantidade de formas na estrutura C11

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	3	20%
Forma 2 (potinho/púcaro)	4	40%
Forma 4 (panela de asa interior)	1	20%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	2	20%
Total	**10**	**100%**

Já no vestíbulo desta estrutura os exemplares encontrados foram: potes [forma 1a (um exemplar), da forma 1b (dois exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3a (um exemplares)] e panelas de asa interior [forma 4 (um exemplar)] (Tab. 9.20).

Tabela 9.20 Quantidade de formas no vestíbulo da estrutura C11

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	20%
Forma 1b (pote)	2	40%
Forma 3a (malga)	1	20%
Forma 4 (panela de asa interior)	1	20%
Total	**5**	**100%**

No que diz respeito à estrutura C12 (forja) foi registado um total de 14 formas cerâmicas, a saber: potes [forma 1b (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (um exemplar), forma 2b (um exemplar)]; malgas/tigelas [forma 3a (quatro exemplares), forma 3b (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (dois exemplares)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (um exemplar)], além de uma tampa. Foi registada ainda uma forma indeterminada (Tab. 9.21).

Notam-se aqui formas de preparação, cozedura e consumo de alimentos/bebidas, mas poucas formas de armazenagem.

Tabela 9.21 Quantidade de formas na estrutura C12

Formas	NMI	%
Forma 1b (pote)	1	7%
Forma 2 (potinho/púcaro)	3	22%
Forma 2b (potinho)	1	7%
Forma 3a (malga)	4	29%
Forma 3b (tigela)	1	7%
Forma 4 (panela de asa interior)	2	14%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	7%
Tampa	1	7%
Total	**14**	**100%**

Quanto ao espaço entre a estrutura C11 e C12, foram identificadas um total de duas formas: uma talha (forma 5, de armazenamento) e uma panela de asa interior, de preparação de alimentos (forma 6) (Tab. 9.22).

Tabela 9.22 Quantidade de formas entre as estruturas C11 e C12

Formas	NMI	%
Forma 5 (talha)	1	50%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	50%
Total	**2**	**100%**

No que diz respeito à cabana sem vestíbulo - C13 foi registado um total de 20 formas cerâmicas. Com efeito, foram registados potes [forma 1a (sete exemplares), da forma 1b (dois exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (seis exemplares), forma 2a (um exemplar)]; malgas/tigelas [forma 3 (um exemplar), forma 3b (dois exemplares), forma 3c (um exemplar)] (Tab. 9.23). São predominantes as formas de armazenagem e de transporte de alimentos.

Tabela 9.23 Quantidade de formas para a estrutura C13

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	**7**	**35%**
Forma 1b (pote)	**2**	**10%**
Forma 2 (potinho/púcaro)	6	30%
Forma 2a (púcaro)	1	5%
Forma 3 (malga/tigela)	1	5%
Forma 3a (malga)	2	10%
Forma 3b (tigela)	1	5%
Total	**20**	**100%**

No que diz respeito ao espaço entre estruturas C13 e C14 foi registado um total de cinco formas cerâmicas: potes [forma 1a (um exemplar), da forma 1b (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (um exemplar)] e malgas/tigelas [forma 3a (um exemplar)] (Tab. 9.24).

Tabela 9.24 Quantidade de formas entre as estruturas C13 e C14

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	20%
Forma 1b (pote)	2	40%
Forma 2 (potinho/púcaro)	1	20%
Forma 3a (malga)	1	20%
Total	**5**	**100%**

No que diz respeito à cabana C14 registaram-se cinco formas: potes (forma 1), potinhos/púcaros (forma 2) e panela de asa interior (forma 4) (Tab. 9.25).

Tabela 9.25 Quantidade de formas para a estrutura C14

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	2	40%
Forma 2 (potinho/púcaro)	2	40%
Forma 4 (panela de asa interior)	1	20%
Total	**5**	**100%**

No que diz respeito à cabana C21 registaram-se cinco formas: dois potes (formas 1 e 1a) e três potinhos/púcaros (forma 2) (Tab. 9.26).

Tabela 9.26 Quantidade de formas para a estrutura C21

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	20%
Forma 1a (pote)	1	20%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	3	60%
Total	**5**	**100%**

Na área do muro C42 registaram-se seis formas, a saber: um pote (forma 1b) e cinco potinhos/púcaros (forma 2) e, ainda, uma forma indeterminada (Tab. 9.27).

Tabela 9.27 Quantidade de formas para a estrutura C42

Formas	NMI	%
Forma 1b (pote)	1	14%
Forma 2 (potinho/púcaro)	5	72%
Total	**6**	**100%**

Em síntese, identificaram-se 75 formas cerâmicas, sendo significantes as formas de potes (33%), principalmente os de bordo esvasado (forma 1a), seguidos dos de aba soerguida (forma 1b). No entanto, a maioria dos recipientes correspondiam a potinhos/púcaros (36%). Em terceiro lugar encontram-se as malgas e tigelas (15%) ((Tab. 9.28; Tab. 9.29; Fig. 9.48; Fig. 9.49).

Assim, as formas de armazenagem e transporte de alimentos bem como de consumo de bebidas e caldos são maioritárias, seguidas das de preparação de alimentos e de cozedura, como as panelas de asa interior e de asa em orelha. A talha, de inspiração nas grandes peças de armazenagem romanas é residual e apenas foi encontrada nas proximidades da única cabana

com vestíbulo deste setor (C11) e da forja (C12). Foi ainda registado um exemplar de uma tampa no interior da forja.

Tabela 9.28 Tipos de formas para o Setor D

Formas	NMI	%
Forma 1	3	4%
Forma 1a	13	17%
Forma 1b	8	11%
Forma 2	24	32%
Forma 2a	1	2%
Forma 2b	1	1%
Forma 3	1	1%
Forma 3a	8	11%
Forma 3b	2	3%
Forma 4	5	7%
Forma 5	1	1%
Forma 6	4	5%
Tampa	1	1%
Total	**75**	**100%**

Tabela 9.29 Quantidade percentual de formas para o Setor D

Formas	NMI	%
Forma 1	**24**	**33%**
Forma 2	**26**	**36%**
Forma 3	11	15%
Forma 4	5	7%
Forma 5	1	1,5%
Forma 6	4	6%
Tampa	1	1,5%
Total	**72**	**100%**



Fig. 9.47 Formas cerâmicas indígenas: Forma 2, com bordo em aba soerguida; Forma 1a; Formas 3: malga (forma 3a) e tigela (forma 3b) no setor D.

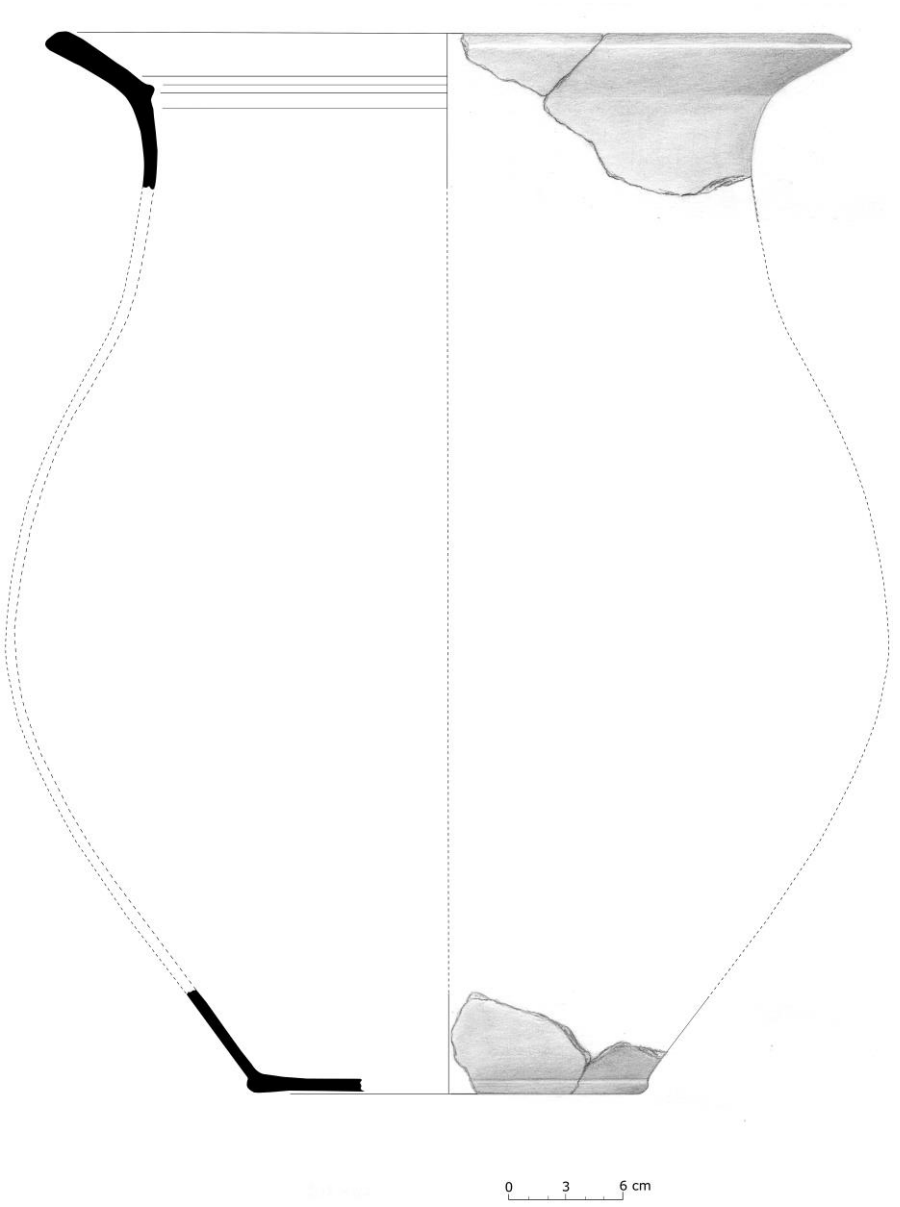


Fig. 9.48 Forma 5, talha, do setor D.

4) Aspetos decorativos

Os fragmentos decorados são escassos. Apenas se reconheceram 11 exemplares, o que corresponde a 2% da amostra. Distribuindo-se a decoração, nos bojos de potes e potinhos/púcaros.

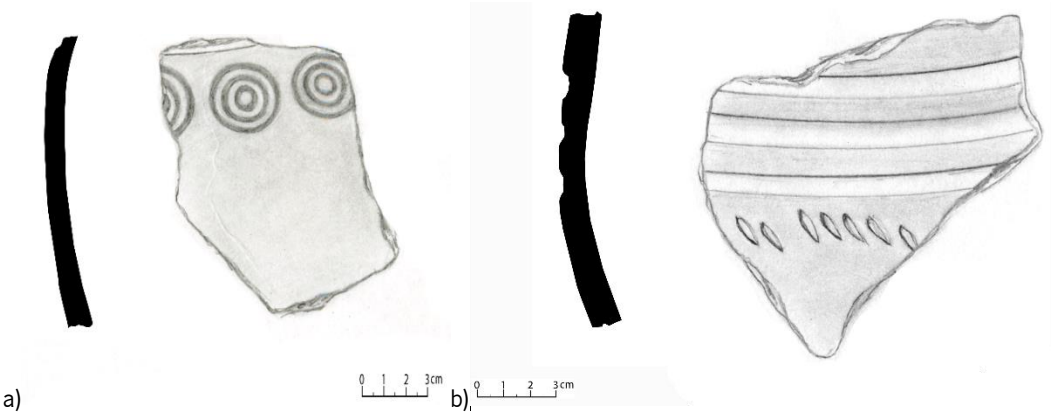
Na cabana com vestíbulo (C11), apenas se registou um exemplar decorado. A técnica aplicada é a incisão, cujos motivos são três sulcos incisos, na horizontal. Deveria pertencer a uma forma 2 (potinho/púcaro).

Na forja (C12) foi registado um exemplar decorado cuja técnica é a aplicação plástica através de um cordão, na horizontal.

Na pequena cabana circular (C13) foram contabilizados três exemplares com decoração. Com efeito, foram registados dois exemplares com a técnica de aplicação plástica, com cordões aplicados em conjuntos de três (provável forma 1). Além destes exemplares, ainda foi contabilizado 1 exemplar com dois sulcos incisos (provável forma 2).

Na estrutura C14 foram registados três exemplares decorados, dois deles com a técnica da incisão e um com decoração compósita. A decoração incisão manifesta-se por três sulcos incisos horizontais e três incisões ovais; três sulcos incisos horizontais e sete pequenas incisões oblíquas vegetalistas na oblíqua. O exemplar com decoração compósita manifesta-se pelas técnicas da incisão e impressão, cujos motivos são um sulco inciso horizontal e círculos concêntricos (Fig. 9.50, a)).

No muro de contenção (estrutura C42) foi registado 1 exemplar com a técnica de aplicação plástica, cujo motivo é um cordão na horizontal.



a) b)

Fig. 9.49 Fragmentos decorados: a) fragmento decorado por decoração compósita (com incisão e impressão); b) decoração simples (incisão).

Evidências de uso

Quanto ao uso da cerâmica, foi possível identificar 146 fragmentos (29%) com fuligem, devido ao uso sobre o fogo, sobretudo, em formas de cozedura de alimentos como é o caso das formas 4 e 6 (panelas de asa interior e de asa em orelha, respetivamente), além de formas 1 (potes).

Além disso é de referir que na cabana C13 foi registado um bojo com uma perfuração que é devida a um agrafo metálico. E na cabana C11 foi contabilizado um exemplar de perfuração devido a um agrafo metálico, encontrado numa forma 2 (potinho/púcaro).

6) Considerações deposicionais e pósdeposicionais

Foram também observados os aspetos relativamente às questões deposicionais e pósdeposicionais dos fragmentos através das suas características de quebra e erosão. No que diz respeito aos fragmentos rolados foram detetados 166, o que corresponde a 33% da amostra, o que revela um fraco índice de erosão.

Quanto ao tamanho dos fragmentos 277 fragmentos (54%) têm menos de 4 cm (Fig. 9.51). Isto revela um elevado índice de fragmentação, o que está de acordo com o índice de erosão, evidenciado alguma perturbação pós-deposicional após o abandono do local, segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008).

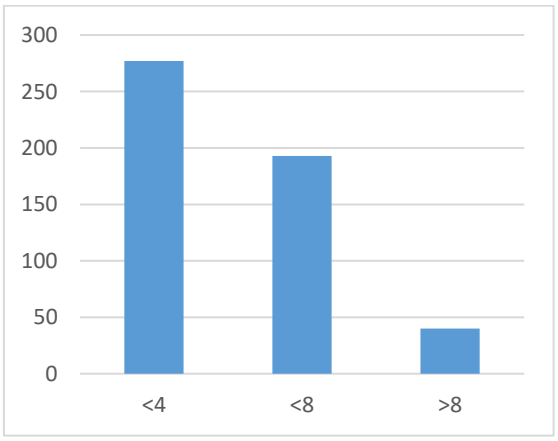


Fig. 9.50 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do setor D.

Materiais metálicos

Relativamente aos materiais metálicos nesta área devemos destacar dois fragmentos de escória no interior da estrutura C12 (forja). Além disso, foi registada nessa zona o que podem ser dois fragmentos de moldes em cerâmica[273]. Há ainda a referência a um cadinho, e neste caso foi estudado o material do saco onde deveria estar incluído, no entanto, ele não se encontra nesse local.

B. Material cerâmico importado tardo-republicano

Não foi encontrada qualquer informação sobre as ânforas encontradas neste setor. Queiroga (2000: 43) refere que aí foram encontrados vários tipos de ânfora, em camadas de derrube, no entanto, no estudo efetuado por F. Queiroga (2019) é referido que, após longa procura destes fragmentos para identificação e estudo, não foi possível encontrá-los.

[273] A referência a estes materiais encontra-se na base de dados sobre o sítio que foi entregue pelo arqueólogo responsável pelas escavações, contudo não foi encontrado o saco com estes materiais.

C. Interpretação e funcionalidade das estruturas

A distribuição das formas neste setor é complexa e de difícil interpretação.

Por um lado, verifica-se que é no exterior ou entre as estruturas que surgem as formas típicas para a preparação dos alimentos, como é o caso das panelas de asa em orelha e de asa interior. Contudo, essas formas também surgem no interior da cabana 11, a única com vestíbulo. Seriam as refeições preparadas, essencialmente, no espaço exterior?

Foi também registada uma talha no exterior, entre a cabana 11 e a forja (C12), o que permite colocar a hipótese de que o armazenamento de alimentos poderia ser efetuado no exterior das habitações ou junto a estas, mas no exterior. É significativo que esta forma, inovadora neste período e de inspiração meridional se associe à área da cabana com vestíbulo, presumivelmente a mais importante do local.

Por outro lado, neste setor foi encontrada uma forja, o que indicia, claramente, a atividade metalúrgica, embora não nos tenha sido possível estudar os materiais metálicos que estariam associados. Aliás, no interior da estrutura C12 foi encontrado um total de 13 formas e a maior quantidade de material associado à preparação de alimentos, indiciando que aqui também se preparavam alimentos. Seria o forno aqui detetado usado para várias funções?

4.3.4.5. Setor E1 e E2

Estruturas e estratigrafia

Neste setor foi escavada uma área de 1652 m^2, subdivida em duas; o setor E1 com 572 m^2 e o E2 com 1080 m^2 (Fig. 9.52; Fig. 9.56; Fig. 9.57). Aí foram encontradas 12 estruturas: C15, C16, C17, C18, C19, C23, C24, C26, C35, C49, C50 e, ainda, parte do pano da muralha.

Das estruturas encontradas, seis são cabanas (C15, C16, C18, C19, C23, C35), cinco de planta circular, três delas com vestíbulo e uma de planta grosseiramente ovalar (C15) que possuía um forno. As restantes estruturas correspondem, apenas, a restos de muros de construções (C17, C26 e C50), uma parte do pano da muralha e, talvez, um muro de divisão entre unidades familiares distintas (C49).

A análise inicia-se pelo Setor E1, seguido do E2.

Setor E1

Estrutura C15 (cabana ovalar)

Esta cabana tem uma planta grosseiramente ovalar, sendo mais larga na extremidade nordeste. Mede 9 m de comprimento e cerca de 2,5 m de largura máxima. Foi construída com um muro, duplo, de 50 cm de espessura média, com um aparelho relativamente homogéneo, com blocos e calhaus de pequena e média dimensões. Do lado sudoeste da estrutura, parece ter existido um forno em forma em ferradura, delimitado por duas fiadas de pedra. A entrada da estrutura situa-se, a su-sudoeste, junto ao forno, notando-se duas lajes em jeito de soleira, ao nível do único estrato de ocupação definido por um piso feito de saibro, embora sob este existam camadas de cinza e restos de argila calcinada, talvez de uma ocupação anterior (Fig. 9.52; Fig. 9.53).



Fig. 9.51 Cabana grosseiramente oval C15 e parte da cabana circular C19, à esquerda (Almeida, 2008: 163, adaptado).

Interior da cabana

Registaram-se no interior desta estrutura as seguintes camadas, por esta ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – camada de sedimentos negros. Esta camada cobre um possível forno, o qual continha uma grande concentração de carvões;

Camada 6 – Piso, que corresponde a uma camada de saibro;

Camada 7 – sob esse piso surgiu uma camada de sedimentos cinzenta, que encosta ao muro. Na área sul desta estrutura surge argila calcinada – antiga lareira?

Camada 16 – camada negra, com alterite (solo de base do local).

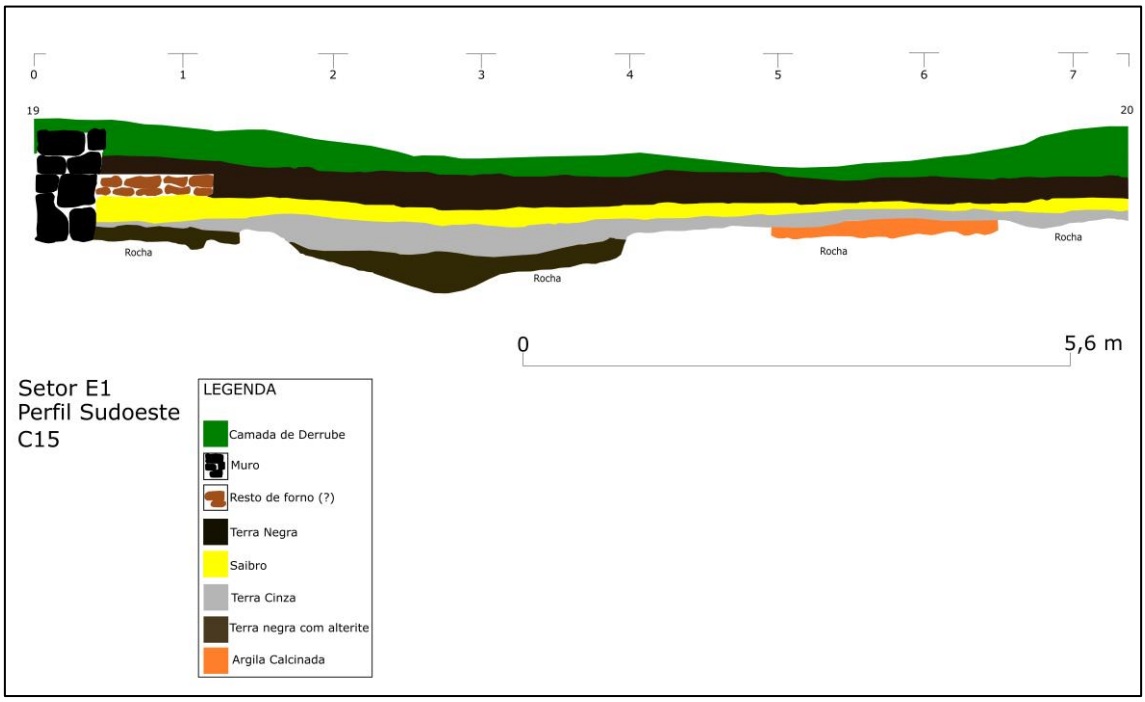


Fig. 9.52 Perfil sudoeste da estrutura C15 (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Forno

Aqui registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial, que cobria todo o forno.

Camada 15 – camada de sedimentos negros com carvões;

Camada 35 – sob a camada anterior surge um lajeado;

Camada 10 – camada de saibro, correspondente à camada 6 do interior;

Camada 7 – camada de sedimentos cinzenta;

Camada 16 – camada de sedimentos negros com alterite (solo de base do local).

Exterior da cabana

Registaram-se as seguintes camadas:

Na zona este, sob a camada 3 (que corresponde a uma camada de derrube com saibro e alteração superficial) apareceram quatro camadas, pela ordem que se apresentam:

Camada 22 – camada de sedimentos de cor castanha misturada com derrubes;

Camada 13 – camada de saibro que encosta ao muro.

Já na zona oeste, e também sob a camada 3, surgiu:

Camada 5 – uma camada de sedimentos de cor preta;

Camada 12 – camada de sedimentos de cor cinza que encosta ao muro.

Estrutura C19 (cabana circular

Esta estrutura, de planta circular, tem cerca de 4,70 m de diâmetro e foi construída com um muro que ronda os 40 cm. O aparelho deste é irregular. Não foi encontrada a entrada. Aqui existiu apenas um nível de ocupação, que nos foi indicado pela presença de cerâmica e a existência de um trasfogueiro em pedra.

Interior

Registaram-se as seguintes camadas, pela ordem apresentada:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 23 – camada de saibro;

Camada 16 – camada de sedimentos preta com alterite (nível de base anterior à ocupação)

Exterior

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 5 – camada de sedimentos de cor preta;

Camada 12 – camada de sedimentos de cor cinza;

Camada 13 – camada de saibro.

As camadas 3, 5 e 12 encostam ao muro exterior desta estrutura.

No exterior, pelo lado este, apareceu um bloco granítico de formato sub-cónico e com a base ligeiramente polida, assente na camada 13 e calçada por calhaus pequenos (Fig. 9.54) Seria a base para um pilar? Esta foi coberta pelos sedimentos pretos que corresponde da camada 5.

Nas imediações destas duas estruturas existem, ainda duas cabanas com vestíbulo (C23 e C35).



Fig. 9.53 Pilar ou banco de apoio (?) no exterior da estrutura C19.

Estrutura C23 (cabana com vestíbulo)

Esta estrutura, de planta circular, mede cerca de 5,20 m de diâmetro e tem um vestíbulo pelo seu lado este. O vestíbulo mede 1,50 m de largura e cerca de 6 m de comprimento. Os muros, duplos, têm cerca de 50 cm de espessura. Tanto a casa quanto o vestíbulo têm um aparelho regular. Foi-nos possível encontrar um nível de ocupação, confirmado pela existência de uma lareira decorada com impressões de círculos, e trasfogueiro em pedra *in situ*. A entrada da casa e do vestíbulo são voltadas a este-sudeste (Fig. 9.55). A aba esquerda do vestíbulo, a NNE, assenta sobre os restos de uma fossa aberta no saibro.

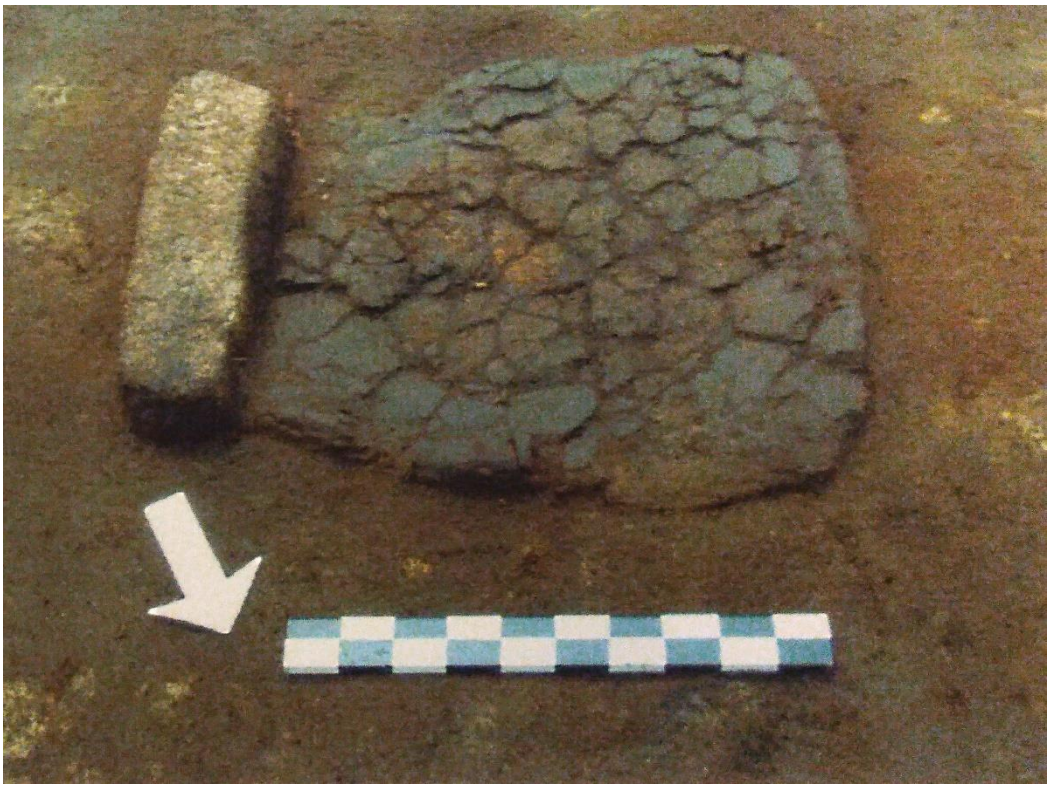


Fig. 9.54 Pavimento decorado da cabana C23.

Interior

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 6 – camada de saibro que é também um **piso.** Está bem preservado em volta dos muros. No centro da casa e ao mesmo nível, surge a **Camada 15**, de sedimentos pretos, com muitos carvões (restos da lareira?);

Camada 25 - camada fina de sedimentos de cor castanho-escura, abaixo da camada 15 e sobre a lareira (camada 8);

Camada 8 – lareira decorada e trasfogueiro em pedra, ambos *in situ*.

Camada 16 – camada de sedimentos preta com alterite, sob o piso (camada 6). Corresponde ao solo de base do local.

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – camada de sedimentos castanho-clara;

Camada 7 – camada de cor cinza;

Camada 23 – camada de saibro (23);

As camadas 3, 11, 7 e 23 encostam aos muros do vestíbulo.

No interior do vestíbulo, a norte, e prolongando-se, também para o exterior, surgiram as seguintes camadas, pela ordem que se apresentam:

Camada 30 – bolsa que corta a camada de saibro (camada 13);

Esta bolsa tinha duas camadas:

Camada 36 – camada de sedimentos preta, com carvões;

Camada 34 – camada de sedimentos cinza, igualmente com carvões.

Exterior

Aqui registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube, com saibro e alteração superficial;

Camada 12 – camada de cor cinza;

Camada 13 – camada de saibro;

Camada 47 – a NE, fora do vestíbulo, surgiu uma mancha retangular, de sedimentos pretos, com carvões, muito bem definida;

Camada 13 – camada de saibro. Em redor desta mancha apareceu uma escória de grande tamanho.

Estrutura C35 (cabana com vestíbulo)

Esta estrutura, de planta circular, tem 4,30 m de diâmetro e um vestíbulo pelo lado oeste. Os seus muros têm cerca de 50 cm de largura. O vestíbulo ocupava uma área interior irregular, mais larga a sul com cerca de 5,2 m de comprimento e 2,10 m de largura máxima. Tinha uma lareira e trasfogueiro em pedra, com apenas um nível de ocupação. O local da entrada alinha com o trasfogueiro.

Interior da cabana[274]

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – camada de sedimentos castanho-clara;

[274] Não foi registada estratigrafia no vestíbulo desta cabana ou ela não se encontra o relatório da escavação.

Camada 6 – camada de saibro que é também um **piso**. Surge novamente uma camada de sedimentos de cor castanho-clara que alterna com outra camada de saibro (**Camada 10)**;

Camada 8 – Lareira com trasfogueiro, sob o piso (camada 6), deslocada por uma raiz de pinheiro;

Camada 4 – Camada de sedimentos preta, nível de base.

As camadas 3, 11, 6, 10 e 4 encostam aos muros da C35.

A estratigrafia do vestíbulo não se encontra no relatório.

Estrutura C49 (muro divisório)

Esta estrutura é um muro duplo, com cerca de 50 cm de espessura, que arranca do muro sul do vestíbulo da cabana C35, e vai passar a norte da cabana C23. No seu percurso vai-se adossando a diversos afloramentos. Pode tratar-se de um muro de divisão de unidades familiares.

Estrutura C50 (muro)

Esta estrutura corresponde a um muro duplo, muito destruído, com cerca de 40 cm de espessura, existente a sul da cabana C19 e alinhado no sentido este/oeste de função desconhecida.

Estrutura C26 (muro)

Esta estrutura corresponde a um muro duplo, alinhado no sentido N-SE, com uma espessura de 80 cm e de aparelho irregular, onde predominam os blocos de grandes dimensões. Não se conhece a sua funcionalidade. Fica a nordeste da cabana ovalar.

Aqui registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial.

Camada 11 – camada de sedimentos de cor castanha que, também, encosta à estrutura.

Muralha

Neste setor E1, a muralha apresenta a largura média de 1,5 m, e um aparelho regular, sendo constituída, maioritariamente, por blocos de grandes e médias dimensões. Vai-se adossando aos afloramentos graníticos do local. Na sua construção, aproveitaram-se grandes blocos de granito,

sem aparelho, certamente retiradas do afloramento local. Orienta-se de sul para norte e passa muito perto da casa com vestíbulo C35, pelo seu lado este.

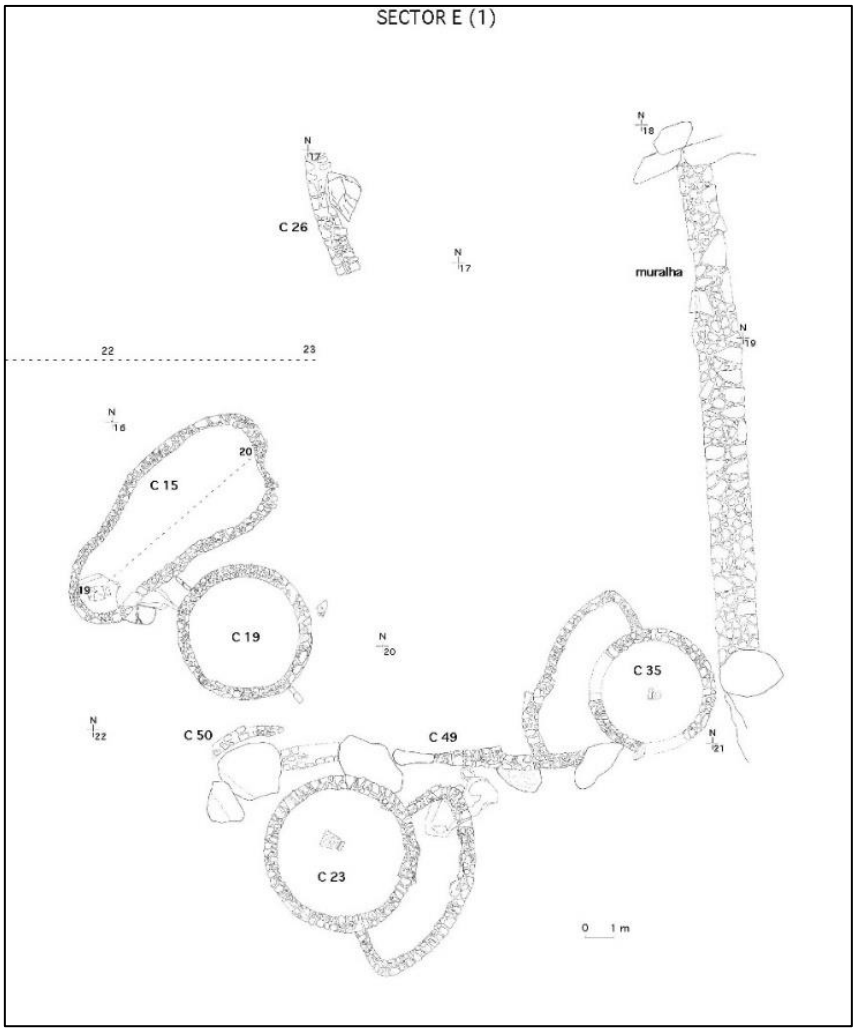


Fig. 9.55 Planta do setor E1 (Queiroga, 2000, adaptado).

Setor E2

Este setor fica a sul do setor E1, embora as estruturas aqui registadas fiquem afastadas das encontradas mais a norte. Nota-se a continuação da muralha. Aqui registaram-se três cabanas (C18, C16, C24), a muralha e outra estrutura de difícil classificação (C17).

Estrutura C18 (cabana com vestíbulo)

Esta estrutura corresponde a uma cabana de planta circular, com cerca de 4 m de diâmetro, com vestíbulo voltado a este. Este vestíbulo media cerca de 5,8 m de comprimento e cerca de 2,9 m de largura. Os muros, duplos, que delimitam a parte circular da cabana têm de espessura cerca

de 40 cm e os do vestíbulo possuíam cerca de 30 cm de espessura. O aparelho é irregular com blocos e calhaus de granito de diferentes dimensões, consolidados com argamassa. A entrada não foi registada uma vez que a estrutura estava já ano nível do alicerce. Pelo lado exterior da cabana, a este, e ao nível dos alicerces, surgiu um alinhamento pétreo que sugere um reforço dos mesmos. Estando esta estrutura quase ao nível do alicerce, que assentava diretamente na rocha, só apareceu um nível de ocupação.

Interior da cabana

Registaram-se as seguintes camadas que se encostavam aos muros da estrutura., pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 23 – camada de saibro;

Camada 7 – camada de cor cinza.

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – camada de sedimentos de cor castanho-clara;

Camada 23 – camada de saibro;

Camada 7 – camada de cor cinza que encosta à estrutura.

Exterior

Registaram-se as seguintes camadas, todas elas encostando aos muros da estrutura, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial, na qual apareceu uma pia, em granito, de formato subcircular. Sob esta pia jaziam vários fragmentos de cerâmica de uma mesma peça. Seria uma deposição ou acidental?[275] Trata-se de um pequeno púcaro decorado, uma peça rara neste povoado (Fig. 9.66, a));

Camada 37 – camada de sedimentos castanha com carvões;

Camada 13 – camada de saibro;

Camada 12 – camada cinza.

[275] O arqueólogo não oferece mais informação sobre este contexto.

Estrutura C16 (cabana circular)

Esta estrutura tem uma planta circular com um diâmetro aproximado de quatro metros, embora não se tenha encontrado muro pelo lado sudoeste. Os seus muros, duplos, têm cerca de 40 cm de espessura e foram construídos com um aparelho irregular. Os alicerces assentam diretamente na rocha granítica de base. Apesar de se ter encontrado um nível de ocupação, não há indícios sobre o local de entrada.

Interior

Registaram-se as seguintes camadas, todas elas encostadas aos muros da estrutura, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 23 – camada de saibro;

Camada 7 – camada de cor de uma cinza.

Exterior

Registou-se as seguintes camadas, todas elas encostadas aos muros exteriores da estrutura, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 16 – camada de saibro;

Camada 12 – camada de cor cinza.

Na camada de cor cinza foi encontrada escória.

Estrutura C24 (cabana circular)

Esta estrutura teria uma planta circular, com cerca de 4,20 m de diâmetro, mas estava bastante degradada, sendo possível aferir-se a sua existência pelo alinhamento dos muros (ao nível dos alicerces), mas também, por alguns entalhes dos alicerces feitos na rocha. Dado o estado de destruição não há registos de níveis de ocupação nem do local de entrada.

Interior

Registaram-se as seguintes camadas, que se encostam ao muro da estrutura, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – camada de sedimentos preta.

Exterior

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 12 – camada cinza;

Camada 13 – camada de saibro.

As camadas 12 e 13 encostam aos muros exteriores da estrutura.

Estrutura C17

A estrutura C17 corresponde a um muro com um ângulo reto que poderia ter pertencido a uma estrutura quadrada ou retangular. Os seus muros têm uma espessura de cerca de 40 cm e foram construídos com um aparelho bastante irregular. Não foram registados níveis de ocupação. No lado sul detetaram-se dois entalhes escavados no afloramento rochoso.

Interior (?)

Registaram-se as seguintes camadas que encostam aos muros da presumível parte interna da estrutura, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – camada de sedimentos preta;

Exterior (?)

Registaram-se a seguinte camada, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial, que encosta aos muros da estrutura.

Muralha

O troço de muralha aqui registada é em tudo semelhante ao troço registado no setor E1.

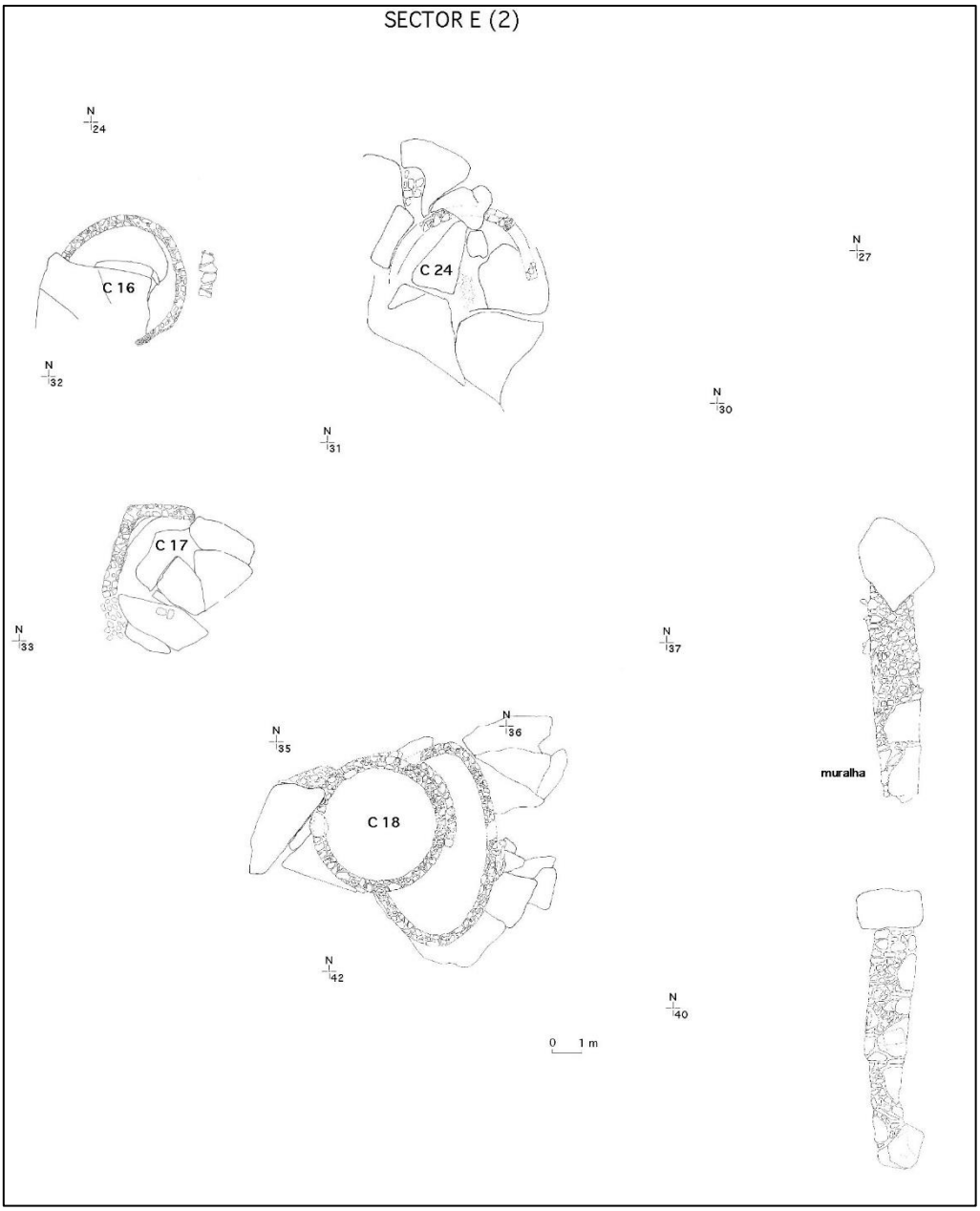


Fig. 9. 56 Planta do setor E2 (Queiroga, 2000, adaptado).

Materiais

Neste setor foi considerado o espólio cerâmico e algumas, raras, peças metálicas, encontrado nas camadas: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 25, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 46 e 47. Todas elas de derrube e ocupação das estruturas.

A. Material cerâmico indígena

Desta área foi possível apurar um total de 2206 fragmentos. Podemos dividi-los em: 280 bordos, 120 bases, 45 asas ou arranques de asas, 1670 bojos, dois cadinhos de fundição, um

molde para fundição, um disco e quatro cossoiros (Fig. 9.58). Além destes fragmentos foram registados outros 17 cuja tipologia não foi possível compreender.

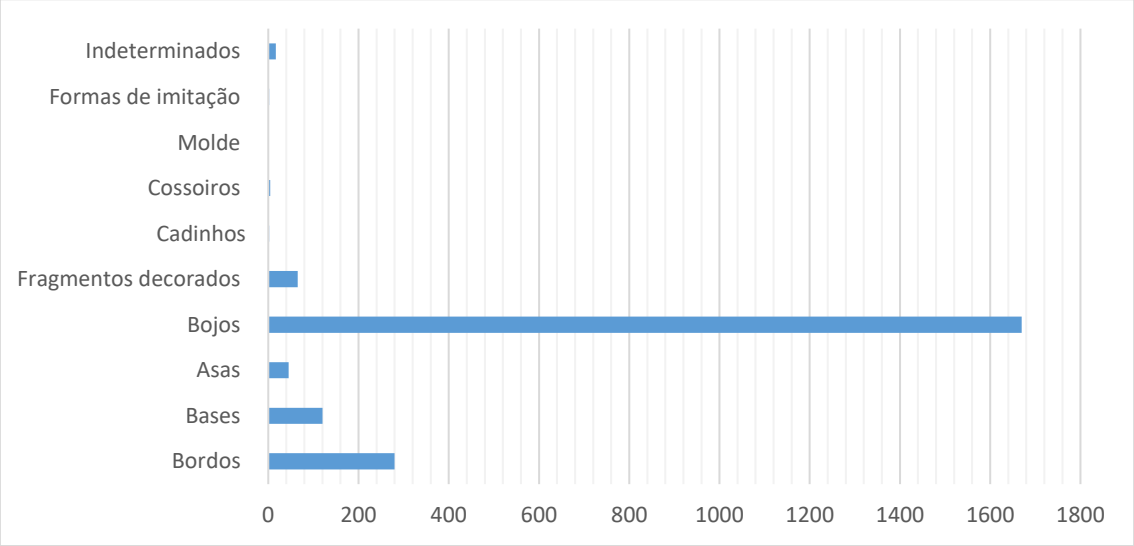


Fig. 9.57 Quantidade de fragmentos estudados no setor E.

2) Aspetos técnicos

A cerâmica produzida é, essencialmente, manual (1746 fragmentos – 79%) e a sua cozedura oscila entre a redutora (1138 fragmentos – 52%) e a oxidante (1068 fragmentos – 48%). A pasta apresenta-se de três tipos: na sua maioria micácea (2162 fragmentos – 98,8%); micácea-arenosa (18 fragmentos – 0,8%) e arenosa (oito fragmentos – 0,4%). Quanto aos elementos não plásticos contam-se micas moscovite e biotite) e algumas areias (quartzo e feldspato) na sua composição. Os calibres dos e.n.p. eram, maioritariamente, médios (49%), seguidos dos pequenos (36%) e dos grandes (15%).

Os fragmentos apresentam várias texturas, sendo a grosseira (138 fragmentos), correspondente a 6%, passível de se relacionar com as talhas (Forma 5) e os potes de grandes dimensões (Forma 1). As texturas médias são as mais frequentes (1386 fragmentos – 63%), seguidas das finas (682 fragmentos – 31%). Estas relacionam-se com formas de potinhos/púcaros (Forma 2), malgas/tigelas (Forma 3), panelas de asa interior (Forma 4) e de asa em orelha (Forma 6). Relativamente ao tratamento das superfícies, este é, na sua maioria, alisado (1297 fragmentos – 59%) e o restante é polido (909 fragmentos – 41%).

3) Aspetos morfológicos

Relativamente à quantidade de bordos, estes podem ser divididos em esvasados (175 exemplares), em aba soerguida (40 exemplares), abertos (35 exemplares), em aba horizontal (dois exemplares), verticais (seis exemplares), reentrantes (dois exemplares) fechados (dois

exemplares). Além destes, foram identificados 19 fragmentos de bordo sem possibilidade de orientação e por isso indeterminados.

Quanto às bases, foram identificados: 68 fragmentos de fundos planos alargados, 26 fragmentos de fundos planos simples e 26 fragmentos de base indeterminados (Fig. 9.59).

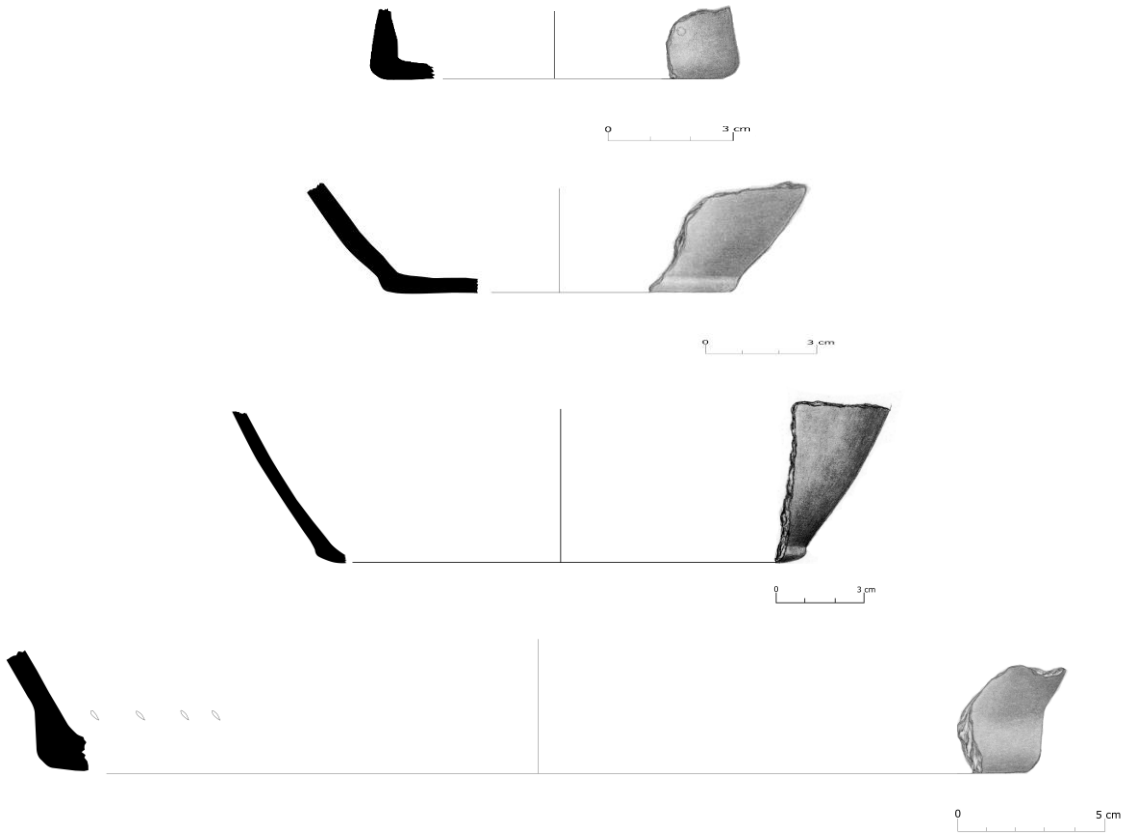


Fig. 9.58 Bases de fundo plano alargado. O último exemplar tem decoração incisa na zona interior.

Quanto às asas e arranques de asas, foram identificadas 37 fragmentos com secção definida (Fig. 9.60; Fig. 9.61), a saber: em orelha (10 exemplares); secção pentagonal (10 exemplares); secção tubular (10 exemplares), secção em fita (cinco exemplares); secção retangular (um exemplar); secção retangular com canelura central (um exemplar) (Fig. 9.60).

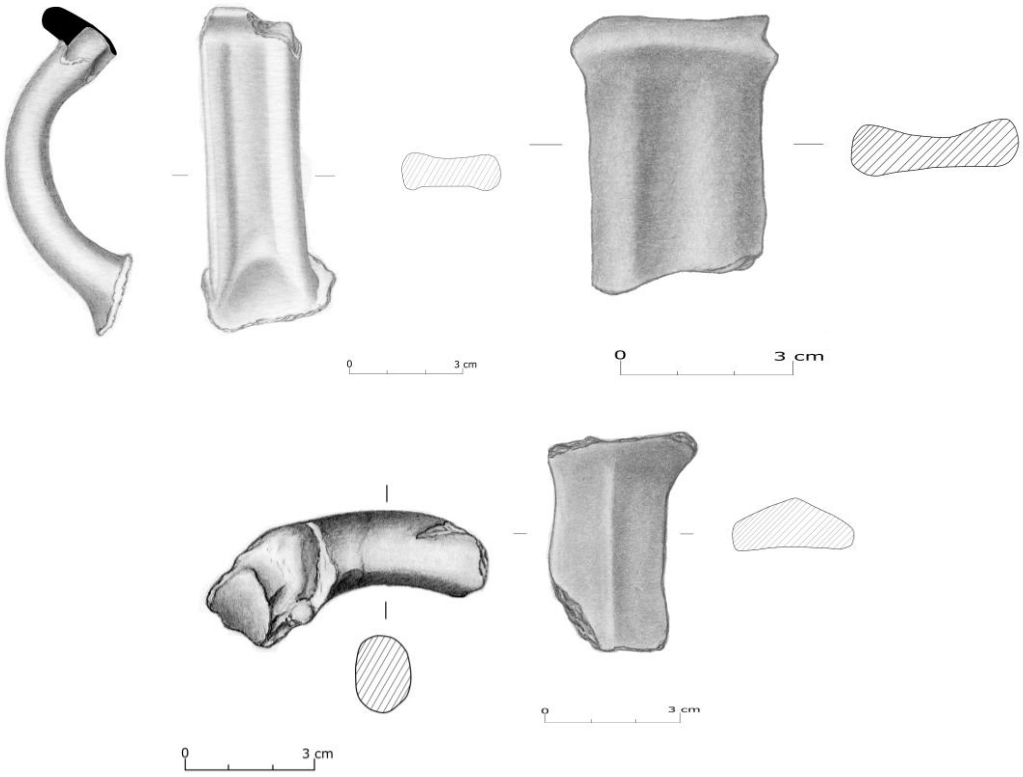


Fig. 9.59 Asas do setor E: asas de seção retangular com canelura vertical; asa de secção pentagonal e asa tubular.

Por estes dados foi possível identificar várias tipologias de recipientes, como púcaros, panela de asa interior e panela de asa em orelha (Fig. 9.61).

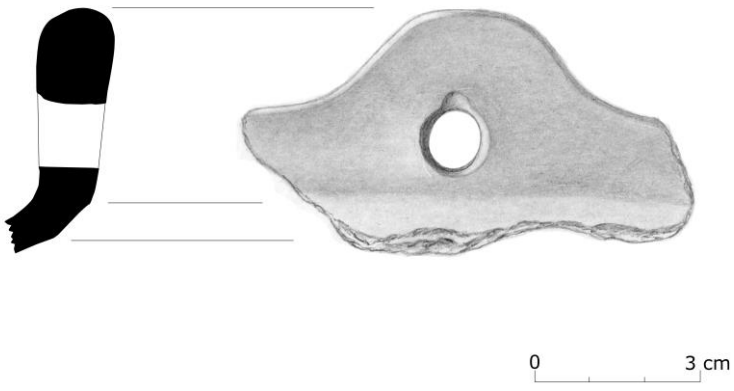


Fig. 9.60 Asa em orelha.

Relativamente aos cossoiros foram estudados quatro exemplares, todos eles de tipologias diferentes. Um deles é de tipo discoide, um outro é um cossoiro de cones iguais, e outros dois produzidos a partir de pasta de ânfora (Fig. 9.62).

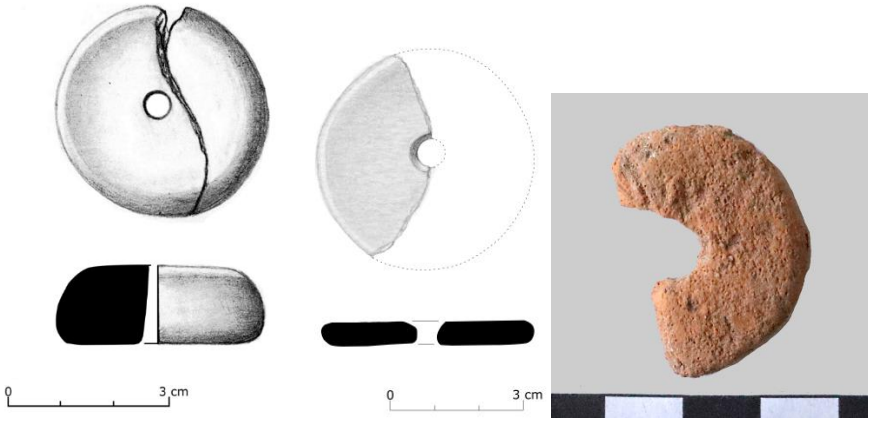


Fig. 9.61 Cossoiros no setor E, note-se que o cossoiro ou disco à direita é feito em pasta de ânfora.

2.1) Formas cerâmicas

Setor E1

Para o apuramento das formas cerâmicas encontradas neste setor, foi tido em conta, além dos bordos as asas que não colassem com bordos e a decoração. Neste último caso foi achado o diâmetro do bojo para termos uma relativa noção da forma cerâmica que tínhamos em mão. Tudo isto de forma a apurar o máximo de NMI possíveis. As formas serão apresentadas por estrutura, seguidas de síntese final.

Relativamente à **cabana oval com forno C15** foram identificadas 29 formas a saber: potes [Forma 1 (um exemplar), forma 1a (quatro exemplares), forma 1b (um exemplar)]; de potinhos/púcaros [forma 2 (10 exemplares), forma 2a (três exemplares)], panelas de asa interior [forma 4 (três exemplares)]; e de panelas de asa em orelha [forma 6 (cinco exemplares)] (Tab. 9.30). Boa parte das formas 6 e formas 2 foram encontradas no exterior desta estrutura. Foi registado um cadinho com aderências metálicas. Foi ainda registada uma forma de pote, feita a torno tecnologicamente e tipologicamente mais próxima das formas de transição para a época romana. Registamos um exemplar de cerâmica de tradição indígena parecido registado em *Bracara Augusta* (Morais e Delgado, 2009: 16-17).

Tabela 9.30 Quantidade de formas na estrutura C15

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	4%
Forma 1a (pote)	4	14%
Forma 1b (pote)	1	4%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**10**	**35%**
Forma 2a (púcaros)	**3**	**10%**

Forma 4 (panela de asa interior)	3	10%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	**5**	**17%**
Pote (inspiração meridional)	**1**	**3%**
Cadinho	1	3%
Total	**29**	**100%**

Relativamente à **cabana circular C19**, nas imediações da cabana C15, foram identificadas um total de 14 formas a saber: potes [forma 1a (dois exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (sete exemplares), forma 2a (um exemplar)]; malgas/tigelas [forma 3b (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (um exemplar)], de talhas [forma 5 (dois exemplares)] (Tab. 9.31) Na maioria, estas foram contabilizadas no interior desta estrutura. De referir que as formas 5 e 3 foram localizadas no exterior da estrutura.

Tabela 9.31 Quantidade de formas na estrutura C19

Formas	NMI	%
Forma 1a (potes)	2	15%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**7**	**50%**
Forma 2a (púcaros)	**1**	**7%**
Forma 3b (tigela)	1	7%
Forma 4 (panela de asa interior)	1	7%
Forma 5 (talha)	2	14%
Total	**14**	**100%**

Relativamente à **cabana com vestíbulo C23** foram identificadas um total de 103 formas, a saber: potes [forma 1 (nove exemplares), da forma 1a (11 exemplares), da forma 1b (quatro exemplares), da forma 1c (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (40 exemplares), forma 2a (sete exemplares), forma 2b (dois exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3 (dois exemplares), forma 3b (dois exemplares), forma 3c (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (10 exemplares)]; talhas [forma 5 (dois exemplares)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (oito exemplares)] (Tabs. 9.32, 9.33. 9.34, 9.35). Foram ainda individualizados dois cossoiros, uma tampa e um cadinho com aderências metálicas e uma forma de inspiração romana ou meridional, tipo prato, que parece imitar as formas da cerâmica de engobe vermelho tipo pompeiano registadas em *Bracara Augusta* entre o séc. I e II d.C. (Morais e Delgado, 2009: 48-49). Um dos cossoiros é uma reutilização de um bojo de ânfora.

Tabela 9.32 Formas no interior da cabana 23

Formas	NMI	%
Forma 1 (potes)	2	5%
Forma 1a (potes)	2	5%
Forma 1b (potes)	3	8%
Forma 2 (potinhos/(púcaros)	**12**	**31%**
Forma 2a (púcaros)	**5**	**13%**
Forma 2b (potinhos)	1	3%
Forma 3b (tigela)	2	5%
Forma 3c (malga/tigela)	1	3%
Forma 4 (panelas de asa interior)	**6**	**16%**
Forma 5 (talha)	1	3%
Forma 6 (panelas de asa em orelha)	2	5%
Cadinho?	1	3%
Total	**38**	**100%**

Tabela 9.33 Formas no vestíbulo da cabana 23

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	3%
Forma 1a (potes)	**6**	**19%**
Forma 1 b (potes)	1	3%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**15**	**47%**
Forma 2a (púcaros)	**2**	**7%**
Forma 2b (potinhos)	1	3%
Forma 3 (malga/tigela)	1	3%
Forma 4 (panela de asa interior)	1	3%
Forma 6 (panelas de asa em orelha)	**2**	**6%**
Forma de imitação romana	1	3%
Cossoiro	1	3%
Total	**32**	**100%**

Tabela 9.34 Formas no exterior da cabana 23

Formas	NMI	%
Forma 1 (potes)	**6**	**18%**
Forma 1a (potes)	**3**	**9%**
Forma 1 c (potes)	1	3%

Forma 2 (potinhos/púcaros)	**13**	**40%**
Forma 3 (malga/tigela)	1	3%
Forma 4 (panelas de asa interior)	3	9%
Forma 5 (talha)	1	3%
Forma 6 (panelas de asa em orelha)	**4**	**12%**
Cossoiro	1	3%
Total	**33**	**100%**

Tabela 9.35 Quantidade de formas na cabana 23

Formas	**NMI**	**%**
Forma 1	9	8,7%
Forma 1a	**11**	**10,7**
Forma 1b	4	3,9%
Forma 1c	1	1%
Forma 2	**40**	**38,8%**
Forma 2a	7	6,8%
Forma 2b	2	1,9%
Forma 3	2	1,9%
Forma 3b	2	1,9%
Forma 3c	1	1%
Forma 4	10	9,7%
Forma 5	2	1,9%
Forma 6	8	7,8%
Forma de imitação	1	1%
Cadinho	2	1,9%
Cossoiro	2	1%
Total	**104**	**100%**

Através da análise das formas registadas para as várias zonas desta cabana (interior, zona de vestíbulo e exterior) podemos retirar algumas ilações quanto aos aspetos funcionais dessas áreas: a preparação de uma quantidade grande de alimentos (que diz respeito sobretudo às formas 4 e 6) nota-se que a no exterior parece haver um maior uso da forma 6 e no interior o uso da forma 4; notamos que no interior desta estrutura as formas relacionadas com o consumo de alimentos (formas 2 e 3) são em maior número, existindo também no exterior; quanto às formas de armazenamento, sobretudo a talha (forma 5) notamos a existência homogénea tanto no interior como exterior desta cabana. Quanto ao uso da forma 1 (que poderá ser algo multiuso, porque

pode ser usada como forma de armazenamento e de preparação de alimento) ela regista-se mais na fona exterior da cabana e no vestíbulo. Curiosamente o cadinho, com vestígios de aderências metálicas foi encontrado no interior desta cabana o que pode indiciar a prática de metalurgia na zona interior da cabana. No exterior desta cabana, foi, ainda, encontrada escória.

Relativamente à **cabana com vestíbulo C35** foram individualizadas um total de 15 formas a saber: potes [forma 1 (um exemplar), forma 1a (um exemplar), forma 1b (três exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (quatro exemplares)]; talha [forma 5 (um exemplar)}; panela de asa em orelha (forma 6 (quatro exemplares) e ainda um cossoiro (Tab. 9.36). Apenas de referir que o cossoiro encontrava-se no interior da cabana. Quanto às restantes formas praticamente todas se encontram no interior.

Tabela 9.36 Quantidade de formas na estrutura C35

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	6%
Forma 1a (pote)	1	6%
Forma 1b (potes)	3	20%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**4**	**28%**
Forma 5 (talha)	1	6%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	**4**	**28%**
Cossoiro	1	6%
Total	**15**	**100%**

Setor E2

Na **cabana circular C16** foram identificadas um total de 14 formas, a saber: potes [forma 1a (um exemplar), da forma 1b (um exemplar)]; potinhos/púcaros [(forma 2 (sete exemplares), forma 2 a (dois exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3 (um exemplar), forma 3b (um exemplar)] e almofariz [forma 8 (um exemplar)] (Tab. 9.37). Todas estas formas foram encontradas no interior desta estrutura.

Tabela 9.37 Quantidade de formas na estrutura C16

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	7%
Forma 1b (pote)	1	7%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**7**	**50%**
Forma 2a (púcaros)	**2**	**14%**

Forma 3 (malga/tigela)	1	7%
Forma 3b (tigela)	1	7%
Forma 8 (almofariz	1	7%
Total	**14**	**100%**

No exterior desta cabana foi encontrada escória metálica.

Relativamente à **cabana com vestíbulo C18** foram identificadas 51 formas a saber: potes [forma 1 (sete exemplares), forma 1a (oito exemplares), forma 1b (três exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (13 exemplares), forma 2a (cinco exemplares), forma 2b (um exemplar)]; malgas/tigela [forma 3 (um exemplar), forma 3a (um exemplar); panelas de asa interior [forma 4 (três exemplares)]; talhas [forma 5 (quatro exemplares)]; panelas de asa em orelha forma 6 (três exemplares)] e, ainda, uma tampa (Tab. 9.38). Foi registado ainda um molde em cerâmica, incompleto. Na maioria foram localizadas no interior desta estrutura e apenas dois exemplares da forma 1 e o exemplar da forma 3 foram localizadas no vestíbulo.

Tabela 9.38 Quantidade de formas na estrutura C18

Formas	NMI	%
Forma 1 (potes)	**7**	**14%**
Forma 1a (potes)	**8**	**15%**
Forma 1b (potes)	3	6%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**13**	**25%**
Forma 2a (púcaros)	**5**	**10%**
Forma 2b (potinho)	1	2%
Forma 3 (malga/tigela)	1	2%
Forma 3a (malga)	1	2%
Forma 4 (panelas de asa interior)	3	6%
Forma 5 (talha)	**4**	**8%**
Forma 6 (panelas de asa em orelha)	3	6%
Molde	1	2%
Tampa	1	2%
Total	**51**	**100%**

Relativamente à **cabana circular C24** foram classificados tipologicamente 30 exemplares, a saber: potes [forma 1 (cinco exemplares), forma 1a (três exemplares), forma 1b (dois exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (três exemplares), forma 2a (um exemplar), forma

2b (um exemplar), forma 2c (dois exemplares)]; malgas/tigelas [forma 3 (um exemplar), forma 3a (dois exemplares), forma 3b (um exemplar), forma 3c (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (um exemplar), forma 4b (dois exemplares)]; talha [forma 5 (um exemplar)]; panelas de asa em orelha [forma 6 (dois exemplares) e, ainda, um exemplar de uma possível da forma 8 (almofariz) (Tab. 9.39). Foram, ainda, contabilizados dois fragmentos cerâmicos de bordos indeterminados. Além disso, foi registado um disco cerâmico, com cerca de 2 cm de diâmetro.

Tabela 9.39 Quantidade de formas na estrutura C24

Formas	NMI	%
Forma 1 (potes)	**5**	**18%**
Forma 1 a (potes)	**3**	**10%**
Forma 1b (potes)	2	7%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	3	10%
Forma 2 a (púcaro)	1	3%
Forma 2b (potinho)	1	3%
Forma 2c (púcaros)	2	7%
Forma 3 (malga/tigela)	1	3%
Forma 3 a (malga)	2	7%
Forma 3b (tigela)	1	3%
Forma 3c (malga/tigela)	1	3%
Forma 4 (panela de asa interior)	1	3%
Forma 4b (panela de asa interior)	2	7%
Forma 5 (talha)	1	3%
Forma 6 (panelas de asa em orelha)	2	7%
Forma 8 (almofariz) (?)	1	3%
Disco	1	3%
Total	**30**	**100%**

Relativamente à **estrutura C17** foram identificadas 10 formas, a saber: potes [forma 1 (um exemplar), forma 1b (um exemplar), forma 1c (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (cinco exemplares)]; tigelas [forma 3b (um exemplar)]; panela de asa em orelha [forma 6 (um exemplar)] (Tab. 9.40). Todas estas formas foram contabilizadas no interior desta estrutura.

Tabela 9.40 Quantidade de formas na estrutura C17

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	10%
Forma 1b (pote)	1	10%
Forma 1c (pote)	1	10%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**5**	**50%**
Forma 3b (tigela)	1	10%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	10%
Total	**10**	**100%**

Setores E1 e E2

Relativamente à **área da muralha**, foram classificados 19 exemplares, a saber: potes [forma 1 (um exemplar), forma 1a (dois exemplares), forma 1b (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (cinco exemplares), forma 2c (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (dois exemplares)]; talha [forma 5 (um exemplar)] e ainda panelas de asa em orelha [forma 6 (cinco exemplares)] (Tab. 9.41).

Tabela 9.41 Quantidade de formas no Setor E1 e E2, junto à Muralha

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	1	5%
Forma 1a (potes)	2	11%
Forma 1b (pote)	1	5%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	**5**	**26%**
Forma 2c (púcaro)	1	5%
Forma 3 a (malga)	1	5%
Forma 4 (panela de asa interior)	2	11%
Forma 5 (talha)	1	5%
Forma 6 (panelas de asa em orelha)	**5**	**26%**
Total	**19**	**100%**

Em síntese, no conjunto dos Setores E1 e E2, foram identificadas 284 formas cerâmicas de fabrico indígena, a saber: potes [forma 1 (25 exemplares), forma 1a (32 exemplares), forma 1b (16 exemplares), forma 1c (dois exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (94 exemplares), forma 2a (19 exemplares), forma 2b (quatro exemplares), forma 2c (três exemplares)]; malga/tigela [forma 3 (cinco exemplares), forma 3a (um exemplar), forma 3b (seis exemplares), forma 3c (dois exemplares)]; panelas de asa interior [forma 4 (20 exemplares), forma 4b (panela

de asa interior com mais de 40 cm de diâmetro) (dois exemplares)]; talha [forma 5 (11 exemplares)]; panela de asa em orelha [forma 6 (28 exemplares)] e dois exemplares de forma 8 (almofariz) (?) (Tab. 9.42). Foram ainda registados dois exemplares de tampa, dois cossoiros, dois cadinhos e um molde, além de um disco e um pote e um prato de inspiração meridional já referido atrás. Um dos cossoiros de cerâmica indígena é da camada vegetal, neste setor. E os outros dois cossoiros registados foram realizados a partir de dois bojos de ânfora. Os bordos indeterminados, pela sua exígua dimensão, correspondem a 14.

Tabela 9.42 Quantidade de formas e suas subcategorias identificadas

Formas	NMI	%
Forma 1	**25**	**8,80%**
Forma 1a	**32**	**11,30%**
Forma 1b	16	5,60%
Forma 1c	2	0,70%
Forma 2	**94**	**33,10%**
Forma 2a	**19**	**6,70%**
Forma 2b	4	1,40%
Forma 2c	3	1,10%
Forma 3	5	1,80%
Forma 3a	1	0,40%
Forma 3b	6	2,10%
Forma 3c	2	0,70%
Forma 4	**20**	**7,10%**
Forma 4b	2	0,70%
Forma 5	**11**	**3,70%**
Forma 6	**28**	**9,80%**
Forma 8 (?)	2	0,70%
Formas de inspiração romana ou meridional	2	0,70%
Cadinho	2	0,70%
Cossoiro	4	1,40%
Molde	1	0,40%
Tampa	1	0,70%
Disco	1	0,40%
Total	**284**	**100%**

Agrupando as variantes das formas, 44% são potinhos/púcaros (forma 2), 27% potes (forma 1), 10% panelas de asa em orelha (forma 6), 8% panelas de asa interior (forma 4), 5% malgas/tigelas (forma 3), 4% talhas (forma 5), e 1% almofarizes (forma 8) (Tab. 9.43; Fig. 9.63; Fig. 9.64 – 9.73). De salientar as formas inovadoras neste caso um prato e um pote que efetivamente são formas inspiradas no mundo romano.

Tabela 9.43 Quantidade de formas nos Setores E1 e E2

Formas	NMI	%
Forma 1	75	27%
Forma 2	120	44%
Forma 3	14	5%
Forma 4	22	8%
Forma 5	11	4%
Forma 6	28	10%
Forma 8	2	1%
Formas inovadoras	2	1%
Total	**274**	**100%**

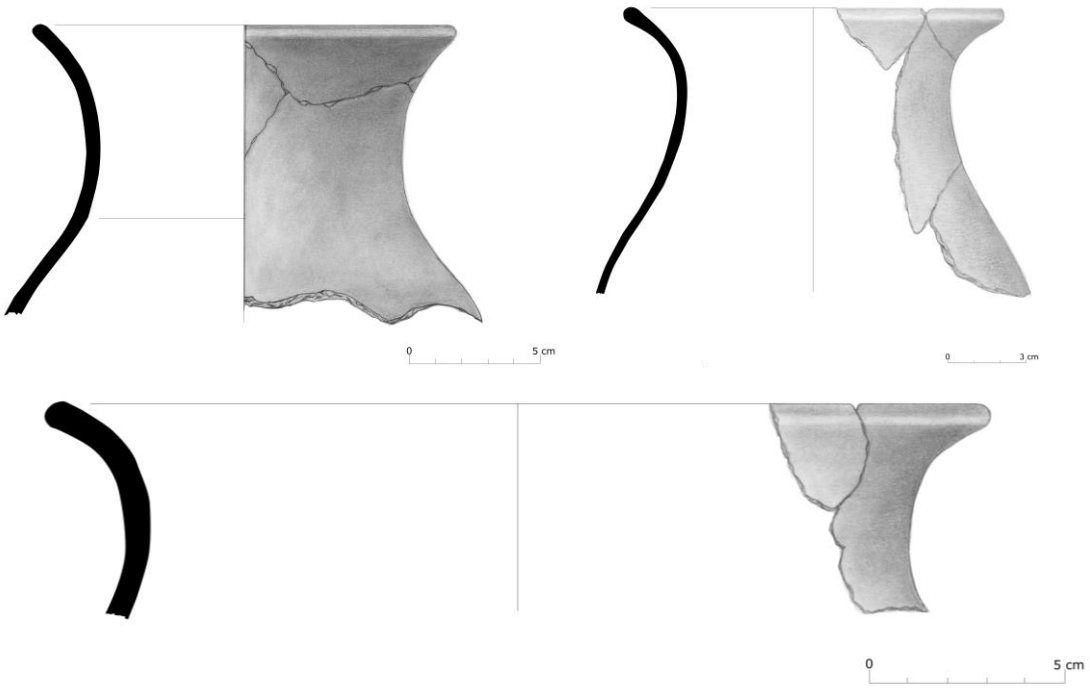


Fig. 9.62 Formas de potes da variante 1a, do setor E.

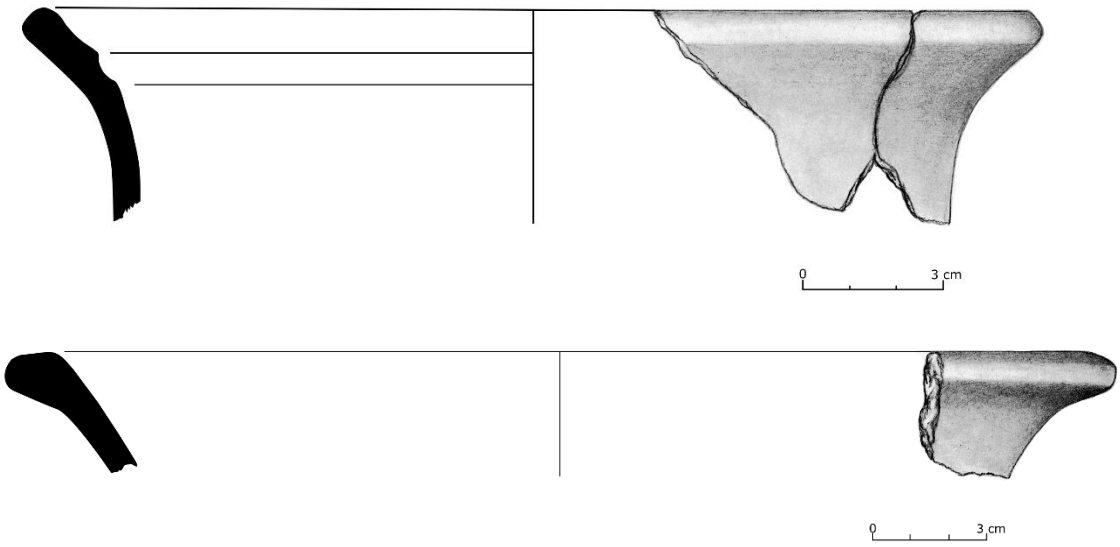


Fig. 9.63 Formas de potes das variantes 1b (com decoração incisa no interior) e 1c (este com aba horizontal muito pequena), do setor E.

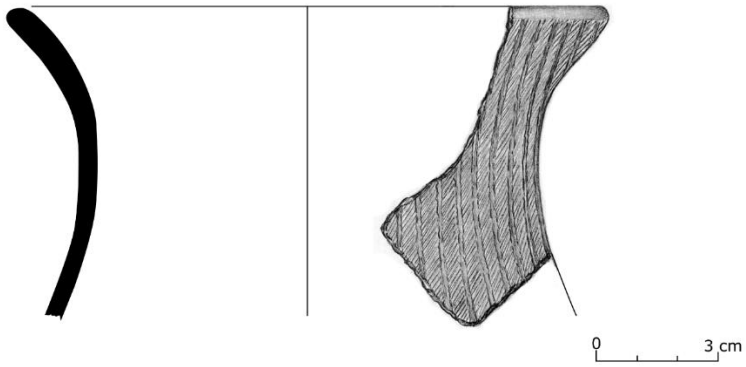


Fig. 9.64 Forma de potinhos/púcaros da variante 2b, no setor E, com decoração brunida (desenho de Amélia Marques).

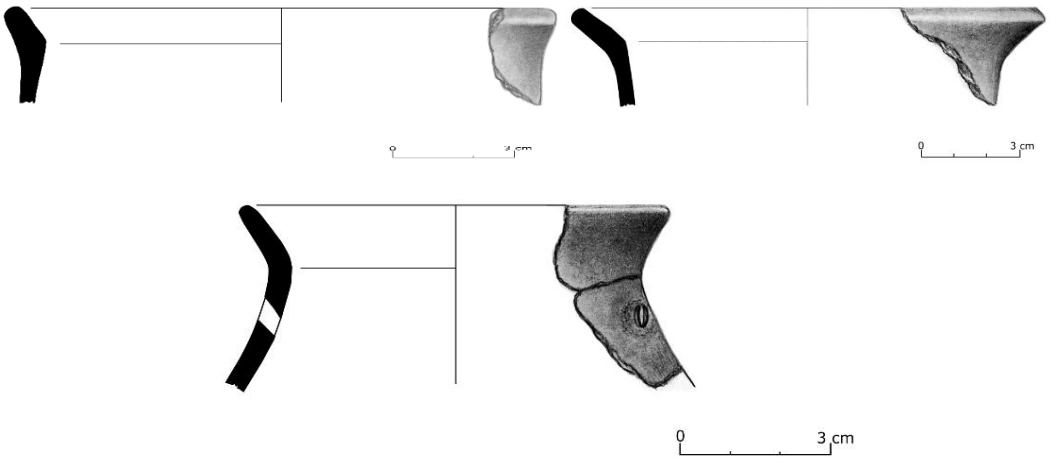
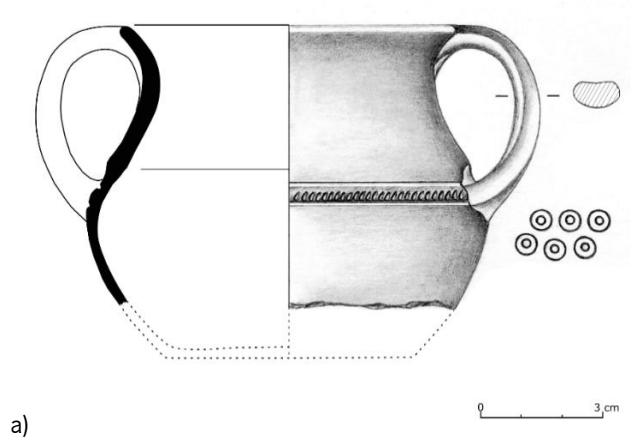
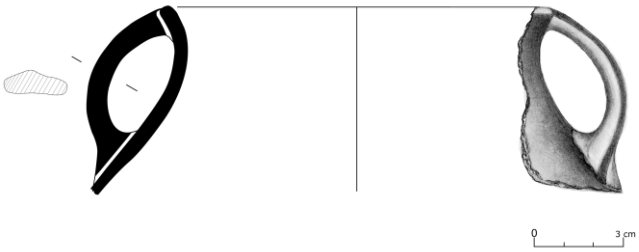


Fig. 9.65 Forma de potinhos/púcaros da variante 2c, no setor E. O exemplar de baixo tem um agrafo metálico.



a)



b)

Fig. 9.66 Formas de púcaros (variante 2a), do setor E. O exemplar de cima tem decoração compósita, com sulcos incisos formando uma banda preenchida com traços oblíquos, igualmente incisos. Por baixo do arranque da asa há seis círculos concêntricos.

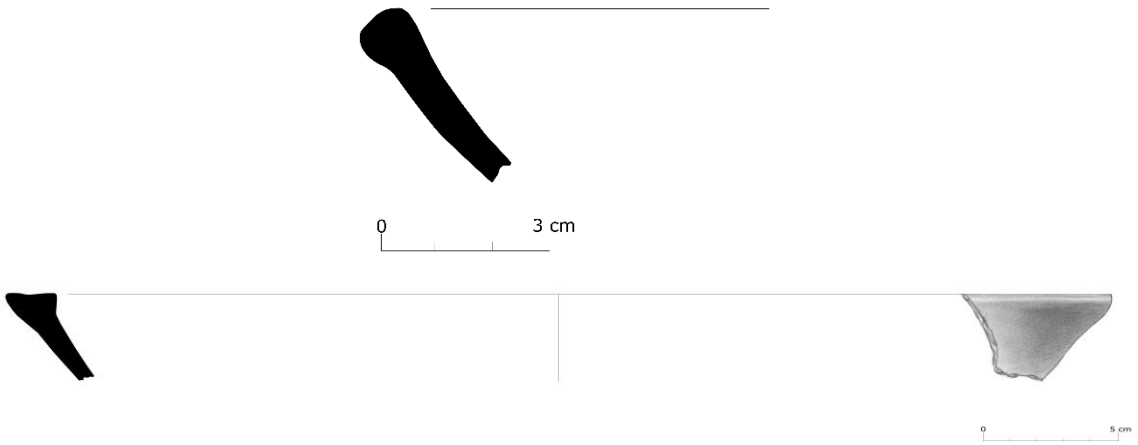


Fig. 9.67 Formas de magas e tigelas do setor E: forma 3b e forma 3a.

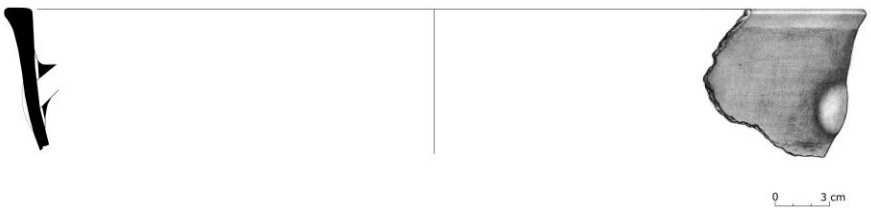




Fig. 9.68 Variantes de panelas de asa interior (formas 4) do setor E: forma 4a (2 exemplares) e forma 4b (1 exemplar - o último).

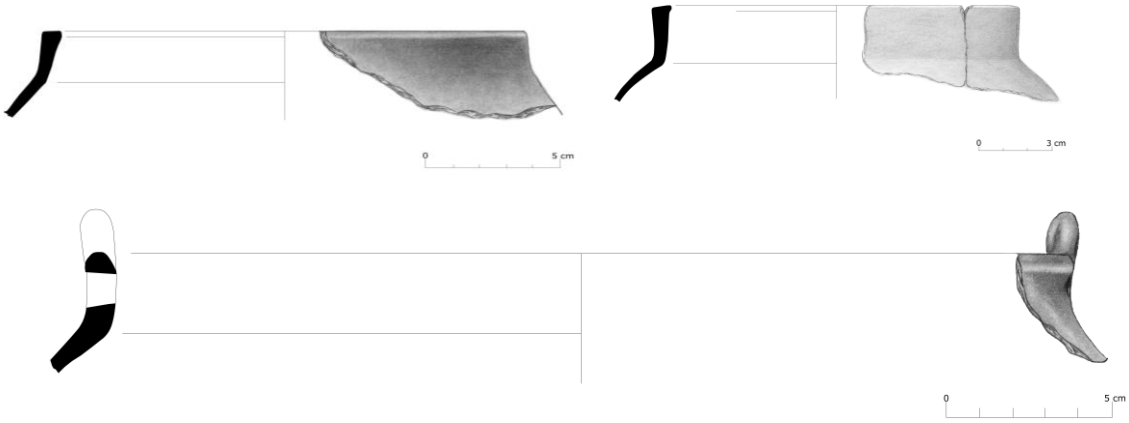


Fig. 9.69 Formas 6 do setor E.



Fig. 9.70 Forma 8 (?) do setor E

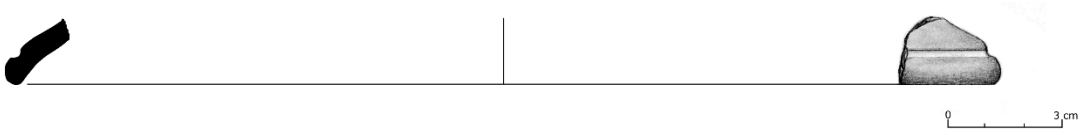


Fig. 9.71 Tampa com sulco horizontal do setor E.

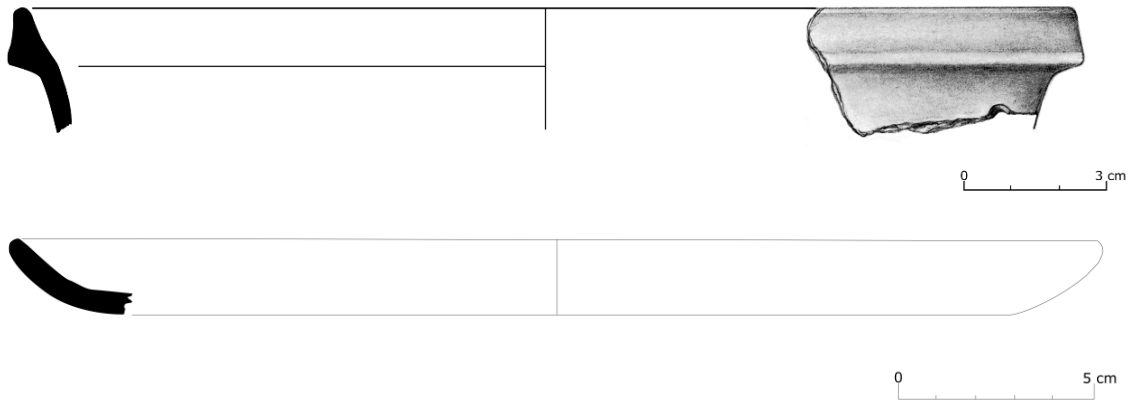


Fig. 9.72 Formas inovadoras, talvez com influência romana do Setor E, em pastas micáceas: em cima, pote e em baixo, um prato simples.

4) Aspetos decorativos

Foram registados um total de 49 decorados (2% do total neste setor). Em todas as estruturas estudadas, inclusivamente na área da muralha foram registados fragmentos decorados. A cabana com maior número de materiais decorados é a C23.

Na estrutura **C15** foram individualizados três fragmentos decorados por aplicação plástica e três fragmentos decorados por decoração compósita (neste caso por incisão e impressão). Por aplicação plástica foi registado 1 a 3 cordões aplicados na horizontal na zona exterior dos bojos. A decoração compósita surge em três fragmentos, num deles por dois sulcos incisos na horizontal, seguidas de pequenos quadrados impressos e noutros dois fragmentos a mesma organização decorativa: dois sulcos incisos paralelos com uma banda de série de SSS impressos.

Na estrutura **C17** foi registado um bojo decorado por incisão. A organização decorativa é algo simples trata-se de pequenas incisões formando triângulos com traços oblíquos no interior.

Nos contextos da estrutura **C18** foram registados quatro fragmentos decorados. Foi registado um por impressão, um por espatulado, um por incisão e um por decoração compósita (incisão e impressão). Quanto à organização decorativa a impressão tem como motivos três círculos concêntricos (numa tampa) (Fig. 9.74), por espatulado surgem longos traços espatulados na vertical e a decoração incisa surge por um sulco inciso na horizontal na zona interior do bordo. A organização decorativa da decoração compósita registada é a seguinte: Os motivos desta peça encontram-se na passagem do colo para a pança. Os motivos são dois sulcos incisos formando uma banda na qual tem impressões (traços) pequenos na oblíqua, e apresenta ainda círculos concêntricos logo abaixo do arranque de asa na zona da pança (Fig. 9.67, a)).



Fig. 9.73 Tampa decorada com 3 círculos concêntricos.

Na cabana **C19** Neste contexto foi registado um bojo decorado por incisão (dois sulcos incisos horizontais).

Na cabana **C23** foi registado um total de 24 fragmentos decorados. Destes, 23 são bojos e um é um bordo.

Quanto aos bojos oito são decorados por incisão, cinco por aplicação plástica, um por brunido, dois por espatulado e um por aguada negra (Fig. 9.75). As organizações decorativas destas decorações são as seguintes: quanto à incisão entre um a 3 sulcos incisos paralelos na horizontal, em alguns casos entre eles surgem bandas de pequenas incisões obliquas; quanto à aplicação plástica esta surge através de um a três cordoes na horizontal; a decoração por brunido surge na superfície exterior do fragmento através de várias linhas brunidas no início no colo na horizontal e depois várias linhas vertical na zona do bojo; o espatulado tem como motivo uma linha vertical no exterior do fragmento e no outro fragmento duas linhas puncionadas na vertical; e aguada negra surge separada (em banda?) num fragmento.



Fig. 9.74 Fragmento decorado por aguada negra.

Relativamente às decorações compósitas foram observados três fragmentos decorados por incisão e impressão. Dois destes fragmentos com a seguinte organização decorativa: um sulco inciso, e uma série de SSS que não se vê muito bem; no terceiro fragmento surge um sulco inciso horizontal e ladeado por duas bandas de SSS impressos. Foi ainda observado um fragmento decorado por incisão, aplicação plástica cuja organização decorativa é a seguinte: 2 cordões aplicados na horizontal, e entre elas um sulco inciso horizontal a que se segue uma decoração em espinha, e no fundo ainda possui um sulco inciso horizontal.

Foi registado ainda um bordo decorado por incisão através de um sulco inciso na horizontal na zona exterior do fragmento.

Na estrutura **C24** foram registados dois fragmentos decorados, um deles por incisão e outro por incisão e aplicação plástica (decoração compósita). A decoração por incisão trata-se de um sulco na vertical e outro na diagonal na superfície de um bojo. A organização decorativa da decoração compósita é a seguinte: dois sulcos incisos na horizontal e uma aplicação plástica de um cordão entre os dois sulcos incisos.

Na estrutura **C35** foram registados sete fragmentos decorados, a saber: um por aguada a vermelho, dois por aplicação plástica e dois e por incisão, e dois por decoração compósita: um deles por aplicação plástica e incisão e outro por incisão e impressão. A decoração por aplicação plástica oscila entre um a dois cordões na horizontal e a incisão por um ou dois sulcos na horizontal. A decoração por aplicação plástica e incisão tem os seguintes motivos: um cordão

horizontal e dois sulcos horizontais incisos; e a decoração por incisão e impressão tem os seguintes motivos, dois sulcos horizontais seguidos de impressão de pequenos sulcos obliquamente (Fig. 9.76).

Na área da muralha neste setor foram registados três fragmentos decorados por incisão e um por incisão e aplicação plástica (decoração compósita). A decoração incisa oscila entre um a três cordões na horizontal e um dos fragmentos possui a seguinte organização decorativa: 3 sulcos horizontais, 2 deles preenchidos com duas bandas horizontais de pequenos sulcos incisos na diagonal. A decoração compósita tem os seguintes motivos: 2 sulcos horizontais incisos, preenchidos por um cordão horizontal no qual se sobrepõem sulcos pequenos oblíquos (Fig. 9.76).

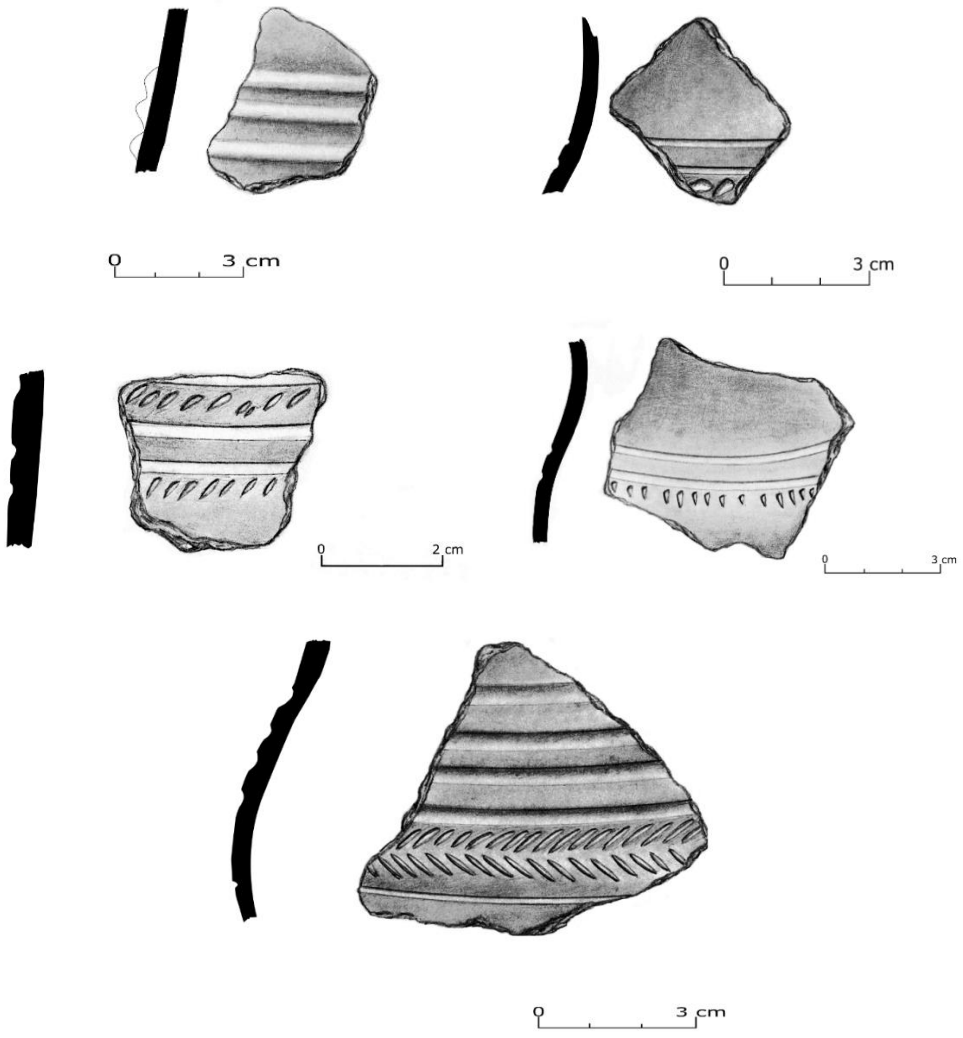


Fig. 9.75 Exemplares de decoração simples e compósita do setor E: fragmentos com decoração por aplicação plástica (cordões plásticos); por incisão e impressões de pequenos motivos e espinhados

Evidências de uso

Quanto ao uso da cerâmica foi possível identificar 652 fragmentos (28%) com fuligem devido ao uso sobre o fogo, sobretudo em formas das formas 4 e 6 (panelas de asa interior e de asa em orelha) para além de formas 1 (potes) e, ainda, de formas 2 (potinhos/púcaros).

Foram ainda registados aspetos intencionais e/ou funcionais nos materiais em quase todas as estruturas consideradas neste setor.

Na estrutura **C16** foi registado um bojo com uma pequena perfuração talvez devido a existência de um agrafo metálico do qual apenas se regista a perfuração.

Na estrutura **C18** foi registado dois bojos que possuem um cordão na zona interna, da passagem do bordo para o colo para reforço do bordo dessas peças (talhas). Foi ainda registado num potinho um agrafo metálico (em ferro?) que ainda subiste na peça.

Na cabana **C19** foi registado dois bojos que possuem um cordão na zona interna, da passagem do bordo para o colo para reforço do bordo dessas peças (talhas).

Na cabana **C23** estrutura foi identificado dois bordos que possuem um cordão de reforço cada um na zona de passagem do bordo para o colo para reforçara a peça (forma 5 – talha). Foi ainda registado um bojo com uma perfuração que talvez se relacione com um agrafo metálico já desaparecido.

Na cabana **C24** foi registado um bojo com uma perfuração num bojo de forma incompleta. Pode estar relacionada com a produção de um disco perfurado ou cossoiro que não foi terminado.

5) Considerações deposicionais e pósdeposicionais

Para este setor também foram observados os aspetos relativos aos fenómenos deposicionais e pósdeposicionais dos fragmentos.

Foram detetados 887 fragmentos rolados, que corresponde a 40% da amostra, o que revela um considerável índice de erosão.

Quanto ao tamanho dos fragmentos há 1263 (57%) com menos de 4 cm (Fig. 9.77), o que revela um elevado índice de fragmentação, segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008). Tal está de acordo com o índice de erosão, evidenciado alguma perturbação pósdeposicional, provavelmente motivada pelo saque de pedra.

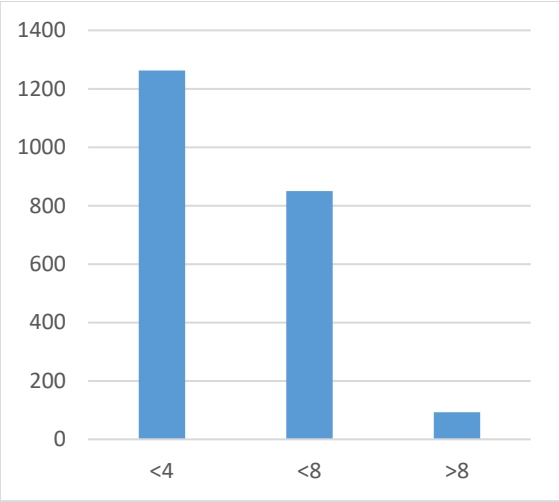


Fig. 9.76 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor E.

B. Material cerâmico importado tardo-republicano

No que diz respeito a este *item* foram encontradas várias tipologias estudadas por F. Queiroga (2019) por estrutura que surgem em camadas de derrube (Fig. 9.78; Fig. 9.79; Tab. 9.44).

Com efeito, na cabana C15 foram registados 4 exemplares da forma Ovóide 4. Na cabana C16 foram registados 2 exemplares da forma Ovóide 4 e 6 exemplares de Dressel 1. Quanto à estrutura C17 (eventual cabana quadrada) foram registados 1 exemplar da forma T- 9.1.1.1., 1 exemplar da forma Dressel 1A e 1 exemplar da forma da Dressel 1.

Quanto à cabana com vestíbulo C18 foram registados 4 exemplares de Ovóide 4, 1 exemplar da Dressel 1A, 1 exemplar da Dressel 1C, 5 exemplar da Dressel 1, 3 exemplares da Ovóide 6, 3 exemplares da Ovóide 7, 1 exemplar da forma T - 7.4.3.3., 2 exemplares de Tripolitana antiga e 1 exemplar da Ovóide 2.

Quanto à cabana C19 foram registados 3 exemplares de Ovóide 4. Relativamente à cabana com vestíbulo C23 foram registados 5 exemplares de Dressel 1, 2 exemplares de Ovóide 4, 1 exemplar da forma Dressel 1C, 1 exemplar da forma Haltern 70 e 1 exemplar da forma Ovóide 7.

Relativamente à cabana C24 foram registados 2 exemplares de Dressel 1. Quanto à estrutura C26 foi registado 1 exemplar de T - 7.4.3.3 e 1 exemplar de Ovóide 4.

Quanto à cabana com vestíbulo C35 foram registados 3 exemplares de Ovóide 4.

Na área da estrutura C50 foram registados 1 exemplar de T - 7.4.3.3. Finalmente na área da muralha foi individualizado um exemplar de Ovóide 7.

De referir o tipo anfórico T - 9.1.1.1 é de produção mais antiga, datando de meados do séc. III a.C. é produzido na área da baía Gaditana (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1990; Carretero Poblete, 2004) e transportaria produtos piscícolas (Ramón Torres, 1995: 266; García Vargas, 1998: 65).

O tipo Tripolitana antigo data de meados do séc. II a.C. (Pimenta, 2005), com uma produção até aos finais do séc. I a.C. (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002), cujo conteado estes contentores destinar-se-iam ao transporte de azeite (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2013).

De referir ainda que a tipologia Haltern 70, produzida na área do vale do Guadalquivir, entre os meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. (Morais, 1998), transportaria uma grande variedade de produtos (entre *mulsum,* vinho cozido, *oliva ex drefructo*, azeitonas em conserva) além de vinho (Fabião, 1998: 179 e 399; Tchernia, 1986: 142; Morais, 2004c: 545-546).

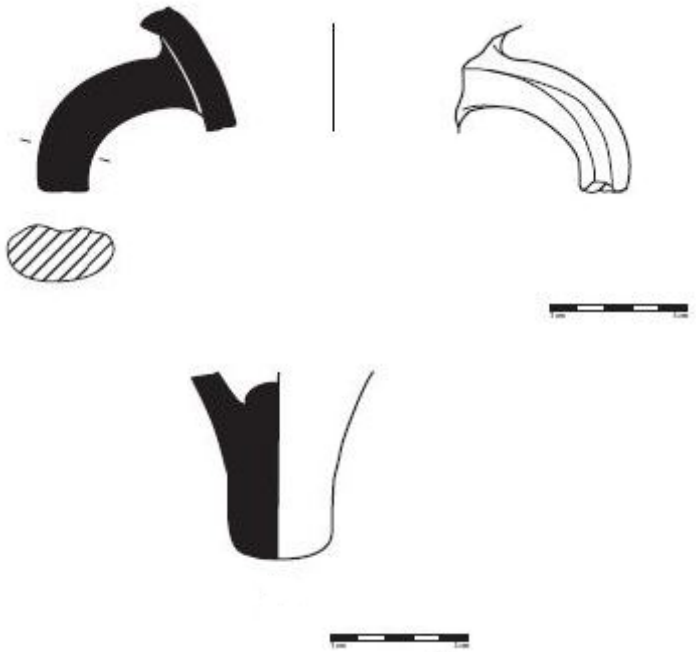


Fig. 9.77 Tipos anfóricos: Ovóide 4 (Queiroga, 2019: 137, adaptado); Ovóide 7 (Queiroga, 2019: 140, adaptado).

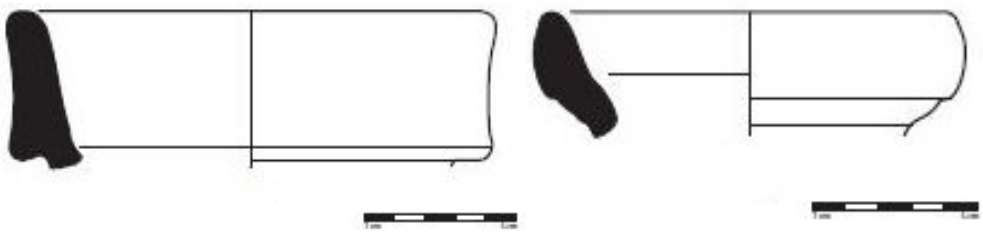


Fig. 9.78 Tipos anfóricos: Haltern 70 (Queiroga, 2019:140, adaptado); Ovóide 2 (Queiroga, 2019: 136, adaptado).

Tabela 9.44 Número de peças de importação por estrutura no Setor E

Estrutura	Peças de importação	Variedades anfóricas
Cabana oval com forno C15	4	1
Cabana C16	8	2
Cabana (?) C17	3	3
Cabana com vestíbulo C18	**22**	**9**
Cabana C19	3	1
Cabana com vestíbulo C23	**10**[276]	**5**
Cabana C24	2	1
Muro C26	2	2
Cabana com vestíbulo C35	3[277]	1
Muro (C50)	1	1
Muralha	1	1
Total	**59**	**27**

De uma forma geral pode dizer-se que as estruturas com mais material de importação são as cabanas, nomeadamente duas com vestíbulo, a C18 e a C23. Número significativo é também o da cabana circular C16.

De notar, ainda, que a maior diversidade de material anfórico se concentra na cabana com vestíbulo C18, seguida da C23, sendo que nas restantes apenas tem um ou duas tipológicas anfóricas diferentes.

Esta diversidade revela consumos de praticamente todo o género de produtos: deste venho e os seus derivados, preparados piscícolas e azeite.

C. Interpretação e funcionalidade das estruturas

Em termo gerais, é de sublinhar a estrutura C15 onde se encontrou um forno. Essa estrutura de combustão poderá estar ligada com a prática da metalurgia, pois encontrou-se nesse espaço um cadinho com vestígios de metal agregado. Também, junto à estrutura C18 foi encontrado um molde de peça indeterminada, em cerâmica (Fig. 9.80).

[276] Nesta cabana deve acrescentar-se uma forma de inspiração romana feita em pasta micácea. E outra na cabana C15.
[277] Deve acrescentar-se um bojo com aguada de inspiração romana.

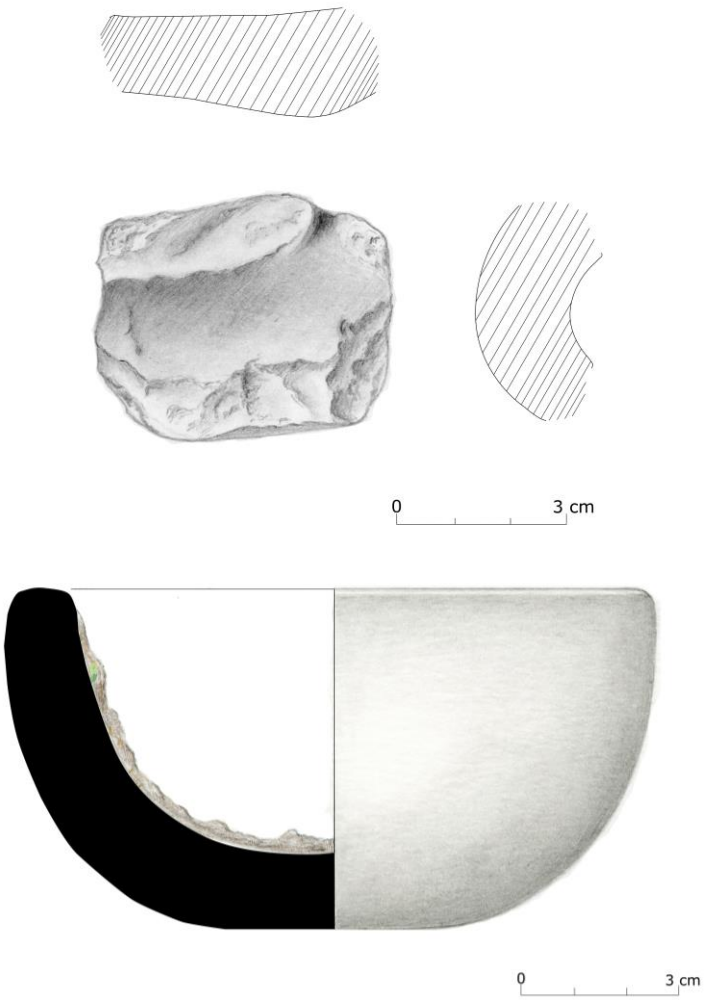


Fig. 9.79 Molde e cadinho em cerâmica do setor E.

A presença de escórias no exterior da casa com vestíbulo C23 (na mesma área da C15) e na casa C16 evidencia, igualmente, a prática da metalurgia nesses locais. De notar que essas duas cabanas apresentam número significativo de peças anfórica, que a cabana C23 apresenta, ainda, o maior número de formas indígenas e um número significativo de talhas, face às restantes, e que a C16 tem também um dos dois exemplares de almofarizes deste povoado, e o outro encontra-se na cabana C24 denotando a importância social dos seus proprietários, o que nos faz questionar o estatuto social do metalurgista.

Ainda na cabana C35 foram encontrados cossoiros, além de um disco cerâmico na cabana C24, forma que Bettencourt (1999: 1100) considerou um disco de fuso, por paralelos etnográficos. Tal denota a prática da fiação, pelo menos, em duas das cabanas com vestíbulo e numa simples.

Relativamente às restantes cabanas é de notar que quase todas possuem as formas cerâmicas genéricas e de uso comum, como potes para armazenagem, transporte e cozedura, e talhas para armazenamento, panelas de asas em orelha e de asa interior para confecionar alimentos, malgas e tigelas para preparar e servir esses alimentos e potinhos, púcaros, para consumo de alimentos e bebidas e, eventualmente, algum transporte de bebidas. No entanto, a cabana com vestíbulo C18 destaca-se pela grande quantidade de cerâmica indígena face às restantes (só ultrapassada pela cabana com vestíbulo C23). De destacar o maior número de formas de talha (revelando grande poder de armazenagem), e o maior número e diversidade de material anfórico, evidenciando o estatuto social dos seus proprietários.

4.3.4.6. Setor F

Estruturas e estratigrafia

Neste setor foi escavada uma área de cerca de 792 m^2 (Fig. 9.81). Aí, foram encontradas cinco estruturas a saber: a C28, C29, as duas com delas cabanas com vestíbulo (C28 e C29) e parte do pano da muralha do povoado. Das estruturas encontradas, duas estruturas serão habitacionais, outras duas correspondem apenas a muros e a uma parte do pano da muralha.

Estrutura C25

Corresponde a um murete de contenção de terras, existente a nordeste da cabana 29, com cerca de quarenta centímetros de espessura.

Estrutura C28 (cabana com vestíbulo)

Esta estrutura é definida por um muro circular, com cerca de 3,70 m de diâmetro, sendo acrescida de um vestíbulo pelo lado oeste, muito destruído, apenas existindo o seu arranque sul.

A cabana e o vestíbulo têm um muro duplo, com cerca de 50 cm. O seu aparelho é constituído, na face exterior, por blocos graníticos de grandes dimensões e no seu interior, por calhaus mais pequenos.

No interior da cabana, ainda subsistiam restos de uma lareira e trasfogueiro[278] orientados para a entrada. Esta alinha com uma série de entalhes nos rochedos, a oeste da cabana, que poderão ter servido de base para o encaixe de uma estrutura em madeira.

No interior desta cabana registaram-se as seguintes camadas:

[278] O arqueólogo não refere se este trasfogueiro é em metal ou em madeira.

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 7 – camada de sedimentos de cor cinza que encosta à estrutura;

Camada 15 – camada de sedimentos negros, com carvões;

Camada 6 – piso argiloso;

Camada 8 – restos de lareira e de um trasfogueiro;

Camada 16 – camada de sedimentos negros, misturados com a alterite de base.

Vestíbulo da cabana (C28)

Registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – camada de sedimentos de cor preta;

Exterior cabana (C28)

Registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 5 – camada de sedimentos de cor preta.

Estrutura C29 (cabana com vestíbulo)

Esta estrutura, de contorno circular, é delimitada por um muro duplo, que tem uma espessura de cerca de 40 cm. Mede cerca de 3,20 metros de diâmetro. Possui um vestíbulo, no lado este, estando muito destruído. Trata-se de uma cabana. Só foi encontrada parte da estrutura a noroeste e norte e a parte sul do vestíbulo. O aparelho era irregular e foi encontrado ao nível do alicerce, que se encaixava na rocha. Não há registos de níveis de ocupação do vestíbulo e do interior.

Cabana 29, com vestíbulo (C29)

Aqui registou-se apenas uma camada.

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial.

Muralha

Neste Setor, há a registar apenas um pequeno tramo de muralha com características semelhantes às referidas nos setores A e E.

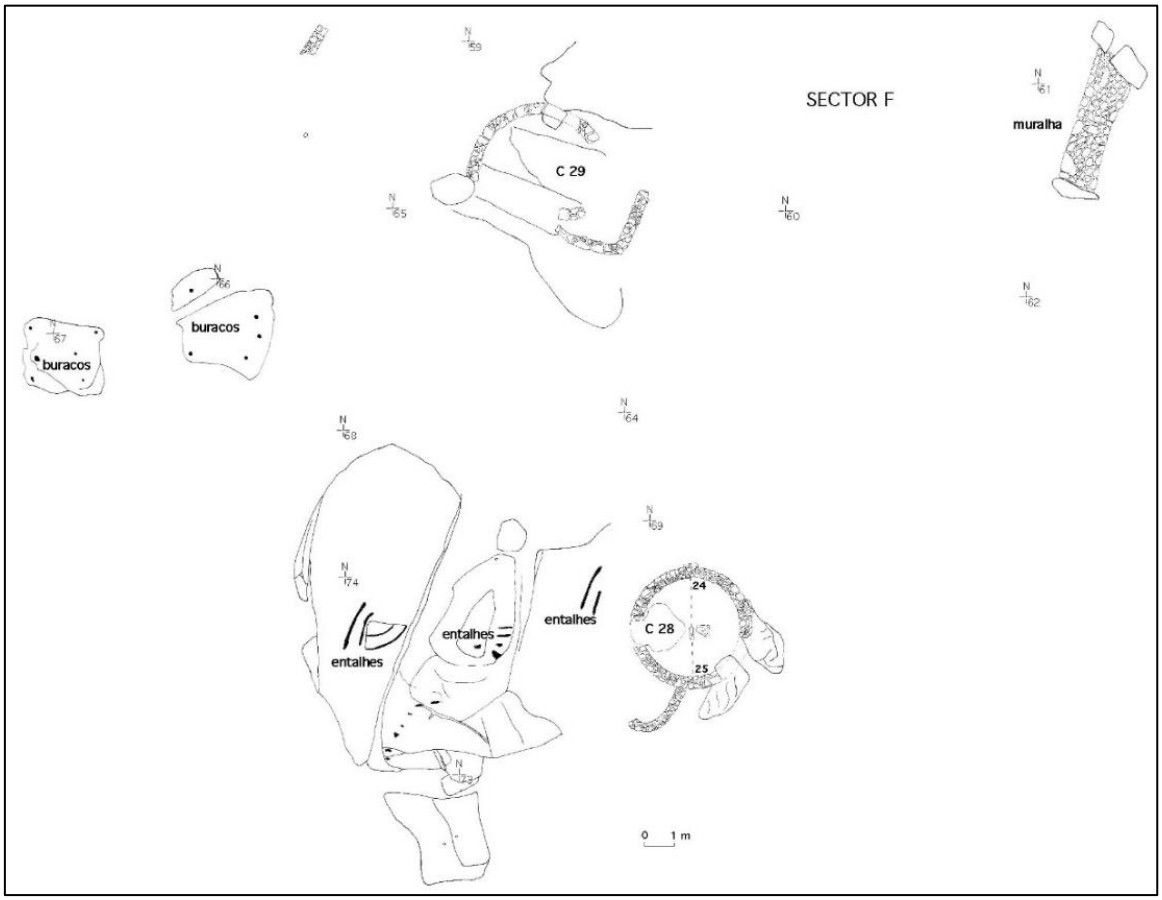


Fig. 9.80 Planta do Setor F (Queiroga, 2000, adaptado).

Materiais

Neste setor foi considerado o espólio encontrado nas camadas 3, 4, 5, 7, 11 e 15. Todas elas de derrube ou de ocupação das estruturas. Em cada uma das estruturas foram individualizadas as tipologias das formas para se tentar determinar as funcionalidades das mesmas.

A. Material cerâmico de indígena

No conjunto cerâmico estudado foram registados 765 fragmentos. Estes podem dividir-se em 608 bojos, 87 bordos, 59 bases, 10 asas/arranques e um cossoiro (Fig. 9.82; Fig. 9.49; Tab. 9.50).

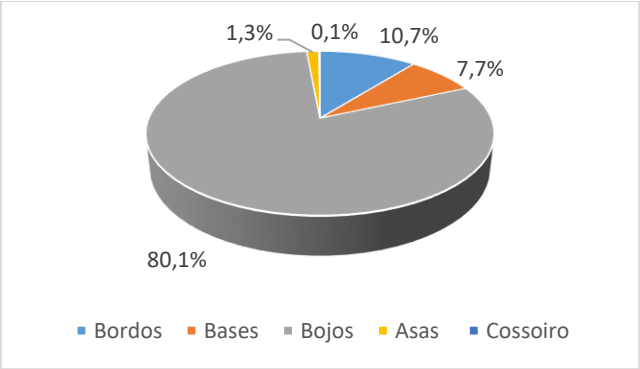


Fig. 9.81 Quantidade de fragmentos estudados no setor F.

e. Aspetos técnicos

Estes fragmentos são, na sua maioria, realizados de forma manual (727– 95%), sendo as pastas exclusivamente micáceas. As peças foram cozidas, sobretudo em ambiente redutor (685 fragmentos – 90%) com cores entre o castanho-escuro e o castanho-claro ou bege.

No que diz respeito aos elementos não plásticos constatam-se palhetas de micas (sobretudo moscovite). Foi possível separá-los em e.n.p. de grande (11%), médio (41%) e pequeno (48%) calibres originando formas de textura média e fina (396 – 52% e 338 – 44%, respetivamente) e com superfícies, em geral, alisadas (550 fragmentos - 72%). As restantes são polidas (215 – 28%).

f. Aspetos morfológicos

Os bordos, em número de 87, podem ser divididos em esvasados (34 exemplares), abertos (24 exemplares), em aba soerguida (17 exemplares) e indeterminados (sete exemplares).

Relativamente às bases, foram estudados 25 fragmentos de fundo plano alargado, 21 de fundo plano simples, sendo 13 indeterminadas. De salientar uma de fundo plano alargado de um recipiente que foi utilizado como cadinho (Fig. 9.83).

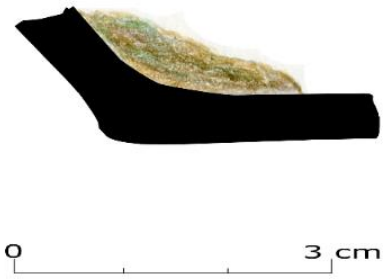


Fig. 9.82 Base de fundo plano alargado com aderências metálicas no interior, pertencente a um cadinho ou a outra forma que foi reaproveitada para tal.

As asas e arranques de asa correspondem a 10 exemplares que se podem dividir em vários tipos de seções: pentagonais (quatro exemplares), em fita (dois exemplares), circular (um exemplar), triangular (um exemplar) e em fita com um cordão central (um exemplar). Há, ainda, um exemplar de arranque.

Relativamente às tipologias apresentam-se os dados estrutura a estrutura.

Relativamente à cabana C28 (com vestíbulo, nas camadas 3, 7 e 16) registam-se 36 recipientes cerâmicos, sendo apenas 30 passíveis de se identificar a forma. Há, ainda, a registar um cossoiro discoide com perfuração descentrada, efetuado sobre fragmento cerâmico, revelando aproveitamento de peças partidas. As formas identificadas são de potes [forma 1 (dois exemplares), forma 1a (três exemplares)]; de potinhos/púcaros [forma 2 (12 exemplares), forma 2a (dois exemplares), forma 2c (um exemplar)]; malgas /tigelas [forma 3 (cinco exemplares)]; panelas de asa interior [forma 4 (três exemplares)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (dois exemplares)] (Tab. 9.45).

Tabela 9.45 Quantidade de formas na cabana C28

Formas	**NMI**	**%**
Forma 1 (pote)	2	7%
Forma 1a (pote)	3	10%
Forma 2 (potinho/púcaro)	**12**	**39%**
Forma 2a (púcaro)	2	6%
Forma 2c (púcaro)	1	3%
Forma 3 (malga/tigela)	**5**	**16%**
Forma 4 (panela de asa interior)	3	10%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	2	6%
Cossoiro	1	3%
Total	**31**	**100%**

A cabana C29 (com vestíbulo, na camada 3) regista 36 recipientes cerâmicos, sendo três deles inclassificáveis. As formas identificadas são de potes [forma 1 (dois exemplares), forma 1a (três exemplares), forma 1b (um exemplar)]; de potinhos/púcaros [forma 2 (seis exemplares), forma 2a (cinco exemplares), forma 2c (dois exemplares)]; de malgas e tigelas [forma 3a (dois exemplares), forma 3b (um exemplar)], de panelas de asa interior [forma 4 (sete exemplares)]; talhas [forma 5 (três exemplares)] e de panelas de asa em orelha [forma 6 (um exemplar)] (Tab. 9.46).

Tabela 9.46 Quantidade de formas para a cabana C29

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	2	6%
Forma 1a (pote)	3	9%
Forma 1b (pote)	1	3%
Forma 2 (potinho/púcaro)	**6**	**18%**
Forma 2a (púcaro)	**5**	**15%**
Forma 2c (púcaro)	2	6%
Forma 3a (malga)	2	6%
Forma 3c (malga)	1	3%
Forma 4 (panela de asa interior)	**7**	**22%**
Forma 5 (talha)	3	9%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	3%
Total	**33**	**100%**

A área do murete de contenção de terras (C25) nas imediações da cabana 29 regista um total de 20 recipientes, sendo cinco inclassificáveis. As formas identificadas são de potes [forma 1a (dois exemplares), forma 1b (um exemplar)]; de potinhos/púcaros [forma 2 (cinco exemplares), forma 2a (um exemplar), forma 2c (um exemplar)]; de panelas de asa interior [forma 4 (um exemplar)]; de talhas [forma 5 (três exemplares)] e de panelas de asa em orelha [forma 6 (um exemplar)] (Tab. 9.47).

Tabela 9.47 Quantidade de formas para a área do murete

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	2	13%
Forma 1b (pote)	1	6%
Forma 2 (potinho/púcaro)	5	33%
Forma 2a (púcaro)	1	7%
Forma 2c (púcaro)	1	7%
Forma 4 (panela de asa interior)	1	7%
Forma 5 (talha)	3	20%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	7%
Total	**15**	**100%**

No tramo da muralha foram encontrados sete recipientes, sendo um deles inclassificável. As formas são de potes [forma 1b (três exemplares)]; de potinhos/púcaros [forma 2 (um exemplar)]; malgas e tigelas [forma 3a (um exemplar) e forma 3b (um exemplar)] (Tab. 9.48).

Tabela 9.48 Quantidade de formas para o troço da muralha

Formas	NMI	%
Forma 1b (pote)	3	50,5 %
Forma 2 (púcaro)	1	16,5%
Forma 3a (malga)	1	16,5%
Forma 3b (tigela)	1	16,5%
Total	**6**	**100 %**

Tabela 9.49 Quantidade de formas no setor F

Formas	NMI	%
Forma 1	4	5%
Forma 1a	8	9%
Forma 1b	5	6%
Forma 2	**27**	**32%**
Forma 2a	5	6%
Forma 2	4	5%
Forma 3	5	6%
Forma 3a	3	4%
Forma 3c	2	2%
Forma 4	**11**	**13%**
Forma 5	6	7%
Forma 6	4	5%
Total	**84**	**100%**

Em síntese, foram identificados 84 recipientes cerâmicos e um cossoiro (Fig. 9.84 – 9.87). Estes correspondem, maioritariamente, a potinhos/púcaros e potes, formas de múltiplas funções, como armazenagem, transporte, consumo de alimentos e bebidas e mesmo para cozinhar, dado o facto de alguns potes apresentarem fuligem sob o bordo e sobre o bordo exterior e início da pança. Os potes são variados, sendo os maioritários os de bordo em aba soerguida. Os em menor número são os de bordo em aba horizontal. As formas de preparação de alimentos (malgas / tigelas) e de confeção de grandes quantidades de alimentos (panelas de asa interior) são equiparáveis em número. As formas inovadoras de inspiração meridional de provisões, as talhas, são poucas, mas mais representativas neste setor do que noutros (como é o caso do A, B e D). Acompanhando a tendência do que se verifica noutras áreas do povoado, as panelas de asa em orelha são sempre escassas. Trata-se, também, de uma forma inovadora.

Tabela 9.50 Percentagens de formas para o Setor F

Formas	MNI	%
Forma 1	**17**	**20%**
Forma 2	**36**	**43%**
Forma 3	10	12%
Forma 4	11	13%
Forma 5	6	7%
Forma 6	4	5%
Total	**84**	**100%**

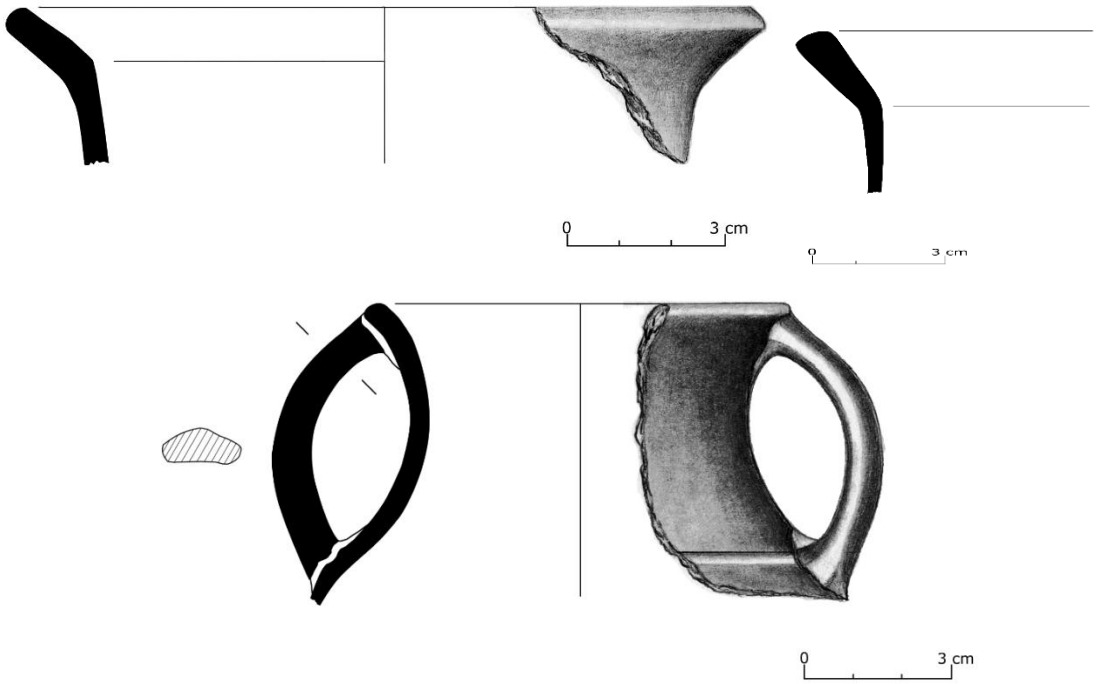


Fig. 9.83 Formas cerâmicas: Formas 1b no setor F; púcaro (forma 2a) com asa em seção pentagonal e decorado com um sulco inciso.



Fig. 9.84 Forma 3a e 3c do setor F.



Fig. 9.85 Forma 5 no setor F.

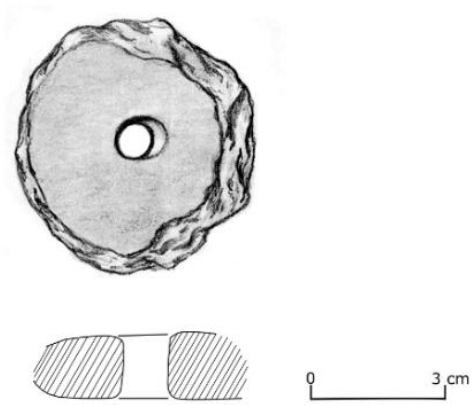


Fig. 9.86 Cossoiro em cerâmica.

g. Aspetos decorativos

Entre os 745 fragmentos indígenas deste setor foram registados 13 decorados representando apenas 2% do total considerado. Estes encontram-se maioritariamente associados às cabanas 28 e 29.

Na C28, foram contabilizados 5 fragmentos decorados, sendo quatro bojos e um bordo. Quanto aos bojos, as técnicas aplicadas são: a incisão, a aplicação plástica e a decoração compósita por incisão e impressão. Os motivos são variados, desde sulcos incisos e no meio com pequenas incisões obliquas até 3 sulcos incisos; cordões plásticos dispostos na horizontal (1 exemplar). Nas decorações compósitas os sulcos incisos na horizontal delimitam série de SSS ou de aves aquáticas (Fig. 9.88).

Quanto ao bordo, ele apresenta uma decoração plástica através da aplicação de um cordão plástico.

Na cabana C29 contabilizaram-se 3 fragmentos decorados sendo todos eles bojos. Relativamente aos bojos apenas foi detetada a técnica da aplicação plástica, através de cordões.

Relativamente à área do murete (C25) registaram-se cinco fragmentos com decoração, todos eles pertencentes a bojos. A técnica da incisão surge em três exemplares; a técnica da aplicação plástica surge num exemplar e a técnica de impressão num. Quanto aos motivos

decorativos, estes, no que diz respeito à incisão, são realizados por sulcos, na horizontal. Quanto à aplicação plástica, os motivos são cordões aplicados na horizontal. Finalmente, os motivos impressos correspondem a séries de SSS, alguns parecendo aves aquáticas.

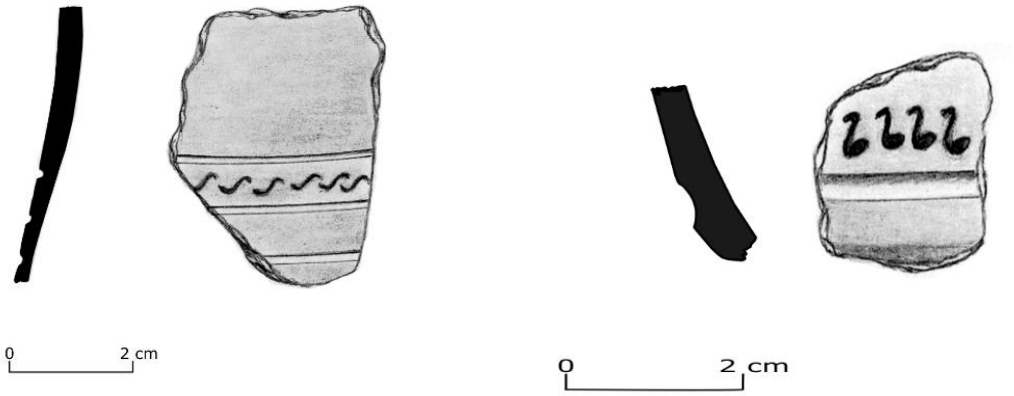


Fig. 9.87 Decorações compósitas: fragmentos com sulcos incisos e séries de SSS, impressos. No fragmento da direita os SS assemelham-se muito a aves aquáticas, com o pescoço pronunciado e o corpo mais espesso.

Evidências de uso

Quanto à fuligem, esta apresenta-se em 151 fragmentos (20%) e encontra-se em potes, púcaros e panelas de asa interior e de orelha devido ao seu uso sobre o fogo.

Na cabana C29 foi ainda registado um bordo que apresenta um arranque de asa cuja técnica é também a aplicação plástica.

1) Considerações deposicionais e pósdeposicionais

No que diz respeito ao índice de fragmentação, este é idêntico ao do setor F, com 67% dos fragmentos analisados com menos de 4 cm e apenas 28% entre 4 e 8 cm (Fig. 9.89). Relativamente aos fragmentos rolados, 274 fragmentos (36%) apresentavam as suas arestas boleadas Tais percentagens indiciam algum revolvimento e transporta pós-quebra, segundo os critérios de Brudenell e Cooper (2008). De notar que os muros estão muito destruídos devido a saque de pedra o que poderá ter originado quebra intensa.

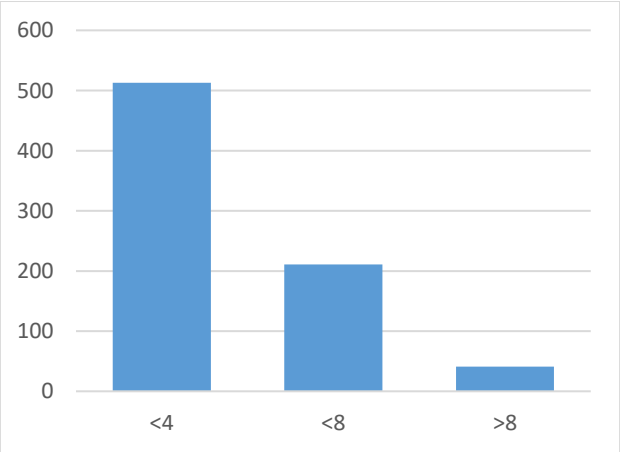


Fig. 9.88 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor F.

B. Material cerâmico importado tardo-republicano

Nesta área foram identificadas algumas formas anfóricas segundo a investigação de F. Queiroga (2019: 72) (Fig. 9.81), sempre associadas às cabanas com vestíbulo que aqui aparecem. Na área da cabana C28 foram encontradas cinco recipientes importados. Trata-se de um exemplar de Haltern 70, dois exemplares de Ovóide 1 e dois exemplares de Ovóide 6. Na cabana C29 foram encontrados oito recipientes importadas a saber: três exemplares da Ovóide 1, dois de Ovóide 6, um de Ovóide 5, um de Ovóide 7 e um exemplar de T-7.4.3.3 (Fig. 9.90). Junto a parte da muralha registada neste setor foi registado também dois de Ovóide 6.

Para os tipos anfóricos T – 7.4.3.3., Ovóide 1, Ovóide 6, Ovóide 7 já referimos quais eram os produtos transportados. Quanto à tipologia Ovóide 5 transportaria vários produtos, entre os quais, o mais frequentemente seria o azeite (García Vargas *et al.*, 2016).

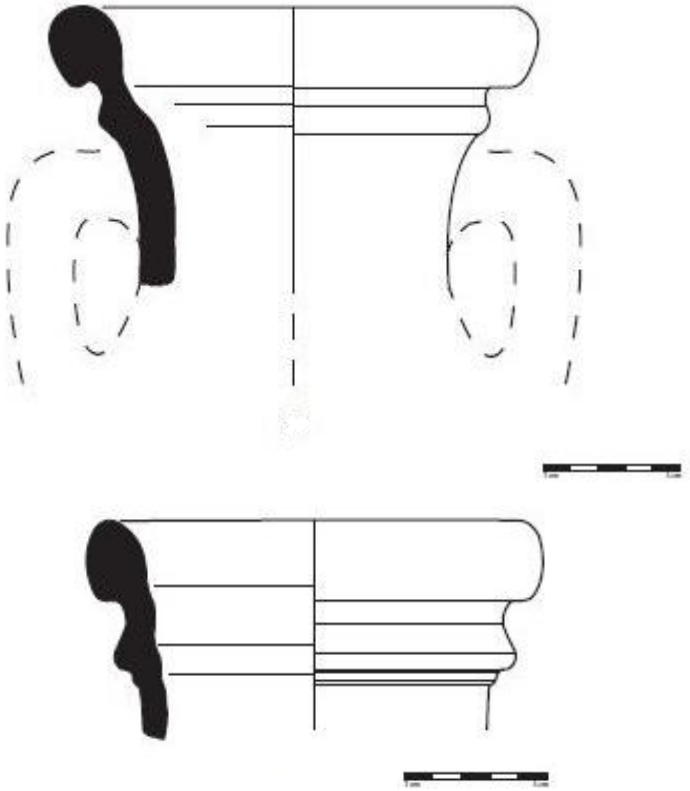


Fig. 9.89 Tipos anfóricos: Ovóide 1 (Queiroga, 2019: 136, adaptado); Ovóide 6 (Queiroga, 2019: 139, adaptado).

C. Interpretação e funcionalidade das estruturas

Denota-se uma grande diversidade de formas neste setor. As estruturas que se relacionam com prováveis habitações (cabanas com vestíbulo 28 e 29) apresentam material ligado não só ao armazenamento, mas também à produção e consumo de alimentos. De notar que as formas importadas são oriundas das cabanas com vestíbulo. Na área da muralha foram registadas formas sobretudo ligadas ao armazenamento de produtos.

4.3.4.7. Setor G

Estruturas e estratigrafia

Neste setor foi escavada uma área de cerca de 558 m^2 (Fig. 9.94), onde foram encontradas 12 estruturas: C30, C31, C32, C33, C34, C35, C36, C37, C38, C39, C40 e C41.

Das estruturas encontradas, quatro correspondem a cabanas (C30, C31, C33, C34, tendo uma delas vestíbulo (C33). Uma das estruturas seria um muro de divisão entre unidades familiares (C36). Há ainda a registar um muro, cuja utilidade se desconhece (C37) e três tramos de

pavimento lajeado (Fig. 9.94). De referir ainda existência de uma estrutura ou recinto, estrutura C32.

Estrutura C30 (cabana sem vestíbulo)

Esta cabana, de planta circular estava muito destruída pelos lados este e sul, o que impossibilitou a deteção do local de entrada. Mesmo assim é possível estimar que teria cerca de 3,10 m de diâmetro externo. Tinha no interior uma lareira sobre argila, o que indicia uma fase de ocupação. O aparelho dos seus muros, duplos, era irregular, com grandes blocos graníticos. Os seus alicerces assentavam na arena granítica.

Interior da cabana

Aqui registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – camada de sedimentos castanho-clara;

Camada 8 – lareira com trasfogueiro em barro;

Camada 27 – camada de saibro rosado.

Exterior da cabana

Aqui registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 14 – camada de cor castanho-clara.

Estrutura C31 (cabana)

Esta estrutura teria uma planta circular, da qual só resta a parte sudoeste das suas paredes feitas com um muro, duplo, com cerca de 40 cm de espessura. O seu aparelho é regular e os seus alicerces assentam na arena granítica. Não foi localizada a entrada da estrutura. Evidenciam-se vestígios de um nível de ocupação.

Interior da cabana

Aqui foram registadas as seguintes camadas que se encostam às paredes da estrutura.

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 7 – camada de sedimentos de cor cinza;

Camada 23 – camada de saibro.

Exterior da cabana

Aqui foram registadas as seguintes camadas que se encostam às paredes exteriores da estrutura.

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 12 – camada de sedimentos de cor cinza.

Estrutura C32 (muro de um recinto / cabana?)

Esta estrutura de contorno retangular, com cantos arredondados, tem entrada voltada para este, bem definida pela presença de entalhes nas lajes de uma soleira. O muro que a delimita tem uma espessura de 50 cm, definindo um espaço que tem, de um dos lados, cerca de 7 m de comprimento. A noroeste há um muro adossado a esta estrutura com cerca de 40 cm de espessura e com aparelho mais irregular que parece ter funcionado como reforço interior ou um banco. No centro desta estrutura havia uma afloramento granítico com entalhes para suportar postes (?). Nesta estrutura foi detetado um nível de ocupação[279]. Junto ao canto NE do muro foi escavada uma fossa cujo contorno, amplitude da abertura e profundidade não refere. Esta fossa foi aberta na arena granítica. F. Queiroga (2000: 17) considerou ser uma saibreira anterior a esta construção. Mas, na verdade, pode ter tido muitas outras funções.

Interior do recinto

Registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – camada de sedimentos de cor castanho-clara;

Camada 4 – camada de sedimentos de cor preta;

Camada 23 – camada de saibro, arenosa, com inclusões de carvões;

Camada 46 - saibreira na área oeste da estrutura.

Exterior do recinto

Registaram-se as seguintes camadas que se encostam ao seu muro oeste.

[279] O arqueólogo na descrição desta estrutura é bastante lacónico. Não indica a sua total dimensão, como por exemplo a sua largura, não descreve em detalhe os entalhes existentes no centro desta área e não descreve completamente e em detalhe a fossa que aí registou.

Camada 3 – camada de derrube, com saibro e alteração superficial (onde surgiu um alfinete de bronze);

Camada 12 – camada de sedimentos de cor cinza;

Camada 13 – camada de saibro.

Estrutura C33 (cabana com vestíbulo)

Esta cabana, de planta circular, tem e 4,5 m de diâmetro. É delimitada por um muro, duplo, com uma espessura que ronda os 40 cm. A sua entrada está voltada para oeste-sudoeste. Pelo lado oeste desenvolve-se um vestíbulo, com uma entrada a oeste, ou seja, ligeiramente desalinhada com a da parte interior da cabana, o que se explica pelo facto de a cabana ter assentado sobre um afloramento granítico, nessa área. O muro do vestíbulo tem, também, cerca de 40 cm de espessura. Este mede 6 m de comprimento por 1,5 m de largura. O aparelho do muro é relativamente regular, formado por blocos e calhaus graníticos de média e pequena dimensão, assentes diretamente quer na arena granítica quer no afloramento. Na face interior da cabana, o muro foi rebocado, o que se nota no lado este (Fig. 9.91). No interior da estrutura foi encontrada uma lareira em argila, voltada para a entrada.



Fig. 9.90 Cabana C33, com vestíbulo (Queiroga, 2000, adaptado).

Interior da cabana

Registaram-se as seguintes camadas, por esta ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – camada de sedimentos de cor castanho-clara, que encosta às paredes da estrutura;

Camada 8 – Sobre o piso, apareceu uma lareira em argila;

Camada 6 – camada de saibro (piso).

Vestíbulo

Registaram-se as seguintes camadas, pela seguinte ordem:

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 4 – camada de sedimentos, negra;

Camada 7 – camada de sedimentos. Cinza;

Camada 44 – camada de saibro natural.

Junto às paredes da estrutura, não sabendo em que zona exatamente, apareceu uma mancha de sedimentos pretos (camada 4) que cortam a camada 7 de cor cinza.

As camadas 4 e 7 encostam aos muros da estrutura.

Área exterior da C33

Aqui registaram-se as seguintes camadas:

Camada 3 – camada de derrube, com saibro e alteração superficial;

Camada 13 – camada de saibro que encosta à cabana C34 e que corta a camada 12;

Camada 12 – camada de sedimentos de cor cinza que encosta ao muro da cabana C33.

Estrutura C34 (cabana sem vestíbulo)

Esta cabana, de planta circular tem 4,70 m de diâmetro. Foi construída com um muro duplo, com uma espessura que ronda os 40 cm e que assenta sobre a rocha granítica. Este muro, na face externa, comporta alguns blocos graníticos de grandes dimensões, mas, na sua maioria, era formado por blocos e calhaus de média e pequena dimensão, apresentando evidências de reboco, em ambas as faces, com vestígios de pintura[280]. Não foi encontrado o nível de ocupação, nem o local de entrada. Pelo lado norte, no exterior, existe um pequeno murete, composto por uma fiada de pedras, considerado por Queiroga (2000: 18), como uma proteção da construção das escorrências de água e terras, devido ao desnível de cota que aí existe (Fig. 9.92).

[280] O arqueólogo não refere em que face do muro estavam os vestígios de pintura.

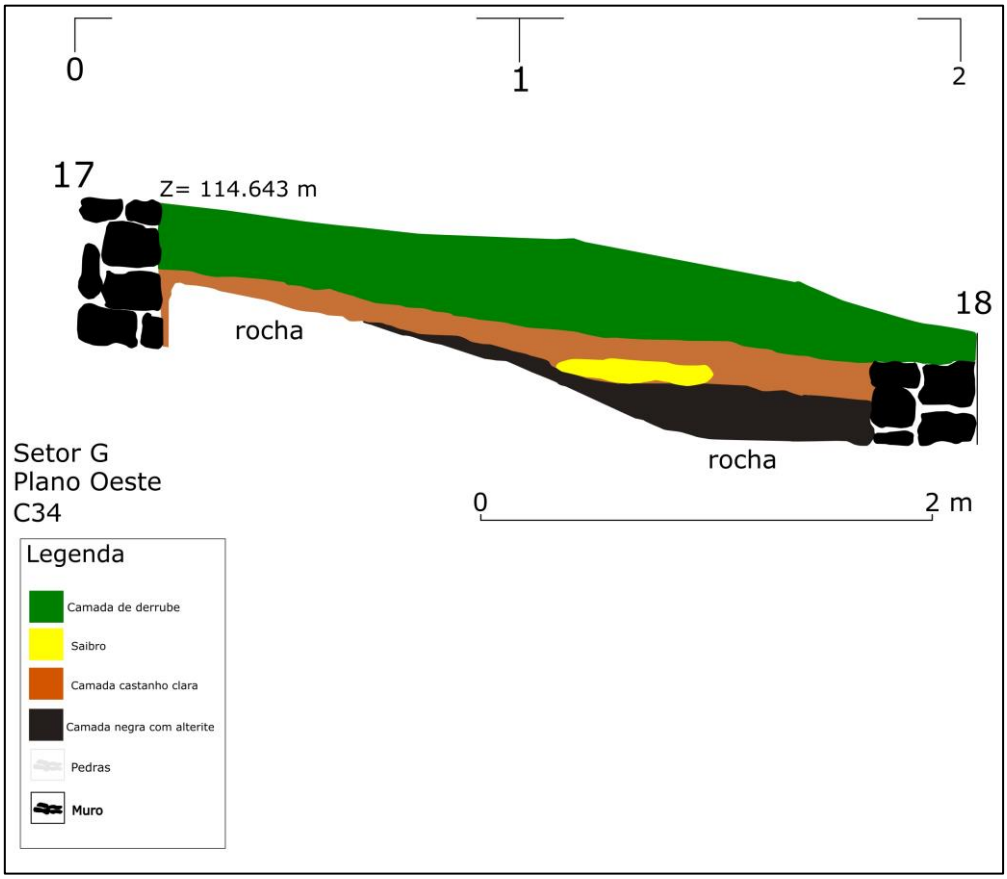


Fig. 9.91 Perfil oeste da estrutura C34, do setor G (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Interior da cabana

No interior desta cabana registaram-se as seguintes camadas, por esta ordem:

Camada 3 – camada de derrube, com saibro e alteração superficial;

Camada 11 – camada de sedimentos de cor castanho-clara;

Camada 23 – camada de saibro;

Camada 16 – camada de sedimentos negra, com alterite;

Estas camadas 3, 11, 23 e 16 encostam-se ao muro da cabana.

Exterior da cabana

Camada 3 – camada de derrube com saibro e alteração superficial;

Camada 14 – camada de sedimentos de cor castanho-escura;

Camada 12 – camada de cor cinza;

Camada 13 – camada de saibro.

Estrutura C36 (muro de contenção de terras)

Esta estrutura corresponde a um muro de espessura irregular, com um comprimento aproximado de 14 m, situado a norte das cabanas C33 e C34. Orienta-se no sentido SE-NE. O aparelho é bastante irregular e está muito destruído. A sua função seria a de contenção de terras da parte superior do declive, posto que a sua face está voltada para sul, ou seja, para as cabanas.

Estrutura C37 (muro)

Esta estrutura corresponde a um muro que arranca diretamente do muro da cabana C31, pelo lado sul, e segue até perto de um afloramento que se encontra mais a sul. Tem 4 m de comprimento. Tem cerca de 50 cm de espessura (Fig. 9.93). Não há descrição das camadas desta estrutura.

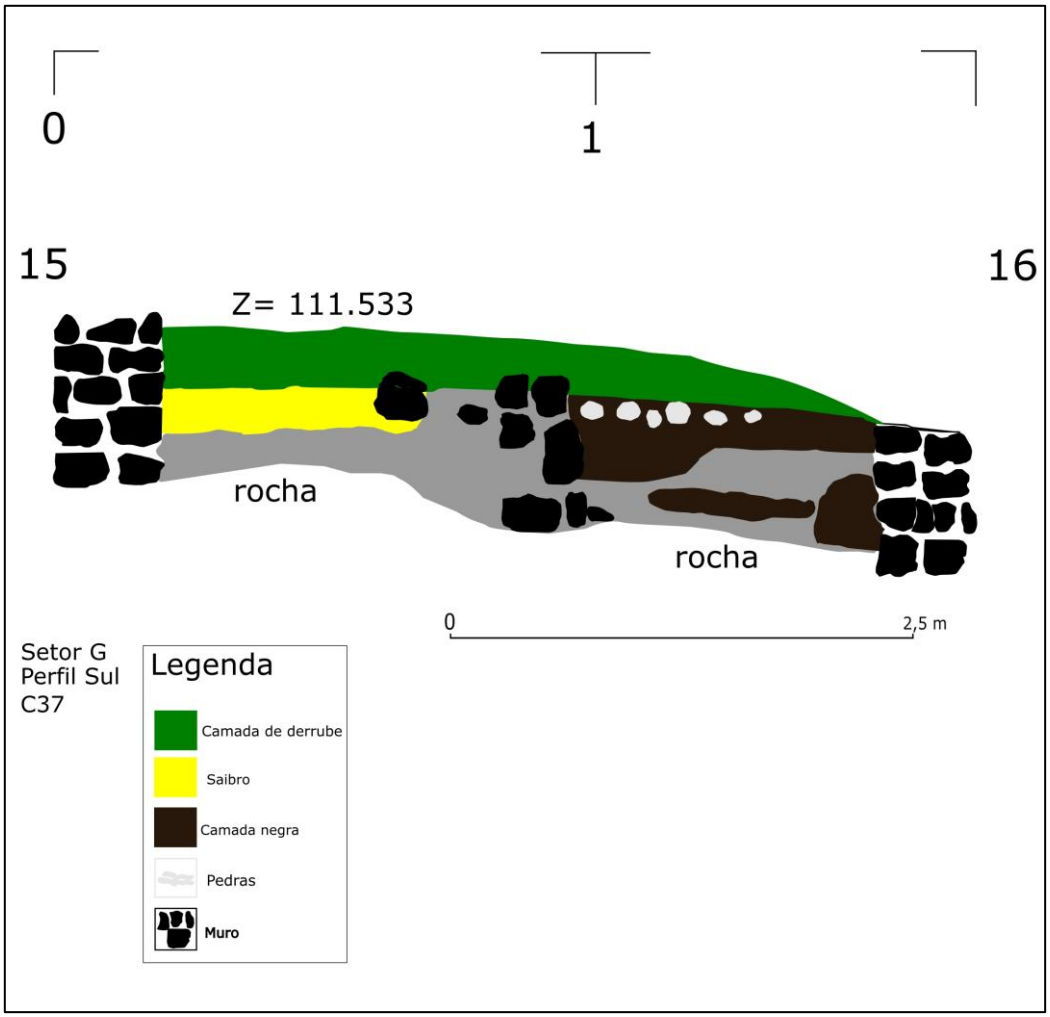


Fig. 9.92 Perfil sul mostrando o muro (estrutura C37) e o muro de contenção de terras do que se designou estrutura 36, do setor G (vectorização nossa, a partir de desenho de campo, Queiroga, 2000, adaptado).

Estrutura C 38 (muro)

Esta estrutura corresponde a um muro duplo, com 4,4 m de comprimento e 60 cm de espessura. Este arrancando a norte da cabana com vestíbulo (C33) e delimita o lajeado (C39). O aparelho é homogéneo, constituído por blocos graníticos afeiçoados, e de grandes dimensões, sendo os espaços entre estes blocos, preenchidos com calhaus de pequena dimensão e argamassa argilosa.

Estrutura C 39 (lajeado)

Esta estrutura corresponde a um lajeado bastante degradado pela erosão e ação das raízes. O que sobra evidencia lajes graníticas de grandes dimensões e relativamente niveladas, formando um pavimento lajeado. Junto ao muro C38 existe um caleiro de drenagem, formado por uma falha alongada entre o muro C38 e este lajeado. Este lajeado fica a norte-nordeste do muro circular da cabana 33.

Aqui registou-se apenas uma camada estratigráfica:

Camada 3 – camada de derrube, com saibro, e alteração superficial.

Estrutura C40 (lajeado)

Um novo tramo de lajeado, que parece ser a continuação do referido anteriormente, interrompido por um caminho recente. Foi construído por lajes graníticas bem colocadas e homogéneas.

Estrutura C41 (lajeado)

Este lajeado bastante degradado pela erosão e ação de raízes, era formado por lajes graníticas de grandes dimensões e relativamente niveladas, formando um pavimento lajeado, que se adossa ao canto nordeste da estrutura retangular (C32).

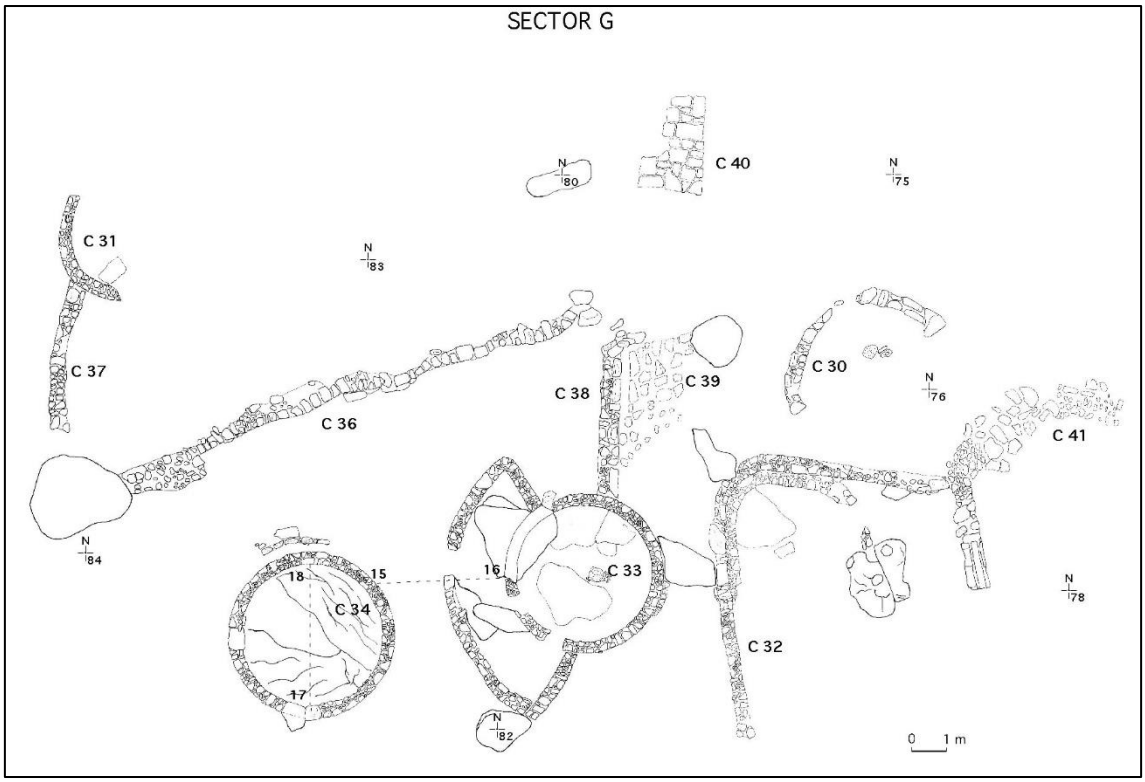


Fig. 9. 93 Planta do setor G (Queiroga, 2000, adaptado).

Materiais

Neste setor foi considerado o espólio encontrado nas camadas 3, 4, 7, 11, 12, 14, 15, 16 e 23, todas elas de derrube ou ocupação das estruturas. O espólio também foi analisado por estrutura para facilitar a sua análise funcional.

A. Material cerâmico de indígena

Contabilizaram-se 1101 fragmentos de cerâmica indígena, neste setor. Destes fragmentos foram identificados um total de 145 bordos, 108 bases, 836 bojos, 11 asas ou arranques de asa e um cossoiro (Fig. 9.95).

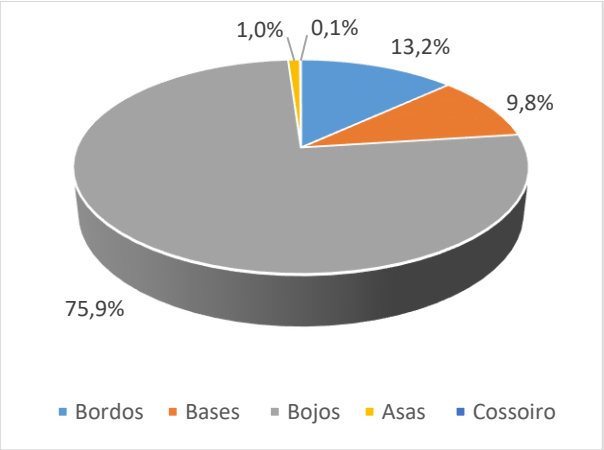


Fig. 9.94 Quantidade de fragmentos estudados no setor G.

2) Aspetos técnicos

Os fragmentos apresentam dois tipos de fabrico, sendo o fabrico manual maioritário (95%). O fabrico à roda ou torno é apenas de 5%. A maioria das pastas apresentam-se micáceas (99%), sendo as restantes arenosas (1%). As cozeduras apresentam-se redutoras (70%) e oxidantes (30%), conferindo cores aos recipientes, entre o castanho-escuro, o castanho-claro, o avermelhado e o bege.

Os elementos não plásticos usados foram areias e palhetas de mica (sobretudo moscovite, embora existam em alguns casos em que a biotite parece ter sido adicionada). Estes apresentavam grande (10%), médio (46%) e pequeno (44%) calibre.

Relativamente à textura dos fragmentos, boa parte é média (64%), seguida de texturas fina (33%). A textura grosseira aparece apenas em 3% dos recipientes.

No que diz respeito ao tratamento das superfícies, estes são na sua maioria alisadas (69%) embora as polidas estejam bem representadas (31%).

3) Aspetos morfológicos

No que diz respeito aos aspetos morfológicos dos fragmentos, foram identificados 145 bordos de diferentes características a saber: 87 esvasados, 27 em aba soerguida, 24 abertos, um em aba horizontal e seis indeterminados.

Relativamente às bases, num total de 108, foram identificados 43 de fundo plano simples e 43 de fundo plano alargado (Fig. 9.96). Há 22 indeterminados.

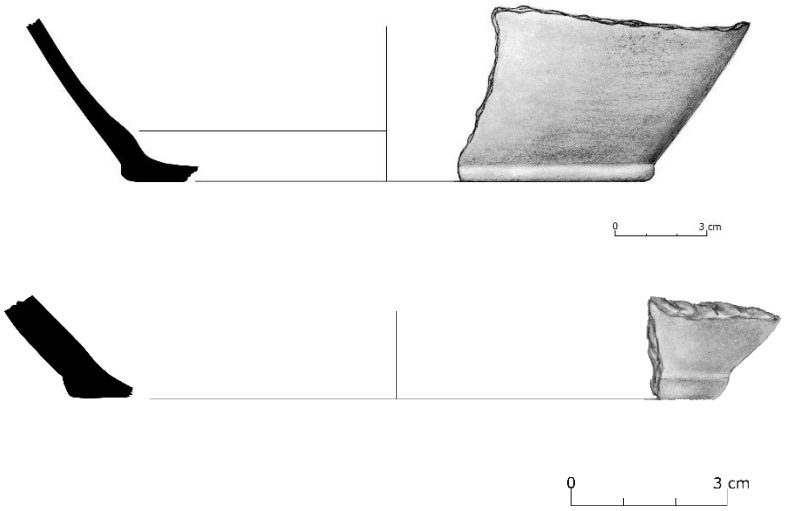


Fig. 9.95 Bases de fundo plano alargado.

Foram registados 11 fragmentos de asas de diferentes tipos: quatro de secção pentagonal, quatro de asa em orelha, um de secção oval, um de secção subcircular e quatro arranques de asas.

Relativamente às tipologias apresentam-se os dados estrutura a estrutura.

As formas individualizadas na cabana C30 foram potinhos/ púcaros [forma 2 (dois exemplares)]; panelas de asa em orelha [forma 6 (dois exemplares)], e uma tampa (Tab. 9.51).

Tabela 9.51 Quantidade de formas da cabana C30

Formas	NMI	%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	2	40%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	2	40%
Tampa	1	20%
Total	**5**	**100%**

As formas identificadas na cabana C31 foram: potes [forma 1 (três exemplares), forma 1a (1 exemplar), forma 1b (dois exemplares)]; potinhos/ púcaros [forma 2 (10 exemplares), forma 2a (1 exemplar)]; malgas [forma 3 (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (dois exemplares)] e talhas [forma 5 (três exemplares)] (Tab. 9.52).

Tabela 9.52 Quantidade de formas da cabana C31

Formas	NMI	%
Forma 1 (potes)	3	13%
Forma 1a (potes)	1	4%

Forma 1b (potes)	2	9%
Forma 2 (potinho/púcaro)	10	44%
Forma 2a (púcaro)	1	4%
Forma 3 (malga/tigela)	1	4%
Forma 4 (panela de asa interior)	2	9%
Forma 5 (talha)	3	13%
Total	**23**	**100%**

As formas identificadas na cabana com vestíbulo C33 foram: potes [a forma 1 (quatro exemplares), a forma 1a (cinco exemplares), forma 1b (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (seis exemplares), forma 2a (dois exemplares)]; malgas [forma 3 (dois exemplares)]; panelas de asa interior [forma 4 (dois exemplares)]; talhas [forma 5 (um exemplar)] e, ainda, panelas de asa em orelha [forma 6 (cinco exemplares)] (Tab. 9.53).

Tabela 9.53 Quantidade de formas identificadas para a cabana C33

Formas	**NMI**	**%**
Forma 1 (potes)	4	14%
Forma 1a (potes)	5	18%
Forma 1b (potes)	1	4%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	6	21%
Forma 2a (púcaros)	2	7%
Forma 3 (malga/tigela)	2	7%
Forma 4 (panela de asa interior)	2	7%
Forma 5 (talha)	1	4%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	5	18%
Total	**28**	**100%**

A cabana C34 tinha as seguintes formas: potes [forma 1 (13 exemplares), forma 1a (três exemplares), forma 1b (quatro exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (13 exemplares), forma 2a (um exemplar), forma 2b (um exemplar)]; malgas [forma 3 (um exemplar)]; panelas de asa interior [forma 4 (dois exemplares)]; talhas [forma 5 (dois exemplares)] e panelas de asa em orelha [forma 6 (dois exemplares)]. Foi ainda registado um possível cossoiro de tipo discoide (Tab. 9.54).

Tabela 9.54 Quantidade de formas na cabana C34

Formas	NMI	%
Forma 1 (potes)	13	30,2%
Forma 1a (potes)	3	7%
Forma 1b (potes)	4	9,3%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	13	30,2%
Forma 2a (púcaros)	1	2,3%
Forma 2 b (potinhos)	1	2,3%
Forma 3 (malgas/tigelas)	1	2,3%
Forma 4 (panela de asa interior)	2	4,7%
Forma 5 (talha)	2	4,7%
Forma 6 (panela de asa em orelha)	2	4,7%
Cossoiro	1	2,3%
Total	**43**	**100%**

As formas registadas no espaço entre as cabanas C33 e C34 foram: potes [a forma 1a (um exemplar), forma 1b (um exemplar)]; potinhos/púcaros [forma 2 (três exemplares)]; malgas [forma 3 (um exemplar)] e talhas [forma 5 (um exemplar)] (Tab. 9.55).

Tabela 9.55 Quantidade de formas entre as cabanas C33 e C34

Formas	NMI	%
Forma 1 a (pote)	1	14%
Forma 1 b (pote)	1	14%
Forma 2 (potinhos/púcaros)	3	44%
Forma 3 (malga/tigela)	1	14%
Forma 5 (talha)	1	14%
Total	**7**	**100%**

As formas identificadas junto ao recinto ou cabana 32 foram: potes [forma 1 (sete exemplares), forma 1a (um exemplar), forma 1b (dois exemplares)]; potinhos/púcaros [forma 2 (13 exemplares), forma 2a (um exemplar)]; malgas/tigelas [forma 3 (dois exemplares)]; panelas de asa interior [forma 4 (quatro exemplares)]; talhas [forma 5 (um exemplar)] e ainda panelas de asa em orelha [forma 6 (cinco exemplares)]. Foi ainda registada uma tampa (Tab. 9.56).

Tabela 9.56 Quantidade de formas no recinto ou cabana 32

Formas	NMI	%
Forma 1 (pote)	7	17%
Forma 1 a (pote)	1	2%
Forma 1 b (pote)	2	5%
Forma 2 (potinho/púcaro)	13	31%
Forma 2a (púcaro)	1	2%
Forma 3 (malgas/tigelas	2	5%
Forma 4 (panelas de asa interior)	4	10%
Forma 5 (talha)	1	2%
Forma 6 (panelas de asa em orelha)	5	12%
Tampa	1	2%
Total	**37**	**100%**

Em síntese, neste setor as formas em maior número são os potinhos/púcaros e potes. Trata-se de formas de múltiplas funções, como armazenagem, transporte, consumo de alimentos e bebidas e mesmo para cozinhar, dado o facto de alguns potes apresentarem fuligem. Ainda assim devemos salientar o número interessante de formas de preparação de alimentos (malgas / tigelas) e de confeção de grandes quantidades de alimentos (panelas de asa interior). As formas inovadoras e de inspiração meridional de provisões como é o caso das talhas que servem para armazenamento de grandes quantidades de alimento têm neste setor um volume importante. Finalmente, de referir ainda a existência de uma quantidade considerável de formas 6 que se equiparam em termos funcionais às formas 4. Ainda um cossoiro que denota a prática mesmo que indireta de tecelagem. Foram identificadas um total de 145 formas cerâmicas indígenas. Foram registados 27 exemplares da forma 1 (pote), 13 exemplares da forma 1a (pote), 10 exemplares da forma 1b (pote com aba soerguida), 47 exemplares da forma 2 (potinho/púcaro), cinco exemplares da forma 2a (púcaro), um exemplar da forma 2b (potinho), sete exemplares da forma 3 (malga/tigela), 10 exemplares de forma 4 (panela de asa interior), oito exemplares de forma 5 (talha) e finalmente 14 exemplares da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 9.57; Tab. 9.58). Foram ainda registados duas tampas e um cossoiro (Fig. 9.97 – 9.102). Foram tidos em consideração além dos bordos, as asas, arranques de asa, e ainda decorações.

Tabela 9.57 Quantidade de formas para o Setor G

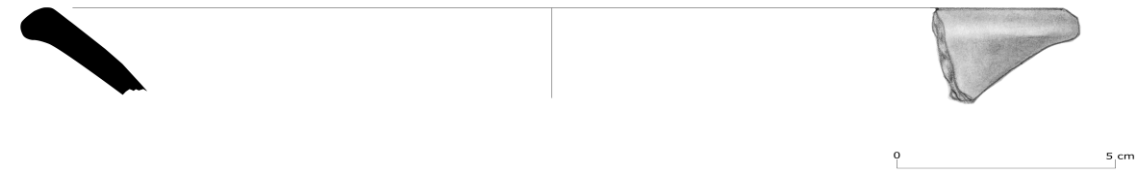
Forma	NMI	%
Forma 1	**27**	**19%**
Forma 1 a	13	9%
Forma 1 b	10	7%
Forma 2	**47**	**32%**
Forma 2 a	5	3%
Forma 2 b	1	1%
Forma 3	7	5%
Forma 4	**10**	**7%**
Forma 5	8	5%
Forma 6	**14**	**10%**
Cossoiro	1	1%
Tampa	2	1%
Total	**145**	**100%**

Tabela 9.58 Quantidade e percentagem de formas por tipos genéricos

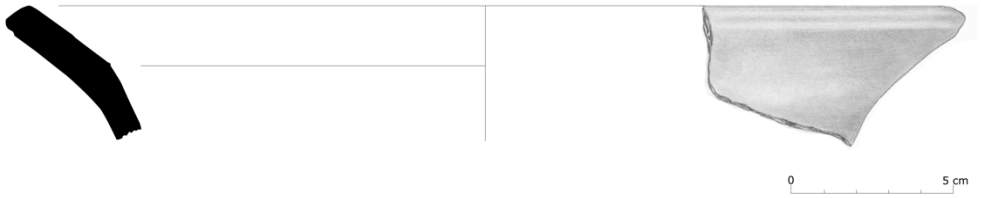
Tipologia	NMI	%
Forma 1	50	34%
Forma 2	53	37%
Forma 3	7	4,5%
Forma 4	10	7%
Forma 5	8	5%
Forma 6	14	10%
Tampa	2	0,5%
Cossoiro	1	1%
Total	**145**	**100%**



a)



b)



c)



d)

Fig. 9.96 Formas de potes no setor G: formas 1a (a) e b)), formas 1b (c)) e forma 1c (d).

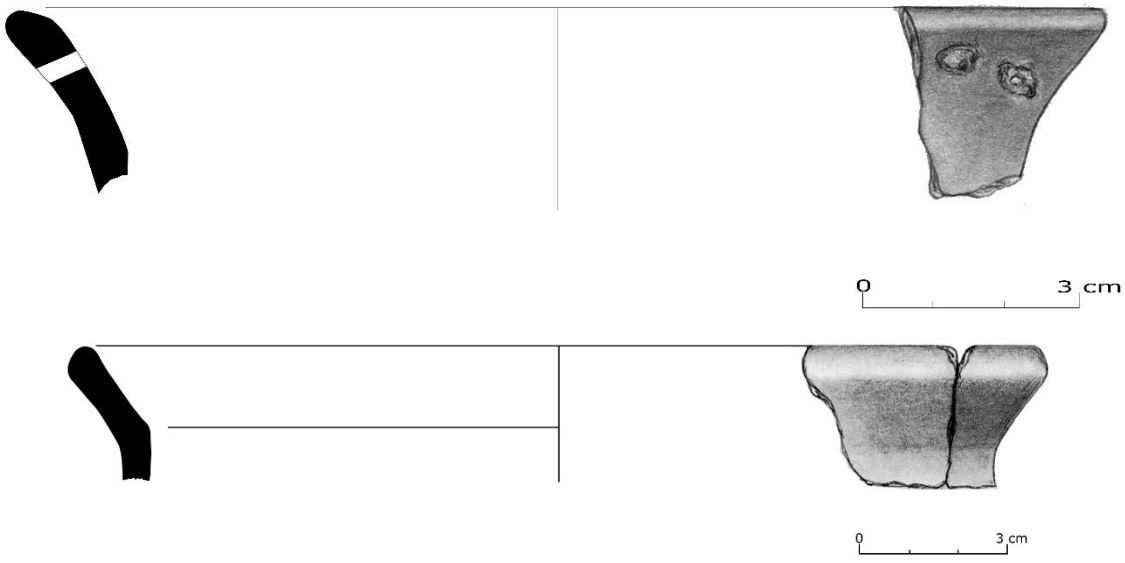


Fig. 9.97 Formas de potinhos/púcaros do setor G: formas 2b (uma com agrafo metálico); forma 2c (bordo em aba soerguida.

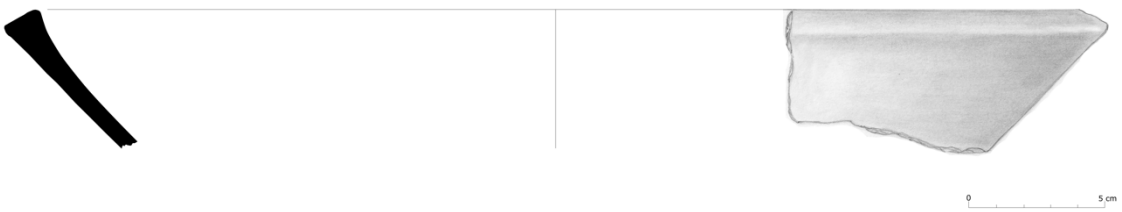


Fig. 9.98 Forma 4: panela de asa interior.



Fig. 9.99 Forma 5 (?).

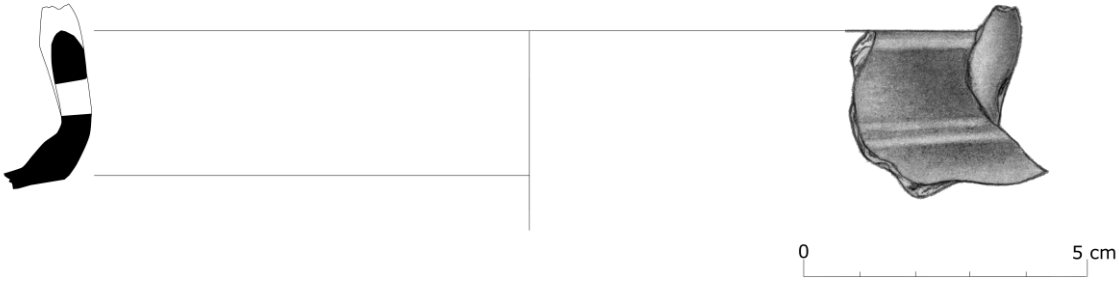


Fig. 9.100 Forma 6. Panela de asa em orelha.

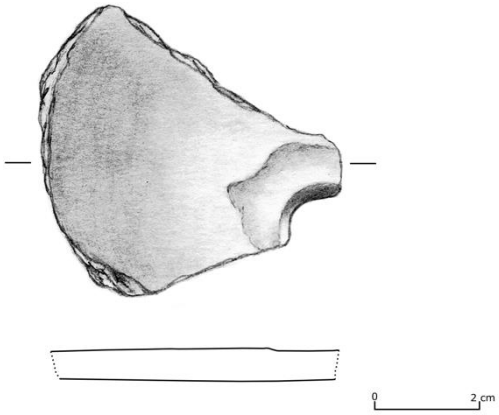


Fig. 9.101 Tampa com perfuração no centro.

4) <u>Aspetos decorativos</u>

Dos 1101 fragmentos deste setor foram registados, apenas, 30 fragmentos com decoração, representando apenas 3% do total considerado.

Os materiais decorados encontravam-se, essencialmente, dentro das cabanas 31, 33 e 34.

Quanto à cabana C31, foram analisados um total de 5 fragmentos decorados. Foram registados 3 bordos decorados. Estes apresentam dois tipos de técnica: a incisão (um exemplar) e a aplicação plástica (dois exemplares). Quanto aos motivos, as incisões apresentam-se em forma de sulcos horizontais. Foram ainda registados 2 bojos decorados por incisão (um exemplar) e decoração compósita (um exemplar) através de três técnicas distintas (aplicação plástica, incisão e estampagem). O bojo decorado por incisão apresenta sulcos incisos na oblíqua. O bojo com

decoração compósita apresenta um cordão aplicado na horizontal, seguido de dois sulcos na horizontal e de uma série de SSS estampados.

Relativamente à cabana C33 foram registados 2 fragmentos decorados (dois bojos). Quanto aos bojos, a técnica usada foi a aplicação plástica (um exemplar) e a decoração compósita (um exemplar). O bojo decorado por aplicação plástica apresenta 2 cordões na horizontal. Já o bojo decorado por decoração compósita apresenta 1 sulco inciso na horizontal que termina num círculo concêntrico estampado.

Quanto à cabana C34 foram analisados um total 10 fragmentos decorados. Destes, 3 são bordos e o restante bojos. Relativamente aos bordos, estes possuem como técnica decorativa a incisão (um exemplar), a aplicação plástica (um exemplar). Os motivos incisos correspondem a vários sulcos na oblíqua na zona do lábio (Fig. 9.103).

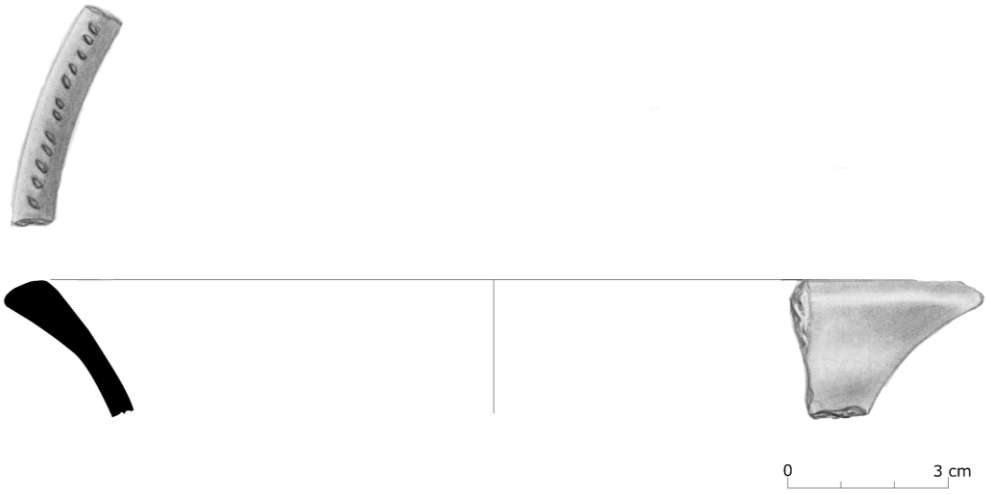


Fig. 9.102 Bordo de uma forma 1a decorado por sulcos incisos na zona do lábio.

Quanto aos bojos (sete exemplares) as técnicas decorativas usadas foram a incisão (4 exemplares), a aplicação plástica (dois exemplares) Os motivos incisos manifestam-se por um a três sulcos horizontais. A aplicação plástica manifesta-se por 1 ou 2 cordão na horizontal (Fig. 9.104).

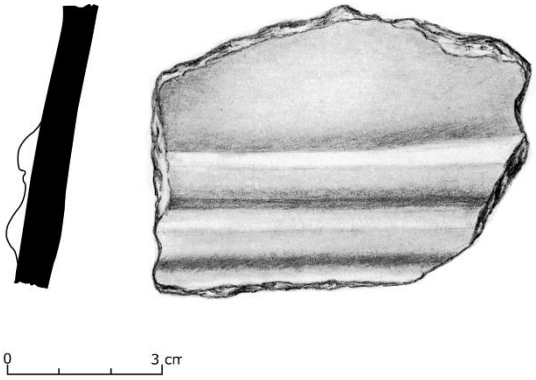


Fig. 9.103 Bojo com decoração por aplicação plástica (2 cordões).

Junto ao muro 32 foram identificados 13 fragmentos decorados, todos bojos.

A técnica mais utilizada é a aplicação plástica, cujo motivo é um cordão na horizontal (9 exemplares), seguida da incisão (3 exemplares), cujos motivos são sulcos incisos (de um a cinco). Ainda há um fragmento com decoração compósita (incisão e estampagem), cujos motivos são duas bandas de estampagem com motivos vegetalistas e sulcos incisos na horizontal.

5) Evidências de uso

Quanto ao uso da cerâmica foi, possível identificar 292 fragmentos (27%) com fuligem devido ao uso sobre o fogo. Esta fuligem encontrava-se na superfície externa sobretudo nas formas 6, 4 (formas para a preparação de alimentos), além de em alguns potinhos/púcaros e poucos potes.

Além disso durante o estudo, tal como aconteceu para outros setores neste povoado notamos que a cerâmica além de possuir decoração tinha ainda elementos que nos indicia outras características intencionais e utilitárias.

Com efeito, em relação à cabana C30 foram dois fragmentos com características intencionais. Foram observados dois exemplares com perfuração, um que tem a ver com um agrafo metálico, no qual o metal já desapareceu e ainda uma perfuração que a que ver com a suspensão da peça.

Na cabana C31 foi registado um bojo com um cordão aplicado no interior, no colo, para ajudar a suster o bordo, pertence a formas 5 (talha). O mesmo acontece para um bordo encontrado nesta área que possuía também um cordão no interior do mesmo que serve para suster o bordo, pertencendo a uma forma 5.

Na cabana C34 foi observado dois bojos com uma perfuração cada um para suspender uma determinada peça. Junto a esta cabana como na cabana C31 foi observado um bordo que

possuía também um cordão no interior do mesmo que serve para suster o bordo, pertencendo a uma forma 5. Foi ainda registado um bordo (de uma forma 1) que possui uma perfuração para suspensão da peça.

Quanto ao espaço, entre as cabanas 33 e 34, apenas foi registado apenas um exemplar com características intencionais. Através da aplicação plástica, por um cordão aplicado no interior da peça no colo, para ajudar a suster o bordo, e pertence a formas 5 (talha).

Junto ao Muro 32 registamos dois bordos, um deles com um arranque de asa (ou seja, com uma característica intencional), e um segundo caso no qual foi aplicado um cordão no interior da peça no colo, para ajudar a suster o bordo, e pertence a formas 5 (talha). Foi registado um bojo com uma perfuração para suspensão de peça.

Junto à estrutura C33 foi registado um bordo com um cordão por dentro para ajudar a suster o bordo, e pertence a formas 5 (talha).

6) Considerações deposicionais e pósdeposicionais

Foram também observados os aspetos relatos às questões deposicionais e pósdeposicionais dos fragmentos.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, e seguindo os preceitos de Brudenell e Cooper (2008) observam-se os seguintes dados: 777 fragmentos têm < de 4 cm (71%), 267 fragmentos têm entre 4 cm e 8 cm, e 57 fragmentos são <8 cm (Fig. 9.105). Tal indicia grande índice de fragmentação que, neste caso, parece estar relacionado com o saque de pedra ao longo dos tempos, associado às características da cerâmica micácea, por si só com maior tendência de quebra.

Com efeito, apenas 25% dos fragmentos estavam rolados (273 fragmentos), o que indicia um fraco índice de transporte e erosão.

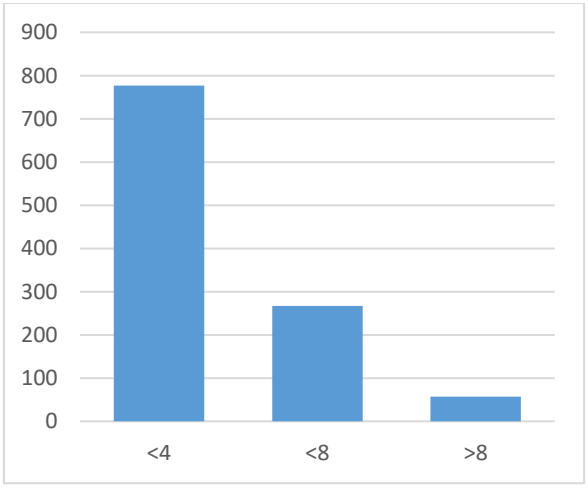


Fig. 9.104 Dimensões dos fragmentos cerâmicos do Setor G.

B. Material cerâmico importado tardo-republicano

Nesta área foram identificadas algumas formas anfóricas (Fig. 9.106 – 9.108), num um total de 22, segundo a investigação de F. Queiroga (2919: 73) um fragmento de bojo de cerâmica bracarense e sete fragmentos indeterminados de cerâmica de importação. O fragmento de bojo de cerâmica bracarense encontra-se na cabana 30.

Na área da cabana C30 foi encontrado um exemplar de Ovóide 6.

Quanto à área da cabana C31 foram identificados um exemplar de Dressel 7-11 e um exemplar T - 9.1.1.1.

No que diz respeito à área do recinto retangular C32 foram encontrados quatro exemplares de T-7.4.3.3, um exemplar de Haltern 70 e um exemplar de Ovóide 4.

Na cabana com vestíbulo C33 jaziam três exemplares de T-7.4.3.3, um exemplar de Haltern 70 e um exemplar de Ovóide 4.

Na cabana C34 foram registados um exemplar de Ovóide 7 e um exemplar de Dressel 1C.

Junto um muro de contenção (estrutura C36) foi identificado um exemplar de Ovóide 4. Junto ao um muro identificado como de separação de unidades familiares (C38) foi encontrado um exemplar de T-7.4.3.3, um exemplar de Ovóide Lusitana e um exemplar de Ovóide 4.

Finalmente, sobre o lajeado (C39) foram encontrados dois exemplares de Ovóide 4, dois exemplares de Ovóide Lusitana, um exemplar de T-7.4.3.3 e dois exemplares de Ovóide 6.

Quanto ao conteúdo de maior parte dos contentores já foi sendo referido ao longo do texto, apenas faremos referência à Dressel 1C, de produção itálica, este tipo anfórico transportaria vinho produzido nas regiões da Etrúria e Campânia/Lácio (Peacock e Williams, 1991: 87; Desbat, 1998; Pimenta, 2005: 51). O tipo anfórico Dressel 7-11 datável entre o último quartel do séc. I a.C. e

finais do séc. I d.C. (Morais, 1998: 59; Almeida, 2008: 166; García Vargas, 2016a), de produção da área da Bética costeira e vale do Guadalquivir e transportaria preparados piscícolas (García Vargas, 1998: 199-206; Morais, 1998: 58).

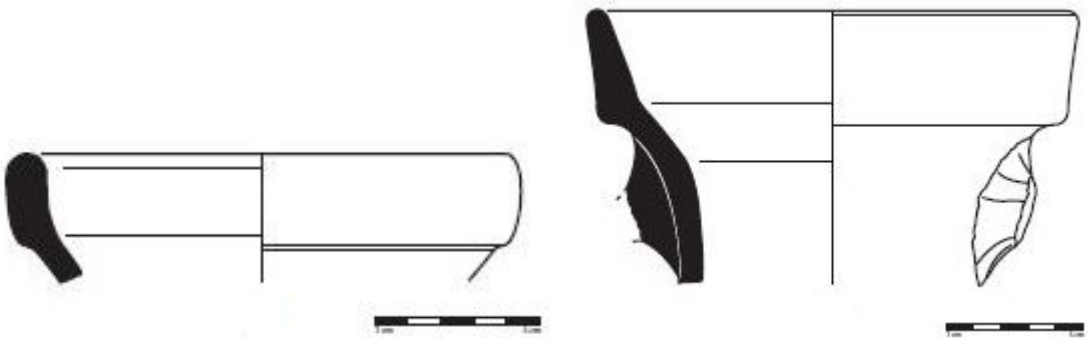


Fig. 9.105 Tipos anfóricos: Ovóide Lusitana (Queiroga, 2019: 146, adaptado); Ovóide 4 (Queiroga, 2019: 137, adaptado).

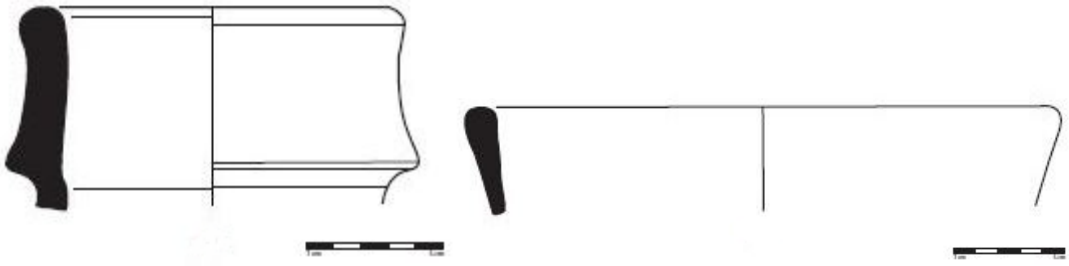


Fig. 9.106 Tipos anfóricos: Dressel 1C (Queiroga, 2019: 144, adaptado); Dressel 7-11 (Queiroga, 2019: 143, adaptado).

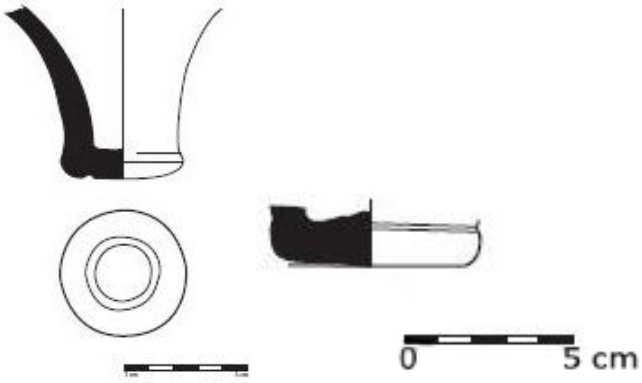


Fig. 9.107 Tipos anfóricos: Ovóide Lusitana (Queiroga, 2019: 147, adaptado); T.7.4.3.3. (Queiroga, 2019: 143, adaptado).

C. Interpretação e funcionalidade das estruturas

Esta área do povoado é aquela que se encontra mais a sul e mais baixa, na vertente onde foi implantado o povoado. Este é o único setor que apresenta lajeados além as escavações de uma estrutura aparentemente retangular de difícil interpretação.

Estes fatores aliados à quantidade e diversidade de material anfórico tardo-republicano, contextualizado, além do bojo de cerâmica bracarense, poderá interpretar-se como o mais recente do povoado, entre meados do séc. I d.C. e inícios do séc. II d.C. (Morais, 2005).

Para além disso, destaca-se, no recinto ou cabana retangular C32, que a sua entrada foi marcada por um elemento arquitetónico importante, ou seja, uma soleira com presença de entalhes (Queiroga, 2000: 17), a demonstrar influência meridional e a conferir importância ao espaço. Aparentemente, apesar da destruição, esta porta daria para um espaço lajeado (C41).

Quanto à sua funcionalidade, tratar-se-ia de um recinto de habitação usado por indígenas mais romanizados ou de um espaço coletivo ligado a ritos de comensalidade?

De notar que aqui se encontraram muitos fragmentos decorados, o que poderá indiciar que se trata de um espaço com alguma importância social se partirmos do pressuposto que as decorações, por serem raras, eram apenas realizadas em recipientes manipulados em ocasiões especiais. Trata-se, ainda, de um espaço onde se verificaram, igualmente, cerâmicas de importação e uma grande percentagem de potinhos/púcaros (14 exemplares – 33% do total), o que poderá indiciar, eventualmente, consumo de bebidas. De notar, ainda, uma grande quantidade – não só nesta estrutura como no resto do setor – de formas ligadas à preparação de alimentos (formas 4 e formas 6 – panelas de asa interior e de asa em orelha, respetivamente), o que pode abonar a favor da hipótese de este ser um espaço coletivo.

Não aparece registar-se grandes diferenças, neste setor, quanto ao espólio entre as diferentes estruturas habitacionais com ou sem vestíbulo. De referir o elevado número de formas para a preparação de alimentos na área C32 e cabana com vestíbulo C33 e de consumo de bebidas ou alimentos na área C32 e na cabana sem vestíbulo C34.

4.3.5. Cronologia e fases de ocupação

Tendo como base de trabalho os dados aqui apresentados, foi possível estabelecer que este povoado terá tido uma ocupação datável genericamente da **Idade do Ferro Recente**, com uma cronologia entre **os finais do século III a.C.** e os finais do século I a.C., tendo perdurado, pela romanização, até **finais do século I d.C**. Esta periodização é apoiada por material cerâmico indígena, material de importação tardo-romano, e ainda da existência na casa 32 (Setor E) de um asse de Tibério, datável de 14-37 d.C.

Terronha I (TERR I)

Assim, podemos referir que este povoado terá iniciado a sua ocupação durante a **Idade do Ferro Recente**, persistindo pelos inícios da romanização. E de forma bastante expressiva, mesmo que as estruturas[281] não o denunciem, a quantidade de material não indígena e, portanto, *importado,* mostra a força económica deste povoado. É ainda de notar que Martins (1990: 169) coloca os inícios da romanização efetiva do Norte de Portugal ou, pelo menos, no vale do Cávado, apenas a partir de meados do século I d.C.

4.3.6. Discussão dos resultados e interpretações

O povoado à escala local

A organização interna deste povoado caracteriza-se pela existência de alguns aglomerados de casas circulares, nomeadamente, nos setores A, B, C e D. O setor G, situado a uma cota mais baixa e onde se conhecem lajeados e vestígios de caminhos empedrados, indicia o começo de proto-urbanismo, sendo provavelmente, a área mais recente do povoado. Aí, além dos lajeados, surgem as primeiras construções com configuração retangular e cantos redondos (Fig. 9.111). Foi neste setor que ocorreu um fragmento de cerâmica bracarense. Este local terá sido rodeado, apenas, por um pano de muralha (Fig. 9.109; Fig. 9.110), aberto a sul e com uma possível entrada a oeste, no Setor E (Queiroga, 2000).

[281] Regista-se apenas uma estrutura incompleta de planta de planta quadrada ou retangular.

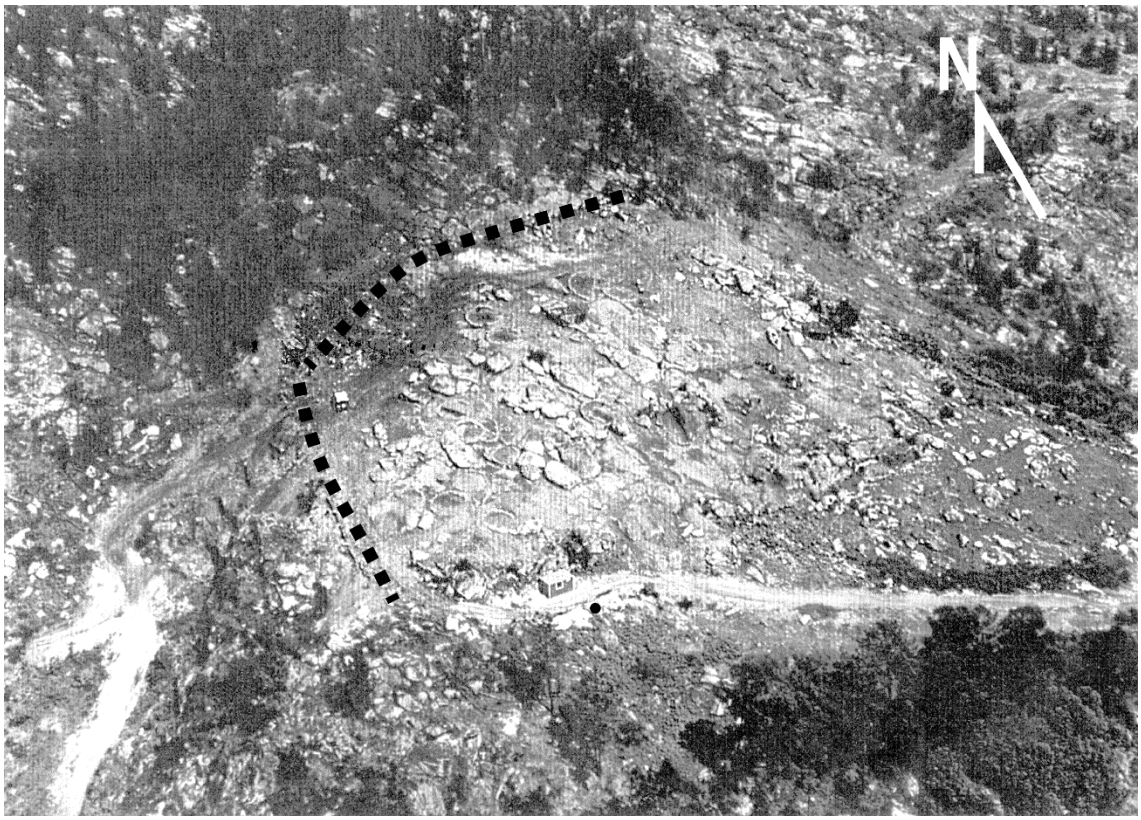


Fig. 9.108 Fotografia aérea do povoado em 2000, após as escavações, adaptado de Queiroga (2000). Colocar o resto da muralha do lado direito em torno do povoado.



Fig. 9.109 Fotografia de um troço da muralha do povoado da Terronha (Queiroga, 2000, adaptado).

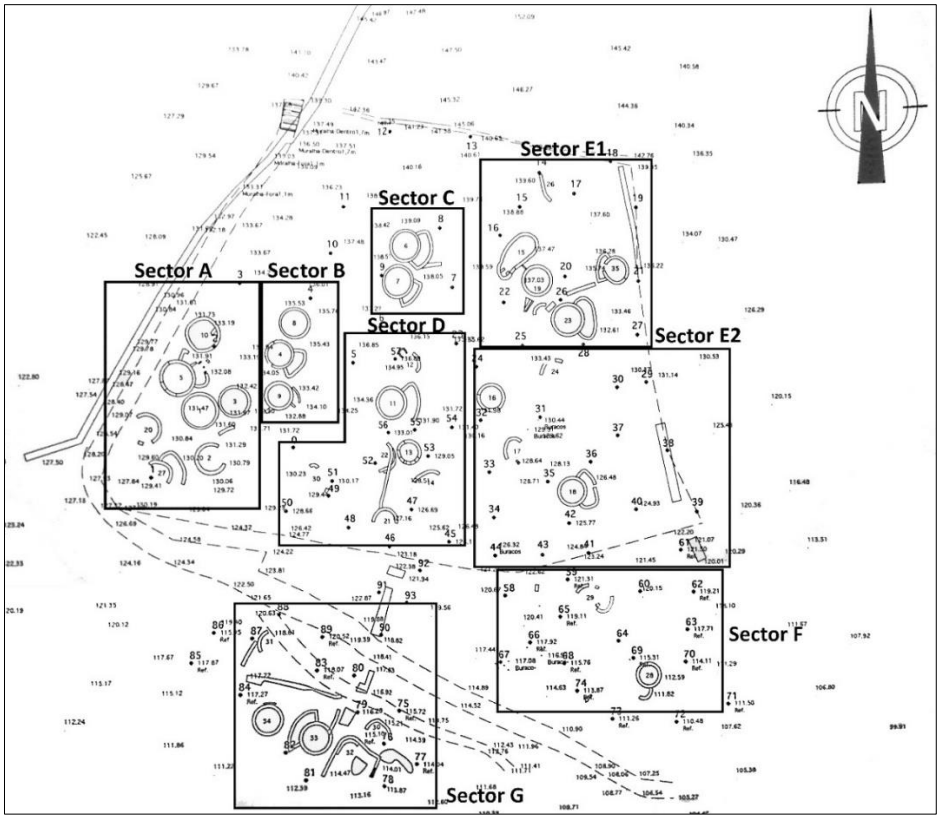


Fig. 9.110 Planta final da área escavada no povoado de Terronha, com os respetivos setores (fonte: Queiroga, 2000; Queiroga, 2019, adaptado).

Verificámos que as estruturas habitacionais com ou sem vestíbulo estão orientadas para nor-nordeste (um caso), sudeste (três casos), su-sudeste (dois casos), su-sudoeste (1 caso), oeste (dois casos), este (um caso), nor-noroeste (um caso). Tal não é aleatório e demonstra uma preocupação em orientar as casas, essencialmente para o nascente, durante vários períodos do ano, revelando uma coincidência das entradas, com marcos importantes do calendário solar. Algumas, raras, orientam-se para o ocaso, durante os solstícios e os equinócios. A exceção corresponde à estrutura com aproveitamento do abrigo que se abre para sul. Por exemplo, quanto às entradas das cabanas, na Citânia de Briteiros parece ser frequente terem a sua abertura voltada sudeste e Este de Portugal, segundo Lemos (2008: 156-157). Outro dado que nos parece importante realçar é que no caso cabanas sem vestíbulo (quatro casos) possuem a sua entrada voltada para sul ou para poente, e as cabanas com vestíbulo (oito casos) possuem a sua entrada voltada quase sempre para o quadrante este (nascente). O próprio responsável das escavações de Terronha tinha já no relatório chamado a atenção para a orientação da entrada das estruturas no seu relatório técnico (Queiroga, 2000). Ainda assim devemos assinalar que em boa parte não se detetou a entrada para a estruturas.

As dimensões das estruturas circulares oscilam entre os 3,05 e os 6,40 m de diâmetro, podendo a mais pequena (C13), com 3,05 m, e a maior (C2), com 6,40 m de diâmetro, terem funções específicas e distintas das restantes, com diâmetros similares entre si (cerca de 5 m) (Tab. 9.59). Finalmente, ainda um dado importante: aparentemente, ou não, a maioria dos setores tem apenas uma cabana com vestíbulo, à exceção do setor C e E (que possuem duas e três cabanas com vestíbulo, respetivamente), desta forma talvez possamos atribuir a este tipo de construção uma importância maior em detrimento das outras sem vestíbulo.

Algumas destas estruturas, talvez as habitacionais, possuíam pavimentos de argila, sendo alguns deles decorados. Estes teriam sido produzidos com argila ou saibro à qual se adicionou quartzo e moscovite, e teriam sido sujeitos a cozedura ou pelo menos sujeitos ao fogo. Alguns deles continham duas camadas bem visíveis: a primeira e mais profunda, de preparação, e a segunda, muito fina, que corresponderia ao piso de circulação. Apesar dos fragmentos de pavimento serem de média e de pequenas dimensões, demonstram o investimento na impermeabilização e cuidado destas estruturas. Dada a inexistência de aberturas até à base dos muros das cabanas, é possível colocar a hipótese de que a entrada seria elevada e efetuada através de escadas de madeira, o que potenciava a impermeabilização. Na opinião de F. Queiroga (2000: 19) as argamassas ou rebocos em argila aqui registados não potenciariam a impermeabilidade das estruturas por não serem cozidos, tornando dessa forma as cabanas permeáveis à humidade. Refere ainda que os entalhes nas rochas visíveis em várias zonas do povoado, como é parece ser o caso do setor F junto à cabana 28 (Queiroga, 2000: 16), seriam talvez zonas de encaixe de um passadiço em madeira.

Tabela 9.59 Orientação da abertura das cabanas de Terronha

Setor	Estrutura	Diâmetro	Com ou sem vestíbulo	Orientação
A	**C1**	6 m	S	-
A	**C2**	6,40 m	S	-
A	**C3**	6,1 m	S	sul
B	**C4**	5,50 m	**C**	su-sudeste
A	**C5**	5,50 m	**C**	nor-nordeste
C	**C6**	5,04 m	**C**	sudeste
C	**C7**	5,02 m	**C**	Su-sudeste
B	**C8**	5,50 m	S	-
B	**C9**	4,01 m	S	-
A	**C10**	5,07 m	S	-

D	**C11**	4,07 m	**C**	-
D	**C12**	-	S	sul
D	**C13**	3,05 m	S	-
D	**C14**	-	S	-
E1	**C15**	-	S	sudeste
E2	**C16**	4 m	S	-
E2	**C17**	-	S	-
E2	**C18**	4 m	**C**	-
E1	**C19**	4,70 m	S	-
A	**C20**	4,03 m	S	-
D	**C21**	5,01 m	S	-
D	**C22**	-	S	-
E1	**C23**	5,50 m	**C**	sudeste
E2	**C24**	4,20 m	S	-
A	**C27**	-	**C**	-
F	**C28**	3,7 m	**C**	oeste
F	**C29**	-	S	-
D	**C30**	-	S	-
G	**C31**	-	S	-
G	**C32**	-	**C**	este
G	**C33**	4,50 m	**C**	su-sudoeste
G	**C34**	4,70 m	S	-
E1	**C35**	4,30 m	**C**	nor-noroeste

Há ainda uma construção que se distingue de todas as outras. Trata-se da C12 do Setor D que aproveitou um abrigo granítico. Tem entrada virada para sul e foi interpretado por Queiroga (2000) como sendo um forno metalúrgico. Esta interpretação está de acordo com as características da estrutura (bem protegida pelo abrigo), pelo enchimento que a colmatava e pelo espólio que apareceu no seu interior. No entanto, é possível afirmar que o trabalho metalúrgico também se desenrolou na estrutura C15 (Setor E), onde foram descobertos um cadinho com aderências metálicas e um molde. No entanto, um pouco por todo o povoado, encontram-se bojos com vestígios de atividade metalúrgica e, no setor F, surgiu ainda uma escória.

As duas estruturas que podemos considerar como de uso para a prática metalúrgica localizam-se no que podemos considerar como o centro do povoado, ao contrário do que acontece em cidades de período romano em que essas atividades se localizava na periferia ou mesmo fora da urbe (Martins, *et al.,* 2012: 55) como parece acontecer em *Bracara Augusta.*

Este sítio arqueológico pode considerar-se um povoado de baixa altitude, vinculado, simultaneamente, com o vale e o monte e com o estuário do Lima, e com possibilidades de exploração de recursos agro-silvo-pastoris e dos recursos mineiros existentes.

O uso de matérias-primas vegetais para a cobertura das habitações, de lenha para aquecimento e cozinha, produção cerâmica, fabrico de objetos em metal, entre outros, terão contribuído para a exploração do bosque e para que, provavelmente, existisse, em redor deste povoado, um coberto vegetal aberto.

A agricultura apenas se evidencia indiretamente, através de moinhos, como o encontrado no setor A, nas imediações da cabana 3 e da análise das formas cerâmicas indígenas que apontam para o desenvolvimento de atividades associadas à armazenagem, como as talhas e alguns potes de maiores dimensões. No que diz respeito aos moinhos, foram documentados (segundo o relatório e base de dados[282]) como não foram analisados diretamente, mas podemos contabilizar um total de 20 fragmentos de moinhos circulares (Fig. 9.112).



Fig. 9.111 Fragmento incompleto de moinho (dormente) circular.

Pelos dados existentes no relatório (Queiroga, 2000) sabemos que foram recolhidas amostras de carvão em várias zonas do povoado. Porém, a análise destes materiais orgânicos não foi ainda convenientemente realizada pelo que não é possível saber a quantidade de sementes ou outro tipo de material orgânico, através de várias análises de âmbito da antracologia,

[282] Agradecemos ao arqueológo Francisco Queiroga a partilha desta documentação.

paleocarpologia entre outras. Não consta do relatório a existência bolotas ou outro tipo de alimento furto de recoleção, que possibilitasse obter mais dados relativamente aos recursos alimentares desta população ou aos dados paleoambientais desta área geográfica. O arqueólogo responsável apenas refere que por uma pequena amostra foi possível verificar vestígios de sementes incarbonizadas (Queiroga, 2000).

A fiação, evidenciada pelos diferentes tipos de cossoiros cerâmicos, tanto poderá indiciar a agricultura do linho como o desenvolvimento de atividades pastoris. É provável que os pequenos discos cerâmicos não perfurados pudessem ser rodos de fusos, tal como defendeu Bettencourt (1999: 1100) e não discos de jogo, associando-se a esta atividade. De notar que aparecem nos mesmos contextos dos cossoiros, nomeadamente no setor F, entre as cabanas 23 e 35. Esta atividade desenvolveu-se nos setores A, C, E e F do povoado. De notar, no setor E a existência de duas cabanas com vestíbulo, contíguas, onde tal atividade decorreu (Fig. 9.113).

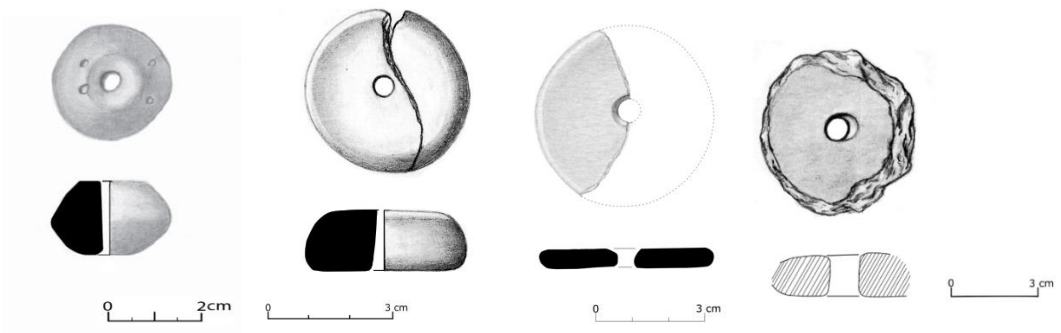


Fig. 9.112 Diferentes cossoiros e discos de Terronha.

Já a metalurgia está bem documentada pelo aparecimento de dois prováveis fornos de fundição, nos setores D e E - o primeiro em estrutura que aproveita um abrigo e cujos muros delimitam uma planta de contorno oval e o segundo em estrutura, também, de contorno grosseiramente oval (Fig. 9.114). Destacamos ainda que no setor E foi registado um molde em cerâmica.

Esta atividade também se documenta pelos restos de um forno, encontrado no interior da estrutura C12, pingos de fundição e escórias (apenas dois fragmentos), restos de moldes em argila e cadinhos, fragmentos de cadinhos e de outros recipientes que serviram para a fundição de ligas de cobre, provavelmente de bronze (Fig. 9.115).



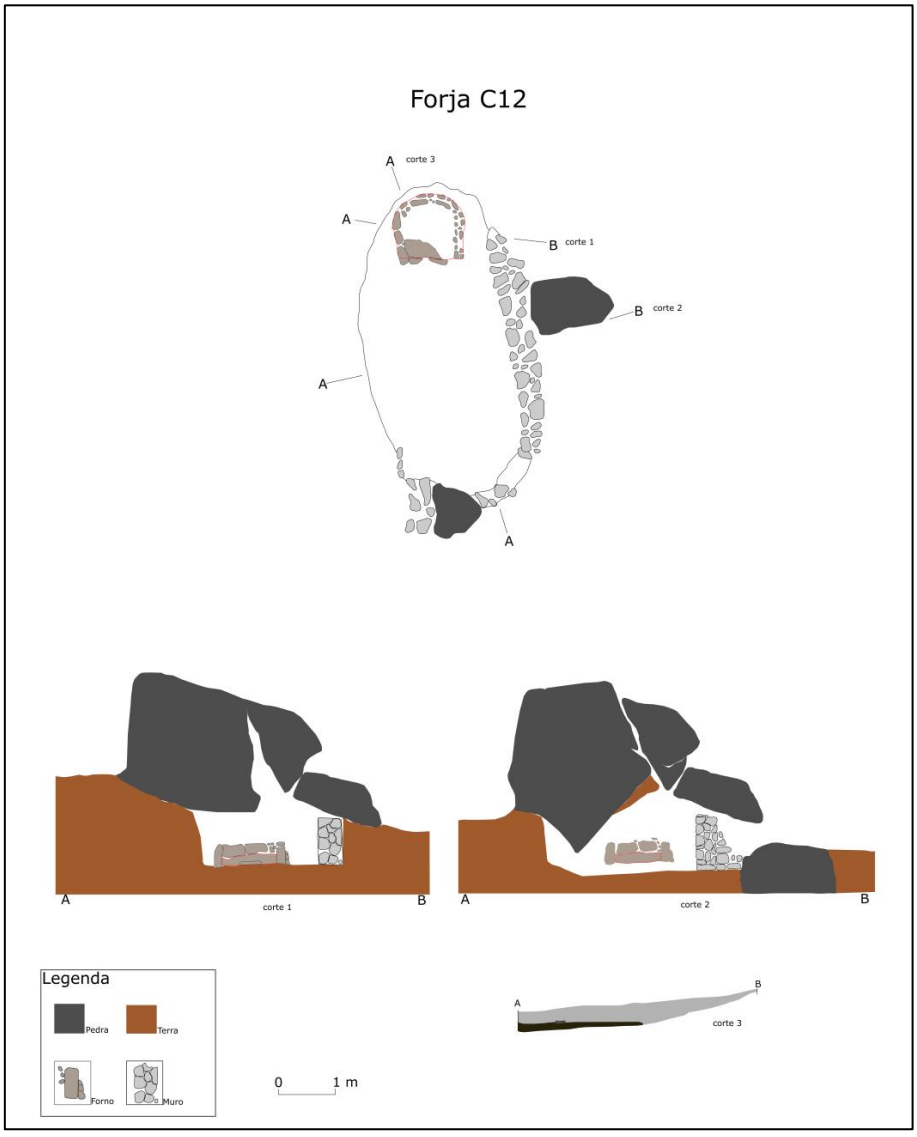


Fig. 9.113 Estruturas associadas à produção metalúrgica. Em cima: estrutura C12, com aproveitamento de abrigo, no setor D (Queiroga, 2000, adaptado). Em baixo: estrutura C15 do setor E (Queiroga, 2000, adaptado).

A metalurgia do bronze estaria facilitada pela proximidade das jazidas primárias de estanho do Folgadoiro, conhecidas desde a Idade do Bronze (Fernandes *et al.*, 2011), e pela possibilidade de recolha de estanho de aluvião nas margens da ribeira de Nogueira e do Lima. Ainda no que concerne a esta atividade foram registadas grandes quantidades de escória no setor D e G (Tab. 9.59).

Tabela 9.60 Fragmentos de escória por setores em Terronha

Setor A	Setor B	Setor C	Setor D	Setor E	Setor F	Setor G	Total
3	3	2	5	40	8	35	**96**

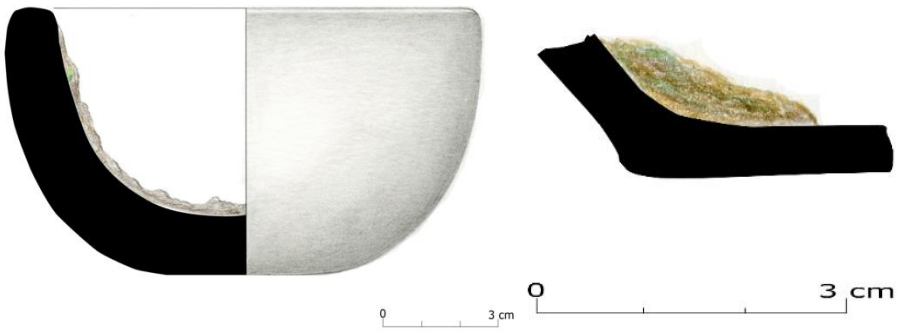


Fig. 9.114 Cadinho e base de fundo plano alargado com aderências metálicas no interior do Setor F (cadinho?).

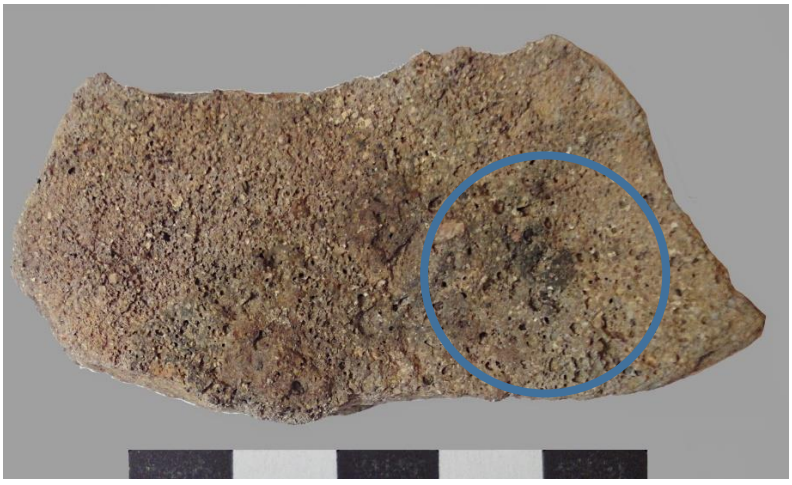


Fig. 9.115 Pingos de fundição no interior de um bojo e escória de ferro (?).

Apesar de não existirem evidência diretas, é provável que existisse, também, exploração de ouro, nas jazidas primárias do Folgadoiro, ou nas jazidas secundárias das ribeiras de Nogueira, do Seixo e do próprio Lima, minério que se comprova na região, a partir de diversos trabalhos (Alves, 1995; Lima, 2006) e que fica no território pedestre entre 90 a 120 minutos (Fig. 9.177). Devemos referir que no tempo de 90 minutos os habitantes deste povoado conseguiam alcançar boa parte dos povoados conhecidos no estuário do vale do Lima. Os habitantes deste povoado alcançariam a foz do Lima apenas num período entre 90 a 120 minutos.

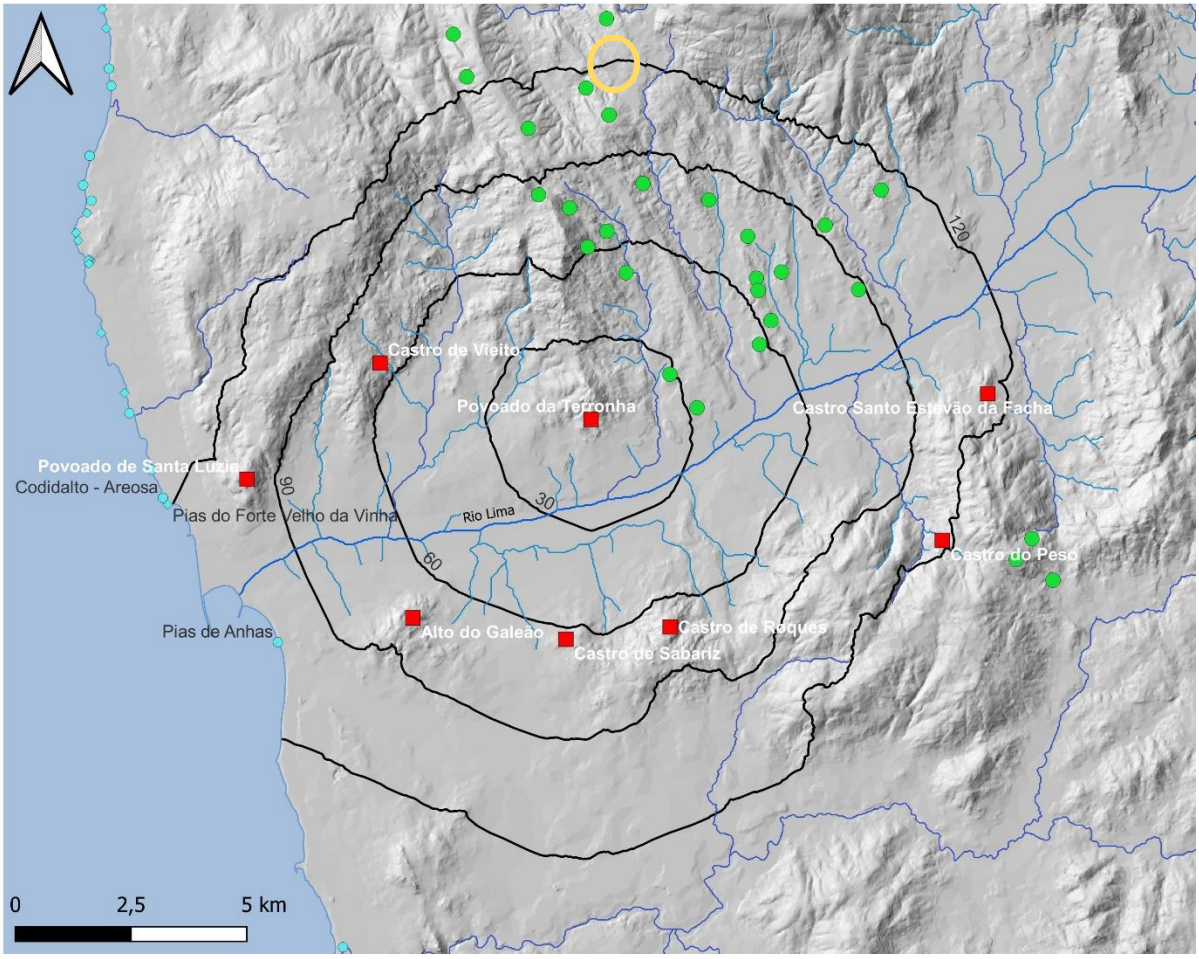


Fig. 9.116 Território teórico de exploração de Terronha, com linhas isócronas, com os vários povoados contemporâneos do estuário do Lima, com os pontos a verde a corresponder a jazidas de estanho. Destacamos a jazida de estanho de Folgadouro, sensivelmente a norte de Terronha.

Quanto à produção cerâmica foram contabilizadas 809 formas. Destacamos a quantidade de formas 1 (potes - 282 exemplares – 34,9%) e de formas 2 (potinhos/púcaros - 302 exemplares – 37,3%). Em terceiro lugar há a notar a quantidade importante de panelas de asa em orelha,

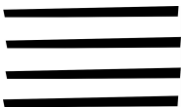
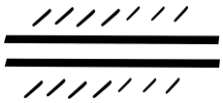
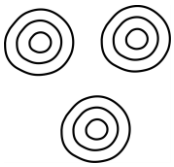
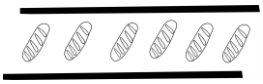
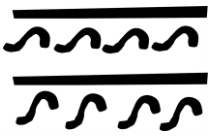
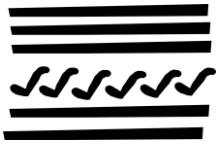
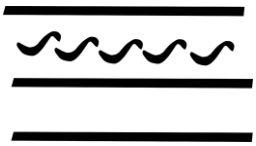
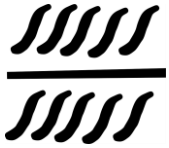
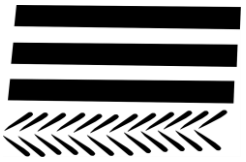
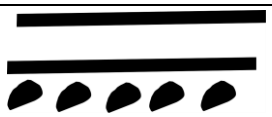
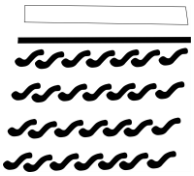
forma 6 (58 exemplares – 7,2%), de referir também e com alguma relevância quantitativa das malgas/tigelas, formas 3 (81 exemplares – 10%). Neste povoado nota-se ainda uma grande quantidade de talhas, formas 5 (28 exemplares – 3,5%), apesar dessa quantidade não se refletir na relação percentual com as restantes formas. A existência destas grandes formas de armazenamento nos setores E e G acompanhadas das ânforas indicia que sobretudo essas zonas seriam áreas mais vinculadas ao armazenamento de alimentos.

Por fim deve referir-se o aparecimento, ainda que incipiente, de almofarizes (forma 8), em número de dois (0,2%). É de notar que esta forma é algo rara no contexto do noroeste, uma vez que esta apenas surge em povoados junto às bordaduras dos rios, que são os casos do povoado do Lago e de São João de Rei (Martins, 1987: 58; Oliveira, 2017).

Além disso, surgem algumas formas que apresentam características particulares como as talhas. No caso destas formas neste povoado eles têm uma textura relativamente média e não grosseira e com diâmetros um pouco mais reduzidos (entre 28 e 35 cm) ao contrário do que parece acontecer para o Cávado que têm diâmetros um pouco maiores (Martins, 1987: 57; Oliveira, 2017).

As decorações das peças ocorrem, sobretudo, nos potinhos ou púcaros, e são algo raras, representando apenas 2% do total estudado (159 fragmentos decorados) (Tab. 9.60). Os motivos e organizações decorativas não se afastam muito daquelas que ocorrem na área da baica média do Cávado. Ainda assim é necessário referir que para as áreas do vale do Cávado, para esta cronologia os povoados de S. Julião, Barbudo e Lago possuem, respetivamente (38, 29 e 69 fragmentos decorados) (Martins, 1987: 58) o que é um valor quantitativamente abaixo em relação ao povoado da Terronha. Em Terronha além da decoração das peças registamos e com alguma frequência o restauro de peças cerâmicas através de agrafos metálicos, noutros casos algumas perfurações para suspensão de alguns potes e utilização de algumas peças comuns, como potes para o auxílio na produção metaltúrgica.

Tabela 9.61 Organização decorativa na cerâmica, do Ferro Recente, no povoado da Terronha

Incisão			
			
Aplicação plástica			
Impressão			
Brunido			
Incisão e impressão			
			
			
Aplicação plástica, incisão e impressão			

Além disso, é de referir que o facto de haver muitas peças com agrafos metálicos em formas de potes e de potinhos/púcaros, o que pode ter dois significados relevantes: o valor de determinadas peças cerâmicas e o domínio da metalurgia do ferro.

Foram encontrados, ainda, vários objetos metálicos[283], sobretudo alfinetes, em bronze e uma fíbula anular, (Queiroga, 2000) (Fig. 9.118). Esta data-se dos finais do séc. II a.C., analisando pela fotografia, podemos ainda referir que se trata de uma fíbula anular sem remates e com fuzilhão em fita, devemos classificá-la do tipo Ponte 50.1a (Ponte, 2006: 396-409), cujo paralelo encontramos numa fíbula do Castro de Sabroso (Guimarães) (Ponte, 2006: 485) ou do Povoado de Santa Luzia (Viana do Castelo). Foram registados vários pregos em ferro, um *asse* de Tibério (datável de 14-37 d.C.) (Setor E, cabana 32), e no setor G foram registados vários fragmentos de alfinetes em bronze e pregos.

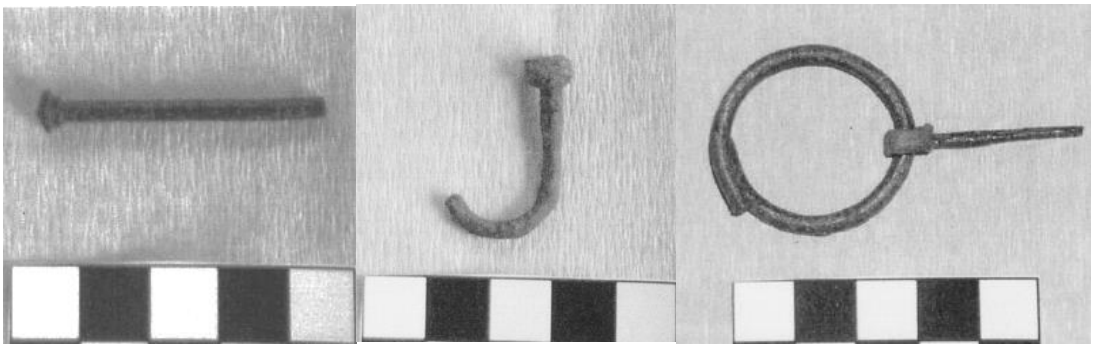


Fig. 9.117 Artefactos metálicos encontradas neste povoado: TERR - DE-727, 732, 726 (Queiroga, 2000, adaptado).

O povoado à escala regional e suprarregional

O material cerâmico também evidencia um grande número de importações com o mundo meridional, indiciando a importância deste povoado nas redes de contacto à distância, tal como foi salientado por Queiroga (2019), a propósito das ânforas tardo-romanas, aqui encontradas.

Relativamente às ânforas tardo-romanas, tomamos os dados apresentados por F. Queiroga (2019), quanto a tipologias, quantidades e sua dispersão no povoado. Tal permitindo-nos apresentar algumas considerações a saber: em todos os setores do povoado existem quase todas as tipologias anfóricas deste período, nomeadamente as produções mais antigas, como as ânforas de tipo 7, T - 9.1.1.1. e tipo Ovóide 5 não sendo possível identificar, quer uma área de maior antiguidade, quer uma área dedicada ao armazenamento destes contentores. Além disso, tivemos em consideração que tipos anfóricos surgiam em dada área de uma cabana (no exterior, interior ou no vestíbulo). Pelos dados reunidos percebemos que os tipos surgem de forma indiscriminada

[283] Não foi possível ter acesso a estes materiais para estudo detalhado. Como obtivemos o acesso à base de dados de todos os materiais registados foi possível compreender a quantidade e diversidade de materiais existentes.

em zonas diferentes das cabanas o que não torna possível perceber se em determinada cabana se consumia mais ou menos um determinado tipo de produto.

Tendo em conta a localização das ânforas não parece existir um espaço reservado para a colocação das mesmas, apesar dos setores com maior número de ânforas serem os A, E e G (Tab. 9.61).

Tabela 9.62 Quantidade de ânforas de Terronha por setor

Setor	NMI	%
A	31	**23%**
B	9	6,7%
C	3	2,2%
D[284]	-	-
E	57	**42,2%**
F	13	9,6%
G	22	**16,3%**
Total	**121**	**100%**

Destacamos o elevado número de indivíduos, das seguintes ânforas: T-7.4.3.3 (Ulterior) - 13 indivíduos; Ovóide 4 (Ulterior) - 12 indivíduos; Ovóide 6 (Ulterior) 11 indivíduos; Ovóide 7/Oberaden 83 (Ulterior) - 7 indivíduos; Ovóide Lusitana/Lusitana Antiga - 6 indivíduos (Tab. 9.62, Tab. 9.63). Salientamos que a tipologia T-7.4.3.3 é um modelo anfórico de tradição púnica, que fornece o limite cronológico inferior de ocupação, a partir do séc. II a.C.

Normalmente cada tipologia anfórica está associada a um determinado tipo de transporte de produto. Assim, estes contentores, como referimos, transportariam no seu interior vinho, azeite e preparados piscícolas e, tendo em conta as tipologias que foram encontradas, nota-se uma certa homogeneidade nos consumos. Porém, temos de considerar que as ânforas designadas por multiusos eram maioritariamente usadas no transporte de produtos vínicos e seus derivados e/ou preparados piscícolas podendo, por isso, alterar as percentagens de consumo destes produtos pelos habitantes do castro (Queiroga, 2019: 63) (Fig. 9.119). Assim, pode considerar-se, tal como defende Queiroga (2019) que o número de ânforas para o transporte de vinho e seus derivados seria o mais elevado.

[284] Tal como assinalado por F. Queiroga (2019), no decorrer do seu estudo, não lhe foi possível encontrar as ânforas mencionadas no setor D. Também não as encontrámos.

Tabela 9.63 Cronologia de produção e uso das tipologias das ânforas tardo-republicanas de Terronha, segundo Queiroga (2019: 30-68)

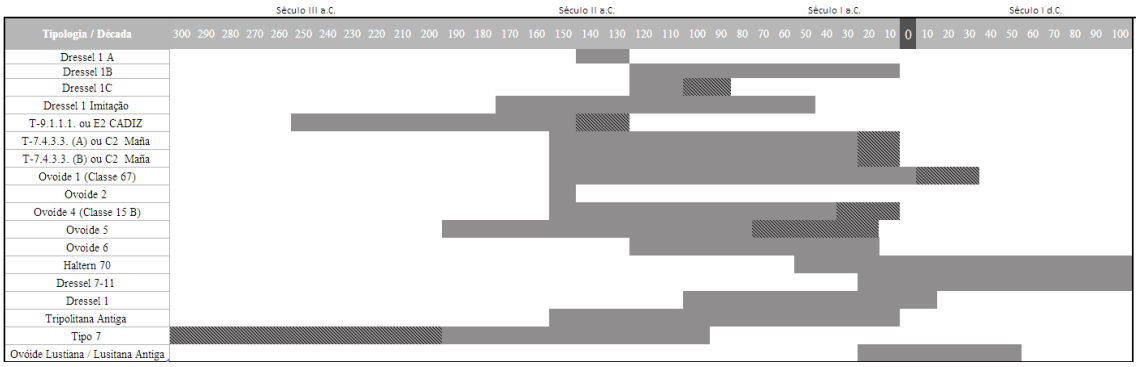


Tabela 9.64 Tipologias anfóricas do Castro da Terronha, por número de fragmentos e o respetivo número de indivíduos (segundo Queiroga, 2019)

Tipologia	Nº. Frag.	NMI
Dressel 1 (Itálica)	38	7
Dressel 1 (Ulterior)	5	3
T-9.1.1.1 (Ulterior)	1	1
T-7.4.3.3 (Ulterior)	27	13
Ovóide 1/Classe 67 (Ulterior)	9	4
Ovóide 2 (Ulterior)	1	1
Ovóide 4 (Ulterior)	31	12
Ovóide 5 (Ulterior)	1	1
Ovóide 6 (Ulterior)	20	11
Ovóide 7/Oberaden 83 (Ulterior)	12	7
Haltern 70 (Ulterior)	4	4
Dressel 7-11 (Ulterior)	1	1
Indeterminados (Ulterior)	35	15
Dressel 1 (Citerior)	4	2
Africana Antiga/Tripolitana Antiga	2	1
Tipo 7 (Lusitânia)	1	1
Ovóide Lusitana/Lusitana Antiga	12	6
Total	209	90

Tabela 9.65 Tipologias anfóricas de Terronha, por número de mínimo de indivíduos e a correspondente percentagem (Queiroga, 2019: 60)

Áreas de Produção	MNI	%
Produções Itálicas	7	7,8%
Produções da Hispânia Ulterior	73	81,1%
Produções da Hispânia da Citerior	2	2,2%
Produções Africanas	1	1,1%
Produções Lusitanas	7	7,8%
Total	**90**	**100%**

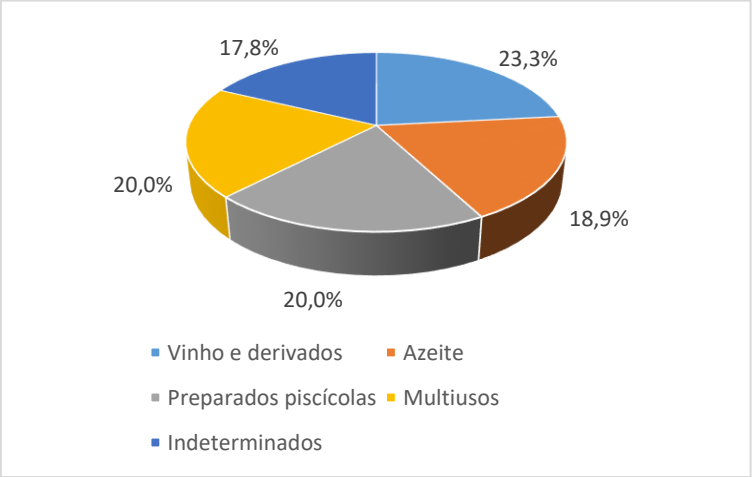


Fig. 9.118 Quantidade percetual dos produtos transportados em ânforas registados em Terronha (Queiroga, 2019, adaptado).

Esta variedade de ânforas permite considerar, sem grandes reservas, que os habitantes indígenas neste povoado teriam uma grande capacidade económica para puderem adquirir este tipo de produtos, estando fortemente vinculados e familiarizados com o intercâmbio atlântico e mediterrânico. Em troca deveriam fornecer produtos mineiros, como o estanho, por exemplo, ou mesmo artefactos, tendo em conta as estruturas, restos de fundição e objetos encontrados no povoado. É também provável que as comunidades indígenas fornecessem ouro, em troca de produtos exóticos.

Toda esta atividade evidencia, igualmente, boas condições de navegabilidade no estuário do Lima e, também, capacidade de aportagem perto deste povoado.

O povoado de Terronha, pela sua localização interior no estuário do Lima, talvez fosse, à escala regional de análise, um centro recetor de produtos exógenos e, simultaneamente, um centro difusor de materiais e costumes inovadores para povoados mais a montante.

O controlo dos navegadores romanos que penetravam o estuário do Lima devia fazer-se, em articulação com outros povoados genericamente contemporâneos, como Santa Luzia, à foz deste rio e o povoado do Santinho/Roques, na margem sul e localizado em altitude, com visibilidade para quase todo o estuário.

Quanto ao povoado de S. Silvestre, no topo do Monte com o mesmo nome, não há, por ora, evidências de ocupação neste período, pelo que a hipótese de que Terronha seria um desdobramento ou apenas uma das plataformas inferiores daquele povoado, equacionada por Queiroga (2000) não se pode comprovar.

4.4. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE S. JOÃO, VILA DO CONDE

4.4.1. Historial

O povoado proto-histórico de S. João foi mencionado, pela primeira vez, no séc. X, num documento datável de 953, citado por Monsenhor Ferreira. Este autor valoriza divulga alguns documentos medievais que referem de forma expressa, a antiguidade deste local. O mais antigo refere"...ecclsesia quae est fundata in castro vocitato Santo Johanne..." (Ferreira, 1923: 11) e outro, datado de 1100 (séc. XII), diz "... subtus mons Castro Sancti Johanis discurrente rivo Ave" (Ferreira, 1923: 13).

Alguns séculos mais tarde, concretamente em 1518, na carta de Fundação da Colegiada de Vila do Conde, rapidamente se deduz que a localização deste povoado e a do Convento de Santa Clara é a mesma (Amorim, 1988: 11).

No séc. XVIII, o padre Carvalho da Costa (1706: 348) refere que:"...mostraó algumas circunstancias, he povo mais antigo, no qual havia hum Castello chamado Castro, que pelo nome parece obra dos Romanos, & estava aonde agora està o Convento das Freiras."

Nos finais do séc. XIX, na obra *Minho Pitoresco* de José Augusto Vieira (1886: 262) é referido que "...foram os romanos aquelles que primeiro edificaram no monte, onde hoje se vê o convento de Santa Clara, um *castro*, ou castello, cujas ruinas só de todo se demoliram no seculo XIV, para se edificar o Convento, conservando a tradição d'esse tempo ao monte ao nome de *castro*...".

Na obra *Portugal Antigo e Moderno,* Leal-Ferreira (1873: Tomo XI; 691-2) aponta: " Suppõe-se que os romanos aqui tiveram um *castro* no sítio em que hoje se vê o convento de Santa Clara...".

Por fim, na obra *História do Exercito Portuguez,* Christovam Ayres (1896: 386) refere que: "Junto á foz do Ave, onde está o convento de Santa Clara, houve um castro, denominação que subsiste ainda."

Estas referências, ao longo dos séculos, não deixam dúvidas sobre a existência de um povoado proto-histórico no local, cujas ruínas persistiram, em parte, até ao século XIX, conforme texto de Francisco Martins Sarmento (1999: 288) que chegou a visitar este local referindo que: "... espreitando bem, se vêem ali vestígios do que quer que seja. Era quase impossível que aquele morro tivesse sido desaproveitado".

Este povoado surge nos inventários de vários investigadores que trataram a proto-história do Noroeste ou da bacia hidrográfica do Ave (Silva, 1986: 83, n.º 324; Queiroga, 1992: 170, n.º 255; Almeida, 1992; Dinis, 1993, Pinho, 2009) fazem também uma referência a este sítio.

Em 1993, na tese de mestrado sobre o povoamento proto-histórico do Baixo Ave, António Dinis (1993: 100) classifica este sítio como sendo um povoado junto ao mar, portanto um povoado costeiro (Fig. 10.1).

Em 2009, na tese de mestrado sobre o I° milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave, (Pinho: 2009: 65) inclui S. João nos povoados de tipo C, seguindo os preceitos adotados por Martins (1990) para a rede de povoamento da Idade do Ferro no vale do Cávado. É de referir, finalmente, que Helena P. Carvalho (2008, vol. 2: 85) menciona este povoado no seu inventário geral, citando a bibliografia conhecida.

Finalmente, no séc. XXI, o local é alvo de escavações arqueológicas, entre 2019 e 2020. Estas verificaram-se na área a este do Convento de Santa Clara e resultaram de trabalhos de arqueologia anteriores às obras de restauro do convento para implementação de um hotel e da respetiva área de lazer. Esses trabalhos foram efetuados pela empresa ERA Arqueologia S.A. em parceria com a empresa Omniknos, tendo como responsável da escavação o arqueólogo Rui Pinheiro e José Carvalho[285]. São os resultados destas escavações, no que concerne os níveis da Idade do Ferro, que foram considerados neste trabalho[286].

4.4.2. Localização administrativa, contexto físico e ambiental

Este sítio arqueológico fica localizado na freguesia e concelho de Vila do Conde, no distrito do Porto. As suas coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84 são: 41° 21' 15'' N e 8° 44' 18'' W. Fica a uma altitude máxima de 30 metros e a cerca de 1,50 km da costa em linha reta (Fig. 10.1).

[285] Agradecemos à empresa ERA Arqueologia S.A. a autorização para o estudo dos materiais exumados nos trabalhos arqueológicos. Agradece-se ao diretor da empresa, o Doutor António Valera e aos arqueólogos José Carvalho e Rui Pinheiro a possibilidade de consultar os relatórios sobre a intervenção arqueológica e de efetuar o estudo dos materiais encontrados.



Fig. 10.1 Fotografia de satélite da localização do povoado de S. João, Vila do Conde, à foz do Ave (Fonte: *Google Earth*).

Encontrava-se implantado num pequeno outeiro com pendentes acentuadas, a escassos 60 metros da margem direita do rio Ave. O topónimo "Pedreiras" surge na Carta Geológica de Portugal (Teixeira *et al.,* 1965), o que indicia o saque de pedra que deve ter aí existido ao longo dos anos, provavelmente proveniente das muralhas e outras construções do povoado.

No substrato geológico local está presente o granito de grão médio a fino (Granito da Póvoa de Varzim), além de, nas proximidades, existirem areias provenientes de aluviões atuais (Teixeira *et al.*, 1965) (Fig. 10.2).



Fig. 10.2 Localização do povoado de S. João, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:250000, nº 96 (IGEOE, 1990).

Em termos recursos mineiros metálicos, as jazidas mais próximas encontram-se a nordeste do povoado, a cerca de 9 km, e são de ferro. Além deste recurso destacamos, ainda, a presença de importantes jazidas de tungsténio e, sobretudo, de estanho, na área de Gondifelos, no município de Vila Nova de Famalicão, a cerca de 13 km no sentido nordeste a este povoado (no rio Este, importante afluente do Ave). O acesso a estas jazidas poderia estar facilitado por via fluvial, desde Ave à foz do rio Este e seguindo o curso deste rio na direção nordeste (Teixeira *et al.*1965) (Fig. 10.3), no entanto, sendo a região rica em jazidas primárias de estanho é de presumir a existência de estanho de aluvião em todo o curso inferior do rio Ave. De referir ainda a existência de uma jazida de ouro na área de Lagoa Negra (concelho de Barcelos), a sensivelmente 12 km a nor-nordeste deste povoado. Não será de menosprezar também o contacto próximo do oceano para produção de sal marinho.



Fig. 10.3 Localização do povoado de S. João em excerto da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000,

Do local avistava-se a foz do Ave, a escassos metros observaria o povoado da Retorta, na margem sul do Ave, e na margem norte é possível observar Terroso (a 6km a nor-nordeste) e Bagunte (a 7 km a nordeste).

Atualmente o sítio está fortemente antropizado, não só pelas construções de grande dimensão no topo do monte, como também, nas vertentes oeste e sul alteradas pela construção do casario. Na vertente nascente parece ter sobrevivido parte da ocupação da Idade do Ferro. Na vertente norte desta impressiva elevação encontra-se um aqueduto de duplo arco.

Nas áreas sem ação antrópica a vegetação é herbácea.

4.4.3. Contexto arqueológico

Na área próxima a S. João, num raio de 10 km, encontramos alguns povoados relativamente coevos. Faremos uma breve descrição dos mesmos, de norte para sul.

Assim, a norte do Ave e do rio Este devemos referir, desde logo, o Castro de Terroso, no concelho da Póvoa de Varzim. Este povoado foi extensivamente posto a descoberto durante os inícios do séc. XX e já nos anos 80 desse período ocorreram as primeiras escavações

cientificamente realizadas pela direção de Armando Coelho Silva, e co-direção José Flores Gomes e Deolinda Carneiro. Os principais resultados dessas intervenções foi revelar uma quantidade e sucessão de estruturas datáveis entre o Ferro Antigo e Recente (Silva, 1986, 2007). Foi-se reunindo espólio vário desde cerâmica de importação púnica, cerâmica indígena e cerâmica de importação romana (ânforas) de cronologia tardo-republicana e imperial (Paiva, 1993). Terá sido com certeza um povoado muito relevante na rede do povoamento proto-histórico no litoral. De referir que no contexto deste trabalho[287] foram reavaliados alguns materiais de duas estruturas escavadas em profundidade, revelando-se estratigraficamente importante e em termos materiais, definidora de três momentos cronológicos distintos. De facto, após o estudo realizado[288] foi detetado um substrato mais antigo, datável do Bronze Final, o que não surpreende tendo em conta a situação geográfica e local de implantação.

Mais para o interior sobressai o Castro de Laúndos ou S. Félix, localizado no Monte de S. Félix, uma elevação proeminente existente no concelho da Póvoa de Varzim. Terá sido escavado por Rocha Peixoto, em 1907, mas dos quais não se conhecem os resultados. Encontra-se posicionado de forma privilegiada entre o curso final do rio Cávado e do rio Ave e tinha um excelente controlo visual da costa. Apenas se achou ao longo dos tempos alguns fragmentos cerâmicos, e uma conta de colar vítrea de cor azul (Almeida, 1972; Gomes e Carneiro, 1999). É um povoado com uma cronologia difícil de atribuir, ainda assim por alguns materiais observados por nós[289] e pela conta de colar azul existente, este povoado datará pelo menos da Idade do Ferro recente. O local onde se implantava este povoado teria ótima visibilidade para a linha costeira.

Seguimos para o Castro de Navais. Neste caso, temos ainda menos evidências. Ficaria situado numa pequena elevação, junto à aldeia de Navais, em Vila do Conde, contudo nunca foram encontradas estruturas. Encontra-se nos inventários gerais de tese de doutoramento de Silva (1986, n.º 321) e Queiroga (1992, n.º 238). Registamos apenas uma pequena referência a este povoado, por Leite Vasconcelos (1900: 94): "Há tambem dois castros – um em Nabaes que já vi – um outeiro pequeno com vestigios que prestem, e ao pé a Fonte do Castro, notavel por ser de abobada e, segundo creio, muito antiga"

Um outro povoado próximo do de S. João é o Castro de Argivai, na freguesia com o mesmo nome, no lugar de Crasto (segundo a Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000, f. 9-A).

[287] Agradecemos ao Dr. José Flores, arqueólogo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, o acesso aos materiais cerâmicos de 1906-1907 e de 1989 a 1991.
[288] Este pequeno estudo encontra-se no *Inventário,* capítulo 2, do Anexo I.
[289] O nosso contributo encontra-se no Inventário, capítulo 2, do Anexo I.

Ficaria situado junto ao cruzamento do IC1, em direção a Vila do Conde, mas não existem praticamente dados sobre ele.

Num raio de 10 km encontra-se entre a margem sul do rio Este e margem norte do rio Ave a Cividade de Bagunte. Este povoado encontra-se no inventário de duas teses de doutoramento a de Armando C. Silva (1986, n.º 330) e a de Francisco Queiroga (1992, n.º 249).

Trata-se de um povoado amplamente escavado, pelo menos a sua acrópole, entre 1944 e 1947 dirigidas por Fernando Russel Cortez. Volvidos quase 40 anos nos anos 80 e 90 do século XX foram iniciadas campanhas de limpeza da vegetação, com a orientação científica e apoio da Câmara Municipal de Vila do Conde.

Finalmente, em 2009, foram retomadas as escavações, criando o "Projeto Arqueológico da Cividade de Bagunte". Estas permitiram uma redefinição da extensão do povoado, que será bastante mais ampla que o espaço que foi classificado em 1910.

Com efeito, as campanhas de escavações realizadas a partir de 2009 foram dirigidas pelos Drs. Pedro Brochado de Almeida e Paulo Costa Pinto, arqueólogos do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila de Conde, a par com uma *field-shcool* da Universidade Austin. Quanto ao estudo dos seus materiais conhece-se pouca informação. Apesar disso, os materiais encontrados e considerados até 2020 colocavam este local entre o séc. II a.C. até à Idade Média. E as estruturas escavadas e postas à vista na década de 40 e 50, em termos genéricos, datarão do séc. I a.C.- I d.C..

No contexto deste trabalho foi realizada uma breve análise aos materiais cerâmicos encontrados neste povoado entre 2009 e 2015 (Oliveira, 2019a), cujos resultados são especialmente relevantes em termos comparativos para outras áreas geográficas.

Em 2020 foi publicado um artigo com materiais deste povoado, inéditos e descontextualizados, que se encontravam em depósito do Museu de História Natural da Universidade do Porto (Almeida *et al.*, 2020). Destacamos além de material cerâmica da Idade do Bronze, um fragmento de asa bífida[290]. Com estes materiais a cronologia das ocupações deve ser revista.

Passando para a margem sul do rio Ave, temos o Castro da Retorta, localizado nesta freguesia de Vila do Conde. Segundo uma descrição de Martins Sarmento (1999: 286): "num...outeiro de pouca elevação, cuja raiz é lavada pelo Rio Ave. Encontrámos umas quatro metades de ânforas; fragmentos de telha com rebordo, asas de ânforas e diferente louça... é vulgar

[290] Ver *Inventário,* capítulo 2, da do Anexo I.

achar-se alicerces de casas redondas." Portanto tratar-se-á de um povoado ribeirinho, de baixa altitude, que foi muito romanizado, uma vez que, foram estudados por Jorge e Adília Alarcão (Silva e Alarcão, 1963: 197) alguns vidros romanos aí encontrados.

Este povoado encontra-se no inventário de duas teses de doutoramento a de Armando C. Silva (1986, n.º 325) e a de Francisco Queiroga (1992, n.º 253).

Este povoado encontra-se parcelarmente destruído. Em termos defensivos, António Dinis (1993: 94) refere que seria composto por duas muralhas, contudo, neste século apenas se observa uma muralha e um fosso (Moreira, 2009: 79). Teria ainda um fosso no lado sudeste (Moreira, 2009: 79). De referir que este autor coloca este povoado no povoado de Tipo C seguindo a tipologia de povoados criada por M. Martins (1990) para o povoamento proto-histórico no vale do Cávado (Moreira, 2009: 78-79). Ainda num estudo monográfico dos anos 40, Eugénio Freitas (1949: 20-21), refere que este povoado seria um povoado mencionado em documentos do séc. XII, como "castro celoria" e que ainda eram visíveis tramos das muralhas nesse período

Um outro povoado que devemos referir é o Castro do Boi. Encontra-se implantado num promontório que se destaca na planície costeira, na união de freguesias Fornelo e Vairão, onde hoje se encontra a capela de Santo Ovídeo. Trata-se de um local de onde se visualiza a foz do rio Ave e a costa. Agostinho Azevedo (1939: 102) cita um documento do séc. X que lhe faz referência como "castro de boue" (Dinis, 1993: 64). A. Dinis (1993: 95) refere a existência talvez de uma muralha e com certeza de um talude no lado sudoeste. Existem referências que relatam o aparecimento de alicerces de estruturas redondas da Idade do Ferro, além de algum material desse período de material de construção romano (Almeida, 1969: 34; Moreira, 2009: 325; Maciel, 2018: 53-54). Este último autor classifica-o como sendo um povoado de tipo C, seguindo a tipologia de povoados criada por M. Martins (1990) para o povoamento proto-histórico no vale do Cávado. Alarcão (2000: 48) assume que este povoado teria sido um lugar central no povoamento. Terá tido uma fortificação destacável na Idade Média (Moreira, 2009: 358) tendo em conta os mais de quarenta diplomas, no qual a denominação deste local oscila entre "casttelum de bove, Castro de Bonve e Kastro de bove". Este investigador considera que o seu posicionamento, com grade domínio visual da envolvente (com terrenos de grande aptidão agrícola) terá sido um dos principais fatores à manutenção deste local depois do séc. I d.C. (Moreira, 2009: 109-110).

No extremo sul deste raio de 10 km devemos referir a existência do povoado marítimo de S. Paio, na freguesia de Labruge, em Vila do Conde. Fica implantado num pequeno promontório a uma altitude de 14 metros, a escassos metros da costa. Foi descoberto por Fernando Lanhas e

Domingos de Pinho Brandão (Lanhas e Brandão, 1969) em 1959, e alvo de várias ações de destruição e de "caça ao tesouro" durante os anos 60 e 70 do séc. XX. É apenas, nos anos 90 que foram realizadas escavações no local dirigidas pelos arqueólogos Paulo Costa Pinto e Carlos Alberto Brochado de Almeida (Pinto e Almeida, 1994, 1994a, 1996) no quais foram encontradas algumas estruturas pétreas e com materiais datáveis genericamente da Idade do Ferro. Na tese de mestrado de António Dinis (1993: 101-102) este povoado é mencionado fazendo um abreve referência aos materiais, referindo a existência de um talude e muralha a este. S. Paio volta a ser mencionado em teses de mestrado de J. Pinho (2009) e Sílvia Maciel (2018). O primeiro autor insere este povoado na sua tipologia C (Pinho, 2009: 40) de vocação agrícola.

4.4.4. Materiais cerâmicos sem contexto

Devido a pequenas obras efetuadas na encosta do outeiro sobranceiro, local onde se implanta este povoado, foi sendo encontrado alguns fragmentos cerâmicos[291] ao longo do tempo. Destacamos que do pequeno espólio sem contexto foi encontrada uma tégula. De notar que não foi encontrado nenhum fragmento de material de construção romano durante as escavações na área sul do povoado.

4.4.5. Escavações

4.4.5.1 Introdução

As escavações arqueológicas, realizados pela empresa ERA, Arqueologia S.A. e Omniknos e sob a responsabilidade dos arqueólogos José Carvalho e Rui Pinheiro, incidiram no interior da cerca do convento de Santa Clara. Estas ocorreram entre outubro de 2019 e os inícios de julho de 2020.

Em termos metodológicos foram seguidas as metodologias de escavação de A. Carandini (1997), Barker (1989) e Harris (1991), com a remoção dos depósitos por níveis naturais. No fim do trabalho foi organizada a sequência estratigráfica horizontal e vertical (Matriz de Harris). Foram também realizadas fichas das unidades estratigráficas (UE's), com as respetivas características e inter-relações[292].

Na primeira fase, foram realizadas quatro sondagens num dos socalcos, a nascente do Convento de Santa Clara. No decorrer desta escavação ficou claro que seria necessária uma

[291] Estes materiais estão à guarda do Gabinete de Arqueologia da Câmara de Vila do Conde. Agradecemos o facto de os podermos observar.
[292] Informação da nota técnica (ERA Arqueologia, S. A., 2020).

intervenção arqueológica com alguma dimensão tendo em conta os vestígios arqueológicos que estavam a surgir. Por consequência, foi intervencionada uma área total de 830 m2 até se encontrarem níveis estratigráficos sem contextos arqueológicos (Pinheiro, 2020: 1084-1085).

Descreve-se, de seguida, as várias unidades estratigráficas e estruturas desta escavação, de forma sumária, com base em R. Pinheiro (2020). Estas possibilitaram, também, um faseamento das ocupações ali ocorridas, por forma a pudermos selecionar o que nos interessava estudar de modo detalhado.

De uma fase mais recente verificou-se um potente nível de entulhamento produzido aquando da construção de uma plataforma em cimento construída nos anos 30/40 do século XX.

Dos inícios da Idade Moderna detetou-se uma vala de fundação da ala este do atual edifício conventual, que no seu interior possuía uma série de aterros que encostavam a várias estruturas dos finais do século XVII/inícios do século XVIII R. Pinheiro (2020). Poderiam corresponder a estruturas de uma área de "recreio/lazer" correspondente à última fase de utilização deste espaço, antes da construção da plataforma de cimento (Fig. 10.4).



Fig. 10.4 Vista das estruturas da Idade Moderna e da Baixa Idade Média (fonte: R. Pinheiro (2020: 1090, fotografia adaptada).

Depois do desmonte destas estruturas e respetivos derrubes associados foi detetado um espaço delimitado por estruturas pétreas que foi interpretado como um corredor. No topo norte deste corredor foram registados vestígios de escadas de acesso a um patamar superior que existiria desse lado. Este corredor estaria recoberto de azulejos, visto que, junto à estrutura/muro identificado com a U.E. 927 (a estrutura cronologicamente mais antiga deste conjunto) detetou-se um derrube de azulejos de meados do século XVII.

Provavelmente da Baixa Idade Média foi registada uma estrutura argamassada e uma sepultura, em forma de caixa, constituída por pedras avulsas. O contexto fúnebre mencionado encontrava-se vazio e não forneceu material arqueológico (Pinheiro, 2020: 1085).

Ainda da Baixa Idade Média foi detetada uma área de nivelamento e de regularização do terreno composta por sedimentos de saibro, de cor amarelada (U.E. 977), sendo esta em certas zonas, bastante espessa. Sob esta camada foi possível descobrir um nível de sedimentos de coloração cinzenta (U.E. 994), que cobriam estruturas datáveis da Proto-história, em positivo e negativo, como cabanas pétreas, fossas, entre outras, atribuíveis, pelo menos, à Idade do Ferro (Fig. 10.5; Fig. 10.6).

É sobre as unidades estratigráficas que se associam a estas estruturas e respetivo espólio que este trabalho incidir sobretudo naquilo que diz respeito aos contextos da Idade do Ferro.

Apresentaremos em primeiro lugar os contextos e a sua descrição estratigráfica e em segundo lugar os materiais que surgiram nesses contextos. Trataremos os contextos construídos em pedra em primeiro lugar e depois algumas da estruturas em negativo.



Fig. 10.5 Aspeto da área escavada momentos antes de começar a escavação dos níveis da Idade do Ferro (autoria: Era, Arqueologia S.A., adaptado).

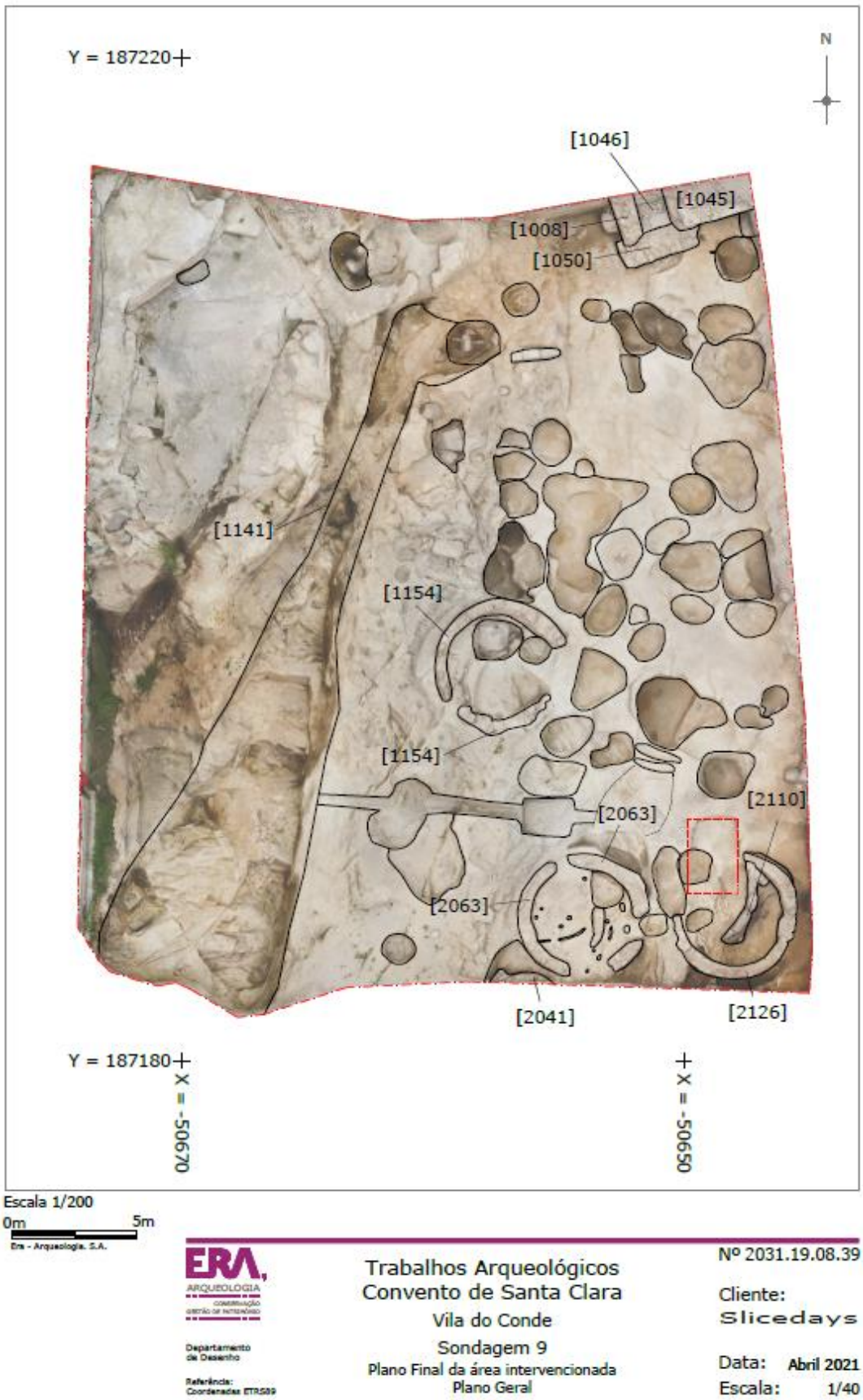


Fig. 10.6 Planta final do povoado de S. João. Observa-se as várias fossas registadas, as estruturas em positivo (cabanas) e o fosso do lado esquerdo (fonte: ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

4.4.5.2. Unidades estratigráficas, estruturas e materiais

Foram identificadas cinco estruturas pétreas circulares que se podem considerar cabanas, independentemente da sua função específica. Estas foram identificadas com um número sequencial: estrutura circular n. º 1, 2, 3, 4, e 5. Tal como as fossas. Foi ainda identificado uma estrutura em negativo que identificamos como Fosso. Esta nomenclatura é nossa.

Ocorreram também pelo menos mais 10 fossas que não foram incluídas neste trabalho.

Todos os dados estratigráficos, fotografias das estruturas e planta do sítio foram gentilmente fornecidas antes da produção do relatório final da intervenção. A descrição das estruturas identificadas e consideradas neste trabalho parte das informações contidas no relatório final da intervenção arqueológica (Carvalho *et al.,* 2024).

1) Estrutura circular n.º 1 (cabana)

1.1) Unidades estratigráficas e características arquitetónicas

Foi a primeira estrutura circular a ser descoberta. Foi identificada com correspondente à U.E. 1154 (Fig. 10.7). Trata-se de uma cabana circular, com cerca de 5,45 metros de diâmetro exterior, 4,30 metros de diâmetro interior e com um uma altura de parede máxima conservada de 0,80 metros. Esta parede, de dupla face, é constituída por blocos pétreos aparelhados, de pequena e média dimensão, tendo como ligante uma "argamassa" de cal e terra. A largura média destas paredes é de 57,5 cm. Estas paredes assentavam numa vala de fundação aberta no substrato granítico. A colocação das fiadas de pedras tem uma tendência horizontal. A parede desta estrutura acompanha a pendente do substrato geológico. A entrada estaria localizada a sudoeste, estando assinalada por blocos pétreos, aparelhados e dispostos horizontalmente, o que indicia uma possível soleira (Fig. 10.8 – 10.10) (Carvalho et al., 2024).

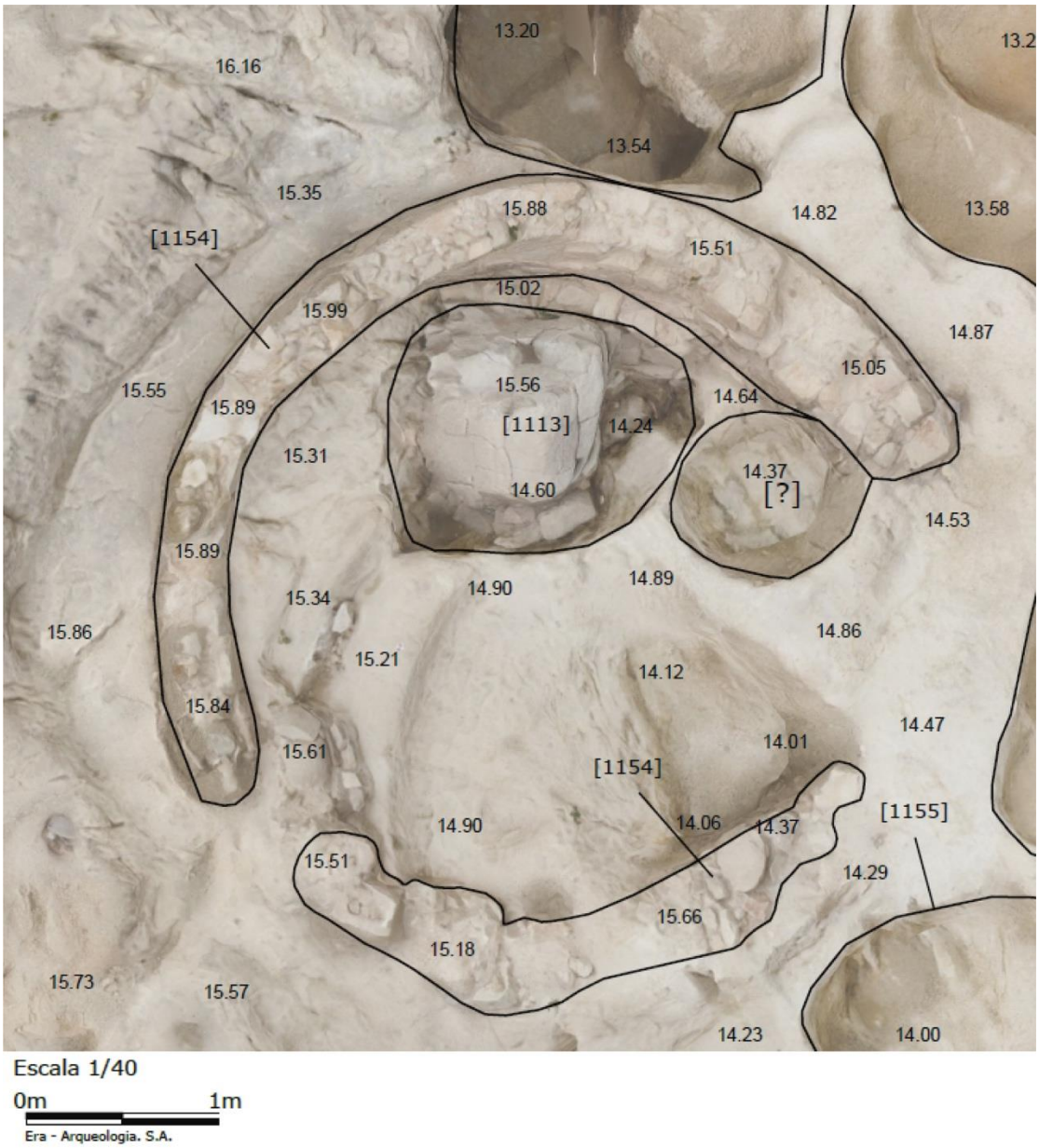


Fig. 10.7 Planta da estrutura circular n.º 1 (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).



Fig. 10.8 Vista sobre a estrutura circular n.º 1 onde se vê o pormenor construtivo das paredes e das fossas no seu interior (fotografia: ERA ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.9 Vista sobre a estrutura circular n.º 1 onde se vê o pormenor construtivo das paredes e das fossas no seu interior e do monólito no seu interior (fotografia: ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

Esta estrutura apresentava as seguintes unidades estratigráficas (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 994 - sedimento de coloração castanho-escura de matriz limosa, de grão fino. Corresponde ao primeiro sedimento que encosta diretamente às paredes da cabana, cobrindo toda a estrutura e a zona exterior a ela;

U.E. 1067 - é um derrube constituído por calhaus e blocos de pequeno e médio porte. Este derrube está localizado no interior da cabana;

U.E. 1068 - unidade estratigráfica localizada no interior da estrutura. Trata-se de um depósito de coloração castanho-clara de matriz arenosa, moderadamente homogénea, de grão fino e pouco compacto;

U.E. 1089 - também localizado no interior da cabana circular, constituída por um depósito de coloração castanho-amarelada, de matriz arenosa. Este sedimento é moderadamente homogéneo, de grão fino e pouco compacto;

U.E. 1113 – monólito no interior da estrutura circular (Fig. 10.10);

U.E. 1061 – corresponde a um sedimento de coloração castanha, de matriz arenosa, com cinzas. Esta unidade foi interpretada como um enchimento de uma estrutura de combustão. Esta unidade é posterior ao abandono ou colmatação desta estrutura circular. Esta camada fica no interior da estrutura circular;

U.E. 1110 - corresponde ao topo do enchimento de uma estrutura negativa e é composto por um sedimento de coloração castanha e castanha-amarelada, de matriz arenosa de grão médio, pouco compacta;

U.E. 1119 - localizada no interior da estrutura circular, é constituída por um depósito de sedimentos castanhos, de grão fino, medianamente compactos e com inclusões de nódulos de argamassa e de barro. Destruição de pavimento (?);

U.E. 1122 – localizada no interior da estrutura circular. Corresponde ao enchimento de uma estrutura negativa, com contorno sensivelmente circular e com 53 cm de profundidade constituído por um sedimento de coloração castanha muito escura. Este sedimento é cortado pela vala de fundação da casa circular, pelo que é mais antigo;

U.E. 1121 - localizada também no interior da estrutura circular, é um enchimento de uma estrutura negativa, com contorno semicircular, perfil em U (?), com uma profundidade de 0,49 metros e fundo aplanado e é constituída por um sedimento de coloração castanho muito escuro. Poderá ser mais antigo, contudo não forneceu material arqueológico;

U.E. 1127 - é constituída por sedimentos de cor castanho-clara, com inclusão de calhaus de pequena dimensão e nódulos de saibro. Encontrava-se no topo de uma das estruturas negativas no interior desta estrutura circular (Fig. 10.10), a U.E. 1121;

U.E. 1066 – sedimento localizado no exterior da estrutura circular. Tem coloração acinzentada, de matriz arenosa, moderadamente homogénea, de grão médio e pouco compacta. Este sedimento é coberto pelo derrube da casa 1 (U.E. 994). Este sedimento possuía uma quantidade apreciável de material de importação tardo-republicano romano. Poderia ser também outro nível de derrube da mesma cabana.



Fig. 10.10 Pormenor do monólito de pedra e aglomerado de pequenas pedras no interior da estrutura circular n.º 1; e pormenor do aparelho pétreo desta estrutura (fotografia: ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

1.1.1) Materiais arqueológicos

As U.E.'s 1061, 1067, 1089 e 1122 não forneceram materiais arqueológicos, pelo que o estudo se efetuou com os materiais cerâmicos e metálicos das U.E.'s 994, 1066, 1068, 1110, 1119 e 1127. Quanto à U.E. 1066 os materiais foram estudados de forma genérica, tendo em conta o tempo de concretização deste trabalho. Assim, incidimos o estudo nos materiais de importação que se encontravam em contexto relativamente selado. Neste contexto foi também observado um objeto metálico.

Materiais Cerâmicos

U.E. 994 (derrubes no exterior da cabana)

Trata-se de um contexto muito revolvido, com material de variada cronologia (Idade Moderna, Idade Média e Idade do Ferro) no qual destacamos dois fragmentos de duas asas da Idade do Ferro Recente. Estes são produzidos manualmente. As pastas são apenas micáceas. A cozedura oscila entre redutora e oxidante (um exemplar cada). A textura dos fragmentos é média. Os e.n.p são médios. Estes exemplares encontram-se ora alisados ora polidos (um exemplar cada).

Trata-se de duas asas completas, uma de perfil pentagonal de um púcaro - forma 2 e uma asa ovalar de uma panela de asa interior – forma 4 (Fig. 10.11).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, um deles possui um tamanho <4 e o outro, entre 4 e 8 cm.

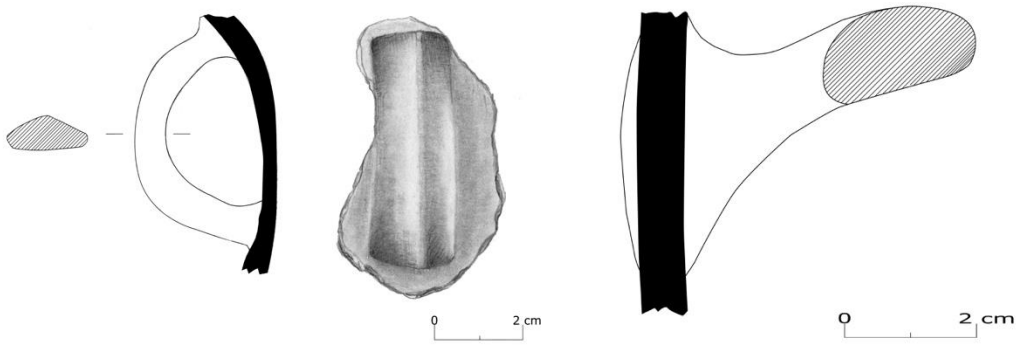


Fig. 10.11 Formas cerâmicas: forma 2a; forma 4.

U.E. 1066 (nível selado de ocupação no exterior da cabana, coberto pelo derrube da mesma)

Neste contexto devido ao volume de materiais encontrados 1340 fragmentos – [1267 fragmentos de cerâmica indígena (95%) e 73 fragmentos de cerâmica de importação (5%)] e aos constrangimentos temporais para a finalização deste trabalho, foram apenas estudados os materiais cerâmicos de importação, bem como um objeto metálico.

Devemos referir, contudo, que os materiais indígenas encontrados são datáveis da Idade do Ferro Recente, quer pelas características técnicas, quer formais. Sublinhamos neste particular vários exemplares da forma 6 (panelas de asa em orelha). Foi registado neste contexto alguns materiais mais recentes (cinco fragmentos de época romana) que datam do séc. I d.C. Porém, este contexto foi datado, sobretudo, pela quantidade e qualidade de materiais de importação de época tardo-republicana romana.

Materiais cerâmicos de importação

Foram contabilizados um bordo e duas asas de ânfora de tipo Haltern 70, oriunda da Bética, datável de entre os meados do séc. I a.C. e finais do séc. I d.C. (Fig. 10.12). Foram identificadas, ainda, uma asa de seção circular (Fig. 10.13, a)) e três bojos de ânfora, da área do vale do Guadalquivir; um fundo de ânfora indeterminada, proveniente da Bética, e uma base de fundo côncavo alargado, de pasta arenosa, de cerâmica comum romana, também com proveniência da Bética (Fig. 10.13, b)).

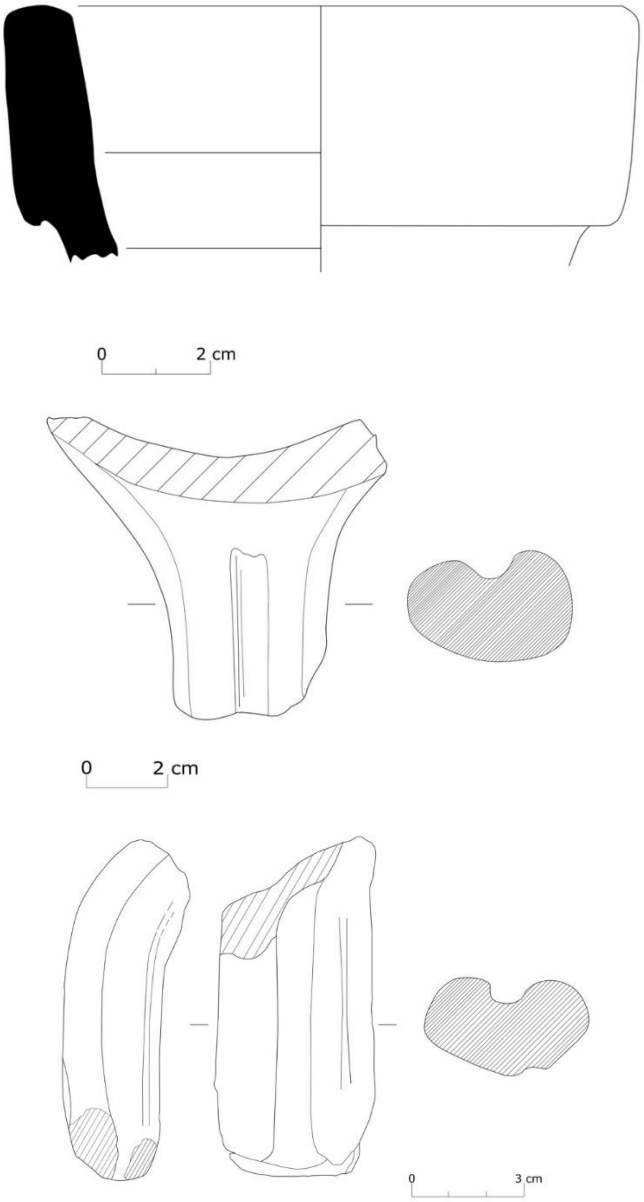


Fig. 10.12 Fragmentos de ânfora tipo Haltern 70.

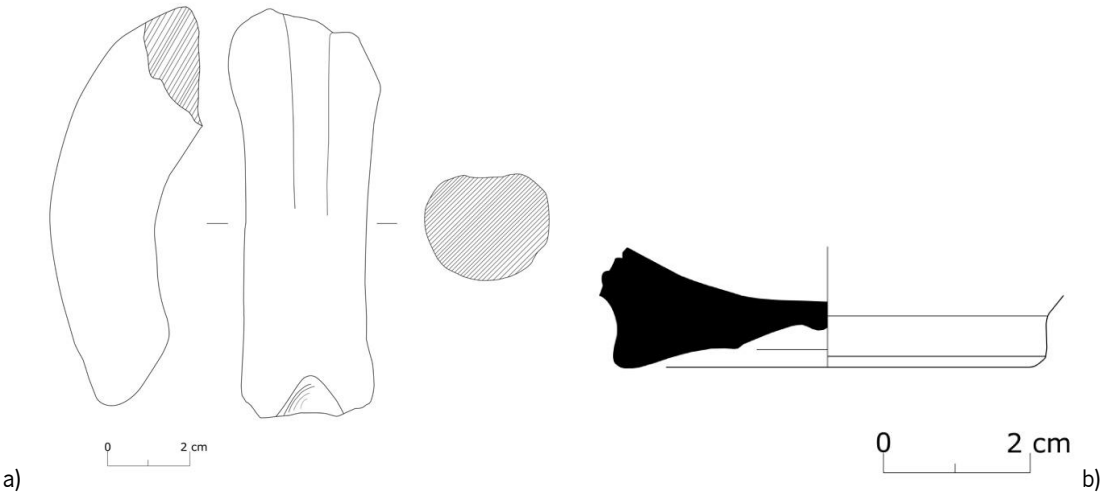


Fig. 10.13 Asa de ânfora (?) da área do vale do Guadalquivir e fragmento de cerâmica comum romana, oriunda da Bética.

Foram, ainda, registados um conjunto considerável de bojos de ânfora, de várias proveniências: 29 fragmentos oriundos da Bética costeira; 21 fragmentos de ânfora oriundas da baía de Cádis, entre eles, um fragmento com grafito (Fig. 10.14) e 14 fragmentos oriundos da Bética.



Fig. 10.14 Bojo de ânfora com grafito.

De salientar, três fragmentos da mesma peça de cerâmica de produção Bética de imitação tipo II – Peñaflor ou forma 1b, segundo Martinez (1987; 1989), datável do câmbio de era, podendo existir até ao reinado de Tibério (meados do séc. I d.C.) (Fig. 10.15).

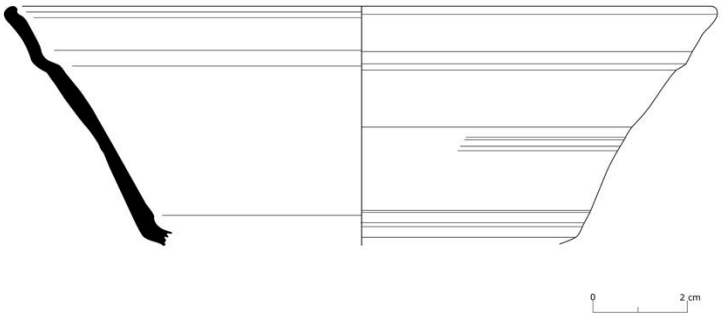


Fig. 10.15 Taça de imitação tipo Peñaflor – Forma 1b.

Como material reutilizado registámos um cossoiro perfurado feito sobre um bojo de pasta de ânfora, com proveniência da Bética costeira (Fig. 10.16).



Fig. 10.16 Bojo de ânfora perfurado (disco).

U.E. 1068 (enchimento do interior da cabana)

Nesta UE identificaram-se 224 fragmentos, um dele tecnicamente inserível na Idade do Bronze; 31 inseríveis no Ferro Antigo e 192 do Ferro Recente e um fragmento importado deste período. Há ainda uma peça de importação e materiais de construção. Tratando-se de uma ocupação do Ferro Recente os materiais da Idade do Bronze e do Ferro Antigo devem considerar resultantes de processos pósdeposicionais, provenientes de ocupações anteriores à construção desta cabana.

Idade do Bronze

O fragmento, que datámos da Idade do Bronze é uma base de fundo plano simples (Fig. 10.17), de produção manual. Este fragmento possui cozedura redutora. A pasta é arenosa. A textura do fragmento é média. Os e.n.p são pequenos. Este exemplar encontra-se polido. Este possui um tamanho entre 4 e 8 cm e encontra-se rolado.

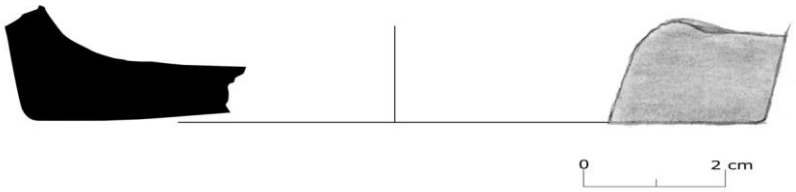


Fig. 10.17 Forma cerâmica: base de fundo plano simples.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram estudados 31 fragmentos de cerâmica. Foram registados sete exemplares de bordos, seis exemplares de bases, quatro exemplares de asa e 14 bojos (dois deles decorados).

Os fragmentos são de produção manual. A maior parte deles possui cozedura redutora, embora seis exemplares possuam cozedura oxidante. As pastas são micáceas, maioritariamente, e apenas quatro fragmentos possuem pasta micácea-arenosa. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (20 exemplares), seguido de textura grosseira (sete exemplares) e de textura fina (quatro exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de médio (16 exemplares), pequeno (11 exemplares) e grande (quatro exemplares) calibre. Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, polidos (17 exemplares) e o restante encontram-se alisados (14 fragmentos).

Em termos formais, registaram-se sete bordos. Destes, três são esvasados, dois abertos e dois em aba soerguida. Quanto às bases, foram registados três exemplares de fundo plano alargado, dois de fundo plano simples e um indeterminado.

Foram ainda identificados quatro fragmentos de asa, dois deles de secção circular e dois subcirculares.

Neste contexto foram individualizadas nove formas: um exemplar da forma 1a (pote), dois exemplares da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), três exemplares da forma 2b (potinho) e três exemplares da forma 4a (panela de asa interior) (Tab. 10.1; Fig. 10.18).

Tabela 10.1 Formas cerâmicas datáveis da Idade Ferro Antigo da U.E. 1068

Formas	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	11%
Forma 1b (pote)	2	22%
Forma 2b (potinho)	3	33,5%
Forma 4 (panela de asa interior)	3	33,5%
Total	**9**	**100%**

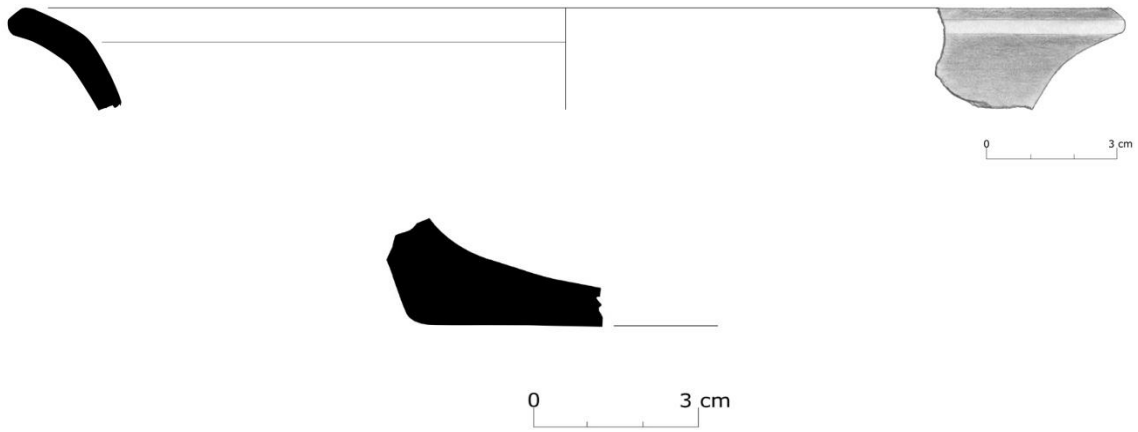


Fig. 10.18 Formas cerâmicas: forma 1 a (pote) e base de fundo plano simples.

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir a existência de dois fragmentos decorados por incisões, com um sulco horizontal, cada um.

Apenas nove fragmentos tinham fuligem no exterior devido a uso. Esta encontrava-se em bojos e nas formas 2 (potinhos/púcaros) e 4 (panela de asa interior).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho entre 4 e 8 cm (20 exemplares). Com < de 4 cm há sete exemplares e com um tamanho >8 cm há quatro exemplares. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia material com pouco transporte pós-queda, embora alguns pudessem ter estado sujeito a agentes erosivos, pois foram identificados 11 fragmentos rolados (35%).

Idade do Ferro Recente

Cerâmica de fabrico indígena

Neste contexto foi estudado um total de 192 fragmentos de cerâmica. Entre eles há 152 bojos (nove deles decorados), 31 exemplares de bordos e nove exemplares de bases.

Os fragmentos são, na sua maioria, de produção à roda/torno (134 exemplares), embora 58 exemplares fossem produzidos manualmente.

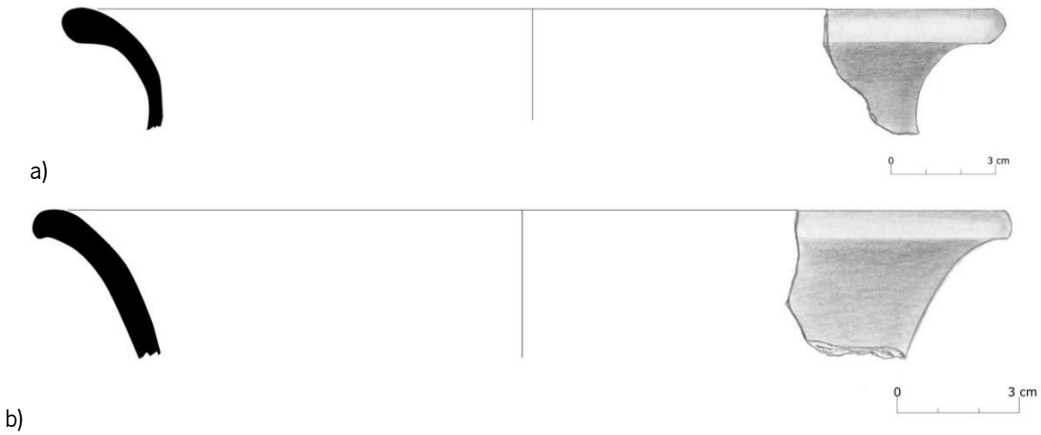
A maior parte dos fragmentos possui cozedura redutora e 59 (31 %) exemplares possuem cozedura oxidante. As pastas são apenas micáceas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (106 exemplares), seguido dos de textura fina (78 exemplares) e dos de textura grosseira (sete exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de médio (91 casos), pequeno (77 casos) e grande calibre (24 casos). Estes encontram-se, na sua maioria, polidos (121 fragmentos), embora 71 sejam alisados.

Em termos formais os exemplares de bordos dividem-se em 17 esvasados, 11 em aba soerguida, dois abertos e um vertical. As bases dividem-se em seis de fundo plano alargado, uma de fundo plano simples e duas indeterminados. Os restantes exemplares são constituídos por 152 bojos.

Neste contexto foram individualizadas 29 formas cerâmicas datáveis deste período a saber: quatro exemplares da forma 1a (pote), 11 exemplares da forma 1b (pote, com bordo em aba soerguida), 12 exemplares da forma 2b e dois exemplares da forma 4b (panela de asa interior) (Tab. 10.2; Fig. 10.19).

Tabela 10.2 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente da U.E. 1068

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	4	14%
Forma 1b (pote)	11	38%
Forma 2b (potinho)	12	41%
Forma 4b (panela de asa interior)	2	7%
Total	**29**	**100%**



a)

b)

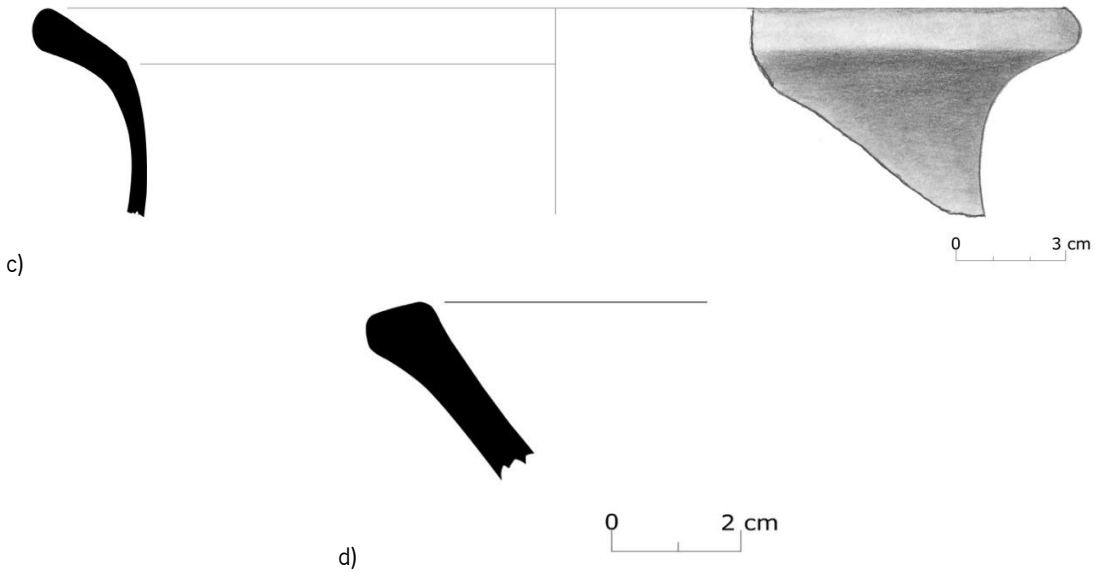


Fig. 10.19 Formas cerâmicas: a) – c) formas 1a e forma 1 b; d) Forma 2 b (?).

Foi identificado, ainda, um fragmento de uma forma 4 com aderências orgânicas na superfície interna (Fig. 10.20).



Fig. 10.20 Forma cerâmica: forma 4, com aderências no seu interior.

Foram registados 47 fragmentos com fuligem exterior: sete são respeitantes às formas 2 (potinho/púcaro) e 4 (panela de asa interior) que estiveram intencionalmente sobre o fogo.

Neste conjunto, foram identificados nove fragmentos decorados por incisão, aplicação plástica e decorações compósitas.

Os seis exemplares por incisão, apresentam as seguintes temáticas: entre um a cinco sulcos horizontais, triângulos preenchidos, pequenos sulcos incisos horizontais e verticais e espinhados (Fig. 10.21). Foi registado, um fragmento decorado por aplicação plástica (um cordão aplicado na horizontal). Foram, ainda, registados dois exemplares decorados por aplicação plástica e incisão. Um deles possui triângulos preenchidos, seguido de dois sulcos incisos e, por baixo, asa mamilar disposta na vertical (Fig. 10.21).

O outro exemplar possui um cordão aplicado na horizontal, seguido de várias pequenas incisões na oblíqua.

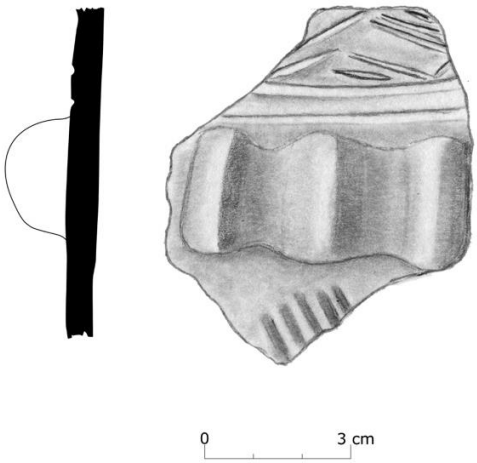
a)  b) 

Fig. 10.21 Fragmento decorado por incisão (decoração em espinha) e fragmento decorado por incisão, aplicação plástica e brunido (?).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem um tamanho entre 4 a 8 cm (93 exemplares), seguidos dos < de 4 cm (88 exemplares) e dos >8 cm (11 exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) tal indicia material que quase não sofreu mobilidade após quebra, estando *in situ.* Foram identificados apenas 30 fragmentos (16 %) com as arestas roladas.

Cerâmica de importação

Foi detetado um bojo de ânfora cuja pasta é indicadora de ser originária da baía de Cádis.

Materiais de construção

Neste contexto foram identificados dois fragmentos de reboco ou pavimento, em argila (Fig. 10.22). O maior, de cor castanho-clara, possui 3,3 cm de comprimento, por 2,4 cm de largura e 1,2 cm de espessura e encontra-se bem cozido.

O fragmento pequeno possui 2,9 cm de comprimento, por 2,5 cm de largura e 1 cm de espessura. Tem uma cor castanho-escura, possui má cozedura e encontra-se muito rolado.



Fig. 10.22 Fragmentos de pavimentos ou rebocos em argila. Este parece ter argila vermelha adicionada.

U.E. 1119 (enchimento da cabana)

Aqui foram encontrados sete fragmentos de cerâmicos todos da Idade do Ferro Recente, entre eles: seis exemplares de bojos e um exemplar de bojo com uma asa completa.

Quatro fragmentos são de produção à roda/torno e os restantes três exemplares são produzidos manualmente. Quatro possuem cozedura oxidante e três exemplares cozedura redutora. As pastas são apenas micáceas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, fina (três casos), seguido dos de textura média (dois casos) e dos de textura grosseira (dois casos). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (três fragmentos), médio (três fragmentos) e de grande (um fragmento) calibre. Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, alisados (cinco fragmentos). Os restantes encontram-se alisados (dois fragmentos).

Em termos formais, a única asa detetada é de seção em fita e corresponde a um exemplar da forma 2a (púcaro).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem um tamanho < de 4 cm (cinco exemplares) e entre 4 e 8 cm (dois exemplares). Foi registado um fragmento rolado.

U.E. 1127 (no interior da cabana 1 e no topo de uma das estruturas negativas)

Foram encontrados poucos materiais cerâmicos neste contexto, num total de 36 fragmentos de dois períodos diferentes entre a Idade do Ferro Antiga (seis exemplares) e da Idade do Ferro Recente (30 exemplares).

Idade Ferro Antigo

Neste contexto foram estudados um total de seis fragmentos de cerâmica: quatro bojos (um deles decorados), um bordo e uma base.

Os fragmentos são de produção manual, maioritariamente de cozedura redutora, embora um exemplar possua cozedura oxidante. As pastas são maioritariamente micáceas e apenas um fragmento possui uma pasta micácea-arenosa. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (quatro exemplares) e de textura fina (dois exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de médio (quatro exemplares) e pequeno (dois exemplares) calibre. Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, polidos (quatro exemplares). Os restantes dois encontram-se alisados.

Em termos formais o bordo registado é esvasado, mas devido ao seu diminuto tamanho não foi possível apurar a sua forma. O exemplar de base é de fundo plano simples.

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir a existência de um exemplar decorado por espatulado, possuindo vários sulcos na horizontal.

Apenas um fragmento possuía fuligem e diz respeito a um bojo.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem um tamanho < de 4 cm (quatro exemplares), entre 4 e 8 cm (um exemplar) e >8 cm (um exemplar). Foram identificados dois fragmentos rolados.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados um total de 30 fragmentos de cerâmica: 24 exemplares de bojos (um deles decorados), quatro bases e um bordo.

Os fragmentos são de produção à roda/torno em 20 casos e os restantes 10 são produzidos manualmente.

A maior parte dos fragmentos possui cozedura redutora (22 casos), embora oito possuem cozedura oxidante. As pastas são apenas micáceas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria,

média (23 exemplares), seguido dos de textura fina (seis exemplares) e dos de textura grosseira (um exemplar). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (18 fragmentos) e médio calibre (12 fragmentos). Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, polidos (25 exemplares). Os restantes encontram-se alisados (cinco exemplares).

Em termos formais o bordo registado é aberto e pertence a um exemplar da forma 4 b (panela de asa interior).

Os exemplares de base são de fundo plano alargado (dois) e de fundo plano simples (dois).

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir a existência de um exemplar decorado por incisão, com um sulco horizontal.

Foram registados oito fragmentos com fuligem na superfície exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes são, na sua maioria, < de 4 cm (19 exemplares). Entre 4 e 8 cm há 11 exemplares. Foram registados quatro fragmentos rolados (13%). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) este material parece ter sofrido alguma deslocação pós-quebra.

A mistura de materiais pode relacionar-se com o enchimento da estrutura em negativo U.E. 1121. Isto partindo do princípio de que esta é mais antiga que a construção da cabana circular n.º 1. Essa estrutura em negativo não tinha materiais no seu interior.

Materiais metálicos

Quanto aos materiais metálicos estudados neste contexto devemos referir que na U.E. 994 foi estudada um aro de fíbula com decoração geométrica e parece-nos elaborada a partir de um molde bivalve ou pela técnica de cera perdida (Fig. 10.23). Trata-se de uma peça produzida em liga de bronze, e com vestígios de prata[293]. Mede 3,5 cm de aro, com uma largura de 0,6 cm e uma espessura 0,5 cm. Possui um peso de 4,3 gr. Poderá ser uma fíbula de tipo Ponte 23 (ou de Santa Luzia), talvez datada do Ferro Antigo (Ponte, 2006), mas ainda em uso no Ferro recente. Não conhecemos paralelos que apresentem esta decoração geométrica.

[293] Observável ao microscópio, durante os trabalhos de conservação e restauro.

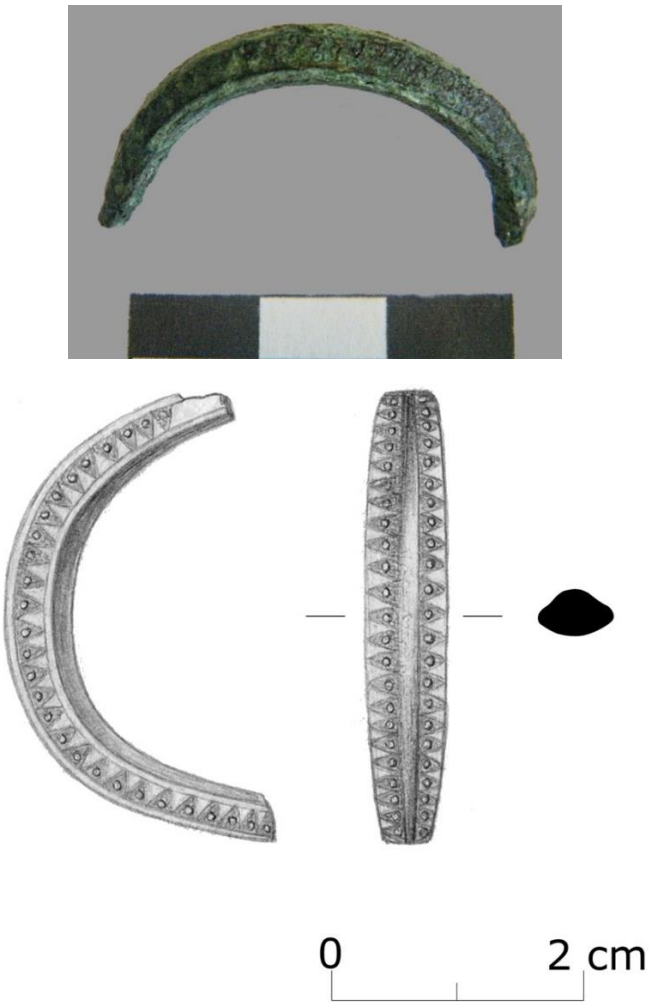


Fig. 10.23 Arco de fíbula decorado.

Foi registado na U.E. 1068 o resta de um fuzilhão de fíbula (Fig. 10.24), com cerca de 3,1 cm de comprimento máximo e 0,4 cm de espessura. Possui ainda 1,5 gr. de peso.



Fig. 10.24 Fuzilhão de fíbula.

Finalmente, na U.E. 1066 foi analisada, por fotografia, uma outra fíbula que devemos incluía na tipologia de Santa Luzia (Silva, 1986) ou Ponte 23 (Silva, 1986; Ponte, 2006) com uma

cronologia de produção e uso muito lato (finais do séc. VII a.C./inícios do séc. VI a.C. e finais do séc. IV a.C. a inícios do séc. I a.C. Tendo em consideração o contexto será datável do Ferro Recente (Fig. 10.25). Para esta peça temos um paralelo na Citânia de Sanfins (Silva, 1986, Est. CIV, n.º 6).



Fig. 10.25 Fíbula de tipo Santa Luzia ou Ponte 23.

U.E. 1110 (enchimento de uma estrutura em negativo de cronologia histórica)

Neste contexto foram registados vários fragmentos de época baixo medieval e moderno, que datam da estrutura de época histórica. Mesmo assim, no seu interior, existiam materiais mais antigos, neste caso da Idade do Ferro Recente, num total de 47 fragmentos cerâmicos.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados um total de 47 fragmentos subdivisíveis em: 39 bojos (três deles com características intencionais), cinco bordos e duas bases.

Os fragmentos são, na sua maioria, de produção à roda/torno, embora três exemplares sejam produzidos manualmente.

A maior parte dos fragmentos possui cozedura redutora, mas sete exemplares possuem cozedura oxidante. As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, fina (24 casos), seguido dos de textura média (24 casos) e dos de textura grosseira (dois casos). Os e.n.p dividem-se entre pequenos (21 fragmentos), médios (11 fragmentos) e grande (15 fragmentos) calibre. Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, alisados (29 exemplares) e o restante encontra-se polido (dois exemplares).

Em termos formais foram registados cinco bordos, dois deles esvasados, um em aba horizontal, um em aba soerguida e um indeterminado. Foram ainda contabilizado dois exemplares da base de fundo plano alargado (Fig. 10.26).

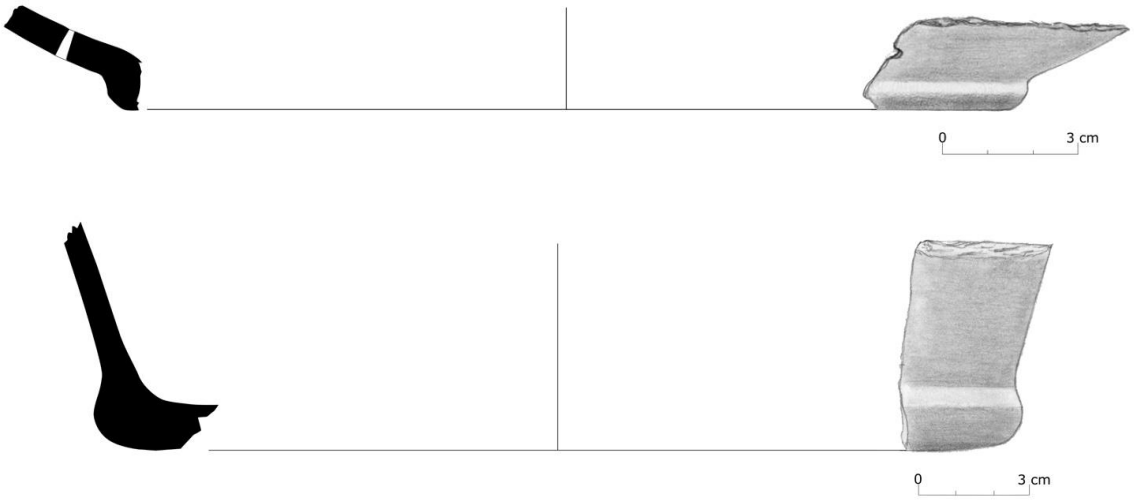


Fig. 10.26 Formas cerâmicas: bases de fundo plano alargado, um deles com perfuração para agrafo metálico.

Neste contexto foi registado um exemplar da forma 1 a (pote, com bordo esvasado), um exemplar decorado da forma 1 b (pote, com bordo em aba soerguida) e um exemplar da forma 2 b (potinho). Foram registados dois exemplares (bordos) cuja forma não foi possível apurar (Tab. 10.3 e Fig. 10.28).

Tabela 10.3 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente da U.E. 1110

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	33,3 %
Forma 1b (pote)	1	33,3%
Forma 2b (potinho)	1	33,3 %
Total	**3**	**100 %**

Foram identificadas decorações em dois bordos de potes. Um dos casos tem uma incisão na aba e o outro tem uma decoração compósita com um sulco inciso e várias impressões de tipo vegetalista no início do bojo (Fig. 10.28, c)).

Finalmente, num bojo foi registado uma perfuração (Fig. 10.27).



Fig. 10.27 Fragmento com uma perfuração.

Foram registados fragmentos com fuligem na superfície exterior de 11 bojos, como no bordo da forma 2b, indiciando o seu uso sobre o lume.

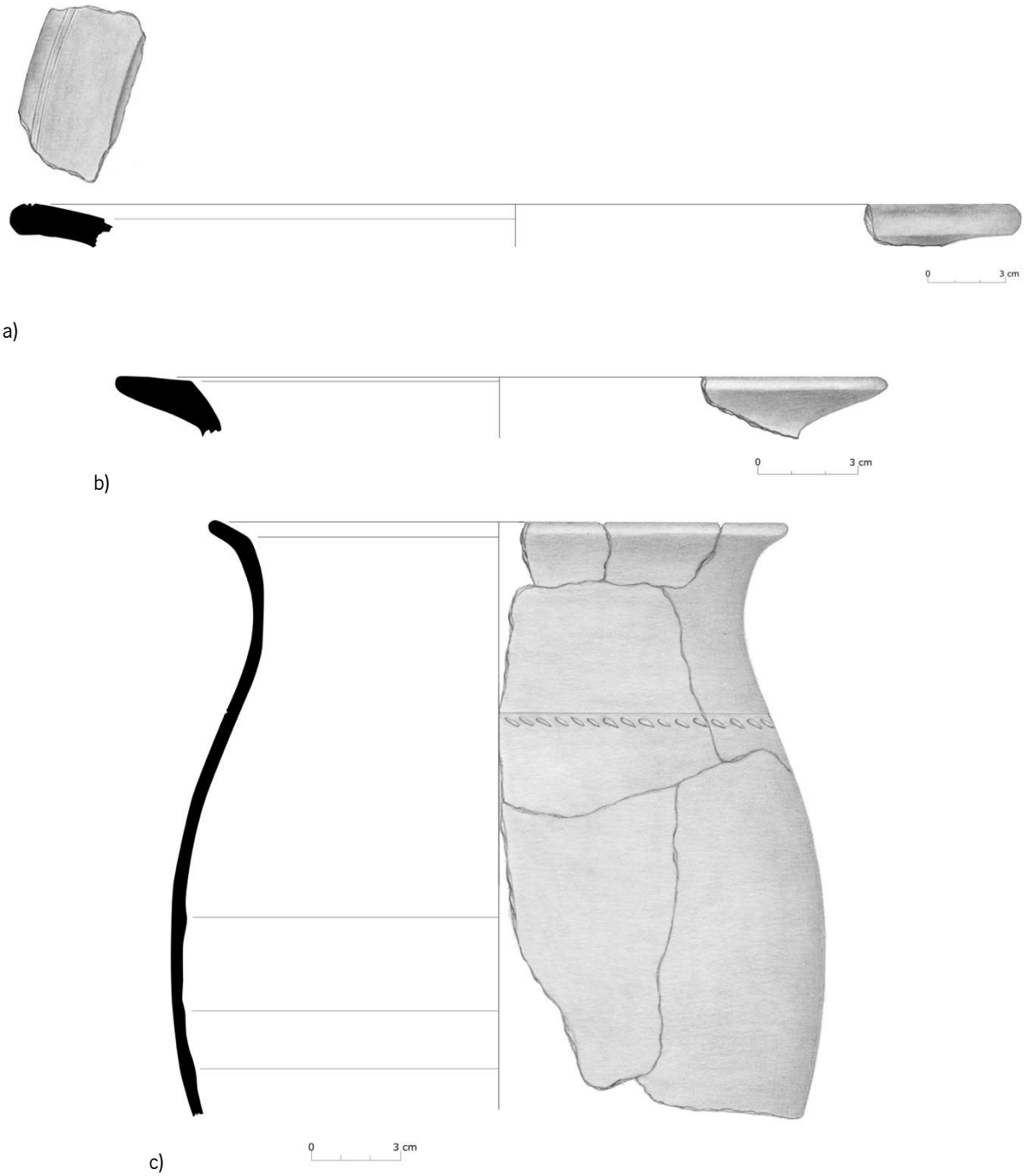


Fig. 10.28 Formas cerâmicas: a) forma 1 b decorada por incisão e impressão; b) forma 1 a com decoração incisa; c) forma 2b.

Em termos técnicos há fragmentos com um orifício resultante da aplicação de agrafo metálico e ainda um bojo que possui pasta cerâmica agregada, talvez devido a um restauro efetuado pelo oleiro.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes apresentam-se com dimensões < de 4 cm (23 exemplares), entre 4 e 8 cm (20 exemplares) e >8 cm (quatro exemplares).

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) os fragmentos foram medianamente deslocados após-quebra. Há, ainda, 12 fragmentos (26 %) rolados que indicia exposição a agentes erosivos após quebra.

2) Estrutura circular n.º 2 (cabana)

2.1) Unidades estratigráficas e características arquitetónicas

A estrutura circular que corresponde à U.E. 2063 tem cerca de 4,9 metros de diâmetro exterior e cerca de 3,85 metros de diâmetro interior (Fig. 10.29 – 10.32). A largura da parede, de dupla face, tem em média de 0,35 metros. A parede desta estrutura é constituída por pedras aparelhadas de pequena e média dimensão, dispostas em fiadas, tendencialmente horizontais, não tendo marcas de pico. O interior deste aparelho é constituído por pedra miúda e saibro compactado, não tendo qualquer tipo de argamassa. A altura máxima de alçado conservado é de cerca de 0,80 metros. A entrada desta estrutura estaria no canto SE, onde se detetou uma possível soleira da porta (Carvalho *et al.,* 2024).

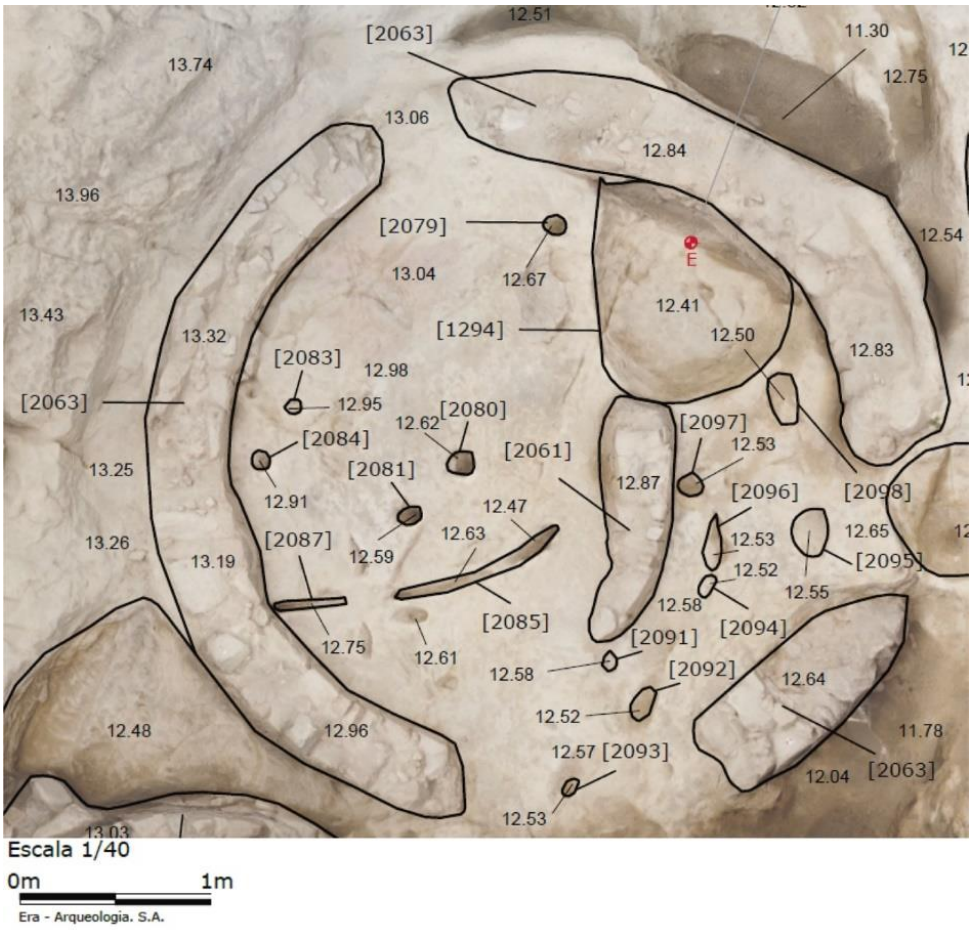


Fig. 10.29 Planta da estrutura circular n.º 2 (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A, adaptado).



Fig. 10.30 Vista sobre as U.E.'s 2061 e 2067. Possível soleira e possível estrutura divisória da estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

No interior desta estrutura detetaram-se vários **níveis de ocupação,** alguns anteriores à sua construção (Carvalho *et al.,* 2024). Esta estrutura apresenta a seguinte estratigrafia:

U.E. 2067 – estrutura divisória com 0,38 m de largura constituído por pedras aparelhadas de pequena e média dimensão em fiadas tendencialmente horizontais. O seu interior é constituído por pedra miúda compactada com sedimentos. Esta estrutura está localizada na zona onde provavelmente seria a porta. Esta situação repete-se na estrutura n.º 4 escavada no canto SE da escavação;

U.E. 1135 – sedimento de coloração castanho-acinzentada, arenoso, moderadamente homogéneo, de grão médio, de compacidade média, cobre a U.E. 1147;

U.E. 1197 – esta unidade é constituída por um sedimento de coloração castanha/castanha acinzentada de matriz areno-argilosa, compacta e heterógena. É coberta pela U.E. 1135 e cobre uma série de realidades diferentes, correspondente às U.E.'s 1236, 1237, 1238, 1239, 1240, 1241 e 1242;

U.E. 1240 – é uma mancha de argila cozida de coloração avermelhada/alaranjada. Esta unidade cobre a U.E. 1242 e é coberta pela U.E. 1197;

U.E. 1241 – é constituída por um sedimento de coloração muito escura, quase preta, moderadamente homogénea, compacta, de grão médio com inclusões de carvões e pedras de pequeno calibre. Este sedimento parece ter estado sujeito à ação de fogo/calor ou corresponderá

a derrubes de incêndios (?). Esta unidade U.E. 1241 é coberta pela U.E. 1197 e cobre as U.E.'s 1242 e 1289;

U.E. 1242 – é constituída por um sedimento de coloração castanha de matriz arenosa, moderadamente homogénea de grão médio, sendo pouco compacta. Esta é coberta pelas U.E.'s 1197, 1240 e 1241;

U.E. 1260 – é o enchimento da sepultura localizada no interior desta estrutura circular. Este enchimento é constituído por um sedimento de coloração castanha de matriz arenosa, com um grão fino, homogénea e pouco compacta. Esta unidade cobre a inumação primária identificada com a U.E. 1291;

U.E. 1294 – vala de sepultura;

U.E. 1291 – esqueleto em decúbito dorsal, com orientação W-E, tendo as mãos cruzadas sobre a pélvis. Sobre o ilíaco direito o esqueleto tinha uma fivela com uns caracteres, em liga de cobre. O pé esquerdo não existe, quer como parte da tíbia e perónio esquerdo também estão destruídos, notando-se neste dois últimos ossos um "arrastamento" aquando da vala de saque da parede da estrutura circular;

U.E. 1262 – é constituída por um sedimento de coloração castanho de matriz areno-argiloso, sendo moderadamente homogénea, de grão fino, pouco compacta com alguns nódulos de argila. Esta unidade é coberta pela U.E. 1242 e cobre a U.E. 2048;

U.E. 2004 – é constituída por um depósito de sedimentos muito negros com inclusão de ossos, carvões e cinzas. Esta camada situa-se no interior da estrutura circular. Este depósito é cortado pela sepultura identificada com a U.E. 1294 e enche o interface vertical U.E. 2045;

U.E. 2045 – esta U.E. tem um contorno sub-ovalado, paredes retas e fundo ligeiramente côncavo. No fundo deste existia umas pequenas pedras imbricadas. Será um possível buraco de poste;

U.E. 2048 – localizada no interior da estrutura circular é composta por um sedimento de coloração castanha, castanha-clara de matriz areno-argilosa. É um sedimento de grão fino, pouco compacto sendo medianamente homogéneo. Esta unidade é coberta pela U.E 1262 e cobre as U.E.'s 2061 e 2062; nível de abandono?

U.E. 2061 – é um conjunto de pedras aparelhadas de média dimensão dispostas horizontalmente, estanho mais ou menos niveladas entre si. Este conjunto de pedras estão localizadas em frente da porta da estrutura circular em apreço, e muito provavelmente fariam parte de um **empedrado localizado no interior da esta estrutura circular**. Esta unidade cobre a U.E 2062;

U.E. 2062 – é um depósito constituído por saibros de cor amarelada, com mistura de sedimentos mais escuros. É um sedimento de matriz arenosa, de grão fino, medianamente compacta. Foi interpretada como **nível de assentamento/preparação do empedrado** identificado com a U.E. 2061. Esta camada situa-se no interior da estrutura circular;

U.E. 2079 – buraco de poste. Esta camada situa-se no interior da estrutura circular, com uma profundidade de 0,37 metros;

U.E. 2080 – buraco de poste. Esta camada situa-se no interior da estrutura circular, com uma profundidade de 0,36 metros;

U.E. 2083 – buraco de poste. Esta camada situa-se no interior da estrutura circular, com uma profundidade de 0,3 cm;

U.E. 2081 – buraco de poste. Esta camada situa-se no interior da estrutura circular, com uma profundidade de 0,39 metros;

U.E. 2065 – é uma camada de saibro esbranquiçado que cobre estruturas negativas de cronologia, talvez anterior à estrutura circular. Esta camada de saibro foi posta para nivelar/terraplanar a zona onde a cabana foi construída;

U.E. 2033 – é um sedimento de coloração castanho-escuro, de grão médio com inclusões de nódulos de saibro amarelado. Este sedimento é um enchimento de uma estrutura negativa e é coberta pela unidade U.E. 2065;

U.E. 2030 – Enchimento sob a segunda casa posta a descoberto. Anterior à construção desta;

U.E. 2032 – A mesma situação da situação anterior. Enchimento ao lado do anterior separado por uma "língua" de substrato geológico.



Fig. 10.31 Vista de SE sobre a sepultura identificada no interior da estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.32 Em cima, vista de Este sobre a estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo: vista de Sul sobre a estrutura circular n.º 2 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

2.1.1) Materiais arqueológicos

As U.E.'s 1241, 1262, 2048, 2051, 2062, 2065, 2079, 2080, 2083, 2081 não continham materiais. Neste contexto foram estudados os materiais das seguintes U.E.'s 1240, 1242, 1260, 2004, 2030, 2032, 2033.

A U.E. 1135 continha materiais da baixa Idade Média e Idade Moderna (48 fragmentos), além de materiais datáveis genericamente da Idade do Ferro. Estes não foram estudados de forma

pormenorizada porque esta camada antecede os derrubes da cabana 2. Trata-se por isso de uma camada superficial e descontextualizada. O mesmo sucede com as U.E's 1137 e 1197.

Materiais Cerâmicos

U.E. 1260 – enchimento da sepultura de época histórica

Nesta camada (de cobertura dos restos ósseos) foram observados materiais de distintas cronologias, como da Idade do Ferro Recente, de importação romana e da Baixa Idade Média ou da Idade Moderna, encontrando-se, portanto, em deposição secundária.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram considerados 69 fragmentos datáveis da Idade do Ferro Recente, entre eles 62 bojos (dois deles decorados), seis bordos e uma base.

Os fragmentos são, na sua maioria, produzidos à roda/torno (50 exemplares). Os restantes foram produzidos manualmente. A maior parte deles possui cozedura oxidante, mas 26 possuem cozedura redutora. As pastas são, na sua maioria, micáceas (57 casos) e as restantes são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, maioritariamente fina (39 exemplares) e os restantes são de textura média. Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno calibre (37 fragmentos) e médio calibre (32 fragmentos). As superfícies encontram-se, na sua maioria, polidos, em 36 casos. Os restantes encontram-se alisado.

Em termos formais foram observados seis bordos (quatro exemplares esvasados, um exemplar aberto e um exemplar em aba soerguida) e uma base de fundo plano alargado.

Foram estudados três exemplares da forma 1a (pote, com bordo esvasado), um da forma 2b (potinho), um da forma 3 (malga/tigela) e uma forma indeterminada (Tab. 10.5; Fig. 10.33).

Tabela 10.4 Formas cerâmicas da Idade do Ferro recente na U.E. 1260

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	3	60 %
Forma 2b (potinho)	1	20 %
Forma 3 (malga/tigela)	1	20 %
Total	**5**	**100 %**

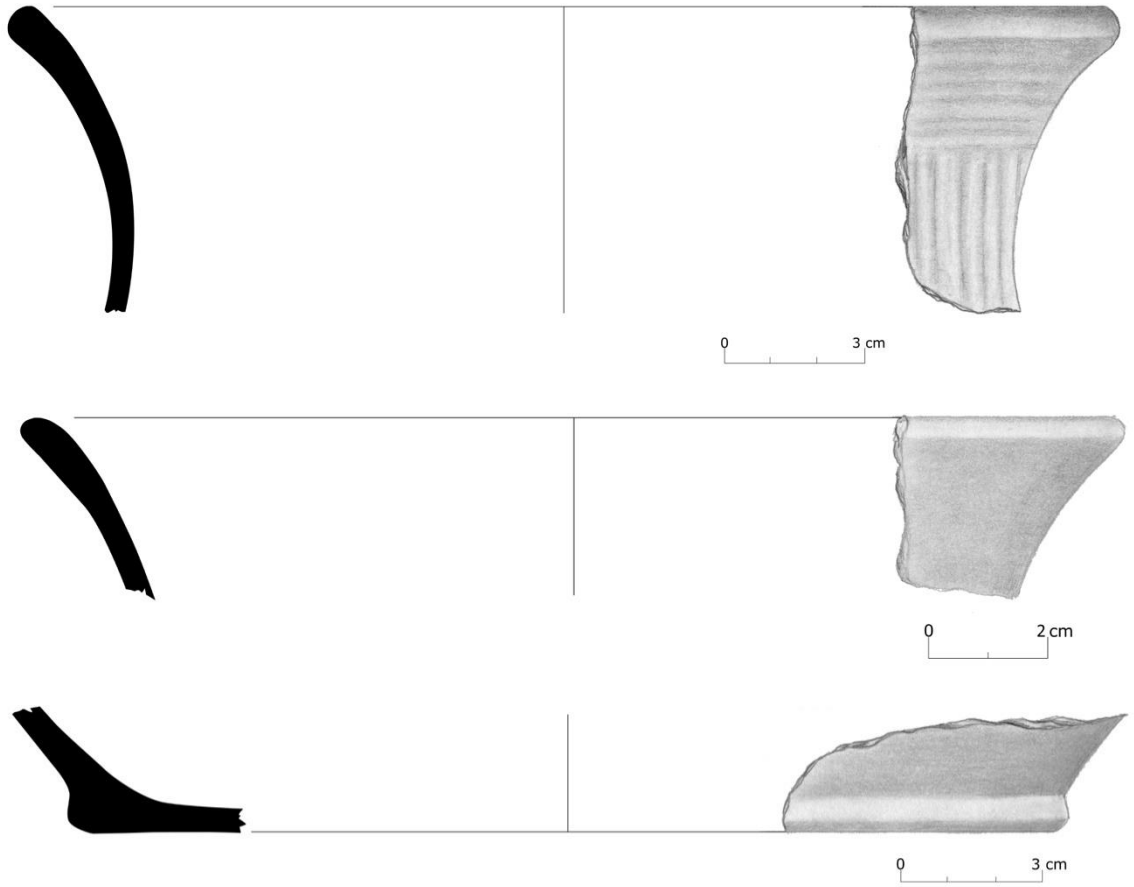


Fig. 10.33 Formas cerâmicas: forma 1a decorada por espatulado; forma 2b; base de fundo plano alargado.

Foram registados dois fragmentos decorados: um bojo com quatro sulcos incisos, paralelos, e várias incisões pequenas, na oblíqua, sobre os sulcos horizontais, e um bordo com vários espatulados na vertical (Fig. 10.33, forma 1a decorada).

Quanto a características utilitárias foram considerados 18 bojos com fuligem no exterior dos fragmentos. E foi considerado um bojo com duas perfurações que serviriam para suspender o recipiente.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 56 fragmentos possuem < de 4 cm e 13 têm entre 4 e 8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) estamos perante um conjunto cerâmico com grande grau de fracturação, o que é devido às características secundárias de deposição. De registar, ainda, 16 fragmentos rolados (20%) que estariam à superfície antes da sua deposição como cobertura de sepultura.

Cerâmica importada tardo-republicana romana

Nestes sedimentos foram, ainda, registados quatro bojo de ânforas: um originário da Bética, outro bojo da área da Bética costeira e dois outros da área da Cádis.

Outros materiais

Foram, ainda, registados seis fragmentos de cerâmico tardo ou baixo medieval.

U.E. 2004 – interior da cabana

Idade do Ferro Recente

Foram registados neste contexto 17 fragmentos datáveis da Idade do Ferro Recente. Foram estudados 16 bojos e uma base.

Os fragmentos são, na sua maioria, produzidos manualmente (nove exemplares) e o restante à roda/torno. A maior parte possui cozedura redutora, mas cinco fragmentos possuem cozedura oxidante. As pastas são apenas micáceas. A textura dos fragmentos é fina (12 casos), seguida da média (quatro casos) e da grosseira (um caso). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (sete), médio (nove) e de grande calibre (um). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, polidos (nove casos). Os restantes encontram-se alisados (oito fragmentos).

Em termos formais foi identificada uma base de forma indeterminada.

Foram registados três fragmentos (apenas bojos) com fuligem na superfície exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem < de 4 cm (12 exemplares) e entre 4 e 8 cm (cinco exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se uma grande fragmentação nesta U.E. que pode derivar de derrubes. Contudo parece ter ocorrido um fraco transporte dos fragmentos visto apenas se registarem dois fragmentos rolados.

U.E. 1240 – interior da cabana (mancha de argila)

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados apenas sete fragmentos: quatro bordos e três bojos.

Estes são, na sua maioria, produzidos à roda (seis exemplares) e o restante é produzido manualmente. A maior parte dos fragmentos possui cozedura oxidante, mas dois possuem cozedura redutora. As pastas são apenas micáceas. A textura dos fragmentos é média. Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (três casos) e de médio calibre (quatro casos). As superfícies encontram-se, na sua maioria, polidos (quatro exemplares) e os restantes alisados (três exemplares).

Em termos formais foram identificados quatro exemplares de bordos (três esvasados e um em aba soerguida) pertencentes à forma 1a (pote com bordo esvasado) (dois exemplares) e à forma 1b (pote, com bordo em aba soerguida) (um exemplar). Um era indeterminado (Tab. 10.6; Flg. 10.34).

Tabela 10.5 Formas cerâmicas da Idade do Ferro recente na U.E. 1240

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	2	75 %
Forma 1b (pote)	1	25 %
Total	**3**	**100 %**

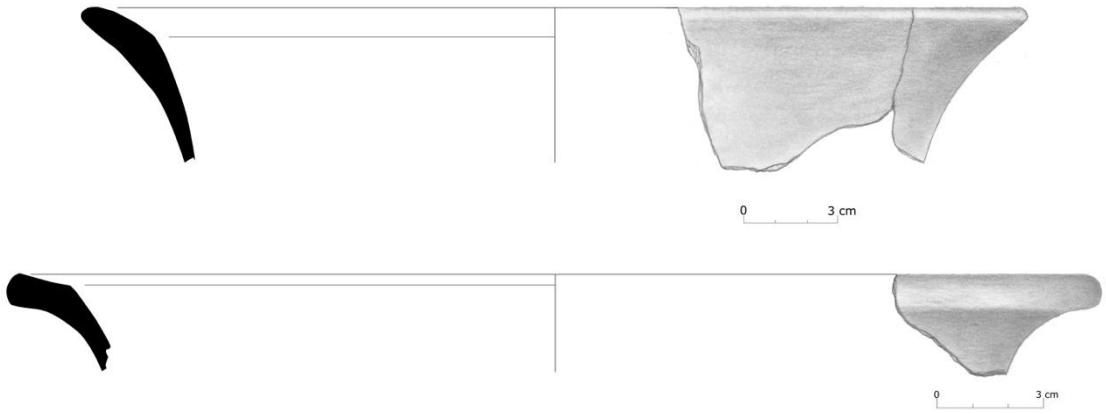


Fig. 10.34 Formas cerâmicas: formas 1a e 1b.

Foi registado apenas um bojo com fuligem, na zona interior do fragmento.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, três exemplares possuem < de 4 cm, três exemplares entre 4 e 8 cm e um >8 cm.

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) pouco podemos referir dada a diminuta amostra, porém parece ter ocorrido um fraco nível de fragmentação nesta área e também um fraco índice de erosão visto que apenas foram registados dois fragmentos rolados.

U.E. 1242 – interior da cabana

Nesta U.E. foi registado um total 48 fragmentos cerâmicos entre a Idade do Antigo (três fragmentos) e o restante datável da Idade do Ferro Recente. Além disso, foram registados dois fragmentos de importação tardo-republicana romana.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram considerados três exemplares, provenientes de remeximentos do solo que fizeram emergir fragmentos da ocupação anterior. Foram registados dois bordos e uma base e provavelmente a asa de panela de asa interior. Os fragmentos são produzidos manualmente, com cozedura redutora (dois casos) e cozedura oxidante (um caso). As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é média e apenas grosseira (um). Os e.n.p. dividem-se entre os de médio (um exemplar) e grande calibre (dois exemplares). As superfícies encontram-se apenas alisadas.

Em termos formais identificámos dois bordos (um exemplar aberto e outro em aba soerguida) de um pote da forma 1b e de uma panela de asa interior (forma 4a). Há, também, uma base de fundo plano simples.

Os três fragmentos encontravam-se com fuligem no exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, dois possuem < de 4 cm e um entre <4 e <8 cm. Registaram-se três fragmentos rolados.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados 45 exemplares: 21 bordos, 13 bases, nove bojos (oito deles decorados) e duas asas.

Os fragmentos são, na sua maioria, produzidos à roda (35 exemplares), sendo os restantes produzidos manualmente. A maior parte deles possui cozedura redutora, embora 18 tenham cozedura oxidante. As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (25 exemplares), seguida das texturas finas (15 exemplares). Os restantes são cinco são grosseiros. Os e.n.p dividem-se entre os de calibre pequeno (29 fragmentos), os de calibre médio (6 fragmentos) e os de calibre grande (10 fragmentos). Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, com as superfícies polidos (33 casos). Os restantes são alisados.

Em termos formais foram estudados 21 bordos (12 esvasados, cinco em aba soerguida, três abertos e um vertical). Foram identificadas 13 bases (oito de fundo plano alargado, quatro de fundo plano simples (Fig. 10.35, a)) e uma indeterminada). Quanto às asas foi observado um fragmento em fita e um arranque de asa.

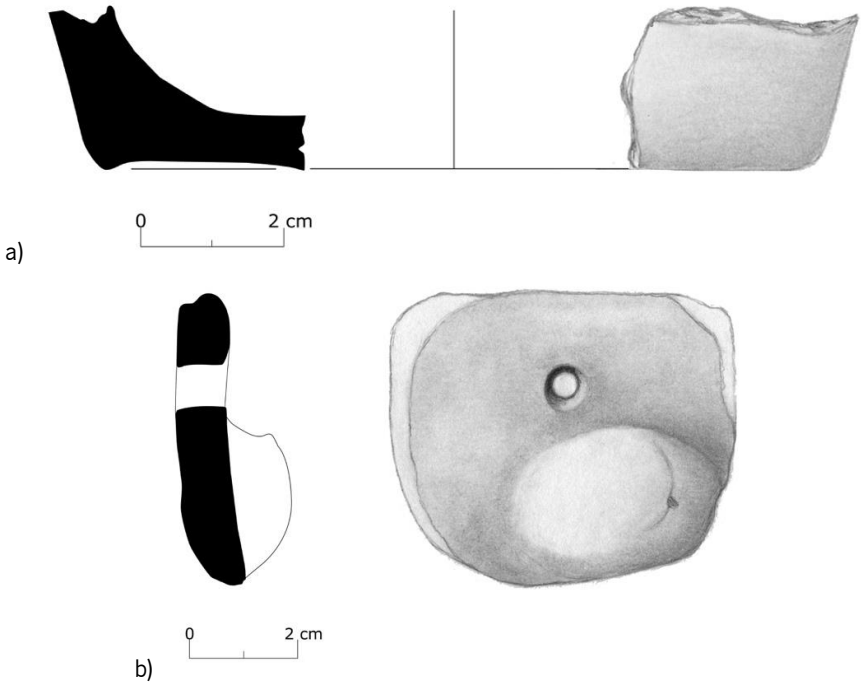


Fig. 10.35 Formas cerâmicas: a) base de fundo plano simples; b) reutilização de fragmento de forma 4 (panela de asa interior).

Neste contexto foi registado 21 formas cerâmicas: três exemplares da forma 1a (pote, com bordo esvasado), três exemplares da forma 1b (pote, com bordo aba soerguida), oito exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 2c (púcaro), um exemplar da forma 3c (malga), 2 exemplares da forma 4b (panela de asa interior), um exemplar da forma 5 (talha), um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 10.7; Fig. 10.36). Um fragmento de uma forma 4, foi reutilizado, tendo sido afeiçoado intencionalmente e perfurado para servir de peso ou fussaiola (Fig. 10.35, b)).

Tabela 10.6 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente na U.E. 1242

Forma	**NMI**	**%**
Forma 1 a (pote)	3	14 %
Forma 1 b (pote)	3	14 %
Forma 2 b (potinho)	8	38 %
Forma 2 c (púcaro)	1	5 %
Forma 3 c (malga)	1	5 %
Forma 4 b (panela de asa em interior)	2	9 %
Forma 4 /Peso ou fussaiola	1	5 %
Forma 5 (talha)	1	5 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	5 %
Total	**21**	**100 %**

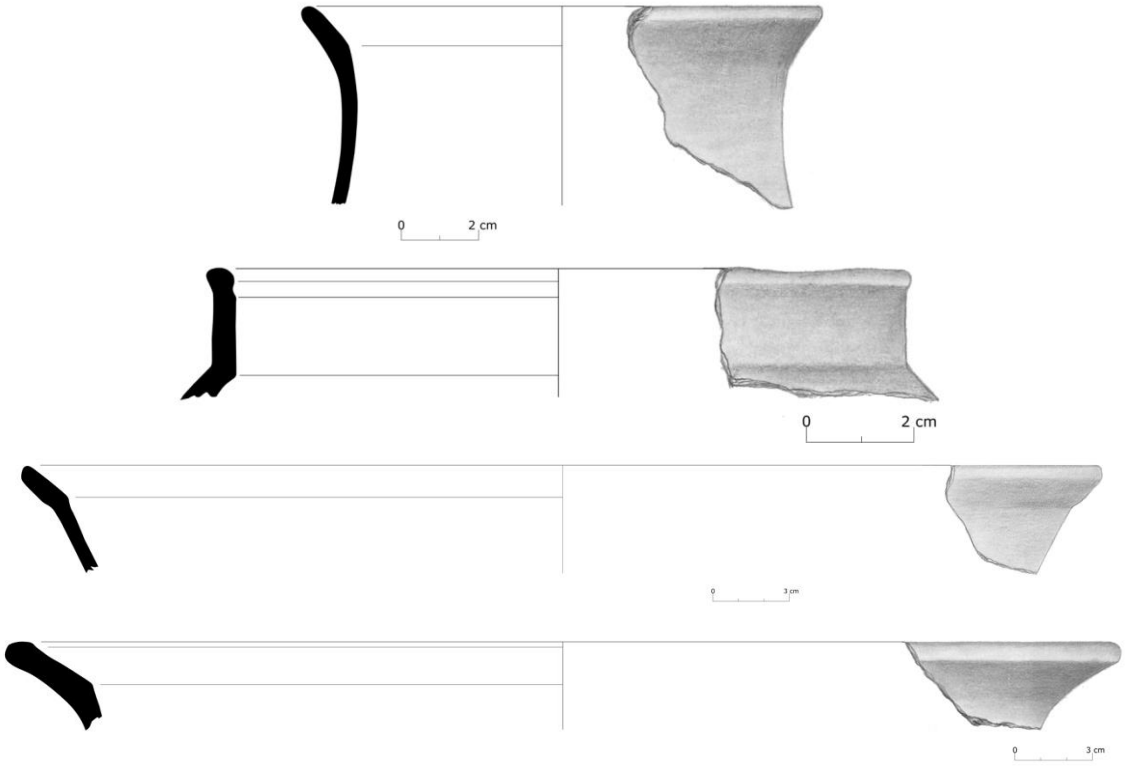


Fig. 10.36 Formas cerâmicas: forma 2 b; forma 6; forma 3 c e forma 1 b.

Quantos aos bojos foram estudados oito fragmentos decorados. Destes, dois possuem decoração incisa (com sulcos horizontais). Outros dois possuem decoração plástica (entre um e dois cordões aplicados na horizontal).

Registam-se, ainda, dois bojos decorados com decoração compósita. Um deles com incisão e impressão, cujos motivos são sulcos incisos que delimitam uma banda de séries de SSS, estampados. Um outro bojo tem aplicação plástica e incisão, cujos motivos são um cordão aplicado na horizontal e vários sulcos oblíquos, por cima do cordão (Fig. 10.37).



Fig. 10.37 Fragmento decorado por aplicação e incisão. Notamos pela existência de fuligem que a peça onde esta decoração figurava terá sido usada ao lume.

Há dois bojos que possuem perfurações (uma a duas) cuja função é desconhecida. Foram registados 16 fragmentos com fuligem no exterior. Esta característica foi observada na forma 6 (panela de asa em orelha) também na zona interior, o que demonstra que esteve sobre o lume para a preparação de alimentos.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 17 exemplares têm < de 4 cm, 25 exemplares entre 4 e 8 cm e três exemplares são >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se aqui um fraco nível de fragmentação. Além disso estes materiais não estiveram sujeito a um alto grau de erosão, uma vez que, foram registados apenas oito fragmentos rolados (18%).

Cerâmica importada tardo-republicana romana

Foram identificados um bojo e um exemplar de Dressel 9 (Fig. 10.38), com uma cronologia entre 40 a.C. e finais do séc. I d.C., segundo García Vargas (1998, 2010), com pastas da Bética costeira. Esta tipologia anfórica transportaria dois tipos de produtos *lumpha* ou *lumpa* (vinho diluído em água) e peixe salgado, como sugere o conteúdo deste tipo de ânforas, no naufrágio de Sud Perudto II (Desse Berset e Dressel, 2000).

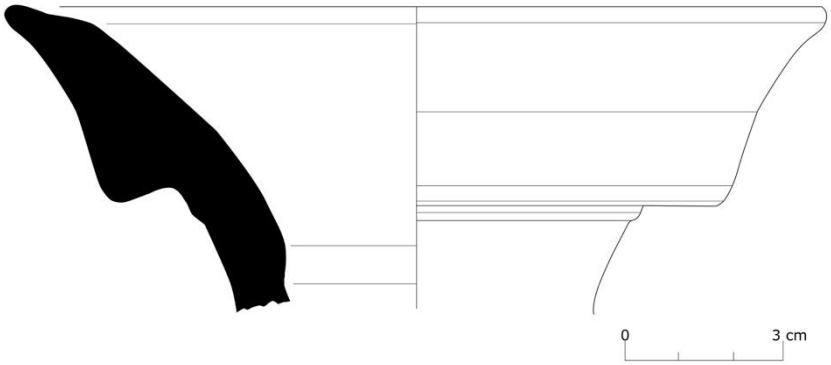


Fig. 10.38 Exemplar de Dressel 9 (Bética costeira).

U.E. 2030 (Enchimento da estrutura em negativo nº 1 (anterior à construção da cabana 2)

Idade do Ferro Antigo

Devemos referir que as U.E.'s 2030, 2032 e 2033 possuem materiais cerâmicos que colam entre si, o que sugere que se trata de um momento rápido de enchimento. Todos os materiais têm características técnicas e formais da Idade do Ferro Antigo.

Neste contexto foram estudados 128 fragmentos de cerâmica que são datáveis da Idade do Ferro Antigo. Entre eles: 101 bojos (nove decorados e com características intencionais; 12 bordos (um deles com asa), 12 bases um disco, uma asa e um arranque de asa. Os fragmentos são, na sua maioria, de produção manual e apenas quatro foram produzidos à roda. A maior parte possui cozedura redutora, embora 22 fragmentos possuam cozedura oxidante. As pastas são, maioritariamente, micáceas e apenas 17 fragmentos possuem pasta arenosa-micácea. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (94 casos), seguido de textura fina (31 casos) e grosseira (três casos). Os e.n.p. dividem-se entre os de médio (98 fragmentos), pequeno (25 fragmentos) e grande calibre (cinco fragmentos). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se alisada, embora 63 fragmentos possuem a superfície polida.

Identificaram-se 12 bordos (cinco esvasados três abertos, dois em aba soerguida, um em aba horizontal e um vertical). Quanto às bases foram estudados cinco exemplares de fundo plano alargado, quatro casos de fundo plano simples (Fig. 10.39). Há, ainda, três exemplares indeterminados. As asas são de seção circular (um exemplar) e em fita (um arranque de asa e um bojo).

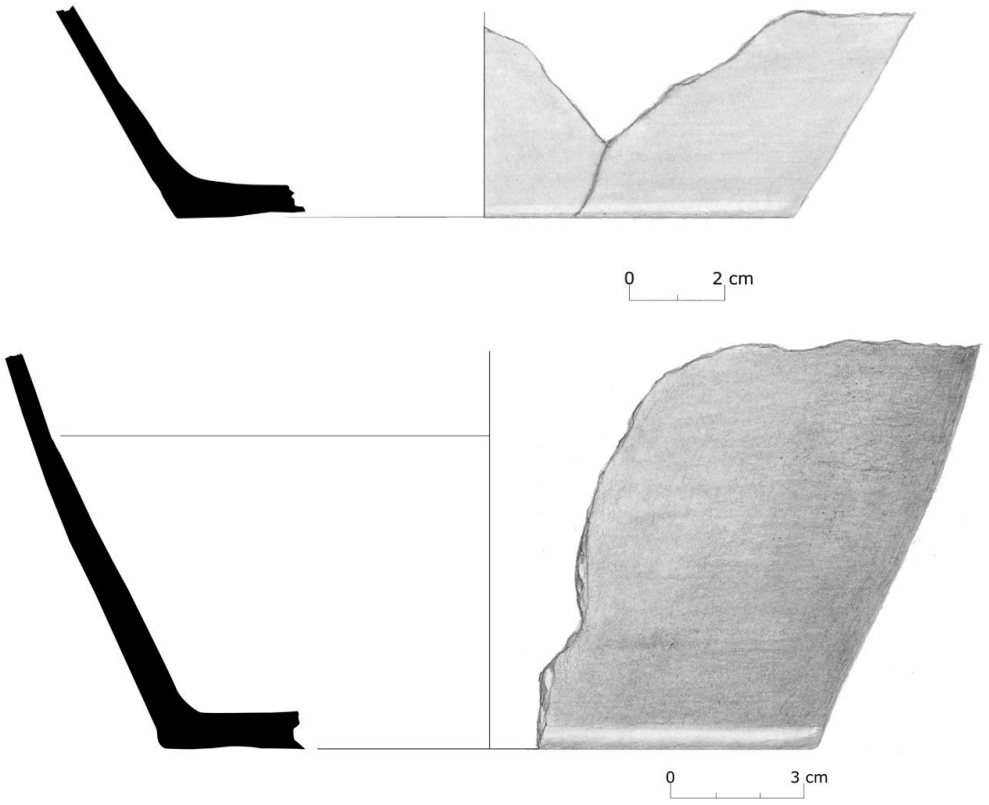


Fig. 10.39 Bases: de fundo plano simples e fundo plano alargado.

Foi ainda identificado disco cerâmico sobre bojo muito rolado.

Em termos tipológicos foram identificados 11 recipientes de seis tipos distintos, a saber: três formas 1a (pote com bordo esvasado), duas formas 1 b (pote com bordo em aba soerguida), um exemplar da forma 1c (pote com bordo em aba horizontal), dois exemplares da forma 2a (púcaro) e três exemplares da forma 4a (panela de asa interior) (Fig. 10.40 – 10.42). Foram ainda observados: um disco e um fragmento de um cadinho (Tab. 10.8).

Tabela 10.7 Formas cerâmicas presentes na U.E. 2030

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	3	23 %
Forma 1b (pote)	2	15 %
Forma 1c (pote)	1	8 %
Forma 2a (púcaro)	2	15 %
Forma 4a (panela de asa interior)	3	23 %
Cadinho?	1	8 %
Disco	1	8 %
Total	**13**	**100 %**

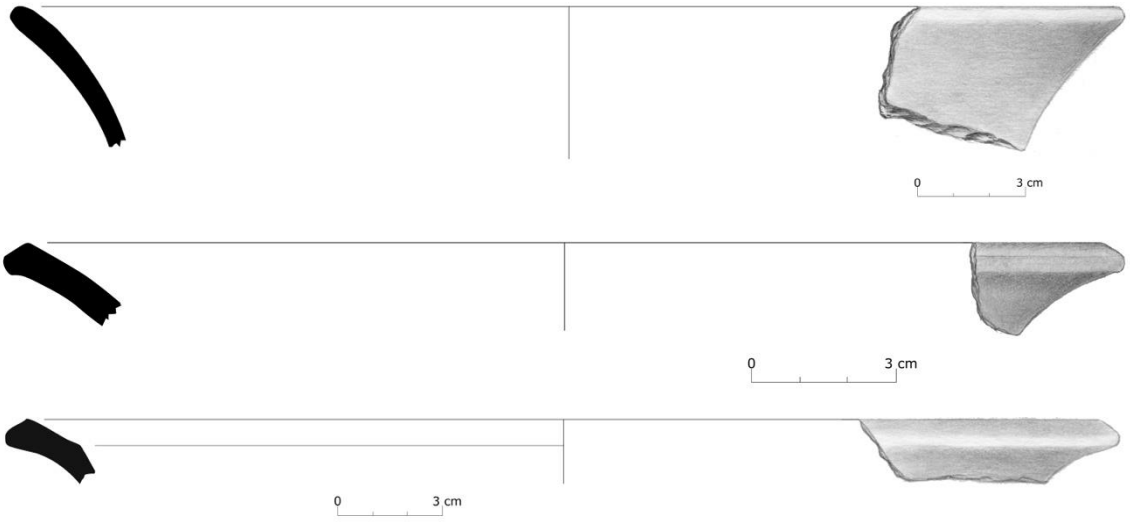
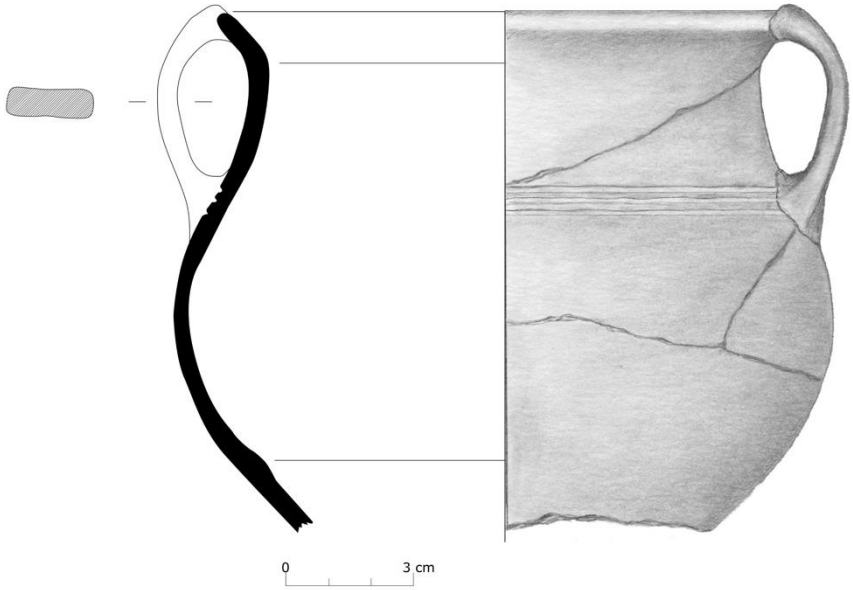
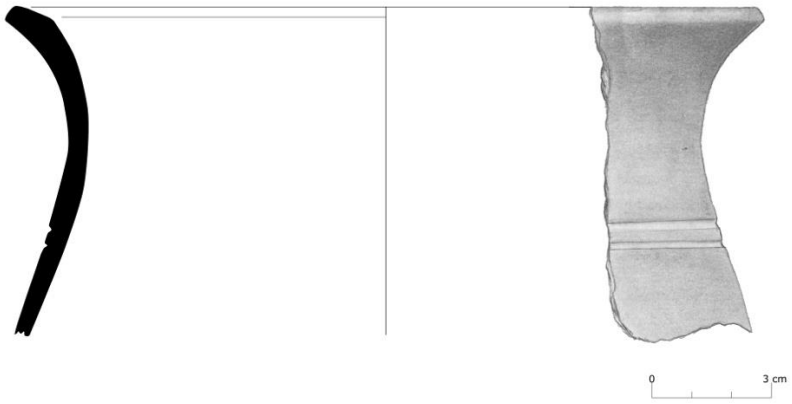


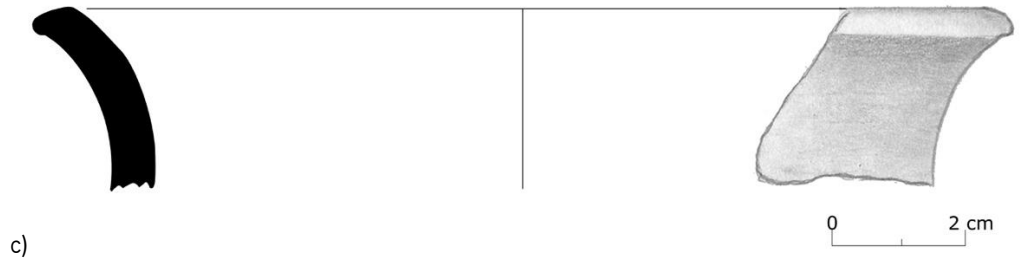
Fig. 10.40 Formas de potes 1a e 1b.



a)



b)



c)

Fig. 10.41 Formas cerâmicas de potinhos/púcaros: a) forma 2a decorada por incisão; b) e c) forma 2b (num dos casos decorada por incisão).



Fig. 10.42 Formas cerâmicas: forma 4a.

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir 11 fragmentos: oito bojos e um bordo. Seis exemplares têm decoração incisa (um ou dois sulcos horizontais). Dois exemplares têm decoração por impressão (um círculo concêntrico), e uma banda de puncionamentos subcirculares (Fig. 10.43). Um exemplar é decorado com incisão e impressão (pequenos puncionamentos circulares ligados por um sulco inciso). Um exemplar é decorado por vassourado e um outro exemplar tem uma aguada negra, em toda a peça (Fig. 10.44).



Fig. 10.43 Fragmento decorado com impressões subcirculares.

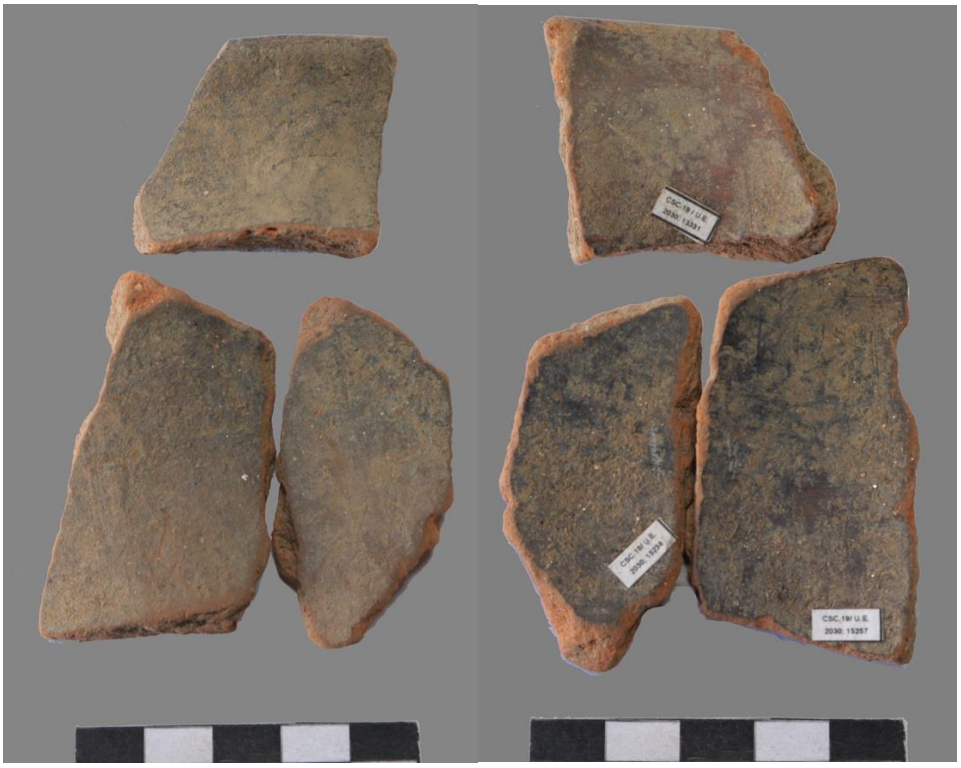


Fig. 10.44 Forma cerâmica: forma 2b decorada com aguada negra na superfície interior e exterior.

Foram registados 32 exemplares com fuligem no exterior, nomeadamente, bojos e formas 1 (potes), 2 (púcaro/potinho) e 4 (panelas de asa interior), relacionadas com o contacto com o fogo. Um exemplar possui um reforço em argila para reforçar a "colagem" de uma fratura antiga.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, na sua maioria, estes possuem entre 4 e 8 cm (66 casos), embora 48 exemplares possuem um tamanho < de 4 cm. Apenas 14 fragmentos têm um tamanho >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) o tamanho dos fragmentos revela nitidamente um índice de fragmentação moderado, tendo estes fragmentos estado pouco sujeitos aos agentes erosivos (já que foram registados apenas 13 fragmentos rolados- 10%).

U.E. 2032 – enchimento da estrutura em negativo nº 1 (anterior à construção da cabana 2)

Neste contexto foram tidos em conta 10 fragmentos de cerâmica, também datáveis da Idade do Ferro Antiga. Estes correspondem a sete bojos (três deles decorados) e três bases.

Os fragmentos são de produção manual. Seis fragmentos possuem cozedura redutora e quatro de cozedura oxidante. As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos é média (oito casos) e fina (dois casos). Os e.n.p. dividem-se entre os de calibre médio (quatro fragmentos) e pequeno (seis fragmentos). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se polida e apenas um fragmento encontra-se alisado.

Em termos formais foram registadas três bases (duas de fundo plano alargado, e uma de fundo plano simples).

Devemos referir a existência de três exemplares decorados (bojos): um por incisão (um sulco inciso, seguido de zigue-zague formando por triângulos preenchidos com sulcos oblíquos); outro por impressões subcirculares e outro por decoração compósita com incisões e impressões (Fig. 10.45) (uma série de SSS impressos, dispostos na horizontal, e dois sulcos incisos horizontais por baixo).



Fig. 10.45 Fragmento decorado por impressão e incisão.

Foram registados dois exemplares com fuligem no exterior (apenas em bojos).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem entre 4 e 8 cm (cinco exemplares), outros possuem um tamanho < de 4 cm (quatro exemplares) e um é >8 cm (um exemplar). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), o índice de fragmentação é moderado, tendo estes fragmentos sofridos pouco ou nenhum transporte após quebra. Não apresentam indícios de erosão pós-quebra visto não se registarem fragmentos rolados.

U.E. 2033 – enchimento de estrutura em negativo nº 1 (anterior à construção da cabana 2)

Neste contexto foram estudados um total de 32 fragmentos de cerâmica que são datáveis da Idade do Ferro Antigo. Foram estudados 20 exemplares de bojos (três deles decorados), cinco exemplares de bordo e sete exemplares de base.

Os fragmentos são de produção manual. A maior parte deles possui cozedura redutora e 10 exemplares possuem cozedura oxidante. As pastas são, na sua maioria, micáceas e apenas três fragmentos possuem pasta micácea-arenosa. A textura dos fragmentos é média (20 casos), fina (10 casos) e grosseira (um caso). Os e.n.p. dividem-se entre os de calibre médio (15 fragmentos), pequeno (14 fragmentos) e grande (três fragmentos). As superfícies encontram-se polidas e alisadas (16 fragmentos cada).

Em termos formais foram registados dois exemplares de bordo esvasado, dois exemplares de bordo em aba soerguida e ainda uma peça de perfil completo, com bordo vertical. Quanto às

bases foram registadas cinco de fundo plano simples, um de fundo plano alargado e um indeterminado.

Neste contexto foram observadas cinco formas: um exemplar da forma 1a (pote com bordo esvasado); um exemplar da forma 1b (pote com bordo aba soerguida); dois exemplares da forma 2b (potinho) e um cadinho ou elemento de iluminação (Tab. 10.9) de perfil completo e com vestígios de fuligem (Fig. 10.46).

Tabela 10.8 Formas cerâmicas da Idade do Ferro na U.E. 2033

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	20 %
Forma 1b (pote)	1	20 %
Forma 2b (potinho)	2	40 %
Cadinho / Ele. de iluminação	1	20 %
Total	**5**	**100%**



Fig. 10.46 Possível cadinho ou elemento de iluminação (?) (desenho de Rita D'Alte) e fotografia com pormenor da perfuração existente.

Devemos referir a existência de quatro exemplares decorados (três bojos e dois bordos). Quanto aos bojos há um fragmento decorado por incisão (um sulco horizontal), um fragmento por

impressão (Fig. 10.47) círculos concêntricos agrupados, formando triângulos) e um fragmento vassourado (na horizontal). Quanto ao bordo este possui decoração incisa (três sulcos horizontais).



Fig. 10.47 Fragmento decorado por impressão.

Foram registados cinco fragmentos com fuligem, nas superfícies exteriores, sobretudo em bojos e na peça de paredes verticais (cadinho ou elemento de iluminação). Nesta peça registamos uma perfuração que poderia servir para suspensão.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem entre 4 e 8 cm (15 exemplares). Dez fragmentos têm um tamanho < de 4 cm e apenas sete exemplares têm um tamanho >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) parece ter existido um índice de quebra moderado e pouco transporte pós-quebra, embora 11 fragmentos estivessem rolados (34%).

3) Estrutura circular n.º 3 (cabana?)

3.1) Unidades estratigráficas e características arquitetónicas

Esta estrutura encontrava-se no limite sul da área escavada (Fig. 10.48). Foi identificada como a U.E. 2041. Corresponde a um muro curvo que não foi escavado na totalidade, de uma possível cabana circular. Este é constituída por blocos de granito, aparelhados, de pequena e média dimensão, dispostos em fiadas, tendencialmente horizontais e sem argamassa entre elas. O interior do muro é constituído por pedra miúda e saibro compactado que poderá ter substituído o efeito da argamassa (Carvalho *et al.,* 2024).

Esta área revelou a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 2041 – corresponde à estrutura circular n.º 3 (cabana);

U.E. 2035 – é constituída por um sedimento de coloração castanho-clara, heterogéneo, com inclusões de calhaus de pequena dimensão. É um sedimento medianamente compacto, de grão médio a fino. Apenas esta U.E. tem material arqueológico fora da estrutura.



Fig. 10.48 Fotografia geral de uma possível estrutura circular n.º 3 (U.E. 2041) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

3.1.1) Materiais arqueológicos

Foram estudados os materiais da U.E. 2035 a única que possuía espólio. Nesta identificaram-se 63 fragmentos de cerâmica indígena do Ferro Recente, dois de cerâmica de importação e materiais de construção.

Materiais Cerâmicos

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados 63 fragmentos de cerâmica, distribuídos do seguinte modo:44 bojos, 13 bordos e seis bases.

Os fragmentos são, na sua maioria, produzidos manualmente (19 exemplares), sendo os restantes feito à roda/torno. A cozedura é redutora (em 55 exemplares) e oxidante (em oito exemplares). A pasta é micácea.

Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (43 fragmentos) e médio calibre (20 fragmentos), o que origina texturas médias (49 casos), finas (11 casos) e grosseiras (três casos). Estes exemplares, na sua maioria, são polidos (36 fragmentos), sendo os restantes alisados.

Os 13 bordos subdividem-se em: bordo sem aba soerguida (sete), bordos abertos (três), sendo que um destes possui uma asa de seção circular, bordos esvasados (dois) e um indeterminado.

As seis bases subdividem-se em duas, de fundo plano alargado, duas de fundo plano simples e duas indeterminados (Fig. 10.49).

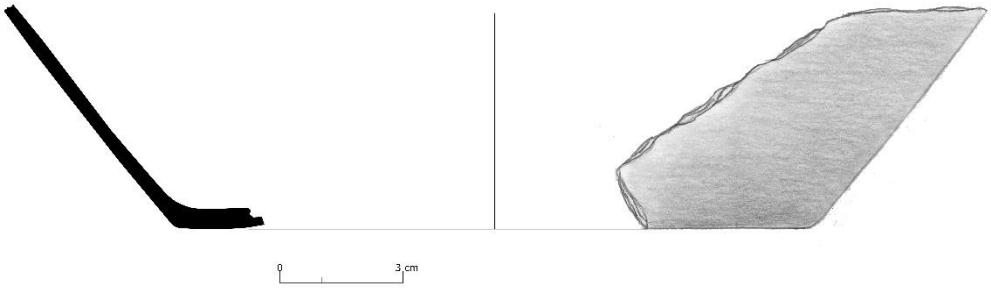


Fig. 10.49 Base de fundo plano simples.

Foram registadas um total de 11 formas: um exemplar da forma 1a (pote), sete exemplares da forma 1b (pote com aba soerguida), um exemplar da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3b (tigela) e ainda um exemplar da forma 4b (panela de asa interior) (Tab. 10.10; Fig. 10.50, Fig. 10.51). Foi ainda registado um exemplar indeterminado.

Tabela 10.9 Formas da Idade do Ferro Recente da U.E. 2035

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	1	9 %
Forma 1 b (pote)	7	64%
Forma 2 b (potinho)	1	9 %
Forma 3 b (tigela	1	9 %
Forma 4 a (panela de asa interior)	1	9 %
Total	**11**	**100%**

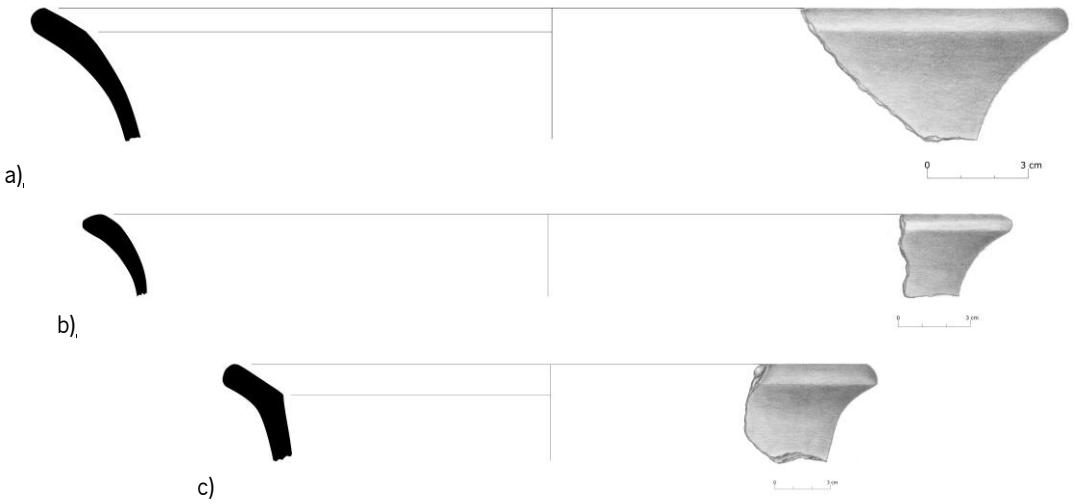


Fig. 10.50 Formas cerâmicas: a) forma 1b; b) forma 1a; c) formas 2b.

Foram registados 15 exemplares com fuligem. Esta surge nos potes (forma 1) e no exemplar de panela de asa interior (forma 4a).

Foram registados dois exemplares com particularidades ligadas ao seu uso. Um deles foi restaurado com argila aplicada e o outro, correspondente a uma panela de asas interiores, perdeu estes atributos, possivelmente por estar mal fabricada.

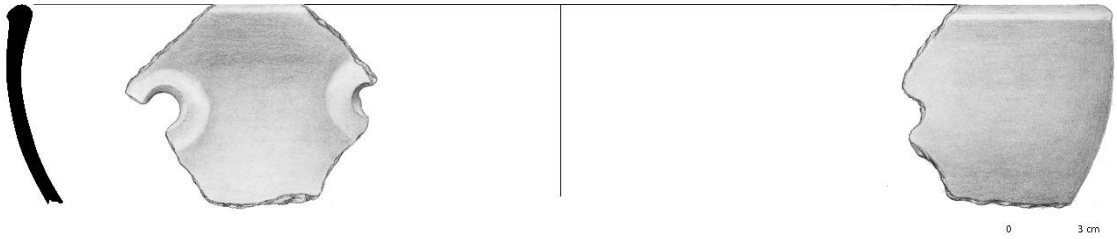


Fig. 10.51 Forma cerâmica: forma 4a, tendo as asas desaparecido, talvez devido a deficiências de fabrico.

Na sua maioria os fragmentos são < de 4 cm (31 exemplares) ou entre 4 e 8 cm (24 exemplares). Há, apenas oito exemplares >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) parece ter ocorrido alguma fragmentação, pois 49% dos fragmentos têm um tamanho inferior a 4 cm, o que é normal tratando-se de uma área exterior a uma casa e talvez, de passagem. Apesar disso o índice de erosão não é muito elevado, pois apenas14 fragmentos estão rolados (22%), devendo estes materiais pertencer à destruição da estrutura.

Materiais de Construção

Foi registado neste contexto um pequeno fragmento de argila cozida que pode fazer parte de um reboco (Fig. 10.52). Possui cerca de 2,6 cm de comprimento, 2 cm de largura e 1,2 cm de espessura. É constituído por areias e não foi muito cozido, o que é denunciado pela sua cor, muito escura (cinzenta).



Fig. 10.52 Fragmento de provável reboco argiloso, queimado.

Cerâmica importada de período tardo-republicana romana

Foram encontrados dois bojos de ânforas de tipologia indeterminada, da área da Bética.

4) Estrutura circular n.º 4 (cabana) e fossas abertas no substrato rochoso

4.1) Unidades estratigráficas e características arquitetónicas

A estrutura circular está localizada na zona sudeste da área intervencionada. Trata-se de uma cabana circular, com 5,20 metros de diâmetro exterior e 4,20 metros de diâmetro interior, tendo as paredes cerca de 0,50 metros de espessura. Estas foram construídas por pedra aparelhada, de pequena e média dimensão, disposta em fiadas, tendencialmente horizontais, não tendo marcas de pico. O miolo da parede é composto por pedra miúda e saibro compactado. A altura máxima do alçado conservado é de cerca de 1,25 metros. Esta estrutura ainda tinha a soleira da porta, *in situ,* apesar de esta estar parcialmente deslocada (Carvalho *et al.,* 2024). Não se detetou qualquer nível de circulação interior pois a cabana foi reformulada interiormente ou adulterada, posteriormente, ainda na Idade do Ferro (Fig. 10.53; Fig. 10.55) (Carvalho *et al.,* 2024). Não seriam restos de cabanas mais antigas que estariam por baixo desta?

Parte de um muro exterior desapareceu existindo, em seu lugar, uma "fossa alongada" (U.E. 2106) (Fig. 10.54; Fig. 10.56 – 10.58) que poderá resultar do desmonte do muro. Ao lado existe outra fossa, de contorno circular, também aberta no Ferro Recente, que também parece ter contribuído para a destruição do muro da cabana, pelo lado norte (Carvalho *et al.,* 2024).

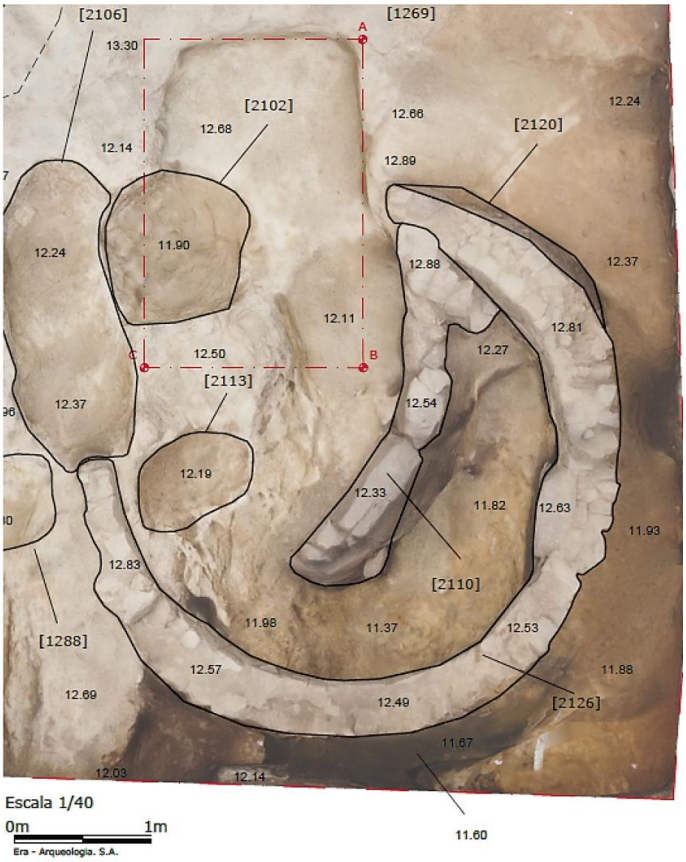


Fig. 10.53 Planta da estrutura circular n.º 2 (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).



Fig. 10.54 À direita da fotografia, encontra-se o topo do muro curvo que delimitava a cabana circular n.º 4 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

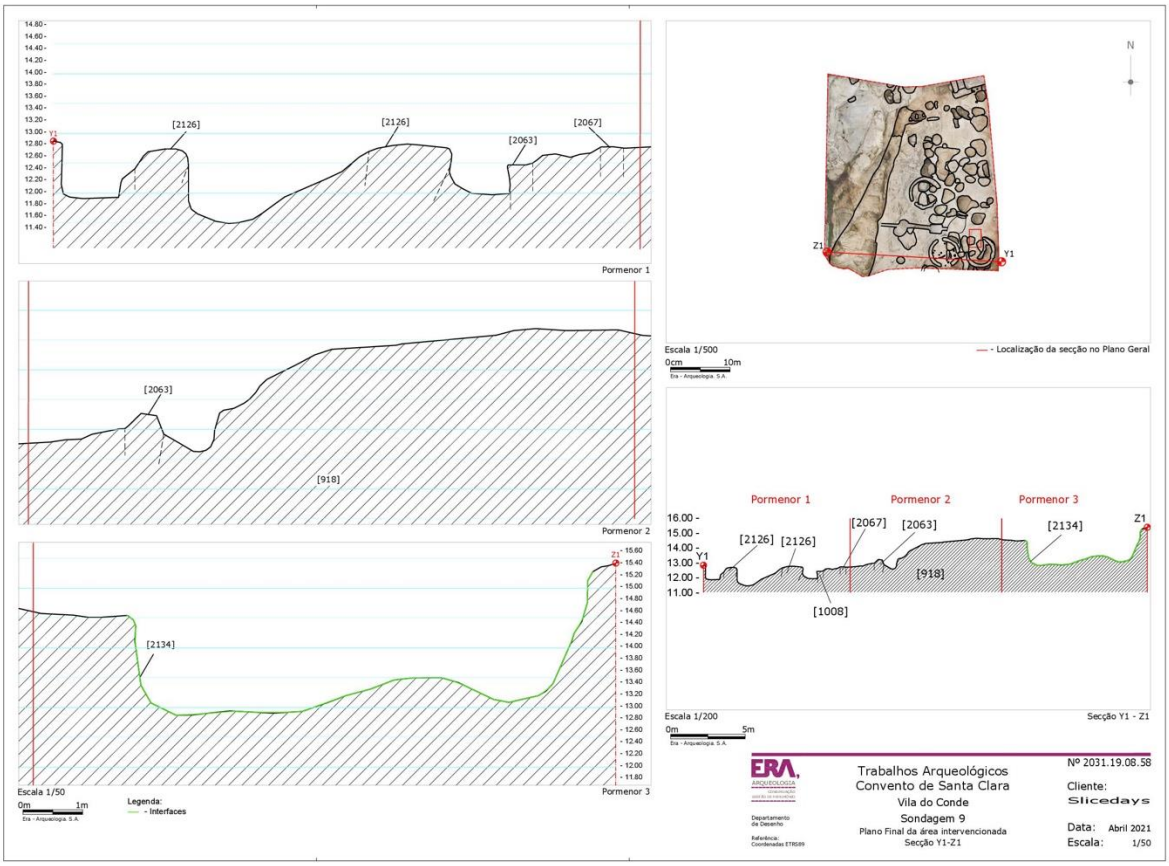


Fig. 10.55 Perfis de duas cabanas (2 e 4) e do fosso (dados gentilmente fornecidos por ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

Esta área revelou a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 2115 – depósito de coloração castanho-clara, bastante arenoso, de grão médio, homogéneo. Este depósito cobre, diretamente, as unidades U.E. 983 e 984;

U.E. 983 – um depósito de coloração castanha a castanho-escura, de matriz limosa, homogéneo, de grão fino. Corresponde a um **enchimento de uma estrutura negativa** (identificada como sendo a unidade U.E. 986), com materiais que revelam que foi aberta no Ferro Recente.

U.E. 986 – estrutura negativa de tipo "fossa", aberta no substrato rochoso, de contorno subcircular, paredes ligeiramente côncavas e fundo aplanado;

U.E. 984 – depósito que cobre uma série de enchimentos de estruturas em negativo, de coloração castanha, de matriz arenosa, de grão médio e pouco compacta. Cobre as U.E.'s 2102 e 2103;

U.E. 2102 - é um **enchimento** de uma **estrutura em negativa** (**U.E. 2107**). Este caracteriza-se por sedimento de coloração castanho-escura, heterogéneo, com inclusões de saibro esbranquiçado e pedras, de pequena dimensão;

U.E. 2107 - interface vertical de contorno circular, paredes ligeiramente côncavas e fundo aplanado (estrutura negativa);

U.E. 2103 - também é um enchimento de uma estrutura negativa (**U.E. 2106**). Este depósito tem uma coloração castanha, com inclusões de saibro e pedras de pequena dimensão. É medianamente compacto, de grão fino a médio;

U.E. 2106 – estrutura negativa de planta ovalada/irregular, de paredes côncavas e ligeiramente convexa no lado oeste, com uma profundidade máxima de 0,26 metros;

U.E. 2110 – reformulação no interior da cabana 4, criando uma espécie de subdivisão ou restos de uma cabana anterior? Trata-se de um murete semicircular, composto quer por blocos aparelhados, de grande dimensão quer por calhaus imbricados uns nos outros;

U.E. 2105 – depósito de coloração castanha acinzentada, de matriz arenosa, de grão fino, heterogéneo, com inclusão de saibro amarelado e de calhaus de pequena dimensão. Esta unidade cobre a U.E. 2108;

U.E. 2108 – é o primeiro depósito localizado no interior da cabana n.º 4. Este é composto por sedimentos castanho-escuros, de matriz limosa, de grão fino e com inclusão de carvões;

U.E. 2112 – depósito de coloração castanho-escura, de matriz limosa, homogéneo e pouco compacto, com carvões. É coberto pelas U.E.'s 2108 e 2111;

U.E. 2116 – depósito de coloração castanho-escura, pouco compacto, de grão média a fino, com inclusões de pedras e areão, em algumas zonas. Este depósito é coberto pela U.E. 2115 e cobre a U.E. 2117. Está localizado no interior da cabana 4;

U.E. 2117 – depósito localizado no interior da cabana 4, composto por um sedimento de coloração castanho-clara (amarelo-torrado escuro), de matriz arenosa, de grão médio a fino;

U.E. 2118 - depósito de calhaus de pequena e média dimensão, aglomerados num sedimento de coloração castanho-escura. Está localizada no interior da cabana 4;

U.E. 2128 – Vala de implantação da cabana 4 que corresponde à U.E. 2126, que corta alguns dos enchimentos de estruturas em negativo, nomeadamente os enchimentos (U.E.'s 983, 2102 e 2103).



Fig. 10.56 Vista da cabana n.º 4 numa fase intermédia de escavação. Junto à escala encontra-se a U.E. 2102 (fossa) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.57 Vista sul da cabana n.º 4, na qual se notam várias estruturas em negativo. Algumas delas parecem ser valas de saque de pedra da própria cabana. (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.58 Alçado da estrutura divisória da cabana n.º 4, correspondente à U.E. 2110. Pode ainda observar-se o aparelho interno das paredes da cabana (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

4.1.1) Materiais arqueológicos

Não foram registados materiais nas U.E.'s 984, 2106, 2107, 2110, 2112, 2116, 2117 e 2118. Só foram estudados os materiais exumados nas U.E.'s 983 (estrutura em negativo), 2102 (estrutura em negativo), 2103 (estrutura em negativo), 2105 (derrube?), 2108 (nível mais profundo no interior da cabana) 2115 (depósito mais recente que cobre estruturas em negativo).

Materiais cerâmicos e metálicos

U.E. 2115 – exterior da cabana - Ferro Recente

Nesta camada foram encontrados 58 fragmentos que, pelas suas características técnicas e tipológicas, se enquadram no Ferro Recente e um bordo de cerâmica baixo-medieval que se considera uma intrusão.

Os fragmentos são de produção à roda/torno (27 exemplares) ou manual (31 exemplares). A maior parte dos fragmentos possui cozedura redutora (43 exemplares) e 15 são de cozedura oxidante. As pastas são micáceas. Os e.n.p dividem-se entre pequenos (26 exemplares), médios (29 exemplares) e de grande calibre (três exemplares) e a textura dos fragmentos é média (48

exemplares), fina (8 exemplares) e grosseira (dois exemplares). O conjunto encontra-se, na sua maioria, alisado (35 fragmentos) sendo os restantes polidos.

Em termos formais foram observados oito bordos: dois esvasados, dois em aba soerguida, um vertical, dois abertos e um em aba horizontal. Quanto às bases foram registados seis fragmentos: três de fundo plano alargado e três indeterminadas. Foram registadas, ainda, duas asas: uma de seção circular (Fig. 10.59) e outra pentagonal.

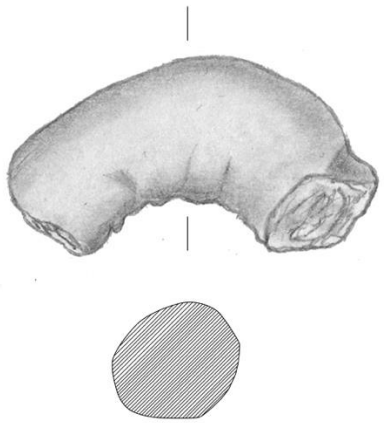


Fig. 10.59 Asa de seção circular de uma forma 4 (panela de asa interior).

Neste contexto foram estudados seis tipos: um exemplar da forma 1a (pote com bordo esvasado), um exemplar da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), um exemplar da forma 1c (pote com bordo em aba horizontal), um exemplar da forma 2a (púcaro), dois exemplares da forma 2b (potinho), três exemplares da forma 3a (malga) (Fig. 10.60; Fig. 10.61) e um exemplar da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 10.11).

Tabela 10.10 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2115

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	10 %
Forma 1b (pote)	1	10 %
Forma 1c (pote)	1	10 %
Forma 2a (púcaro)	1	10 %
Forma 2b (potinho)	2	20 %
Forma 3a (malga)	3	30 %
Forma 4	1	10 %
Total	**10**	**100%**

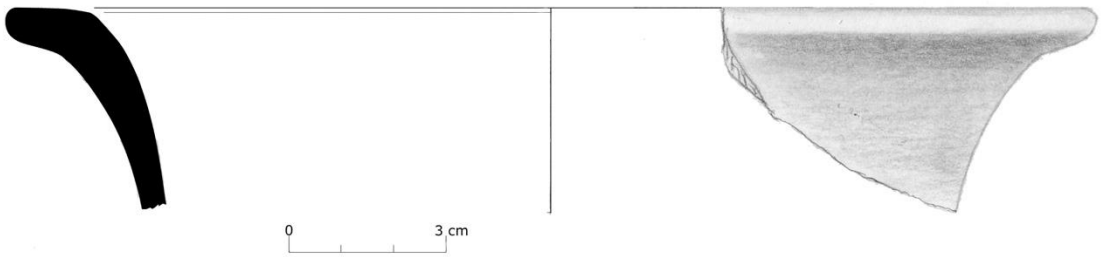


Fig. 10.60 Pote da forma 1c.

Quanto aos aspetos decorativos foram registados cinco fragmentos decorados, três bordos e dois bojos.

Quanto aos bordos decorados devemos referir que se encontram decorados por aguada, espatulado e excisão. A aguda encontra-se no exterior de um bordo. O espatulado, caracterizado por vários sulcos leves, na horizontal, surge no exterior de um bordo. A excisão encontra-se no interior de um bordo de uma forma 3 (Fig. 10.61)

Os bojos são decorados por incisão, nomeadamente por um a três sulcos incisos, na horizontal.

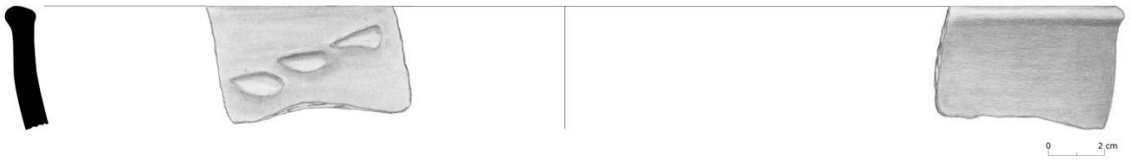


Fig. 10.61 Forma cerâmica: forma 3 decorada no interior.

Foram registados nove fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores, entre bojos e a forma 3a (malga) que parece ter estado sobre o lume.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 29 exemplares têm um tamanho < de 4 cm, 28 fragmentos têm um tamanho entre 4 e 8 cm e um fragmento tem um tamanho >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) os materiais aqui registados encontram-se consideravelmente fragmentados (50%) talvez devido ao facto de este nível ser algo superficial. Além disso foram registados 11 fragmentos rolados (19%) o que indicia a sua exposição a agentes erosivos e transporte.

U.E. 2105 – exterior da cabana (derrube) – Ferro Recente

Nesta camada foram registados 111 fragmentos do Ferro Recente, 27 de importação e um bojo de época baixo medieval (intrusão) num total de 139 fragmentos.

Idade do Ferro Recente

Os fragmentos são, na sua maioria, de produção manual (97). Apenas quatro exemplares parecem ter sido produzidos à roda/torno. A maior parte dos fragmentos possui cozedura redutora (88), mas 23 têm cozedura oxidante. As pastas são micáceas. Os e.n.p dividem-se entre pequeno (74 exemplares), médio (33 exemplares) e de grande calibre (quatro exemplares). A textura dos fragmentos divide-se entre média (86 exemplares), fina (22 exemplares) e grosseira (três exemplares). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, alisados (64 casos). Os restantes encontram-se polidos (47 casos).

Identificaram-se 23 bordos: 17 esvasados; três abertos; um em aba soerguida e dois indeterminados. Quanto às bases foram identificadas 10 exemplres: quatro de fundo plano alargado, duas de fundo plano simples e quatro indeterminadas. Foram, também, registadas quatro asas: duas de secção subcircular, uma em fita e uma triangular.

Neste contexto foram individualizadas 21 formas: sete exemplares da forma 1a (pote com bordo esvasado), um exemplar da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), um exemplar da forma 2a (púcaro), seis exemplares da forma 2b (potinho), dois exemplares da forma 3 (tigela/malga), asas de três exemplares da forma 4 (panela de asa interior), um exemplar da forma 5 (talha) e seis exemplares indeterminados (Tab. 10.12; Fig. 10.62, Fig. 10.63). Foi ainda registado um possível peso de rede (?) em cerâmica.

Tabela 10.11 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2105

Forma	**NMI**	**%**
Forma 1a (pote)	7	33 %
Forma 1b (pote)	1	5 %
Forma 2a (púcaro)	1	5 %
Forma 2b (potinho)	6	29 %
Forma 3 (malga /tigela)	2	9 %
Forma 4 (panela de asa interior)	3	14 %
Forma 5 (talha)	1	5 %
Total	**21**	**100%**

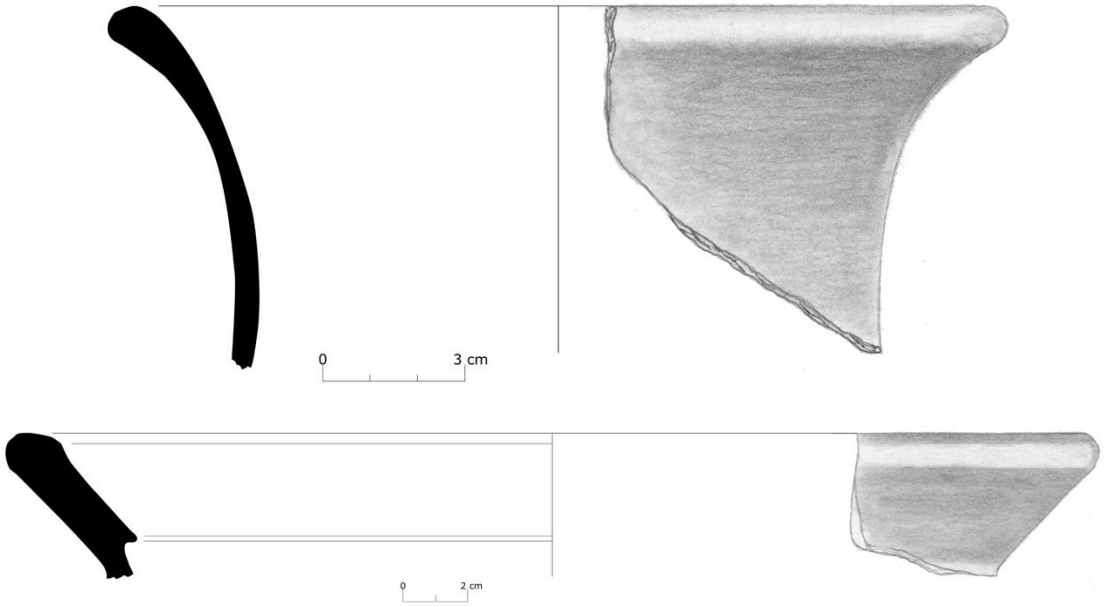


Fig. 10.62 Formas cerâmicas: forma 1a; forma 1b.

Quanto aos aspetos decorativos foram registados seis fragmentos decorados: um bordo e cinco bojos.

O bordo encontra-se decorado por brunido, com várias linhas verticais e uma na horizontal, junto ao lábio (Fig. 10.63).

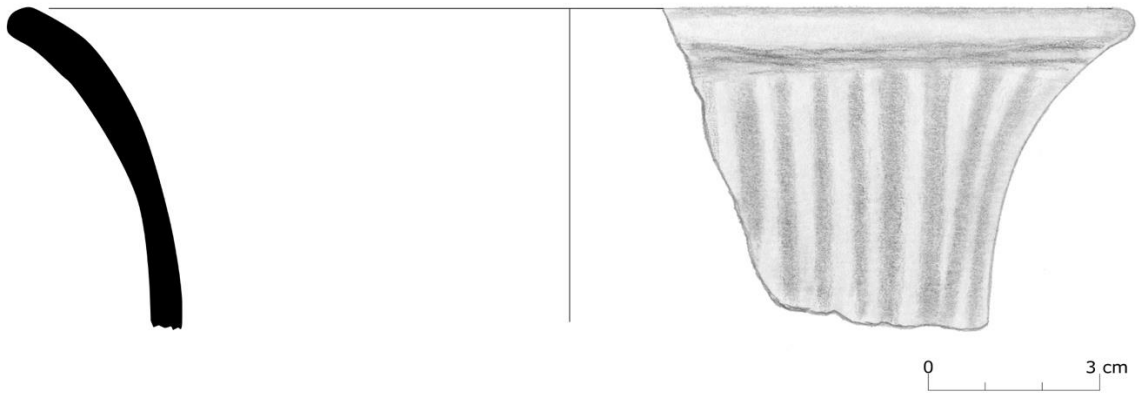


Fig. 10.63 Forma cerâmica: forma 1a decorada por brunido.

Quanto aos bojos, as técnicas utilizadas variam entre as simples e as compósitas. Nas simples apenas há a registar um exemplar por aplicação plástica (cordão na horizontal) e um por incisão (por reticulado) (Fig. 10.64).



Fig. 10.64 Fragmento decorado com reticulado inciso.

Quanto às decorações compósitas destacamos um exemplar decorado por aplicação plástica e incisão sulcos incisos paralelos e no meio um cordão. Há, ainda, um bojo decorado por incisão e impressão (séries de pequenas impressões oblíquas, divididas por sulcos incisos).

De referir ainda um bojo com um cordão no interior. Trata-se de uma solução técnica para segurar a aba do bordo em potes de grandes dimensões.

Foram registados quatro fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores, não só em bojos como, também, nas formas 1 (potes) e 2 (potinhos/púcaros).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 58 (52%) possuem um tamanho < de 4 cm, 44 têm um tamanho entre 4 e 8 cm e nove fragmentos têm um tamanho >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), 52% dos fragmentos têm um tamanho inferior a 4 cm o que revela indício de fragmentação considerável, o que não é de admirar pelo facto de se tratar de níveis superficiais sujeitos a mais transporte. No entanto, foram registados apenas 18 fragmentos rolados (16%).

Cerâmica importada tardo-republicana

Foi ainda estudado neste contexto 27 bojos de ânforas, da Bética e, ainda, um fundo de ânfora da mesma área de produção, talvez do tipo Dressel 2-4, com uma cronologia de produção que percorre todo o séc. I d.C. segundo Morais (1998) e Carreras e Berni (2003) (Fig. 10.65).

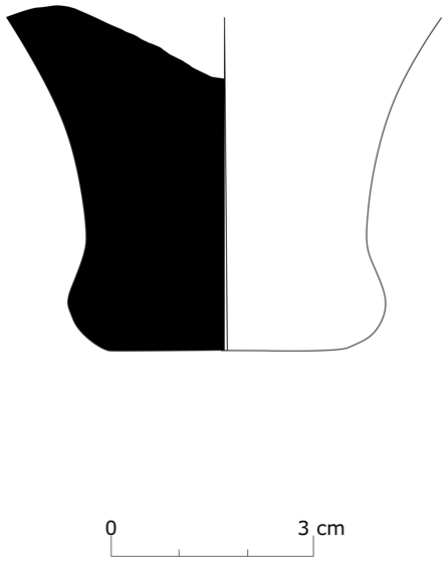


Fig. 10.65 Fundo de Dressel 2-4 (Bética).

Materiais metálicos

Neste contexto foi ainda estudado um fragmento de prego ou rebite, em liga de bronze, de cabo de secção quadrangular (Fig. 10.66). As suas dimensões são: 1,4 cm de comprimento, 1 cm de largura e 0,5 cm de espessura. Pesa 1,3 gr.

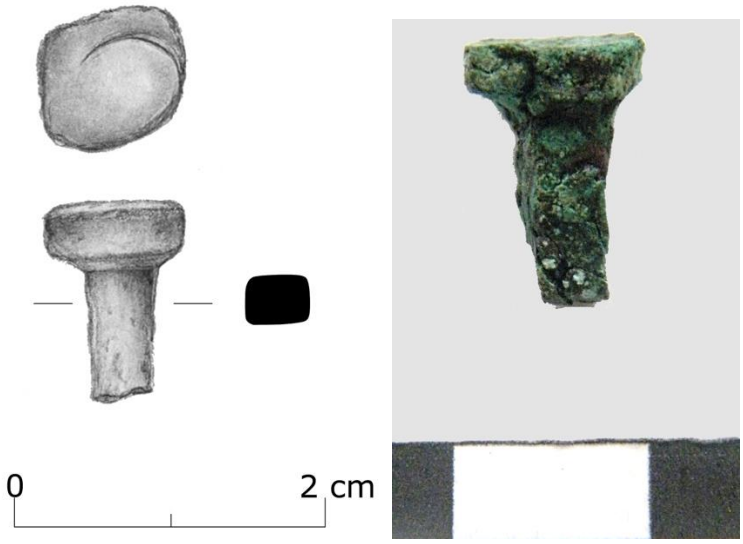


Fig. 10.66 Cabeça de rebite ou prego em bronze

U.E. 983 – enchimento de uma estrutura em negativo - Ferro Recente

Tratando-se de uma estrutura superficial que penetrou o solo em profundidade possui material de várias cronologias (entre o Bronze Final e o Ferro Recente) sendo datada, portanto, do período mais recente, ou seja, do Ferro Recente.

Aí foram registados um total de 32 fragmentos: oito tecnicamente inseríveis na Idade do Bronze; 18 na Idade do Ferro Antigo e seis na Idade do Ferro Recente.

Idade Bronze

Foram registados apenas oito bojos enquadráveis nesta cronologia. Estes são produzidos de forma manual, com cozedura redutora e pasta arenosa. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, grosseira (cinco exemplares) seguido de média (três exemplares). Os e.n.p dividem-se entre pequeno (cinco casos) e médio calibre (três casos).

Os acabamentos eram polidos (sete casos) e alisados (um).

Dois exemplares continham fuligem no exterior.

Relativamente ao tamanho, na sua maioria possuíam < de 4 cm (seis exemplares) e 4 e 8 cm (dois exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) estes materiais foram, provavelmente, alvo de transporte e de agentes erosivos, já que metade encontrava-se rolado. Tal indicia a existência, neste monte, de uma ocupação da Idade do Bronze, embora não neste local concreto.

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foram identificados, também, 18 fragmentos datáveis da Idade do Ferro Antigo. Entre eles: 11 bojos (quatro decorados), dois bordos e uma base.

Os fragmentos são de produção manual. A maior parte possui cozedura redutora (13), e cinco cozedura oxidante. As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos é média (12 exemplares), fina (cinco exemplares) e grosseira (um exemplar). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (oito casos), médio (sete casos) e grande calibre (três casos). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria polidos, (10 fragmentos), sendo os restantes oito alisados.

Em termos formais, quanto aos bordos foram registados um esvasado e outro aberto, das formas 2b (potinho) e 3b (tigela), respetivamente (Fig. 10.67). A base era de fundo plano alargado.

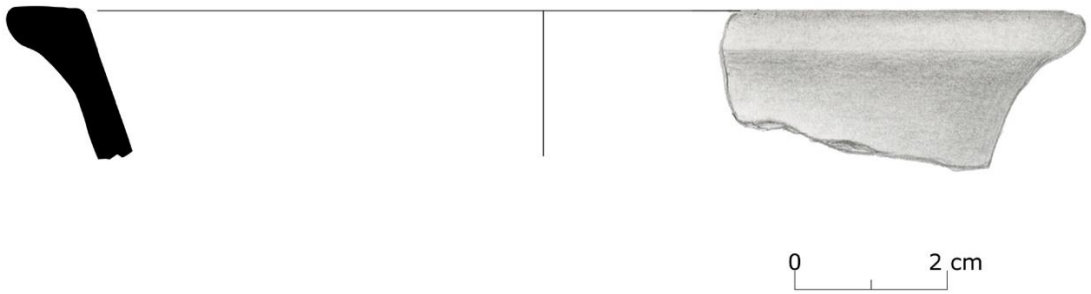


Fig. 10.67 Forma cerâmica: forma 3b (tigela).

Foram registados nove fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores (bojos e forma 2b).

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir a existência de quatro fragmentos decorados por incisão. Os motivos oscilam entre um ou dois sulcos paralelos, sulcos verticais e vários sulcos verticais delimitados por um sulco inciso horizontal e, por baixo deste, um reticulado que tem, numa das extremidades, uma pequena impressão circular (Fig. 10.68).

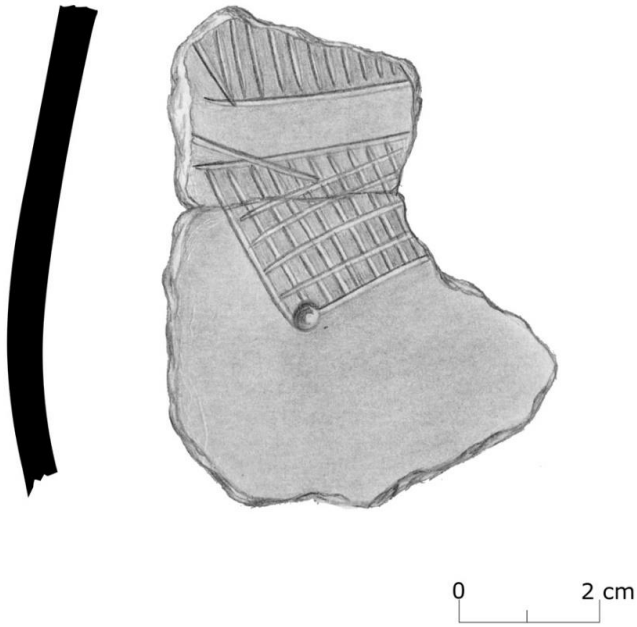


Fig. 10.68 Fragmento decorado por incisão e impressão (desenho de Amélia Marques).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, na sua maioria possuem entre 4 e 8 cm (10 exemplares) e um < de 4 cm (oito exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) estes materiais não estiveram sujeitos a grande transporte, não se encontrado muito fragmentados. Apenas cinco fragmentos estão rolados, pelo que teria existido uma ocupação da Idade do Ferro por baixo das estruturas mais recentes.

Idade Ferro Recente

Nesta camada foram registados ainda sete fragmentos datáveis da Idade do Ferro Recente: seis bordos e um bojo decorado.

Os fragmentos são na sua maioria de produção à roda/torno. Apenas se registou um fragmento de produção manual. Quatro fragmentos possuem cozedura redutora e três, oxidante. As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos é média. Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (três casos), médio (três casos) e grande calibre (um caso). Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, polidos (quatro exemplares). Os restantes três encontram-se alisados.

Os bordos são esvasados (três), abertos (um exemplar) e indeterminados. Neste contexto foram registadas cinco formas cerâmicas: um exemplar da forma 1a (pote esvasado), dois exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3 (tigela/malga) e dois exemplares indeterminados (Tab. 10.12).

Tabela 10.12 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 983

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	25 %
Forma 2b (potinho)	2	50 %
Forma 3 (malga/tigela)	1	25 %
Total	**4**	**100%**

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir a existência de um bojo decorado por incisão e aplicação plástica, cujos motivos são: triângulos preenchidos por sulcos incisos, oblíquos, delimitados por dois sulcos incisos horizontais, perfazendo decoração em ziguezague. Por baixo um mamilo alongado, realizado por aplicação plástica, e que se encontra perfurado (Fig. 10.69). Servia para suspender esta peça?

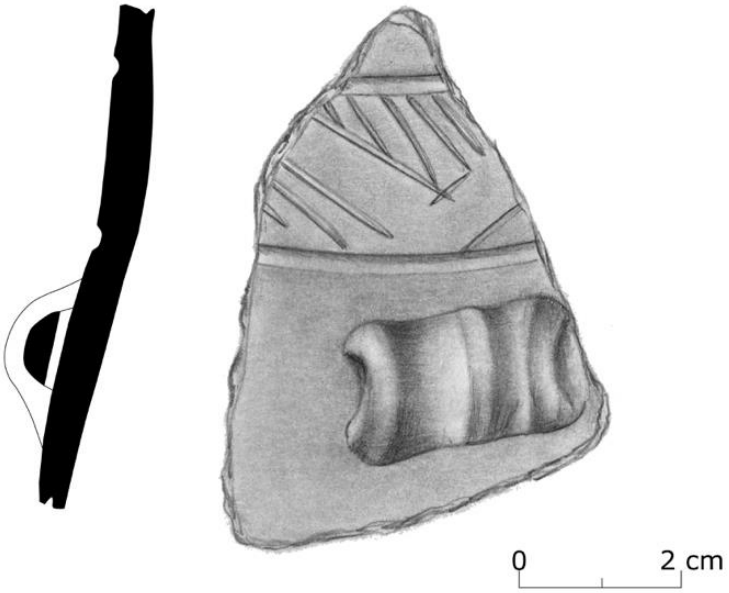


Fig. 10.69 Fragmento decorado por incisão e aplicação plástica (desenho de Amélia Marques).

Há, ainda, um bojo que possui uma espécie de aguda na superfície exterior, de cor avermelhada além de dois sulcos horizontais (Fig. 10.70).



Fig. 10.70 Bojo decorado por incisão e aguada avermelhada.

Foram registados quatro fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores, sendo registada não só em bojos como nas formas 1 (potes) e 2 (potinhos/púcaros).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem entre 4 e 8 cm (quatro fragmentos), < de 4 cm (dois fragmentos) e >8 cm (um fragmento). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), tendo em conta o reduzido número de materiais, pouco podemos referir. Apenas deve-se salientar que parece ocorrer novamente uma fraca fragmentação e um reduzido impacto dos fenómenos de erosão, pois apenas dois fragmentos estão rolados.

U.E. 2102 – enchimento de estrutura negativa - Ferro Recente

No enchimento desta estrutura foram exumados, apenas, materiais indígenas da Idade do Ferro Recente e de importação.

Idade do Ferro Recente

Deste período foram identificados um total de 27 fragmentos. Os fragmentos são apenas de produção manual, de cozedura redutora (22) e oxidante (cinco). As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos divide-se entre média (21 exemplares), fina (cinco exemplares) e grosseira (um exemplar). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (19 casos), médio (cinco casos) e grande calibre (três casos). Estes exemplares encontram-se polidos (10 exemplares) e alisados (17).

Em termos formais os bordos estudados referem-se a dois fragmentos em aba soerguida e a cinco esvasados. Foi registado um fragmento de base, de forma indeterminada e uma asa de seção circular.

Neste contexto foram registadas seis formas cerâmicas: exemplar da forma 1a (pote c/bordo esvasado), dois exemplares da forma 1b (pote c/bordo em aba soerguida), dois exemplares da forma 2b (potinho), asa de secção circular de um exemplar da forma 4 (panela de asa interior) e dois indeterminados (Tab. 10.13; Fig. 10.71).

Tabela 10.13 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2102

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	17 %
Forma 1b (pote)	2	33 %
Forma 2b (potinho)	2	33 %
Forma 4 (panela de asa interior)	1	17 %
Total	**6**	**100%**

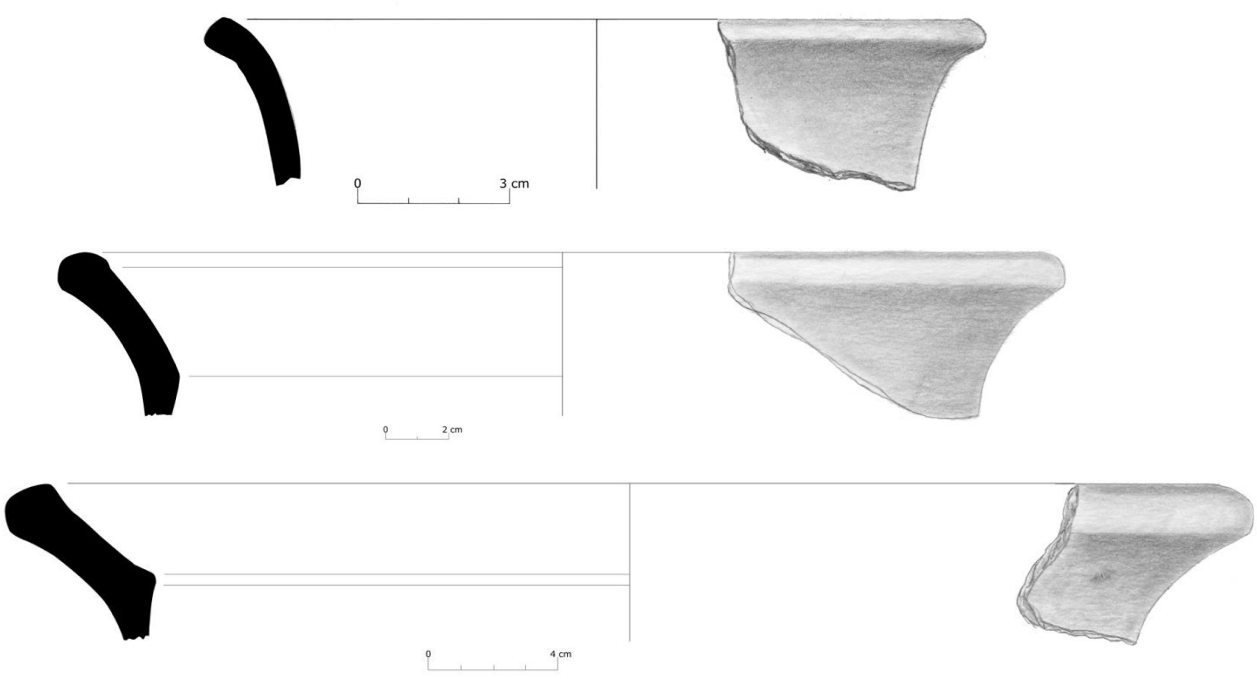


Fig. 10. 71 Formas de potinho (forma 2b) e de potes (formas 1b).

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir a existência de um bojo decorado por incisão e impressão (um sulco inciso horizontal e uma série de pequenas impressões em forma de oval) (Fig. 10.72).



Fig. 10.72 Fragmento decorado por incisão e impressão.

Foram registados quatro fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores, não só em bojos como formas 1 (potes) e 2 (potinhos/púcaros).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 13 exemplares possuem entre 4 e 8 cm, 13 são < de 4 cm e um é >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) há algum transporte destes materiais, o que pode associar-se ao facto de estarem em posição secundária. Foram registados seis fragmentos rolados.

Cerâmica importada de período tardo-republicana

Foi ainda estudado uma asa de ânfora cuja pasta é norte africana, de tipologia indeterminada (Fig. 10.73).

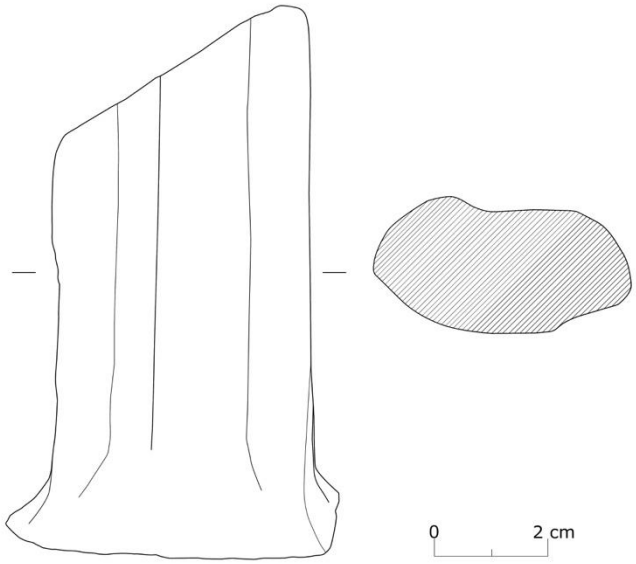


Fig. 10.73 Asa de ânfora (pasta africana).

U.E. 2103 - enchimento de uma estrutura negativa - Ferro Recente

Nesta camada foram registados 11 fragmentos do Ferro Antigo e ainda dois fragmentos de ânforas importadas da área de Cádis, do período Tardo Republicano pelo que esta estrutura teria sido aberta no Ferro Recente.

Idade do Ferro Antiga

Os 11 fragmentos deste período são, na sua maioria, de produção manual, sendo apenas um de produção à roda. A maior parte deles possui cozedura redutora (10) e o restante, oxidante. As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos divide-se entre média (nove exemplares) e fina (dois exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (sete exemplares) e médio calibre (quatro exemplares). Estes fragmentos encontram-se polidos (seis fragmentos) e alisados (cinco).

Em termos formais os bordos são esvasado e em aba soerguida. Correspondem a um exemplar da forma 1b (pote c/bordo em aba soerguida) e um exemplar da forma 2b (potinho) (Tab. 10.74; Fig. 10.74).

Tabela 10.14 Formas cerâmicas do Ferro Antigo da U.E. 2103

Forma	NMI	%
Forma 1 b	1	50 %
Forma 2 b	1	50 %
Total	**2**	**100%**

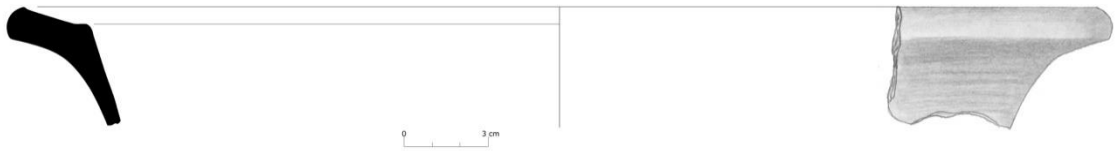


Fig. 10.74 Forma de pote 1b.

Foram estudados, ainda, dois fragmentos de base: um de fundo plano simples e outro de fundo plano alargado.

Quatro fragmentos tinham fuligem nas superfícies exteriores (bojos e forma 2b - potinho).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, seis exemplares têm < de 4 cm e os restantes cinco entre 4 e 8 cm. Foram observados dois fragmentos rolados.

Cerâmica importada de período tardo-republicana romana

Foi registado um bojo de ânfora de produção oriunda da Bética e uma tampa ou peça de jogo, de fabrico da área Cádis (Fig. 10.75).



Fig. 10.75 Tampa ou peça de jogo.

U.E. 2108 – nível mais profundo encontrado no interior da cabana - Ferro Antigo

Nesta camada foram encontrados um total de 14 fragmentos, todos eles, pelas suas características técnicas e tipológicas, datáveis do Ferro Antigo. Tal evidencia que existiu uma ocupação anterior neste local ou que a cabana se iniciou nesta época.

Os fragmentos são apenas produzidos de forma manual. Todos os fragmentos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas. A textura dos fragmentos divide-se entre média (10 exemplares), fina (três exemplares) e grosseira (um exemplar). Os e.n.p dividem-se entre pequenos (nove), médios (três) e de grande calibre (dois casos). Estes exemplares encontram-se alisados (oito fragmentos) e polidos (seis fragmentos).

Foram registados três bordos: um aberto e dois esvasados. Foi observado, ainda, um arranque de asa de secção circular.

Em termos tipológicos foram identificados: dois exemplares da forma 2b (potinho) e um exemplar de uma forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 10.15; Fig. 10.76; Fig. 10.76).

Tabela 10.15 Formas cerâmicas do Ferro Antigo da U.E. 2108

Forma	NMI	%
Forma 2b (potinho)	2	75 %
Forma 4 (panela de asa interior)	1	25 %
Total	**3**	**100%**

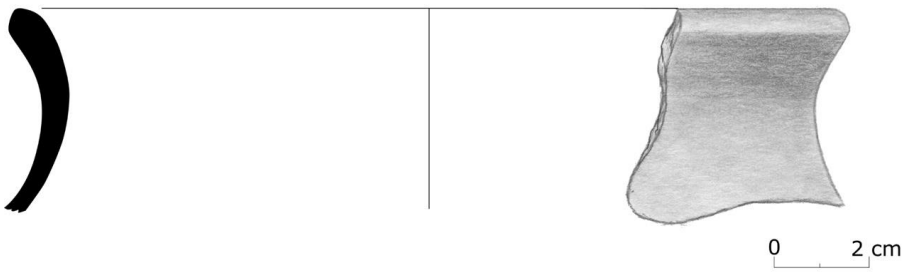


Fig. 10.76 Potinho da forma 2b.

Foi registado, apenas, um fragmento decorado. Trata-se de um bordo esvasado de um potinho que possui decoração brunida (várias linhas verticais) (Fig. 10.77).

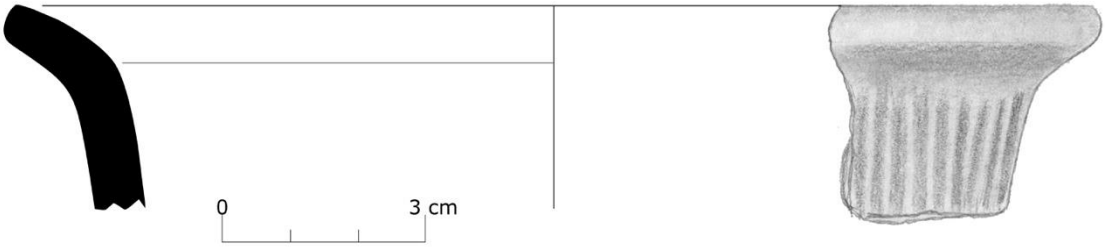


Fig. 10.77 Forma cerâmica: forma 2b (decorada por brunido).

Foram registados sete fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores, sendo esta registada, apenas, em bojos e na forma 4 (panela de asa interior).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, sete exemplares têm < de 4 cm e outros sete fragmentos possuem um tamanho entre <4 e <8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) há um índice de fragmentação considerável (50%) embora com pouco transporte dos materiais pois apenas dois fragmentos estão rolados.

Materiais metálicos

Nesta camada foi registado um conjunto de fragmentos metálicos que chegaram envoltos numa porção de sedimentos e que, inicialmente, foram dados como sendo restos de fundição (escória) por (Carvalho, et al., 2024). Todavia, depois da limpeza em laboratório, constatou-se que, na realidade, se trata de restos de rebites, em bronze, fundidos entre eles ou fundido à placa (Fig. 10.78) e de pequenas placas. O maior destes fragmentos possui 2,4 cm de comprimento por 1,6 cm de largura. O peso dos fragmentos encontrados é de 3,3 gr.



Fig. 10.78 Rebites e restos de placas metálicas. Caldeiro que sofreu ação do fogo?

Poderá tratar-se de restos de um caldeiro rebitado que foi alterado pela ação do fogo. De notar que os sedimentos desta U.E. continham inclusão de carvões.

Síntese

Teria existido, algures, uma ocupação da Idade do Bronze, provavelmente na área mais elevada do monte, tendo alguns fragmentos escorregado para a vertente sul.

Já as evidências da Idade do Ferro Antigo demonstram que esta teria existido no local, embora muito perturbada pelos níveis posteriores. Será o murete encontrado no interior desta cabana pertencente a este período? Ter-se-á esta cabana iniciado no Ferro Antigo?

Já as estruturas em negativo, pelas características dos depósitos são todas detríticas desconhecendo-se a sua função inicial. Algumas pela localização e irregularidade (U.E.s 2102 e 2106) talvez fossem de saque de pedra da cabana 4.

5) Estrutura n.º 5 (muro?) e fossa aberta no substrato rochoso

5.1) Unidades estratigráficas e características arquitetónicas

Este muro duplo (U.E. 1214) tem uma orientação N-S. É constituída por blocos graníticos aparelhados, de média dimensão, sem marcas de pico e dispostos em fiadas, e por pequenos calhaus que preenchem os interstícios (Carvalho *et al.,* 2024). O seu miolo é constituído por pedras miúdas e saibro compactado (Fig. 10.79). Esta estrutura cobre a U.E. 1272.

A estratigrafia desta zona é a seguinte (Fig. 10.80 - 10.82) (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 1214 – o referido muro de pedra.

U.E. 1272 – sedimentos castanho-escuros, de matriz areno-argilosa, heterogéneos e com bastantes manchas de saibro. É coberta pelo muro (U.E. 1214). Deverá relacionar-se com a sua utilização;

U.E. 1273 – sedimentos de coloração castanho-clara, de matriz areno-argilosa, medianamente compactos, com manchas de carvão e de saibro. Deverá relacionar-se com a utilização do muro;

U.E. 2099 – trata-se de uma estrutura em negativo, que foi interpretada como sendo uma cabana[294]. Tem um contorno sub-oval, conservando parcialmente a sua cobertura. As suas paredes são côncavas e o fundo rampeado para o seu interior. Era aberta pelo lado sudeste, sendo o acesso por meios de "degraus" cortados no substrato geológico. Esta estava preenchida pelas U.E.S., 2013, 2019, 2020, 2021. Mede 1,60 metros de comprimento máximo e cerca de 2,10

[294] Informação prestada pela empresa ERA, Arqueologia S.A. no decorrer do estudo destes contextos.

metros de largura máxima e 1,18 metros de profundidade. Esta estrutura em negativo corresponde ao n.º 17.

U.E. 2013 – esta camada fica no interior da estrutura (U. E. 2099). É composta por um sedimento castanho e castanho/alaranjado, de matriz arenosa. Trata-se de uma unidade estratigráfica bastante heterogénea, com nódulos da quebra do substrato geológico e saibro, à mistura. É coberta pela U.E. 1272 e cobre a U.E. 2019 e U.E. 2020;

U.E. 2019 – sedimento de coloração rosada (?), argiloso, moderadamente homogéneo, de grão médio e de compacidade média. É coberto pela U.E. 2013 e cobre a U.E. 2020;

U.E. 2014 – buraco de poste, fora da fossa;

U.E. 2020 – sedimento de coloração castanha, castanha/acinzentada, de matriz arenosa, bastante heterogéneo e com muitas manchas/nódulos de carvões. Esta unidade cobre a U.E 2021;

U.E. 2021 – abatimento da cobertura desta estrutura em negativo, feita em materiais perecíveis. É composta por um sedimento de coloração castanha, com muitos nódulos de saibro e de fragmentos do substrato geológico.



Fig. 10.79 Em cima: vista das U.E.'s 1272 e 1273. Topo da colmatação de estrutura (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo: vista da U.E. 2013 que parece corresponder ao enchimento da fossa / cabana (U.E. 2099) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.80 Em cima: vista da U.E. 2021, abatimento de cobertura da fossa / cabana (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo, vista de sudeste do interior da fossa / cabana (U.E. 2099) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.



Fig. 10.81 Vista de oeste sobre a fossa / cabana (U.E. 2099) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

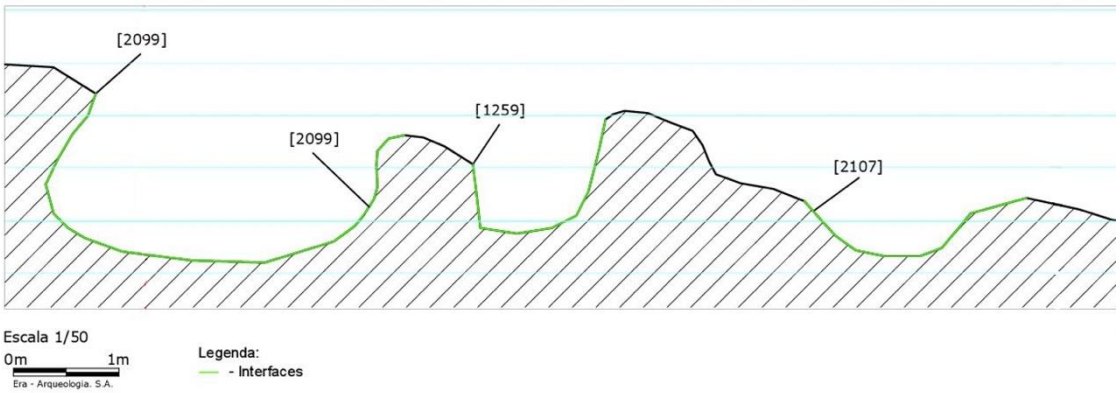


Fig. 10.82 Perfil da estrutura em negativo (U.E. 2099) que pode corresponder a uma cabana em materiais perecíveis (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.).

5.1.1) Materiais arqueológicos

Não foram registados materiais nas U.E.'S 2014 e 2099. Foram estudados os materiais das seguintes U.E.'s: 1272, 1273, 2013, 2019, 2020, 2021.

Materiais cerâmicos e metálicos

U.E. 1272 /1273 – camadas superficiais

Pelo estudo efetuado aos materiais destes contextos percebermos que seriam de um mesmo momento, uma vez que muitos fragmentos colam entre si. Foram identificados materiais de quatro cronologias diferentes (entre o Bronze Final e a Baixa Idade Média). Estas unidades estratigráficas parecem estar relacionadas com a utilização do muro (U.E. 1214). Deverão datar-se do Ferro Recente, pelo grande número de fragmentos cerâmicos deste período, sendo os raros, da Baixa Idade Média, prováveis intrusões.

Da Idade do Bronze identificaram-se apenas dois fragmentos. Do Ferro Antigo 17 fragmentos. Do Ferro Recente 360 e da Baixa Idade Média, quatro.

Idade do Bronze

Nestas U.E.s foram registados um bojo e uma base da Idade do Bronze Final (Fig. 10.83). Os fragmentos são produzidos manualmente, possuem cozedura redutora e pastas arenosas. A sua textura é apenas média. Os e.n.p são de médios e de grande calibre (um fragmento de cada, respetivamente). As superfícies são polidas.

A base registada é de fundo plano simples.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, os dois exemplares possuem um tamanho entre 4 e 8 cm. Os dois fragmentos encontram-se rolados, o que indicia transporte.



Fig. 10.83 Base de fundo plano simples.

Idade do Ferro Antiga

Deste período foram identificados sete bordos, sete bases, uma asa e dois bojos decorados.

Os fragmentos são produzidos, na sua maioria, de forma manual, à exceção de quatro exemplares produzidos à roda. A maioria dos fragmentos possuem cozedura redutora e apenas dois fragmentos possuem cozedura oxidante. As pastas são maioritariamente micáceas, sendo apenas três fragmentos micáceos-arenosos. A textura dos fragmentos divide-se entre média (13 fragmentos), fina (três fragmentos) e grosseira (um fragmento). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (sete casos), médio (nove casos) e grande calibre (um caso). Estes exemplares encontram-se alisados (11 exemplares) e polidos (seis exemplares).

Os bordos são esvasados (três) em aba soerguida (três) e indeterminados (um exemplar). Neste contexto foram registadas oito formas: um exemplar da forma 1a (pote, c/ bordo esvasado), três exemplares da forma 1b (pote c/ bordo em aba soerguida), dois exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3a (malga) e um exemplar da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 10.16).

Tabela 10.16 Formas cerâmicas do Ferro Antigo da U.E. 1272 e 1273

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	12,5 %
Forma 1b (pote)	3	36 %
Forma 2b (potinho)	2	25 %
Forma 3a (malga)	1	12,5 %
Forma 4 (panela de asa interior)	1	12,5 %
Total	**8**	**100%**

Quanto às bases foram registados sete exemplares: cinco de fundo plano simples e os restantes indeterminados. A asa registada é de seção subcircular.

Quanto aos aspetos decorativos, foi registado um bojo decorado por incisão (três sulcos incisos horizontais seguido de dois pequenos sulcos incisos, por baixo destes).

Há um bojo que possui uma perfuração para suspensão e seis fragmentos têm fuligem nas superfícies exteriores (bojos, forma 1b - pote e forma 3a - malga).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, quatro exemplares têm < de 4 cm, 12 exemplares possuem entre 4 e 8 cm e um exemplar tem um tamanho superior a 8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se que estes materiais não se encontram

muito fragmentados, embora estivesse estado sujeitos aos agentes erosivos pois, sete fragmentos (41% do total) estavam rolados.

Idade do Ferro Recente

Os 360 fragmentos datáveis do Ferro Recente repartiam-se por 64 bordos, 26 bases, 3 asa e 266 bojos (19 decorados).

Os fragmentos são produzidos, na sua maioria, à roda/torno (288 exemplares), à exceção de 72 exemplares que foram produzidos manualmente. A maioria dos fragmentos possuem cozedura redutora (221) e 139 cozedura oxidante. As pastas são, quase sempre, micáceas, e apenas cinco exemplares possuem pasta micácea-arenosa.

Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (212 casos), médio (115 casos) e grande calibre (33 casos), com texturas médias (231 fragmentos), finas (126 fragmentos) e grosseiras (três fragmentos).

Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, polidos (193 exemplares), sendo os restantes, alisados.

Foram registados bordos esvasados (38), abertos (10), em aba soerguida (12) e indeterminados (dois). No que respeita aos recipientes com bordos esvasados, dois deles possuem arranque de asa de seção pentagonal. Estes possibilitaram identificar 56 formas: 14 exemplares da forma 1a (pote, c/ bordo esvasado), 10 exemplares da forma 1b (pote c/ bordo em aba soerguida), dois exemplares da forma 2a (púcaro), 23 exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3 b (tigela) e seis exemplares da forma 4b (panela de asa interior). Foi ainda considerado um bordo sem forma determinável (Tab. 10.17; Fig. 10.84).

Tabela 10.17 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 1272 e 1273

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	14	25 %
Forma 1b (pote)	10	18 %
Forma 2a (púcaro)	2	3 %
Forma 2b (potinho)	23	41 %
Forma 3 b (tigela)	1	2 %
Forma 4 b (panela de asa interior)	6	11 %
Total	**56**	**100%**

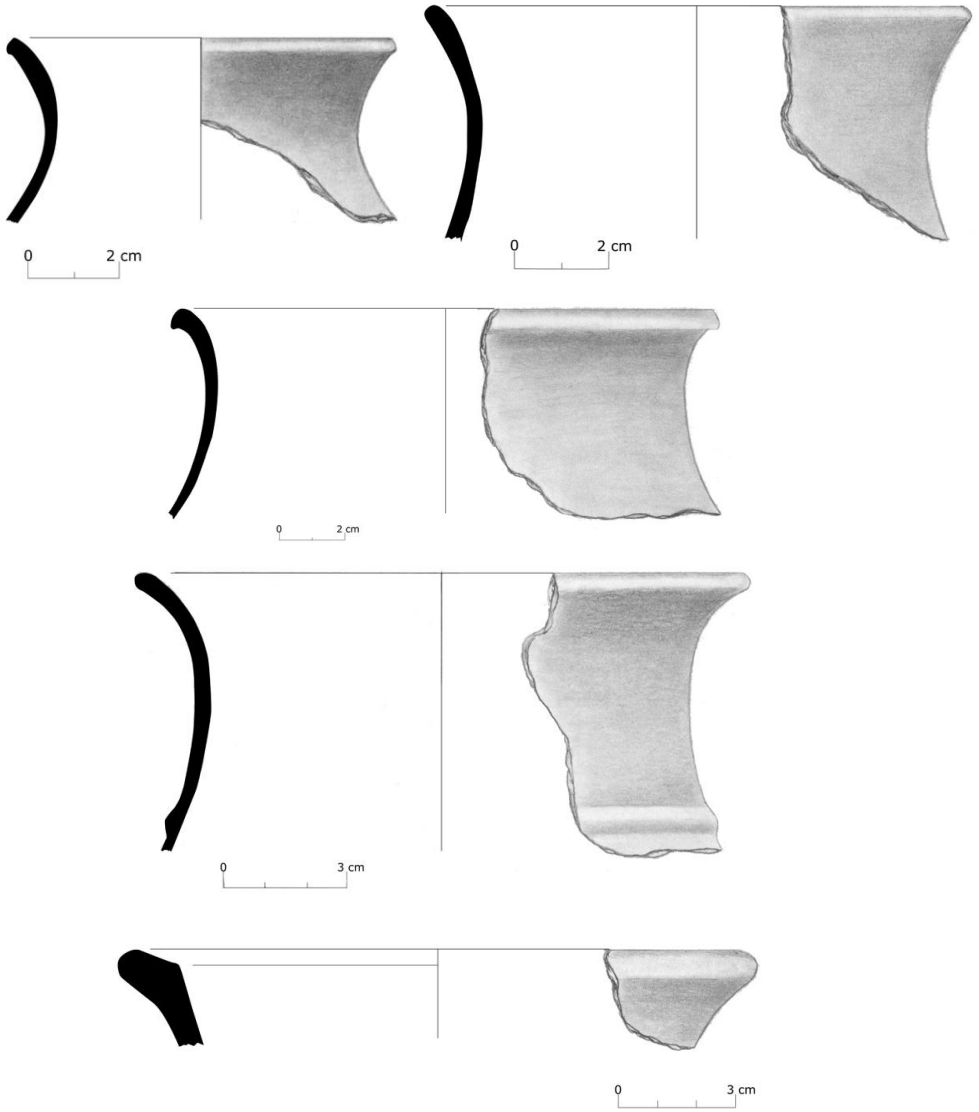


Fig. 10.84 Formas cerâmicas: Formas 2 e 2b (Potinhos), o quarto decorado por aplicação plástica.

Quanto às bases foram identificados 26 fragmentos: 19 de fundo plano alargado, cinco de fundo plano simples e duas indeterminadas (Fig. 10.85).

A única asa isolada é de secção circular e pertence a uma forma 4 (panela de asa interior) (Fig. 10.85). Há, ainda, um arranque de asa.

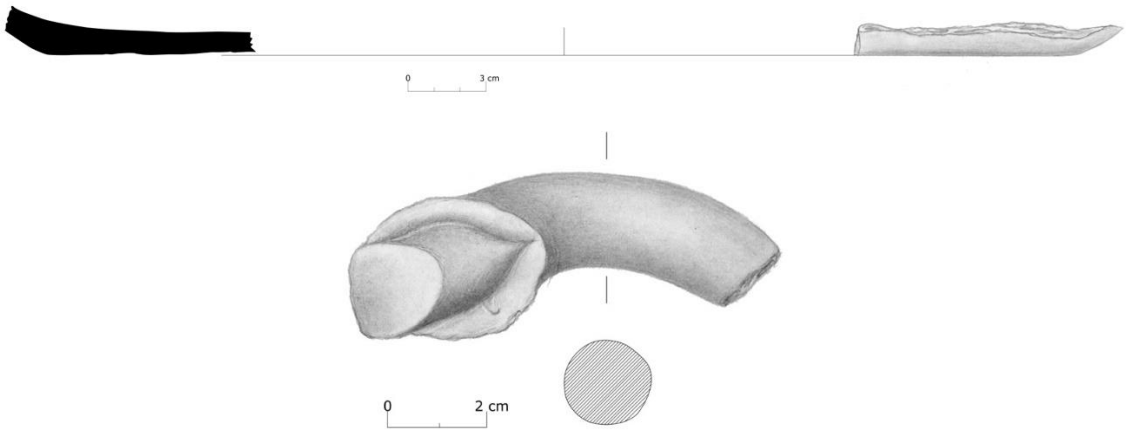


Fig. 10.85 Base de fundo plano simples e asa de seção circular (Forma 4).

Foram registados 19 bojos e dois bordos decorados. Há decorações de apenas uma técnica (14) e compósitas (5).

Com decoração simples há bojos com aplicação plástica (um cordão na horizontal) e cinco por incisão (cujos motivos vão desde vários sulcos oblíquos ou horizontais, por vezes dispostos alternadamente (Fig. 10.86).



Fig. 10.86 Fragmento decorado por incisões horizontais e oblíquas.

Há cinco exemplares com decoração compósita. Dois destes por incisão e aplicação plástica (com cordão horizontal e decoração espinhada; com cordão horizontal e pequeno sulcos incisos). Foram registados dois exemplares com impressões e incisões (cujos motivos são sulcos horizontais e pequenas punções, em formato de gota e sulcos incisos oblíquos e impressos. Foi registado, ainda, um fragmento com decoração por aplicação plástica, incisa e impressa, cujos motivos são um cordão horizontal, quatro sulcos incisos horizontais, formando bandas onde, por vezes, há séries de SSS, impressos (Fig. 10.87).



Fig. 10.87 Fragmento decorado por aplicação plástica, incisão e impressão.

Quanto aos bordos foram registados dois tipos de técnicas: a aplicação plástica e o espatulado. A aplicação plástica materializa-se por um cordão, aplicado na horizontal e o espatulado, por várias linhas, no interior e exterior do bordo.

Foram registados seis fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores (bojos e formas 2 - púcaros/potinhos) 4b - panela de asa interior).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 177 fragmentos têm < de 4 cm, 165 têm entre 4 e 8 cm e 18 fragmentos são >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se que há um índice de quebra considerável porque o tamanho dos fragmentos mais pequenos (< de 4 cm) é quase o mesmo do que aqueles com alguma dimensão (>4 cm e <8 cm). No entanto, é de referir que neste contexto mais superficial e talvez relacionável com a estrutura pétrea (U.E. 1214) apenas foram registados 49 fragmentos rolados (14% do total).

Materiais de construção

Foi ainda estudado neste contexto um fragmento de pavimento de argila bem cozido, alisado nas duas faces (Fig. 10.88). É constituído, além de argila, por pequenas areias, e possui 4,1 cm de comprimento, 2,8 cm de largura e 2 cm de espessura.



Fig. 10.88 Pavimento argiloso.

U.E.s de enchimento da estrutura em negativo (U E. 2099) – Ferro Recente e Ferro Antigo

U.E. 2013

Nesta U.E., mais superficial, foram registados quatro fragmentos datáveis do Ferro Antigo e 296 fragmentos do Ferro Recente. Além disso foi identificado um bordo em cerâmica de produção não local. Pode corresponder a um enchimento verificado no Ferro Recente, após abatimento da cobertura da estrutura.

Idade do Ferro Antiga

Os quatro fragmentos datáveis do Ferro Antigo são produzidos de forma manual e possuem cozedura redutora. A pasta é micácea-arenosa com e.n.p de calibre médio. A textura dos fragmentos divide-se entre média (três exemplares) e fina (um exemplar). Estes fragmentos encontram-se polidos (três casos) e o restante encontra-se alisado. Em termos formais, foi registado uma base de fundo plano simples.

Três bojos eram decorados: um por vassourado (com sulcos em várias direções); um por aplicação plástica (um cordão na horizontal); e um por brunido (linhas na horizontal junto ao colo e depois pela pança já na vertical).

Dois fragmentos de bojos tinham fuligem.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, dois exemplares têm < de 4 cm e dois possuem <4 e <8 cm. Foram registados três fragmentos rolados. Trata-se de material certamente descontextualizado.

Idade do Ferro Recente

Os 296 fragmentos deste período subdividem-se em 62 bordos, 20 bases, quatro asas, três arranques de asas e 207 bojos (21 decorados).

São produzidos, na sua maioria, à roda/torno (183), à exceção de 113 exemplares, produzidos manualmente. A maioria possui cozedura redutora embora 79 tenham cozedura oxidante. As pastas são maioritariamente micáceas, pois apenas um exemplar possui pasta micácea-arenosa. Os e.n.p subdividem-se entre os de pequeno (136 fragmentos), médio (111 fragmentos) e grande calibre (49 fragmentos)., sendo a textura dos fragmentos média (170 casos), fina (120 casos) e grosseira (seis casos).

O acabamento é polido (159 exemplares) e alisado (137).

Identificaram-se, no conjunto dos 62 bordos, 39 esvasados, 10 abertos, nove em aba soerguida, dois em aba horizontal e dois indeterminados. Estes possibilitaram determinar 61 formas: 23 exemplares da forma 1a (pote, c/ bordo esvasado), 10 exemplares da forma 1b (pote c/ bordo em aba soerguida), dois exemplares da forma 2a (púcaro), 23 exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3 b (tigela) e oito exemplares da forma 4b (panela de asa interior). Foi ainda considerado um cadinho[295] e um bordo sem forma indeterminável (Tab. 10.18; Fig. 10.89 -10.91). Foram ainda registados vários bordos, rolados de forma intencional, para formarem discos.

Tabela 10.18 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2013

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	23	38 %
Forma 1 b (pote)	7	12 %
Forma 1 c (pote)	1	2 %
Forma 2 b (potinho)	18	30 %
Forma 3 a (malga)	2	3 %
Forma 4 b (panela de asa interior)	8	13 %
Cadinho	1	2 %
Total	**60**	**100%**

[295] O cadinho aqui registado trata-se de uma base com restos de fundição.

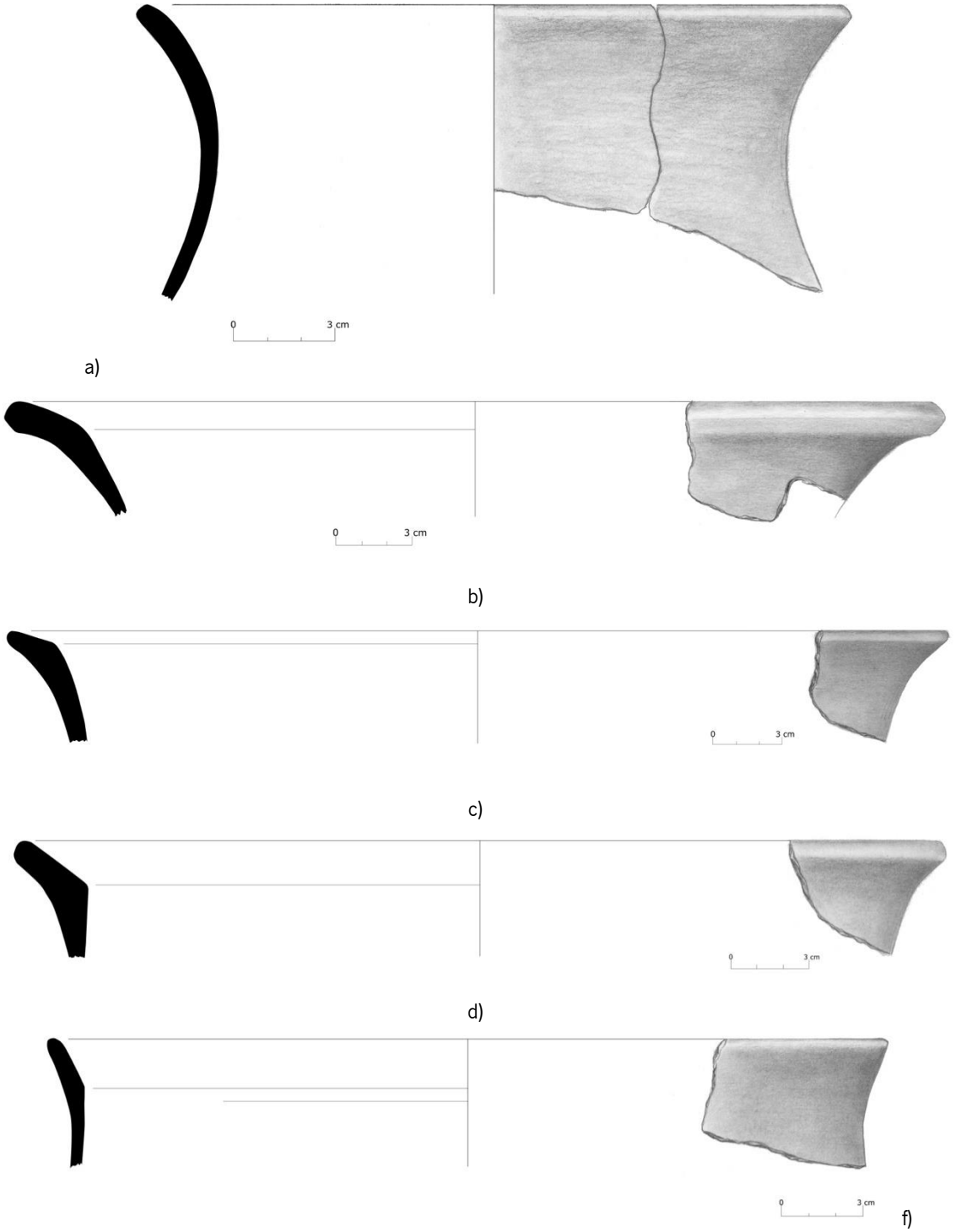


Fig. 10.89 Formas cerâmicas: a) forma 1 a; b) – f) formas 1 b.

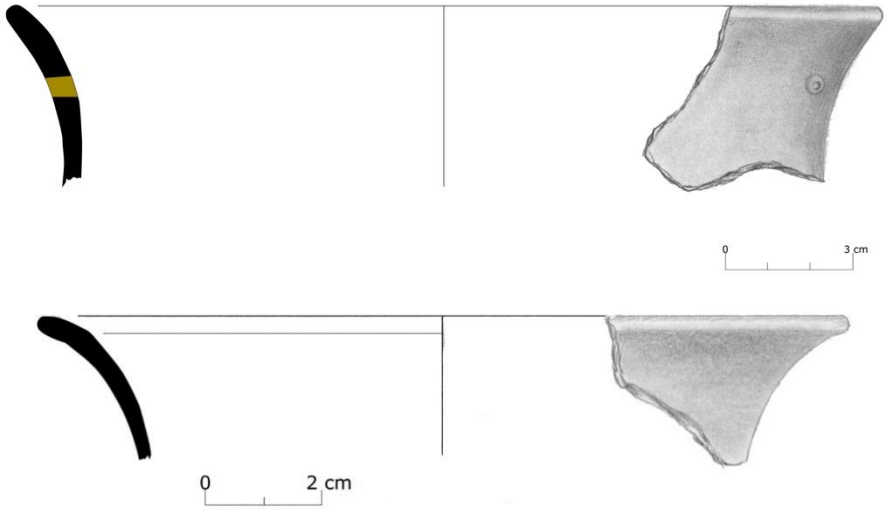


Fig. 10.90 Formas cerâmicas: formas 2 b, o primeiro com um agrafo metálico.



Fig. 10.91 Formas cerâmicas: formas 4 b.

Quanto às bases foram estudados 20 exemplares: 14 de fundo plano alargado, três de fundo plano simples e três indeterminadas (Fig. 10.92). Três das asas eram de secção circular e as restantes indeterminadas.

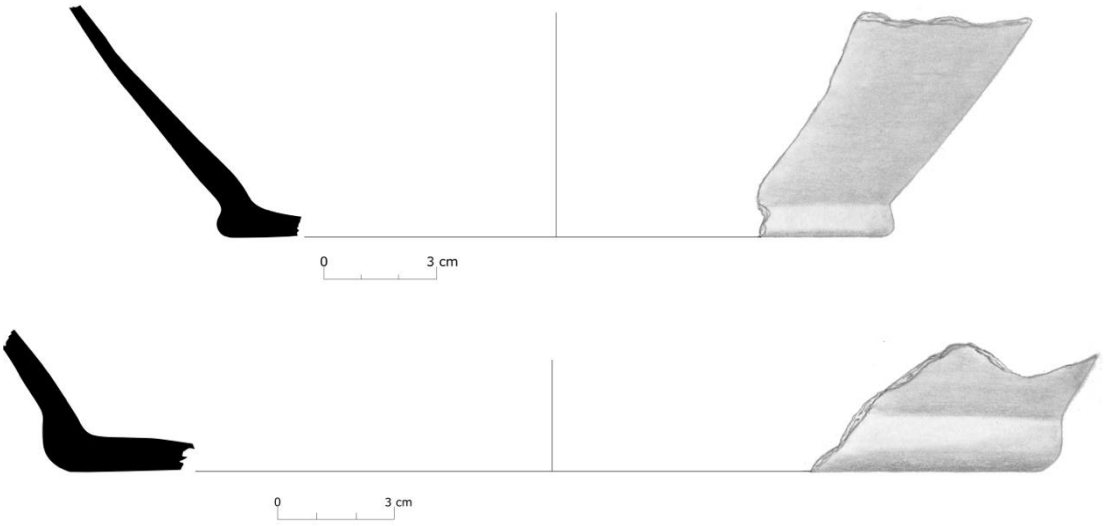


Fig. 10.92 Bases de fundo plano alargado.

Foram registados 21 bojos e uma base com decoração.

Os bojos foram decorados por aplicação plástica (quatro exemplares com um cordão na horizontal); por incisão (cujos motivos oscilam entre um a três sulcos horizontais) e por impressão (um fragmento com três pequenos motivos arredondados). Isto no que respeita à decoração simples.

Quanto à decoração compósita registaram-se seis exemplares com incisão e aplicação plástica; quatro exemplares com incisão e impressão; um exemplar por incisão, aplicação plástica e impressão e um exemplar por incisão, impressão e pintura.

As decorações por incisão e aplicação plástica materializam-se por um cordão na horizontal sobre o qual se fizeram incisões obliquas.

Na decoração por incisão e impressão, os motivos oscilam entre dois a seis sulcos incisos, horizontais, combinados com diversos motivos impressos, como série de SSS, impressões subretangulares, impressões circulares ou impressões vegetalistas (Fig. 10.93).

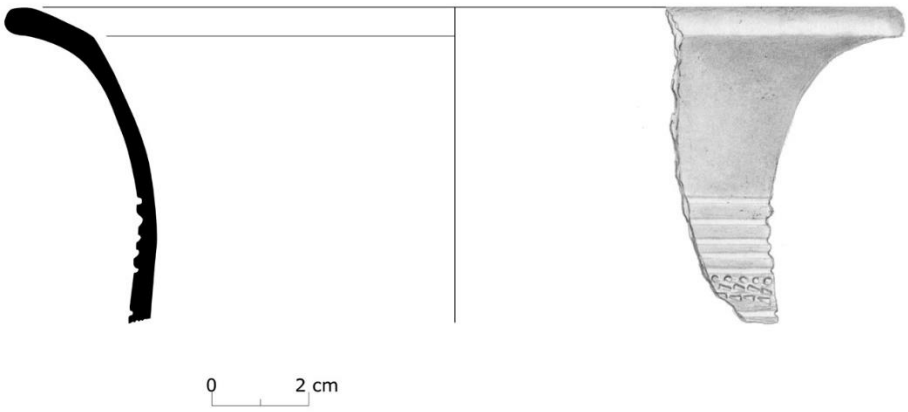


Fig. 10.93 Forma cerâmica: forma 2b, decorado por incisão e impressão.

Na decoração por incisão, aplicação plástica e impressão, surgem os seguintes motivos: um cordão horizontal seguido de três sulcos incisos horizontais e de uma série SSS, entre o segundo e o terceiro sulco. A decoração por incisão, impressão e aguada manifesta-se num bojo com sulcos incisos na horizontal, formando uma banda preenchida com círculos concêntricos, e por um possível um triângulo, também preenchido com círculos concêntricos. Os círculos parecem estar pintados ou avivados com aguada branca (Fig. 10.94). Uma das bases foi decorado por brunido na zona exterior.



Fig. 10.94 Fragmento decorado por impressão, incisão e aguada.

Foram registados 112 fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores: 65 bojos; 41 bordos das formas 1 (potes), 2b (potinho) e 4 (panelas de asa interior) e seis bases.

Foi observado, ainda, um bordo de um pote, com um agrafo metálico e uma perfuração, para outro agrafo ou para suspensão (Fig. 10.95).

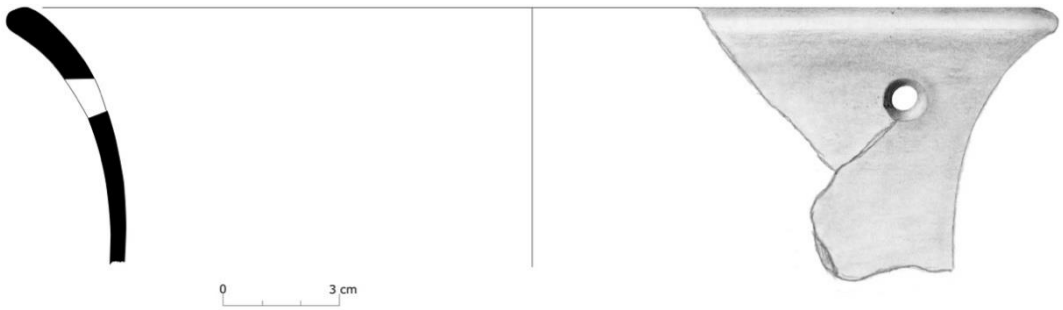


Fig. 10.95 Formas cerâmicas: forma 1a com perfuração.

Uma das bases de fundo plano simples tinha restos de fundição agregada, tendo servido de cadinho (Fig. 10.96).



Fig. 10.96 Base de fundo plano simples com restos de fundição.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 138 exemplares (47%) têm < de 4 cm, 143 (48%) possuem um tamanho entre 4 e 8 cm e 15 exemplares um tamanho >8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) os materiais denotam um fraco transporte por um lado, e por outro não parece terem estado sujeitos aos agentes erosivos. Neste aspeto foram apenas observados 59 fragmentos rolados (20% do total).

Cerâmica de importação

Neste contexto foi identificado um fragmento de bordo esvasado, de um potinho, produzido a torno e de cozedura oxidante, cuja pasta é arenosa, muito depurada, de textura média, e e.n.p. pequenos (Fig. 10.97). As superfícies externas estavam polidas e tinham uma espécie de aguada negra, também na superfície exterior (Fig. 10.97). Trata-se de um fabrico que não é regional (Fig. 10.98). Possui um tamanho entre <4 e <8 cm, estava algo rolado e possuía fuligem no exterior.



Fig. 10.97 Vestígios de aguada negra no exterior, antes da colagem.

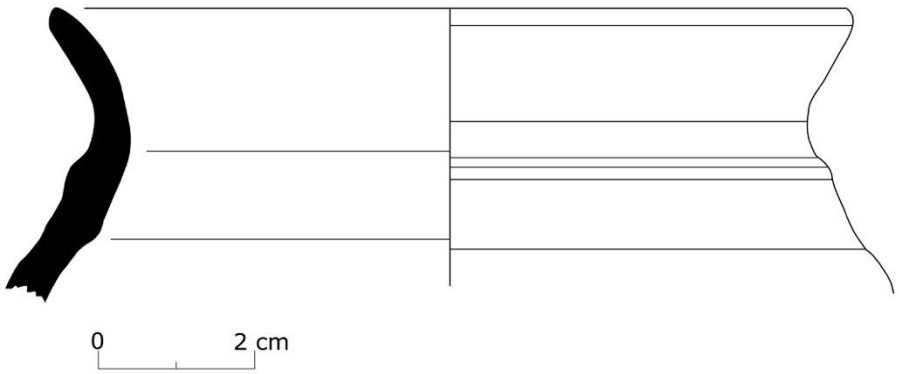


Fig. 10.98 Forma provável de importação.

U.E. 2019

Idade do Ferro Antiga

Aqui exumaram-se apenas seis fragmentos datáveis do Ferro Antigo: um bordo e cinco bojos (um deles decorado). São de produção manual (apenas um sugere ter sido produzido à roda), de cozedura redutora (três exemplares) e oxidantes (três exemplares) e de pasta micácea-arenosa com e.n.p. de pequeno (um exemplar) e médio calibre (cinco exemplares). A textura dos fragmentos é média (cinco exemplares) e fina (1 exemplar).

Os acabamentos são alisados (quatro fragmentos) e polidos (dois).

O bordo é aberto e corresponde a um exemplar da forma 3 (malga/tigela).

Um dos fragmentos de bojo era decorado por aplicação plástica e incisão, com um cordão horizontal sobre o qual existem vários sulcos oblíquos, incisos. Este fragmento também tem fuligem exterior (Fig. 10.99).



Fig. 10.99 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão.

Foram estudados seis fragmentos com fuligem nas superfícies, inclusive no próprio bordo.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, dois exemplares têm < de 4 cm, quatro possuem entre 4 e 8 cm. Não foram registados fragmentos rolados.

U.E. 2020

Neste contexto foram registados 42 fragmentos da Idade do Ferro Antigo e nove do Ferro Recente.

Idade do Ferro Antiga

Entre os 42 fragmentos datáveis do Ferro Antigo identificou-se um bordo, uma base, duas asas e três arranques de asa e 35 bojos.

Os fragmentos são de produção manual, de cozedura redutora (apenas 10 possuem cozedura oxidante). As pastas são micáceas-arenosas com e.n.p. de pequeno (sete exemplares) e médio calibre (35 exemplares).

A textura dos fragmentos é média (31 casos) e fina (11 casos).

Os acabamentos são polidos (28 exemplares) e alisados (14 exemplares).

Em termos formais, o bordo é esvasado e a base é de fundo plano simples. Os dois fragmentos de asa são isolados e de secção circular.

Neste contexto foram identificadas três formas cerâmicas: um exemplar da forma 2b (potinho) e dois exemplares da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 10.19).

Tabela 10.19 Formas cerâmicas do Ferro antigo da U.E. 2020

Forma	NMI	%
Forma 2b (potinho)	1	25 %
Forma 4a (panela de asa interior)	2	75 %
Total	**3**	**100%**

Foram registados 11 fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores, sendo esta em bojos (nove casos) e na forma 4a (panela de asa interior).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, 19 exemplares têm < de 4 cm, 22 exemplares possuem entre 4 e 8 cm e um exemplar tem um tamanho >8 cm.

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se alguma fragmentação, pois 45% possui um tamanho inferior a < de 4 cm, parecendo estar em contexto secundário. Mesmo assim, parece que estes materiais não estiveram sujeitos aos efeitos ou agentes erosivos, porque foram apenas 13 fragmentos rolados (31%).

Idade do Ferro Recente

Nesta camada foram considerados nove fragmentos: seis bordos, duas bases e um bojo.

Os fragmentos são produzidos, na sua maioria, à mão e apenas dois exemplares à roda. A maioria possui cozedura redutora (seis) e três cozedura oxidante. As pastas são micáceas com e.n.p. de pequeno (cinco casos) e médio calibre (quatro casos). A textura dos fragmentos divide-se entre média (seis exemplares) e fina (três exemplares). Estes fragmentos encontram-se na sua maioria polidos (cinco exemplares). Os restantes encontram-se alisados.

Os bordos são esvasados (três), aberto (um) e em aba soerguida (um). Neste contexto identificaram-se dois exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3a (malga) e um exemplar da forma 5 (talha). Foi ainda registada uma base que foi afeiçoada para criar um disco (Tab. 10.20; Fig. 10.100).

Tabela 10.20 Formas cerâmicas do Ferro recente da U.E. 2020

Forma	NMI	%
Forma 2b (potinho)	2	50 %
Forma 3 a (malga)	1	25 %
Forma 5 (talha)	1	25 %
Total	**4**	**100%**

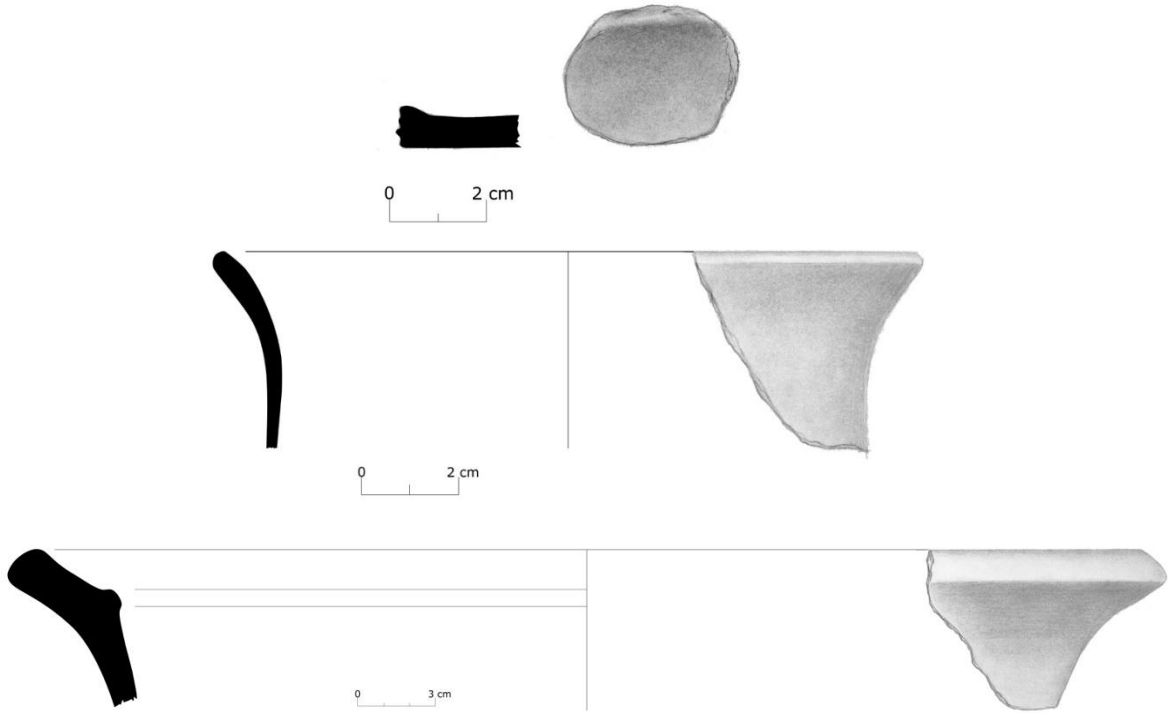


Fig. 10.100 Formas cerâmicas: base rolada para servir de disco, forma 2b e forma 5.

Quanto às bases os dois exemplares são de fundo plano alargado.

Foram registados quatro fragmentos com fuligem nas superfícies exteriores (em duas bases e nas formas 2b - potinho).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, cinco exemplares têm < de 4 cm e quatro exemplares entre <4 e <8 cm. Foram ainda observados quatro fragmentos rolados.

Materiais metálicos

Neste contexto foi registada uma fíbula fragmentada, em bronze. Esta foi, apenas, analisada por fotografia. Está em grave estado de desagregação, praticamente já sem a patine original. Encontra-se muito fragmentada, contudo possui quase todos os seus elementos constitutivos: o arco ou corpo, o botão e ainda parte do enrolamento terminal do objeto (Fig. 10.101). Pelas suas

características poderá corresponder aos tipos Ponte 22a, da segunda metade do séc. VII a meados do séc. V / III a.C. ou a Ponte 23 datável dos finais do séc. VII / inícios do séc. VI a finais do séc. IV / inícios do séc. I a.C. (Ponte, 2006).



Fig. 10.101 Fotografia da fíbula tipo Ponte 22a ou 23 (Imagem: ERA, ARQUEOLOGIA S.A. (gentilmente cedida).

U.E. 2021 – derrube da cobertura ou de parte da cobertura da estrutura em negativo e nível de ocupação

Idade do Ferro Antiga

Nesta camada foram estudados nove fragmentos datáveis deste período, de fabrico manual e cozedura redutora (seis exemplares) e oxidante (três exemplares). As pastas são micáceas-arenosas com e.n.p. de pequeno (três casos), médio (cinco casos) e grande calibre (um caso).

A textura dos fragmentos é média (dois fragmentos) e fina (sete fragmentos). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, alisados (cinco exemplares), sendo os restantes polidos. Em termos formais foram registados dois bordos esvasados e sete bojos.

Neste contexto foram estudadas duas formas cerâmicas: um exemplar da forma 1a (pote c/bordo esvasado) e um exemplar da forma 2b (potinho).

Foi considerado um bojo, decorado por aplicação plástica (cujo motivo é um cordão aplicado na horizontal) (Fig. 10.102).



Fig. 10.102 Fragmento decorado por aplicação plástica.

Foram registados cinco fragmentos com fuligem (quatro bojos e forma 2b - potinho). É de referir que a fuligem, nestes fragmentos, encontra-se não só na superfície como também no cerne o que indica que estiveram sob ação do fogo, após quebra. Isto pode significar que, no momento de abatimento da cobertura ou de parte dela, da estrutura U.E. 2099, terá ocorrido um incêndio.

Foi ainda observado um bordo com uma perfuração para suspensão.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, seis possuem um tamanho entre 4 e 8 cm e três um tamanho < de 4 cm. Foi registado um fragmento rolado.

Síntese

Pela análise da estratigrafia da estrutura U.E. 2099, esta terá sido aberta e ocupada no Ferro Antigo (U.E. 2021), tendo os seus materiais estado em contacto com o fogo. Após o abatimento da cobertura, que parece ter ocorrido no Ferro Recente, a "cavidade" foi tapada com sedimentos e materiais diversos. É provável que grande parte dos materiais da U.E. 2020

correspondam ao enchimento primitivo desta estrutura. Apesar da hipótese de ter sido uma cabana (Carvalho *et al.,* 2024)) na verdade, a sua utilização levanta muitas questões.

6) Fossa 1 – Ferro Recente

6.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

A fossa 1 corresponde à **U.E. 1171**. Trata-se de uma estrutura de contorno circular, com paredes de fundo côncavo e fundo plano (?). Tem de profundidade de 0,5 metros. O lado sul da estrutura estava destruído, podendo este facto estar relacionado com a fossa identificada com a U.E. 2060 (Fig. 10.103) (Carvalho et al., 2024).



Fig. 10.103 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 1 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

Esta estrutura apresenta a seguinte estratigrafia:

U.E. 1145 - aglomerado de calhaus de pequena dimensão imbrincadas uns nos noutros. Parece tratar-se de uma cobertura pétrea. Esta unidade cobre a U.E. 1153;

U.E. 1153 – sedimento castanho muito escuro, com presença de carvões, de grão fino e pouco compacta. Enchimento de possível estrutura de combustão.

6.1.1) Materiais arqueológicos

Apenas a U.E. 1153 registou material arqueológico. Trata-se de 13 fragmentos de cerâmica, datável da Idade do Ferro Recente: 12 bojos e um bordo.

Os fragmentos são produzidos de forma manual (10 exemplares) à roda/torno (três exemplares). A maior parte possui cozedura redutora, pois apenas dois exemplares possuem cozedura oxidante. As pastas são micáceas com e.n.p. entre pequenos (quatro exemplares), médios (quatro exemplares) e de grande calibre (cinco exemplares). A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (nove fragmentos) e fina (quatro fragmentos). Os acabamentos são polidos (oito exemplares) e alisados (cinco exemplares).

O bordo é aberto, mas não foi possível detetar a forma. Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes têm, entre 4 e 8 cm (oito exemplares) e o restante são < de 4 cm (cinco exemplares). Apenas dois fragmentos encontram-se rolados.

7) Fossa 2 - Ferro Antigo

7.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Estrutura em negativo, de contorno subcircular, paredes e fundo ligeiramente côncavos e com uma profundidade de 14 cm (Carvalho *et al.,* 2024). Corresponde à U.E. 1184 (Fig. 10.104). Esta estrutura apresenta a seguinte estratigrafia:

U.E. 1179 – sedimento de coloração castanha castanha-acinzentada, de matriz arenosa, de grão médio e compacta.



Fig. 10.104 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 2 assinalada a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

7.1.1) Materiais arqueológicos

O material arqueológico da U.E. 1179 corresponde a 66 fragmentos de cerâmica datável do Ferro Antigo. Foram contabilizados 50 bojos (quatro deles decorados), 11 bordos, quatro bases e uma asa.

Os fragmentos são, na sua maioria, produzidos de forma manual (44 fragmentos), sendo 22 fragmentos produzido à roda/torno. A maior parte possui cozedura redutora (59 fragmentos), sendo apenas sete os que possuem cozedura oxidante. As pastas são micáceas com e.n.p. de pequeno (48 exemplares), médio (16 exemplares) e grande calibre (dois exemplares). A textura dos fragmentos é na sua maioria fina (35 casos), seguida de textura média (27 casos). Há, ainda, alguns de textura grosseira (quatro casos).

Estes fragmentos encontram-se na sua maioria polidos (42 exemplares). Os restantes encontram-se alisados (24 exemplares).

Os bordos dividem-se em três exemplares de aba soerguida, um exemplar aberto e sete exemplares esvasados. Neste contexto foram registadas um total de 11 formas: dois exemplares da forma 1a (pote), três exemplares da forma 1b (pote com bordo de aba soerguida), quatro exemplares da forma 2b (potinho) e ainda dois exemplares da forma 4a (panela de asa interior). Foi registado um exemplar de forma indeterminada (Tab. 10.21; Fig. 10.105).

Tabela 10.21 Formas na fossa 2

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	2	18 %
Forma 1b (pote)	3	27 %
Forma 2b (potinho)	4	37%
Forma 4 a (panela de asa interior)	2	18%
Total	**11**	**100%**

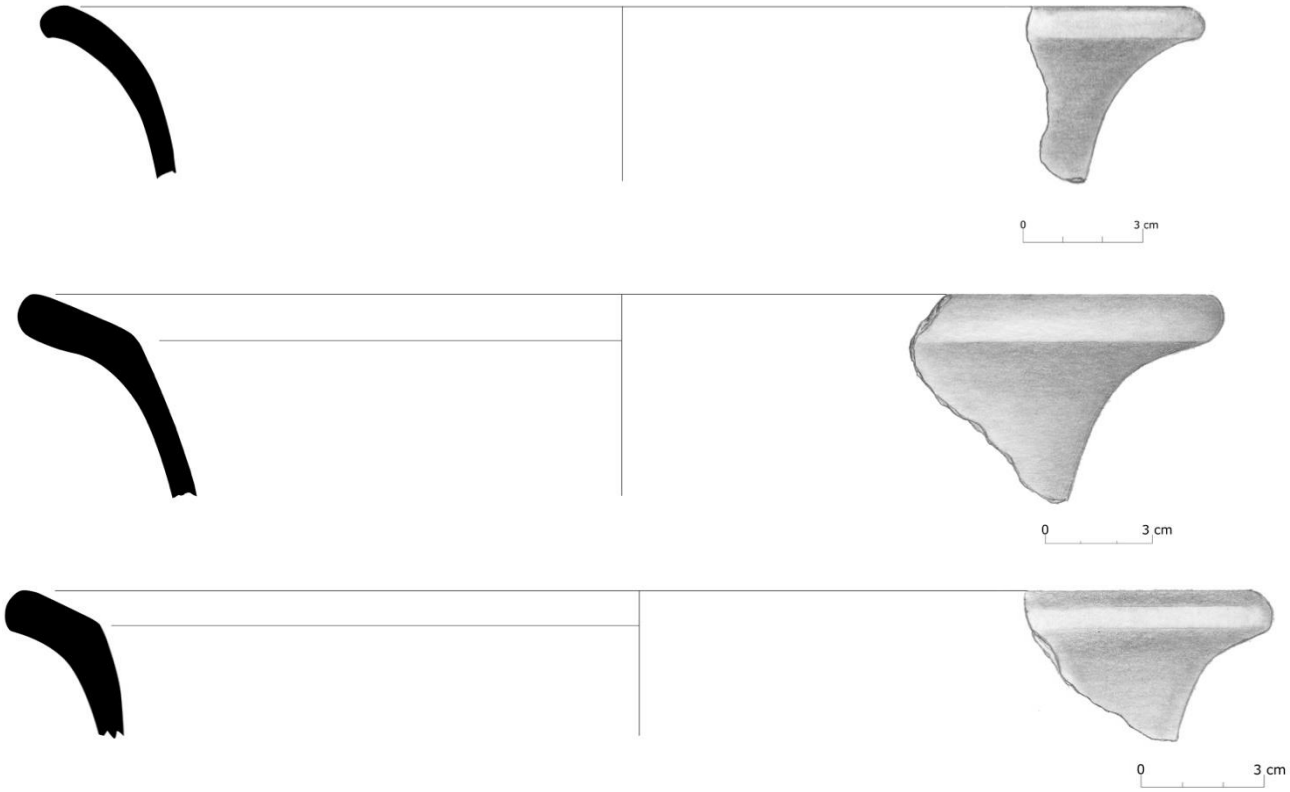


Fig. 10.105 Formas cerâmica de potes (forma 1a e formas 1b).

As bases são de fundo plano simples e de fundo plano alargado (2 exemplares, de cada). O exemplar de asa possui secção circular.

Foram identificados quatro bojos decorados: dois exemplares com aplicação plástica; um exemplar com decoração incisa e um exemplar e com brunido. A incisão manifesta-se através de pequenos sulcos oblíquos. O fragmento brunido tem linhas brunidas na horizontal e na vertical (Fig. 10.106).



Fig. 10.106 Fragmento decorado por brunido.

Foram registados 28 fragmentos com fuligem, nomeadamente em forma 1 (potes), forma 2b (potinhos) e forma 4b (panelas de asa interior). Num dos casos a fuligem encontravam-se no cerne o que pode ser indicador de que esse fragmento esteve em contacto com fogo, após quebra. Há um orifício arredondado no bojo do vaso brunido talvez relacionado também com o restauro desta peça. Há também um bordo de potinho onde foi colocada pasta cerâmica por cima da peça original para "restaurar" ou reforçar algum defeito (Fig. 10.107).

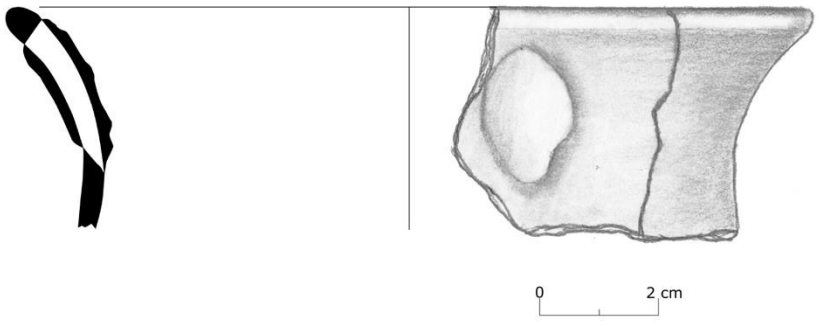


Fig. 10.107 Forma 2b (potinho) com argila adicionada para restauro da peça

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes têm < de 4 cm (47 exemplares), entre 4 e 8 cm (15 exemplares) e >8 cm (quatro exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se uma grande fragmentação dos materiais neste contexto, nos quais 71% são inferiores a 4 cm, o que evidencia bem o carácter de deposição secundária deste contexto.

8) Fossa 3 – Ferro Recente

8.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Trata-se de uma estrutura de contorno circular, paredes retas, fundo irregular e com uma profundidade de 0,28 cm. Corresponde à U.E. 1155 (Fig. 10.108) (Carvalho *et al.,* 2024).



Fig. 10.108 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 3 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

Esta estrutura possui a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 1150 – sedimento de coloração castanha, de matriz arenosa, moderadamente homogénea, de grão médio e pouco compacta.

8.1.1) Materiais arqueológicos

Foram registados 80 fragmentos de cerâmica indígena, na U.E. 1150: um do Ferro Antigo e 79 do Ferro Recente e, ainda, um fragmento de importação.

Neste contexto há também um artefacto metálico.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foi estudado apenas um fragmento de cerâmica datável da Idade do Ferro Antiga. Foi contabilizado um bojo decorado.

Este fragmento é produzido de forma manual, a cozedura é redutora, a pasta é micácea, a textura do fragmento é média e os e.n.p são de calibre grande. Este exemplar é alisado. Em termos formais trata-se apenas de um bojo que possui decoração incisa. Os motivos são os seguintes: após um sulco horizontal, há uma banda de triângulos preenchidos com sulcos oblíquos (Fig. 10.109.



Fig. 10.109 Fragmento decorado por incisão.

Este fragmento possui um tamanho inferior a 4 cm e não se encontra rolado.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados um total de 79 fragmentos: 65 exemplares de bojos (cinco deles decorados), oito bordos e seis bases.

Os fragmentos são na sua maioria produzidos de forma manual, embora 22 sejam à roda/torno. A maior parte possui cozedura oxidante, mas 16 exemplares possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas com e.n.p. de pequeno (34 fragmentos), médio (38 fragmentos) e grande calibre (sete fragmentos). A textura dos fragmentos é média (59 casos) e fina (20 casos). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, polidos (45 exemplares). Os restantes são alisados (34 exemplares).

Os bordos dividem-se em três esvasados, um aberto, dois em aba soerguida e dois indeterminados. Neste contexto foram registadas seis formas cerâmicas: um exemplar da forma 1a (pote), dois exemplares da forma 1b (pote com bordo de aba soerguida), dois exemplares da forma 2b (potinho) e um exemplar da forma 4b (panela de asa interior) (Tab. 10.22; Fig. 10.110).

Tabela 10.22 Formas na fossa 3

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	1	17 %
Forma 1 b (pote)	2	33 %
Forma 2 b (potinho)	2	33 %
Forma 4 b (panela de asa interior)	1	17 %
Total	**6**	**100 %**

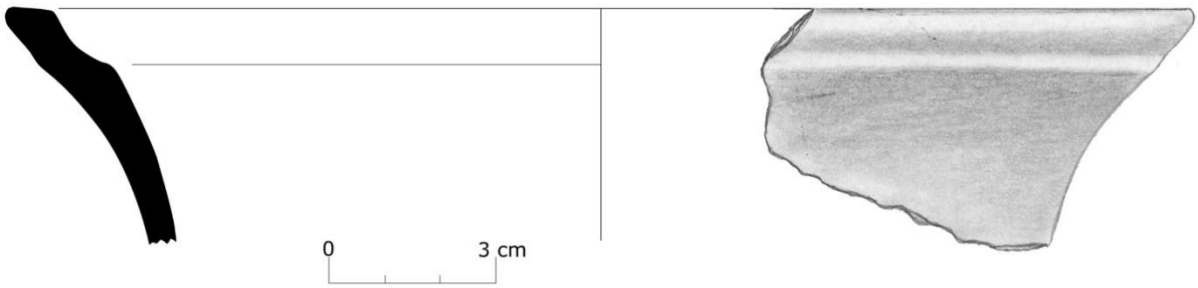


Fig. 10.110 Formas cerâmicas: forma 1 a (com canelura interna).

As bases são de fundo plano simples e de fundo plano alargado (dois e três exemplares, respetivamente) (Fig. 10.111).

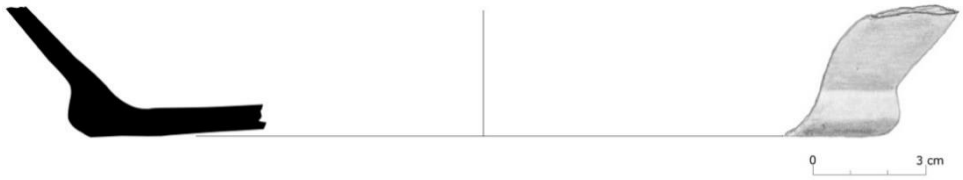


Fig. 10.111 Base de fundo plano alargado.

Há cinco exemplares decorados: dois com incisões; dois com aplicação plástica e um com aplicação plástica e incisão. A incisão revela-se através de quatro a cinco sulcos horizontais, a aplicação plástica através de um a dois cordões aplicados na horizontal. O fragmento de bojo com decoração compósita tem um cordão, seguido de dois sulcos paralelos que formam uma banda preenchida com incisões oblíquas (Fig. 10.112).



Fig. 10.112 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão.

Neste caso foram registados 23 fragmentos com fuligem, nomeadamente um potinho (forma 2b).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria possuem um tamanho < de 4 cm (40 exemplares). Entre 4 e 8 cm há 37 exemplares e > 8 cm, dois exemplares. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) os materiais estão bastante fragmentados, com 51% dos fragmentos com tamanho menor de 4 cm, o que revela a sua deposição secundária.

Cerâmica de importação

Apenas se regista um bojo, já muito rolado, de pasta bastante depurada, talvez de ânfora (Fig. 10.113).



Fig. 10.113 Fragmento importado de forma indeterminada.

Materiais metálicos

Neste contexto foi considerado um pequeno cilindro, perfurado no centro, partido numa das extremidades. É decorado com traços na horizontal e na vertical. A dimensão é a seguinte: 0,7 cm de comprimento, 0,6 cm de espessura e ainda um peso de 0,8 gr. A tipologia desta peça é muito difícil de apurar. Seria uma conta de colar? É de bronze (Fig. 10.144).

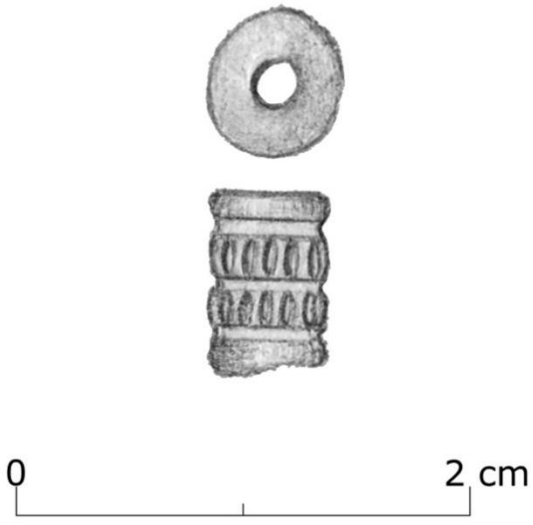


Fig. 10.114 Conta de colar (?) decorada (desenho de Amélia Marques).

9) Fossa 4 – Ferro Antigo

9.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

A fossa 4, de contorno subcircular, tem paredes côncavas, fundo aplanado e profundidade de 0,45 metros (Fig. 10.115; Fig. 10.116). É a U.E. 1156.



Fig. 10.115 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 4 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

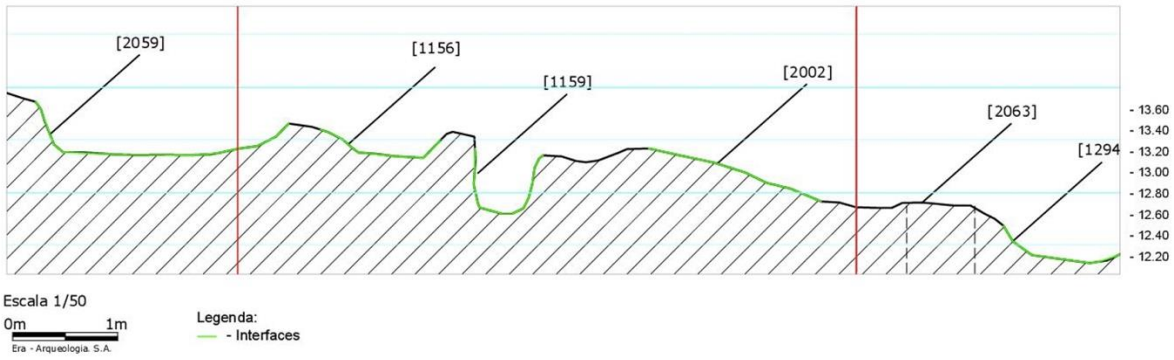


Fig. 10.116 Perfil da fossa 4 de S. João (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.).

Esta estrutura negativa tem a seguinte estratigrafia:

U.E. 1149 – sedimento de coloração castanha ou castanho-escura, de matriz arenosa, moderadamente homogénea, de grão médio, pouco compacta. Enchimento da fossa.

9.1.1) Materiais arqueológicos

Foi registado material cerâmico na U.E. 1149 de uma só cronologia – Ferro Antigo.

Foram exumados 89 fragmentos: 70 bojos (seis deles decorados), 15 bordos (um deles com asa) e quatro bases.

Os fragmentos são na sua maioria produzidos de forma manual, embora 23 sejam produzidos à roda/torno. A maior parte deles possui cozedura redutora, mas cinco exemplares possuem cozedura oxidante. As pastas são micáceas com e.n.p de pequeno (52 exemplares), médio (23 exemplares) e grande calibre (14 exemplares). A textura dos fragmentos é fina (48 casos), média (20 casos) e grosseira (três casos). Estes exemplares encontram-se, na sua maioria polidos, (67 fragmentos), sendo os restantes alisados (22 fragmentos).

Em termos formais os bordos dividem-se em 10 esvasados (um eles com uma asa de seção pentagonal), quatro em aba soerguida e um aberto. Neste contexto foram registadas um total de 14 formas: três da forma 1a (pote), dois da forma 1b (pote com bordo de aba soerguida), um da forma 2a (púcaro), cinco da forma 2b (potinho) e um da forma 4a (panela de asa interior). Foram ainda analisados três exemplares de forma indeterminada (Tab. 10.23; Fig. 10.117).

Tabela 10.23 Formas registadas na Fossa 4

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	3	22 %
Forma 1 b (pote)	2	14 %
Forma 2 a (púcaro)	1	7 %
Forma 2 b (potinho)	5	36 %
Forma 4 a (panela de asa interior)	3	21 %
Total	**14**	**100 %**

As bases são de fundo plano simples e de fundo plano alargado (dois exemplares de cada).

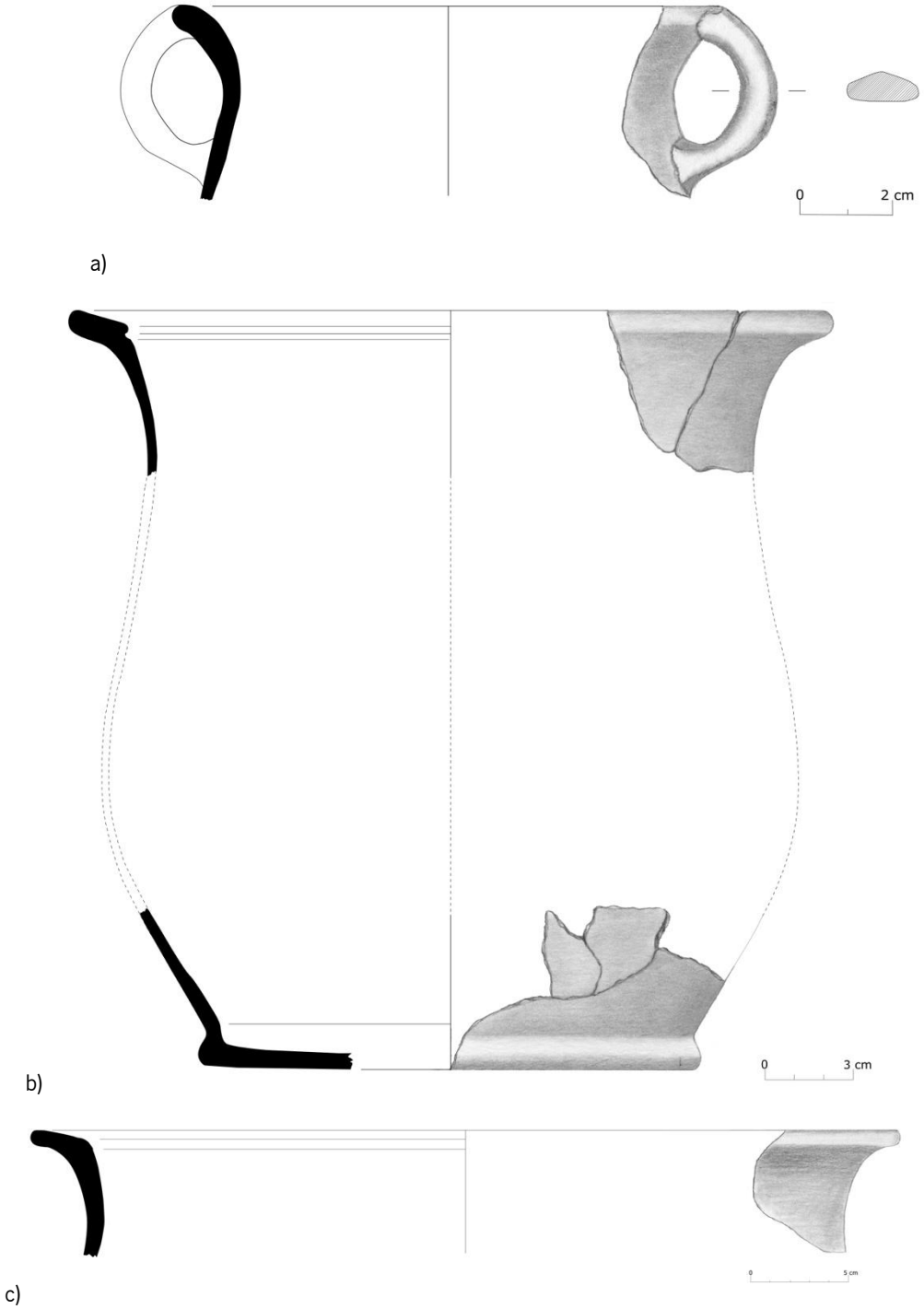


Fig. 10.117 Formas cerâmicas: a) forma 2a; b) forma 2b; c) forma 1b.

Há seis exemplares decorados. Em termos das técnicas cinco fragmentos tinham incisão e um, brunido. Os bojos decorados por incisão têm entre um a cinco sulcos horizontais. Num deles os sulcos formam três bandas, duas delas preenchidas com sulcos oblíquos (Fig. 10.118, a)). A decoração brunida surge pequenos traços na vertical, a partir do colo (Fig. 10.118, b)).



Fig. 10.118 Fragmentos cerâmicos decorados: fragmento decorado por incisão e por brunido.

Neste caso foram registados 41 fragmentos com fuligem exterior, nomeadamente em potinhos (forma 2b), potes (forma 1) e em panela de asa interior (forma 4b).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem um tamanho < de 4 cm (46 exemplares), seguido dos que têm entre 4 e 8 cm (41 exemplares). Os >8 cm são apenas dois exemplares. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) os materiais apresentam um índice de fragmentação, de peças inferiores a 4 cm, de 52%, o que se relaciona com o facto de se encontrarem em deposição secundária. No entanto, os materiais não estão muito rolados, sendo detetados apenas nove rolados (10%). Desta forma parece lícito supor que estes materiais foram lançados para o interior desta fossa algum tempo depois de quebrarem.

10) Fossa 7[296] - Ferro Antigo

10.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Esta estrutura tem contornos irregulares, paredes ligeiramente côncavas, fundo mais ou menos aplanado e uma profundidade 0,92 metros (Carvalho *et al.,* 2024). É preenchida pelas U.E's 1257 e 1276. Foi considerada a U.E. 1282 (Fig. 10.119).

[296] Ao lado desta estrutura negativa foi encontrado um esqueleto humano (U.E. 1278) é de uma inumação primária em decúbito dorsal, com orientação W-E, aproximadamente. Trata-se de uma inumação mais recente. Chama-se a atenção para o facto de as fossas 5 e 6 não terem materiais significantes, pelo que não foram estudadas neste trabalho.



Fig. 10.119 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 7 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

Esta estrutura negativa registou a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 1257/1258 – é sedimento de coloração castanha, com inclusão de saibros amarelados e nódulos de argila vermelha-alaranjada.

U.E. 1276 –mancha de argila e sedimentos de coloração castanha, com carvões. Estava coberta pela U.E.1257.

10.1.1) Materiais arqueológicos

U.E. 1276 – camada exterior

Foram registados 56 fragmentos. Um deles é enquadrável na Idade do Ferro Antiga e o restante é datável do Ferro Recente.

Idade do Ferro Antiga

Foi registado nesta U.E. um bordo, com uma pequena aba soerguida, da forma 2b, com cerca de 19 cm de diâmetro. Foi produzido de forma manual, com cozedura redutora, pasta micácea-arenosa, com e.n.p. de pequeno calibre e textura média. Este exemplar é polido, tanto no exterior como interior.

Este fragmento possui fuligem, talvez devido ao facto de ter estado sobre o lume. Possui um tamanho >8 cm. Não se encontra rolado.

Idade do Ferro Recente

Foram contabilizados 51 bojos (quatro deles decorados), três bordos e uma base.

Os fragmentos são na sua maioria produzidos de forma manual e 26 são produzidos à roda/torno. A maior parte possui cozedura redutora, e sete exemplares possuem cozedura oxidante. A pasta destes fragmentos é micácea com e.n.p entre o pequeno (12 casos), médio (37 casos) e grande calibre (6 casos). A textura é na sua maioria média (29 exemplares), seguido de fina (25 exemplares). Há um exemplar de textura grosseira. Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, polidos (41 fragmentos), sendo os restantes alisados (14 fragmentos).

Os bordos dividem-se em dois de aba soerguida e um esvasado. Neste contexto foram registadas um total de três formas: um exemplar da forma 1a (pote) e dois exemplares da forma 1b (pote com bordo de aba soerguida) (Tab. 10.24).

Tabela 10.24 Formas da Idade do Ferro Recente na U.E. 1276

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	1	33%
Forma 1 b (pote)	2	67%
Total	**3**	**100%**

O exemplar de base é de fundo plano alargado.

Devemos referir a existência de três bojos decorados. Em termos das técnicas um é inciso, um é brunido e um é brunido e inciso. O fragmento com decoração incisa apresenta apenas um sulco horizontal. O fragmento com decoração brunida apresenta os seguintes motivos: vários sulcos suaves, na horizontal, seguido de vários sulcos, na horizontal.

O fragmento com decoração brunida e incisa apresenta-se um polimento por brunido, com três sulcos incisos horizontais e um pequeno sulco inciso oblíquo (Fig. 10.120).



Fig. 10.120 Fragmento decorado por incisão e brunido

Foram registados 25 fragmentos com fuligem apenas em bojos. Há um fragmento com aplicação de argila para restauro / reforço da peça.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem um tamanho < de 4 cm (34 fragmentos), seguido do tamanho entre 4 e 8 cm (15 fragmentos). Há um de tamanho >8 cm (seis fragmentos). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se na camada superior desta fossa, que os materiais estão bastante fragmentados e estiveram sujeitos a algum transporte o que está de acordo com a sua deposição secundária no interior da fossa. Contudo, poucos são aqueles fragmentos que estão rolados (seis fragmentos o que corresponde a apenas a 11%).

U.E. 1257 e 1258

Nesta camada de enchimento da fossa apenas foram registados, apenas, materiais da Idade do Ferro Antigo.

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram detetados 241 fragmentos de cerâmica. Foram contabilizados 201 bojos (oito deles decorados), 22 bordos (dois deles com asa), 17 bases e um fragmento de asa.

Os fragmentos são, na sua maioria, produzidos de forma manual e 42 fragmentos são produzido à roda/torno. A maior parte possui cozedura redutora, embora 10 fragmentos possuem cozedura oxidante. As pastas apresentam-se, maioritariamente, micáceas e, apenas, 30 exemplares são micáceos-arenosos com e.n.p entre pequeno (64 exemplares), médio (143 exemplares) e grande calibre (34 exemplares). A textura é média (140 casos) e fina (99 casos). Há dois exemplares de textura grosseira. Estes exemplares encontram-se na sua maioria polidos (149 fragmentos), o restante encontra-se alisado (94 fragmentos).

Os bordos dividem-se 12 exemplares esvasados (dois deles com asa de secção pentagonal), oito de aba soerguida e dois de abertos. Neste contexto foram registadas 21 formas; um exemplar da forma 1a (pote), seis exemplares da forma 1b (pote com bordo de aba soerguida), três exemplares da forma 2a (púcaro), 10 exemplares da forma 2b (potinho) e um exemplar da forma 4a (panela de asa interior), praticamente inteira (Tab. 10.25; Fig. 10.121 – 10.123). Foi ainda registado um exemplar de forma indeterminada.

Tabela 10.25 Formas da Idade do Ferro Antiga na Fossa 7

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	1	5 %
Forma 1b (pote)	6	28%
Forma 2a (púcaro)	3	14 %
Forma 2b (potinho)	10	48 %
Forma 4 a (panela de asa interior)	1	5 %
Total	**21**	**100 %**

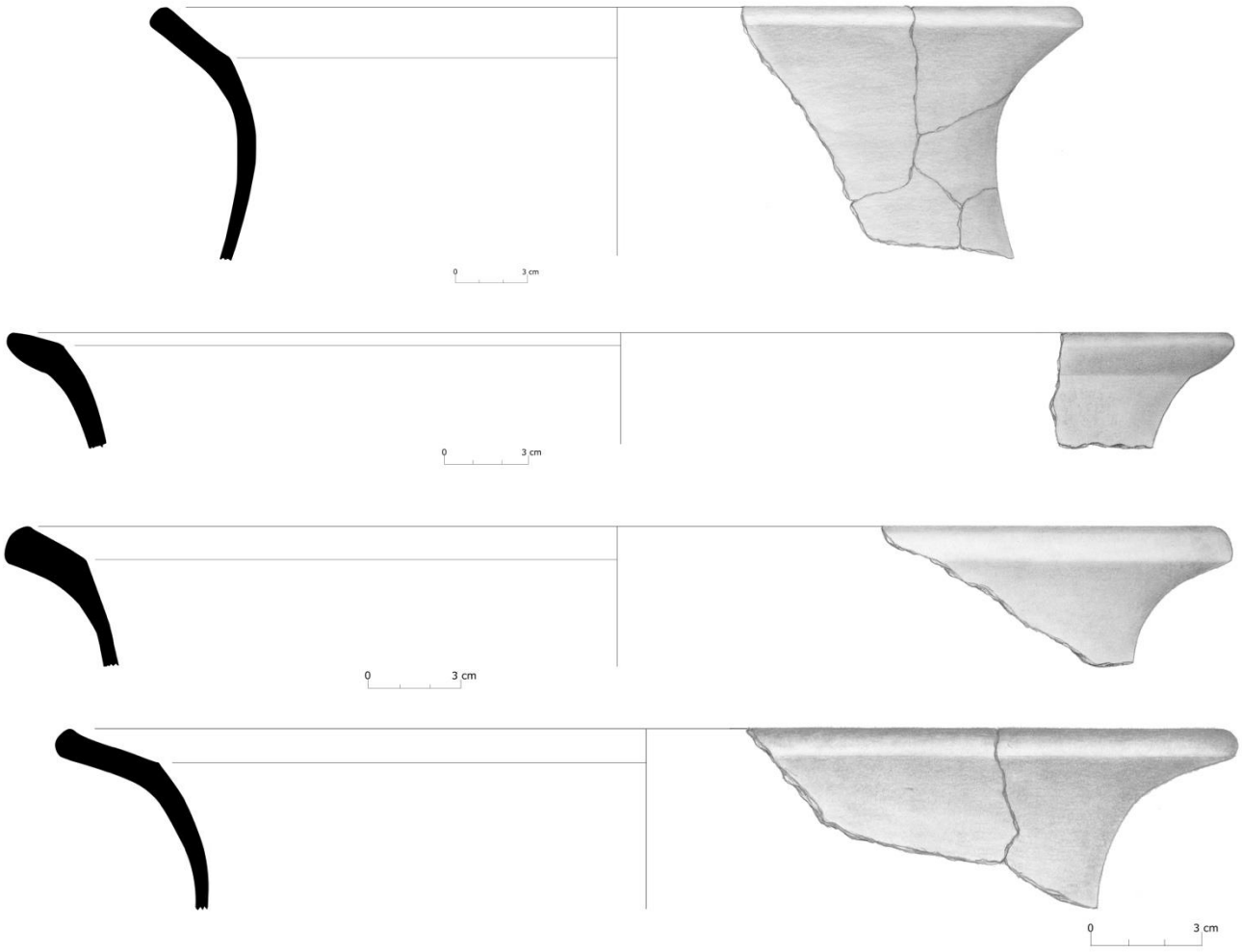


Fig. 10.121 Formas cerâmicas: Formas 1b.

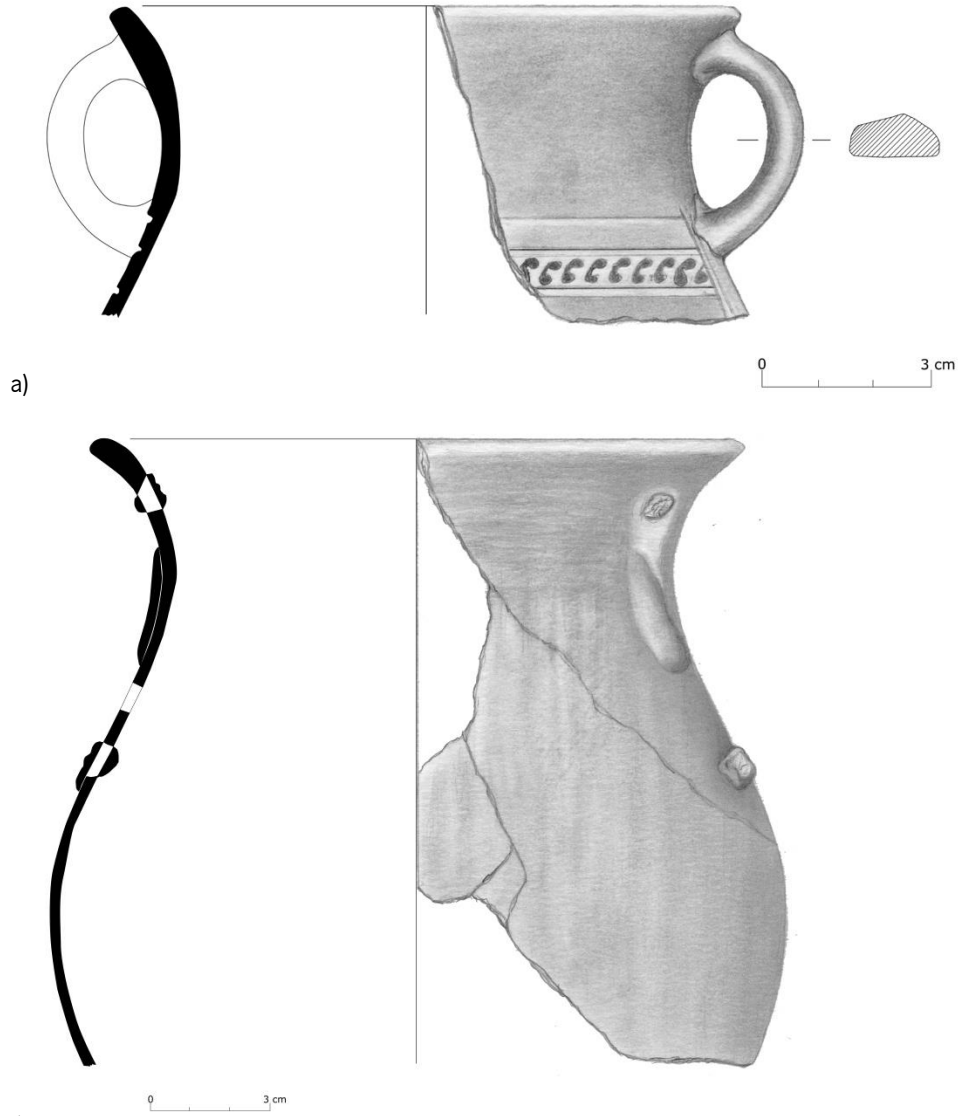


Fig. 10.122 Forma cerâmica: a) forma 2a decorada por incisão e impressão; b) forma 2b (com restauro em argila).

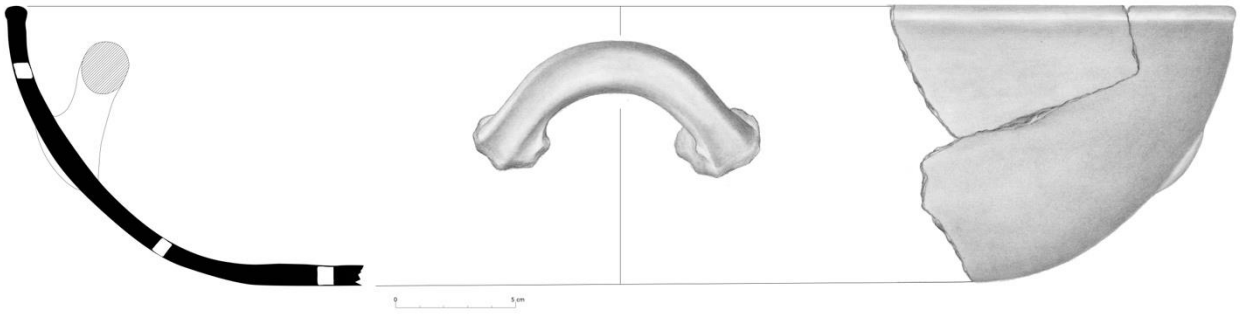


Fig. 10.123 Forma cerâmica: forma 4a, com vestígios de agrafos metálicos.

Os fragmentos de base são: oito de fundo plano simples, sete e de fundo plano alargado e dois indeterminados. Uma das bases tem uma decoração reticulada no exterior (Fig. 10.124).

Poderá este reticulado ser os negativos de qualquer tecido usado para pousar a peça enquanto secava? Finalmente, o exemplar de asa é de secção pentagonal.



Fig. 10.124 Fundo plano alargado, com "decoração" reticulada ou negativos de um tecido.

Há nove exemplares decorados: oito com incisão, e um por incisão e impressão.

Os exemplares com a técnica de incisão surgem num bordo, numa base e em seis bojos. No bordo apenas existe um sulco horizontal. Na base, há um quadriculado na zona exterior do fragmento. No que concerne aos bojos os motivos correspondem a um ou vários sulcos. Num fragmento surgem três sulcos horizontais e uma pequena incisão oblíqua, um outro bojo possui pequenos sulcos oblíquos e um outro bojo possui um triângulo inciso preenchido com sulcos oblíquos. Finalmente, um dos bordos com asa possui decoração com os seguintes motivos: três sulcos incisos formando bandas. Numa delas há uma série de SSS impressos, algo estilizados (Fig. 10.122 a)).

Foram registados 97 fragmentos com fuligem, o que corresponde a 40% do total considerado. Esta foi observada em potinhos (forma 2b) e em panela de asa interior (forma 4a), além de bojos. Há, ainda, dois bojos de uma forma 4 (panela de asa interior com perfurações para colocação de agrafos). Dois bojos e dois bordos possuem argila aplicada para restauro da peça.

Na sua maioria, os fragmentos têm um tamanho < de 4 cm (116 exemplares). Entre 4 e 8 cm há 109 exemplares. Há, ainda, 16 exemplares > 8 cm. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) 52% dos materiais desta UE possuem um tamanho superior a 4 cm. Além disso, em muitos casos, há colagens e foi possível inclusive, produzir perfis completos de algumas peças, pelo que não parece ter existido grande transporte destas peças pós-quebra. Foram registados apenas 34 fragmentos rolados (14% do total). Por estes dados devemos referir que esta fossa terá sido aberta e, posteriormente, colmatada por estes materiais, aparentemente, numa única ação.

11) Fossa 8 – Ferro Recente

11.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Esta estrutura negativa tem um plano sub-ovalado, fundo aplanado e paredes ligeiramente côncavas e com uma profundidade de 0,25 metros (Fig. 10.125) (Carvalho *et al.,* 2024). É preenchida pela U.E. 2008 e foi esta camada que foi estudada.

Esta estrutura negativa tem a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 2008 – sedimento de coloração acinzentada, de matriz areno-argilosa, com inclusões de pedras de médio calibre.



Fig. 10.125 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 8 assinalado a vermelho ((plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

11.1.1) Materiais arqueológicos

Foram apenas registados materiais do Ferro Recente, no enchimento da fossa 8 (U.E. 2008). Neste contexto foram estudados 46 fragmentos de cerâmica: 39 bojos, quatro bordos e três bases.

Os fragmentos são na sua maioria produzidos de forma manual (27 fragmentos) e 19 fragmentos são produzido à roda/torno. A maior parte destes fragmentos possui cozedura redutora (41 exemplares), e cinco exemplares possuem cozedura oxidante. As pastas destes fragmentos apresentam-se apenas micáceas. A textura dos fragmentos é na sua maioria fina (24 fragmentos), seguido de textura média (21 fragmentos), e finalmente um fragmento de textura grosseira. Os e.n.p dividem-se entre pequeno (36 casos), médio (nove casos) e de grande calibre (um caso). Estes exemplares encontram-se, na sua maioria, polidos (28 fragmentos) e o restante encontra-se alisado (18 fragmentos).

Em termos formais os bordos dividem-se três exemplares abertos, e um esvasado. Quanto às bases apresentam-se de fundo plano alargado (dois exemplares) e um exemplar de fundo plano simples.

Neste contexto foram registadas um total de 4 formas cerâmicas. As formas foram as seguintes: um exemplar da forma 1a (Pote) e três exemplares da forma 4b (panela de asa interior) (Tab. 10.26; Fig. 10.126).

Tabela 10.26 Formas da Idade do Ferro Recente na Fossa 8

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	1	25%
Forma 4b (panela de asa interior)	3	75%
Total	**4**	**100%**



Fig. 10.126 Forma cerâmica: forma 4b (panela de asa interior).

Quanto aos aspetos decorativos, devemos referir a existência de dois exemplares: um bojo com incisão, e um segundo com incisão e impressão. O bojo decorado por incisão possui apenas um sulco horizontal. O bojo decorado por incisão e impressão apresenta pequenos motivos circulares e três sulcos inciso (Fig. 10.127).



Fig. 10.127 Bojo decorado por incisão e impressão.

Foram registados quatro fragmentos de panelas de asa interior, com fuligem e um bojo com perfuração, talvez um orifício para suspensão.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, na sua maioria possui um tamanho < de 4 cm (33 fragmentos), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (11 fragmentos) e ainda um tamanho >8cm (dois fragmentos). Foram apenas observados oito fragmentos rolados (17%). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nesta camada nota-se de facto uma grande fragmentação dos materiais, visto que 72% destes têm um tamanho inferior a 4 cm. Portanto, depreende-se que os materiais estiveram sujeitos a transporte e se encontram em deposição secundária.

12) Fossa 9 - Época histórica

12.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Esta estrutura negativa tem um contorno sub-circular, paredes retas e fundo aplanado. Possui 1,10 metros de largura de contorno à superfície. É preenchida pela U.E. 1109. Trata-se da U.E. 1140 (Carvalho *et al.,* 2024).

Esta estrutura negativa tem a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 1109 – sedimento de coloração castanha, de matriz arenosa, de grão médio, moderadamente homogéneo e pouco compacta.

12.1.1) Materiais arqueológicos

Neste contexto foram registados alguns fragmentos da Idade do Ferro Recente e materiais de importação tardo-republicanos. Foram identificados, ainda, três fragmentos de época Baixo Medieval e cinco fragmentos de época Moderna. Trata-se, portanto, de um contexto aberto e coberto em época histórica.

U.E. 1109

Apenas foram estudados os materiais da Idade do Ferro Recente.

Neste contexto foram estudados quatro fragmentos de cerâmica datável da Idade do Ferro Recente. Foram contabilizados dois bojos e dois bordos (um deles com asa).

Os fragmentos são produzidos de forma manual, mas também fragmentos produzidos à roda/torno (dois exemplares cada). Todos os fragmentos possuem cozedura redutora. As pastas destes fragmentos apresentam-se apenas micáceas e a textura dos fragmentos é média. Os e.n.p dividem-se entre pequeno (um caso) e médio calibre (três casos). Estes exemplares dividem-se na entre alisados e polidos (dois exemplares cada).

Em termos formais os bordos dividem-se entre esvasado com asa pentagonal e ainda um bordo aberto.

Neste contexto foram registadas um total de 2 formas cerâmicas datáveis da Idade do Ferro Recente. As formas foram as seguintes: um exemplar da forma 2a (púcaro) e um exemplar da forma 3a (malga) (Tab. 10.27).

Tabela 10.27 Formas da Idade do Ferro Recente na U.E. 1109

Forma	NMI	%
Forma 2a (púcaro)	1	50%
Forma 3a (malga)	1	50%
Total	**2**	**100%**

Neste caso foram registados três fragmentos com fuligem.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos alguns possuem < de 4 cm (dois exemplares), um entre 4 e 8 cm (um exemplar) e outro > 8 cm (um exemplar). Foram observados dois fragmentos rolados.

Cerâmica de importação

Foram registados dois fragmentos de produção da área da Bética, da qual destacamos uma asa da tipologia da Haltern 70.

13) Fossa 11[297] - Ferro Antigo

13.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Esta estrutura negativa tem um contorno sub ovalado, paredes ligeiramente côncavas e fundo aplanado e de profundidade de 1,68 metros de profundidade máxima (Fig. 10.128, Fig. 10.129). Esta fossa tem uma orientação sudeste-noroeste, aproximadamente, de função desconhecida. Trata-se da U.E. 1205 que foi preenchida pela U.E. 1194.



Fig. 10.128 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 11 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

[297] A fossa 10 não foi considerada por ter materiais significantes, pelo que não foram estudadas neste trabalho.

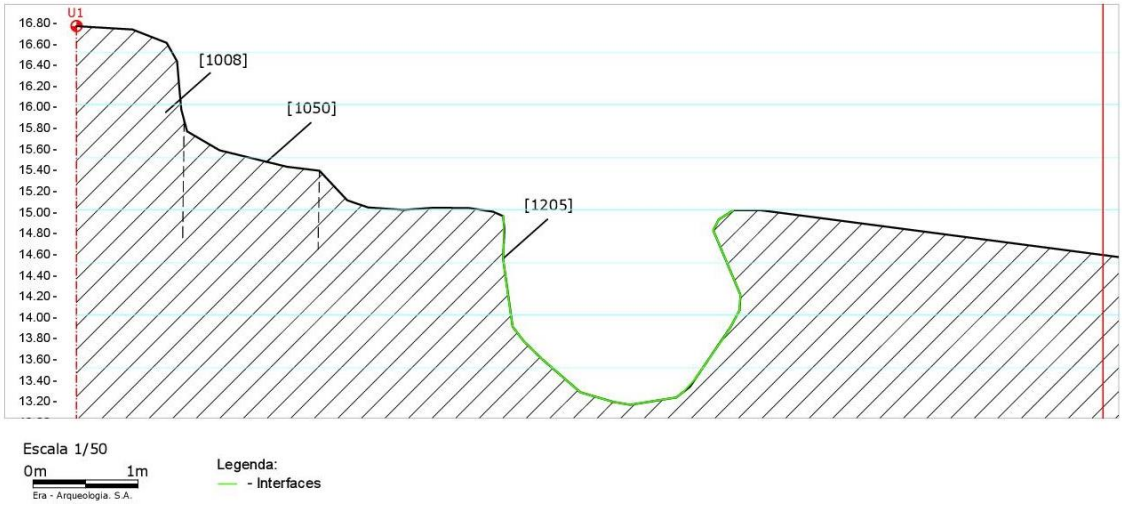


Fig. 10.129 Perfil parcial no sentido norte-sul da fossa 11 (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.).

Esta estrutura tem a seguinte estratigrafia:

U.E. 1194 - sedimento de coloração castanho-escuro, pouco compacto, de grão médio, com inclusão de pedras de pequeno calibre, saibro amarelado e argila cozida.

13.1.1) Materiais arqueológicos

Só foram registados materiais na U.E. 1194. Estes correspondem ao Ferro Antigo.

Neste contexto foram estudados um total de nove fragmentos de cerâmica datável da Idade do Ferro Antigo. Foram contabilizados sete bojos, um bordo e um fragmento de base.

Os fragmentos são produzidos apenas de forma manual e como a cozedura é redutora. As pastas destes fragmentos apresentam-se apenas micácea-arenosas. A textura dos fragmentos é na sua maioria fina (cinco casos) e o restante possui textura média (quatro casos). Os e.n.p dividem-se entre pequenos (três fragmentos), médios (cinco fragmentos) e de grande calibre (um fragmento). Estes exemplares encontram-se na sua maioria alisados (cinco exemplares) e o restante encontra-se polido (quatro exemplares).

Em termos formais o bordo é aberto. O exemplar de base é de fundo plano alargado.

Neste contexto foi registada uma forma datável da Idade do Ferro Antiga, essa forma é a forma 4a (panela de asa interior).

Neste caso foram registados cinco fragmentos com fuligem.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, seis exemplares, possuem um tamanho entre 4 e 8 cm e três exemplares < de 4 cm. Foram registados dois fragmentos rolados.

14) Fossa 12 - Ferro Recente

14.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Esta estrutura negativa tem um formato alongado com uma orientação n-s, aproximadamente. Possui uma planta sub ovalada com um leve estrangulamento no centro desta. As paredes são ligeiramente côncavas e o fundo é aplanado (Carvalho *et al.,* 2024). A profundidade desta fossa é de 0,94 metros (Fig. 10.130; Fig. 10.131). Trata-se da U.E. 1168. Esta fossa foi preenchida pelas U.E.'s 1144 e 1160. Acima desta fossa encontrava-se a U.E. 1143 (Carvalho *et al.,* 2024).



Fig. 10.130 Planta do povoado de S. João, com a localização da fossa 12 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).



Fig. 10.131 Fossa 12 (U.E 1160) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

Esta estrutura tem a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 1143 – esta unidade está na zona da estrutura tipo em "osso" (Fig. 10.132). Zona NE - da área escavada, ou seja, da Fossa 12. É constituída por Sedimento de coloração castanha/acinzentada de matriz arenosa. U.E de grão fino, com algumas pedras de pequeno calibre imbrincadas umas nas outras. U.E pouco compacta, moderadamente homogênea.

U.E. 1144 – é o 1º enchimento (mais superficial) da estrutura em formato de alongado e é composto por um sedimento de coloração castanho-escuro, de matriz arenosa, moderadamente homogénea, de grão fino e pouco compacta.

U.E. 1160 – é o 2º enchimento (mais fundo). É um sedimento de coloração castanha, de matriz arenosa, pouco compacto, de grão médio com algumas pedras de pequeno calibre.



Fig. 10.132 Fossa 12 (U.E 1168) (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

14.1.1) Materiais arqueológicos

Nas U.E.'s 1144 e 1160 foram recuperados materiais cerâmicos indígenas do Ferro Antigo (uma base) e do Ferro Recente (136 fragmentos) e algum material de importação tardo-republicano romano (11 peças). Os materiais do enchimento desta fossa foram agrupados uma vez que alguns colavam entre si. Observamos ainda material da camada 1143.

Materiais cerâmicos do enchimento da Fossa 12

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foi registado uma base de fundo plano simples produzida de forma manual e de cozedura é redutora. A pasta é micácea-arenosa, a textura é grosseira e os e.n.p são de calibre médio. Este fragmento encontra-se alisado. Tem < de 4 cm e encontra-se rolado.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados um total de 136 fragmentos de cerâmica datável da Idade do Ferro Recente. Foram contabilizados 99 bojos (um deles decorados), 26 bordos (um deles com asa), oito bases e ainda um fragmento de asa.

Os fragmentos são produzidos na sua maioria à roda/torno (121 exemplares) e o restante ainda de forma manual (15 fragmentos). Na sua grande maioria a cozedura é redutora (103

fragmentos), e oxidante (33 fragmentos). A pasta é micácea. A textura dos fragmentos varia entre fina (66 casos), seguido de textura média (66 casos) e apenas quatro casos com textura grosseira. Os e.n.p dividem-se entre pequenos (77 fragmentos), médios (54 fragmentos) e de grande calibre (seis fragmentos). Estes exemplares na sua maioria são polidos (84 exemplares) e o restante é alisado (52 exemplares).

Os bordos dividem-se em 19 exemplares esvasados, quatro abertos, um vertical e dois em aba soerguida. Um destes bordos possui uma asa com dois sulcos incisos longitudinais. As bases dividem-se entre quatro exemplares de fundo plano simples, três exemplares de fundo plano alargado e ainda um exemplar indeterminado. O fragmento de asa é de seção em fita.

Neste contexto foram registadas um total de 28 formas cerâmicas datáveis da Idade do Ferro Recente. As formas registadas foram as seguintes: seis exemplares da forma 1a (pote), um exemplar da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), 14 exemplares da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3b (tigela), quatro exemplares da forma 4b (panela de asa interior), um exemplar da forma 5 (talha) e ainda um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 10.28; Fig. 10.134 – 10.135).

Tabela 10.28 Formas da Idade do Ferro Recente do enchimento da Fossa 12

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	6	21 %
Forma 1b (pote)	1	3,5 %
Forma 2b (potinho)	14	51 %
Forma 3b (tigela)	1	3,5 %
Forma 4b (panela de asa interior)	4	14 %
Forma 5 (talha)	1	3,5 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	3,5 %
Total	**28**	**100 %**

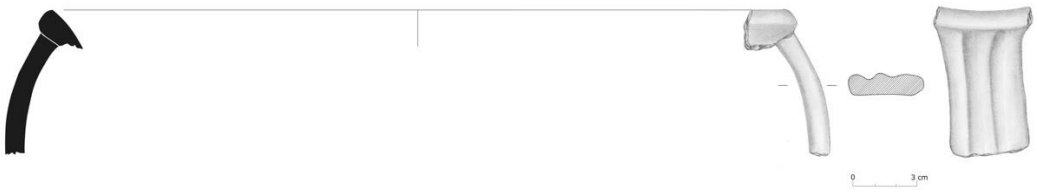


Fig. 10.133 Formas cerâmicas: forma 1 com asa.

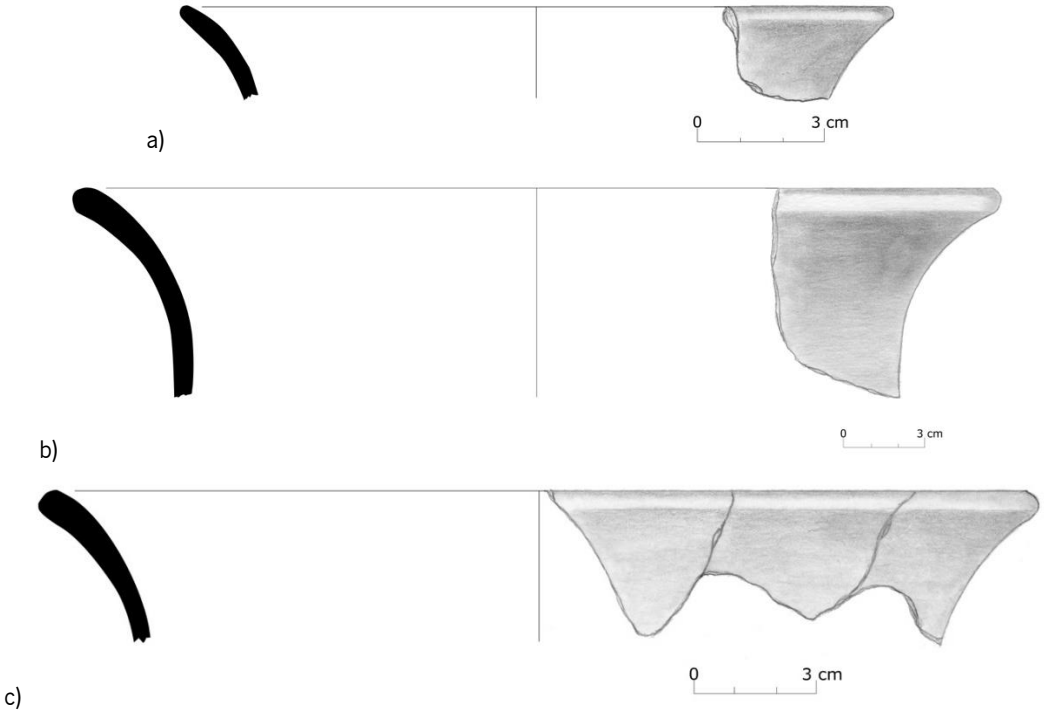


Fig. 10.134 Formas cerâmicas: a) forma 2 b; b e c) forma 1a.

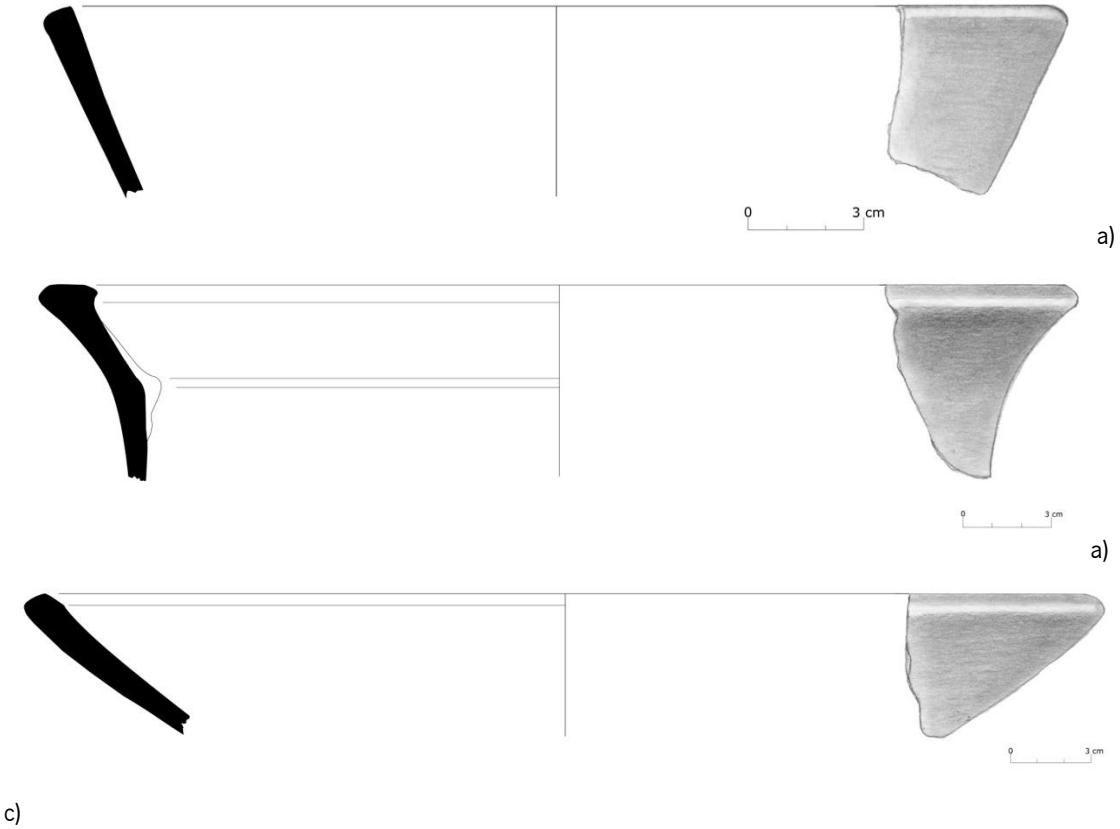


Fig. 10.135 Formas cerâmicas: a) forma 3 b; b) forma 5; c) forma 4 b.

Foram registados materiais decorados. Foi individualizado um fragmento de bojo decorado com decoração incisa, cujos motivos apresentam-se por um sulco inciso horizontal, seguido de

quatro sulcos oblíquos, seguido de uma banda em zigue-zague preenchida por pequenos sulcos incisos oblíquos (Fig. 10.136).



Fig. 10.136 Fragmento decorado por incisão.

Foram registados 41 exemplares com fuligem, sobretudo em formas como pote (forma 1), potinhos (forma 2b), na panela de asa em orelha (forma 6) e na panela de asa interior (forma 4).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, na sua maioria possui um tamanho < de 4 cm (74 exemplares), ainda um tamanho entre 4 e 8 cm (56 exemplares) e ainda um tamanho > 8 cm (seis exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) apesar de se observar alguma fragmentação dos materiais, nos quais mais de 50% possui um tamanho abaixo dos 4 cm. Nota-se que os materiais não estiveram sujeitos a um grande índice erosão e transporte, visto que foram observados apenas 14 fragmentos rolados (10%).

Cerâmica de importação tardo-republicano romana

Destacamos, ainda, seis bojos, duas asas e um bordo de ânfora da tipologia Haltern 70 (estes da produção da Bética). Um dos bojos era de ânfora, da área da Bética costeira e outro da área do vale do Guadalquivir (Fig. 10.137).

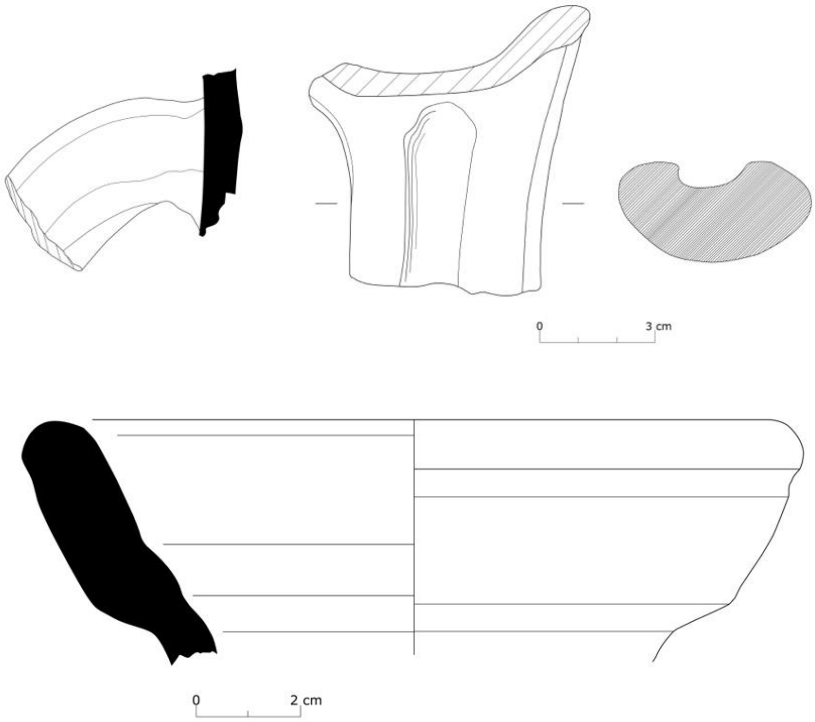


Fig. 10.137 Exemplares de ânfora tipo Haltern 70.

U.E. 1143

Nesta U.E. foram registados 3 fragmentos de cerâmica cinzenta polida (Fig. 10.138). Tendo em conta os paralelos devemos incluir este jarro no grupo 5a (Sousa, 2014), com uma cronologia aproximada do séc. II a.C. – I a.C. (única no contexto litoral).

Esta camada corresponde ao topo de uma estrutura negativa, com enchimento com pedras/ou conjunto de pedras. Estava no canto NW da área escavada.

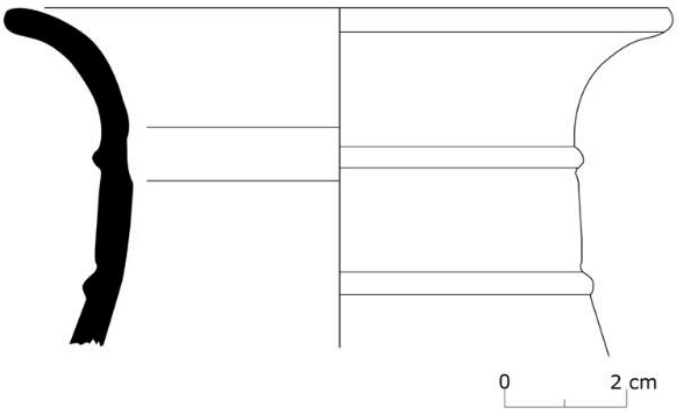


Fig. 10.138 Jarro de cerâmica cinzenta polida.

De mencionar também um conjunto de pequenas placas em liga de bronze, sendo uma delas um bordo de possível recipiente metálico (Fig. 10.139). Devemos ainda destacar que se

conservaram ainda dois pequenos elementos que podem ter servido como auxílio para suspensão desta peça. Esta possível sítula será datável do Ferro Recente.

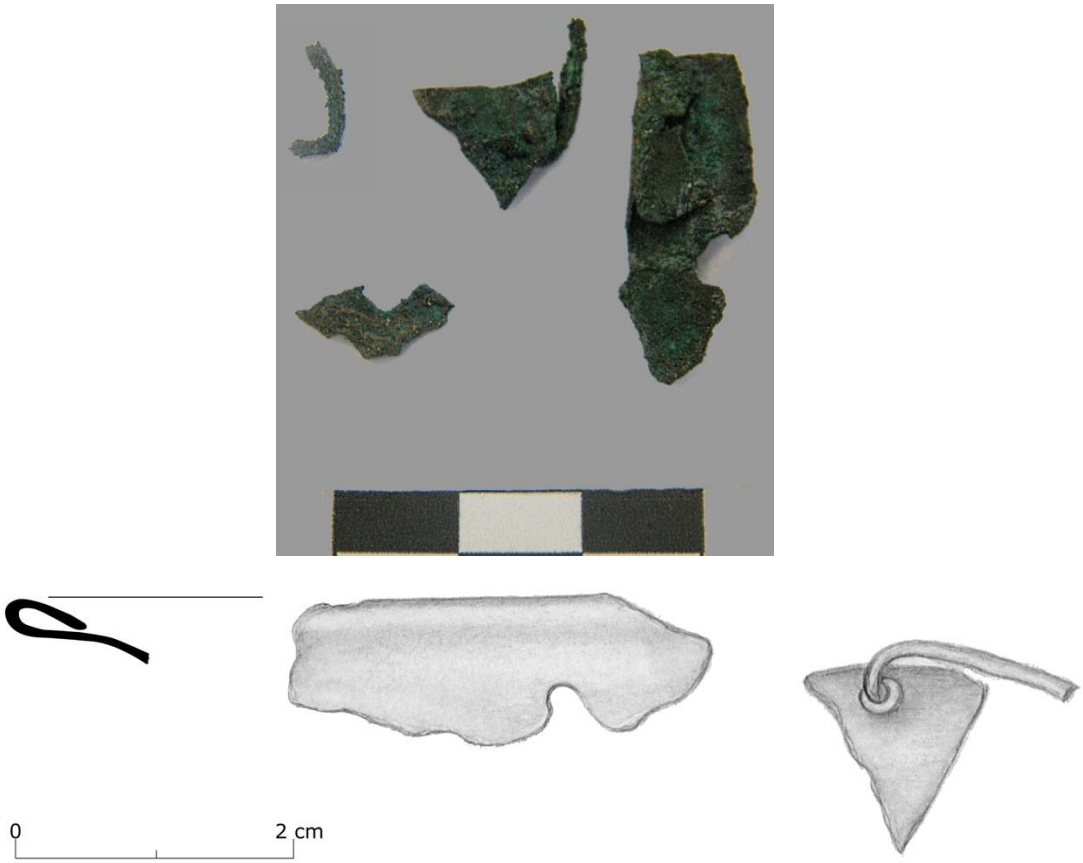


Fig. 10.139 Fragmentos de uma sítula (?) (desenho de Amélia Marques).

15) Conjunto de fossas (13, 14 e 15)

As fossas 13, 14 e 15 (Fig. 10.140) tinham os seus respetivos enchimentos que descreveremos de seguida. E acima destas fossas encontrava-se a U.E. 2009 (Carvalho *et al.,* 2024). Esta caracteriza-se por um sedimento bastante heterogéneo, de coloração castanho-escura, com manchas de carvões e de saibro. Tem inclusões de calhaus de pequeno e médio calibre e nódulos de argila. É de matriz areno argilosa, de grão grosso e medianamente compacta. Corresponde a um nível artificial que cobria as U.E.'s 2015, 2016, 2024, 2025 - enchimentos de diferentes fossas (Carvalho *et al.,* 2024).

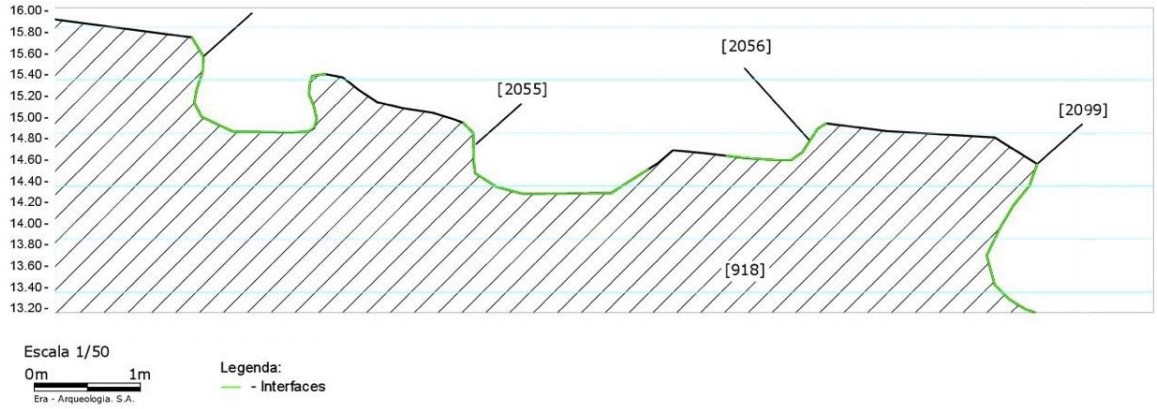


Fig. 10.140 Perfil das fossas 13 e 14, no sentido norte-sul (desenho gentilmente cedido por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.).

15.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

Fossa 13 – Ferro Recente

A fossa 13 (U.E. 2055) corresponde a uma estrutura de contorno oval, algo irregular, de paredes semi-côncavas, com uma profundidade 0,65 metros (Fig. 10.141), sendo coberta pelas U.E. 2016 e 2015 (Carvalho *et al.,* 2024).

A estratigrafia desta estrutura é a seguinte (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 2016 – é a 1.ª camada da fossa cobre a U.E. 2015, e é constituída por um sedimento de coloração castanho-escuro, muito compacto, de grão médio. Tem inclusão de argila.

U.E. 2015 – 2.ª camada da fossa, a mais funda que possui um sedimento de coloração castanho-clara, de matriz arenosa de grão médio com inclusões de saibro amarelado.

Fossa 14 – Ferro Recente

A fossa 13 (U.E. 2056) corresponde a uma estrutura de contorno sub-ovalado, paredes oblíquas e com uma profundidade de 0,71 metros (Fig. 10.141). Esta fossa tinha acima do seu enchimento as U.E.'s 2016 e 2024 (Carvalho *et al.,* 2024).

A estratigrafia desta estrutura é a seguinte (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 2025 – Enchimento constituído por um sedimento de coloração cinzento-escura, de matriz areno argiloso/limoso, homogénea, pouco compacta e com alguns carvões. Foram retiradas amostras de sedimentos para análises diversas.

Fossa 15 - Ferro Recente

A fossa 15 (U.E. 2054) corresponde a uma negativa com o contorno oval, fundo aplanado, paredes côncavas e uma profundidade de 0,20 metros (Fig. 10.141) (Carvalho *et al.,* 2024).

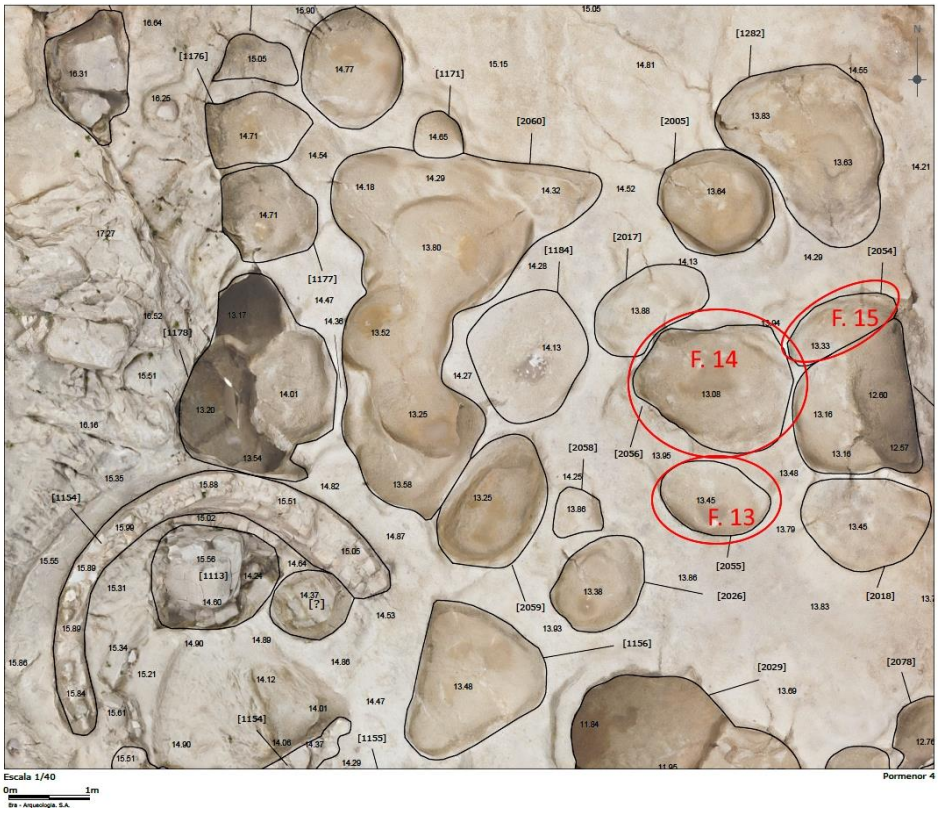


Fig. 10.141 Planta do povoado de S. João, com a localização das fossas 13, 14 e 15 assinalado a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

A estratigrafia desta estrutura é a seguinte:

U.E. 2024 – camada de argila com fragmentos da arena granítica reposto.

15.1.1) Materiais arqueológicos

Apresentaremos os materiais desta área da seguinte forma.

Em primeiro lugar distinguem-se os materiais encontrados na U.E. 2009, que seria a camada superior ao enchimento das fossas encontradas.

De seguida, apresenta-se o enchimento de cada uma das fossas, pela ordem dada pelo arqueólogo de campo.

Material cerâmico

U.E. 2009 – camada superficial – Ferro Recente

Nesta camada foram registados 328 fragmentos cerâmicos de várias cronologias (nove do Ferro Antigo e 319 do Ferro Recente) e, ainda, dois fragmentos de material de construção. Foram, também, registados materiais de importação romana.

Idade do Ferro Antigo

Dos nove fragmentos datáveis deste período, cinco são bojos (três deles decorados) e quatro são bordos.

Os fragmentos são produzidos de forma manual e a cozedura redutora. A pasta é micácea-arenosa com e.n.p. entre pequeno (dois exemplares), médio (seis exemplares) e de grande calibre (um exemplar). A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (seis fragmentos), seguida da grosseira (dois fragmentos). Apenas um exemplar é fino. Estes fragmentos são polidos (seis exemplares) e alisados (três casos).

Os bordos são dois esvasados e dois em aba soerguida. Neste contexto foram registadas cinco formas: um exemplar da forma 1a (pote esvasado), um exemplar da forma 1b (pote com aba soerguida) e três exemplares da forma 2b (potinho) (Tab. 10.29; Fig. 10.142).

Tabela 10.29 Formas da Idade do Ferro Antigo da U.E. 2009

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	20 %
Forma 1b (pote)	1	20 %
Forma 2b (potinho)	3	60 %
Total	**5**	**100%**

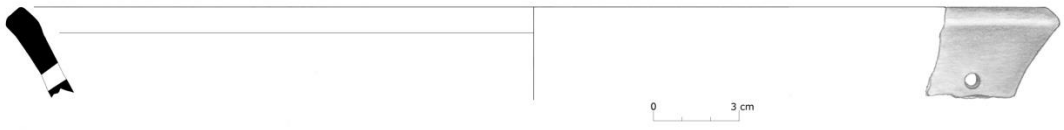


Fig. 10.142 Forma cerâmica: forma 1a, com uma perfuração.

Foram registados três exemplares decorados, dois deles com aplicação plástica e um com impressão e incisão. Os exemplares com decoração plástica apresentam um cordão no exterior da peça. O fragmento com impressão e incisão caracteriza-se por bandas definidas por sulcos incisos preenchidas por séries de impressões com SSS e círculos concêntricos (Fig. 10.143).



Fig. 10.143 Fragmento decorado por incisão e impressão.

Foram estudados dois fragmentos com fuligem. Um bordo possui uma perfuração que se deve, talvez, à colocação de um agrafo metálico (Fig. 10.142).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem um tamanho < de 4 cm (cinco exemplares), um tamanho entre 4 e 8 (três exemplares) e um tamanho > 8 cm (um exemplar). Foram estudados cinco fragmentos rolados.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados um total de 319 fragmentos: 242 bojos (29 deles decorados), 59 bordos (três deles decorados e um com arranque de asa), 16 bases e dois fragmentos de asa.

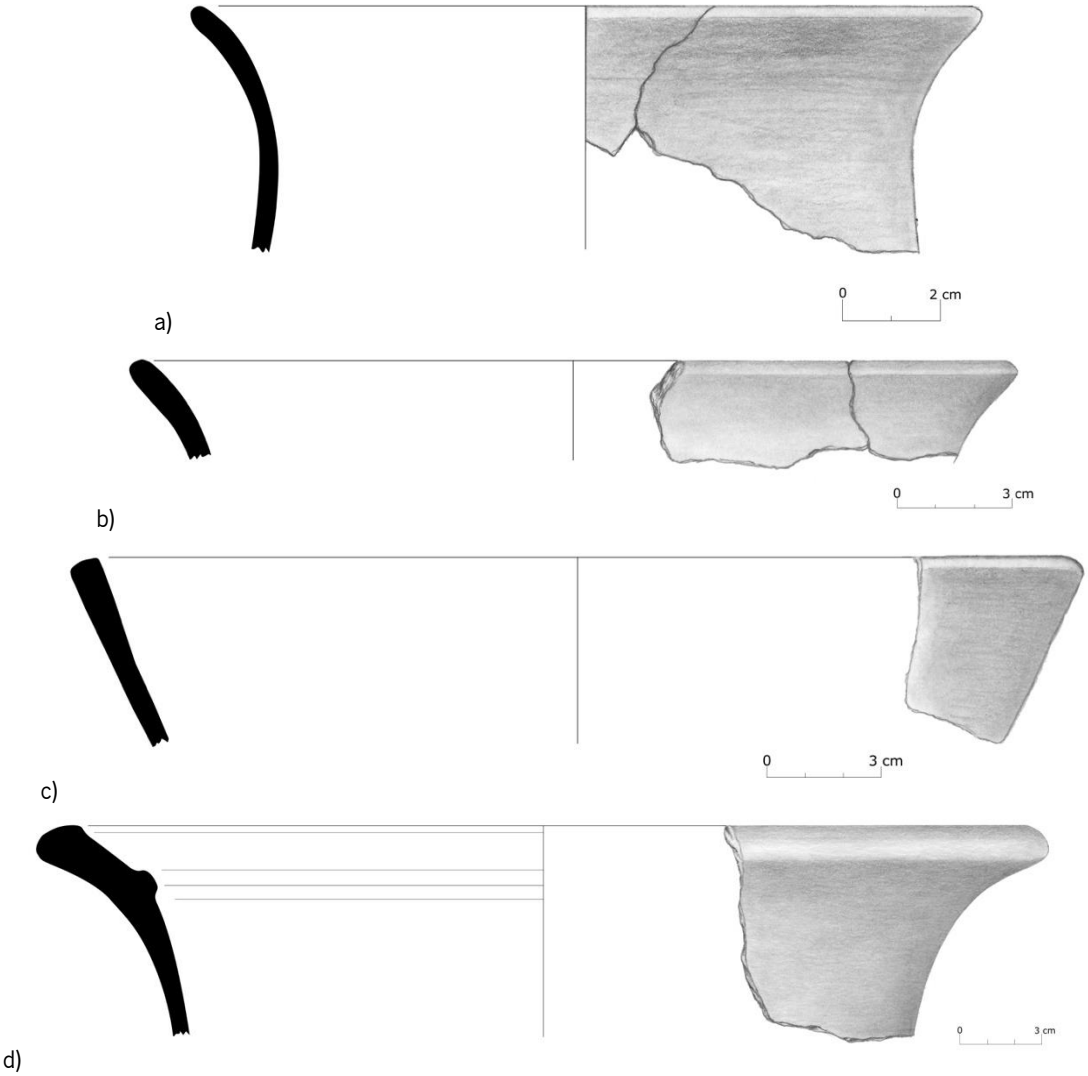
Os fragmentos são produzidos na sua maioria à roda/torno (215 exemplares) embora o restante seja de forma manual. Na sua grande maioria a cozedura é redutora (214 exemplares), sendo os oxidantes, 105 exemplares. A pasta é micácea com e.n.p. de pequeno (88 casos), médio (200 casos) e grande calibre (31 casos). A textura dos fragmentos é na sua maioria fina (197 exemplares), seguida das médias (110 exemplares). Apenas 12 exemplares são grosseiros. Estes exemplares na sua maioria são polidos (180 fragmentos), sendo os restantes alisados (139 fragmentos).

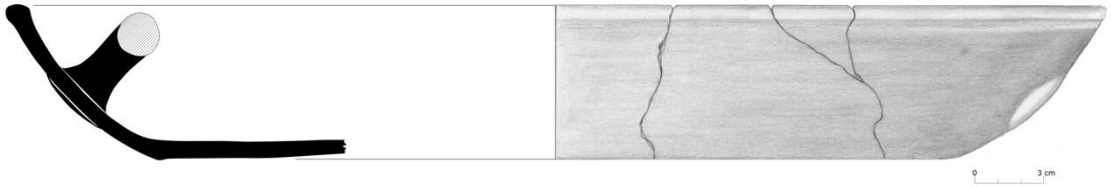
Os bordos dividem-se em: 42 esvasados, 10 abertos, seis em aba soerguida e um indeterminado. Um destes bordos tem um arranque de asa. Neste contexto foram registadas 53 formas: 13 exemplares da forma 1a (pote), cinco exemplares da forma 1b (pote com aba

soerguida), dois exemplares (a partir de uma asa) da forma 2a; 24 exemplares da forma 2b (potinho), oito exemplares da forma 4b (panela de asa interior) e um exemplar da forma 5 (talha). Foram ainda registadas oito formas indeterminadas (Tab. 10.30; Fig. 10.144).

Tabela 10.30 Formas da U.E. 2009

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	13	25 %
Forma 1b (pote)	5	9 %
Forma 2a (púcaro)	2	4 %
Forma 2b (potinho)	24	45 %
Forma 4b (panela de asa interior)	8	15 %
Forma 5 (talha)	1	2 %
Total	**53**	**100%**





e)

Fig. 10.144 Formas cerâmicas: a) e b) formas 2b; c) forma indeterminada; d) forma 5; e) forma 4 b.

Os exemplares de base dividem-se entre sete de fundo plano alargado, oito de fundo plano simples e ainda um exemplar indeterminado (Fig. 10.145). Os dois fragmentos de asa possuem seção triangular.

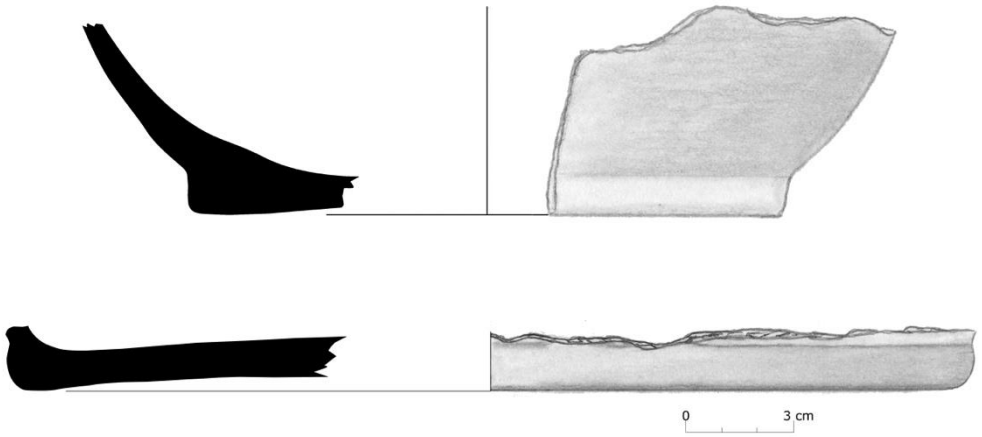


Fig. 10.145 Base de fundo plano simples e de fundo concavo alargado.

Foram registados 30 exemplares decorados (Fig. 10.146) (um deles encontra-se num bordo e o restante são bojos). O bordo decorado possui aplicação plástica na zona interior, através de um cordão. Quanto aos bojos a decoração divide-se em 15 exemplares com aplicação plástica, sete com incisão, quatro com incisão e impressão, dois com aplicação plástica e incisão e um exemplar brunido. Os exemplares com aplicação plástica apresentam, apenas um motivo, um cordão aplicado na horizontal. Os exemplares que apresentam incisão apresentam, entre dois a quatro sulcos, na horizontal, e num caso além de dois sulcos horizontais há sulcos oblíquo. Num dos casos há três sulcos incisos seguidos de triângulos incisos preenchidos e rematados com dois sulcos incisos horizontais. Os exemplares decorados com incisão e impressão têm várias séries de SSS, impressos, intercalados por sulcos horizontais e ou círculos concêntricos. Um exemplar possui bandas de sulcos horizontais e três séries de motivos, em meia-lua, impressos. Finalmente, um outro bojo possui sulcos incisos, seguido de séries de SSS e de motivos ligeiramente ovais, impressos. Os exemplares decorados por aplicação plástica e incisão encontram-se através de um

cordão, na horizontal, e por vezes de um a dois sulcos incisos, por vezes, horizontais e, noutros casos, oblíquos. O brunido possui vários sulcos horizontais.



Fig. 10.146 Fragmentos decorados: por incisão e por aplicação plástica e incisão.

Foi registado ainda um bordo que terá sido alvo de restauro na sua fase de elaboração possuindo pasta adicionada e um orificio.

Foram estudados 73 exemplares com fuligem na zona exterior, sobretudo em formas de potinhos (forma 2b) e de panelas de asa interior (forma 4b).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria têm um tamanho < de 4 cm (220 exemplares). Há, ainda, fragmentos entre 4 e 8 (86 exemplares) e > 8 cm (13 exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se uma grande fragmentação dos materiais, pois 69% têm um tamanho inferior a 4 cm e 19% estão rolados. Parece-nos evidente, tendo em conta estes dados, que estes materiais estiveram muito tempo sujeitos aos fenómenos pósdeposicionais e erosivos ou que sofreram deslocação pós quebra.

Cerâmica de importação

Foram registados dois bojos de ânfora de duas proveniências distintas: um da área da Bética e outro do vale do Guadalquivir.

Materiais de Construção

Neste contexto foram encontrados dois fragmentos de pavimentos ou rebocos, que se encontram alisados apenas de um lado. Um deles encontra-se decorado com incisões, nomeadamente um sulco semicircular profundo (Fig. 10.147). Ambos são de boa cozedura e de cor castanho-escura. O fragmento maior possui 3,5 cm de comprimento, 3,1 cm de largura e 0,6 cm de espessura. O fragmento menor possui 3,2 cm de comprimento, 2,8 cm de largura e 0,4 cm de espessura.



Fig. 10.147 Fragmentos de pavimento da U.E. 2009.

U.E. 2016/2015 – enchimento da fossa 13 - Ferro Recente

Neste contexto foram estudados 767 fragmentos de cerâmica e dois fragmentos de argila cozida (pavimento/reboco). Além destes materiais registou-se um objeto metálico. Os materiais destas duas U.E.'s foram apresentados de forma conjunta pelo facto de a maior dos materiais colarem entre si.

Foram contabilizados 626 bojos (36 deles decorados), 86 bordos (um decorado, e dois com arranque de asa), 52 bases e três fragmentos de asa.

Os fragmentos são produzidos na sua maioria manualmente (394 exemplares) e o restante à roda/torno (373 exemplares). Na sua grande maioria a cozedura é redutora (606 exemplares), e o restante é oxidante (161 exemplares). A pasta é na sua maioria micácea e apenas sete exemplares possuem pastas micácea-arenosas com e.n.p de pequeno (256 casos), médio (402 casos) e grande calibre (109 casos). Os fragmentos são na sua maior parte de textura média (473 exemplares), seguidos dos de textura fina (228 exemplares). Apenas 66 exemplares são de textura

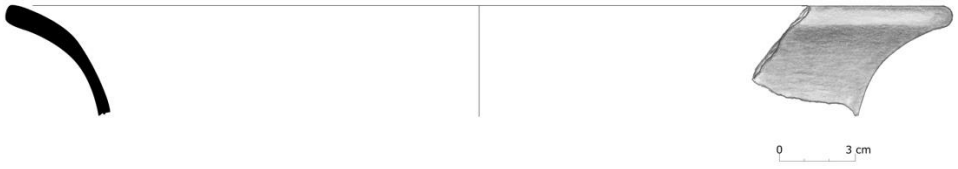
grosseira. Estes exemplares na sua maioria são polidos (454 fragmentos) e o restante é alisado (313 fragmentos).

Em termos formais os bordos (um deles com asa de seção pentagonal) dividem-se entre: 53 esvasados, oito abertos, 17 aba soerguida, dois da aba horizontal e seis indeterminados.

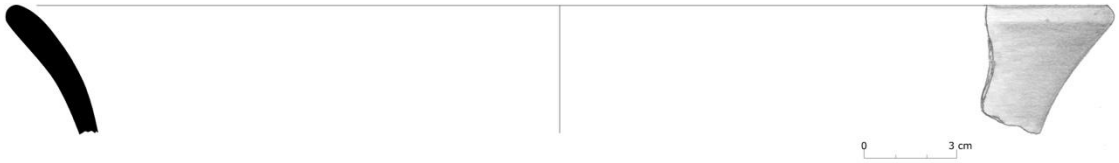
Neste contexto foram registadas um total de 72 formas cerâmicas. As formas são as seguintes: 23 exemplares da forma 1a (pote), nove exemplares da forma 1b (pote, com aba soerguida), um exemplar da forma 1c (pote com aba horizontal), 28 exemplares da forma 2b (potinho), três exemplares de forma 3a (malga), um exemplar de forma 3b (tigela), um exemplar de forma 3c (malga/tigela), quatro exemplares da forma 4b (panela de asa interior), um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 10.31; Fig. 10.148 – 10.152). Foram ainda registadas 14 formas indeterminadas.

Tabela 10.31 Formas na U.E. 2015/2016

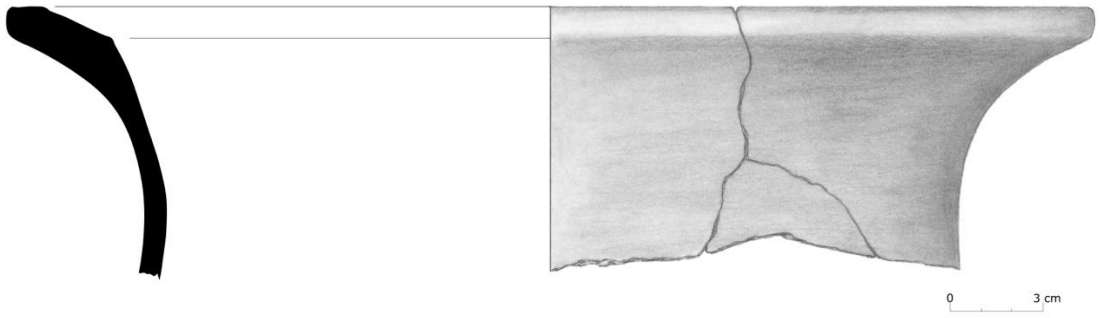
Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	23	32 %
Forma 1b (pote)	9	13 %
Forma 1c (pote)	1	2 %
Forma 2b (potinho)	28	39 %
Forma 3a (malga)	3	4 %
Forma 3b (tigela)	1	1 %
Forma 3c (malga/tigela)	1	1 %
Forma 4b (panela de asa interior)	4	6 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	1 %
Cadinho (?)	1	1 %
Total	**72**	**100%**



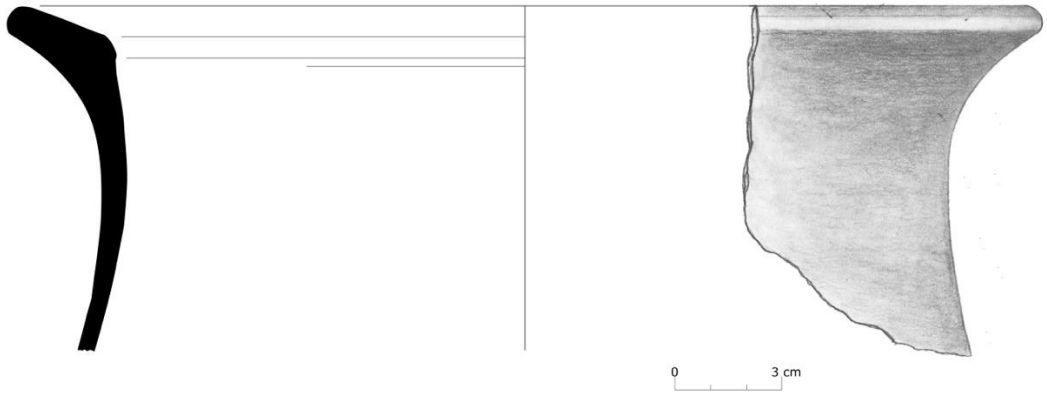
a)



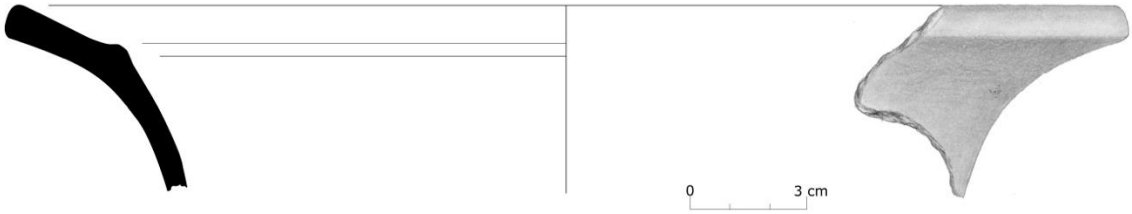
b)



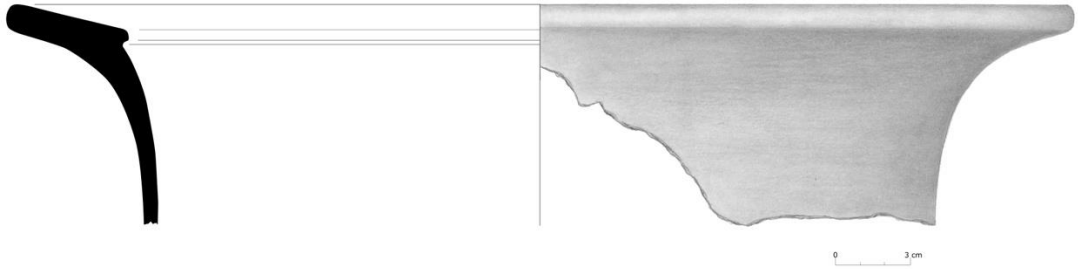
c)



d)



e)



f)



g)

Fig. 10.148 Formas de potes: a - b); forma 1a; c -f) forma 1b; g) – forma 1c.

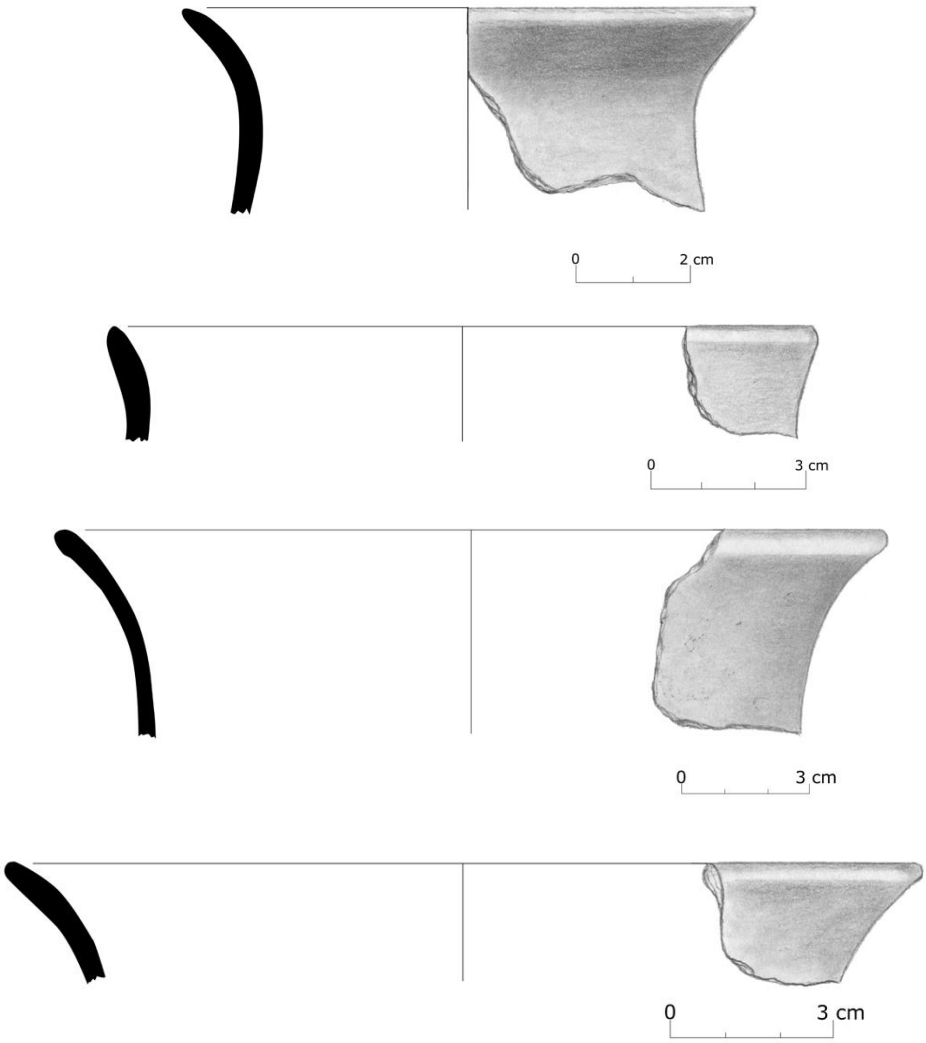


Fig. 10.149 Formas cerâmicas: formas 2b (potinhos).

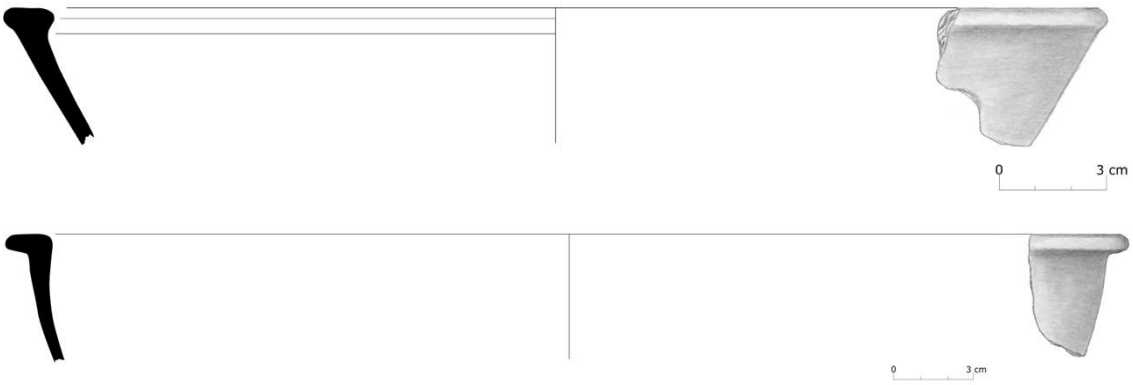


Fig. 10.150 Formas cerâmicas: forma 3a (malga); forma 3c (malga/tigela).

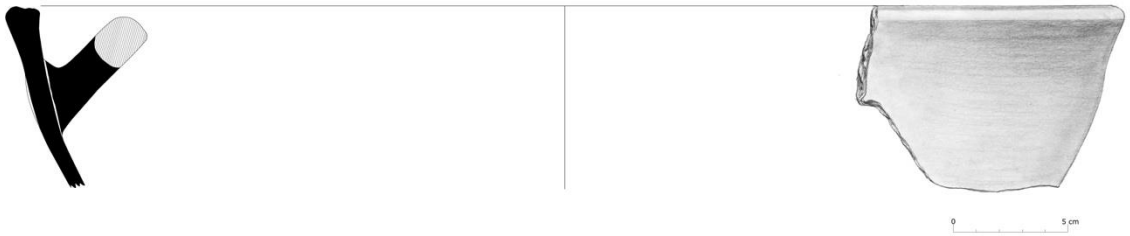


Fig. 10.151 Forma cerâmica: forma 4b (panela de asa interior).

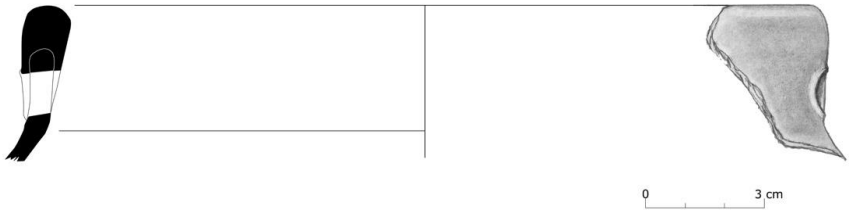
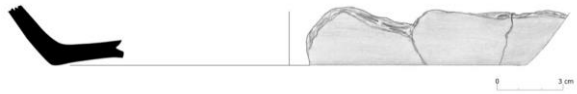


Fig. 10.152 Formas cerâmicas: forma 6 (panela de asa em orelha).

Os exemplares de base dividem-se entre seis de fundo plano simples, oito de fundo plano alargado, um exemplar de fundo côncavo (Fig. 10.153, a)) e ainda um exemplar indeterminado. Os dois fragmentos de asa possuem seção triangular.

No interior de uma base encontrou-se restos de atividade metalúrgica, pelo que o recipiente terá funcionado como cadinho (Fig. 10.153, b)).

a)



b)



Fig. 10.153 Formas cerâmicas: base fundo côncavo e possível base cadinho onde se notam vestígios de atividade metalúrgica no seu interior.

Foram registados materiais decorados. Foram estudados um total de 35 bojos decorados, três bordos decorados. Os bordos decorados, um deles possui decoração plástica cujo motivo surge como um cordão dentro da peça; dois exemplares possuem espatulado na superfície exterior (Fig. 10154, b)).

Quanto aos bojos devemos referir que 11 exemplares possuem decoração com aplicação plástica na qual apenas se apresenta um cordão aplicado na horizontal. Foram estudados 10 exemplares com decoração incisa. Em alguns casos temos apenas um a três sulcos incisos horizontais. Destacamos um fragmento com 3 sulcos incisos horizontais seguido de triângulos preenchidos com 3 a 4 oblíquos no interior, perfazendo um ziguezague incisos (Fig. 10.154, c)). Quatro exemplares possuem os seguintes motivos: 1 a 3 sulcos na horizontal, depois um ziguezague produzido por incisão, seguido de 3 sulcos incisos horizontais. Finalmente, um exemplar apresenta um 1 sulco horizontal, sulcos pequenos oblíquos e no meio intercalando por um ziguezague ondulado. Foi ainda estudado um exemplar com decoração impressa através de motivos circulares, pequenos.

Um exemplar apresenta decoração por aplicação plástica, incisão e impressão. Os motivos são os seguintes: um cordão aplicado, seguido de dois sulcos paralelos, e talvez uma série SSS (já muita erodida). Foram registados oito exemplares com decoração por aplicação plástica e incisão. Em três casos os motivos são um cordão aplicado na horizontal e vários sulcos oblíquos por cima. Em dois casos o motivo é um cordão aplicado na horizontal além de várias incisões oblíquas sobre o cordão. Em dois casos, (estes fragmentos são da mesma peça) os motivos são: um cordão aplicado, e por baixo cinco sulcos incisos paralelos, entre o primeiro e segundo sulco temos pequenos sulcos oblíquos, e entre o terceiro e quarto sulcos pequenos na horizontal e depois do quinto sulco temos uma série de pontinhos incisos agrupados dois a dois (Fig. 10.154, a)). Foi registado um exemplar com incisão e espatulado. Os motivos apresentam-se da seguinte maneira: três sulcos incisos horizontais seguido de espatulado oblíquo pela pança na vertical.

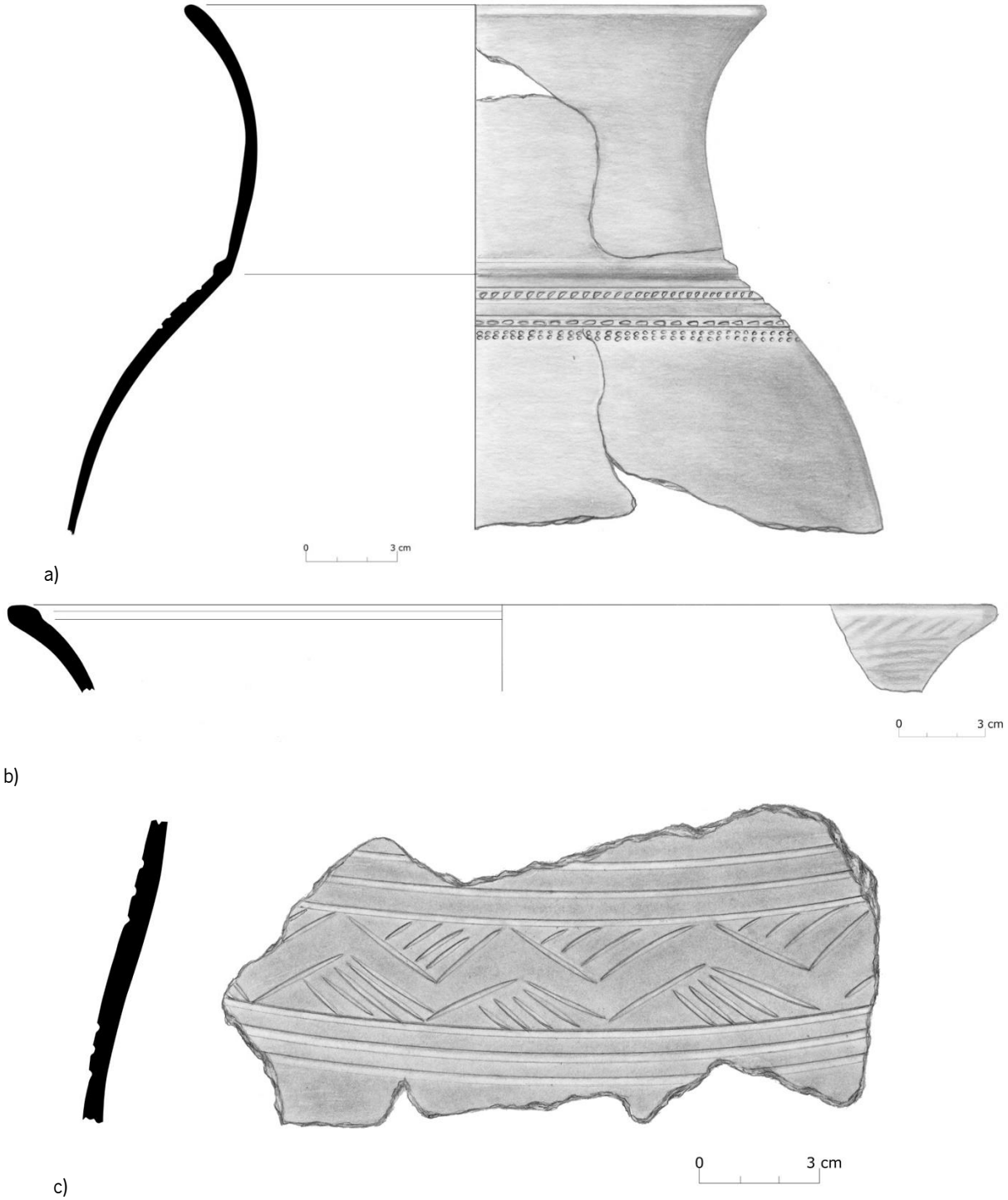


Fig. 10.154 Formas cerâmicas: a) Pote da forma 1a decorado com aplicação plástica, incisão e impressão; b) pote 1a decorado por espatulado; e c) fragmento de bojo decorado por incisão.

Quanto a aspetos intencionais devemos referir 164 exemplares com fuligem, sobretudo em formas de potes, potinhos e panelas de asa interior. De notar que, em boa parte destes materiais, a fuligem aparece também no cerne, o que denuncia que estas peças se terão partido durante um

incêndio ou que estiveram num incêndio após quebra. Sendo, de seguida, colocadas no interior desta fossa.

Há, ainda, um exemplar com restos de argila aplicada, para restauro de peça, e um exemplar com uma perfuração com objetivo indefinido (Fig. 10.155, b)). Um outro exemplar possuí um agrafo metálico, quase completo, no qual ainda se observavam restos de cal[298], certamente para melhor calafetação (Fig. 10.155, a)).

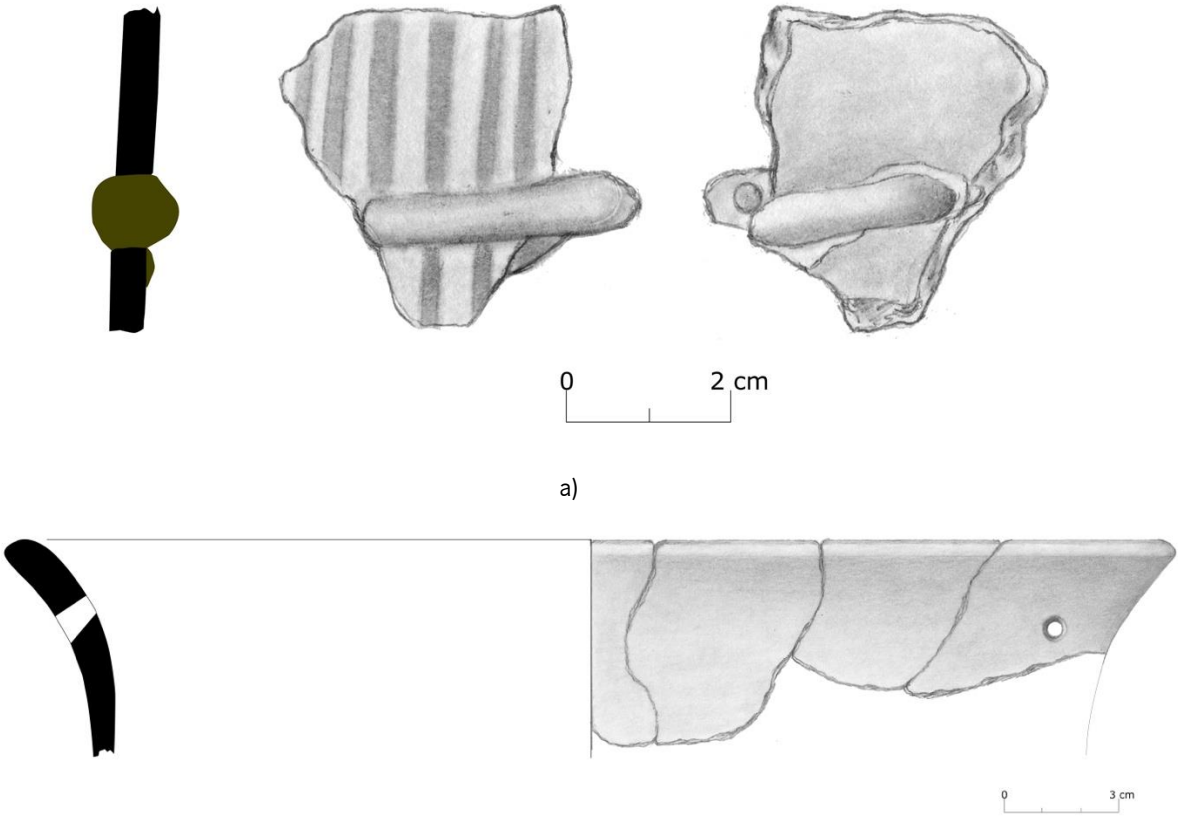


Fig. 10.155 Cerâmica: a) Fragmento decorado por brunido, no exterior, com um agrafo metálico; b) Pote da forma 1a com perfuração.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, na sua maioria possui um tamanho < de 4 cm (428 exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 (305 exemplares) e ainda um tamanho >8 cm (34 exemplares). De salientar, ainda, que foram registados 153 fragmentos rolados, o que representa apenas 20% do total, corroborando a hipótese de que estes materiais estiveram pouco tempo à superfície, e por isso não estiveram muito tempo em contacto com os agentes erosivos. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), apesar de 56% dos fragmentos terem

[298] Observação à lupa binocular.

um tamanho inferior a 4 cm, na realidade, como boa parte do material cola entre si e entre as outras duas fossas (fossa 14 e 15) o nível de fragmentação é na realidade reduzido.

Materiais de Construção

Neste contexto foram registados dois fragmentos de pavimentos ou de argila de revestimento (alisados de ambos os lados) (Fig. 10.156). Os dois possuem uma cor muito parecida, castanho-clara, tendo a argila sido misturada com areias e, depois, bem cozida. As dimensões são as seguintes: o fragmento maior possui 4,5 cm de comprimento, 4,8 cm de largura e 2,1 cm de espessura. O fragmento menor possui 3,1 cm de comprimento, 3,4 cm de largura e 1,9 cm de espessura.



Fig. 10.156 Fragmentos de pavimentos encontrados na U.E. 2015.

Materiais Metálicos

Foi registado, na U.E. 2016, um fragmento de um possível de alfinete, em liga de cobre (Fig. 10.157). As suas dimensões são: 3,9 cm de comprimento, 0,3 cm de espessura e com 0,9 gr.

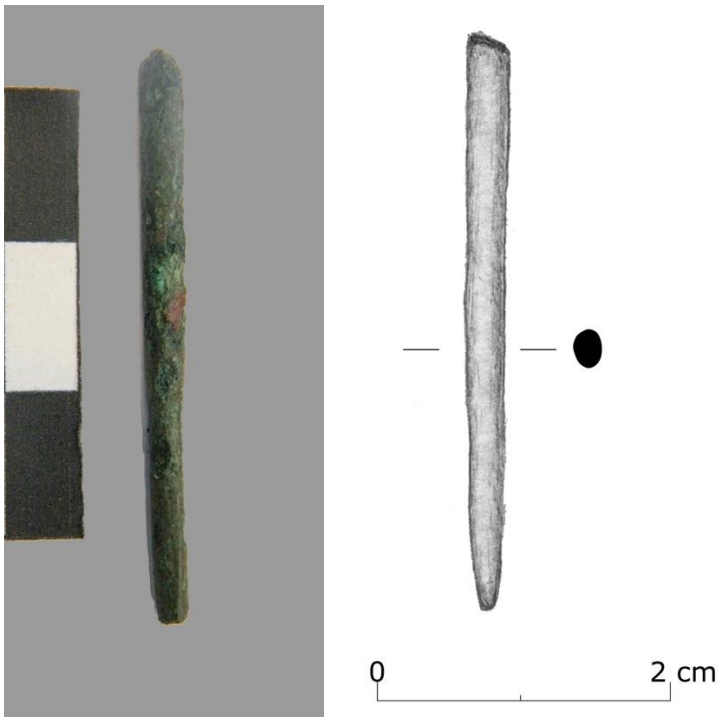


Fig. 10.157 Possível alfinete.

U.E. 2025 – enchimento da fossa 14 – Ferro Recente

No interior da fossa 14 foram registados 34 fragmentos, datáveis do Ferro Recente. Foram contabilizados 25 bojos (dois deles decorados), sete bordos e duas bases.

Os fragmentos são produzidos na sua maioria manual (25 exemplares) e o restante à roda/torno (nove exemplares). Na sua grande maioria a cozedura é redutora (24 exemplares) e o restante possui cozedura oxidante (10 exemplares). A pasta é micácea. A textura dos fragmentos é na sua maioria média (27 casos), seguido de fina (sete casos). Os e.n.p dividem-se entre pequeno (10 fragmentos), médio (19 fragmentos) e de grande calibre (4 fragmentos). Estes fragmentos na sua maioria são alisados (18 fragmentos) e o restante é polido (16 fragmentos).

Os bordos são quatro esvasados e três em aba soerguida. Neste contexto foram registadas 7 formas: três exemplares da forma 1b (pote com aba soerguida) e quatro exemplares da forma 2b (potinho) (Tab. 10.33; Fig. 10.158).

Tabela 10.32 Formas na U.E. 2025

Forma	NMI	%
Forma 1b (pote)	3	43%
Forma 2b (potinho)	4	57%
Total	**7**	**100%**

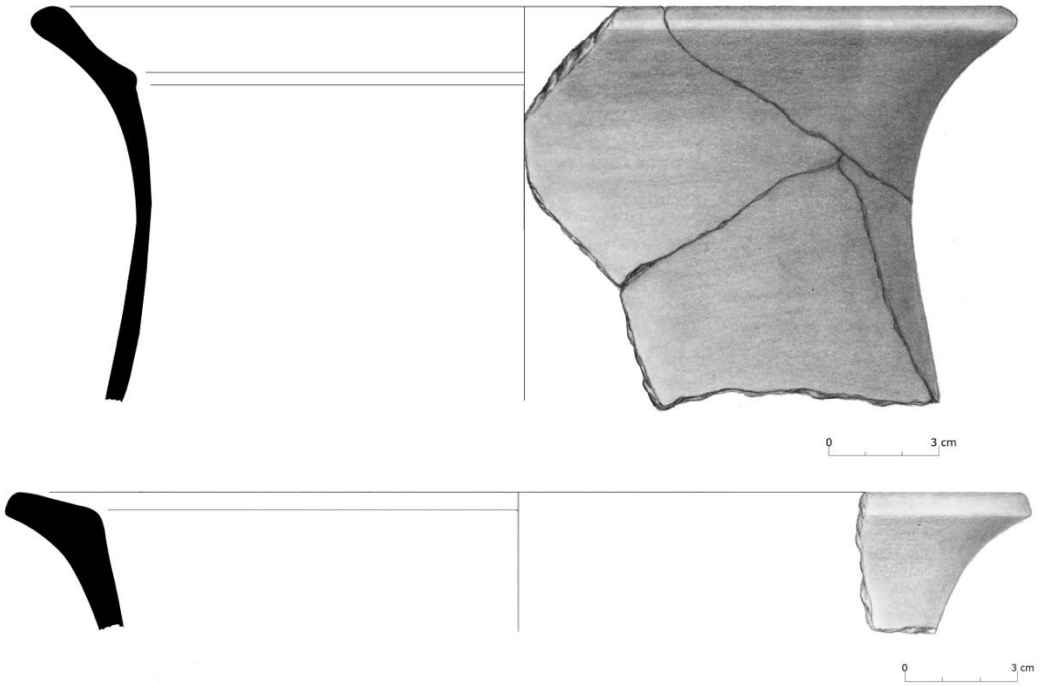


Fig. 10.158 Formas cerâmicas: formas 1b.

Uma das bases é de fundo plano alargado e a outra indeterminada.

Foram registados oito exemplares com fuligem, que surge, tanto nos potes (forma 1) como nos potinhos (forma 2b), o que indicia uso sobre o fogo.

Foi detetado um fragmento com aplicação plástica e incisão e um exemplar com incisão. O exemplar com decoração, por aplicação plástica e incisão tem um cordão aplicado sobreposto por pequenos sulcos oblíquos (Fig. 10.159). O exemplar com incisão possui dois sulcos paralelos, na horizontal.



Fig. 10.159 Fragmento decorado com aplicação plástica e incisão.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem um tamanho entre 4 e 8 (19 fragmentos). Com tamanho < de 4 cm há 13 fragmentos. Com tamanho >8 cm há dois fragmentos. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) os materiais desta fossa não se encontram muito fragmentados e terão sido pouco movimentados após-quebra. Apenas três fragmentos (9%) estão rolados.

U.E. 2024 – enchimento da fossa 15 - Ferro Recente

No interior da fossa 15 foram registados quatro bojos datáveis (um deles decorado) do Ferro Recente.

Os fragmentos são produzidos de forma manual e a cozedura é redutora. A pasta é micácea com e.n.p de pequeno calibre. A textura dos fragmentos é média (um exemplar) e fina (três exemplares). Estes exemplares são de acabamento polido, pelo exterior.

Foi detetado um fragmento decorado com um cordão, bandas definidas por sulcos, estando uma delas preenchida por pequenos sulcos oblíquos. Após o último sulco há uma série de impressões (pontilhadas) agrupados duas a duas.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes podem ser < de 4 cm (três exemplares) e >8 cm (um exemplar). Foi registado um fragmento rolado.

Síntese das fossas 13, 14 e 15

Como há materiais cerâmicos que colam entre várias fossas, fica-se com a impressão que houve qualquer atividade que terá envolvido a ação do fogo e que, após o seu término, terão sido abertas três fossas distintas, tendo o material sido repartido entre elas.

16) Fosso / Valado

Durante a escavação foi encontrado um fosso, com orientação aproximada de NE-SW, com paredes ligeiramente oblíquas e fundo algo irregular, pois é organizado em socalcos, mas com tendência aplanada (Carvalho *et al.,* 2024). Esta estrutura é bastante mais larga no extremo sul do que no extremo norte. Tem de profundidade que oscila entre 2,12 metros e cerca de 27 cm de profundidade e de largura máxima possui cerca de 4,49 metros (Fig. 10.161; Fig. 10.162) (Carvalho *et al.,* 2024). Corresponde à U.E. 2134.

16.1) Unidades estratigráficas

Este fosso relevou uma sequência estratigráfica relativamente simples (Fig. 10.160):

U.E. 949 – depósito castanho-escuro, de matriz arenosa. Trata-se de uma U.E. bastante heterogénea, de grão e compacidade média, com mistura de rocha de base, arena granítica (saibro desfeito) e blocos e calhaus de grande e médio calibre, respetivamente. Esta unidade é enchimento mais superficial;

U.E. 1102 – depósito cinzento-escuro, de matriz limosa, moderadamente homogéneo, de grão fino, pouco compacta e com alguns carvões. Foi interpretado como sendo uma possível lareira/estrutura de combustão[299].

[299] Esta informação foi-nos dada pelos arqueólogos responsáveis desta escavação, Rui Pinheiro e José Carvalho, a quem agradecemos.





Fig. 10.160 Em cima: Fase da escavação da estrutura tipo "fosso", U.E. 949 (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.); em baixo: vista de SW sobre a estrutura tipo "fosso, com paredes ligeiramente oblíquas e o fundo constituído por patamares/socalcos (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.161 Vista de Sul sobre a estrutura tipo "fosso" (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

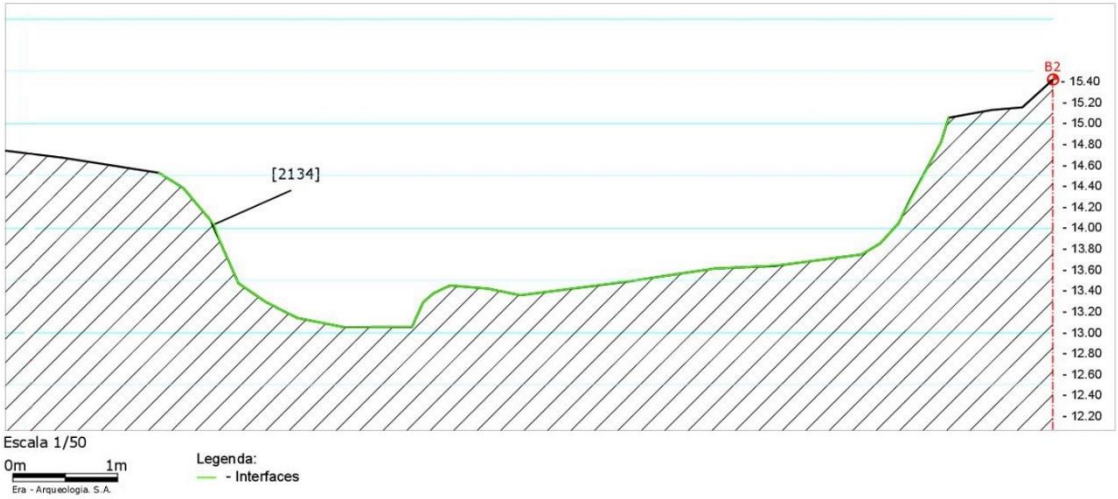


Fig. 10.162 Perfil do "fosso" (desenho gentilmente cedido por ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

16.1.1) Materiais arqueológicos

Foram registados materiais nas duas camadas de enchimento deste fosso: 45 fragmentos cerâmicos, na U.E. 949 e um fragmento cerâmico, na U.E. 1102.

U.E. 949 – camada superficial

Neste nível foram detetados materiais cerâmicos de diversa cronologia: oito fragmentos da Idade do Bronze; 22 fragmentos da Idade do Ferro e 14 fragmentos datáveis do período baixo-medieval/moderno, que serão intrusões.

Idade do Bronze

No total de oito fragmentos cerâmicos datáveis da Idade do Bronze Fina, registou-se um bordo, uma base e seis fragmentos de bojos. Trata-se de cerâmica de fabrico manual, cozedura redutora (por vezes, mal cozida) e pastas arenosas com e.n.p. de pequeno, médio e grande calibre. As texturas oscilam entre as médias e as grosseiras (oito fragmentos, respetivamente). Na sua maioria os fragmentos encontram-se polidos (cinco exemplares) estando três alisados.

Em termos formais, o bordo é vertical, mas muito pequeno para se conferir classificação tipológica, e a base é de fundo côncavo (Fig. 10.163).



Fig. 10.163 Materiais da Idade do Bronze: bordo vertical e base de fundo côncavo.

Três fragmentos possuem fuligem.

Relativamente ao seu tamanho, na sua maioria têm entre 4 e 8 cm (quatro exemplares), seguidos dos < de 4 cm (três exemplares). Há um tamanho >8 cm (um exemplar). Apenas um fragmento encontra-se rolado.

Idade do Ferro Antigo

Entre os 22 fragmentos de cerâmica, datáveis da Idade do Ferro Antiga contabilizaram-se: 20 bojos (três decorados), um bordo e uma base.

Os fragmentos são na sua maioria produzidos de forma manual e apenas um é produzido a torno/roda. A maior parte possui cozedura redutora e apenas dois exemplares possuem cozedura oxidante. As pastas são apenas micáceas-arenosas com e.n.p. dividem-se entre pequenos (15 casos), médios (quatro casos) e de grande calibre (três casos). A textura dos fragmentos é fina (14 fragmentos) e média (oito fragmentos). Encontram-se, na sua maioria, polidos (18 exemplares), sendo os restantes quatro alisados.

O bordo, talvez de uma forma 1a (pote, com bordo esvasado), é esvasado. A base é de fundo plano simples.

Foram registados três bojos decorados: um com incisão, um com aplicação plástica e incisão e um com incisão e impressão. O exemplar com incisão apresenta apenas três sulcos. O exemplar com aplicação plástica e incisão apresenta-se com um cordão aplicado na horizontal sobre o qual se gravaram sulcos na oblíqua (Fig. 10.164).



Fig. 10.164 Fragmento decorado por aplicação plástica e incisão.

O exemplar com incisão e impressão possui uma banda definida por dois sulcos, no interior da qual existem pequenos motivos irregulares (tendencialmente triangulares), impressos. Sob esta banda há uma fiada de círculos concêntricos, impressos (Fig. 10.165).



Fig. 10.165 Fragmento decorado por impressão e incisão.

Neste contexto 14 fragmentos apresentam-se com fuligem e um exemplar tinha perfuração que poderá ter sido feita para a colocação de um agrafo metálico.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes, na sua maioria, possuem um tamanho < de 4 cm (18 exemplares). Os restantes têm um tamanho entre 4 e 8 cm (quatro exemplares).

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) nota-se uma grande fragmentação dos elementos estudados que estará diretamente relacionado com facto de se tratar de materiais em deposição secundária. Ainda assim, apenas cinco fragmentos encontram-se rolados (23%).

Cerâmica de importação

Apenas se regista um disco, feito através de um fragmento de ânfora, originária da área gaditana (Fig. 10.166).

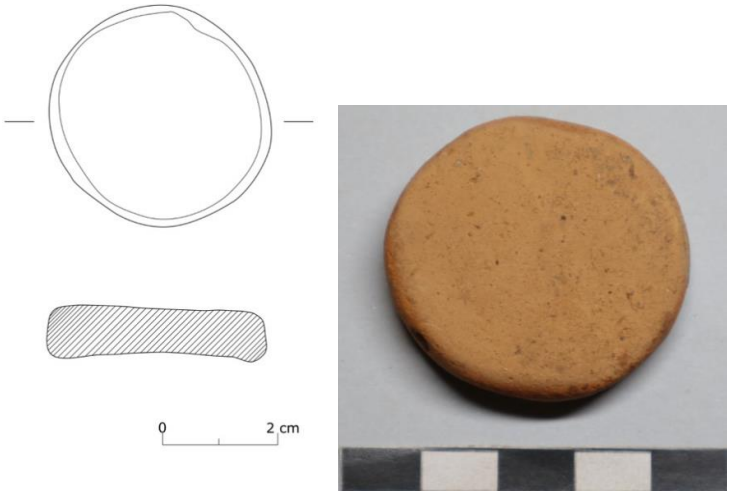


Fig. 10.166 Disco em pasta de ânfora.

Pelo estudo realizado nota-se que esta camada, situado no topo deste fosso não terá qualquer relação com ele, mas será fruto colmatação desta área do longo de séculos e por isso a existência de material de vária cronologia e algo rolado.

U.E. 1102 – colmatação do fosso

Nesta camada foi registado um fragmento datável do Ferro Antigo. Trata-se de um bojo com uma asa.

É um fragmento produzido de forma manual, de cozedura redutora, pasta micácea- arenosa com e.n.p de médio calibre e de textura média. Este exemplar encontra-se polido. A asa é de preensão vertical e de secção em fita. Pode ser de uma forma 2a (púcaro) (Fig. 10.167).

Este fragmento possui um tamanho < de 4 cm e encontra-se rolado.

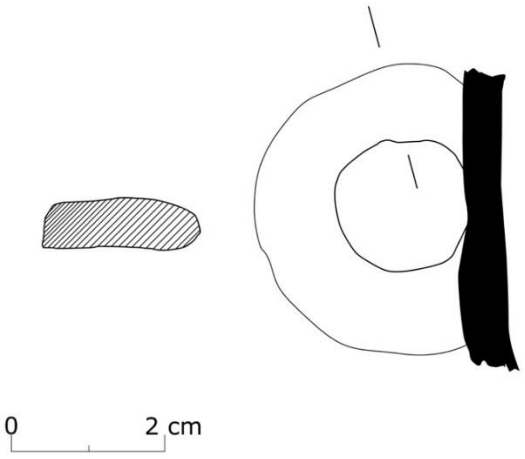


Fig. 10.167 Asa de secção subretangular, de uma forma 2a.

É possível que esta estrutura tenha sido aberta no Ferro Antigo embora colmatada definitivamente mais tarde.

17) Estrutura de tipo "hipogeu"

Esta estrutura localiza-se, genericamente, no centro da área escavada e a norte da cabana circular n.º 1.

17.1) Características arquitetónicas e unidades estratigráficas

A estrutura Identificada com a unidade estratigráfica [1277] foi interpretada como sendo um hipogeu por (Pinheiro (2020: 1087-1088; (Carvalho *et al.,* 2024)). Trata-se, em planta, de duas fossas (uma considerada a câmara e a outra, a antecâmara), com uma divisão ligadas por uma pequena passagem e assinalada por um amontado de blocos pétreos e por um monólito granítico, disposto na vertical. Tem uma orientação sul-norte, aproximadamente.

A base da câmara é plana e as paredes abauladas, tem cerca de 1,3 metros de profundidade. A antecâmara tem alguns pequenos patamares que fazem lembrar degraus. Mede cerca de 0,95 metros de largura e 1,14 metros de largura e possui cerca de 1,27 metros de profundidade (Fig. 10.168 – 10.171) (Carvalho *et al.,* 2024).



Fig. 10.168 Planta do povoado de S. João, com a localização da estrutura de" hipogeu, assinalada a vermelho (plano fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).



Fig. 10.169 Pormenor da câmara da estrutura "tipo hipogeu" vista de sul (fotografia cedida gentilmente por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.170 Vista sobre a estrutura "tipo hipogeu", onde vê, em primeiro plano, a câmara e, em segundo plano, a antecâmara (fotografia cedida gentilmente por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.).



Fig. 10.171 Pormenor da antecâmara da estrutura de "tipo hipogeu", vista de norte (fotografia cedida gentilmente por ERA, ARQUEOLOGIA S.A.).

Foi identificada a seguinte estratigrafia (Carvalho *et al.,* 2024):

U.E. 2003 - Sedimento castanho com algumas manchas de argila e saibro, medianamente compacta, de matriz areno-argiloso, com alguns carvões. Em frente à estrutura tipo hipogeu;

U.E. 1196 – diretamente relacionada com a estrutura de tipo hipogeu, encontrava-se este depósito que integrava um conjunto de blocos e calhaus graníticos de média e pequena dimensão, dispostos de forma concentrada e sensivelmente regular (Fig. 10.172);

U.E. 1188 - sedimento de coloração castanha com nódulos de saibro e barro, que cobria as unidades estratigráficas 1253 e 1187;

U.E. 1253 – sob a U.E. 1196 foram encontrados restos humanos, relativos a um crânio, assim como um monólito;

U.E. 1178 – monolítico granítico, irregular, disposto verticalmente, tendo este sido interpretado como se tratando de algum tipo de marcador físico da estrutura, segundo Rui Pinheiro (Pinheiro, 2020: 1087-1088). Tanto o crânio (U.E. 1253) como o monólito (U.E. 1178) estavam localizados na área interpretada como sendo a da câmara da estrutura (Fig. 10.172);

U.E. 1255 – sedimento de coloração castanho-escura, friável/muito solto, areno-argiloso, heterogéneo. Depósito coberto pelo crânio (U.E. 1253), igual ao depósito [1196] mas individualizado devido a presença deste resto ósseo e sobre o qual foi se pressupõe que houve um enterramento do qual, apenas, restava o crânio;

U.E. 1266 – resto humano – omoplata;

U.E. 1267 – sedimento de coloração castanha, friável/muito solto, areno-argiloso, heterogéneo, coberta por U.E. 1255;

U.E. 1274 – sedimento de coloração castanho-escura, areno-argiloso, heterogéneo, de grão fino, de compacidade média. Trata-se do enchimento da ante-câmara deste possível hipogeu. Estava coberta por U.E. 1267;

U.E. 1275 – sedimento de coloração castanho-escura, areno-argiloso, heterogéneo, de grão fino, de compacidade média. Trata-se do enchimento da câmara deste possível hipogeu, sendo coberta por U.E. 1267.



Fig. 10.172 Topo da estrutura negativa U.E. 1277. Observa-se a U.E. 1196 (empedrado), o monólito por cima (U.E. 1253), e entre as pedras e a sul por baixo do monólito, o resto de um crânio (U.E. 1253).

Os enchimentos U.E. 1274 e U.E. 1275, ou seja, da antecâmara e da câmara, respetivamente, estão cobertos pelo depósito U.E. 1267 que, por sua vez, é coberto pelo depósito U.E. 1255. Da zona interpretada como antecâmara foram identificados vestígios de restos

humanos, nomeadamente uma omoplata direita (U.E. 1266), que se encontrava no contacto entre os depósitos U.E. 1196 e U.E. 1255.

Materiais cerâmicos e metálicos

Deve referir-se que alguns materiais da U.E. 1255 colam com outros da U.E. 1196, do início da cobertura.

U.E. 1188 – Ferro Recente

Da U.E. 1188, de cobertura da estrutura, foram considerados 41 fragmentos de cerâmica indígena. Foi observado um fragmento datável do Ferro Antigo (uma asa de seção circular típico de formas 4 - panela de asa interior) (Fig. 10.173) e o restante é datável do Ferro Recente. Genericamente foram observados, em termos formais, três exemplares de potes (forma 1), dois exemplares da forma 2b (potinho) e uma forma indeterminada. Foi registado, ainda, um bojo decorado por aplicação plástica.



Fig. 10.173 Asa de secção circular de panela de asa interior (forma 4a).

U.E. 1196 – Ferro Recente

Material cerâmico

Nesta camada foram estudados 13 fragmentos datáveis do Ferro Recente. Foram considerados dois bordos, três asas (destes um arranque de asa), oito bojos (um deles decorado) e uma base.

Em termos técnicos, a cozedura destes fragmentos é redutora (oito fragmentos), na sua maioria, e o restante possui cozedura oxidante (seis fragmentos), as pastas são apenas micáceas,

foram produzidas, na sua maioria, a torno (13 fragmentos) e o restante de forma manual (um fragmento). Quanto ao tratamento das superfícies são na sua globalidade alisadas (nove fragmentos) e o restante é polido (cinco fragmentos). Os desengordurantes presentes na pasta são de pequeno calibre. Quanto à textura é, na sua maioria, média (11 fragmentos) e o restante possui textura fina (três fragmentos).

Em termos formais, registamos um bordo esvasado e outro em aba soerguida. A base é de fundo plano simples. Foram, ainda, estudadas três asas: uma de seção em orelha, uma de seção em fita e ainda um arranque de asa.

Tendo em conta as formas dos bordos e das asas foi possível registar as seguintes formas: um exemplar da forma 1a (pote), um exemplar da forma 1b (pote), um exemplar da forma 4 (panela de asa interior) e ainda um exemplar da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 10.34; Fig. 10.174).

Tabela 10.33 Formas registadas na U.E. 1196 (Ferro Recente)

Formas	NMI	%
Forma 1 a (pote)	1	25 %
Forma 1 b (pote)	1	25 %
Forma 4 (panela de asa interior)	1	25 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	25 %
Total	**4**	**100 %**



Fig. 10.174 Panela de asa em orelha.

Foram estudados dois fragmentos com fuligem, um deles no fragmento de asa em orelha.

Quanto aos aspetos decorativos foi estudado um fragmento decorado por incisão. Os motivos decorativos são os seguintes: uma faixa de pequenos sulcos incisos oblíquos, seguido de dois sulcos incisos horizontais, e por baixo um reticulado inciso seguido novamente de dois sulcos incisos horizontais (Fig. 10.175).



Fig. 10.175 Bojo decorado por incisão.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos foram registados dois fragmentos com < de 4 cm, 10 fragmentos com uma dimensão entre 4 e 8 cm e ainda dois fragmentos com um tamanho superior a 8 cm.

U.E. 1255 – Ferro Recente

Material cerâmico

A unidade estratigráfica que possui mais material é a U.E. 1255, ou seja, uma das que tem a deposição de restos humanos. Aí foram observados 325 fragmentos de cerâmica indígena, três fragmentos de ânfora (de fabrico do vale do Guadalquivir), um bordo de tigela (talvez de fabrico da Bética) e ainda três bojos datáveis, genericamente, da baixa Idade Média que se interpretam como intrusivos após enchimento da estrutura que parece ter sido colmatada no Ferro Recente.

No que diz respeito ao material indígena foi individualizado um bojo da Idade do Bronze, quatro fragmentos datáveis do Ferro Antigo e os restantes (320 fragmentos) datáveis da Idade do Ferro Recente.

Do conjunto do Ferro Recente foram individualizadas 42 formas cerâmicas (entre potes (14 de formas 1), potinhos (23 de formas 2b), uma tigela (forma 3b), panelas de asa interior (três da forma 4b) e uma talha (forma 5), além de uma tampa, perfurada, há um fragmento de bordo perfurado (Fig. 10.176).

Foram estudadas, ainda, 20 bases, na maior de fundo plano alargado. Foram observados bojos decorados por incisão e aplicação plástica.

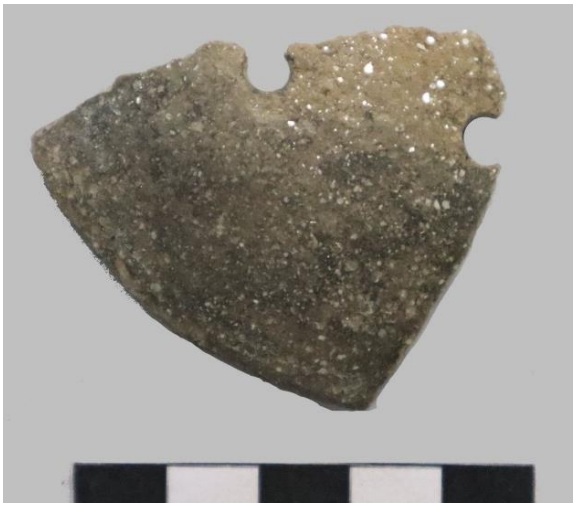


Fig. 10.176 Bordo rolado propositadamente para servir de peso e tampa perfurada.

Material metálico

Nesta U.E. foi encontrada uma espátula ou colher em bronze. Encontra-se partida, faltando apenas uma pequena parte do cabo, de secção circular. As dimensões são de cerca de 4,6 cm de comprimento, 4,8 cm de espessura (no cabo). Pesa de 1,3 gr. Trata-se de um instrumento muito pequeno, talvez associada à cosmética, contudo é apenas uma hipótese (Fig. 10.177).

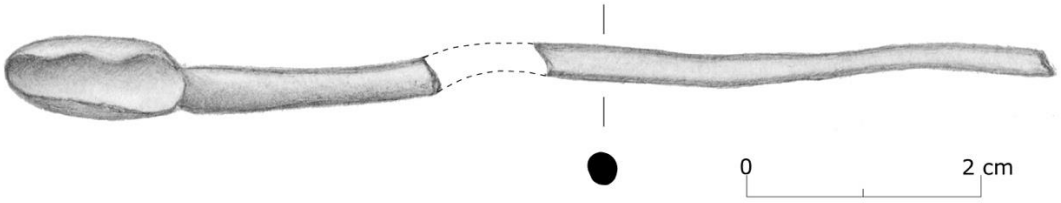






Fig. 10.177 Possível espátula ou colher, em bronze.

U.E. 1267 – Ferro Recente

Nesta U.E. foram apenas registados dois fragmentos de ânfora: um da área da Bética costeira e outro do vale do Guadalquivir.

U.E. 1274 – Ferro Recente

Do enchimento da antecâmara (U.E. 1274) foi observado um bordo de ânfora do tipo Ovóide 1 (do vale do Guadalquivir) (Fig. 10.178), de produção datável de entre o segundo quartel do séc. I a.C. e inícios do séc. I d.C., o que coloca este enchimento no Ferro Recente.

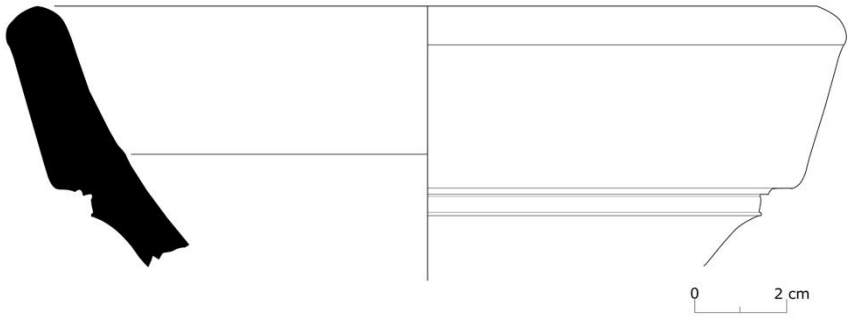


Fig. 10.178 Ânfora tipo Ovóide 1.

U.E. 1275 - Ferro Recente

No enchimento da câmara (U.E. 1275) foram registados 64 fragmentos datáveis do Ferro Recente e ainda um bojo de ânfora (de fabrico do vale do Guadalquivir). Destacamos duas formas 1 (potes), uma forma 2b (potinho) e duas formas 4 (panelas de asa interior).

Restos humanos

Quanto aos fragmentos osteológicos sabemos da existência de um crânio desarticulado e uma omoplata no fundo da câmara desta estrutura negativa (Carvalho *et al.,* 2024). Serão necessários mais trabalhos de investigação sobre estes restos.

17.2) Síntese

Em termo genéricos, devemos referir que o material arqueológico que foi observado nesta estrutura evidencia que ela terá sido aberta e encerrada no Ferro Recente, talvez entre o segundo quartel do séc. I a.C. e os inícios do séc. I d.C., tendo presente o bordo de ânfora do tipo Ovóide 1, encontrado.

Pelas características do material cerâmico, não há indícios de deposições intencionais. As camadas mais superiores revelam, até, materiais mais antigos, demonstrando que os sedimentos que cobriram esta estrutura contêm materiais em deposição secundária. A exceção poderá ser a da pequena colher, em bronze.

Quanto aos aspetos arquitetónicos é de destacar que, na finalização do seu preenchimento, parece ter sido colocado um monólito granítico, na vertical, para marcar visualmente este espaço relacionado com a morte (Pinheiro, 2020: 1087-1088; (Carvalho *et al.,* 2024)).

Os diferentes locais onde se encontraram restos humanos indiciam várias deposições.

Os restos da U.E. 1253 e 1255 foram analisados por Ana Maria Silva[300], da Universidade de Coimbra, apesar do seu estado fragmentado, não são restos de incinerações pois não foram sujeitos ao fogo.

4.4.6. Discussão dos dados

Organização interna do povoado, economia e materiais

Organização interna

Observando os dados, e analisando atentamente os diversos contextos escavados torna-se possível retirar algumas ilações tanto a nível construtivo, como económico e até social tendo em conta as várias fases cronológicas deste povoado, instalado na foz do rio Ave.

Quanto à primeira ocupação deste povoado, ou seja, para a **Idade do Bronze**, pouco sabemos. É provável que estivesse localizado no topo da colina com ampla visibilidade para a foz do rio e o oceano e controlo estratégico das vias atlânticas e fluviais e acesso aos diversos recursos da planície, fluviais e marinhos. A construção todos grandes monumentos de época medieval e moderna no topo deste local fez com que se perdesse – irremediavelmente – estes contextos mais antigos.

No que diz respeito à segunda fase de ocupação, datável do **Ferro Antigo**, admitimos que, em termos construtivos, se assistiu a várias modalidades de ocupação do espaço, na vertente sul. Foram erigidas algumas estruturas habitacionais (estrutura negativa no interior da cabana n.º 2) em materiais perecíveis, das quais apenas restaram os negativos. Além disso, foram ainda identificadas oito fossas abertas no substrato com materiais deste período. Estas estruturas estavam inseridas, aparentemente, rodeadas por um fosso (Fig. 10.179).

[300] Agradecemos esta informação fornecida pela Doutora Ana Maria Silva, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.



Fig. 10.179 Plano final da escavação vista de SW (fotografia gentilmente cedida por ERA ARQUEOLOGIA S.A.).

Quanto à funcionalidade das fossas, algumas têm enchimento secundário, sendo, portanto, detríticas, enquanto a fossa nº 7 ainda parece manter um depósito primário, sendo associada a ela vários potes, potinhos/ púcaros e uma panela de asa interior praticamente completa.

No que respeita à **Idade do Ferro Recente** verifica-se um aumento da petrificação, pois a maior parte das estruturas pétreas encontradas são desta época (cabanas circulares nº 1, nº 2, nº 3, nº 4 e o muro nº 5). No entanto, continuou-se a usar estruturas perecíveis tal como 1, 3, 8, 9 e 12 fossas e uma estrutura de tipo hipogeu. Neste momento, o fosso da fase anterior já estava colmatado (Fig. 10.181).

Quanto às cabanas em pedra, destacamos que a que foi nomeada com nº 5 pois possui um muro com aparelho de tendência ortogonal. Algumas das cabanas e estruturas (nº 1 e 5) tinham pavimentos argilosos, bem compactados, e rebocos, também argilosos, para isolamento térmico. Alguns dos pavimentos são decorados com motivos geométricos (Fig. 10.180).



Fig. 10.180 Fragmento de pavimento decorado com um sulco circular

Quanto à função das fossas, não tendo outros dados carpológicos ou antracológicos, devemos assumir que terão sido, numa última fase de utilização, fossas detríticas (Fig. 10.181).

De referir a existência de enterramentos numa fossa de tipo hipogeu, o que é extremamente raro no Noroeste. Os tipos de restos humanos encontrados apenas possibilitam saber que não foram cremados. Não sabemos se seria uma estrutura de tipo ossário, mas pela disposição dos restos humanos o local parece ter tido deposições de ossos, em vários momentos.

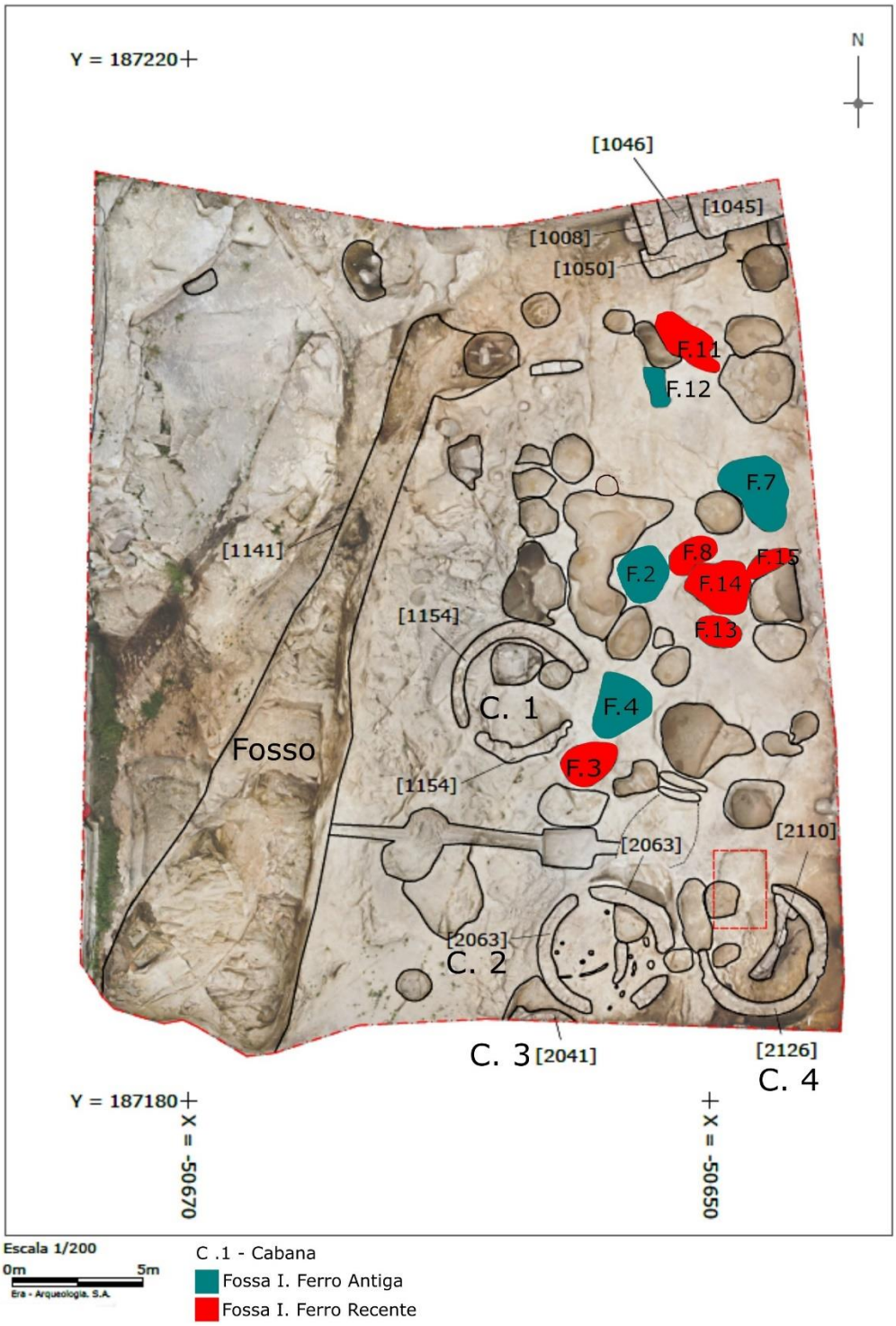


Fig. 10.181 Planta do povoado de S. João com as estruturas em negativo marcadas segundo a sua cronologia (planta geral do povoado, levantamento fotogramétrico: ERA ARQUEOLOGIA S.A., adaptado).

Economia e materiais

Em termos económicos, as comunidades que aqui se fixaram tinham possibilidade de explorar, não só os recursos da planície, como os recursos do rio e do mar.

Quanto à exploração e transformação dos recursos metalíferos apenas temos alguns indícios sobre a sua transformação no **Ferro Antigo**. Neste caso destacamos restos e pingos de fundição. Foi encontrado, ainda, um recipiente de paredes verticais com paralelos nos povoados de Bagunte e Terroso interpretados, então, como cadinhos (Silva, 1986; Almeida *et al.,* 2020). No caso em apreço a superfície interna está queimada, mas não tem vestígios de pingos de fundição. Esta peça poderia ter servido talvez como elemento para iluminação (Fig. 10.182).



Fig. 10.182 Cadinho ou elemento de iluminação.

Devemos salientar, também, o provável papel geoestratégico deste local na receção e difusão de novidades oriundas do exterior, nomeadamente do mediterrâneo, para áreas mais interiores do vale do Ave e do seu subsidiário - o rio Este. Apesar de não terem sido aqui identificadas cerâmicas de importação em S. João as presenças de cerâmicas indígenas com aguadas indiciem estes contactos. De salientar que em Terroso (Silva, 1986), no litoral, em Bagunte (Almeida *et al.,* 2020), a 7 km para nor-nordeste, em Penices, a 13 km para nordeste e em Ermidas, a 21 km para nor-nordeste apareceram materiais exóticos desta época (Queiroga, 1985b: 56 -57; 1985c: 5-43; 1987; Dinis, 1993; Silva e Pinto, 2001), o que significa que houve intercâmbio suprarregional no estuário do rio Ave, ou seja, estes materiais teriam de percorrer os rios para serem "adquiridos" pelas populações mais interiores e o ponto de entrada seria a foz. Ora, tendo em conta o local onde se implanta o povoado de S. João, será de supor que teria relevância nesta atividade.

No que respeita à produção local de cerâmica nesta fase (1574 fragmentos) esta presenta-se, de forma geral, cuidada, com pastas, tratamento dos desengordurantes e formas em tudo similares às de outras bacias hidrográficas. As formas representadas são três tipos de potes (34 exemplares – 37%) (forma 1a, forma 1b e forma 1c (este último apenas um exemplar); dois tipos

de potinhos/púcaros (38 exemplares – 41%); malgas (2%); panelas de asa interior (forma 4a) (18% do total) e ainda um possível elemento de iluminação e um possível cadinho (Tab. 10.35).

Tabela 10.34 Formas da Idade do Ferro Antigo

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	14	15 %
Forma 1b (pote)	19	21 %
Forma 1c (pote)	1	1 %
Forma 2a (púcaro)	7	8 %
Forma 2b (potinho)	31	33 %
Forma 3 (malga/tigela)	1	1 %
Forma 3a (malga)	1	1 %
Forma 4a (panela de asa interior)	17	18 %
Cadinho/elemento de iluminação	1	1 %
Cadinho (?)	1	1 %
Total	**93**	**100 %**

Quanto aos diâmetros dos potes, em média, possuem 29 cm de diâmetro (Tab. 10.36), sendo de destacar que os das formas 1c são os maiores, provavelmente destinados à armazenagem, mas é uma forma muito rara. Esta não possui fuligem. Os da forma 1a são os mais pequenos o que poderá indiciar transporte e uso na confeção de alimentos, o mesmo parece acontecer para alguns potinhos e malgas.

No que respeita ao diâmetro dos potinhos/púcaros, em média, possuem 14 cm de diâmetro. Alguns (58 %) possuem fuligem no exterior e interior do bordo o que indicia o seu uso na preparação de alimentos. Quanto ao diâmetro das malgas, em média, possuem 27,5 cm de diâmetro (Tab. 10.37). Quanto ao diâmetro das bases estas oscilam entre 8 e 25 cm.

Tabela 10.35 Diâmetros das formas no Ferro Antigo

Forma		Diâmetro (em média)
Potes	Forma 1a	24 cm
	Forma 1b	29,8 cm
	Forma 1c	34 cm
Potinhos/Púcaros	Forma 2a	12 cm
	Forma 2b	16 cm
Malgas	Forma 3a	24 cm
Panela de asa interior	Forma 4a	39 cm

Relativamente ao tamanho dos fragmentos e de modo a compreender os aspetos deposicionais e pós deposicionais nesta fase, devemos referir que 43% possuem um tamanho entre 4 cm e 8 cm e 5% possuem um tamanho >8 cm. Isto revela que nesta fase 48% dos materiais ficaram relativamente selados tendo sofrido um fraco transporte, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008). É denotar que apenas 18% dos materiais enquadráveis nesta fase se encontram rolados.

Tabela 10.36 Tamanho dos fragmentos no Ferro Antigo

Tamanho	N.º Frag.	%
<4	814	52%
<8	674	43%
>8	86	5%
Total	**1574**	**100%**

Salienta-se o aparecimento de uma fíbula de tipo Sabroso C ou Ponte 22, atribuível a esta fase indiciando elites que consomem ornamentos de exceção. Foi, ainda, registado um fragmento de escória que poderá ser da Idade do Ferro Antiga.

No **Ferro Recente**, em termos económicos é reforçada a atividade metalúrgica de artefactos em bronze, cujo estanho seria proveniente da área de Penices (a cerca de 12 km para nordeste).

Quanto ao estudo dos materiais indígenas, estes, em termos técnicos e morfológicos não diferem daqueles que se encontram, tanto na bacia do rio Cávado como do Lima.

Foram registados um total de 1995 fragmentos. As formas representadas são: potes (forma 1a – 84 exemplares, forma 1 b – 53 exemplares e dois exemplares da forma 1c); potinhos/púcaros (forma 2a – oito exemplares, forma 2b - 118 exemplares), forma 2c - um exemplar); malgas/tigelas (forma 3 nova – um exemplar, forma 3a – sete exemplares, forma 3b – três exemplares, forma 3c – um exemplar), panelas de asa interior (forma 4a - 10 exemplares, forma 4b – 32 exemplares); talhas (cinco exemplares) e panelas de asa em orelha (três exemplares) (Tab. 10.38).

No que diz respeito às formas para armazenar alimentos e servir/beber líquidos - as formas 1a e 1b e formas 2 - representam 73% do total considerado (266 exemplares). De referir que a forma 5 é também ela uma forma para armazenamento de alimentos.

Quanto às formas 3 (que possuem um número de exemplares interessante) a representatividade das três formas é de apenas 4,4%. Trata-se de uma forma destinada para

preparar alimentos e de servir os alimentos. Destacamos uma forma 3 que consideramos como uma variação inovadora porque se encontra decorada no interior (Fig. 10.183).

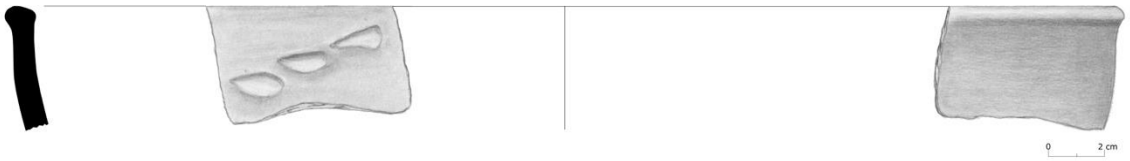


Fig. 10.183 Forma 3 decorada no interior.

As talhas (forma 5) e as panelas de asa em orelha (formas 6) formas novas deste período, são relativamente escassas (2,9%), enquanto a quantidade de formas 4 é relevante (42 exemplares) que corresponde a 11,6% do total considerado. Quanto aos diâmetros dos potes, em média, possuem 24,9 cm de diâmetro, no que respeita ao diâmetro dos potinhos/púcaros, 14,5 cm em média, possuem de diâmetro e quanto ao diâmetro das tigelas/malgas, em média, 25,7 cm de diâmetro. As talhas (formas 5) possuem um diâmetro médio de 27,8 cm. Quanto ao diâmetro das bases estas oscilam entre 8 e 24 cm.

Tabela 10.37 Formas do Ferro Recente no Povoado de S. João

Forma	NMI	%
Forma 1 a	84	23,1 %
Forma 1 b	53	14,6 %
Forma 1 c	2	0,6 %
Forma 2 a	8	2,2 %
Forma 2 b	118	32,6 %
Forma 2 c	1	0,3 %
Forma 3 (nova)	1	0,3 %
Forma 3	4	1,1 %
Forma 3 a	7	1,9 %
Forma 3 b	3	0,8 %
Forma 3 c	1	0,3 %
Forma 4	6	1,7 %
Forma 4a	4	1,1 %
Forma 4 b	32	8,8 %
Forma 5	5	1,3 %
Forma 6	3	0,8 %

Forma 4 /Peso	1	0,3 %
Bordo como peso	1	0,3 %
Indeterminado	29	8 %
TOTAL	**363**	**100 %**

Foi considerada uma série de bordos que após se fragmentarem foram afeiçoados, propositadamente, para servirem como discos.

Abordemos agora daquilo que são os aspetos decorativos e relacionados com o seu uso nas peças cerâmicas encontradas durante a Idade do Ferro deste povoado. Escolhemos a abordagem genérica das duas fases deste período porque, efetivamente, não existem grandes diferenças entre elas.

No Ferro Antigo e no Ferro Recente a percentagem de fragmentos decorados é de 11% (ainda que no Ferro Antigo contabilizemos 57 fragmentos e no Ferro Recente 130 fragmentos).

Quanto ao tipo de peças que se decoravam a realidade para as duas fases é a mesma. As formas decoradas são quase sempre as de potes e potinhos/púcaros (formas 1 e 2), com uma exceção no Ferro Recente, onde uma malga / tigela (forma 3) aparece decorada. Nas tabelas 10.39 e 10.40 encontraremos os vários motivos decorativos por período cronológico-cultural.

As técnicas decorativas são variadas e muitas vezes múltiplas, no mesmo fragmento. A incisão, a impressão e a aplicação plástica são comuns em ambos os períodos.

Na incisão os motivos mais comuns são sulcos sobre a pança ou, num caso específico, sobre o bordo. Num caso a incisão encontra-se sobre a forma de reticulado simples. Em alguns casos a incisão (sob a forma de sulcos) acompanha também impressão, na maioria das vezes, séries de SSS. Estas surgem de forma transversal a todo a Idade do Ferro.

No que concerne à impressão, os motivos são variados: vegetalistas, ovais e subcircular, círculos concêntricos (ora apresentados em banda horizontal ou formando um triângulo), séries de SSS, pequenos quadrados (em banda) e triângulos.

Estes motivos também surgem, muitas vezes, associados à aplicação plástica.

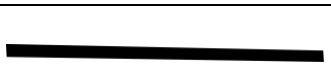
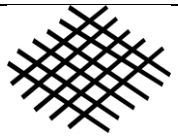
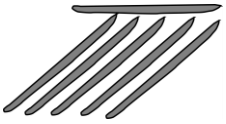
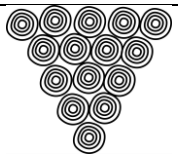
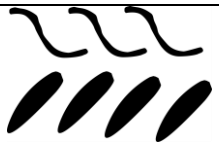
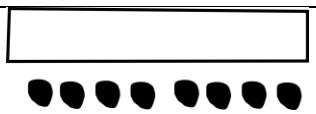
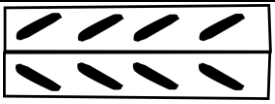
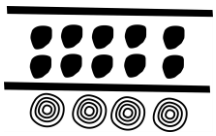
Quanto à aplicação plástica, esta oscila entre um a três cordões, aplicados na horizontal, no Ferro Antigo, há casos em que a aplicação plástica, tanto de cordões, como de mamilos alongados, se associa à incisão, sob a forma de triângulos preenchidos. Também há cordões sobrepostos por incisões em forma de espinha.

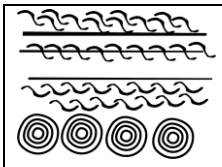
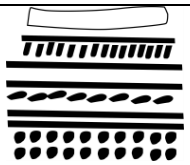
No Ferro Antigo e no Recente surge a aguada, na superfície exterior das peças. Esta pode ser escura ou em certos casos branca.

A decoração brunida encontra-se, também, nas duas fases do povoado, através de várias linhas na vertical e/ou na horizontal. Num caso, associa-se a incisões.

No que concerne ao espatulado (sulcos suaves sobre as superfícies exteriores) este encontra-se, sobretudo, em bordos de formas 1 e 2, e em bases. Esta técnica decorativa encontra-se também em todas as fases da Idade do Ferro.

Tabela 10.38 Decorações no Ferro Antigo em S. João

Incisão		
		
		
Aplicação plástica	**Aguada Negra**	**Brunido**
		
Impressão		
		
		
Aplicação plástica e impressão	**Aplicação plástica e incisão**	
		
Impressão e incisão		

		**Aplicação plástica, incisão e impressão**	

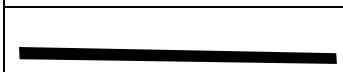
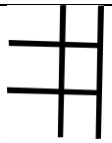
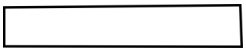
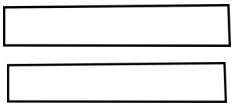
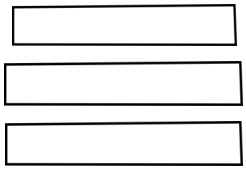
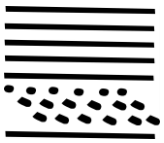
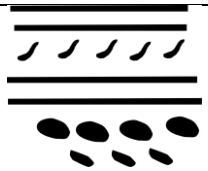
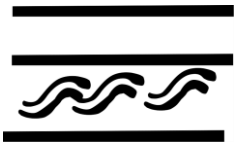
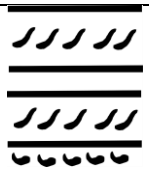
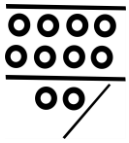
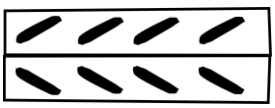
Quanto ao que apelidamos de características intencionais sublinhamos, em todas estas fases, o restauro de peças para lhes dar consistência de duas formas distintas: a adição de pasta cerâmica, algo que não é muito comum, embora com paralelos em Santo Estevão da Facha (bacia do rio Lima), durante Ferro Recente (Almeida *et al.,* 1981: 63). Nos povoados estudados por nós, este aspeto intencional regista-se, também, em Bagunte, Terroso e no Castro Máximo (todos da bacia hidrográfica do rio Ave) durante o Ferro Recente (Oliveira, 2019b).

A outra forma para restauro de peças, comum a muitos povoados do noroeste ibérico, é a aplicação de agrafos ou grampos metálicos. Estes surgem com frequência nas panelas de asa interior (forma 4), tanto no Ferro Antigo como no Recente e em potinhos. Neste povoado as duas modalidades surgem, praticamente, na igual proporção.

No que concerne à utilização dos recipientes notamos a existência de fuligem em várias formas, tanto no Ferro Antigo como no Ferro Recente. No Ferro Antigo dos 290 (representa apenas 18% do total) fragmentos com fuligem no exterior, apenas em 40 foi possível definir a forma em que esta surge. Nesta fase as formas com maior presença de fuligem são as formas 2 e 4. Apesar das formas 2 (potinhos/púcaros) serem destinadas ao uso de mesa, estas peças deviam também ser utilizadas sobre o lume para aquecer bebidas. Devemos ainda ter em consideração que algumas formas de pote (formas 1a e formas 1b) e de malgas/tigelas (forma 3) também possuem fuligem no exterior o que pode significar que em determinados momentos quotidianos seriam também utlizados sobre o lume. Foi ainda registada fuligem em 13 fragmentos de formas 4 (panelas de asa interior).

No Ferro Recente foram registados 603 fragmentos (representa 30% do total) com fuligem no exterior dos fragmentos. Deste conjunto apenas em 120 fragmentos foi possível definir a forma em que esta fuligem surge. Assim, na sua maioria a fuligem regista-se em formas 1 e 2. Notamos um decréscimo de fuligem em formas 3 e um aumento considerável de fuligem nas formas 4 (panelas de asa interior). Neste período registamos ainda fuligem em formas 6 (panelas de asa em orelha).

Tabela 10.39 Decorações do Ferro Recente em S. João

Incisão		
		
		
		
Aplicação plástica		
		
Aguada negra	**Aguada branca**	**Impressão, Incisão e Brunido**
		
Impressão		
Impressão e incisão		
		
Aplicação plástica e incisão		
		

Relativamente ao tamanho dos fragmentos e de modo a compreender os aspetos deposicionais e pósdeposicionais no Ferro Recente, devemos referir que 54% possuem um tamanho de < de 4 cm. Isto revela que nesta fase os materiais estiveram à superfície e sujeitos a vários fenómenos deposicionais e pósdeposicionais, tendo sido sujeitos a algum transporte,

segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) (Tab. 10.41). Ainda assim devemos salientar que foi possível reconstituir formas e identificar 334 formas. É de notar que apenas 17% dos materiais enquadráveis nesta fase se encontram rolados.

Tabela 10.40 Tamanho dos fragmentos no Ferro Recente

Tamanho	N.º Frag.	%
<4	1084	54 %
<8	808	41 %
>8	103	5 %
Total	**1995**	**100%**

Foi ainda registado um cossoiro e vários discos o que denota a exploração e fabrico de produtos têxteis.

O intercâmbio suprarregional, desta feita com a civilização romana que já dominava administrativamente o sul da Península Ibérica, é bem evidente. É disso prova os vários materiais importados, não só os contentores anfóricos, de várias proveniências, mas, também, alguns materiais finos de mesa.

Foram recuperados materiais de importação em quase todas as cabanas circulares, nomeadamente junto à cabana n.º 1 e no interior de várias fossas.

Pela diversidade e quantidade de material importado, registado no exterior à cabana n.º 1, podemos colocar a questão de que esta cabana poderia ter sido um local onde se poderia consumir os produtos das ânforas aí registadas. Este lugar de consumo pode ainda estar relacionado como o facto de esta cabana ser aquela com maior diâmetro.

No contexto do material anfórico, identificaram-se 114 bojos de várias proveniências (Bética e vale do Guadalquivir, Bética costeira e Cádis), um deles com grafito e da Bética costeira e um de proveniência indeterminada.

Foram registados três exemplares de tipologia Haltern 70 (da área da Bética) com atribuição cronológica desde a primeira metade do séc. I a.C. até aos finais do séc. I d.C., segundo Tchernia (1980), Carreras Monfort *et al.* (2004) e Morais (1998). Foi registado um exemplar da tipologia Dressel 9 (oriunda da Bética costeira), com uma atribuição cronológica desde os meados do séc. I a.C. até praticamente os finais do séc. I d.C., segundo García Vargas (1996; 1998).

Estas duas tipologias anfóricas transportariam uma grande diversidade de produtos: o vinho, o azeite, azeitonas e preparados piscícolas, segundo uma série de autores (García Vargas *et al.,* 2011; Mateo Corredor, 2013; García Vargas, 2016b; Fabião, 1998; Morais, 2004b).

Foram ainda identificadas duas asas com duas proveniências distintas, uma da área do vale de Guadalquivir e outra, norte africana, cuja tipologia é indeterminada. Quanto aos dois fundos, devemos referir que são de pastas diferentes, um deles possui pasta oriunda da Bética costeira e a outra é da área da Bética. Foi identificada, também, uma possível tampa de pasta gaditana, um disco e dois possíveis cossoiros ou discos perfurados.

No conjunto da cerâmica fina de mesa devemos realçar três fragmentos de um jarro de cerâmica cinzenta polida, datável genericamente do séc. II a I a.C. Estes materiais são comuns em níveis republicanos romanos, no vale do Tejo (Pimenta *et al.,* 2005; Sousa, 2014 Rodrigues*, et al.,* 2019; Sousa, 2021) fazendo parte do grupo 5a (Sousa, 2014), com paralelos, por exemplo, no sítio da Gamelas 3 (Cardoso e Silva, 2013). Com efeito, estas formas podem corresponder a uma evolução dos protótipos da Idade do Ferro, podendo ter surgido ainda durante os momentos finais do Ferro do sudoeste peninsular (Pimenta *et al.,* 2005; Pimenta *et al.,* 2010, 2014a e 2014b; Mota *et al.,* 2014).

Para o términus da ocupação nesta área devemos incluir uma produção de tipo Peñaflor, neste caso o tipo I, forma 1b, segundo Martinez (1987; 1989), datável do câmbio de era até ao reinado de Tibério (meados do séc. I d.C.). Ao que podemos apurar é até agora inédita a norte do rio Douro.

Devemos incluir, ainda, neste rol de materiais, um pequeno potinho com aguada negra e com pasta depurada da qual não se conhecem paralelos no norte de Portugal.

Há, ainda, um bordo de cerâmica comum, talvez de um pote ou jarro e uma base, da área da Bética.

O aparecimento deste pequeno número de tipologias de exceção, que seriam utilizadas para o serviço de mesa, demonstram uma alteração nos hábitos de consumo desta comunidade, mas não de uma forma generalizada. Suportamos esta interpretação porque estes materiais finos, de mesa, são muito raros (duas peças). Além de outros materiais de uso de mesa mais comuns (oriundos da Bética). Também as ânforas e os materiais que traziam introdução de novos alimentos e consumos.

As populações deste povoado usaram artefactos em bronze. Estes encontram-se em vários contextos, tanto nas cabanas como também nas fossas.

Destacamos quatro fragmentos independentes de fíbulas. Uma delas parece uma fíbula de tipo Santa Luzia /Ponte 23 (do Ferro Recente). Um outro elemento de uso no vestuário é talvez um alfinete muito deteriorado encontrado dentro de conjunto de fossas 13 a 15, cuja cronologia deverá ser do Ferro Recente. Tendo em conta o reduzido número de materiais desta natureza poderá indiciar que nem todos os habitantes deste povoado utilizariam estes objetos de adorno, e por isso, seriam peças que transportariam e mostrariam algum prestígio por quem as envergava.

Foram encontrados, também, elementos de uma sítula[301], usada certamente para cerimónias ou momentos especiais, dada a sua raridade.

Povoado à escala regional

Após a síntese dos dados no que respeita à organização interna do povoado e aos seus aspetos económicos, constatamos que este possui algumas similitudes com outros seus contemporâneos, quer para o Ferro Antigo quer Recente.

A utilização de fossas sejam elas para armazenagem, detríticas ou para depósitos de carácter simbólico, não incomum no contexto destes povoados ao nível do Noroeste português.

Quanto à fossa nº 7 que hipoteticamente considerámos deposicional, em São João, por conter, pelo menos, uma panela de asa interior praticamente completa, vários potinhos e potes, há paralelos na Idade do Ferro Antigo, na estrutura 1 de Frijão, em Braga, atribuída ao que teria restado de cerimónias de comensalidade (Silva, 2014: 127-128). No povoado do Lago, Martins (1988: 78) considerou uma fossa que continha um pote, praticamente inteiro, no seu interior como sendo deposicional (contudo de cronologia posterior datável da primeira metade do séc. I a.C., ou seja, Ferro recente). No litoral há o caso curioso de Terroso, Póvoa de Varzim (Gomes, 1996: 69-70; Gomes e Carneiro, 1999: 54, 2005: 116-117), no qual se detetou um pequeno pote decorado, na zona norte, próxima da parede da construção na qual de detetou um bolsa que penetrava até à camada 05 onde estava depositado um vaso com pequenos seixos no interior. Seria esta bolsa uma pequena fossa fundacional de um novo momento na vida daquela área no povoado de Terroso?

Um outro caso que devemos referir é o do povoado de S. João de Rei, na Póvoa de Lanhoso, nomeadamente a fossa encontrada no corte 3, também considerada deposicional, embora em contexto de uma ocupação do Ferro Recente (Oliveira, 2017: 235-236).

[301] Que parecem exibir rebites.

Quanto à boa parte das fossas enquadradas em São João (independentemente da fase cronológica) devemos considerar que uma ou outra pode ter tido uma função primária, num primeiro momento, posteriormente, ter-se convertido em fossa detrítica.

Quanto a povoados da Idade do Ferro que possuem fossas, sejam elas de armazenagem ou detríticas, contamos com alguns. São exemplo disso os Lago, em Amares (Martins, 1988a: 78-79), o de Santo Ovídio (Martins, 1991: 17 e 87), em ocupações do Ferro Recente.

Em São João de Rei, no corte 1 (Póvoa de Lanhoso) e no caso do Castroeiro, em Mondim de Basto (Bettencourt, 1999: 1277-1278; Bettencourt, 2000c: 241-242; Dinis, 2001: 62), foram registadas várias fossas-silos com quantidades apreciáveis de sementes carbonizadas (Seabra, 2015: 73-76; Seabra *et al.*, 2018a, 2018b), tal como registado também no Crasto de Palheiros (Figueiral, 2008). Em iguais contextos de fossas-silos e dentro de um pote foi registada uma espécie de trigo (*Triticum dicoccum*), neste caso no povoado de Penalba (Galiza) (Aira Rodríguez *et al.*, 1990). No povoado de As Laias foi identificado trigo espelta que foi armazenado em estruturas de "tabique", durante a Idade do Ferro e na transição para o período romano (Tereso *et al.,* 2013b). Estes tipos de estruturas foram detetadas também na Quinta de Crestelos (Mogadouro) (Pereira *et al.,* 2015). Foram também registadas fossas de armazenagem, num povoado da Galiza, neste caso em Castrovite (Rey Castiñeira *et al.,* 2011).

Quanto à fossa com deposições humanas, interpretada como hipogeu (Pinheiro, 2020) do Ferro Recente ou da romanização do povoado de São João, de facto, em termos formais esta estrutura muitas similitudes com outros sítios do interior alentejano, como é o caso de hipogeus da Idade do Bronze (Alves *et al.,* 2011; Baptista, 2012, 2013; Rodriguez *et al.,* 2013; Costa e Baptista, 2014; Porfírio, 2014, por exemplo). No entanto estes são também desconhecidos em contextos mais recentes. De qualquer modo há evidências de enterramentos no interior de povoados em vários contextos da Idade do Ferro do Noroeste de Portugal (Bettencourt, 2000c).

Mais recentemente houve uma atualização destes dados por Samuel Nión-Álvarez (2023) tendo reportado mais alguns possíveis casos em povoados da Galiza e Astúrias (como nos casos de Coto da Pena (Oroso, A Coruña) e do sítio arqueológico do O Cepo (San Cibrao das Viñas, Ourense)) (Nión-Álvarez, 2023: 110-112, 119-120).

Relativamente ao fosso de S. João, datável do Ferro Antigo, este possui um perfil algo inusitado, uma vez que, foi escavado na rocha, fazendo com esta ficasse com uma espécie de socalcos no interior. Desconhecemos até ao momento fossos com esta característica para o litoral do noroeste. Talvez resta aparência se possa relacionar com a exploração da pedra

extraída aquando da construção fosso, podendo esta ter sido reaproveitada para construir as primeiras estruturas neste material. Algo semelhante foi encontrado na construção do fosso 1, no povoado da Quinta de Crestelos, no Mogadouro, durante a Idade do Ferro Recente (Pereira *et al.,* 2015: 281-282).

No que concerne ao papel deste povoado no intercâmbio regional, e partindo do princípio de que a falta de dados é em si mesmo um dado, a aparente ausência de materiais de importação exóticos datáveis do Ferro Antigo é algo estranho. Com efeito, por toda a bacia do rio Ave registam-se, em vários povoados interiores, a presença de materiais de importação (datáveis do séc. IV a.C.) e estes deveriam entrar pelos estuários dos principais rios regionais. Talvez novas escavações noutra área obtenham dados que comprovem esses contactos suprarregionais, nessa fase.

Com o advento do mundo tardo-republicano romano, é que este povoado se terá aberto a outros modos de consumo e a novos alimentos. Portanto, a existência de materiais importados denota uma mudança não só nos hábitos de consumo dos povos da Idade do Ferro Recente do Noroeste, como também da forma de os consumir, mudanças essas que podem ter mudado também os modos de construir, pelo menos nesta área do povoado.

Por fim, devemos mencionar que o trabalho aqui descrito não esteve isento de algumas dificuldades.

É necessário chamar a atenção para o facto de que durante todo o estudo ainda decorriam os trabalhos de restauro do Convento de Santa Clara e, não existindo relatório final das escavações de São João para poder estudar de forma total todo o locus, não tivemos outra opção senão fazer escolhas relativamente aos espaços que iam ser estudados.

Acrescenta-se, ainda, que foi estudado apenas 30% do total do espólio exumado. Gostaríamos de, no futuro, continuar a investigação sobre este povoado, uma vez que há, ainda, muitas estruturas em negativo e respetivo espólio que deviam ser analisados com algum cuidado.

Finalizamos este trabalho referindo que hipótese de estudar um povoado proto-histórico na foz de um dos principais rios do Noroeste português foi uma oportunidade única no contexto em que este estudo se inseriu. Dessa forma agradecemos, uma vez mais, a oportunidade de estudar este material.

4.5. POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE S. PAIO, VILA DO CONDE

4.5.1. Historial

Este povoado, implantado a escassos metros do oceano Atlântico, foi descoberto em 1959 pelo arquiteto Fernando Lanhas (Fig 11.1). Não obstante, só foi dado a conhecer na década seguinte por D. Domingos de Pinho Brandão (Lanhas e Brandão, 1969). Também nesse ano, Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1969), num estudo sobre a romanização da região da Maia, faz-lhe uma breve referência.

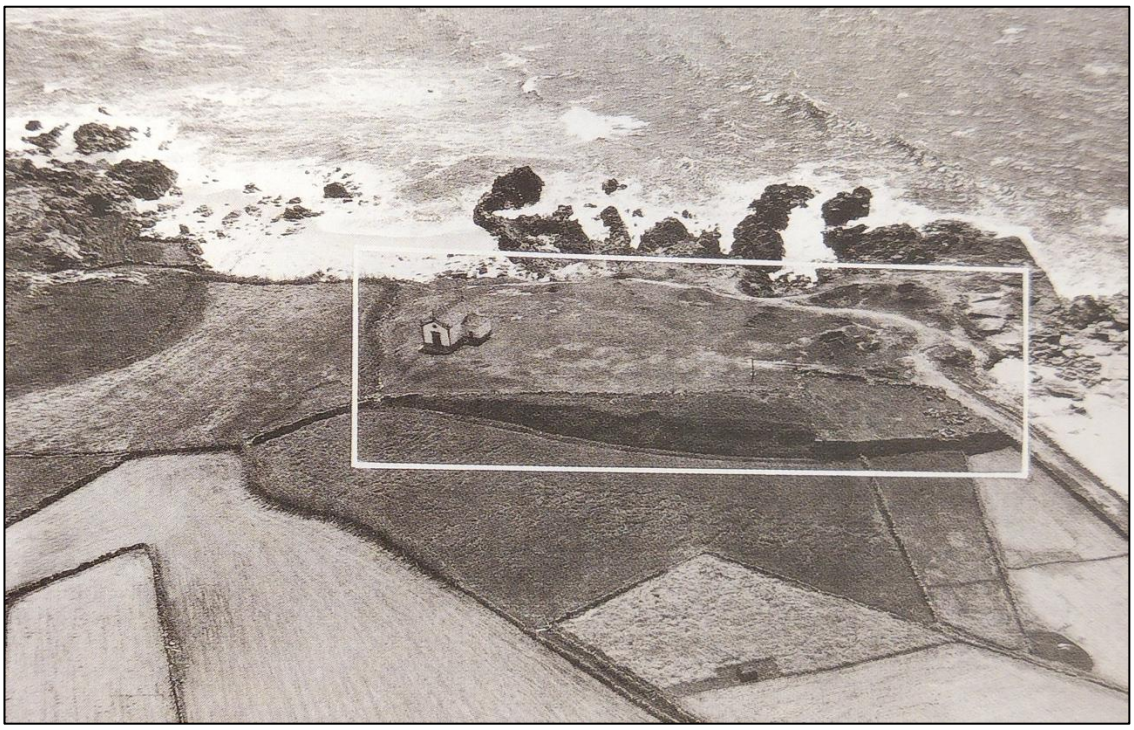


Fig. 11.1 Fotografia aérea do Povoado de S. Paio, no ano 1967, feita por Fernando Lanhas (Almeida *et al.*, 2001, adaptado).

O sítio tem uma capela construída no seu extremo sul com elementos que parecem indiciar que se trate de uma edificação datável do século XVII. Já a data de 1885, gravada no frontispício poderá ser indiciadora de obras de restauro ou de reformulação do edificado. Durante o século XX, mais concretamente, na década de 70, este conjunto foi remodelado. Desses trabalhos, julga-se que o que restou do edifício original terá sido apenas a fachada principal, revestida a azulejos, sendo todo o resto reconstruído ao gosto da época. Esta construção, localizada no topo deste pequeno outeiro terá comprometido, parte da área deste povoado.

Entre a década de 70 do século XX até 1991, este sítio arqueológico foi sendo alvo de inúmeras ações de exploração e de "caça ao tesouro", ficando, dessa forma, parcialmente destruído. Entre estas ações destacam-se as explorações levadas a cabo por parte de estudantes

e arqueófilos que, de forma organizada e orientados por Adriano Vasco Rodrigues, foram procedendo à abertura de valas com vista a encontrar material arqueológico e estruturas.

A partir de 1991 a Câmara Municipal de Vila do Conde classifica este espaço, por ser um dos raros povoados marítimos da costa portuguesa, e insere-o no Plano Diretor Municipal. Os trabalhos de salvamento e escavação, entre 1993 e 1996, sob a responsabilidade de Carlos Alberto Brochado de Almeida e Paulo Costa Pinto[302], têm como objetivo a defesa e salvaguarda do povoado da sua eminente destruição. Esta destruição ia ficar a dever-se ao facto de ser previsível a abertura duma estrada marginal que facilitaria o acesso à praia e à construção de uma futura urbanização do local.

Hoje, graças à intervenção e projeto de valorização, por parte da Câmara Municipal de Vila do Conde, o local está preservado e tem um centro interpretativo de apoio ao visitante.

A partir desse período o povoado (Fig. 11.2) passa a ser referido em obras de carácter arqueológico (Silva, 1986; Almeida, 1992; Queiroga, 1992; Dinis, 1993). Este último autor publica uma breve planta do sítio e tece algumas considerações acerca do material encontrado (Dinis, 1993: 101-102) que diz ser do séc. I a.C., tendo por base alguns vasos de armazenamento, uma conta de colar vítrea e uma fíbula de bronze.

Já no começo do novo milénio, Paulo Costa Pinto refere, a propósito deste sítio, que, por toda a área ocupada na Idade do Ferro, existem líticos talhados e muitas lascas retocadas. Faz ainda referência a um pico asturiense que estava sob um piso de habitação proto-histórico (Pinto, 2000: 149). Publica, ainda nesse artigo, uma fotografia de um piso em argila decorado, encontrado numa das habitações.

Este povoado é mencionado, de forma breve, na tese de doutoramento de Helena P. Carvalho que refere que o local se encontra bastante destruído fazendo menção à bibliografia produzida até aquela data (Carvalho, 2008, vol. 2: 85).

[302] As escavações realizadas foram possíveis graças à colaboração do Instituto Português da Juventude que recrutou alguns voluntários para os trabalhos.



Fig. 11.2 Vista aérea de drone do Povoado de S. Paio (autor Luís Costa, adaptado).

Em 2011, Gabriel Pereira, na sua tese de Mestrado sobre materiais de importação meridionais da Idade do Ferro Antigo, elenca os múltiplos povoados costeiros entre o rio Minho e o rio Vouga, no qual inclui o povoado de S. Paio.

Recentemente volta a ser mencionado em dois trabalhos académicos (Maciel, 2018 e Pinho, 2009). Ambos referem que este povoado teve apenas uma fase de ocupação, datável da Idade do Ferro, e que terá sido abandono em época romana (Maciel, 2018: 113). O segundo investigador integra este povoado na sua tipologia C, considerando-o como um povoado de exploração agrícola (Pinho, 2009: 40). Já Sílvia Maciel (2018: 137) defende que este povoado estaria vocacionado, sobretudo, para a exploração dos recursos marinhos. A mesma investigadora assume que, com base nas distâncias pedestres percorridas, S. Paio estaria a 2 horas do Castro de Alvarelhos.

Apesar de todos estas referências a S. Paio, os materiais arqueológicos exumados nas escavações da Câmara Municipal nunca foram estudados, pelo que este trabalho se justifica plenamente com o objetivo de determinar a sua sequência de ocupação[303].

4.5.2. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

O povoado de S. Paio localiza-se no lugar de Moreiró, na freguesia de Labruge, no extremo sul do concelho de Vila do Conde, distrito do Porto. As suas coordenadas geográficas (em graus,

[303] Agradece-se todo o apoio e acesso incondicional aos materiais arqueológicos e respetivos relatórios de escavação, por parte do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde. Estes agradecimentos vão em primeiro lugar para a Dra. Elisa Ferraz, Ex-Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde e, em segundo lugar, para o Dr. Pedro Brochado de Almeida e a técnica de conservação e restauro, D. Ana Valentim, responsáveis pelo Gabinete de Arqueologia daquele município.

minutos e segundos), no sistema WGS 84 são: 41°16' 54.36"N e 8° 43' 50.02" W. Fica a uma altitude máxima de 16 metros e a escassos metros da costa (Fig. 11.3).

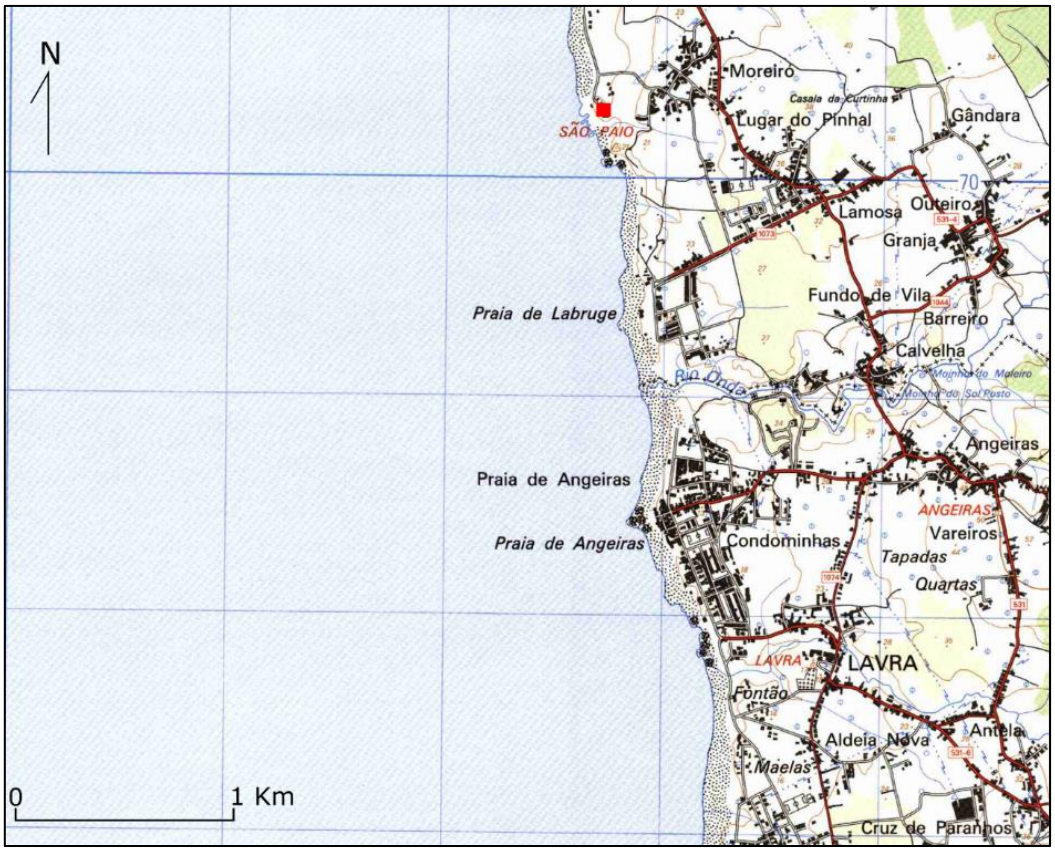


Fig. 11.3 Localização do povoado de S. Paio, em excerto da Carta Militar de Portugal, à escala 1:250000, nº. 109 (IGEOE, 1990).

Na memória popular este local é conhecido pelo topónimo "Os Crastos" (Fig. 11.4). O plural talvez se deva, não só ao povoado proto-histórico, mas também, ao caos de blocos graníticos existentes, imediatamente a sul do local.



Fig. 11.4 Praia de "Os Crastos" hoje conhecida por Praia Pequena Castro de S. Paio.

Este povoado encontra-se implantado sobre um outeiro existente na plataforma litoral, entre duas praias, a norte a praia de Moreiró e a sul a dos Crastos (Fig. 11.5).

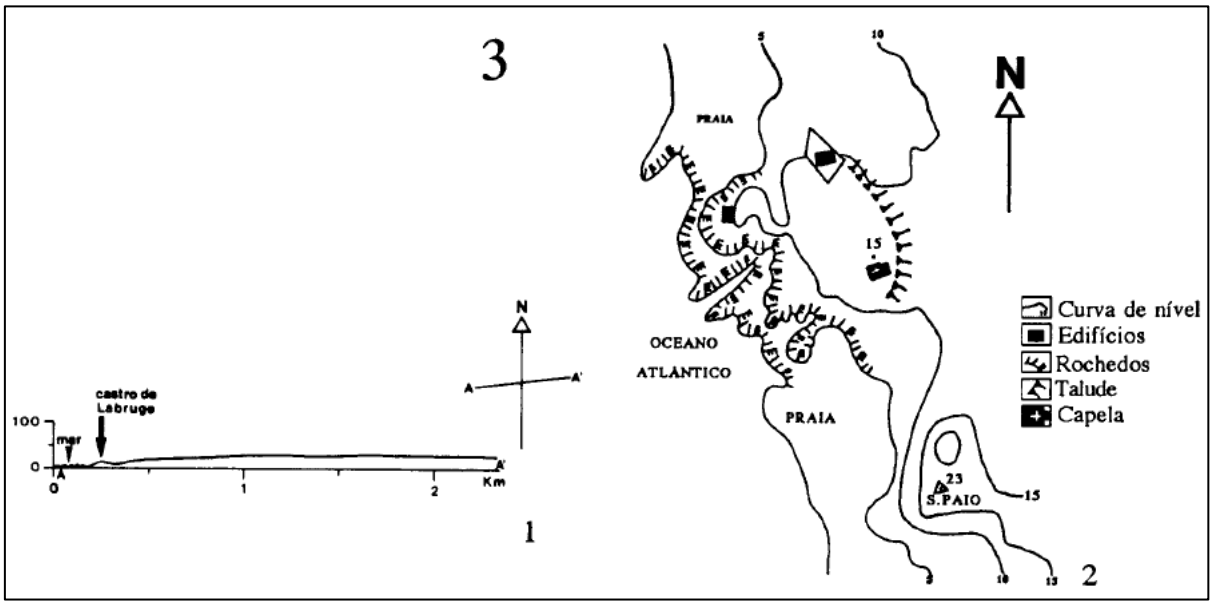


Fig. 11.5 Perfil da implantação do sítio (seg. Dinis, 1993, estância L, fig. 3), adaptado.

Em termos hidrográficos localiza-se entre a bacia hidrográfica do rio Ave (a cerca de 6,75 km) e a do rio Leça. Sendo que a 1,20 km a sul, passa o rio Onda ou Donda. Acrescenta-se, ainda,

o facto de que junto ao povoado de S. Paio desagua uma pequena ribeira recente, provocada por desvios de água resultantes da agricultura que se pratica a montante (Almeida *et al.,* 2015).

O substrato rochoso do local é composto por rochas eruptivas, nomeadamente por granitos alcalinos de grão médio a grosseiro, de duas micas (Teixeira *et al.*, 1965) (Fig. 11.6). Além disso, estudos geológicos mais recentes apontam para a existência uma falha geológica, a sul do povoado, na praia dos Crastos. Supõem-se que as arribas que se podem ver nas duas extremidades da pequena enseada, em frente ao povoado, podem corresponder a escarpas criadas pela rutura da superfície, naquele lugar. Segundo estudo efetuado por Assunção Araújo (s/d): "Na praia do S. Paio encontrámos diversos tipos de depósitos, constituindo uma sequência que ilustra uma boa parte da evolução geomorfológica posterior ao último período interglaciar (cerca de 125.000 anos)", tornando o sítio importante a nível geológico (Araújo, s/d; Araújo e Gomes, 2013).

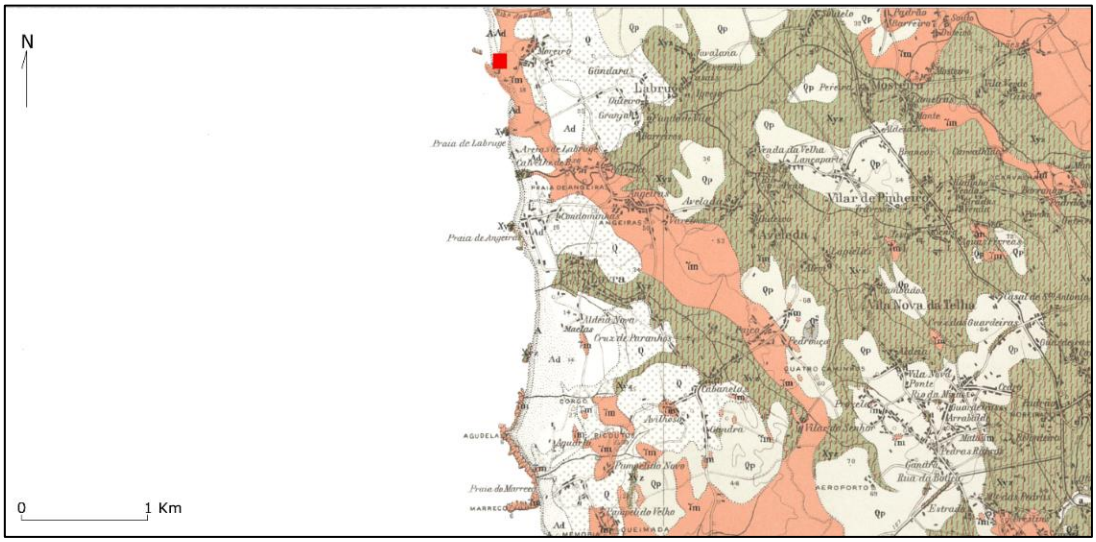


Fig. 11.6 Localização do Povoado de S. Paio, em excerto da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50.000, folha 9C (DGMSG).

Nas proximidades deste povoado não se encontram recursos mineiros metálicos.

Hoje a vegetação existente resume-se a vegetação herbácea. Contudo, sendo uma área dunar e ao mesmo tempo uma zona húmida, ocorrem elementos de flora exclusivamente endógenos: a *Coincya Johnstonii* e *Jasione Lusitânica* (Almeida *et al.,* 2015). Em todo o seu entorno, sobretudo a este, prolifera o minifúndio agrícola (Fig. 11.7).



Fig. 11.7 Vista de Satélite do Povoado de S. Paio (Fonte: *Google Earth*).

4.5.3. Contexto arqueológico

Toda a área envolvente apresenta materiais líticos sob pedra lascada, como é o caso de picos, núcleos e variados seixos rolados talhados, de períodos anteriores à ocupação do local.

Muito próximo deste povoado, localizadas, sensivelmente, a sul da praia dos Castros, há um conjunto de três afloramentos com gravuras rupestres (Fig. 11.8). Um dos afloramentos apresenta um motivo em forma de tridente e tem alguma semelhança com o *Algiz,* um fonema do alfabeto rúnico[304], que corresponde à nossa letra Z (Almeida *et al.,* 2015). Outro afloramento, gravado na base da elevação existente a sul da praia dos Castros, ostenta um sulco rematado por uma covinha. Finalmente, um terceiro afloramento tem a gravação de um símbolo que Fernando Lanhas (1969) identificou como sendo formalmente próximo do fonema *"UR"*[305]*,* do alfabeto rúnico.

[304] Este alfabeto era a base da escrita pré germânica usada pelos povos da Escandinávia da Germânia e das Ilhas Britânicas. No Norte da Europa este tipo de escrita perdurou até ao século XI, embora tenha sido usada até ao início do século XX para efeitos muito específicos, como elemento decorativo ou na criação de calendários rúnicos. Sabe-se, pela documentação medieval, da presença de Normandos nesta região. Com efeito, num documento de 1016 relata-se um ataque que chegou até ao Castelo de Vermoim e que, provavelmente, terá causado a morte do conde Alvito Nunes (Almeida *et al.,* 2015).

[305] Se este vier a confirmar como sendo um fonema desse alfabeto, normalmente este símbolo está associado à virilidade, no caso dos homens, ou à fertilidade, no caso das mulheres. Podia ainda ter um terceiro significado se o termo fosse aplicado no sentido abstrato – o da força (Almeida *et al.,* 2015).

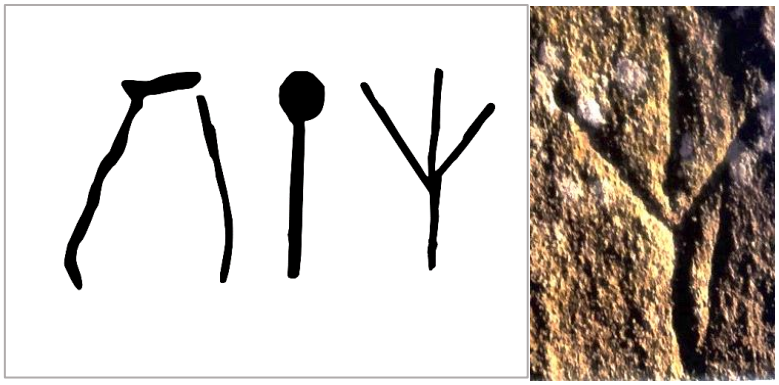


Fig. 11.8 Conjunto de gravuras rupestres situadas em diferentes afloramentos, localizados a sul do povoado (fonte: Panfleto informativo do Povoado de S. Paio, elaborado pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara de Vila do Conde).

Nas visitas a este sítio foi levada a cabo uma pequena prospeção para localizar estas gravuras. Foi localizada uma delas. Encontra-se na praia imediatamente a sul do povoado (Fig. 11.9). A rocha onde esta gravura (?) se localiza possui 80 cm de comprimento, 32 cm de largura e 50 cm de altura. É de granito de grão fino e está fraturada na área voltada a oeste.

A gravura em causa é constituída por um sulco produzido por picotagem, seguida de alguma abrasão terminando quase no topo do afloramento com uma covinha. Esta gravura possui 33,1 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 0,2 cm de profundidade. O sulco é algo arredondado com 6 cm de diâmetro, produzido por picotagem.

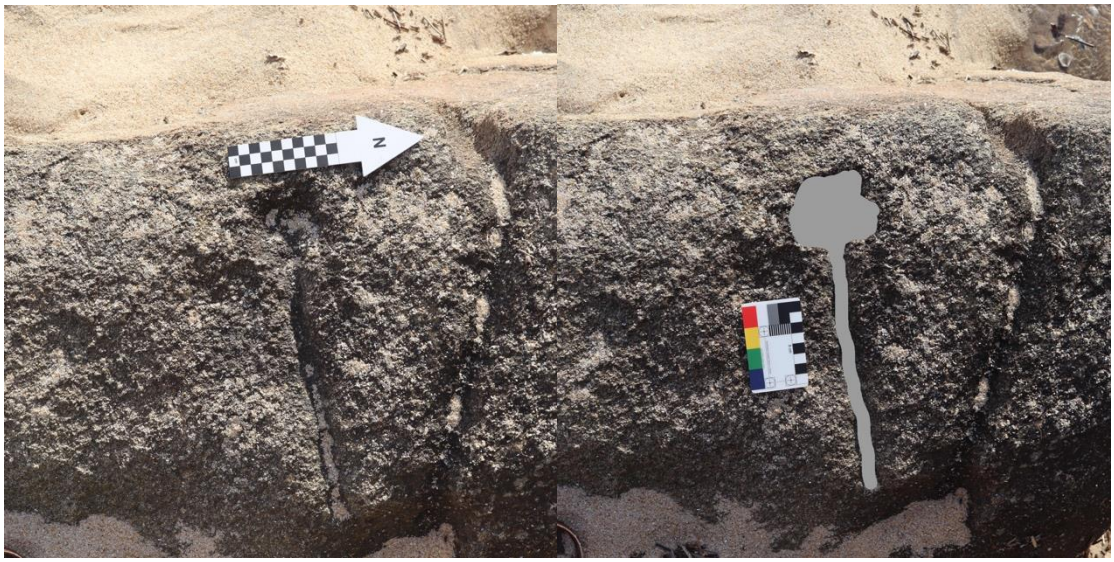


Fig. 11.9 Rocha gravada por um sulco terminando numa covinha(?).

Um outro caso de trabalho elaborado sobre rocha, é o do(s) penedos(s) amoladoiro(s), identificados por Fernando Lanhas (1969) (Fig. 11.10).



Fig. 11.10 Penedo de com depressões provocadas por polimento (fotografia de Lanhas, 1967, *in* Almeida *et al.,* 2001, adaptado).

No contexto deste trabalho foi realizada uma visita a duas rochas (Fig. 11.11) que têm na sua superfície gravuras naviformes. Situam-se na praia a sul do povoado. Estas rochas gravadas foram medidas e descritas formalmente. Uma delas foi alvo de processo de fotogrametria.



Fig. 11.11 Em cima: Localização das rochas ou penedos amoladouros (fonte: *Google Earth*). Em baixo: vista para as duas rochas gravadas, na praia, imediatamente a sul do povoado de S. Paio.

A rocha de maiores dimensões (rocha 1) e com maior número de gravuras naviformes possui um comprimento máximo, visível[306], de 2,32 metros, uma largura máxima visível de 1,43

[306] Esta rocha encontra-se soterrada pelo areal existente e por isso é de difícil aferição da sua real dimensão.

metros e uma altura com cerca de 79 cm. Encontra-se fraturada na sua parte oeste, sudoeste e noroeste. É de granito de grão fino, de uma mica (moscovite). A orientação é de nor-noroeste – su-sudeste. A zona com as gravuras naviformes situa-se no topo do afloramento. O comprimento máximo da zona de gravação é de 1,12 metros de comprimento por 54 cm de largura. Esta rocha possui 14 sulcos naviformes, de pequena dimensão (Fig. 11.12).



Fig. 11.12 Vista geral do topo da rocha 1 (escala de 8 cm).

Dividimos em três grupos diferentes devido ao facto de cada um ter uma orientação diferente: o primeiro grupo, com sete sulcos, está orientado no sentido nor-noroeste – su-sudeste; o segundo grupo, com três sulcos, está orientado no sentido norte-sul e o terceiro, com seis sulcos, agrupados aos pares, está orientado no sentido este-oeste. Os sulcos têm quase todos o mesmo tamanho e profundidade e foram produzidos por abrasão (Fig. 11.13).



Fig. 11.13 Rocha 1 - grupos de sulcos naviformes (escala de 8 cm).

No primeiro grupo o sulco maior tem 14 cm de comprimento, 5 cm de largura e 1,6 cm de profundidade e o sulco mais pequeno tem 8 cm de comprimento, 3 de largura e 0,2 cm de profundidade. No segundo grupo o sulco maior possui um comprimento de 16 cm, uma largura 3,8 cm e uma profundidade de 1 cm e o sulco menor tem 9 cm de comprimento, 2,5 cm largura e 0,2 cm profundidade. No terceiro grupo o sulco maior possui 16 cm de comprimento, 4,5 cm de largura e 2,5 cm de profundidade e o sulco mais pequeno possui 8,5 cm de comprimento, 4 cm de largura e 0,4 cm profundidade (Fig. 11.13).

Para terminar este registo formal foi efetuado um levantamento fotogramétrico que não revelou mais informação pertinente sobre esta rocha (Fig. 11.14).



Fig. 11.14 Levantamento fotogramétrico da rocha 1.

A poucos metros a oeste da rocha 1 notámos a existência de uma outra rocha com este tipo de gravuras. Esta rocha 2 tem a mesma orientação que a anterior. Possui 3,6 metros de comprimento, 1,5 metros de largura e cerca de 1 metro de altura. Está enterrada, sendo por isso de difícil aferir a sua real dimensão (Fig. 11.15). É em granito de grão fino. Os sulcos aqui registados têm, de uma forma geral a mesma dimensão: oscilando entre 15 e 18 cm de comprimento, 5,5 cm de largura e 1,5 cm de profundidade. Estão todos orientados no sentido este-oeste.



Fig. 11.15 Rocha 2 – com três sulcos naviformes (escala de 8 cm).

Estas gravuras possuem uma forma naviforme, apresentam-se polidas, em contraste com a rugosidade dos afloramentos. Serão polidores de objetos líticos ou de objetos metálicos?

No que respeita aos povoados, genericamente coevos de S. Paio, é de registar, desde logo, o mais próximo geograficamente, a cerca de 1,85 km para su-sudoeste do povoado de S. Paio, e a poucos metros do rio Onda (66 metros) e da sua respetiva foz. Trata-se do povoado fortificado do Monte Castro (Fig. 11.16), localizado na freguesia de Lavra, no concelho de Matosinhos. Situa-se num pequeno outeiro, a uma cota máxima de 23 metros. Álvaro Moreira (2009: 223) admite a existência de um talude que poderia corresponder a, pelo menos uma muralha, que circundaria o povoado. Acrescenta que aí foi recolhido material de cronologia romana (vários fragmentos de *sigillata* hispânica), o que permite apontar para uma romanização relevante (Lanhas e Brandão, 1968: 326; Almeida, 1969: 34, nota 15). Para o mesmo investigador (Moreira, 2009: 223) este povoado terá tido uma ocupação, pelo menos, ao longo do séc. I d.C. indo talvez até ao séc. II d.C., ou seja, seria coevo de S. Paio, só no último momento de ocupação.



Fig. 11.16 Relação espacial entre o povoado de S. Paio (a norte) e o Monte Castro (a sul) (Imagem de satélite, fonte: *Google Earth*).

Além deste povoado existem outros quatro da Idade do Ferro, num raio de cerca de 10 km. Estes são: o Castro do Boi[307], o Castro da Retorta, o Castro de Alvarelhos (Moreira, 2009) e o povoado de S. João (Dinis, 1993: 100) (Fig. 11.17).

O Castro do Boi, encontra-se implantado num promontório isolado que se destaca na planície costeira, a sudoeste do mosteiro de São Bento de Vairão. As características topográficas do monte conferem-lhe um sistema de defesa razoável, assim como um amplo campo de visão sobre a área marítima. Apresenta reduzidas dimensões e teria apenas uma muralha (Moreira, 2009: 325). Todavia, apesar de amplamente referido na bibliografia arqueológica nunca foi alvo de escavações arqueológicas. Apenas existe a referência ao aparecimento de material de construção romano e de alicerces de casas redondas de cronologia da Idade do Ferro (Almeida, 1969: 34). Seria ainda um sítio de extrema importância em tempos medievos, já que aí terá existido um castelo que controlaria a foz do rio Ave e o Convento de Vairão. Tal está patente no importante acervo documental, composto por mais de quarenta diplomas que integram o *Portugaliae Monumenta Historica* que a ele se referem, variando a sua denominação entre *castellum* de *bove*; Castro de *Bove* e *Kastro* de *bove* (Moreira, 2009: 325). A propósito deste local, Jorge Alarcão num ensaio sobre os "cantões proto-históricos do Noroeste de Portugal" aponta para a possibilidade deste castro se inserir no cantão *Labrencio* e de ter assumido o nome de *castellum Labrensi* (Alarcão, 2000: 48). Hoje, o povoado encontra-se parcialmente destruído por construções modernas, sendo residuais os espaços em que se poderiam recolher materiais de superfície. Destacam-se alguns fragmentos cerâmicos de características morfológicas atribuíveis à última fase da sua ocupação da Idade do Ferro e abundante material cerâmico romano (Moreira, 2009: 325).

Quanto ao castro da Retorta, encontra-se implantado sobre num pequeno promontório sobranceiro ao rio Ave, a curta distância da atual ponte que serve a IC 1, numa localização topográfica que lhe confere condições naturais de defesa inegáveis, particularmente do lado voltado ao rio, onde se desenvolve uma escarpa bastante acentuada. Teria uma planta de configuração ovalada, com o seu maior eixo no sentido noroeste-sudeste. O sistema defensivo parece ser composto por duas muralhas em pedra, de momento muito danificadas e, talvez, por um fosso na face sudeste, que corresponde ao local de mais fácil acesso.

De realçar vestígios de romanização, alguns deles já estudados: quatro fragmentos de vidro e duas taças caneladas do séc. I d.C. e um copo do séc. IV d.C. (Alarcão, 1963: 197; Moreira, 1997: 29-30).

[307] Classificando-o como castro agrícola (Moreira, 2009: 108).

Encontra-se atualmente bastante destruído, pois o local de implantação deste povoado tem tido utilização agrícola permanente e essas explorações têm levado ao revolvimento das camadas arqueológicas. À superfície recolhe-se abundante material cerâmico da Idade do Ferro e romana, assim como material de construção (Moreira, 2009: 324).

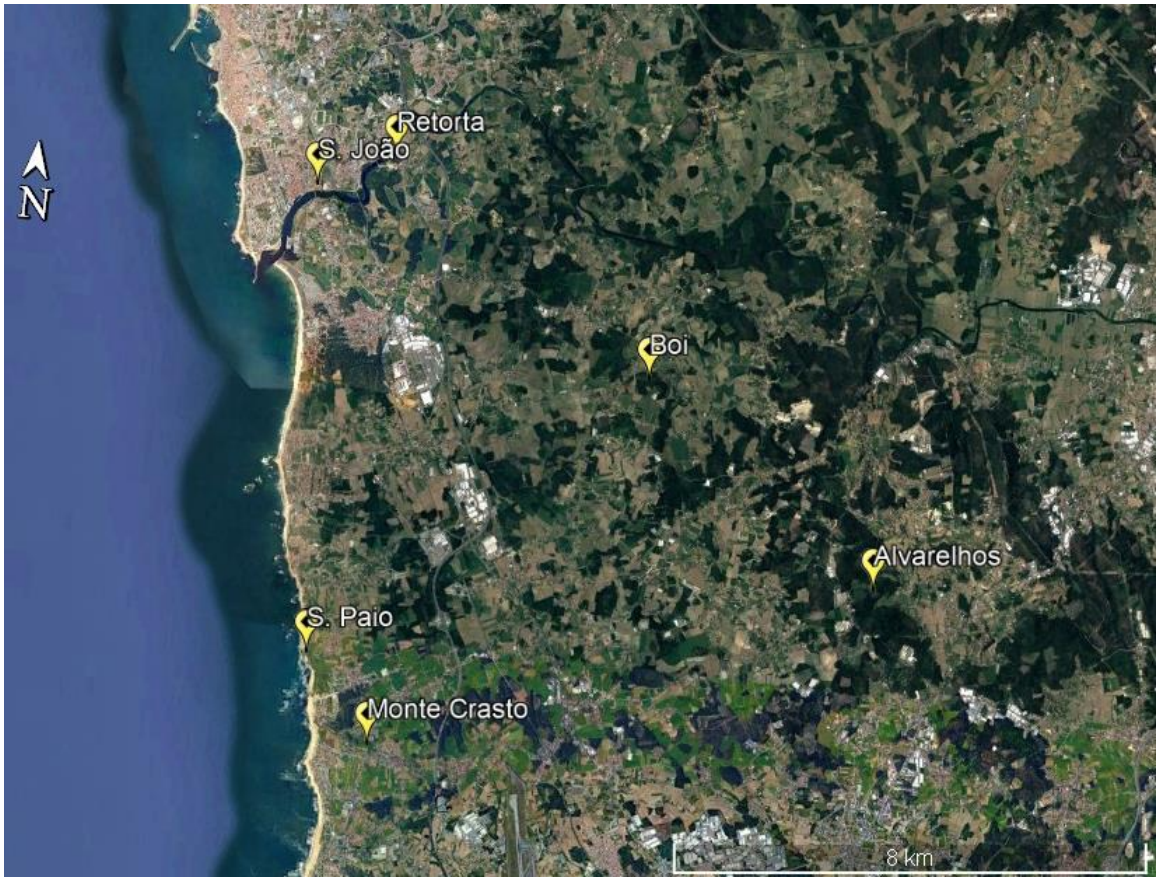


Fig. 11.17 Principais povoados da Idade do Ferro, num raio de 10 km em relação a S. Paio (fonte: *Google Earth)*.

O povoado da Idade do Ferro de Alvarelhos, implantado num dos contrafortes transversais da serra de Santa Eufémia que se prolonga, com uma orientação sul - norte, desde o lugar da Carriça até Guidões, a uma altitude máxima 222 metros, teria sido outro local coevo de S. Paio, pelo menos parcialmente.

É um povoado amplamente referenciado na bibliografia arqueológica, sobretudo devido a achados fortuitos, do qual é exemplo a pátera de prata que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia e o tesouro monetário, de cerca de cinco mil denários de prata, recolhido em 1971 (Torres, 1978/1979; Moreira, 2009: 182, 244). Foi alvo de uma intervenção arqueológica pontual, efetuada por José Fortes, em 1899, e também de uma outra, da mesma amplitude, realizada por Serpa Pinto, em setembro de 1926, no lugar dos Aidos, mas das quais não existe qualquer registo. Posteriormente, em 1986, foi escavado pelos Serviços Regionais de Arqueologia, sob a

responsabilidade científica de Lino Tavares Dias. Num esforço para entender o local, Álvaro de Brito Moreira (2009), reuniu o material mais significativo, recolhido ao longo dos anos, defendendo que, ali teriam existido sete ocupações.

Além de materiais da Idade do Bronze Final, sem contexto, este povoado possuiu uma longa diacronia, entre os fins da Idade do Ferro e até á época moderna. Terá tido uma ocupação no Ferro Recente (Fase II), que terá ocorrido entre 138/136 a.C. (campanha de *Decimus Iunis Brutus*) a 14/54 d.C. (reinados de Tibério/Cláudio), período para os quais se podem associar várias estruturas. O local permaneceu ativo durante a romanização (fases III e IV) até ao séc. IV. Posteriormente, foi ocupado durante o período suevo, no séc. V (fase V), seguido de um período de ocupação medieval (fase VI) entre o séc. IX/X (início da reconquista / *encastelamento*) e entre o séc. XII/XIII no qual se dá o abandono do castelo). Finalmente, este *locus* regista uma última fase (VII) entre o séc. XVI e XVII na qual é construída a Capela e o cemitério paroquial (Moreira, 2009: 335-370).

Por fim, o Castro de S. João (Dinis, 1993: 100; Queiroga, 1992: 170, nº. 255 e dados inéditos, resultantes deste trabalho) também foi coetâneo de S. Paio, quer durante o Bronze Final, quer durante as várias etapas da Idade do Ferro[308].

4.5.4. Escavações

4.5.4.1. Aspetos introdutórios

Este povoado ocupa uma área com cerca de 3000 m2 distribuídas pela parte superior e por uma plataforma existente a nordeste e este do ponto mais alto.

Quanto às construções existentes no povoado e em redor deste regista-se a capela a que já se fez alusão, e que terá potencialmente destruído, ou pelo menos comprometido, as estruturas que existiam no topo da colina. Também a habitação construída no limite nor-nordeste deste povoado terá afetado o conjunto arqueológico. Além disso, aquando da reconstrução de serviços de apoio à praia e da edificação de um pequeno núcleo museológico sobre o castro foi necessário analisar a existência de estruturas nessa área

Os trabalhos de escavação neste povoado, como referido atrás, decorreram entre 1993 e 1996, sob a responsabilidade de Carlos Alberto Brochado de Almeida e Paulo Costa Pinto[309]. Uma das notas mais importantes, observada pelos responsáveis, na época das escavações, foi a

[308] Consultar a monografia a propósito deste povoado, nesta tese.

[309] Um agradecimento especial ao Dr. Paulo Costa Pinto que muito gentilmente aceitou esclarecer algumas dúvidas obtidas aquando deste estudo e nos possibilitou compreender melhor as condições em que foram efetuadas as escavações neste povoado.

profunda erosão do sítio arqueológico que, em algumas áreas, não possuía mais de 20 cm de estratigrafia.

Tratando-se de escavações de emergência e de salvamento, o objetivo foi o de encontrar estruturas e espólio que impedissem, definitivamente, o acesso de automóveis a este local, e a construção de uma marginal que iria destruir o sítio (Pinto e Almeida, 1994, 1994a, 1996), o que foi conseguido.

O local estaria rodeado, pelo menos, por uma muralha que ainda se conserva pelo lado nascente e sul. Nos anos 90 ainda não se sabia como era composta esta muralha. Com as escavações subsequentes foi possível compreender um pouco sua constituição.

4.5.4.2. Metodologia

Nas escavações referidas, para uma melhor compreensão da ocupação deste povoado, optou-se por escavar quatro setores, em diferentes áreas.

O Setor I localizou-se no ponto mais a norte. É composto pelos quadrados F0, F1 e F2, e tem cerca de 48 m^2. O Setor II situou-se no ponto mais alto do povoado e é composto pelos quadrados D6, E6, F6 e D7, tendo atingido cerca de 96 m^2. O Setor III, aberto a sul, na área com a cota mais baixa deste povoado, compreende os quadrados C16, D16, E16 e F16, e atingiu cerca de 64 m^2. O setor IV, situado no ponto mais a sul do povoado compreende os quadrados designados por V.M.S. (Vala da Muralha Sul), com cerca de 16 m^2 (Fig. 11.18).

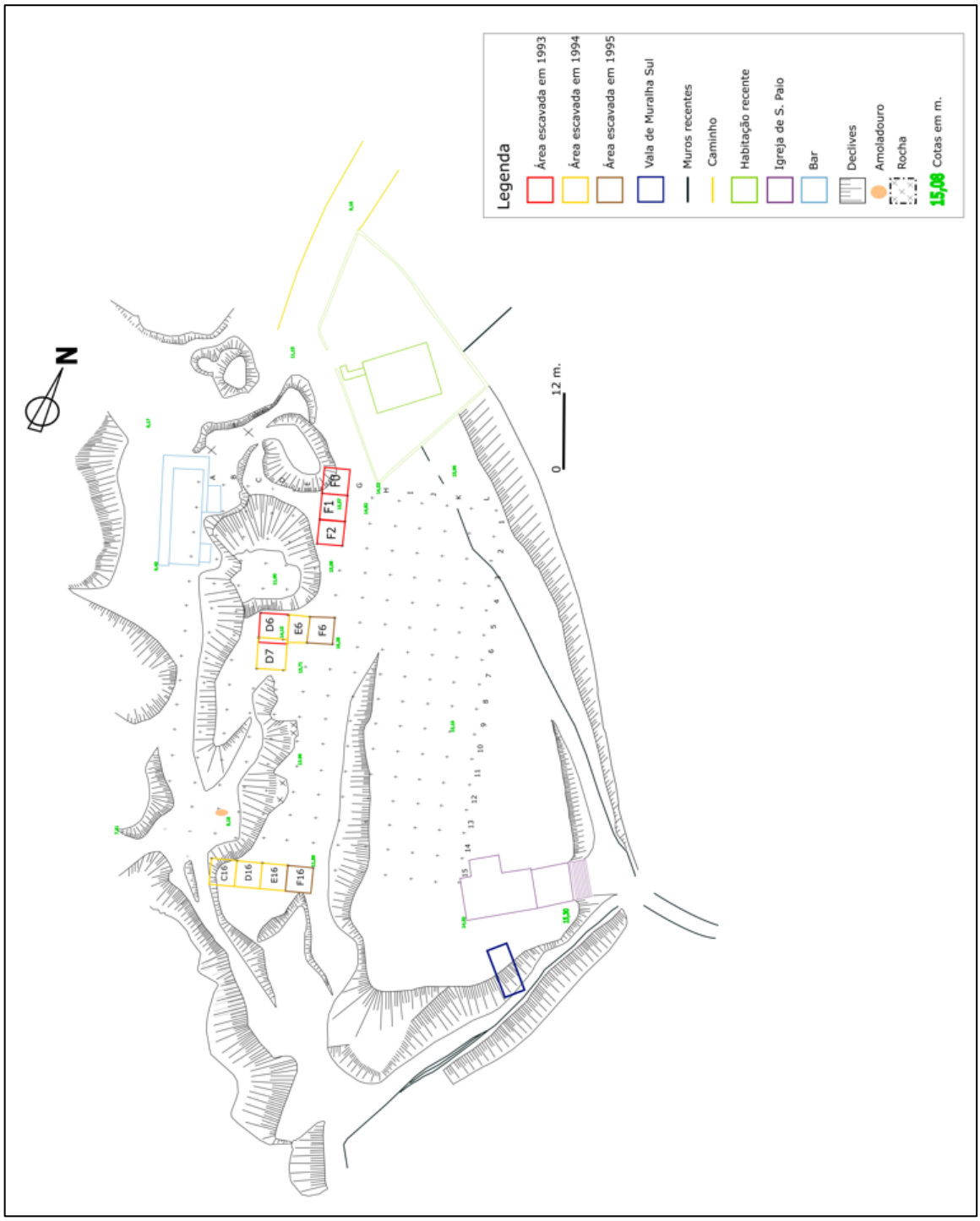


Fig. 11.18 Planta geral do povoado de S. Paio com implantação da quadrícula, das áreas escavadas e das estruturas recentes, ali existentes (adaptado: Almeida; Pinto, 1994; 1994a, 1996).

No decorrer da abertura de várias quadrículas foi detetada, pelo menos, uma vala de violação que terá sido realizada ao longo do séc. XX.

Os quadrados foram abertos, no início dos trabalhos, com a dimensão de 4 m x 4 m. Contudo, com a perceção da realidade e com receio de se perder o controlo estratigráfico da escavação estes foram subdivididos, em quadrados de 1 m x 1 m. O quadrado F1, tal como o quadrado D6, ficaram com 1,25 m x 1,25 m.

Em 1994 foram abertos os quadrados F0, F2, E6, D7, C16, D16 e E16. Nesse ano, alguns quadrados voltaram a ter a dimensão de 4 m x 4 m, os da linha 16 (C, D, E e F) tinham apenas 2 m x 2 m.

Os quadrados foram abertos em tabuleiro de xadrez, tal como o quadrado D7, seguindo o método Van Giffen[310].

Quanto aos quadrados E6, F0 e F2, estes foram escavados em área, mas separados por banquetas, utilizando-se o método Wheeler-Canyon (1930-35; Renfrew e Bahn 2016: 112). Os quadrados D6 e F6 foram separados por banquetas de 50 cm.

Muitos quadrados não foram escavados até à alterite.

Durante os trabalhos foram recolhidas 5 kg de sedimentos. Os sedimentos foram peneirados para extração de carvões e partículas orgânicas e inorgânicas. Os relatórios não referem exatamente de que quadrados ou camadas foram recolhidas essas amostras.

Neste trabalho, as estruturas, os dados estratigráficos e os materiais são tratados por setor, seguidos de uma síntese geral. Foram tidas em consideração as informações dos relatórios, toda a informação encontrada nas fichas do material inventariado e as informações contidas nos sacos e marcadas nos fragmentos cerâmicos. De referir que os desenhos dos perfis não estão cotados e que a maioria dos desenhos são algo lacónicos e de elaboração muito simplificada. A vectorização dos desenhos de campo ficou a nosso cargo.

Apenas foi estudado exaustivamente o material arqueológico recolhido nas escavações[311], apesar de, desde 1996, terem sido recolhidos materiais de superfície. Dessas recolhas não foi efetuado qualquer relatório. Este material foi apenas observado por nós, tendo-se dado destaque apenas a algumas peças mais significantes.

Após uma análise ao material marcado notámos que, em muitos casos, a nomenclatura registada não corresponde à camada escavada. Isto colocou muitos problemas no estudo a realizar. Desta forma, optámos por observar todo o espólio proveniente desde povoado, mas

[310] Metodologia criada por Albert van Giffen (1884 – 1973) arqueólogo holandês, que consiste na divisão e escavação por quadrantes permitindo um rendimento maior tanto na horizontal como verticalmente.

[311] Agradecemos todo o apoio do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde, nomeadamente aos Drs. Pedro Brochado e Ana Valentim, por todo apoio prestado, bem como pela cedência do material e respetiva documentação do Povoado de S. Paio.

concentrámos o estudo nos quadrados e nas camadas para as quais tínhamos informação estratigráfica relativamente segura.

As cerâmicas com características da Idade do Bronze foram classificadas pela tabela formal de Bettencourt (1999) e as da Idade do Ferro pela tabela formal de Martins (1990).

Foram realizadas três datas de radiocarbono deste povoado, através de fuligem de vasos de vários setores. Estas foram realizadas nos laboratórios *International Chemical Analysis, Inc.* (ICA) nos E.U.A e *Vilnius Radiocarbon* na Lituânia e foram e calibradas com a curva IntCal 20.

4.5.4.3. Setor I

1.1) Estratigrafia e contextos

Este setor e respetivos quadrados foram realizados numa zona de passagem para o topo deste pequeno outeiro, na área norte com vista a impedir a passagem de carros, e atestar a presença de estruturas antigas (Almeida e Pinto, 1994: 3; 1994a: 1).

Aí foram abertos três quadrados designados por F0, F1, F2 que foram escavados entre 1993 e 1994.

1.2) Quadrado F1

I. Estruturas

Neste quadrado foi encontrada cerca de metade de uma cabana circular delimitada por um muro duplo já bastante destruído, em pedra aparelhada e com ligante argiloso, na zona externa da estrutura. O que resta da cabana possibilita colocar a hipótese de que teria cerca de 5 metros de diâmetro. As paredes do muro mediam cerca de 30 cm de largura. Com intuito de tornar mais percetível a leitura estratigráfica desta área, esta foi divida em duas partes: uma primeira com os dados estratigráficos exteriores à estrutura e a outra, com os dados da estratigrafia do seu interior[312] (Fig. 11.19; Fig. 11.20).

[312] Deve salientar-se que a informação sobre a constituição das camadas em Almeida e Pinto (1994) é, por vezes, muito pouco explícita.



Fig. 11.19 Planta da estrutura circular, no quadrado F1 (vectorização nossa, a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994).

Estratigrafia do exterior da estrutura

Camada vegetal – fina camada que foi sendo destruída pelos rodados dos automóveis que estacionavam diariamente no topo deste local.

Camada 1 – nível de destruição e de grande revolvimento onde aparece uma fina cabana de barro e muitos fragmentos de cerâmica. Sendo uma camada muito irregular ele desaparece na zona do perfil registado. Nota-se algum barro espalhado, sobre o muro da cabana aí registada. Esta camada pode corresponder ao antigo nível de destruição da cabana.

Camada 2b – corresponde a um piso de cor avermelhada e de fabrico muito incipiente. Este piso possui fragmentos de uma lareira anterior que foi reaproveitada. Esses pequenos fragmentos possuem decoração "penteada".

Camada 3a – nível que assenta sobre a camada 4, possui sedimentos de cor castanha, com a presença de cerâmica manual e a torno. Este nível parece corresponder a um nível de enchimento das irregularidades da rocha natural.

Camada 4 – sedimento arenoso, de cor cinzenta, e sem presença de cerâmica.

Estratigrafia do interior da estrutura

Muro – apresentava-se apenas ao nível dos alicerces, possuindo um desnível natural acentuado pelo lado este. Parece estar um pouco reforçado pelo lado su-sudoeste. É composto por blocos e calhaus graníticos, alguns com a faces externas aparelhadas. O enchimento tem pequenos pedaços de barro que teriam servido como ligante.

Piso 2a – possuía 10 cm de espessura, tendo aí sido registada uma lareira decorada com pequenos círculos. Neste piso foi encontrada uma fíbula de bronze. No centro da casa este piso assenta sobre uma outra camada.

Bolsa de nivelamento – trata-se da camada de nivelamento e de preparação do Piso 2a. Apresentava sedimentos de cor castanha e mais avermelhada do que o piso. Era de textura fina e continha alguma cerâmica.

Piso 3b – no qual se observa zonas de barro queimado.

Camada 4 – sedimento arenoso, de cor cinzenta, e sem presença de cerâmica.

Foi, ainda, registada uma **vala de violação** que afetou todas as camadas.

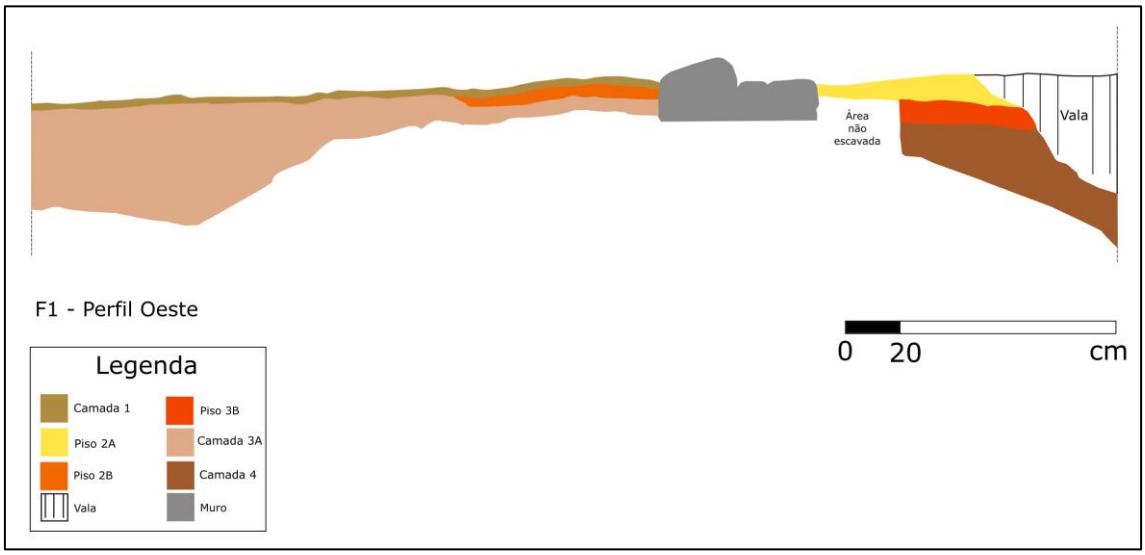


Fig. 11.20 Perfil oeste do quadrado F1 (vectorização nossa a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994).

II. Materiais

No que concerne ao estudo dos materiais cerâmicos deste setor, foram tidos em consideração os materiais do quadrado F1, nomeadamente a camada 1 da área exterior à cabana (antigo nível de destruição, talvez com escorrências de outras zonas devido à superfície dos sedimentos e as camadas 2a e 3b (pisos) e a camada 4 (sob os pisos), da zona interior.

Zona exterior

Camada 1 – derrube da cabana 1 (?)

Materiais cerâmicos

Nesta camada foram registados 75 fragmentos datáveis da Idade do Bronze e 46 datáveis da Idade do Ferro Antigo.

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados 75 fragmentos, datáveis da Idade do Bronze pelas suas características técnicas e morfológicas: 65 bojos, seis bordos, três bases e uma asa.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e a cozedura é redutora. A pasta oscila entre arenosa (23 fragmentos) e micácea-arenosa (47 fragmentos). A textura destes materiais é, na sua maioria, média e apenas 15 exemplares possuem textura grosseira. Quanto aos desengordurantes, estes são na sua generalidade de médio calibre (40 casos), seguido dos de pequeno calibre (32 casos) e de grande calibre (três casos). Quanto ao acabamento, a maioria das peças encontra-se polida (42 fragmentos) e as restantes são alisadas.

Em termos formais foram identificados dois bordos em aba horizontal, um esvasado, dois abertos e um indeterminado. Quanto às bases, duas eram de fundo plano simples e uma indeterminada. A asa era de secção em fita.

Foi possível identificar duas possíveis formas 1c (pote) e ainda um exemplar da forma 10 (potinho).

Foram registados 16 fragmentos com fuligem. Dois deles com fuligem na zona exterior, nos potes das formas 1c (pote) (tabela de formas de Bettencourt, 1999, 2000c) (Fig. 11.21).

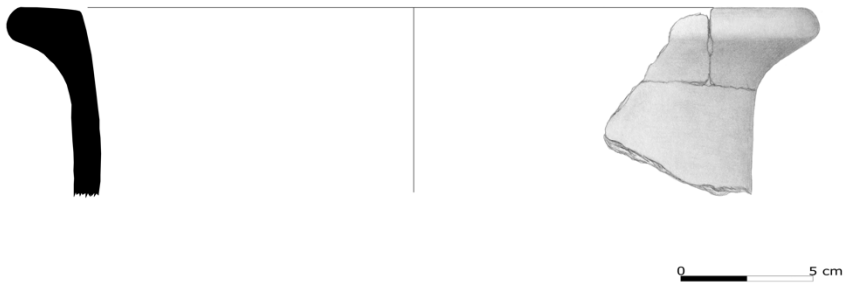


Fig. 11.21 Forma cerâmica: pote (forma 1c).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < 4 cm (63 exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (nove exemplares) e de um tamanho > 8 cm (três exemplares). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia que o material esteve muito tempo à superfície estando sujeito de forma intensa aos fenómenos pós-deposicionais, estando ainda sujeito a algum transporte pós-queda, pois foram identificados 30 fragmentos rolados (48%).

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram estudados 46 fragmentos de cerâmica. Foram registados cinco exemplares de bordos, quatro exemplares de bases, um exemplar de asa e 36 bojos.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas, maioritariamente, e apenas oito fragmentos possuem pasta micácea. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (43 exemplares), seguido de textura grosseira (três exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de médio calibre (17 casos), pequeno (18 casos) e grande calibre (11 casos). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, polidos (17 fragmentos) e o restante encontram-se alisados (14 fragmentos).

Em termos formais, registaram-se cinco bordos. Destes, dois são esvasados, um é aberto e um tem aba soerguida. Quanto às bases, foram registadas duas de fundo plano alargado e um indeterminado. Foi ainda registado um arranque de asa e uma asa de seção circular.

Neste contexto foram individualizadas cinco formas: um exemplar da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), um exemplar da forma 2b (potinho), um exemplar da forma 3a (malga) e um exemplar da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 11.1; Fig. 11.22).

Tabela 11.1 Formas da camada 1, Setor I

Forma	NMI	%
Forma 1b (pote)	1	20 %
Forma 2b (potinho)	1	20 %
Forma 3a (malga)	1	20 %
Forma 4 (panela de asa interior)	2	40 %
Total	**5**	**100%**



Fig. 11.22 Formas cerâmicas: forma 1 b e forma 4, com arranque de asa.

Foram registados oito fragmentos com fuligem. Além da fuligem ser registada no cerne de alguns bordos (o que revela incêndios pós-quebra), destacamos a que foi observada em exemplares da forma 1 e 4, estas podem ter estado em contacto com fogo diretamente na preparação de alimentos.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < 4 cm (33 exemplares), seguido dos de um tamanho entre 4 e 8 cm (11 exemplares) e dos > 8 cm (dois exemplares).

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia que o material esteve algum tempo à superfície estando sujeito aos fenómenos pós deposicionais e erosivos e estando sujeito a algum transporte pós-quebra, pois foram identificados 18 fragmentos rolados (39%).

III. Materiais metálicos

Neste contexto devemos referir a existência de uma fíbula, encontrada junto ao muro da estrutura circular registada. Encontra-se praticamente completa.

Este objeto possui 5,6 cm de comprimento, 3,3 cm de largura, 0,5 cm de espessura e pesa 12,3 gramas. Todo o corpo da fíbula é em liga de bronze, porém o fusilhão é em osso (Fig. 11.23).

Esta fíbula, pela sua constituição e dimensões, pode classificar-se como de tipo Sabroso ou Ponte 22 (Ponte, 2006: 218 -225). Em termos cronológicos são produzidas a partir de meados do séc. VIII a.C. até meados do séc. V a.C.. Partindo deste pressuposto, podemos afirmar que se trata de uma fíbula produzida durante a Idade do Ferro Antigo, o que está de acordo com o arcaísmo do material cerâmico estudado.



Fig. 11.23 Fíbula de tipo Sabroso (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

Zona interior da cabana 1

Camada 2a

Cerâmica

Nesta camada foram registados poucos materiais. Foram estudados quatro fragmentos com características técnicas da Idade do Bronze e quatro fragmentos datáveis da Idade do Ferro Antigo.

Idade do Bronze

Neste contexto foram observadas duas bases, um bordo e um bojo, produzidos de forma manual e de cozedura é redutora. A pasta oscila entre a arenosa e a micácea-arenosa (dois fragmentos cada). A textura destes materiais é na sua maioria média e apenas um exemplar possui textura grosseira. Quanto aos desengordurantes estes são de médio calibre (dois casos) e de pequeno calibre (dois casos). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se polida (três fragmentos) e o restante tem a superfície alisada.

Em termos formais foi observado um bordo em aba soerguida e uma base de fundo plano simples.

Quanto à forma do bordo foi possível inseri-la numa forma 1b (pote) da tabela formal de A.M.S. Bettencourt (1999, 2000c).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < 4 cm (três exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (um exemplar). Foi identificado um fragmento rolado.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram também considerados, apenas, quatro fragmentos de cerâmica deste período. Foram registados dois exemplares de bordos, um deles com asa, um exemplar de asa e um bojo.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas, maioritariamente, e apenas um fragmento possui pasta micácea-arenosa. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (três exemplares), seguida dos de textura grosseira (um exemplar). Os e.n.p dividem-se entre os de médio (dois exemplares) e pequeno calibre (dois exemplares). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, polidos (três exemplares) e o restante, alisado.

Em termos formais, registaram-se dois bordos. Um deles em aba soerguida e com asa de seção circular e outro esvasado. Foi ainda individualizado uma asa de seção circular.

Neste contexto foi individualizada uma forma nova, ou seja, sem correspondência na tabela formal de Martins (1990) para a Idade do Ferro. Trata-se de um pote, com diâmetro de boca de 23,4 cm, com asa soerguida e com, pelo menos, duas asas de seção circular de preensão horizontal sobre a aba do bordo. Aparentemente seria uma forma para estar suspensa. Foi, ainda, detetada uma forma 1a (pote) (Fig. 11.24).

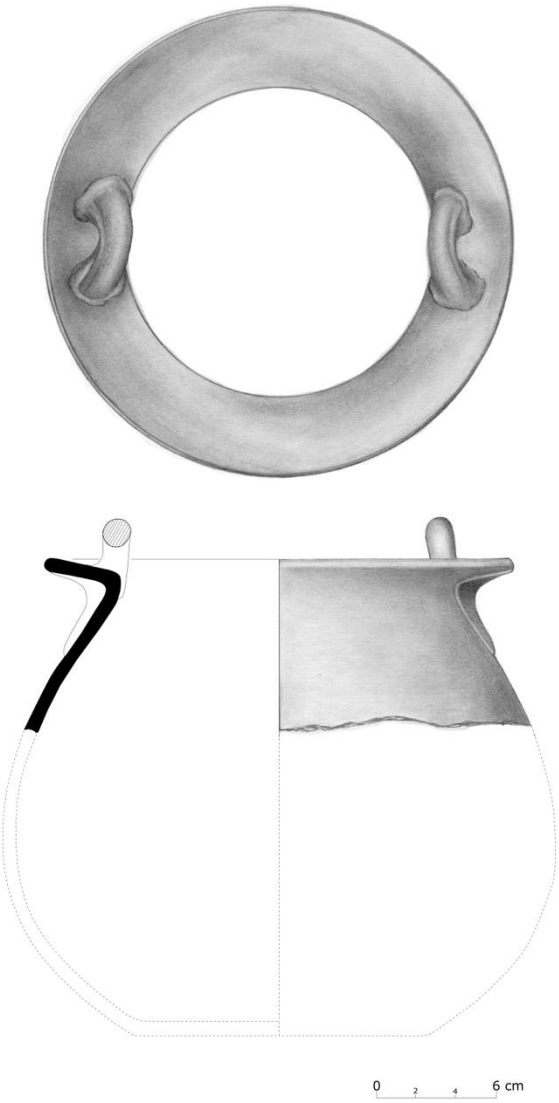


Fig. 11.24 Forma nova: pote com asas na zona interna da aba (desenho de Amélia Marques e Telma Leandra), possível reconstituição.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho <4 cm (três exemplares), seguido de um tamanho superior a 8 cm (um exemplar).

Camada 3b

Materiais cerâmicos

Idade do Bronze Final

Neste contexto foram também considerados 35 fragmentos de cerâmica com características técnicas e morfológicas deste período. Foram registados 33 bojos (um deles decorado) e dois bordos (um deles decorado).

Os fragmentos são de produção manual e cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (31 exemplares), seguido dos de textura grosseira (quatro exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de médio (15 exemplares), pequeno (12 exemplares) e grande calibre (10 exemplares). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, polidos (18 exemplares) e os restantes encontram-se alisados.

De referir que um bojo é decorado por brunido, possuindo várias linhas longitudinais.

Em termos formais, foram registados dois bordos: um aberto e o outro vertical. O bordo vertical parece ser de uma forma 22 (malga) (tabela formal de Bettencourt, 1999). Encontra-se decorada por incisão com um sulco na horizontal, seguido de vários sulcos na oblíqua (Fig. 11.25).

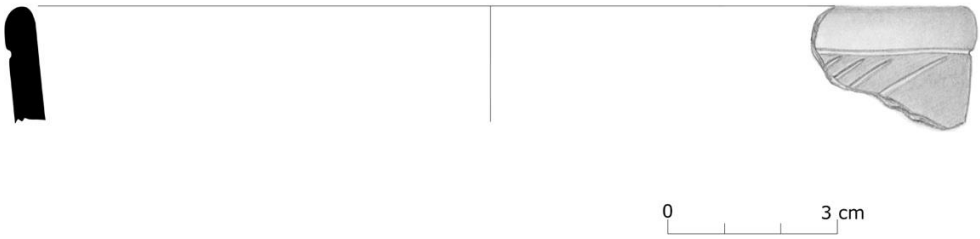


Fig. 11.25 Forma cerâmica: forma 22 decorada (desenho de Amélia Marques).

Foram observados 11 fragmentos (10 bojos e o bordo forma 22) com fuligem no exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < de 4 cm (27 exemplares), seguido dos de um tamanho entre 4 e 8 cm (oito exemplares).

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia que o material esteve pouco tempo à superfície estando mais protegido dos fenómenos pós deposicionais e erosivos, estando pouco sujeito a algum transporte pós-queda, pois foram identificados apenas sete fragmentos rolados (31%).

Camada 4

Materiais cerâmicos

Idade do Bronze (?)

Neste contexto foi considerado apenas um fragmento decorado. É de produção manual e cozedura redutora. A pasta é micácea-arenosa. A textura é média e os e.n.p. são de médio calibre. Encontra-se polido.

Trata-se de um colo decorado por uma faixa retangular executada através de uma aplicação plástica, sobre a qual houve decorações por incisão e impressão. As incisões formam um

retângulo, como se uma moldura se tratasse, tendo no topo e na base sulcos oblíquos (Fig. 11.26). No centro há um círculo concêntrico. Trata-se de uma decoração algo incomum, e incompleta. Poderia pertencer a um potinho/púcaro (forma 2).

Este fragmento possui fuligem, na parte exterior, e encontra-se algo rolado. Tem um tamanho entre 4 e 8 cm.



Fig. 11.26 Fragmento decorado por aplicação plástica, incisão e impressão (fotografia da superfície externa e da superfície interna, na qual se nota a curvatura da peça).

Síntese

Desta análise do material pode admitir-se que antes do piso interno da cabana, aparentemente já da Idade do Ferro Antigo, existem vestígios de uma ocupação da Idade do Bronze (camadas 3b e 4).

Quanto à ocupação do Ferro Antigo, temos dúvidas se se trataria de um momento antigo deste período que poderia justificar persistências de tecnologias e formas da Idade do Bronze, ou se os materiais deste período resultam das valas realizadas para a construção da cabana em pedra.

1.3) Quadrado F2

I. Estruturas

Este quadrado fica localizado a sul da cabana do quadrado F1. A descrição desta área é feita nestes termos pelos responsáveis (Fig. 11.27; Fig. 11.28):

"... o registo estratigráfico apresenta uma aparente sucessão de quatro estratos diferentes na textura e na cor, mas na verdade é que esses estratos não passam de camadas de deposição de terras que, com mais ou menos pedras, foram recolocadas nas valas abertas por arqueófilos há cerca de 20 anos. Aqui a terra está revolvida até à rocha, escapando apenas um pequeno resto

de piso com cerca de 20 cm de lado na extremidade noroeste do quadrado" (Almeida e Pinto, 1994a: 7-8).

Além disso acrescentam: "A perceção de que estávamos perante um grande revolvimento tivemo-la quando no nível junto à rocha apareceram dois pequenos fragmentos de telha da capela de S. Paio" (Almeida e Pinto, 1994a: 8).

Apenas no fundo do quadrado, na sua extremidade noroeste e, em associação com blocos pétreos de derrubes de uma estrutura, encontrado o que parece ser o resto de um piso *in situ*, com cerca de 20 cm de lado.



Fig. 11.27 Quadrado F2 resto de piso, no fundo da sondagem (Arquivo do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

Foi observada a seguinte sequência estratigráfica, segundo Almeida e Pinto (1994a: 7-8).

Estratigrafia

Camada 1 – nível de sedimento vegetal, com raízes, materiais contemporâneos (telha da cobertura da capela de S. Paio) e da Idade do Ferro.

Camada 2 – sedimento de cor castanho-clara, com muitas pedras de pequena dimensão e uma espessura que variava entre o 8 cm e os 20 cm. Aqui surgiram materiais mais antigos, relativamente à camada 1, entre os quais fragmentos de argila cozida e cerâmicas da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. Parece ser um nível resultante de ações pós-deposicionais.

Camada 3 – nível com espessura média de 20 cm. Possui a mesma cor e textura da camada anterior.

Camada 4 – sedimentos castanho-escuros, com tonalidades acinzentadas e textura fina e compacta e algumas pedras. Estava algo revolvida.

Camada 5 – corresponde ao piso já referido atrás, conservado *in situ*.

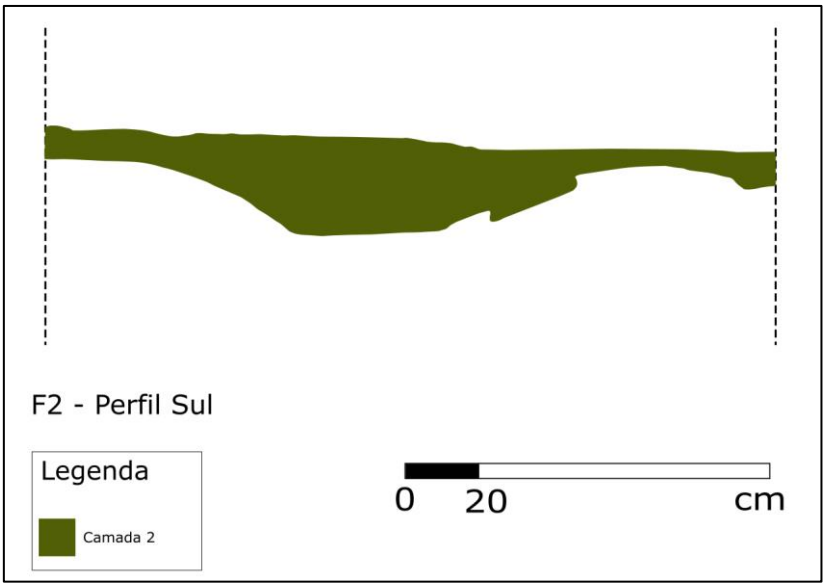


Fig. 11.28 Quadrado F2, perfil sul (vectorização nossa, a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994a, adaptado). Não há outros perfis deste quadrado registados.

II. Materiais

No diz respeito aos materiais achados no **quadrado F2** optou-se por um estudo sumário das materialidades aí presentes, tendo-se em conta apenas os das camadas 2 e 3.

Camada 2

Materiais cerâmicos

Foram estudados seis fragmentos datáveis da Idade do Bronze e 40 do Ferro Antigo.

Idade do Bronze

Neste contexto foi estudado seis fragmentos de bojos com características técnicas da Idade do Bronze. Foram observados seis bojos.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e com cozedura redutora. A pasta é arenosa e a textura é média. Quanto aos desengordurantes (e.n.p.), são na sua generalidade de

pequeno calibre (cinco casos), seguido dos de calibre médio (um caso). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se polida (quatro fragmentos). O restante tem a superfície alisada.

Foi registado um fragmento com fuligem.

Estes possuem, na sua maioria, um tamanho < de 4 cm (cinco exemplares), seguido dos de um tamanho entre 4 e 8 cm (um exemplar). Foram registados três fragmentos rolados.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram também considerados 40 fragmentos de cerâmica deste período. Foram registados 36 bojos, três bordos e uma asa.

Os fragmentos são de produção manual e de cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (39 exemplares), seguido dos de textura grosseira (um exemplar). Os e.n.p dividem-se entre os de médio (22 casos), pequeno (15 casos) e grande calibre (três exemplares). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, polidos (25 exemplares) e os restantes 15 encontram-se alisados.

Em termos formais foram observados dois bordos esvasados e um em aba horizontal. A asa é de secção em fita.

Foram identificadas três formas: um exemplar da forma 1c (pote com bordo em aba horizontal) e dois exemplares da forma 2b (potinho) (Tab. 11.2; Fig. 11.29).

Tabela 11.2 Formas da camada 2, Setor I

Forma	NMI	%
Forma 1c (pote)	1	20 %
Forma 2b (potinho)	2	80 %
Total	**3**	**100%**



Fig. 11.29 Forma cerâmica: forma 1c (pote).

Foram observados cinco fragmentos (todos bojos) com fuligem no exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho <4 cm (38 exemplares), seguido dos de um tamanho entre 4 e 8 cm (dois exemplares).

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia material sujeito a fenómenos pós deposicionais e erosivos, estando de algum modo sujeito a algum transporte pós-queda, pois foram identificados 14 fragmentos rolados (37%).

Materiais de construção cerâmicos

Foram registados vários fragmentos de reboco neste contexto. Possuem em parte as marcas de ramos, tem decorações incisas e possuem cores entre o castanho-escuro e a cor amarela (Tab. 11.3; Fig. 11.30).

Tabela 11.3 Materiais de construção do quadrado F2

Qd.	Compr.	Larg.	Espes.	Reboco /Pavimento	Decoração	Tonalidade/outras características
F2	3,4 cm	3,3 cm	3,1 cm	Reboco	Pequena incisão circular (?)	De cor castanha, com negativos de ramos
F2	3,2 cm	2,3 cm	1,7 cm	Reboco	-	De cor amarelada, com negativos de ramos
F2	2,4 cm	1,7 cm	2,6 cm	Reboco	-	De cor castanho-escura/ negativos de ramos
F2	3,3 cm	2,9 cm	2,2 cm	Reboco	-	De cor castanha, com negativos de ramos
F2	3,6 cm	2,5 cm	2,6 cm	Reboco	Pequena incisão	De cor castanho-clara, com negativos de ramos
F2	6,1 cm	4,7 cm	3,9 cm	Reboco ou pavimento	Algumas incisões circulares	De cor castanho-clara, com negativos de ramos



Fig. 11.30 Rebocos ou pavimentos decorados com vários sulcos oblíquos e curvos.

Camada 3

Materiais cerâmicos

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram também considerados 59 fragmentos de cerâmica deste período. Foram registados 51 bojos, três bordos, um deles com asa, uma asa isolada e quatro bases.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (55 exemplares), seguido dos de textura grosseira (quatro exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de médio (26 casos) e pequeno calibre (33 casos). Estes fragmentos encontram-se, na sua maioria, alisados (42 exemplares) e os restantes polidos.

Em termos formais foram observados um bordo em aba soerguida e asa, um bordo aberto e um bordo esvasado. Quanto às bases foram observados duas de fundo plano simples, uma de fundo plano alargado e ainda uma indeterminada. A asa isolada é de seção em fita (Fig. 11.31).

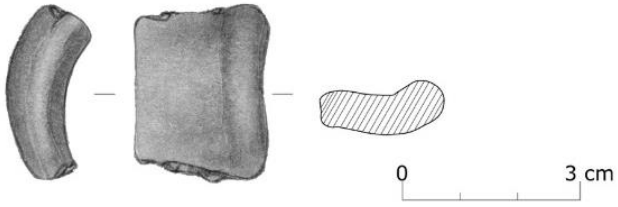


Fig. 11.31 Asa em fita (forma 2a?) (desenho de Telma Leandra).

Foram identificadas três formas: um exemplar da forma 1a (pote com bordo esvasado), um exemplar da forma 2a (púcaro) (Fig. 11.32) e uma forma indeterminada.

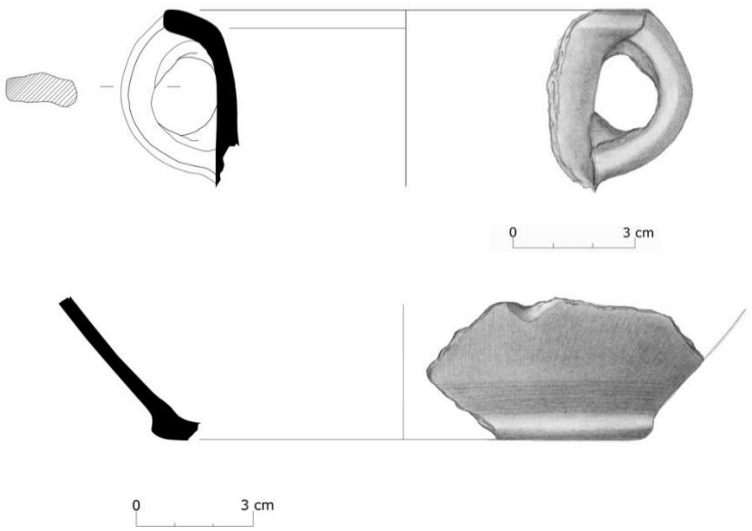


Fig. 11.32 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro) e base de fundo plano alargado (decorado com espatulado?).

Foram observados 13 fragmentos com fuligem no exterior, inclusivamente, nas formas 1 e 2, o que pode indiciar que terão estado sobre o lume.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < de 4 cm (53 exemplares), seguido dos de um tamanho entre 4 e 8 cm (seis exemplares).

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia material que esteve sujeito aos fenómenos pós deposicionais de transporte pós-queda. De destacar, também, 21 fragmentos rolados (36%).

Materiais de construção cerâmicos

Foi ainda registado um fragmento de pavimento ou reboco, decorado com incisões que formavam círculos incompletos. Possui 7,3 cm de comprimento, 5 cm de largura e 2,6 cm de espessura. A sua tonalidade é de cor castanho-escura com inclusão de pequenos seixos e alguma mica.

Síntese

A presença de cerâmicas, simultaneamente, da Idade do Bronze e do Ferro na camada 2, seguidas de um reportório apenas da Idade do Ferro, na camada 3, implica estratigrafia invertida e que a camada 2 resulta de transportes posteriores ao abandono do sítio arqueológico.

A camada 3 não tem espólio, pelo que não sabemos se o piso (camada 4) poderá ser da Idade do Ferro Antigo ou anterior.

1.4) Quadrado F0

I. Estruturas

Este quadrado foi aberto para procurar a continuação dos vestígios da cabana da Idade do Ferro, encontrada no quadrado F1. Contudo, a exploração de pedra para a reconstrução da capela, no séc. XIX, destruiu boa parte das evidências que aqui existiam. Assim, a continuação da estrutura circular perdeu-se, irremediavelmente.

Estratigrafia

Os níveis estratigráficos identificados foram os seguintes:

Camada 1 – nível de sedimento vegetal, resultante da violação feita nos anos 70. O sedimento apresentava cor castanha-acinzentada e textura arenosa, com inclusões de raízes e de pedras de pequeno porte.

Camada 2 – corresponde a um nível de revolvimento.

Camada 3 – camada amarela e argilosa, muito compacta e sem cerâmica. Assenta na rocha base.

Bolsa 4 – corresponde uma bolsa de sedimentos de cor castanha e sem materiais arqueológicos. Em volta desta bolsa encontra-se rocha natural ligeiramente aplanada em resultado da pedreira efetuada para reconstrução da capela.

II. Materiais

Não foram tidos em conta os materiais deste quadrado F0, pelo estado de revolvimento das camadas 1 e 2. As últimas camadas não tinham espólio.

Materiais de construção cerâmicos

Mesmo assim destacamos, na camada 1, aparecimento de fragmentos muito pequenos de reboco, de cor avermelhada e com grande inclusão de areias e pequenas seixos, um deles com negativos de ramos numa das faces a evidenciar a utilização de argila para revestir construções feitas com materiais perecíveis (Tab. 11.4). Pertenceriam a parte das "paredes" da estrutura encontrada no quadrado F2?

Tabela 11.4 Fragmentos de materiais de construção em argila

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Decoração	Tonalidade/ Composição/Outras características
F0-1	1	5,6 cm	4,4 cm	1,8 cm	Reboco	_	Vestígios de queimado na superfície
F0-1	1	4 cm	2,7 cm	2 cm	Reboco	_	Negativos de ramos Micas e pequenas pedra além de argila, de tom avermelhado

1.5) Síntese do Setor I

Em síntese, este sector, localizado numa plataforma, a norte do topo do outeiro, registou dois níveis de ocupação: um do Bronze Final e outro da Idade do Ferro Antigo.

A determinação da ocupação do Bronze Final (camadas 3b - piso e camada 4 do quadrado F2), teve em conta as características estratigráficas, o material arqueológico encontrado e a datação por radiocarbono de mateiriais do piso 3b (finais do séc. X e os finais do séc. IX a.C.) (Tab. 11.5).

Tabela 11.5 Datação de radiocarbono Setor I

Ref. Lab	Material	Contexto	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma
FTMC-OI02-1	Fuligem	Quadrado F1 (camada 3b)	2741±29	907-890 a.C. (16,2%) **883-833 a.C. (52,0%)**	971-956 a.C. (2,6%) **933-814 a.C. (92,9%)**

Já a ocupação do Ferro Antigo, foi detetada pelas condições estratigráficas e pelas características dos materiais. Foi detetada no quadrado F1, onde foi encontrada uma cabana circular, com muro pétreo, de dupla face, que teria cerca de 5 metros de diâmetro. Pelos materiais dos seus níveis de ocupação/ abandono e derrube (camadas 1 e piso 2a do quadrado F1; camada 2 do F2 e camada 3 do quadrado F0), poderá considerar-se de uma fase antiga dentro da Idade do Ferro Antigo.

Os níveis de sucessivos pisos, no interior da cabana pétrea, denotam momentos de reorganização interna da estrutura, por motivos desconhecidos. Os rebocos com negativos de ramos da camada 2 do quadrado F2, tanto podem revelar que parte das "paredes" desta cabana foram construídos com materiais perecíveis ou que existiu outra estrutura na área, totalmente edificada com material perecível.

A fíbula encontrada na camada 1, provavelmente de derrube desta cabana, dá-nos uma cronologia relativa para a construção desta estrutura, entre os meados do século VIII a.C. e meados do séc. V a.C. o que está de acordo com o arcaísmo do material cerâmico encontrado que apresenta, ora com características técnicas e formais, similares ao da Idade do Bronze, ora com novidades técnicas e formais consideradas da Idade do Ferro, num universo de fabricos totalmente manuais e de cozeduras redutoras.

4.5.4.4. Sector II

2.1) Estratigrafia, estruturas e materiais

Este setor foi aberto, sensivelmente a 23 metros a sul do Sector I. Aqui foram abertos os quadrados D7, D6 e E6. A sondagem foi consolidada e conservada para musealização.

Apresentaremos separadamente a realidade estratigrafia de cada quadrado, tal como a suas estruturas, porém verificámos que em alguns casos algumas pertenciam à mesma realidade estratigráfica e por isso fazia sentido juntar os materiais dessas camadas numa só descrição.

Ainda assim, boa parte das camadas consideradas possuem, com maior ou menor quantidade, materiais de épocas mais recentes: medieval, moderna e até contemporânea. Trata-se de intrusões, em alguns casos naturais, noutros é provável que sejam resultantes de perturbações feitas aquando das valas de escavação clandestinas.

Para tornar mais clara a compressão dos contextos e a leitura dos materiais fez-se, em primeiro lugar, a descrição das estruturas e da estratigrafia por quadrado. De seguida apresenta-se os materiais que foram vistos em cada um desses quadrados separadamente. Como vimos foi privilegiado o estudo dos materiais em contexto de abandono ou de ocupação.

2.2) Quadrado D7

Este quadrado foi dividido em quatro partes iguais de 1 m cada, passando os quadrados a serem designados por D7-1 a D7-4. (Fig. 11.33). Na área dos quadrados D7-2 e D7-3 existia uma grande vala de violação, com sedimentos pouco compacto de cor castanho-amarelada, que apresentava materiais contemporâneos, pelo que estes não foram escavados.

D7-2	D7-1
D7-3	D74

Fig. 11.33 Método de divisão efetuado na escavação do quadrado D7, segundo Almeida e Pinto (1994, 1994a e 1996).

2.3) Quadrado D7-2

I. Estruturas

Aqui foram detetados, pelo menos, três pisos, e duas pequenas fossas, designadas por bolsas com cinza.

O piso mais elevado e mais recente corresponde a um **piso** resultante do arranjo do adro da capela (prolonga-se para o quadrado E6, camada 2).

O piso subsequente (camada 5), já da Idade do Ferro, é argiloso, onde se parecem ter aberto dois covachos com cinzas (camada 4). Este piso encontrava-se coberto pela camada 3.

Estratigrafia

Os níveis estratigráficos encontrados foram os seguintes (Fig. 11.34):

Camada 1 – Piso recente resultante do arranjo do adro da capela, corresponde à camada 2 do quadrado E6.

Camada 2 – Estrato de revolvimento recente, de cor cinzenta, arenoso, com inclusões de raízes e materiais modernos;

Camada 3 – nível de sedimentos castanho-amarelados com pequenas pedras e carvões. Seria uma camada de abandono ou destruição de uma estruturas da Idade do Ferro. Nível com bastante material cerâmico.

Camada 4 – enchimento de duas bolsas, com cinzas.

Camada 5 – nível saibrento composto por sedimentos amarelados e compactos (piso) onde se abrem as bolsas de cinzas.

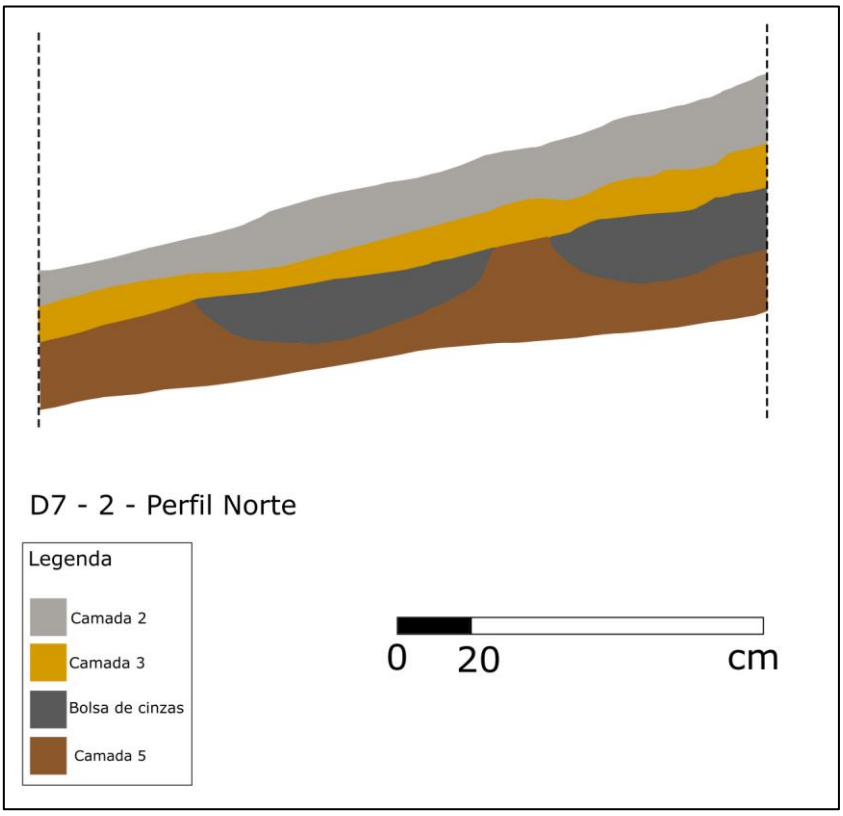


Fig. 11.34 Quadrado D7-2, perfil norte (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado).

2.4) Quadrado D7–4

I. Estruturas

Aqui foi detetada a continuação do piso argiloso da Idade do Ferro, encontrado no quadrado D7-2, também assinalado como sendo a camada 5. Tinha mais de 1 m de comprimento e era composto por uma grossa camada de barro, com cerâmica na sua construção.

Estratigrafia

Aqui a potência dos sedimentos até ao piso encontrado, também, no quadrado D-6, estava entre 25 cm e 5 cm. Não foi registada a camada 1 tal como no quadrado D7-2 (Almeida e Pinto, 1994a: 14-15) (Fig. 11.35).

A sequência estratigráfica é a seguinte:

Camada 2 – estrato de cor acinzentada, com raízes e pouco compacta. Apresenta material cerâmico contemporâneo.

Camada 3 – estrato de cor castanho-amarelada, com pedras e pouco compacta, onde se encontrou cerâmica da Idade do Ferro e "escória". Camada de destruição da estrutura associada ao piso 1 (camada 1) do quadrado D6.

Camada 4 – estrato de cor castanho-escura, pouco compacta, com inclusões de carvões, barro e de pequenos calhaus, soltos. Corresponderá ao nível de ocupação do piso designado por camada 5, sendo um prolongamento daquele onde se inscreve a lareira do quadrado D6. Foram recolhidos carvões.

Camada 5 – Piso igual ao do quadrado D6. Com mais de um 1 m de comprimento. Corresponde a uma grossa camada de barro, com cerâmica na sua construção e ainda marcas de arranjos. Este piso termina numa vala;

Camada 6 – o piso anterior assenta numa outra camada de ocupação. Não foi escavado. Notou-se antes da paragem da escavação que na zona sul da quadrícula uma vala lateral que não possuía mais de 20 cm de largura. Parece corresponder a uma vala de roubo de pedra com sedimentos de cor castanho-amarelada.

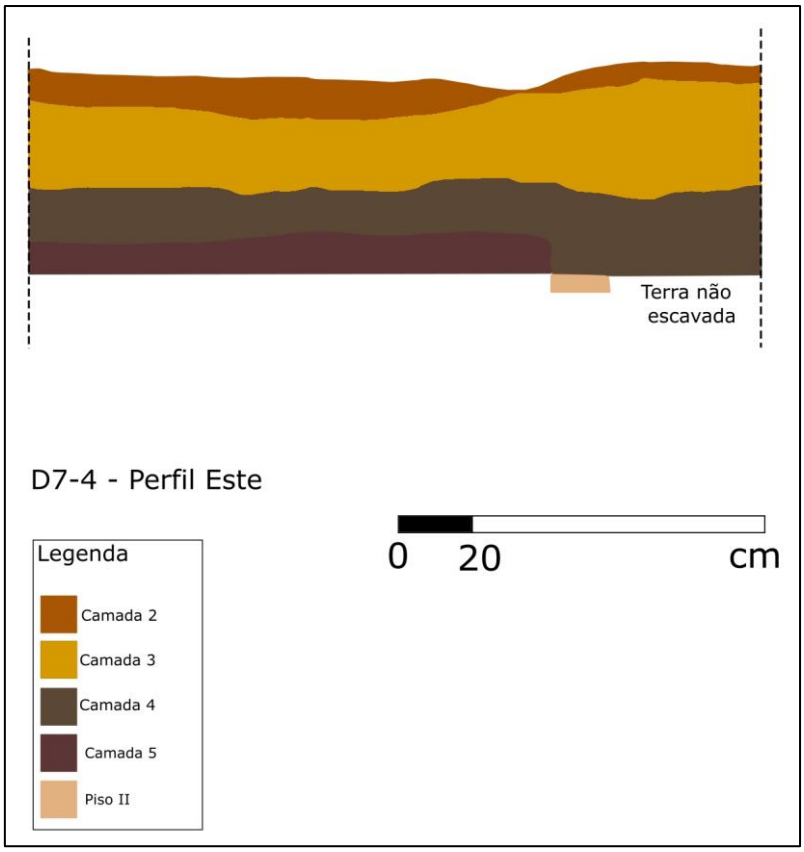


Fig. 11.35 Quadrado D7-4, perfil este (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).

2.5) Quadrado D6

Este quadrado foi inicialmente escavado em 1993, tendo sido a escavação, progressivamente alargada a outros quadrados.

I. Estruturas

Foram encontradas aqui duas estruturas. Uma correspondente a um pavimento, já muito destruído (a mais recente) (Fig. 11.36) e outra, a cota mais profunda, caracterizada por um pavimento com lareira decorada, rodeado, pelo menos, parcialmente, por um lajeado. Seria, provavelmente de uma cabana que se estendia, também, pelos quadrados D7-2 e D7-4. (Fig. 11.37).



Fig. 11.36 Quadrado D6, plano 1, onde se encontrou o piso 1 (camada 1) de uma eventual estrutura (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado).

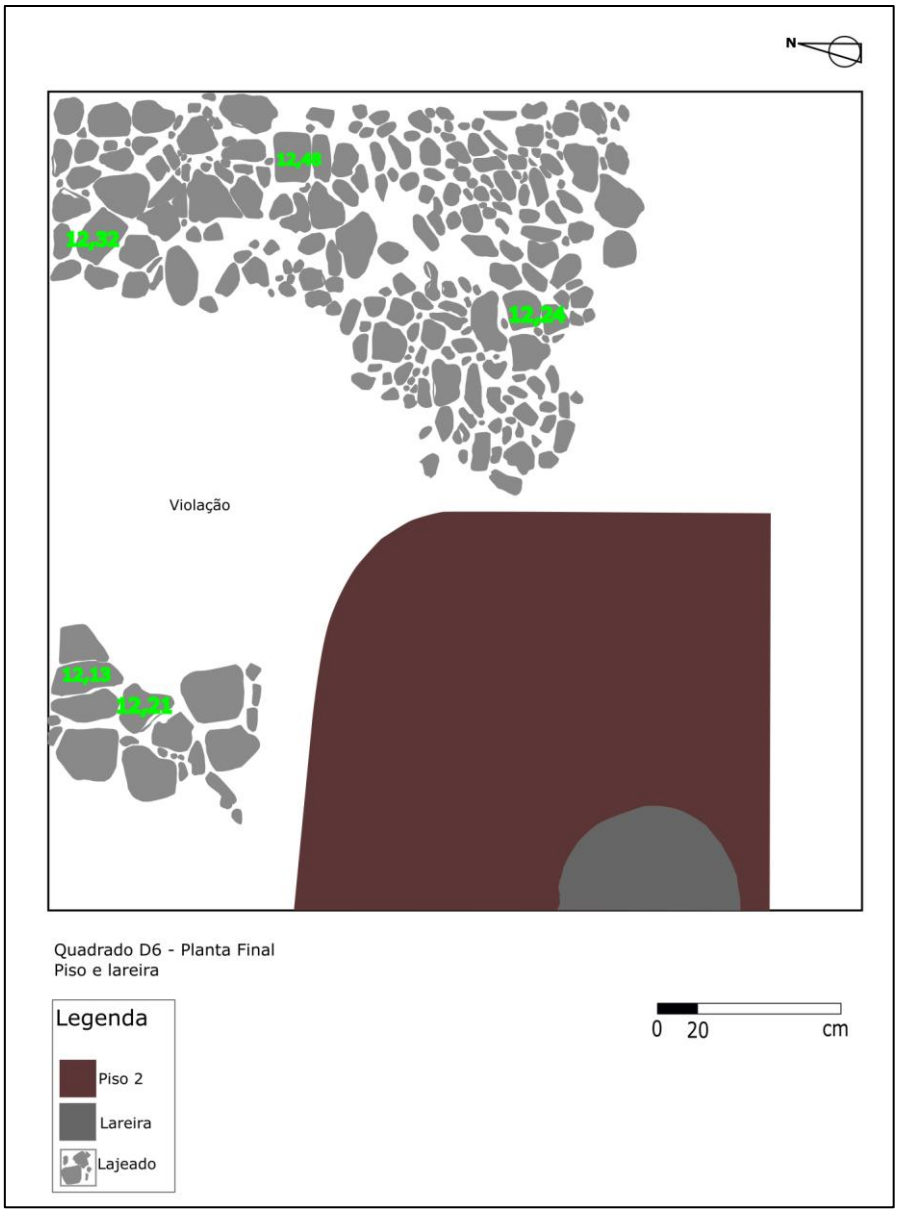


Fig. 11.37 Quadrado D6, plano final. Onde se nota o lajeado, muito destruído, o piso 2 e, ainda, parte de uma lareira decorada (camada 5) (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado).

Estratigrafia

Os níveis estratigráficos individualizadas foram os seguintes (Fig. 11.38):

Camada vegetal – com 2 cm de espessura.

Camada 1 – **Piso** muito destruído, a nordeste da sondagem e junto ao limite oeste do quadrado.

Camada 2 – camada com sedimentos castanhos, mas sem estruturas associadas. Poderá corresponder a um nível de abandono.

Camada 3 – Nível de destruição da estrutura que aparece na camada 5. Apresentava manchas de barro e blocos e calhaus graníticos. Poderá estar relacionada com o lajeado que encontrava mais abaixo. Esta camada corresponde à 3 do quadrado D7-4.

Camada 4 – fina camada de sedimentos de cor castanho-escura e textura fina. Apresentava inclusões de carvões esparsos e de cerâmica. Poderia corresponder a um nível de ocupação.

Camada 4b – vala de violação, correspondente ao roubo de pedra do lajeado.

Camada 5 – **Lajeado I e piso argiloso**. O lajeado tem inclinação no sentido este-oeste. Na cota mais baixa apresenta-se um aparelho com maior cuidado e com blocos graníticos de maiores dimensões. Este lajeado também foi encontrado no quadrado E6. O lajeado parece delimitar um piso argiloso, de contorno circular, que se encontrava a sudoeste do quadrado. Este, no centro, tinha uma lareira decorada com círculos. Esta apresentava a particularidade de possuir uma bordadura, em barro, com cerâmica quebrada a si agregada, talvez servindo de lastro para a construção deste rebordo. Esta camada corresponde à camada 5 do quadrado D7-4.

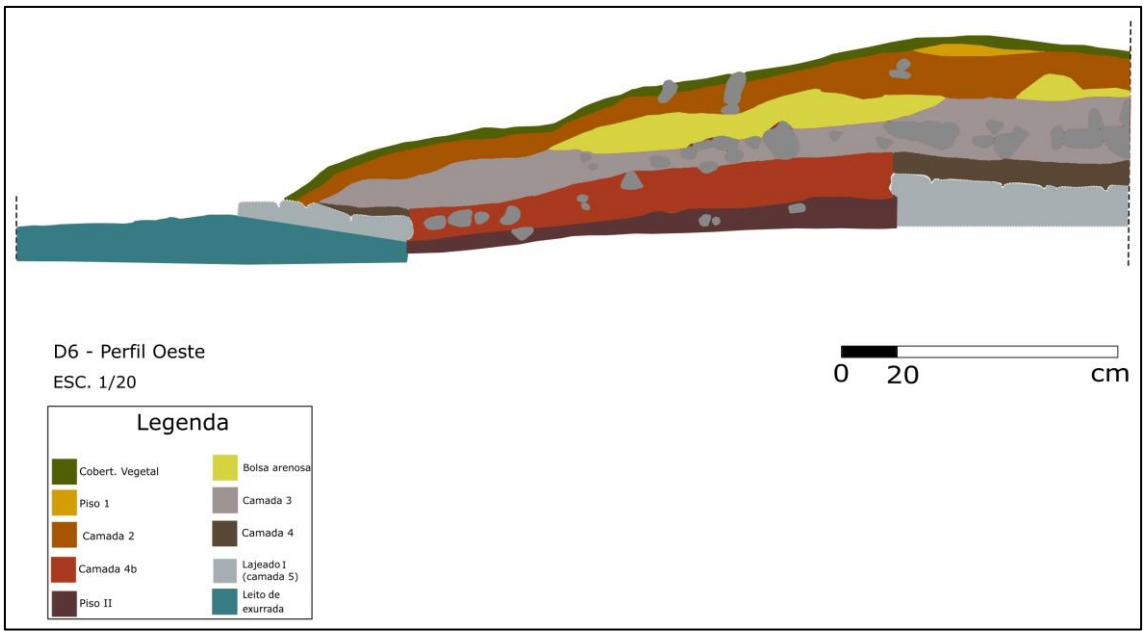


Fig. 11.38 Quadrado D6, perfil oeste, onde se nota a violação do lajeado (camada 4b) e o resto do piso que se lhe associava (Piso II, camada 5) (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994, adaptado).

2.6) Quadrado E6

I. Estruturas

Este quadrado revelou quatro momentos de ocupação caracterizados por pisos argilosos e por alguns lajeados.

O **mais recente** caracteriza-se pelo **Piso 1,** argiloso, e sua respetiva camada de preparação (camada 2), com seixos rolados e não rolados. O nível de ocupação/abandono desta estrutura já não estava preservado. Parece relacionar-se com a reconstrução da capela.

Uma **ocupação intermédia** caracteriza-se pelo **Piso 2** com correspondentes níveis de ocupação/abandono (camadas 3b e 3). A inclusão de muitos blocos pétreos nesta camada faz pressupor que esta estrutura poderia ter parede pétrea. De notar que no nível de circulação deste piso existiam seixos, conchas e carvões.

Uma terceira ocupação corresponde ao Lajeado I e a um piso argiloso que o cobre parcialmente (camada 4c). A camada de ocupação abandono é a 4b.

A quarta ocupação, a mais antiga escavada, corresponde ao Lajeado II, associado a novo piso argiloso (camada 6) e com correspondente nível de ocupação (?)/abandono (camada 5b).

Estratigrafia

Neste quadrado foi encontrada uma outra área de extensa violação do sítio arqueológico, correspondente à camada 3a. Os níveis estratigráficos encontrados foram os seguintes (Fig. 11.39):

Camada 1 – aterros lançados na década de 1970 pelos habitantes da aldeia de Moreiró, compostos por barro amarelo e telha moderna.

Camada 2 – nível de sedimentos de cor castanha, muito compactos e com uma grande quantidade de seixos e pequenas pedras. Trata-se da preparação de **Piso 1** que lhe está por cima.

Camada 3 – nível de destruição de uma estrutura cuja definição não foi possível de efetuar. Possui uma cor castanha acinzentada, com inclusões de muitos blocos pétreos de dimensão média. Na zona a noroeste surge uma camada de barro compacto que foi apelidada de camada 3b. No nível de circulação deste piso há conchas, seixos talhados e cerâmica coetânea da Idade do Ferro. Foram, ainda, encontrados carvões.

Camada 3a – nível de sedimento amarelo saibrento com muitos calhaus soltos, com material cerâmico antigo e um fragmento de cerâmica moderna intrusivo. Encontra-se no centro do quadrado e forma uma **bolsa de violação** que destrói o Lajeado I e só termina na camada 5. Tal surge, de forma similar, no quadrado D6.

Piso 2 – piso de cor amarelo, compacta e muito irregular. Este piso selou uma área de vestígios arqueológicos que não foi escavada, suficientemente, na altura;

Camada 4 – nível com três zonas bastantes distintas que receberam a designação de camadas 4a, 4b e 4c.

Camada 4a: corresponde a uma zona do meio e sudoeste do quadrado, composta por um sedimento escuro com alguns carvões e pedras soltas.

Camada 4b: a norte do quadrado, corresponde a sedimentos castanhos, com inclusão de blocos pétreos e muita cerâmica, com uma potência de 20 a 4 cm.

Camada 4c: a sudeste. É constituída por um piso de barro amarelo (**Piso 3),** e situa-se junto a um grande afloramento de granito gravado com uma covinha. Não se vê no perfil oeste.

Lajeado I – logo abaixo do nível 4b, surge um lajeado. Desta forma percebeu-se que, as camadas que lhe ficam por cima, sobretudo as 4b e 4c, fariam parte do topo desta estrutura e correspondem a um nível de ocupação da mesma. Este lajeado era pobre, com pequenas pedras dispostas de forma irregular. Muito semelhante ao lajeado encontrado no quadrado D6.

Camada 5 – corresponde a um nível de textura argilosa e de cor laranja acinzentada. Foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica de vários períodos, modernos a antigos. Em certas zonas surge um novo piso (camada 6). Nível de ocupação com intrusões provocadas pela violação correspondente à camada 3a.

Camada 5b – nível de ocupação (?) do lajeado II. Este não se vê no perfil oeste.

Camada 6[313]- Corresponde a um novo piso. Foi escavado apenas numa área de 10 cm x 10 cm com intenção de verificar se, de facto, assentava ou não no lajeado que, entretanto, tinha aparecido.

Lajeado II – novo pavimento, com pedras muito pequenas, mas adossadas umas às outras. Praticamente está presente em todo o quadrado. O lajeado encosta ao penedo na sua parte superior e lateral norte.

[313] Apesar da estratigrafia terminar nesta camada há materiais deste quadrado marcados como sendo das camadas 7 e 8, que pensamos ser erro, pois não estão registadas nos relatórios. Por esse motivo não foram estudadas.

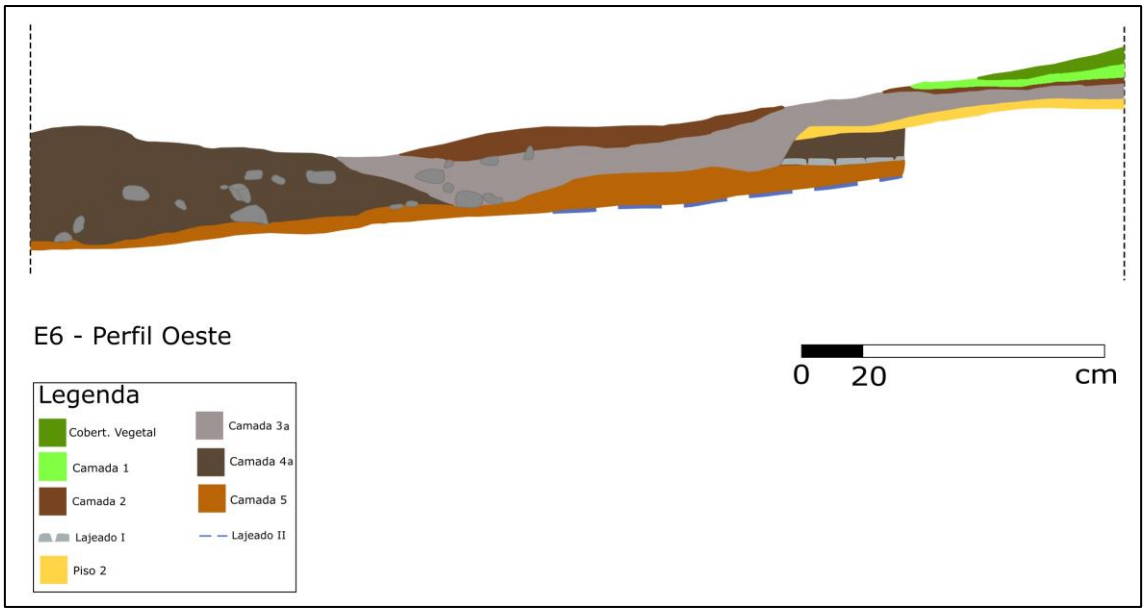


Fig. 11.39 Quadrado E6, perfil oeste (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994, adaptado).

2.7) Materiais do Setor II

Foram tidos em consideração apenas alguns dos materiais cerâmicos registados nas camadas 1 e 2, dos quadrados D6, D7-2, D7-4 e E6, porque se trata, como vimos, de camadas de revolvimento ou de aterros.

Os contextos cujos materiais foram estudados na íntegra, foram os que pareciam relativamente selados. Referimo-nos às seguintes camadas: a **camada 3** em conjunto com todos os quadrados deste setor (**D6, E6, D7-2, D7-4**), por se tratar da mesma realidade estratigráfica; a **camada 4**, dos quadrados **D6** e **D7-4** por se tratar de um nível de ocupação e a **camada 5** dos **quadrados D6, D7-4,** por se tratar do mesmo nível de ocupação, piso.

De salientar que aparecem materiais marcados com sendo das camadas 7, 8 e 9 dos quadrados D7-2 D7-4, mas estas não aparecem descritas nem desenhadas no relatório da escavação. Pressupomos que sejam de níveis mais antigos ou erros de marcação.

Os materiais do quadrado E6 a partir da camada 3, 4b e 4c, foram estudados separadamente por apresentarem uma realidade algo distinta dos anteriores, com mais níveis de ocupação.

Camadas 0, 1 e 2 (de todos os quadrados – níveis de revolvimento)

Materiais Cerâmicos

Estas camadas apresentam cerâmicas de todas as cronologias, evidenciando bem o seu revolvimento.

Da *Idade do Bronze* destacamos um bojo de fabrico manual, cozedura redutora, pasta arenosa, decorado por aplicação plástica, incisão e puncionamento, com sulcos oblíquos e impressões de dedadas sobre um cordão (Fig. 11.40). Possui um tamanho menores de 4 cm e está rolado.

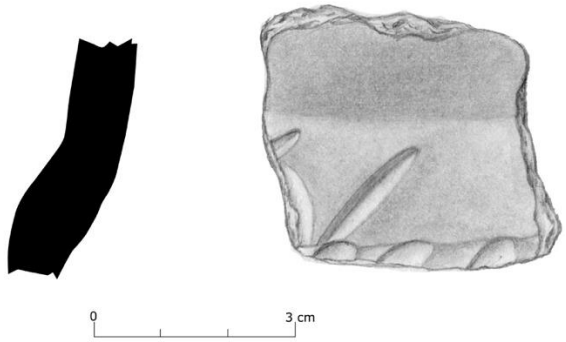


Fig. 11.40 Bojo decorado da Idade do Bronze (desenho de Amélia Marques).

Do *Ferro Antigo* foram registados dois bordos, de produção manual, cozedura redutora e pastas micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é média. Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (um caso) e os de médio calibre (um caso). Estes fragmentos têm um acabamento alisado e polido (um exemplar cada).

Estes bordos, um esvasado e um em aba soerguida correspondem a uma forma 1b (pote em aba soerguida) e a uma forma 2a (púcaro) (Fig. 11.41).

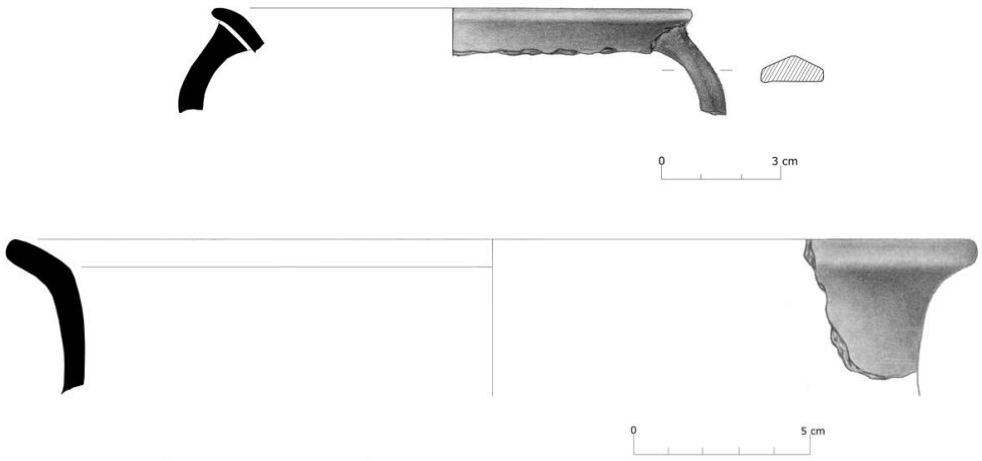


Fig. 11.41 Formas cerâmicas: formas 2a e 1b ((desenhos de Telma Leandra).

Estes dois fragmentos tem um tamanho entre 4 e 8 cm. Não estão rolados nem possuem fuligem.

Da *Idade do Ferro Recente* foi registado um bordo, produzido à roda/torno mas de cozedura redutora. As pastas são micáceas e o acabamento das superfícies apresenta-se polido. É de textura fina com desengordurantes de pequeno calibre. Trata-se de uma forma 1a (pote). Tem um tamanho entre 4 e 8 cm (Fig. 11.42). Não é rolado nem possui fuligem.

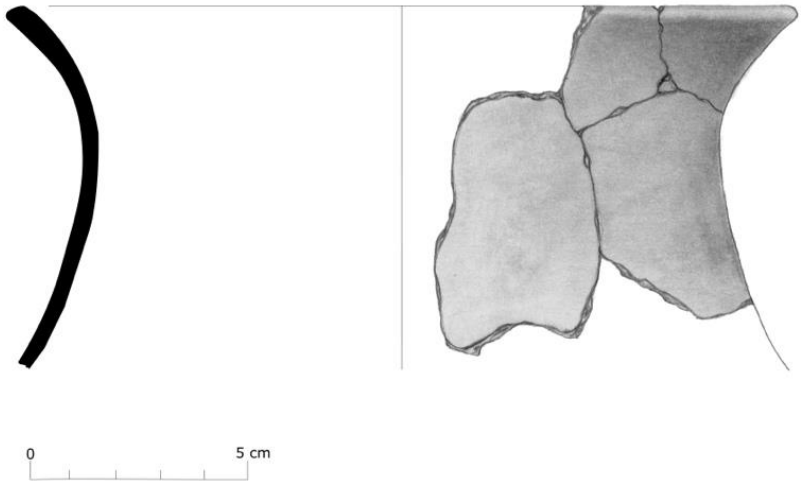


Fig. 11.42 Forma cerâmica: forma 1a (pote).

Materiais de construção em argila

Nestas camadas destacamos, ainda, um possível fragmento de pavimento e um de reboco ou argila de construção. O fragmento de pavimento (6,4 cm de comprimento, 4,8 cm de largura e cerca de 2,4 cm de espessura), possui uma cor avermelhadas e é decorado por um círculo inciso (Fig. 11.43). O fragmento de reboco/argila de construção, com negativos de ramos (6,8 cm de comprimento, 5,4 cm de largura e cerca de 2,2 cm de espessura) é de cor avermelhada com algumas areias e seixos pequenos (Fig. 11.43).



Fig. 11.43 Fragmento de pavimento de argila, decorado e fragmento de argila de revestimento com negativos de ramos (quadrado D6 (camada 1) (desenhos de Amélia Marques)).

Líticos

Relativamente a instrumentos líticos destacamos, na camada 0, portanto praticamente à superfície, um movente de uma grande mó circular, em granito, com o rebordo todo fraturado, dando ideia que foi partida para ser reaproveitada (Fig. 11.44) Possui a superfície superior rugosa e um orifício central, algo mutilado, com cerca de 3,9 cm de diâmetro. Mede 33 cm de diâmetro aproximado, tem cerca de 9,8 cm de espessura e pesa 8,6 kg. Este instrumento, pelas suas características formais, deve ser datado da Idade do Ferro Recente.



Fig. 11.44 Mó circular (Arquivo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde).

Camada 3 (quadrado E6) (ocupação)

Nesta camada foram observados materiais de apenas duas cronologias: da Idade do Bronze Final e do Ferro Antigo. Com efeito, foram registados 12 fragmentos da Idade do Bronze e 26 do Ferro Antigo.

Materiais cerâmicos

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados 12 fragmentos atribuíveis a esta cronologia. Foi registado um bordo, um exemplar de base, dois exemplares de asas e ainda oito bojos.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e com cozedura redutora.

A pasta é, na maioria arenosa (11 exemplares). Os restantes possuem pasta micácea-arenosa (um). A textura é média. Quanto aos desengordurantes (e.n.p), estes oscilam entre os de pequeno (quatro casos), médio (sete casos) e de grande calibre (um caso).

A maioria dos fragmentos encontra-se polida (oito fragmentos) e os restantes quatro têm a superfície alisada.

Foi estudado apenas um bordo (um fechado). Foi observado uma base de fundo plano simples. Foram registadas, ainda, duas asas de seção tubular.

Em termos formais foi possível apurar um exemplar da forma 10 (potinho/púcaro) da tabela formal de Bettencourt (1999).

Só foi registado um bojo rolado e nenhum fragmento possuía fuligem.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < de 4 cm (nove exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (três exemplares).

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram considerados 26 fragmentos: 30 bordos, cinco bojos (três decorados), oito bases e duas asas.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são, na sua esmagadora maioria, micáceas (20 fragmentos) e seis fragmentos possuem pastas micáceas-arenosas.

A textura dos fragmentos é, na maioria, média (22 fragmentos). De textura fina apenas foram observados quatro fragmentos. Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (19 casos), médio (seis casos) e grande calibre (um caso). Estes têm um acabamento, na sua maioria, alisado (14 exemplares) e os restantes são polido (12 exemplares).

Foram registados 11 bordos (quarto esvasados, dois abertos, dois em aba soerguida e três indeterminados), oito bases (cinco de fundo plano alargado e três de fundo plano simples. As asas registadas dividem-se em vários tipos de secções: uma em fita e uma tubular.

Em termos formais, foram estudadas oito formas: dois da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), um da forma 2a (púcaro), dois da forma 2b (potinho), dois da forma 3a (malga) e um da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 11.6; Fig. 11.45). Foi registado quatro fragmentos com fuligem. Foram ainda observadas quatro formas indeterminadas.

Tabela 11.6 Formas registados na camada 3 (quadrado E6)

Forma	MNI	%
Forma 1b (pote)	2	25 %
Forma 2a (púcaro)	1	12,5 %
Forma 2b (potinho)	2	25 %
Forma 3a (malga)	2	25 %
Forma 4a (panela de asa interior)	1	12,5 %
Total	**8**	**100%**

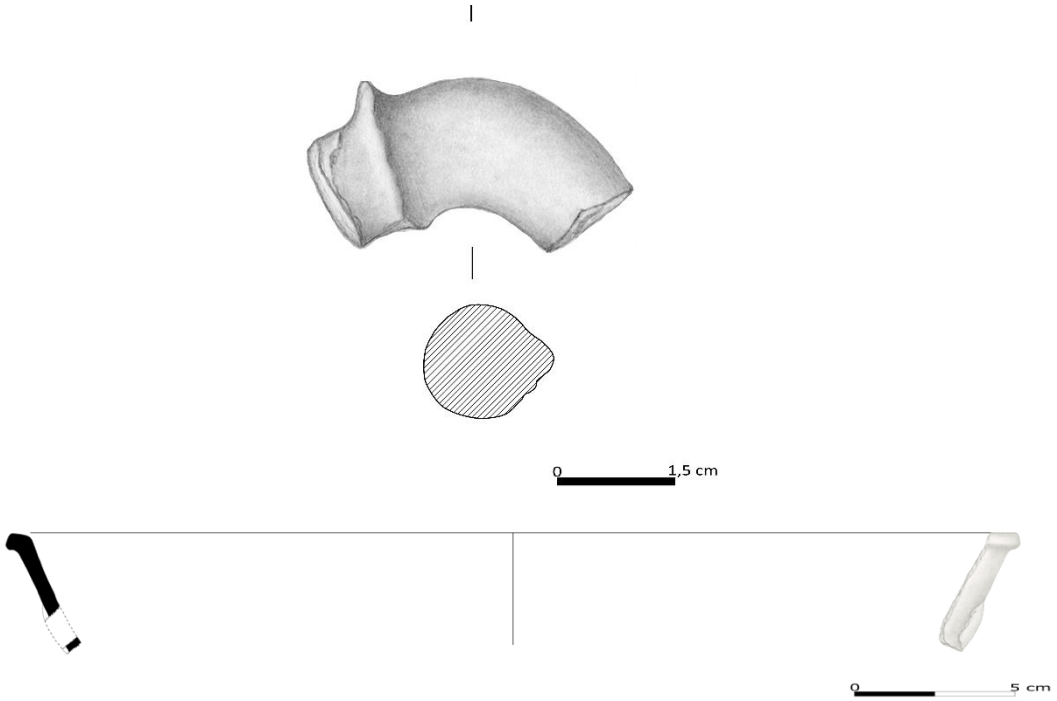


Fig. 11.45 Formas cerâmicas: asa de forma 4 (panela de asa interior) e bordo arranque de asa de forma 4.

Foram registados três fragmentos decorados. Um deles possui aguada vermelha na superfície exterior. Um outro fragmento possui decoração por aplicação plástica (um cordão aplicado na zona de passagem entre colo e pança na zona interna do colo). Foi registado ainda um fragmento com decoração compósita: aplicação plástica, incisão e puncionamento cujos motivos são os seguintes: um pequeno cordão aplicado na horizontal, seguido de duas caneluras incisas e no meio por meio de puncionamento temos três pequenos triângulos puncionados.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem < de 4 cm (19 exemplares), entre 4 e 8 cm (sete exemplares). Foram registados 6 fragmentos rolados.

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia material que esteve muito sujeito a fenómenos pós deposicionais e erosivos.

Camada 3 (quadrados D6/D7-2/D7-4 – nível de destruição e derrubes)

Nesta camada foi registado um volume interessante de materiais, datáveis de três fases cronológicas distintas. Foram observados 64 fragmentos da Idade do Bronze, provavelmente intrusivos, 340 fragmentos datáveis do Ferro Antigo e quatro com características técnicas do Ferro Recente.

Materiais cerâmicos

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados 64 fragmentos: três bordos, 54 bojos e sete bases.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e com cozedura redutora. A pasta é, na maioria micácea-arenosa (56 exemplares). Os restantes possuem pasta arenosa (oito).

A textura é média, (56 exemplares) e grosseira (oito exemplares). Quanto aos desengordurantes (e.n.p), estes oscilam entre os de pequeno (20 casos), médio (36 casos) e de grande calibre (oito casos).

A maioria dos fragmentos encontra-se polida (31 fragmentos) e os restantes 33 têm a superfície alisada.

Foram estudados três bordos (dois esvasados e um em aba soerguida). Também foram observadas oito bases, quatro de fundo plano simples e quatro indeterminadas. Foram registadas, ainda, duas asas de seção tubular.

Em termos formais foi possível apurar dois exemplares da forma 10 (potinho/púcaro) da tabela formal de Bettencourt (1999).

Foram registados 17 bojos com fuligem na superfície exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < a 4 cm (45 exemplares - 64%), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (22 exemplares) e de um tamanho > 8 cm (três exemplares). Foram identificados 29 fragmentos rolados (39% do total). Assim, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) estas características indiciam material esteve sujeito a fenómenos pós deposicionais, registando-se grande transporte dos materiais após a sua quebra primitiva, o que é normal num nível de derrube.

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram considerados 340 fragmentos: 19 bordos, 310 bojos (sete decorados), nove bases e duas asas.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora.

As pastas são, na sua esmagadora maioria, micáceas-arenosas (334 fragmentos) e seis fragmentos possuem pasta micácea. A textura dos fragmentos é, na maioria, média (333 fragmentos). De textura fina apenas foram observados sete fragmentos. Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (151 casos), médio (164 casos) e grande calibre (25 casos).

Estes têm um acabamento, na sua maioria, polido (176 exemplares) e os restantes são alisado (164 exemplares).

Foram registados 19 bordos (nove esvasados, seis abertos, dois em aba soerguida e dois indeterminados), nove bases (duas de fundo plano alargado, quatro de fundo plano simples e ainda três indeterminadas). As asas registadas dividem-se em vários tipos de secções: uma de seção pentagonal e uma de seção circular.

Em termos formais, foram estudadas 18 formas: sete exemplares da forma 1a (pote com bordo esvasado), um exemplar da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), um exemplar da forma 2a (púcaro), duas da forma 2b (potinho), quatro da forma 3a (malga) e três da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 11.7; Fig.11.46). Deste conjunto destacamos um potinho com o perfil praticamente inteiro (Fig. 11.47).

Tabela 11.7 Formas cerâmicas do Ferro Antigo, camada 3 (Qd. D6/ D7-2/D7-4)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	7	37 %
Forma 1b (pote)	1	5 %
Forma 2a (púcaro)	1	5 %
Forma 2b (potinho)	2	11 %
Forma 3a (malga)	3	21 %
Forma 4a (panela de asa interior)	4	21 %
Total	**18**	**100%**

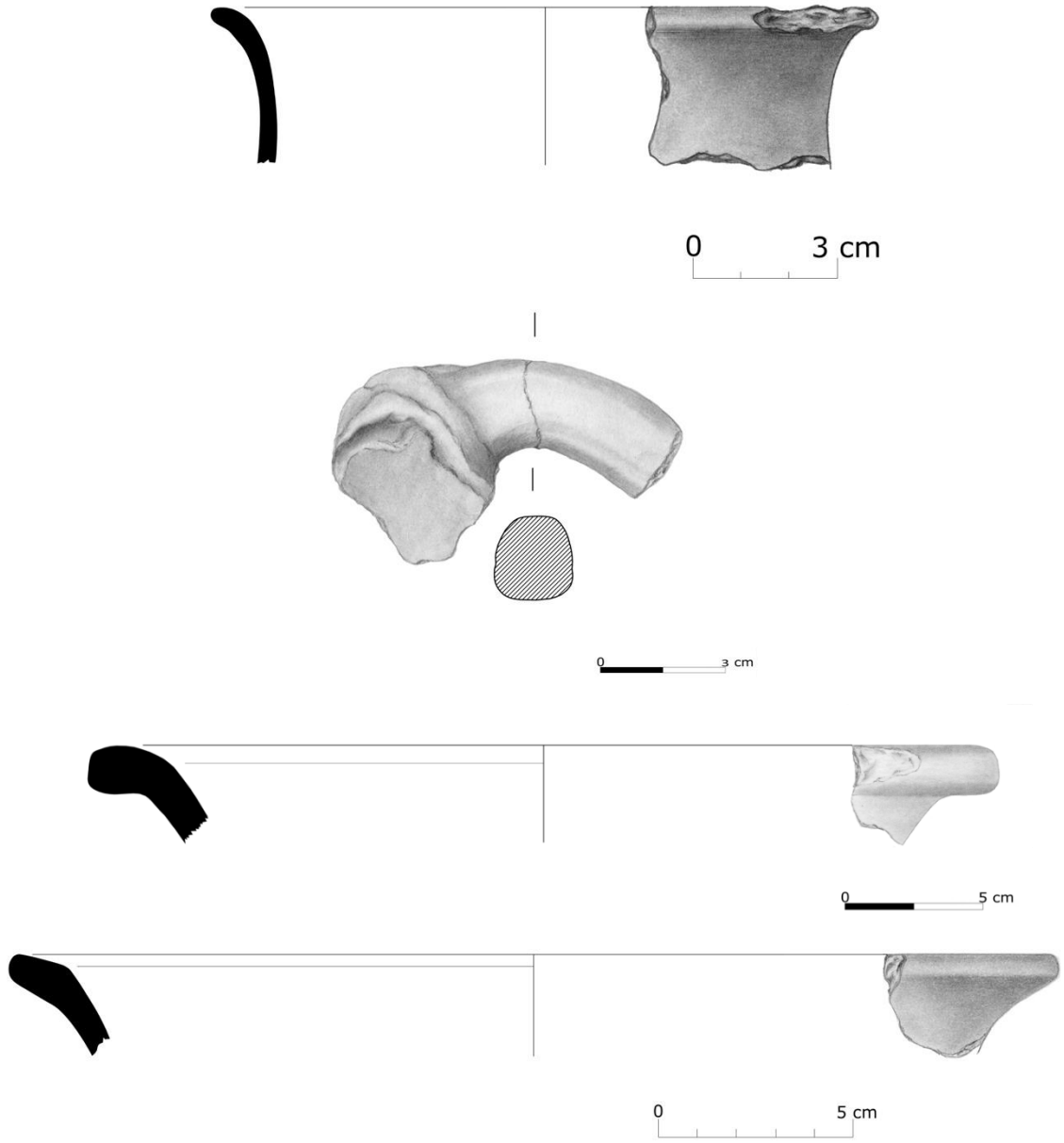


Fig. 11.46 Formas cerâmicas: forma 2a (púcaro, com arranque de asa), asa de forma 4 (panela de assa interior), forma 1a e forma 1b (potes) (desenho de Telma Leandra).

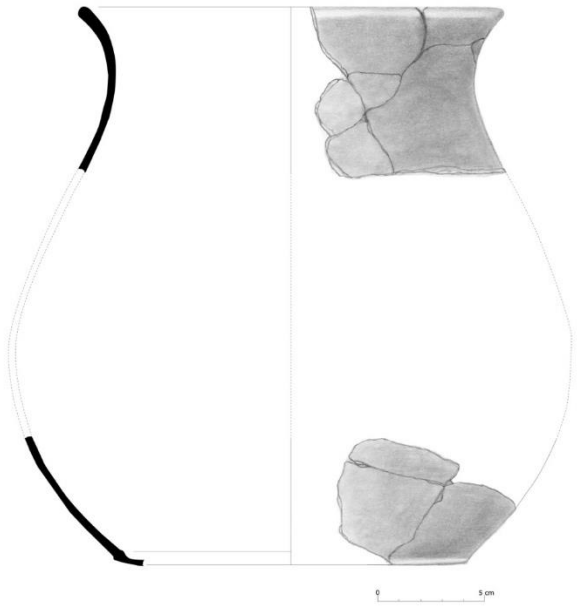


Fig. 11.47 Formas cerâmicas: forma 2b (potinho).

Foram registados 71 fragmentos (bordos e bojos) com fuligem na superfície exterior. Devemos ainda referir que a fuligem encontra-se nas formas 1, 3 e 4 o que indiciam que estiveram sobre lume, talvez relacionadas com a confeção de alimentos.

Foram estudados oito bojos decorados. Os bojos possuem decoração simples e compósita.

A decoração simples tem como técnicas a incisão, a aplicação plástica. Foram registados dois bojos decorados por incisão, ora com um sulco horizontal, ora formando uma composição de tipo espinhada. A aplicação plástica foi registada em quatro fragmentos com um ou dois cordões, aplicados na horizontal.

A decoração compósita surge em dois bojos, um deles com decoração por aplicação plástica, incisão e impressão e outro por impressão e incisão. A organização decorativa deste fragmento é a seguinte: um pequeno cordão aplicado na horizontal, seguido de sulcos incisos e de impressão pequenos triângulos. No outro caso a organização decorativa é feita através de uma banda de séries de SSS, um sulco horizontal e uma banda de círculos concêntricos (Fig. 11.48).

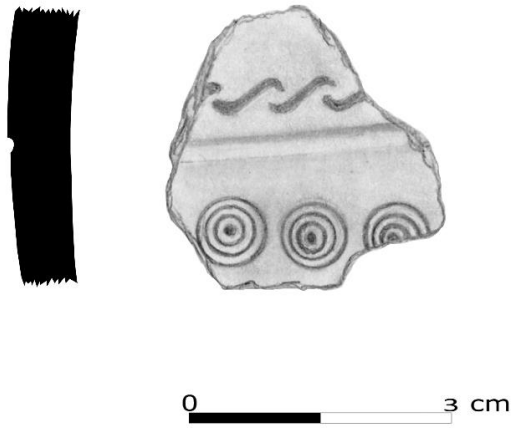


Fig. 11.48 Fragmento decorado por impressão e incisão.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem < de 4 cm (290 exemplares), entre 4 e 8 cm (44 exemplares) e > 8 cm (seis exemplares). Foram registados 160 fragmentos rolados (47% do total).

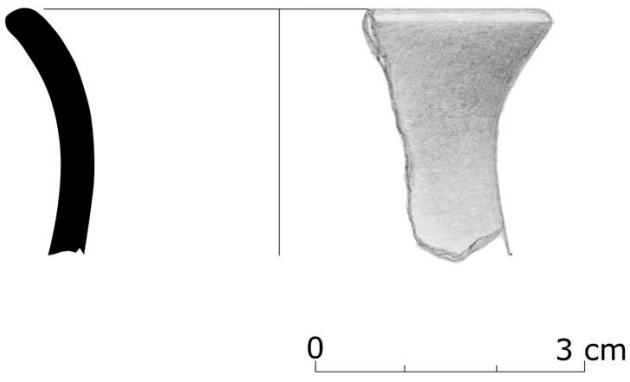
Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia material que esteve muito sujeito a fenómenos pós deposicionais e erosivos.

Idade do Ferro Recente

Nesta cronologia foi possível enquadrar um total de quatro fragmentos cerâmicos: dois bojos decorados e dois bordos.

Estes fragmentos são produzidos de forma manual, com cozeduras redutoras e pastas micáceas. Os fragmentos são de textura média e com desengordurantes de pequeno calibre. Em termos de acabamento das superfícies, três são polidos e apenas um é alisado.

Em termos formais foram observados dois fragmentos esvasados, pertencentes a um exemplar da forma 1a (pote) e a um exemplar da forma 2b (potinho) (Fig. 11.49).



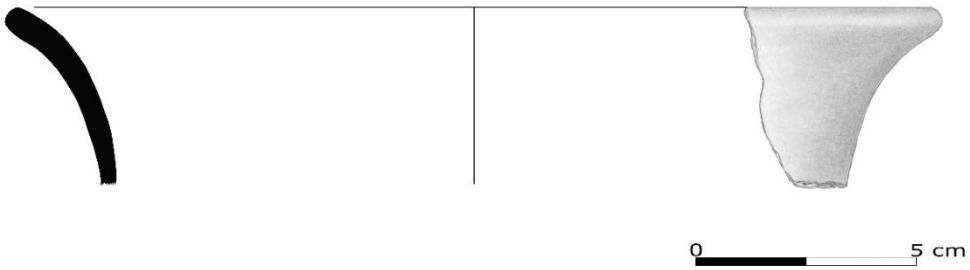


Fig. 11.49 Formas cerâmicas: forma 2b (potinho) e forma 1a (pote).

Os fragmentos encontram-se decorados por decoração simples: um por incisão (sulco em zigue-zague) e outro pela técnica da impressão através de triângulos com pequenos círculos no seu interior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem < de 4 cm (dois exemplares) e entre 4 e 8 cm (dois exemplares). Foi registado um fragmento rolado.

Materiais metálicos

Foram registados, nesta camada 4 (Tab. 11.8) dois fragmentos de escória metálica. As análises da sua composição não chegaram a tempo da sua inclusão neste trabalho.

Tabela 11.8 Escórias

Quadrado	Estrato	Comp.	Larg.	Espes.
E6	3	2,1 cm	1,8 cm	1,7 cm
E6	3	2,1 cm	1,9 cm	1,9 cm

Camada 4 (interior das bolsas do quadrado D7-2)

Materiais

Materiais cerâmicos

No interior destas bolsas foi registado pouco material cerâmico: quatro fragmentos datáveis da Idade do Bronze Final e seis fragmentos datáveis da Idade do Ferro Antigo. Partindo do princípio que foram abertas em ocupações anteriores, tal pode explicar os fragmentos da Idade do Bronze. Nesse caso parecem ser do Ferro Antigo.

Idade do Bronze

Os quatro fragmentos datáveis da Idade do Bronze: um bordo, duas bases e um arranque de asa, foram produzidos de forma manual e com cozedura redutora. A pasta é micácea-arenosa, a textura é média e os desengordurantes (e.n.p) são de médio calibre. Quanto ao acabamento é maioritariamente polido (três fragmentos) e um alisado.

Em termos formais foi observado um bordo esvasado. Quanto à forma do bordo foi possível inseri-la na forma 10 (potinho) (potinho/púcaro) da tabela forma de Bettencourt (1999) (Fig. 11.50). A asa trata-se apenas de um arranque, não sendo possível observar a sua secção.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, uma dimensão < de 4 cm (três exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (um exemplar). Foram identificados dois fragmentos rolados, o que indicia posição secundária.



Fig. 11.50 Forma cerâmica: forma 10 (potinho).

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram também considerados seis fragmentos de cerâmica deste período. Foram registadas dois bordos, três bases e um bojo decorado.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, na sua maioria, média (quatro exemplares), seguido de textura grosseira (dois exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de médio calibre (cinco casos), os de pequeno calibre (um exemplar). Estes fragmentos oscilam entre polidos e alisados (três exemplares cada).

Foi registado três bases de forma indeterminada e dois bordos (um esvasado e um em aba soerguida).

Em termos formais, foram observadas duas formas: um exemplar da forma 1a (pote com bordo esvasado) e um exemplar da forma 2b (potinho).

Foi registado um bojo decorado por impressão com duas bandas de pequenos retângulos impressos e, no meio, uma banda de círculos concêntricos (Fig. 11.51).

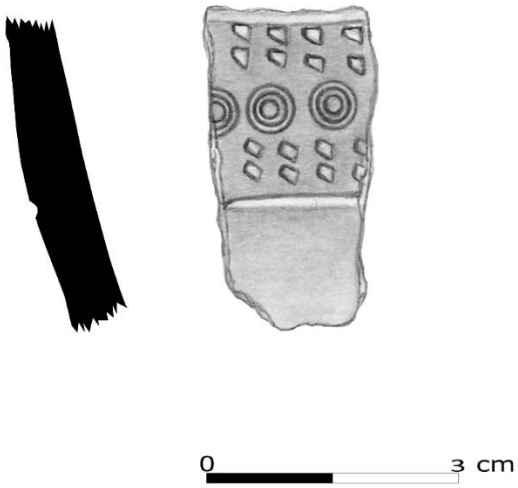


Fig. 11.51 Bojo decorado por impressão.

Foram observados dois fragmentos com fuligem no exterior: numa base e na forma 2b.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho < de 4 cm (dois exemplares), entre 4 e 8 cm (três exemplares) e um tamanho >8 cm (um exemplar). Foram registados quatro fragmentos rolados.

Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia material pouco alterado pós-quebra e que esteve pouco tempo à superfície, ou seja, protegido dos fenómenos pós deposicionais e erosivos.

Materiais vítreos

Neste setor foi ainda registada uma conta de colar vítrea de cor azul-cobalto[314], já considerada nos estudos de Hugo Gomes (2012). Pensamos tratar-se da forma cupiforme curta[315]. Possui 1,1 cm de diâmetro, 0,6 cm de espessura e cerca de 1,2 gramas. Estas contas tem uma longa diacronia por toda a Idade do Ferro (Ruano, 1996; Gomes, 2012) (Fig. 11.52).

[314]Foram registadas mais quatro contas de colar vítreas, de cor azul-cobalto, com as mesmas características formais, noutras áreas do povoado, mas sem qualquer contexto.
[315]Classificação nossa, partindo da tabela formal de Gomes (2012).

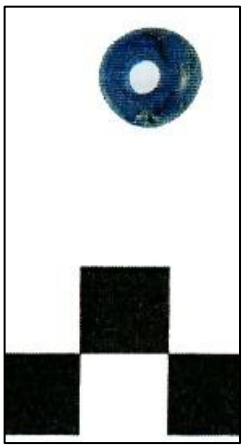


Fig. 11.52 Conta de colar do povoado de S. Paio (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia

D6 e D7-4

Camada 4 (ocupação)

Materiais cerâmicos

Nesta camada foram registados 21 fragmentos que parecem da Idade do Bronze, 113 datáveis do Ferro Antigo e 10 com características técnicas e formais do Ferro Recente.

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados 21 fragmentos: 19 bojos e duas bases. Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual, com cozedura redutora. A pasta é na sua maioria micácea-arenosa embora um fragmento possua pasta arenosa. A textura é média, na sua maioria, mas foi registado um fragmento com textura grosseira. Quanto aos desengordurantes (e.n.p), estes oscilam entre os de pequeno (nove casos) e médio calibre (12 casos). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se alisado (15 fragmentos) e os restantes têm a superfície polida.

Foram observadas duas bases de fundo plano simples.

Apenas dois fragmentos possuem fuligem na superfície.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, < de 4 cm (15 exemplares) e entre 4 e 8 cm (seis exemplares). Foram identificados sete fragmentos rolados.

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram considerados 113 fragmentos de cerâmica deste período: quatro bordos, 103 bojos (quatro decorados), duas bases (uma decorada) e uma asa.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são, na sua esmagadora maioria, micáceas-arenosas (111 fragmentos) e um fragmento é de pasta

arenosa. A textura dos fragmentos é média (99 fragmentos) e grosseira (14 fragmentos). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (61 casos), médio (37 casos) e grande calibre (15 casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, polidos (70 exemplares) e os restantes são alisado (43 exemplares).

Foram registados quatro bordos (um esvasado, um em aba soerguida e ainda dois indeterminados), duas bases (de fundo plano alargado). A asa possui seção circular.

Em termos formais, foram estudadas três formas: um exemplar da forma 1a (pote com bordo esvasado), um da forma 2b (potinho) e um exemplar da forma 4 (panela de asa interior) (Fig. 11.53).

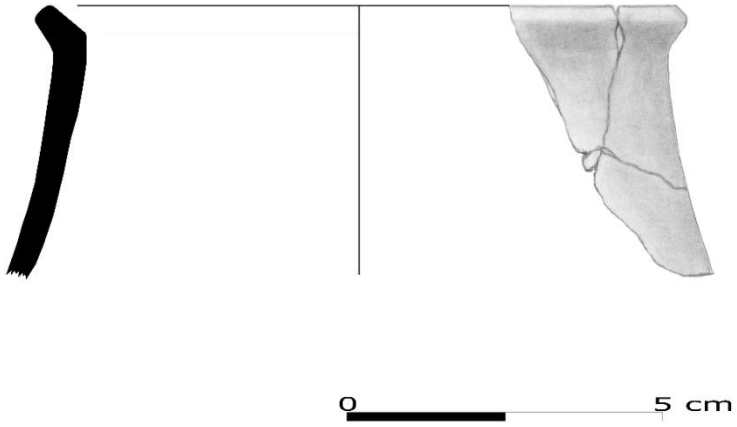


Fig. 11.53 Forma 2b (potinho).

Foram registados 22 fragmentos com fuligem na superfície exterior. Devemos ainda referir que a fuligem foi identificada nas formas 1, o que indiciam que estiveram sobre lume, talvez relacionadas com a confeção de alimentos.

Foram estudados quatro bojos decorados e uma base decorada. Os bojos possuem decoração simples e compósita. A decoração simples tem como técnicas a incisão (quatro sulcos horizontais) e aguada de cor castanha muito escura, quase negra.

A decoração compósita surge em dois bojos, um deles com decoração por aplicação plástica e incisão (cordão na horizontal e decoração em espinha) e, no outro, aguada e brunido (Fig. 11.54).



Fig. 11.54 Bojo decorado com aguada escura.

A base decorada possui decoração por incisão, com quatro pequenos sulcos oblíquos, na zona exterior do fragmento.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem um tamanho < a 4 cm (105 exemplares), entre 4 e 8 cm (sete exemplares) e > 8 cm (um exemplar). Foram registados 35 fragmentos rolados (31% do total). Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia material em posição secundária, após quebra.

Idade do Ferro Recente

Nesta cronologia foi possível enquadrar um total de 10 fragmentos cerâmicos: cinco bordos, duas bases, duas asas e um bojo.

Na sua maioria os fragmentos foram realizados de forma manual, e apenas dois exemplares foram realizados a torno/roda. Em termos de cozedura, os fragmentos apresentam cozeduras redutoras (cinco exemplares) e os restantes, cozedura oxidante (cinco exemplares). As pastas apresentam-se micáceas. Os fragmentos são de textura média (seis exemplares), fina (três exemplares) e grosseira. Quanto aos desengordurantes estes apresentam-se, na sua maioria, de pequeno (oito exemplares) e médio calibre (dois exemplares). Os acabamentos das superfícies, encontram-se, na sua maioria, polidos (sete exemplares), e os restantes três exemplares são alisados.

Em termos morfológicos foram contabilizados cinco bordos, dos quais dois exemplares são esvasados, dois são abertos e um em aba soerguida. Quanto às bases são todas de fundo plano alargado. Todos os exemplares de asas registados são exemplares de asa em orelha.

No que respeita às formas cerâmicas identificadas neste período é de referir um total de três formas: um exemplar de forma 2b (potinho), dois exemplares da forma 6 (panela de asa em orelha) (Tab. 11.9 Fig. 11.55).

Tabela 11.9 Formas cerâmicas do Ferro Recente, camada 4 (D6 e D7-4)

Formas	NMI	%
Forma 2b (Potinho)	1	33 %
Forma 6 (Panela de asa em orelha)	2	67 %
Total	**3**	**100%**

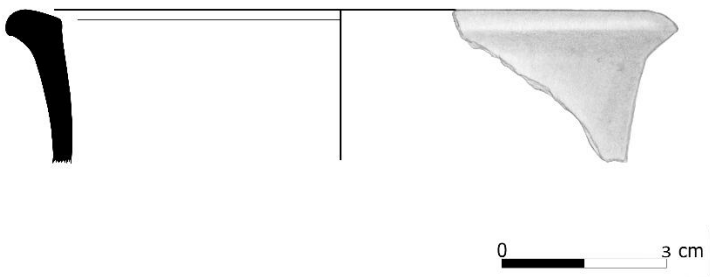


Fig. 11.55 Forma cerâmica: forma 2b.

Relativamente aos fenómenos deposicionais e pósdeposicionais a que terão estado sujeitos estes fragmentos é de notar que oito exemplares são menores do que 4 cm e dois exemplares encontram-se entre 4 e 8 cm. Devemos ainda referir que 2 fragmentos encontram-se rolados.

Materiais de construção em argila

Nesta camada foram registados vários fragmentos de reboco e de pavimento, em argila. Alguns apresentam pequenas micas e noutros casos, além de micas, algumas areias (Tab. 11.10; Fig. 11.56).

Tabela 11.10 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Motivos	Tonalidade/ Composição
D6	4	3,7 cm	3 cm	2,1 cm	Reboco	-	Castanho-escuro /micas
D6	4	3,6 cm	2,2 cm	1,9 cm	Reboco	-	Castanho-escuro/areias
D7-4	4	3,5 cm	2,9 cm	1,7 cm	Pavimento	-	Alaranjado/micas e areias
D7-4	4	3,5 cm	2,2 cm	1,8 cm	Pavimento	-	Alaranjado
D7-4	4	4,3 cm	2,8 cm	2,3 cm	Pavimento	-	Alaranjado
D7-4	4	4.8 cm	3,6 cm	2.,9 cm	Reboco	Negativos de ramos	Castanho-claro/areias



Fig. 11.56 Fragmento de reboco com negativos de ramos (?).

2.8) Data de radiocarbono

Feita a partir de carvões vegetais, dispersos na camada, era expetável que esta data fosse similar ou ligeiramente mais antiga do que a da camada 3. O seu resultado aponta para uma cronologia entre o séc. II e os meados do séc. I a.C., nitidamente já do Ferro Recente, o que não está de acordo nem com as ilações retiradas para a camada 3, nem para os materiais aqui encontrados. Assim, parte-se do princípio de que a data é anómala, podendo resultar de intrusões de carvões mais recentes.

Ref. Lab	Material	Contexto	Data BP	Cal. 1 sigma	Cal. 2 sigma
ICA20C/1246	Carvão vegetal	Quadrado D6, camada 4	2100±30	**157-91 a.C. (50%)** 78-54 a.C. (18,3%)	334 - 331 a.C. (0.5%) **198 - 42 a.C. (95.0%)**

D6 e D7-4

Camada 5 (piso de ocupação)

Materiais cerâmicos

Nesta camada foram registados: um fragmento da Idade do Bronze, 51 fragmentos datáveis do Ferro Antigo e ainda dois fragmentos com características do Ferro Recente.

Idade do Bronze

Nesta cronologia foi possível enquadrar apenas um fragmento de fabrico manual, cozedura redutora e pasta é arenosa. O acabamento é alisado e a sua textura é média/grosseira. Os seus desengordurantes são de grande dimensão. O fragmento que aqui foi registado é um bordo, ligeiramente esvasado que pertence a uma forma 10 (potinho/púcaro) da tabela forma de Bettencourt (1999). É de referir que é menor do que 4 cm e encontra-se rolado.

Idade do Ferro Antigo

Nesta cronologia foi possível enquadrar 51 fragmentos cerâmicos: 31 bordos, 13 bases, duas asas e cinco bojos.

Todos os fragmentos são de fabrico manual, possuem cozedura redutora e as pastas apresentam-se micáceas-arenosas. Os fragmentos são de textura média (37 casos), fina (13 casos) e grosseira (um caso). Quanto aos desengordurantes estes apresentam-se na sua maioria de pequeno (33 exemplares), médio (15 exemplares) e grande calibre (três exemplares). Em termos de acabamento das superfícies, 27 são alisados e 24 polidos.

Em termos morfológicos os 31 bordos correspondem a 16 exemplares esvasados, seis em aba soerguida, um em aba horizontal, quatro abertos e um vertical.

Quanto às bases foram registados 13 exemplares, dos quais cinco são de fundo plano alargado, quatro são de fundo plano simples e quatro são indeterminadas. Foram, ainda, identificadas duas asas: secção pentagonal e outra com canelura central (Fig. 11.57). Resta apenas referir cinco bojos.

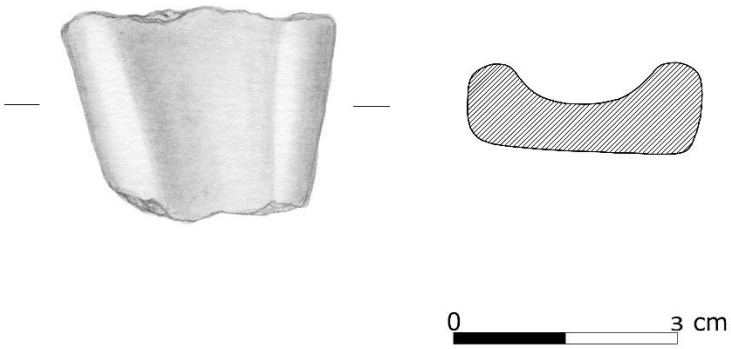


Fig. 11.57 Asa de canelura central.

Foram determinadas 27 formas: cinco exemplares da forma 1a (pote), três da forma 1b (pote c/bordo em aba soerguida), dois da forma 2a (púcaro); 14 de forma 2b (potinho), um de forma 3a (malga), um da forma 3b (tigela) e um da forma 4a (panela de asa interior) (Tab. 11.11; Fig. 11.58).

Tabela 11.11 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo, camada 5 (D6, E6, D7-4)

Forma	NMI	%
Forma 1a (Pote)	5	18 %
Forma 1b (Pote)	3	11 %
Forma 2a (Púcaro)	2	7 %
Forma 2b (Potinho)	14	52 %
Forma 3a (Malga)	1	4 %
Forma 3b (Tigela)	1	4 %
Forma 4a (Panela de asa interior)	1	4 %
Total	**27**	**100%**

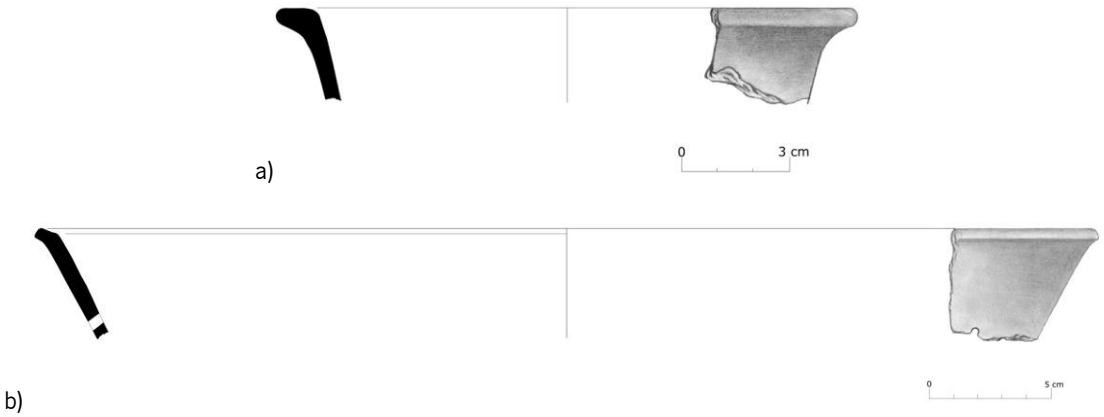


Fig. 11.58 Forma cerâmica: a) forma 2b (potinho) (desenho de Telma Leandra), e b) forma 4a (panela de asa interior).

Apenas a panela de asa interior possui fuligem no exterior.

Foram registados cinco fragmentos decorado (cinco bojos).

Dois bojos têm decoração por incisão e puncionamento. Nos dois casos regista-se um sulco inciso e duas bandas de pequenas punções circulares. Foi registado um bojo com decoração incisa, neste caso particular, com motivo em espinha.

Foi utilizado, também, o brunido através de várias linhas brunidas, na vertical. Finalmente, foi registado ainda um bojo decorado por aplicação plástica e incisão (um cordão aplicado na horizontal, seguido de vários sulcos incisos oblíquos que se cruzam (Fig. 11.59).

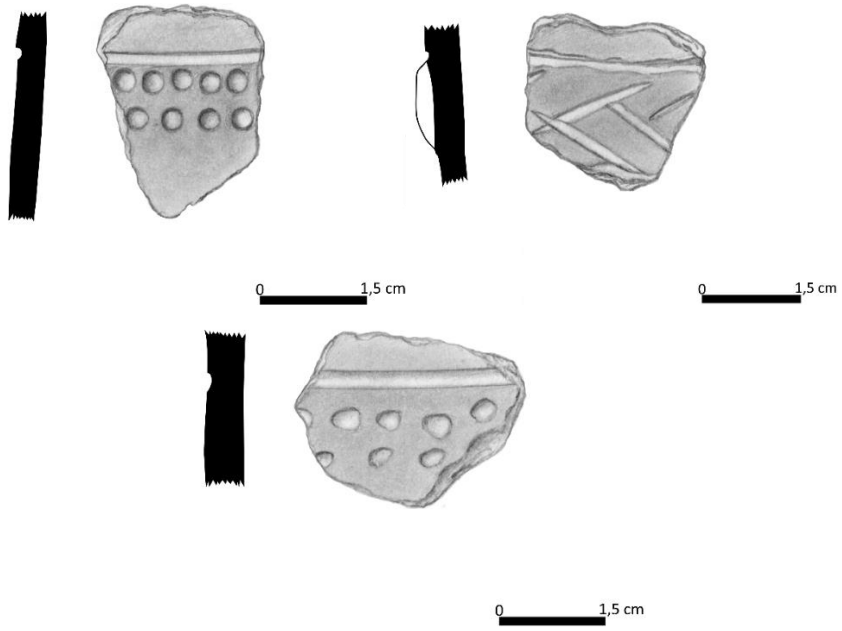


Fig. 11.59 Bojos decorados por incisão, puncionamento e aplicação plástica.

Aspetos funcionais registaram-se num bordo que possui uma pequena perfuração devido a um agrafo metálico que não se conservou.

Relativamente aos fenómenos deposicionais e pósdeposicionais a que estarão estado sujeitos estes fragmentos é de notar que 43 exemplares são menores de 4 cm e apenas oito encontram-se entre 4 e 8 cm. Tendo em consideração o tamanho dos fragmentos e o índice de erosão (18 fragmentos que representam 38% da amostra), segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), nota-se algum transporte dos materiais pós-quebra, mas ainda assim não estiveram muito tempo sujeitos aos fenómenos erosivos.

Idade do Ferro Recente

Nesta cronologia foi possível enquadrar dois fragmentos cerâmicos: um bordo e um bojo decorado.

Todos os fragmentos foram realizados a torno/roda. Os dois exemplares possuem cozedura redutora. A pasta é micácea. Os fragmentos são de textura média. Quanto aos desengordurantes apresentam-se de tamanho médio. Em termos de acabamento, ambos são polidos.

Em termos morfológicos, foi identificado um bordo em aba soerguida que corresponde a um exemplar da forma 5 (talha).

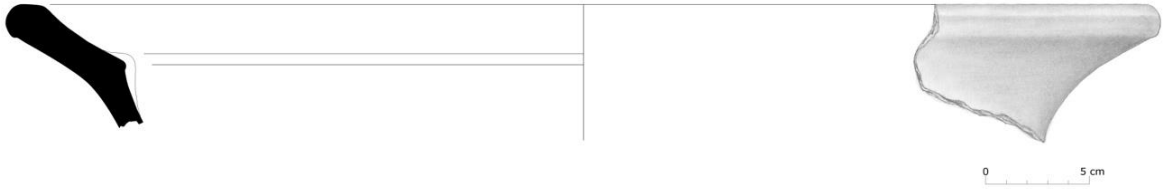


Fig. 11.60 Forma cerâmica: forma 5 (talha).

Em termos decorativos é de salientar um bojo, decorado por incisão, através de um motivo espinhado, delimitado por dois sulcos horizontais (Fig. 11.61).

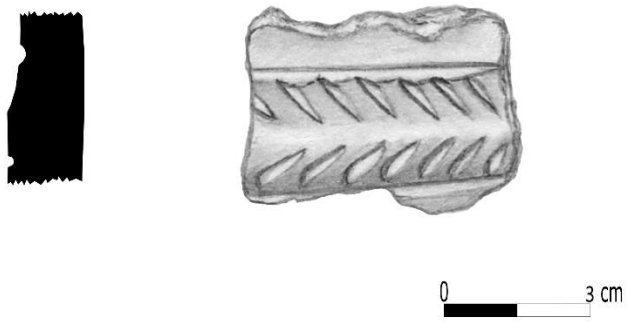


Fig. 11.61 Fragmento com decoração espinhada (desenho de Amélia Marques).

Um exemplar é menor do que 4 cm e o outro, entre 4 e 8 cm. Estes fragmentos não se encontram rolados.

Materiais de construção em argila

Nesta camada foram, ainda, encontrados dois fragmentos, muito pequenos, de argila cozida, de cor avermelhada e com inclusão de pequenas areias, e outro de cor castanho-escura, também com inclusão de areias. Um deles encontra-se decorado com pequenas incisões (Fig. 11.62). Têm um tamanho inferior a 3 cm.



Fig. 11.62 Reboco (?) decorado por incisão (desenho de Amélia Marques).

2.9) Materiais líticos

De referir, ainda, uma pequena lasca retocada na extremidade distal e na lateral esquerda, em sílex, de tom avermelhado, encontrada na camada 5, do quadrado D6 Trata-se de uma raspadeira. Possui 3,4 cm de comprimento, 2,7 cm largura e 1 cm de espessura (Fig. 11.63).

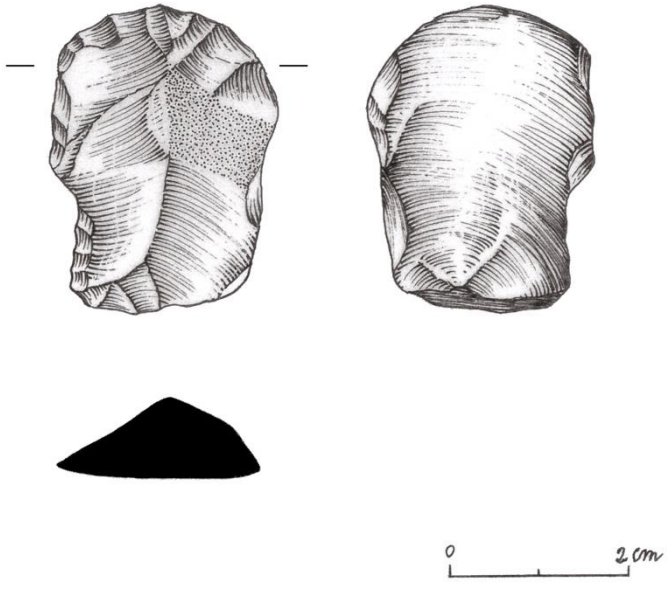


Fig. 11.63 Raspadeira sobre lasca, em sílex, de secção triangular (desenho de Amélia Marques).

Foi também encontrado um seixo rolado, alongado, na camada 5 do quadrado D6, que poderá ter servido de polidor, uma vez que tem vestígios de polimento intenso numa das extremidades (Fig. 11.64). Possui 10,3 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 2,4 cm de espessura. É em quartzito.



Fig. 11.64 Possível polidor.

Camadas 4b e 4c do quadrado E6

No quadrado **E6** foram estudados os materiais das **camadas 4b e 4c** por se tratar de camadas de ocupação, embora parcialmente perturbadas, pelo que se estudaram os materiais.

Camadas 4b (ocupação relacionada com piso da camada 4c).

Materiais cerâmicos

Nesta camada foram registados materiais de vária cronologia: 11 fragmentos datáveis da Idade do Bronze, 220 fragmentos datáveis do Ferro Antigo, 10 fragmentos datáveis do Ferro Recente e ainda 12 fragmentos intrusivo da Idade Média. Denota-se, uma vez mais, a gravidade das intervenções clandestinas neste povoado, perturbando, parcialmente, os estratos a alguma profundidade.

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados 11 fragmentos de bojos, datáveis da Idade do Bronze.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e a cozedura é redutora. A pasta nestes fragmentos é arenosa. A textura destes materiais é média, na sua maioria, embora exista um fragmento com textura grosseira. Quanto aos desengordurantes (e.n.p) estes oscilam entre os de pequeno (seis casos), médio (quatro casos) e grande calibre (um caso). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se polida (sete fragmentos) e os restantes têm a superfície alisada. Foram registados três bojos com fuligem na superfície exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem na sua maioria, um tamanho < de 4 cm (oito exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (três exemplares). Foram identificados três fragmentos rolados.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram considerados 220 fragmentos de cerâmica. Foram registados 23 bordos, 178 bojos (sete são decorados), 14 bases e quatro asas.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são na sua esmagadora maioria micáceas-arenosas e um fragmento é de pasta arenosa. A textura dos fragmentos é, na maioria média (152 fragmentos) e grosseira apenas (cinco fragmentos). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (129 casos), de médio (78 casos) e de grande calibre (13 casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, alisado (117 exemplares) e os restantes são polidos (103 exemplares).

Foram registados 23 bordos (13 esvasados, quatro em aba soerguida, três abertos, e um em aba horizontal e ainda dois indeterminados), 14 bases (nove de fundo plano alargado, quatro de fundo plano simples e um indeterminado). As asas (as quatro) são de secção circular.

Em termos formais, foram estudadas 19 formas: cinco exemplares da forma 1a (pote com bordo esvasado); dois da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida); sete da forma 2b (potinho); um da forma 3a (malga) e quatro da forma 4a (panela de asa interior) (Tab. 11.12; Fig. 11.65).

Tabela 11.12 Formas do Ferro Antigo, na camada 4b (E6)

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	5	26 %
Forma 1b (pote)	2	11 %
Forma 2b (potinho)	7	37 %
Forma 3a (malga)	1	5 %
Forma 4a (panela de asa interior)	4	21 %
Total	**19**	**100 %**



Fig. 11.65 Forma cerâmica: forma 1a (pote).

Foram registados 34 fragmentos com fuligem na superfície exterior, nos quais destacamos as formas 2b (potinhos) e 4a (panelas de asa interior). Isto parece sugerir que estas formas podem ter sido usadas sobre o lume.

Como foi referido foram observados sete bojos decorados: cinco deles com decoração simples (um com incisão, um com aguada castanho-escura, um por aplicação plástica, um por espatulado e outro por estampagem) e dois com decoração compósita (um com impressão, aplicação plástica e incisão e outro com brunido, aguada e aplicação plástica).

As organizações decorativas dos fragmentos com decoração simples é a seguinte: a decoração incisa faz-se através de sulcos horizontais; a aguada castanho-escura encontra-se no exterior do fragmento; a aplicação plástica faz-se através de um cordão na horizontal e o espatulado através de vários sulcos muito leves, por incisão de ponta romba, na zona interior do bojo. O bojo decorado por estampagem tem a seguinte organização decorativa: várias impressões por uma matriz triangular preenchida com pequenos círculos (besantes) (Fig. 11.66).



Fig. 11.66 Bojo decorado por impressão através de estampagem.

Os dois fragmentos com decoração compósita têm a seguinte organização decorativa: um cordão na horizontal, seguido de três círculos impressos rematados por um sulco inciso, na horizontal; brunimento da superfície exterior, aplicação de dois cordões na horizontal e uma aguada negra na superfície externa.

Uma das bases estudada é também decorada, neste caso por brunido formando linhas horizontais e verticais (Fig. 11.68).

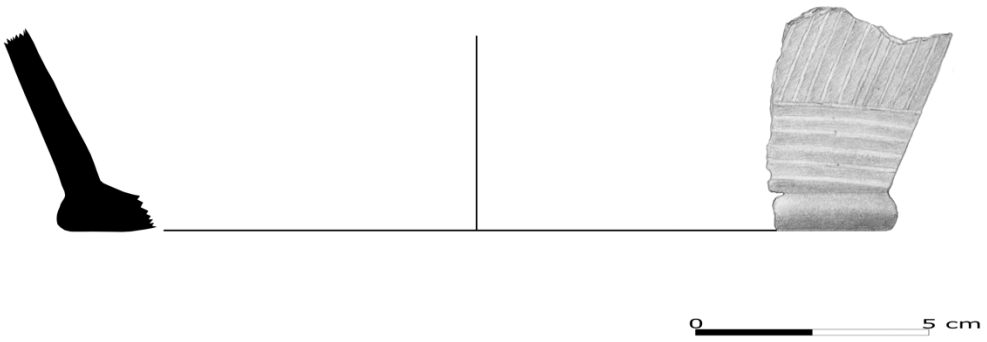


Fig. 11.67 Base de fundo plano alargada decorada por brunido.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem < de 4 cm (167 exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (22 exemplares) e de um exemplar com um tamanho < 8 cm.

Foram registados 66 fragmentos rolados, o que representa 30% do total.

Tendo em conta o tamanho dos fragmentos e o índice de erosão, tal indicia que estes materiais não estiveram muito sujeitos aos fenómenos pós deposicionais e erosivos, registando-se ainda pouco transporte nos materiais, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008).

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram estudados 10 fragmentos de cerâmica que consideramos serem intrusões neste contexto a saber: cinco bordos, dois bojos (decorados), duas bases e uma asa.

Os fragmentos são na sua maioria de produção manual (sete exemplares) e os restantes são produzidos à roda/torno. A cozedura é na sua maioria oxidante (seis fragmentos), sendo os restantes de cozedura redutora. A pasta destes fragmentos é micácea. A textura dos fragmentos é, na maioria média (cinco fragmentos), seguida de textura fina (quatro fragmentos) e grosseira (apenas um fragmento). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (nove casos) e os de médio calibre (um exemplar). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, polido (oito exemplares) e os restantes são alisados (dois exemplares).

Foram registados cinco bordos (dois esvasados, um em aba soerguida e dois abertos), duas bases de fundo plano alargado. A asa é em orelha.

Em termos formais, foram estudadas duas formas: uma forma 2b (potinho) e uma forma 6 (panela de asa orelha) (Tab. 11.13; Fig. 11.68)

Tabela 11.13 Formas do Ferro Recente, na camada 4b (E6)

Forma	NMI	%
Forma 2b (potinho)	1	50 %
Forma 6 (panela de asa em orelha)	1	50 %
Total	**2**	**100 %**



Fig. 11.68 Fragmento de asa em orelha (forma 6).

Foi registado um fragmento decorado por aguada e por aplicação plástica: nota-se uma aguada castanho-escura, quase negra e muito fina, na superfície exterior, logo após o colo. O outro bojo apresenta uma decoração por impressão, incisão e aguada. A organização decorativa é a seguinte: uma banda de impressões com impressões de uma matriz, talvez de concha, disposta de forma oblíqua, seguida de um sulco inciso na horizontal e de três círculos concêntricos produzidos também por estampagem, na superfície foi, depois, colocada uma aguada de cor muito escura, quase negra (Fig. 11.69).

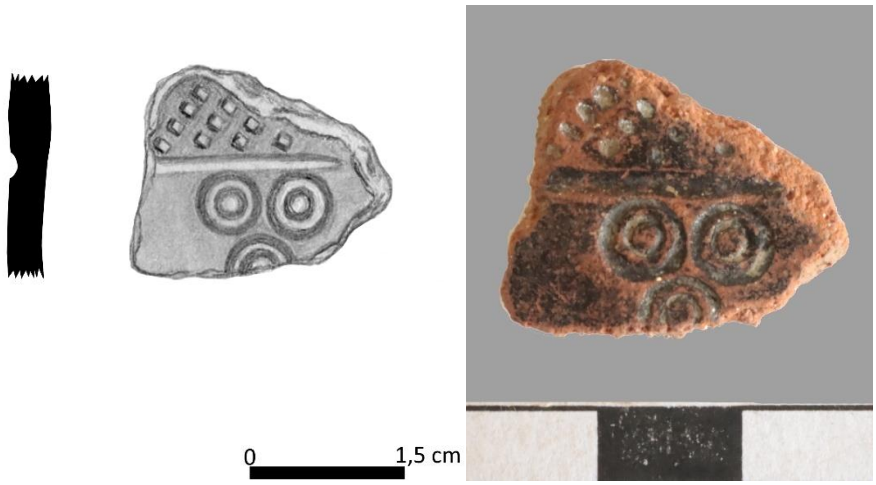


Fig. 11.69 Bojo decorado por impressão, incisão e aguada.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem um tamanho < de 4 cm (nove exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (um exemplar). Foi registado um fragmento rolado.

Material de construção em argila

Neste contexto foram registados três fragmentos de pavimentos e rebocos. As cores oscilam entre o bege e o castanho-escuro. Em alguns casos os fragmentos contêm adição de areias (Tab. 11.14). É de referir ainda um fragmento de argila com alguma dimensão que poderá tratar-se de argila de construção (Fig. 11.70).

Tabela 11.14 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Motivos	Tonalidade/ Composição
E6-3	4	3,3 cm	1,8 cm	2,4 cm	Reboco	Negativos de ramos	Castanho-escuro/areias
E6-3	4	3,8 cm	2,3 cm	1,9 cm	Pavimento	-	Bege/areias
E6-3	4	5,2 cm	2,6 cm	2,4 cm	Pavimento	-	Catanho



Fig. 11.70 Argila de construção.

Camada 4c (piso de ocupação)

Materiais

Materiais cerâmicos

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram também considerados 22 fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro Antigo: dois bordos e 20 bojos.

Os fragmentos são de produção manual e cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é média. Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (15 casos), médio (quatro exemplares) e grande calibre (três casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, polido (12 exemplares) e os restantes são alisados (10 exemplares).

Foram registados dois bordos esvasados. Em termos formais, foram observadas duas formas: dois exemplares da forma 1a (pote com bordo esvasado).

Foram observados cinco fragmentos com fuligem no exterior, um num pote (forma 1a) e em bojos.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem dimensões < de 4 cm (22 exemplares). Foram registados cinco fragmentos rolados. Segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) isto indicia que o material praticamente não esteve sujeito aos fenómenos pós deposicionais e erosivos.

2.10) Materiais cerâmicos de construção

Foi registado um pequeno fragmento de argila, bem cozida, de cor avermelhada (Tab. 11.15).

Tabela 11.15 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Motivos	Tonalidade/ Composição
E6-4	4c	2,8 cm	2,3 cm	1,4 cm	Reboco/pavimento?	-	Avermelhado

2.11) Materiais metálicos

Foi registado na camada 4 (E6) (Tab. 11.16; Fig. 11.71) um fragmento de escória metálica. As análises da sua composição não chegaram a tempo da sua inclusão neste trabalho[316].

Tabela 11.16 Escória

Quad.	Cam.	Comp.	Larg.	Espes.
E6	4	1,7 cm	1,8 cm	1,3 cm



Fig. 11.71 Escória.

[316] Também há fragmentos de escória similar na camada 3, embora esta não tenha sido estudada de forma exaustiva, uma vez que, essa área encontra-se fortemente revolvida e com materiais de vária cronologia, sobretudo nos quadrados D7 e D6.

2.12) Síntese do Setor II

Perante a estratigrafia e as estruturas encontradas neste sector detetaram-se várias ocupações.

A ocupação mais recente corresponde a um piso (camada 1 do D7 e do D6 e camada 2 do E6.) resultante do arranjo do adro da capela ou capela.

Uma **segunda ocupação,** que apenas foi detetada no quadrado E6, através de um piso argiloso (camada 3b), cujo nível de destruição corresponde à camada 3 deste quadrado. Esta ocupação, pelos materiais, poderá ser de cronologia idêntica à terceira, isto é, da transição do Ferro Antigo para o Ferro Recente.

A terceira ocupação corresponde a um piso em argila, de contorno circular, com uma lareira decorada com motivos circulares, e delimitado por um lajeado composto por blocos graníticos (camada 5 dos quadrados D7-2, D7-4, D6 e camada 4c do E6). Neste parecem ter-se aberto dois covachos ou bolsas, preenchidas com cinzas (camada 4 do D7). O seu nível de ocupação seria caracterizado pela camada 4, dos quadrados D7-4 e D6 e camadas 4b e 4c do quadrado E6) e os derrubes pelas camadas 3 dos quadrados D7-2, D7-4 e D6. No quadrado D6 é assinalado como sendo o Piso II, no perfil.

Tendo em conta a data de radiocarbono obtida para a camada 3 do quadrado D7-4 e o arcaísmo do material cerâmico observado é provável que esta **ocupação corresponda a uma fase de transição do Ferro Antigo para o Ferro Recente (fins do séc. III, inícios do séc. II a.C.),** o que explicaria a presença de algumas cerâmicas com características do Ferro Recente. Assim, estas não seriam intrusivas, mas novidades, emergentes.

As argilas de revestimento com negativos de ramos indiciam, igualmente, construções realizadas com materiais perecíveis, durante esta fase.

A esta ocupação associa-se, igualmente, a prática da metalurgia, dada a presença de escórias, embora não tivéssemos conseguido perceber que minérios aí se trabalharam. A presença de uma conta vítrea - um elemento de adorno e de exceção - exumada do interior de uma das bolsas/covachos, com cinzas, levanta a questão sobre a funcionalidade destas estruturas. Seriam de incineração?

A ocupação mais antiga caracteriza-se, também, por um piso argiloso encontrado no quadrado D7-4 (Piso II) e por um lajeado composto por pedras muito pequenas, mas adossadas umas às outras (Lajeado II do quadrado E6) cujo nível de ocupação parece corresponder à camada 6 do quadrado D7-4 e camadas 5b (?) e 6 do quadrado E6, não escavadas.

Esta seria, provavelmente, do Ferro Antigo, talvez de um momento próximo da ocupação anterior dada a fraca capacidade estratigráfica que as separa. Corresponderia a terceira ocupação deste sector, a um nível de remodelação deste primeiro lajeado?

Pelos materiais das camadas 1 e 2 é ainda possível afirmar que algures, neste povoado, houve um nível do Ferro Recente, ao qual corresponderia o movente da mó circular aqui fotografada e sem contexto preciso.

4.5.4.5. Setor III

3.1) Estratigrafia, estruturas e materiais

Este setor compreende os quadrados C16, D16 e E16 e foi aberto, sensivelmente, a 34 metros do Setor II, a sudoeste e mais próximo da área mais elevada deste local. Os quadrados, inicialmente de 4 m x por 4 m, foram subdivididos em quatro, como por exemplo, C16-1, C16-2, C16-3 e C16-4. Apenas foram escavados sistematicamente os quadrados C16-1, C16-2 e C16-3.

Neste setor poucos foram os quadrados com níveis arqueológicos relativamente intactos e com materiais para os datar.

Nos quadrados C16-1, D16-2, E16-1, E16-2 e E-16-4 não foram considerados materiais para estudo porque, na sua maioria, foram escavados, apenas, os níveis de grande revolvimento ou de contexto contemporâneo. Também não foram tidos em consideração os materiais das camadas 1 e 2 de todos os quadrados, por se tratar de níveis de revolvimento ou contemporâneos.

3.2) Quadrado C16-1

I. Estruturas

Não foi detetada qualquer estrutura neste quadrado.

Estratigrafia

Este quadrado revelou pouca potência estratigráfica devido à forte erosão. A sequência estratigráfica identificada é a seguinte (Fig. 11.72; Fig. 11.73):

Camada 1 – nível de sedimento castanho-claro e de textura compacta e fina e com muitas pedras. Corresponde à camada 3 dos quadrados C e D desta linha. A norte a erosão não permite qualquer leitura estratigráfica.

Camada 2 – nível de sedimento castanha acinzentada e de textura muito arenosa. Não aparece em toda a área da quadrícula, limitando-se à zona sul da fiada de pedras.

Camada 3 – nível de sedimento com textura semi-arenosa, bastante compacto, de cor alaranjada, que aparece apenas junto ao perfil sul da quadrícula. Não surge cerâmica nem qualquer vestígio antrópico.

Camada 4 – camada não escavada, mas debaixo desta encontra-se uma camada de sedimentos de cor castanha, muito escura (camada 5).

Não foram escavadas estas duas últimas camadas, na totalidade.

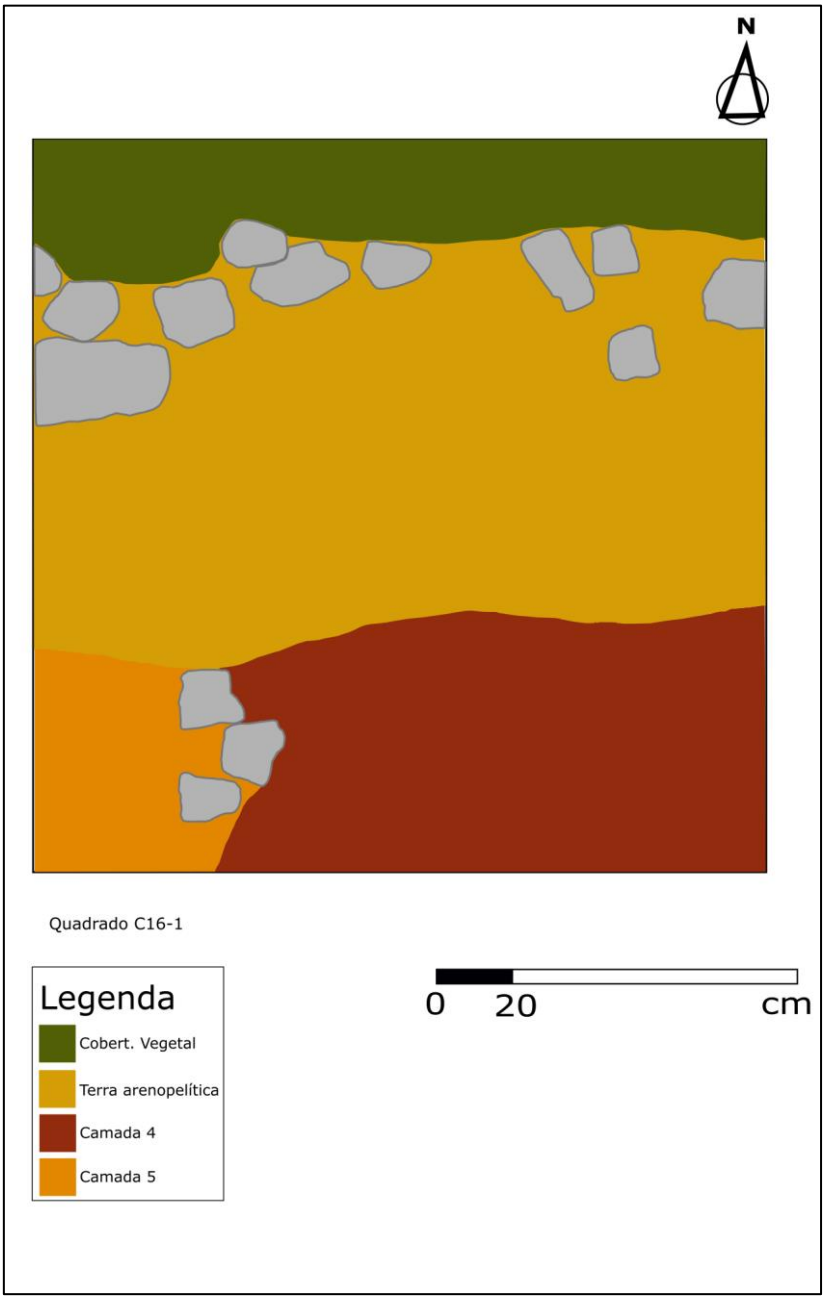


Fig. 11.72 Quadrado C16-1, plano principal (vectorização a partir dos desenhos de campo de

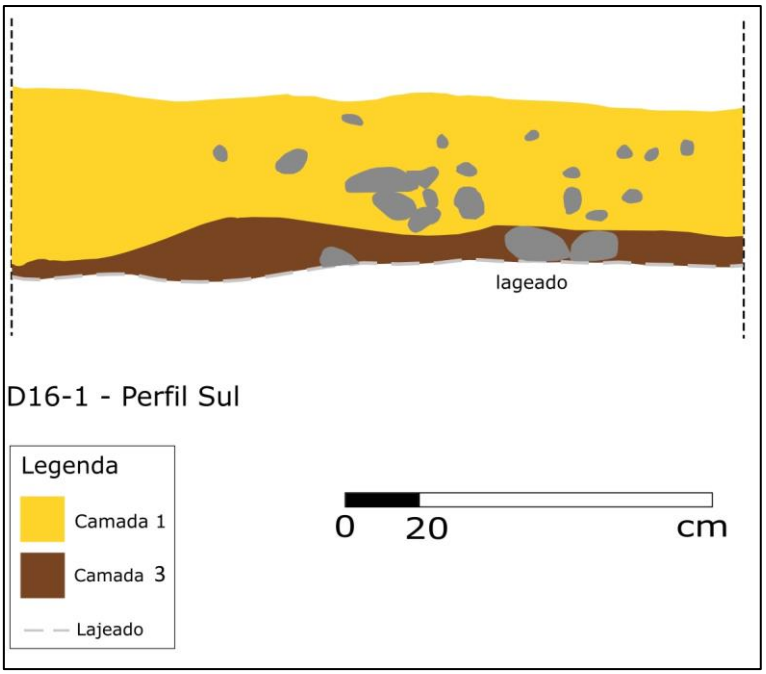


Fig. 11.73 Quadrado C16-1, perfil sul (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).

II. Materiais líticos

Camada 4

Líticos

Nesta camada foi encontrada uma lâmina de sílex acinzentado e opaco, não retocada, muito pequena. Este material não é local (Fig. 11.74).

Quadrado	Cam.	Tipologia	Comp.	Larg.	Espes.	Matéria-prima
C16-1	4	Lâmina	2 cm	1,1 cm	0,3 cm	Sílex

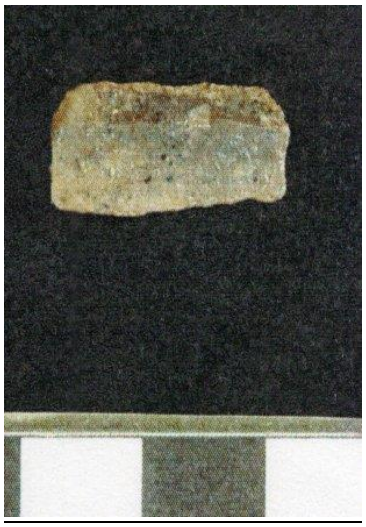


Fig. 11.74 Lâmina de sílex.

3.3) Quadrado C16–3

I. Estruturas

Foi descoberto parte de um lajeado, formado por blocos graníticos, cujo nível de ocupação/abandono parece ser a camada 4 (Fig. 11.75).

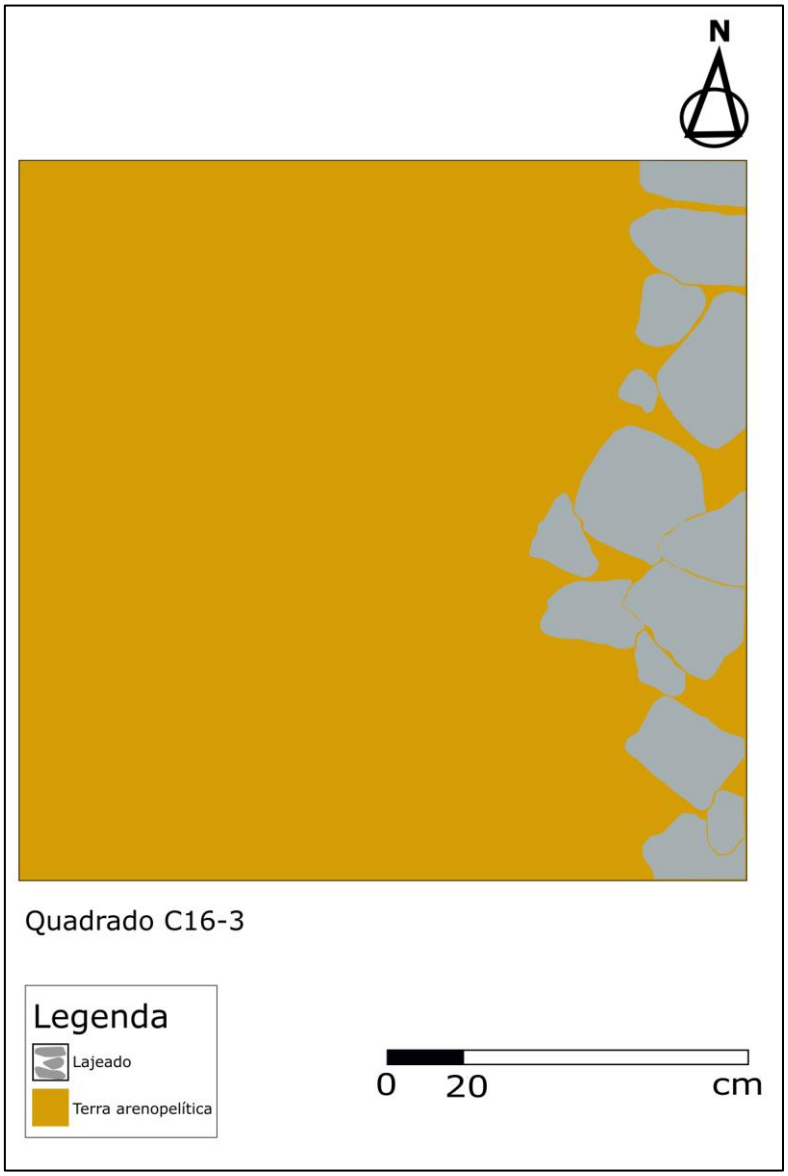


Fig. 11.75 Quadrado C16-3. Plano final, onde se nota o lajeado a este do quadrado (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).

Estratigrafia

Camada 1 – nível de sedimento castanho arenoso com muitas raízes. Corresponde ao nível de superfície.

Camada 2 – nível de sedimento arenoso, esbranquiçado, com muito areão grosso. Acumula-se sobretudo na área nordeste da quadrícula. Parece ser apenas uma bolsa de areão.

Camada 3 – nível de sedimento castanho-clara, de textura fina, perturbado, em parte, pela bolsa de areão (camada 2). Só foram recolhidos fragmentos de cerâmica contemporânea.

Camada 4 – nível de sedimento castanho-escuro, que encosta num lajeado. Embora tendo sido posto a descoberto este estrato, não foi escavado totalmente. Deverá corresponder a um nível de ocupação da Idade do Ferro (Fig. 11.77).

Logo abaixo do lajeado foi registado como um terraço areno pelítico (substrato geológico).

Materiais

Foram observados os materiais da camada 4, contudo, como se trata da mesma realidade estratigráfica documentada no quadrado D16-1, camada 3 optámos por os descrever nesse quadrado.

3.4) Quadrado C16 – 4

Esta área encontrava-se muito destruída por ter servido de caminho de acesso a veículos todo-o-terreno.

I. Estruturas

Dentro deste quadrado, há a registar o aparecimento de um muro, ao nível de alicerce e muito destruído, não referindo mais informação (Almeida e Pinto, 1994a). Pela fotografia cedida pelo gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde[317], parece tratar-se de um muro antigo de uma estrutura redonda, com cerca de 35 cm de largura, com muro de dupla face, constituído por pedras de pequena e média dimensão, aparentemente ligadas por argamassa.

Estratigrafia

Apenas surgiu uma camada (camada 1), logo abaixo da camada vegetal, considerada contexto de escorrência, no qual se observava já o substrato geológico local e os alicerces de um muro muito destruído (Almeida e Pinto, 1996).

Denota-se assim que as estruturas arqueológicas, nesta zona tinham já sido destruídas, com a exceção do que restava de uma estrutura pétrea (Fig. 11.76).

[317] A quem agradecemos.

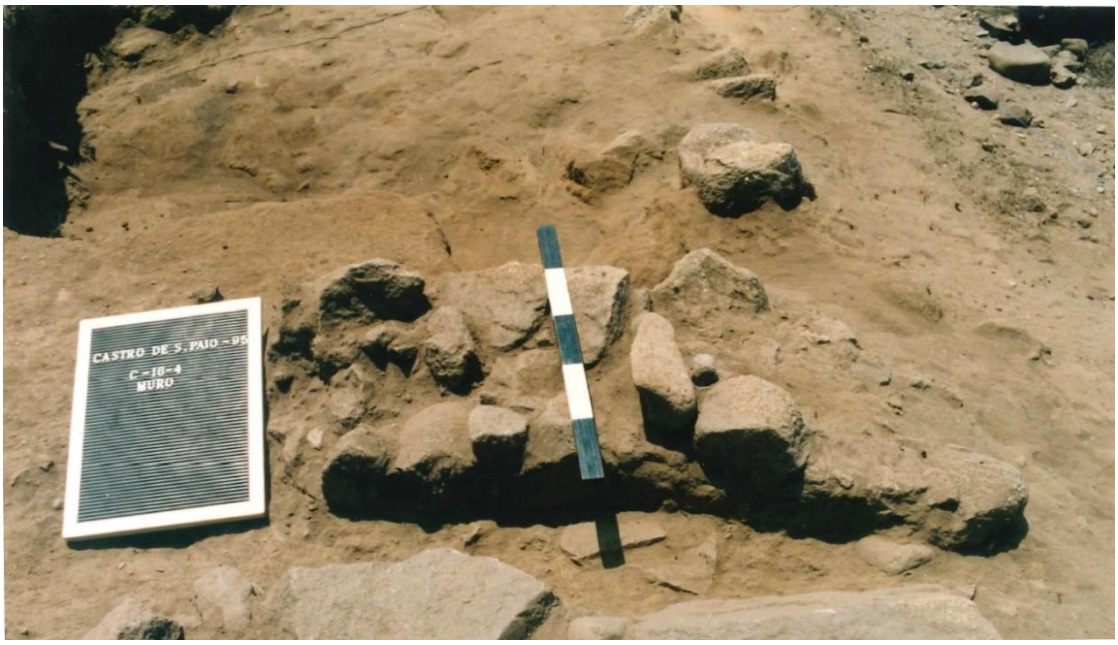


Fig. 11.76 Muro de tendência circular registado neste quadrado (fotografias de arquivo: Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

3.5) Quadrado D16-1

I. Estruturas

Apenas foi detetada uma única ocupação caracterizada por um piso argiloso, associado a um lajeado (Fig. 11.77; Fig. 11.78), de uma estrutura da Idade do Ferro, como camada de ocupação é a 3. Trata-se da mesma estrutura que ocorre no quadrado C16 – 3.

Estratigrafia

A estratigrafia é composta por três camadas a saber:

Camada 1 – camada arenosa, superficial, onde surgem cerâmicas desde a Idade do Ferro até telha contemporânea que será da capela de S. Paio. Corresponde à camada 2 do quadrado C16 – 3 (Fig. 11.76);

Camada 2 – nível de sedimento castanho-claro que surge em boa parte da quadrícula. É um estrato de revolvimento recente, dado que aí aparecem fragmentos de telha recente. Corresponde ao nível 3 do quadrado C16 – 3;

Camada 3 – nível de sedimento castanho-escuro que possui muitas pedras soltas, algumas de tamanho médio. Surge alguma cerâmica. Foram recolhidas amostras de 5 kg de sedimentos. Cobria um lajeado que ocupa boa parte da quadrícula e no limite nordeste, um piso. Deverá corresponder a uma camada de ocupação.

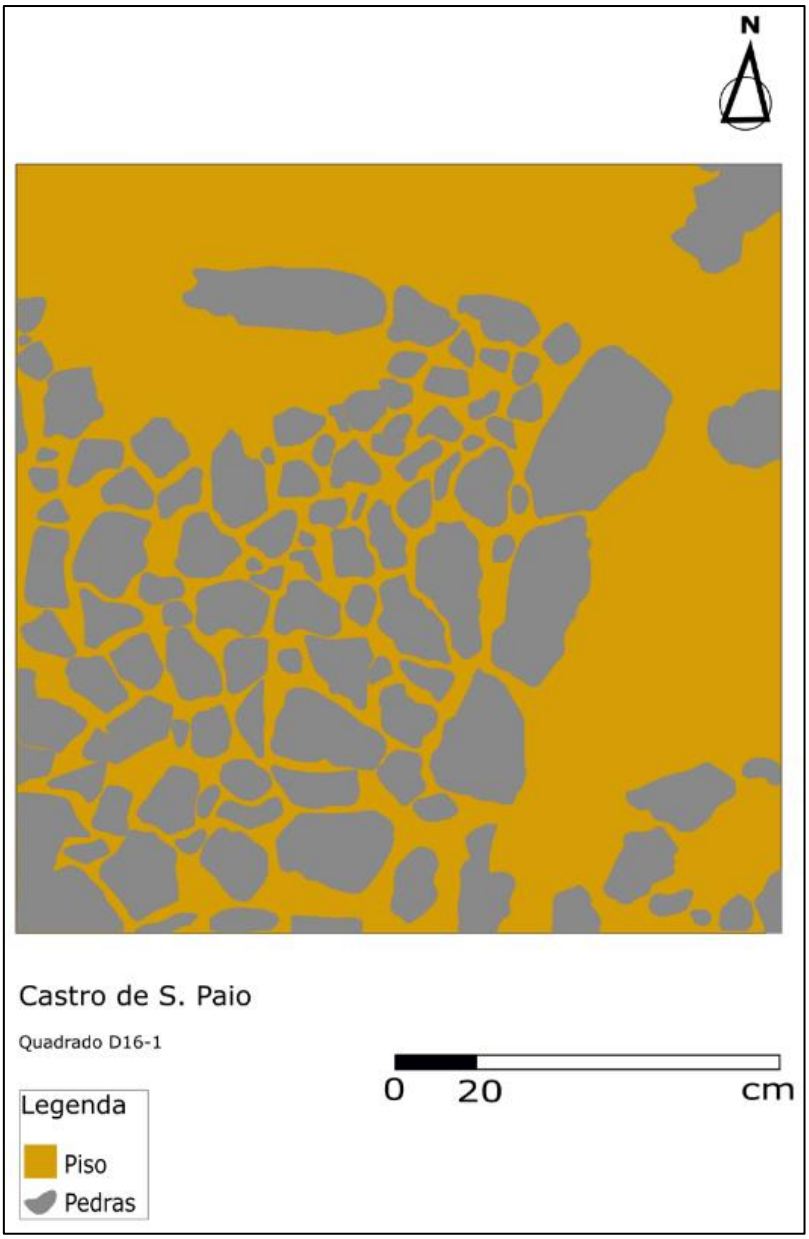


Fig. 11.77 Quadrado D16-1, plano onde foi encontrado um piso sob um lajeado que corresponde à camada 3 (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).

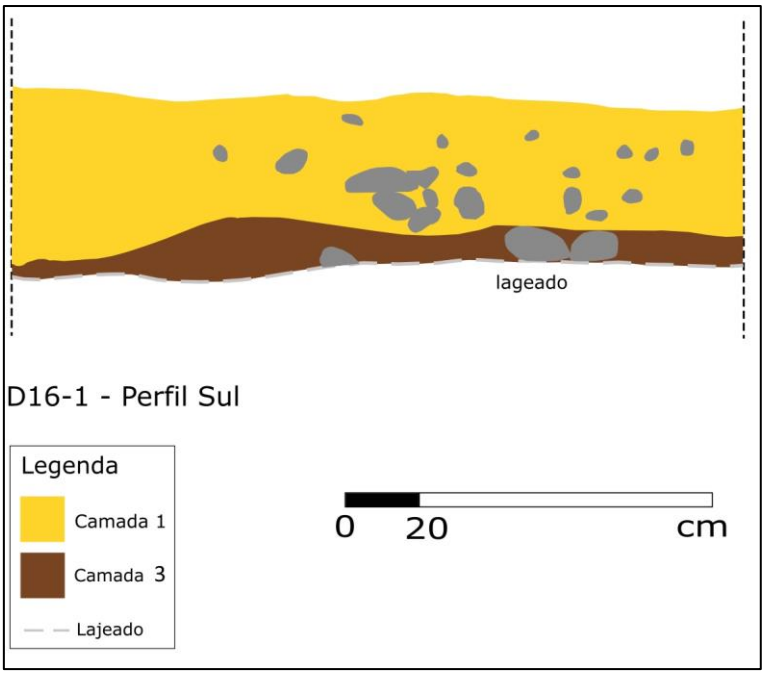


Fig. 11.78 Quadrado D16-1, Perfil Sul (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).

II. Materiais

Observamos de forma conjunta os materiais dos níveis de ocupação dos **quadrados C16-3 e D16-1**, nomeadamente as **camadas 4 e 3**, respetivamente, por se tratar do mesmo nível.

C16-3 e D16-1

Camada 3 e 4

Materiais cerâmicos

Foram observados poucos materiais neste contexto de ocupação. Foi registado sete fragmentos datáveis da Idade do Bronze e 46 fragmentos da Idade do Ferro Antiga.

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados sete fragmentos, datáveis da Idade do Bronze. Foi observado cinco bojos (um deles decorado), uma base e ainda uma asa.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e a cozedura é redutora. A pasta nestes fragmentos é arenosa. A textura destes materiais é de textura média, na sua maioria, e foi registado dois fragmentos com textura grosseira. Quanto aos desengordurantes (e.n.p) oscilam entre calibre grande (três casos) e calibre médio (três casos). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se alisado (seis fragmentos) e o restante tem a superfície polido.

A asa identificada possui seção de canelura central. A base é de fundo plano alargado (Fig. 11.79).

A asa estudada é decorada por impressão. A organização decorativa é a seguinte: foram efetuadas várias impressões em pequenos meios círculos, orientada por três eixos (Fig. 11.79).

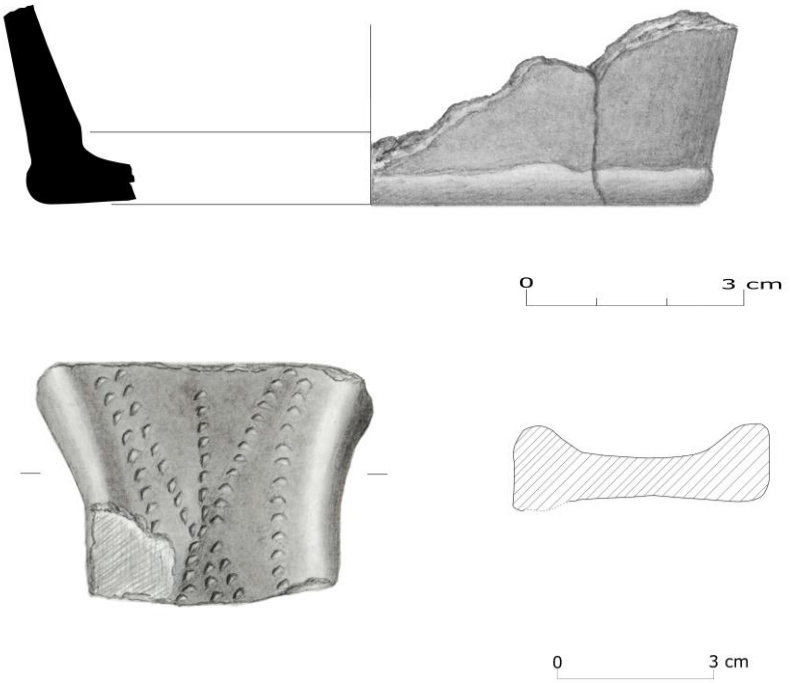


Fig. 11.79 Base de fundo plano alargado (desenho de Amélia Marques) e asa com canelura central decorada.

Foram registados dois bojos com fuligem na superfície exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho <4 cm (cinco fragmentos), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (dois fragmentos). Foi identificado cinco fragmentos rolados.

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram considerados 46 fragmentos. Foi registado um bordo, 43 bojos (um deles decorado) e uma base.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, na maioria média (29 fragmentos) e o restante é de textura grosseira (17 fragmentos). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno calibre (31 casos), os de médio calibre (11 casos) e ainda de grande calibre (quatro casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, alisado (30 exemplares) e o restante é polido (16 exemplares).

Foi registado um bordo em aba soerguida (decorado) e uma base indeterminada.

Em termos formais, foi registado uma forma 2b (potinho) decorada (Fig. 11.80).

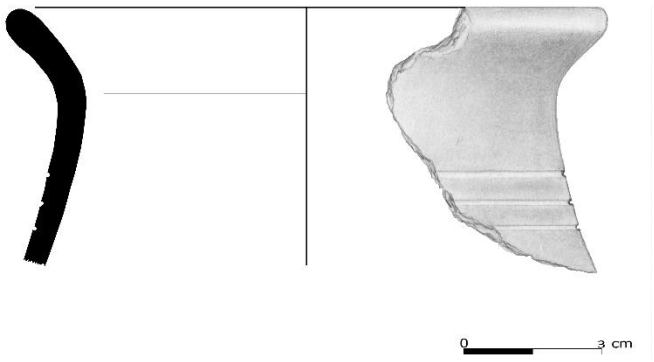


Fig. 11.80 Forma cerâmica: forma 2b (potinho) decorado.

Foram registados dois bojos com fuligem na superfície exterior.

Foi estudado um bojo decorado por aplicação plástica e excisão. Neste caso foi colocado um cordão na horizontal e depois foi retirada pasta desse cordão por várias excisões na oblíqua. O bordo é decorado por três sulcos incisos (Fig. 11.80).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho <4 cm (43 exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (três exemplares). Foi identificado 20 fragmentos rolados (43% do total). Tendo em conta o tamanho dos fragmentos e o índice de erosão, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) indicia que estes materiais estiveram sujeitos aos fenómenos pós deposicionais e erosivos, apesar da amostra ser reduzida.

III. Materiais de construção em argila

Foram registados nesta camada pequenos fragmentos de argila de construção. Podem pertencer a pavimentos (Tab. 11.17). A cor destes fragmentos oscila entre o castanho-claro, castanho-escuro e castanho avermelhado, alguns contêm areias e micas. De realçar o aparecimento de vestígios de pintura de cor vermelha na superfície (Fig. 11.81).

Tabela 11.17 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Motivos	Tonalidade/ Composição
D16-1	3	5,1 cm	2,7 cm	2,9 cm	Pavimento	-	Castanha clara / micas e areias
D16-1	3	4,2 cm	3,9 cm	2,8 cm	Pavimento	-	Castanha escura
D16-1	3	5,1 cm	4,4 cm	3,3 cm	Pavimento	-	Avermelhada / castanha
D16-1	3	2,5 cm	1,8 cm	1,3 cm	Pavimento	Resto de pintura (?)	Castanha escura
D16-1	4	6,9 cm	5,8 cm	2,8 cm	Pavimento	-	Cinzento/ areias



Fig. 11.81 Fragmento de pavimentos ou rebocos, um deles com restos de pigmentos vermelhos (?).

3.6) Quadrado D16-2

I. Estruturas

O único nível de ocupação aqui encontrado refere-se ao pavimento (camada 5) relacionado com a cabana pétrea do Quadrado D16-3. Este pavimento associa-se a um nível de ocupação / abandono (camada 4 e a um nível de derrubes (camada 3).

Estratigrafia

Camada 1 – nível de sedimento castanho-clara e polvorenta com pequenas pedras. Tinha algumas inclusões de raízes. Trata-se de um nível de revolvimento recente. Surgem fragmentos de cerâmica recente e da Idade do Ferro.

Camada 2 – nível igual de sedimento de castanha clara, mas desta vez composta por pedras soltas em grande quantidade, de dimensão pequena e média. Trata-se novamente de um nível de

revolvimento recente. Este nível encontra-se no limite nascente, cobre um muro que encosta ao piso surgido em 1994, a quadrícula D16-1.

Camada 3 – nível de destruição de estruturas com sedimento de cor castanha. Foram encontradas neste contexto muitos blocos pétreos de média dimensão. Esta camada encosta pelo lado poente ao muro encontrado a partir da camada 2. Trata- se de um nível de derrubes da cabana encontrada em D16-3.

Camada 4 – nível de sedimento mais escuro, compacto e fino. Esta camada tinha cerca de 20 cm de espessura. Foi deixado um testemunho deste nível, destacando-se cerca de 30 cm do perfil norte. Poderá corresponder a um nível de ocupação da cabana pétrea.

Camada 5 (Piso) – nível de piso. A sua decoração é similar aos pisos encontrados, tanto no quadrado D6 como no F1. Sendo que este nível vai de encontro ao muro/alicerce encontrado neste quadrado D16. Infelizmente, não existe qualquer registo gráfico deste quadrado.

II. Materiais

Por razões que desconhecemos foi apenas registado materiais cerâmicos e de construção nas camadas 1 e 2. Quanto aos níveis de ocupação e derrube que aqui nos interessava observar não foram registados materiais. Fica a questão se os materiais estariam bem marcados, porque efetivamente nos quadrados seguintes, D16-3 e D16-4 surgiram materiais com alguma quantidade nas camadas 3 e 4.

Camada 2

III. Materiais de construção cerâmicos

Foi ainda estudado nesta camada um pequeno fragmento de argila. Poderá ser de um reboco ou pavimento, de cor castanha e acompanhado de algumas areias, possui 2,9 cm de comprimento, 2,8 cm de largura e 1,2 cm de espessura.

3.7) Quadrado D16-3

I. Estruturas

Neste quadrado foi encontrada apenas uma ocupação que se relaciona com uma cabana circular, delimitada por um muro duplo, em granito (Fig. 11.82; Fig. 11.83). Da parte exterior do muro, afeiçoado, sai um outro muro que poderá ser de um alpendre. Há ainda vestígios de um

lajeado exterior. Estaremos face a uma cabana com lajeado exterior? O nível de ocupação desta estrutura parece corresponde às camadas 2 e talvez 3a.



Fig. 11.82 Quadrado D16-3: alicerces de uma estrutura circular, em pedra (imagens de arquivo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde[318]).



Fig. 11.83 Quadrado D16-3: alicerces de uma possível estrutura circular, em pedra, e arranque de outro muro (pormenor do aparelho) (imagens de arquivo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde[319]).

[318] A quem agradecemos.
[319] A quem agradecemos.

Estratigrafia

Camada 1 – nível de sedimento castanho-escuro com pequenas pedras soltas e muitas inclusões de raízes. Só surge na metade sul do quadrado. É um nível de acumulação recente de sedimentos aqui acumulado por uma camada vegetal a qual, por força de passagem de automóveis, desapareceu já de toda a área norte da quadrícula.

Camada 2 – nível de sedimentos castanhos, com fragmentos de um piso que lhe fica por baixo. Corresponde a um nível de derrubes onde foram encontrados pesos de rede e cerâmica. No meio tem um alicerce de um muro de aparelho naturalmente irregular, mas robusto.

Camada 3 – É de cor castanho-escura e de textura fina. A camada 2 assenta nesta, e possui no meio um alicerce de um muro de aparelho irregular, mas robusto. Posteriormente, esta camada que foi divida em duas. A camada 3a, a poente do muro, e a camada 3b, a nascente do muro.

Camada 3a – composta por muitas pedras caídas e com um outro alicerce pétreo, que se dirige para sudoeste, com cerca de 60 cm de comprimento (Fig. 11.84). Apresenta muitos fragmentos de cerâmica.

Camada 3b –não totalmente escavada. Possui uma textura fina. Aí foi recolhida uma amostra de 5 kg de sedimento para futuras análises paleoambientais.

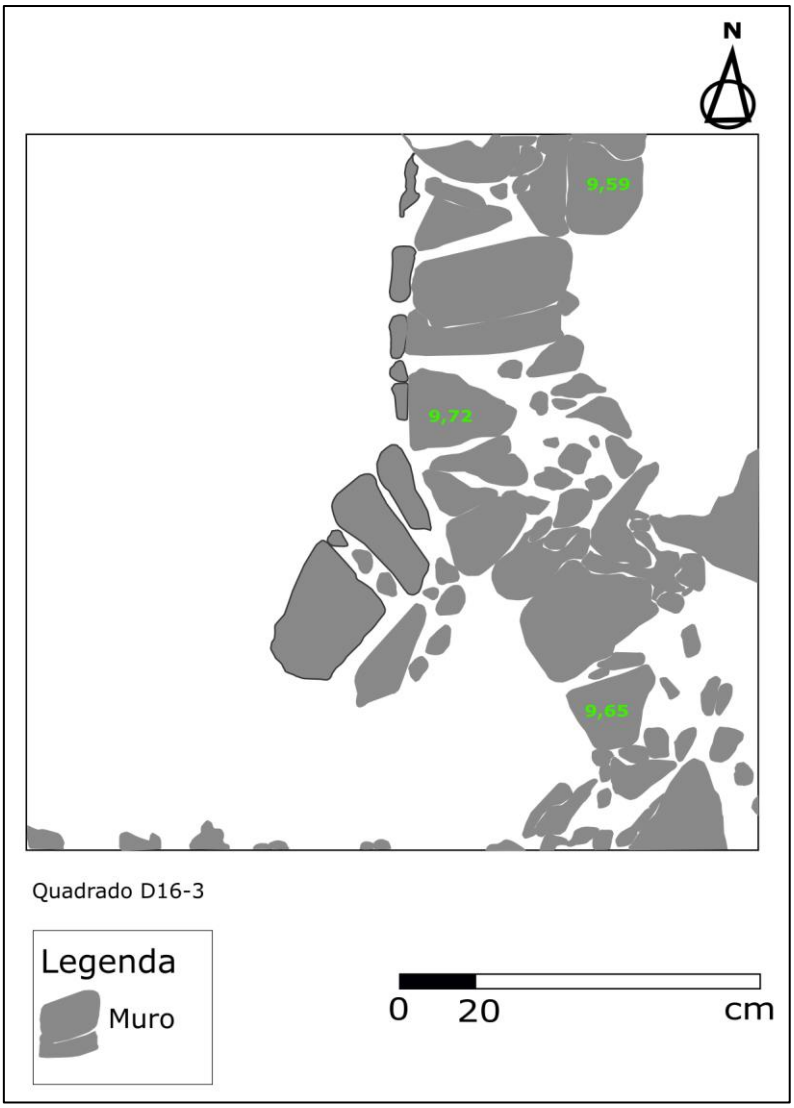


Fig. 11.84 Quadrado D16-3, plano onde foram encontrados os alicerces de uma estrutura circular, o arranque de outro muro e vestígios de um lajeado (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).

II. Materiais

Foi observada a camada 3 e 3a por se tratar do nível de alicerce e, portanto, de fundação da estrutura pétrea aí encontrada.

Camada 3 e 3a

Materiais cerâmicos

Nesta camada foram registados materiais de duas cronologias: 13 fragmentos datáveis da Idade do Bronze e 58 fragmentos datáveis do Ferro Antigo.

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados 13 fragmentos, datáveis da Idade do Bronze. Foi observado um bordo, 10 bojos (um deles decorado), uma base e uma asa.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e a cozedura é redutora. A pasta nestes fragmentos é na sua maioria arenosa, e em dois exemplares têm a pasta micácea-arenosa. A textura destes materiais é de textura média, na sua maioria, e foi registado um fragmento com textura grosseira. Quanto aos desengordurantes (e.n.p) oscilam entre calibre pequeno (um caso) e calibre médio (12 casos). Quanto ao acabamento a maioria encontra-se alisado (10 fragmentos) e o restante tem a superfície polido.

Foi registado um bordo em aba horizontal e uma base de fundo plano simples. A asa possui uma seção indeterminada, mas nota-se um sulco central (Fig. 11.85).

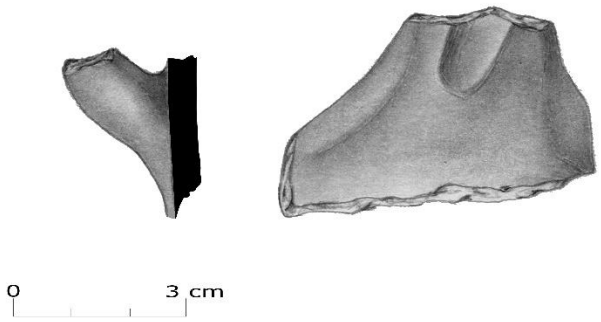


Fig. 11.85 Asa com sulco central.

Em termos formais foi registado uma forma 10 (potinho/púcaro) datável deste período, segundo a tabela forma de A.M.S. Bettencourt (1999) (Fig. 11.86).

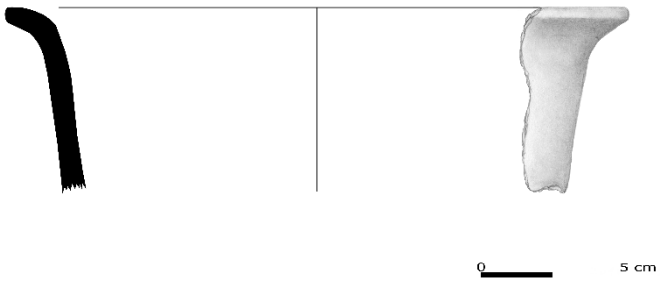


Fig. 11.86 Forma cerâmica: forma 10 (potinho/púcaro).

Foi estudado um bojo decorado por brunido. A organização decorativa é a seguinte: a decoração está na zona exterior do fragmento por várias linhas brunidas na horizontal.

Foram registados quatro bojos com fuligem na superfície exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho <4 cm (seis exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (sete exemplares). Foi identificado quatro fragmentos rolados.

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram considerados 58 fragmentos de cerâmica deste período. Foram registados 11 bordos, 43 bojos (dois deles decorados) e quatro bases.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, na maioria média (57 fragmentos) e grosseira apenas (um fragmento). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno calibre (26 casos), os de médio calibre (22 casos) e ainda de grande calibre (10 casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, alisado (34 exemplares) e o restante é polido (24 exemplares).

Foram registados 11 bordos (seis esvasados, quatro em aba soerguida e um em aba horizontal) e quatro bases (uma de fundo plano alargado, duas de fundo plano simples e uma indeterminada). O bordo em aba horizontal tem um vertedouro (Fig. 11.87).

Em termos formais, foram estudadas nove formas: duas da forma 1a (pote com bordo esvasado), duas da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida) e cinco da forma 2b (potinho) e ainda uma forma indeterminada com vertedouro (Tab. 11.18; Fig. 11.87).

Tabela 11.18 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	1	11 %
Forma 1b (pote)	2	22 %
Forma 2b (potinho)	5	56 %
Forma nova (?)	1	11 %
Total	**9**	**100 %**

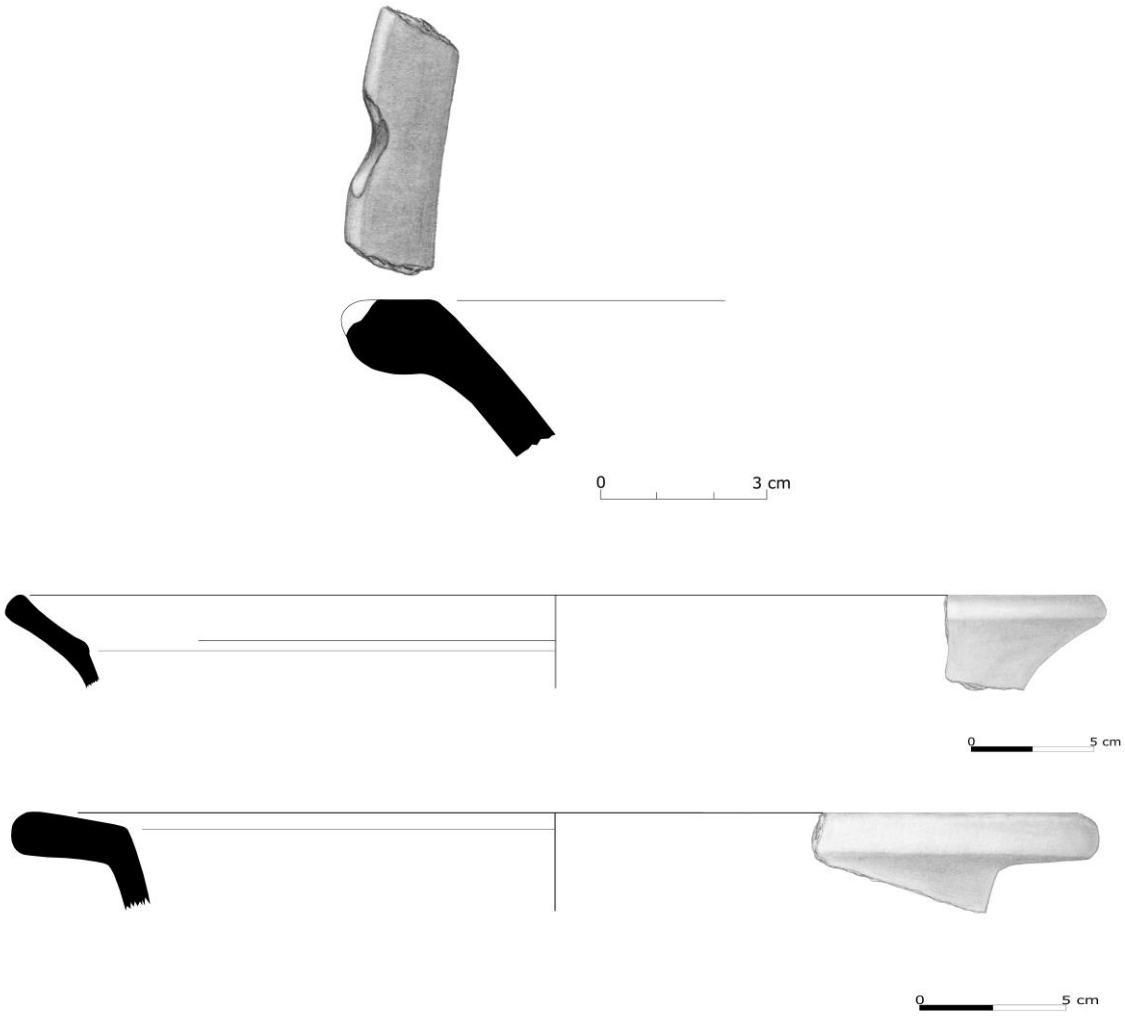


Fig. 11.87 Formas cerâmicas: bordo com vertedouro (forma nova?) (desenho de Amélia Marques) e formas 1b.

Foram registados três bojos com fuligem na superfície exterior.

Foi estudado um bojo decorado por aguada, neste caso a cor desta aguada é castanho-escura. E um outro bojo decorado por incisão e aplicação plástica, constituído por um cordão e dois sulcos incisos paralelos e no meio um abanda de pequenos sulcos oblíquos (Fig. 11.88).

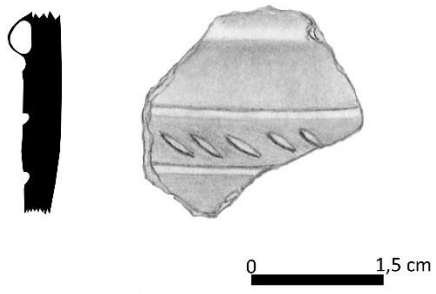


Fig. 11.88 Bojo decorado por aplicação plástica e incisão.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, um tamanho <4 cm (43 exemplares), seguido de um tamanho entre 4 e 8 cm (15 exemplares). Foi identificado 26 fragmentos rolados (45% do total). Tendo em conta o tamanho dos fragmentos e o índice de erosão, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) indicia que estes materiais estiveram sujeitos aos fenómenos pós deposicionais e erosivos.

III. Materiais de construção cerâmicos

Trata-se de uma camada que apesar de subdividida forneceu vários fragmentos de reboco e ou de restos de pavimento. O facto de se articularem com uma cabana pétrea e de terem negativos de ramos possibilita colocar a hipótese de que entre as paredes de pedra e o reboco existiria uma estrutura com ramos que poderia ter dupla função: a de facilitar a aplicação do reboco e a de impermeabilizar melhor as paredes (Tab. 11.19).

Tabela 11.19 Materiais de construção

Quad.	Estrato	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Tonalidade/ Composição
D16-3	3	3,6 cm	2,5 cm	2,3 cm	Reboco/pavimento	Cor castanha / vermelha / inclusão de areias
D16-3	3	4,8 cm	3,2 cm	1,6 cm	Reboco/pavimento	Castanha escura
D16-3	3	5,2 cm	3,4 cm	2,8 cm	Reboco	**Negativos de ramos** /avermelhada
D16-3	3	4,4 cm	3,7 cm	2 cm	Reboco/pavimento	Castanha escura
D16-3	3	2,1 cm	1,4 cm	2 cm	Reboco/pavimento	Castanha clara



Fig. 11.89 Restos de piso em argila cozida (quadrado D16-3 (3)).

3.8) Quadrado D16-4

I. Estruturas

Aqui foi encontrado um pavimento decorado com círculos que se inscreve no interior de um muro pétreo, circular que deverá ser da cabana encontrada no quadrado D16-3 (Fig. 11.90; Fig. 11.91). Os derrubes desta cabana poderão corresponder às camadas 3 e 4 deste quadrado.

Estratigrafia

A sequência estratigráfica é a seguinte:

Camada 1 – nível de sedimento de cor castanho-clara e pulverulenta, com pequenas pedras. Tinha algumas inclusões de raízes. Trata-se de um nível de revolvimento recente. Surgem fragmentos de cerâmica contemporânea.

Camada 2 – nível de sedimentos de cor castanho-clara onde se integram blocos e calhaus de média a pequenas dimensões, soltos e em grande quantidade. Trata-se, também, de uma camada de revolvimento, uma vez que ainda apareceram fragmentos de cerâmica contemporânea. Este estrato cobre um muro que encosta ao piso, surgido na quadrícula D16-1.

Camada 3 – nível de destruição de estruturas, caracterizado por sedimentos castanho-claros, com blocos pétreos de alguma dimensão. Esta camada encosta, pelo lado poente, ao muro encontrado a partir da camada 2. Aqui surgiu material cerâmico produzido manualmente.

Camada 4 – nível com cerca de 20 cm de espessura que encosta ao muro que começou a aparecer a partir da camada 2. É uma camada de sedimentos mais escuro do que o anterior, finos e compactos. Foram encontrados pesos de rede e cerâmica da Idade do Ferro. Poderá ser um nível de ocupação.

Camada 5 – Piso com decoração circular, similar aos encontrados nas estruturas dos quadrados D6 e F1. Este piso encosta a um muro que não foi escavado.

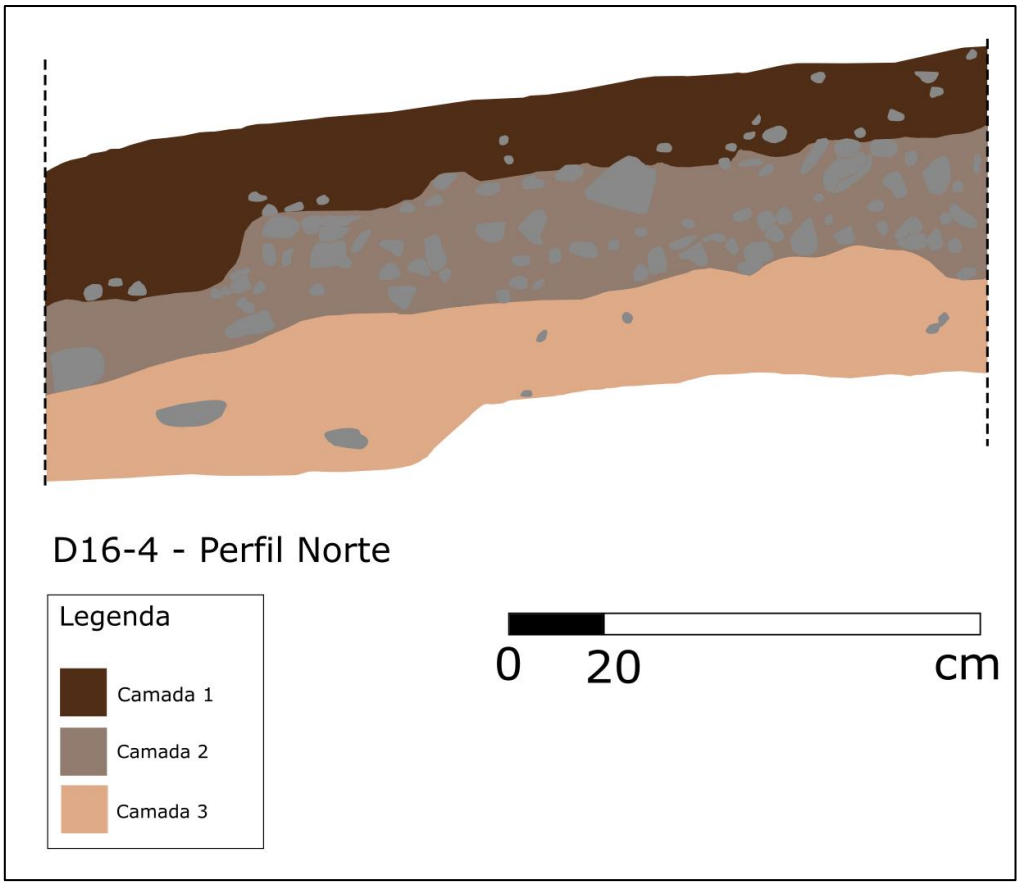


Fig. 11.90 Quadrado D16-4, perfil norte (vectorização a partir dos desenhos de campo Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).



Fig. 11.91 Quadrado D16-4: cabana circular (fotografia de arquivo: Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde) com pormenor de piso, decorado com círculos (camada 5), no seu interior (Pinto, 2000: 149, adaptado).

II. Materiais

Foram considerados os materiais das camadas de derrube (3) e de ocupação (4).

Camada 3 (derrube da cabana)

Materiais cerâmicos

Nesta camada foram registados materiais de vária cronologia: dois fragmentos com características da Idade do Bronze e 19 datáveis do Ferro Antigo.

Idade do Bronze

Neste contexto foram identificados um bojo e uma base, ambos de fabrico manual e de cozedura redutora, com pasta arenosa. A textura é média e grosseira (um exemplar de cada), com desengordurantes de pequeno (um caso) e grande calibre (um caso). O acabamento é alisado.

A base é de fundo plano simples.

Estes fragmentos têm menos de 4 cm (um exemplar) e entre 4 e 8 cm (um exemplar).

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram considerados 19 fragmentos: oito bordos, um bojo e duas bases.

Os fragmentos são de fabrico manual, cozedura redutora, com pastas micáceas-arenosas. A textura é média e os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (sete casos), médio (10 casos) e grande calibre (dois casos). Estes fragmentos têm um acabamento, alisado (13 exemplares) e polido (seis exemplares).

Foram registados oito bordos (quatro esvasados, três abertos e um em aba soerguida) que possibilitaram identificar nove formas: quatro exemplares da forma 1a (pote com bordo esvasado) e três exemplares da forma 3a (malga) (Tab. 11.20; Fig. 11.92).

Tabela 11.20 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	4	57 %
Forma 3a (malga)	3	43 %
Total	**7**	**100 %**

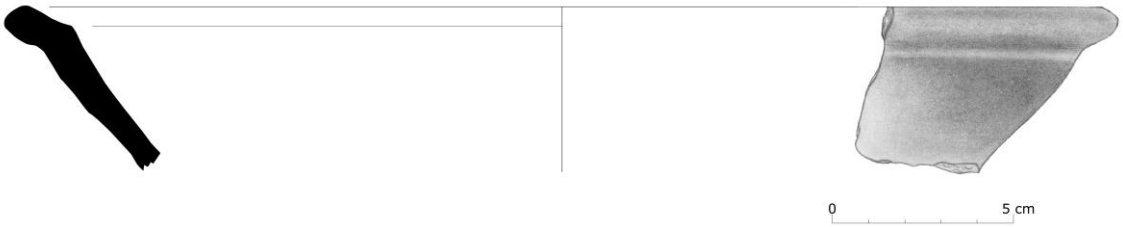


Fig. 11.92 Forma cerâmica: forma 3a (malga) (desenho de Telma Leandra).

As duas bases são, uma de fundo plano alargado e a outra de fundo plano simples.

Foram registados três bojos com fuligem, na superfície exterior, e numa forma 3a (malga).

Os fragmentos possuem < de 4 cm (10 exemplares), entre 4 e 8 cm (sete exemplares) e > 8 cm (dois exemplares).

Foram identificados sete fragmentos rolados (37% do total).

Tendo em conta o tamanho dos fragmentos e o índice de erosão, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) este conjunto indicia que estes materiais estiveram sujeitos a algum transporte pós-deposicional, pouco significativo.

Camada 4 (ocupação)

Nesta camada foram registados três fragmentos com características datáveis da Idade do Bronze e 180 do Ferro Antigo.

Materiais cerâmicos

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados dois bojos e uma base.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e com cozedura redutora. A pasta é arenosa. A textura é média e os desengordurantes oscilam entre os de pequeno (um caso) e de médio calibre (um caso). São alisados.

A base registada é de fundo plano simples e tem incisões na zona interna da peça (Fig. 11.93).

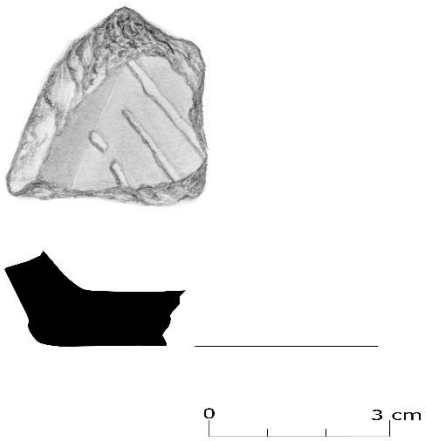


Fig. 11.93 Base de fundo plano simples decorada com incisões.

Os fragmentos possuem < de 4 cm (um exemplar) e entre 4 e 8 cm (um exemplar).

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram considerados 180 fragmentos: 24 bordos, 135 bojos, 17 bases e três asas (duas delas são arranques).

Os fragmentos são de produção manual e de cozedura redutora. As pastas são, na maior parte, micáceas-arenosas (138 fragmentos), sendo as restantes arenosas (42 fragmentos). A textura é média (168 exemplares) e grosseira (12 exemplares). Os e.n.p. são de pequeno (61 casos), médio (73 casos) e grande calibre (46 casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, alisado (169 exemplares), sendo os restantes, polidos (11 exemplares).

Foram registados 24 bordos (13 esvasados, quatro abertos, cinco com aba soerguida e dois indeterminados). Em termos formais, foram individualizadas 13 formas: cinco exemplares da forma 1a (pote com bordo esvasado), um da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), cinco da forma 2b (potinho) e dois da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 11.21; Fig. 11.94).

Tabela 11.21 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Antigo

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	5	38,5 %
Forma 1b (pote)	1	8 %
Forma 2b (potinho)	5	38,5 %
Forma 4 (panela de asa interior)	2	15 %
Total	**13**	**100 %**

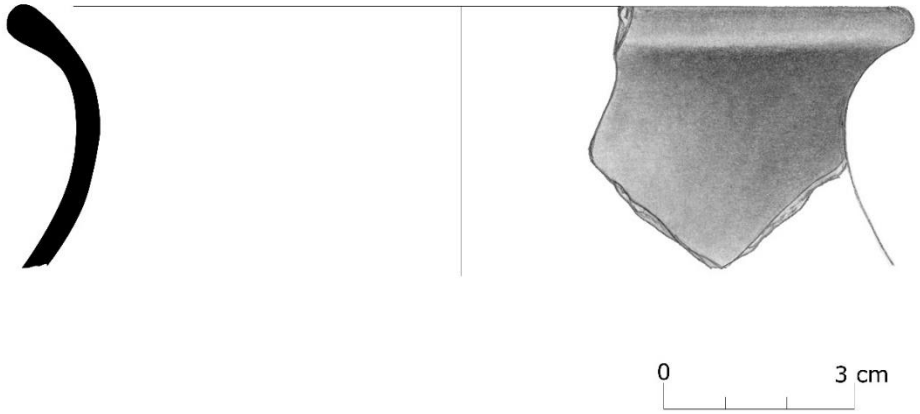


Fig. 11.94 Forma cerâmica: forma 2b (potinho) (desenho de Telma Leandra).

As 10 bases podem subdividir-se em oito de fundo plano alargado, duas de fundo plano simples e sete indeterminados.

O exemplar de asa é de seção circular, além de dois arranques e asa.

Foram registados 19 bojos com fuligem, na superfície exterior. Esta surge, também, nas formas 1 e 4, igualmente na superfície exterior. Isto indicia que estiveram em contacto direto com fogo, talvez na preparação de alimentos.

Foram estudados três fragmentos decorados. Dois por incisão (entre um a quatro sulcos horizontais) e o outro por incisão e impressão (três sulcos oblíquos incisos seguido de dois sulcos horizontais incisos e estampagem de pequenos traços oblíquos, seguido de um sulco horizontal).

Os fragmentos possuem < de 4 cm (147 exemplares), entre 4 e 8 cm (31 exemplares) e > de 8 cm (dois exemplares). Foram identificados sete fragmentos rolados (32% do total).

Tendo em conta o tamanho dos fragmentos e o índice de erosão, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) estes materiais estiveram sujeitos a fenómenos pós-deposicionais significativos.

III. Materiais de construção em argila

Foram recolhidos, nesta camada, restos de um provável reboco argiloso (Tab. 11.22). De notar que é uma camada que encosta a um muro pétreo de uma cabana. A espessura destes fragmentos nunca ultrapassa os 2 cm.

Tabela 11.22 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Tonalidade
D16-4	4	2,6 cm	2,2 cm	1,8 cm	Reboco/pavimento	castanha clara

Camada 5

Materiais de construção em argila

Foram recolhidos, nesta camada, restos do piso argiloso ou de reboco relacionados com a estrutura que aqui apareceu (Tab. 11.23).

Tabela 11.23 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Tonalidade
D16-4	5	2,8 cm	2,4 cm	1,2 cm	Reboco/pavimento	castanha escura
D16-4	5	3 cm	2,6 cm	1,7 cm	Reboco/pavimento	avermelhada

3.9) Quadrado E16-1

I. Estruturas

Aqui foi descoberto um piso de argila (camada 2), sobre o qual existe o que parece uma estrutura singela, de pedra, de contorno retangular, no interior do qual existem carvões (Fig. 11.95; Fig. 11.96). A camada de ocupação/abandono deste piso desapareceu ou está muito revolvido (camada 1).

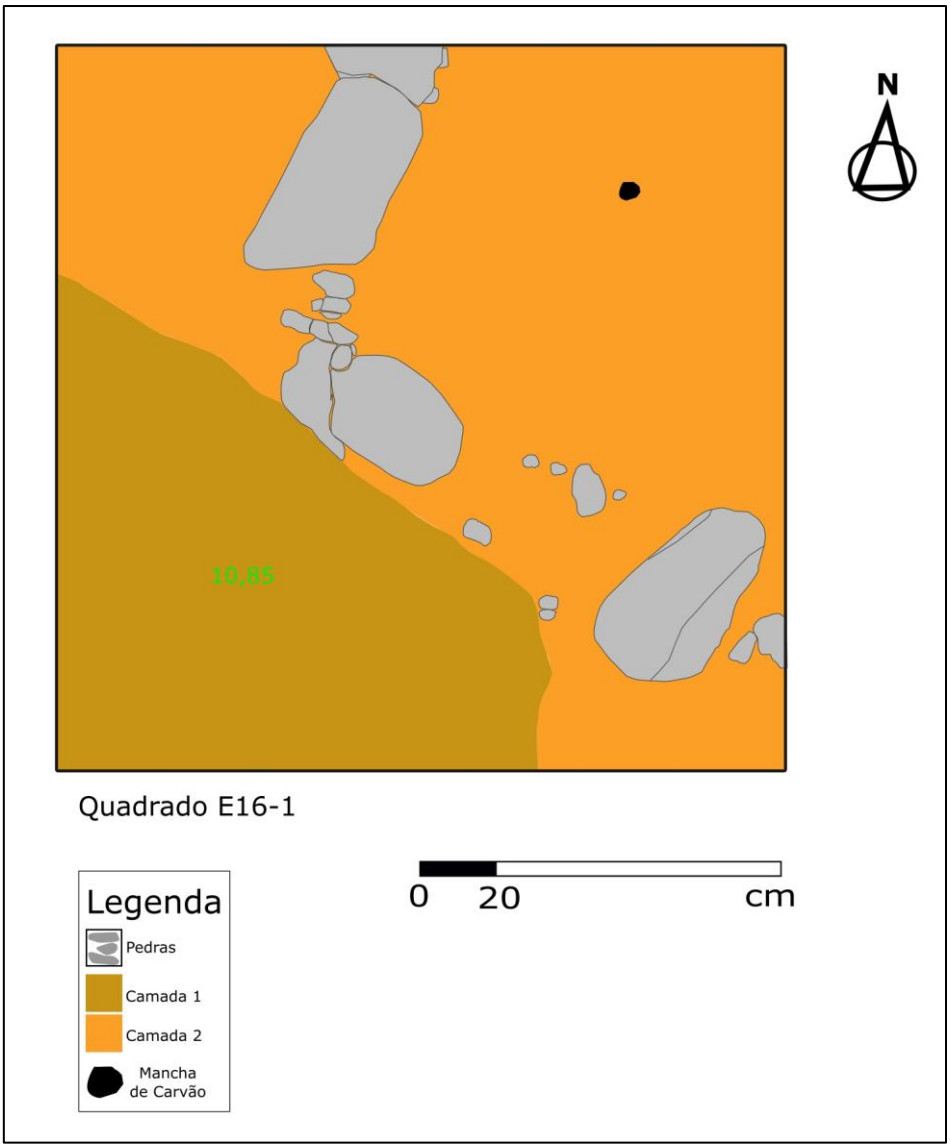


Fig. 11.95 Quadrado E16-1, plano final (vectorização a partir dos desenhos de campo (Almeida e Pinto, 1994a).

Estratigrafia

Este é o quadrado com maior potência estratigráfica. Mesmo assim apresenta violações. A sequência estratigráfica individualizada foi:

Camada 1 – nível de sedimento castanha de textura fina e com algumas pedras miúdas. É um estrato de revolvimento. Assenta num piso. Foi recolhida uma amostra de sedimentos, a 10 cm da decapagem sobre o piso.

Camada 2 – corresponde a um piso apesar deste não se notar nos cortes estratigráficos ele foi detetado na decapagem das camadas. Trata-se de um piso de barro, de tonalidade alaranjada e a meio do perfil sul possui uma área aparentemente com marca de fogo (lareira?). Não foi escavada totalmente.



Fig. 11.96 Quadrado E16-1, onde se observa um piso de barro, muito superficial (imagens de arquivo: Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

Materiais

Devemos referir que nos sacos com material cerâmico deste quadrado está apenas mencionada a camada 3. Ora, esta camada não consta das descrições estratigráficas. Ficámos sem perceber se se trata apenas de má marcação, sendo esses materiais, por exemplo, da camada 2 ou se foi escavado mais uma camada neste quadrado e cuja descrição não consta nos relatórios a que tivemos acesso. Para salvaguardar a informação existente foi observado de forma genérica esse material. Registámos uma grande diversidade cronológica, desde a Idade do Bronze à época contemporânea.

3.10) Quadrado E16-2

I. Estruturas

Não foram encontradas quaisquer estruturas neste quadrado. Mas é provável que a camada 2 corresponda a derrubes da estrutura encontrada na camada 2 do quadrado E16-1. De notar a grande quantidade de restos de pavimento, indiciando que o piso se encontrava muito destruído neste quadrado.

Estratigrafia

Camada 1 - camada vegetal.

Camada 2 - camada com blocos pétreos, de média dimensão. A escavação parou nessa camada.

II. Materiais

Neste quadrado sucedeu algo parecido com o E16-1. Pela análise dos sacos com esta referência havia, neste quadrado, mais das camadas: a 4 e a 5. Contudo, não existindo descrições destas camadas, no relatório a que tivemos acesso, optámos por não estudar os seus materiais.

Assim, foram considerados, apenas, os materiais cerâmicos da camada 2, visto que permitem contextualizar cronologicamente a estrutura registada.

Camada 2

Materiais cerâmicos

Transição do Ferro Antigo para a Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram considerados 69 fragmentos de cerâmica: oito bordos, 56 bojos, três bases e duas asas.

Os fragmentos são na sua maioria de produção manual e apenas três são de produção à roda/torno. A esmagadora maioria dos fragmentos possui cozedura redutora e apenas sete têm a cozedura oxidante. A pasta é micácea. A textura é média (55 fragmentos), fina (12 fragmentos) e grosseira (dois fragmentos.) Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (30 casos), médio (30 casos) e grande calibre (nove casos). Estes têm um acabamento alisado (43 exemplares) e polido (26 exemplares).

Foram registados oito bordos (quatro esvasados, dois em aba soerguida, um aberto e um indeterminado) que possibilitaram identificar nove formas: duas da forma 1a (pote com bordo esvasado); duas da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida); uma da forma 2a (púcaro);

duas da forma 2b (potinho); uma da forma 3a (malga) e, ainda, uma forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 11.24; Fig. 11.97).

Tabela 11.24 Formas cerâmicas de transição de Idade do Ferro Recente

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	2	22,2 %
Forma 1b (pote)	2	22,2 %
Forma 2a (púcaro)	1	11,1 %
Forma 2b (potinho)	2	22,2 %
Forma 3a (malga)	1	11,1 %
Forma 4 (panela de asa interior)	1	11,1 %
Total	**9**	**100%**



Fig. 11.97 Forma cerâmica: forma 1b (pote).

As três bases subdividem-se em duas de fundo plano alargado e uma de fundo plano simples.

As asas identificadas possuem, num caso, seção em fita e, noutro caso, seção circular.

Foram registados dois bojos com fuligem na superfície exterior.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem <de 4 cm (52 exemplares), entre 4 e 8 cm (15 exemplares) e > 8 cm (dois exemplares). Foram identificados 24 fragmentos rolados (35% do total). Tendo em conta o tamanho dos fragmentos e o índice de erosão, segundo

os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008) estes materiais estiveram sujeitos aos fenómenos pós deposicionais significativos.

Foram, ainda, registados oito fragmentos, muito rolados, podendo colocar-se a hipótese de serem de época romana. E ainda um fragmento de bojo vidrado de cronologia moderna que serão intrusões.

III. Materiais de construção cerâmicos

Esta camada forneceu grande quantidade de fragmentos de argila cozida podendo ser restos de pavimentos (Tab. 11.25; Fig. 11.98). As cores oscilam entre o bege e o cinzento, mas a maioria é de cor castanha. Alguns possuem areias e micas, de pequena dimensão, na sua composição.

Tabela 11.25 Materiais de construção da camada 2

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Tonalidade
E16-2	2	3 cm	1,8 cm	1,9 cm	Pavimento	bege
E16-2	2	3,6 cm	3,1 cm	1,7 cm	Pavimento	castanha
E16-2	2	2,7 cm	2 cm	1 cm	Pavimento	Castanho-clara
E16-2	2	3,6 cm	3,4 cm	1,5 cm	Pavimento	cinzenta
E16-2	2	2,4 cm	1,8 cm	1,5 cm	Pavimento	castanha
E16-2	2	3,5 cm	3,4 cm	2,2 cm	Pavimento	avermelhado
E16-2	2	2,8 cm	2,1 cm	1,4 cm	Pavimento	avermelhado
E16-2	2	5,9 cm	3,2 cm	2,4 cm	Pavimento	castanha clara
E16-2	2	3,2 cm	2,8 cm	3,1 cm	Pavimento	castanha
E16-2	2	2,6 cm	3 cm	2,3 cm	Pavimento	castanha escuro
E16-2	2	4,4 cm	3,3 cm	3,5 cm	Pavimento	castanha
E16-2	2	2,8 cm	2,3 cm	1,1 cm	Pavimento	avermelhada



Fig. 11.98 Fragmento de pavimento.

IV. Materiais líticos

Neste quadrado foram encontradas duas mós manuais, dormentes. Uma delas possui 38 cm de comprimento, por 34 cm de largura e 22 cm de espessura. Pesa 31,8 kg. (Fig. 11.99). É de granito de grão médio. A outra possui 25 cm de comprimento, 21 cm de largura e 12 cm de espessura e pesa 6,9 kg. e, também, é de granito de grão médio. A existência deste tipo de moinhos manuais, é habitual em níveis da Idade do Ferro Antigo.



Fig. 11.99 Exemplar de moinho manual, dormente (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

3.11) Quadrado E16-3

I. Estruturas

O amontoado de pedras aqui registado, por falta de informação estratigráfica e documental é de difícil interpretação. De referir que efetivamente este quadrado terá tido duas ocupações. Uma primeira ocupação (camada 3) acima do piso (camada 3c) no qual se associa o amontoado

de pedras e uma segunda ocupação abaixo do piso (camada 4) já em contacto com o substrato rochoso (Fig. 11.101).

Estratigrafia

A sequência estratigráfica deste quadrado foi:

Camada 1 – corresponde à camada humosa. Surgem alguns fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro e de cronologia contemporânea.

Camada 2 – nível de sedimento castanho-claro. Corresponde a um nível de revolvimento, o mesmo que surge nos restantes quadrados C, D e E 16 (Fig. 11.100);

Camada 3 – foi subdividida em três. Este estrato, no perfil sul, apresenta ainda um piso muito destruído, mas que não está relacionado com outras estruturas, e que é cortado pela camada 3b.

Estrato 3a – corresponde a algumas pedras soltas e amontoadas (na zona noroeste, oeste e sudoeste do quadrado). Terão sido dispostas pela ação humana.

Estrato 3b – No meio dessas pedras surge algum sedimento castanho-escuro que se estende para camadas 3c e 4.

Estrato 3c – piso existente apenas no perfil sul.

Camada 4 – a camada 3 assenta sob um sedimento muito arenoso com bolsas de carvão. Foi pouco escavado. Pode ser o contacto do nível arqueológico com o nível geológico areno-pelítico, existente nesta área, tal como acontece no quadrado E16 -1.

Camada 5 - estrato areno-pelítico de cobertura, corado por lixiviação de óxidos de ferro, natural[320].

[320] Classificação efetuada pela Doutora Assunção Araújo.

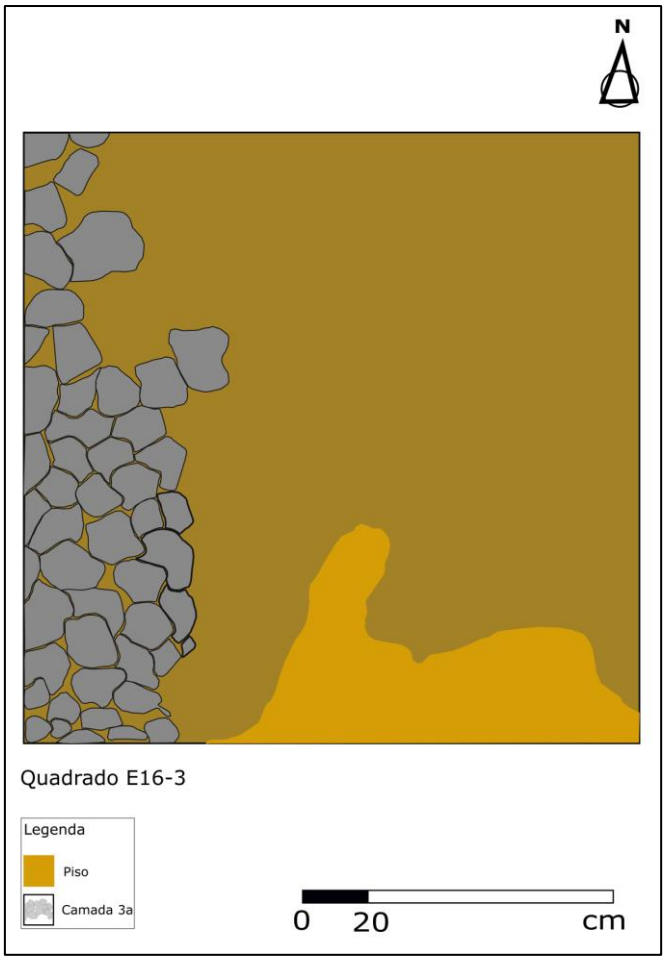


Fig. 11.100 Quadrado E16-3, plano onde foi encontrado um piso sob um amontoado de pedras que apenas apareceu nos lados noroeste, oeste e sudoeste do quadrado (vectorização a partir dos desenhos de campo de Almeida e Pinto, 1994a, adaptado).



Fig. 11.101 Quadrado E16-3: amontoado de blocos pétreos.

Materiais

Neste quadrado foram observadas separadamente as camadas 3 e 4, por se tratarem de camadas de derrube e de ocupação. Foram, ainda, observados materiais de construção das camadas 2, 3 e 4, além de algum material lítico.

II. Materiais

Camada 2

Materiais de construção em argila

Foram encontrados resto de pavimento, num caso decorado, nesta camada que é de revolvimento (Tab. 11.26; Fig. 10.102). É provável que pertençam à desintegração do pavimento encontrado na camada 3c.

Tabela 11.26 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Motivos	Tonalidade
E16-3	2	2,2 cm	2,1 cm	1,3 cm	Reboco/pavimento	Pequenas depressões	Cinzento
E16-3	2	2,5 cm	1,2 cm	1 cm	Pavimento	-	Acastanhada



Fig. 11.102 Fragmento de pavimento decorado com pequenos puncionamentos circulares (desenho de Amélia Marques).

Camada 3

Nesta camada foram registados materiais de três cronologias diferentes: 39 fragmentos datáveis da Idade do Bronze, 199 fragmentos datáveis do Ferro Antigo e nove do Ferro Recente.

Idade do Bronze

Neste contexto foram estudados 39 fragmentos: 36 bojos (um deles decorado), dois bordos e uma base.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e com cozedura redutora. A pasta é, maioritariamente, arenosa (34 exemplares) pois apenas quatro exemplares têm pasta micácea-arenosa. Estes materiais são de textura média (34 fragmentos) e grosseira (cinco fragmentos). Quanto aos desengordurantes (e.n.p), estes oscilam entre os de pequeno (21 casos) e médio (cinco casos) e grande calibre (13 casos). Quanto ao acabamento são, na maioria, polidos e os restantes 12, alisados.

Os bordos registados são em aba soerguida e a base é de fundo plano simples. Não foi possível registar quaisquer formas.

O bojo decorado apresenta um pequeno mamilo alongado, e toda a sua superfície foi alvo de intenso polimento (ou seja, brunido) (Fig. 11.103).



Fig. 11.103 Bojo decorado por aplicação plástica, por um mamilo alongado.

Foram estudados nove fragmentos com fuligem.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem dimensões inferiores < de 4 cm (19 exemplares, 49% do total), seguido das de um tamanho entre 4 e 8 cm (18 exemplares) e de as > 8 cm (dois exemplares). Foram ainda estudados 14 fragmentos rolados (36% do total).

Idade do Ferro Antiga

Neste contexto foram considerados 199 fragmentos de cerâmica deste período: 20 bordos, 165 bojos, 10 bases, três asas e uma tampa.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas na sua maioria são micáceas-arenosas (183 fragmentos), seguidas das micáceas (15 fragmentos) e das arenosas (um fragmento). A textura dos fragmentos é, na maioria dos casos, média (187 exemplares) e os restantes são grosseiros (11 exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (106 casos), os de médio (76 casos) e os de grande calibre (17 casos). Estes fragmentos são, na sua maioria, alisados (129 exemplares) e os restantes são polidos (61 exemplares).

Foram registados 20 bordos (oito esvasados, cinco em aba soerguida, quatro abertos, um vertical e dois indeterminados) e 10 bases (seis de fundo plano simples, dois de fundo plano alargado e dois indeterminada). As asas, em dois casos, possuem seção circular e, num caso (Fig. 11.104), seção subretangular.

Em termos formais, foram identificadas 15 formas: cinco da forma 1a (pote com bordo esvasado); dois exemplares da forma 2b (potinho); cinco da forma 3a (malga) e três da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 11.27; Fig. 10.104; Fig. 10.105). Foi, ainda, identificada uma tampa.

Tabela 11.27 Formas cerâmicas do Ferro Antigo

Forma	NMI	%
Forma 1 a (pote)	5	31 %
Forma 2a (púcaro)	1	6 %
Forma 2 b (potinho)	2	13 %
Forma 3 a (malga)	5	31 %
Forma 4 (panela de asa interior)	3	19 %
Total	**16**	**100 %**

Foram registados 16 fragmentos com fuligem na superfície exterior. Destes destacamos os das formas 3 e 4 por possuírem fuligem na superfície exterior o que indicia que estiveram sobre o lume.

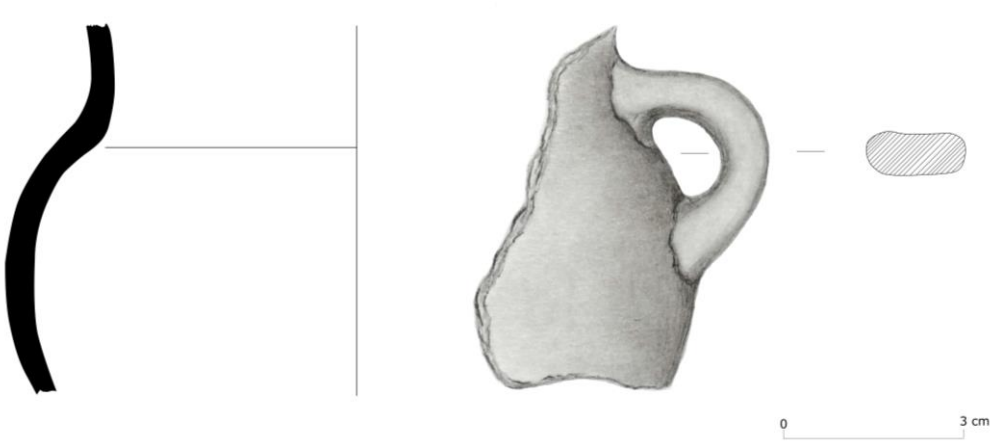


Fig. 11.104 Forma cerâmica: forma 2a (púcaro) (desenho de Amélia Marques).

Foram ainda registados cinco fragmentos decorados, três por decoração simples e dois por decoração compósita. Foram observados dois fragmentos com incisão, através de sulco inciso horizontal, e um com decoração por aplicação plástica, através de um cordão na horizontal e outro na vertical.

Um dos fragmentos decorado por decoração composta possui aplicação plástica de um cordão horizontal, sobre o qual se gravaram sulcos oblíquos incisos (Fig. 11.105, a)). O outro bojo com decoração compósita possui aplicação plástica e aguada. Neste caso foram aplicados dois cordões horizontais e, de seguida, foi aplicada uma camada de aguada castanha (Fig. 11.105, b)).

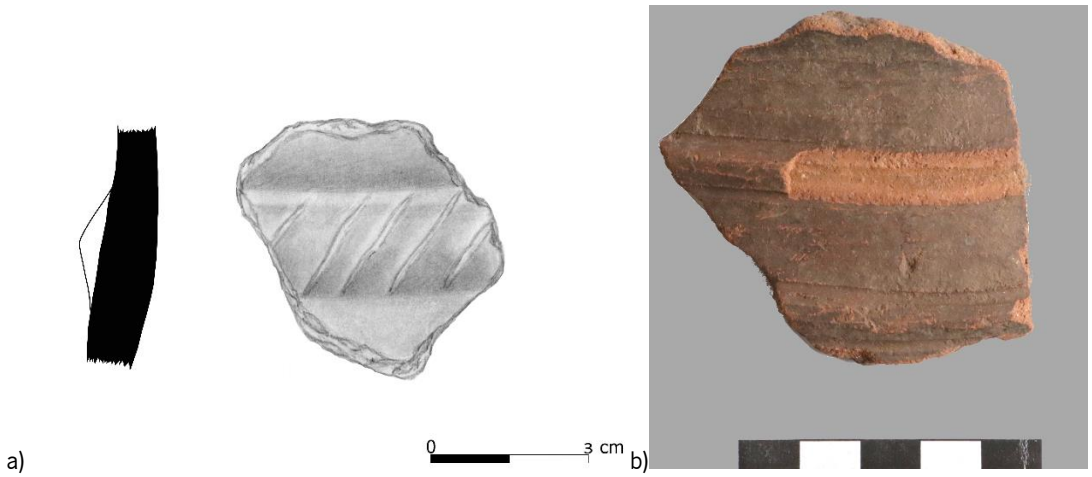


Fig. 11.105 Bojos decorados: a) por aplicação plástica e incisão; b) aplicação plástica e aguada.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, < de 4 cm (154 exemplares), entre 4 e 8 cm (43 exemplares) e > de 8 cm (dois exemplares). Foram identificados 68 fragmentos rolados (34% do total).

Os fragmentos inferiores a 4 cm representam 77% da amostra o que, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), indicia que se deslocaram da sua posição original após quebra inicial.

Idade do Ferro Recente

Neste contexto foram considerados nove fragmentos: três bordos, seis bojos e uma tampa.

Os fragmentos são na maioria produzidos à roda/torno (sete fragmentos), sendo os restantes dois, de produção manual. A cozedura é oxidante (cinco exemplares) e redutora (quatro exemplares). As pastas são micáceas (sete fragmentos), seguidos das micáceas-arenosas (dois fragmentos). A textura dos fragmentos é média (seis exemplares) e fina (três exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno (cinco casos) e médio calibre (quatro casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, alisado (sete exemplares), sendo os restantes polidos (dois exemplares).

Foram registados três bordos (um esvasado, um em aba soerguida e um aberto) que possibilitaram identificar três formas: uma forma 1b (pote com bordo em aba soerguida), uma forma 2b (potinho) e uma tampa (Fig. 11.106).

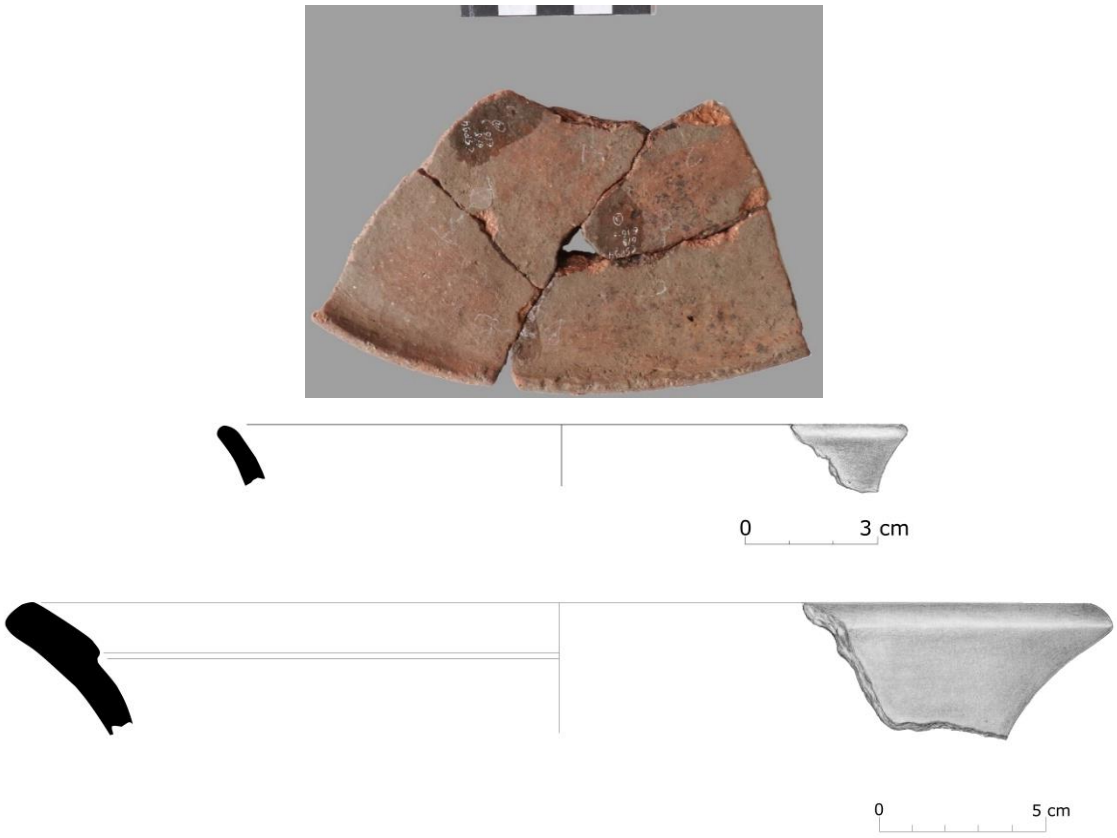


Fig. 11.106 Formas cerâmicas: tampa, forma 2b e forma 1b.

Foi estudado um fragmento decorado por impressão (uma série de quadrados pequenos estampados e de círculos concêntricos) separados por sulcos incisos (Fig. 11.107).

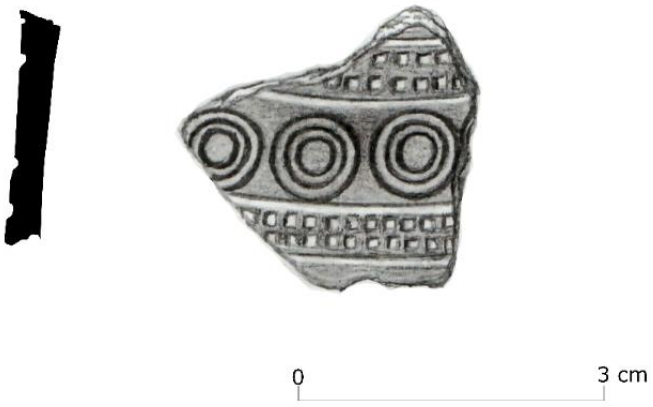


Fig. 11.107 Bojo decorado por incisão e impressão (desenho de Amélia Marques).

Relativamente à dimensão dos fragmentos, estes possuem tamanhos < a 4 cm (quatro exemplares), de entre 4 e 8 cm (quatro exemplares) e > 8 cm (um exemplar).

Outros materiais

Finalmente, é de referir ainda um fragmento de base que possui vários sulcos no exterior. Não sabemos a que tipo de peça poderia corresponder, contudo pode ser de cronologia romana (Fig. 11.108).

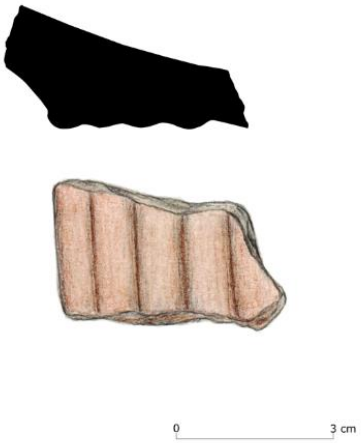


Fig. 11.108 Forma indeterminada.

Materiais de construção em argila

Foram encontrados resto de pavimento (um decorado). É provável que pertençam à desintegração do pavimento encontrado na camada 3c (Tab. 11.28).

Tabela 11.28 Materiais de construção (E16-3 (3)

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Motivos	Tonalidade/ Composição
E16-3	3	5,1 cm	2,7 cm	3,4 cm	Pavimento	Pequena incisão	castanha / avermelhado
E16-3	3	2,5 cm	1,9 cm	1,1 cm	Pavimento	-	castanha / avermelhado
E16-3	3	2,6 cm	2 cm	1,1 cm	Pavimento	-	castanha / avermelhado

Camada 4

Materiais cerâmicos

Nesta camada foram registados 10 fragmentos datáveis da Idade do Bronze e 42 datáveis do Ferro Antigo.

Idade do Bronze

Neste contexto foi observado um bordo, oito bojos e uma base.

Todos os fragmentos foram produzidos de forma manual e a cozedura é redutora. A pasta é micácea-arenosa. A textura é média. Quanto aos desengordurantes (e.n.p), estes oscilam entre os de pequeno (cinco casos) e médio calibre (cinco casos). Quanto ao acabamento estes são, na sua maioria, alisados, sendo os restantes quatro, polidos.

O bordo registado é em aba soerguida e pertence a uma forma 10 (potinho/púcaro) da tabela forma de Bettencourt (1999) (Fig. 10.109).

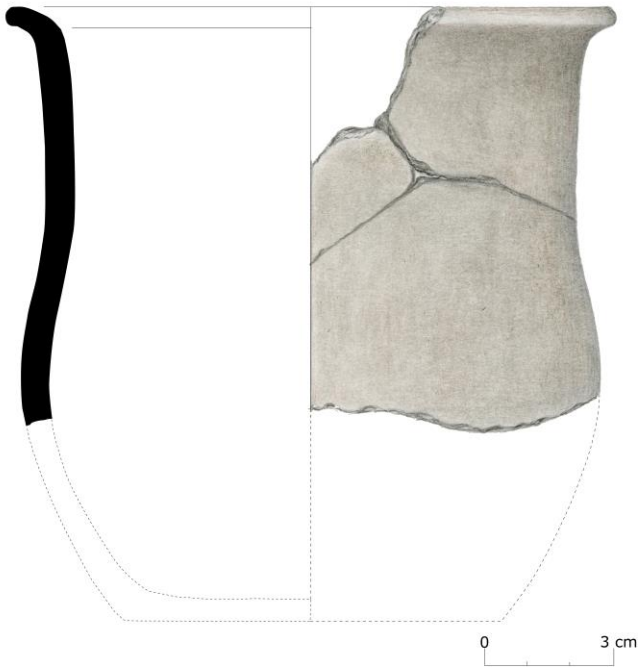


Fig. 11.109 Forma cerâmica: forma 10 (potinho/púcaro) (desenho de Amélia Marques).

A base é de fundo plano simples.

Foram identificados apenas dois fragmentos com fuligem, um deles detetado na forma 10.

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem, na sua maioria, < de 4 cm (seis exemplares), entre 4 e 8 cm (três exemplares) e > 8 cm (um exemplar). Foram, ainda, identificados quatro fragmentos rolados.

Idade do Ferro Antigo

Neste contexto foram considerados 42 fragmentos: cinco bordos, 29 bojos, seis bases e duas asas.

Os fragmentos são de produção manual. Todos possuem cozedura redutora. As pastas são micáceas-arenosas. A textura dos fragmentos é, na maioria, média (36 exemplares), sendo as restantes grosseiras (seis exemplares). Os e.n.p dividem-se entre os de pequeno calibre (oito casos), os de médio calibre (28 casos) e os de grande calibre (seis casos). Estes fragmentos têm um acabamento, na sua maioria, alisado (29 exemplares) e os restantes são polidos (13 exemplares).

Foram registados cinco bordos (três em aba soerguida, um em aba horizontal e ainda um indeterminado) que possibilitaram identificar cinco formas: duas da forma 1b (pote com bordo em aba soerguida); uma da forma 2a (púcaro); uma da forma 3a (malga) e uma da forma 4 (panela de asa interior) (Tab. 11.29; Fig. 11.110).

Tabela 11.29 Formas cerâmicas do Ferro Antigo

Forma	NMI	%
Forma 1b (pote)	3	50 %
Forma 2a (púcaro)	1	16,5 %
Forma 3a (malga)	1	16,5 %
Forma 4 (panela de asa interior)	1	16,5 %
Total	**5**	**100 %**

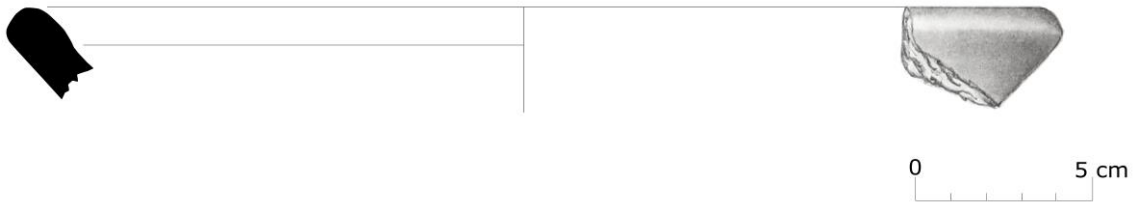


Fig. 11.110 Forma 3a (malga).

Individualizaram-se seis bases (três de fundo plano simples, uma de fundo plano alargado e uma indeterminada) (Fig. 11.111).

As asas são de seção retangular e de seção circular.

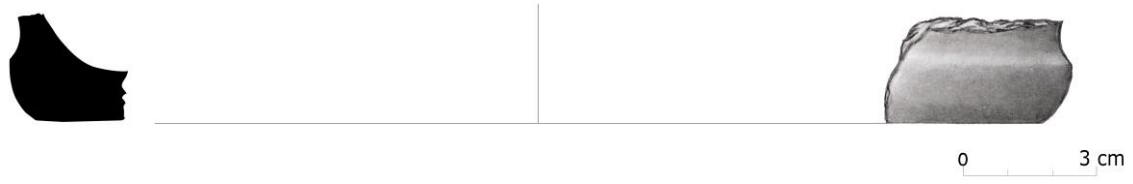


Fig. 11.111 Base de fundo plano alargado ((desenho de Telma Leandra).

Fuligem na superfície exterior foi registada em três bojos e na forma 3a (malga).

Relativamente ao tamanho dos fragmentos, estes possuem < de 4 cm (10 exemplares), entre 4 e 8 cm (sete exemplares) e > 8 cm (dois exemplares). Foram identificados 19 fragmentos rolados (45% do total).

Quase metade dos fragmentos encontram-se rolados e 83% têm um tamanho inferior a 4 cm o que, segundo os critérios técnicos de Brudenell e Cooper (2008), indicia que estiveram sujeitos a fenómenos pós deposicionais e erosivos.

Materiais de construção em argila

Foram encontrados resto de pavimento (Tab. 11.30), um deles decorado. É provável que pertençam à desintegração do pavimento encontrado na camada 3c. Na camada 4, quadrado E16-3, é de notar a existência de um fragmento de argila bem cozida, de tom alaranjado, e que possui o negativo de ramo com terminação aguçada (Fig. 11.112). Trata-se de argila de revestimento.

Tabela 11.30 Características do material de construção em argila

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Tonalidade/ Composição
E16-3	4	2,6 cm	2,4 cm	2,2 cm	Pavimento	Acastanhada / avermelhado

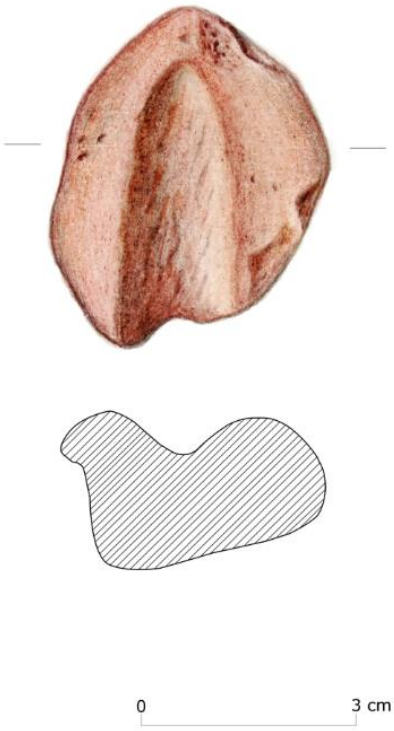


Fig. 11.112 Fragmento de argila cozida com negativo de ramo, neste caso afiado (desenho de Amélia Marques).

III. Materiais líticos

Foram detetados nesta camada vários seixos rolados, de quartzito, de contorno sensivelmente circular, de pequenas dimensões (Tab. 11.31; Fig. 11.113). Não têm vestígios de uso. É provável que façam parte da composição da camada de arena pelítica.

Tabela 11.31 Seixos rolados de quartzito

Quadrado	Cam.	Tipologia	Comp.	Larg.	Espes.	Matéria-prima
E16-3	4	Seixos rolados (bola)	2,8 cm	2,5 cm	2,4 cm	Quartzito
E16-3	4	Seixos rolados (bola)	2,5 cm	2,3 cm	2,3 cm	Quartzito
E16-3	4	Seixos rolados (bola)	2,4 cm	2,3 cm	2,1 cm	Quartzito



Fig. 11.113 Seixos rolados, em quartzito.

3.12) Quadrado E16-4

I. Estratigrafia e Materiais de construção em argila

Apenas foi posto a descoberto uma camada (a camada 1) que corresponde a um nível de revolvimento. Salienta-se a inclusão nesta camada de restos de pisos argilosos demonstrativos da destruição de um pavimento (Tab. 11.32).

Tabela 11.32 Materiais de construção

Quad.	Cam.	Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Tonalidade/ Composição
E16-4	1	2,9 cm	2,4 cm	1,3 cm	Reboco/pavimento	Avermelhado
E16-4	2	3,6 cm	3,1 cm	1,8 cm	Pavimento	Cinzenta

3.13) Síntese do setor III

Neste sector detetaram-se duas ocupações. A **mais antiga**, caracterizada por uma cabana circular delimitada por muro duplo de pedra, com piso argilosos (decorado) e possível lajeado exterior (camadas 3 e 4 dos quadrados C16-3 e D16-1). Esta cabana teria, ainda, as paredes rebocadas com argila que assentava numa estrutura de ramos, existente entre as paredes e o reboco, para possibilitar a sua aplicação e melhor impermeabilização. Associada a esta cabana existiu outra construção identificada por um muro (quadrado D16-3) que parte da face exterior da cabana. Pelas dimensões do muro poderia ser um anexo. Da mesma fase cronológico devemos datar a ocupação no quarado E16-3 (camada 4) que corresponde ao primeiro nível de ocupação nesse quadrado.

Esta área, pelas estruturas encontradas, seria uma área de habitação de se pode atribuir ao Ferro Antigo, partindo da análise dos materiais aqui apresentados.

A ocupação **mais recente** parece corresponder ao pavimento argiloso encontrado nos quadrados E16-1 (camada 2) e respetivos derrubes (quadrado E16-3, camada 3c; e E16-2, camada 2). No quadrado E16-3 (camada 3) notamos o aparecimento de materiais mais recentes (datáveis do Ferro Recente), mas não os podemos relacionar com a ocupação na camada imediatamente abaixo.

Assim, pelos materiais registados na camada 2 (quadrado E16-2) notamos aquilo que podemos chamar de uma fase de transição entre o Ferro Antigo e o Ferro Recente, no qual se nota alguma alteração no material cerâmico, no que diz respeito a uma melhor cozedura, a pastas de melhor qualidade, mas sem alteração nas formas cerâmicas. Ainda assim, nesta fase, ainda se nota, moinhos manuais.

4.5.4.6. Setor IV - Vala da Muralha

I. Estratigrafia, estruturas e materiais

Este setor foi escavado em 1995. Esta vala foi aberta no sentido norte-sul, a cerca de 36 metros a sudeste do setor III, ou seja, do quadrado E16. Contudo, não consta nos relatórios de escavação, a descrição destes trabalhos. Assim, as informações recolhidas são aquelas que estavam nas etiquetas dos sacos onde se encontrava o material cerâmico. Deste modo, foi possível saber que foram identificadas cinco camadas, embora só tenhamos encontrado dados para descrever a camada 2:

Camada 2 – nível de sedimentos castanhos-claros, pulverulentos, com blocos pétreos de grande dimensão, cerâmica da Idade do Ferro e telha recente. Este nível poderá corresponder a um dos derrubes da muralha.

Pelas fotografias em arquivo parece que a face externa desta muralha foi constituída por blocos e calhaus pétreos, grosseiramente aparelhados, tendo, como enchimento sedimentos e calhaus pétreos (Fig. 11.114; Fig. 11.115).



Fig. 11.114 Aspeto da face exterior da muralha de S. Paio. Esta muralha parece ter sido preenchida por sedimentos, blocos e calhaus pétreos.



Fig. 11.115 Aspeto dos derrubes da muralha de S. Paio. À esquerda parece existir, ainda, o alinhamento do que seria a face externa da muralha, já muito destruída.

II. Materiais

Em relação aos materiais cerâmicos das camadas 2, 3, 4 e 5 apenas podemos referir que têm características técnicas e formais que as inserem entre o Bronze Final e a romanização, pelo que não se sabe o momento de construção desta estrutura.

Do Ferro Recente destacamos o aparecimento de uma talha (forma 5) na camada 2. Deste período ou já da romanização salienta-se o aparecimento de cerâmica de fabrico romano, nas

camadas 1 e 2. Num dos casos foi possível reconstituir o que parece tratar-se de cerâmica comum da Bética (Fig. 11.116), com uma cronologia dos finais do séc. I a.C. e o séc. I d.C. (Pinto e Morais, 2007; Morais, 2013: 315-316).

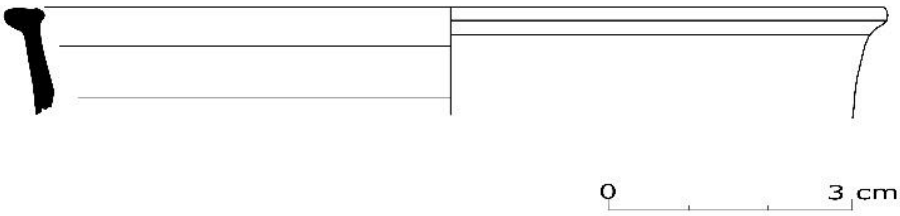


Fig. 11.116 Pote (cerâmica comum da área da Bética).

Foram, também, identificados, nas mesmas camadas, cinco fragmentos de bojos, muito rolados, de ânforas, sem forma definível. Registámos, ainda, a presença de fragmentos de tégula romana (4 exemplares).

Foram também registados alguns fragmentos de cerâmica moderna e contemporânea, na camada 1.

III. Síntese do Setor IV

Esta área encontrava-se muito alterada, já que era por aí que se fazia a passagem de automóveis, nos anos 90 para o topo do sítio.

As escavações, revelaram, contudo, resquícios da face exterior de um pano de muralha. A observação das fotografias em arquivo indicia que esta muralha foi construída com blocos e calhaus pétreos pouco afeiçoados, tendo por enchimento sedimentos e pequenos calhaus.

Verificámos, ainda, que a cerâmica de cada estrato incluía material de várias cronologias, pelo que concluímos que toda essa área ou se encontrava fortemente revolvida. Dada a ausência de mais dados não nos foi possível determinar o período de construção da muralha, embora as características da face externa indiciam construção anterior ao Ferro Recente.

Quanto aos materiais cerâmicos observados verifica-se que, apesar de descontextualizados, foram úteis na medida em que possibilitaram, mais uma vez, constatar que, neste outeiro, houve ocupações desde a Idade do Bronze até, aparentemente, aos inícios da romanização. Pela escassez de materiais de fabrico romano, mais uma vez, se fica com a "impressão", da fraca romanização do local.

4.5.4.7. Material de superfície

Antes ainda das primeiras e únicas escavações realizadas em S. Paio, o sítio foi sendo repetidamente alvo de recolhas de superfície de materiais cerâmicos e líticos. Alguns destes encontram-se depositados no Gabinete de Arqueologia da Câmara de Vila do Conde, onde os vimos e analisámos.

Aqui apenas fazemos referência aos materiais que nos pareceram significativos e passíveis de fornecer informação.

No conjunto foram estudados 12 fragmentos cerâmicos e 13 líticos.

Materiais cerâmicos

Os fragmentos cerâmicos, pela sua descontextualização, foram agrupados em diferentes conjuntos consoante as suas características técnico-morfológicas, tendo uma peça sido inserida na Idade do Bronze, outra no Ferro Antigo e outras, ainda, no Ferro Recente.

Cerâmica da Idade do Bronze

Neste grupo destacamos um bojo de fabrico manual, cozedura redutora, pasta micácea-arenosa com e.n.p. de calibre médio, textura média e acabamento alisado, provido de um mamilo pequeno, de contorno circular (Fig. 11.117). Trata-se de uma decoração habitual na Idade do Bronze (Bettencourt, 1999, entre outros).



Fig. 11.117 Bojo decorado por aplicação plástica (mamilo).

Cerâmica do Ferro Recente

Foram considerados 11 fragmentos que podemos datar da Idade do Ferro Recente. Em termos formais podemos separá-los por bordos (seis exemplares), bojos decorados (três exemplares) e bases (dois exemplares).

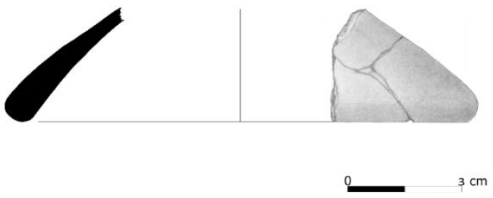
Em termos técnicos, os fragmentos apresentam, na sua maioria, uma produção manual embora quatro fragmentos apresentem produção à roda/torno. A maioria dos fragmentos são de cozedura redutora, à exceção de um exemplar que possui cozedura oxidante.

As pastas são de natureza micácea. Apresentam texturas médias (sete exemplares), grosseiras (dois exemplares) e finas (dois exemplares). Os desengordurantes apresentam calibres médios e pequenos (três e sete casos, respetivamente) e grandes (um caso). Em termos do tratamento da superfície, seis exemplares são alisados e quatro são polidos.

Em termos formais, distinguiram-se diferentes tipos de bordos: dois exemplares de bordo esvasado; um em aba soerguida; um em aba horizontal; um aberto e um fechado que possibilitaram identificar várias formas a saber: dois exemplares de forma 1a (pote); um exemplar de forma 1c (pote c/ bordo em aba soerguida); um exemplar da forma 2b (potinho); um exemplar de forma 3b (tigela) e um exemplar da forma 5 (talha). Foi ainda registada uma tampa (Tab. 11.33; Fig. 11.118).

Tabela 11.33 Formas cerâmicas da Idade do Ferro Recente

Forma	NMI	%
Forma 1a (pote)	2	25 %
Forma 1c (Pote)	1	12,5 %
Forma 2b (Potinho)	2	25 %
Forma 3b (Tigela)	1	12,5 %
Forma 5 (Talha)	1	12,5 %
Tampa	1	12,5 %
Total	**8**	**100%**



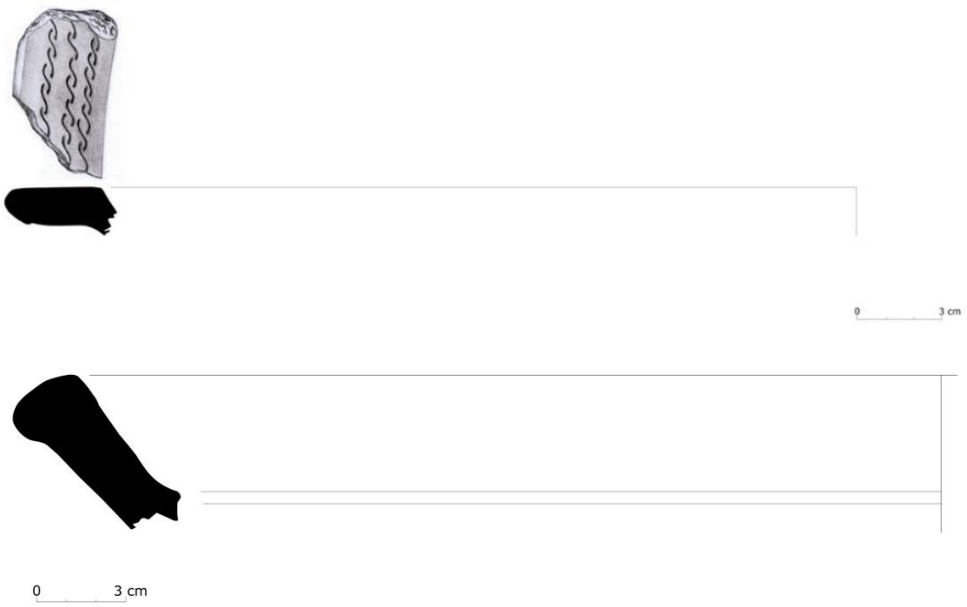


Fig. 11.118 Tampa, Pote da forma 1c com aba horizontal decorado por três fiadas de SSS impressos e talha.

Foram identificados três exemplares decorados. Um apresenta decoração por impressão, cujo motivo são três séries de SSS na aba interior do bordo (Fig. 11.118). Outro exemplar apresenta decoração compósita por incisão, impressão, brunido e aplicação plástica, num barroquismo mais típico das Rias Baixas (costa da Galiza)[321] (Fig. 11.119).

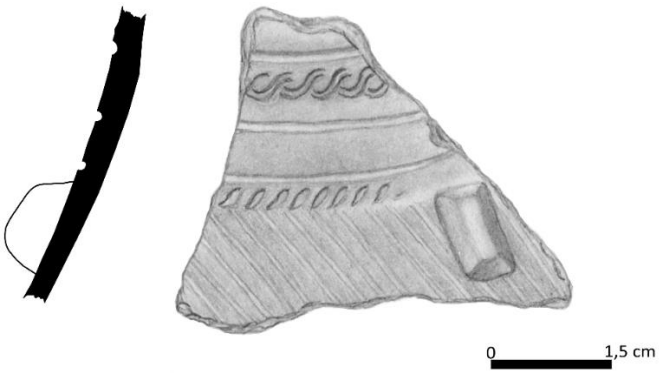


Fig. 11.119 Bojo decorado por incisão, impressão, brunido e aplicação plástica.

Finalmente, o terceiro bojo decorado apresenta incisão e impressão (Fig. 11.120). O motivo impresso assemelha-se ao que alguns autores (Rey Castiñeira, 1990-1991, 1991, 1995, 1998, 2005; González-Ruibal, 2006-2007) interpretam como um motivo marinho, nomeadamente a um ictiforme (ou peixe) que surgem em formas como nas vasilhas globulares Tipo Ciés ou vasilhas tipo Toralla, típicas das Rias Baixas. Também foram encontrados, sem contexto, um número

[321] Sobre as cerâmicas das Rias Baixas consultar Monteagudo, (1955), García Rollán (1971), Hidalgo Cuñarro (1984-85) Rey Castiñeira (1991) e González-Ruibal (2006-2007: 466-479).

considerável de restos de construção que se assemelham aos já estudados nos diferentes sectores (Tab. 11.34; Fig. 11.121).



Fig. 11.120 Bojo decorado por incisão e impressão.

Tabela 11.34 Grupo de materiais de construção sem contexto do povoado de S. Paio

Compr.	Larg.	Espes.	Tipo	Motivos decorativos	Tonalidade/ Composição
4,9 cm	4,9 cm	3,5 cm	Pavimento / Reboco	Pequenos sulcos e restos de pigmento (?)	Castanha clara /inclusão de areias
3 cm	2,9 cm	1,2 cm	Pavimento / Reboco	Pequenos sulcos	Castanha escura / /inclusão de areias
5,1 cm	4,9 cm	1,8 cm	Pavimento / Reboco	Longos sulcos	Castanha clara
7,9 cm	6,3 cm	7,8 cm	Pavimento / Reboco	Pequenos sulcos e impressões	Castanha escura
8,5 cm	6,1 cm	5,5 cm	Pavimento / Reboco	Doze grandes sulcos	Avermelhada
4,6 cm	4 cm	4,2 cm	Pavimento / Reboco	Oito grandes sulcos com diferentes direções	Castanha
8 cm	5,8 cm	4,6 cm	Pavimento / Reboco	Bandas de sulcos paralelos (3) e (7)	Castanha clara

8,3 cm	8 cm	4,4 cm	Pavimento / Reboco	Sulcos em bandas a partir de diferentes direções	Castanha clara
10,9 cm	7 cm	3,3 cm	Pavimento / Reboco	-	Alaranjada/inclusão de areias e seixos muito pequenos
4 cm	3 cm	2,1 cm	Pavimento / Reboco	Resto de pigmentos (?)	Avermelhada
3,4 cm	3 cm	1,4 cm	Reboco	-	Cinzenta
8,5 cm	6,7 cm	2,8 cm	Pavimento / Reboco	-	Castanha / com inclusão de areias
4,5 cm	3,8 cm	3,2 cm	Pavimento / Reboco	-	Castanha
3,1 cm	2,6 cm	2 cm	Reboco	-	Alaranjado
4,3 cm	2,6 cm	2,7 cm	Pavimento / Reboco		Castanha escura
5,2 cm	3,9 cm	2,8 cm	Pavimento / Reboco	-	Castanha clara
7,1 cm	5,4 cm	2,3 cm	Pavimento / Reboco	Séries de 4 e 5 sulcos	Alaranjado

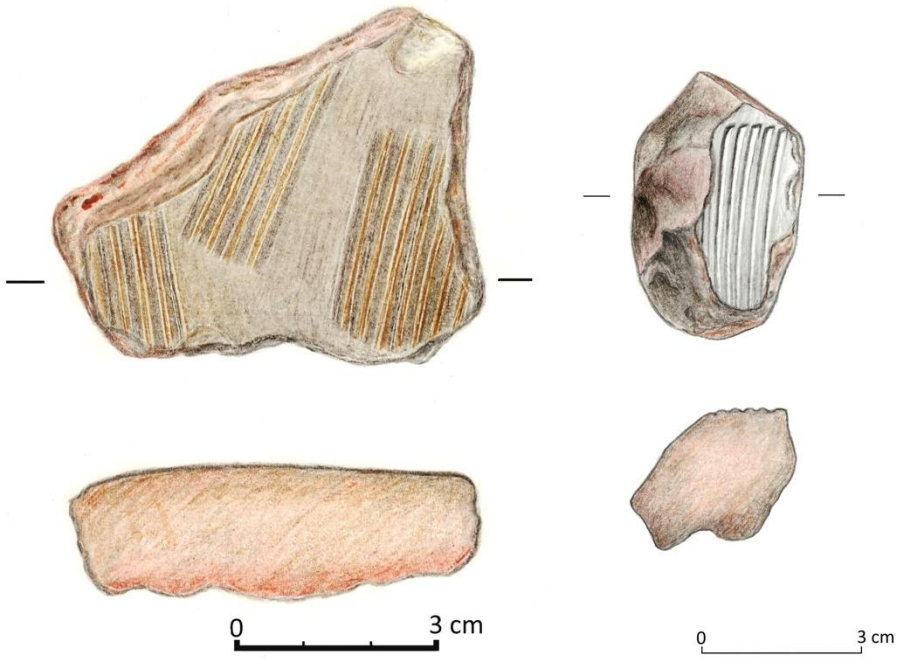


Fig. 11.121 Fragmentos de pavimentos decorados por incisão (desenhos Amélia Marques).

Materiais líticos

No que concerne aos líticos sem contexto, é de referir 10 pesos sobre pequenos seixos rolados, de quartzito. Encontram-se ligeiramente talhados nas suas extremidades laterais. Medem entre 3,4 a 7,1 cm de comprimento e entre 2,5 e 9,8 cm de largura (Tab. 11.35; Fig. 11.122). Estes tipos de pesos de rede são comuns desde a Idade do Bronze Médio até ao Bronze Final

(Bettencourt e Fonseca, 2011; Bettencourt, 1999, 2001), embora persistem pela Idade do Ferro (Martins, 1988a, 1988c, 1989a, 1990: 149, 164).

Tabela 11.35 Pesos sobre seixos rolados

Nº. Inventário CMVC-GA	Comp.	Larg.	Espes.	Matéria-prima
332	3,4 cm	2,5 cm	0,8 cm	Quartzito
830	4,9 cm	3,4 cm	1,6 cm	Quartzito
832	7,1 cm	4,1 cm	2,7 cm	Quartzito
326	5,8 cm	4,7 cm	2,1 cm	Quartzito
320	6,6 cm	4,8 cm	2,1 cm	Quartzito
323	6,9 cm	4 cm	2 cm	Quartzito
1200	6,6 cm	9,8 cm	1,9 cm	Quartzito
329	5,2 cm	4 cm	2,1 cm	Quartzito
328	6,1 cm	3,9 cm	1,8 cm	Quartzito
826	5,2 cm	4,8 cm	2,2 cm	Quartzito

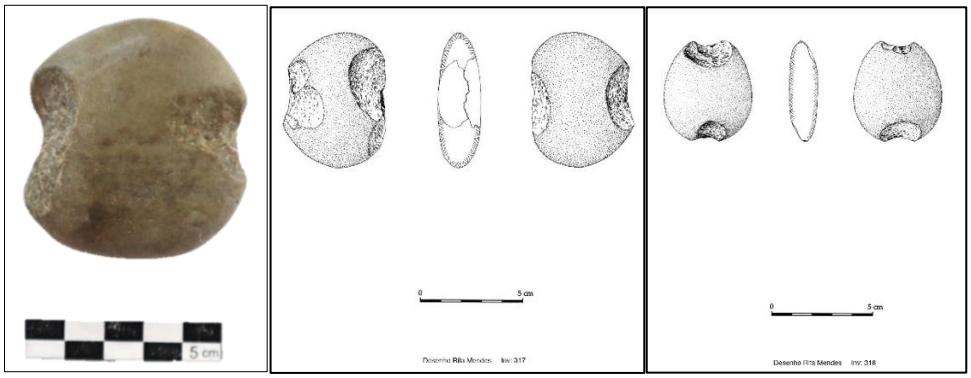


Fig. 11.122 Fotografia de peso de rede em quartzito e de outros exemplares de pesos de redes (Desenhos de Rita Mendes)[322].

Devemos, ainda, fazer menção a um artefacto lítico, polido, em granito biotítico de grão fino, alterado. Tem um contorno ligeiramente retangular. Possui, numa das faces, uma ligeira depressão, produzida por abrasão e duas pequenas saliências (Fig. 11.123). Tem 11, 9 cm de comprimento, por 3 cm de largura e 1,8 cm de espessura e pesa 84,3 gramas. Desconhecemos a sus função. Terá sido um pedestal?

[322] Agradecemos a cedência destes desenhos para publicação ao Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde.



Fig. 11.123 Desenho um possível pedestal (desenho de Amélia Marques); fotografias do possível pedestal.

Finalmente, é de destacar um outro objeto lítico, alongado, com três faces. É de granito moscovítico, de grão médio. Trata-se de um seixo alongado e sensivelmente polido, em todas as superfícies. Possui uma forma tendencialmente fálica, com secção grosseiramente circular (Fig. 11.124; Fig. 11.125). Está parcialmente fraturado na parte distal e a meio da peça. Tem 36 cm de comprimento, 24 cm de largura e 18 cm de espessura e pesa 12,8 kg.

Na zona inferior, que se encontra arredondada e em duas das três faces, foi possível registar aquilo que são pequenas manchas avermelhadas, podendo colocar-se a hipótese de se tratar de manchas de óxido de ferro[323].



Fig. 11.124 Objeto lítico que lembra um pequeno bétilo (desenho de Amélia Marques).

[323] Hipótese colocada pelo Doutor Luís Gonçalves do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.



Fig. 11.125 Aspeto das manchas avermelhadas neste objeto lítico.

Pelas dimensões que este objeto possui e pela sua forma colocamos a hipótese de se tratar de um ídolo fálico ou de um bétilo.

Materiais metálicos[324]

Conhecem-se dois objetos metálicos, em bronze, recolhidos sem contexto. Um corresponde a um alfinete com ponta arredondada e corpo cilíndrico, que possui 3,1 cm de comprimento, 0,7 cm de espessura e pesa 2 gr. O outro corresponde a uma vareta, com 3,9 cm de comprimento, 0,5 cm de espessura e 1,8 gr. de peso (Fig. 11.126). Apenas podemos propor uma cronologia genérica para o alfinete com ponta arredondada[325]. Pela forma parece tratar-se do tipo 2 de N. Crummy (Crummy, 1995: 28-29), com uma cronologia datável do séc. II d.C. Registamos paralelos na cidade de Bracara Augusta (com uma cronologia semelhante) (Lourenço, 2012: 134).



Fig. 11.126 Alfinetes do povoado de S. Paio (fotografias do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde).

Foram, ainda, encontradas algumas escórias (Fig. 11.127), cujas análises de composição não conseguimos obter, pelo que não sabemos ao certo se estão relacionadas com a atividade metalúrgica do bronze ou do ferro ou ambas. Uma delas com 3,1 cm de comprimento, 2,1 cm de largura e 2 cm de espessura. Pesa cerca de 12 gramas.

[324] Fotografias gentilmente cedidas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara de Vila do Conde.
[325] Relativamente ao outro alfinete, o facto de estar muito deteriorado e incompleto não é possível atribuir com segurança qualquer tipologia.

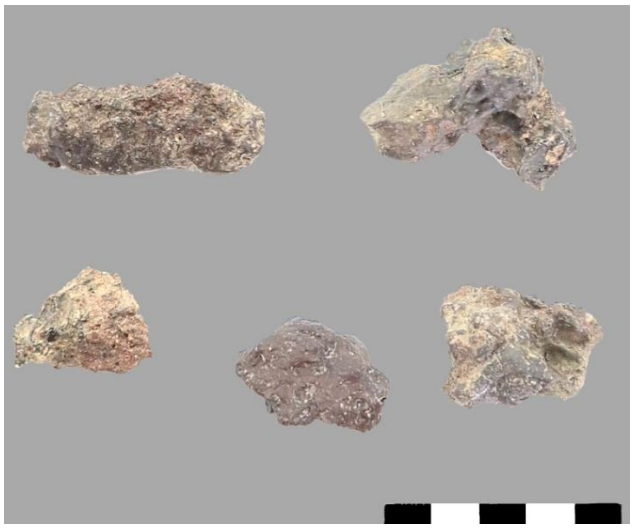


Fig. 11.127 Alguns fragmentos de escória.

4.5.5. Datações por radiocarbono[326]

Tendo em conta a diversidade e a mistura dos materiais encontrados nas diversas camadas dos diversos setores houve necessidade de precisar a datação do povoado.

Assim, selecionámos três amostras (Tab. 11.36), duas para análise de radiocarbono no Laboratório *International Chemical Analysis, Inc.* (ICA), sito nos E.U.A., e uma amostra para o Laboratório do Centro para Ciências Físicas e de Tecnologia (FTMC), no *Vilnius Radiocarbon,* situado na Lituânia.

A amostra que pretendia datar o contexto mais antigo, foi retirada da fuligem de um fragmento com características técnicas da Idade do Bronze, encontrado na camada 3b do quadrado F1, do setor I. Esta amostra, com a designação FTMC-OI02-1, forneceu uma data BP de 2741±29 que, calibrada a 1 e 2 sigmas, se inclui nos **finais da Idade do Bronze**, mais precisamente, de entre finais do séc. X a.C. aos finais do séc. IX a.C. o que parece estar de acordo com os materiais que aí aparecem, nomeadamente o número de recipientes polidos e algumas decorações evolucionadas.

Para precisar as ocupações da Idade do Ferro fizeram-se duas análises.

Uma realizada através de carvões vegetais, proveniente da camada 3 do quadrado D7-4, do Sector II, um contexto estratigráfico que parece estar pouco revolvida e com um acervo cerâmico relativamente homogéneo, em termos técnicos e formais. Este forneceu uma data (ICA20C/1245BP - 2160±30BP) que, calibrada a 1 e 2 sigmas, data esta ocupação, como grande

[326] O financiamento destas datações foi atribuído pelo Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território (UID/04509/2020, FCT), a quem agradecemos.

probabilidade, de entre a segunda metade do séc. III aos meados/fins do séc. II a.C., ou seja, inserível **nos fins do Ferro Antigo, inícios do Ferro Recente**. Essa amostra está de acordo, globalmente com os materiais e pode explicar a introdução de algumas novidades consideradas como típicas do Ferro Recente.

A outra data de C14, também realizada através de carvão vegetal, foi retirada do quadrado D6, camada 4, subjacente ao contexto da data anterior. Essa amostra, com a designação de ICA20C/1246, forneceu uma data BP de 2100±30 que, calibrada a 1 e 2 sigmas, se insere na **Idade do Ferro Recente**, entre os inícios/meados do séc. II a.C. a inícios do séc. I a.C. Ora, pelo seu contexto estratigráfico e pelas características dos materiais que aí surgem, esta data terá que considerar-se demasiado recente e, portanto, anómala.

Tabela 11.36 Datações de radiocarbono

Ref. Lab	Material	Contexto	Data BP	Calib. 1 sigma	Calib. 2 sigma
FTMC-OI02-1	Fuligem	Quadrado F1 (camada 3b)	2741±29	907-890 a.C. (16,2%) **883-833 a.C. (52,0%)**	971-956 a.C. (2,6%) **933-814 a.C. (92,9%)**
ICA20C/1245	Carvão	Quadrado D7-4 (camada 3)	2160±30	350-305 a.C. (28.7%) **208-151 a.C. (37.2%)** 130-122 a.C. (2.4%)	356 - 279 a.C. (36.4%) 257 - 248 a.C. (1%) **233 -97 a.C. (56,1%)** 72 - 57 d.C. (2.0%)
ICA20C/1246	Carvão	Quadrado D6, camada 4 (Lareira)	2100±30	**157-91 a.C. (50%)** 78-54 a.C. (18,3%)	334 - 331 a.C. (0.5%) **198- 42 a.C. (95.0%)**

4.5.6. Cronologia e fases de ocupação

Tendo em conta as datas de radiocarbono, a estratigrafia e os materiais associados é possível, em termos concretos, determinar, ainda que grosseiramente, os vários momentos de ocupação deste povoado.

S. Paio I - Idade do Bronze Final

O outeiro de S Paio teve, indiscutivelmente, uma fase mais antiga, datada, pelo menos, dos fins do séc. X aos fins do IX a.C. Deste período apenas se conhece um piso argiloso, no quadrado F2, camadas 3b e uma camada de ocupação (camada 4 do F2), do Setor I.

De referir que surgem materiais datáveis desta fase, nos restantes setores II e III, embora em contextos mais recentes e, portanto, fora do seu contexto original, o que evidencia quer revolvimentos feitos no passado, aquando da construção de estruturas posteriores quer escorrimentos da área mais elevada do povoado, muito alterada pelas construções de uma capela ou capela.

S. Paio IIA - Idade do Ferro Antigo

Durante o Ferro Antigo evidenciam-se vários momentos de ocupação.

O mais antigo parece concentrar-se no sector I, materializado por uma cabana circular, com cerca de 5 metros de diâmetro, delimitada por um muro pétreo, de dupla face. Os rebocos com negativos de ramos, associados a esta construção, parecem revelar que parte das "paredes" desta estrutura foram construídos com materiais perecíveis ou que, internamente, as paredes de pedra foram impermeabilizadas com materiais perecíveis, posteriormente revestidos com argila.

Pelos materiais cerâmicos e metálicos dos seus níveis de ocupação e abandono poderá considerar-se que esta ocupação terá ocorrido entre os meados do século VIII a.C. aos meados do séc. V a.C. o que está de acordo com o arcaísmo do material cerâmico encontrado, com características técnicas e formais, ora similares aos da Idade do Bronze, ora com novidades técnicas e formais consideradas da Idade do Ferro, num universo de fabricos totalmente manuais e de cozeduras redutoras. Nesse aspeto, é de referir o aparecimento de um vaso em aba soerguida com asas de pressão horizontal sobre a aba. Trata-se de uma peça singular, com características técnicas aparentemente locais, para a qual não conhecemos paralelos quer em cerâmicas do sul ou norte peninsular.

Também não sabemos se há continuidade entre esta ocupação e a da Idade do Bronze Final.

Uma ocupação mais recente, da segunda metade do séc. III aos meados do séc. II a.C. está documentado nos Setores II e III. Trata-se de um nível de transição entre o Ferro Antigo e o Ferro Recente, mas ainda muito arcaizante. Associa-se a vários pisos, em argila, alguns decorados, e a lajeados, de possíveis cabanas que não sabemos se eram circunscritas por muros pétreos. Alguns destes pisos sobrepõem-se estratigraficamente. Por alguns rebocos com negativos de materiais perecíveis devemos apontar para que tenham existido, também, cabanas ou partes das cabanas construídas em materiais perecíveis.

Dessa fase será também a cabana circular, delimitada por muro duplo de pedra, com piso argiloso decorado e eventual lajeado exterior do setor III. Esta cabana teria, também, as paredes rebocadas com argila que assentavam numa estrutura de ramos, existente, provavelmente, entre as paredes e o reboco.

Deste período há bastante material, ainda muito arcaizante, com cozeduras redutoras, cores escuras, fabricos manuais e formas tradicionais, a par de algumas, raras, formas novas (talhas, por exemplo), e inovações técnicas, como fabricos à rosa/torno e cozeduras algo oxidantes. Destacamos, ainda, o aparecimento de materiais de importação vítreos (uma conta de colar azul) depositada num covacho com cinza, da camada 4 do quadrado D7-2, que podemos talvez relacionar com estruturas de incineração. A este momento associamos a prática da metalurgia

Aparentemente terá havido hiato de ocupação entre estes dois momentos da Idade do Ferro Antigo.

S. Paio IIB – Idade do Ferro Recente

A esta fase cronológica-cultural podemos incluir alguns materiais de superfície de vários setores, materializas por algumas formas e técnicas da produção cerâmica, o fragmento de moinho circular e, provavelmente, por alguns fragmentos de materiais de importação. De qualquer modo encontra-se muito destruída pelas obras e terraplanagens existentes no local.

S. Paio III – Romanização

Este possível momento de ocupação manifesta-se por vários fragmentos de ânfora (apenas bojos), cerâmicas comuns e finas romanas e vários fragmentos de tégula, dispersos por vários setores, mas sempre em quantidade muito escassa. Poderá ter existido alguma construção com cobertura em tégula, mas não foram encontradas estruturas relacionáveis com esse tipo de cobertura. Este momento de ocupação terá sido muito incipiente.

S. Paio IV – Idade Média

Quanto a uma ocupação durante este período, também não foram encontradas estruturas que se enquadrem nesta cronologia. Todavia, a existência de materiais atribuíveis a uma cronologia tão avançada no tempo permite colocar a hipótese de que em dado momento (talvez com a construção da antiga capela) ter-se-á dado esse momento temporal na história deste *locus*.

4.5.7. Discussão dos dados

1. Organização interna do povoado, economia e materiais

A partir dos dados reunidos foi possível compreender as sucessivas ocupações deste local. Partindo do espólio cerâmico agora analisado, e reforçado com uma datação de radiocarbono parece-nos evidente que terá havido ainda uma ocupação datável **dos finais Idade do Bronze**, registado no setor I. Apesar de conseguirmos datar esta ocupação no setor I, não nos foi possível compreender a organização interna do povoado neste período. Pela dispersão destes materiais por todas as áreas escavadas (vertentes norte e vertente oeste) é de supor que o topo deste outeiro tivesse uma ocupação deste período, assim como o tabuleiro norte e oeste. Apenas novas escavações nessa área poderão fornecer mais dados sobre este aspeto.

Quanto à ocupação deste lugar, durante **o Ferro Antigo**, notamos que ela ocorre em todos os setores estudados, o que corresponde às vertentes norte, oeste e sul. Em muitos casos, ela manifesta-se através de uma sucessão de pisos e alguns lajeados a somar, a pelo menos, duas a três estruturas pétreas de tendência circular. Em alguns casos notamos, pela quantidade de fragmentos de argila cozida, alguns deles com negativos de ramos e decorados, que terão existido estruturas ou partes de estruturas em materiais perecíveis.

O uso de argilas de revestimento e de construções em materiais perecíveis não é de forma alguma algo inédita em povoados deste período. Muitos são os exemplos de materiais desta natureza encontrados em povoados da Idade do Ferro. São exemplos o Castro de Terronha (Oliveira, 2018, 2019a), o povoado de S. João de Rei (Oliveira, 2017), a estação do Frijão (Silva, 2014), ou de povoados mais interiores, como é o caso de Penices (Queiroga, 1992, 2005) e do Crastoeiro (Dinis, 2001). O estudo deste tipo de materialidades encontra-se pouco difundido nos estudos monográficos de sítios da Idade do Ferro, o que constituirá uma linha importante de investigação. Os pisos das cabanas eram de argila compactada, por vezes bem espessos e com lastro feito com cerâmicas fragmentadas. As áreas mais preservadas são aquelas onde terão existido lareiras o que possibilitou a cozedura e o endurecimento do piso. Só foi possível estimar o diâmetro de uma cabana deste período, que teria cerca de 5 m, medida usual neste tipo de contextos, tal como se pode verificar no Coto da Pena (Silva, 1986: 38) no qual se registou pelo menos uma estrutura subcircular (Casa VII) com cerca de 5 metros de diâmetro associado a cerâmica púnica; em Santo Estevão da Facha (Almeida *et al.,* 1981: 64-65) registaram-se, igualmente, vários alicerces de habitações circulares, feitas de pedra miúda, não afeiçoada e com ausência de pico, e unidas com saibro e barro estando relacionadas com pavimentos finos, nos

quais destacamos a casa 30, com cerca de 5 metros de diâmetro; na Cividade de Terroso, foi reconhecida uma série de quatro pisos, finos e em saibro, no interior da casa XXIII (Silva, 1986: 40) datados desta fase. Esta estrutura habitacional terá existido durante as duas fases de ocupação deste povoado (Silva, 1986, Est. XIX, E-F). Além deste caso, foram registadas duas estruturas circulares pétreas (as casas IA e IIA) que possuem 5,50 e 5,40 metros diâmetro, respetivamente que datam do Ferro Antigo; em S. Julião (Martins, 1988c: 161) no setor A, no corte 1, foram achados dois solos o nº 1 e 2, correspondendo às camadas ocupação Ib e Ic. No setor C no fundo casa 7 temos uma construção no fudo de uma parede construída com pedras toscamente partidas e amontoadas uma sobre as outras e sem argamassa. Parte desta parede foi depois aproveitada para a fase seguinte. Neste período as habitações seriam bastante rudimentares, possuindo características de planta circular e paredes de materiais perecíeis, mas é também nesta fase que surgem as primeiras estruturas em pedra. Desta fase ainda devemos incluir duas estruturas circulares em pedra organizadas em grandes blocos grosseiramente afeiçoados registadas no corte 1 setor A.

No caso das duas cabanas achadas em S. Paio parecem ser delimitadas por muros de pedra, estes eram duplos, com pisos argilosos (Setor II), acompanhados, algumas vezes, por lajeados na zona exterior (Setor III). Os pisos são por vezes muito finos, ora possuem alguma potência (cerca de 10 cm de espessura) já os lajeados são compostos por blocos e calhaus de granito local ligados com "argamassas" arenosas. Não se nota grande afeiçoamento nas paredes externas e internas.

O investimento em cabanas de pedra e em rebocos e piso decorados indicia uma ocupação mais continuada e efetiva deste espaço, durante o Ferro Antigo. Pelos materiais e data de radiocarbono a ocupação deste período terá sido prolongada no tempo, sendo provável que o povoado tivesse, posteriormente, sido menos ocupado após a incursão de *Decimus Junius Brutus*, por volta dos nos finais do séc. II a.C. e inícios do séc. I a.C.

O Ferro Antigo do povoado de S. Paio parece ter sido um período de prosperidade, tendo aí sido efetuada a metalurgia e inovações tecnológicas nas cerâmicas, quer a nível formal, quer tecnológicas, com o uso de aguadas, certamente de inspiração mediterrânica. As importações estão presentes na presença de uma conta de colar vítrea.

A presença de seixos e conchas, sobre um dos pisos do setor II, evidencia, ainda a frequência e aproveitamento de recursos do litoral. Infelizmente não detetámos o depósito destas conchas para as mandarmos analisar.

Em termos económicos, é provável que, nos terrenos em volta deste povoado, se desenvolvesse algum tipo de agricultura, uma vez que foram encontrados instrumentos de moagem (mó de sela).

As características internas deste povoado no Ferro Recente são desconhecidas, bem como as atividades aí desenvolvidas, embora se possa pressupor que poderiam ser idênticas às do Ferro Antigo. De notar a presença de uma mó circular que evidencia a continuidade de práticas agrícolas e a presença de alfinetes de cabelo, em bronze, e de algumas cerâmicas de importação, poderão sugerir a inserção deste local em contatos suprarregionais com o mundo romano meridional, embora pouco significativos.

Embora não existam dados concretos sobre a exploração do sal, por parte das populações de S. Paio, a presença de pias salineiras escavadas na rocha, na praia de Angeiras, a sensivelmente 1,5 km para sul do povoado de S. Paio (Bettencourt *et al.,* 2021) e das pias da praia da Agudela ou Angeiras Norte (freguesia da Lavra, Matosinhos) (inéditas[327]) (Fig. 11.128) poderão indiciar esta atividade, embora existam povoados proto-históricos mais próximos destas estruturas, como é o caso de Monte do Crasto (na freguesia de Lavra, no concelho de Matosinhos) a cerca de 3 km a norte destas possíveis pias.



Fig. 11.128 Possível pia salineira, de contorno semi-rectangular da praia de Angeiras (inédita).

Em algum momento da **Idade do Ferro** terá sido erigida uma **pequena muralha** e sucessivo **talude** e **fosso** (Dinis, 1993: 101) com cerca de 137 metros de comprimento que

[327] Agradecemos a Bruno Lopes esta informação.

cercaria o povoado pelo lado nascente e pela vertente a sul **(Setor IV)** e que parece delimitar a plataforma superior deste outeiro. Este aparelho defensivo ainda hoje se conserva a este, embora a sul esteja muito destruído.

Em termos defensivos, este povoado encontra-se naturalmente protegido em toda a sua área a poente, visto que do lado ocidental do povoado se desenvolve um extenso caos de blocos, o que permite a defesa direta do povoado. Nas imediações, tanto na área a norte como a sul, desenvolvem-se praias nas quais seria possível em tempos remotos servir de ancoradouro a pequenas embarcações. Porém, é necessário referir a existência de farilhões (pequenas rochas submersas) que poderiam destruir pequenas embarcações caso não se conhecesse bem o perfil desta área costeira.

Produção cerâmica

Quanto à produção cerâmica há vários aspetos a realçar. Desde logo, regista-se variados tipos de produção ao longo dos vários períodos de ocupação deste povoado: na **Idade do Bronze** os fabricos são manuais, as pastas cerâmicas são arenosas ou arenosas-micáceas e as cozeduras redutoras, sendo os recipientes de vários tons de castanhos, por vezes com manchas negras da cozedura. Em termos formais registam-se a forma 10 (potinhos/púcaros) para o uso de mesa, transporte ou cozinha, pois alguns apresentam fuligem no exterior; formas de potes para cozinha, armazenamento e transporte e formas abertas, nomeadamente a 22 (malga) para preparação ou consumo de alimentos.

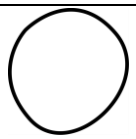
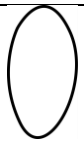
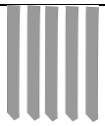
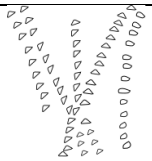
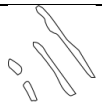
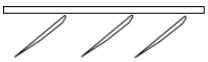
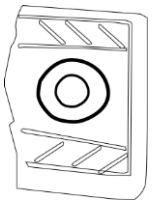
Há diversos acabamentos polidos em recipientes de textura mediana/fina o que é normal, em contextos desta cronologia na baica média do Cávado (Martins, 1990; Bettencourt, 1999), como para o Castelo de Matos, concelho de Baião (Dinis 1991-92: 128-129) e também para o povoado de Alvarelhos, concelho da Trofa (Moreira, 2009: 338).

É de referir que praticamente não existem fragmentos decorados nesta fase, registando-se apenas nove nestas condições, o que representa 3% dos 314 fragmentos estudados. Em termos decorativos, as técnicas usadas são a aplicação plástica (mamilos e cordões), à incisão, impressão e brunido, por vezes combinadas (Tab. 11.37).

Já na **Idade do Ferro Antigo,** as pastas tornam-se quase, exclusivamente, micáceas, embora o fabrico continue manual e as cozeduras, maioritariamente, redutoras. Em termos formais há uma evidente multiplicação de formas, tanto de uso de mesa ou de confeção de

alimentos (formas 3 - malga) e, sobretudo, o surgimento de novas formas para uso ao lume, como é o caso da forma 4, panela de asa interior. Persistem, contudo, alguns potes com fuligem/gordura no bordo exterior, pelo que é provável que, nalguns momentos desta vasta ocupação, persistisse a cozedura em potes.

Tabela 11.37 Organização decorativa na cerâmica na Idade do Bronze

Aplicação plástica		
Brunido		
Impressão		
Aplicação plástica e incisão		
Incisão		
Aplicação plástica, incisão e impressão		

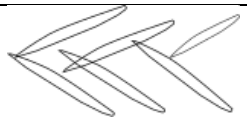
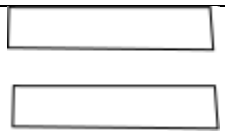
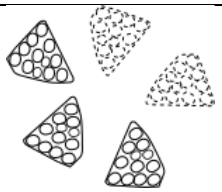
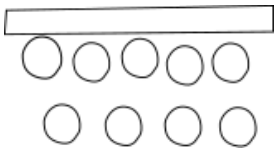
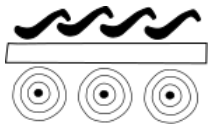
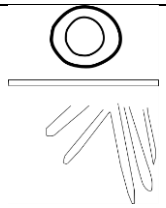
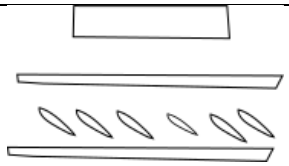
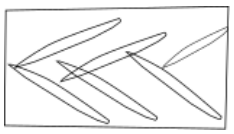
Há tendências específicas na produção local, como é o caso das formas de uso ao lume – as panelas de asa interior (formas 4) que, em vez de possuírem bordos abertos ou em ligeira aba soerguida, como é típico na bacia do Cávado (Martins, 1990), possuem o bordo esvasado, tornando-as ainda mais abertas. Além deste aspeto, é de salientar, ainda, a inovação oleira, materializada numa peça com, pelo menos, duas asas de secção circular, que partem da aba soerguida do bordo. Trata-se de uma peça, até agora única, naquilo que é o contexto regional da olaria do Ferro Antigo do Noroeste português e, para a qual não conhecemos paralelos, quer regionais, quer suprarregionais.

A **decoração** da cerâmica neste período surge em maior número, tendo em conta o total de fragmentos estudados (1420). Apenas 41 fragmentos se encontravam decorados Este número corresponde a apenas 3% do conjunto considerado.

Os motivos decorativos e organizações decorativas são muito similares a outras áreas ou bacias hidrográficas, à exceção de um aspeto decorativo que nos parece ser fruto de novidades difundidas através do intercâmbio inter-regional. Referimo-nos neste caso à decoração por aguada ou engobe. Esta surge em vários recipientes encontrados por todo os setores considerados, acompanhada, por vezes, por outras técnicas decorativas (Tab. 11.38). Esta aguada ou engobe é colocada apenas na superfície externa da peça e possui uma coloração escura, por vezes negra, acastanhada ou avermelhada. Esta técnica decorativa, pelos estudos sistemáticos de cerâmica de alguns povoados interiores da bacia do rio Cávado (Martins, 1990) não se encontra registada. No entanto, está registada em vários povoados mais litorais, como em Santo António (Caminha); Terronha (Viana do Castelo) (Oliveira, 2018, 2019a); Faria (Barcelos), S. João durante o Ferro Antigo e Ferro Recente e na Cividade de Bagunte (Vila do Conde) apenas no Ferro Recente. Em Bagunte, os fragmentos têm mesmo uma aguada espessa, colocada na superfície externa do fragmento (Oliveira, 2019b). A hipótese para o surgimento deste tipo decorativo, em áreas litorais e costeiras, poderão ser os contactos suprarregionais, quer com oleiros que possibilitem trocas de experiências e modos de fazer, quer com peças possuidoras destas características que não chegaram até nós. Corresponderão a uma tentativa de "copiar" parte do aspeto de cerâmicas de importação?

Quanto às organizações decorativas nesta fase são relativamente próximas às que encontramos para outras regiões, como por exemplo para o Cávado (Martins, 1990). Destacamos, nesta fase, a existência de materiais com grampos metálicos de forma a reutilizar algumas peças cerâmicas (sobretudo potes).

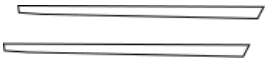
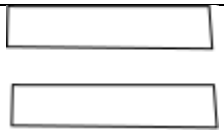
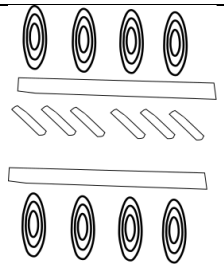
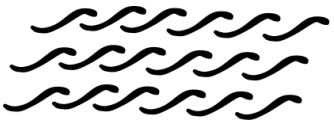
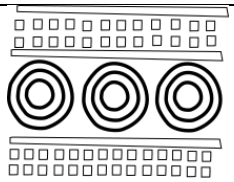
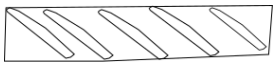
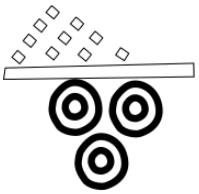
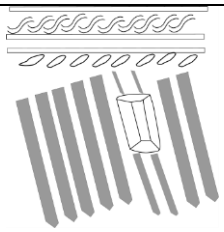
Tabela 11.38 Organização decorativa na cerâmica na Idade do Ferro Antigo

Incisão			
Aplicação plástica			
Brunido		**Espatulado**	
Impressão			
Impressão e incisão			
Aplicação plástica e incisão			

Na **transição do Ferro Antigo para o Recente** e na **Idade do Ferro Recente** introduz-se o fabrico à roda/torno, cozeduras oxidantes e formas novas. Tal é o caso da forma 5 (talha) e da forma 6 (panela de asa em orelha). Estas têm paralelos, por exemplo, para a bacia do Cávado (Martins, 1990) e Tâmega (Dinis, 2001: 114) (Tab. 11.39). As decorações, são, por vezes, algo barrocas, combinando várias técnicas, numa tendência típica do litoral, tal como se verificou em Santo António (Oliveira e Bettencourt, 2020), no Coto da Pena (Silva, 1986[328]) ou em S. João[329].

[328] Material observado no contexto deste estudo.
[329] Ver a monografia referente a este povoado, neste trabalho.

Tabela 11.39 Organização decorativa na cerâmica na Idade do Ferro Recente

Incisão		**Aplicação plástica**	
Espatulado		**Aplicação plástica, incisão e impressão**	
Impressão			
Impressão e incisão		**Aplicação plástica e incisão**	
Impressão, incisão e aguada[330]		**Aplicação plástica, incisão e impressão**	

2. O povoado à escala regional

Este povoado, apesar de localizado na linha costeira estaria, com certeza, estaria articulado com outros povoados do litoral entre o rio Ave e Onda.

Com efeito, através da implementação de um território teórico de circulação pedestre, de 2 horas (Fig. 11.129), notamos, desde logo, importantes ilações a saber: até 30 minutos, as populações deste povoado controlariam e alcançariam a foz do rio Onda podendo contactar com as populações do povoado de Monte Crasto; e no território pedestre de 2 horas pedestres as populações deste povoado alcançariam, facilmente, três povoados da Idade do Ferro: o castro de Boi, da Retorta e, na margem norte do rio Ave, o povoado de S. João. O povoado de altura de Alvarelhos, fica próximo das 2h pedestres.

[330] A aguada observa-se igualmente nesta fase cronológica do povoado.

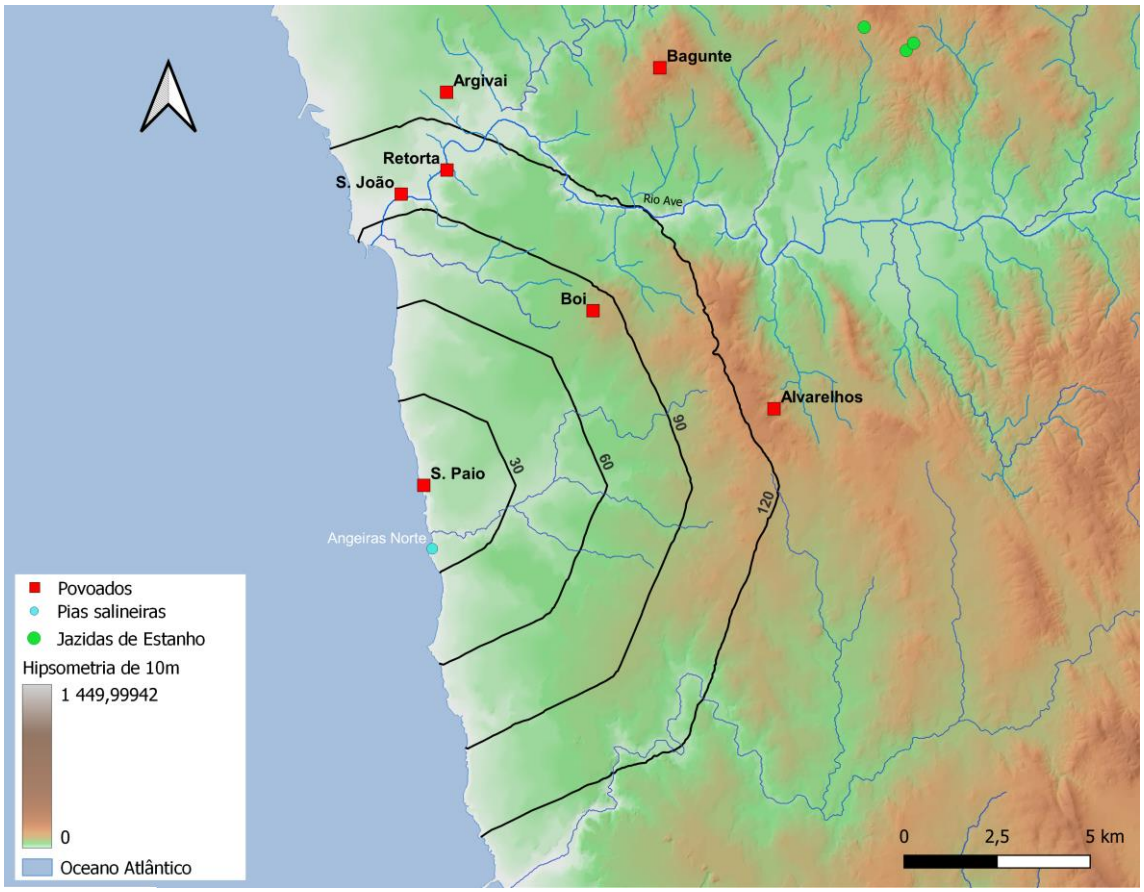


Fig. 11.129 Possível território teórico de exploração de 2 horas pedestres de S. Paio (com linhas isócronas de 30 minutos).

Porém, além desta análise do território teórico de circulação pedestre, temos de acrescentar um outro que nos parece importante na análise espacial do povoamento antigo, o território de intervisibilidade.

Num raio de 10 km, o alcance visual do topo deste outeiro é algo surpreendente. Pelo exercício efetuado (Fig. 11.130) notamos que a população deste povoado, para além de visualizar parte da linha costeira (entre as fozes do rio Ave e do rio Onda), tanto para noroeste, como para oeste e sudoeste, visualiza, também, alguns povoados bastante mais longínquos como o povoado do Boi (com uma ocupação, provável, do Ferro Recente), Terroso (com ocupações do Ferro Antigo e Recente) e Bagunte (com ocupações do Ferro Antigo e Recente) o que possibilitaria, contactos, entre eles, e o controlo efetivo da linha da costa e do estuário do Ave (Fig. 11.130).

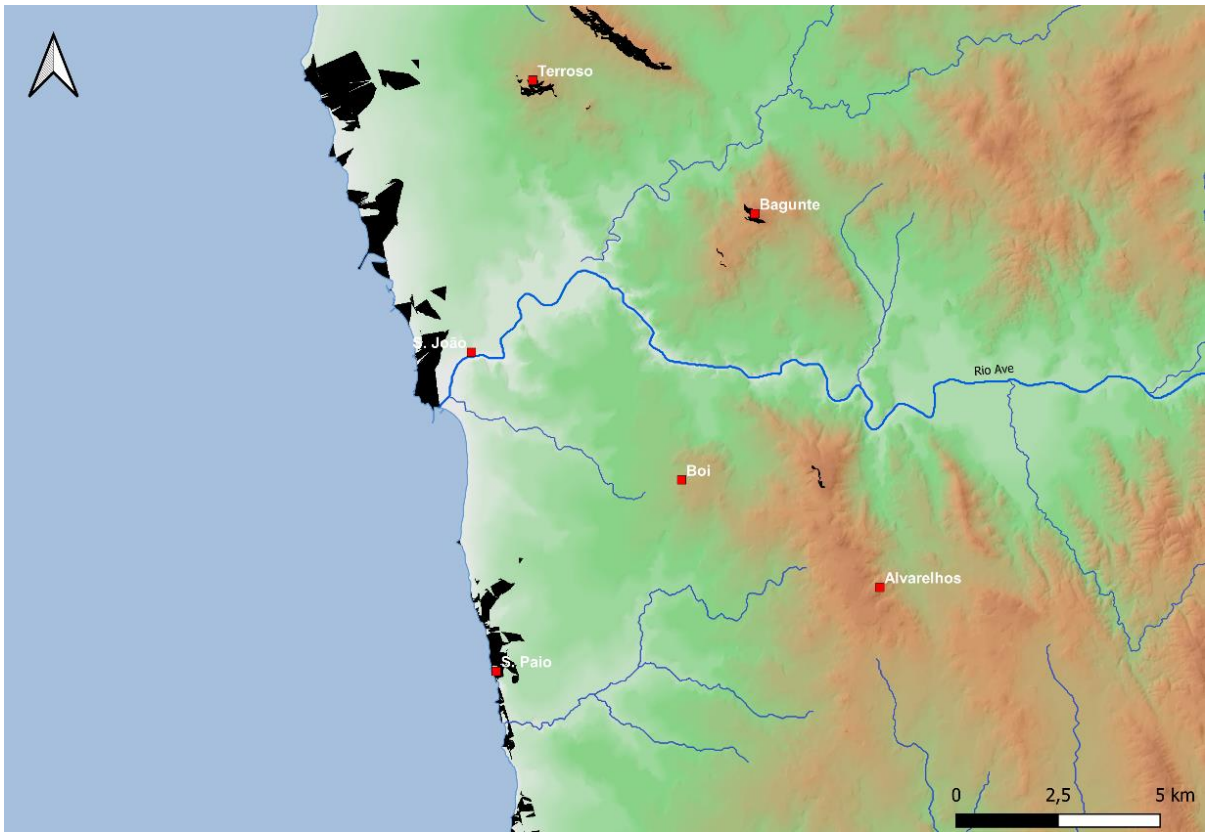


Fig. 11.130 Intervisibilidade do povoado de S. Paio em relação aos vários povoados. No mapa a negro a área visível a partir de S. Paio.

Ou seja, pela sua posição geográfica, este povoado teria ótimas condições para observar a passagem de embarcações ao longo do litoral, nesta área. Sensivelmente a 1,5 km para norte de S. Paio (junto à praia da Congreira, freguesia de Vila Chã), ainda existe o topónimo *Facho* que, etimologicamente, significa tocha, archote ou farol, isto é, um local de sinalização da costa, provavelmente desde a Idade Média e fases histórias posteriores. São reconhecidos fachos na área de Lisboa, durante o séc. XVI, na descrição desta cidade por Damião de Góis: "A pequena distância, no extremo da abertura do estuário de Lisboa, vê-se sobre cachopos uma ermida dedica à Nossa Senhora da Guia: ali acendem à noite uns fachos para indicar o trajecto aos navegantes nocturnos, evitando assim que estes, não conhecendo bem aqueles sítios, se vejam arrastados a arremessar as naus contra os baixios e rochedos vizinhos" (Borges, 2017: 182; Góis: 2001: 41). Também na nossa área de estudo, é conhecido na freguesia da Aguçadoura (Póvoa de Varzim), mais concretamente perto da praia da Codixeira da existência do "facho da Atalaia", onde ainda hoje existe um sinal luminoso para as embarcações (Amorim, 2002: 27-28) (Fig. 11.131). Conhecemos ainda na área do Cávado o Facho da Bonança[331], também do séc. XVI.

[331] http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21308



Fig. 11.131 Povoado de S. Paio (em primeiro plano), litoral da área do Facho (Vila Chã) (em segundo plano) e ao fundo a linha costeira junto à Póvoa de Varzim.

Apesar da sua localização litoral, os dados arqueológicos demonstram que os contactos suprarregionais foram algo incipientes, durante a longa cronologia deste povoado. Durante a Idade do Ferro temos quatro contas de colar, em vidro azul, uma delas, pelo menos de um contexto do Ferro Antigo.

Apesar da aquisição destes materiais não estar relacionada com consumos alimentares, mas sim com a ornamentação pessoal, tal indicia a importância social/ideológica de algumas personagens que as usaram.

Há ainda, o aparecimento de um possível bétilo ou ídolo móvel. Apesar do seu tamanho reduzido, pela forma e, sobretudo, pelos restos de pintura que parece ter, tudo leva a pensar que se trata de um provável elemento de carácter religioso de tipo bétilo. Ao ser assim, este tipo de objeto seria revelador de contactos suprarregionais e indicaria a existência de estruturas religiosos púnicas, no litoral do noroeste. De notar que há quatro bétilos de pedra, com cerca de meio metro de altura e delimitados por um muro, no castro de Cabo do Mar ou de Alcabre, em Vigo (González Ruibal, 2006-07: 267-268) e a presença de um bétilo no Castro de Toralla (Suárez Otero e Singul, 2004: 40). Estes bétilos, sobretudo no primeiro caso, são acompanhados de cerca de 2000 fragmentos cerâmicos púnicos, o que permitiu colocar a hipótese de que fariam parte de uma edificação de tipo santuário. Ora, no povoado de S. Paio os únicos materiais com origem meridional

serão as contas de colar. No entanto, a sua localização (costeira), o facto de se encontrar entre dois rios importantes na antiguidade (o Ave e o Leça) e de estar em local destacado na paisagem costeira, poderá ter servido, a dado momento, como marco na navegação e, por isso, talvez, um ponto de paragem fortuito, na viagem de mercadores do sul da Península Ibérica.

A existência de recipientes cerâmicos com aguadas, datáveis, genericamente, da Idade do Ferro Antigo, poderá ser mais um indicador deste contacto esporádico com o mundo meridional.

Ainda assim, apesar de ser um castro marítimo e por isso talvez mais propício a ter contactos exteriores de maior calibre, praticamente não existem materiais indicadores desses contactos, o que pode ser explicado pela dificuldade de aportagem em mar aberto e pelas características rochosas da costa.

Como vimos o estudo dos contextos e o seu espólio não esteve isento de problemas, que foram sendo ultrapassados com maior ou menor esforço e paciência.

De resto, um dos maiores problemas, senão mesmo o mais significativo, foi o facto de o material estar muito misturado, o que talvez se deva a vários fatores que foram explanados, no início deste trabalho:

- Estratigrafia muito reduzida e de complexa leitura;
- Local muito remexido, alterado e alvo de caça ao tesouro;
- Leitura da cerâmica muito dificultada, devido à dimensão dos fragmentos, muito pequenos e muito expostos a fenómenos pósdeposicionais;
- Desatenção nas escavações (escavação dirigida por arqueólogos, mas efetuada por pessoas sem qualquer preparação técnica).

Pelo facto de o povoado de S. Paio ser o único povoado marítimo da Idade do Ferro, relativamente preservado no Noroeste português, é necessário proceder a novas escavações no local, para dissipar algumas das dúvidas expressas.